

A condessa de Charny

Alexandre Dumas

PRÓLOGO

Os nossos leitores, que, por que assim digamos, se nos têm de algum modo enfeudado, que nos seguem por toda a parte, que têm por curiosidade nunca abandonar, nem sequer nos seus desvios, um homem que, como nós, empreendeu a tarefa ingente de desenrolar folha por folha cada página da monarquia, compreenderam decerto, ao ler a palavra *fim* por baixo do último folhetim do Ângelo Pitou, no jornal a *Presse*, e mesmo por baixo da última página do oitavo volume publicado pelo nosso editor e amigo Alexandre Cadot, que havia nisso algum erro monstruoso, que mais dia menos dia lhes explicaríamos.

De facto, como é possível supor que um autor, cuja principal pretensão, porventura deslocada, é saber fazer um livro com todas as condições convenientes, do mesmo modo que um arquitecto tem a pretensão de saber construir uma casa com todas as suas condições, abandone um o livro no meio do seu interesse, outro a casa no terceiro andar?

E, todavia, seria o que se dava com o pobre Ângelo Pitou, se o leitor tomasse a sério a palavra *fim* colocada justamente no lugar mais interessante do livro; isto é, quando o rei e a rainha se resolvem a deixar Versalhes por Paris, quando Charny principia a conhecer que uma mulher encantadora, que pelo espaço de cinco anos lhe não merecera a menor atenção, cora no momento em que os seus olhares se encontram, ou em que as suas mãos se acham em contacto; quando Gilberto e Billot mergulham um olhar sombrio mas resolutivo no abismo revolucionário que se abre diante deles, cavado pelas mãos monárquicas de Lafayette e Mirabeau, que representam maravilhosamente um a popularidade, o outro o génio da época; quando finalmente o pobre Ângelo Pitou, o herói humilde desta humílima história, tem atravessado nos joelhos, a meio da estrada de Villers-Cotterets a Pisseleux, Catarina desmaiada ao último adeus do seu amante, que através dos campos, ao galope do seu cavalo, alcança, acompanhado pelo criado, a estrada de Paris.

Além disso, figuram ainda neste romance outros personagens, secundários é verdade, mas a quem queremos crer que os nossos leitores tiveram a bondade de acolher com algum interesse; e todos sabem que é nosso costume, quando pomos um drama em cena, seguir até a mais vaporosa distância do teatro, não só os seus principais heróis, senão também os mais insignificantes comparsas.

Temos o abade Fortier, esse rígido monarquista, que decerto se não prestará a transformar-se em padre constitucional, e preferirá a perseguição ao juramento.

Temos o jovem Sebastião Gilberto, composto das duas naturezas, em luta naquela época, dos dois elementos em fusão havia dez anos, do elemento democrático herdado do pai e do elemento aristocrático que herdou da mãe.

Temos a Sr^a. Billot, pobre mulher, mãe antes de tudo, que cega como mãe, acaba de deixar a filha na estrada por onde passou, e que sozinha se recolhe à sua granja, tão solitária depois da partida de Billot.

Temos o tio Clouis com a sua cabana no meio da floresta, e que ainda não sabe, se, com a espingarda que Pitou acaba de lhe dar, em troco daquela que lhe levou dois ou três dedos da mão esquerda, matará, como matava com a primeira, cento e oitenta e duas lebres e outros tantos coelhos, nos anos ordinários, e cento e oitenta e três nos anos bissextos.

Temos finalmente Cláudio Tellier e Desiré Maniquet, esses revolucionários de aldeia, que almejam por seguir a pista dos revolucionários de Paris, mas a quem o honrado Pitou, seu capitão, seu major, seu coronel, seu oficial superior, enfim, há-de servir, como devemos esperar, de guia e de freio.

Quanto acabamos de dizer não pode deixar de renovar o pasmo do leitor quando se lhe deparou a palavra *fim*, tão singularmente colocada no capítulo que ele termina, que suporia ser a antiga esfinge acorçada à entrada do seu antro no caminho de Tebas, propondo aos viajantes beócios um enigma insolúvel.

Daremos pois a explicação deste enigma.

Houve um tempo em que os jornais publicavam simultaneamente:

Os Mistérios de Paris, de Eugênio Sue.

A Confissão geral, de Frederico Soulié.

Mauprat, de George Sand.

O Conde de Monte-Cristo, *O Cavaleiro da Casa Vermelha* e *A Guerra das Mulheres*, obras minhas.

Esse tempo era o bom tempo do folhetim, mas era também o tempo mau da política.

Quem se ocupava então dos artigos de fundo dos srs. Armand Bertin, Dr. Véron e deputado Chambolle? Ninguém.

E tinham razão; porquanto, não tendo restado coisa nenhuma desses desgraçados artigos, é que não valia a pena que deles se ocupassem.

Tudo quanto tem um valor qualquer anda sempre ao cima de água, e arriba sempre a alguma parte.

Só existe um mar que absorve para sempre quanto lhe lançam. É o mar Morto.

É provável que fosse nesse mar que os artigos de fundo de 1846, 1847 e 1848 foram lançados.

Então com esses artigos dos Sr. Armand Bertin, Dr. Véron e deputado Chambolle, também lançaram de envolta naquele mar os discursos dos srs. Thiers e Guizot, dos srs. Barrot e Berryer, dos srs. Molé e Duchâtel, o que pelo menos devia enfadar tanto os srs. Duchâtel, Molé, Berryer, Barrot, Guizot e Thiers, como os srs. deputado Chambolle, Dr. Véron e Armand Bertin.

É verdade que em troca disso se coordenavam com o maior esmero os folhetins dos *Mistérios de Paris*, da *Confissão geral*, de *Mauprat*, do *Conde de Monte-Cristo*, do *Cavaleiro da Casa Vermelha* e da *Guerra das Mulheres*, os quais, depois de se lerem pela manhã, se punham de lado para à noite se tornarem a ler.

É verdade que isso produzia muitos assinantes aos jornais, e muitos clientes aos gabinetes de leitura; é verdade que isso ensinava a história aos historiadores e ao povo; é verdade que isso criava à França quatro milhões de leitores, e cinquenta milhões ao estrangeiro; é verdade que a língua francesa, vertida em língua diplomática, desde o décimo sétimo século, considerava-se língua literária no décimo nono; é verdade que o poeta, que ganhava dinheiro suficiente para se tornar independente, escapava à pressão que a aristocracia e a realeza exerciam até ali sobre ele; é verdade que se criava na sociedade uma nova nobreza e um novo império: era a nobreza do talento e o império do génio; é verdade, finalmente, que isso trazia consigo tão grandes e honrosos resultados para os indivíduos, tão gloriosos para a França, que se ocuparam seriamente de fazer cessar um estado de coisas que produzia essa desorganização social, que ia dar a devida consideração aos homens que a merecessem, que ia fazer com que a glória e até o dinheiro pertencessem àqueles que verdadeiramente adquiriram estes dons.

Os homens de Estado de 1847 iam pois, como já disse, ocupar-se seriamente de dar este escândalo, quando ocorreu a idéia ao Sr. Odillon Barrot, que da sua parte também se queria tornar saliente, de não recitar na tribuna pomposos discursos, mas de dar miseráveis jantares nos diferentes locais em que o seu nome era ainda respeitado.

Era necessário, contudo, dar um nome a esses jantares.

Em França pouco importa que as coisas tenham o nome que lhes convém, contanto que tenham um nome qualquer.

Foi por isso que chamaram a esses jantares banquetes reformistas.

Havia então em Paris um homem que, depois de ser príncipe, fora general; depois de ser general, exilado; sendo exilado, fora professor de geografia; depois de ser professor de geografia, viajara na América; depois de viajar na América, residira na Sicília; depois de haver desposado a filha de um rei, entrara novamente em França; e que depois de entrar novamente em França e ser elevado à dignidade de alteza real por Carlos X, acabara por se fazer rei. Esse homem era Sua Majestade Luís Filipe I, eleito do povo.

Pelo menos assim se apelidam antes de os enviarem a Santa Helena ou a Hollywood, a Clearmont ou a outros lugares.

Esse homem, que era eleito do povo, e que depois de se ver obrigado a viver do seu subsídio como emigrado a quem o rei Luís XVIII restituíra todos os seus bens, que podia não lhe restituir, por isso que todos os bens tinham sido vendidos para pagar as dívidas paternas; esse homem, a quem o rei Luís XVIII restituíra o Palais-Royal, Neuilly, le Raincy Eu, Villers-Cotterets, seus bens paternos, seus apanágios, que sei eu! Esse homem, que, chegando a ser rei, guardara, não só todos aqueles bens, a que não tinha direito, visto que a primeira lei do estado a isso se opunha: esse homem, que não só se apropriara de tudo isso, mas a quem ainda deram de doze a quinze milhões de *lista civil*, as Tulherias, Saint-Cloud, Rambouillet, Fontainebleau, Blois, quinze castelos reais com seus bosques, plainos, parques, dependências, rendimentos e abundante caça; esse homem, que era rei de França, isto é, rei desse reino que Maximiano, se fosse Deus, teria deixado ao seu filho segundo, como o império mais belo que poderia haver depois do império do Céu; esse príncipe, esse general, esse professor, esse viajante, esse rei, numa palavra, esse homem, a quem a desgraça e a prosperidade deviam ter ensinado tantas coisas, sem nada ter aprendido; esse homem concebeu a idéia de proibir ao Sr. Odillon Barrot que desse os seus banquetes reformistas, persistiu nessa idéia, sem se lembrar de que era a um princípio que declarava guerra, e como todo o princípio nos vem de cima, e é por consequência mais forte do que quem surge de baixo; como todo e qualquer anjo deve esmagar o homem com quem luta, ainda que fosse Jacob, o princípio esmagou o homem, e o rei Luís Filipe foi derrubado com a sua dupla geração de príncipes, com os seus filhos e os seus netos.

Não diz a Escritura: O erro dos pais cairá sobre os filhos até à terceira e quarta geração?

Fez isso grande estrondo em França, para que por muito tempo se não ocupassem, nem dos *Mistérios de Paris*, nem da *Confissão geral*, nem de *Mauprat*, nem do *Conde de Monte-Cristo*, nem do *Cavaleiro da Casa-Vermelha*, nem da *Guerra das Mulheres*, nem sequer, forçoso é confessá-lo, dos seus autores.

Não, só se ocupavam de Lamartine, de Ledru-Rollin, de Cavaignac e do príncipe Luís Napoleão.

Mas, como por fim se restabelecesse algum remanso, e se observasse que todos estes senhores eram infinitamente menos divertidos do que Eugénio Sue, Frederico Soulié, George Sand, e até do que eu, que humildemente me coloco em último lugar, reconheceu-se então que a sua prosa, à excepção da de Lamartine, não era para comparar com a dos *Mistérios de Paris*, da *Confissão geral*, do *Mauprat*, do *Conde de Monte-Cristo*, do *Cavaleiro da Casa Vermelha* e da *Guerra das Mulheres*, e por isso convidaram o Sr. de Lamartine, sabedoria das nações, a fazer alguma prosa, conquanto que não fosse política, e os outros cavalheiros, inclusivamente eu, a fazê-la literária.

Foi justamente a este trabalho que desde logo nos dedicámos, sem que fosse preciso convidar-nos para isso.

Tornaram então a aparecer os folhetins, os artigos de fundo tornaram a desaparecer; continuaram então a falar sem eco os mesmos faladores que falavam antes da revolução, que falaram depois dela e que nunca deixarão de falar.

No número de todos estes faladores havia um que não falava, pelo menos por costume.

Era considerado por isso, saudavam-no todos quando passava com a sua fita de representante.

Subiu um dia à tribuna... Ah! É necessário dizer-lhes o nome, mas esqueci-o.

Subiu um dia à tribuna... Ah! É necessário dizer-lhes uma coisa: estava nesse dia de muito mau humor.

Paris acabava de escolher para seu representante um desses homens que compunham folhetins.

Do nome desse homem me recordo eu. Chamava-se Eugénio Sue.

A câmara estava pois de muito mau humor, por ter sido eleito Eugénio Sue; tinha deste modo sobre os seus bancos três ou quatro nódoas literárias, que lhe eram insuportáveis.

Lamartine, Hugo, Felix Pyat, Quinet, Esquiros, etc.

Subiu pois à tribuna esse deputado, de cujo nome me não recordo, aproveitando-se destramente do mau humor da câmara.

Todos emudeceram; todos escutavam.

Disse que o folhetim dera causa a que Ravallac assassinasse Henrique IV, Luís XIII assassinasse o marechal d'Ancre, Luís XIV assassinasse Fouquet, Damiens assassinasse Luís XIV, Louvel assassinasse o duque de Berry, Fieschi assassinasse Luís Filipe, e finalmente, que Praslin assassinasse sua mulher.

Acrescentou mais:

Que todos os adultérios que se cometiam, todas as concussões que se faziam, todos os roubos que se perpetravam, de tudo isto era o folhetim a causa.

Que bastava suprimir o folhetim ou impor-lhe um selo para obrigar o mundo a parar imediatamente, e em lugar de prosseguir no seu caminho em direcção a um abismo, voltaria para o lado da idade de ouro, onde não poderia deixar de chegar um dia, contanto que recuasse tantos passos quantos tinha avançado.

Houve um dia em que o general Foy clamava:

“Em França nunca deixam de ecoar as palavras - pátria e honra!”

Sim, é verdade, no tempo do general Foy havia esse eco; nós ouvimo-lo, e muito folgámos com isso.

Do mesmo modo muito folgámos de ter visto o imperador, que há muito tempo não víamos, e que, louvado seja Deus, nunca mais veremos.

- Onde está esse eco? - perguntar-nos-ão.

- Qual eco?

- O eco do general Foy.

- Está onde estão as velhas luas do poeta Villon, e pode ser que o encontremos um dia. Esperemos.

Tanto assim é, que nesse dia (não no dia do general Foy) havia na câmara outro eco.

Era um eco singular; - dizia ele:

“É tempo finalmente de ofuscar aquilo que a Europa admira, e que nós vendíamos o mais caro possível, aquilo que outro qualquer governo daria por nada, se tivesse a ventura de o possuir”:

“O gênio”.

Cumprir dizer que este pobre eco não falava por sua conta; não fazia mais do que repetir as palavras do orador.

A câmara, com pequenas excepções, constituiu-se o eco do eco.

Mas ah! é esse o papel que as maiorias representam há quarenta anos; na câmara, como no teatro, vêem-se tradições bem fatais!

Ora, sendo a maioria de opinião que todos os roubos que se faziam, todas as concussões que se praticavam, todos os adultérios que se cometiam, eram inquestionavelmente por culpa do folhetim, que se Praslin envenenara sua mulher; se Fieschi assassinara Luís Filipe; se Louvel assassinara o duque de Berry; se Damiens assassinara Luís XIV; se Luís XIV assassinara Fouquet; se Luís XIII assassinara o marechal d'Ancre; finalmente, se Ravallac assassinara Henrique IV, todos estes assassinios eram evidentemente obra do folhetim.

A maioria adoptou o selo.

Talvez que o leitor não reflectisse bem no que é o selo, perguntando a si mesmo, como era possível matar o folhetim por meio do selo, isto é, com o imposto de um centésimo em cada folhetim?

Quer dizer, o dobro daquilo que se paga ao autor, quando este se chama Eugénio Sue, Lamartine, Sandeau, Mery, George Sand ou Alexandre Dumas.

É o triplo, é o quádruplo, quando o autor possui um nome honroso; mas contudo nós só invocamos os nomes que acabamos de citar.

Ora dissei-me: haverá, porventura, grande moralidade num governo em impor sobre qualquer produção um imposto quatro vezes mais considerável do que o seu valor intrínseco?

Sobretudo quando essa produção é um objecto, cuja propriedade nos contestam, isto é: “O talento”.

Resulta pois daqui que já não há jornal bastante caro que possa comprar folhetins-romances.

Resulta daqui que quase todos os jornais publicam folhetins-história.

Que dizeis vós, caro leitor, dos folhetins-história do *Constitucione*?

- Ora!

- Pois bem, é isso justamente.

O folhetim morreu.

Eis aí o que queriam os homens políticos, para que se não falasse mais dos homens literários.

Sem contar que esse sistema impele o folhetim para uma vereda muito moral.

Por exemplo, vêm-me propor, a mim que fiz *O Conde de Monte-Cristo*, *Os Três Mosqueteiros*, *A Rainha Margot*, etc., vêm-me propor que faça a história do Palais-Royal.

Uma espécie de conta em partida dobrada muito interessante.

Dum lado casas de jogo; do outro casas de alcouce.

Vêm-me propor a mim, o homem religioso por excelência: *A história dos crimes dos papas*.

Vêm-me propor... Não posso dizer-lhes o que me vêm propor.

Ainda nada seria, se não fizessem mais do que propor-me *que faça*.

Mas vêm-me propor que não faça mais!

Deste modo recebi um dia de Emílio de Girardin a seguinte carta:

“Meu caro amigo

Desejo que *Ângelo Pitou* não contenha mais de meio volume em lugar de seis, que dez capítulos em lugar de cem.

Tome as suas medidas como lhe parecer, e corte, se não quer que eu corte.”

Por Deus! Compreendi-o perfeitamente!

Emílio de Girardin tinha as minhas *Memórias* nos seus velhos cartões; preferiu publicar as minhas *Memórias* que não pagavam selo, a *Ângelo Pitou* que o pagava.

Foi por isso que me suprimiu seis volumes de romance para publicar vinte volumes de *Memórias*.

Eis aqui, querido e muito amado leitor, o que deu lugar a que a palavra *fim* fosse colocada antes do *fim*, o que deu lugar a que *Ângelo Pitou* fosse estrangulado à maneira do imperador Paulo I, não pelo pescoço, mas sim pelo meio do corpo.

Mas vós bem o sabeis pelos *Três Mosqueteiros*, que duas vezes julgastes mortos, e que duas vezes ressuscitaram: os meus heróis não se estrangulam tão facilmente como os imperadores.

Pois o mesmo que aconteceu aos *Três Mosqueteiros* acontece agora a *Ângelo Pitou*, que não tinha morrido, mas que só desaparecera; vai tornar a aparecer, e peço-vos, no meio destes tempos de barulhos e de revoluções, que acendem tantos fachos e apagam tantas velas, que não considereis os meus heróis no número dos finados sem que de mim recebam participação assinada do meu próprio punho.

E ainda assim!...

I

A taberna da ponte de Sèvres

Se o leitor quiser ter a condescendência de se lembrar por um momento do nosso

romance *Ángelo Pitou* e, abrindo o segundo volume, correr a vista pelo capítulo intitulado *A noite de 5 para 6 de Outubro*, há-de encontrar nele alguns factos, que importa rememorar antes de dar começo à leitura deste livro, a que dão princípio os acontecimentos da madrugada do dia 6 do mesmo mês.

Depois de citar algumas linhas importantes desse capítulo, resumiremos em poucas palavras os factos que devem preceder o prosseguimento da nossa narrativa.

Eis aqui essas linhas:

“Até às três horas, repetimos, não houvera novidade. A própria Assembléia ficara descansada, e, em vista das partes que tinham dado os meirinhos, levantara a sessão.

Todos esperavam que o sossego não fosse perturbado.

Todos se enganaram.

Em quase todos os movimentos populares, que precedem as grandes revoluções, há um tempo de espera, durante o qual todos se persuadem que tudo está acabado e se pode dormir descansado.

É uma ilusão

Por detrás dos homens que operam os primeiros movimentos, estão os que esperam que esses movimentos se tenham efectuado, e que os seus autores, fatigados ou satisfeitos, não querendo ir mais adiante, se entreguem ao repouso.

É então que esses homens desconhecidos, agentes misteriosos de paixões fatais, saem por entre as trevas, apoderam-se do movimento no ponto em que foi abandonado, e levando-o aos últimos limites, espantam ao acordar os que lhes abriram o caminho e retiraram a meio da obra, julgando haverem alcançado o seu fim e concluído a sua empresa.”

Três desses homens já nós nomeámos no livro donde copiámos as poucas linhas que acima deixamos transcritas.

Que nos seja permitido introduzir na nossa cena, isto é, à porta da taberna da ponte de Sèvres, um personagem, que por não ter sido nomeado por nós, nem por isso deixara de representar nessa terrível noite um importante papel.

Era um homem de quarenta e cinco a quarenta e oito anos, vestido de jornaleiro, isto é, com um calção de bombazina, garantido por um desses aventais de couro com bolsos, como usam os ferradores e os serralheiros; calçava meias pardas e sapatos de fivelas de cobre; trazia na cabeça uma espécie de boné de pele, cortado pelo meio, semelhante aos bonés dos hulanos; bastos e já encanecidos cabelos apareciam por baixo do boné e juntavam-se às enormes e espessas sobranceiras, que com eles se confundiam; grandes olhos à flor do rosto, vivos e inteligentes, cujo reflexo era tão rápido, e a graduação da cor tão volúvel, que fora difícil dizer se eram verdes ou pardos, azuis ou pretos: tinha o nariz bastante saliente, beiços grossos, dentes brancos e a cútis queimada pelo Sol.

Sem ser alto, era admiravelmente bem constituído; tinha os pés pequenos e também se notava, através da cor bronzeada dos jornaleiros costumados a trabalhar o ferro, que as mãos eram assaz belas e delicadas.

Mas subindo das mãos aos cotovelos, e destes até ao lugar do braço onde a camisa arregaçada descobria o princípio de um bíceps vigorosamente desenhado, poder-se-ia ver que, apesar do vigor da musculatura, a pele que a cobria era fina, quase aristocrática.

Este homem estava de pé, como já dissemos, à porta da taberna da ponte de Sèvres, e trazia consigo uma espingarda de dois canos, com ricos embutidos de ouro, em cujo cano se podia ler o nome de Leclerc, espingardeiro que principiava a adquirir voga entre a aristocracia dos caçadores parisienses.

Talvez nos perguntem como era que nas mãos de um simples jornaleiro se encontrava arma tão boa.

A isto responderemos que em dias de alvoroço - e alguns presenciámos nós - nem

sempre as armas mais ricas se vêem nas mãos mais mimosas.

Aquele homem chegara de Versalhes havia cerca de uma hora, e sabia perfeitamente o que se passara, por isso que às perguntas que o taberneiro lhe fizera, servindo-lhe uma garrafa de vinho, respondera:

Que a rainha vinha com o rei e com o delfim.

Que partira próximo do meio-dia.

Que se decidira finalmente a habitar o palácio das Tulherias, o que faria que no futuro não faltasse provavelmente pão em Paris, visto que ia ter padeiro, padeira e o mocinho do padeiro.

E que estava ali para ver passar o cortejo.

Esta última asserção podia ser sincera, e contudo era fácil notar que o olhar se dirigia mais curiosamente para o lado de Paris do que para Versalhes, o que parecia inculcar que se não julgara obrigado a declarar ao taberneiro a sua verdadeira intenção.

Passados alguns momentos, a sua expectativa foi completamente satisfeita: um homem vestido quase como ele, e parecendo exercer a mesma profissão, avistou-se no alto da subida que limitava o horizonte da estrada.

Esse homem caminhava com passo pesado, e como viageiro fatigado.

À proporção que se aproximava, tornava-se mais fácil observar-lhe as feições e a idade.

Esta correspondia à do desconhecido, isto é, podia-se afirmar afoitamente, como diz a gente do povo, que declinava já para os seus quarenta.

Quanto às feições, eram as de um homem ordinário, de baixas inclinações, de instintos vulgares.

O olhar perscrutador do desconhecido fixou-se curiosamente nele, com singular expressão, e como se quisesse medir num simples lance de olhos o que se poderia extrair de impuro e de mau do coração daquele homem.

Quando o operário que vinha do lado de Paris estava apenas a uns vinte passos de distância do homem que esperava à porta da taberna, entrou este, despejou o vinho da garrafa num dos dois copos que estavam em cima da mesa, e voltando para a porta com o copo na mão, disse:

- Eh! Camarada! O tempo vai frio e a estrada é comprida; não seria bom bebermos um copo de vinho para nos animar e aquecer?

O operário que vinha do lado de Paris olhou em volta de si, como para ver se era com efeito a ele que o convite se dirigia.

- Fala comigo? - perguntou ele.

- Com quem diabo quer que eu fale, se não está aqui mais ninguém?

- E oferece-me um copo de vinho?

- E porque não?

- Ah!

- Acaso não somos nós do mesmo ofício?

O operário olhou outra vez para o desconhecido.

- Todos podem ter o mesmo ofício; o caso está em saber se somos oficiais ou mestres.

- Pois será isso o que havemos de verificar, conversando um pouco, depois de bebermos um copo de vinho.

- Pois seja - disse o operário encaminhando-se para a porta da taberna.

O desconhecido apontou para a mesa, e apresentou-lhe o copo.

O operário pegou nele, examinou o vinho, como se concebesse alguma desconfiança, desconfiança que desapareceu quando o desconhecido se serviu de um copo do mesmo líquido.

- Então - perguntou ele - seremos tão orgulhoso que não toquemos com o convidado?

- Não, decerto, pelo contrário, lá vai: À nação!

Os olhos pardos do operário fixaram-se um momento no homem que acabava de fazer um tal brinde, repetindo depois:

- Eh! Por vida minha! Sim, diz bem: à saúde da nação!
 E de um trago deitou abaixo o conteúdo do copo.
 Em seguida limpou os beiços com a manga.

- Olá! Este é de Borgonha!

- E já velho, hem! Recomendaram-mo, é excelente; mas assente-se, camarada, ainda resta algum na garrafa, e na adega não falta.

- Então, diga-me - perguntou o operário - o que faz o senhor aqui?

- Bem vê, venho de Versalhes, e espero pelo cortejo para o acompanhar a Paris.

- Qual cortejo?

- Ora! O do rei, da rainha e do delfim, que voltam para Paris em companhia das mulheres do mercado, de duzentos membros da Assembléia, e debaixo da protecção da guarda nacional e do Sr. de Lafayette.

- Então sempre se decidiu a ir para Paris o nosso querido patrão, hem?

- Que remédio tinha ele?

- Assim me pareceu esta noite, quando, pelas três horas da manhã, parti para Paris.

- Ah! Ah! Partiu esta noite pelas três horas da manhã; e deixou assim Versalhes sem ter tido a curiosidade de saber o que ali se ia passar?

- Oh! Eu algum desejo tinha de saber o destino do nosso patrão, tanto mais que, sem me gabar, contraí com ele algumas relações; mas bem sabe que primeiro que tudo está o trabalho; a gente tem mulher e filhos para sustentar, e já se não pode contar com a forja real.

O desconhecido deixou passar sem resposta alguma as duas alusões.

- Foi então algum trabalho urgente que o obrigou a ir a Paris? - perguntou o desconhecido.

- Foi, sim; urgente, e bem pago – acrescentou o operário fazendo tinir no bolso alguns escudos; - é verdade que foi um criado quem me pagou, o que não é lá muito delicado, e de mais a mais um criado alemão, com quem não pude conversar.

- Então gosta de conversar?

- Que se há-de fazer? Quando se não diz mal dos outros, serve de distracção.

- E até quando se diz, não é assim?

Os dois homens puseram-se a rir.

O desconhecido mostrou uns dentes de jaspe, os do outro, pareciam todos arruinados.

- Então - replicou o desconhecido como homem que avança passo a passo - o trabalho era urgente e foi bem pago?

- É verdade.

- Alguma fechadura de segredo, hem?

- Uma porta secreta. Imagine numa casa dentro de outra, alguém que desejasse esconder-se, não é assim? Pois bem, pode-se estar em casa e parecer que não se está; toca-se a campainha, o criado abre a porta: O senhor? - Não está em casa! – Procure bem. - Pois que o procurem! Dou um doce a quem for capaz de o encontrar. Uma porta de ferro, uma espécie de caixilho ou moldura, compreende? Sobre tudo isto há-de assentar-se uma camada de carvalho antigo, e portanto será impossível distinguir o ferro da madeira.

- Sim, mas batendo-lhe em cima?

- Ora essa! Uma espessa camada de madeira, posta sobre ferro da grossura de uma linha, não deixará de fazer que o som seja igual. Tique, taque, taque, taque; eu mesmo me iludi.

- E onde diabo fez essa obra?

- Ah! Eis aí...

- O que não quer dizer.

- O que não posso dizer, visto que eu mesmo não o sei.

- Vendaram-lhe então os olhos?

- Nem mais nem menos; esperava-me na barreira um trem. Perguntaram-me; - É fulano? Respondi que sim. - Bom, é o mesmo que esperávamos, entre. - É necessário que entre? - Sim.

Entrei então, vendaram-me os olhos, o trem rodou pouco mais ou menos pelo espaço de meia hora, em seguida abriu-se uma porta, uma grande porta; subi dez degraus, entrei num vestíbulo, onde encontrei um criado alemão, que disse aos outros: Está bem, retirem-se que não se carece agora de vocês.

Assim o fizeram; tiraram-me a venda dos olhos, e mostraram-me o que devia fazer. Meti mãos à obra como bom operário, e dali a uma hora tudo estava concluído. Pagaram-me em belos luíses de ouro, tornaram-me a tapar os olhos, meti-me outra vez no trem, que me conduziu ao mesmo sítio onde antes me tinha recebido, deram-me os bons dias, e eis-me aqui.

- Sem que nada visse, nem sequer pelo rabo do olho? Que diabo! Um lenço nem sempre se aperta por tal modo, que se não possa pescar alguma coisa.

- Hum! Hum!

- Ora vamos, vamos, confesse que alguma coisa viu - disse o desconhecido com vivacidade.

- Quando tropecei no primeiro degrau, fiz um certo movimento que fez com que o lenço se desarranjasse alguma coisa.

- E depois? - perguntou o desconhecido com a mesma vivacidade.

- Depois vi uma fileira de árvores do lado esquerdo, o que me faz acreditar que a casa era no *boulevard*, e nada mais.

- Nada mais?

- Palavra de honra.

- Isso pouco ou nada quer dizer.

- Visto que os *boulevards* são muito compridos, e que do café de Saint-Honoré até à Bastilha se encontram muitos portões.

Em seguida encheu um copo de vinho ao companheiro, batendo com a garrafa vazia na mesa, para dar sinal ao taberneiro para trazer outra.

- De sorte que não pode conhecer a tal casa?

O serralheiro reflectiu um momento.

- Não - disse ele - decerto que não a conhecerei.

O desconhecido pareceu satisfeito com a certeza que o jornaleiro acabava de lhe dar.

- Mas - disse ele de súbito, como passando a outra ordem de idéias - em Paris não há serralheiros, e é necessário ir buscá-los a Versalhes quando se quer fazer uma porta?

II

Mestre Gamain

O serralheiro levou o copo à altura dos olhos, observando o vinho com delícia.

- Sim, serralheiros não faltam em Paris; pois haviam de faltar?

E bebeu ainda algumas gotas.

- E então?

- Também há mestres.

E tornou a beber.

- É o que eu dizia comigo.

- Sim, mas é preciso notar que há mestres e mestres.

- Ah! Ah! - exclamou o desconhecido sorrindo-se; - vejo que é como Santo Elói, não só mestre, mas mestre dos mestres.

- E acima de todos. O senhor é do ofício?

- Quase.

- Qual é então o seu ofício?

- Espingardeiro.

- Tem consigo algum objecto que o certifique?

- Veja esta espingarda.

O serralheiro pegou na espingarda do desconhecido e examinou-a com atenção; com um movimento de cabeça aprovou o lavrado dos fechos, lendo ao mesmo tempo o nome que se achava embutido no cano e nos fechos.

- Leclèrc! - disse ele. - É impossível, amigo; Leclèrc! Não tem mais de vinte e oito anos, e nós caminhamos ambos para os cinqüenta; seja dito sem ofensa.

- É verdade - acudiu o outro - eu não sou Leclèrc, mas vem a ser a mesma coisa.

- Como assim?

- É como lhe digo, porque sou mestre dele.

- Ora essa! - exclamou o serralheiro rindo; - é como se eu dissesse: não sou o rei, mas isso vem a dar na mesma.

- Porquê? - redargüiu o desconhecido.

- Também é tal qual porque sou mestre dele - disse o serralheiro.

- Oh! Oh! - exclamou o desconhecido, levantando-se e parodiando a vénia militar; - será porventura ao Sr. Gamain a quem tenho a honra de falar?

- A ele mesmo em pessoa e para o servir - disse o serralheiro muito satisfeito, vendo o efeito que o seu nome produzira.

- Diabo! - disse o desconhecido - não sabia que tratava com um homem de tanta consideração.

- Hem?

- Com um homem de tanta consideração - repetiu o desconhecido.

- Quer dizer tão conseqüente?

- É isso mesmo. Perdão - replicou, rindo, o desconhecido; - mas bem sabe que um pobre espingardeiro não fala francês como o fala um mestre, e então que mestre, o do rei de França!

E prosseguindo de novo a conversação no mesmo tom:

- Ora diga-me, isso de ser mestre do rei deve ser coisa muito agradável, não é assim?

- Porquê?

- Ora essa! Se é preciso calçar luvas para dar os bons dias ou as boas noites...

- Não é tal.

- Se é necessário dizer: Pegue Vossa Majestade nesta chave com a mão esquerda; senhor, pegue nesta lima com a mão direita...

- Eh! Justamente, é isso mesmo que o encanta, por isso que é bom homem na essência; quando está na oficina com o seu avental e de mangas arregaçadas, ninguém dirá que é o filho mais velho de S. Luís, como todos lhe chamam.

- Com efeito, sim, tem razão; é singular como um rei se parece com outro homem.

- Não é assim? Há muito tempo que aqueles que estão em contacto com ele o conhecem.

- Isso nada seria, se aqueles que se acham em contacto com ele fossem os únicos que o conhecessem - disse o desconhecido rindo, com um sorriso sardónico; - mas são aqueles que se desviam dele que principiam a reparar...

Gamain olhou para o seu interlocutor com certa admiração.

Este, porém, que já se tinha esquecido do papel que representava tomando uma palavra por outra, não lhe deu tempo para pesar o valor das frases que havia pronunciado, e voltando à conversação encetada, disse:

- Mais uma razão; é um homem como qualquer outro, mas a quem é forçoso dar o tratamento de majestade. Pela minha parte acho a coisa muito humilhante.

- Não era necessário chamar-lhe majestade; quando estava na oficina, não havia precisão de nada disso; eu chamava-lhe patrão, e ele chamava-me Gamain; contudo não me atrevia a tratá-lo por tu, apesar dele me tratar assim.

- Sim, mas quando chegava a hora do almoço ou do jantar, mandavam-no assentar à mesa dos criados?

- Não, senhor, pelo contrário, mandava vir uma mesa servida para a oficina, e muitas

vezes, sobretudo ao almoço, assentava-se à mesa comigo, e dizia:

- Nada; não vou almoçar com a rainha, e não terei de lavar as mãos.

- Não percebo.

- Não percebe que quando o rei está a trabalhar comigo, manuseando o ferro, por Deus! Tem as mãos sujas como as nossas, sem que por isso deixemos de ser homens de bem: causava riso quando a rainha lhe dizia com ar delambido: “Jesus, senhor, como tem as mãos sujas!” Como se um serralheiro pudesse ter as mãos limpas!

- Não me fale de semelhante coisa - disse o desconhecido - que me dá vontade de chorar.

- Em suma o homem só se deleitava com o trabalho da oficina, ou então, no seu gabinete de geografia, comigo ou com o seu bibliotecário; mas parece-me que gostava muito mais de mim.

- Também não é muito agradável ser mestre de um mau discípulo.

- De um mau discípulo! - exclamou Gamain; - ah! Não, isso não se diz: é até para lamentar que ele viesse ao mundo rei, para se ocupar de tantas frioleiras, como as de que se ocupa, em lugar de continuar a fazer progressos na sua arte. Nunca há-de ser mais do que um pobre rei; pois é bem honrado, e dava um excelente serralheiro. Há um, por exemplo, que eu execrava pelo tempo que ele lhe fazia perder; era o Sr. Necker. Como ele lhe roubava o tempo, meu Deus!

- Com contas, não é assim?

- Sem dúvida, com contas azuis, contas no ar, como diziam.

- E então, meu amigo?

- O quê?

- Um discípulo desse calibre, devia ser boa *pechincha* para o mestre.

- Pois não era, não! Engana-se; e aí tem porque eu não posso ver o seu Luís XVI, o seu pai da pátria, o seu restaurador da nação francesa, como lhe chamam nas medalhas: é que, devendo ser rico como Crespo, acho-me pobre como Job.

- Pois é pobre? Então que fazia ele ao dinheiro?

- Bom! Dava metade aos pobres, e a outra metade aos ricos, de sorte que andava sempre sem real. Os Coigny, os Vaudreuil e os Polignac, devoravam-no... Pobre homem!

Um dia quis reduzir os ordenados do Sr. de Coigny, mas este foi esperá-lo à porta da oficina, e quando o rei entrou vinha pálido como um defunto, e só lhe ouviram estas palavras:

“- Safa! julguei que me batia!”

“- E os ordenados, senhor? - lhe perguntei eu.

“-Deixei-lhos ficar - respondeu ele; - o que havia de fazer?”

- Noutra ocasião quis fazer algumas observações à rainha sobre um enxoval da Sr^a. de Polignac, um enxoval de trezentos mil francos.

- Já é alguma coisa.

- Pois a rainha não achou bastante, obrigou-o a dar um de quinhentos mil. Deste modo, veja, esses Polignac, que há dez anos eram uns pobretões, acabam de sair de França recheados de milhões. Se ao menos tivessem talento! Porém, meta nas mãos de todos esses figurões uma bigorna e um martelo, e verá que não são capazes de forjar nem uma ferradura; dê-lhes uma lima e um torno, e verá que não são capazes de fabricar um reles parafuso de fechadura; mas, em troca disso, são muito bons *tagarelas*, ótimos cavaleiros, como eles dizem, que impeliram o rei para diante, e que hoje o deixaram na arrioscia em que o meteram com os srs. Bailly, Lafayette e Mirabeau; e a mim, a mim, que lhe teria dado tão boas lições se ele quisesse aceitá-las, deixou-me num canto com mil e quinhentas libras de renda que me doou; a mim, seu mestre, seu amigo; que lhe meti a lima na mão e que lhe ensinei o ofício.

- Sim, mas quando trabalha com ele sempre apanha alguma coisa?

- Essa é boa! Porventura trabalho agora com ele? Em primeiro lugar seria comprometer-me. Depois da tomada da Bastilha, não pus mais os pés no palácio; encontrei-o uma ou duas vezes, da primeira havia gente na rua, e apenas me cortejou; da segunda, era no caminho de Satory, estávamos sozinhos; fez parar a carruagem, e soltando um suspiro, disse:

“- Então, meu pobre Gamain? - Bons dias! – As coisas não vão como desejas, não é assim? mas ao menos terás aprendido à tua custa... E tua mulher, e teus filhos? - interrompeu ele - como passam?

“- Perfeitamente - respondi eu - parecem aprendizes do inferno, e nada mais.

“-Sim? - disse o rei; - hás-de dar-lhes este mimo da minha parte.

E procurando nas algibeiras, conseguiu reunir uns nove luíses, que me deu, acrescentando:

“-É quanto trago comigo, meu pobre Gamain, e muito feliz me considero de poder agora dar-te tão diminuto presente.

- Ora na verdade, há-de convir comigo, que era caso para uma pessoa se considerar feliz. Um rei que apenas tem nove luíses no bolso, um rei que faz a um camarada, a um amigo, um presente de nove luíses... Por isso...

- Por isso recusou, hem?

- Não; disse comigo: vamos sempre pegando no dinheiro, que ele é capaz de encontrar outro com menos vergonha do que eu, que o aceite; mas não importa, pode estar descansado, que não serei eu que ponha os pés em Versalhes, sem que me mande buscar, e assim mesmo, ainda há-de ser o que Deus quiser.

- Coração grato! - murmurou o desconhecido.

- Que diz?

- Digo que é para enternecer, mestre Gamain, ver uma dedicação como a sua sobreviver a tanta desventura! Mais um copo de vinho à saúde do seu discípulo.

- Na verdade ele pouco ou nada o merece; mas não importa, vá lá à saúde dele.

Depois de beber, continuou:

- E quando penso que o sujeito tinha nas suas adegas mais de dez mil garrafas de vinho, do qual o mais ordinário valia dez vezes mais do que este, e que nunca disse a um criado: “Vai levar uma canastra de garrafas de vinho a casa do meu amigo Gamain.” Pois não! antes quis dá-lo a beber aos guardas, aos suíços e aos soldados do regimento de Flandres; aproveitou-lhe muito.

- Que quer - disse o desconhecido esgotando o copo a pequenos tragos - os reis são todos assim, uns ingratos... Mas caluda que não estamos sós.

Efectivamente, três indivíduos, dois homens do povo e uma regateira, acabavam de entrar na mesma taberna, assentando-se a uma mesa que se achava em frente daquela onde o desconhecido acabava de esgotar a segunda garrafa com mestre Gamain.

O serralheiro olhou para eles, e examinou-os com uma atenção, que fez sorrir o desconhecido.

Com efeito, os três personagens pareciam dignos de alguma atenção.

Um dos dois homens era todo tronco, o outro todo pernas; quanto à mulher, era difícil saber o que era.

O homem que era todo tronco assemelhava-se a um anão; não teria mais de cinco pés de altura; talvez o fizesse parecer mais baixo a flexão dos joelhos, que quando se punha em pé, se tocavam pela parte de dentro, apesar da separação dos pés. O rosto, em lugar desta disformidade, parecia torná-la mais sensível: os cabelos ensebados e imundos alastravam-se-lhe sobre a fronte deprimida, e as sobranceiras, mal desenhadas, pareciam ter nascido por mero acaso; os olhos eram envidraçados no estado habitual, empanados e sem fogo, como os do sapo; apenas nos momentos de irritação lançavam de si uma centelha, como a que rebenta da pupila contraída de uma víbora furiosa; o nariz era achatado, desviava-se da linha recta e tornava mais saliente a proeminência das faces; finalmente, completando este todo hediondo, a boca torta encobria com os beiços amarelentos alguns dentes abalados e denegridos. À primeira vista parecia girar-lhe fel nas veias em lugar de sangue.

O outro, em oposição, cujas pernas eram disformes, parecia uma garça real sobre umas andas; a sua semelhança com a ave, a que o comparámos, era tanto mais saliente, que giboso como ela, tinha a cabeça completamente perdida entre os ombros, só se distinguia pelos olhos,

que dir-se-iam duas nódoas de sangue, e pelo nariz longo e agudo como o bico da águia.

Como a garça real, ainda se julgaria que tivesse a faculdade de estender o pescoço para ir cegar em grande distância o indivíduo a quem quisesse fazer essa graça; mas não era assim; só os braços pareciam dotados dessa elasticidade, que o pescoço não tinha, de modo tal, que não lhe foi preciso mais do que estender um, sem inclinar o corpo, para apanhar um lenço, que deixara cair depois de ter limpado a testa encharcada ao mesmo tempo em suor e chuva.

O terceiro ou a terceira, como quiserem, era um ente anfíbio cuja espécie facilmente se poderia conhecer, mas cujo sexo dificilmente se distinguia; era homem ou mulher de trinta a trinta e quatro anos, vestido elegantemente de regateira, com o seu cordão e brincos de ouro, toucado e lenço de rendas. As suas feições, que mal se podiam distinguir através da camada de alvaiade e vermelhão que as cobria, através dos sinais de todos os feitios, que pareciam estrelas sobre aquela camada branca e vermelha, estavam ligeiramente apagadas como as dessas raças viciadas e corruptas. Uma vez que ao seu aspecto se entrasse na dúvida que acabámos de expender, esperava-se com impaciência que abrisse a boca para pronunciar algumas palavras, por isso que também se esperava que o som da voz lhe desse à duvidosa pessoa um carácter que ajudasse a conhecê-la; mas não aconteceu assim. Aquela voz, que parecia de soprano, deixava o curioso e o observador ainda mais fundamente mergulhado na dúvida que o aspecto despertara; a orelha não explicava o olhar, o ouvido não completava a vista.

As meias e os sapatos dos dois homens, assim como os da suposta mulher, estavam tão sujos de lama, que indicavam terem caminhado bastante.

- É célebre! - disse Gamain - parece-me que conheço aquela mulher.

- Que importa! - disse o desconhecido pegando na espingarda, e enterrando o boné na cabeça; - estas três pessoas que estão juntas, é que alguma coisa têm que fazer, portanto convém deixá-las.

- Conhece-as? - perguntou Gamain.

- Sim, de vista - respondeu o desconhecido. - E o mestre?

- Já vi a mulher nalguma parte.

- Provavelmente na corte - disse o desconhecido.

- Ora essa! Uma regateira!

- Vão agora lá muitas vezes.

- Se os conhece, nomeie-me então os dois homens; que isso há-de ajudar-me muito a conhecer a mulher.

- Os dois homens?

- Sim.

- Qual quer que lhe nomeie em primeiro lugar?

- O cambaio.

- João Paulo Marat.

- Ah! Ah!

- E depois?

- O corcunda.

- Próspero Verrières.

- Ah! Ah!

- Então conhece agora a regateira?

- À fé que não.

- Veja bem.

- Espere... Mas não, não!

- Deveras?

- É impossível!

- Não padece dúvida, que à primeira vista parece impossível. É...

- Vamos, vejo finalmente que nunca a nomeará, e que é necessário que eu a nomeie. A regateira é o duque de Aiguillon.

Ouvindo este nome, a regateira estremeceu e voltou-se logo conjuntamente com os dois homens.

Todos três fizeram um movimento para se levantar, como o fariam na presença de um superior a quem quisessem mostrar a sua deferência.

Mas o desconhecido levou o dedo à boca e passou para diante.

Gamain seguiu-o, parecendo-lhe que sonhava.

Ao sair foi de encontro a um indivíduo, que parecia fugir perseguido por várias pessoas que gritavam:

- O cabeleireiro da rainha! O cabeleireiro da rainha!

Entre essas pessoas, que corriam e gritavam, vinham duas que conduziam cada uma, na ponta de uma lança, uma cabeça ensangüentada.

Eram as cabeças dos dois infelizes guardas Varicourt e Deshuttés, que, separadas do corpo por um aparelho chamado o *Grande Nicolau*, tinham sido espetadas na ponta dos chuços.

Já dissemos que essas cabeças faziam parte da multidão, que corria atrás do desgraçado que esbarrou com Gamain.

- Olha, é o Sr. Leonardo - disse este.

- Silêncio! Nada de proferir o meu nome! - exclamou este, precipitando-se para dentro da taberna.

- Que lhe querem eles? - perguntou o serralheiro ao desconhecido.

- Quem sabe? - respondeu este. - Querem talvez obrigá-lo a frisar as cabeças daqueles pobres diabos. Há idéias tão extravagantes em tempos de revolução!

E confundiu-se na multidão, deixando livre Gamain, do qual provavelmente colhera quanto carecia, para alcançar, como melhor entendesse, a sua oficina em Versalhes.

III

Cagliostro

Era tanto mais fácil ao desconhecido confundir-se na multidão, quanto ser certo que essa multidão era assaz numerosa.

Era a vanguarda do cortejo do rei, da rainha e do delfim.

Tinham partido de Versalhes, como o rei determinara, pela uma hora depois do meio-dia.

A rainha, o delfim, madame Royale, o conde de Provença, Isabel e Andréa¹ vinham todos na carruagem do rei.

Cem trens conduziam os membros da Assembléia Nacional, que se haviam declarado inseparáveis do rei.

O conde de Charny e Billot tinham ficado em Versalhes para prestar os últimos deveres ao barão Jorge de Charny, morto, como já dissemos, na terrível noite de cinco para seis de Outubro, e para impedir que não lhe mutilassem o cadáver como tinham feito aos dos guardas reais, Varicourt e Deshuttés.

Aquela vanguarda, que partira de Versalhes duas horas antes do cortejo real, e que o precedia um quarto de hora, pouco mais ou menos, vinha de algum modo unida às duas cabeças dos guardas, que lhe serviam de bandeiras.

Tendo parado as duas cabeças na taberna da ponte de Sèvres, também a vanguarda ali parou.

Compunha-se de miseráveis esfarrapados e quase nus, espuma flutuante sobre a

¹ Nós falamos sempre na convicção, ou pelo menos na esperança, de que os nossos leitores de hoje sejam os mesmos de ontem, e por consequência familiarizados com os nossos personagens; não julgamos por isso necessário recordar-lhes outra coisa se não que Andréa de Taverney é a condessa de Charny, irmã de Filipe, e filha do barão de Taverney Casa-Vermelha.

superfície de qualquer inundação, quer seja de água, quer de lava.

De repente sentiu-se naquela multidão um grande tumulto. Acabavam de enxergar as baionetas da guarda nacional e o cavalo branco de Lafayette, que precediam imediatamente a carruagem do rei.

Lafayette gostava muito dos ajuntamentos populares; era no meio do povo de Paris, de quem era o ídolo, que ele verdadeiramente reinava.

Mas do que ele não gostava era do populacho.

Paris tinha, como Roma, a sua *plebe* e a sua *plebécula*.

Não gostava sobretudo daquela casta de execuções que a população fazia; viu-se que ele fizera quanto lhe fora possível para salvar Flesselles, Foulon e Berthier de Sauvigny.

Fora pois para lhe ocultar o seu troféu e conservar as insígnias sangrentas da sua vitória, que essa vanguarda se lhe adiantara.

Parece contudo que, reforçados talvez pelo triunvirato que tiveram a dita de encontrar na taberna, acharam aqueles porta-estandartes um meio de iludir Lafayette, por isso que se recusaram a partir com os seus companheiros, e decidiram que, tendo Sua Majestade declarado que não queria separar-se dos seus guardas fiéis, queriam por isso esperá-lo para lhe fazer o cortejo.

Reforçada assim a vanguarda, pôs-se a caminho.

A multidão, que desfilava pela estrada de Versalhes a Paris, semelhante ao terrível enxurro que depois de uma tempestade arrasta nas ondas denegridas e lodosas os habitantes de um palácio que encontrara na passagem e derrubara com a sua violência, formava de cada um dos lados da estrada uma espécie de borbulhões compostos pelas populações das aldeias próximas da mesma estrada, que corriam a ver o que passava.

Entre os que assim corriam, alguns (o menor número) misturavam-se na multidão, fazendo cortejo ao rei, soltando gritos e clamores no meio de todos aqueles clamores e de todos aqueles gritos; mas o maior número conservava-se imóvel e silencioso nos dois lados da estrada.

Dirão que portanto lhes eram muito simpáticos o rei e a rainha. Não eram: porque, todos que não pertenciam à classe aristocrática, incluindo os burgueses, sofriam mais ou menos da fome que acabava de se estender por toda a França. Não insultavam o rei, nem a rainha, nem o delfim: mas calavam-se, e o silêncio da multidão é talvez mais assustador do que os seus insultos.

Em troca deste silêncio, essa multidão gritava com toda a força dos seus pulmões: “Viva Lafayette!” que tirava a espaços o chapéu com a mão esquerda, saudando com a espada na direita, e “Viva Mirabeau!” que também a espaços deitava a cabeça pela portinhola da carruagem, que ocupava com mais cinco companheiros, a fim de aspirar o ar exterior, tão necessário aos seus vastos pulmões.

Desse modo, o desventurado Luís XVI, para quem tudo era silêncio, ouvia aplaudir na sua presença o que perdera - a popularidade, e o que sempre lhe faltara - o génio.

O doutor Gilberto, como fizera na outra viagem do rei, caminhava só, confundido com a multidão, junto à portinhola da carruagem real, isto é, do lado da rainha.

Maria Antonieta, que nunca percebera aquela espécie de estoicismo de Gilberto, a quem a rudeza americana dera nova rispidez, observava com admiração aquele homem, que, sem amor nem devoção pelos seus soberanos, cumpria simplesmente junto deles aquilo a que chamava um dever, resolvido contudo a fazer por eles quanto se faz por amor e por dedicação. Mais ainda, por isso que estava disposto a morrer, o que decerto muitas devoções e muitos amores não fariam.

Dos dois lados da carruagem do rei e da rainha, além da espécie de fileira de gente a pé, que se apoderara desse posto, uns por curiosidade, outros para estarem ao alcance de socorrer, em caso necessário, os augustos viajantes, mui poucos com más intenções, marchavam pela extremidade da estrada, patinhando num lodaçal de seis polegadas de altura, as mulheres e os cépticos do mercado, que pareciam rolar de espaço a espaço no meio do seu caudaloso rio mosqueado de ramos e de fitas, e formavam um rio ainda mais compacto e caudaloso.

Este rio consistia em algumas carretas de artilharia, ou alguns caixões, carregados de

mulheres, que cantavam em voz alta, atroando os ares com seus berros.

O que cantavam era a velha e bem conhecida canção popular:

Bastos escudos tem a padeira
Que pouco lhe custam a ganhar...

O que diziam era esta nova fórmula da sua esperança:

“Agora não nos há-de faltar o pão; levamos connosco o padeiro, a padeira e o seu mocinho.”

A rainha parecia ouvir tudo aquilo sem entender nada; levava em pé sobre os joelhos o delfinzinho, que olhava para a multidão com esse ar espavorido com que os filhos de príncipes costumam olhar, como vimos olhar o rei de Roma, o duque de Bordéus, e o conde de Paris.

Com a diferença, porém, que essa multidão é mais desdenhosa e mais magnânima do que aquela, por isso que é mais forte, e porque entende que está no caso de perdoar.

O rei, pela sua parte, observava tudo com o seu olhar cavo e pesado. Na noite precedente, apenas passara pelo sono, comera pouquíssimo ao almoço, faltara-lhe o tempo para pentear e empoar o cabelo, a barba estava crescida, a roupa amarrotada, tudo, absolutamente tudo, o ajudava. - O pobre rei não era decerto o homem das circunstâncias difíceis.

E por isso em todas as circunstâncias difíceis curvava a cabeça: houve um só dia em que a levantou; foi no cadafalso, no momento em que ela ia cair.

A princesa Isabel era o anjo de doçura e de resignação, que Deus colocara junto daquelas duas criaturas condenadas, que devia confortar o rei na prisão do Templo, na ausência da rainha; e na Conciergerie, confortar a rainha da morte do rei.

O conde de Provença conservava o seu olhar oblíquo e falso; bem sabia que, pelo menos naquele momento, não corria o menor risco. Que motivo haveria para isso? Não se sabe. Talvez fosse por ter ficado na França quando seu irmão, o conde de Artois, a abandonara.

Mas se o rei pudesse ler no íntimo do coração do Sr. de Provença, Deus sabe se o que ali lesse deixaria intacto o reconhecimento que lhe votava pelo que supunha mera dedicação.

Andréa parecia de mármore. Não dormira melhor do que a rainha, nem comera melhor do que o rei; mas as necessidades da vida não pareciam feitas para aquela natureza excepcional; não teve tempo para cuidar do penteado, nem para mudar de vestido; e contudo, nem um só dos seus cabelos estava em desalinho, nem uma única prega do vestido indicava o mais pequeno desarranjo. Como uma estátua, sem que parecesse prestar atenção a coisa alguma, esses rios que ondeavam em volta dela, pareciam também torná-la mais plácida e mais branca. Era pois evidente que aquela mulher possuía na cabeça e no coração um único e luminoso pensamento só para si, ou dirigia a alma, como a agulha tocada pelo imã dirige para a estrela polar, espécie de sombra entre os vivos. Uma única coisa indicava que vivia, era o involuntário relâmpago que lhe escapava do olhar, todas as vezes que encontrava o de Gilberto.

Uns cem passos antes de chegar à taberna, de que falámos, parou o cortejo.

Os gritos redobram em toda a linha.

A rainha inclinou-se ligeiramente para fora da portinhola, e este movimento, que se assemelhava a uma saudação, produziu na multidão um prolongado murmúrio.

- Sr. Gilberto! - disse ela.

Gilberto aproximou-se.

Como desde Versalhes trouxesse o chapéu na mão não precisou por isso de tirá-lo para dar à rainha uma demonstração de respeito.

- Senhora! - disse ele.

Esta única palavra, pela entoação precisa com que fora pronunciada, indicava que Gilberto estava todo às ordens da rainha.

- Sr. Gilberto - replicou ela - o que canta, o que diz, o que grita o seu povo?

Bem se deixa ver, até pela forma desta frase, que a rainha a combinara com antecipação, e que, desde muito a mascara entre os dentes antes de a cuspir na face daquela multidão.

Gilberto soltou um suspiro, que significava:

- Sempre a mesma!

E depois, com profunda expressão de melancolia, disse:

- Ai, senhora, este povo, a quem chama o meu povo, também noutro tempo era de Vossa Majestade, e há quase vinte anos que o Sr. de Brissac, um gentil cortesão, que debalde tenho procurado aqui, lhe mostrava da varanda da casa da câmara este mesmo povo que gritava : “Viva a delfina”, e lhe dizia : “Senhora, aí tendes duzentos mil namorados.”

A rainha mordeu os beiços; era impossível encontrar aquele homem em contradição ou em falta de respeito.

- Sim, é verdade - disse a rainha; - mas isso só prova a volubilidade dos povos.

Desta vez, Gilberto inclinou-se, sem nada responder.

- fiz-lhe uma pergunta, Sr. Dr. Gilberto – disse a rainha com o fervor que empregava sempre em apurar as coisas, ainda mesmo as que deviam ser-lhe desagradáveis.

- Sim, senhora - tornou Gilberto - e responderei à pergunta de Vossa Majestade, uma vez que assim o determina. O povo canta:

Bastos escudos tem a padeira,
Que pouco lhe custam a ganhar...

Vossa Majestade sabe a quem o povo chama padeira?

- Sim, senhor, sei que me faz essa honra; já estou acostumada a essas alcunhas: chamava-me a Sr^a. Défice. Haverá alguma analogia entre este primeiro sobrenome e o segundo?

- Há sim, senhora, e para Vossa Majestade se convencer disso, basta meditar nos dois primeiros versos que acabo de dizer:

Bastos escudos tem a padeira
Que pouco lhe custam a ganhar...

A rainha repetiu:

- Tem bastos escudos que pouco lhe custam a ganhar!... Não compreendo, senhor.

Gilberto calou-se.

- Então - replicou a rainha com impaciência - não vê que eu nada percebo?

- E Vossa Majestade continua a insistir em querer uma explicação?

- Decerto.

- Isso quer dizer, senhora, que Vossa Majestade teve ministros muito condescendentes, sobretudo, os ministros das finanças... O Sr. de Calonne, por exemplo; o povo sabe que Vossa Majestade tinha quanto exigia, e como não custa muito trabalho exigir nem sequer pedir, quando quem exige ou pede é uma rainha, visto que pedir é o mesmo que mandar, é por isso que o povo canta:

Bastos escudos tem a padeira
Que pouco lhe custam a ganhar...

o que quer dizer, que só lhe custam a pedir.

A rainha apertou raivosa a alva mão que levava sobre o veludo encarnado que forrava o postigo da carruagem.

- Bem. Seja assim - disse ela - isso é quanto às canções; agora, Sr. Gilberto, tenha a bondade de me explicar o que ele diz.

- Sim, minha senhora; diz: “Agora não nos faltará o pão, porque temos seguros o *padeiro*, a *padeira* e o *mocinho*”.

- Terá a bondade de me decifrar essa segunda insolência com tanta clareza, como fez com a primeira? Conto com a sua condescendência.

- Senhora - prosseguiu Gilberto com a mesma doçura melancólica - se Vossa Majestade quisesse meditar, não sobre as palavras talvez, mas sobre a intenção deste povo, veria que não tinha razão de se queixar como julga.

- Vejamos - disse a rainha com um sorriso nervoso - sabe que muito desejo ser esclarecida, Sr. doutor; queira dizer.

- Ou com razão ou sem ela, senhora, disseram a este povo que se fazia em Versalhes um grande comércio de farinha, e que era por isso que as farinhas não chegavam a Paris. Quem sustenta este pobre povo? O padeiro e a padeira do bairro. Para quem estende o pai, o marido, o filho as mãos suplicantes, quando, por falta de dinheiro, o filho, a mulher ou o pai morrem de fome? Para o padeiro e para a padeira. A quem suplica, além de Deus, que faz brotar as searas? Àqueles que distribuem o pão. Não é Vossa Majestade, não é el-rei, e não é esse augusto menino, finalmente não são, todos três, os distribuidores do pão de Deus? Não se admire pois do doce nome que o povo lhe dá e agradeça-lhe a esperança que ele tem, de que, achando-se o rei, a rainha e o delfim no meio de um milhão e duzentos mil esfaimados, a estes desgraçados nada há-de faltar.

A rainha fechou por um momento os olhos, e viu-se-lhe fazer um movimento com o queixo e com o pescoço, como se procurasse engolir, com a acre saliva que lhe abrasava a garganta, a raiva que a devorava.

- E o que o povo grita por diante e por detrás de nós, deveremos agradecer-lho? Deveremos agradecer-lhe também as alcunhas que nos dá, as cantigas que nos canta?

- Oh! Sim, senhora, e ainda com mais sinceridade, por isso que essa canção que ele canta não é mais do que a expressão do seu bom humor, por isso que as alcunhas que lhe dá não são mais do que a manifestação das suas esperanças; esses gritos que solta são a expressão do seu desejo.

- Ah! O povo deseja que os srs. de Lafayette e Mirabeau vivam?

A rainha, como se observa, tudo ouvira; os cânticos, as conversações e os vivas.

- Sim, senhora - disse Gilberto; - porquanto, vivendo os srs. de Lafayette e de Mirabeau, que estão separados neste momento, como vê, separados pelo abismo, à beira do qual está suspensa a família de Vossa Majestade, podem facilmente reunir-se, e reunindo-se salvar a monarquia.

- Quer dizer, senhor - clamou a rainha - que a monarquia está tão abatida, que não pode ser salva senão por esses dois homens?

Gilberto ia responder, quando se ouviram gritos de alarme, misturados com atroz gargalhadas, e quando se viu a multidão fazer um grande movimento, que em lugar de desviar Gilberto mais o aproximou da carruagem, em cujo estribo se empoleirou, adivinhando que alguma coisa se passava ou ia passar-se, que ia talvez carecer de empregar em defesa da rainha a sua palavra e a sua força.,

Eram os dois *porta-cabeças* que, tendo feito frisar e empoar pelo infeliz Leonardo as que traziam espetadas nas lanças, queriam dar-se ao horrível prazer de as apresentar à rainha, como os outros, talvez os mesmos, o tinham tido de apresentar a Berthier a cabeça do seu sogro Foulon.

Estes gritos eram os que o povo soltava à vista das duas cabeças; essa enorme multidão que, atropelando-se a si mesma, corria espavorida para as ver passar.

- Em nome do Céu, senhora - disse Gilberto; - não olhe para o lado direito.

A rainha não era mulher que obedecesse a uma ordem tão expressa sem se assegurar do motivo que dava lugar a uma tal exigência.

Por conseqüência, o primeiro movimento que fez foi voltar os olhos justamente para aquele lado.

Soltou um grito horrível.

Mas de repente desviou os olhos do terrível espectáculo, como se acabasse de se lhe deparar outro ainda mais terrível, e como se os atraísse uma cabeça de Medusa, de modo que se não podiam desprender dela.

Esta cabeça de Medusa era a do desconhecido que vimos praticando e bebendo com mestre Gamain na taberna da ponte de Sèvres, e que se conservava de pé, com os braços cruzados, encostado a uma árvore.

A mão da rainha desprendeuse do postigo de veludo, e levando-a ao ombro de Gilberto, parecia deleitar-se em cravar nele as unhas.

Gilberto voltou-se de súbito.

Viu a rainha pálida, com os lábios descorados e trêmulos, e os olhos fixos.

Talvez ele tivesse atribuído aquela excitação extremamente nervosa à presença das duas cabeças, se a visse dirigir o olhar para uma ou outra.

Mas o olhar da rainha ia horizontalmente cravar-se no desconhecido.

Gilberto seguiu-lhe a direcção, e, como a rainha soltara um grito de horror, ele soltou por seu turno um grito de espanto e admiração.

Em seguida, ambos murmuraram ao mesmo tempo:

- Cagliostro!

O homem encostado à árvore via perfeitamente a rainha e Gilberto.

Ele fez um sinal com a mão a este último, como para o chamar.

Neste momento fizeram as carruagens um movimento para se porem de novo a caminho.

Por um impulso maquinal, instintivo e natural, a rainha afastou Gilberto para que a roda o não atropelasse.

O doutor julgou que ela queria impeli-lo para aquele homem.

Primeiro que tudo, a rainha não o teria impellido, uma vez que ele o reconhecera pelo que era, e Gilberto não podia de modo nenhum deixar de se dirigir a ele.

Por conseqüência, imóvel, deixou desfilar o cortejo, depois seguiu o falso operário, que a espaços se voltava para ver se era seguido, entrou numa pequena vereda, subiu em direcção à Bela-Vista por uma rampa bastante íngreme e desapareceu por detrás de um muro, no mesmo momento em que do lado de Paris desaparecia o cortejo, tão completamente escondido pelo declive da montanha, como se se tivesse despenhado num abismo.

IV

A fatalidade

Gilberto seguiu o seu guia, que o precedia a coisa de vinte passos de distância, até ao meio da montanha. Ali, achando-se em frente de uma grande e bela casa, o que ia adiante tirou do bolso uma chave, com a qual abriu uma porta pequena, destinada para serventia do dono quando este queria entrar e sair sem que os criados soubessem.

Deixou a porta entreaberta, o que indicava, tão claramente quanto possível, que o primeiro convidava o que o seguia a entrar também.

Gilberto entrou e empurrou de mansinho a porta, que girou silenciosa nos gonzos, tornando a fechar-se sem que se ouvisse a bulha da lingüeta.

Semelhante fechadura não deixaria de causar admiração a mestre Gamain.

Gilberto achou-se num corredor, em cujas paredes estavam embutidas na altura de um homem, isto é, de maneira que se não perdesse nenhum dos seus maravilhosos detalhes, algumas lâminas de bronze modeladas sobre aquela com que Ghiberti enriquecera a porta do baptistério de Florença.

Os pés enterraram-se lhe num macio tapete da Turquia.

À esquerda via-se uma porta aberta.

Gilberto pensou que era por seu respeito que aquela porta estava aberta, e entrou num salão forrado de cetim da índia, com mobília do mesmo estofado. Um desses pássaros fantásticos, como os imaginam e bordam os chineses, cobria o tecto com as suas asas de ouro e azul, sustentando entre as garras o lustre, cujos candelabros de trabalho magnífico, representando

ramos de lis, serviam para alumiar a sala.

Um único quadro servia de adorno àquela sala, e correspondia ao espelho que havia sobre o fogão.

Esse quadro representava uma virgem de Rafael.

Gilberto estava ocupado em admirar aquele primor, quando ouviu, ou antes quando adivinhou, que uma porta se abria por detrás dele.

Voltou-se de súbito, e viu Cagliostro, que saía de um quarto de vestir.

Bastara-lhe um momento para apagar as nódoas dos braços e do rosto, para dar aos cabelos, ainda pretos, a graça mais aristocrática, e para mudar inteiramente de fato.

Já não era o operário de mãos negras, cabelos empastados, sapatos cobertos de lama, calção de rico e camisa de oleado.

Era o cavalheiro elegante, que já por duas vezes apresentámos aos nossos leitores, primeiro no *José Bálamo*, depois no *Colar da Rainha*.

O vestuário, ricamente bordado, as mãos, cintilantes de jóias, contrastavam com o fato preto de Gilberto, e com o simples anel de ouro, presente de Washington, que trazia no dedo.

Cagliostro dirigiu-se a Gilberto com rosto prazenteiro, estendendo-lhe os braços.

Gilberto lançou-se neles.

- Querido mestre! - clamou ele.

- Ah! Um instante - disse rindo Cagliostro; - o senhor tem feito, meu caro Gilberto, desde que nos separámos, tão grandes progressos, sobretudo em filosofia, que é hoje o mestre e eu mal sou digno de ser seu discípulo.

- Obrigado pelo cumprimento - disse Gilberto; - mas, supondo mesmo que fizesse tais progressos, como pode sabê-lo, tendo já decorrido oito anos que não nos vemos?

- Julga-se no caso, meu caro doutor, desses homens que se ignoram, porque se deixam de ver; há oito anos que não o vejo, é verdade, mas no decurso desse tempo poderia dizer-lhe, dia por dia, o que tem feito.

- Ora essa!

- Ainda duvida da minha vista dupla?

- Bem sabe que sou matemático.

- Quer dizer incrédulo. Vejamos então. Veio a França a primeira vez por causa de negócios de família; esses negócios não são da minha competência, e portanto...

- Nada, nada - disse Gilberto, julgando atrapalhar Cagliostro - diga, querido mestre.

- Pois bem, dessa vez devia ocupar-se da educação de seu filho Sebastião, de o meter num colégio, numa pequena cidade a dezoito ou vinte léguas de Paris, e de regular as suas coisas com o seu caseiro, um honrado homem, que detém em Paris bem contra vontade dele, que por mil razões muito precisaria de estar na terra.

- Na verdade, meu mestre, é assaz prodigioso.

- Oh! Espere. Da segunda vez veio a França, porque os negócios políticos assim o exigiam; depois fez uma certa brochura, que enviou a Luís XVI, e como ainda hoje existe em si uma porção do mesmo homem, é mais orgulhoso da aprovação de um rei, que não seria talvez do meu predecessor em educação junto do senhor, João Jacques Rousseau, que contudo seria mais alguma coisa que um rei, se ainda vivesse. O senhor desejava saber o que pensava do doutor Gilberto o neto de Luís XIV, de Henrique IV e de S. Luís; por desgraça, existia um velho negociozinho em que não tinha pensado, e acerca do qual o encontrei um dia todo ensangüentado numa gruta das ilhas dos Açores, onde o meu navio arribara por acaso; tinha o peito varado por uma bala. Este negociozinho dizia respeito à menina Andréa de Taverney, hoje condessa de Charny, em serviço da rainha. Ora, como a rainha nada podia recusar à mulher que desposara o conde de Charny, a rainha pediu e obteve uma carta régia para que o prendessem, como efectivamente foi preso, na estrada do Havre a Paris, e conduzido à Bastilha, onde estaria ainda, meu caro doutor, se o povo não a tivesse derrubado com um piparote. Como bom realista, o meu caro Gilberto foi logo unir-se ao rei, de quem é médico. Ontem, ou antes esta manhã,

contribuiu poderosamente para salvar a família real, correndo a despertar o bom Lafayette, que dormia o sono dos justos, e quando há pouco me viu, julgando que a rainha, que, seja dito entre parêntesis, meu caro Gilberto, o detesta, corria grande perigo, dispunha-se a fazer à sua soberana uma trincheira com o seu corpo. Diga, não é isto? Esqueci alguma particularidade pouco importante, como uma sessão de magnetismo em presença do rei, uma certa caixa que se subtraiu de certas mãos, que dela se tinham apoderado por meio de um tal Pas-de-Loup? Vamos, diga se cometi algum esquecimento, que estou pronto a receber correcção.

Gilberto ficara estupefacto daquele homem singular, que tão bem sabia dispor os seus meios de efeito, que aquele sobre quem operava se via tentado a acreditar que, igual a um Deus, possuía o dom de abraçar simultaneamente o conjunto do mundo com as suas particularidades, e ler no coração dos homens e nos desígnios de Deus.

- Sim, é isso mesmo - disse ele - e o senhor é sempre o famoso mágico, o feiticeiro, o encantador Cagliostro.

Cagliostro sorriu com satisfação; era evidente que se ufanava de ter produzido em Gilberto a impressão que, a seu pesar, o rosto deste manifestava.

Gilberto continuou:

- E agora, como lhe quero decerto tanto quanto me quer a mim, meu caro mestre, e o meu desejo de saber o que foi feito do senhor desde que nos separámos, é pelo menos tão vivo como aquele que o moveu também a informar-se de mim, peço-lhe que tenha a bondade de me dizer, se porventura não for indiscreta a minha pergunta, em que local do mundo espalhou o seu génio e exercitou o seu poder?

Cagliostro sorriu.

- Oh! - disse ele - fiz como o senhor, vi reis, muitos reis até, mas com outro fim; o senhor chega-se a eles para os manter, eu chego-me a eles para os derribar; o senhor procura fazer um rei constitucional, e não o consegue; eu faço imperadores, reis, príncipes filósofos, e consigo-o.

- Deveras? - interrompeu Gilberto com ar de dúvida.

- Muito seriamente. Verdade é que já tinham sido admiravelmente preparados por Voltaire, d'Alembert e Diderot, esses novos Mecenas, esses sublimes desprezadores dos deuses, e também por aquele caro rei Frederico, que tivemos a desventura de perder; mas enfim, o senhor sabe muito bem que, excepto aqueles que não morrem, como eu e o conde de S. Germain, todos são mortais. Tanto assim é que as rainhas são belas, meu caro Gilberto, e que recrutam soldados que combatem contra si mesmos, reis que trabalham para o desmoronamento do altar. Deste modo temos em primeiro lugar o imperador José II, o irmão da nossa muito amada rainha, que suprime as três quartas partes dos mosteiros, que se apodera dos bens eclesiásticos, que expulsa das suas celas os próprios carmelitas, e que envia a sua irmã Maria Antonieta várias gravuras representando alguns religiosos sem capuz trajando à moda, alguns monges outrora rapados, fazendo-se frisar pelos cabeleireiros. O rei da Dinamarca, que principiou por ser o carrasco do seu médico Struensée, e que, filósofo precoce, dizia aos dezessete anos: "Foi o Sr. de Voltaire que me fez homem, e que me ensinou a pensar". Temos também a imperatriz Catarina, que caminha com passos tão agigantados para a filosofia, ao mesmo tempo que vai desmembrando a Polónia, que Voltaire escreveu-lhe: "Diderot, d'Alembert e eu, elevamos-te altares". Temos ainda a rainha da Suécia, temos finalmente muitas rainhas do império e toda a Alemanha.

- Resta-lhe apenas converter o papa, meu caro mestre; e como julgo que nada lhe é impossível, tenho para mim que há-de consegui-lo.

- Ah! Quanto a esse, há-de ser muito difícil; acabo de lhe escapar das garras; há seis meses que estive no castelo de Santo Angelo, como o senhor esteve há três na Bastilha.

- Ora adeus! Acaso os *Transteveranos* derrubaram também o castelo de Santo Angelo, como o povo do bairro de Santo António derrubou a Bastilha?

- Não, meu caro doutor, o povo romano ainda não foi tão longe. Oh! Esteja descansado, que isso há-de acontecer um dia, o papado há-de ter também o seu cinco e seis de Outubro, e a esse respeito Versalhes e o Vaticano hão-de dar as mãos.

- Mas julgava que uma vez que se entrava no castelo de Santo Angelo nunca mais se saía?
- Ora! E Benvenuto Cellini?
- Arranjou asas como ele, e qual novo Ícaro, voou por cima do Tíbre, não é assim?
- Isso seria difícil, porque me tinham alojado, por precaução evangélica, num cárcere muito profundo e escuríssimo.

- Mas, enfim, conseguiu sair?
- Decerto, visto que me vê aqui.
- Corrompeu à força de ouro o carcereiro?
- Tive a infelicidade de me darem um carcereiro incorruptível.
- Incorruptível! Diacho!
- Sim! Mas por felicidade não era imortal; o acaso (outro qualquer diria a Providência) permitiu que morresse ao terceiro dia depois daquele em que se recusou a abrir-me as portas da prisão.

- Subitamente?
- Tal qual.
- Ah!
- Foi necessário substituí-lo, e assim o fizeram.
- E o novo não era incorruptível?
- Esse, no mesmo dia em que principiou a funcionar, quando me trouxe a ceia, disse-me: “Coma bem, adquira forças, porque esta noite teremos que andar muito”. Por Deus! O honrado homem não mentia, porque nessa mesma noite cada um de nós arrebentou três cavalos, andando cem milhas.

- E que fez o governador quando deu pela sua fuga?
- Mandou vestir com o fato que eu deixara o cadáver do outro carcereiro, que não tinham ainda sepultado, deu-lhe um tiro de pistola no meio da cara, deixou-lhe cair a arma ao lado, declarou que me tinha suicidado, sem saber o modo por que pudera obter a pistola; fez lavar auto do suicídio, e mandou enterrar o carcereiro com o meu nome, de sorte que sou considerado hoje um perfeito cadáver, meu caro Gilberto, e ninguém acreditaria que me encontro vivo, por mais que eu o dissesse; mas não será necessário provar nada disso; convinha-me muito, nessa ocasião, desaparecer do mundo; dei portanto um mergulho até à margem sombria, como diz o ilustre abade Delille, e tornei a aparecer debaixo de outro nome.

- Então como se chama agora? Cumpre não cometer alguma indiscrição.
- Chamo-me o barão Zanone, sou banqueiro genovês, e desconto as rendas dos príncipes; é um bom papel, não é assim? É no género do cardeal de Rohan. Mas por felicidade, nos meus empréstimos, não é o interesse que me domina. Bem sabe que a minha ciência, o meu coração e a minha bolsa hoje, como sempre, estão à sua disposição.

- Obrigado!
- Ah! Julga talvez que isso me seja sensível, por ter-me encontrado em trajo de operário? Oh! Não se admire disso; é um dos meus disfarces. Sabe as minhas idéias acerca da vida; é um longo carnaval, onde sempre se anda mais ou menos mascarado; em todo o caso, meu caro Gilberto, se alguma vez carecer de dinheiro, aqui tem nesta secretária a minha caixa particular, entende? A grande está em Paris, na rua de Saint-Claude. Portanto se tiver precisão de dinheiro, quer eu aqui esteja, quer não, pode entrar afoitamente; eu lhe ensinarei a abrir a porta pequena; olhe, aqui tem como se aperta a mola... Achará sempre à sua disposição, pouco mais ou menos, um milhão de francos.

Cagliostro apertou a mola, e a tampa da secretária abriu-se por si, deixando a descoberto um monte de ouro e muitos maços de notas do banco.

- O senhor, na verdade, é um homem prodigioso - disse rindo Gilberto; - mas, bem o sabe, com as minhas vinte mil libras de renda, ainda sou mais rico do que o próprio rei. Agora não receia que o incomodem em Paris?

- A mim! Por causa do negócio do colar? Ora adeus! No estado em que se acham os

espíritos, bastava que eu dissesse uma palavra para promover logo um tumulto. Esquece-se que sou um pouco amigo de tudo quanto é popular: de Lafayette, de Necker, do conde de Mirabeau e do senhor?

- O que veio fazer a Paris?
- Quem sabe? Talvez o que o senhor foi fazer aos Estados Unidos - uma república.

Gilberto meneou a cabeça.

- O espírito da França não é republicano – disse ele.
- Nós lhe daremos outro, e nada mais.
- O rei não cai.
- Pode ser.

- A nobreza há-de pegar em armas, e nesse caso, que fará o senhor?
- Não faremos uma república, faremos uma revolução.

Gilberto deixou pender a cabeça sobre o peito.

- Se chegarmos a esse ponto, José, o negócio será terrível - disse ele.
- Terrível, se encontrarmos no caminho muitos homens da sua força, Gilberto.
- Não sou valente - disse Gilberto; - sou honrado, e nada mais.
- Ai de mim! Isso é muito pior, Gilberto, e é por isso que desejava convencê-lo.
- Estou convencido.

- De que há-de opor-se à nossa obra?

- Pelo menos de que os faremos parar no caminho.

- Está louco, Gilberto; não compreende decerto a missão da França. A França é o cérebro do mundo; é necessário que a França pense, e que pense livremente, para que o mundo obre como ela há-de pensar também, livremente. Sabe quem derrubou a Bastilha, Gilberto?

- Foi o povo.

- Não me entende: toma o efeito pela causa. Durante quinhentos anos, meu amigo, encerraram na Bastilha muitos condes, muitos fidalgos, muitos príncipes, e a Bastilha sempre se conservou de pé. Veio um dia em que um rei teve a idéia de encerrar ali o pensamento, a quem é necessário o espaço, a extensão, o infinito; o pensamento fez estalar a Bastilha, e o povo entrou pela brecha.

- É verdade - murmurou Gilberto.

- Não se recorda do que escrevia Voltaire ao Sr. de Chauvelin, em 2 de Março de 1764, isto é, há quase vinte e sete anos?

- Diga.

- Escrevia:

“Tudo quanto vejo lança as sementes de uma revolução, que chegará infalivelmente, e que não terei a satisfação de presenciar. Os Franceses são tardios em se decidir; mas por fim decidem-se. A luz acha-se por tal modo espalhada, tão gradualmente, que na primeira ocasião brilhará ovante, e então que motim não haverá!

Os moços, esses são mais felizes; eles verão muitas e mui lindas coisas.»”

- O que diz do motim de ontem e de hoje, hem?

- Terrível!

- Que diz das coisas que tem visto?

- Espantosas!

- Pois bem, está apenas no começo do drama, Gilberto.

- Profeta de desgraça!

- Olhe, há três dias que estive em casa de um médico de grande mérito, um filantropo; sabe em que se entretém?

- Busca talvez um remédio para alguma moléstia que se repute incurável.

- Pois não! Busca curar, não da morte, mas da vida.

- Que quer dizer? Não o entendo.

- Quero dizer, pondo de parte o epigrama, que ele acha, tendo a peste, a cólera, a febre

amarela, as bexigas, as apoplexias fulminantes, quinhentas e tantas moléstias reputadas mortais, e mil e duzentas que o serão, se não forem bem tratadas; quero dizer que, tendo o canhão, a espingarda, a espada, o sabre, o punhal, a água e o fogo, a queda dos telhados, a forca, a roda, acha ele que ainda não são suficientes os meios de sair da vida, quando não há mais do que um para nela entrar; e inventa neste momento uma máquina engenhosíssima, que pretende oferecer à nação e com a qual a nação poderá dar morte a cinquenta, sessenta e oitenta pessoas em menos de uma hora. Pois bem, meu caro Gilberto, julga que quando um médico tão distinto, um filantropo, tão humano, o doutor Guillotin, enfim, se ocupa de semelhante máquina, se não deva reconhecer que a necessidade de uma tal máquina se fazia sentir, tanto mais, que eu a conhecia já e que por isso não era uma coisa nova, mas apenas desconhecida? A prova de que a conhecia está em que um dia, em que me encontrava em casa do barão de Taverney... É verdade, o senhor deve recordar-se disso, porque também lá estava; mas nesse tempo não tinha olhos senão para uma rapariguinha chamada Nicola. - A prova, dizia, é que a rainha, indo ali por acaso, ainda era simples delfina, ou por melhor dizer, ainda nem delfina era, a prova é que lhe fiz ver essa máquina dentro de uma garrafa de cristal, e que o objecto lhe causou tanto medo, que soltou logo um grande grito, perdendo os sentidos. Pois bem, meu caro, essa máquina, que nessa época ainda estava no limbo, se quiser vê-la funcionar, ela um dia destes é experimentada, nesse dia o farei prevenir, e, ou há-de ser cego, ou há-de reconhecer o dedo da Providência, que se lembrou de que tempo virá em que há-de haver muito trabalho, se se empregarem somente os meios ordinários, e que por isso se deve inventar um novo para o aliviar.

- Conde, conde, na América não era tão aterrador.

- Decerto! Na América estava eu no meio de um povo que se levanta. Em França estou no meio de uma sociedade que decai. Tudo caminha para o túmulo no nosso mundo encanecido, nobreza e realeza, e esse túmulo é um abismo.

- Oh! Abandono-lhe a nobreza, meu caro conde, ou antes a nobreza abandonou-se a si mesma na famosa noite de 4 de Agosto; mas salvemos a realeza; é o paládio da nação.

- Oh! Que grandes palavras esses, meu caro Gilberto! Porventura o paládio salvou Tróia? Salvemos a realeza! Julga que seria fácil salvar a realeza com semelhante rei?

- Mas, enfim, é o descendente duma grande raça.

- Sim, de uma raça de águias, que degeneraram em papagaios. Para que os utopistas, como o senhor, pudessem salvar a realeza, meu caro Gilberto, seria necessário, em primeiro lugar, que a realeza fizesse algum esforço para se salvar a si. Vejamos, em consciência, viu Luís XVI; vê-o muitas vezes, e o senhor não é homem que veja sem estudar; pois bem, vejamos, diga francamente: pode viver a realeza representada por um tal rei? É essa a idéia que faz de um *portaceptro*? Julga que Carlos Magno, S. Luís, Filipe Augusto, Francisco I, Henrique IV e Luís XIV tinham as carnes balofas, os lábios pendentes, aquela atonia nos olhos, aquela dúvida nas deliberações? Não, esses eram homens, havia neles seiva e sangue, muita vida debaixo do manto real; eles ainda se não tinham depravado pela transmissão de um único príncipe; é porque a mais simples noção médica foi desprezada por esses homens verdadeiramente míopes. Para conservar as espécies animais e até as vegetais numa dilatada juventude e num constante vigor, a natureza indicou por si mesma os cruzamentos das raças e a mistura das famílias. Do mesmo modo que o enxerto no reino vegetal é o princípio conservador da bondade e da beleza das espécies, também nos homens o casamento entre iguais mui chegados é uma causa da decadência dos indivíduos. A natureza sofre, desfalece e degenera quando muitas gerações se reproduzem com o mesmo sangue; pelo contrário, vivifica-se, regenera-se, robustece-se quando um princípio prolífico estranho e novo se introduz na concepção. Veja quem são os heróis que firmam as grandes raças, e quais são os homens frágeis que as terminam: veja Henrique III, o último dos Valois; veja Castão, o último dos Médicis; veja o cardeal de Iorque, o último dos Stuart; veja Carlos IX, o último dos Hapsbourgs; pois esta primeira causa da degeneração das raças, o casamento na família, que se faz sentir em todas as casas de que acabamos de falar, é ainda mais sensível na casa de Bourbon, do que em nenhuma das outras; deste modo, remontando-nos de Luís XV a

Henrique IV e a Maria de Médicis, acha-se que Henrique IV é cinco vezes o trisavô de Luís XV, e Maria de Médicis cinco vezes a sua trisavô: deste modo, remontando-nos a Filipe III de Espanha e a Margarida de Áustria, Filipe III é três vezes seu trisavô, e Margarida de Áustria três vezes sua trisavó. Eu, que nada mais faço do que calcular, assim calculei todas estas coisas. Sobre trinta e dois trisavós de Luís XV, encontram-se seis pessoas da casa de Bourbon, cinco da casa de Médicis, onze da casa de Áustria-Hapsbourg, três da casa de Sabóia, três da casa de Lorena, duas da casa de Baviera, um príncipe da casa dos Stuarts, e uma princesa dinamarquesa. Submeta o melhor cão de raça a esta prova, faça passar o mais famoso corcel de sangue por este cadinho, e à quarta geração terá um cão gozo e um sendeiro; como diabo quer então que soframos tudo isto, nós que não somos mais do que homens? O que diz do meu cálculo, doutor, o senhor que é matemático?

- Digo, caro feiticeiro - respondeu Gilberto levantando-se e pegando no chapéu - que o seu cálculo me assusta e me faz recordar cada vez mais de que o meu lugar é junto do rei.

Gilberto deu alguns passos para a porta.

Cagliostro deteve-o.

- Escute, Gilberto - lhe disse ele - o senhor sabe se, para lhe poupar uma dor, eu seria capaz de me expor a sofrer mil dores; pois bem, escute um conselho.

- Qual é?

- Que o rei se salve, que saia de França enquanto é tempo; daqui a três meses, daqui a seis, daqui a um ano, talvez já seja tarde.

- Conde - acudiu Gilberto - aconselharia o senhor um soldado a que abandonasse o seu posto, porque nele corresse perigo?

- Se esse soldado estivesse preso, desarmado, se não pudesse defender-se, se sobretudo a sua vida exposta pusesse em risco a vida de meio milhão de homens; sim, dir-lhe-ia que fugisse, e até o senhor mesmo o dirá ao rei, e o rei há-de querer então escutá-lo; mas já será muito tarde. Não espere pois para amanhã, diga-lho ainda hoje; não espere para esta noite; diga-lho daqui a uma hora.

- Conde, sabe que sou da escola fatalista. Aconteça o que acontecer, enquanto eu tiver alguma influência sobre o rei, não há-de sair de França e conservar-me-ei sempre ao lado dele. Adeus, conde; ver-nos-emos em combate, e talvez que durmamos ambos um a par do outro no campo de batalha.

- Vamos - murmurou Cagliostro - estará pois decretado que o homem, por mais inteligente que seja, não possa escapar ao seu mau destino?! Procurei-o só para lhe dizer o que acabo de dizer-lhe. Bem o ouviu: como a predição de Cassandra, a minha é inútil; adeus.

- Vejamos, francamente, conde - disse Gilberto, parando no limiar da sala e olhando fixamente para Cagliostro - tem aqui, como na América, a pretensão de me fazer acreditar que lê no rosto o futuro dos homens?

- Gilberto - redargüiu Cagliostro - tão certo como tu lês no Céu o caminho que descrevem os astros, ao passo que o comum dos homens os julga imóveis ou errantes ao acaso.

- Muito bem, mas... Bate alguém à porta.

- É verdade.

- Diga-me qual é a sorte de quem bate àquela porta, seja quem for; diga-me de que morte há-de morrer e quando morrerá.

- Pois sim - tornou Cagliostro - e vamos nós mesmos abrir, que já lho digo.

Gilberto dirigiu-se para a extremidade do corredor de que falámos, com um palpar de coração que lhe estava dizendo ser nele um grande absurdo tomar a sério aquele charlatanismo.

Abriu-se a porta.

Um homem de porte assaz distinto, bastante alto, e do qual o rosto era impregnado de uma forte expressão de vontade, assomou à porta lançando sobre o doutor Gilberto um olhar rápido, mas que não era isento de inquietação.

- Bons dias, marquês - disse Cagliostro.

- Bons dias, barão - respondeu o recém-chegado.
Depois, como Cagliostro observasse que não desfitava a vista de Gilberto, disse:
- Marquês, é o Sr. Dr. Gilberto, meu particular amigo. Meu caro Gilberto, é o Sr. marquês de Favras, um dos meus mais distintos clientes.
E ambos se saudaram.
- Marquês - disse ele - tenha a bondade de passar à sala, e de me esperar aí um instante.
O marquês saudou segunda vez, e passando por diante deles desapareceu.
- Então? - perguntou Gilberto.
- Quer saber de que morte morrerá o marquês? - perguntou-lhe Cagliostro.
- Não se obrigou a dizer-mo.
Cagliostro sorriu-se de um modo singular, e observando se poderia ser ouvido, perguntou:
- Nunca viu enforcar um fidalgo?
- Não.
- Pois como é um espectáculo curioso, vá o meu caro Gilberto à praça de Grève no dia em que enforcarem o nobre marquês de Favras.
E conduzindo Gilberto até à porta, acrescentou:
- Olhe, quando quiser vir a minha casa sem bater, sem ser visto e sem ver mais ninguém senão a mim, faça mover este botão da direita para a esquerda, e de baixo para cima... Assim. E adeus.
- Adeus.
- E desculpe-me, que não convém fazer esperar muito aqueles a quem pouco tempo resta de vida.
E retirou-se deixando Gilberto aturdido com aquela infalibilidade que podia excitar-lhe a admiração, mas nunca vencer nele a incredulidade.

V

As Tulherias

Durante este tempo, o rei, a rainha, toda a família real continuavam o seu caminho em direcção a Paris.

A jornada era vagarosa, demorada pelos guardas reais, que marchavam a pé, pelas regateiras de couraça montadas nos seus cavalos, pelos homens e mulheres das praças e dos mercados, assentados em carretas de artilharia cheias de fitas, pelas cem carruagens dos deputados, por algumas trezentas carroças carregadas de cereais e de farinhas trazidas de Versalhes e cobertas com os amarelados ramos do Outono, de sorte que só pelas seis horas é que a carruagem real, que continha tantas dores, tantos ódios, tantas paixões e tantas inocências, chegou à barreira.

O príncipe sentiu fome no caminho, e deu indícios de querer comer.

A rainha olhara em volta de si; nada havia mais fácil do que procurar um bocado de pão para o delfim; cada popular trazia um pão espetado na baioneta.

Procurou Gilberto com os olhos.

Gilberto, como sabemos, seguira Cagliostro.

Se Gilberto ali estivesse não hesitaria a rainha em pedir-lhe um bocado de pão para o delfim.

Mas não quis fazer esse pedido a nenhum daqueles populares que tanto odiava; de modo que, chorosa e apertando o delfim contra o peito, disse:

- Meu filho, não temos pão; espera até à noite, que talvez então o tenhamos.

O delfim estendeu a mãozinha para os homens que levavam pão nas pontas das baionetas, e disse:

- Aqueles homens levam pão, mamã.
- Sim, meu filho, mas aquele pão é deles; foram buscá-lo a Versalhes, porque segundo dizem, não o tinham há três dias em Paris.

- Pois há três dias que não têm comido, mamã?

A etiqueta exigia que o delfim tratasse sua mãe por senhora; mas o pobre menino fizera como faz o simples filho do pobre; e como tinha fome, chamava-lhe mãe.

- Não, meu filho - respondeu a rainha.

- Nesse caso - replicou o menino dando um suspiro - devem ter muita fome, coitadinhos!

Pobre filho de rei, que mais de uma vez, antes de morrer, devia, como acabava de fazer, pedir pão inutilmente!

Pararam de novo na barreira; desta vez não foi para descansar, mas para celebrar a chegada.

A chegada devia ser festejada por meio de cânticos e de danças.

Paragem singular! Quase tão ameaçadora na sua alegria, quanto as outras o tinham sido no seu terror.

Com efeito, as regateiras apearam-se dos cavalos, isto é, dos cavalos dos guardas, pendurando nos arções das selas os sabres e as clavinhas.

As mulheres e os carregadores desceram dois canhões, que se apresentaram na sua horrível nudez.

Formaram então uma roda que envolveu a carruagem do rei, separando-a da guarda nacional e dos deputados, emblema formidável do que mais tarde devia acontecer.

As pessoas que formaram a roda estavam possuídas das melhores intenções, e para mostrarem o seu júbilo à real família, cantavam, gritavam, berravam. Os homens abraçando os homens, as mulheres fazendo saltar as mulheres, como nas cínicas (*quermesses*) de Teniers.

Isto passava-se quase à noite, por um tempo sombrio e chuvoso, de sorte que a estrada, alumiada apenas por velas de artilharia e peças de artifício, tomava nas suas gradações de sombra e de luz uma cor fantástica, quase infernal.

Depois de meia hora de gritos, de clamores, de cânticos, de danças por cima da lama, o cortejo soltou um prolongado *hurra!* Quantos tinham uma espingarda carregada, homens, mulheres, e crianças, a descarregaram para o ar sem lhes importarem as balas, que tornando a cair por todos os lados, dir-se-iam um chuveiro de granizo.

As crianças choravam e tinham tanto medo, que já se não lembravam da fome.

Seguiram a linha do cais, e chegaram à praça da casa da câmara.

Via-se ali formado um quadrado, de tropa para impedir que outra qualquer carruagem que não fosse a do rei, outras quaisquer pessoas que não fossem as que pertenciam à família real ou à Assembléia Nacional, entrassem na casa da câmara.

A rainha avistou então Weber, o seu criado de confiança, o filho da sua ama, um austríaco, que viera com ela de Viena, e que fazia todos os esforços para entrar antes dela na casa da câmara.

Ela chamou-o.

Weber chegou-se logo.

Como vira em Versalhes que a guarda nacional tinha as honras do dia, a fim de se dar uma importância com que pudesse ser útil à sua rainha, vestira-se com o uniforme de guarda nacional, ao qual ajuntara as insígnias de oficial do estado-maior.

O estribeiro da rainha emprestara-lhe um cavalo para não despertar suspeitas pelo caminho, e Weber pusera-se de parte, na intenção de se aproximar se a rainha precisasse dele.

Conhecido e chamado por ela, correu imediatamente.

- Por que motivo queres tu entrar tão precipitadamente? - lhe perguntou a rainha, que conservara o costume de tratar Weber por tu.

- Para estar perto de Vossa Majestade, senhora.

- Ser-me-ás inteiramente inútil na casa da câmara - disse a rainha - quando noutra parte

me podes ser de maior utilidade.

- Onde, senhora?

- Nas Tulherias, meu caro Weber, nas Tulherias, onde ninguém nos espera, e onde, se não nos precederes, não acharemos nem uma cama, nem um quarto, nem um bocado de pão.

- Ah! - disse o rei - teve uma excelente idéia, senhora.

A rainha falara em alemão; o rei, que compreendia essa língua, sem a falar, respondera em inglês.

O povo também ouvira, mas não entendia aquela linguagem, a que tinha uma aversão instintiva, o que deu em lugar, em volta da carruagem, a um murmúrio prestes a tornar-se rugido, quando o quadrado se abriu diante da carruagem da rainha, e se tornou a fechar por detrás dela.

Bailly, uma das três popularidades da época, que já vimos na primeira viagem do rei, quando as baionetas das espingardas e as bocas dos canhões desapareciam por baixo dos ramos de flores, que na segunda viagem tinham totalmente esquecido, Bailly aguardava o rei e a rainha junto de um trono improvisado para os receber.

Trono pouco firme, pouco sólido, rangendo debaixo do veludo que o cobria, verdadeiro trono de ocasião.

O *maire* de Paris disse ao rei o mesmo que lhe dissera na sua primeira viagem.

O rei respondeu-lhe:

- É sempre com *prazer e confiança* que vejo os habitantes da minha cidade de Paris.

O rei falara baixo, com voz enfraquecida pela fadiga e pela fome, Bailly repetia a frase em voz alta, para que todos ouvissem, com a diferença que ou de propósito ou por descuido, esquecera-se de pronunciar a palavra *confiança*.

À rainha não lhe escapou esta falta.

O seu azedume sentia-se muito feliz em achar uma vereda por onde saísse.

- Perdão, Sr. Maire - disse ela bem alto, para que aqueles que a rodeavam não perdessem uma única palavra da frase - ou entendeu mal, ou a sua memória é muito fraca.

- Que diz, senhora? - balbuciou Bailly voltando sobre a rainha aquele olhar de astrónomo, que tão bem via no Céu, e que tão mal via na Terra.

Qualquer revolução, no nosso país, tem o seu astrónomo, e sobre o caminho desse astrónomo cava traiçoeiramente o poço onde ele deve cair.

A rainha replicou:

- Senhor, o rei disse que era com *prazer e confiança* que via os habitantes da sua boa cidade de Paris. Ora, como alguém pode duvidar de que ele venha com prazer, cumpre que se saiba, pelo menos, que vem *com confiança*.

Depois subiu os três degraus do trono, assentando-se ao lado do rei, para ouvir os discursos dos eleitores.

Durante este tempo, Weber, diante de cujo cavalo se abria a multidão, graças ao seu uniforme de oficial do estado-maior, chegara ao palácio das Tulherias.

Desde muito tempo que o alojamento real das Tulherias, como outrora lhe chamavam, alojamento mandado construir por Catarina de Médicis, pouco tempo habitado por ela, e abandonado depois por Carlos IX, por Henrique III, por Henrique IV, por Luís XIII, para darem preferência ao Louvre; por Luís XIV, por Luís XV e por Luís XVI para residirem em Versalhes, não era mais do que uma espécie de filial do palácio, no qual habitavam pessoas da corte, mas onde talvez nem o rei nem a rainha tivessem entrado.

Weber visitou todos os quartos, e conhecendo os costumes do rei e da rainha, escolheu o que habitava a condessa de La Mark, irmã dos marechais de Noailles e de Mouchy.

A ocupação deste alojamento, que a senhora de La Mark imediatamente abandonou, tinha alguma coisa de bom, porque estava inteiramente pronto para receber a rainha, abundando em móveis, roupa, tapetes e cortinas, que Weber comprou.

Pelas dez horas ouviu-se o ruído da carruagem de Suas Majestades, que entrava.

Tudo estava pronto; e correndo ao encontro de seus augustos amos, Weber gritou:

- Sirvam el-rei.

O rei, a rainha, a princesa real, o delfim, a infanta Isabel e Andréa efectuaram a sua entrada.

O Sr. conde de Provença tinha voltado ao castelo de Luxemburgo.

O rei voltou com inquietação os olhos para todos os lados; mas entrando no salão, divisou uma porta entreaberta, que deitava para uma galeria, no fim do qual se via uma ceia completamente servida.

Abriu-se a porta de repente, aparecendo logo um oficial de serviço, que disse:

- El-rei está servido!

- Ah! Que homem de recursos é este Weber! - disse o rei com uma exclamação de alegria; - dir-lhe-á da minha parte, senhora, que estou mui satisfeito com ele.

- Assim o farei, senhor - respondeu a rainha.

E com um fundo suspiro, que correspondia à exclamação prazenteira do rei, entrou na sala de jantar.

Os talheres do rei, da rainha, da princesa real, do delfim e de Isabel estavam prontos.

Não havia talher para Andréa.

O rei, apertado pela fome, não notara essa omissão, que de resto nada tinha de ofensiva, porque era feita segundo as leis da mais estrita etiqueta.

Mas a rainha, a quem nada escapava, percebeu-a logo.

- El-rei há-de permitir que a condessa de Charny ceie na nossa companhia, não é assim, senhor?

- Pois não! - exclamou o rei - hoje comemos em família, e a condessa também é da família.

- Senhor - disse a condessa - é uma ordem que Vossa Majestade me dá?

O rei olhou para ela com admiração.

- Não, condessa - respondeu ele - é um pedido que o rei lhe faz.

- Nesse caso - acudiu ela - peço a Vossa Majestade se digne dispensar-me; não tenho vontade de comer.

- Como! Não tem vontade de comer! - exclamou o rei, que não compreendia como era possível não ter vontade de comer às dez horas da noite, depois de uma jornada tão fatigante, e estando sem comer desde as dez horas da manhã, hora a que tão mal tinham almoçado.

- Não, meu senhor - tornou Andréa.

- Nem eu tão-pouco - disse a rainha.

- Nem eu tão-pouco, disse a infanta Isabel.

- Oh! Não fazem bem - tornou o rei; - do bem-estar do estômago depende o bem-estar do resto do corpo até do espírito; existe a este respeito uma fábula de Tito-Lívio, imitada por Shakespeare e Lafontaine, sobre a qual as convindo a meditar.

- Bem a sabemos, senhor - acudiu a rainha; - é uma fábula que disse num dia de revolução o velho Menécio ao povo romano; nesse dia o povo romano estava sublevado, como hoje está o povo francês: tem pois razão: sim, essa fábula vem muito a propósito nas actuais circunstâncias.

- Então! - disse o rei apresentando o prato para que lhe servissem mais cozido - a semelhança histórica não a decide, condessa?

- Não, meu senhor, e sinto dizer a Vossa Majestade, que quando quisesse obedecer-lhe, não poderia fazê-lo.

- Não tem razão, condessa, este cozido está delicioso; por que motivo é esta a primeira vez que assim mo servem?

- Porque tem um cozinheiro novo, o da condessa de La Mark, cujos quartos ocupamos.

- Tomo-o para o meu serviço, e desejo que faça parte da minha casa. Este Weber é na verdade um homem milagroso! - disse o rei.

- É verdade - murmurou tristemente a rainha; - é uma desgraça que não possa ser nomeado ministro.

O rei não ouviu, ou não quis ouvir; somente, como visse Andréa, de pé e muito pálida, ao passo que a rainha e a infanta Isabel, conquanto não comessem mais do que Andréa, estavam assentadas à mesa, voltou-se para a condessa de Charny e disse:

- Condessa, se não tem vontade de comer, não dirá ao menos que não está cansada. Se recusa comer, não recusará dormir.

Depois disse à rainha:

- Senhora, peço-lhe que dê licença à Sr^a. condessa para se retirar; que o sono supra a comida.

E tornando a voltar-se para a mesa:

- Espero que não aconteça o mesmo com a cama da Sr^a. condessa como aconteceu com o talher; julgo que não se esqueceriam de lhe aprontar um quarto.

- Oh! Senhor - disse Andréa - como quer que se ocupem de mim no meio de tanta barafunda; basta-me uma cadeira.

- Nada, nada - acudiu o rei; - dormiu pouquíssimo, ou talvez nada; portanto é necessário que durma bem esta noite; a rainha não só precisa das suas forças, mas também das dos seus amigos.

Durante este tempo entrou o criado que se fora informar.

- O Sr. Weber - disse ele - sabendo do favor com que a rainha honra a Sr^a. condessa, julgou entrar nas intenções de Sua Majestade mandando reservar para a Sr^a. condessa um quarto junto ao de sua Majestade a rainha.

A rainha estremeceu, lembrando-se que, não havendo mais do que um quarto para a condessa, era natural que esse quarto fosse para a condessa e para o conde.

Andréa notou o calafrio que percorrera as veias de Maria Antonieta.

Nenhuma das sensações que cada uma daquelas mulheres sentia, deixava de ser reciprocamente observada.

- Por esta noite, mas só por esta noite - disse ela - aceitarei, minha senhora. O quarto de Vossa Majestade é demasiadamente restrito para que eu aceite um cómodo que necessariamente há-de incomodá-la; é provável que no sótão do palácio haja um cantinho para mim.

A rainha balbuciou algumas palavras ininteligíveis.

- Condessa - disse o rei - tem razão, amanhã tudo se arranjará, e alojar-se-ão o melhor que for possível.

A condessa saudou respeitosamente o rei, a rainha e a infanta Isabel, saindo logo precedida por um criado.

O rei seguiu-a um momento com os olhos, conservando o garfo imóvel na altura da boca.

- É na verdade uma interessante criatura esta mulher - disse ele; - quanto não é feliz o conde de Charny por haver encontrado na corte semelhante fénix!

A rainha encostou-se ao respaldo da cadeira para disfarçar a palidez, não ao rei, que decerto não a veria, mas sim à infanta, que podia assustar-se.

Sentia-se quase desfalecer!

VI

As quatro velas

Assim que os meninos comeram, a rainha pediu licença ao rei para se retirar para o seu quarto.

- Com muito gosto, senhora--tornou-lhe o rei - por isso que deve estar fatigada.

A rainha saiu, levando consigo os dois filhos.

O rei ficou à mesa para concluir a ceia: a infanta Isabel, em quem em certas ocasiões nem a vulgaridade do rei podia alterar a dedicação, deixou-se ficar junto dele para lhe prestar os desvelos que escapam aos criados, por mais vigilantes que sejam.

A rainha respirou mais livremente logo que se viu no seu quarto; nenhuma das damas a acompanhara; todas tinham ficado em Versalhes até nova ordem.

Ocupou-se pois de procurar um largo canapé ou uma boa poltrona onde dormisse, contando deitar os filhos na cama que lhe fora destinada.

O delfim já dormia. Apenas satisfez o apetite que o devorava, deixara-se adormecer.

A princesa real não dormia, e se fosse necessário velaria toda a noite. Tinha muito a peito o sossego da rainha, por isso, deitando o príncipe num sofá, tanto ela como a rainha trataram de procurar o que precisavam.

A rainha aproximou-se de uma porta; ia abri-la quando do outro lado da mesma porta sentiu um ligeiro suspiro; escutou, e ouviu outro suspiro; abaixou-se então até à altura da fechadura, e pelo buraco viu a pobre Andréa de joelhos numa cadeira baixa e orando.

Recuou então nos bicos dos pés sem desviar a vista da porta, com uma expressão pungente e dolorosa.

Em frente daquela porta havia outra, que a rainha abriu, deparando-se-lhe um gabinete alumiado apenas por uma lamparina, a cuja luz descobriu, num sobressalto de júbilo, duas camas tão frescas e tão brancas como dois altares: o coração dilatou-se-lhe então e uma lágrima ardente, cheia de reconhecimento se lhe deslizou das pálpebras.

- Oh! Weber! - murmurou ela - a rainha disse ao rei que era uma infelicidade não te poder nomear ministro, mas a mãe diz-te que mereces ainda mais do que isso!

E como o delfim dormisse, quis obrigar a princesa real a deitar-se; mas esta, com o respeito que sempre tivera por sua mãe, pediu-lhe licença para ajudá-la a despir, para por sua vez poder deitar-se também.

A rainha sorriu tristemente: a filha pensava que ela pudesse dormir depois de uma noite tão dolorosa, depois de um dia de humilhações. Deixou-a nessa grata ilusão.

Principiaram pois por deitar o delfim; depois, segundo o seu costume, a princesa pôs-se de joelhos e fez as suas orações junto do leito.

- Parece-me que rezas hoje mais do que de ordinário, Teresa - disse a rainha à jovem princesa.

- É porque meu irmão deixou-se adormecer sem rezar, pobre menino! - acrescentou ela; - e como todas as noites tenho por costume rezar pela rainha e pelo rei, quis rezar também por ele, para que nada falte no que temos a pedir a Deus.

A rainha apertou-a contra o coração. A fonte de lágrimas, que tinham já aberto os cuidados do bom Weber, avivada pela piedade da princesa, precipitou-se-lhe dos olhos impetuosa e ardente.

Ficou de pé e imóvel junto do leito da filha querida, como o anjo da maternidade, até ao momento em que viu fecharem-se os olhos da jovem princesa, e em que sentiu afrouxarem-se-lhe os músculos das mãos, que apertavam as suas com tão terno e tão profundo amor filial.

Pousou-lhas então docemente ao lado do corpo, cobriu-as com o lençol, para que não sentissem frio se acaso o quarto viesse a arrefecer durante a noite, e dando depois na fronte adormecida da futura mártir um beijo ligeiro como um sopro, e doce como um sonho, retirou-se para o seu quarto.

O quarto era alumiado por um candelabro com quatro velas, colocado sobre uma mesa.

A mesa estava coberta com um pano escarlate.

A rainha foi assentar-se junto dela e com os olhos fixos deixou cair os punhos fechados, sem ver outro objecto que não fosse o mesmo tapete que tinha diante de si.

Duas ou três vezes meneou a cabeça à vista daquele sangrento reflexo: afigurava-se-lhe que os olhos se lhe inundavam de sangue, que as fontes palpitavam febris, e que os ouvidos zumbiam.

Depois, como por entre um nevoeiro, toda a sua vida deslizou diante dela.

Recordava-se que nascera em 2 de Novembro de 1755, dia do terremoto de Lisboa, que matara mais de cinquenta mil pessoas e derrubara duzentas igrejas.

Recordava-se que no primeiro quarto onde dormira em Estrasburgo, representava a tapeçaria a morte dos Inocentes; e nessa mesma noite, à luz vacilante de uma lamparina, se lhe afigurara ver que o sangue corria das feridas daquelas pobres criancinhas, ao passo que os rostos dos assassinos tomavam uma expressão tão terrível, que, assustada, bradara por socorro, e ordenara que logo ao romper da alva saíssem sem falta daquela cidade, que devia deixar-lhe tão triste recordação da primeira noite que passara em França.

Recordava-se que, continuando a seguir para Paris, havia parado em casa do barão de Taverney, onde pela primeira vez encontrara aquele miserável Cagliostro, que depois do negócio do colar tivera uma terrível influência sobre o seu destino, e que naquela paragem, tão presente à sua memória, que parecia que este acontecimento se realizara na véspera, apesar dos vinte anos que eram decorridos, esse Cagliostro instara com ela para que visse dentro de uma garrafa de cristal alguma coisa de aparência monstruosa, uma máquina de morte terrível e desconhecida, e por baixo dessa máquina uma cabeça rolando separada de um tronco, e essa cabeça decerto não era outra senão a sua.

Recordava-se que a Sr^a. Lebrun fizera o seu retrato, retrato encantador de uma jovem dama ainda bela e feliz, e dera a esse retrato, decerto sem a menor intenção, mas presságio terrível, a mesma atitude que a rainha de Inglaterra, mulher de Carlos I, tem no seu retrato.

Recordava-se que no dia em que pela primeira vez entrou em Versalhes, no momento em que acabava de descer da carruagem, pusera o pé sobre o fúnebre pavimento desse pátio de mármore, onde na véspera tanto sangue corra, e sentira um grande trovão no momento em que caía um raio, que sulcara o ar do seu lado esquerdo, e tudo isto de um modo tão assustador, que o marechal de Richelieu, que não era susceptível de se assustar, meneara de súbito a cabeça dizendo: “Mau presságio!”

E de tudo isto se recordava ela, vendo redemoinhar diante dos olhos esse vapor avermelhado, que lhe parecia tornar-se cada vez mais espesso.

Esta espécie de deslumbramento era tão sensível, que a rainha, erguendo os olhos para o candelabro, viu que, sem motivo algum, acabava de se apagar uma das velas.

Estremeceu, a vela ainda fumegava, e nada inculcava qual fosse a causa daquela extinção.

Enquanto examinava o candelabro com admiração, parecia que a vela próxima se amortecia insensivelmente, e que a pouco e pouco a chama de branca se tornava vermelha, e de vermelha azulada; depois essa mesma chama se animava, se engrandecia, parecia separar-se do pavio, e finalmente, via-se balancear um instante como agitada por um sopro invisível, até extinguir-se de todo.

A rainha observara com os olhos espantados a agonia daquela vela: o peito arfava-lhe cada vez mais; com as mãos estendidas aproximava-se do candelabro, à medida que a vela se extinguia; e finalmente, depois que de todo se extinguiu, fechara os olhos, encostara-se à poltrona, e passara as mãos pela testa inundada de suor. Assim se conservara pelo espaço de dez minutos, pouco mais ou menos, e quando abriu os olhos, observara com horror que a luz da terceira vela principiava a alterar-se, como acontecera com as duas primeiras.

Maria Antonieta julgou a princípio que era um sonho, e que se achava sob o peso de alguma alucinação fatal; quis levantar-se, mas pareceu-lhe que estava encadeada à poltrona; quis chamar pela infanta, que dez minutos antes não acordaria por outra coroa; mas a voz extinguiu-se-lhe na garganta; quis também voltar a cabeça, mas ficou fixa e imóvel, como se a terceira vela expirante atraísse a si o seu olhar e ia sua respiração. Finalmente, do mesmo modo que a segunda mudara de cor, a terceira por outra forma, empalideceu, alongou-se, flutuou da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, até que de todo se apagou.

Então o susto obrigou-a a fazer um tal esforço, que sentiu recobrar a fala, e ajudada por ela procurou adquirir de novo a coragem que lhe faltava.

- Pouco me importa - disse ela em voz alta - o que acaba de acontecer às três velas; mas se a quarta se apagar como as outras, oh! Então desgraçada de mim!

De repente, sem passar pelas mesmas fases por que tinham passado as outras, sem que a

chama mudasse de cor, sem que parecesse dilatar-se, nem oscilar, como se a asa da morte a tocara de passagem, a quarta vela apagou-se também.

A rainha soltou um grito agudo, levantou-se, deu duas voltas sobre si, estendeu os braços na obscuridade, e caiu sem sentidos.

No momento em que o baque do corpo ecoou sobre o pavimento, abriu-se a porta de comunicação, e Andréa, coberta com um penteador de cambraia, assomou ao limiar, branca e silenciosa como uma sombra.

Parou um momento, como se no meio da obscuridade visse passar como que uma sombra; prestou o ouvido, como se ouvisse agitar-se no ar as pregas de um sudário.

Depois, abaixando os olhos, pôde descobrir a rainha estendida sobre o solo sem movimento.

Recuou um passo, como se o primeiro movimento fosse fugir; porém dominando-se, sem proferir uma única palavra sem perguntar à rainha (o que seria inútil) o que tinha, levantou-a nos braços, e com uma força de que a julgariam incapaz, guiada unicamente por duas velas que alumiaavam o seu quarto, e cujo clarão se prolongava através da porta até ao quarto da rainha, conseguiu deitá-la na cama.

Depois tirou da algibeira um frasquinho de espírito, que chegou ao nariz de Maria Antonieta.

Apesar da eficácia do espírito, o delíquio era tão profundo, que só passados dois minutos soltou um suspiro.

A este suspiro, que anunciava a existência da sua soberana, Andréa quis ainda retirar-se; mas desta vez, como da primeira, o sentimento do dever, tão poderoso nela, ainda a deteve.

Somente desviou o braço que sustinha a cabeça de Maria Antonieta, a fim de a preservar de alguma gota de espírito corrosivo, que podia ofender-lhe o rosto ou o peito.

O mesmo movimento lhe fez desviar o braço que tinha o frasquinho.

Mas a cabeça caiu então sobre o travesseiro; não cheirando já o frasquinho, a rainha parecia mergulhada num delíquio ainda mais profundo do que o primeiro.

Andréa, sempre fria, quase imóvel, tornou a levantar-lhe a cabeça, e aproximou-lhe de novo o frasquinho, que produziu o seu efeito.

Um ligeiro estremecimento percorreu o corpo da rainha, suspirou, abriu os olhos, reuniu as suas idéias, recordou-se do horrível presságio, e vendo uma mulher ao pé de si, lançou-lhe os braços ao pescoço, exclamando:

- Oh! Defenda-me! Salve-me!

- Vossa Majestade não carece que a defendam, visto que se encontra no meio dos seus amigos - respondeu Andréa - e julgo-a livre do delíquio em que caiu.

- A condessa de Charny! - exclamou a rainha, deixando Andréa, que tinha abraçada e que no primeiro movimento quase repelira.

Nem este movimento nem o sentimento que o inspirara tinham escapado a Andréa.

Mas, no primeiro momento, ficara imóvel até à impassibilidade.

E recuando depois um passo, perguntou:

- Vossa Majestade quer que a ajude a despir?

- Não, condessa, obrigada - respondeu a rainha com voz alterada - despir-me-ei só; volte para o seu quarto; deve ter necessidade de descanso.

- Voltarei para o meu quarto, não para descansar, senhora - respondeu Andréa - mas para velar o sono de Vossa Majestade.

E depois de a saudar respeitosamente, retirou-se com esse passo lento e solene que seria o das estátuas, se as estátuas andassem.

VII

A estrada de Paris

Na mesma noite em que ocorreram os acontecimentos que acabamos de referir, outro acontecimento não menos grave pusera em rumor todo o colégio do abade Fortier.

Sebastião Gilberto desaparecera pelas seis horas da tarde, e à meia-noite, apesar das buscas minuciosas que se fizeram por toda a casa, executadas pelo mesmo abade Fortier e pela senhora Alexandrina Fortier, sua irmã, não tinha aparecido.

Informavam-se de todos, mas ninguém dava notícias dele.

Só a tia Angélica, que saía da igreja, onde fora arranjar as suas cadeiras, pelas oito horas da noite, julgava tê-lo visto seguir pela pequena rua que passa por entre a igreja e a prisão, e aproximar-se, correndo, do picadeiro.

Esta notícia, em lugar de sossegar o abade, aumentara a sua inquietação; não ignorava as estranhas alucinações que às vezes se apoderavam de Gilberto, quando essa mulher a quem chamava mãe, lhe aparecia, e mais de uma vez no passeio, o abade, que estava prevenido dessa espécie de vertigem, o seguira com os olhos quando o vira penetrar demasiadamente nos bosques, e no momento em que receava vê-lo desaparecer, enviara em seu seguimento os melhores andarilhos.

Estes encontravam o rapaz palpitante, quase sem sentidos, encostado a alguma árvore, ou deitado ao comprido na relva, tapete verdejante daquelas magníficas matas.

Mas nunca essas vertigens o atacavam de noite; nunca, durante ela, havia necessidade de correr atrás dele.

Era pois indubitável que alguma coisa extraordinária tivera acontecido; mas o abade Fortier, por mais que torturasse a cabeça, não podia adivinhar o que fosse.

Para chegar a um resultado mais feliz do que o do abade Fortier, seguiremos Sebastião Gilberto, por isso que sabemos aonde foi.

A tia Angélica não se tinha enganado; era com efeito Sebastião Gilberto que vira esgueirando-se por entre as sombras, e correndo a passos largos pela parte do parque, a que chamam terraço.

Chegando ao terraço, passou junto da faisandaria, local onde se criam os faisões; depois, saindo dali, metera-se ao caminho que conduz em linha recta a Haramont.

Em três quartos de hora, chegara à aldeia.

Uma vez que sabemos que o alvo da correria de Sebastião era a aldeia de Haramont, não nos será difícil saber quem fora procurar nessa aldeia.

Sebastião fora procurar Pitou, por isso que ele, como todos se recordarão, em seguida ao festim que fizera a guarda nacional de Haramont, depois de ter ficado de pé, como os antigos gladiadores, quando todos os outros tinham sido esmagados, deitou a correr atrás de Catarina, e também todos se hão-de lembrar, que só a encontrara desmaiada no caminho de Villers-Cotterets a Pisseleux, conservando apenas o calor do derradeiro beijo que lhe dera Isidoro.

Pitou, na simplicidade do seu viver, julgava não ter precisão de fechar a porta, quer estivesse em casa, quer não; mas ainda que tivesse por costume fechá-la escrupulosamente, naquela noite estava tão preocupado, que decerto teria esquecido essa precaução.

Sebastião conhecia o tugúrio de Pitou, como conhecia o seu; procurou isca e pederneira, achou a faca que servia de fuzil a Pitou, feriu lume, acendeu a vela e esperou.

Mas Sebastião estava muito agitado para esperar sossegado, e sobretudo para esperar muito tempo.

Ia incessantemente da chaminé à porta, da porta à esquina da rua; depois, como a irmã Ana, que nada via chegar, voltava para a cabana a fim de se assegurar que Pitou, durante a sua ausência, não tinha chegado.

Finalmente, vendo que o tempo se passava debalde, aproximou-se de uma mesa já coxa, na qual havia penas, tinta e papel.

Na primeira página daquele papel estavam escrupulosamente inscritos os nomes, pronomes e a idade dos trinta e três homens que formavam o efectivo da guarda nacional de

Haramont, e que marchavam debaixo das ordens de Pitou.

Tirou com o maior cuidado essa primeira folha, obra-prima da caligrafia do comandante, que, para que o trabalho fosse mais bem feito, não se envergonhava de descer algumas vezes ao posto de furriel.

Depois escreveu o seguinte na segunda:

“Meu caro Pitou

Vim aqui para te dizer, que ouvi, há oito dias, uma conversação entre o Sr. abade Fortier e o vigário de Villers-Cotterets; parece que o abade Fortier tem certas convivências com os aristocratas de Paris, e dizia que se preparava em Versalhes uma contra-revolução.

É o que depois soubemos, a respeito da rainha, que pôs o laço preto, e calçou aos pés o laço tricolor.

Esta ameaça de contra-revolução, e o que depois soubemos acerca dos acontecimentos que se seguiram ao banquete, inquietou-me bastante a respeito de meu pai, que, como sabes, é inimigo dos aristocratas; mas esta noite, meu caro Pitou, ainda a coisa foi muito pior.

O vigário foi outra vez visitar o cura; e como eu estava com cuidado em meu pai, julguei que não faria mal em escutar de propósito o resto daquilo que ouvira por acaso noutro dia.

Parece, meu caro Pitou, que o povo se dirigiu a Versalhes, e matou muitas pessoas, e entre elas o Sr. Jorge de Charny.

O abade Fortier acrescentava:

- Falemos baixinho, para não incomodar o Gilberto, cujo pai estava em Versalhes, e podia ser morto com os outros.

Bem deves ver, caro Pitou, que não esperei um momento.

Saí sorrateiramente do meu esconderijo, sem que ninguém me sentisse, tomei pelo jardim, achei-me na praça do castelo, e deitei a correr para aqui, a fim de te pedir, meu caro Pitou, que me acompanhasses a Paris, o que não deixarias de fazer da melhor vontade, se estivesses em casa.

Mas como não estás, como podes tardar, porque provavelmente foste à floresta de Villers-Cotterets à caça das lebres; como nesse caso só chegarás de madrugada, o meu receio cresce cada vez mais, e não posso esperar tanto tempo.

Portanto parto só; fica descansado, que sei o caminho, e demais, do dinheiro que meu pai me deu, ainda me restam dois luíses, que me habilitam a tomar um lugar na primeira diligência que encontrar no caminho.

Sebastião”

“P. S. Fiz esta carta muito extensa; em primeiro lugar para te explicar o motivo da minha partida e em segundo porque sempre esperava que voltasses antes de a concluir.

Concluí-a, e tu não voltaste; vou partir; adeus, ou antes até à vista; se nada aconteceu a meu pai, e se ele não correr risco, voltarei.

Quando não, estou decidido a pedir-lhe com instância que me conserve junto dele.

Sossega o abade Fortier sobre a minha partida; mas sobretudo tranquiliza-o somente amanhã, a fim de que já não tenha tempo de correr no meu encalço.

Decididamente vou partir, uma vez que não te vejo chegar.

Adeus, ou antes até à vista.”

Dizendo isto, Sebastião Gilberto, que conhecia quanto era económico o seu amigo Pitou, apagou a vela, correu à porta, e partiu.

Dizer que Sebastião Gilberto não estava algum tanto comovido empreendendo de noite tão longa viagem, seria mentir; mas essa comoção não era a mesma que sentiria outro qualquer rapaz, a do medo: era pura e simplesmente o sentimento completo da acção que empreendia, a qual era uma desobediência às ordens do pai, se bem que fosse ao mesmo tempo tão grande prova de amor filial, que todos os pais não deixariam de perdoar essa desobediência.

Além de que, Gilberto tinha crescido muito desde que nos não ocupamos dele; um pouco

pálido, um pouco débil, um pouco nervoso para a sua idade, Gilberto ia fazer quinze anos. Nessa idade, com o temperamento de Sebastião, e sendo filho de Gilberto e de Andréa quase que se podia considerar um homem.

Sebastião, sem outro sentimento além dessa comoção inseparável da acção que cometia, deitou a correr em direitura a Largny, que em breve descobriu ao pálido clarão das estrelas, como diz o velho Corneille.

Seguiu a vila, passou a grande barreira que vai daquela até Vauciennes e que serve de caixilho aos lagos de Walue; em Vauciennes, deparou-se-lhe a estrada real, pela qual foi seguindo sossegadamente.

Além disso, Sebastião, que era moço de muito juízo, e que falando latim, fora de Paris a Villers-Cotterets em três dias, sabia perfeitamente que se não volta a Paris numa só noite.

Desceu portanto a passo a primeira, subiu a segunda montanha de Vauciennes, e chegando depois a um terreno plano, foi caminhando um pouco mais depressa.

Talvez que esta precipitação no caminhar de Sebastião fosse excitada pela aproximação de um péssimo desfiladeiro, que se encontra no caminho, e que naquela época passava por ser uma emboscada, hoje completamente perdida. Este desfiladeiro, chama-se a *Fonte de água clara*, por isso que um límpido manancial corre a vinte passos de dois rochedos que, semelhantes a dois antros do inferno, abrem suas fauces sombrias aos viandantes.

Se Sebastião teve ou não medo, atravessando aquele sítio, é o que ninguém poderá dizer, por isso que ninguém lhe viu apressar o passo: podendo passar pelo lado oposto do caminho, não se desviou nem uma só polegada do principal, apressou o passo um pouco mais adiante, mas provavelmente porque chegou a uma pequena subida, e também ao ponto onde se reúnem as duas estradas de Paris e de Cressy.

Todavia, chegando ali, parou de repente; quando fora de Paris não tinha notado o caminho que seguira; voltando a Paris ignorava qual deveria seguir.

Seria o da esquerda ou o da direita?

Ambos eram guarnecidos de árvores iguais; ambos calçados igualmente.

Não estava ali ninguém que pudesse responder à pergunta de Gilberto.

As duas estradas, partindo do mesmo ponto, desviam-se logo uma da outra; resultando daqui que se Gilberto, em lugar de tomar por aquela que lhe convinha, tomasse a contrária, achar-se-ia na madrugada do seguinte dia muito distante do seu verdadeiro caminho.

Parou, portanto, indeciso.

Procurou algum indício que o ajudasse a reconhecer qual era a estrada que já seguira; mas este indício, que não teria encontrado de dia, mal podia encontrá-lo em plena escuridão.

Acabava de se assentar, desanimado, no ângulo das duas estradas, tanto para descansar, como para reflectir, quando se lhe afigurou ouvir ao longe, do lado de Villers-Cotterets, o galopar de um ou dois cavalos.

Levantou-se, apurando o ouvido.

Não se enganava; o ruído das ferraduras dos cavalos aproximava-se cada vez mais, tornava-se mais distinto.

Gilberto ia pois colher os precisos esclarecimentos que tanto desejava.

Disponha-se a fazer parar os cavaleiros quando passassem, e pedir-lhes esclarecimentos.

Em breve pôde enxergar-lhes a sombra no meio da escuridão da noite, ao passo que debaixo das férreas patas dos cavalos se espargiam inumeráveis centelhas; levantando-se então de todo, atravessou o fosso e esperou.

A cavalgada compunha-se de dois homens, que galopavam a três passos de distância um do outro.

Gilberto pensou que o primeiro era o amo e o segundo o criado.

Deu pois três passos para se dirigir ao primeiro.

Este, vendo surgir um homem dentre o feno, e julgando ser alguma emboscada, levou a mão aos coldres.

Sebastião viu este movimento e disse:

- Senhor, não sou ladrão; sou um pobre rapaz a quem os últimos acontecimentos de Versalhes chamam a Paris, a fim de procurar meu pai, e não sei qual destas duas estradas devo seguir; tenha a bondade de me indicar qual delas me conduz a Paris; é tudo quanto lhe suplico.

A distinção das palavras de Sebastião, a sua voz juvenil, que parecia não ser desconhecida ao cavaleiro, fez que, apesar de tão apressado como parecia, fizesse parar o cavalo.

- Meu filho - perguntou ele com benevolência - quem é e como se arrisca a tais horas em semelhante estrada?

- Não lhe pergunto quem é, senhor, só lhe peço que me indique o caminho que devo seguir para saber se meu pai é morto ou vivo.

Havia nesta voz, quase infantil, um acento de firmeza e denodo, que muito impressionou o cavaleiro.

- Amigo - disse ele - a estrada de Paris é a mesma que nós seguimos; eu mesmo não a conheço bem, porque apenas tenho ido a Paris duas vezes; mas nem por isso deixo de conhecê-la.

Sebastião inclinou-se agradecendo.

Os cavalos careciam de resfolegar; o cavaleiro, que parecia o amo, seguiu de novo a sua carreira, porém menos aceleradamente.

O criado também o seguiu, e perguntou:

- O Sr. visconde não conheceu bem aquele rapaz?

- Não; mas parece-me...

- Pois quê, o Sr. não conheceu Sebastião Gilberto, pensionista do abade Fortier?

- Sebastião Gilberto?

- Sim, senhor, aquele que de tempos a tempos aparecia na granja da menina Catarina, em companhia de Pitou.

- Tens razão, agora me recordo.

Depois, fazendo parar o cavalo, e voltando-se, perguntou:

- É Sebastião?

- Sou, sim, Sr. Isidoro - respondeu o rapaz, que conhecera perfeitamente o cavaleiro.

- Então aproxime-se, meu amigo - disse o cavaleiro - e diga-me, por que se encontra sozinho nesta estrada e a estas horas?

- Já lho disse, Sr. Isidoro, vou a Paris para me certificar se meu pai foi morto ou se ainda vive.

- Ai, meu pobre amigo - exclamou Isidoro com profundo sentimento de tristeza - também eu vou a Paris por motivo igual, a diferença é que já não vou em dúvida!

- Seu irmão?...

- Um deles, meu irmão Jorge, foi morto ontem pela manhã em Versalhes.

- Oh! Sr. de Charny!

Sebastião fez um movimento para diante, estendendo as mãos para Isidoro.

Este, tomando-as entre as suas, apertou-as dizendo:

- Pois bem, meu amigo, uma vez que a nossa sorte é quase igual, cumpre que não nos separemos nunca: deve ter desejos de chegar a Paris quanto antes.

- Oh! Se tenho!

- Mas poderá ir a pé?

- Iria bem a pé, mas é muito longe, e por isso tenciono amanhã tomar um lugar na primeira diligência que encontrar no caminho na direcção de Paris.

- E se não a encontrar?

- Irei a pé.

- Tome outro arbítrio melhor, meu amigo; monte na garupa do cavalo do meu criado.

Sebastião retirou as mãos dentre as de Isidoro, e disse:

- Obrigado, Sr. visconde.

Estas palavras foram pronunciadas com entoação tão expressiva, que Isidoro julgou ter ofendido o mancebo oferecendo-lhe a garupa do cavalo do criado.

- Ou então, reflectindo melhor, monte antes na sela; ele irá ter connosco a Paris; informando-se nas Tulherias, todos lhe dirão onde poderá achar-me.

- Torno a agradecer-lhe, visconde - disse Sebastião com voz um pouco mais suave porque compreendera a delicadeza do novo oferecimento; - obrigado, não quero privá-lo do serviço do seu criado.

Só faltava entenderem-se bem; os preliminares da paz estavam estabelecidos.

- Pois então, ainda melhor, Sebastião, monte na garupa do meu cavalo. Vai alvorecer; às dez horas da manhã estaremos em Dammartin, isto é, metade do caminho; deixaremos os dois cavalos, que não devem conduzir-nos mais longe, e tomaremos aí uma sege de posta, que nos conduza a Paris; é o que tencionava fazer, e em nada altera as minhas disposições.

- Isso é verdade, Sr. Isidoro?

- Palavra de honra.

- Nesse caso... - pronunciou o mancebo como hesitando, porém ansioso por aceitar.

- Apeia-te, Baptista, e ajuda o Sr. Sebastião a montar.

- Obrigado; é inútil, Sr. Isidoro - disse Sebastião, que, ágil como um estudante, saltou, ou antes, pulou para a garupa.

Depois, metendo os cavalos a galope, em breve desapareceram todos três do outro lado da subida de Grondreville.

VIII

A aparição

Os três cavaleiros tinham continuado o seu caminho, como haviam convencionado, a cavalo até Dammartin, onde chegaram às dez horas.

Todos estavam precisados de tomar alguma refeição; de mais, era necessário procurar uma sege e cavalos de posta.

Enquanto serviam o almoço a Isidoro e a Sebastião, abraçaram-se ambos, o primeiro com tristeza, o segundo dominado pela incerteza, sem trocarem entre si uma única palavra.

Baptista cuidava dos cavalos, e tratava de procurar uma carreta para si, e uma sege de posta para seu amo.

Ao meio dia estava o almoço pronto, e a sege de posta esperava à porta.

Isidoro, que correra sempre a posta em sege sua, ignorava que, viajando em seges de aluguel, fosse necessário mudá-las todas as vezes que se mudava de cavalos, resultando daí que os mestres de posta, que faziam observar estritamente o regulamento, sem que eles mesmos o observassem, nem sempre tinham seges, nem cavalos.

Portanto, tendo os viajantes partido ao meio-dia de Dammartin, só chegaram à barreira pelas quatro horas e meia, e às portas das Tulherias pelas cinco.

Ali foi necessário darem-se a conhecer. Lafayette tinha-se apoderado de todos os postos; em tempos de barulho, prometera à assembléia responder pelo rei, e não podia deixar de o guardar conscienciosamente.

Contudo, assim que Charny se nomeou, assim que invocou o nome de seu irmão, as dificuldades aplanaram-se, e introduziram Isidoro e Sebastião no pátio dos Suíços, donde passaram ao pátio do meio.

Sebastião queria que o conduzissem logo à rua de Saint-Honoré à casa onde o pai habitava; porém Isidoro fez-lhe observar que, sendo Gilberto médico do rei, mais facilmente se obteriam noticias dele no palácio, do que noutro qualquer lugar.

Sebastião, que tinha uma razão claríssima, anuiu a esta observação.

Acompanhou portanto Isidoro.

No palácio das Tulherias já se tinha estabelecido uma tal ou qual etiqueta, apesar da família real só ter chegado na véspera, Isidoro foi introduzido pela escada de honra, e um oficial de serviço mandou-o esperar numa sala forrada de verde, e debilmente alumiada por dois candelabros.

O resto do palácio estava também pouco iluminado; tendo sido habitado por particulares, a grande iluminação, que faz parte do luxo real, fora descurada completamente.

O oficial de serviço devia informar-se ao mesmo tempo do conde de Charny e do doutor Gilberto.

O mancebo assentou-se num canapé; Isidoro passeava de um para outro lado.

Passados dez minutos, voltou o oficial.

O conde de Charny estava com a rainha. Quanto ao Dr. Gilberto, nada lhe acontecera; julgava-se até, mas sem que se afirmasse, que estava com el-rei, que se encontrava alguma coisa incomodado.

Todavia, como o rei tinha quatro médicos além do que ordinariamente lhe assistia, não era fácil saber se era o Dr. Gilberto que naquele momento estava no quarto de Sua Majestade ou se era outro.

Se fosse, preveni-lo-iam, quando sáísse, de que alguém o esperava nas antecâmaras da rainha.

Sebastião respirou livremente, já nada tinha que recear: seu pai vivia e estava salvo.

Dirigiu-se pois a Isidoro para lhe agradecer o favor que lhe devia.

Isidoro abraçou-o chorando.

A idéia de Sebastião encontrar o pai vivo tornava-lhe ainda mais penosa a perda do irmão.

Neste momento abriu-se a porta, gritando um dos oficiais de serviço:

- O Sr. visconde de Charny?

- Sou eu - respondeu Isidoro voltando-se logo.

- Esperam pelo Sr. visconde nos quartos da rainha - disse o oficial, desviando-se para o lado.

- Espera por mim, Sebastião, não é assim? - disse Isidoro - lembre-se de que sou responsável por si a seu pai, salvo se o Sr. Dr. Gilberto vier buscá-lo.

- Sim, senhor - disse Sebastião - e digno-se receber novamente os meus agradecimentos.

Isidoro seguiu o oficial, a porta tornou a fechar-se, e Sebastião assentou-se novamente no canapé.

Então, sossegado acerca de seu pai, sem receio de que o doutor lhe negasse o perdão, as suas recordações caíram naturalmente sobre o abade Fortier, sobre Pitou, e sobre a inquietação que a sua fuga causaria a um, e a sua carta ao outro.

Admirava-se como, havendo-se demorado tanto pelo caminho, Pitou o não tivesse alcançado, quando lhe não era necessário mais do que abrir as compridas pernas para galgar o caminho tão depressa como a posta.

E naturalmente, por um simples mecanismo das suas idéias, pensando em Pitou, também pensava no sítio que este habitava, isto é, naqueles belos e umbrosos caminhos, naquelas distâncias azuladas que terminam os horizontes das florestas; depois por um encadeamento gradual de idéias, recordava-se das visões singulares, que lhe apareciam às vezes por debaixo dessas árvores; na profundidade das imensas veredas; da mulher que tantas vezes vira em sonhos, e uma só em realidade; no dia em que passeava no bosque de Satory, onde viu desaparecer como uma nuvem, arrebatada numa caleche magnífica pelo galopar de dois soberbos corcéis, a formosa e querida visão.

E recordava-se da comoção profunda que sempre lhe causava aquela vista, e meio mergulhado nesse sonho, murmurava em voz baixa:

- Minha mãe! Minha mãe!

De repente, a porta que se fechara por detrás de Isidoro de Charny abriu-se de novo, e desta vez foi uma mulher que apareceu.

Os olhos do mancebo estavam por acaso pregados naquela porta no momento da aparição.

A aparição estava tanto em harmonia com o que se lhe passava no pensamento, que vendo animar-se o seu sonho com uma criatura real, o mancebo sentiu-se estremecer.

Porém, muito maior foi a impressão que sentiu quando naquela mulher, que acabava de entrar, viu ao mesmo tempo a sombra e a realidade.

A sombra dos seus sonhos, a realidade de Satory.

Pôs-se então de pé, como se uma mola o obrigasse a levantar-se.

Os lábios descerraram-se-lhe, abriu os olhos e as pupilas dilataram-se-lhe.

Com o peito arquejante, nem sequer pôde articular palavra.

A mulher passou majestosa, altiva, desdenhosa, sem reparar nele.

Conquanto parecesse plácida interiormente, aquela mulher, de sobrolhos carregados, cor pálida, respiração sibilante, devia achar-se debaixo do peso de uma grande irritação nervosa.

Atravessou, diagonalmente a sala, abriu a porta oposta àquela por onde entrara, e penetrou no corredor.

Desta vez julgou Sebastião que ainda lhe escaparia, se porventura se não apressasse. Com gesto assustado observou a porta por onde ela entrara, aquela por onde desaparecera, e precipitou-se-lhe logo no encalço, antes que a sombra do vestido se lhe extinguísse de todo na volta do corredor.

Ela, porém, sentindo passos atrás de si, caminhou mais depressa, como se receasse que alguém a seguisse.

Sebastião também por seu turno apressou o passo; o corredor era sombrio, e ele tornou a recluir-se que aquela sombra querida ainda se eclipsasse.

Ela, sentindo que alguém se aproximava, voltou-se para a pessoa que a seguia.

Sebastião soltou um pequeno grito de alegria. Era com efeito ela, sempre ela!

A mulher, da sua parte, vendo um rapazinho que a seguia com os braços estendidos, ignorando o motivo daquela pertinácia, chegou ao cimo de uma escada, pela qual desceu rapidamente.

Apenas porém, descera o primeiro lanço, apareceu-lhe Sebastião, no fim do corredor, gritando: - minha senhora! Minha senhora!

Aquela voz produziu extraordinária sensação em todo o ser daquela mulher; afigurou-se-lhe que um golpe meio doloroso, meio agradável, lhe ferira o coração, e que do coração, correndo com o sangue pelas veias, se lhe espalhara por todo o corpo um singular calafrio.

Todavia, não podendo compreender nem aquela chamada, nem a comoção que sentia, redobrou o passo, passando de algum modo a andar apressadamente.

Mas não ia suficientemente adiantada para poder escapar ao mancebo.

Chegaram ambos quase ao mesmo tempo ao fundo da escada.

A jovem senhora entrou no pátio, onde a esperava uma carruagem, cuja portinhola fora aberta por um criado.

Entrou rapidamente para ela e assentou-se.

Mas antes de fechar a portinhola, pôde Sebastião introduzir-se entre ela e os criados, e tendo-se apoderado da fimbria do vestido da fugitiva, beijava-o apaixonadamente, exclamando:

- Oh! Minha senhora! Oh! Minha senhora!

Então ela encarou com aquele belo mocinho, que primeiro a assustara, e com voz mais doce do que a que ordinariamente tinha, se bem que conservasse ainda um misto de comoção e de susto, disse:

- Então, meu menino, para que corre atrás de mim, para que me chama, que me quer?

- Quero - disse o mancebo com voz arquejante - quero vê-la, quero abraçá-la; - depois, com voz bastante baixa para que só ela pudesse ouvi-lo - quero chamar-lhe *minha mãe!*

A senhora soltou um grito, tomou a cabeça do mancebo entre as mãos, e como por uma súbita revelação, aproximando-o de si com vivacidade, pousou-lhe na testa os lábios ardentes.

Depois, como se receasse por seu turno que alguém viesse arrebatá-lo o mancebo que acabava de encontrar, puxou-o para si até conseguir que entrasse na carruagem; fê-lo assentar do lado oposto, fechou a portinhola, e abaixando o vidro, que tornou logo a levantar, gritou:

- Para minha casa! Rua Coq-Héron, n.º 9, a primeira porta indo da rua Platrière.

Depois, voltando-se para o mancebo, perguntou:

- Como te chamas?

- Sebastião.

- Ah! Vem, Sebastião, vem, aqui... aqui... sobre o meu coração.

E encostando-se depois, quase desfalecida, murmurou:

- Oh! O que é esta sensação desconhecida? Acaso será aquilo a que se chama felicidade?

IX

O pavilhão de Andréa

O caminho não foi mais do que um beijo eterno entre a mãe e o filho.

Deste modo, aquele filho que o seu coração nunca desmentira, que fora arrebatado numa noite de angústia e de desonra, que desaparecera sem que o seu rapto deixasse outro rasto mais que as pegadas sobre a neve; aquele filho, que tanto detestara, que amaldiçoara até, antes de lhe ouvir o primeiro vagido, antes de lhe recolher o primeiro gemido; aquele filho, que ela chamara, que procurara, que seu irmão perseguira na pessoa de Gilberto até pelo oceano; aquele filho, que pranteara quinze anos, que esperava tornar a ver, com o qual apenas sonhava, como se costuma sonhar com um defunto sempre adorado, com uma sombra idolatrada, no lugar onde menos esperava que lhe aparecesse; aquele filho encontra-se repentinamente com ela como por milagre, como por milagre a conhece, corre por sua vez atrás dela, segue-a, chama-lhe mãe sem que nunca a tivesse visto, ama-a com amor filial, do mesmo modo que ela o ama com amor maternal... E os lábios dele, ainda virgens de qualquer beijo, encontram todos os prazeres da sua vida perdida no primeiro beijo que ela lhe dá!

De tudo isto se conclui que por cima da cabeça dos homens existe alguma coisa além desse espaço onde rolam os mundos; que existe na vida alguma outra coisa além do acaso e da fatalidade!

“Rua Coq-Héron, n.º 9, a primeira porta, indo da rua Platrière” dissera a condessa de Charny.

Singular coincidência, conduziu o filho quinze anos depois, à mesma casa onde nascera, onde aspirara os primeiros sopros da vida, e donde fora arrebatado pelo pai.

Aquela pequena casa, comprada noutro tempo pelo velho Tavernier, quando com o insigne favor com que a rainha honrara a sua família, adquirira o barão mais alguns bens de fortuna, fora conservada por Filipe de Tavernier, e era habitada por um velho almoxarife, que parecia ter passado para o serviço do novo proprietário quando a casa foi vendida. A casa servia de hospedagem ao mancebo, quando voltava das suas viagens, ou à condessa quando estava em Paris.

Depois da última cena que Andréa tivera com a rainha, na noite que passara com ela, resolveu Andréa desviar-se daquela rival, que lhe reenviava a repercussão de cada uma das suas dores, e na qual os infortúnios da rainha, por grandes que fossem, eram sempre inferiores às angústias e desgostos da mulher.

Portanto, assim que amanheceu, mandara a sua aia à pequena casa da rua Coq-Héron, com ordem para preparar o pequeno pavilhão, que os nossos leitores já conhecem, e que se compunha de uma antecâmara, uma pequena casa de jantar, uma sala e uma alcova.

Noutro tempo Andréa, a fim de alojar Nicola ao pé de si, fizera da sala uma segunda alcova; mas tendo desaparecido essa necessidade, tudo voltou ao seu estado primitivo, e a aia, deixando os quartos do andar de baixo livres à sua ama que, de mais a mais, raras vezes ali ia, e

sempre só, acomodara-se numa pequena água-furtada.

Depois pedira desculpa à rainha por não ocupar o quarto próximo ao dela, tornando por pretexto que achando-se Sua Majestade tão acanhadamente alojada, decerto preferiria ter ao pé de si uma aia, do que uma pessoa que *não era particularmente dedicada ao seu serviço*.

A rainha não insistira com Andréa para que ficasse; e esta, tendo ido a sua aia, pela volta das quatro horas da tarde, anunciar-lhe que o pavilhão estava pronto, ordenara-lhe que partisse logo para Versalhes, que reunisse toda a roupa, que na precipitação da partida deixara no quarto que ocupava no palácio, e que fizesse conduzir tudo no dia seguinte à rua Coq-Héron.

As cinco horas a condessa de Charny saíra pois das Tulherias, considerando como suficiente despedida as poucas palavras que dissera pela manhã à rainha, deixando-lhe também a facilidade de dispor do quarto que ocupara uma noite.

Fora justamente quando saiu do quarto próximo do da rainha, que ela atravessara a sala verde, onde Sebastião estava, e que, seguida por ele, fugira através dos corredores, até ao momento em que Sebastião se precipitara após ela dentro da carruagem, a qual, alugada antecipadamente pela aia, a esperava à porta das Tulherias no pátio dos príncipes.

Desse modo tudo concorria para proporcionar a Andréa uma noite feliz, que ninguém devia perturbar. Em lugar do seu aposento de Versalhes ou do seu quarto de Paris, onde não poderia receber aquele filho tão milagrosamente encontrado, onde, pelo menos, não poderia abandonar-se a toda a expansão do seu amor maternal, possuía uma casinha propriamente sua, um pavilhão isolado, sem criados, sem um único olhar interrogador.

Foi por isso que indicou ao cocheiro, com a mais íntima satisfação, a sua nova residência.

Seis horas soavam quando o portão se abria ao tocar do cocheiro, e a carruagem parava à porta do pavilhão.

Andréa nem sequer esperou que o cocheiro descesse da almofada: ela mesmo abriu a portinhola, saltou ao primeiro degrau do portal e levou Sebastião atrás.

Em seguida, dando ao cocheiro uma moeda de ouro, que era talvez o dobro do aluguer, e levando sempre Gilberto pela mão, entrou no interior do pavilhão, depois de ter fechado com o maior cuidado a porta da antecâmara.

Chegando à sala, parou.

Esta estava apenas alumada pelo lume do fogão, e por duas velas acesas sobre a pedra deste.

Andréa conduziu o filho para uma espécie de sofá, onde se concentrava a dupla claridade das velas e do fogão.

Depois, com uma expressão de alegria em que transparecia ainda algum receio, disse:

- Oh! Meu filho; és tu quem efectivamente tenho em meus braços?

- Minha mãe - respondeu Gilberto com uma expressão de júbilo tal que derramava sobre o coração palpitante e nas veias febris de Andréa como que um orvalho vivificador.

- Foi aqui! Aqui! - exclamou Andréa olhando em volta de si, voltando-se para a mesma sala onde dera à luz Sebastião, e lançando os olhos com horror para o mesmo quarto donde ele fora arrebatado.

- Aqui? - repetiu, Sebastião ; - que quer isso dizer, minha querida mãe?

- Quer dizer, meu filho, que quase são decorridos quinze anos que nasceste neste quarto onde nos achamos, e que bendigo a misericórdia do Senhor Todo Poderoso, que, ao cabo de quinze anos quis que tão milagrosamente aqui tornasses, para eu poder ver-te tão gentil e apertarte nos meus braços.

- Oh! Sim, milagrosamente - tornou Gilberto; - porquanto, se eu não receasse pelos dias de meu pai, não teria partido só e não teria ficado em dúvida sobre qual das duas estradas deveria seguir. Não teria esperado ali, não teria interrogado o Sr. Isidoro de Charny, não teria ele oferecido para trazer-me consigo a Paris, não me conduziria ao palácio das Tulherias, e não a teria visto no momento em que atravessava a sala verde, não a teria reconhecido, não teria corrido atrás de si, não a teria alcançado, não lhe teria finalmente chamado minha mãe, a palavra

mais doce e mais terna que é possível pronunciar.

A estas palavras de Sebastião: “Se não receasse pelos dias de meu pai”, sentira Andréa um agudíssimo aperto de coração; fechara os olhos e deixara pender a cabeça para trás.

A estas: “O Sr. Isidoro de Charny não me teria conhecido, não se teria oferecido para trazer-me consigo a Paris, não me conduziria ao palácio das Tulherias”, os olhos tornaram a abrir-se-lhe, o coração dilatou-se-lhe, e com o olhar agradeceu ao Céu, por isso que fora efectivamente um verdadeiro milagre que lhe trouxera Sebastião conduzido pelo irmão de seu marido.

Finalmente a estas: “Não lhe teria chamado minha mãe, a palavra mais doce e mais terna que é possível pronunciar”, chamada de novo ao sentimento da sua ventura, tornou a apertar Sebastião contra o seio.

- Oh! Sim, tens razão, meu filho - disse ela, muito doce; - só existe uma que talvez seja ainda mais terna e mais doce, e é a que pronuncio apertando-te contra o coração: Meu filho! Meu filho!

Seguiu-se depois um breve silêncio, durante o qual se sentia apenas o doce estremecimento dos lábios maternos vagueando por sobre a fronte do filho.

- Mas enfim - disse de súbito Andréa - é impossível que tudo fique assim misterioso em mim e em volta de mim; tu explicaste-me bem como ali te achavas, mas não me explicaste como me reconheceste, como correste atrás de mim, como me chamaste tua mãe.

- Como lhe direi tudo isso? - respondeu Sebastião olhando para Andréa com indizível expressão de amor. - Eu mesmo não o sei; fala de mistérios, e na verdade tudo é mistério em mim como na minha mãe.

- Mas, enfim, alguém te disse quando eu passava: “Aquela é tua mãe”.

- É verdade, foi o meu coração.

- O teu coração?

- Escute, minha mãe, vou dizer-lhe uma coisa que parece um prodígio.

Andréa tornou a aproximar-se do filho, fitando os olhos no Céu, como para lhe agradecer o haver-lho assim restituído.

- Há dez anos que a conheço, minha boa mãe! - exclamou ele.

Andréa estremeceu.

Ao passo que ele olhava, meneava a cabeça.

- Permita que lhe diga, que tenho muitas vezes sonhos, a que meu pai chama alucinações.

Esta recordação de Gilberto passou como uma ponta de aço dos lábios do filho ao coração da mãe.

Andréa estremeceu de novo.

- Já a vira vinte vezes, minha mãe.

- Como assim?

- Nos sonhos de que há pouco lhe falei.

Andréa também se recordou dos sonhos terríveis que lhe tinham agitado a vida, e a um dos quais devia o filho o seu nascimento.

- Imagine, minha mãe - continuou Sebastião - que sendo ainda pequenino, quando brincava com as crianças da aldeia e que com elas vivia, as minhas impressões eram exactamente as mesmas que elas sentiam, e em volta de mim nada via além dos objectos verdadeiros e naturais. Mas logo que saía da aldeia, logo que passava os últimos jardins, logo que me embrenhava na floresta, sentia passar junto a mim como que o roçar de um vestido. Estendia o braço para o apanhar, mas não apanhava mais do que o ar. O fantasma desviava-se então, mas de invisível que primeiro era, ia a pouco e pouco tornando-se visível: era como que um vapor, a princípio transparente como uma nuvem, semelhante àquela em que Virgílio envolvia a mãe de Eneias quando aparecia a seu filho na montanha de Cartago; o vapor ia-se gradualmente desvanecendo e tomava uma forma humana. Esta forma humana, que era de uma mulher, em lugar de caminhar pela terra, parecia resvalar por sobre ela. Então um poder desconhecido,

estranho, irresistível, me arrastava para junto dela; abismava-se nos lugares mais sombrios da floresta, onde a seguia com os braços estendidos, e silencioso como ela; porquanto, ainda que tentava chamá-la, nunca a minha voz conseguia articular um único som, e era assim que a seguia sem que conseguísse alcançá-la, até que o prodígio que me anunciara a sua presença me designava a sua partida. A forma humana desvanecia-se insensivelmente, mas parecia sentir, tanto como eu, esse poder do Céu que nos separava um do outro: porquanto desviava-se sem de mim desfitar os olhos, e eu, acabrunhado de fadiga, como se a sua presença me detivesse, caía no mesmo lugar onde ela, como por encanto, desaparecia.

Aquela espécie de segunda existência de Sebastião, aquele sonho vivaz na sua vida, assemelhava-se muito ao que acontecera a Andréa, para que deixasse de se reconhecer no filho.

- Pobre amigo - disse ela apertando-o nos braços fora pois debalde que o ódio o separara de mim! Deus aproximava-nos sem que eu o conhecesse. Somente, menos feliz do que tu, meu caro filho, não te via nem em sonhos nem em realidade; e todavia, quando atravessasse aquela sala verde, senti um estremecimento; quando dei pelos teus passos atrás de mim, uma espécie de vertigem me atravessou o espírito e o coração; quando me chamaste senhora, estive quase para parar; quando me chamaste mãe, estive prestes a desmaiar; reconheci-te quando te toquei.

- Minha mãe! Minha mãe! Minha mãe! - repetiu Sebastião três vezes, como se quisesse consolar Andréa de não ter ouvido por tanto tempo pronunciar aquele doce nome.

- Sim, tua mãe - repetiu ela com um transporte de amor impossível de descrever.

- E agora que nos encontrámos - disse o mancebo - uma vez que parece tão satisfeita por me tornar a ver, nunca mais nos separaremos, não é assim?

Andréa estremeceu; apoderara-se do presente, fechando um pouco os olhos para o passado, e fechando-os de todo sobre o futuro.

- Meu pobre filho - murmurou ela suspirando - como te bendiria se pudesses operar um tal milagre.

- Escute - disse Sebastião Gilberto - prometo que hei-de arranjar isso.

- De que modo? - perguntou Andréa.

- Minha mãe, ignoro as causas que a separam de meu bom pai...

Andréa empalideceu.

- Mas por mais graves que sejam, desaparecerão aos meus rogos, e se for necessário às minhas lágrimas.

Andréa, meneando a cabeça, exclamou.

- Nunca! Nunca!

- Escute - continuou Sebastião, recordando-se das palavras que Gilberto lhe dissera: “Filho, nunca me fales de tua mãe”, devia julgar que fora ela a causa da separação: escute, meu pai adora-me.

As mãos de Andréa, que segurava as do filho, afrouxaram logo. Sebastião pareceu não dar por semelhante movimento.

Continuou:

- Dispô-lo-ei a vê-la, contar-lhe-ei a felicidade que desfruto junto de si; depois, um dia tomá-la-ei pela mão, levá-la-ei junto dele, e dir-lhe-ei: “Ei-la aqui, olhe meu pai, como é bela!”

Andréa desviou Gilberto e levantou-se.

O mancebo olhou para ela; estava tão pálida, que metia medo.

- Nunca! Nunca! - repetiu ela.

E desta vez a sua voz revelava alguma coisa mais do que susto; exprimia ameaça.

O mancebo recuou por sua vez no canapé. Acabava de descobrir naquele rosto de mulher as terríveis linhas que Rafael costuma dar aos anjos irritados, e perguntou:

- Por que motivo se recusa a ver meu pai, que é tão meigo, tão bom, tão generoso?

A estas palavras, como o choque de duas nuvens numa tempestade, o raio estalou.

- Perguntas-me o motivo por que me recuso a vê-lo? - redargüiu Andréa; - vejo que nada sabes, pobre filho!

- Sim - acudiu Sebastião com firmeza - pergunto que motivo é.

- Pois bem - repetiu Andréa, incapaz de sofrer por mais tempo todas as mordeduras da odienta serpente que lhe devorava o coração - é porque teu pai é miserável! É um infame!

Sebastião deu um pulo do sofá onde estava assentado, e achou-se diante de Andréa.

- É de meu pai que fala senhora! - exclamou ele - de meu pai, isto é, do Dr. Gilberto, daquele que me educou, daquele a quem devo tudo, daquele que só eu conheço! Enganei-me, vejo agora que a senhora não é minha mãe.

O mancebo fez um movimento para sair.

Andréa deteve-o.

- Escuta - disse ela - tu não podes saber, não podes compreender, não podes julgar.

- Decerto que não; mas posso sentir, e sinto que já não a amo.

Andréa soltou um grito doloroso.

Porém, no mesmo momento, um ruído veio fazer diversão à comoção que sentia, conquanto essa comoção a tivesse de súbito invadido completamente.

Esse ruído era da porta da rua que se abria, e de uma sege que parara diante do portão.

A esse ruído correu pelos membros de Andréa um tal calafrio, que o mancebo sentiu-lhe também o efeito.

- Escuta - lhe disse ela - escuta e cala-te.

O mancebo obedeceu.

Ouviu-se abrir a porta da antecâmara, e sentiram-se passos que se aproximavam da porta que dava para a sala.

Andréa levantou-se imóvel, muda, com os olhos fixos na porta, e esperou fria como uma estátua.

- Quem anunciarei à Sr^a. condessa? - perguntou o velho almoxarife.

- Anuncie-lhe o conde de Charny, e pergunte-lhe se me quer fazer a honra de me receber.

- Oh! - exclamou Andréa - para este quarto, meu filho, para este quarto; não quero que te veja, não convém que saiba que existes.

E dizendo isto, impeliu o mancebo, assustada, para o gabinete próximo.

Depois, fechando apressadamente a porta sobre ele, acrescentou:

- Espera aí, e quando ele se retirar, eu te direi, eu te contarei... Não, não, nada disso, meu filho... Abraçar-te-ei, e então poderás compreender que sou realmente tua mãe.

Sebastião Gilberto apenas lhe respondeu com uma espécie de gemido.

Naquele momento abriu-se a porta da antecâmara e o velho almoxarife, com o barrete na mão, desempenhou-se da comissão de que vinha encarregado.

Por detrás dele, no meio da penumbra, o olhar penetrante de Andréa adivinhou uma forma humana.

- Mande entrar o Sr. conde de Charny - disse ela com a voz mais firme e resoluta que lhe foi possível tomar.

O velho almoxarife retirou-se, e o conde de Charny com a cabeça descoberta, assomou por seu turno ao limiar da porta.

X

Mulher e marido

O conde de Charny apresentou-se coberto de luto pela morte do irmão, que dois dias antes fora assassinado.

E como aquele luto estivesse, como o de Hamlet, não só no fato, mas também no coração, o seu rosto macilento e abatido demonstrava as copiosas lágrimas que derramara e as pungentes dores que sofrera.

A condessa, com um rápido relancear de olhos, abrangeu aquele todo; nunca os belos

rostos parecem tão belos como depois de chorar; nunca Charny parecera tão belo.

Fechou um instante os olhos, inclinou ligeiramente a cabeça para trás, como para dar ao peito a faculdade de respirar, e comprimiu com a destra o coração, que sentia despedaçar-se-lhe.

Quando abriu os olhos, um segundo depois de os ter fechado, a condessa viu Charny no mesmo lugar em que antes se achava.

O gesto e o olhar de Andréa perguntaram-lhe ao mesmo tempo e tão visivelmente por que não tinha entrado logo, que ele naturalmente respondeu:

- Estava esperando, minha senhora.

E deu um passo para diante.

- V. Ex^a. quer que a sege se retire? – perguntou o almoxarife, visivelmente instado pelo criado do conde para fazer esta pergunta.

As pupilas do conde espargiam sobre Andréa um olhar de tão inexplicável expressão, que ela, como que deslumbrada, fechou outra vez os olhos e ficou imóvel, sem respiração, como se não ouvisse a interrogação, como se não visse aquele olhar.

Todavia, penetrara-lhe até ao íntimo do coração.

Charny procurou em toda aquela estátua viva algum sinal que lhe indicasse o que devia responder; depois, como o calafrio que escapara a Andréa, podia ser tanto pelo receio de que o conde se não retirasse, como pelo veemente desejo de que ficasse, respondeu:

- Diga ao cocheiro que espere.

A porta tornou a fechar-se, e talvez pela primeira vez depois do seu casamento, o conde e a condessa acharam-se sós.

Foi o conde o primeiro a romper o silêncio, dizendo com a maior serenidade:

- Perdão, minha senhora, se a minha presença inesperada lhe parece indiscreta. Estou de pé, a sege espera-me, retirar-me-ei, se assim o ordenar.

- Não, senhor - disse Andréa com vivacidade. - Sabia que estava são e salvo, mas nem por isso deixo de estimar muito vê-lo, depois dos terríveis acontecimentos que se têm passado.

- Teve então a bondade de se informar de mim, minha senhora? - perguntou o conde.

- Decerto, informei-me ontem e esta manhã; responderam-me que estava em Versalhes com a rainha.

Estas últimas palavras conteriam uma censura, ou teriam sido pronunciadas inocentemente?

O certo é que o conde, ignorando o verdadeiro sentido delas, ficou um momento preocupado.

Mas quase em seguida, apelando provavelmente para o seguimento da conversação, a fim de ver levantado o véu que lhe caíra sobre o espírito respondeu:

- Minha senhora, um dever triste e compassivo me reteve em Versalhes ontem e hoje; um dever, que considero sagrado, na situação em que a rainha se encontra, me conduziu a palácio logo que cheguei a Paris.

Andréa quis também por sua vez conhecer, em todo o seu realismo, a intenção das últimas palavras do conde.

Depois, reflectindo que devia sobretudo uma resposta às primeiras palavras que ele lhe dirigira:

- Sim, senhor, soube a terrível perda que...

E hesitou um instante.

- Que *sofreu*.

Andréa esteve quase a dizer *que sofremos*, mas não se atreveu a fazê-lo, e prosseguiu:

- Teve a desgraça de perder seu irmão, o Sr. barão Jorge de Charny.

Dir-se-ia que Charny esperava de passagem as duas palavras que sublinhámos, por isso que estremeceu no momento em que cada uma delas foi pronunciada, e respondeu:

- Sim, minha senhora, é como acaba de dizer, uma perda terrível para mim a morte daquele pobre moço, uma perda que por felicidade, não pode avaliar, porque pouco o conheceu.

Havia uma doce e melancólica censura nas palavras *por felicidade*.

Andréa compreendeu-a, mas nenhum sinal exterior manifestou que tivesse feito nela o menor reparo.

- Só uma única coisa me consolaria daquela grande perda, se porventura pudesse ser consolado - replicou Charny; - se soubesse que o infeliz Jorge morreu da mesma maneira que Isidoro há-de morrer, da mesma maneira que eu provavelmente morrerei, isto é, cumprindo o meu dever.

Estas palavras: “da mesma maneira que eu provavelmente morrerei”, impressionaram profundamente Andréa.

- Ai de mim, senhor! - exclamou ela – julga então as coisas tão desesperadas, que ainda sejam necessários novos sacrifícios de sangue para desarmar a cólera celeste?

- Creio, minha senhora, que se a hora dos reis não chegou já, em breve chegará. Creio que há um mau génio que persegue a monarquia. Creio, finalmente, que se ela cai no abismo que esse mau gênio lhe prepara, deve necessariamente arrastar na queda todos aqueles que tomaram parte no seu esplendor.

- É verdade - disse Andréa - e quando chegar esse dia, acredite que me há-de achar, como o senhor, disposta para tudo.

- Ah! - acudiu Charny - deu sobejas provas dessa dedicação no passado, e eu sou quem menos duvida dessa dedicação no futuro, e talvez que tenha menos direito de duvidar da sua do que da minha, que talvez pela primeira vez acaba de recuar na presença de uma ordem da rainha.

- Não o compreendo, senhor - disse Andréa.

- Chegando de Versalhes, intimaram-me a ordem de me apresentar sem demora a Sua Majestade.

- Ah! - exclamou Andréa sorrindo tristemente.

Depois, passado um instante de silêncio, acrescentou:

- Isso é naturalíssimo; a rainha vê, como o senhor, o porvir misterioso e sombrio, e quer reunir em volta de si os homens com quem julga poder contar.

- Engana-se - respondeu Charny - não era para me aproximar de si que a rainha me chamava, era, pelo contrário, para afastar-me.

- Para o afastar dela! - disse vivamente Andréa, dando um passo para o conde.

Depois, passado um momento, apercebendo-se de que o conde desde o começo da conversação ficara de pé junto da porta, apontando para uma cadeira, disse:

- Perdão, senhor, não quer assentar-se?

E dizendo isto, incapaz de conservar-se por mais algum tempo de pé, a condessa deixou-se cair no canapé, onde alguns momentos antes estivera com Sebastião.

- Afastá-lo de si! - repetiu ela com uma agitação que não era de todo isenta de alegria, lembrando-se que Charny e a rainha iam ser separados; - e com que fim?

- Com o fim de ir a Turim desempenhar uma missão junto dos srs. condes de Artois e duque de Bourbon, que deixaram a França.

- E aceitou?

Charny olhou fixamente para Andréa.

- Não, minha senhora.

Andréa empalideceu de tal modo que Charny deu um passo para ela, como para a socorrer; mas a esse movimento a condessa recuperou de novo as forças e tornou a si.

- Não! - balbuciou ela; - respondeu *não* a uma ordem da rainha, o senhor!...

E estas últimas palavras foram pronunciadas com uma entoação de dúvida e de admiração impossíveis de descrever.

- Respondi, minha senhora, porque julgava que a minha presença, neste momento sobretudo, era mais necessária em Paris do que em Turim, que outro qualquer podia desempenhar a missão com que queriam honrar-me, e justamente acabava de chegar da província outro irmão meu que estava às ordens de Sua Majestade e pronto para partir em meu lugar.

- E a rainha aceitou decerto com alegria a substituição, não é verdade, senhor? - perguntou Andréa com certa expressão de azedume, que não pôde conter, e que pareceu não escapar a Charny.

- Não, minha senhora, pelo contrário; a recusa pareceu molestá-la profundamente; verme-ia obrigado a partir, se por felicidade o rei não entrasse naquele momento e se eu o não constituísse juiz da contenda.

- E o rei deu-lhe razão! - replicou Andréa com um sorriso irónico; - e o rei foi, como o senhor, de parecer que devia ficar nas Tulherias? Oh! Como Sua Majestade é bom!

Charny nem sequer pestanejava, e replicou:

- O rei disse, que efectivamente meu irmão Isidoro era muito competente para essa missão, tanto mais, que vindo à corte pela primeira vez, e quase pela primeira vez a Paris, não seria notada a sua ausência, e acrescentou que era crueldade da parte da rainha exigir que em tais circunstâncias eu me ausentasse da condessa.

- De mim! - exclamou Andréa; - pois o rei disse semelhante coisa?

- Repito-lhe as suas próprias palavras; procurando em volta da rainha, e dirigindo-se a mim, perguntou-me :

“- Mas, onde está a condessa de Charny? Não tornei a vê-la desde ontem à noite.” - Como era principalmente a mim que esta pergunta se dirigia, julguei do meu dever responder-lhe: “Meu senhor, tenho a infelicidade de ver tão poucas vezes a Sr^a. de Charny, que me seria impossível dizer neste momento, a Vossa Majestade, onde está; mas, se deseja sabê-lo, digne-se perguntá-lo a Sua Majestade a rainha, que decerto não o ignora.” E insisti, porque vendo franzir-se os sobrolhos da rainha, julguei que alguma coisa por mim ignorada, se passou entre ela e a condessa.

Andréa parecia escutar com tanta avidez, que nem sequer se lembrava de responder.

Então Charny continuou:

“- Senhor - respondeu a rainha - a condessa de Charny saiu das Tulherias haverá uma hora.”

“- Como! Pois a condessa de Charny saiu das Tulherias, senhora?”

“- Saiu.”

“- Mas para voltar logo?”

“- Não o creio.”

“-Não o crê! - replicou o rei; - mas que motivo teve a condessa de Charny, a sua melhor amiga?...”

“- A rainha fez um movimento.”

“- Sim, digo, a sua melhor amiga, para abandonar as Tulherias nesta ocasião?”

“- Creio que se acha mal alojada – redarguiu Maria Antonieta.”

“- Mal alojada, decerto, se a nossa intenção fosse de a deixar no quarto próximo do nosso; mas nós lhe destináramos outro mais cómodo para ela e para o conde. Não ficaria satisfeito com isso, conde? Creio que sim.”

“- Meu senhor - respondi eu - Vossa Majestade sabe que sempre me darei por satisfeito em qualquer posto que me seja designado pelo meu rei, uma vez que esse posto me ofereça ocasião de o servir.”

“- Eh! Bem o sabia - acudiu o rei. - Então a Sr^a. de Charny retirou-se? Sabe para onde, senhora?”

“- Não, senhor, não sei.”

“- Como! pois a sua amiga separa-se de si, e não lhe pergunta para onde vai?”

“- Quando os meus afeiçoados me deixam, deixo-os livres para irem para onde quiserem, e nunca tenho a indiscrição de lhes perguntar para onde vão.”

“- Bom - disse o rei - amor de mulher, Sr. de Charny; preciso dizer duas palavras à rainha. Vá esperar-me no meu quarto, e apresente-me seu irmão; esta mesma noite partirá para Turim. Sou da sua opinião, Sr. de Charny, preciso do conde, e por isso ficará.”

- Mandei chamar meu irmão, - continuou o conde - que me espera na sala verde.

A estas palavras *na sala verde*, Andréa, que quase esquecera Sebastião, tal era o interesse que parecia ligar à narrativa do seu marido, recordou-se de tudo quanto se passara entre ela e o filho, e voltou os olhos com amargura para a porta da alcova onde o fechara.

- Mas, perdão - disse Charny - entretenho-a talvez com coisas que mediocrementemente lhe interessam, e sem dúvida desejava saber o motivo que me traz aqui, e a maneira como aqui vim ter.

- Não, senhor - disse Andréa - pelo contrário, o que faz a honra de contar é para mim do mais vivo interesse; e quanto à sua presença nesta casa, sabendo os receios que tive a seu respeito, provando-me que nada lhe aconteceu de sinistro, não pode deixar de ser-me agradável; portanto, peço-lhe que continue; o rei dissera-lhe que o fosse esperar no seu quarto, e o senhor tinha prevenido seu irmão.

- Apresentámo-nos no quarto do rei; dez minutos depois entrou ele. Como a missão para os príncipes era urgente, foi por ela que o rei principiou; tinha por fim instruir Suas Altezas dos acontecimentos que acabavam de se passar. Um quarto de hora depois, já meu irmão tinha partido para Turim.

“Ficámos sós.”

“Sua Majestade o rei passeou por alguns momentos muito pensativo.”

“Depois, parando de súbito diante de mim, disse:

“- Sr. conde, sabe o que se passou entre a rainha e a condessa?”

“- Não, meu senhor.”

“- Todavia, é indubitável que alguma coisa se passou - acrescentou ele - por isso que encontrei a rainha de muito mau humor, e segundo me pareceu, muito injusta para com a condessa, o que não é costume dela a respeito dos seus amigos, que defende, até quando são culpados.”

“- Não posso fazer mais que repetir a Vossa Majestade o que tive a honra de lhe dizer - repliquei; - ignoro completamente o que se passou entre a condessa e a rainha, e até se se passou alguma coisa. Em todo o caso, meu senhor, atrevo-me a afirmar antecipadamente que, se houve faltas de um lado ou de outro, supondo que a rainha possa cometer faltas, só as haveria da parte da condessa.”

- Agradeço-lhe, senhor - disse Andréa - por ter feito de mim tal conceito.

Charny inclinou-se.

“- Em todo o caso - acudiu o rei - se a rainha não sabe onde está a condessa, o senhor deve sabê-lo.”

- Eu, que pouco mais instruído estava do que a rainha, redargüi:

“- Meu senhor, sei que a senhora condessa tem uma casa na rua Coq-Héron; foi talvez para ali que se retirou.”

“- Ah! Sim, sem dúvida, é aí - disse o rei; - corra, conde, tem licença até amanhã, uma vez que amanhã nos restitua a condessa.”

O olhar de Charny, ao pronunciar estas palavras, tinha-se fixado por tal modo em Andréa, que esta, um pouco perturbada, e sentindo que não podia evitar aquele olhar, fechou os olhos.

“- Dir-lhe-á - continuou Charny falando em nome do rei - que nós lhe procuramos aqui um alojamento mais pequeno do que aquele que tinha em Versalhes, mas muito suficiente para marido e mulher. Vá, Sr. de Charny, vá; ela deve estar com cuidado no conde e o conde com cuidado nela; vá!”

- Depois, vendo que eu já tinha dado alguns passos para a porta, chamou-me e estendendo-me a mão, que beijei, disse afectuosamente:

“- A propósito, Sr. de Charny, vendo-o vestido de luto, deveria perguntar-lhe, primeiro que tudo: teve a desgraça de perder seu irmão? Os próprios reis são impotentes para consolar essa sorte de infortúnios; mas um rei pode perguntar: seu irmão era casado? Tinha mulher e

filhos? A mulher e os filhos podem ser adoptados por mim. Nesse caso, Sr. conde, se existem, vá buscá-los, apresente-mos, a rainha encarregar-se-á da mãe e eu dos filhos.”

E como, ao pronunciar estas palavras, se deslizaram algumas lágrimas nas pálpebras de Charny, Andréa perguntou:

- E provavelmente, o rei não fazia mais do que repetir-lhe as palavras da rainha?

- A rainha - acudiu Charny com voz vacilante - nem sequer me fez a honra de me dirigir uma única palavra a tal respeito, e é por isso que essa recordação do rei toca tão profundamente que, vendo-me sensibilizado e em pranto, disse-me:

“- Vamos, vamos, Sr. de Charny; talvez fizesse mal em lhe falar de semelhante coisa; mas procedo quase sempre segundo os ditames do meu coração, e o coração insinuou-me que fizesse o que fiz. Volte para junto da nossa querida Andréa, conde; porquanto, se aqueles que amamos não podem consolar-nos, podem ao menos chorar connosco e nós com eles, o que é sempre um alívio.”

- Tal é, minha senhora - continuou Charny - o motivo que me trouxe aqui; foi por obedecer às ordens do rei, e por isso talvez me desculpe.

- Ai, senhor - exclamou Andréa levantando-se com vivacidade e estendendo as mãos a Charny - porventura duvida disso?

Charny, apoderando-se com ardor das mãos de sua mulher, imprimiu nelas mil beijos.

Andréa soltou um grito, como se aqueles lábios fossem um ferro em brasa que lhe queimasse as carnes, e caiu outra vez sobre o canapé.

Mas como as mãos hirtas de Andréa se tinham prendido às do conde de Charny, e esta ao cair no canapé o arrastasse consigo sem que ele mesmo o desejasse, Charny achou-se assentado ao lado dela.

Naquele momento, porém, Andréa, parecendo-lhe ouvir algum ruído no quarto próximo, desviou-se tão vivamente de Charny, que este, não sabendo qual fosse o sentimento a que devesse atribuir o grito da condessa e o brusco movimento que ela fizera, levantou-se de súbito, e ficou em pé diante dela.

XI

A alcova

Charny apoiou-se ao encosto do canapé soltando um suspiro.

Andréa deixou pender a cabeça sobre as mãos.

Dir-se-ia que o suspiro de Charny suspendera, por que assim digamos, o que Andréa estava prestes a exalar.

O que naquele momento se passava no coração daquela mulher ninguém seria capaz de descrever.

Casada, havia quatro anos, com um homem que adorava, sem que ele, sempre distraído com outra mulher, formasse jamais uma idéia do terrível sacrifício que ela fizera desposando-o; com a abnegação de seu duplo dever de mulher e de súbdita, vira tudo, tudo suportara e tudo concentrara em si.

Afigurava-se-lhe, todavia, desde certo tempo, por alguns olhares mais doces do seu marido, por algumas palavras mais rudes da rainha, que a sua dedicação não era de todo estéril. Durante os dias que acabavam de deslizar, dias terríveis, cheios de incessantes angústias para todos, sozinha talvez no meio de todos aqueles cortesãos e entre aqueles servos sobressaltados, Andréa ressentira comoções alegres e os mais doces estremecimentos, quando, nos momentos supremos, um gesto, um relancear de olhos, uma palavra de Charny pareciam mostrar-lhe que ele se ocupava dela, procurando-a com alegria; quando um leve aperto de mão às furtadelas, comunicando um sentimento despercebido a toda aquela multidão que os rodeava, fazia viver só para ele um pensamento comum. Enfim, eram sensações deliciosas essas, desconhecidas àquele

corpo de neve, àquele coração de diamante, que jamais conhecera outro amor senão o amor doloroso, isto é, a solidão.

E de súbito, quando a pobre criatura, isolada, acabava de encontrar o filho e de considerar-se mãe; quando alguma coisa como uma aurora de amor, se lhe levantava no horizonte triste e sombrio até ali; - estranha coincidência, que bem prova que a ventura não se criara para ela - aqueles dois acontecimentos combinavam-se por tal forma, que um destruíra o outro, inevitavelmente; a vinda do marido afastava-lhe o amor do filho, ou a presença do filho assassinava o amor nascente do marido.

Eis o que Charny não podia adivinhar no ai que escapara da boca de Andréa, na mão que o repelira, e no silêncio cheio de tristeza que sucedeu aquele ai, tão semelhante a um ai de dor, e que era um ai de amor, e ao movimento que parecia inspirado pela repulsão, e que só fora inspirado pelo receio.

Charny contemplou Andréa um momento com uma expressão, que não a teria iludido se tivesse erguido os olhos para o marido.

Charny deu um gemido, e tornando a tomar a conversação no ponto em que a deixara, perguntou:

- Que devo dizer ao rei, minha senhora?

Andréa estremeceu ao ouvir o som daquela voz, e lançando ao conde de Charny um olhar límpido e puro, respondeu:

- Senhor, tenho sofrido tanto desde que resido na corte, que foi com o maior reconhecimento que obtive licença da rainha para deixar o serviço; não nasci para viver no meio da sociedade; tenho sempre encontrado no remanso da solidão, senão a felicidade, ao menos o descanso; os dias mais felizes da minha vida foram os que passei, ainda moça, no castelo de Taverney, e mais tarde os que vivi retirada no convento de Saint-Denis, junto daquela santa a quem chamavam a infanta Luísa. Mas, se mo permite, habitarei este pavilhão, cheio de recordações para mim, que, apesar de tristes, não deixam de ter alguma doçura.

À licença que Andréa lhe pedia, Charny inclinou-se como um homem não só disposto a anuir a um pedido mas também a obedecer a uma ordem.

- É então essa a sua resolução?

- É sim, senhor - respondeu Andréa com doçura, mas também com firmeza.

Charny inclinou-se de novo, e disse:

- Agora, minha senhora, só me resta perguntar-lhe uma coisa, e vem a ser, se de ora em diante me será permitido fazer-lhe algumas visitas?

Andréa de Taverney fixou em Charny o olhar, ordinariamente plácido e frio, mas então cheio de admiração e doçura.

- Decerto, Sr. conde - disse ela; - e como tenciono não receber aqui ninguém, sempre que os seus deveres nas Tulherias lhe permitirem alguns momentos, ser-lhe-ei muito reconhecida se mos quiser conceder, por mais curtos que sejam.

Nunca Charny vira tanto encanto no olhar de Andréa; nunca lhe notara tanta ternura na voz.

Sentiu que alguma coisa lhe corria pelas veias, semelhante ao grato calafrio que se sente quando se recebe uma primeira carícia.

Olhou atento para o lugar que ocupara junto de Andréa e que deixara vazio quando se levantou.

Charny daria de boa vontade um ano de existência para se assentar ali sem que Andréa o repelisse, como fizera da primeira vez.

Mas, tímido como uma criança, não se atrevia a fazê-lo sem que ela lho permitisse.

Andréa, pela sua parte, teria dado também não só um ano, mas dez da sua vida, para sentir ali, a seu lado, aquele que tanto tempo vivera longe dela.

Mas cada um ignorava o que se passava no coração do outro, e ambos se conservavam imóveis, numa posição quase dolorosa.

Charny ainda desta vez foi o primeiro que rompeu o silêncio, cuja interpretação só a poderia dar aquele a quem é permitido ler nos corações.

- Diz que tem sofrido muito desde que reside na corte? - prosseguiu ele; - o rei não a tratou sempre com um respeito que quase degenerava em veneração, e a rainha com uma ternura, que quase se tornava idolatria?

- Oh! Decerto, senhor - respondeu Andréa: - o rei foi sempre bom para comigo.

- Permita-me que lhe observe, que apenas responde a uma parte da minha pergunta. A rainha seria para com a condessa menos complacente do que o rei?

Os queixos de Andréa apertaram-se, como se a natureza revoltada se recusasse a uma resposta; mas fazendo um esforço, disse:

- Nada tenho que censurar à rainha; e seria injustíssima se não fizesse a Sua Majestade a justiça que me merece.

- Pergunto-lhe isto - instou Charny - por me parecer que a amizade, que ela lhe consagrava, tem de algum modo diminuído desde certo tempo para cá; mas provavelmente é ilusão minha.

- É possível, e por isso desejo deixar a corte.

- Mas, enfim, atenda a que ficará aqui inteiramente isolada.

- Não o tenho estado sempre? - respondeu Andréa suspirando - não só enquanto criança, mas enquanto solteira... e enquanto...

Andréa deteve-se, vendo que ia muito longe.

- Conclua, minha senhora.

- Oh! O senhor adivinha; ia dizendo... como mulher.

- Terei acaso a felicidade de lhe merecer alguma censura?

- Alguma censura, Sr. conde! - replicou vivamente Andréa. - Que direito teria eu, meu Deus, para censurá-lo? Julga que esqueci as circunstâncias em que nos colocámos? Ao contrário dos que juram aos pés dos altares um amor recíproco, uma protecção mútua, jurámos uma indiferença eterna, uma separação completa; não teríamos pois que fazer censuras um ao outro sem que um de nós se esquecesse do juramento que prestou.

Um suspiro repellido pelas palavras de Andréa ficou abafado no coração de Charny.

- Vejo que a sua resolução é inalterável, mas ao menos permitir-me-á que me informe do modo como viverá aqui. Não passará mal?

Andréa sorriu-se tristemente e disse:

- A casa de meu pai era tão pobre, que ao pé dela este pavilhão, que julga desprovido, acha-se mobiliado com um luxo a que não estava habituada.

- Todavia, o retiro encantador de Trianon, o palácio de Versalhes...

- Oh! Eu bem sabia que não era ali mais do que hóspede.

- Mas não lhe faltavam comodidades.

- Acharei aqui tudo que noutro tempo possuía.

- Vejamos - disse Charny querendo formar idéia da casa que Andréa escolhera para habitar, e começando a olhar em volta de si.

- Que pretende ver? - perguntou Andréa levantando-se arrebatadamente, e lançando um olhar rápido e inquieto para o lado da alcova.

- Mas se acaso não tem demasiada humildade nos seus desejos, este pavilhão não é decerto uma morada confortável; atravesssei uma saleta, e eis-me já na sala; esta porta (e abriu uma porta lateral) sim, esta porta é a da casa de jantar. E esta?

Andréa lançou-se entre o conde e a porta para que ele se dirigia, e por detrás da qual ela via idealmente Sebastião.

- Senhor! Suplico-lhe, nem mais um passo!

E com os braços estendidos opunha-lhe como que uma barreira.

- Sim, compreendo - disse Charny dando um suspiro; - esta conduz ao seu quarto de cama!

- Conduz - balbuciou Andréa com voz sufocada.

Charny olhou para a condessa, pálida e convulsa; o susto nunca se manifestara com uma expressão tão verdadeira como a que acabava de se espalhar no rosto de Andréa.

- Ah! Senhora - murmurou ele com lágrimas na voz - eu sabia que me não amava, porém ignorava que me odiasse tanto!

E como se fosse incapaz de se demorar mais tempo junto de Andréa sem cometer algum desatino, cambaleou um momento como homem embriagado, e reunindo todas as suas forças, correu para fora da sala soltando um grito de dor, que foi ecoar tristemente no mais íntimo do coração de Andréa.

Esta seguiu-o com os olhos até que desapareceu; prestou ouvido atento enquanto sentiu o rumor da carruagem que a pouco e pouco se ia perdendo ao longe; depois, sentindo que o coração quase se lhe despedaçava, e convencida de que o seu amor maternal não era suficiente para combater o outro, entrou na alcova gritando:

- Sebastião! Sebastião!

Mas ninguém lhe respondeu à chamada: ao seu grito de dor não respondia eco algum que a consolasse!

À luz da lamparina, que alumia o quarto, examinou-o com ansiedade, em volta de si, convencendo-se de que ninguém ali estava.

E todavia muito lhe custava a acreditar nos seus próprios olhos.

E chamou pela segunda vez:

- Sebastião! Sebastião!

O mesmo silêncio.

Foi então que reparou que a janela estava aberta, e que o ar exterior, penetrando no quarto, fazia bruxulear a luz da lamparina.

Fora por aquela mesma janela que, quinze anos antes, o menino desaparecera pela primeira vez.

- Ah! É justo; não me disse ele que eu não era sua mãe?

Vendo então que tudo perdia ao mesmo tempo, filho e marido no momento em que julgava tudo encontrar, Andréa atirou consigo para a cama com os braços estendidos e as mãos hirtas.

Só lhe restavam gritos, lágrimas, soluços, e o imenso sentimento da sua dor.

Passou cerca de uma hora naquela prostração, naquele esquecimento do mundo inteiro, naquele desejo de destruição universal, que acode aos desgraçados, na esperança de que o mundo, tornando ao caos donde saíra, os arraste também consigo.

De repente afigurou-se-lhe que alguma coisa mais terrível do que a sua dor se introduzia entre essa dor e as lágrimas, uma sensação que só experimentara umas três ou quatro vezes, e que sempre precedera as situações supremas da sua existência, invadindo mansamente a sensibilidade que lhe restava ainda. Por um movimento, quase independente da sua vontade, foi-se levantando; a voz extinguiu-se-lhe de todo; o corpo, como impelido involuntariamente, girou sobre si; os olhos através das copiosas lágrimas que os inundavam, julgaram distinguir que não estava só; e quando enxugou as lágrimas, o olhar fixou-se e esclareceu-se.

Um homem, que parecia ter saltado o parapeito da janela para penetrar no quarto, estava em pé diante dela. Andréa quis chamar, gritar, estender a mão para o cordão da campainha, mas foi-lhe impossível fazê-lo; acabava de sentir o entorpecimento invencível, que outrora lhe anunciava a presença de Bálsamo; numa palavra, naquele homem, que viu de pé diante de si, fascinando-a com o olhar, reconheceu Gilberto.

De que modo se achava ali Gilberto, aquele pai execrado, em lugar do filho tão querido, que ela buscava?

É o que vamos explicar aos nossos leitores.

Um caminho conhecido

Era efectivamente o Dr. Gilberto quem estava com o rei quando, por ordem de Isidoro, e a pedido de Sebastião, o oficial de serviço foi informar-se.

Cerca de meia hora depois, saiu Gilberto. O rei, cada vez depositava nele mais confiança. À sua rectidão apreciava toda a lealdade do coração do seu médico e conselheiro.

Quando este saiu, o oficial de serviço disse-lhe que o esperavam na antecâmara da rainha.

Acabava de entrar no corredor que conduzia ali, quando viu abrir e fechar uma porta particular que dava passagem a um mancebo, que ignorando decerto o interior do palácio, hesitava em tomar para a esquerda ou para a direita.

Viu então Gilberto vir direito a ele, e parou com o fim de interrogá-lo.

Gilberto também parou de súbito; a luz de uma lâmpada batia de frente no rosto do mancebo.

- O Sr. Isidoro de Charny! - bradou Gilberto.

- O Dr. Gilberto; - exclamou Isidoro.

- É o senhor que me quer falar?

- Sim, doutor, sou eu, e em seguida mais alguém.

- Quem?

- Alguém - continuou Isidoro - que terá muito prazer em tornar a ver.

- Será indiscrição perguntar-lhe quem seja?

- Não, mas seria cruel demorá-lo por mais tempo. Venha, ou antes, conduza-me à parte das antecâmaras da rainha a que chamam a sala verde.

- Realmente - disse Gilberto rindo - não sou mais forte do que o senhor na topografia do palácio, e sobretudo das Tulherias; em todo o caso, verei se posso servir-lhe de guia.

Gilberto passou adiante, e depois de algumas apalpadelas empurrou uma porta.

A porta dava para a sala verde.

Não havia ali ninguém.

Isidoro buscou por toda a parte e chamou um escudeiro; a confusão era ainda tão grande no palácio, que, contra todas as regras da etiqueta, não havia um só escudeiro na antecâmara.

- Esperemos um instante - disse Gilberto - o escudeiro não pode estar longe, e enquanto esperamos, se nada se opõe a esta confiança, diga-me quem era a pessoa que me procurava.

Isidoro, olhando inquieto em volta de si, perguntou:

- Não adivinha?

- Não.

- Alguém que encontrei no caminho, e que, inquieto com o que pudesse ter-lhe acontecido, dirigia-se a pé para Paris, e que eu conduzi na garupa do cavalo.

- Não é de Pitou que fala?

- Não, doutor, falo de seu filho Sebastião.

- De Sebastião! - exclamou Gilberto um pouco sobressaltado - então onde está ele?

E com os olhos percorreu rapidamente todos os cantos da vasta sala.

- Estava aqui, e prometera esperar por mim; talvez que o escudeiro a quem o deixei recomendado, não quisesse deixá-lo só, e o levasse consigo.

Naquele momento entrou o escudeiro, que vinha só.

- Que foi feito do mancebo que deixei aqui? - perguntou Isidoro.

- Que mancebo? - respondeu o escudeiro.

Gilberto tinha um grande poder em si; sentiu-se estremecer, mas soube conter-se.

Aproximou-se também.

- Ai, meu Deus! - murmurou o barão de Charny, lutando já com mil cuidados.

- Vejamos, senhor - disse Gilberto com voz sacudida - veja se se lembra; ele é meu filho; não conhece Paris, e se por desgraça saiu só do palácio, corre grande risco de se perder.

- Um rapazinho? - perguntou outro escudeiro entrando.
- Sim, um rapazinho, mas já bastante crescido.
- Duns quinze anos?
- É isso mesmo.
- Vi-o nos corredores correndo atrás de uma dama que saiu do quarto de Sua Majestade.
- Sabe quem era a dama?
- Não, senhor; levava um véu caído sobre o rosto.
- Mas enfim, que fazia ela?
- Parecia fugir, e o pequeno seguia-a gritando: “Minha senhora! Minha senhora!”
- Desçamos - disse Gilberto - o guarda-portão nos dirá se ele saiu.

Isidoro e Gilberto tomaram pelo mesmo corredor por onde uma hora antes passara Andréa seguida por Sebastião.

Chegaram à porta do pátio dos príncipes.

Interrogaram o guarda-portão, que respondeu:

- Sim, efectivamente vi uma dama caminhando tão rapidamente que parecia fugir; um rapazinho seguia-a, e ela entrou para uma carruagem, em que o pequeno se meteu também.

- E depois? - perguntou Gilberto.

- Depois, a dama puxou o mancebo para dentro da carruagem, abraçou-o com ardor, indicou ao cocheiro a sua morada, fechou a portinhola e a carruagem partiu.

- Recorda-se da morada? - perguntou Gilberto.

- Perfeitamente; rua Coq-Héron, n.º 9, a primeira porta da rua Plâtrière.

Gilberto estremeceu.

- Eh! - disse Isidoro - essa morada é a da minha cunhada, a condessa de Charny.

- Fatalidade! - murmurou Gilberto.

Naquela época era-se demasiado filósofo para se dizer Providência!

Depois acrescentou em voz baixa:

- Talvez a conhecesse.

- Pois bem - disse Isidoro - vamos a casa da condessa de Charny.

Gilberto sentiu a posição em que ia colocar Andréa, se se apresentasse em casa dela com o irmão do marido, e disse:

- Senhor, se o meu filho se acha em casa da Sr.^a condessa de Charny, deve considerar-se em segurança; e como tenho a honra de a conhecer, creio que em vez de me acompanhar, seria mais conveniente que se pusesse a caminho; porque, pelo que ouvi dizer no palácio, presumo que é o senhor quem deve partir para Turim.

- Sou eu efectivamente.

- Então receba os meus agradecimentos pelos serviços que prestou a Sebastião, e parta quanto antes.

- Contudo... doutor.

- Uma vez que lhe digo que nada receio já, pode partir; em qualquer parte que Sebastião se ache agora, quer seja em casa da Sr.^a condessa de Charny, quer noutro qualquer lugar, fique descansado que o hei-de encontrar.

- Então já que o doutor assim o quer...

- Peço-lho.

Isidoro estendeu a mão ao doutor, que lha apertou com mais cordialidade do que costumava fazer aos homens daquela classe, e enquanto Isidoro voltava para o palácio, dirigiu-se ele para a praça do Carroussel, seguiu pela rua de Chartres, atravessou diagonalmente a praça do Palais-Royal, costeou a rua de Saint-Honoré, e perdido um momento naquele dedalo de pequenas ruas, que iam dar a Halle, achou-se na esquina de duas ruas.

Eram as ruas Plâtrière e a rua Coq-Héron.

Ambas eram para Gilberto de terríveis recordações: ali, muitas vezes, naquele mesmo lugar onde estava, palpitara-lhe o coração, talvez com mais violência do que naquela ocasião

palpitava; por isso ele pareceu hesitar entre as duas ruas, mas decidiu-se afinal, tomando pela de Coq-Héron.

A porta da casa de Andréa era-lhe bastante conhecida; não foi portanto com o receio de se enganar que ali se demorou: não, era evidente que procurava um pretexto para penetrar naquela casa, e como não o achasse, procurava um meio.

A porta que empurrara com o fim de ver se, por um desses milagres que às vezes faz o acaso em favor de muitos, estaria aberta, resistiu ao impulso.

Costeou o muro, que tinha dez pés de altura.

A altura já ele conhecia bem; mas examinava se estaria ali casualmente algum carro que lhe facilitasse o meio de subir a cima do muro.

Se o conseguisse, lesto e vigoroso como era, facilmente saltaria no interior.

Não encontrou carro nenhum, nem meio de poder entrar.

Aproximou-se então da porta, pôs a mão na aldraba, que levantou; porém, meneando a cabeça, deixou-a cair devagarinho, sem fazer o menor ruído.

Era evidente que outra idéia, despertando-lhe uma esperança quase perdida, lhe derramara no espírito um raio de luz.

- Efectivamente - murmurou - é muito possível!

E tornou a subir a rua Plâtrière.

Quando passou junto da fonte, onde, dezesseis anos antes, mais de uma vez molhara o pão negro e duro que recebia da generosidade de Teresa e da hospitalidade de Rousseau, voltou para ela os olhos soltando um suspiro.

Rousseau morrera, já não existia; ele crescera, achava-se em boa posição, adquirira reputação e fortuna. Mas aí! Era porventura mais feliz, menos agitado, menos angustiado, do que no tempo em que, abrasado por uma paixão louca, ia molhar o triste bocado de pão naquela mesma fonte?

Continuou o seu caminho.

Finalmente parou, sem hesitar, defronte de uma porta de grades, que dava entrada para a alameda.

Parecia ter conseguido o seu fim.

Todavia encostou-se por um momento contra a parede, ou porque as recordações dolorosas o torturassem, ou porque, chegando àquela porta com uma esperança, receou encontrar ali alguma decepção.

Apalpou, finalmente, a porta, e com um sentimento de alegria inexplicável, achou um cordelinho, com que facilmente se abria o fecho.

Gilberto recordou-se que muitas vezes se esqueciam à noite de puxar o cordelinho para dentro; que ele mesmo se aproveitara uma vez deste descuido para entrar no quarto que ocupava nas águas-furtadas.

Segundo parecia, a casa era habitada, como noutro tempo, por gente pobre, que não receava ladrões. O mesmo descanso ocasionava o esquecimento.

Gilberto puxou pelo cordel; abriu-se a porta, e achou-se no corredor úmido e escuro, ao fim do qual, como uma serpente erguida sobre a cauda, havia a escada escorregadia e viscosa.

Gilberto tornou a fechar a porta cuidadosamente, e conseguiu sem dificuldade encontrar às apalpadelas os primeiros degraus da escada.

Tendo subido dez, resolveu-se a parar.

Uma frouxa claridade, que penetrava através duma vidraça suja, indicava que a noite, conquanto sombria, era menos escura fora do que dentro de casa.

Através daquela vidraça tão embaciada viam-se brilhar as estrelas num dos pontos limpos do Céu.

Gilberto procurou o fecho da vidraça, abriu-a e desceu ao jardim pelo mesmo caminho que já duas vezes seguira.

Apesar dos quinze anos decorridos, o jardim estava tão presente na memória de Gilberto,

que tudo conheceu, árvores, alegretes, e até o recanto disfarçado por uma videira, onde o jardineiro encostava a escada.

Ignorava se àquela hora da noite as portas estariam fechadas, ignorava se o conde de Charny estaria com sua mulher ou se na ausência deste haveria ali algum criado ou criada.

Resolvido a tudo para encontrar Sebastião, nem por isso deixara de combinar consigo mesmo a idéia de só em caso extremo comprometer Andréa: havia de empregar todos os meios para encontrá-la só.

O seu primeiro ensaio recaiu sobre a porta exterior, que cedeu ao primeiro impulso.

Pareceu-lhe então que, uma vez que a porta não estava fechada, não devia Andréa estar só.

Só uma grande preocupação pode fazer que uma mulher isolada num pavilhão se esqueça de fechar a porta.

Empurrou-a muito de leve, considerando-se todavia felicíssimo por saber que teria aquela entrada como último recurso.

Penetrou logo no interior do pátio, e foi aplicar a vista à janela que, quinze anos antes, abrindo-se de súbito impelida pela mão de Andréa, lhe fora de encontro ao rosto, na noite em que com os cem mil escudos na mão, fora oferecer à altiva donzela o desposá-la.

Aquela janela era a da sala.

A sala estava alumiada.

Mas como havia cortinas por detrás dos vidros era impossível ver o que se passava no interior.

Gilberto continuou a sua ronda.

De repente pareceu-lhe ver vacilar sobre a terra e sobre as árvores uma débil claridade, que partia de uma janela aberta.

Era a janela do quarto de cama; conheceu-a imediatamente, porquanto fora por ela que levara aquele a quem naquela hora procurava.

Desviou-se no intuito de sair do círculo de luz projectado pela janela, e de poder ver no meio da escuridão, sem que ninguém o visse.

Tendo chegado a um sítio que lhe permitia poder mergulhar a vista no interior do quarto, viu em primeiro lugar a porta da sala aberta, e em seguida, no espaço que com os olhos podia abranger, uma cama.

Na cama vira uma mulher hirta, desgrenhada, desfalecida; rouquinhos sons como os do estertor de um agonizante lhe escapavam da boca, interrompidos a espaços por gritos e soluços.

Gilberto aproximou-se lentamente, contornando aquela linha luminosa, na qual hesitava em entrar com receio de ser visto por alguém.

Foi nesta hesitação que encostou a cabeça ao ângulo da janela.

Gilberto já não podia duvidar; aquela mulher era Andréa e estava só.

Mas porque estava ela só? Porque chorava? Era o que não podia adivinhar.

Foi então que sem o menor ruído conseguiu franquear a janela, achando-se junto de Andréa no momento em que a atracção magnética, a que era tão acessível, a obrigou a voltar-se.

Os dois inimigos acharam-se pois, mais uma vez, na presença um do outro.

XIII

O que fora feito de Sebastião

O primeiro sentimento de Andréa ao ver o Dr. Gilberto, foi um terror profundo, e também uma repugnância invencível.

Para ela o Gilberto americano, o Gilberto de Washington e de Lafayette, aristocratizado pela ciência, pelo estudo e pelo engenho, era sempre o miserável Gilberto, o gnomo subterrâneo perdido nas latadas do jardim de Trianon.

Pelo contrário, Gilberto conservava por Andréa, apesar dos desprezos, apesar das injúrias, apesar das perseguições, não o amor ardente, que fizera cometer um crime ao mancebo, mas o interesse terno e profundo, que instigaria qualquer homem a prestar-lhe um serviço, até em risco da própria vida.

É que no censo íntimo com que a natureza dotara Gilberto, na rectidão imutável, que recebera da educação, julgara-se a si, compreendia que todas as desgraças de Andréa provinham dele e que só se exoneraria para com ela quando lhe restituísse uma soma de felicidade igual à dos infortúnios que ela lhe devia.

Ora, como e de que maneira poderia ele influir de um modo benéfico no futuro de Andréa?

É o que lhe era impossível saber.

Encontrando, pois, aquela mulher, que vira lutando com um desespero sempre vivo, tudo quanto havia de magnanimidade e de misericórdias no seu coração se comovera por aquele grande infortúnio.

Por isso, em lugar de usar de súbito do poder magnético, que já uma vez ensaiara nela, procurou antes falar-lhe com doçura, para que, no caso de a encontrar rebelde, como sempre fora, lançar mão desse meio correctivo, que não podia escapar-lhe.

Resultou daqui, que Andréa, envolvida logo no fluido magnético, sentiu que a pouco e pouco, pela vontade, e diremos quase com a permissão de Gilberto, esse fluido se ia dissipando como nevoeiro que se evapora e que permite aos olhos mergulharem-se nos horizontes longínquos.

Foi ela a primeira que tomou a palavra.

- Que me quer, senhor, como se acha aqui e por onde é que veio?

- Por onde vim, minha senhora? - respondeu Gilberto; - por onde vim noutro tempo; portanto, descanse, que ninguém me viu, ninguém supõe que eu esteja aqui.

“Como me acho aqui? Vim, porque tenho de reclamar um tesouro, indiferente para a senhora, precioso para mim: o meu filho.”

“Que lhe quero? Quero que me diga onde está o mancebo que a seguiu, e que trouxe para aqui.”

- Não sei dele - redargüiu Andréa - fugiu-me; habituou-o também a odiar a mãe!

- A mãe, minha senhora! É realmente mãe dele?

- Oh! - exclamou Andréa - vê a minha dor, ouve os meus gemidos, contempla o meu desespero, e ainda me pergunta se sou mãe dele!

- Ignora então onde está?

- Mas, se lhe digo que fugiu, que estava neste quarto, que entrei aqui, julgando encontrá-lo, e que achei esta janela aberta e o quarto vazio!

- Oh! Meu Deus! - exclamou Gilberto - onde iria ele! O desgraçado não conhece Paris e já passa da meia-noite!

- Oh! - exclamou também Andréa, dando um passo para Gilberto - julga que lhe aconteceria algum mal?

- É o que vamos saber - disse Gilberto - é o que vai dizer-me.

E estendeu a mão para Andréa.

- Senhor, senhor - bradou ela recuando para se subtrair à influência magnética.

- Nada receie, minha senhora, é uma mãe que vou interrogar a respeito do seu filho; para mim é sagrada.

Andréa soltou um suspiro e caiu numa poltrona murmurando o nome de Sebastião.

- Durma - disse Gilberto; - mas, ainda que adormecida, veja com o coração.

- Durmo - disse Andréa.

- Devo empregar toda a força da minha vontade - perguntou Gilberto - ou está disposta a responder voluntariamente?

- Dirá ainda a meu filho que não sou mãe dele?

- Conforme; diga-me se o ama.

- Oh! Pergunta-me se o amo, a esse filho das minhas entranhas! Oh! Sim, amo-o, e com o maior ardor.

- Nesse caso é mãe dele, como eu sou o pai, por isso que o ama como eu o amo.

- Ah! - proferiu Andréa respirando.

- Então vai responder-me voluntariamente?

- Deus permitir-me-á que o veja?

- Não lhe disse já que era mãe dele, como eu sou o pai? Ama seu filho, minha senhora, por isso há-de tornar a vê-lo.

- Obrigado - disse Andréa, com indizível expressão de alegria e batendo as palmas; - agora pode interrogar-me. Eu somente vejo...

- O quê?

- Sigo-o desde o seu encontro, para poder encontrar-lhe o rasto.

- Pois seja.

- Onde a viu ele?

- Na sala verde.

- Por onde a seguiu

- Através dos corredores.

- Aonde a alcançou?

- No momento em que eu entrava para a carruagem.

- Para onde o conduziu?

- Para minha casa.

- Onde se assentou?

- Junto a mim, no canapé.

- Demorou-se aí muito tempo?

- Cerca de meia hora.

- Por que motivo a deixou?

- Porque se ouviu o rodar de uma carruagem.

- Quem vinha nessa carruagem?

Andréa hesitou.

- Quem vinha nessa carruagem? - repetiu Gilberto em tom mais firme e com enérgica força de vontade.

- O conde de Charny.

- Onde ocultou Sebastião?

- Impeli-o para dentro deste quarto.

- O que lhe disse ele quando entrou para aqui?

- Que eu já não era sua mãe.

- Por que motivo lhe disse ele isso?

Andréa calou-se.

- Por que lhe disse ele isso? Fale, assim o quero!

- Porque eu lhe disse...

- O que lhe disse?

- Porque eu lhe disse (Andréa fez um esforço) que o senhor era um miserável, um infame.

- Examine o coração do pobre moço, minha senhora e calcule o mal que lhe fez.

- Oh! Meu Deus, meu Deus! - murmurou Andréa - perdão, meu filho, perdão!

- O Sr. de Charny tinha alguma desconfiança de que Sebastião estivesse aqui?

- Não.

- Está certa disso?

- Estou.

- Então por que não ficou?

- Porque o Sr. de Charny não fica nunca em minha casa.

- Então o que veio aqui fazer?

Andréa ficou um momento pensativa, com os olhos fixos como se procurasse ver na escuridão.

- Oh! - disse ela - meu Deus! Meu Deus! Olivier, meu caro Olivier!

Gilberto olhou para ela com admiração.

- Oh! Quanto sou desgraçada! - murmurou Andréa - ele vinha procurar-me, e era para ficar a meu lado que recusara a missão de que o encarregavam; ainda me ama; ainda me ama!...

Gilberto principiava a ler confusamente neste drama horrível.

- E a senhora também o ama?

Andréa suspirou.

- Também o ama? - repetiu Gilberto.

- Porque me faz essa pergunta?

- Leia no meu pensamento.

- Ah! Sim, bem vejo, a sua intenção é boa, quer fazer-me assaz feliz para me fazer também esquecer o mal que me faz, mas eu recusaria essa ventura, se viesse do senhor; odeio-o, e quero continuar a odiá-lo.

- Pobre humanidade! - murmurou Gilberto - acaso te estará destinada uma tão grande soma de felicidade para que possas escolher aqueles de quem deves recebê-la?! Então a senhora ama-o? - acrescentou Gilberto.

- Amo, sim.

- Desde quando?

- Desde o momento em que o vi, desde o dia em que eu vinha com a rainha.

- Desse modo, sabe o que é amor, Andréa? - murmurou tristemente Gilberto.

- Sei que o amor foi dado ao homem - respondeu ela - para que ele tenha a medida do que pode sofrer.

- Pois bem! Eis-te finalmente mulher, eis-te finalmente mãe! Diamante bruto, estás enfim lapidado pelas mãos desse terrível lapidário a quem chamam a dor. Mas voltemos a Sebastião.

- Sim, sim, voltemos a ele; proíba-me que pense no Sr. de Charny; essa idéia perturba-me, e em lugar de seguir meu filho, posso seguir talvez o conde.

- Muito bem! Esposa, esquece-te de teu esposo; mãe, pensa unicamente em teu filho!

A expressão de lenta doçura, que por um instante se apossara, não somente da fisionomia, mas de toda a pessoa de Andréa, desapareceu para dar lugar à sua expressão habitual.

- Onde estava ele enquanto conversava com o Sr. de Charny?

- Estava aqui, provavelmente escutando. Ali, ali, junto daquela porta.

- O que ouviu ele dessa conversação?

- Toda a primeira parte.

- Em que momento se decidiu a sair deste quarto?

- No momento em que o Sr. de Charny...

Andréa deteve-se.

- No momento em que o Sr. de Charny?... - repetiu desapiedadamente Gilberto.

- No momento em que o Sr. de Charny me beijou a mão, e eu soltei um grito.

- Vê-o, então?

- Sim. Vejo-o com a fronte franzida, com os lábios lívidos, com um dos punhos fechados sobre o peito.

- Siga-o, pois, com os olhos, e, a partir deste momento, não pense senão nele, não o perca de vista.

- Bem o vejo, bem o vejo - disse Andréa.

- O que faz ele?

- Examina em volta de si se haverá alguma porta, dirige-se à janela, abre-a, olha pela última vez para o lado da sala, franqueia o parapeito da janela e desaparece.

- Siga-o na obscuridade.

- Não me é possível.
Gilberto aproximou-se de Andréa passando-lhe a mão por diante dos olhos.

- Deve saber que não há noite para a senhora; veja! Ordeno-o!

- Ah! Ei-lo correndo pela alameda, junto ao muro; lá chegou ao portão, lá o abre sem que ninguém o veja, lá entra pela rua Plâtrière... Ah! Lá parou para falar a uma mulher.

- Escute bem - disse Gilberto - e oiça o que ele diz.

- Estou ouvindo.

- O que diz?

- Pergunta pela rua de Saint-Honoré.

- Sim; é onde moro. Entraria em minha casa, espera por mim. Pobre filho!

Andréa meneou a cabeça.

- Não - disse ela com uma expressão visível de inquietação - não, não entrou em sua casa, não o espera.

- Então onde está?

- Deixe-me segui-lo.

- Oh! Sim, siga-o, não o perca de vista! – exclamou Gilberto antevendo que Andréa adivinhasse alguma desgraça.

- Ah! - disse ela - ainda o vejo, ainda o vejo.

- Bem!

- Ei-lo que entra na rua Grenelle... ei-lo que entra na rua de Saint-Honoré... lá atravessa, sempre correndo, a Praça do Palais-Royal; indaga de novo o caminho... lá corre outra vez... ei-lo na rua de Richelieu... agora na rua dos Frondeurs... entra na rua de Saint-Roch... Pára, filho! Pára! Sebastião! Sebastião! Não vês essa carruagem que vem pela rua da Sourdière? Vejo-a eu, vejo-a eu. Os cavalos... Ah!...

Andréa soltou um grito terrível, levantando-se; a angústia maternal transparecia-lhe no rosto, no qual deslizavam em grossas bagas o suor e as lágrimas.

- Oh! - exclamou Gilberto - se lhe acontecer alguma desgraça, pensa bem que essa desgraça cairá sobre a tua cabeça!

- Ah! - proferiu Andréa respirando, sem escutar, sem ouvir o que Gilberto dizia; -ali! Deus seja louvado! O peito do cavalo foi de encontro a ele, empurrou-o para o lado... Lá está estendido sem sentidos, mas não está morto, oh! Não, não está morto... Desmaiado, desmaiado apenas... Socorro!... Socorro!... É meu filho!... É meu filho!...

E com um grito doloroso, Andréa caiu também quase desfalecida na poltrona.

Qualquer que fosse o desejo de Gilberto para saber mais alguns pormenores, concedeu a Andréa palpitante um momento de que tanto carecia.

Receava que levando-a mais longe, se lhe rompesse alguma fibra do coração, ou alguma veia do cérebro.

Mas, assim que julgou que podia interrogá-la sem perigo, perguntou:

- Então?

- Espere! Espere! - respondeu Andréa; - junta-se muita gente em volta dele. Oh! Por favor, deixem-me passar, deixem-me ver! É meu filho, é o meu Sebastião! Oh! Meu Deus! Não haverá entre os senhores um cirurgião, ou um médico?

-Oh! Eu corro - exclamou Gilberto.

- Espere, espere - disse Andréa sustendo-o pelo braço. - A multidão desvia-se; sem dúvida, aparece aquele a quem chamaram, aquele que se esperava. Venha, venha, senhor! Bem vê que não está morto, bem vê que ainda se pode salvar! Ah!...

E soltando um brado, que mais parecia um grito de espanto, exclamou:

- Oh!...

-Que tem? Meu Deus! - perguntou Gilberto.

- Não quero que aquele homem toque em meu filho! - gritou Andréa. - Não é um homem, é um anão, um gnomo, um vampiro! Oh! Hediondo! Hediondo!

- Senhora, senhora! - murmurou Gilberto todo trémulo; - em nome do Céu, não perca Sebastião de vista.

- Oh! - respondeu Andréa com o olhar fixo, com os lábios a tremem-lhe, apontando com o dedo - descanse, não o perderei de vista.

- Que faz então esse homem?

- Leva-o nos braços, sobe com ele a rua da Sourdière, entra no beco de Sainte-Hyacinthe, que fica do lado esquerdo; aproxima-se de uma porta baixa, que se acha meio aberta; abre-a, abaixa-se, desce uma escada, e deita-o numa mesa, onde há uma pena, um tinteiro e vários papéis impressos e manuscritos; despe-o, arregança-lhe a manga da camisa e aperta-lhe o braço com ligaduras que lhe trás uma mulher suja e hedionda como ele; abre um estojozinho, donde tira uma lanceta, vai sangrá-lo. Oh! Não quero ver! Não quero ver o sangue de meu filho!

- Pois bem! Torne a subir - disse Gilberto - e conte os degraus da escada.

- Já os contei; são onze.

- Examine a porta com atenção, e diga-me se vê aí alguma coisa de notável.

- Sim, vejo um postiguiño quadrado, com um varão de ferro em cruz.

- Muito bem; é tudo quanto preciso saber.

- Corra, corra, encontrá-lo-á.

- Quer despertar já, para se lembrar de tudo, ou quer despertar só amanhã pela manhã, para tudo esquecer?

- Desperte-me já; quero recordar-me de tudo.

Gilberto passou os dois polegares por sobre as sobrancelhas de Andréa, seguindo-lhe a curva; assoprou-lhe sobre a fronte e pronunciou esta única palavra:

- Desperte!

Então os olhos de Andréa animaram-se de súbito; os membros dilataram-se-lhe; olhou para Gilberto quase com terror, e continuando, acordada, as recordações do seu sono, disse:

- Oh! Corra, corra! E arranque-o das mãos daquele homem, que tanto medo me causa.

XIV

O homem da Praça de Luís XV

Gilberto não carecia que o animassem; precipitou-se para fora do quarto, e como se demorasse muito em seguir o caminho por onde viera, correu direito à porta da rua Coq-Héron, que abriu sem carecer do auxílio de ninguém.

Conservara perfeitamente na memória o itinerário traçado por Andréa, e por isso correu logo em busca de Sebastião.

Chegando à praça do Palais-Royal, foi costeando a rua de Saint-Honoré, que estava deserta, por isso que já era uma hora depois da meia noite. Chegando à esquina da rua Sourdière, tomou à direita, depois à esquerda, achando-se por este modo no beco de Sainte-Hyacinthe.

Foi ali que empregou uma inspecção mais minuciosa, a fim de reconhecer a localidade.

Na terceira porta à direita conheceu pelo postigo com o varão de ferro em cruz, a porta que Andréa indicara.

A designação fora tão positiva, que era difícil enganar-se e bateu.

Ninguém respondeu; bateu segunda vez.

Pareceu-lhe então que alguém subia a escada com passo tímido e desconfiado.

Bateu pela terceira vez.

- Quem é? - perguntou uma voz de mulher.

- Abra! - respondeu Gilberto - e nada receie: sou o pai desse mancebo ferido que recolheu.

- Albertina - disse outra voz. - É o Dr. Gilberto.

- Meu pai! Meu pai! - bradou terceira voz, em que Gilberto reconheceu a de Sebastião.

Gilberto respirou.

Abriu-se a porta; Gilberto, balbuciando um agradecimento, desceu a escada de corrida.

Chegado ao último degrau, achou-se numa espécie de alcova alumiada por uma lâmpada colocada sobre uma mesa coberta dos papéis manuscritos e impressos, que Andréa vira.

No meio da sombra, e deitado numa espécie de grabato, descobriu Gilberto o filho, que lhe estendia os braços, chamando por ele. Por mais poderosa que fosse a força de Gilberto sobre si, o amor paternal era ainda mais potente, por isso que pôde vencer o decoro filosófico, correndo para o filho, que apertou contra o peito, tendo todo o cuidado em lhe não tocar no braço sangrado, nem no peito contuso.

Depois, quando num beijo paternal, quando por esse doce murmúrio de duas bocas que se buscam, se explicaram sem proferir uma palavra, Gilberto voltou-se para o dono da casa, que mal vira.

Estava de pé, com as pernas abertas, observando atento, à claridade da lâmpada, a cena que em volta de si se passava.

- Vê, Albertina - disse ele - e agradece comigo o acaso que me permitiu prestar este serviço a um de meus irmãos.

No momento em que o cirurgião pronunciava estas palavras enfáticas, voltara-se Gilberto como já dissemos, lançando o seu primeiro olhar sobre o ente deforme que tinha diante de si.

Era uma coisa amarela e verde, com os olhos pardos que lhe saíam da cabeça, um desses camponeses perseguidos pela cólera de Latona, e que dispostos a verificar a sua metamorfose, nem se podem considerar homens, nem sequer sapos.

Gilberto estremeceu a seu pesar; afigurava-se-lhe, como num sonho horrível, como através de um véu ensangüentado, ter já visto aquele homem.

Chegou-se de novo para Sebastião, que abraçou ainda com mais ternura do que da primeira vez.

Todavia, Gilberto triunfou daquele primeiro movimento, e dirigindo-se ao homem extraordinário que Andréa vira no seu sono magnético e que tanto a assustara, disse:

- Senhor, receba todos os agradecimentos de um pai a quem conservou o filho; estes agradecimentos são sinceros, são inspirados por um coração grato e reconhecido.

- Senhor - respondeu o cirurgião - não fiz mais do que o meu dever, que o coração me suscitava, e que a ciência me ordenava. Sou homem, e como diz Terêncio, nada de tudo que é humano me é desconhecido; além de que, possuo um coração compassivo, não posso ver sofrer um insecto e muito menos o meu semelhante.

- Poderei ter o gosto de saber quem é o respeitável filantropo a quem tenho a honra de falar?

- Não me conhece, colega - disse o cirurgião rindo com um riso, que poderia inculcar como benévolo, sendo aliás horrível e medonho; - pois eu conheço-o perfeitamente, é o Dr. Gilberto, o amigo de Washington e de Lafayette (proferiu este último nome de um modo singular); o homem da América e da França, o homem utopista, que fez sobre a realza constitucional magníficas memórias, que enviou da América a Sua Majestade Luís XVI, e pelas quais Sua Majestade o recompensou mandando-o para a Bastilha no momento em que pôs os pés no território francês. O senhor quis salvá-lo, desembaraçando-lhe antecipadamente o caminho do futuro; ele abriu-lhe o de uma prisão. Foi um reconhecimento real!

E desta vez o cirurgião tornou a rir-se, mas com um riso terrível e ameaçador.

- Se me conhece, senhor, é mais uma razão para insistir no meu pedido e para ter a honra de o conhecer também.

- Oh! Há muito tempo que nos conhecemos, senhor - disse o cirurgião; - há vinte anos; foi na terrível noite de 30 de Maio de 1770; tinha o senhor a idade deste mocinho, foi-me conduzido como ele ferido, moribundo, esmagado, foi meu mestre Rousseau que o trouxe, e sangrei-o sobre uma mesa toda cercada de cadáveres e de membros mutilados. Oh! Nessa noite terrível, e de feliz recordação para mim; nessa noite, graças ao ferro que sabe até onde deve cortar

para cicatrizar, consegui salvar muitas existências.

- Oh! - exclamou Gilberto - então o senhor é João Paulo Marat, - e a seu pesar recuou alguns passos.

- Olha, Albertina - disse Marat - o meu nome produz o seu efeito.

E desatou a rir, mas com um riso sinistro.

- Mas - acudiu vivamente Gilberto - por que motivo o encontro aqui nesta cova, alumiado por uma lâmpada vaporosa? Julgava que era médico do Sr. conde de Artois.

- Quer dizer veterinário das cavaliças? - respondeu Marat - mas o príncipe emigrou, e portanto nada de príncipe, nada de cavaliças, nada de veterinário; além disso, eu já tinha pedido a minha demissão; não quero servir tiranos.

E o anão endireitou-se tanto, quanto lho permitia a ínfima estatura.

- Mas, enfim - disse Gilberto - para que está metido nesta espécie de caverna?

- Porquê, Sr. filósofo? Porque sou patriota e estou resolvido a denunciar os ambiciosos; porque Bailly me teme, porque Necker me odeia, porque Lafayette me vigia com a sua guarda nacional, porque esse ditador ambicioso pôs a preço a minha cabeça; mas eu guerreio-o do fundo da minha cova, persigo-o e denuncio-o. Sabe o que ele acaba de fazer?

- Não - respondeu Gilberto.

- Acaba de mandar fabricar no bairro de Santo António quinze mil caixas de tabaco com o seu retrato; isto leva água no bico, não lhe parece? É por isso que peço a todos os bons cidadãos que as quebrem logo que lhe venham às mãos; nelas acharão a senha do grande conluio realista, como o senhor não deve ignorar, e ao passo que o desventurado Luís XVI chora com lágrimas de sangue as loucuras que a *austriaca* o obriga a fazer, conspira esta com Lafayette.

- Lafayette com a rainha! - repetiu Gilberto pensativo.

- Sim, com a rainha. O senhor não pode duvidar de que ela conspira; nestes últimos dias tem distribuído tantos laços brancos, que a fita branca encareceu três soldos em cada vara; isto é certíssimo, disse-mo uma das filhas da Bertin, a modista da rainha, o seu primeiro ministro, aquela que diz: “Trabalhei esta manhã com Sua Majestade”.

- Onde denuncia o senhor todas estas coisas? - perguntou Gilberto.

- No meu jornal, no jornal que há pouco criei, e do qual já publiquei vinte números; no *Amigo do Povo, ou publicista parisiense*, jornal político e imparcial. Para pagar o papel e impressão dos primeiros números, olhe, veja, até vendi os lençóis e os cobertores da cama em que o seu filho está deitado.

Gilberto voltou-se e viu efectivamente que o filho estava estendido num colchão absolutamente nu, onde, menos agitado pela presença do pai, acabava de adormecer vencido pela dor e pelo cansaço.

O doutor aproximou-se dele para se assegurar de que não fosse aquele sono algum esvaimento; sossegado, porém, pela respiração branda e igual, voltou para junto daquele homem, o qual, mau grado seu, lhe inspirava, pouco mais ou menos, o mesmo interesse de curiosidade que poderia inspirar-lhe um animal selvagem, um tigre ou uma hiena.

- Quem são os seus colaboradores nessa obra gigantesca?

- Os meus colaboradores - disse Marat - ah! Ah! Ah! São os perus, que marcham em chusma: a águia anda sozinha; os meus colaboradores são estes.

E Marat apontou para a cabeça e para a mão direita.

- Vê esta mesa, doutor? - continuou ele; - é a oficina (a comparação é muito apropriada, não é assim?) onde forjo os meus raios. Todas as noites escrevo oito páginas em oitavo para vender pela manhã; muitas vezes não são suficientes estas oito páginas, e preciso dobrar-lhes o número. Dezesseis páginas também às vezes não chegam; o que principio em letra grada quase sempre é acabado em letra miúda. Os outros jornalistas aparecem por intervalos, revezam-se, fazem-se ajudar; eu trabalho sozinho. O *Amigo do Povo* (pode ver o original que ali está); o *Amigo do Povo* é toda obra da mesma pena; por isso não é simplesmente um jornal, não, é um homem, não, é uma personalidade, também não, sou eu!

- Mas - perguntou Gilberto - como pode resistir a tão enorme trabalho?

- Ah! Eis aí o segredo da natureza; é um pacto entre mim e a morte; dou-lhe dez anos da minha vida, e ela concede-me dias que não precisam de descanso, noites que não precisam de sono. Escrevo... Escrevo de noite e de dia; a polícia de Lafayette obriga-me a viver escondido, encerrado; faz-me consagrar ao trabalho, redobrar a minha actividade... Esta vida, que a princípio me pesava, deleita-me agora. Apraz-me ver o mundo miserável através do estreito e oblíquo postigo da minha cova. Do fundo desta cova úmida e sombria, reino sobre o mundo dos vivos; julgo sem apelação a ciência e a política; derrubo com uma das mãos Newton, Franklin, Laplace, Monge, Lavoisier; com a outra faço vacilar Bailly, Necker, Lafayette; hei-de desmorronar todo este colosso; sim, do mesmo modo que Sansão desmorrinou o templo, e debaixo das ruínas, que talvez me esmaguem também, hei-de sepultar comigo a realza.

Gilberto estremeceu a seu pesar; aquele homem repetia-lhe numa cova, e sob os andrajos da miséria, o que Cagliostro, sob o seu fato bordado, aproximadamente lhe dissera num palácio.

- Mas - disse ele - por que motivo, popular como é, não quis fazer parte da assembléia?

- Porque o dia que espero ainda não chegou – respondeu Marat.

Depois, como exprimindo uma saudade, acrescentou:

- Oh! Se eu fosse apoiado por alguns milhares de homens decididos, afianço-lhe que dentro de seis semanas a constituição seria perfeita; que a máquina política caminharia o melhor possível; que nenhum tratante se atreveria a desorganizá-la; que a nação seria livre e feliz; que em menos de um ano se tornaria florescente e temida; e que assim se conservaria enquanto eu vivesse.

E a vaidosa criatura transformava-se aos olhos de Gilberto; as pupilas cobriam-se-lhe de sangue; a cutis amarelenta luzia com o suor; tornava-se grande pela sua deformidade, como outros se tornam grandes pela beleza.

- Sim - continuou ele voltando o seu pensamento no mesmo ponto em que o entusiasmo o interrompera - sim, mas infelizmente não sou tribuno, não tenho à minha disposição os milhares de homens que me seriam precisos. Não, mas sou jornalista, tenho aqui a minha escrivaninha, papel e penas; não, mas tenho os meus assinantes, tenho os meus leitores, para os quais sou um oráculo, um profeta, um adivinho; tenho o meu povo, cujo amigo sou, e que conduz o tremendo de traição em traição, de descoberta em descoberta, de assombro em assombro. No primeiro número do *Amigo do Povo*, denunciei os aristocratas; disse que havia em França seiscentos culpados, para os quais bastavam seiscentos pedaços de corda. Ah! Ah! Ah! Há um mês enganei-me um pouco; vieram os dias 5 e 6 de Outubro, e aclararam-me a vista; por isso não são seiscentos culpados que é necessário julgar, são dez mil, são vinte mil aristocratas, que é necessário enforcar.

Gilberto sorriu; o furor chegado àquele auge parecia-lhe loucura.

- Tenha cuidado! - disse ele - talvez se não encontre em França linho para tantas cordas.

- Mas - acudiu Marat - encontrar-se-ão, assim o espero, novos meios mais expeditos. Sabe quem espero esta noite? Quem daqui a dez minutos há-de bater àquela porta?

- Não, senhor.

- Espero um dos seus colegas, um dos membros da Assembléia Nacional que também conhece: o cidadão Guillotin.

- Sim - disse Gilberto - aquele que propôs aos deputados que se reunissem no Jogo da Péla, quando os expulsaram da sala das sessões: um homem muito sábio.

- Pois bem! Sabe o que o cidadão Guillotin acaba de encontrar? Uma máquina maravilhosa, que mata sem dor; - porque é necessário que a morte seja uma punição e não um sofrimento; acaba de descobrir esta máquina, que havemos de experimentar um dia destes.

Gilberto estremeceu; era a segunda vez que aquele homem no fundo da sua cova lhe fazia lembrar Cagliostro. A máquina era decerto a mesma de que Cagliostro lhe falara.

- Ah! Ouviu? - disse Marat. - Bateram; é sem dúvida ele. Albertina vai abrir.

Esta levantou-se do banco em que estava assentada meio adormecida e dirigiu-se

maquinalmente e cambaleando para a porta.

Quanto a Gilberto, perturbado e como que dominado por uma vertigem, encaminhou-se instintivamente para o lado onde estava Sebastião, dispondo-se a tomá-lo nos braços, a fim de o transportar para casa.

- Veja - exclamou Marat com entusiasmo - é uma máquina que funciona apenas com o auxílio de um só homem, e que pode, mudando três vezes a faca, cortar trezentas cabeças por dia!

- Acrescente - disse por detrás de Marat uma voz aflautada - que pode cortar trezentas cabeças, sem causar o menor sofrimento, sem outra sensação mais que uma suave friagem no pescoço.

- Ah! É o doutor! - exclamou Marat voltando-se para o recém-chegado.

Era um homem baixo, de quarenta a quarenta e cinco anos, cujo vestuário, extremamente asseado, e cujo porte simpático faziam singular contraste com Marat.

Este, vendo que ele trazia na mão uma caixa da dimensão e da forma das que se vendem com brinquedos para crianças, perguntou:

- O que me traz aí?

- O modelo da minha máquina, meu caro Marat... Mas, creio que não me engano - acrescentou ele afirmando-se para um canto escuro da cova - é o Sr. Dr. Gilberto que está ali?

- Sim, senhor - respondeu Gilberto inclinando-se.

- Estou encantado de o encontrar; o senhor aqui não é demais, e muita honra terei em ouvir a opinião de um homem tão distinto sobre a invenção que vou apresentar brevemente. A propósito, meu caro Marat, saiba que encontrei um hábil carpinteiro, chamado Guidon, que se encarrega de fazer a máquina em tamanho conveniente... Quer cinco mil e quinhentos francos; é caro, mas estou decidido a fazer todos os sacrifícios, que sejam para o bem da humanidade... Dentro de dois meses estará pronta, meu amigo, e poderemos experimentá-la; depois hei-de propô-la à Assembléia Nacional. Espero que o senhor apóie a proposta no seu interessante jornal, posto que a minha máquina - acrescentou ele voltando-se para o Dr. Gilberto - se recomende por si mesma, como vai julgar, vendo-a; mas umas linhas no *Amigo do Povo* não lhe farão mal nenhum.

- Oh! Esteja certo de que não serão só umas linhas que lhe hei-de consagrar, mas uma folha toda.

- É muito amável, meu caro Marat, mas, como costuma dizer-se, não quero vender-lhe gato por lebre.

E tirou da algibeira da casaca uma caixa, que seria pelo tamanho da quarta parte da que tinha na mão, e que parecia conter alguns animais impacientes por estarem presos, os quais produziam um certo ruído, que não escapou ao ouvido subtil de Marat, que perguntou:

- Oh! Oh! O que traz aí dentro?

- Já vai ver - respondeu o doutor.

Marat estendeu a mão para pegar na caixa.

- Tome cuidado - disse o Dr. Guillotin - tome cuidado para não os deixar fugir, porque não poderíamos tornar a apanhá-los; são uns poucos de ratos a que vamos cortar a cabeça... Então, Dr. Gilberto, o que faz?... Quer deixar-nos?...

- Sim, senhor - respondeu Gilberto - e com muito pesar meu; mas meu filho, ferido esta noite por ter sido atropelado por um cavalo, depois de sangrado pelo Dr. Marat, que humanamente o recolhera, e a quem eu próprio devo a vida por me ter prestado em tempo igual socorro, meu filho, repito, precisa agora repousar numa cama confortável, e que prestem os cuidados que o seu estado reclama; por isso não posso assistir à sua interessante experiência.

- Mas promete que há-de assistir à que fizermos com a máquina no seu tamanho natural dentro de dois meses, não é assim, doutor?

- Prometo.

- Confio na sua palavra.

- Está dada.

- Doutor - disse Marat - é escusado recomendar -lhe segredo a respeito do lugar em que me oculto.

- Oh! Senhor...

- É porque, se o seu amigo Lafayette o descobrisse, far-me-ia fuzilar como um cão, ou enforcar como se fosse um ladrão.

- Fuzilar! Enforcar! - exclamou Guillotin. – Vão acabar todas essas mortes de canibais; vai haver uma morte suave, fácil, instantânea! Uma morte que os velhos desgostosos da vida e que queiram terminar a existência filosófica e sensatamente, preferirão à morte natural! Venha ver isto, meu caro Marat, venha ver!

E sem se importar com o Dr. Gilberto, Guillotin abriu a caixa grande e começou a armar a máquina sobre a mesa de Marat, que olhava para ela com tanta curiosidade como entusiasmo.

Gilberto aproveitou este ensejo para pegar em Sebastião adormecido, e levá-lo nos braços. Albertina acompanhou-o até à porta, e fechou cuidadosamente.

Logo que chegou à rua, sentiu pelo frio que estava suado e que a brisa da noite lhe gelava o suor na fronte.

- Oh! Meu Deus - murmurou ele - o que será desta cidade, cujos subterrâneos ocultam, talvez, neste momento, quinhentos filantropos ocupados em obras semelhantes à que acabo de ver preparar, e que um belo dia brilharão à luz do Céu?...

XV

Catarina

Da rua da Sourdière até à casa em que Gilberto habitava apenas distavam alguns passos.

A casa era situada um pouco mais distante do que a Assunção, no lado oposto da rua, defronte de um marceneiro chamado Duplay.

O movimento e o frio tinham despertado Sebastião: ele queria ir por seu pé, mas o pai não lho consentiu, continuando a levá-lo nos braços.

Chegado à porta, o doutor pôs Sebastião de pé por um momento, e bateu com força, para que, no caso que o porteiro dormisse, não tivesse que esperar na rua muito tempo.

- É o Sr. Gilberto? - perguntaram de dentro.

- Ora esta! - disse Sebastião - é a voz de Pitou.

- Ah! Deus seja louvado! - exclamou Pitou abrindo a porta - encontrou-se afinal o Sebastião!

E voltando-se depois para a escada, em cuja profundidade se principiava a enxergar a claridade de uma vela, bradou:

- Sr. Billot! Encontrou-se o Sebastião, e espero que sem algum acidente. Não é assim, Sr. Gilberto?

- Sem algum acidente grave, pelo menos - disse o doutor - Vem, Sebastião, vem.

E deixando a Pitou o cuidado de fechar a porta, subiu com Sebastião nos braços, à vista do porteiro estupefacto postado no limiar do seu cubículo, onde se conservava de barrete de algodão e em mangas de camisa.

Billot ia adiante alumando o doutor; Pitou seguia depois.

O doutor morava no segundo andar. As portas abertas de par em par anunciavam que se esperava por ele; entrou, e deitou Sebastião sobre a sua cama.

Pitou seguia-o, inquieto e tímido. À vista da lama que lhe cobria os sapatos, as meias e os calções, e que lhe salpicava o resto do fato, era fácil conhecer que acabava de chegar de uma grande jornada.

Com efeito, depois de haver reconduzido Catarina desolada a sua casa, depois de saber da própria boca da moça, fundamente impressionada para ocultar a dor, que esta dor provinha da partida de Isidoro para Paris, Pitou, a quem a expressão daquela dor despedaçava duplamente o

coração, não só como amante, mas como amigo, Pitou despedira-se de Catarina, que estava deitada, e da mãe Billot, que chorava junto do leito, e com passo mais tardio do que aquele que ali o levava, encaminhou-se para o lado de Haramont.

A lentidão do passo, o número de vezes que se voltara para olhar tristemente para o casal, de que se desviava com o coração afectado, tanto pela dor de Catarina, como pela sua própria, tudo foi motivo para só chegar a Haramont ao romper do dia.

A sua preocupação fez com que, como Sextus quando encontrou a mulher morta, se fosse assentar na cama com os olhos fixos e as mãos cruzadas sobre os joelhos.

Levantou-se finalmente e semelhante a um homem que desperta, não do sono, mas do meditar, lançou um olhar em volta de si e viu ao pé da folha de papel, que escrevera, outra escrita por letra diferente.

Aproximou-se da mesa e leu a carta de Sebastião.

Cumprê-lo em honra de Pitou, naquele momento esqueceu-se inteiramente das suas penas pessoais para se ocupar exclusivamente dos perigos que Sebastião poderia correr durante a viagem que empreendera.

Depois, sem se importar com a distância que o mancebo, que partira na véspera, poderia levar-lhe, Pitou, confiando nas pernas, correu-lhe logo no encalço, esperando alcançá-lo, se, não tendo encontrado meio de transporte, Sebastião se visse obrigado a continuar a pé o seu caminho.

E daí era de supor que Sebastião se demorasse, ao passo que ele não pararia nunca.

Pitou não curou de bagagem; cingiu os rins com um cinto de couro, como costumava usar quando tinha que andar muito; meteu debaixo do braço um pão de quatro arrâteis, dentro do qual introduziu um salsichão, empunhou o seu cajado de viagem, e pôs-se a caminho.

Pitou com o seu passo ordinário, andava légua e meia numa hora; apressando um pouco mais o passo, andaria duas.

Todavia, como lhe era necessário parar para beber, para atar os sapatos quando se lhe desatavam e para perguntar notícias de Sebastião, gastou dez horas para ir da extremidade da rua de Loigny à barreira da Vallete.

Mais uma hora para ir da barreira da Vallete a casa do Dr. Gilberto, perfaz ao todo onze horas; tinha partido às nove horas da manhã, e chegara às oito da noite.

Era justamente a hora a que Andréa saíra com Sebastião das Tulherias, e em que o Dr. Gilberto falava com o rei. Não encontrou pois nem o doutor nem Sebastião.

Mas encontrou Billot.

Billot não ouvira falar de Sebastião, e não sabia a que horas entraria Gilberto.

O infeliz Pitou estava tão inquieto, que nem se lembrou de falar a Billot relativamente a Catarina; a sua conversa não foi mais do que um prolongado gemido sobre a desgraça que tivera de não encontrar Sebastião quando este foi procurá-lo.

Depois, como trazia consigo a carta de Sebastião para se justificar com o doutor em caso de necessidade, deu-se de novo ao trabalho de tornar a ler essa mesma carta, o que, a falar a verdade, era inútil, por isso que já a tinha lido tantas vezes, que a sabia de cor.

O tempo deslizou tão vagaroso e triste para Pitou, como para Billot, desde as oito horas da noite até às duas horas da madrugada.

Seis horas era um espaço bem longo. Pitou não precisara de metade desse tempo para ir de Villers-Cotterets a Paris. Pelas duas horas da manhã retinira a aldraba da porta pela décima vez, depois que Pitou chegara.

De cada vez que a aldraba batia, precipitava-se Pitou pelos degraus, e apesar dos quarenta que havia de descer, chegava sempre à porta no momento em que o porteiro abria.

A sua esperança ficava sempre iludida; nem Gilberto, nem Sebastião apareciam, e todas as vezes que descia, subia de novo, mais triste do que descera.

Enfim, já dissemos que tendo descido mais precipitadamente pela última vez, fora a sua esperança coroada do melhor êxito, vendo aparecer ao mesmo tempo o pai e o filho, o Dr.

Gilberto e Sebastião.

Gilberto agradeceu a Pitou, como devia, isto é, dando-lhe um aperto de mão; depois, como pensasse que, tendo feito uma viagem de dezoito léguas, devia o viajante carecer de algum descanso, deu-lhe as boas noites e mandou-o deitar.

Mas, sossegado pelo que dizia respeito a Sebastião, Pitou tinha ainda a comunicar a Billot as suas confidências; fez-lhe pois sinal para que o seguisse, e Billot assim fez.

Quanto a Gilberto, esse não quis confiar a ninguém o cuidado de tratar do filho. Ele mesmo examinou a equimose que Sebastião tinha no peito, aplicou o ouvido a diversos lugares do corpo, e havendo-se assegurado de que a respiração estava perfeitamente livre, deitou-se num canapé ao lado do filho, que, apesar da febre ser bastante forte, adormeceu profundamente.

Mas, lembrando-se logo do cuidado com que Andréa devia estar, assim como ele o tivera, chamou o criado de quarto, e ordenou-lhe que fosse sem demora lançar no correio uma carta, que apenas continha as seguintes palavras:

“Tranquelize-se; encontrei Sebastião, que não corre o menor perigo”.

Na manhã seguinte, Billot mandou pedir licença a Gilberto para entrar no seu quarto, a qual lhe foi logo concedida.

O rosto cheio de bondade de Pitou apareceu risonho à porta, por detrás do de Billot, cuja expressão triste e severa não escapara a Gilberto.

- Que há de novo, meu amigo? O que tem? –perguntou o doutor.

- O que tenho, Sr. Gilberto? Tenho a dizer-lhe que fez muito bem em me demorar aqui, porque posso ser-lhe útil e ao país. Mas enquanto eu aqui me demoro, tudo vai pessimamente noutra parte.

Que não se julgue contudo, à vista destas palavras, que Pitou revelasse os segredos de Catarina e falasse dos seus amores com Isidoro; não, a alma nobre do bravo comandante da guarda nacional recusava-se a uma delação.

Dissera somente a Billot que a colheita tinha sido má, que os centeios tinham faltado, que uma grande parte dos trigos fora derrubada pela saraiva, e que encontrara Catarina desmaiada na estrada de Villers-Cotterets a Pisseleux.

Ora, a Billot pouco se lhe dava da falta de centeios e da perda dos trigos; mas sentiu-se profundamente aflito ao saber do desmaio de Catarina.

É porque sabia, o honrado pai Billot, que uma rapariga do temperamento e da força de Catarina não perde os sentidos sem algum motivo forte.

De mais, interrogara bastante Pitou, e por conhecer nele alguma reserva nas respostas, por mais de uma vez meneara a cabeça, dizendo:

- Vamos, vamos, creio que é tempo de sair daqui e voltar para casa.

Gilberto, que também acabava de sentir quanto um coração de pai era capaz de sentir, entendeu desta vez o que se passava em Billot, quando ele lhe transmitiu as notícias que Ângelo Pitou trouxera.

- Vá, meu caro Billot - lhe disse ele - já que a casa, as terras e a família o reclamam; mas não esqueça que, em nome da pátria e em caso urgente, posso dispor do senhor.

- Uma só palavra, Sr. Gilberto - respondeu o honrado lavrador - e doze horas depois estarei em Paris.

Em seguida, tendo abraçado Sebastião, que, depois de uma noite bem passada, se achava de todo livre de perigo, e apertando a mão fina e delicada de Gilberto nas suas largas e calosas, tomou dali a duas horas o caminho do casal, que deixara por oito dias, e donde se achava ausente havia três meses.

Pitou seguiu-o, levando consigo o mimo que lhe fizera o Dr. Gilberto, vinte e cinco luíses, para ajuda do fardamento e equipamento da guarda nacional de Haramont.

Sebastião ficou com o pai.

Tréguas

Uma semana depois dos acontecimentos que acabamos de referir tomaremos novamente o leitor pela mão para o conduzir ao palácio das Tulherias, que é de hoje em diante o teatro principal das grandes catástrofes que vão realizar-se.

Oh! Tulherias! Esperança fatal legada pela rainha do S. Bartolomeu, pela estrangeira Catarina de Médicis aos seus sucessores, palácio da loucura, que atrai a si para devorar. Que fascinação pode existir no teu pórtico boquiaberto, que chama para si todos esses loucos coroados que se querem chamar reis, que só se julgam verdadeiramente sagrados depois de dormir debaixo dos teus tectos alcunhados reais, e que friamente vomitas, uns após outros, uns, já cadáveres decapitados, outros, fugitivos sem coroa?

Há sem dúvida nas tuas pedras cinzeladas, uma espécie de jóia de Benvenuto Cellini, algum malefício fatal, algum talismã mortal oculto nos teus umbrais; conta os cinco últimos reis que recebeste e dize-me, o fim que tiveram; desses cinco só um único foi depositado no carneiro, juntamente com os seus antepassados, e dos quatro que a história te reclama, um subiu ao cadafalso e os três saíram para o exílio!

Certo dia uma assembléia em massa quis arrostar o perigo estabelecendo-se no lugar dos reis e assentar-se, mandatária do povo, onde se tinham assentado os eleitos da monarquia: desde esse momento, apoderou-se dela uma vertigem; desde esse momento ela própria se destruiu: o cadafalso devorou uns, o exílio engoliu outros, e uma singular fraternidade reuniu Luís XVI e Robespierre, Collot-de-Herbois e Napoleão, Billaud Varennes e Carlos X, Vadier e Luís Filipe.

Oh! Tulherias! Tulherias! Muito insensato será aquele que se atrever a ultrapassar os teus umbrais, a entrar por onde entraram Luís XVI, Napoleão, Carlos X e Luís Filipe; por isso que, mais tarde ou mais cedo, hão-de sair pela mesma porta por onde aqueles saíram.

E contudo, palácio fúnebre, cada um deles entrou ali no meio das aclamações do povo, e a tua vasta varanda viu-os sorrir, uns depois dos outros, a essas aclamações, acreditando nos votos e nos emboras da multidão que os impelia, o que fez que tão depressa se viram assentados sobre o dossel real, cada um deles se pusesse a trabalhar para si em lugar de trabalhar para o povo, o que, sendo um dia percebido pelo povo, o despediu como se despede um rendeiro infiel, ou o castigou como se castiga um mandatário ingrato.

É deste modo que, depois da marcha terrível do dia 6 de Outubro, por entre clamores, por cima de lama e de sangue, o pálido Sol do seguinte dia veio encontrar, quando nasceu, o pátio das Tulherias invadido pelo povo entusiasmado e comovido pelo regresso do seu rei e ansioso por vê-lo.

Durante esse dia recebera Luís XVI os corpos constituídos; a multidão esperava fora, procurava-o, espionava-o através dos vidros; aquele que julgava enxergá-lo soltava um grito de alegria e mostrava-o ao que lhe ficava próximo dizendo:

-Não o vê? Não o vê? Lá está ele!

Pelo meio-dia foi necessário que aparecesse na varanda, e nessa ocasião retumbaram de toda a parte bravos e aplausos unânimes.

À noite desceu ao jardim: então foi mais alguma coisa do que bravos e aplausos; foram lágrimas, foram ternuras.

A princesa Isabel, dotada de um coração ingênuo e piedoso, mostrando o povo a seu irmão, dizia-lhe:

- Parece-me que não será muito difícil governar tão boa gente.

O seu aposento era no andar térreo; à noite mandou abrir as janelas e ceou à vista de todos.

Homens e mulheres todos o olhavam, todos o aplaudiam e saudavam; as mulheres, sobretudo, faziam subir os filhos ao parapeito das janelas, ordenando a estes inocentinhos que enviassem beijos àquela grande dama e lhe dissessem que era muito linda.

E as criancinhas repetiam: “Sois muito formosa, senhora”; e com as suas nédias mãozinhas lhe enviavam beijos sem número.

Todos viam terminada a revolução, todos diziam: “Eis aí o rei arrancado à sua Versalhes, aos seus cortesãos e aos seus conselheiros: o encanto que longe da capital tinha a realeza cativa no meio daquela multidão de autómatos, de estátuas e de copadas árvores, a que se chama Versalhes; esse encanto que separava o rei do seu povo, quebrara-se; o rei voltara à vida e à verdade, isto é, à natureza real do homem. “Vinde, senhor, vinde para o meio de nós; até aqui, cercado como estáveis, só tínheis a liberdade de fazer mal; hoje, no meio de nós, no meio do vosso povo, tendes toda a liberdade para fazer bem”.

Muitas vezes as massas e até os indivíduos se enganam a respeito do que são, ou antes a respeito do que vão ser; o susto que se sentira durante os dias 5 para 6 de Outubro, havia atraído para o rei, não só uma multidão de corações, mas ainda muitos espíritos, muitos interesses; os gritos na escuridão, o despertar no meio da noite, as fogueiras no pátio de mármore alumando as grandes paredes de Versalhes com seus fúnebres reflexos, tudo isso impressionara profundamente todas as imaginações. A assembléia assustara-se, sobretudo quando o rei fora ameaçado; então ainda ela acreditava que dependia do rei; mas não decorreram seis meses sem que conhecesse que pelo contrário, era o rei que dependia dela. Cento e cinquenta dos seus membros tiraram logo passaportes. Mounier e Lally, o filho do Lally morto na praça de Grève, ambos fugiram.

Os dois homens mais populares em França, Lafayette e Mirabeau, voltaram realistas para Paris.

Mirabeau dissera a Lafayette: “Unamo-nos e salvemos o rei”.

Por desgraça Lafayette, homem de bem por excelência, mas espírito limitado, desprezava o carácter de Mirabeau, e não lhe compreendia o génio.

Contentou-se com ir procurar o duque de Orleans.

Tinha-se dito muita coisa acerca de Sua Alteza Real; dissera-se que fora visto, durante a noite, com o chapéu para os olhos e de chibata na mão, agitando os grupos no pátio de mármore, incitando-os ao saque do palácio, sem dúvida na esperança de que o saque trouxesse o assassinio.

Mirabeau pertencia todo ao duque de Orleans.

Lafayette, em lugar de se entender com Mirabeau, foi procurar o duque de Orleans, convidando-o a deixar Paris; o duque discutiu, lutou, resistiu; mas Lafayette era verdadeiramente rei, e não teve outro remédio senão obedecer.

- Mas quando voltarei? - perguntou ele a Lafayette.

- Quando lhe disser que é tempo de voltar, meu príncipe.

- E se eu, aborrecido, voltar sem sua licença? - perguntou o duque com altivez.

- Nesse caso - respondeu Lafayette - Vossa Alteza Real me fará a honra de se bater comigo.

O duque de Orleans partiu, e só voltou quando foi chamado.

Lafayette era pouco realista antes de 6 de Outubro, mas, depois desse dia, tornou-se realista decidido e sincero; salvou a rainha e protegeu o rei.

Os homens dedicam-se mais pelos serviços que prestam, do que por aqueles que recebem. É que no coração humano existe quase sempre mais orgulho do que gratidão.

O rei e a princesa Isabel, conhecendo que, inferior e até superior àquele povo, havia um elemento fatal, que não queria misturar-se com ele, alguma coisa odiosa e vingativa, como a cólera do tigre, que ruge quando afaga, sentiam-se vivamente impressionados.

Mas não acontecia o mesmo a Maria Antonieta; a má disposição em que se achava o coração da mulher era nociva ao espírito da rainha, as suas lágrimas eram lágrimas de despeito, de dor, de ciúme; dessas lágrimas, que derramava, contavam-se tantas por Charny, que via prestes a escapar-se-lhe dos braços, como pelo ceptro, que também via prestes a escapar-se-lhe das mãos.

Por isso via ela todo aquele povo, ouvia todos aqueles gritos com o coração ressequido, com o espírito irritado.

Era na realidade mais moça do que a princesa Isabel, ou talvez da mesma idade; mas a virgindade da alma e do corpo tinham envolvido esta última numa túnica de inocência e de frescor, que ainda não despira, ao passo que as paixões ardentes da rainha, o ódio e o amor, lhe tinham feito empalidecer as mãos, que pareciam de marfim, comprimido os lábios descorados, e espalhado por sobre as pálpebras algumas dessas nódoas denegridas, que revelam um padecimento profundo, incurável e permanente.

A rainha estava doente, profundamente doente de uma moléstia que ninguém pode curar-se, por isso que o seu único remédio consiste na paz e na ventura, e a pobre Maria Antonieta conhecia ter perdido para sempre estes inapreciáveis dons.

Era por isso que, no meio de todos aqueles entusiasmos, brados e vivas, quando o rei estendia a mão aos homens, quando a princesa Isabel sorria e chorava ao mesmo tempo para as mulheres e para as crianças, a rainha sentia os olhos, umedecidos com as lágrimas do seu próprio penar, tornarem-se enxutos à vista do público regozijo, da geral satisfação.

Os vencedores da Bastilha quiseram apresentar-se-lhe, mas ela recusou-se a recebê-los.

As regateiras, chamadas as damas do mercado, também, por seu turno, se apresentaram; essas, porém, resolveu ela recebê-las, mas de longe, bem separada delas por muitos guardas; além disso aquelas mulheres, como vanguarda destinada a defendê-la de qualquer contacto queriam postar-se junto a ela.

Era um grande erro que cometia Maria Antonieta: as mulheres do mercado eram realistas, e muitas desaprovavam o dia 6 de Outubro.

Então essas mulheres dirigiram-lhe a palavra, porquanto em semelhantes grupos há sempre oradores mais ou menos eloqüentes.

Uma delas, mais atrevida do que as outras, arvorando-se em conselheira, disse:

- Senhora rainha, permitis que vos dê um conselho, mas olhai, um conselho de mão cheia, quero dizer, cá do fundo do coração?

A rainha fizera com a cabeça um sinal tão imperceptível, que a mulher nem sequer o vira.

- Não respondeis? Não importa! Sempre vo-lo darei. Eis-vos no meio de nós, no meio do vosso povo, isto é, no seio da vossa família; agora é necessário desviar de vós todos esses cortesãos que perdem os reis, e amar um pouco estes pobres parisienses, que desde vinte anos que vos achais em França talvez vos não tenham visto quatro vezes.

- Senhora - respondeu secamente a rainha - fala desse modo, porque não conhece o meu coração; amei-vos em Versalhes, amar-vos-ei do mesmo modo em Paris.

Isto não era prometer muito.

Seguiu-se por isso segunda oradora, bradando:

- Sim, sim, vós nos amáveis em Versalhes! Era então por amor, que no dia 14 de Junho querieis sitiar a cidade e fazê-la bombardear? Era então por amor que no dia 6 de Outubro querieis fugir para as fronteiras, com o pretexto de ir, pela alta noite, para Trianon?

- Quer dizer - acudiu a rainha - que lhe disseram isso, e que o acreditou; é justamente do que resulta a desgraça do povo e do rei.

E contudo, pobre mulher, ou antes pobre rainha, no meio da resistência do seu orgulho, e das angústias do seu coração, encontrou uma inspiração feliz.

Uma daquelas mulheres, natural da Alsácia, dirigiu-lhe a palavra em alemão.

- Senhora - respondeu a rainha - tornei-me por tal modo francesa, que de todo esqueci a minha língua materna.

Isto era belo para se dizer; mas, desgraçadamente, foi pouco a propósito.

As mulheres do mercado podiam retirar aos gritos de: “viva a rainha!” e retiraram resmungando por entre os dentes algumas frases grosseiras.

A noite, quando reunidos, o rei e a princesa Isabel, provavelmente para se consolarem um ao outro, recordavam-se de tudo quanto tinham achado de útil e de consolador naquele povo: ela só achou um facto para ajuntar aos demais; era um dito do delfim, que ela repetiu muitas vezes nesses dias e nos seguintes.

Com o motim que fizeram as mulheres do mercado, quando entraram no régio aposento, o pobre delfim correria gritando para a mãe:

- Oh! Mamã! Mamã, o dia de hoje será o de ontem?...

O infeliz delfim estava presente, ouvia o que sua mãe dizia dele, e ufano como todas as crianças que vêem que se ocupam delas, aproximou-se do rei observando-o com ar pensativo.

- Que queres tu, meu Luís? - perguntou o rei, acariciando o menino.

- Queria - respondeu o delfim - perguntar-lhe uma coisa de bastante gravidade.

- Pois bem - disse o rei puxando-o para si - que queres tu saber? Vamos, fala.

- Queria saber - continuou o menino - porque é que o povo, que o amava tanto, se pôs tão depressa de mal consigo, e o que lhe fez para ele se pôr de tão mau humor.

- Luís! - murmurou a rainha com ar de censura.

- Deixe-me responder-lhe - acudiu o rei.

A princesa Isabel sorria-se para ele.

Luís XVI assentou o filho no colo, e pondo a política do dia ao alcance da inteligência do menino, disse:

- Meu filho, eu quis fazer o povo mais feliz do que era; precisei de dinheiro para pagar as despesas ocasionadas pelas guerras, pedi-o ao meu povo, como sempre fizeram os reis meus predecessores; alguns dos magistrados que compõem o meu parlamento opuseram-se a isso, dizendo que só o povo tinha direito de me votar esse dinheiro; convoquei os primeiros homens de cada cidade, pelo seu nascimento, fortuna e talento; é a isto que se chama os *Estados Gerais*. Assim que se acharam reunidos, pediram-me coisas que não posso fazer nem por mim, nem por ti, que serás o meu sucessor... Alguns malvados sublevaram então o povo, e os excessos que se praticaram nos últimos dias são obra sua. Porém, meu filho, não devemos por isso querer mal ao povo.

A esta recomendação, Maria Antonieta apertou os beiços, e era evidente que, encarregada da educação do delfim, lhe não teria decerto inspirado o esquecimento das injúrias: não eram esses os seus princípios.

No dia seguinte a cidade de Paris e a guarda nacional mandaram pedir à rainha que comparecesse no teatro, para provar assim com a sua presença e com a de el-rei, que residiam com prazer na capital.

A rainha respondeu que muito prazer teria em anuir ao convite que se lhe fazia, mas ainda precisava de algum tempo de descanso para se esquecer dos dias aziagos que tinham decorrido.

O povo já se tinha esquecido de tudo; ficou admirado, que ela se não tivesse igualmente esquecido.

Quando soube que o seu inimigo, o duque de Orleans, saiu de Paris, a rainha sentiu um momento de satisfação; mas não quis reconhecer que essa saída fosse devida a Lafayette; julgou que era devida a um negócio pessoal entre o príncipe e Lafayette.

Ela assim o acreditou ou fingiu acreditar.

Não quis dever nada a Lafayette; verdadeira princesa de Lorena, pelo rancor e pelo orgulho, só queria vencer e vingar-se.

“As rainhas não podem afogar-se” - dissera Henriqueta de Inglaterra no meio dum grande temporal, e Maria Antonieta era da mesma opinião.

Além disso, não tinha Maria Teresa estado mais próxima da morte do que ela, quando tomou o filho nos braços para o mostrar aos seus húngaros fieis?

Aquela heróica recordação da mãe influiu na filha: foi um erro, um erro horrível só próprio dos que comparam as situações sem as julgar!

Maria Teresa tinha o povo por si, Maria Antonieta tinha o povo contra ela.

E demais, era mulher; e talvez houvesse julgado melhor a situação, se o seu coração estivesse mais sossegado; talvez odiasse menos o povo, se Charny a amasse com mais ardor.

Aí está o que se passava nas Tulherias durante os poucos dias em que a revolução fizera alto, em que arrefeciam as paixões exaltadas, e em que, durante as tréguas, amigos e inimigos se

reconheciam e afagavam, para na primeira declaração de hostilidades principiarem novamente um combate mais encarniçado, uma batalha mais mortífera e sangrenta.

Esse combate é tão provável, essa batalha tão iminente, que poremos os nossos leitores, não só ao alcance do que podem ver à superfície da sociedade, se não de quanto se trama nas profundezas dessa mesma sociedade.

XVII

O retrato de Carlos

Nos poucos dias que tinham decorrido, e durante os quais os novos hóspedes das Tulherias ali se estabeleceram, entregando-se aos seus costumes usuais, Gilberto, que não fora chamado para junto do rei, não julgara dever apresentar-se; mas enfim, tendo chegado o seu dia de visita, entendeu que o seu dever lhe serviria de desculpa.

O pessoal de serviço nas antecâmaras era o mesmo, que acompanhara o rei de Versalhes a Paris; Gilberto era portanto conhecido nas antecâmaras das Tulherias como nas de Versalhes.

Além disso, o rei, conquanto não quisesse recorrer ao doutor, nem por isso se esquecia dele. Luís XVI era dotado de um espírito muito recto, para não conhecer facilmente os seus amigos e os seus inimigos.

E Luís XVI sentia bem, até ao mais íntimo do coração, em despeito de quaisquer prevenções da rainha contra Gilberto, que este era, se não amigo do rei, pelo menos amigo da realeza, que vinha a ser a mesma coisa.

Recordava-se pois que era aquele o dia de serviço de Gilberto, e dera ordem para que, assim que o doutor chegasse, lhe fosse apresentado.

Resultou daí que apenas franqueou o limiar da porta, o criado de serviço o introduziu logo no quarto de el-rei.

El-rei passeava de um para o outro lado tão preocupado, que não deu pela chegada do doutor, nem pelo anúncio que o precedera.

Gilberto parou à porta, imóvel e silencioso, esperando que o rei desse pela sua presença e lhe dirigisse a palavra.

O que procurava o rei (e isso era fácil de ver, porque de tempos a tempos parava pensativo diante dele), era um retrato de Carlos I, em pé e de tamanho natural, executado por Van Dick.

É o mesmo que se acha hoje no palácio do Louvre e que um inglês prometeu cobrir de peças de ouro se lho quisessem vender.

O leitor deve conhecer esse retrato, se não pela tela, ao menos pela gravura.

Carlos I está de pé, debaixo de algumas dessas árvores raras e fanadas, como as que vegetam nas praias; um pajem segura-lhe o cavalo ajaezado; o mar forma o horizonte.

A fronte do rei está impregnada de melancolia. Em que pensa aquele Stuart, que teve por predecessor a bela e infeliz Maria e que terá por sucessor Jaime II?

Ou então em que pensava o pintor, aquele grande engenho, que tinha génio bastante para dotar a fisionomia do rei com o supérfluo do seu ideal?

Em que pensava, pintando-o antecipadamente, como nos últimos dias da fuga, de simples cavaleiro, prestes a entrar em campanha contra as cabeças redondas?

Em que pensava, pintando-o assim à beira do tempestuoso mar do Norte, com o seu cavalo ao lado, pronto para o ataque, mas pronto também para fugir?

Porventura se aquele quadro, onde Van Dick pusesse tanta tristeza, se voltasse, não se veria no reverso algum esboço do cadafalso de Whitehall?

Era necessário que a voz daquele retrato falasse bem alto para se fazer ouvir por aquela natureza toda material, e para que, à semelhança da nuvem, que ao passar lança o seu reflexo sombrio sobre os prados verdes e as douradas messes, a fizessem escurecer?

Por três vezes interrompeu Luís XVI o seu passeio para parar diante daquele retrato, e outras tantas, dando um suspiro, continuou o mesmo passeio, que por fatalidade parecia ter por alvo o mesmo quadro.

Por fim, Gilberto entendeu que há circunstâncias em que um espectador é menos indiscreto em anunciar a sua presença do que conservar-se mudo.

Fez portanto um movimento, Luís XVI estremeceu, voltando-se e disse:

- Ah! É o doutor? Venha, venha, muito folgo em o ver.

Gilberto aproximou-se inclinando-se.

- Há muito tempo que estava aí, doutor?

- Há poucos minutos, real senhor.

- Ah! - exclamou o rei tornando-se pensativo.

Depois, conduzindo Gilberto diante da obra prima de Van Dick, perguntou:

- Conhece este retrato, doutor?

- Conheço, sim, senhor.

- Então onde o viu?

- Em casa da Sr^a. Dubarry, quando eu era criança; apesar disso, confesso que não deixou de me impressionar profundamente.

- É verdade, é isso, em casa da Sr^a. Dubarry - murmurou Luís XVI.

E seguindo-se depois um silêncio de alguns segundos, perguntou novamente:

- Conhece este retrato?

- Vossa Majestade fala da história do rei, que ele representa, ou da história do mesmo retrato?

- Falo da história do retrato.

- Não, senhor; sei unicamente que foi feito em Londres, em 1645 ou 1646; é quanto posso dizer; mas ignoro completamente como veio para França e como se acha hoje no quarto de Vossa Majestade.

- Como veio para França, posso eu dizer; como se acha neste quarto, ignoro-o.

Gilberto olhou para Luís XVI com alguma admiração.

- Como veio para França? - repetiu Luís XVI - eu lho digo; e compreenderá então o motivo que me obriga a parar diante dele.

Gilberto inclinou-se em sinal de que escutava com a maior atenção.

- Há cerca de trinta anos que isso aconteceu - disse Luís XVI -; há cerca de trinta anos que houve em França um mistério fatal; para mim principalmente - ajuntou ele suspirando - porque lhe recordava a morte do pai, que julgara ter sido envenenado pela Áustria. - Esse mistério foi o de Choiseul. Foi depois substituído pelo ministério de Aiguillon e de Maupeou, para aniquilar do mesmo golpe o parlamento.

Mas aniquilar parlamentos era uma acção que assustava muito meu avô, el-rei Luís XV. Para o fazer faltava-lhe a resolução, que perdera com os despojos do homem velho, era necessário construir um homem novo, e para o fazer, só havia um único meio, era fechar esse vergonhoso harém, que, com o nome de *Parque dos Veados*, tanto dinheiro custara à nação e tanta popularidade à monarquia; era necessário, em lugar daquela chusma de raparigas, que lhe definhava o resto da virilidade, dar a Luís XV uma única amante que não tivesse sobre ele bastante influência para lhe fazer seguir uma linha política, mas que tivesse memória suficiente para lhe repetir a cada momento uma lição que fosse bem estudada.

O velho marechal sabia onde havia de procurar essa qualidade de mulheres; procurou-a com efeito, e achou a que lhe convinha.

O senhor conheceu-a, porque ainda há pouco me disse ter visto em casa dela esse retrato.

Gilberto inclinou-se.

- Nem a rainha, nem eu gostávamos dessa mulher; a rainha menos do que eu, talvez por isso que, austríaca instruída por Maria Teresa na grande política européia, cujo centro deveria ser a Áustria, via na elevação do Sr. de Aiguillon a queda do seu amigo Choiseul. Não gostávamos

dela, disse eu, e, contudo, devo fazer-lhe a justiça de que, destruindo o que existia, obrava ela segundo os meus desejos particulares, e di-lo-ia em consciência, segundo o bem geral. Era uma hábil actriz; representava maravilhosamente o seu papel; surpreendeu Luís XV por uma audácia familiar, desconhecida até à realeza; divertia-o zombando dele ao mesmo tempo; fê-lo homem, fazendo-lhe acreditar que já o era.

O rei deteve-se de súbito, como arrependido de falar assim do seu avô na presença de um estranho; mas lançando um olhar sobre o rosto franco e sincero de Gilberto, conheceu que àquele homem que tudo compreendia tão bem, nada devia ocultar.

Gilberto conheceu também o que se passava no espírito do rei, e sem impaciência, sem o interrogar, encarando de frente o olhar escrutador de Luís XVI, aguardou o que este ia dizer-lhe.

- O que lhe digo senhor - replicou o rei com certa nobreza de gesto que lhe não era habitual - não deveria talvez dizer-lho, porque é o meu pensamento íntimo, e um rei não deve deixar ver o íntimo do coração senão àqueles em cujo coração pode ler. Corresponder-me-á nesta intimidade, Sr. Gilberto? Se o rei de França lhe disser tudo quanto pensa, dir-lhe-á também o que pensa?

- Senhor - respondeu Gilberto - juro que se vossa Majestade me fizer essa honra, me prestarei gostoso aos seus desejos. O médico tem a seu cargo o corpo, do mesmo modo que o padre tem a seu cargo a alma; mas, mudo e impenetrável para os outros, consideraria um crime não dizer ao rei a verdade, quando me faz a honra de me interrogar.

- Desse modo, Sr. Gilberto, nada de indiscrições.

- Senhor, se Vossa Majestade me dissesse que dentro de um quarto de hora, e por sua real ordem, seria conduzido ao patíbulo, não me julgaria com direito a fugir, se Vossa Majestade não acrescentasse a palavra *fuja!*

- Faz bem em me falar desse modo, Sr. Gilberto. Com os meus melhores amigos, com a mesma rainha, muitas vezes só falo em voz baixa. Com o senhor falarei e pensarei sem reserva.

E continuou:

- Pois bem, essa mulher, que sabia avaliar a pouca perspicácia de Luís XV, quase nunca se separava do lado dele, para que lhe não escapassem os menores gestos, as mais insignificantes palavras. Acompanhava-o no conselho, encostando-se-lhe à cadeira; diante do chanceler, diante dos mais graves personagens, diante dos velhos magistrados, lançava-se-lhe aos pés requebrando-se como um macaco, tagarelado como um periquito, assoprando-lhe finalmente a realeza de noite e de dia. Mas isto ainda não era bastante, e a singular Egéria talvez tivesse perdido o tempo, se àquelas palavras imperceptíveis o Sr. de Richelieu não tivesse tido a idéia de dar um corpo, que tornasse material a lição que ela repetia.

“Sob pretexto de que o pajem que se vê naquele quadro se chamava Barry, comprou-se-lhe o quadro, como se fosse um quadro de família. Aquele rosto melancólico, que adivinha o dia 30 de Janeiro de 1648, colocado no camarim daquela rapariga, ouviu as suas gargalhadas desaforadas, viu os seus lascivos devaneios. O quadro servia-lhe para isto: sem deixar de rir, tomava Luís XV pela mão, mostrava-lhe Carlos I dizia-lhe: ‘Não vês, *La France?* Aí tens um rei a quem cortaram a cabeça por ser fraco para com o seu parlamento; anda continua a tratar o teu como até aqui.’”

- Luís XV dissolveu o parlamento e morreu tranqüilo no trono.

“Exilamos então esta mulher, para quem devêramos ter sido talvez mais indulgentes.”

“O quadro ficou nos sótãos de Versalhes, e nem sequer me lembrou de perguntar por ele. De que modo venho encontrá-lo aqui? Quem ordenou a sua colocação neste quarto? Por que motivo me segue ele, ou antes por que motivo me persegue?”

E meneou tristemente a cabeça.

- Doutor, não vê em tudo isto uma fatalidade?

- É uma fatalidade, senhor, se este retrato nada lhe diz, mas uma providência se lhe fala.

- Como quer que semelhante retrato não fale a um rei na minha situação, doutor?

- Depois de Vossa Majestade me permitir que lhe diga a verdade, quererá também

permitir que o interrogue?

Luís XVI pareceu hesitar um momento.

- Interrogue, doutor - disse ele.

- O que diz este retrato a Vossa Majestade?

- Diz-me que Carlos I perdeu a cabeça por ter guerreado o seu povo, e que Jaime II perdeu o trono por ter descurado o seu.

- Nesse caso, senhor, este retrato é como eu, diz a verdade.

- E então? - perguntou o rei, como solicitando Gilberto com um olhar escrutador.

- Então uma vez que Vossa Majestade me permitiu que o interrogasse, perguntar-lhe-ei o que responde a este retrato, que tão habilmente lhe fala?

- Sr. Gilberto - disse o rei - dou-lhe a minha palavra de fidalgo que nada resolvi ainda; aconselhar-me-ei com as circunstâncias.

- O povo receia que o seu rei se resolva a guerreá-lo.

Luís XVI meneou a cabeça.

- Não - disse ele - decerto que não posso guerrear o meu povo sem auxílio estrangeiro, e conheço bastante o estado da Europa para confiar nesse poderoso auxílio. O rei da Prússia oferece-se para entrar em França com cem mil homens, mas eu conheço suficientemente o espírito intrigante e ambicioso daquela pequena monarquia, que deseja engrandecer-se, que promove a desordem em toda a parte, esperando que no meio dessa desordem encontre alguma nova Silésia que possa apanhar. A Áustria, pela sua parte, põe à minha disposição outros cem mil homens, mas não gosto do meu cunhado Leopoldo, Junco com duas caras, filósofo devoto, cuja mãe, Maria Teresa, mandou envenenar meu pai. Meu irmão de Artois propõe-me também o auxílio da Sardenha e da Espanha, mas não confio nessas duas potências dirigidas por meu irmão de Artois. Depois dele temos o Sr. de Calonne, isto é, o mais cruel inimigo da rainha, o mesmo que ditou (vi o manuscrito) o folheto satírico da Sr^a. de La Motte acerca do infame negócio do colar. Sei bem o que por lá se passa. No último conselho trataram de me depor e de nomear um regente, que seria provavelmente o meu outro querido irmão o conde de Provença. Meu primo, o Sr. de Condé, propôs-se entrar em França e a marchar sobre Lyão, *acontecesse ao rei o que acontecesse*. Quanto à grande Catarina, é outra coisa: essa limita-se aos conselhos. Assentada à mesa, para devorar a Polónia, não pode levantar-se sem que tenha concluído o seu banquete. Deu-me um conselho, que parecendo sublime à primeira vista, não é mais do que um conselho ridículo, principalmente depois do que se passou nestes últimos dias. “Os reis, - disse ela - devem seguir a sua marcha sem se inquietarem com os gritos do povo, do mesmo modo que a lua segue o seu curso sem se inquietar com os latidos dos cães”. É natural que os cães russos se contentem com ladrar; mas que mande perguntar a Deshuttet e a Varicourt se os nossos não sabem morder.

- O povo receia que o rei pense em fugir, em sair de França.

O rei hesitou em responder.

- Senhor - disse Gilberto sorrindo - não convém tomar ao pé da letra a licença concedida por um rei. Vejo que sou indiscreto, e da minha interrogação faço pura e simplesmente uma expressão de queixa.

O rei pôs a mão no ombro de Gilberto e disse:

- Doutor, prometi dizer-lhe a verdade, e hei-de dizer-lha. Sim, tratou-se disso; assim mo propuseram muitos e leais servidores que me rodeiam, aconselharam-me que fugisse. Mas na noite de 6 de Outubro, no momento em que a rainha em lágrimas apertava contra o seio os caros filhos, esperando como eu, a morte, fez-me jurar, que nunca fugiria só; que partiríamos todos, a fim de nos salvarmos ou perecermos juntos. Assim o jurei, senhor, e hei-de cumprir a minha palavra. Ora, como não creio que seja possível fugirmos reunidos, sem que nos prendam antes de chegar à fronteira, tenho resolvido não fugir.

- Senhor - disse Gilberto - vê quanto me surpreende o raciocínio tão justo de Vossa Majestade: Oh! porque não há-de ouvi-lo a França inteira como eu acabo de o ouvir! Oh! Quanto se não adoçariam os ódios que perseguem Vossa Majestade! Quanto não diminuiriam os perigos

que o rodeiam!

- Ódios! - disse o rei - julga então que o meu povo me odeia? Perigos! Não tomando ao sério as sombrias idéias que este retrato me suscita, dir-lhe-ei que julgo desvanecidos os que mais se receavam.

Gilberto olhou para o rei com profundo sentimento de melancolia.

- Não é este também o seu parecer, doutor? - perguntou Luís XVI.

- O meu parecer, senhor, é que Vossa Majestade apenas tem encetado a luta, e que os dias 14 de Julho e 6 de Outubro não são mais do que os dois primeiros actos do terrível drama que a França vai representar à face das nações.

Luís XVI empalideceu levemente e disse:

- Creio que se engana, doutor.

- Não, senhor, não me engano.

- Como é possível saber mais do que eu, que tenho à minha disposição toda a polícia e a contra-polícia?

- Senhor, é verdade que nem tenho polícia nem contra-polícia à minha disposição; mas, pela minha posição, considero-me o intermediário natural entre o que toca no Céu, e o que se oculta nas entranhas da terra. Sim, senhor, o que nós sentimos, ainda não é mais do que o abalo de terra, resta-nos combater o fogo, a cinza e a lava do vulcão.

- Disse *combater*, senhor; não teria falado com mais acerto se dissesse *fugir*?

- Disse combater, senhor, é verdade.

- Conhece a minha opinião com respeito à intervenção estrangeira; nunca a consentirei em França, salvo se - não falarei da minha vida, que me importa a minha vida! há muito que fiz dela o sacrifício; salvo se a vida de minha mulher e dos meus queridos filhos correr grande risco.

- Quisera prostrar-me aos pés de Vossa Majestade para lhe agradecer tão louváveis sentimentos. Não, senhor, não é precisa intervenção estrangeira. Para que havia de lançar mão desse recurso, sem ter primeiro esgotado os seus próprios recursos? Vossa Majestade receia que a revolução se lhe adiante, não é assim, senhor?

- Confesso-o.

- Pois bem, temos dois meios de salvar o rei de França.

- Queira dizê-los, e muito bem merecerá de ambos.

- O primeiro, senhor, colocar-se à frente do movimento e dirigi-lo.

- Arrastar-me-iam consigo, Sr. Gilberto, e eu não quero ir aonde eles vão.

- O segundo é meter-lhe na boca um freio bastante sólido que possa domá-la.

- Como se chamará esse freio, senhor?

- A popularidade e o génio.

- E quem há-de forjar esse freio?

- Mirabeau.

Luís XVI olhou fixamente para Gilberto como se tivesse percebido mal.

XVIII

Mirabeau

Gilberto conheceu que tinha de sustentar uma luta, mas já estava preparado para ela.

- Mirabeau - repetiu ele - sim senhor, Mirabeau.

O rei voltou-se para o retrato de Carlos I.

- Que responderias tu, Carlos Stuart - perguntou ele ao quadro poético de Van Dick - se, no momento em que sentisses tremer a terra debaixo dos pés, te aconselhassem que te apoiasses em Cromwell?

- Carlos Stuart teria recusado, e teria feito bem - disse Gilberto - por isso que não há a menor semelhança entre Cromwell e Mirabeau.

- Não sei como encara as coisas, doutor – disse o rei - mas para mim a traição não tem gradação; um traidor, é um traidor, e não sei diferenciar o menor do maior.

- Senhor - acudiu Gilberto com o maior respeito, mas ao mesmo tempo com a mais invencível firmeza - nem Cromwell nem Mirabeau são traidores.

- Então o que são? - exclamou o rei.

- Cromwell é UM súbdito rebelde e Mirabeau UM fidalgo descontente.

- Descontente de quê?

- De tudo: do pai, que o meteu no castelo d'If e na prisão de Vincennes; dos tribunais, que o condenaram à morte; de el-rei, que não conheceu o seu génio e que ainda hoje o não conhece.

- O génio do homem político, Sr. Gilberto – disse o rei com vivacidade - é a honestidade.

- A resposta é bela, senhor, digna de Tito, de Trajano ou de Marco Aurélio; mas, desgraçadamente, a experiência reprova-a.

- Como assim?

- Seria porventura Augusto um homem honesto, que compartilhava o mundo com Lépido e com António, exilando o primeiro e matando o segundo, para ficar de posse do mesmo mundo? Seria Carlos Magno um homem honesto, mandando enclausurar seu irmão Carloman, e para acabar com o seu amigo Witikind, quase tão grande homem como ele, fazendo cortar todas as cabeças da sua raça que ultrapassassem a altura da sua espada? Seria Luís XI um homem honesto, revoltando-se contra o pai para o destronar, o que, apesar de não o conseguir, inspirou ao pobre Carlos VII um terror tal que, receando ser envenenado, se deixou morrer de fome? E contudo, nem uns nem outros, Deus louvado, causaram o menor dano à realeza! Seria Richelieu um homem honesto, cortejando a mulher do seu rei, entregando ao assassino ou ao carrasco os que julgava mais felizes do que ele? Seria Mazarino um homem honesto, assinando um pacto com o Protector, e não só recusando meio milhão e quinhentos homens a Carlos II, mas expulsando-o ainda de França? Seria Colbert um homem honesto, traíndo, acusando e derrubando Fouquet, o seu protector, e enquanto lançavam este vivo numa masmorra, donde só deveria sair cadáver, assentando-se, impúdico e ufano, na mesma cadeira ainda quente? E, contudo, nem uns nem outros causaram dano aos reis!

- Porém, Sr. Gilberto, bem sabe que Mirabeau não pode ser meu, visto que pertence ao duque de Orleans.

- Ai, senhor, uma vez que o Sr. duque de Orleans se acha exilado, com certeza não pode Mirabeau pertencer a ninguém.

- Como quer que me fie dum homem que se vende?

- Comprando-o! Não pode Vossa Majestade dar-lhe mais do que outro qualquer?

- Um insaciável, que pedirá um milhão.

- Se Mirabeau se vender por um milhão é o mesmo que dar-se. Julga que ele valha menos dois milhões do que um Polignac ou uma Polignac?

- Sr. Gilberto!

- Se el-rei me retira a palavra, calar-me-ei – disse Gilberto inclinando-se.

- Não, pelo contrário, fale!

- Já falei, senhor.

- Discutamos, então.

- De bom grado, senhor; sei de cor todo o meu Mirabeau.

- É amigo dele?

- Desgraçadamente não tenho essa honra. Além disso, Mirabeau só tem um amigo, que é também um afeiçoado da rainha.

- Sim, o conde de La Marck, bem o sei, lançamos-lho em rosto todos os dias.

- Vossa Majestade, pelo contrário, devia proibir-lhe, sob pena de morte, que se malquistasse com ele.

- E qual é a importância que quer dar a um fidalgo como Riquetti de Mirabeau?

- Primeiro que tudo, senhor, permita Vossa Majestade que lhe diga que o Sr. de Mirabeau é um fidalgo e não um fidalgote; há poucos fidalgos em França que datem do século XI, por isso que, para terem alguns ao seu lado, tiveram os nossos reis a indulgência de não exigir daqueles, a quem concedem a honra de entrar nas suas carruagens, mais do que as privanças de 1399. Não, senhor, não se é fidalgote quando se descende dos Arrighelli de Florença, quando se aparece em seguida a uma derrota do partido gibelino. Não se é fidalgote por descender de um avô negociante em Marselha, por isso que bem sabe Vossa Majestade que a nobreza de Marselha, como a de Veneza, têm o privilégio de se não amesquinhar exercendo a vida mercantil.

- Um devasso - interrompeu o rei - um carrasco de reputações, um sorvedouro de dinheiro.

- Ah! É necessário tomar os homens como a natureza os fez. Os Mirabeau foram sempre tempestuosos e desordenados na sua mocidade, mas amadurecem envelhecendo; em rapazes, são desgraçadamente como Vossa Majestade diz; quando chefes de família, são imperiosos, altivos, mas austeros; o rei que os desconhecesse seria ingrato, por isso que eles forneceram ao exército mui intrépidos soldados, à armada mui audaciosos marinheiros. Bem sei que o seu espírito provinciano é odioso a toda e qualquer centralização; bem sei que na sua situação meio feudal e meio republicana arrostando do alto do seu castelo com a autoridade dos ministros, e algumas vezes a dos próprios reis; bem sei que lançaram mais de uma vez no rio Durance os argos do fisco, que queriam exercer o ofício nas suas terras; bem sei que confundiam no mesmo desdém, que cobriam com desprezo igual os cortesãos e os empregados, os arrematantes gerais e os letrados, apreciando unicamente duas coisas, o ferro da espada e o ferro da charrua; bem sei que um deles escreveu: “O serviço de criados é destinado aos cortesãos com cara e coração de gesso, como é destinado aos patos o patinhar na água”; mas nada disso, senhor, cheira de modo nenhum a fidalgote; pelo contrário, nada disso se deve reputar da mais sólida moral, é certo, mas pode reputar-se com segurança da mais elevada fidalguia.

- Vamos, vamos, Sr. Gilberto - disse com algum despeito o rei, que julgava conhecer melhor do que ninguém os homens consideráveis do seu reino; vamos, como o senhor disse, sabe de cor os seus, Mirabeau; para mim, que não os tenho lido, pode continuar: antes de nos servirmos dos homens cumpre entendê-los.

- Sim, senhor - replicou Gilberto picado pela espécie de ironia que descobria na expressão com que el-rei lhe falava - direi a Vossa Majestade: foi um Mirabeau, um Bruno de Riquetti que, no dia em que o Sr. de La Feuillade inaugurava na praça da Vitória a estátua da mesma Vitória com as suas quatro nações agrilhoadas, ao passar com o seu regimento dos guardas por cima do Pont-Neuf, parou e fez parar o regimento diante da estátua de Henrique IV, e tirando o chapéu disse:

“- Meus amigos, saudemos este, que vale mais do que outro qualquer”.

- Era Mirabeau aquele Francisco de Riquetti que, na idade de dezessete anos, voltando de Malta, e encontrando sua mãe Ana de Pontèves de luto, quando seu pai tinha morrido havia dez anos, lhe perguntou:

“-Por que motivo está de luto?”

“- Porque fui insultada.”

“-Por quem?”

“- Pelo cavaleiro de Griasque.”

“-E não se vingou? - perguntou Francisco, que conhecia bem o génio da mãe.”

“- Tive grande desejo de o fazer - respondeu ela - um dia encontrei-o só, apontei-lhe uma pistola às fontes e disse-lhe: se eu fosse só, esmigalhar-te-ia agora os miolos, o que, como vês, te poderia fazer, se quisesse, mas tenho um filho valoroso, que decerto me há-de vingar mais honrosamente.”

“-Fez bem, minha mãe - respondeu o mancebo”.

E sem mudar de rosto, lança mão do chapéu, torna a cingir a espada, vai procurar o Sr. de Griasque, Um famoso espadachim, um consumado esgrimista, provoca-o, entra num jardim,

bate-se, e deixa-o morto aos seus pés. Mirabeau era o marquês João Ant3nio, que tinha seis p3s de altura, a beleza de Antinous, a for7a de Milo, e a quem todavia a av3 dizia na sua g3ria proven7al: “N3o sois homens, sois o diminutivo de homens” e que educado por aquela Virago, possu3a, como depois disse o neto, a mola e o apetite do imposs3vel. Mosqueteiro aos dezoito anos, sempre no fogo, procurando apaixonadamente os perigos como outros procuram os prazeres, comandava uma leg3o de homens terr3veis, encarn3ados, indom3veis como ele, de tal modo que os outros soldados, quando os viam passar, diziam:

“-N3o v3s aquelas coisas encarnadas? S3o os *Mirabeaux*, isto 3, uma leg3o de diabos comandada por Satan3s”.

- E enganavam-se com o comandante chamando-lhe Satan3s, porque era um homem religios3ssimo, t3o religioso que um dia, incendiando-se-lhe uma das matas, em vez de dar ordem para apagam o fogo pelos meios ordin3rios, ordenou que trouxessem o Sant3ssimo, que desde logo fez cessar o inc3ndio. Verdade 3 que essa piedade era a de um verdadeiro bar3o feudal, e que o capit3o achava 3s vezes meio de tirar o devoto de um grande embara7o, como lhe aconteceu um dia, em que uns desertores, que queria mandar fuzilar, se tinham refugiado dentro da igreja de um convento italiano: ordenou 3 sua gente que arrombasse as portas; iam obedecer quando as portas se abriram por si, e o abade se apresentou no limiar *in pontificalibus*, trazendo o Sant3ssimo Sacramento.

- E depois ent3o? - exclamou Lu3s XVI, evidentemente cativado com aquela narra73o cheia de entusiasmo.

- Ficou um momento pensativo, por isso que a posi73o era bastante embara7osa, depois, como iluminado por uma id3ia sublime disse ao seu porta-bandeira:

“- Delfim, chame j3 o capel3o do regimento para ir arrancar o Sant3ssimo das m3os daquele marau”.

- O que fielmente foi cumprido, senhor, pelo capel3o do regimento, auxiliado pelos mosqueteiros, por aqueles diabos vestidos de encarnado.

- Sim, bem me recordo desse marquês Ant3nio - disse Lu3s XVI. - N3o foi ele que disse ao tenente Chamillard, depois de uma a73o em que este pouco se distinguira:

“- Senhor, muito feliz 3 seu irm3o em o ter; se n3o fosse o senhor, seria ele o homem mais est3pido do reino”.

- N3o h3 d3vida, senhor, e foi por isso que numa promo73o que se fez de marechais, n3o teve o ministro Chamillard a coragem de incluir o nome do marquês seu irm3o.

- E como acabou esse her3i, que me parece ser o Conde da ra7a dos Riquetti? - perguntou o rei.

- Senhor, quem vive bem, morre do mesmo modo - respondeu gravemente Gilberto. - Encarregado na batalha de Cassano de defender uma ponte atacada pelos imperiais, segundo o seu costume, mandara deitar os seus soldados, e ele, gigante, ficara de p3, oferecendo-se como alvo ao fogo do inimigo, resultando da3 principiarem a chover balas em volta dele, sem que por isso deixasse de assemelhar-se a um marco de pedra, desses que servem para indicar o caminho aos viandantes. Uma bala quebrou-lhe o bra7o direito; mas, para ele, isso nada era. Pegou num len7o, p3s o bra7o ao peito e travou de um machado com a m3o esquerda, repelindo com esta arma, que lhe era familiar, os golpes de sabre e de espada que lhe dirigiam; mas apenas fizera esta manobra, outro tiro atravessou-lhe a garganta e cortou-lhe uma jugular e os nervos do pesco7o. Dessa vez foi o neg3cio mais s3rio; todavia, apesar de t3o horr3vel ferimento, ainda o colosso se conservou de p3 um instante, mas sufocado pelo sangue teve de baquear como uma 3rvore decepada pelas ra3zes. 3 vista desse desastre, o regimento desanima e foge; com o seu chefe acabava de perder a alma! Um velho sargento, que o julga ainda com alentos de vida, arremessa-lhe contra o rosto uma marmita quando passou junto dele, e em seguida ao seu regimento, todo o ex3rcito do pr3ncipe Eug3nio, cavalaria e infantaria, lhe passou por cima do corpo. Conclu3da a batalha, trataram de enterrar os cad3veres e o magn3fico uniforme do marquês atrai ent3o a aten73o dos soldados e ele 3 reconhecido por um dos prisioneiros. O pr3ncipe Eug3nio, vendo

que ele resfolga, ou antes que ainda se lhe ouvia o estertor, ordena que o conduzam ao campo do duque Vendôme. Essa ordem é executada, e depositam o corpo do marquês na barraca do príncipe, onde se encontra por acaso o famoso cirurgião Dumoulin. Era um homem cheio de fantasia; mete-se-lhe na cabeça ressuscitar aquele cadáver; tenta-o a cura tanto mais quanto parece ser impossível. Além daquele ferimento, que, se não fosse a espinha dorsal e alguns pedaços de carne, lhe separaria quase a cabeça do tronco, todo o corpo, por cima do qual tinham passado três mil cavalos e seis mil infantes, não era mais do que uma chaga. Durante três dias todos duvidam que torne a si; mas ao quarto viu-se-lhe abrir os olhos; dali a dois dias viu-se-lhe mexer um braço, e finalmente corresponde ao encarniçamento de Dumoulin com um encarniçamento igual, e passados três meses, vê-se de novo o marquês João António com um braço quebrado, com vinte e sete feridas espalhadas por todo o corpo, mais cinco do que César, e com a cabeça sustida por um pescoço de prata! A sua primeira visita foi a Versalhes, aonde o conduziu o duque de Vendôme. O rei perguntou-lhe como era possível que tendo dado provas de tanta coragem não fosse ainda nomeado marechal de campo.

“- Senhor - respondeu o marquês António – se em lugar de ficar a defender a ponte de Cassano, viesse purgar a corte de alguns sevandijas que a infectam, teria sido recompensado com menos do que recebi”.

- Não era assim que Luís XV gostava que lhe respondessem, por isso voltou as costas ao bravo marquês.

“- João António, meu amigo - lhe disse o Sr. de Vendôme quando saiu - daqui em diante em lugar de te apresentar ao rei, apresentar-te-ei ao inimigo”.

- Alguns meses depois, o marquês, com vinte e sete feridas, com o braço quebrado, e com o colar de prata, desposou a menina de Castellane-Norante, da qual teve filhos, no intervalo de mais sete campanhas. Raras vezes, como verdadeiro valente, falava da famosa batalha de Cassano, e quando falava dela tinha por costume dizer: Foi a batalha em que eu morri!

- Explica maravilhosamente - replicou Luís XVI, que visivelmente se comprazia ouvindo falar daquela maneira dos antepassados de Mirabeau; - explica maravilhosamente, meu caro doutor, o modo como *mataram* o marquês João António, mas ainda não disse como ele *morreu*.

- Morreu no castelo de Mirabeau, rude, e agreste retiro, situado sobre um rochedo escarpado, que sem cessar é açoitado pelo vento do Norte; e morreu coberto dessa cortiça imperiosa que se cria sobre a pele dos Riquetti à medida que envelhecem, educando os filhos na submissão e no respeito, e conservando-os a uma tal distância que o mais velho deles dizia: “Nunca tive a honra de tocar nem com a mão nem com os lábios na carne daquele homem venerando”.

O filho mais velho foi o pai do actual Mirabeau, pássaro bravio, cujo ninho foi construído entre os seus quatro torreões; que nunca quis *enversalhar-se*, como ele diz, o que faz decerto com que Vossa Majestade não só o não conheça, como nem lhe faça a justiça que merece.

- Engana-se, senhor - disse o rei - engana-se! Pelo contrário, conheço-o bem: é um dos chefes da escola economista; tomou parte na revolução que se efectuou, dando a indicação das reformas sociais e popularizando muitos erros e algumas verdades, o que é tanto mais culpável da sua parte, porquanto previa já a situação, quando disse: “Hoje não existe ventre algum de mulher, que não albergue dentro de si um Arteveld ou um Mazaniello”. Não se enganava; o ventre da sua trouxe ainda muito pior do que tudo isso.

- Senhor, se existe em Mirabeau alguma coisa que repugne a Vossa Majestade, ou que o assuste, permita-me que lhe diga que é o despotismo pessoal e o despotismo real que assim operam em seu ânimo.

- O despotismo real! - exclamou o rei.

- Sem dúvida, senhor, porquanto, se não fosse o rei, o pai nada poderia. E na verdade, qual foi o crime tão grave cometido pelo descendente dessa grande raça, para que o pai o enviasse aos catorze anos para uma escola de correcção, onde foi inscrito, para o humilhar, não debaixo do seu nome de Riquetti de Mirabeau, mas debaixo do nome de Ruffières? O que tinha

feito para que aos dezoito anos o pai obtivesse uma ordem de prisão contra ele para o encerrar na ilha de Rhé? O que tinha feito para que aos vinte anos o mandasse, com um batalhão disciplinar, fazer a campanha da Córsega, com a seguinte predição:

“Embarcará no dia 16 do próximo Abril, navegando sobre um mar que se sulca por si mesmo. Praza a Deus que ele aí não chegue a remar!”

- O quê tinha feito, para que, no fim de um ano de casado, o pai o mandasse exilado para Maiorca? O que tinha feito para que, decorridos seis meses em Maiorca, o fizesse transferir para o forte de Loux? O que tinha feito, finalmente, para depois de fugir da sua prisão, ser preso em Amsterdão e encerrado no castelo de Vincennes, onde, a ele que sufoca no mundo, a clemência paternal, reunida à clemência real, lhe deram um cárcere de dez pés quadrados, onde se agitava a sua mocidade, rugia a sua paixão, mas onde, ao mesmo tempo, se lhe engrandecia o espírito e fortificava o coração? O que fizera para merecer tudo isto, vou dizê-lo a Vossa Majestade: Seduziu o seu professor Poisson, pela facilidade com que aprendia e compreendia quanto lhe ensinava; recusou-se à ciência económica; tendo encetado a carreira militar, desejava continuá-la; reduzido a seis mil libras de renda para se sustentar a si, à mulher e ao filho, viu-se obrigado a contrair uns trinta mil francos de dívidas; rasgou a sua carta de nobreza para espancar um fidalgo insolente, que lhe insultara a irmã; cometeu o rapto de uma senhora nova a um marido velho, caduco, rabugento e zeloso, sendo esse o crime mais grave que se lhe pode imputar.

- Sim, senhor, e pouco depois abandonou-a – disse o rei –; de sorte que a infeliz senhora de Monnier, vendo-se só com o seu crime, suicidou-se.

Gilberto, por toda a resposta levantou os olhos para o Céu e soltou um suspiro.

- Vejamos, que responde a isto, senhor? De que modo desculpará o seu Mirabeau?

- Com a verdade, senhor, com a verdade, que tão dificilmente penetra no coração dos reis, e que Vossa Majestade, que a procura, solicita e chama, quase sempre ignora. Não, a Sr^a. de Monnier não morreu por causa do abandono de Mirabeau, porque, tendo saído de Vincennes, a primeira visita de Mirabeau foi a ela; entrou, disfarçado de bufarinheiro no convento de Gien, onde ela foi pedir um asilo; encontrou Sofia indiferente, constrangida; seguiu-se uma explicação; Mirabeau acaba por conhecer que a Sr^a. de Monnier não só o não ama já, mas ama outro, o cavaleiro de Raucourt, com quem vai casar. Mirabeau saíra cedo de mais da prisão. Contavam com o seu cativo; terão de contentar-se com a sua honra. Mirabeau cede o lugar ao seu rival e retira-se. A Sr^a. de Monnier está para casar com o Sr. de Raucourt, mas este morre subitamente. A pobre criatura dera todo o seu coração, toda a sua vida àquele último amor. Decorreu um mês; no dia 9 de Setembro, encerra-se no seu quarto e asfixia-se! Os inimigos de Mirabeau gritaram logo que ela morria abandonada pelo seu primeiro amante, quando aliás morria pelo segundo. Oh! Aí está, real senhor, como se costuma escrever a história!

- Ah! Foi então por isso que ele recebeu essa notícia com a máxima indiferença.

- Como a recebeu, ainda o poderei dizer a Vossa Majestade, porque conheço quem lha foi anunciar: é um dos membros da Assembléia ; queira Vossa Majestade interrogá-lo a ele próprio, que não ousará mentir, porque é um padre, é o cura de Gien, o abade Vallet, que se assenta nos bancos opostos àqueles onde se assenta Mirabeau; atravessou a sala, e com grande admiração da junta, foi assentar-se ao lado dele.

- Que diabo vem aqui fazer? - perguntou Mirabeau.

Sem lhe responder o abade Vallet entregou-lhe a carta, que anunciava, nas suas menores circunstâncias, a fatal notícia.

Abriu-a e esteve muito tempo a lê-la; talvez não pudesse acreditar no que lia. Tornou a ler, pela segunda vez, e durante essa segunda leitura o rosto empalidecia-lhe, as feições decompunham-se-lhe; de espaço a espaço corria as mãos pela fronte, limpava ao mesmo tempo os olhos, tossindo, escarrando, esforçando-se por se tornar senhor de si; viu-se enfim obrigado a ceder; levantou-se saiu precipitadamente; e não compareceu três dias na Assembléia. Oh! Senhor! Senhor! Perdoe-me o entrar em todas estas minúcias, mas basta ser um homem de génio ordinário para ser em tudo caluniado, quanto mais sendo esse homem um gigante!

- E por que motivo há-de ser isso assim, doutor, que interesse podem achar em caluniar o Sr. de Mirabeau?

- Que interesse podem achar, senhor? O interesse que tem toda a mediocridade em se conservar junto do trono. Mirabeau não é um homem que possa entrar no templo sem expulsar os vendilhões; Mirabeau ao lado de Vossa Majestade é a morte das pequenas intrigas, é o exílio dos pequenos intrigantes; Mirabeau ao lado de Vossa Majestade é o génio traçando o caminho à probidade. E que importa a Vossa Majestade que Mirabeau vivesse mal com a mulher; que importa a Vossa Majestade que Mirabeau raptasse a Sr^a. de Monnier; que importa a Vossa Majestade que Mirabeau deva meio milhão de francos; pague esse meio milhão que ele deve, senhor, junte a esse quinhentos mil francos um milhão, dois milhões, dez milhões, se tanto for necessário. Senhor, Mirabeau está livre, não o deixe escapar, aproveite-o, nomeie-o seu conselheiro, seu ministro, escute o que a sua voz potente lhe disser e transmita-a depois ao seu povo, à Europa, a todo o mundo.

- O Sr. de Mirabeau, que se fez mercador de panos em Aix, para ser nomeado pelo povo, não pode mentir aos seus constituintes, abandonando o partido do povo para adoptar o da coroa.

- Senhor, senhor! Repito a Vossa Majestade que não conhece Mirabeau. Mirabeau é um aristocrata, um nobre, um realista sobretudo: fez-se eleger pelo povo, porque a nobreza o desdenhava, porque havia nos Mirabeau a sublime necessidade de chegarem ao que todos os homens de génio desejam chegar, por qualquer meio que se lhes ofereça; ele não seria nomeado nem pela nobreza, nem pelo povo, se não entrasse no parlamento como entrou Luís XV, de botas e esporas, arguindo o direito divino; não deixará o partido do povo pelo partido da corte, diz Vossa Majestade? Ai, senhor, por que motivo se designa um partido do povo e outro da corte; por que não formam estes partidos um só partido? Pois é o que Mirabeau há-de fazer; sim, aproveite Vossa Majestade Mirabeau; senão, amanhã, repellido por Vossa Majestade, voltar-se-á talvez contra; então, senhor, então, sou eu que o digo, e é esse retrato de Carlos I que lho dirá depois de mim, como já lho disse antes, então tudo será perdido!...

- Mirabeau voltar-se-á contra mim, diz o senhor? Não o fez ele já?

- Fez, na aparência, talvez, mas no coração Mirabeau ainda pertence a Vossa Majestade; pergunte ao conde de La Marck o que ele lhe disse depois da famosa sessão de 21 de Junho, por isso que só Mirabeau sabe ler no futuro com espantosa sagacidade.

- O que disse ele?

- Estorcendo os dedos de dor, exclamou: “É assim que conduzem os reis ao cadafalso”. E, três dias depois, disse mais: “Esta gente não vê o abismo que cava debaixo dos pés da monarquia; o rei e a rainha aí perecerão, e o povo dará palmas à vista dos seus cadáveres!...”

O rei estremeceu, tornou-se lívido, olhou para o retrato de Carlos I, pareceu prestes a decidir-se; mas de súbito, disse:

- Hei-de falar disso à rainha; talvez que ela se decida a falar a Mirabeau, mas eu decerto lhe não falarei; gosto de apertar a mão daqueles a quem falo, Sr. Gilberto, como aperto neste momento a sua, mas não quisera em troca do meu trono, da minha liberdade, da minha vida, apertar a mão do Sr. de Mirabeau.

Gilberto ia talvez replicar, ia talvez insistir; mas nesse momento entrou um oficial de serviço.

- Senhor - disse este - a pessoa que Vossa Majestade pretende ver, acha-se nas antecâmaras.

Luís XVI fez um movimento de inquietação olhando para Gilberto.

- Senhor - disse este - se não devo ver a pessoa que espera Vossa Majestade, sairei por outra porta.

- Não, senhor - respondeu Luís XVI - saia por esta; sabe que o tenho por meu amigo e que não tenho segredos para o senhor, além de que a pessoa que me espera é um pobre fidalgo, que noutro tempo servia na casa de meu irmão e que vem por ele recomendado; é um servo fiel e vou ver se poderei fazer alguma coisa, quando não seja em favor dele, ao menos em favor da

mulher e dos filhos. Vá, Sr. Gilberto, bem sabe que sempre será por mim bem recebido, mesmo quando vier para falar de novo do Sr. de Riquetti de Mirabeau.

- Senhor - perguntou Gilberto - deverei considerar-me completamente derrotado?
- Já lhe disse que falarei à rainha e que reflectirei acerca do que me disse; e veremos.
- Até então, senhor, pedirei a Deus que ilumine Vossa Majestade e o faça decidir a tempo.
- Oh! Oh! Julga porventura o perigo iminente?
- Não consinta que retirem nunca do seu quarto o retrato de Carlos Stuart; é um excelente conselheiro que Vossa Majestade aqui tem.

E inclinando-se respeitoso, saiu no mesmo momento em que a pessoa que Luís XVI esperava se apresentou à porta para entrar.

Gilberto não pôde conter um grito de surpresa; o fidalgo que ia ter a audiência de Sua Majestade era o mesmo marquês de Favras, que oito ou dez dias antes encontrara em casa do conde de Cagliostro, e cuja morte, próxima e fatal, este lhe anunciara.

XIX

Favras

Enquanto Gilberto se retirava, lutando com um terror desconhecido, que lhe inspirava, não o lado verdadeiro, mas o lado invisível e misterioso dos acontecimentos, era o marquês de Favras, como já dissemos no capítulo antecedente, introduzido no quarto de Luís XVI.

Do mesmo modo que Gilberto, parara no limiar da porta, mas o rei fez-lhe sinal para que se aproximasse.

Favras entrou e inclinou-se, esperando respeitoso que o rei lhe dirigisse a palavra.

Luís XVI fitou sobre ele o olhar investigador que parece fazer parte da educação dos reis, e que é mais ou menos superficial, mais ou menos profundo segundo o génio daquele que o emprega e o aplica.

Tomás Mahi, marquês de Favras, era um fidalgo de elevada estatura, duns quarenta e cinco anos de idade, de presença elegante e ao mesmo tempo firme, com uma fisionomia franca e sincera.

O exame foi-lhe portanto favorável, e uma espécie de sorriso se divisou nos lábios do rei, entreabrindo-se já para o interrogar.

- É o marquês de Favras? - perguntou o rei.
- Sim, meu senhor - respondeu o marquês.
- Desejou ser-me apresentado?
- Manifestei a Sua Alteza real o Sr. conde de Provença o meu vivo desejo de depositar as minhas homenagens aos pés de Vossa Majestade.
- Meu irmão tem grande confiança no marquês.
- Assim o creio, meu senhor, e confesso que a minha mais ardente ambição é que essa confiança seja compartilhada pelo meu rei.

- Meu irmão conhece-o há muito tempo, Sr. de Favras.

-E Vossa Majestade não me conhece... bem entendo, senhor - interrompeu o marquês - mas se Vossa Majestade se dignar interrogar-me, em menos de dez minutos me conhecerá tão bem como seu augusto irmão.

- Queira falar, marquês - disse Luís XVI lançando um olhar de revés para o retrato de Carlos Stuart, que não podia nem sair-lhe de todo da idéia, nem separar-se-lhe inteiramente da luz dos olhos - queira falar, que o escuto.

- Vossa Majestade quer saber?

- Quem é, e o que tem feito.

- Quem sou? O anúncio do meu nome deve ser o bastante para Vossa Majestade o saber; sou o marquês de Favras; nasci em Blois, no ano de 1745; alistei-me nos mosqueteiros aos quinze

anos, e fiz neste corpo a campanha de 1761. Em seguida fui capitão e ajudante-mor do regimento de Belzunce; depois tenente dos suíços da guarda do senhor conde de Provença.

- E foi nessa qualidade que conheceu meu irmão? - perguntou o rei.

- Já tinha tido a honra de lhe ser apresentado um ano antes; de sorte que Sua Alteza já me conhecia.

- E deixou o serviço?

- Em 1775, para ir a Viena, onde fiz reconhecer minha mulher como filha única e legítima do príncipe d'Anhalt Schauenbourg.

- A marquesa nunca foi apresentada?

- Não, meu senhor, mas neste momento tem ela a honra de estar nos quartos de Sua Majestade a rainha com meu filho.

O rei fez um movimento de inquietação, que parecia dizer: "Ah! A rainha está no seu quarto?"

E depois de um momento de silêncio, que empregou a passear pelo quarto e a lançar furtivamente um novo olhar para o retrato de Carlos I, perguntou:

- E depois?

- Depois, há três anos, por ocasião da revolta contra o *statboucher*, comandi uma legião, e contribuí para o restabelecimento da autoridade, depois, voltando os olhos para a França, e vendo o mau espírito que principiava a desorganizar tudo, voltei a Paris para pôr a minha espada e a minha vida à disposição de el-rei.

- E então, marquês, viu com efeito mui tristes acontecimentos, não é assim?

- Senhor, presenciei os dias 5 e 6 de Outubro.

O rei pareceu querer mudar de conversação.

- E diz então - continuou ele - que meu irmão o conde de Provença, deposita no marquês tanta confiança, que o encarregou de um empréstimo considerável?

A esta pergunta inesperada, quem pudesse presenciar esta cena, veria tremer de uma agitação nervosa as cortinas que fechavam a alcova do rei, como se alguém estivesse oculto por detrás dessas cortinas, e estremecer o marquês de Favras, como costuma estremecer um homem preparado para uma pergunta e a quem se dirige outra, que não esperava.

- Efectivamente, meu senhor, se é uma prova de confiança o entregar a um fidalgo interesses ou negócios de dinheiro, essa prova de confiança, fez-me Sua Alteza a honra de me dar.

O rei esperou a continuação, olhando para Favras, como se a direcção que acabava de dar àquela investigação oferecesse à sua curiosidade muito maior interesse do que até ali lhe oferecera.

O marquês continuou, mas visivelmente contrariado.

- Sua Alteza real, achando-se privado dos seus rendimentos em consequência das diferentes operações da Assembléia, e julgando que era chegado o momento, em que, mesmo para sua própria segurança, era conveniente que os príncipes tivessem à sua disposição uma forte soma, Sua Alteza real, repito, confiou-me alguns contratos...

- Sobre os quais achou quem lhe emprestasse dinheiro?

- É verdade, meu senhor.

- Uma soma considerável como diz?

- Dois milhões.

- Em casa de quem?

Favras hesitou quase em responder ao rei, tanto lhe parecia ter-se desviado a conversação do seu trilha, passando dos grandes interesses gerais ao conhecimento dos interesses particulares, descendo enfim da política para a polícia.

- Pergunto-lhe em casa de quem efectuou o empréstimo? - repetiu o rei.

- Meu senhor, dirigi-me primeiro aos banqueiros Schaumel e Sartorius; mas não podendo efectuar a negociação, socorri-me de um banqueiro estrangeiro, que tendo conhecimento do

desejo de Sua Alteza real, se antecipou a fazer-me os seus oferecimentos, tal é o amor que consagra aos nossos príncipes e o respeito ao nosso rei.

- Ah! E esse banqueiro chama-se?...

- Meu senhor... - disse Favras hesitando.

- Bem sabe, marquês - insistiu o rei - que um tal homem deve ser conhecido, e que desejo saber-lhe o nome, ainda que não fosse mais que para lhe agradecer a dedicação, se porventura se oferecer oportunidade para o fazer.

- Meu senhor - disse Favras - chama-se o barão Zannone.

- Ah! - disse Luís XVI - é um italiano?

- É genovês, meu senhor.

- E mora?

- Em Sèvres, mesmo defronte do lugar - acrescentou Favras, que esperava por este meio influir no ânimo do rei - mesmo defronte do lugar onde a carruagem de Vossa Majestade foi mandada parar no dia 6 de Outubro, no regresso de Versalhes, quando aqueles assassinos, guiados por Marat, Verrières e pelo duque de Aiguillon, faziam frisar pelo cabeleireiro de Sua Majestade a rainha na taberna da ponte de Sèvres, as duas cabeças cortadas de Varicourt e de Deshuttés.

O rei enfiou, e se naquele momento voltasse os olhos para a alcova, teria visto agitarem-se as cortinas ainda mais nervosamente do que já o tinham sido. Era pois evidente que aquela conversa lhe pesava, e que muito se arrependia de a ter encetado.

Foi por isso que se resolveu a pôr-lhe ponto quanto antes.

- Está bem - disse - vejo que é um servidor fiel da realeza e prometo que me não hei-de esquecer do marquês em ocasião oportuna.

E fez com a cabeça esse gesto, que nos príncipes significa: “Há já bastante tempo que lhe faço a honra de o escutar e de lhe responder; pode retirar-se”.

Favras entendeu perfeitamente.

- Perdão, meu senhor, mas julgava que Vossa Majestade ainda queria perguntar-me mais alguma coisa...

- Não - disse o rei meneando a cabeça, como se efectivamente procurasse no espírito alguma nova pergunta para fazer-lhe; - não, marquês, nada mais tenho que perguntar-lhe.

- Engana-se, senhor - disse uma voz, que fez voltar o rei e o marquês para o lado da alcova - desejava saber que meio empregou o avô do Sr. marquês de Favras para salvar o rei Estanislau de Dantzig, conduzindo-o são e salvo até à fronteira prussiana.

Ambos soltaram um grito de surpresa. Aquela terceira pessoa, que aparecia como por encanto tomando parte na conversação, era a rainha.

A rainha pálida e com os lábios a tremer-lhe; a rainha, que se não contentava com os poucos esclarecimentos que dera Favras, e que, receando que o rei, entregue a si, não ousasse levar mais longe as suas interrogações, viera pela escada e corredor secretos, a fim de continuar a conferência no momento em que o rei tivesse a fraqueza de a querer terminar.

Além de que, aquela intervenção da rainha e aquela maneira de reavivar a conversação ligando-a à fuga do rei Estanislau, facilitava ao rei o ouvir tudo através do transparente véu da alegoria, até os oferecimentos que Favras vinha fazer-lhe acerca da própria fuga de Luís XVI.

Favras da sua parte, percebeu logo o meio que se lhe oferecia de patentear o seu plano, e conquanto nenhum dos seus antepassados nem parente seu tivesse concorrido para a fuga do rei da Polónia, apressou-se a responder inclinando-se:

- Vossa Majestade quer falar talvez de meu primo o general Steinficht, que deve a ilustração do seu nome a esse grande serviço prestado ao rei; serviço que teve sobre Estanislau a feliz influência de o arrancar, em primeiro lugar das mãos dos seus inimigos, e em seguida, por meio de uma concorrência providencial de circunstâncias, de fazer dele o avô de Vossa Majestade.

- É isso mesmo, senhor, é isso mesmo! - disse vivamente a rainha, ao passo que Luís XVI

olhava, suspirando, para o retrato de Carlos Stuart.

- Pois bem! - disse Favras - Vossa Majestade sabe... Perdão, meu senhor!... Vossas Majestades sabem que o rei Estanislau, livre em Dantzig, mas cercado por todos os lados pelo exército moscovita, estava quase como perdido, se se não decidisse a uma pronta fuga...

- Oh! Inteiramente perdido! - interrompeu a rainha - pode dizer-se que perdido de todo, Sr. de Favras.

- Senhora - disse Luís XVI com certa severidade - a Providência que vela sobre os reis, faz com que nunca se considerem inteiramente perdidos.

- Ai, senhor - disse a rainha - prezo-me de ser tão religiosa e tão crente na Providência como Vossa Majestade, e contudo é minha opinião que convém ajudá-la.

- Era também a opinião do rei da Polónia, meu senhor - acrescentou Favras - porquanto declarou positivamente aos seus amigos, que não considerando segura nem a sua posição, nem a sua vida, desejava que lhe submetessem alguns projectos de fuga.

“Apesar das dificuldades, foram-lhe apresentados três projectos... Digo apesar das dificuldades, senhor, porque Vossa Majestade observará que era muito mais difícil ao rei Estanislau sair de Dantzig, do que a Vossa Majestade, se, por exemplo, a fantasia lhe inspirasse a idéia de sair de Paris. Com uma sege de posta (se Vossa Majestade quisesse partir sem estrondo e sem escândalo), com uma sege de posta, poderia Vossa Majestade, num dia e numa noite, ganhar a fronteira, ou então, querendo sair de Paris como rei, dar ordem a um fidalgo que merecesse a confiança de Vossa Majestade para reunir trinta mil homens e vi-lo buscar ao palácio das Tulherias... Em qualquer destes casos, o resultado seria infalível, a empresa teria o melhor êxito.

- Senhor - replicou a rainha - o que o marquês acaba de dizer é exactamente a verdade; Vossa Majestade bem o sabe.

- Sim - disse o rei - mas a minha situação, senhor, está muito longe de ser tão desesperada como era a do rei Estanislau. Dantzig estava cercada pelos moscovitas, como disse o marquês; o forte de Wechseimund, o seu último baluarte, acabava de capitular, ao passo que eu...

- Ao passo que o senhor - interrompeu a rainha com impaciência - está ainda no meio dos parisienses, que tomaram a Bastilha em 14 de Julho; que na noite de 5 para 6 de Outubro quiseram assassiná-lo, e que no dia 6 o conduziram à força a Paris, insultando-o, ao senhor e à sua família, enquanto durou o trânsito... Ah! O que é certo é que a situação é bela, e que é muito preferível à do rei Estanislau!

- Todavia, senhora...

- O rei Estanislau só corria o risco da prisão, talvez da morte, ao passo que nós...

Um relancear de olhos do rei deteve-a.

- E demais - continuou a rainha - Vossa Majestade é que manda; decida, portanto.

E foi assentar-se um tanto impaciente defronte do retrato de Carlos I.

- Sr. de Favras - prosseguiu ela - acabo de falar com a marquesa e com seu filho; achei-os com muita coragem e resolução, como convém à mulher e ao filho de um valente fidalgo; qualquer coisa que possa acontecer, podem contar com a protecção da rainha de França; não os há-de abandonar, não: é filha de Maria Teresa: sabe apreciar e recompensar o mérito e a coragem.

O rei, como estimulado por estas palavras da rainha, replicou:

- Diz então, que três meios de evasão foram propostos ao rei Estanislau?

- Sim, meu senhor.

- E esses meios consistiam?...

- O primeiro, meu senhor, era vestir-se de camponês. A condessa de Chapska, paladina de Pomerânia, que falava o alemão como língua materna, oferecia-lhe (confiada num homem que experimentara, e que conhecia perfeitamente o país) disfarçar-se em camponês, e fazê-lo passar por seu amigo. Era este o meio de que há pouco falei ao rei de França, dizendo-lhe a facilidade que nele acharia, uma vez que quisesse fugir incógnito e de noite...

- E o segundo? - perguntou Luís XVI, como se visse com certa impaciência fazer à sua própria situação uma aplicação qualquer daquela em que se achara Estanislau.

- O segundo, meu senhor, era lançar mão de mil homens, e arriscar com eles uma brecha através dos moscovitas... Foi também o que há pouco apresentei ao rei de França, fazendo-lhe observar que tinha à sua disposição trinta mil homens em lugar de mil...

- Bem viu de que me serviram esses trinta mil homens no dia 14 de Julho - respondeu o rei. - E o terceiro?

- O terceiro, é o que Estanislau adoptou disfarçando-se em camponês para sair de Dantzig, não com uma mulher, que podia servir-lhe de embaraço no caminho, não com mil homens, que podiam ser todos mortos antes de conseguirem a projectada brecha, mas unicamente com dois ou três homens seguros, que passam sempre por toda a parte. Este terceiro meio foi proposto pelo Sr. Monti, embaixador de França, e apoiado pelo meu parente o general Steinflicht.

- Foi esse o que foi adoptado?

- Sim, meu senhor; e se qualquer rei, achando-se, ou julgando achar-se na situação do rei da Polónia, quisesse adoptar este partido, dignando-se honrar-me com a mesma confiança, com que o augusto avô de Vossa Majestade honrou o general Steinflicht, poderia responder pela sua segurança à custa da minha própria cabeça, principalmente se as estradas estivessem tão desembaraçadas como as de França e se esse rei fosse tão bom cavaleiro como Vossa Majestade.

- Sim! - disse a rainha. - Mas na noite de 5 para 6 de Outubro jurou-me o rei "que nunca fugiria sem mim, e que não formaria projecto algum de partida sem que eu entrasse nesse projecto..." A palavra do rei acha-se comprometida, senhor, e decerto não há-de faltar a ela.

- Minha senhora - disse Favras- isso torna a viagem mais difícil, mas nem por isso a torna impossível, e se eu tivesse a honra de dirigir uma tal expedição, comprometer-me-ia a conduzir a rainha, o rei e a família real, todos sãos e salvos, a Montmédy ou a Bruxelas, do mesmo modo que o general Steinflicht conduziu a Marienwer, são e salvo, o rei Estanislau.

- Não ouve, senhor? - exclamou a rainha - parece-me, que com um homem como o Sr. de Favras, há tudo a ganhar e nada a perder.

- Sim, minha senhora - respondeu o rei - também assim o penso; mas parece-me que ainda não chegou esse momento...

- Está bem, senhor - disse a rainha - espere, como esperou aquele cujo retrato nos observa, e cuja presença, pelo menos assim o julgava eu, devia dar-lhe um conselho melhor... Espere que o forcem a uma batalha... Espere que essa batalha se perca... Espere que o façam prisioneiro... Espere que levarem o cadafalso debaixo da sua janela! E então, o senhor, que hoje diz: "Ainda é cedo!" será obrigado a dizer: "Já é tarde!"

- Em todo o caso, meu senhor, quando el-rei quizer - disse Favras, inclinando-se com receio de que a sua presença, que provocava esta espécie de conflito entre a rainha e o rei, o fatigasse. - Não tenho mais do que a minha existência a oferecer ao meu soberano; não direi que lha ofereço, direi antes que em todo tempo teve e terá sempre o direito de dispor dela, por isso que lhe pertence.

- Está bem, Sr. marquês - disse o rei - e no caso em que haja, algum desastre, reitero, acerca da marquesa e de seu filho, a mesma promessa que lhe fez a rainha.

Desta vez era uma verdadeira despedida; o marquês viu-se obrigado a retirar-se, apesar do desejo que ainda tinha de insistir. Saiu portanto do quarto sem voltar as costas aos seus augustos interlocutores.

A rainha seguiu-o com os olhos até cair o reposteiro da porta por onde saiu.

- Ah! Senhor - disse ela, apontando para o quadro de Van Dyck - quando mandei pendurar este retrato no seu quarto, julguei que o inspirasse melhor!

E altiva, e como desdenhando seguir a conversação, dirigiu-se para a porta, onde, parando de repente, disse:

- Senhor, confesse que o marquês de Favras não foi a primeira pessoa que recebeu esta manhã.

- Não, senhora, tem razão; antes do marquês de Favras, recebi o Dr. Gilberto.

A rainha estremeceu.

- Ah! - disse ela - já o desconfiava... e o Dr. Gilberto, segundo parece...

- É da minha opinião, senhora; não devemos sair de França.

- Mas, sendo ele dessa opinião, não deixará de dar algum conselho a Vossa Majestade, que nos assegure a nossa residência aqui?

- Sim, senhora, deu-me um; desgraçadamente, acho esse conselho, não direi mau, mas impraticável.

- Qual é?

- Quer que compremos Mirabeau por um ano.

- Por que preço? - perguntou a rainha.

- Por seis milhões... E um sorriso seu.

A fisionomia da rainha tomou um carácter profundamente pensativo.

- Com efeito - disse ela - talvez fosse um meio...

- Sim, mas um meio ao qual se recusará, não é assim?

- Não respondo nem sim nem não, senhor - disse a rainha com essa expressão sinistra que toma o anjo do mal, seguro do seu triunfo; - eu pensarei nisso...

Depois, em voz baixa, ao retirar-se, acrescentou:

- E hei-de pensar!

XX

Em que o rei se ocupa de negócios de família

O rei, tendo ficado só, conservou-se por um momento de pé e imóvel; receando depois que a retirada da rainha fosse simulada, dirigiu-se à porta por onde ela saíra, abriu-a e percorreu com olhos escrutadores as antecâmaras e os corredores; como nada visse além da gente de serviço, chamou a meia voz:

- Francisco!

Um criado, que se levantara quando a porta do aposento real se abriu, e que aguardava de pé as ordens, chegou-se logo, entrando no gabinete atrás do rei.

- Francisco - disse Luís XVI - sabe qual é o alojamento do Sr. de Charny?

- Senhor - respondeu o criado - o Sr. de Charny não tem alojamento: tem apenas uma água-furtada no pavilhão de Flora.

- Como? Uma água-furtada, a um oficial daquela importância!

- Quiseram dar ao Sr. conde um melhor, mas recusou, dizendo que aquela água-furtada lhe era suficiente.

- Bem - disse o rei. -Sabe onde é a água-furtada?

- Sei sim, real senhor.

- Pois então vá chamar o Sr. de Charny; desejo falar-lhe.

O criado saiu, fechando a porta; subiu à água-furtada do Sr. de Charny, que encontrou encostado à janela, fixando os olhos no oceano de tectos que se perdia no horizonte em ondas de telhas e de ardósias.

O criado bateu duas vezes, sem que o conde, embevecido em suas meditações, o ouvisse, o que deu lugar a que este se resolvesse a entrar, cõscio como estava das ordens do rei.

Ao ruído que fez quando entrou voltou-se o conde.

- Ah! É o Sr. Stue - disse ele; - vem buscar-me da parte da rainha, não é assim?

- Não, Sr. conde - respondeu o criado - venho da parte de el-rei.

- Da parte de el-rei! - replicou o Sr. de Charny com certa admiração.

- Da parte de el-rei - insistiu o criado.

- Está bem, Sr. Stue; diga a Sua Majestade que estou às suas ordens.

O criado retirou-se com toda a etiqueta, e o Sr. de Charny, com essa cortesia que a antiga

e verdadeira nobreza empregava sempre para todos aqueles que iam da parte do rei, acompanhou-o até à porta.

Quando ficou só, o Sr. de Charny conservou-se um momento com a cabeça apertada entre as mãos, como para forçar as idéias, então confusas e agitadas, a serenarem-se, e depois de restabelecer assim a ordem do cérebro, cingiu a espada, meteu o chapéu debaixo do braço e desceu aos aposentos reais.

Encontrou Luís XVI no seu quarto de dormir, com as costas voltadas para o quadro de Van Dyck, onde lhe serviam o almoço.

O rei levantou a cabeça quando avistou o Sr. de Charny.

Ah! É o conde - disse ele; - muito bem... Quer almoçar comigo?

- Vejo-me obrigado a recusar o honroso oferecimento de Vossa Majestade, porque já almocei - disse Charny inclinando-se.

- Nesse caso - tornou Luís XVI - como lhe pedi que viesse para falarmos de negócios seriíssimos, espere um momento... Não gosto de falar de negócios quando estou comendo.

- Estou às ordens de Vossa Majestade - respondeu Charny.

- Em lugar de falar de negócios, falaremos de outra coisa... Por exemplo, do conde.

- De mim, meu senhor? E em que posso eu merecer que el-rei se ocupe da minha pessoa?

- Quando há pouco perguntei onde era o seu alojamento nas Tulherias, quer saber o que o Francisco me respondeu, meu caro conde?

- Não, meu senhor.

- Respondeu-me que recusou o alojamento que lhe ofereceram, para aceitar apenas uma água-furtada.

- É verdade, meu senhor.

- Por que motivo, conde?

- O motivo foi porque, sendo só, e não tendo outra importância mais da que o favor de Suas Majestades se dignam conceder-me, não julguei útil privar o governador do palácio de um bom alojamento, quando uma simples água-furtada era suficiente para mim.

- Perdão, meu caro conde, o senhor responde como se ainda fosse simples oficial e solteiro... Mas ocupa junto de nós um lugar importante, e de mais a mais é casado... E a condessa também está na água-furtada?

- Mas senhor - respondeu Charny com um acento de melancolia que não escapou ao rei - apesar de ser pouco acessível a esse sentimento, não creio que a Sr^a. de Charny me faça a honra de compartilhar o meu alojamento, quer seja grande, quer pequeno.

- Mas, enfim, conde, a Sr^a. de Charny, sem ter obrigações junto da rainha, é sua amiga; como sabe, a rainha, não pode passar sem a condessa, ainda que tenha observado que há tempo a esta parte existe entre elas uma certa indiferença... Quando a Sr^a. de Charny vier ao palácio, onde se alojará?

- Parece-me que sem expressa ordem de Vossa Majestade, a condessa não volta ao palácio.

- Ah! Ah!

Charny inclinou-se.

- É impossível! - disse o rei.

- Peço perdão a Vossa Majestade - acudiu Charny - mas julgo ter a certeza do que avanço.

- Pois admiro-me menos disso do que poderia supor, meu caro conde... Acabo de lhe dizer que, segundo me parece, tenho observado uma certa indiferença entre a rainha e a sua amiga.

- Efectivamente, é certo o que Vossa Majestade se dignou observar.

- Arrufos de mulheres! Nós trataremos de as reconciliar... Mas parece-me, que, sem me aperceber, me conduziu para com o meu caro conde de um modo tirânico.

- Como assim, meu senhor?

- Obrigando-o a residir nas Tulherias, quando a condessa reside... Onde, conde, onde

reside a condessa?

- Na rua de Coq-Héron.

- Pergunto, pelo hábito que os reis têm de interrogar, e talvez pelo desejo que tenho de saber a morada da condessa; por isso que, como não conheço melhor Paris do que um russo de Moscovo, ou um austríaco de Viena, ignoro completamente se a rua Coq-Héron fica perto ou longe das Tulherias.

- Fica perto, meu senhor.

- Pois ainda bem, porque isso explica-me porque só tem um quarto nas Tulherias.

- O quarto que tenho nas Tulherias, meu senhor - respondeu o conde de Charny com um acento de melancolia igual ao que o rei lhe notara já na voz - é um alojamento permanente, onde me encontrarão a qualquer hora do dia ou da noite, a que Vossa Majestade me faça a honra de mandar procurar-me.

- Oh! Oh! - exclamou o rei espreguiçando-se na cadeira; - que quer isso dizer, conde?

- Perdoe-me Vossa Majestade, mas eu não percebo bem a pergunta que se digna fazer-me...

- Ora essa! Sabe que me tem por bom homem, não é assim? Por um bom pai, por um bom marido sobretudo; que quase me ocupo tanto do interior do meu paço, como do exterior do meu reino?... Que quer isso dizer, meu caro conde? Depois de três anos de casado, o conde de Charny tem um alojamento fixo nas Tulherias, e a condessa de Charny um alojamento também fixo na rua de Coq-Héron!

- Meu senhor, não posso responder outra coisa a Vossa Majestade mais do que dizer-lhe: “A Sr^a. de Charny deseja habitar sozinha”.

- Mas, enfim, vai vê-la todos os dias... não?... duas vezes por semana?...

- Meu senhor, não tornei a ter o gosto de ver a Sr^a. de Charny desde o dia em que el-rei me ordenou que fosse saber notícias dela.

- Mas isso já foi há mais de oito dias!

- Foi há dez, meu senhor - acudiu Charny com voz ligeiramente comovida.

O rei compreendia melhor a dor do que a melancolia, e na voz do conde pôde descobrir um vislumbre de comoção, que este deixara escapar.

- Conde - disse Luís XVI com essa bonomia que cabia tão bem a um *pai de família*, como ele às vezes se chamava a si mesmo - conde, o senhor deve ser o culpado de tudo isso...

- Eu culpado? - disse Charny com vivacidade e corando mau grado seu.

- Sim, sim, é o culpado - insistiu o rei. - Dos desgostos de uma mulher tão perfeita como a condessa, só o marido deve ser acusado.

- Meu senhor!...

- Dirá que isso não deve importar-me, meu caro conde, e eu responder-lhe-ei: “Importa, sim; um rei pode muito com a sua palavra...” Vejamos, seja franco, o senhor foi ingrato para com a pobre menina de Taverney que tanto o ama?

- Que tanto me ama, meu senhor?... Perdão, não disse Vossa Majestade - redargüiu o conde com leve expressão de azedume - que a menina de Taverney me ama? E muito...

- A menina de Taverney, ou a Sr^a. de Charny, vem a ser a mesma coisa, creio eu.

- Sim, e não, meu senhor.

- Pois bem - disse que a Sr^a. de Charny o ama e não me desdigo.

- Vossa Majestade bem sabe que não é permitido desmentir el-rei...

- Oh! Desminta quando quiser, que eu bem o sei.

- E Vossa Majestade conheceu por certos sinais, em que ninguém mais fez reparo, que a Sr^a. de Charny me ama... E muito?

- Ignoro se alguém mais viu esses sinais, meu caro conde, mas o que não ignoro é que naquela noite de 6 de Outubro, desde o momento em que se reuniu a nós, não o perdeu ela de vista um só instante, e que os olhos lhe exprimiam todas as angústias do coração, de tal modo que quando a porta do Olho-de-Boi esteve quase a ser arrombada, vi a pobre senhora fazer um

movimento para se lançar entre o conde e o perigo que o ameaçava.

O coração de Charny comprimiu-se; julgou reconhecer na condessa alguma coisa semelhante àquilo que o rei acabava de dizer; mas as particularidades da última entrevista com Andréa estavam ainda muito presentes ao seu espírito, para o não tornarem superior à vaga afirmativa do coração e ao depoimento positivo de Luís XVI.

- E tão grande foi a atenção que a isso prestei - acrescentou o rei - que por ocasião da minha jornada a Paris, quando me foi enviado pela rainha à casa da câmara, ela me disse positivamente que a condessa quase desfalecera de dor na sua ausência e de alegria quando voltou.

- Meu senhor - disse Charny sorrindo tristemente - Deus permitiu aos que nasceram superiores a nós, que recebessem como privilégio da sua raça esse olhar que vai buscar ao fundo do coração segredos que os outros ignoram. O rei e a rainha assim o viram, assim deve ser; mas a fraqueza da minha vista fez com que eu visse por diferente prisma. Eis a razão que me obriga a pedir a el-rei, que não se inquiete demasiadamente com esse grande amor da senhora de Charny. Se pois Vossa Majestade quer encarregar-me de alguma comissão perigosa ou longínqua, nem por isso a recusarei.

- Todavia, quando há oito dias a rainha o quis enviar a Turim, o senhor mostrou desejos de querer ficar em Paris.

- Julguei meu irmão suficiente para desempenhar essa comissão, meu senhor; quis reservar-me para outra mais difícil ou mais perigosa.

- Pois bem, meu caro conde, é justamente por ser ocasião oportuna para lhe confiar uma missão, hoje difícil, e talvez perigosa para o futuro, que lhe falei do isolamento da condessa, a quem quisera vê-la ao pé de uma amiga, por isso que lhe roubo o marido.

- Escreverei à condessa, meu senhor - disse gravemente o conde de Charny - para lhe comunicar os benéficos sentimentos de Vossa Majestade.

- Como! Escrever-lhe? Pois não quer vê-la antes de partir?

- Só me apresentei uma única vez em casa dela sem lhe pedir licença, meu senhor, e à vista do modo como me recebeu, só por ordem expressa de Vossa Majestade novamente lhe pedirei essa licença.

- Vamos, não falemos mais de semelhante coisa... Eu falarei de tudo isto à rainha durante a sua ausência - disse o rei levantando-se da mesa.

Depois, tossindo duas ou três vezes com a satisfação de um homem que acaba de comer bem e que está certo de que fará boa digestão, observou:

- Por minha fé! Os médicos têm muita razão para dizerem que todos os negócios têm duas faces: a que os oferece, tristonha, a um estômago vazio, e a que, risonha, os apresenta a um estômago cheio... Passe ao meu gabinete, meu caro conde; sinto-me com disposição para lhe falar com o coração nas mãos.

O conde seguiu Luís XVI, reflectindo em silêncio, que inúmeras vezes uma testa coroada deve perder muito da sua majestade, pelo lado material e vulgar que a altiva Maria Antonieta não podia deixar de censurar ao seu real esposo.

XXI

Em que el-rei se ocupa de negócios de Estado

Conquanto el-rei apenas estivesse havia dez dias instalado nas Tulherias, já duas casas do paço estavam completamente mobiladas.

Estas casas eram a sua forja e o seu gabinete.

Mais tarde, e numa ocasião que não teve no destino do desgraçado príncipe uma influência menor do que esta; nós introduziremos o leitor na forja real: mas, por enquanto, é no seu gabinete que temos de tratar. Entremos pois atrás de Charny, que se conservava de pé diante

da secretária do rei, à qual este acabava de assentar-se.

A secretária estava carregada de mapas, de livros de geografia, de jornais ingleses e de papéis entre os quais se distinguíam os que eram escritos por Luís XVI, pela multiplicidade das linhas que os cobriam, e que não deixavam nenhum espaço em branco, nem em cima nem em baixo, nem na margem.

O carácter revela-se na mais pequena particularidade; o económico Luís XVI não só não deixava perder o mais pequeno bocado de papel em branco, senão que na sua mão esse papel cobria-se de tantas letras quantas materialmente podia conter.

Charny havia três ou quatro anos que se achava na familiaridade dos dois augustos esposos; estava muito habituado a todos estes pormenores para fazer as observações que aqui consignamos; é por isso que, sem que fixasse os olhos sobre objecto algum, esperou respeitosamente que o rei lhe dirigisse a palavra.

Mas tendo chegado ali, o rei, apesar da confidência já anunciada de antemão, parecia sentir um certo embaraço para entrar em matéria.

Em primeiro lugar, e como para se revestir de alguma coragem foi abrir uma gaveta da secretária, tirando de um compartimento secreto alguns papéis, que colocou em cima da mesa, e sobre os quais pôs uma das mãos.

- Sr. conde de Charny - disse ele por fim - tenho notado uma coisa...

E deteve-se olhando atento para Charny, que esperava respeitosamente que o rei continuasse.

- E é que na noite de 5 para 6 de Outubro, tendo que escolher entre a guarda da rainha e a minha, vi que colocou seu irmão junto da rainha, ficando o senhor junto de mim.

- Meu senhor - respondeu Charny - sou o chefe da família, como Vossa Majestade o é do Estado; tinha pois o direito de morrer ao lado de Vossa Majestade.

- É justamente o que me fez pensar - continuou Luís XVI - que se eu tivesse que dar uma missão secreta, difícil e perigosa, poderia ao mesmo tempo confiá-la à sua lealdade como francês, e ao seu coração como amigo.

- Oh! Meu senhor - exclamou Charny - apesar da honra que Vossa Majestade me concede, nunca terei a pretensão de ser mais do que um súbdito fiel e reconhecido.

- Sr. de Charny, é um homem grave, apesar de ter apenas trinta e seis anos; não atravessou os acontecimentos que acabam de desenrolar-se em volta de nós, sem deles tirar uma conclusão qualquer. O que pensa da minha situação, e se fosse meu primeiro ministro, que meios me proporia para melhorar essa situação?

- Meu senhor - respondeu Charny com mais hesitação que embaraço - sou um soldado, um marinheiro... Essas questões sociais são superiores à minha inteligência.

- Conde - disse o rei estendendo a mão a Charny com certa dignidade, que parecia brotar da mesma situação em que acabava de se colocar - um homem, e outro homem, que o julga seu amigo, pergunta-lhe pura e simplesmente, ao conde, que tem um coração recto, um espírito são, que é um súbdito fiel, o que faria no seu lugar?

- Meu senhor - disse Charny - numa situação não menos grave do que esta em que nos achamos, a rainha fez-me um dia a honra que Vossa Majestade me faz neste momento, de me perguntar a minha opinião... Foi no dia da tomada da Bastilha. A rainha queria mandar atacar os cem mil parisienses que se rolavam armados como uma hidra de ferro e de fogo pelos *boulevards* e pelas ruas do bairro de Santo António, pelos seus oito ou dez mil soldados estrangeiros. Se eu fosse menos conhecido da rainha, se Sua Majestade visse no meu coração menos respeito e dedicação, a minha resposta indisporia-a decerto, contra mim... Ah, meu senhor, não posso recluir hoje, que interrogado pelo rei, a minha resposta demasiadamente franca o possa ofender?

- Que respondeu então o conde à rainha?

- Que não sendo Vossa Majestade bastante forte para entrar em Paris como conquistador devia entrar como pai.

- E não foi esse o conselho que segui?

- Não há dúvida, meu senhor.

- Resta-nos agora saber se fiz bem em o seguir; porquanto diga o senhor mesmo se eu entrei como rei ou como prisioneiro.

- Meu senhor - redargüiu Charny - Vossa Majestade permite-me que lhe fale com toda a franqueza?

- Fale, conde; é justamente o que desejo.

- Meu senhor, desaprovei o banquete de Versalhes, supliquei à rainha que não fosse ao teatro na sua ausência, fiquei desesperado, quando Sua Majestade calcou aos pés o laço da nação para arvorar o laço preto, o laço austríaco...

- Julga então, Sr. de Charny, que fosse essa a verdadeira causa dos acontecimentos de 5 para 6 de Outubro?

- Não, meu senhor, mas foi pelo menos o pretexto. Vossa Majestade não é injusto para com o povo, não é assim? O povo é bom, ama-o, o povo é realista; mas o povo sofre, tem frio e tem fome; está rodeado de maus conselheiros, que o querem perder; marcha, exaspera-se, tudo derruba, porquanto ele mesmo não conhece a sua força; uma vez lançado, espalhado, rolando, é uma inundação ou um incêndio; tudo afoga, tudo queima!

- Pois bem, Sr. de Charny, suponha (o que é bem natural) que eu não queira ser nem queimado, nem afogado, que devo então fazer?

- Meu senhor, cumpre não dar pretexto à inundação para que se não espalhe, ao incêndio para que se não ateie... Mas, perdão! - disse Charny; - esquecia-me que mesmo por uma ordem de el-rei...

- Quer dizer por uma súplica... Continue, Sr. de Charny, continue; o rei assim lho pede.

- Pois bem, Vossa Majestade bem o viu, esse povo de Paris, tanto tempo viúvo dos seus soberanos, tão ávido de os ver, viu-o Vossa Majestade ameaçador, incendiário, assassino!... Ou antes julgou vê-lo assim, por isso que em Versalhes não era o povo! Viu-o, dizia eu, nas Tulherias, saudando debaixo da varanda do palácio de Vossa Majestade, à rainha, à família real, penetrando nos seus quartos, representado pelas suas deputações de mulheres, de guardas cívicas, de corpos municipais; e os que não tinham a ventura de ser deputados, os que não tinham a honra de penetrar nos quartos de Vossa Majestade e de lhe falar, a esses viu-os Vossa Majestade aglomerados junto das janelas da sala de jantar, através das quais, estendendo as mãos, enviavam - doces ofertas - aos ilustres comensais os beijos dos filhos?...

- Sim - disse o rei - tudo isso vi, e daí é que nasce a minha hesitação. Pergunto a mim mesmo qual é o verdadeiro povo, se o que assassina e incendeia, se o que afaga e aclama?

- Oh! Meu senhor, é o último que nomeou. Confie nele, que o defenderá.

- Conde, o senhor repete-me exactamente o que me disse, haverá duas horas, o Dr. Gilberto.

- Pois meu senhor, é possível que tendo ouvido a opinião de um homem tão profundo, tão sábio, tão grave como é o doutor se digne interrogar-me, a mim, que sou um simples oficial?

- Repito, Sr. de Charny - respondeu Luís XVI - é porque existe, segundo creio, uma grande diferença entre os dois; o senhor é dedicado ao rei, o doutor só o é à realeza.

- Não percebo bem, meu senhor.

- Quero dizer que uma vez que a realeza, isto é, que o princípio se salve, ele abandonará de boa vontade o rei, quero dizer, o homem.

- Nesse caso, tem razão - disse Charny - há essa diferença entre ambos, e é que Vossa Majestade é ao mesmo tempo para mim o rei e a realeza; é pois com este título que peço a Vossa Majestade que disponha de mim como lhe aprouver.

- Primeiro que tudo, Sr. de Charny, pretendo saber a quem se dirigiria, neste momento de calma, em que nos achamos no meio talvez de duas tempestades, para apagar os vestígios da tempestade passada e conjurar a futura?

- Se eu tivesse a honra e a desgraça de ser rei, meu senhor, recordar-me-ia dos gritos que cercaram a minha carruagem na volta de Versalhes, e estenderia a mão direita a Lafayette e a

esquerda a Mirabeau.

- Conde - exclamou o rei com vivacidade – como é possível que assim me fale, conhecendo a nulidade de um e desprezando os costumes do outro?

- Não se trata aqui das minhas simpatias, meu senhor, trata-se da salvação do rei e do futuro do seu reino.

- É exactamente o que me disse o Dr. Gilberto - murmurou o rei, como se fosse consigo mesmo.

- Meu senhor - acudiu Charny inclinando-se pela segunda vez - a minha satisfação não tem limites, ao lembrar-me que sou da opinião de um homem tão eminente como o Dr. Gilberto.

- Desse modo, meu caro conde, julga que da união desses dois homens poderia surgir o sossego da nação e a segurança do rei?

- Com o auxílio de Deus, meu senhor, muito esperaria da sua união.

- Mas, enfim, se me prestasse a essa união, se consentisse nesse pacto, e, apesar do meu desejo, apesar talvez do seu, se malograsse a combinação ministerial que devia reuni-los, que pensa que deveria fazer?

- Creio que tendo esgotado todos os meios, depositados nas suas reais mãos pela Providência, creio que tendo cumprido todos os deveres impostos pela sua posição, seria tempo enfim de el-rei se lembrar da sua segurança e da de sua família.

- Então propor-me-ia que fugisse?

- Proporia a Vossa Majestade que se retirasse com os seus regimentos e com os seus gentis homens, sobre cuja fidelidade poderia contar, para alguma praça forte, como Metz, Nancy ou Estrasburgo.

O rosto do rei resplandecia.

- Ah! Ah! - disse ele - e no meio de todos os generais, que tantas provas me têm dado de dedicação; vamos, diga francamente, Charny, o senhor, que os conhece, a qual deles confiaria a arriscada missão de conduzir ou de receber o seu rei?

- Oh! Meu senhor - murmurou Charny - é gravíssima a responsabilidade de guiar el-rei numa tal ocasião... Reconheço a minha ignorância, a minha fraqueza, a minha impotência... Recuso-me.

- Pois, senhor, vou desafrontá-lo - disse o rei; - essa escolha já está feita; e é a esse homem que quero enviá-lo. Eis aqui a carta que deverá entregar-lhe. O nome que me indicar não terá influência alguma sobre a minha determinação; servirá para me designar mais um servidor fiel, o qual, por seu turno, terá decerto ocasião de mostrar a sua fidelidade... Vamos, Sr. de Charny, se o senhor tivesse que confiar o seu rei à coragem e à inteligência de um homem, qual seria esse homem?

- Meu senhor - disse Charny depois de reflectir um momento - não é decerto, juro-o a Vossa Majestade, porque laços de amizade e quase de família me prendem a ele; mas existe no exército um homem, que, como governador das *Iles-sous-le-Vent*, protegeu eficazmente as nossas possessões das Antilhas por ocasião da guerra da América, tomando até aos ingleses algumas ilhas; encarregado depois de diversos comandos importantes, é hoje, segundo creio, governador da cidade de Metz; esse homem, meu senhor, é o marquês de Bouillé. Como pai, confiar-lhe-ia meu filho; como filho, confiar-lhe-ia meu pai; como vassalo, confiar-lhe-ia o meu rei!

Por pouco demonstrativo que fosse Luís XVI, seguia com visível ansiedade as palavras do conde, e seria fácil ver esclarecer-se-lhe o aspecto à medida que julgava reconhecer o personagem de que Charny lhe falava. Ao nome desse personagem pronunciado pelo conde, não pôde conter um grito de alegria.

- Tome, tome, conde - lhe disse ele - leia o sobrescrito desta carta, e veja se não é a mesma Providência que me inspirou a idéia de me dirigir ao senhor.

O conde de Charny pegou na carta e leu o sobrescrito, que dizia:

“Ao Sr. Francisco Cláudio Amour, marquês de Bouillé, governador da cidade de Metz”.

Lágrimas de prazer e de orgulho assomaram às pálpebras de Charny.

- Meu senhor! - exclamou ele - à vista do que vejo, só tenho a dizer a Vossa Majestade uma única coisa, é que estou pronto a morrer por Vossa Majestade.

- E eu dir-lhe-ei que depois do que acaba de se passar não me julgue com direito a ter segredos para com o conde, visto que, chegada a hora, só ao senhor, unicamente ao senhor, é que confiarei a minha pessoa, a da rainha e a de meus filhos. Escute-me, pois; eis o que me propõem e o que eu recuso.

Charny inclinou-se, prestando toda a sua atenção ao que o rei ia dizer.

- Não é a primeira vez, bem o deve pensar, Sr. de Charny, que me ocorreu a idéia, tanto a mim, como àqueles que me rodeiam, de executar um projecto análogo àquele de que nos ocupamos neste momento. Durante a noite de 5 para 6 de Outubro, lembrei-me de fazer evadir a rainha; a carruagem devia conduzi-la a Rambouillet, aonde me dirigiria a cavalo, e dali facilmente ganharíamos a fronteira; porquanto a vigilância que hoje nos cerca ainda então não era exercida. Este projecto não pôde realizar-se porque a rainha não quis partir sem mim, fazendo-me jurar que não partiria sem ela.

- Eu estava presente, meu senhor, quando esse sagrado juramento se prestou entre el-rei e a rainha, ou antes entre a esposa e o esposo.

- Depois, o Sr. de Breteuil entabulou negociações comigo por intervenção do conde de Innisdal, e há oito dias recebi uma carta de Soleure...

O rei deteve-se aqui, e vendo que o conde ficava imóvel e silencioso, perguntou:

- Não responde, conde?

- Meu senhor - prosseguiu Charny inclinando-se - bem sei que o Sr. barão de Breteuil é o homem da Áustria, e muito receio ofender as legítimas simpatias de el-rei, no que respeita à rainha, sua real esposa, e ao imperador José II, seu cunhado.

O rei apertou a mão de Charny e inclinando-se-lhe ao ouvido, disse-lhe em voz baixa:

- Não receie, conde, não gosto mais da Áustria do que o senhor.

A mão de Charny estremeceu de surpresa entre as de el-rei.

- Conde - continuou Luís XVI - quando um homem brioso como o senhor vai dedicar-se, isto é, vai fazer o sacrifício da vida por outro homem, que apenas tem sobre ele a triste vantagem de ser rei, é necessário que conheça esse por quem vai sacrificar-se. Conde, já lhe disse que não gosto da Áustria; não gosto de Maria Teresa, que nos envolveu na guerra de sete anos, onde perdemos duzentos mil homens, oitocentos milhões, e mil e setecentas léguas de terreno na América; não gosto daquela imperatriz, que chamava à Sr.^a de Pompadour, a uma prostituta, sua prima, e que fazia envenenar meu pai, um santo, pelo Sr. de Choiseul; que se servia de suas filhas como de pessoas diplomáticas; que governa Nápoles por intervenção da arquiduquesa Carolina, e conta governar a França por influência de Maria Antonieta.

- Meu senhor, meu senhor - exclamou Charny - Vossa Majestade esquece que sou um estranho, um simples súbdito do rei e da *rainha*...

E Charny sublinhou na mente a palavra *rainha*, como nós a sublinhamos com a pena.

- Já lhe disse, conde - acudiu o rei - que o senhor é um amigo... e posso falar-lhe com a maior franqueza, porquanto o preconceito que tinha concebido contra a rainha se acha completamente apagado no meu espírito. Porém, mau grado meu, desposei uma mulher daquela casa, duas vezes inimiga da casa de França; inimiga como austríaca e como lorena; mau grado meu, vi na minha corte o abade de Vermont, preceptor da delfina na aparência, espião de Maria Teresa na realidade, que eu encontrava duas ou três vezes por dia, tal era a recomendação que ele tinha de me não perder de vista, e a quem no decurso de dezenove anos, não dirigi uma única palavra; mau grado meu, depois de dez anos de luta, encarreguei o Sr. de Breteuil da administração da minha casa e do governo de Paris; mau grado meu tomei por meu primeiro ministro o arcebispo de Tolosa, um ateu; mau grado meu, finalmente, paguei à Áustria os milhões que ela queria extorquir à Holanda. Hoje mesmo, na hora em que lhe falo, sucedendo a Maria

Teresa, morta, quem aconselha e dirige a rainha? É o irmão José II, que felizmente se definha; por quem se aconselha ela? Sabe-o, como eu, pelo órgão desse mesmo abade de Vermont, do barão de Breteuil e do embaixador da Áustria, Mercy de Argenteau. Por detrás desse velho está escondido outro velho, Kaunitz, ministro septuagenário da centenária Áustria. Esses dois velhos presumidos, ou antes duas velhas deserdadas, guiam a rainha de França pela Bertin, sua modista, e por Leonardo, seu cabeleireiro, aos quais dão boas pensões; e aonde a guiam eles? À aliança da Áustria! Da Áustria, sempre funesta à França, quer como amiga, quer como inimiga; da Áustria, que pôs nas mãos de Jacques Clément uma faca, nas de Ravailac um punhal, nas de Damiens um canivete! A Áustria católica e devota noutro tempo, e que abjura hoje e se faz meio filósofa com José III! A Áustria imprudente, que volta contra si a sua própria espada, a Hungria! A Áustria descuidada, que deixa arrebatada pelos padres belgas a mais bela pérola da sua coroa, os Países Baixos! A Áustria vassala, que volta as costas à Europa, que não devia perder de vista, empregando contra os turcos, nossos aliados, as suas melhores tropas em proveito da Rússia! Não, não, não, Sr. conde de Charny, aborreço a Áustria, e aborrecendo-a não podia confiar nela.

- Meu senhor, meu senhor, murmurou Charny - estas confidências são muito honrosas, mas ao mesmo tempo muito perigosas para aquele a quem se fazem... Arrepende-se-á algum dia de mas ter feito?

- Oh! Nada receio do senhor, e a prova é que vou concluir.

- Vossa Majestade ordenou-me que o ouvisse; por isso, aqui me tem.

- Este projecto de fuga não é a primeira vez que me é aconselhado... Conhece o Sr. de Favras, conde?

- O marquês de Favras, o antigo capitão do regimento de Belzunce, o antigo lugar-tenente nos guardas do senhor de Provença? Sim, senhor, conheço perfeitamente.

- É esse mesmo - replicou o rei carregando sobre a última qualificação - o antigo *lugar-tenente dos guardas do senhor de Provença*. Que pensa dele?

- Penso que é um valente soldado, um fidalgo leal, arruinado pela desgraça, o que o torna irrequieto e o impele a muitas tentativas arriscadas, a muitos projectos insensatos; mas é homem honrado e há-de morrer sem recuar um passo, sem soltar um gemido, para sustentar a sua palavra... É um homem em quem Vossa Majestade teria razão de se confiar por um só aperto de mão; mas receio muito que nada faça como chefe de uma empresa.

- É por isso - replicou o rei com certo azedume - que não há-de ser o chefe dessa empresa... Há-de ser meu irmão... Sim, meu irmão, que faz dinheiro, que tudo prepara, que, dedicando-se até ao fim, ficará, quando eu partir, se porventura eu partir com Favras!

Charny fez um movimento.

- Que tem, conde? - prosseguiu o rei - esse não é o partido da Áustria, é o partido dos príncipes, dos emigrados, da nobreza.

- Meu senhor, desculpe-me... Já o disse, não duvido, nem da lealdade, nem da coragem do Sr. de Favras; a qualquer lugar que ele prometa conduzir Vossa Majestade, há-de conduzi-lo, ou há-de morrer defendendo-o... Mas por que não parte o Sr. conde de Provença com Vossa Majestade? Porque fica ele em Paris?

- Fica por dedicação, já lho disse... E talvez, no caso de se depor o rei e se nomear um regente para que o povo se não canse muito em procurar esse regente.

- Meu senhor - exclamou Charny - Vossa Majestade tem terríveis apreensões!

- Digo-lhe o que todos sabem meu caro conde, o que seu irmão ontem me escreveu... isto é, que no último conselho dos príncipes, em Turim, se tratou de me depor e de nomear um regente; que nesse mesmo conselho, o Sr. de Condé, meu primo, propôs marchar sobre Lião! Já vê portanto que, salvo caso extremo, não posso aceitar Favras, nem Breteuil, nem a Áustria, nem os príncipes. Eis aqui, meu caro conde, o que não disse ainda a ninguém senão ao senhor, a fim de que, não lhe tendo ninguém, *nem mesmo a rainha*, (ou por acaso ou de propósito, Luís XVI carregou nas palavras que sublinhamos), mostrado uma confiança igual à que lhe manifestei, o conde se dedique unicamente a mim.

- Meu senhor - perguntou Charny inclinando-se - o segredo da minha viagem deve ser segredo para todos?

- Pouco importa que se saiba que parte, uma vez que se ignora o fim da sua missão.

- E esse fim só deve ser revelado ao Sr. de Bouillé?

- Sim, mas só depois de estar bem seguro dos seus sentimentos. A carta de que o encarrego é uma simples carta de introdução. Sabe quais são os meus receios, as minhas esperanças e sobretudo conhece a minha posição. Sabe tudo isto, melhor do que; a rainha, minha mulher, melhor do que Necker, meu ministro, melhor do que Gilberto, meu conselheiro; actue portanto como lhe parecer... Entrego-lhe o fio e a tesoura, corte ou desenrole segundo as conveniências.

E entregando depois ao conde a carta ainda aberta disse:

- Leia.

Charny pegou na carta e leu:

“Palácio das Tulherias, 29 de Outubro.”

“Espero que continue a estar contente com o seu lugar de governador de Metz. O Sr. conde de Charny, lugar-tenente dos meus guardas, que passa por essa cidade, lhe perguntará se deseja de mim mais alguma coisa. Nesse caso, aproveitarei a ocasião de lhe ser agradável, como aproveito a de lhe renovar o protesto de todos os sentimentos de estima que lhe consagro.

Luís”

- E agora - disse o rei - pode partir, Sr. de Charny; tem plenos poderes para fazer ao Sr. de Bouillé as promessas que julgar convenientes se porventura for necessário; só lhe recomendo que essas promessas sejam de tal natureza, que eu possa cumpri-las.

E pela segunda vez lhe apertou a mão.

Charny beijou-lhe a mão com certa comoção, dispensando-se assim de novos protestos, e saiu do gabinete, deixando o rei convencido (e era verdade), de que por meio daquela confiança acabava de adquirir o coração do conde ainda mais facilmente do que se lhe oferecesse todas as riquezas e todos os favores de que podia dispor nos dias do seu poder.

XXII

No quarto da rainha

Charny saiu do gabinete do rei possuído dos sentimentos mais opostos.

Porém, o primeiro desses sentimentos, o que subia à superfície daquelas vagas de opiniões que lhe tumultuavam no cérebro, era o reconhecimento profundo que sentia pela confiança sem limites que o rei acabava de testemunhar-lhe.

Aquela confiança impunha-lhe efectivamente deveres tanto mais sagrados, quanto a sua consciência estava longe de se calar com a recordação das faltas em que se achava para com aquele digno rei, que no momento de perigo se lhe encostava ao ombro, como se fosse seguro e fiel encosto.

Era por isso que, reconhecendo-se Charny criminoso para com o seu rei, se sentia agora mais disposto a ser-lhe leal, a consagrar-se inteiramente ao seu serviço.

E esse sentimento de respeitosa dedicação, aumentando cada vez mais no coração de Charny, fazia diminuir ao mesmo tempo o sentimento menos puro, que no decurso de muitos anos consagrara à rainha.

Por esse motivo Charny, retido pela primeira vez por uma esperança vaga, nascida no meio dos perigos, como as flores que desabrocham sobre os precipícios e perfumam os abismos, esperança que instintivamente o atraía para junto de Andréa, tendo perdido essa esperança,

acabava de aceitar com desvelo uma missão, que o desviava da corte, onde sofria a duplicada tortura de ser ainda amado pela mulher que já não amava, e de não ser ainda amado (pelo menos assim o julgava o pobre moço) pela mulher que amava já.

Aproveitando-se pois da frieza que há alguns dias se introduzira nas suas relações com a rainha, entrava no seu quarto decidido a anunciar-lhe a sua partida por meio de uma simples carta, quando encontrou Weber, que o esperava à porta.

A rainha queria instantaneamente falar-lhe, e desejava vê-lo sem demora.

Não havia meio de subtrair-se a esse desejo da rainha; os desejos da coroa são decretos.

Charny deu algumas ordens ao seu criado, a fim de que atrelassem os cavalos e desceu atrás do colação da rainha.

A rainha estava numa disposição de espírito inteiramente oposta à de Charny. Recordava-se da sua dureza para com o conde, e lembrando-se da dedicação que ele lhe mostrara em Versalhes à vista do irmão todo ensangüentado, estendido no corredor contíguo ao seu quarto, espectáculo que tinha sempre presente, sentiu uma espécie de remorso, confessando a si mesma que, conquanto Charny lhe mostrasse apenas dedicação, ela tinha recompensado muito mal essa dedicação.

Mas não tinha ela também o direito de pedir a Charny outra coisa que não fosse simples dedicação?

Todavia, reflectindo bem, tinha porventura Charny merecido todas as arguições que lhe fazia?

Não devia atribuir-se ao luto fraternal a espécie de indiferença que ele lhe patenteara ao voltar de Versalhes? E demais, não era essa indiferença toda superficial, e não se precipitou ela em condenar Charny quando lhe fez propor a missão de Turim, para o desviar de Andréa, o que ele recusou? A sua primeira idéia de ciúme, fora que essa recusa era causada pelo nascente amor do conde por Andréa, e pelo desejo de ficar com a mulher; com efeito esta, partindo das Tulherias às sete horas, foi seguida duas horas depois pelo marido até ao seu retiro da rua Coq-Héron; mas a ausência de Charny não tinha sido longa: às nove horas voltara para o palácio, onde recusou o alojamento composto de três quartos, que, por ordem do rei, lhe propuseram, contentando-se com a água-furtada, que era destinada ao criado.

Toda esta combinação foi considerada pela nobre rainha como uma combinação em que a sua vaidade e o seu amor tinham tudo a sofrer; mas a investigação mais severa não pôde surpreender Charny fora do palácio, e excepto para negócios de serviço, era bem constante aos olhos da rainha, como aos dos outros comensais do palácio, que desde a sua volta a Paris e entrada no Paço, Charny raras vezes saía do seu quarto.

Por outro lado, desde que saía do palácio, nunca mais Andréa voltara.

Se Andréa e Charny se tinham visto, fora só durante uma hora, no dia em que o conde recusou a missão de Turim.

Verdade é que, durante aquele período, Charny não procurara ocasião de ver a rainha; mas em lugar de reconhecer nessa obstinação um sinal de indiferença, uma vista perspicaz não descobriria pelo contrário uma prova de amor?

Charny, estimulado pelas injustas desconfianças da rainha, não poderia ter deixado de aparecer-lhe, não por excesso de frieza, mas por excesso de amor?

A rainha confessava ser injusta e cruel para com Charny: injusta por ter estranhado que ele se não separasse do rei durante a noite de 5 para 6 de Outubro e tê-la deixado só, ter olhado uma vez para Andréa, ao passo que para ela só olhara duas vezes; e cruel, por não tomar parte com o coração mais terno na profunda dor que Charny sentira quando viu morto o irmão.

É deste modo que se procede quando se ama com amor profundo e verdadeiro. O que é objecto desse amor, quando está presente, oferece-se aos olhos daquele ou daquela que entende dever queixar-se, com todas as asperezas da existência; na pequena distância que o separa de nós, todas as censuras que se lhe fazem parecem fundadas: defeitos de carácter e extravagância de espírito, aumenta tudo como se fora visto através de um vidro; não se concebe que se tenha

estado tanto tempo sem ver todas essas deformidades amorosas, nem que por tanto tempo se tenham suportado. Mas ausentando-se por sua própria vontade ou por força o objecto desta fatal investigação, apenas ausente, desaparecem os contornos demasiado confusos, cai o realismo rigoroso debaixo do sopro poético da distância e à luz fagueira da saudade. Já se não julga, compara-se; entra-se em si mesmo com um rigor compassado pela indulgência que se sente por aquele que se reconhece ter apreciado mal, e o resultado de toda essa lida do coração é que, depois duma ausência de oito ou dez dias, a pessoa ausente nos parece mais cara e mais necessária do que nunca.

É evidente que supomos o caso em que nenhum outro amor se aproveita dessa ausência para ir ocupar no coração o lugar do primeiro.

Tais eram pois as disposições da rainha a respeito de Charny, quando se abriu a porta, e que o conde, que saíra como vimos, do gabinete do rei, se apresentou com o irrepreensível garbo de um oficial de serviço.

Mas no seu porte, sempre respeitoso, divisava-se um não sei quê de frieza, que parecia repelir os eflúvios magnéticos prestes a espargirem do coração da rainha para irem buscar ao coração de Charny todas as doces recordações que ali se tinham amontoado no decurso de quatro anos, à proporção que o tempo, alternativamente rápido ou vagaroso, fizera do presente passado, e futuro do presente.

Charny, inclinando-se, quase se não atreveu a ultrapassar o limiar da porta.

A rainha olhou em volta de si, como para ver o motivo que assim continha o mancebo e convenceu-se de que a vontade de Charny era a única causa de tanta reserva.

- Pode aproximar-se, Sr. de Charny - disse ela - estamos sós.

Charny aproximou-se; e com voz doce, mas ao mesmo tempo tão firme, que fora impossível reconhecer nela a mais pequena comoção, disse:

- Eis-me aqui às ordens de Vossa Majestade.

- Conde - replicou a rainha com voz afectuosa - não lhe disse que estávamos sós?

- Disse sim, minha senhora - acudiu ele - mas não vejo em que possa alterar essa solicitude o respeito com que um súbdito deve falar à sua soberana.

- Quando o mandei chamar, conde, sabendo por Weber que o seguia de perto, julguei ser um amigo que vinha falar a uma amiga.

Um amargo sorriso se desenhara ligeiramente nos lábios de Charny.

- Sim, conde - tornou ela - compreendo esse sorriso, e sei o que fundamente pensa. Pensa que fui injusta em Versalhes e que em Paris sou caprichosa.

- Injustiça ou capricho, minha senhora - redargüiu Charny - tudo é permitido a uma mulher, e muito mais a uma rainha.

- Ai, meu caro conde - disse Maria Antonieta com todo o encanto de que pôde impregnar os olhos e a voz - sabe muito bem que o capricho quer seja da mulher ou da rainha, não pode apartar-se do conde, como conselheiro ou como amigo.

E estendeu-lhe a mão branca e mimosa, um pouco emagrecida, mas sempre digna de servir de modelo a um estatuário.

Charny pegou na mão da rainha e depois de a beijar respeitosamente, dispunha-se a abandoná-la, quando sentiu que Maria Antonieta lhe detinha a sua.

- Pois bem - disse a pobre mulher respondendo com as suas palavras ao movimento que ele fizera; - sim, fui injusta, fui cruel. Perdeu ao meu serviço, querido conde, um irmão que amava com um amor quase paternal; esse irmão morreu por mim; eu devia compartilhar a sua dor, chorá-lo como o senhor o chora... Nesse momento, o terror, a cólera, o ciúme (que quer, conde, sou mulher!), tudo suspendeu as minhas lágrimas; mas quando fiquei só, durante esses dez dias que o não vi, paguei-lhe a minha dívida, pranteando-o amargamente; e a prova aqui a tem; olhe, senhor, veja que ainda choro.

E Maria Antonieta inclinou levemente para trás a sua bela cabeça, para que Charny pudesse ver-lhe as lágrimas, límpidas como diamantes, deslizarem pelos sulcos, que a dor

principiava a imprimir-lhe nas faces.

Ah! Se Charny pudesse adivinhar a quantidade de lágrimas que deviam seguir-se àquelas que corriam diante dele, ter-se-ia comovido de tão funda compaixão, que decerto teria caído aos pés da rainha, pedindo-lhe perdão de todos os males que lhe tinha causado.

Mas o futuro, por vontade do Senhor misericordioso, está envolvido num véu que ninguém pode levantar, onde pessoa nenhuma pode penetrar antes da hora; e o negro estofo que o destino fizera a Maria Antonieta, era ainda muito enriquecido de bordados de ouro para que pudesse conhecer-se nele um estofo de luto.

Além de que, pouco tempo tinha decorrido depois que Charny beijara a mão do rei, para que o ósculo que acabava de depositar na mão da rainha pudesse ser mais do que um sinal de respeito.

- Acredite, minha senhora - disse ele - que muito reconhecido estou por esta recordação que me é dirigida e pela dor que sente por meu irmão... Infelizmente, tenho apenas o tempo necessário para lhe exprimir o meu sincero reconhecimento...

- Como assim? O que pretende dizer? – perguntou a rainha muito admirada.

- Quero dizer, minha senhora, que vou sair de Paris dentro de uma hora.

- Vai sair de Paris dentro de uma hora?

- Vou sim, minha senhora.

- Oh! Meu Deus, abandona-nos como os outros? Emigra, Sr. de Charny?

- Ai de mim! - disse Charny - Vossa Majestade acaba de provar-me, com essa cruel pergunta, que muitas faltas cometi, mau grado meu, contra à minha rainha.

- Perdão, meu amigo; mas como diz que nos deixa... Por que motivo se retira?

- Para cumprir uma missão, de que el-rei me fez a honra de me encarregar.

- E sai de Paris? - perguntou a rainha com ansiedade.

- Saio de Paris, sim, minha senhora.

- Por quanto tempo?

- Ignoro.

- Mas há oito dias recusou uma missão, segundo me parece?

- É verdade, minha senhora.

- Então por que motivo, tendo recusado há oito dias uma missão, aceita hoje outra?

- Porque em oito dias, minha senhora, podem fazer-se muitas mudanças na existência de um homem, e por consequência nas suas resoluções.

A rainha pareceu fazer um esforço na sua vontade, e ao mesmo tempo sobre os diferentes órgãos submetidos a essa vontade e encarregados de a transmitir.

- E parte... só? - perguntou ela.

- Sim, minha senhora.

Maria Antonieta respirou.

Depois, como oprimida pelo esforço que fizera, concentrou-se por um instante, fechou os olhos, e passando o lenço de cambraia pela fronte pálida, perguntou:

- E onde vai?

- Minha senhora - respondeu respeitosamente Charny - bem sei que el-rei não tem segredos para Vossa Majestade; e se a rainha perguntar a seu augusto esposo o fim da minha viagem e o objecto da minha missão, estou certo que lhos dirá.

Maria Antonieta, tornando a abrir os olhos, e cravando em Charny um olhar de admiração, perguntou:

- Mas para que me dirigirei a ele, podendo dirigir-me ao conde?

- Porque o segredo que me confiaram pertence a el-rei, minha senhora, e não a mim.

- Parece-me - tornou Maria Antonieta com certa altivez - que se esse segredo pertence a el-rei, também pertence à rainha.

- Não duvido minha senhora - respondeu Charny inclinando-se - e é por isso que ousou afirmar a Vossa Majestade que el-rei não terá a menor dificuldade em lho confiar.

- Mas, enfim, essa missão é no interior da França ou no estrangeiro?

- Só el-rei pode dar a Vossa Majestade todos esses esclarecimentos.

- Desse modo - disse a rainha com o sentimento de uma dor profunda, que momentaneamente era mais saliente do que a irritação que lhe causava a reserva de Charny; - desse modo afasta-se de mim, vai sem dúvida arrostar alguns perigos, e eu não saberei, nem onde se acha nem os perigos que corre?

- Em qualquer parte onde me ache, aí terá Vossa Majestade, posso jurá-lo, um súbdito fiel, um coração dedicado... E quaisquer que sejam os perigos a que me exponha, ser-me-ão agradáveis, por isso que me exponho em serviço das duas pessoas que mais venero neste mundo.

E inclinando-se, o conde pareceu nada mais aguardar do que as últimas despedidas da rainha para se retirar.

A rainha soltou um suspiro que se assemelhava a um soluço abafado, e comprimindo a garganta com uma das mãos, como para ajudar as lágrimas prestes a rebentar a voltarem ao seio donde dimanavam, disse:

- Está bem, senhor, parta...

Charny inclinando-se de novo, dirigiu-se para a porta com passo firme.

Mas, no momento em que punha a mão no puxador, a rainha, com os braços estendidos para ele exclamou:

- Charny!

O conde estremeceu e voltou-se muito pálido.

- Charny! - continuou ela - venha aqui.

Ele aproximou-se cambaleando.

- Venha aqui perto - acrescentou a rainha; - olhe para mim... O senhor já me não ama, não é assim?

Charny sentiu um calafrio percorrer-lhe as veias; julgou um momento que ia desfalecer.

Era a primeira vez que a mulher altiva, que a soberana orgulhosa se curvava diante dele.

Noutra qualquer circunstância, noutro qualquer momento, cairia aos pés de Maria Antonieta e ter-lhe-ia pedido perdão, mas a lembrança do que se passara entre ele e el-rei, deteve-o, e chamando em seu auxílio todas as suas forças, o nobre mancebo respondeu:

- Minha senhora, depois das provas de confiança e de bondade que el-rei acaba de dar-me, eu seria na verdade um miserável, se neste momento assegurasse a Vossa Majestade outro sentimento que não fosse o do meu respeito e da minha veneração.

- Está bem conde - disse a rainha; - é livre... Parta.

Um desejo irresistível acometeu Charny por um momento; esse desejo era de se arrojar aos pés de Maria Antonieta; mas a invencível lealdade que nutria veio afugentar sem os sufocar os restos desse amor que ele julgava extinto, e que estivera prestes a reanimar-se mais ardente e mais vivaz do que nunca.

Precipitou-se pois para fora do quarto, com uma das mãos na cabeça, e a outra sobre o coração, murmurando palavras sem nexos; mas, que por incoerentes que fossem, teriam convertido num sorriso de triunfo as lágrimas de Maria Antonieta, se porventura ela as tivesse ouvido.

A rainha seguiu-o com a vista, esperando sempre que ele voltasse outra vez.

Mas viu abrir-se a porta diante dele e tornar-se a fechar depois de sair, e sentiu-lhe os passos, que ecoavam nas antecâmaras e nos corredores.

Cinco minutos depois de ter desaparecido, e de estar completamente extinto o ruído dos seus passos, ainda ela olhava e escutava.

De repente, foi a sua atenção distraída por um novo ruído que vinha do pátio.

Era o de uma carruagem.

Correu à janela e reconheceu a sege de Charny, que atravessava o pátio dos Suíços e seguia pela rua do Carroussel.

Tocou a campainha.

Weber entrou.

- Se eu não estivesse como prisioneira no palácio - disse ela - e quisesse ir à rua Coq-Héron, que caminho deveria seguir?

- Minha senhora - disse Weber - seria necessário sair pela porta do pátio dos Suíços, voltar pela rua do Carroussel, e seguir depois a rua de Saint-Honoré até à...

- Está bem, basta.

Depois - como falando consigo - murmurou:

- Vai dizer-lhe adeus.

Em seguida, encostando por um momento a fronte abrasada aos vidros gelados, continuou em voz baixa e com os dentes cerrados:

- Oh! É necessário que eu saiba o partido que devo tomar.

Depois, em voz alta, disse a Weber:

- Irás à rua Coq-Héron, n.º 9, a casa da Sr^a. condessa de Charny, e dir-lhe-ás que desejo falar-lhe esta noite.

- Perdão, minha senhora - disse o criado - mas julgava que Vossa Majestade já tinha disposto do seu serão em favor do Sr. Dr. Gilberto?

- Ah! É verdade - disse a rainha hesitando.

- Que determina Vossa Majestade?

- Vai dizer ao doutor que a nossa conferência fica transferida para amanhã.

Depois disse consigo:

- Sim, amanhã pela manhã trataremos de política... E demais a conversação que vou ter com a Sr^a. de Charny talvez possa influir alguma coisa na determinação que hei-de tomar.

E com um gesto despediu Weber.

XXIII

Horizontes sombrios

A rainha enganara-se. O Sr. de Charny não ia a casa da condessa.

Ia à posta real para tomar cavalos para a viagem.

Mas enquanto os atrelavam à sege entrou em casa do dono da posta, pediu tinteiro e papel, e escreveu à condessa uma carta, que entregou a um criado para lha levar a casa.

A condessa, meio deitada num canapé colocado no ângulo do fogão da sala, tendo diante de si um velador, ocupava-se em ler a carta do marido, quando Weber, segundo o privilégio daqueles que vinham da parte do rei ou da rainha foi introduzido sem anúncio algum preliminar.

- O Sr. Weber! - disse o criado de quarto abrindo a porta.

Weber apresentou-se logo.

A condessa dobrou a carta com vivacidade e meteu-a no seio, como se o criado da rainha viesse com o desígnio de lha roubar.

Weber falou-lhe em alemão. Era sempre um grande prazer para aquele homem quando podia falar na sua língua natal e todos sabem que Andréa, tendo aprendido na sua infância esta língua e com os dez anos de familiaridade que tivera com a rainha, falava-a perfeitamente.

Uma das coisas que muito pesar causava a Weber era a ausência de Andréa, a sua separação da rainha, e a ocasião que perdera o digno alemão, de falar muitas vezes a sua língua.

Era por isso que desejava sinceramente a reconciliação das duas amigas. Para que Andréa não faltasse sob qualquer pretexto à entrevista da rainha, repetiu-lhe muitas vezes que Sua Majestade adiara a conferência que devia ter com o Dr. Gilberto a fim de poder dispor inteiramente da noite.

Andréa simplesmente respondeu que cumpriria as ordens de Sua Majestade.

Weber saiu, e a condessa ficou um instante imóvel, com os olhos fechados, como quem deseja repelir do espírito qualquer estranho pensamento que não fosse aquele que lho

preocupava.

Quando tornou a si, lançou novamente mão da carta que tinha no seio, e continuou a leitura.

Concluída ela, beijou a carta com ternura, colocando-a depois sobre o coração.

E com um suspiro cheio de tristeza, disse:

- Deus te guarde, alma querida da minha vida! Ignoro onde estás, mas Deus bem o sabe, e as minhas preces também sabem onde está Deus!

Então, conquanto lhe fosse impossível adivinhar o motivo pelo qual a rainha a mandara chamar, sem impaciência, nem receio, aguardou o momento de se dirigir às Tulherias.

Outro tanto não acontecia à rainha; quase prisioneira no paço, vagueava, a fim de gastar a sua impaciência, do pavilhão de Flora para o pavilhão de Marsan.

O conde de Provença ajudou-a a passar uma hora: tinha ido às Tulherias para saber como Favras fora recebido pelo rei.

A rainha, que ignorava a causa da viagem de Charny e queria reservar essa via de salvação, empenhando o rei ainda mais do que ele mesmo se empenhara, disse ao conde que prosseguisse no seu projecto que quando chegasse o momento ela se encarregaria de tudo.

O conde de Provença, pela sua parte, estava contente e cheio de confiança. O empréstimo que negociara com o banqueiro genovês, que nós vimos por um momento na sua casa de campo de Bellevue, estava concluído, e na véspera, o Sr. de Favras, intermediário daquele empréstimo, havia posto à sua disposição os dois milhões, dos quais o conde não pudera fazer aceitar a Favras mais do que cem luíses, de que tinha absoluta necessidade para remunerar a dedicação de dois homens, sobre os quais Favras lhe jurara que podia contar, e que deviam ajudá-lo no rapto real.

Favras quisera dar ao conde de Provença alguns esclarecimentos acerca dos tais dois homens; porém ele, sempre prudente, não só se recusara a vê-los, mas nem quisera saber-lhe os nomes.

O conde fingia ignorar quanto se passava.

Dava dinheiro a Favras, porque este noutro tempo lhe era dedicado; mas o que Favras fazia desse dinheiro, não o sabia ele, nem tão-pouco desejava sabê-lo.

Demais, no caso em que o rei partisse, já dissemos que o conde de Provença ficaria, e afectava não tomar parte no conluio; clamava contra o abandono da sua família, e como achara meio de se fazer muito popular, era provável, uma vez que a realeza se achava ainda muito enraizada no coração da maior parte dos franceses, que, como Luís XVI dissera a Charny, fosse nomeado regente.

O conde retirou-se, e a rainha entreteve ainda outra hora nos quartos da Sr^a. de Lamballe. A pobre princesinha, dedicada até à morte (assim o tinha provado em ocasião oportuna) não era demasiadamente querida de Maria Antonieta, que sucessivamente a abandonara por Andréa, e pelos Polignac, mas nem por isso deixava de a conhecer; não precisava de dar mais do que um passo para aquela amiga verdadeira, para que ela, com os braços e com o coração abertos, fizesse o resto do caminho.

Nas Tulherias, e depois do regresso de Versalhes, a princesa de Lamballe ocupava o pavilhão de Flora, onde tinha o verdadeiro salão de Maria Antonieta, como a Sr^a. de Polignac fazia em Trianon. Todas as vezes que a rainha sofria qualquer pesar, qualquer incómodo, era para a Sr^a. de Lamballe que se chegava, o que prova evidentemente que era ali que ela se sentia amada.

Então, sem ter precisão de dizer nada, sem sequer confiar à amiga os seus pesares, os seus incómodos, apenas reclinava a cabeça sobre o ombro daquela estátua viva da amizade, e as lágrimas que deslizavam dos olhos da rainha misturavam-se logo com as que corriam dos olhos da princesa.

Oh! Infeliz mártir! Quem ousará indagar nas trevas das alcovas se a fonte daquela amizade era pura ou criminosa, quando a história inexorável, terrível, vier, com os pés sobre o teu sangue, dizer qual foi o preço por que pagaste essa amizade?

Depois passou-se outra hora com o jantar. Jantavam em família com a princesa Isabel, a Sr^a. de Lamballe e os meninos. Os dois augustos comensais estavam preocupados; cada um tinha um segredo para o outro.

A rainha o negócio de Favras.

O rei o de Bouillé.

Bem pelo contrário do rei, que preferia dever a tudo a sua salvação, até a uma revolta, de preferência aos estrangeiros, a rainha preferia estes a tudo.

Além de que, cumpre dizê-lo, o que nós, os franceses, chamamos estrangeiros, era uma família para a rainha. Como era possível que ela pusesse na balança esse povo, que lhe matava os soldados, essas mulheres, que iam insultá-la aos pátios de Versalhes, esses homens, que queriam assassiná-la nos seus quartos, essa multidão, que lhe chamava a *austriaca*, com os reis a quem pedia socorro? Com José II, seu irmão, com Fernando I, seu cunhado, com Carlos IV, seu primo por parte do rei, de quem era mais próxima parente do que os Orleans e os Condés?

A rainha não via pois, na fuga que preparava, o crime de que depois foi acusada; via só, pelo contrário, o único meio de conservar a dignidade real, e no regresso com mão armada, que esperava realizar, só via a expiação aos insultos que recebera.

Nós patenteamos o coração do rei: desconfiava dos reis e dos príncipes; não queria pertencer à rainha, como muitos julgavam, conquanto por parte de sua mãe fosse alemão, porque os alemães não consideram os austríacos como seus patrícios.

Não, o rei pertencia só aos padres.

Confirmou todos os decretos contra os reis, contra os príncipes e contra os emigrados, e aplicou o seu *veto* ao decreto contra os padres.

Por estes arriscou ele o 20 de Junho, sustentando o 10 de Agosto, suportou o 21 de Janeiro.

Foi por isso que o papa, não podendo fazer dele um santo, fez ao menos um mártir.

Contra o seu costume, a rainha naquele dia pouco se demorou com os filhos.

Bem sentia que, não pertencendo o seu coração todo ao pai, não tinha direito naquela ocasião aos carinhos dos filhos. O coração da mulher, essa víscera misteriosa que gera as paixões e faz brotar o arrependimento, o coração da mulher é o único que conhece as estranhas contradições.

A rainha retirando-se cedo ao seu aposento, onde se fechou, disse que tinha de escrever, deixando Weber à porta de atalaia.

Além de que, o rei pouco notou a sua retirada, tal era a preocupação que também o agitava acerca de ocorrências de pouca monta, é verdade, mas não destituídas de gravidade, de que Paris estava ameaçada, e acerca dos quais o intendente de polícia, que o esperava, vinha falar-lhe.

Eis, em duas palavras, essas ocorrências:

A Assembléia, como vimos, tinha-se declarado inseparável do rei, e uma vez que este se achava em Paris, também ela ali se achava.

Enquanto se arranjava a sala do picadeiro, que lhe era destinada, escolhera ela, para celebrar as suas sessões, a sala do arcebispo.

Foi ali, que, por um decreto, trocou Luís XVI o título de *rei de França e de Navarra* pelo de *rei dos franceses*.

Proscreeu as fórmulas reais de “nossa ciência certa” e de “nosso pleno poder...” substituindo-lhes estas: “Luís por graça de Deus e pela lei constitucional do Estado...”

O que provava que a Assembléia Nacional, como todas as Assembléias parlamentares de que era filha ou avó, se ocupava muitas vezes de coisas fúteis quando deveria ocupar-se de coisas sérias.

Por exemplo, deveria ter-se ocupado de sustentar Paris, que morria literalmente de fome.

A volta de Versalhes e a instalação do *padeiro*, da *padeira* e do seu *mocinho* nas Tulherias, não tinha produzido o efeito que se esperava.

A farinha e o pão continuavam a faltar.

Todos os dias se juntava à porta dos padeiros grande multidão de povo, que quase sempre promovia as maiores desordens. Mas como era possível evitar esses ajuntamentos?

O direito de reunião estava consagrado pela *Declaração dos direitos do homem*.

Mas a assembléia tudo ignorava, os seus membros não eram obrigados a postarem-se à porta dos padeiros, e quando por acaso algum deles sentia fome durante a sessão, tinha sempre a certeza de achar saborosos pãezinhos em casa de um padeiro, chamado Francisco, que morava na rua do Marché-Palu, distrito de Notre Dame, o qual fazia seis ou sete fornadas por dia, tendo sempre cuidado de ter boa reserva para os *senhores da Assembléia*.

O intendente da polícia dava parte, como já dissemos, a Luís XVI dos receios que tinha de tais desordens, que de um momento para o outro podiam tornar-se em tumultos revolucionários, quando Weber abriu a porta do pequeno gabinete da rainha anunciando a meia voz:

- A Sr^a. condessa de Charny!

XXIV

Mulher sem marido, amante sem amante

Conquanto fosse a rainha quem mandara chamar Andréa, e por conseqüência esperasse o anúncio que acabava de receber, nem por isso deixou de estremecer quando ouviu as palavras pronunciadas por Weber.

É que a rainha não podia dissimular que entre ela e Andréa, no pacto formado, por assim dizer, desde os primeiros dias, em que, ainda novos, se encontraram no castelo de Taverney, havia uma troca de amizade e de serviços prestados, em que Maria Antonieta era quem ficava sempre mais obrigada.

Ora, não há nada que constanja mais os reis do que as obrigações que contraem, sobretudo quando essas obrigações se acham em contacto com as mais fundas raízes do coração.

Resultava daí que a rainha, que mandara chamar Andréa, julgando ter grandes censuras a fazer-lhe, só se lembrava, diante da condessa, das obrigações que lhe devia.

Quanto a Andréa era sempre a mesma, fria, plácida, severa, pura como o diamante, mas cortante e invulnerável como ele.

A rainha hesitou um momento para saber com que nome saudaria a branca aparição que passava da sombra da porta para a penumbra do quarto, e que ia a pouco e pouco penetrando no círculo de luz projectada pelas três velas do candelabro, colocado sobre a mesa onde ela se reclinava.

Finalmente, estendendo a mão para a sua amiga, disse:

- Bem-vinda seja, tanto hoje, como sempre, Andréa.

Conquanto resoluta e disposta, como se apresentava sempre perante a rainha, não deixou também Andréa de estremecer, por seu turno. Percebeu nas palavras que a rainha lhe dirigia, uma recordação do tom com que a Delfina noutro tempo lhe falava.

- Preciso porventura dizer a Vossa Majestade - respondeu Andréa, entrando na questão com a sua franqueza e candura ordinárias - que falando-me sempre, como neste momento me fala, não será necessário, para me ver, mandar-me procurar fora do seu palácio?

Nada convinha melhor à rainha do que a linguagem com que Andréa entrava na matéria.

- Ai de mim! - disse ela - devia sabê-lo, Andréa; a condessa, tão bela, tão casta, tão pura, cujo coração ainda não foi perturbado por ódio algum, cuja alma ainda não foi maculada por nenhum amor e a quem as nuvens da tempestade podem cobrir e fazer desaparecer, mas só momentaneamente e como estrela, que, todas as vezes que o vento dissipa a tempestade, reaparece no firmamento mais bela e brilhante; devia saber que nem todas as mulheres, por mais elevada que seja a sua jerarquia, possuem a sua inalterável serenidade... Eu principalmente, eu que

lhe pedi socorro, e a quem tão generosamente o prestou!

- Vossa Majestade - disse Andréa - fala de tempos que tenho esquecido, e dos quais julgava que a rainha já se não recordasse.

- A resposta é severa, Andréa - disse-a rainha - e todavia eu mereço-a, e a condessa tem razão para me dar... É verdade que, enquanto fui feliz, não me lembrei da sua dedicação, e isso talvez porque poder nenhum humano, nem mesmo o poder real, me oferecia um meio de me desobrigar para com a condessa... Julgar-me-ia ingrata, Andréa, mas talvez por isso que aquilo que considerasse ingratidão não passasse de fraqueza.

- Teria direito para a acusar, minha senhora, se eu porventura tivesse desejado alguma coisa e a rainha se opusesse ao meu desejo; mas como quer Vossa Majestade que me queixe, se nunca desejei coisa alguma nem lha pedi?

- Pois bem, quer que lhe diga, minha cara Andréa, é justamente essa espécie de indiferença que tem pelas coisas deste mundo o que me espanta... Sim, parece-me um ente sobrenatural, uma criatura de outra esfera, arrebatada por um turbilhão, e lançada no meio de nós, como essas pedras depuradas pelo fogo e que não se sabe donde caem. Resulta daqui o grande susto que sentimos da nossa fraqueza ao acharmo-nos em presença daquela que nunca fraquejou; depois de nos tranquilizarmos, pensamos que a suprema indulgência se acha na suprema perfeição; que é na fonte mais pura que devemos lavar a nossa alma e no momento de uma dor profunda, todos fazem o que acabo de fazer, Andréa: manda-se chamar esse ente sobrenatural, cuja censura se receava, a fim de lhe pedir alguma consolação!

- Ai de mim! Minha senhora - disse Andréa - se é isso que Vossa Majestade de mim exige, muito receio que o resultado não corresponda às suas esperanças.

- Andréa, Andréa, esquece as circunstâncias terríveis em que deu lenitivo à minha dor?!

Andréa empalideceu visivelmente; a rainha vendo-a vacilante e com os olhos fechados, como alguém, a quem as forças abandonam, fez um movimento com o braço para assentá-la no mesmo canapé em que estava, mas Andréa resistiu e continuou a ficar de pé.

- Minha senhora - disse ela - se Vossa Majestade tivesse compaixão da sua fiel serva, poupar-lhe-ia recordações que ela quase conseguira já repelir de si. Não deve ser boa consoladora quem a ninguém pede consolação, nem sequer a Deus, supondo que Ele não possa consolar certos pesares.

A rainha fixou em Andréa um olhar límpido e profundo.

- Certos pesares! - disse ela - pois tem ainda mais alguns pesares além dos que me confiou?

Andréa não respondeu.

- Vejamos - continuou a rainha - chegou a ocasião de nos explicarmos, e foi para isso que a mandei chamar... Diga-me, ama o Sr. de Charny?

Andréa tornou-se pálida como uma defunta, mas continuou a ficar silenciosa.

- Ama o Sr. de Charny? - repetiu a rainha.

- Sim, amo - respondeu Andréa.

A rainha soltou um rugido, semelhante ao da leoa, quando se sente ferida, e disse:

- Oh! Já desconfiava!... E desde quando o ama?

- Desde o momento em que o vi.

A rainha recuou assustada diante de Andréa, que mais parecia uma estátua de mármore.

- Oh! - disse ela - e deixava-se assassinar?

- Vossa Majestade sabe-o melhor do que ninguém.

- Por que motivo?

- Porque percebi que também o amava.

- Quer dizer que o amava mais do que eu, por isso que eu nada vi?

- Ah! - exclamou Andréa com azedume - Vossa Majestade não viu nada, porque ele a amava também!

- É verdade... E agora vejo a razão por que já me não ama... É isto que quer dizer, não é

assim?

Andréa ficou calada.

- Responda - disse a rainha tomando-lhe não da mão, mas do braço - responda e confesse que ele já me não ama...

Andréa não respondeu, nem por palavras, nem por gestos, nem por um único sinal.

- Na verdade - exclamou Maria Antonieta – isto é para morrer! Mas assassine-me já, dizendo-me que ele já me não ama. Vamos, não me ama não é verdade?

- O amor ou a indiferença do Sr. de Charny são segredos dele; não me cabe a mim descobri-los – respondeu por fim Andréa.

-Oh! Os seus segredos! Não são só dele... julgo que ele a constitui sua confidente! - disse a rainha com certa acrimónia.

- O Sr. de Charny nunca me disse uma única palavra acerca do seu amor ou da sua indiferença por Vossa Majestade.

- Nem esta manhã?

- Não vi esta manhã o Sr. de Charny.

A rainha cravou em Andréa um olhar que parecia querer penetrar-lhe no mais fundo do coração.

- Quer dizer que ignora a partida do conde?

- Não é isso que quero dizer, minha senhora.

- Como sabe então que ele partiu se lhe não falou?

- Escreveu-me a participar-mo.

- Ah! - disse a rainha - escreveu-lhe?

E do mesmo modo que Ricardo III bradara num momento supremo: “A minha coroa por um cavalo!” Maria Antonieta esteve prestes a bradar: “A minha coroa por essa carta!”

Andréa conheceu logo o ardente desejo da rainha mas quis ter o prazer de deixar um momento a sua rival lutando com a ansiedade.

- E essa carta que o conde lhe escreveu quando partiu, não a trás consigo?

- Trago, sim, minha senhora.

E tirando-a do seio morna e perfumada, Andréa apresentou-a à rainha.

Esta pegou nela toda convulsa, apertou-a um momento entre os dedos, não sabendo se devia conservá-la, se restituí-la; e olhando para Andréa com os sobrolhos carregados, depois de repelir de si qualquer hesitação, disse:

- Oh! A tentação é demasiadamente forte!

E abrindo a carta, chegando-se à luz do candelabro, leu o seguinte:

“Minha senhora.

Dentro de uma hora sairei de Paris por ordem expressa de Sua Majestade Luís XVI.

Não posso dizer-lhe onde vou, nem o motivo da minha partida, nem o tempo que me demorarei fora de Paris, circunstâncias estas que provavelmente pouco lhe importarão, mas que muito desejaria comunicar-lhe se para isso me achasse autorizado.

Ocorreu-me um instante a idéia de a procurar para lhe participar pessoalmente a minha partida, mas não me atrevi a fazê-lo sem a sua licença...”

A rainha sabia o que desejava saber; quis restituir a carta a Andréa, mas esta, como estivesse no caso de mandar e não de obedecer, disse:

- Leia até ao fim, minha senhora.

A rainha continuou a leitura.

“Tinha recusado a última missão que se me tinha oferecido, porque julgava então (pobre louco!) que alguma simpatia me retinha em Paris; mas depois, (ai de mim!) adquiri a prova do contrário, e aceitei esta ocasião para me ausentar dos corações a que sou indiferente.

Se durante esta viagem me acontecer o mesmo que aconteceu ao meu infeliz Jorge, todas as minhas medidas estão tomadas para que seja a primeira a saber do golpe que me feriu, e da liberdade que lhe será restituída. Só então saberá, minha senhora, o grau de profunda admiração que no meu coração produziu a sua sublime dedicação, tão mal recompensada por aquela a quem sacrificou, jovem, bela e nascida para ser feliz, a mocidade, a beleza e o amor.

Então, minha senhora, tudo quanto peço a Deus e a si, é que conserve uma saudade ao desgraçado, que tão tarde conheceu o valor do tesouro que possuía.

Todos os respeitos do coração.”

“Conde Olivier de Charny”.

A rainha tornou a entregar a carta a Andréa, suspirando e deixando pender a mão inerte e quase desanimada.

- Então, minha senhora - murmurou Andréa - foi atraçoada?... Faltei porventura, não direi a promessa que lhe fizesse, porque nunca lhe prometi coisa nenhuma, mas à fé e confiança que em mim depositou?

- Perdoe-me, Andréa - disse a rainha. Tenho sofrido tanto!

- Tem sofrido, minha senhora! E atreve-se a dizer diante de mim que tem sofrido! E que direi eu?... Oh! Não direi que tenho sofrido, por isso que não quero empregar a mesma palavra de que já se servira outra mulher para exprimir a mesma idéia. Não, ser-me-ia necessária uma palavra inteiramente nova, inaudita, que fosse um resumo de todos os sofrimentos, a expressão de todas as torturas!... Vossa Majestade tem sofrido!... E contudo não viu o homem, a quem amava, indiferente a esse amor, voltar-se de joelhos e com o coração nas mãos para outra mulher... Não viu seu irmão, zeloso dessa outra mulher, que adorava em silêncio, como ama um pagão a sua divindade, bater-se com o homem a quem amava... Não ouviu o homem a quem amava, ferido por seu irmão, de modo que por um momento se julgou mortal, chamar unicamente, no seu delírio, por essa outra mulher, de quem Vossa Majestade fosse confidente... Não viu passar ligeiramente essa outra mulher, como uma sombra, pelos corredores onde Vossa Majestade vagueava também para ouvir esses acentos de delírio, que provavam que, se um amor insensato o fazia sucumbir, acompanhava-o ao menos até à beira do sepulcro... Não viu esse homem, tornando à vida por um milagre da natureza e da ciência, levantar-se do leito para se ir lançar aos pés da sua rival, sim, minha senhora, da sua rival, por isso que em amor, é só pela sua grandeza que se mede a igualdade das classes... Não se retirou então, no meio do seu desespero, na idade de vinte e cinco anos, para um convento, procurando apagar, aos pés gelados do crucifixo, esse amor que a devorava...

- E quando um dia, depois de um ano de orações, de vigílias, de jejuns, de desejos impotentes, de gritos de dor, Vossa Majestade julgava ter, se não extinta, ao menos adormecida, a chama que a consumia, não viu essa rival, sua antiga amiga, que nada compreendera, que nada adivinhara, vir procurá-la na sua solidão para lhe pedir o quê?... Em nome de uma amizade antiga, que os sofrimentos não puderam alterar, em nome da sua salvação como esposa, em nome da majestade real comprometida, vir pedir-lhe para ser a mulher de quem? Desse homem que no decurso de três anos adorava... Mulher sem marido, bem entendido, simples véu lançado entre as vistas da multidão e a ventura de outrem, do mesmo modo que se vê uma mortalha estendida entre um cadáver e o mundo!... Vossa Majestade não aceitou, não direi por compaixão (o amor zeloso não tem misericórdia, e Vossa Majestade, que me sacrificou, bem o sabe), não aceitou dominada pelo dever, essa imensa dedicação... Não senti esse homem meter-lhe no dedo um anel de ouro, o qual, penhor de uma eterna união, não fosse para si mais do que um vão e insignificante símbolo... Não deixou uma hora depois da celebração do matrimônio seu esposo para não o tornar a ver... Senão como amante da sua rival! Ai, minha senhora, minha senhora, os três anos que acabam de decorrer, são, asseguro-lhe, anos sem fim!

A rainha levantou a mão desfalecida, procurando encontrar a de Andréa, que lhe desviava.

- Nada prometi, e todavia cumpri tudo religiosamente. Vossa Majestade - continuou a desventurada condessa, constituindo-se acusadora - tinha-me prometido duas coisas...

- Andréa! Andréa! - exclamou a rainha.

- Tinha-me prometido não tornar sagradamente a ver o Sr. de Charny, promessa tanto mais sagrada, quanto não fui eu que a exigi...

- Andréa!...

- Depois também me prometeu (oh! desta vez foi por escrito!), prometeu tratar-me como irmã, promessa esta tanto mais sagrada, quanto não foi por mim solicitada.

- Andréa!

- Será necessário que lhe recorde os termos dessa promessa, que me fez num momento solene, num momento em que vinha de lhe sacrificar a minha vida, ainda mais do que a minha vida, o meu amor, isto é, a minha ventura neste mundo e a minha salvação no outro... Sim, a minha salvação no outro, pois que se não pequei por actos, minha senhora, quem me diz que o Senhor me perdoará os meus desejos insensatos, os meus votos ímpios?... Pois bem, nesse momento em que tudo lhe sacrifiquei, Vossa Majestade entregou-me um bilhete, no qual ainda vejo cada letra fulgurar diante dos meus olhos!

Esse bilhete era assim concebido:

“Andréa, salvou-me; pertence-lhe a minha honra, a minha vida! Em nome do homem que tão caro lhe custa, juro-lhe que pode chamar-me sua irmã... Experimente-o, que não me verá corar.

Deposito este escrito nas suas mãos; é o penhor do meu reconhecimento, o dote que lhe dou.

O seu coração é o mais nobre de todos os corações; ele saberá avaliar o mimo que lhe ofereço.”

“Maria Antonieta.”

A rainha soltou um gemido de abatimento.

- Sim, percebo - disse Andréa - como queimei esse papel, julgava que o tivesse esquecido; não, minha senhora, não; veja que rememorei cada uma das suas palavras, e parecendo que não se lembrou dele, eu pelo contrário recordo-me cada vez mais!

- Ah! Perdoe-me, perdoe-me, Andréa! Eu julgava que ele a amava...

- Julgava então possível a existência de uma tal lei do coração que, por isso que a amava menos, deveria ela amar outra?

Andréa tinha sofrido tanto, que por sua vez se tornava cruel.

- Então também conheceu que ele me amava menos? - disse a rainha com a expressão de uma dor profunda.

Andréa não respondeu: contemplava a rainha consternada, e uma espécie de sorriso se lhe desenhava nos lábios.

- Mas que hei-de fazer, meu Deus! Que hei-de fazer para conter este amor, isto é, a minha vida, que se extingue?... Oh! Se acaso o sabe, Andréa, minha amiga, minha irmã, diga-mo, suplico-lho!

E a rainha estendeu as duas mãos para Andréa.

Andréa recuou um passo.

- Posso porventura sabê-lo, minha senhora, eu a quem ele nunca amou?

- Sim, mas pode amar-te... Um dia, pode vir lançar-se a teus pés, fazer uma confissão pública dos seus delitos passados, pedir-te perdão de quanto te fez sofrer... E os sofrimentos esquecem-se tão depressa, meu Deus! nos braços daquele que se ama, o perdão é tão depressa concedido àquele que nos fez padecer!...

- Pois bem, se acontecesse essa desgraça (sim, desgraça para ambos, minha senhora), não vê que antes de ser mulher do Sr. de Charny, teria um segredo que comunicar-lhe, uma

confidência que fazer-lhe? Segredo terrível! Confidência mortal! Que imediatamente assassinará esse amor, que tanto receio?... Não vê que teria de lhe contar o mesmo que contei já a Vossa Majestade?

- Dir-lhe-ia que foi violada por Gilberto! Dir-lhe-ia que tem um filho?!

- Oh! Minha senhora, que conceito faz de mim, julgando-me capaz de ocultar semelhante coisa!

A rainha respirou.

- Desse modo - disse ela - nada faria para adquirir o amor do Sr. de Charny?

- Nada, minha senhora; faria no futuro o mesmo que fiz no passado.

- Pois nem sequer lhe daria ocasião para reconhecer o seu amor?

- Não, minha senhora, salvo se ele mesmo me desse a conhecer o seu, isto é, se me dissesse que me amava.

- E se lhe disser que a ama, se a senhora lhe disser que o ama, jura-me...

- Oh! Minha senhora - exclamou Andréa interrompendo a rainha.

- Sim - disse a rainha - sim, tem razão, Andréa, minha irmã, minha amiga, tem razão; eu é que sou muito injusta, muito exigente, muito cruel... Oh! Mas quando tudo me abandona, poder, reputação, amigos, oh! quisera ao menos que esse amor, ao qual sacrifiquei amigos, reputação, poder, quisera ao menos que esse amor me não abandonasse.

- E agora, minha senhora - disse Andréa com a frieza glacial que só a abandonara ao falar das torturas que sofrera - tem mais alguns esclarecimentos que dar-me, mais algumas ordens que transmitir-me?

- Não, nada mais, obrigada... Queria restituir-lhe a minha amizade, e a condessa recusa... Adeus, Andréa, leva ao menos consigo o meu reconhecimento.

Andréa fez um gesto com a mão, que parecia repelir esse segundo sentimento, como já repelira o primeiro, e depois de uma fria e profunda reverência, saiu vagarosa e em silêncio como se fosse uma aparição.

- Oh! Tu tens razão, corpo de gelo, coração de diamante, alma de fogo, tens razão em recusar o meu reconhecimento e a minha amizade; sinto-o profundamente, peço perdão a Deus, mas aborreço-te, odeio-te... Como ainda não odiei pessoa nenhuma! Porquanto, se ele ainda te não ama, decerto te amará um dia!

Depois, chamando Weber, perguntou:

- Viste o Dr. Gilberto?

- Sim, minha senhora - respondeu o criado.

- A que horas ficou ele de vir?

- Às dez da manhã.

- Está bem, Weber; previne as minhas damas que me deitarei esta noite sem o seu auxílio, e que, doente e cansada, desejo que me deixem dormir amanhã até às dez horas... A primeira e única pessoa que receberei será o Dr. Gilberto.

XXV

O padeiro francês

Não procuraremos descrever como decorreu aquela noite para as duas mulheres.

Só pelas nove horas da manhã encontraremos de novo a rainha, com os olhos afogados pelas lágrimas, com as faces pálidas pela insónia; às oito horas, isto é, quase no começo do dia (era no triste período do ano, em que os dias são pequenos e sombrios); às oito horas, levantara-se da cama, onde procurara debalde o descanso, durante as primeiras horas da noite, e onde, no correr das últimas, apenas tivera um sono febril e agitado.

Ninguém se atvera a entrar no seu quarto, mas sentia as idas e vindas, os súbitos ruídos, os rumores prolongados, que anunciavam que alguma coisa de insólito se passava no exterior.

Foi nesse momento que a rainha, já vestida, ouviu as nove horas.

No meio de toda aquela bulha confusa, que parecia prolongar-se pelos corredores, distinguuiu a voz de Weber, que reclamava silêncio.

Chamou então o fiel criado.

O ruído cessou imediatamente.

Abriu-se a porta.

- Que há de novo, Weber? - perguntou a rainha; - o que se passa no palácio, e que significam todos esses rumores?

- Minha senhora, parece que há algum motim para o lado da cidade.

- Algum motim! - disse a rainha. - Qual é o motivo?

- Ainda se ignora; diz-se que o alvoroço é por causa do pão.

Noutro tempo não se persuadiria a rainha que houvesse gente que morresse de fome; mas depois que, durante a viagem de Versalhes, ouvira o delfim pedir-lhe pão, sem que ela pudesse dar-lho, compreendeu o que fosse a miséria e a fome.

- Pobre gente! - murmurou ela, recordando-se das palavras que ouvira no trânsito, e da explicação que Gilberto dera dessas palavras; - ele bem vê agora que não é por culpa do *padeiro* nem da *padeira* que não tem pão.

Depois, em voz alta, perguntou:

- E receia-se que esses alvoroços se tornem graves?

- Não posso dizê-lo a Vossa Majestade; os boletins são contraditórios - respondeu Weber.

- Pois bem - replicou a rainha - corre à cidade, Weber; não fica daqui muito longe; vê com os teus próprios olhos o que se passa, e vem dizer-mo.

- E o Sr. Dr. Gilberto? - perguntou submissamente o criado.

- Previne Champan ou Miséry de que o estou esperando; qualquer delas que o introduza.

Em seguida soltou esta última frase, no momento em que Weber se retirava:

- Recomenda bem que o não façam esperar, Weber; ele, que tudo sabe, nos informará do que se passa.

Weber saiu do castelo, ganhou o postigo do Louvre, dirigiu-se à ponte, e guiado pelos clamores, seguindo a vaga que rolava em direcção ao arcebispado, chegou à praça de Nossa Senhora.

À medida que se aproximava da cidade velha, via engrossar a multidão; os clamores cada vez se tornavam mais enérgicos.

No meio daqueles gritos, ou para melhor dizer, daqueles berros, ouviam-se dessas vozes que se ouvem somente no Céu em dias de tempestade, e na terra em dias de revolução; ouviam-se vozes que gritavam:

- É um esfaimador!... morra!... à lanterna! à lanterna!

E milhares de vozes, que nem sequer sabiam do que se tratava, e entre as quais se distinguiam a das mulheres, repetiam cheias de confiança, e na esperança de ver um desses espectáculos que fazem saltar de alegria o coração das multidões:

- É um esfaimador! morra! à lanterna!

De repente sentiu-se Weber impelido por um desses violentos abalos, como acontece numa grande massa de homens fendida por uma torrente; viu surgir da rua Chanoinesse uma vaga humana, uma catadupa vivaz, no meio da qual se agitava um desgraçado, pálido e com o fato todo rasgado.

Era contra ele que o povo corria; era contra ele que se elevavam aqueles clamores, aquelas ameaças, aqueles berros.

Um único homem o defendia contra aqueles canibais, um único homem fazia um dique àquela torrente humana.

Esse homem, que empreendera uma tarefa de compaixão, muito superior às forças de dez, vinte, cem homens, era Gilberto.

Verdade é que alguns da multidão, tendo-o reconhecido, principiavam a bradar:

- É o Dr. Gilberto, um patriota... O amigo do Sr. de Lafayette e do Sr. Bailly... Ouça-se o Dr. Gilberto!

A estes brados seguiu-se um momento de silêncio, uma espécie de calma passageira que se espalhou sobre as ondas no meio de duas rajadas.

Weber aproveitou-se deste interregno para se dirigir ao doutor, o que conseguiu com bastante custo.

- Sr. Dr. Gilberto! - disse o criado particular da rainha.

Gilberto voltou-se para o lado donde vinha esta voz.

- Ah! - disse ele - é você, Weber?

E fazendo-lhe sinal para se aproximar mais, disse-lhe em voz baixa:

- Vá dizer à rainha que talvez vá mais tarde do que esperava ir: estou tratando de salvar este homem.

- Oh! Sim - disse o desgraçado ouvindo estas últimas palavras - o senhor há-de salvar-me, não é assim, doutor?... Diga-lhes que sou inocente; diga-lhes que minha mulher anda de esperanças... juro-lhe que não escondi nem sequer um pão, Sr. doutor!

Porém, como se aqueles queixumes e aquelas súplicas do desgraçado tivessem posto novamente fogo à raiva e à cólera, já meia extinta, da multidão, os gritos aumentaram com mais força e as ameaças iam-se convertendo em vias de facto.

- Meus amigos! - bradou Gilberto lutando com uma força sobre-humana contra os furiosos - este homem é um francês, um cidadão como vós; não se pode nem se deve assassinar um homem sem o ouvir... Conduzam-no ao distrito, e depois veremos o que se deve fazer.

- Sim - gritaram algumas vozes dos que conheciam o doutor.

- Sr. Gilberto - disse Weber - sustente o seu posto; eu vou prevenir os oficiais do distrito... O distrito não é longe; dentro de cinco minutos estarei aqui.

E desapareceu por entre a multidão, sem esperar sequer a aprovação de Gilberto.

Todavia, quatro ou cinco pessoas tinham corrido em auxílio do doutor e feito com os seus corpos uma espécie de trincheira ao infeliz ameaçado pelo encarniçamento da multidão.

Aquela trincheira, conquanto bastante frágil, conteve momentaneamente aqueles assassinos, que continuavam a cobrir com os seus clamores a voz de Gilberto e a dos bons cidadãos que se tinham unido a ele.

Felizmente, passados cinco minutos, divisou-se um movimento na multidão, seguindo-se um murmúrio, que foi traduzido por estas palavras:

- Os oficiais do distrito! Os oficiais do distrito!

À vista deles cessaram as ameaças; desviou-se a população, os assassinos ainda provavelmente não tinham recebido o santo.

O desgraçado foi conduzido à casa da câmara.

Agarrou-se ao doutor e não queria deixá-lo.

Ora, quem era aquele homem?

Vamos dizê-lo.

Era um pobre padeiro chamado Dionísio Francisco, o mesmo, cujo nome já pronunciámos, que fornecia pãezinhos aos membros da Assembléia.

Uma velha entrara naquela manhã na sua loja da rua do Marché-Palu, no momento em que ele acabava de distribuir a sexta fornada de pão, e em que começava a cozer a sétima.

A velha pediu pão.

- Não o há cozido - disse Francisco - mas espere pela sétima fornada, e será servida com preferência aos demais.

- Quero-o imediatamente - respondeu ela - aqui está o dinheiro.

- Repito-lhe que não há mais pão cozido.

- Deixe-me ver.

- Oh! - disse o padeiro - entre, veja, procure... não lhe ponho obstáculos.

A velha entra, procura, fareja, indaga, abre um armário, e acha três pães duros de quatro

arráteis cada um, que os moços tinham guardado para si.

Lança mão de um, sai sem pagar, e como o padeiro reclamasse, amotina o povo gritando que Francisco é um esfaimador e que esconde metade das fornadas.

O grito de esfaimador designava a uma morte quase infalível àquele que lhe dava causa.

Um antigo recrutador de dragões, chamado Fleur-d'Épine, que bebia numa taberna fronteira, sai à rua e com voz de bêbedo repete o grito que a velha tinha soltado.

Àquele duplo grito o povo corre, logo amotinado; informa-se do negócio de que se tratava, repete também os gritos já encetados, precipita-se na loja do padeiro, força a guarda de quatro homens que a polícia postara à porta, espalha-se pelo interior da casa, e entre os dois pães duros que a velha anunciara, encontra umas dez dúzias de pãezinhos moles reservados para os deputados, que celebravam as suas sessões no arcebispado, isto é a uns cem passos dali.

Desde logo, o pobre homem é condenado; não é uma só voz, são cem mil que gritam! É um esfaimador! É um esfaimador!

Uma grande multidão berra: à lanterna!

Naquele momento o doutor, que vinha de visitar o filho, que pusera em casa do abade Brardier, no colégio de Luís o Grande, foi atraído por aquele motim; vê o povo em massa que pede a morte de um homem, e corre logo em socorro desse homem que querem assassinar.

Ali, por algumas palavras de Francisco, sabe do que se trata; reconhece a inocência do padeiro, e decide-se a defendê-lo.

Então os amotinados tinham arrostado consigo, tanto o infeliz que ameaçavam, como o seu defensor, cobrindo-os a ambos com o mesmo anátema, e prestes a assassiná-los com o mesmo golpe.

Foi nesse momento que Weber, enviado pela rainha, chegara à praça de Nossa Senhora e conhecera Gilberto.

Já vimos que depois da retirada de Weber tinham chegado os oficiais do distrito, e que o infeliz padeiro fora conduzido, escoltado por eles, à casa da câmara.

Tanto o acusado, como a guarda do distrito e a população irritada, tinham entrado em confusão na casa da câmara, cujo largo se enchera logo de operários sem trabalho, e de miseráveis que morrendo de fome, estavam sempre dispostos a tomar parte em todos os tumultos, e a fazer participar aqueles que fossem a causa da miséria pública, de uma parte do mal que sofriam.

Foi por isso que os gritos aumentaram logo que o malfadado Francisco desapareceu por baixo do portão da casa da câmara.

Vários indivíduos de feia catadura incitavam a chusma, dizendo a meia voz:

- É um esfaimador pago pela corte, e aí está a razão por que o querem salvar.

E estas palavras: “É um esfaimador! É um esfaimador!” serpeavam entre aquela população ávida de sangue, como uma mecha de artifício, acendendo todos os ódios, deitando fogo a todas as cóleras.

Por desgraça ainda era cedo e nenhum dos homens que tinha poder no povo, nem Bailly, nem Lafayette, estavam presentes.

Bem o sabiam os que repetiam no meio dos grupos: “É um esfaimador! É um esfaimador!”

Enfim, como não vissem aparecer de novo o acusado, os gritos converteram-se num imenso urro, as ameaças num uivo geral.

Os homens, de que há pouco falámos, introduziram-se por baixo do portão, treparam ao longo da escada, e penetraram até à sala onde estava o pobre padeiro, a quem Gilberto defendia o melhor que lhe era possível.

Da sua parte, os vizinhos de Francisco, atraídos pelo tumulto, certificavam que ele dera, desde o princípio da revolução, as maiores provas de zelo, cozendo até dez fornadas por dia; que, quando os seus colegas não tinham farinha, os fornecia da sua; que, para servir mais prontamente o público, além do seu forno, alugara o de um pasteleiro, onde fazia secar a lenha.

No fim dos depoimentos foi demonstrado que, em lugar de castigo, o homem merecia uma recompensa.

Porém, no largo, nas escadas e até na sala, continuavam a gritar: “esfaimador!” e a pedir a cabeça do criminoso.

De repente, uma irrupção inesperada na sala, rompendo a ala da guarda nacional que cercava Francisco, separa-o dos seus protectores, e Gilberto, rechaçado do lado do tribunal improvisado, vê estenderem-se vinte braços... Agarrado, arrastado, fígado por eles, o acusado clama por socorro, estende as mãos suplicantes, mas tudo inútil... Debalde Gilberto faz um esforço desesperado para se aproximar dele; a abertura pela qual o infeliz desaparece fecha-se a pouco e pouco sobre ele; como um nadador, impellido por um turbilhão, ainda lutou um instante com as mãos hirtas, com o desespero nos olhos, com a voz sufocada na garganta; depois a onda cobriu-o, o abismo engoliu-o...

Desde esse momento estava para sempre perdido.

Rolando do alto da escada, a cada degrau recebia uma ferida; quando chegou ao portão, já o corpo era todo uma chaga.

Já não é a vida que pede, é a morte.

Onde se ocultava pois a morte, que tão prontamente aparecia naquela época?

Num segundo a cabeça do mesquinho Francisco foi separada do corpo e espetada na ponta de um chuço.

Aos gritos da rua, os amotinados que se acham nas escadas e nas salas precipitam-se uns após outros; é necessário que vejam o espectáculo até ao fim.

É muito curioso ver uma cabeça espetada na ponta de uma lança; ainda se não tinha visto outra desde 6 de Outubro e já se estava a 21!

- Oh! Billot! Billot! -exclamou Gilberto fugindo para fora da sala - como és feliz em ter saído da capital!

Acabava de atravessar a praça de Grève, seguindo a margem do Sena, deixando desviar-se pela ponte de Nossa Senhora aquela lança, aquela cabeça ensangüentada, e o seu perigoso cortejo, quando no meio do cais Pelletier sentiu que lhe tocavam no braço.

Levantou a cabeça, soltou um grito, quis parar e falar; mas o homem, que conheceu, meteu-lhe um bilhete na mão, levou um dedo aos lábios, e dirigiu-se logo para o lado do arcebispado.

Este personagem queria decerto guardar o incógnito, mas foi observado por uma das mulheres do mercado, que bateu as palmas exclamando:

- Olá! É a nossa *mãezinha* Mirabeau!

- Viva Mirabeau! gritaram quinhentas vozes: viva o defensor do povo! Viva o orador patriota!

E a cauda do cortejo, que seguia a cabeça do infeliz Francisco, ouvindo este brado, voltou-se e fez escolta a Mirabeau, que uma multidão imensa acompanhou, gritando sempre, até à porta do arcebispado.

Era, com efeito, Mirabeau que, dirigindo-se à Assembléia, encontrara Gilberto, e lhe entregara um bilhete, que acabara de escrever para ele sobre o balcão de uma taberna, e que se dispunha a enviar-lhe a casa.

XXVI

O partido que se pode tirar de uma cabeça cortada

Gilberto leu rapidamente o bilhete que occultamente lhe entregara Mirabeau; leu-o mais pausadamente uma segunda vez, meteu-o no bolso do colete, e chamando um carro deu ordem ao cocheiro para que o conduzisse às Tulherias. Chegado ali, achou fechadas todas as grades, e sentinelas dobradas por ordem de Lafayette, o qual, sabendo que havia desordem em Paris,

começara por se ocupar da segurança do rei e da rainha, dirigindo-se depois ao local da desordem.

Gilberto deu-se a conhecer ao porteiro da rua de l'Echelle e penetrou logo nos aposentos reais.

Assim que a Sr^a. Campan o avistou, correu logo ao seu encontro, como lhe fora ordenado, introduzindo-o sem a menor demora. Weber, para obedecer à rainha, tinha voltado em busca de notícias.

À vista de Gilberto, a rainha deu um grito.

Uma parte do vestuário do doutor sofrera bastante na luta que sustentara, a fim de salvar o desventurado Francisco, e algumas gotas de sangue lhe salpicavam a camisa.

- Senhora - disse ele - peço perdão a Vossa Majestade de me apresentar neste desalinho; mas já que mau grado meu, a fiz esperar tanto tempo, não quis que Vossa Majestade se impacientasse.

- E o pobre desgraçado, Sr. Gilberto?

- Já não existe, senhora; assassinaram-no, despedaçaram-no!

- Era criminoso?

- Não, senhora.

- Oh! Aí estão os frutos da sua revolução, doutor! Depois de assassinar os grandes, os funcionários, os guardas, ei-los que assassinam também os seus!... Mas não haverá meio de castigar esses assassinos?

- Ocupar-nos-emos disso, senhora; mas fora melhor evitar o crime, do que puni-lo.

- E de que modo se poderá isso conseguir? Tanto o rei como eu muito o desejamos.

- Senhora, todas estas desgraças provêm de uma grande desconfiança do povo para com os que governam. Ponham-se à testa do governo que tenham a confiança pública, e asseguro a Vossa Majestade que tais desordens se não repetirão mais.

- Ah! Sim, o Sr. de Mirabeau e o Sr. de Lafayette, não é assim?

- Julguei que Vossa Majestade me mandara chamar para me dizer que obtivera de el-rei que deixasse de hostilizar a combinação que lhe propus.

- Em primeiro lugar, doutor - disse a rainha - devo declarar-lhe que cai num grande erro (erro contudo, em que muitos também caem): julga que tenho grande influência em el-rei; julga que ele segue as minhas inspirações; engana-se... Se alguém tem essa influência, é a princesa Isabel, e não eu: e a prova é que ainda ontem encarregou ele de uma comissão um dos meus servidores, o Sr. de Charny sem que eu saiba, nem onde vai, nem o objecto dessa comissão.

- E, contudo, se Vossa Majestade quisesse vencer a repugnância que tem pelo Sr. de Mirabeau, asseguro-lhe que havia de resolver el-rei a anuir aos meus desejos.

- Ora vamos, Sr. Gilberto - replicou a rainha com vivacidade - diga-me francamente se a repugnância que em mim nota não é bastante motivada?

- Em política, senhora, não deve haver nem simpatias nem antipatias; deve haver conformidade de princípios ou combinação de interesses; e devo dizer a Vossa Majestade, para vergonha dos homens, que as combinações de interesses são ainda mais sólidas do que a conformidade de princípios.

- Doutor, acaso sustentará seriamente que devo confiar-me a um homem que promoveu os dias 5 e 6 de Outubro e pactuar com um orador, que publicamente me insultou no tribunal?

- Acredite Vossa Majestade que não foi Mirabeau quem promoveu os dias 5 e 6 de Outubro; mas sim a fome, a necessidade, a miséria, que encetaram a obra do dia; foi um braço potente, misterioso, terrível, que promoveu a obra da noite... Talvez que um dia possa defendê-la dessa tenebrosa potência, que não só a persegue, mas a todas as testas coroadas, que não só ameaça o trono de França, mas ainda todos os tronos da terra! É tão verdade, senhora, que Mirabeau não teve parte nessas terríveis jornadas, como é verdade ter eu a honra de pôr aos pés de Vossa Majestade e de el-rei a minha própria vida; Mirabeau soube unicamente na assembléa, talvez um pouco antes do que os seus colegas, por um bilhete que lhe foi enviado, que o povo

marchava sobre Versalhes.

- Negará também o que é público, isto é, o insulto que ele me fez na tribuna?

- Senhora, Mirabeau é um desses homens que conhecem o seu próprio valor, e que se exasperam quando, reconhecendo a sua capacidade e o auxílio que podem prestar, os reis se obstinam em não querer utilizá-los... Sim, senhora, para que Vossa Majestade volte os olhos para ele, empregará Mirabeau até a injúria; por isso que há-de preferir que a ilustre filha de Maria Teresa, rainha e mulher, lance sobre ele um olhar de indignação, do que deixe absolutamente de olhar para ele.

- Desse modo, Sr. Gilberto, julga que esse homem consentiria em voltar-se para nós?

- Já o está, senhora. Quando Mirabeau se separa da realeza, é como um cavalo que se desvia do verdadeiro trilho para voltar a ele, logo que sente a força do freio e a roseta da espora.

- Mas uma vez que já pertence ao duque de Orleans, não pode pertencer a mais ninguém.

- Eis onde está o erro.

- Pois Mirabeau não pertence ao duque de Orleans? - perguntou a rainha.

- Pertence tão-pouco ao Sr. duque de Orleans que, quando soube que o príncipe se retirara para Inglaterra diante das ameaças de Lafayette, disse, amarrotando nas mãos o bilhete do Sr. de Lauzun, que lhe anunciara essa retirada: “Julgam que esse homem seja meu amo, quando eu nem para laçao o quisera!”

- Vamos, isso reconcilia-me um pouco com ele - disse a rainha procurando sorrir - e se julgasse que se podia contar seriamente com ele...

- Então?

- Então, talvez não tivesse tanta repugnância, como tem el-rei, de o chamar para junto de mim...

- Senhora, no dia seguinte àquele em que o povo conduziu Vossa Majestade e a real família de Versalhes para Paris encontrei o senhor de Mirabeau.

- Ébrio com o seu triunfo da véspera, não é verdade?

- Assustado dos perigos que a família real corria e dos que ainda podia correr.

- Com efeito!... Tem a certeza disso? - perguntou a rainha como duvidando.

- Quer Vossa Majestade que lhe repita as mesmas palavras que ele me disse?

- Sim, faça-me esse favor.

- Pois bem! Ei-las: gravei-as na memória esperando que um dia teria ocasião de repeti-las a Vossa Majestade: “Se tem algum meio de se fazer entender do rei e da rainha, persuada-os que tanto eles como a França estão perdidos, se a família real não sai de Paris. Eu ocupo-me de um plano para os fazer sair. Poderia o senhor assegurar-lhes que podem contar comigo?”

A rainha tornou-se pensativa.

- Desse modo - disse ela - o parecer de Mirabeau é também que deixemos Paris?

- Nessa época era esse o seu parecer.

- Então mudou depois?

- Sim, se dermos crédito a um bilhete que recebi haverá meia hora.

- De quem?

- Dele mesmo.

- Pode-se ver esse bilhete?

- É dirigido a Vossa Majestade.

E Gilberto tirou o bilhete do bolso.

- Vossa Majestade desculpará a insuficiência do papel; foi escrito numa taberna.

- Oh! Não importa... Tudo está em harmonia com a política do dia.

A rainha pegou no papel e leu:

“O acontecimento de hoje muda tudo de face.

Pode tirar-se um grande partido daquela cabeça cortada.

A assembléia terá medo e pedirá a lei marcial.

Mirabeau pode apoiar e fazer votar essa lei.

Mirabeau pode sustentar que não há segurança sem que se restitua a força ao poder executivo.

Mirabeau pode atacar o Sr. de Necker sobre as subsistências e derrubá-lo.

Em lugar do ministério Necker, que formem um ministério Mirabeau e Lafayette; Mirabeau responde por tudo”.

- Mas este bilhete não está assinado?

- Não tive a honra de dizer a Vossa Majestade que foi o próprio Mirabeau que mo entregou?

- O que diz a tudo isto?

- A minha opinião, senhora, é que Mirabeau tem muita razão, e que só a aliança que propõe pode salvar a França.

- Seja assim... Que Mirabeau me envie pelo senhor uma memória acerca da situação e um projecto de ministério; eu apresentarei tudo a el-rei.

- E Vossa Majestade apoiá-lo-á?

- Sim.

- Então como primeiro penhor dado à realza, Mirabeau poderá sustentar a lei marcial e pedir que a força seja dada ao poder executivo?

- Pode fazê-lo.

- Em troca, no caso em que a queda do Sr. de Necker se torne urgente, não será desfavoravelmente recebido um ministério Lafayette-Mirabeau?

- Por mim, decerto que não... Quero provar que estou pronta a sacrificar todos os meus sentimentos pessoais ao bem do Estado. Somente, bem o sabe, não respondo por el-rei.

- Ajudar-nos-á o Sr. conde de Provença neste negócio?

- Creio que o Sr. conde de Provença tem projectos seus que o impossibilitarão de auxiliar os estranhos.

- E... desses projectos do Sr. de Provença, não tem Vossa Majestade a menor idéia?...

- Creio que é da primeira idéia de Mirabeau, isto é, que o rei deve sair de Paris.

- Vossa Majestade autoriza-me a dizer a Mirabeau que a memória e o projecto de ministério são exigidos por Vossa Majestade?

- Constituo o Sr. Gilberto juiz das conveniências que deve guardar diante de um homem que só desde ontem é nosso amigo e que amanhã pode tornar-se outra vez nosso inimigo.

- Ah! A esse respeito confie em mim, senhora; mas como as circunstâncias são graves, não há tempo a perder; permita-me pois que vá à Assembléia e que procure ver Mirabeau hoje mesmo. Se o vir, dentro de duas horas terá Vossa Majestade uma resposta.

A rainha fez um gesto de assentimento e despedida e Gilberto saiu. Num quarto de hora estava ele na Assembléia.

A Assembléia achava-se muito agitada, em consequência do crime que se cometera às suas portas, e na pessoa de um homem que de algum modo era seu servidor.

Mirabeau era o único que se conservava imóvel no seu lugar. Aguardava alguém e tinha os olhos fixos na tribuna pública.

Quando viu Gilberto, a sua figura de Leão reanimou-se.

Gilberto fez um sinal a que ele respondeu por um movimento de cabeça.

Seguidamente Gilberto rasgou uma página do seu livrinho de lembranças e escreveu:

“As suas propostas foram acolhidas, senão pelas duas partes, ao menos pela que julgávamos mais influente.”

“Exige-se uma memória para amanhã, e um projecto de ministério para hoje.”

“*Faça restituir a força ao poder executivo* e o poder executivo contará com o conde”.

Depois dobrou o papel em forma de carta e escreveu no sobrescrito: “Ao Sr. de

Mirabeau.” Chamou o contínuo e mandou a carta ao seu destino.

Da tribuna, onde estava, viu entrar o contínuo na sala; viu-o dirigir-se ao deputado de Aix, e entregar-lhe o bilhete.

Mirabeau leu com ar de tão profunda indiferença, que fora impossível à pessoa que lhe estava mais próxima perceber que aquele bilhete correspondia aos seus mais ardentes desejos; e com a mesma indiferença traçou algumas linhas em meia folha de papel que tinha diante de si; dobrou-a negligentemente, e sempre com a mesma aparente indiferença entregou-a ao contínuo, dizendo:

- Para a pessoa que lhe deu o bilhete que me trouxe.

Gilberto abriu o papel com avidez.

Continha estas poucas linhas que talvez encerrassem em si outro futuro para a França, se o plano que elas propunham pudesse ser levado à execução:

“Falarei.”

“Amanhã mandarei a memória.”

“Eis a lista exigida. Podem ser alterados dois ou três nomes:

Necker, primeiro ministro...”

Este nome fez quase duvidar Gilberto de que o bilhete fosse escrito por Mirabeau.

Mas como uma nota metida entre dois parêntesis se seguia a este nome, assim como aos demais, continuou:

“Necker primeiro ministro (*é necessário torná-lo tão fraco quanto tem de incapaz, conservando contudo o rei a sua popularidade*).

“O arcebispo de Bordéus chanceler (*recomendando-se-lhe que escolha com esmero os seus redactores*). O duque de Liancourt para a Guerra (*é honrado, firme e pessoalmente afeiçoado a el-rei, o que dará a este toda a segurança*).

“O duque de La Rochefoucauld para a casa real e cidade de Paris (*Thouret com ele*).

“O conde de La Marck para a marinha (*não pode ficar com a repartição da guerra, que tem de ser dada ao Sr. de Liancourt; o Sr. de La Marck tem fidelidade, carácter e resolução*).

“O bispo de Autun, ministro das finanças (*a sua moção eclesiástica adquiriu-lhe este lugar. Laborde com ele*).

“O conde de Mirabeau conselheiro do rei, sem pasta (*os pequenos escrúpulos de respeito humano já não são da época; o governo deve afirmar bem alto que os seus primeiros auxiliares serão de hoje em diante os bons princípios, o carácter e o talento*).

“Target, *maire* de Paris (*a rábula o guiará*).

“Lafayette, do conselho, marechal de França, generalíssimo, com a missão de reformar o exército.

“O Sr. de Montmorin, governador duque e par (*pagas as suas dívidas*).

“O Sr. de Ségur (da Rússia) nos negócios estrangeiros.

“O Sr. Moussier para a biblioteca do rei.

“O Sr. Chapellier, edifícios”.

Por baixo desta nota estava escrita outra:

“Parte de Lafayette:

“Ministro da justiça, o duque de Rochefoucauld.

“Ministro dos negócios estrangeiros, o bispo de Autun.

“Ministro das finanças, Lambert, Haller ou Clavières.

“Ministro da marinha...”

“Parte da rainha:

Ministro da guerra ou da marinha, La Marck.

“Chefe do conselho de instrução e educação pública o abade Sieyès.

Guarda do selo privado do rei...”.

Esta segunda nota indicava evidentemente as modificações que podiam fazer-se na combinação proposta por Mirabeau, sem causar obstáculo às suas vistas.²

Tudo isto estava escrito com letra ligeiramente tremida, o que provava que Mirabeau, conquanto indiferente na aparência, sentia interiormente uma certa comoção.

Gilberto leu rapidamente, rasgou uma nova folha do livrinho de lembranças, e nela escreveu as seguintes linhas:

“Vou procurar de novo a dona da casa que pretendemos alugar, e mostrar-lhe-ei as condições que oferece para ficar com a casa e para lhe fazer os reparos de que carece.”

“Mande-me dizer a minha casa, na rua de Saint-Honoré, por cima da Assunção, defronte de um marceneiro, chamado Duplay, o resultado da sessão, logo que ela termine”.

Sempre ávida de movimento e de agitação, esperando combater por meio de intrigas políticas as paixões do coração, a rainha esperava com impaciência a volta de Gilberto, escutava a nova narração que Weber lhe fazia.

A narração era o terrível desenvolvimento da horrível cena, cujo princípio Weber observara, e cujo fim acabava de presenciar.

Enviado pela rainha a colher novas informações, chegara à extremidade da ponte de Nossa Senhora, ao passo que na outra extremidade aparecia o sangrento cortejo, trazendo como estandarte de morte a cabeça do pobre padeiro, a qual, por uma dessas irrisões populares, com que já tinham enfeitado as cabeças dos guardas do corpo, na ponte de Sevres, também fora enfeitada com um barrete de algodão por um assassino mais faceto do que os outros.

A meio da ponte, uma mulher ainda moça, pálida, espavorida, banhada em suor, e que, apesar de um começo de gravidez, corria tão veloz quanto lhe era possível para a casa da câmara, parou ali como extasiada.

Aquela cabeça, cujas feições ainda não tinha podido distinguir, produzira nela ainda mesmo de longe o efeito terrível do raio!

Mas, à medida que a cabeça se aproximava, era fácil de ver, pela decomposição das feições da pobre criatura, que ainda não estava de todo petrificada.

Quando o horrível troféu estava apenas a vinte passos de distância, soltou um grito, estendeu os braços com um movimento desesperado, e como se os pés se lhe desprendessem da terra, caiu meia morta sobre a ponte.

Levaram-na dali sem sentidos.

Era a mulher de Francisco, grávida de cinco meses!

- Oh! Meu Deus! - murmurou a rainha - é uma lição que ensinais à vossa humilde serva, para lhe provar que há entes ainda mais desgraçados do que ela.

Neste momento entrou Gilberto, introduzido pela Sr^a. Campan, que substituíra Weber na guarda da porta real.

Encontrou, não a rainha, mas sim a mulher, isto é, a esposa, a mãe oprimida sob o peso daquela narrativa, que duas vezes lhe traspassara o coração.

A disposição não podia ser melhor, por isso que Gilberto, segundo a sua opinião, vinha oferecer o meio de pôr termo a todos aqueles assassinios.

E por isso a rainha, limpando os olhos marejados de lágrimas, e o rosto, donde gotejava copioso suor, tomou das mãos de Gilberto a lista que lhe levava.

² Estas notas, encontradas entre os papéis de Mirabeau depois da sua morte, foram compiladas numa obra publicada por Bacourt, a qual lança muita luz sobre os dois últimos anos da vida do grande tribuno.

Mas antes de lançar os olhos sobre o papel, conquanto ele fosse importante, disse:

- Weber, se essa pobre mulher não morreu, quero vê-la amanhã, e se com efeito está grávida, quero ser madrinha do filho.

- Ai, senhora, senhora! - exclamou Gilberto – por que não hão-de presenciar todos os franceses, como eu presencio, as lágrimas que Vossa Majestade verte, e ouvir as palavras que acaba de proferir!

A rainha estremeceu; eram aquelas aproximadamente as mesmas palavras, que em circunstâncias não menos críticas lhe dirigira Charny.

Lançou um rápido olhar sobre a nota de Mirabeau; mas muito perturbada naquele momento para dar uma resposta conveniente, disse:

- Está bem, doutor, deixe-me esta nota; hei-de reflectir e amanhã lhe darei a resposta.

Depois, talvez sem saber o que fazia, estendeu para Gilberto a mão, que este, todo admirado, mal tocou com as pontas dos dedos e com os lábios.

Era já uma terrível conversão para uma mulher tão altiva como Maria Antonieta o discutir um ministério de que faziam parte Mirabeau e Lafayette, e dar a mão a beijar ao Dr. Gilberto.

Às sete horas da noite um criado sem libré entregou a Gilberto o seguinte bilhete:

“A sessão foi bastante acalorada.”

“Votou-se a lei marcial.”

“Buzet e Robespierre queriam a criação de um grande tribunal.”

“Fiz decretar que os crimes de *leza-nação* (é termo novo, que acabamos de inventar) seriam julgados pelo tribunal real do Châtelet.”

“Sem subterfúgio algum, coloquei na realza a salvação da França, e os três quartos da Assembléia aplaudiram-me.”

“Estamos em 21 de Outubro e parece-me que a realza tem andado bem desde o dia 6.”

“Vale et me ama”

O bilhete não estava assinado, mas era de letra igual à da nota ministerial e à do bilhete que recebera de manhã, o que vinha a ser a mesma coisa, por isso que aquela letra era de Mirabeau.

XXVII

O Châtelet

Para que bem se compreenda todo o alcance do triunfo que Mirabeau acabava de alcançar, e por consequência a realza, da qual se constituíra mandatário, cumpre explicar aos nossos leitores o que era o Châtelet.

Além de que, uma das primeiras sentenças vai dar matéria a uma das mais terríveis cenas que se passaram na praça de Grève, no decurso do ano de 1790, cena que, não sendo estranha ao nosso objecto, terá infalivelmente lugar na continuação desta história.

O Châtelet, depois do século XIII tivera grande importância histórica, não só como tribunal, senão também como prisão, recebeu do bom rei Luís IX todo o poder que exerceu pelo espaço de cinco séculos.

Outro rei, Filipe Augusto, era um monarca edificador.

Construiu o templo de Nossa Senhora.

Fundou os hospitais da Trindade, de Santa Catarina e de S. Nicolau do Louvre.

Calçou as ruas de Paris, as quais, cobertas de lama, o impossibilitavam pelo seu mau cheiro - segundo diz o cronista - de chegar à janela.

Disponha, na verdade, de um grande recurso para todas essas despesas, recurso que os seus sucessores desgraçadamente esgotaram: eram os judeus.

Em 1189 foi acometido da loucura do tempo.

A loucura consistia em querer reconquistar Jerusalém aos soldões da Ásia.

Aliou-se com Coração de Leão, e partiu com ele para a Terra Santa.

Mas antes de partir, para que os seus bons parisienses não perdessem o tempo, e nos seus momentos perdidos, se não lembrassem de se revoltar contra ele, como se tinham revoltado, por instigação sua, mais de uma vez os vassallos e até os filhos de Henrique II de Inglaterra, deixou-lhes um plano, e ordenou-lhes que o executassem imediatamente depois da sua partida.

O plano era uma nova cinta, que devia construir-se em volta da cidade, cinta, como já dissemos, para a qual ele mesmo dera o risco, e que devia compor-se de uma sólida muralha, de uma verdadeira muralha como as do século XII, guarnecida de torres e de portas.

Essa muralha foi a terceira que envolveu Paris.

Como todos observarão, os engenheiros encarregados deste trabalho não tomaram bem a medida da capital; engrossara muito depressa desde Hugo-Capeto, e prometia fazer estalar em breve a terceira cinta, como já fizera estalar as duas primeiras.

Deixaram-lhe pois essa cinta folgada, encerrando dentro, por precaução para o futuro, uma grande quantidade de lugarejos, destinados a formarem mais tarde parte daquele grande todo.

Estes lugarejos e aldeias, por muito pobres que fossem, tinham cada um a sua justiça senhorial.

Ora, todas estas justiças senhoriais, que a maior parte do tempo se contradiziam umas às outras, encerradas dentro do mesmo recinto, tornaram a oposição mais sensível e acabaram por se chocar entre si tão violentamente, que espalharam uma grande confusão na capital.

Havia ali, naquela época, um fidalgo de Vincennes, o qual, tendo, ao que parece, mais razão de se queixar daquele conflito do que outro qualquer, resolveu-se a pôr-lhe um termo.

Esse fidalgo era Luís IX.

Cumprir aqui prevenir, tanto as crianças como as pessoas adultas, que, quando Luís IX fazia justiça debaixo do famoso carvalho que se tornou proverbial, fazia essa justiça como fidalgo e não como rei.

Ordenou pois, como rei, que todas as causas julgadas por aquelas pequenas justiças senhoriais, seriam, por meio de apelação, levadas perante o seu Châtelet de Paris.

A jurisdição do Châtelet tornou-se deste modo onipotente, encarregada como estava de julgar em última instância.

O Châtelet ficara portanto constituído em tribunal supremo até ao momento em que o parlamento, invadindo por seu turno a justiça real declarou que conheceria por meio de apelação das causas julgadas no Châtelet.

Mas a Assembléia acabava de suspender os parlamentos.

“Enterrámo-los vivos” - dizia Lameth ao sair da Assembléia.

E, em lugar dos parlamentos, por insistência de Mirabeau, acabava ela de restituir ao Châtelet o seu antigo poder, ainda mais ampliado com outros poderes.

Era pois um grande triunfo para a realza, que os crimes de leza-nação, dependentes da lei marcial, fossem levados perante um tribunal que lhe pertencia.

O primeiro crime em que teve de intervir o Châtelet, foi o que acabamos de referir.

No mesmo dia da promulgação da lei, dois dos assassinos do infeliz Francisco foram enforcados na praça de Grève sem outro processo mais do que a pública acusação, e a publicidade do crime.

Um terceiro, que era um recrutador Fleur-d'Épine, cujo nome já referimos, foi julgado regularmente e condenado pelo Châtelet; e seguindo os seus dois camaradas, lá se foi juntar com eles na eternidade. Duas causas lhe restavam para julgar.

A do fornecedor geral Augeard, e a do inspector geral dos suíços, Pedro Vítor de Besenval.

Eram dois homens extremamente dedicados à corte, e por isso, se apressaram em levar as

suas causas perante o Châtelet.

Augeard era acusado de ter fornecido dinheiro, com o qual a camarilha da rainha pagara em Julho às tropas reunidas no Campo de Marte. Augeard era pouco conhecido e por isso a sua prisão não fez grande arruído; a população não lhe queria portanto mal.

O Châtelet absolveu-o sem demasiado escândalo.

Restava Besenval.

Besenval era outra coisa; o seu nome não podia ser mais popular, olhando pelo lado pior da palavra.

Fora ele quem comandara os suíços na casa de Réveillon, na Bastilha e no campo de Marte. O povo recordava que nestas três circunstâncias, carregara sobre ele e por isso não se lhe dava de tomar a desforra.

As ordens mais precisas, tinham sido dadas pela corte ao Châtelet: debaixo de pretexto algum, nem o rei nem a rainha queriam que Besenval fosse condenado.

Não precisava mais do que esta dupla protecção para o salvar.

Ele mesmo se reconheceu culpado, por isso que, depois do dia 14 de Julho, se tinha evadido. Preso a meio caminho da fronteira, fora reconduzido a Paris.

Por isso, quando entrou na sala, muitos gritos de morte o saudaram quase simultaneamente.

- Besenval à lanterna! Besenval à forca! – berravam de todos os lados.

- Silêncio - gritaram os oficiais.

E com grande custo conseguiram restabelecer o silêncio.

Um dos assistentes, aproveitando-se desse silêncio momentâneo, bradou com magnífica voz de baixo.

- Peço que seja dividido em treze pedaços, e que se mande um a cada cantão.

Porém, apesar de tudo isto, apesar da animosidade do auditório, Besenval foi absolvido.

Indignado com esta segunda absolvição, um dos que a presenciavam escreveu estes versos sobre um bocado de papel, do qual fez uma bolinha, que atirou ao presidente:

Magistrados, que lavais Augeard

Que lavais Besenval, que lavaríeis a peste.

Vós sois como o papel pardo:

Vós tirais a nódoa, mas a nódoa vos veste!

Esta quadra ia assinada. Ainda não é tudo: o presidente voltou-se para ver se conseguia descobrir o autor.

O autor estava de pé sobre um banco, atraindo por gestos os olhares do presidente.

Mas o presidente abaixava os olhos diante dele.

Não se atrevia a mandá-lo prender.

É verdade que o autor era Camilo Desmoulins, o proclamador do Palais Royal, o homem da cadeira, da pistola, das folhas de castanheiro.

Foi por isso que um daqueles que saíam em chusma, e que pelo seu trajo se poderia tomar por um simples sujeito do Marais, dirigindo-se a um dos indivíduos que lhe ficava mais próximo, e pondo-lhe a mão no ombro, conquanto o outro parecesse pertencer a uma classe superior da sociedade, disse-lhe:

- Então, Sr. Dr. Gilberto, que pensa destas duas absolvições?

Aquele a quem se dirigiam estas palavras estremeceu, olhou para o seu interlocutor, e conhecendo a cara como conhecera a voz, respondeu:

- É a si e não a mim que o deve perguntar mestre... O senhor que tudo sabe, o presente, o passado e o futuro!

- Pois eu penso que depois destes dois réus absolvidos, deve considerar-se perdido o inocente que aparecer em terceiro lugar.

- Porque julga que será um inocente que lhes há-de suceder? - perguntou Gilberto - e que se lhes suceder há-de ser castigado?

- Pela simples razão - respondeu o interlocutor com a ironia que lhe era natural - de que neste mundo se devem castigar os bons em lugar dos maus...

- Adeus, mestre! - disse Gilberto dando a mão a Cagliostro, porque nas poucas palavras que pronunciou, já os nossos leitores reconheceriam decerto o terrível céptico.

- Por que me diz adeus?

- Por ter que fazer - acudiu Gilberto sorrindo.

- Alguma entrevista?

- É verdade.

- Com quem?... Com Mirabeau, com Lafayette, ou com a rainha?

Gilberto olhou para Cagliostro com ar inquieto.

- Sabe que me assusta às vezes! - disse ele.

- Pelo contrário, deveria animá-lo - disse Cagliostro.

- Como assim?

- Não sou eu seu amigo?

- Assim o creio...

- Pode acreditá-lo... E se quiser uma prova...

- Como?

- Venha comigo, e dar-lhe-ei sobre a negociação, que julga secretíssima, alguns pormenores igualmente tão secretos, que o senhor, que julga ser o intermediário deste negócio, ignora completamente.

- Escute - disse Gilberto - talvez zombe de mim, ajudado por alguns desses prestígios que lhe são familiares; mas não importa! As circunstâncias em que nos achamos são tão graves, que se me fosse oferecido algum esclarecimento do próprio Satanás, aceitá-lo-ia. Estou pronto para o seguir até onde me quiser conduzir.

- Oh! Descanse, que não há-de ser muito longe e sobretudo há-de ser a um lugar que lhe não é desconhecido. Consinta-me somente que chame aquele carro que além passa; este traje não me permitiu que viesse na minha carruagem.

A carruagem aproximou-se; ambos se meteram nela.

- Onde quer que o conduza, meu patrão? - perguntou o cocheiro a Cagliostro, como se conhecesse, que era este (ainda que simplesmente vestido) quem dirigia o que o acompanhava.

- Bem o sabes... - disse Bálsamo, fazendo uma espécie de sinal maçónico.

O cocheiro olhou para Bálsamo com admiração.

- Perdão, meu senhor - disse ele, respondendo àquele sinal, com outro idêntico - não o tinha conhecido.

- Não me aconteceu a mim o mesmo - redargüiu Cagliostro com voz firme e altiva; - conquanto sejam muito numerosos os meus súbditos, conheço-os desde o primeiro até ao último.

O cocheiro fechou a portinhola, subiu para a almofada, e, ao grande galope dos cavalos dirigiu o carro através daquele dédalo de ruas que conduziavam do Châtelet até ao boulevard das Filhas do Calvário; e continuando a carreira em direitura à Bastilha, só parou à esquina da rua de Saint-Claude.

Parou então e abriu a portinhola com tal rapidez, que bem testemunhava o seu zelo respeitoso.

Cagliostro fez sinal a Gilberto para descer primeiro.

- Não tens nada que me dizer? - perguntou ele ao cocheiro.

- Tenho, meu senhor - lhe respondeu este; - se não tivesse a fortuna de o encontrar, far-lhe-ia à noite o meu relatório.

- Pois diz.

- O que tenho a dizer a vossa excelência não pode ser ouvido pelos profanos.

- Oh! - tornou Cagliostro sorrindo-se - aquele que nos escuta não é inteiramente um profano.

Foi então Gilberto que se desviou por discrição.

Todavia não pôde deixar de tomar sobre si o prestar toda a atenção que lhe fosse possível.

À medida que o cocheiro fazia o seu relatório, distinguiu um sorriso nos lábios de Bálsamo.

Ouviu distintamente os nomes do conde de Provença e de Favras.

Concluído o relatório, tirou Cagliostro do bolso um dobrão de ouro, que quis dar ao cocheiro.

Mas este meneou a cabeça, dizendo:

- Vossa excelência bem sabe que nos é proibido receber coisa alguma pelos nossos relatórios.

- É por isso que te não pago este relatório – disse Bálsamo - mas sim a corrida que fizeste.

- Sendo assim, aceito - disse o cocheiro.

E tomando o dinheiro, acrescentou:

- Obrigado, meu senhor; aqui está o meu dia todo bem pago!

E saltando levemente para a almofada, meteu os cavalos a trote, fazendo estalar o chicote, e deixando Gilberto completamente espantado de quanto acabava de presenciar.

- Então! - disse Cagliostro, que, com a porta aberta, esperava que Gilberto entrasse; - entra ou não, meu caro doutor?

- Eis-me aqui - disse Gilberto; - desculpe a minha distração.

E franqueou logo o limiar, de tal modo aturdido, que cambaleava como um homem embriagado.

XXVIII

Outra vez a casa da rua de Saint-Claude

Todos sabem o poder que Gilberto tinha em si. Ainda não tinha atravessado toda a extensão do grande pátio solitário, já se achava de todo restabelecido; já subia a escada com passo firme e resoluto.

Além de que, a casa onde entrava já lhe era conhecida pela razão de já a ter visitado numa época da vida, que lhe deixara no coração as mais fundas recordações.

Encontrou na antecâmara o mesmo criado alemão, que dezesseis anos antes ali vira; conservava-se no mesmo lugar, e trajava uma libré semelhante àquela que então trazia; a única diferença que se observava, tanto nele como no conde, é que ambos tinham envelhecido naqueles dezesseis anos decorridos.

Fritz, tal era o nome do digno criado, adivinhou logo pelo olhar o sítio onde o amo queria conduzir Gilberto; e abrindo rapidamente duas portas, parou no limiar da terceira, para ver se Cagliostro tinha alguma ordem que dar-lhe.

Essa terceira porta era a da sala.

Cagliostro fez sinal com a mão a Gilberto para entrar, e com a cabeça um gesto a Fritz para que se retirasse.

Apenas acrescentou em alemão:

- Não estou em casa para ninguém até nova ordem.

E voltando-se depois para Gilberto, continuou.

- Não é para que não compreenda o que digo ao meu criado que lhe falo em alemão; sei que fala também esta língua; mas é porque Fritz, que é tirolês, entende melhor o alemão do que o francês... Agora sente-se, meu caro doutor, sou todo seu.

Gilberto não pôde deixar de lançar em volta de si um olhar de curiosidade e no decorrer de alguns momentos, fixou os olhos sucessivamente nos diferentes móveis e quadros que guarneciam a sala. Cada um daqueles objectos parecia entrar-lhe um por um na memória.

A sala era a mesma que dantes; os oito quadros de mestres continuavam a existir pendurados nas paredes; as cadeiras de seda cor de cereja, bordadas a ouro, continuavam a brilhar na penumbra produzida pelos espessos cortinados que pendiam de todos os lados; a grande mesa via-se colocada no mesmo lugar, e os escaparates carregados de porcelana de Sèvres também estavam colocados entre as janelas.

Gilberto soltou um suspiro, e deixou pender a cabeça entre as mãos. À curiosidade do presente sucederam-se, ao menos por um momento, as recordações do passado.

Cagliostro olhou para Gilberto do mesmo modo que Mefistófeles devia olhar para Fausto, quando o filósofo alemão tivera a imprudência de se entregar aos seus sonhos diante dele.

Mas, de súbito, com voz estridente, perguntou:

- Segundo me parece, o doutor conhece esta sala?

- Conheço - disse Gilberto - e recorda-me as obrigações que lhe devo.

- Ora adeus! Deixemo-nos de quimeras!...

- Na verdade - disse Gilberto, falando tanto consigo como com Cagliostro; - é na verdade um homem singular! E se a onnipotente razão me permitisse acreditar nos prodígios mágicos, que nos transmitiram os poetas e os cronistas da idade média, quase acreditaria que é feiticeiro, como Merlin, ou fabricante de ouro, como Nicolau Flamel.

- Sim, sou exactamente isso para todos, meu caro Gilberto, menos para o senhor... Nunca procurei deslumbrá-lo por meio de prestígios, bem o sabe; sempre lhe fiz sondar o fundo das coisas, e se algumas vezes à minha chamada vê a verdade surgir do seu esconderijo um pouco mais garrida do que o costume, é porque, como verdadeiro siciliano que sou, tenho gosto pelos europeus.

- Foi aqui, conde, bem o deve saber, que deu cem mil escudos a um pobre rapazito esfarrapado, com a mesma facilidade com que eu daria um soldo a um miserável mendigo.

- Esquece alguma coisa ainda mais extraordinária, Gilberto - disse Cagliostro com gravidade; - é que esses cem mil escudos me foram restituídos pelo tal rapazito esfarrapado, à excepção de dois luíses que despendera na compra de um fato.

- O rapaz não foi mais do que honrado, ao passo que o senhor foi grande, liberal, generoso!

- E quem lhe diz, Gilberto, que não seja mais fácil, ser liberal do que honrado?... É mais fácil dar cem mil escudos quando se possuem milhões, do que restituir esses cem mil escudos quando se não possui um único soldo?

- Assim será - disse Gilberto.

- E demais, tudo depende da disposição de espírito em que nos achamos. Acabava de me acontecer a maior desgraça, Gilberto; não me importava coisa nenhuma deste mundo, e teria dado a minha vida (Deus me perdoe!) se mo tivessem pedido, com a mesma facilidade com que dei os cem mil escudos.

- Está então sujeito à desgraça como outro qualquer homem? - perguntou Gilberto olhando para Cagliostro com certa admiração.

Cagliostro soltou um profundo suspiro.

- Ah! Fala de recordações que esta sala lhe trás à memória... E se eu lhe falasse do que ela me recorda?... Mas não... Que antes de concluir essa história, os meus cabelos encaneceriam... Falemos de outra coisa; deixemos dormir os acontecimentos passados envoltos na sua mortalha, o esquecimento, envolto no passado, o seu túmulo: Tratemos do presente, tratemos até do futuro, se isso lhe convém.

- Conde, ainda há pouco, o senhor me trazia à realidade; ainda há pouco parecia desprezar o charlatanismo; e aí está de novo a pronunciar essa palavra sonora: o futuro! Como se o futuro estivesse na sua mão, e os seus olhos pudessem ler-lhe os inexplicáveis hieróglifos!

- Mas o senhor esquece que, tendo eu à minha disposição maior soma de meios do que os outros homens, nada deve admirar que veja melhor e mais longe do que eles vêem.

- Palavras, e nada mais, conde!

- Esquece-se dos factos, doutor?

- Que há-de ser, se a minha razão se recusa a acreditar-lo...

- Lembra-se daquele filósofo que negava o movimento?

- Lembro.

- O que fez o adversário?

- Pôs-se a andar por diante dele... Ande o senhor também, que eu observo-o... Ou antes, fale, que eu escuto-o.

- Com efeito, viemos aqui para isso mesmo, e já nos temos distraído muito tempo noutras coisas... Vamos, doutor, em que estado se encontra o nosso ministério de fusão?

- Como, o nosso ministério de fusão?

- Sim, o nosso ministério de fusão.

- Não passa de vãos boatos, que ouviu repetir como outros, e quer conhecer-lhe a realidade interrogando-me.

- Doutor, o senhor é a dúvida incarnada, e o que há de mais terrível, é que duvida, não porque não acredite, mas porque não quer acreditar!... Quer então que lhe diga em primeiro lugar o que sabe melhor do que eu? Seja assim! Depois lhe direi o que sei melhor do que o senhor.

- Queira dizer, conde.

- Há quinze dias que falou ao rei a respeito de Mirabeau, como do único homem capaz de salvar a monarquia. Nesse dia, saía o senhor do gabinete do rei no momento em que Favras ali entrava; não se recorda?

- O que prova que nessa época ainda ele não estava enforcado - disse Gilberto rindo.

- Oh! É muito apressado, doutor; não o julgava tão cruel... Deixe mais alguns dias àquele pobre diabo! Fiz-lhe a predição em 6 de Outubro, estamos em 6 de Novembro, apenas tem decorrido um mês... Não recuse à alma para sair do corpo do pobre homem, o tempo que se concede a um inquilino para sair da casa: o trimestrel!... Mas observo-lhe, doutor, que me desvia do caminho direito.

- Volte a ele conde; muito desejo segui-lo.

- Falou pois ao rei a respeito de Mirabeau, como do único homem capaz de salvar a monarquia?

- É essa a minha opinião, conde, e por isso apresentei ao rei uma combinação de ministério.

- E é também a minha, doutor; por isso, a combinação que apresentou ao rei há-de gorar.

- Há-de gorar?

- Decerto... Bem sabe que não quero que se salve a monarquia!

- Continue.

- O rei, bastante abalado com o que lhe disse... Perdão, vejo-me obrigado a repetir o que já disse, a fim de lhe provar que não ignoro uma só frase dessa negociação; o rei - dizia eu - assaz abalado com o que lhe disse, falou à rainha da sua combinação, e com grande pasmo dos espíritos superficiais, quando a grande tagarela que se chama história disser em voz alta o que dizemos aqui em voz baixa, a rainha opôs-se menos ao seu projecto do que o rei esperava! Ela mandou-o então chamar; discutiu consigo os prós e os contras, e concluiu por autorizá-lo a falar a Mirabeau. Não é esta a verdade, doutor? - disse Cagliostro olhando fixamente para Gilberto.

- Devo confessar, conde, que não se tem desviado até aqui da verdade.

- Depois disto, Sr. orgulhoso, retirou-se muito satisfeito, levando consigo a funda convicção de que aquela conversão real era devida à sua lógica irrefragável e aos seus argumentos irresistíveis!

Ao tom irónico com que foram ditas aquelas palavras não pôde Gilberto deixar de morder ligeiramente os lábios.

- E a quem se deveria essa conversão se não fosse a minha lógica e os meus argumentos? Queira dizer, conde; o estudo do coração é para mim tão precioso como o estudo do corpo... O senhor inventou um instrumento, como auxílio do qual se pode ler no seio dos reis; confie-me esse maravilhoso telescópio, conde; seria um inimigo da humanidade se o guardasse só para si!

- Já lhe disse que não tinha segredos para o doutor; vou portanto, segundo o seu desejo, confiar-lhe o meu telescópio... Pode à sua vontade observar pelo lado que diminui e pelo lado que aumenta. Pois bem, a rainha cedeu por dois motivos: o primeiro porque na véspera sofrera uma dor de coração, e por isso propor-lhe uma intriga era o mesmo que propor-lhe uma distração; o segundo, porque a rainha é mulher, e porque lhe falaram de Mirabeau como de um leão, de um tigre, de um urso, e uma mulher não sabe nunca resistir ao desejo, tão lisonjeiro para o amor próprio, de domesticar um urso, um tigre ou um leão. Ela disse consigo: “Seria curiosíssimo que eu fizesse prostrar a meus pés esse homem, que me odeia; que impusesse uma condenação honrosa a esse tribuno, que me insultou... Vê-lo-ei de joelhos, será essa a minha vingança! Depois, se dessa genuflexão resultar algum bem para a França e para a realza, tanto melhor!” Mas, como decerto entende, este sentimento era secundário.

- O senhor edifica sobre hipóteses, conde, e tinha-me prometido convencer-me somente por meio de factos.

- Recusa o meu telescópio? Pois não falemos mais nisso: voltemos às coisas materiais, àquelas que se podem ver a descoberto... Por exemplo, às dívidas de Mirabeau... Aí tem coisas que não precisam telescópio para se verem.

- E nisso, o conde tem ocasião oportuna para mostrar a sua generosidade.

- Pagando as dívidas de Mirabeau?

- E porque não? Não pagou o senhor as do cardeal de Rohan!

- Ah! Não me censure por essa especulação; foi uma das que mais me produziu...

- O que lhe produziu?

- O negócio do colar! Foi ótimo, segundo me parece... Por semelhante preço pagaria também as dívidas de Mirabeau. Mas neste momento bem sabe que não é comigo que ele conta; conta com o futuro do generalíssimo Lafayette, que o faz correr por cinquenta miseráveis mil francos, que provavelmente lhe não dará, como um cão corre atrás de bolos.

- Oh! Conde!

- Pobre Mirabeau! Como todos esses néscios, todos esses enfatuados com quem trata fazem pagar ao teu génio as loucuras da mocidade! Verdade é que tudo isso é providencial, e que Deus é obrigado a proceder por meios naturais e humanos. “O imoral Mirabeau!” - diz o conde de Provença - que é impotente. “O pródigo Mirabeau!” - diz o conde de Artois - a quem o irmão pagou as dívidas três vezes. Pobre homem de génio! Sim, tu salvarias, talvez, a monarquia, mas como a monarquia não deve ser salva, “Mirabeau é um monstruoso tagarela!” - diz Rivarol; - “Mirabeau é um tratante!” - diz Mably; - “Mirabeau é um extravagante!” - diz La Poule; - Mirabeau é um celerado! - diz Guillermy; - “Mirabeau é um assassino!” - diz o abade Maury; - “Mirabeau é um homem morto!” - diz Target; - “Mirabeau é um homem já enterrado!” - diz Duport; - “Mirabeau é um orador mais escarnecido do que aplaudido!” - diz Pelletier; - “Mirabeau tem sarampo na alma!” - diz Champcenetz; - “Mirabeau deve ser enforcado!” - diz Marat. E que Mirabeau morra amanhã, o povo lhe fará uma apoteose, e todos esses pigmeus, acima dos quais ele se eleva tanto, e sobre os quais há-de pesar enquanto viver, hão-de seguir-lhe o saimento cantando e gritando: “Infeliz França, que perdeu o seu tribuno! Infeliz realza que perdeu o seu apoio!”

- Acaso me vaticinará a morte de Mirabeau? - exclamou Gilberto quase assustado.

- Vamos, francamente, doutor, diga-me: julga por acaso uma longa vida àquele homem, cujo sangue ferve, cujo coração sufoca e a quem o génio devora? Julga porventura que forças tão gigantescas se não definem, lutando eternamente contra a torrente da mediocridade? É como o rochedo de Sísifo a obra que ele empreendeu! No decurso de dois anos cairá esmagado com esta palavra: *imortalidade*? Todas as vezes que julga repelir até ao cimo da montanha esta palavra,

fazendo para isso esforços inauditos, torna ela a cair-lhe em cima ainda mais pesada do que antes era! O meu caro amigo sabe o que foram dizer ao rei, que quase adoptara a opinião da rainha, sobre a nomeação de Mirabeau para primeiro ministro?

“Senhor! Paris bradará imoralidade! A França bradará imoralidade! A Europa toda bradará imoralidade! Como se Deus fundisse os grandes homens na mesma, forma em que funde qualquer simples mortal, e como se o círculo que abraça as grandes virtudes se não dilatasse para abraçar também os grandes vícios! Esmorecerá, Gilberto, assim como esmoreceram mais dois ou três homens de inteligência que quiseram fazer Mirabeau ministro, isto é, o que foram Turgot, um pigmeu, Necker, um pedante, Calonne, um enfatuado; Bienne, um ateu; e Mirabeau não há-de ser ministro, porque tem cem mil francos de dívidas, que seriam pagos se ele fosse filho de um fornecedor geral, e porque foi condenado à morte por ter roubado a mulher de um velho imbecil, a qual depois se asfixiou por um gentil capitão! Que comédia não é a tragédia humana, meu amigo, e quanto não choraria eu se não preferisse tomar o partido de rir?”

- Mas que predição é essa que me faz? - perguntou Gilberto, o qual, ao passo que aprovava a excursão que Cagliostro acabava de fazer no país da imaginação, somente se inquietava da conclusão que tirara.

- Digo-lhe - repetiu Cagliostro com o tom de profeta, que lhe era peculiar - digo-lhe que Mirabeau, o homem de génio, o homem de estado, o grande orador, há-de consumir a vida, há-de aproximar-se do túmulo sem chegar a ser o que todos hão-de ser, isto é, ministro... Oh! A mediocridade é uma excelente protecção, meu caro Gilberto.

- Mas enfim, opõe-se porventura o rei?

- Pois não! Nessa não cai ele, teria de discutir com a rainha, com quem quase que empenhou a palavra. Bem sabe que a política está na palavra *quase*: ele é quase filósofo, quase delicado quando aconselhado pelo conde de Provença. Vá amanhã à assembléia, meu caro doutor, e veja o que lá se passa.

- Não poderia explicar-mo já?

- Não, vá ver.

- Mas vá-mo já dizendo.

- Seria roubar-lhe o prazer da surpresa.

- Amanhã... Vem muito longe!

- Então, pode fazer ainda melhor. Dentro de uma hora há-de abrir o clube dos Jacobinos; e bem sabe que aqueles senhores são aves nocturnas... Pertence à sociedade?

- Não; Camilo Desmoulins e Danton fizeram-me admitir nos Franciscanos.

- Pois bem, como ia dizendo, dentro de uma hora há-de abrir-se o clube dos Jacobinos. É uma sociedade bem organizada, onde achará um bom lugar e poderá estar descansado. Vamos jantar ambos; depois de jantar tomará uma carruagem, ou eu o farei conduzir à rua de Saint-Honoré e quando sair do velho convento, sentir-se-á edificado. Demais, prevenido doze horas antes, talvez tenha o tempo necessário para evitar o golpe.

- Como! Pois o senhor janta as cinco horas?

- Precisamente; sou um precursor em tudo; dentro de dez anos não haverá em França mais do que duas refeições por dia: um almoço às dez horas e um jantar às seis da tarde. E quem fará essa alteração nos costumes?

- A fome, meu caro, a fome!

- Na verdade, é um profeta de desgraças.

- Não, por isso que lhe vaticino um óptimo jantar!

- Tem mais alguns convidados?

- Estou absolutamente só; mas deve saber o ditado do antigo gastrónomo: “Lúculo janta em casa de Lúculo”.

- O Sr. conde está servido - disse um criado abrindo uma porta que dava entrada para a sala de jantar esplendidamente alumiada e sumptuosamente servida.

- Vamos, Sr. filósofo, venha - disse Cagliostro dando o braço a Gilberto; - ora adeus, uma

vez não são vezes!

Gilberto seguiu o mago, subjugado pela magia das suas palavras, e talvez arrastado também pela esperança de lhe ver brilhar na conversação algum relâmpago que o pudesse guiar no meio das trevas em que caminhava.

XXIX

O Clube dos Jacobinos

Duas horas depois da conversação que acabamos de referir, uma sege sem armas e sem librés parou defronte da porta da igreja de Saint-Roch, cuja fachada ainda não estava mutilada pelas balas do dia 13 Vendemário.

Aparearam-se dessa sege dois homens vestidos de preto, como então se vestiam os membros do terceiro estado, e ao pálido clarão dos revérberos, que de espaço a espaço penetrava através da neblina que pesava sobre a rua de Saint-Honoré, seguindo uma espécie de sulco marcado pela multidão, costearam o lado da rua, indo direitos até à pequena porta do convento dos Jacobinos.

Se os nossos leitores adivinharam, como é provável, que estes dois homens eram o Dr. Gilberto e o conde Cagliostro ou o banqueiro Zannone, como ele se inculcava naquela época, não teremos precisão de lhes explicar o motivo que os obrigou a parar defronte daquela porta, porque era esse o alvo da sua excursão.

E demais, já o dissemos, os dois recém-chegados não tinham mais do que seguir a chusma, que era na verdade considerável.

- Quer entrar na sala, ou prefere um lugar nas tribunas? - perguntou Cagliostro a Gilberto.

- Julgava - respondeu este - que a sala fosse unicamente consagrada aos membros da sociedade.

- E assim é; mas não pertenco eu a todas as sociedades? - disse Cagliostro rindo-se; - e uma vez que sou da casa, não o são também os meus amigos? Eis aqui um bilhete para o senhor; quanto a mim, basta que pronuncie uma palavra.

- Conhecem que somos estranhos - disse Gilberto - e mandam-nos sair...

- Primeiro que tudo, meu caro doutor, cumpre dizer-lhe uma coisa que decerto ignora, segundo vejo; é que a Sociedade dos Jacobinos, há três meses fundada, já conta em França cerca de sessenta mil membros, e contará antes de um ano mais de quatrocentos mil. E demais, meu caro - acrescentou sorrindo Cagliostro, - é aqui o verdadeiro Grande Oriente, o centro de todas as sociedades secretas, e não em casa do pateta do Fauchet, como vulgarmente se julga. Ora, se o senhor não tem direito para entrar aqui a título de jacobino, nem por isso deixa de ter um lugar reservado na qualidade de rosa-cruz.

- Não importa - redargüiu Gilberto - gosto mais das tribunas. Dali pairaremos sobre toda a assembléia, e se houver alguma ilustração presente ou futura que eu ignore, o senhor ma fará conhecer.

- Vamos então para as tribunas - disse Cagliostro.

E tomou logo à direita por uma escada de prancha, que conduzia a umas tribunas improvisadas.

As tribunas estavam cheias; mas à primeira que se dirigiu, Cagliostro só teve o incómodo de fazer um sinal e pronunciar uma palavra em voz baixa, para que dois homens, que estavam assentados no banco da frente, como se ali estivessem com o fim de lhes guardar os lugares, se retirassem logo, fazendo-lhes profunda vénia.

Os dois recém-chegados assentaram-se.

A sessão ainda não estava aberta; os membros da assembléia, estavam confusamente espalhados pela sala sombria, uns falando em grupos, outros passeando no pequeno espaço que lhes deixava livre o grande número dos seus colegas, outros finalmente, meditando isolados, ou

sentados no escuro, ou em pé e encostados a alguma das maciças colunas do edifício.

Algumas luzes bastante raras, espalhavam em reflexos meio luminosos, escassa claridade sobre aquela multidão, cujas individualidades apenas destacavam quando os rostos se achavam, por acaso, debaixo de um daqueles frouxos jorros de luz.

Mas depois, naquela penumbra, era fácilimo ver que se estava no meio de uma reunião aristocrática; os fatos bordados e os uniformes dos oficiais de terra e de mar abundavam, mosqueando a multidão com seus reflexos de ouro e de prata.

Com efeito, naquela época, nem um só jornaleiro, nem um só indivíduo do povo, e diremos até, quase que nem um só burguês, *democratizava* a ilustre assembléia.

Para a gente ordinária havia outra sala por baixo da primeira. Essa sala abria-se a outra hora, para que a plebe e a aristocracia se não acotovelassem. Para instrução desse povo, tinham fundado uma sociedade fraternal.

Os membros dessa sociedade tinham por missão explicar-lhe a constituição e parafrasear-lhe os direitos do homem.

Quanto aos Jacobinos, já o dissemos, era naquela época uma sociedade militar, aristocrática, intelectual, e sobretudo literária e artística.

E efectivamente, os homens de letras e os artistas formavam a maioria dessa sociedade.

Homens de letras eram La Harpe, autor de *Mélanie*; Chénier, autor de *Carlos IX*; Andrieux, autor dos *Estouvados*, que na idade de trinta anos já dava as mesmas esperanças que ainda havia de dar aos setenta, e morreu, prometendo sempre, sem nada cumprir; eram também Sedaine, antigo canteiro, protegido da rainha, realista do coração, como a maior parte dos que ali havia; Chanfort, o poeta laureado, ex-secretário do príncipe de Condé, leitor da princesa Isabel; Lacios, o homem do duque de Orleans, autor das *Intimidades perigosas*, que ocupava o lugar do seu patrono, e, segundo as circunstâncias, tinha a missão de o lembrar aos amigos, ou de o deixar esquecer aos inimigos.

Artistas eram Talma, o romano, que no seu papel de Tito fez uma revolução; graças a ele, cortar-se-ão os cabelos, enquanto, graças a Collot-d'Herbois, seu colega, se não cortam as cabeças: era David, que sonhava *Leónidas* e as *Sabinas*; David, que esboçou o grande pano do *Juramento do jogo da péla*, e que talvez acabava de comprar o pincel com que pintaria o seu mais belo pano, e o seu hediondo quadro: *Marat assassinado no banho*; era Vernet, recebido havia dois anos, na Academia em prémio do seu quadro do *Triunfo de Paulo Emílio*, que se divertia em pintar cavalos e cães, sem pensar que a quatro passos de distância, na assembléia, se via pelo braço de Talma um moço tenente corso, de cabelos lisos e sem pomada, que lhe havia de preparar cinco dos seus mais famosos quadros: *A passagem do Monte S. Bernardo*, *as Batalhas de Rívoli*, *de Morengo*, *d'Austerlitz* e *de Wagram*; era Larive, o herdeiro da escola declamatória, que ainda se não dignava ver no jovem Talma um rival, que preferia Voltaire a Corneille, e Belloy a Racine; era Laís, o cantor, que fazia as delícias do teatro nos papéis de mercador na *Caravana*, de cônsul no *Trajano* e de Cina na *Vesta*; era Lafayette, Lameth, Duporth, Sieyès, Thouret, Chapelier, Rabaud, Saint-Étienne, Lanjuinais, Montlosier; e depois, no meio de tudo isto, o ar provocador, o modo altivo e presunçoso do deputado de Grenoble, Barnave, que os homens medíocres consideraram rival de Mirabeau, e que Mirabeau esmagava todas as vezes que se dignava pôr-lhe os pés em cima!

Gilberto lançou um olhar escrutador por sobre aquela brilhante assembléia, conheceu-os um por um, apreciando em seu espírito todas aquelas diversas capacidades, e todo aquele conjunto realista o deixou pouco satisfeito.

- Mas diga-me - perguntou de súbito a Cagliostro - qual é o homem que aqui vê verdadeiramente hostil à realeza?

- Deverei examiná-lo com os olhos de toda a gente, com os seus, com os de Necker, com os do abade Maury, ou com os meus?

- Com os seus - respondeu Gilberto. - Não lhe disse já que são olhos de feiticeiro?

- Pois bem! Saiba que existem dois.

- Isso não é nada no meio de quatrocentos homens!

- É bastante, se um desses dois homens for o assassino de Luís XV, e o outro o seu sucessor.

Gilberto estremeceu.

- Oh! Oh! - murmurou ele - temos então aqui um futuro Bruto, e um futuro César?

- Nem mais, nem menos, meu caro doutor.

- Mostra-mos, conde, não é assim? - disse Gilberto com um sorriso de dúvida nos lábios.

- Ó apóstolo de olhos cobertos de tartaruga – resmungou Cagliostro - se quiseres, ainda farei mais do que mostrar-tos; tocá-los-ás com o teu próprio dedo. Por qual queres principiar?

- Mas parece-me que será melhor principiar pelo derrubador... Respeito muito a ordem cronológica... Vejamos em primeiro lugar o Bruto.

- Bem sabes - disse Cagliostro animando-se cada vez mais, como se se sentisse penetrado pelo sopro da inspiração - bem sabes que os homens nunca procedem pelos mesmos meios, ainda que seja para praticar um feito semelhante. O nosso Bruto, em nada se parecerá com o Bruto antigo.

- Mais uma razão para ter curiosidade de o ver.

- Pois então olhe, que ali o tem.

E apontou para um homem encostado à tribuna e cujo rosto era a única parte do corpo em que a claridade das luzes reflectia.

Aquela cabeça pálida e lívida assemelhava-se, como nos dias das antigas proscricções, a uma cabeça decepada, posta na tribuna dos discursos oratórios.

Só os olhos pareciam viver com uma expressão de ódio desdenhoso, como a expressão da víbora que sabe que os dentes contêm um veneno mortal; seguiam, em suas numerosas evoluções, o ruidoso e difuso Barnave.

Gilberto sentiu um calafrio, que lhe percorreu todo o corpo.

- Com efeito - disse ele - o senhor já me tinha prevenido; nem é a cabeça de Bruto, nem sequer a de Cromwell.

- Não - acudiu Cagliostro - mas talvez seja de Cassio. Sabe, meu caro, o que dizia César: “Não receio os homens gordos, os patuscos, que passam os dias à mesa e as noites em orgia, não; o que receio, são os meditados, secos, mirrados e pálidos”.

- Aquele satisfaz completamente as condições estabelecidas por César.

- Não o conhece? - perguntou Cagliostro.

- Conheço - disse Gilberto, examinando-o com atenção - conheço-o, ou antes, reconheço-o por um dos membros da Assembléia Nacional.

- É isso mesmo.

- Que ninguém escuta quando fala...

- É isso mesmo.

- Um advogadinho de Arras; não é verdade que se chama Maximiano de Robespierre?

- Perfeitamente. Olhe com atenção para aquela cabeça.

- E então?

- Que lhe divisa?

- Não sou Lavater.

- Não, mas é discípulo dele.

- Vejo a expressão odienta da mediocridade lutando contra o génio.

- Isso quer dizer que também o senhor o julga como todos os mais... Sim, não há dúvida, a sua voz fraca, um pouco acre; a descarnada e triste figura; a cutis da fronte, que parece pegada ao crânio como amarelento e imóvel pergaminho; os olhos vítreos, que deixam apenas escapar um raio esverdeado, que quase se apaga de súbito; aquela contínua aplicação dos músculos e da voz; aquela laboriosa fisionomia, que cansa pela própria imobilidade, aquele invariável fato cor de azeitona, vestuário único e severamente escovado; sim, tudo isso creio que deve fazer pouquíssima impressão numa assembléia rica de oradores, que tem o direito de se não deixar torcer, habituada, como está, ao rosto leonino de Mirabeau, à presunção audaciosa de Barnave, às

réplicas agudas do abade Maury, ao calor de Cazalès, e à lógica castigada de Sieyès; mas àquele decerto não lhe hão-de censurar, como a Mirabeau, a imoralidade. Aquele é homem de bem, e se alguma vez se afastar da legalidade, há-de ser para sufocar o velho texto com a nova lei.

- Mas, enfim - perguntou Gilberto - quem vem a ser esse Robespierre?

- O amigo parece um aristocrata do século XVIII! “Quem vem a ser esse Cromwell? - perguntou o conde de Strafford, a quem o protector havia de mandar cortar a cabeça. Um vendedor de cerveja, segundo creio”.

- Quer dizer que a minha cabeça corre o mesmo risco que correu a de sir Thomas Wentworth? – disse Gilberto afectando um sorriso que se lhe gelava nos lábios.

- Quem sabe? - disse Cagliostro.

- É mais uma razão para eu colher esclarecimentos - tornou o doutor.

- O que vem a ser Robespierre? Em França talvez o não saiba mais ninguém senão eu. Gosto de conhecer a origem dos eleitos da fatalidade; isso ajuda-me a adivinhar onde irão...

“Os Robespierres são irlandeses; talvez que os avós fizessem parte dessas colónias irlandesas, que no século XVI vieram povoar os seminários e os mosteiros das nossas costas setentrionais: ali recebiam dos jesuítas a forte educação de civilizadores que eles davam aos seus educandos; eram tabeliães de pais a filhos. Um ramo da família, aquele de onde descende Maximiliano, estabeleceu-se em Arras, centro principal, como sabe, da nobreza e da igreja. Existiam na cidade dois senhores, ou antes, dois reis; um o abade de Saint-Waast, o outro o conde de Arras, cujo palácio deixa à sombra metade da cidade.

“Foi ali que nasceu, em 1758, aquele que além vê. O que ele fez em rapaz, o que faz neste momento, vou dizer-lho em duas palavras: o que há-de fazer já lho disse numa só... Havia na casa quatro filhos; o chefe da família perdeu a mulher; era advogado no conselho d’Artois; caiu em sombria tristeza, deixou-se da advocacia, e partiu para uma viagem de distração, donde não tornou a voltar. Aos onze anos achou-se este, o mais velho, chefe de família, tutor de um irmão e de duas irmãs, coisa singular naquela idade! Cumpriu o rapaz a sua tarefa fazendo-se homem imediatamente; dentro de vinte e quatro horas tornou-se naquilo em que ficou; um rosto que sorria às vezes, um coração que nunca ri! Era o melhor educando do colégio, e por isso, alcançaram-lhe do abade de Saint-Waast uma das bolsas de que o prelado dispunha no colégio de Luís o Grande. Chegou só a Paris, recomendado a um cônego de Nossa Senhora; no decurso do primeiro ano, morreu o cônego; quase ao mesmo tempo morreu também em Arras sua irmã mais nova, a que ele mais amava.

“A sombra dos jesuítas, que acabavam de ser expulsos de França, ainda se projectava sobre os muros de Luís o Grande; o senhor conhece o edifício, onde cresce actualmente o seu Sebastião; os pátios sombrios e profundos, como os da Bastilha, fazem perder as cores aos mais rubicundos rostos; o do jovem Robespierre já era pálido; aqueles pátios tornaram-no lívido. Os outros alunos saíam às vezes; para eles tinha o ano domingos e dias santos; para o órfão pensionista sem protecção, todos os dias eram iguais. Ao passo que os outros respiravam o ar da família, respirava ele o da solidão, da tristeza, do aborrecimento, três aragens da tempestade que acendem nos corações a inveja e o ódio, e fazem murchar a flor da alma! Esse hálito definhou-o, tornou-o insípido. Um dia virá em que se não há-de acreditar que houvesse um retrato de Robespierre, na idade de vinte e quatro anos, com uma rosa na mão, e a outra mão posta no peito, com esta divisa: *Tudo pela minha amada*.

Gilberto sorriu tristemente olhando para Robespierre.

- Verdade é - continuou Cagliostro - que quando adoptou esta divisa, fazendo-se retratar daquele modo, jurava-lhe a namorada que nada seria capaz de lhes desunir o destino; também ele o jurava, resolidíssimo a cumprir o juramento. De volta de uma viagem de três meses encontrou-a casada! O abade de Saint-Waast continuou a protegê-lo, e fazendo com que o irmão aproveitasse a bolsa do colégio de Luís o Grande, dera-lhe a ele um lugar no tribunal criminal, e logo vinte e um processos que julgar e um assassino que punir. Robespierre, cheio de remorsos por se atrever a ser o terceiro a dispor da vida de um homem, apesar de se conhecer que era

criminoso, pediu a sua demissão.

“Fez-se então advogado, por isso que precisava viver e sustentar sua irmã; o irmão passava mal no colégio, mas enfim lá ia passando. Assim que o seu nome foi inscrito no quadro dos advogados, vieram logo procurá-lo alguns camponeses e pedir-lhe para advogar a sua causa contra o bispo de Arras. Os camponeses estavam no seu direito; Robespierre convenceu-se disso pelo exame dos autos: advogou, ganhou a demanda, e todo ufano do seu triunfo, foi nomeado membro da Assembléia Nacional. Aí achou-se no meio de um ódio poderoso, e de um desprezo profundo; ódio do clero contra o advogado por ter pleiteado contra o bispo de Arras; desprezo dos nobres de Artois contra o pigmeu educado por caridade...

- Mas, enfim - interrompeu Gilberto - o que tem ele feito até hoje?

- Oh! Meu Deus! Quase nada para os outros, mas muito para si! Se não entrasse nos meus planos que este homem fosse pobre, dar-lhe-ia amanhã um milhão.

- Mas, torno a perguntar, que tem ele feito?

- Não se recorda do dia em que o clero veio hipocritamente à assembléia pedir ao terceiro estado, que se achava suspenso pelo veto real, que desse começo aos seus trabalhos?

- Lembro.

- Pois então torne a ler o discurso que fez nesse dia o letrado de Arras, e verá se naquela acre veemência, que o tornou quase eloqüente, se não descobre um futuro completo.

- Depois?...

- Depois? Ah! É verdade! Somos obrigados a saltar do mês de Outubro... Quando no dia 5 o delegado das mulheres de Paris, Mailard, se apresentou, em nome das suas clientes, a arengar à assembléia todos os membros desta ficaram mudos e imóveis; foi então que o advogadozito não só se mostrou azedo, senão mais audacioso do que nenhum dos outros. Todos os pretendidos defensores do povo se calaram; ele levantou-se duas vezes; a primeira no meio do tumulto; a segunda no meio do silêncio; apoiou Maillard, que falava em nome da fome e pedia pão.

- Sim, decerto - disse Gilberto pensativo - isso torna-se mais sério; mas talvez mude.

- Oh! Meu caro doutor, não conhece o *incorruptível*, como algum dia lhe chamarão! E demais, quem quereria comprar aquele letrado, de quem todos se riem? Aquele homem, que há-de vir a ser (ouça bem o que digo, Gilberto) o terror da assembléia é hoje o alvo dos seus motejos. Assentaram os nobres jacobinos em que Robespierre é o homem ridículo da assembléia, o que diverte e deve divertir a todos, aquele de quem qualquer pode e deve mofar. As grandes assembléias aborrecem-se às vezes; é necessário que um bobo as distraia... Aos olhos dos Lameth, dos Cazalès, dos Maury, dos Barnave, dos Duport, deve considerar-se Robespierre um pigmeu. Os amigos atraçoam-no sorrindo às furtadelas; os inimigos apupam-no rindo às gargalhadas; quando fala, todos falam; quando levanta a voz, todos gritam; depois, quando pronuncia, sempre em favor do direito, sempre para defender algum princípio, um discurso, que ninguém escuta, um membro desconhecido, sobre o qual o orador fixa por um momento os olhos turvos, pede ironicamente a impressão do discurso. Só um dos seus colegas o adivinha e compreende; adivinhe quem é? É Mirabeau! “Este homem vai muito longe, - dizia-me ele antes de ontem - por isso que sente quanto diz!” E bem sabe que em Mirabeau esta linguagem é desusada.

- Porém - disse Gilberto - tenho lido os discursos dele, e parecem-me medíocres e rasteiros.

- Não lhe digo que seja um Demosthenes ou um Cícero, um Mirabeau ou um Barnave; oh! não, decerto! Considero-o apenas o Sr. de Robespierre, como afectadamente lhe chamam. Além disso, os discursos dele são tratados pela imprensa com a mesma sem-cerimónia com que são tratados na tribuna; na assembléia interrompem; na imprensa mutilam-nos. Os jornalistas nem sequer lhe chamam o Sr. de Robespierre; não, os jornalistas não lhe sabem o nome; chamam-lhe B... N... ou M...

“Oh! Só Deus e eu, talvez, saibamos quanto fel se amontoa naquele peito descarnado, quantas tempestades se aglomeram naquele escasso cérebro; porquanto, para esquecer todas essas

injúrias, todos esses insultos, todas essas traições, o orador apupado, que sente contudo a sua força, não tem a distração do mundo, nem o alívio da família.

“No seu lúgubre aposento do triste Marais, no seu frio albergue da rua Saintogne, pobre e sem mobília, onde vive mesquinamente do seu subsídio de deputado, está sozinho como vivia nos úmidos pátios de Luís o Grande. Até ao ano findo ainda o rosto se lhe conservara jovem e ameno; veja-o agora seco como essas cabeças dos chefes Caraíbas, que os Cooks nos trazem da Oceania. Não deixa os Jacobinos, e com as comoções invisíveis a todos, que sente no meio deles, adquire hemorragias, que já por duas ou três vezes o deixaram sem sentidos. O senhor, que é um grande calculista, emprazo-o para calcular, pelas multiplicações mais exactas, o sangue que há-de custar à nobreza que o insulta, aos padres que o perseguem, aos reis que o ignoram, o sangue que Robespierre tem perdido!

- Mas para que vem ele aos Jacobinos?

- Ah! É porque, apupado na assembléia é ouvido nos Jacobinos. Os Jacobinos, meu caro doutor, são minotauro criança: sustentam-se do leite de uma vaca; mais tarde devorarão um povo inteiro. Robespierre é o tipo dos Jacobinos; a sociedade resume-se nele; é a sua expressão, nada mais e nada menos. Caminha a passo com ela, sem a seguir, sem a ultrapassar. Não prometi mostrar-lhe um instrumentozinho, de que neste momento se ocupam, e que tem por fim decepar uma cabeça, talvez duas em cada minuto? Pois bem, de todos os personagens aqui presentes, aquele que há-de dar mais que fazer a esse instrumento de morte, há-de ser o letrado de Arras, o Sr. de Robespierre.

- Na verdade, conde - disse Gilberto - está muito lúgubre, e se o seu César me não consola mais que o seu Bruto, ver-me-ei obrigado a esquecer o motivo que me trouxe aqui... Perdão, mas para onde se meteu, para onde se sumiu o César?

- Olhe, não o vê além? Fala com um indivíduo que ainda não conhece, e que mais tarde terá uma grande influência no destino dele. Este homem chama-se Barras; conserve bem este nome, e recorde-se dele em ocasião oportuna.

- Ignoro se se engana, conde - disse Gilberto - mas em todo o caso escolhe muito bem os seus tipos. O seu César tem uma verdadeira frente para cingir a coroa, e os olhos, cuja expressão não posso ver facilmente...

- Sim, por isso que olham para dentro; são dos olhos que adivinham o futuro, doutor.

- O que diz ele a Barras?

- Diz que, se defendesse a Bastilha, não a tomariam.

- Não é então um patriota?

- Os homens, como ele, nada valem, antes de ser tudo.

- Nesse caso, sustenta o seu gracejo a respeito daquele tenentezinho?

- Gilberto - disse Cagliostro estendendo a mão para Robespierre - é tão verdade que este reconstruirá o cadafalso de Carlos I, quanto é certo que aquele (e apontou para o corso de cabelos lisos) há-de reconstruir o trono de Carlos Magno!

- Então - exclamou Gilberto desanimado - vejo que a nossa luta pela liberdade será inútil.

- E quem lhe diz que um não faça tanto por ela com o seu trono, como o outro com o seu cadafalso?

- Será então um Tito, um Marco Aurélio, o Deus da paz vindo consolar o mundo da idade de bronze?

- Há-de ser ao mesmo tempo Alexandre e Aníbal. Nascido no meio da guerra, há-de crescer com a guerra, e há-de cair com ela.

- E o que resultará de toda essa bulha, de todo esse fumo, de todo esse caos?

- O que resulta de toda a génese, Gilberto? Estamos encarregados de enterrar o mundo velho; os nossos filhos verão desabrochar o mundo novo; aquele homem é o gigante que há-de guardar a porta; como Luís XIV, como Leão X, como Augusto, dará o seu nome ao século que vai abrir-se.

- Como se chama esse homem? - perguntou Gilberto subjugado pelo modo convicto de

Cagliostro.

- Ainda se não chama mais do que Bonaparte - respondeu o profeta - mas um dia chamar-se-á Napoleão.

Gilberto reclinou a cabeça, e caiu numa meditação tão profunda, que nem sequer deu fê (tal era a distração das suas idéias!) que havia principiado a sessão, e que subia à tribuna um orador.

Uma hora tinha deslizado sem que o ruído da assembléia ou das tribunas, por mais tempestuosa que fosse a sessão, arrancasse Gilberto da sua meditação, quando sentiu inesperadamente pousar-lhe no ombro uma mão poderosa e hirsuta.

Voltou-se então. Cagliostro desaparecera; mas no seu lugar estava Mirabeau.

Mirabeau, com o rosto transtornado pela cólera!

Gilberto fitou-o com um olhar interrogador.

- Então?! - disse Mirabeau.

- O que há de novo? - perguntou Gilberto.

- Há que zombam connosco, que nos escarnecem, que nos traem; há que a corte não me quer, que o tomou ao senhor por um simplório e a mim por um asno.

- Não o compreendo, conde.

- Pois não ouviu?

- O quê?

- A resolução que se acaba de tomar?

- Onde?

- Aqui.

- Que resolução?

- Então estava a dormir?

- Não - disse Gilberto - meditava!

- Pois bem, amanhã, em resposta à minha moção de hoje, que propõe convidar os ministros a assistirem às deliberações nacionais, três amigos do rei vão pedir que nenhum outro membro da assembléia possa ser ministro durante a sessão. Neste caso aquela combinação tão laboriosamente calculada destrói-se ao sopro caprichoso de Sua Majestade Luís XVI! Mas, - continuou Mirabeau estendendo, como Ajax, o punho fechado para o Céu - pelo meu nome de Mirabeau que me hei-de vingar; e se o sopro do rei pôde derrubar um ministro, eu hei-de provar-lhe que o meu pode derrubar um trono! Irei à assembléia, lutarei até ao fim! Sou daqueles que se não enterram facilmente debaixo das ruínas.

E Mirabeau, meio fulminado, saiu mais belo e mais terrível com o sulco divino, que o raio acabava de lhe imprimir na fronte.

Efectivamente, no dia seguinte, por proposta de Languinay, apesar do génio sobre-humano desenvolvido por Mirabeau, a Assembléia Nacional, por maioria, adoptou a moção de que nenhum membro da assembléia poderia ser ministro durante a sessão.

- E eu - exclamou Mirabeau quando se votou o decreto - proponho um aditamento, que em nada altera a nossa lei. "Todos os membros da actual assembléia poderão ser ministros, à excepção do conde de Mirabeau".

Olharam uns para os outros aturdidos de tanta audácia; depois, no meio de um silêncio geral, desceu Mirabeau do seu lugar com o mesmo passo com que caminhara direito ao Sr. de Dreux-Brézé, quando lhe disse:

"Estamos aqui pela vontade do povo; e só sairemos com as baionetas na barriga".

E saiu da sala.

Dir-se-ia que a derrota de Mirabeau parecia uma vitória.

Gilberto nem sequer fora à assembléia. Ficara em casa, meditando nas singulares predições de Cagliostro, sem contudo lhes dar crédito; mas ao mesmo tempo sem as poder

repelir do espírito.

O presente parecia-lhe acanhado em comparação do futuro.

Talvez que alguém me pergunte como poderei eu, simples historiador do tempo já passado (*temporis acti*), explicar a predição de Cagliostro relativa a Robespierre e a Napoleão?

A quem me fizer essa pergunta pedirei imediatamente que me explique a predição da Lenormand a Josefina.

Neste mundo depara-se-nos sempre e a cada momento uma coisa inexplicável; para os que não podem explicá-la é que a dúvida foi inventada.

XXX

Metz e Paris

Conforme dissera Cagliostro, conforme adivinhara Mirabeau, fora o rei quem fizera abortar os projectos do Dr. Gilberto.

A rainha, que, nas propostas feitas a Mirabeau empregara mais despeito de amante e curiosidade de mulher, do que política de rainha, viu cair, sem grande pesar, os alicerces constitucionais, que principiavam a levantar-se a despeito do seu desmedido orgulho vivamente ofendido.

Quanto ao rei, a sua política consistia em esperarem ganhar tempo, para se aproveitar das circunstâncias.

Além disso, duas negociações encetadas ofereciam-lhe, quer de um, quer de outro lado, a oportunidade de fugir de Paris para refugiar-se numa praça forte: era este todo o seu plano.

As duas negociações eram, como sabemos, as que se achavam entabuladas, de um lado por Favras, o valido do conde de Provença; do outro pelo conde de Charny, mensageiro de Luís XVI.

Charny fizera a jornada de Paris a Metz em dois dias, e encontrara ali o Sr. de Bouillé, a quem entregou a carta do rei.

A carta, como bem nos devemos lembrar, não era mais do que um meio de pôr Charny em contacto com o Sr. de Bouillé; foi por isso que este, ao passo que testemunhava o seu descontentamento pelo que se passava, principiou logo por adoptar a maior reserva.

Efectivamente, a proposta feita naquele momento ao Sr. de Bouillé alterava todos os planos deste; a imperatriz Catarina acabava de lhe fazer alguns oferecimentos, e estava disposto a escrever ao rei, para lhe pedir licença de entrar ao serviço da Rússia, quando recebeu a carta de Luís XVI.

O primeiro movimento do Sr. de Bouillé fora portanto, a hesitação; mas o nome de Charny, a lembrança do seu parentesco com o Sr. de Suffren, o boato que corria de que a rainha o honrava com toda a sua confiança; tudo isto fizera que ele, como fiel realista, se sentisse penetrado do desejo de subtrair o rei àquela liberdade fictícia, que muita gente considerava como um cativo real.

Todavia, sem ter decidido coisa alguma com Charny, o Sr. de Bouillé, pretendendo que os poderes daquele não eram suficientes resolveu enviar a Paris o filho, o conde Luís de Bouillé, a fim de se entender directamente com o rei acerca de tão importante projecto.

Charny ficaria em Metz durante as negociações; nenhum desejo pessoal o chamava a Paris, e os seus princípios de honra, talvez um pouco exagerados, impunham-lhe quase o dever de se conservar algum tempo em Metz, como em reféns.

O conde Luís chegou a Paris pelo meado do mês de Novembro.

Nessa época era o rei guardado à vista por Lafayette, e o conde Luís era primo de Lafayette.

Hospedou-se em casa de um amigo, cujas opiniões patrióticas eram bastante conhecidas, e que se achava então viajando em Inglaterra.

Entrar no palácio do rei a ocultas de Lafayette, era-lhe, senão completamente impossível, pelo menos arriscado e difícil.

Por outro lado, como Lafayette devia ignorar absolutamente as relações estabelecidas por Charny entre o rei e o Sr. de Bouillé, nada era mais simples para o conde Luís do que fazer-se apresentar ao rei pelo próprio Lafayette.

As circunstâncias pareciam favorecer os desígnios do moço oficial.

Havia três dias que se achava em Paris, sem ter decidido ainda coisa alguma, cogitando no meio de falar ao rei; e perguntando a si mesmo, como acabamos de dizer, se não seria mais seguro dirigir-se ao próprio Lafayette, quando recebeu deste um bilhete, prevenindo-o de que a sua chegada a Paris não era ignorada, e convidando-o a ir procurá-lo ao estado maior da guarda nacional, ou ao palácio de Noailles.

Era de algum modo a Providência que respondia em voz alta à súplica que lhe dirigia em voz baixa o Sr. de Bouillé; era uma boa fada, como se vêem nos engraçados contos de Perrault, tomando o cavaleiro pela mão, e conduzindo-o ao alvo dos seus desejos.

O conde Luís não se demorou pois em dirigir-se ao estado maior.

O general acabava de partir para a casa da câmara, onde devia receber uma comunicação do Sr. de Bailly.

Na ausência do general encontrou o ajudante de ordens Romeuf.

Romeuf servira no mesmo regimento em que servira o jovem conde, e conquanto um pertencesse à democracia, e o outro à aristocracia, tinham existido entre eles algumas relações.

Desde então Romeuf, que passara para um dos regimentos dissolvidos depois do dia 14 de Julho, apenas acabava de entrar de serviço na guarda nacional, onde ocupava o posto de ajudante de ordens, favorito do general Lafayette.

Os dois moços, conquanto diferissem de opinião sobre alguns pontos, estavam contudo de acordo em respeitar a lei.

A única diferença era que um a respeitava à maneira dos patriotas, isto é, com a condição de jurar a constituição; o outro respeitava-a à maneira dos aristocratas, isto é, com a condição de recusar o juramento, e de recorrer aos estrangeiros, se isso fosse necessário para obrigar os rebeldes a entrarem na ordem.

Eram considerados rebeldes pelo Sr. de Bouillé os três quartos da assembléia, a guarda nacional, os eleitores, etc.; isto é, as cinco partes da França.

Romeuf tinha vinte e seis anos, e o conde Luís, vinte e dois; era portanto difícil que se entretivessem muito tempo com política. E demais, o conde Luís não queria sequer que o supusessem capaz de se ocupar de semelhante coisa.

Declarou muito confidencialmente ao seu amigo Romeuf, que deixara Metz, com o único fim de ir ver a Paris uma mulher que adorava.

Quando o conde Luís fazia esta confidência ao ajudante de ordens, apareceu Lafayette no limiar da porta, que se achava aberta; porém, apesar de ver o recém-chegado num espelho que lhe ficava fronteiro, nem por isso Bouillé deixou de continuar a narração e apesar dos sinais de Romeuf, que afectava não perceber, levantou a voz de maneira que o general não perdesse uma única palavra do que dizia.

O general tudo ouvira; era perfeitamente o que desejava o conde Luís.

Foi-se adiantando muito de mansinho, até pôr uma das mãos no ombro de Bouillé.

- Ah! Sr. libertino! - lhe disse ele - é essa a razão que o obriga a esconder-se dos seus respeitáveis parentes?

Não era um juiz bem severo, nem um mentor carrancudo, o moço general, que contava então trinta e dois anos, e era muito galanteador naquela época; foi por isso que o conde Luís não se mostrou muito assustado com a repreensão que o esperava.

- Ocultava-me tão-pouco, meu caro primo, que hoje mesmo ia ter a honra de me apresentar ao mais ilustre deles, se me não prevenissem antecipadamente por meio deste bilhete.

Em seguida mostrou ao general Lafayette o bilhete que recebera.

- E dirão ainda que a polícia de Paris é mal feita, srs. provincianos - disse o general com um ar de satisfação em que punha certa dose de amor próprio.

- Sabemos muito bem general, que nada se pode ocultar àquele que vela sobre a liberdade do povo e a salvação do rei!

Lafayette olhou de revés para o primo, com o ar ao mesmo tempo bom, espirituoso e um pouco zombeteiro, que sempre lhe conhecemos.

Bem sabia que a salvação do rei importava muito àquele ramo de família, mas que pouco lhe importava a liberdade do povo.

Foi por isso que só respondeu a uma parte da frase.

- E meu primo, o Sr. marquês de Bouillé – disse ele acentuando um título a que renunciara desde a noite de 4 de Agosto - meu primo não encarregou seu filho de alguma comissão para o rei, por cuja salvação eu tanto velo?

- Encarregou-me de depor a seus pés a homenagem dos seus sentimentos mais respeitosos – respondeu o mancebo - se o Sr. de Lafayette me não julgasse indigno de ser apresentado ao meu soberano.

- Apresentá-lo... e quando?

- O mais breve possível, visto que, creio ter tido a honra de o dizer ao senhor ou a Romeuf, achando-me em Paris sem licença...

- Disse-o a Romeuf, mas vem a ser o mesmo; por isso que tudo ouvi... Pois bem, vamos, não convém demorar o que é bom; são onze horas da manhã; todos os dias, ao meio dia, tenho a honra de ver Suas Majestades, o rei e a rainha; almoce comigo, e conduzi-lo-ei logo às Tulherias.

- Mas - retorquiu o mancebo percorrendo com a vista o seu uniforme e as botas - estou porventura em traje decente, meu primo?

- Em primeiro lugar - respondeu Lafayette - dir-lhe-ei, meu pobre amigo, que a grande questão da etiqueta, com que foi educado, acha-se se não morta, pelo menos bastante enferma, desde que daqui se retirou. Depois observo-lhe que o seu fato não merece censura, as suas botas são muito decentes; e daí que traje convém melhor a um fidalgo disposto à morrer pelo seu rei, do que o seu uniforme de guerra? Vamos, Romeuf, veja se já serviram o almoço; depois dele conduzirei às Tulherias o Sr. de Bouillé.

Este projecto correspondia de um modo assaz directo aos desejos do mancebo, para que este lhe opusesse séria objecção; inclinou-se portanto, em sinal de anuência, de resposta e de reconhecimento.

Meia hora depois, as sentinelas das portas apresentavam as armas ao general Lafayette e ao jovem conde de Bouillé, sem pensarem que faziam ao mesmo tempo as honras à revolução e à contra-revolução.

XXXI

A rainha

Lafayette e o conde Luís de Bouillé subiram as escadas do pavilhão Marsan, e apresentaram-se nos quartos habitados pelo rei e pela rainha.

Todas as portas se abriram na presença de Lafayette; as sentinelas apresentavam as armas, os criados inclinavam-se - reverentes; era fácil de conhecer o rei do rei, o maire do palácio, como lhe chamava Marat.

Lafayette foi primeiramente introduzido nos quartos da rainha; quanto ao rei, estava na casa da forja, e foram-no prevenir imediatamente.

Havia três anos que Bouillé não via Maria Antonieta.

Durante esse tempo tinham-se reunido os Estados Gerais, a Bastilha fora tomada, e as jornadas de 5 e 6 de Outubro tinham-se realizado. A rainha chegara à idade de trinta e quatro anos; “idade interessante - diz Michelet - que Van Dick tantas vezes se deleitou a pintar; idade da

mulher, idade da mãe, e em Maria Antonieta, sobretudo, idade da rainha!”.

No decorrer destes três anos muito sofrera o coração e o espírito da rainha, muito macerados foram o seu amor e o seu orgulho. Os trinta e quatro anos patenteavam-se, em volta dos olhos daquela pobre mulher, por meio dessas sombras nacaradas e roxas, que revelam os olhos prenhes de lágrimas, as noites vazias de sono, que acusam, sobretudo, esse mal profundo da alma, de que a mulher, rainha que seja, não pode nunca curar-se completamente.

Era a idade de Maria Stuart prisioneira, idade em que ela sentiu as suas mais profundas paixões; idade em que Douglas Mortimer, Norfolk e Babington se sentiram apaixonados, se dedicaram e morreram por ela.

A vista daquela rainha prisioneira, odiada, caluniada, ameaçada (a jornada de 5 de Outubro provará que as ameaças nada tinham de fantásticas), fez uma profunda impressão no coração cavalheiresco do jovem Luís de Bouillé.

As mulheres não se enganam acerca do efeito que produzem; e como os reis e as rainhas são dotados de grande reminiscência, que de algum modo faz parte da sua educação, Maria Antonieta, assim que avistou o Sr. de Bouillé, conheceu-o, e convenceu-se de que se achava na presença de um amigo.

Resultou daqui que ainda antes do general fazer a sua apresentação, antes de ele chegar ao divã em que a rainha estava reclinada, esta se levantara, e do mesmo modo que se costuma praticar com um antigo conhecimento, que muito se estima tornar a ver, e com um servidor, sobre cuja fidelidade pode contar-se, exclamara:

- Ah! Sr. de Bouillé!

E sem se ocupar do general Lafayette, estendera a mão para o jovem conde.

Este hesitou um instante; não podia acreditar tão grande favor.

Porém, vendo que a mão real continuava a oferecer-se-lhe, o conde pôs um joelho em terra, e com os lábios trémulos mal tocou aquela delicada mão.

Era um erro que cometia a pobre rainha; outros muitos cometeu iguais a este. Sem aquele favor já o conde de Bouillé lhe era devotado e com tal favor feito na presença de Lafayette, que nunca recebera igual, estabelecia ela a linha de demarcação, e ofendia o homem que mais precisava tornar amigo.

Por isso, com a cortesia, que era incapaz de esquecer um só momento, mas com uma certa alteração na voz, Lafayette disse:

- Na verdade, meu caro primo, fui eu que me ofereci para o apresentar a Sua Majestade, mas, segundo vejo, é o senhor que deve apresentar-me.

A rainha estava tão alegre de ver um desses servidores com quem podia contar, a mulher estava tão ufana do efeito que lhe parecia ter produzido no conde, que, sentindo no coração um desses raios de mocidade, que julgava de todo extintos, e em volta de si, como uma dessas brisas da primavera e de amor, que julgava mortos, voltou-se para o general Lafayette, e com um desses sorrisos de Trianon e de Versalhes, disse:

- Sr. general, o conde Luis não é um severo republicano como o senhor; vem de Metz, e não da América; não vem a Paris para trabalhar na constituição, vem para me apresentar as suas homenagens. Não se admire pois que lhe conceda, eu pobre rainha meia destronada, um favor que, para ele, pobre provinciano, ainda merece este nome, ao passo que ao senhor...

E a rainha fez um galante requebro, quase um requebro de menina, que queria dizer com certeza: Ao passo que ao Sr. de Lafayette, Sr. Scipião, Sr. Cincinato, pouco lhe importam semelhantes afectações!

- Senhora - respondeu Lafayette - eu passaria respeitoso e devoto por junto da rainha, sem que a rainha compreendesse nunca o meu respeito, sem que nunca apreciasse a minha dedicação. Será para mim uma grande desgraça talvez; para ela é uma desgraça muito maior!

E fez-lhe uma profunda vénia.

A rainha observou-o com o seu olhar profundo e límpido. Lafayette tinha-lhe repetido estas palavras mais de uma vez; mais de uma vez reflectira ela nas palavras que Lafayette lhe

dirigira, mas por desgraça sua, como este acabava de dizer, ela sentia uma repulsão instintiva contra aquele homem.

- Vamos, meu caro general, seja generoso, perdoe-me.

- Eu perdoar a Vossa Majestade! O quê?

- A predilecção que consagro a esta boa família de Bouillé, que tanto me ama, e da qual este mancebo se quis constituir o fio condutor, a cadeia eléctrica... Foi o pai, os tios, toda a família que me pareceu ver diante de mim, quando ele se me apresentou e me tocou a mão com os lábios!

Lafayette fez uma nova vénia.

- E agora - disse a rainha - depois do perdão façamos as pazes: um bom aperto de mão, general... à inglesa, ou à americana!

E estendeu-lhe a mão aberta para ele tocar.

Lafayette tocou ligeiramente a mão da rainha, dizendo ao mesmo tempo:

- Sinto que Vossa Majestade se não recorde nunca de que sou francês, minha senhora. Todavia não há muita distância do dia 6 de Outubro ao dia 6 de Novembro.

- Tem razão, general - disse a rainha fazendo um esforço sobre si e apresentando-lhe a mão - eu é que sou uma ingrata.

E reclinando-se novamente no divã, como que abatida pela comoção, continuou:

- E daí não lhe deve admirar; sabe que é a censura que me fazem...

E meneando depois a cabeça, perguntou:

- Então general, que há de novo em Paris?

Lafayette tinha uma pequena vingança que tirar; aproveitou portanto a ocasião e respondeu:

- Quanto sinto que Vossa Majestade não estivesse ontem na assembléia! Teria assistido a uma cena de impressionar e que decerto sensibilizaria o coração de Vossa Majestade; apareceu ali um ancião, que foi agradecer à assembléia a ventura que lhe devia a ela e a el-rei, porque a assembléia nada pode sem a sanção real...

- Um ancião? - repetiu a rainha distraída.

- Sim, minha senhora, mas que ancião! O decano da humanidade! Um camponês do Jura, da idade de cento e vinte anos levado à barra por cinco gerações de descendentes, e que foi agradecer à assembléia os seus decretos do dia 4 de Agosto. Compreende, minha senhora? Um homem que foi servo pelo espaço de meio século, durante o reinado de Luís XIV, e oitenta anos depois!

- E que fez a assembléia em favor desse homem?

- Levantou-se em massa, e obrigou-o a sentar-se e a cobrir-se.

- Ah! - disse a rainha com a expressão que lhe era peculiar - devia ser na verdade edificantíssimo; mas com muito pesar meu não estava lá... O senhor sabe melhor do que ninguém, meu caro general, - acrescentou sorrindo - que nem sempre estou onde quero...

O general fez um movimento, que significava que alguma coisa tinha para responder, mas Maria Antonieta continuou, sem lhe dar tempo a falar:

- Não; estava aqui... Recebi a pobre viúva do infeliz padeiro da assembléia, que a mesma assembléia deixou assassinar à sua porta... Que fazia então a assembléia nesse dia, Sr. de Lafayette?

- Minha senhora - respondeu o general - Vossa Majestade fala numa das desgraças que mais afligiram os representantes da França. A assembléia não pôde prevenir aquele assassinio, mas ao menos castigou os culpados.

- É verdade, mas o castigo não consolou a pobre viúva. Esteve quase a perder o juízo, e todos julgam que dará à luz uma criança morta. Se nascer viva, prometi-lhe que seria a madrinha, e para que o povo conheça que não sou tão insensível quanto se diz, às desgraças que lhe sobrevêm, pedir-lhe-ei, meu caro general, que o baptizado se faça na igreja de Nossa Senhora, se para isso não houver inconveniente.

Lafayette levantou a mão, como homem que está quase a pedir a palavra, e que muito deseja lha concedam.

- Minha senhora - disse ele - é a segunda alusão em poucos momentos que Vossa Majestade faz a esse pretendido cativo, em que querem fazer acreditar aos seus servos fiéis que eu a tenho... Apresso-me a dizê-lo, minha senhora, diante de meu primo, repeti-lo-ei, se tanto for necessário, na presença de toda a cidade de Paris, na presença da Europa, na presença de todo o mundo; escrevi-o ontem a Mounier, que se lamenta no fundo do Delfinado, acerca do cativo real: Vossa Majestade está livre, e eu só nutro um único desejo, só lhe faço uma súplica, é que manifestem essa liberdade, el-rei continuando nas suas caçadas e nas suas viagens, e Vossa Majestade acompanhando-o nessas digressões.

A rainha sorriu como uma pessoa vencida.

- Quanto a ser madrinha do pobre órfão que vai nascer no meio do luto, a rainha, prometendo-o à infeliz viúva, obedeceu decerto à bondade do seu magnânimo coração, bondade que a torna respeitada por todos que têm a elevada honra de a rodear. Quando chegar o dia da cerimónia, escolherá a rainha a igreja que mais lhe aprouver para se celebrar esse acto religioso; dará as suas ordens, e tudo se fará. Por agora - continuou o general inclinando-se - aguardo submisso aquelas com que Vossa Majestade se dignar honrar-me.

- Por enquanto, meu general - disse a rainha - não tenho outro favor a pedir-lhe, se não o de convidar seu primo para o acompanhar a uma das recepções da Sr^a. de Lamballe, se porventura ele se demorar alguns dias em Paris: bem sabe que a Sr^a. de Lamballe recebe por si e por mim.

- E eu, minha senhora - respondeu Lafayette - aproveitarei também o convite para mim; se Vossa Majestade ainda me não viu em casa da Sr^a. de Lamballe, é porque provavelmente se tem esquecido de me manifestar o desejo de me ver lá.

A rainha respondeu com uma inclinação de cabeça e um sorriso.

Era também sinal de despedida.

Cada qual tomou a parte que lhe tocava.

Lafayette a saudação; o conde Luís o sorriso.

Saíram ambos recuando sem voltarem as costas à rainha, levando consigo, um mais azedume, o outro mais dedicação.

XXXII

El-rei

Ao saírem do gabinete da rainha, os dois visitantes encontraram o criado de quarto de el-rei, Francisco Hue, que os esperava.

O rei mandava dizer a Lafayette que, tendo começado, para se distrair, uma obra de ferreiro muito importante, lhe pedia que subisse à casa da forja.

Assim que Luís XVI chegou às Tulherias, a primeira coisa de que se informou foi se ali existia uma forja, e sabendo que esse objecto fora esquecido nos planos de Catarina de Médicis e de Felisberto Delorme, escolhera no segundo andar, por cima do seu quarto de dormir, uma grande casa, com escada interior e exterior, a fim de estabelecer ali a sua oficina de serralheiro.

No meio das graves preocupações que o acometeram, e no decurso das cinco semanas que habitava nas Tulherias, Luís XVI, nem um só instante esquecera a sua forja, era a sua idéia fixa. Presidira à sua colocação; e ele mesmo designou os lugares do fole, da lareira, da bigorna, do banco e do torno. Finalmente, a forja instalara-se debaixo das suas vistas: limas redondas, limas bastardas, limas de serrar, línguas de carpa e bicos de jumento, tudo estava no seu respectivo lugar; martelos de todas as qualidades pendurados nos seus competentes pregos, tenazes de torquês, tenazes de chanfro, tenazes para remexer o carvão, tudo isso se achava igualmente nos seus respectivos lugares. Luís XVI não pôde resistir ao desejo do trabalho, entregara-se logo pela

manhã a essa grande distração, em que se teria elevado a mestre, se, como já vimos, com grande mágoa de mestre Gamain, um bando de ociosos, tais como Turgot, de Calonne e Necker, o não tivessem distraído daquela sábia ocupação, entretendo-o não só com os negócios da França, o que em rigor lhe permitia mestre Gamain, mas também, o que lhe parecia bem inútil, com os negócios do Brabante, da Áustria, da Inglaterra, da América, e da Espanha!

Tudo isto explica como Luís XVI, no primeiro ardor do seu trabalho, em lugar de descer para falar a Lafayette, lhe mandara pedir que subisse.

Talvez houvera para isso ainda outro motivo: tendo já por muitas vezes patenteado ao comandante da guarda nacional a sua fraqueza de rei, queria também patentear-lhe agora a sua majestade de serralheiro.

Como para conduzir os visitantes à forja real, o criado não julgasse oportuno atravessar com eles os quartos, e fazê-los antes subir pela escada particular, tanto Lafayette como o conde Luís seguiram pelos corredores, subindo depois pela escada pública, o que lhes tornara o caminho mais longo.

Resultou deste desvio e desta demora a oportunidade do poder fazer o conde Luís algumas reflexões.

Portanto reflectiu.

Conquanto se lhe tivesse dilatado o coração com o afável acolhimento que a rainha lhe fizera, não pôde desconhecer que ela não esperava por ele: nem um só gesto misterioso lhe deram a conhecer que a augusta prisioneira, como ela pretendia ser, tivesse conhecimento da missão de que ele vinha encarregado, e que contasse com ele para a arrancar do seu cativeiro. Mas como tudo isto se combinava bem com o que dissera Charny sobre o segredo que o rei a todos guardara, até à própria rainha, era evidente que não era ela que devia dar-lhe solução da importante mensagem.

Portanto, era ele que devia estudar na recepção que o rei lhe fizesse, se na palavra, ou nos gestos de Sua Majestade se descobriria algum sinal, só a ele compreensível, que lhe indicasse que Luís XVI estava mais ao facto do que Lafayette dos motivos que o traziam a Paris.

Chegando à porta da casa da forja, voltou-se o criado que os acompanhava, e como ignorasse o nome do Sr. de Bouillé, perguntou:

- Quem anunciarei?

- Anuncie o general em chefe da guarda nacional - disse Lafayette -; eu mesmo terei a honra de apresentar este senhor a Sua Majestade.

- O Sr. comandante em chefe da guarda cívica! - disse o criado.

El-rei voltou-se logo.

- Ah! Ah! - exclamou ele - é o Sr. de Lafayette! Peço-lhe perdão de o fazer subir até aqui; mas o serralheiro assegura-lhe que é bem-vindo à sua forja. Um carvoeiro dizia a meu avô Henrique IV; “Um carvoeiro é senhor em sua casa”; e eu digo-lhe, general: “Que o senhor é tanto em casa do serralheiro, como em casa do rei”.

Luís XVI, como vemos, atacava a conversação do mesmo modo que a atacara Maria Antonieta.

- Senhor - respondeu Lafayette - quaisquer que sejam as circunstâncias em que tenha a honra de me apresentar a Vossa Majestade, em qualquer andar, e debaixo de qualquer traje que se digne receber-me, será sempre para mim el-rei; e aquele que, neste momento, lhe oferece as suas humildes homenagens, será sempre o seu fiel súbdito, o seu mais humilde servo.

- Não duvido, marquês... mas o senhor não vem só. Mudou porventura de ajudante de ordens? Este jovem oficial veio substituir o lugar de Gouvion ou de Romeuf?

- Este oficial, senhor, que peço licença a Vossa Majestade para lhe apresentar, é meu primo, o conde Luís de Bouillé, capitão dos dragões do Sr. conde de Provença.

- Ah! Ah! - exclamou o rei estremecendo ligeiramente, o que não escapou ao jovem fidalgo - ah! Sim, o Sr. conde Luís Bouillé, filho do marquês de Bouillé, governador de Metz.

- É isso mesmo, senhor - disse o mancebo com vivacidade.

-Ah! Sr. conde, desculpe-me por não o ter logo conhecido; sou muito curto de vista... Saiu de Metz há muito tempo?

- Há cinco dias, meu senhor, e achando-me em Paris sem licença oficial, mas com permissão especial de meu pai, vim solicitar de meu primo, o Sr. de Lafayette, a honra de me apresentar a Vossa Majestade.

- Do Sr. de Lafayette?... Fez bem, Sr. conde; ninguém era mais competente para o apresentar a qualquer hora, e essa apresentação não podia ser-me mais agradável.

O *a qualquer hora* indicava que Lafayette podia entrar nas Tulherias como e quando quisesse, sem o menor embaraço.

Quanto ao mais, as poucas palavras que pronunciou Luís XVI foram suficientes para indicar ao jovem conde que devia ter a maior cautela naquela entrevista. Sobretudo, a pergunta: “Há muito tempo que saiu de Metz?” Significava: “Saiu de Metz depois da chegada do conde de Charny?”

A resposta do mensageiro devia esclarecer suficientemente o rei. “Saí de Metz há cinco dias, e estou em Paris sem licença formal, mas com permissão especial de meu pai”. Isto queria dizer: “Sim, meu senhor, vi o senhor de Charny, e meu pai mandou-me a Paris para me entender com Vossa Majestade, e para adquirir a certeza de que o conde ia efectivamente da parte de el-rei”.

Lafayette lançou um olhar curioso em volta de si. Muitos haviam penetrado no gabinete do rei, na sala do conselho, na biblioteca e até no oratório, mas poucos tinham tido o insigne favor de ser admitidos na oficina onde o rei era aprendiz, e onde o verdadeiro rei, o verdadeiro mestre era Gamain.

O general notou a perfeita ordem em que se achavam todos os utensílios, o que, contudo, não deve admirar, por isso que só desde pela manhã se tinha dedicado o rei ao férreo trabalho.

Hue servia-lhe de aprendiz, dando aos foles.

- Vossa Majestade - disse Lafayette bastante embaraçado do objecto que iria tratar com um rei que o recebia de mangas de camisa arregaçadas, com a lima na mão e o avental de couro diante de si - Vossa Majestade empreendeu alguma obra importante?

- Sim, general, empreendi a grande obra de serralharia! Digo-lhe que o faço para que Marat, sabendo que me dedico ao trabalho da oficina, não imagine que me ocupo em forjar ferros para a França; o senhor o desengana... E o Sr. de Bouillé não é nem oficial nem mestre?

- Não, meu senhor, sou aprendiz; e se pudesse ser útil a Vossa Majestade para alguma coisa...

- É! Não há dúvida, meu caro primo, o marido de sua ama não era também serralheiro, e seu pai não dizia, apesar de medíocre admirador do autor de *Emílio* que, se seguisse os conselhos de João Jacques, faria do senhor um serralheiro?

- Não há dúvida, e é por isso que tive a honra de dizer a Vossa Majestade que se tivesse precisão de um aprendiz...

- Um aprendiz não me seria inútil, senhor - disse o rei - ; mas é sobretudo, um mestre que eu preciso.

- Que qualidade de fechadura fabrica Vossa Majestade? - perguntou o conde com a quase familiaridade que autorizava não só o traje do rei, mas o lugar onde se achava.

- Oh! Oh! O meu caro primo - exclamou Lafayette - ignoro o que poderá fazer como homem prático; mas como homem de teoria parece-me muito ao alcance, já não digo do ofício, por isso que um rei o enobreceu, mas da arte!

Luís XVI escutara com visível satisfação a pergunta que lhe dirigira o jovem fidalgo.

- É uma simples fechadura de segredo, a que se chama uma fechadura *bénarde*, que abre para ambos os lados, mas receio muito ter presumido demasiadamente das minhas forças. Ah! Se eu tivesse ainda o meu pobre Gamain! Ele, que se considerava o mestre dos mestres!

- Então o pobre do homem morreu, senhor?

- Não - respondeu o rei lançando sobre o mancebo um olhar de inteligência - não; está

em Versalhes, na rua dos Reservatórios; naturalmente não se atreve a vir visitar-me às Tulherias.

- Por que motivo, meu senhor? - perguntou Lafayette.

- É talvez com medo de se comprometer. O rei de França está actualmente muito arriscado, meu caro general, e a prova é que todos os meus amigos se acham, uns em Londres, outros em Coblenz ou em Turim. Todavia meu caro general - continuou o rei - se não vê algum inconveniente em que venha ajudar-me com um dos seus aprendizes, mandá-lo-ei chamar num destes dias.

- Senhor - respondeu vivamente Lafayette - Vossa Majestade sabe muito bem que se acha completamente livre para mandar chamar quem quiser, e para ver todas as pessoas que lhe aprouver.

- Sim, com a condição de serem apalpadados pelas sentinelas os visitantes, como se costuma fazer na fronteira aos contrabandistas... Oh! Se tal sucedesse o meu pobre Gamain julgar-se-ia perdido se lhe tomassem a trouxa por mochila, e as limas por punhais!

- Senhor, não sei como possa desculpar-me para com Vossa Majestade; mas respondo a Paris, à Europa, pela vida de el-rei, e por isso devo tomar todas as precauções para salvar esta vida. Quanto ao homem de que falámos, pode Vossa Majestade ordenar o que for da sua real vontade.

- Está bem; obrigado, Sr. de Lafayette; mas isso não tem pressa, só daqui a oito ou dez dias terei precisão dele - acrescentou o rei lançando um olhar de soslaio a Bouillé; - dele e do seu aprendiz... Mandá-lo-ei prevenir pelo meu criado de quarto Durey, que é um amigo dele.

- E logo que se apresente será admitido à presença de Vossa Majestade; o seu nome lhe servirá de passaporte. Deus me livre da reputação em que me têm de carcereiro, de porteiro, de chaveiro! Nunca el-rei esteve tão livre, como actualmente; vinha até pedir a Vossa Majestade que voltasse às suas caçadas, às suas viagens.

- Oh! Às minhas caçadas não; obrigado... e demais, actualmente, bem vê, tenho outra coisa de que me ocupe... Quanto às minhas viagens, isso é diferente: a última que fiz, de Versalhes a Paris, tirou-me de todo o desejo de viajar... pelo menos com tão numerosa companhia.

E o rei lançou novo olhar ao conde de Bouillé, que por um simples movimento de pálpebras deixou perceber que o compreendera.

- E o senhor - disse o rei dirigindo-se ao jovem conde - retira-se com brevidade de Paris?

- Senhor - respondeu o fidalgo - devo sair dentro de dois ou três dias, mas não para voltar a Metz; tenho minha avó em Versalhes na rua dos Reservatórios e devo ir prestar-lhe os meus respetos; em seguida, estou encarregado, por meu pai, de terminar um negócio de família de bastante importância, e só daqui a oito ou dez dias poderei ver a pessoa de quem deverei receber as ordens nessa ocasião. Não verei pois meu pai senão nos primeiros dias de Dezembro, salvo se el-rei, por qualquer motivo, quiser que eu apresse a minha retirada para Metz.

- Não, senhor - disse o rei - não, demore-se o tempo que quiser; vá a Versalhes, desempenhe os encargos do marquês, e quando o tiver feito, vá dizer-lhe que me não esqueço dele, que o considero um dos meus súbditos fiéis, e que um dia o recomendarei ao Sr. de Lafayette, para este o recomendar ao Sr. Du Portail.

Lafayette sorriu ligeiramente ouvindo aquela nova alusão à sua onipotência.

- Senhor - disse ele - há muito que teria recomendado a Vossa Majestade os srs. de Bouillé, se não tivesse a honra de ser parente desses cavalheiros. O receio de que alguém diga que faço recair os favores de el-rei sobre a minha família, é o único motivo que me tem impossibilitado até aqui de lhe fazer essa justiça.

- Pois bem, Sr. de Lafayette, ocupar-nos-emos desse negócio, não é assim?

- Peço licença a Vossa Majestade - acudiu de Bouillé - para lhe dizer que meu pai consideraria um desfavor, um desagrado, qualquer adiantamento que lhe arrebatasse, no todo ou em parte, os meios de servir o seu rei.

- Oh, isso entende-se bem, conde - disse Luís XVI; - e não consentirei decerto que

toquem na posição do Sr. de Bouillé, salvo se for para que se melhore segundo os seus e os meus desejos. Deixe este negócio entregue a mim e ao cuidado do Sr. de Lafayette, e entregue-se aos seus prazeres, sem que todavia isso lhe faça esquecer os negócios... Vão, meus senhores, vão.

E despediu assim os dois fidalgos com ar tão majestoso, que fazia um contraste singular com o fato vulgar que trajava.

Em seguida, logo que se fechou a porta:

- Vamos - disse ele - creio que o rapaz me entendeu, e que *dentro de oito ou dez dias*, terei aqui mestre Gamain e o seu aprendiz para me ajudarem a colocar a minha fechadura.

XXXIII

Antigos conhecimentos

Na mesma noite do dia em que o conde de Bouillé tivera a honra de ser recebido em primeiro lugar pela rainha, e em seguida pelo rei, passava-se na rua da Judiaria, pela volta das seis horas, numa velha, suja e sombria casinha, uma cena, que pedimos aos nossos leitores queiram presenciar.

Para isso tomá-los-emos pela mão à entrada da Pont-au-Change, quer seja descendo das suas carruagens, quer dos seus fiacres, segundo possuam seis mil libras para gastar por ano com cocheiro, cavalos e carruagem, ou trinta soldos para dar por dia a uma simples sege numerada, isto é, de praça.

Seguiremos juntamente com eles a Pont-au-Change; entraremos na rua de Pelleterie, que seguiremos até à da Judiaria, onde pararemos defronte da porta do lado esquerdo.

Bem sabemos que a vista dessa porta (que os inquilinos da casa não costumam fechar, tal é o pouco ou nenhum receio que têm de ladrões) não é decerto muito atraente; mas já o dissemos, precisamos das pessoas que habitam esses casebres; e como essas pessoas não vêm procurar-nos, iremos nós, meu caro leitor, ou minha adorada leitora, denodadamente procurá-los.

Firmem pois os seus passos, tanto quanto for possível, para não escorregarem na lama viscosa de que se acha coberta a estreita vereda por onde vamos penetrar; apertemos o fado ao corpo, para que nem sequer roce pelas paredes da escada úmida e gordurenta que se estende ao fundo dessa vereda, como os troços unidos duma serpente; cheguemos ao nariz um frasquinho de vinagre ou um lenço perfumado, para que o mais subtil e o mais aristocrata dos nossos sentidos, o olfacto, escape tanto quanto seja possível, ao contacto daquele ar impregnado de azoto, que se respira simultaneamente pelo nariz e pelos olhos; paremos no patamar do terceiro andar defronte dessa porta, em que a mão inocente de um pintor novato traçou a lápis algumas figuras, que à primeira vista poderiam tomar-se por sinais cabalísticos, não sendo mais do que alguns simples e desgraçados ensaios da sublime arte dos Leonardo de Vinci, dos Rafael e dos Miguel Ângelo.

Uma vez chegados ali, espreitemos, se for da sua vontade, através de um buraco da fechadura, para que os meus caros leitores, se a memória os ajudar, conheçam os personagens que aí se encontram. Demais, se os não conhecerem pela vista, aplicarão o ouvido à porta e escutarão; há-de ser então difícilimo, por pouco que lessem o *Colar da Rainha*, que o ouvido não venha logo em auxílio da vista. Os sentidos robustecem-se uns com os outros.

Primeiro cumpre dizer o que se observa olhando pela fechadura.

É o interior dum quarto, que indica miséria, e é habitado por três pessoas; um homem, uma mulher e uma criança.

O homem tem quarenta e cinco anos; a mulher trinta e quatro, parecendo ter quarenta; a criança cinco; ainda não teve tempo de envelhecer duas vezes.

O homem está vestido com um antigo uniforme das guardas francesas, uniforme venerado desde o dia 12 de Julho, dia em que as guardas francesas se reuniram ao povo para arrostar as balas dos alemães de Lambesc, e dos suíços de Bezenval.

Tem na mão um baralho de cartas completo, desde o az, passando pelo duque, o terno e a quadra, até ao rei de cada naipe, e ensaia pela centésima, pela milésima vez, um jogo infalível; um cartão pintado com tantos buraquinhos quantas são as estrelas que brilham no firmamento, descansa a seu lado.

Dissemos descansa e apressamo-nos a corrigir-nos. Descansar é uma palavra impropriíssima empregada em relação àquele cartão; por isso que o jogador (é incontestável que é um jogador) incessantemente torturado, o consulta de cinco em cinco minutos.

A mulher traça um vestido de seda muito antigo. A miséria torna-se tanto mais saliente, porquanto se apresenta ali com alguns restos de luxo. Tem os cabelos atados ou seguros com um pente de cobre, outrora dourado; as mãos estão escrupulosamente limpas, e à força de limpeza, têm conservado, ou antes, têm adquirido uma certa aparência aristocrática; as unhas, que o barão de Taverney, no seu realismo brutal, tão grosseiramente classificava, viam-se habilmente limpas e pontiagudas; finalmente calçava umas chinelas que tinham passado da moda, estavam rotas em várias partes, e tendo sido noutro tempo bordadas a ouro e seda; as meias eram abertas.

Quanto ao rosto já o dissemos, era o de uma mulher de trinta e quatro a trinta e cinco anos, e se fosse mais favorecido pelos enfeites da moda, poderia permitir à que o possuía inculcar a idade, em que, durante um lustro, como diz o abade de Celle, e até durante dois, as mulheres se empoleiraram descaradamente nos seus vinte e nove anos; mas que, privado do carmim e do alvaiade, despido, por consequência, de todos os meios de ocultar as suas dores e misérias (terceira e quarta asas do tempo), acusava quatro ou cinco anos mais do que realmente tinha.

Afinal, por mais desprovida que seja essa criatura, todos, ao vê-la, pareceram sonhar; e sem que possam explicar os seus sonhos (tanto hesita o espírito, por mais rápido que seja o seu vôo, a franquear uma tal distância) todos perguntarão a si mesmos qual foi o palácio dourado, qual a carruagem de seis cavalos, qual a poeira real, no meio da qual um rosto resplandecente de que aquele não era mais que pálido reflexo.

A criança tem cinco anos, já o dissemos. Tem os cabelos frisados como um querubim, as faces redondas como uma maçã, os olhos diabólicos como os da mãe, a boca gulosa como a do pai, a preguiça e os caprichos de ambos.

Traça o resto de um vestido de veludo encarnado, e enquanto comia um bocadinho de pão coberto de marmelada, ia desfiando os restos de um velho cinto tricolor franjado de cobre, no fundo de um velho chapéu de feltro pardacento.

O quadro era alumiado por uma vela de sebo de morrão gigantesco, a que servia de castiçal uma garrafa vazia, colocada em cima de uma velha mesa.

Posto isto, e como, segundo nossas previsões, da inspecção dos olhos nada podemos colher, escutemos.

É a criança quem rompe o silêncio, atirando por cima da cabeça com a fatia de pão, a qual foi cair na cama, que se reduzia a um simples colchão.

- Mamã - disse ela - não quero mais pão com marmelada...

- Então o que queres, Toussaint?

- Quero um torrão de açúcar.

- Não ouves, Beausire? - disse a mulher.

E vendo que, absorto nos seus cálculos, Beausire não respondia, repetiu mais alto:

- Não ouves, Beausire? - disse a mulher.

O mesmo silêncio.

Então, tirando uma chinela do pé e arremessando-a ao calculador, exclamou:

- Eh! Beausire!

- O que temos? - perguntou este com visível expressão de mau humor.

- Toussaint pede um torrão de açúcar, porque já está farto de pão com marmelada...

Pobre criança!

- Amanhã o terá.

-Quero-o hoje mesmo, esta noite, sem demora! - bradou o rapazito com um modo que

ameaçava tornar-se muito tempestuoso.

- Toussaint, meu amigo - disse o pai - aconselho-te que te cales, aliás terás que ver com o papá.

O pequeno soltou um grito, devido mais ao capricho, que ao medo.

- Se lhe puseres o dedo, borrachão, eu to direi! - disse a mãe estendendo para Beausire a mão branca, cujas unhas, graças ao esmero com que estavam aparadas, podiam servir-lhe de garras.

- Quem diabo lhe quer tocar? Bem sabes que isto é modo de falar, Oliva, e que, se de tempos a tempos se sacode a roupa à mãe, nem por isso tem deixado de se respeitar sempre a do filho... Vamos, vem abraçar este pobre Beausire, que daqui a oito dias há-de ser rico como um rei... Vamos, vem minha Nicolazinha.

- Quando fores rico como um rei, então te abraçarei; mas enquanto o não fores, isso nunca!

- Mas se te digo que é como se já tivesse aqui um milhão... Faze-me um adiantamento, que isso há-de dar-nos felicidade... e o padeiro fia-nos mais pão.

- Um homem que nada em milhões, e pede fiado ao padeiro um pão de quatro arráteis!

- Quero um torrão de açúcar - gritou o pequeno de modo cada vez mais ameaçador.

- Vamos, homem dos milhões, dá a esta criança um torrão de açúcar.

Beausire fez um movimento para levar a mão ao bolso; a mão porém nem sequer chegou a meio do caminho.

- Ora - disse ele - bem sabes que te dei ontem o único dinheiro que possuía, que eram vinte e quatro soldos!

- Então, como tu tens dinheiro, mãe - disse o pequeno Toussaint voltando-se para aquela a quem o respeitável Beausire acabava de chamar alternadamente Oliva e Nicolazinha - dá-me um soldo para ir buscar um torrão de açúcar.

- Aqui tens dois, traquinas, e toma sentido não caias na escada.

- Obrigado, mãezinha! - disse o rapaz saltando de contente e estendendo a mão.

- Vamos, chega-te aqui para te pôr o cinto e o chapéu, para que se não diga que o Sr. de Beausire deixa sair o seu filho à rua em completo desalinho; a ele pouco lhe importa isso, porque não tem vergonha; mas a mim tingem-se-me as faces.

O pequeno pouco se importava, mau grado do que pudessem dizer os vizinhos acerca do herdeiro presuntivo da casa Beausire, com o chapéu de palha e o cinto, objectos que só apreciara enquanto novos; mas como o cinto e o chapéu eram uma das condições essenciais da moeda de dois soldos, não houve mais remédio, por muito recalcitrante que fosse, senão sujeitar-se de bom grado a essa condição.

Consolou-se, contudo, com ir colocar, antes de sair, a sua moeda de dez centésimos no nariz do pai, o qual, embevecido nos seus cálculos, se contentou unicamente com sorrir daquela galante travessura.

Depois, ouviram-se-lhe os passos tímidos, ainda que apressados pela gulodice, em que ia descendo a escada.

A mulher, depois de seguir o filho com os olhos, até que a porta se fechou sobre ele, passou a olhar para o pai, e depois de um momento de silêncio, disse:

- Vamos, Sr. de Beausire, é necessário que a sua inteligência nos arranque da miserável posição em que nos achamos; se o não fizer, ver-me-ei obrigada a recorrer à minha.

E pronunciou estas últimas palavras requebrando-se toda, como mulher a quem o espelho dissera, ainda naquela manhã: "Sossega, que com essa cara não se morre de fome!"

- Tu bem vês, minha Nicola - respondeu Beausire - que me ocupo seriamente da nossa fortuna.

- Sim... embaralhando cartas, e picando cartões.

- Mas se te digo que encontrei!

- O quê?

- O meu verdadeiro jogo.
- Bom! Torna à sua mania, Sr. Beausire? Previno-o de que hei-de encontrar, entre os seus antigos conhecimentos, alguém que tenha poder para o encaixar, como doido, em Charenton...
- Mas se te digo que é infalível!
- Ah! Se Richelieu não tivesse morrido! – murmurou ela.
- Que dizes?
- Se o cardeal de Rohan não estivesse arruinado!
- Hein?
- E se a Sr^a. de La Motte não tivesse fugido!
- Como?
- Encontraríamos recursos, e não me veria obrigada a compartilhar a miséria de um velho intrigante como este...

E com um gesto de rainha, Nicola Legay, apelidada a Sr^a. Oliva, apontou desdenhosamente para Beausire.

- Mas se te digo - replicou este em tom de convicção - que amanhã seremos ricos!
- De milhões?
- De milhões, sim!
- Sr. de Beausire, mostre-me os dez primeiros luíses de ouro; e acreditarei nos seus milhões.

- Pois bem, esta noite os verás; é justamente a soma que me é prometida.
- E dás-mos, meu Beausirezinho? – perguntou Nicola com vivacidade.
- Dou-te cinco para comprares um vestido de seda para ti e outro de veludo para o pequeno; depois, com os cinco restantes...

- Com os cinco restantes?...
- Arranjar-te-ei o milhão prometido.
- Beausire, vais tentar outra vez o maldito jogo! Desgraçado!
- Mas, se te digo que consegui achar um meio infalível de ganhar.
- Sim, um meio como aquele com que deste cabo das sessenta mil libras que te restavam ainda do teu negócio sobre Portugal.

- Dinheiro mal adquirido não luz - disse silenciosamente Beausire - e sempre tive na idéia, que foi a maneira como foi adquirido aquele dinheiro, que trouxe a nossa desgraça.

- Este vem-nos então de alguma herança?... Tíngas um tio na América ou nas Índias, que morreu e te deixou dez luíses?

- Estes dez luíses, Sr^a. Nicola Legay - disse Beausire com certo ar de superioridade - estes dez luíses, percebe-me? hão-de ser ganhos não só honradamente, mas também honrosamente e numa causa em que muito me interesse, bem como toda a nobreza de França.

- É então nobre, Sr. de Beausire? - perguntou Nicola em ar de zombaria.

- Diga de Beausire, Sr^a. Legay; de Beausire - repetiu ele - como certifica o auto de reconhecimento de seu filho, redigido na sacristia da igreja de Saint-Paul, e assinado pelo seu servo João Baptista Toussaint de Beausire, no dia em que lhe dei o meu nome.

- Magnífico presente lhe fizeste! - murmurou Nicola.

- É toda a minha fortuna - acrescentou enfaticamente Beausire.

- Se Deus lhe não mandar outra coisa – disse Nicola meneando a cabeça - o pobrezinho terá que viver de esmolas e morrer no hospital!

- Na verdade, Sr^a. Nicola - disse Beausire com ar despeitado - nunca está contente. Isso é insuportável!

- Pois não o suporte - clamou ela rompendo o dique que por tanto tempo lhe contivera a cólera. - Mas, santo Deus! Quem lhe pede que o suporte?... Graças a Deus, nem me embaraça a minha pessoa, nem a de meu filho; e esta noite mesmo procurarei a minha vida fora daqui.

E Nicola, levantando-se, deu três passos em direcção à porta.

Beausire foi também direito à porta, diante da qual formou uma barreira com os braços.

- Mas se te digo, masona - replicou ele - que a fortuna...

- Então? - perguntou Nicola.

- Deve chegar-nos esta noite!... Já te disse que, ainda mesmo que os meus cálculos falhassem, o que é impossível, apenas se perderiam cinco luíses, e nada mais...

- Há ocasiões em que cinco luíses são uma fortuna, percebe, senhor perdulário... Ignora isto, o senhor que comeu um volume de ouro maior do que esta casa!

- Isso prova o meu grande mérito, Nicola; se comi esse ouro é porque posso ganhá-lo... E demais, há um Deus que protege os homens... hábeis e sagazes.

- Pois não, conta com isso!

- Ó Nicola, serás tu ateuista?

Nicola encolheu os ombros.

- Serás porventura da escola de Voltaire, que nega a Providência?

- És um asno, Beausire - redarguiu Nicola.

- Não seria para admirar que, saída do povo, fossem essas as tuas idéias... Previno-te que não são decerto as que pertencem à minha casta social nem às minhas opiniões políticas.

- Sr. de Beausire, é um insolente!

- Eu creio, entendes? Tenho fé! E se alguém me dissesse: “Teu filho, João Baptista Toussaint, que desceu para comprar dez cêntimos de açúcar, vai subir com uma bolsa cheia de ouro na mão”, a minha resposta seria “Pode ser, se for essa a vontade de Deus!”

E Beausire levantou religiosamente os olhos para o Céu.

- És um pateta, Beausire - disse Nicola.

Ainda bem não eram pronunciadas estas palavras, quando se ouviu na escada a voz do jovem Toussaint.

- Papá! Mamã - gritava ele.

Beausire e Nicola prestaram ambos ouvido atento àquela voz querida.

- Papá! Mamã - repetia a voz aproximando-se cada vez mais.

- Que aconteceu? - gritou também Nicola abrindo a porta com solicitude maternal... - Vem cá, meu filho, vem!

- Papá! Mamã! - continuou a voz aproximando-se sempre, como a de um ventríloquo que finge abrir a tampa de uma cova.

- Não me hei-de admirar - disse Beausire, observando a alegria daquela voz - não me hei-de admirar de ver o milagre realizado, isto é, que o pequeno achasse a bolsa de que falei.

Neste momento, assomava o pequeno no último degrau da escada, e precipitando-se no quarto com um torrão de açúcar na mão e apertando debaixo do braço esquerdo um saquinho de doces, mostrava na direita um luís de ouro, que à frouxa claridade da mirrada vela, reluzia como a estrela Aldebaran.

- Ai, meu Deus, meu Deus - exclamou Nicola deixando a porta fechar-se por si mesma - que te aconteceu, meu pobre e querido filho?

E cobria a cara gelatinosa do pequeno Toussaint com os beijos maternos, a que nada pode repugnar, porque tudo purificam.

- O que há? - disse Beausire apoderando-se destramente do luís, e examinando-o mais próximo da luz; - há que é um verdadeiro luís de ouro, que vale vinte e quatro libras.

E voltando-se depois para junto do pequeno, disse:

- Onde achaste isto, meu caturra? É preciso ir buscar os outros.

- Não o achei, papá - disse o rapazinho; - deram-mo.

- Como! Deram-to? - exclamou a mãe.

- Sim, mamã... Um senhor.

Nicola esteve quase a perguntar, como Beausire fizera acerca do luís, onde estava o tal senhor.

Mas, prudente por experiência, porque sabia que Beausire era muito ciumento, contentou-se em repetir:

- Um senhor?...

- Sim, mãezinha - disse o rapaz, continuando a roer o torrão - um senhor.

- Um senhor? - repetiu Beausire.

- Sim, paizinho, um senhor, que entrou na loja de confeitiro quando eu lá estava e disse:

“- Sr. confeitiro, não é ao filho de um fidalgo chamado Beausire, que tem a honra de servir neste momento?”

Beausire empertigou-se todo; Nicola encolheu os ombros.

- O que respondeu o confeitiro, meu filho? – perguntou Beausire.

- Respondeu: “Não sei se é fidalgo, mas chama-se efectivamente Beausire.”

“- E não mora próximo daqui? - perguntou o tal senhor.”

“- Mora aqui mesmo, na casa da esquerda, no terceiro andar, ao cimo da escada.”

“- Dê a este menino dos melhores doces que tiver, que pago tudo.”

- Depois, voltando-se para mim disse:

“- Toma, pequerrucho, aí tens um luís; há-de servir-te para comprar outros bolos, depois de comeres esses todos...”

- Então deu-me o luís, o confeitiro entregou-me também este embrulho, e saí de lá saltando de contente... Mas, onde está o meu luís?

E o pequeno que não vira a ligeireza das mãos de Beausire, pôs-se a procurar o luís por todos os cantos.

- Talvez o perdesse desmazelado! - disse Beausire.

- Não perdi tal! Não, não e não! - exclamou o pequeno.

Esta discussão poderia tornar-se mais séria, se não fosse o acontecimento que se seguiu e que necessariamente devia pôr-lhe termo.

Enquanto o rapazinho, duvidando ainda de si mesmo, procurava por todos os lados o luís, que jazia no bolso do colete de Beausire, enquanto este admirava a inteligência de Toussaint, que ele acabava de manifestar pela narração que descrevemos, um pouco mais floreada pela nossa pena; enquanto Nicola, ao passo que compartilhava o entusiasmo do amante por aquela precoce facúndia, perguntava a si mesma quem poderia ser aquele homem que lhe presenteara o filho tão generosamente, abriu-se a porta de mansinho, e uma voz cheia de doçura fez ouvir estas palavras:

- Boas noites, senhora Nicola; boas noites, Sr. de Beausire, boas noites, meu lindo Toussaint.

Todos se voltaram ao mesmo tempo para o lado donde partia aquela voz.

No limiar da porta, risonho e alegre, apareceu um homem elegantemente vestido.

- É o senhor dos doces! - exclamou o jovem Toussaint saltando.

- O Sr. conde de Cagliostro! - exclamaram juntos Nicola e Beausire.

- Tem na verdade um menino muito interessante, Sr. de Beausire - disse o conde - e deve considerar-se muito feliz de ser pai de tal criança.

XXXIV

No qual terá o leitor a satisfação de encontrar o Sr. de Beausire do mesmo modo que o deixou

Depois das graciosas palavras do conde, seguiu-se um momento de silêncio, durante o qual avançou Cagliostro até ao meio do quarto, lançando um olhar escrutador em volta de si, talvez para apreciar a situação moral, e sobretudo a pecuniária, dos seus antigos conhecidos, no meio dos quais se achava em virtude desses terríveis enredos, cujo centro único era o resultado daquela vista de olhos, a qual, em homem tão perspicaz como era o conde, não podia deixar a menor dúvida.

Qualquer observador, por mais superficial que fosse, adivinharia a verdade, isto é, que aquela pobre família estava reduzida aos últimos recursos.

Dos três personagens, em quem a aparição do conde lançara a surpresa, o primeiro que

recuperou a palavra foi aquele cuja memória se limitava apenas a recordar os acontecimentos daquela noite, e a quem por isso a consciência infantil nada tinha que repreender-lhe.

- Ai, meu senhor, que desgraça - disse o pequenito - perdi o meu rico luís.

Nicola ia a abrir a boca para dizer a verdade, mas reflectiu que o seu silêncio valeria talvez ao filho outro luís, e que esse seria ela quem o apanharia.

Não se enganou.

- Perdeste o luís, meu pobre pequerrucho? - disse Cagliostro; - pois bem, aqui tens dois; agora toma cuidado não percas também esses.

E tirou de uma bolsa, cujo vulto atraiu o olhar ávido de Beausire, outros dois luíses, que depositou na mãozita glutinosa do pequeno.

- Olha, mamã - disse este correndo para Nicola - estão aqui um para ti, e outro para mim.

E a criança repartiu o seu tesouro com a mãe.

Cagliostro notara a tenacidade com que o olhar do falso sargento seguira a bolsa, que abrira para dar passagem às quarenta e oito libras, nas diferentes evoluções que fizera desde que saíra do seu esconderijo até que lá entrara de novo.

Ao vê-la desaparecer na profundidade do colete do conde, o amante de Nicola soltou profundo suspiro.

- Que é isso, Sr. de Beausire - disse Cagliostro - está sempre triste e melancólico?

- E o Sr. conde sempre milionário.

- O senhor é um dos maiores filósofos que tenho conhecido, tanto na idade moderna como na antiga, e deve decerto conhecer este axioma, que em todas as épocas tem tido grande mérito: *O dinheiro não faz a ventura!* Conheci-o rico... relativamente.

- Sim - respondeu Beausire - é verdade; possuía até cem mil francos!

- É possível; mas na época em que o encontrei, já o senhor tinha comido, pouco mais ou menos, uns quarenta mil, de sorte que não tinha mais do que sessenta mil, soma muito bonita ainda para um antigo quadrilheiro.

Beausire deu um suspiro e disse:

- Que vem a ser sessenta mil libras comparadas com as somas de que o senhor pode dispor?

- A título de depositário, Sr. de Beausire, por isso que, se bem contarmos, creio que será o senhor o S. Martinho e eu o pobre, e que será obrigado, para me não deixar gelar de frio, a ceder-me metade do seu capote. Pois bem! Meu caro Sr. de Beausire, recorde-se das circunstâncias em que o encontrei; possuía então, como há pouco lhe disse, umas sessenta mil libras; era então mais feliz?

Beausire soltou um suspiro retrospectivo, que podia passar por um gemido.

- Vamos, responda - insistiu Cagliostro - quereria trocar a sua posição actual, apesar de possuir unicamente o miserável luís, que roubou ao pobre Toussaint?...

- Senhor! - interrompeu o antigo quadrilheiro.

- Nada de nos agoniarmos, Sr. de Beausire... Agoniámo-nos uma vez, e viu-se obrigado a ir buscar à rua a sua espada, que saltara pela janela... Não se recorda disso?... Recorda, não é verdade? - continuou o conde, que via que Beausire nada respondia - já é alguma coisa ter memória... Pois bem, torno a perguntar-lhe: quereria trocar a sua posição actual, apesar de possuir esse miserável luís que roubou ao pobre Toussaint (desta vez não houve reclamação) contra a posição precária de que muito estimei arrancá-lo?

- Não, Sr. conde - disse Beausire; - efectivamente tem razão, não a trocaria... Ai de mim! Nessa época estava separado da minha querida Nicola!

- E perseguido pela polícia por causa do seu negócio de Portugal... Que diabo foi feito desse negócio? Terrível negócio! Se bem me lembro.

- Caiu na água, Sr. conde - respondeu Beausire.

- Ah! Tanto melhor! Por isso que muito devia inquietá-lo... Todavia não conte demasiadamente com esse naufrágio; na polícia há redes mergulhadoras, e por mais turvo e

profundo que seja o pélagos, é mais fácil pescar um negócio dessa natureza, do que uma das mais formosas pérolas.

- Enfim, Sr. conde, salva a miséria a que nos vemos reduzidos...

- Acham-se felizes... De sorte que lhe bastaria um milhão de luíses para que essa felicidade fosse completa?

Os olhos de Nicola brilhavam como duas estrelas, os de Beausire pareciam duas chamas.

- Quer dizer - acudiu este último - que se nós tivéssemos mil luíses, isto é, quarenta e quatro mil libras, compraríamos logo uma quintarola com metade desse dinheiro, e com a outra metade constituiríamos um pequeno rendimento, fazendo-me eu lavrador.

- Como Cincinato...

- Ao passo que a Nicola dedicar-se-ia toda à educação do nosso filho.

- Como Cornélia!... Ora! Sr. de Beausire, isso não só seria exemplar, mas muito edificante.

Mas diga-me, não espera ganhar essa soma no negócio de que trata neste momento?

Beausire estremeceu e perguntou:

- Que negócio?

- O negócio em que se conduz como sargento dos guardas reais; o negócio, enfim, acerca do qual deve ter certa noite uma entrevista debaixo da arcada da praça Real.

Beausire tornou-se pálido como um defunto.

- Ai, Sr. conde! - exclamou ele juntando as mãos de um modo aterrorador.

- O que é?

- Não me deite a perder!

- Bom! Aí está agora divagando! Sou porventura membro da polícia para o perder?

- Aí tens, não to dizia eu? - exclamou Nicola; - não te dizia que te metias em camisas de onze varas?

- Ah! Sabe que negócio é, menina Legay? - perguntou Cagliostro.

- Não, Sr. conde, mas quando ele me oculta qualquer negócio é porque é mau. Oh! Isso não tem dúvida!

- Pois bem, quanto a este, querida menina Legay, posso assegurar-lhe que se engana; pelo contrário, talvez seja excelente!

- Ah! Não é verdade? - exclamou Beausire; - o Sr. conde é fidalgo, e nesta qualidade compreende que toda a nobreza será interessada...

- Em que o negócio se realize... Verdade é que o povo todo deseja o contrário. Agora, meu caro Sr. Beausire, se me acredita (repare em que é um conselho que lhe dou, um conselho de amigo); se me acredita, não tome partido, nem pela nobreza, nem pelo povo.

- Mas então por quem o tomarei?

- Por si.

- Por mim?

- Sem dúvida, por ti - disse Nicola. - Já tens trabalhado muito para os outros, é tempo de trabalhares para ti.

- Ouviu? A menina Legay fala como S. João Boca de Ouro... Bem, Sr. de Beausire, todo o negócio tem duas faces, uma boa e outra má; a que é boa para uns, é má para os outros; qualquer que ela seja, não pode ser má para todos, nem boa para todos; trata-se pois unicamente de escolher o melhor lado.

- Ah! Ah! Parece então ao Sr. conde que me não acho do lado bom!

- Não é tanto assim, Sr. Beausire; nem tanto nem tão-pouco, e acrescentarei até que, se teimar muito (bem sabe que faço às vezes de profeta) acrescentarei até que, se teimar muito, não correrá só desta vez o risco da fortuna, mas correrá também o risco da vida... Sim, seria provavelmente enforcado?

- Senhor - disse Beausire, procurando mostrar presença de espírito, mas limpando o suor que lhe deslizava em bagas pelo rosto - não se enforca assim um fidalgo.

- É verdade: mas para o degolarem, meu querido Sr. Beausire, ser-lhe-ia preciso provar a

sua nobreza, o que decerto levaria tanto tempo, que o tribunal, enfasiado de esperar, o mandaria enforcar provisoriamente... Além disso dirá talvez que, quando a causa é boa, pouco importa o suplicio: *É o crime que envergonha, e não o cadafalso!* Como dizia um grande poeta.

- Contudo... - balbuciou Beausire cada vez mais assustado.

- Sim... contudo o senhor não é por tal modo agarrado às suas opiniões, que lhe sacrifique a vida... Bem o compreendo... Com a fortuna! não se vive mais do que uma vez, como dizia outro poeta, menos insigne que o primeiro, mas que ao menos podia ter razão neste ponto.

- Sr. conde - disse Beausire - tenho observado, nas poucas relações que temos tido, que possui um modo de falar de certas coisas, que faria arrepiar os cabelos de um homem que fosse tímido.

- Oh! Não é essa a minha intenção - disse Cagliostro. - E demais o Sr. não é tímido!

- Não - respondeu Beausire; - bem longe disso... Todavia dão-se às vezes certas circunstâncias...

- Percebo... por exemplo, quando vemos atrás de nós as galés por crime de ladrão, e adiante a forca por crime de leza-nação, como se chamaria hoje ao crime que tivesse por fim raptar o rei.

- Senhor! Senhor! - exclamou Beausire, todo espavorido.

- Desgraçado! - disse Oliva - era sobre esse rapto que tu baseavas os teus sonhos de ouro?

- E não deixava de ter alguma razão, minha querida senhora; a diferença está em que, como há pouco tive a honra de lhe dizer, todas as coisas têm duas faces, uma sombria e outra iluminada. O Sr. de Beausire não fez bem em afagar a face sombria, em adoptar o lado mau; que se volte, e tudo mudará de aspecto.

- E ainda será tempo? - perguntou Nicola.

- Ainda.

- O que é preciso fazer, Sr. Conde? - perguntou Beausire.

- Suponha uma coisa, meu caro senhor - disse Cagliostro meditando.

- Qual?

- Suponha que falha o seu conluio; suponha que os cúmplices do homem mascarado e do homem de capote escuro são presos; suponha (é necessário supor tudo no tempo em que vivemos), que sejam condenados à morte... Não foram absolvidos Besenval e Augeard? Já vê que tudo se pode conjecturar... Suponha (não se impaciente, que de suposições em suposições chegaremos a um facto), suponha que é um desses cúmplices; suponha que tem a corda no pescoço, e que lhe dizem para responder aos seus queixumes em tais ocasiões, porque, por mais corajoso que seja o homem, nunca deixa de se lamentar mais ou menos...

- Conclua, Sr. conde, suplico-lhe; afigura-se-me que me afogam!...

- Ora! Não admira, quando o suponha já com a corda no pescoço!... Pois bem, suponha que venham dizer-lhe: "Ah! pobre Sr. Beausire, ah! Sr. Beausire, a culpa foi sua!"

- Porquê? - perguntou Beausire.

- Aí tem; de suposições em suposições chegamos a uma realidade, respondeu-me isso, como se já lá estivesse.

- Confesso-o.

- Porque - responderia essa voz; - porque, não só podia escapar à funesta morte que o tem nas garras, mas até ganhar mil luíses, com que poderia comprar a tal casinha de campo, onde devia viver em companhia da senhora Oliva, do seu Toussaint, e das quinhentas libras de renda, juntas com as doze mil que lhe sobejassem da compra da casa... viver, como bom lavrador, de chinelas no Verão e de tamancos no Inverno... ao passo que, em vez desse horizonte encantador, descobrimos além (o senhor principalmente), a praça de Grève guarnecida de duas ou três hediondas forcas, a mais elevada das quais lhe estende os braços... Safa! Meu pobre Sr. de Beausire, que terrível perspectiva!

- Mas, enfim, como poderia escapar a essa morte cruel? Como poderia ganhar esses mil luíses que asseguravam o meu sossego, de Nicola e de Toussaint?

- Perguntaria o senhor, não é assim?... “Nada mais fácil - responderia a voz. Tinha a dois passos de si o conde de Cagliostro... (Bem o conheço – responderia o senhor - é um cavalheiro estrangeiro que habita Paris para se divertir, e que se aborrece de morte, quando não tem ou não vê alguma coisa de novo). É isso mesmo! Pois bem, não tinha mais do que ir procurá-lo e dizer-lhe: ‘Sr. conde...’”

- Mas eu ignorava a sua residência - acudiu Beausire; - ignorava que estivesse em Paris, ignorava até que ainda vivesse.

- É por isso mesmo, meu caro Sr. de Beausire - lhe responderia a voz; - é por isso mesmo que ele veio procurá-lo e uma vez que veio procurá-lo, bastava que lhe dissesse:

“- Sr. conde, sei quanto é ambicioso de notícias; tenho-as e das mais frescas: o Sr. conde de Provença, irmão do rei, conspira...!”

“-Ora adeus!”

“- É verdade, com o marquês de Favras...”

“- Não é possível!”

“-Não o duvide; falo-lhe com conhecimento de causa, por isso que sou um dos agentes do Sr. de Favras...”

“- Sim? E qual é o fim da conspiração?”

“-Raptar o rei e conduzi-lo a Péronne... Pois bem, Sr. conde, para o distrair, vou, dia por dia, hora por hora, se isso for necessário, pô-lo ao corrente do negócio”.

- Então, meu caro amigo, o conde, que é um cavalheiro generoso, responder-lhe-ia:

“- Quer realmente fazer o que diz?”

“- Quero, sim.”

“- Pois então, como todo o trabalho merece salário, logo que se realize a sua palavra, tenho ali num cantinho umas vinte e quatro mil libras, que contava aplicar a uma boa acção; aplicá-las-ei antes a este capricho, dê por onde der... e no dia em que o rei for raptado ou preso o Sr. de Favras virá procurar-me, e à fé de fidalgo que as vinte e quatro mil libras lhe serão entregues, do mesmo modo que lhe são entregues estes dez luíses, não como adiantamento, não a título de empréstimo, mas unicamente como simples mimo!”

E dizendo isto, como um actor que se ensaia com os acessórios, o conde de Cagliostro tirou da algibeira a pesada bolsa, em que introduziu o polegar e o índice, e com destreza que testemunhava bem a sua habilidade neste género de exercício, tirou exactamente os dez luíses.

Beausire, cumpre fazer-lhe essa justiça, estendeu a mão para os receber.

Cagliostro desviou-lhe brandamente a mão, dizendo:

- Perdão, Sr. de Beausire, parece-me que estamos fazendo suposições...

- É verdade - redargüiu Beausire, cujos olhos brilhavam como duas brasas - mas não me tinha dito, que de suposições em suposições chegaríamos à realidade?

- E já lá chegámos porventura?

Beausire hesitou um momento.

Convém dizer, que não era a probidade, a fidelidade da palavra dada, a consciência indignada que ocasionava essa hesitação; afirmamo-lo para que os nossos leitores conheçam bem o Sr. de Beausire e não nos desmintam. Não; era o simples receio de que o conde não cumprisse a sua promessa.

- Meu caro Sr. de Beausire, tem muita razão, hesito em trair a confiança que um homem de bem depositou em mim.

E levantando os olhos para o Céu, meneou a cabeça como alguém que exclama: “Ah! Isto é cruel!”

- Não, não é isso - replicou Cagliostro - e o senhor é para mim uma nova prova da verdade dessa frase vulgar: “O homem não se conhece”.

- Então que é? - perguntou Beausire algum tanto arrepiado, vendo a facilidade com que o conde lia no mais profundo dos corações.

- É porque duvida que lhe dê os mil luíses que lhe prometi.

- Oh! Sr. conde!
- E isso é naturalíssimo; sou o primeiro a confessá-lo, e por isso lhe ofereço uma caução...
- Uma caução! Pois é preciso...
- Uma caução que responda por mim em corpo e alma!
- Qual é a caução? - perguntou Beausire com a maior timidez.
- A senhora Nicola Oliva Legay.
- Oh! - exclamou Nicola - o que o Sr. conde nos promete é como se já o tivéssemos na

mão, Beausire.

- Veja, senhor, aí está o resultado de cumprir escrupulosamente as promessas que se fazem... Um dia em que esta senhora estava na situação em que o senhor está, menos a respeito da conspiração, isto é, um dia em que esta senhora era muito procurada pela polícia, fiz-lhe o oferecimento de que viesse refugiar-se em minha casa. Hesitou: receava pela sua honra; dei-lhe então a minha palavra; e apesar de todas as tentações que deviam acometer-me, e que o senhor compreende melhor do que ninguém, mantive sempre intacta essa palavra. Não é isto verdade, minha senhora?

- Oh! Lá isso é verdade - disse Nicola - juro-o sobre o nosso Toussainzinho!

- Acredita então a Sr^a. Nicola, que hei-de cumprir a palavra que hoje dou ao Sr. de Beausire, de lhe entregar vinte e quatro mil libras no dia em que o rei fugir, ou no dia em que Favras for preso?... Sem contar, bem entendido, que hei-de desatar o nó, que ainda há pouco o estrangulava, e que nunca mais se tratará de corda, nem de força, a seu respeito, pelo menos por causa do tal negócio... Fora disso não respondo por mais nada! Entendemo-nos bem! Há certas vocações...

- Quer dizer, Sr. conde - respondeu Nicola - que para mim é como se o tabelião fizesse a escritura.

- Pois bem, minha querida senhora - disse Cagliostro alinhando em cima da mesa os dez luíses que tinha ainda na mão - faça com que a sua convicção passe ao coração do Sr. de Beausire, e o negócio ficará concluído.

E com a mão fez sinal a Beausire para ir entender-se um momento com Nicola.

A conversação durou apenas cinco minutos, mas cumpre dizer, que foi das mais animadas.

Enquanto durou, examinava Cagliostro à luz da vela o cartão picado, fazendo movimentos com a cabeça, como para saudar um antigo conhecimento.

- Ah! Ah! - disse ele - é o famoso cálculo de Law que encontro aqui... Já perdi um milhão com este jogo.

E afectando a maior negligência, deixou cair o cartão em cima da mesa.

Esta observação de Cagliostro pareceu dar nova actividade à conversação de Nicola e de Beausire.

Por fim Beausire pareceu decidido.

Foi direito a Cagliostro com a mão estendida, como um vendilhão que conclui um ajuste indissolúvel.

Mas o conde recuou, carregando o sobrolho.

- Entre cavalheiros, senhor, a palavra vale bem o jogo; dei-lhe a minha, dê-me a sua.

- À fé de Beausire, Sr. conde, estamos de acordo.

- Basta, senhor - disse Cagliostro.

E tirando do bolso um relógio, em que se via o retrato de Frederico, rei da Prússia, cravejado de diamantes, disse:

- São nove horas menos um quarto, Sr. de Beausire; às nove em ponto esperam pelo senhor debaixo da arcada da praça Real do lado do palácio Sully. Tome estes dez luíses, meta-os no bolso do colete, vista o gibão, cinja a espada, passe a ponte de Nossa Senhora e siga a rua de Saint-Antoine: é necessário que não se faça esperar muito tempo.

Beausire não esperou que lho dissesse outra vez; pegou nos dez luíses, meteu-os no

bolso, vestiu o gibão e cingiu a espada.

- Onde tornarei a encontrá-lo, Sr. conde?

- No cemitério de Saint-Jean, se for do seu agrado... Quando se quer falar, sem ser ouvido, de negócios iguais a este, vale mais conversar em casa dos mortos, do que em casa dos vivos.

- A que horas?

- Às que quiser; o primeiro que chegar esperará.

- O Sr. conde tem alguma coisa que fazer? – perguntou Beausire um tanto inquieto, vendo que Cagliostro se não dispunha a segui-lo.

- Tenho - respondeu Cagliostro - preciso falar com a Sr.^a Nicola.

Beausire fez um movimento de surpresa.

-Oh! Esteja descansado, meu caro Sr. de Beausire: respeitei-lhe a honra quando era solteira, com muito mais razão a hei-de respeitar quando é mãe... Vá, Sr. de Beausire, vá!

Beausire lançou a Nicola um olhar, que parecia dizer-lhe:

- Sr.^a de Beausire, torne-se digna da confiança que tenho em si!

Depois, abraçou com ternura o pequeno Toussaint, saudou o conde com um respeito misturado de receio, e saiu no mesmo momento em que o relógio de Nossa Senhora dava três quartos para as nove.

XXXV

Édipo e Loth

Era quase meia noite, quando um homem que desembocava da rua Royale para a de Saint-Antoine, seguiu por esta última até ao chafariz de Sainte-Catherine, parando um momento por detrás da sombra que o mesmo projectava, a fim de se assegurar que ninguém o observava; tomou então pela travessa de Saint-Paul, e chegando ali, penetrou sem hesitar pela rua quase sombria e inteiramente deserta do Roi-de-Cicille; em seguida, encurtando o passo, à medida que avançava para a extremidade da rua que acabámos de nomear, entrou, com uma espécie de reserva, pela do Croix-Blanche, parando, cada vez mais receoso, diante da porta férrea do cemitério de Saint-Jean.

Chegando ali, e como que receando ver surgir da terra algum espectro, resolveu-se a esperar naquele mesmo lugar, limpando com a manga da farda de sargento das guardas o suor que lhe corria em bagas da fronte.

E com efeito, no mesmo momento em que principiava a soar a meia noite, alguma coisa, semelhante a uma sombra, se divisou deslizando através dos freixos e dos ciprestes. Essa sombra aproximou-se da porta de grades, e em breve, ao ranger de uma chave na fechadura, pôde perceber-se que o espectro, se com efeito o era, tinha a faculdade, não só de sair do seu jazigo, mas também do cemitério.

O militar recuou, ouvindo aquele rangido.

- Então, Sr. de Beausire - disse a voz zombeteira de Cagliostro - não me conhece, ou esqueceu-se da nossa entrevista?

- Ah! É o senhor - disse Beausire respirando como homem cujo coração se sente aliviado de um grande peso - ainda bem! Estas diabólicas ruas são tão sombrias e tão desertas, que não sabemos se vale mais encontrar nelas uma alma viva, ou percorrê-las sozinho...

- Ora adeus - disse Cagliostro - o senhor receia alguma coisa a qualquer hora do dia ou da noite? Qual! Não mo faz acreditar... Um valentão como o senhor, que traz consigo uma espada! Contudo, passe para este lado da grade, meu caro Sr. de Beausire, e fique tranqüilo, que não encontrará ninguém mais do que eu.

Beausire aceitou logo o convite, e a fechadura, que tinha rangido para abrir a porta, tornou a ranger para a fechar assim que ele passou além das ombreiras.

- Bem... Agora - disse Cagliostro - siga esta pequena vereda, Sr. de Beausire, e a vinte passos daqui encontraremos uma espécie de altar arruinado, em cujos degraus estaremos perfeitamente para conversar acerca dos nossos negócios.

Beausire tratou logo de obedecer a Cagliostro, mas depois de um momento de hesitação, perguntou:

- Onde diabo vê o senhor um caminho? Não vejo mais do que tojos que me rasgam as botas, e bastas ervas que me chegam até aos joelhos.

- Não há dúvida que este cemitério é dos mais mal tratados que conheço, mas isto não admira; bem sabe que poucas pessoas aqui enterram, além dos criminosos executados na praça de Grève, e para esses pobres diabos não precisam esmerar-se muito... Contudo, meu caro Sr. de Beausire, temos aqui algumas ilustrações; se fosse dia, mostrar-lhe-ia o jazigo de Bouteville de Montmorency, decapitado por se ter batido em duelo; o do cavaleiro de Rohan, também decapitado por ter conspirado contra o governo; o do conde de Horn, rodado por ter assassinado um judeu; o de Damiens, esquartejado por haver tentado assassinar Luís XV... Que sei eu? Oh! Não tem razão para dizer mal do cemitério de Saint-Jean, Sr. de Beausire! É um cemitério mal tratado, mas muito bem habitado.

Beausire seguia Cagliostro cadenciando os passos tão regularmente, como faz o soldado que segue o chefe em segunda fila.

- Ah! - disse Cagliostro parando de súbito de modo que Beausire, que não esperava essa paragem, se viu forçado a dar-lhe um encontrão; - olhe, aqui tem uma coisa moderníssima... É a sepultura do seu camarada Fleur-d'Épine, um dos assassinos do padeiro Francisco, que foi enforcado há oito dias, por sentença do Châtelet. Isto deve interessar-lhe, Sr. de Beausire; era, como o senhor, um falso sargento, um verdadeiro espadachim.

Os dentes de Beausire rangiam literalmente; afigurava-se-lhe que aquele tojo, no meio do qual caminhava, eram outras tantas mãos hirtas, que surgiam da terra para lhe puxar pelas pernas, e para lhe fazer compreender que o destino já ali tinha marcado o lugar onde ele devia dormir o sono eterno.

- Ah! - disse afinal Cagliostro, parando ao pé de uma espécie de ruínas - eis-nos chegados.

E assentando-se numa pedra, com o dedo indicou a Beausire outra, que parecia estar ali colocada de propósito junto da primeira, a fim de poupar a Cinna o trabalho de chegar a sua cadeira para junto da de Augusto.

Era tempo; as pernas do antigo quadrilheiro cambaleavam por tal modo, que caiu sobre a pedra primeiro que se assentasse.

- Vamos, agora que nos achamos aqui muito à nossa vontade para conversar, meu caro Sr. de Beausire - disse Cagliostro - diga-me o que se passou esta noite debaixo das arcadas da Praça Real. A sessão devia ser muito interessante!

- Na verdade - exclamou Beausire - confesso-lhe, que neste momento sinto a cabeça um pouco transtornada, e creio que ambos ganharíamos muito com que o senhor me interrogasse.

- Pois seja assim - disse Cagliostro; - sou condescendente, e contanto que saiba o que pretendo saber, pouco me importam as fórmulas. Quantos se reuniram debaixo das arcadas da praça Real?

- Seis, comigo.

- Seis, consigo, meu caro Sr. de Beausire. Vejamos se são as pessoas que eu presumo: primeiro, o senhor, isso não oferece dúvida...

Beausire soltou um suspiro indicando que antes quisera que nisso houvesse dúvida, e disse:

- Faz-me muita honra em principiar por mim, quando havia a meu lado personagens de maior consideração.

- Meu caro, sigo os preceitos do Evangelho. Não diz o Evangelho: "Os primeiros serão os últimos?" Se os primeiros devem ser os últimos, estes ficarão sendo naturalmente os primeiros. Procedo, portanto, como já lhe disse, conforme o Evangelho. Havia, pois, o senhor,

em primeiro lugar?

- Sim, senhor - disse Beausire.

- Depois, o seu amigo Tourcaty, não é verdade, um antigo oficial recrutador encarregado de organizar a legião de Brabante?

- Sim, senhor, Tourcaty.

- Depois, um bom realista chamado Marquié, sargento outrora nas guardas francesas, hoje tenente de uma companhia do centro?

- Sim, Sr. conde, havia também Marquié.

- Depois, o Sr. de Favras?

- Não há dúvida, lá estava também.

- Depois um homem mascarado.

- Sim, senhor.

- Tem algum esclarecimento a dar-me acerca do mascarado, Sr. de Beausire?

Beausire, olhando para o conde de Cagliostro tão fixamente que os olhos pareciam acender-se no meio da escuridão, disse:

- Mas...

E deteve-se, como se receasse cometer um sacrilégio, indo mais adiante.

- Mas o quê? - perguntou Cagliostro.

- Mas...

- Ora vamos, meu caro Sr. de Beausire, tem porventura algum nó na língua? Cuidado! Os nós na língua trazem às vezes os da garganta, e estes, conquanto sejam corredios, não deixam de ser dos mais perigosos!

- Mas, enfim - replicou Beausire forçado nos seus entrincheiramentos - não é o Sr. conde?

- Que conde? - perguntou Cagliostro.

- O Sr. conde de Provença, irmão do rei.

- Vamos, Sr. de Beausire, que o marquês de Favras, que tem todo o interesse em fazer acreditar que neste negócio anda a mão de um príncipe de sangue, diga que o homem mascarado era o conde de Provença, isso é fácil de conceber-se. Quem não sabe mentir não sabe conspirar; mas que o senhor e o seu amigo Tourcaty, dois recrutadores, isto é, dois homens acostumados a tomar a medida do seu próximo por linhas, por polegadas e por pés, se deixem enganar desse modo, não é muito provável.

- Efectivamente... - disse Beausire.

- O Sr. conde de Provença tem cinco pés, três polegadas e sete linhas - disse Cagliostro - e o mascarado tem quase cinco pés e seis polegadas.

- Não há dúvida - disse Beausire - já o tinha notado; mas se o sujeito não é o Sr. conde de Provença, quem diabo pode ser, Sr. conde?

- Ora essa! Muito me vangloriaria, meu caro Sr. de Beausire - disse Cagliostro - em ter alguma coisa a participar-lhe quando esperasse que fosse o senhor que me participasse.

- Nesse caso - disse o antigo quadrilheiro, que ia a pouco e pouco entrando no seu estado normal, à medida que também a pouco e pouco entrava na realidade - nesse caso, sabe quem era esse homem, Sr. conde?

- Se sei!

- Acaso seria indiscreto se lhe perguntasse?...

- O nome dele?

Beausire fez um sinal com a cabeça de que era isso mesmo que queria perguntar.

- Um nome é sempre uma coisa gravíssima para dizer, Sr. de Beausire; na verdade, quisera antes que adivinhasse.

- Adivinhar! Há quinze dias que busco esse nome.

- Ah! Uma vez que ninguém nos ajuda...

- Ajude-me o Sr. conde.

- Não me recusarei... conhece a história de Édipo?

- Mal, Sr. conde; vi representar a peça uma vez no teatro francês e no fim do quarto acto tive a infelicidade de adormecer...

- Pois desejo-lhe sempre dessas infelicidades, meu caro senhor.

- Bem vê o senhor conde que a infelicidade não foi tão pequena, visto que hoje causa-me algum prejuízo.

- Pois bem, em duas palavras dir-lhe-ei o que era Édipo. Conheci-o criança na corte do rei Políbio, e velho na do rei Admeto, pode portanto acreditar melhor o que eu lhe disser, do que se lho dissessem Ésquilo, Sófocles, Séneca, Corneille, Voltaire ou Ducis, que pode ser que tivessem ouvido falar muito do tal Édipo, mas que não tiveram a ventura de o conhecer.

Beausire fez um movimento como para pedir a Cagliostro uma explicação sobre aquela extraordinária pretensão, por ele emitida, de ter conhecido um homem que morrera havia três mil e seiscentos anos; mas pensou que não valia talvez a pena interromper o narrador por tão pouca coisa. Suspendeu, pois, o seu movimento continuando-o por um sinal que queria dizer:

- Continue, continue, que sou todo ouvidos.

E efectivamente, como se nada tivesse notado, Cagliostro lá ia continuando sempre.

- Conheci pois Édipo. Tinham-lhe vaticinado que seria o assassino do próprio pai, e marido da mãe. Ora se dermos crédito a Políbio, o pai deixou-o sem dizer palavra, e partiu para a Fócida. No momento da partida, aconselhei-lhe que, em vez de seguir a estrada real de Daulis a Delfos, tomasse antes pela montanha por um caminho que eu conhecia; mas ele teimou, e como não podia explicar-lhe o motivo do meu conselho, todas as minhas exortações para o resolver a mudar de caminho foram inúteis. O resultado dessa teima foi realizar-se exactamente o que eu tinha previsto. Na estrada de Delfos a Tebas encontrou um homem seguido de cinco escravos; o homem ia sobre um carro, que tomava toda a estrada. Tudo se arranjava se o homem do carro consentisse em carregar um pouco para a esquerda e Édipo para a direita; mas ambos queriam ocupar o meio da estrada. O homem do carro era de um temperamento colérico; Édipo de um natural pouco paciente; os cinco escravos lançaram-se, uns após outros, na frente do seu senhor, e uns após outros caíram por terra; depois deles também o senhor caiu! Édipo passou por sobre seis cadáveres, entre os quais estava o pai!

- Com a fortuna! - exclamou Beausire.

- Depois seguiu a estrada de Tebas; ora, nessa estrada elevava-se o monte Phicion, e numa vereda mais estreita do que aquela em que Édipo matara o pai tinha um singular animal a sua caverna. O animal tinha as asas de águia, a cabeça e os peitos de mulher, o corpo e as garras de leão.

-Oh! Oh! - exclamou Beausire - julga porventura, Sr. conde, que existem semelhantes monstros!

- Não posso afirmá-lo, Sr. de Beausire - respondeu gravemente Cagliostro - visto que, quando eu ia a Tebas pelo mesmo caminho, mil anos depois dos Epaminondas, já a esfinge tinha morrido. Em suma, na época de Édipo vivia ela e uma das suas manias era postar-se no meio da estrada, propondo aos viajantes um enigma, e devorando-os se não o decifravam. Ora como isto durasse já havia três séculos, tornavam-se os viajantes cada vez mais raros, e a esfinge devia ter o maior apetite quando avistou Édipo. Foi colocar-se no meio da estrada, e alçando a pata para fazer sinal ao mancebo que parasse, disse-lhe:

“-Viajante, sou a esfinge.”

“- Que tenho eu com isso?” - perguntou Édipo.

“- O destino enviou-me à terra para propor aos mortais um enigma; pertencem-me, se o não adivinham; se o adivinharem pertencerei eu à morte, e eu mesmo me precipitarei no abismo, onde até hoje tenho precipitado os cadáveres de todos aqueles que têm tido a desventura de me encontrar nesta estrada”.

Édipo olhou para o fundo do precipício, que estava coberto de brancas ossadas, e perguntou:

“- Qual é o enigma?”

“- Ei-lo - disse o pássaro-leão: *Qual é o animal que anda de manhã a quatro patas, em duas ao meio dia e três à tarde?...?*”

Édipo reflectiu um momento; depois, com um sorriso que não deixou de inquietar a esfinge, disse:

“- E se eu não o adivinhar, precipitar-me-ás no abismo?”

“- É essa a lei” - respondeu a esfinge.

“- Pois bem - respondeu Édipo - esse animal é o homem!”

Como assim? – interrompeu Beausire, que tomava interesse na conversação, como se se tratasse de um facto contemporâneo.

- Sim, o homem... o homem que na sua infância, isto é, na manhã da vida, anda com os pés e com as mãos; na idade madura, isto é, ao meio dia, anda nos dois pés, e pela tarde, isto é, na velhice, encosta-se a um bordão.

- Ah! - exclamou Beausire - não há dúvida que isso é verdade. E a esfinge ficou com cara de asna?

- Sim, meu caro Sr. de Beausire, e por tal modo que se precipitou logo de cabeça para baixo no medonho abismo, e tendo a lealdade de se não querer servir das asas, o que provavelmente o senhor achará bem estúpido, despedaçou a cabeça contra os rochedos! Quanto a Édipo, continuou o seu caminho, chegou a Tebas, encontrou Jocasta viúva, casou com ela, cumpriu-se assim a profecia do oráculo, que dissera que mataria o pai e casaria com a mãe!

- Mas enfim - perguntou Beausire - que analogia encontra o senhor entre a história de Édipo e a do homem mascarado?

- Oh! Uma perfeita analogia! Espere... Em primeiro lugar, desejou saber-lhe o nome.

- Assim é.

- E eu disse-lhe que ia propor-lhe um enigma. Verdade é que a massa de que sou feito é muito melhor do que a da esfinge, e que não o devorarei se tiver a desdita de o não adivinhar... Atenção, que principio: *Qual é o senhor da corte que é neto do pai, irmão da mãe, e tio das irmãs?*

- Com os demónios! - exclamou Beausire, caindo numa meditação mais profunda do que aquela em que caíra Édipo.

- Vamos, procure, meu caro senhor - disse Cagliostro.

- Ajude-me também, Sr. conde.

- Com muito gosto... Perguntei-lhe se conhecia a história de Édipo?

- Fez-me essa honra.

- Agora vamos passar da história pagã para a história sagrada. Conhece a história de Loth?

- Com as filhas?

- Justamente.

- Ora, se conheço!... Mas espere... Ah! Sem dúvida... o que se dizia do velho Luís XV e da filha, a princesa Adelaide...

- Quente, quente, meu caro senhor Beausire...

- Seria então o homem mascarado?...

- Cinco pés e cinco polegadas.

- O conde Luís...

- Vamos, vamos!

- O conde Luís de...

- Caluda!...

- Mas, não disse que aqui só residiam mortos?...

- Não há dúvida, mas sobre as suas sepulturas cresce erva; cresce ainda melhor do que noutra parte; pois bem, se esta erva, à maneira das canas do rei Midas... Sabe a história de Midas?

- Não, Sr. conde.

- Eu lha contarei noutro dia; por agora tratemos da nossa - e tomando o seu ar severo, perguntou:

- Dizia então?...

- Perdão, mas creio que era o senhor que interrogava?

- Tem razão.

Enquanto Cagliostro preparava a sua interrogação, Beausire murmurava:

- Não há dúvida, é exactíssimo! o neto do pai... o irmão da mãe... o tio das irmãs... É o conde Luís de Nar...

- Atenção - disse Cagliostro.

Beausire interrompeu-se no seu monólogo, e prestou ouvido atento.

- Agora, que já não temos a menor dúvida acerca dos conjurados, mascarados ou não mascarados, passemos ao fim da conspiração.

Beausire fez um sinal com a cabeça, como para indicar que estava pronto a responder.

- O fim dessa conspiração é efectivamente arrebatrar o rei, não é assim?

- Não há dúvida.

- E conduzi-lo a Péronne?

- Sim, senhor.

- Agora saibamos os meios.

- Pecuniários?

- Sim, em primeiro lugar os pecuniários.

- Há dois milhões... Que empresta um banqueiro genovês... Conheço esse banqueiro: e não há outros?

- Ignoro.

- Quanto a dinheiro, vamos bem; mas a respeito de homens?

- Lafayette acaba de autorizar a organização de uma legião para ir socorrer o Brabante, que se revolta contra o império.

- Oh! Meu bom Lafayette - murmurou Cagliostro, - esse rasgo bem o dá a conhecer.

E em voz alta:

- Muito bem, haverá uma legião; mas uma legião não é bastante para executar o projecto; é necessário um exército.

- Ah! Vejamos o exército.

- Hão-de reunir-se em Versalhes mil e duzentos cavalos; no dia designado às onze horas da noite partem dali, e às duas da manhã chegarão a Paris em três colunas.

- Bem!

- A primeira há-de entrar pela grade de Chaillot; a segunda pela barreira de Roule; a terceira pela de Grenelle. A coluna que entrar pela barreira de Grenelle dará cabo do general Lafayette; a que entrar pela grade de Chaillot dará cabo de Necker; enfim, a que entrar pela barreira de Roule há-de dar cabo de Bailly...

- Bom - repetiu Cagliostro.

- Depois dos tiros feitos, encravam-se os canhões; reúnem-se nos Campos Elísios, e marcha-se sobre as Tulherias, que serão nossas.

- E então a guarda nacional?

- É daí que deve operar a coluna do Brabante, reunida a uma parte da guarda, assalariada, a quatrocentos suíços, e a trezentos conjurados da província. Graças às inteligências que temos na praça, essa força apodera-se das portas exteriores, entra nos quartos de el-rei, exclamando: "Senhor, o bairro de Santo António está todo sublevado... Temos pronta uma carruagem... é necessário fugir!" Se o rei consente em fugir, bem vai o negócio; se não consente, leva-se à força, e conduz-se a Saint-Denis.

- Bom!

- Achar-se-ão ali vinte mil homens de infantaria, aos quais se juntam os mil e duzentos de cavalaria, a legião do Brabante, os quatrocentos suíços, os trezentos conjurados, dez, vinte, trinta mil realistas, que se reunirão pelo caminho, e com esta grande força conduzir-se-á o rei a Péronne.

- Cada vez melhor!... E o que farão em Péronne, meu caro Sr. de Beausire?

-Em Péronne encontrar-se-ão vinte mil homens, que chegam ao mesmo tempo da Flandres marítima, de Picardia, do Artois, de Champagne, de Borgonha, de Lorena, da Alsácia e do Cambrésis. Finalmente, Sr. conde, trata-se de comprar vinte mil suíços, doze mil alemães e doze mil sardos, que reunidos à primeira escolta do rei, formarão um efectivo de cento e cinquenta mil homens.

- Já é alguma coisa - disse Cagliostro.

- Finalmente com estes cento e cinquenta mil homens marcharão sobre Paris; intercepta-se o rio para cortar os víveres; Paris, assim sitiada, capitulará; dissolver-se-á a Assembléia Nacional, e colocar-se-á de novo o rei (mas como verdadeiro rei) no trono de seus avós.

- *Ámen!* - disse Cagliostro.

E levantando-se, acrescentou:

- Meu caro Sr. de Beausire, tem uma conversação das mais agradáveis; mas, enfim, acontece-lhe o mesmo que acontece aos grandes oradores, quando têm dito tudo, nada mais têm que dizer... e já disse tudo, não é verdade?

- Sim, Sr. conde, por enquanto.

- Então, boas noites, meu caro Sr. de Beausire, e quando carecer de dez luíses (sempre a título de mimo, bem entendido), vá procurar-me a Bellevue.

- A Bellevue? E perguntarei pelo Sr. conde de Cagliostro?

- Pelo conde de Cagliostro! oh! não, que não o entenderiam. Pergunte pelo barão de Zannone.

- Pelo barão de Zannone! - exclamou Beausire - mas não é o nome do banqueiro genovês que descontou os dois milhões de títulos do Sr. conde de Provença!

- Pode ser - disse Cagliostro.

- Como?

- Sim... Como trato de muitos negócios, pode ser que o confundisse com os outros... É por isso que me não lembrei logo; mas, efectivamente, agora me recordo.

Beausire estava como estupefacto diante daquele homem, que assim esquecia negócios de dois milhões, e principiava a acreditar que, ainda que não fosse senão com vistas pecuniárias, valia mais estar ao serviço do que empresta, do que daquele que pede emprestado.

Mas como a estupefacção lhe não fazia esquecer o lugar onde se achava, assim que Cagliostro se mexeu, Beausire pôs-se em movimento, e seguiu-o tanto a passo, tão unido a ele, que dir-se-iam dois autómatos movidos pela mesma mola.

Só à porta, e depois da grade fechada, os dois corpos pareceram separar-se de uma maneira visível.

- E agora - perguntou Cagliostro - para que lado vai, Sr. de Beausire?

- E o senhor?...

- Para o lado oposto ao seu.

- Eu vou ao Palais Royal, Sr. conde.

E nisto ambos se separaram. Beausire saudando o conde com profunda vénia, este correspondendo-lhe com uma leve inclinação de cabeça; ambos desapareceram quase de súbito no meio da escuridão, Cagliostro pela rua do Templo, e Beausire pela da Varrerie

XXXVI

Prova-se que Gamain é verdadeiramente mestre dos mestres, mestre sobre todos

Os nossos leitores hão-de recordar-se do desejo que exprimira o rei na presença de Lafayette e do conde Luís de Bouillé, de ter junto de si o seu antigo mestre Gamain, para ajudá-lo no afanoso trabalho de serralheiro.

Acrescentara mesmo (e não julgamos inútil repeti-lo) que um hábil aprendiz não seria demais para completar a trilogia forjante: o número três, que agrada a Deus, não desagradara a

Lafayette, e por isso ordenara que mestre Gamain e o seu aprendiz tivessem entrada franca no palácio, e fossem conduzidos à casa da forja assim que se apresentassem.

Ninguém, pois, se admirará ao ver, alguns dias depois da conversação a que nos referimos, mestre Gamain, que não é nenhum estranho para os nossos leitores, por isso que lho mostrámos na manhã do dia 6 de Outubro, bebendo uma garrafa de vinho com um espingardeiro desconhecido numa taberna da ponte de Sèvres; ninguém se admirará, pois, dizíamos, de ver, alguns dias depois daquela conversação, mestre Gamain, acompanhado de um aprendiz, apresentar-se com ele, com o fato de trabalho, à porta das Tulherias, e depois dali introduzidos, o que não sofreu a menor dificuldade, penetrarem pelos quartos reais, seguirem o corredor comum, subirem a escada de cima, e dizer os nomes e qualidades ao criado de serviço.

Os nomes eram: Nicolau Cláudio Gamain e Luís Leconte.

As qualidades eram: quanto ao primeiro, a de mestre serralheiro; quanto ao segundo, a de aprendiz.

Apesar de não haver em tudo isto nada de aristocrático, assim que Luís XVI ouviu os nomes e as qualidades dos que o procuravam, correu à porta, gritando:

- Entrem, entrem!

- Aqui me tem, aqui me tem! - disse Gamain, apresentando-se com a familiaridade, não só de um comensal, mas de um mestre. - Então que há por cá?

Ou fosse que estivesse menos habituado ao trato real, ou que a natureza o dotasse de um grande respeito para com as testas coroadas, debaixo de qualquer traje que se apresentassem, ou debaixo daquele com que se lhes apresentasse, o aprendiz, sem responder ao convite, e tendo deixado um intervalo conveniente entre a aparição de mestre Gamain e a sua, ficou de pé, com a jaqueta no braço e o barrete na mão, junto da porta, que o criado tornou a fechar depois de terem entrado.

Demais, talvez que ele se achasse ali melhor do que numa linha paralela à de Gamain para gozar o fulgor de alegria que brilhava no olhar desbotado de Luís XVI, e para responder a esse olhar por um respeitoso movimento de cabeça.

- Ah! És tu meu caro Gamain? - disse Luís XVI; - folgo muito de te ver. Na verdade, já não contava contigo; julgava que me tinhas esquecido.

- E é por isso que tomou um aprendiz... - disse Gamain. - Fez bem, estava no seu direito, por isso que eu já aqui não estava; infelizmente - acrescentou ele com um gesto avelhacado - o aprendiz não é nenhum mestre, hein!

O aprendiz fez um sinal ao rei.

- Que queres, meu pobre Gamain - disse Luís XVI, - tinham-me assegurado que não querias tornar a ver-me nem ao pé, nem ao longe; diziam que tinhas medo de te comprometer.

- Ora Vossa Majestade devia convencer-se de que em Versalhes não era lá grande coisa ser do número dos seus amigos; vi frisar ao pé de mim, pelo Leonardo, na taberna da ponte de Sèvres, duas cabeças de guardas, que faziam uma triste figura, por se terem encontrado nas suas antecâmaras no momento em que os seus bons amigos, os parisienses, o iam visitar.

Uma nuvem deslizou pela frente do rei, e o aprendiz abaixou a cabeça.

- Mas - continuou Gamain - dizem que isto por cá vai melhor desde que chegou à capital, e que faz actualmente dos parisienses quanto quer... Não admira, os seus parisienses são tão tolos, e a rainha tão amável quando está para isso!...

Luís XVI nada respondeu, mas assomou-lhe às faces um ligeiro rubor.

Quanto ao aprendiz, parecia bastante contrariado com as familiaridades de mestre Gamain.

Por isso, depois de limpar o rosto coberto de suor com um lenço talvez um pouco fino demais para um aprendiz de serralheiro, veio aproximando-se.

- Quer Vossa Majestade - disse - permitir-me que lhe diga como mestre Gamain tem a honra de se achar na presença de Vossa Majestade, e como eu me encontro também na companhia dele?

- Quero, sim, meu caro Luís - respondeu o rei.

- Ah! Ora aí está; meu caro Luís! - disse Gamain resmungando; - meu caro Luís, a um sujeito conhecido há quinze dias, a um operário, a um aprendiz! Que se deve então dizer a mim, que o conheço há vinte e cinco anos? A mim que lhe meti a lima na mão? A mim que sou mestre? Aí está o resultado de ter a língua dourada e as mãos brancas!

- Dir-te-ei: “Meu bom Gamain. Chamo a este moço meu caro Luís, não porque se explique com mais elegância do que tu, não porque lave as mãos mais vezes do que talvez faças; pouco aprecio essas ninharias; mas por ter sido ele quem achou meio de trazer-te cá, meu amigo, quando me tinham dito que já não querias nada comigo!”

-Ah! Não era eu, decerto, quem pensava assim; porque, apesar de todos os seus defeitos, ainda o estimo do mesmo modo; era minha mulher, a tia Gamain, que me dizia a cada momento: “Tu tens péssimos conhecimentos, Gamain, conhecimentos altos demais para ti: não é bom ver os senhores aristocratas, neste tempo! Nós possuímos, felizmente, alguns bens, e é preciso olhar por eles; temos filhos, é necessário educá-los; se o delfim também quer aprender o ofício de serralheiro, que procure outro mestre... Não faltam serralheiros em França”.

Luís XVI olhou para o aprendiz, e sufocando um sorriso meio zombeteiro, meio melancólico, disse:

- Sim, não há dúvida, não faltam serralheiros em França; mas nem todos são como tu.

- É isso mesmo que eu disse ao mestre, senhor, quando me apresentei a ele da parte de Vossa Majestade; disse-lhe: “Mestre... o rei traz entre mãos uma fechadura de segredo e precisa de um ajudante serralheiro; falaram-lhe em mim e tomou-me para o seu serviço... já é uma honra! Mas a obra que faz é muito delicada; enquanto à colocação da fechadura, ainda vamos bem, mas quando se trata da lingüeta tudo são embaraços e dificuldades para o oficial!”

- Isso não tem dúvida - disse Gamain - a lingüeta é a alma da fechadura.

- É a obra prima do serralheiro quando é bem feita - disse o aprendiz; -mas há lingüeta de contrapeso para mover o meio círculo; há lingüeta de carreta para mover os ferros: pois bem! Imaginemos agora ter uma chave brocada, cujo centro seja entalhado por meio de uma lâmina com uma aberturazinha, com duas rodas, e um segão hasteados por fora; qual seria a lingüeta mais adequada para esta chave? Essa é que é a questão.

- O que é certo é que nem todos poderão resolvê-la.

- Justamente... É por isso - continuei - que vim procurá-lo, mestre Gamain. Todas as vezes que o rei se via embaraçado, dizia logo com um suspiro: “Ah! Se o Gamain estivesse aqui!” Eu disse então ao rei: “Pois bem, mande Vossa Majestade chamar o seu hábil Gamain, e veremos o que ele faz!” Mas o rei respondeu: “É inútil, meu pobre Luís! Gamain esqueceu-se de mim!” – “Esqueceu-se de Vossa Majestade, acudi eu, um homem que teve a honra de trabalhar com o seu rei? É impossível! Pois vou procurar este mestre dos mestres!”. Disse então o rei: “Vai, mas decerto o não trará contigo!” Tornei-lhe então: “Hei-de trazê-lo”, e parti.

- Ai, senhor, não sabia avaliar a tarefa de que me encarregava, nem o homem a quem me dirigia! E demais, quando me apresentei a ele como aprendiz, fui obrigado a passar por um exame ainda pior do que se fosse para entrar na escola dos cadetes. Mas, enfim, eis-me em casa dele. No dia seguinte resolvi-me a dizer-lhe que ia da parte de Vossa Majestade; então julguei que me punha no meio da rua. Chamou-me espião!... Debalde lhe asseverei que era Vossa Majestade que me enviava; a nada se movia! Só quando lhe disse que tínhamos principiado uma obra que não podíamos concluir, é que pareceu ouvir-me. Mas não se decidia; dizia que era um laço que os seus inimigos lhe armavam; enfim, só ontem, quando lhe entreguei os vinte e cinco luíses, que Vossa Majestade lhe mandou dar, é que ele disse:

“- Ah! ah! parece que vem efectivamente da parte do rei... Pois bem! seja - acrescentou - iremos amanhã; quem não se arriscou não perdeu nem ganhou!”

“Entretive o mestre todo o dia nas suas boas disposições, e esta manhã disse-lhe:”

“- Vamos, é necessário meter pernas ao caminho.”

- Ainda pôs algumas dificuldades; mas afinal, pude decidi-lo; atei-lhe o avental à cintura;

fiz-lhe pegar no bordão, empurrei-o para fora de casa, tomámos o caminho de Paris, e eis-nos aqui!

- Pois sejam bem-vindos - disse o rei agradecendo num movimento de olhos ao mancebo, que parecia ter tido tanta dificuldade em compor a narração que acaba de ler-se, quanta teria mestre Gamain para fazer um discurso de Bossuet ou um sermão de Fléchier. Agora, meu amigo - continuou o rei - como parece apressado, nada de perder tempo.

- É justamente o que eu pretendo; além de que, prometi à Sr^a. Gamain voltar a casa ainda esta noite. Vejamos, onde está essa magnífica fechadura?

O rei entregou a mestre Gamain uma fechadura quase concluída.

- Então! Dizias tu que era uma fechadura *bénarde*? - disse Gamain dirigindo-se ao aprendiz; - uma fechadura *bénarde* fecha-se de ambos os lados, meu toleirão! Esta é uma fechadura de cofre... Vejamos, vejamos... Ainda não está boa, hein? Pois bem! Mestre Gamain lho dirá!

E Gamain fez diligência para voltar a chave.

- Aqui está, aqui está - exclamou ele.

- Descobriste o defeito, meu caro Gamain?

- Ora!

- Vejamos, mostra-me isso.

- Ah! Não há-de ser muito difícil; olhe: a lingüeta da chave prende, não há dúvida, a grande barba; esta descreve bem metade do seu círculo; mas chegando aqui, como não é fendida em bisel, não pode escapar sozinha... eis aqui o negócio... A carreira da barba, sendo de seis linhas, deve ter a espalda de uma só.

Luís XVI e o aprendiz olharam um para o outro, como maravilhados da ciência de Gamain.

- A coisa é bem simples - disse este animado pela tácita admiração dos que ouviam - e nem posso perceber como isto lhe escapou. É que naturalmente, desde que me não vê tem-se ocupado de outras frioleiras que lhe fazem perder a memória... Tem, pois, três barbas, não é assim? Uma grande e duas pequenas, uma de cinco linhas, duas de duas linhas...

- Sem dúvida - disse o rei, seguindo com certo interesse a demonstração de Gamain.

- Pois bem! Assim que a chave soltar a grande barba, é necessário que ela possa abrir a lingüeta que acaba de fechar, não é isto?

- Decerto - disse o rei.

- Então é necessário que quando voltar pelo mesmo caminho, possa agarrar em sentido inverso a segunda barba, no momento em que larga a primeira!

- Ah! Sim, sim! - disse o rei.

- Ah! Sim! Sim! - repetiu Gamain em tom chocarreiro; - pois bem! Como quer então que a chave sirva, se o intervalo entre a grande e a pequena barba não é igual à grossura da carranca?

- Ah!...

- Ah!... - repetiu ainda Gamain - ora aí está! De que lhe serve ser rei de França; de que lhe serve dizer: “Quero!” se a pequena barba diz: “Não quero!” e muito boas noites... É como quando se enfada com a assembléia, é sempre ela que triunfa por ser a mais forte!

- Contudo, Gamain, isto ainda tem remédio? - perguntou o rei.

- Ora essa! - exclamou este; - há remédio para tudo: basta talhar a primeira barba em bisel, profundar o espaço de uma linha, desviar quatro linhas a primeira barba da segunda, e restabelecer na mesma distância a terceira barba, a que faz parte do talão, e que pára sobre o gato da fechadura, e tudo ficará concluído.

- Mas - observou o rei - para todos esses trabalhos será necessário um dia inteiro, meu pobre Gamain?

- Oh! Decerto, seria um dia de trabalho para outro qualquer, mas para Gamain bastam duas horas... Exijo unicamente que me deixem sozinho, e que me não arremiem com observações... Deixem-me sozinho... a forja parece-me suficientemente provida, e daqui a duas horas... bem, daqui a duas horas - acrescentou Gamain sorrindo - poderão entrar, porque a obra

estará infalivelmente concluída.

O que Gamain exigia era justamente o que o rei desejava: a solidão de Gamain oferecia-lhe ocasião para ter uma conferência com o aprendiz.

Todavia, afectou algumas dificuldades, dizendo:

- Mas se tu careces de alguma coisa, meu pobre Gamain?

- Se tiver precisão de alguma coisa, chamarei pelo criado, e uma vez que tenha ordem para me dar o que lhe pedir, é quanto desejo.

O rei foi em pessoa à porta, e abrindo-a ordenou:

- Francisco, não te desvies daqui. O Sr. Gamain, meu antigo mestre serralheiro, aqui fica também para me corrigir um trabalho errado... Dar-lhe-ás tudo quanto precisar, principalmente uma ou duas garrafas de Bordéus.

- Se me dá licença, recordar-lhe-ei que gosto mais do Borgonha... O diabo do Bordéus... é como se bebesse água morna!

- Ah! Sim, é verdade, esquecia-me - disse Luís XVI rindo; - contudo, tocámos junto dos nossos copos mais de uma vez, meu pobre Gamain... Do Borgonha, Francisco, entendes, de Volney!

- Bem - disse Gamain correndo a língua pelos lábios - recordo-me desse nome.

- E faz-te crescer água na boca, hein?

- Não me fale de água, senhor... Não sei para que possa servir a água senão para molhar o ferro... Os que lhe têm dado outra aplicação, decerto a desviaram do seu verdadeiro destino... Água! Ora essa! É o Que me faltava!...

- Pois bem, descansa; enquanto aqui estiveres, não ouvirás falar de semelhante líquido, e receando que a palavra escape a qualquer de nós, deixar-te-ei sozinho... Quando concluíres, manda-me chamar.

- Que vai fazer neste intervalo?

- Ora! Vou fazer o armário para que é destinada esta fechadura.

- Esse é o trabalho que lhe convém... Felicidades!

- Coragem - respondeu o rei.

E dirigindo com a cabeça um adeus familiar a Gamain, saiu com o aprendiz Luís Leconte, ou com o conde Luís, como melhor convier ao leitor, a quem supomos bastante perspicácia para que duvidemos de que tenha conhecido no falso serralheiro o filho do marquês de Bouillé.

XXXVII

Em que se trata de coisas bem diferentes da serralharia

Desta vez não saiu Luís XVI da sua oficina pela escada exterior e comum a todo o serviço; desceu pela escada secreta e reservada para ele só.

A escada conduzia ao seu gabinete de trabalho.

Uma das mesas do gabinete estava coberta por uma enorme carta de França, o que provava que o rei tinha estudado, mais de uma vez, o caminho mais curto e mais fácil para sair do reino.

Mas só depois que desceu a escada, só depois de fechada a porta sobre ele e o companheiro, é que Luís XVI, circunvagando a vista pelo gabinete pareceu conhecer o moço que o acompanhava de jaqueta ao ombro e barrete na mão.

- Finalmente, estamos sós, meu caro conde; permita que, em primeiro lugar, o felicite pela sua sagacidade e lhe agradeça a sua dedicação.

- E eu, meu senhor - respondeu o mancebo - peço a Vossa Majestade desculpa de me atrever (ainda que em serviço do meu rei) a apresentar-me extravagantemente vestido, e falando como falei.

- Falou como um verdadeiro e leal fidalgo, meu caro Luís, e seja qual for o seu vestuário,

é sempre um coração brioso o que lhe palpita no peito... Mas vamos, não temos tempo para perder; todos, até a própria rainha, ignoram a sua presença aqui; ninguém nos escuta; diga depressa o motivo da sua vinda.

- Não se dignou Vossa Majestade honrar meu pai, enviando-lhe um oficial da sua casa?

- Sim, o Sr. de Charny.

- Não há dúvida, o Sr. de Charny... Era encarregado de entregar uma carta.

- Insignificante - interrompeu o rei; - não passava de introdução para uma missão verbal.

- Essa missão verbal desempenhou-a ele, meu senhor, e é para que tenha a devida execução, que por ordem de meu pai e na esperança de falar a sós com Vossa Majestade, vim a Paris.

- Então está ao facto de tudo?

- Sei que Vossa Majestade deseja num dado momento ter a certeza de poder sair de França.

- E que conta com o marquês de Bouillé, como com o homem mais capaz de secundar esse projecto.

- E meu pai ficou muito ufano e reconhecido pela honra que Vossa Majestade houve por bem dispensar-lhe.

- Mas vamos ao principal. Que diz ele do projecto?

- Que é bastante arriscado, exige grandes precauções, mas não é impossível.

- Em primeiro lugar - redarguiu o rei - para que a cooperação do Sr. de Bouillé tenha toda a eficácia que a sua lealdade e dedicação me afiançam, não seria conveniente que se juntasse ao seu governo de Metz o de várias outras províncias, particularmente o da Franche-Conté?

- É essa a opinião de meu pai, meu senhor, e muito estimo que fosse Vossa Majestade o primeiro a exprimir a sua opinião a este respeito; o marquês receava que Vossa Majestade lhe atribuísse alguma ambição pessoal...

- Ora essa! Não conheço eu bastante o desinteresse de seu pai?... Vamos, diga-me agora, se ele lhe disse alguma coisa acerca do caminho que deverei seguir.

- Antes de tudo, meu senhor, meu pai receia uma coisa.

- Qual?

- É que muitos outros projectos de fuga sejam presentes a Vossa Majestade, ou da parte da Espanha, ou da parte do império, ou da parte dos emigrados de Turim, e que, contrariando-se entre si todos esses projectos, venha o seu a abortar por alguma dessas circunstâncias fortuitas que se costumam atribuir à fatalidade, e que são quase sempre o resultado da inveja ou da imprudência dos partidos.

- Meu caro Luís, prometo que hei-de tolerar que todos intriguem em volta de mim (é uma necessidade dos partidos, uma necessidade da situação em que me acho). Enquanto o espírito de Lafayette e as vistas da assembléia seguirem esses fios, que só terão por fim desorientá-los, nós, sem outros confidentes mais do que as pessoas estritamente necessárias à execução do projecto, seguiremos o nosso caminho com tanta mais segurança, quanto mais misterioso ele for.

- Meu senhor, uma vez de acordo neste ponto, eis o que meu pai, mui respeitosamente, tem a honra de propor a Vossa Majestade.

- Vejamos - disse o rei - inclinando-se sobre a carta de França, a fim de seguir com os olhos os diferentes projectos que o moço conde ia expor.

- Há diversos pontos para onde V. Majestade se pode retirar.

- Decerto.

- Vossa Majestade já escolheu algum?

- Ainda não. Esperava o conselho do Sr. de Bouillé, de que presumo que o conde é portador.

O mancebo fez com a cabeça um sinal respeitoso e ao mesmo tempo afirmativo.

- Fale - disse Luís XVI.

- Em primeiro lugar, temos Besançon, meu senhor, cuja cidadela oferece um ponto muito

forte e vantajosíssimo para reunir um exército, e para dar sinal e ajudar os suíços; reunidos estes ao exército, poder-se-ia avançar através de Borgonha, onde os realistas pululam, e marcham dali sobre Paris.

O rei fez um gesto, que parecia dizer: “Preferirei antes outra coisa.”

- Temos depois Valenciennes, ou outra qualquer praça da Flandres que tenha uma guarnição segura. O Sr. de Bouillé apresentar-se-ia lá pessoalmente com as tropas do seu comando, antes ou depois da chegada de Vossa Majestade.

Luís XVI fez um segundo gesto, que queria dizer: “Outra coisa, senhor.”

- Vossa Majestade - continuou o mancebo - pode também sair pelas Ardenas e pela Flandres austríaca, para entrar depois por essa mesma fronteira, dirigindo-se a uma das praças que meu pai governasse, e na qual antecipadamente se reuniriam tropas.

- Logo lhe direi a razão que me obriga a perguntar-lhe se não tem alguma coisa melhor do que tudo isso - disse o rei.

- Vossa Majestade pode, finalmente, dirigir-se a Senan ou Montmédy; o general, achando-se ali no centro do seu comando, teria toda a facilidade de operar, quer Vossa Majestade quisesse sair de França, quer preferisse marchar sobre Paris.

- Meu caro conde - disse o rei - vou explicar-lhe em duas palavras o que me obriga a recusar as três primeiras proposições e a aceitar provavelmente a quarta. Em primeiro lugar, Besançon fica muito longe, e por consequência correria o risco de ser preso antes de lá chegar. Valenciennes fica em boa distância, e talvez me conviesse a razão do excelente espírito dos habitantes da cidade; mas o Sr. de Rochambeau, que comanda no Hainaut, isto é, às suas portas, entregou-se inteiramente ao espírito democrático. Quanto a sair pelas Ardenas e pela Flandres para que a Áustria me socorresse, isso não... Além de não gostar da Áustria, que só se envolve nos nossos negócios para os embrulhar, tem ela neste momento bastante em que se entreter com a doença de meu cunhado, proveniente da guerra dos turcos e da revolta do Brabante, sem que para isso lhe dê mais uma causa de embaraço. Além disso não quero sair de França; quando um rei põe pé fora do seu reino, nunca sabe se lá tornará a entrar... Veja Carlos II; veja Jacob; um apenas entrou no fim de três anos, o outro nunca mais entrará! Não, prefiro antes Montmédy; Montmédy acha-se numa distância razoável, no centro do comando de seu pai; diga pois ao marquês seu pai que a minha escolha está feita, e que é para Montmédy que me retirarei.

- Vossa Majestade acha-se bem resolvido a efectuar esta fuga, ou não é por ora mais do que um projecto? - arrojou-se a perguntar o conde.

- Meu caro Luís - respondeu Luís XVI - nada está por ora decidido, tudo se acha ainda pendente das circunstâncias. Se vir que a rainha e meus filhos correm novos perigos, como os que correram na noite de 5 para 6 de Outubro, decidir-me-ei, e diga a seu pai, meu caro conde, que uma vez tomada a decisão será irrevogável.

- Agora, meu senhor - continuou o conde - se me fosse permitido, submeteria a sabedoria de Vossa Majestade a opinião de meu pai relativamente ao modo de se efectuar a viagem de Vossa Majestade.

- Oh! Diga, diga.

- A sua opinião, meu senhor, é que se diminuam os perigos dessa viagem, dividindo-os.

- Explique-se.

- Vossa Majestade partiria por um lado com a Sr^a. princesa real, e com a Sr^a. infanta Isabel ao passo que Sua Majestade a rainha partiria por outro com Sua Alteza real o Sr. delfim; de sorte que...

Luís XVI não deixou completar aquela frase ao conde de Bouillé.

- É inútil discutir esse ponto, meu caro Luís - disse ele; - tanto eu como a rainha concordámos num momento solene que não nos separaríamos. Se seu pai nos quer salvar, que nos salve juntos, ou então deixemo-nos disso.

O jovem conde, inclinando-se disse:

- Quando chegar o momento, meu senhor, dará as suas ordens, e elas serão cumpridas.

Permitir-me-á somente Vossa Majestade que lhe observe que há-de ser muito difícil encontrar uma carruagem grande onde Suas Majestades, seus augustos filhos, a Sr.^a infanta Isabel, e as duas ou três pessoas de serviço que devem acompanhá-los possam ir com alguma comodidade.

- Não se inquiete com isso, meu caro Luís; manda-se fazer uma, expressamente para esse fim; o caso já foi previsto.

- Mais uma coisa, meu senhor, duas estradas conduzem a Montmédy; resta-me perguntar qual das duas prefere Vossa Majestade, para mandá-la explorar por um engenheiro de confiança.

- O engenheiro de confiança temos nós já. O Sr. de Charny, que nos é dedicadíssimo, levantou as cartas dos arredores de Chandernagor com fidelidade e talento espantosos. Quanto menos pessoas metermos no segredo, melhor será. Temos no conde um servidor a toda a prova, inteligente e decidido: sirvamo-nos dele. Quanto ao caminho que devo seguir, vai ver que me ocupei disso; como tinha escolhido Montmédy, as duas estradas que aí conduzem já estão marcadas nesta carta.

- Pode dizer-se que há três, meu senhor - disse respeitosamente Bouillé.

- Sim, bem sei: é a que vai de Paris a Metz, que se deixa depois de atravessar Verdun, para seguir ao longo do rio Mosa a estrada de Stenay, de que Montmédy fica apenas distante três léguas...

- Há a de Reims, de Isle, de Rhétel e de Stenay, - disse o jovem conde com bastante vivacidade para que o rei visse a preferência que o seu interlocutor dava àquela.

- Ah! Ah! Parece-me que é essa a estrada que prefere? - disse o rei.

- Oh! Não sou eu, meu senhor. Deus me defenda. Eu, que sou quase uma criança, a tomar a responsabilidade de uma opinião emitida em negócio de tanta gravidade! Não, meu senhor, não é opinião minha, é de meu pai, e funda-se em que o país que percorre é bastante pobre, quase deserto, e exige por consequência, menos precauções. Acrescenta que o real-alemão, o melhor regimento do exército, o único talvez que ficasse completamente fiel, acha-se aquartelado em Stenay, e poderia encarregar-se da escolta do rei desde Isle ou Réthel. Desse modo evitar-se-ia o perigo de um grande movimento de tropas.

- Sim - interrompeu o rei; - mas passar-se-ia pela cidade de Reims, onde fui sagrado, e onde o primeiro que me visse poderia conhecer-me. Não, meu caro conde, sobre este ponto tenho tomada a minha decisão.

E o rei pronunciou estas palavras com voz tão firme, que o conde Luís de Bouillé nem sequer tentou combater esta decisão e perguntou:

- Então, está Vossa Majestade decidido?...

- A seguir a estrada de Châlons por Varennes, evitando Verdun. Quanto aos regimentos, postar-se-ão nas pequenas cidades situadas entre Montmédy e Châlons. Não vejo até inconveniente - acrescentou o rei - em que o primeiro destacamento me esperasse nesta última cidade.

- Meu senhor, quando lá chegarmos - disse o conde - discutir-se-á esse ponto, isto é, qual a cidade até onde esses regimentos devem postar-se. Vossa Majestade bem sabe que em Varennes não há mudas de cavalos.

- Gosto de o ver tão orientado, Sr. conde - disse o rei rindo-se; - é uma prova de que meditou seriamente no nosso projecto. Mas não se inquiete por isso; nós acharemos meio de encontrar cavalos prontos, quer seja dentro, quer fora da cidade; o nosso engenheiro se encarregará disso.

- E agora, meu senhor - disse o moço conde - agora, que tudo se encontra mais ou menos combinado, quer Vossa Majestade autorizar-me a citar-lhe, em nome de meu pai, algumas linhas de um autor italiano, que lhe pareceram de tal modo apropriadas à situação em que Vossa Majestade se encontra, que me ordenou que as decorasse cautelosamente para poder ter a honra de comunicar-lhas?

- Queira dizê-las.

- Ei-las: "A demora é sempre prejudicial; em todos os negócios que se empreendem

nunca se encontram circunstâncias inteiramente favoráveis de modo que aquele que espera por uma ocasião favorável, não poderá nunca empreender qualquer coisa, e se a empreender, há-de sair-se muitas vezes mal dela”. É o autor que fala, meu senhor.

- Sim, senhor, e esse autor é Machiavel. Terei pois em consideração, pode acreditá-lo, os conselhos do embaixador da magnífica república! Mas caluda! Sinto passos na escada... é Gamain que desce. Vamos ao encontro dele, para que não presuma que nos ocupamos de outra coisa que não seja o armário.

A estas palavras abriu o rei a porta que dava para a escada secreta.

Era tempo: o mestre serralheiro já descia o último degrau com a fechadura na mão.

XXXVIII

Em que se demonstra que existe verdadeiramente um Deus para os borrachos

No mesmo dia, pela volta das oito horas da noite, um homem vestido de operário e segurando cauteloso o bolso da vésia, como se o bolso naquela noite contivesse uma soma mais considerável do que a que contém ordinariamente o bolso de um operário; um homem, dizemos, saía das Tulherias pela ponte Tournant, inclinando-se para a esquerda, e seguindo de uma à outra extremidade o renque de árvores que prolonga, do lado do Sena, essa porção dos Campos-Elíseos, a que se chamava Porto de Mármore, para depois se chamar Porto das Pedras, e que hoje se chama Carreira da Rainha.

Chegando ao fim das árvores, o nosso homem achou-se no cais da Saboaria.

Este cais era naquele tempo divertidíssimo de dia, e à noite muito alumiado por grande número de tabernas onde os bons burgueses compravam ao domingo as provisões líquidas e sólidas, que embarcavam com eles em canoas fretadas por dois soldos cada pessoa, para irem passar o dia à ilha do Cisne, ilha onde, sem aquela precaução, morreriam de fome nos dias ordinários da semana, porque era completamente deserta, e nos domingos e dias festivos, por ser extraordinariamente concorrida.

À primeira taberna que encontrou no caminho, o homem vestido de operário parecia lutar consigo mesmo sobre se deveria ou não entrar, luta de que por fim saiu vencedor.

Portanto não entrou e seguiu para diante.

À segunda taberna, apoderou-se dele a mesma tentação, e dessa vez outro indivíduo que o seguira desde a altura da Patache, como se fosse a sua sombra, sem que ele desse por isso pôde acreditar que cedía à tentação, por isso que, desviando-se da linha recta em que ia inclinou-se de modo tal diante daquela filial do templo de Baco, como naquele tempo se dizia, que lhe ia ultrapassando os umbrais.

Não obstante, ainda dessa vez triunfou a temperança, e é provável que, se não encontrasse terceira taberna no caminho, e lhe fosse preciso voltar atrás para quebrar o juramento que parecia ter feito a si mesmo, é provável, dizemos, que continuasse o seu caminho com o mesmo estoicismo; não em jejum, porquanto o sujeito parecia ter já tomado uma boa dose do líquido que alegra o coração do homem, mas conservava-se ainda com tanta força nas pernas, que podia mantê-las em linha suficientemente recta, durante o caminho que tinha de percorrer.

Infelizmente, porém, encontrava-se-lhe ainda no caminho não só terceira, mas também quarta, décima, vigésima taberna; o resultado foi que, sendo as tentações muitas vezes repetidas e não se achando a força da resistência em harmonia com a sensação, teve o infeliz caminheiro que sucumbir à terceira prova!

Convém dizer entretanto que, por uma espécie de transacção consigo mesmo, o demónio do vinho tão desgraçadamente combatera, entrando na taberna, limitou-se a chegar ao balcão e a pedir simplesmente meia garrafa.

Afinal o demónio do vinho, contra que ele lutava, parecia ser vitoriosamente representado pelo desconhecido que o seguia de perto, tendo cuidado em se conservar no escuro,

mas sem o perder de vista.

Foi naturalmente para gozar daquela perspectiva, que parecia ser-lhe particularmente agradável, que se assentou mesmo defronte da taberna, onde o operário despejava a sua garrafita, pondo-se outra vez a caminho cinco segundos depois dele, tendo esgotado o copo, e franqueado o limiar da porta para seguir o seu.

Mas quem pode dizer onde pararão os lábios que uma vez se umedeceram na taça fatal da embriaguez, e que perceberam, com o pasmo misturado de satisfação, que tão particular é aos borrachões, que nada produz mais sede que o beber?

Assim que deu uns cem passos, a sede que o devorava moveu-o a parar de novo para mitigá-la; mas desta vez entendeu que meia garrafa não bastaria e pediu uma.

A sombra, que não o deixava, nem por isso se mostrou descontente; parecia folgar com aquelas paragens que lhe retardavam o caminho; parou mesmo à porta da taberna, e apesar do bebedor se ter assentado para estar à sua vontade e gastar uma boa meia hora em despejar a garrafa, a benévola sombra não deu o menor sinal de impaciência, limitando-se no momento da saída a segui-lo no mesmo passo em que até ali o fizera.

Ao cabo de outros cem passos, aquela longanimidade foi sujeita a nova e mais rude provação; o operário fez terceira paragem, e desta vez, como a sede aumentasse, pediu outra garrafa, que tratou de despejar.

Mais outra meia hora de demora para o paciente argos que o vigiava.

Aqueles cinco minutos, àquele quarto de hora, aquela meia hora sucessivamente perdidos, produziram talvez uma espécie de remorso no coração do bebedor; por isso que, não querendo tornar a parar, ao que parecia, mas desejando continuar a beber, fez consigo mesmo uma espécie de transacção, que consistiu em munir-se no momento da partida de uma garrafa de vinho desenvolvida, que pretendia constituir em companheira da jornada.

Resolução prudente e que não demorava quem a tomava, à excepção das curvas e dos zigzagues, mais ou menos reiterados que foram o resultado das freqüentes visitas do gargalo aos lábios sequiosos do nosso desconhecido.

Numa dessas curvas, agilmente combinadas franqueou a barreira de Passy sem obstáculo algum, visto que os direitos de saída dos líquidos tinham sido abolidos na capital.

O desconhecido que o seguia saiu também com a mesma facilidade.

Foi a cem passos da barreira que o nosso homem devia felicitar-se da engenhosa precaução que tomara, por isso que dali em diante se tornavam as tabernas cada vez mais raras, até que, por fim, desapareceram de todo.

Mas que importava isso ao nosso filósofo! Como o antigo sábio, levava consigo não só a fortuna mas também a sua alegria!

Dizemos a sua alegria, porque quando chegou a meia garrafa, pôs-se o nosso bebedor a cantar, e ninguém poderá contestar que o canto seja um sinal de satisfação e alegria.

A sombra do bebedor mostrava-se bastante sensível à harmonia daquele canto, que parecia repetir baixinho, e à expressão daquela alegria, cujas frases seguia com particular interesse; mas por desgraça, aquela alegria foi efémera, e o canto de curta duração; a alegria durou apenas o tempo que durou o vinho na garrafa, e vazia esta, e inutilmente espremida entre as mãos do bebedor, o canto foi substituído por grunhidos, que acentuando-se cada vez mais, vieram a degenerar em imprecações.

As imprecações dirigiram-se a perseguidores desconhecidos, de quem se queixava, tropeçando a cada passo, o nosso infeliz caminheiro.

Miserável! - dizia ele; - a um antigo... amigo... a um mestre... dar-lhe zurrapa. Irra. Que me mande chamar outra vez para lhe emendar as fechaduras... sim, que me mande chamar pelo patife do oficial que me abandonou... e eu lhe direi: “Boas noites, senhor, a tua Majestade que te emende as fechaduras.” E veremos então se uma fechadura se faz como se faz um decreto... Ah! eu te arranjarei! Fechaduras de três barbas! Deixa estar! Lingüetas de gatilho, hein! Chaves brocadas. Oh! Miserável! Decididamente, envenenaram-me!...

E ao pronunciar estas palavras, vencida decerto pela força do veneno, a desgraçada vítima deixou-se cair pela terceira vez nas pedras da estrada, cobertas por fofa camada de lama.

Das duas primeiras vezes que caíra pôde o nosso homem levantar-se sozinho; a operação foi difícil, mas, enfim, desempenhou-a com glória sua!

Porém, da terceira vez, depois de terríveis esforços, viu-se obrigado a confessar que a tarefa era superior às suas forças, e com um suspiro que mais parecia um gemido, pareceu decidir-se a adoptar por cama, naquela noite, o seio da terra, nossa mãe comum.

Era provavelmente nesse ponto de desfalecimento e de fraqueza que o esperava o desconhecido, que desde a praça Luís XV o seguira com tanta perseverança; por isso que, depois de o deixar lutar à distância, aproximou-se-lhe cautelosamente, observou o estado em que ele se achava, e chamando uma carruagem que passava, disse ao cocheiro:

- Amigo, o meu companheiro acaba de achar-se incomodado. Tome lá este escudo de seis francos, meta o pobre diabo no seu carro, e conduza-o à taberna da ponte de Sèvres; eu vou na almofada.

Nada havia que admirar na proposta feita ao cocheiro, porque o que lha fazia aparentava também uma condição vulgar; por isso, com a confiança que os homens dessa condição têm uns nos outros respondeu:

- Seis francos! E onde estão os seis francos?

- Estão aqui - disse o que oferecera esta soma, apresentando ao cocheiro um escudo sem se mostrar ofendido.

- E ao chegar à taberna - replica o cocheiro já adoçado com a vista da real efígie - não haverá também uma gorjeta, patrão?

- Conforme nos servires... Anda, mete esse pobre diabo no carro; fecha cautelosamente os postigos; faz a diligência para que os teus dois sendeiros consigam sustentar-se nas pernas, e quando chegarmos à ponte de Sèvres veremos isso... Conforme te portares, assim me portarei eu.

- Santa palavra - disse o cocheiro - isso é que é falar; descanse o patrão, que tenho entendido. Suba para a almofada e evite que as pilecas nos façam por aí alguma asneira de marca. Que quer? Cheira-lhes a cavaliça e querem ir para casa: mas eu lhes direi!

O generoso desconhecido seguiu sem observação alguma as instruções que lhe foram dadas; o cocheiro, pela sua parte, levantou nos braços o borracho, deitou-o brandamente dentro do carro, fechou a portinhola, subiu para a almofada, onde achou já instalado o desconhecido, fez voltar o carro e fustigou os cavalos, os quais com a melancólica andadura que é familiar a estes mesquinhos quadrúpedes, atravessaram logo o lugarejo do Point-du-Jour, chegando dali a uma hora à taberna da ponte de Sèvres.

É no interior desta taberna, e passados dez minutos consagrados a descarregar o cidadão Gamain, já naturalmente conhecido do leitor, que encontramos o digno mestre dos mestres assentado à mesma mesa, e defronte do mesmo espingardeiro, tal qual o vimos no primeiro capítulo desta história.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME DA QUARTA PARTE

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



ALEXANDRE DUMAS

La Comtesse de Charny

TOME II



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**Memórias de um médico:
A condessa de Charny
Volume II**

Alexandre Dumas

I

O que é o acaso!

Agora cumpre saber a maneira como mestre Gamain passara do estado quase cataléptico em que o deixámos, para o estado quase natural em que o vemos.

O dono da taberna da ponte de Sèvres estava deitado, e nem o mais pequeno vislumbre de luz se enxergava no interior quando as primeiras pancadas do filantropo que recolhera mestre Gamain retiniram à sua porta.

Estas pancadas eram aplicadas por tal modo, que não davam lugar a acreditar que os donos da casa, por muito sonolentos que fossem pudessem desfrutar um longo descanso na presença de semelhante ataque.

Por isso, mal acordado, cambaleando e resmungando, o taberneiro foi em pessoa abrir a porta aos que tão rudemente o despertavam, na resolução de lhes administrar uma recompensa digna do desarranjo que lhe tinham causado, se porventura, como ele costumava dizer, o jogo não valesse uma vela.

Parece, contudo, que o jogo contrabalançava, pelo menos, a tal vela; por isso que às primeiras palavras que o homem que batia de tão irreverente maneira, dirigiu em voz baixa ao dono da taberna da ponte de Sèvres, tirou o seu barrete de algodão, fazendo muitas reverências, que o seu traje tornava singularmente grotescas, e foi introduzindo mestre Gamain e o seu companheiro no pequeno gabinete, onde já vimos o serralheiro saboreando o famoso borgonha, seu licor favorito.

Mas desta vez, como saboreara em demasia, o pobre Gamain estava quase sem sentidos.

Em primeiro lugar, como cocheiro e cavalos tinham feito cada qual o seu dever, um com o chicote, os outros com as pernas, principiou o desconhecido por se exonerar da sua obrigação, juntando, a título de gorjeta, uma peça de vinte e quatro soldos ao escudo de seis libras, que já tinha dado por pagamento.

E vendo depois mestre Gamain todo repimpado numa cadeira, com uma mesa diante de si, mandou logo buscar para o seu hóspede duas garrafas de vinho, e outra com água, abrindo ele mesmo a janela, para dar saída ao ar malfítico que se respirava no interior da casa.

Noutra qualquer circunstância, esta precaução teria sido comprometedora; com efeito, qualquer observador sabe perfeitamente que há só uma casta de gente que precisa respirar o ar natural, isto é, composta de setenta e nove partes de oxigénio, e de vinte e uma de azote, ao passo que o vulgo, costumado às suas habitações infectas, absorve o ar sem a menor dificuldade, por mais impregnado que ele esteja de elementos estranhos à sua composição primitiva.

Felizmente, ninguém ali estava que pudesse fazer esta observação; o próprio taberneiro, depois de trazer rapidamente as duas garrafas de vinho, e mais vagarosamente a da água, retirara-se respeitoso, deixando o desconhecido a sós com mestre Gamain.

O primeiro, como já dissemos, tivera o cuidado de renovar o ar; depois, antes de fechar novamente a janela, aproximara um frasquinho ao nariz dilatado e sibilante do serralheiro, que se achava ainda lutando com o nojento sono da embriaguez, sono que decerto extinguiria nos bêbedos o amor do vinho, se por um milagre da Providência eles pudessem ver uma só vez quanto tem de nauseabundo!

Ao aspirar o cheiro penetrante do licor contido no frasquinho, abriu mestre Gamain os olhos, espirrando imediatamente com a maior força; depois murmurou algumas palavras ininteligíveis para outro qualquer filólogo experimentado, que, ouvindo-as com profunda atenção, conseguiu distinguir estas três ou quatro palavras:

- O... maldito!... envenenou-me!...

O espingardeiro pareceu reconhecer com satisfação que mestre Gamain continuava a estar dominado pela mesma idéia. Aproximou-lhe de novo o frasquinho ao nariz, o que deu mais algumas forças ao digno filho de Noé, permitindo-lhe completar o sentido da sua frase, e

ajuntando às palavras, já pronunciadas, as duas outras que se seguem, acusação tanto mais terrível, que denotava ao mesmo tempo um abuso de confiança e um esquecimento de coração:

- Envenenar... um amigo... um amigo!...

- Na verdade, é horrível! - observou o espingardeiro.

- Horrível! - balbuciou Gamain.

- Infame! - replicou o primeiro.

- Infame! - repetiu o segundo.

- Felizmente - disse o espingardeiro - que eu estava presente para lhe ministrar o contraveneno.

- É verdade... felizmente... - murmurou Gamain.

- Mas, como uma só dose não é suficiente para semelhante envenenamento - acrescentou o desconhecido - tome, beba mais esta.

E em meio copo de água deitou cinco ou seis gotas do licor que o frasquinho continha, e que não era outra coisa mais do que amoníaco dissolvido.

Depois chegou o copo aos lábios de Gamain.

- Ah! Ah! - balbuciou este; - é para beber? Tanto melhor! Antes pela boca do que pelo nariz.

E bebeu com avidez o que o copo continha.

Mas apenas engoliu o licor diabólico, arregalou consideravelmente os olhos, gritando entre os dois espirros:

- Ah! Celerado! Que me deste tu a beber!... Irral...

- Meu caro - respondeu o desconhecido - é um licor que lhe há-de salvar a vida.

- Ah! - replicou Gamain - se este licor me salva a vida, fez bem em mo dar; mas quem diabo pode chamar a isto licor?...

E tornou a espirrar, limpando a boca e arregalando cada vez mais os olhos, como a máscara da tragédia antiga.

O desconhecido aproveitou este momento para ir fechar, não a janela, mas as portas de dentro.

Não foi sem algum proveito que Gamain abriu os olhos segunda ou terceira vez; apesar deste movimento ser convulso, o mestre serralheiro circunvagou a vista, e, com o profundo sentimento de afecto que têm os bêbedos para com as paredes de uma taberna, conheceu que aquela onde se achava era muito familiar.

Efectivamente, nas freqüentes viagens que o ofício o obrigava a fazer a Paris, era raro que não se descansasse na taberna da ponte de Sèvres; aquele descanso era-lhe quase indispensável porque a taberna marcava aproximadamente metade do caminho.

O reconhecimento produziu o seu efeito: em primeiro lugar inspirou ao mestre serralheiro grande confiança, provando-lhe que se achava em país amigo.

- Eh! Eh! - exclamou ele - muito bem! Segundo vejo, já tenho meio caminho andado.

- É verdade, mas a mim o deve - disse o espingardeiro.

- Como é isso? - Balbuciou Gamain levantando os olhos dos objectos inanimados para os objectos vivos; - ao senhor o devo!... Então quem é o senhor?

Gamain olhou para o seu interlocutor com mais atenção do que da primeira vez, e disse:

- Espere... espere; parece-me, sim, não há dúvida, que já o vi...

- Ora graças a Deus!

- Sim, sim, sim... mas quando e onde? Isso é que não me lembra.

- Onde? Olhe em volta de si, que talvez os objectos que o cercam ajudem um pouco a sua memória... Quando foi? Isso é outra coisa. Talvez seja necessário administrar-lhe uma nova dose de contraveneno para o habilitar a dizê-lo.

- Não, obrigado - disse Gamain estendendo os braços - já tomei demais, estou farto do seu contraveneno; uma vez que me sinto quase restabelecido, dou-me por satisfeito... Onde o vi?... Foi aqui mesmo!

- Ora graças a Deus!

- Quando o vi? Espere... foi no dia em que voltava de fazer em Paris uma certa obra... secreta... Parece - acrescentou Gamain a rir - que a Providência me destinou para essas obras!

- Muito bem... E agora, quem sou eu?

- Quem é?... É um homem que me convidou para beber, e por consequência um homem de bem! Toque, amigo!

- Com tanto mais prazer - disse o desconhecido - que de mestre serralheiro a mestre espingardeiro a diferença não é nenhuma.

- Ah! Bom, bom! Agora me recordo!... Sim, foi no dia 6 de Outubro, no dia em que o rei voltou a Paris, e em que falámos um pouco a respeito dele.

- Por sinal que achei a sua conversação das mais interessantes, mestre Gamain, o que faz que, desejando ouvi-lo outra vez, por isso que recupera a memória, me resolva a perguntar-lhe, se não for indiscrição, o que fazia o senhor, há-de haver uma hora, estirado ao comprido no meio da estrada, e a vinte passos de um carro carregado de fardos, prestes a esmagá-lo, e que decerto o esmagaria, se eu não interviesse? Tem acaso alguns desgostos, mestre Gamain, e teria tomado a fatal resolução de se suicidar!

- Suicidar-me eu!... Decerto que não! Que fazia eu estirado no meio da estrada?... Seria de facto eu?

- Ora essa! Olhe para si.

Gamain percorreu o fato com a vista e disse:

- Oh! Oh! Quem há-de ouvir a minha mulher! Ela que ainda ontem me dizia: “Não leves o teu fato novo, leva a tua véstia usada; para ires às Tulherias é quanto basta”.

- Para ir às Tulherias? Pois vinha das Tulherias, quando o encontrei?

Gamain coçou na cabeça, procurando assim reunir as idéias ainda em desordem.

- Sim, sim... é isso mesmo, disse ele; não há dúvida que vinha das Tulherias... Não é nenhum mistério, todos sabem que fui mestre do Sr. Veto.

- Como? Do Sr. Veto! A quem chama o Sr. Veto?

- Pois não sabe que é o nome que dão ao rei? Donde diabo vem o senhor? Vem acaso da China?

- Eu só me ocupo do meu ofício, e não me meto em política.

- Feliz homem!... Pois eu ocupo-me dela, infelizmente, ou por melhor dizer, obrigam-me a isso... É o que me há-de perder!

Mestre Gamain ergueu os olhos ao Céu e em seguida deu um suspiro.

- Foi chamado a Paris para fazer alguma obra no género daquela que vinha de fazer na primeira vez que o encontrei? - perguntou o desconhecido.

- Nem mais, nem menos... só com a diferença que então não sabia aonde ia, porque tinha os olhos vendados, ao passo que agora sabia muito bem para onde me dirigia, porque tinha os olhos abertos.

- De sorte que lhe não custou muito conhecer as Tulherias?

- As Tulherias! - disse Gamain admirado - quem lhe disse que eu fui às Tulherias?

- O senhor mesmo, ainda há um instante. Como havia eu de saber que vinha de lá se mo não dissesse?

- É verdade - disse Gamain falando consigo - como podia ele saber semelhante coisa, se eu lho não dissesse?...

Depois, dirigindo-se ao desconhecido:

- Fiz mal, talvez, em lho dizer; mas deixá-lo; o senhor não é como toda a gente. Se lho disse, está dito, não me desdigo; fui às Tulherias.

- E - replicou o desconhecido - trabalhou com o rei, que lhe deu os vinte e cinco luíses que tem no bolso, não é assim?

- Hein? - disse Gamain; - efectivamente, trazia vinte e cinco luíses no bolso.

- E ainda os traz, meu amigo.

Gamain meteu rapidamente a mão nas profundezas do bolso, donde tirou um punhado de ouro misturado com algumas moedas de prata e de cobre, e disse:

- Espere, espere; cinco, seis, sete... bom! E eu que já me não lembrava de semelhante coisa! Doze, treze, catorze... É que vinte e cinco luíses já são uma continha, que no tempo presente não se encontra debaixo dos pés!... Vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco!... Ah! - continuou Gamain, respirando com mais desafogo - graças a Deus, não falta nem um soldo!

- Não lho dizia eu? Podia acreditar-me logo.

- Ao senhor? Então como sabia que eu possuía esta soma?

- Meu caro Sr. Gamain, já tive a honra de lhe dizer que o encontrei estendido no meio da estrada, a vinte passos de um carro carregado de fardos, que quase o ia esmagando. Mandeí parar o carro; chamei uma carruagem que passava naquela ocasião; tirei uma das lanternas, e quando o examinava vi dois ou três luíses de ouro, que brilhavam no chão; como estavam ao lado do seu bolso, entendi que dali tinham caído, examinei o bolso, e por uns vinte luíses mais que encontrei, conheci que me não tinha enganado. Mas o cocheiro, vendo tanto ouro, abanou a cabeça e disse:

“- Não, senhor, não!”

“- Como não?”

“- Não, não levarei esse homem.”

“- E por que não o leva?”

“- Porque é rico demais para o fato que veste... Vinte e cinco luíses em ouro na algibeira de um colete de algodão, cheira de longe a enforcado.”

“- Como? - perguntei eu - julga que seja algum ladrão?”

Tal palavra parece que o impressionou, porque disse:

“- Ladrão! Eu ladrão!”

“- Sim, ladrão - redargüiu o cocheiro; - se o não fosse, como teria no bolso vinte e cinco luíses?”

“- Tenho vinte e cinco luíses no bolso, porque o meu discípulo, o rei de França, mos quis dar! Respondeu o senhor.”

“- Com efeito, a estas palavras pareceu-me conhecê-lo; aproximei-lhe a lanterna da cara e exclamei: Tudo se explica; é o Sr. Gamain, mestre serralheiro em Versalhes, que vem de trabalhar com o rei, e que recebeu dele vinte e cinco luíses... Vamos, respondo por ele. Então o cocheiro não pôs mais dificuldades. Meti-lhe no bolso os luíses que tinham caído, e pusemo-lo cuidadosamente na carruagem; eu subi para a almofada, parámos à porta desta taberna, e ei-lo aqui, não tendo, Deus louvado, de queixar-se de mais nada, senão do abandono do seu aprendiz.”

- Pois eu falei do meu aprendiz? Queixei-me porventura dele me ter abandonado? Ora essa! – exclamou Gamain cada vez mais admirado.

- Ora aí está! Já se não lembra do que disse! Como? Pois não disse há pouco: “Foi por culpa daquele maroto do...” Já me não recordo do nome que disse...

- Luís Lecomte!

- É isso mesmo... Como? pois não disse há pouco: “Foi por culpa daquele maroto do Luís Lecomte, que tinha prometido voltar comigo a Versalhes, e que desapareceu no momento da partida?”

- O facto é que eu podia dizer tudo isso, porque é a pura verdade.

- Pois bem, se é verdade por que o nega? Não sabe que, se não fosse eu, seriam todos esses mistérios perigosíssimos neste tempo?

- Sim, mas com o senhor... - disse Gamain, afagando o desconhecido.

- Comigo... Que quer isso dizer?

- Quer dizer com um amigo!

- Ah! Sim, parece ter muita confiança no seu amigo! Disse-lhe sim, e depois não; disse-lhe é verdade, e depois que não é! É como da outra vez que me contou uma história, que seria necessário ser muito tolo para acreditá-la!

- Que história?

- A história da porta secreta que foi chapear a casa de um grande senhor, de quem nem sequer soube dizer-me a morada.

- Pois bem, quer me acredite, quer não, desta vez tratou-se também de uma porta.

- No palácio do rei?

- Sim, senhor, no palácio do rei... Só com a diferença que, desta vez em lugar de ser uma porta de escada era uma porta de armário.

- E é capaz de me fazer acreditar que o rei, que entende de serralharia, o mandava chamar para lhe chapear uma porta? Ora adeus!

- Pois é como lhe digo. Ah! O pobre homem julgava que podia passar sem mim; tinha começado a fechadura *dardar*! “Para que preciso eu de Gamain? De que serve Gamain?” Não há dúvida; mas atrapalha-se nas barbas e nas lingüetas, e é necessário então recorrer ao pobre Gamain.

- Então mandou-o chamar por algum criado de confiança, por Durey ou por Weber?

- É justamente no que se engana. Tinha tomado para o ajudar um operário que ainda sabia menos do que ele; de sorte que numa manhã, apareceu-me o rapaz em Versalhes, e disse-me:

“- Mestre Gamain, o rei e eu quisemos fazer uma fechadura; mas nem para trás nem para diante!”

“- Que quer que faça?”

“- Que a ponha em estado de trabalhar, e que não leve muito tempo, pois que é precisa, por estes dias!”

E como lhe dissesse:

“- Isso não é verdade, não vem da parte do rei; é um laço que me querem armar”; respondeu-me:

- Ora! A prova é que o rei me encarregou de lhe entregar vinte e cinco luíses!

“- Vinte e cinco luíses - disse eu - onde estão eles?”

“- Estão aqui!”

E entregou-mos.

- São então os vinte e cinco luíses que traz no bolso? - perguntou o espingardeiro.

- Não, esses são outros... Os vinte e cinco primeiros eram por conta.

- Safa! Cinquenta luíses só para arranjar uma fechadura! Mestre Gamain! Aqui anda o que quer que seja!

- Assim me parece... tanto mais que o tal operário...

- E então?

- Desconfio dele; parece-me que quer inculcar o que não é... Devia tê-lo interrogado mais cuidadosamente, pedir-lhe notícia acerca do giro do mundo, perguntar-lhe o nome da nossa mãe comum.

- Pois o senhor não é homem que se deixe enganar facilmente, ao examinar o trabalho de um aprendiz.

-Não digo que não... Este meneava sofrivelmente a lima e o buril; vi-o cortar de um só golpe uma barra de ferro em brasa, brocar os metais com a maior facilidade; mas é necessário observar que em tudo isto havia mais teoria do que prática. Ainda bem não tinha concluído o seu trabalho, ia logo lavar as mãos, que vinham brancas... brancas... Como se as mãos de um verdadeiro serralheiro se fizessem brancas!... Pois não! Que fosse eu lavar as minhas!

E dizendo isto, mostrava Gamain, com uma espécie de orgulho, as suas mãos calosas e denegridas, que efectivamente pareciam desafiar todos os sabonetes do mundo.

- Mas enfim - replicou o desconhecido chamando o serralheiro ao objecto que julgava mais interessante - que fez quando chegou ao palácio?

- Em primeiro lugar, parece-me que já nos esperavam... Fizeram-nos entrar na oficina, onde o rei me apresentou uma fechadura, menos mal principiada, mas que não ia nem para trás nem para diante... Por vida minha! Uma fechadura de três lingüetas nem todos os serralheiros são

capazes de a fazer, e menos ainda os reis; isto é claro... Examinei-a; vi o que faltava e disse logo: “Está bem; deixe-me sozinho uma hora, que dentro dela ficará concluído o negócio!” O rei respondeu-me então:

“Bom, Gamain, meu amigo, estás em tua casa; aí tens os utensílios necessários: trabalha, meu rapaz, trabalha... que nós vamos dispor o armário”. E dizendo isto, saiu com o maldito companheiro...

- Pela escada pública? - perguntou negligentemente o espingardeiro.

- Não, pela escadinha secreta, que vai dar a um gabinete de trabalho. Quando concluí a minha obra disse com os meus botões: “O armário é um pretexto; fecharam-se no gabinete para forjar algum conluio... Vou descer pé ante pé; abrirei de súbito a porta, e apanhá-los-ei com a boca na botija!”

- E que viu então? - perguntou naturalmente o desconhecido.

- Eu nada. Provavelmente estavam com o ouvido à escuta... Bem vê que não tenho passo de dançarina; fiz-me leve quanto era possível, mas a maldita escada rangia-me debaixo dos pés. Sentiram-me, fingiram que vinham ao meu encontro; e no momento em que punha a mão no fecho para abrir, trás! Abre-se a porta... Quem foi o logrado? Foi o Gamain!

- Quem será?... Ah! Ah! É o Gamain? - exclamou o rei; - pois és tu?

“- Sou eu, sou, sim, senhor - respondi-lhe - que já concluí a obra.”

“- Também nós concluímos a nossa - redarguiu ele. - Agora vou encarregar-te de outro trabalho; vem comigo.”

Fez-me atravessar rapidamente o gabinete! Mas não tão depressa que não visse estendida em cima de uma mesa uma grande carta geográfica, que me pareceu ser uma carta de França, porque tinha três flores de lis num dos cantos.

- E não viu nada de extraordinário nessa carta? - perguntou o que se dizia espingardeiro.

- Oh! Se vi!... Três compridas fileiras de alfinetes, que partiam do centro e afastando-se a alguma distância uns dos outros, pareciam caminhar para a extremidade da carta; dir-se-iam soldados marchando para a fronteira por três caminhos diferentes.

- Na verdade, meu caro Gamain - disse o desconhecido afectando admiração - tem uma perspicácia a que nada pode escapar!... E julga que em lugar de se ocuparem do armário, o rei e o seu companheiro se ocupavam da carta, hein?

- Tenho toda a certeza - respondeu Gamain.

- Não pode ter tal certeza.

- Posso tal.

- Como?

- Por uma razão muito simples; os alfinetes tinham as cabeças no ar; umas eram de lacre preto, outras de lacre azul, e outras de lacre encarnado; pois bem, o rei tinha na mão um alfinete de cabeça encarnada, com que descuidadamente palitava os dentes.

- Ah! Gamain, meu amigo - disse o desconhecido - se eu descobrir algum novo sistema de espingardas, decerto que não o deixarei entrar na oficina, salvo se lhe vendassem os olhos como lhe fizeram no dia em que o conduziram a casa do tal alto personagem, que apesar dos olhos vendados, o meu amigo ainda conheceu que a tal escada tinha dez degraus e que a casa dava sobre o boulevard.

- Espere, espere - disse Gamain, ufanando-se com os elogios que recebia; - ainda não disse tudo! Havia efectivamente ali um armário.

- Ah!... E onde?

- Onde! Adivinhe, se é capaz... Praticado na parede, meu amigo!

- Em que parede?

- Na parede do corredor interno, que vai da alcova do rei para o quarto do delfim!

- É na verdade curiosíssimo o que me conta! E o armário estava de todo aberto?

- Pois não! Por mais que arregalasse os olhos, nunca pude descobrir coisa nenhuma; perguntava a mim mesmo: “Onde diabo está o tal armário?” O rei lançou, então os olhos em volta

de si e disse-me: sempre tive confiança em ti, e por isso, só a ti quis confiar o meu segredo... Olha! E dizendo estas palavras, ao passo que o aprendiz nos alumiava, por isso que o dia não pôde penetrar naquele corredor, o rei levantou um quadro, que parecia pendurado na parede, e foi então que descobri um buraco redondo, que tinha pouco mais ou menos dois pés de diâmetro na entrada; depois, como me visse piscar os olhos para o aprendiz, o rei continuou sempre dirigindo-se a mim:

“- Este buraco foi aberto para esconder algum dinheiro, e este moço ajudou-me no trabalho durante os quatro ou cinco dias que aqui estive. Agora é preciso aplicar a fechadura a esta porta de ferro, que deve fechar de modo que o quadro volte ao seu lugar, e a dissimule, como já dissimulava o buraco. Queres que te ajudem? Este moço te ajudará; e se não precisas dele, encarregá-lo-ei de um trabalhinho particular.”

“- Oh! - respondi eu - Vossa Majestade bem sabe que, quando posso fazer sozinho uma obra, não preciso que ninguém me ajude. Seriam necessárias quatro horas de trabalho a um operário; mas eu, como mestre, só careço de três... O rapaz que vá tratar dos negócios que tem a tratar, e Vossa Majestade dos seus, e se tiver alguma coisa que esconder neste buraco, volte daqui a três horas.”

- É de crer que, como dissera o rei, reservasse ao nosso companheiro outra espécie de trabalho, porque não tornei a vê-lo. Só o rei me apareceu dali a três horas, dizendo:

“- Então, Gamain que tens feito?

- Está tudo pronto - respondi-lhe - mostrei-lhe a porta que era um gosto vê-la, não fazia a mais leve bulha, e a fechadura movia-se como um autômato!

“- Bem - disse-me ele: - agora, Gamain, vais ajudar-me a contar o dinheiro que quero esconder”. E fez conduzir por um moço particular quatro sacos de dobrões de ouro, dizendo-me: “Contemos!”

- Eu contei então um milhão e ele outra quantia igual; depois, como ficassem ainda vinte e cinco luíses, estendendo a mão, disse:

“- Toma, Gamain, é pelo teu trabalho.”

- Como se não fosse uma vergonha o fazer contar um milhão de luíses a um pobre homem, que tem mulher e cinco filhos, e dar-lhe a miséria de vinte e cinco luíses de recompensa!... Hein, que diz a isto?

O desconhecido, fazendo um movimento com os lábios, disse-lhe:

- Na verdade é mesquinho.

- Espere, que ainda não é tudo. Pego nos vinte e cinco luíses, meto-os no bolso e digo: “Muito obrigado; mas apesar de tudo isto, desde manhã que não como nem bebo, estou morto de fome!” Ainda estas palavras não eram ditas, quando vejo entrar a rainha por uma porta oculta. Trazia na mão um prato, em que vinha um copo de vinho e um biscoito.

“- Meu caro Gamain - me disse ela - se tem sede beba este copo de vinho, se tem fome coma este biscoito.”

“- Ah! - respondi eu fazendo-lhe uma reverência - não precisava incomodar-se por minha causa, senhora; não valia a pena tanto trabalho.”

- E que tal? Um copo de vinho a um homem que diz ter fome! Que diabo queria a rainha que eu fizesse de semelhante ninharia? Isto de reis não entendem de nada. Já se vê que ela nunca teve fome nem sede...

- Vamos, recusou?

- Deveria fazer mais do que isso, mas bebi-o; quanto ao biscoito embrulhei-o num lenço, dizendo com os meus botões: “O que não presta para o pai servirá para os filhos”. Depois agradeci a sua Majestade, como era meu dever, e pus-me logo a caminho, protestando que me não tornariam a ver nas Tulherias!

- E por que razão não deveria ter aceitado o vinho?

- Porque decerto lhe deitaram veneno!... Apenas passei a *Pont-Tournant* acometeu-me uma sede tão violenta, que tendo de um lado o rio e do outro algumas tabernas, hesitei um momento

se não daria antes a preferência ao rio... Ah! Foi então que conheci a má qualidade do vinho que me deram! Quanto mais bebia, mais sede tinha! Isto durou até que perdi de todo os sentidos. Por isso, podem eles estar descansados, se por acaso me chamarem como testemunha contra eles, hei-de dizer que me deram apenas vinte e cinco luíses para me fazerem trabalhar quatro horas e contar um milhão, e que receando que eu denunciasses o lugar onde esconderam o seu tesouro, tiveram a pouca vergonha de me envenenar como se fosse um cão...¹

- E eu, meu caro Sr. Gamain - disse levantando-se o espingardeiro, que já sabia decerto o que queria saber - apoiarei o seu testemunho dizendo que fui eu que lhe ministrei o contra-veneno, graças ao qual tornou à vida.

- É por isso - disse Gamain, apertando as mãos do desconhecido - que de hoje em diante seremos ambos amigos para a vida e para a morte!

E recusando com uma sobriedade espartana o copo de vinho que, pela terceira ou quarta vez, lhe apresentava o amigo desconhecido, a quem acabava de jurar eterna amizade, Gamain, em quem o amoníaco fizera o seu duplo efeito, restituindo-lhe espontaneamente a razão, e desgostando-o por vinte e quatro horas de vinho, tomou de novo o caminho de Versalhes, onde chegou são e salvo pelas duas horas da madrugada com os vinte e cinco luíses do rei no bolso do colete, e com o biscoito da rainha embrulhado no lenço.

O fingido espingardeiro, que ficara na taberna, tirou do seio uma carteirinha de tartaruga guarnecida de ouro, na qual escreveu a lápis o seguinte:

Por detrás da alcova do rei, no corredor escuro, que conduz ao quarto do delfim - armário de ferro.

Verificar se Luís Lecomte, aprendiz de serralheiro, não será simplesmente o conde Luís, filho do marquês de Bouillé, que há onze dias chegou de Metz.

II

A máquina de Guillotin

Dali a dois dias, graças às singulares ramificações que Cagliostro possuía em todas as classes da sociedade, e até no serviço do rei, já sabia que o conde Luís de Bouillé chegara a Paris no dia 15 ou 16 de Novembro; que tinha sido descoberto por Lafayette, seu primo, no dia 18; que fora apresentado por ele a el-rei no mesmo dia; que se oferecera a Gamain como serralheiro no dia 22 e ficara três dias em casa deste; que no quarto partira com ele de Versalhes para Paris, e fora introduzido sem dificuldade até junto do rei; que saíra das Tulherias duas horas antes de Gamain; que entrara no aposento que ocupava em casa do seu amigo Achilles de Chasteler, que mudara imediatamente de fato, e que nessa mesma noite saíra na posta para Metz.

Por outro lado, no dia seguinte àquele em que se deu a conferência nocturna no cemitério de Saint-Jean, entre Cagliostro e Beausire, viram correr este todo esbaforido em direcção a Bellevue e entrar em casa do banqueiro Zannone. Voltando do jogo pelas sete horas da manhã, depois de ter perdido o último luís, a despeito dos cálculos infalíveis que fizera, o nosso Beausire encontrou a casa completamente vazia; a Sr^a. Oliva e o menino Toussaint tinham desaparecido!

Foi então que ocorreu de novo à memória de Beausire que o conde de Cagliostro se recusara a sair com ele, declarando que tinha alguma coisa confidencial que comunicar à Sr^a. Oliva. Era uma vereda aberta às conjecturas: a Sr^a. Oliva fora roubada pelo conde de Cagliostro! Como bom sabujo, Beausire farejara essa vereda, que foi seguindo até Bellevue. Chegado ali e anunciando-se foi logo conduzido à presença do barão Zannone, ou do conde de Cagliostro, que vem a ser a mesma coisa.

Introduzido na sala que já conhecemos, por ter visto entrar ali, no começo desta história, o Dr. Gilberto e o marquês de Favras, e achando-se em face do conde, Beausire ficou como indeciso; afigurava-se-lhe o conde um alto personagem, e não se atrevia a reclamar-lhe a amante.

¹ Foi efectivamente, a acusação que o miserável fez contra a rainha perante a Convenção.

Mas, como se pudesse ler no íntimo do pobre abandonado, Cagliostro disse:

- Sr. de Beausire, tenho notado uma coisa, e vem a ser que não tem neste mundo mais do que duas paixões verdadeiras: o jogo e a Sr^a. Oliva.

- Ai, Sr. conde! - exclamou Beausire - sabe o que aqui me traz?

- Perfeitamente: procura Oliva, que está em minha casa.

- Como! Pois está em casa de V. Ex^a.?

- Está na minha residência da rua de Saint-Claude; encontrou aí o seu antigo alojamento, e se o senhor for discreto, e eu ficar satisfeito consigo, se me der algumas notícias que me interessem ou que me divirtam, logo que isso se realize, hei-de meter-lhe no bolso vinte e cinco luíses para ir ostentar de fidalgo ao Palais-Royal, e dar-lhe um fato elegante para ir à rua de Saint-Claude namoriscar o seu ídolo.

Grande era o desejo que Beausire tinha de levantar a voz e de reclamar Oliva; mas Cagliostro dissera duas palavras acerca do monstruoso negócio de Portugal, que continuava a estar suspenso sobre a cabeça de Beausire, como a espada de Damocles, e por isso preferiu calar-se.

Então, sobre a dúvida por ele manifestada, se a Sr^a. Oliva estaria na rua de Saint-Claude, o conde mandou pôr a carruagem, dirigiu-se com Beausire à casa do boulevard, introduziu-se no *sanctum sanctorum*, e aí desviando um quadro suspenso da parede, fez-lhe ver por uma abertura habilmente combinada a Sr^a. Oliva, vestida como uma rainha, lendo, reclinada num sofá, um daqueles maus livros, tão comuns naquela época, e em que encontrava o mais vivo prazer a antiga aia da Sr^a. de Taverney; o filho, o menino Toussaint, vestido como se fora filho de rei, com um chapéu branco à Henrique IV, guarnecido de plumas, calças azul celeste, e um cinto tricolor franjado de ouro, brincava com delicados bonitos.

Então, sentira Beausire dilatar-se-lhe o coração de amante e de pai, prometera quanto o conde exigia, e este, fiel à sua palavra, permitia, nos dias em que Beausire lhe trouxesse alguma notícia, que depois de haver recebido da sua própria mão o pagamento em ouro, fosse receber, nos braços da Sr^a. Oliva, um prêmio talvez mais apreciável, o do amor.

Tudo marchava pois, segundo os desejos do conde, e quase podemos afirmar que segundo os desejos de Beausire, quando, no declinar do mês de Dezembro, pelas seis horas da manhã, o Dr. Gilberto, que trabalhava desde a hora e meia da noite, sentiu bater três pancadas na porta, reconhecendo pela sua cadência, que quem assim se anunciava era um irmão maçom.

Foi portanto abrir. O conde de Cagliostro, com o sorriso nos lábios, estava de pé do outro lado da porta.

Gilberto nunca se achava na presença daquele homem misterioso sem estremecer.

- Ah - disse ele - é o conde! - e fazendo um esforço sobre si, e dando-lhe a mão, acrescentou: seja bem-vindo a qualquer hora que queira, e seja qual for o motivo que o traga.

- O motivo que aqui me traz, meu caro Gilberto, - disse o conde - é o desejo de o fazer assistir a uma experiência filantrópica, de que tive a honra de falar-lhe.

Gilberto procurou recordar-se, mas inutilmente, da experiência de que o conde lhe falara, e disse:

- Não me recordo.

- Venha, venha, meu caro Gilberto; não é de balde que venho incomodá-lo, sossegue. E demais, onde o conduzo, há-de encontrar algumas pessoas do seu conhecimento.

- Querido conde - disse Gilberto - para toda a parte onde me conduza irei sempre com a maior satisfação, por ser o senhor o meu guia; o lugar onde vou, e as pessoas que aí devo encontrar, são para mim coisas secundárias.

- Nesse caso não se demore, venha.

Gilberto estava completamente vestido; não teve mais do que largar a pena que tinha na mão e pôr o chapéu.

Feito isto, disse:

- Conde, estou às suas ordens.

- Então vamos - respondeu simplesmente o conde, pondo-se logo a andar.

Gilberto seguiu-o.

Esperava-os uma carruagem; ambos se meteram nela.

Partiu imediatamente, sem que o conde tivesse dado ordem alguma; era evidente que o cocheiro já sabia para onde se dirigiam.

Durante o quarto de hora que caminharam, observou Gilberto que atravessavam Paris e transpunham a barreira. Pararam então num grande pátio quadrado, dentro do qual se via uma casa de dois andares com janelas guarnecidas de grades de ferro.

Assim que a carruagem penetrou no pátio, sentiu-se logo fechar a porta do mesmo.

Ao apear-se, Gilberto conheceu que estava no pátio de uma prisão, e ao examiná-la, fácil lhe foi também conhecer a cadeia de Bicêtre.

O lugar da cena, já bastante lúgubre pelo seu aspecto natural, mais lúgubre se tornava ainda pela claridade duvidosa, que parecia descer a custo, àquele taciturno pátio.

Eram seis horas e um quarto da manhã, hora incômoda no Inverno, visto que é a hora em que o frio se torna sensível até às organizações mais robustas.

No meio do pátio, cinco ou seis carpinteiros, sob a direcção de um indivíduo que parecia o mestre, e recebia as ordens de um homem baixo, vestido de preto, construíam uma máquina, de forma desconhecida e singular.

À vista dos dois recém-chegados, o homem vestido de preto ergueu a cabeça.

Gilberto estremeceu; acabava de conhecer o Dr. Guillotin, que tinha encontrado em casa de Marat: aquela máquina agora em ponto grande, era a mesma que vira em ponto pequeno no subterrâneo do redactor do jornal *Amigo do Povo*.

Da sua parte, o homem baixo conheceu Cagliostro e Gilberto.

A chegada daqueles dois personagens pareceu-lhe bastante importante para que deixasse por um momento a direcção do seu trabalho; dirigiu-se portanto a eles, mas depois de recomendar ao mestre carpinteiro vigilância sobre a tarefa de que se ocupavam, dizendo-lhe:

- Muito bem, muito bem, mestre Guidon, conclua a plataforma... é a base do edifício... e depois de a concluir, levantará os dois postes, atendendo bem aos sinais, para que não fiquem nem muito distantes, nem muito próximos. Eu não vou para longe e não os perco de vista.

E aproximando-se depois de Cagliostro e de Gilberto, que lhe pouparam metade do caminho, disse:

- Bons dias, barão. Ah! É muita amabilidade da sua parte chegar tão cedo e trazer-nos o doutor. Não se recorda, doutor, que o convidei em casa de Marat para assistir à minha experiência? É verdade que me esqueci de lhe perguntar onde morava. Ah! Vai ver uma coisa extraordinária, a máquina mais filantrópica que se tem inventado!

Em seguida, voltando-se de súbito para a máquina, objecto das suas mais caras preocupações, exclamou:

- Olá Guidon, que faz? Isso vai às avessas!

E subindo a escada, que os dois ajudantes acabavam de aplicar a um dos lados do quadrado, chegou num momento à plataforma, onde fez corrigir em poucos segundos o erro que acabavam de cometer os carpinteiros, ainda pouco conhecedores da máquina que construíam.

- Assim, assim - disse o Dr. Guillotin, vendo com satisfação que uma vez por ele dirigidas, as coisas caminhavam por si mesmas: - assim, agora não se trata mais do que introduzir o cutelo num encaixe. Guidon! Guidon! - bradou ele de repente, como assustado - por que motivo não está o encaixe guarnecido de cobre?

- Ah, Sr. doutor - respondeu o mestre carpinteiro - é que pensei que a madeira de carvalho, bem untada, daria o mesmo resultado que o cobre.

- Isso mesmo - acudiu o doutor com ar desdenhoso - economias e mais economias!... quando se trata do progresso da ciência e do bem da humanidade! Guidon, se a nossa experiência falha hoje, fá-lo-ei responsável disso.

Depois dirigindo-se a Gilberto e a Cagliostro, disse:

- Meus senhores, tomo-os por testemunhas de que exigi encaixes de cobre; protesto, pois, por esta falta... Se o cutelo descer mal, a culpa não é minha, a culpa é das economias mal entendidas; lavo as mãos desse pecado!

E o doutor sobre a plataforma fez o mesmo gesto, que mil e oitocentos anos antes fizera Pilatos no terraço do palácio.

Todavia, apesar de todas aquelas contrariedades, a máquina foi construída, e ao levantar-se, tomava um certo garbo homicida que fazia palpar de júbilo o seu inventor, e estremecer de susto o Dr. Gilberto.

Quanto a Cagliostro, conservava-se impassível. Depois da morte de Lorenza, aquele homem parecia ter-se tornado de mármore.

A máquina tinha a seguinte forma:

Em primeiro lugar, um sobrado, para o qual se subia por uma espécie de escada de marceneiro.

O sobrado, à maneira de cadafalso, tinha uma plataforma de quinze pés de largo por todos os lados; na plataforma, a dois terços do seu comprimento defronte da escada, levantavam-se dois postes paralelos de dez a doze pés de altura.

Os postes eram adornados pelo famoso encaixe, em que Guidon economizara o cobre, economia que tanto fizera gritar o filantropo Dr. Guillotin.

Corria pelo centro do encaixe, por meio de uma mola, que abrindo-se lhe deixava toda a facilidade de se precipitar com a força do próprio peso, centuplicada por outro estranho, uma espécie de cutelo em forma de meia lua.

Entre os dois postes havia uma pequena abertura: os lados desta abertura, através da qual podia passar a cabeça de um homem, juntavam-se de modo que lhe cingiam o pescoço como se fosse um colar.

Num momento dado, um baloiço cuja tábua tinha o comprimento de um homem de estatura ordinária, movia-se por si e ao mover-se apresentava-se à altura daquela espécie de janela.

Como vê, tudo aquilo era engenhosíssimo.

Enquanto os carpinteiros, mestre Guidon e o doutor davam a última demão ao seu trabalho; enquanto Cagliostro e Gilberto discutiam, mais ou menos, sobre a novidade do instrumento, cuja invenção o conde contestava ao Dr. Guillotin, encontrando outros análogos na *manaya* italiana, e sobretudo no machado de Tolosa, com que fora executado o marechal de Montmorency², novos espectadores, sem dúvida convocados para assistirem também à experiência da máquina, achavam-se reunidos no pátio.

Eram, em primeiro lugar, um ancião nosso conhecido e que representou um papel bem activo no decurso desta longa história. Atacado pela doença a que em breve devia sucumbir, o Dr. Luís, instado pelo seu colega Guillotin, ou antes, arrancado do seu quarto, corra, apesar da hora e do mau tempo, na intenção de ver funcionar o invento. Gilberto conheceu-o e foi logo ao seu encontro.

Acompanhava-o Giraud, arquitecto de Paris, que devia ao seu emprego a honra de um convite particular.

O segundo grupo, que a ninguém saudara, compunha-se de quatro homens todos vestidos com a maior simplicidade.

Assim que ali chegaram, estes quatro homens foram colocar-se a um canto do pátio, no ponto mais distante daquele onde se achavam Gilberto e Cagliostro, e ali se conservaram humildemente, falando em voz baixa, e descobertos apesar da chuva.

O que parecia o chefe, ou pelo menos, o que era ouvido com certa deferência pelos três quando proferia algumas palavras, era homem dos seus cinquenta e dois anos, de elevada

² Naquele país, refere Puysegur, servem-se de uma espécie de enxó que metem entre dois pedaços de pau; quando a cabeça se acha convenientemente colocada, solta-se a corda, e o ferro, que cai de chofre, separa rapidamente a cabeça.

estatura, sorriso benévolo, e com uma fisionomia franca e aberta.

Chamava-se Carlos Luís Samson. Nascera em 15 de Fevereiro de 1758; vira esquartejar Damiens pelo pai, e ajudara este quando teve a honra de decepar a cabeça de Lally-Tollendal.

Chamavam-lhe geralmente o *senhor de Paris*.

Os três outros eram o filho, que devia ter a honra de ajudar a degolar Luís XVI, e os seus dois ajudantes.

A presença do Sr. de Paris, de seu filho e dos seus dois ajudantes inspirava uma terrível eloquência à máquina do Dr. Guillotin, provando que a experiência que este ia fazer era tentada, se não com a garantia, pelo menos com a aprovação do governo.

Por enquanto, o Sr. de Paris parecia tristíssimo.

Se a máquina, cujo ensaio vinha presenciar, fosse adoptada, a sua fisionomia ressentir-se-ia logo. O executor não aparecia mais à multidão como o anjo exterminador armado com a espada flamejante; o carrasco não seria mais do que uma espécie de carcereiro, que puxava pelo cordão da morte!

Era por isso que naquele grupo estava a verdadeira oposição.

Como a chuva continuasse a cair talvez mais miúda, mas decerto mais cerrada, o Dr. Guillotin, que receava decerto que o mau tempo o privasse de alguns dos seus espectadores, dirigiu-se ao grupo mais importante, isto é, àquele que se compunha de Cagliostro, de Gilberto, do Dr. Luís e do architecto Giraud, e como um director de teatro que conhece que o público se impacienta, disse:

- Meus senhores, só esperamos uma pessoa, o Sr. Dr. Cabanis. Logo que chegue, daremos começo à experiência.

Apenas acabava de pronunciar estas palavras, entrou outra carruagem no pátio, e um homem de trinta e oito anos, com a cabeça descoberta, fisionomia inteligente, olhar vivo e interrogador, apeou-se.

Era o único espectador que se esperava, era o Dr. Cabanis.

Saudou individualmente a todos com modo afável, como deve sempre fazer um médico filósofo, indo dar a mão a Guillotin, que do alto da plataforma lhe gritava: "Venha, doutor, venha, só se espera pelo senhor!", e em seguida foi-se confundir no grupo de Gilberto e de Cagliostro.

Entretanto a carruagem do recém-chegado acomodava-se junto das outras.

- Meus senhores - disse o Dr. Guillotin - como se não espera mais ninguém, vamos principiar.

E a um sinal que fez com a mão abriu-se uma porta e por ela saíram dois homens vestidos com uma espécie de uniforme pardo, trazendo às costas um saco de lona, no qual se desenhava vagamente a forma de um corpo humano.

Por detrás dos vidros das janelas, viam-se os rostos pálidos de alguns doentes, os quais, com olhos espavoridos, observavam, sem que os tivessem para isso convidado, aquele espectáculo inesperado e terrível, de que não podiam compreender os preparativos nem o fim.

III

Um sarau no pavilhão de Flora

Na noite daquele mesmo dia, isto é, em 24 de Dezembro, véspera de Natal, havia uma recepção no pavilhão de Flora.

Como a rainha não quisesse receber pessoalmente, era a princesa de Lumballe quem recebia em seu lugar e fazia as honras até que a rainha chegasse.

Logo que esta entrasse tudo tomaria o seu curso ordinário, como se o sarau, em vez de ser no pavilhão de Flora, fosse no pavilhão Marsan.

De manhã, chegara de Turim o jovem barão Isidoro de Charny, sendo logo admitido à

presença de el-rei, e em seguida à da rainha.

Ambos se fizeram o melhor acolhimento, e especialmente a rainha; havia duas razões poderosíssimas que assim o exigiam.

Em primeiro lugar, Isidoro era irmão de Charny; e na ausência deste, tornava-se a sua presença agradabilíssima aos olhos da rainha.

Por outro lado, Isidoro vinha encarregado de algumas missões da parte do conde de Artois e do príncipe de Condé, as quais estavam em harmonia com os seus próprios desejos.

Os príncipes recomendavam à rainha o projecto do Sr. de Favras, convidando-a a aproveitar-se da dedicação do corajoso fidalgo, para se juntar a eles em Turim.

Além disso, vinha também encarregado, por parte dos príncipes, de exprimir ao Sr. de Favras toda a simpatia que ligavam ao seu projecto, e os votos que faziam pelo bom êxito dele.

A rainha demorou Isidoro junto a si por espaço de uma hora; convidou-o a aparecer à noite nas salas da Sr.^a de Lumballe, e só permitiu que se retirasse, quando ele lhe pediu licença para ir procurar o Sr. de Favras.

A rainha nada disse de positivo a respeito da sua fuga; apenas encarregara Isidoro de repetir ao Sr. de Favras e à esposa deste o mesmo que dissera quando recebeu a Sr.^a de Favras, e quando entrou no gabinete do rei, na ocasião em que lá estava o marquês.

Separando-se da rainha, correu logo Isidoro em busca do Sr. de Favras, que morava na praça Real, n.º 21.

Foi a Sr.^a de Favras quem recebeu o barão de Charny; primeiro disse que o marido tinha saído; mas quando soube o nome da visita, o dos augustos personagens a quem falara havia uma hora, e o daqueles de quem se separara cinco ou seis dias antes, declarou que o seu marido estava em casa, e mandou-o logo chamar.

O marquês entrou de cara alegre e olhos radiantes.

Fora prevenido directamente de Turim; sabia portanto donde Isidoro vinha.

A mensagem, de que o mancebo se encarregara da parte da rainha, aumentou a alegria do conspirador.

Efectivamente tudo parecia sorrir-lhe à esperança; o conluio do monarca ia maravilhosamente: cada um dos mil e duzentos cavaleiros reunidos em Versalhes trouxera um peão na garupa do cavalo, o que fazia um total de dois mil e quatrocentos homens em lugar de mil e duzentos. Quanto ao tríplice assassinio de Necker, de Bailly e de Lafayette, que devia executar-se simultaneamente por cada uma das três colunas, entrando em Paris, uma pela barreira do Roule, outra pela barreira de Grenelle, e a terceira pela porta do Chaillot, haviam renunciado a isso, assentando que bastava desfazerem-se de Lafayette. Ora, para levar a cabo essa execução, bastavam quatro homens bem montados e bem armados, que esperariam a carruagem do general, pela volta das onze horas, no momento em que saísse das Tulherias; dois prolongar-se-iam na rua à direita e à esquerda, os outros dois apresentar-se-iam na frente da carruagem; um destes levaria um papel na mão, fazendo sinal ao cocheiro para parar, dizendo que tinha um aviso importante para comunicar ao general. Então pararia a carruagem, o general deitaria a cabeça de fora do postigo, e um tiro de pistola lhe faria saltar imediatamente os miolos.

Fora esta a única alteração de importância que se fizera no conluio; tudo mais se restringia às condições já estabelecidas; o dinheiro já estava em arrecadação, os homens estavam prevenidos, o rei só tinha que dizer: “Sim!” e ao sinal de Favras, o negócio estava concluído.

Uma única coisa inquietava o marquês; era o silêncio do rei e da rainha a seu respeito. Este silêncio acabava a rainha de o interromper por intervenção de Isidoro, e por vagas que fossem as palavras que este fora encarregado de transmitir a Favras e a sua esposa, como tinham saído da boca do monarca, assumiam decerto a maior importância.

Isidoro prometeu a Favras transmitir logo naquela mesma noite, à rainha e a el-rei a expressão de todo o seu respeito e dedicação.

O jovem barão partira para Turim, como todos sabem, no mesmo dia em que chegara a Paris; não tinha portanto outro alojamento se não o que o irmão ocupava nas Tulherias; e uma

vez que este se achava ausente, ordenou ao criado do conde, que lhe abrisse o quarto.

Às nove horas apresentou-se Isidoro em casa da princesa de Lumballe: esta não o conhecia, mas, prevenida com antecipação pela rainha, assim que ouviu anunciar o seu nome, levantou-se logo, e com a graça que nela substituíra o espírito, que não tinha, fê-lo entrar sem demora no círculo dos seus escolhidos.

Nem o rei, nem a rainha tinham ainda chegado; o conde de Provença, que parecia bastante inquieto, conversava num canto da sala com dois fidalgos da sua amizade, que eram os Srs. de la Châtre e de Avaray.

O conde Luís de Narbonne ia de um para outro grupo com a liberdade de um homem, que se considera em família.

O círculo dos escolhidos compunha-se dos jovens fidalgos que tinham resistido à mania da emigração. Eram os Srs. de Lameth, que muito deviam à rainha, e ainda não tinham tomado partido contra ela; o Sr. de Ambly, uma das boas ou das más cabeças da época, como quiserem; o Sr. de Castries, o Sr. de Ferson, Suleau, redactor em chefe do judicioso jornal *Os Actos dos Apóstolos*, todos corações leais, mas todos cabeças ardentes, algumas um pouco estouvadas!

Isidoro não conhecia nenhum daqueles moços; mas como lhe ouvissem pronunciar o nome, tão conhecido, e vissem a benevolência particular com que a princesa o honrara, todos lhe estenderam a mão.

Demais, era portador de notícias dessa outra França que vivia em país estrangeiro. Cada qual tinha um parente ou um amigo junto dos príncipes: Isidoro vira-os a todos, e portanto era uma segunda gazeta.

Já dissemos que Suleau era ali o mais espiritoso.

Sustentava a palestra e todos riam com a maior satisfação; Suleau assistira naquele dia à sessão da assembléa. Guillotin subira à tribuna, gabara muito as doçuras da máquina que acabava de imaginar, relatara o ensaio que fizera naquela manhã, e pedira que lhe fizessem a honra de a substituir a todos os instrumentos de morte - roda, forca, fogueira, garrote, etc., etc., que sucessivamente aterravam a praça de Grève.

A assembléa, seduzida pela suavidade da máquina, estava disposta a adoptá-la.

Suleau compusera a respeito da assembléa de Guillotin e da sua máquina, sobre a música do minuet *D'Exaudet*, uma canção, que devia aparecer no dia seguinte no seu jornal.

Esta canção, que cantava a meia voz no centro do círculo jubiloso que o rodeava, provocava risadas tão francas, que o rei acompanhado pela rainha, as ouvira desde a antecâmara, e como ele, pobre rei! há muito não ria, resolveu desde logo indagar o que podia, em tempos tão tristes, provocar semelhante alegria.

É desnecessário dizer que, desde que se anunciou el-rei e a rainha, todos os segredinhos, todas as conversações, todas as gargalhadas cessaram logo, para dar lugar ao mais respeitoso silêncio. Os dois augustos personagens entraram na sala.

Quanto mais o génio revolucionário despojava lá fora a realeza dos seus prestígios, tanto mais na intimidade, cumpre dizê-lo, se aumentava nos verdadeiros realistas, o respeito e acatamento, que o infortúnio inspira sempre, prestando-lhe nova força.

A Sr^a. de Lumballe e a princesa Isabel apoderaram-se da rainha.

O conde de Provença dirigiu-se logo ao rei, a fim de lhe apresentar os seus respeitos, e ao inclinar-se, disse:

- Meu irmão, não seria possível, que fizéssemos uma partida de wisth, em particular, acompanhado pela rainha e por algum dos seus confidentes, a fim de podermos conversar sob a aparência do jogo?

- Com todo o gosto, meu irmão, - respondeu o rei; - arranje esse negócio com a rainha.

O conde chegou-se a Maria Antonieta, a quem Charny apresentava as suas homenagens, dizendo-lhe em voz baixa:

- Minha senhora, vi o Sr. de Favras, e tenho coisas da maior importância que comunicar a Vossa Majestade.

- Querida irmã - disse o conde - o rei deseja que joguemos de quatro uma partida de wisth. Jogaremos contra Vossa Majestade, e ele deixa-lhe livre a escolha do seu parceiro.

- Pois bem - disse ela desconfiando logo que a partida de wisth fosse um pretexto - a minha escolha está feita; o Sr. barão de Charny jogará na nossa companhia, e enquanto jogarmos dar-nos-á notícias de Turim.

- Ah! Vem de Turim, barão? - perguntou o conde de Provença.

- Venho sim, meu senhor, e voltando de Turim, passei pela praça Real, onde vi um homem muito dedicado a el-rei, à rainha e a vossa alteza.

O conde corou, tossiu e desviou-se. Era homem muito circunspecto: aquele espírito recto e preciso parecia inquietá-lo.

Lançou um olhar ao Sr. de la Châtre, que se aproximou dele e que, recebendo em voz baixa as suas ordens, saiu logo.

Durante este tempo recebia o rei as homenagens dos fidalgos, e das damas bastante raras, que ainda freqüentavam as Tulherias, saudando todos com a maior benignidade.

A rainha foi buscá-lo pelo braço para o conduzir ao jogo.

Aproximou-se da mesa, procurou com um relancear de olhos o quarto parceiro, e vendo Isidoro, disse:

- Ah! Ah! Sr. Charny, na ausência de seu irmão, é o senhor quem o substitui?... Não podia ser melhor substituído; seja pois bem-vindo.

E com um gesto convidou a rainha a sentar-se, sentando-se junto dela e do conde de Provença.

A rainha fez por seu turno um gesto de convite a Isidoro, que também se sentou.

A princesa Isabel ajoelhou-se num sofá por detrás do rei, encostando os braços ao respaldo da cadeira onde este se sentara.

Jogaram duas ou três partidas de wisth, pronunciando-se apenas as palavras sacramentais.

Depois, finalmente, sem deixarem de jogar e convencidos de que o respeito conservava a todos distantes da mesa, a rainha dirigiu-se ao conde, dizendo:

- Meu irmão, o barão já lhe disse que vinha de Turim?

- Sim - respondeu o príncipe - alguma coisa me disse a esse respeito.

- Disse-lhe que o conde de Artois e o príncipe de Condé nos pediam muito que fôssemos acompanhá-los?

O rei fez um movimento de impaciência.

- Meu irmão - murmurou a princesa Isabel com a sua doçura de anjo - escute, rogo-lho.

- Também a mana? - disse o rei.

- Eu mais do que outrem, meu caro Luís, por isso que o amo mais do que ninguém, e estou muito inquieta.

- Acrescente - disse Isidoro - que tinha vindo pela praça Real, e que me demorei mais de uma hora no n.º 21.

- No n.º 21? - perguntou o rei; - o que quer dizer com isso?

- É aí, meu senhor - replicou Isidoro - que mora um fidalgo muito dedicado a Vossa Majestade, como nós todos o somos, pronto a morrer pelo seu rei, como nós estamos, mas mais activo do que nós em combinar um projecto...

- Que projecto, senhor? - perguntou o rei levantando a cabeça.

- Se julgasse ter a desventura de desagradar a Vossa Majestade, repetindo-lhe o que sei desse projecto, nem mais uma palavra diria.

- Não, não, senhor - disse a rainha com vivacidade - fale!... Muitos outros formam projectos contra nós; ser-nos-á permitido que saibamos ao menos quem são as pessoas que também os formam a nosso favor; desse modo, ao passo que perdoamos aos nossos inimigos, poderemos também ser reconhecidos aos nossos amigos... Sr. barão, diga-nos o nome desse fidalgo.

- É o marquês de Favras, minha senhora.

- Ah! ah! - exclamou a rainha - conhecemo-lo excelentemente!... E acredita na sua dedicação, Sr. barão ?

- Na sua dedicação? Acredito, sim, minha senhora...

- Atenda, senhor - disse o rei - veja o que diz.

- O coração, julga-se pelo coração, meu senhor. Respondo pela dedicação do Sr. Favras. Quanto à beleza do seu projecto, quanto às suas probabilidades, isso é outra coisa! Sou ainda muito novo, e quando se trata da salvação de Suas Majestades, sou bastante prudente para que me atreva a emitir opinião.

- E esse projecto em que alturas está? - perguntou a rainha.

- Já se acha em execução minha senhora, e se el-rei dignar pronunciar uma só palavra, ou fizer esta noite um único gesto, amanhã, a estas horas, estará em Péronne.

O rei ficou silencioso, e o conde de Provença amarrotava entre os dedos um pobre valete de copas!

- Senhor - disse a rainha dirigindo-se a seu marido - não ouve o que o barão acaba de dizer?

- Bem ouvi, minha senhora - respondeu o rei franzindo o sobrolho.

- E o senhor? - perguntou a rainha ao príncipe - também ouviu?

- Não sou mais surdo do que el-rei.

- E então que diz? Parece-me ser uma resposta.

- Decerto, - disse o príncipe - decerto.

E voltando-se para Isidoro:

- Vamos, barão, repita-nos outra vez essa interessante narração.

Isidoro replicou:

- Disse que bastava uma só palavra, um só gesto de el-rei, para este se achar, vinte e quatro horas depois, em segurança, na cidade de Péronne.

- E então, meu irmão - perguntou o conde de Provença; - não lhe parece tentador o que o barão acabou de dizer?

O rei voltou-se rapidamente para o irmão, e cravando nele um olhar escrutador, perguntou:

- E se me resolver a partir, partirá também comigo?

O príncipe mudou de cor; tremiam-lhe as faces agitadas por um movimento que não pôde reprimir.

- Eu?... - balbuciou.

- Sim, senhor - disse Luís XVI; - o senhor, que me aconselha a sair de Paris, diga: “Se partir, partirá também comigo?”

- Mas - tornou a balbuciar o conde - não estava prevenido, não fiz preparativos nenhuns.

- Como? Não estava prevenido! - exclamou o rei - e é o senhor que fornece o dinheiro ao Sr. de Favras? Não fez preparativos nenhuns, e sabe, hora por hora, o progresso do conluio?...

- Do conluio? - repetiu o conde empalidecendo.

- Sim, do conluio; um conluio tão positivo que se for descoberto, o Sr. de Favras será preso, conduzido ao Châtelet e condenado à morte, se o senhor à força de solicitações e de dinheiro o não salvar, como salvamos o Sr. de Besenval.

- Mas, se el-rei salvou o Sr. de Besenval, também há-de salvar o Sr. de Favras...

- Não... porquanto, o que pude fazer por um, não poderei provavelmente fazer por outro... Além de que, o Sr. de Besenval era criatura minha, do mesmo modo que o Sr. de Favras é criatura sua. Que cada qual salve o seu, meu irmão! Ambos cumprimos assim o nosso dever.

E pronunciando estas palavras, el-rei levantou-se.

A rainha segurou-o pelas abas da casaca.

- Senhor - disse ela - quer seja para aceitar quer seja para recusar, é necessário que dê uma resposta ao Sr. de Favras.

- Eu?

- Sim, senhor; o que responderá o barão de Charny, em nome de el-rei?
- Responderá - disse o rei soltando a casaca das mãos da rainha - responderá que o rei não pode consentir que o raptem.

E retirou-se logo.

- Quer dizer - acrescentou o conde de Provença - que se o marquês de Favras raptar el-rei sem o seu consentimento, será acolhido maravilhosamente, uma vez que consiga o seu fim; por isso, aquele que o não consegue é um asno, e em política os asnos merecem dobrado castigo.

- Sr. barão - disse a rainha - vá esta noite a casa do Sr. marquês de Favras e reproduza-lhe as próprias palavras de el-rei: “Sua Majestade não pode consentir que o raptem” toca-lhe a ele compreender estas palavras, e ao senhor explicar-lhas... Vá.

O barão, que considerava com razão a resposta do rei e a recomendação da rainha como duplicado assentimento, pegou no chapéu, saiu precipitadamente, e metendo-se logo numa carruagem, bradou ao cocheiro:

- Praça Real, n.º 21.

IV

O que a rainha vira numa garrafa, vinte anos antes, no castelo de Taverney

O rei, levantando-se da mesa de jogo, dirigira-se para o grupo de mancebos, cujas risadas lhe haviam atraído a atenção, ainda antes de entrar no salão.

Ao aproximar-se, o mais profundo silêncio se apoderou logo dos circunstantes.

- Então, meus senhores - perguntou ele - será porventura o rei tão desgraçado que traga sempre consigo a tristeza?

- Meu senhor... - murmuraram os mancebos.

- Pareciam estar muito alegres, quando há pouco entrei com a rainha.

E meneando a cabeça, exclamou:

- Maldição aos reis, diante dos quais se não ri.

- Meu senhor - disse de Lameth - o respeito...

- Meu querido Carlos - disse o rei - quando saía do colégio, aos domingos e às quintas-feiras, e eu o mandava buscar para o recrear em Versalhes, acaso o privava de rir por me achar presente? Disse há pouco: “Maldição aos reis, diante dos quais se não ri!” Direi agora: “Venturosos os reis, diante dos quais todos riem!”

- Meu senhor - disse o Sr. de Castries - é porque o motivo que nos provocava o riso, talvez não seja do agrado de Vossa Majestade...

- De que falavam, então, senhores?

- Meu senhor - disse Suleau chegando-se para el-rei - aqui está o culpado!

- Ah! É o senhor - disse o rei?... - Li o último número do seu jornal; tome cautela, Sr. Suleau, tome cautela!

- Por que motivo, meu senhor? - perguntou o moço jornalista.

- É um pouco realista; veja que não se envolva com o amante da menina Théroigne.

- Com o senhor Populus! - disse rindo Suleau.

- Justamente... E que foi feito da heroína do seu poema?

- Théroigne?

- Sim. Já não ouço falar dela.

- Meu senhor, parece-me que não acha que a nossa revolução caminhe depressa, e por isso iria talvez activar a do Brabante... Vossa Majestade, sabe que aquela casta amazona é de Liège?

- Não, não o sabia... Era acerca dela que há pouco riam?

- Não meu senhor, era acerca da Assembléia Nacional.

- Oh! Oh! Meus senhores; nesse caso fizeram bem em se tornar sérios quando cheguei;

não devo permitir que se riam, em minha casa, da Assembléia Nacional. É verdade - acrescentou ele como quem capitulava - que não estou em minha casa, mas sim em casa da princesa de Lumballe; deste modo, rindo ou não rindo, poderão dizer-me o que tanto os fazia rir?

- Vossa Majestade sabe qual foi o objecto de que hoje se tratou durante toda a sessão da Assembléia Nacional?

- Sim, sim, e até me interessou isso muito. Não se tratou de uma nova máquina para criminosos?

- Oferecida à nação pelo Dr. Guillotin... Sim, meu senhor, foi isso mesmo - disse Suleau.

- Oh! Oh! Sr. Suleau, e zombava do Guillotin, de um filantropo?... Parece esquecer-se que também eu sou filantropo.

- Oh! Meu senhor, eu cá me entendo; há filantropos de diferentes géneros. Por exemplo, temos à frente da nação francesa um filantropo que aboliu a tortura preparatória; a esse respeitamo-lo, ainda mais, amámo-lo, meu senhor.

Todos os mancebos, como um só, se inclinaram ao mesmo tempo.

- Mas - continuou Suleau - existem outros que, sendo já médicos e tendo na mão infinitos meios para arrancar da vida os enfermos, procuram ainda outro meio para a arrancar aos que passam de perfeita saúde... Ai, meu senhor, quanto a estes, pedirei a Vossa Majestade que mos abandone!

- E o que fará deles, Sr. Suleau? Decapitá-los-á *sem dor*? - perguntou o rei, aludindo à pretensão emitida pelo Dr. Guillotin; - sentirão apenas uma *suave friagem* no pescoço?

- É tudo quanto lhes desejo, meu senhor - disse Suleau - mas não é o que lhes prometo.

- Como assim! O que lhes deseja? - perguntou o rei.

- Sim, meu senhor, gosto muito que os inventores de novas máquinas as ensaiem. Não deploro muito mestre Aubriot enxugando os muros da Bastilha, nem Enguerrand de Marigny estreando a força de Montfaucon. Infelizmente, tenho a honra de ser juiz: é portanto provável que seja obrigado a restringir-me ao respeitável Dr. Guillotin.

- E o que prometeu o senhor a respeito de Guillotin?

- Ocorreu-me a idéia, meu senhor, de que este grande benfeitor da humanidade devia tirar a sua recompensa do próprio benefício. Ora, amanhã, no número dos *Actos dos Apóstolos* que se deve imprimir esta noite, há-de realizar-se o baptismo... É justo que a filha do Sr. Guillotin, reconhecida hoje publicamente por seu pai, perante a Assembléia Nacional, se chame a menina Guilhotina.

O próprio rei não pôde deixar de sorrir.

- E como não há noivado, nem baptismo, sem canções - disse Carlos Lameth - compôs duas o Sr. Suleau, em honra da afilhada.

- Duas! - Disse o rei.

- Meu senhor - disse Suleau - é necessário satisfazer todos os gostos.

- E que música aplicou a essas canções, a do *De Profundis*?

- Nada, meu senhor, Vossa Majestade parece esquecer-se da satisfação que cada qual terá em se deixar decapitar pela filha do Sr. Guillotin... quero dizer, que todos quererão ter a preferência... Não, meu senhor; uma das minhas canções é composta sobre a música tanto em voga do minuete *de Exaudet*: a outra é para se cantar com qualquer música; é uma miscelânea.

- E poderíamos gozar com antecipação a sua poesia, Sr. Suleau? - perguntou o rei.

Suleau inclinou-se e disse:

- Não sou da Assembléia Nacional, para ter a pretensão de limitar os poderes de el-rei; não sou mais do que um súbdito fiel de Sua Majestade, e a minha opinião é que el-rei pode fazer tudo quanto queira.

- Nesse caso escuto-o.

- Obedeço meu senhor, disse Suleau.

E a meia voz, principiou a cantar, na música do minuete *de Exaudet*, a seguinte canção.

Guillotín.
médico
político

conheceu um belo dia
que a força era desumana
e mui pouco patriótica.

E desde logo
teve carência
dum suplício,

que sem poste, nem corda
suprima do carrasco

o ofício...

É debalde que publicam
ser uma pura inveja

d'Hipócrates,

o matar impunemente,
e até exclusivamente;

o romano
Guillotín
se lisonjeia
e se dispõe

a consultar homens da arte,
Barnave e Chapellier,
até o próprio carrasco;

e para logo
nos prepara
a tal máquina,

que prestes nos matará,
e que se chamará:

A Guilbotina!

As risadas dos mancebos não tinham limite; mas, conquanto aquilo não parecesse ao rei demasiadamente divertido, como Suleau era um dos seus afeiçoados, não quis demonstrar a espécie de comoção que, sem conhecer o motivo, lhe torturava o coração.

- Mas - disse ele por fim - o senhor falou-nos de duas canções, meu caro Suleau. Já vimos o padrinho, vejamos agora a madrinha.

- A madrinha, meu senhor, vai ter a honra de lhe ser apresentada. Canta-se na música de - *Paris pertence ao rei*. - Ei-la:

O senhor Guillotín,
esse grande Esculápio,
que do amor do próximo
se ocupa sem descanso;

de súbito se apresenta,
a palavra pede

e com gesto mui benigno

propõe
bagatela

que em poucas palavras
expõe:

Mas a ênfase
da sua frase
obtéem os bravos
de cinco ou seis asnos.

“Se na vossa sabedoria
vós decretastes, senhores,
para a frágil humanidade
essa lei ou igualdade
sem que atenção me presteis,
sempre haveis de convencer-vos,
que se a força é cruel,
é mais cruel ser enforcado!”

“Que se há-de então fazer,
quando um bravo cidadão,
fascinado pela cólera,
um dos seus assassinar?
Que se há-de então fazer?...
Meditando à surdina,
para vos tirar d’embaraços,
subtil máquina pus em obra
para as cabeças decepar!”

“Recebe-se esse golpe,
antes que a dor se sinta,
apenas se vê o efeito!
Ninguém compreende a máquina...
certa mola, mui oculta,
comprimida de repente,”

“zás-trás
faz cair
ir, ir;
faz saltar
ar, ar;
faz cair,
faz saltar,
faz voar
a cabeça!...”

- Então! Meus senhores - exclamou o rei – que motivo os faz rir?... E se a máquina do Sr. Guillotin fosse destinada a evitar aos infelizes condenados os terríveis sofrimentos do suplício? Que exige a sociedade quando reclama a morte de um criminoso? A supressão pura e simples do indivíduo; se essa supressão é acompanhada de sofrimentos, como os da roda ou os do garrote, já

isso não deve considerar-se uma justiça, mas sim uma vingança!

- Todavia, meu senhor - observou Suleau - quem diz a Vossa Majestade que a dor fique suprimida pelo facto da separação da cabeça? Quem diz que a vida não persiste ao mesmo tempo no corpo e na cabeça, e que o moribundo não sofra duplamente, tendo a consciência do seu dualismo?

- Isso é uma questão que só os científicos poderão discutir. Demais, creio que hoje mesmo se fez, na prisão de Bicêtre, uma experiência; nenhum dos senhores assistiu a ela?

- Não, meu senhor, não, não, não - disseram quase simultaneamente doze ou quinze vozes.

- Assisti eu, senhor - disse uma voz bastante grave.

O rei voltou-se e conheceu Gilberto, que entrara durante a discussão, aproximando-se respeitosamente do rei.

- Ah! É o doutor - disse o rei estremecendo; - também estava aqui?

- Estava sim, senhor.

- E qual foi o resultado da experiência?

- O melhor possível com os dois primeiros corpos, mas com o terceiro, conquanto a coluna vertebral ficasse quase separada, foi contudo necessário separá-la de todo com uma faca.

Os mancebos ouviam de boca aberta e olhos espantados aquela narração.

- Como assim, meu senhor! - disse Carlos Lameth, falando visivelmente em nome de todos - pois esta manhã executaram-se três homens?!

- Sim, meus senhores - disse o rei; - com a diferença de que esses três homens eram três cadáveres ministrados pelo hospital... E a sua opinião, Gilberto?

- Acerca de quê?

- Acerca do instrumento.

- É evidentemente um progresso, comparado com as outras máquinas deste género; mas o acidente que ocorreu com o terceiro cadáver, prova suficientemente que a máquina carece ainda de algum aperfeiçoamento.

- E de que modo é ela construída? - perguntou o rei, em quem se divisava o génio da mecânica.

Gilberto procurou então dar uma explicação, mas como o rei não pudesse conceber a forma exacta do instrumento, ouvindo unicamente as palavras do doutor, disse:

- Aproxime-se, doutor, aproxime-se, aqui tem nesta mesa o necessário... Julgo que sabe desenhar...

- Alguma coisa, senhor...

- Pois bem, faça-me um esboço para melhor compreender o maquinismo.

E como os jovens fidalgos, contidos pelo respeito, não ousassem seguir o rei sem que ele lho permitisse, Luís XVI disse-lhes:

- Oh! Aproximem-se também, meus senhores, estas questões interessam à humanidade em geral.

- E demais, quem sabe - disse Suleau em voz baixa - quem sabe se um de nós não está destinado a ter a honra de desposar a menina Guilhotina? Vamos, meus senhores, vamos conhecer a nossa futura noiva.

E todos, seguindo o rei e Gilberto, se agruparam em volta da mesa, diante da qual, para melhor executar o seu desenho, Gilberto se sentou, depois do rei lho permitir.

Gilberto principiou o esboço, cujas linhas Luís XVI seguia com a mais escrupulosa atenção.

Nada foi esquecido, nem a plataforma, nem a escada, nem os dois postes, nem o peso, nem a espécie de postigo, nem o cutelo em forma de crescente.

- Ainda bem não tinha concluído o último detalhe o rei exclamou:

- Ora! Não admira que a experiência falhasse, muito principalmente à terceira vez!

- Como assim? - perguntou Gilberto.

- O motivo é a forma do cutelo – redargüiu Luís XVI; - é necessário não ter a menor idéia de mecânica para dar a um objecto destinado a decepar uma matéria, que oferece resistência, a forma de um crescente.

- Mas qual seria a forma que Vossa Majestade lhe daria?

- Muito simples; a de um triângulo.

- Gilberto procurou rectificar o desenho.

- Nada, nada, não é isso - acudiu o rei; - dê-me a pena.

- Aqui está a pena e a cadeira, senhor – disse Gilberto.

- Espere, espere - disse Luís XVI entusiasmado pelo amor que consagrava à mecânica - olhe, talhemos o ferro bisel... assim... muito bem... e asseguro-lhe que cortará vinte e cinco cabeças umas atrás das outras, sem que deixe de operar uma única vez...

Apenas o rei acabava de pronunciar estas palavras, um grito de susto, quase sem dor, lhe retiniu por cima da cabeça.

Voltou-se de súbito, e viu a rainha pálida, balbuciante, que caía sem sentidos nos braços de Gilberto!

Instigada também pela curiosidade, aproximara-se, pé ante pé, da mesa, onde se fazia o desenho, e encostando-se à cadeira do rei, pôde conhecer facilmente a terrível máquina, no momento em que ele lhe corrigia a principal circunstância; era a mesma que Cagliostro lhe mostrara, vinte anos antes, no castelo de Taverney Casa-Vermelha.

À vista daquele objecto, só teve forças para soltar um grito espantoso, e abandonada pela vida, como se a máquina fatal tivesse operado sobre ela, caíra sem sentidos, como já dissemos, nos braços de Gilberto.

V

O médico do corpo e o médico da alma

É fácil conceber que depois de tal acontecimento a reunião se interrompesse.

Posto que ninguém pudesse explicar as causas que produziram o desmaio da rainha, nem por isso deixava o facto de existir patente aos olhos de todos.

A rainha, assim que viu o desenho de Gilberto, retocado pelo rei, soltou um grito terrível, caindo desfalecida.

Era esta a voz que circulava por todos os grupos; e todas as pessoas que não eram da família, ou pelo menos da intimidade dela, retiraram-se.

Gilberto foi quem prestou os primeiros cuidados a Maria Antonieta.

A Sr^a. de Lumballe não quis que a doente fosse transportada para os seus aposentos, o que seria assaz difícil, porquanto, residindo a Sr^a. de Lumballe no pavilhão Marsan, era necessário atravessar todo o comprimento do palácio para chegar ao quarto da rainha.

A augusta doente fora por consequência levada para uma cadeira de braços, e ali conduzida ao quarto de dormir da princesa, que com a perspicácia natural das mulheres adivinhara que aquele delíquio encobria algum mistério sombrio, e mandara sair quantos ali se achavam, incluindo o próprio rei, e encostada ao respaldo da cadeira, com os olhos inquietos, esperava que, graças aos socorros do Dr. Gilberto, a rainha tornasse a si.

Com um simples gesto interrogava de vez em quando o doutor, que não podendo abreviar o restabelecimento da enferma, todavia podia tranquilizar a princesa com promessas frívolas e banais.

Efectivamente durante alguns instantes, a violência do choque, que acabava de sofrer todo o sistema nervoso da pobre rainha, foi tão intensa, que a aplicação de diferentes frasquinhos de saís ao nariz, e as fricções de vinagre nas fontes, tudo era insuficiente; mas por fim, alguns ligeiros arrepios nas extremidades indicaram a volta da sensibilidade; a rainha agitou languidamente a cabeça, como se saísse de um pesadelo, soltou um suspiro e abriu os olhos.

Era evidente porém, que a vida despertara primeiro que a razão; e por isso durante alguns segundos olhava em volta do quarto com o olhar vago de quem ignora onde está e o que lhe sucedera; mas em breve ligeiro tremor lhe percorreu o corpo, soltou um débil grito, e levou as mãos aos olhos, como se quisesse afastar deles a imagem de um objecto horrível.

Recordava-se, mas a crise passara. Gilberto, que não podia dissimular que aquele incidente tivera uma causa moral, e sabendo a nenhuma acção que a medicina exerce sobre tais fenómenos, dispunha-se já para se retirar, quando, ao primeiro passo que deu para trás, como se a rainha, por meio de uma vista interior, lhe adivinhasse a intenção, estendeu-lhe a mão, agarrou-lhe no braço, e com voz tão nervosa como o gesto que a acompanhava, disse:

- Fique!

Gilberto parou pasmado. Sabia a pouca simpatia que a rainha lhe tinha, e contudo, por outro lado, observara a singular e quase mágica influência que exercia sobre ela.

- Estou às ordens de Vossa Majestade - disse ele; - mas parece-me que seria acertadíssimo ir aplacar os cuidados de el-rei e das pessoas que se acham no salão, e se Vossa Majestade me permite...

- Teresa - disse a rainha dirigindo-se à princesa de Lumballe - vá anunciar a el-rei que tornei a mim, e dê as providências necessárias para que eu não seja interrompida; preciso falar com o Dr. Gilberto.

A princesa obedeceu com a doçura passiva que era o tipo dominante do seu carácter e até da sua fisionomia.

A rainha, encostada ao cotovelo, seguiu-a com os olhos, esperou, como se quisesse dar-lhe o tempo necessário para desempenhar a comissão de que a encarregara, e vendo que efectivamente se achava livre para falar a sós com o doutor, voltou-se para o lado deste, e cravando nele um olhar penetrante, perguntou:

- Doutor, não se admira do acaso que o coloca sempre a meu lado nas crises físicas ou morais da minha vida?

- Ai, senhora - respondeu Gilberto - não sei se devo bem-dizer se amaldiçoar esse acaso.

- Por quê?

- Porque leio assaz profundamente nos corações para conhecer que não é, nem ao desejo de Vossa Majestade nem à sua real vontade que devo este honroso contacto.

- Foi por isso mesmo que disse acaso... - acudia a rainha. - Bem sabe que sou muito franca; e contudo, doutor, nas últimas circunstâncias que nos obrigaram a proceder de combinação, o senhor mostrou-me sempre verdadeira dedicação: não o hei-de esquecer nunca, e sempre lhe serei reconhecida.

Gilberto inclinou-se.

A rainha seguiu-lhe os movimentos do corpo e do rosto.

- Também sou fisionomista, doutor - disse ela - sabe o que me respondeu, sem pronunciar uma só palavra?

- Senhora - disse Gilberto - muito me pesaria que o meu silêncio fosse menos respeitoso para com Vossa Majestade do que as minhas palavras.

- Respondeu-me: “Está bem, como me agradeceu, é negócio concluído; passemos a outra coisa”.

- Ao menos senti o desejo de que Vossa Majestade sujeitasse a minha dedicação a uma prova tal, que lhe permitisse manifestar-se de maneira mais eficaz do que até aqui tem feito... É daí que deriva essa espécie de impaciência que Vossa Majestade talvez notasse na minha fisionomia.

- Sr. Gilberto - disse a rainha olhando fixamente para o doutor - é um homem inteiramente superior, faço-lhe essa justiça; tinha algumas prevenções contra o senhor, agora desvaneceram-se de todo.

- Vossa Majestade há-de permitir-me que lhe agradeça com todas as veras do coração, não o cumprimento que se digna fazer-me, mas a segurança que acaba de me dar.

- Doutor - replicou a rainha, como se o que ia dizer se encadeasse naturalmente ao que já dissera - o que pensa do que acaba de acontecer-me?

- Senhora - disse Gilberto - sou um homem positivo, um homem de ciência: digne-se Vossa Majestade pôr a questão de um modo mais preciso.

- Pergunto-lhe se julga que o delíquio que tive fosse motivado por alguma dessas crises nervosas, a que as pobres mulheres estão sujeitas pela debilidade da sua organização, ou se lhe parece que fosse provocado por coisa mais grave?

- Responderei a Vossa Majestade que a filha de Maria Teresa, a senhora que vi tão plácida e corajosa na noite de 5 para 6 de Outubro, não é decerto uma mulher vulgar, e por consequência não pode ser afectada por nenhum dos acidentes a que as mulheres vulgares estão sujeitas ordinariamente.

- Tem razão, doutor; diga-me, acredita em pressentimentos?

- A ciência repele os fenómenos, que tendem a pôr em desarmonia as coisas materiais; e contudo, muitas vezes, os factos vêm desmentir a “infalibilidade” da ciência.

- Deveria antes perguntar se o doutor acredita em predições?

- Acredito que, para nossa felicidade, a bondade suprema cobriu o futuro com um véu impenetrável. Alguns espíritos, que receberam da natureza um grande tacto matemático, podem chegar, pelo estudo profundo do passado, a levantar uma ponta desse véu e a entrever, como através de um nevoeiro, algumas coisas no porvir; mas estas excepções são raríssimas, e desde que a filosofia impôs à fé os seus limites, perderam os profetas as três quartas partes da sua magia... E contudo... - acrescentou Gilberto.

- E contudo?... - repetiu a rainha, vendo que ele ficara pensativo e vacilante.

- E contudo, senhora - continuou ele como se fizesse um esforço sobre si para entrar em questões que à sua razão repugnavam - e contudo, senhora, existe um homem...

- Um homem?... - repetiu a rainha, que seguia com interesse palpitante as palavras de Gilberto...

- Existe um homem, que algumas vezes tem confundido, por meio de factos incontestáveis, todos os argumentos da minha inteligência.

-E esse homem... é?...

- Não me atrevo a nomeá-lo na presença de Vossa Majestade.

- Esse homem é o seu mestre, não é verdade, Dr. Gilberto? O homem onipotente, o homem imortal, o divino conde de Cagliostro!

- O meu único e verdadeiro mestre, senhora, é a natureza... Cagliostro é apenas o meu salvador. Varado por uma bala, que me atravessou o peito, perdendo todo o meu sangue por uma ferida, que, depois de vinte anos de estudo da medicina, considero incurável, dentro de poucos dias, graças a um bálsamo, cuja composição ignoro, restabeleceu-me completamente... É desde então que data o meu reconhecimento, direi até, a minha admiração.

- E esse homem fez-lhe predições que se realizaram, não é assim?

- Extraordinárias, senhora, incríveis pareciam elas! Esse homem caminha no presente com uma tal exactidão que faria acreditar no conhecimento do futuro.

- De sorte que se esse homem lhe predisse alguma coisa, acreditá-lo-ia?

- Pelo menos haver-me-ia como se a sua profecia tivesse de realizar-se.

- De sorte que, se lhe vaticinasse uma morte prematura, terrível, infamante, preparar-se-ia para essa morte?

- Tendo antes empregado todos os meios - disse Gilberto, olhando profundamente para a rainha - para escapar-lhe.

- Para escapar-lhe! Não, doutor, não; bem vejo que estou condenada! - disse a rainha. - Esta revolução é um sorvedouro, que deve sorver o trono; este povo é um leão, que há-de devorar-me!

- Ai, senhora - disse Gilberto - esse leão que a assusta, só depende de Vossa Majestade, vê-lo deitado a seus pés como se fosse um cordeiro.

- Não o viu em Versalhes?

- E Vossa Majestade não o viu nas Tulherias?... É o Oceano, senhora, batendo incessantemente, até derrubar o rochedo, que se lhe opõe à carreira, impelindo desabridamente a barca que a ele se confia...

- Doutor, há muito que tudo se rompeu entre mim e esse povo... Ele despreza-me, e eu aborreço-o.

- É porque, realmente, Vossa Majestade não conhece nem um nem outro... Cesse de ser para ele rainha, e torne-se carinhosa mãe; esqueça-se que é filha de Maria Teresa, nossa velha inimiga, irmã de José II, nosso falso amigo; seja francesa, e ouvirá então as vozes desse povo levantarem-se para bem-dizê-la! Verá estenderem-se os braços desse povo para a afagar.

Maria Antonieta encolheu os ombros.

- Sim, bem sei... Ele abençoou ontem para afagar hoje... Amanhã esmagará os que afagou e abençoou!

- É porque sente que nestes existe uma resistência à sua vontade, um ódio que se opõe ao seu amor.

- E sabe porventura esse povo o que estima ou o que odeia? Sabe esse elemento destruidor... Como o vento, a água, o fogo, e caprichoso como uma mulher?

- É porque observa de alto, senhora, como quem de cima de um rochedo observa o Oceano; é porque, avançando e recuando sem motivo aparente, lhe despedaça aos pés a sua espuma e cerca-a de queixumes, que Vossa Majestade considera rugidos; mas não é desse modo que deve observá-lo: é necessário vê-lo possuído pelo espírito do Senhor, que domina nas grandes águas; é necessário vê-lo como Deus o vê, caminhando unido e despedaçando quanto lhe sirva de obstáculo para chegar ao seu fim... Vossa Majestade é a rainha dos franceses e ignora o que neste momento se passa em França... Digne-se levantar o seu véu, senhora, em lugar de o abaixar, e então admirará em lugar de tremer.

- Que verei então de tão belo, tão magnífico, tão esplêndido?

- Verá então desabrochar o novo mundo do meio das ruínas do antigo; verá o berço da França flutuar como o de Moisés sobre um rio mais largo do que o Nilo, do que o Mediterrâneo, do que o Oceano! Deus te proteja, oh! frágil berço! Deus te guarde França!

E conquanto Gilberto - fosse um pouco entusiasta, levantou os braços e os olhos para o Céu. A rainha olhava-o com admiração, sem poder compreendê-lo.

- E onde irá abordar esse berço? - perguntou ela. - Irá porventura à Assembléia Nacional, a essa reunião de palavrosos, de destruidores, de niveladores? Será a velha França que deve guiar a nova? Triste mãe para tão linda criança, Sr. Gilberto!

- Não, senhora... Onde esse berço deve abordar mais cedo ou mais tarde, hoje, talvez amanhã, é a uma terra desconhecida até aqui, e que se chama a PÁTRIA; encontrará aí a vigorosa nutriz que torna os povos fortes, a liberdade!

- Ora! Palavrões - exclamava a rainha; - julgava que o abuso tinha acabado com eles.

- Não, senhora - disse Gilberto - não são palavrões, são maravilhas! Veja a França no momento em que tudo se acha despedaçado, e nada ainda existe reconstruído; veja-o sem municipalidades regulares, impondo-se a si mesma uma lei; veja como ela franqueia, com o olhar fixo e o passo seguro, a vereda que conduz de um a outro mundo, ligeira ponte sobre o abismo... Veja essa ponte estreita como a de Mahomet; veja como ela a atravessa sem vacilar! Onde vai essa bela França? À unidade da Pátria! Tudo quanto julgou difícil, penoso, invencível até aqui, achou-a não só possível, mas facilíssima. As nossas províncias eram um feixe de preconceitos diferentes de interesses opostos, de recordações individuais; nada podia arrostar as vinte e cinco ou trinta nacionalidades que repeliam a nacionalidade geral, o velho Languedoc, a velha Tolosa, a velha Bretanha, consentiriam porventura em tornarem-se Normandia, Borgonha, ou Delfinado? Não, senhora; mas todos se fizeram França! Por que teimaram tanto em sustentar os direitos dos seus privilégios, da sua legislação? Porque não tinham pátria. Ora, como disse, senhora a pátria apareceu-lhes por fim, muito longe ainda, talvez no futuro, mais imortal e fecunda, acenando-lhes

risonha com os braços abertos; filhos isolados e perdidos, a que os chama é mãe de todos! Tinham a humildade de se julgarem languedócios, provençais, bretões, normandos, borguinhões, delfineses... e enganavam-se: eram todos franceses.

- Mas, quem o ouvisse, doutor - redargüiu a rainha com certa entoação de ironia - não deixaria de dizer que a França, a velha França, a filha mais velha da Igreja, como lhe chamam os papas desde o nono século, apenas existe há dois dias!

- É justamente aí senhora, que consiste o milagre! É que havia uma França, e hoje existem franceses; não digo bem; existem irmãos, que mutuamente se dão as mãos. Senhora, os homens não são tão maus como se diz: tendem todos para socializar-se; para os desunir, para se evitar que se aproximem, foi preciso um mundo todo de invenções opostas à natureza: alfândegas interiores, portagens inumeráveis, barreiras nas estradas, barcos de passagem nos rios, diversidade de leis, de regulamentos, de pesos, de medidas, rivalidades de províncias, de terras, de cidades, de vilas e de aldeias. Sobrevêm um dia um tremor de terra que abala o trono, e derruba todas essas velhas muralhas, destrói todos esses obstáculos! Então, os homens encaram-se mutuamente à face do Céu, à claridade da salutar e brilhante luz do Sol, que fecunda, não só a terra, senão também os corações; a fraternidade vegeta como uma seara abençoada, e os próprios inimigos, admirados dos ódios que por tanto tempo os agitaram, avançam, não uns contra os outros, mas procurando-se reciprocamente, de braços, não armados, mas abertos! Nada oficial, nada imperioso! Debaixo do fluxo que sobe, os rios e as montanhas hão-de desaparecer; a geografia falecerá; os sons serão ainda diversos, mas a língua será a mesma, e o hino universal, que hão-de cantar trinta milhões de franceses, há-de compor-se unicamente destas poucas palavras:

“Louvemos a Deus, que nos deu uma pátria!”

- E que quer então concluir, doutor? Julga porventura, muito animadora para mim a vista dessa federação universal de trinta mil rebeldes contra a sua rainha e o seu rei?

- Mas, senhora - exclamou Gilberto - não é o povo que é rebelde à sua rainha e ao seu rei; o rei e a rainha é que são rebeldes ao seu povo, porque continuam a falar a linguagem dos privilégios e da realeza, si quando em volta deles se fala apenas a linguagem da fraternidade e do amor. Lance Vossa Majestade os olhos sobre uma dessas festas improvisadas, senhora, e verá aí quase sempre, no meio duma vasta planície ou no alto de um outeiro, um altar, tão puro como o de Abel! Sobre esse altar verá um menino, que todos adoptam, e que dotado dos votos, dos dons e das lágrimas de todos, constitui seu filho dilecto! Pois bem, senhora! A França, que ontem nasceu e de que falo, é o menino colocado sobre o altar, mas em volta desse altar já não são as cidades e aldeias que se agrupam; são os povos, são as nações... A França é o Cristo que acaba de nascer num presépio no meio dos humildes, e os povos regozijam-se com o seu nascimento, esperando que os reis dobrem o joelho diante dele, e lhe tragam o seu tributo. A Itália, a Polónia, a Irlanda, a Espanha, observaram este recém-nascido, que lhes leva o seu futuro, com os olhos debulhados em lágrimas, estendem-lhe as mãos algemadas, bradando ao mesmo tempo: “França! França! Contigo somos livres!...” Senhora - continuou Gilberto - ainda é tempo, tome o menino de sobre o altar, e seja mãe dele.

- Doutor - respondeu a rainha - parece esquecer que tenho outros filhos das minhas entranhas, e que, praticando o que diz, ficariam deserdados por um filho estranho.

- Sendo assim, senhora - disse Gilberto fundamente contristado - cubra os seus filhos com o manto real, com o manto guerreiro de Maria Teresa, e saia com eles de França; porquanto Vossa Majestade mesmo o disse, o povo devorá-la-á e com Vossa Majestade devorará também os seus filhos... Mas atenda a que não há tempo a perder; apresse-se, pois, senhora, apresse-se!

- E o senhor, não se oporá a essa partida? - perguntou Maria Antonieta.

- Pelo contrário - disse Gilberto; - agora, que conheço as verdadeiras intenções de Vossa Majestade, ajudá-la-ei.

- Pois bem; isso vem muito a propósito - disse a rainha - porque há um fidalgo dedicado a

morrer...

- Ai, senhora - disse Gilberto um tanto aterrado; - será porventura do Sr. de Favras de que Vossa Majestade quer falar?

- Quem lhe disse o nome, Dr. Gilberto? Quem lhe revelou o seu projecto?

- Oh! Senhora, tenha cautela! Também a esse o persegue uma fatal predição!

- Do mesmo profeta?

- Sim, senhora.

- E segundo esse profeta, qual é a sorte que o espera marquês?

- Uma morte prematura, terrível, infamante como aquela de que há pouco Vossa Majestade falava.

- Nesse caso, tinha razão de dizer que não há tempo a perder para desmentir esse profeta da desgraça!

- Vai então prevenir o Sr. de Favras de que lhe aceita os serviços?

- Já preveni, Sr. Gilberto, e espero a resposta.

Neste momento, e quando Gilberto, assustado das circunstâncias em que se via, corria a mão pela frente, como para chamar a razão em seu auxílio, entrou a Sr^a. de Lumballe, e disse algumas palavras ao ouvido de Maria Antonieta.

- Que entre! Que entre! - exclamou ela; - o doutor sabe tudo... Doutor - continuou ela - é o Sr. Isidoro de Charny, que me traz a resposta do marquês de Favras... A rainha sairá amanhã de Paris, deixaremos a França! Venha, barão, venha... Meu Deus que tem? Está tão pálido!

- Senhora, a Sr^a. princesa de Lumballe disse-me que podia falar diante do Sr. Dr. Gilberto - disse Isidoro.

- E disse-lhe a verdade; sim, sim, fale... Esteve com o marquês de Favras, não esteve? Ele está pronto, não é verdade?... Aceitamos o seu oferecimento... Vamos sair de Paris, deixar a França...

- O marquês de Favras acaba de ser preso, haverá uma hora, na rua de Beaurepaire e conduzido ao Châtelet - respondeu Isidoro de Charny.

O olhar da rainha cruzou-se com o de Gilberto, luminoso, desesperado, cheio de cólera.

Mas toda a força de Maria Antonieta pareceu esgotar-se naquele lampejo!

Gilberto aproximou-se dela, e com um gesto de profunda compaixão, disse:

- Senhora, posso ser-lhe útil para alguma coisa? Disponha de mim; a minha inteligência, a minha dedicação, a minha vida, tudo deposito aos pés, de Vossa Majestade.

A rainha levantou pausadamente os olhos para o doutor. Depois, com voz sonora e resignada, respondeu:

- Dr. Gilberto, o senhor que é um homem tão sábio, e que assistiu à experiência desta manhã, diga-me. É sua opinião que a morte dada por aquela terrível máquina seja tão suave quanto pretende o seu inventor?

Gilberto soltou um suspiro, e escondeu os olhos com as mãos.

Neste momento, o conde de Provença, que sabia tudo quanto queria saber, por isso que a notícia da prisão de Favras se espalhara em poucos segundos por todo o palácio, meteu-se na sua carruagem, e partiu, sem se inquietar com a saúde da rainha, e quase sem se despedir do rei.

Luís XVI atravessou-se diante dele, dizendo-lhe:

- Meu irmão, o senhor não deve ter tanta pressa em recolher-se ao Luxemburgo, que não tenha tempo para me dar um conselho. Segundo a sua opinião, que devo fazer?

- Pergunta-me o que faria eu no seu lugar?

- Tal qual.

- Abandonaria o Sr. de Favras e juraria fidelidade à constituição.

- Como quer que jure fidelidade à constituição, se ainda não está concluída?

- É mais uma razão para o fazer, meu irmão - disse o conde de Provença com o olhar vesgo e falso que partia das mais profundas sinuosidades do coração; - é uma razão para se não julgar obrigado a sustentar o juramento.

O rei ficou um momento pensativo.

- Pois seja - disse ele; - isso não me inibe de escrever ao Sr. de Bouillé, e dizer-lhe que subsiste o nosso projecto, mas que fica adiado; esta demora dará tempo ao conde de Charny para calcular o caminho que devemos seguir.

VI

O conde de Provença renega Favras, e o rei presta juramento à constituição

No dia seguinte àquele em que fora preso o marquês de Favras, corria pelas ruas de Paris, a seguinte circular:

“O marquês de Favras (Praça Real) foi preso com sua esposa na noite de 24 para 25, em consequência de um plano que consistia em mandar assassinar o general Lafayette e o *maire* da cidade, para em seguida nos interceptar os víveres.

O conde de Provença, irmão do rei, estava à testa da conspiração.

(Assinado) *Barauz*”

É fácil de conceber a estranha revolução que fez em Paris semelhante circular.

Um rastilho de pólvora incendiada não produziria uma chama mais rápida do que a que aparecia por toda a parte por onde passava o papel incendiário. Em primeiro lugar, corria por todas as mãos; duas horas depois, todos o sabiam de cor.

No dia 26, à noite, os mandatários da comuna, achavam-se reunidos na casa da câmara, e liam o decreto da junta de investigações que acabava de ser promulgado, quando o meirinho anunciou que o Sr. infante pedia para ser introduzido.

- O Sr. infante? - repetiu o bom Bailly, que presidia à assembléia - que infante é esse?

- É o Sr. infante, conde de Provença, irmão de el-rei - respondeu o meirinho.

A estas palavras, os membros do conselho olharam uns para os outros. O nome do conde circulara, desde a véspera de manhã, pela boca de todos.

Mas ao mesmo tempo todos se levantaram.

Bailly lançou um olhar investigador em volta de si, e como as mudas respostas que leu nos olhos dos seus colegas lhe pareceram unânimes, disse:

- Vá anunciar ao Sr. infante, que, conquanto admirados da honra que nos faz, estamos prontos para o receber.

Dali a poucos segundos o conde de Provença era introduzido.

Vinha só; o rosto estava pálido, e o andar, de ordinário pouco firme, era ainda mais vacilante naquela noite.

Para felicidade do príncipe, os membros do conselho tinham muitas luzes ao pé de si, sobre uma grande mesa em forma de ferradura, em que trabalhavam, ficando por isso o centro daquela ferradura numa obscuridade relativa.

Esta circunstância não escapou ao príncipe, que pareceu mais animado.

Lançou ainda um olhar tímido sobre aquela numerosa reunião, onde, ao menos, encontrava respeito na ausência de simpatia, e com voz trémula, mas que gradualmente se ia tornando firme, disse:

- Senhores, traz-me à vossa presença o desejo de repelir uma calúnia atroz. O marquês de Favras foi preso anteontem por ordem deste conselho, e hoje espalha-se com affectação que eu me achava relacionado com ele.

Alguns sorrisos deslizaram nos rostos dos auditores, e esta primeira parte do discurso do príncipe foi recebida com murmúrios.

Ele prosseguiu:

- Na minha qualidade de cidadão de Paris, julguei de meu dever dar-lhes pessoalmente

alguns esclarecimentos acerca dos motivos que me fizeram conhecer o Sr. de Favras.

Como facilmente se julgará, todos os membros do conselho redobram de atenção; desejavam saber da própria boca do infante quais eram as relações de Sua Alteza real com o Sr. de Favras.

Sua alteza real continuou nos seguintes termos:

- Em 1772, o Sr. de Favras entrou para o serviço das minhas guardas suíças, de onde saiu em 1775. Desde essa época nunca mais lhe falei...

Um murmúrio de incredulidade circulou de boca em boca, mas um olhar de Bailly comprimiu esse murmúrio, e o conde ficou em dúvida se aquele olhar era negativo, se aprovativo.

Continuou:

- Privado há uns poucos de meses dos meus rendimentos, inquieto por pagamentos consideráveis que devo fazer em Janeiro, concebi o desejo de satisfazer as minhas obrigações sem que para isso fosse pesado ao tesouro público; resolvi-me portanto a contrair um empréstimo.

“Indicaram-me o Sr. de Favras, haverá uns quinze dias, como capaz de poder realizar esse empréstimo em casa de um banqueiro de Génova: foi o Sr. de la Châtre quem me deu estes esclarecimentos.

Assinei, pois, uma obrigação de dois milhões, soma necessária para solver as minhas dívidas e pagar aos meus criados. Deste negócio, puramente financeiro, encarreguei o meu intendente; não vi o Sr. de Favras, não lhe escrevi, não tive comunicação alguma com ele. Sou inteiramente estranho ao seu procedimento.”³

Algumas risadinhas, que saíram das galerias públicas, provaram que nem todos estavam dispostos a acreditar esta singular asserção de um príncipe, que confiava, sem mais nem menos, dois milhões a um intermediário, principalmente sendo esse intermediário um dos seus antigos guardas.

O príncipe corou, e querendo provavelmente sair da falsa posição em que se achava, continuou com algum calor:

- Todavia, senhores, soube ontem que se distribuía com profusão pela capital um papel concebido nestes termos.

E leu então a famosa circular, o que era decerto escusado, porque todos a sabiam de cor.

A estas palavras: “o conde de Provença, irmão do rei, estava à testa da conspiração” todos os membros do conselho se inclinaram.

Queriam dizer que participavam da opinião do boletim, ou pura e simplesmente que se achavam ao facto da acusação?

O infante prosseguiu:

- Os senhores não esperam decerto que desça a justificar-me de crime tão ignóbil; mas num tempo em que as mais absurdas calúnias podem facilmente confundir os melhores cidadãos com os inimigos da revolução, julguei que devia ao rei, aos senhores e a mim próprio os esclarecimentos que acabam de ouvir, para que a opinião pública não fique incerta um só momento. Desde o dia em que na segunda assembléia dos notáveis me declarei sobre a questão fundamental que ainda dividia os espíritos, nunca deixei de acreditar que uma revolução estava iminente; que por suas intenções, por suas virtudes e alta categoria, el-rei devia ser o chefe dessa revolução, por isso que ela não podia ser vantajosa à nação sem que o fosse igualmente ao monarca; enfim, que a autoridade real devia ser o baluarte da liberdade nacional, e a liberdade nacional a base da autoridade real.

Bem que o sentido da frase não fosse muito claro, o costume de aplaudir certas combinações de palavras fez também que aquelas fossem aplaudidas.

O príncipe, animado com os aplausos, levantou a voz e acrescentou, dirigindo-se com alguma segurança aos membros da assembléia:

- Que se cite uma só das minhas acções; um só dos meus discursos que desmintam os

³ Reproduzimos fielmente as palavras do príncipe.

princípios que acabo de expender; que mostrem que em qualquer circunstância em que tenho sido colocado, a felicidade e bem-estar do povo deixassem de ser o objecto dos meus mais ardentes votos: até aqui tenho o direito de ser acreditado. Nunca mudei de sentimentos, nem de princípios, nem espero mudar para o futuro!

Apesar de romancista, invadimos um pouco a história, dando o fibroso discurso de sua alteza real em toda a sua íntegra. Cumpre portanto que os leitores de romances saibam quem era, aos trinta e cinco anos, o príncipe que, aos sessenta, nos devia dar a carta adornada com o seu artigo 14.

Ora, como não queremos ser mais injustos para com Bailly do que para sua alteza real, daremos também a resposta do maire de *Paris*.

Este respondeu:

- É grande satisfação para os representantes do conselho de Paris verem entre si o irmão de um rei tão querido, de um rei que é o restaurador da liberdade francesa. Augustos irmãos, os mesmos sentimentos vos ligam. O Sr. infante provou que era o primeiro cidadão do reino votando pelo terceiro estado na segunda assembléia dos notáveis; foi quase o único desta opinião com diminutíssimo número de amigos do povo, e ajuntou a dignidade da razão a todos os demais títulos que já tinha ao respeito da nação. O Sr. infante é portanto o primeiro autor da igualdade civil, e dá-nos hoje um novo exemplo, vindo envolver-se com os representantes do conselho, onde parece que só deseja ser apreciado pelos seus sentimentos patrióticos, que se acham consignados nas explicações que sua alteza quis ter a bondade de dar à assembléia. O príncipe vem ao encontro da opinião pública; o cidadão aprecia a opinião dos seus concidadãos, e em nome da assembléia ofereço a sua alteza o tributo de respeito e de reconhecimento que ela deve aos seus sentimentos, à honra da sua presença, e sobretudo ao valor que dá a estima dos homens livres.

Então, como o conde entendesse, que apesar do grande elogio que Bailly fazia da sua conduta, esta havia de ser apreciada de outro modo, respondeu com ar paternal, que tão bem sabia tomar nas circunstâncias que via lhe podiam ser úteis:

- Senhores, o dever que venho cumprir é bastante difícil para um coração virtuoso; mas os sentimentos que a assembléia acaba de testemunhar-me aliviaram de algum modo a minha dor. Só me resta pedir-lhes perdão para aqueles que me ofenderam.

O príncipe nem se obrigou a si, nem obrigava a assembléia. Para quem era o perdão que pedia?

Não era para Favras; porque ninguém ainda sabia que Favras fosse criminoso, e demais talvez que ele não tivesse ofendido o infante.

Não, o príncipe pedia simplesmente perdão para o autor anónimo da circular que o acusava; mas esse não precisava de perdão, porque ninguém o conhecia.

Os historiadores saltam tantas vezes por cima das infâmias dos príncipes, que nós, romancista, temos muitas vezes que cometer a mesma falta, correndo o risco de ver, no decurso de um capítulo, tornar-se o romance tão aborrecido como a própria história.

É desnecessário dizer que, quando falamos de historiadores cegos ou de histórias enfadonhas, todos sabem quais são os historiadores e as histórias de que queremos falar.

O conde de Provença, pela sua parte, punha em prática alguns dos conselhos que dera ao irmão, Luís XVI.

Renegara o Sr. de Favras, e à vista dos elogios que lhe fizera o virtuoso Bailly, era evidente o completo triunfo que alcançara.

Luís XVI, conhecedor destas circunstâncias, decidiu-se por sua vez jurar a constituição.

Numa bela manhã, foi o meirinho da assembléia anunciar ao seu presidente, que naquele dia era o Sr. de Bureaux de Puzy, que el-rei, com um ou dois ministros e três ou quatro oficiais, batiam à porta do picadeiro, do mesmo modo que o conde de Provença batera à porta da casa da câmara.

Os representantes do povo olharam pasmados uns para os outros. Que teria o rei que

dizer-lhes, andando separado deles havia tanto tempo?

Mandaram entrar Luís XVI, cedendo-lhe o presidente a sua cadeira.

As aclamações retumbaram por toda a sala. À exceção de Pétion, Camilo Desmoulins e Marat, ainda toda a França se considerava realista.

O rei sentira a urgência de vir felicitar a assembléia pelos seus trabalhos; tinha que louvar a bela divisão da França em departamentos; mas o que não queria retardar a exprimir era o sentimento que o abrasava, era o seu amor ardente pela constituição.

O princípio do discurso (não esqueçam que, preto ou branco, realista ou patriota, nem um só dos representantes conhecia as intenções do rei), o princípio do discurso causou alguma inquietação; o meio dispôs os espíritos ao reconhecimento; mas o fim... Oh! O fim... Esse elevou os sentimentos da assembléia ao maior entusiasmo!

O rei não podia resistir ao desejo de exprimir o seu amor por essa pobre constituiçãozinha de 1791, que ainda não era nascida; que seria pois quando ela visse completa a luz do dia?...

Então já não seria amor que lhe teria, seria fanatismo.

Não citamos o discurso do rei... pois não! Seis páginas! Basta citarmos o do conde de Provença, que apenas tinha uma e que, contudo, nos pareceu terrivelmente extenso.

Diremos unicamente que Luís não pareceu demasiadamente prolixo à assembléia, que chorou enternecida, quando lhe ouviu o discurso.

Quando dizemos chorou, não é por metáfora: Barnave chorou, Lameth chorou, Duport chorou, Mirabeau chorou, Barrère chorou; enfim, era um verdadeiro dilúvio!

A assembléia pareceu desorientada; levantou-se toda; as tribunas igualmente; cada qual estendia a mão, jurando fidelidade à constituição que ainda não existia.

O rei saiu, mas o rei e a assembléia não podiam assim separar-se; ela segue-o, faz-lhe cortejo... e chega às Tulherias, onde é recebida pela rainha.

A rainha! Essa não é entusiasta; a rude filha de Maria Teresa não chora, é a digna irmã de Leopoldo! Apresentando seu filho aos representantes da nação, disse:

- Senhores, eu participo de todos os sentimentos de el-rei; uno-me com todas as veras do coração ao passo que ele acaba de dar, movido pela ternura que o seu povo lhe merece. Eis aqui meu filho; não me descuidarei de ensinar-lhe a tempo a imitar as virtudes do melhor dos pais, a respeitar a liberdade pública e a manter as leis, das quais espero que há-de ser o mais firme sustentáculo.

Era necessário um entusiasmo verdadeiro para que este discurso o não esfriasse; o da assembléia havia chegado ao seu apogeu. Propôs-se a prestar logo o juramento, que foi formulado em sessão permanente. Primeiro que todos, o presidente, fez ouvir estas palavras:

“Juro ser fiel à nação, à lei e ao rei, e manter com todo o meu poder a constituição, decretada pela Assembléia Nacional e aceite pelo rei.”

E todos os membros da assembléia à exceção de um, levantaram a mão, repetindo cada, por seu turno: “Assim o juro!”

Os dez dias que se seguiram a este feliz acontecimento, que tanta alegria trouxera à assembléia, que restituíra o sossego de Paris, e a Paz à França, deslizaram todos em banquetes, em bailes, em iluminações. Ouviam-se sermões e juramentos por toda a parte: jurava-se na praça de Grève na casa da câmara, nas igrejas, nas ruas; sobre as praças elevaram-se altares em honra da pátria, onde eram conduzidos os estudantes, os quais juravam como se já fossem adultos, e como se soubessem o que era prestar um juramento.

A assembléia ordenou um *Te Deum*, a que assistiu em massa: ali, sobre o altar, na presença de Deus, todos renovaram o juramento já prestado.

Todavia o rei não compareceu na igreja, e por conseqüência, não jurou. Notou-se a sua ausência; mas era tão grande a confiança que tinham no rei, que se contentaram com o primeiro pretexto que ele quis dar.

- Porque não foi ao *Te Deum*? Porque não jurou sobre o altar como juraram os mais? – perguntava ironicamente a rainha.

- Porque me apraz mentir, senhora, mas não perjurar - respondeu o rei.
A rainha respirou.
Até ali acreditava, como todos acreditavam, na sinceridade de Luís XVI!

VII

Um fidalgo

A visita do rei à assembléia realizara-se em 4 de Fevereiro de 1790.

Doze dias depois, isto é, na noite de 17 para 18 do mesmo mês na ausência do governador do Châtelet, que naquele mesmo dia obtivera licença para ir visitar a Soissons sua mãe, que se achava em perigo de vida, apresentou-se à noite na prisão um homem com uma ordem do intendente de polícia, autorizando o visitante a conferenciar, sem testemunhas, com o Sr. de Favras.

A ordem seria verdadeira ou falsificada? É o que não podemos afirmar; mas em todo o caso, o imediato do governador, que foram acordar para lhe submeter, considerou-a como boa, ordenando logo que, apesar da hora já muito adiantada da noite, fosse o portador da ordem introduzido no cárcere onde se achava o marquês de Favras; e tendo toda a confiança nos seus carcereiros e nas sentinelas, tornou novamente a deitar-se, para continuar o seu sono, tão desastrosamente interrompido.

O visitante, sob o pretexto de lhe ter caído um papel de importância, no momento em que tirara a ordem da carteira, pegou na lanterna como quem queria procurar alguma coisa, dando tempo, deste modo, a que o imediato ao governador tornasse a entrar no seu quarto. Declarou então que lhe parecia ter deixado o papel, que julgava perdido, sob a mesa de cabeceira, mas em todo o caso pedia que, se o achassem, lho entregassem quando se retirasse.

Em seguida deu ao carcereiro, que o esperava, a lanterna, que ainda tinha na mão, pedindo que o conduzisse ao cárcere do Sr. de Favras.

O carcereiro abriu uma porta, fez passar por ela o desconhecido, entrou também e tornou a fechar a porta sobre si.

Parecia examinar aquele desconhecido com a maior curiosidade, como se esperasse que, de um momento para outro, lhe dirigisse a palavra.

Desceram doze degraus de uma escada, que conduzia a um corredor subterrâneo.

Depois, chegaram a outra porta, que o carcereiro abriu e fechou como fizera à primeira.

O desconhecido e o seu guia chegaram então a uma espécie de patamar, tendo diante de si um segundo andar de degraus para descer: o desconhecido parou, mergulhando um olhar nas profundezas do sombrio corredor.

E quando se assegurou de que a escuridão era tão profunda, quanto muda, perguntou:

- É o chaveiro Luís?

- Sim, senhor.

- Irmão da loja americana?

- Sim.

- Foi colocado aqui há oito dias por um indivíduo misterioso, a fim de cumprir uma obra secreta?

- Sim.

- Está pronto a cumprir essa obra?

- Estou.

- Deve receber ordens de um indivíduo?

- Sim, de Messias.

- Como reconhecerá esse homem?

- Vendo-lhe três letras bordadas sobre o peito.

- Sou esse homem, eis aqui as três letras.

E a estas palavras, o visitador fez-lhe ver sobre o peito as três letras bordadas, cuja influência já no decurso desta história tivemos ocasião de patentear: L. P. D.

- Mestre - disse o carcereiro inclinando-se - estou às suas ordens.

- Bem. Abra-me o cárcere do Sr. de Favras, e esteja pronto a obedecer-me.

O carcereiro inclinou-se outra vez sem responder, passou adiante para alumiar, e parando em frente de uma porta, murmurou em seguida:

- É aqui!

O desconhecido fez um sinal com a cabeça: a chave introduzida na fechadura, girou duas vezes e a porta abriu-se.

Ao passo que tomavam as maiores precauções para segurança do preso, a ponto de o meterem num cárcere enterrado vinte pés abaixo da terra, algumas atenções tinham tido com a sua qualidade. Tinha uma cama muito asseada; junto dela estava uma mesa com livros, tinteiro, penas e papel, tudo destinado para serviço do preso.

Havia também uma lâmpada apagada.

Num canto, sobre outra mesa, brilhavam vários objectos de toucador, tirados de um elegante estojo com as armas do marquês; encostado à parede estava um pequeno espelho pertencente ao mesmo estojo.

O Sr. de Favras dormia profundamente, quando abriram a porta; o desconhecido aproximou-se dele, e o carcereiro depois pousou a lanterna ao lado da outra apagada, saiu a um gesto do visitante sem que o ruído e o movimento que se fizeram conseguissem arrancar o marquês do seu sono.

O desconhecido contemplou um momento aquele homem adormecido, com um sentimento de profunda melancolia; depois, como recordando-se de que todo o tempo lhe era precioso, apesar da repugnância que parecia ter em perturbar aquele descanso, resolveu-se a pôr-lhe a mão no ombro.

O preso estremeceu, voltando-se com vivacidade, com os olhos muito abertos, como costumam fazer todas as pessoas que se deixam adormecer na esperança de serem despertadas por alguma triste nova.

- Tranquelize-se, Sr. de Favras - disse o desconhecido - que é um amigo.

Favras examinou o visitante nocturno com uma espécie de dúvida, que inculcava a estranheza que sentia de que um amigo viesse procurá-lo a dezoito ou vinte pés abaixo da terra.

Mas, de repente, chamando em seu auxílio a memória, exclamou:

- Ah! Ah! É o barão Zannone?

- Eu mesmo, meu caro marquês.

Favras, sorrindo-se, relanceou os olhos em volta de si, e designando com o dedo ao barão um banco, que estava desocupado, disse:

- Não se senta?

- Meu caro marquês - disse o barão - venho propor-lhe um negócio que não admite longa discussão, além de que não temos tempo a perder...

- O que é então que vem: propor-me, meu caro barão? Julgo que não será algum empréstimo?

- Por quê?

- Porque as garantias que tenho a dar-lhe me parecem pouco seguras...

- Isso para mim seria o mesmo, marquês; pelo contrário, se quiser aceitar um milhão, está às suas ordens.

- Eu? - disse Favras sorrindo.

- O senhor, sim... Mas como isso seria debaixo de condições que não aceitaria, nem sequer lhe farei tal oferecimento.

- Então, como me preveniu de que tinha pressa, vamos ao facto, meu caro barão.

- Sabe que é amanhã que deve ser julgado, marquês?

- Assim o ouvi dizer - respondeu Favras.

- Sabe também que os juízes, perante os quais deve comparecer, são os mesmos que absolveram Augeard e Besenval?

- Sei.

- Sabe que um e outro foram absolvidos por intervenção da corte?

- Sei - respondeu ainda Favras, sem que a voz lhe exprimisse a mais leve alteração nas respostas.

- Espera talvez que a corte se empenhe pelo marquês como se empenhou por eles?

- As pessoas com quem tive a honra de estar em relações para levar a cabo a empresa, que aqui me trouxe, sabem perfeitamente o que devem fazer a meu respeito, Sr. barão... O que elas fizerem será bem feito.

- Já tomaram todas o partido que julgaram conveniente tomar, Sr. marquês, e posso instruí-lo do que fizeram.

O marquês de Favras não significou a menor curiosidade em sabê-lo.

- O Sr. conde de Provença - continuou o visitante - apresentou-se na casa da câmara, e declarou que mal o conhecia; que em 1772 tinha o marquês entrado para as guardas suíças; que deixou este serviço em 1775, e que, desde essa época, não o tornara mais a ver.

Favras inclinou a cabeça em sinal de adesão.

- Quanto ao rei, esse, longe de querer evadir-se, uniu-se à Assembléia Nacional, e jurou a constituição.

Viu-se deslizar um sorriso dos lábios de Favras.

- Duvida? - perguntou o barão.

- Não digo tal - respondeu Favras.

- Deste modo, marquês, bem vê que nada tem que esperar nem do rei nem do infante.

- Vamos ao facto, Sr. barão, vamos ao facto.

- Vai, pois, amanhã, comparecer na presença dos seus juízes...

- Já fez a honra de dizer-mo.

- Será condenado...

- É provável.

- À morte.

- É possível.

Favras inclinou-se como homem prestes a receber qualquer golpe que lhe fosse destinado.

- Mas, meu caro marquês, sabe porventura a morte a que talvez o condenem?

- Pois haverá acaso duas mortes, meu caro barão de Zannone?

- Oh! Há até dez: a estaca, o esquartejamento, o laço, a roda, a forca, o cepo... ou, para melhor dizer, a semana passada, havia ainda todos estes géneros de mortes; hoje, como diz, não há mais do que um, o cadafalso!

- O cadafalso!

- Sim, a Assembléia Nacional, depois de proclamar a igualdade perante a lei, achou também conveniente proclamar a igualdade perante a morte... Agora, nobres e vilões saem deste mundo pela mesma porta: enforcam-nos, marquês, enforcam-nos!

- Ah! Ah! - exclamou Favras.

- Condenado à morte, será enforcado, o que deve ser tristíssimo para um fidalgo, que não receia a morte, mas a quem repugna o patíbulo.

- Ora diga-me, Sr. barão - disse Favras - veio porventura procurar-me para me anunciar unicamente todas essas belas notícias, ou tem ainda alguma coisa agradável para me dizer?

- Vim para lhe anunciar que tudo se acha pronto para a sua evasão, e para lhe dizer também que, dentro de dez minutos, se quiser, pode sair da sua prisão, e em vinte e quatro horas sair de França.

Favras reflectiu um momento, sem que o oferecimento que o barão lhe fazia parecesse causar-lhe a menor comoção; depois, dirigindo-se ao seu interlocutor, perguntou:

- Esse oferecimento vem da parte de el-rei ou de sua alteza real?

- Não, senhor, vem de mim só.

Favras olhou para o barão.

- Do senhor! - disse ele; - e por que motivo?

- Pelo interesse que tomo pelo marquês.

- Que interesse posso merecer-lhe, senhor, se apenas me viu duas vezes?

- Não há precisão de ver um homem duas vezes para o conhecer, meu caro marquês.

Ora, os verdadeiros fidalgos são raríssimos, e por isso quero conservar um, não direi à França, mas sim à humanidade.

- Não tem outro motivo?

- Tenho este, senhor, que havendo negociado consigo um empréstimo de dois milhões, e tendo o senhor recebido esse dinheiro, julgo ter-lhe dado os meios de prosseguir na conspiração hoje descoberta e por consequência ter sido eu quem involuntariamente concorreu para a sua morte.

Favras sorriu.

- Se não tem cometido outro crime, pode dormir descansado - disse Favras - que está absolvido!

- Como! - exclamou o barão - recusa fugir?

Favras estendeu-lhe a mão e respondeu:

- Agradeço-lhe do fundo do coração, senhor; agradeço-lhe em nome da minha mulher e de meus filhos, mas recuso o seu favor.

- Por que julga talvez que as nossas medidas estejam mal tomadas, marquês, e por que receia que uma tentativa de evasão malograda agrave mais a sua situação?

- Creio, senhor, que é um homem prudente, e direi mais, um homem aventureiro, visto que vem pessoalmente propor-me essa evasão, mas, repito-lhe, não quero fugir.

- Sem dúvida, senhor, receia que, obrigado a sair de França, deixe aqui sua mulher e seus filhos na miséria?... O caso já foi prevenido, senhor, e posso oferecer-lhe esta carteira, na qual existem cem mil francos em notas do banco.

Favras olhou para o barão com uma espécie de profunda admiração.

Depois, meneando a cabeça, disse:

- Não é isso, senhor, sob a sua palavra, e sem que fosse preciso dar-me essa carteira, sairia de França se tivesse tenção de fugir, mas, torno a repetir, a minha resolução é inabalável; não fugirei.

O barão olhou para o marquês, como que duvidando do bom estado da sua razão.

- Admira-lhe isto, senhor? - disse Favras com singular serenidade - e pergunta a si mesmo, sem se atrever a perguntar-mo directamente, donde me provém esta singular persistência que me anima a morrer, se for necessário, de qualquer modo que seja?

- Confesso-o senhor.

- Pois assim é, senhor. Sou realista, mas não como os que emigram para o estrangeiro, ou se dissimulam em Paris. A minha opinião não é o facto que se baseia em cálculos de interesse; é um culto, uma religião, e os reis não são outra coisa para mim mais do que um arcebispo e um papa, isto é, os representantes visíveis da religião de que lhe falo. Se fugisse haviam de supor que fora el-rei ou o Sr. infante que me facilitaram a fuga; ora, se tal fosse, seriam meus cúmplices, e o Sr. infante, que foi renegar-me à câmara, el-rei que fingiu não me conhecer, acham-se sob o peso de um golpe que os pode ferir mortalmente. As religiões caem Sr. barão, quando já lhes não restam mártires; pois eu quero exaltar a minha, morrendo por ela. Será uma censura feita ao passado, uma advertência ao futuro.

- Mas - disse o barão - lembre-se do género de morte que o espera, marquês!

- Quanto mais infamante for, tanto mais meritório será o sacrifício; Cristo morreu numa cruz entre dois ladrões!

- Isso seria muito bom, marquês, acudiu o barão, se a sua morte tivesse para a realza a

mesma influência que teve a de Cristo para o mundo; mas os pecados dos reis são de tal natureza, marquês, que receio muito não só que o sangue de um simples fidalgo, mas até o de um rei não seja suficiente para os redimir.

- Será o que Deus quiser, Sr. barão; nesta época de irresolução e de dúvida, em que tanta gente falta ao seu dever, morrerei eu ao menos com a consciência de ter cumprido o meu.

- Não, senhor - redarguiu o barão com ar de importância - o senhor morre simplesmente com o pesar de morrer sem nenhuma utilidade.

- Quando o soldado desarmado não quer fugir, quando espera o inimigo, quando arrosta a morte, quando a recebe, conhece perfeitamente que essa morte é inútil, mas considera que a fuga seria vergonhosa, e prefere morrer.

- Senhor - disse o barão - ainda não me considero vencido, e olhando então para o relógio, que marcava três horas da manhã, continuou: Resta-nos ainda uma hora; vou sentar-me a esta mesa e lerei pelo espaço de meia hora... Durante esse tempo reflecta, medite. Daqui a meia hora dar-me-á uma resposta definitiva.

E dirigindo-se para uma cadeira, sentou-se à mesa, com as costas voltadas para o preso, abriu um livro e pôs-se a ler.

- Boas noites barão! - disse Favras - e voltou-se para o lado da parede, provavelmente para reflectir menos distraidamente.

O barão consultou duas ou três vezes o relógio, mais impaciente do que o próprio preso; depois, tendo decorrido a meia hora designada, levantou-se e aproximou-se da cama.

Mas por mais que esperasse, Favras não se mexia.

Então o barão de Zannone debruçou-se sobre ele, e conheceu pela regularidade e sossego da respiração que o preso dormia profundamente!

- Vamos - disse falando consigo - dou-me por vencido... Mas a sentença ainda não está pronunciada; talvez que ele ainda não duvide...

E sem querer acordar o desgraçado, a quem tão contínuo e tão profundo sono esperava dentro de alguns dias, pegou na pena e numa folha de papel e escreveu o seguinte:

“Quando a sentença for pronunciada, quando o Sr. de Favras for condenado à morte, quando já não tiver esperança nem nos seus juizes, nem no Sr. infante, nem no próprio rei, se mudar de opinião, não tem mais do que chamar o carcereiro Luís, e dizer-lhe: *Estou decidido a fugir*, e ainda assim haverá meio de lhe oferecer a fuga.

Quando o Sr. de Favras já estiver no carro fatal, quando fizer a oração diante da igreja de Nossa Senhora, quando atravessar descalço com as mãos amarradas o curto espaço que separa os degraus da casa da câmara, onde irá fazer o seu testamento de morte, da força levantada na praça de Grève, basta que pronuncie em voz alta estas palavras: *Quero ser salvo!* e será salvo.

Cagliostro.”

Depois de escrever, o visitante pegou na lanterna, aproximou-se outra vez do preso para ver se teria acordado, e afirmando-se que continuava a dormir, dirigiu-se novamente, voltando-se muitas vezes para a porta do cubículo, por detrás da qual, com a impassível resignação dos adeptos, dispostos a todos os sacrifícios para chegarem ao cumprimento da grande obra que empreenderam, se conservava de pé e imóvel o carcereiro Luís.

- Então, mestre - perguntou ele - que devo fazer?

- Ficares na prisão, e obedecer a tudo quanto te ordenar o Sr. de Favras.

O carcereiro inclinou-se, tomou a lanterna das mãos de Cagliostro, e caminhou respeitosa e humildemente diante dele como o mais humilde criado que alumia a seu amo.

VIII

Realiza-se a profecia de Cagliostro

No mesmo dia, pela uma hora da tarde, desceu um escrivão do Châtelet, com quatro homens armados, à prisão de Favras, para lhe anunciar que ia comparecer na presença dos seus juizes.

Favras fora durante a noite prevenido desta circunstância por Cagliostro, e pela volta das nove horas da manhã, pelo imediato do governador do Châtelet.

A leitura do processo começara pelas nove horas e meia da manhã, e ainda durava às três da tarde!

Desde as nove da manhã, via-se a sala repleta de curiosos, que ali acorriam para ver aquele cuja sentença ia pronunciar-se.

Dissemos aquele cuja sentença ia pronunciar-se, visto que ninguém duvidava da condenação do acusado.

Nas conspirações políticas figuram sempre destes desgraçados, votados com antecipação ao extermínio: sentem que é necessária uma vítima expiatória e consideram-se fatalmente designados para ser essa vítima.

Sentados em semi-círculo, achavam-se no topo da sala quarenta juizes; o presidente estava debaixo de um dossel, e por detrás dele havia um quadro que representava Jesus crucificado; na outra extremidade da sala estava o retrato do rei.

Uma fileira de granadeiros nacionais guarnecia o circuito do pretório; interior e exteriormente quatro homens guardavam a porta.

Às três e um quarto ordenaram os juizes que se fosse buscar o acusado.

Um destacamento de doze granadeiros, que, armados, esperavam esta ordem, pôs-se logo a caminho.

Desde então todas as cabeças, incluindo as dos juizes, se voltaram para a porta por onde Favras devia entrar.

Cerca de um quarto de hora depois, viram-se aparecer quatro granadeiros.

Atrás deles ia o marquês de Favras.

O resto dos granadeiros seguia-o.

O preso entrou na sala no meio de um desses silêncios assustadores de duas mil pessoas amontoadas numa casa, quando vêem comparecer o objecto geral da expectativa.

À fisionomia do marquês era perfeitamente sossegada, o vestuário elegante.

Trajava de casaca de seda alvadia toda bordada, colete de cetim branco, calção da mesma seda da casaca, meias também de seda, sapatos com fivelas, e no peito a Cruz de S. Luís.

Vinha penteado com todo o esmero, *um cabelo não excedia o outro*, como dizem na *História da Revolução* os dois Amigos da Liberdade.

Durante o curto espaço de tempo que Favras gastou a transpor o intervalo que se estendia desde a porta até ao banco dos réus todas as respirações estavam suspensas.

Decorreram alguns segundos entre a chegada do marquês e as primeiras palavras que lhe dirigiu o presidente.

Este, fazendo com a mão um escusado sinal aos juizes para lhes recomendar silêncio, com a voz comovida, perguntou:

- Quem é?

- Sou acusado e preso, respondeu Favras com a maior serenidade.

- Como se chama?

- Tomás de Mahi, marquês de Favras.

- Onde é natural?

- De Blois.

- Qual é o seu emprego?

- Coronel ao serviço de el-rei.

- A sua morada?

- Na praça Real, número vinte um.

- A sua idade?
- Quarenta e seis anos.
- Sente-se.

O marquês obedeceu.

Dir-se-ia que só então os circunstantes recuperaram a respiração; sentiu-se pelo ar como que um sopro terrível, como que um sopro de vingança.

O acusado não se enganava: circunvagou a vista e viu em todos os olhos brilhar o fogo do ódio, todos os punhos ameaçarem-no. Todos sentiam que era necessário àquele povo uma vítima; tinham-lhe sido arrancados Augerard e Besenval, e pedia em altos clamores que se enforcasse, ao menos em estátua, o príncipe de Lambesc.

No meio de todos aqueles rostos sombrios e iracundos, reconheceu o marquês de Favras o simpático olhar do seu visitador nocturno.

Saudou-o com um gesto imperceptível e continuou a sua revista.

- Acusado - disse o presidente - prepare-se para me responder.

Favras, inclinando-se, respondeu:

- Estou às suas ordens, Sr. presidente.

Começou então segundo interrogatório, que Favras sustentou com a mesma presença de espírito com que sustentara o primeiro.

Seguiram-se depois as testemunhas de acusação contrárias.

Favras, que recusava defender a sua vida por meio da fuga, queria defendê-la por meio de discursos: tinha mandado citar catorze testemunhas de defesa.

Ouvidas as testemunhas de acusação, esperava que chamassem as suas, quando ouviu pronunciar de súbito ao presidente as seguintes palavras:

- Meus caros senhores, estão terminados os debates.

- Perdão, Sr. presidente - disse Favras com a sua cortesia habitual - esquece uma coisa, é verdade que de pouca importância; esquece o depoimento daquelas catorze testemunhas que mandei citar.

- O tribunal - respondeu o presidente - decidiu que não fossem ouvidas.

Alguma coisa, como que uma nuvem, passou pela frente do acusado; como que um relâmpago pareceu sair-lhe dos olhos.

- Pensava que seria julgado pelo Châtelet de Paris - disse ele; - enganei-me: sou julgado, segundo vejo, pela inquisição de Espanha!

- Levem o acusado - disse o presidente.

Favras foi conduzido à prisão. A sua presença de espírito, a sua cortesia, a sua coragem tinham produzido certo abalo nos espectadores, que ali tinham concorrido despidos de preconceitos.

Mas, cumpre dizer que o número destes era diminutíssimo. A retirada de Favras foi acompanhada de gritos, de ameaças e de apupos.

- Nada de graça! Nada de graça! - bradavam quinhentas vozes quando ele passava.

Estas vociferações seguiram-no até se achar dentro da prisão.

Então, como falando consigo mesmo, murmurou:

- Aqui está o que acontece a quem conspira com príncipes!

Assim que o acusado saiu do tribunal, entraram logo os juizes em deliberação.

Favras deitou-se à hora do costume.

Pela uma hora da manhã, entrou alguém no seu cárcere e acordou-o.

Era o carcereiro Luís.

Tomara por pretexto levar ao preso uma garrafa de vinho de Bordéus, que ele não tinha pedido.

- Sr. marquês - disse ele - os juizes pronunciaram neste momento a sua sentença.

- Meu amigo - respondeu Favras - se foi para isso que me acordou, podia bem deixar-me dormir.

- Não, Sr. marquês, acordei-o para lhe perguntar se quer mandar algum recado à pessoa que o visitou a noite passada.

- Não tenho recados para ninguém.

- Reflita, Sr. marquês, que quando a sentença estiver pronunciada, será guardado à vista, e por mais poderosa que seja essa pessoa, talvez que a sua vontade seja vencida pela impossibilidade.

- Obrigado, meu bom amigo - disse Favras - mas nada tenho que pedir-lhe, nem agora nem depois.

- Nesse caso - disse o carcereiro - pesa-me tê-lo acordado; mas terá de o ser igualmente dentro de uma hora.

- Desse modo - disse Favras sorrindo-se - não vale a pena tornar a adormecer, não é assim?

- Olhe - disse o carcereiro - julgue por si.

Com efeito, sentia-se grande rumor nos andares superiores; abriam-se e fechavam-se portas, as coronhas das armas retiniam no chão.

- Ah! Ah! - exclamou Favras - todo aquele rumor é por minha causa!

- Vêm ler-lhe a sentença, Sr. marquês.

- Diacho! - disse Favras - faça com que o relator me dê o tempo necessário para enfiar ao menos os calções.

O carcereiro saiu efectivamente, puxando a porta para si.

Durante este tempo calçou Favras as suas meias de seda, os sapatos de fivelas e vestiu os calções.

Achava-se neste estado quando abriram a porta.

Nesta espécie de desalinho estava o marquês quase elegante; a cabeça levantada, os cabelos menos desgrenhados, as rendas da camisa meio abertas, deixando-lhe ver o peito.

No momento em que o relator entrou, pôs o colarinho e disse:

- Bem vê, senhor, que já o esperava e em trajo de combate.

E ao dizer isto, passou a mão pelo pescoço descoberto, disposto já para a espada aristocrática ou para o laço plebeu.

- Fale, senhor, que o escuto.

O relator leu, ou antes, balbuciou a sentença.

O marquês era condenado à morte: devia orar diante da igreja de Nossa Senhora, e ser depois enforcado na praça de Grève.

Favras ouviu toda esta leitura com o maior sossego; nem sequer franziu o sobrolho ao ouvir pronunciar a palavra *enforcado*, palavra tão áspera aos ouvidos de um fidalgo!

Somente, depois de um momento de silêncio, olhando para o relator, disse:

- Oh! Quanto o deploro por se ver *obrigado* a condenar um homem com semelhantes provas!

O relator iludiu a resposta, dizendo:

- Bem sabe, senhor, que as únicas consolações que lhe restam são as da religião.

- Engana-se - respondeu o condenado - ainda me restam as que a minha consciência me ministra.

E nisto o Sr. de Favras saudou o relator, que, não tendo ali mais nada que fazer, se retirou.

Contudo, ao sair, voltando-se de súbito, perguntou:

- Quer que lhe envie um confessor?

- Um confessor da escolha daqueles que me assassinam!... Não, senhor, ser-me-ia suspeito. Entrego-lhe a minha vida, mas reservo a minha salvação. Peço que me mandem o cura de Saint-Paul.

Duas horas depois, o venerável eclesiástico que ele solicitara achava-se na sua presença.

IX

A praça de Grève

As duas horas tinham sido bem empregadas.

Assim que saiu o relator, entraram dois homens de gesto sombrio e particular.

Favras entendeu logo que eram os precursores da morte, a vanguarda do carrasco.

- Acompanhe-nos - dissera um deles.

Favras inclinara-se em sinal de anuência.

Depois, apontando-lhe para o resto do fato, que estava numa cadeira, disse:

- Não me dão tempo para acabar de me vestir?

- Como quiser - disse um dos homens.

Então Favras foi direito à mesa onde estavam os diferentes objectos de *toilette*, e com o auxílio do pequeno espelho, que ornava a parede, abotoou o colarinho da camisa, deu certa graça às rendas da mesma, e um nó, o mais aristocrático que lhe foi possível, à gravata.

Depois vestiu o colete e a casaca.

- É preciso levar o chapéu, meus senhores?

- É inútil - respondeu o mesmo homem que já tinha falado.

Um daqueles que nada dissera olhava para Favras com tal atenção, que muito o surpreendia.

Pareceu-lhe até que este homem lhe fizera um sinal imperceptível. Mas esse sinal fora tão rápido, que Favras ficara duvidoso.

E demais, que teria que lhe dizer aquele homem?

Não se ocupou mais de semelhante coisa e fazendo com a mão um sinal amigável ao carcereiro, disse:

- Está bem, meus senhores, caminhem adiante, que eu os sigo.

À porta esperava-o um meirinho.

Este ia adiante de Favras, e em seguida os dois homens sinistros.

O fúnebre cortejo dirigiu-se ao andar térreo.

Entre os carcereiros havia também um pelotão da guarda nacional.

O meirinho, vendo-se apoiado por esta força, disse ao condenado:

- Senhor, entregue-me a cruz de S. Luís.

- Julgava ter sido condenado à morte e não à degradação - disse Favras.

- São as ordens - respondeu o meirinho.

Favras tirou a cruz, e não querendo entregá-la àquele homem de justiça, depositou-a nas mãos do sargento, que comandava o pelotão.

- Está bem - disse o meirinho sem insistir em que a cruz lhe fosse entregue pessoalmente; - acompanhe-me.

Subiram uns vinte degraus, parando diante de uma porta de carvalho toda chapeada de ferro; era uma dessas portas que causam calafrios aos condenados que as vêem; uma dessas portas como duas ou três que se encontram no caminho do sepulcro, por detrás das quais, sem saber o que nos espera, facilmente se adivinha que existe algum objecto horrível!

Abriu-se a porta, para logo se tornar a fechar como se um braço de ferro a impelisse.

Favras achou-se então na sala da tortura!

- Ah! Ah! Meus senhores - disse ele empalidecendo ligeiramente - quando se conduz alguém a estes lugares, sempre se tem a caridade de o prevenir.

Ainda bem não acabara de pronunciar estas palavras, quando os dois homens, que o seguiam, caíram sobre ele repentinamente a fim de lhe despirem a casaca e o colete, para lhe desatarem a gravata tão engenhosamente posta, e para lhe atarem as mãos atrás das costas.

Apenas um daqueles homens, que se dispunha a torturá-lo, aquele que julgou ter-lhe feito um sinal, se chegou a ele, para lhe murmurar ao ouvido:

- Quer que o salvem? Ainda é tempo.

Este oferecimento fez assomar o sorriso aos lábios de Favras, recordando-se da grandeza da sua missão.

Favras apenas meneou negativamente a cabeça.

Estenderam-no num cavalete.

Um dos algozes trazia o avental cheio de pontas de ferro e um malho na mão.

Favras apresentou voluntariamente ao homem a delicada perna, calçada com meia de seda e sapato de salto encarnado.

Mas neste momento, estendeu o meirinho o braço, como para suspender a execução.

- Basta - disse ele; - o tribunal perdoa ao condenado a pena de tortura.

- Ah! Parece-me que o tribunal tem medo que eu fale... Mas nem por isso deixo de lhe agradecer a graça que me faz; ficarei com as pernas em bom estado para me levarem ao patíbulo, o que já não é pouco... Agora, meus senhores, bem sabem que estou à sua disposição.

- É necessário que se demore nesta sala uma hora - respondeu o meirinho.

- Não é lá muito recreativo, mas, enfim, sempre é curioso - disse Favras.

E dizendo isto, principiou a examinar miudamente todos aqueles bárbaros instrumentos semelhantes a monstruosas aranhas de ferro, a gigantescos escorpiões.

Conhecia-se que todos aqueles instrumentos obedecendo a uma voz fatal, se animavam, tomavam vida e mordiam cruelmente.

Havia-os de todas as formas e de todos os tempos, desde Filipe Augusto até Luís XVI: viam-se os croques que rasgavam os judeus no século XII; viam-se as rodas que moeram os protestantes no século XVII.

Favras parou diante daqueles troféus, perguntando o nome de cada um.

Aquele sangue frio chegou a fazer pasmear os algozes, que, como todos sabem, é gente que não pasma facilmente.

- Com que fim faz todas essas perguntas? - disse um deles a Favras.

Este olhou para ele com o ar chocarreiro, que tão familiar é nos fidalgos.

- É porque pode acontecer que encontre Satanás no caminho que vou percorrer, e não se me daria de conquistar-lhe a amizade, indicando-lhe, para torturar os seus condenados, todas estas máquinas, que decerto ainda não conhece.

O preso acabava justamente de fazer estas observações quando bateram cinco horas no relógio do Châtelet.

Havia duas horas que tinha saído do cárcere.

Levaram-no para lá novamente.

Encontrou o cura de Saint-Paul, que o esperava.

Já vimos que as duas horas de demora não tinham sido perdidas, e que, se alguma coisa podia convenientemente dispô-lo para a morte, era o espectáculo que acabava de contemplar.

O cura recebeu-o com os braços abertos.

- Padre - disse Favras - desculpe-me se não posso abrir-lhe mais do que o meu coração; estes senhores tiveram o cuidado de dispor as coisas de modo que nada mais pudesse patentear-lhe.

E mostrou-lhe as mãos, que trazia ligadas atrás das costas.

- Não seria possível - perguntou o padre - desatar os braços do condenado, durante o tempo que estiver comigo?

- Isso, não está na nossa mão - respondeu o meirinho.

- Meu reverendo - disse Favras - pergunte-lhe se em lugar de as ter ligadas atrás, não poderiam ligar-mas adiante; ao menos poderia pegar numa tocha e ler a minha sentença.

Os dois algozes olharam para o meirinho, o qual fez um sinal com a cabeça, que queria dizer que não havia nisso inconveniente nenhum, sendo logo concedido ao marquês o favor que solicitava.

Depois deixaram-no só com o cura.

O que se passou naquela entrevista suprema de homem do mundo com o homem de Deus, é o que ninguém pôde saber. Na presença da santidade da religião, patentearia Favras o seu coração, que se conservara fechado perante a majestade da justiça? Perante as consolações que lhe oferecia aquele mundo em que ia entrar, os olhos, ressequidos pela ironia, molhar-se-iam com uma das lágrimas, que no seu coração amontoara, e decerto precisaria derramar sobre os objectos queridos, que ia deixar sós e abandonados neste mundo, de que ia separar-se? É o que não puderam revelar os que lhe entraram no cárcere pelas três horas depois do meio dia, e o foram encontrar de lábios risonhos, pálpebras enxutas e o coração inteiramente fechado.

Iam anunciar-lhe que era chegada a hora de morrer!

- Meus senhores - disse ele - peço-lhes perdão, mas foram os senhores que me fizeram esperar.

Então, como se achasse já sem casaca, nem colete, e tivesse as mãos ligadas, tiraram-lhe os sapatos e as meias, e vestiram-lhe uma alva por cima do resto do vestuário.

Em seguida puseram-lhe ao peito um papel com estas palavras:

CONSPIRADOR CONTRA O ESTADO

À porta do Châtelet esperava-o um carro cercado de numerosa guarda.

Havia nesse carro uma tocha acesa.

Assim que a multidão avistou o condenado, rompeu logo em estrepitosas palmas!

Desde as seis horas da manhã que tinham conhecimento da sentença, e a multidão achava muito longo o espaço que mediava entre o julgamento e o suplício.

Os mendigos corriam pelas ruas, pedindo a *molbadura* a quem passava.

- Por que motivo querem vocês a *molbadura*? - perguntavam estes.

- Pela execução do Sr. de Favras – respondiam os mendigos da morte.

Favras subiu com passo firme para o carro fatal; sentou-se do lado onde a tocha brilhava, por saber que ela estava ali por causa dele.

O cura de S. Paulo subiu após ele, sentando-se-lhe à esquerda.

O executor foi o último a subir, sentando-se atrás do condenado.

Era o mesmo homem, de olhar triste e suave que vimos assistir, no pátio de Bicêtre, ao ensaio da máquina de Guillotin.

Vimo-lo então, vemo-lo agora, e teremos ocasião de o tornar a ver. É o verdadeiro herói da época em que vamos entrar.

Antes de sentar-se, o carrasco passou ao pescoço do condenado a corda com que o devia enforcar, e cuja ponta conservou na mão.

No momento em que o carro se punha a caminho, observou-se na multidão um movimento; Favras dirigiu naturalmente os olhos para aquele lado.

Viu muita gente que se atropelava com o fim de colocar-se melhor para o ver passar.

Mau grado seu, estremeceu de repente, divisando entre a multidão, rodeada de cinco ou seis amigos, o visitante nocturno, que lhe prometera vigiá-lo até ao último momento, e que, apesar do disfarce, reconheceu logo.

O condenado fez-lhe um sinal com a cabeça, mas um sinal que só indicava reconhecimento e nada mais.

O carro continuou no seu caminho, parando unicamente, diante da igreja de Nossa Senhora, cuja porta principal estava aberta, distinguindo lá ao fundo, o altar-mor, onde brilhavam seis velas acesas.

Havia uma tal afluência de curiosos, que o carro era obrigado a parar a cada momento, não podendo continuar no seu caminho sem que a guarda conseguisse abrir-lho.

- É necessário descer, senhor, para fazer uma confissão pública do seu delito - disse o executor ao condenado.

Favras obedeceu sem responder.

O padre desceu primeiro, em seguida o condenado, depois o carrasco sem largar a corda da mão.

Levava os braços ligados, mas as mãos iam livres.

Na direita puseram-lhe a tocha; na esquerda a sentença.

O condenado adiantou-se até ao adro, onde ajoelhou.

Nas primeiras pessoas que o rodeavam, conheceu logo o mesmo indivíduo que já tinha visto à saída do Châtelet, juntamente com os seus companheiros.

Aquela persistência pareceu enternecê-lo, mas nem uma só palavra lhe saiu dos lábios.

Um escrivão do Châtelet esperava-o ali.

- Leia, senhor - disse-lhe em voz alta.

E logo em voz baixa, acrescentou:

- Sr. marquês, bem sabe que, se quiser pronunciar uma só palavra, será salvo.

Sem nada responder, o condenado continuou a sua leitura, que foi feita em voz alta, sem que a mais pequena comoção lhe traísse a acentuação firme e enérgica.

Depois, terminando a leitura e dirigindo-se à multidão que o rodeava, disse:

- Prestes a comparecer na presença de Deus, perdôo aos que, contra a sua consciência, me acusaram de projectos criminosos. Amava o meu rei, morro fiel a este sentimento. É um exemplo que dou e que espero seja seguido por alguns nobres corações. O povo pede a minha morte em altos brados: precisa uma vítima; seja! Quero antes que a escolha da fatalidade caia sobre mim, do que sobre algum cobarde, a quem a presença de um suplício não merecido lançasse no desespero ou na consternação. Portanto, se não tenho aqui mais nada que fazer, continuemos o nosso caminho, meus senhores.

Assim se fez.

Pouca distância há da igreja de Nossa Senhora até à praça de Grève; contudo o carro gastou uma boa hora para fazer esse trânsito.

Chegado à praça:

- Meus senhores - perguntou Favras - não me seria permitido subir um instante que fosse à casa da câmara?

- Tem algumas revelações a fazer, meu irmão? - perguntou o padre.

- Não, meu padre, mas quero ditar o meu testamento de morte. Sempre ouvi dizer que nunca se negava a um condenado esta última graça.

O carro, em vez de marchar direito ao sítio da execução, tomou para a casa da câmara.

Um grande clamor se levantou no povo.

- Vai fazer revelações! - exclamou o populacho de todos os lados.

A este brado poderia ver-se empalidecer um elegante mancebo, todo vestido de preto, e que se conservava de pé, junto ao cais Pelletier.

- Oh! Nada receie, Sr. conde Luís - disse uma voz; - o condenado não dirá uma só palavra do que se passou na praça Real.

O mancebo vestido de preto voltou-se de súbito. As palavras que lhe tinham sido dirigidas foram pronunciadas por um indivíduo, cujo rosto não podia divisar, porque assim que acabara a frase carregara para os olhos o largo chapéu.

E daí, se alguma dúvida ficasse ao mancebo, essa dúvida seria em breve desvanecida.

Chegando à casa da câmara, Favras fez sinal de que queria falar.

No mesmo instante cessaram os rumores, como se a rajada de vento oeste, que naquele momento passava, os levasse consigo.

- Meus senhores - disse Favras - ouço repetir em volta de mim que subo à casa da câmara para fazer revelações; isto não é exacto, e no caso, em que haja entre os senhores, como é possível, alguém que receie essas revelações, que se tranqüilize; o único motivo que me obriga a subir à casa da câmara é ditar o meu testamento de morte.

E com passo firme penetrou pela abóbada sombria, subiu as escadas, e entrou na sala onde costumam conduzir os condenados, e a que por isso chamavam sala das revelações.

Ali, três homens vestidos de preto esperavam Favras, e entre eles o escrivão, que lhe falara no adro de Nossa Senhora.

Então o condenado, que com as mãos presas não podia escrever, pôs-se a ditar o seu testamento de morte.

Muito se falou do testamento de Luís XVI, por isso que muito se fala do testamento dos reis; temos à vista o de Favras, e só diremos ao público que o leia e compare!

Ditado o testamento, pediu Favras para o ler e assinar.

Desataram-lhe as mãos; leu o testamento, corrigiu três erros de ortografia que cometera o escrivão, e em cada página assinou: *Mahi de Favras*.

Feito isto, estendeu as mãos para que lhas ligassem de novo, operação que efectuou o carrasco, que se não tinha desviado dele.

Todavia, o testamento levava mais de duas horas. O povo, que esperava desde pela manhã, começava a impacientar-se; havia ali muitas pessoas que tinham vindo com o estômago vazio, contando almoçar depois da execução, e ainda se achavam em jejum.

Principiava-se portanto a murmurar com o murmúrio terrível e ameaçador, que já se ouvira na mesma praça no dia do assassinio de Launay, naquele em que enforcaram Foulon, e naquele em que estriparam Berthier.

Além disso, o povo principiava a desconfiar que tivessem feito evadir Favras por alguma das portas traseiras.

Nesta conjectura, já alguém propunha que se enforcassem os municipais em lugar de Favras, e que se desmoronasse a casa da câmara.

Felizmente, pela volta das nove horas da noite, apareceu de novo o condenado. Tinham distribuído tochas acesas aos soldados que o acompanhavam; todas as janelas da praça estavam iluminadas; só a força ficara em misteriosa e terrível escuridão!

A aparição do condenado foi saudada por um clamor uníssono e por um grande movimento, que se operou entre os cinquenta mil espectadores, que estavam amontoados na praça de Grève.

Desta vez, estavam certos de que o desgraçado não se evadira, e também de que não poderia já evadir-se.

Favras lançou os olhos em volta de si.

Depois falando consigo, com o sorriso irónico que lhe era particular, murmurou:

- Nem uma só carruagem! Muito esquecida é a nobreza! Foi mais solícita para com o conde Horn do que para comigo!

- É porque o conde de Horn era um assassino, e tu não és mais do que um mártir! - lhe respondeu uma voz.

Favras voltou-se e conheceu o mesmo indivíduo, que já tinha visto duas vezes, apesar do seu disfarce, e que não era outro senão Cagliostro.

- Adeus, senhor - lhe disse Favras - espero que em caso de necessidade testemunhará o meu procedimento.

E com passo seguro, desceu os degraus e encaminhou-se direito ao patíbulo.

No momento em que punha os pés no primeiro degrau da escada da força, ouviu uma voz que lhe gritava:

- Salta, marquês!

O marquês com voz grave e sonora, respondeu:

- Cidadãos, morro inocente... Orai a Deus por mim!

No quarto degrau ainda tornou a parar, e com entoação tão firme e elevada como da primeira vez, repetiu:

- Cidadãos, peço-lhes o auxílio das suas orações... Morro inocente!

Do oitavo degrau, isto é, daquele donde devia ser precipitado, disse pela terceira vez:

- Cidadãos, morro inocente... Orai a Deus por mim!

- Mas, disse-lhe um dos ajudantes do carrasco, que subia a escada ao lado dele, não quer

então que o salvem?

- Obrigado, meu amigo, disse Favras; Deus lhe pague as suas intenções!

Depois, levantando a cabeça para o carrasco, que parecia esperar alguma ordem, em lugar de lhe dar, disse:

- Cumpra o seu dever.

Apenas pronunciara estas palavras, o carrasco, impeliu-o e o corpo balanceou o espaço.

Enquanto se operava um grande movimento à vista daquele espectáculo na praça de Grève; enquanto alguns amadores batiam as palmas e gritavam *bis* como teriam feito ouvindo uma copla da comédia ou uma ária dalguma ópera, o mancebo vestido de preto, fendendo a multidão, e dirigindo-se apressadamente ao Pont-Neuf, subiu lesto para uma carruagem sem armas, que o esperava, gritando ao cocheiro:

- Ao Luxemburgo, e a galope!

A carruagem partiu sem demora.

Efectivamente, três homens esperavam impacientes a chegada daquela carruagem.

Eram o conde de Provença e dois fidalgos da sua casa, a quem já nomeámos no decurso desta história, e julgamos inútil nomear aqui.

Esperavam com grande impaciência, por isso que deviam sentar-se à mesa às duas horas, e no meio da sua inquietação, ainda o não tinham podido fazer.

Pela sua parte, o cozinheiro também estava desesperado; era o terceiro jantar que preparava; o jantar, que só poderia esperar dez minutos, estragar-se-ia inevitavelmente num quarto de hora!

Estavam pois neste momento supremo, quando ouviram o rodar de uma carruagem no interior do pátio.

O conde de Provença correu à janela, mas só pôde ver uma sombra que saltava do último degrau do estribo para o primeiro degrau da escada do palácio.

Em consequência disto retirou-se da janela e correu para o lado da porta; mas antes do futuro rei de França chegar à porta, ela abriu-se, dando entrada ao mancebo vestido de preto.

- Meu senhor - disse ele - tudo está concluído... O marquês de Favras morreu sem pronunciar uma só palavra.

- Então podemos tranquilamente assentar-nos à mesa, meu caro Luís.

- Sim, meu senhor... Era na verdade um digno fidalgo o marquês!

- Também sou da sua opinião, meu caro - acudiu sua alteza real - beberemos ao *dessert* um copo de Constança à *sauvé dele*. Para a mesa, meus senhores!

Neste momento abriu-se a porta de par em par e os ilustres comensais passaram do salão para a sala de jantar.

X

Está salva a monarquia

Alguns dias depois da execução, que acabamos de referir e em cujas particularidades entrámos para edificar os nossos leitores acerca da gratidão que devem esperar dos reis e dos príncipes, os que por eles se sacrificam, um homem montado num cavalo russo seguia lentamente a aldeia de Saint-Cloud.

Aquela lentidão não provinha de cansaço do cavaleiro nem do cavalo; tanto um como outro pouco se tinham fatigado, o que era fácil ver, porquanto a espuma que saía da boca do animal provinha mais de o terem reprimido com obstinação, do que de o haverem violentado. Quanto ao cavaleiro, que facilmente se conhecia ser um fidalgo, o vestuário, extremamente asseado, atestava a precaução que tomara para se livrar da lama, que naquele tempo cobria a estrada.

O que tinha retardado o cavaleiro era o pensamento profundo em que visivelmente vinha

imerso, e talvez o desejo que tinha de chegar a uma hora certa e determinada, que ainda não se aproximava.

Era um homem dos seus quarenta anos, cuja notável fealdade não deixava de infundir-lhe grande carácter.

Cabeça grande, pernas inchadas, rosto bexigoso, cor fácil a animar-se, olhos prontos a projectar o relâmpago, boca costumada a mascar e a cuspir o sarcasmo, tal era o aspecto daquele homem, que à primeira vista parecia destinado a ocupar um lugar elevado e a fazer no mundo grande bulha.

Todavia aquela fisionomia parecia coberta com um véu lançado sobre ela por uma dessas enfermidades orgânicas, contra as quais se debatem em vão os mais vigorosos temperamentos. Cor de rosto escura e macilenta, olhos fatigados e vermelhos, faces abatidas, um princípio de obesidade doentia, tais eram as características que aquele homem apresentava.

Chegando ao cimo da aldeia, franqueou, sem hesitar, a porta que deitava para o pátio do palácio, sondando com os olhos as profundezas do pátio.

Do lado direito, entre dois edifícios que formavam uma espécie de beco sem saída, parecia esperá-lo outro homem, que fez imediatamente sinal ao cavaleiro para que se aproximasse.

Havia uma porta aberta: o homem que a guardava entrou por ela, o cavaleiro foi atrás dele, e continuando a segui-lo, em breve se achou num segundo pátio, onde o homem parou.

Trajava casaca, calções e colete, tudo preto; depois, circunvagando a vista e certificando-se de que o pátio estava inteiramente deserto, aproximou-se respeitosamente do cavaleiro com o chapéu na mão.

O cavaleiro foi de algum modo ao encontro do desconhecido, porquanto, inclinando-se sobre o pescoço do cavalo, disse em voz baixa:

- É o Sr. Weber?

- É o Sr. conde de Mirabeau? - perguntou o outro.

- Ele mesmo - tornou o cavaleiro - e com mais ligeireza do que se julgaria, apeou-se.

- Entre - disse Weber com vivacidade - e digne-se esperar enquanto eu vou meter o cavalo na cavalaria.

Ao mesmo tempo abriu a porta de uma sala, cujas janelas e outra porta deitavam para o parque.

Mirabeau entrou na sala, e empregou os poucos minutos que mediavam até à volta de Weber em desabotoar as polainas de couro, que descobriam umas meias de seda intactas e uns sapatos de um polimento deslumbrante.

Weber voltou dali a cinco minutos.

- Venha, Sr. conde - disse ele; - Sua Majestade a rainha espera-o.

- A rainha espera-me! - exclamou Mirabeau. - Teria eu a desventura de a fazer esperar? Todavia julgava ter sido exacto na hora combinada.

- Quero dizer que a rainha está impaciente por o ver... Venha, Sr. conde, venha.

Weber abriu a porta, que deitava para o jardim, e embrenhou-se no labirinto de ruas arborizadas, que conduzem ao sítio mais solitário e mais elevado do parque.

Ali, através das árvores, que estendiam os seus ramos desfolhados no meio de uma atmosfera triste e carregada, distinguia-se um pavilhão, conhecido pelo nome de *quiosque*.

As persianas deste pavilhão estavam hermeticamente fechadas, à excepção de duas, que apenas cerradas, deixavam penetrar, como através das seteiras de uma torre, dois raios de luz, apenas suficientes para alumiar o interior.

O fogão estava aceso e sobre ele ardiam as velas de dois candelabros.

Weber fez entrar aquele a quem servia de guia, numa espécie de antecâmara, e abrindo depois cautelosamente a porta do *quiosque*, anunciou:

- O Sr. conde Riquetti de Mirabeau!

E desviou-se em seguida para deixar passar o conde adiante de si.

Se houvesse escutado no momento em que o conde passava junto dele, certamente lhe teria sentido palpar o coração no vasto peito.

Quando foi anunciada a presença do conde, levantou-se uma mulher do canto mais desviado do *quiosque*, e com uma espécie de hesitação, mesmo de terror, deu alguns passos para ir ao encontro da pessoa que anunciavam.

O coração daquela mulher palpitava também com violência; tinha diante dos olhos o homem odioso, fatal e desacreditado; o homem acusado de ter promovido os dias 5 e 6 de Outubro; o homem para quem se havia voltado um momento, mas que fora repellido por alguém mesmo da corte, e que depois fizera sentir a necessidade de tratar de novo com ele em consequência de duas terríveis cóleras, que se tinham exaltado até ao sublime.

A primeira era a sua apóstrofe ao clero, a segunda o discurso em que ele explicara como os representantes do povo de simples deputados de aldeia se tinham constituído em Assembléia Nacional.

Mirabeau aproximou-se com uma graça e cortesia, que a rainha muito se admirou de encontrar nele, ao primeiro relancear de olhos, e que parecia repugnar àquela organização enérgica.

Depois de dar alguns passos, saudou respeitosamente, esperando as palavras da rainha.

Foi ela quem primeiro rompeu o silêncio, e com certa comoção que não podia ocultar, disse:

- Sr. de Mirabeau, o Dr. Gilberto assegurou-me noutro tempo a disposição em que felizmente se encontrava de ser nosso fiel aliado.

Mirabeau inclinou-se em sinal de anuência.

A rainha continuou:

- Então dirigiu-se-lhe uma proposta, a que respondeu com um projecto de ministério.

Mirabeau inclinou-se pela segunda vez.

- Não é culpa nossa, Sr. conde, se o projecto não pôde realizar-se.

- Assim o creio, minha senhora - respondeu Mirabeau - muito principalmente por parte de Vossa Majestade... A culpa foi dos que se dizem interessados pelo bem da monarquia.

- Que quer, Sr. conde, é uma das desgraças da nossa oposição... Os reis não podem extremar os seus inimigos dos seus amigos; são muitas vezes obrigados a aceitar dedicações funestas. Estamos rodeados de homens, que querem salvar-nos e nos perdem; a sua moção, que separa da próxima legislatura os homens da assembléia actual, é um triste exemplo contra o senhor. Quer que lhe cite também um contra mim? Acreditará porventura que um dos meus mais fiéis, um homem de quem não duvido, seria capaz de morrer por nós, sem que primeiro nos dissesse nada do seu projecto, apresentou no nosso jantar público a viúva e os filhos do marquês de Favras, todos vestidos de luto. O meu primeiro movimento, assim que os vi, foi de me levantar, dirigir-me a eles, e fazer colocar convenientemente os filhos daquele homem, que tão corajosamente morreu por nós (cumpre observar-lhe, Sr. conde Riquetti de Mirabeau, que não sou daquelas que costumam habitualmente negar os seus amigos), de os fazer colocar entre mim e el-rei. Todos os olhos estavam fitos sobre nós; esperavam o que íamos fazer... Voltei-me... Sabe quem estava por detrás de mim, a quatro passos distante da minha cadeira? Santerre, o homem dos *Faubourgs*!... Tornei a sentar-me, chorando de raiva e sem me atrever sequer a lançar os olhos para aquela triste viúva e para os seus infelizes filhos!... Os realistas censurar-nos-ão por não termos arrostado qualquer perigo para dar um testemunho de interesse àquela infeliz família; os revolucionários ficarão furiosos, quando souberem que esta família me foi apresentada por ordem minha. Oh! senhor, senhor - continuou a rainha meneando a cabeça - não há remédio senão sucumbir quando somos atacados por gente de génio, decerto muito estimável, mas que não tem idéia alguma da nossa situação.

E com um suspiro, a rainha levou o lenço aos olhos enxugando uma lágrima.

- Senhora - disse Mirabeau enternecido à vista daquele grande infortúnio, que não procurava ocultar, e que, ou por cálculo de rainha, ou por fraqueza de mulher, lhe patenteava as

angústias e as lágrimas: - Vossa Majestade decerto não fala de mim. Professei os princípios monárquicos, quando não conhecia nem a alma nem o pensamento da augusta filha de Maria Teresa; combati a favor dos direitos do trono quando só inspirava confiança, e quando todos os meus esforços, envenenados pela malignidade, pareciam outras tantas ciladas; servia o rei quando sabia que não devia esperar dele, justo mas iludido, nem benefício nem recompensa; que farei, pois, actualmente, senhora, quando a confiança revela a minha coragem, e quando o reconhecimento que me inspira a recepção de Vossa Majestade faz dos meus princípios um dever? Bem sei que já é tarde, senhora, muito tarde – acrescentou Mirabeau meneando, por seu turno, a cabeça. Talvez que a monarquia, vindo propor-me que a salve, me proponha realmente, que me perca com ela: se reflectisse, escolheria, para aceitar o favor desta audiência, um momento mais oportuno do que aquele em que Sua Majestade el-rei entregou à assembléia o livro vermelho, isto é, a honra dos seus amigos...

- Oh! senhor - exclamou a rainha - julga porventura o rei cúmplice dessa traição, e ignora acaso como as coisas se passaram? O livro vermelho que se exigiu do rei, só foi entregue por ele com a condição de que o conselho guardaria segredo e o conselho mandou-o imprimir; é uma falta de palavra do conselho para com o rei, e não uma traição deste para com os seus amigos.

- Ai, minha senhora, não sabe o motivo que decidiu o conselho a essa publicação, que desaprovo como homem de honra, e renego como deputado? No mesmo momento em que el-rei jurava a constituição, tinha ele um agente em permanência em Turim, no meio dos inimigos mortais dessa constituição; na hora em que falava de reformar as finanças, parecendo aceitar as que a assembléia lhe propunha, existia em Trêves um soldado por ele vestido, por ele equipado, o príncipe de Lambesque, inimigo mortal dos parisienses, e cujo suplício em estátua reclama o povo todos os dias em altos brados. Paga-se ao conde de Artois, ao príncipe de Condé, a todos os emigrados enormes pensões, sem curar do decreto publicado há dois meses, que as aboliu. É certo que el-rei se esqueceu de sancionar esse decreto. Que quer, minha senhora, durante esses dois meses, em vão se pretendeu saber o destino que tiveram sessenta milhões! O rei, instado para o dizer, recusou-se constantemente a responder; o conselho julgou-se então exonerado da sua promessa, e fez imprimir o livro vermelho... Por que motivo entrega o rei as armas, que podem voltar-se contra ele?!

- Deste modo, senhor - redargüiu a rainha – se fosse elevado à honra de conselheiro de el-rei, não lhe aconselharia então as fraquezas com que o comprometem, com que (oh! cumpre dizê-lo!) com que o desonram?

- Se fosse elevado a essa honra, minha senhora - replicou Mirabeau - seria junto dele o defensor do poder monárquico, regulado pelas leis, e o apóstolo da liberdade garantida pelo poder monárquico. Esta liberdade, minha senhora, tem três inimigos, o clero, a nobreza e os parlamentos. O clero já não pertence a este século, matou-o a moção de Talleyrand; a nobreza pertence a todos os séculos; julgo pois que é necessário contar com ela, por isso que sem nobreza não pode haver monarquia; mas é preciso contê-la, e isso não é possível sem que se ligue o povo com a realeza. Ora a realeza não se ligará nunca com o povo, enquanto os parlamentos existirem, por isso que estes hão-de alimentar sempre no rei e na nobreza a esperança fatal da posse da antiga ordem de coisas. Portanto, depois de aniquilado o clero, segue-se a destruição dos parlamentos! Reanimar o poder executivo, regenerar a autoridade real, e conciliá-la com a liberdade, eis aqui toda a minha política, senhora: se é também a de el-rei, cumpre adoptá-la; se não é, que a rejeite.

- Senhor, senhor - acudiu a rainha impressionada pelas luzes que espargia ao mesmo tempo do passado, do presente e do porvir a irradiação daquela vasta inteligência - ignoro absolutamente se essa política seria a de el-rei; mas o que não ignoro é que se eu tivesse algum poder, seria infalivelmente a minha. Portanto, Sr. conde, peço-lhe que me dê a conhecer quais são os meios que tem para chegar a esse fim: escutá-lo-ei não direi com atenção, com interesse, mas decerto com o maior reconhecimento.

Mirabeau lançou um olhar à rainha, olhar de águia, que lhe sondava o abismo do coração,

e viu que se não estava convencida, estava pelo menos enlevada.

Tal triunfo alcançado sobre uma mulher tão superior como era Maria Antonieta lisonjeava quanto possível a vaidade de Mirabeau.

- Senhora - disse ele - pode-se dizer que perdemos Paris; mas ainda nos restam na província grandes massas dispersas, que poderemos constituir em combatentes. É esta a razão, senhora, que me suscita a idéia de que el-rei deve sair de Paris, mas não de França; que se retire para Ruão, que se coloque à frente do seu exército e que publique dali determinações mais populares do que os decretos da assembléia. Desde logo deixará de existir a guerra civil, por isso que o rei se torna mais revolucionário do que a própria revolução.

- Mas essa revolução, não o assusta, senhor? - perguntou a rainha.

- Ai de mim, senhora! Julgo saber melhor do que ninguém os perigos que ela envolve; já o disse a Vossa Majestade, é uma empresa audaciosa das forças humanas o querer restabelecer a monarquia sobre as antigas bases que a revolução destruiu. Para essa revolução concorreram todos em França, desde o rei até ao último dos seus vassallos, fosse por intenção, por acção ou por omissão. Não é pois a antiga monarquia que pretendo defender, senhora, mas penso em modificá-la, em regenerá-la, em estabelecer, enfim, uma forma de governo mais ou menos semelhante àquele que elevou a Inglaterra ao apogeu do seu poder e da sua glória.

- Oh! Sr. conde - disse a rainha, que se recordava com horror daquela visão do castelo de Taverney, e do desenho do instrumento de morte inventado por Guillotin - oh! Sr. conde, dê-nos, se pode, essa monarquia e verá se somos ingratos, como dizem!

- Pois bem - exclamou por seu turno Mirabeau - é o que tenciono fazer, senhora; apoie-me el-rei, anime-me Vossa Majestade, e aqui, a seus pés, deposito o meu juramento de fidalgo de sustentar a promessa que faço a Vossa Majestade, ou morrer de dor e desesperação, se não a cumprir.

- Conde, conde - disse Maria Antonieta - veja que é mais do que uma mulher, que acaba de receber o seu juramento, é uma dinastia de cinco séculos, são setenta monarcas de França, os quais desde Pharamond até Luís XV, dormem nos seus túmulos, e serão destronados connosco se o nosso trono cair.

- Conheço a obrigação que acabo de contrair, senhora; é imensa, bem sei, mas nem por isso é maior do que a minha vontade, nem mais forte do que a minha dedicação. Tenha eu a certeza da simpatia da minha rainha, e da confiança do meu rei, e gostoso empreenderei tão grande obra.

- Se não exige mais do que isso, asseguro-lhe tanto uma como outra.

E dizendo isto saudou Mirabeau com aquele sorriso de sereia, com que conquistava todos os corações.

Mirabeau entendeu que a audiência estava acabada.

O orgulho do homem político estava satisfeito, mas ainda faltava alguma coisa à vaidade do fidalgo.

- Senhora - disse ele fazendo respeitosa vénia - quando Vossa augusta mãe, a imperatriz Maria Teresa, admitia na sua presença um dos seus súbditos, nunca o despedia sem lhe fazer a honra de lhe dar a mão a beijar...

E conservou-se de pé, aguardando a resposta da rainha. Esta olhou para aquele leão agrilhado, cujo maior desejo era lançar-se-lhe aos pés; e com um sorriso de triunfo nos lábios, estendeu-lhe lentamente a delicada mão, tão fria e quase tão transparente como o alabastro.

Mirabeau inclinou-se, tocou com os lábios aquela mão, e levantando com orgulho a cabeça, disse:

- Senhora, este beijo salvará a monarquia!

E retirou-se comovido e risonho, acreditando, pobre homem de génio! no cumprimento da profecia que acabava de fazer.

Regresso à herdade

Enquanto Maria Antonieta deixa penetrar-lhe no coração dolorido a mais ligeira esperança, esquecendo por um momento as angústias da mulher, para se ocupar só das rainhas; enquanto Mirabeau, à maneira do atleta Alcidas, medita o modo de sustentar só a abóbada da monarquia prestes a desmoronar-se, ameaçando-o a ele próprio de submergi-lo nas ruínas, conduzamos o leitor, já cansado de tanta política, para junto de horizontes mais frescos e mais amenos.

Vimos os receios que Pitou incutiu no coração de Billot durante a segunda viagem de Lafayette de Haramont à capital do reino, e que estes receios chamavam o lavrador à herdade, ou para melhor dizer, chamavam o pai para junto da filha.

Não eram exagerados estes receios e cuidados.

O regresso realizara-se no dia que se seguia à famosa noite em que se passara o tríplice acontecimento da fuga de Sebastião Gilberto, da partida do visconde Isidoro de Charny e do delíquio de Catarina no caminho de Villers-Cotterets a Pisseleux.

Noutro capítulo, referimos a maneira como Pitou, depois de conduzir Catarina à herdade, depois de saber dela, no meio de lágrimas e soluços, que o acidente que acabava de ter fora causado pela partida de Isidoro, voltara a Haramont aterrado sob o peso desta notícia, encontrara a carta de Sebastião e partira imediatamente para Paris.

Em Paris, vimo-lo esperando o Dr. Gilberto e Sebastião com tal solicitude, que nem sequer falara a Billot do acontecimento da herdade.

Só depois de se assegurar da sorte de Sebastião, quando o viu chegar com o pai, só então, depois de ouvir da própria boca do mancebo os pormenores da sua viagem, é que se recordara de Catarina, da herdade, e da tia Billot, e falara da má colheita, das chuvas continuadas, e do delíquio de Catarina.

Já dissemos que fora este delíquio que mais particularmente impressionara Billot, resolvendo-se a pedir a Gilberto uma licença, a qual lhe foi imediatamente concedida.

Durante o caminho não cessara Billot de interrogar Pitou a respeito daquele delíquio, porquanto, o pobre homem amava bastante a herdade; amava também a herdade, mas sobretudo o que mais amava era a filha.

E contudo, graças às suas invariáveis idéias de honra, aos seus invencíveis princípios de probidade, esse amor em ocasião oportuna não deixaria de o constituir tão recto e inflexível juiz, quanto era terno e carinhoso pai.

Interrogado por ele, Pitou ia-lhe dizendo tudo.

Encontrara Catarina estendida no meio do caminho, muda, imóvel, inanimada: julgara que estivesse morta; levantara-a nos braços, e pusera-a sobre os joelhos; em breve conhecera que ainda respirava, corra logo com ela à herdade, onde, ajudado pela mãe, a deitara cuidadosamente na cama.

Ali, enquanto a desconsolada mãe se lamentava, lançara-lhe quantidade de água sobre o rosto. Graças àquela frescura, Catarina abriu os olhos, o que fez com que Pitou se retirasse da herdade, julgando que a sua presença já ali não fosse necessária, e até se tornasse enfadonha.

Quanto ao resto, isto é, quanto ao que dizia respeito a Sebastião, o pai Billot ouvira-lhe uma vez dizer o que se passara e isso lhe bastara.

Portanto, o pobre pai só se ocupava da filha perdendo-se sem cessar em conjecturas acerca do acidente que ela tivera, e das causas prováveis que o tivessem motivado.

Estas conjecturas traduziam-se em perguntas dirigidas a Pitou, perguntas a que este respondia diplomaticamente: “Não sei, ignoro...”

E estas respostas não deixavam de ter um mérito; por isso que Catarina, como já sabemos, tivera a cruel franqueza de lhe confessar tudo, e portanto, Pitou tudo sabia.

Sabia que, com o coração oprimido, com a partida de Isidoro, Catarina desmaiara no sítio

em que a encontrara.

Mas isto não seria ele capaz de declarar, nem por todas as riquezas do mundo!

Pitou amava Catarina, admirava-a sobretudo; vimos oportunamente a soma de angústias que essa admiração e esse amor, mal apreciados, haviam amontoado no coração de Pitou e os veementes transportes, com que lhe assaltavam o espírito.

Mas aqueles transportes, por mais exaltados que fossem, aquelas dores por mais agudas que as sentisse, ao passo que causavam a Pitou os maiores apertos de estômago, que muitas vezes o impossibilitavam de comer, aqueles transportes e dores, dizemos, nunca lhe provocavam nem o desfalecimento nem o delíquio.

Pitou, estabelecia portanto este dilema cheio de razão, que com a sua lógica habitual dividia em três partes:

“Se Catarina ama Isidoro a ponto de perder os sentidos, quando ele se separa dela, é inquestionável que o ama mais do que eu a amo, por isso que nunca desmaiei, ao ausentar-me dela”.

Depois desta primeira passara à segunda:

“Se o ama mais do que eu a amo, deve necessariamente sofrer mais do que eu sofri; neste caso deve sofrer muito... muito”!

Daqui passava à conclusão, conclusão tanto mais lógica, quanto, assemelhando-se a qualquer boa conclusão... referia-se toda ao exórdio.

“E com efeito, ela sofre mais do que eu, por isso que perde os sentidos e eu não”.

Era do que derivava o silêncio de Pitou acerca de Catarina, silêncio que aumentava os receios de Billot, os quais à medida que aumentavam, se traduziam mais claramente pelas chicotadas que o digno proprietário aplicava sem cessar ao triste rocinante que chegava de Dammartin; e com tal vigor que pelas quatro horas da tarde, tanto o cavalo, como a carroça e os dois viajantes que conduzia, tudo chegara à porta da herdade, onde os latidos dos cães em breve lhes anunciaram a presença.

Assim que parou a carroça, entrou Billot rapidamente na herdade.

Mas um obstáculo, que decerto não esperava, parecia vedar-lhe a entrada no quarto da filha.

Era o Dr. Raynal, cujo nome, segundo nos parece, já tivemos ocasião de pronunciar no decurso desta história, o qual declarou que, no estado em que Catarina se achava, qualquer comoção, não só era perigosíssima, mas poderia ser mortal. Era um novo golpe que feria Billot.

Sabia o facto do delíquio, mas desde o momento em que Pitou vira Catarina abrir novamente os olhos e tornar a si, não se preocupara mais, se assim nos podemos explicar, senão das causas e das conseqüências morais do acontecimento.

Mas queria a desgraça que, além das causas e das conseqüências, houvesse ainda um resultado físico.

Esse resultado físico era uma febre cerebral, que se declarara na véspera pela manhã, e que ameaçara de elevar-se ao maior auge de intensidade.

O Dr. Raynal estava ocupado em combater essa febre cerebral com todos os meios que costumavam empregar os adeptos da antiga medicina, isto é, sangrias, sinapismos, etc., etc.

Esse tratamento, porém, por mais enérgico que fosse, até ali, apenas servira de paliativo à enfermidade; a luta mal principiava a empenhar-se entre o mal e o remédio: e desde pela manhã que Catarina se achava a braços com um violento delírio.

E nesse delírio, sem dúvida, declarara a infelizes coisas extraordinárias; porquanto, sob pretexto de evitar-lhe comoções, já o Dr. Raynal desviara dali a mãe, como neste momento desviava o pai.

A mãe Billot estava sentada num escabelo próximo da chaminé; tinha a cabeça escondida entre as mãos, e parecia completamente estranha a tudo quanto se passava em sua volta.

Todavia, insensível ao ruído da carroça, aos latidos dos cães, à entrada de Billot na cozinha, reanimou-se quando ouviu a voz do marido, que discutia com o doutor.

Levantou então a cabeça, abriu os olhos, cravou o olhar inquieto em Billot, e exclamou:

- Ah! Meu marido!

E levantando-se, trémula, correu com os braços abertos a lançar-se contra o peito arquejante de Billot.

O marido olhou para ela espavorido, como se mal a conhecesse.

- Ah! - exclamou ele com o rosto banhado de suor, de agonia - que temos por aqui de novo?

- Temos - disse o Dr. Raynal - que sua filha tem uma meningite, como nós lhe chamamos, e quando se sofre esta moléstia, assim como se não devem tomar certas coisas, também se não podem ver certas pessoas.

- Mas - perguntou o pai Billot - acaso essa doença é perigosa? Morre-se porventura dela?

- De todas as doenças se morre, meu caro Sr. Billot, quando não são bem tratadas: mas deixe-me cuidar de sua filha, e asseguro-lhe que não há-de morrer.

- Com certeza, doutor?

- Respondo por ela... mas é necessário que nestes dois ou três dias só eu e as pessoas por mim designadas lhe entrem no quarto.

Billot soltou um suspiro; todos o julgavam resignado, mas tentando um último esforço, como se fosse uma criancinha pedindo uma graça, perguntou:

- Não poderei ao menos vê-la?

- E se a vir, se lhe der um beijo, deixar-me-á sossegado, sem nada mais exigir?

- Juro-o, doutor!

- Pois bem! Venha comigo.

Abriu então a porta do quarto de Catarina, e o pai Billot pôde vê-la com a testa cingida com um pano ensopado em água gelada, os olhos espantados, e o rosto ardente de febre.

Pronunciava palavras entrecortadas, e quando Billot chegou os lábios, pálidos e trêmulos, àquela fronte fria e úmida, afigurou-se-lhe, no meio daquelas palavras incoerentes, ter ouvido balbuciar o nome de Isidoro.

No limiar da porta da cozinha agrupavam-se a mãe Billot com as mãos postas; Pitou nos bicos dos pés, olhando por cima dos ombros da proprietária; e dois ou três trabalhadores que, achando-se ali, estavam curiosos de saber o estado da sua patroa nova.

Fiel à sua promessa, o pai Billot retirou-se depois de dar um beijo na filha, mas retirou-se de sobranceiras franzidas com o olhar sombrio e resmungando:

- Vamos, vamos, agora vejo que era tempo de voltar...

E tornou a entrar na cozinha onde sua mulher o seguiu maquinalmente, e onde Pitou também ia segui-lo, quando o doutor, puxando pela aba da véstia, lhe disse:

- Não saia da herdade, tenho precisão de lhe falar.

Pitou voltou-se pasmado, e ia já para interrogar o doutor; mas este pôs misteriosamente e em silêncio o dedo na boca.

Pitou não se mexeu do lugar onde estava, simulando, de um modo mais grotesco do que poético, os deuses antigos, que com os pés pegados aos pedestais, marcavam aos proprietários o limite dos seus campos.

Daí a cinco minutos tornou a abrir-se a porta do quarto de Catarina, e ouviu-se a voz do doutor chamando por Pitou.

- Heim? - disse este como arrancado do profundo sonho em que parecia mergulhado - que me quer, Sr. Raynal?

- Venha ajudar a Sr^a. Clementina a segurar Catarina, enquanto eu vou sangrá-la pela terceira vez.

- Pela terceira vez! - rosnou a tia Billot; - vai sangrar minha filha pela terceira vez!

- Mulher, mulher - murmurou Billot com voz severa - nada disto teria acontecido se vigiasses melhor a tua filha!

E retirou-se logo para o seu quarto, do qual se achava ausente havia três meses, ao passo

que Pitou, arvorado em ajudante de cirurgião pelo Dr. Raynal, entrava no de Catarina.

XII

Pitou enfermeiro

Pitou ficou admiradíssimo de prestar para alguma coisa ao médico; mas muito mais admirado ficaria se este lhe dissesse que era mais um auxílio moral do que físico o que dele esperava para com a doente.

Efectivamente, o doutor notara que, na força do delírio, Catarina juntara sempre o nome de Pitou ao de Isidoro; eram estas, como hão-de lembrar-se, as últimas imagens que deviam ter-se gravado no espírito da moça: Isidoro, quando ela fechara os olhos; Pitou, quando tornara a abri-los.

Todavia, como a doente não pronunciava aqueles nomes com a mesma expressão, o Dr. Raynal, que não era menos perspicaz que o seu ilustre homónimo autor da *História Filosófica da Índia*, considerara imediatamente que entre aqueles dois nomes, *Isidoro de Charny* e *Ângelo Pitou*, pronunciados em tom diferente, mas igualmente expressivo, por uma rapariga, o nome de Ângelo Pitou devia ser o de um amigo, e o de Isidoro Charny o de um amante. Portanto, não só não achava inconveniente, como encontrava vantagem em aproximar da doente um amigo com quem pudesse falar do amante.

Conquanto nada queiramos abater na perspicácia do Dr. Raynal, diremos que a coisa era-lhe fácil, porque tudo se lhe apresentara tão claro como o dia, bastando-lhe, como nos casos de medicina legal, agrupar os factos para que a verdade se lhe apresentasse completa.

Em Villers-Cotterets todos sabiam que na noite de 5 para 6 de Outubro Jorge de Charny fora morto em Versalhes, e que na manhã seguinte o seu irmão Isidoro, chamado pelo conde de Charny, partira para Paris.

Ora, Pitou, encontrara Catarina desmaiada no caminho de Boursonne; levava-a sem sentidos para o casal; em seguida a este acontecimento, Catarina fora atacada de febre cerebral, trouxera o delírio; no delírio todos os esforços eram para deter o fugitivo, e o fugitivo chamava-se Isidoro.

Vê-se portanto quão fácil era ao doutor adivinhar o segredo de Catarina, o qual era mais que o segredo do seu coração.

Nesta conjectura o doutor formara o seguinte raciocínio:

A primeira necessidade de um doente atacado do cérebro é o sossego.

O que pode levar o sossego ao coração de Catarina? Saber o que foi feito do amante.

A quem pode ela pedir notícias do amante? Àquele que pode sabê-las.

E quem pode sabê-las? Pitou, que acaba de chegar de Paris.

O raciocínio era ao mesmo tempo, simples e lógico; e foi por isso que o doutor o concebeu.

Por isso, tratou desde logo de ocupar Pitou como seu ajudante, conquanto nessa qualidade pudesse dispensá-lo, visto que não era uma nova sangria que ia fazer, mas simplesmente abrir de novo a cesura, a fim de tirar mais um pouco de sangue.

O doutor descobriu cuidadosamente o braço de Catarina, tirou o chumaço que comprimia a cicatriz, apartou com os dedos as carnes ainda mal unidas, e o sangue espirrou de súbito.

Vendo aquele sangue, em troco do qual dera o seu de bom grado, Pitou sentiu que as forças o abandonavam.

Foi sentar-se na poltrona da Sr^a. Clementina, com as mãos nos olhos, soluçando, e a cada soluço, soltava do íntimo do coração estas palavras:

- Oh! Menina Catarina!... Pobre menina Catarina!...

E a cada uma destas palavras dizia mentalmente consigo mesmo:

- Oh! Não há dúvida, que ela ama Isidoro mais do que eu mesmo a amo! Não há dúvida que sofre mais do que eu nunca sofri, porque é necessário sangrá-la, porque sofre de uma febre cerebral, duas coisas desagradabilíssimas que eu nunca tive.

E ao passo que tirava duas chávemas de sangue a Catarina, o doutor, que não perdia de vista o pobre Pitou, felicitava-se por haver tão bem adivinhado que a doente tivesse nele um verdadeiro amigo.

Como pensara o doutor, aquela pequena emissão de sangue acalmara consideravelmente a febre; as artérias das fontes batiam com mais frouxidão; o peito desoprimia-se; a respiração, que era sibilante, tornara-se suave e igual; o pulso passou de cento e dez pulsações a oitenta e cinco, e tudo indicava que Catarina passaria uma noite sossegada.

O Dr. Raynal respirou pois por sua vez. Fez à Sr^a. Clementina as prescrições necessárias, e entre elas a singular recomendação de dormir duas ou três horas, enquanto Pitou vigiasse a doente em seu lugar; e fazendo sinal a este para que o seguisse, entrou com ele na cozinha.

Pitou não hesitou em segui-lo; foram encontrar a tia Billot mergulhada no escuro da chaminé.

A pobre mulher estava por tal modo preocupada, que apenas pôde compreender o que o doutor lhe dizia.

Eram contudo excelentes palavras para o coração de uma mãe!

- Vamos, vamos, coragem, tia Billot! - dizia o doutor; - isto vai o melhor possível.

E a pobre mulher parecia voltar do outro mundo!

- Oh! Meu caro Sr. Raynal, é verdade o que me diz?

- É verdade... a noite não há-de ser má... Não se inquiete; todavia, se ouvir ainda alguns gemidos no quarto de sua filha, livre-se de entrar lá!...

- Meu Deus! Meu Deus - exclamou a pobre mulher com a mais profunda dor; - é bem triste para uma mãe ver-se privada de entrar no quarto de sua filha!

- Que quer! - disse o doutor - é prescrição absoluta... nem a senhora nem seu marido.

- Mas quem cuidará então da minha pobre Catarina?

- Nada receie; lá estão com ela a Clementina e o Pitou.

- Como, o Pitou!

- Sim, o Pitou; conheci nele há pouco as melhores disposições para a medicina; ele vai comigo a Villers-Cotterets, onde vai mandar aviar um remédio pelo boticário, e voltará com ele; Clementina há-de fazê-lo tomar à doente, uma colher de cada vez, e se acontecer alguma coisa de extraordinário, o Pitou, que vigiará Catarina com Clementina, irá chamar-me sem demora... Não é assim, Pitou?

- Em cinco minutos, Sr. Raynal - disse Pitou, com tal confiança em si mesmo, que não devia deixar a menor dúvida no espírito dos seus auditores.

- Bem vê, pois, Sr^a. Billot... - disse o Dr. Raynal.

- Pois bem - respondeu ela - seja como diz; mas ao menos diga ao pobre pai alguma coisa que lhe reanime a esperança.

- Onde está ele? - perguntou o doutor.

- Aqui, no quarto imediato.

- É inútil - disse uma voz do limiar da porta - tudo ouvi.

E efectivamente, os três interlocutores, que se voltaram sobressaltados com aquela resposta inesperada, depararam com o fazendeiro, pálido e de pé no meio da penumbra.

Depois, como se nada mais tivesse que ouvir ou que dizer, Billot entrou outra vez para o seu quarto, sem fazer observação alguma sobre as medidas tomadas pelo Dr. Raynal para aquela noite, no entanto ia num estado que confrangia o vê-lo.

Pitou cumpriu a sua palavra; dali a um quarto de hora já estava de volta com o calmante ordenado pelo facultativo.

O mensageiro atravessou a cozinha e entrou no quarto de Catarina, não só sem impedimento algum, mas também sem ouvir mais que estas palavras, que lhe dirigiu a tia Billot:

- És tu, Pitou?

E sem outra resposta deste, mais do que a seguinte:

- Sou, sim, senhora.

Catarina dormia, como vaticinara o doutor, um sono assaz sossegado; junto dela, estendida em vasta poltrona e com os pés sobre um banquinho, estava a enfermeira, entregue a esse estado de sonolência peculiar àquela honrosa classe da sociedade, a qual, não tendo direito para dormir a sono solto, nem força para se conservar sempre acordada, se parece com essas almas a que é proibido descer até aos Campos Elísios, e que se vêem por isso condenadas a vagar eternamente entre os limites da vigília e do sono.

Foi neste estado de sonambulismo natural que ela recebeu das mãos de Pitou a garrafa com o calmante, que destapou e pôs em cima da mesa, colocando também junto dela uma colher de prata, para que a doente esperasse o menos possível, quando houvesse de se lhe ministrar o remédio.

Depois estendeu-se de novo na poltrona.

Quanto a Pitou, esse sentou-se no parapeito da janela, para ver Catarina mais à sua vontade.

O sentimento misericordioso que dele se apossara, ao pensar em Catarina, não tinha por certo diminuído quando a vira. Agora, que lhe era permitido, por assim dizer, tocar o mal com o dedo, e julgar o terrível estrago que pode produzir essa coisa abstracta a que chamam amor, sentia-se disposto, mais do que nunca, a sacrificar o seu amor, que lhe parecia de tão fácil composição ao pé desse amor exigente, febril, terrível, de que lhe parecia atacada a formosa Catarina.

Estas idéias, colocavam-no insensivelmente na disposição de espírito de que carecia, para favorecer o plano do Dr. Raynal.

Efectivamente, pensara o insigne facultativo, que o remédio de que Catarina mais carecia era esse tónico a que se chama um confidente. Era com efeito um grande observador!

Cerca duma hora depois de Pitou entrar, Catarina agitou-se, deu um suspiro e abriu os olhos.

Cumprir fazer essa justiça à enfermeira Clementina, que ao primeiro movimento da doente, pôs-se de pé, e chegando-se a ela, balbuciou estas palavras:

- Estou aqui, menina Catarina; diga-me o que pretende?

- Tenho sede - murmurou a doente, tornando a si, por meio de uma dor física, e ao sentimento por uma necessidade material.

Clementina lançou na colher algumas gotas do calmante, chegou-a aos lábios ressequidos de Catarina, que maquinalmente engoliu aquele líquido adocicado.

Em seguida deixou cair de novo a cabeça no travesseiro e Clementina, satisfeita por ter cumprido o seu dever, foi de novo estender-se na poltrona.

Pitou deu um suspiro: julgava que Catarina nem sequer o vira.

Enganava-se: quando ajudou Clementina a fazê-la sentar na cama para tomar o calmante, ela, ao deitar-se, novamente, entreabriu os olhos, e com esse olhar mórbido que deslizara por entre as pálpebras, julgou ter distinguido Pitou.

Mas, no meio do delírio em que se achava havia três dias, vira tantos fantasmas, que de continuo lhe apareciam, que julgou ser aquele Pitou verdadeiro algum Pitou fantástico.

O suspiro que acabava de soltar o pobre rapaz, não era portanto de todo exagerado.

Contudo, a aparição daquele amigo, para quem Catarina tantas vezes fora injusta, causou na doente uma impressão mais profunda do que as precedentes, conquanto conservasse os olhos fechados parecia-lhe, com o espírito já mais sossegado e menos febril que via diante de si o intrépido viajante, que o fio, tantas vezes quebrado de suas idéias, lhe representava como estando junto de seu pai em Paris.

Resultou daí que, torturada pela idéia, de que desta vez era Pitou uma realidade, e não uma fantasia do seu delírio, abriu novamente os olhos, assegurando-se se aquele que vira se

conservava sempre no mesmo lugar. É desnecessário dizer que ele se não tinha desviado dali.

Ao ver os olhos de Catarina abrirem-se de novo e fixarem-se sobre ele, o rosto de Pitou parecia iluminar-se; ao ver-lhe os olhos animados e cheios de inteligência, estendeu os braços para o lado da doente.

- Pitou!... - murmurou a doente.

- Menina Catarina!... - exclamou Pitou.

- Hein! - disse Clementina em sobressalto.

Catarina lançou um olhar inquieto para a enfermeira, deixando cair de novo a cabeça sobre o travesseiro. Pitou conheceu que a presença de Clementina servia de embaraço a Catarina.

Dirigiu-se pois a ela e disse em voz baixa:

- Sr^a. Clementina não se prive de dormir; bem sabe que o Sr. Raynal mandou-me aqui ficar para velar a doente, e para que pudesse ter algum descanso enquanto eu velo. Portanto, vá sossegar, que eu cá fico para o que for preciso.

- Ah! Sim, é verdade - disse a enfermeira.

E efectivamente, como se não aguardasse mais do que esta permissão, a pobre mulher reclinou-se mais à vontade sobre a sua poltrona, e depois de um instante de silêncio, mostrou, por um ressonar, tímido a princípio, mas que tornando-se cada vez mais forte chegou por fim a dominar a situação, que entrava a panos largos nesse país encantado do sono, que ordinariamente ela só procurava em sonhos.

Catarina seguia o movimento de Pitou com alguma admiração, e com essa agudeza que é peculiar aos doentes, não perder uma só palavra de quanto ele dissera à Sr^a. Clementina.

Pitou demorou-se alguns momentos junto da enfermeira como para se assegurar se realmente dormia; e logo que teve essa certeza, aproximou-se de Catarina, e deixando pender os braços, meneando ao mesmo tempo a cabeça, disse:

- Ah! Menina Catarina, sabia que o amava, mas não fazia idéia que o amasse tanto!

XIII

Pitou confidente

Pitou pronunciou estas palavras de tal maneira, que Catarina não pôde deixar de conhecer nelas não só a prova evidente da bondade do pobre moço, mas também da dor pungente que sofria por vê-la naquele estado.

Estes dois sentimentos, que emanavam ao mesmo tempo do coração de Pitou que olhava para Catarina tão contristado e pungido, enterneceram-no fundamente.

Enquanto Isidoro habitara Boursonne, enquanto ela sentira o seu amante a três quartos de légua distante de si, enquanto, finalmente, Catarina se considerava feliz, salvo algumas pequenas contrariedades motivadas pela persistência de Pitou em acompanhá-la nas suas digressões, salvo algumas ligeiras inquietações causadas por certos parágrafos das cartas de seu pai, Catarina, dizíamos, escondera o seu amor em si mesma, como um tesouro, cujo valor só ela queria apreciar; mas Isidoro partira, e então, isolada, substituindo-se-lhe no coração a desdita à felicidade, a pobre rapariga debalde procurava uma coragem igual ao seu egoísmo, e entendia que haveria para ela um grande alívio, encontrando alguém com quem pudesse falar do sedutor fidalgo, que a deixara, sem nada lhe dizer acerca da época do seu regresso.

Ora, ela não podia falar de Isidoro nem a Clementina, nem ao Dr. Raynal, nem tão-pouco a sua mãe, e sofria por isso cruelmente, vendo-se condenada a tão rude silêncio, quando de repente, no momento em que menos esperava, a Providência lhe apresentava diante dos olhos, que acabava de abrir à vida e à razão, um amigo, de quem duvidou um momento, quando se calou, mas do qual não podia duvidar às primeiras frases que pronunciou.

Por isso, às primeiras palavras de compaixão tão penosamente escapadas ao coração do sobrinho da tia Angélica, Catarina respondeu logo sem tratar de ocultar os seus sentimentos:

- Ah! Sr. Pitou sou muito desgraçada!... MUITÍSSIMO!

Desde este momento o dique abriu-se de um lado e a corrente estabeleceu-se do outro.

- Em todo o caso, menina Catarina – continuou Pitou – ainda que não tenha grande satisfação em falar do Sr. Isidoro, se isso lhe for agradável, posso dar-lhe notícias dele.

- Tu? – perguntou Catarina.

- Sim, eu – disse Pitou.

- Pois tu viste-o?

- Não, menina Catarina, mas sei que chegou de perfeita saúde a Paris.

Catarina fez um esforço para levantar a cabeça e olhando para Pitou com os olhos chamejantes de amor, perguntou:

- Como sabes isso?

Aquele ar arrancou um fundo suspiro do coração de Pitou; mas nem por isso deixou de responder com o seu modo habitual:

- Soube-o, menina, pelo meu amigo Sebastião Gilberto, que o Sr. Isidoro encontrou de noite um pouco acima da *Fonte de água clara*, e que o conduziu a Paris na garupa do cavalo.

- Desse modo – acudiu Catarina com vivacidade – está em Paris?

- Quero dizer – objectou Pitou – actualmente já lá não está.

- Então onde está? – redargüiu languidamente a pobre Catarina.

- Não sei... O que sei unicamente, é que devia partir em comissão para a Espanha ou talvez para a Itália.

Catarina, à palavra *partir*, tornou a deixar cair a cabeça sobre o travesseiro com um gemido, que em breve foi seguido de copiosas lágrimas.

- Menina – tornou Pitou, pungido à vista das lágrimas de Catarina – se quer saber absolutamente onde ele está, posso informar-me.

- Com quem? – perguntou Catarina.

- Com o Dr. Gilberto, que se separou dele nas Tulherias... ou então, se o julgar melhor – acrescentou Pitou, vendo que Catarina abanava a cabeça em sinal de agradecimento negativo – posso voltar a Paris, e procurar ali alguns esclarecimentos... Oh! Meu Deus, não me será necessário muito tempo para o fazer; é obra de vinte e quatro horas.

Catarina estendeu a mão febril e apresentou-a a Pitou, o qual, desprevenido do favor que lhe era dispensado, nem sequer ousou tocar-lhe.

- Então, Sr. Pitou – disse Catarina sorrindo-se – receia acaso que lhe pegue a febre?

- Oh! Perdão, menina Catarina – disse Pitou, apertando entre as suas calosas mãos a tépida e úmida mão da doente; – É porque não compreendia bem... desculpe. Aceita, então, não é verdade?

- Não, pelo contrário, Pitou, agradeço... é inútil; é impossível que não receba uma carta dele até amanhã.

- Uma carta dele! – repetiu Pitou.

E calou-se relanceando os olhos em volta de si.

- Sim, uma carta dele – disse Catarina, procurando descobrir com o olhar o motivo que podia perturbar assim a alma sempre plácida do seu interlocutor.

- Uma carta dele!... Ah! Com a breca – tornou Pitou, roendo as unhas, como quem se vê em dificuldades.

- Sim, sem dúvida, uma carta dele... Que admiração pode causar-lhe que ele me escreva? – replicou Catarina; – o senhor, que tudo sabe... ou, pelo menos, – acrescentou ela em voz baixa – quase tudo...

- Não me admiro que lhe escreva... Se me fosse permitido escrever-lhe, Deus sabe, se também lhe escreveria, e mui extensas cartas!... Mas tenho medo...

- Medo de quê, meu amigo?

- Que a carta do Sr. Isidoro vá parar às mãos de seu pai.

- De meu pai?

Pitou fez com a cabeça um tríplice sinal que queria dizer três vezes: “Sim!”

- Como de meu pai? - perguntou Catarina, cada vez mais admirada - pois meu pai não está em Paris?

- Seu pai está em Pisseleux, menina Catarina, no casal aqui mesmo, no quarto imediato... Mas o Sr. Raynal proibiu-lhe a entrada no seu quarto, por causa do delírio, segundo disse, e julgo que fez muito bem.

- Muito bem! por quê?

- Porque me parece que o Sr. Billot não é muito afeiçoado ao Sr. Isidoro: numa ocasião em que a menina pronunciou o seu nome, fez ele uma careta! Jesus, que grande careta!...

- Oh! Meu Deus! Meu Deus! - murmurou Catarina toda trémula - o que diz, Sr. Pitou?

- A verdade... Até o ouvi resmungar por entre dentes: “Está bem, está bem, nada direi enquanto estiver doente; mas depois nós veremos!”

- Sr. Pitou - disse Catarina pegando na mão de Pitou com um gesto tão veemente, que o fez estremecer.

- Menina Catarina!

- Tem razão, Deus me livre que as cartas fossem parar às mãos de meu pai... era capaz de me matar!

- É verdade! É verdade! - disse Pitou; - é um homem arrebatado, que não quer ouvir a razão.

- Mas que hei-de fazer?

- O que quiser, menina.

- Descubro um único meio...

- Nesse caso, cumpre empregá-lo.

- Mas não me atrevo... - balbuciou Catarina.

- Como? Não se atreve!

- Não me atrevo a dizer-lhe o que seria necessário fazer.

- Como assim? Pois esse meio depende de mim, e não se atreve a dizer-mo?

- Que há-de ser? Sr. Pitou.

- Ah! Isso não é bonito, menina Catarina; julgava que tinha mais confiança em mim!

- Tenho em ti toda a confiança, meu caro Pitou, - disse Catarina - mas...

- Ora graças a Deus! - respondeu Pitou, muito lisonjeado pelo modo familiar com que era tratado. - Mas o quê?

- É que te há-de causar isso muita pena.

- Oh! Se não é mais do que isso - disse Pitou - não tem de que recear, menina Catarina.

- Consentes então em fazer o que eu te pedir?

- Sem dúvida nenhuma... Ora essa! Contanto que não seja algum impossível...

- Nesse caso pode dizer.

- Pelo contrário, é coisa muito fácil.

- Pois bem, será necessário ir a casa da Colombe.

- A conserveira?

- Sim, e que distribui também as cartas do correio.

- Ah! Entendo... Entendo, quer que lhe diga que me entregue as suas cartas, não é assim?

- Dir-lhe-ás que não as dê senão a ti.

- A mim? - disse Pitou. Ah! Sim... Não tinha percebido bem.

E soltou mais um terceiro ou quarto suspiro.

- É este o meio mais seguro, uma vez que queiras fazer-me esse serviço...

- Como quer que lho recuse, menina Catarina? Ora essa!

- Agradeço-te, meu Pitou, agradeço-te.

- Lá irei, fique descansada.

- Amanhã já será tarde, meu caro amigo; seria conveniente ir hoje mesmo.

- Pois seja, menina; irei logo de madrugada, agora mesmo se o exigir.

- Como és bom, Pitou, e quanto te amo! – disse Catarina.
- Oh! Menina Catarina, não me diga essas coisas: era capaz de me fazer passar pelo fogo!
- Vê que horas são, Pitou.

Pitou chegou-se ao relógio de Catarina, que estava pendurado na chaminé.

- Cinco horas e meia da manhã.
- Então - disse Catarina - meu bom amigo Pitou...
- Então o quê, menina?
- Seriam horas talvez...

- De ir a casa da conserveira? Estou às suas ordens, menina; mas seria necessário que tomasse algumas gotas do seu calmante; o doutor recomendou que lhe dessem uma colher dele de hora a hora.

- Ah! Meu caro Pitou - disse Catarina, bebendo o remédio e olhando para o mancebo com olhos que lhe iam direitos ao coração - o que tu me fazes vale mais do que todos os calmantes do mundo.

- O Dr. Raynal dizia que eu tinha as melhores disposições para aprender a medicina!
- Mas onde dirás tu que vais, Pitou, para que ninguém desconfie no casal?
- Oh! quanto a isso fique descansada!

E Pitou lançou mão do chapéu.

- Quer que acorde a Clementina? - perguntou ele.
- Oh! É inútil! Deixa dormir a pobre mulher... Agora de nada careço... senão...
- Senão?... - repetiu Pitou.

Catarina sorriu-se.

- Ah! Agora percebo - murmurou o mensageiro de amor - senão de uma carta do Sr. Isidoro.

E depois de algum silêncio:

- Pois bem, descanse, que se a houver, tê-la-á e se não a houver...
- Se não a houver?... - perguntou Catarina com ansiedade.
- Se não a houver, para que olha para mim, como há pouco olhou, para me sorrir, como já me sorriu, para que me chame de novo seu caro Pitou e seu bom amigo; se não achar essa carta, pode estar certa que hei-de ir buscá-la a Paris!

- Que excelente coração tens! - murmurou Catarina seguindo com os olhos o pobre Pitou, que saía do quarto.

Em seguida, fatigada da longa conversação que com ele tivera, tornou a reclinar a cabeça sobre o traveseiro.

Dali a dez minutos, fora impossível a Catarina explicar a si mesma, se o que acabava de se passar era uma realidade proveniente do regresso da sua razão, ou um sonho gerado pelo delírio; mas do que estava segura, era que um frescor vivificante e suave se lhe dilatava do coração às mais afastadas extremidades dos seus membros febris e abatidos.

No momento em que Pitou atravessava a cozinha, a tia Billot levantou a cabeça. Havia três dias que se não deitava; durante este tempo não tinha abandonado o banco que estava colocado junto da chaminé, donde os seus olhos podiam pelo menos ver a porta do quarto da filha, que lhe era vedada.

- Então? - perguntou ela.
- Isto vai o melhor possível - respondeu Pitou.
- Onde vais agora?
- A Villers-Cotterets.
- Que vais lá fazer?

Pitou hesitou um instante; não era homem de repentes ou de improvisos, e repetiu, para assim ganhar mais algum tempo:

- O que vou lá fazer?
- Sim, minha mulher pergunta-te o motivo que te conduz a Villers-Cotterets - disse a voz

de Billot.

- Vou prevenir o Dr. Raynal.

- O Dr. Raynal tinha recomendado que o prevenisses se houvesse alguma coisa de novo.

- Pois bem - respondeu Pitou - uma vez que a menina Catarina vai melhor, já isso é alguma coisa de novo.

Ou fosse que o pai Billot achasse a resposta de Pitou peremptória, ou fosse que não quisesse mostrar-se demasiadamente difícil para um homem que, afinal de contas, lhe trouxera uma boa notícia, não fez objecção alguma à saída de Pitou.

Pitou saiu pois, ao passo que o tio Billot entrava de novo para o seu quarto, e a tia Billot tornava a reclinar a cabeça sobre o peito.

Pitou chegou a Villers-Cotterets pelas seis horas menos um quarto da manhã.

Acordou escrupulosamente o Dr. Raynal, para lhe dizer que Catarina ia melhor, e para lhe perguntar o que devia fazer.

O doutor interrogou-o acerca da sua noite de vigília, e com grande admiração de Pitou, que pusera nas suas respostas a maior circunspecção possível, o honrado mancebo em breve percebeu que o doutor sabia o que se passara entre ele e Catarina, como se tudo ouvisse, escondido nalgum cantinho da casa.

O Dr. Raynal prometeu dar, naquele dia, uma chegada à herdade, recomendou que continuassem a servir a doente *do mesmo tonel*, e despediu Pitou que, reflectindo seriamente naquelas palavras enigmáticas, veio finalmente a compreender que o doutor lhe recomendara que continuasse a falar a Catarina do visconde Isidoro Charny.

Em seguida, de casa do doutor, dirigiu-se à conserveira Colombe, que morava no fim da rua de Ormet, isto é, na outra extremidade da vila.

Chegou no momento em que ela abria a porta.

A tia Colombe era íntima amiga da tia Angélica; mas a amizade que a conserveira tinha pela tia não a impedia de apreciar o sobrinho.

Entrando na loja da tia Colombe, recheada de gulodices, entendeu Pitou, pela primeira vez, que para sair bem da sua missão, era necessário empregar, quando não fosse a corrupção, ao menos a sedução.

Por isso comprou meia dúzia de bolos.

Feita esta despesa, fez então a sua proposta.

Antepunham-se-lhe graves dificuldades.

As cartas só deviam ser entregues às pessoas a quem eram dirigidas, ou pelo menos, àquelas que se apresentassem munidas de procuração para as receber.

A tia Colombe não duvidava da palavra de Pitou, mas exigia uma procuração escrita.

Pitou viu que era necessário fazer um sacrifício.

Prometeu trazer no dia seguinte o recibo da carta, se a houvesse, e além disso uma autorização para receber dali em diante todas as que viessem para Catarina.

Promessa que acompanhou com uma segunda compra de bolos.

Não havia pois meio algum de lhe recusar.

A tia Colombe não fez mais do que fracas objecções, terminando afinal por permitir a Pitou que a acompanhasse ao correio, onde lhe entregaria a carta para Catarina, se porventura ela lá estivesse.

Pitou acompanhou-a, entretendo-se em manducar os seus bolinhos.

Nunca tivera um tal *regabofe*; mas graças às liberalidades do Dr. Gilberto, Pitou estava suficientemente rico, julgando-se milionário, portanto podia permitir-se àquele espantoso excesso.

Ao atravessar a grande praça, subiu às escadas do chafariz, aplicou a boca a uma das quatro bicas, e durante cinco minutos, absorveu a corrente de água sem que lhe escapasse uma só gota. Quando desceu do chafariz, lançou os olhos em volta de si, e descobriu uma espécie de teatro, improvisado no meio da praça.

Recordou-se então que, no momento de partir para Paris, se tratava com grande empenho de uma reunião em Villers-Cotterets, a fim de colocar ali as bases de uma federação entre a cabeça do distrito e os lugares vizinhos.

Os diversos acontecimentos privados que se seguiram fizeram-lhe esquecer este acontecimento político, que afinal não era destituído de alguma importância.

Lembrou-se então dos vinte e cinco luíses, que lhe dera no momento da sua partida o Dr. Gilberto, a fim de o ajudar a pôr no melhor pé possível a guarda nacional de Haramont.

Levantou pois a cabeça com uma espécie de orgulho, pensando na esplêndida figura que faria, graças aos tais vinte e cinco luíses, os trinta e três homens que tinha sob as suas ordens.

Tudo isto o ajudou a digerir a meia dúzia de bolos, que juntos à meia canada de água que engolira poderiam ter-lhe pesado demasiadamente no estômago, apesar do calor dos sucos gástricos com que a natureza o dotara, se porventura se visse privado desse digestivo a que chamam o amor próprio satisfeito.

XIV

Pitou geógrafo

Enquanto Pitou bebia, fazia a digestão e ao mesmo tempo reflectia sobre os acontecimentos, a tia Colombe adiantara-se mais, e chegara ao correio primeiro do que ele.

Mas Pitou nem por isso se inquietava. O correio era situado em frente da rua Nova, espécie de beco que deita para uma porção do parque, onde se acha situada a aldeia dos Suspiros, de lânguida memória.

Bastava-lhe dar quinze passos e alcançaria Colombe.

Deu pois esses quinze passos, e chegou ao limiar do correio no momento em que a tia Colombe saía com um maço de cartas na mão.

No meio delas havia uma, fechada num elegante sobrescrito e garridamente lacrada.

Era para Catarina Billot.

Evidentemente que era a carta que Catarina esperava.

Segundo as convenções feitas, a carta foi entregue pela conserveira ao comprador de bolos, o qual partiu sem demora para Pisseleux, muito contente e satisfeito, e ao mesmo tempo muito triste, e melancólico.

Satisfeito pela ventura que levava a Catarina, triste porque essa ventura dimanava de uma fonte, cuja água tão amargosa se lhe tornava aos lábios.

Mas apesar deste amargor, o mensageiro era de tal natureza, que para levar mais depressa a maldita carta, passou do passo ao trote, e do trote quase ao galope.

A cinqüenta passos da herdade, parou de súbito, lembrando-se com razão que se chegasse assim todo esbaforido e todo coberto de suor, poderia inspirar desconfiança ao tio Billot, que não era para graças e parecia já meio desconfiado.

Resolveu-se pois, com risco de se demorar mais um ou dois minutos, a percorrer o resto do caminho que lhe faltava com mais vagar, e para isso passou a caminhar com a gravidade dos confidentes de tragédia, com quem Catarina o comparara, e ao passar em frente do quarto da doente, observou que a enfermeira, naturalmente para arejar o quarto abria um pouco a janela.

Pitou não pôde introduzir mais que o nariz e um olho por entre a greta da janela.

Mas foi o bastante para ver Catarina acordada, e para esta o ver todo misterioso e fazendo-lhe sinais.

- Uma carta? - balbuciou ela - uma carta?

- Caluda! - disse Pitou - e olhando em volta de si com um olhar de águia, atreveu-se a atirar a carta com tanta destreza, que ela foi cair nas mãos daquela a quem era dirigida.

E sem esperar o agradecimento, que não podia deixar de lhe ser dirigido, foi seguindo até à porta da casa, onde encontrou o tio Billot.

Se não fosse uma espécie de curva que o muro fazia, o fazendeiro teria necessariamente visto o que acabava de se passar, e sabe Deus o que aconteceria, na disposição de espírito em que parecia achar-se!

O honrado Pitou não esperava encontrar-se na presença de Billot, e sentiu-se portanto corar até às meninas dos olhos.

- Oh! Sr. Billot! - exclamou ele - realmente, meteu-me medo!

- Medo a ti, Pitou? A um capitão da guarda nacional, a um vencedor da Bastilha!... medo!?...

- Que quer! - exclamou Pitou - há momentos assim! Quando se não está prevenido...

- Sim - disse Billot - e quando se encontra o pai em lugar de se encontrar a filha!... não é assim?...

- Oh! Sr. Billot, isso não - acudiu Pitou - eu não esperava encontrar a menina Catarina... Oh! não! não!... Ainda que vai cada vez melhor, não está em estado de poder levantar-se!

- Não tens nada que dizer? - perguntou Billot.

- A quem?

- A Catarina?

- Tenho, sim, senhor; quero preveni-la de que o Sr. Raynal ficou muito contente e que por todo o dia virá fazer-lhe uma visita... Mas qualquer lhe pode dizer isso.

- E demais, tu deves ter fome, não é assim?

- Fome eu?... - redarguiu Pitou.

- Como! Pois tu não tens fome? - disse o fazendeiro.

Pitou conheceu que dissera uma parvoíce.

Pitou não ter fome às oito horas da manhã seria um desarranjo no equilíbrio da Natureza.

- Tenho fome tenho - disse Pitou.

- Pois bem, entra e come... Os trabalhadores estão almoçando neste momento; vai juntar-te a eles.

Pitou entrou; Billot seguiu-o com os olhos, conquanto a simplicidade do mancebo lhe desvanecesse quase as suspeitas. Viu-o sentar-se no topo da mesa, e atacar a boroa e o prato de toucinho com tanta gana como se não albergasse no estômago uma dúzia de bolos.

É certo que, segundo toda a probabilidade, o estômago de Pitou já estava desembaraçado.

Pitou não sabia fazer muitas coisas ao mesmo tempo, mas o que fazia era bem feito. Encarregado por Catarina de uma comissão, havia-a desempenhado o melhor possível; convidado por Billot para almoçar, comia maravilhosamente.

Billot continuava a observá-lo; porém, vendo que ele não desviava os olhos de sobre o prato, vendo que toda a sua preocupação se limitava à garrafa de cidra que tinha diante de si, notando que nem uma só vez o seu olhar buscara a porta de Catarina, acabou de acreditar que a ida de Pitou a Villers-Cotterets não tivera outro fim mais do que o que ele dissera.

No fim do almoço de Pitou, abriu-se a porta do quarto de Catarina, e Clementina entrou na cozinha com um sorriso de enfermeira nos lábios. Vinha buscar a sua chávena de café.

É desnecessário dizer que pelas sete horas da manhã, isto é, um quarto de hora depois da partida de Pitou, já ela tinha feito a sua primeira aparição, a fim de reclamar o seu copinho de aguardente, única coisa que a sustinha - dizia ela - enquanto velava uma noite inteira.

Ao entrar na cozinha, dirigiu-se-lhe a Sr^a. Billot, enquanto o pai Billot saiu do seu quarto.

Ambas se informaram da saúde de Catarina.

- Vai o melhor possível - respondeu a enfermeira; - contudo, parece-me que neste momento delira um pouco.

- Como! Delira um pouco? - acudiu o pai Billot.

- Ai, minha pobre filha! - murmurou a fazendeira.

Pitou levantou a cabeça e pôs-se à escuta.

- Sim - replicou a enfermeira - fala de uma cidade chamada Turim, de um país chamado Sardenha, e chama o Sr. Pitou para que lhe diga o que são essa cidade e esse país.

- Aqui estou - disse Pitou bebendo o último trago de cidra e limpando a boca à manga da véstia.

O olhar escrutador do pai Billot deteve-o.

- Contudo - disse ele - se o Sr. Billot não julga a propósito que dê à menina Catarina as explicações que deseja...

- E por que não? - acudiu a mãe Billot; - uma vez que a pobre rapariga te chama, vai falar-lhe, meu rapaz, muito principalmente assegurando o Dr. Raynal que davas um bom discípulo de medicina.

- Isso lá é verdade! - respondeu ingenuamente Pitou; - pergunte à Sr^a. Clementina como tratámos a doente esta noite. A Sr^a. Clementina não dormiu um só instante, é uma excelente mulher, e eu também não preguei olho!

Era grande sagacidade da parte de Pitou o atacar o ponto mais delicado acerca da enfermeira. Como dormira a sono solto desde a meia noite até às seis horas da manhã, era com efeito arrojo declarar que não dormira um só instante; era fazer dela uma amiga, mais do que uma amiga, uma cúmplice!

- Está bem - disse o tio Billot - uma vez que a Catarina te chama, vai falar-lhe... Talvez venha um momento em que também nos chame, tanto a mim como à mãe.

Pitou sentiu instintivamente que as nuvens se aglomeravam para formar uma grande trovoadas; e à maneira do pastor, que nos campos procura com antecipação um abrigo para se ocultar, sem que por isso deixe de arrostar a trovoadas, se tanto for necessário, também procurava um albergue onde pudesse abrigar-se.

Este albergue foi Haramont.

Em Haramont, era ele rei... Que digo eu? Era mais do que rei, era comandante da guarda nacional, era um Lafayette.

Os seus deveres, como bom patriota, chamavam-no também a Haramont, mas antes de efectuar esta jornada, era necessário que ele concertasse com Catarina as medidas que tinha na mente.

Com a permissão pois do pai e da mãe dela, decidiu-se a entrar no quarto da doente.

Catarina esperava-o com impaciência. O brilho dos olhos e o colorido das faces indicavam efectivamente, como dissera Clementina, que se achava debaixo do império da febre.

Apenas Pitou fechara a porta do quarto de Catarina, esta, reconhecendo-lhe os passos, voltou-se logo para o seu lado, estendendo-lhe as mãos.

- Ah! És tu, Pitou? - disse ela; - como tardaste!

- Não foi culpa minha, menina - disse Pitou; - foi seu pai que me demorou.

- Meu pai?

- Sim... Oh! Decerto desconfia de alguma coisa... E demais, eu não tinha precisão de me apressar; sabia que estava na posse do que desejava; era tudo quanto me bastava...

- Sim, Pitou, sim - disse Catarina baixando os olhos - sim, e agradeço-te muito.

Depois em voz alta:

- És excelente moço, Pitou, oh! És digno de ser amado!

- Tem muita bondade, menina Catarina - respondeu Pitou com as lágrimas nos olhos; - por isso que sentia que toda aquela amizade era apenas um reflexo do amor que ela a outro consagrava, e no fundo do coração, por mais modesto que fosse o pobre mancebo, sentia-se humilhado de ser apenas um satélite de Charny.

Em seguida acrescentou com vivacidade:

- Vim incomodá-la, menina, porque me disseram que desejava saber de mim alguma coisa.

Catarina levou a mão ao coração: procurava ali a carta de Isidoro, talvez para extrair dela a necessária coragem com que devia interrogar Pitou.

Assim, fazendo um novo esforço, disse:

- Pitou, tu, que tanto sabes, poder-me-ás dizer o que é a Sardenha?

Pitou evocou todas as suas recordações geográficas.

- Espere, espere, menina - disse ele - devo saber o que me pergunta... No número das coisas que o Sr. Fortier nos ensinava havia também a geografia... Espere... A Sardenha... A Sardenha... Ah! Se eu achasse a primeira palavra, dir-lhe-ia o resto.

- Oh! Procura Pitou, procura - disse Catarina pondo as mãos.

- Ora! - exclamou Pitou - é justamente o que faço... A Sardenha... A Sardenha... Ah! agora!

Catarina respirou.

- A Sardenha - replicou Pitou - a *Sardinia*, dos romanos, uma das três grandes ilhas do Mediterrâneo, ao Sul da Córsega, da qual é separada pelo estreito de Bonifácio, faz parte dos Estados Sardos, que derivam daí o seu nome, e que se chamam reino da Sardenha; tem sessenta léguas de Norte a Sul, dezesseis do Oeste a Leste; é povoada por quinhentos e quarenta mil habitantes; capital Cagliari. Aqui tem a Sardenha, menina Catarina.

- Oh! Meu Deus! - exclamou ela - como é feliz em saber tantas coisas, Sr. Pitou!

- O que é certo - respondeu Pitou, assaz satisfeito do seu amor próprio - o que é certo é que tenho uma excelente memória.

- E agora - disse Catarina com menos timidez - agora, que já me disse o que é a Sardenha, não me dirá também o que é Turim?

- Turim? - repetiu Pitou; - sim menina, com todo o gosto... se me lembrar...

- Oh! Deus queira que se lembre... É o ponto mais importante, Sr. Pitou.

- Se é o ponto mais importante, não haverá outro remédio... E demais, se não me recordar, farei outras investigações.

-É... é... - insistiu Catarina, é porque muito desejo sabê-lo já... Procure, pois, meu caro Pitou, procure!

E Catarina pronunciou estas palavras com uma voz tão meiga, que fez estremecer o pobre Pitou.

- Ah! Menina, estou vendo se me recordo.

Catarina parecia devorá-lo com os olhos.

Pitou lançou a cabeça para trás, como quem queria interrogar o tecto e disse:

- Turim... Turim... Menina, é mais difícil do que a Sardenha... A Sardenha é uma grande ilha do Mediterrâneo: a Sardenha, que pertence ao rei do Piemonte; a Córsega que pertence ao rei da França, e a Sicília que pertence ao rei de Nápoles... ao passo que Turim, é uma simples capital.

- Como disse a respeito da Sardenha, meu caro Pitou?

- Disse que a Sardenha pertencia ao rei do Piemonte; e julgo que me não enganei, menina.

- É isso mesmo, meu caro Pitou! Isidoro diz na sua carta, que vai a Turim, no Piemonte.

- Ah! - exclamou Pitou - agora entendo! Bom! Bom, muito bom! Foi a Turim que o Sr. Isidoro foi mandado pelo rei, e é para saber onde o Sr. Isidoro foi que me interroga?

- Para que queria eu sabê-lo, se não fosse para esse fim? Que me importa a mim a Sardenha, o Piemonte ou Turim! Enquanto ele aí não foi ignorava o que fossem essa ilha e essa capital... Mas ele partiu para Turim, entendes, meu caro Pitou, e é por isso que quero saber o que é Turim e onde é.

Pitou soltou um fundo suspiro e meneou a cabeça, mas nem por isso deixou de fazer todos os esforços para satisfazer Catarina.

- Turim - disse ele - espere... capital do Piemonte... Turim, Turim... Agora, agora! Turim, *Bodincomagus*, *Taurasia Colonia Júlia*, *Augusta Taurinorum*, segundo os antigos, hoje capital do Piemonte e dos Estados Sardos, situada sobre o Pó e o Aduar, é uma das mais belas cidades da Europa. População; cento e vinte e cinco mil habitantes; rei reinante Carlos Emanuel. Eis aqui o que é Turim, menina Catarina.

- E em que distância fica Turim de Pisseleux, Sr. Pitou? O senhor, que tudo sabe, também deve saber isto.

- Ah! Quanto a isso, posso dizer-lhe a distância que há de Paris a Turim, mas quanto a

Pisseleux, isso é um pouco mais difícil.

- Pois bem; diga-me sempre a distância que há de Paris a Turim, e juntar-lhe-emos depois as dezoito léguas que há de Pisseleux a Paris.

- É verdade, tem razão, menina - disse Pitou.

E continuando a sua nomenclatura:

- Distância de Paris, duzentas e seis léguas; de Roma, cento e quarenta; de Constantinopla...

- Só careço de Paris, meu caro Pitou... Duzentas e seis léguas com dezoito, fazem duzentas e vinte e quatro... Deste modo acha-se distante de mim duzentas e vinte e quatro léguas! Há três dias estava a três quartos de légua de distância; mas hoje, hoje - acrescentou Catarina desfazendo-se em lágrimas - hoje acha-se a duzentas e vinte e quatro léguas!...

- Oh! Ainda não - disse timidamente Pitou; - partiu antes de ontem, e apenas terá feito metade do caminho.

- Então onde estará?

- Ah! Quanto a isso, não posso dizê-lo - respondeu Pitou. - O abade Fortier ensinava-nos a conhecer os reinos e as capitais, mas nada nos dizia acerca dos caminhos que lá conduziam.

- Então não sabes mais nada, meu caro Pitou?

- É verdade, menina - respondeu ele contristado por se ver tão depressa chegado aos limites da ciência; - só posso dizer-lhe que Turim é um covil de aristocratas.

- Que queres dizer com isso?

- Quero dizer que se acham reunidos ali todos os príncipes, todas as princesas, todos os emigrados, o Sr. conde de Artois, o Sr. príncipe de Condé; a Sr.^a de Polignac e finalmente um bando de ladrões que conspiram contra a nação, e aos quais um dia cortarão a cabeça, com uma máquina mui engenhosa que neste momento trata de inventar o Sr. Guillotin.

- Oh! Isso é horrível, Sr. Pitou!

- O quê, menina?

- Torna-se feroz como veio da primeira vez que foi a Paris?

- Eu feroz! - disse Pitou. Ah! Não há dúvida... Sim, sim... O Sr. Isidoro é um desses aristocratas, e a menina receia pela vida dele.

E em seguida, com um desses suspiros, que já por mais de uma vez temos mencionado - acrescentou:

- Não falemos mais nisso. Falemos de si, e da maneira como poderei ser-lhe útil.

- Meu caro Pitou - disse Catarina - a carta que recebi esta manhã não será, talvez, a última que receba.

- Não quer que vá buscar também as outras como fiz com esta?

- Pitou, uma vez que principiaste a ser tão bom...

- Devo por isso continuar a sê-lo não é verdade?

- Sim.

- É justamente o meu desejo.

- Bem vêes que, vigiada por meu pai, como sou, não poderei ir à vila.

- Ah! Mas é necessário saber que ele também me vigia a mim... Não me escapou o modo como me observava.

- Assim será, Pitou; mas não pode segui-lo até Haramont, e podemos combinar um sítio onde deposite as cartas.

- Oh! Muito bem - respondeu Pitou; - por exemplo, o grande salgueiro oco, que se acha junto do lugar onde a encontrei desmaiada.

- Justamente - disse Catarina; - não pode ver-se das janelas... Está, pois, combinado que seja o salgueiro oco o depósito das cartas?

- Está sim, menina Catarina.

- Mas tome cuidado que não o vejam!

- Pergunte aos guardas de Longpré, de Taille-Fontaine e de Montaigu se me viram alguma

vez, sem que por isso deixasse de lhes apanhar algumas dúzias de coelhos!... Mas a menina Catarina, como fará para ir buscar as cartas?

- Eu?... Oh! Eu - disse Catarina com um sorriso cheio de esperança e de vontade - agora hei-de restabelecer-me depressa.

Pitou soltou o maior dos suspiros que até ali tinha soltado.

Neste momento abriu-se a porta para dar entrada ao Dr. Raynal.

XV

Pitou capitão quartel-mestre

A visita do Dr. Raynal vinha muito a propósito para facilitar a saída de Pitou.

O médico aproximou-se da doente e observou a espantosa mudança que nela se operara em vinte e quatro horas.

Catarina sorriu para o doutor e estendeu-lhe a mão.

- Oh! - disse ele - se não fora pelo prazer de tocar esta linda mão, querida Catarina, não me seria necessário consultar o seu pulso... Aposto que não temos mais de setenta e cinco pulsações por minuto?

- Estou efectivamente muito melhor, doutor, e o seu receituário tem feito prodígios.

- O meu receituário!... Hum, hum! - disse o doutor; - desejo muito, minha filha, ter as honras da sua convalescença; mas, por mais vaidoso que seja, não posso deixar de ceder uma parte das honras ao meu discípulo Pitou.

E erguendo os olhos ao céu, exclamou:

- Ó Natureza! Natureza! Poderosa Ceres! Misteriosa Ísis! Quantos segredos não reservas ainda aos que sabem interrogar-te!

E voltando-se para a porta, disse:

- Vamos, vamos, entre, Sr. Billot com o seu rosto sombrio, e a mãe com o seu olhar inquieto e contristado, entrem... e venham ver a nossa cara doente; só lhe resta, para de todo se restabelecer, o seu amor e as suas carícias; entrem!

Ouvindo a voz do doutor, os pais correram logo ao quarto da filha; o tio Billot com um resto de desconfiança na fisionomia; a tia Billot radiante e satisfeita.

Enquanto entravam, Pitou, depois de ter respondido ao último relancear de olhos de Catarina, saiu do quarto.

Deixemos Catarina, que com a carta de Isidoro junta ao coração dispensa de ora em diante a aplicação da neve na cabeça e da mostarda nos pés; deixemos Catarina voltar, afagada pelos pais, à esperança e à vida, e vejamos Pitou cumprir uma das acções mais difíceis, imposta pelo cristianismo às almas cristãs: a abnegação de si mesmo e a dedicação ao próximo.

Dizer que o honrado mancebo se separava de Catarina alegre e satisfeito, seria exagerar muito: limitar-nos-emos pois a afirmar, que se separava dela com o coração sossegado; conquanto não pudesse explicar-se a grandeza da acção que acabava de praticar nem por isso deixava de sentir as felicitações da voz interna que cada um de nós sente no coração, pela acção santa e meritória que praticara; não talvez aos olhos da moral, que decerto reprovava a intimidade de Catarina com o visconde de Charny, isto é de uma camponesa com um fidalgo, mas aos olhos da humanidade.

Ora, na época de que falamos, a humanidade era um dos palavrões da moda, e Pitou que mais de uma vez pronunciava a palavra sem lhe saber o verdadeiro sentido, acabava de pô-la em prática.

O que ele fizera fora uma coisa que deveria ter feito por esperteza, se não a tivesse feito por bondade.

De rival do Sr. de Charny, situação mais que ingrata, tornara-se em confidente de Catarina, e por isso, esta, em lugar de o tratar com rudeza, em vez de o despedir, como fizera na

volta da sua primeira ida a Paris, afagava-o tratando-o por tu.

Confidente, obtivera o que nunca obtivera como rival, sem contar o mais que ainda alcançaria, à proporção que os acontecimentos tornassem a sua cooperação cada vez mais necessária à vida privada e aos sentimentos secretos da bela camponesa.

Para conservar esse futuro de amigáveis ternuras, Pitou principiou por levar à Sr.^a Colombe uma autorização, quase ininteligível, que fora concedida por Catarina, que lhe dava plenos poderes para receber todas as cartas que chegassem em seu nome.

A essa autorização escrita, juntava Pitou uma promessa verbal de Catarina que consistia em oferecer a todos os trabalhadores de Pisseleux, no dia de S. Martinho, uma merenda composta dos melhores bolos, que houvesse na conservaria da Sr.^a Colombe.

Em virtude da autorização e da promessa, que punha ao mesmo tempo a coberto a consciência e os interesses da conserveira Colombe, obrigou-se esta a ir buscar todos os dias ao correio, e a pôr à disposição de Pitou, as cartas que chegassem para Catarina.

Estabelecido isto, Pitou, que não tinha outro objecto que o retivesse em Villers-Cotterets, encaminhou-se para a aldeia.

A entrada de Pitou em Haramont foi um notável acontecimento.

A sua precipitada partida para a capital não deixava de suscitar um sem número de comentários, e depois do que acontecera acerca da ordem enviada de Paris por um ajudante de campo do general Lafayette para se apoderar das armas depositadas em casa do abade Fortier, não podiam os haramonteses pôr em dúvida a importância política de Pitou. Diziam uns que fora chamado a Paris pelo Dr. Gilberto, outros que pelo general Lafayette, outros, finalmente, mas esses em número diminuto, asseveravam que fora mandado chamar pelo próprio rei!

Conquanto Pitou ignorasse os boatos que se espalharam na sua ausência, boatos que eram todos em favor da sua importância pessoal, nem por isso deixou de entrar na sua terra natal com um ar de dignidade que a todos maravilhou.

É que para serem vistos na sua verdadeira distância, devem os homens ser também vistos no terreno que lhes é próprio. Estudante no pátio do abade Fortier, jornalista no casal de Billot, Pitou não deixava de ser homem, cidadão e capitão em Haramont, sem contar, que na qualidade de capitão, além de cinco ou seis luíses, que eram propriedade sua, trazia no bolso, como todos se devem recordar, mais vinte e cinco luíses, oferecidos generosamente pelo Dr. Gilberto para equipamento da guarda nacional de Haramont.

Portanto, assim que chegou a casa, como o tambor viesse logo visitá-lo, ordenou-lhe que anunciasse para o dia seguinte, que era domingo, ao meio dia, uma revista oficial com armas e baionetas, na praça de Haramont.

Desde logo ninguém duvidou mais de que Pitou tivesse alguma comunicação a fazer à guarda nacional da parte do governo.

Muitos foram procurá-lo com o desígnio de saber, primeiro que os outros, alguma particularidade do grande segredo; mas Pitou era inviolável, sabia guardar sobre os negócios públicos o maior silêncio.

À noite, Pitou, a quem os negócios públicos não distraíam mais dos negócios privados, do que estes o distraíam daqueles, foi apresentar as suas homenagens ao tio Clouis, dever este que não o impossibilitou de estar às sete horas da manhã em casa de Dulauroy, mestre alfaiate, tendo primeiro deixado no seu domicílio de Haramont três coelhos e uma lebre, e informando-se também da conserveira se haveria alguma carta para Catarina.

Não havia nenhuma, e Pitou quase se afligira ao lembrar-se da pena que esta falta causaria à pobre convalescente.

A visita de Pitou ao alfaiate Dulauroy tinha por fim indagar se este se queria encarregar do fardamento da guarda nacional de Haramont e que preço exigia.

O mestre Dulauroy fez algumas perguntas acerca da estatura dos indivíduos, às quais Pitou respondeu, fazendo-lhe ver a relação nominal dos trinta e três homens, oficiais, inferiores e soldados, que compunham o efectivo da guarda cívica haramontesa.

Como todos estes homens eram conhecidos do alfaiate, fácil lhe foi calcular, com o lápis na mão, a estatura de cada um, declarando que não podia fornecer trinta e três calções feitos convenientemente por menos de trinta luíses, sem que por este preço se lhe pudesse exigir que fizesse esta obra de pano inteiramente novo.

Pitou quis objectar, dizendo que o mesmo Lafayette lhe certificara ter fardado os três milhões de homens que compunham a guarda cívica de França na razão de vinte libras cada um, o que perfazia um total de setenta e cinco milhões.

O mestre Dulauroy respondeu que em semelhante verba fácil seria tirar algum interesse; mas que tendo ele unicamente para fardar trinta e três homens, o mais que podia fazer era fardá-los por vinte e dois francos cada um, e mesmo assim era necessário que fosse pago de pronto, visto os adiantamentos que tinha de fazer.

Pitou tirou do bolso um punhado de ouro, e declarou que não servisse isso de obstáculo, mas que quanto ao preço já o tinha limitado; que se o mestre Dulauroy recusava, iria procurar o mestre Bligny, colega e rival do mestre Dulauroy, que não deixaria de lhe fardar os trinta e três homens por vinte e cinco luíses; contudo, que lhe daria a preferência, visto ser seu amigo e compadre da tia Angélica.

Efectivamente, Pitou não se lhe dava que a tia Angélica soubesse por segunda pessoa que ele distribuía ouro às mãos cheias, e não duvidava que, naquela mesma noite, o alfaiate lhe fosse contar o que vira, isto é, que Pitou era tão rico como o finado Creso.

A ameaça de ir procurar outro alfaiate produziu o seu efeito, e mestre Dulauroy teve de ceder a Pitou, o qual exigiu de mais a mais que o seu uniforme fosse feito de pano novo, e que se lhe fornecessem também as dragonas, tudo pelo mesmo preço.

Esta exigência deu lugar a novo debate, não menos renhido que o primeiro, mas sobre o qual ainda Pitou triunfou, graças à terrível ameaça de alcançar do mestre Bligny o que não podia obter do mestre Dulauroy.

O resultado de toda esta discussão foi a obrigação tomada por mestre Dulauroy de fornecer, para o próximo sábado, trinta e uma fardas e trinta e um calções para soldados, duas fardas e dois calções para sargento e tenente, e uma farda e um calção para capitão, este último uniforme com as competentes dragonas.

Se esta obra faltasse para o dia designado, ficaria por conta do alfaiate remisso, porquanto, devendo realizar-se a cerimónia da federação de Villers-Cotterets, e de todas as aldeias e lugares que derivam daquela cabeça de distrito, no domingo, era indispensável que os uniformes estivessem prontos no sábado convencionado.

Esta condição foi aceite como as outras.

Às nove horas da manhã ficara concluído o negócio.

E às nove horas e meia tinha Pitou voltado a Haramont, gozando com antecipação a surpresa que reservava aos concidadãos.

Às onze horas tocava o tambor a chamada.

E ao meio dia, a guarda nacional, debaixo de armas, manobrava com a sua precisão ordinária, na praça pública da aldeia.

Depois de uma hora de manobras, que valeram àquela brava guarda nacional os elogios do seu chefe, e os *bravos* das mulheres, das crianças e dos velhos, que observavam aquele espectáculo patético com o mais vivo interesse, Pitou chamou ao pé de si o sargento Cláudio Tellier, e o tenente Désiré Maniquet, para lhe ordenar que reunissem os seus homens, e que os convidassem da parte do mesmo rei a irem a casa do mestre Dulauroy, em Villers-Cotterets, o qual tinha uma comunicação que fazer-lhes da maior importância.

O tambor tocou à ordem; o sargento e o tenente, tão ignorantes como aqueles a quem se dirigiam, transmitiram aos soldados as textuais palavras do seu capitão; em seguida à voz de: “Fora de forma!” todos se dispersaram.

Cinco minutos depois, os trinta e um soldados da guarda cívica de Haramont, acompanhados pelo sargento Cláudio Tellier e pelo tenente Désiré Maniquet, corriam todos pela

estrada que conduz a Villers-Cotterets.

A noite, os dois menestrelis de Haramont deram uma serenata ao capitão; o ar era semeado por uma imensidade de foguetes e de outros fogos de artifício, ouvindo-se gritar a espaços algumas vozes, ainda que um pouco roufenhas:

“Viva Ângelo Pitou, o pai do povo!”

XVI

Em que o abade Fortier dá uma nova prova do seu espírito anti-revolucionário

No domingo seguinte, foram os habitantes de Villers-Cotterets acordados pelo tambor, que tocava encarniçadamente a chamada pelas cinco horas da manhã.

Nada há mais impertinente, na minha opinião, do que esta maneira de acordar uma povoação, cuja maioria quase sempre, forçoso é dizê-lo, preferiria acabar tranquilamente a noite, e completar as sete horas de sono, de que, segundo a higiene popular, todo o homem carece para se conservar bem disposto.

Mas, em todas as épocas de revolução, sempre assim acontece, e quando se entra num desses períodos de agitação e de progresso, é necessário colocar filosoficamente o sono no número dos sacrifícios que à pátria se devem fazer.

Pouco satisfeitos, patriotas ou aristocratas, os habitantes de Villers-Cotterets foram pois arrancados do seu pacífico sono, no domingo 18 de Outubro de 1790, pelas cinco horas da manhã.

A cerimónia não devia, contudo, celebrar-se senão pelas dez horas; mas não eram muito cinco horas para concluir os preparativos da festa.

Um grande teatro, construído havia dez dias, elevava-se no meio da praça; porém a sua construção improvisada atestava exuberantemente o zelo dos construtores, e não era, por assim dizer, mais do que o esqueleto do monumento.

O monumento era altar dedicado à pátria, para o qual fora convidado o abade Fortier, havia já quinze dias, a ir dizer missa no domingo 18 de Outubro, em lugar de dizer na sua igreja.

Ora, para tornar este monumento digno do seu duplo destino religioso e social, era necessário que todas as riquezas do distrito concorressem para o embelezar.

E, cumpre dizê-lo, ninguém se recusava a oferecer generosamente quanto possuía de mais rico para esta solenidade: este um tapete, aquele uma toalha de altar; um, umas cortinas de seda, outro, o painel de algum santo.

Assim, como no mês de Outubro se não pode contar com a estabilidade do tempo, ainda que o barômetro o marque seguro, ninguém quis antecipar-se a fazer o seu oferecimento, reservando-se todos a concorrerem no mesmo dia do festejo com o seu tributo.

O Sol nasceu às seis horas e meia, segundo costuma naquela época, anunciando pela limpidez e calor dos raios, um desses famosos dias de Outono, que podem comparar-se com os mais belos dias da Primavera.

Por isso, desde as nove horas da manhã, já o altar da pátria estava adornado com um magnífico tapete de Aubreson, coberto com uma toalha de rendas, sobrepujado com um painel representando a prédica de S. João, no deserto, e abrigado por um dossel de veludo franjado de ouro, donde pendiam magníficas cortinas de brocado.

Os objectos necessários à celebração da missa deviam ser naturalmente fornecidos pela igreja; ninguém pois receava a sua falta.

Além disto, cada cidadão, como no dia do Corpo de Deus, havia guarnecido a frontaria da casa com lençóis ornados de ramos de hera ou outras tapeçarias, representando flores, personagens ou outros objectos.

Todas as raparigas de Villers-Cotterets e dos subúrbios, vestidas de branco com um cinto tricolor e um ramo na mão deviam cercar o altar da pátria.

Finalmente concluída a missa, deviam os homens prestar juramento à constituição.

A guarda nacional de Villers-Cotterets, debaixo de armas desde as oito horas da manhã, esperava pelas guardas cívicas de diferentes aldeias, fraternizando com elas à medida que iam chegando.

É desnecessário dizer que entre todas estas milícias patrióticas, a que se esperava com mais impaciência era a guarda cívica de Haramont.

Havia-se espalhado o boato de que, graças à influência de Pitou e em consequência de uma generosidade verdadeiramente real, os trinta e três homens que compunham aquela guarda, se apresentariam completamente uniformizados.

A oficina de mestre Dulauroy não tivera mãos a medir, naquela semana; concorrera grande afluência de curiosos para ver os dez oficiais trabalhando naquela gigantesca encomenda, e ninguém se lembrava de ter visto outra semelhante em Villers-Cotterets.

O último uniforme, que era o de capitão, por isso que Pitou recomendara que fosse ele o último a ser servido, ficava concluído, segundo as convenções, às onze horas e cinquenta e nove minutos da noite de sábado.

E igualmente segundo as convenções, já Dulauroy tinha recebido de Pitou os vinte e cinco luíses convencionados.

Tudo isto produzira grande arruído na cabeça do distrito, e por isso não admira que a guarda nacional de Haramont fosse esperada com tanta curiosidade e avidez.

Às nove horas em ponto, o som do tambor e do pífaro retiniu na extremidade da rua de Largny, ouviam-se clamores de alegria e de admiração, e avistava-se ao longe Pitou, montado no cavalo branco, ou para melhor dizermos, montado no cavalo branco do seu tenente Désiré Maniquet.

A guarda nacional de Haramont, o que não acontece de ordinário com as coisas muito faladas, não se apresentou inferior à sua reputação!

Todos se recordam do triunfo que obtiveram os haramonteses, que não tinham outro uniforme mais do que trinta e três chapéus iguais, e quando Pitou não tinha outro distintivo mais do que a sua graduação, um capacete e um sabre de simples dragão.

Que se imagine pois o garbo marcial que deviam ter os trinta e três homens de Pitou, vestidos com fardas e calções de uniforme, e a garridice que teria o seu chefe com o chapelinho sobre a orelha, as *patas de gato* nos ombros e a espada na mão.

Não se ouvia mais do que um brado de admiração desde a extremidade da rua de Largny até à praça de Fontaines.

A tia Angélica não queria de modo algum conhecer o sobrinho; esteve prestes a ser esmagada pelo cavalo branco de Maniquet; querendo ver de perto Pitou, que lhe fez uma majestosa continência com a espada, e para que fosse ouvido a vinte passos de distância, pronunciou apenas, por única vingança, as seguintes palavras:

- Bons dias Sr^a. Angélica!

A pobre mulher, acabrunhada com o peso daquela respeitosa saudação, deu três passos para trás, levantando as mãos ao céu, e bradando ao mesmo tempo.

- Oh! Desgraçado! As honras deram-lhe volta ao miolo; já não conhece a sua tia!

Pitou passou garbosamente sem responder à apóstrofe, indo tomar, junto ao altar da pátria, o lugar de honra que fora destinado à guarda nacional de Haramont como única tropa que havia de uniforme completo.

Chegado ali, Pitou apeou-se, dando a guardar o cavalo a um gaiato, que recebeu do magnífico capitão avultada espórtula.

O facto foi referido dali a cinco minutos pela tia Angélica, que exclamou:

- Então o desgraçado é porventura algum milionário?

Depois acrescentou em voz baixa:

- Muito mal andei em me pôr de mal com ele... As tias são as herdeiras dos sobrinhos.

Pitou não ouviu nem a exclamação nem a reflexão; parecia extasiado!

No meio das raparigas cingidas com uma fita tricolor, e tendo na mão um ramo verdejante, conhecera Catarina.

Catarina estava ainda pálida, mas muito mais bela na sua palidez do que outra qualquer com o mais belo frescor de saúde!

Catarina pálida, mas feliz, achara naquela manhã, graças aos cuidados de Pitou, uma carta no salgueiro oco.

Já dissemos que o pobre Pitou tinha tempo para tudo.

Às sete horas da manhã teve o tempo necessário para ir a casa de Colombe; às sete e um quarto fora depositar a carta no salgueiro oco, e às oito horas já estava vestido de uniforme à frente dos seus trinta e três homens!

Não tornara a ver Catarina desde o dia em que a deixara na cama, e, repetimo-lo, via-a tão bela e tão feliz, que parara extasiado ao pé dela.

Ela fez-lhe sinal para lhe falar.

Pitou circunvagou a vista, como para se assegurar se ela dera aquele sinal.

Catarina sorriu, e repetiu o sinal.

Não havia portanto que duvidar.

Pitou embainhou a espada, tirou gentilmente o chapéu, e dirigiu-se a Catarina.

Se fosse o general Lafayette, Pitou teria simplesmente levado a mão ao chapéu.

- Ah! Sr. Pitou - disse Catarina - decerto que não o conhecia... Meu Deus! Como o uniforme lhe fica bem!

Depois, em voz baixa, acrescentou:

- Obrigado! Obrigado! Meu caro Pitou. Oh! Quanta bondade tem, e quanto lhe quero!

E pegou na mão do capitão da guarda nacional, que apertou entre as suas.

Uma espécie de deslumbramento passou pelos olhos de Pitou; caiu-lhe o chapéu da mão, e talvez que o infeliz namorado caísse também, se um grande arruído, acompanhado de gritos ameaçadores, não retinisse do lado da rua de Saisons.

Fosse qual fosse a causa do motim, Pitou aproveitou-se do incidente para sair do embaraço em que se achava.

Desembarçou a mão das de Catarina, levantou o chapéu e correu a gritar: “Às armas!” pondo-se logo à frente dos seus trinta e três homens.

Cumprir a causa daquele motim e daqueles rumores ameaçadores.

Já sabemos que o abade Fortier fora designado para celebrar a missa da federação no altar da pátria, e que vasos sagrados e mais ornamentos do culto, como cruz, bandeiras, castiçais, deviam ser transportados da igreja, e colocados sobre o novo altar construído no meio da praça.

Foi o *maire*, o Sr. de Longpré, quem deu as ordens relativas a esta parte da cerimónia.

O Sr. de Longpré já tinha tido algumas desavenças com o abade Fortier, quando Pitou, com a ordem do general Lafayette na mão, requisitava a força armada para se apoderar das armas retidas pelo abade Fortier.

Ora, o Sr. de Longpré conhecia, como todos, o carácter do abade Fortier; sabia que era teimoso, irritável, insolente.

Desconfiava que ele lhe conservasse algum rancor, em consequência da sua intervenção no negócio das armas.

Por isso se limitou, em lugar de ir pessoalmente procurar o abade, a tratar com ele como de autoridade civil para autoridade religiosa, e enviou ao digno servo de Deus o seguinte programa da festa:

ARTIGO 4.º

“A missa será dita no altar da pátria pelo Sr. abade Fortier, e principiará às dez horas da manhã.”

ARTIGO 5.º

“Os vasos sagrados e mais ornamentos do culto serão, sob a vigilância do Sr. abade Fortier, transportados da igreja de Villers-Cotterets para o altar da pátria.”

O secretário do *maire* entregou pessoalmente o programa ao abade Fortier, que o leu todo com modo chocarreiro, e com o mesmo modo respondeu ao secretário:

- Está bem!

Já dissemos que pelas nove horas estava o altar da pátria inteiramente adornado com um tapete, cortinas, toalhas, e um quadro representando S. João pregando no deserto.

Não faltava mais do que os castiçais, o tabernáculo, a cruz e outros objectos necessários ao serviço divino.

Às nove horas e meia ainda estes objectos não tinham chegado!

O *maire* principiou a inquietar-se.

Enviou à igreja o seu secretário para se informar se com efeito tratavam de conduzir os objectos sagrados.

O secretário voltou dizendo que achara a igreja fechada.

Recebeu então ordem de correr a casa do bedel, que naturalmente devia estar encarregado daquela condução.

Encontrou o bedel com uma perna estendida sobre um tamborete, e soltando gritos de possesso.

O desgraçado tinha torcido um pé!

O secretário recebeu nova ordem para se dirigir a casa dos chantres.

Ambos se achavam incomodados; um tinha tomado um vomitório, o outro um purgante; os dois remédios operavam de uma maneira milagrosa, e os dois doentes esperavam ver-se completamente restabelecidos no dia seguinte.

O *maire* principiou a conjecturar uma conspiração; enviou portanto o seu secretário a casa do abade Fortier.

O abade tinha sido acometido naquela manhã por um terrível ataque de gota, e sua irmã receava muito que o ataque aumentasse.

Desde logo tudo se esclareceu aos olhos do *maire*: não só o abade não queria celebrar missa no altar da pátria, mas, impossibilitando o bedel e os chantres e fechando a porta da igreja, fazia com que outro padre, quando por acaso se encontrasse, não pudesse dizer missa em seu lugar.

A situação era demasiadamente séria!

Naquela época ainda se julgava que, nas circunstâncias graves, não era permitido à autoridade civil separar-se da autoridade religiosa, e uma festa qualquer não podia fazer-se sem missa.

Alguns anos depois, todos caíram no excesso contrário!

Além de que, todas aquelas idas e vindas do secretário não se haviam verificado sem que este cometesse alguma indiscrição acerca da indisposição do bedel, do vomitório do primeiro chantre, do purgante do segundo e da gota do abade.

Um rumor surdo principiava a circular pela povoação.

Já se falava em arrombar a porta da igreja para se apoderarem dos vasos sagrados e mais ornamentos do culto, e de arrastar o abade Fortier até aos degraus do altar da pátria.

O Sr. de Longpré, homem essencialmente conciliador, acalmou os primeiros movimentos de efervescência, oferecendo-se para ir, como embaixador, procurar o abade.

Por conseguinte, encaminhou-se para a rua de Soissons, e bateu à porta do digno abade, tão cuidadosamente aferrolhada como a da igreja

Por mais que batesse, a porta conservava-se sempre fechada.

O Sr. de Longpré julgou então necessário recorrer à intervenção da força armada.

Ordenou que se prevenissem os sargentos da gendarmeria.

Ambos se achavam na praça; e correram logo ao convite do *maire*.

Um grande concurso do povo os seguia.

Como não havia nem balista nem catapulta para arrombar a porta, contentaram-se simplesmente em mandar vir um serralheiro.

Mas no momento em que o serralheiro ia arrancar a fechadura, a porta abriu-se de súbito, e o abade Fortier apareceu no limiar.

Não como Coligny, perguntando aos seus assassinos: “Que me quereis, meus irmãos?”

Mas como Calchas, com os olhos chamejantes e o *pêlo eriçado*, como disse Racine na sua *Efigénia*.

- Alto lá! - bradou ele levantando a mão com gesto ameaçador; - alto lá, hereges, ímpios, huguenotes, relapsos! Alto lá, amacelitas, sodomitas, gomorenos, desembaraçai o limiar da porta do homem de Deus!

Seguiu-se um grande murmúrio entre a multidão, murmúrio que, cumpre dizê-lo, não era a favor do abade Fortier.

- Perdão - disse o *maire* com a sua voz afável, a que dera a inflexão mais persuasiva possível - perdão, Sr. abade, queremos unicamente saber se quer ou não dizer missa no altar da pátria.

- Se quero dizer missa no altar da pátria? - clamou ele arrebatado por uma dessas santas cóleras, a que era tão sujeito; - pergunta-me se quero sancionar a revolta, a desordem, a ingratidão? Se quero pedir a Deus que maldiga a virtude e abençoe o pecado? Decerto que não esperará semelhante coisa, Sr. *maire*... Quer saber se sim ou não direi a sua missa sacrílega? Pois bem! Não, não e não!

- Está bem, Sr. abade - respondeu o *maire* - o senhor é livre, ninguém pode obrigá-lo.

- Oh! Que ventura, considerarem-me livre! - disse o abade - que ventura que ninguém possa obrigar-me... Na verdade, o Sr. *maire* tem muita bondade.

E soltando um riso sardónico e insolente, principiou a empurrar a porta, mesmo na cara das autoridades.

A porta ia pois fechar-se inteiramente na cara da assembléia, toda pasmada, quando um homem se arrojou contra ela, dando-lhe um forte encontrão, que quase lançou por terra o abade, apesar da sua força e vigor.

Esse homem era Billot, pálido de cólera, com a fronte enrugada, e com os dentes cerrados.

Billot, já o sabemos, era filósofo, e nessa qualidade detestava os padres, a quem chamava insolentes e preguiçosos.

Seguiu-se um silêncio profundo; todos viram que se ia passar alguma coisa terrível entre aqueles dois homens.

E todavia, Billot, que acabava de impelir a porta, de praticar tão grande violência, com voz sossegada e quase enternecida, proferiu estas palavras:

- Perdão, Sr. *maire*, que disse o senhor há pouco?... Disse, torne a repetir, rogo-lhe; disse se o Sr. abade não queria celebrar o ofício, ninguém o podia obrigar, não foi isto?

- Sim, não há dúvida - balbuciou o pobre Longpré - sim, foi isso mesmo.

- Ah! Nesse caso cometeu um grande erro, Sr. *maire*, e no tempo em que nos achamos, convém muito que os erros se não propaguem.

- Alto lá sacrílego! Alto lá, ímpio! Alto lá, relapso, alto lá, herege! - bradou outra vez o abade, dirigindo-se a Billot.

- Oh! Lá, Sr. abade, calemo-nos, ou o negócio acabará muito mal! Sou eu que o advirto... Não o insulto; o Sr. *maire* julga que não o podem obrigar a dizer a missa; eu entendo que nada há mais fácil do que obrigá-lo a dizê-la.

- Ah! Celerado!...

- Silêncio - gritaram todos a uma voz - silêncio!

- Ouviu, Sr. abade? - disse Billot com o mesmo sangue frio, todos são da minha opinião.

Não prego tão bem como o senhor, mas parece-me que as minhas palavras são mais interessantes do que as suas, por isso que todos as escutam.

O abade tinha fortes desejos de replicar com algum novo anátema, mas aquela voz ingente da multidão aterrou-o, mau grado seu.

- Fala, fala - disse ele com modo zombeteiro; veremos o que vais dizer.

- Vai vê-lo Sr. abade - redarguiu Billot.

- Vamos, que te escuto.

- E faz bem.

E lançando um olhar de soslaio sobre o abade, como para se assegurar se se calava enquanto ele falava, continuou:

- Vou pois dizer uma coisa bem simples; qualquer que recebe um salário é obrigado, em troca desse salário, a praticar o mister para que lhe pagam.

- Ah! - exclamou o abade - bem te vejo vir, meu espertalhão...

- Amigos - disse Billot com a mesma doçura de voz, e dirigindo-se aos duzentos ou trezentos espectadores desta cena - o que preferem, ouvir as injúrias do Sr. abade, ou escutar os meus raciocínios?

- Fale, Sr. Billot, fale que o escutamos... Silêncio!

Billot, desta vez, contentou-se a olhar para o abade, e continuou:

- Digo, pois, que qualquer que percebe um salário é obrigado a desempenhar o mister para que lhe pagam. Por exemplo, aqui está o Sr. secretário da municipalidade, a quem pagam para ajudar o Sr. *maire*, e para lhe levar as suas mensagens; o Sr. *maire* enviou-o a sua casa, Sr. abade, para lhe trazer o programa da festa; pois bem, nunca lhe viria à idéia dizer: "Sr. *maire*, não quero levar o programa da festa ao Sr. Fortier". Não é assim Sr. secretário, que semelhante coisa lhe não passou pela idéia?

- É Sr. Billot - respondeu o secretário - isso nem tem discussão!

- Ouviu, Sr. abade? - perguntou Billot.

- Blasfemo? - bradou o abade.

- Silêncio! - clamaram os circunstantes.

Billot continuou.

- Aqui está o Sr. sargento da gendarmeria, que é pago para manter a ordem e o sossego público: quando o Sr. *maire* julgou há pouco que a ordem podia ser perturbada pelo senhor, e lhe mandou dizer que viessem em seu auxílio, o Sr. sargento decerto não teve a idéia de lhe dizer: "Sr. *maire*, restabeleça a ordem como quiser, mas restabeleça-a sem mim". O senhor, decerto não teve essa idéia Sr. sargento, não é assim?

- À fé de militar, que não tive! Era meu dever obedecer - respondeu simplesmente o sargento.

- Ouviu, Sr. abade? - disse Billot.

O abade rangeu os dentes.

- Espere - disse ainda Billot - aqui está um honrado serralheiro. O seu ofício, como indica o seu nome, é de fabricar ou abrir as fechaduras. O Sr. *maire* mandou-o chamar há pouco para que viesse abrir a sua porta; pois não lhe ocorreu a idéia de responder ao Sr. *maire*: "Não quero abrir a porta do Sr. Fortier". Não é assim, Priard, que semelhante idéia lhe não ocorreu?

- Por certo que não ocorreu! - respondeu o serralheiro; - peguei na ferramenta, e apresentei-me logo.

- Ouve, Sr. abade? - perguntou Billot.

O abade quis interrompê-lo, mas Billot deteve-o com um gesto, e continuou:

- Pois bem, diga-me então, qual o motivo por que, sendo o senhor eleito para dar o exemplo, quando todos cumprem aqui o seu dever, é unicamente o senhor que não cumpre o seu?

- Bravo! Billot! Bravo! - bradaram com voz uníssona os circunstantes.

- Não só é o único que não cumpre o seu dever - repetiu Billot - mas também o único

que dá o exemplo da desordem.

- Oh! - disse o abade Fortier, vendo que era necessário defender-se - a igreja é independente, a igreja a ninguém obedece, a igreja só se tolera a si mesma!

- Aí é que está justamente o mal - disse Billot - é que todos os padres fazem um poder num país, um corpo no estado! É porventura francês ou estrangeiro? É ou não cidadão? Se não é cidadão, se não é francês, se é prussiano, inglês ou austríaco; se são Pitt, Cobourg ou Kaunitz que lhe pagam obediência-lhes; mas se é francês, se é cidadão, se é a nação que lhe paga, obedeça então à nação!

- Sim! Sim! - clamaram trezentas vozes.

- Então - disse Billot com os sobrolhos carregados, com os olhos incendiados, e pondo a mão poderosa sobre o ombro do abade - então, em nome da nação, padre, eu te emprazo para desempenhares a tua missão de paz e para chamares os favores do céu, as liberalidades da Providência, a misericórdia do Senhor sobre os teus concidadãos e sobre a tua pátria!... Vem, pois, vem, acompanha-nos!

- Bravo, Billot! Viva Billot! - bradaram todos. - Ao altar, ao altar! O padre ao altar!

E animado por aquelas aclamações, com o seu braço vigoroso, o fazendeiro arrostou para fora da porta, sua protectora, o primeiro padre, talvez, que em França desse tão descaradamente o sinal da contra-revolução.

O abade por sua vez entendeu que não havia meio de resistir.

- Pois bem! Sim - disse ele - ao martírio! Eu chamo o martírio! Quero o martírio! Invoco o martírio!

E com voz de trovão, principiou a entoar o *Libera-nos, Domine*.

Era esse singular cortejo que se dirigia para a grande praça, acompanhado dos gritos e dos clamores, cujo ruído chegava aos ouvidos de Pitou, no momento em que estava prestes a desfalecer, ao peso dos amáveis agradecimentos, das ternas palavras e do aperto de mão da gentil Catarina.

XVII

A declaração dos direitos do homem

Pitou, a quem aquele motim recordava os tumultos parisienses, que presenciara mais de uma vez, julgando ver aproximar-se um bando de assassinos, julgando que ia defender algum novo Flesselles, Foulon ou Berthier, gritou: “Às armas!” e foi-se colocar à frente dos seus trinta homens.

Então Pitou, abrindo a multidão caminho, vira avançar o abade Fortier, arrastado por Billot, e ao qual só faltava uma palma para se assemelhar aos antigos cristãos que conduziam ao suplício.

Um movimento natural impeliu-o a correr em defesa do seu antigo professor, cujo crime ignorava.

- Oh! Sr. Billot! - exclamou ele lançando-se adiante do fazendeiro.

- Oh! Meu pai! - exclamou Catarina, fazendo um movimento tão identicamente semelhante, que dir-se-ia ter sido combinado.

- Mas bastou um relancear de olhos de Billot para deter Pitou de um lado e Catarina do outro. Havia alguma coisa da águia e do leão, naquele homem que representava a encarnação do povo.

Chegando ao estrado já preparado, ele próprio deixou o abade Fortier, e apontando-lhe para o altar, disse:

- Olha! Aí tens o altar da pátria sobre o qual te dedignas officiar, e do qual, por isso eu, Billot, te declaro indigno de seres o celebrante; para subires estes degraus sagrados é necessário sentir no coração três sentimentos: o desejo da liberdade, a dedicação à pátria, o amor da

humanidade. Padre! Queres tu a liberdade do mundo? Padre! És tu dedicado ao teu país? Padre! Amas porventura o teu próximo mais do que a ti mesmo? Se assim é, sobe a este altar e invoca a Deus do Universo; mas se não sentes que não sejas o primeiro entre nós, como cidadão, então cede o lugar ao mais digno e retira-te, desaparece, vai-te!

- Oh! Desgraçado! - disse o abade retirando-se e ao mesmo tempo ameaçando Billot com o dedo; - não sabes decerto a quem declaras a guerra!

- Oh! Se sei! - acudiu Billot; - declaro a guerra aos lobos, às raposas e às serpentes; a tudo quanto pica, a tudo quanto morde, a tudo quanto intriga nas trevas! Pois bem! Seja! - acrescentou ele batendo com um gesto cheio de potência no seu robusto peito com as mãos ambas; - intrigai, mordei, picai ...que haveis de achar em quê!...

Seguiu-se um momento de silêncio, durante o qual toda aquela multidão abriu caminho para deixar escapar o padre, e tornando a unir-se ficou imóvel e extasiada diante daquela vigorosa natureza, oferecendo-se, como um escudo aos golpes daquele poder terrível, que naquela época ainda dominava meio mundo, e ao qual chamavam clero.

Já não havia nem maire, nem adjunto, nem conselho municipal: não havia mais do que Billot.

O Sr. de Longpré, aproximando-se dele, disse:

- Apesar de tudo isto, Sr. Billot, o caso certo é que não temos padre!

- E então? - perguntou Billot.

- E como não temos o padre, também não temos missa!

- Que grande desgraça! - disse Billot, que desde a sua primeira comunhão apenas tinha voltado à igreja duas vezes: no dia do seu casamento e no dia do baptismo de sua filha.

- Não digo que não seja uma grande desgraça - replicou o *maire*, que por justos motivos não queria contrariar Billot - mas que faremos em lugar da missa?

- Em lugar da missa! - exclamou Billot, como inspirado por uma luminosa idéia - eu lhe digo. Suba comigo ao altar da pátria, Sr. *maire*; sobe também comigo, Pitou; o senhor à minha direita, tu à minha esquerda; isso mesmo!... Escutem bem o que vamos dizer em lugar da missa - bradou Billot; - e a Declaração dos Direitos do Homem; é o *Credo* da liberdade; é o Evangelho do futuro!

Simultâneas palmas se ouviram de todos os lados; todos aqueles homens livres, ou antes, desagrilhoados, estavam ávidos por terem conhecimento dos direitos que acabavam de conquistar, e dos quais ainda até ali não tinham gozado.

Careciam muitíssimo mais dessa palavra do que propriamente daquela a que o abade Fortier chamava, palavra celeste.

Colocado entre o *maire*, que representava a força legal, e Pitou, que representava a força armada, Billot estendeu a mão, e de cor (todos sabem que o honrado fazendeiro não sabia ler), pronunciou com voz sonora as seguintes palavras, que o povo todo ouviu de pé, silencioso e descoberto:

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM

ARTIGO 1.º

Os homens nascem e vivem livres e iguais em direitos. As distinções sociais não podem ser fundadas senão em utilidade comum.

ARTIGO 2.º

“O fim de qualquer associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescindíveis do homem; estes direitos consistem na propriedade, na segurança e na resistência à opressão...”

Estas palavras: *e na resistência à opressão*, foram pronunciadas por Billot como por um homem que vira cair por terra as muralhas da Bastilha, e que sabia que nada pode resistir ao braço do povo, quando o povo o estende.

Foi por isso que elas produziram no auditório as mais estrepitosas aclamações.

Ele continuou:

ARTIGO 3.º

“O princípio de toda a soberania reside essencialmente na nação; nenhum corpo, nenhum indivíduo pode exercer autoridade alguma que não derive também essencialmente da mesma nação...”

Esta última frase recordava vivamente àqueles que a ouviram a discussão que acabava de ocorrer entre Billot e o abade Fortier, e na qual Billot invocara esse princípio: esta última frase foi pois coberta de bravos e de aplausos.

Billot deixou passar os bravos e os aplausos, e continuou:

ARTIGO 4.º

“A liberdade consiste em fazer tudo que não é prejudicial a ninguém. Por isso o exercício dos direitos naturais de cada um só tem por limites aqueles que asseguram aos outros membros da sociedade as prerrogativas desses direitos. Esses limites só podem ser determinados por lei...”

Este artigo tinha alguma coisa de abstracto para os espíritos simples que escutavam; por isso o deixaram passar menos acaloradamente do que os outros.

Billot continuou:

ARTIGO 5.º

“A lei só tem direito de proibir as acções prejudiciais à sociedade; tudo que não é proibido por lei, não pode ser impedido, e ninguém pode ser constrangido a fazer o que ela não determina.”

- Quer dizer - perguntou uma voz do meio da multidão - que como a lei não determina as faxinas, e aboliu os dízimos, não poderão vir jamais os padres receber os dízimos ao meu campo, nem obrigar-me o rei às faxinas?

- Justamente - disse Billot, respondendo ao curioso - e desde já e para o futuro, nos devemos considerar isentos desses vergonhosos vexames.

- Nesse caso, viva a lei - respondeu o curioso.

Billot continuou:

ARTIGO 6.º

“A lei é a expressão da vontade geral...”

E depois, levantando com solenidade o dedo, disse:

- Escutem bem estas palavras, amigos, irmãos, homens, cidadãos!

“Todos os franceses têm o direito de concorrer pessoalmente, ou por seus representantes, à formação da lei...”

E levantando a voz para que nem uma só sílaba, se perdesse - continuou:

“Ela deve ser a mesma para todos, quer proteja, quer castigue...”

E depois ainda mais alto:

“Todos os cidadãos são iguais perante ela, são igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo a *capacidade*, e sem outra distinção que a de suas *virtudes* e de seus *talentos*...”

O artigo sexto provocou muitos aplausos.

Billot prosseguiu:

ARTIGO 7.º

“Nenhum homem pode ser acusado, preso ou detido se não nos casos determinados por lei, e segundo as formas que ela prescrever.

Aqueles que solicitarem, expedirem, executarem ou fizerem executar quaisquer ordens arbitrárias, serão irremediavelmente punidos. Mas qualquer cidadão chamado ou preso em virtude da lei deve obedecer sem demora; a resistência torná-lo-á criminoso.”

ARTIGO 8.º

“A lei só deve estabelecer as penas estritamente necessárias, e ninguém poderá ser punido se não em virtude de uma lei estabelecida e promulgada anteriormente ao delito, e legalmente aplicada.”

ARTIGO 9.º

“Todo o homem que se julgue inocente até que se declare criminoso, sendo indispensável a sua prisão, todo o rigor que se empregar, necessário para a sua captura, será severamente reprimido pela lei.”

ARTIGO 10.º

“Ninguém poderá ser incomodado por suas opiniões, mesmo religiosas, contanto que a sua manifestação não perturbe a ordem estabelecida pela lei.”

ARTIGO 11.º

“A livre comunicação do pensamento e da opinião é um dos direitos mais preciosos do homem; qualquer cidadão pode portanto falar, escrever, imprimir livremente, ficando contudo obrigado a responder pelo abuso dessa liberdade nos casos determinados pela lei.”

ARTIGO 12.º

“A garantia dos direitos do homem e do cidadão precisa de uma força pública. Esta força é pois instituída para vantagem de todos, não para utilidade particular daqueles a quem é confiada.”

ARTIGO 13.º

“Para custeio da força pública e para despesas de administração, será indispensável uma contribuição comum, que será igualmente dividida entre todos os cidadãos, segundo as suas faculdades.”

ARTIGO 14.º

“Todos os cidadãos têm direito para verificar pessoalmente, ou por seus representantes, a necessidade da contribuição pública, de a consentir livremente, de vigiar-lhe a aplicação, e determinar a sua quotização.”

ARTIGO 15.º

“A sociedade tem o direito de pedir contas a qualquer agente público da sua administração.”

ARTIGO 16.º

“Qualquer sociedade, na qual a garantia dos seus direitos não for segura, nem determinada a separação de seus poderes, não tem constituição alguma.”

ARTIGO 17.º

“Sendo a propriedade um direito inviolável e sagrado, ninguém dela pode ser privado, salvo se a necessidade pública o exigir evidentemente, e debaixo da condição de uma justa e antecipada indemnização.”

- Agora - continuou Billot - eis aqui a aplicação destes princípios. Escutem, irmãos! Escutem cidadãos! Homens a quem esta declaração dos vossos direitos acaba de constituir livres, escutem!

- Caluda! Silêncio! Escutemos - disseram ao mesmo tempo muitas vozes.

Billot continuou:

- A assembléia Nacional, querendo estabelecer a constituição francesa sob os princípios que acaba de reconhecer e de declarar, anula irrevogavelmente as instituições que ferem a liberdade e a igualdade de direitos...

(A voz de Billot, para prosseguir, tomou uma terrível entoação de ódio e de ameaça.)

Acabou-se a nobreza, o pariato, as distinções hereditárias, as distinções de ordens, o regime feudal, a justiça patrimonial, os títulos, as denominações e prerrogativas que deles dimanam, as ordens de cavalaria, as corporações ou decorações pelas quais se exigiam provas de nobreza, ou que supusessem distinções de nascimento; e finalmente nenhuma outra superioridade além daquela dos funcionários públicos no exercício das suas funções.

Acabou-se a venalidade, a herança de qualquer ofício público, em parte alguma da nação, nem em indivíduo algum, se verão de ora avante mais privilégios ou a excepção ao direito comum de todos os franceses.

Acabaram-se os juizes de ofícios, as corporações de professores, de belas artes ou de artes mecânicas.

Finalmente, a lei não reconhece mais, nem votos religiosos, nem outra qualquer obrigação que for contrária aos direitos naturais ou à constituição.

Dito isto, Billot calou-se.

Tinha sido ouvido com o mais religioso silêncio.

Pela primeira vez, ouviu o povo com admiração o reconhecimento dos seus direitos, proclamados em pleno dia, à luz do Sol, à face de Deus, ao qual havia muito tempo, pedia em suas orações esta carta natural, a qual só obtinha depois de séculos de escravidão, de miséria e de sofrimento.

Pela primeira vez, o homem, o homem verdadeiro, aquele sobre cujo dorso pesava, havia seiscentos anos, o edifício da monarquia, com a nobreza de um lado e com o clero do outro; pela primeira vez, o jornaleiro, o artista, o lavrador, acabavam de reconhecer a sua força, de apreciar o seu valor, de calcular o lugar que possuíam sobre a terra, de medir a sombra que faziam ao Sol, e tudo isto, sem ser em virtude do posso, quero e mando do seu senhor, mas sim à voz potente de um de seus iguais!

Por isso, quando depois destas palavras: “A lei não reconhece mais, nem votos religiosos, nem outra qualquer obrigação que seja contrária aos direitos naturais ou à constituição”, Billot soltara esse grito, ainda tão novel que parecia criminoso, de “Viva a Nação!” quando estendendo as mãos reuniu sobre o peito, num abraço fraternal, a banda do *maire* e as dragonas do capitão, conquanto o *maire* representasse uma pequena vila, e o capitão não fosse mais do que o chefe de um punhado de camponeses; apesar de todas estas circunstâncias, todos repetiram o grito de “Viva a Nação!” todos os braços se abriram e fecharam num abraço geral, na sublime fusão de todos os corações num só coração, na gravação de todos os interesses particulares para um interesse somente!

Foi uma das cenas de que Gilberto falara à rainha, e que esta não compreendera.

Billot desceu do altar da pátria no meio das maiores aclamações de alegria.

A música de Villers-Cotterets, reunida às músicas das vilas e aldeias vizinhas, principiou logo a tocar a área das reuniões fraternais, a ária das núpcias e dos batismos: *Onde se pode estar melhor senão no seio da família?*

E efectivamente, a contar daquele momento, a França constituía-se numa grande família; a contar daquele momento todos os ódios religiosos se extinguíram, e aniquilaram-se os preconceitos de província; a contar daquele momento o mundo inteiro se fazia para a França, estava morta a geografia; nada de rios, nada de obstáculos entre os homens: uma só língua! Uma só pátria! Um só coração!

E com aquela ária tão ingénua, com que a família acolhera noutro tempo Henrique IV, e com que um povo inteiro saúda hoje a liberdade, um imenso concerto, desenrolando-se logo como uma cadeia sem fim, espalhou seus elos visuais, do centro da praça, até à extremidade das ruas, que ali iam desembocar.

Em seguida colocaram as mesas em frente das portas. Pobre ou rico, cada qual trazia um prato, um caneco de cidra, uma garrafa de vinho, um quartilho de cerveja, ou uma bilha de água, e uma povoação inteira quinhoou este grande ágape, dando graças ao Senhor do Universo! Seis mil cidadãos comungaram na mesma mesa, na mesa santa da Fraternidade!

Billot foi o herói daquele dia; mas repartiu generosamente as honras com o *maire* e com Pitou.

Será inútil dizer que Pitou, no meio da multidão, pôde facilmente dar a mão a Catarina, assim como à mesa, lhe foi fácil sentar-se a seu lado.

Mas a pobre rapariga estava triste. A sua alegria da manhã desaparecera, como desaparece um fresco e risonho raio da aurora debaixo dos vapores tempestuosos do meio dia.

Na sua luta com o abade Fortier, na sua declaração dos direitos do homem, seu pai fizera um desafio formal à nobreza e ao clero; desafio este tanto mais terrível, quanto ele dimanara de mais baixo.

Pensava em Isidoro, que não era já senão o mesmo que era outro qualquer homem.

Não era o título, não era a categoria, nem a riqueza que ela chorava, porque teria amado Isidoro simples camponês, mas parecia-lhe que eram violentos, injustos, brutais para com o nobre moço; parecia-lhe enfim, que seu pai, arrancando-lhe os títulos e os privilégios, em lugar de o aproximar dela um dia, o desviava para sempre.

Quanto à missa, ninguém mais falou dela. Quase que até perdoaram ao abade Fortier a sua resistência revolucionária; apenas no seguinte dia reconheceu ele a intensidade do golpe que, na recusa que fizera de officiar sobre o altar da pátria, descarregara sobre a popularidade dos parentes patriotas que tinha em Villers-Cotterets.

XVIII

Debaixo da janela

A cerimónia que acabamos de referir, e que, por meio de federações parciais, tinha por fim reunir entre si todas as municipalidades da França, não era mais do que o prelúdio da grande federação, que devia realizar-se em Paris no dia 14 de Julho de 1790.

Naquelas federações parciais, as municipalidades lançavam os olhos com antecipação sobre os deputados que deviam enviar à federação geral.

O papel que Billot e Pitou tinham representado no domingo 18 de Outubro designava-os muito naturalmente aos sufrágios dos seus concidadãos, logo que chegasse o dia da federação geral.

Mas, enquanto não chegava esse dia, tudo tinha voltado à vida ordinária, da qual cada um se havia desviado momentaneamente pelo choque que dera aos pacíficos costumes provincianos aquele memorável acontecimento.

Quando falamos de pacíficos costumes provincianos, não queremos dizer com isto que na província se não sintam as penas e os prazeres, do mesmo modo que noutra qualquer parte. Não existe ali um só regato, por mais pequeno que seja, desde o que murmura serpeando por entre a relva do vergel, até ao rio majestoso que desce dos Alpes, para ir precipitar-se no mar, à maneira de um conquistador; não existe um só que nas suas ribas, quer humildes, quer orgulhosas, não tenha mil variegadas flores, um sem número de cabanas, e em que se não gozem momentos de sombra ou de Sol.

E sem duvidarmos disto, desde o palácio das Tulherias, onde introduzimos já os nossos leitores, até à herdade de Billot, onde os acabamos de conduzir, poderíamos facilmente achar um exemplo.

Não que superficialmente não parecesse tudo tranqüilo e quase risonho: mas o facto é que, pelas cinco horas da manhã lá se ia abrir a grande porta que eleita para a planície, onde se estende a floresta, e no estilo verde alcatifa, no Inverno crepe sombrio, via-se sair por ela a pé o sementeiro, com um saco de trigo, misturado com cinza, ao ombro; a cavalo o lavrador, que ia buscar a charrua onde na véspera a deixara, no final do sulco que abria; a vaqueira conduzia o seu rebanho, guiado pelo touro majestoso, que era seguido pelas vacas e vitelos, entre as quais se distinguia a vaca favorita, que se dava a conhecer pela sonora campainha que lhe pendia no pescoço; finalmente atrás de tudo, montado em vigoroso cavalo normando, lá se via Billot, o dono, a alma, a vida de todo aquele mundo em miniatura, de todo aquele povo em resumo.

Qualquer observador desinteressado não teria feito reparo nessa saída nem nos sobrolhos encrespados, nem no olhar interrogador que se fixava nas cercanias, nem no ouvido, que se mostrava atento a qualquer ruído, nem no círculo descrito em volta do casal, durante o qual, o olhar, como de um caçador que acha uma pista, se não desvia da terra um só momento; um espectador indiferente não teria visto em tudo isso mais do que o que é natural: um proprietário que procurava ver se o dia lhe correria bem, ou se durante a noite os lobos, os javalis e os coelhos lhe não vieram devastar os currais, as batatas, ou as túberas ao saírem dos covis, onde muitas vezes eram acometidas pelo chumbo do duque de Orleans ou pelo dos guardas.

Mas para qualquer, que soubesse o que se passava no fundo da alma do honrado lavrador, cada um dos gestos ou dos passos dele teria assumido um carácter mais grave.

O que ele observava através da escuridão era se algum vagabundo se aproximava ou desviava furtivamente na sua propriedade.

O que escutava no meio do silêncio que o rodeava era se algum sinal misterioso não correspondia, do quarto de Catarina, a outro sinal que saísse de entre as árvores que orlam a estrada, ou do fundo das valas que separam a floresta da planície.

O que perguntava à terra, tão vivamente interrogada pelo seu olhar, era se porventura ela conservava o vestígio de alguns pés, que, pela ligeireza ou pelo tamanho, revelassem um aristocrata.

Quanto a Catarina, já o dissemos, conquanto o rosto de Billot se tornasse para ela mais prazenteiro, nem por isso deixava de encontrar continuamente em volta de si, como guarda vigilante, a desconfiança paternal, resultando de tudo isso que, durante as noites de Inverno, tão compridas, tão solitárias e ansiosas, vacilava ela sobre se Isidoro deveria voltar a Boursonne, ou se deveria conservar-se distante dela.

Quanto à tia Billot, essa voltara à sua vida ordinária e vegetativa; o marido regressara, a filha recuperara a saúde: nada via, portanto, além deste limitado horizonte; eram necessários olhos mais perspicazes que os seus para irem achar no coração do marido a desconfiança; no coração da filha a aflição.

Pitou, depois de saborear com certo orgulho misturado de tristeza o seu triunfo como capitão, caíra novamente no seu estado habitual, isto é, numa doce e benévola melancolia. Com a sua habitual regularidade, visitava todas as manhãs a conserveira Colombe; se não achava carta para Catarina, voltava melancólico para Haramont, por isso que se lembrava que naquele dia Catarina, não recebendo carta de Isidoro, não teria ocasião de pensar em quem lhas trazia; pelo contrário, se a achava, ia depositá-la religiosamente no côncavo do salgueiro, e voltava muitas vezes ainda mais triste do que nos dias em que não havia cartas, lembrando-se dessa vez que Catarina só pensava nele como por tabela, porque o gentil fidalgo, a quem a *Declaração dos Direitos do Homem* podia privar do seu título, mas não da sua graça e elegância, era o fio condutor, graças ao qual ele sentia a sensação quase dolorosa da recordação.

Todavia, como é fácil compreender, Pitou não era um mensageiro puramente pacífico, e se era mudo, nem por isso era cego. Em seguida ao interrogatório acerca de Turim e da Sardenha, que lhe revelara o fim da viagem de Isidoro, conhecera pela marca das cartas que o fidalgo se achava na capital de Piemonte; depois, a marca era de Lião, em lugar de ser de Turim, e finalmente dois dias depois, a 25 de Dezembro viera-lhe à mão uma carta com a marca de Paris em vez da marca de Lião.

Então, sem que fosse necessário grande esforço de perspicácia, Pitou compreendera que o visconde Isidoro de Charny deixara a Itália e entrara em França.

Agora, visto que se achava em Paris, tornava-se evidente que não se demoraria a sair dali para vir a Boursonne.

O coração de Pitou comprimiu-se; fizera o propósito de ser dedicado, mas o coração nem por isso deixava de ser sensível às diferentes comoções que o assaltavam.

Por isso, no dia em que chegou a carta marcada de Paris, Pitou, para inventar um pretexto, resolveu-se a ir colocar os laços de caça na mata de Bruyère-aux-Loups, onde o vimos operar com tanta vantagem no princípio desta obra.

Ora, a herdade de Pisseleux achava-se situada justamente na parte da estrada de Haramont que conduz àquela mata.

Nada havia portanto que admirar que Pitou parasse naquele sítio.

Escolheu a hora em que Billot visitava o campo, como tinha por costume depois de jantar.

Segundo a prática. Pitou, cortando através dos campos, ia de Haramont até à estrada real de Villers-Cotterets; da estrada real até à herdade de Noue, e daí, por diversos atalhos, à de Pisseleux. Depois costeava os muros do casal, seguia os currais e os apriscos, concluindo por fim o seu giro achando-se em frente da porta principal, do outro lado da qual se elevavam as casas da habitação.

Desta vez seguira o caminho do costume.

Chegado à porta da herdade circunvagou a vista, como poderia fazê-lo o próprio Billot, e avistou Catarina à janela.

Catarina parecia esperar alguém com o olhar vago, e, sem o fixar nalgum ponto determinado, percorria toda a extensão da floresta, compreendida entre o caminho de Villers-Cotterets até à la Ferté Milon e o de Villers-Cotterets até Boursonnes.

Pitou não queria surpreender Catarina; operou então de modo que fosse visto por ela, que, tendo-o visto, fixou os olhos nele.

Sorriu-lhe! Pitou para Catarina não era mais do que um amigo, ou antes, era um confidente.

- É o senhor, meu caro Pitou? - perguntou-lhe ela: - que bonançoso vento o conduz aos nossos lares?

Pitou mostrou-lhe os laços de caça, que trazia enrolados no braço.

- Ocorreu-me a idéia de a regalar com um par de coelhos bem tenros e bem cevados, menina Catarina; e como os melhores são os que há em Bruyère-aux-Loups, em virtude do serpão que ali cresce em abundância, dirigi-me com antecipação àquele lugar para a ver de passagem, e para saber notícias da sua saúde.

Catarina sorriu àquela delicadeza de Pitou; e em seguida disse:

- Notícias da minha saúde. Sr. Pitou! É na verdade muito boa pessoa; graças aos cuidados que me prestou quando estava doente, e que continuou a prestar-me na minha convalescença, acho-me quase restabelecida.

- Quase restabelecida! - replicou Pitou sorrindo; - desejava bem que o estivesse de todo.

Catarina corou, suspirou por sua vez, pegou na mão de Pitou, como se fosse dizer-lhe alguma coisa importante; mas, arrependendo-se talvez, largou a mão que já tinha entre as suas, deu alguns passos no seu quarto, como se procurasse o lenço, e encontrando-o, limpou o suor, que lhe deslizava da fronte, apesar de se estar então no rigor do Inverno.

Nenhum desses movimentos escapou aos olhos investigadores de Pitou.

- Tem alguma coisa para dizer-me? - perguntou ele.

- Eu?... Nada, não; engana-se, meu caro Pitou - respondeu ela com voz alterada.

Pitou fez um esforço.

- Olhe, menina Catarina... É que se precisasse de mim para alguma coisa... Não devia poupar-me.

Catarina reflectiu, melhor digamos, hesitou um instante.

- Meu caro Pitou - disse ela afinal - já me tem provado que podia contar consigo em qualquer ocasião, e acredite que lhe consagro o maior reconhecimento.

Depois acrescentou em voz baixa:

- É escusado continuar a ir ao correio; é provável que já não encontre cartas para mim.

Pitou esteve quase a responder que já desconfiava disso; mas talvez quisesse ver até que ponto alcançava a confiança que Catarina tinha nele. Ela porém limitou-se à recomendação que já referimos, e que tinha simplesmente por fim não incomodar Pitou com caminhadas inúteis.

Todavia, aos olhos de Pitou, essa recomendação era de uma transcendência muito mais elevada.

O regresso de Isidoro a Paris não era uma razão suficiente para ele deixar de escrever. Portanto se não escrevia mais a Catarina, é porque contava vê-la.

Quem dizia a Pitou que a carta, marcada de Paris, que naquela mesma manhã fora por ele depositada no salgueiro, não anunciava a Catarina a próxima chegada do amante? Quem lhe dizia que aquele olhar, que se perdia no espaço quando ele apareceu, e que ele atraía para si, não procurava descobrir na extremidade da floresta alguma outra confidência?

Mas vendo que ela se obstinava em guardar silêncio, disse-lhe:

- Menina Catarina, não tem notado a mudança de seu pai?

A pobre rapariga estremeceu.

- Ah! - disse ela, respondendo a uma interrogação com outra interrogação; - tem

porventura notado alguma coisa?

- Menina Catarina - disse Pitou, meneando a cabeça - não tarda muito que aquele que dá causa àquela mudança tenha que passar um triste quarto de hora; asseguro-lhe, percebe, menina?

Catarina empalideceu.

Mas, olhando fixamente para Pitou, perguntou:

- Por que motivo diz *aquele* e não *aquela*? É talvez uma mulher, e não um homem, quem tem de sofrer essa cólera encoberta...

- Ai, menina Catarina - disse Pitou - assusta-me! Tem alguma coisa que recear?

- Meu amigo - disse Catarina contristada - receio o que uma pobre rapariga, que esqueceu a sua condição e ama uma pessoa superior a ela, pode recear de um pai irritado.

- Menina - disse Pitou arriscando um conselho - parece-me que no seu lugar...

E deteve-se.

- Parece-me que no meu lugar? - repetiu Catarina.

- Sim, parece-me que no seu lugar... Mas, não, estive às portas da morte por uma simples ausência que *ele* fez; se lhe fosse necessário renunciar a ele, decerto morreria e eu não quero que morra... Antes quero vê-la doente e triste do que lá em baixo... no fim do Pleux... Ai, menina Catarina, tudo isto é uma fatalidade, uma desgraça!

- Caluda! - disse Catarina - falemos de outra coisa, ou então calemo-nos, porque vem aí meu pai. Olhe, Sr. Pitou, não vê?

Pitou voltou-se para o lado onde Catarina olhava, e viu efectivamente o fazendeiro que se aproximava, com o seu cavalo a trote.

Avistando um homem junto da janela de Catarina, Billot parou; depois, conhecendo sem dúvida Pitou, continuou o seu caminho.

Pitou deu alguns passos para ele, sorrindo-se e tirando o chapéu...

- Ah! Ah! És tu, Pitou? - exclamou Billot. - Vens jantar connosco?

- Não, Sr. Billot - respondeu Pitou - não me atreveria a tanto; mas...

Neste momento pareceu-lhe que um olhar de Catarina o animava...

- Mas o quê? - replicou Billot.

- Mas... se me convidar, aceitarei.

- Pois bem - disse o fazendeiro - estás convidado.

- Nesse caso - acudiu Pitou - aceito.

O fazendeiro deu uma esporada no cavalo, e entrou pela porta da cocheira.

Pitou voltou-se imediatamente para Catarina e perguntou:

- Não era isto que me dizia?

- Era, sim... Ainda está hoje mais sombrio do que nos outros dias.

Depois acrescentou em voz baixa:

- Oh! Meu Deus! Acaso saberá ele?...

- O quê, menina? - perguntou Pitou, que por mais baixo que ela falasse, tinha-a ouvido.

- Nada - disse ela retirando-se para dentro e fechando a janela. - Entre!

XIX

O tio Clouis aparece novamente em cena

Catarina não se enganara: apesar do benigno acolhimento que o pai fizera a Pitou, nunca ele parecera mais sombrio e taciturno. Deu a mão a Pitou quando se apeou, mas este sentiu-lhe a mão fria e úmida. A filha, como de costume, ofereceu-lhe as faces pálidas e trémulas, mas ele contentou-se em tocar-lhe a fronte com os lábios. Quanto à tia Billot, essa levantou-se por um movimento que lhe era natural quando via entrar o marido, e que derivava ao mesmo tempo do sentimento da sua inferioridade e do respeito que lhe tributava; mas o fazendeiro nem sequer olhou para ela.

- O jantar está pronto? - perguntou ele.
- Está, sim - respondeu a tia Billot.
- Nesse caso vamos para a mesa! Tenho muito que fazer antes da noite.

Passaram então para a casa de jantar, que deitava para o pátio; ninguém que chegasse de fora podia entrar na cozinha sem passar por diante da janela daquela pequena casa.

Pôs-se um talher a mais para Pitou, que colocaram entre as duas mulheres com as costas voltadas para a janela.

Por muito preocupado que Pitou estivesse, no que essa preocupação nunca influía, era no estômago; resultando daqui que Billot, apesar da perspicácia do olhar, não pôde conhecer durante o primeiro serviço, outra coisa mais no seu convidado que não fosse a satisfação que sentia à vista de uma excelente sopa de couves, e do prato de succulento cozido que se lhe seguiu.

Era pelo menos evidente que Billot desejava saber, se fora o acaso ou um desígnio premeditado que conduzira Pitou à herdade.

Por isso, no momento em que retiravam o resto do cozido, para servirem um quarto de carneiro assado, prato que Pitou parecia saudar com alegria, o fazendeiro desmascarou inteiramente as suas baterias, e falando directamente a Pitou, perguntou:

- E agora, meu caro Pitou, agora, que sabes que és sempre bem recebido, poder-se-á saber o motivo que te atraiu hoje a estes sítios?

Pitou sorriu, relanceou os olhos em volta de si, como para se assegurar que não havia ali olhos indiscretos, nem ouvidos perigosos, e arregaçando com a mão esquerda a manga direita da véstia, disse:

- Olhe, tio Billot! - e mostrou-lhe uns vinte laços de arame que tinha enrolados no pulso à maneira de bracelete.

- Ah! Ah! - exclamou Billot - despovoaste então as matas de Longpré e de Taille-Fontaine?

- Não é isso, Sr. Billot - respondeu ingenuamente Pitou - mas como persigo desde muito tempo aqueles malditos coelhos, parece que cheiram os laços e voltam-lhes o lombo... Decidi-me pois a vir esta noite experimentar os do tio Lajeunesse, que são mais dóceis e mais delicados, por isso que são nutridos com serpão e urzes.

- Safa! - disse o fazendeiro - não julguei que fosses tão guloso, meu Pitou!

- Oh! Não é para mim; não sou guloso; é para a menina Catarina... Disse cá com os meus botões: “como esteve doente, precisa de viandas finas...”

- Tens muita razão - acudiu Billot, interrompendo Pitou: - não vês que ainda não tem apetite?

E dizendo isto apontou para o prato de Catarina, a qual, tendo comido apenas algumas colheres de sopa, não tocara, nem no cozido, nem no assado.

- Não tenho apetite, meu pai - disse Catarina corando, por assim a interpelarem, porque tinha comido uma grande tigela de sopas de leite antes da chegada do Sr. Pitou.

- Não te pergunto a causa por que tens ou deixas de ter apetite - disse Billot; - aponto unicamente o facto e nada mais.

Em seguida, olhando para o pátio através da janela, levantou-se dizendo:

- Ah! Aí vem alguém procurar-me.

Pitou sentiu o pé de Catarina apoiar-se vivamente no dele e voltou-se para ela; estava pálida como uma defunta, indicando-lhe com os olhos a janela que deitava para o pátio.

Seguiu com os olhos a direcção do olhar de Catarina e conheceu então o seu velho amigo, o tio Clouis, que passou defronte da janela, levando ao ombro a espingarda de dois canos de Billot.

- É verdade - respondeu Billot tornando a sentar-se; - jantará também connosco, se ainda não tiver jantado. Mulher - acrescentou ele - abre a porta ao tio Clouis.

A tia Billot levantou-se e foi abrir a porta, ao passo que Pitou, com os olhos fitos em Catarina, perguntava a si mesmo a causa daquela palidez.

Entrou o tio Clouis; trazia além da espingarda do fazendeiro uma lebre, que naturalmente matara com a mesma arma.

Recordar-se-ão os nossos leitores, que o tio Clouis tinha licença do duque de Orleans para matar num dia um coelho, noutro uma lebre.

Era provavelmente o dia da lebre.

Tirou então uma espécie de barrete, que trazia todo rasgado pelos ramos das árvores: Clouis era quase tão insensível aos espinhos como o próprio javali.

- Sr. Billot e mais sociedade - disse ele - tenho a honra de os cumprimentar.

- Bons dias, tio Clouis - respondeu Billot; - vamos, que é homem de palavra... Obrigado.

- Oh! O que está tratado, tratado está, Sr. Billot. Encontrou-me esta manhã, e falou-me deste modo: "Tio Clouis, como é um fino atirador, forneça-me uma dúzia de balas do calibre da minha espingarda; far-me-á nisso um particular obséquio". A isto respondi: "Para quando as quer o tio Billot?" e vai o senhor respondeu-me: "Para esta noite, sem falta". Então, respondi: "Pois bem, tê-las-á", ei-las aqui, Sr. Billot.

- Obrigado, tio Clouis: o meu amigo janta connosco, não é assim?

- Oh! Tem muita bondade, Sr. Billot; mas eu não tenho vontade.

O tio Clouis julgava que a civilidade mandava que, quando lhe oferecessem uma cadeira, dissesse que não estava cansado, e que, quando o convidassem para jantar, respondesse cerimoniosamente que não tinha fome.

Billot bem sabia isso e replicou:

- Não importa, sente-se sempre à mesa; graças a Deus, temos aqui bastante que comer e beber, e se não quiser comer, beberá.

Durante este tempo, a tia Billot, com a regularidade e quase com a mudez de um autômato, pusera na mesa mais um prato, um talher e um guardanapo.

Depois aproximou uma cadeira.

- Enfim! Como teima, não há remédio senão aceitar - disse o tio Clouis.

E foi pôr a espingarda a um canto, e a lebre num bufete, indo depois sentar-se à mesa.

Sentou-se justamente defronte de Catarina, que olhava para ele horrorizada.

O rosto ameno e dócil do velho guarda parecia tão-pouco feito para inspirar esses sentimentos, que Pitou não podia achar a explicação das comoções que traíam, não só o rosto de Catarina, mas também o terror nervoso que lhe agitava todos os membros.

- Todavia Billot enchera o copo e o prato do seu hóspede, o qual, apesar de ter declarado que não tinha vontade, nem por isso deixou de atacar com denodo tanto o copo como o prato.

- Ah! Eis aqui um vinho excelente, Sr. Billot! - disse ele, como para render homenagem à verdade; - que ótimo carneiro! - acrescentou também. - Parece-me que é também da mesma opinião do provérbio que diz: "Os melhores carneiros para comer são os mais novos e o melhor vinho para beber é o mais velho"?

Ninguém respondeu ao gracejo do tio Clouis, o qual, vendo cair a conversação, e julgando-se, na sua qualidade de hóspede, obrigado a sustentá-la, continuou:

- Disse pois cá com os meus botões: "Por minha fé, que é hoje o dia das lebres; tanto importa que mate a que me pertence de um lado da floresta como do outro; vou portanto matá-la dentro da tapada do tio Lajeunesse... verei ao mesmo tempo o alcance de uma espingarda guarnecida". Fundi portanto treze balas em lugar de doze... Asseguro-lhe que a experiência saiu toda a favor da sua espingarda. Que excelente arma!

- Sim, bem sei - respondeu Billot - é ótima escopeta.

- Doze balas! - observou Pitou; - trata-se então de alguma aposta, Sr. Billot?

- Não - respondeu este.

- Ah! Bem conheço a *guarnecida de prata*, como lhe chamam por estes arredores; já lhe vi fazer das suas na festa de Boursonnes, há dois anos! Foi lá que ganhou o talher de prata, com que se serve agora a Sr^a. Billot, e o copo pelo qual bebe a menina Catarina... Oh!... - exclamou Pitou todo assustado; - mas que tem, menina Catarina?

- Eu?... Nada! - respondeu ela - abrindo os olhos meio fechados, e endireitando-se na cadeira, sobre a qual parecia um momento antes quase desfalecida.

- Catarina?... que queres tu que ela tenha! - disse Billot encolhendo os ombros.

- Justamente - continuou Clouis - cumpre dizer-lhe que na antiga oficina do tio Montagnon, o espingardeiro, deparei com uma forma. Ah! É muito raro encontrar uma forma como o senhor precisa! Estes malditos canos de Leclerc são quase todos do calibre 24, o que nem por isso os impossibilita de alcançar Deus sabe aonde! Encontrei pois uma forma do calibre da sua espingarda, alguma coisinha mais pequena; mas isso nada faz ao caso, pelo contrário, é melhor, embrulha a bala num bocadinho de pele untada... É para atirar ao vôo ou é para caça pousada?

- Não sei ainda - respondeu Billot - tudo quanto sei dizer é que é para ir à espera.

- Ah! Sim, agora, entendo - acudiu o tio Clouis - os javalis do Sr. duque de Orleans vêm devastar-lhes as suas devezas, e o senhor assentou que era melhor salgá-los do que deixá-los devastar, não é assim?

Seguiu-se um silêncio, apenas perturbado pela respiração palpitante de Catarina.

Os olhos de Pitou dirigiam-se do guarda para Billot, e deste para sua filha.

Procurava descobrir o mistério, mas nada obtinha.

Quanto à tia Billot, era inútil procurar-lhe no rosto o menor esclarecimento; nada percebia do que se dizia, e muito menos do que queriam dizer.

- Ah! - continuou o tio Clouis - se as balas são para os javalis, são talvez pequenas; aqueles animais têm a pele dura, sem contar que se voltam às vezes contra o caçador... Já os vi com cinco, seis, oito balas no couro e na carne (balas de munição de dezesseis ao arrátel!) correr como gamos...

- Não é para os javalis - disse Billot.

Pitou não pôde resistir, por mais que quisesse, à sua curiosidade, e disse:

- Perdão, Sr. Billot; mas se não são para empregar nas apostas, se não são para atirar aos javalis, então para que são as balas?

- Para atirar a um lobo - disse Billot.

- Oh! Muito bem, se são para atirar a um lobo, tem aqui o que lhe é necessário - disse o tio Clouis tirando as doze balas do bolso, e deitando-as dentro de um prato, onde retiniram; - enquanto à décima terceira, lá a tem na barriga da lebre... Ah! ignoro se a sua espingarda se dá bem com o chumbo; com a bala, asseguro-lhe que se dá maravilhosamente!

Se Pitou olhasse para Catarina, teria visto que estava quase a desmaiar.

Mas todo embevecido no que dizia o tio Clouis, não olhava para outra parte.

Por isso, tão depressa ouviu dizer ao guarda que a décima terceira bala estava no ventre da lebre, correu logo a verificar o facto.

- Não há dúvida, cá está - exclamou ele metendo o dedo mínimo no buraco da bala; - veja, Sr. Billot! O senhor é um bom atirador, mas ainda não mata as lebres como as mata o tio Clouis... isto é à bala rasa.

- Que me importa isso? - disse Billot; - sendo o animal a que tenho de atirar, vinte vezes maior do que uma lebre, confio em que não hei-de errar!

- É certo que um lobo... Mas o senhor fala de lobos, como se porventura os houvesse actualmente por estes sítios! Admira muito! Antes da neve!...

- Sim, admira, mas é como lhe digo.

- Está certo disso, Sr. Billot?

- Certíssimo! - respondeu o fazendeiro olhando ao mesmo tempo para Pitou e para Catarina, que se achavam colocados um ao pé do outro; - o pastor viu um esta manhã.

- Onde? - perguntou Pitou ingenuamente.

- Na estrada de Paris a Boursonnes, mesmo junto da mata de Ivors.

- Ah! - exclamou Pitou, olhando por seu turno para Billot e para Catarina.

- Sim - continuou Billot com a mesma placidez; - já o ano passado o tinham visto, e

preveniram-me logo... Julgou-se depois que desaparecera de todo, mas...

- Mas? - perguntou Pitou.

- Mas parece-me que voltou - disse Billot - e que se dispõe outra vez a farejar a herdade... É esta a razão por que disse ao tio Clouis que me limpasse a espingarda, e que me fundisse algumas balas.

Foi quanto Catarina pôde suportar; soltou um grito abafado, levantou-se convulsa e dirigiu-se para a porta.

Pitou meio inquieto e meio sincero, levantou-se também, e vendo que Catarina cambaleava, correu para ela com o fim de a segurar.

Billot lançou um olhar terrível para o lado da porta, mas a fisionomia de Pitou exprimia tão grande expressão de surpresa, que ele não pôde supor que houvesse cumplicidade entre os dois.

Sem pois se inquietar mais, nem com Pitou, nem com Catarina, continuou:

- Diz então o tio Clouis, que para que o tiro tenha certeza é conveniente embrulhar a bala num bocado de pele untada?

Pitou ainda ouviu esta pergunta, mas não pôde ouvir a resposta, porquanto, chegando naquele momento à cozinha, onde fora juntar-se com Catarina, sentia a pobre rapariga desfalecer-lhe nos braços de momento a momento.

- Mas que tem a menina? - perguntou ele muito assustado.

- Oh! - disse Catarina - pois não compreendeu?... Ele sabe que Isidoro chegou esta manhã a Boursonnes, e quer decerto assassiná-lo se se aproximar da herdade!

Neste momento abriu-se a porta da casa de jantar e Billot apareceu no limiar.

- Meu caro Pitou - disse ele com voz tão rude que não admitia réplica - se vieste com efeito por causa dos coelhos do tio Lajeunesse, parece-me que é tempo de ires armar os teus laços... Ouviste? Se fores mais tarde, não vês nada.

- Sim, Sr. Billot, foi para isso que aqui vim - respondeu humildemente Pitou, olhando ao mesmo tempo para Catarina e para Billot; - não foi outro o motivo que aqui me conduziu, juro-lhe.

- E então?

- Então, Sr. Billot, corro ao meu destino.

E dizendo isto correu pela porta do pátio, ao passo que Catarina, desolada, entrava no seu quarto, fechando-se por dentro.

- Sim - murmurou Billot - sim, encerra-te desgraçada; isso pouco me importa, porquanto não é por certos sítios que eu farei a minha espera.

XX

O jogo das barras

Pitou saiu muito absorto da herdade. Pelas palavras de Catarina conhecera o que até ali ignorava. Sabia pois quanto desejava saber.

Sabia também que o visconde Isidoro de Charny havia chegado naquela manhã a Boursonnes, e que se porventura viesse à herdade com o fim de ver Catarina, correria o grande risco de receber um tiro.

Era indubitável que as parabólicas palavras de Billot se haviam esclarecido com as poucas que Catarina pronunciara. O lobo, que fora visto no ano precedente a farejar os currais, e que se dizia haver desaparecido para sempre, mas que naquela manhã se tornara a ver junto à mata de Ivors, da estrada de Paris a Boursonnes, não era outro se não o visconde Isidoro de Charny.

Era para ele que a espingarda de Billot se mandara limpar, era para ele que as balas tinham sido fundidas.

Bem se vê, pois, que este negócio se tornara de suma gravidade.

Pitou por algumas vezes, quando se oferecia ocasião, era tão valente como o próprio leão, quase sempre acompanhava esta força com a prudência da serpente. Em contravenção dos vigilantes guardas, na presença dos quais devastava os vergéis defendidos por grossas sebes, e as árvores frutíferas no meio dos campos; em contravenção dos couteiros e de todos esses guardas, que pareciam outros tantos *argus*, estendia as suas redes e os laços, e habituara-se a uma reflexão profunda, a uma decisão rápida que em todos os casos de perigo em que se achara lhe permitiam sair das maiores dificuldades debaixo das melhores condições possíveis. Portanto, desta vez, como das outras, chamando em seu auxílio uma decisão rápida, decidiu-se prontamente a ir embrenhar-se no bosque, situado a uns oitenta passos da herdade.

Um bosque é um abrigo impenetrável, no qual é fácil ao homem reflectir e meditar.

Desta vez, como se vê, Pitou invertera a ordem das coisas, preferindo uma rápida decisão a uma reflexão profunda.

Tratou portanto de providenciar o mais rápido possível.

Mas Ângelo Pitou com a sua inteligência instintiva, quis acudir ao mais urgente, e o mais urgente para ele era procurar um abrigo.

Dirigiu-se pois para o bosque, com um modo tão desembaraçado, como se não levasse o cérebro carregado com um turbilhão de pensamentos, e chegou finalmente ao seu destino, tendo a coragem de não olhar sequer uma só vez para trás.

É verdade que, assim que calculou achar-se fora do alcance de vista da herdade, baixou-se, como quem queria afivelar a presilha das polainas, e com a cabeça entre as mãos, interrogou o horizonte.

O horizonte estava livre, e não parecia, naquele momento, oferecer o menor perigo. Feita esta observação, Pitou seguiu a linha vertical, e quase de um salto achou-se na desejada floresta.

A floresta era o domínio de Pitou; considerava-se ali em sua casa; considerava-se livre; considerava-se um rei!

Rei como a doninha, cuja agilidade possuía; como a raposa, de que tinha a astúcia; como o lobo, do qual tinha também o olhar, sendo capaz de ver nas mais profundas trevas da noite.

Porém naquela hora, não carecia nem da agilidade da doninha, nem da astúcia da raposa, nem dos olhos nictalopes do lobo.

Apenas lhe bastava cortar diagonalmente a porção de bosque, onde penetrara, e voltar à orla da floresta, que se estendia em toda a extensão da herdade.

A sessenta ou setenta passos de distância, veria Pitou quanto se passasse na herdade, e desafiaria quem quer que, para o atacar, apenas se servisse dos pés e das mãos.

Escusado é dizer que melhor desafiaria um cavaleiro, fosse qual fosse, que decerto não poderia dar cem passos na floresta, metendo pelos caminhos por onde Pitou se introduzisse.

Pitou deitou-se ao comprido, junto do tronco de uma árvore, no qual reclinou a cabeça e pôs-se a reflectir profundamente.

Reflectia que era o seu dever impedir, quanto lhe fosse possível, que o tio Billot pusesse em execução a terrível vingança que meditava.

A primeira coisa que lhe ocorreu foi correr a Boursonnes, e prevenir Isidoro do perigo que o esperava, se porventura se dirigisse para o lado da herdade.

Mas, quase de súbito, reflectiu em duas coisas:

A primeira foi que Catarina lhe não tinha dado missão para o fazer; a segunda, que o perigo talvez não intimidasse Isidoro.

E demais, que certeza tinha Pitou que o visconde, cuja intenção era decerto ocultar-se, viesse pela estrada real, ou por algum desses pequenos atalhos, só praticados pelos lenhadores e no geral por homens do campo?

Indo em busca de Isidoro, Pitou abandonava Catarina, e conquanto sentisse muito que o visconde sofresse algum desastre, nem por isso deixaria de sentir mais que esse desastre acontecesse a Catarina.

Portanto, o que lhe pareceu mais prudente foi esperar onde estava, e aconselhar-se com

as circunstâncias que sobreviessem.

Esperando que se dessem essas circunstâncias, fixou os olhos na herdade: pareciam os olhos de uma onça, que espreitava a sua presa!

O primeiro movimento que observou foi a saída do tio Clouis.

Viu-o ao portão despedindo-se de Billot, seguir depois o muro e desaparecer na direcção de Villers-Cotterets, que devia atravessar ou tornejear para regressar à sua choupana, distante coisa de légua e meia de Pisseleux.

Quando ele saiu começava a cair o crepúsculo.

Como o tio Clouis não passava de personagem secundário, uma espécie de comparsa no drama que se representava, Pitou não lhe prestou atenção, tendo-o apenas, por descargo de consciência, seguido com a vista até ao momento em que desapareceu na esquina do muro, e tornando logo a cravá-la no centro do edifício, isto é, no portão e nas janelas.

Poucos momentos depois viu luz numa das janelas; era a do quarto de Billot.

Do sítio onde se achava, Pitou via perfeitamente o interior do quarto; pôde portanto ver Billot carregar a espingarda com todas as precauções que o tio Clouis lhe recomendara.

Durante este tempo anoiteceu completamente.

Concluída a tarefa Billot apagou a luz e fechou a janela, mas de modo que pudesse vigiar os arredores.

Da janela de Billot, situada no primeiro andar parece-nos ter dito que se não podia descobrir a de Catarina, situada no andar baixo, por causa de um cotovelo formado pelos muros da herdade; mas descobria-se inteiramente o caminho de Boursonnes e todo o círculo da floresta que se acha em contacto com a montanha da Ferté-Milon, a que chamam a mata de Ivors.

Ao passo que Billot não via a janela de Catarina, supondo que ela saísse por essa janela com o fim de se dirigir ao bosque, não perdia a esperança de a ver no momento em que entrasse no raio do terreno, que os olhos não podiam abranger.

Contudo, como a noite se tornasse cada vez mais escura, podia acontecer que Billot visse apenas uma mulher sem a conhecer. Eram estas as reflexões que Pitou fazia. Não duvidava que durante a noite Catarina tentasse algum meio de sair de casa com o fim de prevenir Isidoro.

Sem perder pois inteiramente de vista a janela de Billot, foi contudo sobre a de Catarina que fixou mais particularmente a atenção.

Pitou não se enganava: tão depressa escureceu - para Pitou já nós dissemos que não havia escuridão - viu abrir-se mansamente a janela de Catarina, viu-a saltar e seguir ao longo do muro.

Enquanto seguisse esta direcção, não corria ela risco algum de ser vista, e supondo que o seu fim fosse ir a Villers-Cotterets, poderia chegar ali sem que ninguém a visse; mas, se, pelo contrário, quisesse ir para o lado de Boursonnes, ser-lhe-ia absolutamente necessário entrar no raio que o olhar que partia da janela do pai abrangia.

Chegando ao fim do muro, hesitou durante alguns segundos, dando a entender a Pitou, que era a Villers-Cotterets e não a Boursonnes que se dirigia; mas de repente cessou essa hesitação; por isso, curvando-se o mais que lhe foi possível, com o fim de que não a vissem, atravessou o caminho, lançando-se numa vereda que ia dar à floresta, por meio de uma curva que ia dar a coisa de um quarto de légua do caminho de Boursonnes.

Seguindo pois esta vereda, já Pitou não podia duvidar de qual fosse o destino de Catarina, já não tinha que se ocupar dela, mas sim da janela meia aberta, através da qual, como se fosse uma cidadela, se mergulharam os olhos de Billot, de uma extremidade à outra do bosque.

Todo esse raio que a vista de Billot abrangia, à excepção de algum pastor isolado aqui e acolá, estava completamente solitário.

O resultado de tudo isto foi que, assim que Catarina entrou naquele raio, conquanto o seu mantelete preto a tornasse quase invisível, nem por isso pôde escapar ao olhar penetrante do lavrador.

Pitou viu abrir a janela, aparecer a cabeça de Billot através dela, e conservar-se um momento fixo e imóvel, como se duvidasse, no meio daquelas trevas, do testemunho dos seus

olhos, mas tendo corrido na direcção daquela sombra os cães do pastor, voltando de novo para junto do amo, depois de haverem dado alguns latidos, não pôde Billot duvidar, por mais tempo, de que aquela sombra fosse a de Catarina...

Os cães aproximando-se dela, reconheceram-na logo, cessando por isso de ladrar.

É desnecessário dizer que tudo isto era traduzido por Pitou, tão claramente, como já estivesse prevenido nos diversos incidentes daquele drama.

Esperava portanto ver de novo fechar a janela do quarto de Billot, e abrir-se o portão.

Efectivamente, alguns segundos depois, o portão abriu-se, e tendo Catarina chegado à orla do bosque, Billot, com a espingarda ao ombro, transpôs o limiar da porta, caminhando a passos largos em direcção à floresta, seguindo o caminho de Boursonnes, que Catarina demandava aparentemente.

Não havia portanto tempo a perder; em dez minutos, o máximo, achar-se-ia a pobre rapariga em frente do pai!

Foi isto o que Pitou reflectiu.

Levantou-se, pois, e saltando como um cabrito assustado através daquelas matas, cortando diagonalmente a floresta no sentido inverso da sua primeira caminhada, achou-se justamente no fim da vereda que percorria, no mesmo momento em que já se sentiam os passos e a respiração palpitante de Catarina.

Parou então, ocultando-se por detrás do tronco de um carvalho.

Dali a dez minutos passava Catarina próximo do carvalho.

Pitou apresentou-se-lhe, impediu-lhe o passo, e ao mesmo tempo deu-se a conhecer.

Julgou necessária esta unidade duma tríplice acção para não assustar Catarina.

Efectivamente, ela não soltou mais do que um débil grito, e parando muito convulsa, perguntou:

- Que me quer Sr. Pitou?...

- Nem mais um passo, em nome do céu, menina! - disse Pitou juntando as mãos.

- Por quê?

- Porque seu pai sabe que saiu, meteu ao caminho de Boursonnes com a espingarda, e espera-a na encruzilhada de Bourg-Fontaine!

- Mas ele, ele - exclamou Catarina desorientada, - ninguém o prevenirá?

E afastando-o com a mão, fez um movimento para continuar o caminho.

- E quem o previne quando seu pai impedir o caminho à menina? - perguntou Pitou.

- Que hei-de fazer?

- Venha, menina Catarina; volte para o seu quarto; por-me-ei de emboscada nas proximidades da sua janela, e assim que vir o Sr. Isidoro eu o prevenirei.

- Pois fará isso Sr. Pitou?

- Por si tudo farei, menina Catarina... Ah! É que a amo muito... muito!

Catarina apertou-lhe a mão.

Depois, reflectindo um instante; disse:

- Sim, tem razão, leve-me para casa.

E como as pernas principiassem a fraquejar-lhe, deu o braço a Pitou, que lhe fez seguir o caminho da herdade.

Dez minutos depois, entrava Catarina no seu quarto sem que ninguém a visse, fechando logo a janela, ao passo que Pitou lhe indicava o grupo de salgueiros para junto dos quais ia esperar e vigiar.

XXI

A espera do lobo

O grupo de salgueiros, colocado numa pequena altura, a vinte ou vinte e cinco passos de

distância da janela de Catarina, dominava uma espécie de fosso, no fundo do qual serpeava um pequeníssimo regato.

O regato, que seguia a direcção do caminho, era sombreado de espaço a espaço por alguns salgueiros semelhantes aos que formavam o grupo de que há pouco falámos, isto é, de árvores parecidas (principalmente de noite) como anões de enorme cabeça desgrehada.

Era numa dessas árvores, carcomida pelo tempo, que Pitou ia depositar, todas as manhãs, as cartas de Isidoro, e onde Catarina ia buscá-las quando o pai saía, e depois de o ver desaparecer numa direcção oposta.

E daí, tanto Pitou como Catarina empregavam sempre tantas precauções, que nunca poderiam ser descobertos, e fora um simples acaso que naquela manhã conduzira o pastor da herdade pelo mesmo caminho que Isidoro percorria. O pastor anunciara, como notícia sem importância, a chegada do visconde; esta chegada oculta, que ocorrera pelas cinco horas da manhã, parecera mais que suspeita aos olhos de Billot. Depois que regressara de Paris, depois da doença de Catarina, depois da recomendação que lhe fizera o Dr. Raynal para não entrar no quarto da doente enquanto lho não consentisse, convencera-se de que o visconde de Charny era o namorado da filha, e como não visse em tais relações mais que desonra, por isso que Isidoro nunca casaria com Catarina, resolvera tirar a essa desonra quanto ela tivesse de vergonhoso, lavando-a com sangue.

Foi este o motivo que deu lugar aos pormenores que referimos, e que insignificantes a olhos desprevenidos, tomaram tão medonha importância aos olhos de Catarina, e depois da explicação dada por esta, aos olhos de Pitou.

Vimos que Catarina, ao passo que adivinhava o projecto do pai, só tentara prevenir Isidoro para o evitar, passo que Pitou felizmente suspendera, por isso que, em lugar de Isidoro, era com o pai que ela ia dar no caminho.

Conhecia muito o terrível carácter do lavrador, para que lhe restassem esperanças de que as súplicas, ou as lágrimas o abonançassem; seria isso provocar o raio em vez de o desviar.

Evitar um choque entre o amante e o pai, era quanto ela ambicionava.

Oh! Como teria ardentemente desejado naquele momento, que essa ausência, da qual esteve prestes a morrer, se prolongasse indefinidamente!

Como não abençoaria a voz que viesse dizer-lhe ao ouvido: “Ele partiu...” ainda que essa voz acrescentasse: “Para sempre!”

Pitou compreendera tudo isto tão bem como Catarina, e por isso se lhe oferecera como intermediário. Quer o visconde viesse a pé, quer a cavalo, esperava vê-lo a tempo, precipitar-se-ia adiante dele, e em duas palavras pô-lo-ia ao alcance da situação, e resolvê-lo-ia a fugir, prometendo dar-lhe notícias de Catarina no dia seguinte.

Pitou conservava-se, pois, colado ao seu salgueiro como se fizesse parte da família vegetal, no meio da qual se achava, aplicando tudo quanto os seus sentidos e hábitos da noite, das planícies e dos bosques lhe permitiam, a fim de distinguir uma sombra ou perceber um ruído.

De repente, pareceu-lhe ouvir atrás de si, vindo da floresta, o rumor de uns passos de homem, que caminhava pelo mato; como os passos lhe parecessem demasiadamente pesados para serem do jovem e elegante visconde, tornejou cautelosamente, e de um modo quase insensível, o salgueiro, e a trinta passos de distância de si, descobriu o lavrador com a arma ao ombro.

Esperara, conforme Pitou imaginara, na encruzilhada de Bourg-Fontame; mas não vendo desembocar pessoa alguma de nenhuma das veredas, julgou ter-se enganado, e viera de novo pôr-se à espera defronte da janela de Catarina, bem convencido de que era por ela que o visconde de Charny tentaria introduzir-se no quarto.

Desgraçadamente, quis o acaso que escolhesse para emboscada o mesmo grupo de salgueiros onde Pitou se ocultara.

Pitou, adivinhando a intenção de Billot, não quis disputar-lhe o lugar e deixou-se escorregar pelo declive, desaparecendo pelo fosso, e ocultando a cabeça com os ramos salientes

do salgueiro, a cuja sombra Billot fora ocultar-se.

Porém, cumpre dizê-lo em honra da natureza admirável do nosso herói, era menos o seu perigo pessoal que o desespero de faltar, mau grado seu, à palavra que dera a Catarina o que lhe dava cuidado.

Se viesse o Sr. de Charny e lhe acontecesse alguma desgraça, que conceito faria ela de Pitou?

Talvez de que o atraçoara! Teria preferido a morte a que ela pensasse semelhante coisa.

Mas o mais que podia fazer era conservar-se onde estava, e sobretudo conservar-se imóvel; o mais pequeno movimento denunciá-lo-ia...

Decorreu um quarto de hora sem que nada viesse perturbar o silêncio da noite. Uma derradeira esperança animava Pitou, e era que, se porventura o visconde viesse tarde, Billot se impacientasse de esperar, duvidando de que ele viesse e voltasse para casa.

Porém de repente Pitou, que no sítio onde estava tinha o ouvido encostado à terra, julgou sentir o galopar de um cavalo, o qual devia vir pela pequena vereda que vinha desembocar no bosque.

Em breve reconheceu que se não enganava; o cavalo atravessou o caminho a sessenta passos, pouco mais ou menos, do grupo dos salgueiros; sentiram-se tenir as ferraduras do animal no solo, e uma das ferraduras, tendo tocado numa pedra, soltou faíscas, que se viram perfeitamente.

Pitou via inclinar-se o fazendeiro por cima da sua cabeça para ver melhor no meio da escuridão.

Mas a noite estava tão escura, que os olhos de Pitou, por mais perspicazes que fossem em penetrar nas trevas, só viram como que uma sombra saltando por cima do caminho, desaparecer no ângulo do muro da herdade.

Pitou não pôde duvidar de que fosse Isidoro, mas esperava que o visconde tivesse qualquer outra entrada para penetrar na herdade, além da janela de Catarina.

Billot assim o recebeu, por isso que murmurou algumas palavras que mais pareciam uma blasfêmia.

Seguiu-se depois um terrível silêncio, em seguida ao qual, Pitou graças à sagacidade da sua vista, pôde distinguir uma forma humana na extremidade do muro.

O cavaleiro tinha prendido o cavalo a alguma árvore e caminhava a pé.

A noite era tão escura, que Pitou julgava que Billot não visse aquela sombra, ou então, que quando a visse, já fosse muito tarde.

Enganava-se: Billot via perfeitamente, por isso que Pitou sentiu duas vezes por cima da cabeça o surdo tenir de uma arma quando a engatilham.

O homem que se ia escoando ao longo do muro decerto ouviu também o tenir, com o qual se não engana o ouvido de um caçador, porquanto parou, procurando penetrar a escuridão com o olhar, o que era impossível.

Durante o lapso de um segundo, viu Pitou levantar-se por cima do fosso o cano de uma espingarda, mas porque naquela distância o lavrador não tivesse certeza de empregar o tiro, ou porque receasse cometer algum erro, o cano que Pitou vira levantar-se com tanta presteza, abaixou-se vagarosamente.

A sombra tomou de novo o seu movimento e continuou a caminhar ao longo do muro.

Aproximava-se cada vez mais da janela de Catarina.

Desta vez foi Pitou que sentiu bater o coração de Billot.

Pitou perguntava a si mesmo o que devia fazer, por que meio poderia advertir o desgraçado mancebo, por que meio poderia salvá-lo.

Mas nada se lhe oferecia ao espírito, nada absolutamente, e como desesperado, arrebelava os cabelos!

Tornou a ver levantar-se o cano da espingarda; mas do mesmo modo tornou a vê-lo baixar.

O visconde estava muito distante.

Decorreu mais meia hora pouco mais ou menos, durante a qual chegou o mancebo até junto da janela de Catarina.

Chegando ali, bateu devagarinho três pancadas com intervalos iguais.

Desta vez não havia que duvidar; era decerto um amante que ia procurar Catarina.

Por isso, pela terceira vez se tornou a levantar o cano da espingarda, ao passo que, da sua parte, Catarina, reconhecendo o sinal convencional, abriu um pouco a janela.

Pitou sobremodo palpitante, sentiu comprimir o gatilho, e sentiu também o ruído da pederneira; um clarão semelhante ao de um relâmpago alumiou o espaço, mas o clarão não foi seguido de explosão.

Foi unicamente a pólvora que ardeu.

Charny viu o perigo que correra, e fez um movimento para marchar direito ao sítio onde vira o fogo; mas Catarina, estendendo o braço e puxando-o para si, disse em voz baixa:

- Que desdita! É meu pai, que sabe tudo... Vem cá!

E com uma força sobre-humana, ajudou-o a franquear a janela, que fechou imediatamente.

O lavrador ainda tinha um segundo tiro para atirar, mas os dois amantes estavam tão estreitamente abraçados, que decerto, atirando sobre Isidoro, mataria a filha.

- Oh! Quando ele sair não me há-de escapar!

E logo com um alfinete desentupiu o ouvido da espingarda, deitou-lhe pólvora de novo, para que não se repetisse a espécie de milagre a que Isidoro devia a existência.

Durante cinco minutos não se ouviu rumor algum, nem sequer o das respirações de Pitou e do lavrador.

De repente, no meio daquele silêncio sepulcral, os latidos dos cães que se achavam encadeados, soaram no pátio da herdade.

Billot bateu com o pé no chão, escutou um momento, e tornando a bater, disse:

- Ah! Dá-lhe fuga pelo pomar... É contra ele que ladram os cães!

E saltando por cima da cabeça de Pitou, foi cair do outro lado do fosso, e apesar da noite, graças ao conhecimento que tinha do local, desapareceu com a rapidez do relâmpago na esquina do muro.

Esperava chegar ao outro lado da herdade ao mesmo tempo que Isidoro.

Pitou entendeu a manobra. Com a inteligência do homem da natureza, arrojou-se por seu turno para fora do fosso, atravessou o caminho em linha recta, foi direito à janela de Catarina, que conseguiu abrir, penetrou no quarto, onde não encontrou ninguém, dirigiu-se à cozinha, que estava alumuada por uma lanterna, penetrou pelo atalho que conduzia ao pomar e chegando ali, graças à faculdade que tinha de distinguir os objectos através das trevas, pôde enxergar duas sombras que se iam escoando, uma que saltava por cima do muro, e a outra que junto do muro, se conservava de pé e com os braços estendidos.

Mas antes de saltar para o outro lado do muro o mancebo, voltando-se pela última vez, disse:

- Até à vista, Catarina; não te esqueças que me pertences, que és minha!

- Oh! Sim, sim - respondeu ela; - mas corre, vai-te!

- Oh! Sim, parta, parta, Sr. Isidoro! - gritou Pitou - parta!

Sentiu-se o estrondo que fez o mancebo caindo em terra, depois o relinchar do cavalo, que o conheceu; depois os arremessos do animal, impelido talvez pelas esporas; depois um primeiro tiro, e depois um segundo!...

Ao primeiro soltou Catarina um grito e fez um movimento como para correr em socorro de Isidoro; ao segundo soltou um suspiro, e faltando-lhe as forças caiu nos braços de Pitou.

Este, com o pescoço estendido, aplicou o ouvido para se assegurar se o cavalo continuava a sua carreira com a mesma rapidez que levava antes de ouvir o tiro, e sentindo o galopar do animal, que se afastava, disse sentenciosamente:

- Bem! Temos ainda alguma esperança... Não se atira tão bem de noite como de dia, e a mão não é tão certa quando se atira a um homem como quando se atira a um lobo ou a um porco montês.

E levantando Catarina, tentou levá-la nos braços.

Porém ela, por um inaudito esforço da sua vontade, chamando em seu auxílio todas as forças, pôs-se de pé, e amparando-se no braço de Pitou, perguntou:

- Onde queres conduzir-me?

- Mas, menina - disse Pitou muito admirado - conduzo-a para o seu quarto.

- Pitou - replicou ela - tens algum sítio onde me possas ocultar?

- Oh! Sem dúvida que tenho, menina - acudiu Pitou; e se o não tivesse, ser-me-ia fácil encontrá-lo.

- Nesse caso - respondeu ela - não percamos tempo, leva-me, conduze-me.

- Mas a herdade?

- Em cinco minutos, conto sair dela para nunca mais voltar.

- E seu pai?

- Tudo se acha acabado entre mim e o homem que quis matar o meu amante.

- Todavia, menina, veja... - disse ainda Pitou.

- Ah! Tu recusas acompanhar-me, Pitou? - perguntou Catarina abandonando o braço do seu amigo.

- Não, menina Catarina, Deus me defenda!

- Pois então segue-me.

E Catarina, tomando a dianteira, passou do pomar para a horta.

Na extremidade desta havia uma pequena porta, que deitava para a planície de Noue.

Catarina abriu-a sem hesitar, tirou a chave, tornou a fechá-la sobre si, lançando depois a chave num poço que havia junto do muro.

Depois, com passo firme, ausentou-se através dos campos, encostada ao braço de Pitou, desaparecendo ambos no meio do vale que se estende desde a aldeia de Pisseleux até à herdade de Noue.

Ninguém a viu partir, e só Deus sabe onde Catarina encontrou o refúgio que Pitou lhe prometera.

XXII

Dissipa-se a tempestade

As tempestades humanas são como as tempestades celestes: tolda-se o céu, brilha o relâmpago, ribomba o trovão, a terra parece tremer nos seus eixos; há então um momento de paroxismo terrível, no qual se receia a aniquilação dos homens e das coisas, no qual todos temem, todos vacilam, todos levantam as mãos ao Senhor, como para a única misericórdia; depois, a pouco e pouco, vem a bonança, dissipa-se a escuridão, aparece o astro luminoso, abrem-se as flores, avigoram-se as árvores, os homens voltam aos seus trabalhos, aos seus prazeres, aos seus amores, a vida ri e canta, tanto nas estradas e nas ruas, como no limiar das portas, e ninguém se lembra mais do deserto parcial que o raio fez quando caiu.

Foi o que aconteceu na herdade. Durante a noite sentiu-se ali decerto uma terrível tempestade; mil serpentes corroíam o coração daquele homem, que meditara e pusera em execução o seu projecto de vingança; quando deu pela fuga da filha, quando baldadamente e no meio da escuridão lhe procurou o rasto dos passos, quando a chamou, em primeiro lugar com voz de cólera, depois com a das súplicas, e por fim com a do desespero, sem que ela respondesse a nenhuma dessas vozes, decerto se rompeu naquela robusta e potente organização alguma coisa de vital! Mas, quando à tempestade de gritos e ameaças, que tinham igualmente lançado os seus relâmpagos e raios, como as tempestades celestes, sucedeu o silêncio e o desfalecimento; quando

os rafeiros, não tendo já motivo que os perturbasse, cessaram de latir; quando uma chuva à mistura com saraiva apagou uma nódoa de sangue, que semelhante a um cinto meio desatado, rodeava um dos lados da herdade; quando o tempo, essa testemunha, muda e insensível, de quanto se passa na terra, sacudiu os ares, sobre as trémulas asas de bronze, as últimas horas da noite, tudo ali recuperou o seu curso ordinário e habitual: o portão da quinta gemeu nos gonzos enferrujados, os trabalhadores saíram, uns para ir semear, outros para ir gradar, outros para ir à charrua; em seguida apareceu por sua vez Billot, cruzando a planície em todas as direcções, e finalmente rompeu o dia, despertou o resto da aldeia, e os que não tinham dormido tão bem como os outros, disseram com ar meio curioso e meio negligente:

- Os cães do tio Billot ladraram bastante esta noite, e por detrás da herdade ouviram-se tiros de espingarda...

- Sim? - perguntaram alguns.

- É certo.

E calaram-se.

Quando o tio Billot voltou a casa, pelas nove horas, para almoçar, como tinha por costume, perguntou-lhe a mulher:

- Onde está a Catarina? Não a viste?

- A Catarina - respondeu o fazendeiro fazendo um esforço - foi para a casa da tia, em Solongne: o ar da herdade não lhe fazia bem.

- Ah!... E demorar-se-á lá muito?

- Até se achar melhor - respondeu Billot.

A tia Billot soltou um suspiro, e desviou de si a chávena de café com leite que estava bebendo.

O fazendeiro, pela sua parte, quis fazer um esforço para comer, mas ao terceiro bocado, como se a comida o sufocasse, lançou mão da garrafa de Borgonha pelo gargalo, e de um trago bebeu o líquido.

Em seguida, com voz roufenha perguntou:

- Creio que não desaparelhariam o meu cavalo, heim?

- Não, Sr. Billot - respondeu a tímida voz de um rapaz, que com a mão estendida vinha todos os dias receber ali o seu almoço.

- Bem!

E o fazendeiro, desviando bruscamente o pobre pequeno, montou a cavalo e penetrou nos campos, ao passo que sua mulher, debulhada em lágrimas, foi sentar-se no seu lugar do costume, junto da chaminé.

E sem contar de menos com aquele passarinho folgazão, com aquela rapariga que alegrava e embalsamava aquelas velhas paredes, a herdade parecia, desde pela manhã, o mesmo que parecera na véspera.

Pela sua parte, Pitou viu raiar o dia na sua casinha de Haramont, e os que foram procurá-lo pelas seis horas da manhã, encontraram-no alumiado por uma vela, que, pelo morrão, parecia arder havia muito tempo. Ocupava-se em pôr a limpo, para enviá-la a Gilberto, devidamente documentada, uma conta do emprego que fizera dos vinte e cinco luíses que recebera para fardar e equipar a guarda de Haramont.

Não há dúvida que um lenhador dissera tê-lo visto, pela meia noite, conduzindo nos braços uma espécie de fardo, que parecia ser uma mulher, e descer com ela as rampas que conduzem ao eremitério do tio Clouis; mas isso não passava de uma probabilidade, visto que o tio Lajeunesse o vira correr a bom correr, pela volta da uma hora da manhã, pela estrada de Boursonnes; ao passo que Maniquet, que morava no fim da aldeia do lado de Longpré, pretendia que pelas duas horas e meia o vira passar em frente da sua porta, e lhe gritara ao mesmo tempo: “Boas noites, Pitou!” civilidade a que Pitou respondera, gritando também: “Boas noites, Maniquet!”

Não havia que duvidar: Maniquet vira Pitou pelas duas horas e meia da madrugada.

Todavia, para que o lenhador visse Pitou perto da pedra Clouise, levando nos braços, e pela meia noite, um objecto que parecia ser uma mulher; para que o tio Lajeunesse visse Pitou correndo a bom correr, pela uma hora da manhã, pela estrada de Boursonnes; para que Maniquet lhe desse as boas noites quando lhe passou em frente da porta pelas duas horas ou duas e meia da manhã, era necessário que Pitou, que nós perdemos de vista com Catarina, das dez para as onze horas da noite, por entre as quebradas que separam a aldeia de Pisseleux da herdade de Noue, fosse de lá até à pedra Clouise, e daí finalmente a sua casa; supondo-se assim que, para pôr Catarina em segurança, para ir depois saber notícias do visconde, e para em seguida ir dar essas notícias a Catarina seria necessário que fizesse, desde as onze horas da noite até às duas e meia da manhã, umas oito ou nove léguas, pouco mais ou menos; ora, esta suposição não seria admissível nem quando se tratasse de um desses corredores ou volantes dos príncipes, que a gente do povo pretendia noutro tempo que não tinham fôlego; mas o certo é que este esforço do coração não fez mais do que admirar mediocrementemente os que já tinham podido apreciar as faculdades locomotoras de Pitou.

Todavia, como Pitou não comunicou a pessoa alguma os segredos daquela noite, em que parecera dotado de um grande dom de ubiqüidade, resultou daqui que, pondo de parte Désiré Maniquet, a cujas *boas noites*, respondera, nem o lenhador, nem o tio Lajeunesse teriam afirmado, com a fé de juramento, que era efectivamente Pitou em pessoa, e não uma sombra, um espectro fantasma, com a forma de Pitou, que viram junto da pedra Clouise, e na estrada de Boursonne.

Tanto assim, que pelas seis horas da manhã do dia seguinte, quando Billot montava a cavalo para ir visitar os campos, fora encontrado Pitou, sem aparência de fadiga ou de cuidados, a fazer a conta do alfaiate Dulauroy, à qual juntava como documentos comprovativos muito bem coordenados os recibos dos seus trinta e três homens.

Havia ainda outra pessoa do nosso conhecimento, que não dormira bem naquela noite.

Era o Dr. Raynal.

Por volta das duas horas da manhã, fora acordado pelo criado do visconde de Charny, que lhe tocava à campainha da porta com toda a força.

Ele mesmo foi abrir a porta, como costumava quando sentia tocar de noite a campainha.

O criado do visconde de Charny vinha chamá-lo para acudir a um acidente grave, acontecido a seu amo.

Trazia à mão outro cavalo aparelhado, para que o doutor se não demorasse um só momento.

Raynal vestiu-se à pressa, montou a cavalo e partiu a galope, precedido do criado, que corria diante dele como se fosse um correio.

Qual fora o acidente, sabê-lo-ia quando chegasse ao castelo; apenas tinha sido prevenido para que levasse os seus instrumentos de cirurgia.

O acidente era uma ferida na ilharga esquerda, e uma arranhadura no ombro direito, ocasionado tudo por duas balas, que pareciam ser do mesmo calibre, isto é, do calibre vinte e quatro.

Porém quanto às circunstâncias do caso, o visconde recusava-se a referi-las.

Uma das feridas, a da ilharga, era bastante séria, sem contudo oferecer carácter de perigo: a bala atravessara as carnes sem todavia ofender órgão algum importante.

Quanto à outra ferida nem sequer valia a pena ocuparem-se dela.

Feito o curativo, deu o visconde vinte e cinco luís ao doutor, para guardar silêncio.

- Se quer que guarde silêncio, é necessário que me pague a visita pelo preço ordinário, - redargüiu o honrado doutor - isto é, uma pistola.

E pegando num luís, voltou ao visconde, de troco, catorze libras: este insistiu inutilmente para o obrigar a aceitar mais dinheiro.

O Dr. Raynal declarou que julgava necessárias três visitas, e por isso apenas voltaria nos seguintes dois dias para ver o doente.

À segunda visita, o doutor encontrou já o visconde a pé; ajudado pela cinta que lhe

sustinha o aparelho contra a ferida, tinha podido, logo no seguinte dia, montar a cavalo, como se nada lhe houvesse acontecido, de sorte que toda a gente, à excepção do seu criado de confiança, ignorava o acidente.

À terceira visita, o Dr. Raynal não encontrou o seu doente, o que fez que por esta visita sem resultado não quisesse aceitar mais do que meia *pistola*.

O Dr. Raynal era um desses médicos raros, que são dignos de ter na sala a famosa gravura que representa *Hipócrates recusando os presentes d'Artaxerxes*.

XXIII

A grande traição do Sr. Mirabeau

Lembrar-se-ão das últimas palavras de Mirabeau à rainha, no momento em que, deixando-o em Saint-Cloud, ela lhe deu a mão a beijar:

- Por este beijo, senhora, a monarquia está salva!

Esta promessa, feita por Prometheo a Juno prestes a ser destronada, tratava-se de a realizar.

Mirabeau encetara a luta confiando na sua força, sem pensar que depois de três imprudências, e de três conspirações abortadas, o impeliavam para uma luta impossível.

Seria talvez mais prudente que Mirabeau combatesse por algum tempo ainda ao abrigo da máscara; mas logo no dia seguinte àquele em que fora recebido pela rainha, quando ia para a Assembléia Nacional, viu grupos e ouviu gritos.

Aproximou-se dos grupos, e informou-se da causa dos gritos.

Distribuíam-se pequenos folhetos.

Depois, de tempo a tempo, uma voz gritava:

“A *grande traição do Sr. de Mirabeau!* a *grande traição do Sr. de Mirabeau!*”

- Ah! Ah! - disse ele tirando dinheiro da algibeira - parece que isto é comigo. Quanto custa a grande traição do Sr. de Mirabeau? - perguntou dirigindo-se ao vendedor que trazia os folhetos em cestos sobre um jumento, que os transportava tranquilamente para onde o dono desejava estabelecer a sua loja ambulante.

O distribuidor olhou-o fixamente e respondeu:

- Sr. conde, dou-lho.

Depois, mais baixo, ajuntou:

- Tiraram-se cem mil exemplares deste opúsculo!

Mirabeau afastou-se pensativo.

Cem mil exemplares daquela brochura!

Um folheto que se distribuía grátis!

Um distribuidor que o conhecia!

Mas, a brochura não passava naturalmente de uma dessas publicações estúpidas ou atrevidas, que se faziam aos milhares naquela época.

O excesso do ódio ou da inépcia tirava-lhes todo o perigo, roubava-lhes todo o valor.

Mirabeau olhou para a primeira página e empalideceu.

A primeira página continha a nomenclatura das dívidas de Mirabeau, e, coisa estranha! essa relação era exacta.

Duzentos e oito mil francos!

Na parte superior da relação estava a data do dia em que esta soma tinha sido paga aos diversos credores de Mirabeau, pelo esmoler da rainha, o Sr. de Fontanges.

Seguia-se a soma que a corte lhe pagava por mês: seis mil francos!

E finalmente, a narração da sua entrevista com a rainha.

Nada se podia compreender: o autor anónimo não se enganara nem sequer numa palavra.

Que inimigo terrível, misterioso e cheio de segredos inauditos o perseguia assim, ou antes

perseguiu nele a monarquia!

Pareceu-lhe que a cara do distribuidor, que lhe falara, o conhecera e lhe chamara Sr. conde, lhe não era desconhecida.

Voltou atrás.

O jumento continuava a estar ali com os cestos quase vazios, mas o primeiro distribuidor desaparecera, e fora substituído por outro.

Este era inteiramente desconhecido a Mirabeau.

A distribuição prosseguia com o mesmo furor.

Quis o acaso que, no momento daquela distribuição, o Dr. Gilberto, que assistia quase todos os dias aos debates da assembléia, principalmente quando os debates tinham alguma importância, atravessasse a praça, em que estava estacionado o distribuidor.

Talvez que, preocupado e pensativo, não reparasse naquele ruído nem nos grupos; mas com a sua audácia habitual, Mirabeau dirigiu-se a ele, tomou-o pelo braço e muito amavelmente conduziu-o à presença do distribuidor.

Este fez a Gilberto o que fazia aos mais, isto é, estendeu a mão para ele, dizendo:

- Cidadão, *a grande traição do Sr. de Mirabeau!*

Mas à vista de Gilberto, a língua e o braço ficaram-lhe como que paralisados.

Gilberto olhou também, deixou cair a brochura e afastou-se, dizendo:

- Vil ofício é o que exerce, Sr. Beausire!

E tomando o braço de Mirabeau, continuou o seu caminho para a assembléia que deixara o arcebispo pelas cortes.

- Conhece aquele homem? - perguntou Mirabeau a Gilberto.

- Conheço-o como se conhece esta gente - disse Gilberto; - é um antigo oficial, um jogador e um velhaco. Não sabendo o que havia de fazer, fez-se caluniador!

- Ah! - murmurou Mirabeau pondo a mão onde devia existir o coração, e onde só havia uma carteira contendo o dinheiro do paço - se ele caluniasse...

E meditabundo, o grande orador continuou pausadamente o seu caminho.

- Como - disse Gilberto - será tão-pouco filósofo que se deixe abater por semelhante ataque?

- Eu? - exclamou Mirabeau. - O doutor, não me conhece!... Ah! Dizem que me vendi, quando deveriam dizer simplesmente que estou pago! Está bem, amanhã compro um palácio, terei carruagem, cavalos e criados. Amanhã terei um cozinheiro e mesa franca... Abatido, eu?! Que importa a popularidade de ontem e a impopularidade de hoje? não terei futuro?... Não, doutor, o que me abate é uma promessa feita, que não poderei provavelmente cumprir, são as faltas, direi melhor, as traições da corte a meu respeito. Vi a rainha, que parecia cheia de confiança em mim, não é verdade? Pois um instante sonhei - sonho insensato com semelhante mulher! - não direi ser ministro de um rei, como Richelieu, mas o ministro, digamos ainda melhor, o amante de uma rainha, como Mazarino, e a política do mundo não ficaria mal! O que fazia ela então? No mesmo dia em que me deixou, tenho provas, escreveu ao seu procurador na Alemanha, o Sr. de Flachlauden: "Diga a meu irmão Leopoldo, que sigo o seu conselho, que me sirvo do Sr. de Mirabeau, mas que nada há de sério nas minhas relações com ele".

- Está certo disso? - perguntou Gilberto.

- Certo! Materialmente certo! Ainda não é tudo. Sabe de que se trata hoje na câmara?

- Sei que se trata da guerra; mas estou mal informado a respeito dessa questão.

- Oh! Meu Deus! - disse Mirabeau - é bem simples. Toda a Europa, dividida em duas partes, a Áustria e a Rússia de um lado, a Inglaterra e a Prússia do outro, caminha para o mesmo fim: O ódio, a revolução. Quanto à Rússia e à Áustria, a manifestação não é difícil; é a sua própria opinião; mas, a respeito da liberal Inglaterra, e da filosófica Prússia, é preciso tempo para se decidirem, para passarem de um a outro pólo, para abjurarem, renegarem e confessarem que são o que são: inimigas da liberdade. A Inglaterra viu o Brabante estender a mão à França; isso apressou-lhe muito a decisão. A nossa revolução, meu caro doutor, é viva, é contagiosa; é mais

que uma revolta nacional, é a revolução da humanidade. O irlandês Burke, discípulo dos jesuítas de Santo Homero, inimigo encarniçado de Mr. Pitt, acaba de publicar contra a França um manifesto que lhe foi pago em belo ouro por Mr. Pitt... A Inglaterra não faz a guerra à França; por ora não se atreve a fazê-la mas deixa a Bélgica ao imperador Leopoldo, e vai ao fim do mundo buscar motivo de querela contra a nossa aliada Espanha. Luís XVI declarou ontem na assembléia, que armava catorze navios, o que dá causa à grande discussão que há hoje na câmara. A quem pertence a iniciativa da guerra? Eis a questão. O rei já perdeu o interior e a justiça: se perde também a guerra, o que lhe restará? Por outro lado (discutamos francamente entre nós o ponto que ninguém se atreve a discutir na câmara), por outro lado o rei é suspeito; a revolução não tem feito até agora (e lisonjeio-me de haver contribuído para isso mais do que ninguém) senão quebrar a espada na mão do rei. De todos os poderes o mais perigoso em se lhe conceber, é certamente o da guerra; entretanto, eu, fiel à promessa que fiz, vou arriscar a minha popularidade, e talvez a vida, sustentando o pedido; vou fazer lavrar um decreto, que tornará o rei vitorioso, triunfante. Mas, que faz o rei agora? Faz procurar pelo guarda-selos, nos arquivos do parlamento, as antigas fórmulas de protesto contra as cortes, sem dúvida para redigir um protesto secreto contra a assembléia. Ah! essa é a desgraça, meu caro Gilberto, fazem-se muitas coisas secretas, e não francas, públicas, e com rosto descoberto! Eis a razão por que quero, eu, Mirabeau, que saibam o que faço pelo rei e pela rainha, uma vez que a isso me obrigam. O senhor diz se esta infâmia dirigida contra mim me perturba? Não, doutor, pelo contrário, serve-me; eu preciso do mesmo que as tempestades para rebentarem; nuvens sombrias e ventos contrários. Venha, venha, doutor, que vai assistir a uma bela sessão, asseguro-lho.

Mirabeau não mentia, e desde que entrou na antecâmara, foi-lhe necessário encher-se de coragem; todos lhe gritavam olhando-o de frente: “Traição!” e um mostrava-lhe uma corda, outro uma pistola e alguns ameaçavam-no de punhos cerrados.

Mirabeau encolheu os ombros, e passou, como João Bart, afastando com os cotovelos os que lhe impediam o caminho.

As vozes seguiram-no até à sala, e pareceram aí acordar novas vociferações. Apenas ouviu que muitos gritavam: “Ah! O vil, o traidor! O orador renegado! O homem vendido!”

Barnave estava na tribuna e falava contra Mirabeau; este olhou para ele fixamente.

- Sim - diz Barnave - é a ti que chamam traidor, e é contra ti que falo.

- Então - respondeu Mirabeau - se é contra mim que falas, posso ir dar um passeio às Tulherias, e terei tempo de voltar antes que tenhas concluído.

E efectivamente, com a cabeça levantada e o olhar ameaçador, saiu no meio dos gritos, das imprecações e das ameaças, dirigiu-se ao terraço dos frades Bernardos, e desceu rapidamente para as Tulherias.

A uma terça parte de um extenso renque de árvores estava uma senhora, ainda nova, com um ramo de uma verbena na mão, cujo perfume respirava, e reunia um círculo em volta de si.

Havia um lugar desocupado à esquerda dele. Mirabeau tomou uma cadeira e foi sentar-se-lhe ao lado.

Metade dos que a rodeavam levantaram-se e foram-se a pouco e pouco.

Mirabeau viu-os afastarem-se sorrindo.

A senhora estendeu-lhe a mão.

- Ah! Baronesa, não tem medo de se contaminar?

- Meu caro conde - respondeu ela - asseguram-me que pende para o nosso lado... e eu puxo-o para nós.

Mirabeau sentou-se e falou três quartos de hora com aquela senhora, que era Ana-Luís-Germana Necker, baronesa de Stael.

Depois, passado este lapso de tempo, tirando o relógio, disse:

- Ah! Baronesa, peço-lhe perdão... Barnave falava contra mim havia uma hora quando saí da assembléia; quase três quartos de hora tive a felicidade de conversar com a baronesa, por conseqüência, há perto de duas que o meu acusador fala; o discurso deve estar quase no fim, é

preciso responder-lhe.

- Vá - disse a baronesa - responda, e tenha coragem!
- Dê-me esse ramo de verbena, que há-de servir-me de talismã.
- A verbena, tome cuidado, meu caro conde, é um arbusto de fúnebres agouros.
- Não importa; é bom ir coroadado como um mártir, quando se desce ao circo.
- O facto é - disse a Sr^a. de Stael - que não se pode ser mais estúpido do que foi ontem a

Assembléia Nacional.

- Ah! baronesa - redargüiu Mirabeau - de que serve designar o dia?...

E recebendo o ramo de verbena, que ela lhe oferecia, sem dúvida em recompensa da sua resposta, Mirabeau despediu-se elegantemente, subiu a escada que conduzia ao terraço dos frades Bernardos, e tornou para a assembléia.

Barnave descia da tribuna no meio das aclamações de toda a sala. Tinha pronunciado um desses discursos arrogantes, que se adaptam a todos os partidos.

Logo que viram Mirabeau na tribuna, uma trovada de gritos e imprecações rebentou sobre ele.

Mas elevando a mão poderosa, esperou, e aproveitando um dos intervalos de silêncio, como os há nas tempestades e nas sedições, exclamou:

- Eu bem sabia que não era muito distante do Capitólio à Rocha Tarpeia!

Tal é a superioridade do génio, que estas palavras fizeram calar os mais raivosos.

Desde o momento em que Mirabeau tinha conquistado o silêncio estava vitória meia ganha. Pediu que a iniciativa da guerra fosse dada ao rei; era pedir muito e recusaram-lho. Então a luta travou-se sobre as emendas à lei proposta; o ataque geral fora repellido; tornava-se necessário conquistar o terreno por ataques parciais.

Subiu cinco vezes à tribuna. Barnave falara duas horas: Mirabeau falou três, com alguns intervalos.

Finalmente obteve:

Que o rei tinha direito para fazer os *preparativos e dirigir as forças* como quisesse; que *proporia* a guerra à Assembléia, a qual só decidiria o que fosse *confirmado* pelo rei.

O que não teria obtido se não fosse a pequena brochura distribuída *grátis* por um distribuidor desconhecido, e depois pelo Sr. de Beausire, e que, como dissemos, era intitulada: *A grande traição do Sr. de Mirabeau!*

Ao sair da sessão, Mirabeau esteve a ponto de ser feito em pedaços.

Em troca, Barnave foi levado em triunfo pelo povo.

Pobre Barnave! Não está longe o dia em que ouvirás também gritar:

“Grande traição do Sr. Barnave!...”

XXIV

O elixir da vida

Mirabeau saiu da assembléia com o olhar firme e a cabeça levantada; enquanto estava em face do perigo, o rude atleta só pensava no perigo, e não nas suas forças.

Passou-se com ele o mesmo que sucedera com o marechal de Saxe na batalha de Fontenoy; abatido, doente, permaneceu todo o dia a cavalo, tão firme como o mais valente gendarme do seu exército; mas quando o exército inglês foi desbaratado, quando o último tiro de artilharia saudou a fuga dos ingleses, deixou-se cair moribundo sobre o campo de batalha, que acabava de conquistar.

Outro tanto aconteceu a Mirabeau.

Entrando em casa, deitou-se sobre as almofadas entre flores.

Mirabeau tinha duas paixões, as mulheres e as flores.

Além disso, desde o começo da sessão, a sua saúde alterara-se visivelmente. Apesar de ter

nascido com uma constituição robusta, tinha sofrido tanto moral como fisicamente, por causa das perseguições e encarceramentos, que não gozava saúde perfeita.

Enquanto o homem é moço todos os órgãos submissos à sua vontade, prontos a obedecerem à primeira voz que lhe comunique o cérebro, obram de todas as maneiras simultaneamente e sem oposição alguma ao desejo que os move; mas à proporção que o homem avança em idade, cada órgão, semelhante a um criado que ainda obedece, mas a quem um longo serviço tem dado intimidade, cada órgão faz, se assim se pode dizer, suas observações, e não é sem grande fadiga e grande luta, que se consegue mexê-los. Mirabeau estava nesta idade.

Para que os órgãos continuassem a servi-lo com a presteza a que estava acostumado, tornava-se necessário encolerizar-se, porque só a cólera fazia mover esses nervos cansados e doentes.

Nessa ocasião sentia em si alguma coisa mais grave do que de costume, e só resistia fracamente ao criado que falava em mandar chamar um médico, quando o doutor Gilberto tocou a campainha e foi introduzido junto de Mirabeau.

Este estendeu a mão ao doutor, e obrigou-o a sentar-se nas almofadas, em que estava deitado, no meio das flores e das folhas.

- Está bem, caro conde - disse Gilberto - não quis recolher-me a casa sem primeiro o felicitar. Tinha-me prometido uma vitória, e alcançou mais do que isso, alcançou um triunfo!

- Sim, mas como se vê, é um triunfo, uma vitória no género de Pirrho... Mais uma vitória como esta, doutor, e estou perdido!

Gilberto olhou para Mirabeau e disse:

- Efectivamente, está doente.

Mirabeau encolheu os ombros e murmurou:

- Equivale a dizer que, com o ofício que exerço, qualquer que não fosse eu já teria morrido cem vezes. Tenho dois secretários: estão indiferentes um com o outro; Peline especialmente, que está encarregado de copiar o original da minha péssima letra, e sem o qual não posso passar, porque só ele ma pode ler e compreender, está de cama há três dias! Doutor, indique-me, pois, não direi alguma coisa que me faça viver, mas que me dê forças, enquanto eu viver.

- Que quer - disse Gilberto, depois de haver tomado o pulso do doente - não há conselhos a dar a uma organização como a sua. Como aconselhar descanso a um homem que consome a vida especialmente no movimento, temperança a um génio que se exalta no meio do excesso? Quer que lhe mande retirar do quarto as flores e as plantas, que exalam o oxigênio de dia e o carbono de noite? Tem tornado as flores uma necessidade, e sofre mais com a ausência, do que com a presença delas. Quer que lhe mande tratar as mulheres, como as flores, e que as afaste de si, especialmente de noite? Responder-me-á que prefere morrer... Viva, pois, meu caro conde, com as condições da sua vida; porém, ao pé de si tenha só flores sem perfume, e se é possível, amores sem paixão.

- Oh! Nessa última parte, meu caro doutor, está admiravelmente servido! Tenho tido mau êxito com os amores de paixão para que deseje recomeçar; três anos de prisão, uma condenação à morte e o suicídio da mulher que amava, e que se matou por outro, curaram-me dessa qualidade de amor. Um momento, já lho disse, sonhei alguma coisa grandiosa, sonhei a aliança de Isabel e de Essex, de Ana de Áustria e de Mazarino, de Catarina II e de Potemkin; mas foi um sonho! Que quer! Não vi hoje a mulher por quem luto, e provavelmente nunca mais a verei... Ouça, Gilberto, não há maior suplício, do que conhecer que se albergam em nós projectos imensos, a prosperidade de um reino, o triunfo dos amigos, e que por um contratempo do acaso, por um capricho da fatalidade, tudo isto nos escapa!... Oh! como me fazem expiar as loucuras da mocidade! como eles próprios as expiarão!... Mas, porque é que desconfiam de mim? Além de duas ocasiões, em que me impeliram até ao fim, e que me foi necessário que ferisse para dar a medida dos meus golpes, não tenho sido completamente deles, desde o princípio até ao fim? Não fui pelo voto absoluto, quando o Sr. Necker se contentava com um voto suspensivo? Não fui

contra a noite de 4 de Agosto, em que não tomei parte, e que despojou a nobreza dos seus privilégios? Não protestei contra a declaração dos direitos do homem, não que pensasse em os diminuir, mas porque julgava que o dia da sua proclamação ainda não tinha chegado? Hoje, finalmente, não os servi além do que podiam esperar? Não obtive à custa da minha honra, da minha popularidade, da minha vida, mais do que nenhum homem, fosse ele ministro ou príncipe, poderia obter para eles. E quando penso - reflecta bem, grande filósofo, porque a queda da monarquia consiste talvez neste facto - quando penso que devo olhar como um grande favor, tão grande que só uma vez me foi concedido, o ter falado com a rainha; quando penso que se meu pai não morresse na véspera da tomada da Bastilha, e a decência me não impedisse de aparecer no dia seguinte ao da sua morte, no dia em que Lafayette foi nomeado general da guarda nacional, e Bailly *maire*, seria eu nomeado *maire* em lugar de Bailly!... Então as coisas mudariam: o rei ver-se-ia imediatamente na necessidade de entrar em relações comigo; inspirar-lhe-ia idéias contrárias às que tem sob a direcção duma cidade, que encerra em seu seio a revolução; havia de conquistar-lhe a confiança, e levá-lo antes que o mal estivesse tão profundamente inveterado, a medidas decisivas de conservação; ao passo que, simples deputado, homem suspeito, invejado, temido e odiado, afastaram-me do rei e caluniaram-me perante a rainha. Acredita uma coisa, doutor? Quando ela me viu em Saint-Cloud empalideceu... e o motivo é simples: não lhe fizeram acreditar que fui eu o autor da revolta nos dias 5 e 6 de Outubro? E todavia, durante este ano, eu faria tudo o que me tem impedido de fazer, ao passo que hoje... Ah! hoje para a saúde da monarquia, como para a minha, tenho medo que seja demasiado tarde!

E Mirabeau, transparecendo-lhe no rosto uma profunda expressão de dor, arrepanhou com força a carne do peito acima do estômago...

- Que tem, conde, está incomodado? – perguntou carinhosamente Gilberto.

- Como um danado!... Há dias em que, palavra de honra, o que me fazem no meu moral com a calúnia, creio que o fazem no meu físico com o arsénico... Acredita no veneno dos Bórgias? Na *água tofana* de Pérouse, e nos pós de sucessão de la Voisin, doutor? - perguntou sorrindo Mirabeau.

- Não, mas creio na lâmina ardente que queima a bainha, creio na lâmpada, cuja chama quando se chega a dilatar, faz rebentar o vidro.

Gilberto tirou da algibeira um pequeno frasco de cristal, que continha um licor esverdeado, quanto bastasse para encher dois dedos.

- Conde, vamos fazer um ensaio.

- De quê? - perguntou Mirabeau olhando para o frasco com curiosidade.

- Um amigo meu, que eu desejava também o fosse seu, e que é muito instruído em todas as ciências naturais, e até, segundo ele pretende, nas ciências ocultas, deu-me a receita desta bebida, como antídoto soberano, como uma panaceia universal, quase como o elixir da vida. Muitas vezes, quando estou possuído desses sombrios pensamentos que levam os nossos vizinhos da Inglaterra à melancolia, ao *spleen* e até à morte, tendo bebido algumas gotas deste licor, devo dizê-lo, sempre o efeito tem sido salutar e pronto... Quer o meu caro conde de Mirabeau experimentá-lo também?

- Da sua mão, caro doutor, tomaria o próprio veneno: quanto mais o elixir da vida... É preciso algum preparo, ou deve tomar-se puro?...

- Não, porque este licor possui na realidade um grande poder. É preciso usar dele muito cautelosamente. Diga ao seu criado que lhe traga algumas gotas de aguardente ou de espírito de vinho numa colher.

- Diabo! Espírito de vinho ou aguardente para adoçar a sua bebida! Então é fogo líquido? Ignorava que alguém o tivesse bebido depois de Prometheo o ter dado ao avô do género humano... Mas previno-o de que duvido que o meu criado encontre em toda a casa seis gotas de aguardente: não sou como Pitt, e não é aí que vou buscar a minha eloquência.

Todavia o criado, passados alguns minutos, voltou com uma colher com cinco ou seis gotas de aguardente.

Gilberto juntou-lhe uma quantidade igual do licor que continha o frasco. No mesmo instante, os dois licores combinados tomaram a cor do absinto. Mirabeau, sem hesitar, pegando na colher bebeu-o com a maior naturalidade.

- Por certo! Doutor - disse ele a Gilberto – fez bem em me prevenir de que esta droga era vigorosa; parece-me, literalmente, ter bebido um relâmpago!

Gilberto sorriu, e pareceu esperar com confiança o efeito que o elixir devia produzir.

Mirabeau ficou um instante abatido por aquelas gotas de fogo, com a cabeça inclinada para o peito e a mão apoiada no estômago; mas, de repente, levantando a cabeça, exclamou cheio de entusiasmo:

- Oh! Doutor, é verdadeiramente o elixir da vida o que me fez beber!

Depois, levantando-se com a respiração estrondosa, a cabeça erguida o mais que podia, os braços estendidos, continuou:

- Caia embora a monarquia! Sinto-me com força para a sustentar.

Gilberto sorriu e perguntou:

- Então sente-se melhor?

- Doutor, ensine-me onde se vende esta bebida, e ainda que tenha de pagar cada gota com um diamante igual em grossura, que tenha de renunciar a todo o luxo por este luxo de força e de vida, respondo-lhe que também possuirei essa chama líquida, e então julgar-me-ei invencível.

- Conde - disse Gilberto - prometa-me tomar esta bebida duas vezes por semana, e dirigir-se a mim para renovar a sua provisão, que lhe dou já este frasco.

- Dê-mo - disse o conde de Mirabeau - e prometo tudo o que quiser.

- Aqui o tem, meu ilustre amigo - disse Gilberto. - Mas ainda não é tudo... não basta o licor. Vai ter cavalos e carruagens, disse-me o senhor?

- Vou sim.

- Está bem, viverá no campo. Estas flores que viciam o ar do seu quarto, purificam o ar de um jardim. O caminho que fará todos os dias para vir a Paris e voltar para o campo será um passeio saudável. Escolha, se for possível, uma residência situada num ponto elevado, num bosque, ou perto de um rio; Bellevue, Saint-Germain ou Argenteuil.

- Argenteuil? - replicou Mirabeau; - justamente aí mandei o meu criado procurar casa. Teisch, não me disseste que tinhas ali encontrado alguma coisa que me convinha?

- Sim, Sr. conde - respondeu o criado, que assistira à cura operada por Gilberto; - sim, uma casa encantadora, em que me falou um tal Fritz, meu compatriota; ele habitara-a, segundo julgo, com o amo, que é um banqueiro estrangeiro. Está desabitada, e o Sr. conde pode alugá-la quando quiser.

- Onde é situada a casa?

- Fora de Argenteuil... Chamam-lhe o castelo do Marais.

- Oh! Conheço-a - disse Mirabeau. - Muito bem, Teisch... Quando meu pai me expulsava de casa, com a sua maldição e algumas bengaladas... Sabe, doutor, que meu pai habitou em Argenteuil?

- Sei.

- Pois quando me expulsava de casa aconteceu-me muitas vezes passar pelo exterior dessa bela habitação, e dizer como Horácio creio eu - perdão se a citação é falsa: *O rus quando te aspiciam!*

- Então meu caro conde, chegou o momento de realizar o seu sonho; parta; vá ver a casa do Marais, e mude para lá a sua residência o mais depressa possível.

Mirabeau reflectiu um instante, e voltando-se para Gilberto, disse:

- Vejamos, caro doutor, é do seu dever velar pelo doente, que acaba de ressuscitar; são cinco horas da tarde, estamos nos dias grandes do ano, está bom tempo; subamos para a carruagem, e vamos a Argenteuil.

- Está dito, conde, vamos a Argenteuil – respondeu Gilberto. - Quando se empreende a cura de uma saúde tão preciosa como a sua, meu caro conde, é preciso estudar tudo... Vamos estudar a sua casa do campo.

Para além de quatro graus termina o parentesco

Mirabeau não tinha ainda casa pronta, e por consequência não tinha carruagem. O criado foi buscar uma do aluguer.

Naquela época era quase uma jornada ir a Argenteuil, onde se vai hoje em onze minutos, e onde talvez daqui a dez anos se vá em onze segundos!

Porque tinha Mirabeau escolhido Argenteuil? É porque algumas recordações da sua vida, como dissera ao doutor, se prendiam à pequena cidade, e porque o homem sente tão grande necessidade de duplicar o curto período da existência, que lhe foi concedida, que se agarra tanto quanto pode ao passado para ser menos rapidamente arrastado para o futuro.

Fora em Argenteuil que o pai, o marquês de Mirabeau, morrera, a 14 de Julho de 1789, como devia morrer um verdadeiro fidalgo, que não queria assistir à tomada da Bastilha.

Por isso no fim da ponte de Argenteuil, Mirabeau fez parar a carruagem.

- Estamos chegados? - perguntou o doutor.

- Sim e não... Não chegámos ainda ao castelo do Marais, que está situado a um quarto de légua para lá de Argenteuil, mas o que fazemos hoje, caro doutor, esqueci-me de lho dizer, não é uma simples visita, é uma romaria em três estações.

Uma romaria! - disse Gilberto sorrindo - a que santo?

- A S. Riquetti, meu caro doutor; é um santo que não conhece, um santo que os homens canonizaram.

- Em verdade, duvido muito que Deus, supondo que se ocupe de todas as misérias deste pobre mundo, tenha ratificado a canonização; mas o certo é que foi aqui que se finou S. Riquetti, marquês de Mirabeau, amigo dos homens, conduzido à morte pelos excessos e deboches de seu indigno filho, Honorato Gabriel-Victor-Riquetti de Mirabeau.

- Ah! É verdade - disse o doutor - foi aqui que morreu seu pai. Perdoe-me tê-lo esquecido meu caro conde; a minha desculpa consiste nisto: chegava da América quando fui preso na estrada do Havre a Paris nos primeiros dias de Julho, e estava na Bastilha quando seu pai faleceu. Saí de lá a 14 de Julho com os outros sete prisioneiros, e por grande que fosse este esquecimento único, estão senão o facto, pelo menos os pormenores, perdidos entre os acontecimentos que sucederam no mesmo mês... Onde habitava seu pai?

No mesmo momento em que Gilberto fazia esta pergunta, Mirabeau parava diante da grade de uma casa situada próximo do cais, em frente do rio, do qual estava separada por um tabuleiro de relva de quase trezentos passos e por uma rua de árvores.

Vendo parar um homem diante da grade, um enorme cão da raça dos Pirinéus correu ladrando, passou à cabeça através dos varões da grade, e tentou morder algum pedaço de carne, ou alguma parte do fato de Mirabeau.

- Por Deus, doutor - disse ele recuando para escapar aos dentes brancos e ameaçadores do cão - nada está mudado, recebem-me como no tempo de meu pai!

Entretanto apareceu um mancebo no poial, fez calar o cão, chamou-o e dirigiu-se aos dois estranhos.

- Perdão, senhores, nada têm que temer da recepção que lhes faz o cão. Muitas pessoas param diante desta casa, outrora habitada pelo Sr. marquês de Mirabeau, e como o pobre Cartouche não pode compreender o interesse histórico, que se liga à habitação dos seus humildes donos, por isso ladra eternamente! Para casa Cartouche!

O mancebo fez um gesto ameaçador, e o cão, sempre ladrando, foi ocultar-se na sua casinha, por cujas aberturas passou imediatamente as duas patas dianteiras, sobre as quais estendeu o focinho, mostrando-lhe os dentes agudos, a língua ensangüentada e os olhos de fogo.

Durante este tempo Mirabeau e Gilberto trocaram um rápido olhar.

- Senhores - continuou o mancebo - agora não há dentro desta grade mais do que um hóspede pronto a abri-la se a sua curiosidade se não limita a olhar para o exterior.

Gilberto tocou em Mirabeau com o cotovelo, em sinal de que visitaria de boa vontade o interior da casa.

Mirabeau compreendeu-o, tanto mais quanto o seu desejo concordava com o de Gilberto, e disse:

- Senhor, leu decerto no nosso pensamento; sabíamos que esta casa fora habitada pelo amigo dos homens e estávamos desejosos de a visitar.

- E a sua curiosidade redobrá, senhores - replicou o mancebo - quando souberem que duas ou três vezes, durante o tempo em que ele aqui morou, foi honrada com a visita do seu ilustre filho, que, se acreditarmos a tradição, nem sempre foi recebido como devia, e como nós o receberíamos se tivesse o desejo que os senhores mostram, e ao qual me apresso em satisfazer.

E inclinando-se, o mancebo abriu a porta aos dois visitantes, afastou a grade e caminhou adiante deles.

Mas Cartouche, que não parecia disposto a deixá-los gozar assim da hospitalidade, que lhes era oferecida, saltou de novo para fora da sua casinha com horríveis latidos.

O mancebo lançou-se entre o cão e o hóspede, contra quem o animal parecia mais particularmente raivosos.

Mas Mirabeau, afastando o mancebo com a mão, disse:

- Senhor, os cães e os homens têm ladrado muito contra mim; os homens têm-me mordido algumas vezes, os cães nunca. Além disso, diz-se que a vista humana é muito poderosa sobre os animais; peço-lhe que me deixe fazer a minha experiência.

- Senhor - disse o mancebo - previno-o de que o Cartouche é mau.

- Deixe, deixe, senhor - respondeu Mirabeau; - trato todos os dias com animais piores do que ele, e ainda hoje fui aplaudido por uma matilha completa.

- Sim, mas a essa matilha pôde falar e ninguém contesta o poder da sua palavra - disse-lhe baixo Gilberto.

- Doutor, não é um adepto do magnetismo?

- Sem dúvida... Mas por quê?

- Porque deve conhecer nesse caso o poder do olhar... Deixe-me magnetizar o Cartouche. Mirabeau falava esta linguagem perigosa, só bem compreendida pelos espíritos superiores.

- Opere - disse Gilberto.

- Oh! Senhor - repetiu o mancebo - não se exponha!

- Por obséquio - disse Mirabeau.

O mancebo inclinou-se em sinal de assentimento, e passou para a esquerda, enquanto Gilberto ficava à direita, como fazem os padrinhos num duelo, quando o adversário lhes vai atirar ao afilhado.

Apesar disso, o mancebo, subido dois ou três degraus do poial, estava pronto a prender Cartouche, se a palavra ou o olhar do desconhecido não fossem suficientes.

O cão voltou a cabeça para a direita e para a esquerda, como para examinar se aquele a quem parecia ter votado um ódio implacável estava bem isolado de todo o socorro; depois vendo-o só e desarmado, rojou-se lentamente para fora de casa, mais como serpente do que como quadrúpede, saltou repentinamente, e do primeiro salto percorreu o terço de caminho que o separava do seu adversário.

Então Mirabeau cruzou os braços, e com o poderoso olhar, que fazia dele o Júpiter tonante da tribuna, cravou a vista no animal.

Imediatamente, tudo o que aquele corpo tão vigoroso podia conter de electricidade pareceu subir-lhe à frente; o cabelo eriçou-se como a juba de um leão, e se em lugar de ser àquela hora do dia, em que o Sol já declina mas ainda alumia, tivesse sido às primeiras horas da noite, sem dúvida que de cada cabelo se lhe veria saltar uma faísca.

O cão ficou imóvel e olhou para ele.

Mirabeau abaixou-se, apanhou um punhado de areia e atirou-lha ao focinho.

O cão rugiu e deu outro salto, que o aproximou três ou quatro passos do seu adversário; mas, então, foi este que caminhou para o cão.

O animal ficou imóvel um instante, como o cão de granito do caçador Céfalo; mas inquieto pela marcha progressiva de Mirabeau, pareceu hesitar entre a cólera e o temor, ameaçou-o com os dentes e os olhos, firmando-se sempre nas patas traseiras.

Finalmente, Mirabeau levantou o braço com aquele gesto dominador, que tantas vezes lhe havia aproveitado na tribuna, quando lançava aos seus inimigos o sarcasmo, a injúria ou a ironia, e o cão vencido, tremendo-lhe todos os membros, recuou olhando para trás para se certificar se o seu asilo estava aberto, e voltando sobre si, entrou precipitadamente na casinha.

Mirabeau levantou a cabeça altiva como a de um vencedor dos jogos ístmicos

- Ah! Doutor - disse ele - o Sr. de Mirabeau, pai, tinha bastante razão em dizer que os cães eram candidatos à humanidade: viu aquele insolente, e vai vê-lo servir como um homem.

Ao mesmo tempo, deixou pender a mão ao longo da perna, e com voz imperiosa bradou:

- Aqui, Cartouche! aqui!

O cão hesitou; mas com um gesto de impaciência saiu pela segunda vez da casa, fixou novamente os olhos nos de Mirabeau, transpôs assim toda a distância que o separava do seu vencedor, e rojando-se-lhe aos pés, levantou lenta e timidamente a cabeça, e com a ponta da língua arquejante tocou-lhe na extremidade dos dedos.

- Está bem - disse Mirabeau - para casa!

Fez um gesto e o cão foi deitar-se.

Depois, voltando-se para Gilberto, ao passo que o mancebo permanecia sobre o poial trémulo de medo e mudo de admiração, continuou:

- Sabe, meu caro doutor, em que pensava quando fiz a loucura de que foi testemunha?

- Não, mas diga... porque não foi por simples bazófia, não é verdade?

- Pensava na famosa noite de 5 para 6 de Outubro... Doutor, doutor, daria metade dos dias que me restam para que o rei Luís XVI visse este cão correr para mim, entrar na sua pousada e vir lambem-me a mão.

Depois, voltando-se para o mancebo, acrescentou:

- Decerto que me perdoará, senhor, por haver abatido Cartouche!... Vamos ver a casa do *amigo dos homens*, visto que faz o favor de no-la mostrar.

O mancebo afastou-se para deixar passar Mirabeau, que parecia não necessitar de guia, pois conhecia a casa tão bem, como se a tivesse habitado.

Sem se demorar nos quartos baixos, subiu rapidamente a escada, que tinha um corrimão de ferro perfeitamente trabalhado, dizendo:

- Por aqui, doutor, por aqui!

Efectivamente, com o atractivo que lhe era natural, com o hábito de dominar, que fazia parte do seu temperamento, de espectador, Mirabeau passou a ser actor, de simples visita a dono da casa.

Gilberto seguiu-o.

Durante este tempo, o mancebo chamava o pai, bom burguês de cinqüenta e cinco anos, e as irmãs, raparigas de quinze a dezoito anos, para lhes dizer que estranho hóspede tinha recebido.

Enquanto contava a história da submissão de Cartouche, Mirabeau mostrava a Gilberto o gabinete de trabalho, o quarto da cama e a sala do marquês de Mirabeau.

E como cada peça visitada acordava nele uma recordação, Mirabeau contava anedotas, sobre anedotas, com o encanto e os atractivos que lhe eram peculiares.

O proprietário e a família escutavam o cicerone, que lhes contava a história da própria casa, abrindo-a para verem e ouvirem melhor os olhos e ouvidos.

Visitado o andar superior, e como davam sete horas na igreja de Argenteuil, Mirabeau receou que lhe faltasse o tempo para o que queria fazer, e pediu a Gilberto descesse, dando o

exemplo, e descendo rapidamente os quatro degraus.

- Senhor - disse então o proprietário - visto que sabe tantas histórias do marquês de Mirabeau, e do seu ilustre filho, parece-me que, se quisesse, poderia contar-nos a respeito destes quatro degraus uma história, que não seria a menos curiosa.

Mirabeau parando sorriu-se e disse:

- É verdade, mas desejava passá-la em claro.

- Por que, conde? - perguntou o doutor.

- Vai julgá-lo ouvindo o que vou dizer:

“Voltando da torre de Vincennes, onde tinha estado dezoito meses, Mirabeau, que tinha o dobro da idade do filho pródigo, e que nem sequer se lembrara de que se preparassem para matar o vitelo gordo pela alegria do seu regresso, teve a idéia de reclamar a sua legítima. Havia dois motivos para que Mirabeau fosse mal recebido na casa paterna; primeiro saíra de Vincennes contra vontade do marquês; depois entrava em casa para pedir dinheiro; daí resultou que o marquês, ocupado em dar fim a uma obra filantrópica, levantou-se logo que avistou o filho, pegou na bengala às primeiras palavras que pronunciou, e correu sobre ele, logo que ouviu a palavra dinheiro. O conde conhecia o pai, e todavia esperava que os seus trinta e sete anos o salvassem da correcção que o ameaçava; breve reconheceu o seu engano, sentindo as bengaladas nas costas.”

- Como! Bengaladas?

- Sim, verdadeiras e boas bengaladas, não como as que se dão e recebem na Comédia Francesa, nas peças de Molière, mas bengaladas reais, de racharem a cabeça e quebrarem os braços.

- O que fez então o conde de Mirabeau? - perguntou Gilberto.

- Fez o mesmo que Horácio no seu primeiro combate, fugiu. Infelizmente, não tinha, como Horácio, um escudo, porque, em vez de o arremessar, como fez o poeta da Lídia, servir-se-ia dele para aparar os golpes; mas, não o tendo, saltou os quatro primeiros degraus desta escada, quase como eu acabo de fazer, talvez ainda mais depressa; chegando ali, voltou-se, levantou também a bengala e bradou ao pai: “Alto lá, senhor! que para além de quatro graus acaba o parentesco!” O trocadilho era chato, mas, apesar disso, deteve o bom do conde mais depressa do que a melhor razão. “Que pena ter morrido o bailio, senão mandava-lhe contar isso”. Mirabeau - continuou o narrador - era muito astucioso para que deixasse de aproveitar a ocasião que se lhe oferecia de fazer tréguas. Desceu o resto dos degraus, quase tão rapidamente como os primeiros, e com grande pesar dele, nunca mais aqui entrou... É um grande velhaco, o tal conde de Mirabeau, não lhe parece, doutor?

- Oh! Senhor! - exclamou o mancebo aproximando-se de Mirabeau com as mãos postas, e como que se lhe pedisse perdão por ter uma opinião tão oposta à dele; - eu acho que é um grande homem!

Mirabeau, voltando-se e olhando para o mancebo, de frente, disse:

- Oh! Oh! Pois há alguém que pense isso do conde de Mirabeau?

- Sim, senhor - disse o mancebo - e ainda que lhe desagrade, penso-o eu primeiro que todos.

- Oh! - replicou o conde rindo - não diga isso muito alto nesta casa, porque quando menos o esperar, podem as paredes desabar-lhe em cima, o que seria pouco agradável.

Depois, saudando respeitosamente o velho, e mui cortesmente as duas meninas, atravessou o jardim, fazendo com a mão um sinal amigável a Cartouche, que lho retribuiu com um grunhido, em que um resto de raiva se misturava com a submissão.

O Dr. Gilberto seguiu Mirabeau, que ordenou ao cocheiro que andasse para a cidade e parasse defronte da igreja.

À esquina da primeira rua mandou parar a carruagem, e tirando da carteira um bilhete de visita, disse ao criado:

- Teisch, vai entregar este bilhete da minha parte àquele bom rapaz que não é da minha

opinião a respeito de Mirabeau.

Depois, soltando um profundo suspiro, dirigindo-se ao doutor, acrescentou:

- Oh! Aquele é um dos que ainda não leram *A grande traição do Sr. de Mirabeau!*

Teisch voltou, vindo acompanhado pelo mancebo.

- Oh! Sr. conde - disse ele possuído da maior admiração, no que não podia haver engano;
- conceda-me o mesmo que concedeu a Cartouche, isto é, a honra de lhe beijar a mão.

Mirabeau abriu os braços e apertou o mancebo contra o peito.

- Sr. conde - disse ele - chamo-me Mamais; se alguma vez tiver precisão de alguém que morra pelo senhor, lembre-se de mim.

As lágrimas assomaram aos olhos de Mirabeau.

- Doutor - disse ele - aqui tem os homens que hão-de suceder-nos. Creio que valem mais do que nós, palavra de honra!

XXVI

Uma mulher que se parece com a rainha

A carruagem parou à porta da igreja de Argenteuil.

- Disse-lhe que não tornara mais a Argenteuil desde o dia em que meu pai me expulsou de casa às bengaladas; enganava-me, voltei aqui no dia em que lhe acompanhei o corpo a esta igreja.

Mirabeau apeou-se, tirou reverentemente o chapéu, e com a cabeça descoberta, com passo lento e solene, entrou na igreja.

Aquele homem encerrava em si sentimentos tão opostos, que tinha várias vezes ataques de religião, na época em que todos eram filósofos, e em que alguns levavam a filosofia até ao ateísmo.

Gilberto seguia-o a pequena distância. Viu Mirabeau atravessar toda a igreja, junto do altar da Virgem, ir encostar-se a uma coluna maciça, cujo capitel romano parecia ter inscrita a data do século XIII.

Inclinou a cabeça, e fixou os olhos numa lápide negra, que formava dentro da capela.

O doutor procurou saber o que absorvia assim o pensamento do conde de Mirabeau; seguiu-lhe com a vista a direcção dos olhos, e bem depressa os deteve na seguinte inscrição:

AQUI JAZ
FRANCISCA CASTELLANE, MARQUESA DE MIRABEAU.
MODELO DE PIEDADE E DE VIRTUDES, ESPOSA E MÃE
VENTUROSA;
NASCEU NO DELFINADO EM 1685
E MORREU EM PARIS EM 1779.
SEPULTADA EM S. SULPÍCIO, E DEPOIS TRASLADADA
PARA AQUI PARA SE REUNIR, NA MESMA SEPULTURA,
COM SEU DIGNO FILHO,
VICTOR DE RIQUETTI, MARQUÊS DE MIRABEAU,
DENOMINADO O *AMIGO DOS HOMENS*;
NASCIDO EM PERTUIS, NA PROVENÇA,
A 4 DE OUTUBRO DE 1715
MORREU EM ARGENTEUIL, A 11 DE JULHO DE 1789.
ROGAÍ A DEUS PELAS SUAS ALMAS.

A religião da morte é tão forte, que o Dr. Gilberto inclinou um momento a cabeça, e procurou na memória se ainda lhe restava alguma oração qualquer para obedecer ao convite que

fazia a todo o cristão à pedra sepulcral que tinha diante dos olhos.

Mas, se alguma vez na infância (o que é duvidoso) Gilberto soube falar a linguagem da humildade e da fé, a dúvida, essa gangrena do século passado, riscara até a última linha daquele livro vivo, e a filosofia escrevera nele os seus sofismas e paradoxos.

Encontrando o coração seco e a boca muda, levantou os olhos e viu duas lágrimas caírem da altiva face de Mirabeau, sulcada pelas paixões, como o terreno de um vulcão o é pela lava.

Aquelas duas lágrimas comoveram estranhamente Gilberto; correu para ele e apertou-lhe a mão.

Mirabeau compreendeu-o.

Lágrimas derramadas pela lembrança de um pai, que tinha encarcerado, torturado e martirizado Mirabeau, deviam ser lágrimas incompreensíveis ou banais.

O conde deu-se pressa em explicar a Gilberto a verdadeira causa daquela sensibilidade.

- Era uma digna mulher esta Francisca de Castellane, mãe de meu pai; quando todos me achavam horrível, ela contentava-se com achar-me apenas feio; quando todo o mundo me odiava, ela quase que me amava; mas a quem ela amava sobretudo, era ao filho. Assim, pois, como vê, meu caro Gilberto, eu reuni-os...

Fez uma pausa e continuou:

- A quem me ajuntarão? A mim, que nem sequer tenho um cão que me consagre amor?!

E riu dolorosamente.

- Senhor - disse alguém com uma voz, cuja entoação era áspera, cheia de censura, desta que só pertence aos devotos - não se ri na igreja.

Mirabeau voltou o rosto marejado de lágrimas para o lado donde vinha a voz, e viu um padre.

- Senhor - disse ele com doçura - é o cura desta capela?

- Sim, senhor; que me quer?

- Tem muitos pobres na sua paróquia?

- Mais do que pessoas a dar-lhes esmola.

- Todavia, o senhor conhece alguns corações caridosos, alguns espíritos filantrópicos?

O padre pôs-se a rir.

- Senhor - observou Mirabeau - creio que me tinha feito a honra de avisar-me de que se não ria nas igrejas!

- Senhor - disse o cura ferido - terá acaso a pretensão de me dar uma lição?

- Não, senhor, mas a de lhe provar que as pessoas que compreendem que é seu dever vir em socorro de seus irmãos, não são tão raras como pensa. Assim, senhor, vou, segundo toda a probabilidade, habitar o castelo do Marais; por isso qualquer trabalhador, a quem falte trabalho ali o encontrará, bem como bom salário; qualquer velho que tenha fome lá encontrará pão; qualquer doente, sejam quais forem os seus princípios religiosos e a sua opinião política, achará ali socorro; e de hoje em diante, Sr. cura, ofereço-lhe para esse fim um crédito de mil francos mensais.

Depois, arrancando-lhe uma folha do seu livro de lembranças, escreveu a lápis:

“Abono a soma de doze mil francos, que o Sr. cura de Argenteuil poderá sacar sobre mim, à razão de mil francos por mês, que serão empregados por ele em obras de caridade, a começar no dia da minha instalação no castelo do Marais.

Feito na igreja de Argenteuil, e assinado sobre o altar da Virgem.

Mirabeau, Sénior.”

Efectivamente, Mirabeau, escrevera e assinara aquela letra de câmbio sobre o altar da Virgem.

Entregou a letra de câmbio ao cura, que ficou estupefacto antes de ler a assinatura, mas muito mais depois de a ter lido.

Depois saiu da igreja, fazendo ao Dr. Gilberto sinal para que o seguisse.

Subiram para a carruagem.

Por pouco que Mirabeau se demorasse em Argenteuil, aí deixava atrás de si, na passagem, duas recordações, que o deviam ir engrandecendo para o futuro.

O gosto de certas organizações é fazerem brotar um acontecimento de qualquer sítio onde põem os pés.

É Cadmus dispersando os soldados no solo de Tebas.

É Hércules espalhando os seus doze trabalhos sobre a face da terra.

Ainda hoje, e todavia Mirabeau morreu há sessenta anos, vão a Argenteuil, façam, no mesmo lugar em que Mirabeau as fez, as duas pausas que indicamos, e a não ser que a casa esteja desabitada, ou a igreja deserta, encontrarão alguém que lhes conte detalhadamente, como se o caso se tivesse passado ontem, o que acabámos de referir-lhes.

A carruagem seguiu a grande rua até ao fim; depois deixou Argenteuil, e rodou sobre o caminho de Bessons. Não teria feito cem passos sobre este caminho, quando Mirabeau avistou à sua direita as árvores copadas de um parque, separadas pelos telhados avermelhados do palácio, e suas dependências.

Era o Marais.

À direita da estrada que seguia a carruagem, antes de chegar ao caminho, que ia ter à grade do palácio, elevava-se uma pobre cabana.

Diante da porta desta, estava uma mulher assentada num banco de pau, tendo nos braços uma criança magra e devorada pela febre.

A mãe, acalentando sempre aquele meio cadáver levantava os olhos para o Céu, e chorava.

Dirigia-se Àquele a quem todos se dirigem, quando nada mais esperam dos homens.

O conde de Mirabeau fixou de longe os olhos no triste espectáculo.

- Doutor - disse ele - sou supersticioso como um velho. Se aquela criança morre, não tomo o caminho do Marais... Veja-a que isso diz-lhe respeito.

Mandou parar a carruagem em frente da choupana.

- Doutor - continuou ele - como só tenho vinte minutos para ver a casa, deixo-o aqui. Irá ter comigo, e dir-me-á se espera salvar a criança.

Depois dirigindo-se à mãe, disse:

- Boa mulher, aqui tem este senhor, que é um grande médico, agradeça à Providência, que lho envia; vai tentar salvar seu filho.

A mulher não sabia se era sonho.

Levantou-se trazendo o filho nos braços, balbuciando alguns agradecimentos.

Gilberto apeou-se.

A carruagem continuou o seu caminho.

Cinco minutos depois, Teisch batia à grade do castelo.

Esperaram algum tempo, sem verem aparecer pessoa alguma; por fim um homem, que pelo traço era fácil de conhecer pelo jardineiro, veio abrir.

Mirabeau informou-se primeiro do estado em que estava a casa.

Estava nos casos de ser habitada, ao que pelo menos dizia o jardineiro, e até conforme à primeira vista parecia.

Fazia parte do domínio da Abadia de Saint-Denis como principal lugar do priorado de Argenteuil, e vendia-se em virtude dos decretos publicados a respeito dos bens do clero.

Mirabeau, como já dissemos, já a conhecia, mas nunca tivera ocasião de examiná-la tão minuciosamente, quanto lhe era permitido naquela ocasião.

Aberto o portão, entrou num pátio quase quadrado. À direita era o pavilhão habitado pelo jardineiro; à esquerda outro pavilhão, que pela elegância com que estava decorado, mesmo exteriormente, podia duvidar-se de que fosse igual ao primeiro.

Contudo, era igual; mas do pavilhão plebeu o preparo tinha feito uma habitação quase aristocrata. Gigantescas roseiras cobertas de flores o vestiam com uma capa matizada, ao passo

que uma faixa lhe cingia toda a cintura com um cordão verde. Cada uma das janelas era tapada por uma cortina de cravos, girassóis e violetas, cujos ramos espessos, cujas flores desabrochando, impediam ao mesmo tempo o Sol e a vista de penetrarem no quarto; um pequeno jardim, todo de lírios, cactos e narcisos, um verdadeiro tapete, que visto de longe, dir-se-ia bordado pela mão de Penélope, começava na casa e alargava-se em toda a extensão do primeiro pátio, terminado por um gigantesco salgueiro florido, e por magníficos olmeiros plantados do lado oposto.

Já descrevemos a paixão de Mirabeau pelas flores.

Vendo o pavilhão perdido entre as rosas e o pequeno jardim, que parecia fazer parte da casa de Flora, deu um grito de alegria, e disse ao jardineiro.

- Oh! Este pavilhão é para alugar ou para vender?

- Está claro, senhor - respondeu este - que uma vez que pertence ao palácio, vende-se ou arrenda-se. Contudo, agora está habitado; mas como não há arrendamento, se o senhor alugar a casa, pode-se despedir a pessoa que o habita.

- Ah! - disse Mirabeau - quem é essa pessoa?

- Uma senhora.

- Ainda moça?

- De trinta e cinco anos.

- Bonita?

- Muito bonita.

- Bem - disse Mirabeau - veremos... Uma boa vizinha não faz mal. Mostra-me o castelo.

O jardineiro caminhou adiante de Mirabeau, atravessou uma ponte que separava o primeiro pátio do segundo, abaixo da qual passava um pequeno rio.

O jardineiro parou ali.

- Se o senhor não quisesse despedir a inquilina do pavilhão, este pequeno rio isola completamente a porção do parque relativa ao pavilhão do resto do jardim, e cada qual estaria na sua casa.

- Bom, bom, vejamos o palácio.

O conde de Mirabeau subiu rapidamente os cinco degraus da entrada.

O jardineiro abriu a porta principal.

A porta dava para um vestíbulo de estuque, onde havia estátuas em nichos e colunas com vasos, segundo a moda do tempo.

Uma porta aberta ao fim do vestíbulo, em frente da entrada, dava passagem para o jardim.

À direita do vestíbulo ficavam a sala do bilhar e a do jantar.

À esquerda havia outras duas salas, uma grande e outra pequena.

Esta primeira disposição agradara bastante a Mirabeau, que ao mesmo tempo parecia distraído e impaciente.

Subiram ao primeiro andar.

Compunha-se de uma grande sala, maravilhosamente disposta para fazer um gabinete de trabalho, e de três ou quatro quartos de cama.

As janelas da sala e dos quartos estavam fechadas.

Mirabeau foi a uma delas e abriu-a.

O jardineiro quis abrir as outras.

Mirabeau fez-lhe sinal com a mão e o jardineiro parou.

Justamente por baixo da janela que Mirabeau acabava de abrir, ao pé de um imenso chorão, estava uma mulher lendo, meio recostada, ao passo que um menino de cinco ou seis anos, a alguns passos distante dela, brincava na relva com as flores.

Mirabeau julgou que fosse a dama do pavilhão.

Era impossível estar mais graciosa e mais elegantemente vestida do que aquela senhora, com o seu ligeiro penteador de cassa guarnecido de rendas, que lhe cobria a jaquetinha de tafetá branco com laços cor de rosa e branca, com a sua saia de cassa branca, com folhos cor de rosa e

brancos como a jaquetinha, com um corpete de tafetá cor de rosa de laços da mesma cor, e o seu capuz todo guarnecido de rendas, caídas como um véu, e através das quais, como através de uma nuvem de vapor, se lhe podia distinguir o rosto.

Mãos finas, compridas, de unhas aristocratas, pés de criança, que brincavam em duas chinelinhas de tafetá cor de rosa com laços brancos, completavam este harmonioso e sedutor conjunto.

O menino, todo vestido de cetim branco, trazia, contraste singularíssimo, bem que muito comum naquela época, um pequeno chapéu à Henrique IV e um cinto tricolor, dos que se chamavam cintos à nação.

Era pouco mais ou menos assim o vestuário, que trazia o delfim a última vez que aparecera com a mãe numa janela das Tulherias.

O sinal feito por Mirabeau, tinha por fim não perturbar a gentil ledora.

Era a bela do pavilhão das flores; era a rainha dos lírios, dos cactos e dos narcisos; era finalmente a vizinha que Mirabeau, homem sempre entregue às voluptuosidades, de bom grado escolheria, se o acaso não tivesse deparado. Durante algum tempo, devorou com os olhos a encantadora criatura, imóvel como uma estátua, e ignorante do olhar ardente que a cobria; mas, acaso, ou corrente magnética, afastando os olhos do livro, voltou-os para a janela.

Viu Mirabeau, deu um pequeno grito de surpresa, levantou-se, chamou o filho, afastou-se levando-o pela mão, não sem voltar a cabeça duas ou três vezes, e desapareceu com o menino por entre as árvores, através das quais Mirabeau lhe seguiu as diferentes reaparições do brilhante vestido, cuja alvura lutava com as primeiras sombras da noite.

Ao grito de surpresa dado pela desconhecida, Mirabeau respondeu por um grito de espanto.

Aquela mulher tinha não só o andar da rainha, como também, tanto quanto o véu de renda, que lhe cobria meio rosto, permitia ver as feições eram perfeitamente semelhantes às de Maria Antonieta.

O menino concorria para a semelhança; era justamente da idade do segundo filho da rainha, cujo andar, cujo rosto, cujos menores movimentos tinham ficado tão presentes, não só na memória, mas, diremos também, no coração de Mirabeau, desde a entrevista de Saint-Cloud, que conheceria a rainha em toda a parte onde a encontrasse, embora estivesse envolta numa nuvem divina em que Virgílio envolvia Vénus, quando ela aparecia ao filho na praia de Cartago.

Que estranha maravilha conduzira pois ao parque, da casa que Mirabeau ia alugar uma mulher misteriosa, que, se não era a rainha, era pelo menos o seu vivo retrato?

Naquele momento Mirabeau sentiu a mão de alguém apoiar-se-lhe no ombro.

XXVII

Em que a influência da senhora desconhecida começa a fazer-se sentir

Mirabeau voltou-se sobressaltado.

Quem lhe pusera a mão no ombro fora o Dr. Gilberto.

- Ah - disse Mirabeau - é o senhor, caro doutor?

- Vi o pequenito - disse Gilberto.

- E espera salvá-lo?

- Um médico nunca deve perder a esperança, nem sequer na presença da morte.

- Diabo - disse Mirabeau - isso quer dizer que a doença é grave!

- Mais do que grave! É mortal.

- Que doença é?

- Preciso colher algumas informações, que não deixarão de ser igualmente interessantes para quem, sem saber a que se expõe, resolve habitar esta casa.

- O quê! - disse Mirabeau; - vai acaso dizer-me que está empestada?

- Não, mas digo-lhe de que maneira a pobre criança apanhou a febre, de que, segundo toda a probabilidade, dentro de oito dias terá morrido. A mãe cortava o feno do castelo com o jardineiro, e para estar mais desembaraçada, deitou a criança a pouca distância destes fossos de água estagnada que cercam o parque. A boa mulher, que não tem idéia alguma do movimento da terra, deitara o filho à sombra, sem pensar que no fim de uma hora a sombra cederia o lugar ao Sol; quando voltou a buscar o filho, atraída pelos gritos, encontrou-o duplamente atacado: atacado pela demorada insolação, que lhe ofendera o tenro cérebro, e atacado pela absorção das exalações pantanosas, que tinham produzido aquele género de envenenamento, a que se chama envenenamento palustre.

- Desculpe-me, doutor - disse Mirabeau - mas não o compreendo bem.

- Não tem ouvido falar nas febres das lagoas Pontinas? Não conhece, ao menos pela fama, os miasmas mortíferos que se exalam dos rios toscanos? Nunca leu no poeta florentino a morte de Pia dei Talomei.

- É verdade, doutor, sei tudo isso, mas como homem do mundo e como poeta, e não como químico. Cabanis disse-me outro tanto a última vez que o vi, a propósito da sala da câmara, onde estamos muito mal; pretendia mesmo que se não saísse três vezes em cada sessão a respirar o ar das Tulherias morreria envenenado.

- E Cabanis tinha razão.

- Quer ter a bondade de me explicar isso, doutor? Teria grande prazer em o ouvir.

- Seriamente?

- Sim, sei perfeitamente o grego e o latim; durante os quatro ou cinco anos que estive preso em diferentes épocas, graças às susceptibilidades de meu pai, estudei bastante a antiguidade; fiz mesmo nas minhas horas vagas, acerca da sobredita antiguidade, um livro obscuro, que não deixa de conter uma certa ciência, mas ignoro completamente como se pode ser envenenado na sala da assembléia nacional, a não ser por se ter sido lá mordido pelo abade Maury, ou que se tenha lido o jornal do Sr. Marat.

- Então vou dizer-lho. Talvez a explicação seja muito obscura para um homem que tem a modéstia de se confessar pouco forte em física e ignorante em química; entretanto buscarei ser o mais claro possível.

- Fale, doutor, nunca encontrou ouvinte mais desejoso de aprender.

- O arquitecto que construiu a sala da assembléia, - e por desgraça, meu caro conde, os arquitectos são como o senhor, muito maus químicos - não teve a lembrança de abrir chaminés para a saída do ar viciado, nem tubos inferiores para a sua renovação. Resulta daí que as cem bocas que, fechadas na sala, aspiram o oxigénio, exalam em seu lugar vapores carbónicos; o que faz que, no fim de uma hora de sessão, especialmente no Inverno, quando as janelas estão fechadas e as cortinas corridas, o ar não seja já respirável.

- Aí está justamente o trabalho de que me queria encarregar, ainda que só fosse para dar parte a Bailly.

- Nada mais simples do que esta explicação; o ar puro, tal como é destinado a ser absorvido pelos pulmões, o ar, tal qual se respira numa casa meio voltada para o nascente, com água corrente na sua proximidade, isto é, com as melhores condições, para que o ar possa ser respirado, compõe-se de 77 partes de oxigénio, 21 de azote, e 2 a que chamam vapor de água.

- Muito bem; até aí compreendo e tomo nota dos números.

- Escute isto: o sangue venenoso passa negro e carregado de carbono para os pulmões, onde se deve vivificar pelo contacto do ar exterior, isto é, do oxigénio, que a acção respiratória vai buscar ao ar livre. Neste caso produz-se um duplo fenómeno, que designamos com o nome de fluxo de sangue. O oxigénio, posto em contacto com o sangue, combina-se com ele, de negro que era torna-o vermelho, e dá-lhe assim o elemento da vida, que se deve espalhar por toda a economia; ao mesmo tempo, o carbono, que se combinava com uma parte de oxigénio, passa-se ao estado de ácido carbónico, ou de protóxido de carbono, e exala-se, misturado com uma certa quantidade de vapor de água, no acto da respiração. O ar puro absorvido pela aspiração, e o ar

viciado expulso pela respiração formam numa sala fechada uma atmosfera, que não só deixa de satisfazer às condições respiráveis, mas que ainda não pode chegar a produzir envenenamentos.

- De maneira que, segundo a opinião do doutor, estou já meio envenenado.

- Perfeitamente... as suas dores inferiores não procedem de outra causa senão disso; bem entendido, juntando aos envenenamentos da sala da Assembléia, os da sala do arcebisado, da torre de Vincennes, do forte de Joux e do castelo de If. Não se lembra, que a Sr^a. de Belegarde dizia que havia no castelo de Vincennes uma câmara que valia o seu peso em arsénico?

- De maneira que, meu caro doutor, a pobre criança está completamente envenenada, ao passo que eu só o estou metade?

- Sim, caro conde, e o envenenamento produziu-lhe uma febre perniciosa, que existe especialmente no cérebro e nas meninges; esta febre produziu-lhe uma doença, a que se chama simplesmente congestão cerebral, e que designarei com um nome novo, chamando-lhe, se o consente, um hidrocéfalo agudo; daí procedem as convulsões, a cara inchada, os lábios roxos, o tremor pronunciado do queixo, o envenenamento do globo ocular, a respiração cansada, o estremecimento do pulso substituindo as pulsações, e finalmente o suor viscoso, que lhe cobre todo o corpo.

- Apre! Meu caro doutor, sabe que é de causar medo o que acaba de dizer? Na realidade, quando ouço falar um médico em termos técnicos, é como quando leio algum papel selado com os termos da chicana; sempre me parece que o que me espera de mais doce é a morte... E o que receitou à pobre criança?

- O tratamento mais enérgico, e também um ou dois luíses embrulhados na receita que puseram a mão no caso de o seguir: refrigerantes na cabeça, excitantes nos pés, emético, e a quina em cozimento.

- Deveras! E nada disso produzirá resultado?

- Tudo isto, sem o auxílio da natureza, pouca coisa fará. Para descargo da minha consciência, ordenei este tratamento:⁴ o seu bom anjo, se a pobre criança o tem, fará o resto.

- Hum! - murmurou Mirabeau...

- O senhor compreende, não é verdade? – perguntou o Dr. Gilberto.

- A sua teoria de envenenamento pelo óxido de carbono? Pouco mais ou menos.

- Não é isso; eu quero dizer se compreende que o ar do castelo do Marais não lhe convém?

- Acredita isso, doutor?

- Tenho a certeza.

- Seria muito desagradável, porque o castelo convém-me muitíssimo.

- Bem o reconheço nisto, eterno inimigo de si mesmo! Aconselho uma montanha, escolhe uma planície, recomendo-lhe uma corrente de água, escolhe água estagnada!

- Mas que parque! Olhe para estas árvores, doutor!

- Durma uma única noite com a janela aberta, conde, ou passe depois das onze da noite à sombra destas belas árvores, e dar-me-á notícias suas no dia seguinte!

- Quer dizer, que em lugar de estar meio envenenado como estou, no dia seguinte, o estarei completamente?

- Pergunta-me a verdade?

- Sim, e o senhor diz-me não é assim?

- Oh! Em toda a sua extensão... Conheço-o, meu caro conde, vem para aqui para evitar o mundo, mas ele aqui o virá procurar. Cada qual arrasta a sua cadeia, seja de ferro, de ouro ou de flores. A sua cadeia, é o prazer à noite, e o estudo de dia. Enquanto foi moço, era na voluptuosidade que descansava do trabalho; mas o trabalho consumiu os seus dias, e a voluptuosidade fatigou as suas noites. O senhor mesmo mo disse, com a linguagem sempre tão

⁴ Em 1790 não estava ainda conhecido o sulfato de quinina, nem se aplicavam as sanguessugas atrás das orelhas. A receita do Dr. Gilberto era tão completa quanto o permitia o estado da ciência no fim do século XVIII.

expressiva e tão colorida sente-se passar do Estio ao Outono. Meu caro conde, se a um excesso de prazer suceder a noite, e a um excesso de trabalho o dia, sou obrigado a sangrá-lo, porque com esta perda de força estará mais apto do que nunca para absorver o ar viciado, de noite pelas grandes árvores do parque, de dia pelos miasmas pantanosos desta água estagnada. Então que quer? Serão dois contra mim, ambos mais fortes do que eu: o senhor e a natureza; será forçoso que eu sucumba.

- Acredita, meu caro doutor, que será pelas entranhas que hei-de morrer? Diabo! causa-me pena dizendo isso; as moléstias das entranhas são longas e, dolorosas; antes queria uma apoplexia fulminante, ou algum aneurisma... Não pode arranjar-me isso?

- Oh! Meu caro conde - disse Gilberto - nada me diga a esse respeito; o que deseja está feito, ou há-de fazer-se. Segundo a minha opinião, as suas entranhas parecem ser a parte secundária, e é o seu coração que desempenha e desempenhará o primeiro papel; infelizmente, as doenças do coração, na sua idade, são numerosas e variadas, e nem todas são acompanhadas pela morte súbita. Regra geral, meu caro conde, ouça bem isto, não está escrito em parte nenhuma, mas digo-lho eu, mais observador - filósofo do que médico; as doenças crônicas do homem seguem uma ordem quase absoluta: nas crianças é o cérebro o primeiro a ser atacado; nos adolescentes o peito; no adulto são as vísceras inferiores; no velho, finalmente, é a cabeça ou o coração, quer dizer, o que tem pensado muito ou sofrido muito. Assim, quando toda a ciência disser a sua última palavra, quando toda a criação interrogada pelo homem tiver declarado o seu último segredo, quando toda a enfermidade tiver de encontrar o seu remédio, e quando o homem, com algumas excepções, como os animais que o cercam, só morrer de velhice, os dois únicos órgãos atacáveis serão a cabeça e o coração, e ainda a morte pela cabeça terá por princípio a doença do coração.

- Realmente, meu caro doutor - disse Mirabeau - não faz idéia de quanto me está interessando. Veja: dir-se-ia que o meu coração conhece que está falando a respeito dele; veja como bate!

Mirabeau pegou na mão de Gilberto e levou-a ao coração.

- Pois bem - disse o doutor; - isso certifica o que eu lhe explicava. Como quer que um órgão, que participa de todas as suas emoções, acelerando ou retardando as pulsações para seguir uma simples conversação patológica, como quer, especialmente no conde, que esse órgão não seja afectado? Tem vivido pelo coração, pelo coração morrerá. Compreenda, pois, isto: não há nenhuma afecção moral, nenhuma afecção física crónica, que não cause no homem uma espécie de febre; não há febre que deixe de produzir uma agitação maior ou menor nas pulsações do coração; entretanto, neste trabalho, que é incómodo e fatigante, porque se executa além da ordem normal, o coração gasta-se e altera-se. Daí procede nos velhos a hipertrofia do coração, isto é, o seu desenvolvimento, daí o aneurisma ou a sua contracção. O aneurisma conduz às dores agudas do coração, e à única morte instantânea; a hipertrofia às apoplexias cerebrais, à morte algumas vezes mais demorada, mas em que morre logo a inteligência, e em que, conseqüentemente, a verdadeira dor já não existe, porque nunca há dor sem o sentimento que a julgue. Imagine que tem amado, que tem sido feliz, que tem sofrido, que teve momentos de alegria e de desespero, como nenhum outro homem antes do conde; que alcançou triunfos desconhecidos, que tem descido a decepções incríveis, que o seu coração lhe tem fornecido durante quarenta anos o sangue em cataratas ardentes, precipitadas do centro para as extremidades; que tem pensado, trabalhado e falado muitos dias e dias; que tem bebido, rido e amado noites inteiras, e que o seu coração, que se tem gasto, lhe faltava de repente? Vamos pois, meu caro amigo, o coração é como uma bolsa, por bem guarneçada que esteja, à força de gastar, esgota-se.

Mas mostrei-lhe o pior lado da situação; deixe-me explicar-lhe o bom.

É necessário tempo para que o coração se consuma, não conte tanto com ele como habitualmente faz; não lhe dê mais trabalho do que o que ele pode; não lhe dê maiores comoções do que as que ele pode suportar; restrinja-se às condições que não produzem desordens graves, às três principais funções da vida; a respiração que se opera nos pulmões; a circulação no coração; a

digestão no estômago; e poderá ainda viver vinte ou trinta anos e só morrer de velhice; ao passo que, se pelo contrário quiser caminhar para o suicídio, nada lhe é mais fácil! Apressará ou retardará a morte à vontade. Imagine que guia uns cavalos fogosos; obrigue-os a caminhar a passo, e eles farão uma longa jornada em muito tempo, deixe-os tomar o galope, que como os do Sol percorrerão num dia e uma noite toda a órbita celeste.

- Sim - disse Mirabeau - mas durante esse dia admiram e brilham, o que é alguma coisa... Venha, doutor, faz-se tarde, reflectirei em tudo isso.

- Reflecta bem em tudo - disse o doutor - mas, como princípio de obediência às ordens da faculdade, prometa-me primeiro que não aluga esta casa. Encontrará nos arredores de Paris dez, vinte, cinqüenta, cujas apresentarão as mesmas comodidades que esta.

Talvez que Mirabeau cedesse à voz da razão e fizesse a promessa que Gilberto lhe pedia; mas repentinamente, no meio das primeiras sombras da noite, pareceu-lhe ver aparecer por detrás de uma cortina de flores a mulher de saia de tafetá branco e laços cor de rosa; pareceu-lhe também que aquela mulher se sorria para ele; mas não teve tempo para se certificar disso, porque no momento em que Gilberto, adivinhando que se passava alguma coisa extraordinária no seu doente, volveu os olhos para saber a causa do tremor nervoso que agitava o braço em que estava apoiado, a cabeça retirou-se prestes, e só se viram na janela do pavilhão os ramos levemente agitados das roseiras, dos girassóis e dos cravos.

- Então - disse Gilberto - não responde?

- Meu caro doutor, lembre-se do que eu disse à rainha quando ao deixar-me me deu a mão a beijar: Senhora, por este beijo, a monarquia está salva!

- Sim.

- Contraí nisso um pesado encargo, doutor, especialmente se me abandonam, como o fazem. Entretanto, não posso falar. Não desprezemos o suicídio em que me falou, doutor, o suicídio será talvez o único meio de me dispensar honrosamente do encargo!...

No dia seguinte Mirabeau, comprava por enfiteuse o castelo do Marais.

XXVIII

O campo de Marte

Já tentámos fazer compreender aos nossos leitores porque nó indissolúvel a confederação de toda a França acabava de se ligar, e que efeito essa confederação individual, precedendo a geral, tinha produzido na Europa.

É que a Europa comprehendera que um dia, qual ele fosse, estava oculto nas densas trevas do futuro, formaria também uma confederação de cidadãos, uma colossal sociedade de irmãos.

Mirabeau dera o impulso a esta grande confederação. Aos receios que el-rei lhe fizera exprimir respondera que se na França havia alguma salvação para a realza, não era em Paris, mas na província que devia ser procurada.

E daí, resultava daquela reunião de homens vindos de todos os cantões da França uma grande vantagem, era o rei ver o povo e o povo ver o rei. Quando toda a população da França, representada pelos trezentos mil confederados burgueses, magistrados e militares, viesse gritar no campo de Marte, “Viva a nação” e desse as mãos sobre as ruínas da Bastilha, alguns cortesãos cegos ou interessados em cegar o rei, não lhe diriam que Paris, impellido por um punhado de facciosos, pedia uma liberdade, que o resto da França estava bem longe de reclamar. Não, Mirabeau contava com o espírito judicioso do rei; não, Mirabeau contava com o espírito realista, ainda tão vivo naquela época no coração dos franceses, e predizia que daquele contacto desusado, desconhecido e inaudito de um rei com o seu povo, resultaria uma aliança sagrada que nenhuma intriga, viesse ela donde viesse, seria capaz de romper.

Os homens de génio são às vezes atacados destas loucuras sublimes, que fazem com que os mais ínfimos políticos do futuro tenham direito para lhes rir na memória.

Já se tinha verificado uma confederação preparatória em Lião. A França, que instintivamente caminhava para a unidade, julgou achar a palavra dessa unidade nos campos de Ródano; mas logo conheceu que se Lião podia desposar a França com o génio da liberdade, só Paris os podia casar.

Quando foi apresentada a proposta de uma confederação geral à Assembléia pelo maire e pela comuna de Paris, que já não podiam resistir ao pedido das outras cidades, fez-se um grande movimento entre os ouvintes. Aquela grande reunião de homens, conduzida a Paris, centro eterno de agitação, era reprovada ao mesmo tempo pelos dois partidos, que dividiam a Assembléia, pelos realistas e pelos jacobinos.

Era, diziam os realistas, preparar um gigantesco 14 de Julho, não contra a Bastilha, mas contra a realeza.

Que faria o rei no centro desse espantoso misto de paixões diversas, desse admirável concurso de opiniões diferentes?

De outro lado os jacobinos, que sabiam qual era a influência que Luís XVI conservava sobre as massas, não temiam menos semelhante reunião que os seus inimigos.

Aos olhos dos jacobinos uma tal reunião ia extinguir o espírito público, adormecer as desconfianças, acordar as velhas idolatrias, enfim, tornar a França realista.

Mas não há meio de se oporem a esse movimento, que não tinha tido igual desde que no século XI, a Europa se levantou em massa para ir libertar o sepulcro de Cristo.

E não se admirem, os dois movimentos não são tão estranhos um ao outro quanto poderiam julgar; a primeira árvore da liberdade foi plantada no Calvário.

Entretanto, a Assembléia fez quanto pôde para tornar a reunião menos numerosa. Prolongaram a reunião, de maneira que devia passar-se com os que vinham dos confins do reino, o que na confederação de Lião sucedera aos deputados da Córsega, por muito que se apressassem, só chegaram no dia seguinte.

Além disso, os gastos ficaram a cargo das povoações; ora, era sabido que havia províncias tão pobres, que não se supunha que, por mais economias que fizessem, pudessem prover às despesas de metade da jornada dos seus deputados, ou antes para a quarta parte, porque tinham de ir a Paris e voltar depois.

Mas não contaram com o entusiasmo público, não contaram com as subscrições, em que os ricos pagavam duas vezes, uma por si, outra pelos pobres, não tinham contado com a hospitalidade, que gritava pelas estradas:

“Franceses! Abri as vossas portas; eis os vossos irmãos, que chegam dos confins da França!”

E este último grito, principalmente, não encontrou um único ouvido surdo, uma porta rebelde.

Nada de estrangeiros nem de desconhecidos; por toda a parte franceses, pais, irmãos; a nós peregrinos da grande festa! Vinde guardas nacionais, soldados, marinheiros! Entrai, encontrareis pais, mães, esposas que desejam que os seus filhos encontrem entre vós a hospitalidade que vos oferecem.

Aquele que pudesse ser, como o Cristo, transportado, não à mais elevada montanha da terra, mas à mais alta montanha da França, teria gozado o brilhante espectáculo de ver aqueles trezentos mil cidadãos caminhando para Paris, afluindo para o centro todos aqueles raios da estrela França.

E por quem eram guiados todos esses peregrinos da liberdade? Por velhos, pobres soldados da guerra dos sete anos, por oficiais de Fontenoy, e por oficiais de fortuna, a quem fora necessária uma vida inteira de trabalho, de coragem e de dedicação para chegarem às dragonas de tenente ou às de capitão: pobres mineiros, que tinham sido obrigados a gastar com a frente na abóbada de granito os sinais do antigo régimen militar! Por marinheiros, que conquistaram a Índia com Bussy e Dupleix, e que a tinham perdido com Lally-Tollendal, ruínas vivas truncadas pelo canhão dos campos da batalha, gastas pelo fluxo e refluxo do mar! Durante os primeiros

dias, homens de oitenta anos fizeram marchas de dez e doze léguas para chegarem a tempo, e chegaram.

No momento de se deitarem para sempre, e adormecerem com o sono eterno, os generosos anciãos recuperaram as forças da sua mocidade.

É que a pátria os chamara com uma das mãos e com outra lhes mostrava o futuro de seus filhos.

A esperança caminhava em companhia deles.

Cantavam um só canto, embora os peregrinos viessem do Norte, do meio dia do Oriente ou do Ocidente, da Alsácia ou da Bélgica, da Provença ou da Normandia. Quem lhes havia ensinado aquele canto, rimado asperamente, como os antigos cânticos, que guiavam os cruzados através dos mares do Arquipélago, ou nas planícies da Ásia-menor? Ninguém o sabe. Talvez fosse o anjo do progresso que ao passar sacudisse as suas asas por sobre a França!

Este canto era o famoso *Ça ira!* não o de 93 – 93 transtornou tudo, tudo mudou, o riso em lágrimas, o suor em sangue!

Não, a França inteira, arrancando-se a si mesma para vir a Paris prestar o juramento universal, não cantava palavras de ameaça, não dizia:

Ah! *ça ira, ça ira, ça ira,*
Os aristocratas ao lampião!
Ah! *ça ira, ça ira, ça ira.*
Os aristocratas s'enforcarão!

Não, o seu canto não era um canto de morte, era uma canção de vida; não era o hino do desespero, era o cântico da esperança.

Cantava de outra maneira as palavras seguintes:

O povo neste dia, sem cessar, repete:
Ah! *ça ira, ça ira, ça ira.*
Segundo as máximas do Evangelho.
Ah! *ça ira, ça ira, ça ira.*
Do legislador tudo se cumprirá;
Quem se levanta, s'abaixará.
Quem s'abaixa, levantar-se-á!

Era preciso um circo gigantesco para receber, da província e de Paris, quinhentas mil almas: era preciso um anfiteatro colossal para dar asilo a um milhão de espectadores.

Para o primeiro escolheu-se o campo de Marte.

Para o segundo os altos de Passy e de Chaillot.

Porém o campo de Marte apresentava uma superfície plana; era necessário torná-lo numa grande bacia, cavá-lo e amontoar a terra em volta para formar elevações.

Quinze mil trabalhadores, desses que se lastimam eternamente de não encontrarem trabalho, e em segredo pedem a Deus que lho não envie, foram mandados com pás, alviões e enxadas para a cidade de Paris, para transformar aquele plano num vale cercado por largo anfiteatro; mas aqueles quinze mil homens apenas tinham três semanas para concluir aquela obra de Titãs e ao cabo de dois dias de trabalho conheceram que lhes eram necessários três meses!

Além de que, talvez fossem mais bem pagos para não trabalhar do que para o fazer.

Então operou-se um milagre, pelo qual se pode julgar do entusiasmo parisiense. O imenso trabalho, que não podiam ou não queriam executar alguns milhares de trabalhadores preguiçosos empreendeu-o toda a população. No mesmo dia em que se espalhou a notícia de que o campo de Marte não estaria pronto a 13 de Julho, levantaram cem mil homens e disseram com a certeza que acompanha a vontade de um povo ou a vontade de Deus: “Há-de estar!”

Alguns deputados foram procurar o maire de Paris em nome daqueles cem mil obreiros, e

convencionaram que, para não prejudicarem os trabalhos do dia, trabalhariam de noite. E na mesma noite às sete horas, sentiu-se um tiro de artilharia que anunciava que estando concluído o trabalho do dia, ia começar a ocupação da noite.

E imediatamente, ao tiro da peça, o campo de Marte foi invadido pelas quatro faces, por uma turba entusiasta: pelo lado de Grenelle, pelo lado do rio, pelo lado do Gros-Caillou e pelo lado de Paris.

Cada qual trazia o seu instrumento, enxada, pá ou carrinho de mão.

Outros rolavam pipas cheias de vinho, acompanhados de rabecas, guitarras, tambores e flautins.

Todas as idades, todos os sexos, todos os estados estavam confundidos. Cidadãos, soldados, abades, cónegos, bonitas mulheres, vendedeiras, irmãs de caridade, atrizes, tudo manejava a enxada, empurrava o carrinho ou guiava a carroça. Os rapazes caminhavam na frente levando os archotes, as orquestras seguiam tocando toda a qualidade de instrumentos, e dominando toda aquela bulha, todo aquele alarido, todos aqueles instrumentos elevava-se o *Ça ira*, coro imenso, cantado por cem mil bocas, e ao qual respondiam trezentas mil vozes, que partiam de todos os pontos da França.

No número dos trabalhadores mais laboriosos, notavam-se dois, que tinham sido dos primeiros a chegar, e vestiam uniforme; um teria quarenta anos, era homem de membros robustos, mas de cara sombria.

Não cantava e mal falava.

O outro era rapaz de vinte anos, rosto franco e risonho, grandes olhos azuis, dentes brancos e cabelos louros; firmado nos grandes pés e nos grossos joelhos, levantava facilmente com as mãos grandes pesos, empurrava os carros, puxava as carroças, sem nunca parar, sem descansar, cantando sempre, observando com o canto do olho o companheiro, dizendo-lhe graças a que o outro de modo nenhum respondia, oferecendo-lhe um copo de vinho que ele rejeitava, voltando para o seu lugar, encolhendo tristemente os ombros e começando de novo a trabalhar como dez, e a cantar como vinte.

Aqueles dois homens eram deputados do novo departamento de Aisne, a dezoito léguas de Paris; ouvindo dizer que se carecia de braços, tinham corrido a toda a pressa para oferecerem um o seu silencioso trabalho, o outro a sua estrondosa e alegre cooperação.

Aqueles dois homens eram os nossos valentes e estimados conhecidos Billot e Pitou.

Digamos o que se passava em Villers-Cotterets durante a terceira noite da chegada deles a Paris; isto é, na noite de 5 para 6 de Julho, no mesmo momento em que os acabamos de ver, distinguindo-se entre os trabalhadores.

XXIX

Vê-se o que foi feito de Catarina, sem se poder saber o que lhe sucederá

Durante a noite de 5 para 6 de Julho, pelas onze horas, o Dr. Raynal, que acabava de se deitar com a esperança, tantas vezes iludida em cirurgiões e médicos, de dormir uma boa noite, foi acordado por três argoladas, dadas vigorosamente na porta.

Sabem que era costume do bom doutor, quando de noite lhe batiam ou tocavam à porta, ir ele pessoalmente, para se pôr mais depressa em contacto com as pessoas que tinham precisão dele.

Desta vez, como das outras, saltou da cama, enfiou o chambre, calçou as chinelas, e desceu o mais rápido possível a estreita escada.

Por mais diligente que fosse, pareceu naturalmente muito vagaroso ao nocturno visitante, porque tornara a bater, e desta vez sem conta, quando a porta se abriu.

O Dr. Raynal conheceu logo o mesmo laçao, que o fora chamar certa noite para o conduzir a casa do visconde Isidoro de Charny

- Oh! Oh! - disse o doutor - você por cá!... Isto não é uma censura; mas se seu amo foi outra vez ferido, convém que se acautele; não faz bem em passear por sítios em que chovem balas!

- Não, senhor, não é para meu amo, não é para nenhum ferimento: é para uma causa que também não admite demora... Acabe de vestir-se, que tem ali um cavalo à espera.

O doutor nunca gastava mais de cinco minutos em vestir-se; daquela vez, julgando pela voz do criado, e principalmente pela maneira de bater, que a sua presença era urgente, apenas consumiu quatro.

- Pronto - disse ele - tornando a aparecer quase no mesmo instante em que tinha desaparecido.

O criado, sem se apear, passou a rédea do cavalo ao Dr. Raynal, que montou imediatamente, e em lugar de voltar para a esquerda, ao sair de casa, como fizera da primeira vez, voltou para a direita seguindo o criado que lhe indicava o caminho.

Era pois para o lado oposto a Boursonnes que o conduziam desta vez.

Atravessou o parque, embrenhou-se no bosque, deixando Haramont à esquerda, e depressa se encontrou num sítio do bosque tão espesso, que era impossível ir mais longe a cavalo.

De repente um homem oculto atrás de uma árvore apareceu fazendo um movimento, e perguntou:

- É o doutor?

O doutor, que parara o cavalo ignorando as intenções do desconhecido, viu por estas palavras que era o visconde Isidoro de Charny, e respondeu:

- Sou eu sou... onde diabo me vai o Sr. visconde levar?

- Vai ver, doutor - disse Isidoro; - peço que se apeie e venha comigo.

O doutor apeou-se; começava a compreender.

- Ah! Ah! - disse ele - aposto que se trata de algum parto, Sr. visconde?

Isidoro apertou-lhe a mão.

- Sim, doutor, e por conseqüência promete-me guardar silêncio, não é assim?

Raynal encolheu os ombros como querendo dizer: "Oral! Tenho assistido a muitos!"

- Então venha por aqui - disse Isidoro, respondendo-lhe ao pensamento.

E no meio das árvores, por sobre folhas secas e ruidosas, perdidos entre as gigantescas faias, através da folhagem que se agitava e por meio da qual se via de vez em quando uma estrela, ambos desceram para uma profundidade onde os cavalos não podiam penetrar.

No fim de alguns instantes o doutor avistou o telhado da casa de Clouis!

- Oh! Oh! - disse ele - vamos porventura à cabana do bom Clouis?

- Não - disse Isidoro - mas perto dela...

E dando uma volta ao rochedo, conduziu o doutor à porta de uma pequena casa de tijolos próxima da cabana do velho guarda, tão unida que se podia acreditar, e acreditava-se efectivamente nos arredores, que o bom do homem para maior comodidade juntara aquele apêndice à sua habitação.

É verdade que, além de se ver ali Catarina, que jazia na cama, ficar-se-ia surpreendido ao primeiro volver de olhos que se lançasse sobre o aposento.

As paredes eram forradas de papel, cortinas de estofos da mesma cor do papel pendiam das janelas; entre estas estava um elegante espelho, por baixo do qual havia um toucador com todos os utensílios de porcelana, seguiam-se duas cadeiras e uma pequena biblioteca; tal era o interior quase confortável, como se diria hoje, que se oferecia à vista, ao entrar no pequeno quarto.

Mas a vista do bom doutor não se demorou nisso. Vira a mulher deitada no leito, e apressou-se a socorrê-la.

Assim que viu o doutor, Catarina ocultou o rosto entre as mãos, que todavia não podiam abafar-lhe os soluços, nem encobrir-lhe as lágrimas.

Isidoro aproximou-se e chamou-a: ela lançou-se-lhe nos braços.

- Doutor - disse o mancebo - confio-lhe a vida e a honra daquela, que hoje não é mais do que a minha amante, mas que espero seja um dia minha mulher.

-Oh! Como és bom, meu caro Isidoro, em me dizeres semelhantes coisas, quando sabes que uma pobre rapariga como eu nunca poderá ser viscondessa de Charny; mas nem por isso to agradeço menos... Sabes que preciso forças, e queres dar-mas; está sossegado, que terei coragem! E a primeira, a maior que preciso ter, é a de lhe mostrar o rosto descoberto, caro doutor, e oferecer-lhe a mão. - E estendeu-a para o Dr. Raynal.

Uma dor, mais violenta do que as que até então tinha sentido, contraiu a mão de Catarina no momento em que o Dr. Raynal lhe tocava.

Este fez sinal a Isidoro, que compreendeu ser o momento chegado.

O mancebo ajoelhou junto do leito da doente e murmurou:

- Catarina, minha querida filha, sem dúvida deveria ficar aqui ao pé de ti para te amparar e animar, mas tenho medo que as forças me falem... Entretanto, se o desejas...

Catarina passou o braço à roda do pescoço de Isidoro, e beijou o amante.

- Vai - disse ela - vai... Agradeço-te que me ames tanto que não possas ver-me sofrer.

Isidoro chegou os lábios aos da pobre criança, apertou mais uma vez a mão do Dr. Raynal e saiu.

Por espaço de duas horas errou como essas sombras, de que fala Dante, que não podem parar para descansar um instante, e que, se param, são novamente impelidas por um demónio, que as fere com o seu tridente de ferro. A todo instante, depois de um círculo maior ou menor voltava à porta, atrás da qual se verificava o doloroso mistério do parto; mas quase ao mesmo tempo um grito dado por Catarina chegava-lhe aos ouvidos, picava-o como o tridente de ferro do condenado, e forçava-o a tomar o seu curso errante, afastando-se sem cessar daquela porta, para onde imediatamente voltava.

Finalmente, ouviu a voz do doutor e outra mais doce e mais fraca que o chamavam. Em dois pulos chegou à porta, que estava aberta, encontrando no limiar o excelente doutor com um robusto menino nos braços.

- Ah! Isidoro - disse Catarina - agora sou duplamente tua; como mãe e como amante!

Oito dias depois, à mesma hora, na noite de 13 para 14 de Julho, abria-se uma porta, dois homens conduziam numa liteira uma mulher e uma criança, que eram escoltadas por um mancebo a cavalo, recomendando aos condutores as maiores precauções; chegando à estrada real de Haramont a Villers-Cotterets, encontraram uma boa carruagem puxada por três cavalos para a qual subiram imediatamente a mãe e o filho.

O mancebo deu então algumas ordens ao criado, apeou-se, atirou-lhes as rédeas, e subiu também para a carruagem, que sem se demorar em Villers-Cotterets, e sem o atravessar, costeou unicamente o parque desde a Faisanderie até ao fim da rua Largny, e chegando aí tomou pela estrada de Paris, por onde seguiu a trote rasgado.

Antes de partirem o mancebo tinha deixado uma bolsa com dinheiro para o tio Clouis, e Catarina uma carta dirigida a Pitou.

O Dr. Raynal, respondera que vista a pronta convalescença da doente, e a boa constituição do menino, a viagem de Villers-Cotterets a Paris, podia, em uma carruagem, fazer-se sem inconveniente algum.

Foi em virtude desta segurança, que Isidoro decidiu a viagem, que de mais se tornava necessária pelo próximo regresso de Billot e Pitou.

Deus, que até um dado momento, vela sempre por todos aqueles que mais tarde parece abandonar, permitira que o parto se verificasse na ausência de Billot, que ignorava o asilo da filha, e de Pitou, que na sua inocência, nem sequer suspeitara da gravidez de Catarina.

Pelas cinco horas da manhã, a carruagem chegava à porta de Saint-Denis, mas não podia atravessar os boulevards por causa da imensa concorrência que havia ali, causada pela festa do dia.

Catarina deitou a cabeça fora da portinhola, mas recolheu-a imediatamente, dando um grito, e refugiando-se nos braços de Isidoro.

As duas primeiras pessoas que acabava de ver entre os confederados eram Billot e Pitou.

XXX

O dia 14 de Julho de 1790

O trabalho que de um plaine imenso devia fazer um extenso vale entre duas colinas, graças à cooperação de toda a gente de Paris, foi efectivamente acabado na noite de 13 de Julho.

Muitos trabalhadores, para ficarem certos de terem lugar no dia seguinte, dormiram lá como vencedores no campo da batalha.

Billot e Pitou foram juntar-se aos confederados, e tomaram lugar entre eles no Boulevard. O acaso fez que, conforme vimos, o lugar destinado para os deputados do departamento de Aisne, fosse justamente aquele onde parou a carruagem que conduzia a Paris Catarina e seu filho.

Todos vestiam os seus melhores fatos para receberem os queridos hóspedes. Quando souberam que os bretões, esses irmãos mais velhos da liberdade, chegavam, os vencedores da Bastilha foram ao seu encontro e receberam-nos.

Houve então os maiores transportes de desinteresse e patriotismo.

Os donos das hospedarias reuniram-se e de comum acordo em lugar de aumentarem os preços, baixaram-nos. Eram demonstrações de desinteresse.

Os jornalistas, esses ásperezos lidadores de todos os dias, que guerreiam incessantemente com as paixões, que aumentaram geralmente os ódios em lugar de os extinguir, que afastam os corações em lugar de os aproximar, pelo menos dois deles, Loustalot e Camilo Desmoulins, propuseram um pacto entre os escritores, renunciaram a toda a desinteligência e inveja, e prometeram não sentir outra emulação, além da do público.

Eis o patriotismo.

Infelizmente, a proposta deste pacto não encontrou eco na imprensa, e aí ficou tanto no presente como para o futuro, a título de utopia.

A assembléa pela sua parte, recebera uma porção do choque eléctrico, que movia a França como um tremor de terra. Alguns dias antes, sob proposta dos Srs. Montmorency e de Lafayette, aboliu a nobreza hereditária, defendida pelo abade Maury, filho de um remendão de aldeia.

Desde o mês de Fevereiro, começara por abolir a herança do mal; decidira a propósito da execução dos irmãos Agasse, condenados por falsários, que o cadafalso não reflectiria mais nem sobre os filhos, nem sobre os outros parentes do culpado.

Além disso, no mesmo dia em que a assembléa abolia a transmissão dos privilégios, como abolia a do mal, um alemão, homem das margens do Reno, o que mudara o nome de João Baptista pelo de Anacharsis, Anarcharsis Clootz, barão prussiano, nascido em Clèves, apresentou-se à entrada da sala como deputado do género humano: vinha acompanhado por uns vinte homens de todas as nações, com os seus trajes nacionais, todos proscritos, e vinha pedir em nome dos povos, únicos soberanos legítimos, o seu lugar na confederação.

Foi imediatamente designado um lugar para o *orador do género humano*.

Do outro lado a influência de Mirabeau fazia-se sentir todos os dias. Graças ao poderoso campeão, a corte adquiria partidários, não só na direita, senão também na esquerda. Devido a ele, a assembléa votou, diremos que quase com entusiasmo, vinte e quatro milhões de lista civil para el-rei, e uma dotação de quatro milhões para a rainha.

Era pagar generosamente a ambos os duzentos e oito mil francos de dívidas, que tinham pago pelo eloquente tribuno, e as seis mil libras de renda, que lhe davam por mês.

Apesar disso Mirabeau não parecia haver-se enganado com o espírito das províncias: os federados que foram recebidos por Luís XVI, traziam a Paris grande entusiasmo pela Assembléa

Nacional, mas ao mesmo tempo traziam a religião da realeza. Agitavam os chapéus na presença do Sr. Bailly gritando: “Viva a nação!” mas ajoelhavam diante de Luís XVI, e depunham-lhe as espadas aos pés, gritando: “Viva el-rei!”

Infelizmente o rei, pouco poético, pouco cavalheiroso, respondia mal a todos esses transportes de dedicação.

A rainha, desgraçadamente, muito altiva, muito lorena, se assim se pode dizer, não avaliava como mereciam esses testemunhos do coração.

Depois, a pobre senhora tinha alguma coisa de sombrio no pensamento, alguma coisa de parecido com as manchas escuras que ofuscam a face do Sol.

Essa tristeza, essa nuvem que lhe obscurecia o coração era a ausência de Charny; de Charny que, podendo ali estar presente, se deixava ficar junto do Sr. de Boillé.

Quando viu Mirabeau, lembrou-se a título de distracção de mostrar-se amável para com ele; aquele génio poderoso lisonjeava-lhe o amor-próprio real e feminino, ao curvar-se-lhe aos pés; mas o que é o génio para o coração? Que importam as paixões, os triunfos do amor-próprio, as vitórias do orgulho?... Primeiro que tudo, em Mirabeau, a rainha, com os olhos de mulher só via o homem material, o homem com a sua obesidade doentia, as faces enrugadas, os olhos vermelhos, a garganta rouca. Comparou-o imediatamente com Charny, o elegante mancebo, na flor da idade, no auge da beleza, com o seu brilhante uniforme, que lhe dava ar de príncipe dos combates: ao passo que Mirabeau com o seu fato, mal se parecia, quando o génio lhe não animava a poderosa figura, com um cónego disfarçado. Encolheu os ombros, e deu um profundo suspiro; com os olhos vermelhos pelas vigílias e pelas lágrimas, tentou atravessar o espaço, e com voz dolorosa e entrecortada pelos soluços, murmurou: “Charny! Oh! Charny!”

Que importavam àquela mulher, nesse momento, as populações reunidas a seus pés! Que lhe importavam as ondas humanas impelidas como o mar pelos quatro ventos celestes, vindo quebrar-se nos degraus do trono gritando: “Viva el-rei! Viva a rainha!” Uma voz conhecida, que lhe murmurasse ao ouvido: “Maria, nada mudou em mim, Antonieta, amo-al!” essa voz far-lhe-ia acreditar que nada efectivamente mudara em volta dela, e conseguia mais para a satisfação do seu coração e para a serenidade da sua frente, que todas essas promessas, que todos esses juramentos!

Enfim, o dia 14 de Julho chegou impassivelmente, trazendo consigo os grandes e pequenos acontecimentos, que fazem ao mesmo tempo a história dos humildes e dos poderosos, do povo e da realeza.

Como se aquele desdenhoso dia 14 de Julho ignorasse que tinha de alumiar um espectáculo novo e esplêndido, raiou com a fronte coberta de nuvens, soprando asperamente o vento e chovendo.

Mas a propriedade do povo francês é caçar com tudo, mesmo com a chuva que cai nos dias de festa.

Os guardas nacionais parisienses e os confederados das províncias, reunidos nos boulevards desde as cinco horas da manhã, e mortos de fome, riam e cantavam.

É verdade que o povo de Paris não podia livrá-los da chuva, mas teve a idéia de lhes matar a fome.

De todas as janelas começaram a descer, por meio de cordas, pães, presuntos e garrafas de vinho.

Fez-se imediatamente outro tanto em todas as ruas por onde passavam.

Durante o caminho, cento e cinquenta mil pessoas tomaram lugar nas elevações do Campo de Marte, e outras tantas por detrás delas.

Quanto aos anfiteatros de Chaillot e de Passy, estavam cheios de espectadores, cujo número era impossível precisar.

Magnífico circo! Gigantesco anfiteatro! Esplêndida arena! Onde se verificou a confederação da França, e onde um dia será a confederação do universo.

Que vejamos ou não essa festa, que importa! Os nossos filhos hão-de vê-la, há-de vê-la todo o mundo!

Um dos grandes erros do homem é acreditar que o mundo se fez para a sua curta existência, e contudo, o que são estas cadeias de existências infinitamente curtas, efêmeras e quase invisíveis, excepto à vista de Deus, que constituem o *tempo*, isto é, o período mais ou menos longo, durante o qual a Providência, essa ísis de peitos quadruplicados, que vigia sobre as nações, trabalha na sua obra misteriosa e prossegue na sua incessante génese.

Decerto que quantos ali estavam acreditavam conservar segura pelas asas a fugitiva deusa que chamam liberdade, que só foge e desaparece para tornar a aparecer cada vez mais ativa e mais brilhante.

Enganaram-se, como se enganaram os seus filhos quando acreditaram que a tinham perdido.

Por isso, que alegria, que confiança em toda aquela multidão, tanto na que esperava assentada ou de pé, como na que, passando a ponte de Chaillot, entrava no Campo de Marte pelo arco de triunfo.

À proporção que se sucediam os batalhões dos confederados, gritos de entusiasmo, e talvez de admiração, em presença daquele espectáculo que ofuscava a vista, gritos lançados pelo coração se escapavam de todas as bocas.

Com efeito, nunca espectáculo semelhante ferira a vista do homem.

O Campo de Marte, transformado como por encanto, um plaino em menos de um mês tornado numa arena de uma légua de circunferência!

Nas escarpas quadrangulares daquele vale estavam trezentas mil pessoas assentadas ou de pé!

No centro, o altar da pátria, para o qual davam acesso quatro escadas correspondentes às quatro faces do obelisco que o terminava.

Em cada ângulo do monumento grandes turíbulos, queimando o incenso que a Assembléia Nacional decidira que dali em diante só se queimaria para Deus.

Em cada uma das faces havia inscrições, que anunciavam ao mundo que o povo francês era livre, e convidavam as outras nações à Liberdade...

Oh! Grande alegria de nossos pais! Foi para vós tão viva, tão profunda, tão real, que os sobressaltos por ela produzidos chegaram até nós.

Entretanto o Céu estava falando como um antigo augúrio.

A cada momento grandes chuviros, rajadas de vento e nuvens sombrias: - 1793 - 1814 - 1815!

Depois de vez em quando, no meio de tudo isto, um Sol brilhante: - 1830 - 1848!

O profeta que fosse predizer o futuro àquele milhão de homens, como seria recebido!

Como os gregos recebiam Calchas, como os Troianos recebiam Cassandra!

Diante do edifício da escola-militar levantaram-se tribunas.

Essas tribunas, cobertas de panos, em que tremulavam bandeiras tricolores, eram reservadas para a rainha, em primeiro lugar, para a corte e para a Assembléia Nacional.

Dois tronos iguais que se elevaram a três pés de distância um do outro, eram destinados para el-rei e para o presidente da Assembléia.

O rei nomeado, *somente nesse dia*, chefe supremo e absoluto das guardas nacionais de França, transmitira o comando ao Sr. de Lafayette.

Lafayette estava pois nesse dia feito generalíssimo-condestável de seis milhões de homens armados.

A fortuna dele tinha pressa de chegar ao cume; maior do que ele, não podia tardar a declinar e a extinguir-se.

Nesse dia chegou ao seu apogeu; mas como essas aparições nocturnas e fantásticas, que excedem a pouco e pouco todas as proporções humanas, só tinha engrandecido desmedidamente para se desfazer em vapores, esvaecer-se e desaparecer.

Mas durante a confederação, tudo era real e tudo tinha o poder da realidade.

Povo que devia dar a sua demissão, rei cuja cabeça havia de cair, generalíssimo a quem as

quatro patas do cavalo haviam de conduzir ao desterro.

Todavia debaixo da chuva fria das rajadas de vento tempestuosas, à claridade desses raios, não de sol, mas de dia, que se filtra através da abóbada sombria de nuvens, os confederados entravam no imenso circo pelas três aberturas do arco do triunfo; em seguida, depois da sua vanguarda, para assim dizer, perto de vinte e cinco mil homens desdobrando-se em duas linhas circulares para abrangerem os contornos do circo, vinham os eleitores de Paris; depois os representantes da comuna, finalmente a Assembléia Nacional.

Todas essas corporações, que tinham os seus lugares reservados nas tribunas encostadas à escola militar, formavam uma linha recta que apenas se abria para rodear o altar da pátria, reunindo-se depois como antes, e tocava já com a cabeça nas tribunas, quando ainda a cauda da imensa serpente estendia a última dobra até ao arco do triunfo.

Atrás dos eleitores, dos representantes da comuna e da Assembléia Nacional, vinha o resto do cortejo; confederados, deputações militares e guardas nacionais.

Cada departamento trazia como distintivo a sua bandeira envolvida, cercada, nacionalizada, por esse grande círculo de bandeiras tricolores, que dizia ao coração e aos olhos estas duas palavras, as únicas com que os povos, obreiros de Deus, fazem as grandes coisas - *Pátria! Unidade!*

Ao mesmo tempo que o presidente da Assembléia Nacional subia para a sua cadeira, subia o rei também à sua, e a rainha tomava lugar na tribuna.

Ai! Pobre rainha! A sua corte era pequena; as suas melhores amigas tiveram medo e abandonaram-na. Talvez que, se soubessem que o rei tinha obtido, graças ao conde de Mirabeau, vinte e cinco milhões de dotação, e a rainha quatro milhões, voltassem algumas; mas ignoravam-no completamente.

Quanto àquele que em vão procurava com os olhos, Maria Antonieta sabia que não era ouro, nem o poder que o atraíam para ela.

Ao menos, na sua ausência quis descansar a vista sobre um amigo fiel e dedicado.

Perguntou onde estava o Sr. Isidoro de Charny, e o motivo por que, tendo a realza tão poucos partidários no meio de tão grande multidão, não estavam os seus defensores no seu lugar em volta do rei, ou aos pés da rainha.

Ninguém sabia onde estava Isidoro de Charny, e quem respondesse à rainha que naquele momento, ele conduzia uma obscura camponesa, sua amante para uma casa de campo construída na encosta da montanha de Bellevue, far-lhe-ia decerto encolher os ombros de piedade, se não lhe tivesse apertado o coração pelo ciúme.

Quem sabe se na realidade a herdeira dos Césares não teria dado trono e coroa, não teria consentido em ser uma camponesa obscura, filha de um pobre lavrador, para ser ainda amada de Olivier, como Catarina o era de Isidoro?

Sem dúvida eram estes pensamentos que lhe perturbavam o espírito, quando Mirabeau, notando um desses olhares, metade raio do Céu, metade relâmpago de tempestade, não pôde abster-se de declamar em voz alta:

- Mas, em que pensará a feiticeira?

Se Cagliostro tivesse ouvido estas palavras, talvez lhe respondesse:

“Pensa na fatal máquina que lhe mostrei no castelo de Taverney numa garrafa, e que reconheceu um dia nas Tulherias sob a pena do Dr. Gilberto”.

E ter-se ia enganado o grande profeta, que raras vezes se enganava.

Pensava em Charny ausente e no amor extinto.

E isto no meio do ruído de quinhentos tambores, e de dois mil instrumentos músicos, que mal se ouviam entre os gritos de: “Viva o rei! Viva a lei! Viva a nação!”

De repente, tudo se calou.

O rei estava assentado, bem como o presidente da Assembléia Nacional.

Duzentos padres, vestidos de alvas brancas, caminhavam para o altar, precedidos pelo bispo de Autun, o Sr. de Talleyrand, o patrono de todos os prestadores de juramentos passados,

presentes e futuros.

Subiu os degraus do altar com o pé coxo, o Mefistófeles esperava o Fausto, que devia aparecer no dia 13 vindemário.

Uma missa celebrada pelo bispo de Autun! Esquecíamos isto no número dos maus presságios.

Foi neste momento que a tempestade redobrou: dir-se-ia que o Céu protestava contra aquele falso sacerdote, que profanava o santo sacrifício da missa, dando por tabernáculo ao Senhor um peito, que tantos perjúrios deviam manchar para o futuro.

As bandeiras dos departamentos e as tricolores, próximas do altar, faziam-lhe um cinto flutuante, que o vento sudoeste desenrolava, agitando-lhe as mil cores.

Celebrada a missa, o Sr. de Talleyrand desceu alguns degraus, abençoou a bandeira nacional e as dos oitenta e três departamentos.

Depois começou a santa cerimónia do juramento.

Lafayette jurava primeiro, em nome dos guardas nacionais do reino.

O presidente da Assembléia Nacional jurava em segundo lugar, em nome da França.

Lafayette apeou-se, atravessou o espaço que o separava do altar, subiu os degraus, tirou a espada, colocou a ponta sobre o livro do Evangelho, e com voz firme e segura, disse:

- Juramos ser sempre fiéis ao rei, à nação e à lei!... Manter, com todo o nosso poder a constituição jurada pela Assembléia Nacional, e aceita pelo rei... proteger, conforme as leis, a segurança das pessoas e das propriedades, a circulação dos géneros e alimentos para o interior do reino, a recepção das contribuições públicas, debaixo de qualquer forma que existam... permaneceremos unidos a todos os franceses pelos laços indissolúveis da fraternidade!

Estabeleceu-se grande silêncio durante este juramento.

Terminada a cerimónia, cem peças de artilharia dispararam ao mesmo tempo, e deram o sinal aos departamentos vizinhos.

Então, de toda a cidade fortificada, partiu um imenso relâmpago seguido desse trovão ameaçador inventado pelos homens, e que, se a superioridade se mede pelo dano, venceu há muito tempo o de Deus.

Como os círculos produzidos por uma pedra lançada no meio de um lago, e que vão alargando até chegarem à borda, cada círculo de chama, cada estrondo da tempestade aumentava caminhando do centro para a circunferência, de Paris para a fronteira, do coração da França para os países estrangeiros.

O presidente da assembléia levantou-se também, cercado por todos os deputados, e disse:

- Juro ser fiel à nação, à lei, ao rei, e manter com todo o meu poder a constituição decretada pela Assembléia Nacional e aceita pelo rei!

Apenas acabou, brilhou outra chama, sentiu-se outro trovão, que retumbou em diferentes ecos para as extremidades da França.

Chegou a sua vez ao rei.

Levantou-se.

Silêncio! Escutem todos com que voz pronuncia o juramento nacional aquele que, ao prestá-lo, o estava traindo.

Cuidado, senhor! A nuvem rompe-se, o Céu abre-se e o Sol brilha.

O Sol é o olho de Deus e Deus está-vos vendo!

- Eu, rei dos franceses - disse Luís XVI – juro empregar todo o poder que me delegou a lei constitucional do estado, manter a constituição decretada pela Assembléia Nacional e aceita por mim, e fazer executar as leis!

Oh! Senhor, senhor, por que razão ainda desta vez não quisestes jurar no altar?

O dia 21 de Junho responderá ao 14 de Julho; Varennes dará a chave do enigma do campo de Marte...

Mas, falso ou verdadeiro, não deixou de fazer brilhar a chama e sentir-se o ruído dos canhões.

As cem peças ribombaram, como tinham feito por Lafayette e pelo presidente da Assembléia, e a artilharia dos departamentos transmitiu pela terceira vez o ameaçador anúncio aos reis da Europa:

“Acautelai-vos, a França vela! Acautelai-vos, ela quer ser livre! e como aquele embaixador romano, que trazia numa das pregas do manto a paz ou a guerra, está pronta a sacudi-lo sobre o mundo!”

XXXI

Aqui dança-se

Havia uma hora de grande alegria para aquela multidão.

Mirabeau esqueceu-se um pouco da rainha. Billot esqueceu Catarina e o rei retirou-se no meio das aclamações de todo o povo.

A assembléia passou à sala das sessões, acompanhada pelo mesmo cortejo.

Quanto à bandeira dada pela cidade de Paris aos veteranos do exército, foi decretado, segundo diz a *História da Revolução*, escrita por dois amigos da liberdade, que ficaria às abóbadas da Assembléia, como um momento, para os futuros legisladores, feliz época que acabavam de celebrar, e como *um emblema próprio para lembrar ao exército que deve ser submisso aos dois poderes, que não podem defraudá-la sem mútua intervenção*.

Chapellier, sob cuja proposta foi publicado este decreto, preveria acaso os dias 27 de Julho, 24 de Fevereiro e 2 de Dezembro?

Chegou a noite. A festa da manhã tinha sido no Campo de Marte; a festa da noite foi na Bastilha.

Oitenta e três árvores — tantas quantos eram os departamentos — representaram, cobertas de folhas, as oito torres da fortaleza, em cujos alicerces estavam plantadas; cordões de luz corriam de árvore em árvore; no meio elevava-se um mastro gigantesco, tendo uma bandeira em que se lia a palavra *liberdade*; junto dos fossos, numa cova aberta de propósito, estavam enterrados os ferros, as cadeias, as grades da Bastilha, e o famoso baixo relevo de relógio que representava escravos presos. Além disso tinham deixado abertos e alumiados de uma maneira lúgubre os cárceres, que tinham absorvidos tantas lágrimas, e escutado tantos gemidos; finalmente, quando atraído pela música que soava por entre a folhagem, até ao sítio onde fora outrora o pátio interior, encontrava-se uma sala de baile brilhantemente alumiada, por cima da entrada da qual se liam estas palavras, que eram o cumprimento da predição de Cagliostro:

Aqui dança-se

A uma das mil mesas, que em volta da Bastilha estavam postas, e debaixo da sombra improvisada que representava a fortaleza, quase tão exactamente como as pequenas pedras lavradas pelo arquitecto Palloy, estavam sossegadamente assentados dois homens reparando as forças esgotadas por um dia inteiro de marchas, contramarchas e manobras.

Tinham diante de si um enorme salpicão, um pão de quatro arrâteis e duas garrafas de vinho.

- Ah! Pela minha honra - disse, bebendo de um trago o conteúdo do seu copo, o mais moço dos dois homens, que trazia vestido o uniforme de capitão da guarda nacional - enquanto o outro, mais velho, pelo menos o dobro, trazia o de confederado - pela minha honra, é uma bela coisa comer quando há fome, e beber quando se tem sede!

E acrescentou depois de uma pausa:

- Mas o senhor não tem fome, nem sede, tio Billot?

- Já comi e já bebi - respondeu ele: - agora só tenho fome e sede de uma coisa...

- De quê?

- Eu to direi, amigo Pitou, quando chegar a hora de me assentar à mesa...

Pitou não notou malícia na resposta de Billot, que tinha comido e bebido pouco, apesar da fadiga do dia, e *da fome que fazia*, como ele dizia; mas desde a partida de Villers-Cotterets para Paris, e durante os cinco dias, ou antes as cinco noites de trabalho no Campo de Marte, Billot tinha igualmente comido e bebido pouco. Pitou sabia que certas indisposições, sem serem perigosas, roubam momentaneamente o apetite às organizações mais robustas, e todas as vezes que notara o pouco que Billot comia, perguntava-lhe, como agora, por que não comia, pergunta a que Billot respondia que não tinha fome, deixando Pitou satisfeito.

Porém, havia uma coisa que contrariava Pitou; não era a sobriedade do estômago de Billot; cada um pode comer pouco ou muito; além de que, quanto menos comia, mais ficava para Pitou; o que dava que cismar ao excelente moço era a sobriedade de palavras do rendeiro.

Quando Pitou comia acompanhado gostava de falar; tinha notado que a palavra, quando não prejudicasse o engolir, ajudava a digestão, e esta descoberta tinha lançado raízes tão fortes no seu espírito que, quando comia só, cantava.

A menos que não estivesse triste.

Mas Pitou não tinha motivos para estar triste, pelo contrário!

O seu viver em Haramont, desde certo tempo, tinha-se tornado muito agradável.

Viram que Pitou amava, ou antes adorava Catarina. Convido o leitor a aceitar a palavra literalmente. Ora o que é necessário ao italiano, ou ao espanhol, que adora a madona? Vê-la, ajoelhar-se diante dela, e adorá-la.

Que fazia Pitou?

Chegada a noite, partia para a pedra Clouise, via Catarina, ajoelhava diante dela e adorava-a.

E a mocinha, reconhecida pelo imenso serviço, que ele lhe prestava, fazia-lhe todas as vontades; as suas vistas porém, estavam noutra parte muito mais longe dali e mais alta.

Somente, de tempos a tempos, despertava na alma do excelente moço um pequeno sentimento de ciúme quando trazia do correio uma carta de Isidoro para Catarina, ou quando levava para lá alguma de Catarina para Isidoro.

Mas em todo o caso esta situação era incomparavelmente melhor que a que experimentara na herdade, quando, à volta de Paris, Catarina, reconhecendo em Pitou um demagogo, um inimigo dos nobres e dos aristocratas, o pusera na rua, dizendo-lhe que já não havia na herdade trabalho para ele.

Pitou, que ignorava a gravidez de Catarina, não duvidava de que aquela situação devesse durar eternamente.

Por isso deixara Haramont com grande mágoa, mas obrigado pelo seu posto superior a dar o exemplo de zelo, despedira-se de Catarina, recomendando-a ao tio Clouis, e prometendo voltar o mais breve possível.

Pitou nada deixara portanto atrás de si que devesse torná-lo triste. Em Paris nada acontecera, que pudesse fazer-lhe nascer no coração um tal sentimento.

Encontrara o Dr. Gilberto, a quem dera a conta do emprego dos seus vinte e cinco luíses; o Dr. Gilberto fez-lhe presente de outros vinte e cinco para serem aplicados, não exclusivamente às necessidades da guarda nacional, mas também às dele.

Pitou tinha aceitado simples e sinceramente os vinte e cinco luíses.

Uma vez que o Dr. Gilberto, que para ele era um Deus, lhos dava, não havia mal algum em recebê-los.

Quando Deus dava a chuva ou sol, nunca Pitou se lembrara de tomar um guarda-chuva ou um guarda-sol para se livrar dos dons de Deus.

Não, aceitava uma e outra coisa; como as flores, as plantas e as árvores, e dera-se sempre bem.

E demais, depois de ter pensado um instante, Gilberto havia levantado a sua bela cabeça pensativa e dissera-lhe:

- Creio, meu querido Pitou, que Billot tem muitas coisas a contar-me; não quererias tu, enquanto converso com Billot, ir fazer uma visita ao Sebastião?

- Oh! Decerto, Sr. Gilberto - exclamou Pitou batendo as palmas como uma criança - tinha bastante vontade de o fazer, mas não me atrevia a pedir-lhe licença. Não é que eu não tivesse muitas saudades do meu querido Sebastião.

Gilberto reflectiu ainda um instante.

Depois pegando numa pena, escreveu algumas palavras num papel, que dobrou em forma de carta e sobrescreveu para o filho.

- Aqui tens, aluga um trem e vai ter com Sebastião; provavelmente, pelo que lhe escrevo, há-de ir contigo fazer uma visita; acompanhá-lo-ás aonde tem de ir, não é assim, meu caro Pitou? E esperá-lo-ás à porta. Talvez te faça esperar uma hora ou mais; mas eu conheço a tua condescendência: pensarás que me obsequias e não te aborrecerás.

- Não, senhor, fique descansado - disse Pitou - que eu nunca me aborreo, Sr. Gilberto. Além disso, munir-me-ei em qualquer padeiro de um bom pedaço de pão, e se me aborrecer, esperando no trem, comerei.

- Ótimo meio! - respondeu Gilberto: - mas Pitou (isto é um conselho higiénico, ajuntou ele sorrindo), não é bom comer pão seco e faz bem beber quando se come.

- Então - replicou Pitou - comprarei também um bocado de presunto e uma garrafa de vinho.

- Bravo! - exclamara Gilberto.

E assim animado com esta aprovação, Pitou descera, metera-se num fiacre, fizera-se conduzir ao colégio de Saint-Louis, pergantara por Sebastião, que passeava no jardim, pegara-lhe ao colo como Hércules em Telefo, e abraçara-o muito à sua vontade; depois, tornando a pô-lo no chão, entregara-lhe a carta do pai.

Sebastião primeiro beijou a carta com o grato respeito e terno amor que dedicava ao pai; depois, passado um instante de reflexão, perguntou:

- Pitou, meu pai não te disse que devias acompanhar-me a alguma parte?

- Disse, sim, se tu lá quiseses ir...

- Sim, sim - disse vivamente o mancebo; - sim, quero, e dirás a meu pai que aceitei com ardor.

- Bom! - disse Pitou - parece que é alguma parte onde acharás prazer?

- É um sítio onde ainda não fui senão uma vez, Pitou; mas sinto-me bem feliz em lá voltar!

- Nesse caso - disse Pitou - basta prevenir o abade Bérardier de que saís... Temos lá em baixo à porta um fiacre, e vens comigo.

- Pois bem! Então, para não perdermos tempo, meu querido Pitou - disse o mancebo - leva tu mesmo ao abade este bilhetinho de meu pai... Entretanto arranjar-me-ei um pouco melhor, e irei ter contigo ao pátio.

Pitou levou o bilhetinho ao director dos estudos, tomou um *exeat* e desceu ao pátio.

A entrevista com o abade Bérardier produziu em Pitou certa satisfação de amor próprio: dera-se a conhecer pelo pobre aldeão de capacete, armado, com sabre, e ligeiramente privado de calções, que no mesmo dia célebre da tomada da Bastilha, havia já um ano, tão grande impressão causara naquele colégio ao mesmo tempo pelas armas que trazia e pelo vestuário que não trazia. Agora apresentava-se com chapéu de três bicos, trajando casaca azul de forro branco, calção curto, e dragonas de capitão nos ombros; agora apresentava-se com essa confiança em si mesmo que dá a consideração que nos outorgam os nossos concidadãos; agora, finalmente, como deputado da confederação, tinha direito a toda a espécie de atenções.

Por isso o abade Bérardier teve para Pitou as maiores atenções.

Quase ao mesmo tempo que Pitou descia a escada, vindo do aposento do director dos estudos, Sebastião descia do seu quarto, que era ao lado.

Era mais do que uma criança; Sebastião era um rapaz encantador de dezesseis para

dezessete anos, e cujos cabelos castanhos lhe emolduravam o rosto, cujos olhos azuis lançavam as primeiras chamas juvenis, douradas como os raios do Sol que desponta.

- Pronto, Pitou - disse ele todo radiante e alegre; - Vamo-nos.

Ângelo Pitou olhou-o com uma alegria, misturada de tão grande admiração, que Sebastião foi obrigado a repetir as suas palavras.

A segunda vez Pitou seguiu o amigo.

Chegados à grade da entrada, Pitou dizia a Sebastião:

- Olha! Bem sabes que ignoro para onde vamos; portanto dá tu a indicação ao cocheiro.

- Fica descansado! - respondeu Sebastião.

E dirigindo-se ao cocheiro, disse-lhe:

- Rua Coq-Héron n.º 9, no primeiro portão, entrando pela rua Coquillière.

Esta indicação nada adiantava a Pitou que subiu para o fiacre depois de Sebastião, e sem fazer a menor observação.

- Mas, meu querido Pitou - disse Sebastião - se a pessoa que vou procurar estiver em casa, é provável que lá me demore uma hora ou talvez mais.

- Não te dê isso cuidado, meu Sebastião - disse Pitou, abrindo muito a boca para rir estrondosamente - tudo está... Cocheiro, pára!

Com efeito, passavam por diante de um padeiro; o cocheiro parou o fiacre; Pitou apeou-se, comprou um pão de dois arráteis e tornou a subir para o fiacre.

Um pouco mais adiante, Pitou mandou-o parar pela segunda vez.

Era defronte de um armazém de vinhos.

Pitou apeou-se, comprou uma garrafa de vinho e tornou para o seu lugar, ao lado de Sebastião. Finalmente, Pitou mandou ainda parar terceira vez.

Era em frente de um salsicheiro.

Pitou comprou um quarto de presunto.

- Bom! - disse ele; - agora vai sem parar à rua Coq-Héron; tenho tudo que me é necessário.

- Está bom - disse Sebastião - compreendo o teu plano, e agora já estou inteiramente descansado...

O fiacre rodou até à rua Coq-Héron, e só parou no n.º 9.

À medida que se aproximavam desta casa, Sebastião parecia tomado de uma agitação febril, que ia sempre aumentando. Pusera-se em pé dentro do fiacre, deitava a cabeça pelo postigo e gritava ao cocheiro que andasse mais depressa, sem que esta ordem, é necessário dizê-lo para a sua honra e dos seus dois sendeiros, fizesse com que o fiacre seguisse com mais velocidade.

- Vamos! Cocheiro, depressa!

Contudo, como todas as coisas têm de chegar ao seu destino e alcançar o seu fim, o regato ao ribeiro, o ribeiro ao rio e o rio ao oceano, o fiacre chegou à rua Coq-Héron, e parou, como já dissemos, defronte do n.º 9.

Imediatamente, sem esperar que o cocheiro o ajudasse, Sebastião abriu a portinhola, abraçou Pitou mais uma vez, e saltou ao chão, bateu vivamente à porta que se abriu, perguntou ao porteiro pela Sr^a. condessa de Charny, e antes que este lhe respondesse, correu para o pavilhão.

O porteiro que viu um belo rapaz e bem vestido, não procurou detê-lo, e como a condessa estava em casa, contentou-se com fechar a porta depois de se ter certificado de que ninguém seguira o interessante moço, nem com ele pretendia entrar.

No fim de cinco minutos, durante os quais Pitou encetava com a sua navalha o quarto de presunto, conservava entre os joelhos a garrafa aberta, e com o maior apetite comia o pão mole de côdea rija, a portinhola do fiacre abriu-se, e o porteiro, com o boné na mão, dirigiu a Pitou as seguintes palavras, que este lhe fez repetir segunda vez:

- A Sr^a. condessa de Charny manda pedir ao Sr. capitão Pitou que lhe faça a honra de

entrar em casa, em lugar de esperar pelo Sr. Sebastião no fiacre, pois lá estará mais comodamente.

Como dissemos, Pitou fez repetir ao porteiro o seu recado; mas como da segunda vez já não podia duvidar do sentido dele, viu-se obrigado, o que lhe custou um suspiro, a engolir o que ainda conservava na boca, pôs sobre o papel em que viera embrulhado a parte do presunto que já separara do todo, e colocou em segurança a sua garrafa a um canto do fiacre, para que o vinho se não entornasse.

Depois, ainda todo espantado da aventura, seguiu o porteiro.

Mas a sua admiração redobrou ainda mais quando viu que era esperado na saleta por uma bela senhora, que apertava Sebastião contra o peito, e que, estendendo a mão, lhe disse:

- Sr. Pitou, acaba de me dar um prazer tão grande e tão inesperado, trazendo-me aqui o Sebastião, que quis pessoalmente agradecer-lho.

Pitou olhava e balbuciava, mas não fazia caso da mão da bela senhora que estava estendida para ele.

- Pega nessa mão beija-a, Pitou - disse Sebastião - minha mãe dá-te licença.

- Tua mãe? - disse Pitou.

Sebastião fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Sim, sua mãe! - respondeu Andréia com o olhar radiante de alegria; - sua mãe, a quem o trouxe depois de uma ausência de nove meses! Sua mãe, que só o viu uma vez, e que, esperando que ainda lho tornará a trazer mais vezes, não quer ter segredos para com o senhor, bem que este possa ser a sua perdição, se for descoberto.

Sempre que se dirigiam ao coração ou à lealdade de Pitou, podia-se estar certo de que o excelente moço perdia imediatamente toda a sua perturbação e hesitação.

- Oh! Senhora - exclamou ele, pegando na mão que lhe estendia a condessa de Charny, e beijando-a, - esteja descansada, o seu segredo fica aqui.

E levantando-se, colocou com certa dignidade a mão no coração.

- Agora - continuou a condessa - meu filho disse-me que o Sr. Pitou, ainda não almoçou... Entre na casa de jantar, enquanto eu converso com o Sebastião (concede este favor a uma mãe, não é assim?); almoçará e recobrará o tempo perdido.

E saudando Pitou com um desses olhares que nunca concedera aos ricos senhores da corte de Luís XV ou de Luís XVI, levou consigo Sebastião, atravessando a sala até ao quarto da cama, deixando Pitou ainda bastante aturdido, esperando na casa de jantar a execução da promessa que fizera.

Passados alguns instantes, foi cumprida a promessa; colocaram na mesa duas costeletas, um frango frio e um copo de doce, acompanhado de uma garrafa de Bordéus, de um copo de pé de cristal de Veneza, fino como a cambraia, e de uma ruma de belos pratos de porcelana da China.

Apesar da elegância do serviço, não nos atrevemos a afirmar que Pitou não sentisse saudades do seu pão de dois arrátéis, do presunto e da garrafa de verde.

No momento em que encetava o frango, depois de ter devorado as duas costeletas, abriu-se a porta da casa de jantar, e apareceu um nobre mancebo em traje de corte disposto a atravessar a casa de jantar para chegar à sala.

Pitou levantou a cabeça, e o jovem abaixou os olhos: ambos se conheceram ao mesmo tempo e ao mesmo tempo fizeram estas duas exclamações de reconhecimento:

- O Sr. visconde de Charny!

- Ângelo Pitou!

Pitou levantou-se; o coração palpitava-lhe violentamente; ao ver o mancebo, recordara-se das comoções que experimentara com mais veemência.

Quanto a Isidoro, ao ver Pitou, recordou-se somente das obrigações que Catarina lhe dissera dever ao excelente moço.

Ignorava, e nem tal coisa lhe passava pela idéia, a existência do amor profundo que Pitou nutria por Catarina, amor a que Pitou tivera a coragem de ir beber a sua dedicação. Por isso foi

direito a Pitou, no qual apesar do uniforme e das dragonas, só via o aldeão de Haramont, o trabalhador da Mata-dosLobos e o moço da herdade de Billot.

- Ah! É o Sr. Pitou - disse ele - estimo muito encontrá-lo para lhe dar todos os meus agradecimentos pelos serviços que nos prestou.

- Sr. visconde - disse Pitou com voz bastante firme, conquanto sentisse tremerem-lhe todos os membros. - esses serviços fi-los à menina Catarina e a ela só.

- Sim, até ao momento em que soube que eu a amava... Depois desse momento devo tomar parte no agradecimento desses serviços, e como tanto em receber as minhas cartas, como em fazer construir a pequena casa da pedra Clouise, deve ter feito desembolsos...

E Isidoro meteu a mão à algibeira, como para interrogar por uma acção a consciência de Pitou.

Mas este deteve-o, dizendo com uma dignidade própria das pessoas de educação esmerada:

- Senhor, presto serviços quando posso, mas nunca espero que mos paguem... Demais, repito, esses serviços fi-los à menina Catarina... A menina Catarina estima-me; se julgar que me deve alguma coisa, ela própria ajustará essa dívida comigo. Mas o senhor nada me deve, porque tudo quanto fiz foi por amor dela e nada por sua causa... portanto nada tem que me oferecer.

Estas palavras, e principalmente o tom com que foram pronunciadas, impressionaram Isidoro. Talvez fosse por isso, e só então, que reparou que quem as proferia vestia uniforme com as dragonas de capitão.

- Perdão, Sr. Pitou - continuou Isidoro, inclinando levemente a cabeça - alguma coisa lhe devo, e tenho alguma coisa que oferecer-lhe: devo-lhe os meus oferecimentos, e portanto ofereço-lhe a minha mão, e esperando me dará o gosto de aceitar tanto aqueles, como esta.

Havia uma tal nobreza de maneiras na resposta de Isidoro, e no gesto que a acompanhou, que Pitou, vencido, estendeu a mão e tocou com as extremidades dos dedos nos de Isidoro.

Neste momento a condessa de Charny apareceu no limiar da porta da sala.

- Sr. visconde - disse ela - pediu para me falar... eis-me aqui.

Isidoro cumprimentou Pitou, e acompanhou a condessa para a sala.

Porém, ao tempo que ia para empurrar a porta da sala, sem dúvida para ficar só com a condessa, Andréia seguiu a porta, que ficou entreaberta.

Visivelmente era esse o desejo da condessa.

Pitou pôde ouvir o que se dizia na sala.

Notou que a porta da sala, que ficava em frente da que dava para a casa de jantar, e que era a do quarto da cama, estava também aberta de modo que, ainda que não visse Sebastião poderia ouvir o que se ia dizer entre a condessa e o visconde, tão bem como Pitou.

- O Sr. visconde quis falar-me - disse a condessa ao cunhado. - Posso saber a que devo a felicidade da sua visita?

- Minha senhora - disse Isidoro - recebi ontem notícias de Olivier; como nas outras cartas que dele tenho recebido, encarrega-me de depor aos pés da condessa as suas saudades, e seria bem feliz, me diz ele, se recebesse notícias suas, quer se digne de encarregar-me de uma carta para ele, quer simplesmente dos seus cumprimentos.

- Senhor - disse a condessa - ainda até hoje não pude responder à carta que o Sr. de Charny me escreveu ao partir, porque não sei onde está, mas aproveitar-me-ei de boa vontade do seu intermédio para lhe apresentar os deveres de uma esposa submissa e respeitosa. Portanto, amanhã, se se quiser encarregar de uma carta para o Sr. de Charny, estará pronta.

- Queira então escrevê-la - respondeu Isidoro - mas em lugar de a vir buscar amanhã, fá-lo-ei dentro de cinco ou seis dias... Tenho absoluta necessidade de fazer uma viagem; ignoro o tempo preciso que poderá durar, mas apenas voltar, virei apresentar-lhe as minhas homenagens e receber as suas ordens.

E Isidoro saudou a condessa, que lhe retribuiu; e sem dúvida lhe indicou outra saída porque, ao retirar-se, não atravessou a casa de jantar, onde Pitou, depois de ter dado conta do

frango bem como das duas costeletas, começava a entrar pelo doce.

A compoteira do doce estava despejada havia muito tempo e tão limpa como o copo, pelo qual Pitou acabava de beber as últimas gotas da garrafa de Bordéus, quando a condessa tornou a aparecer com Sebastião.

Seria difícil reconhecer a severa menina de Taverney, ou a grave condessa de Charny, naquela mãe com os olhos resplandecentes de alegria, a boca aformoseada por um inefável sorriso, que aparecia encostada ao filho; as pálidas faces tinham retomado, sob a acção de lágrimas de uma doçura desconhecida e pela primeira vez derramadas, uma cor rosada, que admirava à própria Andréia, a quem o amor maternal, isto é metade da existência de uma mulher restituíra o vigor durante essas duas horas passadas com o filho.

Cobriu ainda outra vez de beijos a cara de Sebastião, depois entregou-o a Pitou, apertando a mão áspera do excelente moço entre as suas mãos brancas, que pareciam de mármore amolecido.

Pela sua parte, Sebastião apertava Andréia com o ardor que empregava em tudo o que fazia, e que pudera reter por um instante em sua mãe a imprudente exclamação que ela não pudera conter quando ele lhe falou de Gilberto.

Mas durante a solidão no colégio de Saint-Louis, durante os seus passeios no jardim, o encantador fantasma maternal tornava-lhe a aparecer, e o amor ia entrando pouco e pouco no coração do mancebo; de maneira que, quando Sebastião recebeu a carta, que lhe permitia ir, debaixo da vigilância de Pitou, passar uma ou duas horas com a mãe, essa carta viera preencher os mais secretos e mais ardentes desejos do mancebo.

Fora por delicadeza que Gilberto demorara por tanto tempo aquela entrevista; compreendia que, conduzindo ele mesmo Sebastião a casa de Andréia, roubar-lhe-ia com a sua presença metade da felicidade que lhe causaria a vista do filho, e mandando-o conduzir por outrem, que não fosse Pitou, esse bom coração, essa alma sincera, comprometia um segredo que não era seu.

Pitou despediu-se da condessa de Charny sem fazer uma única pergunta ou lançar um só olhar de curiosidade sobre o que o rodeava, e puxando por Sebastião, que, meio voltado para trás, enviava beijos à mãe, chegou ao fiacre, onde encontrou o pão, o bocado de presunto embrulhado num papel, e a garrafa de vinho encostada a um canto.

Tanto nisto como na sua partida de Villers-Cotterets, não havia nada que pudesse entristecer Pitou.

Nessa noite Pitou fora trabalhar para o Campo de Marte; voltara para lá no dia seguinte, e nos imediatos; recebera os cumprimentos do costume de Maillard, que o conhecera, e do Sr. Bailly a quem se dera a conhecer; tinha lá encontrado os srs. Elias e Hullin, vencedores da Bastilha, e vira sem inveja a medalha que traziam na lapela do casaco, e à qual ele e Billot tinham tanto direito como qualquer outro. Finalmente, chegado o notável dia, fora logo pela manhã tomar o seu lugar, juntamente com Billot na porta de Saint-Denis; desatara da extremidade de três cordas diferentes um presunto, um pão e uma garrafa de vinho; chegara à altura do altar da pátria, onde dançara uma farândola dando uma das mãos a uma atriz da ópera, e a outra a uma freira bernarda. À entrada do rei, retomara o seu lugar, e tivera satisfação de se ver representar por Lafayette, o que julgou ser uma grande honra para si; depois os juramentos prestados, os tiros de canhão, os vivas que retumbaram nos ares quando Lafayette passou no seu cavalo branco por entre as fileiras dos seus queridos camaradas, tudo ele vira, e tivera mesmo o prazer de ter sido conhecido pelo general, e de ter tido parte num dos trinta ou quarenta mil apertos de mão que Lafayette distribuíra nesse dia. Depois disto, abandonara o Campo de Marte com Billot, parara para ver os jogos, as iluminações e os fogos de artifício dos Campos-Elísios; depois costeara os baluartes; e, para nada perder dos divertimentos desse dia, em vez de se ir deitar como faria qualquer outro, a quem as pernas vergariam depois de uma tal fadiga, ele, que não sabia o que era estar fatigado, viera para a Bastilha, onde achara, na torre do canto, uma mesa desocupada, para a qual mandara vir, como dissemos, dois arrâteis de pão, duas garrafas de vinho

e um salpicão.

Para um homem que ignorava que, anunciando à Sr^a. de Charny uma ausência de sete ou oito dias, era em Villers-Cotterets que Isidoro os iria passar; para um homem que ignorava que, seis dias antes, Catarina, que ele deixara na pequena casa da pedra Clouise, dera à luz um rapaz; que chegara nessa manhã a Paris com Isidoro, e que dera um grito, escondendo-se no fundo da carruagem, ao vê-los a ele e a Billot, na porta de Saint-Denis, nada havia que causasse tristeza. Pelo contrário, naqueles trabalhos do Campo de Marte, naquele encontro com os srs. Maillard, Bailly, Elias e Hullin, na farândola dançada entre uma atriz e uma freira bernarda, no conhecimento de Lafayette e no aperto de mão que tivera a honra de receber dele, finalmente, naquelas iluminações, naqueles fogos de artifício, naquela Bastilha fictícia, e naquela mesa servida com um pão, um salpicão e duas garrafas de vinho, só podia haver motivo para alegria.

Só uma única coisa poderia entristecer Pitou, era a tristeza de Billot.

XXXII

A entrevista

Por isso, como se viu no capítulo antecedente, Pitou resolveu-se tanto para conservar a sua alegria, como para dissipar a tristeza de Billot, a dirigir-lhe a palavra.

- Ó tio Billot! - começou Pitou depois de um momento de silêncio, durante o qual parecia ter estado a fazer provisão de cartuchos - ó tio Billot, quem diabo poderia adivinhar, faz hoje exactamente um ano e dois dias, quando a menina Catarina me dava um luís, e cortava as cordas que me prendiam as mãos... com esta mesma faca, veja... quem se havia de lembrar que dentro de um ano e dois dias aconteceriam tantas coisas?

- Ninguém - respondeu Billot, sem que Pitou reparasse no olhar terrível que fuzilara dos olhos do lavrador, quando ele pronunciou o nome de Catarina.

Pitou esperou, para ver se Billot juntaria algumas palavras à frase lacónica com que acabava de responder, em troca de uma fala tão comprida, e que lhe parecia sofrivelmente bem elaborada.

Mas, vendo que Billot se conservava silencioso, Pitou, como o atirador, com quem o comparamos, tornou a carregar a sua arma, e disparando segunda vez, continuou pausadamente:

- Diga, pois, tio Billot, quem nos diria, quando corria atrás de mim nos campos de Ermenonville; quando estive quase a rebentar o Cadet, e a fazer-me rebentar também; quando me alcançou, quando se deu a conhecer, quando me fez montar na garupa do cavalo, quando mudou de cavalo em Dammartin para chegar mais depressa a Paris, quando chegámos para ver queimar as barreiras, quando fomos apartados no arrabalde de la Villet pelos kaiserlicks, quando encontrámos uma procissão que gritava: “Viva o Sr. Necker! E viva o duque de Orleans!”, quando teve a honra de levar uma das varas do andor em que iam os bustos dos dois grandes homens, enquanto eu procurava salvar a vida à Margot; quando o Real-Alemão atirou sobre nós na praça Vendome, e o busto do Sr. de Necker lhe caiu na cabeça; quando nós fugimos pela rua de Saint-Honoré, gritando: “Às armas! Assassina os nossos irmãos!” Quem nos diria que viríamos a tomar a Bastilha?

- Ninguém - respondeu o lavrador tão laconicamente como da primeira vez.

- Diabo! - exclamou Pitou consigo, depois de ter esperado um instante - parece que é resolução afincada... Vejamos, tentemos outra vez.

Depois de uma curta pausa, continuou em voz alta:

- Mas diga-me, tio Billot, quem pensaria, quando tomámos a Bastilha, que exactamente um ano depois dessa acção eu estaria capitão da guarda nacional, o senhor seria confederado, e cearíamos juntos, eu principalmente, numa Bastilha de verdura, plantada no mesmo lugar em que a outra estivera edificada? Heim!... quem o pensaria?

- Ninguém - repetiu Billot com um modo ainda mais sombrio que das duas primeiras

vezes.

Pitou conheceu que não havia meio de fazer falar o lavrador; mas consolou-se pensando que não perdera de modo nenhum o direito de falar só. Continuou, pois, deixando a Billot o direito de responder, se quisesse.

- Quando penso que há justamente um ano que nós entrámos na casa da câmara; que o senhor agarrou o Sr. de Flesselles... Pobre homem! Onde está ele?... Onde está a Bastilha?... Que agarrou o Sr. de Flesselles pelo colete; que o obrigou a dar-nos a pólvora e um bilhete para o Sr. de Launay; que depois de distribuída a pólvora, deixámos o Sr. Marat, que se dirigia aos Inválidos, para irmos à Bastilha; encontrámos o Sr. Gouchon, o Mirabeau do povo, como lhe chamavam... Sabe o que é feito do Sr. Gouchon, tio Billot?... heim! Sabe o que é feito dele?

Desta vez Billot limitou-se a negar com a cabeça.

- Não sabe? - continuou Pitou - nem eu tão-pouco... Talvez o mesmo que é feito da Bastilha, e o que é feito do Sr. de Flesselles... E o que será feito de todos nós! - juntou filosoficamente Pitou; *pulvis es et in pulverem reverteris!* Quando penso que foi pela porta que havia ali e que já não existe, que o senhor entrou depois de ter feito escrever pelo Sr. Maillard a célebre nota, que eu devia ler ao povo se não tornasse a aparecer! Quando penso que foi acolá, onde estão os ferros e as cadeias, naquela grande cova que parece um fosso, que o senhor encontrou o Sr. de Launay... Pobre homem! parece-me que o estou vendo ainda com a sua casaca gredelém, o seu chapéu de três bicos, a sua grã-cruz vermelha, e a bengala de estoque... Mais outro, que se foi juntar ao Sr. de Flesselles!... Quando penso que esse Sr. de Launay lhe mostrou a Bastilha de alto a baixo, lha fez estudar, lha fez medir... muralhas de trinta pés de grossura na base, de quinze de alto!... que subiu com ele às torres, e que até o ameaçou que se não tivesse juízo o precipitaria justamente consigo delas abaixo; quando penso que, descendo, lhe mostrou aquela peça de artilharia, que dez minutos depois me teria enviado para onde está o Sr. de Flesselles, o próprio Sr. de Launay, se eu não tivesse descoberto onde me encaixar!... Quando penso que ao voltar de ver tudo aquilo, o senhor disse, como se se tratasse de escalar um pinheiro, um pombal ou um moinho de vento: “Amigos! tomemos a Bastilha!” e que a tomámos, a famigerada Bastilha, e tão bem tomada, tio Billot, que nos vemos hoje assentados no lugar onde ela estava, comendo um salpicão e bebendo vinho de Borgonha, no mesmo sítio onde era a torre chamada *Berthaudière*, e onde estava o Sr. Dr. Gilberto... Singular coisa! e quando penso em toda aquela inferneira de gritos, de bulha, de algazarra!... Olhe! - exclamou Pitou, - a propósito de bulha, que motim é esse, tio Billot?... Alguma coisa se passa, ou passa alguém... Todos correm... todos se levantam... Venha, tio Billot, venha!

Pitou levantou Billot, passando-lhe as mãos por baixo dos braços; e ambos, Pitou curioso e Billot indiferente, se dirigiram para o lado donde vinha o rumor.

O rumor era causado por um homem, que tinha o raro privilégio de o produzir por toda a parte por onde passava.

No meio desses rumores, distinguiram-se os gritos de “Viva Mirabeau!” soltados por esses peitos vigorosos que são os últimos a mudar de opinião a respeito dos homens a quem são dedicados.

Era com efeito Mirabeau, que trazendo uma mulher pelo braço, viera visitar a nova Bastilha, e que tendo sido conhecido, causava todo esse barulho. A senhora trazia um véu pelo rosto.

Outro que não fosse Mirabeau, assustar-se-ia com todo aquele tumulto, que arrastava após si, e principalmente depois de ouvir no meio dessa grande voz que o glorificava alguns gritos de tenebrosa ameaça, enfim, como os que seguiam o carro do triunfador romano, dizendo-lhe: “César, não esqueças que és mortal!”

Porém ele, o homem das tempestades, que semelhante à ave da procela, parecia só estar bem no meio do trovão e dos raios, atravessava todo este tumulto de cara alegre, olhar tranqüilo, gesto dominador e altivo, dando o braço àquela mulher desconhecida, que estremecia ao sopro da terrível popularidade do seu braceiro.

Sem dúvida, como Semeie, a imprudente quisera ver Júpiter, e o raio estava quase em ponto de a fulminar.

- Ah! O Sr. de Mirabeau! - disse Pitou; - está aqui o Sr. de Mirabeau? O Mirabeau dos nobres?... Lembra-se, tio Billot, que foi aqui, pouco mais ou menos, que vimos o Sr. Gouchon, o Mirabeau do povo, e o que lhe disse: “Não sei que tal é o Mirabeau dos nobres, porém o do povo acho-o feiíssimo!” Pois saiba que hoje, que os vi ambos, acho-os igualmente feios tanto um como outro... Mas isso não obsta a que prestemos homenagem ao grande homem.

E Pitou subiu a uma cadeira, e depois a uma mesa, pondo o chapéu na ponta da espada e gritando: “Viva o Sr. de Mirabeau!”

Billot não deixou escapar sinal algum de simpatia, ou de antipatia; cruzou simplesmente os braços no robusto peito e murmurou com voz sombria:

- Dizem que atraiçoa o povo!

- Ora! - exclamou Pitou - disse-se o mesmo de todos os grandes homens da antiguidade, desde Aristides até Cícero.

E com voz mais forte e sonora do que da primeira vez, gritou:

- Viva Mirabeau! - ao passo que o ilustre orador desaparecia, levando consigo aquele turbilhão de homens, de rumores e de gritos.

- É o mesmo - disse Pitou, saltando da mesa abaixo - estou contentíssimo por ter visto o Sr. de Mirabeau... Vamos acabar a nossa ceia, tio Billot.

E arrastou o lavrador para a mesa, onde os esperavam os restos do banquete, quase absorvido só por Pitou; viram então que uma terceira cadeira fora aproximada da mesa, e que nela estava assentado um homem que parecia esperá-los.

Pitou olhou para Billot, que mirava o desconhecido.

É verdade que aquele dia era de fraternidade, e que por conseqüência permitia certa familiaridade entre concidadãos; mas aos olhos de Pitou, que ainda não acabara a sua segunda garrafa, nem o salpicão, era aquela uma familiaridade quase tão grande como a do jogador desconhecido com o cavaleiro Grammont.

E ainda aquele a que Hamilton chama a *pequena abóbora*, pedia perdão ao cavaleiro de Grammont da “grande familiaridade” ao passo que o desconhecido de nada pedia perdão, nem a Billot, nem a Pitou, e, pelo contrário, olhava para eles com certo ar zombeteiro que parecia ser-lhe natural.

Billot não estava decerto de humor para suportar semelhante modo de olhar sem alguma explicação, porque avançou rapidamente para o desconhecido; porém, antes que o lavrador tivesse aberto a boca, ou feito um movimento, fizera-lhe ele um sinal maçônico, a que Billot respondera.

Aqueles homens não se conheciam, mas eram irmãos.

Demais, o desconhecido estava vestido de confederado como Billot. Apenas por certas modificações no vestuário, o lavrador conheceu que aquele que o trazia devia nesse mesmo dia ter feito parte de um grupo de estrangeiros, que acompanhavam Anacharsis Clootz, e que apresentara na festa a deputação que representava o género humano.

Depois do sinal feito pelo desconhecido, e correspondido por Billot, este e Pitou retomaram os seus lugares.

Billot inclinou a cabeça, em ar de saudação, ao passo que Pitou sorria graciosamente.

Contudo, como ambos pareciam interrogar com os olhos o desconhecido, foi este o primeiro que tomou a palavra, dizendo:

- Não me conhecem, irmãos, e contudo eu conheço-os a ambos.

Billot olhou fixamente para o desconhecido, e Pitou, mais expansivo, exclamou:

- Deveras, conhece-nos?

- Conheço-te, capitão Pitou - continuou o estranho; - conheço-te, lavrador Billot.

- É verdade! - disse Pitou.

- Porque motivo estás com esse modo sombrio, Billot? - perguntou o desconhecido; -

será acaso porque, vencedor da Bastilha, onde foste o primeiro a entrar, se esqueceram de te conceder a medalha de 14 de Julho e de te fazer hoje as honras que fizeram aos srs. Maillard, Elias e Hullin?

Billot sorriu com ar de desprezo, e respondeu:

- Se me conheces, irmão, deves saber que uma tal miséria não poderia entristecer um coração como o meu.

- Será então porque, com a generosidade da tua alma, foi em vão que quiseste opor-te aos assassinios de Launay, de Foulon e de Berthier?

- Fiz o que pude e na medida das minhas forças, para que esses crimes não fossem cometidos – disse Billot; - tenho tornado a ver muitas vezes nos meus sonhos as vítimas desses crimes nefandos, e nenhuma delas me acusou nunca.

- Será porque, depois do dia 6 de Outubro, voltando para a tua herdade, encontraste os celeiros vazios e as terras incultas?

- Sou rico, e portanto, pouco me importa a perda de uma colheita.

- Então - disse o desconhecido encarando com Billot - será porque tua filha Catarina...

- Silêncio! - disse o rendeiro agarrando no braço do desconhecido - não falemos mais nisso.

- E porque não? - disse o desconhecido - se te falo disso é que te quero auxiliar na tua vingança.

- Então - disse Billot empalidecendo e sorrindo-se ao mesmo tempo - então é outro caso... Falemos!

Pitou já não pensava nem em comer, nem em beber: olhava para o desconhecido como para um mágico.

- E - disse o desconhecido com um sorriso – a tua vingança, como a entendes, dize? É de uma maneira mesquinha, procurando matar um indivíduo como já quiseste fazer?

Billot empalideceu, tornou-se lívido; Pitou sentiu um estremecimento percorrer-lhe todo o corpo.

O desconhecido continuou:

- Será perseguindo toda uma raça?

- É perseguindo toda uma raça - disse Billot - porque o crime de um é o crime de todos, e o Sr. Gilberto, a quem me queixei, disse-me: “Pobre Billot, o que te acontece tem acontecido a cem mil pais! Que fariam os fidalgos moços se não roubassem as filhas do povo, e os velhos se não comessem o dinheiro do rei?”

- Ah! O Sr. Gilberto disse-te isso?

- Conhece-o?

O desconhecido sorriu e disse:

- Conheço todos os homens, como te conheço a ti, Billot, lavrador em Pisseleux, como conheço Pitou, o capitão da guarda nacional de Haramont, como conheço o visconde de Isidoro de Charny, senhor de Boursonnes, como conheço Catarina...

- Já te disse que não pronunciasses esse nome, irmão.

- Por quê?

- Porque já não se trata de Catarina.

- Então que é feito dela?

- Morreu!

- Morreu! - exclamou Pitou; - não, tio Billot, não morreu, pois que...

E sem dúvida, ia acrescentar: “pois eu vi onde ela está, e vejo-a todos os dias;” quando Billot repetiu com uma voz que não admitia réplica.

- Morreu!

Pitou inclinou-se; compreendera.

Catarina, viva talvez para os outros, morrera para o pai.

- Ah! Ah! - exclamou o desconhecido - se eu fosse Diógenes, apagaria a minha lanterna;

parece-me que encontrei um homem.

Depois, levantando-se em seguida e oferecendo o braço a Billot, disse:

- Irmão, vem dar uma volta comigo, enquanto este bom rapaz despeja a sua garrafa de vinho e acaba de comer o salpicão.

- De boa vontade - disse Billot - porque começo a compreender o que vens oferecer-me.

E dando um abraço ao misterioso desconhecido, disse a Pitou:

- Espera-me aqui que eu volto já.

- Mas veja, tio Billot - observou Pitou - que se se demora muito tempo, enfastio-me: só me resta meio copo de vinho, uma talhada de salpicão e uma dentada de pão.

- Está bem, meu bom Pitou - disse o desconhecido - sabe-se a força do teu apetite, e vou dar ordem para que te tragam com que te entretinhas, enquanto esperas por nós.

Com efeito, apenas o desconhecido e Billot desapareceram na esquina de uma das muralhas de verdura, outro salpicão, mais pão, e terceira garrafa de vinho adornaram a mesa de Pitou.

Pitou não percebia nada do que acabava de se passar; estava ao mesmo tempo admiradíssimo, e muito desassossegado.

Mas a admiração e o desassossego, como todas as comoções em geral formavam um vácuo no estômago de Pitou.

Portanto, Pitou experimentava, tal era a admiração e principalmente o desassossego, uma irresistível necessidade de fazer honra às provisões que acabavam de lhe trazer, e entregava-se a essa necessidade com todo o ardor que lhe conhecemos, quando Billot apareceu só e voltando silenciosamente, ainda que com a fronte esclarecida por um brilho que se assemelhava à alegria, a assentar-se à mesa defronte de Pitou.

- Então! - perguntou este ao lavrador - que há de novo, tio Billot?

- Há de novo, que amanhã partirás só.

- E então o senhor? - perguntou o capitão da guarda nacional.

- Eu? - disse Billot; - eu fico!

XXXIII

A loja da rua Platrière

Têm decorrido oito dias depois dos acontecimentos que acabamos de narrar. Se os nossos leitores querem encontrar alguns dos principais personagens da nossa história, personagens, que não só têm desempenhado um papel no passado, mas que também são destinados a desempenhar outro no futuro, é necessário colocarem-se na nossa companhia, junto daquela fonte da rua Platrière onde vimos Gilberto ainda criança e hóspede de Rousseau, molhar o seu pão duro. Uma vez ali chegados, vigiaremos e seguiremos um homem que não tardará a passar, e que conheceremos, não já pelo traje de confederado, que depois da retirada dos cem mil deputados enviados de todos os pontos da França não deixaria de atrair sobre quem o usasse maior soma de atenção do que deseja o nosso personagem; mas conhecê-lo-emos pelo seu traje simples, ainda que bom de um lavrador abastado dos arredores de Paris.

Será desnecessário dizer ao leitor que esse personagem é Billot, o qual caminha pela rua de Saint-Honoré, passa as grades do Palais-Royal, ao qual a volta recente do duque de Orleans, exilado durante oito meses em Londres, acabava de restituir todo o seu esplendor nocturno, toma à esquerda pela rua de Grenelle, e mete-se sem hesitar na rua Platrière.

Todavia, chegando justamente defronte do chafariz, onde o esperámos, pára e hesita; não porque lhe falte o ânimo (os que o conhecem sabem perfeitamente que, se o valente lavrador decidisse ir ao inferno, iria sem pestanejar), mas porque lhe faltam indícios.

Efectivamente, não é difícil ver, principalmente para nós que temos interesse em espiar-lhe os passos que ele examina cuidadosamente as portas, como homem que se não quer enganar.

Contudo, apesar deste exame, chegou quase a dois terços da rua, sem encontrar o que procura; mas aí a passagem está vedada pelos cidadãos, que estão parados em volta de um grupo de músicos, do centro dos quais se eleva a voz de um homem cantando canções adequadas às circunstâncias e acontecimentos da época; o que provavelmente não bastaria para excitar tão grande curiosidade, se uma ou duas coplas de cada canção, não fosse destinada a fazer brilhar as outras, por algum epigrama directo a respeito de algum indivíduo.

Há uma, entre outras, intitulada o *Picadeiro*, que faz soltar gritos de alegria à multidão. Como a Assembléia Nacional está estabelecida no antigo sítio do Picadeiro, não só os diferentes partidos da assembléia têm tomado as cores da raça cavalariça - pretos e brancos, alazões e baios - mas também as pessoas têm tomado nomes de cavalos: Mirabeau chama-se na canção o *Petulante*; o conde de Clermont-Tonnerre o *Espantadiço*; o abade Maury o *Manhoso*; Touret o *Fulminante*; Bailly o *Feliz*.

Billot detém-se um instante a escutar estes ataques mais atrevidos que espirituosos, depois chega-se para a parede e desaparece por entre os grupos.

Sem dúvida que no meio daquela multidão encontrou o que procurava, porque depois de ter desaparecido por um dos lados do grupo, não tornou a aparecer do lado oposto.

Vejamos, pois, seguindo Billot, o que estava oculto por esse grupo.

Uma porta baixa, que tinha por cima três letras, três iniciais feitas com giz vermelho, e que sendo naturalmente símbolo de reunião nessa noite, serão no dia seguinte apagadas.

As três letras são um L, um P e um D.

A porta parece ser do corredor de uma adega; descem-se alguns degraus, e depois segue-se um escuro corredor. Sem dúvida, este segundo indício harmonizava com o primeiro, porque depois de ter olhado com atenção para as letras, sinal de reconhecimento inútil para Billot que, como o leitor deve estar lembrado não sabia ler, o lavrador descera os degraus, contando-os à medida que os descia, e chegado ao oitavo metiera-se confiadamente pelo corredor.

No fim do corredor tremulava uma luz pálida; diante da luz, um homem assentado, lia ou parecia ler uma gazeta. Ao ruído dos passos de Billot, esse homem levantou-se, e com um dedo sobre o peito, esperou.

Billot mostrou-lhe igual dedo dobrado, e apoiou-o como um cadeado sobre a boca.

Era provavelmente o sinal de passe, esperado pelo misterioso porteiro, porque logo empurrou à direita, uma porta perfeitamente invisível quando estava fechada, e mostrou a Billot uma escada de degraus altos e estreitos, que se entranhava no terreno.

Billot entrou. A porta fechou-se sobre ele, rápida, mas silenciosa.

Desta vez o lavrador contou dezesseis degraus, e chegado ao último, apesar do silêncio a que parecia ter-se condenado, disse consigo, a meia voz:

Bom! Cheguei.

Um reposteiro tremia a alguns passos dele diante de uma porta; Billot foi direito ao reposteiro, levantou-o e achou-se numa grande sala circular e subterrânea, onde já se viam reunidas umas cinquenta pessoas.

Os nossos leitores já entraram e desceram a esta sala, há quinze ou dezesseis anos, seguindo os passos de Rousseau.

Como no tempo dele, as paredes estavam forradas de panos vermelhos e brancos, nos quais se entrelaçavam o compasso, o esquadro e o nível.

Uma única lâmpada, pendurada na abóbada, lançava uma pálida claridade que apenas esclarecia um pouco o meio do círculo, mas que não era bastante para alumiar aqueles que, desejando não ser conhecidos, se conservavam na circunferência.

Um estrado a que davam acesso quatro degraus, esperava os oradores e os candidatos, e na parte mais próxima da parede estava uma secretária e uma cadeira de braços, que aguardavam o presidente.

Em poucos momentos, a sala encheu-se a ponto de não se poder andar; eram homens de todos os estados e de todas as condições, desde o cortesão até ao príncipe, que chegavam um por

um, da mesma maneira que tinha chegado Billot, e que, sem se conhecerem ou desconhecendo-se, tomavam um lugar ao acaso, ou segundo o seu gosto.

Cada um desses homens trazia debaixo do casaco o avental maçónico, se era simplesmente maçom, ou a banda dos iluminados, se era ao mesmo tempo maçom e iluminado, isto é, sócio dos grandes mistérios.

Só três indivíduos não traziam este último distintivo e tinham apenas o avental maçónico.

Um era Billot, o outro um mancebo de vinte anos, o terceiro, enfim, um homem de uns quarenta e dois anos, que pelas maneiras parecia pertencer à mais elevada classe da sociedade.

Alguns segundos depois deste último ter entrado, sem que se fizesse pela chegada dele mais bulha do que pela do mais simples membro da associação, abriu-se uma porta oculta e o presidente apareceu, trazendo juntamente as insígnias do Grande Oriente e as de Grã-Copta.

Billot deu um grito de espanto: o presidente, diante do qual todas as cabeças se inclinaram, era o federado da praça da Bastilha.

Subiu vagarosamente o estrado e voltando-se para a assembléia, disse:

- Irmãos, temos duas coisas que fazer hoje. Tenho que receber três novos adeptos, e dar-vos conta dos meus trabalhos desde o dia em que os empreendi até hoje: porque, tornando-se os trabalhos cada vez mais difíceis, é preciso que saibais, se sou sempre digno da vossa confiança, e que eu saiba também se continuo a merecê-la. É recebendo de vós a luz, e enviando-vos-la, que posso prosseguir na estrada sombria e terrível em que estou embrenhado. Logo que os chefes da ordem fiquem sós nesta sala, procederemos à recepção, ou à rejeição dos três novos membros, que se apresentarão perante vós. Depois destes membros admitidos ou rejeitados, todos tomarão assento, desde o primeiro até ao último, porque é em presença de todos, e não só diante do círculo supremo, que quero expor a minha conduta, e receber censura ou receber reconhecimento.

A estas palavras abriu-se outra porta, oposta à que já se patenteara. Avistaram-se grandes profundidades abobadadas, semelhantes às criptas de uma antiga basílica, e a multidão retirou-se silenciosa, tal como uma procissão de espectros por debaixo das arcadas, apenas esclarecidas de espaço a espaço por lâmpadas de cobre, cuja luz mal bastava para tornar, como diz um poeta, as trevas visíveis.

Só três homens ficaram; eram os candidatos.

O acaso fazia com que eles estivessem encostados à parede, e portanto a distâncias quase iguais uns dos outros.

Olharam-se todos três com espanto, porque só então conheceram que eram os três heróis da sessão.

Nesse momento a porta por onde o presidente se retirara, tornou a abrir-se; seis homens mascarados entraram cada um por sua vez, e foram colocar-se em pé, três à direita e três à esquerda da cadeira.

- Os números 2 e 3 que se retirem por um instante - disse o presidente. - Só os chefes supremos devem conhecer os segredos da recepção ou da rejeição de um irmão maçom na ordem dos iluminados.

O mancebo e o homem da presença aristocrata retiraram-se pelo corredor por onde tinham entrado.

Billot ficou só.

- Aproxima-te - lhe disse o presidente, depois de um instante de silêncio, que tinha por fim dar aos outros dois profanos o tempo de se afastarem.

Billot aproximou-se.

- Qual era o teu nome entre os profanos?

- Francisco Billot.

- Qual é o teu nome entre os eleitos?

- Força.

- Onde recebeste a luz!

- Na loja dos Amigos da verdade, de Soissons.
- Que idade tens?
- Sete anos.

E Billot fez um sinal indicando que ocupava na ordem maçónica o grau de mestre.

- Porque desejas subir de grau e ser recebido entre nós?
- Porque me disseram que esse grau era mais um passo para a luz universal.
- Tens padrinhos?
- Nenhum, além daquele que veio ao meu encontro e se ofereceu para me fazer receber.

E Billot olhou fixamente para o presidente.

- Com que sentimento caminharás na estrada que queres fazer-te abrir?
- Com raiva aos poderosos, com o amor da igualdade.
- Quem nos responderá por esse amor da igualdade, e por essa raiva aos poderosos?
- A palavra de um homem que nunca faltou a ela.
- Quem te inspirou o amor da igualdade?
- A baixa condição em que nasci.
- Quem te inspirou essa raiva aos poderosos?
- É o meu segredo, e tu o sabes. Para que queres fazer-me repetir alto o que hesito em

dizer a mim mesmo muito baixo?

- Caminharás, empenhar-te-ás na medida da tua força e do teu poder em fazeres caminhar tudo o que te cerca nesta estrada de igualdade?

- Sim.

- Estás livre de qualquer promessa anterior, ou feita essa promessa, se ela for contrária à que acabas de nos fazer, estás pronto a rompê-la?

- Estou.

O presidente voltou-se para os seis chefes mascarados e continuou.

- Irmãos, este homem disse a verdade: fui eu que o convidei para ser dos nossos. Uma grande dor o liga à nossa causa, pela fraternidade do ódio. Tem já feito muito pela revolução, e pode ainda fazer mais. Declaro-me seu padrinho e respondo por ele tanto pelo passado, como pelo presente e futuro.

- Que seja recebido! - disseram imediatamente seis vozes como fundidas numa só.
- Ouves? - disse o presidente. - Estás pronto a prestar o juramento?
- Ditai-o - disse Billot - e repeti-lo-ei.

O presidente elevou a mão, e com voz pausada e solene, disse:

- Em nome do Crucificado, juras quebrar os laços carnis que te prendem ainda a pai, mãe, irmãos, mulher, parentes, amigos, amante, reis, benfeitores, e a todo e qualquer ente a quem tiveres prometido fé, obediência, gratidão ou serviço.

Billot repetiu as mesmas palavras que este dissera.

- Bom - disse o presidente - de ora em diante estás livre do pretendido juramento feito à pátria e às leis; jura, pois, revelar ao novo chefe, que reconheces, o que tiveres visto ou feito, lido ou ouvido, sabido ou adivinhado, e até indagar e espiar o que não se oferecer a teus olhos.

- Juro - repetiu Billot.

- Jura - continuou o presidente - honrar e respeitar o veneno, o ferro e o fogo como meios prontos, seguros e necessários para libertar o mundo, pela morte daqueles que buscam envilecer a verdade, ou arrancá-la das nossas mãos.

- Juro - repetiu Billot.

- Juras fugir de Nápoles, Roma, Espanha, de toda a terra maldita; juras fugir da tentação de revelar o que puderes ver e ouvir nas nossas assembléias, porque a tempestade não é mais pronta em ferir, do que será em te alcançar em qualquer lugar que estejas, porque o punhal invisível é inevitável.

- Juro - repetiu Billot.

- Agora - disse o presidente - vive em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Um irmão oculto na sombra abriu a porta da cripta em que passeavam, esperando que terminasse tríplice recepção, dos irmãos inferiores da ordem. O presidente fez um sinal a Billot, que se inclinou, e foi juntar-se com aqueles a quem o juramento terrível, que tinha pronunciado, acabava de o associar.

- O número 2 - disse o presidente em voz alta, logo que a porta se fechou sobre o novo candidato.

O reposteiro que encobria a porta do corredor levantou-se lentamente, e o mancebo vestido de preto entrou.

Deixou cair o reposteiro atrás de si, e parou no umbral, esperando que lhe dirigissem a palavra.

- Aproxima-te - disse o presidente.

Nós já o dissemos: era um mancebo de vinte e dois anos apenas, que, graças à sua pele branca e fina, teria podido passar por uma mulher. A enorme gravata apertada, que só ele trazia naquela época, podia fazer acreditar que o brilho e a transparência da pele não tinham por causa a pureza do sangue, mas ao contrário, alguma doença secreta ou oculta; apesar da sua elevada estatura, e da altura da gravata, o pescoço relativamente parecia curto; a fronte era baixa, e a parte superior da testa parecia deprimida. Resultava daí que os cabelos, sem serem mais compridos do que se trazem habitualmente sobre o rosto, tocavam quase nos olhos, e pela parte posterior da cabeça desciam quase até aos ombros. Além disso, havia em toda a sua figura uma firmeza automática, que fazia daquele moço, apenas na primavera da vida, um emissário do outro mundo, um deputado do sepulcro.

O presidente olhou para ele um instante com alguma atenção antes de começar o interrogatório.

Mas esse olhar, misturado de espanto e curiosidade, não pôde fazer baixar o olhar fixo do mancebo.

Esperava.

- Qual era o teu nome entre os profanos? – perguntou o presidente.

- António de Saint-Just.

- Qual é o teu nome entre os eleitos?

- Humanidade.

- Onde recebeste a luz.

- Na loja dos Humanitários, de Laon.

- Que idade tens?

- Cinco anos.

E o candidato fez um sinal, indicando que era companheiro na Franco-Maçonaria.

- Porque desejas subir um grau e ser recebido entre nós?

- Porque é da essência do homem aspirar às dignidades, e porque nas alturas o ar é mais puro e a luz mais brilhante.

- Tens algum modelo?

- O filósofo de Génova, o homem da natureza, o imortal Rousseau.

- Tens padrinhos?

- Tenho.

- Quantos?

- Dois.

- Quem são?

- Os dois Robespierre, o mais velho e o mais novo.

- Com que sentimento caminhas na estrada que queres fazer abrir-te?

- Com a fé.

- Onde deve essa estrada conduzir a França e o Mundo?

- A França à liberdade, o Mundo à isenção.

- Que darias para que a França e o Mundo chegassem a esse fim?

- A minha vida... É a única coisa que possuo, visto que já dei a minha fortuna.
- Assim tu caminharás e te empenharás, segundo a tua força e o teu poder, em fazer caminhar tudo o que te cerca nessa estrada de liberdade e isenção?

- Caminharei e farei caminhar tudo o que me cerca nessa estrada.
- Assim, conforme a tua força e o teu poder, destruirás todo obstáculo que encontrares no teu caminho?

- Destruí-lo-ei.
- Estás livre de qualquer promessa, ou se conservas alguma que seja contrária às que acabas de nos fazer, rompê-la-ás?

- Sou livre.

O presidente voltou-se para os seis homens mascarados, e disse:

- Irmãos, tendes ouvido?

- Sim - responderam ao mesmo tempo os seis membros do círculo superior.

- Diria a verdade?

- Sim - responderam eles.

- Consentis que seja recebido?

- Sim - disseram todos ao mesmo tempo.

- Estás pronto a prestar o juramento? – perguntou o presidente.

- Estou pronto.

Então, palavra por palavra, o presidente repetiu no seu tríplice período o mesmo juramento, que fora ditado a Billot.

E a cada pausa do presidente, Saint-Just, com voz firme e estridente, respondia.

- Juro!

Prestado o juramento, abriu-se a mesma porta e pela mão do irmão invisível, e com o mesmo passo firme e automático com que tinha entrado, Saint-Just retirou-se, não deixando evidentemente após si nem uma dúvida, nem uma saudade.

O presidente esperou que a porta do subterrâneo tivesse tempo de se fechar e em voz alta, disse:

- O número 3.

O reposteiro levantou-se outra vez e apareceu o terceiro candidato.

Este, já o dissemos, era um homem de quarenta a quarenta e dois anos, muito avermelhado, com rosto cheio de borbulhas, respirando em toda a sua pessoa, apesar destes sinais de vulgaridade, um ar aristocrático, a que se juntava um não sei quê de anglo-mania visível à primeira vista.

O vestuário, conquanto elegante, tinha alguma coisa de severidade que começava a adoptar-se em França, e cuja verdadeira origem procedia das relações que acabávamos de contrair com a América.

O passo, sem ser vacilante, não era seguro como o de Billot, nem firme como o de Saint-Just. Mas tanto no passo como em todo ele reconhecia-se certa hesitação, que parecia ser-lhe natural.

- Aproxima-te - disse o presidente.

O adepto obedeceu.

- Qual era o teu nome entre os profanos?

- Luís Filipe José, duque de Orleans.

- Qual é o teu nome entre os eleitos?

- Igualdade.

- Onde recebeste a luz?

- Na loja dos Homens Livres, em Paris.

- Que idade tens?

- Não tenho idade.

E o candidato fez um sinal maçónico indicando que estava revestido da dignidade de

Rosa-Cruz.

- Porque desejas ser recebido entre nós?
- Porque tendo sempre vivido entre os grandes, desejo finalmente viver entre os homens, porque tendo sempre vivido entre inimigos, desejo enfim viver entre irmãos.

- Tens padrinhos?

- Tenho dois.

- Como se chamam?

- Um o desgosto, o outro a raiva.

- Com que desígnio caminhas na estrada que queres se te abra?

- Com o desejo de me vingar.

- De quem?

- Daquele que me foi ingrato, daquele que me humilhou.

- Para chegar a esse resultado que darias?

- A minha fortuna! Mais que a minha fortuna, a minha vida! Muito mais que a minha vida, a minha honra!

- Estás livre de toda e qualquer promessa? Ou tendo alguma que seja contrária às que acabas de contrair, rompê-las-ias?

- Depois de amanhã todas as minhas ligações estarão quebradas.

- Irmãos, tendes ouvido? - disse o presidente voltando-se para os homens mascarados.

- Sim.

- Conheceis aquele que se apresenta para efectuar o trabalho connosco?

- Sim.

- E conhecendo-o sois de opinião que o recebamos nas nossas fileiras?

- Sim, mas que jure.

- Sabes qual é o juramento que te resta pronunciar? - perguntou o presidente ao príncipe.

- Não; mas dítai, e qualquer que seja, repeti-lo-ei.

- É terrível!... Especialmente para ti.

- Decerto que não será mais terrível do que os ultrajes que tenho recebido.

- Tão terrível, que depois de o teres ouvido, te declaramos livre para te retirares se duvidares de que, chegado o momento, o possas manter em toda a sua rigidez.

- Dítai-o.

O presidente cravou no candidato o seu olhar penetrante, depois, como se quisesse prepará-lo a pouco e pouco para a sanguinolenta promessa, transformou a ordem dos parágrafos, e começando pelo segundo, em lugar de começar pelo primeiro, disse:

- Jura honrar o ferro, o veneno e o fogo, como meios seguros, prontos e necessários para libertar o mundo, pela morte daqueles que buscaram envilecer a verdade ou arrancá-la das nossas mãos.

- Juro - disse o príncipe com voz firme.

- Jura - continuou o presidente - quebrar os laços carnis que te prendem ainda a pai, mãe, irmãos, irmãs, mulher, parentes, amigos, amante, rei, benfeitor, e a todo e qualquer ente a quem tiveres prometido fé, obediência, gratidão ou serviço.

O duque ficou um instante calado, e podia ver-se correr-lhe um suor frio pela fronte.

- Eu bem to havia dito - disse o presidente.

Mas em lugar de responder simplesmente Juro, como tinha feito no outro parágrafo, o duque, como se quisesse cortar todos os meios de retroceder, repetiu com voz sombria:

- Juro quebrar os laços carnis, que me prendem ainda a pai, mãe, irmãos, mulher, parentes, amigos, amante, rei, benfeitor, e a qualquer ente, a quem tiver prometido fé, obediência, gratidão ou serviço.

O presidente voltou-se para os seis homens mascarados, que olharam uns para os outros, vendo-se-lhes brilhar como relâmpagos os olhos através das aberturas das máscaras.

Depois, dirigindo-se ao príncipe, disse com a maior gravidade:

- Luís Filipe José, duque de Orleans, a partir deste momento, estás livre do pretendido juramento feito à pátria e às leis. Só não esqueças uma coisa, e é que se nos traíres, a tempestade não é mais pronta em ferir do que será em te alcançar, em qualquer lugar que te encontres, o punhal invisível... Agora, vive em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo!

E com a mão, o presidente mostrou ao príncipe a porta da cripta, que se abriu diante dele.

Este, como homem que acaba de levantar um fardo superior às suas forças, passou a mão pela frente, respirou com força e fez um esforço para levantar os pés do chão.

- Ah! - exclamou ele caminhando para a cripta. - Vingar-me-ei pois!...

XXXIV

Relatório

Ficando sós, os seis homens mascarados e o presidente trocaram algumas palavras em voz baixa.

Depois alto:

- Que sejam introduzidos todos - disse Cagliostro - estou pronto a dar as contas que prometi.

Logo que se abriu a porta, os membros da associação, que passeavam aos pares, ou falavam em grupos, entraram e encheram novamente a sala habitual das sessões.

Apenas a porta se fechou atrás do último irmão, Cagliostro, estendendo a mão, como homem que conhece o valor do tempo e não quer perder um segundo, disse em voz alta:

- Irmãos, alguns de vós assistiram sem dúvida a uma reunião que se verificou há quase vinte anos, a cinco milhas das margens do Reno, e duas da aldeia de Danenfels, numa das grutas do Monte Trovão. Se alguns de vós aí estavam que esses veneráveis sustentáculos da grande causa que nós abraçamos levantem o braço e digam: “Lá estava!”

Cinco ou seis braços se levantaram entre a multidão, e se agitaram por cima das cabeças.

Ao mesmo tempo, cinco ou seis vozes repetiram como tinha mandado o presidente.

- Lá estava!

- Bem; é o necessário - continuou o orador. - Os outros estão mortos, ou dispersos pela superfície do globo, trabalham na santa obra comum, por isso que é a obra de toda a humanidade. Há vinte anos, desta obra que vamos seguir em seus diversos períodos, o dia que nos esclarece estava ainda no seu nascente e os olhares mais firmes só viam o futuro através da nuvem, que unicamente os olhos eleitos podiam penetrar. Nessa reunião expliquei por que milagre a morte, que não é outra coisa para o homem senão o esquecimento dos tempos findos e dos acontecimentos passados, não existia para mim, ou antes, me havia, depois de vinte séculos, deitado trinta e duas vezes na sepultura, sem que os diferentes corpos, herdeiros efémeros da minha alma imortal, tenham sofrido este esquecimento que, como vo-lo tenho dito, é que é a verdadeira morte... Tenho, pois, podido seguir através dos séculos o desenvolvimento da palavra do Cristo, e ver os povos passarem lenta mas seguramente da escravidão para o cativeiro, do cativeiro para este estado de aspiração, que indubitavelmente precede a liberdade.

Como as estrelas da noite, que se apressam e antes do Sol posto brilham já no Céu, temos visto sucessivamente diferentes pequenos povos da nossa Europa gozarem a liberdade. Roma, Veneza, Florença, a Suíça, Génova, Pisa, Luca, Arezo, estas cidades do Meio dia, onde as flores se abrem mais depressa, e onde os frutos amadurecem mais cedo, fizeram, umas após outras, ensaios de repúblicas, das quais duas ou três têm resistido e afrontam ainda a liga dos reis. Todas essas repúblicas estavam e estão infeccionadas do pecado original: umas são aristocratas, outras oligárquicas e outras despóticas. Génova, por exemplo, uma das que sobrevivem, é marquesa; os seus habitantes, simples cidadãos entre si, fora das suas muralhas eram todos nobres. Só a Suíça tem algumas instituições democráticas; mas os seus imperceptíveis cantões, perdidos entre as

montanhas, não servem de exemplo nem de socorro algum ao género humano. Não era pois isso o que se nos tornara necessário, era-nos preciso um grande país que não recebesse o impulso, mas que o desse; uma roda imensa, à qual se prendesse a Europa; um planeta que, inflamando-se, pudesse alumiar o mundo!...

Um murmúrio de aprovação percorreu a assembléia. Cagliostro continuou como que inspirado.

- Interroguei Deus, o criador de todas as coisas, a causa de todo o movimento, a origem de todo o progresso, e vi que me apontava a França, católica desde o século II, nacional desde o século XVI, a França, que o Senhor apelidou sua filha primogénita, sem dúvida para ter o direito de nas grandes horas de dedicações a pôr na cruz da humanidade, como fez ao Cristo; finalmente, a França, depois de ter gasto todas as formas do governo monárquico, o feudalismo, a senhoria e a aristocracia, pareceu-nos a mais apta para receber e reflectir a nossa influência; guiados pelo raio celeste, como eram os israelitas pela coluna de fogo, decidimos que a França seria a primeira livre!

Lançai os olhos sobre a França de há vinte anos, e vereis que havia grande audácia, ou antes uma fé sublime em empreender nela semelhante obra. A França de há vinte anos estava ainda entre as mãos débeis de Luís XV; a França de Luís XVI era um grande reino aristocrata, em que todos os direitos eram para os nobres, todos os privilégios para os ricos. À testa deste Estado estava um homem, que representava ao mesmo tempo o que há de mais elevado e mais baixo, de maior e mais pequeno, Deus e o povo; esse homem podia, com uma palavra, fazer-vos rico ou pobre, feliz ou desgraçado, livre ou cativo, vivo ou morto; esse homem tinha três netos, três príncipes, chamados a suceder-lhe: o acaso fazia que aquele que fora designado pela natureza para seu sucessor, o fosse também pela voz pública, se naquele tempo havia voz pública. Diziam-no bom, justo, íntegro, desinteressado, instruído, quase filósofo. No intuito de acabar para sempre com essas guerras desastrosas, causadas na Europa pela fatal sucessão de Carlos II, escolheram-lhe para esposa a filha de Maria Teresa.

As duas grandes nações, que são o verdadeiro contrapeso da Europa - A França, na extremidade do Oceano Atlântico, a Áustria, na margem do mar Negro - iam ser indissolúvelmente unidas. Era o que tinha calculado Maria Teresa, a primeira política da Europa. Era pois nesse momento, em que a França, apoiada na Áustria, na Itália e na Espanha, ia começar um reinado novo, que escolhemos, não a França para fazer dela o primeiro dos reinos, mas os franceses para serem os primeiros dos povos... Perguntou-se, quem entraria nesse antro do leão; que Teseu cristão, guiado pela luz da fé, percorreria as veredas do imenso labirinto e afrontaria o Minotauro real. Respondi: "Eu!". Depois, como alguns espíritos ardentes, algumas organizações inquietas me perturbavam o tempo que me era necessário para cumprir o primeiro período da minha obra, que acabava de dividir em três secções, resolvi pedir vinte anos!...

Sobressaltaram-se! Compreendeis bem? Os homens eram escravos ou servos desde vinte séculos, e gritavam quando pedi vinte anos para os tornar livres!...

Cagliostro percorreu um instante a vista pela assembléia, onde as últimas palavras acabaram de provocar sorrisos irónicos.

- Por fim - prosseguiu - obtive os vinte anos... Dei a nossos irmãos a famosa divisa "*Lilia pedibus destrue*" e comeci o meu trabalho, convidando cada qual a fazer outro tanto.

Entrei em França à sombra dos arcos do triunfo; os louros e as rosas faziam uma estrada de flores e de folhagem desde Estrasburgo até Paris. Todos gritavam "Viva a Delfina! Viva a futura rainha!" Toda a esperança do reino estava na fecundidade do himeneu salvador. Entretanto não quero dar-me a glória da iniciativa, nem o mérito dos acontecimentos. Deus estava comigo, e permitiu que eu visse a mão que sustentava as rédeas do seu carro de fogo. Deus seja louvado... Afastei as pedras do caminho, lancei uma ponte sobre os rios, entulhei os precipícios, e o carro rodou! Eis aqui, irmãos, o que se tem executado em vinte anos:

Os parlamentos dissolvidos;

Luís XV, cognominado o *Muito Amado*, morrendo no meio do desprezo geral;

A rainha, sete anos estéril, dando à luz no fim desse tempo filhos contestados; atacada como mãe no nascimento do delfim e desonrada como mulher no célebre negócio do colar;

O rei, sagrado com o título de Luís o *Desejado*, posto à testa da realeza, e tão fraco em política como em amor: lançado de utopia em utopia até à bancarrota, de ministro em ministro, até ao Sr. de Calonne;

A assembléia dos notáveis do reino reunida e decretando os estados gerais;

Os estados gerais nomeados pelo sufrágio universal, declarando-se Assembléia Nacional;

A nobreza e o clero vencidos pelo terceiro estado;

A Bastilha tomada;

As tropas estrangeiras expulsas de Paris e de Versalhes;

A noite de 4 de Agosto mostrando à aristocracia o nada de nobreza;

Os dias 5 e 6 de Outubro mostrando ao rei e à rainha o nada da realeza;

O dia 14 de Julho de 1790 mostrando ao mundo a unidade da França;

Os príncipes tornados impopulares por causa da emigração;

O duque de Provença impopular pelo processo de Favras;

Finalmente, a constituição jurada no altar da pátria; o presidente da Assembléia Nacional assentado num trono igual ao do rei; a lei e a nação assentadas superiores a eles; a Europa atenta, que se inclina para nós, cala e espera; - todo o que não aplaude, trema!

Irmãos, a França será o que eu tinha dito que seria, isto é, a roda a que se vem prender a Europa, o sol que vai alumiar o mundo!

- Sim! Sim! - gritaram todas as vozes.

- Agora, irmãos - continuou Cagliostro - julgais porventura a obra tão adiantada que se possa abandonar a si mesma? Julgais que, jurada a Constituição; nos podemos fiar no juramento real?

- Não! Não! - gritaram todas as vozes.

- Então - disse Cagliostro - é o segundo período revolucionário da grande obra democrática, que é preciso empreender. Vejo com júbilo que aos vossos olhos, assim como aos meus a federação de 1790 não é um fim; não passa de uma trégua. Seja, a trégua está feita, o descanso está tomado; a corte voltou à sua obra de contra-revolução; preparemo-nos também, e metamo-nos novamente a caminho. Sem dúvida, que para corações timoratos há-de haver bastantes horas de inquietação, bastantes momentos de fraqueza, muitas vezes o receio que nos alumia parecerá apagar-se, a mão que nos guia parecerá abandonarmos mais uma vez, durante o longo período que nos resta percorrer, a partida parecerá arriscada, mesmo perdida, por qualquer incidente imprevisto, por qualquer acontecimento fortuito; tudo parecerá causar-nos perda; as circunstâncias desfavoráveis, o triunfo dos nossos inimigos, a ingratidão dos nossos concidadãos; muitos, e talvez dos mais conscienciosos, chegarão a perguntar a si mesmos, se depois de tantas fadigas reais e de tanta impossibilidade aparente, não se têm errado o caminho, e se não se meteram a má estrada. Não, irmãos, não, digo-lho agora, e que as minhas palavras soem eternamente nos vossos ouvidos, na vitória como hino de triunfo, na derrota como sinal de alarme! - Não, os povos condutores têm a sua missão santa, que devem providencialmente, fatalmente cumprir. O Senhor, que os guia tem as suas vistas misteriosas, que não se nos relevam senão no esplendor da sua execução. Muitas vezes, uma nuvem oculta-o aos nossos olhos, e julgamo-lo ausente; muitas vezes uma idéia recua e parece bater em retirada, quando pelo contrário como os antigos cavaleiros nos torneios da idade média, ganha terreno para enristar a lança e investir de novo o adversário, remozada e mais ardente. Irmãos, o fim a que tendemos é o farol aceso no cume da montanha; vinte vezes, durante a jornada, a desigualdade do terreno no-lo faz perder de vista, e julgamo-lo apagado. Então os fracos murmuram, lastimam-se, param, dizendo: “Não temos quem nos guie, caminhamos nas trevas, fiquemos onde estamos! Para que havemos de perder-nos?” Os fortes continuam, sorrindo confiados, e bem depressa o farol torna a aparecer para se extinguir e patentear-se novamente, e cada vez mais visível e mais brilhante, porque está mais próximo. É deste modo, isto é, lutando, perseverando, principalmente tendo fé,

que os eleitos do mundo hão-de chegar ao pé do farol salvador, cuja luz deve um dia alumiar não só a França, mas todos os povos... Juremos, pois, irmãos, juremos por nós e pelos nossos descendentes, porque muitas vezes a idéia ou o princípio eterno ocupam ao seu serviço muitas gerações; juremos pois por nós e pelos nossos descendentes, só pararmos quando tivermos estabelecido por toda a terra esta santa divisa de Cristo, da qual quase que conquistámos já a primeira parte: *Liberdade! Igualdade! e Fraternidade!*

As palavras de Cagliostro foram seguidas de aprovação unânime; mas no meio de gritos e bravos, caindo sobre o entusiasmo geral como as gotas de água gelada que caem na abóbada de um rochedo úmido sobre uma testa coberta de suor, fizeram-se ouvir estas palavras com voz forte e vibrante:

- Sim, juremos; mas antes explica-nos como entendes essas três palavras, para que nós, teus simples apóstolos, as possamos explicar depois de ti.

O olhar penetrante de Cagliostro sulcou a multidão, e foi alumiar como o raio de um espelho o rosto pálido do deputado de Arras.

- Seja - disse ele - escuta pois Maximiliano.

Depois, levantando ao mesmo tempo a mão e a voz para se dirigir à multidão, disse:

- Ouvi, todos!

XXXV

Liberdade! Igualdade! Fraternidade!

Houve na assembléia um desses silêncios solenes, que mostram a importância que se liga ao que se vai ouvir.

- Sim, tiveram razão em me perguntarem o que era a liberdade, a igualdade e a fraternidade... Vou dizer-vo-lo. Começemos pela liberdade, e primeiro que tudo, irmãos, não confundais a liberdade com a independência, não são duas irmãs que se assemelhem, são duas inimigas que se odeiam. Quase todos os povos que habitam em país montanhoso são independentes; não sei se se pode dizer, que um só, exceptuando a Suíça, seja verdadeiramente livre. Todos afirmarão que o calabrês, o corso e o escocês são independentes, ninguém ousará dizer que sejam livres. Que o calabrês seja ferido na sua fantasia, o corso na sua honra, o escocês nos seus interesses, não pode recorrer à justiça, por isso que não há justiça entre o oprimido; o calabrês recorre ao punhal, o corso ao estilete, e o escocês ao dirk; fere, o seu inimigo cai, e ele está vingado! É na montanha que acha um asilo, e à falta de liberdade, invocada em vão pelo homem das cidades, ele encontra a independência nas cavernas profundas, nos copados bosques, nas grandes elevações, isto é, a independência da raposa, da cabra e da águia. Mas águias, cabras e raposas impassíveis, invariáveis, indiferentes espectadoras do grande drama humano que se desenvolve à sua vista, são animais reduzidos só ao seu instinto e votados à solidão. A civilização primitiva, antiga, materna poderemos dizer, as civilizações da Índia, do Egipto, da Etrúria, da Ásia-menor, da Grécia e do Latium incluindo as suas ciências, religiões, artes e poesia, como um facho luminoso que têm agitado por cima do mundo, para alumiar do seu berço e em seu desenvolvimento a civilização moderna, tem deixado a raposa aos seus covis, as cabras às montanhas, as águias ao meio das nuvens. Para ele as nações nascem, engrandecem-se e morrem, mas não têm instrução. A Providência limitou-lhes o círculo das faculdades ao instinto da conservação individual, ao passo que Deus deu ao homem o conhecimento do bem e do mal, o sentimento do justo e injusto, o horror do isolamento, e o amor da sociedade. Eis aqui porque o homem, que nasceu solitário como a raposa, selvagem como a cabra, isolado como a águia, se reuniu em famílias, se juntou em tribos, se constituiu em povos. É que, como vo-lo tenho dito, irmãos, o indivíduo que se isola só tem direito à independência, ao passo que os homens que se reúnem têm direito à liberdade.

A Liberdade

Não é uma substância primitiva e simples como o ouro, é uma flor, um fruto, uma arte, um produto enfim; é preciso cultivá-la para que cresça e amadureça. A liberdade é o direito de fazer em benefício do próprio interesse, gosto, bem-estar, divertimento e glória, tudo o que não prejudica o interesse dos outros; é o abandono de uma parte da independência individual para restabelecer um fundo de liberdade geral, onde todos tirem por sua ordem igual quantidade. A Liberdade, enfim, é mais que tudo isto, é a obrigação, contraída à face do mundo, de não guardar a quantidade de conhecimentos, de progresso e de privilégios que se têm conquistado no círculo egoísta de um povo, de uma nação, de uma raça; mas, ao contrário de as espalhar a mãos cheias, seja como homem ou como sociedade, todas as vezes que um indivíduo pobre, ou que uma sociedade indigente vos pedir para participar do vosso tesouro. E não temais esgotar esse tesouro, porque a liberdade tem o privilégio de se multiplicar pela mesma prodigalidade, como a bacia dos grandes rios que regam a terra, e que tanto maior é nas nascentes, quanto mais abundantes são na foz. Eis o que é liberdade. Um maná celeste a que todos têm direito, e que o povo escolhido sobre quem ele cai deve repartir com todos os que reclamam a sua parte!... Tal é a liberdade, como eu a entendo - continuou Cagliostro, sem sequer se dignar responder directamente a quem o tinha interpelado. - Passemos à igualdade.

Um imenso murmúrio de aprovação se elevou até às abóbadas, abraçando o orador com essa carícia, a mais doce de todas, senão ao coração, pelo menos ao orgulho do homem, a popularidade!

Mas ele, como habituado a estas ovações humanas, estendeu a mão para reclamar silêncio.

- Irmãos - disse ele - a hora avança, o tempo é precioso, cada minuto posto à disposição dos inimigos da nossa santa causa, cava-nos um abismo debaixo dos pés, ou levanta um obstáculo no nosso caminho. Deixai-me pois dizer-vos o que é a igualdade, assim como vos disse o que é a liberdade.

Ouviram-se no fim destas palavras uns psius! multiplicados, depois profundo silêncio, no meio do qual a voz de Cagliostro se elevou clara, sonora e acentuada.

- Irmãos - disse ele - não vos faço a injúria de acreditar que um só entre vós, pela sedutora palavra igualdade, tenha entendido por um instante a igualdade da matéria e da inteligência. Não; sabeis perfeitamente que uma e outra igualdade repugnam à verdadeira filosofia, e que a mesma natureza tem decidido esta grande questão, colocando o hissope junto do carvalho, a colina junto da montanha, o regato junto do rio, o lago ao pé do oceano, a estupidez do lado do génio. Nenhum decreto do mundo dobrará o Chimborazo, o Himalaia ou o Monte Branco; não há resolução humana que consiga apagar a chama que arde na fronte de Homero, de Dante e de Shakespeare. Ninguém teve ainda idéia de que igualdade sancionada pela lei seria a igualdade material e física; que desde o dia em que esta lei fosse escrita nas tábuas da constituição, as gerações teriam a figura de Golias, o valor do Cid e o génio de Voltaire. Não; homens e massas, temos perfeitamente compreendido e devemos bem compreender que se trata pura e simplesmente de igualdade social. Então, irmãos, o que é a igualdade social?

A Igualdade

É a abolição de todos os privilégios transmissíveis; o livre acesso a todos os empregos, a todos os graus e a todas as dignidades; enfim, a recompensa concedida ao mérito, ao génio, à virtude, e não dote de uma geração. Assim o trono, supondo que exista um, não é, ou não será mais do que um lugar mais elevado, onde o mais digno poderá chegar, havendo graus inferiores onde, segundo o seu mérito, pararão os que forem dignos dos lugares secundários, sem que reis, ministros, conselheiros, generais, juizes se admirem sequer um instante, vendo-os chegar de qualquer ponto que tenham partido. Então realza ou magistratura, trono de monarca ou cadeira

de presidente, deixarão de ser a herança de uma geração para serem o resultado da - *Eleição*. Do mesmo modo para o conselho, para a guerra, para a justiça não haverá privilégios de descendência, mas - *Aptidão*. Para as artes, para as ciências, e para as letras, cessarão as mercês, para só haver - *Concurso*. É esta a igualdade social!... Depois, à proporção que com a educação não só gratuita e posta ao alcance de todos, mas obrigatória, as idéias se desenvolverem, é preciso que a igualdade se eleve com ela. A igualdade, em vez de ficar com os pés no lodo, deve ocupar o lugar mais elevado; uma grande nação como a França só deve reconhecer a igualdade que aumenta, e não a que diminui; a igualdade que diminui não é a do Titã, é a do bandido; não é o leito de Prometeu, é o leito de Procusto. É assim a igualdade!

Era impossível que uma tal definição não colhesse todos os sufrágios, numa sociedade de homens de espírito elevado e coração ambicioso, e na qual todos, aparte raras exceções de modéstia, deviam ver naturalmente no seu vizinho um dos degraus da sua futura elevação. Assim os bravos, as aclamações, as palmas rebentaram, atestando que aqueles mesmos, e havia alguns na assembléia, que deviam no momento da aplicação entender a igualdade de modo diverso que Cagliostro a entendia, recebiam naquela ocasião a explicação da igualdade tal como a compreendia o poderoso gênio do extraordinário chefe, que tinham escolhido.

Mas Cagliostro, mais ardente, mais iluminado e mais brilhante, à medida que a questão progredia, impôs silêncio, como já fizera, e continuando com voz, em que era impossível achar o menor cansaço, ou surpreender a mais leve hesitação, disse:

- Irmãos, eis-nos chegados à terceira palavra da divisa, àquela que os homens levaram mais tempo para compreender, e que sem dúvida, por esta razão, o grande civilizador colocou em último lugar. Irmãos, eis-nos chegados à fraternidade.

A Fraternidade

Oh! Que grande palavra, se fosse bem compreendida! Que sublime expressão, se fosse bem explicada! Deus me livre de dizer que aquele que, tendo calculado mal a grandeza desta palavra, a tomou na sua acanhada acepção para a aplicar aos habitantes de uma aldeia, aos cidadãos de uma cidade e aos homens de um reino, tem mau coração... Não, irmãos, não, esse homem só o considerarei pobre de espírito; busquemos sacudir as sandálias de chumbo da mediocridade; abramos as asas e paremos por cima das idéias vulgares. Quando Satanás quis tentar Jesus, transportou-o à mais elevada montanha do mundo, do alto da qual podia mostrar-lhe todos os reinos da terra, e não à terra da Nazaré, onde só lhe poderia apresentar algumas pobres aldeias da Judeia. Irmãos, não é a uma cidade, nem sequer a um reino que convém aplicar a fraternidade; é ao mundo inteiro que é necessário propagá-la!... Irmãos, um dia virá em que esta palavra, que julgamos sagrada, a *Pátria*, ou esta, que temos por santa, a *Nacionalidade*, desaparecerão como os tectos de teatro, que só se tiram provisoriamente para dar aos pintores e aos maquinistas tempo de prepararem grandes distâncias e horizontes infinitos... Irmãos, um dia virá em que os homens, que já conquistaram a terra e a água, conquistarão também o ar e o fogo; em que atrelarão cavalos de chama, não só ao pensamento, mas também à matéria; em que os ventos, que não são hoje mais do que os correios indisciplinados da tempestade, se tornarão os mensageiros inteligentes e dóceis da civilização... Irmãos, um dia virá em que os povos, graças às comunicações terrestres e aéreas, contra as quais os reis nada poderão, hão-de compreender que estão ligados entre si pelos laços das dores passadas, que os reis, que os têm armados para mutuamente os destruírem, os têm conduzido, não à glória, como lhes diziam, mas ao fratricídio, e que darão conta à posteridade da mais pequena gota de sangue tirado do corpo do mais ínfimo membro da grande família humana. Então, irmãos, vereis um magnífico espectáculo desenrolar-se à face do Senhor: todo o horizonte ideal desaparecerá; todo o limite fictício se apagará; os rios deixarão de ser um obstáculo, as montanhas não servirão de impedimento; de um a outro lado dos rios, os povos darão as mãos e sobre o mais alto monte se elevará um altar da fraternidade!... Irmãos, irmãos, eis a verdadeira fraternidade do apóstolo. O Cristo não morreu para resgatar

somente os israelitas, o Cristo morreu para resgatar todos os povos da terra. Não façais pois destas três palavras: Liberdade, igualdade, fraternidade, divisa da França; inscrevei-as no pendão da humanidade, como a divisa do mundo!... Entretanto, irmãos caminhai; a vossa tarefa é grande, tão grande, que seja qual for o vale das lágrimas ou de sangue que passeis, os vossos descendentes invejarão a missão santa que tiverdes cumprido, caminhando como os cruzados, que se sucediam sempre mais numerosos e mais solícitos pelos caminhos que conduziam aos lugares santos, e não paravam, conquanto muitas vezes conhecessem no caminho os ossos embranquecidos de seus pais. Coragem, pois, soldados! Apóstolos, convertei! Peregrinos, caminhai! Soldados, combatei!...

Cagliostro calou-se, mas só depois que os aplausos, os bravos e os gritos de entusiasmo o interromperam.

Três vezes se extinguiram, e três vezes se reanimaram ecoando sob a abóbada, como tempestade subterrânea.

Então os seis homens mascarados inclinaram-se, uns após outros, diante de Cagliostro, beijaram-lhe a mão e retiraram-se.

Depois cada um pela sua vez, inclinando-se diante do estrado, em que, qual outro Pedro, o eremita, o apóstolo da Liberdade acabava de pregar a cruzada universal, passou repetindo a divisa fatal: *"Lilia pedibus destrue!"*

Com o último que passou, a luz apagou-se.

E o homem misterioso que parecia ter assistido aos acontecimentos do passado e trazer consigo os destinos do futuro, ficou sepultado nas entranhas da terra, perdido no silêncio e na escuridão, semelhante aos deuses índios, em cujo culto pretendia estar iniciado havia dois mil anos.

XXXVI

Mulheres e flores

Alguns meses depois dos acontecimentos que acabámos de narrar, pelos fins de Março de 1791, uma carruagem que seguia rapidamente o caminho de Argenteuil a Besons, fazendo um rodeio a meio quarto de légua da cidade, dirigia-se para o castelo de Marais, cujo portão se abriu diante, e parou no segundo pátio, junto do primeiro degrau do vestíbulo.

O relógio que havia na frente do edifício marcava oito horas da manhã.

Um criado velho, que parecia esperar impacientemente a chegada da carruagem, dirigiu-se à portinhola, que abriu, apeando-se um homem todo vestido de preto, que subiu os degraus.

- Ah! Sr. Gilberto - disse o criado - chegou finalmente!

- Que temos de novo? - perguntou o doutor.

- Ai! Sr. doutor, vai ver - disse o criado.

E caminhando adiante do doutor, fez-lhe atravessar a sala do bilhar, cujos lustres, acesos sem dúvida a uma hora avançada da noite, ardiam ainda, e a sala de jantar, coberta de flores, garrafas destapadas, frutas e pastéis atestando uma ceia, que se prolongara além das horas usuais.

Gilberto lançou sobre aquela cena de desordem, que lhe provara o pouco que as suas prescrições tinham sido seguidas, um olhar doloroso; depois, encolhendo os ombros, soltou um suspiro, e subiu a escada, que conduzia à câmara de Mirabeau, situada no primeiro andar.

- Sr. conde - disse o criado, entrando adiante de Gilberto - aqui está o Sr. doutor.

- Como, o doutor! - disse Mirabeau - foram procurá-lo por uma tal ninharia!

- Ninharia! - murmurou o pobre Teisch. - Pergunte-o a si mesmo, senhor.

- Oh! Doutor - disse Mirabeau levantando-se um pouco - creia que sinto deveras muito que sem me consultarem o fossem incomodar...

- Primeiro, meu caro conde, nunca me incomodam, quando me suscitam uma ocasião de o ver. Bem sabe que só exerço a minha profissão para com alguns amigos, e a esses pertenço-lhes inteiramente. Vejamos o que aconteceu, e nada de segredos para a ciência... Teisch, corra

imediatamente as cortinas e abra as janelas.

Executada esta ordem, o dia invadiu o quarto de Mirabeau, até ali às escuras, e o doutor pôde ver a mudança que se tinha operado em toda a pessoa do célebre orador, que havia um mês não tornara a ver.

- Ah! Ah! - soltou ele insensivelmente.

- Sim - disse Mirabeau - estou mudado, não é assim? Vou dizer-lhe donde isso procede.

Gilberto sorriu tristemente, mas como um médico entendido tira sempre partido do que lhe diz o doente, ainda que seja uma mentira, deixou-o falar.

- Sabe - continuou Mirabeau - que questão se agitava ontem?

- Sei, a das minas.

- É uma questão ainda mal conhecida e pouco ou nada examinada. Os interesses dos proprietários e os do governo não estão bastante conhecidos. Além disso, o conde de Mark, meu antigo amigo, estava interessadíssimo na questão, porque metade do que possui estava dependente dela. A bolsa dele, meu caro doutor, foi sempre a minha; era necessário mostrar-me grato; falei, ou antes ataquei seis vezes. No último ataque, derrotei os inimigos, mas fiquei morto. Quando recolhi a casa, quis celebrar a vitória até às três horas da manhã... Fui então deitar-me; às cinco fui atacado pelas dores do estômago, e gritei como um pateta, o Teisch teve medo como um poltrão e mandou chamá-lo. Agora está tão ciente de tudo como eu. Consulte o pulso, veja a língua... Padeço muito; cure-me se puder; pelo que me toca, declaro-lhe que me é indiferente.

Gilberto era um médico hábil, e não precisava consultar o pulso nem ver a língua para conhecer a gravidade da situação de Mirabeau. O doente estava quase a sufocar-se, custava-lhe a respirar, tinha o rosto inchado pela prisão do sangue nos pulmões; queixava-se de frio nos pés, e de tempo a tempo a violência da dor arrancava-lhe um suspiro ou um grito.

O doutor quis porém confirmar a sua opinião, já quase estabelecida, consultando o pulso.

Estava convulso e intermitente.

- Vamos - disse Gilberto - nada será por esta vez, meu caro conde, mas era tempo!

E tirou o estojo da algibeira, com a brevidade e o sossego que são peculiares ao verdadeiro génio.

- Ah, ah - disse Mirabeau - vai sangrar-me?

- Imediatamente.

- No braço direito ou no esquerdo?

- Nem num nem noutro... tem os pulmões muito engorgitados. Vou sangrá-lo no pé, enquanto Teisch vai a Argenteuil buscar mostarda para lhe aplicarmos rapidamente sinapismos... Teisch, vá na minha carruagem.

- Diabo - exclamou Mirabeau - parece-me que, como o doutor acaba de dizer, era tempo!

Gilberto, sem lhe responder, procedeu imediatamente à operação, e bem depressa um sangue negro e grosso, depois de alguma dificuldade em sair, irrompeu com força do pé do doente.

O alívio foi imediato.

- Ah! Palavra de honra! - disse Mirabeau, respirando mais à vontade - decididamente é um grande homem, doutor!

- E o senhor um grande louco, conde, em arriscar assim uma vida tão preciosa para os seus amigos e para a França, por algumas horas de falso prazer!

O conde de Mirabeau sorriu melancolicamente, quase com ironia.

- Oh! Meu caro doutor - disse ele - exagera o apreço em que os meus amigos e a França me têm!

- Na verdade - disse rindo Gilberto - os grandes homens queixam-se sempre da ingratidão dos outros, e são eles na realidade os verdadeiros ingratos! Adoeça gravemente, e amanhã terá Paris em peso debaixo das suas janelas; morra depois de amanhã, e toda a França concorrerá ao seu enterro.

- Sabe que é muito consolador o que me está dizendo - respondeu Mirabeau rindo.

- É justamente porque pode vir uma coisa sem arriscar a outra, que lhe digo isto, e na verdade, precisa de uma grande demonstração, que lhe fortifique o moral. Permita-me que o leve para Paris, meu caro conde; deixe-me dizer ao primeiro moço de recados que encontre na esquina da rua que o senhor está doente, e verá.

- Julga que posso ser transportado para Paris?

- Hoje mesmo; sim... Que sente?

- Respiro mais livremente; sinto a cabeça mais aliviada; o nevoeiro que tinha diante dos olhos desapareceu; entretanto, sofro ainda do estômago.

- Oh! Isso é com os sinapismos, meu caro conde; a sangria produziu já o seu efeito, compete agora aos sinapismos produzirem o seu... Justamente, aí vem o Teisch.

Efectivamente, Teisch entrou com o medicamento.

Um quarto de hora depois, as melhoras preditas pelo doutor estavam realizadas.

- Agora - disse Mirabeau rindo - permita-me que só vá esta noite, encontrar-nos-emos na minha casa da calçada de Antin, às onze horas.

Gilberto olhou para Mirabeau; o doente compreendeu que o seu médico tinha adivinhado a razão por que lhe pedia aquele adiantamento.

- Que se há-de fazer - disse Mirabeau - tenho que receber uma visita...

- Meu caro conde - respondeu Gilberto - vi muitas flores na mesa da sala de jantar, não foi unicamente uma ceia de amigos que deu ontem?

- Bem sabe que não posso passar sem as flores, são a minha mania.

- Sim, mas não foram só as flores, conde.

- Ora essa! Se as flores me são necessárias, é preciso que sofra as *consequências* dessa necessidade.

- Conde, conde, o senhor mata-se! - disse Gilberto.

- Confesse, doutor, que pelo menos é um belo suicídio.

- Conde, hoje não o deixo em todo o dia.

- Doutor, dei a minha palavra e espero que não me fará faltar a ela.

- Estará esta noite em Paris?

- Disse que o esperava às onze horas na minha casa da calçada de Antin... É verdade já a viu?

- Ainda não.

- É uma compra que fiz à Júlia... à mulher do Talma... Na realidade, doutor, sinto-me perfeitamente bom!

- Quer dizer que me posso ir embora?

- Oh!

- E faz muito bem; estou de dia nas Tulherias.

- Ah! Ah! Então vê a rainha? - disse Mirabeau empalidecendo.

- Provavelmente... Tem alguma mensagem para ela?

Mirabeau respondeu sorrindo amargamente.

- Não tomaria tal liberdade doutor; nem lhe diga que me viu.

- Por quê?

- Porque lhe perguntaria se salvei a monarquia, como lhe prometi, e há-de ser obrigado a responder-lhe que não... Contudo - continuou Mirabeau com um riso nervoso, a falta tanto é dela como minha.

- Não quer que lhe diga que o excesso de trabalho, que a luta na tribuna o matam?

Mirabeau reflectiu um instante.

- Sim - respondeu ele - diga-lhe isso... Faça-me até mais doente do que estou.

- Por quê?

- Por curiosidade... para saber alguma coisa.

- Pois sim.

- Promete-me isso, doutor?

- Prometo.

- E repetir-me-á o que a rainha lhe disser?

- Com as próprias palavras dela.

- Bem... Adeus, doutor! Mil vezes obrigado.

E estendeu a mão ao médico.

Gilberto olhou-o fixamente, e esse olhar pareceu perturbar Mirabeau.

- A propósito - disse o doente, antes de se retirar - o que me prescreve?

- Oh! - disse Gilberto - bebidas quentes e fracas: chicória ou borragem; enquanto a dieta, absoluta e principalmente...

- Principalmente?

- Nada de enfermeira que tenha menos de cinqüenta anos, entende, conde?

- Doutor - disse Mirabeau rindo - para não transgredir a sua ordem tomarei duas de vinte e cinco!

À porta Gilberto encontrou Teisch. O pobre homem tinha as lágrimas nos olhos.

- Oh! Senhor - disse ele - por que se retira?

- Porque me mandam embora, meu caro Teisch - disse Gilberto rindo.

- E tudo isto por causa daquela mulher! - murmurou o velho; - e tudo isto porque ela se parece com a rainha!... Um homem que tem tanto talento, segundo dizem... Meu Deus! É preciso estar doido!

E com esta conclusão, abriu a portinhola a Gilberto, que subiu preocupado, perguntando a si mesmo muito baixo:

- Que quer ele dizer com a tal mulher que se parece com a rainha?

Um instante ainda agarrou o braço de Teisch, como para interrogá-lo, mas largando-o imediatamente, murmurou baixinho:

- Então que ia fazer? O segredo é do Sr. de Mirabeau, e não meu... Cocheiro, para Paris!

XXXVII

O que disse o rei e o que disse a rainha

Gilberto cumpriu escrupulosamente a dupla promessa feita a Mirabeau.

Chegando a Paris, encontrou Camilo Desmoulins, a gazeta viva, o jornal personalizado da época.

Anunciou-lhe a doença de Mirabeau, que de indústria fez mais grave, não do que na realidade seria, se Mirabeau cometesse alguma imprudência, mas do que era efectivamente naquela ocasião.

Depois foi às Tulherias e anunciou a mesma doença ao rei.

Este contentou-se com dizer:

- Ah! Ah! Pobre conde! Perdeu o apetite?

- Sim, senhor - respondeu Gilberto.

- Então é grave? - disse o rei.

E falou doutra coisa.

Gilberto, saindo do quarto do rei, entrou na câmara da rainha, e repetiu-lhe o mesmo que dissera ao rei.

A fronte altiva da filha de Maria Teresa enrugou-se.

- Por que razão - perguntou a rainha - não teria ele sido acometido na manhã do dia em que pronunciou o seu empolgante discurso acerca da bandeira tricolor?

Depois, como arrependida por ter patenteado na presença de Gilberto o seu rancor por aquele distintivo da nacionalidade francesa, disse:

- Seja como for, seria muito mau para a França, e também para nós, que essa indisposição progredisse.

- Julgo ter tido a honra de dizer a vossa majestade - replicou Gilberto - que é mais do que uma indisposição, é uma doença grave.

- De que o doutor há-de tirar partido - disse a rainha.

- Faço todo o possível, senhora: mas não respondo por nada.

- Doutor - disse a rainha - conto consigo, entende, para me dar notícias do Sr. de Mirabeau.

E falou doutra coisa.

À noite, à hora prefixa, Gilberto subia a escada do palacete de Mirabeau.

Este esperava-o sentado numa marquesa, mas como demorassem Gilberto alguns instantes na sala, sob pretexto de prevenir o conde da sua chegada, o doutor circunvagou a vista, cravando-a depois numa mantilha de cachemira, que ficara esquecida sobre uma cadeira.

Mas, ou porque fosse para lhe afastar a atenção, ou porque ligasse grande importância à pergunta que devia seguir-se às primeiras palavras trocadas entre ele e o doutor, Mirabeau disse:

- Ah! É o senhor?... Já sei que cumpriu a primeira parte da promessa. Paris sabe que estou doente, e o pobre Teisch não tem passado há mais de duas horas, dez minutos sem dar notícias minhas aos meus amigos, que vêm saber se estou melhor, e talvez aos meus inimigos, que desejam saber se estou pior. Eis pelo que respeita à primeira parte; agora à segunda, foi igualmente fiel?

- Que quer dizer? - perguntou Gilberto sorrindo.

- Bem o sabe.

Gilberto encolheu os ombros em sinal negativo.

- Esteve nas Tulherias?

- Estive.

- Falou com el-rei?

- Falei.

- E com a rainha?

- Também.

- E disse-lhes, que bem depressa ficariam livres de mim.

- Pelo menos, disse-lhes que estava doente.

- E o que disseram?

- O rei perguntou se tinha perdido o apetite.

- E com a sua resposta afirmativa?...

- Lastimou-o sinceramente.

- Bom rei! No dia da morte há-de dizer aos amigos, como Leónidas: “Ceio esta noite com Plutão!” E a rainha que disse?

- Sentiu muito, e informou-se do senhor com interesse.

- Em que termos, doutor? - perguntou Mirabeau, que ligava evidentemente grande valor à resposta que lhe ia dar Gilberto.

- Em muito bons termos - disse Gilberto.

- Deu-me a sua palavra de me repetir textualmente tudo o que ela dissesse.

- Oh! Não poderia lembrar-me palavra por palavra.

- Doutor, não esqueça uma sílaba.

- Juro-lhe...

- Doutor, tenho a sua palavra: quer que o julgue um homem sem fé?

- É exigente; conde!

- É o mau génio.

- Quer, absolutamente, que lhe repita as palavras da rainha?

- Palavra por palavra.

- Pois bem, disse que essa doença devia tê-lo acometido na manhã do dia em que defendeu na tribuna a bandeira tricolor.

Gilberto queria julgar da influência que a rainha tinha sobre Mirabeau.

Este deu um pulo na marquesa, como se estivesse em contacto com a pilha de volta.

- Ingratidão dos reis! - murmurou ele. - Esse discurso bastou para lhe fazer esquecer a dotação dos vinte e quatro milhões para o rei, e a dotação de quatro milhões para ela! Mas essa mulher não sabe, essa rainha ignora que se tratava de reconquistar de um só golpe a minha popularidade perdida por causa dela? Mas não se lembra que propus o adiamento da reunião de Avinhão à França para sustentar os escrúpulos religiosos do rei? Maldição! Já se não lembra que, durante a minha presidência nos Jacobinos, presidência de três meses que me custou dez anos de vida, defendi a lei da guarda nacional, limitada aos cidadãos activos; maldição! Já se não lembra que, na assembleia, na discussão do projecto sobre o juramento dos padres confessores; maldição! Oh! Todos esses erros tenho-os pago bem caro – continuou Mirabeau - e contudo não são esses erros que me fazem cair, porque há épocas singulares, em que se não cai pelos erros que se cometem. Um dia, ainda por causa deles, defendi uma questão de justiça, de humanidade; atacavam a fuga das tias do rei, e propunham uma lei contra a emigração: “Se fazeis uma lei contra os emigrados, bradei eu, juro que nunca lhe hei-de obedecer!” E o projecto de lei foi rejeitado unanimemente. Então, o que não conseguiram os meus desastres, alcançou-o o meu triunfo. Chamaram-me ditador; fizeram-me subir à tribuna pela estrada do ressentimento, a pior de todas as estradas que um orador pode tomar. Triunfei segunda vez, mas atacando os jacobinos; então estes juraram a minha morte, os estúpidos! Duport, Lameth, Barnave não viam que, matando-me, davam a ditadura da sua espelunca a Robespierre! A mim, que eles deviam guardar como a menina dos seus olhos, esmagaram-me debaixo do peso da sua estúpida maioria; fizeram-me esgotar até às fezes o cálice de amargura; coroaram-me de espinhos, meteram-me a cana verde nas mãos; finalmente crucificaram-me! Julgo-me feliz por ter sofrido esta paixão, como Cristo, por uma causa da humanidade. A bandeira tricolor! Não vêem, que era o seu último refúgio; que se quisessem vir leal e publicamente assentar-se à sombra dela, talvez que essa sombra os salvasse? Mas a rainha não quer ser salva, quer ser vingada; não aprecia idéia alguma razoável; o meio que proponho como único eficaz, é exactamente aquele que ela mais rejeita, é ser moderada! Ser justa! E, tanto quanto possível, ter sempre razão! Quis salvar duas coisas ao mesmo tempo, a realeza e a liberdade; luta ingrata; em que combate só, abandonado, contra quem? Se fosse contra homens, nada seria; contra leões, nada seria ainda... Não, é contra um elemento, contra o mar, contra a onda que cresce, contra a maré que enche! Ontem chegava-me até ao artelho, hoje dá pelo joelho, amanhã tê-la-ei até à cintura, depois de amanhã por cima da cabeça. Assim, dê-me atenção, doutor, é preciso que eu seja franco com o senhor: o pesar acometeu-me primeiro, depois o desgosto. Tinha sonhado o papel de árbitro entre a revolução e a monarquia; pensava tomar ascendente sobre a rainha, como homem, e como homem, um belo dia que ela se arriscasse imprudentemente no rio e perdesse o pé, lançar-me-ia à água para salvá-la; mas não, nunca se quiseram valer de mim seriamente, doutor; quiseram comprometer-me, tornar-me impopular no mal, como no bem. Assim, agora o melhor que tenho a fazer, vou dizer-lho, é morrer a propósito; é, principalmente, deitar-me com arte, como o antigo atleta, é estender o pescoço com graça; é dar o último suspiro convenientemente.

E Mirabeau deixou-se cair sobre a marquesa, mordendo o travesseiro com toda a força.

Gilberto sabia o que desejava saber, isto é, onde existia a vida e a morte de Mirabeau, e então perguntou:

- Conde, o que diria, se amanhã o rei mandasse saber notícias suas?

O doente fez um movimento com os ombros, que queria dizer: “Era-me indiferente!”

- O rei... ou a rainha - ajuntou Gilberto.

- Heim! - disse Mirabeau levantando-se.

- Digo o rei, ou a rainha - repetiu Gilberto.

Mirabeau encostou-se sobre os punhos, como um leão acocorado, e tentou ler no íntimo do coração de Gilberto.

- Não o fará! - disse ele.

- Mas, enfim, se o fizesse?...

- Acredita - disse Mirabeau - que ela descesse até aí?
- Não acredito coisa alguma; suponho, presumo.
- Então - disse Mirabeau - esperarei até amanhã à noite.
- Que quer dizer?
- Tome as palavras no sentido que têm, doutor, e não entenda outra coisa, além do que querem dizer... Esperarei até amanhã à noite.

- E amanhã à noite?..
- Está bem! Amanhã à noite, se ela tiver mandado, doutor; se por exemplo Weber tiver vindo, o senhor tem razão, e fui eu que me enganei... Mas, se, pelo contrário, não vier, oh! então, foi o senhor que se enganou, e sou eu quem tem razão.

- Seja. Até amanhã à noite... Até lá, meu caro Demóstenes, sossego, repouso e tranquilidade!

- Não abandonarei esta marquesa.

- E esta mantilha?

Gilberto apontou com o dedo para o primeiro objecto que se lhe apresentara diante dos olhos, quando entrou no quarto.

Mirabeau sorriu e disse:

- Dou-lhe a minha palavra.

- Bom! - disse Gilberto - trate de passar uma noite sossegado e respondo pelo senhor.

E saiu.

Teish esperava-o à porta.

- Descansa, meu bravo Teish, teu amo vai melhor - disse o doutor.

O velho criado abanou tristemente a cabeça.

- Como - replicou Gilberto - duvidas da minha palavra?

- Duvido de tudo, Sr. doutor, enquanto o seu mau génio estiver ao pé dele.

E soltou um suspiro, alumiando Gilberto na escada.

No ângulo de um dos patamares, Gilberto viu um vulto coberto com um véu, que o esperava.

O vulto vendo-o, deu um pequeno grito e desapareceu por uma porta entreaberta para lhe facilitar a retirada, que se assemelhava a uma fuga.

- Quem é esta mulher? - perguntou Gilberto.

- É ela - respondeu Teish.

- Ela, quem?

- A mulher que se parece com a rainha.

Gilberto, pela segunda vez, foi tentado pela mesma idéia, ouvindo a mesma frase; deu dois passos para diante, como se quisesse perseguir o fantasma, mas parou, murmurando:

- Impossível.

E continuou o seu caminho, deixando o velho criado desesperado, por ver que um homem tão sábio, como era o doutor, não tratasse de esconjurar o demónio, que na sua mais profunda convicção tinha por um enviado do inferno.

Mirabeau passou uma excelente noite.

No dia seguinte, muito cedo, chamou Teisch e mandou abrir a janela, para respirar o ar da manhã.

A única coisa que inquietava o velho criado, era a impaciência febril que parecia ter-se apoderado do doente.

Quando, interrogado pelo amo, respondera que eram apenas oito horas, Mirabeau não quis acreditá-lo e mandou buscar o relógio para ele mesmo se certificar.

Depois, pô-lo em cima da mesa ao pé do leito.

- Teisch - disse ele ao velho criado - farás hoje o serviço do João, que há-de ficar ao pé de mim.

- Oh! Meu Deus! - disse Teisch - terei tido a desgraça de desagradar ao Sr. conde?

- Pelo contrário, meu bom Teisch - disse Mirabeau comovido - é por me fiar em ti que te ponho hoje à porta... A todos que vierem perguntar notícias minhas, dir-lhes-ás que vou melhor, mas que ainda não recebo ninguém... Unicamente, se vierem da parte da... - Mirabeau calou-se, depois continuou. - Mas se vierem do paço, se mandarem saber das Tulherias, farás subir o mensageiro, entendes? Debaixo de qualquer pretexto, não o deixarás partir, sem que eu o veja, sem que lhe fale... Bem vês meu bom Teisch, que afastando-te de mim, elevo-te à dignidade de confidente.

Teisch pegou na mão de Mirabeau e beijou-a.

-Oh! Sr. conde, se o senhor quisesse viver!

E saiu.

- Na verdade - disse Mirabeau ao vê-lo afastar-se - isso é que é justamente difícil!

Às dez horas, Mirabeau levantou-se e vestiu-se com apuro. João penteou-o e fez-lhe a barba, depois aproximou-lhe uma cadeira para junto da janela.

Da janela podia ver a rua.

A cada pancada da argola, ou a cada vibração da campainha, poderiam ver da casa fronteira o rosto ansioso aparecer por detrás da cortina levantada, e fixar o olhar penetrante na rua, depois a cortina caía, para se levantar de novo à próxima vibração da campainha, ou à primeira pancada da argola.

Às duas horas Teisch subiu seguido de um laçao. O coração de Mirabeau bateu violentamente; o laçao não trazia libré.

A primeira idéia que teve, foi que o laçao vinha da parte da rainha, e estava assim vestido para não comprometer quem o enviava.

Mirabeau enganava-se.

- Da parte do Sr. Dr. Gilberto - disse Teisch.

- Ah! - disse Mirabeau empalidecendo como se tivesse vinte e cinco anos, e que, esperando um mensageiro da Sr^a. de Monnier, visse chegar um correio do tio bailio.

- Senhor - disse Teisch - como este rapaz vinha da parte do Sr. doutor Gilberto, e é portador de uma carta para o Sr. conde, julguei poder fazer em seu favor uma excepção à regra.

- E fizeste bem - disse o conde.

Depois voltando-se para o outro criado, disse:

- A carta?

O criado apresentou-a ao conde.

Mirabeau abriu-a: só continha estas palavras:

“Dê-me notícias suas. Irei a sua casa às onze horas da noite. Espero que a primeira palavra que me diga seja que eu tinha razão e que o senhor se enganara”.

- Dirás a teu amo que me encontrei levantado, e que o espero esta noite - disse Mirabeau ao criado.

Depois disse a Teisch.

- Este rapaz que se retire satisfeito.

Teisch fez sinal que compreendia e retirou-se com o criado.

As horas sucediam-se; a campainha não cessava de vibrar, a argola de bater; todos se inscreviam no livro da porta do palácio de Mirabeau. Havia na rua grupos de homens do povo, que sabendo a notícia, não tal como ela era, mas como os jornais a diziam, não queriam acreditar os boletins animadores de Teisch, e obrigavam as carruagens a tomar à direita e à esquerda da rua, para que o ruído das rodas não incomodassem o ilustre doente.

Pelas cinco horas, Teisch julgou a propósito fazer uma segunda aparição na câmara de Mirabeau, a fim de lhe anunciar esta notícia.

- Ah! - disse Mirabeau vendo-o - julgava que tinhas alguma coisa melhor para dizer-me, meu pobre Teisch!

- Alguma coisa melhor! - disse Teisch admirado - julgava que nada podia anunciar melhor ao Sr. conde do que esta demonstração de amizade.

- Tens razão, Teisch - disse Mirabeau - e eu sou um ingrato.

Por isso, quando Teisch fechou a porta, Mirabeau abriu a janela.

Andou pela varanda e fez com a mão um sinal de agradecimento à boa gente que se tinha constituído guarda do seu repouso.

Conhecera-m-no todos, e os gritos de: “Viva Mirabeau!” retiniram do princípio ao fim da calçada de Antin.

Em que pensava Mirabeau, enquanto lhe rendiam esta homenagem inesperada, que, noutra qualquer circunstância, faria saltar o seu coração de alegria?

Pensava naquela mulher altiva, que não se importava com ele, e com a vista ia procurar para além desses grupos formados em volta da sua casa, se descobria algum criado de libré azul, que viesse do lado dos boulevards.

Entrou no quarto, com o coração aflito; a noite aproximava-se; nada vira.

A noite passou-se como o dia.

A impaciência de Mirabeau tornara-se em sombria aflição; como coração, sem esperança, não esperava já o toque da campainha, ou as pancadas da argola; não esperava, tendo estampada no rosto a aflição, essa prova de interesse que lhe fora quase prometida, mas que não chegava.

Às onze horas abriu-se a porta e Teisch anunciou em seguida o Dr. Gilberto.

Este entrava risonho; ficou espantado da expressão do rosto de Mirabeau.

O rosto era o espelho fiel da ruína do coração.

Gilberto, duvidando, perguntou:

- Não vieram?

- Onde?

- Bem sabe o que quero dizer.

- Palavra que não percebo.

- Do paço... da parte... em nome da rainha?

- Não, meu caro doutor; não veio ninguém.

- Parece-me impossível - disse Gilberto.

Mirabeau encolheu os ombros e disse:

- Que homem tão sincero!

Depois, agarrando a mão de Gilberto com um movimento convulso, perguntou:

- Doutor, quer que lhe diga o que fez hoje?

- Eu? - disse o doutor; - fiz quase o mesmo que faço todos os dias.

- Não, porque nem todos os dias vai ao paço e hoje esteve lá; não porque nem todos os dias está com a rainha, e hoje esteve; não, porque nunca lhe dá conselhos e hoje deu-lhe um!

- Continue! - disse Gilberto.

- Ouça meu caro doutor, vejo o que se passou, e ouço o que se disse, como se lá estivesse.

- Então vejamos, Sr. feiticeiro, o que se passou e o que se disse!

- Apresentou-se nas Tulherias hoje à uma hora; pediu para falar à rainha; falou-lhe; disse-lhe que a minha doença aumentava; que faria bem, como rainha e como mulher, em mandar saber notícias da minha saúde, senão por interesse, ao menos por cálculo. Ela discutiu com o senhor; pareceu convencer-se de que tinha razão e despediu-o dizendo que ia mandar a minha casa; o senhor retirou-se satisfeito contando com a palavra real... e ela, ela ficou altiva e cruel, rindo-se da sua credulidade, que ignora que uma palavra real a nada obriga... Vejamos, à fé de homem de bem - disse Mirabeau olhando de frente para Gilberto - foi isto, doutor?

- Na verdade - disse Gilberto - se lá estivesse, meu caro conde, não teria visto, nem ouvido melhor.

- Desastrados! - disse Mirabeau com amargura - bem lhe disse eu, que eles nada sabiam fazer a propósito... A libré do rei, entrando em minha casa, hoje no meio desta multidão que gritava: “Viva Mirabeau!” diante da minha porta, e debaixo das minhas janelas, dar-lhe-ia popularidade para um ano!

E Mirabeau abanando a cabeça levou vivamente a mão aos olhos.

Gilberto admirado viu-o limpar uma lágrima, e perguntou:

- Que tem, conde?

- Eu?... Nada! - disse Mirabeau. - Tem notícias da assembléia nacional, dos franciscanos ou dos jacobinos? Robespierre destilou algum novo discurso, ou Marat vomitou algum novo folheto?

- Há muito tempo que comeu? - perguntou Gilberto.

- Desde as duas horas da tarde que não como.

- Nesse caso, vá meter-se no banho, meu caro conde.

- Na realidade teve uma excelente idéia doutor... João apronta o banho!

- Aqui, senhor conde?

- Não, não, ao lado, no gabinete de vestir. - Dez minutos depois, Mirabeau estava no banho, e Teisch, acompanhava Gilberto.

Mirabeau saiu da tina, para seguir com os olhos o doutor; depois, logo que o perdeu de vista, prestou o ouvido para escutar-lhe o ruído dos passos; depois ficou imóvel nessa posição até ouvir abrir e fechar o portão.

Então, tocando a campainha violentamente, disse:

- João, manda pôr a mesa no meu quarto, e vai perguntar da minha parte a Oliva se quer fazer o favor de cear comigo.

Depois, como o criado saía para obedecer, disse:

- Flores, principalmente flores! Adoro as flores!

Às quatro horas da manhã, o doutor Gilberto foi acordado por um violento toque de campainha.

- Ah! - exclamou ele saltando da cama – estava certo que o Sr. de Mirabeau passaria pior!

O doutor não se enganava: Mirabeau depois de ter feito servir a ceia e de ter mandado cobrir a mesa de flores, despediu o João e ordenou que se fosse deitar.

Em seguida fechou todas as portas, excepto a que dava para o quarto da mulher desconhecida, que o velho criado chamava o mau génio do conde.

Entretanto, os dois criados não se deitaram; João, ainda que mais novo, apenas adormecera numa cadeira na antecâmara.

Teisch tinha velado.

Às quatro horas menos um quarto, soou um violento toque de campainha; ambos correram para o quarto da cama.

As portas estavam fechadas.

Então, tiveram a idéia de dar a volta pelo quarto da mulher desconhecida, e puderam assim penetrar no quarto da cama.

Mirabeau desfigurado, quase desmaiado, tinha essa mulher entre os braços, sem dúvida, para que ela não pudesse pedir socorro, e ela espantada tocava a campainha da mesa por não poder chegar à da chaminé.

Vendo os dois criados, ela chamara tanto em seu socorro, como em socorro de Mirabeau; nas suas convulsões, Mirabeau afagava-a.

Dir-se-ia a morte disfarçada, que tentava arrastá-la para a sepultura.

Graças aos esforços dos dois criados, os braços do moribundo tinham-se aberto; Mirabeau tornara a cair na cadeira, e a mulher, toda chorosa, voltara para o seu quarto.

João correu então a chamar o Dr. Gilberto, enquanto Teisch empregava todos os seus cuidados no amo.

Gilberto não gastou tempo em fazer preparar, nem em mandar buscar uma carruagem. Da rua de Saint-Honoré à calçada de Antin não era longe; acompanhou João, e dez minutos depois, chegava a casa de Mirabeau.

Teisch esperava-o no vestíbulo de baixo.

- Então, que mais temos? - perguntou Gilberto.

- Ah! Senhor - disse o velho criado - aquela mulher! Sempre aquela mulher!... E depois estas malditas flores!... Vai ver, vai ver.

Neste momento, ouviram alguma coisa, como que um suspiro; Gilberto subiu precipitadamente; quando chegava aos últimos degraus da escada, uma porta próxima à de Mirabeau abriu-se, e uma mulher envolta num penteador branco apareceu de repente, e veio cair aos pés do doutor.

- Oh! Gilberto! Gilberto! - disse ela lançando as mãos ao peito - em nome do Céu, salve-o.

- Nicola! - exclamou Gilberto - Nicola!... Oh! Desgraçada, então eras tu!

- Salve-o, salve-o! - disse Nicola.

Gilberto ficou um instante como abismado numa idéia terrível.

- Oh! - murmurou ele - Beausire vendendo folhetos contra ele... Nicola sua amante... Está realmente perdido, porque Cagliostro anda por aqui oculto!

E correu para o quarto de Mirabeau, bem certo de que não havia tempo a perder.

XXXVIII

Viva Mirabeau

Mirabeau estava na cama; recuperara os sentidos.

Os restos da ceia, os pratos, as flores ali estavam, testemunhas acusadoras, como no fundo de um vaso os restos do veneno, junto ao leito do suicida.

Gilberto dirigiu-se para ele e respirou.

- Ah! Ah! - disse ele - não está ainda tão mal como eu temia!

Mirabeau sorriu.

- Parece-lhe isso, doutor?

E abanou a cabeça, como homem que julga conhecer o seu estado, pelo menos tão bem como o doutor, que algumas vezes se queria enganar a si próprio para melhor enganar os outros.

Desta vez Gilberto não se contentou com os sintomas exteriores, consultou o pulso: era apressado e forte; examinou a língua; estava viscosa e amarga; informou do estado da cabeça: estava pesada e dorida; os pés começavam a esfriar.

De repente os espasmos que o doente sentira dois dias antes, tornaram a aparecer, apoderando-se umas vezes das omoplatas e das clavículas, outras do diafragma; o pulso que, assim como dissemos, era apressado e forte, tornou-se intermitente e convulso.

Gilberto ordenou os mesmos revulsivos, que tinham operado as primeiras melhoras.

Infelizmente, ou porque o doente não tivesse força para suportar o doloroso remédio, ou porque não quisesse curar-se, no fim de um quarto de hora queixou-se de dores tão fortes em todas as regiões onde lhe tinham aplicado os sinapismos, que foi necessário tirá-los.

Imediatamente as melhoras que se tinham manifestado, desapareceram.

A nossa intenção não é seguir em todas as variações as fases da terrível doença. Desde a manhã desse dia a notícia espalhou-se pela cidade, mas desta vez mais seriamente do que na véspera.

Tinha recaído, diziam, e a recaída trazia a morte.

É então que se pode realmente julgar do lugar gigantesco que pode ocupar um homem no meio duma nação! Paris foi toda abalada como no dia em que uma calamidade geral ameaçasse ao mesmo tempo os indivíduos e a povoação. Do mesmo modo que na véspera, a rua esteve atulhada de homens do povo, que não deixavam que a bulha das carruagens chegasse aos ouvidos do doente. De hora em hora, os grupos reunidos debaixo das janelas perguntavam notícias. Entregavam-lhes boletins, que no mesmo instante circulavam da calçada de Antin, às extremidades de Paris; a porta estava cercada por uma multidão de cidadãos de todos os estados e de todas as opiniões, como se cada partido, por mais oposto que fosse aos outros, sofresse

alguma coisa com a perda de Mirabeau. Durante esse tempo, os amigos, os parentes, e as pessoas de relação particular do grande orador, enchiam os pátios, os vestibulos, e os quartos inferiores, sem que ele mesmo fizesse idéia de tal concorrência.

Entretanto poucas palavras tinham sido trocadas entre Mirabeau e o doutor.

- Decididamente, quer morrer? - disse o doutor.

- De que me serve viver? - respondeu Mirabeau.

E Gilberto, lembrando-se das promessas feitas por Mirabeau à rainha e da ingratidão desta, não insistira mais, prometendo a si mesmo cumprir até ao fim o seu dever de médico, ainda que bem certo de não ser nenhum Deus para lutar contra o impossível.

Na noite do primeiro dia da recaída, a sociedade dos Jacobinos mandou para se informar da saúde do seu ex-presidente, uma deputação, à testa da qual estava Barnave; tinham querido ajuntar-lhes os dois Lameths, mas estes recusaram.

Quando Mirabeau foi instruído desta circunstância, exclamou:

-Ah! Ah! Eu bem sabia que eles eram cobardes, mas ignorava que fossem tolos!

Durante vinte e quatro horas, o Dr. Gilberto não deixou um instante Mirabeau. Na quarta-feira, pelas onze horas, o grande orador estava suficientemente melhor e por isso Gilberto, cedendo às instâncias, passou a um quarto próximo, para descansar algumas horas.

Antes de se deitar, porém, o doutor ordenou que à menor reaparição dos acidentes viessem adverti-lo imediatamente.

Ao romper do dia, levantou-se; ninguém o fora acordar, e contudo, levantou-se inquieto; parecia-lhe impossível que as melhoras se conservassem assim sem incidente algum.

Efectivamente, quando descia, Teisch anunciou-lhe com voz trémula e com os olhos rasos de lágrimas, que o Sr. de Mirabeau estava pior, mas que tinha proibido, que fosse qual fosse o sofrimento que sentisse, acordassem o doutor.

Entretanto, o doente devia ter sofrido cruelmente; o pulso tomara carácter assustador, as dores haviam aumentado, finalmente, as sufocações e os espasmos tinham tornado com mais violência.

Muitas vezes, o que Teisch atribuíra a um momento de delírio, o doente pronunciara distintamente o nome da rainha.

- Ingratos! - dissera ele; - nem sequer mandam saber notícias minhas!

Depois, como falando consigo mesmo, continuou:

- Estimava bastante saber o que dirá ela, quando souber amanhã ou depois de amanhã, que eu morri!

Gilberto pensou que tudo dependeria da crise que se preparava; assim, dispondo-se a lutar vigorosamente contra a doença, ordenou uma aplicação de sanguessugas no peito; mas, como se elas fossem cúmplices do moribundo, não pegaram; substituíram-nas por outra sangria no pé e pílulas de almíscar.

O acesso durou oito horas. Durante esse tempo, como hábil duelista, Gilberto deu, por assim dizer, assalto à morte, parando todos os golpes, que ela dava, indo de encontro a alguns, mas sendo algumas vezes tocado por ela. Finalmente, oito horas depois, a febre cessou: a morte batia em retirada; mas como um tigre que foge para voltar, imprimiu a garra terrível na fronte do doente.

Gilberto ficou de pé e com os braços cruzados diante daquele leito, onde acabava de se efectuar a terrível luta. Estava muito ao facto dos segredos da arte, não só para conservar alguma esperança, mas para que duvidasse ainda.

Mirabeau estava perdido! - e no cadáver estendido diante de seus olhos, apesar de um resto de existência, era-lhe impossível ver Mirabeau vivo.

Desde esse momento, coisa extraordinária! o enfermo e Gilberto de comum acordo, e como possuídos da mesma idéia, falaram de Mirabeau - como de um homem que existira, mas que já morrera.

Desde esse momento também a fisionomia de Mirabeau tomou essa expressão de

solenidade, que pertence essencialmente à agonia dos grandes homens: a voz tornou-se lenta, grave e quase profética; houve desde então nas suas palavras alguma coisa de mais severo, mais profundo e mais previdente; nos seus sentidos alguma coisa de mais afectuoso, de mais dedicado e de mais sublime.

Disseram-lhe que um mancebo, que só o vira uma vez e que não queria dizer quem era, insistira para entrar.

Voltou-se para o lado de Gilberto, como para lhe pedir licença para receber esse mancebo.

Gilberto compreendeu-o.

- Mande entrar - disse ele a Teisch.

Teisch abriu a porta: um mancebo de dezenove anos apareceu no limiar da porta, caminhou devagar, ajoelhou diante do leito de Mirabeau, pegou-lhe na mão e beijou-lha rompendo em soluços.

Mirabeau parecia buscar na memória uma vaga recordação.

- Ah! - disse ele de repente - recordo-me agora, é o mancebo de Argenteuil

- Meu Deus! Abençoado sejais! - disse o mancebo - eis tudo o que vos pedia!

E levantando-se cobriu os olhos com as mãos, e saiu.

Alguns segundos depois, Teisch entrou trazendo na mão um bilhete, que o mancebo escrevera na antecâmara.

Continha o seguinte:

“Beijando a mão do Sr. de Mirabeau em Argenteuil, disse-lhe que estava pronto a morrer por ele.

Venho cumprir a minha palavra.

Li ontem no jornal inglês que a transfusão do sangue tinha, em caso idêntico àquele em que se acha o ilustre doente, sido executada com feliz sucesso em Londres.

Se, para salvar o Sr. de Mirabeau, a transfusão do sangue for julgada útil, ofereço o meu. É novo e puro.”

“Marnass”

Lendo estas linhas, Mirabeau não pôde conter as lágrimas.

Ordenou que mandassem entrar novamente o mancebo, mas querendo sem dúvida escapar a um agradecimento tão merecido, retirara-se, deixando o seu duplo endereço de Paris e Argenteuil.

Alguns instantes depois Mirabeau consentiu em receber todas as pessoas que se apresentassem; entraram os Srs. de La Mark e Trochot, seus amigos; a Sr^a. de Sailland, sua irmã; a Sr^a. de Aragon, sua sobrinha.

Mirabeau recusou sempre consultar outro médico além do Dr. Gilberto, e como este insistisse, replicou:

- Não, doutor; o senhor tem tido os incômodos da moléstia; se me curar, é necessário que tenha todo o mérito da cura.

De tempos a tempos, queria saber quem tinha vindo perguntar notícias suas, e suposto que não perguntasse: “A rainha mandou do paço?” Gilberto adivinhava, pelo suspiro que dava o moribundo, quando chegava ao fim da lista, que o único nome que desejava aí encontrar, era justamente o que lá não estava.

Então, sem falar do rei nem da rainha (Mirabeau não estava ainda suficientemente morto para o fazer) lançava-se com admirável eloquência na política geral, e particularmente na que teria seguido com a Inglaterra, se fosse ministro.

- Oh! Aquele Pitt! - exclamou ele uma vez – é o ministro dos preparativos... governa com o que ameaça, mais do que com o que faz! – “Se eu vivesse” havia de dar-lhe que fazer.

De vez em quando, um clamor subia até às janelas; era um triste grito de: “Viva

Mirabeau!” dado pelo povo; grito que parecia uma súplica, e mais um temor do que uma esperança.

Então Mirabeau escutava, e mandava abrir a janela, para que aquele ruído remunerador de tantos sofrimentos chegasse até ele durante alguns segundos permanecia com as mãos estendidas e os ouvidos atentos como aspirando e absorvendo em si todo esse rumor.

Depois murmurava:

- Oh! Bom povo! Povo caluniado, injuriado, desprezado como eu! É justo que sejam *eles* que me esqueçam, e tu que me recompenses!

Chegou a noite, Gilberto não quis deixar o doente, mandou aproximar do leito a marquesa e estendeu-se sobre ela.

Mirabeau deixou-o fazer tudo isso: desde que estava certo de morrer, já não temia o médico.

Logo que amanheceu, mandou abrir as janelas.

- Meu caro doutor - disse ele a Gilberto - é hoje o dia da minha morte. Quando se chega ao estado em que estou, só devemos tratar de nos perfumar e coroar de flores, para estarmos, o mais agradável possível, no sono de que nunca mais se acorda!... Terei agora licença para fazer o que desejo?

Gilberto fez-lhe sinal de que era senhor absoluto da sua vontade.

Então Mirabeau chamou os dois criados, e disse:

- João, traze-me as mais belas flores que pudeses encontrar, enquanto Teisch vai tratar de me tornar o mais belo possível.

João pareceu pedir com os olhos licença a Gilberto que, com a cabeça, fez-lhe sinal que sim.

Saiu.

Quanto a Teisch, que estivera muito doente na véspera, começou a barbear e a frisar o amo.

- A propósito - disse Mirabeau - estavas doente ontem, meu pobre Teisch; hoje como estás?

- Oh! Muito bem, meu querido amo, - respondeu o bom homem - e desejava bastante que o senhor estivesse tão bom como eu.

- Está bem - respondeu Mirabeau rindo - por pouca vida que tenhas, não te desejo a minha!

Neste momento sentiu-se um tiro de artilharia.

Donde vinha? Nunca se soube.

Mirabeau sobressaltou-se.

- Oh - disse ele endireitando-se - são já as exéquias de Aquiles?

Apenas João, para quem todos tinham corrido quando saiu do palácio, a fim de saber notícias do ilustre doente, disse que ia buscar flores, todos correram pelas ruas gritando: “Flores para o Sr. de Mirabeau!” e todas as portas se abriram, oferecendo todas as que tinham em casa ou nas estufas, de modo que em menos de um quarto de hora o palácio foi guarnecido das mais belas e mais raras.

Às nove horas da manhã o quarto de Mirabeau estava transformado num verdadeiro jardim.

Durante esse momento, Teisch acabava-lhe de completar a toilette.

- Meu caro doutor - disse Mirabeau - pedir-lhe-ei um quarto de hora para fazer as minhas despedidas a alguém, que deve deixar esta casa antes de mim. Se quiserem insultar essa pessoa, eu recomendo-lha.

Gilberto entendeu.

- Bem - disse ele - vou deixá-lo.

- Sim, mas esperará no quarto próximo. Depois dessa pessoa sair, o senhor não me deixará mais até à morte?

Gilberto fez um sinal afirmativo.
- Dê-me a sua palavra - disse Mirabeau.
Gilberto deu-a balbuciando. Aquele homem estóico admirava-se de encontrar lágrimas, ele que acreditava em que, à força de filosofia, chegara à insensibilidade.
Depois caminhou para a porta.
Mirabeau fê-lo parar.
- Antes de sair, abra a minha secretária e dê-me um cofre que lá há-de estar.
Gilberto fez o que Mirabeau desejava.
O cofre estava pesado; Gilberto julgou que estava cheio de ouro.
Mirabeau fez sinal para que o colocasse sobre a mesa da cabeceira, e depois estendendo-lhe a mão, disse:
- Terá a bondade de me mandar chamar o João, entende? Não o Teisch... Fatiga-me muito tocar para o chamar.
Gilberto saiu. João esperava-o no quarto próximo, e pela mesma porta que Gilberto saiu, entrou ele.
Atrás de João, Gilberto ouviu fechar a porta à chave.
A meia hora que se seguiu foi empregada por Gilberto em dar notícias do doente a quantos enchiam a sala.
As notícias eram desesperadas; não ocultou àquela multidão que Mirabeau não passaria decerto o dia.
Uma carruagem parou diante da porta do palácio.
Por um instante teve a idéia de que fosse uma carruagem da corte, que tinham por consideração deixado aproximar, apesar da geral proibição.
Correu à janela. Seria bem doce consolação para o moribundo saber que a rainha pensava nele.
Era uma simples carruagem de aluguer que João tinha ido buscar.
Gilberto adivinhou para quem.
Com efeito, alguns minutos depois, João saía conduzindo uma mulher envolta num manto.
A mulher subiu para a carruagem.
Diante da carruagem, sem querer saber quem fosse a mulher, a multidão afastou-se respeitosa.
João tornou a entrar.
Um instante depois, a porta do quarto de Mirabeau abriu-se e ouviu-se a voz fraca do doente que chamava o doutor.
Gilberto correu.
- Tome - disse Mirabeau - ponha o cofre no seu lugar, meu caro doutor.
Depois, como parecia admirado de o achar tão pesado como antes, Mirabeau disse:
- Sim, não é verdade que é curioso?... Onde diabo se vai acoitar o desinteresse!
Voltando para junto da cama, Gilberto achou no chão um lenço bordado e guarnecido de rendas.
Estava, ensopado em lágrimas.
- Ah - disse ele a Mirabeau - ela nada levou, mas deixou alguma coisa.
Mirabeau pegou no lenço, e sentindo-o úmido pô-lo sobre a fronte.
- Oh! - murmurou ele - só *ela* não tem coração...
E caiu sobre a cama com os olhos fechados, de modo que podiam julgá-lo apenas desmaiado, quando o estertor indicava já que estava próximo a morrer.

XXXIX

Fugir! Fugir! Fugir!

Efectivamente, a contar daquele momento, as poucas horas que Mirabeau viveu não foram mais que uma agonia.

Gilberto cumpriu a promessa feita, e ficou ao pé da cama até ao último instante.

Além de que, por doloroso que seja, é sempre uma grande lição para a medicina e para o filósofo o espectáculo da última luta travada entre a matéria e a alma.

Quanto maior for o génio, mais curioso é o estudar como esse génio sustenta o combate contra a morte, que deve acabar por dominá-lo.

Depois, a alma do doutor achava ainda, à vista daquele grande homem moribundo, outra origem de sombrias reflexões.

Porque morria Mirabeau, o homem de temperamento atlético, de constituição hercúlea?

Não fora por ter estendido a mão para sustentar aquela monarquia que ia desabando?

Não fora por ter-se apoiado um instante ao seu braço aquela mulher fatal, que se chamava Maria Antonieta?

Não lhe predissera Cagliostro uma coisa igual a esta morte, a respeito de Mirabeau? E esses dois entes extraordinários que ele encontrara, um matando a reputação, outro a saúde do grande orador da França, tornando o sustentáculo da monarquia, não eram eles para Gilberto uma prova de que todo o obstáculo devia, como a Bastilha, curvar-se diante daquele homem, ou antes diante da idéia que ele representava?

Quando Gilberto estava mergulhado no mais profundo dos seus pensamentos, Mirabeau fez um movimento e abriu os olhos.

Entrava na vida pela porta da dor.

Tentou falar: mas foi inutilmente e longe de parecer afectado por esse novo acidente, logo que teve a certeza de que não podia fazer uso da língua, sorriu e tentou fazer passar para os olhos o sentimento do reconhecimento, que sentia por Gilberto e por todos os mais, de quem os cuidados o acompanhavam naquela suprema e derradeira crise, cujo fim era a morte.

Entretanto só uma única idéia parecia preocupá-lo.

Só Gilberto podia adivinhá-la, e adivinhou-a.

O doente não podia calcular a duração do desmaio de que acabava de sair. Durara uma hora, ou esse dia, a rainha teria mandado saber notícias dele?

Mandaram trazer o registro, que estava em baixo, e em cada qual, ou como mensageiro, ou como por si próprio, inscrevia o seu nome.

Nenhum nome conhecido, que fosse da intimidade real, denunciou ao menos uma solicitude disfarçada.

Mandaram subir Teisch e João e interrogaram-nos; não tinha vindo nem criado particular nem ao menos o porteiro.

Viu-se então Mirabeau tentar um esforço supremo para pronunciar algumas palavras, um desses esforços, como devia ter feito Crespo quando, ao ver o pai ameaçado pela morte, conseguiu quebrar os laços que lhe prendiam a língua, e gritar: “Mulher! Não mates Crespo!”

Mirabeau conseguiu o mesmo.

- Oh! - exclamou - não sabem que, morto eu, eles estão perdidos?... Levo comigo o luto da monarquia, e sobre a minha sepultura, os facciosos dividirão entre si os fragmentos.

Gilberto correu para o doente; para um hábil médico há esperança enquanto há vida. Além de que, ainda que fosse para permitir àquela língua eloqüente o pronunciar mais algumas palavras, não se deviam empregar todos os recursos da arte?

Pegou numa colher, deitou-lhe algumas gotas do licor verde, de que já uma vez dera um frasco a Mirabeau, e sem o misturar com aguardente, aproximou-o dos lábios do enfermo.

- Oh! Caro doutor - disse ele sorrindo - se quer que o elixir da vida produza efeito em mim, dê-me a colher cheia, ou antes todo o conteúdo do frasco.

- Por quê? - perguntou Gilberto olhando fixamente para Mirabeau.

- Supõe - respondeu ele - que eu, o gastador de tudo por excelência, tivesse este tesouro

de vida entre as mãos sem o consumir? Não; fiz decompor o seu licor, meu querido esculápio, soube que se extraía da raiz do cânhamo índio, tenho-o tomado não só às gotas, mas às colheres; não só para viver, mas para sonhar!

- Desgraçado! Desgraçado! - murmurou Gilberto - estava bem longe de supor que lhe tinha dado veneno!

- Doce veneno, doutor! Graças ao qual dobrei, tripliquei, centupliquei as últimas horas da minha existência; graças ao qual, morrendo aos quarenta e dois anos, tenho vivido a vida de um centenário; graças ao qual, finalmente, possuí em sonhos tudo o que me escapava na realidade; força, riqueza e amor! Oh! Doutor! Doutor! Não se arrependa! Pelo contrário felicite-se: Deus só me havia dado a vida real, vida triste, pobre, sem encantos, infeliz, pouco digna de lástima, e que o homem devia estar sempre pronto a restituir-lhe como um empréstimo de usura... Doutor, não sei se devo dizer a Deus obrigado pela vida; mas sei que devo dizer ao senhor, obrigado pelo seu veneno!... Encha pois a colher e dê-ma!

O doutor fez o que pedia Mirabeau, e apresentou-lhe o licor que saboreou gostosamente.

Então, depois de alguns segundos de silêncio, como se na aproximação da eternidade a morte permitisse que se levantasse para ele o véu do futuro, ainda exclamou:

- Ai, doutor! Felizes os que morrerem neste ano de 1791, porque só terão visto a face brilhante e serena da revolução.

“Até hoje nunca revolução tão grande custou menos sangue, é que, até hoje, fazia-se unicamente nos espíritos, mas vai chegar o momento em que se fará nos factos e nas coisas.”

“Talvez acredite que me vão deplorar nas Tulherias? Não, a minha morte desembaraça o rei de uma promessa feita; comigo era-lhes necessário governar de certa maneira; não lhes era apoio, era-lhes obstáculo, *Ela* dizia ao irmão, escrevendo-lhe: ‘Mirabeau julga que me aconselha, e não vê que perde o tempo!’ Oh! eis a razão por que teria querido que essa mulher fosse a minha amante e não a minha rainha!”

“Que belo papel o de um homem que com uma das mãos sustenta a jovem liberdade e com outra a velha monarquia; que as obriga a caminhar com o mesmo passo, e para um só fim: a felicidade do povo e o respeito da realeza.”

“Talvez fosse possível! Talvez fosse um sonho! Mas esse sonho, tenho essa convicção, só eu o poderia realizar... O que me penaliza, doutor, não é morrer; é o morrer incompleto, é ter empreendido uma obra e não poder levá-la ao fim.”

“Quem apreciará a minha idéia, se ela ficou abortada, mutilada, decapitada?”

“O que hão-de saber de mim, doutor, é justamente o que convinha que ignorassem: será a minha vida desregrada, louca, vagabunda; o que hão-de ler de mim, serão as minhas *Cartas a Sofia*, a *Erótica Bíblia*, a *Monarquia prussiana*, folhetos e livros obscenos; o que me hão-de censurar, será o ter pactuado com a corte, e censurar-me-ão isso, porque desse pacto não aparecerá nada do que devia aparecer, não aparecerá mais do que um monstro, a que faltará para cúmulo a cabeça!”

“Entretanto julgar-me-ão morto aos quarenta e dois anos, como se tivesse vivido uma vida de homem; a mim, desaparecido no meio de uma tempestade, como se em lugar de ser obrigado a caminhar, sem cessar, sobre as ondas, isto é sobre o abismo, tivesse caminhado sobre uma grande estrada solidamente calçada de leis, ordenações e regulamentos!... Doutor, a quem legarei, não a minha fortuna arruinada, pouco importa isso, não tenho filhos; mas a quem legarei a minha memória caluniada, a minha memória, que podia ser um dia uma herança que fizesse honra à França, à Europa, ao Mundo?...”

- Porque se deu tanta pressa em morrer? - perguntou tristemente Gilberto.

- Sim - disse Mirabeau - há com efeito momentos em que me pergunto isso mesmo, do mesmo modo que o senhor me perguntou. Mas ouça bem isto: Eu nada podia sem *ela*, e ela não quis... Prometi como um louco, jurei como um imbecil, sempre submisso à voz invisível da imaginação, que me arrebatava o coração, ao passo que *ela* nada tinha prometido, nada tinha jurado. Assim, pois, tudo é pelo melhor, doutor, e se quer prometer-me uma coisa, que vou pedir-lhe, nenhum pesar perturbará as poucas horas que me restam de vida.

- Então que posso eu prometer-lhe?
- Prometa-me, doutor, que, se a passagem desta vida para a outra for muito difícil, muito dolorosa, e não só ao médico, mas também ao filósofo que o peço, prometa-me que a abreviará.

- Porque me pede semelhante coisa?
- Ah! Vou dizer-lho... É porque ainda me resta muita vida; eu não morro morrendo, caro doutor, morro vivendo, mas o último passo será custoso de dar!

O doutor inclinou o rosto sobre o de Mirabeau, e disse baixinho:

- Prometi não o deixar, meu amigo. Se Deus, e julgo que não será ainda, condenou a sua vida, então, no momento supremo, deixe à minha profunda ternura o cuidado de cumprir o que tiver de fazer... Se a morte está ali, eu estou aqui.

Dir-se-ia que o doente só esperava esta promessa.

- Obrigado! - murmurou ele, e deixou pender a cabeça sobre o travesseiro.

Desta vez, apesar da esperança, que é dever do médico infiltrar até à última gota no espírito do doente, Gilberto não duvidou mais: a abundante dose de elixir, que Mirabeau acabava de tomar, tinha por um instante, com os abalos da pilha voltaica, concedido ao enfermo com a palavra o jogo dos músculos - essa vida do pensamento, se assim se pode dizer - que a acompanha; mas logo que cessou de falar, os músculos enfraqueceram, e essa vida do pensamento dissipou-se, e a morte, impressa no rosto desde a última crise, apareceu nele mais profundamente gravada.

Durante três horas, a mão gelada do doente esteve entre as do Dr. Gilberto; durante essas horas, isto é, desde as quatro até às sete, a agonia foi sossegada.

Tão sossegada que se mandassem entrar todos, teriam acreditado que dormia.

Mas pelas oito horas Gilberto sentiu tremer nas suas a mão gelada de Mirabeau; o tremor era tão violento, que não havia que duvidar.

- Vamos - disse ele - está chegada a hora da luta; começa a verdadeira agonia!

E na verdade, a fronte do moribundo acabava de se cobrir de suor, e os olhos abertos pareciam lançar faíscas.

Fez um movimento, que indicava querer beber.

Apressaram-se imediatamente em lhe oferecer água, vinho e orchata, mas abanou a cabeça.

Não era isso o que queria.

Fez sinal que lhe trouxessem uma pena, tinta e papel.

Trouxeram-lhe, não só por lhe obedecer, mas ainda para que nenhum pensamento daquele grande génio, mesmo os do delírio, se perdesse.

Pegou na pena, e com mão firme escreveu estas duas palavras:

“Dormir... morrer...”

Eram as duas palavras de Hamlet.

Gilberto mostrou não compreender.

Mirabeau deixou cair a pena, levou as mãos ao peito como para o quebrar, deu alguns pequenos gritos, tornou a pegar na pena, e fazendo um esforço sobre-humano para mandar à dor que cessasse um instante, escreveu: “As dores têm-se tornado pungentes, insuportáveis... Deve-se abandonar um amigo sobre a estrada, durante horas, talvez durante dias, quando se lhe pode poupar a tortura com algumas gotas de ópio?”

Mas o doutor hesitava. Sim, como dissera a Mirabeau, no momento supremo, estaria em frente da morte; mas para a combater e não para a auxiliar.

As dores tornavam-se cada vez mais violentas; o moribundo contraía o rosto, torcia as mãos e mordida o travesseiro.

Finalmente romperam-se as prisões da paralisia.

- Oh! Os médicos! Os médicos! - exclamou de repente. - Não era meu médico e meu amigo, Gilberto? Não me havia prometido poupar-me as dores de semelhante morte? Quer que leve o pesar de ter confiado em si? Gilberto. Em nome da sua amizade, em nome da sua honra!

E com um suspiro, um gemido, um grito de dor, caiu sobre o travesseiro.

Gilberto também deu um suspiro, e apertando a mão de Mirabeau, disse:

- Está bem, meu amigo: vão dar-lhe o que pede.

E pegou na pena para fazer uma receita, que não era mais do que uma grande dose de xarope de diacódio em água destilada.

Mas apenas tinha escrito a última palavra, Mirabeau levantou-se sobre a cama, estendendo a mão e pedindo a pena.

Gilberto deu-lha imediatamente.

Então firmou no papel a mão encrespada pela morte, e com uma letra apenas legível, escreveu:

“Fugir! Fugir! Fugir!”

Quis assinar-se, mas não pôde traçar mais do que as quatro primeiras letras do seu nome, e estendendo o braço convulso para Gilberto, murmurou:

- Para *ela*!

E tornou a cair no travesseiro sem movimento, sem vista e sem respiração.

Estava morto!

Gilberto aproximou-se da cama, olhou fixamente para ele, tomou-lhe o pulso e pôs-lhe a mão sobre o coração; depois voltando-se para os espectadores desta cena suprema, disse:

- Senhores, Mirabeau deixou de sofrer!

E chegando uma última vez os lábios à fronte do finado, pegou no papel, de que só ele conhecia o destino, dobrou-o religiosamente, pô-lo junto ao coração e saiu, pensando que não tinha direito de o guardar um instante mais do que o tempo necessário para ir da calçada de Antin às Tulherias cumprir a recomendação do ilustre finado.

Alguns minutos depois da saída do doutor da câmara mortuária, um grande clamor se elevou na rua.

Era a notícia da morte de Mirabeau que principiava a espalhar-se.

Daí a pouco entrou um escultor; fora mandado por Gilberto para conservar à posteridade a imagem do grande orador, no mesmo momento em que na sua luta com a morte acabava de sucumbir.

Alguns minutos de eternidade tinham já restituído àquela fisionomia a serenidade que uma alma poderosa faz reflectir, ao deixar o corpo, sobre o rosto que animara.

Mirabeau não morrera! Mirabeau parecia dormir um sono cheio de vida e de sonhos risinhos!

XL

O funeral

A dor foi imensa, universal. Num instante espalhou-se do centro para a circunferência, da calçada de Antin às barreiras de Paris. Eram oito horas e meia da manhã.

O povo deu um grito terrível; depois encarregou-se de decretar o luto.

Correu aos teatros, rasgou os cartazes e fechou-lhes as portas.

Havia um baile nessa mesma noite em casa da calçada de Antin; invadiu a casa, dispersou os dançantes e quebrou os instrumentos dos músicos

A perda que a França acabava de sofrer foi anunciada na Assembléia pelo presidente.

Imediatamente Barrère, subiu à tribuna e pediu que a assembléia inscrevesse na acta desse dia fúnebre o testemunho de saudade, que sentia pela perda daquele grande homem, e insistiu para que se fizesse em nome da pátria um convite a todos os membros da Assembléia para assistirem ao seu funeral.

No dia seguinte, 3 de Abril, o departamento de Paris apresentou-se na Assembléia, pediu e obteve que a Igreja de Santa Genoveva fosse instituída em Panteão sagrado à sepultura dos

grandes homens, e que o primeiro fosse Mirabeau.

Transcrevemos aqui o magnífico decreto da Assembléia. É bom que se encontre nestes livros, que os homens políticos têm por frívolos, porque têm o defeito de ensinar a história de uma maneira mais suave do que empregam os historiadores; é bom, dizemos, que se encontre o maior número de vezes possível, e não importa onde, contanto que seja ao alcance da vista, estes decretos tanto maiores, quanto são arrancados espontaneamente à admiração, ou ao reconhecimento do povo.

Eis o decreto em toda a sua extensão.

“A Assembléia Nacional decreta.”

ARTIGO 1.º

O novo edifício de Santa Genoveva será destinado a receber as cinzas dos grandes homens, a datar da época da liberdade francesa.

ARTIGO 2.º

Só o corpo legislativo decidirá a que homens esta honra será conferida.

ARTIGO 3.º

Honorato Riquetti de Mirabeau é julgado digno desta honra.

ARTIGO 4.º

A legislatura não poderá para o futuro conferir esta honra a nenhum dos seus membros que faleça, a qual só poderá ser concedida pela legislatura seguinte.

ARTIGO 5.º

As excepções que puderem ocorrer com respeito a alguns grandes homens, mortos antes da revolução, só poderão ser feitas pelo corpo legislativo.

ARTIGO 6.º

O director do departamento de Paris será encarregado de pôr com brevidade a igreja de Santa Genoveva em estado de preencher o novo destino, e fará gravar no frontão estas palavras:

AOS GRANDES HOMENS A PÁTRIA RECONHECIDA

ARTIGO 7.º

Enquanto a nova igreja de Santa Genoveva não estiver acabada, o corpo de Riquetti de Mirabeau será colocado ao lado das cinzas de Descartes, no carneiro da dita igreja.

Vem a propósito transcrever neste lugar as disposições posteriores do decreto que ordenou a instituição do Panteão, dispensando-nos de lhes fazermos comentários.

Decreto de 20 de Fevereiro de 1806.

(O título 1.º deste decreto consagra a igreja de S. Dinis à sepultura dos imperadores.)

TÍTULO II

ARTIGO 7.º

A igreja de Santa Genoveva será terminada e consagrada ao culto, conforme a intenção do seu fundador, debaixo da invocação de Santa Genoveva, padroeira de Paris.

ARTIGO 8.º

Conservará o destino que lhe foi dado pela assembléia constituinte, e será consagrada à sepultura dos *grandes dignitários, dos oficiais do império e da coroa, dos senadores, dos oficiais da legião de honra*, e em virtude dos nossos decretos especiais, dos cidadãos que na carreira das armas, da administração e das letras tiverem prestado eminentes serviços à pátria; os seus corpos embalsamados serão sepultados na igreja.

ARTIGO 9.º

Os túmulos, colocados no Museu aos monumentos franceses, serão transportados para esta igreja, e depostos pela ordem dos séculos.

ARTIGO 10.º

O cabido metropolitano de Nossa Senhora, aumentado com seis membros, será encarregado de servir a igreja de Santa Genoveva. A guarda da igreja será especialmente confiada a um *principal*, escolhido entre todos os cônegos.

ARTIGO 11.º

Aí se oficiará solenemente, no dia 3 de Janeiro, a festa de Santa Genoveva; no dia 15 de Agosto a festa de S. Napoleão e o aniversário da conclusão da convenção; no dia de finados e no primeiro domingo de Dezembro, aniversário da coroação e da batalha de Austerlitz, e todas as vezes que aí houver enterros, em execução do presente decreto; nenhuma outra função religiosa se poderá fazer na sobredita igreja sem a nossa aprovação.

*“Napoleão.
Champagny.”*

“Ordenação de 12 de Dezembro de 1821:

Luís, por graça de Deus, rei de França e de Navarra.

A todos que o presente virem, saúde.

A igreja que o nosso avô el-rei Luís XVI tinha começado a fazer levantar, sob a invocação de Santa Genoveva, está felizmente acabada; se ainda não tem todos os ornamentos, que devem completar a sua magnificência, está contudo em estado que promete celebrar-se aí o officio divino; e com o fim de não retardar mais o cumprimento da intenção do seu fundador, e restabelecer, conforme as suas vistas e as nossas, o culto da padroeira, de que a nossa boa cidade de Paris tinha o costume de implorar a protecção em todas as suas procissões;

Pela informação do nosso ministério do interior, e ouvido o conselho de Estado;

Ordenamos o que segue:

ARTIGO 1.º

A nova igreja, fundada pelo rei Luís XV em honra de Santa Genoveva, padroeira de Paris, será constantemente consagrada ao exercício do culto divino, debaixo da invocação desta santa; para esse fim, é posta à disposição do arcebispo de Paris, que a fará provisoriamente servir pelos eclesiásticos que designar.

ARTIGO 2.º

Será ulteriormente determinado o serviço regular e perpétuo que aí se deva fazer e a natureza dele.

*“Luís.
Simeon.”*

Ordenação de 26 de Agosto de 1830.

Luís Filipe, etc.

Considerando que é da justiça nacional e da honra de França, que os grandes homens que têm prestado serviços à pátria, contribuindo para a sua glória, recebam, depois da morte, um brilhante testemunho de estima e de reconhecimento público;

Considerando que, para preencher este fim, as leis que têm destinado o Panteão a semelhante objecto devem ser postas em vigor;

Temos ordenado e ordenamos o seguinte:

ARTIGO 1.º

O Panteão voltará ao seu primitivo e legal destino; a inscrição:

AOS GRANDES HOMENS A PÁTRIA RECONHECIDA

Será colocada novamente no frontão. Os restos mortais dos grandes homens, que tiverem servido bem a pátria, aí serão depositados.

ARTIGO 2.º

Tomar-se-ão medidas para determinar, debaixo de que formas e condições este testemunho do reconhecimento nacional será conferido em nome da pátria. Uma comissão será imediatamente encarregada de apresentar um projecto de lei a este respeito.

ARTIGO 3.º

O decreto de 20 de Fevereiro de 1806, e a ordenação de 12 de Dezembro de 1821, ficam em vigor.

*“Luís Filipe.
Guizot.”*

Decreto de 6 de Dezembro de 1851.

O Presidente da República:

Vista a lei de 4 de Abril de 1791;

Visto o decreto de 20 de Fevereiro de 1806;
Vistas as ordenações de 12 de Dezembro de 1821 e de 26 de Agosto de 1830;
Decreta:

ARTIGO 1.º

A antiga igreja de Santa Genoveva torna ao culto, conforme a intenção do fundador, debaixo da invocação de Santa Genoveva, padroeira de Paris. Tomar-se-ão ulteriormente medidas para regular o exercício permanente do culto católico nesta igreja.

ARTIGO 2.º

A ordenação de 26 de Agosto de 1830 fica em vigor.

ARTIGO 3.º

O ministro da instrução pública e dos cultos, bem como o ministro das obras públicas, cada um no que lhe diz respeito, darão execução ao presente decreto, que será publicado no boletim das leis.

*“Luís Napoleão.
Fortoul.”*

Terminada a transcrição destas disposições, prossigamos a nossa narração.

No dia 4, às quatro horas da tarde, toda a Assembléia Nacional deixou a sala das sessões para ir a casa de Mirabeau. Era aí esperada pelo director do departamento, por todos os ministros e por mais de cem mil pessoas.

Mas, de cem mil pessoas, nem uma comparecera especialmente da parte da rainha.

O acompanhamento pôs-se em marcha.

O general Lafayette como comandante general das guardas nacionais do reino marchava na frente.

Depois o presidente da Assembléia Nacional, Tronchet, cercado por doze meirinhos.

Em seguida iam os ministros.

Depois os membros da Assembléia sem distinção de partidos, Sieyès dando o braço a Carlos Lameth.

Seguiam-se os do clube dos Jacobinos, como outra assembléia nacional. O clube tornara-se notável pela dor, provavelmente mais aparente do que verdadeira, decretando oito dias de luto, e Robespierre, cuja pobreza não lhe permitira comprar uma casaca, alugou uma, como já fizera para o luto de Franklin.

Depois, todo o povo de Paris, entre alas de guardas nacionais, subindo a mais de trinta mil homens.

Uma música fúnebre, em que pela primeira vez se ouviam dois instrumentos desconhecidos até então, o trombone e os pratos, marcava o passo daquela enorme multidão.

Às oito horas chegaram a Santo Eustáquio. O elogio fúnebre foi pronunciado por Cérutti; à última palavra, dez mil guardas nacionais descarregaram as espingardas de uma só vez; a Assembléia, que não esperava esta descarga, soltou uma exclamação; a detonação foi tão forte, que nem um só vidro ficou inteiro. Poder-se-ia acreditar por um instante que a abóbada do templo ia desabar e que a igreja serviria de sepultura ao acompanhamento.

Tornaram-se a pôr em marcha à luz dos archotes; a noite tinha estendido o sombrio manto, e não só invadira as ruas por onde se devia passar, mas também a maior parte dos corações dos que transitavam.

A morte de Mirabeau era na realidade uma escuridão política.

Morto Mirabeau sabia-se porventura o trilho que iam seguir? O hábil domador já ali não estava para guiar os fogosos ginetes, que têm por nome ambição e ódio; sentia-se que levava consigo alguma coisa, que faltaria daí em diante na Assembléia; o espírito da paz, que velava até ao meio da guerra, a bondade do coração, que se ocultava debaixo da violência do génio. Todos perderam com aquela morte; os realistas não tinham quem os estimulasse, os revolucionários não tinham quem os refreasse. O carro ia rodar mais rápido, quando a descida era ainda longa... Quem podia dizer para onde rodava, se para o triunfo se para o abismo?

Só chegaram ao Panteão pelo meio da noite.

Um único homem faltara ao convite - fora Pitou.

Por que razão não tinha ido Pitou? Ele mesmo o disse no dia seguinte a todos os seus amigos que o censuravam por isso.

Tinha lido - disse ele - um plano de conspiração contra-revolucionário, escrito pela mão de Mirabeau.

Três anos depois, num sombrio dia de Outono, não na sala da câmara, mas na das Tulherias, a Convenção, depois de ter morto o rei, a rainha, os girondinos, os franciscanos, os jacobinos, os montanheses, e depois de se ter morto a si mesma, não tendo mais nada que matar, principiou a destruir mortos. Foi então que com uma alegria selvagem ela declarou que se tinha enganado no juízo que fizera de Mirabeau, e que, aos seus olhos, o génio não podia fazer perdoar o crime.

Publicou-se um novo decreto, que excluía Mirabeau do Panteão. Veio um oficial de justiça, e leu o decreto, que declarava Mirabeau indigno de compartilhar a sepultura de Voltaire, de Rousseau e de Descartes, e que intimava o guarda da igreja para lhe entregar o cadáver.

Assim, uma voz mais terrível do que a que se deve ouvir no vale de Josafate, gritava antes do tempo: "Panteão, entrega os mortos!"

O Panteão obedeceu: o cadáver de Mirabeau foi entregue ao oficial de justiça, que fez, dito por ele mesmo, *conduzir e enterrar o dito cadáver no lugar ordinário das sepulturas*. Este lugar ordinário das sepulturas, era Clamart, o cemitério dos supliciados!

E para tornar ainda mais terrível o castigo, que o perseguia até depois de morto, foi de noite e sem acompanhamento algum que o cadáver foi enterrado sem indício do lugar da cova, sem cruz, sem pedra, sem inscrição.

Apenas uma tarde, um velho coveiro, perguntado por um desses espíritos curiosos de saber o que outros ignoram, conduziu uma tarde um homem através do triste cemitério, e parando no meio do recinto e apontando com o pé, disse:

- É aqui!

Depois, como o curioso insistisse para ter a prova, o coveiro repetiu:

- É aqui, respondo por isso; porque ajudei a descê-lo para a cova, e mesmo quase que caí dentro dela, tão pesado era o caixão de chumbo.

Esse homem era Nodier. Um dia também me acompanhou a Clamart, apontou com o pé no mesmo lugar, e disse-me também:

- É aqui!

- Ora já lá vão mais de cinquenta anos, durante os quais as gerações que se têm sucedido, passeiam sobre a desconhecida sepultura de Mirabeau. Acaso não será expiação longa demais para um crime não provado, que foi mais crime dos seus inimigos do que dele próprio, e não será tempo de imediatamente escavar essa terra impura, onde repousa, até que se encontre o caixão de chumbo, que tanto pesava ao pobre coveiro, e em que se reconhecerá o proscrito do Panteão?

Talvez Mirabeau não merecesse o Panteão; mas com toda a certeza, muitos repousam, e repousarão em terra cristã, que mais do que ele, merecem as gemónias.

França! Entre as gemónias e o Panteão, uma sepultura para Mirabeau, com o seu nome por único epitáfio, com o seu busto por único ornamento, com o futuro por único juiz!

O mensageiro

Na mesma manhã do dia 2 de Abril, talvez uma hora antes de Mirabeau dar o último suspiro, um oficial superior da marinha, vestido com o seu grande uniforme de capitão de fragata, vindo da rua de Saint-Honoré, encaminhava-se para as Tulherias, pelas ruas de Saint-Louis, e de l'Echelle.

Na altura do pátio das cavaliças, deixou-o à direita, soltou as cadeias, que o separavam do interior, retribuiu a continência à sentinela, que lhe apresentou a arma, e achou-se no pátio dos Suíços.

Chegado aí, tomou, como homem a quem o caminho é familiar, uma pequena escada particular, que por um comprido corredor comunicava com o gabinete de el-rei.

Vendo-o, o criado de quarto deu um grito de surpresa, quase de alegria; mas ele pondo o dedo na boca, disse:

- Sr. Hue, el-rei pode receber-me neste momento?

- El-rei está com o Sr. general de Lafayette, a quem dá as suas ordens - respondeu o criado - mas logo que o general saia...

- Anunciar-me-á?

- Oh! É inútil... Sua majestade decerto o espera, porque desde ontem à noite deu ordem para que fosse introduzido assim que chegasse.

Nessa ocasião sentiu-se tocar a campainha no gabinete de el-rei.

- Ouviu? - disse o criado. - É el-rei que toca, provavelmente para perguntar pelo senhor.

- Então, vá depressa, Sr. Hue, e não percamos tempo, se na realidade el-rei pode receber-me.

O criado de quarto abriu a porta, e quase imediatamente (prova de que el-rei estava só) anunciou:

- O Sr. conde de Charny!

- Oh! Que entre! Que entre! - disse el-rei - desde ontem que o espero!

Charny entrou apressadamente, e com respeitosa cortesia aproximou-se de el-rei.

- Meu senhor, demorei-me algumas horas segundo parece; mas espero que vossa majestade se digne perdoar-me quando lhe tiver dito as causas desta demora.

- Venha, venha, Sr. de Charny... Esperava-o com impaciência, é verdade; mas sou da sua opinião; só um motivo importante poderia fazer a sua viagem menos rápida do que devia ser... Ei-lo finalmente chegado; seja bem-vindo!

E estendeu ao conde a mão, que ele beijou com respeito.

- Meu senhor - continuou Charny, que via a impaciência de el-rei - recebi a ordem de vossa majestade antes de ontem à noite, e parti ontem às três horas da manhã de Montmédy.

- Como veio?

- Em carruagem de posta.

- Isso explica-me a demora - disse el-rei sorrindo.

- Meu senhor - disse Charny - poderia ter vindo a cavalo, e a todo o galope, é verdade, e dessa maneira, estaria aqui pelas dez ou onze horas da noite, ou talvez mais cedo, metendo à estrada real; mas quis examinar os bons ou maus pontos da estrada que vossa majestade escolheu, quis conhecer as postas mal montadas e as postas bem servidas; e quis principalmente saber quantos minutos e quantos segundos eram necessários para ir de Montmédy a Paris e, por consequência, de Paris a Montmédy. Certifiquei-me de tudo, e estou em estado agora de responder a vossa majestade sobre todos os pontos.

- Bravo! Sr. de Charny! - disse o rei - é um admirável servidor... Mas, deixe-me começar por dizer-lhe como estamos aqui, que depois me dirá como estava lá.

- Oh! Meu senhor - disse Charny - a julgar pelo que me disseram, as coisas vão por cá muito mal.

- A tal ponto que estou prisioneiro nas Tulherias, meu caro conde. Há pouco dizia eu a Lafayette, meu carcereiro, que preferia ser rei de Metz a ser rei de França... Felizmente, ei-lo de volta.

- Sua majestade fazia a honra de me dizer que ia pôr-me ao facto da situação.

- Sim, é verdade, em duas palavras... Soube da fuga de minhas tias?

- Como todos, meu senhor, mas sem pormenores.

- Oh! Meu Deus! A causa foi simples. Sabe que a Assembléia só nos permite padres ajuramentados. Está bem! As pobres senhoras atemorizaram-se à aproximação da Páscoa; acreditavam que comprometiam a alma confessando-se a um padre constitucional, e seguindo o meu conselho, devo dizê-lo, partiram para Roma. Nenhuma lei obstava àquela viagem, e não se devia temer que duas pobres senhoras velhas fortalecessem muito o partido dos emigrados. Narbonne é que foi encarregado de tratar de tudo; mas não sei o que ele fez, que todo o plano foi descoberto, e uma visita no género da que nos fizemos a Versalhes, nos dias 5 e 6 de Outubro, foi-lhes feita em Bellevue, na mesma noite da partida. Felizmente, saíram por uma porta enquanto a canalha entrava pela outra... compreende? Nem uma carruagem pronta. Três deviam estar preparadas na cocheira! Foi-lhes necessário ir até Meudon a pé; ali, finalmente, acharam carruagens e partiram. Três horas depois, grande rumor em Paris! Os que tinham ido para lhes impedir a fuga tinham encontrado o ninho ainda quente, mas vazio. No dia seguinte, gritaria de todos os jornais! Marat grita que elas levam milhões; Desmoulins que roubaram o delfim... Nada disso é verdade: as pobres senhoras tinham uns trezentos ou quatrocentos mil francos na sua bolsa, e estavam bastante ocupadas consigo mesmas para se importarem com uma criança que só serviria para as fazer conhecer: e a prova é que foram conhecidas mesmo sem ela, primeiro em Moret, onde as deixaram passar, depois em Arnay-le-Duc, onde foram presas. Foi-me necessário escrever à Assembléia para que elas pudessem continuar a sua jornada, e apesar da minha carta, a Assembléia discutiu todo o dia; finalmente, foram autorizadas a continuar a jornada sob a condição da comissão apresentar uma lei sobre emigração.

- Sim - disse Charny - mas julgava que, por um magnífico discurso do Sr. de Mirabeau, a Assembléia tinha rejeitado o projecto de lei da comissão.

- Certamente que rejeitou; mas ao lado deste pequeno triunfo, esperava-me uma grande humilhação. Quando viram o motim que causava a partida das pobres senhoras, alguns amigos dedicados (restavam-me ainda mais do que eu julgava, meu caro conde), um cento de fidalgos tinha corrido às Tulherias, e vieram oferecer-me as vidas. Imediatamente se espalhou a notícia de que se tramava uma conspiração e que queriam roubar-me. Lafayette, que tinha sido mandado ao bairro de Santo António sob pretexto de que estavam reedificando a Bastilha, furioso por ser apanhado de súbito, voltou às Tulherias, entrando com a espada na mão, prendeu os nossos pobres amigos e desarmou-os: encontraram a uns pistolas, a outros facas; cada um agarrava no que encontrava ao alcance da mão. Bom! O dia será inscrito na história com nome novo: chamar-se-á o dia dos *cavaleiros do punhal!*

- Ai, meu senhor, meu senhor, que terrível tempo este em que vivemos! - disse Charny abanando a cabeça.

- Espere, que ainda não é tudo... Todos os anos vamos a Saint-Cloud; é negócio assente, resolvido. Antes de ontem pedimos as carruagens, descemos, achamos quinhentas pessoas à roda das carruagens! Subimos; era impossível caminhar; o povo salta às rédeas dos cavalos, declara que quero fugir, mas que não o hei-de conseguir... Depois de uma hora de inúteis tentativas, foi preciso entrar. A rainha chorava de cólera!

- Mas o general Lafayette não estava então aí para fazer respeitar vossa majestade?

- Lafayette? Sabe o que ele fazia?... Mandava tocar a rebato o sino de Saint-Roch e corria à casa da câmara a pedir a bandeira vermelha para declarar a pátria em perigo... A pátria em perigo, porque o rei e a rainha vão a Saint-Cloud! Sabe quem lhe recusou a bandeira vermelha, quem lha arrancou das mãos, porque ele já a tinha? Foi Danton! Por isso se diz que ele se me vendeu, que recebeu cem mil francos da minha mão... Eis a que chegámos, meu caro conde, sem contar que

Mirabeau está para morrer, talvez esteja morto a estas horas.

- Então, é mais uma razão para nos apressarmos, meu senhor.

- É o que vamos fazer... Vejamos, o que decidiu com o Boillé? Está forte, segundo julgo; o negócio de Nancy ocasionou a que lhe fosse aumentado o comando, tem mais tropas às suas ordens.

- Tem sim, meu senhor, mas infelizmente as ordens do ministro da guerra contrariam sem cessar as nossas; acaba de lhe tirar o comando do regimento dos hussards da Saxónia e recusa-lhe os regimentos suíços; foi a grande custo que conservou na fortaleza de Montmédy o regimento de infantaria de Bouillon.

- Então duvida agora?

- Não, meu senhor, são algumas probabilidades de menos; mas que importa! Em semelhantes empresas convém sempre contar com o fogo ou com o acaso, e sempre temos, se a empresa for bem conduzida, noventa probabilidades por cem.

- Bem, visto que assim é, voltemos ao que nos diz respeito.

- Vossa majestade está decidido a seguir a estrada Chalons, de Saint-Menehould, Clermont e de Stenay, conquanto essa estrada tenha, pelo menos, vinte léguas mais do que as outras, e não tenha posta em Varennes?

- Já disse ao Sr. de Bouillé os motivos que me faziam preferir esse caminho.

- Sim, meu senhor, e ele transmitiu-nos por esse motivo, as ordens de vossa majestade; foi até depois dessas ordens que toda a estrada foi reconhecida por mim, moita por moita, pedra por pedra... O relatório deve estar já nas mãos de vossa majestade, pelo menos assim o creio.

- E é uma obra prima, meu caro conde; conheço agora a estrada, como se eu mesmo a tivesse traçado e construído.

- Está bem, meu senhor, eis as informações que a minha última viagem acrescenta às outras.

- Fale, Sr. de Charny, que o escuto, e para maior facilidade, aqui está a planta levantada pelo senhor.

E dizendo estas palavras, o rei tirou um mapa, que desenrolou em cima da mesa. O mapa não era um simples esboço, era desenhado à mão, e como o dissera Charny, nem uma árvore, nem uma pedra ali faltava; era obra de mais de oito meses de trabalho.

Charny e o rei curvaram-se sobre o mapa.

- Meu senhor - disse Charny - o verdadeiro perigo começará para vossa majestade em Saint-Menehould e terminará em Stenay; é na extensão destas dezoito léguas que convém espalhar destacamentos.

- Não se poderiam aproximar mais de Paris, Sr. de Charny, fazê-los chegar até Chalons, por exemplo?

- É difícil. Chalons é uma cidade muito forte para que quarenta, cinqüenta, ou mesmo cem homens possam fazer alguma coisa eficaz pela salvação de vossa majestade, se for ameaçada. Além disso, o Sr. de Bouillé só responde pelo bom êxito a partir de Saint-Menehould. Tudo o que pode fazer, e isto disse-me ele ainda que o discutisse com vossa majestade, é colocar o seu primeiro destacamento na ponte de Sommeville... Veja, meu senhor, aqui... isto é, na primeira posta, adiante de Chalons.

E Charny indicava com o dedo no mapa o sítio do que se tratava.

- Seja - disse el-rei; - em dez ou doze horas pode-se estar em Chalons... Em quantas horas fez as noventa léguas?

- Em trinta e seis.

- Mas numa carruagem ligeira, em que estivesse só com um criado?

- Perdi três horas na estrada a examinar em que sítio de Varennes se devia colocar a muda, e se era antes da cidade, do lado de Dun. Isso quase que compensa: estas três horas perdidas compensarão o peso da carruagem. A minha opinião é que el-rei pode ir de Paris a Montmédy em trinta e cinco ou trinta e seis horas.

- E o que decidiu, relativamente à muda de Varennes? É o ponto principal? É preciso que tenhamos a certeza de aí não nos faltarem cavalos.

- Sim, meu senhor... E a minha opinião é que a muda deve estar colocada além da cidade do lado de Dun.

- Em que baseia essa opinião?

- Na própria situação da cidade.

- Explique-me a situação.

- Meu senhor, a coisa é fácil, passei cinco ou seis vezes por Varennes; é uma pequena cidade, de uns mil e seiscentos habitantes, dividida em dois bairros bem distintos, a que chamam cidade alta e cidade baixa, e que são separados pelo rio de Aire, comunicando-se por uma ponte lançada sobre este rio. Se vossa majestade quer ver no mapa... Ali, meu senhor, ao pé da floresta de Argonne, sobre a raia...

- Oh! Já não vejo - disse o rei - a estrada faz um enorme cotovelo na floresta para ir a Clermont.

- É isto, meu senhor.

- Mas, nada disso me diz a razão por que colocou a muda na cidade, em lugar de a colocar antes.

- Note vossa majestade... A ponte, que conduz de um a outro bairro é dominada, por uma torre alta; essa antiga torre de portagem é edificada sobre uma abóbada sombria e estreita; ali o menor obstáculo pode impedir a passagem... Vale mais, pois, havendo perigo, corrê-lo com cavalos e postilhões, batendo a toda a brida, e vindo de Clermont, que passar a quinhentos passos para cá da ponte, pois, se el-rei fosse por acaso conhecido ao tomar a muda, poderia ser guardado e defendido, a um sinal, por três ou quatro homens.

-É exacto - disse o rei; - além disso, em caso de hesitação, o conde estará ali.

- Será ao mesmo tempo um dever e uma honra para mim, se el-rei me julgar digno disso!

O rei estendeu novamente a mão a Charny.

- Assim - disse - o Sr. de Bouillé já marcou os pontos, e escolheu os homens que há-de postar no meu caminho.

- Depois de ouvida a aprovação de vossa majestade - disse Charny respeitosamente.

- Entregou-lhe a este respeito alguma nota?

Charny tirou da algibeira um papel dobrado e entregou-o a el-rei, inclinando-se.

O rei desdobrou e leu:

“A opinião do marquês de Bouillé é que os destacamentos não devem passar além de Saint-Menehould; se contudo sua majestade el-rei exigir que cheguem até à ponte de Sommeville, eis o modo como proponho a vossa majestade que distribua as forças destinadas a servir-lhe de escolta:

1.º Na ponte de Sommeville quarenta hussards do regimento de Lauzun, comandados pelo Sr. duque de Choiseul, coronel, tendo às suas ordens o tenente Boudet;

2.º Em Saint-Menehould, quarenta dragões do regimento Real, comandados pelo Sr. marquês de Dandoins, capitão;

3.º Em Clermont, cem dragões do regimento de Provença e quarenta do regimento Real, comandados pelo Sr. conde Carlos de Damas, coronel;

4.º Em Varennes, sessenta hussards do regimento de Lauzun, comandados pelos Srs. de Rohrig, de Bouillé filho, e de Raigecourt;

5.º Em Dun, cem hussards do regimento de Lauzun, comandados pelo Sr. Deslon, capitão;

6.º Em Mouzaz, cinquenta homens do real-alemão, comandados pelo Sr. Guntzer, capitão;

7.º Finalmente, em Stenay, o regimento do real-alemão, comandado pelo seu tenente-coronel barão de Mandell.”

- Parece-me que está bem assim - disse o rei depois de ter lido; - mas se estes destacamentos forem obrigados a permanecer um, dois ou três dias nas aldeias, que pretexto se dará?

- Meu senhor, o pretexto está pronto; dirão que esperam um comboio de dinheiro, enviado pelo ministério ao exército do Norte.

- Vamos - disse o rei com visível satisfação - tudo está previsto.

Charny inclinou-se.

- A propósito desses comboios de dinheiro - disse o rei - sabe se o Sr. Bouillé recebeu o milhão que lhe enviei?

- Recebeu sim, meu senhor... Porém vossa majestade sabe que esse milhão era em apólices, que perdem vinte por cento.

- Pôde ele ao menos descontá-las por esse preço?

- Meu senhor, em primeiro lugar um fiel súbdito de vossa majestade foi assaz feliz em poder trocar cem mil escudos delas... sem desconto, bem entendido.

O rei olhou para Charny.

- E o resto, conde? - perguntou ele.

- O resto - respondeu Charny - foi descontado pelo Sr. de Bouillé, filho, em casa do banqueiro de seu pai, o Sr. Perregaux, que lhe pagou a quantia que restava em letras de câmbio sobre os Srs. Bethmann de Francfort, os quais as aceitaram... Chegada a hora, não faltará dinheiro.

- Obrigado, Sr. conde - disse Luís XVI; - agora vai dizer-me o nome do fiel servidor, que comprometeu talvez a sua fortuna para poder dar os cem mil escudos ao Sr. de Bouillé.

- Meu senhor, esse fiel servidor de vossa majestade é muito rico, e por consequência não tem mérito algum em fazer o que fez.

- Não importa, quero saber o nome dele.

- Meu senhor - respondeu Charny inclinando-se - a única condição que pôs ao pretendido serviço, que fez a vossa majestade, foi guardar o incógnito.

- Entretanto - disse o rei - o Sr. conhece-o?

- Conheço sim, meu senhor.

- Sr. de Charny - disse então o rei com a dignidade cheia de alma, que ele assumia em certas ocasiões; - aqui está um anel, que para mim é bem precioso, (e tirou um simples anel do dedo); recebi-o da mão de meu pai moribundo, beijando-lhe a mão gelada já pela morte; é pois o valor que lhe dou, não tem outro. Mas para um coração que souber compreender-me, este anel tornar-se-á mais precioso que o rico diamante. Repita a esse fiel servidor o que acabo de lhe dizer, Sr. de Charny, e dê-lhe este anel da minha parte.

Duas lágrimas deslizaram dos olhos de Charny; o peito arfava-lhe, e soluçando ajoelhou para receber o anel das mãos de el-rei.

Neste momento a porta abriu-se; o rei voltou-se vivamente, porque esta porta, abrindo-se assim, era uma tal infracção às regras da etiqueta, que constituía um grande insulto, se não fosse motivada por alguma grande necessidade.

Era a rainha.

A rainha vinha pálida, e com um papel na mão.

Mas à vista do conde ajoelhado, beijando o anel do rei e metendo-o no dedo, deixou cair o papel dando um grito de espanto.

Charny levantou-se, saudando respeitosamente a rainha, que balbuciava:

- O Sr. de Charny... o Sr. de Charny... aqui... nos quartos de el-rei... nas Tulherias!

E muito baixo acrescentava:

- E eu não o sabia!

Havia uma tal expressão de dor nos olhos da pobre senhora, que Charny, não tendo ouvido o fim da frase, mas tendo-a adivinhado, deu dois passos para ela.

- Cheguei agora mesmo - disse ele - e ia pedir a el-rei licença para apresentar a vossa

majestade os meus respeitos.

O sangue tornou a subir às faces da rainha. Havia muito tempo que não ouvia a voz de Charny, e embriagara-se com a suave entoação que ele dera àquelas palavras.

Estendeu então as duas mãos, como para o abraçar; mas, quase imediatamente, pôs uma sobre o coração, que sem dúvida, batia demasiado forte.

Charny viu e adivinhou tudo, se bem que essas sensações, que nos são precisas dez linhas para escrever e explicar, se tivessem produzido durante o tempo que o rei gastava em ir apanhar o papel que tinha caído das mãos da rainha, e que o vento fizera voar até ao fim do gabinete.

El-rei leu o que estava escrito no papel, mas nada compreendeu.

- Que querem dizer estas três palavras “Fugir! Fugir! Fugir!” e esta meia assinatura? – perguntou o rei muito admirado.

- Meu senhor - respondeu a rainha - querem dizer que o Sr. de Mirabeau morreu há dez minutos, e que é esse o conselho que nos deu nos últimos momentos.

- Senhora - disse o rei - o conselho será seguido porque é bom, e chegou o momento de o pôr em execução.

Depois, voltando-se para Charny, disse:

- Conde, pode acompanhar a rainha aos seus aposentos e contar-lhe tudo.

A rainha levantou-se, e olhou alternadamente para o rei e para Charny.

Depois, dirigindo-se a este último, disse:

- Venha, Sr. conde.

E saiu precipitadamente, porque lhe teria sido impossível, se ficasse mais um minuto, conter os sentimentos opostos do coração.

Charny inclinou-se uma última vez diante do rei e seguiu Maria Antonieta.

XLII

A promessa

A rainha entrou na sua câmara e deixou-se cair num canapé, fazendo sinal a Charny que fechasse a porta.

Por felicidade, a câmara onde entrara estava só.

Gilberto pedira para falar sem testemunhas à rainha, a fim de lhe dizer o que acabava de se passar e de lhe entregar a última recomendação de Mirabeau.

Apenas assentada, o seu coração, demasiadamente cheio, trasbordou e ela rompeu em soluços.

Os soluços eram tão enérgicos e tão verdadeiros, que foram despertar no íntimo do coração de Charny os restos do antigo amor que sentia pela rainha.

Dissemos os restos do antigo amor, porque, quando uma paixão semelhante àquela, que vimos nascer e crescer, se apodera do coração do homem, a menos que uma dessas causas terríveis, a que se sucede a raiva, não sobrevenha ao amor, nunca ele se extingue completamente.

Charny estava na estranha posição, que só os que se têm achado em circunstâncias iguais podem avaliar; tinha ao mesmo tempo em si um novo e antigo amor.

Já amava Andréia com toda a força do seu coração.

Amava ainda a rainha com toda a piedade da sua alma.

A cada sofrimento daquele pobre amor, sofrimento causado pelo egoísmo, isto é, pelo excesso desse amor, tinha por assim dizer, sentido sangrar o coração daquela mulher, e sem compreender esse egoísmo, como todos aqueles para quem um amor passado se torna um pesado fardo, tinha tido a força de o desprezar.

E todavia, todas as vezes que essa dor tão verdadeira se patenteava diante dele, sem recriminações nem censuras, media a profundidade desse amor; lembrava-se quantos preconceitos humanos, de quantos deveres sociais aquela mulher desprezara por causa dele, e

suspenso por esse abismo não podia fugir a deixar ali cair por sua vez uma lágrima de dor e uma palavra de consolação que o aliviasse.

Mas, através dos soluços, a censura fazia-se sentir, por entre as lágrimas manifestavam-se as recriminações; no mesmo instante se lembrava das exigências daquele amor, daquela vontade absoluta, daquele despotismo real, que se mostrava constantemente misturado com as expressões da ternura e com as provas da paixão; franzia o sobrolho a essas exigências, armava-se contra o despotismo, lutava contra a vontade, comparava-lhe a doce e inalterável figura de Andréia, e começava a preferir essa estátua de gelo, como ele a julgava, àquela imagem de paixão sempre pronta a lançar pelos olhos as faíscas do seu amor, do seu ciúme ou do seu orgulho.

Desta vez a rainha chorava e não dizia nada.

Havia mais de oito meses que não via Charny. Fiel à promessa que fizera a el-rei, o conde, durante esse tempo, não se havia apresentado a ninguém. A rainha estivera na ignorância daquela existência, tão intimamente ligada à sua, que durante dois ou três anos julgara que seria impossível separar uma da outra, sem as quebrar ambas. Entretanto, como viram, Charny separara-se dela, sem lhe dizer para onde ia; contudo, era essa a sua única consolação, a rainha sabia que ele estava empregado no serviço de el-rei, de sorte que dizia: “trabalhando para o rei, também trabalha para mim, e há-de pensar em mim; ainda que não queira!”

Fraca consolação era porém esse pensamento, que lhe vinha por segunda pessoa, quando por tanto tempo lhe pertencera só a ela. Por isso, vendo repentinamente Charny, no momento em que menos o esperava, encontrando-o no quarto de el-rei, na sua volta, quase no mesmo sítio em que o tinha encontrado no dia da sua partida, todos os sofrimentos que lhe tinham torturado a alma, todos os pensamentos que lhe tinham atormentado o coração, todas as lágrimas que lhe haviam queimado os olhos durante a ausência, vinham ao mesmo tempo juntas, tumultuosamente, inundar-lhe as faces e encher-lhe o peito com todas as angústias que ela julgava esquecidas, com todas as dores que supunha acabadas.

Chorava, por chorar; as lágrimas tê-la-iam sufocado se não rebentassem.

Chorava sem pronunciar uma única palavra. Era de alegria? Era de dor? De uma e de outra coisas talvez; toda a grande comoção se patenteia por meio de lágrimas.

Charny, sem nada dizer, mas com mais amor do que respeito, aproximou-se da rainha, pegou numa das mãos com que ela cobria o rosto, e apoiando-lhe os lábios, disse:

- Senhora, sou feliz e orgulhoso por lhe afirmar que, desde o dia em que parti, não passei sequer uma hora sem me ocupar de vossa majestade.

- Oh! Charny, Charny - respondeu a rainha - houve tempo em que talvez se ocupasse menos da minha pessoa, mas em que pensava um pouco mais em mim!

- Senhora - disse Charny - estava encarregado por el-rei de uma missão de grande responsabilidade... Esta missão impunha-me o silêncio mais absoluto até ao dia em que fosse cumprida. Cumprida hoje, só pude ver e falar a vossa majestade, ao passo que até agora nem sequer pude escrever-lhe!

- Foi um belo exemplo de lealdade que deu Olivier - disse melancolicamente a rainha - e só lamento uma coisa, e é que só o tenha podido dar com grande sacrifício de outro sentimento.

- Senhora - disse Charny - permita, visto que el-rei mo permitiu, que instrua vossa majestade do que tenho feito para a sua salvação.

-Oh! Charny, Charny - disse a rainha - não tem alguma coisa mais urgente que dizer-me?

E apertou ternamente a mão do conde, olhando-o com esse olhar pelo qual outrora ele teria dado a vida que estava sempre pronto, senão a oferecer, ao menos sacrificar.

E olhando-o assim viu-o não como o viajante cheio de poeira, que se apeia de uma carruagem de posta, mas como o cortesão cheio de elegância, que submeteu toda a sua dedicação às regras da etiqueta.

Aquele vestuário, tão completo, de que a rainha mais exigente poderia ficar satisfeita, inquietou visivelmente a mulher.

- Quando chegou? - perguntou ela.

- Agora mesmo, minha senhora – respondeu Charny.

- E vem?

- De Montemédy.

- Então atravessou metade da França?

- Fiz noventa léguas desde ontem pela manhã.

- A cavalo ou de carruagem?

- Em carruagem de posta.

- Como, depois dessa longa e fatigante jornada, desculpe as minhas perguntas, está tão bem escovado, engraxado e penteado como um ajudante de campo do general Lafayette que saísse da secretaria?... As notícias que trazia, eram então pouco importantes?

- Pelo contrário, eram importantíssimas, minha senhora, mas pensei que se me apegasse no pátio das Tulherias de uma carruagem de posta coberta de poeira, atrairia a curiosidade. El-rei, ainda agora me dizia quanto estavam estreitamente guardados, e ouvindo-o, felicitava-me por ter tido a precaução de vir a pé, e com o meu uniforme, como um simples oficial, que vem apresentar os seus respeitos, depois de uma ou duas semanas de ausência.

A rainha apertou convulsivamente a mão de Charny; via-se que uma última pergunta lhe restava a fazer, e que havia tanta mais dificuldade em formular, quanto mais importante lhe parecia.

Por isso passou a interrogar de outra maneira.

- Ah! Sim - disse ela com voz abafada - esquecia-me de que tinha uma casa em Paris!

Charny sobressaltou-se. Só então percebeu o fim de todas aquelas perguntas.

- Eu! Uma casa em Paris! Onde, minha senhora?

A rainha fez um esforço.

- Ora... Na rua Coq-Héron. Não é aí que mora a condessa?

Charny esteve quase a enfurecer-se como um cavalo, que esporeiam numa ferida ainda viva; mas havia na voz da rainha um tal sentimento de hesitação, uma tal expressão de dor, que se compadeceu do que ela devia sofrer, ela, tão altiva, com tanto poder em si, para descobrir a sua comoção até este ponto, exprimindo uma profunda tristeza, que talvez não fosse só causada pelo sofrimento da rainha, disse:

- Minha senhora, julgava ter tido a honra de dizer a vossa majestade antes da minha partida que a casa da Sr^a. de Charny não era minha: apeei-me em casa de meu irmão, o visconde Isidoro de Charny, e foi em casa dele que mudei de fato.

A rainha deu um grito de alegria, e deixou-se cair de joelhos, levando aos lábios a mão de Charny.

Mas, tão rápido como ela, agarrou-a ele entre os braços e levantando-a, exclamou:

- Oh! Minha senhora, que faz?

- Agradeço-lhe, Olivier! - disse a rainha com uma voz tão doce, que Charny sentiu as lágrimas chegarem-lhe aos olhos.

- Agradece-me! O quê?

- O quê... Pergunta-me o quê - exclamou a rainha; - por me haver dado o único momento de alegria completa que tenho gozado desde a sua partida... Meu Deus! Bem sei que é uma coisa louca e insensata bem digna de piedade o ciúme! Também o senhor em certa época foi cioso! Hoje esquece-se disso... Oh! Os homens, quando são ciosos, são bem felizes! Podem bater-se com os seus rivais! Matar ou serem mortos!... Mas as mulheres, essas só podem chorar... Ainda que saibam que as suas lágrimas são inúteis e talvez perigosas; porque bem sabemos que as nossas lágrimas, em lugar de aproximar de nós aquele por quem as derramamos, muitas vezes mais o afastam; mas é a vertigem do amor; vê-se o abismo, em lugar de lhe fugir, precipitamo-nos nele! Obrigado mais uma vez. Olivier! Como vê, agora estou alegre e já não choro.

E com efeito, a rainha tentou rir-se; mas como se na força da dor tivesse esquecido a alegria, o riso foi tão triste e tão doloroso, que o conde estremeceu.

- Oh! Meu Deus! - murmurou ele - é possível que tenha sofrido tanto?

Maria Antonieta pôs as mãos e exclamou:

- Sede abençoado, Senhor! Porque no dia em que ele compreender a minha dor, não terá forças para me abandonar!

Charny sentia-se como que suspenso num declive, em que no momento dado lhe seria impossível conservar-se mais tempo. Fez um movimento como os patinadores que, para parar, se curvam para trás, com risco de quebrar o gelo sobre que caminham.

- Minha senhora - disse ele - não me permite, pois, colher o fruto da minha longa ausência, explicando-lhe o que tive a felicidade de fazer por vossa majestade?

- Ah! Charny - respondeu a rainha - gostava mais do que lhe dizia há pouco... Mas tem razão, não convém esquecer a mulher que é rainha. Fale, Sr. embaixador, a mulher obteve tudo o que tinha direito a esperar do senhor; a rainha escuta-o.

Então Charny contou-lhe tudo; como fora enviado ao Sr. de Bouillé; como o conde Luís viera a Paris; como ele, Charny, tinha, pedra por pedra, examinado a estrada por onde a rainha devia fugir; como, finalmente, tinha vindo anunciar a el-rei que só faltava pôr em execução a parte material do projecto.

A rainha ouviu Charny com grande atenção, e ao mesmo tempo com profundo reconhecimento; parecia-lhe impossível que a simples dedicação chegasse a esse ponto; só o amor, e um amor ardente e inquieto, podia prever os obstáculos, e inventar os meios que deviam combatê-los e vencê-los.

Deixou-o dizer tudo; quando acabou, olhando-o com uma sublime expressão de ternura, perguntou:

- Será pois muito feliz por me haver salvo, Charny?

- Oh! - exclamou o conde -- pergunta-me isso, minha senhora! É o sonho da minha ambição, e se o consigo, será a glória da minha vida.

- Preferiria que fosse a recompensa do seu amor - disse a rainha com melancolia; - mas não importa!... Deseja ardentemente que a grande obra da salvação do rei, da rainha e do delfim de França se realize pela sua mediação?

- Só espero o seu consentimento para lhe votar toda a minha existência.

- Sim, e eu compreendo-o, meu amigo - disse a rainha; - essa dedicação deve ser livre de todo o sentimento estranho e de toda a afeição material. É impossível que meu marido e meus filhos sejam salvos por um braço que não ousaria estender-se-lhes para os amparar se caíssem nessa estrada que vamos percorrer juntos... Entrego-lhe a sua vida e a minha, meu irmão... mas também terá piedade de mim, não é verdade?

- Piedade de vossa majestade? - disse Charny.

- Sim... Não quererá que nos momentos em que tiver precisão de toda a minha força, de toda a minha coragem, de toda a minha presença de espírito, uma idéia louca, talvez - mas que quer? Há pessoas que não se atrevem a caminhar de noite com medo de espectros, que ao amanhecer conhecem não existir! - Não quer que tudo se perca, talvez, por falta de uma promessa feita, de uma palavra dada... Não o quererá!...

Charny interrompeu a rainha, dizendo:

- Minha senhora, quero a salvação de vossa majestade; quero a felicidade da França; quero a glória de acabar o que comecei, e confesso-lhe que estou desesperado por só ter um tão pequeno sacrifício que fazer-lhe... Juro-lhe que só verei a Sr.^a de Charny com a licença de vossa majestade.

E saudando respeitosa e friamente a rainha, retirou-se sem que ela, gelada pela entoação com que ele tinha pronunciado essas palavras, tentasse demorá-lo.

Mas apenas Charny fechou a porta atrás de si, torcendo os braços, ela exclamou dolorosamente:

- Oh! Quanto estimaria ter sido a mim que ele jurasse não a tornar a ver, e que me amasse como a ama a *ela*.

FIM DO 2.º VOLUME DA QUARTA PARTE

Esta obra foi revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Matériau protégé par le droit d'auteur



ALEXANDRE DUMAS

La Comtesse de Charny

TOME III



Matériau protégé par le droit d'auteur



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**Memórias de um médico:
A condessa de Charny
Volume III**

Alexandre Dumas

Dupla vista

A 19 de Julho, pelas oito horas da manhã, Gilberto passeava a largos passos no seu quarto da rua de Saint-Honoré, indo de vez em quando à janela e debruçando-se, como homem que espera impaciente alguém, que não vê chegar.

Tinha na mão um papel dobrado em quatro, com letras e selos, que apareciam do outro lado da página, em que estavam impressos.

Era decerto papel de grande importância, porque duas ou três vezes, durante esses ansiosos minutos de espera, Gilberto abriu-o, leu-o, dobrou-o de novo e tornou a lê-lo e a dobrá-lo para tornar a abri-lo, a lê-lo e a dobrá-lo.

Finalmente, o ruído de uma carruagem, que parou à porta, fê-lo correr velozmente à janela; mas já era tarde; a pessoa que tinha vindo na carruagem entrara a porta.

Entretanto, Gilberto não duvidara aparentemente da identidade do personagem, porque, empurrando a porta da antecâmara, disse:

- Bastien, abra a porta ao Sr. conde de Charny, a quem estou esperando.

E tornou a desdobrar o papel, que ia começar a ler, quando Bastien, em vez de anunciar o conde de Charny, anunciou:

- O Sr. conde de Cagliostro!

Este nome estava naquele momento tão longe do pensamento de Gilberto, que estremeceu, como se um relâmpago, anunciando-lhe um raio, lhe tivesse passado por diante dos olhos.

Dobrou precipitadamente o papel, que ocultou numa das algibeiras da casaca.

- O Sr. conde de Cagliostro? - repetiu ele ainda espantado do anúncio.

- Eu mesmo, meu caro Gilberto - disse o conde. - Não era a mim que esperava, bem sei, era ao Sr. de Charny... Mas ele está ocupado, dir-lhe-ei em quê, daqui a pouco... De maneira que, não poderá estar aqui antes de meia hora. Pelo que, disse comigo: "Visto que estou no bairro, vou um instante a casa do Dr. Gilberto." Julgo que, por não ser esperado, não serei menos bem recebido.

- Querido mestre - disse Gilberto - bem sabe que a toda a hora do dia ou da noite, lhe estarão aqui abertas duas portas: uma é a da casa e a outra do coração.

- Obrigado, Gilberto: um dia me será permitido também provar-lhe até que ponto o estimo. Em chegando esse dia, a prova não se fará esperar... Agora conversemos.

- A que respeito? - perguntou Gilberto sorrindo, porque a presença de Cagliostro lhe anunciava sempre alguma nova coisa de admiração.

- A que respeito? - repetiu Cagliostro; pois bem, a respeito da conversação do dia... Da próxima partida de el-rei.

Gilberto estremeceu dos pés até à cabeça, mas o sorriso não lhe desapareceu um instante dos lábios, e graças à sua força de vontade, se não pôde evitar que o suor lhe molhasse a raiz dos cabelos, impediu ao menos que a palidez se lhe pronunciasse nas faces.

- E como teremos de esperar por algum tempo que o assunto lhe preste - continuou Cagliostro - assento-me.

E Cagliostro assentou-se efectivamente.

Passado o primeiro movimento de terror, Gilberto reflectiu que, se era um acaso que tinha conduzido Cagliostro a sua casa, era pelo menos um acaso providencial; como Cagliostro não tinha o costume de conversar segredos, para com ele, ia sem dúvida contar-lhe tudo o que sabia da partida do rei e da rainha, sobre o que acabava de lhe dizer algumas palavras.

- Então - ajuntou Cagliostro, vendo que Gilberto esperava - está pois decidida para amanhã?

- Meu muito querido mestre - disse Gilberto - sabe que tenho o hábito de o deixar

terminar; mesmo quando erra, há sempre para mim alguma coisa que aprender, não só num discurso, mas numa simples palavra sua.

- E em que me tenho enganado até hoje, Gilberto? - disse Cagliostro, - Seria quando lhe predisse a morte de Favras, que entretanto no momento decisivo fiz tudo o que pude para evitar? Seria quando o preveni que o próprio rei intrigava contra Mirabeau, e que este não seria nomeado ministro? Seria quando lhe disse que Robespierre levantaria o cadafalso de Carlos I, e Bonaparte o trono de Carlos Magno?

“Quanto a isso não pode acusar-me de erro, porque os prazos ainda não findaram, e destas coisas umas pertencem ao fim deste século, outras ao princípio do século próximo.”

“Ora hoje, meu querido Gilberto, sabe melhor do que ninguém, que digo a verdade, dizendo-lhe que o rei deve fugir durante a noite de amanhã, por isso que o senhor é um dos agentes dessa fuga.”

- Se assim é - disse Gilberto - não espera de mim que lho confesse, não é verdade?

- Para que necessito da sua confissão? Bem sabe que não só sou *aquela que é*, mas também *aquela que sabe*.

- Se é aquela que sabe - disse Gilberto - não ignora que a rainha disse ontem ao Sr. de Montmorin, a propósito da recusa que a princesa Isabel fez de assistir no domingo à festa do Corpo de Deus:

“Ela não quer vir connosco a Saint-Germain-l'Auxerois, e isso aflige-me! Entretanto, podia muito bem fazer ao rei o sacrifício das suas opiniões.”

- Ora - continuou Gilberto - se a rainha vai domingo com el-rei à igreja de Saint-Germain-l'Auxerois, não partem esta noite ou não partem para a viagem longa.

- Sim, mas também sei - respondeu Cagliostro - que um filósofo disse:

“A palavra foi dada ao homem para disfarçar o pensamento.”

Ora Deus não é assaz exclusivo para ter dado a um só homem um dom tão precioso.

- Meu caro mestre - disse Gilberto, tentando sempre permanecer no terreno do gracejo - acaso saberá aquela história do apóstolo incrédulo?

- Que começou a crer logo que Cristo lhe mostrou os pés, as mãos e o lado... Pois bem meu caro Gilberto, a rainha, que está costumada a todas as comodidades e que se não quer privar dos seus costumes durante a viagem, suposto que só deva durar, se o cálculo do Sr. de Charny é exacto, trinta e quatro ou trinta e cinco horas, a rainha recomendou em casa de Desbrosses, na Rua de Nossa Senhora da Vitória, um encantador regalo, todo bordado de vermelho, que julgam destinado à irmã, a arquiduquesa Cristina, governadora dos Países-Baixos.

“O regalo que ficou acabado ontem pela manhã, e só ontem à noite foi remetido às Tulherias, é para aquecer as mãos.”

“Partem numa grande berlinda de viagem, espaçosa e cómoda, onde vão facilmente seis pessoas; foi encomendada a Luís, o primeiro fabricante de carruagens dos Campos-Elísios, pelo Sr. de Charny, que neste momento está em casa do fabricante, e lhe conta cento e vinte e cinco luíses, isto é, metade da soma convencionada; experimentaram-na ontem, fazendo-a correr a posta a quatro cavalos, e resistiu perfeitamente; por isso a informação que dela deu o Sr. de Charny foi excelente; é ótima para poupar os pés.”

“Finalmente, o Sr. de Montmorin, sem saber o que assinava, assinou esta manhã um passaporte para a Sr^a. baronesa de Korff, seus dois filhos, duas criadas particulares, intendente, e mais três criados.”

“A Sr^a. de Korff é a Sr^a. de Tourzel, aia dos infantes de França; os seus dois filhos são a Sr^a. infanta e o Sr. delfim; as duas criadas particulares são a Sr^a. princesa Isabel; o intendente é o rei; finalmente, os três criados, que devem, vestidos de correios, preceder e acompanhar a berlinda, são o Sr. Isidoro de Charny, o Sr. de Malden e o Sr. de Valory.”

“O passaporte é exactamente o papel que o senhor tinha na mão quando cheguei, que dobrou e ocultou na algibeira, ao ver-me, e que é concebido nestes termos:

Da parte de el-rei

“Mandamos que se deixe passar a Sr^a. baronesa de Korff, com seus dois filhos, uma criada, um criado particular, e mais três criados.”

“O ministro dos negócios estrangeiros
Montmorin.”

- É para facilitar o caminho. Estou bem informado, meu caro Gilberto?

- Além de uma pequena contradição entre as suas palavras e a redacção do dito passaporte...

- Qual?

- Disse que a rainha e a Sr^a. princesa Isabel representavam as duas criadas da Sr^a. Tourzel, e vejo no passaporte uma única criada particular.

- Ah!... É porque chegando a Bondy, a Sr^a. de Tourzel, que julga fazer a jornada até Montmédy, será convidada a apear-se: o Sr. de Charny, que é um homem dedicado com quem se pode contar, tomará o seu lugar, para responder à portinhola em caso de necessidade, e tirar um par de pistolas da algibeira, se se tornar preciso.

“A rainha figurará então a Sr^a. Korff, e como além da Sr^a. infanta, que aliás faz parte das crianças, só haverá uma mulher na carruagem, a Sr^a. princesa Isabel, era inútil pôr no passaporte duas criadas particulares.”

“Quer ainda outras particularidades? Dar-lhas-ei, porque não faltam. A partida devia realizar-se antes do dia 1.º de Julho, e o Sr. de Bouillé empenha-se muito nisso; a este mesmo respeito escreveu ele a el-rei uma curiosa carta, na qual o convidava a apressar-se, atendendo - diz ele - a que as tropas *se corrompem* de dia para dia, e que não responde por nada, se deixam prestar juramento aos soldados... Então, ajuntou Cagliostro com a sua expressão chocarreira, por estas palavras *se corrompem*, é bem claro que se deve entender, que o exército começa a conhecer que tendo a escolher entre uma monarquia, que durante três séculos sacrificou o povo à nobreza, o soldado ao oficial, e uma constituição, que proclama a igualdade perante a lei, que constitui graus para recompensa do mérito e da coragem, o ingrato exército inclina-se para a constituição... Mas nem a berlinda, nem o regalo estavam acabados; portanto era impossível partir no dia 1.º, o que foi uma grande desgraça, porque o exército pode corromper-se cada vez mais, e os soldados prestarem juramento à constituição.”

“Razão por que a partida foi transferida para o dia 8; mas o Sr. de Bouillé recebeu muito tarde a determinação para esta data, e pela sua vez, foi obrigado a responder que não estava pronto. Então a coisa, de comum acordo, foi removida para o dia 12; teriam preferido o dia 11; mas uma mulher muito democrata, e demais a mais, amante do Sr. de Gouvion, ajudante de campo do Sr. de Lafayette, a Sr^a. de Rochereul, se quer saber-lhe o nome, estava de serviço junto do delfim, e temiam que ela percebesse alguma coisa e denunciasses, como dizia o pobre Mirabeau, a panelinha que os reis fazem ferver sempre em qualquer canto dos seus palácios.”

“No dia 12 o rei lembrou-se que só faltavam seis dias para receber um quarto da sua pensão, seis milhões! Com os diabos! A coisa, há-de convir, meu caro Gilberto, valia bem a pena e esperar seis dias! Além disso Leopoldo, o grande contemporizador, o Fábio dos reis, acabava enfim de prometer que quinze mil austríacos ocupariam no dia 15 os desfiladeiros de Arlon.”

“Então, compreende agora, que aos bons dos reis não é a vontade que lhes falta; mas têm sempre alguns pequenos negócios que terminar. A Áustria acabava de devorar Liège e o Brabante, e preparava-se para digerir a cidade e a província: a Áustria é como a jibóia: quando digere, dorme. Catarina preparava-se para derrotar o reizito Gustavo III, a quem finalmente concedeu tréguas, para que tivesse tempo de ir receber a Aix, na Sabóia, a rainha de França, quando se apeasse.”

“Durante esse tempo, ela roerá o que puder da Turquia, e chuchará os ossos da Polónia;

gosta de tutano de leão, a digna imperatriz! A Prússia filosófica, e a Inglaterra filantrópica estão quase a mudar a pele, para que uma possa razoavelmente estender-se pelas margens do Reno, e a outra no mar do Norte; mas esteja sossegado: como os cavalos de Diomide, os reis gostam de carne humana, e não hão-de querer comer outra coisa se não os perturbarmos no delicioso banquete! Enfim, a partida mudou-se para domingo 19, à meia noite; depois para 18, pela manhã; foi expedida nova ordem, transferindo a partida para segunda feira, 20, à mesma hora, isto é, para amanhã à noite; o que pode ter seus inconvenientes, visto que o Sr. de Bouillé tinha já dado ordens a todos os seus destacamentos, e que foi necessário mandar contra ordem... Acautele-se, meu caro Gilberto, acautele-se! Tudo isto cansa os soldados, e dá que pensar às povoações!

- Conde - disse Gilberto - não buscarei enganá-lo; tudo o que disse é verdade; tanto menos o enganarei, quanto à minha opinião, e era que o rei não partisse, ou antes, que não deixasse a França. Agora, confesso-o francamente, à vista do perigo pessoal, à vista do perigo da rainha e dos filhos, se o rei devia ficar como rei, o homem, o esposo, o pai não está autorizado a fugir?

- Muito bem! Mas quer que lhe diga uma coisa, meu caro Gilberto? Não é como pai, nem como esposo, nem como homem que Luís XVI foge; não é por causa dos dias 5 e 6 de Outubro que deixa a França; não. Pelo pai, é Bourbon, e os Bourbons bem sabem o que é encarar o perigo; não: deixa a França por causa da constituição, que acaba de fabricar, à maneira dos Estados Unidos, a Assembléia Nacional, sem reflectir que o modelo que seguiu foi feito para uma república, e aplicado a uma monarquia, não deixa ao rei a quantidade de ar suficiente para respirar; não deixa a França por causa do negócio dos cavaleiros do punhal, em que o seu amigo Lafayette procedeu irreverentemente com a realeza e os seus fiéis; não deixa a França por causa do passeio a Saint-Cloud, em que tentou verificar a liberdade de que dispunha e em que o povo lhe provou que era prisioneiro: não, saiba, meu querido Gilberto, o senhor que é um homem honrado, franco e lealmente realista-constitucional, o senhor, que acredita nessa doce e consoladora utopia de uma monarquia temperada pela liberdade, repito, saiba uma coisa, e é que os reis, à imitação de Deus, de quem julgam ser os representantes sobre a terra, têm uma religião, a religião da realeza; não só a sua pessoa, ungida em Reims, é sacrossanta, senão que o seu palácio e os seus criados são santos! O seu palácio é um templo, onde só se deve entrar orando, os seus criados são sacerdotes, a que só se deve falar de joelhos; não convém pois tocar nos reis, sobre pena de morte! Não se deve tocar nos seus criados sob pena de excomunhão! Ora no dia em que impediram o rei de fazer a sua viagem a Saint-Cloud, tocaram no rei: no dia em que expulsaram das Tulherias os cavaleiros do punhal, tocaram nos seus servidores.

“Foi isso o que o rei não pôde suportar: é essa a verdadeira, a única calamidade; é essa a razão porque o rei, que recusara deixar-se raptar pelo Sr. de Favras, e não quisera fugir, com as tias, consente em fugir amanhã com um passaporte do Sr. de Montmorin, que não sabe quem seja aquele criado Durand, recomendando sempre, que não se esquecessem de meter na mala o fato encarnado bordado de ouro que trazia em Cherbourg.”

Enquanto Cagliostro falava, Gilberto olhava para ele fixamente, tentando adivinhar-lhe o pensamento.

Mas foi inútil; nenhuma vista humana tinha poder para ver através daquela máscara zombeteira, com que o discípulo de Althotas costumava cobrir o rosto.

Portanto, Gilberto tomou o partido de encetar francamente a questão.

- Conde - observou ele - tudo que acaba de dizer é verdade, repito-lho. Agora pergunto: com que fim vem dizer-mo? Debaixo de que título se me apresenta? Vem como inimigo leal, que previne que vai combater, ou vem como um amigo que se oferece para ajudar-me?

- Venho primeiro, meu caro Gilberto – respondeu afectuosamente Cagliostro - como o mestre responde ao discípulo, para lhe dizer: amigo, fazes mal agarrando-te a essas ruínas que caem, a esse edifício que morre, e a que chamam monarquia.

“Os homens, como tu, não são os homens do passado, não são mesmo os do presente: são os homens do futuro. Abandona aquilo em que cremos; não te afastes da realidade para

seguir a sombra; e se não fores soldado da revolução, vê-a passar, e não tentes fazê-la parar na sua carreira. Mirabeau era um gigante, e apesar de tudo isso acaba de morrer na luta!”

- Conde - disse Gilberto - responderei a isso no dia em que o rei, que confiou em mim, estiver em segurança. Luís XVI tomou-me por confidente, por auxiliar e por cúmplice, se assim o quiser julgar, na obra que empreende; aceitei essa missão, cumpri-la-ei até ao fim com o coração aberto e os olhos fechados.

“Sou médico, meu caro conde; a salvação material do meu doente antes de tudo! Agora responda-me também: nos seus misteriosos projectos, nas suas sombrias combinações, precisa de que esta fuga se realize, ou que fique sem efeito? Se quer que fique sem efeito, é inútil lutar; diga: ‘Não partam!’ e ficaremos, curvaremos a cabeça e esperaremos o golpe.”

- Irmão - disse Cagliostro - se impellido por Deus, que me traçou o caminho, me fosse necessário ferir um daqueles que o teu coração ama, ou que o teu génio protege, permaneceria oculto, e só pediria uma coisa a essa potência sobre-humana a que obedeco: seria que te deixasse ignorar a mão de quem partisse o golpe. Não, se não venho como amigo (não posso ser amigo dos reis eu que tenho sido a sua vítima), não venho entretanto como inimigo; venho com uma balança na mão dizer-te: “Pesei os destinos deste último Bourbon, e não creio que a morte seja conveniente à salvação da sua causa”; ora, Deus me livre a mim, que, como Pitágoras, não me conheço sequer com direito de dispor da vida do último insecto criado, de tocar imprudentemente na do homem, “o rei da criação!” Ainda há mais, não só venho dizer-te: “Ficarei neutro!” se não que acrescento: “Tens precisão do meu auxílio, ofereço-to!”

Gilberto tentou pela segunda vez ler no fundo do coração de Cagliostro.

- Bom! - disse este retomando o seu ar zombeteiro - aí estás tu duvidando!... Vejamos, homem de letras, não sabes a história da lança de Aquiles, que feria e curava? Eu possuo essa lança. A mulher que passou por ser a rainha nos bosques de Versalhes não pode passar por ser a rainha nas Tulherias, ou nalguma outra estrada oposta à que seguir a verdadeira fugitiva!... Vamos, não é para desprezar o que lhe ofereço, meu caro Gilberto.

- Seja então franco até ao fim, conde, e diga-me porque me faz esse oferecimento.

- Mas, meu caro doutor, é bem simples; com o fim de que o rei parta, com o fim de que o rei deixe a França, com o fim de que nos deixe proclamar a república?

- A república! - disse Gilberto espantado.

- Porque não? - disse Cagliostro.

- Mas, meu caro conde, olho para a França, à roda de mim, do meio-dia ao Norte, do Oriente ao Ocidente, e não vejo um só republicano...

- Pois engana-se... eu vejo três: Petion, Camilo Desmoulins, e este seu criado. Pode vê-los tão bem como a mim. Depois vejo ainda aqueles que o senhor não vê, mas que verá, quando for tempo que eles apareçam. Então venha ter comigo para ver uma mutação de teatro, de que se admirará; todavia, desejo sinceramente que na mutação não aconteçam acidentes muito graves; os acidentes recaem ordinariamente sobre o maquinista.

Gilberto reflectiu um instante.

Depois, estendendo a mão a Cagliostro, disse:

- Conde, se se tratasse só de mim, se se tratasse só da minha honra, da minha vida, da minha reputação e da minha memória, aceitaria no mesmo instante; mas trata-se de um reino, de um rei, de uma rainha, de uma família, de uma monarquia, e não posso tomar sobre mim a responsabilidade de vigiar por eles. Fique neutro, meu caro conde, é tudo o que lhe peço.

Cagliostro sorriu.

- Sim! - disse ele - o homem do colar!... pois bem! Meu querido Gilberto, o homem do colar vai dar-lhe um conselho.

- Silêncio! - disse Gilberto; - tocam a campainha.

- Que importa? Bem sabe que quem toca é o Sr. de Charny: ora o conselho que tenho a dar-lhe pode ele também ouvi-lo e aproveitá-lo... Entre, senhor conde de Charny, entre!

Charny efectivamente acabava de aparecer entre portas. Vendo um estranho, onde só

contava encontrar Gilberto, parou inquieto e hesitando.

- Este conselho - continuou Cagliostro - ei-lo: desconfie dos regalos muito ricos, das carruagens muito pesadas e dos retratos muito parecidos! Adeus, Gilberto, adeus, Sr. conde; e para empregar a fórmula daqueles a quem, como os senhores, desejo boa viagem, Deus os tenha em sua santa e divina guarda!...

E o profeta, saudando amigavelmente Gilberto e cortesmente Charny, retirou-se seguido pelo olhar inquieto de um, e interrogador do outro.

- Quem é este homem, doutor? – perguntou Charny, logo que o ruído dos passos se extinguiu na escada.

- Um amigo meu, um homem que sabe tudo, mas que acaba de me dar a sua palavra de não nos trair.

- E chama-se?

Gilberto hesitou um instante.

- O barão Zannone - disse ele.

- É singular - disse Charny - não conheço esse nome, mas parece-me conhecer aquela cara... Tem o passaporte, doutor?

- Ei-lo, conde.

Charny pegou no passaporte, desdobrou-o vivamente, e absorvido completamente pela atenção que dava ao importante documento, parecia ter esquecido, momentaneamente pelo menos, o barão Zannone.

II

A noite de 20 de Junho

Agora vamos ver o que se passava a 20 de Junho, das nove horas à meia noite, nos diversos pontos da capital.

Não fora sem motivo que se desconfiara da Sr^a. de Rochereul.

Conquanto o seu serviço tivesse cessado no dia 11, ela achara meio, suspeitando alguma coisa, de voltar ao paço, e conquanto o cofre das jóias continuasse a estar no mesmo lugar, notara que já lá não estavam os diamantes.

Efectivamente tinham sido confiadas por Maria Antonieta ao seu cabeleireiro Leonardo, que devia partir na noite de 20, algumas horas antes da sua augusta ama, com o Sr. de Choiseul, comandante dos soldados do primeiro destacamento, estacionado na ponte de Somervele, encarregado, além disso, da muda de Varennes, que se devia compor de seis bons cavalos, e que esperava em casa, na rua de Artois, as ordens do rei e da rainha.

Era talvez indiscreto embarçar o Sr. de Choiseul com o mestre Leonardo, e um tanto imprudente levar consigo um cabeleireiro; mas que o artista conseguiria fazer rapidamente os admiráveis penteados que Leonardo fazia brincando?

Que querem? Quando se tem um cabeleireiro, homem de génio, não se renuncia a ele facilmente!

O resultado foi que a aia do delfim, adivinhando que a partida estava fixada para segunda-feira 20, às onze horas da noite, avisou não só o amante, o Sr. de Gouvion, senão também o Sr. Bailly.

Lafayette fora procurar o rei para se explicar francamente com ele a respeito dessa denúncia, e o rei encolhera os ombros.

Bailly fizera melhor; ao passo que Lafayette se tornara cego como um astrónomo, ele tornara-se cortês como um cavalheiro; e mandara à rainha a carta da Sr^a. de Rochereul.

O Sr. de Gouvion, influenciado directamente, conservara maiores suspeitas; prevenido pela amante, tinha, sob pretexto de uma reunião militar, atraído a sua casa uma dúzia de oficiais da guarda nacional; pusera uns cinco ou seis em vedeta a diferentes portas, e ele próprio, com

cinco chefes de batalhão, encarregara-se de vigiar as portas de quarto do Sr. Villequier, mais especialmente designadas à sua atenção.

À mesma hora, na rua Coq-Héron, n.º 9, numa sala muito nossa conhecida, assentada no sofá em que a vimos, uma senhora nova, bela, aparentemente tranqüila, mas fortemente comovida no fundo do seu coração, falava com um moço de vinte e três a vinte e quatro anos, que estava em pé diante dela, trajando de correio, vestia cor de ganga calção justo de camurça, botas de canhão, e tendo por arma uma faca de mato.

Tinha na mão um chapéu redondo agalado.

A senhora parecia insistir, o mancebo parecia defender-se.

- Mas, repito-lhe, visconde - dizia ela - por que razão, estando ele há dois meses e meio em Paris, não veio aqui pessoalmente?

- Meu irmão, desde o seu regresso, tem-me encarregado muitas vezes da honra de dar à condessa, notícias dele.

- Bem sei e estou-lhes por isso muito grata, a ele e ao visconde; mas parece-me que no momento de partir podia muito bem vir dizer-me adeus.

- De certo minha senhora; mas era-lhe impossível, e por isso me encarregou desse cuidado.

- E a viagem que empreendeu será longa?

- Ignoro, minha senhora.

- Digo empreendem, porque, pelo seu vestuário, devo pensar que também parte.

- Segundo toda a probabilidade, minha senhora, terei deixado Paris hoje à meia noite.

- Acompanha seu irmão, ou segue uma direcção oposta à dele?

- Julgo que seguimos o mesmo caminho.

- Há-de dizer-lhe que estive comigo, não?

- Sim, minha senhora, porque pela solicitude que ele empregou em me enviar à Sr.^a condessa, pelas reiteradas recomendações que me fez de não me juntar a ele sem primeiro lhe ter falado, não me perdoaria o ter esquecido uma tal missão.

A condessa passou a mão pelos olhos, deu um suspiro, e depois de ter reflectido um instante, disse:

- Visconde, o senhor é fidalgo, e deve compreender toda a importância da pergunta que lhe faço; responda-me como se fosse verdadeiramente meu irmão, como responderia a Deus... Nessa viagem que empreendem, o Sr. de Charny corre algum perigo sério?

- Quem pode dizer, minha senhora - respondeu Isidoro buscando iludir a pergunta - onde existe ou não o perigo na época em que vivemos? Se na manhã de 5 de Outubro perguntassem ao nosso pobre Jorge se corria algum perigo, ele teria certamente respondido que não, e no dia seguinte estava deitado, pálido, inanimado, à porta da rainha. O perigo, minha senhora, na época que atravessamos sai da terra e estamos muitas vezes em presença da morte, sem saber de onde vem, nem quem a chamou.

Andréia empalideceu.

- Então - disse ela - há perigo de morte, não é verdade, visconde?

- Não disse isso, minha senhora.

- Não, mas pensa-o.

- Penso, minha senhora, que se tem alguma coisa importante que mandar dizer a meu irmão, a empresa em que ele e eu nos arriscamos, é assaz grave, para que de viva voz, ou por escrito me encarregue de transmitir o seu pensamento, o seu desejo e a sua recomendação.

- Está bem, visconde - disse Andréia; - peço-lhe cinco minutos.

E com o passo lento e frio, que lhe era habitual, a condessa entrou no seu gabinete, cuja porta fechou.

Assim que a condessa saiu, o mancebo olhou para o relógio com certa inquietação.

- Nove horas e um quarto! - murmurou ele - e o rei espera-nos às nove e meia... Felizmente que não são mais que alguns passos daqui às Tulherias.

Mas a condessa de Charny não gastou o tempo que pedira.

Passados alguns segundos, entrou, trazendo na mão uma carta fechada.

- Visconde - disse ela com solenidade – confio isso à sua honra!

Isidoro estendeu a mão para pegar na carta.

- Espere - disse Andréia - e compreenda bem o que vou dizer-lhe. Se seu irmão, se o Sr. conde de Charny cumprir sem acidente a empresa em que se mete, nada mais há a dizer-lhe, além do que já lhe disse: simpatia pela sua lealdade, respeito pela sua dedicação e admiração pelo seu carácter!... Se for ferido (a voz de Andréia alterou-se ligeiramente), se for ferido gravemente, pedir-lhe-á que me conceda a graça de ir juntar-me a ele, e se ma conceder, o senhor me enviará logo um mensageiro, que me dirá com certeza onde o posso encontrar, porque partirei no mesmo instante... Se for ferido mortalmente (a comoção esteve quase a ponto de embargar a voz a Andréia), entregar-lhe-á esta carta que, se ele não puder ler, lhe lerá, porque, antes de morrer, quero que ele saiba o seu conteúdo... Pela sua fé de fidalgo, cumprirá o meu desejo, visconde?

Isidoro, tão comovido como a condessa, estendeu a mão.

- Pela minha honra, minha senhora! - disse ele.

- Então pegue nesta carta, e vá, Sr. visconde!

Isidoro pegou na carta, beijou a mão da condessa e saiu.

- Oh! - exclamou Andréia caindo no sofá; - se morre, quero ao menos que morra, mas sabendo que o amo!

Justamente no momento em que Isidoro deixava a condessa, e colocava a carta sobre o peito, ao lado da outra, cuja direcção acabava de ler à luz de um candeeiro à esquina da rua Coquillière, dois homens, vestidos exactamente da mesma maneira que ele, caminhavam para um sítio de reunião comum, isto é, para o toucador da rainha, onde já introduzimos os nossos leitores por duas serventias diferentes; um seguia a galeria do Louvre, que costeia o cais, galeria em que está hoje o museu de pintura, e em cuja extremidade Weber o esperava; o outro subia pela pequena escada que vimos tomar a Charny, na sua chegada de Montmédy.

No alto dessa escada, do mesmo modo que o seu companheiro era esperado no fim da galeria do Louvre por Weber, criado particular da rainha, era este esperado por Francisco Hue, criado particular do rei.

Introduziram-nos ambos, e quase ao mesmo tempo, por duas portas diferentes.

O primeiro que entrou era o Sr. de Valory.

Alguns segundos depois, como dissemos, abriu-se outra porta, e com certa admiração, o Sr. de Valory viu entrar outro correio como ele. Era o Sr. de Malden.

Os dois oficiais não se conheciam: entretanto, presumindo que tinham sido chamados ambos para o mesmo fim, dirigiram-se um para o outro e cumprimentaram-se amigavelmente.

Nesse momento abriu-se outra porta, e apareceu Charny.

Era o terceiro correio, tão desconhecido para os outros dois, como estes o eram para ele.

Só Isidoro sabia para que fim estavam juntos, e qual era a obra comum que iam empreender.

Decerto se dispunha a responder às perguntas que lhe eram feitas pelos seus futuros companheiros, quando se abriu a porta novamente e apareceu el-rei.

- Senhores - disse Luís XVI dirigindo-se a Malden e a Valory - perdoem-me por ter disposto dos senhores sem a sua licença; mas é que os considero fieis servidores da realza... Ao saírem das minhas guardas, convidei-os a passar por casa de um alfaiate, cuja morada lhes dei, para lhes fazer um fato de correio, e a acharem-se esta noite nas Tulherias, às nove horas e meia. A sua presença prova-me que, qualquer que seja, aceitarão de boa vontade a missão de que tenho que encarregá-los.

Os dois antigos guardas inclinaram-se.

- Meu senhor - disse o Sr. de Valory – vossa majestade sabe que não precisa consultar os seus criados para dispor da dedicação, da coragem e da vida deles.

- Meu senhor - disse também o Sr. de Malden - o meu camarada, respondendo por si,

respondeu também por mim, e segundo julgo, pelo nosso terceiro companheiro.

- O seu terceiro companheiro, senhores, com quem os convido a fazer conhecimento, e bom conhecimento é esse, é o Sr. visconde Isidoro de Charny, um dos irmãos daquele que foi morto em Versalhes defendendo a porta da rainha. Nós estávamos acostumados às dedicações dos da sua família, e essas dedicações são-nos agora tão familiares, que nem sequer as agradecemos já.

- Em vista do que vossa majestade acaba de dizer - replicou o Sr. de Valory - o visconde de Charny sabe decerto o motivo que nos reúne, ao passo que nós o ignoramos, meu senhor, e estamos ansiosos por sabê-lo.

- Senhores - disse o rei - não ignoram que sou prisioneiro do comandante da guarda nacional, da Assembléia, do *maire* de Paris, do povo, finalmente prisioneiro de todo o mundo... Pois bem, contei com os senhores para me ajudarem a sacudir esta humilhação e conquistar a minha liberdade.

“A minha sorte, a da rainha e a dos meus filhos, está nas suas mãos; tudo está pronto para que possamos fugir esta noite. Tratem portanto de nos fazer sair daqui.”

- Meu senhor - disseram os três mancebos - queira vossa majestade ordenar, que nós obedeceremos prontamente.

- Como devem compreender, não podemos sair juntos... A nossa reunião comum é à esquina da rua Nicaise, onde o Sr. conde de Charny nos esperará com uma carruagem.

“O visconde encarregar-se-á da rainha, e responderá pelo nome de Melchior; o Sr. de Malden encarregar-se-á da Sr^a. infanta Isabel e da Sr^a. princesa real, e chamar-se-á João; o Sr. de Valory encarregar-se-á da Sr^a. de Tourzel e do delfim, e o seu nome será Francisco.

Não esqueçam os seus novos nomes, e esperem aqui novas instruções.”

O rei apertou a mão aos três mancebos e saiu, deixando naquele quarto três homens prontos a morrerem por ele.

Entretanto o Sr. de Choiseul, que declarara ao rei na véspera, da parte do Sr. de Bouillé, que era impossível esperar mais do que até ao dia 20, à meia-noite, e que tinha anunciado que no dia 21 às quatro horas da manhã partiria, se não houvesse novidade, e levaria consigo todos os destacamentos de Dun, de Stenay e de Montmédy, estava em sua casa, na rua de Artois, onde deviam ir as últimas ordens do paço, e como eram nove horas da noite, começava a desesperar-se, quando o único dos criados que conservara, e que o julgava a partir para Metz, o foi prevenir de que um homem queria falar-lhe da parte da rainha.

Mandou-o subir.

Um homem com um chapéu redondo enterrado até aos olhos, e coberto com um enorme casacão, entrou na sala.

- É o Sr. Leonardo - perguntou o Sr. de Choiseul; - esperava-o com impaciência.

- Se o fiz esperar, Sr. duque, não foi por minha culpa, mas sim pela da rainha, que me preveniu, há apenas dez minutos, de que tinha que vir a sua casa.

- Ela não lhe disse outra coisa?

- Disse sim, Sr. duque; encarregou-me de guardar todos os diamantes, e de lhe entregar esta carta.

- Dê-ma - disse o duque com ligeira impaciência, que não pôde conter, vendo a grande consideração de que gozava o personagem, que lhe entregava a ordem real.

A carta era extensa e recheada de recomendações. Anunciava que partiam à meia-noite; mandava o duque de Choiseul partir imediatamente, e de novo lhe repetia a súplica de levar o Leonardo, o qual, acrescentava a rainha, tinha recebido ordem de lhe obedecer como a ela própria.

E sublinhava as palavras seguintes:

“Renovo-lhe ainda aqui esta ordem”.

O duque levantou os olhos para Leonardo, que esperava com visível inquietação. O

cabeleireiro estava burlesco com o seu enorme chapéu e com o seu imenso casacão.

- Vejamos - disse o duque - recorda-se de tudo; o que lhe disse a rainha?

- Vou repetir palavra por palavra tudo o que sua majestade me disse.

- Vamos, diga.

- Mandou-me chamar há coisa de três quartos de hora.

- Bom.

- Disse-me em voz baixa...

- Então, sua majestade não estava só?

- Não, Sr. duque; el-rei conversava no vão de uma janela com a Sr.^a. infanta Isabel; o Sr. delfim e a Sr.^a. princesa real falavam também; quanto à rainha estava encostada à chaminé.

- Continue, Leonardo, continue.

- A rainha disse-me então em voz baixa:

“-Leonardo, posso contar contigo?”

“- Oh! senhora, respondi eu, queira dispor de mim! Vossa majestade bem sabe que lhe sou inteiramente dedicado.”

“- Toma estes diamantes e guarda-os nas algibeiras; pega nesta carta e leva-a à rua de Artois, ao Sr. duque de Choiseul; só a entregarás a ele... Se não estiver em casa, encontrá-lo-ás em casa da Sr.^a. marquesa de Grammont.”

“Depois, como já me afastasse para obedecer às ordens da rainha, sua majestade chamou-me e acrescentou:”

- Põe um Chapéu de abas largas e veste um grande casacão para não seres conhecido, meu caro Leonardo, e sobretudo obedece ao Sr. de Choiseul como a mim própria.

- Então fui ao meu quarto, tomei o chapéu e o casaco de meu irmão, e aqui me tem o Sr. duque às suas ordens.

- Então - disse o Sr. de Choiseul a rainha recomendou-lhe que me obedecesse como a ela própria?

- São as augustas palavras de sua majestade, Sr. duque, afirmou o cabeleireiro.

- Estimo muito que se lembre tão bem dessa recomendação verbal... Em todo o caso, para que lhe não restem dúvidas, aqui está a mesma recomendação escrita, e como tenho de queimar esta carta leia-a.

E o duque de Choiseul apresentou a parte inferior da carta que acabava de receber de Leonardo, depois de dobrá-la, que leu em voz alta:

“Dei ao meu cabeleireiro Leonardo ordem para lhe obedecer como a mim própria; *renovo-lhe ainda aqui esta ordem*”.

- Entende, não é verdade? - disse o Sr. de Choiseul.

- Oh! senhor - disse Leonardo - acredite que só bastava a ordem verbal de sua majestade.

- Não importa - disse o Sr. de Choiseul.

E queimou a carta.

Neste momento entrou o criado e anunciou que a carruagem estava pronta.

- Venha, Sr. Leonardo - disse o duque.

- Como? Que vá! E os diamantes?

- Levá-los-á consigo.

- Para onde?

- Para onde vai comigo.

- Então onde me leva?

- Algumas léguas distante daqui, onde tem que cumprir uma missão muito especial.

- Sr. duque, é impossível!

- Como impossível! A rainha não lhe disse que me obedecesse como se fosse a ela própria?

- É verdade; mas que hei-de fazer? Deixei a chave na porta do quarto, e quando meu irmão entrar não achará nem o casaco, nem o chapéu... Não me vendo chegar, não saberá onde estou... E depois, a Sr^a. de l'Aage, a quem prometi pentear, e que me espera... A prova, Sr. duque, é que o meu cabriolé e o meu criado estão no pátio das Tulherias.

- Pois bem, Sr. Leonardo - disse o Sr. de Choiseul rindo - que quer? Seu irmão comprará outro chapéu e outro casaco: o senhor penteará a Sr^a. de l'Aage outro dia, e o seu criado, não o vendo voltar, desaparecerá o cavalo e metê-lo-á na cavalaria... Mas o nosso está pronto, partamos!

E sem atender mais às queixas e lamúrias de Leonardo, o Sr. duque de Choiseul fez subir para o seu cabriolé o cabeleireiro desesperado, e meteu o cavalo a grande galope pela barreira da pequena Villette.

O duque de Choiseul ainda não tinha passado as últimas casas da pequena Villette, quando um grupo de cinco pessoas, que vinha do clube dos Jacobinos, desembocou na rua de Saint-Honoré, parecendo dirigir-se para o Palais-Royal, e notando a profunda tranquilidade daquela noite.

Essas cinco pessoas eram: Camilo Desmoulins (ele próprio conta o facto), Danton, Fréron, Chénier e Legendre.

Chegados à altura da rua de l'Échelle, e volvendo os olhos para os lados das Tulherias, Camilo Desmoulins disse:

- Pela minha honra, não lhes parece que Paris está mais que tranqüila esta noite? Parece abandonada! Durante todo o caminho que temos andado, só encontramos uma patrulha.

- É - respondeu Fréron - porque as medidas estão tomadas para deixar o caminho livre ao rei.

- Como, o caminho livre ao rei? – perguntou Danton.

- Sem dúvida - disse Fréron, - visto que é esta noite que ele parte!

- Ora a qual - disse Legendre; - não brinques com isso!

- Talvez seja brincadeira - respondeu Fréron - mas preveniram-me disso numa carta...

- Recebeste uma carta que te previne da fuga do rei? - perguntou Camilo Desmoulins - uma carta assinada?

- Não, uma carta anónima... Trago-a comigo; aqui a têm, leiam.

Os cinco patriotas aproximaram-se duma carruagem que estava parada junto da rua de Saint-Nicaise, e à luz das lanternas leram as linhas seguintes:

“Previne-se o cidadão Fréron, de que é esta noite que o Sr. Capeto, a austríaca e os seus dois lobinhos deixam Paris, e vão reunir-se ao Sr. de Bouillé, o matador de Nancy, que os espera na fronteira”.

- Toma! *Sr. Capeto*, disse Camilo Desmoulins, o nome é bom! Chamarei de hoje em diante a Luís XVI o *Sr. Capeto*.

- E só haverá uma coisa que censurar-te – disse Chénier - é que Luís XVI não é *Capeto*, mas sim Bourbon.

- Ora! Quem sabe isso? - disse Desmoulins; - dois ou três pedantes como tu... Não é verdade, Legendre, que Capeto é um nome muito bonito?

- Mas afinal - observou Danton - quem sabe se a carta diz a verdade, e se é efectivamente esta noite que toda a família real deve safar-se!...

- Uma vez que estamos nas Tulherias – disse Camilo, - vamos ver.

E os cinco patriotas divertiram-se em dar a volta à roda das Tulherias.

Voltando para a rua de Saint-Nicaise, avistaram o general Lafayette e todo o seu estado maior, que entrava no pátio do palácio das Tulherias.

- Olhem - disse Danton - aí está o Blondinet, que vai assistir ao recolher da família real... O nosso serviço acaba e o seu começa... Boa noite, senhores! Quem vem comigo para o lado da

rua de Paon?

- Eu - disse Legendre.

E aquele grupo de homens separou-se imediatamente em duas partes.

Danton e Legendre atravessaram o Carrousel, ao passo que Chenier, Fréron e Camilo Desmoulins desapareceram na esquina da rua de Rohan e da rua de Saint-Honoré.

III

A partida

Efectivamente, às onze horas da noite, no momento em que as Sr^{as}. de Tourzel e Baunier, depois de terem despido e deitado a família real e o delfim, os acordaram e vestiram com o fato de viagem, com grande desespero do delfim, que queria o seu fato de rapaz, e recusara obstinadamente os de menina, o rei, a rainha e a infanta Isabel recebiam o Sr. de Lafayette e os srs. de Gouvion e Romeuf, seus ajudantes de ordens.

Esta visita causava grande inquietação, especialmente depois das suspeitas que tinham a respeito da Sr^a. de Rochereul.

A rainha e a princesa Isabel tinham ido de tarde passear ao bosque de Bolonha, e tinham voltado às oito horas.

O Sr. de Lafayette perguntou à rainha se o passeio tinha sido bonito, acrescentando, que ela tinha feito mal em se recolher tão tarde, e que temia que a geada da noite lhe fizesse mal.

- A geada da noite do mês de Junho! – exclamou a rainha rindo; - mas na realidade, só eu mandei fazer neveiros para ocultar a nossa fuga, supondo que continue a correr o boato de que partimos.

- O facto é, minha senhora - disse Lafayette - que se fala mais do que nunca dessa partida, e recebi até informações de que se verifica esta noite.

- Ah! - disse a rainha - aposto que foi o Sr. de Gouvion quem lhe deu essa bela notícia?

- E por que motivo havia de ser eu, minha senhora? - Perguntou o jovem oficial corando.

- Porque julgo que tem inteligências no paço... Ora veja o Sr. de Romeuf, que não as tem, estou certa de que responderia por nós.

- E não faria grande coisa, minha senhora, - respondeu o jovem ajudante de ordens - visto ter el-rei dado a sua palavra à Assembléia de que não deixaria Paris.

Foi a rainha quem corou então.

Falaram de outra coisa.

Às onze horas e meia, o Sr. de Lafayette e os seus ajudantes de ordens despediram-se do rei e da rainha.

Entretanto o Sr. de Gouvion, pouco seguro, passou ao seu quarto do paço; encontrou ali os seus amigos de sentinela, e em lugar de os render, recomendou-lhes que redobrassem de vigilância.

Quanto ao Sr. de Lafayette, esse foi ao palácio da câmara tranquilizar Bailly sobre as intenções do rei, dado que Bailly tivesse alguns receios.

Logo que o Sr. de Lafayette partiu, o rei, a rainha e a princesa Isabel chamaram os criados, e ordenaram que lhes fizessem os habituais serviços de *toilette*, depois do que, às horas do costume despediram todos.

A rainha e a princesa Isabel vestiram-se mutuamente; o vestuário era mui simples e os chapéus tinham grandes abas que lhes ocultavam inteiramente a cara.

Quando acabaram de se vestir, entrou o rei; trazia um fato pardo e uma dessas pequenas cabeleiras a que chamavam cabeleiras à Rousseau; o calção era curto, e trazia meias pardas e sapatos de fivelas.

Havia oito dias que Hue, criado particular, vestido com um fato absolutamente igual, saía pela porta do Sr. de Villequier, que estava emigrado havia seis meses, e passava pela praça do

Carrousel e pela rua de Saint-Nicaise. Tinham tomado esta precaução para que se habituassem a ver um homem vestido daquela maneira, passar todas as noites, e que não notassem o rei quando passasse também.

Foram tirar do gabinete da rainha os três correios, os quais tinham ali esperado que chegasse a hora, e fizeram-nos passar pelo salão, para o quarto da princesa real, onde estava com o delfim.

Esse quarto, na previsão da fuga, tinha sido mudado no dia 11 de Junho para o quarto do Sr. de Villequier.

O rei mandara que lhe entregassem as chaves daquele quarto no dia 13.

Chegados ao quarto do Sr. de Villequier, não havia grande dificuldade em sair do paço. Sabia-se que o quarto estava desocupado, ignoravam que o rei tivesse as chaves, e nas circunstâncias ordinárias não tinham sentinelas.

E demais, as sentinelas dos pátios estavam habituadas a ver sair, depois das onze horas, muitas pessoas ao mesmo tempo.

Era a gente de serviço, que não dormia no paço, e que voltava para suas casas.

Paravam aí todas as disposições da viagem.

O Sr. Isidoro de Charny, que tinha percorrido o caminho acompanhado pelo irmão, conhecedor de todas as passagens difíceis ou perigosas, correria adiante, e preveniria os postilhões, para que as mudas não sofressem demora alguma.

Os srs. de Malden e de Valory, assentados na almofada, pagariam aos postilhões trinta sous pela parelha de guia. Ordinariamente dava-se vinte cinco, mas aumentaram cinco, atendendo ao enorme peso da carruagem.

Se os postilhões fossem bem depressa, receberiam então gorjeta.

Entretanto, os guias não receberiam mais de quarenta sous. O rei pagava à sua parte um escudo.

O Sr. de Charny conservar-se-ia na carruagem, pronto a parar a qualquer acidente; estaria muito bem armado, assim como os três correios; cada um deles devia achar um par de pistolas na carruagem.

Pagando trinta sous pelas guias, ainda que não fossem tão depressa como desejavam, tinham calculado que em treze horas estariam em Chalons.

Todas estas instruções tinham sido reguladas entre o conde de Charny e o duque de Choiseul.

Repetiram-nas muitas vezes aos três mancebos, para que cada qual se compenetrasse bem das suas funções;

O visconde corria adiante e mandava preparar os cavalos;

Os srs. de Malden e de Valory, assentados na almofada da carruagem, pagavam;

O conde de Charny, dentro dela, chegaria a cabeça à portinhola, e falaria se fosse preciso.

Prometeram todos cumprir o programa, apagaram as luzes e às escuras dirigiram-se para o quarto do Sr. de Villequier.

O conde de Charny devia estar no seu posto havia mais de uma hora.

Às apalpadelas, o rei tinha encontrado a porta.

Ia meter a chave na fechadura, quando a rainha o deteve, dizendo:

- Silêncio!

Puseram-se todos à escuta.

Ouviram-se passos e algumas palavras em voz baixa no corredor.

Passava-se ali alguma coisa extraordinária.

A Sr^a. de Tourzel, que habitava o paço, e cuja presença nos corredores, a qualquer hora que fosse, não podia causar admiração, encarregou-se de ir de volta, e de ver donde vinha aquele rumor de passos e de palavras.

Esperaram sem fazer um movimento e contendo a respiração.

Quanto maior era o silêncio, mais fácil era de perceber que no corredor havia grande

número de pessoas.

A Sr^a. de Tourzel voltou; tinha conhecido o Sr. de Gouvion e visto muitos uniformes.

Era impossível sair pelo quarto do Sr. de Villequier, a menos que não tivesse outra saída além da que tinham escolhido primeiro.

Porém não havia luz.

Uma lamparina ardia na câmara da princesa real, onde a infanta Isabel foi acender a vela, que momentos antes apagara.

Depois, alumiados por aquela luz, os fugitivos começaram a procurar outra saída.

Por muito tempo julgaram a busca inútil e perdeu-se nisto um quarto de hora. Finalmente, encontraram uma pequena escada, que conduzia a um quarto isolado na sobreloja. Era o quarto do criado do Sr. de Villequier, e dava saída para um corredor, e daí para uma escada de serviço.

A porta estava fechada.

O rei experimentou todas as chaves; nenhuma servia.

O visconde de Charny tentou empurrar a lingüeta com a ponta da faca de mato, mas ela resistiu.

Havia uma saída, e contudo estavam tão fechados como dantes.

O rei tirou a vela da mão da princesa Isabel, e deixando todos na escuridão, foi ao seu quarto de cama, e pela escada secreta subiu até à casa da forja. Ali, pegou numa porção de gazuas de formas diferentes e desceu.

Antes de se ter reunido ao grupo, que o esperava cheio de ansiedade, já tinha feito a sua escolha.

A gazua escolhida pelo rei entrou no buraco da fechadura, rangeu dando a volta, mordeu a lingüeta, deixou escapar duas vezes, mas à terceira, agarrou-a tão bem, que no fim de dois ou três segundos teve de ceder.

A lingüeta recuou, a porta abriu-se e a respiração dos fugitivos, por algum tempo suspensa, voltou a todos.

Luís XVI voltou-se para a rainha com um ar triunfante, e disse:

- Então, minha senhora!

- Sim, senhor - disse a rainha - é verdade... e não digo que seja mau ser serralheiro, mas digo que é bom também algumas vezes ser rei.

Tratou de dispor a ordem da partida.

A princesa Isabel foi a primeira que saiu, levando após si a princesa real.

A vinte passos devia ser seguida pela Sr^a. de Tourzel, que levava o delfim.

Entre as duas, ia o Sr. de Malden, pronto a socorrer tanto um como outro grupo.

Estas primeiras contas destacadas do rosário real, aquelas pobres crianças, cujo amor as fazia olhar para trás, procurando esse outro amor que as seguia com os olhos, desceram trémulas e nos bicos dos pés, entraram no círculo de luz formado pelo candeeiro, que alumiava a porta do palácio, que dava para o pátio, e passaram diante da sentinela, sem que esta parecesse ocupar-se deles.

- Bem! - disse a infanta Isabel - a maior dificuldade está vencida.

Chegando ao postigo que dava sobre o Carrousel, encontraram a sentinela cruzando os seus passos com os dos fugitivos.

Vendo-as aproximar, parou.

- Minha tia, disse a princesa real, apertando a mão da infanta Isabel, estamos perdidas, se este homem nos conhece!

- Não importa, minha filha - disse a infanta; - ficaremos da mesma sorte perdidas se recuamos!

Continuaram o seu caminho.

Quando estavam à distância de quatro passos, a sentinela voltou-lhes as costas e elas puderam passar.

A sentinela tê-las-ia conhecido efectivamente? Sabia acaso que ilustres fugitivos deixava passar? As princesas estavam convencidas disso, e enviaram, fugindo, mil bênçãos àquele salvador desconhecido.

Do outro lado do postigo, viram o rosto inquieto de Charny.

O conde estava envolto num casacão azul, e tinha na cabeça um chapéu redondo de oleado.

- Ah! Meu Deus! - murmurou ele - chegam finalmente!... Mas o rei? A rainha?

- Seguem-nos, respondeu a infanta.

- Venham - disse Charny.

E conduziu rapidamente os fugitivos para a carruagem, que estava parada na rua de Saint-Nicaise.

Uma sege de aluguer tinha vindo colocar-se ao lado da carruagem, como para a espionar.

- Olá, camarada - disse o cocheiro vendo o conde de Charny acompanhado por todas aquelas pessoas - parece que arranjaste aluguer?

- Como vês camarada - respondeu Charny com a maior simplicidade.

Depois disse em voz baixa ao senhor de Malden:

- Senhor, alugue aquela sege e vá à porta de Saint-Martin; não lhe será difícil conhecer a carruagem que nos espera.

O Sr. de Malden compreendeu e saltou para a sege, dizendo:

- E tu também tens aluguer... Para a ópera, depressa!...

A ópera era então na porta de Saint-Martin.

O cocheiro julgou tratar com um correio, que ia juntar-se com o amo no espectáculo, e partiu sem outra observação mais do que estas palavras, que indicavam, pelo preço da carreira, um aumento pecuniário.

- Sabe que é meia-noite, patrão?

- Sim, vai depressa e descansa!

Como naquela época, os criados eram mais generosos que os amos, o cocheiro partiu a trote largo, sem fazer nenhuma outra observação.

Apenas tinham voltado a esquina da rua de Rohan, quando pelo mesmo postigo que dera passagem às princesas, à Sr.^a de Tourzel e ao delfim, viram caminhar em passo ordinário, e como um amanuense que sai do escritório, depois de longo e trabalhoso dia, um homem vestido de pardo com o chapéu carregado para os olhos e as mãos nas algibeiras. Era o rei.

Acompanhava-o o Sr. de Valory.

No caminho caíra-lhe uma fivela dos sapatos, e continuara a andar sem mostrar ter dado por isso; o Sr. de Valory tinha-a apanhado.

Charny deu alguns passos para ele; conhecera o rei, não por ele, mas pelo Sr. de Valory.

Era daqueles que no rei vêem sempre um rei.

Deu um suspiro de dor e quase de vergonha.

- Venha, meu senhor, venha - murmurou ele.

Depois, perguntou baixinho ao Sr. de Valory:

- E a rainha?

- Vem aí com o seu irmão.

- Bem. Tome o caminho mais curto e vá esperar-nos à porta de Saint-Martin; eu irei pelo mais comprido. A reunião é ao pé da carruagem.

O Sr. de Valory dirigiu-se para a rua de Saint-Nicaise, chegou à rua de Saint-Honoré, depois à praça das Vitórias, por fim à rua Bourbon-Villeneuve.

Esperaram a rainha.

Passou-se meia hora.

Não tentamos descrever a ansiedade dos fugitivos, Charny, sobre quem pesava toda a responsabilidade estava como doido.

Quis ir ao paço para se informar se havia algum inconveniente. O rei deteve-o.

O delfim chorava, e chorando chamava: “Mamã, mamã!”

A princesa real, a infanta e a Sr^a. de Tourzel não conseguiam consolá-lo.

O terror redobrou quando viram, alumiada de archotes, a carruagem do general Lafayette. Entrava no Carrousel.

Eis o que tinha acontecido:

Na porta do pátio o visconde de Charny, que dava o braço à rainha, quis voltar à esquerda.

Mas a rainha impediu-o perguntando-lhe:

- Onde vai?

- À esquina da rua de Saint-Nicaise, onde meu irmão nos espera.

- A rua de Saint-Nicaise fica ao pé do rio? - perguntou a rainha.

- Não, minha senhora.

- Mas é no postigo do lado do rio que seu irmão nos espera.

Isidoro quis insistir; porém a rainha parecia tão convencida do que dizia, que o pôs em dúvida.

- Minha senhora, é preciso o maior cuidado... o menor engano nesta conjectura seria perigosíssimo - observou ele.

- É ao pé do rio - repetiu a rainha; - eu bem ouvi.

- Vamos então ao rio, mas se aí não encontrarmos a carruagem, voltaremos imediatamente para a rua de Saint-Nicaise, não é verdade?

- Sim, mas vamos!

E a rainha arrastou o seu guia através dos três pátios, separados, naquele tempo por um muro muito grosso, que apenas se comunicavam uns com os outros por uma estreita abertura, contígua ao palácio; essa abertura era fechada por uma cadeia e guardada por uma sentinela.

A rainha e Isidoro passaram um após outro as três aberturas e saltaram as três cadeias.

Por mera casualidade, nem uma sentinela se lembrou de os fazer parar.

Quem havia de pensar, que aquela mulher, com fato de criada de uma casa rica, que dava o braço, a um belo rapagão com a libré do príncipe de Condé, ou coisa parecida, e saltava tão ligeiramente as pesadas cadeias, fosse a rainha de França?

Chegaram à beira do rio.

O cais estava deserto.

- Então é do outro lado - disse a rainha.

Isidoro queria voltar.

Mas ela como tomada por uma vertigem, disse:

- Não, não, é por aqui.

E arrastou Isidoro para a ponte real.

Atravessada a ponte, encontraram o cais da margem esquerda, tão deserto como o da primeira.

- Vejamos nesta rua - disse a rainha. E forçou Isidoro a entrar na rua do Bac.

Dando uns cem passos, conheceu então que se tinha enganado, e parou arquejante.

As forças estavam quase a abandoná-la.

- Então, minha senhora - disse Isidoro - ainda insiste?

- Não - disse a rainha - agora pode levar-me onde quiser.

- Minha senhora, em nome do Céu, tenha coragem! - exclamou Isidoro.

- Oh! - disse a rainha - não é a coragem, são as forças que me faltam.

Depois, inclinando-se para trás disse:

- Parece-me que nunca poderei tomar a respiração. Meu Deus! Meu Deus!

Isidoro sabia que a respiração, que faltava à rainha, lhe era tão necessária então, como o seria à corça perseguida pelos cães.

Parou.

- Respire, minha senhora - disse ele - temos tempo... Respondo por meu irmão; esperará

se for necessário, até ao amanhecer.

- Então acredita que ele me ama? - disse Antonieta tão imprudente como vivamente, apertando o braço do visconde contra o peito.

- Acredito, que, tanto a vida dele como a minha, pertencem a vossa majestade, e que o sentimento que em nós é amor e respeito, é nele adoração.

- Obrigada! - exclamou a rainha - dizendo-me isso faz-me muito bem... respiro... Vamos!... Vamos imediatamente.

E com a mesma febre voltou atrás pelo mesmo caminho que andara.

Porém, em lugar de entrar nas Tulherias, Isidoro fez-lhe tomar pelo postigo do Carrousel.

Atravessaram a grande praça, que ordinariamente estava até à meia-noite cheia de lojas ambulantes e de carruagens de aluguer.

Estava quase deserta, quase medonha. Entretanto ouviu-se como que um grande ruído de todas as carruagens e de passos de cavalos.

Tinham chegado ao postigo da rua de l'Échelle; era evidente que os cavalos e a carruagem cujo ruído se ouvia, iam passar pelo postigo.

Já se distinguia um clarão; decerto era dos archotes que acompanhavam a carruagem.

Isidoro quis recuar; a rainha empurrou-o para diante.

Isidoro correu para debaixo do postigo a fim de a proteger, exactamente no momento em que as cabeças dos cavalos, e os homens que levavam os archotes, apareciam na rua oposta.

Empurrou-a para o lugar mais escuro e colocou-se diante dela.

Mas o lugar mais escuro foi imediatamente cheio de luz pelos archotes.

No meio deles, reclinado na carruagem, vestido com o seu elegante uniforme de general da guarda nacional, via-se o general Lafayette.

No momento em que esta carruagem passava, Isidoro sentiu que um braço forte pela vontade, senão pelo poder, o afastava vivamente.

Era o braço esquerdo da rainha.

Na mão direita, tinha uma pequena varinha de bambu, como usavam as senhoras naquela época.

Bateu com ela nas rodas da carruagem, dizendo:

- Vai, carcereiro! Estou livre da tua prisão!

- Que faz, minha senhora! - disse Isidoro - e a que se expõe?

- Vingo-me! - respondeu a rainha. - Vale a pena arriscar alguma coisa para esse efeito.

E atrás do último criado de archote, caminhou ela radiante como uma deusa, alegre como uma criança!

IV

Uma questão de etiqueta

A rainha teria dado uns dez passos além do postigo, quando um homem envolto num sobretudo azul, e com o rosto oculto pelas abas de um chapéu de oleado, lhe pegava convulsivamente num braço e a conduzia apressadamente para uma carruagem, que estava estacionada à esquina da rua de Saint-Nicaise.

Era o conde de Charny.

A carruagem era a que esperava toda a família real, havia mais de meia hora.

Julgavam ver chegar a rainha consternada, abatida, moribunda; chegava risonha e alegre: os perigos que corra, a fadiga que sentira, o engano que tivera, o tempo que perdera, as conseqüências que a demora podia ter tido, tudo, a chibatada que dera na carruagem de Lafayette, e que ela julgava ter dado nele mesmo, lhe fizera esquecer.

A dez passos da carruagem, estava um criado com um cavalo à mão.

Charny não fez mais que mostrar com o dedo o cavalo a Isidoro.

O irmão montou a cavalo e partiu a galope.

Ia de guarda avançada a Bondy, para encomendar os cavalos.

A rainha, vendo-o partir, dirigiu-lhe algumas palavras de agradecimento, que ele não ouviu.

- Vamos, minha senhora, vamos, - disse Charny, mostrando a dedicação, e sobretudo, o respeito que os homens verdadeiramente enérgicos apresentam nos grandes lances, - vamos, que não há um minuto a perder.

A rainha subiu para a carruagem, onde já estavam o rei, as princesas, o delfim e a Sr^a. de Tourzel, isto é cinco pessoas. Assentou-se no fundo da carruagem, e pôs o delfim no colo; o rei assentou-se ao pé dela; as princesas e a Sr^a. de Tourzel assentaram-se no assento da frente.

Charny fechou a portinhola e subiu para a almofada, e para enganar os espíões, se os houvesse, fez voltar os cavalos, subiu a rua de Saint-Honoré, à Madalena e meteu aos boulevards, que foi seguindo até à porta de Saint-Martin.

O coche esperava-os numa estrada, que conduzia a um sítio que chamavam la Voirie.

A estrada estava deserta.

O conde de Charny apeou-se da almofada e abriu a portinhola da carruagem.

A do grande coche, que devia servir para a viagem, estava já aberta. Os srs. de Malden e de Valory conservaram-se aos lados do estribo.

As seis pessoas que estavam na carruagem apearam-se imediatamente.

O conde de Charny conduziu então a carruagem para a parte inferior da estrada, e fê-la resvalar para um fosso, voltando depois para o grande coche.

Depois do rei, subiram a rainha e a infanta Isabel, e logo em seguida as reais crianças e após eles a Sr^a. de Tourzel.

O Sr. de Malden subiu para a tábua do coche, o Sr. de Valory colocou-se ao pé de Charny na almofada.

O coche era tirado a quatro. Uma chicotada fez largar os cavalos a trote rasgado.

Dava um quarto depois da uma hora na igreja de Saint-Laurent. Gastaram uma hora para chegar a Bondy.

Os cavalos aparelhados e prontos para serem metidos à carruagem, esperavam fora da cavalaria.

Isidoro esperava junto dos cavalos.

Do outro lado da estrada estacionava também um cabriolé, igualmente com cavalos de posta.

No cabriolé estavam duas criadas particulares, pertencentes ao serviço do delfim e da princesa.

Julgaram que encontrariam em Bondy uma carruagem de aluguer, e como não a achassem, arranjaram-se com o dono do cabriolé, que lho vendeu por mil francos.

Este, satisfeito com a venda, e querendo sem dúvida ver quem eram as pessoas que tinham feito a loucura de lhe dar mil francos por semelhante carriola, esperava, bebendo, na estalagem das postas.

Viu chegar o coche do rei conduzido por Charny.

Este desceu da almofada e aproximou-se da portinhola.

Debaixo do capote de cocheiro, trazia o seu uniforme; o chapéu estava na caixa da almofada.

Estava convencionado entre o rei, a rainha e Charny, que em Bondy, Charny tomaria dentro do coche o lugar da Sr^a. de Tourzel, que então voltaria só para Paris.

Mas para essa mudança tinham-se esquecido de consultar a Sr^a. de Tourzel.

O rei apresentou-lhe a questão.

A Sr^a. de Tourzel, além da sua profunda dedicação pela família real, era, a respeito da etiqueta, irmã da velha Sr^a. de Noailles.

- Meu senhor - respondeu ela - a minha obrigação é velar pelos infantes de França, e não

os deixar um só instante, sem que uma ordem expressa de vossa majestade, ordem que não acharia precedentes, me obrigue a abandoná-los.

A rainha tremeu de impaciência. Uma dupla razão lhe fazia desejar ter Charny no coche: como rainha, via nele a sua segurança; como mulher, o seu regozijo.

- Minha querida Sr^a. de Tourzel - disse a rainha - nós ficamos-lhe tão reconhecidos, quanto é possível; mas a senhora é doente... vem por uma exagerada, dedicação... Fique em Bondy: e onde quer que estejamos, venha juntar-se connosco.

- Minha senhora - respondeu a Sr^a. de Tourzel - ordene el-rei e estou pronta a apear-me e a ficar, se tanto for necessário, na estrada, mas só uma ordem de el-rei pode fazer-me, não só faltar ao meu dever, mas renunciar ao meu direito.

- Senhor - disse a rainha - senhor...

Mas o rei não ousava pronunciar-se em tão grave questão; buscava um rodeio, uma saída, um subterfúgio.

- O Sr. de Charny - disse ele afinal - não pode continuar a ficar na almofada?

- Posso tudo que el-rei quiser - disse o conde de Charny; - porém, eu hei-de ficar com o meu uniforme de oficial (e com este uniforme vêm-me há quatro meses na estrada e todos me conhecerão), ou com o meu sobretudo e o meu chapéu de cocheiro; e creio que este trajo é um pouco modesto para tão elegante carruagem.

- Suba para o coche, Sr. de Charny, suba! - disse a rainha. - Porei o delfim no colo, a Sr^a. infanta porá a Maria Teresa no seu e iremos perfeitamente... Estaremos um pouco mais apertados e nada mais.

Charny esperava a decisão do rei.

- É impossível, minha querida - disse o rei; - pense em que temos de andar noventa léguas.

A Sr^a. de Tourzel conservava-se de pé, pronta para obedecer à ordem do rei, se a mandasse apear; mas ele não se atrevia a fazê-lo, tão grandes são entre as pessoas da corte os mais pequenos preconceitos.

- Sr. de Charny - disse o rei ao conde - não pode tomar o lugar do seu mano e ir a cavalo adiante de nós para encomendar os cavalos?

- Já disse a vossa majestade que estava pronto para tudo; porém, farei observar a vossa majestade que ordinariamente os cavalos são encomendados por correios e não por um cocheiro. Essa mudança, que admiraria aos donos da posta, poderá trazer grandes inconvenientes.

- É justo - disse o rei.

- Meu Deus! Meu Deus! - murmurou a rainha no auge da impaciência.

Depois, voltando-se para Charny disse:

- Arranje-se, como quiser - Sr. de Charny - mas eu não quero que nos deixe.

- É também o meu desejo, minha senhora - disse Charny - e só vejo um meio para isso.

- Qual é, diga depressa, que estou ansiosa por sabê-lo, Sr. conde.

- É que em lugar de ir dentro do coche, de subir para a almofada, de ir a cavalo adiante do coche, siga em simples trajo de homem que corre a posta. Parta, minha senhora, e antes que tenha andado dez léguas, estarei a cinquenta passos do seu coche.

- Então volta a Paris?

- Certamente, minha senhora; mas até Châlons vossa majestade nada tem que temer, e antes de Châlons ter-me-ei reunido a vossa majestade.

- Mas de que modo vai voltar a Paris?

- No cavalo em que veio meu irmão; é um excelente cavalo de corrida; teve tempo de descansar, e em menos de meia hora estou em Paris.

- E então?

- Então, minha senhora, vestirei um fato conveniente, tomarei um cavalo na posta e correrei a toda a brida até os encontrar.

- Não há outro meio? - perguntou Maria Antonieta desesperada.

- Não vejo outro - disse o rei.

- Então - disse Charny - não percamos tempo... Vamos, João e Francisco para o seu posto! Em frente Melchior!... Postilhões a cavalo!

A Sr^a. de Tourzel triunfante tornou a assentar-se, e o coche partiu a galope, seguido pelo cabriolé.

A importância da discussão fizera esquecer que fossem entregues ao visconde de Charny e aos Srs. de Malden e Valory as pistolas carregadas, que estavam na caixa do coche.

Que se passava em Paris, para onde o conde de Charny voltava a toda a brida?

Um cabeleireiro chamado Buseby, que morava na rua de Bourbon, tinha durante a noite ido visitar às Tulherias um dos seus amigos, que aí estava de guarda; este tinha ouvido falar muito aos seus oficiais a respeito da fuga, que devia verificar-se nessa mesma noite, segundo eles afirmavam. Falou pois sobre isso ao cabeleireiro, que não pôde repelir do pensamento a idéia de que esse projecto fosse verdadeiro, e de que a fuga real, de que se falava havia tanto tempo, se executaria durante aquela mesma noite.

Quando entrou em casa, contara à mulher o que soubera nas Tulherias; porém esta tratara a coisa como sonho; esta dúvida da parte da mulher do cabeleireiro tinha influído no marido, que acabara por se despir e deitar, sem dar mais vulto às suas suspeitas.

Mas depois de deitado, fora acometido pela primeira preocupação, e desde então tornou-se tão forte, que não teve coragem de lhe resistir; levantara-se; tornara-se a vestir e correra a casa de um dos seus amigos chamado Hucher, que era padeiro e porta-machado no batalhão de Thératins.

Ali, contara tudo o que se tinha dito nas Tulherias, e tinha comunicado de um modo tão expressivo os seus receios ao padeiro a respeito da fuga da família real, que este não só os tinha compartilhado, senão que, mais ardente que o próprio de quem o soubera, saltara da cama, e sem gastar mais tempo que o necessário para vestir uns calções, tinha saído para a rua, e batendo às portas, acordara uns trinta vizinhos.

Era então perto da meia-noite e um quarto, e eram alguns minutos depois dos fugitivos encontrarem o Sr. de Lafayette debaixo do postigo das Tulherias.

Os cidadãos acordados pelo cabeleireiro Buseby e pelo padeiro Hucher, decidiram que se fosse a casa do Sr. general Lafayette para o prevenir do que se passava.

A decisão foi imediatamente executada. O Sr. de Lafayette morava na rua de Saint-Honoré, no palácio de Noailles, próximo do convento dos frades Bernardos. Puseram-se a caminho e chegaram a casa dele pela meia-noite e meia hora.

O general, depois de haver assistido ao recolher do rei, depois de ter ido prevenir o seu amigo Bailly de que o rei estava deitado, depois de ter feito uma visita ao Sr. de Emmery, membro da Assembléa Nacional, acabava de entrar em casa, e ia despir-se, quando bateram ao portão do palácio de Noailles. O Sr. de Lafayette mandou o seu criado informar-se de quem seria.

O criado voltou, dizendo que eram vinte e cinco ou trinta cidadãos, que queriam falar-lhe no mesmo instante, para negócios da mais alta importância.

O general estava já costumado a recepções continuadas.

Além disso, como um negócio, pelo qual se incomodavam vinte e cinco ou trinta cidadãos, podia e mesmo devia ser um negócio importante, ordenou que as pessoas que desejavam falar-lhe fossem introduzidas.

O general só lhe faltava vestir a farda, que acabava de tirar, para se achar pronto para a recepção.

Então os srs. Buseby e Hucher, em seu nome e no dos seus companheiros, expuseram-lhe os seus temores; o Sr. Buseby, apoiando-se no que ouvira dizer nas Tulherias, os mais no que tinham ouvido dizer diariamente de todos os lados.

Mas de todos estes temores o general não fez mais do que rir, e como era bom homem, e muito amigo de conversar, contou-lhes de onde precediam esses boatos; como eles foram espalhados pela Sr^a. de Bochereul e pelo Sr. de Gouvion; o modo como, para se certificar da sua

falsidade, tinha visto o rei deitar-se, como eles poderiam ver deitar o general Lafayette, se ficassem alguns minutos mais. Enfim, como toda esta conversa não parecesse suficiente para os sossegar, o Sr. de Lafayette disse-lhes que respondia pelo rei e pela família real, sobre a sua cabeça.

Era impossível, depois disto, manifestar-se qualquer dúvida; contentaram-se pois em pedir ao Sr. de Lafayette a palavra de passe para que lhes não embaraçassem a retirada. Lafayette não pôs dificuldade em satisfazer a este pedido e deu-lhes o santo.

Depois, munidos do santo, resolveram visitar a sala das sessões para saber se daquele lado havia alguma coisa de novo, e os pátios do paço para verem se havia por lá algo extraordinário.

Voltaram à rua de Saint-Honoré, e iam entrar na rua de l'Échelle, quando viram um cavaleiro a todo galope aparecer no meio deles.

Como em semelhante noite tudo para aquela gente era um acontecimento, apontaram as espingardas, gritando ao cavaleiro que parasse.

O cavaleiro, parando, perguntou:

- Que me querem?

- Queremos saber onde vai - disseram os guardas nacionais.

- Vou às Tulherias.

- Que vai lá fazer?

- Dar conta a el-rei de uma missão de que me encarregou.

- A esta hora.

- Porque não?

Um dos mais espertos fez sinal aos outros para o deixarem falar e replicou:

- Mas a esta hora o rei está deitado...

- Sim - respondeu o cavaleiro - mas acordá-lo-ão.

- Se tem negócios com o rei - continuou o mesmo homem - deve ter o santo.

- Isso não seria uma razão - observou o cavaleiro, visto que eu poderia chegar da fronteira, em lugar de chegar muito simplesmente de três léguas distante daqui, e ter partido há um mês, em lugar de ter partido há duas horas.

- É justo - disseram os guardas nacionais.

- Então viu o rei há duas horas? - continuou o interrogante.

- Vi.

- E falou-lhe?

- Falei.

- Que ia ele fazer a essa hora?

- Só esperava a saída de Lafayette para se deitar.

- De maneira que tem o santo?

- Certamente; o general sabendo que eu devia entrar nas Tulherias pela uma ou duas horas da madrugada, tinha-mo dado, para que eu não sofresse demora.

- Qual é?

- Paris e Poitiers.

- Vamos - disseram os guardas nacionais - é isso exactamente. Boa jornada, camarada, e diga ao rei que nos encontrou velando à porta do paço, com medo que ele fuja.

E afastaram-se.

- Eu direi - respondeu este.

E picando o cavalo, correu para o postigo das Tulherias, onde desapareceu.

- Não seria mau esperar que ele saísse das Tulherias para sabermos se falou com o rei? - disse um dos guardas nacionais.

- E se ele residir nas Tulherias - disse outro - havemos de esperar até amanhã?

- É justo - disse o primeiro - e palavra de honra, visto que o rei está deitado, visto que o Sr. de Lafayette se deita, vamo-nos também deitar, e viva a nação!

Os vinte e cinco ou trinta patriotas repetiram o grito de: "Viva a nação!" e foram deitar-

se, felizes e altivos, por terem sabido da própria boca de Lafayette que nada havia a temer a respeito da fuga do rei.

V

A jornada

Vimos partir, a todo galope os quatro cavalos de posta, o coche que levava a família real. Sigamo-la durante a jornada, como a temos acompanhado em todas as circunstâncias da sua fuga. O acontecimento é tão grande, e exerceu influência tão fatal no seu destino, que o menor acidente dessa jornada nos parece digno de curiosidade ou de interesse.

O dia nasceu pelas três horas da manhã; o coche tomava mudas em Maux. O rei teve fome, e começaram a encetar as provisões. Estas eram um pedaço de carne fria, pão e quatro garrafas de vinho de Champagne não espumoso, que o conde de Charny mandara meter na frisqueira do coche.

Como não tinham facas, nem garfos, o rei chamou João.

Os nossos leitores devem estar lembrados de que João era o nome que na jornada tinha o Sr. de Malden.

Este aproximou-se.

- João - disse el-rei - empreste-nos a sua faca de mato para que eu possa cortar esta carne. E mostrou-lha.

João tirou a faca de mato da bainha e apresentou-a a el-rei.

Entretanto Maria Antonieta debruçava-se freqüentes vezes no postigo da carruagem e olhava para trás. Era certamente para ver se aparecia o conde de Charny.

- Quer servir-se de alguma coisa, Sr. de Malden? - disse el-rei a meia voz.

- Não, meu senhor - respondeu o Sr. de Malden, também em voz baixa - por enquanto ainda não tenho vontade.

- Não faça cerimónia, nem o senhor, nem os seus companheiros - disse el-rei.

Depois, voltando-se para a rainha, que continuava a olhar pelo postigo, disse:

- Em que pensa, minha senhora?

- Eu? - disse a rainha tentando sorrir - penso no Sr. de Lafayette... Provavelmente não há-de estar agora muito satisfeito.

Depois, dirigindo-se ao Sr. de Valory, que pela sua vez se aproximava da portinhola, disse:

- Francisco, parece-me que tudo vai bem e que já teríamos sido presos se o tivéssemos de ser... Ainda não saberão da nossa partida?

- É de supor que não, minha senhora - respondeu o Sr. de Valory - porque não noto em parte nenhuma nem movimento, nem suspeita... Vamos, vamos, coragem, minha senhora! tudo vai bem!

- A caminhol! - gritou o postilhão.

Os srs. de Malden e de Valory subiram para a almofada, e o coche continuou o seu caminho.

Pelas oito horas da manhã chegaram à falda de uma grande montanha; à direita e à esquerda dela havia um lindo bosque, onde as aves cantavam, festejando os primeiros raios do sol de um dos mais belos dias de Junho, que os feria com as suas flechas de ouro.

O postilhão meteu os cavalos a passo.

Os dois guardas apearam-se da almofada.

- João - disse o rei - faça parar a carruagem e mande abrir a portinhola... eu queria andar um pouco, e julgo que tanto os meus filhos como a rainha não desgostarão de fazer esta pequena caminhada a pé.

O Sr. de Malden fez um sinal; o postilhão parou.

A portinhola abriu-se: o rei, a rainha, a princesa Isabel e os meninos apearam-se. No coche ficou apenas a Sr.^a de Tourzel, pois o seu sofrimento não lhe permitia apeiar-se.

No mesmo instante toda a pequena colónia real se espalhou pela estrada; o delfim pôs-se a correr atrás das borboletas, a princesa a colher flores.

A princesa Isabel tomou o braço do rei e a rainha caminhou só.

Ao ver aquela família espalhada assim pela estrada, os meninos brincando e correndo, a irmã encostada ao braço do irmão e sorrindo-lhe, aquela bela mulher pensativa e olhando para trás, tudo isto alumado por um belo e matutino sol de Junho, que projectava a sombra transparente da floresta até ao meio da estrada, dir-se-ia ser uma alegre família que voltava para o seu castelo, para aí tomar novamente o curso da sua vida pacífica e regular, e não um rei e uma rainha de França que fugiam de um trono, para o qual haviam de reconduzi-los, para depois os levarem ao cadafalso.

É certo que um incidente devia bem depressa lançar no meio daquele sossegado e sereno quadro a perturbação das diferentes paixões, que dormiam no fundo do coração das diversas personagens desta história.

Repentinamente a rainha parou, como se os pés se lhe tivessem prendido à terra.

Um cavaleiro aparecia, pouco mais ou menos, a um quarto de légua, envolto na nuvem de poeira, que o cavalo levantava.

Maria Antonieta não ousou dizer: “É o conde de Charny!”

Mas soltou um grito, que a seu pesar lhe saiu do íntimo da alma, dizendo:

- Ah! Notícias de Paris!

Todos se voltaram à excepção do delfim; a descuidada criança acabava de apanhar a borboleta, atrás de que corria, e pouco lhe importava as notícias de Paris!

El-rei um pouco míope, tirou um pequeno óculo da algibeira.

- Olá! - disse ele - julgo eu, o Sr. de Charny.

- Sim, meu senhor - disse a rainha - é ele!

- Continuemos, continuemos a subir - disse o rei; - reunir-se-nos-á sempre, e não temos tempo a perder.

A rainha não ousou dizer que provavelmente as notícias que trazia o Sr. de Charny valiam bem a pena de ser esperadas.

Além disso, era somente demora de alguns segundos; o cavaleiro aproximava-se, com a rapidez do cavalo.

Ele mesmo, da sua parte, e à medida que se aproximava, olhava com grande atenção e parecia não compreender o motivo por que a gigante carruagem espalhara os viajantes pela estrada.

Finalmente, reuniu-se-lhes no momento em que o coche chegava ao cume da montanha, onde parou.

Era efectivamente o Sr. de Charny, como tinham adivinhado o coração da rainha e os olhos do rei.

Trajava casaco verde com cabeção, colete branco, calções de anta, trazia um chapéu com grande laço e fivela, e grandes botas à militar, que lhe chegavam até ao joelho.

A tez, que era ordinariamente de um branco pálido, estava animada em consequência da corrida que fora obrigado a fazer, e a chama que lhe afogueava o rosto parecia sair-lhe também dos olhos.

Havia nele alguma coisa semelhante a um vencedor, tanto pela potente respiração, como pelo dilatado das ventas.

Nunca a rainha o vira tão belo!

Soltou um profundo suspiro.

Ele apeou-se e inclinou-se diante de el-rei.

Depois, voltando-se, saudou a rainha.

Reuniram-se todos à roda dele, excepto os dois guardas, que por discrição se conservaram

afastados.

- Aproximem-se, senhores, aproximem-se - disse o rei - as notícias, que nos traz o Sr. de Charny dizem respeito a todos.

- Em primeiro lugar, meu senhor, tudo vai bem - disse Charny - às duas horas da manhã ainda ninguém suspeitava da fuga.

Todos respiraram.

Depois as perguntas multiplicaram-se.

Charny contou como entrara em Paris, como tinha encontrado na rua de l'Échelle a patrulha de patriotas, como fora interrogado por ela e como a deixara convencida de que o rei estava deitado e dormia.

Depois contou como encontrara o interior das Tulherias em sossego como nos dias ordinários, subira ao seu quarto, mudara de fato, tornara a descer pelos corredores dos aposentos do rei, certificando-se assim de que ninguém suspeitava da fuga da família real, verificando-se portanto que até o Sr. de Gouvion, deixando de nutrir suspeitas, mandara retirar as sentinelas, dizendo aos oficiais que podiam recolher a suas casas.

Então o Sr. de Charny montou de novo o cavalo, que deixara no pátio entregue a um criado, e pensando que teria grande dificuldade em mandar alugar outro, àquela hora, à ponte de Paris, partira para Bondy. O cavalo chegara quase aguado, mas enfim tinha chegado e era o que se precisava.

Ali o conde tomara outro cavalo e continuara o seu caminho. Finalmente, não notara na estrada coisa alguma que pudesse causar inquietação.

A rainha achou meio de estender a mão a Charny; tão boas notícias mereciam bem semelhante favor.

Charny beijou respeitosamente a mão da rainha, a qual empalideceu.

Por que motivo empalideceu ela?

Seria de alegria por Charny lhe apertar a mão?

Seria de dor por ele lha ter apertado?

Tornaram a subir para a carruagem, que partiu; Charny ia a cavalo junto da portinhola.

Na posta próxima acharam os cavalos aparelhados, menos o cavalo de Charny.

Isidoro não o encomendara, ignorando que seu irmão precisasse dele.

Houve pois uma demora por causa do cavalo, mas a carruagem partiu. Cinco minutos depois, Charny estava montado.

E demais, estava convencido que ele seguiria tão de perto, que a rainha, debruçando-se de vez em quando na portinhola, podia vê-lo e em cada muda chegava sempre a tempo de poder trocar algumas palavras com os augustos viajantes.

Charny acabava de mudar de cavalo em Montmirail: julgava que a carruagem tinha um quarto de hora de avanço, quando, de repente, ao voltar de uma rua, o seu cavalo esbarrou contra a carruagem parada e contra os dois guardas, que tentavam consertar um tirante.

O conde apeou-se, meteu a cabeça pela portinhola para recomendar ao rei que se ocultasse e à rainha que não estivesse inquieta. Depois abriu uma caixa onde estavam colocados todos os objectos, que um acidente qualquer torna necessários.

Acharam aí um par de tirantes; pegaram num, e substituíram-no pelo tirante partido.

Os dois guardas aproveitaram esta ocasião para pedirem as suas armas; mas o rei opôs-se formalmente a que lhas dessem. Apresentaram-lhe o caso de poder ser tomada a carruagem; ele porém respondeu que, nesse caso, não queria que corresse sangue por sua causa.

Finalmente, o tirante estava consertado; os dois guardas tornaram a subir para a almofada, Charny montou a cavalo e o coche partiu.

Porém perderam nisto mais de meia hora, quando cada minuto era uma perda irreparável.

As duas horas chegaram a Châlons.

- Se chegarmos a Châlons sem sermos apanhadas - tinha dito o rei - tudo irá bem!

Chegaram a Châlons sem novidade, e metiam mudas.

O rei chegou-se um instante à portinhola. No meio dos grupos formados à roda da carruagem, dois homens olharam para ele com minuciosa atenção.

De repente, um deles afastou-se e desapareceu.

O outro aproximou-se.

- Senhor - disse ele a meia voz - não se descubra desse modo, senão está perdido!

Então, dirigindo-se aos postilhões, disse:

- Vamos, preguiçosos! é dessa maneira que se servem os generosos viajantes, que dão trinta sous de gorjeta?

E meteu também mãos ao trabalho, ajudando os postilhões.

Era o dono da posta.

Finalmente, os cavalos estavam metidos e os postilhões montados; o primeiro postilhão quis fazer correr os cavalos.

Caíram ambos.

Os cavalos levantaram-se debaixo das repetidas chicotadas: querem partir os dois cavalos do segundo postilhão e caem também. O postilhão ficou debaixo do cavalo.

Charny, que estava esperando, corre, puxa o postilhão para si e tira-o debaixo do cavalo, onde deixa as botas.

- Oh! Senhor - exclama Charny dirigindo-se ao dono da posta, cuja dedicação ignora - que cavalos nos deu?

- Os melhores da cavalaria - respondeu este.

Porém os cavalos estavam de tal modo embaraçados nos tirantes que, por mais que tentassem levantar-se, mais se embaraçavam.

Charny correu para os tirantes, dizendo:

- Vamos, levantemo-los e tornaremos a atrelá-los... será o mais breve.

O dono da posta, raivoso, meteu mãos ao trabalho.

Entretanto, o homem, que se afastara e desaparecera, correu a casa do *maire*, declarou-lhe que naquele momento o rei e toda a família real mudavam de cavalos na posta, e pediu-lhe uma ordem para os prender.

Felizmente o *maire* era pouco republicano e receou tomar sobre si uma tal responsabilidade. Em vez de se certificar do facto, pediu toda a espécie de explicações, duvidou, de que pudesse ser verdade, e finalmente, levado ao extremo, saiu e chegou à estalagem da posta no momento em que a carruagem desaparecia na esquina da rua.

Perderam nisto mais de vinte minutos.

Reina a confusão dentro da carruagem real: os cavalos caindo uns após outros, sem motivo, fizeram lembrar à rainha as velas singulares, que uma noite, no seu gabinete, se haviam apagado por si mesmas.

Todavia, saindo as portas da cidade, o rei, a rainha e a princesa Isabel disseram ao mesmo tempo:

- Estamos salvos!

Mas a uns cem passos mais adiante, um homem, correndo, chegou-se ao postigo e gritou aos ilustres viajantes:

- As suas medidas foram mal tomadas e serão apanhados!

A rainha deu um grito; o homem passou para o lado e desapareceu num pequeno bosque.

Felizmente estavam a quatro léguas da ponte de Sommeville, onde encontraram o Sr. de Choiseul e os seus quarenta hussards.

Porém eram três horas da tarde, e haviam-se atrasado perto de quatro horas.

VI

Fatalidade

Os nossos leitores devem estar lembrados de que o Sr. de Choiseul corria a posta com Leonardo, que ia desesperado por ter deixado aberta a porta do quarto, levado o chapéu e o casaco do irmão e faltado à promessa que fizera à Sr^a. de l'Aage, de ir penteá-la.

Entretanto, o que consolava o pobre Leonardo, era que o Sr. de Choiseul lhe tinha dito positivamente que o conduzia a duas ou três léguas de Paris, para o encarregar de uma missão particular da rainha, e que depois ficaria livre.

Por isso, chegando a Bondy e sentindo parar a carruagem, respirou e dispôs-se a descer.

Porém o Sr. de Choiseul deteve-o dizendo:

- Ainda não é aqui.

Os cavalos estavam encomendados de antemão; em poucos segundos foram metidos na carruagem, que partiu como um raio.

- Mas, senhor - disse o pobre Leonardo - onde vamos nós?

- Contanto que o Sr. esteja de volta amanhã pela manhã - respondeu o Sr. de Choiseul - que lhe importa o resto?

- O caso é - disse Leonardo - que uma vez que eu esteja às dez horas da manhã nas Tulherias para pentear sua majestade a rainha...

- É tudo o que precisa, não é assim?

- Sem dúvida; porém, se lá estiver antes, não será mau, atendendo a que poderei tranquilizar meu irmão e explicar à Sr^a. de l'Aage que não foi por culpa minha que faltei à promessa que lhe fiz.

- Se é só isso, tranquilize-se, meu caro Leonardo, que tudo se há-de arranjar o melhor possível - respondeu o Sr. de Choiseul.

Leonardo não tinha motivo algum para supor que o Sr. de Choiseul o levasse raptado; por isso tranquilizou-se, pelo menos, momentaneamente.

Porém, em Claye, vendo que mudavam novamente os cavalos à carruagem, e que de modo nenhum tratavam de se apeiar, o desgraçado exclamou:

- Então, Sr. duque, vamos ao fim do mundo?!

- Ouça, Leonardo - disse então o Sr. de Choiseul com modo sério - não é a uma casa próxima de Paris que eu o conduzo, é à fronteira.

Leonardo deu um grito, pôs as mãos nos joelhos e olhou para o duque com modo aterrado, balbuciando:

- À... à... fronteira?!

- Sim, meu querido Leonardo, devo lá encontrar no meu regimento uma carta da mais alta importância para a rainha. Não lha podendo entregar pessoalmente, precisava de um homem de segurança, por quem lha remetesse; pedi à rainha que mo indicasse: escolheu o senhor por ser, pela sua afeição, o mais digno da sua confiança.

- Oh! Senhor - exclamou Leonardo - decerto que sou digno da confiança da rainha, porém como hei-de eu voltar? Estou de sapatos, meias de seda branca e colete de seda! Não tenho nem roupa, nem mesmo dinheiro!

O excelente rapaz esquecia que tinha nas algibeiras mais de dois milhões em diamantes da rainha.

- Não lhe dê isso cuidado, meu caro amigo! - disse o Sr. de Choiseul; - tenho na minha carruagem botas, casacas, roupa branca e dinheiro, enfim, tudo que lhe for necessário, e portanto não se aflija, pois nada lhe faltará.

- Sem dúvida que com o Sr. duque estou bem certo de que nada me há-de faltar... Mas o meu pobre irmão de quem trouxe o chapéu e o casaco... mas a pobre Sr^a. de l'Aage, a quem só eu posso pentear... Meu Deus! Meu Deus! Como acabará tudo isto?

- Do melhor modo, meu querido Leonardo, pelo menos assim o espero - disse o Sr. de Choiseul.

Corriam como o vento. O Sr. de Choiseul ordenara ao seu batedor, que tivesse preparadas duas camas e uma ceia em Moritmirail, onde passaria o resto da noite.

Chegando a Montmirail, os viajantes encontraram as duas camas prontas e a ceia na mesa.

Pondo de parte o casacão e o chapéu do irmão, não falando no pesar de ter obrigado a faltar à sua palavra para com a Sr^a. de l'Aage, Leonardo estava quase consolado. De tempo a tempo, soltava até uma expressão de contentamento, pela qual era fácil de ver que o seu orgulho estava lisonjeado por a rainha o ter escolhido para tão importante missão, como parecia a de que o haviam de encarregar.

Depois da ceia, os dois viajantes deitaram-se, tendo o Sr. de Choiseul recomendado antes, que a sua carruagem o esperasse pronta às quatro horas.

Às quatro menos um quarto, deviam vir bater-lhe à porta do quarto para o acordarem, no caso de que ele ainda estivesse dormindo.

Às três horas ainda o Sr. de Choiseul não tinha adormecido; de repente no seu quarto, situado por cima da porta de entrada das postas, ouviu o rodar de uma carruagem, acompanhado de dois estalos de chicote, com que os postilhões ou os viajantes anunciam a sua chegada.

Levantar-se da cama, e correr à janela, foi para o Sr. de Choiseul objecto de um instante.

Estava parado à porta um cabriolé; dois homens, vestidos com o uniforme de guardas nacionais, desciam dele e pediam cavalos apressadamente.

Quem eram aqueles guardas nacionais? Que procuravam eles às três horas da manhã, e por que motivo era aquela pressa em pedirem cavalos?

O Sr. de Choiseul chamou o criado, e ordenou-lhe que mandasse pôr a carruagem.

Depois acordou Leonardo.

Os dois viajantes tinham-se deitado vestidos, portanto estavam prontos.

Quando desceram, a carruagem e o cabriolé estavam ambos prontos.

O Sr. de Choiseul ordenou ao postilhão que deixasse passar adiante o cabriolé dos guardas nacionais. Porém devia segui-los de modo que não os perdesse de vista um só minuto.

Depois examinou as pistolas, que tinha no alçapão da carruagem, e renovou-lhe as escorvas, o que deu algum cuidado ao cabeleireiro.

Correram assim uma légua, ou légua e meia, porém, entre Etoges e Chaintry, o cabriolé meteu por um atalho, que devia dar a Jalons, ou a Epernay.

Os dois guardas nacionais, a quem o Sr. de Choiseul supusera más intenções, eram dois honrados cidadãos, que voltavam de Ferté para suas casas.

Tranquilo sobre este ponto, o Sr. de Choiseul continuou a sua viagem.

Às dez horas atravessou Châlons; às onze chegou a ponte de Sommeville.

Ali informou-se, e soube que os hussards ainda não tinham chegado.

Detém-se na casa das postas, desce, pede um quarto e veste o seu uniforme.

Leonardo olhava para todos estes preparativos com viva inquietação e acompanhava-os com suspiros, que comoviam o Sr. de Choiseul, que lhe disse:

- Meu caro Leonardo, é tempo de lhe dar a conhecer a verdade.

- Como! A verdade? - exclamou Leonardo caindo de surpresa em surpresa; - então ainda não sei a verdade?

- Sabe uma parte e vou dizer-lhe o resto.

Leonardo juntou as mãos.

- O senhor é dedicado a seus amos, não é assim, meu caro Leonardo?

- Para a vida e para a morte, Sr. duque!

- Pois bem! Dentro de duas horas, aproximadamente estarão aqui.

- Oh! Meu Deus! É possível! - exclamou o pobre rapaz.

- Sim - continuou o Sr. de Choiseul - aqui... com os infantes e com a princesa Isabel... Sabe os perigos que têm corrido? (Leonardo fez com a cabeça um sinal afirmativo) e que perigos ainda correm? (Leonardo levantou os olhos ao Céu). Pois dentro de duas horas estarão salvos!

O cabeleireiro não podia responder; chorava como uma criança.

Contudo, conseguiu balbuciar:

- Dentro de duas horas... aqui... está bem certo...

- Sim, dentro de duas horas... Devem ter partido das Tulherias ontem às onze e meia da noite; ao meio dia devem ter chegado a Châlons... Demos-lhes hora e meia para andarem as quatro léguas, que acabamos de percorrer... Estarão aqui às duas horas, o mais tardar. Vamos mandar vir o jantar. Eu espero aqui um destacamento de hussards, comandado pelo Sr. Goguelat; faremos durar o jantar o mais que pudermos.

- Oh! Senhor - interrompeu Leonardo - não tenho vontade de comer!

- Não importa! Fará um esforço e comerá alguma coisa.

- Sim, Sr. duque.

- Faremos, pois, durar o jantar o mais possível, a fim de termos um pretexto de demora...

Ah! Olhe! Aí chegam os hussards.

Efectivamente ouviu-se ao mesmo tempo o som dos clarins e os passos dos cavalos.

Neste momento o Sr. de Goguelat entrou no quarto e entregou ao Sr. de Choiseul um maço de papéis, da parte do Sr. de Bouillé.

Esse maço continha seis papéis assinados em branco e uma cópia da ordem formal, dada pelo rei a todos os oficiais do exército, qualquer que fosse a sua patente e antiguidade, de obedecerem ao Sr. de Choiseul.

O Sr. de Choiseul mandou recolher os cavalos, distribuiu aos hussards pão e vinho, e pela sua parte também começou a jantar.

As notícias que trazia o Sr. de Goguelat não eram boas. Por toda a parte, durante o seu caminho, tinha encontrado uma grande agitação; havia mais de um ano que os boatos da partida do rei circulavam, não só em Paris, mas também na província, e os destacamentos de diferentes armas, estacionando em Sainte-Menehould, e em Varennes, tinham provocado suspeitas.

Até tinha ouvido tocar a rebate numa aldeia próxima à estrada.

Tudo isto era bastante para tirar o apetite ao Sr. de Choiseul. Por isso, depois de ter passado à mesa uma hora, e ao tempo que o relógio dava meio-dia e meia hora, levantara-se, e deixando o comando do destacamento ao Sr. Boudet, dirigiu-se para a estrada, que, colocada à entrada da ponte de Sommeville, numa colina, permitia que se pudesse alongar a vista a mais de meia légua de distância.

Não se via nem batedores, nem carruagem; isso porém não causava admiração; não se esperava, como dissemos (porque o Sr. de Choiseul contava os acidentes imprevistos), o batedor antes da uma hora ou hora e meia da tarde, e o rei antes da uma e meia ou duas horas.

Entretanto o tempo passava e nada aparecia na estrada, pelo menos, nada se esperava.

De cinco em cinco minutos o Sr. de Choiseul puxava pelo relógio e de cada vez que o fazia, Leonardo exclamava com tristeza:

- Ah! Eles não virão!... Meus pobres amos, meus pobres amos! Aconteceu-lhes alguma desgraça!

E o pobre rapaz, com a sua desesperação, aumentava ainda as inquietações do Sr. de Choiseul.

Às duas horas e meia, às três, às três e meia, nada de batedor nem de carruagem! Os leitores devem estar lembrados que o rei saiu de Châlons às três horas.

Porém enquanto o Sr. de Choiseul espera na estrada, a fatalidade preparava na ponte de Sommeville um acontecimento, que devia ter a mais grave influência sobre todo este drama, que narramos.

A fatalidade, repetimos, fizera que, justamente alguns dias antes os aldeões de uma fazenda pertencente à Sr^a. d'Elboeuf, fazenda situada próximo da ponte de Sommeville, tivessem recusado o pagamento dos direitos não extintos. Então tinham-nos ameaçado com uma execução militar; porém a confederação produzira os seus frutos, e os aldeões dos lugares vizinhos tinham prometido auxílio de mão armada aos da fazenda da Sr^a. d'Elboeuf, se as ameaças se realizassem.

Vendo chegarem e estacionarem os hussards, os aldeões julgaram que vinham com intenções hostis.

Portanto foram expedidos correios da ponte de Sommeville para as aldeias vizinhas, e

perto das três horas começou a tocar a rebate por todos os arredores.

Ouvindo este ruído, o Sr. de Choiseul tornou a entrar na ponte de Sommeville e encontrou o tenente Boudet muito agitado.

À surdina faziam-se ameaças aos hussards, que eram exactamente, nessa época, dos corpos de exército mais aborrecidos; os aldeões insultavam-nos, e cantavam-lhes na presença canções insolentes.

Além disso, pessoas mais bem informadas, com mais perspicácia, começavam a dizer em voz baixa que os hussards estavam ali, não para obrigarem a pagar os aldeões da Sr^a. d'Elboeuf, mas para esperarem o rei e a rainha.

Dão quatro horas, sem que tenha aparecido nem batedores, nem notícias.

Apesar disso, o Sr. de Choiseul decide-se a esperar ainda; entretanto, manda meter os cavalos na carruagem, encarrega-se dos diamantes de Leonardo e manda este a Varennes, recomendando-lhe que diga em Sainte-Menehould, ao Sr. Dandoins, em Clermont, ao Sr. de Damas, e em Varennes, ao Sr. de Bouillé filho, a situação em que se achava.

Depois, para acalmar a exaltação que se manifestava em volta dele, declarou que nem ele nem os seus hussards estavam ali para procederem contra os arrendatários da Sr^a. d'Elboeuf, mas sim para esperar e escoltar um tesouro, que o ministro da guerra mandava ao exército.

Infelizmente, a palavra *tesouro*, que envolve um sentido duplo, acalmando a irritabilidade sobre esse objecto, confirmava as suspeitas sobre o outro ponto.

O rei e a rainha são também um *tesouro*, e era esse certamente o tesouro que o Sr. de Choiseul esperava.

Passado um quarto de hora, o Sr. de Choiseul e os seus hussards estavam de tal modo apertados e rodeados, que ele compreendeu não poder conservar-se mais tempo, e que, se por infelicidade o rei e a rainha chegassem nesse momento, os seus quarenta hussards nada poderiam.

As suas instruções ordenavam-lhe que *procedesse de modo que a carruagem do rei continuasse o seu caminho sem obstáculo*.

Em vez de ser uma protecção, a sua presença tornava-se um obstáculo.

Portanto, o melhor que tinha a fazer, ainda que o rei estivesse muito próximo a chegar, era partir imediatamente.

A sua partida deixaria efectivamente o caminho livre.

Mas para isso precisava um pretexto.

O mestre das postas estava ali a pouca distância, no meio de quinhentos ou seiscentos curiosos, a quem bastava uma palavra para se tornarem inimigos.

Como os outros, olhava ele com os braços cruzados; estava mesmo por baixo da janela do Sr. de Choiseul.

- Sabe - perguntou-lhe o duque - de algum comboio com dinheiro, que tenha sido mandado estes últimos dias para Metz?

- Esta manhã mesmo - respondeu o mestre das postas - a diligência levou para lá cem mil escudos; ia escoltada por dois gendarmes.

- Deveras? - disse o Sr. de Choiseul, encantado da parcialidade com que o acaso o favorecia.

- Ora! - disse um gendarme - é tão verdade, que fui eu e o Robin, quem o escoltámos.

- Então - disse o Sr. de Choiseul, voltando-se tranquilamente para o Sr. de Goguelat - o ministro preferiu esse meio de transporte, e como a nossa presença já aqui não é precisa, julgo que podemos retirar-nos... Vamos, hussards, aparelhem os cavalos.

Os hussards, bastante inquietos, apressaram-se a obedecer àquela ordem.

Num instante aparelharam os cavalos e montaram.

Formaram em linha.

O Sr. de Choiseul passou à frente da linha, lançou um olhar para o lado de Châlons e disse suspirando:

- Vamos, hussards; metam a quatro, a passo, marchel!

E saiu da ponte de Sommeville, com os clarins na frente, no momento em que o relógio dava cinco horas e meia.

A duzentos passos da aldeia, o Sr. de Choiseul tomou por um atalho, para não passar por Sainte-Menehould, onde se dizia que reinava grande agitação.

Exactamente, nesse momento, Isidoro de Charny, instigando com as esporas e com o chicote o cavalo, em que percorrera quatro léguas em duas horas, chegava à posta, mudava de cavalo, informava-se ao mesmo tempo se tinha ali sido visto um destacamento de hussards, e sabendo que acabava de partir a passo, havia um quarto de hora, pela estrada de Sainte-Menehould, encomendava cavalos para a carruagem do rei, e esperando alcançar o Sr. de Choiseul e detê-lo na sua retirada, partira a todo galope noutro cavalo.

Porém, como acabamos de ver, o Sr. de Choiseul deixara a estrada de Sainte-Menehould, e tomara por um atalho precisamente no instante em que o visconde de Charny chegava à posta; de modo que o visconde de Charny não pôde alcançá-lo.

VII

Fatalidade

Dez minutos depois da partida de Isidoro de Charny, chegou a carruagem do rei.

Como previra o Sr. de Choiseul, o ajuntamento tinha-se totalmente dissipado.

O conde de Charny, sabendo que devia encontrar o primeiro destacamento na ponte de Sommeville, não julgara que fosse urgente ficar à retaguarda: galopava portanto à portinhola, apressando os postilhões, que pareciam ter recebido ordem expressa para só caminharem a meio trote.

Chegaram à ponte Sommeville, e não viram nem hussards nem o Sr. de Choiseul, o rei inquieto deitou a cabeça fora do postigo.

- Por Deus, meu senhor - disse Charny - não apareça! Vou informar-me.

E entrou na casa das postas.

Cinco minutos depois, tornou a aparecer; acabava de saber tudo e repetiu-o a el-rei o mais minuciosamente que pôde.

El-rei compreendeu imediatamente que tinha sido para lhe deixar o caminho livre que o Sr. de Choiseul se retirara.

O importante era ganhar terreno e chegar a Sainte-Menehould. Sem dúvida o Sr. de Choiseul retrocedera para lá, e encontrariam em Sainte-Menehould reunidos os hussards e os dragões.

No momento de partirem, Charny aproximou-se da portinhola.

- Que ordena a rainha? - perguntou ele; - devo ir adiante ou seguir a pouca distância?

- Não me deixe - disse a rainha.

Charny inclinou-se em cima do cavalo, e começou a galopar ao lado da carruagem.

No entanto Isidoro corria adiante, nada compreendendo dessa solidão em que via a estrada traçada em linha de tal modo recta, que em certos pontos se pode alcançar com a vista até à distância de légua e meia.

Inquieto, incita o cavalo, ganhando sobre a carruagem mais dianteira do que nunca, receando que os habitantes de Sainte-Menehould tivessem suspeitado dos dragões do Sr. Dandoins, como os da ponte de Sommeville tinham suspeitado dos hussards do Sr. de Choiseul.

Não se enganava: a primeira coisa que viu em Sainte-Menehould foi um grande número de guardas nacionais espalhados pelas ruas. Eram os primeiros que se encontravam desde Paris.

Toda a cidade parecia em agitação, e no bairro oposto àquele por onde entrava Isidoro de Charny, tocava a rebate.

O visconde atravessou as ruas a galope, sem parecer inquietar-se de modo algum com todo aquele movimento; atravessou a praça principal e parou na casa das postas.

Ao atravessar a praça notou uns poucos de dragões, que com bonés de polícia, estavam assentados num banco.

A alguns passos deles, encostado a uma janela baixa estava o marquês Dandoins, também de boné de polícia e com um chicotinho na mão.

Isidoro passou sem parar, e não demonstrou que tivesse reparado em coisa nenhuma. Presumia que o Sr. Dandoins, sabendo qual devia ser o vestuário dos batedores do rei, o reconheceria, e portanto não teria necessidade de nenhum outro indício.

Um mancebo de vinte e oito anos, com os cabelos cortados à Tito, como os patriotas usavam naquela época, de bigode e barba preta, estava encostado à porta da casa das postas, vestido de chambre.

Isidoro procurava alguém a quem se dirigisse.

- Que deseja, senhor? - lhe perguntou o mancebo de bigode preto.

- Falar ao mestre das postas - respondeu Isidoro.

- O mestre das postas está ausente por algum tempo, mas eu sou filho dele, João Baptista Drouet... e se posso substituí-lo diga o que quer.

O mancebo acentuara as palavras: "João Baptista Drouet" como se adivinhasse que aquelas palavras, ou antes aquele nome, obteriam na história uma fatal celebridade.

- Desejo seis cavalos de posta para duas carruagens, que me seguem.

Drouet fez um sinal com a cabeça, que queria dizer que o batedor ia ter o que desejava, e entrando no pátio, gritou:

- Olá postilhão! Seis cavalos para duas carruagens e um poldro para o batedor.

Neste momento o marquês Dandoins entrou apressadamente.

- Senhor - disse ele dirigindo-se a Isidoro - precede a carruagem do rei, não é assim?

- Sim, senhor, e estou bastante admirado por ver, tanto o senhor, como os seus soldados, de bonés de polícia.

- Não fomos prevenidos, senhor... Além disso, em volta de nós fazem-se demonstrações ameaçadoras; tentam seduzir os meus soldados. Que devo fazer?

- Como o rei não tarda a chegar, vigiar a carruagem, obrar conforme as circunstâncias e partir meia hora depois da família real para lhe guardar a retaguarda.

Depois, interrompendo-se de repente, o visconde Isidoro de Charny disse:

- Silêncio! Espiam-nos... Ouviram-nos talvez... Vá reunir-se ao seu esquadrão e faça o que lhe for possível para manter a sua gente.

Efectivamente Drouet achava-se à porta da casinha, onde se travava esta conversação.

O Sr. Dandoins afastara-se.

No mesmo momento ressoaram-se os estalos dos chicotes dos postilhões; a carruagem do rei chegou, atravessou a praça e parou diante da porta.

Ao ruído que fez, o povo agrupou-se à volta dela com curiosidade.

O Sr. Dandoins, que tinha a peito explicar a razão porque o encontrava, tanto a ele como aos seus soldados, repousando, em vez de os achar em armas, precipita-se para a portinhola com o boné de polícia na mão, e com todas as demonstrações de respeito dá as suas desculpas ao rei e à família real.

O rei respondendo-lhe, deitara muitas vezes a cabeça de fora do postigo.

Isidoro, com o pé no estribo, estava próximo de Drouet, que olhava com muita atenção para dentro da carruagem. No ano anterior estivera ele na confederação e vira lá o rei, e agora julgava conhecê-lo.

Nessa manhã, recebera uma soma considerável em *assinados*: e examinou um por um esses *assinados*, onde estava gravado o retrato do rei, para ver se seriam falsos, e o perfil do rei, gravado na sua memória, parece gritar-lhe: "O homem que está diante de ti é o rei!"

Tirou um *assinado* da algibeira, comparou com o original o retrato gravado no papel e murmurou:

- Decididamente é ele!...

Isidoro passou para o outro lado da carruagem; seu irmão cobrira com o corpo a portinhola, a que a rainha estava encostada.

- O rei foi conhecido - disse ele - apressa pois a partida da carruagem e olha bem para esse rapaz trigueiro... é o filho do mestre das postas; foi ele quem conheceu o rei. Chama-se João Baptista Drouet.

- Está bem - disse Olivier - eu o vigiarei... parte imediatamente.

Isidoro partiu a galope para ir encomendar cavalos a Clermont.

Teria apenas chegado ao fim da cidade quando os postilhões, estimulados pelas instâncias dos srs. de Malden e Valory, e pela promessa de um escudo de gorjeta, partiram com a carruagem a grande trote.

O conde não tinha perdido de vista Drouet.

Drouet não se movera; porém falara em voz baixa a um criado da cavalaria.

Charny aproximou-se dele e perguntou:

- Não lhe encomendaram um cavalo para mim?

- Encomendaram sim, senhor - respondeu Drouet - mas já não há nenhum.

- Como! Já não há cavalos? - disse o conde; - mas então que cavalo é aquele que estão selando no pátio?

- É o meu.

- Não poderia ceder-mo? Pagá-lo-ei pelo que quiser.

- É impossível, senhor, faz-se tarde e tenho que ir a uma parte, onde não posso faltar, nem posso demorar a partida.

Insistir seria causar suspeitas; tentar tomar o cavalo à força seria comprometer a situação.

E demais, Charny achou meio de conciliar tudo.

Viu o Sr. de Dandoins, que seguia com os olhos a carruagem do rei até voltar a esquina.

O Sr. Dandoins, sentindo porem-lhe a mão no ombro, voltou-se.

- Silêncio! - disse Charny - sou eu... o conde de Charny... Já não há cavalo para mim na posta; apeie um dos seus dragões e dê-me o cavalo; é necessário que siga o rei e a rainha, só eu sei onde estão as mudas do Sr. de Choiseul, e se lá não estiver, o rei não poderá passar de Varennes.

- Conde - respondeu o Sr. Dandoins - não é o cavalo de um dos meus dragões, que vou dar-lhe, é um dos meus.

- Aceito... A salvação do rei e da família real dependem do menor acidente: quanto melhor for o cavalo, tanto melhor será a probabilidade de chegarmos primeiro.

E ambos se afastaram dirigindo-se ao aposento do marquês Dandoins.

Antes de se afastar, Charny encarregou um quartel-mestre dos dragões, para que observasse todos os movimentos de Drouet.

Por desgracia, a casa do marquês era a quinhentos passos da praça: quando os cavalos estivessem selados teriam perdido, pelo menos, um quarto de hora; dissemos os cavalos, porque, pela sua parte o Sr. de Dandoins também montava a cavalo, e conforme a ordem que lhe dera o rei, ia seguir a carruagem servindo-lhe de escolta.

De repente pareceu a Charny ouvir grandes gritos e entre eles as palavras: "O rei!... A rainha..."

Precipitou-se para fora da casa, recomendando ao Sr. Dandoins que lhe mandasse conduzir o cavalo para a praça.

Efectivamente toda a cidade estava em tumulto. Apenas os srs. Dandoins e Charny saíram da praça, Drouet, como se somente esperasse por esse momento para falar, exclamou:

- A carruagem que acaba de passar é a do rei... O rei, a rainha e os príncipes vão naquela carruagem.

E saltou sobre o cavalo.

Muitos dos seus amigos procuravam detê-lo. Onde vai? Que faz? Qual é o projecto?

Ele respondeu-lhes em voz baixa:

- O coronel e o destacamento de dragões estavam aqui... Não havia meio de prender o rei

sem uma colisão, que podia ter um mau resultado para nós! O que não pude fazer aqui fá-lo-ei em Clermont... Demorem os dragões; é tudo o que lhes peço!

E partiu a galope, sobre os vestígios do rei.

Foi então que se espalhou o boato que o rei e a rainha iam na carruagem, que acabava de passar, e que os gritos, que chegavam aos ouvidos de Charny, se fizeram ouvir.

A estes gritos, o *maire* e a municipalidade correm, e o *maire* intima os dragões a tornarem a estar no quartel, atendendo a que já tinham dado há pouco oito horas.

Charny ouviu tudo; o rei fora conhecido; Drouet partira; o conde, impaciente, desespera-se.

Neste momento o Sr. Dandoins veio ter com ele.

- Os cavalos! Os cavalos! - gritou Charny logo que o avistou.

- Já os trazem - respondeu Dandoins.

- No meu mandou meter pistolas nos coldres?

- Sim.

- Estão prontas?

- Eu mesmo as carreguei.

- Bom! Agora tudo depende da velocidade do seu cavalo... É mister que eu alcance um homem, que já leva quase um quarto de hora de avanço, e é preciso matá-lo.

- Como!... Matá-lo?

- Sim! Se não o mato, está tudo perdido!

- Com os demónios! Vamos ter com os cavalos, vamos! Não percamos tempo.

- Não se importe comigo! Ocupem-se dos seus dragões, que procuram seduzir para a revolta... Olhe! Repare no *maire*, que lhes fala!... O senhor também não tem tempo a perder... Vá! Vá!...

Neste momento chegou o criado com os dois cavalos; Charny salta, ao acaso, sobre o que estava mais próximo dele, arranca as rédeas das mãos do criado, junta-as, mete esporas e parte a toda a brida, no encalço de Drouet, sem reparar nas últimas palavras, que lhe dirigia o marquês Dandoins.

Estas últimas palavras, que o vento acabava de levar, tinham bastante importância.

O Sr. Dandoins gritara-lhe:

- Montou no meu cavalo, em lugar de montar no seu, e nesse as pistolas não estão carregadas.

VIII

Fatalidade

Entretanto, a carruagem do rei, precedida por Isidoro, voava pela estrada de Sainte-Menehould a Clermont.

O dia declinava, como dissemos; acabavam de dar oito horas e a carruagem entrava na floresta de Argonne, pela qual passava a estrada real.

Charny não pudera prevenir a rainha do contratempo que o retinha na retaguarda, visto que a carruagem partira antes mesmo que Drouet lhe tivesse respondido que já não tinha cavalos.

Saindo da cidade, a rainha notou que o seu estribeiro não ia junto da portinhola da carruagem; porém não havia meio nem de afrouxar a carreira, nem de interrogar os postilhões.

Dez vezes talvez, ela se debruçou para fora da carruagem para olhar para trás; porém nada avistou.

Uma vez pareceu-lhe distinguir um cavaleiro, galopando a uma grande distância; porém começava já a confundir-se com as sombras nascentes da noite.

Entretanto (para inteligência dos acontecimentos, e a fim de esclarecer todos os pontos desta terrível jornada, devemos ocupar-nos sucessivamente, ora de uns ora de outros, dos actores

deste drama), enquanto Isidoro, como batedor, precedia a carruagem do rei, enquanto a carruagem corria pela estrada de Sainte-Menehould a Clermont, e acabava de entrar na floresta de Argonne, enquanto Drouet corria atrás da carruagem, e Charny corria sobre Drouet, o marquês Dandoins reuniu-se ao seu esquadrão e mandou tocar a bota-selas.

Porém, quando os soldados tentaram marchar, as ruas estavam de tal modo cheias de gente, que os cavalos não podiam dar passo.

No meio de toda aquela multidão estavam uns trezentos guardas nacionais, fardados e com espingardas na mão.

Tentar o combate (e tudo demonstrava que seria violento) era perder o rei.

Mais valia ficar, e ao mesmo tempo conter todo aquele povo. O Sr. Dandoins parou com ele; perguntou aos cabeças de motim o que pretendiam, o que desejavam, e por que motivo eram aquelas ameaças e demonstrações hostis. Entretanto, o rei chegaria a Clermont, e lá encontraria o Sr. de Damas, e os seus cento e quarenta dragões.

Se tivesse cento e quarenta dragões, como o Sr. de Damas, o marquês Dandoins tentaria alguma coisa; porém apenas tinha trinta. Que se podia fazer com trinta dragões contra três ou mais de quatro mil homens?

Parlamentar, e já o dissemos, foi o que fez.

Às nove horas e meia, a carruagem do rei, que Isidoro precedia somente a alguns centos de passos, tanto tinham corrido os postilhões, chegou a Clermont. Gastara apenas uma hora e um quarto para percorrer as quatro léguas que separam uma cidade da outra.

Isto explicava à rainha, até certo ponto, a ausência de Charny.

Ele os alcançaria, enquanto tomassem mudas.

O Sr. de Damas esperava a carruagem do rei fora da cidade. Foi prevenido por Leonardo; conheceu a libré do batedor e detendo Isidoro, disse:

- Perdão, senhor, precede com efeito el-rei?

- E o senhor - perguntou Isidoro - é o Sr. de Damas?

- Sou.

- Pois bem, precedo efectivamente el-rei. Reúna os seus dragões e escolte a carruagem de sua majestade.

- Senhor - respondeu o conde de Damas - sopra por aqui um vento de insurreição, que me assusta, e vejo-me obrigado a confessar-lhe que não respondo pelos meus dragões, se alguém conhece o rei... Tudo o que posso prometer é, depois da carruagem passar, retroceder sobre ela e fechar assim o caminho.

- Faça o que puder, senhor - disse Isidoro. - Aí chega el-rei.

E mostrava no meio da escuridão a carruagem que chegava, cujo trajecto se podia seguir com o auxílio das faíscas, que rompiam debaixo das patas dos cavalos.

Quanto a Isidoro, o seu dever era correr adiante e encomendar as mudas.

Cinco minutos depois, apeou-se em frente da casa das postas.

Quase ao mesmo tempo do que ele, chegaram o Sr. de Damas e cinco ou seis dragões.

Depois apareceu a carruagem do rei.

A carruagem seguia Isidoro tão de perto, que ele não teve tempo de tornar a montar a cavalo. Esta carruagem, sem ser magnífica, era de tal modo notável, que grande número de pessoas começaram a agrupar-se diante da casa das postas.

O Sr. de Damas estava diante da portinhola, sem dar mostras de conhecer os ilustres viajantes.

Porém nem o rei nem a rainha puderam assistir ao desejo de tomarem informações.

De um lado o rei fez sinal ao Sr. de Damas; do outro a rainha fez sinal a Isidoro.

- É o Sr. de Damas? - perguntou o rei.

- Sim, meu senhor.

- Então porque não estão em armas os seus dragões?

- Meu senhor, vossa majestade retardou-se cinco horas; o meu esquadrão estava a cavalo

às quatro; demorei-me assim o mais possível; porém a cidade começava já agitar-se, e até os meus soldados faziam conjecturas, que me inquietavam... Se a fermentação rebentasse antes da passagem de vossa majestade, tocava-se a rebate e o caminho ficaria tomado: por isso só conservei uns doze homens a cavalo, e mandei os outros a quartéis; mas fechei os clarins em minha casa, a fim de mandar tocar a montar, assim que fosse mister. Além disso, vossa majestade bem vê que tudo vai bem, visto que o caminho está livre.

- Muito bem, senhor - disse o rei - obrou como homem prudente... Assim que eu partir, mandará tocar bota-selas, e seguirá a carruagem a coisa de um quarto de légua de distância.

- Senhor - disse a rainha - quer ouvir o que diz o Sr. Isidoro de Charny?

- O que diz ele? - perguntou el-rei, com certa impaciência.

- Diz que vossa majestade foi conhecido pelo filho do mestre das postas de Sainte-Menehould; que está bem certo disso; que viu esse rapaz com um assinado na mão, certificar-se da semelhança do retrato, comparando-o com o seu; que seu irmão, prevenido por ele, ficou atrás, e que sem dúvida, passa-se alguma coisa grave a esta hora, visto que o Sr. de Charny ainda não voltou.

- Então, se estamos descobertos, mais uma razão para nos apressarmos, senhora. Sr. Isidoro, faça aviar os postilhões e corra adiante...

O cavalo de Isidoro estava pronto; o mancebo saltou para a sela, gritando aos postilhões:

- Estrada de Varennes!

Os srs. de Malden e de Valory, assentados na almofada, repetiram:

- Estrada de Varennes!

O Sr. de Damas, retirou-se saudando respeitosamente o rei, e os postilhões partiram com os seus cavalos.

A carruagem tinha tomado mudas, e num abrir e fechar de olhos afastara-se com a rapidez de um relâmpago.

Saindo da cidade encontrou-se com um quartel-mestre de hussards, que entrava.

O Sr. de Damas tinha tido por um instante a idéia de seguir a carruagem do rei com os poucos homens que tinha disponíveis; porém o rei acabava de lhe dar ordens inteiramente contrárias; julgou portanto dever conformar-se com elas, tanto mais, que uma certa agitação começava a espalhar-se pela cidade, os burgueses corriam de casa em casa; as janelas abriam-se e viam-se aparecer nelas luzes e cabeças. O Sr. de Damas só se inquietava com uma coisa, e era com o rebate, que podia soar de um momento para outro; por isso correu à igreja, cuja porta guardou.

Além disso, o Sr. Dandoins ia chegar em breve com os seus trinta homens e seria mais um reforço.

Entretanto tudo parecia sossegar. Passado um quarto de hora, o Sr. de Damas voltou à praça; encontrou lá o seu chefe de esquadrão, o Sr. de Noirville; deu-lhe as instruções para o caminho, e ordenou-lhe que mandasse pôr em armas a sua gente.

Neste momento vieram prevenir o Sr. de Damas, de que um oficial subalterno de dragões, mandado pelo Sr. Dandoins, o esperava em sua casa.

Este oficial vinha anunciar-lhe que não devia esperar nem pelo Sr. Dandoins, nem pelos seus dragões, porque o Sr. Dandoins estava retido na municipalidade pelos habitantes de Saint-Menehould, e que além disso (o que o Sr. de Damas já sabia) Drouet partira a toda a brida para seguir a carruagem, a qual provavelmente não pudera alcançar, visto que ainda não aparecera em Clermont.

Neste momento anunciaram ao Sr. de Damas uma ordenança dos hussards de Lauzun.

Esta ordenança era mandada pelo Sr. de Rohrig, comandante, juntamente com os srs. de Bouillé filho e de Raigecourt, no posto de Varennes. Inquietos por verem correr as horas, sem que ninguém lhes aparecesse, os dignos fidalgos mandaram saber do Sr. de Damas se haviam algumas notícias do rei.

- Em que estado deixou o posto de Varennes? - perguntou primeiro o Sr. de Damas.

- Perfeitamente tranqüilo - respondeu a ordenança.
- Onde estão os hussards?
- No quartel, com os cavalos selados e prontos.
- Encontrou alguma carruagem pelo caminho?
- Encontrei uma puxada a quatro e outra a dois.
- São as mesmas de que vem buscar notícias. Tudo vai bem - disse o Sr. de Damas.
E por isso entrou em casa e deu ordem aos clarins para tocarem a bota-selas.
Disponha-se a seguir o rei e a prestar-lhe auxílio em Varennes, se fosse necessário.
Cinco minutos depois, tocavam os clarins.

Portanto tudo ia o melhor possível, não falando no incidente, que detinha em Saint-Menehold os trinta homens do Sr. de Dandoins.

Porém com os seus cento e quarenta dragões o Sr. de Damas podia bem dispensar esse aumento de forças.

Voltemos à carruagem do rei, que em lugar de seguir, ao sair de Clermont, a linha recta, que conduz a Verdun, voltou à esquerda e rodou sobre a estrada de Varennes.

Já dissemos qual era a situação topográfica da cidade de Varennes, dividida em cidade alta e cidade baixa; dissemos como se tinha decidido que tomariam mudas na extremidade da cidade do lado do Dun, e como para chegarem lá era necessário deixar a estrada que segue a costa, tomar o caminho que conduz à ponte, passando por baixo do arco da torre e alcançarem as mudas do Sr. de Choiseul, em volta das quais deviam velar os srs. de Boillé e de Raigecourt. Quanto ao Sr. de Rohrig, moço oficial de dezoito anos, não tinham tido confiança nele, e ele por sua vez, julgava estar ali, unicamente para escoltar o tesouro do exército.

Além disso, chegados a este ponto difícil, como os leitores devem estar lembrados, era Charny quem devia guiar a carruagem real no dedalo de ruas, por isso que ele se havia demorado quinze dias em Varennes, para estudar a cidade, e desenhara tudo, de modo que conhecia todos os pontos, sem exceptuar os becos mais insignificantes.

Por desgraça, Charny não estava com eles.

Por isso a inquietação da rainha duplicava. Para que Charny, em semelhante circunstância, não estivesse junto da carruagem, era mister que lhe tivesse acontecido algum acidente grave.

Aproximando-se de Varennes, até o rei se inquietou; contando com Charny, nem trouxera consigo a planta da cidade.

E depois a cidade estava absolutamente sombria, iluminada unicamente pela luz das estrelas: era uma dessas noites, em que era fácil uma pessoa perder-se mesmo em localidades conhecidas, e com muita mais razão nas ruas de uma cidade desconhecida.

A ordem de Isidoro (ordem dada pelo próprio Charny), era parar diante da cidade.

Aí o irmão substitui-lo-ia e como já o dissemos, retomaria o encargo de conduzir a caravana.

Porém como a rainha, e talvez tanto como ela, Isidoro estava inquieto pela ausência do irmão. A única esperança que lhe restava era que o Sr. de Bouillé, ou o Sr. de Raigecourt, na sua impaciência, tivessem vindo ao encontro do rei e esperassem alguém de Varennes.

Como havia dois ou três dias que estavam na cidade, conhecê-la-iam e serviriam então facilmente de guias.

Por isso chegando à falda da colina, e vendo duas ou três luzes raras, que brilhavam na cidade, Isidoro parou indeciso, e lançou os olhos em volta de si, procurando penetrar na escuridão com o olhar.

Não viu nada.

Então começou a chamar em voz baixa, depois em voz alta, e finalmente a gritar pelos srs. de Bouillé e de Raigecourt.

Ninguém respondeu.

Ouviu-se o rodar da carruagem, a um quarto de légua apenas, e que aumentava, como um trovão longínquo, aproximando-se a pouco e pouco.

Isidoro teve uma lembrança. Talvez aqueles senhores estivessem escondidos na floresta, que se estendia à esquerda da estrada.

Entrou na floresta e examinou minuciosamente toda a orla.

Ninguém.

Não havia outra coisa que fazer senão esperar, portanto esperou.

Não seriam passados cinco minutos chegou a carruagem do rei.

O rei e a rainha debruçaram-se nos postigos da carruagem, e perguntaram ambos ao mesmo tempo com a maior ansiedade:

- Não viu o conde de Charny?

- Meu senhor - respondeu Isidoro - não o vi, e visto que se não acha aqui, é que lhe aconteceu alguma coisa grave, ao perseguir Drouet.

A rainha soltou um gemido.

- Que faremos? - disse o rei.

Depois, dirigindo-se aos srs. de Malden e de Valory, que se tinham apeado, perguntou-lhes:

- Conhecem a cidade?

Nenhum deles a conhecia e por isso a resposta foi negativa.

- Meu senhor - disse Isidoro - tudo está em silêncio, e por consequência tudo parece tranqüilo... Digne-se vossa majestade esperar aqui alguns minutos; vou entrar na cidade e procurar obter notícias dos srs. de Bouillé e de Raigecourt, ou pelo menos, do lugar onde estão as mudas do Sr. de Choiseul... Vossa majestade não se recorda do nome da estalagem, onde deviam esperar os cavalos?

- Ah! Não - disse o rei; - soube-o, mas esqueceu-me. Não importa, vá sempre; no entanto, procuraremos tomar aqui algumas informações.

Isidoro correu na direcção da cidade baixa, e desapareceu em breve por detrás das primeiras casas.

IX

João Baptista Drouet

Estas palavras do rei: “Vamos tomar aqui algumas informações” eram motivadas pela presença de duas ou três casas avançadas da cidade alta, que se estendiam à direita da estrada.

Numa delas a mais próxima, ao ruído das duas carruagens, tinha-se aberto uma janela e a porta, e pela abertura desta viram brilhar uma luz.

A rainha desceu, aceitou o braço do Sr. de Malden e dirigiu-se para essa casa.

Porém à sua aproximação, a porta tornou a fechar-se.

Todavia ela não fora empurrada tão depressa, que o Sr. de Malden, que tinha percebido as intenções pouco hospitaleiras do dono da casa, não tivesse tempo de se precipitar e deter a porta, antes que a lingüeta entrasse na chapa da fechadura.

Com o impulso do Sr. de Malden, e não obstante a resistência que opunham da parte de dentro, a porta abriu-se de novo.

Por detrás da porta, e esforçando-se para a fechar, estava um homem de uns cinquenta anos, com as pernas nuas, de chambre e chinelas.

Não foi sem certa admiração, e isto compreende-se, que o homem do chambre se viu repellido dentro de sua casa, a abrir a porta sob o impulso de um desconhecido, atrás do qual estava uma mulher.

O homem do chambre lançou um olhar rápido sobre a rainha, cujo rosto fora alumiado pela luz que ele tinha na mão, e estremeceu.

- Que quer, senhor? - perguntou ele ao Sr. de Malden.

- Senhor - respondeu este - não conhecemos Varennes, e rogamos-lhe que tenha a

bondade de nos ensinar o caminho para Stenay.

- E se eu o indicar - disse o desconhecido - e se se souber que fui eu que lho indiquei e ficar perdido?

- Ah! exclamou o Sr. de Malden, ainda que corresse algum perigo em nos fazer esse serviço, é decerto muito cavalheiro para que deixe de obsequiar uma senhora, que se vê numa perigosa situação...

- Mas - respondeu o homem do chambre - a pessoa que está atrás do senhor não é simplesmente uma pessoa qualquer, essa senhora (ao dizer isto aproximou a boca do ouvido do Sr. de Malden) é a rainha!

- Senhor!...

- Conheci-a.

A rainha, que tinha ouvido, ou antes adivinhado o que se acabava de dizer, puxou pela farda do Sr. de Malden, e disse:

- Antes de continuar, previna el-rei de que fui conhecida.

O Sr. de Malden, num segundo, cumpriu essa missão.

- Pois bem! - disse o rei - diga a esse homem que venha falar-me.

O Sr. de Malden voltou; depois, julgando que era inútil dissimular, disse ao homem do chambre:

- El-rei deseja falar-lhe.

O homem deu um suspiro, largou as chinelas, e descalço, para fazer menos ruído, caminhou para a carruagem.

- O seu nome? - perguntou-lhe o rei assim que o viu.

- Préfontaine - respondeu ele, hesitando.

- O que é?

- Major de cavalaria, e cavaleiro da ordem real e militar de Saint-Louis.

- Pela sua duplicada qualidade de major e de cavaleiro de Saint-Louis, fez-me, por duas vezes, juramento de fidelidade. É portanto do seu dever auxiliar-me no embaraço em que me vejo.

- Certamente - respondeu o major balbuciando - mas suplico a vossa majestade que se apresse; poderiam ver-me...

- Então! - disse o Sr. de Malden - se o vissem, tanto melhor! Nunca teria mais bela ocasião de cumprir o seu dever.

O major, que não parecia ser deste parecer, soltou uma espécie de gemido.

A rainha encolhia os ombros com ar de compaixão, e batia o pé com impaciência.

El-rei fez-lhe sinal; depois dirigindo-se ao major disse:

- Teria por acaso ouvido dizer que alguns cavalos esperassem uma carruagem que devia passar, e viu os hussards que desde ontem estão na cidade?

- Sim, senhor, cavalos e hussards estão do outro lado da cidade: os cavalos na estalagem do Grande-Monarca; os hussards no quartel provavelmente.

- Obrigado; agora volte para sua casa... Ninguém o viu; portanto nada deve temer.

- Senhor...

O rei, sem o atender mais, deu a mão à rainha para ela subir para a carruagem, e dirigindo-se aos srs. de Malden e de Valory, que esperavam as suas ordens, disse:

- Senhores, aos seus lugares, e ao Grande-Monarca!

Os dois oficiais obedeceram e gritaram aos postilhões: "Ao Grande Monarca!"

Porém, no mesmo instante, uma espécie de sombra a cavalo, um cavaleiro fantástico se arremessou do bosque, e cortando a estrada em diagonal, bradou:

- Postilhões! Nem mais um passo!

- Por quê? - perguntaram os postilhões admirados.

- Porque conduzem o rei, que foge... Mas, em nome da nação, ordeno-lhes que se não movam!

Os postilhões, que já tinham feito um movimento para seguirem com a carruagem, pararam murmurando:

- O rei...

Luís XVI, vendo que o momento era supremo, exclamou:

- Quem é o senhor para dar aqui ordens?

- Um simples cidadão... mas represento a lei e falo em nome da nação. Postilhões, não se movam, - ordenou-lhes segunda vez - Conhecem-me bem, sou João Baptista Drouet, filho do mestre de postas de Sainte-Menehould.

- Oh! Desgraçado! - gritaram os srs. de Malden e de Valory precipitando-se da almofada e empunhando as facas de mato. - É ele!

Mas já Drouet tinha enterrado as esporas na barriga do cavalo e metido pelas ruas da cidade baixa.

- Ah! Charny! Charny! - murmurou a rainha; - que será feito dele?

E encostou-se no fundo da carruagem, quase indiferente ao que ia passar-se.

Que tinha acontecido a Charny, e como deixara ele passar Drouet?

Sempre a fatalidade!

O cavalo do Sr. de Dandoins era bom corredor; porém Drouet levava-lhe perto de vinte minutos de dianteira.

Era necessário ganhar esses vinte minutos.

Charny enterrou as esporas na barriga do cavalo, este pulou, lançou fumo pelas ventas e partiu a galope.

Da sua parte, Drouet, sem saber se era ou não perseguido, corria à rédea solta.

A diferença consistia em que Drouet montava um cavalo de posta e Charny um bom cavalo de raça.

O resultado foi que, ao cabo de uma légua, Charny ganhara sobre Drouet a terça parte do caminho.

Então Drouet, percebendo que era perseguido redobrou os seus esforços para escapar a quem procurava agarrá-lo.

No fim da segunda légua, Charny tinha continuado a obter vantagem na mesma proporção, e Drouet voltava-se mais vezes e com crescente inquietação.

Drouet, partira tão rapidamente, que lhe tinham esquecido as armas.

Ora, o jovem patriota não temia a morte, bem o provou depois, mas receava ser detido na carreira, receava deixar fugir o rei, e que lhe escapasse a fatal ocasião que se lhe oferecera para ilustrar para sempre o seu nome.

Tinha ainda que andar duas léguas para chegar a Clermont; porém era evidente que seria apanhado no fim da primeira légua, ou pelo menos antes da terceira, desde a sua partida de Sainte-Menehould.

E todavia, para estimular o seu ardor, sentia adiante de si a carruagem do rei. Dizemos *sentia*, porque eram com efeito nove horas e meia da noite, e apesar de se estar nos dias mais compridos do ano, anoitecera.

Drouet redobrou as esporadas e chicotadas. Só estava a três quartos de légua de Clermont, porém Charny vinha a duzentos passos dele.

Sem dúvida (Drouet sabia que não havia posta em Varennes), sem dúvida o rei ia continuar a jornada por Verdun.

Drouet começava a desesperar: antes de alcançar o rei, seria ele alcançado.

A meia légua de Clermont, ouvia já o galope do cavalo de Charny, que seguia o dele e os relinchos do mesmo cavalo respondendo ao que montava.

Era necessário renunciar à empresa, ou decidir-se a fazer frente ao seu adversário; já o dissemos, Drouet não tinha armas.

Repentinamente, e quando Charny estava apenas a cinquenta passos dele uns postilhões montando cavalos de retorno, cruzam-se com Drouet; este conhece-os como sendo os que

conduziam as carruagens do rei, e disse-lhes:

- Ah! São vocês... Estrada de Verdun, não é verdade?

- Que diz, estrada de Verdun? - perguntaram os postilhões.

- Digo - repetiu Drouet - que as carruagens que vocês conduziam tomaram a estrada de Verdun.

E passou adiante, apertando vigorosamente o cavalo.

- Não - gritaram-lhe os postilhões - estrada de Varennes!

Drouet soltou um brado de alegria.

Estava salvo e o rei estava perdido.

Se o rei tivesse seguido a estrada de Verdun era obrigado (o caminho formava uma linha recta de Sainte-Menehould a Verdun) a seguir a linha recta.

Mas o rei tomara pela estrada de Varennes; em Clermont, a estrada de Varennes volta à esquerda em ângulo quase agudo.

Drouet dirigiu-se para a mata de Argonne, da qual conhecia todos os trilhos. Cortando através do bosque, ganharia um quarto de hora sobre o rei; além disso a escuridão da mata protegia-o.

Charny, que conhecia a topografia geral do país, quase tão bem como Drouet, compreendeu que este pretendia escapar-lhe e soltou um grito de cólera.

Quase ao mesmo tempo que Drouet, dirige o cavalo para a estreita planície que separa a estrada da mata, bradando:

- Pára! Pára!

Drouet não respondeu; inclinou-se sobre o pescoço do cavalo, excitando-o com as esporas, com o chicote e com a voz. Chegar ao bosque é quanto lhe era preciso, e estava salvo!

Para isso, porém, tinha que passar a uns dez passos de Charny.

Este pegou numa das pistolas e fez a pontaria bradando:

- Pára, ou morres!

Drouet inclina-se ainda mais sobre o pescoço do cavalo e esporeia-o com mais força.

Charny dá ao gatilho; porém as faíscas da pederneira caindo sobre o fuzil brilham sós na escuridão.

Charny, furioso, atira com a pistola a Drouet, pega na segunda, arremessa-se no bosque atrás do fugitivo, vê-o por entre as árvores, faz fogo novamente; porém, como da primeira vez, a pistola erra.

Foi então que se lembrou, de que, quando se afastava a galope, o Sr. de Dandoins lhe dissera alguma coisa que não compreendera.

- Ah! - disse ele - enganei-me no cavalo; sem dúvida me avisou de que as pistolas do cavalo que eu tomava não estavam carregadas... Não importa: alcançarei esse miserável, e se for preciso estrangulá-lo-ei com as mãos!

E continuou a perseguir a sombra que ainda entrevia através da escuridão.

Mas apenas deu uns cem passos na mata, que não conhecia, o cavalo caiu num fosso, Charny virou os pés pela cabeça, levantou-se, e cavalgou novamente; porém Drouet tinha já desaparecido!

Eis como Drouet escapou a Charny; eis a razão porque acabava de passar pela estrada real, semelhante a um fantasma ameaçador, e ordenando aos postilhões que conduziam o rei que não dessem nem mais um passo.

Os postilhões pararam, porque Drouet lhes falara em nome da nação, que começava a ser mais poderoso do que o nome do rei.

Apenas Drouet se meteu pela cidade baixa, ouviu-se em troca do galope do seu cavalo que se afastava, o galope de outro que se aproximava.

Pela mesma rua por onde Drouet se dirigia, apareceu Isidoro.

Os seus esclarecimentos são os mesmos que foram dados pelo Sr. Préfontaine.

Os cavalos do Sr. de Choiseul, de Bouillé e de Raigecourt estavam na outra extremidade

da cidade, na estalagem do Grande-Monarca.

O terceiro oficial, o Sr. de Rohrig, estava no quartel com os hussards.

O moço de uma loja de bebidas, que estava fechando o estabelecimento, deu-lhe estas notícias como exactas.

Mas em vez da alegria que julgava dever causar aos ilustres viajantes, achou-os abismados no mais profundo terror.

O Sr. de Préfontaine lamentava-se; os srs. de Malden e de Valory ameaçavam alguma coisa invisível e desconhecida.

Isidoro parou no meio da sua narração, e perguntou inquieto:

- Que aconteceu?

- Não viu, na rua por onde veio, um homem que passava a galope?

- Vi sim, meu senhor.

- Pois esse homem era Drouet - disse o rei.

- Drouet - exclamou Isidoro com pungente gemido - então... Está meu irmão morto.

A rainha soltou um grito e escondeu a cabeça entre as mãos.

X

A torre de portagem da ponte de Varennes

Houve um momento de inexplicável prostração entre todos aqueles infelizes viajantes, ameaçados como estavam, por um perigo desconhecido mas terrível, vendo-se parados na estrada real.

Isidoro foi o primeiro a cobrar ânimo.

- Meu senhor - disse ele - morto ou vivo, não pensemos mais em meu irmão; pensemos em vossa majestade. Não há um momento a perder! Os postilhões conhecem a estalagem do Grande-Monarca... A galope, e à estalagem do Grande-Monarca!

Mas os postilhões não se moveram.

- Não ouviram? - bradou Isidoro.

- Ouvimos.

- Então porque não seguem?

- Porque o Sr. Drouet o proibiu.

- Como! O Sr. Drouet proibiu-o? E quando el-rei manda e Drouet proíbe, é a este que obedecem?

- Obedecemos à nação.

- Vamos, senhores - disse Isidoro aos seus dois companheiros - há momentos em que a vida de um homem não tem valor algum... Encarreguem-se desses dois homens que eu me encarrego deste... Nós mesmos conduziremos depois a carruagem.

E agarrou pelo pescoço o postilhão que lhe ficava mais próximo e chegou a ponta da faca de mato ao peito.

A rainha viu brilhar os três ferros e soltou um grito.

- Senhores - disse ela - senhores, por favor!...

Depois aos postilhões:

- Meus amigos, cinquenta luíses para repartir imediatamente entre os três, e uma pensão de quinhentos francos a cada um, se salvarem o rei!

Ou assustados pela demonstração dos três mancebos, ou seduzidos pela oferta, os postilhões aparelharam os cavalos e continuaram o caminho.

O Sr. de Préfontaine voltou para sua casa tremendo, e fez uma barricada.

Isidoro galopou na frente da carruagem; tratava-se de atravessar a abóbada e passada a ponte estariam em cinco minutos na estalagem do Grande-Monarca.

A carruagem desceu rapidamente a ladeira, que conduz à cidade baixa.

Mas, chegando à abóbada que dá sobre a ponte e que passa por debaixo da torre, viram que um dos postigos da porta estava fechado.

Abre-se o postigo e vêem dois ou três carros que obstruíam a ponte.

- A mim, senhores! - disse Isidoro apeando-se e afastando os carros.

Nesse momento ouviram-se os primeiros rufos do tambor e as primeiras badaladas do toque a rebate.

Drouet operava.

- Ah! Miserável! - exclamou Isidoro rangendo os dentes - se te encontro!...

E por um esforço inaudito empurrou para o lado um dos dois carros, enquanto os srs. de Malden e de Valory empurravam o outro.

Restava atravessado um terceiro.

E ao mesmo tempo a carruagem entrou debaixo da abóbada.

De repente, por entre as xaldas do terceiro carro; vêem-se aparecer os canos de quatro ou cinco espingardas.

- Nem mais um passo, ou morrerão, senhores! - disse uma voz.

- Senhores, senhores - disse o rei deitando a cabeça fora do postigo - não tentem forçar a passagem, ordeno-lhes!

Os dois oficiais e Isidoro deram um passo à retaguarda.

- Que nos querem? - perguntou o rei.

Ao mesmo tempo, ouve-se um grito de terror soltado na carruagem.

Além dos homens que interceptavam a passagem da ponte, dois ou três outros se esgueiraram por detrás da carruagem e os canos de muitas espingardas apareceram além dos postigos.

Um deles é dirigido ao peito da rainha.

Isidoro viu tudo. Corre, agarra o cano da espingarda e desvia-o.

- Fogo! Fogo! - gritaram muitas vozes.

Um dos homens armados obedece; felizmente a espingarda erra, Isidoro levanta o braço e vai para o apunhalar com a faca de mato; a rainha detém-lhe o braço.

- Ah! Senhora - exclamou Isidoro furioso - em nome do Céu, deixe-me matar este canalha!

- Não, senhor - disse a rainha - embainhe o sabre! Ouve?

Isidoro não obedece inteiramente; deixa cair a faca de mato, mas não a mete na bainha.

- Ah! Se encontro Drouet! - murmurou ele rancorosamente.

- Quanto a esse - disse a rainha em voz baixa e apertando a mão de Isidoro de Charny com uma força extraordinária, quanto a esse, entrego-lho!

- Mas enfim, senhores - repetiu o rei energicamente - que querem?

- Queremos ver os passaportes - responderam duas ou três vozes.

- Os passaportes? Pois sim - disse o rei; - vão procurar as autoridades da cidade que nós lhes mostraremos.

- Ah! Põem-se com tantas cerimónias! - exclamou, fazendo pontaria ao rei, o homem cuja espingarda já tinha errado fogo.

Mas os dois guardas lançaram-se sobre ele e seguraram-no.

Na luta, a espingarda deu fogo, porém a bala não feriu ninguém.

- Olá - gritou uma voz - quem disparou?

O homem calcado aos pés pelos guardas soltou um rugido, gritando:

- A mim!

Os cinco ou seis outros homens armados correram em seu socorro.

Os guardas tiraram as suas facas de mato e prepararam-se para combater.

O rei e a rainha faziam inúteis esforços para conterem uns e outros.

A luta ia começar, terrível, desesperada e mortal.

Neste momento, precipitaram-se dois homens no meio dos inimigos, um trazendo faixa

tricolor e o outro uniformizado.

O homem da faixa tricolor era o Sr. Sausse, membro da comuna; e outro o Sr. Hannonet, comandante da guarda nacional.

Atrás deles viam-se brilhar à luz de dois ou três archotes umas vinte espingardas.

El-rei compreendeu que naqueles dois homens estavam, senão um socorro, pelo menos uma garantia, e disse-lhes:

- Estou pronto a confiar-me aos senhores, assim como as pessoas que me acompanham; porém defendam-nos das brutalidades desta gente.

E apontava para os homens armados de espingardas.

- Abaixem as armas, senhores! - exclamou Hannonet.

Os homens obedeceram, murmurando.

- Queira desculpar-nos, senhor - disse Sausse, dirigindo-se ao rei - mas espalhou-se o boato de que sua majestade Luís XVI tinha fugido, e é do nosso dever certificar-nos se assim é, e, se o for, opor-mo-nos a que passe.

- Certificarem-se se assim é! - exclamou Isidoro. - Se é verdade que esta carruagem encerra o rei, os senhores deviam estar aos pés de sua majestade; se, pelo contrário, só contém uma simples particular, com que direito o detêm no seu caminho?

- Senhor - disse Sausse continuando a dirigir-se a el-rei - é com o senhor que eu falo; quer fazer-me a honra de me responder ao que disse?

- Meu senhor - disse em voz baixa Isidoro - ganhe tempo; o Sr. de Damas e os seus dragões seguem-nos, sem dúvida, e não tardarão em chegar.

- Tem razão - disse o rei.

Depois, respondendo a Sausse, prosseguiu:

- E se os nossos passaportes estivessem conformes, deixar-nos-iam continuar o nosso caminho?

- Sem dúvida.

- Então, Sr^a. baronesa - continuou o rei falando com a Sr^a. de Tourzel - tenha a bondade de procurar o nosso passaporte e de o dar o mais breve possível a estes senhores.

A Sr^a. de Tourzel compreendeu o sentido destas palavras: "Tenha a bondade de procurar o nosso passaporte".

Começou com efeito a procurá-lo, mas nas algibeiras onde ele não estava.

- Ora! - disse uma voz mostrando impaciência e ameaça - bem se vê que não têm passaporte!

- Enganam-se senhores - disse a rainha - temos um passaporte, porém, ignorando que nos seria pedido, a Sr^a. baronesa de Korff não sabe onde o guardou.

Levantou-se entre a multidão um grande alarido, indicando que se não deixava iludir com este subterfúgio.

- Há uma coisa mais simples a fazer - disse Sausse. - Postilhões, conduzam a carruagem ao meu estabelecimento; estes senhores entrarão em minha casa e tudo se explicará... Postilhões, caminhem! Srs. guardas nacionais, escoltem a carruagem.

Este convite assemelhava-se muito a uma ordem para que tentassem recusar-se.

Além disso, ainda que o tentassem nada teriam conseguido. Os sinos continuavam a tocar a rebate, e a multidão, que rodeava a carruagem, aumentava a todo o momento.

A carruagem começou a rodar.

- Ai! Sr. de Damas! Sr. de Damas! - murmurou o rei; - queira Deus que chegue antes que tenhamos entrado nessa maldita casa!

A rainha nada dizia: pensava em Charny, abafava os soluços e retinha as lágrimas.

Chegaram à porta da casa do Sr. Sausse, sem terem aparecido notícias do Sr. de Damas.

Que aconteceria, pois, por esse lado, e quem impediria aquele fidalgo, sobre cuja dedicação sabiam que se podia contar, de executar as ordens do rei, e a promessa que lhe fizera?

Vamos explicá-lo em duas palavras, para que finalmente fiquem para sempre esclarecidos

todos os pontos desta lúgubre história¹.

Deixámos o Sr. de Damas fazendo tocar a bota-selas pelos clarins, que para maior segurança tinha conservado consigo.

No momento em que o primeiro toque do clarim soou, guardava o dinheiro, que tinha na gaveta da secretária, e tirava também daí alguns papéis, que não queria deixar ficar, nem levar consigo.

Ocupava-se nisto, quando a porta do quarto se abriu e muitos membros da municipalidade apareceram no limiar.

Um deles aproximou-se do conde.

- Que me quer? - perguntou ele espantado por esta visita inesperada, e endireitando-se para ocultar um par de pistolas, que estava em cima do fogão.

- Sr. conde - respondeu um dos visitantes mais com cortesia, que com firmeza - desejamos saber por que motivo parte a esta hora.

O Sr. de Damas olhou com surpresa para quem fazia esta pergunta a um oficial superior do exército do rei e respondeu:

- É bem simples, senhor; parto a semelhante hora, porque recebi ordem para isso.

- Com que fim parte, Sr. coronel? - insistiu o interrogante.

O Sr. de Damas cravou nele um olhar cada vez mais admirado.

- Com que fim parto? Em primeiro lugar, eu mesmo o ignoro, em segundo, ainda mesmo que o soubesse não lhe diria.

Os deputados da municipalidade olharam uns para os outros, animando-se mutuamente com o gesto, de maneira que o que começara a dirigir a palavra ao Sr. de Damas continuou:

- Senhor, o desejo da municipalidade de Clermont é que parta, não esta noite, mas só amanhã pela manhã.

O Sr. de Damas sorriu, com esse mau sorriso de um soldado a quem ordenam, ou por ignorância ou para o intimidar, uma coisa contrária à disciplina, replicou:

- Ah! O desejo da municipalidade de Clermont é que fique até amanhã.

- Tal qual.

- Pois bem, senhor, diga à municipalidade de Clermont, que tenho a grande audácia de opor-me ao seu desejo, visto que lei nenhuma, pelo menos que eu saiba, autoriza a municipalidade de Clermont a embaraçar a marcha das tropas. Quanto a mim, só recebo ordens do meu chefe militar; eis a minha guia de marcha.

E dizendo estas palavras, mostrou aos deputados da municipalidade a guia.

O que estava mais próximo do conde, recebeu-a das suas mãos, e passou-a aos seus companheiros, enquanto o Sr. de Damas agarrava por detrás de si as pistolas, postas sobre a chaminé e ocultas pelo seu corpo.

Depois de haver examinado com os seus colegas o papel que lhe fora dado, o membro da municipalidade, que já tinha dirigido a palavra ao Sr. de Damas, disse:

- Senhor, quanto mais formal for esta ordem, mais nos devemos opor a ela; porque sem dúvida lhe recomenda uma coisa que para a felicidade da França não deve cumprir-se. Declaro-lhe, pois, em nome da nação, que está preso.

- E eu, senhores - disse o conde apresentando as pistolas e apontando-as aos dois membros da municipalidade que lhe ficavam mais próximos - declaro-lhes muito terminantemente que parto.

Os membros da municipalidade não esperavam esta ameaça. Por um sentimento de temor, ou talvez de espanto, afastaram-se do Sr. de Damas. Este transpôs a porta da sala, correu

¹ “A história do momento trágico em que o rei foi preso é e será sempre imperfeitamente conhecida. Os principais historiadores da jornada de Varennes souberam tudo unicamente por o ouvirem dizer. Os srs. de Bouillé, pai e filho, não estavam ali nessa ocasião: os srs. de Choiseul e de Goguelat só chegaram uma hora depois do momento fatal e o Sr. Deslon ainda mais tarde”.

pelas escadas, encontrou o seu cavalo à porta, saltou-lhe em cima e dirigiu-se a toda a brida para a praça, onde se formava o regimento, e falando com o Sr. de Floirac, um dos seus oficiais, que encontrou a cavalo, disse:

- É preciso sairmos daqui conforme pudermos, porque o mais importante é salvar-se o rei.

Para o Sr. de Damas, que ignorava a partida de Drouet de Sainte-Menehould, e que só sabia da sublevação de Clermont, o rei estava salvo, porque tinha passado para além de Clermont e ia chegar a Varennes, onde estavam estacionadas as mudas do Sr. de Choiseul e os hussards de Lauzun, comandados pelos srs. Luís de Bouillé e de Raigecourt.

Apesar disso, dirigindo-se ao quartel-mestre do regimento, que foi dos primeiros a aparecer na praça, acompanhado dos furriéis, disse-lhe:

- Sr. Remy, parta, tome a estrada de Varennes... Vá a toda a brida, alcance as carruagens, que acabam de passar; a sua cabeça responde-me por isto.

O quartel-mestre picou o cavalo e partiu com os furriéis, e quatro dragões; mas, chegando a um sítio em que a estrada se repartia em duas, tomou um mau caminho e perdeu-se.

Tudo correu mal naquela noite fatal.

Na praça, o regimento formava-se vagarosamente; os membros da municipalidade, fechados no quarto do Sr. de Damas, tinham saído facilmente arrombando a porta, e depois excitaram o povo e a guarda nacional, que se reunia com outro ardor e muito diferente aspecto que os dragões. Qualquer movimento que o Sr. de Damas fizesse (ele bem o percebeu) seria logo o alvo das pontarias de três ou quatro espingardas, cuja mira jamais o deixara, o que não era muito satisfatório. Via os soldados pensativos; passava por entre as fileiras, tentando reanimar a dedicação ao rei, mas os soldados meneavam a cabeça. Supostos que ainda estivessem todos juntos, julgou que era tempo de partir; deu a voz de marche, mas ninguém se mexeu!

Entretanto, os membros da municipalidade gritaram.

- Dragões! Os seus oficiais são traidores; querem conduzi-los à morte!... Os dragões são patriotas!... Vivam os dragões!... Vivam!...

Quanto aos guardas nacionais e ao povo gritavam:

- Viva a nação!

A princípio o Sr. de Damas, que dera a meia voz, a voz de marche, julgou que eles não tinham ouvido.

Voltou-se e viu que os dragões da segunda fila se apeavam e fraternizavam com o povo.

Conheceu imediatamente que nada mais tinha a esperar dos seus homens. A um sinal feito com os olhos reuniu todos os oficiais em volta de si e disse:

- Senhores, os soldados traem o rei... Apelo dos soldados para os fidalgos... Quem for meu amigo acompanhe-me a Varennes. Vamos!

E enterrando as esporas na barriga do cavalo, foi o primeiro a correr por entre a multidão, seguido, pelo Sr. de Floirac e mais três oficiais.

Estes três oficiais, ou antes estes três subalternos, eram o ajudante Foucq e os dois quartéis-mestres Saint-Charles e La Potterie.

Cinco ou seis dragões fiéis saíram das fileiras, e seguiram também o Sr. de Damas.

Algumas balas, que atiraram sobre esses heróicos fugitivos, foram perdidas.

Eis como o Sr. de Damas e os seus dragões se não tinham encontrado ali para defender o rei, quando fora preso no arco da torre da portagem de Varennes, sendo obrigado a apeiar-se e conduzido a casa do Sr. Sausse membro da comuna.

XI

A casa do Sr. Sausse

A casa do Sr. Sausse, pelo menos o que dela viram os ilustres prisioneiros e os seus

companheiros de infortúnio, compunha-se de uma loja de especiarias, ao fundo da qual, e através de uma vidraça, se via uma sala de jantar, donde se podia, estando à mesa, distinguir os fregueses que entravam na loja, entrada que, além disso, era anunciada por uma campainha, posta em movimento pela abertura de uma pequena porta do óculo, como as que fecham durante o dia os estabelecimentos da província, que os seus proprietários, ou por cálculo ou por humildade, parecem não ter direito a subtrair às vistas de quem passa.

Num canto da loja havia uma escada de madeira com degraus velhos e toscos que conduzia ao primeiro andar.

O primeiro andar compunha-se de dois quartos; o primeiro, suplemento da loja, estava cheio de fardos amontoados no chão, candeias presas ao tecto, formas de açúcar enfileiradas sobre o fogão, nos seus grosseiros papéis azuis e cobertas com as suas carapuças pardas, que podiam levantar-se para ver a qualidade do género; o segundo compartimento era o quarto de cama do dono, que acordado por Drouet, saíra deixando os sinais da desordem ocasionada por aquele repentino despertar.

A Sr^a. Sausse, meio vestida, saía do primeiro quarto e aparecia no alto da escada, no momento em que a rainha, que ia adiante, depois o rei, em seguida os infantes e finalmente as Sr^{as}. princesas Isabel e de Tourzel, transpunham os umbrais do armazém.

O membro da comuna, precedendo os viajantes, entrara primeiro.

Mais de cem pessoas acompanhavam a carruagem, e ficaram diante da casa do Sr. Sausse, que era situada numa pequena praça.

- Então? - disse o rei entrando.

- Então, senhor - respondeu Sausse - falou-se em passaporte... se a senhora, que diz ser a dona da carruagem, quer mostrar o que tem, levá-lo-ei à municipalidade, onde se formará conselho, para verificar se é válido.

Como o passaporte dado pela Sr^a. de Koff ao conde de Charny, e por este à rainha, estava em forma, o rei fez sinal à Sr^a. de Tourzel para o dar.

Ela tirou o precioso papel da algibeira e entregou-o a Sausse, que encarregou sua mulher de fazer as honras da casa aos seus hóspedes misteriosos, e partiu para a municipalidade.

Ali os espíritos estavam muito animados, porque Drouet assistia à sessão. O Sr. Sausse entrou com o passaporte; todos sabiam que os viajantes tinham sido conduzidos para casa dele, e à sua chegada estabeleceu-se o silêncio da curiosidade.

Pôs o passaporte diante do maire.

Já relatamos o teor desse passaporte; portanto o leitor sabe, que nada havia que se lhe dizer.

Por isso, depois de o ter lido, o *maire* disse:

- O passaporte está conforme.

- É verdadeiro? - perguntaram oito ou dez vozes.

E ao mesmo tempo estenderam as mãos para o receber.

- Sem dúvida, verdadeiro, disse o *maire*, pois tem a assinatura do rei!

E passou o passaporte para as mãos, que se estendiam e que se apoderaram imediatamente.

Mas Drouet quase que o arrancou das mãos de quem o tinha.

- Assinado pelo rei, é verdade! Mas também o está pela Assembléia Nacional?

- Está sim - disse-lhe um dos que estava mais próximo e que à luz do mesmo candeieiro lia o passaporte, ao mesmo tempo que ele - e eis a assinatura dos membros de uma das juntas.

- Concordo - disse Drouet - mas está assinado pelo presidente?... E além disso - atalhou o jovem patriota - a questão não consiste nisso. Os viajantes não são a Sr^a. Korff, senhora russa, com seus filhos, intendente duas criadas particulares e três criados; os viajantes são o rei, a rainha, o delfim, a infanta, a princesa Isabel, alguma fidalga e três correios... a família real finalmente! Querem, ou não, deixar sair de França a família real?

A questão estabeleceu-se debaixo do seu ponto de vista verdadeiro; mas por estar assim

estabelecida, tornava-se por isso mesmo mais difícil de resolver por aqueles pobres vereadores da municipalidade de uma cidade de terceira ordem, como Varennes.

Trataram pois de deliberar; porém, parecendo ao membro da comuna que a sessão havia de ser demorada, resolveu deixá-los discutir à sua vontade, e voltou para casa.

Encontrou os viajantes em pé na loja.

A Sr^a. Sausse tinha insistido para que subissem, depois quisera que se assentassem na loja, e tomassem alguma coisa; mas tudo tinham recusado.

Parecia-lhes que, instalando-se naquela casa, ou assentando-se, ou tomando qualquer coisa, fariam uma concessão aos que os tinham preso e renunciariam à próxima partida, que era o alvo de todos os seus desejos.

Todas as suas faculdades estavam, por assim dizer, suspensas, até à volta do dono da casa, que devia trazer a decisão da municipalidade sobre o ponto tão importante do passaporte.

De repente viram-no aparecer entre a multidão, que cercava a porta, e fazer esforços para entrar em casa.

O rei deu três passos para ir ao seu encontro.

- Então - lhe perguntou ele com uma ansiedade, que em vão tentava disfarçar e que manifestava a seu pesar; - então, o passaporte?

- O passaporte - respondeu Sausse - devo dizer que provoca neste momento uma grande questão na municipalidade.

- Que questão? - perguntou Luís XVI. - Acaso duvidariam da sua autenticidade?

- Não; mas duvidam que pertença verdadeiramente à Sr^a. Korff, e espalha-se o boato de que é na realidade el-rei e sua família, que temos felicidade de possuir na nossa casa.

Luís XVI hesitou um instante em responder, depois, deliberando-se repentinamente, disse:

- Pois bem, sim, senhor, sou o rei... aqui está a rainha e os meus filhos... e convido-o a tratar-nos com as atenções que os franceses costumam ter para com os reis.

Como dissemos, a porta da rua tinha ficado aberta e era cerrada por grande número de curiosos; as palavras do rei foram ouvidas, tanto dentro como fora da casa.

Por infelicidade, conquanto quem acabava de pronunciar estas palavras as tivesse dito com certa dignidade, o casaco pardo, o colete de fustão o calção e as meias pardas, e a pequena cabeleira à João Jacques, que trazia, não correspondiam a essa dignidade.

E realmente, como conhecer um rei de França debaixo daquele ignóbil disfarce?

A rainha sentiu a impressão produzida sobre a multidão, e corou.

- Aceitamos o que a Sr^a. Sausse nos oferece, disse vivamente, e subamos ao primeiro andar.

A Sr^a. Sausse pegou numa luz e dirigiu-se para a escada, para indicar o caminho aos seus ilustres hóspedes.

Durante este tempo, a notícia de que era o rei quem estava em Varennes, e que a confissão fora feita pela sua própria boca, corria rapidamente e espalhava-se pelas ruas da cidade.

Na municipalidade entrou um homem todo esbaforido.

- Senhores - disse ele - os viajantes presos em casa do Sr. Sausse são o rei e a família real... Acabo de ouvir esta confissão da própria boca do rei!

- Então, senhores - exclamou Drouet - que lhes dizia eu?!

Ao mesmo tempo ouviram-se grandes rumores pela cidade, e os tambores e os sinos continuaram a tocar.

Por que razão todos estes diferentes rumores não atraíam para o centro da cidade e para junto dos fugitivos o Sr. de Bouillé², o Sr. de Raigecourt, e os hussards estacionados em Varennes para esperar o rei?

Vamos dizê-lo.

² Este Sr. de Bouillé era Júlio e não Luís de Bouillé, que vimos aparecer no decurso desta história, e que penetrou, disfarçado em aprendiz de serralheiro, na casa da forja do rei.

Pelas nove horas da noite, os dois moços oficiais acabavam de entrar na hospedaria do Grande-Monarca, quando ouviram o rodar de um veículo.

Estavam numa sala do pavimento inferior e correram à janela.

O veículo era um simples cabriolé; entretanto os dois fidalgos estavam prontos, se fosse preciso a fazer sair as mudas.

Mas o viajante que viram não era el-rei, era um grotesco personagem, coberto com um chapéu de abas largas e embuçado num enorme casacão.

Iam retirar-se, quando o viajante gritou:

- Olá! Alguns dos senhores é o Sr. Júlio de Bouillé?

Bouillé parou e disse:

- Sim, senhor, sou eu.

- Nesse caso - disse o homem do casacão e do chapéu das grandes abas - tenho muito que dizer-lhe, meu caro senhor.

- Então - disse de Bouillé - estou pronto a ouvi-lo, posto que não tenha a honra de o conhecer; queira portanto apear-se e entrar nesta hospedaria para falarmos.

- De boa vontade, meu senhor, de boa vontade - disse o homem do casacão.

E saltando do cabriolé, sem tocar no estribo, entrou apressadamente na hospedaria.

De Bouillé notou que ele se mostrava embaraçado.

- Ai Sr. de Bouillé - disse o desconhecido - vai dar-me os cavalos que tem aqui, não é verdade?

- Como os cavalos que tenho aqui?

- Sim, vai dar-mos... Não tem precisão de me ocultar nada... sei tudo!

- Senhor, permita que lhe diga que a surpresa não me deixa responder-lhe, replicou o Sr. de Bouillé, e que nada compreendo do que quer dizer.

- Repito-lhe que sei tudo, insistiu o viajante. El-rei partiu ontem à noite de Paris; mas há suposições de que não tenho podido seguir o seu caminho; já preveni disso o Sr. de Damas que mandou retirar as mudas... O regimento de dragões sublevou-se; há movimento em Clermont... A mim custou-me muito a passar.

- Mas finalmente - disse o Sr. de Bouillé com impaciência - quem é o senhor?

- Sou Leonardo, cabeleireiro da rainha... Como! não me conhece?... Imagine que o Sr. de Choiseul me trouxe consigo contra minha vontade. Fui eu que lhe levei os diamantes da rainha e da princesa Isabel... E quando penso, senhor, que meu irmão, de quem trouxe o chapéu e o casacão, não sabe o que é feito de mim, e que a pobre Sr^a. de l'Aage, me esperava ontem para a pentear, e que ainda me espera a estas horas... Oh! Meu Deus! Meu Deus! Que história!

E Leonardo passeava a largos passos na sala, erguendo desesperadamente os braços para o tecto.

O Sr. de Bouillé começava a entender, e disse:

- Ah! É o Sr. Leonardo?

- Certamente, sou Leonardo - respondeu o viajante suprimindo, como os grandes homens, o tratamento que lhe dera o Sr. de Bouillé - e como agora me conhece, vai dar-me os cavalos, não é verdade?

- Sr. Leonardo - respondeu o fidalgo, obstinando-se em fazer entrar o ilustre cabeleireiro na classe ordinária dos mortais - os cavalos que tenho aqui são de el-rei e só el-rei se servirá deles.

- Mas desde que lhe digo que não é provável que el-rei passe...

- É verdade, Sr. Leonardo; mas el-rei pode passar, e se passasse sem encontrar cavalos, e lhe dissesse que lhos tinha dado, talvez me respondesse que lhe dava uma má razão.

- Como má - disse Leonardo - acredita que, numa extrema situação como aquela que estamos, el-rei me repreenderia por ter levado os cavalos.

O fidalgo não pôde deixar de sorrir-se.

- Não julgo, meu caro Sr. Leonardo - disse ele - que el-rei o censurasse por se ter servido dos cavalos, mas acharia com toda a certeza, que eu tinha feito muito mal em lhos dar.

- Ah! - disse Leonardo - diacho?... Não tinha encarado a questão por esse lado... Recusa-me então os cavalos, Sr. de Bouillé?

- Positivamente.

Leonardo deu um suspiro.

- Mas ao menos - disse ele voltando à questão - empenhar-se-á para que mos dêem?

- Oh! Quanto a isso, meu caro Sr. Leonardo – disse o Sr. de Bouillé - de boa vontade!

Efectivamente, Leonardo era um hóspede muito impertinente; não só falava alto, senão que juntava às palavras uma pantomima, que graças às abas imensas do chapéu e à largura desmedida do casacão, tomava uma forma grotesca, cujo ridículo não deixava de reflectir algum tanto sobre os seus interlocutores.

O Sr. de Bouillé apressava-se o mais possível em se desembaraçar de Leonardo.

Mandou por consequência chamar o dono da hospedaria do Grande-Monarca, pediu-lhe para procurar cavalos que pudessem conduzir o viajante até Dun, e feita esta recomendação, abandonou Leonardo à sua sorte, dizendo-lhe (o que era verdade) que ia saber novidades.

Os dois oficiais, o Sr. de Bouillé e o Sr. de Raigecourt, entraram efectivamente na cidade, atravessaram-na inteiramente, andaram um quarto de légua pela estrada de Paris, nada viram nem ouviram, e começaram a crer também, que o rei, que tinha oito ou dez horas de demora, não chegaria. Voltaram à hospedaria.

Leonardo acabava de partir. Davam onze horas.

Já muito inquietos, antes mesmo de terem ouvido o que dissera o cabeleireiro da rainha, tinham expedido uma ordenança pelas nove horas e um quarto. Fora essa ordenança que encontrara a carruagem à saída de Clermont, e que vimos chegar a casa do Sr. de Damas.

Os dois oficiais esperaram até à meia-noite.

À meia-noite deitaram-se, mas vestidos.

À meia-noite e meia hora foram acordados pelo sino, pelo tambor e pelos gritos.

Chegaram à janela da hospedaria e viram toda a cidade alvoroçada, correndo, ou antes precipitando-se para o lado da municipalidade.

Muitos homens armados corriam na mesma direcção.

Esses homens levavam, uns espingardas de munição, outros espingardas de dois canos, outros iam simplesmente armados com sabres, espadas e pistolas.

Os dois fidalgos foram às cavalariaças e começaram por fazer sair os cavalos do rei, que a todo o risco e para os conservar, conduziram para fora da cidade.

Atravessando esta, el-rei encontrá-los-ia ali.

Depois voltaram a buscar os seus cavalos, que levaram para junto dos cavalos de el-rei, guardados pelos postilhões.

Estas idas e vindas tinham causado suspeitas, e para saírem da hospedaria com os seus próprios cavalos, tiveram que sustentar uma espécie de combate em que dois ou três tiros de espingardas foram disparados sobre eles.

Ao mesmo tempo, no meio dos gritos e das ameaças souberam que el-rei fora apanhado e conduzido a casa do Sr. Sausse, membro da comuna.

Formaram conselho sobre o que deviam fazer. Deviam reunir os hussards e tentar um esforço para livrar el-rei? Deviam montar a cavalo e prevenir o marquês de Bouillé, que encontrariam, segundo toda a probabilidade, em Dun e com toda a certeza em Stenay?

Ora, Dun só era distante dali cinco léguas e Stenay oito; em hora e meia podiam chegar a Dun, e em duas horas a Stenay e marchar imediatamente sobre Varennes, com a pequeníssima fracção de exército, comandado pelo Sr. de Bouillé.

Combinaram neste último partido, e à meia-noite e meia hora, exactamente quando el-rei se decidia a subir para o quarto da Sr^a. Sausse, decidiram-se a abandonar a muda que lhes fora confiada, e partiram a grande galope para Dun.

Era ainda um dos imediatos socorros, com que el-rei contava, e que lhe escapara!

XII

O conselho da desesperação

Estarão lembrados os leitores da situação em que se achara o Sr. de Choiseul, comandante da primeira posta, na ponte de Sommeville; vendo aumentar a insurreição em volta de si, e querendo evitar um combate, dissera negligentemente, sem esperar el-rei, que segundo todas as probabilidades o tesouro tinha passado, e retirara para Varennes.

Porém, para não passar por Sainte-Menehould, que devem lembrar-se estava em grande agitação, tomara um atalho, tendo cuidado, até ao momento em que deixara a estrada real, de andar a passo, para que o correio se lhe pudesse reunir.

Mas o correio não aparecera e em Orbeval meteu ao atalho.

Atrás dele ia Isidoro.

O Sr. de Choiseul acreditara firmemente que el-rei fora embaraçado por algum acontecimento imprevisto; além disso, se tinha a felicidade de se enganar, e se el-rei continuava o seu caminho, não encontraria o Sr. de Damas em Clermont?

Já vimos o que acontecera ao Sr. de Dandoins, retido com os seus homens na municipalidade, e ao Sr. de Damas, obrigado a fugir quase só.

Mas o que nos é conhecido, a nós, que pairamos na altura de sessenta anos sobre esse dia terrível, e que temos diante dos olhos a relação de todos os actores desse grande drama, era ainda oculto ao Sr. de Choiseul pelas nuvens do presente.

O Sr. de Choiseul, que metera pelo atalho em Orbeval, chegou à noite ao bosque de Varennes, no momento em que Charny, noutra parte da floresta, se entranhava nesse bosque em busca de Drouet.

Na última vila colocada na raia, isto é, na Ponte de Neuville, foi obrigado a perder mais de meia hora à espera de um guia.

Entretanto o sino tocava a rebate em todas as aldeias próximas, e a retaguarda composta de quatro hussards era atacada pelos camponeses.

O Sr. de Choiseul, prevenido imediatamente só conseguiu chegar junto deles no meio de uma carga a fundo.

Os quatro hussards foram libertados; mas desde então o sino continuou a tocar a rebate com maior violência e não parou.

O caminho através do bosque era extremamente difícil e muitas vezes até perigoso. O guia, ou de propósito ou contra vontade, fez perder a caravana; a todos os momentos para subir ou descer alguma montanha a pique, os hussards eram obrigados a apear-se; muitas vezes o caminho era tão estreito, que se viam nas circunstâncias de marchar a um de fundo.

Um hussard caiu num precipício, e como pelos seus gritos de socorro conheceram que não tinha morrido, os camaradas não quiseram abandoná-lo: perderam nisto três quartos de hora. Foi exactamente durante esse tempo que o rei, sendo preso, foi obrigado a apear-se e a deixar-se conduzir a casa de Sausse.

À meia-noite e meia hora, quando os Sr.s de Bouillé e de Raigecourt fugiam pela estrada de Dun, o Sr. de Choiseul com os seus hussards, apresentava-se na outra extremidade da cidade, vindo por um atalho.

Na altura da ponte foi recebido por um vigoroso:

- Quem vive!

Este *quem vive* era dado por um guarda de sentinela.

- França! E hussards de Lauzun! - respondeu o Sr. de Choiseul.

- Não se passa! - respondeu o guarda nacional.

E chamou às armas.

Imediatamente fez-se um grande movimento na população; viram condensar-se às escuras massas de homens armados, e à luz dos archotes e das velas, que apareciam às janelas,

brilhar espingardas pelas ruas.

Não sabendo do que se tratava nem o que tinha acontecido, o Sr. de Choiseul quis primeiro fazer-se conhecer.

Começou por pedir para falar ao comandante da estação de Varennes; o pedido trouxe conferências, e por fim decidiram-se a condescender com o desejo de Choiseul.

Mas enquanto tomavam esta decisão e a executavam, o Sr. de Choiseul podia ver que os guardas nacionais empregavam bem o tempo preparando meios de defesa, fazendo barricadas com árvores e apontando sobre eles e os seus quarenta homens duas peças de artilharia de pequeno calibre.

Quando o chefe de peça acabava de fazer a pontaria, chegou a força da polícia dos hussards, mas apeados; os homens que a compunham só sabiam que el-rei, segundo lhes tinham dito, acabava de ser preso e conduzido à casa da câmara.

Quanto a eles foram surpreendidos e apeados pelo povo; ignoravam o que tinha sido feito dos seus camaradas e onde paravam.

Quando acabavam de dar esta explicação, o Sr. de Choiseul julgou ver caminhar no meio da escuridão, uma pequena força de cavalaria, e ao mesmo tempo ouvir bradar:

- Quem vive?

- França! - respondeu uma voz.

- Que regimento?

- Dragões de Provença!

A estas palavras retiniu um tiro de espingarda atirado por um guarda nacional.

- Bom! - disse em voz baixa o Sr. de Choiseul ao oficial inferior, que estava ao pé dele - eis aí o Sr. de Damas e os seus dragões!

E sem esperar mais, desembaraçando-se dos dois homens que se lhe tinham agarrado à rédea do cavalo e lhe gritavam que o seu dever era obedecer à municipalidade e reconhecê-la como único superior, mandou meter ao trote, derrubou os que o queriam fazer parar, forçou a passagem e penetrou nas ruas, iluminadas e cheias de gente.

Aproximando-se da casa do Sr. Sausse, viu a carruagem de el-rei, desmontada, depois uma pequena Praça, na qual, defronte de uma casa de pouca aparência, estava postada uma guarda numerosa.

Para não pôr a sua gente em contacto com os habitantes, foi direito ao quartel dos hussards, cuja posição sabia.

O quartel estava deserto; aí aquartelou os seus quarenta hussards.

Quando o Sr. de Choiseul saía do quartel, dois homens vindos da câmara prenderam-no e intimaram-no para comparecer na municipalidade.

Mas o Sr. de Choiseul, cuja voz ainda podia ser ouvida pelos seus hussards, despediu os dois homens, dizendo-lhes que iria à municipalidade, quando tivesse tempo para isso, e ordenou em voz alta à sentinela, que não deixasse entrar ninguém.

Dois ou três guardas da cavalaria tinham ficado no quartel; o Sr. de Choiseul interrogou-os, e soube por eles que os hussards, não sabendo o que era feito dos seus chefes, tinham seguido os burgueses, que os tinham vindo buscar, e espalhados pela cidade bebiam com eles.

A esta notícia o Sr. de Choiseul entrou no quartel. Estava reduzido aos seus quarenta homens, cujos cavalos tinham andado mais de vinte léguas durante o dia. Homens e cavalos estavam estafados.

Entretanto não havia que vacilar na presente situação. O Sr. de Choiseul principiou por fazer a inspecção às pistolas, para ver se estavam carregadas, depois declarou em alemão aos hussards, que não entendendo sequer uma palavra de francês, não tinham compreendido do que se passava à roda deles, que estavam em Varennes, que el-rei, a rainha e a família real acabavam de ser presos, e que se tratava de os tirar das mãos daqueles, que os conservavam prisioneiros, ou morrer!

O discurso foi curto, mas ardente; pareceu produzir sobre os hussards uma grande

impressão; *Der Koenig! Die Koenigin!* repetiram eles com assombro.

O Sr. de Choiseul não lhes deu tempo para se acalmarem: mandou desembainhar os sabres e avançar por quatro à direita, e foi a grande trote para a casa, onde vira a guarda, na certeza de que era ali que el-rei estava preso.

Ali no meio das invectivas dos guardas nacionais e sem se preocupar com elas, colocou duas sentinelas à porta e apeou-se para entrar na casa.

No momento em que ia transpor o umbral, sentiu que lhe tocavam no ombro.

Voltou-se e viu o conde Carlos de Damas, cuja voz tinha conhecido, respondendo ao *quem vive* dos guardas nacionais.

‘Talvez o Sr. de Choiseul tivesse contado um pouco com este auxiliar.

- Ah! É o senhor - disse ele; - tem alguma força à sua disposição?

- Estou só, quase só, respondeu o Sr. de Damas.

- Então como?

- O meu regimento não quis acompanhar-me, e estou aqui com cinco ou seis homens.

- É uma desgraça... Mas não importa! restam-me os meus quarenta hussards; vejamos o que temos a fazer com eles.

El-rei recebia uma deputação da câmara, conduzida por Sausse.

Esta deputação vinha dizer a Luís XVI:

- Visto que não é duvidoso para os habitantes de Varennes terem a felicidade de possuir o seu rei, eles vêm receber as suas ordens.

- As minhas ordens? - disse el-rei; - então mandem aprontar imediatamente as minhas carruagens para que possa partir.

Não se sabe o que ia responder a esta ordem precisa a deputação municipal, quando ouviram o galope dos cavalos do Sr. de Choiseul e quando viram por entre os vidros os hussards formarem na praça, com os sabres desembainhados.

A rainha estremeceu; um raio de alegria lhe passou pelos olhos.

- Estamos salvos! - murmurou ela ao ouvido da princesa Isabel.

- Deus o queiral - respondeu a santa ovelha real, que referia tudo a Deus, bem e mal, esperança e desespero.

El-rei endireitou-se e esperou.

Os membros da municipalidade, inquietos, olharam uns para os outros.

Neste momento ouviu-se um grande ruído na antecâmara, guardada por camponeses armadas de foices. Trocaram-se algumas palavras, depois uma luta, e o Sr. de Choiseul, sem chapéu, com a espada na mão, apareceu no limiar da porta.

Por cima do ombro dele via-se a cabeça do Sr. de Damas, que estava pálido, mas resoluto.

Havia no olhar dos dois oficiais uma tal expressão ameaçadora, que os deputados da câmara afastaram-se, deixando livre o espaço que separava os recém-chegados do rei e da família real.

Quando entraram, o interior da câmara apresentava o aspecto seguinte:

No meio estava uma mesa, sobre a qual havia uma garrafa de vinho, pão e alguns copos.

El-rei e a rainha em pé ouviam os deputados da câmara; ao pé da janela estavam a princesa Isabel e a infanta; na cama, quase desmanhada, dormia o delfim prostrado de cansaço; ao lado dele, a Sr^a. Tourzel estava assentada, com a cabeça encostada às mãos; em pé, atrás dela, estavam as Sr^{as}. Brunier e de Neuville; finalmente, os srs. de Malden, de Valory e Isidoro de Charny, esmagados ao peso da dor e da fadiga, escondiam-se na penumbra, sobre cadeiras.

Avistando o Sr. de Choiseul, a rainha atravessou o quarto em toda a sua extensão e pegando-lhe na mão, disse:

- Ah! Sr. de Choiseul! Seja bem-vindo!

- Ai, minha senhora - disse o duque - parece-me que chego muito tarde!

- Não importa, se chega bem acompanhado.

- Não, minha senhora, estamos quase sós: o Sr. Dandoins foi retido com os seus dragões

na municipalidade de Sainte-Menehould e o Sr. de Damas foi abandonado pelos seus...

A rainha meneou tristemente a cabeça.

- Mas - continuou o Sr. de Choiseul - onde está o cavalheiro de Bouillé? Onde está o Sr. de Raigecourt?

E o Sr. de Choiseul procurava-os com os olhos à roda de si.

Entretanto el-rei tinha-se aproximado.

- Ainda não vi esses senhores - disse ele.

- Meu senhor - disse o Sr. de Damas - dou-lhe a minha palavra de honra, que os julgava mortos debaixo das rodas da carruagem de vossa majestade...

- Que se há-de fazer? - perguntou el-rei.

- Salvar a vossa majestade - disse o Sr. de Damas. - Dê-me as suas ordens.

- Meu senhor - disse o Sr. de Choiseul - tenho aqui quarenta hussards: andaram hoje vinte léguas; mas ainda chegarão bem até Dun.

- E nós? - perguntou o rei.

- Queira vossa majestade ouvir - respondeu o Sr. de Choiseul; - eis a única coisa, que julgo poder fazer-se. - Tenho quarenta hussards, como lhe disse, mando apear sete; vossa majestade montará num dos cavalos, tendo o delfim nos braços; a rainha montará o segundo; a princesa Isabel, no terceiro; a Sr.^a infanta no quarto; e as Sr.^{as} de Tourzel, de Neuville e Brunier, que não quer abandonar, farão o mesmo... Nós os cercaremos com os trinta e três hussards que ficam a cavalo; abriremos o caminho a golpes de sabre, e desta maneira teremos um meio de salvação! Mas reflecta bem, meu senhor, que é uma medida a adoptar-se imediatamente se for aceita, porque numa hora, num quarto de hora talvez, os meus hussards fugirão.

O Sr. de Choiseul calou-se esperando a resposta do rei; a rainha parecia consentir no projecto e com os olhos pregados em Luís XVI interrogava-o ardentemente com o olhar.

Porém ele, ao contrário parecia evitar o olhar da rainha e a influência que ela podia ter no seu espírito.

Finalmente, olhando para o Sr. de Choiseul, disse:

- Sim, bem sei que é um meio, talvez o único... Mas pode responder-me que, nesse desigual combate de trinta e três homens, contra oitocentos, uma bala de espingarda não matará meu filho, ou minha filha, a rainha ou minha irmã?

- Meu senhor - respondeu o Sr. de Choiseul - se uma tal desgraça acontecesse, por ter cedido ao meu conselho, só me restaria matar-me aos olhos de vossa majestade.

- Pois bem, então em lugar de nos deixarmos arrebatados por todos esses projectos, pensemos friamente.

A rainha deu um suspiro e dois ou três passos para trás.

Nesse momento, em que não podia dissimular a sua aflição, encontrou Isidoro, que atraído pelo tumulto da rua e esperando sempre que esse tumulto fosse motivado pela chegada do irmão, aproximara-se da janela.

Trocaram em voz baixa duas ou três palavras, e Isidoro correu para fora do quarto.

O rei continuou, sem parecer ter notado o que acabava de passar-se entre a rainha e Isidoro.

- A municipalidade - disse ele - não recusa deixar-me passar; só pede que espere aqui até ao nascer do dia. Não falo do conde de Charny, que nos é tão profundamente dedicado, e de quem não temos notícias: mas o Sr. de Bouillé e o Sr. de Raigecourt partiram, segundo me afirmaram, dez minutos depois da minha chegada, para prevenir o marquês de Bouillé e fazer marchar as tropas, que estão decerto prontas. Se estivesse só, seguiria o seu conselho e passaria; mas a rainha, os meus dois filhos, a minha irmã e essas senhoras, é impossível arriscar tanto, com a pouca gente que tem, e de que seria necessário apear ainda uma parte, porque decerto não partiria deixando aqui os meus três guardas. (Tirou o relógio e consultou-o). São quase três horas... Bouillé partiu à meia noite e meia hora, e o pai tem decerto postado as tropas de distância em distância; as primeiras serão advertidas por Júlio de Bouillé; chegarão sucessivamente. Não

são mais do que oito léguas daqui a Stenay; em duas horas, ou duas e meia, podem muito bem andar-se a cavalo; chegarão pois destacamentos toda a noite, pelas cinco ou seis horas o marquês de Bouillé poderá estar aqui pessoalmente; e então sem perigo para a minha família e sem violência, deixaremos Varennes e continuaremos o nosso caminho.

O Sr. de Choiseul reconhecia a lógica deste juízo; entretanto, o seu instinto dizia-lhe que há certos momentos em que não convém escutar a lógica.

Voltou-se para a rainha, e com o olhar parecia suplicar que lhe desse outras ordens, ou pelo menos, obtivesse do rei que revogasse as que acabava de dar.

Mas ela meneando a cabeça, disse:

- Não quero ser responsável por coisa nenhuma, compete a el-rei ordenar; o meu dever é obedecer. Além disso, sou de opinião de el-rei: o Sr. de Bouillé não pode tardar em chegar.

O Sr. de Choiseul inclinou-se e recuou alguns passos acompanhado pelo Sr. de Damas, com quem tinha precisão de combinar, e fez sinal aos dois guardas para que tomassem parte no conselho que iam formar.

XIII

Pobre Catarina!

O quarto mudara alguma coisa de aspecto.

A infanta não pudera resistir ao cansaço, e a princesa Isabel e a Sr^a. de Tourzel tinham-na deitado ao lado do irmão.

Adormecera.

A princesa Isabel conservava-se em pé com a cabeça encostada a um dos ângulos do leito.

A rainha, encolerizada, estava de pé junto da chaminé, em sentido oposto a el-rei, que se assentara num fardo de mercadorias, e aos quatro oficiais, que deliravam junto da porta.

Uma mulher octogenária estava de joelhos, como diante de um altar, ao pé do leito em que dormiam as duas crianças: era a avó do Sr. Sausse, que impressionada pela beleza das duas crianças e pelo ar altivo da rainha, caíra de joelhos, chorando e rezando em voz baixa.

Qual seria a súplica que dirigia a Deus? Seria para que Deus perdoasse àqueles dois anjos ou para que eles perdoassem aos homens?

O Sr. Sausse e os membros da municipalidade tinham-se retirado prometendo a el-rei que os cavalos iam ser metidos à carruagem.

Mas o olhar da rainha dizia perfeitamente que não acreditava nessa promessa. Por isso o Sr. de Choiseul dizia aos srs. de Damas, de Floirac e de Foucq, que o tinham acompanhado bem como aos dois guardas os srs. de Malden e de Valory.

- Senhores, não nos fiemos na fingida tranqüilidade de el-rei e da rainha; a questão não é desesperada, encaremo-la como ela é.

Os oficiais fizeram sinal, que ouviam e que podia falar.

- É provável que a estas horas o Sr. de Bouillé esteja ciente, e que chegue aqui pelas cinco ou seis horas da manhã, pois que deve estar em Dun ou Stenay com o destacamento do Real Alemão; é possível até que a sua vanguarda esteja aqui meia hora antes dele, porque nas circunstâncias em que nos achamos, tudo o que é possível, deve ser feito. Mas devemos-nos lembrar que quatro ou cinco mil homens nos cercam e que no momento em que avistarem as tropas do Sr. de Bouillé, será o de um grande perigo e de uma efervescência espantosa... Quererão levar o rei para fora de Varennes, buscarão fazê-lo montar a cavalo e conduzi-lo a Clermont; hão-de ameaçar-lhe a vida; talvez atentem contra ela... Mas esse perigo, senhores - continuou o Sr. de Choiseul - só durará um instante, e forçada a barreira, logo que os hussards entrem na cidade, a derrota será completa. Serão pois dez minutos que temos de sustentar; somos dez; com a disposição das localidades, podemos esperar que só matem um homem por minuto;

por consequência temos tempo!

Os ouvintes contentaram-se em fazer um sinal da cabeça afirmativo; a dedicação, que ia até à morte, era aceita com a mesma simplicidade.

- Pois bem! Senhores, julgo que é o que temos a fazer - continuou o Sr. de Choiseul: - aos primeiros tiros que ouvirmos, aos primeiros gritos dados lá fora, precipitar-nos-emos no quarto, mataremos todos os que se encontrarem, e apossar-nos-emos da escada e das janelas. Há três janelas: três de nós as defenderemos; os outros sete dividir-se-ão pela escada, cuja disposição em caracol a torna fácil de defender, por isso que um homem só aí pode fazer face a cinco ou seis assaltantes. Os próprios cadáveres dos que dentre nós forem morrendo, servirão de trincheira aos outros. Há pois cem a apostar contra um, que as tropas estarão senhoras da cidade, antes que sejamos degolados, até ao último; e, ainda que o fôssemos, o lugar que ocuparíamos na história, seria magnífica recompensa da nossa dedicação.

Apertaram mutuamente as mãos como deviam fazer os esparciatas no momento de combate; depois cada qual tomou o seu lugar de combate: os dois guardas e Isidoro de Charny, cujo lugar estava reservado, conquanto ele estivesse ausente, ocuparam as três janelas, que davam para a rua; o Sr. de Choiseul o patamar inferior da escada; atrás dele o conde de Damas, depois o Sr. Floirac, o Sr. Foucq e os dois outros oficiais subalternos do regimento de dragões, que tinham permanecido fiéis ao Sr. de Damas.

Quando se tomaram estas disposições, ouviu-se um certo rumor na rua.

Era segunda deputação, composta de Sausse, que parecia ser o elemento principal de todas as deputações, de Hannonet, comandante da guarda nacional, e de três ou quatro membros da municipalidade.

Mandaram-se anunciar, e el-rei, que julgava que vinham dizer-lhe que os cavalos estavam finalmente na carruagem, viu-se forçado a ordenar que fossem introduzidos.

Entraram os moços oficiais, que interpretavam todos os gestos, todos os sinais, todos os movimentos, julgaram notar na fisionomia de Sausse uma certa hesitação, e na de Hannonet uma vontade contrariada, que não lhe pareceram de bom agouro.

Ao mesmo tempo subiu Isidoro de Charny, disse em voz baixa algumas palavras à rainha e tornou a descer precipitadamente.

A rainha empalideceu, recuou um passo e encostou-se à cama, onde dormiam os filhos.

Quanto ao rei, interrogava com os olhos os enviados da municipalidade, esperando impaciente que lhe dirigissem a palavra.

Mas estes, sem falar inclinaram-se diante do rei.

Luís XVI mostrou enganar-se na intenção.

- Senhores - disse ele - os franceses só estão perturbados, mas a dedicação ao rei é verdadeira. Fatigado pelos contínuos ultrajes que recebo na capital, é para o centro das minhas províncias, onde ainda vive a sagrada chama do amor, que estou resolvido a retirar-me... Aí estou certo de encontrar o antigo amor do meu povo para com os seus soberanos.

Os deputados inclinaram-se novamente.

- E estou pronto a dar prova da minha confiança para com o meu povo - continuou o rei - Por isso vou tomar aqui metade dos homens da guarda nacional e metade da tropa de linha, e esta me acompanhará até Montmédy, para onde estou decidido a retirar-me. Por consequência, comandante, peço-lhe que escolha o senhor mesmo os homens, que me hão-de acompanhar, entre os soldados da sua guarda nacional, e que mande meter os cavalos à minha carruagem.

Houve um momento de silêncio, durante o qual, sem dúvida Sausse esperava que Hannonet falasse, ao passo que este esperava que Sausse tomasse a palavra.

Finalmente, Hannonet, inclinando-se, respondeu:

- Senhor, seria com muito gosto que obedeceria às ordens de vossa Majestade, mas há um artigo da constituição que proíbe a el-rei sair do reino e aos bons franceses coadjuvá-lo na fuga.

O rei estremeceu.

- Por conseguinte - continuou Hannonet fazendo um sinal com a mão para pedir a el-rei

que o deixasse acabar - por conseguinte, a municipalidade de Varennes decidiu que antes de permitir que el-rei passasse além, enviaria um correio a Paris, e esperaria a resposta da Assembléia Nacional.

O rei sentiu o suor correr-lhe pela fronte, ao passo que a rainha mordia de impaciência os lábios pálidos, e a princesa Isabel erguia as mãos ao Céu.

- Olá! Senhores - disse o rei com certa dignidade, que lhe chegava quando era impelido até aos extremos - não serei senhor de ir aonde me convém? Nesse caso, sou mais escravo que o último dos meus vassalos!

- Senhor - respondeu o comandante da Guarda Nacional - vossa majestade é sempre o senhor... Porém todos os homens, rei e simples cidadãos, estão presos pelo seu juramento... Vossa majestade jurou: seja o primeiro a obedecer à lei; é não só um grande exemplo, mas também um nobre dever a cumprir.

Durante este tempo, o Sr. de Choiseul consultava com os olhos a rainha e pela resposta afirmativa à pergunta muda que ele lhe fazia, desceu também.

O rei compreendeu que, se se sujeitasse sem resistência a esta rebelião, que segundo o seu pensamento, era uma rebelião de aldeia estava perdido.

Além disso, reconhecia esse mesmo espírito revolucionário que Mirabeau quis combater na província, e que já vira erguer-se diante dele, nos dias 14 de Junho, 5 e 6 de Outubro e 18 de Abril, dia em que, para fazer uma experiência da sua liberdade, quisera ir a Saint-Cloud, e fora impedido pelo povo.

- Senhores - disse ele - isto é uma violência; mas não estou tão isolado como parece; tenho ali diante da porta quarenta homens fiéis, e à roda de Varennes dez mil soldados. Ordeno-lhes pois, Sr. comandante, que mande meter os meus cavalos à carruagem imediatamente... Entende, ordeno-lho, quero!

A rainha aproximou-se do rei e em voz baixa disse:

- Bem! Bem! Senhor, arriscamos nisso a nossa vida, mas não abandonamos a nossa honra!

- E se recusarmos obedecer a vossa majestade - disse o comandante - que resultará?

- Resultará, senhor, que recorrerei à força, e que serão responsáveis pelo sangue que eu não queria fazer correr, e que neste caso será derramado verdadeiramente pelos senhores.

- Pois, bem, senhor, seja assim - disse o comandante; - tente chamar os seus hussards; eu vou reunir a guarda nacional.

E desceu.

O rei e a rainha olharam um para o outro quase assustados; talvez que um ou outro tivesse tentado um esforço supremo, afastando a velha, que continuava a orar junto do leito, se a mulher de Sausse se não tivesse aproximado, e não tivesse perguntado à rainha com a brutalidade e franqueza da mulher do povo.

- Ah! Senhora, é a rainha, não é verdade?

A rainha voltou-se, sentindo-se mordida na sua dignidade por esta interpelação mais que familiar.

- Sou sim, pelo menos assim o julgo.

- Pois bem, se é a rainha - continuou a Sr^a. Sausse sem se perturbar - dão-lhe vinte e quatro milhões para sustentar o seu lugar... O lugar é bom, segundo julgo, porque é bem pago: por que motivo o quer deixar?

A rainha deu um grito de dor, e voltando-se para el-rei, disse:

- Oh! Senhor, tudo, tudo, antes que todas estas indignidades!

E tomando o delfim, adormecido, sobre a cama, correu à janela, abrindo-a e disse:

- Senhor, mostremo-nos a este povo e vejamos se está inteiramente gangrenado... Nesse caso, recorramos aos soldados, e animemo-los com a acção. É menos que merecem aqueles que vão morrer por nós.

O rei seguiu maquinalmente e apareceu depois com ela na varanda.

Toda a praça, em que se mergulharam as vistas de Luís XVI e Maria Antonieta,

apresentava o espectáculo de uma viva agitação.

Metade dos hussards do Sr. de Choiseul estavam a pé, a outra a cavalo.

Os que estavam de pé, espalhados, perdidos no meio dos grupos dos burgueses, deixavam conduzir-lhes os cavalos em todas as direcções; já pertenciam à nação; os que estavam a cavalo pareciam ainda submissos ao Sr. de Choiseul, que lhes falava em alemão; mas eles apontavam para o esquadrão como para lhe mostrar que faltavam metade dos seus camaradas.

Isidoro de Charny com a faca de mato na mão, parecia estranho a todo este tumulto, esperava um homem, como um caçador espera a caça.

O grito de: “O rei! O rei!” soou imediatamente, proferido por quinhentas bocas.

Era efectivamente o rei e a rainha que apareciam à janela; a rainha como dissemos tinha o delfim nos braços.

Se Luís XVI estivesse investido com o manto real, ou com o uniforme militar; se tivesse na mão um ceptro ou uma espada; se tivesse falado com essa voz forte e imponente, que nessa época parecia ainda ao povo a voz de Deus, ou do seu enviado, baixado do Céu, talvez tivesse obtido sobre aquela multidão a influência que esperava.

Mas o rei, ao nascer do dia, à claridade daquele crepúsculo bastardo, que afeia a própria beleza, o rei vestido de criado, com uma casaca parda, sem pós, com a ignóbil e pequena cabeleira que dissemos, o rei, pálido, sujo, com a barba de três dias, os lábios grossos, o olhar embaciado que não exprimia idéia alguma, nem tirania, nem protecção; o rei gaguejando alternativamente estas duas palavras:

- Senhores... Meus filhos...

Ah! Não era isso o que esperavam daquela varanda nem os amigos nem os inimigos da realeza.

Entretanto o Sr. de Choiseul gritou:

- Viva el-rei!

Isidoro de Charny gritou:

-Viva el-rei!

E tal era ainda o prestígio da realeza que, apesar desse aspecto, que correspondia tão mal à idéia, que tinham feito do chefe do grande reino, algumas vozes entre a multidão gritavam com entusiasmo:

- Viva el-rei!

Mas um grito respondeu, dado pelo chefe da guarda nacional, que foi repetido de outra maneira muito diferente, e que teve um eco mais forte, foi o grito de:

- Viva a nação!

Este grito, na presente ocasião, era uma rebelião, e o rei e a rainha tiveram tempo de ver, que ele tinha sido pronunciado por alguns hussards.

Maria Antonieta deu também uma espécie de grito de raiva, e apertando contra o peito o delfim, pobre criança, ignorante da gravidade dos acontecimentos que se passavam debruçou-se mascando entre os dentes e cuspiendo na multidão esta palavra:

- Miseráveis!...

Alguns ouviram-na e responderam com ameaças.

Na praça havia um grande tumulto e um imenso clamor.

O Sr. de Choiseul, desesperado, queria suicidar-se; porém tentando um último esforço, bradou:

- Hussards! Em nome da honra, salvem o rei!

Mas neste momento um novo actor, entre uns vinte homens armados, apareceu em cena.

Era Drouet, que saía da municipalidade, onde tinha conseguido que se decidisse impedir que o rei prosseguisse a jornada.

- Ah - exclamou ele, caminhando para o Sr. de Choiseul - queria roubar o rei?... Pois bem! sou eu que lhe digo, que só o terá morto!

O Sr. de Choiseul deu também um passo para Drouet, com o sabre levantado, mas o

comandante da guarda nacional estava ali.

- Se dá mais um passo - disse ele ao Sr. de Choiseul, mato-o.

A estas palavras, correu um homem, sem que nem os grupos, nem as ameaças pudessem embaraçá-lo.

Era Isidoro de Charny; o homem que ele esperava, era exactamente Drouet.

- Para trás! para trás! - gritou ele apartando a multidão com o peito do cavalo; - este homem pertence-me!

E com a faca levantada arremessou-se sobre Drouet.

Mas no momento em que ia agarrá-lo, dois tiros partiram ao mesmo tempo; um de pistola, outro de espingarda.

A bala da pistola foi achatar-se na clavícula de Isidoro.

A bala da espingarda atravessou-lhe o peito.

Os dois tiros partiram de tão perto, que o desgraçado se achou literalmente envolto numa onda de chamas e numa nuvem de fumo.

Viram-no inteiriçar os braços, e ouviram-lhe murmurar:

- Pobre Catarina!

Depois, deixando cair a faca de mato, tombou na anca do cavalo, e daí rolou até à terra.

A rainha deu um grito terrível quase deixou cair o delfim dos braços e fugiu para dentro do quarto, sem reparar num novo cavaleiro que chegava a toda a brida do lado de Dun, e se introduzia, por assim dizer, no sulco que acabava de traçar, no meio da multidão, a passagem do pobre Isidoro.

Atrás da rainha o rei entrou e fechou a janela. Já não eram só algumas vozes que gritavam: “Viva a nação!” não eram só os hussards a pé; era toda a multidão, e com ela os vinte hussards que tinham ficado fiéis, única esperança da realeza angustiada!

A rainha foi assentar-se numa cadeira com a cabeça entre as mãos, pensando que acabava de ver morrer por ela, a seus pés, Isidoro de Charny, como vira cair Jorge.

Mas, de repente, fizeram um grande barulho à porta, que a obrigou a levantar a cabeça.

O que se passou, num segundo, no coração daquela mulher, daquela rainha, não tentaremos descrevê-lo.

Olivier de Charny, pálido e todo ensangüentado pelo último abraço do irmão, estava de pé à porta.

Quanto ao rei, parecia aniquilado.

XIV

Charny

A câmara estava cheia de guardas nacionais e de estranhos, que a curiosidade para ali tinha guiado.

A rainha foi pois detida no seu primeiro movimento, que era de correr ao encontro de Charny, limpar com o lenço o sangue de que estava coberto, e dizer-lhe algumas dessas palavras de consolação, que partindo dum coração, chegam a outro coração.

Mas só pôde erguer-se sobre a cadeira, estender os braços para ele, e murmurar:

- Olivier!...

Este sombrio e sossegado, fez um sinal aos assistentes estranhos, e com voz doce e firme disse:

- Senhores, perdão, é preciso que eu fale a suas majestades.

Os guardas nacionais tentaram responder que estavam ali, ao contrário, para impedir que o rei tivesse comunicação com pessoas de fora; Charny contraiu os lábios pálidos, encrespou as sobrancelhas, abriu o casaco, deixando ver um par de pistolas, e repetiu com voz mais doce que da primeira vez, mas por isso mesmo mais ameaçadora:

- Senhores, já tive a honra de lhes dizer que tinha necessidade de falar em particular ao rei e à rainha.

E ao mesmo tempo fazia com a mão sinal aos estranhos para que saíssem.

Aquela voz e ao poder que Charny, exercendo-o sobre si mesmo, exercia sobre os outros, o Sr. de Damas e os Sr.s de Malden e de Valory recuperaram toda a sua energia, um instante alterada, e empurrando adiante de si guardas nacionais e curiosos, fizeram despejar o quarto.

Então a rainha compreendeu de que utilidade seria um tal homem na carruagem do rei, se a etiqueta não exigisse que a Sr^a. de Tourzel ali fosse no seu lugar.

Charny olhou à roda de si, a fim de se certificar de que não ficavam, por então junto da rainha mais do que fiéis servidores, e aproximando-se dela, disse:

- Senhora, eis-me aqui... Tenho setenta hussards às portas da cidade; julgo poder contar com eles. Que ordena de mim?

- Oh! Primeiro que tudo, disse a rainha em alemão, que lhe aconteceu, meu pobre Charny?

Charny, por um sinal, advertiu a rainha que estava ali o Sr. de Malden, que falava o alemão.

- Ah! Ah! - disse a rainha em francês, não o vendo - julgava-o morto!

- Infelizmente, minha senhora - respondeu Charny com profunda melancolia - não fui eu que morri... Foi meu pobre irmão Isidoro.

E não pôde reter uma lágrima.

- Mas - murmurou ele em voz baixa - também me há-de chegar a vez!

- Charny! Charny! Pergunto-lhe o que lhe aconteceu - disse a rainha - e por que motivo desapareceu assim?

Depois acrescentou em voz baixa:

- Olivier, tem-nos feito muita falta... a mim, especialmente!

Charny inclinou-se.

- Julgava - disse ele - que meu irmão teria tido a honra de dizer a vossa majestade a causa que me havia afastado momentaneamente da sua carruagem.

- Sim, bem sei... Persegui esse homem, esse maldito Drouet, e por um instante tememos que lhe tivesse acontecido alguma desgraça nessa perseguição.

- Aconteceu-me efectivamente uma grande desgraça... Apesar de todos os meus esforços, não o pude alcançar a tempo: um postilhão de retorno disse-lhe que as carruagens de vossa majestade, que ele julgava seguirem a estrada de Verdun, tinham tomado a de Varennes. Então embrenhou-se nos bosques de Argonne; disparei sobre ele duas pistolas que infelizmente não estavam carregadas! Tinha-me enganado no cavalo em Sainte-Menehould e montei no do Sr. de Dandoins em lugar de montar no que me estava destinado... Que quer, minha senhora? Uma fatalidade!... Nem por isso deixei de o perseguir na floresta, mas ignorava o caminho, e ele conhecia-lhe até os menores atalhos; depois a escuridão tornava-se cada vez maior... Enquanto pude vê-lo, segui-o como a uma sombra; enquanto pude ouvi-lo, segui-o pelo som; mas o som cessou, como a sombra se desvanecera e achei-me só, embrenhado no meio da floresta, e perdido nas trevas... Oh! Minha senhora, tenho coragem, bem o sabe, e neste momento não choro; pois no meio da floresta, da escuridão, derramei lágrimas de cólera, soltei gritos de raiva.

A rainha estendeu-lhe a mão.

Charny inclinou-se e tocou aquela mão trémula com a extremidade dos lábios.

- Mas ninguém me respondeu - continuou Charny; - erreí toda a noite, e quando amanheceu, achei-me junto da aldeia de Gêves, na estrada de Varennes a Dun. Teriam vossas majestades tido a felicidade de escapar a Drouet do mesmo modo que ele me escapou? Era possível. Se tinham atravessado Varennes era inútil que eu aí fosse... Se estavam presos em Varennes? Então estava só e a minha dedicação era-lhes inútil.

Resolvi continuar o meu caminho para Dun. Um pouco antes de chegar à cidade, encontrei o Sr. Deslon com cem hussards. O Sr. Deslon estava inquieto, mas não havia recebido

notícia alguma; porém tinha visto passar, fugindo a toda a brida, do lado de Stenay, o Sr. de Bouillé e o Sr. de Raigecourt.

Por que motivo não lhe disseram nada? Decerto desconfiaram dele. Mas eu tenho o Sr. Deslon na conta de um bom e leal fidalgo; adivinhei que vossa majestade tinha sido presa em Varennes, que os srs. de Bouillé e de Raigecourt tinham fugido, e iam prevenir o general. Disse tudo ao Sr. Deslon; roguei-lhe que me acompanhasse com os seus hussards, o que ele fez imediatamente, deixando contudo trinta dos seus soldados para guardar a ponte do Mosa. Uma hora depois, estávamos em Varennes, tendo andado quatro léguas numa hora! Quis começar imediatamente o ataque e destruir todos os obstáculos para chegar ao pé do rei e de vossa majestade.

Encontramos barricadas sobre barricadas; era uma loucura tentar saltá-las, Então procurei pactuar. Uma estação de guarda nacional se apresentou: pedi-lhe licença para reunir os meus hussards, aos que estavam na cidade; recusaram-mo; pedi para vir receber as ordens de el-rei, e como se preparassem para recusar este segundo pedido, assim como tinham feito ao primeiro, piquei o meu cavalo, saltei a primeira barricada, depois a segunda... Guiado pelo motim, corri a galope e cheguei à praça, quando vossa majestade, voltando-se para trás, deixava a janela... E agora - continuou o conde de Charny - espero as ordens de vossa majestade.

A rainha apertou ainda uma vez as mãos de Charny entre as suas. Depois, virando-se para el-rei, mergulhado sempre no mesmo torpor disse:

- Senhor, ouviu o que acabou de dizer o seu fiel servidor, o conde de Charny?

El-rei não respondeu.

A rainha, levantando-se, dirigiu-se-lhe dizendo:

- Senhor, não há tempo a perder, e por infelicidade já temos perdido muito... Aqui está o Sr. de Charny, que dispõe de setenta homens seguros para o que for necessário, e que pede as suas ordens.

El-rei meneou a cabeça.

- Senhor, em nome do Céu dê as suas ordens!

E Charny implorava com a vista, enquanto a rainha implorava com a voz.

- As minhas ordens? - disse el-rei; - não tenho ordens que dar, porque sou prisioneiro; faça o que lhe parecer.

- Bem - disse a rainha - é tudo o que lhe pedimos.

E chamando Charny à parte, disse:

- Tem carta branca; faça como lhe disse el-rei, tudo o que puder fazer.

Depois acrescentou em voz baixa:

- Mas depressa e com vigor, senão estamos perdidos!

- Bem, senhora - disse Charny; - deixe-me conferenciar um instante com estes senhores, e o que decidirmos será executado imediatamente, pois de facto não há tempo a perder.

Neste momento entrou o Sr. de Choiseul.

Trazia na mão alguns papéis sujos de sangue embrulhados num lenço.

Estendeu-o para Charny, sem dizer nada.

O conde compreendeu que eram os papéis encontrados a seu irmão.

Estendeu a mão para receber essa herança ensangüentada, aproximou o lenço dos lábios e beijou-o.

A rainha não pôde conter um soluço

Porém Charny nem sequer se voltou, e guardando os papéis, disse:

- Meus senhores, querem ajudar-me no último esforço, que vou tentar?

- Estamos prontos a sacrificar as vidas; - responderam os mancebos.

- Julgam poder responder por uns dez homens fiéis?

- Nós somos já oito ou nove.

- Pois bem! Eu volto para junto dos meus setenta hussards. Enquanto ataco as barricadas pela frente, façam uma diversão pela retaguarda; com o socorro dessa diversão forçarei as

barricadas, e com as nossas duas forças reunidas penetramos até aqui e levamos el-rei.

Os mancebos por única resposta estenderam a mão ao conde de Charny.

Este voltou-se então para a rainha dizendo:

- Senhora, dentro de uma hora vossa majestade estará livre, ou eu estarei morto.

- Oh! Conde! Conde! Não pronuncie essa palavra, que me faz muito mal!

Olivier contentou-se com inclinar-se em confirmação da sua promessa, e sem se inquietar com os novos rumores, que rebentavam e que pareciam abismar-se na casa, caminhou para a porta...

Mas no momento em que punha a mão na chave, a porta abriu-se e deu passagem a um novo personagem, que ia envolver-se também no enredo, já bastante complicado daquele drama.

Era um homem de quarenta a quarenta e dois anos, de rosto sombrio e severo; o colarinho caído sobre os ombros, o casaco aberto, os olhos vermelhos de cansaço, o fato cheio de pó, tudo indicava que, impelido também por alguma violenta paixão, acabava de fazer uma carreira desesperada.

Trazia um par de pistolas à cinta e um sabre ao lado.

Arquejante, quase com a voz extinta no momento em que abriu a porta, só sossegou quando conheceu o rei e a rainha.

Um sorriso terrível de vingança se lhe manifestou na fisionomia e sem se importar com os personagens secundários, que ocupavam o fundo da câmara, da mesma porta, que obstruía inteiramente com a sua elevada estatura, estendeu a mão, dizendo:

- Em nome da Assembléia Nacional, são todos meus prisioneiros!

Por um movimento tão rápido como o pensamento, o Sr. de Choiseul avançou com uma pistola na mão, e estendeu o braço para queimar os miolos, àquele recém-chegado, que parecia exceder na insolência e na resolução tudo o que até ali se tinha visto.

Mas, com um movimento mais rápido ainda, a rainha suspendeu essa mão ameaçadora, dizendo em voz baixa ao Sr. de Choiseul:

- Não adiante a nossa perda... Tenha prudência! Com tudo isto ganhamos tempo, e o Sr. de Bouillé não pode estar longe.

- Sim, tem razão - respondeu o Sr. de Choiseul.

E ocultou a pistola.

A rainha lançou um volve de olhos sobre Charny, admirada por não o ter visto aparecer neste novo perigo; mas, coisa estranha! Charny parecia desejar não ser visto pelo recém-chegado, e para lhe escapar decerto às vistas, acabava de se esconder no recanto mais escuro do quarto.

Entretanto, a rainha, que conhecia o conde, estava bem certa de que no momento oportuno, sairia ao mesmo tempo dessa escuridão e desse mistério.

XV

Mais um inimigo

Toda esta cena do Sr. de Choiseul ameaçando o homem que falava em nome da Assembléia Nacional tinha-se passado sem que este tivesse sequer parecido notar que acabava de escapar a um perigo de morte.

Além disso parecia estar possuído de outro sentimento muito mais poderoso que o do temor.

Não havia que enganar-se na expressão do rosto; era a de um caçador, que vê, finalmente reunidos e amontoados, na mesma caverna, o leão, a leoa e os leõezinhos, que lhe devoram o filho único.

Entretanto à palavra *prisioneiros*, que havia feito exaltar o Sr. de Choiseul, el-rei levantara-se.

- Prisioneiros! Prisioneiros em nome da Assembléia Nacional! Que quer dizer? Não o

compreendo.

- É bem simples - respondeu o homem - e por consequência muito fácil de entender. Apesar do juramento que fez, de não deixar a França, fugiu de noite, faltando à sua palavra, traindo a nação e o povo; de maneira que a nação gritou: “Às armas!” de maneira que o povo e a nação lhe dizem pela voz de um dos seus últimos súbditos, a qual, por partir de um homem de classe inferior, nem por isso é menos poderosa: Senhor! Em nome do povo, em nome da Assembléia Nacional, é meu prisioneiro!

No quarto próximo sentiu-se um rumor de aprovação acompanhado, ou antes seguido de frenéticos bravos.

- Senhora! Senhora! - murmurou o Sr. de Choiseul ao ouvido da rainha - não se esqueça de que foi vossa majestade que me fez parar, e que, se não fosse a extrema piedade que teve deste homem, não sofreria semelhante ofensa...

- Isso tudo nada será, se nos vingarmos - disse em voz baixa a rainha.

- Sim - respondeu o Sr. de Choiseul; - mas se nos não vingarmos?

A rainha deu um profundo e doloroso gemido.

Charny estendeu lentamente a mão por cima do ombro do Sr. de Choiseul, e foi tocar no braço da rainha.

Maria Antonieta voltou-se vivamente.

- Deixe falar e operar este homem - disse muito baixo o conde; - eu me encarrego dele.

Entretanto el-rei, espantado pelo novo golpe que acabava de sofrer, olhava admirado para o sombrio personagem, que em nome da Assembléia, da nação e do povo, acabava de lhe falar uma linguagem tão enérgica, e a este espanto reunia-se uma certa curiosidade, porque parecia a Luís XVI, que, suposto já se não lembrasse onde, não era a primeira vez que via aquele homem.

- Mas, finalmente - disse ele - vejamos, o que me quer? Pode falar.

- Senhor, quero que nem vossa majestade, nem a família real dêem mais um passo para fora do reino.

- E vem decerto, acompanhado de milhares de homens armados para se opor ao meu caminho? - disse el-rei, que se exaltava na discussão.

- Não, senhor, estou só... ou antes somos só dois: o ajudante de ordens do general Lafayette e eu, isto é, um simples paisano. Porém, a Assembléia publicou um decreto, contou connosco para o executar e há-de ser executado!

- Entregue-me esse decreto, disse el-rei, ao menos quero vê-lo!

- Não sou eu que o tenho, é o meu companheiro... Ele foi enviado pelo Sr. de Lafayette e pela Assembléia para dar execução às ordens da nação... Eu fui enviado pelo Sr. de Bailly, e especialmente por mim mesmo, para vigiar este companheiro e fazer-lhe saltar os miolos se hesitasse!

A rainha, os srs. de Choiseul, de Damas e todos os outros assistentes olharam-se admirados.

Até então só tinham visto o povo oprimido ou furioso, pedindo graça ou assassinando; viam-no agora, pela primeira vez, sossegado, erecto, com os braços cruzados, conhecendo a sua força e falando em nome dos seus direitos.

Por isso Luís XVI compreendeu que nada havia a esperar de um homem daquela tempera, e desejando despedi-lo perguntou:

- Muito bem: onde está o seu companheiro?

- Ali - respondeu ele - atrás de mim.

E a estas palavras, dando um passo para a frente, desembarçou a porta, por cuja abertura puderam ver um mancebo vestido com o uniforme de ajudante de ordens, encostado à janela.

Este, em lugar de manifestar força, ao contrário parecia abatido. Tinha o rosto inundado de lágrimas e um papel na mão.

Era o Sr. de Romeuf, isto é, o jovem ajudante de campo do general Lafayette com quem o nosso leitor decerto se lembra, fizemos conhecimento na ocasião da chegada de Luís de Boillé a

Paris.

O Sr. de Romeuf, como se pode inferir da conversação que teve com o jovem realista, era patriota sincero; mas durante a ditadura do Sr. de Lafayette nas Tulherias, encarregado particularmente de vigiar a rainha e de acompanhar nos seus passeios, mostrara nas suas relações com ela tão respeitosa delicadeza que a rainha muitas vezes lhe testemunhara o seu reconhecimento.

Por isso, conhecendo-o, a rainha exclamou:

- Oh! É o senhor!

Depois, com um gemido doloroso, como o da mulher, que vê abater um poder, que julgava invencível, acrescentou:

- Oh! Nunca o teria acreditado!

- Bom! - murmurou o segundo mensageiro - parece-me que fiz bem em vir.

O Sr. de Romeuf, avançou com os olhos baixos, com lentidão e conservando o papel na mão.

Mas el-rei, impaciente, não deu ao mancebo tempo de lhe apresentar o decreto; deu um passo para ele e arrancou-lho da mão.

E depois de ter lido, disse:

- Já não há rei em França!

O homem que acompanhava o Sr. de Romeuf sorriu, como se quisesse dizer: “Bem o sei!”

A estas palavras de el-rei, a rainha fez um movimento como para o interrogar.

- Ouça, senhora - disse ele - eis o decreto que a Assembléia ousou publicar.

E leu com voz trémula de indignação as linhas seguintes:

“A Assembléia ordena que o ministro do interior expeça imediatamente correios para os departamentos, com ordem para todos os funcionários públicos, guardas nacionais e tropas de linha do reino, de prender ou mandar prender toda e qualquer pessoa que saia do reino, bem como de impedir qualquer saída de bagagens, armas, munições, dinheiro em ouro ou prata, cavalos e carruagens; e no caso dos correios encontrarem el-rei, ou alguém da família real, e os indivíduos que tiverem concorrido para a sua fuga, os ditos funcionários públicos, guardas nacionais ou tropas de linha, serão obrigados a tomar todas as medidas possíveis para embaraçar a dita fuga e impedi-los de continuar o seu caminho, dando conta depois ao corpo legislativo.”

A rainha ouvira com uma espécie de torpor, mas quando el-rei acabou, meneando a cabeça, como para acordar as suas idéias, disse, estendendo também a mão para o decreto fatal:

- Dê-mo. É impossível!...

Entretanto o companheiro do Sr. de Romeuf sossegava com um sorriso os guardas nacionais e os patriotas de Varennes.

Esta palavra *impossível*, pronunciada pela rainha, tinha-os inquietado, conquanto tivessem ouvido do princípio ao fim o teor do decreto.

- Oh! Leia, senhora - disse el-rei com amargura: - se ainda duvida, leia... Está escrito e assinado pelo presidente da Assembléia Nacional.

- E quem ousou escrever e assinar um tal decreto?

- Um nobre, senhora - respondeu el-rei - o marquês de Beauharnais!

Não é coisa estranha, e que bem prova as ligações do passado com o futuro, que o decreto, que embaraçava a fuga de Luís XVI, da rainha e da família real, fosse firmado por um nome, que, obscuro até então, ia de uma maneira brilhante ligar-se à história do começo do século XIX!

A rainha pegou no decreto e leu-o, com as sobranceiras franzidas e com os lábios contraídos.

El-rei tirou-lho das mãos para o tornar a ler, e depois de o ter lido segunda vez,

arremessou-o para cima da cama, onde dormiam insensíveis àquela discussão, que decidia da sua sorte, o delfim e a infanta.

A rainha, vendo isto, e não podendo conter-se por mais tempo, correu veloz, agarrou o papel, amarrotou-o nas mãos e atirou-o para longe do leito, exclamando:

- Oh! Senhor, tenha cautela! Não quero que este papel suje os meus filhos!

Elevou-se na casa próxima forte murmúrio; os guardas nacionais fizeram um movimento para se precipitarem no quarto em que estavam os ilustres fugitivos.

O ajudante de ordens do general Lafayette deixou escapar um grito de terror.

O seu companheiro deu um grito de raiva.

- Ah! - murmurou este último entre os dentes - insultam a Assembléia! Insultam a Nação! Insultam o povo!... Está bem!...

E voltando-se para os homens, já preparados para a luta, que enchiam a primeira casa, armados de espingardas, de foices e de sabres, gritou:

- A mim cidadãos!

Estes, para penetrarem no quarto fizeram um movimento, que só era o complemento do primeiro, e Deus sabe o que resultaria do choque daquelas duas cóleras, quando Charny, que desde o começo da cena apenas pronunciara as poucas palavras que referimos, e que desde então se conservara afastado, avançou, e agarrando pelo braço o guarda nacional desconhecido, no momento em que levava a mão ao punho do sabre, disse:

- Uma palavra, se faz favor, Sr. Billot; desejo falar-lhe.

Billot, porque era ele, deixou pela sua vez escapar um grito de espanto, tornou-se excessivamente pálido, ficou um instante indeciso, e embainhando o sabre meio fora da bainha, disse:

- Pois bem, vamos a isso... Eu também tenho que falar-lhe, Sr. de Charny.

E dirigindo-se imediatamente para a porta, disse:

- Cidadãos, dêem-nos lugar, façam favor. Tenho que falar um instante com este oficial... Mas tranquilizem-se - acrescentou ele em voz baixa - nem o lobo, nem a loba, nem os lobinhos nos escaparão... Estão ali e respondo por eles.

Como se aquele homem, que lhes era tão desconhecido a eles, como o era, à excepção de Charny, a el-rei e ao seu séquito, tivesse direito de lhes dar ordens, saíram deixando a casa livre.

Além disso, todos tinham que contar aos companheiros de fora o que acabava de passar-se no interior, e recomendar aos patriotas que vigiassem mais do que nunca.

Entretanto, Charny dizia em voz baixa à rainha:

- O Sr. de Romeuf é-lhe dedicado, senhora; deixo-lho; tire dele todo o partido possível.

E isto tornava-se-lhe tanto mais fácil porquanto, chegando ao quarto imediato, Charny fechou a porta, e encostando-se a ela, impedia que o próprio Billot entrasse.

XVI

O ódio de um homem do povo

Charny e Billot, achando-se cara a cara, olharam-se um instante, sem que o olhar do fidalgo pudesse fazer baixar o olhar do homem do povo.

Mais ainda: Billot foi o primeiro a falar.

- O Sr. conde fez-me a honra de dizer-me que tinha alguma coisa que comunicar-me; espero que tenha a bondade de começar.

- Billot - perguntou Charny - donde procede encontrá-lo aqui, encarregado de uma missão de vingança? Eu julgava-o nosso amigo, e além disso bom e fiel súbdito de el-rei.

- Fui bom e fiel súbdito de el-rei, Sr. conde; fui, não seu amigo, semelhante honra não estava reservada para um pobre lavrador como eu, mas fui um dos seus mais humildes criados.

- E então?

- Então, Sr. conde, como vê, já não sou nem uma nem outra coisa.

- Não compreendo, Billot,

- Para que quer compreender-me, Sr. conde? Acaso lhe pergunto eu as causas da sua fidelidade a el-rei, os motivos da sua dedicação à rainha? Não; presumo que tem as suas razões para proceder assim, e que como é um homem de bem e prudente, as suas razões hão-de ser boas, ou pelo menos, assim o julga. Não tenho a sua elevada posição, Sr. conde, não tenho a sua sabedoria; todavia conhece-me, ou conheceu-me homem de bem, e também prudente... Suponha pois, que, como o senhor, tenho as minhas razões, senão boas, ao menos que assim me parecem.

- Billot - disse Charny, que ignorava completamente os motivos de ódio que o lavrador podia ter contra a nobreza ou contra a realza - conheci-o, ainda não há muito tempo, de uma maneira muito diferente do que está hoje.

- Oh! Decerto, não o nego - disse Billot com um sorriso amargo - sim, conheceu-me de uma maneira muito diversa do que estou actualmente!

“Vou dizer-lhe como era, Sr. conde; era um verdadeiro patriota, dedicado a dois homens, e a uma coisa; os dois homens eram el-rei e o Dr. Gilberto; a coisa era o meu país.”

“Um dia, os agentes de el-rei vieram a minha casa, e meio por vontade, meio por surpresa, levaram-me um cofre, depósito precioso que me fora confiado pelo Dr. Gilberto.”

“Logo que fiquei livre, parti para Paris; aí cheguei no dia 13 de Julho à noite.”

“Era no meio do motim causado pelos bustos do Sr. duque de Orleans e do Sr. Necker.”

“Traziam os bustos pelas ruas, gritando: ‘Viva o duque de Orleans! Viva o Sr. Necker!’ Isto não fazia muito mal a el-rei, e todavia os soldados atacaram-nos: vi pobres diabos, que não tinham cometido outro crime senão o de gritar: vi dois homens, que provavelmente não conheciam, cair à roda de mim, uns com a cabeça aberta a golpes de sabre, outros com o peito atravessado pelas balas; vi o Sr. de Lambesc, amigo do rei, perseguir até às Tulherias, mulheres e crianças, que não tinham gritado, e pisar com as patas do cavalo um velho de setenta anos. Isto continuou a malquistar-me com el-rei.”

“No dia seguinte, fui ao colégio onde estava Sebastião, o filho do Dr. Gilberto, e soube pela pobre criança que o pai estava na Bastilha por ordem de el-rei, solicitada por uma senhora da corte; e continuei a dizer, que o rei, que supunham tão bom, tinha no meio dessa bondade, grandes momentos de erro, de ignorância ou de esquecimento; e para resgatar, tanto quanto pudesse, uma das faltas que o rei tinha cometido num desses momentos de esquecimento, de ignorância ou de erro, contribuí com todas as minhas forças para a tomada da Bastilha.”

“Alcançámo-la não sem trabalho! os soldados de el-rei atiraram sobre nós, e mataram-nos, pouco mais ou menos, duzentos homens, o que me deu novamente ocasião de não ser da opinião de todos a respeito da bondade do rei... Mas enfim a Bastilha foi tomada; numa das enxovias encontrei o Dr. Gilberto, por quem acabava de arriscar a vida muitas vezes, e a alegria de o encontrar fez-me esquecer muitas coisas.”

“Além disso, uma das primeiras coisas que me disse o doutor foi que el-rei era bom; que ignorava a maior parte das indignidades que se faziam em seu nome, e que não era a ele que se devia odiar, mas sim aos seus ministros. Ora, como tudo o que me dizia o Dr. Gilberto era para mim nessa época palavras do Evangelho, acreditei-o vendo a Bastilha tomada, o Dr. Gilberto livre, Pitou e eu são e salvos; esqueci as descargas da rua de Saint-Honoré, os ataques das Tulherias, os cento e cinquenta ou duzentos homens mortos pelo capricho do príncipe de Saxe, e a prisão do Dr. Gilberto, por simples pedido de uma senhora da corte... Mas perdão, Sr. conde - disse Billot interrompendo-se - nada disso lhe diz respeito, e não pedi para me falar em particular para ouvir as repetições enfadonhas de um pobre rústico, sem educação, o senhor que é ao mesmo tempo um grande senhor e um sábio.”

Billot fez um movimento para levar a mão à chave e entrar no quarto onde estava el-rei.

Charny suspendeu-o.

Para o impedir tinha duas razões:

A primeira é que ficava sabendo as causas da inimizade de Billot, o que numa tal situação

não deixava de ter importância; a segunda é porque ganhava tempo.

- Não, conte-me tudo, meu caro Billot, disse ele; sabe a amizade que lhe tínhamos, tanto eu como os meus pobres irmãos, e o que me está dizendo interessa-me no último ponto. Repito-lhe: continue.

- Pois bem, disse ele; então vou contar-lhe tudo, Sr. de Charny, e sinto que os seus *pobres irmãos... especialmente... o Sr. Isidoro*, não estejam presentes para me ouvirem.

Billot pronunciara estas palavras: “Especialmente... o Sr. Isidoro” com tão singular expressão, que Charny comprimiu o movimento doloroso que o nome de seu irmão querido lhe acordava na alma, e sem responder a Billot, que ignorava visivelmente a desgraça acontecida a Isidoro de Charny, cuja presença ele desejava, fez sinal que podia continuar.

Billot continuou, dizendo:

- Por isso, quando o rei se pôs em marcha para Paris, não vi nele mais do que um pai, que voltava para o centro de seus filhos; caminhava com o Dr. Gilberto ao pé da carruagem real, fazendo àqueles, que ela encerrava, uma muralha com o meu corpo e gritando como um desesperado: viva o rei! Foi na primeira jornada do rei.

Havia em volta dele, diante, atrás, pela estrada, debaixo das patas dos cavalos, debaixo das rodas da carruagem, bênçãos e flores. Chegando à praça do palácio da câmara, notaram que el-rei não trazia o laço branco, mas também que ainda não tinha o laço tricolor.

“Gritaram: o laço! o laço! Tirei o do meu chapéu e dei-lho; agradeceu-mo e pô-lo no seu, com grandes aclamações da multidão.”

“Estava louco de alegria por ver o meu laço no chapéu daquele bom rei, e por isso gritei eu só: ‘Viva el-rei!’ mais alto do que todos; era tão entusiasta por aquele bom rei, que fiquei em Paris; a minha colheita estava pronta e tinha precisão da minha presença, mas que importava! era assaz rico para perder uma colheita, e se a minha presença era útil nalguma coisa àquele bom rei, ao pai do povo, ao *Restaurador da liberdade francesa*, como nós, simplórios, lhe chamávamos naquela época, mais valia que ficasse em Paris, do que voltar para Pisseleux... A minha colheita, que tinha confiado aos cuidados de Catarina, foi a pouco e pouco perdendo-se... Catarina, segundo parece, tinha outra coisa em que cuidar, além da colheita... não falemos mais nisso.”

“Entretanto dizia-se que não era com muita franqueza que el-rei aceitava a revolução; que procedia constrangido e forçado; que não era o laço tricolor, que desejava trazer no chapéu, mas sim o branco... Os que diziam isso eram os caluniadores, o que foi suficientemente provado no banquete dos srs. guardas do corpo, em que a rainha não pôs nem o laço tricolor, nem o branco, nem o nacional, nem o francês, mas simplesmente o laço de seu irmão José II, o laço austríaco, o laço negro! Ah! confesso-lho, nessa ocasião a minha dúvida recomeçou, mas, como o Dr. Gilberto me dizia: ‘Billot não foi el-rei que fez isso, foi a rainha; ora, a rainha é mulher, e para com as mulheres é necessário ser condescendente’; eu acreditei-o; tanto que, quando vieram de Paris para atacar o paço, ainda que pensasse no mais íntimo do meu coração, que os que vinham atacar o paço não faziam inteiramente mal, pus-me do lado dos defensores: de maneira que fui eu quem foi acordar o Sr. de Lafayette, que dormia, pobre homem, que era um encanto, e que o conduzi ao paço justamente a tempo de salvar o rei. Ah! nesse dia vi a princesa Isabel apertar nos seus braços o Sr. de Lafayette; vi a rainha dar-lhe a mão a beijar; ouvi el-rei chamar-lhe seu amigo, e disse comigo mesmo: pela minha honra! parece que o Dr. Gilberto tem razão!”

“Certamente, não é por medo que um rei, uma rainha e uma princesa real dão tais demonstrações de afecto, e se eles não participassem das opiniões deste homem, por maior que fosse a utilidade de que ele lhe pudesse ser neste momento, três personagens desta qualidade não se abaixariam a mentir! Ainda dessa vez, voltei a lamentar a pobre rainha, que só era imprudente, e o pobre rei, que só era fraco. Porém deixei-os ir para Paris, sem mim... Eu estava ocupado em Versalhes, sabe em quê, Sr. de Charny?...”

Charny deu um suspiro.

- Disseram - continuou Billot - que aquela segunda jornada não foi tão alegre como a primeira; disseram que em lugar de bênçãos, tivera maldições; que em lugar de *vivas*, houve gritos

de morte; que em lugar de flores abundantemente lançadas debaixo das patas dos cavalos e das rodas da carruagem, houve cabeças cortadas e espetadas nas pontas das lanças...

“Nada disso sei, não estava lá; tinha ficado em Versalhes. Deixava sempre a herdade abandonada... oh! Era assaz rico para depois de ter perdido a colheita de 1789 perder também a de 1790!”

“Mas numa linda manhã, Pitou chegou e disse-me que estava a ponto de perder uma coisa que um pai nunca é suficientemente rico para perder... era a minha filha!”

Charny estremeceu.

Billot olhou fixamente para Charny e continuou:

- É preciso dizer-lhe, Sr. conde, que há a uma légua da nossa casa, em Boursonnes, uma família nobre, uma família de nobres senhores, uma família poderosamente rica. Compunha-se de três filhos. Quando eram crianças, e que iam a Boursonnes a Villers-Cotterets, os mais novos dos três irmãos faziam-me quase sempre a honra de parar na herdade; diziam que nunca tinham bebido tão bom leite como o das minhas vacas, comido tão bom pão como o da tia Billot, e de vez em quando acrescentavam (julgava eu, pobre simplório, que era para me pagar a hospitalidade!) que nunca tinham visto uma criança tão linda, como a minha filha Catarina. E eu agradecia-lhes por beberem o leite das minhas vacas, comerem o meu pão e acharem linda a minha filha Catarina! Que quer, acreditava tanto no rei, que é segundo dizem, meio alemão pela mãe, que bem podia acreditar neles, que eram franceses! Por isso, quando o mais moço, que tinha deixado o país havia muito tempo, e que se chamava Jorge, foi morto em Versalhes, junto da porta dos aposentos da rainha, na noite de 5 para 6 de Outubro, desempenhando valorosamente o seu dever de fidalgo, Deus sabe até que ponto senti o golpe que o matou.

“Ah! Sr. conde, o seu irmão segundo viu-me, ele, que não vinha a casa, não porque fosse soberbo, faço-lhe essa justiça, mas porque tinha deixado o país muito mais novo ainda que o seu irmão Jorge; o seu irmão mais velho viu-me de joelhos diante do cadáver, derramando tantas lágrimas, como ele tinha derramado sangue... Parece-me ainda ali estar... no fundo dum pequeno pátio cheio de erva e úmido, para onde o tinha transportado nos meus braços, para que não fosse mutilado, pobre moço, como o tinham sido os seus companheiros, os srs. de Varicourt e des Huttes... suposto que eu tivesse tanto sangue no meu fato, como tem no seu, Sr. conde. Oh! é porque era um excelente mancebo, que me parece ver ainda, quando ia para o colégio de Villers-Cotterets, no seu cavalito baio, com o cestinho na mão; e é tanto verdade, que, pensando nele, se fosse o único em que penso, creio que choraria ainda, como chora, Sr. conde... mas penso no outro, ajuntou Billot, e não choro.”

- No outro! Que quer dizer - perguntou Charny muito admirado.

- Espere - disse Billot - já lá vamos... Pitou tinha voltado de Paris e tinha-me dito duas palavras, que me provavam que não era a minha seara que corria perigo, mas a minha filha; que não era a minha fortuna que ia ser destruída, mas a minha felicidade!

“Deixei pois o rei em Paris. Como estava de boa fé, e segundo me dizia o Dr. Gilberto, tudo ia a melhor, quer eu ali estivesse quer não, voltei para a herdade.”

“Julguei primeiro que Catarina só estava em perigo de vida: tinha delírios, uma febre cerebral, que sei eu?... O estado em que a encontrei inquietou-me muito, e ainda mais quando o doutor me proibiu que entrasse no quarto enquanto não estivesse restabelecida; mas, não podendo entrar no quarto, pobre pai desesperado, julguei que me era permitido escutar à porta. Escutei pois. Então soube que ela quase tinha morrido, que tinha febre cerebral, finalmente que estava quase louca, porque o seu amante partira!”

“Eu também tinha partido um ano antes, e em lugar de enlouquecer por seu pai a deixar, sorriu à minha despedida... A minha partida dava-lhe liberdade para ver o amante!”

“Catarina melhorou, mas perdeu a alegria; um mês, dois meses, seis meses se passaram sem que um único raio de alegria alumiasse aquele rosto, que os meus olhos nunca abandonavam. Uma manhã vi-a sorrir e tremi: o amante ia sem dúvida voltar, visto que ela sorria...”

“No dia seguinte, um pastor que o vira passar, disse-me que nessa manhã tinha chegado.

Não duvidei que na noite desse dia ele fosse a minha casa, ou antes a casa de Catarina. Por isso quando anoiteceu, carreguei a minha espingarda de dois canos e pus-me à espera.”

- Billot - exclamou Charny - fez isso?...

- Porque não? - disse Billot; - ponho-me à espera para matar o javali, que vem estragar as minhas searas, o lobo que vem devorar as minhas ovelhas, a raposa que vem estrangular as minhas galinhas, e não me havia de pôr à espera para matar o homem, que ia roubar a minha felicidade, o amante que ia desonrar a minha filha?

- Mas chegado a esse ponto faltou-lhe o ânimo, não é verdade, Billot? - disse vivamente Charny.

- Não - disse Billot - o ânimo não, mas a pontaria e a mão... Um rastro de sangue me provou, que o tiro não tinha sido inteiramente perdido. Porém, bem o compreende, acrescentou Billot com amargura, entre um amante e um pai, a minha filha não tinha hesitado... Quando entrei no quarto de Catarina, tinha desaparecido!

- E não a tornou a ver depois? - perguntou Charny.

- Não - respondeu Billot; - mas para que hei-de tornar a vê-la? Ela bem sabe que se a visse, matava-a!

Charny fez um movimento, que denotava o terror que lhe inspirava aquele génio tão poderoso.

- Voltei aos trabalhos da minha herdade - continuou Billot; - que me importava a minha desgraça, contanto que a França fosse feliz? O rei não caminha desembaraçado na estrada da revolução? Não devia presidir à festa da Confederação? Não ia tornar a ver o bom rei, a quem dera um laço tricolor no dia 16 de Julho, a quem tinha quase salvo a vida no dia 6 de Outubro? Que alegria não seria para ele ver toda a França reunida no Campo-de-Marte, jurando como um único homem o princípio da unidade da pátria? Por isso, quando o vi, por um instante esqueci tudo, até Catarina... Não, minto, um pai nunca esquece a sua filha!

“Ele também, quando lhe competiu, jurou; pareceu-me que jurava mal, que jurava com a extremidade dos lábios, que jurava no seu lugar em vez do jurar sobre o altar da pátria; mas tinha jurado; e era o essencial. Um juramento é um juramento; não é o sítio em que se pronuncia que o torna mais ou menos sagrado, e quando se faz juramento todo o homem honrado o cumpre.”

“É verdade que, voltando para Villers-Cotterets, como nada mais tinha que fazer senão ocupar-me da política, não tendo a minha filha, ouvi dizer que o rei queria fazer-se roubar pelo Sr. de Favras, mas que o plano fora malogrado; que o rei tinha querido fugir com as tias, mas que o projecto não tivera resultado; que o rei tinha querido ir a Saint-Cloud, daí passar a Rouen, mas que o povo se tinha oposto; é verdade que ouvi dizer tudo isto, mas não acreditava. Não tinha eu visto no Campo-de-Marte o rei estender a mão? Não o tinha ouvido prestar o juramento à nação?”

“Qual era o meio de acreditar que um rei, que tinha jurado em presença de trezentos mil cidadãos, não mantivesse um juramento, por menos sagrado que fosse? Não era possível. Por isso quando anteontem ia para o mercado de Meaux, fiquei bastante admirado, quando ao amanhecer (deverei dizer-lhe que tinha ficado em casa do dono da posta, um dos meus amigos com quem tinha feito um grande negócio de trigo) numa carruagem que tomava mudas, vi e conheci o rei, a rainha e o delfim. Não podia enganar-me; estava costumado a vê-los de carruagem, porque no dia 16 de Junho os tinha acompanhado de Versalhes a Paris, Então ouvi um desses senhores vestidos de amarelo, que dizia: ‘Estrada de Châlons.’ A voz fez-me impressão, voltei-me e conheci, quem? Aquele que me tinha roubado Catarina, um nobre fidalgo, que fazia o seu dever de batedor correndo adiante da carruagem do rei.”

A estas palavras, Billot olhou fixamente para Charny para ver se este compreendia que se tratava de seu irmão Isidoro; mas o conde limitou-se única e simplesmente a limpar com o lenço o suor que lhe corria da fronte.

Billot continuou:

- Quis persegui-lo: já estava longe. Montava um bom cavalo, estava armado, e eu não.

Um instante, rangi os dentes, com a idéia de que o rei escapava à França, como o raptor me escapava a mim: mas de repente, uma idéia se me apresentou: “Vamos – disse eu - também prestei juramento à nação, e logo que o rei falta ao seu, devo observar o meu?... Pela minha honra, sim, conservemo-lo! Só estou a dez léguas de Paris; são três horas da manhã; num bom cavalo é negócio de duas horas. Falarei a este respeito com o Sr. de Bailly, um homem de bem, que me parece ser partidário dos que observam os juramentos, contra os que o não observam. Deliberado isso, para não perder tempo, pedi ao meu amigo, o dono da posta de Meaux (bem entendido, sem lhe dizer o que ia fazer) que me emprestasse o seu uniforme de guarda nacional, o sabre e as pistolas.

“Montei no melhor cavalo da cavalaria, e em lugar de partir a pequeno trote para Villers-Cotterets, meti a galope para Paris. Pela minha honra! Cheguei a propósito: sabiam já da fuga do rei, mas ignoravam para que lado fora. O Sr. de Romeuf tinha sido enviado pelo Sr. de Lafayette, pela estrada de Valenciennes; mas, veja o que é o acaso! na barreira tinha parado, e obtivera que o fizessem voltar para a Assembléia Nacional, e aí entrava justamente no momento em que o Sr. de Bailly, instruído por mim, dava a respeito do itinerário de sua majestade os mais minuciosos esclarecimentos.”

“Não havia senão a escrever uma ordem bem em regra e a mudar de itinerário. Fez-se isso num instante: o Sr. de Romeuf foi expedido pela estrada de Châlons, e eu recebi ordem de o acompanhar, missão que cumprio, como vê.”

“Agora, acrescentou Billot com ar sombrio, apanhei o rei que me enganou como francês, e estou tranqüilo, porque não me há-de escapar; resta-me apanhar o homem que me enganou como pai, e juro-lhe, Sr. conde, que também me não há-de escapar.”

- Ai, meu caro Billot - disse Charny, soltando um suspiro - engana-se!

- Como?

- Digo que o infeliz de que fala, lhe escapou.

- Fugiu? - perguntou Billot com incrível expressão de raiva.

- Não - disse Charny - morreu.

- Morreu?! - bradou Billot estremecendo a seu pesar e limpando a fronte que se tinha instantaneamente coberto de suor.

- Morreu! - repetiu Charny; - e o sangue que vê, e ao qual há pouco teve razão de comparar àquele de que estava coberto no pequeno pátio de Versalhes, é dele!... E se duvida, desça, meu caro Billot, e encontrará o corpo deitado num pequeno pátio quase semelhante ao de Versalhes, e ferido pela mesma causa que o outro!

Billot olhou para Charny, que lhe falava com uma voz tão doce, ao passo que as lágrimas lhe corriam pelas faces, com o olhar feroz e o rosto assombrado.

Depois, repentinamente, dando um grito, exclamou:

- Ah! Então é certo haver justiça no Céu!

E correndo para fora do quarto, disse:

- Sr. conde, acredito nas suas palavras: mas não importa! Vou certificar-me, com os meus próprios olhos, que se fez justiça!

Charny, viu-o afastar-se, sufocando um suspiro e enxugando as lágrimas.

Depois, conhecendo que não havia um minuto a perder, correu para o quarto da rainha, e dirigindo-se a ela, disse em voz baixa:

- O Sr. de Romeuf?

- Pertence-nos, respondeu a rainha.

- Tanto melhor - disse Charny; - porque do outro nada temos que esperar.

- Então o que havemos de fazer? - respondeu a rainha.

- Ganhar tempo até que chegue o Sr. de Bouillé.

- E chegará?

- Sim, porque vou eu mesmo procurá-lo.

- Oh! - exclamou a rainha - as ruas estão cheias de gente; é conhecido e não o deixarão

passar... matá-lo-ão!... Olivier! Olivier!

Mas Charny, sorrindo, abriu sem responder a janela que dava para o jardim, fez uma última promessa ao rei, uma última cortesia à rainha e saltou os quinze pés que o separavam do terreno.

A rainha deu um grito de terror e escondeu a cabeça entre as mãos; mas os meninos correram à janela, e por um grito de alegria, responderam ao grito de terror da rainha.

Charny acabava de saltar o muro do jardim e de desaparecer do outro lado deste muro.

Era tempo: neste momento, Billot apareceu novamente no limiar da porta do quarto.

XVII

O Sr. de Bouillé

Vejamos o que fazia, durante aquelas horas angustiosas, o Sr. marquês de Bouillé, que esperavam com tanta impaciência em Varennes, e sobre quem se fundavam as últimas esperanças da família real.

Às nove horas da noite, isto é, pouco mais ou menos, no momento em que os fugitivos chegavam a Clermont, o Sr. marquês de Bouillé deixava Stenay com o seu filho, o Sr. Luís de Bouillé, e caminhava para Dun, para se aproximar do rei.

Entretanto, chegando a um quarto de légua daquela cidade, temeu que a sua presença aí fosse notada, parou com a sua gente na orla da estrada, e estabeleceu-se num fosso, conservando os seus cavalos pela parte de trás.

Ali esperaram. Era a hora em que, segundo toda a probabilidade, devia estar a aparecer o correio de suas majestades.

Em tais circunstâncias, os minutos parecem horas e as horas séculos.

Ouviram bater lentamente e com a impassibilidade que os que esperam desejariam regular pelas pulsações do coração, dez, onze horas, meia-noite, uma, duas e três horas da manhã.

Entre as duas e três horas, o dia começara a despontar. Durante essas seis horas de espera, o menor ruído que chegava aos ouvidos dos vigias, quer se aproximasse, quer se afastasse, trazia-lhes a esperança ou o desespero.

Ao amanhecer a pequena tropa tinha perdido as esperanças.

O Sr. de Bouillé pensou que tinha sobrevivendo algum acidente; mas ignorando qual fosse, mandou-a marchar outra vez para Stenay, a fim de que, encontrando-se no centro das suas forças, pudesse, quanto possível fosse, obviar a qualquer acidente.

Tornaram pois a montar a cavalo e tomaram vagarosamente e a passo a estrada de Stenay.

Teriam andado um quarto de légua, quando o conde Luís de Bouillé, avistou ao longe a poeira produzida pelo galope de muitos cavalos.

Pararam e esperaram.

À medida que os novos cavaleiros se aproximavam, julgavam conhecê-los.

Enfim, bem depressa deixaram de duvidar: eram os Sr.s Júlio de Bouillé e de Raigecourt.

A pequena força foi ao encontro deles.

No momento em que se reuniam, todas as vozes de um dos dois ranchos faziam a mesma pergunta, e todas as do outro simultaneamente davam a mesma resposta.

- Que aconteceu?

- El-rei foi preso em Varennes.

Eram quase quatro horas da manhã.

A notícia era terrível, tanto mais, que os dois moços oficiais, estacionados no extremo da cidade, na hospedaria do Grande-Monarca, onde se tinham visto cercados repentinamente pela revolução, tinham sido obrigados a abrir caminho através da multidão, e isto sem levarem consigo nenhuma informação precisa.

Entretanto, por mais terrível que fosse esta notícia, não destruía todas as esperanças.

O Sr. de Bouillé, como todos os oficiais superiores, que confiam numa absoluta disciplina, acreditava, sem pensar nos obstáculos, que todas as suas ordens tinham sido executadas.

Ora, se o rei tinha sido preso em Varennes, os diferentes destacamentos, que tinham recebido ordem de formar na retaguarda da passagem do rei, deviam ter chegado a Varennes.

Esses diferentes destacamentos deviam compor-se:

Dos quarenta homens do regimento de Lauzun, comandados pelo duque de Choiseul.

Dos trinta dragões de Sainte-Menehould, comandados pelo Sr. Dandoins.

Dos cento e quarenta dragões de Clermont, comandados pelo Sr. de Damas.

E finalmente, dos sessenta hussards de Varennes, comandados pelos srs. de Bouillé e de Raigecourt, com quem os mancebos não tinham realmente podido falar no momento da partida, mas que tinham ficado às ordens do Sr. de Rohrig.

Era também verdade que nada tinham querido confiar ao Sr. de Rohrig, mas ele receberia as ordens dos outros chefes, os srs. de Choiseul, de Dandoins ou de Damas, e reuniria os seus homens aos que corriam em socorro do rei.

O rei devia pois ter à roda de si, naquele momento, alguns cem hussards, e cento e sessenta, ou cento e setenta dragões.

Era mais do que o preciso para se opor à sublevação de uma pequena cidade de mil e oitocentos habitantes.

Vimos como os acontecimentos tinham feito sair errados os cálculos estratégicos do Sr. de Bouillé.

Quando os srs. de Bouillé e de Raigecourt informavam o general, viram aproximar um cavaleiro a todo o galope.

O cavaleiro trazia decerto notícias.

Todos os olhos se voltaram para ele, conheceram o Sr. de Rohrig. Portanto, o general dirigiu-se-lhe.

Estava numa daquelas disposições de espírito, em que se não importava descarregar a sua cólera, ainda que fosse sobre um inocente.

- Que tem que dizer, senhor - bradou o general - e por que motivo abandonou o seu posto?

- Meu general - respondeu o Sr. de Rohrig - desculpe-me, mas vim por ordem do Sr. de Damas.

- Então o Sr. de Damas está em Varennes com os seus dragões?

- O Sr. de Damas está em Varennes sem os seus dragões, meu general, com um ajudante, outro oficial e dois ou três homens.

- E os outros?

- Os outros não quiseram marchar.

- E o Sr. Dandoins e os seus dragões? – perguntou o Sr. de Bouillé.

- Diz-se que estão prisioneiros na municipalidade de Sainte-Menehould.

- Mas, ao menos - perguntou o general - o Sr. de Choiseul está em Varennes com os hussards, que comanda, e com os seus?

- Os hussards do Sr. de Choiseul voltaram-se para o partido do povo e gritaram: “Viva a nação!” Os meus estão detidos no quartel pela guarda nacional de Varennes.

- E o senhor não se pôs à frente deles? Não atacou toda aquela canalha, nem foi agrupar-se à roda do rei?

- O meu general esquece que eu não tinha ordem nenhuma: que os srs. de Bouillé e de Raigecourt eram os meus chefes e que ignorava completamente que sua majestade passasse por Varennes.

- É verdade - disseram ao mesmo tempo os srs. de Bouillé e de Raigecourt.

- Ao primeiro rumor que ouvi - continuou o tenente - saí, informei-me e soube que uma carruagem, que diziam encerrar o rei e a família real, tinha sido apanhada, havia pouco mais de

um quarto de hora, e que as pessoas que iam nessa carruagem tinham sido conduzidas para casa de um membro da comuna. Havia grande multidão de homens armados; os tambores e os sinos tocavam a rebate; no meio de todo esse tumulto, senti que me tocavam no ombro; voltei-me e conheci o Sr. de Damas, com um casaco por cima do uniforme; perguntou-me:

“- É o tenente comandante dos hussards de Varennes?

“- Sim, meu coronel.

“- Conhece-me?

“- É o Sr. conde Carlos de Damas.

“- Pois bem, monte a cavalo imediatamente; parta para Dun, para Stenay, corra até encontrar o Sr. marquês de Bouillé: diga-lhe que Dandoins e os seus dragões estão prisioneiros em Sainte-Menehould; que os meus hussards recusaram seguir; que os hussards de Choiseul estão quase a tomar o partido do povo, e que o rei e a família real, que estão ali presos, só nele têm esperança...”

- A semelhante ordem, meu general, entendi que não devia fazer observação alguma, senão que, pelo contrário, era meu dever obedecer cegamente. Montei a cavalo, parti a toda a brida e eis-me aqui!

- E o Sr. de Damas não lhe disse mais nada?

- É verdade; disse-me também que empregariam todos os meios para ganhar tempo a fim de que o meu general possa chegar a Varennes.

- Vamos - disse o Sr. de Bouillé dando um suspiro - vejo que todos têm feito o que têm podido... A nós resta-nos agora fazer o melhor que pudermos.

Depois, voltando-se para o conde Luís, disse:

- Luís, eu fico aqui. Estes senhores vão levar as diferentes ordens, que vou dar. Primeiro que tudo, os destacamentos de Mouza e de Dun marcharão imediatamente sobre Varennes, guardando a passagem do Mosa, e começarão o ataque. Sr. de Rohrig, leve-lhes esta ordem da minha parte e diga-lhes que serão protegidos de perto.

O mancebo, a quem fora dada a ordem, cumprimentou e partiu na direcção de Dun para a executar.

O Sr. de Bouillé continuou:

- Sr. de Raigecourt, vá ao encontro do regimento suíço de Castela, que está em marcha para Stenay; em qualquer parte em que o encontrar diga-lhe a urgência da situação, e a ordem que lhe dou de acelerarem a marcha... Vá!

Depois, vendo partir o jovem oficial numa direcção oposta à que seguia com toda a velocidade do seu cavalo, já fatigado, o Sr. de Rohrig, voltou-se para o segundo filho, e disse:

- Júlio, muda de cavalo em Stenay e parte para Montmédy. Que o Sr. de Klinglin faça marchar sobre Dun o regimento de infantaria de Nassau, que está em Montmédy, e que vá pessoalmente para Stenay... Partel!

O mancebo fez a continência e partiu também.

Finalmente, voltando-se para o filho mais velho, perguntou:

- Luís, o real-alemão está em Stenay?

- Está sim, meu pai.

- Recebeu ordem para estar pronto ao nascer do dia?

- Eu mesmo levei da sua parte a ordem ao coronel.

- Vai buscá-lo... Esperarei aqui, na estrada; talvez me cheguem mais novidades... o real-alemão é seguro, não é verdade?

- É sim, meu pai.

- Então será suficiente; marcharemos com ele sobre Varennes... Vai!

E o conde Luís partiu também.

Dez minutos depois tornou a aparecer.

- O real-alemão segue-me - disse ele ao general.

- Então encontraste-o pronto?

- Não, o que bastante me admirou; é necessário que o comandante me compreendesse mal ontem, quando lhe transmiti a sua ordem, porque o encontrei na cama... mas levantou-se e prometeu-me ir ele mesmo aos quartéis para apressar a partida. Temendo que se impacientasse, vim dizer-lhe a causa da demora.

- Bem - disse o general; - vai então chegar?

- O comandante disse que me seguia.

Esperaram dez minutos, um quarto de hora, vinte minutos; ninguém aparecia.

O general, impaciente, olhou para o filho.

- Volto lá, meu pai - disse este.

E metendo o cavalo a galope, entrou na cidade.

O tempo tão longo como parecera ao Sr. de Bouillé, tinha sido mal aproveitado pelo comandante; apenas alguns homens estavam prontos. O jovem oficial queixou-se amargamente, renovou a ordem do general, e perante a promessa positiva do comandante de que, em cinco minutos, os seus soldados e ele estariam fora da cidade, voltou para junto do pai.

Ao voltar, notou que a porta, pela qual já tinha passado, estava guardada pela guarda nacional.

Esperaram novamente cinco, dez minutos, um quarto de hora; ninguém aparecia.

Entretanto, o Sr. de Bouillé sabia que cada minuto perdido era um ano diminuído na vida dos prisioneiros.

Viram vir um cabriolé pela estrada, do lado de Dun.

O cabriolé era o de Leonardo, que continuava o seu caminho, cada vez mais perturbado.

O Sr. de Bouillé fê-lo parar; mas à medida que se aproximava de Paris, a recordação do irmão, cujo chapéu levava, da Sr^a. de l'Aage, que só era bem penteada por ele, e que o esperava para esse fim, passavam-lhe pela idéia, e produziam-lhe um tal aborrecimento, que o Sr. de Bouillé não pôde tirar dele coisa alguma que o pudesse orientar.

Efectivamente Leonardo, tendo partido de Varennes antes da prisão do rei, nada podia dizer ao Sr. de Bouillé.

Este pequeno incidente serviu para fazer, durante alguns minutos, acalmar a impaciência do general; mas quase uma hora era já decorrida depois da ordem dada ao comandante do real-alemão; o Sr. de Bouillé mandou o filho pela terceira vez a Stenay, com ordem de não voltar sem o regimento.

O conde Luís partiu furioso.

Chegando à praça, a sua cólera aumentou; apenas cinquenta homens estavam a cavalo.

Começou por tomar estes cinquenta soldados, e com eles foi apoderar-se da porta que lhe assegurava a entrada e a saída livre: depois voltou para junto do general, que continuava a esperar; assegurando que, desta vez, era seguido pelo comandante e pelos seus soldados.

Assim o julgava; mas só no fim de dez minutos, e quando pela quarta vez ia a entrar na cidade, é que avistaram a vanguarda do real-alemão.

Em qualquer outra ocasião, o Sr. de Bouillé teria feito prender o comandante pelos próprios soldados; mas naquele momento, temeu descontentar chefes e soldados; contentou-se pois em lhe dirigir algumas censuras pela sua demora; depois, falando aos soldados, disse-lhes a que honrosa missão eram destinados; que a liberdade, a vida do rei, da rainha e da família real dependiam deles; prometeu aos oficiais honras, e aos soldados recompensas, e para começar, distribuiu quatrocentos luíses por estes últimos, os quais ficaram radiantes.

O discurso, terminado deste modo, produziu o efeito que era de esperar; ouviu-se um imenso grito de: "Viva o rei!" e todo o regimento partiu a grande trote para Varennes.

Em Dun encontraram, guardando a ponte de Mosa, o destacamento de trinta homens, que o Sr. de Deslon, abandonando Dun com Charny, ali tinha deixado.

Reuniram a si essa pequena força de trinta homens e continuaram a marcha.

Havia a caminhar oito grandes léguas por um país montanhoso e cheio de subidas e descidas; não marchavam pois no passo que queriam e era preciso chegar, mas principalmente

chegar com Sol, dado que pudessem sustentar a carga.

Entretanto conhecia-se que avançavam em país inimigo. À direita e à esquerda as aldeias tocavam a rebate; na sua frente ouviam estalar alguma coisa, que parecia uma descarga.

Avançavam sempre.

No Bosque-da-Granja, um cavaleiro, sem chapéu, curvado sobre o cavalo, que parecia devorar o caminho, apareceu, fazendo de longe sinais de chamada. Apressaram a marcha; o regimento e o homem aproximaram-se.

O cavaleiro era o Sr. de Charny.

- Ao rei! Senhores, ao rei! - gritou ele do mais longe que poderiam ouvi-lo e levantando a mão.

- Ao rei! Viva o rei - gritaram ao mesmo tempo soldados e oficiais.

Charny tomou lugar entre as fileiras; expôs em quatro palavras a situação. O rei ainda estava em Varennes, quando o conde daí partiu; portanto, nem tudo ainda estava perdido.

Os cavalos estavam muito fatigados; mas isso que importava? Estavam fartos de aveia e sustentariam o passo; os homens estavam entusiasmados pelo discurso e pelos luíses do Sr. de Bouillé. O regimento avançou como um furacão, gritando: "Viva o rei!"

Em Crépy encontraram um sacerdote. Este padre era constitucional, e vendo toda aquela tropa que se precipitava para Varennes; exclamou:

- Vão! Vão! Felizmente chegarão muito tarde!

O conde Luís de Bouillé ouvi-o, e correu para ele com o sabre levantado.

- Desgraçado! - grita-lhe o pai - que fazes!

Com efeito, o jovem conde conhece que ia matar um homem indefeso, e que esse homem era um eclesiástico, duplicado crime; tira um pé do estribo e dá com ele no peito do sacerdote.

- Chegarão muito tarde - repetiu o sacerdote caindo no chão.

Continuaram o caminho amaldiçoando o profeta de desgraça.

Entretanto aproximavam-se a pouco e pouco do tiroteio.

Era o Sr. de Deslon e os seus setenta hussards, que combatiam com um número quase igual de homens da guarda nacional.

Carregaram sobre a guarda, dispersaram-na e passaram. Após isto o Sr. de Deslon diz-lhe que o rei tinha partido de Varennes às oito horas.

O senhor de Bouillé puxou pelo relógio e viu que eram nove horas menos cinco minutos.

Embora! não perderam toda a esperança: não convinha pensar em atravessar a cidade por causa das barricadas; costearam Varennes.

Deram a volta pela esquerda; pela direita era impossível, por causa da disposição do terreno.

À esquerda tinham que atravessar o rio; mas Charny afirmou que era vadeável.

Deixaram Varennes à direita e caminharam através dos campos.

Atacariam na estrada de Clermont a escolta, por mais numerosa que fosse; libertariam o rei, ou seriam mortos.

A dois terços do comprimento da cidade encontra-se o rio; Charny foi o primeiro a avançar com o seu cavalo; os srs. de Bouillé seguiram-no, os oficiais atrás destes, e os soldados atrás dos oficiais. Em pouco tempo o rio ficou encoberto pelos cavalos e militares; em dez minutos passaram a vau.

Esta passagem através da água corrente refrescou cavalos e cavaleiros. Acto contínuo tornaram a meter a galope, correndo a toda a brida pela estrada de Clermont.

Repentinamente, Charny que precedia a força, pelo menos vinte passos, pára e dá um grito.

Estava na margem de um canal muito fundo, do qual a superfície era ao nível da terra.

Tinha esquecido aquele canal, notado por ele nos seus trabalhos topográficos. O canal estende-se por muitas léguas, e por toda a parte apresenta a mesma dificuldade, que no sítio em

que estavam.

Se não o atravessassem imediatamente, nunca o atravessariam.

Charny para dar o exemplo lançou-se à água primeiro que todos.

O canal não era vadeável, mas o cavalo nadou vigorosamente para a outra margem do rio.

A margem é uma elevação escabrosa e escorregadia, na qual não puderam firmar-se bem as ferraduras do cavalo.

Por três ou quatro vezes Charny tentou subir; porém, apesar de toda a ciência do hábil cavaleiro, sempre o cavalo, depois de ter feito esforços desesperados, inteligentes, e quase humanos para saltar sobre a margem, escorregou por falta de apoio sólido para as mãos e tornou a cair na água, respirando custosamente e meio virado sobre o cavaleiro.

Charny conheceu que o que não pôde fazer o seu cavalo, animal de raça e de escolha, guiado por um entendido cavaleiro, não o conseguiriam os quatrocentos cavalos do esquadrão.

Era pois tentativa baldada; a fatalidade era mais poderosa, o rei e a rainha estavam perdidos! E logo que os não pôde salvar, só lhe restava um dever a cumprir: era perder-se com eles.

Tentou um último esforço inútil como os outros para ganhar a ribanceira; mas nesse esforço enterrou o sabre no lodo até ao meio da folha.

O sabre ficou ali como um ponto de apoio inútil ao cavalo, mas que serviu ao cavaleiro.

Efectivamente, Charny abandona estribos e rédeas e deixa o cavalo lutar só, com aquela água fatal; nada para o sabre, deita-lhe a mão, agarra-se a ele com força, e consegue depois de alguns esforços pôr-lhe o pé e arremessar-se para a rampa.

Então voltou-se, e do outro lado do canal viu os srs. de Bouillé pai e filho, chorando de raiva, e todos os soldados sombrios e imóveis, compreendendo quanto lhes seria inútil tentar passar aquele canal invencível, depois da luta mais que temerária que o denodado conde de Charny acabava de tentar à sua vista.

O senhor de Bouillé, especialmente, torcia os braços com desespero, ele cujas empresas todas até então, tinham logrado bom êxito; ele, cujas acções eram sempre coroadas de bom resultado; ele que no exército tinha dado origem ao provérbio: *Feliz como Bouillé!*

- Oh! Senhores - exclamou ele com uma voz dolorosa - digam ainda que sou feliz!

- Não, general - respondeu Charny do outro lado: - mas tranquilize-se e diga que fez tudo o que um homem pode fazer, e sendo eu que o diga, acreditar-me-ão... Adeus, general!

E a pé, através das terras, todo sujo de lodo, escorrendo água, desarmado do sabre que ficara no canal, sem pistolas, cuja pólvora estava molhada, Charny começou a andar, e desapareceu no meio dos grupos de árvores, que, como sentinelas avançadas da floresta, estavam já colocadas na estrada.

Esta estrada finalmente era aquela por onde conduziam o rei e a família real, prisioneiros; não havia mais que seguir para os encontrar.

Mas antes de a seguir, voltou-se pela última vez, vê na margem do canal maldito o Sr. de Bouillé e a sua tropa, que, apesar da impossibilidade bem conhecida de avançar, não puderam decidir-se a retirar.

Faz-lhe um último sinal perdido, depois avança pela estrada, dobra um cotovelo, e tudo desaparece.

Porém fica-lhe para o guiar o imenso rumor que o precede, e que se compõe de gritos, clamores, ameaças, risos e maldições de dez mil homens.

XVIII

A partida

Sabe-se como o rei partiu.

Entretanto falta-nos dizer algumas palavras tanto a respeito da partida como da jornada,

durante as quais veremos cumprir-se os diversos destinos dos fiéis servidores, e dos últimos amigos que a fatalidade, o acaso ou a dedicação tinham reunido em volta da monarquia moribunda.

Voltemos pois a casa do Sr. Sausse.

Charny tinha apenas tocado o solo, dissemos nós, quando a porta se abriu e Billot aparecera logo no limiar.

Tinha o rosto sombrio, as sobrancelhas franzidas, o olhar penetrante e investigador. Passou revista a todos os personagens do drama, mas no círculo, que percorreu com o olhar, só pareceu notar duas coisas:

A fuga de Charny era patente, o conde já ali não estava, e o Sr. de Damas fechava a janela sobre ele; inclinando-se para diante, Billot poderia ver o conde saltar o muro do jardim.

Depois, a espécie de pacto que acabava de concluir-se entre a rainha e o Sr. de Romeuf, que o mais que tinha podido prometer era permanecer neutro.

Atrás de Billot, a primeira casa estava cheia de homens do povo, armados de espingardas, foices e sabres, que a um gesto do lavrador haviam saído.

Além disso, esses homens pareciam arrastados instintivamente, por uma influência magnética, a obedecer àquele chefe plebeu como eles, e no qual adivinhavam um patriotismo igual ao deles, digamos melhor, um ódio igual ao seu.

Billot voltou a vista para trás de si, e cruzando-se com o olhar dos homens armados, convenceu-se de que podia contar com eles, mesmo no caso de ser preciso recorrer à violência.

- Então! - perguntou ele ao Sr. de Romeuf - estão decididos a partir?

A rainha lançou sobre Billot um desses olhares oblíquos, que teria reduzido a pó os imprudentes a quem ela o dirigisse, se lhe pudesse juntar o poder do raio.

Depois, sem responder, assentou-se, agarrando-se ao braço da cadeira, como se quisesse entrincheirar-se.

- El-rei pede ainda alguns instantes – respondeu Romeuf - ninguém dormiu durante a noite e suas majestades estão fatigadíssimas.

- Sr. de Romeuf - respondeu Billot - bem sabe que não é por suas majestades estarem cansadas que pedem alguns instantes, mas é porque esperam que durante esses alguns instantes o Sr. de Bouillé chegue. Porém - acrescentou ele com ironia - que suas majestades se acaulem, porque, se recusam vir por vontade, serão arrastados pelos pés até à carruagem.

- Miserável! - exclamou o Sr. de Damas, lançando-se sobre Billot com o sabre na mão.

Mas Billot voltou-se cruzando os braços.

Na realidade não tinha precisão de se defender; oito ou dez homens correram também para o segundo quarto e o Sr. de Damas viu-se ameaçado ao mesmo tempo por dez armas diferentes.

O rei viu que não era necessário mais do que um gesto, ou uma palavra de Billot para que os dois guardas de corpo, o Sr. de Choiseul, o Sr. de Damas e os dois ou três oficiais, que estavam ao pé dele fossem mortos.

- Está bem - disse ele - mande meter os cavalos à carruagem; partiremos.

A Sr^a. Brunier, uma das duas aias da rainha, deu um grito e desmaiou.

Esse grito acordou os meninos.

O delfim pôs-se a chorar.

- Ah! Senhor - disse a rainha dirigindo-se a Billot - não tem decerto filhos, visto ser cruel até esse ponto para com uma mãe.

Billot estremeceu; mas imediatamente com um sorriso amargo, disse:

- Não, senhora, não tenho filhos.

Depois ao rei:

- Não é necessário meter os cavalos à carruagem; já lá estão.

- Pois bem! Faça-a chegar.

- Está à porta.

O rei aproximou-se da janela e viu efectivamente a carruagem pronta. No meio do imenso motim, que faziam na rua, não a tinham ouvido chegar.

O povo viu o rei por entre os vidros.

Então um formidável grito, ou antes, uma formidável ameaça se elevou da multidão. O rei tornou-se pálido.

O Sr. de Choiseul, aproximando-se de Maria Antonieta, perguntou:

- Que manda vossa majestade? Eu, e os meus camaradas preferimos morrer a ver o que se passa aqui.

- Julga o Sr. de Charny salvo - perguntou em voz muito baixa e vivamente a rainha.

- Oh! Sim - disse o Sr. de Choiseul - por isso responderia eu.

- Pois bem! Partamos; mas em nome do Céu, ainda mais por si, do que por nós, não nos abandone, o senhor e os seus amigos!

O rei adivinhou o temor que tinha a rainha.

- É verdade - disse ele - os Sr.s de Choiseul e de Damas acompanham-nos, e não vejo onde estejam os seus cavalos.

- É verdade - disse o Sr. de Romeuf, dirigindo-se a Billot - não podemos impedir que estes senhores acompanhem o rei e a rainha.

- Esses senhores - disse Billot - acompanharão el-rei e a rainha se puderem. As nossas ordens são de reconduzir o rei e a rainha e não falam desses senhores.

- Mas eu - disse o rei com mais firmeza do que se podia esperar dele - declaro que não partirei, sem que estes senhores tenham os seus cavalos.

- Que dizem a isto - perguntou Billot voltando-se para os homens, que enchiam o quarto - o rei não partirá se estes senhores não tiverem os seus cavalos!

Os homens deram uma gargalhada.

- Vou mandá-los chegar - disse o Sr. de Romeuf.

O Sr. de Choiseul, avançando um pouco e embaraçando-lhe o caminho, disse:

- Não deixe suas majestades; a sua missão dá-lhe algum poder sobre o povo, e é da sua honra, que nem um cabelo caia da cabeça de suas majestades.

O Sr. de Romeuf parou.

Billot encolheu os ombros.

- Pois bem, disse; lá vou eu.

E foi o primeiro a sair.

Voltando-se porém no umbral da porta, acrescentou franzindo as sobrancelhas:

- Seguem-me, não é verdade?

- Oh! Esteja tranqüilo! - disseram os homens soltando uma gargalhada, a qual indicava que, em caso de resistência, nada havia a esperar da parte deles.

Com efeito chegados a esse ponto de irritação, aquela gente teria com toda a certeza empregado a violência contra a família real, ou feito fogo sobre qualquer, que tentasse fugir.

Por isso Billot nem sequer teve o trabalho de tornar a subir a escada.

Um dos homens que se colocou ao pé da janela, seguindo com os olhos todos os movimentos que se faziam na rua disse:

- Aí estão os cavalos! A caminho!

- A caminho! - repetiram os seus companheiros, com uma entoação que não admitia réplica.

O rei foi o primeiro.

Seguiu-se o Sr. de Choiseul, dando o braço à rainha; depois o Sr. de Damas, dando o braço à princesa Isabel; depois a Sr^a. de Tourzel com os dois meninos, e à roda deles, formando um grupo, o resto da pequena comitiva fiel.

O Sr. de Romeuf, como enviado da Assembléia Nacional, e por consequência, como revestido de um carácter sagrado, tinha ordem de vigiar particularmente a família real.

Mas convém dizê-lo, o Sr. de Romeuf, tinha muita precisão de que o vigiassem a ele.

Tinha-se espalhado a notícia terrível de que não só executara com fraqueza as ordens da Assembléia, mas que, senão activamente, pelo menos pela sua inércia, favorecera a fuga de um dos mais dedicados servidores do rei, o qual, segundo diziam, só tinha abandonado suas majestades para ir transmitir ao Sr. de Bouillé a ordem de vir o mais breve possível em seu socorro.

Resultou daí que, chegando à porta, enquanto o comportamento de Billot era exaltado por todo aquele povo, que parecia disposto a reconhecê-lo como único chefe, o Sr. de Romeuf ouviu murmurar à roda de si, acompanhadas de ameaças, as palavras *aristocrata* e *traidor*.

Subiram para as carruagens, seguindo a mesma ordem, que tinham observado para descer a escada.

Os dois guardas tomaram os seus lugares na almofada.

Ao descer, o Sr. de Valory aproximara-se do rei.

- Meu senhor - dissera - o meu camarada e eu vimos pedir a vossa majestade um favor.

- Qual, senhores - respondeu o rei admirado de que houvesse, em momento tão precário um favor de que ainda pudesse dispor.

- Visto que não podemos servir a vossa Majestade como militares, é de ocuparmos o lugar dos seus criados.

- Dos meus criados, senhores! - exclamou o rei; - é impossível!

O Sr. de Valory inclinou-se, e replicou:

- Meu senhor, na situação em que vossa majestade se acha, a nossa opinião é que este lugar faria honra a príncipes de sangue, e com muita maior razão a pobres fidalgos como nós.

- Pois bem, seja assim, senhores - disse o rei com as lágrimas nos olhos; - fiquem... Nunca nos abandonem.

Foi desta maneira que os dois mancebos, fazendo uma realidade da sua libré e das suas funções fictícias de correios, tinham tomado os seus lugares na almofada.

O Sr. de Choiseul fechou a portinhola da carruagem.

- Senhores - disse o rei - dou positivamente ordem de me conduzirem a Montmédy... Postilhões, a Montmédy!

Mas uma única voz, voz imensa, não a voz de uma única povoação, mas de dez povoações reunidas gritou:

- Para Paris! Para Paris!

Depois de um momento de silêncio, Billot, mostrando com a ponta do sabre o caminho que deviam seguir, disse:

- Postilhões, estrada de Clermont!

A carruagem pôs-se em movimento para obedecer a esta ordem.

- Tomo-os a todos por testemunhas de que me violentam! - disse Luís XVI.

Depois, o desventurado rei, abatido por este esforço de vontade, que excedia todos os que até ali tinha feito, caiu assentado no fundo da carruagem, entre a rainha e a princesa Isabel.

A carruagem continuou o seu caminho.

No fim de cinco minutos, e antes que tivesse andado duzentos passos, ouviram grandes gritos na retaguarda.

Pela disposição das pessoas, e talvez também pela dos temperamentos, a rainha foi a primeira a deitar a cabeça fora da portinhola. Mas, quase no mesmo instante, recolheu-se, cobrindo os olhos com as mãos.

- Oh! Desgraça sobre nós! - disse ela; - assassinam o Sr. de Choiseul!

O rei quis fazer um movimento, mas a rainha e a princesa Isabel puxaram-no para trás e fizeram-no tornar a assentar-se entre elas. Além disso, a carruagem acabava de voltar uma esquina, e era impossível ver o que se passava a vinte passos dali.

Eis o que se passava:

À porta do Sr. de Sausse, o Sr. de Choiseul e o Sr. de Damas tinham montado a cavalo; mas o cavalo do Sr. Romeuf, que tinha vindo na posta, desaparecera.

O Sr. de Romeuf, o Sr. de Floirac e o ajudante Foucq seguiam pois a pé, esperando achar cavalos dos dragões ou hussards, quer lhos oferecessem, quer os encontrassem nas cavalaria abandonados pelos donos, dos quais, pelo menos a maior parte, fraternizavam com o povo e bebiam pela Nação.

Mas não tinham dado quinze passos, quando o Sr. de Choiseul viu do postigo da carruagem que escoltava, que os srs. de Romeuf, de Floirac e Foucq, corriam o perigo de serem envolvidos, separados e assassinados pela multidão.

- O meu outro cavalo ao Sr. de Romeuf.

Apenas pronunciara estas palavras, o povo irrita-se, murmura e cerca-o gritando:

- É o duque de Choiseul, é dos que querem roubar o rei... À morte o aristocrata! À morte o traidor!

Sabe-se a rapidez com que nos movimentos populares o efeito segue a ameaça.

Arrancado da sela, o Sr. de Choiseul é deitado para trás e desaparece engolido no sorvedouro terrível, a que chamam multidão, e no qual, naquele tempo de paixões exaltadas, só se saía feito em pedaços.

Mas ao mesmo tempo que ele caía, cinco pessoas correram em seu socorro.

Eram os srs. de Damas, de Floirac, de Romeuf, o ajudante Foucq e o criado James Brisack, de cujas mãos acabavam de arrancar o cavalo, que ele segurava, e que tendo-as livres, podia empregá-las em serviço do amo.

Houve então um instante de refrega terrível, semelhante a um desses combates, que os povos da antiguidade, e nos nossos dias os árabes, dão em volta dos corpos ensangüentados dos feridos e dos mortos.

Contra toda a probabilidade, felizmente, o Sr. de Choiseul não estava morto, nem ferido, ou pelo menos, apesar dos golpes perigosos, que lhe tinham atirado, os seus ferimentos eram leves.

Um gendarme aparou no cano do mosquete um golpe de foice, que lhe dirigiam: James Brisack aparou outro com um pau, que tinha tirado a um dos assaltantes.

O pau quebrou-se como uma cana, mas o golpe, desviado da sua direcção, só feriu o cavalo do Sr. de Choiseul.

- A mim, dragões!

Alguns soldados correram a este grito, e tendo vergonha de deixar matar o homem, que os tinha comandado, abriram caminho até ele.

Então o Sr. de Romeuf avançou pessoalmente para a frente e exclamou:

- Em nome da Assembléia Nacional, de que sou representante, e do general Lafayette, por quem sou enviado, conduzam estes senhores à municipalidade.

Estas duas palavras: “Assembléia Nacional e o Sr. de Lafayette” gozavam então de toda a sua popularidade, e produziram o seu efeito.

- À municipalidade! À municipalidade! – gritaram muitas vozes.

Os homens de boa vontade fizeram um esforço, o Sr. de Choiseul e os seus companheiros foram arrastados para a casa da administração.

Gastaram mais de uma hora e meia para lá chegarem. Cada minuto dessa hora e meia foi uma ameaça, ou uma tentativa de morte. Toda a abertura que os seus defensores faziam em volta dos presos dava passagem à lâmina de um sabre, aos dentes de um forcado, ou ao ferro afiado de uma foice.

Finalmente, chegaram à casa da câmara. Um único empregado subalterno ficara assustadíssimo pela responsabilidade que pesava sobre ele.

Para se livrar dessa responsabilidade, ordenou que os srs. de Choiseul, de Damas e de Floirac fossem encarcerados, e ali foram guardados pela guarda nacional.

O Sr. de Romeuf declarou então que não queria deixar o Sr. de Choiseul, que se tinha exposto por sua causa a tudo que lhe acontecia.

A municipalidade ordenou portanto que o Sr. de Romeuf fosse também encarcerado.

A um sinal feito pelo Sr. de Choiseul ao seu criado, este que era pessoa muito insignificante, para que se ocupassem dele, eclipsou-se.

O seu primeiro cuidado (não esqueçamos que James Brisack era moço de cavalaria) foi tratar dos cavalos.

Soube que os cavalos, sãos e salvos, estavam numa estalagem, guardados por muitos facciosos.

Descansado sobre este ponto, entrou num botequim, pediu chá, uma pena e tinta, e escreveu à Sr^a. de Choiseul e à Sr^a. de Grammont, para as sossegar a respeito da sorte do filho e do sobrinho, que segundo toda a probabilidade, estava salvo, visto estar preso.

O pobre James Brisack avançava muito anunciando estas boas notícias. Sim, o Sr. de Choiseul estava preso; sim, estava num cárcere; sim, o Sr. de Choiseul estava debaixo da guarda da milícia urbana; porém, tinham-se esquecido de pôr sentinelas nas frestas do cárcere, e por elas atiravam sobre os presos amudados tiros de espingarda.

Foram portanto obrigados a refugiarem-se nos cantos.

Esta situação bastante precária durou vinte e quatro horas, durante as quais, o Sr. de Romeuf, com admirável dedicação, recusou abandonar os seus companheiros.

Finalmente, a 23 de Junho, tendo chegado a guarda nacional de Verdun, o Sr. de Romeuf obteve que os presos lhe fossem entregues, e só os deixou depois dos oficiais lhe darem a sua palavra de honra de velarem por eles até que estivessem nas prisões do tribunal superior.

Quanto ao pobre Isidoro Charny, arrastaram-lhe o corpo para a casa de um tecelão, onde mãos piedosas, mas estranhas, o sepultaram; menos feliz, nesse ponto, do que Jorge, que ao menos recebera os derradeiros cuidados das mãos fraternais do conde, e das mãos amigas de Gilberto e de Billot.

Naquele tempo ainda Billot era amigo dedicado e respeitoso. Temos visto, como essa amizade, essa dedicação, esse respeito, se mudaram em ódio, ódio tão implacável, quão profundos tinham sido a amizade, a dedicação e o respeito.

XIX

Via dolorosa

No entanto a família real continuava o seu caminho para Paris, seguindo a que podemos chamar “via dolorosa”.

Luís XVI e Maria Antonieta também tiveram o seu calvário! Remiram por essa paixão terrível as faltas da monarquia, como Jesus Cristo remiu a dos homens? É esse um problema que o presente ainda não resolveu, mas que o futuro talvez resolva.

Caminhavam lentamente, porque os cavalos mal podiam avançar ao passo da escolta, a qual, compondo-se pela maior parte, conforme dissemos, de homens armados de foices, forcados, espingardas, chuços e manguais, completava-se com inúmera quantidade de mulheres e de crianças; mulheres que elevavam os filhos acima da cabeça para lhes fazerem ver esse rei, que conduziam à força para a sua capital, e que provavelmente nunca teriam visto se não fosse aquela circunstância.

E no meio dessa multidão, que enchia a estrada, trasbordando dos dois lados para a planície, a carruagem do rei, seguida pelo cabriolé das Sr^{as}. de Brunier e de Neuville, parecia um navio, seguido pela sua lancha, e perdido no meio de furiosas vagas, prestes a engoli-lo.

De tempos a tempos uma circunstância inesperada fazia, permita-se-nos que prossigamos no símile, que aquela tormenta recobrasse novas forças; os gritos, as imprecações e as ameaças redobravam, aquelas vagas humanas agitavam-se, elevavam-se, baixando-se, subindo como uma cheia, e às vezes nos seus abismos ocultavam inteiramente o navio, que a custo as fendia com a proa, os naufragos que ele levava, e a frágil lancha que rebocava.

Chegaram a Châlons sem terem visto diminuir a terrível escolta, conquanto tivessem

andado perto de quatro léguas. Alguns dos homens que a compunham, e a quem as suas ocupações chamavam para suas casas, eram substituídos pelos que corriam dos arredores, e que queriam também gozar o espectáculo de que os outros estavam saciados.

Entre todos os cativos, que conduzia a prisão ambulante, dois estavam mais particularmente expostos à cólera da multidão e eram o alvo das suas ameaças; eram os desgraçados guardas que iam assentados na ampla almofada da carruagem. A cada instante, e era esse um modo de ferirem a família real, a quem a ordem da Assembléia tornava inviolável, dirigiam-lhe as baionetas aos peitos e às cabeças ou introduziam pelos intervalos algumas foices, que eram realmente as da morte, ou alguma lança como uma serpente pérfida, que ia morder com o seu dardo agudo as carnes vivas, sendo depois retiradas por um movimento quase tão rápido, para mostrar que manejavam aquelas armas com tanta perícia que não erravam o golpe, e cheios de satisfação patenteavam-nas então à população tintas de sangue.

De repente, viu-se com espanto um homem sem chapéu, sem armas, e com o fato sujo de lodo afastar a multidão, depois de ter simplesmente feito uma saudação ao rei e à rainha, com todo o respeito, precipitar-se sobre o jogo dianteiro da carruagem, e tomar lugar na almofada entre os dois oficiais.

A rainha soltou um grito, ao mesmo tempo de receio, de alegria e de dor.

Tinha reconhecido Charny.

De receio, porque o que ele fazia à vista de todos era de tal modo audacioso, que era um milagre ter conseguido tomar aquele perigoso lugar sem ter sido ferido.

De alegria, por ver que ele escapara aos perigos desconhecidos que devia ter corrido na sua fuga, perigos tanto maiores, quanto a realidade, sem lhe especificar nenhum, deixava à imaginação pintar-lhe ainda os mais medonhos.

De dor, porque compreendia, que desde o momento que tornava a ver Charny só e naquele estado, devia sem dúvida renunciar a todo o socorro do Sr. de Bouillé.

Além disso, a multidão, espantada pela audácia daquele homem, parecia tê-lo respeitado mesmo por causa dessa audácia.

Ao ruído que se fizera em volta da carruagem, Billot que caminhava a cavalo na frente da escolta, voltou-se e conheceu também Charny.

- Ah! - murmurou ele - estimo bem que nada lhe acontecesse... Porém, desgraçado do insensato, que tentasse agora agredi-lo porque decerto pagaria por dois.

Chegaram a Sainte-Menehould perto das duas horas da tarde.

A privação do sono durante a noite da fuga, as fadigas e comoções da noite que acabavam de passar, tinham actuado sobre toda a família real, e particularmente sobre o delfim. Chegando a Sainte-Menehould, a pobre criança estava atacada de uma febre terrível.

O rei ordenou que parassem.

Desgraçadamente, de todas as cidades situadas no caminho, Sainte-Menehould era talvez a cidade mais ardentemente levantada contra a desgraçada família que conduziam presa.

Portanto não fizeram caso nenhum da ordem do rei, e uma ordem contrária foi dada por Billot para que metessem novos cavalos à carruagem.

Obedeceram.

O delfim chorava, e por entre soluços perguntava:

- Porque não me despem e não me deitam na minha cama, se estou doente?

A rainha não pôde resistir a estas queixas, e o seu orgulho foi por um instante quebrado.

Levantou nos braços o jovem príncipe, lavado em lágrimas e a tremer, mostrando-o ao povo, disse:

- Ah! Senhores, por dó deste menino, parem!

Porém os cavalos estavam já metidos à carruagem.

- A caminho! - gritou Billot.

- A caminho! - repetiu o povo.

E no momento em que o lavrador passava junto da portinhola para ir retomar o seu lugar

na frente do cortejo, a rainha exclamou dirigindo-se a ele:

- Ah! Senhor - repito-lhe decerto não tem filhos!

- E eu respondo-lhe - disse Billot com o olhar sombrio, e com voz cavernosa - que os tive e que já os não tenho...

- Façam pois o que quiserem - disse a rainha - são os mais fortes... Mas, tomem cuidado! Não há voz que grite mais alto “Maldição!” do que a débil voz das crianças!

O cortejo continuou o seu caminho.

O atravessar da cidade foi cruel; o entusiasmo que excitava a vista de Drouet, a quem era devida a prisão dos fugitivos, teria sido para eles uma terrível lição, se houvesse lição possível para os reis; porém naqueles gritos Luís XVI e Maria Antonieta só viam cego furor; naqueles homens patriotas, convencidos de que salvavam a França, o rei e a rainha só viam rebeldes.

O rei estava aterrado; o suor da vergonha e da cólera corriam pela fronte da rainha; a princesa Isabel, anjo do Céu perdido sobre a terra, orava em voz baixa, não por ela, mas por seu irmão, por sua cunhada, por seus sobrinhos e por todo esse povo. A santa senhora não sabia separar os que considerava vítimas, dos que julgava algozes, e uma única oração punha a uns e outros aos pés do Senhor.

À entrada de Sainte-Menehould, a multidão que, semelhante a uma inundação, cobria toda a planície, não coube toda na rua estreita. Trasbordou para os dois lados da cidade, e contornou-a exteriormente; porém, como só se demorariam em Sainte-Menehould o tempo necessário para tomarem mudas, na outra extremidade da cidade essa onda tumultuosa voltou com mais ardor a quebrar-se contra a carruagem.

O rei julgava (e fora esse juízo que talvez o impelira num mau caminho) que só em Paris os espíritos estavam extraviados, fiava-se na sua boa província; agora a sua boa província não só lhe escapava, senão que se voltava sem piedade contra ele. A província tinha assustado o Sr. de Choiseul na ponte de Sommeville; prendera o Sr. Dandoins em Sainte-Menehould; atirara sobre o Sr. de Damas em Clermont, e acabava por matar Isidoro à vista do rei. Tudo se pronunciava contra essa fuga, até os próprios padres, dos quais o cavaleiro de Bouillé derrubara um com o seu cavalo no meio da estrada.

E ainda seria pior, se o rei pudesse ter visto o que se passava nas cidades e aldeias, onde chegava a notícia de que fora preso. Imediatamente as populações se levantavam em peso: as mulheres tomavam nos braços as crianças de berço; as mães conduziam pela mão as que andavam; os homens carregavam-se de armas, tantas quantas possuíam, ou prendendo-as em volta do corpo, ou levando-as aos ombros. Chegavam assim decididos, não a escoltarem o rei, mas a matá-lo, aquele rei que, no momento da colheita (triste colheita, a da pobre Champanhe, tão pobre que na sua linguagem expressiva, o povo lhe chamava a *piolhosa de Champanhe*!), ia buscar, para que a pisassem às patas dos seus possantes cavalos, os ratoneiros e os hussards ladrões! Porém três anjos velavam sobre a carruagem real: o pobre delfim, doente e todo trémulo no colo da mãe; a princesa real, que linda com a brilhante formosura das crianças russas, ia de pé à portinhola, olhando para tudo o que se passava; com os olhos espantados, mas firmes, e finalmente a princesa Isabel, já na idade de vinte e sete anos, mas a quem a castidade da alma e do corpo teciam em volta da fronte a auréola da mais pura mocidade. Aqueles homens viam tudo isso, depois o rei abatido, a rainha curvada sobre o filho, e a cólera desaparecia-lhes, pedindo outros objectos em que pudesse descarregar-se. Gritavam contra os guardas, injuriavam-nos, chamavam àqueles nobres e dedicados corações, corações de cobardes e traidores; e depois, sobre todas essas cabeças exaltadas, a maior parte descobertas e esquentadas pelo mau vinho das tabernas. Caía em cheio o Sol de Junho, descrevendo íris de chamas sobre a ténue poeira que o extenso cortejo levantava ao longo da estrada.

Que teria dito aquele rei, que talvez se iludisse ainda, se tivesse visto um homem partir de Mézières, com a espingarda ao ombro, caminhar sessenta léguas em três dias para matar o rei, alcançá-lo em Paris, e vendo-o tão infeliz e tão humilhado, abanar a cabeça e renunciar ao seu projecto.

Que diria se tivesse visto um rapaz marceneiro, que julgava que depois da fuga do rei seria imediatamente posto em processo e condenado, partir do fundo da Borgonha, correndo pelas estradas, para assistir ao julgamento e ouvir a sentença?

No caminho um mestre do seu ofício explicou-lhe que isso seria mais demorado do que ele julgava, e deteve-o para fraternizar com ele; o marceneiro demorou-se em casa do mestre, e acabou por casar com a filha dele.³

O que via Luís XVI era talvez mais expressivo, porém menos terrível, porque já dissemos como um triplice escudo de inocência afastava dele a cólera, voltando-a contra os seus servidores.

Saindo de Sainte-Menehould, talvez a meia légua da cidade, viram chegar através dos campos, a grande galope, um velho fidalgo, cavaleiro de S. Luís, cuja venera trazia ao peito.

Por um instante, sem dúvida, o povo julgou que aquele homem corria, levado pela simples curiosidade, e abriu-lhe caminho; o velho fidalgo aproximou-se da portinhola com o chapéu na mão saudando o rei e a rainha, e tratando-os por *majestades*. O povo acabava de conhecer onde estava a força real, e a verdadeira majestade; indignou-se por ouvir dar aos seus prisioneiros um título, que lhe era devido a ele, e começou a resmungar e a ameaçar.

O rei já aprendera a conhecer aqueles rugidos: tinha-os ouvido em volta da casa de Varennes, e adivinhava-lhes a significação.

- Senhor - disse ele ao velho cavaleiro de S. Luís - eu e a rainha estamos muito comovidos pela prova de afeição que acaba de nos dar de modo tão público; porém em nome do Céu, afaste-se, porque a sua vida está em perigo!

- A minha vida pertence a vossa majestade, e o meu último dia será o mais belo, se morrer pelo meu rei!

Alguns ouviram estas palavras e murmuraram mais alto.

- Retire-se, senhor! Retire-se - gritou o rei.

Depois, debruçando-se na carruagem, disse:

- Meus amigos, dêem passagem ao Sr. de Dampierre.

Os mais próximos, aqueles que ouviram o pedido do rei, cederam e deram passagem; desgraçadamente, um pouco mais longe, cavalo e cavaleiro acharam-se apertados por todos os lados, o cavaleiro excitou o cavalo com as esporas e o freio; porém a multidão era de tal modo compacta, que não era senhora dos seus movimentos; algumas mulheres pisadas gritavam; uma criança assustada chorava; os homens mostravam os punhos cerrados e o obstinado velho fez-lhes frente.

Então as ameaças mudaram-se em rugidos; rebentou a grande cólera popular e leonina...

O Sr. Dampierre estava já sobre a orla daquela floresta de homens; meteu esporas ao cavalo; o cavalo saltou valorosamente o fosso, e partiu a galope através dos campos.

Neste momento o velho fidalgo voltou-se e tirando o chapéu gritou:

- Viva el-rei!

Última homenagem ao seu soberano, mas também último insulto a esse povo.

Ouviu-se um tiro de espingarda.

Ele tirou então uma pistola da sela e retribuiu imediatamente tiro por tiro.

Então todos os que possuíam uma arma carregada atiraram ao mesmo tempo sobre aquele insensato.

O cavalo, crivado de balas, caiu.

O homem teria sido ferido ou morto por essa horrível descarga?

Nunca se soube.

O certo é que a multidão correu como um turbilhão para o lugar, onde tinham caído o homem e cavalo, a uns cinquenta passos distante da carruagem do rei; depois sentiu-se um desses tumultos, como se sentem à roda dos cadáveres, movimentos desordenados, um caos informe, um turbilhão de gritos e de clamores; depois de repente, na ponta de um chuço, viu-se elevar uma

³ Esta anedota é narrada por Michelet, o historiador poético e pitoresco; diz o nome até dos dois heróis. A majestade da narração permitia-lho.

cabeça, coberta de cabelos brancos.

Era a do desgraçado cavaleiro de Dampierre!

A rainha soltou um grito e caiu no fundo da carruagem quase desfalecida.

- Monstros! Canibais! Assassinos! - murmurou o conde de Charny.

- Cale-se! Cale-se, Sr. conde! - disse Billot – aliás não respondo pelo senhor.

- Embora - disse Charny - estou cansado da vida... Que pior me pode acontecer do que ao meu pobre irmão?

- Seu irmão - disse Billot - era criminoso e o senhor está longe de o ser.

Charny fez um movimento para saltar abaixo da almofada; os dois oficiais agarraram-no; vinte baionetas se voltaram contra ele.

- Amigos! - disse Billot, com a sua voz forte e imponente - por mais que faça ou diga este, e apontou para Charny, proíbo que lhe toquem num só cabelo da cabeça... Respondo por ele a sua mulher.

- A sua mulher! - murmurou a rainha estremecendo, como se uma dessas baionetas, que ameaçavam Charny, a tivesse picado no coração; - a sua mulher! Por quê?

Por quê? O próprio Billot não o poderia dizer. Invocara o nome e a imagem da mulher de Charny, sabendo quão poderosos são esses nomes sobre a multidão, que se compõe sempre, pela maior parte, de pais e maridos.

XX

Via dolorosa

Chegaram tarde a Châlons. A carruagem entrou no pátio da intendência. Tinham sido enviados adiante correios para que mandassem preparar as pousadas.

O pátio estava cheio pela guarda nacional e pelos curiosos.

Foram obrigados a afastar os espectadores para que o rei pudesse apeiar-se.

O rei foi o primeiro a descer, depois a rainha levando o delfim nos braços, depois a princesa Isabel e a infanta, e finalmente a Sr^a. de Tourzel.

No momento em que Luís XVI punha o pé no estribo, dispararam uma arma e a bala assobiou aos ouvidos do rei.

Havia nesse tiro uma intenção regicida, ou era um simples acaso?

- Bom! - disse o rei, voltando-se com muito sossego - aí está um desastrado, que deixou disparar a espingarda! Depois em voz alta, acrescentou:

- É preciso terem mais cuidado, senhores; de um instante para o outro pode acontecer algum desastre escusadamente!

Charny e os dois oficiais seguiram sem constrangimento a família real e subiram atrás dela.

Porém, já pondo de parte o aziago tiro de espingarda, parecera à rainha que entrava numa atmosfera mais suave: na porta, onde parara o cortejo tumultuoso da estrada real, tinham também cessado os gritos; um certo murmúrio de compaixão se fizera até ouvir no momento em que a família real descera da carruagem. Chegando ao primeiro andar, encontraram uma mesa, tão sumptuosa quanto possível, e servida com tal elegância, que os presos olharam uns para os outros com espanto.

Lá estavam alguns criados esperando; porém Charny reclamou para si e para os dois oficiais o privilégio do serviço. Debaixo dessa humilhação, que hoje poderia parecer estranha, ocultava-se o desejo de se não afastar do rei, de ficar junto dele e pronto para o que pudesse acontecer.

A rainha compreendeu-o; porém nem sequer se voltou para o lado dele, nem lhe agradeceu com a mão, com a vista ou com a voz. As palavras de Billot: “Respondo por ele a sua mulher!” rugiam como uma tempestade no fundo do coração de Maria Antonieta.

Charny, que ela julgava arrebatada de França, que julgava expatriar consigo, voltava com ela para Paris e ia tornar a ver Andréia.

Ele, pela sua parte, ignorava o que se passava no coração da rainha, ignorava que tivesse ouvido aquelas palavras; e além disso o seu espírito começava a conceber algumas esperanças.

Como dissemos, Charny fora mandado com antecedência explorar o caminho, para poder desempenhar a sua missão convenientemente; sabia portanto qual era o espírito da aldeia mais insignificante. Ora Châlons, antiga cidade sem comércio, povoada de burgueses, de proprietários e de fidalgos, era pela maior parte uma cidade realista.

Resultou que apenas os augustos convivas se assentaram à mesa, o seu hospedeiro, o intendente do departamento, adiantou-se, e inclinando-se diante da rainha, que nada esperava já de bom e olhava para ele com inquietação, disse:

- Senhora, as meninas de Châlons solicitam a graça de virem oferecer as suas flores a vossa majestade.

A rainha voltou-se muito admirada para a princesa Isabel, e depois para o rei, dizendo:

- Flores!

- Senhora - continuou o intendente - se o momento é mal escolhido, ou a pretensão demasiado ousada, vou dar ordem para que não subam.

- Oh! Não, não, senhor! Pelo contrário – exclamou a rainha; - donzelas, flores... Oh! Por Deus, deixe entrar!

O intendente retirou-se, e um instante depois, doze meninas de catorze a dezesseis anos, as mais lindas que se tinham encontrado na cidade, apareceram na antecâmara e pararam no limiar da porta.

- Oh! Entrem, entrem, minhas filhas! – exclamou a rainha estendendo-lhes os braços.

Uma das meninas intérprete, não só das suas companheiras, mas também da sua família e da cidade toda, tinha decorado um belo discurso, que se dispunha a repetir, porém àquele gesto da rainha, ao ver-lhe os braços abertos e a comoção da família real, a pobre criança só encontrou lágrimas, que eram a expressão da opinião e dos sentimentos gerais.

- Oh! Vossa majestade... Que desgraça!

A rainha pegou no ramalhete e abraçou a menina.

Durante esse tempo, Charny, inclinando-se ao ouvido do rei, disse-lhe em voz baixa:

- Meu senhor, talvez se possa tirar um bom partido desta cidade; talvez não esteja ainda tudo perdido... Se vossa majestade me concede licença por uma hora, descerei, e lhe relatarei depois o que tiver visto, ouvido e talvez que até feito.

- Vá, senhor - disse o rei - mas seja prudente; se lhe acontecesse alguma desgraça, nunca me consolaria... Ai de mim! São já demais dois mortos na mesma família.

- Meu senhor, a minha vida pertence a el-rei, como pertencia a dos meus irmãos.

E saiu.

Porém, saindo, enxugava uma lágrima.

Era necessária a presença da família real para fazer desse homem de coração firme, mas terno, o homem estóico que afectava parecer. Achando-se só consigo mesmo, achava-se em frente da sua dor.

- Pobre Isidoro! - murmurava ele.

E apertou com a mão o peito para ver se estavam ainda na algibeira da casaca os papéis, que o Sr. de Choiseul lhe entregara, e que tendo sido encontrados no cadáver do irmão, ele tencionava ler, no primeiro momento de sossego, com a mesma religião com que lia um testamento.

Depois das donzelas, a quem a princesa abraçou como irmãs, apresentaram-se os pais; eram quase todos, como dissemos, ou dignos burgueses, ou velhos fidalgos, que vinham tímida e humildemente pedir a graça de cumprimentarem os seus soberanos desgraçados.

O rei levantou-se assim que os avistou, e a rainha com a sua voz mais suave, disse-lhes:

- Entrem!

Estavam em Châlons ou em Versalhes? Era apenas algumas horas antes, que os prisioneiros tinham visto, com os seus próprios olhos, degolar o desgraçado Sr. de Dampierre!

Passada meia hora, Charny tornou a entrar.

A rainha vira-o sair, e vira-o voltar; porém, seria impossível ao observador mais perspicaz ler-lhe no rosto o efeito produzido na alma, tanto à entrada como à saída do conde.

- Então? - perguntou o rei inclinando-se para Charny.

- Então, meu senhor - respondeu o conde - tudo vai o melhor possível; a guarda nacional oferece-se para conduzir amanhã vossa majestade até Montmédy.

- Então - disse o rei - decidiu alguma coisa?

- Sim, meu senhor, de acordo com os principais chefes... Amanhã, antes de partir, el-rei pedirá para ouvir missa; não podem recusar isto a vossa majestade, porque é o dia do Corpo de Deus. A carruagem esperará el-rei à porta da igreja; à saída, el-rei subirá para a carruagem, os vivos rebentarão então, e no meio deles el-rei dará ordem de virar os cavalos para Montmédy.

- Muito bem - disse Luís XVI; - agradeço-lhe senhor de Charny. Se daqui até amanhã nada estiver mudado, faremos como diz. Mas vão descansar um pouco, o senhor e os seus companheiros, que devem ter ainda maior necessidade do que nós.

Como bem se compreende, a recepção das donzelas, dos burgueses e dos excelentes fidalgos, não se prolongou muito pela noite adiante: o rei e a família real recolheram-se às nove horas.

Quando entraram nos aposentos que lhe estavam destinados, uma sentinela que estava à porta recordou ao rei e à rainha que continuavam a ser prisioneiros.

Todavia a sentinela apresentou-lhes a arma.

Pelo movimento preciso com que foi feita esta homenagem à majestade real, mesmo cativa, o rei conheceu um velho soldado.

- Onde serviu? - perguntou ele à sentinela.

- Nas guardas francesas.

- Então - continuou o rei com um tom seco - não me admira de o ver aí.

Luís XVI não podia esquecer que no dia 13 de Julho de 1789 as guardas francesas se tinham unido ao povo.

O rei e a rainha entraram no seu quarto; a sentinela estava mesmo à porta do quarto de dormir.

Uma hora depois, saindo de sentinela, o soldado pediu para falar ao chefe da escolta. O chefe era Billot.

Ceara na rua com os homens que tinham vindo de diferentes aldeias situadas à beira da estrada, e procurava determiná-los a ficarem até ao outro dia.

Mas pela maior parte, aqueles homens tinham visto o que queriam, isto é, o rei, e mais de metade não renunciavam a festejar o Corpo de Deus na sua aldeia.

Billot esforçava-se em demorá-los porque as disposições da cidade aristocrata o inquietavam.

Os homens do campo respondiam-lhe:

- Se não voltarmos para as nossas casas, quem festejará lá amanhã Nosso Senhor, e estenderá os panos diante das nossas casas?

Foi no meio desta ocupação, que veio procurá-lo a sentinela. Ambos conversaram em voz baixa e de um modo bastante animado.

Billot mandou depois procurar Drouet.

A mesma conversação em voz baixa, animada e cheia de gestos significativos se renovou.

Em consequência desta conversação, Billot e Drouet dirigiram-se a casa do mestre da posta, amigo deste último.

O mestre da posta mandou-lhes selar dois cavalos, e dez minutos depois, Billot galopava na estrada de Reims, e Drouet na de Vitry-le-Français.

Chegou o dia; apenas estavam uns seiscentos homens da escolta, os mais encarniçados ou

os mais cansados.

Tinham passado a noite nas ruas, sobre molhos de palha, que lhes tinham dado. Acordando aos primeiros raios do dia viram uma dúzia de homens uniformizados, que entravam na intendência, e que pouco depois saíam, correndo.

Tinha havido em Châlons, um quartel das guardas da companhia de Villeroy; uma dúzia desses senhores moravam na cidade.

Acabavam de receber as ordens de Charny.

Charny tinha-lhes dito que vestissem as suas fardas e se apresentassem a cavalo diante da porta da igreja no momento da saída do rei.

Tinham ido preparar-se para esse fim.

Como já dissemos, alguns dos aldeões, que na véspera tinham servido na escolta ao rei, não se tinham retirado na noite antecedente, porque estavam cansados; porém pela manhã contaram as léguas: uns estavam a dez, outros a doze, e poucos a quinze das suas casas.

Cem ou duzentos partiram por mais que os companheiros instassem para que ficassem.

Os fiéis acharam-se pois reduzidos a uns quatrocentos, quatrocentos e cinquenta quando muito.

Ora podiam, pelo menos, contar com um número igual de guardas nacionais dedicados ao rei, sem contar os guardas reais e os oficiais, que se deviam recrutar, espécie de batalhão sagrado, pronto a dar exemplo, expondo-se a todos os perigos.

E além disso, como se sabe, a cidade era aristocrática.

Pela manhã, desde as dez horas, os habitantes mais dedicados à causa realista, estavam esperando a pé no pátio da intendência; Charny e os dois guardas estavam no meio deles e esperavam também.

O rei levantou-se às sete horas, e mandou dizer que tinha tenção de assistir à missa.

Procuraram Drouet e Billot para lhes participarem o desejo do rei; porém não encontraram nem um nem outro.

Portanto nada se opunha a que se satisfizesse esse desejo.

Charny subiu ao quarto do rei e anunciou-lhe a ausência dos dois chefes da escolta.

O rei contentou-se com isso, mas Charny abanou a cabeça.

Se não conhecia Drouet, pelo menos conhecia bem Billot.

Porém tudo parecia favorável. As ruas estavam atulhadas de gente, mas era fácil de ver que toda aquela população era simpática.

Enquanto as persianas do quarto do rei e da rainha estiveram fechadas, a multidão, para não perturbar o sono dos prisioneiros, tinha circulado com pequeno ruído, e com passos cautelosos, levantando as mãos e os olhos para o Céu, e tão numerosa, que apenas se viam, perdidos por entre ela, os quatrocentos ou quinhentos aldeões, que tinham preferido não voltar para as suas aldeias.

Porém, apenas se abriram as tabuinhas das janelas dos augustos esposos, os gritos de: “Viva o rei!” e “Viva a rainha!” ressoaram com tal energia, que, sem terem comunicado o seu pensamento, espontaneamente, o rei e a rainha apareceram ao mesmo tempo na janela.

Então os gritos foram unânimes, e uma última vez ainda esses dois condenados pelo destino puderam iludir-se com a esperança.

- Tudo vai bem! - disse Luís XVI de uma janela para a outra, onde Maria Antonieta levantou os olhos ao Céu e não respondeu.

Neste momento as badaladas do sino anunciaram a abertura da igreja.

Depois, ao mesmo tempo, Charny bateu levemente à porta.

- Está bom! - disse o rei - estou pronto, senhor.

Charny lançou um olhar rápido sobre o rei; estava sossegado, quase firme; tinha sofrido tanto que, à força de sofrer muito, parecia ter perdido a irresolução.

A carruagem esperava à porta.

O rei e a família real subiram, rodeados por uma multidão, pelo menos, tão considerável

como na véspera; porém, em lugar de insultar os prisioneiros, a multidão pedia-lhes uma palavra, um olhar, e julgava-se feliz por tocar o fato do rei, ou ativar por beijar a cauda do vestido da rainha.

Os três oficiais retomaram os seus lugares na almofada.

O cocheiro recebeu ordem de conduzir a carruagem para a igreja e obedeceu sem fazer a menor observação.

Além disso, de onde poderia vir a contra-ordem? Os dois chefes continuavam a estar ausentes.

Charny olhava para todos os lados e procurava em vão Billot e Drouet.

Chegaram à igreja.

A escolta dos camponeses tomara do mesmo modo o seu lugar à roda da carruagem; mas a cada momento, o número dos guardas nacionais aumentava, à esquina de cada rua desfilavam por companhias.

Chegando à igreja, Charny calculou que podia dispor de seiscentos homens.

Tinham reservado lugares para a família real sob uma espécie de dossel, e ainda que só fossem oito horas da manhã, os padres começaram uma missa cantada.

Charny estimou isto. Nada receava tanto como uma demora, que podia ser mortal para as esperanças, que recuperara. Mandou prevenir o oficiante de que era muito essencial que a missa não durasse mais de um quarto de hora.

- Compreendo - respondeu o padre - e vou orar a Deus para que conceda a suas majestades uma feliz jornada.

A missa durou exactamente o tempo indicado, e todavia Charny, consultou mais de vinte vezes o relógio. O próprio rei não podia ocultar a sua impaciência: a rainha, de joelhos entre os dois filhos, encostava a cabeça sobre a almofada do genuflexório; a princesa Isabel, tranqüila e serena, como uma estátua da Virgem de alabastro, fosse porque ignorasse o projecto, fosse por que tivesse já entregue a sua vida e a do seu irmão entre as mãos do Senhor, não dava sinal algum de impaciência, encontrava-se como alheia ao que se passava.

Finalmente, o padre, voltando-se pronunciou as palavras sacramentais: *Ite, missa est.*

E descendo os degraus do altar, com o santo cibório na mão, abençoou, ao passar junto deles, o rei e a família real.

Estes inclinaram-se, e ao desejo que se formulava no coração do padre, responderam em voz baixa: *Amém.*

Depois dirigiram-se para a porta.

Todos os que acabavam de ouvir a missa com eles, ajoelharam à sua passagem; os lábios moviam-se sem que som algum saísse das bocas; porém era fácil adivinhar tudo que pediam aqueles lábios mudos.

À porta da igreja encontraram os dez ou doze guardas a cavalo.

A escolta realista começava a tomar proporções colossais. E todavia era evidente que os homens do campo com as suas rudes vontades, com as suas armas, menos mortais talvez do que as dos cidadãos, porém mais terríveis à vista, porque um terço estava armado de espingardas e o resto de foices e chuços, era evidente, que esses homens do campo podiam, no momento decisivo, pesar de um modo fatal na balança.

Não foi portanto sem certo receio que Charny, inclinando-se para o rei, a quem pediu as suas ordens, lhe disse para o animar:

- Vamos, meu senhor...

O rei estava decidido.

Passou a cabeça por cima da portinhola, e dirigindo-se aos que cercavam a carruagem, disse:

- Senhores, ontem em Varennes violentaram-me; eu dera ordem de ir para Montmédy, e à força conduziram-me para uma capital revoltada. Porém, ontem estava cercado de rebeldes, hoje estou no meio de bravos e fiéis súbditos, e portanto repito: para Montmédy, senhores!

- Para Montmédy! - bradou Charny.
 - Para Montmédy! - repetiram os guardas da companhia de Vileroy.
 - Para Montmédy - repetiu depois toda a guarda nacional de Châlons.
- Depois um coro geral soltou o grito de:
- Viva el-rei!

A carruagem voltou a esquina da rua e retomou o caminho que tinha seguido na véspera.

Charny não desviava os olhos de toda aquela população das aldeias. Parecia, na ausência de Billot e Drouet, comandada por aquele soldado da guarda francesa, que tinha estado de sentinela à porta do quarto do rei; ele seguiu e fez seguir o mesmo movimento pela sua gente, cujo olhar sombrio e silencioso indicava que gostavam pouco da manobra que se executava.

Porém deixaram passar adiante toda a guarda nacional, fechando o cortejo, e formando-lhe a retaguarda.

Nas primeiras fileiras marchavam os homens armados de chuços, de forcados e de foices.

Depois seguiam-se perto de cento e cinqüenta homens armados de espingardas.

Esta manobra, tão bem executada, como se fosse por tropas regulares, inquietou Charny, porém não havia meio de se lhe opor, e no lugar em que estava nem sequer podia pedir explicação dela.

Porém esta explicação em breve se apresentou.

À medida que avançavam para as portas da cidade, parecia, que apesar do ruído da carruagem, e apesar dos rumores e gritos dos que a acompanhavam, ouvia-se alguma coisa parecida com um trovão surdo, que ia aumentando.

- Tudo está perdido! - disse ele.
- Por quê? - perguntou o guarda que ia na almofada.
- Então não conhece aquele ruído?
- Parece o rufar do tambor... Então?
- Então, já vai ver! - disse Charny.

Neste momento, voltando uma esquina, entraram numa praça: duas outras ruas desembocavam nessa praça, a rua de Reims e a de Vitry-le-Français. Por cada uma dessas duas ruas, com os tambores na frente, com as bandeiras desfraldadas, avançavam duas forças consideráveis de guardas nacionais.

Cada uma dessas forças parecia dirigida por um homem a cavalo.

Um desses homens era Drouet, o outro era Billot.

Charny não precisou mais do que lançar um olhar sobre a direcção que seguia cada uma dessas forças para compreender tudo.

A ausência de Billot e Drouet, inexplicável até então, explicava-se agora muito claramente.

Sem dúvida tinham sido prevenidos do que se tramava em Châlons: tinham partido um para ir apressar a chegada da guarda nacional de Reims, o outro para ir buscar a guarda nacional de Vitry-le-Français.

As suas medidas tinham sido tomadas de combinação; ambos chegavam a tempo.

Mandaram fazer alto às suas tropas nas entradas das praças que tapavam completamente.

Depois, sem outra demonstração, deram ordem de carregar as armas.

O cortejo parou.

O rei deitou a cabeça fora da portinhola.

Viu Charny em pé, muito pálido e com os dentes cerrados.

- Que aconteceu? - perguntou o rei.
- Os nossos inimigos foram buscar reforço, e como vê, carregam as armas... ao passo que na retaguarda da guarda nacional de Châlons, os camponeses estão com as suas armas já carregadas!

- Que lhe parece isto, Sr. de Charny?

- Parece-me, meu senhor, que estamos metidos entre dois fogos, o que não impedirá

vossa majestade de passar, se quiser... Mas até onde irá vossa majestade? Realmente não o sei!

- Está bem - disse o rei - voltemos para trás.

- Vossa majestade está bem decidido?

- Sr. de Charny, já tem corrido bastante sangue por minha causa, é sangue que choro com bem amargas lágrimas!... Não quero que se derrame nem mais uma gota: voltemos.

A estas palavras, os dois mancebos da almofada precipitaram-se para a portinhola; os guardas da companhia de Vileroy correram também; aqueles bravos e ardentes militares nada desejavam tanto, como entrarem em combate com os paisanos; porém o rei repetiu a ordem, ainda mais positiva do que o fizera já.

- Senhores. - disse Charny em voz alta e imperiosa - Voltemos, ordena el-rei!

E tomando ele mesmo as rédeas dos cavalos, fez dar à pesada carruagem uma volta completa.

Às portas de Paris, a guarda nacional de Châlons, tornada inútil já, cedeu o lugar aos paisanos, à guarda nacional de Vitry e à de Reims.

- Acha que obrei bem, senhora? - disse Luís XVI a Maria Antonieta.

- Sim, senhor - respondeu ela - porém acho também que o Sr. de Charny lhe obedeceu muito facilmente.

E caiu na profunda e sombria meditação, que não pertencia toda à situação em que se viam, por mais terrível que fosse.

XXI

Via dolorosa

A carruagem real seguia tristemente a estrada de Paris, vigiada por aqueles dois homens de aspecto sombrio, que acabavam de a fazer retroceder, quando, entre Epernay e Dormans, Charny, graças à sua elevada estatura, e do alto da almofada em que ia, pôde avistar outra carruagem, que vinha de Paris ao galope de quatro cavalos de posta.

Charny adivinhou imediatamente que a carruagem trazia alguma notícia importante, ou algum personagem de consideração.

Efectivamente, logo que chegou à vanguarda da escolta, viram, depois de terem trocado duas ou três palavras, as fileiras da vanguarda abrirem-se, e os homens que a compunham apresentarem as armas!

A carruagem do rei parou e puderam ouvir fortes brados.

Todas as vozes repetiam em coro: “Viva a Assembléia Nacional.”

A carruagem, que vinha do lado de Paris, continuou o seu caminho até chegar à do rei.

Então daquela carruagem apearam-se três homens, dos quais dois eram inteiramente desconhecidos dos augustos prisioneiros.

A rainha, apenas viu o terceiro deitar a cabeça fora da portinhola, murmurou ao ouvido de Luís XVI:

- O Sr. de Latour-Maubourg! A alma danada de Lafayette!

Depois, meneando a cabeça, acrescentou:

- Isto não nos pressagia nada bom!

Daqueles três homens o mais velho caminhou adiante de todos, e abrindo brutalmente a portinhola da carruagem do rei disse:

- Sou Pétion, e aqui estão os Sr.s Barnave e Latour-Maubourg, enviados como eu, e comigo, pela Assembléia Nacional para lhes servirmos de escolta, e ao mesmo tempo velar em que a cólera do povo não faça por si mesma justiça... Apertem-se um pouco e dêem-nos lugar!

A rainha lançou ao deputado e aos seus dois companheiros um desses olhares desdenhosos, como costumavam cair de vez em quando do alto do orgulho da filha de Maria Teresa.

O Sr. de Latour-Maubourg, fidalgo cortesão da escola de Lafayette, custou-lhe imensamente suportar aquele olhar, e disse:

- Suas majestades estão já muito apertadas nesta carruagem: subirei para a carruagem do séquito.

- Suba para onde quiser - disse Pétion; - quanto a mim, o meu lugar é na carruagem do rei e da rainha, e para ela subo.

Ao mesmo tempo entrou na carruagem.

No fundo estavam assentados o rei, a rainha e a princesa Isabel.

Pétion olhou para cada um sucessivamente.

Depois dirigindo-se à princesa Isabel, disse:

- Perdão, senhora, mas, como representante da Assembléia, o lugar de honra pertence-me... Tenha pois a bondade de se levantar, e assentar-se na almofada da frente.

- Oh! Que é isto... - murmurou a rainha.

- Senhor! - disse o rei.

- É assim mesmo... Vamos, levante-se, senhora, e dê-me o seu lugar.

A princesa Isabel levantou-se, fazendo ao irmão e à cunhada um sinal de resignação.

Entretanto, o Sr. de Latour-Maubourg tinha-se retirado, e fora pedir um lugar às duas damas do cabriolé, com mais cortesia certamente, do que acabara de fazer Pétion para com o rei e a rainha. Barnave ficara de fora, hesitando em entrar naquela carruagem, onde já estavam sete pessoas.

- Então, Barnave - disse Pétion - não sobe?

- Mas onde me hei-de eu assentar? - perguntou Barnave um pouco embaraçado.

- Quer o meu lugar? - perguntou asperamente a rainha.

- Agradeço-lhe, senhora - respondeu vexado Barnave; - um lugar na almofada da frente é suficiente.

Por um movimento igual, a princesa Isabel puxou para si a infanta, enquanto a rainha assentava o delfim no colo.

Desta maneira fez-se um lugar na almofada de diante, e Barnave achou-se defronte da rainha, cujos joelhos tocavam nos dele.

- Vamos - disse Pétion sem pedir autorização ao rei - a caminho!

E a carruagem continuou o seu caminho aos gritos de "Viva a Assembléia Nacional!"

Ao povo chegara a vez de entrar na carruagem real, representado por Barnave e Pétion; quanto aos títulos, criara-os em 14 de Julho e em 5 e 6 de Outubro.

Houve um momento de silêncio, durante o qual (excepto Pétion que, encerrado na sua brutalidade, parecia indiferente a tudo) todos se examinaram mutuamente.

Permitam-nos que digamos algumas palavras a respeito dos personagens que acabámos de fazer entrar em cena.

Jerónimo Pétion, chamado de Villeneuve, era um homem de quase trinta e dois anos, gordo, louro, rosado, fresco, e cujo mérito consistia unicamente na exaltação e na nitidez e consciência dos seus princípios políticos. Nascera em Chartres; constituíra-se advogado, e fora mandado a Paris como membro da Assembléia Nacional em 1789. Devia ser *maire* de Paris, gozar de uma popularidade destinada a ofuscar a dos Bailly e Lafayette, e morrer nas Charnecas de Bordeaux devorado pelos lobos. Os seus amigos chamavam-lhe o virtuoso Pétion. Ele e Camilo Desmoulins já eram republicanos em França, quando ainda ninguém em tal pensava.

Pedro José Maria Barnave nascera em Grenoble. Tinha trinta anos apenas. Enviado à Assembléia Nacional, adquirira grande reputação e popularidade. Lutando com Mirabeau, no momento em que enfraquecia a popularidade e a reputação do deputado d'Aix, todos aqueles que eram inimigos de Mirabeau, e o grande orador gozava do privilégio dos homens de génio, isto é ter por inimigo tudo quanto é medíocre, todos os inimigos de Mirabeau, dizíamos, tinham-se feito amigos de Barnave e tinham-no sustentado, levantado e engrandecido nas lutas tempestuosas, que haviam acompanhado o fim da vida do ilustre tribuno. Barnave, como já

dissemos, era um moço aproximadamente de trinta anos, que parecia ter, quando muito, vinte e cinco; tinha bonitos olhos azuis, a boca grande, o nariz arrebitado e a voz aguda. Apesar disso, a sua figura era elegante; arrebatado e espadachim, parecia um jovem capitão disfarçado em burguês; o seu aspecto era frio, seco maligno. Melhor seria não falarmos do seu aspecto.

Pertencia ao partido realista-constitucional.

No momento em que ele tomava o seu lugar na frente, e se assentava defronte da rainha, Luís XVI disse:

- Senhores, começo por declarar-lhes, que a minha intenção nunca foi deixar o reino.

Barnave, meio assentado, parou e olhou para o rei.

- Deveras, senhor? - perguntou ele - nesse caso, eis uma palavra que salvará a França.

Então passou-se alguma coisa extraordinária entre aquele partidário da burguesia de uma pequena cidade da província, e aquela mulher descida de um dos maiores tronos do mundo.

Ambos procuraram ler no coração um do outro, não como dois inimigos políticos, que aí querem procurar segredos de Estado, mas como um homem e uma mulher, que aí procuram mistérios de amor.

Donde precedia no coração de Barnave o sentimento, que aí surpreendeu, no fim de alguns minutos de estudo, o olhar penetrante de Maria Antonieta?

Vamos dizê-lo e abrir um desses livrinhos do coração, que fazem as legendas secretas da história, e que no fim das grandes decisões da sorte pesam mais na balança que o grande livro dos acontecimentos oficiais.

Barnave tinha a pretensão de ser, em tudo, o sucessor e herdeiro de Mirabeau; ora, segundo a sua opinião, era já o sucessor e herdeiro do grande orador na tribuna.

Mas faltava outro ponto.

Aos olhos de todos (nós sabemos o que nisso há de verdade), Mirabeau era honrado com a confiança do rei e com a benevolência da rainha; aquela única entrevista, que obtivera o negociador no paço de Saint-Cloud, fora transformada em muitas audiências secretas, nas quais a presunção de Mirabeau chegara até à audácia, e a condescendência da rainha até à fraqueza. Naquela época, usava-se não só caluniar a pobre Maria Antonieta, senão também acreditar nessas calúnias.

Ora, o que Barnave ambicionava era a completa sucessão de Mirabeau. Daí procedeu o seu ardor em fazer-se nomear um dos três comissários que eram enviados ao rei.

Fora nomeado e vinha com aquela firmeza de um homem que sabe, que no caso em que não tivesse o talento de se fazer amar, teria pelo menos o poder de se odiar.

Eis o que, com o seu rápido relance de olhos a rainha pressentira, quase adivinhara.

Depois, o que ela também adivinhara, era a preocupação actual de Barnave.

Cinco ou seis vezes, durante o primeiro quarto de hora, em que Barnave lhe esteve frente a frente, o moço deputado voltou-se para examinar com escrupulosa atenção os três homens, que estavam na almofada da carruagem, e daí o seu olhar descia cada vez mais hostil sobre a rainha.

Efectivamente, Barnave sabia que um daqueles três homens, (qual? ignorava-o) era o conde de Charny, e a opinião pública dava o conde de Charny por amante da rainha.

Barnave era cioso. Explique quem puder esse sentimento no coração do mancebo, mas era verdadeiro.

Eis o que a rainha adivinhou.

E desde que o adivinhou, ficou forte: conhecia o fraco do coração do seu adversário: tratava-se só de feri-lo e de feri-lo certo.

- Senhor - disse ela dirigindo-se a el-rei - ouviu o que disse o homem, que conduz a escolta?

- A que respeito, senhora? - perguntou el-rei.

- A respeito do Sr. conde de Charny.

Barnave estremeceu.

O estremecimento não escapou à rainha, que tocava com o seu joelho no dele.

- Não declarou ele que tomava sobre si a responsabilidade da vida do conde? - disse el-rei.

- Exactamente, e acrescentou que respondia por essa vida à condessa...

Barnave fechou os olhos, mas ouviu de maneira que não perdeu uma sílaba do que ia dizer a rainha.

- Então? - perguntou el-rei.

- Então, senhor, a condessa de Charny é a minha antiga amiga Andréia de Taverney... Não acha, que na chegada a Paris, seria bom que eu despedisse o Sr. de Charny para que ele pudesse sossegar sua esposa?... Ele tem corrido grandes perigos; o irmão foi morto por nossa causa; parece-me que pedir a continuação dos seus serviços junto de vossa majestade, seria afligir os dois esposos...

Barnave respirou e abriu os olhos.

- Tem razão, senhora - respondeu el-rei - ainda que, a falar verdade, duvido que o Sr. de Charny aceite.

- Nesse caso, cada um de nós - disse a rainha - terá feito a sua obrigação, nós, oferecendo a despedida ao Sr. de Charny, ele recusando-a.

A rainha sentiu de algum modo, por uma comunicação magnética, afrouxar-se a ira de Barnave; ao mesmo tempo, ele, coração generoso, compreendeu a sua injustiça para com aquela mulher, e teve vergonha.

Até ali conservara a cabeça levantada e insolente, como um juiz diante de uma culpada, a quem tinha direito de julgar e condenar, e eis que de repente essa culpada, respondendo a uma acusação que não podia adivinhar, falava a linguagem da inocência ou do arrependimento.

E porque não da inocência?

- Somos tanto mais fortes - continuou a rainha - que não trouxemos o Sr. de Charny, e que eu supunha-o bem tranqüilo em Paris, quando o vi aparecer de repente à portinhola da carruagem.

- É verdade - respondeu el-rei; - porém isso prova que o conde não necessita ser chamado, quando julga que cumpre um dever.

Era inocente, não há dúvida!

Oh! Como Barnave se faria perdoar pela rainha do mau pensamento que tivera contra a mulher?

Dirigir a palavra à rainha? Barnave não se atrevia a isso. Esperar que a rainha fosse a primeira a falar? Porém ela satisfeita com o efeito que produzira com as poucas palavras que dissera, não falava.

Barnave tornara-se meigo e quase humilde, e implorava a rainha com os olhos; porém ela parecia não o ver.

O mancebo estava num desses estados de exaltação nervosa, em que, para ser notado por uma mulher despercebida, se empreenderiam os doze trabalhos de Hércules, apesar do perigo de sucumbir ao primeiro.

Ele pedia ao Ente Supremo, porque já em 1791 não se pedia a Deus, que lhe enviasse uma ocasião qualquer de atrair sobre si os olhos da real indiferente, quando repentinamente, como se o Ente Supremo tivesse ouvido a súplica que lhe dirigia o moço deputado, um pobre padre, que esperava na estrada a passagem do rei, aproximando-se para ver mais de perto o augusto prisioneiro, levantou ao Céu os olhos arrasados de lágrimas e as mãos suplicantes, dizendo:

- Senhor, Deus guarde a vossa majestade!

Havia muito que o povo não tinha motivo nem pretexto para se encolerizar; nada se apresentara desde que tinham esquartejado o velho cavaleiro de S. Luís, cuja cabeça acompanhava o séquito, sempre espetada na ponta de uma lança.

Oferecera-se-lhe agora uma excelente ocasião, aproveitou-a com empenho.

À acção do velho e à súplica que ele pronunciou, o povo respondeu com um rugido;

lançou-se sobre o padre num instante, e antes que Barnave saísse ao seu êxtase, o padre estava por terra, e ia ser estrangulado, quando a rainha exclamou, dirigindo-se a Barnave:

- Oh! Senhor, não vê o que se passa?

Barnave levantou a cabeça, mergulhou um olhar rápido no oceano onde acabava de desaparecer o velho, que se agitava entre as vagas tumultuosas, bramindo em volta da carruagem, e vendo do que se tratava, exclamou, precipitando-se com tão grande violência, que a portinhola se abriu e ele teria caído, se por um desses movimentos do coração tão prontos na princesa Isabel, esta o não tivesse detido pelas abas da casaca.

- Oh! Miseráveis! Oh! Tígres. Não são franceses, ou a França, o povo dos bravos, tornou-se um povo de assassinos?

A apóstrofe talvez nos pareça um pouco pretenciosa, mas estava no gosto da época; além disso, Barnave representava a Assembléia Nacional; era o poder supremo que falava pela sua voz; o povo recuou imediatamente e o velho foi salvo!

Ele levantou-se dizendo:

- Fez bem em me salvar, mancebo; um velho pedirá a Deus pelo senhor.

E fazendo o sinal da cruz, retirou-se.

O povo deixou-o passar, dominado pelo gesto e olhar de Barnave, que parecia a estátua do poder.

Depois, quando o velho já ia longe, o jovem deputado tornou a assentar-se, e com a maior simplicidade, parecendo ignorar que acabava de salvar a vida a um homem.

- Senhor - disse a rainha - agradeço-lhe.

A estas palavras, Barnave estremeceu completamente.

É que, sem contradição, durante o longo período que acabamos de percorrer com a infeliz Maria Antonieta, ela tinha sido mais bela, porém nunca tão comovente.

Efectivamente, em lugar de governar como rainha, imperava como mãe; tinha à sua esquerda o delfim, linda criança de cabelos louros, que passara, com a negligência e inocência da idade, do colo da mãe para as pernas do virtuoso Pétion, o qual se humanizava a ponto de brincar-lhe com os anelados cabelos; tinha à direita a filha, a infanta, que parecia o retrato da mãe na primeira flor da juventude e beleza; finalmente, ela mesma tinha no lugar da coroa de ouro da realeza, a coroa de espinhos da desgraça, e por cima dos olhos vermelhos e da fronte pálida, os magníficos cabelos louros, entre os quais brilhavam alguns fios de prata, vindos antes da idade, e que falavam mais eloquentemente ao coração do jovem deputado, do que o faria o mais doloroso queixume.

Ele contemplava aquela graça real, sentia-se próximo a cair aos pés daquela majestade moribunda, quando o delfim deu um grito de dor.

O menino fizera ao virtuoso Pétion não sei que travessura, de que este julgara conveniente puni-lo, puxando-lhe vigorosamente uma orelha.

O rei fez-se vermelho de cólera; a rainha empalideceu de vergonha; estendeu os braços, e tirou o menino das pernas de Pétion, e como Barnave fez o mesmo movimento que ela, o delfim, transportado pelos quatro braços, e puxado para si por Barnave, achou-se sobre os joelhos deste último.

Maria Antonieta quis puxá-lo para si.

- Não - disse o delfim - estou aqui muito bem.

E como Barnave, que vira o movimento da rainha, afastava o braço para a deixar livre na execução do seu projecto, a rainha, (seria galanteio de mãe? Seria sedução de mulher?) deixou o jovem príncipe, conforme o seu desejo, onde estava.

Passou-se neste momento no coração de Barnave alguma coisa impossível de explicar: estava orgulhoso e feliz ao mesmo tempo.

O menino pôs-se a brincar com as rendas da camisa de Barnave, depois com o cinto e finalmente com os botões da casaca do deputado. Os botões especialmente ocuparam o jovem príncipe: tinham gravada uma divisa. O delfim soletrou as letras umas após outras, e acabou,

juntando-as, por ler estas palavras: “Viver livre ou morrer.”

- Que quer isto dizer? - perguntou ele.

Barnave hesitou em responder.

- Isto quer dizer, meu pequerrucho, explicou Pétion, que os franceses juraram não ter mais senhor... Compreendes?

- Pétion! - exclamou Barnave.

- Então - respondeu Pétion com a maior naturalidade possível - explica a divisa de outra maneira se lhe conheces outro sentido.

Barnave calou-se; aquela divisa, que achava sublime na véspera, parecia-lhe quase cruel na presente situação.

Porém pegou na mão do delfim e beijou-a respeitosamente.

A rainha enxugou furtivamente uma lágrima que lhe subira do coração às pálpebras. E a carruagem, teatro deste pequeno drama extraordinário, simples até à inocência, continuou a rodar através dos gritos da multidão, que bramava conduzindo à morte seis das oito pessoas que encerrava.

Chegaram a Dormans.

XXII

Via dolorosa

Ali nada estava preparado para a recepção da família real, que foi obrigada a apeiar-se numa estalagem.

Fosse por ordem de Pétion, a quem o silêncio do rei e da rainha muito tinha ofendido durante a jornada, fosse porque realmente tudo estivesse ocupado, não se encontrou para os augustos prisioneiros mais do que três águas-furtadas, em que se instalaram pessimamente.

Apeando-se da carruagem, Charny, segundo o seu costume, tinha querido aproximar-se do rei e da rainha para receber as suas ordens; porém a rainha, com um só olhar, fizera-lhe sinal para que se conservasse afastado.

Sem saber o motivo desta recomendação, o conde apressara-se a obedecer-lhe.

Foi Pétion quem entrou na estalagem e se encarregou das funções de fornecedor. Depois, nem se deu ao trabalho de descer, e foi um criado quem veio anunciar que os quartos para a família real estavam preparados.

Barnave estava assaz embaraçado; ardia em desejos de oferecer o braço à rainha; porém temia que aquela, que outrora tanto escarnecera a etiqueta na pessoa da Sr^a. de Noailles, não a invocasse, quando ele, Barnave, faltasse a ela.

O rei foi o primeiro a apeiar-se, encostando-se ao braço dos dois guardas, os srs. de Malden e Valory.

Charny, como sabem, a um sinal de Maria Antonieta, tinha-se afastado.

A rainha apeou-se depois, estendeu o braço para que lhe dessem o delfim; porém como se a pobre criança soubesse a precisão que sua mãe tinha dessa lisonja, disse:

- Não, eu quero ficar com o meu amigo Barnave.

Maria Antonieta fez um sinal de assentimento, acompanhado de um meigo sorriso. Barnave deixou passar a princesa Isabel e a infanta; depois apeou-se, com o delfim nos braços.

A Sr^a. de Tourzel vinha depois, e ia para tirar o seu real educando das mãos indignas que o levavam; porém um novo sinal da rainha acalmou o aristocrático ardor da aia dos infantes de França.

A rainha subiu a escada suja e tortuosa, encostando-se ao braço do marido.

No primeiro andar parou, acreditando já ter feito muito subindo vinte degraus; porém o moço gritou:

- Mais para cima! Mais para cima!

A este convite, a rainha, bastante despeitada, continuou a subir.

Barnave corava de vergonha.

- Como, mais para cima? - perguntou ele.

- Sim - disse o moço - aqui é a casa de jantar e os quartos dos senhores da Assembléia Nacional.

Barnave teve uma tontura. Pétion tomara os quartos do primeiro andar para si e desterrara a família real para o segundo.

Contudo o moço deputado nada disse; porém, temendo, sem dúvida, o primeiro movimento da rainha, quando visse os quartos do andar de cima, destinados por Pétion a ela e à sua família, chegando ao segundo andar, Barnave depôs o menino no patamar.

- Senhora, senhora - disse o príncipe dirigindo-se à mãe - o meu amigo Barnave vai-se embora!

- Faz muito bem! - disse a rainha, que acabava de olhar para o quarto.

Este aposento, como dissemos, compunha-se de três pequeníssimas salas, que comunicavam umas com as outras.

A rainha instalou-se na primeira com a infanta; a princesa Isabel tomou a segunda para si, para o delfim e para a Sr^a. de Tourzel, finalmente, o rei tomou a terceira, que era um pequeno gabinete, com uma porta para a escada.

O rei estava fatigado; quis, esperando a ceia, deitar-se um pouco; porém a cama era tão curta, que no fim de um minuto, foi obrigado a levantar-se, e abrindo a porta pediu uma cadeira.

Os srs. de Malden e de Valory já estavam no seu posto nos degraus da escada. O Sr. de Malden, que estava mais próximo, desceu, pegou numa cadeira da casa de jantar e levou-a ao rei.

Luís XVI, que já tinha uma cadeira de pau no seu gabinete, acomodou-a com a que lhe levou o Sr. de Malden para fazer uma cama para a sua estatura.

- Oh! Meu senhor - disse o Sr. de Malden, juntando as mãos e meneando a cabeça dolorosamente - vossa majestade conta passar a noite desse modo?

- Certamente - disse o rei.

Depois acrescentou:

- Além disso, o que me gritam aos ouvidos da miséria do meu povo é verdade; quantos dos meus súbditos se julgariam felizes se tivessem este pequeno gabinete, esta cama e estas duas cadeiras!

E deitou-se na cama improvisada, preludiando assim as longas dores do Templo.

Um instante depois, vieram anunciar a suas majestades que a mesa estava posta.

O rei desceu e, vendo seis talheres na mesa, perguntou:

- Para que são seis talheres?

- São - respondeu o moço - um para o rei, outro para a rainha, outro para a Sr^a. infanta, outro para o Sr. delfim e outro para o Sr. Pétion.

- E porque não também para o Sr. Barnave e outro para o Sr. Latour-Maubourg? - perguntou o rei.

- Estavam aí, senhor - respondeu o moço - porém o Sr. Barnave fê-los tirar.

- E deixou o do Sr. Pétion?

- O Sr. Pétion exigiu que ficasse.

Neste momento a figura grave, e austera do deputado de Chartres apareceu à entrada da porta.

O rei fez como se ele ali não estivesse e respondeu ao moço.

- Só me assento à mesa com a minha família; comemos entre nós, ou entre as pessoas que convidamos: de outro modo não comemos.

- Bem sabia - disse Pétion - que vossa majestade tinha esquecido o primeiro artigo da *Declaração dos direitos do homem*, porém julgava que, pelo menos, pareceria lembrar-se.

O rei mostrou não ouvir Pétion, assim como mostrara não o ver, e com um sinal feito com os olhos ordenou ao moço que tirasse o talher.

O rapaz obedeceu; Pétion saiu furioso.

- Sr. de Malden - disse o rei - feche a porta, para que possamos estar quanto possível, à nossa vontade.

O Sr. de Malden obedeceu, e Pétion ainda ouviu fechar-se-lhe a porta nas costas.

O rei conseguiu assim jantar em família.

Os dois guardas serviram como de costume.

Quanto a Charny não apareceu: se já não era o seu servidor, era sempre o escravo da rainha.

Porém havia momentos em que esta obediência passiva à rainha feria a mulher: assim durante toda a ceia, Maria Antonieta, impaciente, procurou com os olhos Charny; quisera que, depois de lhe ter obedecido um instante, acabasse neste momento por desobedecer-lhe.

No momento em que o rei, terminada a ceia, ia para levantar-se da mesa, abriu-se a porta e o criado entrou e pediu em nome do Sr. de Barnave, que suas majestades tivessem a bondade de aceitar o aposento do primeiro andar, em lugar do do segundo.

Luís XVI e Maria Antonieta olharam um para o outro. Conviria mostrar dignidade e desprezar a cortesia de um para punir a grosseria do outro? Talvez fosse essa a opinião do rei; porém o delfim correu para a sala, gritando:

- Onde está o meu amigo Barnave?

A rainha seguiu o delfim, e o rei a rainha.

Barnave não estava na sala.

Da sala a rainha passou aos quartos, que eram três, como no andar superior.

Não tinham podido torná-los elegantes, porém tinham-nos tornado asseados: ardiam velas em castiçais de cobre, mas com profusão.

Duas ou três vezes durante a jornada, a rainha soltara exclamações perante belos jardins guarnecidos de flores: o quarto da rainha estava guarnecido com as mais lindas flores da estação; ao mesmo tempo, que as janelas abertas permitiam a saída aos perfumes nocivos, as cortinas de cassa que cobriam essas janelas, opunham-se a que qualquer olhar indiscreto perseguisse no seu quarto a augusta prisioneira.

Fora Barnave quem velara por tudo.

Ela suspirou, a pobre rainha! Seis anos antes, teria sido Charny, quem teria todos aqueles cuidados.

Demais, Barnave teve a delicadeza de não vir procurar um agradecimento.

Seria também o que Charny teria feito.

Como era, que um pequeno advogado de província tinha as mesmas atenções e as mesmas delicadezas, que teria tido o homem mais elegante e mais distinto da corte?

Havia deveras motivo para dar que pensar a uma mulher, embora essa mulher fosse uma rainha!

Por isso ela pensou uma parte da noite nesse singular mistério.

Entretanto, o que fazia o conde de Charny?

Como vimos, ao sinal que a rainha lhe fizera, tinha-se retirado, e desde então não tornara a aparecer.

Charny, a quem o seu dever prendia à pessoa de Luís XVI e de Maria Antonieta, ficara satisfeito porque a ordem da rainha, de que nem sequer indagou a causa, lhe tivesse dado um momento de sossego e de reflexão.

Vivera três dias tão rapidamente; vivera por assim dizer, tão fora de si mesmo; vivera tanto pelos outros, que estimava poder deixar, durante alguns instantes entregue a si mesmo a dor de outrem para pensar na sua.

Charny era o fidalgo dos antigos tempos, era principalmente amigo da família: adorava os irmãos, a quem, como irmão mais velho, servia de pai.

Pela morte de Jorge, a sua dor fora tão grande, mas ao menos tinha podido, ajoelhado junto do cadáver, naquele pequeno pátio de Versalhes, desafogá-la com as lágrimas; mas, ao

menos, ficara-lhe o outro irmão, Isidoro, para o qual passara toda a sua ternura; Isidoro, que se lhe tornara ainda mais querido, se possível era, durante os três ou quatro meses, que precedera a sua saída de Paris, e que lhe servira de medianeiro junto de Andréia.

Temos procurado, se não fazer compreender, pelo menos referir o singular mistério de certos corações, a quem a separação anima, em vez de afrouxá-los e que encontram na ausência um novo alimento para a recordação que os ocupa.

Pois bem, quanto menos Charny via Andréia, mais nela pensava; e pensar em Andréia, era para ele amá-la cada vez mais.

Efectivamente, quando estava junto de Andréia, quando a via, parecia-lhe pura, simplesmente estar junto de uma estátua de gelo, que o menor raio de amor faria derreter, e que temia tanto o amor, como uma estátua verdadeiramente de gelo, que estivesse à sombra, temeria o Sol; estava em contacto com aquele gesto lento e frio, com aquele modo de falar grave e reservado, com aquele olhar mudo e disfarçado; ele nada via, digamos melhor, nada entrevia.

Tudo era branco, pálido, alvo como o alabastro, e frio como ele.

Fora deste modo que, salvos raros intervalos de animação, produzidos por situações violentas, Andréia lhe aparecera durante as suas últimas entrevistas, e especialmente na que tinha tido com a infeliz senhora, na rua Coq-Héron, na noite em que ao mesmo tempo ela encontrara e perdera o filho.

Porém, logo que se afastara dela, a distância produzira o seu efeito ordinário, apagando as tintas demasiado vivas, esfumando os contornos demasiado confusos. Então o gesto frio e lento de Andréia animava-se, a palavra grave e reservada tornava-se-lhe harmoniosa e sonora, o olhar mudo e frio levantava-lhe as longas pálpebras, e expelia uma chama úmida e devoradora; então, parecia a Charny que um fogo interior se acendia no coração da estátua, e que através do alabastro das suas carnes, via-lhe circular o sangue e bater o coração.

Nesses momentos de ausência e solidão, Andréia era a verdadeira rival da rainha! Na obscuridade febril dessas noites, é que Charny julgava ver abrir-se repentinamente a parede do seu quarto, ou levantar-se o reposteiro, e aproximar-se do leito com os braços abertos, os lábios murmurando, o olhar cheio de amor, essa estátua transparente; então também Charny chamava a doce visão e tentava apertar o fantasma contra o peito... Porém, o fantasma fugia-lhe, só abraçava o espaço e recaía na triste e fria realidade.

Isidoro tinha-se-lhe pois tornado mais querido do que Jorge: e como vimos, o conde não tivera o sombrio prazer de chorar sobre o cadáver de Isidoro, como fizera sobre o de Jorge.

Ambos, um após outro, tinham igualmente caído por causa dessa mulher fatal, por uma causa cheia de abismos!

Pela mesma mulher, e num abismo semelhante, ele, Charny, cairia também pela sua vez...

Pois bem, havia dois dias, desde a morte do irmão, desde o último abraço, que lhe deixara o fato cheio de sangue e os lábios quentes do suspiro da vítima, desde essa hora em que o Sr. de Choiseul lhe entregara os papéis, encontrados nas algibeiras de Isidoro, que nem sequer tivera um instante para consagrar-se a essa dor.

O sinal da rainha, que o mandara conservar-se afastado, tinha-o pois recebido como um grande favor, com alegria.

Desde então, procurara um canto, um retiro, onde, ficando ao alcance de acudir em socorro da família real ao primeiro grito, pudesse contudo estar bem só com a sua dor, bem isolado com as suas lágrimas.

Achara uma água-furtada, situada ao cimo da escada, onde velavam os srs. de Malden e de Valory.

Chegado ali, vendo-se só, fechado e assentado diante de uma mesa, iluminado por um desses candeeiros de cobre de três bicos, como ainda hoje encontramos nalgumas antigas casas de aldeia, tirara da algibeira os papéis ensangüentados, únicas relíquias que lhe tinham ficado do irmão.

Depois, com a cabeça entre as mãos e os olhos pregados naquelas cartas, onde

continuavam a viver os pensamentos daquele que já não existia, tinha durante muito tempo deixado correr sobre a mesa lágrimas contínuas e silenciosas.

Finalmente, deu um suspiro, levantou e meneou a cabeça, pegou e desdobrou uma carta.

Era da pobre Catarina.

Havia tempo que Charny suspeitava da ligação de Isidoro com a filha do lavrador, e em Varennes, Billot se encarregara de contar-lha circunstanciadamente; mas só depois dessa narração lhe dera toda a importância que merecia.

Esta importância aumentou ainda com a leitura da carta; viu então o título de amante santificado pelo de mãe, e nos termos simples, com que expunha o seu amor, toda a vida da mulher, oferecida em expiação pela falta da donzela.

Abriu outra e outra; eram sempre os mesmos planos de futuro, as mesmas esperanças de felicidade, as mesmas alegrias maternas, os mesmos temores da amante, as mesmas saudades, as mesmas dores e os mesmos arrependimentos.

De súbito, no meio de todas aquelas cartas, deparou-se-lhe uma, cuja letra lhe causou admiração.

A letra era de Andréia.

A carta era dirigida a ele.

Um papel dobrado em quatro partes estava preso à carta por um selo de lacre com as armas de Isidoro.

Aquela carta, escrita por Andréia, dirigida a ele, e encontrada entre os papéis de Isidoro, pareceu-lhe uma coisa tão extraordinária, que começou por abrir o bilhete anexo à carta, antes de abrir esta.

O bilhete, escrito a lápis por Isidoro, sem dúvida em alguma mesa de estalagem e enquanto lhe aparelhavam o cavalo, continha estas linhas:

“Esta carta é dirigida, não a mim, mas a meu irmão o conde Olivier de Charny; é escrita por sua mulher, a condessa de Charny; se me acontecer alguma desgraça, aquele que a encontrar a entregará ao conde Olivier de Charny ou a enviará à condessa.”

“Eu recebia-a com a recomendação seguinte:

“Se na empresa em que o conde está empenhado, for bem sucedido, restituir a carta à condessa;

Se ele for ferido gravemente, mas sem perigo de vida, rogar-lhe que conceda a sua esposa a graça de se reunir a ele.

Finalmente, se for ferido mortalmente, entregar-lhe esta carta, e se ele não a puder ler, ler-lha, para que antes de expirar saiba o que ela contém.”

“Se a carta for entregue a meu irmão o conde de Charny, como certamente este bilhete lhe será entregue juntamente, procederá a respeito das três recomendações acima como a sua delicadeza lho aconselhar.

Lego aos seus cuidados a pobre Catarina Billot, que habita na aldeia de Ville-d'Avray com meu filho.

Isidoro de Charny”.

A princípio, o conde pareceu muito absorto pela leitura do bilhete do irmão. As suas lágrimas, um instante suspensas, começaram a correr com a mesma abundância; depois, finalmente, os seus olhos, ainda arrasados de água, fixaram-se na carta da Sr.^a de Charny; contemplou-a por muito tempo, pegou-lhe, levou-a aos lábios, encostou-a ao coração, como para lhe comunicar o segredo que encerrava, e depois leu repetidas vezes a recomendação do irmão.

Depois, a meia voz, e meneando a cabeça, disse:

- Não tenho direito para abrir esta carta; mas hei-de pedir-lhe tanto, que ela por certo há-de deixar-me ler.

E como para se firmar nessa resolução, impossível a um coração menos leal do que o seu, repetiu ainda:

- Não, não a lerei!

E não a leu; porém o dia surpreendeu-o assentado à mesa, e devorando com os olhos o sobrescrito daquela carta umedecida pelo próprio hálito, tantas vezes a beijara.

Repentinamente, no meio da bulha que se fazia na estalagem, anunciando que a partida se preparava, ouviu-se a voz do Sr. de Malden, que chamava o conde de Charny.

- Aqui estou - respondeu o conde.

E guardando na algibeira os papéis do pobre Isidoro, beijou mais uma vez a carta intacta, pô-la junto ao coração e desceu rapidamente.

Encontrou na escada Barnave, que perguntava notícias da rainha, e que encarregava o Sr. de Valory de receber as suas ordens para a hora da partida.

Era fácil de ver, que Barnave não se deitara, nem dormira mais do que o conde Olivier de Charny.

Os dois homens saudaram-se, e Charny poderia decerto notar o relâmpago de ciúme, que passou pelos olhos de Barnave, ao ouvi-lo informar-se também da saúde da rainha, se lhe fosse possível preocupar-se com outra coisa, que não fosse a carta, que apertava contra o coração.

XXIII

Via dolorosa

Ao subir para a carruagem, o rei e a rainha viram com espanto, que só tinham em volta de si para os ver partir a povoação da cidade, e para os acompanhar a cavalaria.

Era outra atenção de Barnave: sabia que na véspera a rainha, obrigada a andar a passo, sofrera com o calor, com a poeira, com os insectos, com a multidão, com as ameaças feitas aos seus guardas e aos fiéis súbditos, que vinham fazer-lhe uma última saudação; fingira ter recebido a notícia de uma invasão: o Sr. de Bouillé entrava em França com cinquenta mil austríacos; era contra ele que devia marchar todo o homem que tivesse uma espingarda, uma foice, uma lança, finalmente, uma arma qualquer, e toda a povoação ouvira esse brado, e voltara para trás.

É que então havia em França um verdadeiro ódio aos estrangeiros, ódio tão poderoso, que excedia o que tinham votado ao rei e à rainha, cujo maior crime era ser estrangeira.

Maria Antonieta adivinhou donde lhe vinha aquele novo benefício; dizemos *benefício*, e não há exageração no termo.

Agradeceu a Barnave com um olhar.

Quando ia para tomar lugar na carruagem, o seu olhar procurou o de Charny; já estava na almofada; porém em vez de assentar-se no meio como na véspera, quisera obstinadamente ceder ao Sr. de Malden esse lugar, menos perigoso do que o que tinha até então ocupado o fiel guarda; Charny desejava ser ferido, para ter o direito de abrir a carta da condessa, que lhe queimava o coração!

Não viu pois o olhar da rainha, que procurava o dele.

A rainha soltou um profundo suspiro.

Barnave ouviu-o.

Inquieto por saber aonde se dirigia esse suspiro, o mancebo parou no estribo da carruagem.

- Senhora - disse ele - notei ontem que estavam muito apertados nesta carruagem; uma pessoa de menos deixá-los-á mais à vontade... se vossa majestade o desejar, subirei para a carruagem do séquito com o Sr. Latour-Maubourg, ou acompanhá-los-ei a cavalo.

Barnave, fazendo este oferecimento, teria dado metade dos dias que lhe restavam a viver, e não eram muitos, para que ele fosse recusado.

Efectivamente, sucedeu o que desejava.

- Não - disse vivamente a rainha - fique connosco!

Ao mesmo tempo, o delfim dizia, estendendo as pequeninas mãos para atrair o jovem deputado.

- Meu amigo Barnave, meu amigo Barnave, não quero que te vás embora!

Barnave, radiante, tomou o seu lugar da véspera; apenas aí se assentou, o delfim passou dos joelhos da rainha para os dele.

A rainha, deixando-o ir, beijou o delfim.

O sinal úmido dos seus lábios ficou impresso na face do menino. Barnave olhou para aquele vestígio do amor maternal, como Tântalo devia ter olhado para os frutos que lhe pendiam sobre a cabeça.

- Senhora - disse ele à rainha - vossa majestade dignar-se-á conceder-me o favor de beijar o augusto príncipe, que, guiado pelo infalível instinto da sua idade, me chama seu amigo?

A rainha fez com a cabeça um sinal de aquiescência.

Então Barnave colou os lábios sobre o vestígio dos lábios da rainha com tal ardor, que o menino atemorizado deu um grito.

A rainha seguia com os olhos todos os movimentos de Barnave; talvez que ela tivesse dormido tanto como ele e como Charny; talvez que aquela espécie de animação, que lhe restituía a vida aos olhos, fosse causada pela febre interior que a devorava; porém os lábios cobertos de púrpura e as faces levemente tintas de cor de rosa, quase imperceptível, faziam dela a perigosa sereia, que, com um só dos seus cabelos, tinha a certeza de conduzir os seus adoradores para um abismo.

Graças à precaução de Barnave, a carruagem caminhava agora duas léguas por hora.

Em Château Thierry pararam para jantar.

A casa onde pararam era situada numa posição encantadora, e pertencia a um rico negociante de madeiras, que não tinha esperado que a designassem, mas que, na véspera, sabendo que a família real devia passar por Château Thierry, fizera partir a cavalo um dos seus caixeiros, para oferecer aos senhores delegados da Assembléia Nacional, assim como ao rei e à rainha, hospitalidade em sua casa.

O oferecimento fora aceito.

Logo que a carruagem parou, um concurso apressado de criados indicou aos augustos prisioneiros uma recepção muito diferente da que se verificara na véspera na estalagem de Dormans. A rainha, o rei, a princesa Isabel, a Sr^a. de Tourzel e os dois meninos foram conduzidos para quartos separados, onde tudo estava cuidadosamente preparado para que pudessem dar à sua *toilette* os mais minuciosos cuidados.

Desde a sua partida de Paris, que a rainha não tinha ainda encontrado semelhante previdência: os costumes mais delicados da mulher acabavam de ser acariciados por aquela aristocrática atenção. Por isso Maria Antonieta, que começava a apreciar essas atenções, perguntou, com o máximo empenho pela sua boa hospedeira, para lhe agradecer.

Um instante depois, uma mulher de quarenta anos, fresca ainda, e vestida com extrema simplicidade, apareceu. Até então tinha tido a modéstia de se conservar longe das vistas daqueles a quem recebia.

- É a dona da casa? - perguntou Maria Antonieta.

- Oh! Senhora - exclamou a excelente mulher derramando lágrimas - por toda a parte onde vossa majestade se digna parar, e qualquer que seja a casa honrada com a sua presença, onde está a rainha, é ela a única dona.

Maria Antonieta olhou em volta de si para verificar se estavam sós.

Depois, tendo-se certificado de que ninguém as ouvia, pegando-lhe na mão e abraçando-a como teria feito a uma amiga, disse:

- Se se interessa pela nossa tranquilidade e se aprecia a sua própria conservação, acalme e modere esses sinais de dor; porque, se chegassem a perceber o motivo que os causa, poderiam ser-lhe funestos... E deve compreender quanto, se lhe acontecesse alguma desgraça isso faria

aumentar as nossas penas... Talvez nos tornemos a ver; modere-se pois, e considerá-la-ei como uma amiga, cujo encontro actualmente se me torna tão raro e sobremodo precioso.⁴

Depois de jantar continuaram a jornada; o calor era imenso. O rei notara muitas vezes que a princesa Isabel, prostrada pelo cansaço, deixava pender, mau grado seu, a cabeça sobre o peito; exigiu que a princesa ocupasse até Meaux, onde deviam pernoitar, o seu lugar no fundo da carruagem; por ordem expressa do rei a princesa Isabel cedeu.

Pétion assistiu a todo esse debate sem oferecer o seu lugar.

Barnave, vermelho de vergonha, ocultava a cabeça entre as mãos; mas por entre os dedos podia ver o sorriso melancólico da rainha.

No fim de uma hora de caminho, a fadiga da princesa Isabel tornou-se tal que ela adormeceu inteiramente, e estava tão extinta nela a consciência do que fazia, que a sua linda cabeça de anjo, depois de haver um instante vacilado para a direita e para a esquerda, acabou por descansar sobre o ombro de Pétion.

O que fez dizer ao deputado de Chartres, na relação inédita da sua jornada, que a princesa Isabel, a santa criatura! se apaixonara por ele, e descansando-lhe um instante a cabeça no ombro, *cedia à natureza*.

Pelas quatro horas da tarde chegaram a Meaux e pararam defronte do palácio episcopal, que fora habitado por Bossuet, e em que, oitenta e sete anos antes morrera o autor do *Discurso sobre a História Universal*.

O palácio era habitado por um bispo constitucional e ajuramentado. Notaram isso mais tarde pela maneira como ele recebeu a família real.

Porém, à primeira vista, a rainha só foi impressionada pelo aspecto sombrio do edifício, em que ia entrar; em parte nenhuma, palácio principesco ou religioso, se elevava outra casa mais digna pela sua melancolia de abrigar o supremo infortúnio, que vinha pedir-lhe asilo por uma noite. Não era como em Versalhes, onde o luxo era magnífico; ali o luxo era simples; uma comprida ladeira de tijolos conduz aos aposentos, e esses dão para um jardim, ao qual as próprias muralhas da cidade servem de defesa.

O jardim é dominado pela torre da igreja, torre inteiramente coberta de hera, e conduz, por uma aléia bordada de azevinhos, ao gabinete donde o eloqüente bispo de Meaux lançava, de vez em quando, um desses sinistros gritos que pressagiam a queda das monarquias.

A rainha lançou os olhos sobre o lúgubre edifício, e encontrando-o conforme com o estado do seu espírito, olhou em volta de si, procurando um braço, onde encostasse o seu, para visitar o palácio.

Barnave estava ali.

A rainha sorriu.

- Dê-me o braço, senhor - disse ela - e tenha a bondade de servir-me de guia neste velho palácio; não ousaria entrar ali só, temeria ouvir soar essa possante voz, que fez um dia estremecer a cristandade ao grito: “A rainha morre!... A rainha está morta!...”

Barnave aproximou-se rapidamente e ofereceu o braço à rainha com uma rapidez misturada de respeito.

A rainha lançou um olhar à volta de si; a ausência obstinada de Charny inquietava-a.

Barnave que via tudo, notou esse olhar e perguntou:

- Vossa majestade deseja alguma coisa?

- Desejava saber onde está el-rei - respondeu Maria Antonieta.

- Fez a honra ao Sr. Pétion de o receber – disse Barnave - e conversa com ele.

A rainha pareceu satisfeita.

Depois, como se necessitasse arrancar-se a si mesma e sair do próprio pensamento, disse:

- Venha!

Acompanhada de Barnave, atravessou os diversos aposentos do palácio episcopal.

⁴ Copiamos das relações de um dos guardas, que prepararam a fuga de Varennes e acompanharam o rei na fuga, as próprias palavras de Maria Antonieta.

Dir-se-ia que fugia seguindo a sombra flutuante desenhada pelo seu espírito, não olhando nem para diante nem para trás de si.

No quarto de dormir do grande pregador parou finalmente quase sufocada pelo cansaço.

O acaso fez que ela estivesse defronte de um retrato de mulher.

Levantou maquinalmente os olhos, e lendo na moldura estas palavras: *Madame Henriqueta* estremeceu dos pés à cabeça.

Barnave sentiu o estremecimento, mas não o pôde compreender.

- Vossa majestade tem alguma coisa? - perguntou.

- Não - disse a rainha - mas aquele retrato... Madame Henriqueta!...

Barnave adivinhou o que se passava no coração da pobre mulher.

- Sim - disse ele - madame Henriqueta... porém madame Henriqueta de Inglaterra; não a viúva do infeliz Carlos I, porém a mulher do negligente Filipe de Orleans; não a que julgou morrer de frio no Louvre, mas a que morreu envenenada em Saint-Cloud, e que, morrendo, mandou o seu anel a Bossuet...

E após um momento de hesitação, disse:

- Gostava mais que fosse o retrato da outra.

- Por quê? - perguntou Maria Antonieta.

- Porque há bocas que ousariam dar certos conselhos, e essas são justamente as que a morte fechou.

- E não poderia dizer-me, senhor, o que me aconselharia a boca da viúva de Carlos I? - perguntou a rainha.

- Se vossa majestade o ordena...

- Sim, ordeno.

- “Oh! Minha irmã! lhe diria aquela boca, não notais a semelhança que há entre nossos destinos? Fui de França, como viestes de Áustria; eu era para os ingleses uma estrangeira, como vós o sois para a França; poderia ter dado a meu marido perdido, bons conselhos; guardei silêncio, ou dei-lhos maus; em lugar de o conciliar com o seu povo, e este com ele, excitei-o para a guerra; dei-lhe o conselho de marchar sobre Londres com os protestantes irlandeses; não só conservava uma correspondência com os inimigos da Inglaterra, senão que vim duas vezes a França para levar para Inglaterra soldados estrangeiros; enfim...”

Barnave calou-se.

- Continue - disse a rainha com as sobranceiras franzidas e a boca contraída.

- Para que hei-de continuar, senhora? - respondeu o jovem orador meneando a cabeça; - vossa majestade sabe, tão bem como eu, o fim desta sanguinolenta história...

- Sim... Vou pois continuar a dizer-lhe o que o retrato de madame Henriqueta me diria, para que me diga se me engano: “Finalmente, os escoceses traíram e entregaram o seu rei; o rei foi preso no momento em que pensava passar a França... Um alfaiate foi prendê-lo; um cortador o conduziu à prisão; um carreiro legitimou o tribunal que devia julgá-lo; um fabricante de cerveja presidiu ao tribunal superior, e para que nada faltasse ao odioso julgamento e à revisão desse processo iníquo, apresentado diante do juiz soberano, que revê todos os processos, um carrasco mascarado decepou a cabeça de Carlos Stuart!...” Eis o que o retrato de madame Henriqueta me diria, não é verdade? Pois bem! meu Deus, sei isso melhor do que ninguém; sei-o tanto melhor, que nada falta à semelhança: temos o nosso fabricante de cerveja dos arredores; porém, em lugar de se chamar Cromwell, chama-se Santerre; temos o nosso cortador; porém em lugar de se chamar Harrison, chama-se... Como? Legendre, creio eu; temos o nosso carreiro; porém em lugar de se chamar Pridge, chama-se... Oh! Quanto a este, ignoro... É de tão pouca importância, que nem sequer lhe sei o nome, nem o senhor está certo nele, mas pergunte-lho, e ele lho dirá; é o homem que conduz a nossa escolta, um aldeão, um vilão, um... Que sei eu?... Pois bem, eis o que madame Henriqueta me havia de dizer.

- E que lhe responderia?

- Responder-lhe-ia: “Pobre e querida princesa, não são conselhos que me dá, é um curso

de história, que me faz... O curso de história está feito: Agora espero os conselhos”.

- Oh! Esses conselhos, senhora - disse Barnave - se não recusa segui-los, seriam não só os mortos, mas também os vivos, que lhes dariam...

- Mortos ou vivos, todos que devem falar, que falem! Quem diz que, se os conselhos são bons, se não seguirão?

- Oh! Meu Deus! Senhora, mortos ou vivos só têm um conselho que dar a vossa majestade.

- Qual?

- Que se faça amar do povo.

- E é fácil a gente fazer-se amar do povo?!

- Ah! Senhora, este povo é muito mais seu, do que meu, e a prova está que, na sua chegada à França, este povo adorava-a.

- Oh! Senhor! Fala de uma coisa tão frágil, como é a popularidade!

- Senhora - disse Barnave - se eu, desconhecido, saindo da minha obscura esfera, tendo conquistado essa popularidade, quanto mais fácil lhe seria conservá-la ou reconquistá-la!... Porém, não, - continuou Barnave, animando-se - não, a sua causa, a causa da monarquia, a mais santa, a mais bela das causas, a quem a tem confiado? Que vozes e que braços a têm defendido? Nunca se viu tão grande ignorância dos tempos! Semelhante esquecimento do gênio da França!... Oh! Veja, eu... Eu, que solicitei a missão de vir ao encontro de vossa majestade com este único fim; eu que a vejo, que lhe falo finalmente, quantas vezes, meu Deus! Não tenho estado a ponto de ir oferecer-me a vossa majestade... De me dedicar... De me...

- Silêncio! - disse a rainha - vem alguém... Tornaremos a falar nisso, Sr. Barnave; estou pronta a tornar a vê-lo, a ouvi-lo e a seguir todos os seus conselhos.

- Oh! Senhora! - exclamou Barnave transportado.

- Silêncio! - repetiu a rainha.

- Vossa majestade está servida, disse aparecendo entre as portas o criado, de quem tinha ouvido os passos.

Entraram na casa de jantar; o rei chegava por outra porta; vinha de falar com Pétion, durante o tempo que a rainha tinha falado com Barnave, e parecia muito animado.

Os dois guardas esperavam de pé, reclamando como sempre o privilégio de servir suas majestades.

Charny, o mais afastado de todos, conservava-se em pé no vão de uma janela.

O rei olhou à volta de si, e aproveitando um momento em que estava só com a família, os dois guardas e o conde, disse em seguida a estes:

- Senhores, depois da ceia, necessito muito falar-lhes; portanto, farão o favor de acompanhar-me ao meu quarto.

Os três oficiais inclinaram-se.

O serviço começou na forma do costume.

Mas, suposto que preparada em casa de um dos primeiros bispos do reino, a mesa estava mal servida à noite em Meaux, quão bem servida estivera pela manhã em Château-Thierry.

O rei, como sempre, tinha grande apetite, e comeu muito, apesar da comida ser má. A rainha só tomou dois ovos frescos.

Desde a véspera, o delfim estava um pouco doente, pedia morangos, mas o pobre menino já não estava no tempo em que os seus menores caprichos eram satisfeitos; desde a véspera, todos aqueles a quem se havia dirigido lhe tinham respondido: “Não há” ou “Não se podem ir buscar.”

E contudo, na estrada vira gordos filhos de camponeses comendo morangos, que eles mesmo tinham ido colher.

Então, pobre criança, tinha invejado aqueles gordos rapazes de cabelos louros e faces rosadas, que não necessitavam pedir morangos, e que logo que os apeteciam, iam eles mesmo colhê-los, sabendo os canteiros onde brotavam, como as avezinhas sabem os campos, onde

florescem os nabos silvestres e a semente de linhaça.

Aquele desejo, que não tinha podido satisfazer, contristara muito a rainha; de maneira que quando o menino, recusando tudo o que lhe ofereciam, pediu novamente morangos, as lágrimas vieram aos olhos da mãe impotente.

Procurou à volta de si a quem pudesse dirigir-se, e viu Charny mudo, em pé e imóvel.

Fez-lhe duas vezes sinal; porém absorvido no seu pensamento, Charny não viu os sinais da rainha.

Finalmente, com a voz trémula de comoção, disse:

- Sr. conde de Charny?

Charny estremeceu como se o tivessem tirado de um sonho, e fez um movimento para se aproximar da rainha.

Mas neste momento a porta abriu-se e Barnave apareceu com um prato de morangos na mão.

- A rainha desculpar-me-á - disse ele - se entro aqui deste modo, e espero que el-rei seja assaz bom para me perdoar; porém, muitas vezes, durante o dia, ouvi o Sr. delfim pedir morangos; achei este prato na mesa do bispo, peguei-lhe e apresento-lho.

Entretanto Charny tinha-se aproximado da rainha; porém ela nem sequer lhe deu o tempo de chegar até onde estava.

- Obrigado, Sr. conde - disse ela - o Sr. Barnave adivinhou o que eu desejava, e de nada mais preciso.

Charny inclinou-se e sem responder uma única palavra, voltou para o seu lugar.

- Obrigado, meu amigo Barnave - disse o delfim.

- Sr. Barnave - disse o rei - o nosso jantar não é bom; porém se quer tomar parte nele, dar-nos-á muito prazer.

- Senhor - disse Barnave - um convite de el-rei é uma ordem... Onde manda vossa majestade que me assente?

- Entre a rainha e o delfim - disse o rei.

Barnave assentou-se, louco de amor e de orgulho.

Charny viu toda essa cena, sem que a menor vibração de ciúme lhe corresse do coração às veias; porém, olhando para a pobre borboleta, que também vinha queimar-se à luz real, murmurou:

- Mais um que se perde! Este valia mais do que os outros...

XXIV

O calvário

Depois voltando ao seu incessante pensamento, balbuciou:

- Esta carta!... Esta carta!... Que pode ela dizer?

Depois da ceia, os três oficiais, na conformidade das ordens que tinham recebido, subiram ao quarto do rei.

A infanta e o delfim e a Sr^a. de Tourzel estavam no seu quarto. O rei, a rainha e a princesa Isabel esperavam.

Quando os oficiais entraram, o rei disse:

- Sr. de Charny, tenha a bondade de fechar a porta; não quero ser incomodado por ninguém, pois tenho a comunicar-lhes uma coisa da mais alta importância. Senhores - continuou o rei - ontem em Dormans, o Sr. Pétion propôs-me para lhes facilitar a evasão, por meio de um disfarce, porém eu e a rainha opusemo-nos com receio de que tal proposta fosse apenas uma cilada, e que somente tentassem afastá-los de nós para os assassinarem ou para os enviarem para qualquer província, encarregando-os de alguma comissão, que os condenasse a serem fuzilados, sem lhe deixar o menor recurso. Portanto, eu e a rainha tomamos sob a nossa responsabilidade o

recusar semelhante proposta. Hoje, porém, o Sr. Pétion tornou a instar, dando-nos a sua palavra de honra de deputado; julgo por isso do meu dever dar-lhes parte do que ele receia e do que propõe.

- Meu senhor - interrompeu Charny - antes que vossa majestade continue, nisto falo não só em meu nome, mas julgo ser o intérprete dos sentimentos destes senhores, quererá el-rei conceder-nos uma graça?

- Senhores - respondeu o rei - a sua dedicação por mim e pela rainha, tem-os feito expor continuamente a vida há três dias... Há três dias, que a cada instante estão ameaçados por uma morte cruel; a cada instante, participam das vergonhas que nos oprimem e dos insultos que nos dirigem. Os senhores têm direito não só a solicitar uma graça, mas até a manifestar o seu desejo, o qual só não será imediatamente satisfeito, se estiver fora do alcance do meu poder e do da rainha.

- Pois bem, meu senhor - disse Charny - pedimos humilde, mas instantemente a vossa majestade que, sejam quais forem as proposições dos senhores deputados a nosso respeito, nos conceda a faculdade de as aceitar ou se tal entendermos recusar, conforme o nosso agrado.

- Senhores - respondeu o rei - dou-lhes a minha palavra de em nada os constranger; far-se-á o que desejarem.

- Então, meu senhor - disse Charny - agora escutamos vossa majestade com todo o reconhecimento e respeito.

A rainha, admirada, olhava para Charny; não compreendia a crescente indiferença, que nele notava, conjuntamente com a vontade obstinada de não se afastar um só instante do que tinha por dever.

Por isso não respondeu e deixou o rei continuar a conversação.

- Agora - continuou Luís XVI, deixando-lhes o livre arbítrio - eis as próprias palavras do Sr. Pétion: “Senhor; no momento da sua entrada em Paris não há segurança alguma para os três oficiais que o acompanham: nem eu, nem os srs. Barnave e Latour-Maubourg podemos responder pela sua vida, nem sequer com o perigo da nossa, e o sangue deles está antecipadamente prometido ao povo!”

Charny olhou para os dois companheiros; um sorriso de desprezo lhe passava pelos lábios.

- Então meu senhor - perguntou Charny - e depois?

- Depois - disse o rei - eis o que o Sr. Pétion propõe... Preparar-lhes-á três uniformes de guardas nacionais; mandará abrir esta noite as portas do arcebispado e deixará assim a cada um dos senhores ampla liberdade de fugirem.

- Meu senhor - replicou Charny, dirigindo-se novamente ao rei - os nossos dias foram dedicados a vossas majestades; dignaram-se aceitá-los como homenagem; portanto, ser-nos-á mais fácil morrer, do que separarmo-nos de vossas majestades... Conceda-nos pois o favor de nos tratar amanhã como nos tratou ontem: nem mais, nem menos. De toda a sua corte, de todo o seu exército, e de todos os seus guardas, restam-lhe ainda três corações fiéis; não lhes tire a única glória que ambicionam, qual é a de lhe serem fiéis até à morte.

- Está bem, senhores - disse a rainha - aceitamos... Porém, bem o compreendem, a contar deste momento, tudo deve ser comum entre nós: não são já servidores nossos, são nossos amigos, nossos irmãos... Os seus nomes sei-os bem, mas digam-me (e tirou da algibeira o seu livrinho de lembranças) os nomes de seus pais, de suas mães, de suas irmãs... Pode acontecer que tenhamos a desgraça de os perder, sem que sucumbamos; então pertencer-me-ia o participar a esses entes que lhe são caros a sua desgraça, e ao mesmo tempo pôr em prática para os consolar tudo que estivesse em meu poder... Vamos, srs. de Malden e de Valory, digam afoitamente, em caso de morte, e estamos todos tão perto de ver realizar-se esse caso, que não devemos hesitar em proferir o termo, quais são os parentes ou os amigos que querem recomendar-nos?

O Sr. de Malden recomendou a mãe, senhora idosa e doente, que habitava uma pequena propriedade nos arredores de Blois. O Sr. de Valory recomendou a irmã, menina órfã, que ele

mandara educar num convento de Soissons.

Eram sem dúvida corações varonis e cheios de coragem os daqueles homens, e entretanto, enquanto a rainha escrevia os nomes e moradas da Sr^a. de Malden e da menina de Valory, ambos faziam inúteis esforços para conter as lágrimas.

Até a rainha se viu obrigada a cessar de escrever para tirar um lenço da algibeira e enxugar os olhos.

Depois, quando acabou de escrever aqueles nomes, voltando-se para Charny, disse-lhe:

- Ah! Sr. conde, quanto ao senhor, sei que não tem pessoa alguma que me recomendar... Seu pai e sua mãe já não existem, e os seus dois irmãos...

A rainha não pôde continuar.

- Meus irmãos tiveram a felicidade de morrer por vossa majestade... Sim, minha senhora – acrescentou Charny; - mas o último que morreu deixou-me uma pobre menina, que me recomenda numa espécie de testamento, que lhe encontrei na algibeira. Essa menina foi por ele raptada à família, da qual já não pode esperar perdão. Enquanto eu viver, nem ela nem o filho sofrerão a menor privação; mas, como vossa majestade disse há pouco, com a sua admirável coragem, estamos todos em frente da morte, e se a morte me ferisse, a pobre menina e o filho ficariam sem recursos... Minha senhora, digne-se vossa majestade de escrever no seu livrinho o nome de uma pobre aldeã, e se eu tiver, como meus irmãos, a felicidade de morrer pelo meu augusto amo, e pela minha nobre rainha, desça com a sua generosidade até à desgraçada Catarina Billot e a seu filho; encontrá-los-á ambos na pequena aldeia de Ville-d'Avray.

Sem dúvida, que a imagem de Charny, expirando pela sua vez, como tinham expirado os irmãos, era um espectáculo demasiado terrível para a imaginação de Maria Antonieta, porque, encostando-se para trás, com um pequeno grito, deixou cair o seu livrinho de lembranças, e foi vacilante cair sobre uma cadeira.

Os dois guardas correram para ela, ao passo que Charny, apanhando o livrinho, escrevia nele o nome e a residência de Catarina Billot e o colocava sobre a chaminé.

A rainha fez um grande esforço e tornou imediatamente a si.

Então os mancebos, compreendendo a necessidade que ela tinha de ficar só, depois de tal comoção, deram um passo para trás a fim de se retirarem.

Porém ela, estendendo-lhes a mão, disse:

- Senhores, não me deixarão, espero, sem me beijarem a mão.

Os dois guardas adiantaram-se, na mesma ordem em que tinham dado os seus nomes e moradas; primeiro o Sr. de Malden e depois o Sr. de Valory.

Charny foi o último que se aproximou; a mão da rainha trémula, esperava esse beijo, em troca do qual teria certamente oferecido os outros dois.

Porém os lábios do conde apenas tocaram nessa bela mão, porque lhe parecia que, tendo a carta de Andréia junto ao coração, cometia um sacrilégio tocando com os lábios a mão da rainha.

Maria Antonieta soltou um suspiro, que parecia um gemido; nunca tinha medido tão bem, como por esse beijo, o abismo que em cada dia, em cada hora e diremos quase em cada minuto, se abria, cada vez mais, entre ela e o amante.

No dia seguinte, no momento da partida, os srs. de Latour-Maubourg e Barnave, ignorando sem dúvida o que se tinha passado na véspera entre o rei e os três oficiais, renovaram as suas instâncias para que se disfarçassem em guardas nacionais; porém eles recusaram, dizendo que os seus lugares eram na almofada da carruagem real, e que não tinham outro trajo que vestir senão o que o rei lhes tinha ordenado que trouxessem.

Então Barnave quis que se pusesse uma tábua atada em cada uma das extremidades da almofada, a fim de que dois granadeiros pudessem ir ali assentados, e garantissem quanto pudessem a vida dos obstinados servidores do rei.

Às dez horas da manhã deixaram Meaux. Iam entrar em Paris, donde estavam ausentes havia cinco dias.

Cinco dias! Que insondável abismo fora cavado durante aqueles cinco dias!

Apenas chegaram a uma légua de Meaux, o cortejo tomou um aspecto tão terrível, como ainda não fora visto.

A população dos arredores de Paris afluía de todos os lados. Barnave tinha querido obrigar os postilhões a irem a trote, porém a guarda nacional de Claye impediu o caminho, apresentando as pontas das baionetas.

Seria imprudente procurar transpor esse dique, e a própria rainha compreendeu o perigo e suplicou aos deputados que nada fizessem que pudesse aumentar a cólera do povo, formidável tempestade, que se ouvia bramar e aproximar.

Em breve a multidão foi tal, que os cavalos dificilmente puderam caminhar a passo.

Nunca estivera tanto calor: não era ar que se respirava, era fogo.

A insolente curiosidade do povo perseguia o rei e a rainha até nos dois recantos da carruagem, onde se tinham refugiado.

Alguns homens subiam aos estribos e metiam a cabeça dentro da carruagem: outros subiam para cima dela, outros à traseira e outros agarravam-se aos cavalos.

Foi só por milagre que Charny e os seus dois companheiros não foram mortos mais de vinte vezes.

Os dois granadeiros não bastavam para aparar todos os golpes. Rogavam, suplicavam, ordenavam mesmo em nome da Assembléia Nacional; porém as vozes perdiam-se no meio do tumulto, dos clamores e das vociferações.

Uma vanguarda de mais de dois mil homens precedia a carruagem, e uma retaguarda de mais de quatro mil a seguia.

Aos lados caminhava a multidão, que ia aumentando sem cessar.

À medida que se aproximavam de Paris, parecia que faltava o ar, como se fora todo absorvido pela cidade gigante.

A carruagem movia-se debaixo de um Sol de trinta e cinco graus, através de uma nuvem de poeira, da qual cada átomo era como que uma molécula de vidro ardente.

Por duas ou três vezes a rainha caiu para trás, dizendo que morria sufocada.

Na Bourget, o rei empalideceu de tal modo, que julgavam que ia desmaiar; pediu um copo de vinho pois faltavam-lhe as forças.

Por pouco que lhe não apresentaram, como a Cristo, uma esponja embebida em fel e vinagre; houve mesmo quem disse se lembrasse, porém, felizmente, a proposta foi rejeitada.

Chegaram a Villete.

A multidão levou mais de uma hora a afastar-se o suficiente para se poder encostar às duas fileiras da casa, cujas pedras brancas, reflectindo os raios do Sol, redobravam o calor.

Por toda a parte se viam homens, mulheres e crianças; nunca a vista humana envolveu uma multidão igual: as calçadas estavam cobertas, sem que aqueles que as cobriam pudessem mexer-se.

As portas, as janelas e os telhados estavam cheios de espectadores.

Todos tinham o chapéu na cabeça.

Porque na véspera tinha sido pregada em todas as esquinas das ruas de Paris esta ordem:

Quem saudar o rei será chibatado!

Quem o insultar será enforcado!

Tudo aquilo era de tal modo aterrador, que os comissários não ousaram meter pela rua de Saint-Martin, rua cheia de obstáculos e de ameaças; rua funesta, rua sanguinolenta, célebre nas memórias dos assassinios, desde a terrível história de Berthier.

Resolveram portanto entrar pelos Campos Elíseos, e o cortejo rodeando Paris, tomou pelos boulevards exteriores.

Eram mais três horas de suplício, e esse suplício era tão insuportável, que a rainha pedia

que entrassem pelo caminho mais curto, ainda que fosse o mais perigoso.

Duas vezes procurara baixar as tabuinhas da carruagem, e duas vezes, aos rugidos da multidão furiosa, fora mister tornar a levantá-las.

Além disso, nas barreiras, uma forte escolta de granadeiros cercara a carruagem; muitos deles marchavam junto das portinholas, e com as suas barretinas de pelo, quase que tapavam as janelas da carruagem.

Finalmente, pelas seis horas, a vanguarda apareceu por cima dos muros do jardim de Monceaux; trazia consigo três peças de artilharia, que ressoavam sobre a calçada, em pesados solavancos.

Essa vanguarda compunha-se de cavalaria e infantaria, misturadas com ondas de povo, no meio das quais lhes era quase impossível conservarem unidas as suas fileiras.

Os que a avistaram, refluíram para o alto dos Campos Elíseos. Era a terceira vez que Luís XVI ia entrar em Paris, por essa fatal barreira.

Entrara por ela, a primeira vez, depois da tomada da Bastilha;

Pela segunda vez, depois dos dias 5 e 6 de Outubro;

Pela terceira desta vez, depois da fuga de Varennes.

Paris em peso, ao saber que o cortejo devia entrar pela estrada de Neuilly, correrá para os Campos Elíseos.

Por isso, chegando à barreira, o rei e a rainha viram estender-se ante eles, a perder de vista, um imenso mar de homens silenciosos, sombrios e ameaçadores, todos com os chapéus na cabeça.

Porém, o que era talvez, senão mais terrível, pelo menos mais lúgubre, era uma dupla fileira de guardas nacionais, com as armas em funeral, que se prolongava desde a barreira até às Tulherias.

Era com efeito um dia de luto, luto imenso, o de uma monarquia de sete séculos.

Essa carruagem, que rodava lentamente no meio do povo, era o carro fúnebre, que conduzia a realeza para o túmulo.

Avistando essa longa fileira de guardas nacionais, os soldados, que escoltavam a carruagem, agitaram as armas, gritando:

- Viva a nação!

O grito de “Viva a Nação” retiniu imediatamente por toda a linha, desde a barreira até às Tulherias.

Depois, a onda imensa, perdida por baixo das árvores, estendendo-se de um lado até às ruas do arrabalde do Roule e do outro até à ribeira, agitou-se, gritando:

- Viva a Nação!

Era o grito de fraternidade dado por toda a França.

Apenas uma família, a que quisera fugir de França, era excluída dessa fraternidade.

Gastaram uma hora para irem da barreira à praça de Luís XV. Os cavalos vergavam sob o peso; cada um levava um granadeiro.

Atrás da carruagem em que ia o rei, a rainha, a família real, Barnave e Pétion, caminhava o cabriolé, encerrando as duas aias da rainha e o Sr. de Latour-Maubourg; finalmente, atrás do cabriolé uma carroça descoberta, porém protegida contra o Sol por um toldo, seguia, ocupado por Drouet, Guilherme e Maugin, isto é, por aquele que prendera o rei, e por aqueles que tinham prestado valioso auxílio para que fosse preso. O cansaço obrigara-os a recorrerem àquele meio de transporte.

Só Billot, infatigável, como se o ardor da vingança o tivesse tornado de bronze, se conservara a cavalo, e parecia dirigir todo o cortejo.

Entretanto na praça de Luís XV, o rei reparou que tinham vendado os olhos à estátua de seu avô.

- Que quiseram eles significar com isso – perguntou o rei a Barnave.

- Ignoro, senhor - respondeu este.

- Mas sei-o eu - disse Pétion; - quiseram significar a cegueira da monarquia.

Durante o caminho, apesar da escolta e dos editais, que proibiam insultar o rei, sob pena de ser enforcado, o povo rompeu, duas ou três vezes a fileira dos granadeiros, fraco e impotente dique contra esse elemento, a quem Deus esqueceu dizer, como ao mar: “Não passarás daqui!” Quando esse choque chegava, quando essa rotura se produzia, a rainha via, de repente, aparecerem às portinholas esses homens de rostos hediondos, de palavras implacáveis, que só em certos dias aparecem à superfície da sociedade, como esses monstros, que só nos dias de tempestade sobem à superfície do Oceano.

De uma vez ficou ela de tal modo assustada com essa aparição, que abaixou uma das tabuinhas da carruagem.

- Para que abaixam as tabuinhas? - gritaram dez vozes furiosas.

- Vejam, senhores - disse a rainha - vejam em que estado estão os meus pobres filhos!

E enxugando o suor, que lhe escorria pela frente, acrescentou:

- Nós sufocamos!

- Ora! Respondeu uma voz, isso não é nada... Nós te sufocaremos doutro modo, está descansada!

E um murro fez voar o vidro do postigo em pedaços.

Entretanto, no meio deste espectáculo terrível, alguns episódios teriam consolado o rei e a rainha, se a expressão do bem chegasse a eles tão facilmente, como chegava a expressão do mal.

Apesar do edital, que proibía saudar o rei, o Sr. Guilhermy, membro da Assembléia, descobriu-se; e como quisessem obrigá-lo a pôr o chapéu na cabeça, disse, atirando-o para longe de si:

- Que ousem trazer-mo outra vez!

À entrada da Ponte Girante encontraram vinte deputados, que a Assembléia acabava de enviar para protegerem o rei e a família real.

Depois apareceu Lafayette e o seu estado maior.

Lafayette aproximou-se da carruagem.

- Oh! Sr. de Lafayette - exclamou a rainha assim que o viu, - salve os oficiais que nos acompanham!

Este grito não era inútil, porque se aproximavam, do perigo e o perigo era grande.

Durante esse tempo, uma cena que não deixava de ter certa poesia, passava-se às portas do palácio.

Cinco ou seis aias da rainha, que depois da fuga de sua ama, tinham saído das Tulherias, julgando que a rainha as tinha deixado para sempre, queriam lá entrar para a receberem.

- Arreda! - gritaram as sentinelas - apresentando-lhes as pontas das baionetas.

- Escravas da austríaca! - berravam as peixeiras, mostrando-lhes os punhos fechados.

Então através das baionetas dos soldados, e arrastando as ameaças das mulheres do mercado, a irmã da Sr^a. Campan deu alguns passos para a frente.

- Escutem - disse ela - estou ligada à rainha desde a idade de quinze anos, dotou-me e casou-me: servi-a, quando era poderosa, devo abandoná-la, hoje, que é desgraçada?

- Tem razão! - gritou o povo; - soldados, deixem passar!

E a esta ordem, dada pelo amo, a que não se resiste, as fileiras abriram-se e as mulheres passaram.

Um instante depois, a rainha viu-as nas janelas do primeiro andar agitando os lenços.

Entretanto a carruagem rodava sempre, levando diante de si uma onda de povo e uma nuvem de poeira, como um navio abandonado impele diante de si as ondas do Oceano, levantando uma nuvem de espuma; e a comparação é tanto mais exacta, que nunca os naufragos foram ameaçados por um mar mais medonho e agitado, do que esse que se preparava para engolir a desgraçada família no momento em que procurasse chegar a essas Tulherias, que eram para ela a praça salvadora.

Finalmente, a carruagem parou; tinham chegado aos degraus do grande terraço.

- Ah! Senhores - disse mais uma vez a rainha, mas dirigindo-se agora a Pétion e a Barnave – os guardas! Os guardas!

- Não tem pessoa alguma que recomendar-me mais particularmente de entre esses senhores? – perguntou Barnave.

A rainha fitou nele os seus grandes olhos claros.

- Ninguém - respondeu.

E exigiu que o rei e os seus filhos fossem os primeiros a sair.

Os dez minutos, que então decorreram - e não exceptuamos os que decorreram, quando a conduziram ao cadafalso - foram certamente os mais cruéis da sua vida.

Estava convencida, não de que ia ser assassinada, a morte nada era, mas sim de que ia ser entregue ao povo, como um brinquedo, ou encerrada nalguma prisão, de onde só sairia depois de um processo infame.

Por isso, quando pôs os pés no estribo da carruagem, protegida pela abóbada de ferro, que por ordem de Barnave formavam por cima da sua cabeça as espingardas e as baionetas dos guardas nacionais, uma vertigem se apoderou dela, e julgaram que ia cair sem sentidos.

Porém quando os olhos estavam quase a fechar-se-lhe, num último olhar de angústia, em que se vê tudo, pareceu-lhe ver em frente de si o homem terrível, que no castelo de Taverney tinha, de modo tão misterioso, levantado para ela o véu do futuro; esse homem, que só tornara a ver uma vez, ao voltar de Versalhes, no dia 6 de Outubro, esse homem, enfim, que só aparecia para predizer as grandes catástrofes, ou no momento em que essas grandes catástrofes se cumpriam.

Oh! Foi então que os olhos, que hesitavam ainda, depois de se terem assegurado bem de que não se enganavam, se lhe fecharam, e soltou um ai, deixando-se vencer ela, que tão forte era, contra as realidades, inerte e de todo impotente em presença daquela visão sinistra.

Pareceu-lhe que a terra lhe faltava debaixo dos pés; que aquela multidão, aquelas árvores, aquele Céu ardente, aquele palácio imóvel, tudo lhe girava em volta. Vigorosos braços a seguravam, e sentiu-se levar no meio dos gritos, bramidos e clamores.

Neste momento pareceu-lhe ouvir a voz dos guardas, que gritavam chamando a si a cólera do povo, que assim esperavam desviar do seu verdadeiro alvo.

Abriu por um instante os olhos, e viu esses desgraçados arrebatados da almofada da carruagem, Charny, pálido e belo, como sempre, lutando só contra dez homens, com o raio do martírio nos olhos e o sorriso do desprezo nos lábios. Deixando Charny, as suas vistas voltaram-se para o homem que arrebatava no meio daquele imenso turbilhão, e conheceu com terror o misterioso personagem de Taverney e de Sèvres!

- O senhor! O senhor! - exclamou ela, procurando repeli-lo com as mãos hirtas.

- Sim, eu! - murmurou-lhe ele ao ouvido. - Tenho ainda necessidade de ti para impelir a monarquia ao seu último abismo... E por isso te salvo!

Desta vez, era mais do que podia suportar: soltou um grito e desmaiou completamente.

Entretanto, a multidão procurava fazer em pedaços os srs. de Charny, de Malden e de Valory, ao mesmo tempo que levava Drouet e Billot em triunfo.

XXV

O cálix

Quando a rainha tornou a si, estava no seu quarto de dormir, nas Tulherias.

A Sr^a. de Misery e a Sr^a. Campan, suas duas aias predilectas, estavam ao seu lado.

A sua primeira voz foi para perguntar pelo delfim.

O delfim estava no seu quarto, deitado na sua cama, vigiado pela Sr^a. de Tourzel, sua aia, e pela Sr^a. Brunier, sua camareira.

A asseveração não bastou à rainha: levantou-se imediatamente, e desalinhada como

estava, correu aos aposentos do filho.

O menino tivera grande medo, chorara muito; porém as suas angústias tinham passado e dormia agora.

Porém, a espaços, leves estremecimentos lhe agitavam o sono.

A rainha esteve por muito tempo com os olhos pregados no filho, encostada à coluna do leito, e olhando-o por entre lágrimas.

As terríveis palavras, que aquele homem lhe dissera em voz baixa, soavam-lhe sem cessar aos ouvidos: “Tenho necessidade de ti para impelir a monarquia ao seu último abismo... e por isso te salvo!”

Era pois verdade! Era pois ela quem impelia a monarquia para o abismo?

Necessariamente assim era, visto que os seus inimigos velavam pelos seus dias, encarregando-a da obra de destruição, que executava melhor do que eles mesmos.

Esse abismo, para onde impelia a monarquia, fechar-se-ia depois de ter tragado o rei, a rainha e o trono? Ou seria preciso que lhe devorassem também os filhos?

Não era o sacrifício, a inocência que nas religiões antigas tinha o poder de desarmar a cólera dos deuses?

É verdade que o Senhor não aceitara o sacrifício de Abraão, mas deixara-se consumir-se o de Jephthé.

Eram sombrios pensamentos para uma rainha, e ainda mais sendo essa rainha mãe.

Enfim, meneou a cabeça para o seu quarto, caminhando vagarosamente.

Ali pensou no caos em que se achava. O vestido estava sujo e rasgado em muitos sítios, os sapatos estavam rotos pelas pedras agudas e escabrosas, por que tinha caminhado; finalmente, estava toda coberta de poeira.

Pediu outros sapatos e um banho.

Barnave fora duas vezes saber cuidadosamente notícias da rainha.

Anunciando-lhe esta visita, a Sr^a. Campan olhava com admiração para a rainha.

- Agradecer-lhe-á afectuosamente, Sr^a. Campan - disse Maria Antonieta.

A Sr^a. Campan olhou-a ainda mais admirada.

- Devemos muitas obrigações a esse moço – continuou a rainha, consentindo, suposto não fosse o seu costume, em dar explicação do seu pensamento.

- Porém parecia-me, senhora - aventurou-se a dizer a dama - que o Sr. Barnave era um democrata, um homem do povo, a quem todos os meios eram bons para chegar... onde está...

- Todos os meios que oferece o talento, sim, senhora, é verdade - disse a rainha; - repare bem no que vou dizer-lhe: eu desculpo Barnave; um sentimento de orgulho, que não ousarei censurar-lhe, fez-lhe apreciar tudo o que franqueava a estrada das honras e da glória para a classe em que nasceu... Nada de perdão para os nobres que se envolveram na revolução! Mas se recuperarmos o poder, o perdão de Barnave ser-lhe-á concedido... Vá e procure saber notícias dos srs. de Malden e de Valory.

O coração da rainha acrescentava a estes dois nomes o do conde de Charny, porém os lábios recusaram-se a pronunciar-lo.

Seguidamente vieram dizer-lhe que o banho estava pronto.

Durante o intervalo, que acabava de decorrer desde a visita da rainha ao delfim, tinham postado sentinelas a todas as portas, até à porta do toucador, até à sala de banho.

A rainha obteve a grande custo que a porta estivesse fechada enquanto tomava banho.

Fez isso dizer a Prudhomme, no seu jornal *Revoluções de Paris*:

“Alguns bons patriotas, em quem o sentimento de horror à realeza não extinguiu o da compaixão, pareceram inquietos do estado moral e físico de Luís XVI e da sua família, depois de uma viagem tão desastrosa como a de Sainte-Menehould.”

“Sosseguem! O nosso *ex-rei*, sábado à noite, quando entrou nos seus aposentos, não se achou pior do que na volta de uma caçada fatigante e quase infrutífera; devorou a sua galinha na

forma do costume, e no dia seguinte, no fim do jantar, brincou com o filho.”

“Quanto à *mãe*, tomou um banho, logo que chegou; as suas primeiras ordens foram pedir sapatos, mostrando cuidadosamente que *os da viagem estavam rotos*: portou-se muito civilmente com os oficiais nomeados para a sua guarda particular, e achou ridículo e indecente ver-se obrigada a deixar aberta a porta da sala do banho e do quarto de dormir.”

Vejam *este monstro*, que tem a infâmia de comer uma galinha, no dia da sua chegada, e brincar no seguinte com o filho!

Vejam *esta sibarita*, que toma banho, depois de duas noites de estalagem e de três dias de jornada!

Vejam *esta mulher pródiga*, que pede sapatos, porque os da viagem estão rotos!

Vejam, finalmente, *esta Messalina* que *achando indecente ver-se obrigada a deixar abertas as portas da sala do seu quarto de dormir*, pede às sentinelas licença para as fechar.

Ah! Sr. jornalista! Que bem me parece só comer galinha nas quatro principais festas do ano, não ter filhos, não tomar banhos e ir para a Assembléia Nacional com os sapatos rotos!

Apesar do escândalo que o caso devia produzir, a rainha teve o seu banho e obteve que a porta se conservasse fechada.

Por isso a sentinela não deixou de chamar à Sr^a. Campan *aristocrata*, no momento em que esta, voltando de colher informações, entrava na sala de banho.

As notícias não eram tão más como as poderiam julgar.

Desde a chegada à barreira, Charny e os seus dois companheiros tinham combinado um plano, o qual tinha por fim atrair sobre si uma parte dos perigos, que corriam o rei e a rainha. Por conseqüência, combinaram que, logo que a carruagem parasse, um saltaria para a direita, outro para a esquerda, e o que ocupava o centro, para a frente; desta maneira, dividir-se-ia a multidão de assassinos, e obrigando-os a seguir os três rumos diferentes, talvez ficasse um caminho, por onde o rei e a rainha chegassem livremente ao paço.

Dissemos que a carruagem parou acima do primeiro lago, junto da grande varanda do palácio. A pressa dos assassinos era tão grande, que, precipitando-se ao encontro da carruagem, dois se feriram gravemente; por um instante, contudo, os dois granadeiros colocados sobre a almofada conseguiram defender os três oficiais; mas bem depressa, tendo sido lançados por terra, deixaram estes últimos sem defesa.

Foi o momento que os mancebos escolheram: todos três saltaram, mas não tão rapidamente que não derrubassem cinco ou seis homens, que subiam às rodas e aos estribos para os arrancar da almofada. Então, como tinham pensado, a cólera do povo espalhou-se sobre três pontos.

Apenas em terra, o Sr. de Malden achou-se debaixo das armas de dois porta-machados, os dois machados estavam levantados e só esperavam o momento de o ferirem; ele fez um violento movimento, graças ao qual se desembaraçou dos homens, que o conservavam agarrado pela gola, de maneira, que, durante um segundo, achou-se isolado.

Então, cruzando os braços, disse:

- Firam!

Um dos dois machados ficou levantado; a coragem da vítima paralisara o assassino.

O outro abaixou-se, sujo de sangue; porém, caindo, encontrou um mosquete, cujo cano o fez desviar, e só a ponta feriu o Sr. de Malden no pescoço, e lhe fez uma leve ferida.

Então ele empurrou a multidão, que se abriu; mas no fim de alguns passos foi recebido por um grupo de oficiais, que querendo salvá-lo o empurraram para o lado da ala dos guardas nacionais, que faziam ao rei e à rainha um caminho seguro desde a carruagem até ao paço. Neste momento o general Lafayette viu-o, e dirigindo o cavalo para ele, pegou-lhe pela gola e puxou-o para junto dos estribos, a fim de o cobrir de algum modo com a sua popularidade; porém o Sr. de Malden, conhecendo-o, exclamou:

- Deixe-me, senhor, ocupe-se unicamente da família real, e abandone-me à canalha!

O Sr. de Lafayette deixara-o efectivamente, e vendo um homem, que conduzia a rainha, correr para ele.

Então o Sr. de Malden tinha sido lançado por terra, levantado, atacado por uns e defendido por outros, e assim chegara, coberto de contusões, feridas e sangue, até à porta do palácio. Ali, um oficial de serviço, vendo-o prestes a sucumbir, agarrou-o pela gola, e puxando-o para si, exclamou:

- Seria de mau agouro que um miserável morresse de morte tão suave... É preciso inventar um suplício para um velhaco desta espécie... Entreguem-mo, que eu me encarrego dele!

E continuando a insultar o Sr. de Malden, dizia-lhe:

- Anda velhaco! Vem por aqui!... Comigo é que te hás-de haver!

E levou-o para um sítio sombrio, onde lhe disse:

- Salve-se, senhor e perdoe-me a astúcia de que fui obrigado a servir-me para o arrancar das mãos daqueles miseráveis.

Então o Sr. de Malden meteu-se nas escadas do paço e desapareceu.

Uma coisa quase semelhante se passara com o Sr. de Valory. Recebera duas feridas graves na cabeça; porém, no momento em que vinte baionetas, vinte sabres e vinte punhais se levantavam contra ele, Pétion aparecera, e empurrando os assassinos, com toda a força de que era dotado, exclamara:

- Em nome da Assembléia Nacional, declaro-os indignos do nome de franceses se não se retiram no mesmo instante, e se não me entregam esse homem... Sou Pétion!

E Pétion, que, debaixo de uma aparência um pouco rude, ocultava uma grande honradez, um coração corajoso e leal, tinha, ao dizer essas palavras, de tal modo imposto respeito aos assassinos, que se retiraram entregando-lhe o Sr. de Valory.

Então tinha-o conduzido, amparando-o, porque esvaído pelas feridas, que recebera, o Sr. de Valory podia apenas ter-se em pé, até à ala dos guardas nacionais e entregara-o ao ajudante de ordens Mateus Dumas, que respondera por ele sobre a sua cabeça, e efectivamente o tinha protegido até ao paço.

Neste momento, Pétion ouvira a voz de Barnave. Este chamava-o em seu socorro, pois era insuficiente para proteger o conde de Charny.

Porém não tardaria a sucumbir nesta luta desigual. Se Barnave, e depois Pétion, não tivessem diligentemente corrido em socorro dele.

A rainha recebeu a notícia deste caso no banho; porém a Sr^a. Campan, que lho contava, só podia dar-lhe notícias certas dos srs. de Malden e de Valory, que tinham sido vistos no paço, feridos e ensangüentados, mas que, apesar disso, sabia-se que não estavam perigosos.

Quanto a Charny, nada de positivo se sabia dele: dizia-se que tinha sido salvo por Barnave e Pétion, porém não o tinham visto entrar no paço.

A estas últimas palavras da Sr^a. Campan, assomou tão lívida palidez ao rosto da rainha, que julgando que a palidez provinha do temor de alguma desgraça que tivesse acontecido ao conde, exclamou:

- Mas não se mortifique vossa majestade por o Sr. conde de Charny não ter entrado no paço; a rainha sabe que o Sr. de Charny habita em Paris, e talvez o Sr. conde se tenha refugiado em casa da condessa...

Era justamente essa idéia que acudira ao pensamento de Maria Antonieta, e a fizera empalidecer tão horrorosamente.

E, saindo do banho, exclamou:

- Vista-me, Campan! Vista-me depressa! É preciso absolutamente que saiba o que é feito do conde...

- Que conde? - perguntou a Sr^a. de Misery entrando.

- O conde de Charny! - exclamou a rainha.

- O Sr. conde de Charny está na antecâmara de vossa majestade - disse a Sr^a. de Misery - e solicita a honra de um momento de conversação.

- Ah! - murmurou a rainha respirando – então manteve ele a sua palavra!

As duas damas olharam uma para outra, ignorando o que a rainha queria dizer, e ela, arquejante, incapaz de pronunciar mais uma palavra, fez-lhes sinal para que se apressassem.

Nunca ouviu *toilette* mais rápida: é verdade que Maria Antonieta se contentou com torcer o cabelo, que mandara lavar com água perfumada, a fim de lhe tirar a poeira, e compor sobre a camisa um penteador de cassa branca.

Quando entrou na sua antecâmara, e que mandou entrar o conde de Charny, estava tão branca como o penteador.

XXVI

O golpe

Alguns segundos depois, o criado particular anunciou o Sr. conde de Charny, e este apareceu no limiar da porta, alumiado pelo reflexo de ouro de um raio de Sol que caminhava para o seu ocaso.

Ele também, como a rainha, acabava de empregar o tempo que decorrera desde a sua entrada no paço, em fazer desaparecer os vestígios dessa longa jornada, e da luta perigosíssima, terrível, que tão valorosamente tinha sustentado à chegada.

Vestiu o seu antigo uniforme, isto é, o de capitão de fragata, com vistas vermelhas, e tira da camisa de renda.

Era o mesmo fato que trazia no dia em que encontrara a rainha e Andréia de Taverney na praça do Palais-Royal, onde, tendo-as conduzido a uma sege, as acompanhara a Versalhes.

Nunca estivera tão elegante, tão tranqüilo, tão belo, e a rainha teve dificuldade em acreditar, ao vê-lo, que fosse o mesmo homem que uma hora antes tinha estado a ponto de ser despedaçado pelo povo.

- Oh! Senhor - exclamou a rainha - devem ter-lhe dito quanto eu estava inquieta por sua causa e como mandei por todos os lados saber notícias suas.

- Sim, minha senhora - disse Charny inclinando-se - porém, acredite vossa majestade que também eu não entrei no meu quarto sem primeiro ter perguntado às damas de vossa majestade se estava sã e salva.

- Diz-se que deve a vida ao Sr. Pétion e ao Sr. Barnave... Será verdade, e deverei ainda ao último esta nova obrigação?

- É verdade, minha senhora, e ao Sr. Barnave até lhe devo um duplo agradecimento, porque, não tendo querido deixar-me sem que eu estivesse no meu quarto, teve a bondade de dizer-me, que se tinha ocupado de mim durante a jornada.

- Do senhor? De que maneira?

- Expondo a el-rei a inquietação, que supôs que a antiga amiga de vossa majestade sentiria com a minha ausência... Estou longe de crer, como vossa majestade, na vivacidade dessa inquietação; todavia...

E calou-se, porque lhe pareceu que a rainha, que já estava muito pálida, ia empalidecendo mais de momento a momento.

- Todavia - continuou Charny - sem aceitar em toda a sua extensão a despedida, que vossa majestade tinha intenção de oferecer-me, com efeito que, seguro como estou agora da vida de el-rei, da de vossa majestade e da dos seus augustos filhos, é conveniente que eu dê pessoalmente notícias minhas à condessa de Charny.

A rainha apoiou a mão esquerda sobre o coração, como se quisesse certificar-se de que não tinha sucumbido ao golpe que acabava de receber, e com a voz quase imperceptível, disse:

- Justíssimo, Sr. conde; porém, pergunto a mim mesma como esperou tanto tempo para cumprir esse dever...

- A rainha esquece que lhe dei a minha palavra de que não tornaria a ver a condessa sem o

seu real consentimento.

- E é esse consentimento que vem pedir-me?

- É sim, minha senhora - disse Charny - e suplico a vossa majestade que mo conceda.

- E se não lho concedesse, decerto passaria sem ele, tal é o ardor com que está a ver a condessa, não é verdade?

- Creio que a rainha se mostra ingrata para comigo - disse Charny. - No momento em que deixei Paris, julguei que deixaria a condessa por muito tempo, senão para sempre. Durante toda a jornada fiz quanto humanamente estava em meu poder para que tudo terminasse em bem. Lembre-se vossa majestade de que não foi por minha culpa, que não deixei, como meu pobre irmão, a vida em Varennes, ou que não fui como o Sr. de Dampierre, feito em pedaços no caminho, ou no jardim das Tulherias... Se eu tivesse tido o prazer de conduzir vossa majestade para além da fronteira, ou a honra de ter morrido por vossa majestade, exilava-me no primeiro caso, e morria no segundo, sem ter tornado a ver a condessa... Mas, repito a vossa majestade, voltando a Paris, não posso dar à mulher, que tem o meu nome e bem sabe vossa Majestade como ela o honra! não lhe posso dar, digo, esse sinal de indiferença, e deixar de lhe dar notícias minhas, principalmente agora, que meu irmão já não existe para me substituir... Além disso, ou o Sr. Barnave se enganou, ou era ainda antes de ontem esse o parecer de vossa majestade.

A rainha deixou cair a mão sobre o braço da cadeira, e seguindo com todo o corpo este movimento, que a aproximava de Charny, disse:

- Ama então muito aquela mulher, senhor, para que, por causa dela me cause tão friamente uma tal dor!...

- Há quase seis anos - respondeu Charny - que vossa majestade mesma, no momento em que eu não pensava em tal, porque na terra só existia para mim uma mulher, e essa mulher tinha a Deus colocado de tal modo superior a mim que eu não podia aspirar a ela; há seis anos - repito - que me deu por marido a Andréia de Taverny, e que me impôs por esposa; durante esses seis anos, a minha mão não tem sequer duas vezes tocado na dela; não lhe tenho dirigido dez vezes a palavra, sem necessidade absoluta, e parece-me que nem as nossas vistas se têm encontrado dez vezes... A minha vida tem sido ocupada e envolvida por outro amor, pelos mil cuidados, os mil trabalhos, os mil combates, que agitam a existência de um homem; tenho vivido na corte, medido as estradas reais, e tramado também, com o fio, que o rei se dignou confiar-me, a intriga gigantesca, que a fatalidade devera inutilizar. Ora, não tenho contado os dias, nem os meses, nem os anos; o tempo tem passado, tanto mais rápido, quanto mais ocupado tenho estado de todas as afeições, cuidados e intrigas, que acabo de mencionar. Porém, outro tanto não tem acontecido à condessa de Charny. Depois que teve o desgosto de deixar a vossa majestade, depois de ter tido sem dúvida a desgraça de desagradar-lhe, vive só, isolada e perdida no pavilhão da rua Coq-Héron... Essa solidão, essa vida isolada, esse abandono tem-os aceitado sem se queixar; porque, coração vazio de amor, não precisa das mesmas afeições que as outras mulheres; porém o que talvez não aceitasse sem se queixar seria o meu esquecimento para com ela dos deveres mais simples, ou das mais vulgares atenções...

- Jesus! - exclamou a rainha - como está preocupado com o que a Sr^a. de Charny pensará ou não pensará do senhor, conforme o vir ou não o vir!... Antes de todo esse cuidado, seria bom saber se ela pensou no senhor quando partiu, ou se pensa agora, no momento da sua chegada.

- No momento da minha chegada ignoro se a condessa pensa em mim, minha senhora; porém no momento da minha partida pensou, estou bem certo disso.

- Viu-a então antes de partir?

- Já tive a honra de dizer a vossa majestade que não tinha visto a condessa de Charny, desde o momento em que dei a minha palavra à rainha de não a ver.

- Então escreveu-lhe?

Charny não respondeu.

- Vejamos - disse Maria Antonieta - escreveu-lhe, confesse-o!

- Entregou a meu irmão Isidoro uma carta para mim.

- E leu essa carta? Que dizia? Que podia ela escrever-lhe? E contudo, ela tinha-me jurado... Vejamos, responda depressa... Então, nessa carta dizia-lhe... Fale, senhor, pois não vê que estou desesperada?

- Não posso repetir a vossa majestade o que a condessa me diz na carta, porque não a li.

- Rasgou-a - exclamou a rainha radiante de alegria; - queimou-a, sem a ler? Charny! Charny! Se o fez é o mais leal dos homens, e eu fazia mal em me queixar: nada perdi!

E a rainha estendeu os braços para Charny, como para o atrair a si.

Mas Charny ficou imóvel no mesmo lugar.

- Não a rasguei, nem a queimei.

- Mas então - disse a rainha, tornando a cair na cadeira - porque não a leu?

- A carta só me devia ser entregue por meu irmão, no caso em que eu fosse ferido mortalmente... Ai! Não era eu, que devia morrer, era ele!... Depois dele morto, trouxeram-me os seus papéis e entre eles estava a carta da condessa e este bilhete, que vossa majestade vê; queira recebê-lo minha senhora.

E Charny apresentou à rainha o bilhete escrito por Isidoro, a que estava anexo à carta.

Maria Antonieta, pegando no bilhete com a mão trémula, tocou a campainha.

Anoitecera durante a cena que acabamos de contar.

- Tragam luz! - bradou ela.

O criado particular saiu; houve um minuto de silêncio, em que se ouvia a respiração arquejante da rainha e a pulsação precipitada do coração.

O criado voltou com duas serpentinas que pôs em cima do fogão.

A rainha nem sequer lhe deu tempo para retirar-se, e enquanto ele se afastava e fechava a porta, aproximou-se do fogão com o bilhete na mão.

Duas vezes lançou Maria Antonieta os olhos sobre o papel sem nada ver.

- Oh! - murmurou ela com desespero - isto não é papel, é fogo!

Finalmente, à força de vontade, a mão cessou de tremer e os olhos começaram a ver.

Leu com voz rouca, e que nada tinha de comum com a sua voz habitual:

“Esta carta é dirigida, não a mim, mas a meu irmão o conde Olivier de Charny; é escrita por sua mulher, a condessa de Charny...”

A rainha calou-se; alguns segundos depois continuou:

“Se me acontecer alguma desgraça, aquele que a encontrar a entregará ao conde Olivier de Charny ou a enviará à condessa”.

A rainha calou-se segunda vez, meneou a cabeça e continuou a ler:

“Eu recebia-a com a recomendação seguinte...”

- Ah! vejamos a recomendação, murmurou a rainha.

“Se na empresa, em que está empenhado, o conde for bem sucedido, restituirá a carta à condessa...”

A voz da rainha tornava-se cada vez mais sufocada, à medida que lia.

Continuou:

“Se ele for ferido gravemente, mas sem perigo de vida, rogar-lhe-á que conceda a sua esposa a graça de se reunir a ele...”

-Oh! Isto é claro! - balbuciou a rainha.
Depois, com voz quase ininteligível:

“Finalmente, se for ferido mortalmente, entregar-lhe-á esta carta, e se ele mesmo não a puder ler, ler-lha-á para que antes de expirar saiba o que ela contém...”

- Pois bem, negá-lo-á agora? - exclamou Maria Antonieta cobrindo o conde com um olhar inflamado.

- O quê?

- Jesus que ela ama-o!...

- A quem? A mim?... A condessa ama-me? Que diz, minha senhora? - exclamou Charny.

- Oh! Quanto sou desgraçada! Diga a verdade!

- A condessa amar-me! A mim! É impossível!

- E porque não?... Também eu o amo!

- Mas, durante seis anos, se a condessa me tivesse amor, por certo ter-mo-ia dito, ter-mo-ia deixado perceber...

Tinha chegado o momento à pobre Maria Antonieta, em que sofrendo tanto e sentindo a necessidade de enterrar, como um punhal, o sofrimento no mais íntimo do coração, bradou:

- Não, nada lhe tem deixado perceber, nada lhe tem dito, porque bem sabe que não pode ser sua mulher!

- A condessa de Charny não pode ser minha mulher!... - repetiu Olivier.

- É... - continuou a rainha inebriando-se cada vez mais com a sua própria dor - é que ela bem sabe que entre ambos há um segredo, que mataria o seu amor!

- Um segredo que mataria o nosso amor?!

- É que ela bem sabe que, desde o momento que falasse, o senhor a desprezaria!

- Eu, desprezar a condessa!...

- A menos que não se despreze a mulher que foi esposa sem esposo, mãe sem marido...

Chegou a vez de Charny se tornar pálido como a morte e de buscar um apoio na cadeira que lhe estava mais próxima.

- Minha senhora... Minha senhora! - exclamou ele - vossa majestade tem dito muito, ou muito pouco... E portanto creio ter o direito de lhe pedir uma explicação.

- Uma explicação, senhor? A mim, à rainha, uma explicação?...

- Sim, minha senhora - disse Charny - peço-lha!

Neste momento abriu-se a porta.

- Que me querem? - perguntou a rainha impaciente.

- Vossa majestade - respondeu o criado particular - tinha dito que estava sempre visível para o Dr. Gilberto.

- E então?

- O Dr. Gilberto reclama a honra de apresentar os seus humildes respeitos a vossa majestade.

- O Dr. Gilberto! - disse a rainha; - está bem certo que é o Dr. Gilberto?

- Estou sim, real senhora.

- Oh! Então que entre!

Depois, voltando-se para Charny, disse elevando a voz:

- Quer uma explicação a respeito da Sr^a. de Charny, peça-a ao Dr. Gilberto... Melhor que ninguém lhe pode dar!

Entretanto Gilberto entrara; ouvira as últimas palavras de Maria Antonieta, e ficara em pé e imóvel à entrada da porta.

Quanto à rainha, entregando a Charny o bilhete do irmão, deu alguns passos para ir para o seu gabinete de vestir; porém, mais rápido que ela, o conde embarçou-a na passagem, agarrando-a pelo pulso.

- Perdão - disse ele - porém esta explicação é diante de vossa majestade que deve verificar-se.

- Senhor - disse Maria Antonieta com o olhar febril e os dentes cerrados - esquece-se, parece-me, de que sou a rainha!

- É uma amiga ingrata que calunia a sua amiga; é uma mulher ciosa que insulta outra mulher, a esposa de um homem que durante três dias arriscou a vida vinte vezes por vossa majestade; tê-la caluniado e insultado, há-de fazer-se-lhe a justiça que mereceu... Assente-se, pois, vossa majestade ali e espere!

- Pois bem, seja - disse a rainha. - Sr. Gilberto - continuou ela, tentando rir de um modo indiferente, o que não conseguiu - ouviu o que deseja este senhor?

- Sr. Dr. Gilberto - disse o conde de Charny em tom cortês e digno - ouviu o que ordena a rainha?

Gilberto avançou, e olhando tristemente para Maria Antonieta, murmurou:

- Oh! Senhora! Senhora!

Depois, voltando-se para Charny:

- Sr. conde, o que tenho a dizer-lhe é a vergonha de um homem e a glória de uma mulher... Um desgraçado, um camponês, um verme da terra, amava a menina de Taverney; um dia encontrou-a desmaiada, e sem respeito pela sua mocidade, pela sua beleza e pela sua inocência, o miserável violou-a!... É deste modo que a jovem foi esposa sem marido, e mãe sem esposo... A menina de Taverney é um anjo! A Sr^a. de Charny é uma mártir!

Charny enxugou o suor que lhe caía do rosto.

- Obrigado, Sr. Gilberto - disse ele.

Depois, dirigindo-se à rainha, disse:

- Senhora, ignorava que a menina de Taverney tivesse sido tão desgraçada, que a Sr^a. de Charny fosse tão respeitável! Sem o que, peço que o acredite, não teria passado seis anos sem lhe cair aos pés e sem a adorar como merece!

E inclinando-se diante da rainha estupefacta, saiu, sem que a infeliz mulher ousasse fazer o menor movimento para o deter.

Porém Charny ouviu o grito de dor que ela deu, ao ver a porta fechar-se sobre ele.

É que a rainha compreendia que, sobre aquela porta, como sobre a do inferno, o demónio do ciúme acabava de escrever esta terrível sentença:

Lasciate ogni speranza!

XXVII

Date Lília

Digamos agora o que fazia a condessa de Charny enquanto se passava entre o conde e a rainha a cena, que acabamos de contar, e que acordara tão dolorosamente uma longa série de aflições.

Em primeiro lugar, para nós, que conhecemos o estado do coração da condessa, é fácil imaginar o que ela sofreria desde a partida de Isidoro.

Tremia ao mesmo tempo que aquele grande projecto, que adivinhara ser de uma fuga, tivesse bom ou mau êxito.

Com efeito, se sáísse bem, conhecia assaz a dedicação do conde a seus amos, para estar certa de que, uma vez exilados, nunca os abandonaria; se sáísse mal, conhecia bastante a coragem de Olivier para estar certa de que lutaria até ao último momento, enquanto houvesse alguma esperança, contra os obstáculos, quaisquer que fossem.

Desde o momento em que Isidoro se despedira dela, a condessa conservara sempre os olhos abertos para aproveitar toda a luz, os ouvidos constantemente atentos para perceber o menor ruído.

No dia seguinte soube, como o resto da população parisiense, que o rei e a família real tinham deixado Paris durante a noite.

Nenhum acidente fizera notar, nem sequer levemente, essa partida.

Uma vez que houvera fuga, conforme ela previra, Charny afastava-se dela!

Deu um suspiro e ajoelhou rezando pela feliz jornada do marido.

Depois, durante dois dias, Paris ficou muda e por assim dizer sem eco.

Finalmente, na manhã do terceiro dia, um grande boato se espalhou pela cidade de que o rei fora preso em Varennes.

Nada mais se sabia: depois do trovão o silêncio: depois do relâmpago, a noite.

O rei fora preso em Varennes, eis tudo.

Andréia ignorava o que fosse Varennes. Aquela pequena cidade, tão fatalmente célebre depois; aquela vila, que devia mais tarde tornar-se uma ameaça para toda a realeza, participava naquela época da obscuridade, que pesava, e ainda pesa sobre dez mil vilas de França, tão pouco importantes e tão desconhecidas como ela.

Andréia abriu um dicionário geográfico e leu:

“Varennes-en-Argonne, cabeça de comarca; tem 1607 habitantes”.

Depois procurou num mapa, e encontrou Varennes colocada como centro de um triângulo entre Stenay, Verdun e Châlons, na raia da sua floresta, sobre as margens da sua ribeira.

Foi pois sobre esse ponto obscuro de França, que se concentrou dali por diante toda a sua atenção; foi ali que ela viveu em pensamentos, esperanças e receios.

Depois, a pouco e pouco, em continuação da grande novidade, vieram as notícias secundárias, como ao nascer do Sol, após o grande conjunto que ele tira do caos, aparecem as particularidades mais minuciosas.

Essas particularidades porém, apesar de insignificantes, eram imensas para ela!

O Sr. de Bouillé, segundo diziam, quisera livrar o rei, atacara a escolta, e depois de encarniçado combate, retirara, deixando a família real nas mãos dos patriotas vencedores.

Sem dúvida Charny tomara parte nesse combate; sem dúvida Charny fora o último a retirar-se se não tivesse ficado no campo da batalha.

Depois disseram que um dos três oficiais, que acompanhavam o rei, tinha sido morto.

Logo em seguida, declarou-se o nome desse oficial, porém ignorava-se se fora o visconde ou o conde, se fora Isidoro se Olivier de Charny.

Era um Charny, nada mais se sabia.

Durante os dois dias em que esta questão ficou indecisa, o coração de Andréia sofreu terríveis aflições!

Finalmente, anunciaram o regresso do rei e da família real para sábado 25; os augustos prisioneiros tinham pernoitado em Meaux.

Calculando o tempo e o espaço pelo modo ordinário, o rei devia estar em Paris antes do meio-dia; supondo que viesse pela estrada mais curta, o rei devia entrar em Paris pela rua de Saint-Martin.

Às onze horas a Sr^a. de Charny, vestida com a maior simplicidade e com o rosto coberto com um véu, estava na barreira.

Esperou até às três horas.

Então, as primeiras ondas da multidão, empurrando tudo adiante de si, anunciaram que o rei costearia Paris, e por certo entraria pela barreira dos Campos Elíseos.

Era necessário atravessar a cidade em toda a sua extensão, e atravessá-la a pé. Ninguém ousaria circular de carruagem por entre a multidão compacta, que enchia as ruas.

Nunca desde a tomada da Bastilha, tinha havido semelhante ajuntamento no boulevard.

Andréia não hesitou; tomou o caminho dos Campos Elíseos e foi das primeiras a chegar à barreira.

Ali ainda esperou três horas, três horas aflitivas!

Finalmente, apareceu o cortejo.

Já dissemos a ordem e as condições em que marchava.

Andréia viu passar a carruagem, e deu um grande grito de alegria, ao conhecer Charny na almofada.

Respondeu-lhe um grito, que parecia o eco do seu, se não fosse de dor...

Andréia voltou-se para o lado de onde partira esse grito. Debatia-se uma rapariga entre os braços de três ou quatro pessoas caritativas, que se apressaram a socorrê-la.

Parecia possuída do mais violento desespero.

Talvez Andréia lhe tivesse concedido uma atenção mais eficaz, se não ouvisse murmurar em volta de si todas as espécies de imprecações contra os três homens, que vinham sentados na almofada da carruagem real.

Era sobre eles que devia cair a cólera do povo; eram eles os principais emissários da grande traição real; seriam indubitavelmente feitos emostas no momento em que a carruagem parasse.

E Charny era um desses três homens!

Andréia resolveu fazer todo o possível para penetrar no jardim das Tulherias.

Mas para isso era preciso atravessar a multidão, voltar pela borda do rio, isto é, pelo cais da Conferência, e entrar no jardim, se fosse possível, pelo cais das Tulherias.

Andréia tomou a rua de Chaillot e dirigiu-se para o lado do cais.

À força de tentativas, a risco de ser esmagada vinte vezes, conseguiu transpor a grade; porém, tal multidão se aglomerava no sítio onde devia parar a carruagem, que não devia pensar em chegar à primeira fila.

Andréia pensou que da varanda da margem do rio dominaria toda aquela multidão; é verdade que a distância seria muito grande para que nada pudesse ver circunstanciadamente, nada ouviria com certeza.

Não importa! Veria e ouviria mal, isso valia mais do que não ver nem ouvir.

Subiu pois à varanda da margem do rio.

Dali, com efeito, via a almofada da carruagem, Charny e os dois oficiais; Charny, que não se podia lembrar de que a cem passos dele um coração batia tão violentamente por sua causa! Charny que, naquele momento, não tinha provavelmente pensamento algum para Andréia! Charny, que só pensava na rainha, que só esquecia a sua própria segurança para vigiar pela da rainha!

Oh! Se ela soubesse que, naquele mesmo instante, Charny apertava contra o coração a sua carta, e lhe oferecia, no pensamento, o último suspiro, que julgava dar!

Finalmente, a carruagem parou no meio dos gritos, dos uivos e das imprecações.

Quase no mesmo instante fez-se à roda da carruagem um grande ruído, um grande movimento, um imenso tumulto.

As baionetas, as lanças e os sabres levantaram-se; dir-se-ia uma seara de ferro, vergando debaixo de uma tempestade.

Os três homens, precipitados da almofada, desapareceram, como se tivessem caído num sorvedouro... Depois houve um tal redemoinho na multidão, que as suas últimas fileiras vieram quebrar-se contra a parede que sustentava a varanda.

Andréia, cheia de angústia, dizia, arquejante e com os braços estendidos, palavras ininteligíveis no meio daquele concerto terrível que se compunha de maldições; de blasfêmias e de gritos de morte.

Depois, não soube o que se passou; a Terra andou-lhe à volta, o Céu tornou-se vermelho, um zunido, semelhante ao da maré que enche lhe soou aos ouvidos.

Era o sangue, que lhe subia do coração à cabeça e que lhe invadia o cérebro.

Caiu meio desmaiada, compreendendo que vivia, porque sofria.

Uma impressão de frescura fê-la voltar a si: uma mulher aplicava-lhe ao rosto um lenço

umedecido com água do Sena, enquanto outra lhe fazia respirar um vidro de saís.

Conheceu a mulher, que vira moribunda, com ela, na barreira, ignorando qual a analogia que, por um laço desconhecido, unia a dor dessa mulher à sua.

Tornando a si, ainda bastante inquieta, as suas primeiras palavras foram:

- Estão mortos?

A compaixão é inteligente: os que cercavam Andréia compreenderam que se tratava dos três homens, cuja vida estivera tão cruelmente ameaçada.

- Não - lhes responderam - estão salvos!

- Todos três? - perguntou ela.

- Todos três.

- Oh! Seja Deus louvado!... E onde estão?

- Julga-se que estão no paço.

- No paço... Obrigada!

E levantando-se, meneando a cabeça, orientando-se com um olhar perturbado, saiu pelo postigo das Tulherias.

Pensava com razão, que desse lado a multidão seria menos compacta.

Efectivamente, a rua des Orties estava quase deserta.

Atravessou a praça do Carroussel, e chegada ao pátio dos príncipes, entrou na casa do porteiro.

Este homem conhecia a condessa: tinha-a visto entrar no paço, e sair, durante os dois ou três primeiros dias da volta de Versalhes.

Depois, tinha-a visto sair para nunca mais entrar, no dia em que, perseguida por Sebastião, Andréia levava o menino consigo na carruagem.

O porteiro consentiu em ir colher informações.

Pelos corredores interiores depressa chegou ao centro do palácio.

Os três oficiais estavam salvos. O Sr. de Charny, são e salvo, retirara-se para o seu quarto.

Pouco depois, saíra dali vestido de oficial de marinha, e dirigira-se aos quartos da rainha, onde devia estar naquele momento.

Andréia respirou, estendeu uma bolsa a quem lhe dera tão boas notícias, e preocupada e arquejante, pediu um copo de água.

Ah! Charny estava salvo.

Agradeceu ao bom homem e tomou novamente o caminho do palácio da rua Coq-Héron.

Chegada ali, foi cair, não sobre uma cadeira, mas diante do seu genuflexório.

Não era decerto para orar; há momentos em que o reconhecimento para com o Senhor é tão grande, que faltam expressões para manifestar-lho; então são os braços, os olhos e todo o corpo; é todo o coração, toda a alma que voam para Deus.

Estava mergulhada nesse bem-aventurado êxtase, quando ouviu abrir a porta; voltou-se vagorosamente, nada compreendendo daquele ruído da terra, que vinha perturbá-la no mais profundo da sua meditação.

A criada estava de pé, procurando com a vista, tão perdida estava na escuridão.

Atrás da criada elevava-se uma sombra, uma forma indecisa, mas a que o seu instinto deu imediatamente contornos e nome.

- O Sr. conde de Charny - disse a criada.

Andréia quis levantar-se, porém faltaram-lhe as forças: caiu de joelhos sobre a almofada, e meio levantada, apoiando o braço no genuflexório, murmurou:

- O conde! O conde!

E suposto que ele ali estivesse à sua vista, não podia acreditar na presença dele.

Andréia fez um sinal com a cabeça, porque lhe foi impossível soltar uma palavra; a criada afastou-se para deixar entrar Charny e fechou a porta.

Charny e a condessa ficaram sós.

- Disseram-me que acabava de entrar, minha senhora - disse Charny; - acaso serei

indiscreto, procurando-a neste momento?

- Não - disse ela com voz trémula - não... seja bem-vindo, senhor... Estava de tal modo inquieta, que saí para saber o que se passava.

- Tinha saído... Havia muito tempo?

- Desde pela manhã... Estive primeiro na barreira de Saint-Martin, depois na dos Campos Elíseos. Ali, vi... Vi...

Ela hesitou.

- Viu o quê?

- Vi o rei, a família real, e o senhor; fiquei sossegada... Momentaneamente, pelo menos. Temia pelo senhor, quando se apeasse; então voltei para o jardim das Tulherias... Ah! Ali, julguei morrer!...

- Sim - disse Charny - a multidão era imensa; foi apertada, andou por certo em bolandas, sufocada quase... Compreendo...

- Não, não - disse Andréia meneando a cabeça - oh! Não, não foi isso!... Finalmente informei-me; soube que o senhor estava salvo; voltei para aqui... E bem vê, estava de joelhos... Orava... Agradecia a Deus!

- Visto estar de joelhos, minha senhora, visto orar a Deus, não se levante sem pedir pelo meu pobre irmão.

- O Sr. Isidoro!... Ah! - exclamou Andréia - era então ele, o infeliz mancebo!

E deixou cair a cabeça entre as mãos.

Charny deu alguns passos para diante, e contemplou com profunda expressão de ternura e melancolia aquela casta criatura, que rezava.

Havia além disso, naquele olhar, um profundo sentimento de comiseração, de misericórdia e mansidão.

E alguma coisa mais, semelhante a um desejo oculto.

Não lhe tinha dito a rainha, ou antes, não tinha deixado escapar a extraordinária revelação de que Andréia de Taverney o amava?

Acabada a oração, a condessa voltou-se.

- E morreu? - disse ela.

- Morreu sim, minha senhora! Como o pobre Jorge pela mesma causa e cumprindo o mesmo dever.

- E no meio dessa grande dor, que lhe deve ter causado a morte de seu irmão, pôde pensar em mim? - disse Andréia com a voz tão fraca, que mal se podiam perceber as palavras.

Felizmente Charny ouvia com o coração e com os ouvidos ao mesmo tempo.

- Minha senhora - disse ele - não tinha encarregado meu irmão de uma missão para mim?

- Senhor... - balbuciou Andréia levantando-se sobre um joelho e olhando para o conde com ansiedade.

- Não lhe tinha dado uma carta para mim?

- Senhor!... Senhor! - repetiu Andréia com voz trémula.

- Depois da morte do pobre Isidoro, entregaram-me os papéis que lhe foram encontrados, e entre eles estava a sua carta.

- Leu-a?! - exclamou Andréia ocultando a cabeça entre as mãos; - ah!

- Não, minha senhora, eu só devia saber o conteúdo da carta, se fosse mortalmente ferido, e como vê, estou são e salvo.

- Então a carta?...

- Ei-la intacta, minha senhora, e tal qual a entregou a Isidoro.

- Oh! - murmurou Andréia pegando na carta - e muito bom ou muito cruel o que fez!

Charny estendendo o braço, pegou na mão de Andréia, e conservou-a entre as suas.

Andréia fez um movimento para retirar a mão.

Depois, como Charny insistisse, murmurou:

- Por obséquio, senhor!

Deu um suspiro, quase de espanto; sem força contra si, deixou a mão trémula e úmida entre as do conde.

Então indecisa, não tendo onde fixar a vista, não sabendo como evitar o olhar de Charny, que sentia cravado nela, não podendo recuar, porque estava encostada ao genuflexório, disse:

- Sim, compreendo, senhor, veio restituir-me a carta...

- Sim, minha senhora... Mas vim também para outra coisa... Tenho que pedir-lhe perdão, condessa!

Andréia estremeceu até ao íntimo do coração; era a primeira vez que Charny lhe dava este título sem o preceder da palavra *senhora*.

Depois pronunciara a frase inteira, com uma inflexão de suavidade infinita.

- Pedir perdão, a mim, o Sr. conde?! De quê?

- Da maneira por que me tenho comportado para com a condessa durante seis anos.

Andréia olhou para ele com profunda admiração.

- Porventura queixei-me alguma vez, Sr. conde? - perguntou ela.

- Não, minha senhora e não se queixou única e simplesmente porque é um anjo.

A seu pesar, os olhos de Andréia arrasaram-se de água, e sentiu as lágrimas deslizarem-lhe pelas faces.

- Chora, Andréia? - disse Charny.

- Oh! - exclamou Andréia sufocada em lágrimas; - desculpe-me, senhor... Porém não estou acostumada a ouvi-lo falar assim... Ai, meu Deus! Meu Deus!...

E foi assentar-se num sofá, deixando pender a cabeça entre as mãos.

Depois, passado um instante, afastando as mãos e meneando a cabeça, disse:

- Mas na verdade, estou louca!

Repentinamente calou-se. Enquanto ela tivera a cabeça oculta entre as mãos, fora Charny ajoelhar-se-lhe diante.

- Oh! O senhor de joelhos! O senhor a meus pés! - disse ela.

- Não lhe disse, Andréia, que vinha pedir-lhe perdão?

- De joelhos! A meus pés! - repetiu ela, como quem não pode acreditar o que vê.

- Andréia, retirou-me a sua mão! - exclamou Charny.

E estendeu-lha novamente.

Porém ela, recuando com um sentimento, que se assemelhava ao terror, murmurou:

- Que quer isto dizer?

- Andréia - respondeu Charny com a mais doce voz - isto quer dizer que a amo.

Andréia, levando rapidamente a mão ao coração, deu um grito agudíssimo.

Depois levantando-se completamente, como se uma mola a fizesse mover, e apertando a cabeça entre as mãos, repetiu:

- Ama-me! Ama-me! Mas é impossível!

- Andréia, diga que é impossível amar-me, não diga porém que é impossível que eu a ame.

Fitou os olhos em Charny, como para se certificar de que ele falava verdade: os grandes olhos pretos do conde diziam muito mais do que as suas palavras.

Andréia, que podia duvidar das palavras, não duvidou do olhar.

- Oh! - murmurou ela - meu Deus! Meu Deus! Há no mundo uma criatura mais infeliz do que eu?

- Andréia - continuou Charny - diga que me ama... Ou se não diga ao menos que não me odeia!

- Eu, odiá-lo?! - exclamou Andréia.

E pela sua vez, os olhos tão sossegados, tão límpidos, deixaram-lhe escapar um relâmpago.

- Oh! Senhor - acrescentou ela - seria bem injusto se tomasse por ódio o sentimento que me inspira!

- Mas, finalmente, se não é ódio, se não é amor, o que é então, Andréia?

- Não é amor, porque me não é permitido amá-lo... Não me ouviu há pouco dizer a Deus, que eu era a mais infeliz das criaturas da terra?

- Porque lhe não é permitido amar-me, quando eu a amo, Andréia, com todas as forças da minha alma?

- Ai! É o que não quero, o que não posso, o que não ousa dizer-lhe! - respondeu Andréia, torcendo os braços.

- Mas - continuou Charny, adoçando ainda mais o som da voz - se o que não quer, não pode, nem ousa dizer, outra pessoa mo tivesse dito?

Andréia apoiou as mãos nos ombros de Charny.

- Quê? - disse atemorizada.

- Se eu o soubesse? - continuou Charny.

- Meu Deus!...

- E se fosse por achá-la mais digna e mais respeitável por essa mesma desgraça, se fosse por saber esse segredo terrível, que me decidisse a vir dizer-lhe que a amava?

- Se tivesse feito isso, senhor, seria o mais nobre e o mais generoso dos homens!

- Eu amo-a, Andréia! - repetiu Charny; - amo-a! Amo-a!

- Ah! - disse Andréia levantando as mãos ao Céu, - não sabia, meu Deus, que pudesse haver semelhante alegria neste mundo!

- Mas, Andréia, diga-me também que me ama! - exclamou Charny.

- Oh! Não! Nunca me atreveria - disse Andréia; - porém, leia essa carta, que lhe devia ser entregue no seu leito de morte.

E deu ao conde a carta que ele lhe trouxera.

Enquanto Andréia ocultava o rosto entre as mãos, Charny quebrou apressadamente o selo da carta, leu as primeiras linhas, deu um grito, depois, afastando as mãos de Andréia, e com o mesmo movimento puxando-a para o coração, disse:

- Desde o dia em que me viste, há seis anos!... Oh! Santa criatura! Como te amarei bastante para te fazer esquecer o que tens sofrido?...

- Meu Deus! - murmurou Andréia, dobrando-se como um vime ao peso de tanta felicidade - se é um sonho, fazei que nunca acorde, ou que morra ao despertar!

E agora esqueçamos os que são felizes, para voltarmos aos que sofrem, aos que lutam, aos que odeiam, e a quem talvez o seu mau destino os esqueça como nós.

XXVIII

Uma pouca de sombra depois do Sol

No dia 16 de Julho de 1791, isto é, alguns dias depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, dois novos personagens, que ainda não apresentamos ao leitor, escreviam ambos na mesma mesa numa pequena sala de um terceiro andar da hospedaria Britânica, na rua de Guénégaud.

Essa sala dava, por uma das portas, para uma modesta casa de jantar, onde tudo revelava a mobília de uma hospedaria, e por outra porta para um quarto de cama, onde havia dois leitos iguais.

Os que escreviam eram de sexo diferente e merecem cada qual menção particular.

O homem parecia ter perto de sessenta anos; era alto, magro, de ar ao mesmo tempo austero e apaixonado. As linhas do rosto indicavam um pensador tranquilo e sério, em quem as qualidades rígidas e justas do espírito sobrepujavam as fantasias da imaginação.

A mulher não mostrava ter mais de trinta a trinta e dois anos, suposto que realmente já tivesse quase trinta e seis. Por uma certa força de sangue, por um certo vigor de carnação era fácil ver que descendia de origem popular; os olhos eram encantadores, desse tom indeciso que participa das diferentes misturas de pardo, do verde e do azul, olhos a um tempo, meigos e

firmes; a boca grande mas de lábios frescos e os dentes claros; e o nariz arrebitados, as mãos belas conquanto um pouco fortes; a estatura rica, abundante, arqueada, a garganta maravilhosa, e os quadris da Vénus de Siracusa.

O homem era João Maria Roland de la Plâtrière, nascido em 1732, em Villefranche, próximo de Lião.

A mulher era Manon Joanna Philippon, nascida em Paris, em 1754.

Tinham casado onze anos antes, isto é, em 1780.

Dissemos que a mulher era de estirpe popular; provam-no os nomes: Manon Joanna Philippon; nome, pronome, sobrenome, tudo denuncia a origem. Filha de um gravador, também gravava, até que, na idade de vinte e cinco anos casou com Roland, que tinha vinte e quatro anos mais do que ela; então de gravadora tornou-se copista, tradutora e compiladora; livros, como a *Arte do mineiro de turfeiras*, a *Arte do fabricante de lã lisa seca*, o *Dicionário das manufacturas*, tinham absorvido em rude e ingrato trabalho os mais belos anos daquela mulher de espírito generoso, que permaneceu virgem de toda a culpa, se não de toda a paixão, não por esterilidade do coração, senão por pureza da alma.

No sentimento que votava ao marido, o respeito da filha, excedia o amor de esposa; este amor era uma espécie de culto casto, e livre de todas as relações físicas. Chegava a deixar o seu trabalho do dia, que desforrava durante a noite, para preparar a comida do marido, cujo estômago fraco só podia suportar uma certa espécie de alimento.

Em 1789, a Sr^a. Roland levava esta vida obscura e laboriosa na província. O marido habitava então a quinta da Plâtrière, de que tomou o nome. Essa quinta era situada em Villefranche, perto de Lião. Foi lá que o canhão da Bastilha os foi abalar.

Foi ao ruído do canhão, que tudo quanto havia de grandioso, de patriótico e de santamente francês acordou no coração da nobre criatura. A França já não era um reino, era uma nação; já não era simplesmente um país, que se habita, era uma pátria! Chegou a federação de 90: lembrar-se-ão, que a de Lião precedera a de Paris. Joanna Philippon, que na sua casa paterna do cais do Relógio via todos os dias, olhando pela janela, o *azul profundo do Céu*, o nascer do Sol, que podia seguir com a vista até à extremidade dos Campos Elíseos, onde parecia mergulhar-se no cimo verde da folhagem das árvores, vira também desde as três horas da manhã nascer do alto de Fourvières esse outro Sol, bem diversamente abrasador e luminoso que se chama liberdade! Daí o seu olhar abranger toda essa grande festa de cidadãos; de lá o seu coração mergulhara também em todo esse oceano de fraternidade e saíra dele, como Aquiles, invulnerável em toda a parte, excepto num só lugar; foi nesse lugar, que a feriu o amor; porém ao menos não sucumbiu a esse ferimento.

Na noite daquele grande dia, toda entusiasmada pelo que vira, sentindo-se poetisa e historiadora, fizera a descrição da festa, descrição que enviara ao seu amigo Champagneux, redactor principal do *Jornal de Lião*. O mancebo, admirado, fascinado com o fogo da narrativa, publicara-a no seu jornal, e no dia seguinte a tiragem do jornal, que diariamente era de mil e duzentos a mil e quinhentos exemplares, subiu a sessenta mil.

Expliquemos em duas palavras como aquela imaginação de poetisa, e aquele coração de mulher tomaram tanto ardor na política. É porque Joanna Philippon, tratada pelo pai como operária gravadora; a esposa de Roland, tratada pelo marido como um secretário, não se ocupando, tanto na casa paterna como na conjugal, senão das coisas austeras da vida; a Sr^a. Roland, cujas mãos nunca tinham tocado num livro frívolo, considerava como grande distracção e como supremo passatempo a leitura da *Acta* de 89 ou a *Narração da tomada da Bastilha*.

Quanto a Roland, era um exemplo de quantas mudanças a Providência, o acaso ou a fatalidade podem, por um facto sem importância ocasionar na vida de um homem, ou na existência de um império.

Era o único dos cinco irmãos; tinham querido fazê-lo padre, porém ele quis conservar-se homem. Aos dezenove anos deixou a casa paterna, e só, a pé e sem dinheiro, atravessou a França, chegou a Nantes, empregou-se em casa de um armador de navios e obteve ser mandado para as

índias; no momento de partir, na mesma hora em que se aparelhava o navio, sobreveio-lhe um ataque de sangue pela boca, tão considerável, que o médico proibiu-lhe a viagem por mar.

Se Cromwell tivesse partido para a América, em lugar de ficar em Inglaterra, detido por uma ordem de Carlos I, talvez que o cadafalso de White-Hall se não tivesse levantado! Se Roland partisse para as índias, talvez se não tivesse dado o 10 de Agosto.

Roland, não podendo servir o armador, em cuja casa entrara, deixou Nantes e encaminhou-se para Ruão; aí, um parente, a quem se dirigiu, conheceu o merecimento do mancebo, e alcançou-lhe o lugar de inspector das manufacturas.

Desde então, a vida de Roland tornou-se uma vida de estudo e de trabalho; a economia foi a sua musa, o comércio o seu deus inspirador; viajou, observou, colheu, escreveu! Escreveu memórias sobre a criação dos rebanhos, teorias sobre as artes mecânicas, as *Cartas de Sicília, de Itália, de Malta, o Financeiro francês* e outras obras, que já citamos, e que mandou copiar por sua mulher, com quem casara, como já dissemos em 1780. Quatro anos depois fez com ela uma viagem a Inglaterra. À volta, mandou-a a Paris solicitar cartas de nobreza e pedir a inspecção de Lião em lugar da de Ruão: a inspecção de Lião alcançou-a ela; mas não assim as cartas de nobreza.

Eis Roland em Lião, e, mau grado seu, no partido popular, para o qual, aliás o impeliavam os seus instintos e as suas convicções. Exercia portanto as funções de inspector do comércio e das manufacturas da generalidade de Lião, quando a revolução rebentou, e àquela aurora nova e regeneradora, tanto ele como sua mulher sentiram germinar no coração essa bela planta de folhas de ouro e flores de diamantes, que se chama o entusiasmo.

Vimos como a Sr^a. Roland escreveu a descrição dos acontecimentos de 30 de Maio, como o jornal que a publicou tirou sessenta mil exemplares, e como cada guarda nacional que voltava para a sua aldeia, para a sua vila, ou para a sua cidade, levava consigo uma porção da alma da Sr^a. Roland.

Mas como nem o jornal, nem o artigo eram assinados, cada qual pôde pensar que fora a própria liberdade, que, descendo à terra, ditara a algum desconhecido neófito aquela narração da sua festa, do mesmo modo que um anjo ditara o Evangelho a S. João.

Os dois esposos estavam cheios de fé, de crenças e de esperanças, no meio de um pequeno círculo de amigos, Champagneux, Bosc, Lanthenas, e talvez mais dois ou três, quando inesperadamente o círculo aumentou com mais um novo amigo.

Lanthenas, que vivia familiarmente em casa de Roland, onde passava dias, semanas e meses inteiros, levou-lhe uma noite um desses eleitores, de quem a Sr^a. Roland tanto admirara a acta.

O novo apresentado chamava-se Bancal des Issarts.

Era homem de trinta e nove anos, belo, simples, grave, terno e religioso; nada tinha de brilhante, mas possuía um bom coração e uma alma caridosa.

Fora tabelião, e deixara o emprego para se entregar inteiramente à política e à filosofia.

No fim de oito dias, depois que o novo hóspede tinha sido admitido em casa, Lanthenas, Roland e ele entendiam-se tão perfeitamente, este grupo formava uma trindade tão harmoniosa na sua grande dedicação à pátria, no seu respeito por todas as coisas santas, que os três homens resolveram nunca mais se separar, e viver juntos, tornando comuns os gastos.

Foi principalmente quando Bancal os abandonou momentaneamente, que a necessidade de união se fez sentir.

“Venha, meu amigo - lhe escrevia Roland – porque se demora? Viu a nossa maneira franca e clara de viver e de proceder; não é na minha idade que se muda, quando nunca se tem variado. Pregamos o patriotismo; elevamos a alma. Lanthenas exerce a sua profissão de doutor; minha mulher é enfermeira do cantão; o senhor e eu trataremos dos negócios da sociedade.”

A reunião daquelas três mediocridades áureas fazia efectivamente uma coisa, que se

parecia com uma fortuna. Lanthenas possuía umas vinte mil libras; Roland sessenta mil e Bancal cem mil.

Enquanto esperava, Roland cumpria a sua missão, missão de apóstolo, e catequizava, nas visitas de inspetor, os camponeses do país. Excelente caminheiro, com o bordão na mão, este peregrino da humanidade ia do norte ao meio-dia, de leste a oeste, semeando pelo caminho, à direita e à esquerda, adiante e atrás de si, a nova palavra, o grão fecundo da liberdade. Bancal, simples, eloqüente, apaixonado, sob uma aparência fria, era para Roland um auxiliar, um discípulo, um outro Roland; nem sequer passava pela idéia do futuro colega de Clavière e de Dumouriez, que Bancal pudesse amar-lhe a mulher nem ela corresponder-lhe. Não havia cinco ou seis anos, que Lanthenas, ainda moço, estava junto da mulher casta, laboriosa, sombria e pura, como um irmão junto de sua irmã? Não era a Sr^a. Roland, a sua Joanna, a estátua da força e da virtude?

Por isso Roland ficou contentíssimo, quando, ao bilhete que acabamos de citar, Bancal respondeu por uma carta afectuosa e de terna adesão. Roland recebeu essa carta em Lião, e enviou-a imediatamente para Plâtrière, onde estava sua mulher.

Oh! Não me leiam a mim, leiam Michelet, se querem, por uma simples análise, conhecer simplesmente a admirável criatura, que se chama a Sr^a. Roland.

Recebeu a carta num desses dias quentes, em que a electricidade corre na atmosfera, em que se animam os corações mais frios, em que o próprio mármore deseja e estremece. Estava-se já no Outono, e contudo uma grande tempestade de Verão bramava no Céu.

Desde o dia em que ela vira Bancal, uma coisa desconhecida acordara no coração da casta mulher; abria-se-lhe, e como do cálix de uma flor, saía dele um perfume, e um canto suave, como o da ave no interior dos bosques, lhe murmurava aos ouvidos. Dir-se-ia que a Primavera se estabelecia pela sua imaginação, e que, no campo desconhecido, que ela entrevia por detrás do nevoeiro que ainda o obstruía, a mão desse poderoso maquinista, que se chama Deus, preparava uma nova decoração cheia de bosques odoríferos, frescas cascatas, tabuleiros de relva cheios de sombra, pontos de vista admiráveis e cheios de Sol.

Ela não conhecia o amor, mas, como todas as mulheres, adivinhava-o; conheceu o perigo, e com as lágrimas nos olhos, porém sorrindo, foi direita a uma mesa, e sem hesitação, sem rodeios, escrevera a Bancal mostrando, pobre Clorinda ferida, o lado fraco da sua armadura, fazendo a confissão, e com o mesmo golpe matando a esperança, que essa confissão podia fazer nascer.

Bancal compreendeu tudo imediatamente: nunca mais falou na junção, passou a Inglaterra e aí se demorou dois anos.

Eram corações de antiga têmpera! Por isso julguei que os meus leitores estimariam, depois de todas as paixões, que acabam de atravessar, descansar um instante à sombra fresca e pura da beleza, da força e da virtude.

Não se diga que fazemos a Sr^a. Roland diferente do que ela é: casta na oficina de seu pai, casta junto ao leito de seu velho esposo e casta junto ao berço de seu filho, na hora em que se não mente, escrevia ela defronte da guilhotina:

“Sempre dominei os meus sentidos, e ninguém menos do que eu conheceu a voluptuosidade”.

E não atribuam à frieza da mulher o mérito da sua honestidade; não, a época a que chegamos, é uma época de rixas, bem o sei, mas também é uma época de amor; a França dava o exemplo. Pobre cativa, muito tempo prisioneira, muito tempo em ferros, quebravam-lhe as cadeias, restituíam-lhe a liberdade. Como Maria Stuart, ao sair da prisão, queria depor um beijo nos lábios da criação, reunir toda a natureza nos seus braços, fecundá-la com a respiração, para que dela brotasse a liberdade do país e a independência do mundo.

Não, todas aquelas mulheres amavam santamente, e todos aqueles homens amavam com

ardor: Lucília e Camilo Desmoulins, Danton e a sua Luísa, a de Keralio e Roberto, Sofia e Condorcet, Vergniaud e a Condeille; nem sequer o frio e cortante Robespierre, frio e cortante como o ferro da guilhotina, deixou de sentir dilatar-se-lhe o coração nesse grande foco de amor: amou a filha do seu hospedeiro, a filha do marceneiro Duplay, com quem vamos vê-lo travar conhecimento.

E não seria isso ainda amor, amor menos puro, bem sei - que importa, se o amor é a grande virtude dos corações! - do que o da Sr^a. Tallien, do que o da Sr^a. de Beauharnais, do que o da Sr^a. de Genlis, do que todos esses amores, cujo sopro consolador bafeja até sobre o cadafalso o rosto pálido dos moribundos?

Sim, todos amavam naquela bem-aventurada época, e tomem aqui a palavra amor em todos os sentidos: uns amavam o espírito, outros a matéria; estes a pátria, aqueles o género humano. Desde Rousseau, que a necessidade de amar fora sempre em aumento; dir-se-ia que era necessário darem-se pressa em surpreender todo o amor na sua passagem: dir-se-ia que, na aproximação do sepulcro, do abismo, do despenhadeiro, todos os corações palpitavam como um sopro desconhecido, apaixonado, devorador; dir-se-ia, finalmente que todos os peitos sorviam a respiração no foco universal, e que esse foco eram todos esses amores reunidos num só.

Afastámo-nos um pouco daquele velho e daquela rapariga, que escrevem no terceiro andar da hospedaria Britânica. Voltemos a ele.

XXIX

Os primeiros republicanos

A 20 de Fevereiro de 1791, Roland fora enviado de Lião a Paris como deputado extraordinário: a sua missão era advogar a causa de vinte mil trabalhadores sem pão.

Havia cinco meses que estava em Paris, quando se verificou o terrível acontecimento de Varennes, que teve tamanha influência no destino dos nossos heróis e na sorte da França, que julgamos dever-lhe consagrar quase dois volumes.

Ora, desde o regresso do rei, a 25 de Junho, até ao dia 16 de Julho, tinham-se passado muitas coisas.

Todos tinham gritado: “O rei fogel” todos tinham corrido atrás do rei; todos o tinham trazido para Paris, e uma vez chegado a Paris e instalado nas Tulherias, ninguém sabia já o que se havia de fazer dele.

Todos emitem a sua opinião; os conselhos vêm de todos os lados, e surgiam como vento durante a tempestade; mal do navio que estiver no mar com semelhante tempestade!

A 21 de Junho, dia da fuga do rei, os Franciscanos tinham feito o seu edital, assinado por Legendre, o cortador francês, que a rainha indicava como equivalente ao cortador inglês Harrison.

O edital tinha estes versos por epígrafe:

Se entre os franceses houver um, traidor
que lamente os reis, que deseje um senhor,
que o pérfido morra no meio de tormentos,
e sejam as suas cinzas lançadas aos ventos!

Os versos eram de Voltaire. Eram maus e rimavam mal, tinham porém o mérito de exprimir francamente o pensamento dos patriotas, cujo edital todos decoravam.

O edital declarava que todos os Franciscanos tinham jurado apunhalar os tiranos, que ousassem atacar o território, a liberdade e a constituição.

Quanto a Marat, que andava sempre só, dando por pretexto que a águia vive solitária, e os perus vivem arrebanhados, propôs um ditador.

“Tomem - diz ele no seu jornal - tomem um bom francês, um bom patriota; tomem o cidadão, que, desde o princípio da revolução tenha mostrado mais inteligência, mais zelo, mais fidelidade e mais interesse; tomem-no sem demora, ou a causa da revolução está perdida!”

O que queria dizer: “Tomem Marat.”

Quanto a Prudhomme, não propôs nem nome, nem governo novo; porém abominava o antigo na pessoa do rei e dos seus descendentes. Oiçamo-lo:

“Na segunda-feira - diz ele - fizeram tomar o ar ao delfim na varanda das Tulherias, que dá para o rio. Quando avistavam um grupo assaz considerável de cidadãos, um granadeiro pegava no menino e assentava-o no parapeito da varanda. A criança, fiel à sua lição da manhã, enviava, beijos ao povo; era pedir indulgência para o papá e para a mamã. Alguns espectadores tiveram a franqueza de gritar: ‘Viva o delfim!’”

“Cidadãos! Acautelem-se contra as carícias de uma corte, que rasteja aos pés do povo, quando não é mais forte!”

E após estas linhas, vinham estouras:

“Foi no dia 27 de Janeiro de 1649 que o parlamento de Inglaterra condenou Carlos I a ser decapitado por ter querido aumentar as prerrogativas reais e firmar-se nas usurpações de Jacques I, seu pai; foi a 30 do mesmo mês que ele expiou os seus crimes, quase legitimados pelo uso e fortalecidos por um numeroso partido; porém a voz do povo fez-se ouvir: o parlamento declarou o rei ‘fugitivo, traidor, inimigo público’ e Carlos Stuart foi decapitado defronte da sala dos banquetes do palácio de White-Hall.”

Bravo! Cidadão Prudhomme! Ao menos não estais atrasado, e no dia 21 de Janeiro de 1793, quando pela sua vez Luís XVI for decapitado, tereis o direito de reclamar a iniciativa, visto que propusestes o exemplo a 27 de Junho de 1791.

É verdade que Prudhomme, não o confundamos com o do nosso espirituoso amigo Monnier; aquele é estúpido, mas é homem de bem; é verdade que Prudhomme, há-de com o tempo tornar-se realista e reaccionário, e publicará a *História dos crimes cometidos durante a revolução*.

Que excelente coisa é a consciência!

A *Boca de ferro* é mais franca; nada de hipocrisia, nada de palavras de duplo sentido, nada de sentido aleivoso. É Bonneville, o leal, o atrevido, o jovem Bonneville, um louco admirável, que divaga nas circunstâncias insignificantes, mas que nunca se engana nas de importância, que o redige. Está aberta a *Boca de ferro* na rua da Antiga-Comédia, perto de Odéon, a dois passos do clube dos Franciscanos.

“Risquem do catálogo - diz ele - a palavra infame de *rei*. Não mais reis! Não mais antropófagos! Mudaram muitas vezes de nome até hoje e guardaram sempre o emprego. Nada de regente! Nada de ditador! Nada de protector! Nada de Orleans! Nada de Lafayette! Não gosto desse filho de Filipe de Orleans, que escolhe exactamente dia certo para entrar de guarda às Tulherias, nem do pai, que nunca se vê na Assembléia Nacional, e sempre se vê na varanda à porta dos Bernardos. Acaso uma nação necessita estar sempre debaixo de tutela? Que os nossos departamentos se reúnam e declarem que não querem tirano, nem monarca, nem protector, nem regente, nem nenhuma dessas sombras de reis, sombras tão funestas à causa pública, como a sombra dessa árvore maldita, o bohom-upas, que é mortal.”

“Porém, não basta só dizer: ‘República!’ Veneza também foi república. É necessário uma sociedade e um governo nacionais: juntai o povo à face do Sol; proclamai que só a lei deve ser soberana; jurai que só ela reinará. Não haverá um único amigo da liberdade que deixe de repetir o juramento!”

Quanto a Camilo Desmoulins, esse subira a uma cadeira no Palais-Royal, isto é, no teatro ordinário das suas façanhas oratórias, e dissera:

“Senhores, seria deplorável que aquele homem perdido nos fosse restituído. Que faríamos dele? Viria, como Thersyte, chorar-nos as engorduradas lágrimas de que fala Homero. Se no-lo restituem, proponho que seja exposto três dias à irrisão pública, com o lenço vermelho na cabeça, e que o conduzam depois a pequenas jornadas até à fronteira”.

De todas as propostas, devemos confessá-lo a da criança terrível que se chama Camilo Desmoulins, não era a mais louca.

Ainda uma palavra, e ficará perfeitamente manifestado o sentimento geral. É Dumont quem a solta, um genovês pensionista de Inglaterra, e por consequência não suspeito de parcialidade de França.

“O povo parecia inspirado por suprema sabedoria. Eis um grande embaraço desfeito - dizia alegremente; - se o rei nos deixou, a nação fica: pode haver nação sem rei, mas não rei sem nação”.

Vê-se que no meio de tudo isto, a palavra república só foi pronunciada por Bonneville. Nem Brissot, nem Danton nem Robespierre nem o próprio Pétion, ousam erguer esse brado, que atemoriza os Franciscanos e indigna os Jacobinos.

A 13 de Julho, Robespierre exclamou na tribuna: “Eu não sou nem republicano, nem monárquico!”

Como se vê, se tivessem apertado com Robespierre, ficaria embaraçadíssimo para dizer o que era.

Pois bem, quase todos estavam assim, excepto Bonneville, e essa mulher, que, defronte do marido, copia um protesto no terceiro andar da rua Guénégaud.

No dia 22 de Junho, dia seguinte ao da partida do rei, escrevia ela:

“O espírito da república, a indignação contra Luís XVI, o ódio aos reis, demonstram-se por toda a parte”.

O *espírito*, bem o vedes, o *espírito* da república existe nos corações, porém o nome da república está apenas nalgumas bocas.

A Assembléia, principalmente, é uma inimiga declarada dela.

A grande desgraça das assembleias é pararem sempre no momento em que têm sido esclarecidas, desprezarem os acontecimentos, não caminharem com o espírito do país, não seguirem o povo para onde ele vai e pretenderem continuar a representar o povo.

A Assembléia dizia:

“OS COSTUMES DA FRANÇA NÃO SÃO REPUBLICANOS!”

A Assembléia lutava com o Sr. de la Pallisse, e a nosso ver tinha vantagem sobre o ilustre pregador de verdades. Quem havia de ter formado os costumes da França para a república? Seria a monarquia! Não, decerto; a monarquia que era tão estúpida: a monarquia necessita obediência, servilismo, corrupção, e forma os costumes para o que necessita. É a república que forma os costumes republicanos; tenham primeiro a república, e os costumes republicanos virão depois.

Houvera contudo um momento em que a proclamação da república teria sido fácil: fora o momento em que souberam que o rei tinha partido levando o delfim. Em vez de correr atrás deles e reconduzi-los, deviam ter-lhes dado os melhores cavalos de posta, vigorosos postilhões de

chicote na mão e esporas nas botas; convinha empurrar os cortesãos atrás deles, os padres atrás dos cortesãos e fechar a porta atrás de tudo isso.

Lafayette, que algumas vezes tinha lampejos de lucidez, raras vezes idéias, teve um desses lampejos.

Às seis horas da manhã foram dizer-lhe que o rei, a rainha e a família real tinham partido; custou muito a conseguir que se levantasse; dormia com o sono histórico que já lhe tinham censurado em Versalhes.

- Partiram? - disse ele - é impossível! Deixei-lhes o Gouvion, dormindo à porta da câmara!

Entretanto levantou-se, vestiu-se e desceu. À porta encontrou Bailly, o *maire* de Paris. Beauharnais, o presidente da assembléia; Bailly com o nariz mais comprido e a cara mais amarela do que nunca; Beauharnais consternado!

Coisa curiosa. O marido de Josefina, que ao morrer no cadafalso, deixou a viúva no caminho do trono, está consternado pela fuga de Luís XVI!

- Que desgraça! - exclamou Bailly - não estar a Assembléia ainda reunida!

- Oh! Sim - disse Beauharnais - é uma grande desgraça!

- Então - disse Lafayette - é verdade que se foram?...

- Infelizmente! - responderam em coro os dois homens de estado.

- Infelizmente, por quê? - perguntou Lafayette.

- Pois não percebe? - exclamou Bailly - Porque hão-de voltar com os prussianos, os austríacos e os emigrados; porque nos vão trazer a guerra civil e a guerra estrangeira!

- Então - disse Lafayette um pouco convencido - *acham que a salvação pública exija o regresso do rei?*

- Achamos, sim - disseram de um só grito Bailly e Beauharnais.

- Nesse caso - disse Lafayette - corramos atrás dele!

E escreveu este bilhete:

“Tendo os inimigos da pátria *raptado o rei*, ordena-se aos guardas nacionais que os prendam”.

Com efeito, note-se bem isto, toda a política do ano de 1791, todo o final da Assembléia Nacional assentou neste ponto.

Visto que o rei é necessário à França, visto que o devem apanhar e reconduzir deve ter sido *raptado* e não ter fugido.

Nada disso convencera Lafayette. Por isso, despedindo Romeuf, recomendara-lhe que não se apressasse muito. O jovem oficial tomou a estrada oposta à que Luís XVI seguia, para ter a certeza de não o encontrar.

Infelizmente na estrada estava Billot.

Quando a Assembléia soube a notícia, o terror foi grande. Na verdade, o rei tinha ao partir deixado uma carta ameaçadora; dera a entender perfeitamente que ia buscar o inimigo e que voltaria para chamar os franceses à boa razão.

Os realistas, pela sua parte, erguiam a cabeça e baixavam a voz. Um deles, Suleau, creio eu, escrevia:

“Todos os que quiserem ser compreendidos na amnistia que oferecemos aos nossos inimigos, em nome do príncipe de Condé, poderão inscrever-se nos nossos escritórios até ao mês de Agosto. Teremos quinhentos registros para comodidade do público”.

Um dos que tiveram maior medo foi Robespierre. Tendo a sessão sido interrompida das três às cinco horas, correu a casa de Pétion; o fraco procurava o forte.

Segundo ele, Lafayette era cúmplice da corte; tratava-se nada menos de um São

Bartolomeu de deputados.

- Serei um dos primeiros assassinados! - exclamava ele lamentoso - não devo durar vinte e quatro horas!

Pétion, pelo contrário, de carácter sossegado e temperamento linfático, via as coisas doutra maneira.

- Bom! - disse ele - agora conhece-se o rei, procederemos consoante.

Chegou Brissot. Era um dos homens mais conceituados da época; escrevia no *Patriota*.

- Vai publicar-se um novo jornal, do qual hei-de ser redactor - disse ele.

- Como se intitula? - perguntou Pétion.

- O *Republicano*.

Robespierre, querendo sorrir fez uma careta.

- O *Republicano*? - disse ele; - desejava que me explicassem o que é a república?

Estavam nisto quando chegaram a casa de Pétion os Rolands; o marido, austero e resoluto, como sempre; a mulher tranqüila, mais risonha do que atemorizada, com os seus belos olhos límpidos e expressivos. Vinham de sua casa, da rua Guénégaud; tinham lido o edital dos Franciscanos e achavam como eles que não era necessário rei a uma nação.

A coragem dos esposos incute ânimo a Robespierre; entra na Assembléia como observador, pronto a lançar mão de tudo, do canto em que está, como a raposa emboscada à boca da toca. Pelas nove horas da noite, vê que a Assembléia decai para o sentimentalismo, que se prega a fraternidade, e que para juntar o exemplo à teoria, se preparam para ir em massa aos Jacobinos, com quem estão muito de mal, e a quem chamam um bando de assassinos.

Então Robespierre levanta-se, chega até à porta, sai sem ser visto, corre aos Jacobinos, sobe à tribuna, denuncia o rei, denuncia o ministro, denuncia Bailly, denuncia Lafayette, denuncia finalmente toda a Assembléia, repete a fábula da manhã, desenvolve um São Bartolomeu imaginário e acaba por oferecer a sua existência em holocausto sobre o altar da pátria.

Quando Robespierre falava de si, atingia uma certa eloquência. À idéia de que o virtuoso e austero Robespierre corria tão grande perigo, suspiraram.

- Se morreres, morreremos todos contigo! - gritou alguém.

- Sim, todos! Todos! - bradaram em uníssono os espectadores.

E uns estenderam a mão para jurar, outros puxaram da espada e outros caíram de joelhos, com as mãos erguidas ao Céu.

Naquele tempo levantavam-se muito as mãos ao Céu; era até o gesto da época: para o afirmarmos, basta dizer aos nossos leitores que vejam o *Juramento do jogo da péla*, de David.

A Sr^a. Roland estava ali, sem compreender bem que perigo podia Robespierre correr; mas enfim, era mulher e por conseqüência acessível à comoção, a comoção era grande; comoveu-se e ela mesmo o confessa.

Neste momento entrou Danton. Popularidade nascente, competia-lhe atacar a popularidade que fraquejava do general Lafayette.

Por que motivo semelhante raiva de todos para com Lafayette?

Talvez por ser ele homem de bem, e sempre enganado pelos partidos, quando os partidos recorriam à sua generosidade.

Por isso, no momento em que o anunciam à Assembléia, onde, para dar o exemplo da fraternidade, Lameth e Lafayette, dois inimigos mortais, entram de braço dado, de todos os lados soou este grito:

- Danton! À tribuna!... À tribuna, Danton!...

Era o que Robespierre mais desejava, ceder o lugar; Robespierre, já o dissemos, era uma raposa e não um dogue: perseguia o inimigo ausente, saltava sobre ele por detrás, ferrava-se-lhe nos ombros, roía-lhe o crânio até aos miolos, porém raras vezes atacava de frente.

A tribuna estava pois vaga, esperando Danton.

Porém era bastante difícil a Danton subir a ela desassombradamente.

Se era o único homem que devia atacar Lafayette, era este talvez o único que Danton não

pudesse atacar.

Por quê?

Vamos dizê-lo. Danton tinha muito de Mirabeau, como em Mirabeau havia muito de Danton: o mesmo temperamento, a mesma necessidade de prazeres e de dinheiro, e por consequência a mesma facilidade de corrupção.

Assegurava-se que do mesmo modo que Mirabeau, Danton recebera dinheiro da corte. Onde? Por que via? Quanto? Ignorava-se; porém tinha-o recebido; havia a certeza disso, ou pelo menos diziam-no.

Eis o que havia de real em tudo isto.

Danton acabava de restituir ao ministério o seu cargo de advogado no conselho do rei, e dizia-se que tinha recebido do ministério o quádruplo do preço do seu emprego.

Era verdade.

Porém o segredo estava entre três pessoas: o vendedor, Danton; o comprador, o Sr. de Montmorin; e o mediano, o Sr. de Lafayette.

Se Danton acusasse Lafayette, este podia lançar-lhe em rosto a história do ofício vendido pelo quádruplo do valor.

Outro qualquer recuaria.

Danton pelo contrário avançou. Conhecia Lafayette, aquela magnanimidade de coração, que degenerava algumas vezes em necessidade; lembremo-nos de 1830.

Danton disse consigo, que o Sr. de Montmorin, era amigo de Lafayette, e que o Sr. de Montmorin, que assinara os passaportes, estava muito comprometido naquele momento para que Lafayette lhe pusesse ao pescoço aquela pedra.

Subiu à tribuna.

O seu discurso foi breve.

- Sr. presidente - disse ele - acuso Lafayette. O traidor vai aparecer. Levantem-se dois cadafalsos, e consinto subir a um, se ele não merecer subir ao outro!

O traidor não ia aparecer, aparecia, e pôde ouvir a acusação terrível que saía da boca de Danton; mas como este o previra, teve a generosidade de não lhe responder coisa alguma.

Lameth encarregou-se desse cuidado, espalhou sobre as chamas de Danton a água tépida de uma das suas pastorais ordinárias: pregou a fraternidade.

Depois veio Sieyès, que também pregou calorosamente a fraternidade.

Depois Barnave, que tornou a falar sobre o mesmo assunto.

Aquelas três popularidades acabaram por tomar vantagem sobre a de Danton. Levaram a bem a Danton ter atacado Lafayette, mas também estimaram que Lameth, Sieyès e Barnave o defendessem, e quando Lafayette e Danton saíram dos Jacobinos, foi a Lafayette que acompanharam com archotes e com aclamações.

O partido da corte acabava de ganhar uma grande vitória nessa ovação a Lafayette.

As duas grandes potências do dia foram batidas nas pessoas dos seus chefes.

Os Jacobinos em Robespierre.

Os Franciscanos em Danton.

Bem vejo que ainda é necessário deixar para o outro capítulo dizer qual era esse protesto, que a Sr^a. Roland copiava, defronte de seu marido, na pequena sala do terceiro andar da hospedaria Britânica.

XXX

A sobreloja das Tulherias

Vamos saber o que continha o protesto que a Sr^a. Roland copiava, mas, para que o leitor esteja perfeitamente ao facto da situação e veja claramente um dos mais sombrios mistérios da revolução é preciso primeiro que passe connosco pelas Tulherias, durante a noite de 15 de Junho.

Atrás da porta de um quarto, que dava para o corredor escuro e deserto, situado na sobreloja do palácio, estava uma mulher em pé, com o ouvido atento, com a mão na chave, estremecendo ao menor ruído, que acordasse um eco nos corredores.

A mulher, se ignorássemos quem era, ser-nos-ia difícil conhecê-la, porque, além da escuridão, que mesmo em alto dia reina naquele corredor, era noite, e fosse acaso, ou fosse premeditação, a torcida do único candeeiro que ali ardia estava gasta e quase a apagar-se.

Além disso, só a segunda câmara do aposento estava alumada, e era contra a porta da primeira que essa mulher esperava, estremecendo, e escutando.

Quem era a mulher que esperava? - Maria Antonieta.

Quem esperava? - Barnave.

Ó soberba filha de Maria Teresa! Quem vos diria, no dia em que vos sagraram rainha de França, que haveria um momento em que, escondida atrás da porta do quarto da vossa aia, esperaríeis, estremecendo de temor e esperança, um simples advogado de Grenoble, vós que tanto fizestes esperar Mirabeau, e que vos dignastes recebê-lo uma única vez!

Mas não se enganem, era com um interesse puramente político que a rainha esperava Barnave; naquela respiração suspensa, naqueles movimentos nervosos, naquela mão, que tremia pegando na chave, o coração não tinha parte, só o orgulho era interessado.

Dizemos o orgulho, porque, apesar das mil perseguições que o rei e a rainha sofreram desde o seu regresso, é evidente que a vida estava salva, e que toda a questão se resumia nestas palavras: “Os fugitivos de Varennes perderam o resto do seu poder, ou recuperaram o poder perdido?”

Desde aquela noite fatal, em que Charny deixou as Tulherias para ali nunca mais entrar, o coração da rainha cessou de bater. Durante alguns dias ficou indiferente a tudo, mesmo aos ultrajes; mas a pouco e pouco conheceu que havia dois pontos da sua poderosa organização, pelos quais ela vivia; o orgulho e o ódio, e voltou a si para aborrecer e para se vingar.

Não vingar-se de Charny, não aborrecer Andréia, não; quando pensava neles era a si mesma que aborrecia, era de si mesma que queria vingar-se, porque era muito leal para não atribuir a si todas as faltas e a eles toda a dedicação.

Oh! Se ela pudesse aborrecê-los, seria bem feliz!

Porém, o que ela odiava especialmente era aquele povo, que pusera a mão sobre ela, como sobre uma fugitiva ordinária, que a enchera de desgostos, perseguira com injúrias e cobrira de insultos.

Sim, ela odiava muito o povo que lhe chamara a Sr^a. *Déficé*, que lhe chamara a Sr^a. *Veto*, que lhe chamava a *Austríaca*, e que lhe devia ainda chamar a *viúva Capeto*.

E se pudesse vingar-se, oh! como ela o há-de fazer!

Ora o que Barnave lhe ia dizer no dia 15 de Julho de 1791, às nove horas da noite, enquanto a Sr^a. Roland copiava defronte do marido, naquela pequena sala da hospedaria britânica, o protesto cujo conteúdo ainda ignoramos, era talvez a impossibilidade e o desespero, mas também porventura seria o manjar divino a que vulgarmente se chama vingança.

Efectivamente a situação era suprema.

Sem dúvida que graças a Lafayette e à Assembléia Nacional, o primeiro golpe fora aparado com o escudo constitucional: o rei tinha sido raptado, não tinha fugido.

Porém devem lembrar-se do edital dos Franciscanos, devem lembrar-se da proposta de Marat, da diatribe do cidadão Prudhomme, da saída de Bonneville, da proposta de Camilo Desmoulins, do axioma do general genovês Dumont, e finalmente, devem lembrar-se que se vai imprimir um novo jornal, que escreverá Brissot, e se intitula o *Republicano*.

Querem saber o prospecto desse jornal? É curto, mas explícito; foi o americano Thomaz Payne quem o redigiu; depois foi traduzido por um jovem oficial, que fez a guerra da independência, e publicado com a assinatura de *Duchâtelet*.

Que extraordinária fatalidade, que das quatro partes do mundo chama novos inimigos a este trono que abate! Thomaz Payne! Que vem aqui fazer Thomaz Payne, esse homem que é de

todos os países, inglês, americano e francês; que tem exercido todas as profissões; que foi fabricante, mestre-escola, guarda da alfândega, marinheiro e jornalista? O que vem fazer? Vem misturar o seu fôlego a esse vento tempestuoso que sopra implacável à luz que vai extinguir-se.

Eis o prospecto do *Republicano* de 1791, desse jornal que ia aparecer, ou que aparecia quando Robespierre perguntava o que era república.

“Acabariamos de ver que a ausência de um rei nos é mais conveniente que a sua presença. Ele desertou, por consequência abdicou. A nação nunca restituirá a sua confiança ao perjuro, ao fugitivo! A fuga é obra sua ou de outrem? Que importa! Velhaco ou idiota, é sempre indigno. Estamos livres dele e ele de nós; é um simples indivíduo, o Sr. Luís de Bourbon! Quanto à sua segurança está certa: a França não se desonrará; a realeza está acabada! O que é um cargo abandonado ao acaso do nascimento, que pode ser preenchido por um idiota? Não é nada, é uma coisa negativa!”

É fácil compreender o efeito produzido por semelhante impresso, pregado nas esquinas de Paris. O constitucional Malouet ficou espantado, entrou esbaforido e fora de si na Assembléia Nacional, denunciando o prospecto e pedindo que se lhe prendessem os autores.

- Pois sim - disse Pétion - mas leiamos primeiro o prospecto.

Esse prospecto conhecia-o certamente Pétion, um dos raros republicanos que havia em França naquele tempo. Malouet, que o denunciara, recuou diante da leitura. Se as tribunas aplaudissem! - e era certo que o aplaudiriam.

Dois membros da Assembléia, Chabroud e Chapellier, repararam o erro do seu colega.

- A imprensa é livre - disseram todos; - sábios ou estúpidos, têm direito de emitir a sua opinião. Desprezemos a obra de um insensato e passemos à ordem do dia.

E a Assembléia passou à ordem do dia.

Pois bem, não falemos mais nisso.

Porém é a hidra que ameaça a monarquia!

Se uma cabeça cortada estrebucha, outra morde!

Não esqueceram o conde de Provença, nem a conspiração Favras: logo que o rei se retirasse, o conde de Provença seria nomeado regente.

Não se tratava já do conde de Provença. Esse fugiu ao mesmo tempo que o rei, e mais feliz do que ele, conseguiu alcançar a fronteira.

Porém ficou o duque de Orleans.

Ficou com a sua alma danada, o homem que o impelia para a frente: Laclos, o autor das *Ligações perigosas*.

Existia um decreto a respeito das regências, porque não se aproveitaria?

A 28 de Junho, um jornal ofereceu a regência do duque de Orleans. Luís XVI, como vêem, já não existe, suposto que ainda tenha por si a Assembléia Nacional: uma vez que oferecem a regência ao duque de Orleans, é que já não há rei.

É escusado dizer, que o duque de Orleans mostrou admirar-se e recusou.

Porém no 1.º de Julho, Laclos, com a sua autoridade particular, proclama abdicação e quer um regente; a 3, Real estabelece que o duque de Orleans é verdadeiramente guarda do jovem príncipe; a 4 pede na tribuna dos Jacobinos que se reimprima e proclame o decreto sobre a regência.

Infelizmente, os Jacobinos, que ainda ignoram o que são, sabem ao menos o que não são; não são orleanistas, suposto que o duque de Orleans e o de Chartres fizessem parte da sua associação.

A regência do duque de Orleans foi rejeitada nos Jacobinos, porém bastou a noite para Laclos recobrar alento; ele não era senhor dos Jacobinos, era contudo senhor do seu jornal, e ali proclamou a regência do duque de Orleans, e como a palavra de *protector* fora profanada por Cromwell, o regente, que terá todo o poder, se chamará *moderador*.

E tudo isto, como vêem, foi uma campanha contra a realeza, campanha em que a realeza, impotente por si mesma, só teve por aliada a Assembléia Nacional; ora, havia os Jacobinos, que era uma assembléia muito mais influente, e principalmente muito mais temível do que a Assembléia Nacional!

A 8 de Julho (vede como nos aproximamos) Pétion apresentou ali a questão da inviolabilidade real.

Porém separou a inviolabilidade política da pessoal.

Objectaram-lhe que se vão indispor com os reis, se depuserem Luís XVI.

- Se os reis quiserem combater-nos – respondeu Pétion, depondo Luís XVI - tiramos-lhes o seu mais poderoso aliado, ao passo que deixando-o no trono, damos-lhe toda a força que lhe tivermos restituído.

Brissot sobe também à tribuna e vai mais longe. Põe esta questão: “Pode o rei ser julgado?”

- Mais tarde - disse ele - discutiremos, em caso de *disposição*, qual há-de ser o governo que substitua a realeza.

Parece que Brissot foi superior.

A Sr^a. Roland assistia a esta sessão.

Vejam o que ela diz do orador:

“Não foram aplausos, foram gritos, transportes: três vezes a Assembléia, arrebatada, se levantou, com os braços estendidos, os chapéus no ar e num entusiasmo inexplicável. Morra para sempre aquele que, tendo sentido e partilhado estes grandes transportes, puder ainda suportar os ferros!”

Assim, aí temos que o rei não pode ser julgado, senão que é ainda aplaudido com entusiasmo quem resolve essa questão.

Julgue-se que terrível eco aqueles aplausos teriam nas Tulherias!

Por isso era necessário que a Assembléia Nacional terminasse essa grande questão.

Os constitucionais, em lugar de recuarem diante do debate, provocaram-no: estavam certos da maioria.

Porém a maioria da Assembléia estava longe de representar a maioria da Nação. Não importa: as assembléias, geralmente, inquietam-se pouco com estas anomalias. Elas fazem; compete ao povo desfazer.

E quando o povo desfaz o que faz uma assembléia, chama-se a isso simplesmente uma revolução.

A 15 de Julho as tribunas estavam cheias de pessoas com quem se podia contar, introduzidas com antecedência, com bilhetes especiais. É o que hoje chamaríamos *claqueurs*.

Além disso os realistas guardavam os corredores. Encontraram para esse fim os cavaleiros do punhal.

Finalmente, sob proposta de um membro, fecharam-se as Tulherias.

Oh! Decerto que, na noite desse dia, a rainha esperaria Barnave tão impacientemente como na noite do dia 15.

E contudo, naquele dia nada devia decidir-se, apenas seria lido o relatório feito em nome de cinco comissões.

“A fuga de el-rei não é um caso previsto na constituição; porém a sua inviolabilidade está ali escrita”.

As comissões, considerando pois el-rei como inviolável, só entregarão à justiça o Sr. de Bouillé, o Sr. de Charny, a Sr^a. Tourzel, os correios, os criados e os lacaios.

Nunca a engenhosa fábula dos grandes e dos pequenos teve mais completa aplicação.

Era nos Jacobinos, muito mais do que na Assembléia, que a questão se discutia.

Como não era julgada, Robespierre ficava neutro. Não era republicano nem monárquico: tanto se podia viver livre com um rei, como sob as ordens de um senado.

O Sr. de Robespierre era homem, que raras vezes se comprometia, e vimos até, no fim do capítulo antecedente, que terrores o acometiam, quando estava comprometido.

Porém havia ali homens, que não tinham esta prudência preciosa; eram o ex-advogado Danton e o cortador Legendre: um cão de fila e um urso.

- A Assembléia pode absolver el-rei - disse Danton; - o juízo será reformado pela França, porque a França o condena!

- As comissões estão loucas! - disse Legendre: - se conhecessem o espírito das massas, voltariam à razão... Além de que - acrescentou - se falo assim é pela salvação comum.

Semelhantes discursos indignavam os constitucionais. Infelizmente para eles, não constituíam maioria nos Jacobinos como na Assembléia.

Contentaram-se com sair.

Fizeram mal. Quem abandona o lugar faz sempre mal, e há a este respeito um velho ditado cheio de bom senso: “Quem vai ao ar, perde o lugar!”, como diz o provérbio.

Não só os constitucionais perderam o lugar, senão que foi ele ocupado por deputações populares, que logo de entrada apresentaram pleitos contra as comissões.

Eis o que se passava nos Jacobinos; por isso os deputados foram recebidos com aclamações.

Ao mesmo tempo uma proclamação, que devia adquirir na sua parte uma certa importância nos acontecimentos que se vão seguir, era redigida no outro extremo de Paris, no interior do Marais, num clube ou antes numa sociedade fraternal de homens e mulheres, que se chamava a sociedade dos Mínimos, nome tirado do lugar onde se estabelecera.

Esta sociedade era uma auxiliar dos Franciscanos: por isso era animada com o espírito de Danton.

Um mancebo de vinte e três a vinte e quatro anos apenas, que Danton inspirara e tinha animado com a sua inspiração, pegava na pena e redigia a proclamação.

O mancebo era João Lambert Tallien.

A proclamação levava por assinatura um nome formidável: estava assinada - O POVO.

A 14 apresentou-se à discussão na Assembléia.

Desta vez era impossível também encher, como nas primeiras vezes, os corredores e as avenidas de realistas e cavaleiros do punhal; impossível, finalmente, fechar o jardim das Tulherias.

O prólogo passara-se diante dos *claqueurs*, porém a comédia ia ser representada diante do verdadeiro público.

E convém dizê-lo, o público estava mal disposto.

Tão mal disposto, que Duport, ainda popular havia três meses, fora ouvido em profundo silêncio, quando propôs que caísse sobre o séquito de el-rei o crime do próprio rei.

Foi contudo até ao fim, admirado de falar pela primeira vez, sem promover uma exclamação ou um sinal de aprovação.

Era um dos astros daquela trindade, cuja luz ia gradualmente desaparecendo no Céu político: Duport, Lameth e Barnave.

Depois dele, subiu Robespierre à tribuna. Robespierre, o homem prudente, que sabia tão bem eclipsar-se, o que iria ele dizer? O orador, que oito dias antes tinha declarado que não era monárquico nem republicano, por quem iria pronunciar-se?

Não se pronunciou.

Veio com a sua acerba doçura constituir-se em advogado da humanidade; disse que, segundo a sua opinião, haveria ao mesmo tempo injustiça e crueldade em só ferir os fracos; que não atacava o rei, visto que a Assembléia parecia olhá-lo como inviolável; porém que defendia Bouillé, Charny, a Sr^a. Tourzel, correio, criados e lacaios; finalmente todos aqueles que pela sua posição dependente tinham sido obrigados a obedecer.

A Assembléia murmurou muito durante este discurso; as tribunas ouviam com a maior atenção, sem saber se deviam aprovar. Acabaram, por conhecer nas palavras do orador, o que aí havia verdadeiramente: um ataque real à realza e uma falsa defesa aos cortesãos.

Entre as tribunas aplaudiram com grande entusiasmo Robespierre.

O presidente tentou impor silêncio às tribunas.

Prieur (de la Marne) quis trazer o debate para um terreno perfeitamente livre de subterfúgios e paradoxos.

- Mas o que faríeis, cidadãos - disse ele - se o rei, estando livre do processo, viesse pedir-vos para que fosse restabelecido no poder?

A pergunta era tanto mais embaraçosa, quanto era directa; porém há momentos de impudência em que nada embaraça os partidos reaccionários.

Desmeuniers levantou a apóstrofe, pareceu sustentar com detrimento do rei a causa da Assembléia.

- A Assembléia - disse o orador - é um corpo todo poderoso, e na sua onipotência tem direito para suspender o poder real, e manter esta suspensão *até ao momento em que se termine a Constituição*.

Assim o rei, que não tinha fugido, mas que tinha sido raptado, seria suspenso momentaneamente, porque a Constituição não estava acabada; logo que esta estivesse completa, ele entraria de pleno direito no exercício das suas funções reais.

- Finalmente - bradou o orador - visto que me pedem (ninguém lho pedia), visto que me pedem para redigir a minha explicação em decreto, eis o projecto que apresento:

“1.º A suspensão durará até que o rei aceite a Constituição.”

“2.º Se ele não a aceitar, a Assembléia declará-lo-á deposto”.

- Oh! Sosseguem - replicou Grégoire do seu lugar - que não só aceitará, mas até jurará tudo o que quiserem.

E tinha razão, devendo antes dizer: “jurará e aceitará tudo o que quiserem”.

Os reis ainda juram mais facilmente do que aceitam.

A Assembléia ia talvez aproveitar o projecto do decreto de Desmeuniers, porém Robespierre, disse:

- Acaulem-se! Semelhante decreto decide desde já que o rei não será julgado!

Eram surpreendidos em flagrante delito; não ousaram votar. Um ruído que se ouviu à porta, tirou a Assembléia do embaraço.

Era uma deputação da sociedade fraternal dos Mínimos, que trazia uma proclamação inspirada por Danton, redigida por Tallien e assinada pelo povo.

A Assembléia vingou-se dos suplicantes: recusou-se a ouvir a proclamação.

Então Barnave levantou-se.

- Que não seja lida hoje - disse ele; - porém amanhã oiçam-na, e não se deixem levar por uma opinião fictícia... A lei não tem mais do que declarar a sua opinião, ver-se-ão todos os bons cidadãos reunir-se-lhe!

Leitores, reparai bem nestas poucas palavras, lede estas simples palavras, meditai esta frase: “*A lei não tem mais do que declarar a sua opinião!*” A frase foi pronunciada a 14; a matança de 17 está compreendida nesta data.

Também não se contentaram com roubar ao *povo* a onipotência de que ele se julgava senhor pela fuga do seu rei, digamos melhor, pela traição do seu mandatário; restituíam publicamente esta onipotência a Luís XVI, e se o *povo* reclamasse, se o *povo* fizesse petições, não era mais do que uma opinião fictícia, de que a Assembléia, este outro mandatário do povo, se desembaraçaria *declarando a sua opinião!*

Que significariam estas palavras: *Declarar a opinião da lei?*

Era proclamar a lei marcial e arvorar a bandeira vermelha.

Com efeito, no dia seguinte (dia 15), era o dia decisivo. A Assembléia apresentou um aspecto respeitável; ninguém a ameaçava, porém ela quis parecer ameaçada. Chama-se Lafayette em seu auxílio, e Lafayette, que sempre tinha passado junto do verdadeiro povo sem o ver, enviou à Assembléia cinco mil homens da guarda nacional, aos quais, para iludir o povo, juntou mil lanças do arrabalde de Saint-Antoine.

As espingardas eram a aristocracia da guarda nacional; as lanças o acompanhamento.

Convencida, como Barnave, que não tinha mais do que declarar a opinião da lei para reunir consigo, não o povo, mas Lafayette, o comandante da guarda nacional, e Bailly, o *maire* de Paris, a Assembléia estava determinada a acabar esta questão.

Ora, suposto que nascida havia apenas dois anos, a Assembléia já estava organizada como uma Assembléia de 1829 ou de 1846; sabia que se tratava de cansar os membros e espectadores com discussões secundárias, e deixar para o fim da sessão a questão principal para a levar de assalto. Perdeu metade da sessão a ouvir a leitura de um relatório militar sobre os negócios do parlamento; depois deixou complacentemente falar dois ou três membros, que tinham o costume de discorrer largamente no meio das conversações particulares; depois, finalmente, chegando aos limites da discussão, calou-se para ouvir dois discursos, um de Sallis outro de Barnave.

Dois discursos de advogados, que convenceram de tal modo a Assembléia que, Lafayette, tendo pedido o encerramento, ela votou-o com toda a tranqüilidade e sossego.

E com efeito, naquele dia, a Assembléia nada tinha que temer: tinha *feito as tribunas*; perdoem-nos este termo de gíria, que empregamos como mais significativo; as Tulherias estavam fechadas; a polícia estava às ordens do presidente; Lafayette presidia ao centro da câmara, pedindo o encerramento; Bailly estava estacionado na praça à frente do conselho municipal e pronto a fazer as suas notificações. Por toda a parte a autoridade debaixo de armas oferecia combate ao povo.

Por isso o povo, que não estava muito disposto a combater, retirou-se por detrás das fileiras de baionetas e lanças, e foi para o seu Monte Aventino, isto é para o Campo de Marte.

E notem bem isto, ele não ia ao Campo de Marte para se revoltar; para se *exordiar ao combate* como o povo romano; não, ia ao Campo de Marte, porque estava certo de aí encontrar o altar da pátria, que desde 14 ainda não tinham tido tempo de demolir, por mais prontos que sejam ordinariamente os governos em demolir os altares da pátria.

A multidão queria redigir ali um protesto e fazê-lo chegar a Assembléia.

Enquanto a multidão redigia o seu protesto, a Assembléia votava:

1.º Esta medida preventiva:

“Se o rei retratar o seu juramento, se atacar o seu povo ou não o defender, abdica, torna-se simples cidadão e é acusado pelos delitos posteriores à sua abdicação”.

2.º Esta medida repressiva:

“Serão perseguidos: Bouillé, como culpado principal, e como secundários, todas as pessoas que tomaram parte no rapto do rei”.

No momento em que a Assembléia acabava de votar, a multidão tinha redigido e assinado o seu protesto; ela voltava para o apresentar à Assembléia, que encontrou melhor guardada que nunca.

Todos os poderes naquele dia eram militares: o presidente da Assembléia era Carlos Lameth, um jovem coronel; o comandante da guarda nacional era Lafayette, um jovem general; até o nosso digno astrônomo Bailly, que tendo atado em volta do seu vestuário de sábio a banda tricolor e coberto com o tricórnio municipal a sua pensativa cabeça, teve no meio das suas baionetas e lanças um certo ar do guerreiro, de tal modo, que vendo-o assim a Sr^a. Bailly poderia

tomá-lo por Lafayette, como diziam, que esta tomava às vezes este por aquele.

A multidão parou; era tão pouco hostil, que não havia meio de deixar de parlamentar. O resultado desta *parlamentação* foi que se permitiria aos deputados falarem aos srs. Pétion e Robespierre.

Vejam como engrandeciam a popularidade de novos nomes à medida que diminuía consideravelmente a popularidade dos Dupont, dos Lameth, dos Barnave, dos Lafayette e dos Bailly?

Os deputados, em número de seis, partiram para a Assembléia bem acompanhados.

Robespierre e Pétion, prevenidos, correram a recebê-los na passagem dos Bernardos.

Era muito tarde, a questão estava votada!

Os dois membros da Assembléia que não eram favoráveis a esta votação, não a participaram provavelmente aos deputados do povo de maneira que lhes fizesse suportar com resignação o mau êxito: por isso os deputados, como era muito natural, voltaram furiosos àqueles que os tinham enviado.

O povo perdera pois esta magnífica partida com o mais belo jogo, que a fortuna jamais colocou nas mãos de um povo!

Por isso mesmo estava encolerizadíssimo: espalhou-se por toda a cidade e começou logo por fazer fechar os teatros.

Os teatros fechados, como dizia um nosso amigo em 1830, é a bandeira preta desfraldada sobre Paris.

A Ópera tinha guarda, resistiu.

Lafayette, com as suas quatro mil baionetas e as suas mil lanças, não desejava outra coisa, senão reprimir este movimento nascente; a autoridade municipal negou-lhe as ordens.

Até aqui a rainha tinha estado ao facto dos acontecimentos, porém as informações tinham parado aí, a sua continuação tinha-se perdido na noite, menos sombria do que eles.

Barnave que ela esperava com tão grande impaciência, prometera ir relatar-lhe tudo o que se houvesse passado no dia 15.

Todos sentiam a aproximação de algum acontecimento.

O rei, que também esperava Barnave na segunda câmara da Sr^a. Campan, tinha sido prevenido da chegada do Dr. Gilberto, e para dar mais atenção ao relatório dos acontecimentos, voltara para os seus aposentos com Gilberto, deixando Barnave junto da rainha.

Finalmente, pelas nove horas e meia soaram passos na escada, ouviu-se uma voz, que trocava algumas palavras com a sentinela que estava no patamar; depois um mancebo, vestido com um uniforme de tenente da guarda nacional, apareceu no corredor.

Era Barnave.

A rainha, com o coração palpitante, como se aquele homem fosse o amante mais adorado, abriu a porta, e Barnave, depois de ter olhado para todos os lados, entrou.

A porta fechou-se imediatamente, e antes de qualquer palavra ouviu-se o ruído de uma fechadura.

XXXI

O dia 16 de Julho

O coração de ambos batia com igual violência, porém com impulsos bem diferentes.

O coração da rainha batia com a esperança da vingança; o coração de Barnave batia com a esperança de ser amado.

A rainha entrou apressadamente na segunda câmara, procurando, por assim dizer, a luz. Certamente não temia Barnave, nem o seu amor; sabia quanto esse amor era respeitoso e delicado, porém, por instinto feminino, evitava a escuridão.

Chegada à segunda câmara, deixou-se cair numa cadeira.

Barnave parou à entrada da porta e abraçou com um olhar toda a pequena sala alumada unicamente por duas velas.

Esperava encontrar ali o rei, que assistira às suas duas precedentes entrevistas com Maria Antonieta.

A sala estava quase solitária.

Pela primeira vez, desde o seu passeio na galeria do palácio episcopal de Meaux, ia estar frente a frente com a rainha.

Levou maquinalmente a mão ao coração, de que procurou comprimir as pulsações.

- Oh! Sr. Barnave - disse a rainha depois de um momento de silêncio - espero-o há duas horas.

O primeiro movimento de Barnave a esta censura, feita com voz tão meiga, que deixava de ser acusadora para se tornar queixosa, teria sido lançar-se aos pés da rainha, se o respeito o não detivesse.

O coração é que indica, que às vezes lançar-se aos pés de uma mulher é faltar-lhe ao respeito.

- Ai, senhora, isso é verdade - disse ele; - porém espero que vossa majestade acredite, que não foi por minha vontade essa demora.

- Oh! Sim - disse a rainha, afirmando por um pequeno movimento de cabeça - sei que é dedicado à monarquia.

- Sou dedicado principalmente à rainha - disse Barnave; - e é disso que desejo que vossa majestade esteja bem convencida.

- Não duvido, Sr. Barnave... Então não pôde vir mais cedo?

- Tentei vir às sete horas, senhora, porém ainda era muito claro, e encontrei (como é que semelhante homem ousa aproximar-se do palácio de vossa majestade?) encontrei o Sr. Marat no terraço.

- O Sr. Marat?! - disse a rainha, como procurando recordar-se; - não é um jornalista que escreve contra nós?

- Que escreve contra todos; é esse... O seu olhar de víbora perseguiu-me até que desapareci pelas grades dos Bernardos... Passei sem olhar para as janelas. Felizmente, na Ponte Real, encontrei Saint-Prix.

- Saint-Prix? Quem é? - disse a rainha com um desespero quase igual ao que mostrara antes; - um cómico?

- Sim, real senhora, é um cómico - respondeu Barnave; - porém, que quer? É um dos caracteres da nossa época: cómicos e jornalistas, pessoas de que outrora os reis só conheciam a existência para lhes darem ordens, a que eles se consideravam muito felizes em obedecer; cómicos e jornalistas tornaram-se cidadãos, tendo a sua parte de influência, movendo-se segundo a sua vontade, obrando segundo a sua inspiração, podendo - rodas importantes da grande máquina, de que a realeza não é hoje mais do que a roda superior - podendo fazer bem ou mal... Enfim, Saint-Prix fez-me recuperar o que Marat deitara a perder.

- Como assim?

- Saint-Prix estava uniformizado. Sou amigo dele, senhora; aproximei-me, perguntei-lhe onde estava de guarda: era por felicidade no paço. Sabia que podia fiar-me na sua discrição; disse-lhe que tinha a honra de ter uma audiência de vossa majestade.

- Oh! Sr. Barnave!

- Seria melhor renunciar... à honra (Barnave ia dizer à felicidade, mas conteve-se), seria melhor renunciar à honra de ver a vossa majestade e deixá-la ignorar as importantes notícias que tenho a comunicar-lhe?

- Não - disse a rainha - fez bem... E julga poder fiar-se no Sr. Saint-Prix?

- Senhora - disse gravemente Barnave - o momento é supremo, acredite-o; os homens que lhe restam agora são amigos verdadeiramente dedicados, porque se amanhã, e isto há-de decidir-se amanhã, os Jacobinos tiverem vantagem sobre os constitucionais, os amigos de vossas

majestades serão seus cúmplices. E bem tem visto, que a lei só afasta de vossas majestades o castigo, para ferir os seus amigos.

- Isso é verdade - disse a rainha. - Então dizia o Sr. Barnave, que o Sr. Saint-Prix...

- Saint-Prix disse-me que estava de guarda nas Tulherias, e que entrava de sentinela das nove às onze horas, que procuraria obter o posto das sobrelojas, e que então, durante essas duas horas, vossa majestade teria toda a liberdade para me dar as suas ordens... Porém ele mesmo me aconselhou que vestisse o uniforme de oficial da guarda nacional, e segui o conselho, como vossa majestade vê.

- E encontrou o Sr. Saint-Prix no seu posto?

- Encontrei sim, real senhora... Custou-lhe dois bilhetes de teatro para obter do sargento esse posto. Bem vê - acrescentou Barnave sorrindo - que a corrupção é fácil.

- O Sr. Marat... O Sr. Saint-Prix... Dois bilhetes de teatro... - repetiu a rainha lançando um olhar de terror no abismo, de onde saem os pequenos acontecimentos, que nos dias de revolução tecem os destinos dos reis.

- Sim - disse Barnave; - é singular, não é verdade, senhora? É verdade que os antigos chamavam fatalidade ao que os filósofos chamam acaso, e ao que os crentes chamam Providência.

A rainha pegou num dos anéis dos seus cabelos e olhou para ele tristemente.

- Isso é o que tem feito encanecer os meus cabelos! - disse ela.

Depois, voltando a Barnave e ao lado político da situação, abandonado um instante pelo lado vago e pitoresco, continuou:

- Porém julgava ter ouvido dizer que tínhamos obtido hoje uma grande vitória na Assembléia?

- Sim, senhora, alcançámos uma vitória na Assembléia, infelizmente, porém, acabamos de sofrer uma derrota nos Jacobinos.

- Mas, meu Deus - disse a rainha - nada compreendo; julgava que os Jacobinos eram dos senhores, isto é, dos srs. Lameth e Duport, que os tinham na mão, que faziam deles o que queriam?

Barnave meneou tristemente a cabeça.

- Assim foi - disse ele; - porém um novo génio soprou na Assembléia.

- De Orleans, não é verdade? - disse a rainha.

- Sim, agora é daí que vem o perigo.

- O perigo? Mas, ainda uma vez, não lhe escapamos pela votação de hoje?

- Entenda bem isto, real senhora, pois para afrontar uma situação é preciso conhecê-la; eis a votação de hoje:

“Se um rei retratar o seu juramento, atacar ou não defender o seu povo, abdica, torna-se simples cidadão e é acusado por todos os delitos posteriores à sua abdicação”.

- Pois bem - disse a rainha - o rei não retratará o seu juramento; o rei não atacará o seu povo, e se o atacarem o rei saberá defendê-lo.

- Sim, mas por esta votação, senhora - disse Barnave - uma porta fica aberta aos revolucionários e aos orleanistas, A Assembléia nada deliberou a respeito do rei; votou medidas preventivas contra uma segunda deserção, porém deixou de parte a primeira, e esta noite nos Jacobinos, quer vossa majestade saber o que Lacos, o homem do duque de Orleans, propôs?

- Oh! Decerto alguma coisa terrível! Que pode propor de bom o autor das *ligações perigosas*?

- Pediu que se fizesse em Paris e por toda a França uma petição pedindo a abdicação. Respondeu por dez milhões de assinaturas!

- Dez milhões de assinaturas! - exclamou a rainha; - meu Deus! Somos então de tal modo odiados, que dez milhões de franceses nos rejeitam?

- Oh! Senhora, as maiorias são fáceis de conseguir!
- E passou a proposta do Sr. Laclos?
- Promoveu uma discussão... Danton apoiou-a.
- Danton? Porém eu julgava que esse Sr. Danton era nosso!... O Sr. de Montmorin havia-me falado de um cargo de advogado dos conselhos do rei, vendido ou comprado, não sei bem, e que nos dava esse homem.
- O Sr. de Montmorin enganou-se; se Danton pertencesse a alguém, seria ao duque de Orleans.
- E o Sr. Robespierre falou?... Dizem que começa a ganhar uma grande influência.
- Sim, Robespierre falou; reprovava a petição; a sua opinião era simplesmente uma proclamação às sociedades Jacobinas da província.
- Seria necessário contudo possuímos o Sr. de Robespierre, se ele adquirisse uma tal importância.
- Não se possui o Sr. de Robespierre, senhora; Robespierre pertence a si mesmo, a uma idéia, a uma utopia, a um fantasma, a uma ambição, talvez.
- Mas enfim, qualquer que seja a sua ambição, poderemos talvez satisfazer-lha... Supõe que ele queira ser rico?
- Não, senhora.
- Então, ser ministro!
- Talvez queira mais do que ser ministro.

A rainha olhou para Barnave com espanto.

- Parecia-me que ser ministro - disse ela - era o fim mais elevado a que um dos nossos súbditos podia atingir?
- Se o Sr. de Robespierre considerasse el-rei como deposto, não se julgaria súbdito do rei.
- Então o que ambiciona ele? - perguntou a rainha estupefacta.
- Há em certos momentos, senhora, homens que sonham novos títulos políticos em lugar de manterem os antigos.
- Sim, compreendo que o Sr. duque de Orleans sonhe ser regente; o nascimento chama-o a essa alta função. Porém o Sr. de Robespierre, um simples advogado de província!...

A rainha esquecia que também Barnave era um simples advogado de província.

Barnave ficou impassível, quer o golpe passasse sem lhe tocar, quer ele tivesse a coragem de o receber e ocultar a sua dor.

- Mário e Cromwell tinham saído das fileiras do povo, senhora - disse ele.
- Mário e Cromwell!... Ai! Quando ouvi pronunciar esses nomes na minha infância, nunca me lembrei de que um dia eles soariam de modo tão funesto aos meus ouvidos!... Contudo, vejamos, porque sem cessar nos afastamos dos factos para nos lançarmos nas especialidades: o Sr. de Robespierre, segundo me disse, opunha-se à petição proposta pelo Sr. Laclos e apoiada pelo Sr. Danton.
- Sim, porém nesse momento entrou uma multidão de povo, os gritadores ordinários do Palais-Royal, um bando de raparigas, uma máquina preparada para apoiar Laclos; e não só a proposta deste passou, mas foi comunicado que amanhã os Jacobinos reunidos ouviriam a leitura da petição, que havia de ser levada ao Campo de Marte, assinada sobre o altar da pátria e enviada a todas as sociedades da província, que pela sua vez a assinariam.
- E quem redige essa petição?
- Danton, Laclos e Brissot.
- Três inimigos?
- Sim, senhora.
- Mas, meu Deus! Que fazem os nossos amigos constitucionais?
- Ai, senhora... Estão decididos a ganhar ou perder tudo amanhã.
- Porém eles já não podem ficar nos Jacobinos?
- O admirável conhecimento que vossa majestade tem dos homens e das coisas, faz-lhe

ver a situação tal qual é... Sim, guiados por Duport e Lameth, os seus amigos acabam de separar-se dos seus inimigos. Opõem os Bernardos aos Jacobinos.

- O que é isso? Os Bernardos?! Desculpe-me, porém ignoro tudo isso. Entram tantos nomes e palavras novas na nossa linguagem política, que cada uma das minhas palavras é uma pergunta.

- Senhora, os Bernardos é aquele grande edifício, situado junto à municipalidade, encostado à Assembléia por consequência, e que dá o nome ao terraço das Tulherias.

- E quem é desse clube?

- Lafayette, isto é, a guarda nacional, e Bailly, ou seja, a municipalidade.

- Acredita em Lafayette?

- Julgo-o sinceramente afecto ao rei.

- Afecto ao rei, como o rachador ao carvalho, que corta pela raiz! Bailly, esse talvez: não tenho que queixar-me dele, direi mesmo mais alguma coisa: denunciou-me a mulher que adivinhara a nossa partida. Mas Lafayette...

- Vossa majestade o julgará oportunamente.

- Sim, é verdade - disse a rainha, deitando um olhar doloroso para o passado - sim... Versalhes... Mas? Voltemos ao clube; que vão lá fazer? Que vão lá propor? Que força terá ele?

- Uma força enorme, visto que disporá ao mesmo tempo, como eu dizia a vossa majestade, da guarda nacional, da municipalidade e da maioria da Assembléia, que vai connosco. Quem ficará nos Jacobinos? Talvez cinco ou seis deputados: Robespierre, Pétion, Laclos e o duque de Orleans: todos elementos heterogêneos, que se encontraram para revolver a turba dos novos membros, dois intrusos, um bando de gritadores, que farão estrondo, mas que não terão influência nenhuma.

- Deus o queira, senhor! Enquanto espera, o que conta fazer a Assembléia?

- A Assembléia conta admoestar asperamente o Sr. maire de Paris pela sua hesitação e pela sua fraqueza de hoje. Daí resultará que o honrado Bailly, que pertence à família das pêndulas, e que, para andar só precisa que lhe dêem corda, tendo-se-lha dado, andará.

Neste momento, deram três quartos para as onze e ouviu-se tossir a sentinela.

- Sim, sim - murmurou Barnave - bem sei, é tempo de retirar-me, e contudo parece-me que tinha ainda mil coisas que dizer a vossa majestade.

- E eu, Sr. Barnave - disse a rainha - só tenho uma que responder-lhe, e é que fico muito agradecida, tanto ao senhor, como aos seus amigos, pelos perigos a que se expõem por minha causa.

- Senhora - disse Barnave - o perigo é um jogo em que, vencedor ou vencido, tenho tudo a ganhar; quer vencido, quer vencedor, a rainha mo pagará com um sorriso.

- Ah! Senhor! - disse a rainha - esqueci já o que seja sorrir! Porém trabalha tanto em nosso favor, que procurarei recordar a época em que era feliz, e prometo-lhe, que o meu primeiro sorriso será para o senhor.

Barnave inclinou-se com a mão no coração e saiu recuando.

- A propósito - disse Maria Antonieta - quando o tornarei a ver?

Barnave pareceu calcular.

- Amanhã a petição e a segunda votação da Câmara... Depois de amanhã, a explosão e a repressão provisória... Domingo à noite, senhora, farei a diligência por vir dizer a vossa majestade tudo o que se houver passado, no Campo de Marte.

E saiu.

A rainha subiu pensativa à câmara do seu marido, que encontrou tão pensativo como ela. O Dr. Gilberto acabava de sair naquele momento, e havia-lhe dito, pouco mais ou menos, as mesmas coisas que Barnave dissera à rainha.

Não necessitaram mais do que lançarem um recíproco olhar, para conhecerem que, dos dois lados, as notícias tinham sido sombrias.

O rei acabava de escrever uma carta.

Sem dizer uma única palavra, Luís XVI apresentou-a à rainha.

Era uma carta de poderes concedidos ao conde de Provença, para que solicitasse em nome do rei de França, a intervenção do imperador de Áustria e do rei da Prússia.

- O Sr. conde de Provença causou-me bastantes males - disse Maria Antonieta; - aborrece-me, e há-de causar-me ainda todo o mal que puder fazer-me, estou certa disso; mas, visto ter ele a confiança de vossa majestade, a meu pesar, dispensar-lhe-ei também a minha.

E pegando na pena, escreveu heroicamente a sua assinatura ao lado da do rei.

XXXII

Em que finalmente chegamos ao protesto que a senhora Roland copiava

Parece-nos que a conversação da rainha com Barnave deve ter dado aos nossos leitores uma idéa exacta da situação, em que se achavam os partidos no dia 15 de Julho de 1791.

Os novos Jacobinos tomando o lugar dos antigos;

Os antigos Jacobinos criando o clube dos Bernardos;

Os Franciscanos representados por Danton, Camilo Desmoulins e Legendre, reunindo-se aos novos Jacobinos;

A Assembléia, tornada realista constitucional, decidida a manter o rei a todo o custo;

O povo resolvido a obter a abdicação por todos os meios possíveis, mas ao mesmo tempo, resolvido a empregar primeiro o do protesto e o da petição.

Agora, o que se havia passado durante as noites decorridas entre a entrevista de Barnave com a rainha, protegida pelo actor Saint-Prix, até ao momento em que vamos entrar em casa da Sr.^a. Roland.

Vamos dizê-lo em poucas palavras.

Durante toda aquela conversação, e no mesmo momento em que ela acabava, três homens estavam sentados em volta de uma mesa, com papel, penas e tinta diante de si, ocupados em redigir a petição de que tinham sido encarregados pelos Jacobinos.

Esses três homens eram Danton, Laclos e Brissot.

Danton não era amigo desta espécie de reuniões; além disso, pela sua vida toda de prazer e de movimento, esperava sempre impaciente o fim de todas as comissões de que fazia parte.

No fim de pouco tempo, levantou-se e saiu deixando Brissot e Laclos redigirem a petição como quisessem.

Laclos viu-o sair, e seguiu-o com a vista até que ele desaparecesse, e com o ouvido até senti-lo fechar a porta.

Esta dupla função dos sentidos pareceu tirá-lo um instante daquela sonolência fictícia, com que ocultava a sua infatigável actividade; depois, recostou-se na cadeira, e deixando cair a pena da mão, disse:

- Meu caro Sr. Brissot, redija-nos isso como quiser; quanto a mim, dispense-me... Ah! Se fosse um mau livro, como dizem na corte, uma continuação das *Ligações perigosas*, tomaria a minha parte; porém uma petição... - acrescentou ele abrindo muito a boca com perigo de quebrar o queixo - enfastia-me horivelmente!

Brissot pelo contrário, era verdadeiramente o homem desta espécie de redacções.

Convencido, pois, que redigiria a petição melhor do que ninguém, aceitou a procuração, que lhe dava a ausência de Danton, e a demissão de Laclos, o qual fechou os olhos, acomodando-se o melhor que pôde na cadeira, como se quisesse dormir, e preparou-se para pesar cada frase, cada palavra, cada letra, a fim de aí introduzir, em ocasião oportuna, uma idéa acerca da regência do seu príncipe.

À medida que Brissot escrevia esta frase, lia-a, e Laclos aprovava com um pequeno movimento de cabeça e uma leve entoação de voz.

Brissot apresentou o seu trabalho, fazendo sobressair a situação:

1.º O silêncio hipócrita ou tímido da Assembléia, que não quisera, ou não ousara determinar coisa alguma relativa ao rei:

2.º A abdicação de facto de Luís XVI, visto que fugira, e que a Assembléia o suspendera, perseguira e prendera.

Não se persegue, não se prende, não se suspende o rei; se assim acontece, é que já não é rei.

3.º A necessidade de prover à sua *substituição*.

- Bem; muito bem! - disse Laclos ao ouvir a última palavra.

Depois, como Brissot ia continuar, o secretário do duque de Orleans disse:

- Espere... Espere! Parece-me que, depois das palavras “à sua substituição” há alguma coisa que acrescentar... Alguma coisa que nos atraia os espíritos tímidos. Nem todos têm, como nós, a coragem necessária para declarar a sua opinião.

- É possível - disse Brissot. Que lhe acrescentaria?

- Oh! Ao senhor é que compete arranjar isso, meu caro. Eu acrescentaria... Vejamos...

Laclos mostrou procurar uma frase, que havia muito tempo tinha formulado no espírito, e que só esperava ocasião favorável para sair.

- Pois bem - disse finalmente - depois dessas palavras: “necessidade de prover a sua substituição” acrescentaria: “Por todos os meios constitucionais”.

Vejam, estudem e admirem, ó homens políticos, redactores presentes e futuros de petições, protestos e projectos de lei.

Eram bem limitadas, não é verdade, estas palavras inofensivas?

Pois vão ver, isto é, aqueles dos meus leitores que tiverem a felicidade de não ser homens políticos, vão ver onde nos levavam estas cinco palavras: “Por todos os meios constitucionais”.

Todos os meios constitucionais de prover à substituição do rei, reduziam-se a um só.

Esse único meio era a *regência*.

Ora, na ausência do Conde de Provença e do conde de Artois, irmãos de Luís XVI e tios do delfim, e impopulares por causa da emigração, a quem pertencia a regência?

Ao duque de Orleans.

Esta pequena frase inocente, introduzida numa petição redigida em nome do povo, fazia pois, em nome desse mesmo povo, o Sr. duque de Orleans regente!

A política é uma excelente coisa, não é verdade? Será necessário ainda muito tempo para que o povo se não veja embaraçado, quando tiver de tratar com homens da força do Sr. de Laclos!

Fosse porque Brissot não adivinhasse a finura contida nestas cinco palavras, e pronta a rebentar quando fosse necessário, ou porque não visse a serpente, que se tinha introduzido debaixo daquele aumento e que ergueria a cabeça sibilante chegada a ocasião, ou porque finalmente ele mesmo, sabendo que nada arriscava como redactor daquela petição, não deixasse de estimar reservar-se uma saída, não fez objecção alguma e acrescentou a frase, dizendo:

- Efectivamente, isto há-de atrair-nos alguns constitucionais... A idéia é boa, Sr. Laclos!

O resto da petição era conforme ao sentimento, que o fizera redigir.

No dia seguinte, Pétion, Brissot, Camilo Desmoulins e Laclos, dirigiram-se para os Jacobinos; levavam a petição.

A sala estava quase deserta.

Todos os membros tinham ido para os Bernardos.

Barnave não se havia enganado; a deserção era completa.

Pétion correu imediatamente aos Bernardos.

Quem encontrou aí? Barnave, Duport e Lameth redigindo uma proclamação às

sociedades Jacobinas das províncias, proclamação em que lhes anunciavam que o clube dos Jacobinos já não existia, e acabava de ser transportado para os Bernardos, com o título de *Sociedade dos amigos da constituição*.

Assim, esta associação, que tanto custara a fundar, e que, semelhante a uma rede, se estendia por toda a França, ia cessar de funcionar, paralisada pela hesitação.

Em quem acreditará ela? A quem obedecerá? Aos velhos ou aos novos Jacobinos?

Entretanto, dar-se-á o golpe de estado contra-revolucionário, e o povo, que não terá ponto de apoio, adormecendo sob a fê dos que velam por ele, acordará vencido e garrotado.

Trata-se de resistir à tempestade.

Cada qual redigirá o seu protesto, que enviará para a província, onde julgar merecer alguma confiança.

Roland era o deputado especial de Lião; tinha grande influência na população da segunda capital do reino.

Danton, antes de ir para o Campo de Marte, onde devia, apesar dos Jacobinos, que não encontrou, ser assinada pelo povo a petição, passa por casa de Roland, explica-lhe a situação e pede-lhe que envie sem demora um protesto aos lioneses, entregando-lhe a redacção desse importante papel.

O povo de Lião dará a mão ao povo de Paris, e protestará juntamente com ele.

Era esse protesto, redigido por seu marido, que a Sr^a. Rolland copiava.

Quanto a Danton, tinha ido juntar-se aos seus amigos no Campo de Marte.

No momento em que ali chegou, agitava-se uma grande discussão; no meio da imensa arena estava o altar da pátria, erigido para a festa do dia 14, e que ali ficara como o esqueleto do passado.

Era, como dissemos, a propósito da confederação de 1790, uma plataforma, a que se subia por quatro escadas, todas correspondentes aos quatro pontos cardeais.

No altar da pátria estava um quadro, representando a coroação de Voltaire, que se efectuara em 12; por cima do quadro estava o edital dos Franciscanos, em que se lia o juramento de Bruto.

A discussão versava sobre as cinco palavras introduzidas na petição por Laclos.

Iam passar despercebidas, quando um homem, que parecia pertencer à classe popular pelo seu vestuário e pelas suas maneiras, de tal modo francas e desembaraçadas, que chegavam quase a ser violentas, interrompeu bruscamente o leitor.

- Alto lá - disse ele; - enganam o povo!

- Como? - perguntou o leitor.

- Com estas palavras: “Por todos os meios constitucionais”. Substituem um por outro; criam uma realeza, e nós não queremos tornar a ter rei.

- Não, nada mais de realeza! Não, nada mais de rei! - gritou a maior parte dos espectadores.

Coisa estranha! Foram então os Jacobinos que tomaram o partido da realeza!

- Senhores! Senhores - exclamaram eles - acautelem-se! Nada de realeza, nada de rei, é o mesmo que proclamar a república, e não estamos suficientemente civilizados para a república.

- Não estamos civilizados? - disse o homem do povo, - de acordo... Porém um ou dois sóis como o de Varennes nos civilizarão.

- Votos! A petição a votos!

- Votos! - repetiram os que já tinham gritado: - “Nada de realeza! Nada de rei!”

Foi necessário proceder à votação.

- Todos que não querem reconhecer Luís XVI, nem qualquer outro rei - disse o desconhecido - levantem a mão.

Foi tão grande a maioria que levantou a mão, que não houve necessidade de recorrer a contraprova.

- Está bem - disse o lavrador; - amanhã domingo, 17 de Julho, toda Paris estará aqui para

assinar a petição. Sou eu, Billot, que me encarrego de a prevenir.

A este nome de Billot, todos conheceram o terrível lavrador que, acompanhando o ajudante de ordens de Lafayette, prendera o rei em Varennes e o conduzira a Paris, com toda a comitiva.

Assim, do primeiro golpe estavam sobrepujados os mais ousados Franciscanos e Jacobinos, Por quem? Por um homem do povo, isto é, pelo instinto das massas; de tal modo, que Camilo Desmoulins, Danton Brissot e Pétion declararam que, segundo a sua opinião, semelhante acto da parte da povoação parisiense, não devia cumprir-se sem levantar alguma tempestade, e era importante obter já da municipalidade licença para se reunirem no dia seguinte.

- Seja assim! - exclamou o homem do povo; - alcancem-na, e se não a alcançarem, eu a exigirei!

Camilo Desmoulins e Brissot foram encarregados da execução deste projecto.

Bailly estava ausente; só encontraram o primeiro sindaco. Este nada quis resolver; não recusou, mas também não autorizou; contentou-se em aprovar vocalmente a petição. Brissot e Camilo Desmoulins saíram da municipalidade, julgando-se autorizados.

Após eles, o primeiro síndico mandou prevenir a Assembléia do que se havia passado com ele.

A Assembléia era apanhada em flagrante.

Nada tinha determinado relativamente à situação de Luís XVI fugitivo, suspenso do seu título de rei, preso em Varennes, conduzido às Tulherias e aí guardado, desde 26 de Junho, como prisioneiro.

Não havia tempo a perder.

Desmeuniers, com todas as aparências de inimigo da família real, apresentou um projecto de lei, concebido nestes termos:

“A suspensão do poder executivo durará até que o acto constitucional *seja apresentado ao rei e aceite por ele.*”

O decreto, proposto às sete horas da tarde, estava aprovado às oito por grande maioria.

Assim, a petição do povo era inútil; o rei suspenso unicamente até ao dia em que aceitasse a constituição, tornava-se por esta simples aceitação rei como dantes.

Todo aquele que pedir a abdicação do rei, mantido constitucionalmente pela Assembléia, logo que o rei se mostre disposto a cumprir esta condição, será pois considerado rebelde.

Ora como a situação era grave, perseguiriam os rebeldes por todos os meios que a lei põe à disposição dos seus agentes.

Por isso houve reunião do *maire* e do conselho municipal à noite na casa da municipalidade.

A sessão abriu às nove horas e meia.

Às dez horas tinham determinado que no dia seguinte, 17 de Julho, às oito horas da manhã, o decreto da Assembléia, impresso e afixado em todas as esquinas de Paris, seria além disso, em todas as encruzilhadas, proclamado ao som da trombeta pelos notáveis e meirinhos da cidade, devidamente escoltados de tropa.

Uma hora depois de ser tomada esta decisão, já ela era conhecida nos Jacobinos.

Os jacobinos sentiam-se muito fracos: a deserção da maior parte deles para os Franciscanos, deixara-os isolados e sem força.

Curvaram-se.

Santerre, o homem do arrabalde de Saint-Antoine, o fabricante popular da Bastilha, aquele que devia suceder a Lafayette, encarregou-se, em nome da sociedade, de ir ao campo de Marte retirar a petição.

Os Franciscanos mostraram-se ainda muito mais prudentes.

Danton declarou que ia passar o dia seguinte a Fontenay-sous-Bois; seu avô o

botequineiro, tinha ali uma pequena casa de campo.

Légendre prometeu ir juntar-se-lhe com Desmoulins e Fréron.

Os Roland receberam um pequeno bilhete, em que os preveniam de que era completamente inútil enviarem o protesto a Lião.

Tudo tinha cessado ou estava adiado.

Era quase meia-noite e a Sr^a. Roland acabava de copiar o protesto, quando chegou o bilhete de Danton, do qual era impossível compreender a menor coisa.

Exactamente nesse momento, dois homens, assentados a uma mesa num quarto interior de uma taberna de Gros-Caillou davam, acabando a sua terceira garrafa de vinho de quinze sous, a última demão a um extraordinário projecto. Era um cabeleireiro e um inválido.

- Ai quê! Que loucas idéias tem, Sr. Lajariette! - dizia o inválido rindo com um riso lascivo e estúpido.

- É isso, tio Aémy - respondeu o cabeleireiro; - compreende, não é verdade? Antes de romper o dia, vamos ao campo de Marte; levantamos uma tábua do altar da pátria; introduzimos-nos debaixo e colocamos novamente a tábua, depois, com uma verruma grossa, fazemos buracos no sobrado... Uma multidão de jovens e formosas cidadãs irá amanhã ao altar da pátria para assinar a petição, e nós então, através dos buracos...

O riso lascivo e estúpido do inválido redobrou...

Era evidente que, na sua imaginação, já estava espreitando pelos buracos do altar da pátria.

O cabeleireiro não ria de boa vontade: a honrosa e aristocrática corporação, a que pertencia, estava arruinada pela desgraça dos tempos; a emigração roubara aos artistas de cabelo - e pelo que vimos nos penteados da rainha, naquela época ser cabeleireiro era uma arte; a imaginação, dizemos, roubara aos artistas de cabelo os seus melhores fregueses. Além disso, Talma acabava de representar o papel de Tito, em Berenice, e a maneira como se havia penteado dera origem a uma nova moda, que consistia em trazer os cabelos curtos e sem pós.

Em geral, os cabeleireiros eram realistas. Lede Prudhomme e vereis que no dia da execução do rei, um cabeleireiro, desesperado, degolou-se.

Ora, era uma boa peça a pregar a todas aquelas velhacas patriotas, como lhe chamava o pequeno número de grã senhoras, que tinha ficado em França, ir espreitá-las por baixo das saias, e mestre Lajariette contava com as suas recordações eróticas para entreter durante um mês, o cavaco das manhãs.

A idéia desta brincadeira viera-lhe bebendo com um velho guerreiro, seu amigo, e comunicara-a a este, que sentira estremecer os nervos da perna que deixara em Fontenoy, e que o Estado generosamente substituía por outra de pau.

Por consequência, os dois bebedores pediram uma garrafa de vinho, que o dono da casa se apressou a trazer-lhes.

Iam encetá-la, quando o inválido, pela sua parte, teve também uma idéia.

Era comprar um pequeno barril e vazar-lhe a garrafa dentro, em lugar de a vazar em dois copos; juntar-lhe mais duas e, deixando momentaneamente de beber, levaram o barril consigo.

O inválido apoiava a sua proposta no axioma de que olhar para o ar faz secar a boca.

O cabeleireiro dignou-se sorrir: e como o taberneiro observasse aos seus fregueses, que era inútil demorarem-se na taberna, se já não bebiam, os nossos dois folgazões compraram-lhe uma verruma e um barril, e quando dava meia-noite, através da escuridão dirigiram-se para o campo de Marte, levantaram a tábua, e com o barril entre si deitaram-se languidamente na areia e adormeceram como se estivessem na cama.

Há certos momentos em que o povo, em consequência de sucessivas excitações, sobe como a maré, sendo preciso algum grande cataclismo para que entre, como o oceano, no leito que a natureza lhe cavou.

Assim aconteceu ao povo parisiense, durante aquela primeira quinzena de Julho, em que tantos acontecimentos o tinham posto em ebulição.

No domingo, 10, concorrera às exéquias de Voltaire; o mau tempo impedira que se fizessem, e o préstito parara na barreira de Charenton, onde a multidão estacionara todo o dia.

Na segunda-feira, 11, o tempo melhorara, o préstito continuara o seu caminho e atravessava Paris no meio de imenso concurso de povo, parando diante da casa onde morrera o autor do *Dicionário filosófico* e da *Donzela de Orleans*, para dar tempo à Sr.^a Villette, sua filha adoptiva, e à família de Calas, de coroarem o caixão, saudado pelos coros dos artistas da Ópera.

Na quarta-feira, 13, espectáculo em Notre-Dame; representou-se a *Tomada da Bastilha*, a grande orquestra.

Na quinta-feira, 14, aniversário da confederação, romaria ao altar da pátria; três quartos de Paris estão no Campo de Marte, e as cabeças transtornam-se cada vez mais aos gritos de “Viva a nação!” e à vista da iluminação universal, no meio da qual o palácio das Tulherias, sombrio e mudo, parece um túmulo.

Na sexta-feira, 15, votação na câmara, protegida pelas quatro mil baionetas e os mil chuços de Lafayette; petição das massas, encerramento dos teatros, boatos e rumor durante a tarde e parte da noite.

Finalmente, no sábado, 16, deserção dos Jacobinos para os Bernardos; cenas violentas no Pont-Neuf, onde os agentes da polícia espancam Fréron e prendem um inglês, mestre de italiano, chamado Rotundo; excitação no Campo de Marte, onde Billot descobre na petição a frase de Laclos; votação popular sobre a abdicação do rei; combinação para no dia seguinte assinarem a petição.

Noite borrascosa, agitada, cheia de tumultos, na qual, ao passo que os chefes dos Jacobinos e dos Franciscanos se escondem, por conhecerem o jogo dos adversários os homens conscienciosos e ingênuos do partido prometem reunir-se e confirmar, suceda o que suceder a empresa começada.

Ainda há outros de atalaia, mas com sentimentos menos honrados e sobretudo menos filantrópicos; são esses homens cheios de ódio, que se encontram em todas as grandes comoções das sociedades, que prezam a desordem, o tumulto, a vista do sangue, como os abutres e os tigres gostam dos exércitos, que se batem e lhes fornecem cadáveres.

Marat, no seu subterrâneo, onde o confina a monomania, Marat que se julga sempre perseguido e ameaçado, ou finge julgá-lo, vive nas trevas como os animais de presa e as aves nocturnas; dessa sombra, como do antro de Trofónio ou de Delfos, saem todas as manhãs sinistros oráculos, espalhados nas folhas daquele jornal, que se diz *Amigo do Povo*. Havia alguns dias que o jornal de Marat suava sangue; depois do regresso do rei, propôs, como único meio de defender os direitos e os interesses do povo, um ditador único e um morticínio geral. Segundo a opinião de Marat, convém, antes de tudo, degolar a Assembléia e enforçar as autoridades; depois, como variante, e porque lhe não bastem degolar e enforçar, propõe o cortar as mãos, cerrar os pulsos, enterrar vivo e empalar!

É tempo que o médico de Marat lhe acuda e lhe diga: “Escreve vermelho, Marat, é preciso sangrá-lo.”

Verrière, o abominável corcunda, o formidável anão de compridos braços, enormes pernas, que vimos aparecer no princípio deste livro, para fazer o 5 e o 6 de Outubro, e que feitos estes, tornou a entrar na obscuridade, durante a noite de 16 reaparece, tornam a vê-lo, *visão do Apocalipse* - diz Michelet - montado no cavalo branco da morte, em cujas ilhargas se bamboleiam as desmedidas pernas, com os trambolhos dos joelhos e os enormes pés; pára em todas as esquinas, em todas as encruzilhadas, e, arauto de desgraça, convoca o povo para o dia seguinte, no campo de Marte.

Fournier, que aparece pela primeira vez, e a quem denominaremos o Fournier-Americano, não porque nascesse na América, porque era auvergnês, senão porque fora guardador de pretos em S. Domingos. Arruinado, altamente irritado por um processo que perdera, bastante exasperado pelo silêncio em que a Assembléia Nacional recebera as vinte petições sucessivas, que lhe enviara, coisa naturalíssima, visto que os chefes da Assembléia eram plantadores, como os Lameth, ou amigos de plantadores, como Duport e Barnave, jurara que na primeira ocasião se vingaria, e há-de cumprir a sua palavra; Fournier tinha no pensamento os sobressaltos dos brutos e no rosto o riso da hiena!

Portanto, veja-se a situação de todos durante a noite de 16 para 17.

O rei e a rainha esperavam ansiosamente nas Tulherias; Barnave prometera-lhes um triunfo completo sobre o povo.

Não lhes disse qual seria o triunfo, nem de que maneira se operaria: pouco lhes importava! Os meios não lhes dizia respeito: trabalhava por eles. O rei deseja esse triunfo, porque tomará melhor posição da realeza; a rainha, porque será um princípio de vingança; aquele povo tem-a feito sofrer tanto, que, na sua opinião, era-lhe bem permitido vingar-se.

A Assembléia apoiada numa dessas maiorias fictícias que sossegam as assembleias, espera com tranqüilidade; as suas medidas estão tomadas, terá, em caso de precisão, a lei a seu favor, e no caso contrário, invocará as supremas palavras: *salvação pública!*

Lafayette também esperava sem temor: tinha a guarda nacional, que ainda lhe era inteiramente dedicada, e com a guarda nacional um corpo de nove mil homens, composto de antigos militares, de guardas francesas e de alguns voluntários.

Esse corpo pertencia mais à marinha do que ao exército; além disso, é retribuído e por isso lhe chamam *guarda assalariada*.

Se no dia seguinte houvesse alguma terrível execução que efectuar, seria esse corpo que a cumpriria.

Bailly e a municipalidade esperaram também.

Bailly, fora impellido subitamente para a política, para as praças e encruzilhadas.

Admoestado na véspera pela Assembléia, pela fraqueza que mostrara na noite de 15, adormeceu com a cabeça encostada à lei marcial, que havia de aplicar no dia seguinte em toda a sua extensão, se fosse necessário.

Os jacobinos esperavam, porém na maior prostração. Robespierre estava escondido; Laclos, que viu riscar a sua frase, amouu; Pétion, Brizot e Brissot conservavam-se prontos, na suposição de que o dia seguinte devia ser mau; Santerre, que às onze horas da manhã tinha de ir ao Campo de Marte para retirar a petição, dar-lhe-ia notícias.

Os Franciscanos abdicaram. Danton, como dissemos, estava em Fontenoy, em casa do avô; Legendre, Fréron e Camilo Desmoulins reuniram-se-lhe. O resto nada faria: faltava a cabeça.

O povo, que ignora tudo isto, irá ao Campo de Marte; aí assinará a petição e gritará “Viva a nação!” Dançará em volta do altar da pátria, cantando o famoso *Ça ira* de 1790.

Entre 1790 e 1791, a reacção cavou um abismo; para encher esse abismo serão necessários os mortos de 17 de Julho!

Fosse como fosse, o dia nasceu magnífico. Desde as quatro horas da manhã, todos os pobres industriais que vivem das multidões, os boémios das grandes cidades, que vendem coco, pão de leite, bolos, começavam a encaminhar-se para o altar da pátria, que se elevava solitário no meio do Campo de Marte, semelhante a um grande túmulo.

Um pintor, colocado a vinte passos, com a face voltada para o rio fazia escrupulosamente um desenho do que se passava à sua vista.

Às quatro horas e meia, já ali se contavam umas cento e cinquenta pessoas.

Os que se levantam tão cedo são geralmente os que dormiram mal, e a maior parte dos que dormem mal, falo da gente do povo, são os que cearam mal ou não cearam de todo.

De ordinário, quando se não ceia, e quando se dorme mal, está-se de mau humor às quatro horas da manhã.

Havia, pois, entre essas cento e cinqüenta pessoas que cercavam o altar da pátria algumas de mau humor, e especialmente de má cara.

Repentinamente, uma mulher, uma vendedeira de limonada, que subira ao altar da pátria, dá um grito.

A ponta de uma verruma penetrara-lhe o sapato.

Chama e acorrem todos. O sobrado estava cheio de buracos, de que não se compreendia a causa, nem a razão; porém a verruma, que acabava de penetrar no sapato da vendedeira de limonada, indicava a presença de um, ou de muitos homens debaixo da plataforma do altar da pátria.

Que podiam eles ali fazer?

Interrogam-nos, e ordenam-lhes que respondam, que declarem as suas intenções, que saiam e apareçam.

Nada de resposta.

O pintor corre a buscar o guarda.

Este, que não vê numa mulher picada no pé por uma verruma, motivo suficiente para se incomodar, recusa o serviço e despede o pintor que fora chamá-lo.

Quando este voltou, a exasperação estava no seu auge. Estavam todos reunidos em volta do altar da pátria, cerca de trezentas pessoas. Levantam uma tábua, penetram na cavidade, e encontram o nosso cabeleireiro e o inválido muito envergonhados.

O cabeleireiro, que viu na verruma uma prova de convicção, deitou-a fora; porém não pensou em esconder o barril.

Pegam-lhes na gola, obrigam-nos a subir para a plataforma, interrogam-nos sobre as suas intenções, e como balbuciem levam-nos a casa do comissário.

Ali, interrogados, confessam o fim com que ali estavam; o comissário, não vendo nisso mais do que uma gaiatice sem consequência, deu-lhes a liberdade: porém à porta encontraram as lavradeiras do Gros-Caillou, de cacete em punho, muito melindrosas ao que parece, a respeito da honra das mulheres, e, Dianas irritadas, caem sobre os Acteons modernos a repetidas pauladas.

Neste momento aparece um homem dizendo que encontrou debaixo do altar da pátria um barril de pólvora; os dois culpados estavam ali, não como disseram, para fazerem buracos e espreitar para cima, mas para fazer voar os patriotas.

Não havia mais do que tirar o tampo ao barril, e certificar-se de que era vinho e não pólvora o que ele continha; não havia mais do que reflectir, que deitando fogo ao barril, os dois conspiradores, supondo que o barril tivesse pólvora, sofreriam primeiro a explosão do que os patriotas, e que portanto, os dois pretendidos culpados eram inocentes; porém há momentos em que não se reflecte, em que nada se verifica, ou antes em que não se quer reflectir, em que todos se abstêm de verificar.

Imediatamente a borrasca mudou-se em medonha tempestade. Um grupo de homens apareceu. De onde saiu?

Ignora-se.

De onde saíram os homens que mataram Foulon, Berthier e Flesseles?

De onde saíram os que fizeram os dias 5 e 6 de Outubro?

Dos pontos para onde voltaram logo que a sua obra de morte se concluiu.

Esses homens apoderaram-se do desgraçado inválido e do pobre cabeleireiro; lançaram por terra; um deles, o inválido, varado de punhaladas, não se levantou; o outro, o cabeleireiro, foi arrastado para debaixo de um candeeiro: passaram-lhe uma corda em volta do pescoço, içaram-no... Na altura de coisa de dez pés, o peso do corpo faz quebrar a corda! Cai vivo, luta um instante e vê a cabeça de seu companheiro espetada num chuço.

Como havia ali um chuço? A esta vista, dá um grito e desmaia. Então, cortam-lhe, ou antes, serram-lhe a cabeça, e aparece outro chuço para receber o ensangüentado troféu!

Em seguida a necessidade de passear por Paris aquelas duas cabeças apodera-se do populacho, e os portadores dos chuços, seguidos de uma centena de bandidos, seus iguais,

meteram, cantando, pela rua de Grenelle.

As nove horas, os oficiais municipais, os notáveis, com meirinhos e trombetas, proclamavam na praça do Palais-Royal o decreto da Assembléia, e as medidas repressivas, que atrairia sobre qualquer a infracção desse decreto, quando pela rua de Saint-Thomas-du-Louvre desembocava toda a malta sedenta de sangue, eram os assassinos.

Era uma admirável lição à municipalidade: por muito rígidas que fossem as suas medidas, nunca atingiriam a gravidade do crime, que acabava de ser cometido.

A Assembléia começava a reunir-se; da praça do Palais-Royal à casa da câmara não é longe: a notícia deu um salto e foi rebentar na sala.

Não se diz porém que foram um cabeleireiro e um inválido, punidos severamente por uma brincadeira de colegiais; diz-se que foram degolados por terem recomendado aos revolucionários o respeito das leis.

Então Regnault de Saint-Jean-d'Angely subiu imediatamente à tribuna.

- Cidadãos - disse ele - peço a lei marcial, e peço que a Assembléia declare aqueles que, por escritos *individuais ou colectivos*, induzem o povo a resistir, *criminosos de lesa-nação!*

A Assembléia levanta-se quase toda, e sob proposta de Regnault de Saint-Jean-d'Angely, proclama criminosos de lesa-nação todos aqueles que, por escritos *individuais ou colectivos* induzirem o povo à resistência.

Desse modo os peticionários são declarados réus de lesa-nação. Era o que se queria.

Robespierre estava oculto num canto da sala; ouviu proclamar o voto e correu aos Jacobinos para lhes participar a medida, que acabava de adoptar-se.

Mandam Santerre ao Campo de Marte para prevenir os peticionários dos perigos que correm.

Santerre encontra-os efectivamente em número de duzentos ou trezentos, que estavam assinando sobre o altar da pátria a petição dos Jacobinos.

O homem da véspera, o lavrador Billot, era o centro desse vasto movimento.

Como não sabia escrever, disse o nome, fez guiar a mão e foi dos primeiros a assinar.

Santerre subiu ao altar da pátria, anunciou que a Assembléia acabava de proclamar rebelde todo aquele que ousasse pedir a abdicação do rei, e declarou que era enviado pelos Jacobinos para retirar a petição redigida por Brissot.

Billot desceu os três degraus, e achou-se em frente do célebre fabricante de cerveja. Os dois homens do povo olham um para o outro, ambos são o símbolo das duas forças materiais, que representavam naquele momento um a província outro Paris.

Ambos se reconhecem por irmãos; combateram juntos na Bastilha.

- Está bem! - disse Billot - restituir-se-á aos Jacobinos a sua petição; porém faremos outra.

- E essa petição - disse Santerre - bastará levá-la a minha casa, no arrabalde Saint-Antoine; eu a assinarei e farei assinar pelos meus operários.

E estendeu-lhe a mão alentada, em que Billot pôs a sua.

À vista desta poderosa fraternidade, que ligava a província à cidade, aplaudem.

Billot dá a Santerre a petição, e este retira-se fazendo ao povo um desses gestos de promessa e assentimento, com que o povo se não engana; além disso começava a conhecer Santerre.

- Agora - disse Billot - os Jacobinos têm medo, concedo: tendo medo, têm direito a retirar a sua petição, concedo ainda: porém nós, que não temos medo, temos direito a fazer outra.

- Sim, sim - gritaram muitas vozes - outra petição! Aqui, amanhã!...

- E por que razão não há-de ser já hoje? - perguntou Billot; - amanhã! Quem sabe o que acontecerá daqui até amanhã?

- Sim, sim - gritaram muitas vozes - sim, hoje! Imediatamente!

Um grupo numeroso de pessoas distintas se formou em volta de Billot; a força tem a virtude do íman, atrai.

O grupo compunha-se de deputados dos Franciscanos, ou de Jacobinos, que mal

informados, ou mais atrevidos que os chefes, tinham concorrido ao Campo de Marte, apesar da contra ordem.

Estes homens, pela maior parte, tinham nomes muito desconhecidos então, que não deviam tardar a tornar-se célebres.

Eram: Roberto de Karalio, os Roland, marido e mulher, Brune, tipógrafo, que foi depois marechal de França; Herbert, escritor público, futuro redactor do terrível *Père Duchêne*; Chaumette, jornalista e estudante de medicina; Sergent, gravador, que será cunhado de Marceau, e porá em cena as festas patrióticas; Fabre d'Eglantine, o autor da *Intriga Epistolar*; Henriot, o gendarme da guilhotina; Maillard, o terrível alcaide do Châtelet, que perdemos de vista desde 9 de Outubro, e havemos de encontrar a 2 de Setembro; Isabey pai e filho, sendo talvez este último o único dos actores desta cena, que possa contá-la, vigoroso como está ainda aos oitenta e oito anos.

- Imediatamente! - gritou o povo: - sim, sim, imediatamente!

- Uma grande explosão de aplausos se elevou no Campo de Marte.

- Mas quem a redigirá? - perguntou uma voz.

- Eu, vós, nós todos - gritou Billot; - esta será realmente a petição do povo.

Um patriota afastou-se correndo: ia buscar papel, penas e tinta.

Enquanto esperavam, pegaram nas mãos uns dos outros, e começaram a dançar farândolas, cantando o famoso *Ça ira*.

O patriota voltou ao fim de dez minutos, com papel, penas, e tinta; tinha comprado uma garrafa de tinta, um maço de penas e cinco ou seis cadernos de papel.

Então Robert pegou na pena, e ditando alternadamente a Karalio e os Roland, escreveu a petição seguinte.

Petição à Assembléia Nacional, redigida sobre o altar da pátria, a 17 de Julho de 1791.

Representantes da Nação:

“Tocais o termo dos vossos trabalhos; bem depressa sucessores inteiramente nomeados pelo povo irão caminhar sobre as vossas pisadas, sem encontrarem os obstáculos que vos apresentaram as duas ordens privilegiadas, inimigas necessárias de todos os princípios da santa igualdade.”

“Cometeu-se um grande crime: Luís XVI foge; abandona indignamente o seu posto; o império está a dois passos da anarquia; honrados cidadãos prendem-no em Varennes, e é reconduzido para Paris. O povo desta capital pede-vos instantemente, que não pronunciéis coisa alguma sobre a sorte do culpado sem ouvir a expressão do sentimento dos oitenta e dois departamentos restantes.”

“Vós deferis: um grande número de proclamações chegam à Assembléia, todas as secções do império pedem simultaneamente que Luís XVI seja julgado; e vós, senhores, previstes que ele era inocente e inviolável, declarando pelo vosso decreto de 16 que a carta constitucional lhe seria apresentada, logo que se acabasse a constituição. Legisladores! Não era esta a opinião do povo, e pensamos que a vossa máxima glória, o vosso mesmo dever, consistiria em serdes os órgãos da vontade do povo. Certamente, senhores, fostes arrastados a essa decisão pela multidão desses deputados refractários, que fizeram com antecedência o seu protesto contra a constituição; porém, senhores! porém, representantes de um povo generoso e confiado! lembrai-vos que esses duzentos e noventa protestantes não tinham voto na Assembléia Nacional; que o decreto está pois nulo na forma e no espírito; nulo no espírito; porque é contrário à opinião do verdadeiro soberano; nulo na forma, porque é aprovado por duzentos e noventa indivíduos sem qualidade.”

“Estas considerações, todos estes planos para o bem geral, este desejo imperioso de evitar a anarquia, a que nos exporia a falta de harmonia entre representantes e representados, tudo nos impeliu a pedir-vos que, em nome de toda a França, revogueis aquele decreto; tomeis em

consideração que o delito de Luís XVI está provado, que ele abdicou: receba a sua abdicação e convoqueis um novo corpo constituinte para proceder de um modo verdadeiramente nacional ao julgamento do culpado, e especialmente à substituição e organização de um novo poder executivo”.

Redigida a petição, pediu silêncio. Imediatamente cessa todo o ruído, todos se descobrem, e Robert leu em voz alta as linhas que acabamos de apresentar aos nossos leitores.

Correspondiam ao desejo geral; por isso não se lhe fez observação alguma; pelo contrário, aplausos unânimes rebentaram à última frase.

Tratava-se de assinar: não eram unicamente duzentos ou trezentos: havia talvez dez mil, e como por todas as entradas do Campo de Marte a multidão não cessava de chegar, era evidente que antes de uma hora mais de cinquenta mil pessoas, quem sabe, talvez muitos mais milhares, cercariam o altar da pátria.

Os comissários redactores assinaram em primeiro lugar, depois passaram a pena aos que estavam próximos, depois, como num segundo a parte inferior da folha estava cheia de assinaturas, distribuíram-se folhas de papel branco do mesmo formato que a petição, as quais, numeradas, se ajuntaram em continuação.

Distribuídas as folhas, assinaram primeiro sobre as crateras que formavam os quatro ângulos do altar da pátria, depois nos degraus, nos joelhos, na copa dos chapéus, sobre tudo que oferecia ponto de apoio.

Entretanto, depois das ordens da Assembléia, transmitidas a Lafayette, e que diziam respeito, não à petição que se estava assinando, mas ao assassinio da manhã, as primeiras forças chegaram ao Campo de Marte, e era tal a preocupação que causava a petição, que mal repararam nas tropas.

E contudo o que vai passar-se tem alguma importância.

XXXIV

A bandeira vermelha

As forças eram conduzidas por um ajudante de ordens de Lafayette. Qual? Ignora-se. Lafayette estava sempre mudando de ajudantes.

Apesar desta ignorância, um tiro parte da esplanada, e vai ferir o ajudante; porém a ferida é pouco perigosa, e sendo o tiro isolado não quiseram responder.

Uma cena exactamente do mesmo género se passava no Gros-Caillou.

Foi pelo Gros-Caillou que se apresentou Lafayette com três mil homens e artilharia.

Porém Fournier estava ali à frente de um bando de vagabundos provavelmente os mesmos que assassinaram o cabeleireiro e o inválido; estabeleceu-se uma barricada.

Lafayette marchou contra a barricada e destruiu-a.

Através das rodas de um carro e à queima-roupa, atiram sobre Lafayette. Felizmente a espingarda erra fogo; saltam a barricada e prendem Fournier.

Levam-no à presença de Lafayette.

- Quem é este homem - perguntou ele.

- Aquele que atirou sobre o general, e a quem a espingarda errou fogo.

- Soltem-no, e deixem-no ir para que seja enforcado noutra parte.

Fournier não foi enforcado: desapareceu momentaneamente, e tornou a aparecer na carnificina de Setembro.

Lafayette chegou ao Campo de Marte: assinava-se ali a petição; reinava a mais perfeita tranquilidade.

Era tal o sossego, que a Sr^a. de Condorcet passeava ali o filho, que tinha um ano de idade.

Lafayette avança até ao altar da pátria, e informa-se do que fazem ali: mostram-lhe a

petição. Os suplicantes declaram que entrarão em suas casas, logo que a petição esteja assinada. Nada vê de repreensível e retira-se com a sua tropa.

Porém, se o tiro que feriu o ajudante de Lafayette e o que errou fogo sobre ele não foram ouvidos no Campo de Marte, tiveram um eco terrível na Assembléia!

Não esqueçamos que a Assembléia queria um golpe de estado realista, e que tudo lhe servia.

Lafayette foi ferido! E o seu ajudante morto!... No Campo de Marte assassina-se!...

Tal é a notícia que corre em Paris e que a Assembléia transmite à municipalidade.

Esta ignorando o que se passava no Campo de Marte, enviou ali três dos seus membros, os srs. Jacques, Renaud e Hardy.

Do lado do altar da pátria os signatários da petição vêem avançar para eles um novo cortejo, que chegava do lado do rio.

Enviaram uma deputação ao encontro do cortejo.

Os três homens da municipalidade, que acabavam de entrar no Campo de Marte, caminharam direitos ao altar da pátria; porém em lugar dessa multidão de facciosos, que esperavam encontrar fora de si, em tumulto e cheia de ameaças, vêem cidadãos, uns passeando em grupos, outros assinando a petição, outros finalmente dançando as farândolas e cantando o *Ça ira!*

A multidão estava tranqüila, mas talvez a petição fosse sediciosa. Os membros da municipalidade pedem que seja lida a petição.

A petição é-lhes lida desde a primeira até à última linha, e como já acontecera, esta leitura foi seguida de bravos e de aclamações unânimes.

- Senhores - disseram então os delegados municipais - estamos encantados de conhecermos as vossas disposições; disseram-nos que havia tumultos: enganaram-nos. Não deixaremos de relatar o que vimos, de dizer a tranqüilidade que reina no Campo de Marte, e longe de vos impedirmos que façais a vossa petição, nós vos ajudaremos com a força pública, no caso de tentarem perturbar-vos. Se não estivéssemos de serviço, nós mesmo a assinaríamos, e se duvidais das nossas intenções, ficaremos em reféns junto de vós até que todos tenham assinado.

Assim o espírito da petição era o espírito de todos, visto que os membros da municipalidade a assinariam, e o que unicamente os impedia era a sua qualidade oficial.

Esta adesão de três homens, que eles viam avançar com confiança, supondo-lhes intenções hostis, animaram os suplicantes. Na rixa, sem gravidade, que acabava de ocorrer entre o povo e a guarda nacional, dois homens foram presos; como quase sempre acontece em semelhantes circunstâncias, os dois prisioneiros eram puramente inocentes; os mais notáveis peticionários pediram a liberdade deles.

- Não podemos tomar isso sob nossa responsabilidade; - responderam os delegados da municipalidade - porém nomeai uma comissão; esta nos acompanhará à câmara e far-se-lhes-á justiça.

Então nomearam doze comissários, Billot, nomeado por unanimidade, fez parte dessa comissão, que tomou com os três delegados o caminho da municipalidade.

Chegados à praça de Grève, os comissários ficaram admirados de encontrarem esta praça atulhada de soldados; a grande custo, abriram caminho por entre aquela floresta de baionetas.

Billot guiou-os. Devem lembrar-se de que ele sabia onde era situada a câmara; mais de uma vez ali o vimos com Pitou.

À porta da sala do conselho, os três delegados municipais convidam a comissão a esperar um instante, mandam abrir a porta, entram e desaparecem.

A comissão espera uma hora.

Nada de resposta.

Billot impacienta-se, franze o sobrolho e bate o pé no chão.

Repentinamente abre-se a porta. O corpo municipal aparece com Bailly à sua frente.

Bailly estava muito pálido; é, primeiro que tudo, um matemático: tem o perfeito

sentimento do justo e do injusto; conhece que o impelem a uma acção má: porém a Assembléia Nacional assim o manda, e Bailly executará pontualmente.

Billot avançou para ele.

- Sr. *maire* - diz ele, com aquele tom resolutivo que os nossos leitores lhe conhecem - esperamos há mais de uma hora.

- Quem é e o que tem a dizer-me – perguntou Bailly.

- Quem sou? - respondeu Billot; - admiro que me pergunte quem sou, Sr. Bailly. É verdade que os que vão pelo mau caminho, não podem conhecer os que vão pelo caminho da justiça... Sou Billot.

Bailly fez um movimento: aquele único nome recordava-lhe o homem que fora dos primeiros a entrar na Bastilha; que guardara a câmara nos terríveis dias da morte de Foulon e de Berthier; que caminhara junto da portinhola do rei ao voltar de Versalhes e prendera o laço tricolor ao chapéu de Luís XVI; que acordara Lafayette na noite de 5 para 6 de Outubro, e que finalmente, acabava de trazer Luís XVI de Varennes.

- Quanto ao que tenho a dizer-lhe – continuou Billot - é que somos os enviados do povo, reunido no Campo de Marte.

- E que pede o povo?

- Pede que se mantenha a promessa feita pelos seus três enviados, isto é; que dê liberdade a dois cidadãos, injustamente acusados, e por cuja inocência nos responsabilizamos.

- Bom! - disse Bailly tentando passar; - acaso podemos responder por semelhantes promessas?

- E porque não?

- Porque foram feitas a facciosos.

Os comissários olharam uns para os outros.

Billot franziu o sobrolho.

- A facciosos! - disse ele; - ah! Agora somos facciosos!?

- Sim - disse Bailly - a facciosos, e eu vou dirigir-me ao Campo de Marte para restabelecer a paz.

Billot encolheu os ombros e começou a rir com aquele riso estridente, que passando por certos lábios, toma uma expressão ameaçadora.

- Restabelecer a paz no Campo de Marte! – disse ele; - porém o seu amigo Lafayette acaba de sair dali; os seus três delegados também de lá vêm, e dizem-lhe que o Campo de Marte está mais sossegado do que a praça do município!

Neste momento, o capitão de uma companhia do centro do batalhão Bonne-Nouvelle, correndo esbaforido, perguntou:

- Onde está o Sr. *Maire*?

Billot afasta-se para deixar ver Bailly.

- Estou aqui - diz este último.

- Às armas senhor *maire*! Às armas! - grita o capitão - batem-se no Campo de Marte, onde cinquenta mil revolucionários se preparam para marchar sobre a Assembléia!

Apenas o capitão acabou de pronunciar estas palavras, a pesada mão de Billot pousou-lhe sobre o ombro.

- E quem diz isso? - perguntou o lavrador.

- Quem o diz? A Assembléia.

- A Assembléia mentiu! - respondeu Billot.

- Senhor! - diz o capitão, tirando o sabre.

- A Assembléia mentiu! - repetiu Billot agarrando o sabre, metade pelo punho, metade pela folha e tirando-o ao capitão.

- Basta, basta, senhores! - disse Bailly; - vamos por nós mesmos certificar-nos... Sr. Billot, queira entregar o sabre; e se tem influência sobre os que os enviam, volte para junto deles e convide-os a dispersarem-se.

Billot atirou o sabre aos pés do capitão.

- A dispersarem-se? - disse ele; - que quer isso dizer? O direito de petição é-nos concedido por um decreto, e até que um decreto no-lo tire, a ninguém será permitido, nem ao *maire*, nem ao comandante da guarda nacional, impedir os cidadãos de exprimirem a sua opinião... Como vai ao Campo de Marte será precedido por nós, Sr. *maire*.

Os que cercavam os actores desta cena só esperavam uma ordem, uma palavra, um gesto de Bailly para prenderem Billot: porém aquele conhecia que a voz que acabava de ouvir tão alta e tão firme, era a voz do povo.

Fez um sinal aos soldados para deixar passar Billot e o resto da comissão.

Chegaram à praça. Uma grande bandeira vermelha flutuava numa das janelas do palácio do município, as primeiras virações de uma tempestade subiam ao Céu.

Infelizmente, aquela tempestade só durou alguns instantes; bramiu sem chuva, aumentou o calor do dia, espalhou mais alguma electricidade no ar, e eis tudo.

Quando Billot e os seus onze companheiros voltaram para o Campo de Marte a multidão tinha aumentado quase um terço.

Calculando, quanto possível, o grande número de pessoas que estavam na praça, devia ali haver perto de sessenta mil.

Esses sessenta mil cidadãos estavam repartidos tanto nas eminências, como em roda do altar da pátria e sobre a plataforma e os degraus do mesmo altar.

Billot e os onze colegas chegam. Opera-se um grande movimento; correm de todos os pontos, apertam-se e perguntam:

- Libertaram-se os dois cidadãos? Que respondeu o Sr. *maire*?

- Os dois cidadãos não foram soltos e o Sr. *maire* não mandou responder, mas ele mesmo respondeu que os suplicantes eram facciosos.

Estes riem do título que lhes davam, todos tomam novamente os seus lugares, e passeiam ou continuam conversando.

Durante todo esse tempo continuaram a assinar a petição.

Já se contavam quatro ou cinco mil assinaturas; antes da noite contar-se-iam cinquenta mil. A Assembléia será obrigada a capitular à vista desta admirável unanimidade.

Repentinamente um cidadão corre esbaforido. Não só, como os comissários, tinha visto a bandeira Vermelha nas janelas do palácio da municipalidade, mas também ouvira o anúncio de que iam marchar sobre o Campo de Marte. Os guardas nacionais tinham dado gritos de alegria; depois carregaram as espingardas; depois, finalmente, carregadas as armas um delegado da municipalidade foi de fileira em fileira, falando baixo ao ouvido dos comandantes.

Então toda a massa da guarda nacional e Bailly, com a municipalidade à frente, se pôs a caminho para o Campo de Marte.

O que soube estes pormenores tomou a dianteira para anunciar aos patriotas estas sinistras novidades.

Porém reina um tal sossego, uma tal união, uma tal fraternidade neste imenso recinto, consagrado pela confederação do ano precedente, que os cidadãos, que ali exerciam um direito reconhecido pela constituição, não podiam acreditar que fossem eles os ameaçados.

Preferem pensar que o mensageiro se enganara.

Continuaram a assinar; as danças e os cantos redobram.

Entretanto começou a ouvir-se o rufar de tambores.

O rufar aproximou-se.

Então olharam uns para os outros inquietos. Faz-se primeiro um grande ruído na esplanada: mostram-se baionetas, que brilham semelhantes a uma seara de ferro.

Os membros das principais sociedades patrióticas reúnem-se, agrupam-se e propõem a retirada.

Porém da plataforma do altar da pátria, Billot exclama:

- Irmãos! Que fizemos e por que motivo é esse temor? Ou a lei marcial é dirigida contra

nós ou não; se não é, de que serve fugir? Se é, publicá-la-ão, seremos advertidos pelas notificações... São necessárias três... Fiquemos... Fiquemos!

E ficaram.

No mesmo instante, os tambores rufaram mais próximo, e a guarda nacional apareceu nas três entradas do Campo de Marte.

Um terço dessa massa armada apresentou-se pela estrada da Escola Militar.

O outro terço pela estrada que fica mais abaixo.

Finalmente, o terceiro, pela que fica defronte das alturas do Chaillot.

Deste lado, a tropa atravessou a ponte de pau, avançou com a bandeira vermelha à frente, levando Bailly nas fileiras.

Mas a bandeira vermelha é um guião, quase invisível, e que não atrai a vista da multidão mais sobre este corpo do que sobre os outros.

Eis o que viam os peticionários do Campo de Marte.

Agora o que vêem os que chegam?

A vasta planície cheia de passeantes inofensivos, e no meio o altar da pátria, gigantesca construção, para sobre cuja plataforma se sobe, como dissemos, por quatro escadas gigantescas, por onde podem subir quatro batalhões ao mesmo tempo.

Sobre essa plataforma elevavam-se ainda piramidalmente alguns degraus, que conduziam a um terrapleno coroado pelo altar da pátria, assombreado por uma elegante palmeira.

Cada degrau, desde o mais alto até ao mais baixo, servia de assento, conforme a sua capacidade, a um número mais ou menos considerável de espectadores.

A pirâmide humana elevou-se assim ruidosa e animada.

A guarda do Marais e do arrabalde Saint-Antoine, cerca de quatro mil homens com a sua artilharia, chegava pela estrada, que confina com o ângulo meridional da Escola Militar.

Formou em linha defronte do monumento.

Lafayette fiava-se pouco nestes homens do Marais e dos arrabaldes, que formavam a parte democrática do seu exército, por isso lhe havia reunido um batalhão de guarda assalariada.

A guarda assalariada eram os modernos pretorianos.

Compunha-se, como dissemos, de antigos militares, de guardas franceses licenciados, de *fayettistas* desesperados, que, sabendo que tinham atirado sobre o Deus, vinham vingar esse crime, que era à sua vista um crime muito diferente do de lesa-nação que o rei cometera.

A guarda chegara do lado de Gros-Caillou, e entrara, tumultuosa, formidável e ameaçadora, pelo centro do Campo de Marte, e desde que entrara, ficara defronte do altar da pátria.

Finalmente, a terceira força, que desembocava pela ponte de madeira precedida da mesquinha bandeira vermelha. Esta força, como dissemos, compunha-se da reserva da guarda nacional, a que estava unida uma centena de dragões, e um bando de cavaleiros, com os competentes sabres, como era seu privilégio, e armados, além disso, até aos dentes.

Pelas mesmas entradas, por onde passava a guarda nacional a pé, penetraram igualmente alguns esquadrões de cavalaria, que, levantando a poeira, mal apagada por aquela tempestade de um instante, que se podia olhar como um presságio, tiraram aos espectadores a vista do drama, que ia representar-se, ou só lho deixaram entrever através de um véu, ou através de largos rasgões.

O que pôde ver-se através desse véu, ou por entre esses rasgões, vamos tentar descrevê-lo.

Foi primeiro, a multidão fugindo diante da cavalaria, cujos cavalos metiam a toda a brida no vasto circo; a multidão que, completamente encerrada num círculo de ferro, refugiava-se ao pé do altar da pátria, como ao abrigo de um asilo inviolável.

Depois, do lado do rio, uma só detonação e uma forte descarga, cujo fumo subiu para o Céu.

Bailly acabava de ser acolhido pela apupada dos garotos, que cobriam a montanha do lado

de Grenelle; no meio da apupada, ouviu-se um tiro, e uma bala foi, por detrás do *maire* de Paris, ferir ligeiramente um dragão.

Então Bailly mandou fazer fogo, porém para o ar, e unicamente para meter medo.

Porém, como eco dessa descarga, outra lhe respondeu.

Era a guarda assalariada que atirava pela sua vez.

Sobre quem? Por que motivo?

Sobre aquela multidão inofensiva que cercava o altar da pátria.

Um medonho grito sucedeu a essa descarga; depois viu-se o que então se vira tão pouco, e que depois tantas vezes se tem visto:

A multidão fugitiva, deixando após si cadáveres e feridos, revolvendo-se no sangue.

No meio do fumo e da poeira, a cavalaria encarniçada, perseguindo os fugitivos.

O Campo de Marte apresentava um aspecto deplorável; o maior número de feridos foi de mulheres e crianças.

Então aconteceu o que acontece sempre em semelhantes circunstâncias, a loucura do sangue e da carnagem foi passando de uns para outros.

A artilharia meteu as peças em bateria e preparou-se para fazer fogo.

Lafayette só teve tempo de correr a ela, e de pôr-se com o cavalo em frente das peças.

Depois de ter divagado um instante, a multidão, perdida foi por instinto lançar-se nas fileiras da guarda nacional do Marais, e do arrabalde de Saint-Antoine.

A guarda nacional abriu as fileiras e recolheu os fugitivos; o vento empurrava o fumo para o lado dela, de maneira que nada tinham visto, e julgava, que toda esta multidão fugia unicamente pelo medo.

Quando o fumo se dissipou, viu-se com terror a terra manchada de sangue e juncada de mortos!

Neste momento, um ajudante de ordens chegava a galope e dava ordem à guarda nacional do arrabalde Saint-Antoine e do Marais para avançar e varrer a praça, a fim de se unir com os dois outros corpos.

Porém ela, ao contrário, carrega sobre o ajudante e os cavaleiros, que perseguem a multidão.

Ajudante e cavaleiros recuaram diante das baionetas patrióticas.

Todos os que fugiram para este lado, aí encontraram uma inabalável protecção.

Num instante, o Campo de Marte foi evacuado; só ali ficaram os corpos dos homens, das mulheres e das crianças, mortos, ou feridos pela terrível descarga da guarda assalariada, e os dos desgraçados fugitivos acutilados pelos dragões, ou pisados pelos cavalos.

E contudo, no meio desta carnificina, sem se atemorizarem pela queda dos mortos, pelos gritos dos feridos, debaixo das descargas de fuzilaria, ao alcance da artilharia, os patriotas recolhiam os cadernos da petição que, assim como os homens, encontraram um refúgio nas fileiras da guarda nacional do Marais, e do arrabalde de Saint-Antoine, e acharam, segundo toda a probabilidade, um asilo na casa de Santerre.

Quem dera a ordem para fazer fogo? Ninguém soube. É um desses mistérios históricos que ficam sem explicação apesar das mais conscienciosas investigações. Nem o cavalheiresco Lafayette, nem o honrado Bailly amavam o sangue, e todavia este sangue perseguiu-os constantemente até à morte.

A sua popularidade afogou-se nele nesse mesmo dia.

Quantas vítimas ficaram no campo da carnagem?

Ignora-se; porque uns diminuíram o número para atenuarem a responsabilidade do *maire* e do comandante da guarda nacional; outros aumentaram-no, para engrandecer a cólera do povo.

Chegada a noite deitaram os cadáveres ao Sena; o Sena, cúmplice inconsciente, levou-os para o oceano; o oceano absorveu-os.

Mas em vão Bailly e Lafayette foram, não só absolvidos, mas ainda felicitados pela Assembléia; em vão os jornais constitucionais chamaram a esta acção o triunfo da lei; este triunfo

foi infamado, como merecem sê-lo todos aqueles desastrosos dias em que o poder mata sem combater.

E o povo, que dá às coisas o seu verdadeiro nome, chamou a este pretendido triunfo: *A matança do Campo de Marte*.

XXXV

Depois da matança

Entremos em Paris e vejamos um pouco o que aí se passava.

Paris tinha ouvido o estrondo da fuzilaria e estremecera. Paris ainda não sabia perfeitamente quem errava ou quem tinha razão; porém conhecia que acabava de receber uma ferida, pela qual corria sangue.

Robespierre estava permanente nos Jacobinos, como um governador na sua fortaleza; ali era verdadeiramente poderoso. Porém, por agora, a cidadela popular fora tomada, e todos podiam entrar pela brecha que haviam feito, ao retirarem Barnave, Duport e Lameth.

Os Jacobinos mandaram um dos seus colher informações.

Quanto aos seus vizinhos, os Bernardos, não tinham precisão de mandar: estavam informados hora a hora, minuto a minuto. Era a sua partida, que se jogava, e acabavam de ganhá-la...

O enviado dos Jacobinos entrou no fim de dez minutos. Tinha encontrado os fugitivos, que lhe haviam dado esta terrível notícia:

- Lafayette e Bailly trucidaram o povo!

Nem todos puderam ouvir os gritos desesperados de Bailly, nem todos podiam ter visto Lafayette lançar-se na frente das peças.

O enviado voltou pois, dando pela sua vez um grito de terror, para a Assembléia aliás pouco numerosa. No velho convento estavam apenas reunidos trinta ou quarenta Jacobinos.

Compreenderam que era sobre eles que os Bernardos iam fazer recair a responsabilidade das provocações. Não saíra do seu clube a primeira petição? Tinham-na retirado, é verdade, porém a segunda era evidentemente filha da primeira.

Tiveram medo.

Essa pálida figura, esse fantasma da virtude, essa sombra da filosofia de Rousseau, a que chamavam Robespierre, de pálido tornou-se lívido. O prudente deputado de Arras tentou evadir-se e não o pôde fazer: forçoso lhe foi ficar e tomar um partido. Esse partido foi inspirado pelo medo.

A sociedade declarou que retratava os impressos falsos ou falsificados, que lhe tinham atribuído, e que jurava novamente fidelidade à constituição e inteira obediência a todos os decretos da Assembléia.

Acabava apenas de fazer esta declaração, quando através dos velhos corredores dos Jacobinos, se ouviu um grande ruído vindo da rua.

O ruído compunha-se de risos, apupadas, clamores, ameaças e cânticos. Os Jacobinos, com o ouvido atento, esperavam que passasse adiante e seguisse o seu caminho pelo lado do Palais-Royal.

Nada! O ruído cessou, a multidão fixou-se defronte da porta baixa e sombria, que dava para a rua de Saint-Honoré, e para aumentar o terror, que já reinava, alguns dos presentes exclamaram:

- São os guardas assalariados que voltam do Campo de Marte!... Vêm atacar a sala!... Querem arrasá-la!...

Felizmente, por precaução, tinham colocado soldados de sentinela às portas. Fecharam todas as entradas, para impedirem que essa tropa furiosa e sedenta de sangue humano derramasse mais; depois, Jacobinos e espectadores saíram a pouco e pouco; a saída não foi demorada, porque

assim como a sala continha apenas trinta ou quarenta membros, as tribunas não tinham mais de cem espectadores, talvez menos ainda.

A Sr^a. Roland, que esteve em toda a parte, nesse dia, pertencia a estes últimos. Conta que um Jacobino, à notícia de que as tropas assalariadas iam invadir a sala, perdeu a cabeça a tal ponto, que saltou para a tribuna das mulheres.

Ela envergonhou-o censurando-lhe tanto terror, e ele retirou-se por onde viera.

Entretanto, como dissemos, actores e espectadores evadiam-se pela porta entreaberta.

Robespierre saiu também.

Hesitou um instante. Voltaria para a direita ou para a esquerda? Era para a esquerda que devia voltar para ir para casa. Como sabem, morava no fim do Marais, porém teria de atravessar as fileiras da guarda assalariada.

Preferiu ganhar o arrabalde Saint-Honoré para pedir asilo a Pétion, que morava ali.

Voltou para a direita.

Robespierre tinha grande desejo de passar despercebido; mas como o poderia fazer, se era tão conhecido pela casaca cor de azeitona e pelos óculos, que testemunhavam que antes da idade aquele virtuoso patriota se tinha cansado em vigílias, sendo ainda denunciado pelo andar oblíquo, semelhante ao da doninha e da raposa?

Apenas Robespierre dera vinte passos na rua, e já duas ou três pessoas tinham dito umas às outras:

- O Robespierre!... Vês o Robespierre?!... É o Robespierre!

As mulheres paravam e punham as mãos. As mulheres gostavam muito de Robespierre, que em todos os seus discursos tinha muito cuidado em declarar a sensibilidade do seu coração.

- Como? O caro Sr. de Robespierre! É ele?

- É sim.

- Onde está?

- Ali, ali... Vês aquele homem baixinho, delicado e bem polvilhado, que vai encostado à parede, e se oculta por modéstia?

Robespierre não se ocultava por modéstia, ocultava-se por medo; porém, quem ousaria dizer que o virtuoso, que o incorruptível Robespierre, que o tribuno do povo se ocultava por medo?

Um homem foi olhar para ele de frente para se certificar de que era o próprio Robespierre.

Este carregou o chapéu, ignorando o fim com que olhavam para ele.

O homem conheceu-o.

- Viva Robespierre! - gritou.

Robespierre estimava mais ter que tratar com um inimigo do que com semelhante amigo.

- Robespierre? - gritou outro ainda mais fanático; - viva Robespierre! Se é necessário absolutamente um rei seja ele!

Ó grande Shakespeare! “César morreu: seja feito César o seu assassino”.

Um círculo imenso se formou em volta dele: falaram em levá-lo em triunfo!

Deveras, se algum homem maldissesse já a sua popularidade foi Robespierre naquele momento.

Olhou por baixo dos óculos para a direita e para a esquerda, procurando alguma porta aberta, algum sombrio corredor para onde fugisse, onde se escondesse.

Exactamente, sentiu-se agarrado pelo braço, e puxado vigorosamente para o lado, enquanto em tom amigável, uma voz lhe dizia baixinho:

- Venha!

Robespierre cedeu ao impulso, deixou-se levar maquinalmente, sentiu uma porta fechar-se sobre ele e achou-se na loja de um marceneiro.

Esse marceneiro era um homem de quarenta e dois a quarenta e cinco anos.

Junto dele estava a mulher; num compartimento interior, havia duas lindas raparigas, uma

de quinze, outra de dezoito anos, que preparavam a ceia da família.

Robespierre estava muito pálido, parecendo que ia desmaiar.

- Leonor - disse o marceneiro - traze um copo de água, depressa.

Leonor, a filha mais velha do marceneiro, aproximou-se, tremendo, com um copo cheio de água.

Talvez os lábios do austero tribuno tocassem os dedos da filha de Duplay. Porque era em casa do marceneiro Duplay que Robespierre estava.

A Sr^a. Roland, que sabia o perigo que ele corria, e que ainda o exagerava, dirigiu-se inutilmente para o Marais para lhe oferecer um asilo em sua casa.

Deixemos agora Robespierre, que está em segurança no meio daquela família Duplay, que ele vai tornar sua, para entrarmos nas Tulherias atrás do Dr. Gilberto.

Ainda desta vez a rainha espera; mas como não é Barnave a quem espera, está, não na sobreloja da Sr^a. Campan, mas na sua câmara: não em pé, com a mão no fecho da porta, mas assentada numa cadeira, com a cabeça entre as mãos.

Espera Weber, que mandara ao Campo de Marte, e que tudo vira das alturas de Chaillot.

Para sermos justos para com a rainha, e para que bem se compreenda a raiva que ela consagra aos franceses, segundo diziam, e que tanto lhe têm censurado, depois de haver contado o que ela sofreu durante a viagem de Varennes, digamos o que sofreu desde o regresso.

Um historiador poderia ser parcial; nós não somos mais do que romancista; a parcialidade é-nos vedada.

Presos o rei e a rainha, o povo só teve uma preocupação; era que tendo fugido a primeira vez, podiam fugir segunda, e dessa alcançarem a fronteira.

A rainha especialmente, era considerada como uma mágica capaz, como Medeia, de fugir por uma janela num carro puxado por dois dragões.

Estas idéias não corriam unicamente entre o povo, tinham crédito até entre os oficiais, encarregados de guardar Maria Antonieta.

O Sr. de Gouvion, que a deixara escapar no tempo da fuga de Varennes, e cuja amante denunciara a partida a Bailly; o Sr. de Gouvion declarara não assumir responsabilidade, se outra mulher, que não fosse a Sr^a. de Rochereul, (devem lembrar-se de que era o nome da aia) tivesse direito a entrar na câmara da rainha.

Por conseqüência, mandara pôr no patamar da escada, que conduzia ao aposento real, o retrato da Sr^a. de Rochereul, para que a sentinela, verificando a identidade de todas as pessoas que se apresentassem, não permitisse a entrada a outra mulher.

A rainha foi informada desta ordem; passou imediatamente ao gabinete do rei e queixou-se. O rei não o podia acreditar: mandou ao patamar da escada para se certificar do facto: era verdadeiro.

O rei mandou chamar o Sr. de Lafayette e reclamou o desaparecimento daquele retrato.

O retrato foi retirado e as damas ordinárias da rainha reassumiram novamente o seu serviço junto dela.

Porém, em lugar desta humilhante ordem, uma precaução não menos ofensiva acabava de ser tomada: os comandantes de batalhão, que estavam postados, segundo o costume, na sala precedente à câmara da rainha, e a que chamavam o grande gabinete, tinham ordem de conservar a porta constantemente aberta, a fim de poderem ver sempre a família real.

Um dia o rei arriscou-se a fechar a porta.

Imediatamente o oficial foi abri-la.

Um instante depois o rei tornou a fechá-la.

Porém, abrindo-a novamente, o oficial disse:

- Senhor, é inútil fechar a porta: quantas vezes a fechar tantas vezes a abrirei; é a ordem.

A porta ficou aberta.

Tudo o que se pôde obter dos oficiais, foi que a porta, sem estar completamente fechada, estivesse encostada à ombreira, quando a rainha se vestisse ou despisse.

Vestida ou deitada a rainha, a porta tornava a abrir-se.

Era uma tirania intolerável. A rainha teve a idéia de colocar junto do seu leito o da sua aia, de maneira que este se achasse de permeio entre ela e a porta.

Aquele leito, guarnecido de cortinas, servia-lhe de biombo, atrás do qual, podia vestir-se ou despir-se.

Uma noite o oficial, vendo que a aia dormia e a rainha velava, aproveitou o sono da dama para entrar na câmara, e vagarosamente se foi aproximando do leito da rainha.

A rainha viu-o aproximar-se com aquela expressão que sabia tomar a filha de Maria Teresa quando lhe faltavam ao respeito: porém o bom do homem, que não julgava de maneira alguma faltar ao respeito à rainha, não se inquietou com aquele ar, e olhando-a, pela sua vez, com uma expressão de piedade, com que não era fácil enganar-se, disse:

- Ai, real senhora, visto que a encontro só, convém que lhe dê alguns conselhos.

E imediatamente, sem lhe importar saber se a rainha queria ou não ouvi-lo, explicou-lhe o que faria, se *estivesse no seu lugar*.

A rainha, que o vira aproximar com cólera, sossegada pelo seu tom de bonomia, tinha-o deixado falar e acabara por o ouvir deleitadamente, mas com profunda melancolia.

Entretanto, a dama acordou, e vendo um homem junto do leito da rainha, deu um grito e quis pedir socorro.

Porém a rainha sossegou-a.

- Não, Campan - disse ela - deixe-me ouvir o que diz este senhor. O senhor é um bom francês, enganado como tantos outros sobre as nossas intenções, e os seus discursos manifestam uma profunda dedicação à realeza.

E o oficial continuou, dizendo à rainha o que tinha a dizer-lhe.

Antes de partir para Varennes, Maria Antonieta não tinha um único cabelo branco.

Durante a noite, que se seguiu à cena que contamos, entre ela e Charny, os cabelos embranqueceram-lhe quase completamente.

Vendo esta triste metamorfose, sorriu com amargura, cortou um anel deles e mandou-o à Sr^a. de Lamballe, em Londres, com estas palavras:

“Embranquecidos pela desgraça!”

Vimo-la esperando Barnave, assistimos às esperanças deste, porém estas esperanças tiveram muita dificuldade em fazê-las compartilhar a rainha.

Maria Antonieta temia as cenas de violência: até então, sempre essas cenas se haviam voltado contra ela; sirvam de prova o 14 de Julho, os 5 e 6 de Outubro e a prisão em Varennes.

Ouvira nas Tulherias a detonação da fatal descarga no Campo de Marte; o coração inquietara-se-lhe profundamente. A jornada de Varennes fora para ela uma grande lição. Até então a revolução não excedera, a seu ver, a altura de um sistema de Pitt ou de uma intriga do duque de Orleans, e julgando o povo de Paris guiado por alguns agentes dele, dizia com o rei: “A nossa boa província!”

Vira a província: era esta ainda mais revolucionária do que Paris.

A Assembléia estava muito velha, muito desmembrada, muito decrépita para sustentar rigorosamente as promessas, que Barnave fizera em seu nome; além disso, estava próxima da morte. Não é muito salutar o abraço de um moribundo!

Como dissemos a rainha esperava ansiosamente Weber.

A porta abriu-se: voltou apressadamente os olhos para esse lado, mas em lugar da gorda cara austríaca do seu colação, viu aparecer o rosto severo e frio do Dr. Gilberto.

A rainha não gostava daquele realista de teorias constitucionais, tão bem acentuadas, que ela olhava-o como republicano; e contudo tinha por ele um certo respeito; não o teria mandado chamar nem numa crise física, nem numa crise moral; porém, uma vez presente, sofria-lhe a influência.

Ao vê-lo, estremeceu.

Não o tornara a ver desde o dia em que regressara de Varennes.

- É o doutor? - murmurou ela.

Gilberto inclinou-se e disse:

- Sim, senhora, sou eu... Sei que esperava Weber; porém as notícias que ele traz, sei-as eu ainda mais precisamente. Ele estava do lado do sítio onde não se matava; eu estava do lado em que corria sangue.

- Em que corria sangue? Então que aconteceu, senhor? - perguntou a rainha.

- Uma grande desgraça, senhora: o partido da corte triunfou!

- O partido da corte triunfou! E chama a isso uma grande desgraça, Sr. Gilberto?

- Sim, porque triunfou por um desses meios terríveis, que debilitam o vencedor e que às vezes o prostram ao lado do vencido!

- Então o que se passou?

- Lafayette e Bailly atiraram sobre o povo, de maneira que aí os tem vossa majestade impossibilitados de servi-la para o futuro.

- Por que motivo?

- Porque perderam a popularidade.

- E que fazia o povo sobre que atiraram?

- Assinava uma petição, em que pedia a abdicação.

- A abdicação de quem?

- De el-rei.

- E acha que fizeram mal em atirar sobre ele? - perguntou a rainha, cujo olhar brilhou.

- Creio que teriam feito melhor em convencê-lo do que em fuzilá-lo.

- Convencê-lo de quê?

- Da sinceridade de el-rei.

- Mas El-rei é sincero!

- Perdão, senhora... Há três dias deixei el-rei; toda a noite se havia passado tentando fazer-lhe compreender que os seus verdadeiros inimigos são os seus próprios irmãos, o Sr. de Condé e os emigrados. Tinha suplicado de joelhos a el-rei que rompesse todas as relações com eles e adoptasse francamente a constituição, salvo se nela encontrasse artigos, cuja prática tornasse a aplicação impossível. El-rei, convencido, pelo menos eu assim julgava, teve a bondade de prometer-me, que tudo acabaria entre ele e os emigrados; e na minha ausência assinou e fez assinar a vossa majestade uma carta para seu irmão, o Sr. de Provença, na qual lhe dava plenos poderes junto do imperador da Áustria e do rei da Prússia.

A rainha corou como uma criança surpreendida em flagrante; porém a criatura curva a cabeça, e ela, pelo contrário, revoltou-se.

- Os nossos inimigos têm espiões no gabinete de el-rei?

- Sim, senhora - respondeu tranquilamente Gilberto - e é o que torna perigosíssimo qualquer passo errado da parte de el-rei.

- Porém a carta era inteiramente escrita por el-rei; foi depois assinada por mim, dobrada e lacrada por el-rei, e entregue ao correio, que a devia levar.

- É verdade, senhora.

- Então o correio foi atacado?

- A carta foi lida.

- Então estamos cercados unicamente de traidores?

- Nem todos os homens são o conde de Charny!

- Que quer dizer?

- Ah! Quero dizer, senhora, que um dos agouros fatais, que pressagiam a perda dos reis, é afastarem de si os homens que deviam prender à sua fortuna com cadeias de ferro.

- Eu não afastei o Sr. de Charny - disse amargamente a rainha: - foi o Sr. de Charny que se retirou. Quando os reis são infelizes, não há laços bastante fortes que conservem ao lado deles

os seus amigos.

Gilberto olhou para a rainha e meneou tristemente a cabeça.

- Não calunie o Sr. de Charny, senhora, ou o sangue dos irmãos dele bradará do fundo da sepultura, que a rainha de França é ingrata.

- Senhor - disse Maria Antonieta.

- Oh bem sabe, que digo a verdade senhora - continuou Gilberto - bem sabe que no dia em que um verdadeiro perigo ameaçar vossa majestade o Sr. de Charny estará no seu posto, e que esse posto há-de ser onde existir o perigo.

A rainha baixou a cabeça.

- Finalmente - disse por fim impaciente – suponho que não veio aqui para me falar no Sr. de Charny?

- Não, senhora, porém as idéias são às vezes como os acontecimentos, encadeiam-se por fios invisíveis e patenteiam-se muitas vezes, quando deviam ficar ocultas no íntimo do coração... Não, senhora, vinha para falar à rainha; perdão se involuntariamente falei à mulher, porém eis-me pronto a reparar o meu erro.

- E que queria dizer à rainha?

- Queria fazer-lhe ver bem a sua situação, a da França, a da Europa, queria dizer-lhe: “Senhora, joga a felicidade ou a desgraça do mundo, perdeu a primeira partida no dia 6 de Outubro, acaba, pelo menos aos olhos dos seus cortesãos, de ganhar a segunda. A contar de amanhã, entrará na que se chama dos *mestres*; se a perde, perderá o trono, a liberdade e talvez a vida”.

- E - disse a rainha levantando-se vivamente - julga que recuaremos diante de tal receio?

- Sei que el-rei é valente: é neto de Henrique IV; sei que a rainha é heróica: é filha de Maria Teresa; para com vossa majestade só usarei da convicção; infelizmente, duvido que consiga fazer passar para o coração da rainha e de el-rei a convicção que existe no meu.

- Então, para que se dá a semelhante trabalho, se o julga inútil?

- Para cumprir um dever, senhora... Acredite-me vossa majestade, é muito suave, quando se vive em tempos tão tempestuosos como os nossos, poder dizer, a cada esforço que fazemos, ainda que seja infrutífero: “É um dever que cumpro!”

A rainha olhou para Gilberto.

- Antes de tudo - disse ela - pensa que assim seja possível salvar el-rei?

- Assim o creio.

- E a realeza?

- Também.

- Pois bem, senhor - disse a rainha soltando um profundo suspiro - é mais feliz do que eu, pois creio que estão ambos perdidos, e só luto para sossegar a minha consciência.

- Sim, senhora, compreendo isso, porque deseja a realeza despótica e o rei absoluto; como um avaro, que não sabe, mesmo tendo próximo de si uma praia que pode proporcionar-lhe mais do que ele perde no naufrágio, sacrificar uma parte da sua fortuna, e quer guardar todos os seus tesouros, afogar-se-á com os seus, arrastada pelo peso deles... Tome vossa majestade uma parte da tempestade, lance ao abismo todo o passado, se for necessário, e doravante nade para o futuro!

- Lançar o passado ao abismo é romper com todos os reis da Europa.

- Sim, mas é fazer aliança com o povo francês.

- O povo francês é nosso inimigo. - disse Maria Antonieta.

- Porque lhe ensinou a duvidar de vossas majestades.

- O povo francês não pode lutar contra uma liga européia.

- Suponha que esteja à sua frente um rei, que aceite francamente a constituição, e o povo francês fará a conquista da Europa.

- Para isso era preciso um exército de um milhão de homens.

- Não se faz a conquista da Europa com um milhão de homens, senhora; faz-se com uma

idéia... Plante no Reno e nos Alpes duas bandeiras tricolores, com estas palavras: “Guerra aos tiranos! Liberdade aos povos!” e a Europa será conquistada.

- Na verdade, senhor, há momentos em que julgo acreditar que os mais sábios tornam-se loucos!

- Ai, senhora, ignora o que é, neste momento, a França aos olhos das nações! A França, com alguns crimes individuais, mas que não mancham o seu vestido branco, que não sujam as suas mãos puras, a França é a virgem da liberdade; todo o mundo é amante dela: dos Países-Baixos, do Reno, da Itália, milhões de vozes a invocam! Ela não tem mais do que pôr um pé fora da fronteira para que os povos a recebam de joelhos. A França chegando com as mãos cheias de liberdade, já não é uma nação, é a justiça imutável! É a razão eterna!... Oh! Senhora, aproveite o momento de não ter ela ainda começado com violências, porque se espera muito tempo, as mãos que ela estende sobre o mundo, voltá-las-á contra si mesma... Mas a Bélgica, a Alemanha e a Itália seguem todos os seus movimentos com olhares de amor e alegria; a Bélgica diz-lhe: “Vem!” A Alemanha diz-lhe: “Espero-te!” e a Itália: “Salva-me!” No interior do Norte, não escreveu uma pena desconhecida sobre a secretária de Gustavo: “Nada de guerra à França!” Além disso, nenhum desses reis, que chama em seu auxílio, está preparado para nos fazer a guerra. Dois impérios nos odeiam profundamente, quando digo dois impérios, quero dizer uma imperatriz e um ministro: Catarina II e Pitt; porém eles nada podem contra nós, pelo menos agora.

Catarina II tem a Turquia debaixo de uma guerra e a Polónia debaixo da outra; é suficiente, para se entreter dois ou três anos, submeter uma e devorar a outra; impele os alemães contra nós e oferece-lhes a França; repreende seu irmão Leopoldo pela sua inacção, aponta-lhe o rei da Prússia invadindo a Holanda para causar um simples desgosto a sua irmã; e diz-lhe: “Marche!” porém ela não marcha. Pitt agora despoja a Índia; é como a jibóia: a sua laboriosa digestão adormenta-o; se esperamos que se acabe, ele nos atacará pela sua vez, não tanto com a guerra estrangeira, como com a civil... Bem sei que tem um medo mortal de Pitt; sei que confessa não falar nele sem se sentir desfalecer. Quer um meio de o ferir mortalmente? É fazer da França uma república com um rei! Em lugar disso, que faz, senhora, em lugar disso que faz a sua amiga, a princesa de Lamballe, que diz à Inglaterra, onde a representa, que toda a ambição da França é conseguir a carta constitucional; que a revolução francesa, guiada e disposta pelo rei, vai recuando! E o que responde Pitt? Que não sofrerá que a França se torne república; que salvará a monarquia; porém todas as instâncias, todas as súplicas da Sr^a. de Lamballe não têm podido fazer-lhe prometer, que salvará a monarquia, porque o odeia! Não foi Luís XVI, rei constitucional, rei filósofo, que lhe disputou a Índia e arrancou a América? Luís XVI! O que Pitt deseja é que a história encontre nele um equivalente de Carlos I!

- Senhor! Senhor! - exclamou a rainha espantada - quem lhe diz semelhantes coisas?

- Os mesmos homens que me dizem o que contêm as cartas, que vossa majestade escreve.

- Então não temos um único pensamento que nos pertença?

- Disse a vossa majestade que os reis da Europa estavam envolvidos numa rede invisível, em que aqueles que quisessem resistir se debateriam inutilmente. Não resista, senhora; ponha-se à frente das idéias que tenta fazer recuar, e a rede tornar-se-lhe-á uma armadura, e os que a odeiam tornar-se-ão seus defensores, e os punhais invisíveis que a ameaçam, tornar-se-ão espadas prontas a ferirem os seus inimigos.

- Mas esquece sempre que aqueles a quem chama nossos inimigos, são os reis nossos irmãos?

- Senhora, chame uma vez aos franceses seus filhos, e verá então o pouco que lhe são os seus irmãos segundo a política e a diplomacia! E demais, não vê que todos esses reis, todos esses príncipes estão marcados com o selo fatal, com o selo da loucura? Começemos por seu irmão Leopoldo, caduco aos quarenta e quatro anos, com o seu harém toscano transportado para Viena, reanimando as suas faculdades moribundas com excitantes homicidas, que ele mesmo compõe...

Veja Frederico; veja Gustavo; um está morto, o outro, morrerá sem posteridade, pois aos olhos de todos é conhecido que o herdeiro real da Suécia é o filho de Monk, e não o de Gustavo...

Veja o rei de Portugal com as suas trezentas religiosas...

Veja o rei da Saxónia com os seus trezentos e cinquenta e quatro bastardos...

Veja Catarina, essa Pasiphaé do Norte, a quem não somente bastaria um touro, por três exércitos por amantes...

- Oh! Senhora, senhora, não vê, que todos esses reis e essas rainhas caminham para o pélago, para o abismo, para o suicídio, e que, se quiser, em vez de caminhar como eles para o suicídio, para o abismo e para o pélago, caminhará para o império do mundo e para a monarquia universal?

- Porque não diz isso a el-rei Sr. Gilberto? – perguntou a rainha abalada.

- Ah! Tenho-lho dito: mas, como vossa majestade, tem ele também os maus génios, que desfazem o que eu faço!

Depois, com profunda melancolia, acrescentou:

- Vossa majestade gastou Mirabeau, gastou Barnave; gasta-me depois a mim como a eles, e tudo estará terminado!

- Sr. Gilberto - disse a rainha - espere-me aqui...

Gilberto inclinou-se: a rainha passou por diante dele e saiu pela porta que conduzia ao gabinete do rei.

O doutor esperou dez minutos, um quarto de hora, meia hora, finalmente abriu-se uma porta, mas oposta àquela por onde saíra a rainha.

Era um oficial que, depois de ter olhado para todos os lados com inquietação, adiantou-se para Gilberto, fez um sinal maçónico, entregou-lhe uma carta e retirou-se imediatamente.

Gilberto abriu a carta e leu:

“Perdes o tempo, Gilberto; neste momento a rainha e o rei ouvem o Sr. de Bréteuil, que chega de Viena, e traz este plano político:

“Fazer com Barnave como se fez com Mirabeau; ganhar tempo, jurar a constituição, executá-la literalmente, para mostrar que é inexecutável. A França esfriará e enojar-se-á; os franceses têm a cabeça leviana, inventar-se-á alguma moda nova e a liberdade será esquecida.”

“Se a liberdade não esquecer, ter-se-á ganho um ano; e num ano estaremos preparados para a guerra.”

“Deixa, portanto, esses dois condenados, que ainda por irrisão se chamam reis, e vai imediatamente ao hospício do Gros-Caillou; aí encontrarás um moribundo, menos doente que eles, porque a esse talvez o possas salvar, ao passo que estes, sem que o possas fazer, te arrastarão na sua queda!”

O bilhete não tinha assinatura; porém Gilberto conheceu a letra de Cagliostro.

Neste momento entrou a Sr^a. Campan; desta vez era pela porta por onde saíra a rainha.

Entregou a Gilberto um pequeno bilhete, concebido nestes termos:

Sua majestade el-rei pede ao Sr. Dr. Gilberto que lhe remeta por escrito todo o plano político que acabou de expor a sua majestade a rainha.

“A rainha, detida por um negócio importante, tem o desgosto de não poder voltar ao Dr. Gilberto; seria pois inútil esperá-la mais tempo”.

Gilberto leu, ficou um instante pensativo, e meneando a cabeça, murmurou:

- Insensatos!

- Não tem nada que dizer a suas majestades? - perguntou a Sr^a. Campan.

Gilberto entregou à dama a carta sem assinatura, que acabava de receber, e disse:
- Eis a minha resposta.
E saiu.

XXXVI

Nada de mais senhor! Nada de mais senhor!

Antes de seguirmos Gilberto ao hospital de Gros-Caillou, onde o reclamam os cuidados prestados ao ferido desconhecido, que Cagliostro lhe recomendara, relanceemos ainda uma vez os olhos pela Assembléia que vai dissolver-se, depois de aceita essa constituição, a que está ligada a não abdicação do rei, e vejamos que partido a corte tirara da fatal vitória de 17 de Julho, que dois anos mais tarde havia de custar a cabeça a Bailly. Depois voltaremos aos heróis desta história, que temos um pouco perdido de vista, arrebatados como somos pela tormenta política, que nos força a apresentar aos nossos leitores esses grandes tumultos em que os indivíduos desaparecem para cederem o lugar às massas.

Vimos o perigo que Robespierre corria, e sabemos como, graças à intervenção do marceneiro Duplay, escapou ao triunfo, talvez mortal, que ia ser dispensado à sua popularidade.

Enquanto ceia familiarmente numa pequena casa de jantar, que dá para o pátio, com o marido, a mulher e as filhas, os seus amigos, instruídos do perigo a que esteve exposto, inquietavam-se por ele.

A Sr^a. Roland especialmente, criatura dedicada, esquece que fora vista e conhecida no altar da pátria e que corria tanto risco como os outros. Começa por dar asilo em sua casa a Roberto e à Sr^a. de Keralio; depois, como lhe disseram que a Assembléia devia, naquela noite, redigir um auto de acusação contra Robespierre, vai, para o prevenir, ao fim do Marais, e, não o encontrando, volta, pelo cais dos Theatins, a casa de Buzot.

Buzot era um dos admiradores da Sr^a. Roland, que sabia quanta influência tinha sobre ele. Foi por isso que se lhe dirigiu.

Buzot mandou imediatamente entregar um bilhete a Gregório. Se atacasse Robespierre nos Bernardos, seria defendido por Gregório, se atacassem na Assembléia, seria Buzot quem ali havia de defendê-lo.

Isto era da sua parte tanto mais meritório, por quanto não era amigo de Robespierre.

Gregório foi aos Bernardos e Buzot à Assembléia. Não se tratou de acusar Robespierre, nem qualquer outro. Os deputados e os Bernardos estavam admirados da sua própria vitória, e consternados pelo passo sanguinolento que tinham dado em proveito dos realistas. Por falta de acusação contra os homens, apresentaram uma contra os clubes; um membro da Assembléia pediu o seu imediato encerramento. Julgou-se um instante que haveria unanimidade por esta medida, porém Duport e Lafayette reprovaram: fechar os clubes era fechar os Bernardos. Lafayette e Duport estavam ainda convencidos da força que esta arma lhes prestava; acreditavam que os Bernardos substituiriam os Jacobinos, e que, pela imensa máquina, dirigiriam o espírito dos povos da França.

No dia seguinte, a Assembléia recebeu o duplo relatório do *maire* de Paris e do comandante da guarda nacional. Todos tinham interesse em enganar-se: a comédia foi portanto muito fácil de representar.

O comandante e o *maire* falaram da imensa desordem, que lhes fora necessário reprimir; do assassinio da manhã e dos tiros da tarde, duas coisas que não tinham relação alguma; do perigo que ameaçara o rei, a Assembléia e toda a sociedade, perigo que eles sabiam melhor que ninguém não ter existido nunca.

A Assembléia agradeceu-lhes a energia, que não tinham tido idéia de desenvolver, felicitou-os pela vitória, que lastimavam no íntimo do coração, e deu graças ao Céu, que permitia que se aniquilassem de um só golpe a revolução e os revoltosos.

A dar crédito aos felicitados e às felicitações, estava a revolução terminada.

E a revolução começava!

Entretanto os antigos Jacobinos, tomando o dia seguinte pela véspera, julgavam-se atacados, perseguidos, encarcerados e preparavam-se para fazer perdoar a sua importância real à força de fingida humildade. Robespierre, ainda muito receoso por ter sido proposto rei em lugar de Luís XVI, redigiu uma proclamação em nome dos presentes e ausentes.

Nesta proclamação felicitava a Assembléia pelos seus *generosos esforços*, pela *sabedoria e firmeza* com que se houvera, pela sua *vigilância e justiça imparcial e incorruptível*.

Como é que os Bernardos deixariam de recuperar ânimo e não se teriam julgado onnipotentes, ao ver a humildade dos seus inimigos?

Por um instante se julgaram não só senhores de Paris, mas ainda da França.

Ah! Os Bernardos não tinham compreendido a situação: separando-se dos Jacobinos tinham criado mui simplesmente uma segunda Assembléia. A semelhança entre as duas era tal, que tanto nos Bernardos como na Assembléia só se entrava pagando décima, sendo cidadão activo e eleitor dos eleitores.

O povo tinha duas câmaras ordinárias em lugar de ter só uma.

Não era isso o que ele queria.

Queria uma câmara popular, que fosse não aliada mas inimiga da Assembléia Nacional; que não ajudasse esta a reconstituir a realeza, mas que a forçasse a destruí-la.

Os Bernardos não correspondiam de modo nenhum ao espírito público; por isso este os abandonou no curto trajecto, que acabavam de fazer.

Perderam a popularidade ao atravessar a rua.

Em Julho a província contava quatrocentas sociedades; destas, trezentas correspondiam-se igualmente com os Bernardos e com os Jacobinos: cem, só com os Jacobinos.

De Julho a Setembro, criaram-se mais duzentas sociedades, das quais nem uma única se correspondia com os Bernardos.

À medida que estas se enfraqueciam, os Jacobinos fortificavam-se debaixo da protecção de Robespierre, que começava a ser o homem mais popular da França.

A predição de Cagliostro a Gilberto cumpria-se a respeito do deputado de Arras.

Talvez a vejamos cumprida tão fielmente a respeito do corsozito de Ajaccio.

Entretanto, soava a hora que devia marcar o fim da Assembléia Nacional; soava lentamente, é certo, como para os velhos, cuja vida se extingue e consome a pouco e pouco.

Depois de ter votado três mil leis, a Assembléia acabava finalmente a revisão da constituição.

A constituição era como que uma gaiola de ferro, em que, mau grado seu, tinha metido o rei.

Dourara os varões da gaiola; apesar, porém, de dourados, não dissimulavam a prisão.

Efectivamente, a vontade real tornara-se impotente; era uma roda que recebia o movimento em lugar de o imprimir.

Toda a resistência de Luís XVI consistia no seu *veto*, que por espaço de três anos suspendia a execução dos decretos publicados, se não conviessem ao rei; então a roda cessava de girar, e pela sua imobilidade parava toda a máquina.

Além desta força de inércia, a realeza de Luís XVI e de Henrique IV, toda a iniciativa no reinado destes dois grandes reis, já era mais do que uma majestosa inutilidade.

Entretanto aproximava-se o dia, em que o rei devia jurar a constituição.

A Inglaterra e os emigrados escreviam ao rei:

“Morrei, se tanto for necessário, mas não vos avilteis jurando!”

Leopoldo e Barnave diziam:

“Jurai sempre: quem puder que mantenha”.

Finalmente o rei decidiu com esta frase:

“Declaro que não vejo na constituição meios suficientes de acção e unidade; mas visto que as opiniões são diversas a este respeito, consinto que a experiência se constitua um único juiz”.

Restava saber onde devia ser apresentada a constituição à aceitação do rei, se nas Tulherias se na Assembléia?

O rei cortou a dificuldade, anunciando que juraria a constituição onde tinha sido votada.

O dia fixado pelo rei era o dia 13 de Setembro.

A Assembléia recebeu esta participação com aplausos unânimes.

O rei vinha ao seu grémio!

Num transporte de entusiasmo, Lafayette levantou-se e pediu uma amnistia universal para os que eram acusados de terem tomado parte na fuga do rei.

A Assembléia concedeu a amnistia, manifestando a maior satisfação.

Aquela nuvem que por instante anuviara o Céu de Charny e de Andréia, dissipou-se logo depois de se ter formado.

Foi nomeada uma deputação de sessenta membros para agradecer ao rei a sua carta.

O guarda-selos levantou-se e correu a anunciar ao rei esta deputação.

Nessa mesma manhã foi abolida por um decreto a ordem de Espírito Santo, autorizando unicamente o rei a trazer aquele cordão, emblema da alta aristocracia.

A deputação encontrou o rei decorado unicamente com a cruz de S. Luís, e como Luís XVI notou o efeito que produzia nos deputados não ter também o cordão azul, disse-lhes:

- Senhores, abolistes esta manhã a ordem do Espírito Santo, conservando-a só para mim; porém uma ordem, seja qual for, não tendo a meus olhos outro mérito senão o de poder ser comunicada, considero-a de hoje em diante tão abolida para mim, como para os outros.

A rainha, o delfim e a infanta estavam em pé junto da porta; a rainha pálida, com os dentes cerrados, tremendo-lhe todas as fibras; a Sr^a. infanta, já apaixonada, violenta, altiva e impressionada das humilhações passadas, presentes e futuras; o delfim descuidado como uma criança, parecia, pelos sorrisos e pelos movimentos que fazia, um personagem vivo num grupo de mármore.

Quanto ao rei, alguns dias antes, dissera ao Sr. de Montmorin:

- Bem sei que estou perdido... Tudo o que de hoje em diante se tentar a favor da realeza, que seja em favor de meu filho.

Luís XVI respondeu com sinceridade aparente ao discurso da deputação.

Depois, logo que se acabou, voltando-se para a rainha e para a família real, disse:

- Eis minha esposa e meus filhos, que compartilham todos os meus sentimentos.

Sim, mulher e filhos compartilhavam-nos efectivamente, porque, logo que a deputação se retirou, o rei seguiu-a com o olhar inquieto, e a rainha com o olhar raivoso, os esposos aproximaram-se, e Maria Antonieta, descansando a mão fria e alva como o mármore no braço do marido, meneando a cabeça, disse:

- Esta gente já não quer soberanos. Tratam de demolir a monarquia pedra por pedra, para com elas nos construírem o túmulo!

Enganava-se, pobre mulher! Sepultada na vala dos pobres, nem sequer devia ter um túmulo!

Porém no que se não enganava era nos ataques de todos os dias à prerrogativa real.

O Sr. de Malouet era presidente da Assembléia; era um verdadeiro realista, e todavia julgou-se obrigado a submeter à deliberação da Assembléia se deviam estar em pé ou assentados, enquanto o rei pronunciasse o juramento.

- Assentados! Assentados! - gritaram todos.

- E o rei? - perguntou o Sr. de Malouet.

- Em pé e descoberto! - gritou uma voz.

Toda a Assembléia estremeceu.

A voz era isolada, porém clara e vibrante; parecia ser a voz do povo, que se faz ouvir solitária para melhor ser escutada.

O presidente fez-se pálido.

Quem tinha pronunciado aquelas palavras? Tinham partido das salas ou das tribunas?

Pouco importava! Tinham um tal poder, que o presidente foi obrigado a responder-lhes dizendo:

- Senhores, não há circunstância alguma, em que a nação reunida na presença do rei, o não reconheça por seu chefe. Se o rei prestar o juramento em pé, peço que a Assembléia o ouça na mesma posição.

Então ouviu-se a mesma voz dizendo:

- Proponho uma emenda que harmoniza tudo. Decretemos que seja permitido ao Sr. de Malouet e a quem mais convier essa posição, ouvir o rei de joelhos, porém, sustentemos a proposta.

Esta foi retirada.

Era no dia seguinte a esta discussão, que o rei devia prestar o juramento. A sala estava trasbordando; as tribunas rangiam sob o peso dos espectadores.

Ao meio dia anunciaram o rei.

O rei falou de pé. A Assembléia ouviu-o na mesma posição. Depois, pronunciando o discurso, assinaram o acto constitucional e assentaram-se todos.

Então o presidente, que era Thourer, levantou-se para pronunciar o seu discurso; porém, depois de ter dito duas ou três frases, vendo que o rei se não levantava, tornou a assentar-se.

Esta acção provocou os aplausos das tribunas.

A estes aplausos, muitas vezes repetidos, o rei não pôde deixar de empalidecer.

Tirou o lenço da algibeira e enxugou o suor, que lhe corria da fronte.

A rainha assistia à sessão numa tribuna particular, e não podendo suportar mais, levantou-se, e saiu, fechou violentamente a porta e ordenou que a conduzissem às Tulherias.

Entrou sem dizer palavra, nem sequer aos seus íntimos. Desde que Charny a deixara, o seu coração absorvia o fel, mas não o vomitava.

O rei entrou meia hora depois dela.

- A rainha? - perguntou imediatamente.

Indicaram-lhe onde ela estava.

Um oficial quis ir adiante dele.

O rei afastou-o com um sinal; ele mesmo abriu as portas e apareceu repentinamente no umbral da câmara, onde estava a rainha.

Estava tão pálido, tão abatido, o suor corria-lhe tão amudado do rosto, que a rainha, vendo-o, levantou-se e deu um grito.

- Oh! Senhor - disse ela - que aconteceu?

O rei, sem responder, caiu numa cadeira e rompeu em soluços.

- Oh! Senhora! - exclamou ele - para que assistiu a semelhante sessão? Precisava de ter sido testemunha da minha humilhação? Foi pois para isto que, sob pretexto de ser rainha, eu a chamei a França?

Semelhante explosão da parte de Luís XVI era tanto mais aflitiva, quanto era rara. A rainha não se pôde conter, e correndo para o rei, deixou-se cair de joelhos.

Neste momento o ruído duma porta, que se abriu, fê-la voltar a cabeça, era a Sr^a. Campan que entrava.

A rainha estendeu o braço para ela.

- Oh! Deixe-nos, Campan - disse ela - deixe-nos.

A Sr^a. Campan não se enganou no sentimento que induzia a rainha a afastá-la de si, e retirou-se respeitosamente; porém, em pé, atrás da porta, ouviu por muito tempo os dois esposos trocarem frases entrecortadas de suspiros.

Finalmente os interlocutores calaram-se, os soluços diminuíram; meia hora depois, a porta abriu-se, e a rainha chamou a Sr^a. Campan.

- Campan - disse ela - encarregue-se de entregar esta carta ao Sr. de Malden: é dirigida a meu irmão Leopoldo. Que o Sr. de Malden parta imediatamente para Viena; é preciso que esta carta ali chegue antes da notícia do que se passou hoje... Se ele necessitar duzentos luíses, dê-lhos, que eu lhos restituirei.

A Sr^a. Campan pegou na carta e saiu. Duas horas depois o Sr. de Malden partia para Viena.

O que havia de pior para a rainha em tudo isto, era ser-lhe preciso sorrir, acariciar e ter aparência alegre.

Durante todo o resto do dia, reuniu-se nas Tulherias muito povo.

À noite iluminou-se toda a cidade. Convidaram o rei e a rainha para irem passear aos Campos Elíseos de carruagem, escoltados pelos generais e ajudantes de ordens do exército parisiense.

Apenas apareceram, os gritos de “Viva o rei! E Viva a rainha!” retumbaram nos ares. Porém no intervalo em que os gritos se extinguíam e em que a carruagem tinha parado, um homem do povo, de rosto feroz, e que se conservara de braços cruzados junto do estribo, disse:

- Não os acreditem... Viva a nação!

A carruagem continuou o seu caminho; então o homem do povo apoiou a mão na portinhola, caminhou a par da carruagem, e todas as vezes que o povo gritava: “Viva o rei! Viva a rainha!”, repetia ele com voz estridente:

- Não os acreditem... Viva a nação!

A rainha tinha o coração torturado por este incessante golpe, que a feria com a periodicidade da teima e do ódio.

Organizaram-se representações nos diferentes teatros: primeiro na Ópera, depois na Comédia francesa e depois nos Italianos.

Na Ópera e nos Franceses *fizeram a sala*, e o rei e a rainha foram recebidos com aclamações unânimes; porém quando quiseram tomar as mesmas precauções nos Italianos, já não era tempo: a platéia estava toda tomada.

Compreenderam que não aconteceria o mesmo nos Italianos, como na Ópera e nos Franceses, e que provavelmente haveria tumulto durante o espectáculo.

O temor mudou-se em certeza, quando viram o modo por que a platéia estava composta.

Danton, Camilo Desmoulins, Legendre e Santerre ocupavam ali os primeiros lugares. No momento em que a rainha entrava no seu camarote, as galerias tentaram aplaudir.

A platéia pediu silêncio.

A rainha mergulhou a vista com terror naquela espécie de cratera, aberta diante dela, e viu como que através de uma atmosfera de chamas, olhos cheios de cólera e de ameaças.

Quase que desconhecia aqueles homens; de alguns até ignorava o nome.

- Que lhes fiz, meu Deus? - perguntava ela a si mesma, procurando dissimular a sua perturbação debaixo de um sorriso - e porque me detestam tanto?

Repentinamente o seu olhar fixou-se num homem, que estava em pé, encostado a uma das colunas sobre que assentava a galeria.

Este homem olhava para ela com admirável firmeza.

Era o homem do castelo de Taverney, o homem da volta de Sèvres, o homem do jardim das Tulherias, o homem das palavras ameaçadoras, das acções misteriosas e terríveis!

Logo que os olhos da rainha se fixaram naquele homem, nunca mais dele se puderam afastar. Exercia sobre ela a fascinação que a serpente exerce sobre a ave.

O espectáculo começou: a rainha fez um esforço, quebrou o encanto, conseguiu afastar a

cabeça e olhar para a cena.

Representava-se os *Acontecimentos imprevistos*, de Grétry.

Porém por mais esforços que Maria Antonieta fizesse para distrair o pensamento do homem misterioso, a seu pesar, e como por efeito de um poder magnético mais forte que a sua vontade, voltava-se e dirigia a vista desvairada para aquele lado.

O homem conservara-se sem cessar no mesmo lugar, imóvel, sardónico, zombeteiro. Era uma obsessão dolorosa, íntima e fatal, uma coisa semelhante, durante a vigília, ao pesadelo durante o sono.

Além disso na sala flutuava como que uma espécie de electricidade. Portanto, duas cóleras, por assim dizer suspensas, não podiam deixar de se chocar, como, nos tempestuosos dias de Agosto, duas nuvens vindas dos dois extremos do horizonte, e como estas duas nuvens, chocando-se, produzirem o relâmpago, senão o raio.

A ocasião apresentou-se finalmente.

A Sr^a. Dugazon, a encantadora mulher que deu o seu nome a um género, tinha a cantar um dueto com o tenor, no qual dizia este verso:

Oh! Quanto amo a minha soberana!

A valente criatura caminhou para a frente da cena, levantou os olhos e os braços para a rainha e lançou a fatal provocação.

A rainha compreendeu que estava ali a tempestade.

Voltou-se atemorizada e os olhos fixaram-se involuntariamente, como que movidos por mola oculta, no homem encostado à coluna.

Pareceu ter-lhe visto fazer um sinal, a que toda a platéia obedeceu.

Efectivamente, numa só voz, porém terrível, a platéia bradou:

- Abaixo os soberanos! Liberdade!...

Mas a este grito, dos camarotes e galerias responderam:

- Viva el-rei! Viva a rainha! Vivam para sempre os nossos soberanos!

- Abaixo os soberanos! Liberdade! Liberdade! Liberdade! - bradou segunda vez toda a platéia.

Após esta dupla declaração de guerra, oferecida e aceita, a luta começou.

A rainha deu um grito de terror e fechou os olhos; não se sentia com força para olhar para aquele demónio, que parecia o rei do tumulto, o espírito da destruição.

Os oficiais da guarda nacional cercaram-na imediatamente, formando-lhe uma muralha com os corpos, e levaram-na para fora da sala.

Porém nos corredores continuaram a persegui-la com os gritos de:

- Abaixo os soberanos! Abaixo o rei! Abaixo a rainha!

Conduziram-na desmaiada para a carruagem.

Foi a última vez que a rainha esteve no teatro.

A 30 de Setembro, a Assembléia Constituinte, pelo órgão do seu presidente Thouret declarava que tinha cumprido a sua missão e terminava as suas sessões.

Eis, em algumas linhas, o resultado dos seus trabalhos, que tinham durado dois anos e quatro meses.

A completa desorganização da monarquia;

A organização do poder popular;

A destruição de todos os privilégios mobiliários e eclesiásticos;

Duzentos milhões de títulos de renda vitalícia decretados;

Hipoteca constituída nos bens nacionais;

A liberdade dos cultos reconhecida;

Os votos monásticos abolidos;

As cartas de prisão destruídas;

A igualdade dos cargos públicos estabelecida;
As alfândegas interiores suprimidas;
A guarda nacional constituída;
Finalmente, a constituição votada e submetida à aceitação do rei.
Seria necessário ter bem tristes previsões, para acreditar que tanto o rei como a rainha de França teriam mais a temer da Assembléia que ia reunir-se, do que da que se acaba de dissolver.

XXXVII

Despedida de Barnave

A 2 de Outubro, isto é, dois dias depois da dissolução da Constituinte, à hora em que costumava ver a rainha, Barnave era introduzido, não na sobreloja da Sr^a. Campan, mas sim no quarto, a que chamavam o grande gabinete.

Na mesma tarde do dia em que o rei jurara a constituição, sentinelas e ajudantes de ordens de Lafayette tinham desaparecido do interior do paço, e se o rei não era poderoso, era ao menos livre.

Era uma pequena compensação à humilhação, de que o vimos tão amargamente queixar-se à rainha.

Sem ser recebido publicamente e com aparência de uma audiência solene, Barnave desta vez não ia estar sujeito às precauções que até então precisava ter para ocultar a sua presença nas Tulherias.

Estava muito pálido e parecia tristíssimo: a rainha notou uma e outra coisa.

Recebeu-o de pé, suposto que conhecesse o respeito que ele lhe tributava, e estava bem certa de que, se se assentasse, ele não faria o mesmo que o presidente Thouret, vendo que o rei se não levantava.

- Então o Sr. Barnave, deve estar contente; el-rei seguiu o seu conselho, jurou a constituição.

- A rainha é muito bondosa - respondeu Barnave inclinando-se - dizendo que o rei seguiu o meu conselho... Se essa não fosse também a opinião do imperador Leopoldo e do príncipe Kaunitz, talvez sua majestade hesitasse mais em praticar este acto, o único, todavia, que podia salvar el-rei, se ele pudesse...

Barnave calou-se.

- Pudesse ser salvo... Não é isto o que quer dizer, senhor? - continuou a rainha encarando a questão de frente com a coragem e, podemos acrescentar, com a audácia que lhe era peculiar.

- Deus me livre, senhora, de me tornar profeta de semelhantes desgraças! E todavia, próximo a deixar Paris, próximo a afastar-me para sempre da rainha, não queria desesperar muito sua majestade, nem deixar-lhe ilusões!

- Deixa Paris, Sr. Barnave? Afasta-se de mim?

- Os trabalhos da Assembléia, de que era membro, estão terminados, senhora, e como se decidiu que nenhum constituinte poderia fazer parte da Legislativa, já não tenho motivo para ficar em Paris.

- Nem sequer o de nos ser útil, Sr. Barnave?

Barnave sorriu tristemente.

- Nem sequer o de lhe ser útil, senhora, porque a contar de hoje, ou antes de depois de amanhã, já em coisa alguma posso ser útil a vossa majestade.

- Oh! Sr. Barnave - disse a rainha - presumo muito pouco de si!

- Não, senhora; julgo-me e sinto-me muito fraco... Peso-me e acho-me muito leve... O que constituía a minha força, de que eu suplicara a monarquia que se servisse como de uma alavanca, era a minha influência na Assembléia, e o meu domínio nos Jacobinos, era finalmente a minha popularidade, tão penosa e tão laboriosamente adquirida; porém a Assembléia está

dissolvida; os Jacobinos tornaram-se os Bernardos, e receio muito que os Bernardos fizessem, ao separar-se dos Jacobinos, um mau negócio... Finalmente, senhora, a minha popularidade...

Barnave sorriu ainda mais tristemente que da primeira vez, e concluiu a frase, dizendo:

- Enfim, a minha popularidade está perdida!

A rainha olhou para Barnave, e um clarão estranho, que se assemelhava a um relâmpago de triunfo, lhe passou pelos olhos.

- Então! - disse ela - viu agora como a popularidade se perde?

Barnave deu um suspiro.

A rainha compreendeu que acabava de cometer uma dessas pequenas crueldades, mas que nela lhe eram habituais.

Efectivamente, se Barnave perdera a popularidade, se para perdê-la bastara um mês, se tinha sido obrigado a curvar a cabeça à palavra Robespierre, de quem era a culpa? Não seria dessa monarquia fatal, que arrastava para o abismo tudo aquilo em que tocava, abismo para que ela mesmo precipitadamente corria? Não seria do destino terrível que de Maria Antonieta fizera, como de Maria Stuart, uma espécie de anjo de morte, que votava ao sepulcro todos aqueles a quem aparecia?

Retrocedeu portanto, e mostrando-se agradecida a Barnave por ter respondido com um simples suspiro, quando o poderia ter feito com estas palavras fulminantes: “Por quem perdi a minha popularidade, senhora, senão por vossa majestade?” prosseguiu:

- Mas o Sr. não parte, não é assim?

- Decerto - disse Barnave - que se a rainha me ordenar que fique, ficarei como um soldado que tendo a sua baixa, se conserva sob as bandeiras, reservando-se para a batalha; se fico, sabe o que acontecerá senhora? Em lugar de ser fraco, serei traidor?

- Como, senhor? - disse a rainha levemente ferida; - explique-se, que não o compreendo.

- Vossa majestade permite-me que a ponha bem ao facto da situação, não só daquela em que se acha, mas ainda daquela em que vai colocar-se?

- Faça-o, senhor; estou costumada a sondar os abismos; se fosse acometida de vertigens, há muito tempo que me teria precipitado.

- A rainha olha talvez como inimiga a Assembléia que se retira.

- Distingamos, Sr. Barnave! Nessa Assembléia tive amigos, mas há-de convir que a maioria dessa Assembléia foi hostil à realza.

- Senhora - disse Barnave - a Assembléia só fez um acto hostil contra el-rei e contra vossa majestade, foi no dia em que decretou que nenhum dos seus membros poderia fazer parte da Legislativa.

- Não o compreendo bem, explique-me isso - disse a rainha com o sorriso da dúvida.

- É muito simples: a Assembléia arrancou o escudo do braço dos vossos amigos.

- E também um pouco, segundo julgo, a espada da mão dos meus inimigos.

- Ai, senhora, engana-se! O golpe parte de Robespierre, e é terrível como tudo o que vem daquele homem. Em primeiro lugar, a presença da nova Assembléia, lança-vos no desconhecido. Com a Constituinte, vossas majestades sabiam quem e o que combatiam: com a Legislativa, têm que fazer novo estudo. Depois, note bem isto, senhora, propondo que nenhum de nós pudesse ser reeleito, Robespierre quis pôr a França na alternativa de esconder entre a classe, que nos é superior, ou a que nos é inferior. Acima de nós nada existe: a emigração desorganizou tudo; e ainda que a nobreza tivesse ficado em França, não seria entre os nobres que o povo iria escolher os seus representantes. Abaixo de nós, seja! foi abaixo de nós que o povo escolheu os seus deputados; toda a Assembléia será democrata; haverá nuvens nessa democracia, e nada mais.

Vi esses deputados - continuou Barnave - pois há já três dias que eles afluem a Paris; vi particularmente os que chegam de Bordéus. São quase todos homens sem nome, mas que têm pressa de adquiri-lo, e são tanto mais apressados porquanto são moços. Excepto Condorcet, Brissot, e mais alguns, os mais velhos de entre todos eles apenas têm trinta anos; é a elevação da mocidade, depondo a velhice, e destronando a tradição. Nada mais de cabelos brancos! Vai

governar uma nova França de cabelos pretos.

- E julga que tenhamos mais a temer dos que chegam, que dos que se retiram?

- Sim, senhora; os que chegam vêm incumbidos de fazerem guerra aos nobres e aos padres! Quanto ao rei, ainda não se pronunciam a seu respeito; ver-se-á... Se se contentar com ser poder executivo, talvez lhe perdoem todo o passado.

- Como! - exclamou a rainha - como! Perdoar-lhe o passado!... Mas é o rei que deve perdoar, julgo eu!

- Muito bem! É isso exactamente: mas é também nisso que se não entenderão. Os que chegam, e infelizmente têm a prova disso, nem sequer guardarão as deferências hipócritas dos que se retiram... Para eles (sei isto por um deputado de Gironda, um dos meus colegas chamado Vergniaud), para eles o rei é um inimigo!

- Mas como pode ser um inimigo!? - disse a rainha estupefacta.

- Sim, senhora - repetiu Barnave - um inimigo! Isto é, o centro voluntário ou involuntário de todos os inimigos interiores e exteriores. Ah! Sim, deve confessar-se que não se enganam completamente esses recém-chegados, que crêem ter descoberto uma verdade, e que não têm outro mérito mais que o de dizerem em voz alta o que os mais ardentes adversários não ousariam dizer em voz baixa...

- Inimigo!? - repetiu a rainha - o rei inimigo do seu povo? Oh! Sr. Barnave, aí está uma coisa de que nunca me convencerá, e que nunca poderei compreender!

- E todavia, senhora, é a verdade; inimigo por natureza, inimigo por um temperamento! Há três dias que aceitou a Constituição, não é verdade?

- Sim; e então?

- Então, entrando aqui, o rei quase que adoeceu de cólera, e à noite escreveu ao imperador.

- Mas também como quer que soframos semelhantes humilhações?

- Ah! Como vê: inimigo, fatalmente inimigo... Inimigo voluntário, pois, tendo sido educado pelo Sr. Vauguyon, o general do partido jesuítico, o rei tem o coração nas mãos dos padres, que são inimigos da nação! Inimigo involuntário, porque é o chefe obrigado da contra-revolução; e supondo mesmo que ele não deixe Paris, está em Coblenz com a emigração, na Vendeia com os padres, em Viena e na Prússia com os seus aliados Leopoldo e Frederico. O rei nada faz, admito... Admito que nada faça - disse Barnave; - mas, na ausência da sua pessoa, empregam o seu nome; na cabana, no púlpito e no paço, é bom, é magnânimo, é santo o rei! De maneira que, ao reinado da revolução, opõem uma revolta terrível, a revolta da piedade!

- Na verdade, Sr. Barnave, diz-nos essas coisas, e nem sequer é o primeiro a lastimar-nos?

- Sim, senhora, lastimava-a, e lastimo-a ainda muito sinceramente! Mas vai grande diferença entre mim e aqueles de quem falo, e é que eles lastimam-na para a perder, ao passo que eu lastimo-a para a salvar!

- Mas, finalmente, senhor, entre os que chegam, e que, segundo diz, vêm fazer-nos uma guerra de extermínio, há algum plano combinado antecipadamente para se pôr em execução?

- Não, senhora, e ainda não surpreendi mais do que planos vagos: a supressão do título de *majestade* para a sessão da abertura; em lugar do trono uma simples cadeira de braços à esquerda do presidente.

- Porventura vê nisso alguma coisa mais do que Thoureth assentando-se, porque o rei estava assentado?

- É pelo menos um novo passo para a frente, em lugar de ser dado para trás... Depois, há ainda pior, é que os srs. de Lafayette e Bailly vão ser substituídos!

- Oh! Quanto a esses - disse apressadamente a rainha - não me deixam pena.

- Diz mal, senhora; os srs. Bailly e Lafayette são seus amigos...

A rainha sorriu amargamente.

- Seus amigos, senhora! Talvez os seus últimos amigos! Assim, aproveite-os: se lhes resta ainda alguma popularidade, aproveite-a; mas apresse-se, que a popularidade deles não tardará a

emigrar, como fez a minha.

- No fim de tudo isto, senhor, mostra-me o abismo, conduz-me até à cratera, faz-me medir a profundidade, mas não me diz o meio de o evitar.

Barnave ficou mudo por um instante.

Depois soltando um suspiro disse:

- Ah! Senhora, porque a prenderiam na estrada de Montmédy?

- Bem - disse a rainha - aí está o Sr. de Barnave aprovando a fuga de Varennes.

- Não a aprovo, senhora, porque a situação, em que vossa majestade hoje se acha é a consequência natural dessa fuga; mas visto que ela havia de ter um tal fim, deploro que não fosse a efeito.

- De maneira que hoje o Sr. Barnave, membro da Assembléia Nacional, delegado por esta Assembléia, com os srs. Pétion e de Latour-Maubourg para conduzirem o rei e a rainha a Paris, deplora que o rei e a rainha não tenham fugido?

- Oh! Entendamo-nos bem, senhora, quem deplora isso não é o membro da Assembléia, não é o colega dos srs. Latour-Maubourg e Pétion, é o pobre Barnave, que não é mais do que um humilde servidor, pronto a dar a vida por vossa majestade; isto é, a dar quanto possui.

- Obrigada, senhor; - disse a rainha - a firmeza com que faz o oferecimento prova-me que seria capaz de o manter; porém espero não ter semelhante sacrifício a exigir do senhor.

- Tanto pior para mim - respondeu simplesmente Barnave.

- Como tanto pior?

- Sim... Cair por cair, queria pelo menos cair combatendo, mas não, como vai acontecer. Sepultado no interior do Delfinado, onde vou ser inútil a vossa majestade, farei votos, muito mais ainda pela mulher jovem e bela, pela mãe terna e dedicada, do que pela rainha; os mesmos erros que fizeram o passado prepararão o futuro; contará com o socorro estrangeiro que não chegará ou há-de chegar demasiado tarde; os Jacobinos apossar-se-ão do poder dentro e fora da Assembléia; os nossos amigos deixarão a França para evitar a perseguição; os que ficarem serão presos e encarcerados; eu serei destes, porque não quero fugir. Então serei julgado e condenado; talvez que a minha morte obscura não só lhe seja inútil, mas até desconhecida, ou, se a notícia da morte chegar até vossa majestade, ter-lhe-ei prestado tão diminuto auxílio, que terá esquecido as poucas horas, durante as quais tive a esperança de poder ser-lhe útil...

- Sr. Barnave - disse a rainha, com muita dignidade - ignoro completamente qual seja a sorte que o futuro nos reserva, quer ao rei, quer a mim; o que sei porém é que o nome das pessoas que nos têm prestado serviços escrupulosamente escritos na nossa memória, e que nada do que lhes acontecer, bom ou mau, de felicidade ou desgraça, nos será indiferente...

E depois de alguns momentos de silêncio, acrescentou:

- Entretanto, Sr. Barnave, podemos nós alguma coisa em seu favor?

- Muito; vossa majestade especialmente... Pode provar-me que eu não era um ente inteiramente sem valor a seus olhos.

- E o que é necessário fazer para isso? - perguntou Maria Antonieta.

Barnave pôs um joelho em terra.

- Dar-me a mão a beijar, senhora.

Uma lágrima assomou as pálpebras secas de Maria Antonieta; estendeu para o mancebo aquela mão branca e fria, que devia com intervalo de um ano, ser tocada pelos lábios mais eloquentes da Assembléia: os lábios de Mirabeau e os de Barnave.

Barnave apenas lhe tocou; via-se que o pobre insensato temia, que, aproximando muito os lábios daquela bela mão, não tivesse força para os retirar.

Depois levantando-se continuou:

- Senhora, não terei o orgulho de dizer que “A monarquia está salva!” porém digo a vossa majestade: “Se a monarquia está perdida, aquele que jamais esquecerá o favor que uma rainha acaba de lhe conceder, está perdido com ela!”

E saudando a rainha, saiu.

Maria Antonieta olhou para ele, afastou-se suspirando, e quando a porta se fechou sobre Barnave, disse:

- Pobre limão sem sumo! Não foi necessário muito tempo para só te deixar a casca!...

FIM DO TERCEIRO VOLUME

Esta obra foi revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Matériel protégé par le droit d'auteur



ALEXANDRE DUMAS

La Comtesse de Charny

TOME IV



Matériel protégé par le droit d'auteur



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**Memórias de um médico:
A condessa de Charny
Volume IV**

Alexandre Dumas

I

O campo de batalha

Já procuramos referir os terríveis acontecimentos que se verificaram no Campo de Marte na tarde de 17 de Julho de 1791. Vamos dar agora uma idéia do espectáculo que apresentava o teatro, tendo já exibido aos nossos leitores o espectáculo do drama que ali se representara, e do qual tinham sido principais actores Bailly e Lafayette.

Esse espectáculo impressionara vivamente um mancebo vestido com o uniforme de guarda nacional, o qual, depois de ter percorrido a extremidade da rua de Saint-Honoré, atravessara a ponte de Luís XV, e fora dar ao Campo de Marte pela rua de Grenelle. Era bem lúgubre para se ver semelhante espectáculo, alumiado pela lua, que no terço do seu crescente, aparecia no meio de nuvens negras e condensadas, por entre as quais se perdia de vez em quando.

O Campo de Marte apresentava o aspecto de um campo de batalha, juncado de mortos e de feridos, por entre os quais vagueavam, como sombras errantes, alguns homens encarregados de lançar os mortos ao Sena e de transportar os feridos ao hospital militar do Gros-Caillou.

O jovem oficial, que acompanhámos desde a rua de Saint-Honoré, parou um momento numa das avenidas que dão para o Campo de Marte, e juntando as mãos com um gesto de terror, disse consigo:

– Jesus! A coisa foi muito pior do que me disseram!

Depois de ter olhado por um instante para a extraordinária operação que se verificava, aproximou-se de dois homens que transportavam um cadáver para o lado do Sena, e perguntou-lhes:

– Cidadãos! Podem dizer-me o destino que vão dar a esse homem?

O mancebo seguiu-os.

– Vem connosco e verás – responderam eles.

Chegando à ponte de madeira, os dois homens balancearam com cadência o cadáver, contando uma, duas, três, e à terceira lançaram o cadáver ao Sena.

O mancebo deu um grito de terror.

– O que estão fazendo cidadãos? – perguntou ele.

– O que está vendo, meu oficial; despejamos o terreno – responderam eles.

– E têm ordens para isso?

– Parece que sim.

– De quem?

– Da municipalidade.

– Oh! Pois é possível – exclamou o mancebo muito admirado.

Passado um momento de silêncio e regressando com eles ao Campo de Marte, perguntou-lhes:

– Já lançaram muitos cadáveres ao Sena?

– Cinco ou seis – respondeu um dos homens.

– Peço perdão, cidadãos – disse o jovem oficial – mas tenho muito interesse na pergunta que vou fazer-lhes; entre os cinco ou seis cadáveres encontraram um homem de quarenta e seis a quarenta e oito anos, quase de cinco pés e cinco polegadas de altura, reforçado, vigoroso, meio burguês e meio do campo?

– Podemos asseverar-lhe – disse um dos homens – que só procuramos saber se os que aqui jazem estão mortos ou vivos; se estão mortos, lançamo-los ao rio; se estão vivos, transportamo-los ao hospital do Gros-Caillou.

– Ah – redargüiu o mancebo – é porque um dos meus melhores amigos ainda não recolheu a casa, e como disseram que estivera nesta ponte, onde foi visto uma parte do dia, estou

com muito receio de que se ache entre os mortos ou entre os feridos.

– Com a breca! – disse um dos homens sacudindo um cadáver, enquanto o outro o alumiava com uma lanterna – se estava aqui, é provável que ainda esteja, e se não recolheu a casa, é provável que já lá não torne.

Redobrando depois a sacudidura que dava ao corpo que lhe jazia aos pés, disse:

– Estás morto ou vivo? Se não estás morto, trata de responder.

– Ah! Quanto a este – respondeu o outro agente da municipalidade – parece-me que está aviado, porque levou uma bala mesmo no meio do peito.

– Então, toca com ele para o rio – disse-lhe o seu companheiro. – É aviar.

E os dois homens ergueram o cadáver e tomaram o caminho da ponte de madeira.

– Cidadãos – disse o oficial – uma vez que não carecem da sua lanterna para deitar esse cadáver ao rio, tenham a bondade de me ceder enquanto vão e voltam; nesse intervalo procurarei o meu amigo.

O mancebo proferiu as últimas palavras com certa ênfase, que provava pelo menos, uma coisa, isto é, que considerava como das mais honrosas para ele a amizade do indivíduo, de que vinha indagar notícias.

O homem da lanterna consentiu no que lhe pediam, e a lanterna passou das mãos dele para as do moço oficial, que começou as suas indagações com tal cuidado e tal expressão de fisionomia que indicavam que o título que dera ao morto ou ao ferido, cujas notícias inutilmente procurava, lhe saíra não só dos lábios, senão também do coração.

Mais dez ou onze homens, munidos igualmente de lanternas, entregavam-se às mesmas fúnebres indagações. De vez em quando, no meio do silêncio, porque a terrível solenidade do espectáculo parecia, ao aspecto da morte, abafar a voz dos vivos, de vez em quando e por entre o silêncio, ouvia-se um nome qualquer, pronunciado em voz alta. Uma lamentação, um gemido, um grito respondia, por vezes, àquela voz, que quase sempre alcançava em resposta um lúgubre silêncio.

O moço oficial, hesitando primeiro, como se a voz lhe estivesse encadeada por um terror vago, seguiu finalmente o exemplo que lhe davam, e por três vezes bradou:

– Sr. Billot! Sr. Billot! Sr. Billot!

Mas nenhuma voz lhe respondeu.

– Pobre Sr. Billot! É bem certo que morreu! – resmungou baixinho o oficial, limpando com o canhão as lágrimas que lhe corriam pelas faces.

Naquele momento passavam junto dele dois homens, que transportavam um cadáver para o Sena.

– Olá – disse aquele que o segurava por baixo dos braços, e que por consequência estava mais próximo da cabeça – parece que o cadáver que conduzimos acaba de dar um gemido.

– Bom! – disse o outro rindo – se fôssemos dar ouvidos a todos estes maganões, nenhum deles estava morto.

– Cidadãos – disse o jovem oficial – por favor deixem-me ver o homem que aí levam.

– Da melhor vontade, meu oficial – responderam os dois homens.

E puseram o corpo do homem no chão, para facilitar ao oficial o meio de ver-lhe o rosto.

O mancebo aproximou a lanterna e deu um grito. Apesar da ferida terrível que o desfigurava, pareceu-lhe ter encontrado o indivíduo que procurava.

Mas estava morto ou vivo?

O corpo que estava já a meio caminho da vasta sepultura, levava uma profunda cutilada na cabeça; a ferida, como já dissemos, era terrível; separara a pele do parietal do lado esquerdo, que caía ensangüentada sobre a face, deixando a descoberto os ossos do crânio; a artéria temporal estava cortada de modo que o morto ou o ferido tinha o corpo todo inundado de sangue.

Do lado dos ferimentos não era possível conhecer-lhe as feições. O mancebo dirigiu com a mão trémula a lanterna para o outro lado.

– Ah! Cidadãos – bradou o oficial – é quem eu procuro, é o Sr. Billot!

- Com os diabos! – redargüiu um dos homens – o tal Sr. Billot está muito avariado!
- Não disseram que ele dera um gemido?
- Pelo menos, meu oficial, assim me pareceu – respondeu um dos homens.
- Nesse caso, faça-me um favor...

E dizendo isto, o jovem oficial tirou da algibeira um escudo.

– Qual é? – perguntou um dos homens, manifestando a melhor vontade à vista do dinheiro.

– Ir ao rio e trazer uma pouca de água dentro do chapéu.

– Pronto!

O homem começou a correr para o lado do Sena; o jovem oficial ficou em lugar dele segurando no ferido.

Cinco minutos depois o mensageiro voltou.

– Deite-lhe a água na cara – disse o mancebo.

O homem obedeceu, molhou a mão no chapéu, e sacudindo-a como se faz com um hissope, aspergiu o rosto do ferido.

– Ele estremeceu! – bradou o mancebo, que segurava o moribundo por baixo dos braços – não está morto! Ah! Sr. Billot, que fortuna foi a minha em ter vindo ao Campo de Marte!

– Palavra de honra, em como foi uma fortuna – disseram os dois homens – se déssemos mais vinte passos, com toda a certeza que o seu amigo só tornaria a si nas redes de Saint-Cloud.

– Deite-lhe mais água.

O homem renovou a experiência; o ferido estremeceu e soltou um gemido.

– Vamos! Vamos – disse o outro servente – decididamente não está morto.

– Então o que havemos de fazer agora? – perguntou um dos homens.

– Ajudem-me a transportá-lo à rua de Saint-Honoré a casa do Dr. Gilberto, e receberão boa recompensa – disse o mancebo.

– Nós não podemos.

– Por quê?

– Porque temos ordem de deitar os mortos ao Sena e transportar os feridos ao hospital do Gros-Caillou, e uma vez que diz que não está morto, e que por consequência não deve ser lançado ao rio, levá-lo-emos para o hospital.

– Pois levemo-lo ao hospital – disse o oficial – e quanto mais depressa melhor.

Depois, olhando em volta de si, como querendo ver onde ficava o local indicado, perguntou:

– Onde é o hospital?

– A uns trezentos passos da Escola Militar.

– Então é por aqui?

– É sim.

– Temos que atravessar todo o Campo de Marte?

– Em todo o comprimento.

– Não têm uma padiola?

– Talvez se encontre – respondeu um dos moços – pelo mesmo preço da água; venha outro escudo.

– É justo – disse o mancebo – porque nenhum dos senhores traz dinheiro. Aqui está outro escudo e vá arranjar uma padiola.

Dez minutos depois aparecia a padiola.

Deitaram o ferido sobre um colchão, os dois moços pegaram nos braços da padiola e o lúgubre cortejo encaminhou-se para o hospital de Gros-Caillou, escoltado pelo jovem oficial, que segurando na lanterna, ia ao lado da cabeça do ferido.

Era terrível aquela marcha nocturna sobre um terreno inundado de sangue, por entre cadáveres imóveis, nos quais a cada instante se tropeçava, ou por entre os feridos, que se erguiam para tornar a cair, pedindo socorro com voz lamentosa.

No fim de um quarto de hora, o lúgubre cortejo entrava as portas do hospital de Gros-Caillou.

II

O hospital de Gros-Caillou

Naquela época os hospitais militares não tinham a mesma organização que têm actualmente. Por isso ninguém se admirará da confusão que reinava no hospital de Gros-Caillou e da imensa desordem que se opunha ao complemento dos desejos dos cirurgiões.

A primeira coisa que faltava eram camas, as quais tinham sido requisitadas pelos moradores circunvizinhos. Alcançaram-se alguns colchões, que tinham posto no chão, e até os havia estendidos pelo pátio do hospital.

Em cada colchão havia um ferido que esperava socorro, mas havia tanta falta de cirurgiões como de camas, e os facultativos eram difíceis de encontrar.

O oficial, em quem os nossos leitores reconheceram já o nosso antigo amigo Pitou, alcançou, mediante mais dois escudos, que lhe deixassem o colchão na padiola, de modo que Billot foi suavemente colocado no pátio do hospital.

Para ao menos se utilizar do pouco que havia de bom na situação, Pitou mandara colocar o ferido o mais próximo que fosse possível da porta, a fim de ser visto pelo primeiro cirurgião que entrasse ou saísse.

Pitou estava com muito desejo de correr a alguma das enfermarias e de trazer um cirurgião, custasse o que custasse, mas não se atrevia a desamparar o ferido, temendo que, supondo que ele estivesse morto, alguém se enganasse, lhe levasse o colchão e o deixasse sobre as pedras.

Pitou já ali estava havia uma hora, chamando em voz alta dois ou três cirurgiões que vira passar, mas nenhum deles lhe respondera aos gritos. Assim estava, quando de repente viu um homem vestido de preto, alumiado por dois enfermeiros, visitando uns após outros, todos aqueles leitos de agonia.

Quanto mais o homem vestido de preto se aproximava de Pitou, mais lhe parecia conhecê-lo, até que, chegando a vinte passos de distância, todas as dúvidas cessaram. Pitou, aventurando-se a afastar-se alguns passos do ferido para se aproximar do cirurgião, gritou com toda a força dos pulmões:

– Por aqui, Sr. Gilberto, por aqui!

O cirurgião, que era efectivamente Gilberto, acudiu à voz.

– Ah! És tu, Pitou? – perguntou ele.

– Sou sim, Sr. Gilberto, sou eu.

– Viste Billot?

– Vi sim, senhor, está aqui – disse Pitou, mostrando o ferido, que continuava a estar imóvel.

– Está morto?

– Ai, meu caro Sr. Gilberto, espero que não, mas não devo ocultar-lhe que dou pouco por ele.

Gilberto aproximou-se do colchão, sempre acompanhado pelos dois enfermeiros.

Estes chegaram a luz ao rosto do ferido.

– Está ferido na cabeça, Sr. Gilberto – disse Pitou. – O pobre Sr. Billot tem a cabeça aberta até ao queixo.

Gilberto examinou a ferida com atenção e resmungou baixinho:

– A ferida é grave.

Voltando-se depois para os enfermeiros, que o acompanhavam, disse-lhes:

– Quero um quarto particular para este homem, que é um amigo meu.

Os dois enfermeiros consultaram-se.

– Não há quarto particular – disseram eles – mas há a casa onde se guarda a roupa.

– Pois então é transportá-lo para lá, e depressa – disse Gilberto.

Ergueram o ferido com o maior cuidado; mas apesar de todas as precauções, Billot soltou um gemido.

– Ah! – exclamou Gilberto – nunca um brado de alegria me produziu maior prazer do que este grito de dor; está vivo, e isso é o principal.

Billot foi levado para a rouparia e deitado na cama de um empregado; Gilberto procedeu imediatamente ao curativo.

A artéria temporal fora cortada, e disso proviera a grande perda de sangue que produzira a síncope, e a síncope, moderando os movimentos do coração, suspendera a hemorragia.

A natureza aproveitara-se prontamente desta circunstância para coalhar o sangue e fechar a artéria.

Gilberto, com admirável destreza, ligou primeiramente a artéria com um fio de retrós, lavou a pele e a carne e tornou a assentá-la sobre o crânio.

A frescura da água, e talvez que também uma dor mais viva, ocasionada pelo curativo, fizeram com que Billot abrisse os olhos e pronunciasse algumas palavras destacadas e sem nexos.

– Houve comoção no cérebro – disse Gilberto consigo.

– Mas, enfim – disse Pitou – uma vez que não está morto, há-de salva-lo, não é assim, Sr. Gilberto?

Gilberto sorriu tristemente, e disse:

– Hei-de fazer a diligência, sim, meu caro Pitou; mais uma vez acabo de ver que a natureza é um cirurgião mais hábil do que qualquer de nós.

Gilberto concluiu então o primeiro tratamento, fazendo cortar o cabelo do ferido; o mais possível, uniu os dois lábios da ferida, segurou-os com emplastro adesivo, e mandou que o doente fosse colocado quase na posição de assentado de costas, mas sem ter a cabeça encostada à parede.

Só depois de haver aplicado todos estes cuidados, é que perguntou a Pitou como viera de Paris, e por que motivo, estando em Paris, encontrara ensejo de prestar socorro a Billot.

A coisa era muito simples: depois do desaparecimento de Catarina e do marido, a tia Billot, que nunca fora dotada de espírito muito vigoroso, caíra numa espécie de idiotismo, que fora gradualmente progredindo; vivia, mas de modo maquinal, e sempre que alguma mola da pobre máquina humana se afrouxava ou quebrava, iam-se-lhe as palavras tornando mais raras, até que acabou por não falar.

Afinal recolheu-se à cama, e o Dr. Raynal declarou que havia no mundo uma única coisa que tirasse a tia Billot daquele torpor mortal: era ver a filha.

Ouvindo isto, Pitou ofereceu-se para vir a Paris, ou antes, viera sem se oferecer.

Graças às compridas pernas do capitão da guarda nacional de Haramont, para ele não passavam de um passeio as dezoito léguas que separam da capital a pátria de Demoustier.

Efectivamente, Pitou saiu às quatro horas da manhã, e das sete para as oito da noite, estava em Paris, quase um impossível.

Era destino de Pitou ir a Paris na ocasião de graves acontecimentos.

Da primeira vez viera para assistir à tomada da Bastilha, e nela tomara parte: da segunda para assistir à federação de 1790, e da terceira chegava justamente no dia da matança do Campo de Marte.

Bailly e Lafayette, tinham mandado atirar contra o povo, e o povo amaldiçoava Bailly e Lafayette, alto e bom som.

Quando Pitou saiu da capital, deixara aqueles homens elevados à categoria de deuses e adorados. Encontrava-os agora derrubados dos seus altares e amaldiçoados.

Não compreendia nada do que via.

Compreendia unicamente que houvera no Campo de Marte luta e mortes, por causa de uma petição patriótica, e que Gilberto e Billot não deixariam de lá estar.

Conquanto Pitou, como vulgarmente se diz, tivesse as suas dezoito léguas no bucho, dobrou o passo e chegou à rua de Saint-Honoré a casa de Gilberto.

O leitor deve estar lembrado de que Billot residia na mesma casa.

O doutor recolhera-se a casa, mas ninguém vira Billot. Além disso o criado, que dava esclarecimentos à Pitou, dizia-lhe que o Campo de Marte estava juncado de mortos e feridos, notícia esta que admirara tanto a Pitou quanto o admirava que, sendo Bailly e Lafayette os dois ídolos do povo, mandassem fazer fogo sobre ele.

Pitou não podia acreditar que o Campo de Marte estivesse juncado de mortos e feridos.

Esse Campo de Marte, que ele com mais dez mil homens ajudara a nivelar, que a sua reminiscência lhe representava iluminado, ecoando com canções alegres e serenatas patrióticas, estava coberto de mortos e feridos, porque, à imitação do ano precedente, se pretendia ali festejar a tomada da Bastilha e o aniversário da federação!

Era impossível!

Como é que o que fora motivo de alegria e triunfo, se convertera em causa de rebelião e de carnificina?

Que espírito de vertigem se apoderara naquele ano das cabeças dos parisienses?

Já o dissemos: durante aquele ano, graças à influência de Mirabeau, graças à criação do *clube dos Bernardos*, graças ao apoio de Bailly e de Lafayette, e graças, sobretudo, à reacção que se operara depois do regresso de Varennes, a corte retomara o seu poder perdido, e esse poder manifestava-se pela mortandade e pelo luto.

O dia 17 de Julho vingava os dias 5 e 6 de Outubro.

Como dissera Gilberto, a realeza e o povo disputavam o bolo. Faltava saber quem o ganharia.

Já vimos de que modo, preocupado por todas aquelas idéias, nenhuma das quais pudera moderar-lhe a marcha, o nosso amigo Ângelo Pitou sempre uniformizado de capitão da guarda nacional de Haramont, chegara ao Campo de Marte pela ponte de Luís XV e pela rua de Grenelle, exactamente a tempo de impedir que Billot fosse julgado morto e o lançassem ao rio.

Devemos igualmente lembrar-nos de que Gilberto, estando com o rei, recebera o bilhete anónimo, no qual conhecera a letra de Cagliostro, e onde havia este período:

“Deixa, pois, esses dois condenados, que ainda por irrisão se chamam reis, e vai imediatamente ao hospital de Gros-Caillou; aí encontrarás um moribundo, menos doente que esses, porque aquele talvez o possas salvar, ao passo que esses, sem que o possas fazer, te arrastarão na queda!”

Gilberto, como já tivemos ocasião de dizer, tendo sabido pela Sr^a. Campan que a rainha, que o deixara com a promessa de voltar no mesmo instante, lhe mandava dizer que era inútil espera-la mais tempo, saiu prontamente das Tulherias, pôs-se a caminho, e seguindo quase a mesma direcção que Pitou, passou pelo Campo de Marte, entrou no hospital de Gros-Caillou, onde, acompanhado por dois enfermeiros, visitara todas as camas, todas as salas, corredores, vestíbulos e até o pátio, quando uma voz chamou por ele junto de um moribundo.

Sabemos que a voz era a de Pitou, e que o moribundo era Billot.

Já dissemos em que estado encontrara o digno lavrador e as eventualidades que apresentava a situação, eventualidades boas ou más, mas nas quais as más predominariam sobre as boas, se o ferido estivesse entregue a mãos menos hábeis do que as do Dr. Gilberto.

III

Catarina

Das duas pessoas que o Dr. Raynal julgara dever prevenir do estado sem esperança da Sr^a. Billot, uma achava-se retida na cama, num estado próximo da morte: era o marido. Só a outra podia ir assistir aos derradeiros momentos da agonizante: era a filha.

Tratava-se, pois, de informar Catarina do estado em que se achavam a mãe e o pai; mas aonde estava Catarina? Uma única pessoa o podia saber: era o conde de Charny.

Pitou fora recebido com tanta benevolência pela condessa, no dia em que da parte de Gilberto lhe levava o filho, que não hesitou em oferecer-se para ir à casa da rua de Coq-Héron, perguntar a morada de Catarina, embora estivesse muito adiantada a noite.

Efectivamente, davam onze horas e meia no relógio da Escola Militar, quando Gilberto e Pitou deixaram a cabeceira de Billot, depois de concluída a aplicação do primeiro tratamento.

Gilberto recomendou Billot aos enfermeiros: operado o tratamento, nada mais havia a fazer naquela casa do que deixar obrar a natureza; apesar disso, o doutor tencionava ir ver o doente no dia seguinte.

A carruagem do doutor esperava-o à porta do hospital. Gilberto meteu-se nela acompanhado por Pitou e ordenou ao cocheiro que passasse pela rua de Coq-Héron.

Todas as casas deste bairro estavam fechadas e não havia luz em parte nenhuma.

Pitou, que havia já tocado a campainha por espaço de um quarto de hora, e que ia passar a servir-se da aldrava, ouviu, finalmente, ranger, não a porta da rua, mas a porta da casa do porteiro, o qual, com voz rouca e pronunciada impaciência, perguntou:

– Quem está aí?

– Sou eu – respondeu Pitou.

– Mas quem é o senhor?

– Ah! É verdade! – Sou eu, Ângelo Pitou.

– Ângelo Pitou?... Não conheço.

– Capitão da guarda nacional.

– Capitão... Capitão... – repetiu o porteiro.

– Sim, capitão – repetiu Pitou, tornando assim mais saliente o título, cuja influência conhecia.

Com efeito, numa ocasião em que a guarda nacional, pela sua influência substituíra completamente o exército, o porteiro lembrou-se de que talvez estivesse falando com algum ajudante de ordens de Lafayette.

Em consequência disso, e com tom mais brando, mas aproximando-se apenas da porta, sem contudo a abrir, perguntou:

– Então o que pretende o Sr. capitão?

– Falar ao Sr. conde de Charny.

– Não está cá.

– Então quero falar à Sr^a. condessa.

– Também cá não está.

– Onde estão?

– Partiram esta manhã.

– Para onde?

– Para as suas terras de Boursonnes.

– Diabo! – disse Pitou, como que falando consigo mesmo – eram por certo eles que iam na carruagem de posta que encontrei em Dammartin. Se eu soubesse...

Mas Pitou não sabia, e por isso deixou passar o conde e a condessa.

– Meu amigo – disse o doutor intervindo naquele ponto do diálogo – poderá, na ausência

de seus amos, dar-nos alguns esclarecimentos?

– Certamente, e peço desculpa por não ter sido mais pronto, meu senhor – redargüiu o porteiro, o qual em consequência dos seus hábitos aristocráticos, conhecera pela voz que quem acabava de lhe falar era pessoa de boa qualidade.

E abrindo a porta, o bom do homem veio em ceroulas, e com o seu barrete de dormir na mão, *receber as ordens*, como se diz em estilo de criadagem, à portinhola da carruagem do doutor.

– Que esclarecimentos deseja o senhor? – perguntou o porteiro.

– Meu amigo – lhe perguntou Gilberto – conhece uma rapariga por quem o Sr. conde e a Sr^a. condessa devem ter algum interesse?

– A menina Catarina? – perguntou o porteiro.

– Essa mesma – redargüiu Gilberto.

– Sim, senhor. O Sr. conde e a Sr^a. condessa foram vê-la duas vezes, e muitas outras mandaram perguntar-lhe se precisava alguma coisa; mas a pobre mulher, posto que eu não a julgue muito rica, nem a ela, nem ao filho, que é filho de nosso Senhor, responde sempre que não precisa coisa nenhuma.

A estas palavras “filho de nosso Senhor” Pitou não pôde conter um suspiro.

– Pois bem, meu amigo – disse Gilberto – o pai da pobre Catarina foi hoje ferido no Campo de Marte, e a mãe está quase a morrer em Villers-Cotterets. Precisamos de comunicar-lhe estas tristes notícias. Quer dizer-nos onde ela mora?

– Pobre rapariga! Deus se compadeça dela! É muito desgraçada. Mora em Ville-d’Avray, Grande-Rue; não sei dizer-lhe o número da porta, mas a casa fica em frente ao chafariz.

– É o que me basta saber – disse Pitou: – eu a encontrarei.

– Agradeço-lhe, meu amigo – disse Gilberto, metendo um escudo de seis libras na mão do porteiro.

– Não era necessário isto, meu senhor – disse o bom do porteiro; – os cristãos devem auxiliar-se uns aos outros.

E fazendo uma respeitosa cortesia ao doutor, recolheu-se.

– Então? – perguntou Gilberto.

– Então – respondeu Pitou – parto para Ville-d’Avray.

Pitou estava sempre pronto para fazer jornadas.

– Sabes o caminho? – perguntou o doutor.

– Não sei, mas o senhor mo dirá.

– Tens um coração de ouro e umas pernas de aço – disse Gilberto rindo – mas vem descansar que amanhã irás.

– Mas o caso é urgente.

– Não há urgência, nem a respeito de um nem de outro – redargüiu o doutor – o estado de Billot é grave, mas, se não houver algum acontecimento imprevisto, não é mortal. Pelo que respeita à tia Billot, essa ainda pode viver dez ou doze dias.

– O Sr. Gilberto sabe isso melhor do que eu.

– Catarina não perde nada em lhe deixarem mais uma noite de ignorância e de repouso. Uma noite mais de descanso para os desgraçados, é coisa muito importante, meu caro Pitou.

O nosso Pitou resignou-se a esta última razão, e perguntou ao Dr. Gilberto:

– Aonde vamos agora?

– Para minha casa, onde encontrarás o teu antigo quarto.

– Tenho muito prazer em tornar a ver o meu quarto – disse Pitou rindo.

– E amanhã – continuou Gilberto – às seis horas da manhã, estará posta a carruagem.

– Para quê? – perguntou Pitou, que considerava os cavalos e a carruagem objectos de luxo.

– Para te transportar a Ville-d’Avray.

– Por quê? Daqui lá são porventura algumas cinquenta léguas?

– Não, são apenas duas ou três – disse Gilberto, a quem passavam por diante dos olhos,

como um reflexo de mocidade, os passeios que dava com o seu mestre Rousseau pelos bosques de Luciennes, de Meudon e de Ville-d'Avray.

– Então – disse Pitou – isso para mim é negócio para uma hora; três léguas, Sr. Gilberto, andam-se como quem bebe um ovo.

– Mas – perguntou Gilberto – julgas que a Catarina possa caminhar as três léguas de Ville-d'Avray a Paris e depois as dezoito léguas de Paris a Villers-Cotterets como quem engole um ovo?

– Isso é verdade – disse Pitou – desculpe-me, Sr. Gilberto, eu é que sou um pateta. A propósito, como vai o Sebastião?

– Maravilhosamente; amanhã o verás.

– Continua a estar em casa do abade Bérardier?

– Continua.

– Ainda bem, tenho muito prazer nisso.

– E ele também, Pitou, porque assim como eu, é teu amigo do coração.

E com esta certeza, o doutor e Ângelo Pitou pararam à porta da rua de Saint-Honoré.

Pitou dormiu na maior paz do espírito, isto é, do mesmo modo que andava, que comia e que se batia: enfim da melhor vontade; mas quando eram cinco horas da manhã já estava a pé, graças ao hábito de se levantar cedo, que adquirira no campo.

Às seis horas estava pronta a carruagem. Às sete já ele batia à porta de Catarina. Ajustara com o Dr. Gilberto estar à cabeceira de Billot quando fossem oito horas. Catarina veio abrir a porta e soltou um grito quando viu Pitou.

– Ah! – disse ela – minha mãe morreu!

E empalidecendo encostou-se à parede.

– Ainda não morreu – disse Pitou – mas, Sr^a. Catarina, se a quer ver antes de morrer, não se demore nem mais um instante.

Nestas poucas palavras, que os dois trocaram entre si, disseram tantas coisas, que ficava suprimido qualquer preliminar, e Catarina desde logo se viu face a face com a sua desgraça.

– E há mais outra desgraça ainda – continuou Pitou.

– Qual é? – perguntou Catarina com o tom breve e quase indiferente de uma criatura, que tendo tocado a meta das dores humanas, já não receia vê-las aumentar.

– O Sr. Billot foi ontem perigosamente ferido no Campo de Marte.

– Ah! – exclamou Catarina.

Mas era evidente que a pobre rapariga sentia muito menos esta notícia do que a primeira.

– E eu então – continuou Pitou – disse comigo, e foi também a opinião do Dr. Gilberto: “A Sr^a. Catarina fará de passagem uma visita ao Sr. de Billot, que foi transportado para o hospital de Gros-Caillou, e em Paris tomará a diligência de Villers-Cotterets”.

– E o Sr. Pitou o que faz? – perguntou Catarina.

– Eu? Entendi que, indo a senhora ajudar a morrer a Sr^a. Billot, me cumpria ficar junto do Sr. Billot para o ajudar a alcançar a vida. Conservo-me ao pé daquele que não tem ninguém: a senhora bem me percebe.

Pitou anunciou estas palavras com a sua angélica ingenuidade, sem pensar que nessas palavras fazia a história completa da sua dedicação. Catarina estendeu-lhe a mão e disse:

– Tem um excelente coração, Pitou; venha dar um beijo ao meu pobre Isidoro.

E caminhou adiante dele, porque a curta cena que acabamos de referir se passara à porta da rua.

A pobre Catarina, vestida de luto como estava, era mais bela do que nunca. Esta circunstância fez com que Pitou soltasse novo suspiro.

Catarina precedeu o mancebo num pequeno quarto, que deitava para o jardim: naquele quarto, que com uma cozinha e uma saleta, completava os aposentos de Catarina, havia um leito e um berço. O leito era da mãe e o berço do filho.

A criança estava dormindo. Catarina correu uma cortina de gaze e pôs-se de modo que

Pitou pudesse mergulhar a vista no berço.

– Oh! Que lindo anjinho! – exclamou Pitou, juntando as mãos.

E como se realmente estivesse diante de um anjo, ajoelhou e beijou a mão da criança.

Pitou foi prontamente recompensado por este acto, porque sentiu flutuarem-lhe sobre o rosto os cabelos de Catarina e pousaram-lhe os lábios dela na testa.

A mãe restituiu o beijo que fora dado ao filho.

– Obrigado, meu bom Pitou – disse ela; – desde o último beijo que esta criança recebeu do pai, ainda ninguém mais a beijou se não eu.

– Oh! Sr^a. Catarina – resmungou Pitou deslumbrado e comovido pelo beijo que recebera, como se fora tocado por uma faísca eléctrica.

Todavia, aquele beijo compunha-se simplesmente de tudo que há de mais santo, de mais grato e de mais terno no amor de uma mãe.

IV

A filha e o pai

Dez minutos depois, Catarina, Pitou e o pequeno Isidoro corriam pela estrada de Paris na carruagem do Dr. Gilberto.

A carruagem parou à porta do hospital de Gros-Caillou.

Catarina apeou-se, pegou no filho ao colo e acompanhou Pitou.

Chegada à porta do quarto, perguntou:

– Não me disse que encontraríamos o Dr. Gilberto junto do leito de meu pai?

– Disse sim, Sr^a. Catarina – respondeu Pitou.

Em seguida, entreabrindo a porta, disse para a sua companheira:

– Efectivamente lá está o doutor.

– Saiba se eu posso entrar sem receio de lhe causar uma comoção muito forte.

Pitou entrou no quarto, interrogou o doutor, e quase imediatamente veio ter com Catarina.

– O choque causado pela cutilada foi tal – disse o doutor – que ainda não conhece ninguém.

Catarina ia entrar com o filho ao colo.

– Dê-me o seu filho Sr^a. Catarina – disse Ângelo Pitou.

Catarina hesitou um momento.

– Pode confiá-lo de mim; é o mesmo que se estivesse nos seus braços.

– Tem razão – disse Catarina.

E do mesmo modo que se haveria com o pai, e talvez ainda com mais confiança, entregou o menino a Ângelo Pitou, que se dirigiu com passo firme para o quarto, caminhando direito à cama do doente.

O Dr. Gilberto estava à cabeceira do ferido, como já dissemos.

Pouca mudança houvera no estado do doente. Estava assentado, como na véspera, com as costas encostadas a travesseiros, e o doutor com uma esponja molhada em água e que apertava na mão, umedecia os parches que uniam o aparelho posto sobre a ferida e o rosto, apesar do começo de uma febre inflamatória bem caracterizada, em virtude da grande quantidade de sangue que ele perdera, estava de uma palidez mortal; o olho e uma parte da face esquerda estavam muito inchados.

À primeira impressão da frescura, o enfermo balbuciara algumas palavras soltas, entreabrindo os olhos; mas a violenta tendência para o sono, a que os médicos chamam *coma*, novamente lhe cortara logo a palavra e fechara os olhos.

Catarina, chegando ao leito, deixou-se cair de joelhos, ergueu as mãos ao Céu e disse:

– Ó meu Deus! Vós sois testemunha de que vos peço a vida de meu pai, do íntimo do coração.

Era tudo quanto podia fazer uma filha em favor do pai, que quisera matar-lhe o amante.

À voz dela, um estremecimento agitou o corpo do enfermo, a respiração tornou-se-lhe mais freqüente, abriu os olhos, e depois de ter olhado em volta de si, como para procurar donde tinha vindo a voz, fitou-os em Catarina.

Fez um movimento com a mão como para repelir semelhante aparição, que o ferido tomara decerto por uma visão de febre.

O olhar de Catarina cruzou-se com o do pai, e Gilberto viu com uma espécie de terror quebrarem-se, uma na outra, duas chamas, que mais se assemelhavam a duas faíscas de ódio, do que a dois raios de amor.

Em seguida a isto, Catarina ergueu-se, seguindo no mesmo passo com que entrara, e foi ter com Pitou.

Pitou estava de gatas e brincava descuidadamente com o menino.

Catarina tomou a criança nos braços com tal violência, sem dúvida mais própria da leoa do que do amor da mulher, e apertou-o contra o peito, exclamando:

– Ó meu filho! Ó meu filho!

Nesse brado se continham todas as agonias da mãe, todas as lamentações da viúva, e todos os desgostos da mulher.

Pitou quis acompanhar Catarina até à estação da diligência, que partia às dez horas da manhã, mas ela não quis aceitar o oferecimento.

– Não – lhe respondeu ela – já me disse que o seu lugar era junto de quem está só. Portanto, Pitou, peço-lhe que fique.

E empurrou-o brandamente para dentro do quarto.

Pitou só sabia obedecer às ordens de Catarina.

Enquanto Pitou se aproximava da cama de Billot, e este, ao ruído do passo um pouco pesado do capitão da guarda nacional abria os olhos, sucedendo-se-lhe na fisionomia uma expressão de benevolência à impressão de ódio que lhe despertara o aspecto da filha, como uma nuvem de tempestade, Catarina descia a escada, e com o filho ao colo, seguia pelo arrabalde de Saint-Denis, em direcção à hospedaria do *Plat-d'Étain*, donde partia a diligência de Villers-Cotterets.

Os cavalos estavam atrelados, o postilhão já estava montado; na diligência havia um só lugar dentro.

Catarina tomou-o para si.

Oito horas depois, a carruagem parava na rua de Soissons.

Eram seis horas da tarde, isto é, era ainda dia muito claro.

Se ainda fosse solteira, se Isidoro ainda vivesse, e Catarina viesse ver a mãe de boa saúde, mandaria, por certo, parar a carruagem no fim da rua de Lagny, teria feito um rodeio pela cidade, e chegaria a Pisseleux sem que ninguém a visse, porque se teria envergonhado.

Mas agora, viúva e mãe, nem sequer pensou nos dizeres de província; por isso apeou-se desembaraçadamente e sem receio; o luto que vestia e o seu querido filho, pareceram-lhe mais que suficientes para desviarem dela a injúria e o desprezo.

A princípio ninguém a conheceu; estava tão pálida e tão mudada, que não parecia a mesma mulher, e o que a tornava ainda mais desconhecida, era o ar de distinção que adquirira no contacto com um homem distinto. Por isso só uma pessoa a conheceu, e já ela ia muito longe.

Foi a tia Angélica.

A tia Angélica estava ao pé da casa da municipalidade e conversava com mais duas ou três mulheres, acerca do juramento que exigiam aos padres, declarando que ouvira dizer ao abade Fortier que nunca prestaria juramento aos Jacobinos nem à revolução, e que lhe seria mais fácil sujeitar-se ao martírio do que curvar a cabeça ao jugo revolucionário.

– Ai! – bradou ela de súbito, interrompendo-se no meio do seu discurso – Jesus, meu

Deus! Aquela é a Billot e mais o filho, que se apearam da carruagem!

– A Catarina? A Catarina? – repetiram muitas vozes.

– É ela! Olhem, não vêem? Lá se vai esgueirar pela travessa.

A tia Angélica enganava-se; Catarina não fugia, mas tinha pressa de chegar ao pé da mãe, e por isso caminhava a passo largo. Catarina tomara pela travessa, por ser o caminho mais curto.

Ouvindo a exclamação da tia Angélica e das suas vizinhas, muitas crianças correram atrás da rapariga, e logo que a alcançaram, disseram:

– É verdade! É a Sr^a. Catarina!

– Sim, meus filhos, sou eu – redargüiu Catarina com brandura.

E como fora sempre muito estimada, principalmente pelas crianças, a quem, quando não tinha outra coisa que dar, fazia muitas festas, as crianças disseram-lhe com a sua graça infantil:

– Muito boa tarde, Sr^a. Catarina.

– Muito boa tarde, meus filhos. Minha mãe ainda não morreu, não é verdade?

– Ainda não.

E outra criança acrescentou:

– O Sr. Raynal diz que ela ainda pode viver mais uns oito ou dez dias.

– Agradeço-lhes, meus meninos – disse Catarina – e continuou o seu caminho, depois de lhes ter dado algum dinheiro.

As crianças voltaram.

– Então – perguntaram as mulheres com a maior curiosidade.

– É ela! É ela! Não há que duvidar – responderam as crianças – e a prova é que nos pediu notícias da mãe e deu-nos isto.

E mostraram o dinheiro que receberam.

– Parece que o que ela vendeu se vende caro em Paris – disse a tia Angélica – de outro modo não poderia dar assim pratas às crianças que correm atrás dela.

A tia Angélica não gostava de Catarina Billot. Catarina Billot era moça e bonita, e a tia Angélica era velha e feia; Catarina Billot era alta e bem feita, e a tia Angélica era baixa e coxa; e daí fora em casa de Billot que Ângelo Pitou encontrara asilo quando a tia Angélica o expulsou de casa, e fora Billot que, no dia da declaração dos direitos do homem, tinha ido buscar o abade Fortier para o obrigar a dizer missa no altar da pátria.

Estas razões, de si já suficientes, juntas à aspereza do carácter, faziam com que a tia Angélica aborrecesse os Billot em geral e Catarina em particular.

E quando a tia Angélica odiava alguém, era deveras; era ódio de beata.

Correu a casa da Sr^a. Adelaide, sobrinha do abade Fortier, e anunciou-lhe a notícia.

O abade Fortier estava ceando uma carpa, que fora pescada nas lagoas de Wallue, e tinha diante de si um prato de ovos e outro de espinafres.

Era dia de jejum.

O abade Fortier tomara a aparência inflexível e ascética de um homem que esperava o martírio a cada momento.

– Que mais temos de novo? – perguntou ele ouvindo cochichar as duas mulheres no corredor. – Vêm buscar-me para confessar o nome de Deus?

– Ainda não, meu querido tio – respondeu Adelaide – foi a tia Angélica (todos davam este tratamento à velha), que veio noticiar-me mais um escândalo.

– Estamos num tempo em que o escândalo corre as ruas – disse o abade Fortier; – que novo escândalo há, tia Angélica?

A este tempo a Sr^a. Adelaide introduzia a alugada de cadeiras à presença do abade.

– Um seu criado – Sr. abade – disse a velha.

– Uma sua criada, é que devia dizer, tia Angélica – replicou o abade, que não podia renunciar os seus hábitos pedagógicos.

– Sempre ouvi dizer criado – redargüiu a velha – e repito o que ouço dizer; desculpe-me, se o ofendi, Sr. abade Fortier.

– Não foi a mim que ofendeu, tia Angélica, ofendeu a sintaxe.
– Pois eu lhe pedirei as minhas desculpas a primeira vez que a encontrar – respondeu humildemente a tia Angélica.

– Está bom, tia Angélica, está bom; quer beber um copo de vinho?

– Muito agradecida, Sr. abade Fortier; eu nunca bebo vinho.

– Pois faz mal, o vinho não é proibido pelos cânones da Igreja.

– Não é porque seja ou não proibido, que não o bebo, é porque cada garrafa custa nove soldos.

– Ainda continua a ser avarenta, tia Angélica? – perguntou o abade Fortier recostando-se comodamente na poltrona.

– Jesus, Sr. abade! Que remédio há senão ser avarenta quando se é pobre!

– Pois sim, diga que é pobre; e o aluguer das cadeiras, que lhe cedo de graça, tia Angélica, quando qualquer me daria cem escudos por ele?

– Ai, Sr. abade! Que poderia qualquer tirar dali, se mal dá para a água?!

– Por isso eu lhe ofereço um copo de vinho, tia Angélica.

– Aceite – disse a Sr^a. Adelaide; – se não aceita meu tio zanga-se.

– Pois acredita que se eu não aceitar o seu tio se zangará comigo? – disse a tia Angélica, que estava morrendo por aceitar.

– Por certo.

– Então, Sr. abade, só uma gotinha, para não lhe fazer desfeita.

– Ora ainda bem! – disse o abade Fortier enchendo um copo de magnífico borgonha, puro como um rubi. – Beba isso, tia Angélica, que quando contar as lours, há-de parecer-lhe que tem o dobro.

A tia Angélica ia levar o copo aos beiços, mas deteve-se dizendo:

– Lours! O Sr. abade não diga semelhante coisa, porque, santo como é, haviam de acreditá-lo.

– Vá sempre bebendo, tia Angélica.

A tia Angélica, como para fazer a vontade ao abade, molhou os beiços no copo, e fechando os olhos bebeu beatificamente um terço do líquido contido no copo, estremecendo seguidamente.

Depois, lambendo os beiços, disse:

– É muito forte! Não sei como há quem beba vinho puro.

– E eu – retorquiu o abade – não sei como há quem deite água no vinho: mas isso tia Angélica, não fará com que eu diga que tem uma boa melgueira.

– Oh! Sr. abade! Sr. abade! Por Deus, não diga semelhante coisa! Eu nem as minhas contribuições, que importam anualmente em três libras e dez soldos, posso pagar.

E dizendo isto, a tia Angélica bebeu mais alguns golos de vinho.

– Sim, bem sei que diz isso, mas parece-me que no dia em que der a alma a Deus, se o seu sobrinho Ângelo Pitou procurar bem, há-de achar dentro de algum pé de meia dinheiro suficiente para comprar toda a rua de Pleu.

– Ó Sr. abade! Sr. Abade! Se continua a dizer isso faz com que me assassinem os ladrões, que queimam as herdades e destroem as searas; porque, confiando na palavra de um santo homem, como o Sr. abade é, acreditarão que eu sou rica. Jesus, santo nome de Deus! Que grande desgraça!

E com os olhos lubrificados por uma lágrima de satisfação, bebeu o resto do vinho.

– Então? – disse o abade, continuando com o seu ar chocarreiro – parece-me que a tia Angélica se costumaria facilmente a este vinhito?

– É muito forte – respondeu a velha.

O abade tinha quase acabado de cear.

– Ora vamos a saber – perguntou – qual é então o novo escândalo que perturba Israel?

– Sr. abade, chegou agora mesmo na diligência a Billot com o filho.

– Ah! Ah! – disse o abade – julguei que tivesse metido o filho na roda.
– E fazia muito bem – redargüiu a tia Angélica – se assim fizesse, não teria a criança que envergonhar-se a todo o tempo da mãe.
– Ora aí está a instituição encarada debaixo de novo ponto de vista – disse o abade. – Então o que vem ela cá fazer?
– Parece que vem ver a mãe, porque perguntou aos rapazes se ainda vivia.
– Sabe que mais, tia Angélica – disse o abade com um mau sorriso – a tia Billot esqueceu-se de se confessar este ano.
– Ah! Sr. abade – respondeu a velha – a culpa não é dela; parece que a pobre mulher perdeu o juízo há três ou quatro meses; mas enquanto a filha lhe não deu tantos desgostos foi sempre mulher devota e muito temente a Deus, e quando vinha à igreja tomava sempre duas cadeiras, uma para se assentar e a outra para pôr os pés.
– E o marido? – perguntou o abade com os olhos faiscando de cólera – o cidadão Billot, o vencedor da Bastilha, quantas cadeiras tomava?
– Não sei – respondeu ingenuamente a tia Angélica; – ele nunca entrava na igreja, é bem certo; mas quanto à mulher...
– Está bom está bom – disse o abade – ajustaremos as contas no dia do enterro.
Depois fazendo o sinal da cruz:
– Rezem comigo minhas irmãs.
As duas velhas persignaram-se e rezaram com ele devotamente.

V

A filha e a mãe

Durante este tempo, Catarina continuava o seu caminho.
Ao sair da travessa, tomou à esquerda, seguiu pela rua de Lormet, no fim da qual tomou por um atalho, que através do campo, ia dar ao caminho de Pisseleux.
Tudo naquele caminho exibia a Catarina uma recordação dolorosa. Em primeiro lugar fora na ponte de Pisseleux, que Isidoro se despedira dela e que ficara desfalecida até que Pitou a encontrou fria e gelada.
Depois, e aproximando-se da herdade, lá estava o salgueiro carcomido, onde Isidoro escondia as cartas.
Aproximando-se mais, lá estava a janela por onde Isidoro entrava, e donde Billot disparara sobre o mancebo, naquela noite em que felizmente, a espingarda falhara.
Finalmente, defronte da porta grande da herdade ficava o caminho de Boursonnes, por onde Catarina andara tantas vezes e que tão seu conhecido era. Por aí é que Isidoro vinha.
Quantas vezes à noite, encostada àquela janela, com os olhos fixos na estrada, o esperara ansiosa, e distinguindo-o depois na sombra, sempre exacto, sempre fiel, sentia descerrar-se-lhe o peito e abri-la os braços para o receber? Hoje estava morto, mas ao menos ela com os dois braços apertava o filho contra o peito.
Que dizia pois toda aquela gente, ao falar da sua desonra e da sua vergonha? Para uma mãe não podia ser nunca um objecto de opróbrio nem de desonra uma criança tão bela.
Por isso ela entrou rapidamente e sem receio na herdade. Quando passava, um cão muito grande ladrou, mas de repente, conhecendo a dona, aproximou-se dela a todo o comprimento da cadeia que o prendia e deitou-se de costas com as patas erguidas para o ar, soltando alegres latidos.
Um homem à porta, que aos latidos do cão apareceu, vinha ver o que dava causa a que o cão ladrasse.
– Ah! É a Sr^a. Catarina – bradou ele.

– O tio Clouis! – disse Catarina, conhecendo-o.
– Bem-vinda seja, minha querida menina – disse o velho guarda – a casa tem agora muita necessidade da sua presença.

– E minha pobre mãe? – perguntou Catarina.

– Ah! Não está melhor nem pior, se é que não está pior; a pobre mulher vai-se finando.

– Onde está ela?

– No quarto.

– Está só?

– Não, não e não, isso nunca eu havia de consentir; desculpe, menina, mas na ausência de todos, fiz um pouco de dono de casa, enquanto a menina esteve na minha pobre choupana. Esta circunstância quase que me constituiu da família; eu queria-lhe tanto, menina, e também ao pobre do Sr. Isidoro!

– Então já soube? – perguntou Catarina limpando os olhos.

– Soube que foi morto por causa da rainha, assim como o Sr. Jorge. Enfim, menina, que quer? Deixou-lhe essa linda criança, não é verdade? Cumpre que chore por ele, mas que sorria para o seu filho.

– Obrigado, tio Clouis – disse Catarina estendendo a mão para o velho guarda. – Mas minha mãe?

– Está no quarto, como já disse, com a Sr^a. Clément, que é a mesma enfermeira que tratou da menina.

– E... – perguntou Catarina hesitando – a minha pobre mãe ainda conhece quem lhe fala?

– Algumas vezes parece que sim, mas é quando ouve pronunciar o seu nome, Sr^a. Catarina. É um grande recurso e que produziu efeito até antes de ontem. De antes de ontem para cá é que não conhece ninguém, ainda que lhe falem na menina.

– Entremos, entremos tio Clouis – disse Catarina.

– Entre, menina – disse o velho guarda abrindo a porta da alcova da Sr^a. Billot.

Catarina fitou os olhos na alcova.

Ali estava a mãe, deitada num leito com cortinas de sarja verde, alumiada por um candeeiro de três bicos, desses que ainda se encontram em algumas herdades, e acompanhada, como dissera Clouis, pela Sr^a. Clément. Esta estava assentada numa grande cadeira de braços, dormitando no estado de sonolência peculiar dos enfermeiros, e que é um meio termo de sonambulismo entre a vigília e o sono.

A doente não mostrava mudança, mas a cor do rosto revestira-se da palidez do marfim; podia dizer-se que estava dormindo.

– Minha mãe, minha mãe – bradou Catarina, precipitando-se sobre a cama.

A doente abriu os olhos, fez um movimento com a cabeça para o lado de Catarina, brilhou-lhe nos olhos um raio de inteligência, os lábios moveram-se-lhe e balbuciaram alguns sons inarticulados, que nem sequer chegavam a formar palavras sem nexo, e levantou a mão, procurando completar pelo tacto os sentidos quase extintos da vista e do ouvido. Mas aquele esforço não produziu efeito, o movimento cessou, os olhos fecharam-se-lhe, o braço descaiu-lhe, como um corpo inerte, sobre a cabeça de Catarina, que estava ajoelhada junto do leito da mãe, e a enferma tornou a entrar na imobilidade, de que momentaneamente saíra pelo abalo galvânico que lhe causara a voz da filha.

Das duas letargias do pai e da mãe, saíram dois sentimentos opostos, como se fossem dois raios que partissem de dois horizontes contrários.

Billot saíra do torpor para repelir Catarina para longe de si.

A mãe saíra do letargo para atrair Catarina para junto de si.

A chegada de Catarina produziu uma revolução na herdade.

Quem se esperava era Billot e não a filha.

Catarina referiu o que acontecera a Billot, e de que modo o pai em Paris estava tão próximo da morte, como a mãe em Pisseleux.

Porém era evidente que cada um dos moribundos seguia caminho diferente.

Billot caminhava da morte para a vida, a mulher caminhava da vida para a morte.

Catarina entrou no seu antigo quarto. Para ela havia muitas lágrimas nas saudades que lhe despertava aquela casa, onde passara os mais belos sonhos de criança, as paixões ardentes da juventude, e aonde regressava com o coração despedaçado da viúva.

A contar daquele momento, Catarina retomou naquela casa, que estava em confusão, toda a autoridade que lhe fora uma vez conferida pelo pai, em detrimento da autoridade da mãe.

O tio Clouis, depois de lhe agradecerem e recompensarem os seus cuidados voltou para a sua choupana de pedra, como ele lhe chamava.

No dia seguinte veio o Dr. Raynal.

Costumava vir todos os dias, mais por um sentimento de consciência do que por um sentimento de esperança: sabia muito bem que não tinha nada mais que fazer e que era impossível a qualquer esforço humano salvar aquela vida, que se extinguía como uma lâmpada, que vai gastando o resto do azeite.

O doutor ficou muito satisfeito com a chegada de Catarina.

Tratou da grande questão, que não se atrevera a propor a Billot, isto é, falou nos sacramentos.

Bem sabemos que Billot era um entusiasta da escola de Voltaire.

Não que o Dr. Raynal fosse dotado de uma devoção exemplar; pelo contrário, ao espírito do seu tempo, juntava o espírito da ciência.

Ora, se o tempo ainda conservava dúvida, a ciência já negava absolutamente.

Entretanto o Dr. Raynal, em circunstâncias análogas àquelas em que se achava, olhava como um dever prevenir os parentes dos enfermos.

Os parentes, que eram religiosos, aproveitavam o conselho e mandavam chamar um padre.

Os parentes ímpios, se algum sacerdote se lhe apresentava em casa, mandavam dar-lhe com a porta na cara.

Catarina era religiosa.

Ignorava as dissensões que houvera entre Billot e o abade Fortier, ou antes não dera muita importância ao acontecimento.

Mandou a Sr^a. Clément a casa do abade Fortier pedir-lhe que viesse prestar os últimos socorros espirituais a sua mãe.

Como Pisseleux era terra muito pequena para ter freguesia e prior, era sujeita à paróquia de Villers-Cotterets, e era no cemitério dessa terra que sepultavam as pessoas que faleciam em Pisseleux.

Uma hora depois, a campainha do Viático ecoava diante da porta da herdade.

O Santíssimo Sacramento foi recebido com toda a devoção.

Apenas, porém, o abade Fortier entrou na alcova da doente, e viu que a pessoa para quem fora chamado não falava, não via nem ouvia, declarou que não dava absolvição senão às pessoas que pudessem confessar-se, e apesar de todas as instâncias que se fizeram, saiu bruscamente com o Viático.

O abade Fortier era sacerdote da escola sombria e terrível; teria sido S. Domingos em Espanha e Valverde no México.

Não havia outro padre a quem se pudesse dirigir.

Já dissemos que Pisseleux ficava nos limites da freguesia do abade, e nenhum padre das circunvizinhanças se atrevera a usurpar os direitos dele.

Catarina era dotada de alma piedosa e terna, mas ao mesmo tempo tinha bom senso; por isso não deu à recusa do abade a maior importância, esperando que Deus seria mais indulgente do que o ministro em favor da moribunda.

Continuou a desempenhar os deveres de filha para com sua mãe e os deveres de mãe para com o filho, dividindo-se completamente pela alma nova que entrava na vida e pela alma cansada

que se despedia da terra.

Por espaço de oito dias e oito noites não deixou o leito da mãe senão para se dirigir ao berço do filho.

Na noite do oitavo para o nono dia, enquanto velava à cabeceira da moribunda, que semelhante a um batel que soçobra e cada vez mais se some no mar a pouco e pouco se sumia na eternidade, abriu-se a porta da alcova e Pitou apareceu entre portas.

Chegava de Paris, de onde partira de manhã a pé, segundo o seu costume.

Catarina estremeceu quando o viu.

Receou por um instante que o pai tivesse morrido.

Mas a fisionomia de Pitou, sem que fosse positivamente alegre, não era de quem trazia notícias fúnebres.

Havia quatro ou cinco dias que Billot adquirira melhoras progressivas. O doutor dava-o livre de perigo, e na manhã em que Pitou saiu de Paris devia ser transferido do hospital de Gros-Caillou para casa de Gilberto.

Logo que cessou o estado perigoso de Billot, Pitou fez a sua declaração formal de voltar a Pisseleux.

Não era por Billot que ele temia, era por Catarina, e previa o momento em que se diria a Billot o que ainda não tinham querido dizer-lhe, isto é, o estado em que se achava sua mulher.

Estava convencido de que, assim que Billot o soubesse, embora estivesse muito fraco, partiria imediatamente para Villers-Cotterets.

E o que aconteceria se ele encontrasse Catarina na herdade?

O Dr. Gilberto não lhe ocultara o efeito que produzira no doente, tanto a entrada de Catarina como a sua demora momentânea junto do leito dele.

Era evidente que aquela visão se lhe conservara profundamente gravada no espírito, do mesmo modo que fica impressa na memória a recordação de um sonho aflitivo.

À medida que fora recuperando a razão, o ferido lançara em volta de si alguns olhares que passaram a pouco e pouco da inquietação ao ódio. É que esperava talvez que a visão fatal lhe tornasse a aparecer de um momento para o outro.

Não dissera uma palavra sequer nem uma única vez pronunciara o nome de Catarina; porém o Dr. Gilberto era um observador muito profundo, e tudo adivinhara, tudo lera.

Por conseqüência, logo que viu Billot convalescente; mandou Pitou à herdade.

Encarregava-o de afastar Catarina. Para chegar a esse resultado, Pitou tinha a seu favor dois ou três dias, porque antes desse tempo o doutor não queria arriscar-se a noticiar ao convalescente a má nova de que Pitou fora portador.

Pitou deu parte das suas apreensões a Catarina, com toda a angústia que o carácter de Billot lhe inspirava; mas Catarina declarou que, embora o pai a matasse à cabeceira do leito da moribunda, não sairia dali sem ter primeiramente fechado os olhos de sua rica e santa mãe.

Pitou lamentou profundamente semelhante resolução, mas não encontrou uma palavra para combatê-la.

Conservou-se pois resolvido, sendo necessário, a intervir entre o pai e a filha.

Decorreram ainda dois dias e duas noites, durante as quais parecia que a vida da Sr^a. Billot se esvaía a cada instante.

Havia já dois dias que a doente não tomava alimento, e sustentavam-na introduzindo-lhe na boca, de quando em quando, uma colher de xarope.

Ninguém acreditava que um corpo pudesse sustentar-se com semelhante recurso.

Aquele corpo tinha já pouca vida!

Durante a noite do décimo para o undécimo dia, quando pareciam já extintas as forças vitais, a doente mostrou reanimar-se, moveu os braços, agitou os beíços e abriu os olhos.

– Minha mãe! Minha mãe! – bradou Catarina.

E precipitou-se para a porta para ir buscar o filho.

Dir-se-ia que Catarina levava a alma de sua mãe consigo: quando tornou a entrar na

alcova com o filho ao colo, a moribunda fez um movimento para se voltar para o lado da porta.

Os olhos continuaram a estar abertos e fixos.

Quando Catarina regressou, os olhos da doente relampejaram.

Um momento depois, deu um grito e estendeu os braços.

Catarina caiu de Joelhos com o filho diante do leito de sua mãe.

Operou-se então um fenómeno singular: a Sr^a. Billot ergueu-se sobre o travesseiro, estendeu lentamente os braços sobre a cabeça de Catarina e do neto, e com um esforço semelhante ao do jovem Átis, filho de Crespo, disse:

– Meus filhos, eu vos abençôo.

Tornou a cair sobre o travesseiro, os braços perderam a força, a voz extinguiu-se-lhe.

Estava morta.

Só os olhos se lhe conservavam abertos, como se a pobre mulher, não tendo visto bastante a filha enquanto viva, quisesse olhar ainda para ela do outro lado da sepultura.

VI

Em que o abade Fortier leva a efeito a ameaça que fizera à tia Angélica

Catarina fechou piedosamente os olhos da mãe, primeiramente com as mãos e depois com os lábios.

A Sr^a. Clément havia muito tempo que previra o momento supremo e comprara duas velas.

Enquanto Catarina, debulhada em lágrimas, levava para o seu quarto o filhinho, que chorava, e o adormecia dando-lhe o peito, a Sr^a. Clément acendia as velas aos lados da cabeceira do leito, cruzava os braços sobre o peito da finada, metia-lhe um crucifixo entre as mãos e colocava sobre uma cadeira um vaso cheio de água benta com um ramo de buxo do último domingo de Ramos.

Quando Catarina entrou, só teve que ajoelhar junto do leito da mãe, com o seu livro de orações.

Durante este tempo Pitou encarregava-se dos outros serviços fúnebres. Não se atrevendo, porém, a ir a casa do abade Fortier, pelas razões que sabemos, foi a casa do sacristão para encomendar a missa do corpo presente e falar a todas as demais pessoas que se encarregam dos enterros.

Feito isto, dirigiu-se a Haramont para prevenir o seu tenente Desiré Maniquet, o seu alferes e os seus trinta e um soldados da guarda nacional, de que o enterro da Sr^a. Billot se realizaria no dia imediato pelas onze horas da manhã.

Como não havia razão que autorizasse os convites, nem aos empregados civis, nem à força da guarda nacional ou de linha, a comunicação de Pitou aos homens do seu comando foi oficiosa e não oficial: foi um convite e não uma ordem para assistirem ao enterro.

Mas os actos cometidos por Billot em favor da revolução eram muito notórios e tinham entusiasmado toda a gente da povoação. Era igualmente conhecido o perigo que corria naquela mesma ocasião, deitado no seu leito de dor, porque fora ferido defendendo a santa causa, e por isso o convite foi considerado como uma ordem; toda a guarda nacional de Haramont prometeu ao seu chefe ir voluntariamente armada, no dia seguinte, às onze horas em ponto, a casa da finada.

À tarde Pitou estava de volta à herdade, a cuja porta encontrou o carpinteiro que trazia o caixão.

Pitou possuía por instinto todas as delicadezas do coração, que raras vezes se encontram

nos homens do campo, e até nas pessoas de alta sociedade. Mandou o carpinteiro esconder o caixão na cocheira e entrou só para evitar que Catarina visse o caixão fúnebre e ouvisse o ruído terrível do martelo.

Catarina orava junto do leito de sua mãe. O cadáver tinha sido lavado e amortalhado por duas mulheres, que piedosamente se encarregaram dessa tarefa.

Pitou relatou a Catarina em que empregara aquele dia e aconselhou-a a que tomasse um pouco de ar.

Catarina, porém, queria cumprir até ao fim os últimos deveres e não aceitou o conselho.

– Se não sair – disse Pitou – prejudica o seu filhinho.

– Pois leve-o daqui o Sr. Pitou e faça-o tomar um pouco de ar.

Era necessário que Catarina tivesse muita confiança em Pitou para lhe confiar o filho, ainda que só fosse por cinco minutos.

Pitou saiu em sinal de obediência, mas, passados cinco minutos estava de volta.

– O menino não quer ir comigo e chora.

Efectivamente como as portas estavam abertas, Catarina ouviu os gritos do filho.

Beijou a fronte do cadáver, de que a forma e quase que até as feições se distinguiam através do véu, e dividida entre os dois sentimentos de filha e de mãe, deixou a mãe para ir acudir ao filho.

Efectivamente o pequenito Isidoro chorava. Catarina pegou nele ao colo e saiu da herdade acompanhada por Pitou.

Atrás deles entraram o carpinteiro e o caixão.

Pitou queria que Catarina estivesse ausente, ao menos um quarto de hora, e como por acaso, conduziu-a pelo caminho de Boursonnes.

Este caminho era tão abundante de recordações para a pobre rapariga, que ela andou meia légua sem dizer uma só palavra a Pitou, que quando julgou concluídos os preparativos funerários, disse:

– Sr.^a. Catarina, quer que voltemos à herdade?

Ela saiu dos seus pensamentos como se fora de um sonho e respondeu:

– Oh! Sim, sim. Há-de ser sempre o meu bom e querido Pitou.

E tomou o caminho de Pisseleux.

Quando voltaram, a Sr.^a. Clément com um aceno de cabeça, deu a entender a Pitou que estava tudo terminado.

Catarina recolheu ao seu quarto, para deitar o pequeno Isidoro.

Cumprindo aquele desvelo maternal, quis ir tomar novamente o seu lugar à cabeceira da finada; no limiar da porta encontrou Pitou, que lhe disse:

– É inútil ir agora lá, Sr.^a. Catarina; está tudo terminado.

– Está tudo terminado?

– Sim! Na sua ausência... – Pitou hesitou; – na sua ausência, o carpinteiro...

– Ah! Foi por esse motivo que insistiu comigo para sair! Compreendo. Bom Pitou!

E como recompensa recebeu de Catarina um olhar de gratidão.

– Quero rezar a minha última oração e volto já – disse ela.

Catarina, com passo mal seguro, dirigiu-se ao quarto da mãe e entrou.

Ângelo Pitou seguiu-a pé ante pé, mas parou à entrada da porta.

O caixão estava colocado sobre duas cadeiras no meio da alcova.

Àquela vista Catarina parou estremecendo, e novas lágrimas lhe rebentaram dos olhos.

Depois foi ajoelhar junto do caixão, apoiando sobre ele a fronte pálida pelo cansaço e pela dor.

No caminho doloroso, que conduz o finado do leito de agonia para a sepultura, sua derradeira morada, os vivos que o acompanham encontram-se a cada momento, e há sempre mais alguma particularidade que parece destinada a esgotar as últimas lágrimas daqueles que sobrevivem.

A oração foi longa: Catarina não podia separar-se do caixão: compreendia perfeitamente que, depois do falecimento de Isidoro, só tinha no mundo duas pessoas que lhe tivessem afeição, a mãe e Pitou.

A mãe acabava de abençoá-la e de despedir-se dela; a mãe, ainda estava ali, no caixão, mas no dia seguinte estaria na sepultura.

Só lhe restava Pitou.

Não é sem muito custo que se deixa o nosso último amigo, e mais ainda quando se é mãe.

Pitou conheceu que tinha necessidade de prestar socorro a Catarina; entrou, e vendo que as suas palavras eram inúteis, tratou de tirar dali a pobre Catarina, levando-a pelo braço.

– Sr. Pitou, deixe-me rezar mais uma oração, uma só.

– Olhe que adoecer, Sr^a. Catarina – lhe retorquiu este.

– E se adoecer?

– Tenho de procurar uma ama para o seu filho.

– Tem razão; tem razão, Pitou – lhe disse Catarina; – ó meu Deus, que bondade tem este Pitou. Quanto eu lhe quero!

Pitou cambaleou e quase que ia caindo.

Foi, como pôde, encostar-se à porta, ocultando as lágrimas que lhe corriam pelas faces abaixo, lágrimas que eram quase de júbilo.

Não lhe dissera Catarina, naquele momento, que lhe queria?

Pitou não se iludia no modo como Catarina o amava, mas de qualquer maneira que ela lhe tivesse amor, era muito para ele.

Concluída a oração, Catarina cumprindo a promessa que fizera a Pitou, levantou-se e com passo lento foi encostar-se ao ombro do mancebo.

Pitou passou-lhe o braço em volta da cintura para a levar dali para fora.

Ela cedeu; mas antes de transpor o limiar da porta, voltando a cabeça por cima do ombro de Pitou, e lançando um derradeiro olhar para o caixão, tristemente alumiado por duas velas, disse:

– Adeus minha mãe! Pela última vez, adeus!

E saiu.

À porta da alcova de Catarina, e quando ia para entrar, Pitou deteve-a.

Catarina percebeu logo que Pitou tinha que dizer-lhe alguma coisa, e perguntou-lhe:

– Quer alguma coisa?

– Não lhe parece – balbuciou Pitou um tanto enleado – não acha, Sr^a. Catarina, que chegou o momento de sair da herdade?

– Não saio da herdade enquanto minha mãe cá estiver – respondeu ela.

Catarina dissera estas palavras com tal firmeza, que Pitou conheceu que a força da sua resolução era inabalável.

– E quando sair da herdade – disse ele – bem sabe que a uma légua distante daqui há dois lugares onde será sempre bem recebida: é na cabana do tio Clouis ou na humilde casa de Pitou.

Pitou chamava casa ao seu quarto de dormir, de que fazia também gabinete.

– Agradeço, Pitou – respondeu Catarina, indicando ao mesmo tempo com um aceno de cabeça, que aceitava qualquer daqueles asilos.

Catarina entrou para o seu quarto sem se inquietar acerca de Pitou, que sabia sempre certo de achar domicílio para si.

No dia seguinte, depois das dez horas, começaram a afluir à herdade os amigos e convidados para a cerimónia fúnebre.

Achavam-se ali reunidos todos os lavradores das circunvizinhanças, de Boursonnes, Noue, Ivors, Coyolles, Largny, Haramont e Vivière.

Um dos primeiros que apareceu foi o Sr. de Longpré, *maire* de Villers-Cotterets.

Às dez horas e meia, chegou, sem lhe faltar nenhuma praça, a guarda nacional, tocando os tambores e com a sua bandeira flutuando.

Catarina estava vestida de preto e tinha ao colo o filhinho igualmente vestido de preto. Recebeu todos que entravam, e cumpre dizê-lo, ninguém teve senão sentimentos de respeito por aquela mãe e por aquele filho, duplamente vestida de luto. Às onze horas estavam reunidas na herdade mais de trezentas pessoas. Só faltava o padre, os empregados da igreja e os que deviam levar o corpo. Esperou-se um quarto de hora. Ninguém apareceu. Pitou subiu ao sótão mais alto da herdade. Da janela do sótão descobriam-se os dois quilômetros de planície, que se estendem de Villers-Cotterets ao lugarejo de Pisseleux. Conquanto Pitou tivesse muito boa vista, nada distinguia. Desceu e deu parte ao Sr. Longpré, não só das suas observações, senão também das suas reflexões. As *observações* eram que não aparecia ninguém; as *reflexões* eram que naturalmente ninguém apareceria. Pitou acabava de ser informado da visita do abade Fortier, e de como ele se negara a administrar os sacramentos à Sr^a. Billot. Pitou conhecia bem o abade Fortier e adivinhou logo tudo. O abade Fortier não queria prestar o concurso do seu santo ministério ao enterro da Sr^a. Billot, e o pretexto, mas não a causa, era a falta de confissão. Estas reflexões comunicadas por Pitou ao Sr. Longpré, e por este aos circunstantes, produziram dolorosa impressão. Todos se olharam em silêncio, até que uma voz disse: – Pois bem! Se o abade Fortier não quiser dizer a missa, melhor para ele. Passaremos sem ela. Quem dissera isto fora Desiré Maniquet, muito conhecido pelas suas opiniões anti-religiosas. Houve silêncio por um instante. Era evidente que parecia demasiado temerário aos assistentes passarem sem missa. E todavia estavam muito em voga as escolas de Voltaire e Rousseau. – Meus senhores – disse o *maire* – vamos a Villers-Cotterets e lá se explicará tudo. – A Villers-Cotterets! – bradaram todos. Pitou fez sinal a quatro homens, os quais, fazendo uma espécie de maca com os canos das espingardas, transportaram o caixão. À porta estava Catarina de joelhos com o seu filho. Logo que saiu o cadáver, Catarina beijou o patamar da porta, por onde não tencionava tornar a passar, e levantando-se disse para Pitou: – Encontra-me na cabana do tio Clouis. E saiu rapidamente, atravessando o pátio e os jardins da herdade, que davam para as planícies de Noue.

VII

Em que o abade Fortier vê que nem sempre é fácil cumprir a palavra dada

O cortejo caminhava silenciosamente, formando uma longa linha na estrada, quando de repente as pessoas que o fechavam sentiram atrás de si alguém que chamava. Voltaram-se todos.

Viram um cavaleiro, que corria a grande galope, vindo do lado de Ivors, isto é, pela estrada de Paris.

O rosto do cavaleiro estava cheio de emplastos pretos; trazia o chapéu na mão e fazia sinal para que esperassem por ele.

Pitou, que se voltara também, disse:

– Olhem! É o Sr. Billot! Bom! Bem bom! Não queria estar agora na pele do abade Fortier. Ouvindo o nome de Billot, todos fizeram alto.

O cavaleiro avançava rapidamente, e à medida que se aproximava, todos o iam conhecendo.

Chegando à frente do cortejo, Billot apeou-se, deitou as rédeas sobre o pescoço do cavalo, e disse com voz muito bem acentuada e que todos ouviram:

– Bons dias, e muito lhes agradeço cidadãos.

Em seguida tomou atrás do féretro o lugar que Pitou ocupara na sua ausência para dirigir o acompanhamento fúnebre.

Por um criado mandaram conduzir o cavalo à herdade do intrépido fazendeiro.

Entretanto olhavam todos para Billot, manifestando uma grande curiosidade.

Tinha emagrecido um pouco e estava de cor quase cadavérica.

Uma parte da testa e o contorno do olho esquerdo tinham conservado a cor avinhada do sangue extravasado.

Com os dentes cerrados e as sobrancelhas franzidas, Billot denunciava estar possuído de cólera, que só esperava o momento oportuno para se manifestar com toda a sua força.

– Já sabe o que se passou, Sr. Billot? – lhe perguntou Pitou.

– Sei tudo – respondeu ele.

Logo que Gilberto lhe noticiou a doença da mulher, Billot alugou um cabriole, que o transportou a Nanteuil.

Mas, como o cavalo não podia ir mais longe, Billot tomou outro de posta, e não obstante estar muito fraco, chegou à herdade justamente no momento em que o enterro acabava de sair.

A Sr^a. Clément relatou-lhe tudo em duas palavras; Billot tornou a montar a cavalo, e ao voltar do muro descobriu o séquito, que se estendia ao longo da estrada e parou à sua voz.

Ele era agora, como já dissemos, quem dirigia o funeral, com o sobrolho franzido, a boca ameaçadora e os braços cruzados sobre o peito.

O cortejo, já bastante tristonho, tornou-se ainda mais sombrio e silencioso.

À entrada de Villers-Cotterets, estava esperando um grupo de pessoas.

O grupo tomou lugar no cortejo.

À medida que o acompanhamento caminhava através das ruas, homens, mulheres e crianças saíam de casa, cumprimentavam Billot, que lhes correspondia com um aceno de cabeça, e incorporavam-se no cortejo ou tomavam lugar na cauda da coluna.

Quando chegaram à praça, o acompanhamento compunha-se de mais de quinhentas pessoas.

Da praça começava a ver-se a igreja.

Como Pitou previra, a igreja estava fechada.

Quando chegaram à porta fizeram alto.

Billot tornara-se lívido: a expressão do rosto cada vez se lhe tornava mais ameaçadora.

A igreja e a casa de residência do *maire* eram contíguas; o homem, que tocava serpentão, e que também era porteiro da *mairie* e por conseqüência dependente ao mesmo tempo do *maire* e do abade Fortier, foi chamado e interrogado pelo Sr. Longpré.

O abade Fortier proibira a todos os empregados da igreja que prestassem o seu concurso à cerimônia do enterro.

O *maire* perguntou onde estavam as chaves da Igreja.

As chaves estavam em casa do bedel.

– Vai buscar as chaves – disse Billot a Pitou.

Pitou abriu o compasso das compridas pernas, partiu e regressou cinco minutos depois, dizendo:

– O abade Fortier levou as chaves para casa, para ter a certeza de que não se abria, tal é a oposição que faz a este acto.

– É necessário ir buscar as chaves a casa do abade – disse Desiré Maniquet, promotor nato dos meios extremos.

– É verdade, vamos buscar as chaves a casa do abade – disseram duzentas pessoas.

– Isso leva muito tempo – redargüiu Billot – e quando a morte bate à porta, não costuma esperar.

Olhou em volta de si: defronte da igreja estava a construir-se uma casa.

Os operários esquadravam uma viga.

Billot caminhou direito a eles e fez-lhes sinal com a mão, dizendo-lhes que carecia daquela viga.

Os operários abriram caminho.

A viga estava posta sobre um tabuão.

Billot meteu um braço por baixo da viga, quase pelo meio, e com algum esforço, levantou a enorme peça de madeira.

Ele contara com as forças que já tivera e que não tinha então.

O colosso cambaleou debaixo daquele peso enorme e por momentos supuseram que Billot ia inevitavelmente cair no chão.

Mas fora tudo rápido como um raio.

Billot equilibrou-se nas pernas, sorrindo de um modo terrível; depois, com a viga debaixo do braço, avançou com passo vagaroso mas firme.

Parecia ser uma dessas máquinas antigas com que os Alexandres, os Aníbais e os Césares destruíam as muralhas.

Billot colocou-se com as pernas abertas diante da porta, e principiou a operar com a terrível máquina.

A porta era de carvalho, as fechaduras, os ferrolhos e os gonzos eram de ferro.

À terceira e última pancada, tinham saltado os ferrolhos, as fechaduras e os gonzos e a porta estava entreaberta.

Billot deixou cair a viga.

Foram precisos quatro homens para a levantarem e transportarem para o local de onde ele a levava.

– Agora, Sr. *maire* – disse Billot – mande colocar no meio do coro o caixão de minha mulher, que nunca fez mal a ninguém, e tu, Pitou, reúne o bedel, o porteiro, os cantores e os meninos do coro, que eu me encarrego do padre.

O *maire* entrava na igreja, conduzindo o caixão.

Pitou saiu em procura dos cantores, dos meninos do coro, do bedel e do porteiro, fazendo-se acompanhar pelo seu tenente Desiré Maniquet e por mais quatro homens, prevenindo assim o caso em que achasse recalcitrantes nos indivíduos que procurava.

Billot dirigiu-se a casa do abade Fortier.

Muitas pessoas, das que formavam o cortejo, quiseram acompanhá-lo.

– Deixem-me ir só – disse ele – talvez tenha consequências graves o que vou fazer, e penso que cabe a cada um a responsabilidade das suas acções.

– E afastou-se descendo a rua onde era situada a igreja e metendo pela rua de Soissons.

Era a segunda vez que, com intervalo de um ano, o revolucionário lavrador se ia encontrar face a face com o sacerdote realista.

O leitor deve lembrar-se do que se passou na primeira vez; provavelmente ia repetir-se a mesma cena.

Por isso, vendo-o encaminhar-se com passo rápido para casa do abade Fortier, todos se conservaram imóveis à porta da igreja, e limitaram-se unicamente a acompanhá-lo com a vista,

até que desapareceu.

– Billot não quis que ninguém o seguisse – diziam os espectadores uns para os outros.

A porta da casa do abade Fortier, também estava fechada.

Billot olhou em volta de si para ver se haveria por ali alguma casa em construção, donde pudesse tirar outra viga; não havia senão um marco de pedra, quase arrancado pela ociosidade dos rapazes e tremendo na cavidade, como um dente no seu alvéolo.

Billot encaminhou-se para o marco de pedra, sacudiu-o violentamente, alargou a cova e arrancou o marco do ponto onde estava encravado.

Ergueu-o depois acima da cabeça, qual outro Ajax, ou Diómedes, recuou uns três passos e arremessou a enorme pedra com a mesma força com que arremessaria uma catapulta.

A porta fez-se em pedaços.

Ao mesmo tempo que Billot abria aquela formidável passagem, abriu-se a janela do primeiro andar, à qual apareceu o abade Fortier chamando todos os seus paroquianos para que lhe acudissem.

Ninguém fez caso da súplica do pastor; o rebanho estava resolvido a deixar o pastor e o lobo decidirem a questão entre si.

Billot precisou ainda de um certo tempo para arrombar as duas ou três portas que o separavam do abade, mas arrombou-as como fizera à primeira.

Todo este trabalho arrojado levou-lhe proximamente dez minutos.

Passado este tempo, e depois de despedaçada a primeira porta, já se ouviam os gritos mais violentos do abade, e pelos seus gestos, cada vez mais expressivos, poderia compreender-se que aquela agitação progressiva dependia da aproximação do perigo.

Efectivamente viram aparecer de súbito, por detrás do padre, a cabeça de Billot, e ele estender a mão e abaixa-la poderosamente sobre o ombro do abade.

O padre agarrou-se ao parapeito da janela.

Fortier era igualmente dotado de muita força, e não era fácil, ainda mesmo a um Hércules, fazê-lo arredar pé.

Billot passou-lhe o braço pela cintura, firmou-se nas pernas, e com um puxão, capaz de desarregar um carvalho, arrancou o abade Fortier do parapeito da janela, que se lhe quebrara entre os dedos.

O homem do campo e o eclesiástico desapareceram nas profundidades do quarto, e já não se ouviam, de longe, senão os gritos do abade, semelhantes aos mugidos de um touro, arrebatado por um leão do Atlas para o seu covil.

Durante este tempo, Pitou trouxera consigo, cheios de receio, os cantores, os meninos do coro, o bedel e o porteiro, e todos, seguindo o exemplo do serpentão-porteiro se apressaram em vestir as lobs e sobrepelizes, acender as velas e preparar tudo para uma missa de defuntos.

Estava-se tratando de tudo quanto era necessário, quando se viu aparecer, por uma pequena saída, que dava para a praça do Palácio, Billot que era esperado pela porta principal da rua de Soissons.

Arrastava após si o padre, apesar da resistência que ele fazia, caminhando tão desembaraçadamente como se viesse sozinho.

Não era um homem, era uma das forças da natureza, alguma coisa semelhante a uma torrente e a uma alavanca; parecia que nenhuma força humana seria capaz de resistir-lhe.

Para lutar com ele, seria necessário um elemento.

O pobre abade, chegando a cem passos da igreja, deixou de resistir.

Estava completamente domado.

Todos abriram caminho para deixar passar aqueles dois homens.

O abade lançou um olhar desvairado sobre a porta quebrada como uma vidraça, e vendo no seu lugar, com os instrumentos, alabardas e livros na mão, todos os homens a quem proibira que pusessem pé na igreja, meneou a cabeça como se tivesse conhecido que alguma coisa de poderoso e de irresistível pesava, não sobre a religião, mas sobre os seus ministros.

Entrou na sacristia, donde saiu um instante depois paramentado para officiar, trazendo o santo cibório na mão e aparentando tranqüilidade que não tinha.

Mas, tendo subido os degraus do altar, depois de depor sobre a mesa santa o vaso sagrado, ao voltar-se para recitar as primeiras palavras do officio, Billot estendeu a mão e disse:

– Basta, mau servo de Deus! Não quis senão curvar o teu orgulho. Quero igualmente que se saiba que uma santa mulher como era a minha, pode dispensar as orações de um sacerdote fanático e odiento como tu.

Ouvindo-se a tempo grande rumor na igreja, acrescentou:

– Se há nisto sacrilégio, que ele caia sobre ti!

E voltando-se para o imenso cortejo, que enchia a igreja, bradou:

– Cidadãos, vamos para o cemitério.

Todas as pessoas repetiram em coro:

– Para o cemitério!

VIII

Terrível juramento de Billot sobre a sepultura, da mulher

Os quatro homens que haviam transportado o caixão colocaram-no novamente sobre os canos das espingardas para o conduzirem como tinham vindo, sem padre, sem cânticos da igreja e sem nenhuma das pompas funerárias com que a religião costuma escortar a dor dos homens, e sob a direcção de Billot, encaminharam-se seiscentas pessoas, seguindo o acompanhamento, para o cemitério, o qual, como se devem lembrar, era situado no fim da travessa, a vinte e cinco passos de distância da casa da tia Angélica.

A porta do cemitério estava fechada.

Chegando ali – coisa singular – Billot deteve-se em frente daquele fraco obstáculo.

A morte respeitava os mortos.

A um sinal de Billot, Pitou correu a casa do coveiro, que, como era natural, tinha a chave do cemitério.

Cinco minutos depois Pitou trazia as chaves e duas enxadas.

O abade Fortier não só prescrevera da igreja a pobre finada, senão também da terra sagrada.

O coveiro recebera ordem para não abrir a cova.

À vista daquela última manifestação do ódio do padre contra Billot, alguma coisa semelhante a um estremecimento de ameaça correu entre os assistentes.

Se houvesse no coração de Billot a quarta parte do fel que há na alma dos beatos, e que fizera a admiração de Molière, bastava que Billot dissesse uma palavra, e o abade Fortier conseguiria finalmente a satisfação de martírio, por que chamava em altas vozes no dia em que se recusou a dizer missa solene sobre o altar da pátria.

Mas Billot tinha a cólera do povo e do leão: despedaçava, esmagava, quebrava tudo na sua passagem, mas não retrocedia.

Deu um sinal de agradecimento a Pitou cujas intenções conheceu, tomou as chaves das mãos dele, abriu a porta, deixou entrar o caixão, seguiu-o, e ele mesmo foi seguido pelo cortejo funerário, que se compunha de todos quantos podiam andar, e que foram recrutados pelo caminho.

Só os beatos e os realistas ficaram em casa.

Não deixaremos de dizer que a tia Angélica, que era beata e realista, fechara aterrada a porta, vociferando contra o que via, e pedindo que todos os raios celestes caíssem sobre a cabeça do seu sobrinho.

Mas todas as pessoas de bom coração, de bom senso, dotadas do amor da família, todos aqueles a quem revoltava que o ódio substituísse a misericórdia, e a vingança a mansidão, todas essas pessoas, isto é, três quartas partes da cidade, ali estavam, não protestando contra Deus nem contra a religião, mas contra os padres e o seu fanatismo.

Chegando ao lugar onde devia ser a cova, que já fora marcada pelo coveiro, que ignorava as ordens ulteriores para não enterrar a finada, Billot estendeu a mão a Pitou, o qual acto contínuo lhe deu uma das duas enxadas. Então Billot e Pitou, com a cabeça descoberta, no meio de um círculo de cidadãos igualmente descobertos, debaixo do Sol ardente dos últimos dias de Julho, começaram a abrir a cova da pobre criatura, que sendo muito piedosa e resignada, ficaria maravilhadíssima se, quando viva, lhe dissessem qual seria o escândalo a que daria causa depois de morta.

O trabalho durou uma hora, e nenhum dos dois trabalhadores se lembrou de o deixar antes de concluído.

Durante este tempo, foram buscar cordas, que já estavam prontas quando se concluiu o trabalho.

Billot e Pitou desceram o caixão à cova.

Aqueles dois homens cumpriram tão simples, tão naturalmente o dever supremo que aguardava a finada, que nenhum dos assistentes se lembrou de se oferecer para os auxiliar.

Seria um verdadeiro sacrilégio não os deixar terminar aquela tarefa.

Apenas, às primeiras pás de terra que caíram sobre o caixão, Billot passou pelos olhos a mão e Pitou o canhão da farda.

Depois continuaram resolutamente a deitar terra.

Acabado o trabalho, Billot arremessou a enxada para longe de si e estendeu os braços para Pitou.

Este inclinou-se sobre o peito de Billot.

– Deus é testemunha – disse Billot – que abraço em ti tudo quanto há de virtude na terra, a caridade, a dedicação, a abnegação, a fraternidade, e que hei-de dedicar toda a minha vida para ver triunfar estas virtudes.

Depois, estendeu a mão sobre a sepultura e continuou:

– Deus é testemunha em como juro guerra eterna ao rei, que me mandou assassinar; aos nobres, que desonraram minha filha, e aos padres, que negaram sepultura a minha mulher.

Voltando-se ainda para os espectadores, cheios de simpatia por aquele duplo juramento, disse:

– Irmãos! Vai convocar-se outra Assembléia para substituir os traidores que agora se assentam no clube dos Bernardos: querem que eu os represente nessa Assembléia? Verão se sou capaz de cumprir o meu juramento.

Um grito geral de adesão correspondeu à proposta de Billot, e desde aquele momento ficou tratada a candidatura de Billot à Assembléia legislativa, sobre a sepultura de sua mulher, altar do terrível juramento.

Depois disto Billot agradeceu aos seus companheiros a simpatia que acabavam de mostrar na sua amizade e no seu ódio; tanto os habitantes da cidade como os do campo se retiraram, levando no coração o espírito da propaganda revolucionária, à qual, na sua própria cegueira, forneceram as armas mais mortais aqueles mesmos que ela devia devorar, isto é, os reis, os nobres e os padres.

IX

Billot deputado

Os acontecimentos que acabamos de relatar tinham produzido profunda impressão, não

só nos habitantes de Villers-Cotterets, mas nos lavradores das aldeias circunvizinhas.

Ora, os lavradores são uma grande potência em matéria de eleições; cada qual dá trabalho a dez, vinte, trinta operários, e conquanto naquela época as eleições fossem indirectas, dependiam completamente do que chamavam os campos.

Cada lavrador, ao deixar Billot, apertara-lhe a mão e dissera-lhe esta simples palavra:

– Descansa!

E Billot voltara para casa efectivamente descansando, porque entrevia pela primeira vez um meio poderoso de pagar à nobreza e à realza o mal que lhe tinham causado.

Billot sentia, não raciocinava, e o seu desejo de vingança era cego como os golpes que sofrera.

Entrou sem dizer uma palavra de Catarina; ninguém poderia dizer se ele conhecera a momentânea estada da filha na herdade. Havia um ano que ele lhe não pronunciava o nome; a filha para ele era como se não existisse.

Não assim Pitou: deplorava do fundo do coração que Catarina não pudesse curá-lo; mas, ao ver Isidoro, ao comparar-se com o elegante fidalgo, compreendera perfeitamente que Catarina o preferisse no seu amor.

Invejara Isidoro, mas não quisera mal a Catarina; pelo contrário, amara-a sempre com absoluta dedicação.

Dizer que essa dedicação fosse completamente isenta de angústias, seria mentir; mas essas mesmas angústias, que torturavam o coração de Pitou a cada nova prova de amor que Catarina dava ao amante, provavam a inefável bondade daquele coração.

Morto Isidoro em Varennes, Pitou só experimentava por Catarina profunda piedade: era, então que, fazendo plena justiça ao desventurado moço ao contrário de Billot, se lembrava de quanto havia de belo, bom e generoso naquele que, sem o saber, fora seu rival.

Daí resultara o que vimos, isto é que não só Pitou amava ainda mais Catarina triste e vestida de luto do que a tinha amado risonha e garrida e o que mais é chegava a amar – o que parecia impossível – o pobre orfãozinho quase tanto como ela.

Não será portanto de admirar que ele, depois de ter-se como os demais despedido de Billot, em vez de dirigir-se para o lado da herdade, se encaminhasse para Haramont.

Que finalmente, estavam tão acostumados aos inesperados desaparecimentos e regressos de Pitou, que, apesar da alta posição que ele ocupava na aldeia como capitão, ninguém se ocupava já das suas ausências.

Quando Pitou partia, dizia-se em segredo que Lafayette o mandara chamar e ficava tudo explicado.

Quando voltava, pediam-lhe notícias da capital, e como ele, graças a Gilberto, as dava das mais frescas e das melhores, e alguns dias depois apareciam realizadas, todos continuavam a ter em Pitou uma cega confiança não só como capitão, senão também como profeta.

Gilberto, pela sua parte, conhecia toda a bondade e dedicação de Pitou, e sabia que em qualquer ocasião era homem a quem podia confiar a sua vida, a vida de Sebastião, um tesouro, uma missão finalmente, quando se entrega com confiança à lealdade e à força.

Sempre que Ângelo Pitou ia a Paris, sem que a pergunta o vexasse, Gilberto perguntava-lhe se precisava de alguma coisa.

Pitou respondia quase sempre:

– Não Sr. Gilberto.

O que não impedia o doutor de lhe dar alguns luíses, que Pitou metia no bolso.

Alguns luíses, os seus recursos particulares e o dízimo em géneros que tirava da coutada do duque de Orleans, eram uma fortuna para Pitou: por isso nunca via acabados os seus luíses, especialmente quando visitava Gilberto, e quando um aperto de mão do doutor renovava nas suas algibeiras a fonte de Pactolo.

Ninguém portanto se deve admirar de que, na disposição em que estava Pitou a respeito de Catarina e de Isidoro, se separasse apressadamente de Billot para se informar da mãe e do

filho. Indo para Haramont, ficava-lhe em caminho a choupana de Clouis.

A cem passos de distância encontrou o tio Clouis, que voltava com uma lebre na rede.

Era dia de lebre.

Em duas palavras, Clouis participara a Pitou que Catarina fora pedir-lhe o seu antigo domicílio, que ele imediatamente lhe cedera.

A pobre rapariga chorara muito ao entrar naquele quarto, onde dera à luz o seu filho, e onde Isidoro lhe manifestara provas tão vivas de amor.

Todavia, aquelas tristezas não deixavam de ter uma espécie de encanto. Sabem os que têm experimentado um grande desgosto que as horas mais cruéis são aquelas em que as lágrimas deixam de correr; suaves e felizes são então as horas em que podemos chorar quase despreocupados por o que fazemos.

Por isso, quando Pitou se apresentou à porta da choupana, encontrou Catarina assentada em cima da cama, com as faces úmidas e o filho ao peito.

Catarina, ao ver Pitou, pôs o filho nos joelhos, e estendeu as mãos e a fronte para o mancebo.

Pitou pegou-lhe nas mãos contentíssimo, deu-lhe um beijo na testa, e o pequenito achou-se momentaneamente abrigado sob o arco que formavam sobre a sua cabeça aquelas mãos dadas e os beijos de Pitou apoiados na fronte da mãe.

Depois, caindo de joelhos diante de Catarina e beijando as mãozinhas do pequenito, Pitou disse:

– Ah! Sr^a. Catarina, esteja descansada que sou rico; ao menino Isidoro não há-de faltar nada.

Pitou tinha de seu quinze luíses e chamava a isso ser rico. Catarina, que era dotada de bom coração, sabia apreciar as acções boas.

– Obrigado, Sr. Pitou – disse-lhe – acredito e julgo-me feliz em acreditá-lo, porque é o meu único amigo, e se me abandonasse, ficaríamos sem apoio na terra. Não me há-de abandonar, não é verdade?

– Não me diga essas coisas – respondeu Pitou soluçando – que me faz chorar.

E Pitou chorava efectivamente, a ponto de parecer sufocar-se.

– Fiz mal, fiz mal, desculpe-me – disse Catarina.

– Não, não Sr^a. Catarina, tem razão, eu é que sou um asno em chorar deste modo.

– Sr. Pitou – disse Catarina – preciso tomar ar; dê-me o braço e passemos um pouco por baixo destas árvores. Creio que me há-de fazer bem.

– E a mim também, porque me sinto abafar – respondeu Pitou.

O pequenito não precisava tomar ar: alimentara-se largamente no seio materno; tinha necessidade, mas era de dormir. Catarina deitou-o e deu o braço a Pitou.

Cinco minutos depois, passeavam debaixo do arvoredor do bosque, templo magnífico levantado pela mão do Senhor à Natureza, sua divina, sua eterna filha.

Aquele passeio, durante o qual Catarina se lhe apoiava no braço, lembrava-lhe, mau grado seu, o passeio que dera, havia dois anos e meio, no dia de Pascoela, acompanhando a mesma Catarina à sala do baile, onde com tanta mágoa sua Isidoro dançara com ela.

Quantos acontecimentos se tinham passado durante aqueles dois anos e meio, e de que modo Pitou, sem ser filósofo como Voltaire e Rousseau, compreendia que ele e Catarina não eram mais do que uns átomos levados no turbilhão geral!

Mas aqueles átomos, na sua pequenez, nem por isso deixavam de ter as suas alegrias e os seus desgostos como os fidalgos, os príncipes, o rei e a rainha.

A mó, que, agitada pelas mãos da fatalidade, varria as coroas e reduzia os tronos a pó, varrera e reduzira a pó a ventura de Catarina, nem mais nem menos do que se ela estivesse assentada num trono e tivesse uma coroa na cabeça.

Em suma, ao cabo de dois anos e meio, eis qual era a diferença, que verificara na situação de Pitou a revolução, para que ele tão poderosamente concorrera, sem saber o que fazia.

Dois anos e meio antes, Pitou era um pobre rapazito expulso pela tia Angélica, recolhido por Billot, protegido por Catarina e sacrificado por Isidoro.

Pitou era agora uma potência, tinha uma espada à cinta, dragonas de oficial e chamavam-lhe capitão.

Isidoro tinha sido morto e era Pitou quem protegia Catarina e o filho do fidalgo.

Relativamente a Pitou, era uma perfeita exactidão a seguinte resposta, que Danton dera a esta pergunta:

– Para pôr em cima o que está em baixo, e em baixo o que está em cima.

Mas já vimos que o bondoso, o modesto Pitou, não obstante revolverem-se-lhe na cabeça todas aquelas idéias não tirava delas nenhuma vantagem para si, e era ele quem de joelhos suplicava a Catarina que lhe permitisse protege-la tanto a ela como ao filho que ela tanto amava.

– Catarina, pela sua parte, como todos os corações que sofrem, tinha uma percepção muito mais fina na dor do que na alegria.

Pitou, que no tempo da sua ventura, não era para ela mais do que um pobre rapaz sem importância, convertia-se na boa e santa criatura que realmente era, isto é, o homem da bondade, da candura e da dedicação, e daí resultou que ela, infeliz e carecida da amizade de alguém, compreendera que Pitou era a pessoa de quem precisava, e que recebido sempre por Catarina com o sorriso nos lábios e perfeita franqueza, começou a passar uma vida, que nunca imaginara, nem sequer nos seus sonhos do Paraíso.

Durante esse tempo, Billot, sempre mudo acerca da filha, continuando nos seus trabalhos da lavoura, prosseguia na idéia de ser eleito deputado à Assembléia Legislativa; só um homem o teria vencido, se tivesse a mesma ambição, mas, todo entregue ao seu amor e ventura, o conde de Charny, encerrado com Andréa no seu palácio de Boursonnes, desfrutavam todas as alegrias de uma felicidade inesperada, esquecendo-se de todo o mundo, e julgando-se esquecido por ele, nem sequer pensava nisso.

O resultado foi que, não havendo oposição no círculo de Villers-Cotterets à eleição de Billot, foi este eleito deputado por grande maioria.

Logo que Billot se viu eleito, tratou de realizar a maior soma de dinheiro que pôde.

O ano fora bom: dividiu as suas propriedades, guardou o grão de que precisava para as sementeiras, a aveia, a palha, o feno necessários para sustento dos seus cavalos e o dinheiro preciso para pagar à gente de trabalho, e mandou chamar Pitou.

Pitou, como já dissemos, visitava Billot de vez em quando; Billot recebia-o sempre de braços abertos, oferecia-lhe de almoçar, se era hora de almoço, de jantar, se era hora de jantar, um copo de vinho ou de cidra, se era hora para beber.

Mas Billot nunca mandara chamar Pitou.

Não foi, pois, sem alguma inquietação que Pitou se dirigiu à herdade.

O aspecto de Billot era mais grave ainda do que costumava ser. Entretanto estendeu, como costumava, a mão a Pitou, apertou a dele com mais vigor do que o seu usual, e conservou-a por algum tempo estreitada na sua.

Pitou olhava para ele muito admirado.

– Pitou – disse-lhe o lavrador – és um homem de bem.

– Creio que sim – respondeu Pitou.

– Tenho a certeza de que o és.

– É bondade sua, Sr. Billot.

– Resolvi que, na minha ausência, serias tu quem ficasses dirigindo a minha herdade.

– Eu, senhor? É impossível – respondeu Pitou muito admirado.

– Por quê?

– Porque em semelhante administração há uma infinidade de pequenas coisas em que é indispensável a direcção de uma mulher.

– Bem sei – respondeu Billot. Deixo-te a escolha da mulher que deve compartilhar contigo este trabalho. Não te pergunto o nome. Não preciso sabê-lo, e quando tencionar vir à

herdade avisar-te-ei oito dias antes, para que a mulher que escolheres tenha tempo de se retirar, se não for conveniente vê-la ou que ela me veja.

– Muito bem, Sr. Billot.

– Agora, – continuou Billot – no celeiro há o grão necessário para as sementeiras, nos palheiros há o feno, a palha e a aveia para sustento dos cavalos, e nesta gaveta há o dinheiro suficiente para o salário e alimento dos trabalhadores da herdade.

Billot abriu uma gaveta cheia de dinheiro.

– Um instante, um instante, Sr. Billot, quanto dinheiro está nesta gaveta?

– Não sei – respondeu Billot, fechando a gaveta à chave e dando-lhe esta; – quando não tiveres dinheiro manda-mo pedir.

Pitou compreendeu toda a confiança que havia naquela resposta, e abriu os braços para abraçar Billot; mas de repente, considerando que era atrevimento o que praticava, disse:

– Peço perdão, peço perdão, mil vezes perdão, meu caro Sr. Billot.

– Perdão de quê, meu amigo? – perguntou-lhe Billot muito enternecido por aquela prova de humildade. – Pedes perdão, porque um homem de bem abriu os braços a outro homem de bem! Vem! Pitou, abraça-me.

Pitou lançou-se nos braços de Billot.

– E se por acaso tiver necessidade de mim em Paris?

– Fica descansado, que não me esquecerei de ti.

Depois acrescentou:

– São duas horas da tarde; parto para Paris às cinco; às seis podes estar aqui com a mulher que tiveres escolhido para te ajudar.

– Bem; então – disse Pitou – não devo perder tempo. Até à vista, meu caro Sr. Billot.

– Até à vista, Pitou.

Pitou saiu da herdade – Billot seguiu-o com os olhos enquanto o pôde ver, e quando o perdeu de vista, disse:

– Por que razão não se namorou minha filha Catarina de um bom rapaz como este é, em lugar de se namorar daquele canalha do fidalgo, que a deixou viúva sem ser casada, e mãe sem ser esposa?

Agora é inútil dizer que às cinco horas Billot entrava na diligência de Villers-Cotterets para Paris, e que às seis Pitou entrava na herdade com Catarina e o pequenito Isidoro.

X

Aspecto da câmara

No primeiro dia de Outubro devia realizar-se a primeira sessão da Assembléia Legislativa. Como os outros deputados, Billot chegara no fim de Setembro.

A nova Assembléia compunha-se de setecentos e quarenta e cinco membros.

Entre eles contavam-se quatrocentos advogados e juristas; setenta e dois literatos, jornalistas e poetas, e setenta sacerdotes constitucionais, isto é, que haviam jurado a Constituição.

Os outros duzentos e três deputados eram proprietários ou lavradores como Billot, ou homens que exerciam profissões liberais e, muito embora em minoria, alguns manuais.

O carácter particular sob que apareciam os novos deputados era a mocidade, porque a maior parte deles não tinha mais de vinte e seis anos.

Podia verdadeiramente dizer-se que era uma geração nova e desconhecida, enviada pela França para acabar violentamente com o passado.

Ruidosa, tempestuosa e revolucionária, vinha destronar a tradição.

Quase todos eram homens de espírito culto: uns eram poetas, como já dissemos, outros advogados, outros químicos, cheios de energia e de espírito, de uma veia extraordinária, de uma

dedicação ilimitada pelas idéias, muito ignorantes dos negócios de Estado, inexperientes, faladores, trabalhadores, levianos, evidentemente traziam em si essa coisa grande, mas terrível, o *desconhecido*.

Ora, o desconhecido em política é sempre assustador. À excepção de Condorcet e Brissot, quase se podia perguntar a cada um daqueles homens: *Quem sois?*

Com efeito, onde estavam os fachos, e até os archotes da Constituinte?

Onde estavam os Mirabeaus, os Sieyès, os Dupont, os Bailly, os Robespierre, os Barnave, os Cazalés?

Tudo isso desaparecera: de lugar em lugar, de intervalo em intervalo, apareciam algumas cabeças de cabelos brancos como perdidas entre aquela ardente mocidade. Todo o resto representava à França nova e viril, a França de cabelos pretos.

Belas cabeças para uma revolução decepar, e que quase todas foram cortadas.

Todos aqueles mancebos não eram simples deputados, eram combatentes, porque se sentia germinar a guerra no interior do reino, e encaminhar-se a guerra estrangeira contra o país.

A Gironda que, em caso de guerra, se oferecia toda, desde os vinte anos até aos cinquenta, enviava a sua vanguarda.

A vanguarda compunha-se dos Vergniaud, dos Gaudet, dos Gensonné, dos Fonfréde, dos Ducos.

Finalmente, este núcleo era o que se devia chamar Gironda e dar o seu nome a um partido, que se tornou simpático pelas suas desventuras apesar dos seus erros.

Este partido era o dos Girondinos!

Nascido de um sopro de guerra, entravam de um só jacto, e como se fossem atletas, anelando por combater, na arena sanguinolenta da vida pública.

Só vendo-os tomar tumultuosamente o seu lugar na câmara é que se podia adivinhar neles a influência de tempestade, que produziu os furacões de 20 de Junho, 10 de Agosto e 21 de Janeiro.

Não havia lado direito; a direita fora suprimida, e por consequência não havia aristocratas.

Toda a Assembléia estava armada contra dois inimigos: os nobres e os padres.

Se resistissem, tinham o mandato para lhes quebrar a resistência.

Quanto ao rei, deixou-se que a consciência dos deputados fosse o juiz do procedimento que devia haver para com ele.

Deploram-no e esperam que escape ao tríplice poder da rainha, da aristocracia e do clero; se os sustenta, será esmagado com eles.

Ao rei já se não dava tratamento de rei, nem de Luís XVI, nem de majestade; chamavam-lhe *poder executivo*.

O primeiro movimento dos deputados, quando entraram na sala, que lhes era completamente desconhecida, foi olhar em volta de si.

De cada um dos lados havia uma grande tribuna.

– Para quem são essas duas tribunas? – perguntaram alguns deles.

– Para os deputados da última legislatura – respondeu o arquitecto.

– Ah! Ah! – resmungou Vergniaud – quer dizer que são as tribunas para uma comissão de censura! Então a Assembléia Legislativa é uma câmara de representantes ou uma escola de rapazes?

– Esperemos – disse Hérault de Séchelles – veremos como procedem os nossos mestres.

– Porteiro! – bradou Thuriot – à medida que eles entrarem, diga-lhes que há na Assembléia um homem que esteve a ponto de precipitar do alto das muralhas o governador da Bastilha, e que esse homem chama-se Thuriot.

Ano e meio depois, aquele homem chamava-se o mata-reis.

O primeiro acto da Assembléia foi mandar uma deputação às Tulherias. O primeiro acto da velha realza foi uma imprudência. Foi um ministro quem recebeu os deputados.

– Meus senhores – disse ele – el-rei não os pode receber agora; voltem às três horas.

Os deputados retiraram-se.

– Então, já?! – disseram os outros membros, quando os viram voltar.

– Cidadãos – disse um dos enviados – o rei não está pronto, e só nos recebe daqui a três horas.

– Pois utilizemos essas três horas – disse Couthon assentado no seu lugar, porque não tinha força nas pernas. – Proponho que seja suprimido o título de majestade.

– Então que nome se há-de dar ao poder executivo? – perguntou uma voz.

– Chamar-se-á rei dos franceses – respondeu outra voz. – Creio que é um belo título e que deve contentar o *Sr. Capeto*.

Todos se voltaram para o homem que acabava de chamar *Sr. Capeto* ao rei de França. Deparam-se com um homem de estatura atlética, vestido à camponesa e com uma grande cicatriz na fronte esquerda.

Era Billot.

– Pois chame-se *rei dos franceses* – disseram quase unanimemente.

– Esperem – disse Couthon – restam-nos ainda 2 horas e tenho que fazer outra proposta.

– Faça! – gritaram todos.

– Proponho que quando o rei entrar, nos levantemos, mas depois da sua entrada, nos assentemos e cobramos.

Houve por um instante, um tumulto terrível; os gritos de adesão eram tão violentos que durante muito tempo era possível toma-lo por gritos de oposição. Acalmado finalmente o ruído, conheceu-se que todos estavam de acordo.

A proposta estava adoptada. Couthon olhou para o relógio.

– Apenas temos uma hora – disse ele – e tenho que apresentar outra proposta.

– Diga, diga! – bradaram todos.

– Proponho – disse Couthon com uma voz suave, que sabia vibrar terrivelmente quando era necessário – proponho que não haja trono para o rei, mas única e simplesmente uma cadeira.

O orador foi interrompido por aplausos.

– Esperem, esperem – disse ele erguendo a mão – ainda não acabei.

Restabeleceu-se prontamente o silêncio.

– Proponho que a cadeira do rei seja à esquerda do presidente.

– Mas isso – disse um – é não suprimir o trono, mas também subordinar o rei.

– Pois proponho – disse Couthon – não só que se suprima o trono, mas até o rei seja subordinado.

As aclamações foram ruidosas. Em todos aqueles terríveis aplausos se conheciam já os dias 20 de Junho e 10 de Agosto.

– Muito bem, cidadãos – disse Couthon – estão passadas as três horas. Agradeçam ao rei dos franceses por nos ter feito esperar, porque não perdemos o tempo.

A deputação voltou às Tulherias. O rei recebeu-a, mas com segunda tenção.

– Meus senhores – disse-lhes ele – só daqui a três dias posso comparecer na Assembléia.

Os deputados olharam uns para os outros.

– Então, senhor, será no dia 4.

– Sim, senhores, será no dia 4.

E voltou-lhes as costas.

No dia 4, o rei participou que estava doente, e que só iria à sessão no dia 7.

Isto não impediu que no dia 4, e na ausência do rei, desse entrada na nova Assembléia a Constituição de 1791, isto é, o trabalho mais importante da última Assembléia.

Foi cercada e guardada pelos deputados mais idosos da Constituinte.

– Bem! – disse alguém – ali estão os doze velhos do Apocalipse!

O arquivista Camus fora quem levava a Constituição: subindo com ela à tribuna, e mostrando-a como se fora um novo Moisés, disse:

– Povo! Eis aqui as tábuas da lei!

Começou então a cerimónia do juramento.

Toda a assistência desfilou triste e fria. Muitos dos seus membros já sabiam que aquela constituição impotente não viveria um ano. Fez-se o juramento porque tinha de se prestar, porque era uma cerimónia imposta.

Três partes dos indivíduos que juraram estavam resolvidos a não cumprir o juramento.

Entretanto, divulgava-se em Paris a notícia dos três decretos.

Já não há majestade!

Já não há trono!

Uma simples cadeira à esquerda.

Era quase o mesmo que dizer que já não havia rei.

O dinheiro como sempre acontece, foi o primeiro que *teve medo*. Os fundos baixaram espontaneamente: os banqueiros começavam a temer.

A 9 de Outubro operara-se uma grande mudança.

Segundo a nova lei, não havia comandante geral da guarda nacional.

A 9 de Outubro, Lafayette devia dar a sua demissão e cada um dos seis chefes da divisão comandaria por escala.

Chegou o dia 7, que era o fixado para a sessão real, de que já se não lembravam na Assembléia.

O rei entrou.

Em contradição com o que se podia esperar, tão grande era ainda o prestígio que, quando o rei entrou, não só os deputados se levantaram e descobriram, mas até prorromperam em unânimes aplausos.

A Assembléia bradou: *Viva o rei!*

No mesmo instante, e como se os realistas pretendessem desafiar os novos deputados, das tribunas bradaram:

– Viva sua majestade!

Um longo murmúrio circulou os bancos dos deputados, que, voltando os olhos para as tribunas, notaram ter sido especialmente das tribunas reservadas para os antigos membros da Constituinte que saíram aqueles gritos.

– Muito bem, meus senhores – disse Couthon – amanhã impreterivelmente nos ocuparemos das suas pessoas.

O rei deu sinal de que pretendia falar.

Escutaram-no.

O discurso que pronunciou, composto por Duport du Tertre, era feito com a maior habilidade, e produziu muito efeito na Assembléia. Versava todo sobre a necessidade de manter a ordem e de revigorar o amor à pátria.

Pastoret realista, era o presidente.

O rei disse no seu discurso que precisava de ser amado pelo povo.

– E nós também senhor, precisamos de que nos ameis – disse Pastoret.

A estas palavras toda a sala prorrompeu em calorosos aplausos.

O rei no seu discurso, julgava que estava acabada a revolução.

Por um instante toda a Assembléia foi da opinião do rei.

Para isso ser assim, senhor, era necessário não ser o rei partidário dos padres e mostrar-se indiferente para com os emigrados.

A impressão produzida na Assembléia reproduziu-se no mesmo momento em Paris.

À noite o rei foi ao teatro com a sua família; e foi ali recebido com um trovão de aplausos.

Muitas pessoas choravam, e ele mesmo derramou lágrimas, posto que fosse pouco sensível a semelhante sensibilidade.

Durante a noite o rei escreveu a todos os gabinetes estrangeiros, comunicando-lhes que aceitara a constituição de 1791.

Todos se lembram de que ele, num dia e num momento de entusiasmo, jurara aquela constituição antes de estar acabada.

No dia seguinte, Couthon lembrou-se do que na véspera prometera aos membros da Constituinte. Anunciou, portanto, que tinha que apresentar uma moção.

As moções de Couthon já eram conhecidas.

Todos se calaram.

– Cidadãos – disse Couthon – peço que se faça desaparecer desta Assembléia toda a espécie de privilégio, e que, por consequência, sejam franqueadas ao público todas as tribunas.

A moção foi adoptada por unanimidade.

No dia seguinte o povo invadia as tribunas dos antigos deputados, e a sombra da Constituinte desaparecera diante daquela invasão.

XI

A França e o estrangeiro

Já dissemos que a nova Assembléia era particularmente deputada contra a nobreza e o clero.

Era uma verdadeira cruzada; mas em lugar de se ler no seu estandarte: *Quere-o Deus*, havia esta legenda *Quere-o o povo*.

A 9 de Outubro, dia da demissão de Lafayette, Gallois e Gensonné leram o seu relatório acerca das desordens religiosas da Vendéia.

O relatório era sensato e moderado, e por isso mesmo fez profunda impressão.

Quem o inspirou, se é que o não escreveu?

Um político muito hábil, e que brevemente veremos dar entrada em cena e no nosso livro.

A Assembléia foi tolerante.

Fauchet, um dos seus membros, pediu unicamente que o Estado deixasse pagar aos sacerdotes que declarassem não querer obedecer à voz do Estado, dando todavia pensão aos refractários que fossem velhos ou enfermos.

Ducos foi mais longe: invocou a tolerância e pediu que se lhes deixasse toda a liberdade de prestarem ou não o juramento.

Mais longe foi ainda o bispo constitucional Torne, declarando que a recusa dos sacerdotes procedia de grandes virtudes.

Depois veremos de que modo os beatos de Avinhão corresponderam a esta tolerância.

Depois da discussão, ainda não terminada acerca do clero constitucional, passou-se a tratar dos emigrados.

Era caminhar da guerra interior para a guerra exterior, isto é tocar nas duas feridas da França.

Fauchet tratara a questão do clero; Brissot tratou a questão dos emigrados.

Tomou-a pelo seu lado elevado e humano, tomou-a pelo lado onde um ano antes Mirabeau a deixara cair das suas mãos moribundas.

Pediu que se fizesse diferença entre a emigração que precedia do medo e a que precedia do ódio: pediu que houvesse indulgência para com uma e severidade para com a outra.

Era de opinião que se não podiam encerrar os cidadãos no reino, e que, pelo contrário, cumpria deixar-lhes todas as portas abertas. Não queria que houvesse seqüestro contra a emigração que precedia do ódio. Pediu somente que se deixasse de pagar aos que tinham tomado armas contra a França.

Coisa maravilhosa! A França continuava a pagar nos países estrangeiros os honorários dos Condes, dos Lambesc, dos Carlos de Lorraine!

Em breve veremos como os emigrados corresponderam a esta brandura.
Quando Fauchet concluía o seu discurso, receberam-se notícias de Avinhão.
Ainda Brissot não tinha acabado de falar, receberam-se notícias da Europa.
Seguiu-se depois, aparecendo no poente, um grande clarão, como se fora um incêndio, eram notícias da América.

Comecemos por Avinhão.

Digamos em poucas palavras a história desta segunda Roma.

Bento XI morrera em 1304, de um modo escandalosamente súbito.

Dizia-se que tinha sido envenenado nuns figos.

Filipe o Belo, que esbofeteara Bonifácio VIII da Colona, tinha os olhos cravados em Perusa, onde o conclave estava reunido.

Havia muito que nutria a idéia de tirar a sede pontifícia de Roma e de transferi-la para França, e assim que a tivesse no seu cárcere, queria fazê-la trabalhar em seu proveito, para, como diz o nosso grande Michelet, lhe ditar bulas lucrativas, explorar-lhe a infalibilidade e constituir o Espírito Santo escriba e preceptor da casa de França.

Um dia chegou um correio coberto de pó, morto de cansaço, podendo apenas falar; vinha trazer-lhe esta notícia:

O partido francês e o partido anti-francês contrabalançavam-se por tal forma no conclave, que nenhum papa sairia eleito pelos escrutínios, e falava-se em reunir outro conclave noutra cidade.

Esta resolução não fazia conta aos de Perusa, que levavam em capricho que fosse eleito um papa na sua cidade; por isso usaram de um meio um tanto ou quanto engenhoso.

Estabeleceram um cordão em volta do conclave, para impedir em que se levasse de comer e de beber aos cardeais.

Estes gritaram contra o atentado.

– Nomeiem um papa – bradaram os de Perusa, – e terão que comer e que beber.

Os cardeais resistiram por espaço de vinte e quatro horas, passadas as quais tomaram uma deliberação.

Decidiu-se que o partido anti-francês escolhesse três cardeais, e que o partido francês escolhesse um papa entre aqueles três candidatos.

O partido anti-francês escolheu três inimigos declarados de Filipe o Belo, porém no número desses inimigos estava Bertrand de Got, o arcebispo de Bordéus, que se sabia ser mais amigo do seu interesse do que inimigo de Filipe o Belo.

Partiu um mensageiro trazendo esta notícia.

Fora esse mensageiro que andara o caminho em quatro dias e quatro noites e chegara morto de cansaço. Não havia tempo a perder.

Filipe o Belo deu ponto de reunião na floresta de Audelys, a Bertrand de Got, que ignorava completamente ainda o alto cargo a que era promovido.

Foi numa noite sombria, que assemelhava a uma noite de evocação, numa clareira onde desembocavam três caminhos; era em condições semelhantes que beijavam o pé rachado de Satanás os que pretendiam alcançar favores ou mercês sobre-humanos, jurando ser homens servos do próprio Satanás.

Mas para sossegar o espírito do arcebispo, começou-se por ouvir uma missa; depois, sobre o altar, e no acto da elevação da hóstia, o rei e o prelado juraram mutuamente segredo. Apagaram-se as luzes, o acólito afastou-se acompanhando os meninos do coro e levando a cruz e os vasos sagrados, julgando por certo, que haveria profanação, se assistissem ao que se ia verificar.

O arcebispo e o rei ficaram sós.

Quem relatou a Villani, de quem o copiamos, o que vamos dizer?

Naturalmente foi Satanás que entrava como terceiro na entrevista.

– Arcebispo – disse o rei Bertrand de Got – tenho o poder de te fazer papa, se quiseses,

por isso me dirigi a ti.

– A prova? – perguntou Bertrand de Got.

– Está aqui – disse o rei.

E mostrou uma carta dos seus cardeais, que em vez de lhe dizerem que estava feita a escolha, lhe perguntavam quem era que deviam escolher.

– Que devo fazer para ser papa? – perguntou Got, doido de alegria e lançando-se aos pés do rei.

– Comprometeres-te – respondeu o rei – a fazeres-me os seis favores que te pedir.

– Diga meu rei – respondeu Bertrand – sou vassalo de vossa majestade, e o meu dever é obedecer-lhe.

O rei ergueu-o, beijou-o na boca, e disse-lhe:

– Os seis favores especiais que te peço, são os seguintes:

Bertrand de Got prestava toda a sua atenção, porque receava, não que o rei lhe pedisse coisas que comprometessem a sua salvação mas que lhe pedisse coisas impossíveis de cumprir.

– O primeiro favor – disse Filipe – é que me reconcilies com a Igreja, e faças com que se perdoe o crime que cometi, por ter mandado prender o papa Bonifácio VIII em Anagni.

– Concedido – respondeu prontamente Bertrand.

– O segundo é que me dês a comunhão a mim e aos meus.

Filipe o Belo estava excomungado.

– Concedido – respondeu Bertrand, muito admirado de que se lhe pedisse tão-pouco para o elevar a tão alto cargo.

É certo que ainda faltavam quatro favores.

– O terceiro é que me dês os dízimos do clero do meu reino por espaço de cinco anos, para auxílio das despesas feitas com a guerra de Flandres.

– Concedido.

– O quarto é que anules e destruas a memória do papa Bonifácio.

– Concedido, concedido.

– O quinto é que dês a dignidade de cardeal a Marco Jacopo e ao senhor Pietro de Colonna, e faças cardeais alguns dos meus amigos.

– Concedido, concedido, concedido.

E como Filipe se conservasse silencioso, o arcebispo perguntou-lhe com inquietação:

– E o sexto favor, meu senhor?

– O sexto – respondeu Filipe – reservo-me para falar dele em ocasião oportuna, porque é assunto muito importante e secreto.

– Importante e secreto! – repetiu Bertrand.

– Tão importante e tão secreto – disse o rei – que desejo que desde já jures sobre um crucifixo guardar o maior segredo.

E tirando um crucifixo do peito, apresentou-o ao arcebispo.

Este não hesitou um momento: era o último fosso que lhe faltava passar: passado e vencido, estava eleito papa.

Estendeu a mão sobre a imagem do Salvador, e com voz firme, disse:

– Juro!

– Muito bem – disse o rei; – qual é a cidade do meu reino onde queres ser coroado?

– Em Lião.

– Vem comigo e és papa sob o nome de Clemente V.

Clemente V acompanhou Filipe o Belo, mas muito inquieto por causa do sexto favor que o seu suserano se reservava pedir-lhe.

No dia em que lho pediu, viu que era de pouca importância, e por isso lho concedeu sem dificuldade. Era a destruição da ordem dos templários.

Provavelmente, nada disto era conforme com a vontade de Deus, por isso Deus mostrou o seu descontentamento por um modo manifesto.

Quando, ao sair da igreja, em que fora coroado Clemente V, o cortejo passava pela frente de um muro carregado de povo, o muro caiu, feriu o rei, matou o duque de Bretanha e deitou o papa ao chão. A tiara caiu e o símbolo do papismo aviltado rolou para a lama.

Oito dias depois, num banquete dado pelo novo papa, os familiares de sua santidade e os cardeais travaram-se de razões.

O irmão do papa quis separá-los e foi assassinado.

Estes presságios eram maus.

Aos maus presságios juntou-se um mau exemplo: o papa extorquia a Igreja e uma mulher extorquia o papa.

A mulher era a linda Brunissanda, a qual na opinião dos cronistas da época, custava mais caro à cristandade do que a Terra Santa.

Todavia o papa cumpria as promessas uma após outra. Filipe tinha feito um papa para si, uma espécie de galinha que punha ovos de ouro, e que ele ameaçava de morte se não lhe pusesse um ovo pela manhã e outro de tarde.

Finalmente o papa Bonifácio VIII foi declarado herege e falso papa, e o rei absolvido da excomunhão.

Os dízimos do clero foram-lhe concedidos por cinco anos. Foram nomeados doze cardeais da confiança do rei; foi revogada a bula de Bonifácio VIII, que fechava a Filipe o Belo a bolsa do clero, abolida a ordem do Templo e presos os templários.

A este tempo aconteceu que, no 1.º de Maio de 1308, faleceu o imperador Alberto de Áustria.

Filipe o Belo lembrou-se então de fazer nomear imperador seu irmão Carlos de Valois.

Era ainda Clemente V quem devia manobrar para chegar a este resultado.

A escravidão do homem vendido continuava: a pobre alma de Bertrand de Got, selada e enfreada, devia ser cavalgada pelo rei de França até ao inferno.

Por fim teve a veleidade de deitar por terra o seu terrível cavaleiro.

Clemente V escreveu ostensivamente em favor de Carlos de Valois, e secretamente contra ele.

Feito isto, era necessário sair do reino; a vida do papa tinha tanto menor confiança nas terras do rei, quanto a nomeação dos doze cardeais punha as futuras eleições pontifícias nas mãos do rei de França.

Clemente V lembrou-se dos figos de Bento XI.

Estava em Poitiers.

Conseguiu fugir de noite.

Era estar e não estar em França.

Era uma fronteira, uma terra de asilo, um resto do império, um velho município, uma república como a de S. Marino, mas era governada por dois reis.

Pelo rei de Nápoles, como conde de Provença, pelo rei de França, como conde de Tolosa.

Cada um deles tinha o senhorio de metade de Avinhão.

Nenhum deles podia prender um fugitivo nas terras do outro.

Clemente V refugiou-se naturalmente na parte de Avinhão que pertencia ao rei de Nápoles.

Mas se escapava ao poder de Filipe o Belo, não escapava por certo à maldição do grão-mestre dos templários.

Subindo à fogueira no terraplano da ilha da Cité, Jacques de Molay emprazara os seus dois algozes a comparecerem no fim do ano na presença de Deus.

Clemente V foi o primeiro que obedeceu ao fúnebre convite; sonhou uma noite que via o seu palácio a arder; dali em diante, diz o seu biógrafo, *nunca mais teve alegria e pouco tempo durou.*

Sete meses depois, coube a vez a Filipe.

De que morreu ele?

Há duas versões acerca da sua morte.

Qualquer delas parece ter sido uma vingança caída das mãos de Deus.

A crónica traduzida por Sauvage diz que morreu na caça.

“Viu correr um veado para ele, tirou a espada, picou o cavalo, e julgando ferir o veado, foi levado pelo cavalo de encontro a uma árvore. O choque foi tão forte que o bom rei caiu no chão ferido no coração, e foi transportado a Corbeil.”

Diz a crónica que ali se lhe agravou a doença e morreu. Bem se vê que a enfermidade não podia tornar-se mais grave.

Guilherme de Nangis, pelo contrário, refere assim a morte do rei:

“Vítima de uma doença prolongada, cuja causa era desconhecida pelos médicos, tanto para estes como para muitas outras pessoas foi objecto de espanto e admiração, porque nem o pulso, nem a urina indicavam sintomas de doença ou perigo de morte. Finalmente, ordenou que o transportassem a Fontainebleau, terra do seu nascimento. Ali, depois de ter recebido os sacramentos com fervor e devoção na presença de grande número de pessoas, rendeu a alma ao Criador, no trigésimo ano do seu reinado, numa sexta-feira, véspera da festa do apóstolo Santo André.”

Nem o Dante deixou de descobrir a morte ao homem que odiava.

Di-lo estripado por um javali.

“O ladrão que no Sena viram falsificar moeda, foi morto com chavelho de porco.”

Os papas que residiram em Avinhão, depois de Clemente V, isto é João XXII, Bento XII e Clemente VI, todos procuraram ocasião de comprar Avinhão.

Foi ao último que se ofereceu o ensejo.

Uma mulher ainda menor, Joana de Nápoles, não o vendeu, deu-o pela absolvição de um assassinio cometido pelos seus amantes.

Chegada à maioridade, reclamou contra a cessão, mas Clemente VI não desistiu dela.

E tão segura era a posse que, quando em 1377 Gregório XI transferiu a sede pontifícia para Roma, Avinhão ficou sendo administrado por um legado, sob a obediência da Santa Sé.

Ainda o era em 1791, quando se verificaram os acontecimentos, que são causa desta longa digressão.

XII

A França e os estrangeiros

Havia então dois Avinhões em Avinhão, como acontecia no tempo em que estava dividido entre o rei de Nápoles, conde de Provença, e o rei de França, conde de Tolosa.

O Avinhão do clero tinha cem igrejas, duzentos conventos e o palácio papal.

O Avinhão dos negociantes tinha o rio, os fabricantes de seda, e o trânsito em cruz de Lião a Marselha e de Nimes a Turim.

Naquela desgraçada cidade quase que só havia os franceses do rei e os franceses do papa.

Os franceses da França eram verdadeiros franceses, os franceses da Itália eram quase italianos.

Os franceses da França, isto é, os comerciantes trabalhavam muito para viver, para

alimentar as mulheres e os filhos, e dificilmente o conseguiam.

Os franceses de Itália, isto é, os padres tinham tudo, riqueza e poder.

Eram abades, bispos, arcebispos, cardeais, ociosos, elegantes e atrevidos chichibéus das damas da alta aristocracia, senhores das mulheres do povo, as quais ajoelhavam, quando eles passavam, para lhes beijar as mãos alvíssimas.

Querem um tipo?

Têm o abade Maury. É um franco-italiano do Comtat, filho de um sapateiro, aristocrata como Lauzun, orgulhoso como um Clermont Tonerre, insolente como um laçaio.

As crianças amam-se em toda a parte antes de serem homens, e, por conseqüência, antes de terem paixões.

Em Avinhão, já se nasce com ódios.

A 14 de Setembro, no tempo da Constituinte, por decreto do rei, foi reunido à França o Avinhão é o Condado-Venezino.

Havia um ano que Avinhão ora estava nas mãos do partido francês, ora nas mãos do anti-francês.

A tempestade começara em 1790.

Uma noite os papistas divertiram-se em enforcar um boneco, adornado com três cores.

Pela manhã os habitantes de Avinhão sobressaltaram-se àquele aspecto.

Arrancaram de casa quatro papistas, porque não puderam alcançar mais, dois fidalgos, um burguês e um operário, enforcaram-nos em lugar do boneco.

O partido francês tinha por chefes dois rapazes, Duprat e Mainvielle, e um homem de certa idade, chamado Lescuyer.

Este último era francês em toda a força da expressão; era da Picardia, dotado de carácter ardente e reflectido ao mesmo tempo, e estava estabelecido em Avinhão na qualidade de tabelião e de secretário da municipalidade.

Os três chefes haviam arranjado uns dias antes mil soldados e tentaram com eles uma expedição sobre Carpentras, que não produziu bom êxito.

A chuva fria e misturada com granizo, como a que costuma descer do monte Ventoux, dispersou o exército de Mainvielle, Duprat e Lescuyer, como a tempestade dispersou a esquadra de Filipe II.

Quem fez cair aquela chuva milagrosa, que teve o poder de dispersar o exército revolucionário?

Nossa Senhora.

Mas Duprat, Mainvielle e Lescuyer desconfiavam de um catalão, chamado o cavalheiro Patrix, que tinham nomeado general, e a quem, por ter secundado tão eficazmente Nossa Senhora no seu milagre, atribuíam toda a honra.

Em Avinhão fazia-se justiça pronta à traição. Morte ao traidor! Patrix foi morto.

Ora, de quem se compunha o exército que representava o partido francês?

De camponeses, de moços de fretes e de desertores.

Procurou-se um homem do povo para se colocar à frente daqueles homens do povo.

Julgaram ter encontrado o homem que procuravam um certo indivíduo chamado Mateus Jouve, que se dizia Jourdan.

Era natural de Saint-Just, próximo do Puy-en-Velay; fora almocreve, depois soldado e ultimamente taberneiro em Paris.

Em Avinhão vendia ruiva dos tintureiros.

Aquele homem era um gabarola de assassinios, um fanfarrão de crimes.

Mostrava a toda a gente uma espada muito grande, e dizia que cortara com ela a cabeça do governador da Bastilha e ainda as de mais dois oficiais, no dia 6 de Outubro.

Por chalaça ou por temor, o povo acrescentou ao apelido de Jourdan, que ele adoptara, a alcunha de *Corta-cabeças*.

Duprat, Mainvielle, Lescuyer e o seu general Jourdan, *Corta-cabeças*, tinham sido por muito

tempo senhores da cidade e começavam a ser temidos.

Organizou-se contra eles uma conspiração oculta e poderosa, hábil e tenebrosa, como costumam ser as conspirações do clero. Trataram de despertar as paixões religiosas.

A mulher de um patriota francês tinha dado à luz um filho sem braços.

Espalhou-se o boato de que o patriota, roubando nessa noite de uma igreja um anjo de prata, lhe quebrara um braço; diziam por isso que o aleijão do recém-nascido era um castigo do Céu.

O pai foi obrigado a esconder-se; eram capazes de o fazer em pedaços, mesmo antes de se informarem de qual era a igreja donde fora roubado o anjo.

Mas, diziam eles que era especialmente Nossa Senhora quem protegia os realistas, quer fossem *chouans* na Bretanha, quer papistas em Avinhão.

Em 1789, diziam que Nossa Senhora chorara numa igreja da rua do Bac.

Em 1890, que aparecera no Bocage vendeano, atrás de um velho carvalho.

Em 1791, que dispersara o exército de Duport e Mainvielle, mandando-lhes contra as caras uma chuva de pedra.

Finalmente, que, na igreja dos Franciscanos, se lhe haviam corado as faces de vergonha, decerto pela indiferença do povo de Avinhão.

Este último milagre, confirmado particularmente pelas mulheres, porque os homens não lhe davam muito crédito, já elevara os espíritos até certa altura, quando em Avinhão se espalhou um boato muito mais assustador.

Circulava a notícia de que fora transportado para fora da cidade um cofre de prata.

No dia seguinte já não era só um cofre, eram seis.

Dali a dois dias eram dezoito malas cheias.

Que prata continham as dezoito malas?

Dizia-se que eram os penhores que estavam no monte-pio, e que o partido francês levaria consigo, quando evacuou a cidade.

Ao saber-se esta notícia, um vento de tempestade passou sobre a cidade; esse vento é o famigerado zunzum que assobia por entre os elementos, e que é o meio termo entre o rugido do tigre e o assobio da serpente.

Era tal a miséria em Avinhão, que todos tinham alguma coisa empenhado.

Por pouco que o indivíduo mais pobre tivesse empenhado, julgava-se arruinado para sempre.

Se o rico se julga arruinado quando perde um milhão, o pobre julga o mesmo quando perde um farrapo: tudo é relativo.

Isto acontecia a 16 de Outubro, num domingo pela manhã.

Todos os camponeses da vizinhança tinham vindo ouvir missa à cidade.

Naquela época todos andavam armados.

O momento era pois perfeitamente escolhido e o golpe bem jogado.

Neste caso não havia partido francês nem anti-francês.

Havia ladrões, que tinham cometido um roubo infame, porque tinham roubado os pobres!

A multidão afluía à igreja dos Franciscanos: camponeses, artistas e moços de fretes, brancos, vermelhos, tricolores, todos bradavam que era necessário, e no mesmo instante, que a municipalidade lhes desse contas por intervenção do seu secretário Lescuyer.

Porque estava o povo tão encolerizado contra Lescuyer?

Ignorava-se.

Quando se quer tirar violentamente a vida a um homem, acontecem destas fatalidades.

Lescuyer foi repentinamente conduzido para o centro da igreja.

Ia refugiar-se na municipalidade, mas foi logo conhecido e preso, e até maltratado com murros, pontapés e pauladas dentro da igreja.

Chegado à igreja, o desgraçado, muito pálido, mas sereno e tranqüilo, subiu ao púlpito e

começou a justificar-se.

A justificação era fácil; bastava que dissesse:

“Abra-se e mostre-se o monte-pio ao povo, e ele verá que estão lá todos os objectos que supõe terem sido extraviados”.

E começou:

– Meus irmãos, julguei que a revolução era necessária e contribuí para ela com todas as minhas forças.

Mas não o deixaram prosseguir; estavam receosos de que se justificasse.

Começou a ouvir-se o terrível zunzum, áspero como o mistral.

Um moço de fretes subiu ao púlpito atrás dele, e arremessou-o para o meio da multidão.

Começaram então as torturas.

Arrastaram-no até ao altar.

Era ali que cumpria tirar a vida àquele revolucionário, para que o sacrifício fosse agradável a Nossa Senhora, em cujo nome se fazia tudo.

Dentro do coro, e ainda vivo, Lescuyer desembaraçou-se das mãos dos seus assassinos e refugiou-se num confessionário.

Mão caridosa lhe forneceu os meios para escrever.

Cumpria que escrevesse o que não tivera tempo de dizer.

Um socorro inesperado fez que por alguns momentos fosse poupado.

Um fidalgo bretão, que por acaso passava por ali, indo para Marselha, entrou na igreja, teve compaixão da pobre vítima, e quis salva-la, com o valor e obstinação próprios de um bretão.

Duas ou três vezes desviara os paus e as facas que o ameaçavam, gritando:

– Meus senhores, em nome da lei, em nome da honra, em nome da humanidade!

As facas e os paus Voltaram-se então contra ele, mas o bretão cobria o corpo do pobre Lescuyer, bradando:

– Meus senhores, em nome da humanidade!

Depois soltaram-no, dizendo:

– Acabemos primeiro com Lescuyer, que depois encontraremos este.

O povo compreendeu o vigor do raciocínio e largou o bretão.

Obrigaram-no a fugir.

Chamava-se o Sr. de Rosély.

Lescuyer não tivera tempo de escrever, e ainda que o tivesse, ninguém teria lido o seu escrito, porque o tumulto era muito grande. Mas no meio daquela desordem, Lescuyer avistou uma portinha atrás do altar: se conseguisse alcançar aquela porta, estava salvo.

Correu para ela na ocasião em que o julgavam aniquilado pelo terror.

Lescuyer ia lograr os seus intentos, os assassinos tinham sido surpreendidos, mas ao pé do altar estava um fabricante de tafetás, que lhe descarregou sobre a cabeça uma bastonada tão forte, que o pau quebrou-se.

Lescuyer caiu aturdido como um boi no matadouro.

Caíra justamente no lugar onde queriam que caísse: ao pé do altar!

Então as mulheres, para punir aqueles beijos, que tinham proferido a blasfémia de *Viva a liberdade!* Retalharam-lhos e os homens dançaram-lhe sobre o corpo e atiraram-lhe pedradas como a Santo Estêvão. Com os beijos a escorrer em sangue, Lescuyer bradava:

– Por favor, meus irmãos, em nome da humanidade, minhas irmãs, matem-me!

Era pedir muito.

Queriam que ele gozasse a agonia.

Durou até à noite.

O desgraçado saboreou largamente a morte.

Eram estas as notícias que chegavam à Assembléia Legislativa, em resposta ao discurso filantrópico de Fauchet. Verdade é que, dias depois, chegavam outras.

Duprat e Jourdan foram prevenidos do acontecimento.

Onde poderiam encontrar a sua gente dispersa?

Duprat teve uma lembrança.

Lembrou-se de tocar, à maneira de chamada, o famoso sino de prata, que só tocava em duas ocasiões:

Na sagração dos papas e quando eles faleciam.

Aquele som produziu dois efeitos contrários.

Gelou o coração aos papistas e restituiu o valor aos revolucionários.

Ao vibrar daquele sino, que dava um som tão desconhecido, os homens do campo saíram da cidade, e cada qual fugiu em direcção ao seu domicílio.

Jourdan, ouvindo tocar o sino, reuniu quase trezentos dos seus soldados.

Tomou as portas da cidade, as quais colocou de guarda cento e cinquenta homens.

Com os outros cento e cinquenta marchou para os Franciscanos.

Tinha duas peças de artilharia, com as quais atirou ao acaso sobre a multidão, e matou gente.

Depois entrou na igreja.

A igreja estava deserta. Lescuyer agonizava junto do altar da Virgem, que fizera tantos milagres, e que não se dignara estender a sua mão divina para salvar aquele desgraçado; dir-se-ia que ele não podia morrer.

Aqueles restos ensangüentados teimavam em viver. Assim o levaram pelas ruas, e por onde passava, todos fechavam as janelas, gritando:

– Eu não estava na igreja dos Franciscanos!

Era tal o terror que havia em Avinhão, que Jourdan e os seus cento e cinquenta homens teriam feito o que quisessem dos trinta mil habitantes.

Fizeram em ponto pequeno o mesmo que Marat e Panis fizeram em Paris no dia 2 de Setembro.

Ver-se-á mais adiante a razão por que dizemos Marat e Panis e não falamos em Danton.

Foram mortos setenta e oito desgraçados, precipitados para os segredos pontifícios, na torre de La Glacière, ou torre *Trouillas*, como lá lhe chamam.

Era esta a notícia que se recebia e que fazia esquecer a morte de Lescuyer por terríveis represálias.

Quanto aos emigrados, que Brissot defendia, e aos quais desejava que fossem abertas as portas da França, eis o que eles faziam nos países estrangeiros.

Faziam as pazes entre a Áustria e a Prússia, e convertiam em potências amigas duas inimigas naturais.

Faziam com que a Rússia proibisse ao nosso embaixador que aparecesse nas ruas de S. Petersburgo, e que aquele gabinete enviasse um ministro aos refugiados em Coblenz.

Faziam com que Berne castigasse uma cidade suíça, porque havia cantado o *Ça ira revolucionário*.

Faziam com que Genebra, pátria de Rousseau, que tanto concorrera para a revolução que se realizava, dirigisse contra nós as bocas das suas peças de artilharia.

Faziam com que o bispo de Liège se negasse a receber um embaixador francês.

É certo que os reis também se não descuidavam.

A Rússia e a Suécia devolviam a Luís XVI os despachos em que este lhes participava a sua adesão à Constituição.

A Espanha recusava-se a receber os mesmos despachos, mas respondia entregando à inquisição um francês, que só pelo suicídio pôde escapar ao *san-benito*.

Veneza lançava sobre a praça de S. Marcos o cadáver de um homem, estrangulado essa noite por ordem do Conselho dos Dez, tendo pendente esta inscrição:

“Estrangulado por ser pedreiro livre...”

Finalmente, o imperador e o rei da Prússia respondiam com uma ameaça.
– Desejamos – diziam eles – que se previna a necessidade de tomar precauções sérias contra a renovação de coisas, que dão lugar a tão tristes agouros.
Por isso havia guerra na Vendéia e no Meio-Dia, e a ameaça geral de guerra estrangeira.
Do outro lado do Atlântico, ouviam-se os gritos de uma população inteira, que era degolada.
O que aconteceu no Ocidente? Quem são esses escravos negros que mataram, por estarem cansados de ser maltratados?
São os negros de São Domingos, que tiram uma sanguinolenta desforra.
Como foram esses acontecimentos?
Em duas palavras vamos narrá-los; não seremos tão prolixos como a respeito de Avinhão.
A Constituinte prometera a liberdade aos negros.
Ogé, jovem mulato, um desses corações ardentes e dedicados, como tenho conhecido tantos, tornou a atravessar os mares levando o decreto libertador logo que foi promulgado.
Posto que não houvesse chegado ainda nada de oficial a respeito daqueles decretos, pressuroso pela liberdade, intimou o governador para que lhes desse cumprimento.
O governador deu ordem para o prenderem.
Ogé refugiou-se na parte espanhola da ilha.
Foi entregue pelas autoridades espanholas, cujo ódio pela revolução era bem conhecido.
Ogé foi rodado vivo.
Este suplício foi seguido de terror por parte dos brancos. Supondo que tivesse muitos cúmplices na ilha, os plantadores tornaram-se juízes e multiplicaram as execuções.
Uma noite sublevaram-se setenta mil negros; os brancos foram despertados por um incêndio imenso que devorava as suas plantações.
Oito dias depois, o incêndio estava apagado com sangue.
Que fará a França, pobre salamandra encerrada neste círculo de fogo?
Vamos ver.

XIII

A guerra

No seu enérgico discurso acerca dos emigrados, Brissot demonstrara claramente as intenções dos reis e o género de morte que reservavam à revolução.
Como a matariam?
Sufocando-a.
Tendo apresentado o quadro da liga européia, tendo mostrado o círculo de soberanos, uns com a espada na mão, arvorando francamente o estandarte do ódio, e outros cobrindo ainda o rosto com a máscara da hipocrisia, até que a pudessem largar, bradara:
– Pois bem! Seja assim. Não só aceitamos o desafio da Europa aristocrata, mas ainda o queremos prevenir. Não esperemos que nos ataquem, sejamos os primeiros a atacar.
A este brado do orador correspondeu um aplauso imenso. É que Brissot, que era mais um homem de instinto que homem de génio, acabava de responder ao pensamento santo, ao pensamento de dedicação que dominara nas eleições de 1791: a guerra.
Não a guerra egoísta, que um déspota declara para vingar um insulto feito ao seu trono, ao seu nome, ou ao nome dos seus aliados, ou para acrescentar uma província submissa ao seu reino ou ao seu império, mas a guerra que é acompanhada pelo sopro da vida, a guerra cujas

trombetas dizem em toda a parte onde são ouvidas: “Levantai-vos, ó vós que quereis ser livres! Trazemos-vos a liberdade!”

E efectivamente o povo começava a ouvir como que um grande murmúrio, murmúrio semelhante ao ruído da maré.

Este murmúrio era o balbuciar de trinta milhões de vozes, que não falavam ainda, mas que já rugiam, e Brissot traduziu esse rugido por estas palavras:

– Não esperemos que nos ataquem, sejamos os primeiros a atacar.

Logo que a estas palavras ameaçadoras respondera um aplauso geral, a França era forte, e não só devia atacar, mas cumpria-lhe vencer.

Faltavam as questões secundárias. Os nossos leitores já devem ter notado que não escrevemos um romance, mas sim uma obra histórica. Não tornaremos provavelmente a referir-nos a esta grande época, da qual já tiramos: *Branca de Beaulieu*, o cavaleiro da Casa Vermelha, e um livro escrito, *O último rei dos franceses*, que será publicado brevemente, e por isso devemos exprimir tudo quanto se contém nessa época.

Vamos passar rapidamente sobre essas questões de importância secundária, para chegarmos com a maior brevidade aos acontecimentos que nos falta relatar, e nos quais estão mais particularmente envoltos os personagens do nosso livro.

A notícia dos acontecimentos da Vendaia dos assassínios de Avinhão, e dos insultos da Europa, ecoou na Assembléia com o estampido do raio. Já vimos que a 20 de Outubro, Brissot se contentara com um imposto sobre os bens dos emigrados. No dia 25, Condorcet condenava aqueles bens ao seqüestro e exigia dos emigrados o juramento cívico.

Exigir juramento cívico a homens que estavam fora de França e armados contra a França!

Apareceram então dois homens, que se tornaram, um o Barnave, e o outro o Mirabeau da nova Assembléia.

Eram Vergniaud e Isnard.

Vergniaud, uma dessas figuras meigas, poéticas e simpáticas, que as revoluções arrastam após si, era filho da fértil Limoges; meigo, lento, e mais afectuoso do que apaixonado, bem nascido e bem dotado, distinguido por Turgot, intendente de Limousin, e por ele mandado às escolas de Bordéus, a sua palavra era menos áspera, menos violenta do que a de Mirabeau, e, bem que inspirada pela escola grega e um tanto sobrecarregada de mitologia, era menos prolixa, menos de advogado do que a de Barnave.

O que constituía a parte vivaz e influente da sua eloquência, era a nota humana, que eternamente vibrava na Assembléia. Mesmo no meio das ardentes e sublimes cóleras das tribunas, ouvia-se sempre irromper-lhe do peito a expressão da natureza ou da compaixão. Chefe de um partido azedo, violento, disputador, pairou constantemente sereno e digno sobre a situação, mesmo quando a situação foi mortal; os inimigos diziam-no indeciso, mole, indolente; muitas vezes perguntavam onde estava a sua alma, que parecia ausente; tinham razão: a sua alma não habitava nele senão quando ele fazia um esforço para prendê-la no peito; toda a sua alma vivia numa mulher, vagava-lhe sobre os lábios, transparecia-lhe nos olhos, vibrava na sublime harpa da bondosa, da bela, da deliciosa Candeille.

Isnard era a antítese de Vergniaud; este era de algum modo a serenidade, o outro era a cólera da Assembléia.

Isnard, nascido em Grasse, no país dos perfumes e do mistral, tinha os furores violentos e súbitos desse gigante das tempestades, que com o mesmo sopro desarraiga os rochedos e desfolha as rosas; a sua voz desconhecida estrondeou de repente na Assembléia como um dos inesperados trovões das primeiras tempestades do Estio. Ao primeiro acento daquela voz, estremeceu toda a Assembléia, os mais distraídos ergueram a cabeça, e cada qual esteve prestes a dizer como Caim à voz de Deus: “É a mim que falais, Senhor?”

Como fosse interrompido, bradou:

– “Pergunto à Assembléia, pergunto à França, pergunto ao mundo, pergunto-vos a vós, senhor, designando quem o interrompera, pergunto se há alguém que de boa fé, e no voto íntimo

da sua consciência, queira sustentar que os príncipes emigrados não conspiram contra a pátria; pergunto em segundo lugar, se há alguém nesta Assembléia que se atreva a sustentar que quem conspira não deva ser imediatamente acusado, perseguido e castigado com todo o rigor.”

“Se há alguém que se levante...”

“Disseram-vos que a indulgência era o dever da força, que certas potências desarmavam, e eu digo-vos que é necessário estar alerta, que o despotismo e a aristocracia não conhecem nem morte nem sono e que se as nações adormecerem um momento que seja, acordarão algemadas. O crime que menos perdão merece é o que tem por fim escravizar o homem; se o fogo do Céu estivesse ao alcance dos homens, com ele deviam fulminar os que atentam contra a liberdade dos povos!”

Era a primeira vez que se ouviam semelhantes palavras. Aquela eloquência selvagem arrastou tudo consigo, como o gelo desprendido nos Alpes, arrasta na sua queda árvores, rebanhos, pastores e casas.

Na mesma sessão decretou-se o seguinte:

“Que se Luís Estanislau Xavier, príncipe francês, não recolhesse ao país no prazo de dois meses, abdicava os seus direitos à regência”.

A 8 de Novembro decretou-se:

“Os emigrados que não recolherem até ao 1.º de Janeiro, serão declarados criminosos de conspiração, perseguidos e punidos de morte”.

Finalmente, a 29 de Novembro chegou a vez ao clero.

“Será exigido ao clero o juramento cívico no prazo de oito dias.”

“Os que se recusarem serão tidos por suspeitos de revolta e recomendados à vigilância das autoridades.”

“Se acharem numa comuna, onde se dêem desordens religiosas, o directório do departamento poderá afastá-los do seu domicílio ordinário.”

“Se desobedecerem, serão presos até um ano.”

“Se provocarem a desobediência serão presos até dois anos.”

“A comuna, onde a força armada for obrigada a intervir, pagará as despesas.”

“As igrejas servirão unicamente para o culto pago pelo Estado; as que não forem necessárias, poderão ser compradas para outro culto, mas não por aqueles que se recusarem ao juramento.”

“As municipalidades enviarão aos departamentos, e estes à Assembléia, a lista dos sacerdotes que jurarem e dos que tiverem recusado, com observações sobre a coalizão deles entre si e com os emigrados, a fim de que a Assembléia preveja aos meios de extirpar a rebelião.”

“A Assembléia considera como um benefício os bons livros que possam esclarecer os habitantes de campo acerca das pretendidas questões religiosas, fá-los-á imprimir e recompensará os seus autores”.

Já dissemos o que fora feito dos Constituintes, ou por outra dos constitucionais, e dissemos qual fora o intuito com que criaram o clube dos Bernardos.

O espírito deles estava em perfeita harmonia com o do departamento de Paris.

Era o espírito de Barnave, de Lafayette, de Lameth, de Duport e de Bailly, ainda *maire*, mas que ia deixar de o ser.

Viam no decreto do clero, que diziam promulgado contra a consciência pública, e no dos emigrados, que consideravam atentatório dos laços da família, um meio de experimentar o poder do rei, e opunham-se-lhes.

O clube dos Bernardos deu-se pressa em redigir, e o directório de Paris assinou um protesto contra aqueles dois decretos, pedindo a Luís XVI que pusesse imediatamente o veto no decreto que dizia respeito aos sacerdotes.

Como se sabe, a constituição ainda reservava a Luís XVI o direito do veto.

Quem assinava aquele protesto?

Talleyrand, o homem que fora o primeiro a atacar o clero, o Mefistófeles, que com o pé aleijado quebrara o gelo.

O homem que depois fez vilíssima diplomacia, nem sempre via claro em matéria de revoluções.

Espalhou-se com antecedência o boato do veto.

O clube dos Franciscanos impelira para a frente Camilo Desmoulins, o archeiro da revolução, sempre pronto para pregar a flecha em pleno alvo.

Desmoulins também fez a sua petição.

Como lhe fosse difícil fazer-se entender quando falava, Camilo Desmoulins encarregou Fauchet de fazer a leitura.

Fauchet leu a petição.

Foi unanimemente aplaudida do princípio ao fim.

Não era possível tratar a questão com mais ironia, nem ao mesmo tempo profunda-la tanto.

“Não nos queixamos – dizia o condiscípulo de Robespierre, o amigo de Danton – não nos queixamos, nem da Constituição que concedeu o veto, nem do direito que dele faz uso, porque nos lembramos da máxima de um grande político, de Maquiavel, que diz:

‘Se o príncipe tem de renunciar à soberania, a nação seria muito injusta, muito cruel, se o censurasse por se opor constantemente à vontade geral; porque é difícil e contra o natural cair voluntariamente de tão alto.’

Compenetrado desta verdade, tomando o exemplo do próprio Deus, cujos mandamentos não são impossíveis, nunca exigiremos do que outrora foi soberano, um amor impossível pela soberania nacional, e não levamos a mal que oponha o seu veto justamente aos melhores decretos.”

A Assembléia, como já dissemos, aplaudiu, adoptou a petição, decretou que fosse inserta na acta, e que esta fosse enviada aos departamentos.

Nessa noite houve movimento nos Bernardos.

Muitos membros do clube, representantes na Legislativa, não tinham assistido à sessão.

Os ausentes da véspera invadiram no dia seguinte a Assembléia.

Eram duzentos e sessenta.

O decreto do dia antecedente foi anulado, entre os apupos e os assobios das tribunas.

Isso foi a declaração de guerra entre a Assembléia e o clube, que se apoiou daí em diante nos Jacobinos, que Robespierre representava, e nos Franciscanos representados por Danton.

Este, efectivamente, ganhava popularidade e a sua cabeça monstruosa começava a destacar entre a multidão. Gigante Adamastor, crescia diante da realeza e dizia-lhe:

“Sentido, que o mar em que navegas chama-se o mar das tempestades!”

Depois, inesperadamente, a rainha veio em auxílio dos Jacobinos contra os Bernardos.

Os rancores da rainha foram para a revolução o mesmo que os grãos de areia e as borrascas são para o Atlântico.

A rainha odiava Lafayette, o homem que a salvara em 6 de Junho e que perdera a sua popularidade por causa do paço em 17 de Julho.

Lafayette apresentava-se para substituir Bailly como *maire* de Paris.

A rainha, em lugar de auxiliar a eleição de Lafayette, fez com que os realistas votassem em

Pétion.

Extraordinária cegueira! Votar em Pétion, o seu brutal companheiro na viagem de Varennes!

A 19 de Dezembro o rei apresentou-se na câmara para dar o veto ao decreto promulgado contra o clero.

Na véspera dera-se nos Jacobinos uma grande demonstração.

Virchaux, suíço de Neuchâtel, o mesmo homem que no Campo de Marte escrevia a petição a favor da República, vinha trazer aos Jacobinos uma espada de Damasco, destinada ao primeiro general que vencesse os inimigos da liberdade.

Isnard estava presente; pegou na espada do jovem republicano, subiu à tribuna e desembainhou-a, exclamando:

– Esta é a espada do anjo exterminador; será vitoriosa, a França soltará um grande brado, e os povos lhe responderão; então a terra há-de cobrir-se de combatentes e os inimigos da liberdade serão riscados da lista dos homens.

Ezequiel não o diria melhor.

A espada desembainhada não devia volver à bainha; estava declarada uma dupla guerra.

A espada do republicano de Neuchâtel devia primeiramente ferir o rei de França, e depois dele os reis estrangeiros.

XIV

Um ministro da feição da senhora de Staël

Gilberto não pudera tornar a ver a rainha desde o dia em que tendo-lhe pedido que a esperasse um instante no gabinete, ali o deixara para ouvir o plano político que o Sr. de Bréteuil trazia de Viena, e que era concebido nos termos seguintes:

“Fazer com Barnave o mesmo que se fizera com Mirabeau, ganhar tempo, jurar a Constituição, executa-la literalmente para mostrar que é inexequível; a França há-de esfriar e enfadar-se: os franceses têm a cabeça leve, inventar-se-á outra moda e esquecer-se-á a moda da liberdade.”

“Se esta moda não esquecer, ganhar-se-á um ano, e dentro desse tempo estaremos prontos para fazer e sustentar a guerra”.

Haviam decorrido seis meses desde aquela época e a moda da liberdade não tinha passado, e era evidente que os soberanos estrangeiros se preparavam para cumprir a sua promessa e fazer a guerra.

Gilberto admirou-se muito de ver entrar em sua casa uma manhã o particular de el-rei. A primeira coisa de que se lembrou foi de que o rei estivesse doente e o mandasse chamar; mas, quanto a esse ponto, o criado sossegou-o.

Mandavam-no chamar ao palácio.

Gilberto não insistiu para saber quem o mandava chamar; mas o particular, que naturalmente tinha as suas instruções, não saiu sem lhe dizer:

– Pedem-lhe que apareça no palácio.

Gilberto era muito dedicado a el-rei: deplorava Maria Antonieta mais ainda como mulher do que rainha; não lhe inspirava nem amor nem dedicação, mas tinha muito dó dela.

Apressou-se em obedecer.

Introduziram-no na sobreloja onde fora recebido Barnave.

Assentada numa cadeira estava uma mulher, que se ergueu quando Gilberto entrou. Gilberto conheceu naquela dama a princesa Isabel.

Por esta tinha ele profundíssimo respeito; sabia quanto tinha de angélica a bondade do seu coração.

Fez-lhe uma reverência profunda, e percebeu desde logo a situação.

Nem o rei nem a rainha se tinham atrevido a mandá-lo chamar em seu nome, e por isso punham a princesa Isabel como intermediária.

As primeiras palavras da princesa Isabel ao doutor provaram-lhe que não se enganara nas suas conjecturas.

– Sr. Gilberto – lhe disse ela – não sei se outras pessoas se esqueceram dos sinais de interesse que deu a meu irmão no seu regresso de Versalhes, e o interesse que lhe deveu minha irmã na sua volta de Varennes; mas eu lembro-me muito bem.

Gilberto inclinou-se e disse:

– Minha senhora, Deus resolveu na sua sabedoria que vossa alteza tivesse todas as virtudes, e até a virtude da memória, hoje tão rara, especialmente nas pessoas reais.

– Não diz isso com referência a meu irmão, não é verdade, Sr. Gilberto? Meu irmão fala-me muitas vezes no Sr. Gilberto, e tem em muita consideração a sua experiência.

– Como médico? – perguntou Gilberto sorrindo.

– Como médico, sim senhor, mas acredita que a sua experiência não só se pode aplicar à saúde de el-rei, senão também à salvação do reino.

– Bondade de el-rei, minha senhora – respondeu Gilberto. – Para qual dos dois sou chamado agora, é para el-rei ou para o reino?

– Não foi el-rei quem o mandou chamar, fui eu – disse a princesa corando um pouco, porque aquele coração casto não sabia mentir.

– Vossa alteza! – disse Gilberto – por certo que não é a sua saúde que lhe dá cuidado: a palidez de vossa alteza é produzida pela fadiga e pela inquietação, mas não pela doença.

– Não, senhor, tem razão; não me inquieto por mim, mas sim por meu irmão.

– E eu também, minha senhora.

– A nossa inquietação não precede da mesma origem, isto é, a falta de saúde – redargüiu a princesa sorrindo.

– El-rei está doente?

– Não direi que esteja doente – respondeu a princesa – mas está abatido e desanimado; olhe, há dez dias (eu costumo contar os dias), faz hoje dez dias que não diz uma única palavra, a não ser a mim, ou quando joga o gamão, em que é obrigado a dizer as palavras que são indispensáveis ao jogo.

– Faz hoje onze dias – disse Gilberto – que ele se apresentou na câmara para significar o seu veto; porque não emudeceu ele nessa manhã, em vez de emudecer no dia seguinte?

– Então era de opinião – bradou vivamente a princesa – que meu irmão sancionasse aquele decreto?

– Minha senhora, a minha opinião é que pôr el-rei na frente do clero contra a corrente que desce, contra a maré que sobe e contra a tempestade que troveja, é querer que el-rei e o clero sejam despedaçados pelo mesmo golpe.

– Que faria o Sr. Gilberto no lugar de meu irmão?

– Minha senhora, existe neste momento um partido que cresce como os gigantes das *Mil e uma Noites*, os quais, encerrados num vaso, têm cem côvados de altura uma hora depois de quebrado o vaso.

– Refere-se aos Jacobinos?

– Não, minha senhora, quero falar da Gironda: os Jacobinos não querem a guerra, é a Gironda que a quer; a guerra é nacional.

– A guerra? Contra quem? Contra o imperador, nosso irmão? Contra o rei de Espanha, nosso sobrinho? Os nossos inimigos, Sr. Gilberto, estão em França e não fora de França, e a

prova...

A princesa hesitou.

– Diga, minha senhora – redargüiu Gilberto.

– Não sei, na verdade, se o posso dizer, doutor, posto que foi para isso mesmo que o mandei chamar.

– Pode dizer-me tudo, minha senhora, como a um homem dedicado e pronto a dar a sua vida por el-rei.

– Acredita que existam contravenenos? – lhe perguntou a princesa.

Gilberto sorriu e respondeu:

– Contravenenos infalíveis, não, minha senhora, mas cada substância venenosa tem o seu antídoto, posto que em geral, cumpre dizê-lo, tais antídotos são quase sempre impotentes.

– Oh! Meu Deus!

– Em primeiro lugar é preciso saber se o veneno é mineral ou vegetal: geralmente os venenos minerais obram sobre o estômago e as entranhas, e os vegetais obram sobre o sistema nervoso, isto é, uns irritam e outros reduzem à insensibilidade. De que género de veneno quer vossa alteza falar?

– Ouça; vou revelar-lhe um grande segredo.

– Eu escuto, minha senhora.

– Receio que envenenem el-rei.

– Quem supõe vossa alteza que seja capaz de cometer semelhante crime?

– Eu lhe digo o que aconteceu. O Sr. Laport, intendente da lista civil... Conhece-o?

– Conheço sim, minha senhora.

– Pois o Sr. Laport mandou-nos prevenir de que um homem das cozinhas reais, que estabelecera uma loja de pasteleiro no Palais-Royal, por morte do antigo fornecedor da pastelaria, ia ser encarregado desse fornecimento. Ora, esse homem, que é um grande Jacobino, disse em voz muito alta que se prestaria um grande benefício à França se se envenenasse el-rei.

– Minha senhora, as pessoas que querem cometer um crime semelhante, geralmente, não se gabam dele antes de o cometer.

– Mas é coisa tão fácil envenenar el-rei! Felizmente, o indivíduo de quem desconfiamos somente fornece as massas.

– Vossa alteza já tomou precauções?

– Sim, está resolvido que el-rei só coma carne assada, e que seja o Sr. Thierry, de Ville d'Avray, quem traga o pão, sendo ele igualmente quem forneça o vinho. Quanto aos pastéis e massas, como el-rei gosta muito deles, a Sr^a. Campan recebeu ordem de os encomendar para si ora num ora noutro pasteleiro. Recomendaram-nos, sobretudo, que desconfiássemos do açúcar em pó.

– Porque se lhe pode misturar arsénico, sem que se conheça, não é assim?

– Justamente.

– Por certo que a precaução é justíssima.

– A rainha costumava sempre tomar água com açúcar; mas já lhe fizemos perder esse costume. El-rei, a rainha e eu, comemos sempre juntos, e ninguém nos serve à mesa. Se algum de nós carece de alguma coisa, tocamos a campainha. A Sr^a. Campan, logo que o rei se assenta à mesa, traz por uma entrada particular, massas, pão e vinho, esconde tudo isto debaixo da mesa, e simulamos que bebemos vinho da copa, e que comemos o pão e as massas da ucharia. É deste modo que vivemos, Sr. Gilberto, e contudo, tememos a todo o momento, tanto eu como a rainha, de vermos empalidecer de repente el-rei, e de lhe ouvirmos dizer: Estou doente; não me sinto bem.

– Em primeiro lugar, minha senhora – disse o doutor – deixe-me afirmar-lhe que não acredito nessas ameaças de envenenamento, mas, nem por isso, deixo de me oferecer inteiramente para o serviço de suas majestades. Que deseja el-rei? Se quiser dar-me um quarto no paço, aqui me conservarei de modo que me encontrem logo que os seus receios...

– Meu irmão não receia nada – disse vivamente a princesa.
– Enganei-me, minha senhora; queria dizer até que passem os receios de vossa alteza. Tenho alguma prática dos venenos e dos contravenenos, e conservar-me-ei pronto para combatê-los sejam de que natureza forem; mas, permita-me vossa alteza que diga que se el-rei quisesse, nada teria que recear.

– E que se há-de fazer para isso? – perguntou uma voz, que não era a voz da princesa Isabel, e cujo timbre vibrante e acentuado fez com que Gilberto voltasse a cabeça.

O doutor não se enganava, era a voz da rainha.

Gilberto inclinou-se.

– Senhora – disse ele – devo renovar a vossa majestade os protestos que ainda agora fiz à Sr^a. princesa Isabel?

– Não, senhor; ouvi tudo, mas desejava saber quais são ainda as suas disposições a nosso respeito.

– A rainha duvida porventura da solidez dos meus sentimentos?

– Ai, Sr. doutor, há tantas cabeças e tantos corações que mudam com o vento das tempestades, que nunca se sabe em quem nos havemos de fiar.

– E é por isso que vossa majestade vai receber das mãos dos Bernardos um ministro da feição da Sr^a. de Staël.

A rainha estremeceu.

– Sabe isso? – perguntou ela.

– Sei que vossa majestade está empenhada com o Sr. de Narbonne.

– E censura-me por isso, não é verdade?

– Não, senhora. É um ensaio como outro qualquer. É provável que el-rei, depois de esgotar todas as tentativas, acabe por onde devia começar.

– Conheceu a Sr^a. de Staël? – perguntou a rainha.

– Tive essa honra, minha senhora – respondeu Gilberto – quando saí da Bastilha, apresentei-me em casa dela e foi pelo Sr. Necker que soube ter sido preso por expressa recomendação de vossa majestade.

A rainha corou visivelmente e disse com um sorriso:

– Tínhamos prometido não tocar mais nesse erro.

– Não me refiro ao erro, senhora, respondo a uma pergunta que vossa majestade se dignou dirigir-me.

– Qual é a sua opinião a respeito do Sr. de Necker?

– É um bravo alemão composto de elementos que não estão de acordo, e que toca todas as claves do estilo, chegando a ser enfático.

– Mas o Sr. Dr. Gilberto não foi das pessoas que aconselharam el-rei a que tornasse a chamá-lo para o ministério?

– Ou com justiça, ou sem ela, o Sr. Necker era o homem mais popular do reino. Eu disse a el-rei: “Senhor, apoie-se vossa majestade na popularidade daquele homem”.

– E da Sr^a. de Staël?

– Creio que vossa majestade me faz a honra de perguntar-me qual é a minha opinião a respeito da Sr^a. de Staël?

– Sim.

– Pelo lado físico, aquela dama tem o nariz grosso, as feições pouco delicadas e a figura não é esbelta.

A rainha sorriu-se; como era mulher, não lhe desagradava ouvir dizer que não era uma bela mulher, de quem todos falavam.

– Continue – disse a rainha.

– Não tem a pele fina; os gestos são mais enérgicos do que graciosos, a voz é rude, e tão rude que algumas vezes chega-se a desconfiar que não seja uma voz feminina; com tudo isto, tem vinte e quatro ou vinte e cinco anos, um colo de deusa, magníficos cabelos pretos, dentes

soberbos, olhos chamejantes. O seu olhar é um mundo.

– Mas pelo lado moral, como talento, como mérito? – apressou-se a rainha em perguntar.

– Tem bondade e é generosa; depois de a ouvir falar por um quarto de hora, nenhum dos seus inimigos continua a sê-lo.

– Falo do seu génio; não é com o coração que se faz política.

– Minha senhora, o coração nada deita a perder, nem sequer em política; quanto à palavra *génio*, que vossa majestade proferiu, sejamos avaros dessa palavra. A Sr.^a. de Staël tem um talento grande, imenso, mas que não se eleva até ao génio; quando ela se quer elevar, há alguma coisa de pesado, de espesso, de poderoso, que lhe prende os pés. Entre ela e João Jacques Rousseau, seu mestre, há a mesma diferença que entre o ferro e o aço.

– O Sr. Dr. Gilberto fala-me do seu talento simplesmente como escritora; queira dizer-me alguma coisa dela como mulher política?

– Sob esse aspecto, minha senhora, sou de opinião que se dá à Sr.^a. de Staël mais importância do que merece; desde a emigração do Sr. conde de Provença e de Lally, a sua sala e a tribuna do partido inglês aristocrático com as suas duas câmaras. Como é burguesa, e muito burguesa, tem a fraqueza de adorar os nobres; admira os ingleses, porque acredita que o povo inglês é um povo eminentemente aristocrático; não sabe a história de Inglaterra, ignora o mecanismo do seu governo, de sorte que toma por fidalgos do tempo das cruzadas os seus nobres de ontem, tirados incessantemente da classe baixa; os outros povos, com o que possuem de antigo, fazem algumas vezes coisas novas, a Inglaterra é o contrário.

– Acredita que foi esse sentimento que a levou a propor-nos o Sr. de Narbonne?

– Desta vez, minha senhora, combinaram-se dois amores; o amor da aristocracia e o amor do aristocrata.

– Parece-lhe que a Sr.^a. de Staël ame o Sr. de Narbonne pela sua aristocracia?

– Pelo menos, não é pelo seu mérito.

– Mas ninguém é menos aristocrata do que o Sr. de Narbonne, nem sequer se sabe quem fosse o pai dele.

– Porque ninguém se atreve a olhar para o Sol.

– Vejamos Sr. Gilberto, eu sou mulher, e por consequência gosto de palestrar. O que se diz do Sr. de Narbonne?

– Diz-se que é um homem farto deste mundo, valente e espirituoso.

– Falo do seu nascimento.

– Diz-se que, quando o partido jesuíta fez expulsar Voltaire, Machult e d'Agenson, homens a quem chamavam filósofos, tiveram que lutar contra a Sr.^a. de Pompadour. Ora, ali é que existiam as tradições do regente: sabia-se quanto é poderoso o amor paternal duplicado por outro amor, escolheu-se (os jesuítas têm a mão feliz para estas escolhas) uma filha de el-rei, e alcançou-se dela que se votasse à obra incestuosamente heróica: daí procede o gentil cavaleiro como vossa majestade diz, não porque o seu nascimento se perca na escuridão, mas porque se derrete com a luz.

– Então o Sr. Gilberto não acredita como os Jacobinos, como o Sr. de Robespierre, por exemplo, que o Sr. de Narbonne sai da embaixada da Suécia?

– Acredito sim, minha senhora, mas sai do toucador da mulher, em lugar de sair do gabinete do marido. Supor que o Sr. de Staël tenha alguma parte em todos esses arranjos políticos, seria acreditar que seja marido de sua mulher... O meu Deus! Aqui não há traição do embaixador, há uma fraqueza de amante. Só o amor, o grande e eterno fascinador, é que pode impelir uma mulher a entregar nas mãos de um homem frívolo, a espada gigantesca da revolução.

– Está falando da espada que o Sr. Isnard beijou no clube dos Jacobinos?

– Ai! Senhora, falo da espada que está suspensa sobre a cabeça de vossa majestade.

– Pelo que vejo, Sr. Gilberto, a sua opinião é que fazemos mal em aceitar o Sr. de Narbonne para ministro da guerra?

– Parecia-me que era melhor tomar desde já o homem que lhe há-de suceder.

- Quem é?
- Dumouriez.
- Dumouriez, um aventureiro?
- Ai, senhora, esse é um palavrão que se emprega, e que é injustíssimo quando se emprega contra quem não o merece.
- O Sr. Dumouriez não foi soldado raso?
- Senhora, sei muito bem que o Sr. Dumouriez não pertence à nobreza do paço, à qual tudo sacrifica; o Sr. Dumouriez, homem de província, não podendo alcançar nem comprar o comando de um regimento, alistou-se como um simples hussard; quando tinha vinte anos foi acutilado por cinco ou seis soldados da cavalaria inimiga, mas não quis entregar-se, e apesar desse rasgo de valor, apesar de uma inteligência real, permaneceu muito tempo nos postos inferiores.
- Sim, inteligência que ele desenvolveu servindo de espião a Luís XV.
- Porque é que nele se há-de chamar espionagem ao mesmo que nos outros se chama diplomacia? Sei que ele sustentava uma correspondência com el-rei às escondidas dos ministros. Qual é o nobre da corte que não tenha feito o mesmo?
- Mas, Sr. Gilberto – bradou a rainha – traíndo o seu profundo estudo da política pelas minuciosidades em que entrava, o homem, que me recomenda, é um homem essencialmente imoral; não tem princípios, nem sentimentos de honra. O Sr. de Choiseul disse-me que Dumouriez lhe apresentara dois projectos relativos aos corsos: um para os escravizar e outro para os libertar.
- É verdade, minha senhora, mas esqueceu-se de dizer a vossa majestade que foi preterido o primeiro projecto, e que Dumouriez se bateu valorosamente por ele.
- Aceitarmos o Sr. Dumouriez por ministro, é como que fazer uma declaração de guerra à Europa.
- Ai, senhora – disse Gilberto – a declaração de guerra está feita em todos os corações. Sabe vossa majestade quantos cidadãos inscritos voluntariamente para partir dão os registos nos departamentos? Seiscentos mil. No departamento do Jura, as mulheres declararam que os homens podiam partir para a guerra e que, se lhes quisessem dar uns chuços, elas se ofereciam para defender o departamento.
- Acaba de proferir uma palavra que me faz estremecer.
- Queira desculpar-me, senhora, e digne-se vossa majestade dizer-me qual é essa palavra, para que não torne a acontecer-me semelhante desgraça.
- Acaba de pronunciar a palavra chuço... Oh! Os chuços de 1789! Parece-me que ainda estou vendo as cabeças dos meus dois guardas espetadas naqueles chuços!
- E todavia, senhora, foi uma mãe, quem propôs que se abrisse uma subscrição para se fabricarem os chuços.
- E também foi uma mulher, uma mãe, que fez adoptar pelos seus Jacobinos o barrete vermelho, isto é, cor de sangue?
- É mais um erro em que vossa majestade labora: quis-se consagrar a igualdade por um símbolo; não era possível decretar que todos os franceses adoptassem um modo de trajar igual; para maior facilidade, adoptou-se unicamente uma parte do trajo, que foi o barrete vermelho dos pobres camponeses; mas preferiu-se a cor encarnada, não porque seja a sombria cor do sangue, senão porque, pelo contrário, a cor vermelha é alegre, brilhante e agradável à multidão.
- Está bom, doutor, uma vez que é partidário das inovações não perco a esperança de alguma vez o ver tomar o pulso a el-rei com um chuço na mão e um barrete encarnado na cabeça.
- E vendo que não podia abalar aquele homem em nenhum ponto, a rainha retirou-se, conservando um tom meio sarcástico: meio amargo.
- A princesa Isabel ia sair atrás dela; mas Gilberto, com voz quase suplicante, disse-lhe:
- Vossa alteza ama seu irmão não é verdade?
- Não só o amo muito, mais adoro-o – respondeu a princesa Isabel.

- E está resolvida a transmitir-lhe um bom conselho, um conselho de amigo?
- Diga qual é; se o conselho for realmente bom...
- Creio que é excelente.
- Então diga.
- É que el-rei, quando sair o seu ministério do partido *feuillant*, o que não tardará muito, escolha um ministério que use do barrete escarlate que tanto medo faz à rainha.
- E cumprimentando profundamente a princesa, saiu.

XV

Dumouriez

Referimos a conversação da rainha e do Dr. Gilberto para interromper o curso, sempre um tanto monótono, de uma narração histórica, e para mostrar menos friamente num quadro cronológico a sucessão dos acontecimentos e a situação dos partidos.

O ministério Narbonne durou três meses.

Derrubou-o um discurso de Vergniaud.

Do mesmo modo que Mirabeau dissera: “Eu vejo daqui a janela...” assim também Vergniaud, sabendo a notícia de que a imperatriz da Rússia fizera um tratado com a Turquia, e que a Áustria e a Prússia tinham assinado no dia 7, em Berlim, um tratado de aliança ofensiva e defensiva, subiu à tribuna e exclamou:

“Eu também posso dizer, desta tribuna vejo o palácio em que se acha a contra-revolução e onde se preparam as manobras que devem entregar-nos à Áustria. Chegou o dia em que podeis pôr um termo a tanta audácia e confundir os conspiradores; o espanto e o terror saíram muitas vezes daquele palácio, nos tempos antigos, em nome do despotismo; pois bem, entrem hoje no mesmo palácio o espanto e o terror em nome da lei”.

E com um gesto potente, o magnífico orador parecia que expulsava diante de si as duas figuras desgrenhadas do medo e do terror.

Essas figuras entravam, efectivamente, nas Tulherias, e Narbonne, elevado por um sopro de amor, caiu pelo bafejo da tempestade.

A queda daquele ministro deu-se no começo de Março de 1792.

Assim passados apenas três meses depois da entrevista da rainha com Gilberto, era introduzido no gabinete de Luís XVI um homem baixo, lesto, nervoso, de olhos de fogo e cuja cabeça revelava talento; teria cinqüenta e seis anos, bem que parecesse ter dez anos menos, o tipo era de militar.

Vestia o uniforme de marechal de campo.

Apenas se demorou um instante só na sala onde fora introduzido; a porta abriu-se e apareceu el-rei.

Era a primeira vez que aqueles dois homens se encontravam face a face.

O rei lançou sobre ele um olhar sombrio e pesado, que não deixava de ser observador; o homem cravou em el-rei um olhar perscrutador cheio de confiança e de fogo.

Ninguém ficara ali para o anunciar, o que provava ser sabida a sua chegada.

– É o Sr. Dumouriez? – perguntou o rei.

– Sim, senhor – respondeu Dumouriez inclinando-se.

– Desde quando está em Paris?

– Desde os primeiros dias de Fevereiro.

– Foi o Sr. de Narbonne que o mandou chamar?

– Sim, senhor, para me participar que estava empregado no exército de Alsácia, debaixo

das ordens do marechal Luckner, e que ia comandar a divisão de Besançon.

– Mas então por que motivo não partiu ainda para o seu destino?

– Senhor, aceitei a comissão, mas observei ao Sr. de Narbonne que estando próxima a guerra...

Luís XVI estremeceu visivelmente.

– Guerra que ameaça tornar-se geral, – continuou Dumouriez, sem dar mostras de que notara o estremecimento do rei – entendia que era útil que nos ocupássemos do sul, onde podíamos ser atacados de improviso; por consequência, fiz-lhe notar que me parecia igualmente útil que fizéssemos um plano de defesa para o sul, destinando para aquele ponto um general em chefe e um exército.

– É verdade, e o Sr. Dumouriez entregou esse plano ao Sr. de Narbonne depois de o comunicar ao Sr. Gensonné e a muitos membros da Gironda?

– O Sr. Gensonné é meu amigo, e creio que também é, como eu, amigo de vossa majestade.

– Então – disse o rei sorrindo – já vejo que tenho que tratar com um Girondino?

– Senhor, vossa majestade, está falando com um patriota, súbdito fiel de el-rei.

Luís XVI mordeu os beiços.

– E foi para servir com mais eficácia o rei e a pátria que se recusou a aceitar ser ministro dos negócios estrangeiros interinamente?

– Senhor, primeiro respondi que preferia o comando que me era prometido a uma pasta, interina ou não; sou soldado e não diplomata.

– Pois asseguraram-me que era uma e outra coisa.

– Foi muita honra que me fizeram, senhor.

– E por me dizerem isso é que insisti.

– Sim senhor, e eu continuei a recusar, não obstante o grande pesar que tinha em não obedecer a vossa majestade.

– E por que motivo se recusou?

– Porque a situação é grave, senhor, porque acaba de fazer cair Narbonne e de comprometer de Lessart; todo o homem que se julga alguma coisa tem o direito, ou de não se deixar empregar, ou de pedir que o empreguem conforme o que vale. Ora, senhor, ou valho alguma coisa, ou nada valho. Se nada valho, deixem-me na minha obscuridade. Quem sabe para que destino vossa majestade mandava que eu saísse dessa obscuridade? Se valho alguma coisa, não façam de mim um ministro de vinte e quatro horas, um poder momentâneo, mas dêem-me em que me apóie, para que vossa majestade possa apoiar-se em mim.

Os nossos negócios, perdoe vossa majestade que eu faça meus os seus negócios, os nossos negócios estão em grande desfavor nos países estrangeiros, para que as cortes possam tratar com um ministro *interino*.

Essa *interinidade*, desculpe-me vossa majestade a franqueza de um soldado (ninguém era menos franco do que Dumouriez, mas em certas circunstâncias forçava-se em parece-lo), essa *interinidade* seria uma inépcia, contra a qual se levantaria a Assembléia e que me despopularizaria perante ela.

Direi mais; essa *interinidade* comprometeria vossa majestade, que pareceria ter ainda vistas sobre o seu antigo ministério, e que só aguardava a ocasião oportuna para tornar a chamá-lo.

– Se tais fossem as minhas intenções, acha que fosse impossível realizá-las?

– Entendo, senhor, que é tempo de vossa majestade romper de uma vez com o passado.

– Sim, e de fazer-me Jacobino, não é verdade? O Sr. Dumouriez disse isso a Laport.

– Se vossa majestade tal fizesse, estou certo de que causaria fortíssimos embaraços a todos os presentes.

– Então porque não me aconselha que use desde já o barrete escarlata?

– Ai, senhor, se isso fosse um meio?

O rei olhou, por um instante, com certa desconfiança para o homem que lhe dera

semelhante resposta, e continuou:

– Então o que quer é um ministério que não seja *interino*?

– Senhor, eu não quero nada; estou pronto para receber as ordens de el-rei; mas preferia que vossa majestade me mandasse para a fronteira, a que me desse ordem para ficar em Paris.

– E se lhe desse ordem para ficar em Paris e para se encarregar definitivamente da pasta dos negócios estrangeiros, o que diria?

Dumouriez sorriu e respondeu:

– Diria, senhor, que vossa majestade pusera termo às prevenções que lhe tinham inspirado contra mim.

– Pus-lhe termo completamente... Sr. Dumouriez, é meu ministro.

– Senhor, dedico-me inteiramente ao serviço de vossa majestade; mas...

– Restrições?

– Explicações, senhor.

– Diga quais.

– Senhor, o lugar de ministro não é o mesmo que já foi. Eu, entrando no ministério, sem deixar de ser criado fiel de vossa majestade, torno-me homem da nação.

De hoje em diante não peça vossa majestade a linguagem a que o habituaram os meus predecessores; eu só saberei falar conforme a liberdade e a constituição.

Restringindo-me às minhas funções, não lhe hei-de fazer a corte, não terei tempo para isso, e romperei com toda a etiqueta real para melhor servir o meu rei; somente trabalharei com vossa majestade ou com o conselho de ministros, e desde já digo a vossa majestade que esse trabalho há-de ser uma luta.

– Por quê?

– A razão é muito simples, senhor. Quase todo o corpo diplomático é abertamente contra-revolucionário; eu hei-de fazer com que vossa majestade o mude, e nessa mudança hei-de contrariar-lhe a sua vontade; proporei a vossa majestade alguns homens, que nem ao menos de nome conhece, e outros que não lhe hão-de agradar.

– E nesse caso...— interrompeu vivamente Luís XVI.

– Nesse caso, senhor, quando a repugnância de vossa majestade for muito forte, muito motivada, obedecerei, porque vossa majestade é o senhor, mas se a sua escolha for sugerida pelas pessoas que o cercam, e visivelmente no caso de o comprometerem, suplicarei a vossa majestade que me dê sucessor. Senhor, pense bem nos perigos terríveis que cercam o trono de vossa majestade, e que cumpre sustentá-lo pela confiança pública, que só de vossa majestade depende atrair-lhe.

– Permita-me que o interrompa Sr. Dumouriez.

– Senhor!

E Dumouriez inclinou-se.

– Há muito tempo que penso nesses perigos.

E estendendo a mão para o retrato de Carlos I, Luís XVI, limpando a testa com um lenço, continuou:

– E desejava esquecê-los, mas este retrato lembra-nos a todo o momento.

– Senhor!...

– Ouça Sr. Dumouriez, que ainda não acabei. A situação é a mesma e os perigos são semelhantes; talvez que o cadafalso de White-Hall venha a levantar-se na praça de Grève.

– Isso é ver muito longe, senhor.

– É ver no horizonte, Sr. Dumouriez. Nesse caso, caminharei para o cadafalso como caminhou Carlos I, não tão cavalheirescamente como ele, talvez, mas, ao menos, como cristão. Continue, Sr. Dumouriez.

Dumouriez deteve-se, admirando-se muito de semelhante firmeza, que não esperava encontrar.

– Senhor – disse ele – Permita-me que dirija a conversação para outro terreno.

– Como quiser – respondeu o rei – mas quero provar-lhe que não receio o futuro que me querem fazer temer, ou se o receio estou preparado para ele.

– Senhor, apesar do que tive a honra de dizer a vossa majestade, devo continuar a considerar-me seu ministro dos negócios estrangeiros?

– Deve.

– Então na primeira reunião do conselho, apresentarei quatro despachos; previno vossa majestade de que não se assemelharão de modo nenhum, nem em princípios, nem em estilo com os dos meus predecessores, mas que serão como convém às circunstâncias. Se esse primeiro trabalho for do agrado de vossa majestade, continuarei; senão, senhor, terei sempre pronta a minha bagagem para ir servir na fronteira a França e o meu rei; e por mais que encareçam a vossa majestade os meus talentos diplomáticos, a guerra é o meu verdadeiro elemento, e o objecto de todos os meus trabalhos há trinta e seis anos.

Dizendo isto Dumouriez cortejou para sair.

– Espere – disse o rei – estamos de acordo num ponto, mas ainda nos falta acordar em mais seis.

– A respeito dos meus colegas?

– Sim; não quero que o Sr. Dumouriez venha dizer que é estorvado por este ou por aquele. Escolha o seu ministério.

– É uma grave responsabilidade, que vossa majestade me impõe.

– Encarregando-o de escolher os seus colegas, creio que satisfaço os seus desejos.

– Senhor, eu não conheço ninguém em Paris, à excepção de um homem chamado Lacoste, que recomendo a vossa majestade para o ministério da marinha.

– Lacoste, não é um simples intendente da marinha? – perguntou o rei.

– Sim, senhor; foi o que pediu a demissão ao Sr. Boyne para não tomar parte numa injustiça.

– É uma boa recomendação; e quanto aos outros, o que diz?

– Consultarei alguém.

– Posso saber quem é que tenciona consultar?

– Brissot, Condorcet, Pétion, Roederer, Gensonné...

– É todo o partido Girondino.

– Sim, senhor.

– Pois bem, seja a Gironda, e veremos se sairá melhor do que os constitucionais e os *feuillants*.

– Ainda falta uma coisa.

– Qual é?

– Saber se convirão a vossa majestade os quatro ofícios a quem vou escrever.

– Saberemos isso esta noite.

– Esta noite?!

– Sim, os negócios urgem. Reuniremos um conselho extraordinário, que será composto do senhor, de Grave e de Cahier de Gerville.

– E Duport du Tertre?

– Pediu a demissão.

– Esta noite, visto isso, estarei às ordens de vossa majestade.

E Dumouriez inclinou-se para sair.

– Não – disse o rei – demore-se um instante; quero comprometê-lo.

Neste momento apareceram a rainha e a princesa Isabel.

Vinham ambas com os seus livros de oração na mão.

– Minha senhora – disse o rei – aqui está o Sr. Dumouriez, que promete servir-nos bem, e com o qual vamos esta noite formar o novo ministério.

Dumouriez inclinou-se, enquanto a rainha olhava com curiosidade para aquele homem baixinho, que tanta influência devia ter nos negócios da França.

– Conhece o Dr. Gilberto? – perguntou-lhe a rainha.
– Não, senhora – respondeu Dumouriez.
– Pois tome conhecimento com ele.
– Posso saber qual é o título por que vossa majestade me faz essa recomendação?
– Como excelente profeta; há três meses que me vaticinou que o Sr. Dumouriez seria o sucessor do Sr. de Narbonne.
Neste momento abriram-se as portas do gabinete do rei, que ia ouvir missa.
Dumouriez saiu após ele.
Todos os cortesãos se desviaram dele como se fora um homem empestado.
– Não lhe dizia eu que o queria comprometer – disse-lhe o rei sorrindo.
– Para com a aristocracia, senhor – respondeu Dumouriez inclinando-se – é uma nova desgraça que vossa majestade se digna acarretar-me.
E retirou-se.

XVI

Atrás do reposteiro

À noite e à hora aprazada, Dumouriez entrou com os seus despachos. De Grave e Cahier de Gerville já estavam reunidos e esperavam com impaciência pela chegada do rei.

Como se o próprio rei só esperasse para aparecer que Dumouriez entrasse, após este ter entrado por uma porta, o rei entrou por outra.

Os dois ministros levantaram-se prontamente; Dumouriez ainda estava de pé; o rei cumprimentou-os com um aceno de cabeça.

Tomando depois uma cadeira e colocando-se ao meio da mesa, disse:

– Assentem-se, meus senhores.

Pareceu então a Dumouriez que ficara aberta a porta por onde entrara o rei, e que o reposteiro se agitava.

Era o vento ou o contacto de uma pessoa que escuta por detrás daquele pano, que interceptava a vista, mas deixava passar o som das vozes?

Os três ministros sentaram-se.

– Traz os seus despachos? – perguntou o rei a Dumouriez.

– Sim, senhor.

E o general tirou quatro ofícios da algibeira.

– Quais são as potências a que são dirigidos? – perguntou Luís XVI.

– À Espanha, à Áustria, à Prússia e à Inglaterra.

– Leia.

Dumouriez olhou novamente para o reposteiro da porta, e pelo movimento conheceu que por detrás dele estava alguém escutando.

Começou a leitura com voz firme.

O ministro falava em nome do rei, mas no sentido da Constituição.

Sem ameaçar, mas também sem fraqueza.

Discutia os verdadeiros interesses de cada uma das potências relativamente à revolução francesa.

Como cada uma das potências se queixava por sua parte dos panfletos dos Jacobinos, atribuiu ele aquelas injúrias desprezíveis à liberdade de imprensa, cujo Sol faz nascer tantos vermes impuros, mas que ao mesmo tempo amadurece searas tão ricas.

Finalmente, pedia a paz, mas sem fraqueza e em nome de uma nação livre, cujo representante hereditário era o rei.

O rei ouviu e a cada uma das circulares prestava maior atenção.

– Ainda não ouvi nada semelhante, general – lhe disse o rei quando Dumouriez acabou de ler.

– Ah – disse Cahier de Gerville – deste modo é que os ministros deviam sempre escrever e falar em nome dos reis.

– Muito bem! – disse o rei – dê-me esses despachos, amanhã serão remetidos.

– Senhor, os correios estão prontos, esperam no pátio das Tulherias – redargüiu Dumouriez.

– Desejava guardar um duplicado desses documentos para os mostrar à rainha – disse o rei com certo embaraço.

– Previ os desejos de vossa majestade – respondeu Dumouriez – e aqui estão quatro cópias autênticas, certificadas por mim.

– Então mande expedi-los.

Dumouriez chegou-se à porta, por onde entrara; estava ali esperando um ajudante de ordens, a quem entregou os despachos.

Passado um instante ouviu-se o galope de alguns cavalos, que saíam ao mesmo tempo do pátio de honra do palácio.

– Seja assim – disse o rei respondendo aos seus pensamentos, logo que se extinguiu aquele rumor significativo. – Vejamos agora qual é o ministério que formou.

– Senhor – respondeu Dumouriez – desejava primeiramente que vossa majestade pedisse ao Sr. Cahier de Gerville que se dignasse ser dos nossos.

– Já lhe expus esse desejo – disse o rei.

– E eu tive o pesar de persistir na demissão; senhor, a minha saúde enfraquece progressivamente e preciso descansar.

– Ouve o que ele diz? – disse o rei voltando-se para Dumouriez.

– Ouço, senhor.

– E então – insistiu o rei – e os seus ministros?

– Tenho o Sr. de Grave, que se presta a ficar.

De Grave estendeu a mão.

– Senhor – disse ele – vossa majestade admirou-se ainda agora da fraqueza da linguagem do Sr. Dumouriez; pois agora vai admirar-se muito mais do meu modo de falar, pela humildade.

– Fale, Sr. de Grave – disse o rei.

– Senhor – disse ele tirando um papel da algibeira – aqui está uma apreciação, talvez um tanto severa, que uma mulher de algum merecimento fez a meu respeito. Tenha vossa majestade a bondade de lê-la.

O rei pegou no papel e leu:

“De Grave é pela guerra: é um homem pequeno a todos os respeitos. A natureza fê-lo meigo e tímido; os seus preconceitos impõem-lhe a altivez, ao passo que o coração lhe inspira amabilidade: resulta daí que, não podendo conciliar tudo, não é nada verdadeiramente. Parece-me que o estou vendo andar como cortesão atrás do rei, com a cabeça erguida, apesar da fraqueza do corpo, mostrando o alvo dos olhos azuis, que não pode ter abertos depois de comer senão com o auxílio de três ou quatro chávenas de café, falando pouco, como se fosse por motivo de reserva, mas na realidade por lhe faltarem idéias, e perde tanto o juízo por causa dos negócios do seu ministério, que qualquer dia pedirá para se retirar”.

– Com efeito – disse o rei – que hesitara em ler até ao fim, e que só o fizera por convite do próprio de Grave, é uma verdadeira apreciação de mulher. É da Sr^a. de Staël.

– Não, senhor, é da Sr^a. Roland, que tem mais talento que a Sr^a. de Staël.

– E é essa opinião que de si forma, Sr. de Grave?

– Em muitos pontos, senhor. Conservar-me-ei no ministério, até que possa informar dos meus negócios o meu sucessor; depois disso, pedirei a vossa majestade que aceite a minha demissão.

– Tem razão, essa sua linguagem ainda me admira mais do que a do Sr. Dumouriez. Mas,

uma vez que quer absolutamente retirar-se, pedia-lhe que me indigitasse o seu sucessor.

– Ia pedir a vossa majestade que me permitisse apresentar-lhe o Sr. Servan, homem de bem em toda a extensão da palavra, de ténpera ardente e costumes puros; tem toda a austeridade de um filósofo e toda a bondade de um coração feminino, e com todas estas condições, senhor, é um patriota esclarecido, um militar valente e um ministro vigilante.

– Pois venha o Sr. Servan. Já temos três ministros: o Sr. Dumouriez para os estrangeiros, o Sr. Servan para a guerra e o Sr. Lacoste para a marinha. A quem entregaremos a pasta da fazenda?

– Ao Sr. Clavières, se for do agrado de vossa majestade. É homem de grandes conhecimentos financeiros e grande habilidade para a administração do numerário.

– É certo – disse o rei; – dizem-me que é activo e trabalhador; mas que é irascível, obstinado, cheio de pontinhos e difícil numa discussão.

– Senhor, esses defeitos são comuns a todos os homens de gabinete.

– Não façamos caso dos defeitos do Sr. Clavières, e será o nosso ministro das finanças. A quem daremos a pasta da justiça?

– Senhor, foi-me recomendado o Sr. Duranton, advogado em Bordéus.

– É girondino, bem entendido?

– Sim, senhor. É homem muito esclarecido, muito recto, muito bom cidadão; mas fraco e lento; espartá-lo-emos e seremos fortes para que ele o seja.

– Falta a pasta do interior.

– A opinião unânime, senhor, é que esse ministério convém ao Sr. Roland.

– Querem dizer à Sr^a. Roland.

– Ao esposo e à esposa.

– Conhece-os?

– Não, senhor; mas, segundo me dizem, o Sr. Roland parece-se com um homem de Plutarco, e a Sr^a. Roland com uma mulher de Tito Lívio.

– Sabe que nome darão ao seu ministério?

– Não, senhor.

– O ministério *sans-cullote*.

– Aceito a denominação, senhor; melhor se verá que somos homens.

– E estão prontos todos os seus colegas?

– Só estão prevenidos dois ou três.

– Os outros aceitarão?

– Estou certo que sim.

– Pois bem! Depois de amanhã haverá o primeiro conselho.

– Até depois de amanhã, senhor.

– Bem sabem – disse o rei voltando-se para Cahier de Gerville e de Grave, – que têm até depois de amanhã para fazer as suas reflexões, meus amigos.

– Senhor, nós já reflectimos, e voltaremos depois de amanhã para instalar os nossos sucessores.

Os três ministros retiraram-se.

Antes porém de chegarem ao fim da escada, corria atrás deles um criado particular, que, dirigindo-se a Dumouriez, lhe disse:

– Sr. general, o rei pede-lhe que me acompanhe; quer falar-lhe.

Dumouriez despediu-se dos colegas, e ficando para trás perguntou ao criado:

– El-rei ou a rainha?

– A rainha; mas sua majestade julgou inútil que se dissesse diante daqueles senhores que lhe pretendia falar.

Dumouriez abanou a cabeça e disse:

– Isso receava eu!

– Recusa vir? – perguntou o criado que não era outro senão Weber.

– Não, acompanho-o.

– Então venha.

O criado conduziu Dumouriez à câmara da rainha, por uns corredores mal alumados. Depois, sem anunciar o oficial pelo seu nome, disse:

– Aqui está a pessoa que vossa majestade mandou chamar.

Dumouriez entrou.

Nunca, no momento de dar uma carga de cavalaria, ou de subir à brecha, o coração do general batera com tanta violência; é que compreendia perfeitamente que nunca correria tanto risco.

O caminho que lhe acabavam de abrir era semeado de mortos e de vivos, e nesse caminho podia tropeçar com os corpos de Calonne, de Necker, de Mirabeau, de Barnave e de Lafayette.

A rainha passeava agitadíssima e muito corada.

Dumouriez parou entre portas: a porta fechou-se atrás dele.

A rainha dirigiu-se-lhe com ar majestoso e irritado, e indo direita à questão com a sua vivacidade ordinária, disse-lhe:

– Sr. Dumouriez, sei que é poderoso neste momento, mas pelo favor do povo, e o povo depressa despedaça os seus ídolos. Dizem que o Sr. tem muito talento. Em primeiro lugar tenha o talento de compreender que nem eu, nem o rei podemos sofrer todas estas inovações. A sua constituição é uma máquina pneumática, onde a realza morre à falta de ar. Mandei-o chamar para lhe dizer que, antes de ir mais longe, deve tomar o seu partido e escolher entre nós e os Jacobinos.

– Senhora – respondeu Dumouriez – contrista-me muito a penosa confidência que vossa majestade acaba de comunicar-me; mas esperei que me acontecesse isso mesmo, porque adivinhei que vossa majestade estava atrás do reposteiro.

– Nesse caso, já preparou a sua resposta.

– Sim, senhora, e é a seguinte: Estou colocado entre o rei e a nação; mas primeiro do que tudo, pertence à pátria.

– À pátria! À pátria! – repetiu a rainha. – Então o rei não é nada? Agora todos pertencem à pátria e ninguém pertence ao rei!

– Senhora. El-rei é sempre rei, mas sua majestade jurou a Constituição, e desde o dia em que pronunciou tal juramento, deve ser um dos primeiros escravos dessa Constituição.

– Juramento forçado, Sr. Dumouriez, juramento nulo.

Dumouriez conservou-se um instante silencioso, e como cómico hábil, olhou momentaneamente para a rainha com profunda compaixão e disse-lhe:

– Senhora, permita que lhe diga que a salvação de vossa majestade, a de el-rei e de seus augustos filhos está ligada a essa constituição que vossa majestade despreza, e que a há-de salvar, se consentir em que ela a salve. Se lhe falasse doutro modo, serviria mal a vossa majestade e a el-rei.

Mas a rainha, interrompendo-o logo, disse-lhe com gesto imperioso:

– Digo-lhe, Sr. Dumouriez, que vai por caminho errado.

E acrescentou com acento indefinível de ameaça:

– Tome sentido em si!

– Senhora – respondeu Dumouriez com o maior sossego – tenho mais de cinquenta anos, tenho atravessado muitos perigos, e quando tomei conta do ministério, disse a mim mesmo que a responsabilidade ministerial não era o maior perigo que eu corria.

– Ah! – exclamou a rainha batendo com as mãos uma na outra – não lhe faltava mais que caluniar-me!

– Caluniar a vossa majestade, senhora!

– Sim. Quer que lhe explique o sentido das palavras que acaba de pronunciar?

– Ouvirei, senhora.

– Acaba de dizer-me que eu era capaz de o mandar assassinar!

E dos olhos da rainha deslizaram duas grandes lágrimas.

Dumouriez fora tão longe quanto era possível ir. Sabia o que queria saber, isto é, se ainda havia alguma fibra sensível naquele coração dissecado.

– Deus me livre – disse ele – de fazer semelhante injúria à minha rainha. O carácter de vossa majestade é muito nobre, muito grande para que pudesse inspirar ao seu mais cruel inimigo semelhante suspeita; vossa majestade já deu provas heróicas, que eu admirei, e que muito me ligaram à sua real pessoa.

– Diz a verdade Sr. Dumouriez? – perguntou a rainha com uma voz, em que só havia comoção.

– Pela minha honra o juro, senhora.

– Então, desculpe-me, e dê-me o seu braço. Estou tão fraca, que há momentos em que me sinto desfalecer.

E, com efeito, a rainha empalideceu, e deitou a cabeça para trás.

Era uma realidade, ou era uma daquelas cenas terríveis em que a Medeia era tão hábil?

Dumouriez, apesar de ser também muito hábil, deixou-se arrastar, ou mais hábil do que a rainha, simulou o que não sentia.

– Acredite-me, senhora – disse-lhe – não tenho interesse em enganar a vossa majestade. Aborreço, tanto como vossa majestade a anarquia e os crimes. Acredite-me, tenho experiência, estou mais no caso do que vossa majestade de julgar os acontecimentos. O que se está passando não é uma intriga do Sr. duque de Orleans, como quiseram fazer acreditar a vossa majestade. Não é efeito do rancor de Pitt, como vossa majestade acreditou. Também não é um movimento popular momentâneo. É a insurreição quase unânime de uma grande nação contra abusos inveterados. Bem sei que em tudo isto há grandes ódios, que ateiam o incêndio; deixemos de parte os malvados e os loucos. Na revolução que se está fazendo encaremos unicamente o rei e a nação. Tudo quanto tende a separá-los tende para a sua mútua ruína. Eu, senhora, vim para trabalhar quanto possa para os remir. Auxilie-me, em lugar de me contrariar. Desconfia de mim? Sou um obstáculo aos seus projectos contra-revolucionários? Diga-o, senhora, e imediatamente pedirei ao rei a minha demissão e irei para um canto muito retirado lamentar a sorte da minha pátria e a de vossa majestade.

– Não, não – disse a rainha – fique e desculpe-me.

– Eu senhora, desculpar vossa majestade! Suplico-lhe que não se humilhe tanto.

– Porque não hei-de humilhar-me! Sou ainda rainha? Sou sequer mulher?

E dirigindo-se a uma janela, abriu-a apesar do frio da noite; a lua resplandecia nos troncos despidos de folhas de árvores das Tulherias.

– Todos têm o direito de tomar ar e Sol, não é verdade? Pois a mim isso me recusam. Não me atrevo a chegar a uma janela, nem para o lado do átrio nem para o lado do jardim. Antes de ontem cheguei a uma janela que deita para o átrio, e um artilheiro da guarda dirigiu-me uma apóstrofe grosseira e injuriosa e acrescentou: “Que prazer tinha em espetar a tua cabeça na ponta da minha baioneta!” Ontem abri uma janela do jardim, e de um lado, vi um homem em pé numa cadeira lendo coisas horrorosas contra nós, e do outro vi um padre arrastado para o tanque, injuriarem-no e darem-lhe muita pancada, e durante esse tempo, como se aquelas cenas fossem as mais ordinárias da vida, havia pessoas que, sem se importarem com o que se passava, passeavam tranquilamente ou jogavam a bola! Que tempo este, Sr. Dumouriez! Que residência! Que povo! E quer que acredite que ainda sou rainha e que ainda sou mulher!

E a rainha atirou consigo para um canapé, escondendo a cabeça entre as mãos.

Dumouriez pôs um joelho em terra, pegou respeitosamente na fímbria do vestido da rainha e beijou-a.

– Senhora – disse ele – uma vez que me encarreguei de sustentar a luta, ou vossa majestade há-de tornar a ser mulher feliz e rainha poderosa, ou eu hei-de morrer.

E erguendo-se, cumprimentou respeitosamente a rainha e saiu precipitadamente.

A rainha viu-o sair com um olhar desesperado.
– Rainha poderosa! – murmurou ela, – talvez que ainda seja possível, graças à tua espada; mas mulher feliz! Nunca! Nunca e nunca!

E encostou a cabeça entre as almofadas do canapé, dizendo em voz baixa um nome que, de dia para dia, depois da sua ausência, se lhe tornava mais querido e mais doloroso.

O nome de Charny!

XVII

O barrete vermelho

Dumouriez retirou-se rapidamente, por lhe ser penoso presenciar o estado de desesperação em que estava a rainha.

Dumouriez, a quem as idéias abalavam pouco, impressionava-se muito pelas pessoas. Não tinha sentimento da consciência política, mas era muito sensível à compaixão humana.

Outra causa da precipitada retirada de Dumouriez era Brissot estar esperando por ele para o apresentar no clube dos Jacobinos, e Dumouriez não querer demorar-se em prestar submissão ao terrível clube.

A Assembléia pouco cuidado lhe dava desde o momento em que ele se reputava o homem de Pétion, de Gensonné e da Gironda.

Mas não era o homem de Robespierre, de Collot-d’Herbois e de Couthon, e eram estes três homens que dirigiam os Jacobinos.

Ninguém o esperava no clube e para um ministro do rei, era razão de grande audácia apresentar-se nos Jacobinos; por isso logo que o seu nome foi pronunciado, todos os olhares se voltaram para ele.

Que faria Robespierre em presença de semelhante acontecimento?

Robespierre olhou, como todos os outros membros do clube, e escutou o nome que passava de boca em boca; depois, franzindo o sobrolho, voltou-se de novo, conservando-se frio e silencioso.

Um silêncio de gelo se espalhou pela multidão. Dumouriez compreendeu que devia dar um golpe de mestre.

Para sinal de igualdade, os jacobinos tinham recentemente adoptado o barrete vermelho. Só três ou quatro membros se dispensaram de dar essa prova, julgando por certo, que o seu patriotismo era bem mais que conhecido; Robespierre era dos que pertenciam a esse número.

Dumouriez não hesitou; arremessou para longe de si o chapéu, tirou o barrete vermelho da cabeça do primeiro patriota que estava ao pé de si, pô-lo na sua, enterrando-o até às orelhas, e subiu à tribuna, arvorando o sinal da igualdade.

Toda a sala rompeu em aplausos.

Um som semelhante ao silvo de uma víbora serpenteou por entre aqueles aplausos, e os extinguiu de repente.

Era um psiul saído dos delgados beijos de Robespierre.

Dumouriez, posteriormente, confessou mais de uma vez, que o sibilar das balas, passando-lhe por cima da cabeça, não o fizera estremecer tanto como o psiul que se escapara dos lábios do deputado de Arras.

Mas Dumouriez era um combatente rude; general e orador, era difícil fazê-lo retirar do campo de batalha ou da tribuna. Esperou com um sorriso sereno que se estabelecesse na Assembléia o silêncio glacial, e com voz vibrante disse:

– Irmãos e amigos, todos os momentos da minha vida vão de ora avante ser consagrados a fazer a vontade do povo e a justificar a confiança do rei constitucional. Em todas as minhas negociações com os gabinetes estrangeiros empregarei todas as forças de um povo livre, e essas

negociações brevemente produzirão uma paz sólida, ou uma guerra decisiva.

Neste ponto prorromperam novamente os aplausos, apesar do *psiu!* de Robespierre.

– Se tivermos guerra – continuou o orador – quebrarei a minha pena política e tomarei o meu lugar no exército, para triunfar, ou morrer livre com meus irmãos.

Tenho um grande peso sobre os ombros; ajudai-me a levá-lo, meus irmãos. Careço de conselhos, daí-mos pelos vossos jornais, dizei-me a verdade, as verdades mais duras, mas repeli a calúnia, mas não rejeiteis um cidadão, que sabeis ser sincero e intrépido, e que se dedica à causa da revolução.

Dumouriez tinha concluído, e desceu da tribuna entre aplausos.

Tais aplausos irritaram Collot-d'Herbois, o actor tantas vezes pateado, e tão raras vezes aplaudido.

– Porque são estes aplausos? – gritou ele do seu lugar. – Se Dumouriez veio aqui como ministro, não há nada que se lhe responder; se veio como filiado e como irmão, não fez mais do que o seu dever; e se se coloca ao nível das nossas opiniões, só lhe devemos dizer: “Cumpra o que disse.”

Dumouriez fez um sinal com a mão, que queria dizer: “É o que tenciono fazer.”

Robespierre ergueu-se então com o seu sorriso severo; conheceu-se que pretendia subir à tribuna, e todos se desviaram e calaram, porque ele queria falar.

Mas este silêncio, comparado com o silêncio que acolhera Dumouriez era suave e aveludado.

Subiu gravemente à tribuna e com a solenidade que lhe era habitual, disse:

– Não sou daqueles que julgam absolutamente impossível que um ministro seja patriota e aceite mesmo com o máximo prazer os presságios que nos dá o Sr. Dumouriez.

Quando tiver cumprido esses presságios, quando tiver dissipado os inimigos armados contra nós pelos seus predecessores e pelos conjurados, que ainda hoje dirigem o governo, apesar da expulsão de alguns ministros, então, e só então, me resolverei a decretar-lhe encómios, mas mesmo então não pensarei que não seja nosso igual qualquer cidadão desta sociedade.

Só o povo é grande, só ele é respeitável aos meus olhos: as ninharias do poder ministerial desaparecem na presença do povo. É em sinal de respeito pelo povo e pelo próprio ministro, que eu peço que não se note a sua entrada aqui por homenagens que atestariam a decadência do espírito público.

Pede-nos conselhos; pela minha parte prometo dar-lhos, úteis a ele e à causa pública. Enquanto o Sr. Dumouriez, por provas brilhantes de patriotismo e sobretudo por serviços reais feitos à pátria, demonstrar que é irmão dos bons cidadãos e defensor do povo, terá sempre aqui quem o sustente e apóie.

Não temo para esta sociedade a presença de nenhum ministro, mas declaro que pedirei o seu ostracismo logo que um ministro tenha nesta sociedade mais ascendente de que qualquer outro cidadão. Nunca assim há-de ser.

E o orador acerbo desceu da tribuna entre aplausos; mas um laço o esperava no último degrau.

Dumouriez, simulando-se entusiasmado, estava ali com os braços abertos.

– Virtuoso Robespierre! – bradou ele – cidadão incorruptível, permite que te abrace.

E apertou-o contra o coração, apesar dos esforços do enfezado deputado de Arras.

Todos repararam no abraço, mas ninguém viu a repugnância com que Robespierre se deixava abraçar.

Toda a sala prorrompeu em aplausos.

– Bem – disse Dumouriez em voz baixa a Brissot – está representada a comédia. Pus na cabeça o barrete vermelho e abracei Robespierre, estou canonizado.

E com efeito, chegou à porta, entre as aclamações da sala e da tribuna.

À porta estava um mancebo, vestido de porteiro, que trocou com o ministro um olhar rápido, e um aperto de mão mais rápido ainda.

Era o jovem duque de Chartres.

Eram onze horas da noite. Brissot guiava Dumouriez, e ambos com passo rápido se dirigiram a casa de Roland.

Os cônjuges Roland continuavam a morar na rua Guénégaud.

Tinham sido prevenidos na véspera por Brissot de que Dumouriez, por instigação sua e de Gensonné, devia apresentar Roland ao rei, na qualidade de ministro do interior.

Brissot perguntou então a Roland, se se sentia com bastante força para semelhante cargo, e Roland, simples como sempre era, respondeu com a maior naturalidade que sim.

Dumouriez vinha participar-lhe que o negócio estava arranjado.

Roland e Dumouriez só se conheciam de nome e nunca se tinham visto; julgue-se portanto qual seria a curiosidade com que os futuros colegas olhavam um para o outro.

Depois dos cumprimentos do estilo, nos quais Dumouriez testemunhou a Roland a sua satisfação particular em ver chamar para o governo um patriota esclarecido e virtuoso como ele era, a conversação caiu naturalmente sobre o rei.

– Daí é que há-de nascer o obstáculo – disse Roland sorrindo.

– Pois bem, vai encontrar em mim uma ingenuidade, de que certamente me não fazem honra – disse Dumouriez: – julgo o rei homem de bem e patriota sincero.

E vendo que a Sr^a. Roland não respondia e apenas sorria, perguntou-lhe:

– Não é essa a sua opinião, minha senhora?

– Já falou com o rei? – perguntou ela.

– Falei sim, minha senhora.

– E com a rainha?

Dumouriez não respondeu e sorriu também.

Ajustaram reunir-se no dia seguinte às onze horas da manhã, para prestar juramento.

Quando saíssem da Assembléia deviam dirigir-se ao paço.

Eram onze horas e meia. Dumouriez desejaria demorar-se ainda, mas para pessoas como os Roland, era muito tarde.

Porque é que Dumouriez se demoraria?

Eis o motivo.

No rápido volver de olhos que Dumouriez, quando entrou, lançou sobre a mulher e o marido, notou imediatamente a idade avançada do marido.

Roland tinha dez anos mais que Dumouriez, que parecia ter menos vinte anos do que Roland.

E a riqueza de formas da mulher?

A Sr^a. Roland, filha de um gravador, como já dissemos, trabalhara desde criança na oficina do pai, e depois de mulher, no escritório do marido, onde era uma bela auxiliar.

O trabalho, esse rude protector, fora a defesa da donzela, do mesmo modo que devia ser a defesa da esposa.

Dumouriez era dessa raça de homens que não pode ver um marido velho sem se rir, nem uma mulher moça sem a desejar. Por isso desagradou igualmente à mulher e ao marido.

Foi essa a razão por que eles observaram a Brissot e ao general que já era tarde.

Dumouriez e Brissot saíram.

– Então o que pensa do nosso futuro colega? – perguntou Roland a sua mulher logo que se fechou a porta.

A Sr^a. Roland sorriu e respondeu:

– Há homens que não é necessário vê-los duas vezes para se formar opinião a respeito deles. Dumouriez é um espírito requintado, um carácter flexível e tem um olhar falso. Expressou uma grande satisfação pela escola patriótica que era encarregado de te participar; pois bem, não te admires de que te faça demitir qualquer dia.

– Essa é exactamente a minha opinião – respondeu Roland.

E ambos se deitaram com a sua serenidade habitual, sem um nem outro desconfiarem de

que a mão de ferro do destino acabava de escrever os seus dois nomes no ensangüentado canhenho do algoz.

No dia seguinte o novo ministério prestou juramento na Assembléia nacional e em seguida dirigiu-se para o palácio das Tulherias.

Roland levava os seus sapatos de cordões, porque provavelmente não tinha dinheiro para comprar um par de fivelas. Levava chapéu redondo, porque nunca usara outro. Dirigia-se às Tulherias no seu traje habitual. Ia atrás dos seus colegas.

O mestre de cerimónias deixou passar os primeiros cinco, mas deteve Roland, que ignorava a razão por que lhe vedavam o passo.

Mas o mestre de cerimónias não se dava por convencido. Dumouriez ouviu o debate e interveio.

– Porque recusa a entrada ao Sr. Roland? – perguntou ele.

– Mas, meu senhor – exclamou o mestre de cerimónias, estorcendo os braços – vem de chapéu redondo e não traz fivelas!

– Ah! – disse Dumouriez com o maior sangue frio: – chapéu redondo e nada de fivelas, está tudo perdido.

E fez entrar Roland no gabinete do rei.

XVIII

O exterior e o inferior

Aquele ministério, que tanto custara a introduzir no gabinete do rei, podia chamar-se o ministério da guerra.

No 1.º de Março falecera o imperador Leopoldo, no meio do seu harém italiano, vítima dos afrodisíacos que ele mesmo compunha.

A rainha, que lera uma vez, não sabemos em que panfleto jacobino, que a côdea de um pastel faria justiça ao imperador de Áustria; a rainha, que mandara chamar Gilberto para lhe perguntar se existia um contraveneno infalível; a rainha dissera alto e bom som que seu irmão fora envenenado.

Com Leopoldo morrera a política temporizadora da Áustria.

O imperador que subia ao trono, Francisco II, que nós conhecemos, e que foi nosso contemporâneo e de nossos pais, tinha sangue misturado de italiano e de alemão.

Austriaco, nascido em Florença, fraco, violento, astucioso, homem de bem na opinião dos padres, alma dura e hipócrita, ocultando a sua duplicidade debaixo de uma fisionomia plácida, sob uma máscara rosada de uma serenidade espantosa, andando como se fora movido por uma mola, como a estátua do comendador, ou como o espectro do rei da Dinamarca, dando a filha ao seu vencedor para não lhe dar os seus estados, e ferindo-o pelas costas, ao primeiro passo da retirada que o vento norte o obrigou a dar: Francisco II, o homem dos chumbos de Veneza e dos segredos de Spitzberg, o algoz de Andryanne e de Sílvia Pelico, era o protector dos emigrados, o aliado da Prússia e o inimigo da França.

O Sr. de Noailles, nosso embaixador em Viena, quase que estava preso no seu próprio palácio.

O Sr. de Ségur, nosso embaixador em Berlim, fora, precedido naquela capital pelo boato de que surpreendera os segredos do rei da Prússia, fazendo-se amante das amantes do rei.

Por acaso, aquele rei da Prússia tinha amantes.

O Sr. de Ségur apresentou-se em audiência pública ao mesmo tempo que se apresentava o enviado de Coblentz. O rei da Prússia voltou as costas ao embaixador de França, e perguntou em

voz alta ao agente dos príncipes pela saúde do conde de Artois.

Naquela época, a Prússia julgava-se, como ainda actualmente se julga, à testa do progresso alemão; vivia da singular tradição filosófica do rei Frederico, que, animando a resistência dos turcos e as revoluções dos polacos, afoga as liberdades da Holanda, e, governa de garras aduncas, nas águas turvas das revoluções, ora pesca o Neufchâtel, ora uma parte da Pomerânia, ora uma parte da Polónia.

Os nossos dois inimigos visíveis eram: Francisco II e Frederico Guilherme; os inimigos ainda invisíveis eram a Inglaterra, a Rússia e a Espanha.

O chefe de toda esta coalizão devia ser o belicoso rei da Suécia, o anão, armado em gigante, que se chamava Gustavo III e era sempre dominado por Catarina II.

A presença de Francisco II no trono da Áustria manifestou-se pela seguinte nota diplomática:

“1.º Satisfazer os príncipes alemães possessionados neste reino. Por outra, reconhecer a suserania imperial no meio dos nossos departamentos. Suportar a Áustria, na própria França.”

“2.º Entregar Avinhão, para que a Provença fosse desmembrada, como noutro tempo.”

“3.º Restabelecer a monarquia como estava em 23 de Junho de 1789.”

Era evidente que esta nota correspondia aos desejos secretos do rei e da rainha.

Dumouriez encolheu os ombros.

Podia dizer-se que a Áustria adormecera a 14 de Julho, e julgava acordar, no dia 15, depois de um sono de três anos.

A 16 de Abril, Gustavo foi assassinado num baile. Dois dias depois desse assassinio ainda ignorado em França, era entregue a Dumouriez a nota austríaca. Ele levou-a a Luís XVI.

Tanto Maria Antonieta, mulher dos partidos extremos, desejava uma guerra, que supunha poder salva-la, quanto a temia Luís XVI, que era o homem das meias medidas, da lentidão, das tergiversações. E, com efeito, declarada a guerra, se fosse alcançada uma vitória, ficaria à mercê do general vencedor.

Se houvesse uma derrota, o povo torná-lo-ia responsável por ela, gritaria que tinha havido traição e corria sobre as Tulherias.

Finalmente, se o inimigo entrasse em Paris, quem é que o trazia?

O conde de Provença, isto é, o regente do reino.

A deposição de Luís XVI, Maria Antonieta acusada de infidelidade, talvez proclamados adúlteros os príncipes! tais eram os resultados da emigração e do regresso a Paris.

O rei tinha confiança nos austríacos, nos alemães e nos prussianos, mas desconfiava dos emigrados.

Contudo à leitura da nota, entendeu que estava chegada a hora da França desembainhar a espada, e que não era possível recuar.

A 20 de Abril, o rei e Dumouriez entraram na Assembléia Nacional. Eram portadores da declaração de guerra à Áustria.

Esta declaração foi recebida com entusiasmo.

Naquela hora tão solene, que não temos o valor de entregar às mãos do romance, e que inteiramente consagramos à história, existiam em França quatro partidos perfeitamente separados.

Os realistas absolutos, aos quais em primeiro lugar pertencia a rainha.

Os realistas constitucionais, a que o rei desejava pertencer.

Os republicanos.

Os monarquistas.

Os realistas absolutos não tinham chefes ostensivos em França, exceptuando a rainha.

Eram representados, fora de França pelo conde de Provença, pelo príncipe de Condé e pelo duque Carlos de Lorraine.

O Sr. de Bréteuil em Viena, e o Sr. de Merci de Argenteau em Bruxelas, eram os representantes da rainha junto daquele partido nefasto.

Os chefes do partido constitucional eram: Lafayette, Bailly, Barnave, Lameth, Duport e, finalmente, os Bernardos.

O rei estava pronto a abandonar a realeza absoluta e a marchar com eles; inclinava-se a ficar para trás, e não ia para diante.

Os chefes do partido republicano eram: Brissot, Vergniaud, Gaudet, Pétion, Roland, Isnard, Ducos, Condorcet e Couthon.

Os chefes dos anarquistas eram: Marat, Danton, Santerre, Couchon, Camilo Desmoulins, Hébert, Legendre, Fabre-d'Eglantine e Collot-d'Herbois.

Dumouriez seria, de quem o quisesse, contanto que nesse partido encontrasse interesse e reputação.

Robespierre estava retirado. Esperava.

Mas a quem ia naquela hora ser entregue a bandeira da revolução agitada por Dumouriez, esse vago patriota, na tribuna da Assembléia?

A Lafayette, o homem do Campo de Marte!

A Luckner, que a França não conhecia senão pelo mal que lhe fizera, como partidário da guerra de sete anos.

A Rochambeau, que não queria senão a guerra defensiva, e que se mortificava por ver Dumouriez dar directamente ordens aos seus ajudantes, sem que essas ordens passassem pela censura da sua velha experiência.

Eram estes os três homens que comandavam os três corpos de exército, prontos para entrar em campanha.

Lafayette comandava o centro, e devia descer vivamente o Mosa, marchando de Givet a Namur.

Luckner defendia o Franche-Comté.

Rochambeau defendia a Flandres.

Lafayette, apoiando-se num corpo que Rochambeau lhe enviaria de Flandres, debaixo do comando de Biron, ganharia Namur, e marcharia para Bruxelas, onde o esperava de braços abertos a revolução do Brabante.

Lafayette tinha o melhor papel: estava na vanguarda, e Dumouriez reservava-lhe a primeira vitória.

Essa vitória fazê-lo-ia general em chefe.

Ficando Lafayette vitorioso e general em chefe, sendo Dumouriez ministro da guerra, arremessava-se o barrete vermelho às urtigas, com uma das mãos despedaçava-se a Gironda, e com a outra esmagavam-se os Jacobinos.

A contra-revolução estava feita.

Mas Robespierre? Robespierre retirara-se, como dissemos, e muitas pessoas pretendiam que havia uma comunicação oculta da casa do marceneiro Duplay para a habitação real de Luís XVI.

Não era dessa residência que saía a pensão, paga pela duquesa de Angoulême à irmã de Robespierre?

Mas desta vez, como sempre, Lafayette faltou a Lafayette.

A guerra ia fazer-se com os partidários da paz, e sobretudo, os fornecedores eram amigos dos nossos inimigos. Da melhor vontade deixariam as nossas tropas sem víveres e munições e foi o que fizeram, para não faltar pão nem pólvora aos prussianos e aos austríacos.

E note-se igualmente que Dumouriez, o homem dos manejos clandestinos e tenebrosos, não desprezava as suas relações com os Orleans, relações que o deitaram a perder.

Biron e Valence eram generais orleanistas.

Por isso, eram orleanistas e bernardos, Lafayette e Biron, que devia dar as primeiras cutiladas e cantar os primeiros hinos de vitória.

Na manhã de 28 de Abril, Biron assenhoreia-se do Quiévrain e marcha sobre Mons.

Ao mesmo tempo, no dia seguinte, 29, Theobaldo Dillon marchava de Lille a Tournay.

Biron e Dillon eram dos aristocratas, mas eram dois excelentes moços valentes, finos, espirituosos, da escola de Richelieu; um tinha a franqueza das suas opiniões patriotas; o outro não teve tempo de saber quais fossem as suas: ia ser assassinado.

Dissemos já que os dragões eram a arma aristocrática do exército. À frente de três mil homens de Biron marcham dois regimentos de dragões.

De repente, os dragões, sem verem sequer o inimigo começaram a gritar:

“Salve-se quem puder! Estamos traídos.”

E voltando à retaguarda, gritando sempre, passam sobre a infantaria, que esmagam na passagem, e que, julgando-os perseguidos, foge também.

O pânico foi completo.

A Dillon aconteceu a mesma coisa.

Dillon encontrou-se com um corpo de novecentos austríacos, e os dragões da sua vanguarda intimidam-se e fogem, arrastando consigo a infantaria, abandonando os carros, a artilharia, as bagagens, e parando unicamente em Lille.

Chegados a esse ponto, os fugitivos atribuem a cobardia aos seus chefes, assassinam Theobaldo, Dillon e o tenente coronel Bertois, e entregam os cadáveres ao populacho de Lille, que os enforca e lhes dança em volta.

Por quem foi organizada esta derrota, que tinha por intuito fazer hesitar o patriota e despertar a confiança do inimigo?

A Gironda, que fizera a guerra e gotejava pelas duas feridas que recentemente recebera, a Gironda acusou a corte, isto é, a rainha, e todas as aparências lhe haviam de dar razão.

A sua primeira idéia foi de retribuir a Maria Antonieta, golpe por golpe. Mas deixara-se à realza o tempo de se revestir de uma couraça muito mais sólida de que o peito de aço que a rainha mandara fazer para o rei, e que numa noite, ao experimentá-lo, com Andréa, conhecera-o como feito à prova de bala!

A rainha reorganizara a pouco e pouco a famosa guarda constitucional, que fora autorizada pela Constituinte. Não subia a menos de seis mil homens.

E que homens! Compunha-se de espadachins e homens de esgrima, que iam insultar os representantes patriotas até aos bancos da Assembléia; compunha-se de fidalgos bretões e vendeanos; dos provençais de Nîmes e de Arles, e de padres robustos, que sob o pretexto de não quererem jurar, tinham despido a roupeta, e em vez dela haviam empunhado a espada, o punhal e a pistola.

Havia igualmente uma quantidade espantosa de cavaleiros de S. Luís, que ninguém sabia donde tinham saído, e que eram condecorados sem se saber a razão porquê.

O próprio Dumouriez, que em menos de dois anos deu seis mil hábitos de S. Luís, queixa-se disto nas suas Memórias, dizendo nelas: “Nenhum governo que suceda ao que existe poderá reabilitar a bela e desgraçada cruz de S. Luís, que se dá a toda a gente.”

E a coisa chegou a ponto que recusou para si a Grã-Cruz e fez com que fosse dada ao Sr. de Watteville, major do regimento suíço de Ernesto.

Cumpria começar por inutilizar a couraça, que depois se daria o golpe no rei e na rainha.

Espalhou-se de repente o boato de que na antiga escola militar havia uma bandeira branca, que devia ser hasteada prontamente, e que fora o rei quem a dera. Fazia isso lembrar o laço preto dos dias 5 e 6 de Outubro.

Com as opiniões contra-revolucionárias do rei e da rainha, todos se admiravam de não ver flutuar a bandeira branca nas Tulherias, e esperavam vê-la surgir, de um momento para o outro, em qualquer outro edifício.

O povo, ao ouvir a notícia dirigiu-se aos quartéis.

Os oficiais quiseram resistir, mas os soldados abandonaram-nos. Encontrou-se uma bandeira branca, de um palmo de tamanho, que fora espetada num pastel dado pelo delfim.

Mas além dessa amostra sem importância, acharam-se muitos hinos em honra do rei, muitas canções injuriosas para a Assembléia e milhares de impressos contra-revolucionários.

Por esta ocasião Bazire apresentou um relatório à Assembléia; a guarda do rei soltara gritos de alegria ao ouvir a notícia da derrota de Tournay e Quiévrain, e manifestara a esperança de que em três dias seria tomada Valenciennes, e dentro de quinze estaria o inimigo em Paris.

Ainda mais: um cavaleiro daquela guarda, bom francês, chamado Joaquim Murat, que julgara entrar numa verdadeira guarda constitucional, como o indicava o título, dera a demissão. Tinham querido vencê-lo a poder de dinheiro e mandá-lo para Coblenz.

Não podia sair com o rei para fora de Paris, conduzi-lo à fronteira, operando uma segunda fuga de Varennes, que desta vez teria bom êxito?

Aquela guarda era uma arma terrível nas mãos da realeza. Não podia ela, por ordem do rei, marchar sobre a Assembléia, fazer prisioneiros ou matar os deputados do primeiro até ao último.

Menos do que isto.

Por isso, desde o dia 22 de Maio, isto é, três semanas antes do duplo revés de Tournay e Quiévrain, Pétion, que era o novo *maire* de Paris, o homem nomeado pela influência da rainha, a quem conduzira de Varennes, e que ela protegia por ódio àquele que a deixara fugir; por isso Pétion escreveu ao comandante da guarda nacional, manifestando-lhe claramente os seus receios da possibilidade da partida do rei, convidando-o a que *observasse, vigiasse*, e aumentasse o número das patrulhas dos *arredores*.

Mas Pétion não lhe dizia quem devia *observar e vigiar*, nem quais eram os *arredores* onde devia aumentar o número das patrulhas.

Mas para que serviria falar nas *Tulherias e no rei*? Quem devia ser observado? O *inimigo*?

Em volta de que sítio se deviam multiplicar as patrulhas? *Em volta do campo do inimigo*.

Qual era o campo inimigo? *As Tulherias*.

Quem era o inimigo? *O rei*.

Deste modo ficava estabelecida a grande questão.

Foi Pétion, advogado de Chartres, e filho de um procurador, quem a formulou ao descendente de S. Luis, ao neto de Luís XIV, ao rei de França.

E o rei de França queixou-se disso, porque compreendeu que a voz daquele homem falava mais alto do que a sua, e queixou-se numa carta, que o Directório do departamento mandou afixar nas esquinas de Paris.

Mas isso pouco cuidado deu a Pétion, que lhe não respondeu, e manteve a ordem.

Logo, Pétion era o verdadeiro rei.

Se alguém o duvidar, brevemente lhe daremos as provas.

Bazire no seu relatório pede que seja suprimida a guarda constitucional do rei e se ordene a prisão do seu comandante, o Sr. de Brissac.

O povo estava em brasa e os Girondinos aproveitaram-se dele como bons ferreiros.

Para eles tratava-se de ser, ou não ser.

O decreto foi promulgado no mesmo dia, a guarda constitucional foi licenciada, passou-se ordem de prisão contra o duque de Brissac e a guarda das Tulherias foi entregue à guarda nacional.

Ó Charny! Charny! Onde estás tu? Tu, que em Varennes estiveste a ponto de salvar a rainha com os teus trezentos cavaleiros, que terias feito nas Tulherias com seis mil homens?

Charny vivia feliz, esquecido de tudo nos braços de Andréa.

XIX

A rua Guénégaud e as Tulherias

O leitor lembra-se de que Grave pedira a demissão; mas o rei quase lha recusara e Dumouriez não lha aceitara.

Dumouriez insistia em conservar de Grave, homem da sua confiança, e conservara-o, mas à notícia do duplo revés, foi-lhe necessário sacrificar o seu ministro da guerra.

Abandonou-o. Foi um bolo que deitou ao Cérbero dos Jacobinos para não ladrar.

Aceitou em seu lugar o coronel Servan, ex-governador dos pajens.

Dumouriez ignorava, por certo, que homem tomava para colega, e que golpe esse homem ia descarregar na realza.

Enquanto a rainha velava nas trapeiras das Tulherias, consultando o horizonte para ver se chegavam os desejados austríacos, outra mulher velava na sua pequena sala da rua de Guénégaud.

Uma era a contra-revolução, outra a revolução.

Já se vê que pretendemos falar da Sr^a. Roland.

Foi ela quem impeliu Servan para o ministério, do mesmo modo que a Sr^a. Staël contribuíra para que Narbonne fosse ministro.

A mão das mulheres aparece em todos os acontecimentos dos três terríveis anos de 91, 92 e 93.

Servan nunca saía de casa da Sr^a. Roland, e o mesmo acontecia a todos os Girondinos, de quem ela era a inspiração, a luz, a alma, e ele inspirava-se daquela alma generosa, que ardia constantemente, mas nunca se consumia.

Diziam que ela era amante de Servan; ela deixava falar as más línguas, e segura da sua consciência, ria-se da calúnia.

Todos os dias via entrar em casa seu marido, despedaçado pela luta. Sentia-se arrastado para o abismo com o seu colega Clavières, e contudo nada era visível. Tudo se podia negar.

Na noite em que Dumouriez viera oferecer-lhe a pasta do interior, pusera as suas condições, e dissera:

– A minha única fortuna consiste na minha honra e quero que saia intacta do ministério. Um secretário deve assistir a todas as deliberações do conselho, há-de consignar as opiniões de cada um de nós, e deste modo se verá que nunca me faltou patriotismo, nem fui infiel à liberdade.

Dumouriez assim o prometeu, porque era preciso cobrir a impopularidade do seu nome com o manto girondino.

Dumouriez era um desses homens que prometem sempre, mas que se reservam para proceder conforme as suas conveniências lho determinem.

Dumouriez não cumprira a promessa, e Roland pedira inutilmente o secretário.

Então Roland, não podendo alcançar aquele arquivo secreto, apelou para a publicidade.

Fundara o jornal o *Thermometro*, mas ele próprio conhecia muito bem que havia sessões do conselho, cuja revelação fora uma traição em favor do inimigo.

A nomeação de Servan era para ele um grande auxílio, mas não era bastante.

O conselho, neutralizado por Dumouriez nada adiantava.

A Assembléia dera um golpe recente: licenciara a guarda constitucional e prendera Brissac.

Roland, voltando com Servan, na noite de 20 de Março, deu a notícia em casa.

– Que fizeram desses guardas licenciados? – perguntou a Sr^a. Roland.

– Nada.

– Então estão em liberdade?

– Estão, mas não lhes é permitido usarem o uniforme azul.

– Amanhã vestirão o uniforme encarnado e passearão pelas ruas como se fossem suíços.

Efectivamente no dia seguinte as ruas eram cruzadas por soldados com uniformes suíços. A guarda licenciada mudara única e simplesmente de uniforme.

Estava em Paris, estendendo a mão aos estrangeiros dando-lhes sinal para que viessem, e pronta para lhes abrir as barreiras.

Roland e Servan não encontravam remédio contra isso.

A Sr^a. Roland pegou numa folha de papel, e dando uma pena a Servan, disse-lhe:

– Escreva:

“Proposta para estabelecer em Paris um acampamento de vinte mil revolucionários, por ocasião da festa de 14 de Julho...”

Servan deixou cair a pena antes de concluir a frase.

– Nisso nunca o rei consentirá – disse ele.

– Não é ao rei, é à Assembléia que cumpre propor esta medida: e não deve reclamá-la como ministro, mas como cidadão.

Servan e Roland acabavam de entrar num horizonte imenso, ao clarão de um raio.

– Ah! – disse Servan – tem razão. Com esta proposta e com um decreto sobre o clero ficamos seguros do rei.

– Então compreende, não é verdade? O padre é a contra-revolução na família e na sociedade. Os padres acrescentaram ao credo a seguinte frase: *e será condenado quem pagar as contribuições!* Cinquenta sacerdotes ajuramentados foram assassinados, saqueadas as suas casas e devastados os seus campos durante seis meses. A Assembléia deve dirigir contra os padres um decreto urgente. Conclua a sua moção, Servan; Roland vai redigir o decreto.

Servan concluiu.

Durante este tempo Roland escrevia:

“O desterro do clérigo rebelde para fora do reino verificar-se-á num mês, se for pedido por vinte cidadãos activos, aprovado pelo distrito e pronunciado pelo governo.”

“O sacerdote que for desterrado receberá três libras por dia, para despesas de jornada até à fronteira”.

Servan leu a sua proposta a respeito do acampamento dos vinte mil voluntários.

Roland leu o seu projecto acerca do degredo dos padres.

Toda a questão, efectivamente, estava nisto:

Procedia o rei francamente? O rei atraía-o?

Se o rei era verdadeiramente constitucional, sancionaria os dois decretos. Se atraía-o, punha-lhes o veto.

– Assinarei a moção do acampamento como cidadão – disse Servan.

– E Vergniaud proporá o decreto dos padres – disseram o marido e a mulher.

No dia seguinte, Servan apresentou a sua proposta à Assembléia.

Vergniaud guardou o decreto na algibeira e prometeu fazer uso dele quando fosse ocasião.

Na noite em que Servan apresentou a sua moção na Assembléia, entrou, no conselho como costumava.

O passo que dera era já sabido; Roland e Clavières sustentavam-no contra Dumouriez, Lacoste e Duranton.

– Venha, Sr. Servan, venha dar conta do seu procedimento – disse Dumouriez.

– Faz favor de me dizer a quem hei-de dar contas? – perguntou Servan.

– Ao rei, à nação, a mim.

Servan sorriu.

– Sr. Servan – lhe disse Dumouriez – deu hoje um passo importante.

– É verdade, sei que dei um passo da maior importância.

– E para fazer o que fez teve ordem do rei?

– Confesso que não.

– Ouviu a opinião dos seus colegas?

– Também não.
– Então porque procedeu assim?
– Porque estava no meu direito de homem particular e de cidadão.
– E foi como particular e como cidadão que apresentou aquela moção incendiária?
– Tal qual.
– Então para que juntou à sua assinatura o título de ministro da guerra?
– Porque queria provar à Assembléia que estava pronto a apoiar como ministro o que pedia como cidadão.

– Sr. Servan – disse Dumouriez – isso que fez é de um mau cidadão e de um mau ministro.

– Há-de permitir-me – respondeu Servan – que só me tome a mim para juiz dos actos que tocam à minha consciência. Se houvesse de tomar juiz em questão tão delicada, decerto não seria o Sr. Dumouriez.

Dumouriez empalideceu e deu um passo para Servan.

Servan levou a mão aos copos da espada; Dumouriez fez o mesmo.

Neste momento entrou o rei, que ainda ignorava a existência da moção de Servan.

Todos se calaram.

No dia seguinte foi discutido na Assembléia o decreto, que pedia a reunião de vinte mil confederados em Paris.

O rei ficou muito consternado com semelhante notícia e mandou chamar Dumouriez.

– Sr. Dumouriez – disse o rei – sei que é um servidor fiel e o interesse que tomou pela realza na questão com aquele miserável Servan.

– Agradeço a vossa majestade – respondeu Dumouriez.

E depois de uma pausa, perguntou:

– Vossa majestade sabe que o decreto já passou?

– Não sei – disse o rei – mas pouco me importa; neste caso estou resolvido a exercer o meu direito de veto.

Dumouriez abanou a cabeça.

– Não é desta opinião, Sr. Dumouriez? – perguntou o rei.

– Senhor – respondeu Dumouriez – sem nenhuma força de resistência, e vítima como vossa majestade é das suspeitas da maior parte da nação, do ódio dos Jacobinos e da profunda política do partido republicano, semelhante resolução da parte de vossa majestade seria uma declaração de guerra.

– Pois seja. Se faço a guerra aos meus amigos, porque não hei-de fazê-la aos meus inimigos?

– Senhor, noutra guerra tem vossa majestade dez probabilidades para vencer; mas, nesta, tem dez probabilidades para ser vencido.

– Não sabe qual é o fim para que se pedem os vinte mil homens?

– Permita-me vossa majestade que fale cinco minutos, e espero provar-lhe que não só sei o que se deseja, mas que adivinho o que há-de acontecer.

– Fale, Sr. Dumouriez, que o escuto.

Com efeito, encostando o cotovelo à cadeira e apoiando a cabeça na mão, Luís XVI escutou.

– Senhor – disse Dumouriez – os indivíduos que solicitaram o decreto são tão inimigos da pátria como do rei.

– É o senhor mesmo quem o confessa – disse Luís XVI.

– Direi ainda que o cumprimento de semelhante medida pode produzir grandes desgraças.

– E então?

– Permita, senhor...

– Sim, diga, diga.

– O ministro da guerra é muito criminoso por ter solicitado uma reunião de vinte mil homens perto de Paris, ao passo que os nossos exércitos estão fracos, as nossas fronteiras desguarnecidas e os nossos cofres exaustos.

– Bem sei que é criminoso – disse o rei.

– Não só criminoso, mas imprudente, o que é muito pior, imprudente por haver proposto à Assembléia a reunião de uma multidão indisciplinada, chamada debaixo de um nome que lhe há-de exagerar o patriotismo, e da qual pode lançar mão o primeiro ambicioso que aparecer.

– É sem dúvida o partido Girondino que fala pela voz de Servan.

– Sim, senhor, mas não será o partido Girondino quem aproveite.

– Talvez sejam os Bernardos.

– Nem uns nem outros; hão-de ser os Jacobinos, os Jacobinos, cujos clubes estão espalhados por todo o reino, e que entre os vinte mil confederados, talvez encontrem dez mil adeptos. Assim, acredite vossa majestade, que os promotores do decreto hão-de ser destruídos pelo próprio decreto.

– Ah! Se o acreditasse, quase me consolava! – exclamou o rei depois de um momento de silêncio.

– Penso, portanto, senhor, que o decreto é perigoso para a nação, para o rei, para a Assembléia Nacional, e especialmente para os seus autores, a quem servirá de castigo. E todavia, senhor, sou de opinião que vossa majestade não pode deixar de o sancionar. Foi provocado por uma malícia tão profunda, que digo a vossa majestade que aí anda dedo de mulher, pela certa.

– A Sr^a. Roland, não é verdade? Porque é que as mulheres não fiam ou fazem meia, em lugar de fazer política?

– Então que quer vossa majestade! A Sr^a. de Maintenon, a Sr^a. de Pompadour e a Sr^a. Dubarry, fizeram-lhe perder o costume de se entreterem com os trabalhos próprios do seu sexo. O decreto, como já tive a honra de dizer a vossa majestade, foi provocado por uma malícia profunda, discutido com obstinação, e decretado com entusiasmo. Estão todos cegos acerca deste desgraçado decreto. Se vossa majestade lhe impuser o veto, nem por isso há-de deixar de executar-se. Em vez de vinte mil homens reunidos em nome da lei, e que, por consequência, se podem sujeitar a um regulamento, chegarão das províncias, na próxima época da confederação, quarenta mil homens sem decreto, os quais podem destruir do mesmo golpe a constituição, a Assembléia e o trono. Se fôssemos vencedores em lugar de sermos vencidos – acrescentou Dumouriez, abaixando a voz – se eu tivesse um pretexto para nomear Lafayette general em chefe, e para lhe entregar cem mil homens, diria a vossa majestade que não aceitasse. Mas nós estamos derrotados, exterior e interiormente, e nesse caso digo a vossa majestade que aceite.

Neste momento alguém tocou de leve na porta.

– Entre! – disse Luís XVI.

Era o criado particular Thierry.

– Senhor – disse ele – o Sr. Duranton, ministro da justiça, pede para falar a vossa majestade.

– Que me querará dizer? Veja o que isso é, Sr. Dumouriez.

Dumouriez saiu.

Ao mesmo tempo ergueu-se o reposteiro da porta de comunicação da câmara do rei e apareceu Maria Antonieta.

– Senhor – disse ela – conserve-se firme. Dumouriez é um Jacobino como os outros. Não pôs ele na cabeça o barrete vermelho? Quanto a Lafayette, bem sabe que prefiro perder-me sem ele, do que ser salva por ele.

E como se ouviam os passos de Dumouriez, que se aproximava da porta, o reposteiro caiu e a visão desapareceu.

XX

O veto

Quando o reposteiro caiu, abriu-se a porta.

– Senhor – disse Dumouriez – por proposta do Sr. Vergniaud, acaba de passar o decreto contra os padres.

– Ah! – disse o rei erguendo-se – pelo que vejo, é uma conspiração. Em que termos é concebido o decreto?

– Aqui está, senhor. O ministro da justiça, trazia-o, e entendi que vossa majestade me faria a honra de me dizer particularmente a sua opinião antes de falar no conselho.

– Tem razão. Dê-me esse papel.

E com voz trémula de agitação o rei leu o decreto, cujo texto já indicamos.

Depois o rei amarrotou o papel nas mãos e lançou-o para longe de si, dizendo:

– Nunca hei-de sancionar este decreto!

– Senhor – disse Dumouriez – desculpe-me vossa majestade de ser também agora de opinião contrária.

– Sr. Dumouriez – disse o rei – em matéria política posso hesitar, mas em matéria religiosa nunca. Em assunto político, julgo com o espírito, e o espírito pode enganar-se; em matéria religiosa julgo com a minha consciência e a consciência é infalível.

– Senhor, há um ano que vossa majestade sancionou o decreto do juramento dos padres.

– É verdade! Mas foi à força.

– Senhor, era nesse decreto que vossa majestade devia pôr o seu veto; o segundo decreto é a consequência do primeiro. O primeiro decreto produziu todos os males da França; este é remédio para esses males; é duro mas não é cruel. O primeiro era uma lei religiosa; atacava a liberdade de pensar em matéria de culto; este é uma lei política, que só respeita à segurança e tranqüilidade do reino: é a segurança dos padres não ajuramentados contra a perseguição.

Longe de os salvar com o seu veto, vossa majestade tira-lhes o auxílio de uma lei; expõe-os a ser assassinados, e a que os franceses se convertam em algozes deles.

Por isso a minha opinião, e desculpe vossa majestade a franqueza de um soldado, é que, atrevo-me a dizê-lo, tendo vossa majestade cometido o erro de sancionar o decreto do juramento dos padres, o seu veto, aplicado a este segundo decreto, que pode suspender o dilúvio de sangue prestes a correr, o seu veto, senhor, pesará sobre a consciência de vossa majestade e torná-lo-á responsável de todos os crimes que o povo pode ser levado a cometer.

– E que maiores crimes quer que o povo cometa do que aqueles que já tem praticado? – disse uma voz que partia do fundo do gabinete.

Dumouriez estremeceu ao ouvir aquela voz vibrante, que conheceu ser a da rainha.

– Ai, senhora, preferia terminar todo este negócio a sós com el-rei.

– Sr. Dumouriez – disse a rainha com um sorriso amargo para ele e um olhar quase de desprezo para o rei – só tenho que fazer-lhe uma pergunta.

– Qual é, minha senhora?

– Entende que el-rei deve suportar por mais tempo as ameaças de Roland, as insolências de Clavières e as poucas vergonhas do Servan?

– Não, senhora – respondeu Dumouriez – e estou tão indignado como vossa majestade. Admiro a paciência de el-rei, e uma vez que tocamos neste ponto, atrevo-me a suplicar a mudança completa do ministério.

– Mudança completa? – disse o rei.

– Sim, senhor. Demita vossa majestade os seis ministros, e se puder encontrar, escolha homens que não pertençam a nenhum partido.

– Não, não – disse o rei; – quero que o Sr. Dumouriez fique, o honrado Lacoste e

também Duranton, mas preste-me o serviço de me desembaraçar daqueles três facciosos insolentes. Juro-lhes que tenho esgotada a paciência.

– A coisa é perigosa, senhor.

– E recua diante do perigo? – disse a rainha.

– Não, senhora, mas porei as minhas condições.

– As suas condições! – disse a rainha com modo altivo.

Dumouriez inclinou-se.

– Diga, Sr. Dumouriez – redarguiu o rei.

– Senhor – disse Dumouriez – estou lutando com três facções em que se divide Paris: os Bernardos, os Girondinos e os Jacobinos, as quais me guerreiam com toda a força. Estou inteiramente despopularizado, e como só pela opinião pública se podem reter alguns fios do governo, não posso ser útil a vossa majestade senão com uma condição.

– Qual é?

– Que se diga bem alto, que eu e os meus colegas ficamos para sancionar os dois decretos, recentemente promulgados.

– Não pode ser – disse o rei.

– É impossível, é impossível – repetiu a rainha.

– Vossa majestade recusa?

– O meu inimigo mais cruel não podia impor-me condições mais duras do que as que me impõe o Sr. Dumouriez.

– Senhor, juro pela minha palavra de homem de bem, e pela minha honra de soldado, que as julgo necessárias para a segurança de vossa majestade.

E voltando-se para a rainha, continuou:

– Senhora, se não é por vossa majestade, se a intrépida filha de Maria Teresa não só despreza o perigo, mas, como mãe, está pronta a ir-lhe ao encontro, digne-se lembrar-se que não é só, lembre-se de el-rei e dos seus filhos; em lugar de os impelir para o abismo, junte-se a mim para deter sua majestade à beira do precipício para onde o trono se inclina.

Se entendi necessária a sanção dos dois decretos antes de sua majestade expressar o desejo de se desembaraçar dos três facciosos que lhe pesam, julgue vossa majestade, quanto, demitindo-os, eu o creio indispensável, e quanto receio de se demitirem os ministros sem sancionar os decretos.

O povo terá dois motivos para lhe querer mal: vossa majestade será julgado inimigo da Constituição, os ministros demitidos serão tidos por mártires, e não respondo que dentro de poucos dias os acontecimentos mais graves ponham em risco a coroa e a vida de vossas majestades.

Quanto a mim, previno a vossa majestade que não posso nem devo, para bem o servir, já não digo contra os meus princípios, mas contra as minhas convicções. Duranton e Lacoste são da minha opinião, mas não posso responder por eles.

Quanto a mim, senhor, já disse e repito, não continuo nos conselhos de vossa majestade sem que sejam sancionados os decretos.

O rei fez um movimento de impaciência, notando-se que estava aborrecido.

Dumouriez inclinou-se e encaminhou-se para a porta.

O rei trocou um olhar rápido com a rainha.

– Sr. Dumouriez – disse a rainha.

Dumouriez parou.

– Sr. Dumouriez – continuou a rainha – lembre-se de quanto é duro para o rei sancionar um decreto, que pode trazer a Paris vinte mil patifes que nos podem assassinar.

– Senhora – respondeu Dumouriez – bem sei que o perigo é grande, e é por isso mesmo que se deve encarar de frente e não o exagerar; o decreto diz que o poder executivo indicará o lugar de reunião dos tais vinte mil homens, que nem todos serão patifes, e diz também que o ministro da guerra se encarregará de colocar à frente deles bons oficiais.

– Mas Servan é o ministro da guerra.

– Não, senhor, quando Servan se retirar o ministro da guerra serei eu.

– Ah! Sim – disse o rei.

– Sim, senhora, e espero que hei-de voltar contra os inimigos de vossas majestades a espada que está suspensa sobre as suas reais cabeças.

O rei e a rainha olharam novamente um para o outro para se consultar.

– Suponha vossa majestade – continuou Dumouriez – que indico Soissons para ponto de reunião, e que dou o comando a um tenente general firme e inteligente, acompanhado por dois marechais de campo: aqueles homens serão formados em batalhões, e à medida que houver quatro ou cinco reunidos e armados, o ministro da guerra aproveitar-se-á das requisições dos generais para os mandar marchar para a fronteira, e então bem vê vossa majestade que o decreto, feito com más intenções, longe de ser prejudicial se tornará útil.

– Mas – disse o rei – está seguro de alcançar a permissão de fazer o acampamento de Soissons?

– Respondo por isso.

– Nesse caso – disse o rei – tome conta do ministério da guerra.

– Senhor, no ministério dos negócios estrangeiros tenho uma responsabilidade leve e indirecta; não acontece o mesmo com o ministério da guerra; os seus generais são meus inimigos, e conquanto vossa majestade acabe de ver a sua fraqueza, responderei pelos erros deles; mas como se trata da vida de vossa majestade, da segurança da rainha e de seus augustos filhos, e da manutenção da Constituição, aceito. Neste ponto estamos de acordo. Agora o que determina vossa majestade a respeito da sanção do decreto sobre o acampamento de vinte mil homens?

– Sendo o Sr. Dumouriez ministro da guerra, pode contar inteiramente com toda a minha confiança e portanto operar como for mais conveniente.

– Muito bem; ocupemo-nos agora do decreto dos padres.

– Já lhe disse – exclamou o rei – que nunca sancionarei semelhante decreto.

– Senhor, vossa majestade sancionando o primeiro, colocou-se na necessidade de sancionar o segundo.

– Cometi um erro, arguo-me por ele, mas não é razão para que cometa outro.

– Se vossa majestade não sancionar este decreto, o segundo erro é maior do que o primeiro.

– Senhor – disse a rainha.

O rei voltou-se para Maria Antonieta e disse-lhe:

– Também vossa majestade!

– Senhor – redarguiu a rainha – devo confessar que neste ponto, e depois das explicações dadas pelo Sr. Dumouriez, sou da sua opinião.

– Pois bem, então... – disse o rei.

– Então, senhor – repetiu Dumouriez.

– Consinto, mas com a condição de que me há-de desembaraçar dos três facciosos o mais depressa possível.

– Acredite vossa majestade que hei-de aproveitar a primeira ocasião, e estou certo de que não há-de tardar muito tempo.

E cumprimentando o rei e a rainha, Dumouriez saiu tranqüilo.

Ambos acompanharam com os olhos o novo ministro da guerra até que se fechou a porta.

– Fez-me sinal para que aceitasse – disse o rei; – agora o que tem que me dizer?

– Primeiramente, que aceite o decreto dos vinte mil homens – disse a rainha – deixe-lhe fazer o acampamento em Soissons, deixe-lhe dispersar os seus homens, e depois verá o que se deve fazer dos padres.

– Mas, senhora, ele há-de exigir o cumprimento da minha palavra.

– Decerto; mas estará comprometido e vossa majestade tê-lo-á seguro.

– Pelo contrário, ele é que me tem seguro pela minha palavra.
– Ora – disse a rainha – para isso há remédio quando se é discípulo do Sr. de Lavauguyon.
E tomando o braço do rei, levou-o para a câmara contígua.

XXI

A ocasião

Já dissemos que a verdadeira guerra de momento feria-se entre a rua Guénégaud e as Tulherias, entre a rainha e a Sr^a. Roland.

Coisa singular! Ambas tinham sobre o marido uma influência que levou as quatro cabeças ao cadafalso.

Ambas porém caminharam por veredas opostas.

Os acontecimentos que acabamos de referir, deram-se a 10 de Julho, e na noite de 11 Servan entrou satisfeitíssimo em casa da Sr^a. Roland.

– Dê-me os parabéns, minha querida amiga – disse-lhe – tive a honra de ser expulso do conselho de ministros.

– Como foi isso? – perguntou a Sr^a. Roland.

– Foi deste modo; esta manhã fui ao paço para falar com el-rei sobre alguns negócios da minha repartição, e terminados eles, ataquei calorosamente a questão do acampamento dos vinte mil homens, mas...

– Mas?...

– Mas à primeira palavra que proferi, o rei voltou-me as costas com muito mau modo, e esta noite, veio Dumouriez tirar-me em nome do rei a pasta do ministério da guerra.

– Dumouriez!

– Tal qual.

– Representou um péssimo papel, mas não me surpreende; pergunte a Roland o que lhe disse dele quando o vi pela primeira vez; e depois estamos prevenidos de que ele tem conferências todos os dias com a rainha.

– É um traidor.

– Não, é mas é um ambicioso; vá buscar Roland e Clavières.

– Onde está Roland?

– Dá audiência no seu ministério.

– E enquanto eu saio, o que fica fazendo, minha senhora?

– Uma carta, que lhe comunicarei quando voltar.

– Em verdade, minha senhora, acredito que é a deusa da razão, que os filósofos invocam há tanto tempo.

– E que os homens de consciência encontraram; não venha sem Clavières.

– Essa recomendação há-de provavelmente demorar-me.

– Preciso de ter uma hora por minha.

– Bem; e oxalá que o génio da nossa querida França a inspire!

Servan saiu.

Mal fechou a porta, a Sr^a. Roland assentou-se à carteira, e escreveu a seguinte carta:

“Senhor.

O estado actual da França não pode subsistir por muito tempo; é um estado de crise, cuja violência chegou ao último ponto; cumpre que se determine por um acto que deve interessar a

vossa majestade tanto quanto importa à nação.

Honrado com a confiança de vossa majestade, e colocado num posto em que devo dizer a verdade, ousou dizê-la a vossa majestade cumprindo assim um dever que vossa majestade mesmo me impôs: os franceses adoptaram uma Constituição, que produziu descontentes e rebeldes; a maioria da nação quer mantê-la à custa do seu sangue e viu com prazer a guerra civil que lhe oferecia um grande meio de assegurar-lha; entretanto, a minoria, sustentada por esperanças, reuniu todos os seus esforços para triunfar; daí, a luta intestina contra as leis, a anarquia que os bons cidadãos deploram e que os malévolos procuram manter para caluniar o novo regimen. Daí, a divisão excitada em toda a parte, porque em parte nenhuma existem indiferentes; ou se quer triunfo ou a mudança da Constituição, uns tentam sustenta-la, outros pretendem altera-la. Abster-me-ei de examinar o que ela é em si mesma, para unicamente considerar o que exigem as circunstâncias, e tornando-me quanto possível estranho, só procurarei investigar o que se pode esperar e o que convém favorecer.

Vossa majestade gozava de grandes prerrogativas, que julgava pertencerem à realeza; educado na idéia de conservá-las não pôde ver gostoso que lhas arrebatassem; e era tão natural o desejo de reavê-las, quanto foi o pesar de vê-las destruir. Estes sentimentos tão naturais ao coração humano, devem ter entrado no cálculo dos inimigos da revolução; devem eles ter contado com um favor secreto, até que as circunstâncias permitissem uma protecção declarada; estas disposições não podiam escapar à nação e deviam torná-la desconfiada. Vossa majestade tem portanto estado constantemente na alternativa de ceder aos seus primeiros hábitos, às suas afeições particulares, ou de fazer sacrifícios ditados pela filosofia, exigidos pela necessidade, e por consequência teve ou que animar os rebeldes, inquietando a nação, ou aplacar esta, unindo-se com eles. Tudo tem um termo, e a incerteza chegou finalmente.

Pode vossa majestade ligar-se agora abertamente com os que pretendem reformar a Constituição? Ou deve dedicar-se generosamente a fazê-la triunfar sem reserva? Tal é a verdadeira questão, cuja solução o estado actual torna inevitável.

Quanto à tese metafísica de saber se os franceses estão maduros para a liberdade, nada vale a discussão pois se não trata de julgar o que seremos daqui a um século, senão de se ver do que é capaz a geração presente.

A declaração dos direitos tornou-se um evangelho político e a Constituição francesa uma religião pela qual o povo está pronto a morrer. Por isso a sublevação já algumas vezes tem estado a ponto de suprir a lei, e quando esta não era bastante repressiva para conter os perturbadores, os cidadãos encarregavam-se de os punir por suas próprias mãos; é assim que as propriedades dos emigrados ou das pessoas conhecidas por serem do partido dele foram expostas ao destroço inspirado pela vingança; por isso tantos departamentos foram obrigados a perseguir os padres, que a opinião pública prescrevera e que decerto vitimaria.

Neste choque de interesses, assumiram o tom da paixão. A pátria não é uma palavra que a imaginação se compraz em embelezar; é uma entidade a que se fizeram sacrifícios, a que mais nos ligamos de dia para dia pelos cuidados que dá; foi criada por mil esforços, eleva-se no meio das inquietações, e é amada tanto pelo que custa, quanto o é pelo que dela se espera; as ofensas que se lhe fizeram são outros tantos meios de inflamar o entusiasmo por ela.

A que ponto subirá esse entusiasmo quando as forças inimigas reunidas exteriormente, se convertam com os intrigantes internos, para lhe dar os golpes mais funestos?

A fermentação é extrema em todos os pontos do império, há-de rebentar de uma maneira terrível, salvo se uma confiança justificada nas intenções de vossa majestade finalmente a acalma; mas tal confiança não pode assentar em protestos; só deve ter por base os factos.

Para a nação francesa é evidente que a sua Constituição pode caminhar, que o governo terá toda a força de que carece, logo que vossa majestade, querendo absolutamente que triunfe a Constituição sustente o corpo legislativo com todo o poder de execução, tirando todo o pretexto às inquietações do povo e todas as esperanças aos descontentes.

Por exemplo: foram promulgados dois decretos importantes, os quais interessam ambos

essencialmente à tranqüilidade pública e à salvação do Estado; a demora na sua sanção inspira desconfianças; se se prolongar, causará descontentes, e devo dizê-lo: *na efervescência actual dos espíritos, os descontentamentos podem produzir graves resultados.*

Já não é tempo de recuar, nem sequer há meio de contemporizar; a revolução está feita nos espíritos à custa de sangue e será cimentada por ele se a prudência não prevenir desgraças que ainda é possível evitar.

Sei que se pode imaginar operar e conter tudo por medidas extremas; mas, ainda que se empregasse a força para violentar a Assembléia, ainda que se espalhasse o terror na cidade de Paris, a divisão e o entorpecimento nos arrabaldes, toda a França se levantaria com indignação, e despedaçando-se nos horrores de uma guerra civil, havia de desenvolver essa energia sombria, que é a mãe das virtudes e dos crimes, sempre funestas aos que a procuram.

A salvação do Estado e a ventura de vossa majestade estão intimamente ligadas: nenhum poder é capaz de as separar; cruéis angústias e desgraças certas cercarão o trono se não for por vossa majestade apoiado sobre as bases da Constituição e firmado na paz, como a sua manutenção nos deve finalmente garantir.

Deste modo, a disposição dos espíritos, o curso das coisas, as razões da política e os interesses de vossa majestade, tornam indispensáveis a obrigação de se unir ao Corpo Legislativo e de corresponder aos votos da nação; é uma necessidade do que os princípios apresentam como dever, mas a sensibilidade natural deste povo afectuoso há-de achar um motivo de gratidão.

Senhor, enganam-vos naturalmente nisso quando aconselham a vossa majestade que se afaste e desconfie deste povo impressionável; inquietando-vos perpetuamente, levaram vossa majestade a despertar receios; convença-se o povo de que vossa majestade está resolvido a manter a Constituição a que ele ligou a sua felicidade, e vossa majestade ver-se-á o objecto das acções de graças.

O procedimento do clero em muitos lugares, os pretextos que o fanatismo fornecia aos descontentes, fizeram decretar uma lei sábia contra os perturbadores; dê-lhe vossa majestade a sua sanção, reclamada pela tranqüilidade pública e pela salvação do clero. Se esta lei não vigorar, os departamentos serão obrigados a substituí-la por medidas violentas, como está acontecendo e o povo irritado há-de suprimi-la com excessos.

As tentativas dos nossos inimigos, as agitações que se têm manifestado na inquietação produzida pelo procedimento da guarda de vossa majestade, agravada por testemunhos de satisfação que lhe foram dados numa proclamação verdadeiramente impolítica para as circunstâncias; a situação de Paris, a sua proximidade das fronteiras fizeram-lhe sentir a necessidade de um acampamento na sua proximidade; esta medida cuja sabedoria e urgência tem impressionado toda a gente sensata, aguarda a sanção de vossa majestade. Para que há-de a demora dar-lhe a feição de má vontade, quando a brevidade na promulgação lhe ganharia todos os corações? As tentativas do estado maior da guarda nacional parisiense contra esta medida fizeram já suspeitar que procederiam de investigações superiores; já as declamações de alguns demagogos despertaram as suspeitas de relações, com os que se interessam na queda da Constituição, já a opinião pública compromete as intenções de vossa majestade. Algumas circunstâncias mais, e se ainda houver alguma demora o povo contristado verá no seu rei o amigo e o cúmplice dos conspiradores.

Justo Céu! Teríeis vós cegado as potestadas da terra, e só atenderão dar os conselhos que as arrastam à sua ruína?

Sei que a linguagem austera da verdade raro acolhimento encontra ao pé do trono; sei também que é porque nunca aí se faz ouvir que às revoluções se tornam necessárias, sei sobretudo, que, não só como cidadão submisso à lei, mas também como ministro honrado pela sua confiança ou revestido de um carácter que supõe, devo dizer a verdade a vossa majestade, e não conheço coisa alguma que me impeça de cumprir um dever, de que tenho consciência.

É por igual convicção que retiro as minhas representações a vossa majestade sobre a obrigação e utilidade de executar a lei que determina que haja um secretário no conselho; não só a

existência desta lei impõe poderosamente que o seu cumprimento deva seguir-se-lhe sem detenção, mas é que sobretudo importa empregar todos os meios de conservar nas deliberações a gravidade, a sabedoria e a madureza necessárias; e para ministros responsáveis, cumpre que haja um meio de lhes verificar as opiniões; se o houvesse não me dirigiria agora por escrito a vossa majestade.

A vida nada é para o homem que preza os seus deveres acima de tudo; mas depois da ventura de os haver cumprido, a sua maior satisfação é provar que o fez com fidelidade, o que demais é uma obrigação para um homem público.

10 de Julho de 1792 (ano 4.º da liberdade)”.
A

Acabava a Sr.^a. Roland de concluir esta carta, escrita numa penada, quando entraram Servan, Clavières e Roland.

Em duas palavras explicou a Sr.^a. Roland aos três amigos a nova situação.

A carta, que iam ler entre os três, devia ser lida novamente no dia seguinte aos três ministros ausentes, Dumouriez, Lacoste e Duranton.

Estes, ou aprovavam e juntavam a sua assinatura à assinatura de Roland; ou recusavam, e nesse caso Servan, Clavières e Roland pediam colectivamente a sua demissão motivada na recusa dos seus colegas de assinarem uma carta que a eles parecia exprimir a verdadeira opinião da França.

A carta seria entregue na Assembléia e a França não duvidaria da causa por que saíam os três ministros patriotas.

A carta foi lida aos três amigos, que não lhe acharam uma única palavra que mudar; a Sr.^a. Roland era uma alma comum, onde cada um deles vinha buscar o elixir do patriotismo.

Mas não aconteceu o mesmo no dia seguinte, quando Roland fez a leitura a Dumouriez, Duranton e Lacoste.

Todos três aprovavam a idéia, mas não estavam de acordo na maneira de a expressar; finalmente, negaram-se a assinar, dizendo ser melhor dirigirem-se pessoalmente ao paço.

Isto era um modo de iludir a questão.

À noite, Roland enviou ao rei a carta assinada por ele só.

Nessa mesma noite, Lacoste entregava as demissões a Clavières e a Roland.

A ocasião não se fizera esperar muito tempo, como dissera Dumouriez.

Verdade é que o rei também não a desperdiçara.

No dia seguinte conforme fora tratado a carta de Roland foi lida na tribuna ao mesmo tempo que era anunciada a sua demissão e a dos seus dois colegas Clavières e Servan.

A Assembléia declarou por grande maioria que os ministros demitidos *tinham bem merecido da pátria*.

Deste modo estava declarada a guerra, tanto no interior como no exterior.

A Assembléia só esperava, para dar o primeiro golpe, saber como o rei procederia a respeito dos dois decretos.

XXII

O discípulo do Sr. duque de Lavauguyon

Dumouriez apareceu à porta da Assembléia quando esta por aclamação, votava agradecimentos em nome da pátria aos três ministros demitidos e mandava imprimir e enviar para os departamentos a carta de Roland.

Todos sabiam que Dumouriez era valente, mas ignoravam que fosse audacioso.

Soubera o que se passava e vinha audazmente atacar a questão de frente.

O pretexto da sua presença na Assembléia naquele momento era uma memória notável

sobre o estado das nossas forças militares.

Ministro da guerra desde a véspera, fizera e mandara fazer aquele trabalho durante a noite; era uma acusação contra Servan, acusação que, na verdade, caía sobre de Grave, e especialmente sobre Narbonne, seu predecessor.

Servan só fora ministro dez ou doze dias.

Dumouriez apresentava-se muito forte; acabava de deixar o rei, a quem pedira que fosse fiel à palavra que lhe dera de sancionar os dois decretos, e o rei respondera não só renovando a sua promessa, mas afirmando-lhe que os eclesiásticos que consultara, para descargo da sua consciência, tinham sido todos da opinião de Dumouriez.

Por isso o ministro da guerra marchou direito à tribuna, onde subiu entre gritos confusos e vociferações.

Chegado à tribuna, pediu friamente a palavra.

Foi-lhe concedida a palavra no meio de espantoso tumulto.

Afinal, todos se acalmaram, porque havia muita curiosidade em ouvi-lo.

– Meus senhores – disse ele – o general Gouvion foi recentemente morto. Deus recompensou o seu valor; morreu pelejando contra os inimigos da França. Foi muito feliz porque não é testemunha das nossas horrorosas discórdias. Invejo a sua sorte.

Estas palavras proferidas com grande altivez e profunda melancolia, fizeram impressão na Assembléia; além disso a notícia da morte do general Gouvion mudava um pouco a disposição das primeiras impressões.

A Assembléia deliberou sobre o que devia de fazer para significar o seu desgosto à família do general, e foi resolvido que o presidente lhe escrevesse uma carta.

Dumouriez pediu a palavra segunda vez.

Foi-lhe concedida.

Tirou da algibeira a sua memória. Porém apenas leu este título: *Relatório sobre o ministério da guerra*, os Girondinos e os Jacobinos começaram a vociferar, a fim de que lhe não fosse permitida a leitura.

Então, entre o ruído, o ministro leu o exórdio com voz tão alta e clara, que se ouviu e conheceu-se que era dirigido contra as facções, versava sobre o respeito que era devido a um ministro.

Semelhante presença de espírito exasperaria os ouvintes de Dumouriez, ainda que não estivessem numa disposição de espírito menos irascível.

– Ouvem-no? – exclamou Gaudet – já se julga tão seguro do poder que se atreve a dar-nos conselhos.

– Porque não? – responde tranquilamente Dumouriez, olhando para a montanha.

Já há muito que o dissemos: o que há de mais prudente em França é o valor. O valor de Dumouriez impôs silêncio aos seus adversários.

Todos se calaram ou pelo menos quiseram ouvi-lo, e ouviram-no.

O relatório era bem escrito, e luminoso e hábil; apesar de muito prevenidos contra o ministro, foi aplaudido em dois pontos.

Lacué, membro da comissão militar, subiu à tribuna para responder a Dumouriez. Este, então enrolou o relatório e guardou-o na algibeira.

Os Girondinos viram este movimento, e um deles bradou:

– Vêem? O traidor guarda o relatório na algibeira, quer fugir com ele; não lho consintamos, porque aquele documento vai confundi-lo.

Mas, ao ouvir aqueles gritos, Dumouriez que ainda não dera um passo para a porta, tirou o relatório da algibeira e deu-o a um contínuo.

Um dos secretários estendeu imediatamente a mão, e logo recebeu o documento, procurou a assinatura.

– Meus senhores – disse ele – esta memória não está assinada.

– Que assine! – bradaram ao mesmo tempo de todos os lados.

– Essa era a minha intenção – disse Dumouriez; – está feito com todo o escrúpulo, e não receio assiná-lo. Dêem-me tinta e uma pena.

Deram-lhe uma pena molhada em tinta.

Pôs os pés nos degraus da tribuna e assinou a memória sobre o joelho.

O contínuo quis pegar-lhe, mas Dumouriez afastou-lhe o braço com a mão, e foi entregar o relatório na mesa da presidência; depois atravessou a sala muito devagar, parando de quando em quando, e saiu pela porta situada no baixo da montanha.

A saída foi acompanhada do maior silêncio, ao contrário do que acontecera quando entrou. Os espectadores das tribunas precipitaram-se para os corredores para ver aquele homem, que acabava de afrontar uma Assembléia toda.

À porta dos Bernardos, foi cercado por trezentas ou quatrocentas pessoas, que se apinhavam em volta dele com mais curiosidade do que ódio, como se, por fim de contas, pudessem prever, que, três meses depois, ele salvaria a França em Valmy.

Três ou quatro deputados realistas saíram da câmara uns após outros, e dirigiram-se a Dumouriez. Para eles não havia dúvida de que o general era dos seus.

Era isto justamente o que Dumouriez previra, e era a razão por que fizera que o rei lhe promettesse que daria a sanção aos dois decretos.

– General, lhe disse um deles, lá dentro estão fazendo o diabo.

– Devem-lhe essa paga – respondeu Dumouriez – porque só o diabo os teria feito a eles.

– Não sabe? – disse o outro deputado – tratam na Assembléia de o mandar para Orleans e instaurarem-lhe lá o processo.

– É bom – disse o general – porque estou precisado de férias; tomarei uns banhos e um pouco de leite para descansar.

– General – disse-lhe o outro – acabam de declarar que o seu relatório seja impresso.

– Melhor – respondeu Dumouriez – essa asneira só servirá para me atrair todos os homens imparciais.

Foi entre todo este cortejo e estes avisos que Dumouriez chegou ao paço.

O rei recebeu-o muito bem; agora estava o general perfeitamente comprometido.

O novo conselho estava reunido.

Demitidos Servan, Clavières e Roland, Dumouriez tratou de substituí-los.

Para ministro do interior propôs Mourguez, de Montpellier, protestante, membro de muitas academias e antigo *feuillant*, que retirara do clube.

O rei aceitou-o.

Para ministro dos negócios estrangeiros propôs de Maulde, Semonville ou Naillac.

O rei optou pelo último.

Para as finanças propôs Vergennes, sobrinho do antigo ministro.

A escolha conveio perfeitamente ao rei, que o mandou chamar imediatamente; mas Vergennes recusou-se, mostrando aliás muita dedicação pelo rei.

Resolveu-se então que o ministro do interior ficasse também interinamente com a pasta dos negócios estrangeiros, enquanto não viesse Naillac, que estava fora de Paris.

Mas fora da presença do rei, os quatro ministros não dissimulavam a gravidade da situação, e convencionaram em pedir a demissão, se o rei, depois de ter obtido a demissão de Roland, Servan e Clavières, não cumprisse a sua palavra.

O novo conselho de ministros estava reunido.

O rei já estava informado do que se passara na Assembléia; deu os parabéns a Dumouriez pela atitude que conservara, sancionou imediatamente o decreto sobre o acampamento de vinte mil homens, mas reservou para o dia seguinte a sanção do decreto a respeito dos padres.

Tinha escrúpulos de consciência – disse ele – que só o seu confessor lhe podia tirar.

Os ministros olharam uns para os outros; era já uma desconfiança que se lhes despertara. Mas, enfim, a consciência timorata do rei podia carecer de mais algumas horas de demora para se tranquilizar.

No dia seguinte, os ministros repetiram a questão da véspera; mas a noite produziu os seus efeitos, e a vontade do rei, se não a sua consciência, estava firme. Declarou que opunha o veto ao decreto.

Os quatro ministros, uns após outros, e sendo Dumouriez o primeiro que usou da palavra, falaram ao rei com respeito, mas com firmeza.

Porém o rei ouviu-os com os olhos fechados, na atitude de um homem que já tem tomado uma resolução.

Finalmente, quando acabaram, disse-lhes:

– Meus senhores, escrevi uma carta ao presidente da Assembléia para lhe dar parte da minha resolução; um dos senhores há-de referendar essa carta, e *todos quatro a levarão juntos* à Assembléia.

Era isto uma ordem, completamente de acordo com o antigo regimen, mas que soava muito mal aos ouvidos de ministros constitucionais, e por consequência responsáveis.

– Senhor – disse Dumouriez, depois de ter consultado com os olhos os seus colegas – não tem nada mais que *ordenar-nos*?

– Não – respondeu o rei, retirando-se.

Os ministros ficaram, e em sessão permanente resolveram pedir uma audiência para o dia seguinte.

Ajustaram não entrar em explicações, mas darem a demissão unanimemente.

Dumouriez recolheu-se a casa. O rei quisera caçar com ele, e quase que conseguira caçar; com ele, o político hábil, o diplomata sagaz e o general valoroso.

Encontrou em casa três bilhetes de pessoas diferentes, nos quais lhe anunciavam que havia ajuntamentos no bairro de Santo António e conciliábulos em casa de Santerre.

Escreveu imediatamente ao rei para o prevenir do que lhe anunciavam. Uma hora depois, recebeu o seguinte bilhete, que não era assinado pelo rei, mas estava escrito por ele:

“Não creia, Sr. Dumouriez, que conseguem assustar-me com ameaças. A minha resolução está firmemente tomada”.

Dumouriez pegou na pena e escreveu:

“Senhor, vossa majestade julgou-me muito mal se acreditou que eu era capaz de empregar semelhante meio. Eu e os meus colegas tivemos a honra de escrever a vossa majestade pedindo-lhe a graça de nos receber amanhã às dez horas da manhã; entretanto suplico a vossa majestade que se digne escolher um sucessor que possa substituir-me em vinte e quatro horas, visto a urgência dos negócios da guerra, e que se digne aceitar a minha demissão”.

Enviou esta carta pelo seu secretário, com o fim de ter a certeza de receber resposta.

O secretário esperou pela resposta até à meia noite e meia hora e voltou com o seguinte bilhete:

“Receberei os meus ministros amanhã às dez horas, e falaremos acerca do que me escreve”.

Era evidente que se tramava a contra-revolução no paço.

Efectivamente, a corte tinha forças com que podia contar, e eram:

Uma guarda constitucional de seis mil homens, que estava licenciada, mas sempre pronta para reunir à primeira voz;

Sete ou oito mil cavaleiros de S. Luís, cuja fita encarnada era o sinal para se conhecerem e reunirem;

Três batalhões de suíços, de mil e seiscentos homens cada um, força escolhida e

inabalável, como os rochedos das montanhas;

E finalmente melhor do que tudo isto, uma carta de Lafayette, onde havia a seguinte frase:

“Insista vossa majestade, porque apoiando-se na autoridade que a Assembléia lhe delegou, encontrará todos os bons franceses em volta do trono.”

O que se podia fazer, e o que se propunham fazer era o seguinte:

Reunir ao mesmo tempo a guarda constitucional, os cavaleiros de S. Luís e os suíços. Ir buscar no mesmo dia e à mesma hora as peças de artilharia das secções, fechar os Jacobinos e a Assembléia, reunir todos os realistas da guarda nacional; podia-se contar com quinze mil homens, e esperar Lafayette, que em três dias de marchas forçadas podia vir das Ardennes.

Mas, infelizmente, a rainha não queria ouvir falar de Lafayette.

Lafayette era a revolução moderada, e na opinião da rainha essa revolução podia estabelecer-se, persistir e sustentar-se. A revolução dos Jacobinos, pelo contrário, na opinião da rainha, esgotaria em pouco tempo a paciência do povo, e não podia certamente durar muito tempo.

Ah! Se Charny estivesse presente! Mas ninguém sabia onde estava, e ainda que soubesse, recorrer a ele seria uma grande baixeza, senão como rainha, como mulher.

No paço correu a noite tumultuosa e agitada pela discussão; havia os meios de defesa e até os de ataque, mas não havia uma mão bastante forte para os reunir e dirigir.

Às dez horas da manhã do dia 16 de Junho, os ministros chegaram ao paço.

O rei recebeu-os na sua câmara.

Duranton usou da palavra.

Em nome de todos, e com mágoa e profundo respeito, apresentou a sua demissão e a dos seus colegas.

– Sim, compreendo – disse o rei – a responsabilidade...

– A responsabilidade real, sim senhor – disse Lacoste. – Pela nossa parte, esteja certo de que estamos prontos a morrer por vossa majestade; mas, morrendo pelo clero, apressaríamos a queda da realeza.

Luís XVI voltou-se para Dumouriez e perguntou-lhe:

– Continua ainda a persistir nos mesmos sentimentos, expressos na sua carta de ontem?

– Sim, senhor – respondeu Dumouriez – se vossa majestade não se deixa vencer pela nossa fidelidade e dedicação.

– Pois bem – disse o rei com olhar sombrio – uma vez que está tomada a sua resolução, aceito as suas demissões e providerei de remédio.

Todos quatro cumprimentaram o rei: Dumouriez, tinha já escrito o seu decreto de demissão e apresentou-o ao rei.

Os outros três ministros deram a sua demissão vocalmente.

Os cortesãos esperavam na antecâmara; ao verem os quatro ministros, compreenderam pelo gesto deles que estava tudo concluído.

Uns regozijaram, mas outros houve que se assustaram.

A atmosfera estava carregada como acontece nos dias calmosos do estio. Pressentia-se a trovoadas.

À porta das Tulherias, Dumouriez encontrou o Sr. de Romainvillers, comandante da guarda nacional, que chegava naquele momento e muito à pressa.

– Sr. ministro – disse ele – venho receber as suas ordens.

– Já não sou ministro – respondeu Dumouriez.

– Mas há grandes ajuntamentos nos arrabaldes.

– Vá receber as ordens de el-rei.

– O caso é urgente!

– Nesse caso, apresse-se, porque já estou demitido.

O Sr. de Romainvillers subiu as escadas com muita pressa.

No dia 17 pela manhã, Dumouriez viu entrar em sua casa os srs. de Chambonnas e Lajard, que ambos se lhe apresentaram por parte do rei.

Chambonnas para receber a pasta dos negócios estrangeiros e Lajard a pasta da guerra.

O rei esperava Dumouriez no dia seguinte para concluir com ele o seu último trabalho de contabilidade e despesas secretas.

As pessoas que o viram apresentar-se no paço julgaram que tornava a ser nomeado ministro, e agruparam-se em volta dele para lhe dar os parabéns.

– Tomem sentido, meus senhores – disse Dumouriez – olhem que não estão falando com o ministro que entra, mas com o ex-ministro que sai: venho dar as minhas contas.

Ouvindo esta resposta, afastaram-se.

Naquele momento, um porteiro anunciou que el-rei esperava Dumouriez na sua câmara.

O rei tinha recobrado toda a sua serenidade.

Era isso resultado de firmeza de alma, ou a firmeza era ilusória?

Dumouriez prestou as suas contas e logo que acabou a conferência, levantou-se.

– Então vai unir-se ao exército de Luckner? – lhe perguntou o rei, recostando-se na poltrona.

– Sim, senhor; deixo com muito prazer esta horrorosa cidade, e só tenho pesar de deixar aqui vossa majestade em perigo.

– Conheço o perigo – disse o rei com indiferença.

– Senhor – acrescentou Dumouriez – vossa majestade deve conhecer agora que lhe não falo por interesse pessoal. Uma vez que já não sou ministro, estou para sempre separado de vossa majestade. É, pois, por fidelidade, e em nome da mais pura dedicação, é pelo amor pela pátria, por vossa majestade, pela sua salvação e pela salvação da sua coroa, da rainha e de seus filhos, e em nome de tudo quanto há de mais caro e sagrado ao coração do homem, que suplico a vossa majestade que não insista em aplicar o veto. Essa obstinação de nada servirá, e perderá a vossa majestade.

– Não me fale nisso; a minha resolução está tomada – disse o rei com impaciência.

– Senhor, senhor, vossa majestade disse-me a mesma coisa aqui, nesta câmara diante da rainha, quando me prometeu sancionar os decretos.

– Fiz mal em lho prometer e arrependo-me de o ter feito.

– Senhor, repito a vossa majestade que é a última vez que tenho a honra de lhe falar, perdoe a minha franqueza, tenho cinquenta e três anos e tenho experiência. Vossa majestade não fez mal quando me prometeu sancionar os decretos; agora é que não faz bem recusando-se a cumprir a sua promessa. Senhor, abusam da sua confiança e conduzem-no à guerra civil. Vossa majestade não tem força em que se apóie e há-de sucumbir, e ao mesmo tempo que se compadecerão de vossa majestade, todos o argüirão de ter causado as desgraças da França.

– Então diz-me que é a mim que hão-de argüir das desgraças da França?

– Sim, senhor.

– Mas Deus é testemunha de que só desejo a sua ventura.

– Não duvido, senhor, mas vossa majestade deve contas a Deus não só da pureza, mas ainda do uso esclarecido das suas intenções. Julga que salva a religião, e não faz mais do que destruí-la; os padres hão-de ser assassinados e a coroa de vossa majestade há-de rolar no próprio sangue da rainha, e talvez que no sangue de seu filho. Ó meu rei! Meu rei!

E Dumouriez, sufocado em lágrimas, beijou a mão de Luís XVI.

Então o rei, com a maior serenidade, e com uma majestade de que o julgariam incapaz, disse:

– Tem razão, Sr. Dumouriez, espero a morte, e desde já perdôo aos meus assassinos. Pela sua parte, Sr. Dumouriez, serviu muito a meu contento, estimo-o muito e agradeço-lhe a sua sensibilidade. Adeus, Sr. Dumouriez.

E levantando-se vivamente, o rei retirou-se para o vão de uma janela.

Dumouriez ergueu-se, juntou lentamente os papéis para ter tempo de compor o rosto, e

para dar tempo ao rei a que o chamasse; depois dirigiu-se com passos lentos para a porta, pronto para voltar à primeira palavra que Luís XVI lhe dissesse.

Mas a primeira palavra foi também a última.

– Adeus, Sr. Dumouriez – disse-lhe o rei – desejo que seja feliz.

Depois destas palavras, não havia meio de se demorar mais tempo. Dumouriez saiu.

A realza rompeu com o seu último apoio. O rei acabava de tirar a máscara.

Encontrava-se com o rosto descoberto na presença do povo.

Vejamos o que o mesmo povo fazia pela parte que lhe tocava.

XXIII

Conciliábulo na rua de Charenton

Todo o dia passara pelo bairro de Santo António um homem com uniforme de general, montado num cavalo flamengo, distribuindo apertos de mão para um e outro lado, dando beijos nas raparigas e pagando o vinho aos rapazes.

Este homem era um dos seis herdeiros do Sr. de Lafayette, a moeda de cobre do comandante da guarda nacional; era o comandante de batalhão Santerre.

Junto dele, e como se fosse um ajudante de ordens ao lado do seu general, montava num vigoroso cavalo, um homem que pelo trajo, se conhecia ser um patriota camponês.

Tinha na testa os vestígios de uma grande cicatriz, era tão franco o sorriso, tão claro o rosto do comandante de batalhão, quanto era sombrio o porte e ameaçador o aspecto do seu companheiro.

– Estejam prontos, meus bons amigos, velem pela nação; os traidores conspiram, mas nós cá estamos – dizia Santerre.

– Que devemos de fazer, Sr. Santerre? – lhe perguntavam os moradores do bairro – bem sabe que somos dos seus. Onde estão os traidores? Leve-nos contra eles.

– Esperem pela ocasião – lhes respondia Santerre.

– E a ocasião virá?

Santerre não sabia, mas ia respondendo:

– Sim, sim; estejam descansados que hão-de ser prevenidos.

E o homem que acompanhava Santerre, inclinava-se sobre o pescoço do cavalo, falava a certos homens, que conhecia e por meio de sinais dizia-lhes:

– A 20 de Junho, a 20 de Junho, a 20 de Junho.

E os homens retiravam-se, decorando aquela data, e a dez, vinte e trinta passos reuniam-se grupos, entre os quais circulava a referida data.

20 de Junho.

Que é que se devia fazer a 20 de Junho? Ignorava-se ainda, mas sabia-se que nesse dia alguma coisa se havia de fazer.

Entre os adeptos a quem fora comunicada aquela data, podiam-se distinguir alguns homens, que não são estranhos aos acontecimentos que já referimos. Entre eles figuravam:

Saint-Huruge, que na manhã de 5 de Outubro vimos sair do Palais-Royal, dirigindo o primeiro troço de gente para Versalhes: Saint-Huruge, o marido enganado pela mulher antes de 1789, preso na Bastilha, solto em 14 de Julho, e que se vingava na nobreza e na realza das suas infelicidades conjugais e da sua prisão ilegal.

Verrières. O leitor conhece-o, não é verdade? Duas vezes nos apareceu, aquele corcovado do Apocalipse, rachado até à barba: uma vez na taberna de Sèvres, em companhia de Marat e do duque de Aguiillon, que estava disfarçado de mulher; e outra vez no Campo de Marte, um

momento antes de começar o fogo.

Fournier, o americano, que disparou sobre Lafayette por entre as rodas de uma carruagem, mas cuja espingarda errou fogo.

Agora promete ferir alguém que esteja em posição mais elevada do que o comandante da guarda nacional, e para o caso da espingarda errar fogo, traz uma espada.

O Sr. Beausire, de quem não ouvimos falar há muito e que não se aproveitou do tempo em que o deixamos escondido para se emendar.

É o mesmo homem, que tornou a tomar a menina Oliva das mãos de Mirabeau moribundo, do mesmo modo que o cavaleiro des Gricux retomava Manon Lescaut das mãos da pessoa que, depois de a erguer momentaneamente da lama, a deixava cair no lodo.

Mouchet, homem baixo, coxo, cambaio, envolto numa faixa tricolor, que lhe cobria metade do corpo, membro da municipalidade, juiz de paz, e não sei que mais.

Gouchon, o Mirabeau do povo, que Pitou achava muito mais feio do que o Mirabeau da nobreza; Gouchon, que desaparecia com o tumulto, como uma peça mágica, para depois tornar a aparecer, sempre mais ardente, mais terrível, mais venenoso, isto é, o demónio de que o autor não carece neste momento.

Depois, no meio de toda aquela multidão, reunida em torno das ruínas da Bastilha, como se fora um novo Monte Aventino, passava e tornava a passar um mancebo magro, pálido, de cabelo corredio e olhos chamejantes, solitário como a águia, que no futuro havia de tomar por emblema, não conhecendo ninguém, e a quem ninguém conhecia.

Era o tenente de artilharia Bonaparte, que por acaso estava com licença em Paris, e a respeito do qual, como nos devemos lembrar, Cagliostro fizera uma extraordinária profecia a Gilberto, na ocasião em que o mesmo tenente aparecera nos Jacobinos.

Mas quem é que mexia, remexia e excitava esta multidão?

Era um homem de aspecto robusto, com juba de leão, e voz de stentor, que Santerre devia encontrar em casa, onde ele o esperava.

Era Danton.

É a hora em que o terrível revolucionário, apenas conhecido então pela bulha que fizera na platéia do Teatro Francês, durante as representações do *Carlos IX* de Chénier, e pela sua terrível eloquência na tribuna dos Franciscanos, é a hora, dizíamos, em que ele faz a sua verdadeira aparição na cena política, onde vai estender os seus braços de gigante.

Donde precede o poder deste homem, que vai ser tão fatal à realza? Precede da própria rainha.

A rancorosa austríaca não quis Lafayette na *mairie* de Paris; preferiu-lhe Pétion, o homem de Varennes, que, apenas investido no lugar de *maire*, se pôs em guerra aberta com o rei, ordenando que se vigiasse o palácio das Tulherias.

Pétion tinha dois amigos, que levava, um de cada lado, no dia em que tomou posse da casa da câmara municipal. Manuel ia à direita e Danton à esquerda dele.

Nomeou Manuel procurador da comuna e Danton seu substituto.

Vergniaud dissera na tribuna, apontando para as Tulherias:

“O terror saiu muitas vezes daquele palácio funesto em nome da realza, é necessário que ali entre em nome da lei”.

Pois chegara o momento de traduzir por um acto material a bela e terrível imagem do orador girondino; cumpria ir buscar o terror ao bairro de Santo António, e impeli-lo embravecido, com os gritos discordes e os braços torcidos para o palácio de Catarina de Médicis.

Quem melhor podia evocar o terror do que aquele terrível mágico revolucionário que se chamava Danton?

Danton tinha os ombros largos, a mão poderosa, o peito atlético, onde pulsava um coração vigoroso.

Danton era o titã das revoluções.

O golpe que recebia, retribuía-o imediatamente por uma vibração poderosa, que se

derramava pela multidão e a embriagava.

Danton tocava por um lado no povo, por intermédio de Hébert, e por outro no trono pelo duque de Orleans.

Danton era o lojista da esquina da rua e o príncipe real da esquina do trono tinha diante de si um teclado intermediário, do qual cada tecla correspondia a uma fibra social. Olhai para essa gama; percorra duas oitavas, e está em harmonia com a voz poderosa do tocador. São: Hébert, Legendre, Gouchon, Rossignol, Momoro, Brune, Hunguenin, Rotondo, Santerre, Fabre-d'Eglantine, Camilo Desmoulins, Dugazon, Lazouski, Sillery Genlis, o duque de Orleans.

E note-se que só pomos aqui os limites visíveis.

Mas quem nos dirá agora até onde desce, ou até onde se eleva esse poder além dos limites em que se perde a nossa vista?

Pois era esse poder que sublevava o bairro de Santo António.

No dia 16, um homem de Danton, o polaco Lazouski, membro do conselho, da comuna, começara a tarefa.

Participou ao conselho que no dia 20 de Junho os dois bairros de Santo António e de Saint-Marceau apresentariam petições à Assembléia e ao rei, acerca do voto sobre o acampamento, dos vinte mil homens, e sobre os padres, e do mesmo golpe deviam plantar no terraço dos Bernardos uma árvore da liberdade, em memória do jogo da péla de 20 de Junho de 1879.

O conselho recusou-se a dar a sua autorização.

– Passaremos sem ela – disse Danton ao ouvido de Lazouski – e este repetiu em voz alta:

– Passaremos sem ela!

Logo esta data de 20 de Junho tinha uma significação visível e uma significação oculta: uma, que era o pretexto, consistia em apresentar uma petição ao rei e em plantar uma árvore de liberdade; a outra, que era o fim, só conhecido de alguns adeptos, consistia em livrar a França de Lafayette e dos Bernardos, e em advertir o rei incorrigível, o rei do antigo regimen, de que há tempestades políticas de tal ordem, que um monarca pode naufragar com o trono, a coroa e a família, do mesmo modo que um navio naufraga com a equipagem e a carga nos abismos do oceano.

Danton, como já dissemos, estava esperando Santerre; na véspera mandava-lhe dizer por Legendre que para o dia seguinte era necessário, que houvesse um começo de sublevação no bairro de Santo António.

Nessa manhã, Billot apresentou-se em casa dele, dera-lhe sinal de reconhecimento e participara-lhe que a junta enviava-o para estar adjunto a ele em todo aquele dia.

Era esta a razão por que Billot, figurando de ajudante de ordens de Santerre, sabia mais do que o próprio Santerre.

Danton vinha dar ponto de reunião a Santerre pára essa mesma noite numa casa da rua de Charenton, retirada sobre a margem direita do rio, na extremidade da ponte. Ali se deviam encontrar todos os homens de vida estranha e desconhecida, que sempre se encontram dirigindo a corrente dos tumultos.

Nenhum faltou à reunião.

As paixões daqueles homens eram diversas.

Donde lhes provinham essas paixões?

Seria uma história sombria a descrever.

Alguns estavam pelo amor da liberdade; muitos deles, como Billot, eram incitados pela vingança dos insultos recebidos, e mais ainda pelo ódio, pela miséria e pelos maus instintos.

No primeiro andar havia uma casa fechada, onde só os chefes tinham direito de entrar.

Saíam com as instruções precisas, exactas e supremas: dir-se-ia que era ali um tabernáculo, onde algum Deus desconhecido dava as suas determinações.

Sobre uma mesa estava estendida uma carta topográfica de Paris.

Danton traçava com o dedo sobre aquela carta as fontes, os afluentes, o curso e ponto de

junção daqueles regatos e rios de homens, que no dia imediato deviam inundar a capital.

Foi indicada para ponto de reunião a praça da Bastilha, onde se desemboca pelas ruas de Santo António, pelo bairro do Arsenal e pelo arrabalde de Saint-Marceau, atravessando o Sena.

A Assembléia era o pretexto e as Tulherias o fim.

O *boulevard* era a entrada larga e segura, pela qual devia correr toda aquela onda furibunda. Foram designados os pontos; todos prometeram encontrar-se no ponto dado e separar-se.

O santo e a senha eram: “Aniquilar o paço”.

Mas de que maneira se conseguiria isso?

Ninguém o sabia ainda.

Durante todo o dia 19, formaram-se alguns grupos na praça da Bastilha, nos subúrbios do arsenal e no arrabalde de Santo António.

De repente, no meio daqueles grupos apareceu uma atrevida e terrível amazona, vestida de escarlate, com um cinturão armado de pistolas, e trazendo ao lado uma espada, com a qual havia de procurar encontrar entre dezoito feridos o coração de Suleau.

Esta amazona era Théroigne de Méricourt, a linda liegense.

Já a vimos na estrada de Versalhes no dia 5 de Outubro. Mas que foi feito dela durante todo este tempo?

Liege revoltara-se; Théroigne quis ir em auxílio da sua pátria, mas foi presa no caminho pelos agentes de Leopoldo, e jazeu por dezoito meses nas prisões de Áustria.

Fugiu? Deixaram-na sair? Serrou as grades? Seduziu o carcereiro? Tudo isto é misterioso como o começo da sua existência, e terrível como o fim da sua vida.

Finalmente, ei-la de volta. De cortesã da opulência, tornou-se em prostituta do povo.

Os fidalgos deram-lhe o ouro com que ela comprou as lâminas de fina têmpera e as pistolas engastadas com que havia de ferir os seus inimigos.

O povo conhecendo-a, acolheu-a com aclamações.

Como vinha bem, a bela Théroigne, vestida de escarlate para a festa cruenta do dia seguinte!

A rainha viu-a galopar ao longo do terraço dos Bernardos.

Dirigiu-se da praça da Bastilha para os Campos Elíseos, do ajuntamento popular para o banquete patriótico.

Das trapeiras das Tulherias, onde a rainha subiu ao ouvir os gritos, descobriu que havia mesas postas, que o vinho circulava e que ecoavam os vivas patrióticos, sempre que a saúde era em honra da Assembléia ou dos Girondinos.

Os convivas ameaçavam com os punhos o palácio das Tulherias.

O actor Dugazon cantava canções contra o rei e a rainha, e suas majestades podiam ouvir distintamente do palácio os aplausos que acompanhavam cada estribilho.

Quem eram os convivas?

Os confederados de Marselha, dirigidos por Barbaroux: chegaram na véspera e encontraram-se com os confederados bretões, que haviam chegado dias antes.

A 18 de Junho, e 10 de Agosto deu entrada em Paris.

XXIV

O dia 20 de Junho

Amanhece cedo no mês de Junho.

Às cinco horas da manhã já os batalhões estavam reunidos.

Desta vez o tumulto estava regularizado, e tomara o aspecto de uma invasão.

A multidão reconhecia chefes, estava disciplinada, tinha o seu lugar marcado e o seu

estandarte.

Santerre estava a cavalo, acompanhado por um estado maior dos homens do bairro.

Billot não se separava dele. Podia dizer-se que estava encarregado de o vigiar por alguma força oculta.

O ajuntamento estava dividido em três corpos de exército.

Santerre comandava o primeiro; Saint-Huruge o segundo; Théroigne de Méricourt o terceiro.

A imensa multidão pôs-se em marcha às onze horas da manhã em vista de uma ordem que trouxera um homem desconhecido.

À saída da Bastilha, compunha-se de uns vinte mil homens.

Aquela tropa exibia um aspecto selvagem, estranho e terrível.

O batalhão comandado por Santerre era o mais regular, tinha muitos homens uniformizados e armados com espingardas e baionetas.

Mas os outros dois eram o exército do povo: exército de esfarrapadas, lívido, definhado, que representava três anos de fome e de carestia de pão, e nesses três anos dois de revoluções.

Tal era o abismo donde saíra aquele exército; por isso não tinha armas, nem uniformes; casacos rotos, blusas esfarrapadas, armas esquisitas, de que tinham lançado mão num primeiro momento de defesa; chuços, espetos, lanças amolgadas, espadas sem copos, facas amarradas na ponta de paus muito compridos, machados, camartelos e facas de sapateiro.

Por bandeira, traziam arvorada uma forca, na qual estava pendurada uma boneca, que representava a rainha, uma cabeça de boi com chavelhos, em que se entrelaçava um dístico obsceno; um coração de vitela enfiado num espeto, com estas palavras: “Coração de aristocrata!”

Nas bandeiras havia as seguintes legendas:

A sanção ou a morte!

Chamamento dos ministros patriotas!

Treme tirano, que está chegada a tua hora!

A multidão dividiu-se na esquina da rua de Santo António.

Santerre e a sua guarda nacional tinham seguido pelo boulevard, levando o seu uniforme de comandante do batalhão.

Saint-Huruge, vinha montado num cavalo perfeitamente ajazado, que lhe trouxera um moço desconhecido, e Théroigne de Mirecourt, deitada sobre uma peça de artilharia, puxada por homens de braços nus, seguiram pela rua de Santo António.

Da praça Vendôme tinham em vista dirigir-se aos Bernardos.

O exército desfilou, e por espaço de três horas arrastou na marcha a população dos bairros que atravessava.

Era igual às torrentes que engrossam, ressaltam e espumam.

Engrossava a cada canto e espumava a cada esquina de rua.

Aquela massa de povo estava silenciosa; mas, de repente, e de modo inesperado, saía daquele silêncio por imensa vozeria e pelo famoso *Ça ira*, de 1790, o qual, modificando-se a pouco e pouco, se tornava num cântico de entusiasmo ou de ameaça, e finalmente, concluíam aqueles gritos dando vivas à nação e aos *sans-culottes*, e morras ao *Sr. Veto* e à *Sr.^a Veto*!

Muito tempo antes de chegarem às testas das colunas, já se ouvia a bulha daquela multidão, como se ouve o sussurrar da maré quando enche.

De quando em quando ecoavam os gritos, os cânticos e os vivas, como se ouve o sibilar da tempestade.

Chegando à praça Vendôme, o corpo comandado por Santerre, que levava o choupo que devia ser enterrado no terraço dos Bernardos encontrou um posto de guardas nacionais, que se lhe opôs à passagem.

Nada era mais fácil àquela multidão do que envolver a guarda nas suas imensas pregas.

Não o fez, porém; prometera a si mesma uma função, queria rir-se e divertir-se, assustar o Sr. e a Sr^a. *Veto*, e não queriam matar ninguém.

Aqueles que traziam a árvore abandonaram o projecto de plantá-la no terraço, e foram plantá-la no pátio próximo dos Capuchinhos.

Havia uma hora que a Assembléia ouvia toda aquela bulha, quando os comissários da multidão pediram para os seus constituintes o favor de desfilarem na sua presença.

Vergniaud pediu que fossem admitidos, mas ao mesmo tempo propôs que se mandassem imediatamente sessenta deputados proteger o paço.

Eles, também, os Girondinos, queriam assustar o rei e a rainha, mas não queriam que se lhes fizesse mal.

Um deputado do partido *fenillant* opôs-se, dizendo que semelhante precaução seria injuriosa para o povo de Paris.

Sob aquela aparência de confiança, não haveria a esperança de um crime?

A admissão foi concedida.

O povo dos arrabaldes desfilara, armado pela sala. As portas foram abertas e deram passagem a trinta mil peticionários.

O desfile começou ao meio-dia e acabou às três horas.

A multidão alcançou a primeira parte da sua súplica, desfilou pela frente da Assembléia, leu a sua petição, e só lhe faltava pedir a sanção ao rei.

Uma vez que a Assembléia recebera a petição, que meio teria o rei de não a receber?

O rei por certo que não era superior ao presidente, porque quando o rei lhe vinha falar, tinha uma cadeira igual à dele colocada ao lado esquerdo.

Por isso o rei mandou a resposta de que aceitava a petição, sendo-lhe apresentada por vinte pessoas.

O povo nunca se persuadira que entraria nas Tulherias, contando que entrariam os seus deputados enquanto ele desfilava por debaixo das janelas.

Todas aquelas bandeiras com dísticos ameaçadores, todos aqueles estandartes funestos, mostrá-los-ia ao rei e à rainha através das grades das janelas.

Todas as portas que davam para o palácio estavam fechadas; tanto no palácio como nos jardins das Tulherias havia três regimentos em linha, dois esquadrões de gendarmes, muitos batalhões da guarda nacional, e quatro peças de artilharia.

A família real via das janelas aquela protecção aparente.

Entretanto, a multidão, sempre com más intenções, pedia que lhe abrissem a porta de ferro que dava para o terraço dos Bernardos.

Os oficiais que estavam de guarda recusaram-se a abri-la sem ordem do rei.

Então três membros da municipalidade pediram que os deixassem passar para solicitarem a ordem.

Consentiram-lhes que passassem.

Montjoye, autor da história de Maria Antonieta, conservou-lhes os nomes: Boucher-René, Boucher-Saint-Sauveur e Mouchet.

Este Mouchet era o tal juiz de paz do Marais, coxo, cambaio, desajeitado; era um anão com a imensa faixa tricolor.

Foram admitidos no paço e conduzidos à presença do rei.

Foi Mouchet quem falou.

– Senhor – disse ele – um grande concurso de gente marcha legalmente sob a égide da lei; não deve haver receio: são alguns cidadãos pacíficos, que se reuniram para apresentar uma petição à Assembléia Nacional, e querem celebrar uma festa cívica pelo aniversário do juramento prestado no Jogo da Péla em 1789.

“Esses cidadãos pedem para passar para o terraço dos Bernardos, cuja porta, além de estar fechada, tem a passagem defendida por uma peça de artilharia. Vamos, portanto, pedir, senhor, que se abra aquela porta, e lhes seja dada livre passagem”.

– Pela faixa vejo que o senhor é membro da municipalidade – disse o rei – pertence-lhe, portanto, fazer executar a lei; se julga necessário para cumprir o mandato da Assembléia, mande abrir a porta do terraço dos Bernardos; desfilem os cidadãos pelo terraço e saiam pela porta das cavaliças. Fale para este fim com o Sr. comandante geral da guarda, e faça tudo de modo que não seja alterada a tranqüilidade pública.

Os três membros da municipalidade cumprimentaram o rei e saíram acompanhados por um oficial encarregado de confirmar que a ordem de abrir a porta fora dada pelo próprio rei.

Assim que se abriu a porta, todos quiseram entrar.

Houve sufocação, e é notório que quando a multidão sufoca, assemelha-se ao vapor, que despedaça.

A porta de ferro do terraço dos Bernardos estalou como o vime.

A multidão respirou finalmente e espalhou-se alegre pelo jardim.

Tinham-se esquecido de abrir as portas das cavaliças.

Achando esta porta fechada a multidão desfilou pela frente da guarda nacional postada em linha ao longo da parede do palácio. Depois saiu pela porta do cais.

Mas como era necessário que aquele povo voltasse ao seu bairro, quis tornar a entrar pelos postigos do Carroussel.

Mas os postigos estavam fechados e tinham sentinelas.

A multidão cansada, derramada, apertada, começou a irritar-se.

Entretanto, ao ruído dos seus clamores, abriram os postigos e a multidão rapidamente se espalhou pela imensa praça.

Foi então que se lembrou de que o negócio mais importante do dia era a petição ao rei para que tirasse o veto.

O resultado foi que, em vez de continuar o seu caminho, a multidão esperou no Carroussel.

Passou-se uma hora e impacientou-se.

Naturalmente iam-se embora, mas não era isso o que queriam aqueles que manobravam por detrás da cortina.

– Fiquem – diziam eles – o rei vai dar a sanção; não se recolham para casa sem que ele a tenha dado, ou então teremos de começar novamente.

A multidão achava que o conselho era muito razoável; mas, ao mesmo tempo reflectia que a famosa sanção se fazia esperar demasiado.

– Temos fome! tal era o grito geral.

A carestia do pão diminuía, mas não havia trabalho, não havia dinheiro, e por muito barato que estivesse o pão, mesmo assim não se dava, vendia-se.

Toda aquela população se erguera às cinco horas da manhã, deixando as enxergas, onde muitos na véspera se haviam deitado em jejum.

Os operários com as mulheres, as mães com os filhos, todos se puseram a caminho, com a vaga esperança de que o rei sancionaria o decreto, e que deste modo tudo iria bem.

Mas o rei não se mostrava resolvido a sancionar o decreto.

Fazia muito calor e a sede era geral.

A fome, a sede e o calor são origem de que os cães se danem.

Mas aquele pobre povo aguardava os acontecimentos e sofria com paciência.

Entretanto já alguns magotes começavam a sacudir as portas de grade do palácio.

No átrio das Tulherias apareceu um membro da municipalidade e dirigiu-se ao povo nos seguintes termos:

– Cidadãos, este é o domicílio do rei, e entrar aqui armados, seria violar o mesmo domicílio. Ele está decidido a resolver a vossa petição, contanto que seja apresentada por vinte deputados somente.

Deste modo, os deputados que a multidão esperava, e que julgava terem sido introduzidos junto ao rei uma hora antes, ainda não lhe tinham sido apresentados.

De repente ouviu-se grande alarido de vozes e de gritos do lado do cais.

Era Santerre e Saint-Huruge, que vinham a cavalo, e Théroigne, que vinha sobre a sua peça de artilharia.

– O que estão fazendo diante dessa porta? Porque não entram? – bradou Saint-Huruge.

– É verdade, porque não havemos de entrar? – disseram alguns homens do povo.

– Porque a porta está fechada – responderam muitas vozes ao mesmo tempo.

Théroigne desceu da sua peça de artilharia.

– Esta peça está carregada – disse ela – façam soltar a porta com uma bala.

E a peça foi apontada para a porta.

– Esperem! Esperem! – gritavam dois vereadores. – Não cometam violência; já se lhes abre a porta.

E com efeito, carregando ambos no fecho, a porta abriu-se, e a multidão precipitou-se para dentro.

Querem saber o que é a multidão e qual é a força de semelhante torrente?

A multidão entrou, a peça de artilharia foi arrastada a braços por entre aquelas ondas de povo; atravessaram com ela o átrio, subiram com ela os degraus, e com ela se encontraram no topo da escada.

Mas no topo da escada estavam alguns membros da municipalidade com as suas insígnias.

– O que pretendem fazer com uma peça de artilharia? – perguntaram eles. – Uma peça de artilharia nos aposentos do rei! Julgam que alcançam alguma coisa com semelhante violência?

– É verdade – responderam muitos daqueles homens, admirados de que ali estivesse semelhante arma.

Voltaram a peça, e quiseram trazê-la para baixo; mas o eixo pegou-se a uma porta e a boca da peça ficou voltada para o povo.

– Bonito! Então nos aposentos do rei também há artilharia? – bradaram os recém-chegados, que ignoravam o motivo por que ali estava aquela peça, pois não conheciam ser a peça de Théroigne, e portanto julgaram ter sido ali colocada contra eles.

Durante este tempo, e por ordem de Mouchet, dois homens, armados de machados cortaram e despedaçaram a ombreira da porta para desembaraçar a peça, que desceu para o vestíbulo.

Esta operação, que teve por fim desembaraçar a peça, fez acreditar que estavam metendo as portas dentro com machados.

Isto fez com que perto de duzentos fidalgos corressem ao palácio, não porque esperassem defendê-lo, mas porque, estando ameaçados os dias do rei, iam morrer com ele.

Além deles, encontrou-se também ali o velho marechal de Mouchy, o Sr. Hervilly, comandante da guarda constitucional licenciada, e Acloque, comandante do batalhão da guarda nacional do bairro de Saint-Marceau.

Só os srs. Lecrosnier, Bridaud e Gosse, granadeiros do batalhão do bairro de Saint-Martin, se conservaram no seu posto.

Como derradeiro baluarte, veio introduzir-se entre o rei e este perigo iminente um homem vestido de preto, que já uma vez viera oferecer o peito às balas dos assassinos. Era Gilberto, cujos conselhos foram sempre repelidos, mas sempre se apresentava no dia do perigo para o conjurar.

O rei e a rainha, que primeiramente se assustaram muito com o tumulto horrível daquela multidão, acabaram por se habituar à bulha.

Eram três horas e meia da tarde, e tanto o rei como a rainha esperavam que o dia acabasse do mesmo modo por que começara.

A família real estava reunida na câmara do rei.

De repente os golpes de machado ouviram-se naquela câmara; o clamor das turbas assemelhava-se ao ruído longínquo da tempestade.

Neste momento, precipita-se no quarto do rei um homem, que lhe diz:

– Senhor! Não me deixe vossa majestade. Eu respondo por tudo!

XXV

O rei vê que há circunstâncias, em que, sem ser Jacobino, se pode pôr na cabeça o barrete vermelho

Este homem era o Dr. Gilberto.

Só a distâncias quase periódicas, em todas as grandes peripécias do imenso drama que se representava, é que se via aquele homem.

– ah! É o Sr. Dr. Gilberto! Que há de novo? – perguntaram ao mesmo tempo o rei e a rainha.

– Senhor – disse Gilberto – o palácio real está invadido, e este ruído que vossa majestade ouve, é o povo, que pede para ver a vossa majestade.

– Não o deixaremos, senhor! – disseram ao mesmo tempo a rainha e a princesa Isabel.

– Vossa majestade – disse Gilberto para o rei – quer conceder-me por uma hora o mesmo poder que o comandante de um navio tem na sua embarcação durante uma tempestade?

– Dou-lhe esse poder – respondeu o rei.

Naquele momento aparecia à porta da câmara do rei o comandante da guarda nacional, o Sr. Acloque, pálido, mas resolvido a defender o rei até à última extremidade.

– Sr. Acloque – lhe disse Gilberto – aqui está el-rei pronto para o acompanhar. Encarregue-se de sua majestade.

E voltando-se para o rei, disse-lhe:

– Vá, senhor, vá.

– Mas eu quero acompanhar meu marido – disse a rainha.

– E eu quero acompanhar meu irmão – disse a princesa Isabel.

– Acompanhe seu irmão, minha senhora – disse Gilberto à princesa Isabel – mas vossa majestade não vá – acrescentou ele dirigindo-se à rainha.

– Sr. Gilberto! – disse Maria Antonieta.

– Senhor! Senhor! – exclamou Gilberto – em nome do Céu diga à rainha que se dirija pelos meus conselhos, caso contrário não me responsabilizo por coisa nenhuma.

– Minha senhora – disse o rei – ouça os conselhos do Sr. Dr. Gilberto, torno-o responsável pela rainha e pelo delfim.

– Senhor, respondo por eles, ou morrerei com eles, é o mais que um piloto pode dizer quando rebenta a tempestade.

A rainha quis fazer um derradeiro esforço, mas Gilberto estendeu os braços para lhe impedir a passagem, e disse-lhe:

– Senhora, é vossa majestade e não el-rei quem corre o verdadeiro perigo; com razão, ou sem ela, é a vossa majestade que imputam a resistência de el-rei; e a sua presença só serviria para o comprometer, em lugar de o defender. Faça vossa majestade as vezes de pára-raios, e desvie o raio, se puder.

– Então, Sr. Gilberto, muito embora caia o raio sobre mim, mas poupe os meus filhos.

– Respondi a el-rei por vossa majestade e por seus filhos; queira acompanhar-me.

E voltando-se para a Sr^a. de Lamballe, que havia um mês voltara de Inglaterra, e três dias que regressara de Vernon, e para as outras damas do paço, Gilberto disse-lhes que o acompanhassem.

As outras damas da rainha eram: as princesas de Tarento, de Mackan e de la Roche-Aymon.

Gilberto conhecia o interior do palácio e orientou-se no caminho que devia seguir.

O que procurava era uma grande sala, onde todos pudessem ver e ouvir. Pretendia achar um primeiro baluarte, atrás do qual colocasse a rainha, os filhos e as damas, reservando para si o lugar da frente, por ser o mais arriscado.

Lembrou-se da sala do conselho, a qual, felizmente, ainda estava livre.

Encaminhou a rainha com os filhos e a princesa de Lamballe para o intervalo de uma janela. O tempo era preciosíssimo, e já nem vagar havia para falar, porque a multidão metia as portas dentro.

Gilberto arrastou a pesada mesa do conselho, para o intervalo da janela, achando desse modo o baluarte que procurava com empenho.

A princesa real foi colocada de pé em cima da mesa junto de seu irmão mais velho.

A rainha colocou-se atrás deles: a inocência defendia a impopularidade.

A rainha queria colocar-se na frente de seus filhos, mas Gilberto, em tom de um general que comanda uma manobra decisiva, disse-lhe:

– Tudo está bem desta maneira. Não se mexa vossa majestade.

E como estavam abanando a porta pelo lado de fora, e soubesse que aquele esforço era feito por uma turba de mulheres, Gilberto abriu a porta e disse:

– Entrem, cidadãos! A rainha está com os seus filhos à sua espera.

Assim que abriram a porta, a onda popular entrou como se transpusesse um dique que se tivesse rompido.

– Onde está a austríaca? Onde está a *Sr^a. Veto*? – bradaram quinhentas vozes.

Era o momento terrível. Gilberto conheceu que, naquela ocasião suprema, todo o poder se escapava das mãos dos homens e passava para as de Deus.

– Sossego, minha senhora – disse ele à rainha – não careço de lhe recomendar que tenha prudência.

Na frente das mulheres vinha uma, com os cabelos desgrehados, brandindo uma espada. A mulher era uma beleza de cólera e talvez de fome.

– Onde está a austríaca? – bradava ela – sou eu que a hei-de matar!

Gilberto pegou-lhe pelo braço, e conduzindo-a diante da rainha, disse-lhe:

– Está ali.

– Já lhe fiz algum mal pessoalmente, minha filha? – lhe perguntou a rainha com voz muito branda.

– Nenhum, minha senhora, nenhum – respondeu a mulher, muito admirada da voz meiga e da majestade de Maria Antonieta.

– Então porque me quer matar?

– Porque me disseram que era a senhora que perdia a nação – respondeu a rapariga muito enleada.

– Enganaram-na. Eu casei-me com o rei de França, sou mãe do delfim, deste menino que aqui está, sou francesa e nunca mais tornarei a ver o meu país. Só posso ser feliz ou desgraçada em França. Ah! – continuou a rainha suspirando – eu era feliz quando vós todos me tínheis amor.

A rapariga, deixando cair a espada, começou a chorar e disse para a rainha:

– Ai, minha senhora, eu não a conhecia, perdoe-me; acredito que tem a bondade no coração.

– Continue assim, minha senhora – lhe disse Gilberto em voz baixa – e não só vossa majestade está salva, mas dentro de um quarto de hora todo este povo estará prostrado aos seus pés.

Confiando depois a rainha a dois ou três guardas nacionais que apareceram, e a Lagard, ministro da guerra, que entrara com o povo, Gilberto correu para onde estava o rei.

Com o rei acontecera uma cena quase igual.

Luís XVI tinha corrido para o lado donde partia o tumulto e a vozearia.

Quando o rei estava na sala da clarabóia, as almofadas das portas caíam despedaçadas

pela onda dos populares, e por entre as aberturas luziam as pontas das baionetas, das lanças e os ferros dos machados.

– Abram! Abram! – gritou o rei.

– Cidadãos – disse em voz alta o Sr. de Hervilly – é inútil arrombar as portas, el-rei manda-as abrir.

E dizendo isto, ele mesmo deu volta à chave, e a porta, meio arrombada, abriu-se de par em par.

O Sr. Acloque e o duque de Monchy tiveram tempo de encaminhar el-rei para o intervalo de uma janela, enquanto alguns granadeiros, que ali estavam, se apressaram em pôr diante dele alguns bancos.

Vendo que a multidão invadia a sala, vociferando e prorrompendo em imprecações, o rei não pôde deixar de dizer aos granadeiros:

– Venham para junto de mim!

Os quatro granadeiros desembainharam imediatamente as espadas e colocaram-se ao lado dele.

– Embainhem as espadas! – bradou o rei; – peço simplesmente que estejam ao meu lado.

Esta ordem do rei não foi já muito a tempo, porque o facto dos soldados terem desembainhado as espadas parecera uma provocação.

Um homem esfarrapado, com os braços nus e espumando de cólera, dirigiu-se ao rei e disse-lhe:

– Ah! Estás aqui, *Veto!*

E com uma faca espetada num pau, ameaçou de feri-lo.

Um dos granadeiros que, apesar da ordem do rei, ainda não tinha embainhado a espada, derrubou-lhe o pau.

Mas então o próprio rei, já perfeitamente senhor de si, desviou com a mão o granadeiro e disse-lhe:

– Deixe-me, senhor! Que posso eu temer no meio do meu povo?

E dando um passo para a frente, Luís XVI, com uma majestade de que ninguém o julgava capaz, e com um valor que nunca mostrara, apresentou o peito às armas de toda a espécie que dirigiam contra ele.

– Silêncio! Quero falar – disse uma voz tremendo no meio de todo aquele tumulto.

Seria talvez difícil ouvir-se um tiro de artilharia entre aqueles clamores e vociferações, mas, ante aquela voz, terminaram os clamores e as vociferações.

Era a voz do cortador Legendre, o qual se aproximou do rei, quase até tocar-lhe no fato.

Naquele momento, apareceu um homem na linha extrema do circo, que envolvia o rei.

Atrás da dupla e terrível linha de Danton, o rei viu exhibir-se a figura pálida, mas serena do Dr. Gilberto.

Com um olhar interrogador o rei perguntou-lhe:

– Onde está a rainha?

Com um sorriso, Gilberto respondeu:

– Está em segurança, senhor.

O rei agradeceu a Gilberto com um gesto.

– *Monsieur!* – disse Legendre dirigindo-se ao rei.

À palavra *monsieur*, que parecia indicar a sua deposição, o rei voltou-se como se fora mordido por uma serpente.

– Sim, Sr. *Veto*, é ao senhor mesmo que eu falo, – disse Legendre; – ouça-nos, porque tem obrigação de nos ouvir. O Sr. é um pérfido, que sempre nos enganou e continua a enganar-nos. Mas tome conta em si; a medida está cheia, e o povo está muito cansado de ser o seu juguete e a sua vítima.

– Estou pronto a atende-lo – disse o rei.

– Tanto melhor. Sabe o que vimos cá fazer? Vimos pedir-lhe a sanção do decreto, e que

chame novamente os ministros demitidos. É esta única e simplesmente a nossa petição.

E Legendre, tirando da algibeira um papel que desdobrou, leu a mesma petição ameaçadora que já lera na Assembléia.

O rei ouviu-o, tendo os olhos fixos no leitor, e concluída a leitura, respondeu sem a menor comoção, ao menos aparente:

– Hei-de fazer o que as leis da Constituição me ordenam que faça.

– Ah! Sim – disse uma voz – a Constituição é o teu cavalo de batalha! A Constituição de 91, que te permite reprimir o andamento da máquina, atar a França a um poste e esperar que os austríacos cheguem para nos despedaçar.

O rei voltou-se para o lado donde viera aquela voz, porque compreendia que daquele lado se lhe apresentava um ataque mais grave. Gilberto também fez um movimento, e pôs a mão no ombro do homem que acabava de falar.

– Quem é o senhor? Já o vi em alguma parte, meu amigo – lhe disse o rei.

E olhava para ele com menos terror do que curiosidade, não obstante a figura daquele homem mostrar um carácter de terrível resolução.

– Sim, senhor, vossa majestade já me viu três vezes. Uma, quando voltou de Versalhes em 16 de Junho; outra em Varennes e outra aqui mesmo. Senhor, lembre-se do meu nome, que é de sinistro agouro: chamo-me Billot!

Neste momento os gritos aumentaram: um homem armado com um chuço quis dar um golpe; porém, Billot, segurou-lhe a arma, tirou-a das mãos do assassino e quebrando-a nos joelhos, disse:

– Nada de assassinio! Só o ferro da lei tem o direito de tocar nesse homem. Diz-se que houve um rei em Inglaterra, a quem cortaram a cabeça, por julgamento do povo, que traiçoeira... Luís, tu deves saber-lhe o nome, não te esqueças dele.

– Billot! – disse Gilberto em voz baixa.

– Por mais que faça, Sr. Gilberto – disse Billot meneando a cabeça – este homem há-de ser julgado e condenado como traidor.

– Sim, traidor! Traidor! – bradaram cem vozes ao mesmo tempo.

Gilberto lançou-se entre o rei e o povo.

– Não tema vossa majestade coisa alguma – lhe disse ele – e procure por alguma demonstração material dar satisfação a estes furiosos.

O rei pegou na mão de Gilberto, e pondo-a sobre o coração, disse-lhe:

– Bem vê que estou tranqüilo; sacramentei-me esta manhã, e podem fazer de mim quanto quiserem. Quanto à demonstração material que me aconselha, está satisfeito.

E dizendo isto, o rei tirou da cabeça de um *sans-cullote* um barrete vermelho e pô-lo na sua própria cabeça.

– Viva o rei! Viva a nação! – bradaram todos.

Um homem com uma garrafa na mão, rompendo por entre a multidão, aproximou-se do rei e disse-lhe:

– Se amas o povo como dizes, meu gordo *Veto*, prova-o, bebendo à sua saúde.

E apresentou-lhe a garrafa.

– Não beba, senhor, talvez que esse vinho esteja envenenado – lhe disse em voz baixa a princesa Isabel.

– Beba, senhor, eu respondo por tudo – lhe disse Gilberto.

O rei tomou a garrafa das mãos do homem, bebeu e exclamou:

– À saúde do povo!

Este brinde foi ainda mais aplaudido, repetindo-se os vivas ao rei.

– Senhor – disse Gilberto – vossa majestade já não tem nada que recar; permita-me que volte novamente para junto da rainha.

– Pois vá – respondeu o rei.

Quando Gilberto saía, entravam Isnard e Vergniaud.

Tinham saído da Assembléia e vinham pessoalmente fazer uma muralha da sua popularidade, e sendo necessário, dos seus corpos.

– Onde está o rei? – perguntaram eles.

Gilberto indicou-lhes onde estava, e ambos os deputados se dirigiram a Luís XVI.

Para chegar à sala onde estava a rainha, Gilberto tinha que atravessar muitos quartos, e entre eles a câmara do rei.

O povo tinha invadido tudo.

– Ah! O gorducho do *Veto* tem uma cama, e que é muito melhor que a nossa – diziam alguns homens assentando-se no leito do rei.

Mas nada disso dava já cuidado. O primeiro momento de efervescência passara.

Gilberto voltava mais tranqüilo para o lado da rainha.

Quando entrou na sala, onde a deixara, lançou para o lado dela um olhar rápido e respirou.

A rainha conservava-se no mesmo lugar, e o delfim também tinha na cabeça um barrete vermelho.

Havia um grande murmúrio no quarto contíguo, murmúrio que chamou a atenção do Dr. Gilberto para o lado da porta.

O ruído era produzido pela chegada de Santerre.

O colosso entrou na sala.

– Ah! Ah! – disse ele – é aqui que está a austríaca?

Gilberto foi direito a ele, cortando a sala em diagonal.

– Sr. Santerre – lhe disse ele.

Santerre voltou-se e bradou muito alegre:

– Olá! O Sr. Dr. Gilberto por aqui!

– É verdade. Sou o mesmo Gilberto que não se esqueceu de que o senhor foi daqueles que lhe abriu as portas da Bastilha. Deixe-me apresenta-lo à rainha, Sr. Santerre.

– Apresentar-me à rainha? – resmungou Santerre.

– Sim, à rainha. Pois recusa-se?

– Não me recuso. Eu ia apresentar-me pessoalmente, mas uma vez que o Dr. aqui está, tanto melhor.

– Conheço o Sr. Santerre – disse a rainha – e sei que durante a fome sustentou só à sua custa metade da população do bairro de Santo António.

Santerre ficou muito admirado; depois fixando o olhar enleado no delfim, e vendo que o suor corria em gotas pelas faces da pobre criança, dirigiu-se aos homens do povo, e disse-lhes:

– Tirem o barrete da cabeça desta pobre criança; bem vêem que está quase abafada.

A rainha agradeceu-lhe com um olhar; Santerre, encostando-se à mesa, e inclinando-se para a rainha, disse-lhe:

– A senhora tem amigos que a servem muito mal; conheço alguns que lhe haviam de prestar melhor serviço.

Uma hora depois, toda aquela multidão tinha saído, e o rei, acompanhado por sua irmã, recolhia-se à sua câmara, onde era esperado pela rainha e por seus filhos. A rainha, logo que o viu, lançou-se-lhe aos pés, e os filhos apertaram-lhe as mãos. Esposo, esposa e filhos abraçavam-se, como se tivessem escapado a um naufrágio.

Foi somente naquela ocasião, que o rei conheceu que a rainha tinha o barrete vermelho na cabeça.

– Ah! – bradou ele – tinha-me esquecido disto!

E segurando-o com ambas as mãos, arremessou-o para longe de si com aversão.

Um jovem oficial de artilharia, que teria apenas vinte e dois anos, presenciara todas aquelas cenas encostado a uma árvore do terraço.

Viu pela janela todos os perigos e humilhações a que o rei estivera exposto; mas quando chegou a ocasião de lhe ver pôr na cabeça o barrete vermelho, não quis demorar-se mais tempo e

resmungou em voz baixa:

– Se eu tivesse mil e duzentos homens e duas peças de artilharia, depressa livraria o pobre rei de toda esta canalha!

Mas, como não tinha os mil e duzentos homens e as duas peças de artilharia, e não podia por mais tempo presenciar um espectáculo tão repugnante, retirou-se.

Este jovem oficial era Napoleão Bonaparte.

XXVI

Reacção

O povo saiu das Tulherias tão triste e tão taciturno, quão ruidoso e terrível se mostrara quando entrou.

A multidão admirada dos poucos resultados daquele dia, dizia a si mesma:

– Nada alcançámos e é necessário voltar.

Efectivamente, o que o povo praticou era muito para uma ameaça e pouquíssimo para um atentado.

Os que tinham visto mais do que se passara tinham julgado Luís XVI pela sua reputação. Lembravam-se do rei fugindo de Varennes disfarçado em lacaios, e diziam consigo:

Ao primeiro rumor que Luís XVI ouvir, esconde-se nalgum armário, debaixo de alguma mesa ou atrás de alguma cortina. Dá-se-lhe ao acaso alguma espadeirada, e ficaremos quites, dizendo como Hamlet, quando julgou matar o tirano da Dinamarca:

“Um rato!”

Mas os acontecimentos tinham provado o contrário.

O rei nunca se mostrara tão sereno, e digamos a verdade, nunca mostrara tanta grandeza.

O insulto fora imenso, mas cumpre dizer que não subira à altura da resignação. A sua firmeza tímida, por assim dizermos, carecia de que a excitassem, e na excitação tomava a rijeza do aço: erguido pelas circunstâncias extremas em que se achara por espaço de cinco horas, viu sem empalidecer, muitas lanças, espadas e baionetas apontadas ao peito, talvez que nenhum general em dez batalhas, por mortíferas que fossem, corresse perigo tão real, como o que ele afrontara naquela lenta revista de uma sublevação.

Todos os familiares do assassinio tinham partido com a intenção de o matar, e perante a majestade inesperada que se revelara no meio da tempestade, o punhal caiu das mãos dos Saint-Huruge, das Théroigne, dos Lazouski, dos Fournier e dos Verrière.

Luís XVI acabava de sofrer a sua paixão.

O régio *ecce homo* mostrara-se com a fronte cingida pelo barrete revolucionário, como Jesus se mostrara com a sua coroa de espinhos.

E assim como Jesus, entre os insultos e os impropérios, dissera: “Sou o vosso Cristo”, assim também Luís XVI, entre os ultrajes e as injúrias, nunca deixou de dizer:

“Sou o vosso rei”.

Eis o que acontecera.

A idéia revolucionária julgara que, forçando a entrada nas Tulherias, apenas encontraria a sombra inerte e trémula da realeza, e, com grande espanto seu, encontrou a fé da idade média viva e de pé.

Havia dois princípios em presença um do outro. Um, no seu ocaso, outro no seu oriente. Era um espectáculo terrível. Era como se se visse ao mesmo tempo no firmamento um sol a erguer-se, antes do outro Sol se esconder no horizonte.

Mas havia tanta grandeza, tanto brilhantismo num como noutro. Havia tanta fé na

exigência do povo, como na recusa da realeza.

Os realistas estavam satisfeitiíssimos; porque afinal, a vitória era deles. O rei, obrigado violentamente a obedecer à Assembléia, e estando resolvido a sancionar um dos decretos, pôs o veto em ambos, porque sabia que tanto perigo corria em não assinar um deles, como em se recusar a assinar ambos.

E também naquele fatal dia 20 de Junho, a realeza descera tão baixo, que parecia haver tocado o fundo do abismo. Era-lhe necessário tornar a subir.

E efectivamente parecia que assim era.

No dia 21 a Assembléia decretou que nunca mais seria permitido apresentar-se à barra da mesma Assembléia nenhum ajuntamento de cidadãos armados.

Esta deliberação não só desaprovava, senão que condenava o movimento no dia antecedente.

Pétion entrou no dia 20 nas Tulherias quando tudo estava quase concluído, e disse ao rei:

– Só agora fui informado da situação de vossa majestade.

– É admirável – respondeu o rei – porque já dura há muito tempo.

No dia seguinte os constitucionais, os realistas e os Bernardos pediram à Assembléia a proclamação da lei marcial.

É sabido que a primeira proclamação de semelhante lei produzira os acontecimentos do Campo de Marte, no dia 17 de Julho anterior.

Pétion dirigiu-se imediatamente à Assembléia.

Dizia-se que aquela súplica se fundava na existência de novos ajuntamentos populares.

Pétion afirmou que tais ajuntamentos nunca tinham existido, responsabilizou-se pela tranqüilidade de Paris e a proclamação da lei marcial foi rejeitada.

Ao sair da Assembléia, Pétion apresentou-se nas Tulherias para dizer ao rei que a capital estava tranqüila.

Pétion, ia acompanhado por quatro membros do conselho municipal e por Sergent, gravador e cunhado de Marciau; Sergent era também membro do conselho municipal e um dos administradores da polícia.

Atravessando o pátio do Carroussel, foram insultados pelos cavaleiros de S. Luís, pelos guardas constitucionais e pelos guardas nacionais.

Pétion foi pessoalmente atacado, e Sergent foi ferido no peito e na cara, apesar das suas insígnias, e foi derrubado com um murro que lhe deram.

Apenas foi introduzido, Pétion conheceu desde logo que tinha que afrontar uma luta.

Maria Antonieta lançou-lhe um daqueles olhares, que só sabia desferir a filha de Maria Teresa. Cada um daqueles olhares era um raio de ódio e de desprezo. Eram dois raios terríveis e fulgurantes.

– Então, Sr. Pétion – lhe disse o rei – ainda dirá que a tranqüilidade está restabelecida na capital?

– Sim senhor – respondeu Pétion – o povo fez as suas representações a vossa majestade, e está tranqüilo e satisfeito.

– Confesse – disse o rei empenhando o combate – confesse que o dia de ontem foi um grande escândalo, e que a municipalidade nem fez o que devia, nem o que podia fazer.

– Senhor – respondeu Pétion – a municipalidade cumpriu os seus deveres, e a opinião pública a julgará.

– Diga antes a nação inteira.

– A municipalidade não teme o juízo da nação.

– E agora, em que estado se acha Paris?

– Tranqüila.

– Isso não é verdade.

– Senhor...

– Cale-se.

– O magistrado do povo não tem que se calar, senhor, quando faz o seu dever e diz a verdade.

– Está bem, retire-se.

O rei fora tão violento, no rosto revelara-se tal expressão de cólera, que a rainha, que era uma mulher violenta e ardente, ficou aterrada, e exclamou:

– Oh! Meu Deus!

Depois a rainha, quando Pétion saiu, dirigindo-se a Roederer, disse:

– Não lhe parece que o rei falou com muita vivacidade, e não receia que tal vivacidade o prejudique no ânimo dos parisienses?

– Senhora – respondeu Roederer – ninguém se pode admirar de que el-rei impusesse silêncio a um súbdito que lhe faltou ao respeito.

No dia imediato o rei escreveu à Assembléia para se queixar daquela profanação do paço, da realeza e do próprio rei.

Depois fez uma proclamação ao seu povo.

Havia pois, sem dúvida, dois povos: o povo que fizera os acontecimentos do dia 20 de Junho e aquele a que o rei se queixava.

No dia 24 o rei e a rainha passaram revista à guarda nacional, e foram recebidos com verdadeiro entusiasmo.

No mesmo dia o directório de Paris suspendeu o *maire*, que era Pétion.

Quem lhe dera semelhante audácia?

Três dias depois foi explicado o caso.

Lafayette saiu do seu acampamento, acompanhado por um único oficial, chegou a Paris no dia 28, e apeou-se em casa do seu amigo, o Sr. de La Rochefoucauld.

Durante a noite, os constituintes, os Bernardos, e os realistas foram prevenidos, e tratou-se de preparar as tribunas para o dia seguinte.

No dia 29 o general apresentou-se na Assembléia.

Foi recebido com três salvas de aplausos, mas cada uma delas foi abafada pelo sussurro dos Girondinos.

Desde logo se viu que a sessão ia ser terrível.

O general Lafayette era um dos homens mais francamente valentes que existiam; mas a valentia não dá audácia, sendo até raro que um homem realmente valente seja ao mesmo tempo audacioso.

Lafayette conheceu o perigo que vinha afrontar contra todos, e que ia ali jogar o resto da sua popularidade.

Se a perdesse, perdia-se com ela.

Se ganhasse, podia salvar o rei.

Esta acção era tanto mais nobre pela sua parte quanto sabia a repugnância que o rei tinha por ele, e o ódio que a rainha lhe votava.

– Prefiro morrer às mãos de Pétion, do que ser salva por Lafayette – dissera a rainha.

Pode ser também que o general se apresentasse para responder a um desafio.

Treze dias antes, escrevera ao rei e à Assembléia; ao rei animando-o à resistência, e à Assembléia ameaçando-a se continuasse nos seus ataques.

– É bem insolente quando fala no meio do seu exército – disse uma voz! – se estivesse entre nós veríamos se era capaz de falar assim.

Estas palavras foram referidas a Lafayette no seu acampamento de Maubeuge.

Talvez que fosse a verdadeira causa da vinda a Paris.

Lafayette subiu à tribuna entre os aplausos de uns, mas entre os murmúrios e as ameaças de outros.

– Meus senhores – disse ele – fui argüido por ter escrito uma carta, em 16 de Junho, do meu acampamento; era do meu dever protestar contra semelhante imputação de timidez, cumpria-me sair do honroso baluarte que a afeição dos meus soldados formou em volta de mim,

e era do meu dever apresentar-me só na vossa presença. Um motivo mais poderoso ainda me chamava também. As violências praticadas no dia 20 de Junho encheram de indignação todos os bons cidadãos e especialmente o exército. Oficiais inferiores e soldados todos pensam do mesmo modo, e eu recebi de todos os corpos do exército algumas mensagens em que se revela muita dedicação pela Constituição, mas em que igualmente se exprime o ódio que merecem os facciosos. Guardei em meu poder estas manifestações e encarreguei-me de vir eu só expressar os sentimentos gerais.

“Falo-vos na qualidade de cidadão. É já tempo de garantir a Constituição, de dar segurança à liberdade do rei e à sua dignidade. Peço à Assembléia se sirva determinar que sejam perseguidos como criminosos de lesa-majestade todos os que se acharem implicados nos acontecimentos do dia 20 de Junho; que tome medidas eficazes para fazer respeitar todas as autoridades constituídas, e particularmente a sua autoridade e a do rei; que se dê ao exército a certeza de que a Constituição não sofrerá o mínimo ataque no interior do país, enquanto os valentes franceses derramarem o seu sangue em defesa das fronteiras”.

Gaudet tinha-se levantado lentamente, e à medida que via que Lafayette se aproximava da conclusão, entre os aplausos que o acolhiam, o acerbo orador da Gironda estendeu a mão em sinal de que pretendia falar.

Quando a Gironda queria empregar a arma da ironia encarregava Gaudet de disparar o tiro.

Mal se extinguiu o som do último aplauso, sucedia-lhe o tom da sua palavra vibrante.

– Quando vi o Sr. de Lafayette – disse Gaudet – ofereceu-se ao meu espírito uma idéia muito animadora; por isso disse comigo mesmo: já não temos inimigos externos. Os austríacos estão vencidos; Sr. Lafayette veio aqui anunciar-nos a notícia da sua vitória e o extermínio do inimigo! Mas a ilusão não durou muito tempo. Os nossos inimigos continuam a ser os mesmos, os nossos perigos exteriores não mudaram, e todavia o Sr. de Lafayette está em Paris constituindo-se órgão dos homens de bem e do exército. Quem são esses homens de bem? Como é que o exército pode deliberar? O Sr. de Lafayette, primeiro do que tudo, deve mostrar-nos a sua licença para estar ausente do acampamento.

A estas palavras, a Gironda compreendeu que lhe soprava o vento favorável, e de feito aquelas palavras foram aplaudidas freneticamente.

Outro deputado levanta-se e diz do seu lugar:

– Meus senhores, esquecem-se a quem é que estão falando e a respeito de quem falam. Esquecem-se de que é este Lafayette, o filho primogénito da liberdade francesa, que sacrificou à revolução a sua fortuna, os seus títulos e a sua vida!

– Ora essa! Então está fazendo o elogio fúnebre de Lafayette – disse outro deputado.

– Meus senhores – disse Ducos – a presença de um general estranho a esta Assembléia impede a liberdade da discussão.

– Isso ainda não é tudo – bradou Vergniaud – este general deixou o seu posto em frente do inimigo. O exército do seu comando foi-lhe confiado a ele, e não a um simples marechal de campo, que deixou em seu lugar. Saibamos se deixou o exército sem licença; no caso afirmativo, deve ser preso e julgado como desertor.

– Esse é o fim da minha questão – disse Gaudet – e apoio a proposta de Vergniaud.

– Apoiado – exclamou todo o partido girondino.

– Peço votação nominal – disse Gensonné.

A votação nominal deu uma maioria de dez votos aos amigos de Lafayette.

Do mesmo modo que acontecera ao povo no dia 20 de Junho assim também Lafayette atreveu-se a muito, ou a muito pouco.

Esta vitória de Lafayette foi como aquela de que se lamentava Pirro, quando perdeu metade do seu exército.

– Mais uma vitória como esta, e estou perdido para sempre – dizia ele.

Lafayette, logo que saiu da Assembléia, dirigiu-se imediatamente ao paço.

Foi recebido com um rosto mais ameno, mas com um coração não menos ulcerado.
Lafayette acabava de sacrificar ao rei e à rainha mais do que a sua vida; fizera-lhes o sacrifício da sua popularidade.
Era a terceira vez que lhes fazia este dom, muito mais precioso do que outro qualquer que os reis possam fazer.
A primeira vez sacrificou-lhes a sua popularidade em Versalhes, em 6 de Outubro.
A segunda a 17 de Julho, no Campo de Marte.
E a terceira naquele mesmo dia.
Lafayette conservava uma derradeira esperança.
E era desta esperança que ele ia dar parte ao seu soberano.
No dia imediato passaria uma revista à guarda nacional.
Não havia que duvidar do entusiasmo que devia inspirar a presença do rei e a do antigo comandante geral da guarda nacional.
Lafayette aproveitar-se-ia daquela influência, marcharia sobre a Assembléia, e poria a mão sobre o partido girondino.
Durante o tumulto, o rei sairia de Paris em direcção ao acampamento de Maubeuge.
Era um golpe ousado, mas quase seguro na situação em que se achavam os espíritos.
Desgraçadamente, Danton, às três horas da madrugada, entrava em casa de Pétion para o prevenir da conspiração.
Ao romper do dia, Pétion dava contra ordem para a revista.
Quem foi que traiu o rei e Lafayette?
Não dissera ela que preferia morrer pela mão de qualquer homem a ser salva por Lafayette?
A rainha tinha a mão certa; devia ser morta por Danton.
À mesma hora em que devia verificar-se a revista, Lafayette saiu de Paris e regressou ao seu exército; mas, mesmo assim não perdera a esperança de salvar o rei.

XXVII

Vergniaud promete falar

A vitória de Lafayette, vitória duvidosa, que fora seguida por uma retirada, tivera um resultado singular.
Abateu os realistas, ao passo que a pretendida derrota animara os girondinos.
Ergueu-os e animou-os porque lhes mostrou o abismo em que estiveram em risco de ser precipitados.
Imagine-se menos rancoroso o coração de Maria Antonieta, e talvez que àquelas horas estivesse destruído o partido da Gironda.
Cumpria, portanto, não deixar que o paço reparasse o erro que acabava de cometer.
Era necessário dar a força e a direcção própria à corrente revolucionária, a qual, num instante, retrocedera e voltara à sua nascente.
Todos procuravam, todos se persuadiam que tinham descoberto um meio; mas, logo que tal meio se propunha, reconhecia-se-lhe a ineficácia e renunciavam a ele.
A Sr^a. Roland, que era a alma do partido, pretendia chegar ao fim desejado por uma comoção na Assembléia. Quem é que podia produzir tal comoção? Quem podia dar o golpe? Vergniaud.
Mas que é que fazia este Aquiles na sua tenda, ou antes, este Reinaldo perdido nos jardins de Armida? Amava.
É tão difícil ter ódio quando se ama!

Vergniaud amava a bela Simon-Candeilles, atriz, poetisa e música. Os seus amigos procuravam-no muitas vezes dois ou três dias sem o encontrarem, e afinal iam encontrá-lo deitado aos pés da formosa mulher, com uma das mãos estendida sobre os joelhos, e com a outra tocando distraído as cordas da harpa. E todas as noites, assentado nos bancos da platéia superior, ia aplaudir a dama que adorava de dia.

Uma tarde, dois deputados saíram desesperados da Assembléia.

A inacção de Vergniaud aterrava-os, por causa da França.

Os deputados eram Grangeneuve e Chabot.

Grangeneuve, o advogado de Bordéus, era amigo e rival de Vergniaud, e deputado como ele, pela Gironda.

Chabot era o capuchinho desfradado, o autor, ou um dos autores do Catecismo dos *sans-culottes*, que derramava sobre a realeza e a religião todo o fel que acumulava no claustro.

Grangeneuve, sombrio e pensativo, caminhava ao lado de Chabot.

Este olhava para ele, e parecia-lhe que pela frente do seu colega passava a sombra de todos os seus pensamentos.

– Em que pensas tu? – lhe perguntou Chabot.

– Penso em que todas estas demoras enervam a pátria e matam a revolução.

– Ah! Tu pensas nisso? – lhe redargüiu Chabot com o riso sarcástico que lhe era habitual.

– Penso – continuou Grangeneuve – que se o povo der tempo à realeza, o povo está perdido.

Chabot soltou uma gargalhada estridente.

– Penso – concluiu Grangeneuve – que a hora das revoluções é uma só, que aqueles que deixam escapar essa hora nunca mais a encontram, e para o futuro terão de dar contas a Deus e à posteridade do seu desleixo.

– E acreditas que Deus e a posteridade nos pedirão contas da nossa preguiça e inacção?

– Tenho medo de que assim aconteça. Ouve, Chabot, estou convencido de que o povo, está prostrado deste último revés, e que não se erguerá sem o auxílio de alguma alavanca poderosa, ou de algum motor cruento; carece de algum acesso de raiva ou de terror, donde tire alguma energia.

– Como se lhe dará esse acesso de raiva ou de terror? – perguntou Chabot.

– É no que eu penso – respondeu Grangeneuve – e creio que descobri o segredo.

Chabot aproximou-se do seu colega.

Pela entoação da voz de Grangeneuve, conheceu que ele ia propor alguma coisa terrível.

– Mas – continuou Grangeneuve – acharei acaso um homem capaz da resolução que é necessária para um acto semelhante?

– Fala, que eu sou capaz de tudo para destruir o que detesto, e eu detesto o rei e os padres – disse-lhe Chabot com tal firmeza, que não podia causar dúvida ao seu colega.

– Pois bem – retorquiu Grangeneuve, pondo os olhos no chão – vi que havia sangue puro no berço de todas as revoluções, desde o sangue de Lucrecia até ao de Sidney. As revoluções são uma teoria para os homens de Estado; para os povos uma vingança; ora, para impelir a multidão à vingança, é necessário dar-se-lhe uma vítima. O paço recusa-nos essa vítima; sejamos nós que a demos à nossa causa.

– Não compreendo – disse Chabot.

– É necessário que um de nós, um dos mais conhecidos, um dos mais encarniçados e dos mais puros, seja sacrificado pelos aristocratas.

– Continua.

– Cumpre que a vítima seja um membro da Assembléia Nacional, para que a Assembléia se vingue. Finalmente, cumpre que a vítima seja eu.

– Mas, Grangeneuve, os aristocratas não se atreverão a pôr-te a mão.

– Bem o sei, e é essa a razão por que te disse que era necessário achar um homem resoluto.

– Para quê?

– Para me matar.

Chabot recuou um passo, mas Grangeneuve segurou-o pelo braço e disse-lhe:

– Chabot, ainda há pouco tempo me dissestes que eras capaz de tudo para destruíres os objectos do teu ódio. És capaz de assassinar-me?

O frade permaneceu mudo; Grangeneuve continuou:

– A minha palavra e a minha vida são inúteis para a liberdade, ao passo que a minha morte pode aproveitar-lhe, e o meu cadáver será o estandarte da insurreição; e demais – acrescentou ele estendendo a mão com um gesto veemente para o palácio das Tulherias – cumpre que aquele palácio e os que o habitam se sumam na tempestade.

Chabot olhava para Grangeneuve tremendo de admiração.

– Então? – insistiu Grangeneuve.

– Pois bem, sublime Diógenes – redargüiu Chabot – apaga a tua lanterna que está descoberto o homem.

– Nesse caso – disse Grangeneuve – determinemos tudo, e que esta mesma noite fique concluído. Esta noite, passarei sozinho por aqui ou defronte dos postigos do Louvre, no lugar mais deserto e mais sombrio. Se receias que te falhe a mão, previne mais dois patriotas. Farei este sinal para que me conheçam.

E dizendo isto Grangeneuve levantou os braços ao ar.

– Podem matar-me, e asseguro-te que não darei um grito.

Chabot passou um lenço pela testa.

– Quando for dia – continuou Grangeneuve – será encontrado o meu cadáver; acusarás o paço, a vingança do povo fará o resto.

– Muito bem – disse Chabot – até à noite.

E os dois extraordinários conjurados apertaram mutuamente a mão e separaram-se.

Grangeneuve foi para casa, fez o seu testamento, e datou-o de Bordéus com um ano de atraso. Chabot foi jantar ao Palais-Royal. Depois de jantar dirigiu-se à loja de um cutileiro e comprou uma faca.

Quando saiu de casa do cutileiro, leu por acaso os cartazes dos teatros.

Candeille representava nessa noite, e portanto, o ex-frade sabia onde podia encontrar Vergniaud.

Foi à Comédia Francesa, subiu ao camarim da formosa actriz, e achou a sua corte habitual, que se compunha de Vergniaud, Talma, Chénier, e Dugazon.

Candeille entrava nessa noite em duas peças.

Chabot demorou-se até ao fim do espectáculo.

Quando o espectáculo findou, logo que a bela actriz despiu o fato da cena, e quando Vergniaud se preparava para acompanhá-la à rua Richelieu, onde morava, e onde igualmente estava estabelecido o Teatro Francês, Chabot entrou na carruagem atrás de Vergniaud.

– Tem alguma coisa que dizer-me, Chabot? – perguntou-lhe Vergniaud, que desde logo compreendeu que o ex-frade capucho tinha de tratar com ele alguma coisa importante.

– Tenho, mas esteja descansado, que não o hei-de demorar muito tempo.

– Então, diga o que é...

Chabot puxou pelo relógio.

– Ainda não deu a hora – disse ele.

– E a que hora há-de ser?

– À meia-noite.

A formosa Candeille tremia de medo ao ouvir aquele diálogo misterioso.

– Oh! Senhor! – disse ela.

– Esteja descansada, minha senhora – disse Chabot. – Não tem nada que recear por Vergniaud, bem que a pátria careça do seu auxílio.

A carruagem rolou até à porta da actriz.

Tanto ela, como os dois homens se conservaram silenciosos.

Chegando à porta de Candeille, Vergniaud perguntou a Chabot:

– Quer subir?

– Não; venha comigo.

– Aonde é que o leva? – perguntou a atriz.

– A duzentos passos desta casa. Prometo-lhe que estará livre dentro de um quarto de hora.

Vergniaud apertou a mão da gentil amante, fez-lhe sinal para que estivesse tranqüila, e desapareceu com Chabot pela Traversière; passaram pela rua de Saint-Honoré e tomaram pela de l'Échelle.

À esquina desta rua, o frade pôs uma das mãos no ombro de Vergniaud, e com a outra mostrou-lhe um homem que andava passeando ao longo das muralhas do Louvre.

– Vês? – perguntou a Vergniaud.

– O quê?

– Aquele homem?

– Vejo – respondeu o girondino.

– É o teu colega Grangeneuve.

– O que está ali fazendo?

– Está à espera.

– De quem?

– Está à espera de que o matem.

– Que o matem?

– Sim.

– E quem o há-de matar?

– Eu.

Vergniaud olhou para Chabot como quem olha para um louco.

– Lembra-te de Esparta e de Roma, e ouve – disse Chabot.

E então contou-lhe tudo.

À medida que o frade ia falando, Vergniaud curvava a cabeça.

Vergniaud conhecia perfeitamente que havia uma grande distância entre ele, tribuno efeminado e leão namorado, e aquele republicano terrível que, à semelhança de Décio, pedia um abismo para precipitar-se, contanto que a sua morte salvasse a pátria.

– Está bem – disse ele – peço três dias para preparar o meu discurso.

– E em três dias?

– Podes estar tranqüilo – redargüiu Vergniaud.

Dentro de três dias, ou hei-de despedaçar-me contra o ídolo ou hei-de miná-lo pela base.

– Posso contar com a tua palavra, Vergniaud?

– Podes.

– É a palavra de um homem?

– É a palavra de um republicano.

– Nesse caso, já não preciso de ti. Podes ir tranqüilizar a tua amante.

Vergniaud tomou o caminho da rua de Richelieu.

Chabot dirigiu-se para Grangeneuve.

Este, vendo que um homem se dirigia para ele, retirou-se para o lugar mais sombrio.

Chabot seguiu-o.

Grangeneuve parou ao pé da muralha, porque não podia ir mais longe.

Chabot aproximou-se dele.

Grangeneuve fez o sinal convencionado, erguendo os braços. Mas vendo que Chabot se conservava imóvel, perguntou-lhe:

– Então porque te demoras? Fere!

– É inútil – disse Chabot. Vergniaud promete falar.

– Pois seja assim – redargüiu Grangeneuve dando um suspiro – mas parece-me que o outro meio era melhor.

O que queriam que a realza fizesse contra tais homens?

XXVIII

Vergniaud fala

Era já tempo que Vergniaud se resolvesse.

O perigo interno e externo aumentava.

No exterior, em Ratisbonne, o conselho dos embaixadores recusara-se unanimemente a receber o ministro de França.

A Inglaterra, que se intitulava nossa amiga, preparava um imenso armamento.

Os príncipes do império, que encareciam alto e bom som a sua neutralidade, introduziam de noite o inimigo nas suas praças de guerra.

O duque de Bade colocara os austríacos em Kehl, a uma légua de Estrasburgo.

Em Flandres era pior ainda: estava ali Luckner, soldado velho e imbecil, que contrariava os planos de Dumouriez, único homem, senão de génio, ao menos de talento, que nós tínhamos para fazer face ao inimigo.

Lafayette era dedicado ao paço, e a última tentativa que fizera provar à Assembléia, isto é, à França, que não devia contar com ele.

Finalmente, Biron, valente e de boa fé, desanimado pelos nossos primeiros reveses, entendia que só se devia fazer uma guerra definitiva.

Tal era o estado de coisas quanto ao exterior.

Interiormente, a Alsácia pedia em altas vozes que lhe dessem armas, mas o ministro da guerra, todo dedicado aos interesses da corte, não lhas enviava.

Nas províncias do Meio-Dia, havia um lugar-tenente general dos príncipes, governador do baixo Languedoc e das Cevennes, que fazia verificar os seus poderes pela nobreza.

No oeste, um simples camponês, chamado Allan Redeller, publicou à saída da missa que estava dado ponto de reunião noutra ermida vizinha para os amigos do rei receberem armamento.

À primeira voz reuniram-se quinhentos: o partido dos *chouans* estava arvorado na Vendeia e na Bretanha, e só faltava dar-lhe impulso.

Finalmente, de todos os lados chegavam mensagens contra-revolucionárias dos directórios departamentais.

O perigo era grande, ameaçador e terrível; tão grande que já não ameaçava os homens, mas a pátria.

Por este motivo, e sem que ninguém as proclamasse, as palavras de que “a pátria estava em perigo” eram pronunciadas em voz baixa.

A Assembléia esperava.

Grangeneuve e Chabot tinham dito que Vergniaud faria um discurso dentro de três dias.

As horas contavam-se.

Vergniaud não apareceu na Assembléia, nem no primeiro nem no segundo dia.

Ao terceiro dia, todos os deputados entraram tremendo na Assembléia.

Nem um só deputado faltava no seu lugar.

As tribunas estavam apinhadas.

Vergniaud foi o último que entrou.

Um estremecimento geral correu por toda a Assembléia.

As tribunas aplaudiram-no como acontece no teatro quando entra em cena um actor

estimado.

Vergniaud ergueu a cabeça para ver a quem era que aplaudiam.

Os aplausos redobram e mostraram-lhe que era a ele.

Vergniaud tinha então trinta e três anos.

O seu carácter era meditativo e preguiçoso: o génio indolente, comprazia-se na negligência.

Ardente apenas no prazer, podia dizer-se que se apressava em colher às mãos cheias as flores de uma mocidade, cuja primavera devia ser tão curta.

Deitava-se tarde e levantava-se tardíssimo. Quando tinha que falar, três ou quatro dias antes preparava o seu discurso, polia-o e aguçava-o, do mesmo modo que um soldado afia a espada para dar uma carga.

Dele, como orador, podia dizer-se o mesmo que se diz numa sala de armas, de um homem que atira com perfeição.

O golpe não lhe parecia bom, senão quando era dado com vigor e muito aplaudido.

Para o fazer falar, cumpria reservá-lo para os momentos de perigo e para as ocasiões supremas.

Disse um poeta que Vergniaud não era próprio para todas as horas, mas sim para os dias de grandes acontecimentos.

Quanto ao físico, Vergniaud era mais baixo do que alto; mas era robusto, quase atlético; tinha os cabelos longos e flutuantes; nos seus movimentos oratórios, sacudia os cabelos como um leão sacode a juba; tinha a testa larga, e assombrados por espessas sobrancelhas, brilhavam-lhe os olhos negros, meigos, mas ao mesmo tempo altivos; o nariz era pequeno, um pouco largo de asas; os beijos eram grossos e do mesmo modo que uma nascente repuxa a água abundante e sonora, assim as palavras lhe saíam da boca em cascatas potentes, ruidosas e espumantes; a pele, em que se exibiam sinais de bexigas, parecia faciada como o mármore que ainda não foi polido pelo cinzel do estatuário; o rosto pálido ou se coloria de púrpura, ou se tornava lívido, conforme o sangue lhe subisse ao cérebro, ou se reconcentrasse no coração; no remanso, ou entre a turba, era um homem ordinário, sobre o qual, por muito penetrante que fosse o olhar do historiador, não encontraria de que fazer observações. Mas quando ao fogo da paixão o sangue lhe fervia, quando lhe palpitavam os músculos do rosto, quando com o braço estendido impunha silêncio, ou dominava a multidão, o homem tornava-se deus, o orador transfigurava-se. A tribuna era o seu Tabor.

Tal era o homem que se apresentava com a mão ainda fechada, mas já cheia de raios.

Os aplausos com que lhe festejaram a entrada, deram-lhe a conhecer o que esperavam do seu talento e patriotismo.

Não pediu a palavra, dirigiu-se logo à tribuna; subiu e começou o seu discurso entre um silêncio que denotava o estado de agitação dos circunstantes.

As primeiras palavras proferiu-as com a profunda e concentrada tristeza de um homem abatido. Logo no começo se mostrou tão fatigado, como é costume estar quando se conclui um discurso.

Mas a razão era ter estado durante três dias lutando com o génio da eloquência, como Jacob lutara com o Anjo: porque sabia, que, como Sansão, no esforço supremo que se propunha tentar, destruiria infalivelmente o templo, e que subindo à tribuna, quando ainda as colunas estavam de pé, ele teria de descer da abóbada ainda suspensa, passando por cima das ruínas da realeza.

Como o génio de Vergniaud está todo neste discurso, citá-lo-emos na sua íntegra.

Parece-nos que a sua leitura despertará a mesma curiosidade que se deve sentir, ao visitar um arsenal, à vista de uma dessas máquinas de guerra históricas, que tivessem destruído os muros de Sagunto, de Roma ou de Cartago.

Vergniaud, com voz apenas inteligível no começo, mas que depois se tornou grave e atroadora, disse:

“Cidadãos, dirijo-me a vós e pergunto-vos:

Que estranha situação é esta em que se acha a Assembléia?”

“Qual é a fatalidade que nos persegue e que marca cada dia por alguns acontecimentos, que introduzindo a desordem nos nossos trabalhos, nos impelem constantemente para a agitação tumultuosa das inquietações, das esperanças e das paixões?”

“Qual é o destino que prepara à França essa terrível efervescência, no seio da qual quase duvidamos se a revolução retrograda, se caminha para o seu termo?”

“Quando parece que os nossos exércitos do Norte fazem progressos na Bélgica, vemo-los repentinamente retirar em frente do inimigo, trazendo a guerra para o nosso território.”

“Entre os desgraçados belgas só se conservará de nós a memória dos incêndios que tiverem alumiado a nossa retirada.”

“Do lado do Reno, os prussianos acumulam-se incessantemente sobre as nossas fronteiras descobertas.”

“Por que é que, mesmo no momento de uma crise tão decisiva para a existência da nação, se suspende o movimento dos nossos exércitos, por uma pronta desorganização do ministério, se quebram os laços da confiança, e se entrega a salvação do império ao acaso e a mãos inexperientes?”

“Será verdade que se receiam os nossos triunfos? Deseja-se o sangue do exército de Coblenz ou o do nosso?”

“Se o fanatismo do clero nos ameaça com fazer-nos vítimas da guerra civil e da invasão, qual é a intenção daqueles, que, com uma obstinação invencível, se recusam a sancionar os nossos decretos?”

“Querem reinar sobre cidades abandonadas e em campos devastados?”

“Qual é, ao certo, a quantidade de lágrimas, de sangue e de mortos, que baste para a sua vingança? Onde estamos nós, finalmente?”

“Senhores, cujo valor os inimigos da Constituição se lisonjeiam de ter reprimido, vós, cuja consciência e probidade tentam assustar quotidianamente, qualificando o vosso amor da liberdade por espírito de facção, como se vós houvésseis esquecido de que uma corte despótica e os cobardes varões da aristocracia deram o nome de facciosos aos representantes que foram prestar juramento ao Jogo da Péla, aos vencedores da Bastilha, e a quantos fizeram e sustentaram a revolução; vós, que sois caluniados pelo simples facto de não pertencerdes à raça que a constituição reduziu a pó; vós, em quem não esperam encontrar cúmplices os homens desgraçados que choram a honra infame de se rojarem diante dessa raça; vós a quem pretendem alienar o povo, por saberem que o povo é o vosso apoio, e que se desertásseis criminosamente da sua causa, merecíeis ser abandonados por ele, sendo-lhes assim fácil dissolver-vos; vós, a quem pretendem dividir, mas que adiestes para depois da guerra as vossas divisões e pendências, que não vos parece agradável o detestar-vos mutuamente, e preferis esse gozo infernal à salvação da pátria; vós, a quem pretendem assustar por meio de petições armadas, como se não soubésseis que no começo da revolução o santuário da liberdade foi assediado pelos satélites do despotismo. Paris sitiada pelo exército da corte, e que esses dias de perigo foram os dias de glória da nossa primeira Assembléia; vou enfim chamar a vossa atenção para o estado de crise em que nos encontramos. Estas desordens intestinas têm uma causa: manobras aristocráticas e manobras sacerdotais, todas tendem para o mesmo fim, isto é, para a contra-revolução.”

“O rei negou-se a sancionar o nosso decreto acerca das desordens religiosas.”

“Não sei se o sombrio génio de Médicis e do cardeal de Lorraine caminha ainda errante pelas abóbadas do palácio das Tulherias, e se o coração do rei é atribulado pelas idéias fantásticas que lhe sugerem, mas, sem lhe fazer injúria, e sem o acusar de ser o inimigo mais religioso da revolução, não será permitido acreditar que queira animar pela impunidade as tentativas criminosas da ambição sacerdotal e dar aos orgulhosos apoios da tiara o poder com que tem igualmente oprimido os povos e os reis? Sem lhe fazer injúria, e sem o declarar o inimigo mais

cruel do império, não será permitido acreditar que se compraz em perpetuar as sedições, em eternizar as desordens que a precipitariam na sua completa ruína, por meio da guerra civil; concluo, pois, que se resiste aos vossos decretos, é porque se julga muito poderoso para manter a paz pública, sem dependência dos poderes que lhe ofereceis.”

“Portanto, se não é mantida a paz pública, se o fanatismo prossegue na ameaça de incendiar o reino, se as violências religiosas continuam a assolar os departamentos, é que os próprios agentes da autoridade régia são a causa de todos os nossos males.”

“Pois bem, respondam eles com a cabeça por todos os distúrbios a que serve de pretexto a religião; nesta responsabilidade terrível, mostrai o termo da vossa paciência e das inquietações da nação.”

“A vossa solicitude pela segurança exterior do império aconselhou-vos a decretar um acampamento em Paris, onde todos os confederados da França deviam apresentar-se no dia 14 de Julho para renovarem o juramento de viver livres ou morrer.”

“O sopro envenenado da calúnia manchou este projecto; o rei negou-se a dar a sanção ao decreto.”

“Respeito muito o exercício de um direito constitucional, e por isso não vos proponho que torneis os ministros responsáveis por tal recusa; mas se acontecer que antes de se reunirem os batalhões o solo da liberdade for profanado, deveis tratá-los como traidores.”

“Sejam eles arrojados ao abismo, que a sua incúria ou malevolência tiver aberto debaixo dos pés da liberdade; rasguemos finalmente a venda com que a intriga e a adulação cobriram os olhos do rei, e mostremos-lhe até onde alguns amigos pérfidos se esforçam por conduzi-lo.”

“É em nome do rei que os príncipes franceses levantam contra nós as cortes da Europa: e foi para reivindicar a dignidade do rei que se concluiu o tratado de Plinitz; é para defender o rei, que vemos marchar para a Alemanha, debaixo do estandarte da rebelião, as antigas companhias de guardas do corpo; é para auxiliar o rei que os emigrados se alistam no exército austríaco e se preparam para despedaçar o seio da pátria, é para se reunirem a esses valentes guerreiros da prerrogativa real que outros abandonam os seus postos em frente do inimigo, traíndo os seus juramentos, roubando as caixas militares, corrompendo os soldados e assentando deste modo a sua honra na cobardia, no prejuízo, na insubordinação, no roubo e nos assassinios; o nome do rei, finalmente, figura em todos estes desastres!”

“Ora, na Constituição leio o seguinte:

Se o rei se colocar à frente de um exército e o dirigir contra a nação, ou se não se opuser por um acto formal, a uma tal empresa executada em seu nome, entender-se-á que abdicou”.

“Debalde responderia o rei:

É verdade que os inimigos da nação pretendem que otram unicamente com o intuito de levantar o meu poder, mas eu provei que não era seu cúmplice: obedeci à Constituição, e pus os exércitos em campanha; é verdade que esses exércitos eram muito fracos, mas a Constituição não determina a força que eu devia dar-lhes; é verdade que os reuni muito tarde, mas a Constituição não marca o tempo em que me cumpria reuni-los; é verdade que alguns corpos de reserva os podiam auxiliar, mas a Constituição não me obriga a formar acampamentos de reserva; é verdade que quando os generais avançavam sem resistência pelo território inimigo, lhes ordenei que retrogradassem, mas a Constituição não me impõe a obrigação de ganhar vitórias; é verdade que os meus ministros iludiram a Assembléia Nacional acerca do número e da disposição das tropas e da maneira por que estavam apercebidas, mas a Constituição dá-me o direito de escolher os meus ministros, não me determina que dê a minha confiança aos patriotas e que despeça os contra-revolucionários; é verdade que a Assembléia Nacional promulgou os decretos necessários para a defesa da pátria e que me recusei a sanciona-los, mas a Constituição garante-me essa faculdade; é verdade, finalmente, que se opera a contra-revolução, que o despotismo vai entregar nas minhas mãos o seu ceptro de ferro, com que vos esmagarei, com que vos punirei por terdes tido a

insolência de querer ser livres, mas tudo isto se faz constitucionalmente, e, de mim não emanou nenhum acto condenado pela Constituição; portanto não é permitido duvidar da minha fidelidade para com a Constituição e do meu zelo para a defender.”

“Se fosse possível, meus senhores, que nas calamidades de uma guerra funesta, nas desordens de um movimento contra-revolucionário o rei dos franceses nos falasse esta linguagem irrisória, se fosse possível que nos falasse do seu amor pela Constituição com tão insultuosa ironia, não estaríamos no direito de responder-lhe: Rei, que, seguindo o caminho do tirano Lisandro, acreditaste que a verdade valia tanto como a mentira, e que vos cumpria divertir os homens com juramentos do mesmo modo que se entretém crianças com brinquedos e passatempos; que simulaste amar as leis para conservar o poder, que vos serviria para as afrontardes; que simulaste amor pela Constituição, para não serdes precipitado do trono, onde precisáveis conservar-vos para destruí-la; que fingistes amar a nação para dar seguro êxito às vossas perfídias, inspirando-lhe confiança, julgais que nos iludis hoje com protestos hipócritas?”

“Parece-vos que nos fazeis duvidar da verdadeira causa das nossas desgraças pelo artifício das vossas desculpas e pela audácia dos vossos sofismas?”

“Será defender-nos opor às tropas estrangeiras algumas forças, cuja inferioridade não permitia que se duvidasse da sua completa derrota?”

“Será defender-nos não admitir os projectos tendentes a fortificar o interior do reino, ou fazer preparativos de resistência para a época em que fôssemos já vítimas dos tiranos?”

“Será defender-nos não vos opordes a um general que violou a Constituição, e lançardes grilhões ao valor dos homens que a serviam?”

“Será pugnar pela nossa defesa, paralisar constantemente o governo pela desorganização contínua do ministério?”

“A Constituição permite-vos a escolha dos ministros para nossa ventura ou para nossa infelicidade?”

“Constituiu-vos chefe do exército para nossa glória ou para nossa vergonha?”

“Deu-vos, finalmente, o direito de sanção, uma dotação, e tantas outras grandes prerrogativas para perderdes constitucionalmente Constituição e Império?”

“Não, não, homem, a quem a generosidade dos franceses não pôde comover, homem a quem somente pode tornar sensível o amor do despotismo, vós não cumpristes os desejos da Constituição; e esperais que ela venha a ser destruída.”

“Não vos opusestes por um acto formal às vitórias que foram alcançadas em vosso nome sobre a liberdade, mas não gozareis o fruto desses indignos triunfos.”

“Já nada sois para essa Constituição, que indignamente haveis violado, nem para este povo que tão cobardemente atraíçoastes.”

“Como estes factos que deixo referidos estão ligados com muitos actos do rei; como é certo que os falsos amigos que o cercam estão vendidos aos conspiradores de Coblenz, e que ardem em desejos de perder o rei, no intuito de pôr a coroa na cabeça de algum dos chefes da sua conspiração; como é importante para a segurança do império, que o seu procedimento não desperte suspeitas, proponho que se lhe dirija uma mensagem, que lhe lembre as verdades que acabo de proferir, e que nela se prove que a neutralidade que conserva entre a pátria e Coblenz é uma traição para com a França.”

“Peço igualmente que declareis achar-se a pátria em perigo.”

“Vereis que a este sinal de rebato, se reunirão todos os cidadãos, que a terra se cobrirá de soldados, e que se renovarão os prodígios que cobriram de glória os povos da antiguidade.”

“Já os regenerados franceses de 1789 não têm patriotismo?”

“Não chegou o dia de reunir todos aqueles que estão em Roma e no Monte Aventino?”

“Esperais que, cansados das fadigas da revolução, ou corrompidos pelo hábito de se ostentarem no palácio do rei alguns homens fracos se acostumam a falar da liberdade sem entusiasmo e da escravidão sem horror?”

“O que é que preparam?”

“Quer-se estabelecer o governo militar?”

“O paço é suspeito de projectos perversos; manda falar em movimentos militares, em leis marciais e procura que a imaginação se familiarize com o sangue do povo?”

“O palácio do rei dos franceses converteu-se de repente numa praça de guerra; mas onde estão os inimigos?”

“Contra quem apontam a artilharia e as baionetas?”

“Os amigos da Constituição foram demitidos do ministério.”

“As rédeas do império conservam-se flutuantes ao acaso, na hora em que era necessário tanto vigor quanto patriotismo.”

“Fomenta-se a discórdia geral, a conveniência do governo aumenta a audácia das potências estrangeiras, que vomitam contra nós exércitos e grilhões, e esfria a simpatia dos povos, que ocultamente fazem votos para que triunfe a liberdade.”

“Estas cortes de inimigos agitam-se, a intriga e a perfídia tramam traição.”

“O corpo legislativo opõe a estas conspirações alguns decretos, decerto rigorosos, mas necessários: a mão do rei rasga-os.”

“É tempo ainda.”

“Chamai todos os franceses a salvar a pátria; mostrai-lhe toda a imensidade do abismo em que querem despenhá-los.”

“Não lhes cabe fazer um esforço extraordinário, vós é que o deveis impelir para tal esforço por um movimento eléctrico, que se comunique imediatamente a todo o império.”

“Imitai os espartanos das Termópilas, ou os venerandos anciãos do senado romano, que foram esperar no limiar das suas portas a morte que lhes traziam à pátria ferozes vencedores. Não, não careceis de fazer votos para que nasçam os vingadores de entre as vossas cinzas.”

“No dia em que o vosso sangue tingir a terra, a tirania, o seu orgulho, os seus palácios e os seus protectores desaparecerão para sempre diante da onnipotência nacional e da cólera do povo”.

Neste discurso terrível havia uma força ascendente, uma gradação crescente, um *crescendo* de tempestade, que fendia o ar com as suas imensas asas, semelhantes às do furacão.

Por isso o efeito foi espantoso e produziu o maior entusiasmo.

Toda a Assembléia, *feuillants*, realistas, constitucionais, republicanos, deputados, espectadores, tudo foi envolto e impelido por aquele poderoso turbilhão, todos soltaram brados de entusiasmo.

E nessa mesma noite, Barbaroux escreveu para Marselha ao seu amigo Rebecqui, dizendo-lhe:

– Manda-me quinhentos homens que saibam morrer.

XXIX

O terceiro aniversário da tomada da Bastilha

No dia 11 de Julho a Assembléia declarou a pátria em perigo.

Mas, para promulgar esta declaração, era necessário a autorização do rei.

O rei só deu autorização no dia 21 à noite.

Efectivamente proclamar que a pátria estava em perigo, era uma declaração de falta de força, que a própria autoridade fazia, era apelar para a nação e dizer-lhe que se salvasse ela a si mesma, porque o rei já nada podia, ou nada queria.

De 14 a 31 de Julho o paço esteve dominado por um grande terror.

Dizia-se na corte que, no dia 14 de Julho, haveria uma conspiração contra a vida do rei.

Esta crença fora confirmada por uma mensagem dos Jacobinos.

Fora Robespierre que a redigira.

Era fácil conhecer o autor pelo estilo frisante do escrito.

A mensagem era dirigida aos confederados que vinham a Paris assistir à festividade do dia 14 de Julho, que tão cruelmente ensanguentada fora no ano precedente.

“Salve, franceses dos oitenta departamentos – dizia o incorruptível – salve, marselheses, salve, pátria poderosa e invencível, que reúne em volta de si os seus filhos nos dias dos perigos e das festividades! Abramos as nossas casas aos nossos irmãos.”

“Cidadãos! Viestes acaso para uma vã cerimônia de consideração e para prestar juramentos supérfluos? Não, não! Correstes ao brado da nação, que vos chama, ameaçada no exterior e atraindo interiormente; os nossos pérfidos chefes levam os nossos exércitos às emboscadas, os nossos generais respeitam o território do tirano austríaco e queimam as cidades dos nossos irmãos belgas. Lafayette, que é um monstro, veio insultar pessoalmente a Assembléia Nacional indignamente aviltada, ameaçada e ultrajada. Existe ela ainda? Tantos atentados juntos despertaram, finalmente a nação, e vós correstes. Os indivíduos que costumam a embalar o povo hão-de querer seduzir-vos. Evitai as suas carícias, fugi das suas mesas, onde se bebe o moderantismo e o esquecimento dos deveres; conservai no coração as vossas suspeitas, porque a hora fatal vai soar. Eis ali o altar da pátria. Permitireis que alguns *ídolos vis*, venham colocar-se entre vós e a liberdade para usurpar o culto que lhe é devido? Prestemos juramento somente à pátria, entre as mãos imortais do rei da natureza. Neste Campo de Marte tudo nos recorda o perjúrio dos nossos inimigos; não há nele uma polegada de terreno que pisemos, que não esteja manchado com o sangue inocente que eles derramaram!”

“Purificai este solo, vingai aquele sangue e não abandonéis este recinto sem ter decidido a salvação da pátria.”

Era difícil uma explicação mais categórica.

Um conselho de assassínio nunca fora dado em termos mais positivos, nem em tempo algum se tinham pregado cruentas represálias com voz mais clara nem mais um instante.

E, note-se bem, era Robespierre, o tribuno cauteloso, o orador alambicado, que com a sua voz adocicada dizia aos deputados dos oitenta e três departamentos:

“Meus amigos, se quereis acreditar no que vos digo, cumpre matar o rei...”

Nas Tulherias houve um grande terror.

O rei era quem estava mais receoso, porque se persuadia de que o dia 20 de Junho fora preparado com o intuito de o matar entre a balbúrdia, e que, se o crime não fora perpetrado, fora porque o valor do monarca impusera respeito aos assassinos.

Havia nisso um tanto ou quanto de verdade.

“O crime, que não chegara a cometer-se no dia 20 de Junho, ficou adiado para o 14 de Julho.”

Era isto o que diziam os cortesãos, que restavam aos dois condenados, que se intitulavam rei e rainha.

Era tal a convicção de que se realizaria o atentado, que pediram ao rei que pusesse um peito de aço, para que, resvalando a faca com que pretendessem feri-lo ou a bala do tiro que lhe disparassem, os seus amigos tivessem tempo de lhe prestar socorro.

Mas aí! A rainha já não tinha Andréa junto de si, como aconteceu na primeira vez, para ir de noite, pé ante pé, e com mão trémula, experimentar a solidez da couraça de seda, num sítio retirado do palácio das Tulherias, do mesmo modo que praticara em Versalhes.

Felizmente, porém, tinham conservado o peito de aço que o rei experimentara, para condescender com a vontade da rainha, na sua primeira jornada a Paris, mas de que recusara servir-se.

Mas naquela ocasião o rei estava tão vigiado, que não havia um momento de liberdade para fazer segunda experiência, nem para corrigir os defeitos que a couraça pudesse ter.

A Sr^a. Campan trouxe o peito de aço por baixo do vestido por espaço de três dias.

De manhã, finalmente, quando a Sr^a. Campan estava na câmara da rainha, que ainda estava deitada, o rei entrou, despiu a casaca muito à pressa, e experimentou a couraça enquanto a Sr^a. Campan fechava as portas.

Feita a experiência, o rei tirou o peito de aço e disse em voz baixa à Sr^a. Campan:

– É para condescender com a vontade da rainha que fiz esta experiência. Não querem assassinar-me; esteja certa, Sr^a. Campan, que mudaram de plano, e que eu devo preparar-me para outro género de morte; mas, em todo o caso, quando sair da câmara da rainha, venha falar-me, porque tenho uma coisa urgentíssima que lhe confiar.

O rei saiu.

A rainha viu que ele havia falado em voz baixa com a Sr^a. Campan, mas não ouviu o que disse; acompanhou o rei com um olhar inquieto, e logo que fechou a porta, perguntou:

– Que lhe disse el-rei?

A Sr^a. Campan, muito consternada, ajoelhou junto do leito da rainha, que lhe estendeu as mãos, e repetiu-lhe as palavras que o rei lhe dissera.

A rainha meneou a cabeça com tristeza e disse:

– É essa a opinião do rei, e começa também a ser a minha. O rei diz que tudo quanto actualmente se está passando em França é uma imitação do que aconteceu em Inglaterra, durante o último século, e lê constantemente a história do infeliz Carlos I, para proceder melhor que o rei da Inglaterra. Sim, sim, minha querida Campan, começo a temer que processem el-rei; quanto a mim, sou estrangeira, e hão-de assassinar-me. Ai de mim! O que será de meus filhos?

A rainha não pôde continuar, as forças abandonaram-na e começou a soluçar.

Então a Sr^a. Campan levantou-se, e sem perder um momento, preparou-lhe um copo de água com açúcar e éter, mas a rainha fez-lhe um sinal com a mão dizendo-lhe:

– Minha querida Campan, os ataques de nervos são doenças das mulheres felizes; nenhum medicamento deste mundo tem poder contra as enfermidades da alma. Desde que principiaram as minhas desventuras, não sinto unicamente o meu destino. Não diga nada disto a el-rei e vá encontrar-se com ele.

A Sr^a. Campan hesitava em sair.

– Então que tem? – lhe perguntou a rainha.

– Ai, minha senhora – redargüiu a Sr^a. Campan – tenho que dizer-lhe que arranjei para vossa majestade um peito de aço igual ao de el-rei e de joelhos suplico a vossa majestade que use sempre dele.

– Muito lhe agradeço, minha querida Campan.

– Então vossa majestade aceita? – lhe perguntou a aia muito satisfeita.

– Aceito, para lhe agradecer a sua intenção, mas nunca me servirei de semelhante objecto.

Depois a rainha, pegando-lhe na mão, acrescentou em voz baixa.

– Muito feliz seria eu se eles me assassinassem! Faziam-me um serviço maior do que esse que pretende fazer, minha boa Campan, para me conservar a vida. Vá, vá ter com el-rei!

A Sr^a. Campan saiu.

Já era tempo, porque estava sufocada em pranto.

Quando chegou ao corredor, encontrou-se com o rei, que já a esperava.

O rei, logo que a viu, deteve-a, estendendo-lhe a mão.

A Sr^a. Campan pegou na mão do rei para lha beijar, mas Luís XVI puxou para si a Sr^a. Campan e beijou-a na face.

E antes que ela tornasse a si do seu espanto, disse-lhe:

– Venha comigo.

O rei então caminhou adiante dela, e parando no corredor, que dava do seu quarto para o quarto do delfim, procurou com a mão uma mola e abriu um armário, que havia na parede.

O armário estava tão bem feito, que ninguém diria que na parede existisse semelhante coisa.

Era o armário de ferro que fora aberto na parede, e que fora fechado com o auxílio de Gamain.

Dentro do armário havia uma carteira cheia de papéis, e numa das prateleiras do referido armário havia alguns milhares de luíses de ouro.

– Campan – lhe disse o rei – pegue nesta carteira, e leve-a para o seu quarto.

A Sr^a. Campan fez diligência para levantar a carteira, mas não pôde, primeiro porque era muito pesada e segundo porque estava um pouco alta.

– Senhor – disse ela – não posso.

– Espere, espere – redargüiu o rei.

E fechando o armário, que uma vez fechado se tornava invisível, tal era a perfeição com que estava feito, pegou na carteira e levou-a até ao gabinete particular da Sr^a. Campan.

– Deixe aqui estar – disse o rei, limpando o suor que lhe corria da fronte.

– Senhor, o que quer vossa majestade que faça desta carteira? – perguntou a Sr^a. Campan.

– A rainha lhe determinará o destino que lhe deve dar, e ao mesmo tempo lhe dirá o que contém.

O rei saiu.

Para que ninguém visse a carteira, a Sr^a. Campan fez um esforço introduzindo-a como pôde entre os colchões, e entrou na câmara da rainha.

– Minha senhora – disse ela – tenho no meu quarto uma carteira, que el-rei me entregou agora mesmo. Disse que vossa majestade me informaria do que nela se contém, e do destino que devo dar-lhe.

Então a rainha, dando a mão à Sr^a. Campan, que estava de pé junto do rei, disse-lhe:

– Campan, nessa carteira estão alguns documentos, que seriam mortais para el-rei se lhe instaurassem processo, o que Deus não há-de permitir; mas ao mesmo tempo, e é isso naturalmente o que ele quer que eu lhe diga, também na mesma carteira está guardada a acta de um conselho, no qual o rei deu a sua opinião contra a guerra; acta que ele fez assinar pelos ministros, e que, ainda no caso de um processo, conta que este documento lhe há-de ser tão útil, quanto os outros lhe podiam ser prejudiciais.

– Mas, minha senhora, o que me cumpre fazer? – perguntou a aia muito assustada.

– O que quiser, Campan, com tanto que a carteira fique em segurança; a responsabilidade é toda sua; não se afaste nunca de mim, ainda que não esteja de serviço. As circunstâncias são tais que, de um momento para outro, posso carecer do seu auxílio; neste caso, Campan, desejo que esteja próximo de mim, porque sei que é uma amiga com quem posso contar.

Chegou a festividade do dia 14 de Julho.

A revolução não tratava de assassinar Luís XVI, e é até provável que nunca se lembrasse de tal; o que queria era proclamar a superioridade de Pétion sobre o rei.

Já dissemos que, depois dos acontecimentos do dia 20 de Junho, Pétion fora suspenso pelo directório de Paris.

Isto não teria significação alguma se não fosse a adesão do rei; mas aquela suspensão foi confirmada por uma proclamação régia, enviada à Assembléia.

No dia 13, isto é, na véspera da festividade aniversária da tomada da Bastilha, a Assembléia, por sua autoridade particular, deu por nula a suspensão.

No dia 14 às onze horas o rei desceu a escada principal na companhia da rainha e de seus filhos, servindo-lhe de escolta três ou quatro mil homens de tropas indecisas.

A rainha procurava inutilmente nos rostos dos soldados e dos nacionais alguns indícios de simpatia. Os mais dedicados voltavam a cara e evitavam-lhe o olhar.

Quanto ao povo, não havia que duvidar da sua opinião. Os vivas a Pétion ouviam-se de todos os lados, e como para dar maior duração a semelhante ovação, o rei e a rainha podiam ler escrita em todos os chapéus a legenda, de “Viva Pétion!” duas palavras que confirmavam conjuntamente a sua derrota e a vitória dos seus inimigos.

A rainha estava pálida e trémula, e convencida, não obstante o que dissera à Sr^a. Campan,

de que existia uma conspiração contra a vida do rei.

Estremecia a todo o momento, julgando ver alguma faca, ou alguma pistola apontada contra o peito do rei.

Chegando ao campo de Marte, o rei apeou-se da carruagem, tomou lugar à esquerda do presidente, e dirigiu-se com ele para o altar da pátria.

Então a rainha teve que separar-se do rei para subir com os filhos para a tribuna que lhe estava reservada.

A rainha parou, recusando-se a subir antes que o rei tivesse chegado ao lugar que lhe fora destinado, e acompanhou-o até lá com os olhos.

Junto do altar da pátria houve uma onda repentina de gente, como acontece sempre nas grandes reuniões.

O rei desapareceu entre a multidão, como se houvera sido submergido por ela.

A rainha deu um grito e quis correr para ele.

Mas o rei tornou a aparecer, subindo os degraus do altar da pátria.

Entre os símbolos ordinários que figuram nas pompas e festividades solenes, tais como a Justiça, a Força, a Liberdade, havia um homem vestido de preto com uma coroa de cipreste, empunhando um objecto misterioso e temível que se via brilhar por baixo do crepe.

Este símbolo terrível atraiu particularmente a atenção da rainha.

Estava como pregada ao seu lugar, e quase segura a respeito do rei, que chegara ao cimo do altar da pátria, não podia separar os olhos da estátua sombria.

Fazendo, finalmente, um esforço para soltar a voz, a rainha, sem se dirigir pessoalmente a pessoa alguma, perguntou:

– Que significa aquele homem vestido de preto com uma coroa de cipreste? Quem é?

– É o carrasco – respondeu uma voz, que fez estremecer a rainha.

– E que tem ele na mão? – perguntou ela.

– O cutelo de Carlos I.

A rainha voltou-se para o lado muito pálida; parecia-lhe que já tinha ouvido aquela voz.

Não se enganava.

Quem lhe falara era o homem do palácio de Taverney, da ponte de Sèvres e do regresso de Varennes.

Finalmente, era Cagliostro.

A rainha soltou um grito e caiu desmaiada nos braços da princesa Isabel.

XXX

A pátria em perigo

A 22 de Julho, às seis horas da manhã, oito dias depois da festa do Campo de Marte, toda a cidade de Paris estremeceu de terror, ouvindo o troar de uma peça de artilharia de grande calibre colocada sobre o Pont-Neuf.

A cada tiro daquela boca de fogo correspondia outro disparado do arsenal.

Aquele ruído terrível devia continuar por todo o dia, disparando-se os tiros de hora em hora.

As seis legiões da guarda municipal, capitaneadas pelos seus seis respectivos comandantes, estavam reunidas desde o romper do dia na casa da câmara.

Neste local se organizaram dois cortejos para levar pelas ruas de Paris a proclamação.

Danton foi quem teve a lembrança da festa terrível e pediu o programa a Sergent.

Sergent, artista medíocre como gravador, era um grande homem para meter em cena

qualquer espectáculo.

Sergent, cujo ódio aumentara com os ultrajes que recebera no palácio das Tulherias, desenvolveu no programa daquele dia o aparato grandioso, a que deu os últimos retoques no dia 10 de Agosto.

Os dois cortejos, um dos quais devia tomar a direcção norte, e o outro a direcção sul da cidade de Paris, saíram da casa da câmara às seis horas da manhã.

À frente do cortejo marchava um destacamento de cavalaria com uma música na frente.

A marcha que a banda tocava, e que fora composta para a ocasião, era sombria e assemelhava-se a uma marcha fúnebre.

Após o destacamento de cavalaria marchavam em frente seis peças de artilharia, nos pontos em que os cais e as ruas tinham suficiente largura, e a dois de fundo pelas ruas estreitas.

Seguiam-se quatro hussardos a cavalo, cada um dos quais levava um estandarte, em que estavam escritas as seguintes palavras:

LIBERDADE, IGUALDADE, CONSTITUIÇÃO, PÁTRIA

Logo em seguida marchavam quatro empregados municipais de uniforme.

Após eles, só e isolado como a França, marchava um guarda nacional a cavalo, empunhando uma bandeira tricolor, na qual estavam escritas estas palavras:

CIDADÃOS, A PÁTRIA ESTÁ EM PERIGO!

Na mesma ordem das primeiras, seguiam-se outras seis peças de artilharia, acompanhadas por uma força da guarda nacional, e logo após seguia-se-lhe a cavalaria.

O cortejo parava em todas as praças, em todas as ruas e em todos os pontos.

Impunha-se silêncio rufando os tambores.

Agitavam-se os estandartes, e quando já não se ouvia nenhum ruído, quando a respiração anelante de dez mil espectadores se recolhia cativa no peito de cada um deles, erguia-se a voz do empregado municipal, que lia a acta do corpo legislativo, e acrescentava:

“A Pátria está em perigo!”

Este grito era terrível e ecoava de um modo sensível em todos os corações.

Era o brado da nação, da pátria e da França.

Era uma mãe agonizante que bradava:

— Socorram-me, meus filhos!

E de hora em hora, ouvia-se troar a artilharia no Pont-Neuf correspondendo-lhe o eco da peça do arsenal.

Em todas as praças grandes de Paris, de que era centro o adro da igreja de Nossa Senhora, tinham-se erigido anfiteatros para os alistamentos voluntários.

Em cada um dos anfiteatros havia uma prancha, colocada sobre dois tambores.

Por cada movimento que se imprimia no anfiteatro, os tambores gemiam como um sopro de um furacão longínquo.

Em torno do anfiteatro estavam levantadas algumas barracas, sobre as quais flutuavam bandeiras tricolores.

Estas bandeiras e as barracas eram ornadas com coroas e grinaldas de folhas de carvalho.

Em roda da mesa estavam assentados alguns empregados municipais com as suas faixas, e à medida que se faziam os alistamentos, davam certificados aos indivíduos que se alistavam.

Ao lado de cada anfiteatro havia duas peças de artilharia.

Na frente de cada anfiteatro tocava constantemente uma banda marcial.

Na frente das barracas, e seguindo a mesma linha curva que elas formavam, havia um

círculo de muitos cidadãos armados.

Este espectáculo era simultaneamente grandioso e terrível.

Havia uma embriaguez geral de patriotismo.

Todos se precipitavam para se alistarem; as sentinelas não podiam deter os indivíduos que se apresentavam, e a cada momento se abriam as fileiras dos soldados.

Uma das escadas do anfiteatro era para subirem, e a outra para descerem as pessoas que pretendiam alistar-se; mas as duas escadas não bastavam, pois constatava-se que eram insuficientes.

Cada um subia como podia e era auxiliado por aqueles que já haviam subido; logo que o seu nome estava inscrito no certificado, saltava para o chão com ar altivo, agitando o certificado e cantando o *Ça ira*, e ia beijar as bocas das peças de artilharia.

Eram estes os desposórios do povo francês com a guerra de vinte e dois anos, a qual, se não teve resultado no passado, tê-lo-á no futuro e será a liberdade do mundo.

Havia alguns indivíduos já muito velhos, os quais, levados de uma fatuidade sublime, ocultavam a idade que tinham; havia outros moços ainda, que tornando virtuosa a mentira, se erguiam nos bicos dos pés e diziam ter dezesseis anos, quando ainda não tinham catorze.

Deste modo marcharam, da Bretanha, o velho La Tour'd'Auvergne; e do sul o jovem Viala.

Aqueles a quem detinham os laços indissolúveis do matrimónio choravam por não poder partir, escondiam vergonhosos a cabeça entre as mãos, e os eleitos diziam-lhes:

– Como não podeis partir, cantai e dai vivas à nação!

E brados terríveis e repentinos de “Viva a nação!” subiam aos ares.

Entretanto, de hora em hora, troava a artilharia do Pont-Neuf, sempre correspondida pelo morteiro do arsenal.

Era tão grande a fermentação, e os espíritos estavam tão abalados, que a própria Assembléia se espantou da sua obra.

Nomeou quatro membros para cruzarem por Paris em todas as direcções.

Aqueles delegados eram encarregados de dizer:

– Irmãos, em nome da pátria, não façais tumultos: a corte deseja que haja um tumulto para alcançar que o rei se retire; nada de pretextos à corte, o rei deve ficar em Paris.

E os indivíduos, que propalavam estas idéias terríveis, acrescentavam em voz baixa:

– Importa que ele seja castigado.

Por toda a parte por onde aqueles homens passavam aplaudiam-nos, e as palavras: “Importa que ele seja castigado” percorriam a multidão, do mesmo modo que o sopro da tempestade percorre a ramaria de uma floresta.

Não se dizia quem era que devia ser castigado, mas todos sabiam perfeitamente quem era que se pretendia castigar.

Isto durou até à meia noite.

Até esta hora troou a artilharia e a multidão conservou-se em roda dos anfiteatros.

Muitos dos alistados passaram ali a noite, datando o seu primeiro acampamento de junto do altar da pátria.

Cada tiro de peça que troara durante o dia, ecoara no coração do palácio das Tulherias.

O coração das Tulherias era a câmara daquele palácio, na qual estavam reunidos Luís XVI, Maria Antonieta, os príncipes reais e a princesa de Lamballe.

Não se separaram por espaço de dezesseis horas.

Conheciam que naquele dia grande e solene se decidia a sua sorte.

Desde que houvera as sedições dos bairros, a rainha não dormia nos quartos baixos.

As pessoas da sua amizade tinham alcançado dela que passasse as noites numa casa do primeiro andar, situada entre o quarto do rei e o quarto do delfim.

Como despertava logo ao romper da manhã, tinha dado ordem para que não fechassem as portas interiores das janelas, nem se corressem as tabuinhas, a fim de que fossem menos

penosas as suas insónias.

A Sr^a. Campan dormia no quarto da rainha.

Digamos qual foi a ocasião em que a rainha consentiu que uma criada dormisse no quarto dela.

Uma noite, quando a rainha acabava de deitar-se, seria perto de uma hora, e estando a Sr^a. Campan de pé, junto do leito de Maria Antonieta, conversando com ela, ouviu-se um ruído semelhante a uma luta entre dois homens.

A Sr^a. Campan quis ir ver o que era, mas a rainha, segurando-se à sua criada, ou antes à sua amiga, disse-lhe:

– Não me deixe, Campan.

Durante esse tempo, gritou do corredor uma voz:

– Nada tema, minha senhora; é um malvado que queria assassinar a vossa majestade, mas eu tenho-o seguro.

Quem assim falava era o criado particular.

– Oh! Meu Deus! Meu Deus! – exclamou a rainha erguendo as mãos ao Céu – que existência é a minha! De dia ultrajes e à noite assassinios!

Depois bradou ao criado:

– Largue esse homem imediatamente e abra-lhe já a porta. Que se vá em paz.

– Não, senhora... – balbuciou verdadeiramente assustada a Sr^a. Campan.

– Ai! Minha boa Campan, se o prendessem seria amanhã levado em triunfo pelos Jacobinos.

E esconderam o homem, que era um criado, empregado no toucador do rei.

Desde aquela ocasião o rei obtivera que alguma aia dormisse na câmara da rainha.

Maria Antonieta escolheu a Sr^a. Campan.

Na noite imediata à da proclamação da pátria em perigo a Sr^a. Campan acordou às duas horas da madrugada.

Um raio da lua, como se fora uma luz amiga, atravessava as vidraças e vinha quebrar-se sobre o leito da rainha, dando aos lençóis uma cor azulada.

A Sr^a. Campan ouviu suspirar a rainha e ficou sabendo que ela não dormia.

– Vossa majestade está incomodada? – lhe perguntou ela um tanto assustada.

– Sempre padeço, Campan; mas espero que o meu sofrimento há-de acabar brevemente.

– Oh! Meu Deus! Senhora, vossa majestade está ainda dominada por algum pensamento sinistro?

– Não, pelo contrário.

Estendendo depois a mão pálida, que o reflexo da lua tornava ainda mais pálida, disse com profunda melancolia:

– Dentro de um mês, este raio da lua nos verá livres dos nossos grilhões.

– Ah! – bradou a Sr^a. Campan muito alegre – aceitou vossa majestade o auxílio do Sr. de Lafayette, e tenciona fugir, como ele aconselha?

– O Sr. de Lafayette, não, esse não – redargüiu a rainha com uma repugnância que não iludia ninguém; – não preciso do Sr. de Lafayette, mas daqui a um mês meu sobrinho Francisco estará em Paris.

– E vossa majestade está bem certa disso? – lhe perguntou a Sr^a. Campan muito aterrada.

– Sim, tudo está decidido; há aliança entre a Áustria e a Prússia, e as duas potências combinadas vão marchar sobre Paris. Temos em nossa mão o itinerário dos príncipes e dos exércitos, e podemos dizer com certeza: “Em tal dia, os nossos salvadores estarão em Valenciennes, em tal em Verdun, e em tal em Paris”.

– Vossa majestade não receia...

– Que me assassinem? – disse Maria Antonieta concluindo a frase. – Bem sei que isso pode acontecer; mas que quer, minha querida Campan, quem não se arrisca nada ganha.

– E em que dias são esperados em Paris os soberanos aliados?

– De 15 a 20 de Agosto.
– Deus ouça vossa majestade.
Felizmente, Deus não a ouviu.
Ou antes ouviu-a e mandou à França um auxílio, com que não contava.
Foi a *Marselhesa*.

XXXI

A Marselhesa

O manifesto do duque de Brunswick, em que se fundavam todas as esperanças da rainha, era exactamente o que devia assustá-la.

Aquele manifesto, redigido nas Tulherias, e que só devia voltar a Paris a 26 de Julho, partiu para o seu destino nos primeiros dias do mês.

Mas, quase ao mesmo tempo que o paço redigia em Paris aquele documento insensato, cujo efeito logo veremos, digamos o que se passava em Estrasburgo.

Estrasburgo, uma das nossas cidades mais francesas, justamente pelo motivo de ter deixado de ser austríaca, e que é um dos nossos baluartes mais sólidos, tinha o inimigo batendo-lhe às portas, como já dissemos.

Por isso, era em Estrasburgo que, havia seis meses, isto é, desde que se tratava da guerra, se reuniam aqueles jovens batalhões de voluntários, de espírito ardente e patriótico.

Estrasburgo, apontando a sua flecha sublime para o Reno, que era o que unicamente nos separava do inimigo, era conjuntamente um foco ardente de guerra, de mocidade, de alegria, de prazeres, de revistas e de bailes, onde o ruído dos instrumentos de guerra se misturava incessantemente com o som dos instrumentos festivos.

De Estrasburgo, onde por uma porta entravam os Voluntários, saíam pela outra os soldados, que eram julgados nas condições de pelejar.

Era ali que os amigos se encontravam, se abraçavam, se despediam; era ali que as irmãs choravam, que as mães oravam e os pais diziam:

– Marchai, e morrei pela França!

E tudo isto se verificava ao som dos sinos e ao troar da artilharia, essas duas vozes de bronze que falam a Deus, uma para invocar a sua misericórdia e outra para invocar a sua justiça.

Na ocasião de uma daquelas saídas, mais solenes do que as outras, porque era mais considerável, o magistrado administrativo de Estrasburgo, Dietrich, bom e excelente patriota, convidou aqueles valentes moços para que fossem com os oficiais da guarnição assistir a um banquete e fraternizar em sua casa.

As duas filhas de Dietrich, e mais doze ou quinze das suas companheiras, louras e nobres filhas da Alsácia, e que, graças aos seus cabelos dourados, podiam tomar-se por umas ninfas de Ceres, deviam, se não presidir, ao menos embelezar o banquete, como se fossem ramalhetes de flores.

Entre os convidados estava Rouget de l'Isle, jovem e nobre filho do Franc-Comtois.

Tinha muita familiaridade na casa de Dietrich e era muito amigo dele.

Conheci-o já velho, e ele mesmo, escrevendo-me pelo seu próprio punho, me contou a origem daquele canto guerreiro, a cujo nascimento o leitor vai assistir.

Rouget de l'Isle tinha então vinte anos de idade e era oficial de engenheiros da guarnição.

Poeta e músico, o seu piano era um dos instrumentos que se ouvia no imenso concerto, e a sua voz era uma das que se ouvia entre as mais fortes, mais entusiastas e mais patriotas.

Nunca o banquete mais francês e mais nacional fora alumiado por um sol mais ardente de

Junho.

Nenhum dos convivas falava de si; falavam todos unicamente da França.

Era verdade que a morte pairava naquele lugar, como acontecia nos banquetes da antiguidade; mas era a morte bela, risonha, empunhando, não uma foice terrível e uma ampulheta fúnebre, mas numa das mãos uma espada e na outra uma palma.

Procurava-se alguém que cantasse; o velho *Ça ira* era um cântico de cólera e de guerra civil; era, pois, necessário um brado patriótico e fraternal, mas que fosse fero e ameaçador para os estrangeiros.

Quem seria o moderno Tirteu, que arremessasse ao inimigo o hino da França, no meio do fumo e entre o sibilar das balas?

A esta pergunta, Rouget de l'Isle, namorado e patriota entusiasta, respondeu:

– Sou eu!

E saiu da sala.

Dentro de meia hora, e quando se perguntava a razão por que se ausentara, estava tudo já concluído.

Palavras e música, tudo foi como que fundido de um jacto e vazado num molde.

Rouget de l'Isle entrou, com os cabelos deitados para trás, com a fronte coberta de suor, arquejando pelo combate que acabava de sustentar contra as duas irmãs sublimes, que se chamavam: a Música e a Poesia.

– Ouçam! – disse ele – ouçam todos!

O nobre e patriótico mancebo tinha a maior confiança na sua musa.

A sua voz, todos se voltaram para ele, uns com os copos na mão, e outros então apertando a mão trémula.

Rouget de l'Isle começou:

Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé,
Contre nous, de la tyrannie
L'étendard sanglant est levé.
Entendez-vous dans nos campagnes
Rugir les féroces soldats,
Qui viennent jusque dans vos bras
Égorger vos fils et vos compagnes?

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!
Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons! ¹

Ao ouvir a primeira copla, um estremecimento eléctrico percorreu toda a Assembléia e romperam dois ou três gritos entusiásticos; porém alguns circunstantes, que esperavam o resto com avidez, bradaram:

– Silêncio! Silêncio! Ouçam!

Rouget, com profunda indignação, continuou:

Que veut cette horde d'esclaves.
De traîtres, de rois conjurés?
Pour qui ces ignobles entraves,
Ces fers dès longtemps préparés?...

¹ Avante, filhos da pátria, que o dia da glória chegou, o sangrento estandarte da tirania está desfraldado contra nós. Não ouvis nos nossos campos o rugido de soldados ferozes, que vêm trucidar-vos nos próprios braços os filhos e as mulheres? Às armas cidadãos! Formai batalhões. Marchar, marchar, ensope-se o nosso solo em sangue impuro!

Français, pour nous, ah! quel outrage!
Quel transport il doit exciter!
C'est nous qu'on ose méditer
De rendre à l'antique esclavage!
Aux armes, citoyens!...²

Desta vez, Rouget de l'Isle não precisou de entoar o coro: todos soltaram um brado uníssono e cantaram:

Formez vos bataillons!
Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

Depois, com um crescente entusiasmo, prosseguiu:

Quoi! Des cohortes étrangères
Feraient la loi dans nos foyers!
Quoi! Ces phalanges mercenaires
Egorgeraient nos fiers guerriers!
Grand Dieu! Par des mains enchaînées
Nos fronts sous le joug se ploieraient!
De vils despots deviendraient
Les maîtres de nos destinées! ³

Cem peitos arquejantes esperavam o estribilho impacientemente, e antes de concluído o último verso, todos bradavam:

– Não! Não! Não!

Depois, com ímpeto frenético, foi cantado o coro sublime:

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!
Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

Então foi tal o frémito que se apoderou dos ouvintes, que Rouget, teve de pedir silêncio, para poder cantar a quarta copla.

O poeta era escutado num estado febril; a sua voz de indignada tornou-se ameaçadora:

Tremblez, tyrans, et vous, perfides,
Opprobre de tous les partis!
Tremblez, vos projets parricides
Vont enfin recevoir leur prix!
Tout est soldat pour vous combattre.
S'ils tombent, nos jeunes héros,
La terre en produit de nouveaux.
Contre vous tout prêts à se battre.⁴

² Que pretende essa horda de escravos, de traidores, de reis conjurados? Para quem são essas ignóbeis cadeias, esses ferros de há muito forjados?... Franceses, ai, quanto ultraje para nós! Quanta indignação não deve ele provocar! É a nós que se atrevem a pensar em reduzir de novo à antiga escravidão! Às armas cidadãos!...

³ Pois que! Haviam de coortes estrangeiras dar leis nos nossos lares! Pois que! Essas falanges mercenárias haviam de trucidar os nossos fiéis guerreiros! Santo Deus! Pois havíamos de, peadas as mãos, dobrar a cabeça ao jugo! Pois haviam de mil déspotas tornar-se senhores dos nossos destinos!

⁴ Tremei tiranos, e também vós, opróbrio de todos os partidos! Tremei, que os vossos projectos parricidas vão receber o devido preço! Para combater-vos, todos são soldados. Se sucumbirem os nossos heróis, a terra produzirá outros prontos para combater contra vós.

– Sim! Sim! – gritaram em voz uníssona.

E os pais impeliam para a frente os filhos, que já podiam combater e as mães erguiam nos braços os filhinhos, que ainda traziam ao colo, lamentando serem de tenra idade.

Rouget de l'Isle conheceu então que ainda lhe faltava uma copla: a copla à mocidade, coro sublime da futura messe, do grão que ainda germinava, e enquanto os convivas repetiam freneticamente o terrível estribilho, deixou descair a cabeça nas mãos, e no meio da bulha, dos rumores e dos aplausos, improvisou o seguinte coro:

Nous entrerons dans la carrière
Quand nos aînés n'y seront plus;
Nous y trouverons leur poussière
Et la trace de leurs vertus.
Bien moins jaloux de leur survivre
Que de partager leur cercueil,
Nous aurons le sublime orgueil
De les venger ou de les suivre.⁵

E entre os soluços das mães e as vozes entusiásticas dos pais, ouviam-se as vozes puras da infância cantar em coro:

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!
Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

– Mas, disse alguém, não haverá perdão para os que andam desvairados?

– Esperem! Esperem! – exclamou Rouget de l'Isle, – e verão que o meu coração não é digno de semelhante censura.

E com voz muito comovida cantou essa estrofe sagrada, que encerra toda a alma da França magnânima, de uma grandeza juvenil, e, na força da sua cólera, adejando com as asas da Misericórdia sobre a própria cólera:

Français, en guerriers magnanimes,
Portez ou retenez vos coups;
Épargnez ces tristes victimes.
A regret s'armant contre nous.⁶

Os aplausos interromperam o cantor.

– Ah! Sim! Sim! – bradaram todos – unicamente misericórdia, perdão para os nossos irmãos desvairados, para os nossos irmãos escravos, para os nossos irmãos que arrojam contra nós açoites e baionetadas.

– Sim – bradou Rouget – perdão e misericórdia para esses.

Mais ces despotes sanguinaires,
Mais les complices de Bouillé,
Tous ces monstres qui sans pitié
Déchirent le sein de leur mère.⁷

⁵ Quando os mais velhos deixarem de existir, entraremos nós na carreira; nela acharemos as suas cinzas e os sinais das suas virtudes. Menos vaidosos por sobreviver-lhes do que por competir a sua sepultura, teremos o sublime orgulho de vingá-los ou de segui-los.

⁶ Franceses, guerreiros magnânimos, descarregai ou suspendei os vossos golpes; poupai as tristes vítimas, que obrigam a armar contra nós.

– Sim – exclamaram todos – contra eles, entoaram:

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!
Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

– Agora – disse Rouget – ajoelhem todos.

Todos obedeceram.

Rouget foi o único que se conservou de pé. Pôs um pé na cadeira de um dos convivas, como se fosse o primeiro degrau do templo da liberdade, e erguendo as mãos ao Céu cantou a última copla, a invocação ao génio da França:

Amour sacré de la patrie,
Conduis, soutiens nos bras vengeurs!
Liberté, liberté, chérie,
Combatz avec tes défenseurs!
Sous nos drapeaux, que la Victoire
Accoure à tes mâles accents!
Que tes ennemis expirants
Voient son triomphe et notre gloire.⁸

– Vamos, meus irmãos! A França está salva!

E todos, em voz unânime, entoaram o *De profundis* do despotismo, a *Magnificat* da liberdade, bradando com o maior entusiasmo:

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!
Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

A isto sucedeu uma alegria louca, inebriante, insensata; cada um se lançou nos braços da pessoa que lhe ficava mais próxima; as meninas arrancaram às mãos cheias as suas flores, ramalhetes e coroas, e lançaram-nas, aos pés do poeta.

Trinta e oito anos depois, referindo-me os acontecimentos daquele grande dia, a mim, homem novo, que ouvia cantar pela primeira vez, em 1830, o hino sagrado pela voz poderosa do povo, a frente do poeta ainda radiava com a esplêndida auréola de 1792.

E era justo.

De que provém que eu próprio me sinto comovido, ao escrever estas últimas estrofes?

Qual é a razão por que, enquanto com a mão trémula pretendo escrever a copla das crianças e a invocação ao génio da França; com a mão esquerda enxugo uma lágrima, prestes a cair sobre o papel?

É porque a santa *Marselhesa* é não só um grito de guerra, mas um transporte de fraternidade; é porque significa a mão leal e poderosa da França estendida a todos os povos; é porque será sempre o derradeiro suspiro da liberdade moribunda e o primeiro brado da liberdade que renasce.

Mas, qual foi o motivo por que o hino que nasceu em Estrasburgo, sob o título de *Cântico do Reno*, ecoou repentinamente no coração da França, sob o nome de *Marselhesa*?

⁷ Mas os déspotas sanguinários, mas os cúmplices de Bouillé, todos esses monstros que rasgaram sem dó as entranhas da mãe.

⁸ Sagrado amor da pátria, conduz, dá força ao nosso braço vingador! Liberdade! Liberdade querida, combate com os teus defensores. Ao teu brado varonil, acuda a Vitória às nossas bandeiras! Vejam os teus inimigos ao expiar o teu triunfo e a nossa glória.

É o que vamos dizer aos nossos leitores.

XXXII

Os quinhentos homens de Barbaroux

O manifesto de Coblenz chegou a Paris a 28 de Julho, como que para dar uma causa à proclamação da pátria em perigo.

Já dissemos que o manifesto era uma proclamação inimiga, uma ameaça, e por consequência um insulto que se fazia à França.

O duque de Brunswich, homem sensato, entendia que o manifesto era absurdo; mas os reis da coalizão eram superiores ao duque; receberam o manifesto, escrito pelo rei de França, e impuseram-no ao seu general.

Segundo o manifesto, todos os franceses eram criminosos; todas as cidades ou aldeias deviam ser demolidas ou queimadas, e em Paris moderna Jerusalém, condenada aos espinhos e abrolhos, não ficaria pedra sobre pedra.

Tal era o manifesto insensato que chegava de Coblenz no dia 28, com data de 26.

Alguma águia o transportara nas garras para que o fatal documento percorresse duzentas léguas em trinta e seis horas.

É fácil de compreender a explosão que produziu semelhante documento; foi igual à explosão que produz o fogo quando cai sobre a pólvora.

Todos estremeceram, todos se assustaram, todos se prepararam para o combate.

Escolhamos entre todos aqueles homens um homem, e entre todos aqueles tipos um tipo.

Já dissemos o nome desse homem: chamava-se Barbaroux.

Já tentamos descrever o tipo.

Barbaroux, como anteriormente dissemos, escrevera ao seu amigo Rabecqui, em Julho, dizendo-lhe:

“Manda-me quinhentos homens que saibam morrer.”

Quem era o homem que podia escrever semelhante frase, e que influência tinha ele nos seus compatriotas?

Tinha a influência da mocidade, e do patriotismo.

Chamava-se Carlos Barbaroux, meigo e encantador aspecto, que turvou a Sr^a. Roland até na própria câmara conjugal e que fez meditar Carlota Corday até no cadafalso.

A Sr^a. Roland começou por desconfiar dele. Mas por que desconfiou? Porque era muito belo de mais.

Foi essa a censura que se fez a dois homens da revolução, cujas cabeças, embora fossem um tipo de beleza, apareceram com o intervalo de catorze meses uma na mão do carrasco de Bordéus, e a outra na mão do algoz de Paris.

O primeiro desses homens era Barbaroux, e o segundo Herault de Séchelles.

Ouçamos o que a respeito dele diz a Sr^a. Roland:

“Barbaroux é leviano; as adorações que lhe prodigalizam as mulheres fáceis prejudicam a seriedade dos seus sentimentos. Quando vejo esses belos mancebos, tais como Barbaroux e Héroult de Séchelles, inebriados pela impressão que produzem, não posso deixar de pensar que se adoram de mais a si para poder adorar a pátria.”

A severa Palias enganava-se.

A pátria foi, não a única, mas a primeira amante de Barbaroux; pelo menos foi a que ele

mais amou, porque morreu por ela.

Barbaroux tinha apenas vinte e cinco anos. Nascera em Marselha e era oriundo de uma família desses ousados navegadores, que fizeram do comércio uma poesia; pelas formas, pela graça, pela idealidade, sobretudo pelo perfil grego, parecia que descendia em linha recta de algum dos atrevidos navegadores que transportaram os deuses do Parnaso para as margens do Ródano.

Moço ainda, excitava-se na grande arte da palavra, arte de que os homens do Meio-Dia sabem servir-se como arma e como adorno; exercitou-se depois na poesia, essa flor do Parnaso que os da Fócia transportaram consigo do golfo de Corinto para o de Lião.

Também se ocupara de física; e pusera-se em correspondência com Saussure e Marat.

Viram-no aparecer de repente entre as agitações de Marselha, por ocasião da eleição de Mirabeau, e foi nomeado secretário da municipalidade de Marselha.

Houve distúrbios em Arles, e no meio dessas desordens, apareceu a bela figura de Barbaroux semelhante ao Antinos armado.

Paris reclamava aquele homem. A grande fornalha carecia daquele sarmento perfumado, o imenso cadinho tinha necessidade daquele puro metal.

Foi enviado a Paris para dar conta das desordens do Avinhão. Ouvindo-o, dir-se-ia que não pertencia a nenhum partido; que o seu coração não tinha amizade nem rancor, como o coração da justiça.

Disse a verdade simples e terrível qual era, e, dizendo-a, mostrou-se grandioso como ela.

Os Girondinos tinham chegado recentemente a Paris. O que distinguia os Girondinos dos outros partidos, e foi isso talvez que os perdeu, era serem verdadeiros artistas.

Amavam tudo quanto era belo. Estenderam francamente as mãos a Barbaroux, e muito altivos pela aquisição daquele belo recruta, apresentaram o marselhês em casa da Sr^a. Roland.

Já sabemos o que, à primeira vista, a Sr^a. Roland pensara de Barbaroux.

Mas do que especialmente se admirou aquela dama foi de que, estando seu marido em correspondência com Barbaroux havia tanto tempo, as cartas do mancebo chegassem com tanta regularidade, tanta precisão, tão cheias de bom senso.

Não se informara nem da idade, nem do aspecto daquele grave correspondente; imaginava que fosse homem de quarenta anos, calvo à força de pensar, e com a fronte enrugada pelas vigílias, que fosse uma velhice precoce.

A Sr^a. Roland veio ao encontro do sonho que tivera, e achou diante de si um belo mancebo de vinte e cinco anos, alegre, risonho, leviano e adorador das mulheres: toda aquela rica e ardente geração, que florescia em 92 para ser segada em 93, amava o belo sexo.

Foi naquela cabeça, que se mostrava tão frívola, e que a Sr^a. Roland achava demasiado bela, onde se formou, talvez, o primeiro pensamento do 10 de Agosto.

A tempestade pairava no ar, as nuvens insensatas corriam do norte ao sul, do poente ao oriente.

Barbaroux deu-lhe a direcção e amontoou-as sobre o telhado do palácio das Tulherias.

Quando ainda ninguém tinha um plano determinado já ele escrevia a Rebecqui para que lhe enviasse quinhentos homens que soubessem morrer.

Ah! O verdadeiro rei da França era este rei da revolução, que escrevia para lhe mandarem quinhentos homens que soubessem morrer, e que apenas os pedia lhos mandavam.

Rebecqui escolheu-os pessoalmente, e recrutou-os entre o partido francês do Avinhão.

Havia dois anos que se batiam e odiavam-se desde dez gerações.

Tinham-se batido em Tolosa, em Nîmes, em Arles, estavam afeitos ao sangue e ao cansaço e quase que não soltavam palavra.

No dia determinado, empreenderam a jornada de duzentas léguas, como se fora uma simples marcha.

Porque não havia de ser assim?

Aqueles homens eram marítimos rudes, camponeses grosseiros, com os rostos queimados pelo siroco de África ou pelo mistral do monte Nantoux e tinham as mãos enegrecidas pelo

alcatrão e endurecidas pelo trabalho.

Por toda a parte por onde passavam chamavam-lhe malfeitores.

Numa ocasião, em que fizeram alto em Orgon, receberam a música e as coplas do hino de Rouget de l'Isle, que se chamava o *Cântico de Reno*.

Foi Barbaroux que lhes enviou aquele viático; depois, num brado imenso, todos eles repetiam o canto terrível.

Canto muito mais terrível do que o próprio Rouget imaginara. Traduzido pela boca dos marseheses, o seu canto mudou de carácter, do mesmo modo que as palavras tinham mudado de acentuação.

Já não era um canto de fraternidade, era um canto de extermínio e de morte.

Era a *Marselhesa*, isto é, o hino terrível, que nos fez estremecer de terror no seio das nossas mães.

Aquele pequeno bando de marseheses atravessou as cidades e aldeias, espantando a França pelo ardor com que entoavam o novo canto.

Quando chegou a notícia de que estavam em Montereau, Barbaroux foi procurar Santerre.

Este prometeu-lhe que iria receber os marseheses a Charenton com quarenta mil homens.

Com os quarenta mil homens de Santerre e os seus quinhentos marseheses, Barbaroux tencionava fazer o seguinte:

Colocar os marseheses na frente, ganhar de um jacto a casa da câmara e a Assembléia, passar sobre as Tulherias, do mesmo modo que em 14 de Julho de 1789 se passara sobre a Bastilha, e, sobre as ruínas do palácio florentino, proclamar a república.

Barbaroux e Rebecqui foram a Charenton esperar Santerre e os seus quarenta mil homens.

Santerre chegou com duzentos homens!

Talvez que não quisesse dar aos marseheses, isto é, a estrangeiros, a glória de semelhante movimento.

Aquele pequeno bando de homens de olhos ardentes, rostos crestados e palavras estridentes, atravessaram toda a cidade de Paris desde o jardim do rei até aos Campos Elísios cantando a *Marselhesa*.

Para que havemos de dar a este hino um nome diverso do que geralmente se lhe dá?

Os marseheses deviam acampar nos Campos Elísios, onde os esperava um banquete no dia imediato.

O banquete foi-lhes dado; mas entre os Campos Elísios e a ponte Girante, a dois passos do festim, estavam aquartelados os batalhões de granadeiros no convento das Filhas de S. Tomás.

Era uma guarda realista, que o paço ali colocara como uma muralha entre ele e os recém-chegados.

Os marseheses e os granadeiros perceberam que eram inimigos mútuos. Começaram por trocar injúrias, e das injúrias passaram a vias de facto.

Ao primeiro sangue que se derramou, os marseheses gritaram às armas sobre as espingardas, que estavam ensarilhadas e carregaram à baioneta.

Os granadeiros parisienses foram derrotados no primeiro recontro: felizmente tinham na retaguarda as Tulherias e as portas de grades.

A ponte Girante protegeu-lhes a retirada e abriu-se ante os inimigos.

Os fugitivos encontraram asilo nos aposentos do rei.

Diz a tradição que um dos feridos foi tratado pela própria rainha.

Os confederados de Marselha, da Bretanha e do Delfinado eram cinco mil. Estes cinco mil homens eram uma potência, não pelo número, mas pela fé.

O espírito da revolução estava encarnado neles.

No dia 17 de Julho enviaram uma mensagem à Assembléia, do teor seguinte:

“Declarastes a pátria em perigo, mas não a deixeis estar em perigo, prolongando a impunidade dos traidores. Persegui Lafayette, suspendei o poder executivo, demiti os directórios dos departamentos e renovai o poder judicial”.

A 3 de Agosto, Pétion apresentou a mesma petição. Pétion, com a sua voz gelada, reclamava, em nome da comuna, o chamamento às armas.

É verdade que atrás dele estavam dois cães, que lhe mordiam nas pernas; Danton e Santerre.

A Comuna – diz Pétion – *denuncia-vos o poder executivo*. Para curar as enfermidades da França, cumpre atacá-las pela raiz e não perder um momento. Desejariamos poder pedir unicamente a suspensão momentânea de Luís XVI, mas a Constituição opõe-se a este desejo. Ele invoca constantemente a Constituição, e nós também a invocamos, *pedindo que seja deposto*.

É o rei de Paris quem denuncia o rei da França; é o rei da casa da câmara que declara guerra ao rei das Tulherias.

A Assembléia recuou diante da terrível medida que lhe propunham. A questão da deposição foi adiada para 9 de Agosto.

No dia 8 a Assembléia declarou que a acusação contra Lafayette não procedia.

A Assembléia recuava.

Qual seria a sua resolução no dia seguinte a respeito da deposição?

Colocar-se-ia em oposição com o povo?

Devia tomar sentido! A imprudente não sabia o que se passava?

A 3 de Agosto, no mesmo dia em que Pétion pediu que o rei fosse destronado, a população do bairro de Saint Marceau, cansada de morrer de fome numa luta, que nem era a paz nem a guerra, enviou comissionados à secção dos trezentos, os quais eram encarregados de dirigir aos seus irmãos do bairro de Santo António a seguinte pergunta:

“Se marcharmos sobre as Tulherias, marchareis connosco?”

“Marcharemos” – responderam os do bairro de Santo António.

A 4 de Agosto a Assembléia condenou a proclamação insurreccional da secção de Mauconseil.

No dia 5 a comuna recusou-se a publicar o decreto.

Como se não fosse bastante que o rei de Paris declarasse guerra ao rei da França, apresenta-se a comuna em oposição com a Assembléia.

Todos aqueles boatos de oposição contra os movimentos eram atribuídos aos marseheses.

Estes pediam em altas vozes que lhes distribuíssem cartuchos mas não lhos davam.

Na noite de 4, uma hora depois de se espalhar o boato de que a Assembléia condenara o acto insurreccional da secção de Mauconseil, apresentaram-se na *mairie* dois rapazes marseheses.

Estavam ali dois empregados municipais. Sergeant, que era o confidente de Danton e Panis que era criatura de Robespierre.

– Que pretendem? – perguntaram os dois magistrados.

– Queremos que nos dêem cartuchos – responderam os dois moços.

– Há proibição expressa de lhos dar – respondeu Panis.

– Proibição expressa de nos darem cartuchos! – redargüiu um deles; – mas está chegada a hora do combate, e nós não o podemos sustentar.

– Mandaram-nos vir a Paris para nos matarem! – bradou o outro.

Um deles tirou uma pistola da algibeira.

Sergeant sorriu.

– Temos ameaças, mancebo? – lhe disse ele. – Não é por meio das ameaças que haveis de intimidar dois membros da comuna.

– Quem é que fala de ameaças? – disse o mancebo. – Não aponto contra o senhor, mas

sim contra mim.

E apoiando a boca da pistola na testa, bradou:

– Dêem-nos pólvora e cartuchos, aliás, dou a minha palavra de marseilhês, que dispare contra mim.

Sergent tinha uma imaginação de artista, um coração francês e conheceu que o brado daquele mancebo era o grito de toda a França.

– Panis – disse ele – cumpre-nos ter cautela. Se este rapaz se suicidasse, o sangue dele cairia sobre nós.

– Mas se lhe distribuirmos pólvora, contra a ordem que temos, jogamos a nossa cabeça.

– Pois seja assim; creio que chegou a hora de jogarmos as nossas cabeças – disse Sergent; – em todo o caso, trabalhe cada qual por sua conta. Eu jogo a minha cabeça e tu podes deixar de imitar o meu exemplo.

E pegando num papel, passou a ordem para que se dessem cartuchos aos marselheses e assinou-a.

– Dá cá – disse Panis quando Sergent acabou.

E assinou-a também.

Podiam, pois, estar tranqüilos. Logo que os marselheses tivessem cartuchos, não se deixariam matar sem se defenderem.

Por isso, apenas os marselheses tiveram pólvora, a Assembléia não só recebeu de bom grado a mensagem, mas até admitiu os peticionários à sessão.

A Assembléia tinha medo, e por esse motivo, discutia entre si se devia retirar da capital.

Só Vergniaud a susteve. Porquê?

Oh! Quem não dirá que era para ficar ao pé da formosa Candeille que Vergniaud queria ficar em Paris?

O mais, pouco lhe importava.

– É em Paris – disse Vergniaud – que cumpre assegurar o triunfo da liberdade ou morrer com ela. Se deixarmos Paris, só o devemos fazer como Temístocles, como todos os cidadãos, deixando cinzas unicamente e fugindo momentaneamente diante do inimigo para lhe abrirmos a sepultura!

Por isso, todos duvidavam, todos hesitavam, todos sentiam que a terra lhes tremia debaixo dos pés, receando que o abismo se abrisse de um momento para o outro.

A 4 de Agosto, dia em que a Assembléia condenou a proclamação insurreccional da secção de Mauconseil, dia em que os dois marselheses fizeram com que Panis e Sergent distribuíssem cartuchos pelos seus quinhentos compatriotas, nesse mesmo dia havia reunião no Cadran-Bleu, no boulevard da Bastilha.

Naquela reunião achava-se Camilo Desmoulins por sua conta e por conta de Danton.

Carré tinha a pena na mão e traçava o plano da insurreição.

Traçado o plano, dirigiram-se a casa do ex-constituente António que morava na rua de Saint-Honoré, defronte da Assunção, em casa do marceneiro Duplay, onde também vivia Robespierre.

Robespierre não tinha parte alguma naquela conspiração, por isso, quando a Sr^a. Duplay viu que se instalava na casa de António todo aquele bando de perturbadores, subiu muito depressa ao quarto onde estavam reunidos e bradou muito aterrada por António:

– Então o senhor quer que venham assassinar o Sr. de Robespierre?!

– Não se trata agora de Robespierre – respondeu o ex-constituente – louvado seja Deus, ninguém se lembra dele. Se tem medo, que se esconda.

À meia-noite, estando feito o plano por Carré, enviaram-no a Santerre e a Alexandre, que eram os comandantes dos bairros.

Alexandre não punha dúvida em marchar; Santerre, porém, respondeu que o bairro não estava apercebido.

Santerre cumpria a palavra que dera à rainha no dia 20 de Junho.

No dia 10 de Agosto, não marchou senão quando não pôde deixar de marchar.

A insurreição tornou a ser adiada.

António dissera que ninguém se lembrava de Robespierre.

Enganava-se.

Os espíritos estavam tão perturbados, que alguém se lembrou de o tornar o motor de um movimento, a ele, que era o centro da imobilidade.

Quem foi que teve semelhante lembrança?

Barbaroux.

O ousado marselhês quase perdera todas as esperanças; estava disposto a sair de Paris e a regressar a Marselha.

Ouçamos a Sr^a. Roland:

“Pouco contávamos com a defesa do Norte, examinávamos com Servant e Barbaroux quais eram as probabilidades de salvar a liberdade no Meio-dia e de ali fundar uma república.”

“Tomávamos cartas geográficas e traçávamos linhas de demarcação.”

“Se os nossos marselheses não colherem êxito – dizia Barbaroux – será esse o nosso recurso.”

Mas Barbaroux julgou ter descoberto outro recurso; era o génio de Robespierre.

Ou talvez que fosse Robespierre que quisesse saber onde estava Barbaroux.

Os marselheses tinham abandonado o seu quartel, demasiado afastado, e tinham vindo estabelecer-se nos Franciscanos, isto é, ao alcance do Pont-Neuf.

Neste caso, os marselheses estavam em casa de Danton.

No caso de um movimento de insurreição, os terríveis marselheses saíam de casa de Danton.

E se o movimento tivesse bom êxito, seria Danton quem teria todas as honras dele.

Barbaroux pediu para ter uma entrevista com Robespierre.

Este mostrou condescender com os seus desejos e mandou dizer a Barbaroux e a Rebecqui que os esperava em casa.

Robespierre, como já dissemos, vivia em casa do marceneiro Duplay.

O acaso, como nos devemos lembrar, levava-o àquela habitação na noite da desordem no Campo de Marte.

Robespierre considerou aquele caso como uma bênção do Céu, não porque aquela hospitalidade o salvasse em semelhante ocasião de um perigo iminente, mas porque, com a maior naturalidade, começava a pôr em cena o seu futuro.

Para um homem que pretendia merecer o título de incorruptível, aquele domicílio era decerto o que melhor lhe convinha.

Mas não entrou logo. Tinha feito uma jornada a Arras, donde trouxera sua irmã, a Sr^a. Carlota de Robespierre, e residia na rua de Saint Florentin com aquela magra e seca senhora, a quem, trinta e oito anos depois, tivemos a honra de ser apresentado.

Robespierre caiu doente. A Sr^a. Duplay, que era fanática por ele, sabendo da sua enfermidade, foi tomar uma satisfação à Sr^a. Carlota Robespierre, por não a ter prevenido da doença do seu irmão, e exigiu que o enfermo fosse transportado para casa dela.

Robespierre não se opôs; o seu desejo, ao sair da casa dos Duplay, era entrar de novo lá como hóspede permanente.

A Sr^a. Duplay estava portanto em perfeito acordo com as suas combinações.

Ela, igualmente, sonhara com a honra de ter em sua casa o incorruptível, e preparou uma água-furtada acanhada, mas asseadíssima, para onde mandou transportar os melhores móveis da casa, e um leito muito taful, guarnecido de cortinados azuis e brancos, tal como convinha a um homem que, aos dezessete anos, se fizera retratar com uma rosa na mão.

A Sr^a. Duplay mandou fazer na água-furtada pelos oficiais de seu marido, umas estantes de pinho novas para ele pôr os seus livros e papéis.

Os livros eram poucos.

As obras de Racine e de João Jacques Rousseau formavam a biblioteca do austero jacobino: além daqueles dois autores, Robespierre não lia senão os seus escritos.

Por isso as estantes que sobravam estavam cheias com os seus escritos de advogado e com os seus discursos de tribuno.

As paredes estavam ornadas com todos os retratos que a fanática Sr^a. Duplay pudera obter do grande homem; e assim como a Robespierre só bastava estender o braço para ler os seus escritos, do mesmo modo, bastava-lhe voltar-se para aquele lado para ver reproduzidas as suas feições.

Barbaroux e Rebecqui foram introduzidos naquele santuário, naquele tabernáculo, naquele *sancta sanctorum*.

À excepção dos autores da cena, ninguém mais poderia dizer qual foi a alambicada astúcia com que ele entabulou a conversação.

Primeiramente falou dos marseheses, do seu pátriotismo e do receio que tinha de ver exagerar os melhores sentimentos.

Falou depois de si, dos serviços que prestara à revolução e da sábia fleuma com que a dirigira.

Mas não era tempo finalmente que aquela revolução parasse? Não chegava a hora em que todos os partidos se deviam reunir, escolher o homem popular entre todos, entregar-lhe a revolução nas mãos e encarregá-lo de lhe dirigir o movimento?

Rebecqui, porém, não o deixou continuar.

– Ah! Robespierre – lhe disse ele – bem sei onde pretendes chegar!

Robespierre recuou na cadeira, como se visse erguido diante de si uma serpente.

Rebecqui levantou-se e disse para Barbaroux:

– Não queremos rei, nem ditador; retiremo-nos.

E ambos saíram logo da trapeira do incorruptível.

Panis, que os trouxera, acompanhou-os até à rua, e disse-lhes:

– Ambos compreenderam muito mal o pensamento de Robespierre. Tratava-se simplesmente de uma autoridade momentânea, e se esta idéia fosse adoptada, ninguém, por certo, mais do que Robespierre...

Mas Barbaroux não o deixou concluir, e repetindo as palavras do companheiro, redarguiu-lhe:

– Nem rei, nem ditador.

E afastou-se dele.

XXXIII

Porque não quisera fugir a rainha

Aquilo em que se firmava a confiança das Tulherias, era o que causava o terror dos revolucionários.

As Tulherias, postas em estado de defesa, tinham-se convertido numa fortaleza com uma guarnição terrível.

No célebre dia 4 de Agosto, em que tanta coisa se fizera, a realeza, pela sua parte, não ficara inactiva.

Durante a noite de 4 para 5, mandaram chegar silenciosamente os batalhões suíços de Courbevoie para o palácio das Tulherias.

Apenas algumas companhias daqueles batalhões foram mandadas para Gaillon, onde era

provável que o rei se refugiasse.

Três homens seguros, três chefes experimentados estavam próximos da rainha.

Eram Maillardos com os seus suíços; d'Hervilly com os cavaleiros de S. Luís e a guarda constitucional, e Mandat, comandante geral da guarda nacional, que se responsabilizava por vinte mil homens resolutos e dedicados.

Na tarde do dia 8, penetrou um homem no palácio das Tulherias.

– Todos conheciam aquele homem, o qual, sem dificuldade, chegou aos aposentos da rainha.

O Dr. Gilberto foi anunciado.

– Mandem entrar – disse a rainha em voz febril.

Gilberto entrou.

– Ora venha, doutor – disse a rainha – dou-me por muito feliz em o ver.

Gilberto levantou os olhos para ela; em toda a pessoa de Maria Antonieta havia um não sei quê de alegria e satisfação, que o fez estremecer.

Teria preferido encontrar a rainha pálida e abatida, em vez de a ver tão febril e animada como estava.

– Minha senhora – disse Gilberto – vejo que chego muito tarde e em má ocasião.

– Pelo contrário, doutor – respondeu a rainha com um sorriso, expressão que quase lhe havia desaparecido da boca – vem muito a tempo, e bem-vindo seja: vai ver o que há muito tempo desejava mostrar-lhe: vai ver um rei verdadeiramente rei.

– Recceio, senhora – respondeu Gilberto – que vossa majestade se engane, e que em lugar de um rei me mostre o comandante de uma praça.

– Sr. Gilberto, é possível que não tenhamos a mesma opinião acerca do carácter simbólico da realeza, do mesmo modo que divergimos em outras muitas coisas... Quanto a mim, um rei, não é um homem que diz: *Não quero!* É especialmente um homem que diz: *Quero!*

A rainha fazia alusão ao célebre veto, que produzira a situação extrema em que se encontravam.

– Sim, senhora – respondeu Gilberto – e para vossa majestade um rei é principalmente um homem que se vinga.

– Que se defende, Sr. Gilberto, porque bem sabe que nos ameaçam publicamente e que tencionam agredir-nos com mão armada. Segundo nos afirmam, há quinhentos marselheses, capitaneados por um certo Barbaroux, que juraram sobre as ruínas da Bastilha não voltar a Marselha senão depois de haverem acampado sobre as ruínas das Tulherias.

– Efectivamente é certo que ouvi dizer isso – respondeu Gilberto.

– E não lhe deu vontade de rir?

– Não, senhora; pelo contrário, aterrou-me, tanto por el-rei, como por vossa majestade.

– De sorte que nos vem propor que abdicuemos e que nos entreguemos à discreção nas mãos de Barbaroux e dos seus marselheses.

– Ai, senhora, se o rei pudesse abdicar, e com o sacrifício da sua coroa garantir a sua vida, a de vossa majestade e a de seus reais filhos...

– Aconselhava-lhe que abdicasse, não é verdade, Sr. Gilberto?

– Sim, senhora, e lançava-me aos pés de vossa majestade, suplicando-lhe que seguisse o meu conselho.

– Sr. Gilberto, permita-me que lhe diga que não é firme nas suas opiniões.

– Senhora – disse Gilberto – a minha opinião é sempre a mesma: sou dedicado ao meu rei e à minha pátria. Desejava ver o rei de acordo com a Constituição. Deste desejo e das minhas decepções sucessivas nascem os diferentes conselhos, que tenho a honra de dar a vossa majestade.

– E qual é o conselho que nos dá, Sr. Gilberto?

– Nunca vossa majestade esteve mais no caso de o seguir do que nesta ocasião.

– Ora, vejamos.

– Aconselho que fuja.
– Que fuja?
– Vossa majestade bem sabe que é possível, e que nunca se lhe ofereceu tanta facilidade de fugir.

– Vejamos como isso é.
– Vossa majestade tem perto de três mil homens no palácio.
– Quase cinco mil, Sr. Gilberto – disse a rainha com um sorriso de satisfação – e teremos o dobro ao primeiro sinal que dermos.

– Vossa majestade não carece de fazer um sinal, que talvez lhe fosse interceptado; basta-lhe os seus cinco mil homens.

– Então, na sua opinião, Sr. Gilberto, o que devemos fazer com os nossos homens?

– Deve, pessoalmente, com el-rei e seus augustos filhos, colocar-se no meio deles, sair das Tulherias quando menos se espere, montar a cavalo a duas léguas distante daqui, e entrar em Gaillon e na Normandia, onde vossas majestades são esperadas.

– Isto é, entregar-me voluntariamente nas mãos do Sr. de Lafayette.

– Esse, ao menos, senhora, tem provado a vossa majestade a sua dedicação.

– Não, senhor, não. Com os meus cinco mil homens, e mais outros cinco mil que podem chegar ao primeiro sinal, prefiro tentar outra coisa.

– Qual é?

– Esmagar a revolta de uma vez para sempre.

– Ai, senhora! Tinham muita razão em dizer-me que vossa majestade estava condenada.

– E quem lho disse?

– Um homem que já falou três vezes a vossa majestade.

– Silêncio – disse a rainha empalidecendo – havemos de fazer a diligência para que o meu profeta fique mentiroso.

– Senhora, receio muito que vossa majestade se iluda.

– Pelo que vejo, o Sr. Gilberto é de opinião que eles nos hão-de atacar?

– São essas as tendências do espírito público.

– E julga que entrarão aqui, como entraram em 20 de Junho?

– O palácio das Tulherias não é uma praça de guerra.

– Não é; entretanto, se o Sr. Gilberto quiser vir comigo, mostrar-lhe-ei que este palácio pode resistir por algum tempo.

– O meu dever é acompanhar vossa majestade – disse Gilberto inclinando-se.

– Então, venha.

E conduzindo Gilberto à janela do centro, aquela que dá sobre a praça do Carrousel e donde se domina, não o pátio imenso que hoje se estende sobre a fachada do palácio, mas os três pequenos átrios cercados de muros, que não existiam, e que se chamavam os pavilhões de Flora, o átrio dos príncipes, o átrio do meio das Tulherias e outro, que se chamava pátio dos Suíços, e que hoje confina com a rua de Rivoli.

– Veja – disse a rainha.

Gilberto, notou, efectivamente, que se haviam feito aberturas nos muros, os quais podiam oferecer à guarnição um primeiro baluarte através das seteiras donde podiam fuzilar o povo.

Forçada aquela primeira defesa, a guarnição não só podia retirar para dentro das Tulherias, cujas portas faziam face para um átrio, mas ainda para os edificios laterais; de sorte que os patriotas, que se atrevessem a empenhar-se na luta dentro dos átrios, ficariam entre três fogos.

– Que diz a isto, Sr. Gilberto? – perguntou a rainha; – continuará ainda a aconselhar Barbaroux e os quinhentos marselheses a que tentem a empresa?

– Se aqueles homens, tão fanáticos como estão, pudessem ouvir os meus conselhos, faria para com eles quase a mesma coisa que aqui vim fazer. Disse a vossa majestade que não esperasse o ataque, e a eles pedir-lhes-ia que não atacassem.

– Mas é provável que prosseguissem no seu intento.

– Como vossa majestade prossegue no seu, senhora. A desgraça da humanidade está em pedir sempre conselhos para os não seguir!

– O Sr. Gilberto – disse a rainha sorrindo – esquece-se de que o seu conselho não foi pedido.

– É verdade senhora, tem vossa majestade razão – disse Gilberto dando um passo para trás.

– E por isso muito maior é a nossa gratidão – redargüiu a rainha estendendo a mão para o Dr. Gilberto.

Um pálido sorriso de dúvida deslizou nos lábios de Gilberto.

Naquele momento entravam publicamente alguns carros carregados de pranchas de carvalho nos pátios das Tulherias, onde eram esperados por alguns homens à paisana, que facilmente se conhecia serem militares.

Aqueles homens mandavam serrar às pranchas no comprimento de seis pés e com a grossura de três polegadas.

– Sabe quem são aqueles homens? – perguntou a rainha.

– Segundo me parece, são engenheiros – respondeu Gilberto.

– É verdade; e preparam-se, como vê, para *blindar* as janelas, reservando as seteiras unicamente para fazer fogo.

Gilberto olhou melancolicamente para a rainha.

– Que tem, Sr. Gilberto? – lhe perguntou Maria Antonieta.

– Lamento sinceramente a vossa majestade por ter obrigado a sua memória a decorar esses nomes e sua real boca a proferi-los.

– Então que quer? Há circunstâncias em que é necessário que as mulheres façam as vezes de homens; é quando os homens...

A rainha deteve-se.

Depois, como que acabando, não a frase, mas o seu pensamento, continuou:

– Mas, enfim, el-rei está agora finalmente decidido.

– Senhora – disse Gilberto – uma vez que vossa majestade está resolvida a tentar um terrível extremo, de que pretende fazer a sua tábua de salvação, espero que estejam em bom estado de defesa todos os aroxes do palácio; assim, por exemplo, as galerias do Louvre...

– Deveras que me faz pensar nisso. Venha comigo, Sr. Gilberto, desejo ter a certeza de que se executaram as ordens que dei.

E a rainha conduziu Gilberto através dos aposentos até à porta do pavilhão de Flora, que dá sobre a galeria dos quadros.

Logo que se abriu a porta, Gilberto viu alguns operários ocupando-se em cortar a galeria, num espaço da largura de vinte pés.

– Vê? – disse a rainha.

Depois falando ao oficial que dirigia os trabalhos:

– Então, o Sr. d'Hervilly?

– Ai, senhora, se os rebeldes nos derem vinte e quatro horas para trabalhar, conto que hão-de ser muito bem recebidos.

– Julga que nos dêem vinte e quatro horas, Sr. Gilberto? – perguntou a rainha ao doutor.

– Se houver alguma coisa, senhora, será no dia 10 de Agosto.

– O dia 10 é uma sexta-feira; mau dia para uma revolta, Sr. Gilberto; julgava que os rebeldes teriam o bom senso de escolher um domingo.

E dizendo isto, a rainha caminhou adiante do Dr. Gilberto.

Ao sair da galeria encontraram um homem uniformizado de oficial-general.

– Já tomou as suas disposições, Sr. Mandat? – lhe perguntou a rainha.

– Sim, senhora – respondeu o comandante geral olhando inquieto para Gilberto.

– Pode falar diante deste senhor. É um amigo nosso – disse a rainha. – Não é verdade, doutor?

– Sim, senhora – respondeu Gilberto. – E sou um amigo dos mais dedicados.

– Nesse caso – disse Mandat, – o negócio muda de figura. Está um corpo da guarda nacional estacionado na casa da câmara, e há outro no Pont-Neuf; ambos deixarão passar os rebeldes, e enquanto o Sr. d'Hervilly com a sua força, e o Sr. Maillardos com os seus suíços receberem de frente os facciosos, aqueles dois corpos lhes cortarão a retirada e os esmagarão pela retaguarda.

– Bem vê, o Sr. Gilberto – disse a rainha – que o seu 10 de Agosto não há-de ser um 20 de Junho.

– Ai, senhora – disse Gilberto – confesso que tenho medo.

– Por nosso respeito... Por nosso respeito? – insistiu a rainha.

– Senhora, vossa majestade já sabe o que tive a honra de lhe dizer. Tanto a dissuadi da viagem de Varennes...

– Sim, quanto hoje nos aconselha que vamos para Gaillon. Terá tempo de nos acompanhar até às salas do pavimento inferior Sr. Gilberto?

– Por certo, real senhora.

– Então, venha.

A rainha encaminhou-se por uma escada de caracol, que conduzia às casas do rés-do-chão.

Este pavimento do palácio era um verdadeiro acampamento, era como que um campo, fortificado pelos suíços.

Já todas as janelas estavam blindadas, como dissera a rainha.

Maria Antonieta dirigiu-se ao coronel e disse-lhe:

– Sr. Maillardos, que notícias me dá dos seus soldados?

– Que estão prontos, assim como eu, para morrer em defesa de vossa majestade.

– Hão-de defender-nos até à última extremidade.

– Senhora, se o combate se empenhar, o fogo não há-de cessar sem uma ordem escrita de el-rei.

– Vê, Sr. Gilberto – disse a rainha – fora do recinto deste palácio é possível que tudo nos seja hostil; mas no interior dele, tudo se nos conserva fiel.

– Isso é uma consolação, senhora, mas não é uma segurança.

– Sabe que mais, doutor, acho-o hoje fúnebre.

– Vossa majestade conduziu-me até onde foi da sua vontade; dignar-se-á agora que eu a acompanhe aos seus aposentos?

– Da melhor vontade, doutor; mas estou cansada, dê-me o braço.

Gilberto inclinou-se diante daquele favor, raras vezes concedido pela rainha, mesmo às pessoas da sua maior intimidade, mormente depois dos acontecimentos da revolução.

Gilberto conduziu a rainha ao quarto de cama.

Chegando àquela câmara, Maria Antonieta deixou-se cair numa cadeira de braços.

Gilberto pôs um joelho em terra diante dela e disse-lhe:

– Senhora, em nome do seu augusto esposo, em nome dos seus queridos filhos, em nome da sua própria segurança, suplico a vossa majestade que se sirva das forças de que dispõe, não para combater, mas para fugir.

– Sr. Dr. Gilberto – respondeu a rainha – desde o dia 14 de Julho que aspiro a ver el-rei tirar a sua desforra. Está chegado o momento, ao menos assim o acreditamos, de salvar a realeza, ou de a sepultarmos debaixo das ruínas das Tulherias.

– Senhora, não haverá nada que faça vossa majestade mudar de resolução?

– Nada.

E ao mesmo tempo a rainha estendeu a mão a Gilberto, tanto para lhe dar sinal de que se levantasse, como para lhe dar a beijar.

Gilberto beijou-lhe a mão respeitosamente, e erguendo-se, disse-lhe:

– Senhora, permitir-me-á vossa majestade que eu escreva algumas linhas, as quais

considero tão urgentes, que não quero demorá-las um minuto?

– Pois não, Sr. Gilberto – respondeu a rainha apontando-lhe para uma mesa.

Gilberto assentou-se e escreveu as seguintes linhas:

“Venha, senhor, a rainha está em perigo de morte, se alguém da sua íntima amizade não a resolver a fugir, e creio que V. Ex.^a é a única pessoa que pode ter esta influência em sua majestade”.

Gilberto assinou e sobrescreitou.

– Sem que seja muito curiosa – disse a rainha – posso saber a quem escreveu?

– Ao Sr. de Charny.

– Ao Sr. de Charny! – bradou a rainha pálida e trémula; – para quê?

– Para que obtenha de vossa majestade o que me não foi possível alcançar.

– O Sr. de Charny – disse a rainha – é muito feliz para que pense agora nos infelizes, e não há-de vir.

Neste momento abriu-se a porta, e entrando um criado, disse:

– O Sr. de Charny, que chega neste instante, pergunta se pode apresentar os seus respeitos a vossa majestade.

A rainha de pálida que estava, tornou-se lívida, e balbuciou algumas palavras ininteligíveis.

– Que entre! Que entre! É o Céu que o envia! – disse Gilberto.

– Charny apareceu no limiar da porta, fardado de oficial de marinha.

– Venha, venha, Sr. conde – lhe disse Gilberto – Neste mesmo instante acabei de lhe escrever.

– Fui informado do perigo que ameaçava sua majestade e vim imediatamente – disse Charny inclinando-se.

– Senhora – disse Gilberto – em nome do Céu, ouça vossa majestade o que lhe disser o Sr. de Charny, porque a sua voz será a voz da França.

E cumprimentando respeitosamente a rainha e o Conde, Gilberto, saiu, nutrindo uma derradeira esperança.

XXXIV

A noite de 9 para 10 de Agosto

Permitam agora os nossos leitores que os transportemos a uma casa da rua de l’Ancienne-Comédie, próximo da rua Daufine.

No primeiro andar morava Fréron.

Passemos-lhe pela porta a que bateríamos inutilmente, porque ele está no segundo andar, em casa do seu amigo Camilo Desmoulins.

Enquanto subimos os dezessete degraus que separam um andar do outro, digamos rapidamente quem era Fréron.

Dinis Estanislau Fréron era filho do célebre Eliséo Catharine Fréron, atacado por Voltaire com tanta injustiça e crueldade. Quando hoje se lêem os artigos de crítica dirigidos pelo jornalista contra o autor da *Donzela*, do *Dicionário Filosófico* e de *Mafoma*, admiramo-nos de ver que o jornalista dizia exactamente em 1754 o mesmo que nós pensamos em 1854, isto é, cem anos depois.

Fréron, que tinha então trinta e cinco anos, irritado pelas injustiças de que seu pai fora vítima, a ponto de morrer de desgosto em 1776, em consequência de ter o guarda-selos Mirasménil suprimido o seu jornal o *Ano literário*; Fréron abraçara com entusiasmo os princípios revolucionários e publicava, ou digamos, preparava-se para publicar naquela época o *Orador do*

Povo.

Na noite de 9 de Agosto, estava ele, como já dissemos, em casa de Camilo Desmoulins, com quem ceava Brune, o futuro marechal de França, naquele tempo revisor de provas numa tipografia.

Barbaroux e Rebecqui eram os outros dois convivas.

Aquela refeição assistia uma única mulher.

Uma tal ceia tinha uma semelhança com a refeição que tomavam os mártires antes de caminharem para o circo, e que se chamava o jantar livre.

Aquela mulher era Lucília.

Nome meigo, mulher encantadora, que deixou uma dolorosa recordação nos anais da revolução.

Não te poderemos acompanhar nesta obra, pelo menos até ao cadafalso, onde quisesse subir, criatura amante e poética, porque era esse o caminho mais curto para te reunires a teu marido; mas de passagem vamos esboçar as tuas feições em dois traços, pois bem o mereces.

Pobre criatura! De ti apenas resta um retrato. Morreste tão moça, que o pintor foi, por assim dizer obrigado a retratar-te de passagem.

O retrato a que nos referimos é uma miniatura, que vimos na admirável colecção do coronel Morin, colecção que não obstante ser muito preciosa, deixaram dispersar por falecimento daquele homem que com tanta complacência punha à nossa disposição os seus tesouros.

Naquele retrato de Lucília parece que ela era baixinha, bonita e traquinas. Nas feições do rosto nota-se-lhe alguma coisa de essencialmente plebeu.

Lucília, assim como a Sr^a. Roland, era oriunda de uma família plebeia.

O pai era caixeiro de comércio e a mãe uma linda mulher, que alguém pretendia que fora amante do ministro Terray.

Chamava-se Lucília Duplessis-Laridon.

Em 1791, um casamento de inclinação uniu aquela rapariga, que era rica em relação ao marido, àquele rapaz terrível, ao gaiato de génio, que se chamava Camilo.

Camilo, pobre, feio, falando com dificuldade, por causa de um vício de pronúncia que o impediu de ser orador, mas que o tornou o escritor que todos conhecem, Camilo encantou-a, tanto pela finura do espírito, como pela bondade do coração.

Camilo, apesar de ser da opinião de Mirabeau, que dizia que nunca se havia de conseguir nada da revolução se não a descristianizassem, Camilo casou na igreja de S. Sulpício, na conformidade do rito católico; mas em 1792, tendo sua mulher dado à luz um filho, levou-o à casa da câmara e reclamou para ele a lei da Assembléia Constituinte, isto é, o baptismo republicano.

Era ali, no quarto do segundo andar da casa da rua de l'Ancienne-Comédie que, com grande terror, mas ao mesmo tempo com grande orgulho de Lucília, se acabava de desenvolver todo o plano da insurreição que Barbaroux confessava ingenuamente ter enviado, três dias antes, à sua lavadeira nuns calções de ganga amarela.

Por isso Barbaroux, que não tinha demasiada confiança no golpe que ele mesmo preparara e que receava cair no poder do paço vitorioso, mostrou com uma simplicidade, digna dos tempos antigos, um veneno semelhante àquele que Cabanis preparara para Condorcet.

No começo da ceia, Camilo, que tinha tão poucas esperanças como Barbaroux, disse, levantando o copo para não ser entendido por Lucília:

*"Edamus et bibamus cras enim moriemur."*⁹

Mas Lucília compreendeu o sentido daquelas palavras.

— Ora para que servirá estares falando numa língua que eu não entendo? — disse ela — Adivinho muito bem o que dizes. Vai Camilo, e fica descansado que não serei eu que obste a que cumpras a tua missão.

⁹ Comamos e bebamos, porque morreremos amanhã.

Certos destes sentimentos, os homens começaram a falar alto e em plena liberdade.

Fréron era o mais resoluto de todos; era notório que ele amava uma mulher sem esperança de ser correspondido, mas não se sabia quem fosse essa mulher.

A sua desesperação, quando Lucília morreu, revelou aquele segredo fatal.

– E tu, Fréron, tens veneno? – lhe perguntou Camilo Desmoulins.

– Se não conseguirmos o que queremos amanhã, façam com que me matem; estou cansado da vida, e só procuro um pretexto para morrer.

Rebecqui era quem tinha maiores esperanças.

– Conheço os meus marseheses – dizia ele; – fui eu que os escolhi pela minha mão, e tenho a maior confiança neles; do primeiro ao último, nenhum recua.

Depois da ceia propuseram dirigir-se a casa de Danton.

Barbaroux e Rebecqui recusaram, dizendo que eram esperados no quartel dos marseheses.

Era ali perto, apenas vinte passos de distância da casa de Camilo Desmoulins.

Fréron tinha de encontrar-se na Comuna com Sergent e Manuel.

Brune ia passar a noite a casa de Santerre.

Cada um deles estava ligado ao acontecimento por um fio, que lhe era particular.

Separaram-se. Só Camilo e Lucília foram a casa de Danton.

Os dois casais viviam em estreita amizade, tanto os maridos como as esposas.

Danton era um homem muito conhecido, e até nós, já por mais de uma vez temos reproduzido o seu retrato.

Sua mulher era menos conhecida, e digamos a seu respeito algumas palavras.

Era ainda em casa do coronel Morin que se podia encontrar uma recordação daquela mulher notável, que foi para seu marido objecto de profunda veneração.

Mas Morin não possuía o retrato dela em miniatura, como o de Lucília; tinha o busto dela em gesso.

Michelet julga que o busto foi vazado depois do falecimento daquela senhora.

A bondade, a serenidade e a força moral constituíam o seu carácter.

Posto que não padecesse ainda da enfermidade que a matou em 1793, já era triste e inquieta, como se, estando tão próxima da morte, tivesse conhecimento do futuro.

Acrescenta a tradição que era tímida e religiosa.

Entretanto, apesar da sua timidez e devoção, pronunciou-se vigorosamente um dia, não obstante a sua opinião ser oposta à opinião dos seus parentes.

Isto aconteceu quando declarou que queria casar com Danton.

Como acontecera com Lucília a respeito de Camilo Desmoulins, assim também ela, por detrás da face sombria e desfigurada do esposo, no homem ignorado e sem fortuna, conhecera o deus, que a devia devorar quando se lhe revelasse, à semelhança do que sucedera a Semeie com Júpiter.

Conhecia que era terrível e tempestuosa a fortuna, à qual se ia ligar a mesquinha criatura; mas talvez que na sua resolução houvesse tanta devoção, quanto era o amor que ela tinha por aquele anjo das trevas e da luz, que devia ter a funesta honra de resumir uma das três grandes épocas – a de 1792 – ao mesmo modo que Mirabeau resume a de 1791 e Robespierre a de 1793.

Quando Camilo e Lucília chegaram a casa de Danton, a mulher correu para a mulher, e o homem para o homem.

Elas abraçaram-se e eles apertaram a mão.

– Parece-te que haja amanhã alguma coisa importante? – perguntou Camilo.

– Espero que sim – respondeu Danton; – Santerre está frio. Felizmente, na minha opinião, o negócio de amanhã não é de interesse individual. Devemos contar com a irritação da miséria, com a indignação pública, com o sentimento da aproximação do inimigo e com a convicção de que a França é atraída. Em quarenta e oito secções, quarenta e sete votaram pela deposição do rei, cada uma delas nomeou três comissários para se reunirem à Comuna e salvarem

a pátria.

– Salvar a pátria, é um termo muito vago – disse Camilo meneando a cabeça.

– Sim, mas também é muito extenso.

– E Marat? E Robespierre?

– Naturalmente, ninguém os viu, um está escondido na sua água-furtada e o outro no seu subterrâneo. Quando o negócio estiver concluído, ver-se-á como eles aparecem, um como uma doninha e outro como um mocho.

– E Pétion?

– Bem esperto será quem souber o partido que segue. No dia 4 declarou guerra ao paço; no dia 8 preveniu os departamentos de que não se responsabilizava pela segurança do rei. Esta manhã propôs que se estabelecessem guardas nacionais na praça do Carroussel; à tarde pediu aos departamentos vinte mil francos para fazer regressar os marselheses.

– Ele quer embalar o paço – disse Camilo Desmoulins.

– Assim o julgo – disse Danton.

Neste momento entrou outro par; era o Sr. e a Sr^a. Robert.

Devemo-nos lembrar de que a Sr^a. Robert, no dia 17 de Julho de 1791, ditava sobre o altar da pátria a célebre petição que seu marido escrevia.

Muito ao contrário dos outros dois pares, em que os maridos eram superiores às esposas, neste, a mulher era superior ao marido.

Robert era um homem de trinta e cinco a quarenta anos, membro do clube dos Franciscanos, dotado de mais patriotismo do que talento, com muita dificuldade para escrever, grande inimigo de Lafayette e muito ambicioso, se dermos crédito às memórias da Sr^a. Roland.

A Sr^a. Robert, cujo apelido em solteira era Keralio, era bretã por parte do pai; tinha então trinta e quatro anos, era baixa, viva, espirituosa e altiva.

Educada por seu pai, Guinemente Kéralio, cavaleiro da ordem de S. Luís, membro da Academia das inscrições, que contava entre os seus discípulos um jovem corso, cuja fortuna gigantesca estava longe de prever, foi-se insensivelmente transformando em erudita e mulher de letras. Aos dezessete anos, escrevia, traduzia, compilava; aos dezoito tinha escrito um romance intitulado *Adelaide*. Como o ordenado não lhe bastasse para viver, o pai escrevia no *Mercúrio* e no *Jornal dos Sábios*, e mais de uma vez assinou ele, nestes jornais, artigos escritos por sua filha, que estavam muito longe de fazer ofensa aos seus.

Foi deste modo que conseguiu conquistar a vivacidade, a rapidez e o ardor do espírito que a tornava um dos mais infatigáveis escritores dos jornais.

O Sr. e a Sr^a. Robert chegavam do bairro de Santo António.

O aspecto naquele bairro era extraordinário.

A noite estava bela, suavemente clara e pacífica na aparência; ninguém, ou quase ninguém se encontrava pelas ruas.

Mas todas as janelas estavam iluminadas.

Parecia que todos aqueles lumes ardiam para tornar a noite mais clara.

Produzia um efeito sinistro.

Não era uma iluminação festiva.

Não era também um clarão, semelhante ao que se encontra no quarto de um finado.

Conhecia-se, de alguma sorte, que o bairro dormia um sono febril.

No momento em que a Sr^a. Robert acabava a sua narração, o som de um sino fez estremecer todos os circunstantes.

Era a primeira badalada que soava no convento dos Franciscanos.

– Bom – disse Danton – isto é obra dos nossos marselheses; sempre desconfiei de que seriam eles os primeiros a dar o sinal.

As mulheres olharam umas para as outras com terror; a Sr^a. Danton, especialmente, tinha no rosto sinais muito pronunciados de grande susto.

– É o sinal para se atacar o paço – disse a Sr^a. Robert.

Ninguém lhe respondeu; mas Camilo Desmoulins, que à primeira badalada entrara no quarto contíguo, voltou à sala com uma espingarda na mão.

Lucília soltou um ai! Conhecendo, porém, que naquela hora suprema não tinha direito de afrouxar o ânimo do homem que amava, arremessou-se para a alcova da Sr^a. Danton, caiu de joelhos, encostou a cabeça ao leito e começou a chorar.

Camilo dirigiu-se a ela e disse:

– Fica descansada; não me hei-de separar de Danton.

Os homens saíram: a mulher de Danton parecia que estava próximo a dar a alma a Deus. A Sr^a. Robert, pendurada ao pescoço do marido, queria absolutamente acompanhá-lo.

As três mulheres ficaram sós.

A Sr^a. Danton estava assentada e no maior abatimento; Lucília estava de joelhos e chorava; a Sr^a. Robert passeava pelo quarto muito agitada, e sem pensar que as suas palavras fossem outras tantas punhaladas para o coração da Sr^a. Danton, dizia:

– Tudo isto, tudo isto é por culpa de Danton. Se meu marido morrer, morrerei com ele, mas antes de morrer, hei-de apunhalar Danton.

Deste modo passaram quase uma hora.

Ouviu-se de repente abrir a porta do patamar.

A Sr^a. Robert precipitou-se para a escada, Lucília ergueu a cabeça e a Sr^a. Danton ficou imóvel.

Era Danton que entrava.

– Só! – exclamou a Sr^a. Robert.

– Esteja descansada, que de hoje para amanhã nada haverá.

– Mas onde está o Camilo? – perguntou Lucília.

– Onde está o Roberto? – perguntou a mulher deste.

– Estão no convento dos Franciscanos redigindo uma proclamação para se pegar em armas. Venho dar-lhes notícias deles e dizer-lhes que não há-de haver nada esta noite, e a prova é que vou dormir.

E com efeito, Danton deitou-se vestido em cima da cama, e cinco minutos depois dormia muito tranqüilo, como se naquele momento não se decidisse uma questão de vida ou de morte entre a realza e o povo.

À uma hora da noite, recolheu-se Camilo.

– Venho dar-lhe notícias de Robert – disse ele; – foi à Comuna levar as nossas reclamações. Não esteja com cuidado. A coisa ficou adiada para amanhã, e Deus sabe o que será ainda.

Dizendo isto, Camilo meneou a cabeça como um homem que duvida.

E encostando-se ao ombro de Lucília, adormeceu também.

Haveria pouco mais de meia hora que ele dormia, quando alguém bateu à porta.

A Sr^a. Robert foi abrir.

Era o marido.

Robert vinha buscar Danton da parte da Comuna e foi acordá-lo.

– Vão para o diabo, deixem-me dormir – bradou Danton – amanhã também é dia.

Robert e sua esposa saíram e recolheram-se a casa.

Meia hora depois, alguém tornou a bater à porta.

A Sr^a. Danton foi abrir.

Introduziu em casa um mancebo alto e louro, que teria vinte anos de idade; trajava o uniforme de capitão da guarda nacional, e trazia uma espingarda na mão.

– O Sr. Danton? – perguntou ele.

– Amiguinho! – disse a Sr^a. Danton acordando o marido.

– Outra vez! – exclamou ele.

– Sr. Danton – disse o mancebo louro – estão à sua espera.

– Onde?

– Na Comuna.
 – Quem espera por mim?
 – Os comissários das secções e particularmente o Sr. Billot.
 – Ora o diabo do homem! Está bom, diga ao Billot que já lá vou.
 Olhando depois para o mancebo, cujas feições lhe eram desconhecidas, e que, sendo ainda tão novo, já trazia o uniforme de uma patente superior, disse-lhe:
 – Peço desculpa, meu oficial, mas quem é o senhor?
 – Ângelo Pitou, capitão da guarda nacional de Haramont.
 – Ah! Ah!
 – Antigo vencedor da Bastilha.
 – Bom.
 – Recebi ontem uma carta do Sr. Billot, na qual me dizia que provavelmente haveria brincadeira por cá, e que havia necessidade de todos os bons patriotas.
 – E então?
 – Parti com aqueles dos meus soldados que me quiseram acompanhar, mas como eles são menos caminheiros do que eu, ficaram em Dammartin, mas amanhã cedinho estarão cá.
 – Em Dammartin? – perguntou Danton; – mas é distante daqui oito léguas?
 – Sim, Sr. Danton.
 – E Haramont a quantas léguas fica de Paris?
 – Dezenove; nós saímos de lá esta manhã às cinco horas.
 – Então andou hoje dezenove léguas?
 – Andei sim, Sr. Danton.
 – E quando chegou?
 – Às dez horas da noite. Perguntei pelo Sr. Billot, disseram-me que estava provavelmente no bairro de Santo António, em casa do Sr. Santerre. Fui lá mas disseram-me que não o tinham visto; mandaram-me para os Franciscanos e dos Franciscanos para a casa da câmara.
 – E encontrou-o na casa da câmara?
 – Sim, senhor. Foi lá que ele me disse a sua morada e me perguntou:
 “–Tu não estás cansado, não é verdade, Pitou?”
 “–Não, Sr. Billot.”
 “– Pois então vai dizer a Danton que é um preguiçoso, e que cá estamos à espera dele”.
 – Com todos os diabos! – exclamou Danton saltando agilmente da cama abaixo – este rapaz envergonha-me. Vamos, meu amigo, vamos.
 Foi dar um beijo na mulher e saiu com Pitou.
 A Sr^a. Danton deu um gemido fraco e encostou a cabeça numa cadeira.
 Lucília julgou que ela estava chorando e respeitou o desgosto da sua amiga.
 Vendo, porém, que não se movia, foi acordar Camilo.
 Dirigindo-se depois à Sr^a. Danton, encontrou-a desfalecida.
 Os primeiros raios da aurora penetravam pelas janelas.
 O dia mostrava que havia de estar belo, mas, como se fosse um agouro nefasto, o Céu estava cor de sangue.

XXXV

A noite de 9 para 10 de Agosto

Já dissemos o que se passava na casa dos tribunos; digamos agora o que se passava dali a trezentos passos, na casa dos reis.

Nesta também choravam mulheres e crianças.

Choravam mais abundantemente talvez, porque, como disse Chateaubriand, os olhos dos príncipes contêm maior quantidade de lágrimas.

Entretanto, façamos a cada um a justiça que lhe é devida.

A princesa Isabel e a de Lamballe choravam e oravam.

A rainha não orava, mas chorava.

Tinham ceado à hora do costume; coisa alguma era capaz de fazer com que o rei alterasse a hora das suas refeições.

Levantou-se da mesa, e enquanto as princesas Isabel e de Lamballe se dirigiam à casa conhecida pelo nome do gabinete do conselho, onde segundo o que se havia ajustado, a família real passaria a noite para ouvir os relatórios, a rainha chamou o rei de parte e quis levá-lo consigo.

– Aonde me conduz, senhora? – perguntou o rei.

– Ao meu quarto: não quer pôr o colete, de que se serviu no dia 14 de Julho último?

– Senhora – respondeu o rei – podia servir para me livrar da bala ou do punhal de um assassino num dia de cerimónia ou de conspiração; porém num dia de combate, quando os meus amigos se expõem por mim, seria uma cobardia não me expor eu com eles.

Ditas estas palavras, o rei deixou a rainha, e entrou no seu quarto, onde se fechou com o confessor.

A rainha foi reunir-se com as princesas Isabel e de Lamballe no gabinete do conselho.

– O que está fazendo el-rei? – perguntou a Sr^a. de Lamballe.

– El-rei está confessando-se – respondeu a rainha com um acento impossível de exprimir.

Neste momento abriu-se a porta e entrou Charny.

Estava muito pálido, mas perfeitamente tranqüilo.

– Pode falar-se a el-rei? – perguntou ele à rainha inclinando-se.

– Neste momento – respondeu a rainha – o rei sou eu.

Charny apesar de saber isto melhor do que outro qualquer, insistiu.

– Pode subir ao quarto – disse a rainha – mas afianço-lhe que o vai incomodar.

– Compreendo, el-rei está com o Sr. Pétion, que chegou agora mesmo.

– Não; el-rei está com o seu confessor.

– Será então a vossa majestade que farei o meu relatório como major e general do castelo.

– Sim, senhor; se o quer fazer, estou pronta a ouvi-lo.

– Vou pois mostrar a vossa majestade qual é o efectivo das nossas forças. A gendarmaria montada, comandada pelos srs. Rhulhières de Verdière, em força de seiscentos homens, está formada em batalha na grande praça do Louvre. A gendarmaria a pé do Paris, intramuros, está postada nas cavaliças; uma força de trinta homens foi destacada para o palácio de Tolosa para proteger, em caso de necessidade, a caixa da tesouraria. A gendarmaria a pé, extramuros, composta de trinta homens, está postada na escada de el-rei no palácio dos Príncipes. No Olho de Boi e nas salas contíguas estão reunidos duzentos oficiais ou soldados da antiga guarda, cem mancebos realistas, outros tantos gentis-homens, ao todo trezentos e cinquenta ou quatrocentos combatentes. Duzentos ou trezentos guardas nacionais estão espalhados pelos pátios e jardins; finalmente, quinhentos suíços, os quais são a verdadeira força do castelo, acabam de ser colocados em diferentes postos, sob o grande vestíbulo e nas escadas, que tem a seu cargo defender.

– E então, senhor – perguntou a rainha – essas medidas todas não lhe inspiram confiança?

– Nada me inspira confiança quando se trata da salvação de vossa majestade.

– Pelo que ouço, senhor, continua a opinar pela fuga?

– A minha opinião é colocar vossa majestade, el-rei e os augustos príncipes no meio de nós.

A rainha fez um movimento.

– Lafayette repugna a vossa majestade, mas parece-me que tem confiança no duque de

Liancourt, que está em Rouen. Este fidalgo, senhora, alugou a casa de um fidalgo inglês, por nome Canning; o governador da província fez-lhe jurar fidelidade a el-rei; o regimento suíço de Salis Samade, com o qual se pode contar, está estacionado na estrada; tudo está tranqüilo; saíamos pela ponte Tournant; ganhemos a barreira da Estrela, aonde nos esperam trezentos homens de cavalaria da guarda; facilmente reuniremos quinhentos homens em Versalhes, e com quatro mil homens comprometo-me a conduzir vossa majestade aonde me ordenar.

– Obrigada, Sr. de Charny – respondeu a rainha – aprecio a dedicação, que lhe faz abandonar as pessoas que ama para vir oferecer os seus serviços a uma estrangeira.

– Vossa majestade não me faz justiça – disse Charny interrompendo a rainha; – a existência da minha soberana será sempre para mim a mais preciosa das existências, assim como o dever será sempre para mim a mais preciosa das virtudes.

– O dever, sim, senhor – murmurou a rainha – mas eu, visto que cada um faz o seu dever, julgo também compreender o meu, e consiste em conservar a realza nobre e digna em fazer todo o possível para que, se a ferirem, seja ferida de pé, e para que, se cair, caia dignamente, como faziam os gladiadores antigos, que procuravam morrer com graça.

– É essa a resolução de vossa majestade?

– É principalmente o meu último desejo.

Charny despediu-se e encontrando à porta a Sr^a. Campan, que vinha ter com as princesas, disse:

– Convide suas altezas, a que metam nas algibeiras o que tiverem de mais precioso; pode suceder que de um momento para o outro sejamos obrigados a sair do castelo.

E enquanto a Sr^a. Campan ia fazer este convite às princesas, Charny chegou-se à rainha.

– Senhora – disse ele – é impossível que vossa majestade não tenha outra esperança além do apoio na nossa força material; se a tem diga-mo, lembre-se de que amanhã a esta hora hei-de dar conta aos homens ou a Deus daquilo que aqui se passar.

– Está bem, senhor – disse a rainha – Pétion deve ter recebido duzentos mil francos e Danton cinqüenta mil; Danton prometeu ficar em casa e Pétion comprometeu-se a vir ao palácio.

– E tem vossa majestade confiança nas pessoas que encarregou destas comissões?

– Não disse já que Pétion se comprometeu a vir ao palácio?

– Sim, senhora.

– Bem vê que já é alguma coisa.

– Mas afirmaram-me que foi preciso mandarem-lhe três recados.

– Se for por nós – disse a rainha – ele deve, quando falar a el-rei, pôr o índice no olho direito.

– Mas se não quiser ser dos nossos?

– Se não for dos nossos é nosso prisioneiro, e eu vou dar as minhas ordens mais positivas para não o deixarem sair do palácio.

Neste momento ouviu-se vibrar um sino.

– Que é isto? – disse a rainha.

– É o toque de rebate – respondeu Charny.

As princesas levantaram-se assustadas.

– De que se assustam? – disse a rainha; – bem vêem que é a trombeta dos facciosos.

– Senhora – disse Charny, que parecia mais agitado do que a rainha – vou saber se o sino anuncia coisa de grande gravidade.

– E torná-lo-ei a ver? – perguntou vivamente a rainha.

– Vim pôr-me às ordens de vossa majestade, e só deixarei este posto quando cessar o perigo.

Charny fez uma vénia e saiu.

A rainha ficou por um instante pensativa.

– Vamos ver se o rei já se confessou – murmurou ela.

E também saiu.

Entretanto a princesa Isabel tirava algum fato para se deitar com mais comodidade sobre um canapé.

Tirou um broche de coralina e mostrou-o à Sr^a. Campan; era uma pedra gravada.

A gravura apresentava um ramo de flores de lis com uma legenda.

– Leia – disse a princesa Isabel.

A Sr^a. Campan chegou-se à luz de um candeeiro e leu o seguinte:

Esquecei as ofensas, perdoai as injúrias.

– Muito receio – disse a princesa – que esta máxima tenha pouca influência sobre os nossos inimigos, mas nem por isso devemos deixar de a estimar.

Neste momento ouviu-se um tiro no pátio.

As senhoras deram um grito.

– Aí está o primeiro tiro – disse a princesa Isabel; – ai de nós! Não há-de ser o último.

Tinham anunciado à rainha a chegada de Pétion às Tulherias! Eis em que circunstâncias fizera ali a sua entrada o *maire* de Paris.

Chegara às dez horas e meia da noite.

Desta vez não o fizeram esperar; pelo contrário, disseram-lhe que el-rei o esperava.

Para chegar porém aonde estava o rei, tinha de atravessar, primeiro as fileiras dos suíços, depois as da guarda nacional e finalmente as dos gentis-homens chamados cavaleiros do punhal.

Todavia, como era sabido que fora o rei que mandara chamar Pétion; como ele se quisesse, em vez de vir meter-se naquele fosso dos leões como chamavam às Tulherias, podia ficar no palácio da câmara, contentaram-se em chamar-lhe traidor e Judas enquanto subia as escadas.

Luís XVI esperava Pétion na mesma câmara onde o havia tratado com tanta dureza no dia 21 de Junho.

Pétion conheceu a porta e sorriu.

A fortuna dava-lhe uma terrível desforra.

Mandat, comandante da guarda nacional, fez parar o *maire* à porta.

– Ah! É o Sr. maire? – disse ele.

– Sim, senhor, sou eu – respondeu Pétion com a sua fleuma ordinária.

– Que vem aqui fazer?

– Poderia dispensar-me de responder à sua pergunta, Sr. Mandat, pois não lhe reconheço o direito de me interrogar; mas como estou com pressa, não quero discutir com os meus inferiores.

– Com os seus inferiores!

– Não me interrompa; já lhe disse que estava com pressa, Sr. Mandat; vim aqui porque el-rei me mandou chamar três vezes, e a não ser assim não viria.

– Está bem, já que tenho a honra de o ver aqui, aproveito a ocasião para lhe perguntar por que razão os agentes da polícia estão distribuindo em profusão cartuchos aos marselheses, ao passo que eu só recebi três para cada um dos meus homens?

Pétion olhou para Mandat com o seu sossego habitual.

– Em primeiro lugar – disse ele – não me mandaram pedir das Tulherias mais do que três cartuchos para cada guarda nacional, e quarenta para cada suíço; como vê, distribuiu-se o que el-rei mandou pedir.

– Mas qual é a causa desta diferença?

– O rei, é que lhe pode responder, não sou eu; provavelmente é porque desconfia da guarda nacional.

– Mas eu, senhor – disse Mandat – fiz-lhe requisição de pólvora.

– É verdade, mas a requisição não estava em forma.

– Oh! Bela resposta! – exclamou Mandat; – o senhor é que devia pô-la em forma, visto

que a ordem dimanava do senhor.

A discussão ia caminhando por um terreno, em que seria difícil a Pétion defender-se; felizmente para ele abriu-se a porta e Roederer, o síndico da Comuna, vindo em socorro do *maire* de Paris, disse-lhe:

– Sr. Pétion, el-rei espera-o.

Pétion entrou.

Com efeito o rei esperava Pétion com impaciência.

– Ah! É o senhor? – disse o rei. – Em que estado se acha Paris?

Pétion deu-lhe conta do estado de Paris.

– Não tem então mais nada que dizer-me, senhor? – perguntou o rei.

– Nada mais tenho a dizer a vossa majestade – respondeu Pétion.

O rei olhou fixamente para o *maire*.

Pétion abria muito os olhos, porque não compreendia a insistência do rei.

Pela sua parte, esperava que Pétion levasse o índice ao olho direito.

Era, deve o leitor estar lembrado, o sinal, pelo qual o *maire* de Paris devia indicar que pelos 200 000 francos que recebera, o rei podia contar com ele.

Pétion coçava a orelha, mas não levava a mão ao olho.

Por consequência, o rei tinha sido enganado; algum tratante tinha ficado com os 200 000 francos.

Neste momento entrou a rainha.

Entrava precisamente no instante em que o rei não sabia já que mais havia de perguntar a Pétion, e em que este esperava nova pergunta.

– E então – disse em voz baixa a rainha – é ou não nosso amigo?

– Não – respondeu o rei; – não fez o sinal convencionado.

– Então fique nosso prisioneiro.

– Posso retirar-me, senhor? – perguntou Pétion ao rei.

– Por Deus! – disse Maria Antonieta – não o deixe sair.

– Não, senhor, – disse Luís XVI – daqui a um instante está livre, mas tenho ainda alguma coisa que dizer-lhe – ajuntou o rei levantando a voz; – entre para este gabinete.

Era quase a mesma coisa que dizer aos que ali estavam:

“Entrego-lhes o Sr. Pétion e não o deixem sair”.

E assim o compreenderam.

Rodearam Pétion, que conheceu logo que estava prisioneiro.

Felizmente, Mandat não estava ali.

Mandat debatia-se contra uma ordem que acabava de chegar para ir à câmara.

Os fogos cruzavam-se; mandavam chamar Mandat à casa da câmara, assim como Pétion tinha sido mandado chamar ao palácio das Tulherias.

Mandat não tinha vontade de ir à câmara.

Enquanto a Pétion achava-se com trinta pessoas num gabinete onde mal caberiam quatro.

– Senhores – disse ele, passado um instante – é impossível estarmos aqui mais tempo, falta-nos o ar.

Era esta a opinião de todos, portanto ninguém se opôs a que Pétion saísse, e todos o seguiram.

Talvez que não se atrevessem a retê-lo abertamente.

Meteu-se pela primeira escada que encontrou.

A escada conduzia a uma câmara ao rés da rua, que dava para o jardim.

Receou por um instante que a porta do jardim estivesse fechada.

Estava aberta.

Pétion achou-se numa prisão mais larga e arejada, mas também fechada como a primeira.

Todavia tinha melhorado.

Tinha-o seguido um homem, que, assim que chegaram ao jardim lhe deu o braço; era

Roederer, o procurador síndico do departamento.

Começaram ambos a passear pelo terraço.

O terraço era alumiado por uma fileira de lampiões, e os guardas nacionais correram a apagar os que estavam ao pé do síndico e do *maire*.

Qual seria a intenção dos soldados? – Pétion não a julgou boa.

– Senhor – disse ele a um oficial suíço, por nome de Salis-Lizers, que o seguia; – haverá más intenções contra mim?

– Pode estar descansado, Sr. Pétion – respondeu o oficial com pronúncia alemã muito acentuada – el-rei encarregou-me de o guardar, e asseguro-lhe que será punido por minhas próprias mãos aquele que o matar.

Em idênticas circunstâncias Tiboulet respondeu a Francisco I:

“Não seria melhor, senhor, um instante antes?”

Pétion, porém, nada respondeu e dirigiu-se para o terraço dos *Feuillants*, que estava perfeitamente alumiado pela lua.

Não era como actualmente, fechado por uma grade, mas sim por um muro de oito pés de altura, no qual havia três portas.

Uma grande e duas pequenas.

As portas estavam não só fechadas, mas até muito bem barricadas.

Além disso eram defendidas pelos granadeiros do bairro dos Moinhos e das filhas de S. Tomás, muito conhecidos pelo seu realismo.

Nada pois havia a esperar deles.

Pétion abaixava-se amiudadas vezes, apanhava pedras e atirava por cima do muro.

Enquanto Pétion passeava atirando pedras, duas ou três vezes lhe foram dizer que o rei desejava falar-lhe.

– E então? – perguntou Roederer, – não vai?

– Não – respondeu Pétion – lá em cima faz muito calor. Lembro-me perfeitamente do gabinete, e não tenho o menor desejo de tornar a entrar nele; demais espero alguém neste terraço.

E continuou a abaixar-se, a apanhar pedras e a atirá-las por cima do muro.

– Quem espera? – perguntou Roederer.

Neste momento abriu-se a porta da Assembléia que dava para o terraço.

– Julgo – disse Pétion – que chega quem eu esperava.

– Ordem para deixar passar o Sr. Pétion – disse uma voz; – a Assembléia chama-o à barra, para que dê conta do estado de Paris.

– É isso mesmo – observou Pétion em voz baixa.

Depois em voz alta:

– Estou pronto a responder às interpelações dos meus inimigos.

Os guardas nacionais, imaginando que Pétion ia passar por algum desgosto, deixaram-no passar.

Eram quase três horas da madrugada.

Começava a amanhecer.

Porém, coisa singular, o Céu estava cor de sangue.

XXXVI

A noite de 9 para 10 de Agosto

Pétion, quando fora mandado chamar às Tulherias, logo imaginou que não havia de sair com a mesma facilidade com que entrara.

Tinha-se chegado a um homem de rosto carregado, o qual tinha a testa atravessada por uma cicatriz.

– Sr. Billot – disse ele – que notícias me traz da Assembléia?

– Vai passar a noite em sessão permanente.

– Muito bem. O que viu no Pont-Neuf?

– Artilharia e guardas nacionais postados ali por ordem do Sr. Mandat.

– E não diz também que debaixo da arcada de Saint-Jean, ao desembocar da rua de Santo António, está reunida uma força considerável?

– Sim, senhor, e também se encontra ali por ordem do Sr. Mandat.

– Está bem; agora ouça-me, Sr. Billot.

– Estou pronto para o ouvir.

– Eis uma ordem aos srs. Manuel e Danton para fazerem recolher os guardas nacionais e desarmar o Pont-Neuf. É mister que esta ordem seja executada, custe o que custar; ouviu-me?

– Eu mesmo entregarei essa ordem a Danton.

– Ótimo. Agora diga-me; não mora na rua de Saint-Honoré?

– Sim, senhor.

Depois de entregar a ordem ao Sr. Danton, recolha-se e descanse um pouco; depois às duas horas, levante-se e vá passear pelo lado de fora do terraço dos Feuillants. Se ouvir cair algumas pedras lançadas do jardim das Tulherias é sinal de que estou preso e me violentam.

– Compreendo.

– Corra depois à Assembléia e diga que me reclame. Compreende-me, Sr. Billot? Olhe que a minha vida fica nas suas mãos.

– E respondo por ela, Sr. Pétion: pode partir tranquilo.

Billot por tudo se responsabilizava, e com tanta maior ousadia depois de constatar que Pitou acabava de chegar.

Depois ordenou a Pitou que fosse ter com Danton, recomendando-lhe que não voltasse sem ele.

Apesar da preguiça de Danton, Pitou trouxe-o consigo.

Já tinha visto a artilharia do Pont-Neuf; viu os guardas nacionais da arcada de Saint-Jean, e compreendeu a urgência de não deixar semelhantes forças na retaguarda do exército popular. Com a ordem de Pétion na mão fizeram recolher os guardas nacionais na arcada de Saint-Jean; e fizeram retirar a artilharia do Pont-Neuf.

Por consequência ficou desobstruída a grande via de insurreição.

Entretanto Billot e Pitou voltavam à rua de Saint-Honoré.

Era a antiga habitação de Billot.

Pitou fez os seus cumprimentos à casa como a um amigo.

Billot assentou-se e fez sinal a Pitou para que o imitasse.

– Obrigado, Sr. Billot – disse Pitou – não estou cansado.

Mas como Billot insistisse, assentou-se.

– Pitou – disse Billot – mandei-te dizer que viesses ter comigo.

– E bem se vê, Sr. Billot – respondeu Pitou com esse franco sorriso que faz mostrar os trinta e dois dentes, e que lhe era peculiar – que não me fiz esperar.

– É verdade. Sem dúvida adivinhas que se vai passar alguma coisa grave.

– Desconfio, Sr. Billot. Diga-me porém uma coisa...

– O quê, Pitou?

– Não vejo nem o Sr. Bailly, nem o Sr. Lafayette.

– Bailly é um traidor, que nos mandou assassinar no Campo de Marte.

– Bem sei, pois fui eu que o fiz levantar banhado em sangue.

– Lafayette é um traidor, que nos quis roubar o rei.

– Oh! Não sabia isso! O Sr. Lafayette um traidor! Quem tal diria! E o rei?

– O rei, esse então é o maior dos traidores.

– Oh! Quanto a isso não me admira.

– O rei conspira com estrangeiros e quer entregar a França aos inimigos. As Tulherias são um foco de conspiração, e decidiu-se que se tomasse as Tulherias. Percebes, Pitou?

– Ora, se percebo! Como tomamos a Bastilha, não é assim Sr. Billot?

– Tal qual.

– Com a diferença, que não será tão difícil.

– Estás enganado, Pitou.

– Como, será mais difícil?

– Há-de ser.

– Mas parece-me que as muralhas não são muito altas.

– É verdade, mas estão mais bem defendidas; a guarnição da Bastilha constava de cem inválidos, mas no castelo há três ou quatro mil homens!

– Com os diabos! Três ou quatro mil homens!

– Além de que a Bastilha foi surpreendida, ao passo que as Tulherias há muito que se têm posto em estado de defesa, por desconfiarem que hão-de ser atacadas.

– Portanto hão-de defender-se.

– Sim – respondeu Billot; – tanto mais que a defesa, segundo dizem, está encarregada ao Sr. de Charny.

– Com efeito – observou Pitou – ele ontem partiu pela posta de Boursonnes com sua mulher. Mas então também é traidor o Sr. de Charny?

– Não é mais do que um aristocrata. Sempre tem seguido a corte; por consequência não traiu o povo, porque nunca o induziu a fiar-se nele.

– Nesse caso vamos bater-nos contra o Sr. conde de Charny?

– É provável, Pitou.

– É singular, vizinhos...

– É o que se chama guerra civil; mas tu Pitou não és obrigado a entrar no combate, se não te convém.

– Desculpe-me, Sr. Billot, mas desde o momento em que qualquer coisa lhe convém, também me convém a mim.

– Estimaria mais que não te batesses.

– Então para que me mandou chamar?

O rosto de Billot anuviou-se.

– Mandei-te chamar – disse o lavrador – para te entregar este papel.

– Este papel?

– Sim.

– Mas que papel é esse?

– É o meu testamento.

– Como, o seu testamento! Oh! Sr. Billot – continuou Pitou rindo – não está com cara de quem vai morrer.

– É verdade – disse Billot – apontando para a sua espingarda – mas tenho cara de um homem que pode ser morto.

– Isso sim! – disse sentenciosamente Pitou – o facto é que todos somos mortais.

– Pois bem, Pitou, mandei-te chamar para te entregar o meu testamento.

– A mim!

– Sim, a ti, Pitou, pois te constituo meu herdeiro universal...

– Eu... Seu herdeiro universal; muito obrigado, Sr. Billot. Mas é para se distrair que me diz isso?

– Falo-te com toda a seriedade, meu amigo.

– Não pode ser, Sr. Billot.

– Como! Não pode ser?

– Oh! Não. Uma pessoa que tem parentes não pode legar a sua fortuna a estranhos.

– Estás enganado; *pode*.

– Se pode, não o *deve fazer*.

Uma nuvem sombria passou pelo rosto de Billot.

– Estás enganado, Pitou, não tenho herdeiros.

– Bom, replicou Pitou, não tem herdeiros; mas o que chama à Sr^a. Catarina?

– Não conheço ninguém com esse nome, Pitou.

– Ora, Sr. Billot, não diga semelhantes coisas. Isso revolta-me.

– Pitou, disse Billot, posso dispor do que é meu; assim como tu por tua morte podes deixar a tua fortuna a quem te parecer.

– Ah! Ah! Bem! – disse Pitou, que começava a compreender; – se lhe acontecer alguma desgraça... Mas como sou estúpido, não lhe há-de acontecer desgraça.

– Pitou, ainda há pouco te disse que somos mortais.

– Sim, e agora conheço que tem razão. Pego no testamento, Sr. Billot, na certeza de que, ficando com os seus bens, poderei fazer deles o que me parecer.

– Sem dúvida, pois são teus, e tu és um bom patriota, e como tal não te hão-de fazer oposição, como a qualquer outro, que tivesse pactuado com os aristocratas.

Pitou cada vez compreendia melhor.

– Está dito, Sr. Billot, aceito.

– Agora, como já disse tudo, guarda este papel e vai descansar.

– Para quê, Sr. Billot?

– Porque, segundo todas as probabilidades, teremos que fazer amanhã, ou antes hoje, porque são duas horas da madrugada.

– E sai, Sr. Billot?

– Sim, tenho que fazer no terraço dos Feuillants.

– Não precisa de mim?

– Pelo contrário, incomodar-me-ias.

– Nesse caso, Sr. Billot, vou comer alguma coisa.

– É verdade! – exclamou Billot; – e eu que me esqueci de te perguntar se tinhas fome!

– Oh! Oh! – disse Pitou rindo – não o fez porque sabe que sempre tenho fome.

– Sabes onde é a despensa?

– Sei sim, Sr. Billot, não se incomode por minha causa. Mas diga-me, volta aqui, não é assim?

– Volto.

– Aliás dizia-me aonde nos havíamos de reunir.

– Não é preciso; dentro de uma hora estarei de volta.

– Bem, então vá.

E Pitou pôs-se a procurar comida, com esse apetite, que nele, assim como no rei, nunca se alterava nem pelos acontecimentos mais graves. Entretanto, Dirigia-se Billot para o terraço dos Feuillants.

Já sabemos o que ia fazer.

Apenas chegou ali caiu-lhe uma pedra aos pés depois outra e finalmente terceira, dando-lhe a conhecer que se tinham realizado os receios de Pétion, e que o *maire* estava preso nas Tulherias.

Portanto, segundo as instruções que recebera, dirigiu-se à Assembléia, a qual, como já vimos, logo reclamou Pétion.

O *maire* logo que se viu em liberdade, voltou a pé ao palácio da câmara, deixando a carruagem no pátio das Tulherias. Billot voltou a casa, onde encontrou Pitou acabando de cear.

– E então, Sr. Billot – perguntou Pitou – o que há agora de novo?

– Não há nada, mas o dia não tarda a despontar e o Céu está cor de sangue.

XXXVII

Das três às seis da manhã

Dissemos qual era a aparência do Céu ao despontar do dia.

Os primeiros raios do dia projectaram-se sobre dois cavaleiros, que seguiam a passo o cais deserto das Tulherias.

Eram Mandat, comandante da guarda nacional, e o seu ajudante de ordens.

Mandat, que à uma hora da noite fora chamado à casa da câmara tinha primeiramente recusado obedecer.

Às duas horas foi a ordem renovada mais imperiosamente.

Mandat ainda resistiu, mas chegando-se a ele o síndico Roederer, disse-lhe:

– Senhor, reflecta que, a lei põe o comandante da guarda nacional às ordens da municipalidade.

Foi isto o que decidiu Mandat.

Além disto, o comandante da guarda nacional ignorava duas coisas:

Era a primeira intimação feita à municipalidade por quarenta e sete secções, para que ela se reunisse à comuna a fim de *salvarem a pátria*. Mandat julgava achar a municipalidade como dantes era, e não lhe passava pela idéia que ia encontrar nela quarenta e uma caras novas.

Demais, Mandat ignorava a ordem que fora dada por essa mesma municipalidade para que fosse desarmado o Pont-Neuf e desembaraçada a arcada de Saint-Jean; ordem, a cuja execução, vista a sua importância, tinham presidido Manuel e Danton.

Chegando ao Pont-Neuf, ficou Mandat admirado por o achar completamente deserto.

Parou um momento e mandou à descoberta o seu ajudante de ordens.

Passados dez minutos, voltou o ajudante, participando-lhe que não tinha visto nem artilharia nem guarda nacional, e que a praça e a rua da Delfina, e o cais dos Agostinhos, estavam completamente desertos.

Mandat prosseguiu no seu caminho; talvez devesse voltar ao castelo; mas os homens vão aonde o destino os chama.

Conforme se ia aproximando da casa da câmara, parecia-lhe entrar na vida, da mesma sorte, que, em certos cataclismos orgânicos o sangue refluindo ao coração, abandona as extremidades, que ficam frias, assim o movimento, o calor, a revolução, estavam no cais Pelletier, na praça de Grève, na casa da câmara, sede real da vida popular, coração do grande corpo, que se chama Paris.

Mandat parou ao canto do cais Pelletier e mandou o ajudante de ordens à arcada de Saint-Jean.

Pela arcada de Saint-Jean agitava-se a onda popular; a guarda nacional desaparecera.

Mandat quis retrogradar, mas a onda tinha-se aglomerado em volta dele e empurrava-o para os degraus da casa da câmara.

– Fique aqui – disse ele ao ajudante de ordens – e se me acontecer alguma desgraça, vá imediatamente participá-la ao palácio.

Mandat quis retrogradar, mas a onda empurrava-o: o ajudante de ordens, cujo uniforme indicava uma importância secundária, ficou a um canto do cais Pelletier, onde ninguém fez caso dele porque todas as vistas estavam fixas no comandante geral.

Chegando à grande sala da casa da câmara, achou-se Mandat em presença de rostos severos.

Era a insurreição completa, que ia pedir conta da sua conduta ao homem, que tinha pretendido não só combatê-la no seu desenvolvimento, mas até afogá-la à nascença.

Nas Tulherias era ele quem interrogava; assim o vimos na sua cena com Pétion.

Aqui ia ser interrogado.

Um dos membros da nova comuna, dessa comuna terrível que abafara a Assembléia legislativa e havia de lutar com a convenção, avançou em nome de todos.

– Por ordem de quem duplicou a guarda do castelo? – perguntou ele.

– Por ordem do *maire* de Paris – respondeu Mandat.

– Mas onde está a ordem?

– Nas Tulherias, onde a deixei para a executarem na minha ausência.

– Porque pôs em movimento a artilharia?

– Porque fiz marchar o batalhão, e quando os batalhões marcham acompanha-os a artilharia.

– Onde está Pétion?

– Estava nas Tulherias quando eu de lá saí.

– Preso?

– Não; está livre e anda passeando pelos jardins.

O interrogatório foi interrompido neste ponto.

Um dos mancebos da nova comuna trouxe uma carta aberta, e pediu para a ler em voz alta.

Mandat, mal olhou para a carta, compreendeu que estava perdido.

Conhecera a sua letra.

Esta carta era a ordem enviada pela uma hora da madrugada ao batalhão de serviço postado na arcada de Saint-Jean incumbido de atacar pela retaguarda o tumulto, que se dirigisse às Tulherias enquanto o batalhão do Pont-Neuf o atacava pelo flanco.

A ordem tinha caído em poder da comuna depois da retirada do batalhão.

O interrogatório estava acabado; que declaração mais terrível do que esta carta, poderia fazer o acusado?

O conselho decidiu que Mandat fosse conduzido à Abbadie.

Depois leram a sentença de Mandat.

Aqui começa a interpretação.

Lendo a sentença a Mandat, afirma-se que o presidente fizera com a mão um desses gestos, que o povo desgraçadamente sabe interpretar tão bem.

Um gesto *horizontal*.

“O presidente, diz Pelletier, autor da *Revolução de 10 de Agosto de 1792*, fez um gesto *horizontal* muito expressivo, dizendo: Podem levá-lo”.

Com efeito, um ano depois, o gesto devia ser muito expressivo. Um gesto horizontal, que significaria muito em 1793, não significava grande coisa em 1792, época em que ainda não funcionava a guilhotina.

Foi a 21 de Agosto que caía na praça do Carroussel a cabeça dos primeiros realistas.

Como era que, onze dias antes, um gesto horizontal, a não ser ajustado de antemão, podia dizer: “Matem este homem?”

Infelizmente o facto parece justificar a acusação.

Apenas Mandat desceu os três degraus da casa da câmara, no momento em que seu filho corria para ele, levou na cabeça um tiro de pistola.

O mesmo sucedera três anos antes a Flesselles.

Mandat só estava ferido.

Levantou-se, mas tornou a cair no mesmo instante ferido com vinte golpes de chuço.

A criança estendia os braços e gritava:

– Meu pai! Meu pai!

Ninguém ligava a mínima atenção aos gritos da pobre criança.

Depois, no meio daquele círculo, onde só se viam luzir e baixar-se espadas e chuços elevaram uma cabeça, que tinham separado do tronco; era a cabeça de Mandat.

A criança desmaiou: o ajudante de ordens partiu a galope para ir participar nas Tulherias o que acabava de ver.

Os assassinos dividiram-se em dois bandos.

Uns foram lançar o corpo ao rio; os outros espetaram a cabeça de Mandat num chuço e foram passear com ela pela cidade.

Eram quase quatro horas da manhã.

Entremos nas Tulherias primeiro do que o ajudante de ordens, que vai levar a notícia fatal.

Vejamos o que se passava no palácio.

Depois de se confessar, o rei logo que viu a consciência tranqüila, como não sabia resistir a nenhuma das necessidades da natureza; deitara-se.

É verdade que se deitara vestido.

O rei acordou, ouvindo tocar a rebate.

O Sr. de la Chesnaye, a quem Mandat deixara os seus poderes, acordou o rei para que ele se mostrasse aos seus defensores e incitasse o entusiasmo com algumas palavras ditas a propósito.

O rei levantou-se estremunhado; mas o cabelo do lado onde se tinha deitado estava achatado.

Procurou-se um cabeleireiro, mas não havia nenhum no palácio.

O rei saiu do quarto sem ser penteado.

A rainha prevenida na sala do conselho, onde estava, de que o rei ia aparecer aos seus defensores, saiu-lhe ao encontro.

Ao contrário do rei, que com os seus olhos sombrios não olhava para ninguém, com os músculos da boca dilatados e palpitantes, de movimentos involuntários, com o casaco roxo que lhe dava ares de trajar o luto da realeza, a rainha estava pálida, mas ardendo em febre, e tinha os olhos vermelhos, de um vermelho que se prolongava a metade das faces, mas enxutos.

Pôs-se ao lado desta espécie de fantasma da monarquia, que, em lugar de aparecer à meia-noite, mostrava-se de dia com os olhos inchados e piscos.

Esperava dar-lhe quanto nela havia de coragem, de força, de vida.

Contudo, as coisas correram bem, enquanto o rei apenas se mostrou no interior do quarto: mas assim que os guardas nacionais misturados com os gentis-homens, viram de perto o rei, aquele pobre homem frouxo e pouco activo, que já fora mal sucedido em idênticas circunstâncias, numa janela da Sr^a. Sausse, em Varennes, os guardas nacionais, dizemos, perguntavam uns aos outros se era aquele o herói do dia 26 de Junho, esse rei, cuja poética lenda os padres e as mulheres começavam a bordar sobre um crepe fúnebre.

Devemos dizer que na verdade não era aquele o rei, que a guarda nacional esperava ver.

Precisamente naquele momento o velho duque de Mailly puxou da espada e foi lançar-se aos pés do rei, jurando com voz trémula, em seu nome e no *da nobreza de França*, que ele representava, morrer pelo *neto de Henrique IV*.

O pobre duque complicava a situação, pois a guarda nacional não tinha muitas simpatias pela *nobreza de França*, que o Sr. de Mailly representava.

Além disso, não era o *neto de Henrique IV* que a guarda nacional ia defender, era o *rei constitucional*.

Portanto, em resposta a alguns gritos de “viva o rei!” soaram outros mais fortes de “viva a nação!”

Tinham que tomar uma defesa; induziram o rei a descer ao pátio Real; o pobre rei acordado em sobressalto, tendo dormido uma hora em lugar de sete, o pobre rei, natureza toda material, não tinha vontade própria; era um autômato, que recebia o impulso de uma vontade estranha.

Quem lhe dava esse impulso?

A rainha, natureza febril, que nem tinha comido nem dormido.

Há entes tão desgraçadamente organizados, que assim que as circunstâncias se tornam críticas, são mal sucedidos em tudo que empreendem; em vez de atrair a si os dissidentes, pode

dizer-se que o pobre do rei aparecia expressamente para lhes mostrar o nenhum prestígio, que a realeza decaída deixa na frente do homem, quando o homem não é dotado nem de génio, nem de força.

No pátio os realistas levantaram também um grito de “viva o rei!” o qual foi abafado pelo imenso grito de “viva a nação!”

Finalmente como os realistas insistissem:

– Não! Não! – bradaram os patriotas – o único rei é a nação.

O rei respondeu-lhes quase suplicante:

– Sim, meus amigos, sim: a nação e o vosso rei.

– Traga o delfim – disse Maria Antonieta em voz baixa à princesa Isabel – talvez os comova a presença do menino.

Foram procurar o delfim.

Entretanto o rei continuava a triste revista, e teve a infeliz idéia de se aproximar dos artilheiros.

Cometeu uma grande falta; os artilheiros, eram quase todos republicanos.

Contudo se o rei possuísse dom de palavra, talvez pudesse conciliar aqueles homens que as convicções afastavam dele; talvez com um discurso apropriado pudesse ganhar aqueles defensores.

Mas Luís XVI não era agradável nem nos gestos, nem nas palavras; balbuciou, e os realistas quiseram encobrir o embaraço do rei levantando pela terceira vez o infeliz brado de “viva o rei”, que já por duas vezes tão triste resultado tivera.

Este terceiro brado esteve a ponto de produzir uma colisão.

Os artilheiros abandonaram os seus postos, e caminhando para o rei, ameaçaram-no com murros.

– Julgas – disseram eles – que para defender um traidor como tu, atiraríamos sobre os nossos irmãos?

A rainha puxou o rei para trás.

– O delfim! O delfim! – gritaram muitas vozes; – “viva o delfim!”

Mas esse grito não foi repetido; o pobre menino aparecia em má hora.

A volta do rei ao palácio foi uma verdadeira retirada, quase uma fuga.

O rei entrou esbaforido no seu quarto e atirou consigo para uma cadeira.

A rainha ficou no quarto próximo, percorrendo-o com os olhos, como se procurasse um apoio.

Viu Charny em pé, encostado à ombreira da porta, muito abatido.

Dirigiu-se a ele e disse-lhe:

– Ai conde, tudo está perdido!

– Assim o receio, minha senhora – respondeu Charny.

– Ainda poderemos fugir?

– Com pesar digo a vossa majestade que é muito tarde.

– Então que nos resta fazer?

– Morrer – respondeu Charny, inclinando-se.

A rainha deu um suspiro e entrou no seu quarto.

XXXVIII

Das seis às nove horas da manhã

Logo depois do assassinio de Mandat, foi nomeado Santerre comandante geral da guarda

nacional.

Mandou no mesmo instante os tambores tocarem a rebate em todas as ruas e nas torres de todas as igrejas.

Depois organizaram-se patrulhas de patriotas com ordem de irem até às Tulherias e principalmente de rondarem a Assembléia.

As patrulhas tinham durante toda a noite percorrido os arredores da Assembléia Nacional.

Às onze horas da noite tinham prendido nos Campos Elísios um grupo de onze pessoas, dez armadas com punhais e a undécima com um bacamarte.

Essas onze pessoas deixaram-se prender sem resistência, e foram conduzidas ao corpo da guarda dos Frades Bernardos.

Durante o resto da noite foram presas mais onze pessoas e metidas em duas casas separadas.

Ao amanhecer as onze primeiras acharam meio de fugir, saltando pelas janelas para o jardim arrombando a porta deste.

As onze últimas foram guardadas com mais cautela.

Às sete horas da manhã foi conduzido ao corpo de guarda dos Frades Bernardos um homem de vinte e nove a trinta anos, com uniforme da guarda nacional; a elegância das maneiras e o brilho das armas tinham feito desconfiar que fosse aristocrata e como tal o haviam prendido.

Ele, todavia, mostrava-se tranqüilo.

Nesse dia era a secção dos Bernardos presidida por um tal Bonjour, antigo comissário de marinha.

Interrogou o jovem guarda nacional, perguntando:

– Onde foi preso?

– No terraço dos Bernardos.

– E que estava fazendo?

– Dirigia-me ao paço.

– Para quê?

– Para desempenhar uma ordem da municipalidade.

– Que ordem era essa?

– Mandava-me às Tulherias verificar o estado das coisas e fazer sobre elas um relatório ao procurador geral, síndico do departamento.

– Tem a ordem?

– Ei-la.

E o mancebo tirou um papel da algibeira.

O presidente desdobrou e leu:

“O guarda nacional, portador da presente ordem, dirigir-se-á ao paço, para ver o estado dele, e fazer um relatório ao Sr. procurador geral, síndico do departamento.

Boiséé, Le Roule, membros da municipalidade”.

A ordem era positiva, todavia tiveram receio de que as assinaturas fossem falsas, e enviaram um homem à câmara com missão de as fazer reconhecer pelos dois signatários.

Esta última prisão tinha feito afluir muita gente ao pátio dos Bernardos, e do meio desta multidão algumas vozes, sempre as há nos ajuntamentos populares, começaram a pedir a morte dos presos.

Um comissário da municipalidade, que ali se achava, compreendeu que devia coibir estas vozes.

Subiu a um cavalete para falar ao povo, induzindo-o a que se retirasse.

No momento em que o povo ia talvez ceder à influência desta benéfica palavra, voltou o homem enviado à câmara para verificar a assinatura dos dois municipais e disse que a ordem era

verdadeira, e que devia ser solto o mancebo portador dela, o qual se chamava *Suleau*.

Era o mesmo que vimos uma noite em casa da Sr^a. de Lamballe, quando Gilberto fez ao rei Luís XVI um desenho de guilhotina, desenho que Maria Antonieta reconheceu ser o da mesma máquina, que Cagliostro lhe mostrara dentro de uma garrafa no castelo de Taverney.

Ouvindo o nome de Suleau, uma mulher, que estava entre a multidão, levantou a cabeça e deu um grito de raiva.

– Suleau! – bradou ela – Suleau, o redactor principal dos *Actos dos Apóstolos*! Suleau, um dos assassinos da independência liegense! É a mim que ele pertence! Peço a morte de Suleau!

O povo abriu caminho para que passasse a mulher, criatura baixa e franzina, que vestia de amazona, e cujo vestido era da cor das fardas da guarda nacional. Apresentava-se armada com um sabre; avançou para o comissário da municipalidade, obrigou-o a descer do cavalete e colocou-se no lugar em que ele estava.

Apenas a cabeça da mulher dominou a multidão, logo o povo exclamou:

– Théroigne!

Efectivamente, Théroigne era a mulher popular por excelência.

Aquela popularidade provinha da sua cooperação nos dias 5 e 6 de Outubro, de ter sido presa em Bruxelas, de ter estado nas prisões austríacas e dos seus feitos em 20 de Junho. Era tão grande a popularidade daquela mulher, que Suleau, no seu sarcástico jornal, lhe dera por amante o *cidadão populus*.

Queria dizer: todo o povo.

Fazia assim a alusão à popularidade de Théroigne e à devassidão dos costumes, que diziam ser grande.

Além disso, Suleau tinha publicado em Bruxelas o *Rebate dos reis*, publicação que concorrera para esmagar a revolução liegense, e tornar a pôr sob o bastão austríaco e sob a mitra de um padre, um povo que queria ser livre e francês.

Théroigne precisamente nessa época estava escrevendo a história da sua prisão, e já tinha lido alguns capítulos Jacobinos.

Théroigne pedia não só a morte de Suleau, mas a dos onze presos que estavam com ele.

Suleau ouviu soar aquela voz, que pedia no meio de aplausos a sua morte e a dos seus onze companheiros; chamou pela fechadura da porta o comandante da força que o guardava.

– Deixem-me sair – disse ele – direi o meu nome; matem-me, mas lembrem-se que a minha morte salva dez existências.

Não quiseram abrir-lhe a porta.

Quis saltar pela janela, mas os seus companheiros puxaram-no para dentro, e seguraram-no.

Não imaginavam que fosse possível entregá-los friamente aos assassinos.

Mas o presidente Bonjour, intimado pelos brados do povo, atendeu à reclamação de Théroigne, proibindo que a guarda nacional resistisse aos desejos do povo.

A guarda nacional afastou-se, e assim deixou a porta livre.

O povo precipitou-se dentro da prisão e agarrou ao acaso o primeiro que encontrou.

Era um tal abade Bouyon, autor dramático, conhecido também pelos epigramas do *Primo Tiago*, e pelo mau sucesso, que a maior parte das suas peças tinha tido no teatro de Montausier.

Era um homem colossal; arrancado pelo povo dos braços do comissário da municipalidade, que fazia diligência para o salvar, foi arrastado para o pátio, onde começou uma luta desesperada contra os assassinos; apesar de não ter outras armas senão as naturais, pôs fora de combate dois ou três daqueles miseráveis.

Finalmente, foi pregado contra a parede por uma baioneta, e expirou, sem que as suas últimas pancadas pudessem alcançar os inimigos.

Durante aquela luta, dois presos conseguiram escapar-se.

O imediato ao abade Bouyon foi um guarda do rei, por nome Solminiac: a sua defesa não foi menos heróica do que a do seu predecessor e a sua morte não foi menos cruel.

Depois foi assassinado outro, cujo nome se não sabe.

O quarto desgraçado foi Suleau.

– Olha – disse uma mulher a Théroigne – aí tens o teu Suleau!

Théroigne só o conhecia de nome, julgava que fosse padre e abade; saltou nele como uma onça, deitando-lhe as mãos ao pescoço.

Suleau era moço, valente e forte; com um murro fez cair Théroigne a dez passos de distância; com um puxão violento desembaraçou-se de três ou quatro homens, tirou a espada da mão de um dos assassinos e com os dois primeiros golpes lançou dois por terra.

Então começou uma luta terrível; Suleau, ganhando sempre terreno, dirigiu-se para a porta.

Chegou a tocar-lhe, mas obrigado, para a abrir, a voltar as costas aos assassinos, bastou esse instante para que vinte espadas lhe atravessassem o corpo.

Caiu aos pés de Théroigne, que teve a horrível alegria de lhe dar o último golpe.

O pobre Suleau era casado havia dois meses com uma mulher encantadora, filha de um pintor célebre.

Durante a luta de Suleau contra os assassinos, outro preso conseguiu escapar-se.

O quinto, que apareceu arrastado pelos assassinos, foi causa de que a turbamulta desse um grito de admiração; era um antigo guarda do corpo chamado du Vigier, e era conhecido pelo belo Vigier, e como era um moço tão perfeito quanto valente, lutou por mais de um quarto de hora, três vezes caiu e outras tantas se levantou, e cada pedra do pátio ficou manchada, tanto pelo seu sangue como pelo dos assassinos.

Finalmente, sucumbiu como Suleau, esmagado pelo número.

Os quatro que restavam acabaram como reses no matadouro.

Os novos cadáveres, arrastados para a praça Vendôme, foram decapitados. As cabeças foram espetadas em chuços e passeadas pela cidade.

À noite, um criado de Suleau resgatou a preço de ouro a cabeça do amo, e só com muito custo pôde encontrar o cadáver. A carinhosa esposa de Suleau, grávida de dois meses, pedia em altos gritos os preciosos restos do marido, para lhes render os últimos deveres.

Por esta forma, mesmo antes de começar a luta, já o sangue tinha corrido em dois lugares.

Nas escadas do palácio da câmara municipal e no pátio dos Bernardos.

Vamos agora vê-lo correr nas Tulherias.

Precisamente no momento em que se perpetravam estes assassínios, isto é das oito às nove da manhã, dez a onze mil guardas nacionais, reunidos pelo toque de rebato, desciam pela rua Saint-Antoine, atravessavam a famosa arcada de Saint-Jean, tão bem guardada na noite anterior, e desembocavam na praça.

Estes dez mil homens acabavam de pedir ordem para marcharem sobre as Tulherias.

Fizeram-nos esperar uma hora.

Corriam dois boatos entre a multidão.

O primeiro era que se esperava por algumas concessões do paço.

O segundo era que a força do bairro de Saint-Marceau ainda não tinha chegado, e que não deviam *marchar* sem ela.

Um grande número de homens armados de chuços impacientaram-se: como sempre, os menos armados eram os mais ardentes.

Meteram-se pelas fileiras da guarda nacional, dizendo que iriam sem ela tomar o paço.

Alguns marseheses e dez ou doze guardas franceses, daqueles mesmos guardas, que três anos antes haviam tomado a Bastilha, foram aclamados chefes.

Foi esta a vanguarda da insurreição.

Entretanto, o ajudante de ordens, que tinha visto assassinar Mandat, voltara a toda a brida às Tulherias, mas só depois do triste passeio do rei pelo pátio, no momento em que o rei e a rainha se recolheram cada um à sua câmara, é que pôde falar-lhes para lhes dar a triste notícia.

A rainha sentia o que todos sentimos quando nos anunciam a morte de uma pessoa, que

vimos poucos instantes antes: não podia acreditar a fatal notícia, e o ajudante de ordens teve de lhe contar mencionando todos os seus horríveis pormenores.

Durante aquele tempo, subia o rumor até ao primeiro andar.

Os gendarmes, os guardas nacionais e os artilheiros patriotas, aqueles que haviam gritado: “Viva a nação!” começavam a provocar os realistas, chamando-lhes, os srs. granadeiros reais, dizendo que entre os granadeiros do bairro de S. Tomás e os dos Moinhos, só havia homens vendidos à corte, e como em baixo ainda ignoravam a morte do comandante geral, que só era sabida no primeiro andar, um granadeiro exclamou:

– Precisamente o canalha Mandat só mandou aristocratas para o paço.

O filho mais velho de Mandat estava entre as fileiras da guarda nacional.

Já sabemos onde estava o mais moço: debalde tentava defender seu pai nos degraus do palácio da municipalidade.

A este insulto feito a seu pai ausente, o mais velho saiu das fileiras com a espada alçada.

Três ou quatro artilheiros saíram-lhe ao encontro.

Entre os granadeiros de S. Roque achava-se, com o uniforme de guarda nacional, Weber, o escudeiro da rainha.

Correu a socorrer o mancebo.

Ouviu-se o tinir das espadas.

Começava a desordem entre os dois partidos.

A rainha, ouvindo bulha, correu à janela, e conheceu Weber.

Chamou Thierry, escudeiro do rei, e ordenou-lhe que fosse buscar o seu colação.

Weber subiu e contou à rainha o que sucedera.

A rainha participou-lhe então a morte de Mandat.

A desordem debaixo das janelas continuava.

– Vai ver o que é aquilo Weber – ordenou a rainha.

– São os artilheiros que, abandonando as peças, meteram-lhes balas, e como não estão carregadas, não podem servir – respondeu Weber.

– Que pensa de tudo isto, meu pobre Weber?

– A minha opinião – respondeu o bom austríaco – é que vossa majestade deve consultar o Sr. Roederer, que julgo ainda um dos fiéis, que há no paço.

– Sim; mas onde hei-de falar-lhe sem ser escutada e interrompida?

– Se vossa majestade se dignar, pode ser no meu quarto – disse o escudeiro Thierry.

– Pois seja – disse a rainha.

Depois, voltando-se para Weber, disse:

– Vai procurar o Sr. Roederer e leva-o ao quarto de Thierry.

E enquanto Weber saía por uma porta, a rainha, seguindo Thierry, saía por outra.

Davam nove horas no relógio do paço.

XXXIX

Das nove horas ao meio-dia

Logo que se chega a um ponto da história tão importante como este a que chegámos, não se devem omitir nenhuma particularidades, porque se prendem umas com as outras, e são todas de muito interesse.

No momento em que Weber procurava o síndico da comuna para lhe dizer que a rainha desejava falar-lhe, o capitão suíço Durler subia à câmara do rei para receber dele, ou do major general, as últimas ordens.

Charny viu o bom capitão, que procurava algum porteiro, ou algum escudeiro que o anunciasse a el-rei.

– Que deseja, capitão? – lhe perguntou Charny.

– Não é o Sr. major-general?

– Sim, capitão.

– Venho saber as últimas ordens, senhor, visto que a vanguarda dos insurgentes começa a aparecer sobre o Carroussel.

– Não os deixe entrar, el-rei está resolvido a morrer no meio dos seus.

– Pode ficar certo de que assim o faremos – respondeu simplesmente o capitão Durler.

E foi levar aos seus camaradas esta ordem, que era a sua sentença de morte.

Com efeito, como dissera o capitão Durler, a vanguarda começava a aparecer.

Eram mil homens armados com chuços, precedidos por vinte marselheses e por quarenta guardas franceses; no meio deles brilhavam as dragonas de um jovem capitão.

Era Pitou, a quem Billot encarregara de uma missão.

À vanguarda seguia-se, à distância de meio quarto de légua, uma força considerável da guarda nacional, logo precedida por uma bateria de doze peças de artilharia.

Os suíços, logo que receberam a ordem do major general, foram silenciosa e resolutamente ocupar os seus postos, guardando o frio e sombrio silêncio da resolução.

Os guardas nacionais, cuja disciplina não era tão severa, fizeram as suas disposições, com mais motim e algazarra, mas não com menos resolução.

Os gentis-homens, mal organizados, tendo por únicas armas pistolas, e espadas, certos de que se tratava de um combate de morte, sentiram uma espécie de entusiasmo febril em se irem achar a braços com o povo, este velho adversário, este eterno atleta, este lutador, sempre vencido, mas sempre a engrandecer depois de oito séculos.

Enquanto os sitiados, ou os que o iam ser, tomavam estas disposições, batiam à porta do pátio real, e muitas vozes bradavam: *Parlamentario!* e ao mesmo tempo, por cima do muro, mostravam um lenço branco espetado numa lança.

Foram procurar Roederer.

Finalmente encontraram-no.

– Estão batendo à porta do palácio, senhor – disseram os que o procuravam.

– Já ouvi bater e vou ver o que é.

– o que se há-de fazer?

– Abra.

A ordem foi transmitida ao porteiro, que abriu a porta e deitou a fugir.

Roederer deparou com a vanguarda dos homens armados de chuços.

– Meus amigos – disse Roederer – devem saber que se abriu a porta a um parlamentar e não a um exército. Onde está o parlamentar?

– Sou eu – disse Pitou com a sua agradável voz e meigo sorriso.

– Quem é o senhor?

– Sou o capitão Ângelo Pitou, chefe dos federados de Haramont.

Roederer não sabia quem fossem os federados de Haramont, mas como o tempo era precioso, não julgou a propósito indagar quem fossem.

– Que pretende? – continuou ele.

– Desejo a passagem livre para mim e para os meus amigos.

Os esfarrapados amigos de Pitou, brandindo as lanças e mostrando más caras, pareciam antes perigosos inimigos.

– A passagem livre! Para quê?

– Para ir cercar a Assembléia; temos doze peças de artilharia, mas nem só uma disparará, se anuírem ao que pretendemos.

– Mas que pretendem?

– A deposição do rei.

- Senhor – disse Roederer – a coisa é grave.
- Muito grave, sim, senhor – replicou Pitou com a sua habitual política.
- Merece que formemos conselho.
- É muito justo – respondeu Pitou.

E olhando para o relógio do castelo, disse:

– São dez horas menos um quarto; damos-lhe até às dez horas. Se a essa hora em ponto não tivermos resposta, atacaremos.

– Entretanto, permite que feche a porta, não é assim?

– Sem dúvida.

Depois, dirigindo-se aos seus homens, disse:

– Meus amigos, permitam que fechem a porta.

E fez-lhes um sinal para que recuassem.

Obedeceram todos e a porta fechou-se.

Mas por esta porta um instante aberta, os agressores tinham podido ver os formidáveis preparativos feitos para os receberem.

Fechada a porta, os homens de Pitou quiseram continuar a parlamentar.

Alguns subiram aos ombros dos seus camaradas, escarrancharam-se no muro e começaram a palestrar com a guarda nacional.

A guarda nacional começou a responder-lhes.

Passado um quarto de hora veio um homem do paço, e deu ordem para abrirem a porta.

Desta vez não foi o porteiro, mas sim os guardas nacionais que a abriram.

Os agressores, ao verem a porta aberta, julgavam que lhes concediam o que tinham pedido, entraram pois com os homens que estavam impacientes por terem esperado, isto é todos ao mesmo tempo, chamando a altos brados os suíços, espetando os chapéus nas pontas das lanças e das espadas e gritando:

“Viva a nação! Viva a guarda nacional! Vivam os suíços!”

Os guardas nacionais responderam aos gritos de viva a nação.

Os suíços guardaram sombrio silêncio.

Os agressores só pararam à boca das peças.

O grande vestibulo estava cheio de suíços formados a três de fundo; além disso, em cada degrau estava uma fileira de suíços, o que lhes dava a vantagem de poderem ao mesmo tempo fazer fogo das seis filas.

Alguns, e sobretudo Pitou, começaram a reflectir.

Porém já era tarde para se darem a este trabalho.

Demais, isto era o que sempre sucede em idênticas circunstâncias ao bravo povo francês, cujo principal carácter tanto tem de infantil, isto é, ora é bom, ora cruel.

Vendo o perigo nem sequer teve idéia de fugir, o que fez foi voltar-se, procurando gracejar com os guardas nacionais e com os suíços.

Os guardas nacionais não estavam muito longe de lhes corresponderem; os suíços porém guardaram o seu sério.

Eis o que tinha sucedido cinco minutos antes da aparição da vanguarda dos patriotas.

Como já dissemos, os guardas nacionais patriotas, em consequência da desordem promovida a propósito de Mandat, tinham-se separado dos patriotas realistas, e separando-se deles, tinham-se despedido dos suíços, cuja coragem estimavam e deploravam.

Ajustaram receber em suas casas, como irmãos, os suíços que quisessem segui-los.

Então dois soldados valdeses, respondendo a este convite, feito na sua língua, saíram da fileira e foram correndo lançar-se nos braços dos franceses.

No mesmo instante dispararam dois tiros das janelas do paço e duas balas foram ferir os desertores nos braços dos seus novos amigos.

Os suíços, excelentes atiradores e caçadores de camurças, tinham achado este meio de se oporem à deserção.

Tudo isto, como é fácil de compreender, tornou os suíços sérios e mudos.

Os homens, que acabavam de entrar no pátio do castelo, armados com espadas e lanças ferrugentas, isto é, mal armados, eram os precursores da revolução, e como temos visto em todos os grandes motins, iam, rindo, abrir o abismo que havia de engolir um trono, e talvez mais do que um trono, uma monarquia.

Os artilheiros tinham corrido para eles e a guarda nacional parecia estar decidida a fazer o mesmo; só faltavam os suíços e procuraram decidi-los.

Não percebiam que o tempo corria e que Pitou, seu chefe tinha dado ao síndico Roederer até às dez horas e já eram dez e um quarto.

Como se divertiam, não contavam os minutos.

Um deles, que em lugar de espingarda e em vez de espada tinha um gancho, disse ao que lhe ficava próximo:

– Se eu pescasse um suíço?

– Pois pesca-o – disse-lhe o outro.

E fisingando o gancho aos botões da farda de um suíço, puxou-o para si.

A resistência do suíço era fingida e deixou-se arrastar docemente.

– Este pegou na isca – disse o pescador.

– Pois puxa-o com doçura.

O homem do gancho assim fez, e o suíço passou do vestíbulo para o pátio, como um peixe passa do rio para o cabaz.

Esta operação foi aplaudida com grandes aclamações e gargalhadas.

– Outro, outro? – gritaram de todos os lados.

O pescador deitou o gancho a outro suíço e puxou-o.

Depois do segundo veio terceiro.

Depois o quarto, depois o quinto.

Todo o regimento teria passado, se não houvesse sentido a voz de:

“*Apontar*”.

Vendo abaixar os canos das espingardas com o som e certeza mecânicos, com que as tropas regulares acompanham este movimento, um dos assaltantes, em tais circunstâncias sempre há um insensato, que dá o sinal para a carnificina, lembrou-se de disparar uma pistola para uma das janelas do paço.

Durante o curto intervalo, que vai entre a voz *apontar* e a voz *fogo*, Pitou compreendeu o que se ia passar.

– Deitem-se no chão! Deitem-se no chão! – gritou ele aos seus homens: aliás são todos mortos!

E juntando o exemplo à palavra, foi o primeiro a deitar-se ao chão.

Mas, sem que a sua recomendação tivesse tempo de ser seguida, retiniu a palavra fogo, e o vestíbulo encheu-se de fumo, cuspidando para o pátio uma copiosa chuva de balas.

A massa compacta, talvez metade da coluna, havia entrado no pátio; ondulou como uma seara curvada pelo vento, depois como a seara cortada pela foice, oscilou e caiu.

Apenas a terça parte ficou viva.

Esta terça parte fugiu, passando por debaixo do fogo de duas linhas e sob o das barracas.

Linhas e barracas fizeram fogo ao mesmo tempo.

Os atiradores ter-se-iam morto uns aos outros, se entre eles não houvesse uma espessa muralha de homens.

A muralha desfez-se em pedaços; quatrocentos homens, entre mortos e feridos, ficaram jazendo no pátio.

Entre eles, cem, feridos mais ou menos mortalmente, lamentando-se, fazendo esforços para se levantarem, tornando a cair, davam a certas partes deste campo de cadáveres uma mobilidade, semelhante à de uma onda formidável, que está para se desfazer.

A pouco e pouco tudo desapareceu, e com excepção de alguns teimosos, que se

obstinavam a viver, tudo tornou a entrar na imobilidade.

Os fugitivos espalharam-se no Carroussel, desembocando por uma parte, pelo lado do cais, por outra, pela rua de Saint-Honoré, e gritando:

– Assassnam-nos! Assassnam-nos!

Quase ao pé do Pont-Neuf encontraram o grosso do exército.

O grosso do exército era comandado por dois homens a cavalo, seguidos por um homem a pé, o qual também parecia tomar parte no comando.

Viram os fugitivos que corriam.

– Ah! – gritaram os fugitivos, reconhecendo num dos cavaleiros o fabricante de cerveja do bairro de Santo António, notável pela sua colossal estatura, à qual servia de pedestal um enorme cavalo flamengo: – ai, Sr. Santerre! Valha-nos! Estão assassinando os nossos irmãos!

– Quem é que os assassina? – perguntou Santerre.

– Os suíços! Atiraram sobre nós, quando estávamos com as bocas à altura das faces deles. Santerre voltou-se para o segundo cavaleiro e perguntou-lhe:

– Que pensa disto, senhor?

– Mas – disse com pronúncia alemã, muito acentuada, o segundo cavaleiro, que era um homem baixo e louro – julgo que há um provérbio militar, que diz: “O soldado deve dirigir-se para onde ouve a bulha dos tiros”; vamos pois para onde eles nos chamam.

– Mas – disse aos fugitivos o homem que estava a pé – iam comandados por um oficial moço e não o vejo!

– Foi o primeiro que caiu, cidadão representante – respondeu um dos fugitivos – e é uma desgraça, porque era um moço muito valente.

– Sim, era um valente rapaz – repetiu empalidecendo aquele a quem tinham dado o nome de cidadão representante; – sim, era um mancebo valente, mas também vai ser vingado valorosamente. Para a frente, Sr. Santerre.

– Creio, meu querido Billot – respondeu Santerre – que num negócio tão grave, devemos chamar em nosso auxílio, não só a coragem, mas a experiência.

– Concedo.

– Portanto proponho que se entregue o comando em chefe ao cidadão Westermann, que é um verdadeiro general, e um amigo do cidadão Danton, e sou o primeiro a oferecer-me para lhe obedecer como um simples soldado.

– Tudo o que quiser – disse Billot – contanto que marchemos sem perder um instante.

– Aceita o comando, cidadão Westermann? – perguntou Santerre.

– Aceito – respondeu laconicamente o prussiano.

– Então comece a dar as suas ordens.

– Para a frente – gritou Westermann.

E a imensa coluna, que por um instante parara pôs-se em marcha.

Deram onze horas no relógio das Tulherias, quando a vanguarda penetrava no Carroussel ao mesmo tempo pela rua de l'Échelle e pelas dos Cais.

XL

Das nove horas ao meio-dia

Tornando a recolher-se ao paço, o síndico Roederer encontrou o escudeiro da rainha, que o procurava.

Desejava também falar à rainha, porque sabia que era a única força do palácio.

Estimou pois saber que ela o esperava num sítio em que poderia falar-lhe sem ser

interrompido.

Portanto, seguiu Weber.

A rainha estava assentada ao pé do fogão, com as costas voltadas para a janela.

Ouvindo abrir a porta, voltou-se vivamente.

– E então, senhor? – perguntou ela.

– Vossa majestade fez-me a honra de me mandar chamar? – perguntou Roederer.

– Sim, senhor: é um dos primeiros magistrados da cidade, e a sua presença no paço é um escudo para a realeza; é esta a razão por que lhe pergunto se devemos ter receio ou esperança.

– Que esperar, minha senhora, pouco há ou nada; que temer, há tudo.

– O povo marcha decididamente contra o paço?

– A sua vanguarda está no Carroussel e parlamenta com os suíços.

– Parlamentam com os suíços, senhor? Mas eu dei-lhes ordem para repelirem a força com a força; estarão porventura dispostos a desobedecer-me?

– Não, senhora, os suíços hão-de morrer no seu posto.

– E nós no nosso, senhor; assim como os suíços são soldados ao serviço dos reis, são os reis soldados ao serviço da realeza.

Roederer calou-se.

– Acaso terei a desventura de ver a minha opinião em desacordo com a sua? – perguntou a rainha.

– Augusta senhora – respondeu Roederer – nunca me atreveria a expender a minha opinião, se vossa majestade não fizesse a honra de me perguntar.

– Então diga-me, qual é?

– Vou dizê-la a vossa majestade com toda a franqueza: é que el-rei está irremediavelmente perdido, se fica nas Tulherias.

– Mas se não ficarmos nas Tulherias, para onde havemos de ir? – perguntou a rainha levantando-se e parecendo ter ficado muito assustada.

– Agora – respondeu Roederer – há apenas um único asilo que possa proteger a família real.

– Qual é, senhor?

– A Assembléia Nacional.

– Que diz? – perguntou a rainha como que convencida de não ter ouvido bem.

– A Assembléia Nacional – repetiu Roederer.

– E julga o senhor que eu seja capaz de pedir coisa alguma a semelhante gente?

Roederer não respondeu.

– Inimigos por inimigos, prefiro os que nos atacam de frente e descobertos àqueles que tudo querem destruir à traição e hipocritamente.

– Nesse caso, senhora, ou vá para a frente ao encontro do povo, ou retire para a Assembléia.

– Retirar? Acaso estamos tão desprovidos de defensores que sejamos obrigados a retirar antes de ter começado o fogo?!

– Quer vossa majestade, antes de tomar uma resolução, ouvir o conselho de um homem competente e conhecer as forças de que pode dispor?

– Weber, vai procurar-me um dos oficiais do palácio, o Sr. Maillardos, ou o Sr. de La Chesnay, ou o...

A rainha queria dizer ou o conde de Charny, mas calou-se.

Weber saiu.

– Se vossa majestade quer julgar por si mesma, digne-se chegar à janela – disse Roederer.

A rainha deu alguns passos para a janela com visível repugnância, afastou as cortinas, e viu o Carrossel e o próprio pátio real cheio de gente armada.

– Meu Deus! – exclamou ela – o que faz esta gente!

– Já o disse a vossa majestade estão parlamentando.

– Mas entraram no pátio real.

– Julguei dever ganhar tempo para que vossa majestade pudesse tomar uma resolução. Neste momento abriu-se a porta.

– Venha, venha! – disse a rainha, sem saber a quem se dirigia.

Entrou Charny e disse:

– Aqui estou, minha senhora!

– Ah! É o conde; então nada tenho que perguntar-lhe, porque há pouco me disse o que nos restava fazer.

– E segundo a opinião deste senhor – perguntou Roederer – resta-lhes?

– Morrer – disse a rainha.

– Vossa majestade bem vê que o que proponho é preferível.

– Oh! Pela minha alma que não sei! – disse a rainha.

– Que propôs este senhor a vossa majestade? – perguntou Charny.

– Conduzir o rei à Assembléia.

– Isso não é a morte – disse Charny – é a vergonha.

– Ouviu, senhor – disse a rainha.

– Ora vejamos – retorquiu Roederer – não haverá um meio termo?

Weber adiantou-se.

– Não valho nada – disse ele – conheço que é grande ousadia meter-me a falar onde não me chamam e na presença de pessoas tão elevadas; mas talvez que a minha dedicação me inspire: há um meio talvez de conciliar tudo: é pedir à Assembléia que envie para aqui uma deputação, que vele pela segurança de el-rei.

– Nisso consinto – disse a rainha.

– Sr. de Charny, se aprova esta proposta, peço-lhe que vá transmiti-la a el-rei.

Charny inclinou-se e saiu.

– Segue o conde, Weber, e traze-me a resposta de el-rei.

Weber saiu atrás do conde.

A presença de Charny, frio, grave, delicado, era, senão para a rainha, ao menos para a mulher, uma censura tão terrível, que ela não podia vê-lo sem estremecer.

Além disso, talvez a rainha tivesse um terrível pressentimento do que se ia passar.

Weber entrou.

– El-rei aceita, augusta senhora – disse ele – e os srs. Champion e Dejoly vão já à Assembléia fazer a requisição.

– Mas, repare – disse a rainha.

– No que, real senhora? – perguntou Roederer.

– No que eles estão fazendo.

Os assaltantes estavam ocupados a pescar os suíços.

Roederer olhou, mas antes de ter tempo para fazer idéia do que se passava, ouviu um tiro de pistola, seguido de terrível descarga.

O palácio tremeu como se fora abalado nos seus fundamentos.

A rainha deu um grito e recuou um passo, mas depois, arrastada pela curiosidade, tornou à janela.

– Oh! Veja! Veja! – disse ela entusiasmada – fogem, estão derrotados. E dizia há pouco, Sr. Roederer, que não tínhamos outros recursos senão a Assembléia.

– Quer vossa majestade fazer a graça de me acompanhar?

– Veja, veja! – continuou a rainha – lá fazem os suíços uma sortida: como os perseguem!

Oh! O Carroussel está livre! Vitória! Vitória!

– Pelo seu interesse, senhora, acompanhe-me – disse Roederer.

A rainha acompanhou o síndico.

– Onde está el-rei? – perguntou Maria Antonieta ao primeiro escudeiro que encontrou.

– Na galeria do Louvre.

– É precisamente onde eu queria conduzir vossa majestade – disse Roederer.

A rainha acompanhou-o, sem fazer idéia da intenção do seu guia.

A galeria estava além da barricada, cortada.

Defendiam-na duzentos ou trezentos homens, e podiam recolher-se ao Louvre por uma espécie de ponte movediça, a qual, empurrada pelo último fugitivo, caía na rua.

O rei estava numa janela com o Sr. de La Chesnaye, com o Sr. Maillardos e cinco ou seis gentis-homens.

Tinha na mão um óculo.

A rainha chegou-se à janela e não lhe foi preciso óculo para ver o que se passava.

O exército dos insurgentes aproximava-se longo e espesso, cobrindo todo o comprimento do cais e estendendo-se a perder de vista.

No Pont-Neuf, a força do bairro de Saint-Marceau, reuniu-se com a do bairro Saint-Antoine.

Todos os sinos de Paris tocavam a rebate.

O da igreja de Nossa Senhora sobressaía a todos os outros.

Um sol ardente dardejava milhares de raios sobre os canos das espingardas e os ferros dos chuços.

Depois ouvia-se o surdo rodar da artilharia, como ao longe se ouve o bramir da tempestade.

– E então, senhor? – perguntou Roederer.

Atrás do rei tinham-se reunido umas cinqüenta pessoas.

A rainha lançou um profundo olhar sobre as pessoas que a rodeavam.

O olhar parecia penetrar até ao fundo dos corações, para sondar a dedicação que neles existia.

Depois, em silêncio, a pobre senhora, não sabendo a quem se dirigisse, nem que súplica fizesse, pegou no filhinho e mostrou-o aos oficiais suíços, aos oficiais da guarda nacional e aos gentis-homens.

Não era uma rainha pedindo o trono para o seu herdeiro, era a mãe aflita no meio de um incêndio e gritando:

“O meu filho! Quem salvará o meu filho?”

Entretanto o rei falava em voz baixa com o síndico da comuna, ou antes Roederer repetia-lhe o que já havia dito à rainha.

Em redor da família real tinham-se formado dois grupos bem distintos.

O grupo do rei, frio e grave, era composto de conselheiros, que aprovavam o conselho dado pelo síndico Roederer.

O grupo da rainha, ardente, entusiasta, numeroso, era composto de mancebos militares, que agitavam os chapéus, desembainhavam as espadas, elevavam as mãos para o delfim, beijavam de joelhos o vestido da rainha e juravam morrer por um e por outro.

À vista deste entusiasmo reanimou-se por um instante a esperança da rainha.

Neste momento, o grupo do rei reuniu-se ao da rainha, e o rei achou-se, com a sua impassibilidade ordinária, no centro dos grupos reunidos.

Aquela impassibilidade talvez fosse ânimo.

A rainha tirou duas pistolas do cinto do Sr. Maillardos, comandante dos suíços.

– Vamos, senhor – disse ela ao esposo – eis o momento de triunfar ou de morrer no meio de todos os nossos amigos.

Esta acção da rainha encheu todos do maior entusiasmo; todos esperavam de boca aberta e com a respiração suspensa a resposta do rei.

Um rei moço e valente, que se tivesse arrojado com valor no meio do combate, com duas pistolas na mão, poderia talvez mudar a face da fortuna.

Todos esperavam.

Mas o rei tirou as pistolas das mãos da rainha e entregou-as ao Sr. Maillardos.

Depois, voltando-se para o síndico da comuna:

– Não disse que devo dirigir-me à Assembléia?

– Senhor – respondeu Roederer inclinando-se – é a minha opinião.

– Vamos, senhores – disse o rei – nada há mais que fazer aqui.

A rainha deu um suspiro, pegou no delfim, e voltando-se para as Sr^{as}. de Lamballe e de Tourzel, disse:

– Venham, senhoras, visto que el-rei assim o quer.

Era o mesmo que dizer a todos os mais: abandono-os.

A Sr^a. Campan esperava a rainha no corredor, por onde devia passar.

A rainha viu-a e disse-lhe:

– Espere-me no meu quarto; irei reunir-me consigo, ou mandá-la-ei buscar, Deus sabe para onde!

Depois, chegando-se ao ouvido da Sr^a. Campan, murmurou:

– Oh! Um passeio à borda do mar!

Os gentis-homens abandonados olhavam uns para os outros, como se dissessem:

“E foi pelo rei que aqui viemos buscar a morte?”

O Sr. de La Chesnaye compreendeu perfeitamente esta muda interrogação.

– Não, senhores, foi pela realza – disse ele – o homem é mortal, o princípio não pode morrer.

Enquanto as desventuradas senhoras – e havia muitas, porque algumas que estavam fora do paço tinham feito esforços inauditos para tornarem a entrar nele – estavam aterradíssimas.

Pareciam estátuas de mármore, em pé, nos cantos dos corredores e nos degraus das escadas.

Finalmente o rei dignou-se lembrar daqueles que abandonava.

Parou no fim da escada.

– Mas – disse ele – que sucederá às pessoas que deixo lá em cima?

– Senhor – disse Roederer – é-lhes muito fácil seguirem vossa majestade, passando pelo jardim.

– É verdade – disse o rei – vamos.

– Ah! Sr. de Charny – disse a rainha, vendo o conde que a esperava com a espada desembainhada à porta do jardim – porque não segui o conselho, que antes de ontem me deu, de fugir?

O conde não respondeu, e aproximando-se do rei disse-lhe:

– Vossa majestade quer servir-se do meu chapéu para não ser conhecido?

– Ah! É verdade – disse o rei – por causa da pluma branca; obrigado, senhor.

E trocou o chapéu pelo do conde de Charny.

– Senhor – perguntou a rainha – acaso o rei corre algum perigo nesta excursão?

– Vossa majestade bem vê que se há algum perigo, faço o que posso para o afastar de sua majestade.

– Senhor – disse o capitão suíço encarregado de proteger a passagem do rei pelo jardim – vossa majestade está pronto?

– Sim – respondeu o rei, enterrando na cabeça o chapéu de Charny.

– Então – disse o capitão – saíamos.

– O rei avançou no meio de duas fileiras de suíços, que marchavam a passo.

De repente ouviram-se grandes gritos à direita.

A porta que dava para as Tulherias, ao pé do café de Flora, tinha sido forçada.

Um magote de povo, sabendo que o rei ia para a Assembléia, precipitara-se no jardim.

O homem que parecia chefe deste bando, levava por bandeira uma cabeça espetada num chuço.

O capitão mandou imediatamente fazer alto e carregar as armas.

– Sr. de Charny – disse Maria Antonieta – se me vir prestes a cair nas mãos desses

miseráveis, mata-me, não é assim?

– Não o posso prometer – respondeu Charny.

– Por quê? – perguntou a rainha.

– Porque antes que uma só mão toque em vossa majestade, estarei já morto.

– Oh! – disse o rei – é a cabeça do infeliz Mandat, bem a conheço.

Aquele bando de assassinos não ousou aproximar-se, mas dirigiram toda a sorte de injúrias ao rei e à rainha, e dispararam cinco ou seis tiros, que mataram um suíço e feriram outro.

O capitão mandou apontar e os soldados obedeceram.

– Não dê a voz de fogo – disse vivamente Charny – aliás nem um só de nós chegará à Assembléia.

– Tem razão, senhor – respondeu o capitão – e deu a voz de: braço armas!

Os soldados obedeceram à voz e continuaram a avançar.

Os calores do ano, apesar do mês de Agosto estar no princípio, já tinham secado as folhas, que juncavam o chão.

O delfim divertia-se em as empurrar com os pés, para os pés da irmã, que ia adiante dele.

– As folhas, este ano caem muito cedo – disse o rei.

– Não escreveu um dos revolucionários – perguntou a rainha: *que a realeza não chegaria ao tempo de caírem as folhas?*

– Não há dúvida, minha senhora – respondeu Charny.

– Como se chamava o tal profeta?

– Manuel.

Entretanto apresentava-se novo obstáculo no caminho da família real; era um grupo considerável de homens e mulheres, que esperavam com gestos ameaçadores, agitando as armas, nas escadas e no terraço, escadas que as pessoas reais tinham de atravessar impreterivelmente para passarem do jardim das Tulherias para o picadeiro.

O perigo era tanto maior, porquanto era quase impossível que os suíços não rompessem as fileiras.

Todavia o capitão suíço fazia os maiores esforços para atravessar a multidão, mas manifestou-se tal furor, que Roederer exclamou:

– Senhores, tomem cuidado, que podem matar el-rei!

Fizeram alto e enviaram um emissário à Assembléia, para a prevenir de que el-rei ia pedir-lhe asilo.

A Assembléia enviou uma deputação, a qual, vista pelo populacho, redobrou-lhe o furor.

Já se ouviam estes gritos dados com frenesi:

Abaixo o Sr. *Veto!* Abaixo a *austriaca!* A deposição ou a morte!

As duas crianças, conhecendo que as ameaças eram dirigidas à mãe, agarravam-se a ela.

O delfim perguntava:

– Sr. de Charny, por que razão querem fazer mal à mamã?

Um homem de estatura colossal, armado de um chulo e gritando: abaixo o Sr. *Veto!* morra a *Austriaca!* fazia diligência para alcançar com o chulo o rei e a rainha.

Os gritos de abaixo o Sr. *Veto!* morra a *Austriaca!* em vez de diminuírem, aumentavam.

A escolta suíça tinha-se afastado a pouco e pouco; a família real não tinha em volta de si mais do que os gentis-homens que com ela tinham saído das Tulherias o Sr. de Charny e a deputação da Assembléia, que tinha ido protegê-la.

Tinham que dar mais de trinta passos no meio de uma multidão compacta.

Era evidente que tentavam contra a vida do rei, e principalmente contra a da rainha.

A luta começou no princípio da escada.

– Senhor – disse Roederer a Charny – embainhe a espada, aliás não respondo pelo que possa suceder.

Charny obedeceu sem proferir uma só palavra.

O grupo da família real foi impellido pelo populacho, como um barco é levantado pelas

vagas, e foi arrastado para o lado da Assembléia; o rei foi obrigado a empurrar um homem, que lhe levava a mão à cara como que ameaçando-o.

O delfim gritava e estendia os braços pedindo socorro, porque se sentia apertado.

Dentre o populacho saiu um homem, que lhe pegou e o arrancou das mãos da mãe.

– Sr. de Charny! – exclamou a rainha – em nome do Céu, salve o meu filho!

Charny deu alguns passos para o homem que levava o menino, mas apenas se afastou da rainha, logo dois ou três braços se estenderam para ela, e uma mão agarrou-lhe no lenço que lhe cobria o peito.

A rainha deu um grito.

Charny esqueceu a recomendação de Roederer, e a espada desapareceu no corpo do homem, que se tinha atrevido a pôr a mão na rainha.

O populacho deu um grito de raiva ao ver cair um dos seus e arremessou-se desesperado e com grande violência sobre o grupo.

As mulheres berravam:

– Matem a *austriaca*! ou dêem-no-la para que a façamos em pedaços! Morra! Morra!

E vinte braços se estendiam para a agarrar.

Mas ela, fora de si pela dor, não se importava com o seu próprio perigo e não cessava de gritar:

– O meu filho! O meu filho!

Estavam quase a chegar à porta da Assembléia, e a multidão que viu que lhe ia escapar a presa, com que contava, fez um último esforço.

Charny estava tão apertado que só podia bater com o punho da espada.

Viu entre punhos fechados e ameaçadores uma mão armada com uma pistola apontada para a rainha.

Charny lançou-se sobre o assassino.

Neste momento, a rainha entrava atrás do rei no corredor da Assembléia; estava salva.

É verdade que sobre ela fechava-se a porta, e a essa porta caía o conde de Charny; ferido ao mesmo tempo com uma barra de ferro na cabeça e com o golpe de um chuço no peito.

– Como meus irmãos! – murmurou ele caindo; – pobre Andréa!

O destino de Charny estava cumprido, como o de Isidoro, como o de Jorge.

O da rainha ia cumprir-se.

Neste momento uma descarga de artilharia anunciou que os insurgentes atacavam o paço.

XLI

Do meio-dia às três horas

Como sucedera à rainha, os suíços ao verem fugir os primeiros agressores, julgaram por um instante que tinham posto em fuga todo o exército.

Tinham morto no palácio real perto de quatrocentos homens, cento e cinquenta ou duzentos no Carroussel e tinham tomado sete peças de artilharia.

Demais, em toda a distância que a vista podia alcançar, não se via um só homem em estado de se defender.

Apenas uma pequena bateria isolada, assestada num terraço fronteiro ao campo dos suíços, continuava a fazer fogo, não sendo possível fazê-la cessar.

Como se julgavam senhores da insurreição, tratavam de tomar medidas para destruírem a tal bateria, custasse o que custasse, quando se ouviu soar da banda do cais o toque de tambor e o rodar sombrio da artilharia.

Era o exército, que por um óculo o rei vira da galeria do Louvre.

Ao mesmo tempo espalhou-se a notícia de que o rei tinha deixado o paço para ir pedir asilo à Assembléia Nacional.

É difícil dizer o efeito que esta notícia produziu, ainda mesmo nos realistas mais dedicados.

O rei, que tinha prometido morrer no seu posto, desertava e passava para o inimigo.

Ou então entregava-se prisioneiro sem combater.

Os guardas nacionais consideraram-se desonerados do seu juramento e começaram a retirar quase todos.

Seguiram-nos alguns gentis-homens, porque julgavam inútil afrontar a morte por uma causa, que estava perdida.

Ficaram só os suíços, sombrios, silenciosos mas escravos da disciplina.

Do alto do terraço do pavilhão de Flora e pelas janelas do Louvre via-se aproximar a população desses bairros heróicos, a que nunca pôde resistir exército nenhum, e que num dia tinham derrubado a Bastilha, essa fortaleza, cujos alicerces estavam enraizados no solo havia quatro séculos.

Os assaltantes tinham o seu plano; julgavam que o rei estivesse no paço e queriam cercá-lo para o apanharem.

A coluna, que seguia o cais da margem esquerda, recebeu ordem para forçar a porta do lado do rio, a que seguia a rua de Saint-Honoré a porta dos Bernardos, ao passo que a coluna da margem esquerda, comandada por Westermann, tendo às suas ordens Santerre e Billot atacaria pela frente, visto ser a parte mais difícil de realizar.

Esta coluna desembocou de repente por todas as ruas do Carroussel, cantando a *Marselhesa*.

Os marseheses iam na vanguarda da coluna, arrastando no meio das suas fileiras duas pequenas peças de calibre quatro, carregadas de metralha.

No Carroussel estavam formados em linha de batalha perto de duzentos suíços.

Os marseheses marcharam em direcção aos suíços, e no momento em que estes apontavam as espingardas para fazerem fogo, chegaram o morrão às duas peças e dispararam.

Os soldados descarregaram as espingardas, mas retiraram logo, deixando no Carroussel trinta homens, entre mortos e feridos.

Os insurgentes, levando à frente os marseheses e os bretões, caíram imediatamente sobre o paço e tomaram dois pátios.

O pátio Real, situado no centro, onde havia tantos mortos, e o pátio dos príncipes, próximo ao pavilhão de Flora.

Billot tinha querido combater no sítio onde fora morto o seu amigo Pitou tanto mais que ainda tinha esperança de que o pobre rapaz estivesse apenas ferido, e poder pagar-lhe no pátio Real o serviço que ele lhe prestara no Campo de Marte.

Foi pois um dos que primeiro entrou no pátio do centro; o cheiro do sangue ali era tal, que o pátio parecia um açougue.

Daquele montão de cadáveres exalava-se uma espécie de fumo.

Aquele espectáculo e aquele cheiro exaltaram os agressores: atiraram sobre o paço.

Demais, ainda que quisessem recuar, era-lhes impossível; as massas que de todas as ruas desembocavam nos postigos do Carroussel, mais pequenos então do que são actualmente, empurravam-nos para diante.

Mas, convém dizê-lo, apesar da fachada do paço parecer um fogo de artifício, ninguém tinha idéia de dar um passo à retaguarda.

E todavia, depois de entrarem no pátio do centro os insurgentes achavam-se metidos entre três fogos, o fogo do pavilhão do Relógio e o das duas fileiras de barracas.

Os marseheses atiraram-se a elas, mas não lhes foi possível destruí-las com as mãos.

Pediam alviões e enxadas.

Billot pedia cartuchos.

Westermann percebeu o plano do seu tenente.

Arranjaram-se as granadas com as competentes mechas.

Com o risco de que as granadas lhes rebentassem nas mãos, os marselheses acenderam as mechas e arremessaram-nas para dentro das barracas.

As barracas incendiaram-se.

Os insurgentes, com Billot à frente, aproveitaram o ensejo para seguirem os fugitivos até dentro do vestíbulo.

Ali cruzou-se o ferro com o ferro, o fogo com o fogo.

Billot sentiu-se de repente agarrado por detrás e voltou-se, julgando que era um inimigo; vendo porém a pessoa que o estreitava, deu um grito de alegria.

Era Pitou.

Mas em que estado! Coberto de sangue desde os pés até à cabeça, mas são e salvo. Pitou não tinha uma única ferida.

No momento em que ele viu apontar as espingardas dos suíços, gritou, como dissemos: Deitem-se no chão.

E dera o exemplo.

Mas os seus camaradas não tiveram tempo de o seguir.

As balas, como uma fouce imensa, tremenda, tinham passado na altura de um homem, e tinham cortado duas terças partes daquelas espigas humanas, que gastam a crescer vinte e cinco anos, mas que se aniquilam num segundo.

Pitou sentiu-se como que enterrado em cadáveres.

Depois viu-se banhado num líquido quente, que corria de todas as partes.

Apesar da impressão bastante desagradável que sentia, Pitou, abafado pelos corpos, banhado em sangue, resolveu não dizer palavra e esperar.

Esperou por mais de uma hora esse instante favorável.

É verdade que cada minuto dessa hora tinha-lhe parecido um século.

Finalmente, pareceu-lhe que chegara o instante tão desejado, quando ouviu os gritos de vitória dos seus companheiros, e no meio dos gritos a voz de Billot, que o chamava.

Então, como Encelado enterrado debaixo do monte Etna, tinha sacudido aquela campa de cadáveres, conseguira pôr-se de pé, e vendo Billot na primeira fileira, tinha-se apressado a apertá-lo contra o coração, sem curar do lado por que o apertaria.

Uma descarga dos suíços, a qual deitou por terra dez ou doze homens, chamou Pitou e Billot à gravidade da situação.

Uma extensão de novecentas toesas de edifícios ardiam à direita e à esquerda do pátio do centro.

O pátio estava cheio de fumo, que oprimia os combatentes.

O vestíbulo também estava cheio de fumo.

De cada janela da fachada saía uma nuvem de fumo.

Ninguém sabia a quem dava, ou de quem recebia a morte.

Pitou, Billot, os marselheses, a vanguarda da coluna avançaram para a frente, e por entre uma nuvem de fumo entraram no vestíbulo.

Toparam com uma muralha de baionetas.

Eram as dos suíços.

Foi então que os suíços começaram a sua retirada, retirada heróica, na qual, passo a passo, de degrau em degrau, deixando uma fileira dos seus em cada um que subiam, foram perdendo terreno.

Depois contaram-se na escada oitenta cadáveres.

De repente, ouviu-se soar nas câmaras e nos corredores do palácio este grito:

— O rei ordena que os suíços deixem de fazer fogo!

Eram duas horas depois do meio-dia.

Eis o que se passara na Assembléia, e que produzia a ordem proclamada nas Tulherias para fazer cessar a luta, ordem que tinha a dupla vantagem de diminuir a exaltação dos vencedores e de cobrir a honra dos vencidos.

No momento em que sobre a rainha se fechava a porta dos Bernardos, e quando através da porta ela viu alavancas, lanças e baionetas ameaçarem Charny, dera um grito estendendo os braços para a porta; arrastada porém para a sala pelas pessoas que a acompanhavam, e ao mesmo tempo, pelo seu instinto de mãe que lhe dizia, que primeiro do que tudo, devia seguir o filho, tinha entrado na Assembléia atrás do rei.

Ali esperava-a uma grande alegria; acabava de ver seu filho assentado sobre a secretária do presidente.

O homem que o tinha arrebatado sacudia alegremente o boné vermelho por sobre a cabeça do menino, e dizia muito satisfeito:

– Salvei o filho dos meus senhores! Viva o delfim!

Mas, mal que viu o filho salvo, logo o coração da rainha se voltou para Charny.

– Senhores – disse ela – um dos meus mais valentes oficiais, um dos meus mais dedicados servidores, está à porta em perigo de morte; peço-lhes socorro para ele.

Cinco ou seis deputados correram para a porta.

O rei e a rainha, a família real e os dois ministros, que a acompanhavam, dirigiram-se para as cadeiras destinadas aos ministros e assentaram-se.

Vergniaud era o presidente.

Antes de se assentar, o rei fez sinal de que queria falar.

Todos se calaram.

– Vim aqui – disse o rei – para evitar um grande crime; julguei que em nenhuma outra parte podia estar com mais segurança do que no meio de vós.

– Senhor – respondeu o presidente – podeis contar com a firmeza da Assembléia Nacional; os seus membros juraram morrer defendendo os direitos do povo e as autoridades constituídas.

O rei assentou-se.

Neste momento retumbou até às portas da Assembléia uma fuzilaria espantosa; era a guarda nacional, que, juntamente com os insurgentes, atirava do terraço dos Bernardos sobre os suíços, que tinham escoltado o rei.

Um oficial da guarda nacional, que perdera a cabeça, entrou esbaforido na Assembléia, gritando:

– Os suíços! Os suíços! Fomos derrotados!

A Assembléia julgou que os suíços, vencedores, tinham repellido a insurreição, e que se dirigiam para o lado do picadeiro com o propósito de recobrar o seu rei, porque naquele momento, devemos dizê-lo o rei Luís XVI era mais um rei dos suíços do que dos franceses.

Todos os membros da Assembléia se levantaram por um movimento espontâneo e unânime, representantes do povo, espectadores das tribunas, guardas nacionais, secretários, cada um bradou, estendendo a mão:

– Suceda o que suceder, juramos viver e morrer livres!

O rei e a família real, como não tinham nada com este juramento, ficaram assentados.

Este brado, proferido por mil bocas, passou como um trovão por cima dos membros da família real.

O erro não durou muito, mas este instante de entusiasmo foi sublime.

Passados dez minutos soou outro grito.

– O paço foi tomado! Os insurgentes marcham sobre a Assembléia para matarem o rei!

Então estes mesmos homens, que, por ódio à realeza, acabavam de jurar que morreriam livres, levantaram-se com o mesmo transporte, jurando defender o rei até à morte.

Neste momento o capitão suíço Durler era intimado para depor as armas.

– Sirvo el-rei e não a Assembléia – disse ele – onde está a ordem de el-rei?

Os mandatários da Assembléia, não tinham tal ordem.

– Recebi o comando do rei – replicou Durler – e só ao rei o entregarei.

Para o levarem à Assembléia quase foi preciso empregar a força.

Estava todo cheio de pólvora e de sangue.

– Senhor – disse o valente capitão – querem que eu deponha as armas; porventura esta ordem provém de vossa majestade?

– Sim – respondeu o rei; – entregai as armas à guarda nacional; não quero que uns valentes como sois morram.

Durler curvou a cabeça, deu um suspiro e saiu; mas à porta disse que só obedecia a uma ordem por escrito.

Então o rei pegou num papel e escreveu:

“O rei ordena aos suíços que deponham as armas e que se retirem a quartéis”.

Era esta a ordem, que proclamavam nas câmaras, nos corredores, e nas escadas das Tulherias.

Como esta ordem acabava de dar alguma tranqüilidade à Assembléia, o presidente tocou a campainha.

– Deliberemos – disse ele.

Mas um membro da Assembléia levantou-se para observar que um artigo da Constituição proibia deliberar na presença do rei.

– É verdade – disse Luís XVI – mas onde nos haveis de meter?

– Senhor – disse o presidente – podemos, oferecer a tribuna do jornal *Logógrafo*, que está vazia, porque o jornal deixou de publicar-se.

– Está bem – disse o rei – aceitamos.

– Contínuos! – disse Vergniaud – conduzam el-rei à tribuna do *Logógrafo*.

Os contínuos obedeceram.

O rei, a rainha e toda a família real, seguiram para sair da sala, o caminho que tinham seguido para entrar nela, e acharam-se por consequência no corredor.

– Que é isto que está no chão? – perguntou a rainha; – parece sangue.

Os contínuos não responderam; talvez ignorassem a origem de tais nódoas.

Mas, coisa singular, quanto mais se aproximavam da tribuna, mais freqüentes se tornavam as manchas de sangue.

Para poupar este espectáculo à rainha, o rei apressou o passo e abrindo a tribuna, disse:

– Entre, minha senhora.

A rainha entrou, mas logo que transpôs a porta, deu um grito de horror, e levando as mãos aos olhos, recuou.

Tinha diante de si a explicação das nódoas de sangue.

Na tribuna jazia um cadáver.

Fora no cadáver que topara o pé da rainha, e que lhe fizera dar um grito.

– Olhe! – disse o rei no mesmo tom com que dissera: É a cabeça do infeliz Mandat; – olhe, é o cadáver do pobre conde de Charny.

Com efeito, era o cadáver do conde, que os deputados da Assembléia haviam tirado das mãos dos assassinos, e que tinham mandado meter na tribuna do *Logógrafo*, porque não podiam adivinhar que passados dez minutos entraria para ali a família real.

Retiraram o cadáver do conde e a família real foi instalada na tribuna.

Quiseram lavar o sobrado, porque estava com poças de sangue.

A rainha porém opôs-se e tomou o seu lugar.

O que porém ninguém viu foi que ela partiu os cordões dos sapatos, e que pôs os pés frementes em contacto com aquele sangue ainda quente.

– Oh! – murmurou ela! – Charny! Querido Charny! Porque não corre aqui o meu sangue até à última gota, para se misturar com o teu por toda a eternidade?

Davam três horas da tarde.

XLII

Das três às seis da tarde

Deixamos o paço no momento em que, forçado o vestibulo do meio, e batidos os suíços de degrau em degrau, soou uma voz nas câmaras e nos corredores gritando:

– Ordem aos suíços para deporem as armas!

Este livro é provavelmente o último que escreveremos sobre esta terrível época, por consequência, conforme vamos avançando, vamos abandonando o terreno, que percorremos, para jamais voltar a ele.

Permita-se-nos pois que narremos todos os pormenores deste supremo dia.

Temos tanto maior direito a isto, porquanto o fazemos sem prevenções, sem ódio, sem paixão.

O leitor entrou no palácio real atrás dos marseheses, seguiu Billot no meio das chamas e do fumo, viu-o subir com Pitou, espectro sangrento saído do meio dos mortos, cada degrau da escada, no cimo da qual os deixamos.

Desde esse momento as Tulherias estavam tomadas.

Qual seria o sombrio génio que presidira à vitória?

A cólera do povo, responderão.

De acordo: mas quem dirigiu essa cólera?

O homem, que apenas nomeamos, o oficial prussiano, que marchava num pequeno cavalo preto, ao lado do gigante Santerre e do seu colossal cavalo flamengo.

O alsaciano Westermann!

Mas que homem é esse, que, semelhante ao raio, só se faz visível no meio da tempestade?

É um desses homens que Deus tem ocultos no arsenal das suas iras, donde só os tira quando lhe é preciso absolutamente ferir.

Chama-se *Westermann*, o homem do poente.

Com efeito, apareceu quando a realza caiu para não mais se levantar.

Quem o inventou? Quem o adivinhou?

Quem foi o intermediário entre ele e Deus?

Quem entendeu que a este gigante, talhado no rochedo material da carne, era precisa uma alma nesta luta, em que os Titãs deviam destronar Deus?

Quem uniu Guéryon com Prometeu?

Quem completou Santerre com Westermann?

Danton.

Onde foi o terrível tribuno buscar este vencedor?

A uma sentina, a uma prisão, a Saint-Lazare.

Westermann tinha sido acusado, entendamos bem, acusado, mas não convencido, de ter feito notas falsas do banco.

Danton carecia para a obra de 10 de Agosto de um homem que não pudesse recuar, porque, recuando, subiria ao pelourinho.

Danton devorava-o com a vista; no dia e na hora em que precisou dele, quebrou-lhe os ferros, abriu-lhe a prisão com a sua mão poderosa e disse-lhe:

“Vem”.

A revolução consiste não só, como já disse, em pôr em baixo o que está em cima, mas em pôr em liberdade os presos e em prender os que andam em liberdade.

Não só os que andam livres, mas os poderosos da terra, os grandes, os príncipes e os reis.

Era sem dúvida com a certeza do que ia suceder, que Danton esteve tão descuidado durante as trevas febris, que precederam a sangrenta aurora do dia 10 de Agosto.

Na véspera, tinha porque assim digamos, espalhado o vento; não podia pois inquietar-se,

porque estava certo de que rebentaria a tempestade.

O vento foi Westermann; a tempestade foi Santerre, esta gigantesca personificação do povo.

Santerre apenas se mostrou neste dia.

Westermann fez tudo, apareceu em toda a parte.

Foi Westermann quem dirigiu o movimento da Junção do bairro Saint-Marceau no Pont-Neuf; foi Westermann quem montado no seu cavaleiro preto, apareceu à frente do exército na praça do Carroussel; foi Westermann quem, como se tratasse de abrir a porta de um quartel, a um regimento no fim de longa marcha, foi bater com a sua espada à porta das Tulherias.

Já vimos como se abriu a porta; como os suíços fizeram heroicamente o seu dever; como retiraram sem fugirem; como foram destruídos sem serem vencidos.

Seguimo-los de degrau em degrau, pela escada que cobriam com os seus mortos; seguimo-los, passo a passo, pelas Tulherias, que vão juncar de cadáveres.

No momento, em que se soube que a rainha acabava de sair do palácio, os duzentos ou trezentos fidalgos, que tinham ido ali para morrerem com o rei, reuniram-se na sala dos guardas da rainha e formaram conselho para decidirem se não estando ali o rei para morrer com eles, como tinham prometido solenemente, se deixariam morrer sem ele.

Decidiram, visto ter ido o rei para a Assembléia, reunir-se a ele.

Reuniram todos os suíços, que encontraram, uns vinte guardas nacionais, e em número de quinhentos desceram ao jardim.

A passagem estava fechada por uma grade, chamada o portão da rainha.

Quiseram fazer saltar a fechadura, mas não o conseguiram.

Os mais fortes torceram um varão de ferro e conseguiram parti-lo.

A abertura dava passagem à tropa, mas a homem por homem.

Estavam a trinta passos dos batalhões postados na ponte real.

Foram dois soldados suíços os que primeiro saíram pela estreita passagem.

Foram mortos antes de terem dado quatro passos.

Os outros passavam sobre os seus cadáveres.

A tropa foi vítima de uma chuva de balas, mas como os suíços pelo brilho dos uniformes ofereciam pontaria mais certa, foram eles que mais sofreram com as balas.

Por dois fidalgos mortos e um ferido caíram sessenta ou setenta suíços.

Os dois fidalgos mortos foram os srs. de Casteja e de Clermont d'Amboise.

O ferido foi o Sr. de Viomesnil.

Marchando para a Assembléia Nacional, passaram defronte do corpo da guarda situado no terraço à borda de água e debaixo das árvores.

A guarda saiu fora, fez fogo sobre os suíços e matou sete ou oito.

O resto da coluna, que na distância de oitenta passos tinha perdido oitenta homens, dirigiu-se para a escada dos Bernardos.

O Sr. de Choiseul viu-os de longe, e correndo para eles com a espada na mão, debaixo do fogo da artilharia da ponte real, tentou reuni-los.

– À Assembléia Nacional! – bradou ele.

E julgando-se seguido pelos quatrocentos homens, que restavam, meteu-se pelos corredores e subiu a escada, que ia dar à sala das sessões.

No último degrau encontrou Merlin, que lhe perguntou:

– O que faz com a espada na mão, desgraçado?

O Sr. de Choiseul olhou em volta de si; estava só.

– Embainhe a espada e vá ter com o rei – disse-lhe Merlin. – Só eu o vi e faço de conta que o não vi.

Que fora feito da tropa, pela qual o Sr. de Choiseul se julgava seguido?

O fogo da artilharia e o da fuzilaria tinha-a feito voltar, como um turbilhão de folhas secas, e tinha-a empurrado para o terraço das laranjeiras.

Do terraço das laranjeiras os fugitivos correram pela praça de Luís XV, e tomaram o caminho do *Guarda Móveis* para se escaparem, ou pelos arrabaldes, ou pelos Campos Elísios.

Na rua de Saint-Florentin o Sr. de Viomesnil, mais oito ou dez fidalgos e cinco suíços refugiaram-se no palácio da embaixada de Veneza.

A porta fechou-se sobre eles.

Estavam salvos.

O resto da coluna ainda tentou ganhar os Campos Elísios.

Dois tiros de metralha, disparados ao pé da estátua de Luís XV, fizeram-nos dividir em dois troços.

Um fugiu pelo arrabalde, e encontrou os gendarmes, que vinham com o batalhão dos Capuchinhos.

Os fugitivos julgaram-se salvos. O Sr. de Villiers, antigo major dos gendarmes, correu para eles com os braços abertos, gritando:

– A nós! Meus amigos!

Um gendarme tirou uma das pistolas dos coldres, e fez-lhe saltar os miolos.

Vendo isto, trinta suíços e um fidalgo, ex-pajem do rei, meteram-se no palácio da marinha.

Ali formaram conselho para combinar o que deviam fazer.

Deliberaram render-se, e vendo aparecer oito patriotas, depuseram as armas, bradando:

– Viva a Nação!

– Ai traidores – disseram os patriotas; – rendem-se, porque se vêem apanhados; gritam “viva a nação” porque julgam que esse brado os salvará? Não, não, nada de quartel para ninguém!

E ao mesmo tempo caíram dois suíços, um ferido com um Chuço, outro com um tiro.

As cabeças foram imediatamente espetadas em lanças.

Os suíços, furiosos pela morte dos seus camaradas, pegaram outra vez nas espingardas e todos fizeram fogo ao mesmo tempo.

De oito patriotas caíram sete.

Os suíços correram imediatamente para a porta para se escaparem e acharam-se defronte de uma peça de artilharia.

Recuam, a peça avança e segue-os até à porta.

Todos se agruparam num canto do pátio.

A peça volta a boca para o lado deles e faz fogo.

De vinte e oito foram mortos vinte e três.

Felizmente, quase ao mesmo tempo, no momento em que o fumo cegava os que deram fogo à peça, abre-se uma porta e por ela desaparecem os cinco suíços e o pajem do rei.

Todos seis se meteram por aquela porta, que logo se fechou. Os patriotas não viram esta espécie de alçapão, por onde escaparam os cinco que sobreviveram.

Julgaram ter morto todos, e afastaram-se arrastando a peça e dando gritos de triunfo.

O segundo troço constava de uns trinta soldados e fidalgos, comandados pelo Sr. Forestier de Saint-Venat; cercado por todos os lados à entrada dos Campos Elísios, o seu chefe resolveu ao menos vender cara a vida; com a espada na mão, à frente dos seus trinta homens, calando baioneta, carregou três vezes um batalhão inteiro formado ao pé da estátua.

Nestas três cargas perdeu quinze homens.

Com os quinze, que lhe restavam, tentou ganhar os Campos Elísios; uma descarga matou-lhe oito homens, e os sete restantes dispersaram-se, mas foram perseguidos e acutilados pelos gendarmes.

Forestier ia meter-se no café dos Embaixadores, quando um gendarme, metendo o cavalo a galope, saltou o fosso que separava o passeio da estrada, e o matou com um tiro.

O terceiro troço, composto de sessenta homens, tinha ganho os Campos Elísios, e dirigia-se para Courbevoie, com esse instinto, que faz com que os pombos procurem o pombal, e os carneiros o curral.

O quartel era em Courbevoie.

Cercados pelos gendarmes de cavalaria e pelo povo, foram conduzidos pelos cais à casa da câmara, onde esperavam pô-los em segurança.

Dois ou três mil furiosos, apinhados na praça de Grève, arrancaram-nos à escolta e fizeram-nos em pedaços.

Um fidalgo, o cavaleiro Carlos d'Autichamp fugia do paço pela rua de l'Échelle, com uma pistola em cada mão; dois homens quiseram fazê-lo parar, e matou ambos; a população porém agarrou-o e conduziu-o à praça da Grève para aí o executar solenemente.

Esqueceu-lhe porém ver-lhe as algibeiras, onde ele tinha uma navalha, que abriu; esperando ocasião para se servir dela.

Quando chegaram à porta do palácio da municipalidade, mataram ali os sessenta suíços, que tinham tirado à escolta.

Este espectáculo distraiu a atenção daqueles que o guardavam; matou dois que lhe ficavam mais próximos e metendo-se como uma serpente por entre a multidão, desapareceu.

Os cem homens, que tinham escoltado o rei à Assembléia, refugiaram-se nos Bernardos, onde foram desarmados.

Dos quinhentos, cuja história acabamos de contar, e alguns fugitivos isolados, como o Sr. Carlos d'Autichamp, que com tanta ventura acabamos de ver escapar à morte, foram os únicos que deixaram o paço a salvamento.

Os mais foram mortos no vestíbulo, nas escadas, nos quartos, na capela.

Novecentos cadáveres de suíços e fidalgos juncaram o interior das Tulherias.

XLIII

Das seis da tarde às nove da noite

O povo tinha entrado no paço, como se entra no covil de um animal feroz, e traía os seus sentimentos com estes gritos:

“Morra o lobo! Morra a loba! Morram os lobinhos!”

Se tivesse encontrado o rei, a rainha e o delfim, decerto, que sem hesitar, julgando fazer justiça, teria cortado três cabeças de um só golpe.

Confessemos que seria uma ventura para eles.

Na ausência daqueles a quem chamavam com grandes gritos, procurando nos armários e até atrás das tapeçarias, os vencedores vingaram-se em tudo que encontraram, tanto nas coisas como nos homens, mataram e quebraram com a mesma impassibilidade feroz. As paredes, onde tinha sido decretada a matança de S. Bartolomeu e a carnificina do Campo de Marte, acarretavam estas terríveis vinganças.

Mas, apressemos-nos a dizê-lo; bem se vê que não poupamos o povo, pelo contrário, mostramo-lo como era; contudo é mister confessar que os vencedores saíram do palácio com as mãos vermelhas de sangue, porém completamente vazias.

O autor da *História da revolução de 10 de Agosto*, Pelletier, que não pode ser acusado de parcialidade a favor dos patriotas, conta que um negociante de vinhos, por nome Mallet, levou à Assembléia cento e sessenta e três luíses, que encontrara a um padre.

Que vinte farroupilhas entregaram uma mala com parte da baixela do rei;

Que um combatente depôs uma cruz de S. Luís sobre a secretária do presidente;

Que outro entregou o relógio de um suíço;

Outro um rolo de assinados;

Outro um saco cheio de escudos;

Outro diamantes.

Finalmente, que outro entregou um cofre pertencente à rainha e que continha *quinzentos escudos*.

E ajunta heroicamente, sem se lembrar que faz um magnífico elogio a estes homens: E a *Assembléia exprimiu o seu pesar por não saber os nomes dos cidadãos modestos que lhe foram entregar os tesouros roubados ao rei*.

Não somos lisonjeiros do povo, não, pois sabemos que é o mais ingrato, o mais caprichoso e mais inconstante de todos os senhores.

Narremos por consequência todos os seus crimes e virtudes.

Neste dia foi cruel: naquele dia tingiu com delícia as mãos de sangue; lançou vivos pelas janelas alguns fidalgos; estripou suíços; arrancou corações dos peitos e apertou-os entre as mãos; cortou cabeças e espetou-as em chuços; naquele dia, o povo, que julgava desonrar-se por um relógio ou uma cruz de S. Luís, entregou-se a todas as sombrias delícias de vingança e de crueldade.

E todavia, no meio daquela carnificina de vivos daquela profanação de mortos, algumas vezes perdoou o leão irritado.

As Sr^{as}. de Tarento, de Roche-Aymon, de Ginestous e Paulina de Tourzel tinham ficado nas Tulherias abandonadas pela rainha.

Estavam na própria câmara de Maria Antonieta.

Tomado o palácio, ouviram os gritos dos moribundos, e as ameaças dos vencedores, passos que se aproximavam, precipitados, terríveis e cruéis.

A Sr^a. Tarento foi abrir a porta.

– Entrem – disse ela – aqui só estão mulheres.

Os vencedores entraram com as espingardas fumegantes e as espadas ensangüentadas.

As senhoras caíram de joelhos.

Os assassinos tinham já alçadas as espadas sobre elas, chamando-lhes conselheiras da Sr^a. *Veto*, confidentes da *Austríaca*.

Um homem enviado por Pétion, gritou-lhes do limiar da porta:

– Perdoem às mulheres; não desonrem a nação!

E perdoaram.

A Sr^a. Campan, a quem a rainha tinha dito:

“Espere-me no meu quarto; irei reunir-me consigo ou mandá-la-ei buscar, Deus sabe para onde!”

Esperava, portanto, no seu quarto o cumprimento da promessa da rainha.

A própria Sr^a. Campan conta que tinha a cabeça perdida no meio do tumulto, e que, não vendo sua irmã, que estava escondida atrás de uma cortina, julgou que tinha deixado o quarto.

Desceu rapidamente para a procurar.

Mas só encontrou duas criadas suas e um gigante, que pertencia à rainha.

Vendo este homem, a pobre senhora, apesar do medo, compreendeu que era ele quem corria o maior perigo.

– Fuja! – bradou ela – fuja desgraçado! Fuja, que ainda é tempo!

Ele quis levantar-se, e não o pôde conseguir, gritando com voz lastimosa:

– Ai de mim! Não posso! Estou morto de medo!

Quando dizia isto entrava uma caterva de homens bêbedos, furiosos e ensangüentados, os quais lançando-se sobre o gigante o fizeram em pedaços.

Vendo isto a Sr^a. Campan e as suas criadas, fugiram por uma escada.

Parte dos assassinos, vendo três mulheres a fugir correram atrás delas e depressa as apanharam.

As duas criadas, caindo de joelhos, imploravam de mãos postas a compaixão dos assassinos.

A Sr^a. Campan, indo a fugir, sentiu-se agarrada pelo pescoço; viu brilhar como um raio a

folha de uma espada sobre a cabeça; mediu, finalmente, o curto instante que separa a vida da eternidade, e que por mais curto que seja, contém todavia uma infinidade de recordações, quando depois de já ter sido obrigada a descer a escada, ouviu uma voz imperiosa, perguntando:

– Que fazes?

– Que há de novo? – respondeu o assassino.

– Não quero que se faça nenhum mal às mulheres; ouves?

A Sr^a. Campan estava de joelhos; a espada já estava alçada sobre a sua cabeça e já pressentia a dor agudíssima que ia sofrer.

– Levanta-te patifa – disse-lhe o seu algoz; – a nação perdoa-te.

Que fazia nesse tempo o rei na tribuna do *Logógrafo*?

Tinha fome e pedia o seu jantar.

Apresentaram-lhe pão, vinho, uma galinha, carnes frias e frutas.

Assim como todos os príncipes da casa de Bourbon, assim como Henrique IV, Luís XVI era um comilão; atrás das emoções da alma, que o rosto raras vezes traía, estavam continuamente excitadas estas grandes exigências do corpo: o sono e a fome. Já o vimos obrigado a dormir no palácio; vamos vê-lo obrigado a comer na Assembléia.

O rei partiu o pão e trinchou a galinha, como se estivesse numa caçada, sem se importar com as pessoas que para ele olhavam.

Entre estas pessoas havia uma, cujos olhos estavam ardentes mas que não podiam chorar.

Era a rainha.

Não quis tomar coisa alguma; o desespero alimentava-a.

Com os pés metidos no sangue de Charny, parecia-lhe poder ficar por toda a eternidade como uma flor dos tumultos; sem outro alimento além daquele que recebia da morte.

Tinha sofrido muito no regresso de Varennes, tinha sofrido bastante quando cativa no palácio das Tulherias, tinha sofrido em extremo no dia e na noite que acabava de passar.

Todavia talvez que em tudo isto tivesse sofrido menos do que ao ver o rei comer.

E contudo a situação era assaz grave para fazer perder de todo o apetite a outro qualquer homem, que não fosse Luís XVI.

A própria Assembléia, onde o rei tinha ido buscar protecção precisava de ser protegida.

Não dissimulava a sua fraqueza.

De manhã tinha querido salvar Suleau e não o tinha conseguido.

Às duas horas tinha querido opor-se ao assassinio dos suíços e não o pudera conseguir.

Agora estava ameaçada por uma força respeitável que gritava: “A deposição! A deposição!”

Reuniu uma comissão em sessão permanente.

Vergniaud foi nomeado para ela e deu a presidência a Gaudet, para que o poder não saísse das mãos dos Girondinos.

A deliberação foi curta; deliberavam por assim dizer sob o eco retumbante da artilharia e da fuzilaria.

Foi Vergniaud quem pegou na pena e redigiu o acto de suspensão da realza.

Tornou a entrar na Assembléia, triste e sombrio, sem procurar ocultar nem a sua tristeza, nem o seu abatimento, porque era a última prova que dava ao rei do seu respeito pela realza; ao hóspede, do seu respeito pela hospitalidade.

– Senhores – disse ele – venho em nome da comissão extraordinária apresentar-vos uma medida bem rigorosa, mas, pela dor de que estais penetrados, podeis julgar quanto importa adoptá-la imediatamente.

“A Assembléia Nacional, considerando que os perigos da pátria chegaram ao maior extremo, que os males com que geme o império são causados principalmente pela desconfiança, que inspira a conduta do chefe do poder executivo numa guerra empreendida em seu nome contra a constituição e contra a independência nacional;”

“Que estas desconfianças hão provocado em todas as partes do reino o voto para a deposição de Luís XVI;”

“Considerando todavia que o corpo legislativo não quer engrandecer por nenhuma usurpação a sua própria autoridade, e que não pode conciliar o seu juramento à Constituição e a sua firme vontade de salvar a liberdade, senão apelando para a soberania do povo;”

“Decreta o que se segue:

O povo francês é convidado a formar uma convenção nacional;
O chefe do poder executivo é suspenso provisoriamente das suas funções;
Nesta sessão há-de ser proposto um decreto para a nomeação de um governo do príncipe real;

Será suspenso o pagamento da lista civil;

O rei e a família real ficarão no recinto do corpo legislativo, até que se restabeleça o sossego em Paris;

O departamento fará preparar para sua residência o Luxemburgo sob a guarda dos cidadãos”.

O rei ouviu este decreto com a sua impassibilidade.

O que fez foi chegar-se a Vergniaud quando este voltou a tomar a presidência, e dizer-lhe:

– Posso afirmar-lhe que o que acaba de fazer não é muito constitucional.

– É verdade, senhor – respondeu o presidente – mas é o único meio de lhe salvar a vida. Se lhes não concedemos a deposição de vossa majestade, pedirão imediatamente a sua vida.

O rei fez um movimento com os beijos e com os lábios, que significava:

– É possível!

E tornou a assentar-se no seu lugar.

Neste momento o relógio colocado por cima da cabeça do rei deu horas.

Contou cada vibração da pêndula.

Depois de soar a última, disse:

– Nove horas!

O decreto da Assembléia declarou que o rei ficaria no recinto do corpo legislativo até se restabelecer o sossego em Paris.

Às onze horas os inspectores da sala foram procurar o rei e a rainha para os conduzirem aos quartos, que lhes eram destinados.

O rei fez um gesto com a mão para se demorar mais algum tempo.

Com efeito, tratava-se de uma coisa, que não era de pouco interesse para ele.

Nomeava-se o ministério.

O ministro da guerra, o do interior e o da fazenda estavam nomeados.

Eram os ministros demitidos pelo rei.

– Roland, Clavières e Servant.

Faltavam os da justiça, marinha e negócios estrangeiros.

Danton foi nomeado para a justiça, Monge para a marinha, Lebrun para os negócios estrangeiros.

– Vamos! – disse o rei.

E saiu.

A rainha seguiu-o; não tinha tomado coisa alguma desde que saíra das Tulherias, nem um copo de água.

Foram acompanhados pela princesa Isabel, pelo delfim, e pela princesa real, pelas Sr^{as}. de Lamballe e de Tourzel.

O quarto do rei tinha sido preparado no andar superior do velho convento dos Bernardos, que era habitado pelo arquivista Camus e compunha-se de quatro casas.

Na primeira, que era uma espécie de antecâmara, pararam os servidores do rei, que se tinham conservado fiéis à sua má fortuna.

Eram o príncipe de Poix, o barão de Aubier, os srs. de Saint-Pardon, de Goguelat, de Chamillé e de Hus.

O rei escolheu para si a segunda casa.

A terceira foi oferecida à rainha: era a única forrada de papel.

A rainha lançou-se logo para cima da cama, mordendo o travesseiro, e vítima de uma dor comparada com a qual é bem pequena a do paciente sobre o cadafalso.

O quarto compartimento, apesar de muito pequeno, foi destinado para a princesa Isabel, e para as Sr^{as}. de Lamballe e de Tourzel, que nele se acomodaram com o delfim, conforme lhes foi possível.

A rainha carecia de tudo.

O dinheiro e o relógio tinham-lhe sido roubados no tumulto à porta da Assembléia.

Das Tulherias não trouxera nenhuma roupa.

Pediu emprestados vinte luíses à irmã da Sr^a. Campan.

Mandou pedir roupa à embaixada de Inglaterra.

À noite a Assembléia mandou apregoar à claridade de archotes, os decretos daquele dia.

XLIV

Das nove horas à meia-noite

Os archotes alumiam um lúgubre espectáculo, quando passavam pelo Carroussel, pela rua de Saint-Honoré e pelos cais.

Estava acabada a luta material, mas nos corações ainda durava o combate, pois que o ódio e o desespero sobreviviam à luta.

As narrações contemporâneas, a lenda realista, não lamentado, como nós mesmo estamos dispostos a fazer, as augustas cabeças, de cujas fronteiras este terrível dia arrancava a coroa.

Consignaram a coragem, a disciplina, a dedicação dos suíços e dos fidalgos.

Contaram as gotas do sangue derramado.

Mas não contaram os cadáveres do povo, as lágrimas das mães, das irmãs, das viúvas.

Nós, porém, devemos dizê-lo.

Deus que, na sua alta sabedoria, não só permite, mas dirige os acontecimentos, sabe que o sangue é sangue e as lágrimas são lágrimas.

O número dos mortos entre os homens do povo e entre os patriotas, era mais numeroso do que entre suíços e fidalgos.

Vejamos primeiro o que diz o autor da *História do dia 10 de Agosto*.

“O dia 10 de Agosto custou à humanidade perto de setecentos soldados e vinte e dois oficiais, vinte e quatro guardas nacionais realistas, quinhentos federados, três comandantes das tropas nacionais, quarenta gendarmes, mais de cem pessoas da casa do rei; *duzentos homens mortos por terem roubado*, nove cidadãos assassinados nos Bernardos, o Sr. de Clermont Tonnerre, e perto de *três mil homens do povo* mortos no Carroussel, no jardim e no palácio das Tulherias, na praça de Luís XV; total perto de quatro mil e seiscentos homens”.

E isto facilmente se compreende à vista das medidas tomadas para fortificar as Tulherias. Os suíços fizeram fogo por muito tempo abrigados pelas muralhas, os atacantes, pelo contrário, apavavam as balas a peito descoberto.

Três mil e quinhentos insurgentes sem contar duzentos *fuzilados por terem roubado, morreram neste terrível dia*.

O que faz supor que houve outros tantos feridos; o autor da *Revolução do dia 10 de Agosto* só fala em mortos.

Muitos destes três mil e quinhentos homens, podemos calcular metade, eram casados, pobres pais de família, que uma intolerável miséria tinha levado ao combate, com a primeira arma que tinham achado, ou mesmo sem ela, e que para irem procurar a morte tinham deixado nas tristes mansardas filhos esfaimados, mulheres em desespero.

E tinham encontrado a morte, ou no Carroussel, onde começara a luta, ou dentro do paço onde continuara, ou no jardim onde terminara.

Das três horas depois do meio-dia, até às nove da noite tinham acarretado para o cemitério da Madalena todo o homem que trajasse uniforme de soldado.

Enquanto aos cadáveres das pessoas do povo não sucedia porém o mesmo, levaram-nos para os respectivos bairros; quase todos eram ou do bairro de Saint-Antoine, ou do de Saint-Marceau.

Era principalmente nas praças da Bastilha, no arsenal, na praça de Maubert e na do Panteão onde estavam estendidos.

Cada vez que um dos sombrios veículos, rodando pesadamente e deixando atrás de si um rasto de sangue, entrava num ou noutro bairro, imediatamente o rodeavam todas as mães, esposas, irmãs e filhos, todos vítimas da maior aflição. Depois, conforme se ia fazendo reconhecimento entre a vida e a morte, rebentavam os gritos, os soluços e as ameaças.

Eram maldições inauditas e estranhas, que se elevavam como um bando de aves nocturnas e de mau agouro; batiam as asas na escuridão e voavam queixosos para essas funestas Tulherias. Ali adejavam como um bando, de corvos sobre a corte, sobre a camarilha austríaca, que a cercava, sobre esses nobres, que a aconselhavam; uns prometiam vingar-se no futuro, e com efeito vingaram-se nos dias 2 de Setembro e 21 de Janeiro, outros pegavam em chuços, espadas, espingardas, e ébrios de sangue voltavam ao centro de Paris para matarem.

Matarem! A quem?

Todos os suíços que restavam, todos os fidalgos; para matarem o rei e a rainha, se os apanhassem. Era inútil dizer-lhes: Mas matando o rei e a rainha, tornareis órfãos algumas crianças; matando os nobres, fareis mulheres viúvas e irmãs aflitas. Esposas, irmãs, filhos, gritavam: Também nós somos órfãos! Também nós somos viúvas! E os que ouviam estes gritos, com o peito arquejando de soluços, iam à Assembléia e à Abadia, batendo às portas e gritando:

“Vingança! Vingança!”

Era um espectáculo terrível ver as Tulherias ensangüentadas, fumegantes, desertas; excepto os cadáveres, e três ou quatro guardas que vigiavam para que sob o pretexto de reconhecer os mortos, não fossem os vivos roubar a triste habitação real, ninguém mais estava no castelo.

Havia um guarda em cada vestíbulo, ao pé de cada escada.

A guarda do pavilhão do Relógio, isto é, da escada principal, era comandada por um moço capitão da guarda nacional, ao qual à vista desta grande desgraça decerto inspirava compaixão pelo que exprimia o seu rosto contraído, todas as vezes que levantavam algum cadáver; os acontecimentos terríveis, que acabavam de ocorrer, tiveram pois sobre ele mais influência do que sobre o rei, o qual se ocupava em satisfazer o monstruoso apetite com um pão de quatro arrâteis, que tinha debaixo do braço esquerdo, ao passo que com uma faca na mão direita cortava sem cessar largas fatias, que metia na boca.

Encostado a uma das colunas do vestíbulo, via passar, como se fossem sombras, aquela silenciosa procissão de mães, de esposas, de órfãs, que vinham alumiadas por archotes colocados de distância em distância, pedir à cratera extinta, os cadáveres dos pais, dos maridos e dos filhos.

De repente estremeceu o jovem capitão por ver uma espécie de sombra coberta com um véu.

A Sr^a. condessa de Charny! – murmurou ele muito admirado.

A sombra passou rapidamente sem o ouvir e sem parar.

O capitão fez um sinal ao seu tenente.

O tenente aproximou-se dele.

– Desiré – disse o capitão – aquela senhora é muito estimada pelo Sr. Gilberto, e vem sem dúvida procurar o marido entre os mortos; vou acompanhá-la, porque pode precisar de socorro ou de informações. Deixo-te o comando da guarda, tem pois toda a cautela.

– Diabo! – respondeu o tenente, a quem o moço capitão tinha designado pelo apelido de Desiré, ao qual juntaremos o de Maniquet – a tua dama parece-me uma soberba aristocrática.

– Não há dúvida que é uma aristocrática; é uma condessa.

– Pois podes ir; eu ficarei alerta.

A condessa de Charny já tinha voltado o primeiro lanço da escada, quando o capitão começou a segui-la na respeitosa distância de quinze passos.

O capitão não se tinha enganado; era a pobre Andréa, que andava procurando o marido.

Procurava-o, não com os estremecimentos ansiosos da dúvida, mas com a sombria convicção do desespero.

Desde a hora em que, tirado da sua alegria e da sua ventura pelo eco dos acontecimentos de Paris, Charny fora pálido mas resoluto, dizer à querida esposa:

– Minha Andréa, o rei de França corre risco de vida e precisa de todos os seus defensores.

Andréa respondeu:

– Podes ir onde te chama o dever, meu Olivier, para morreres pelo rei, se tanto for preciso.

– Mas tu? – perguntou Charny.

– Oh! Por mim não tenhas cuidado. Como só por ti tenho vivido, Deus há-de permitir que morra contigo.

E desde então tudo ficou acordado entre aqueles dois magnânimos corações; não disseram nem mais uma palavra, mandaram buscar cavalos de posta, partiram e passadas cinco horas, apeavam-se no palacete da rua de Coq-Héron.

Passada meia hora depois de chegarem a Paris, no momento em que Gilberto, contando com a sua influência, ia escrever-lhe para que viesse a Paris, Charny com o uniforme de oficial de marinha, dirigira-se à rainha.

Desde esse momento, como se sabe, nunca mais a deixou.

Andréa ficara com as suas criadas; fechou-se para orar, primeiramente teve idéia de imitar a dedicação do marido e de ir ocupar o seu lugar junto da rainha; não teve porém ânimo para o fazer.

Passou o dia 9 de Agosto vítima da maior incerteza.

No dia 10, às nove horas, tinha ouvido os primeiros tiros.

É inútil dizer que cada tiro lhe fazia vibrar todas as fibras do coração.

Às duas horas cessou o fogo.

Estaria o povo vencedor ou vencido?

Informou-se; o povo ficara vencedor.

Que teria acontecido a Charny na terrível luta?

Andréa conhecia-o e sabia a coragem de que era dotado.

Tornou a tirar informações.

Disseram-lhe que quase todos os suíços tinham sido mortos, mas que quase todos os fidalgos tinham escapado.

Esperou.

Charny podia voltar disfarçado.

Charny podia ter necessidade de fugir sem demora.

Os cavalos foram metidos à carruagem, prevendo-se esta eventualidade.

Cavalos e carruagem esperavam o dono, porque Andréa sabia que seu marido por maior que fosse o perigo, não havia de partir sem ela.

Mandou abrir as portas para que coisa alguma retardasse a fuga de Charny.
Entretanto as horas iam passando.
Se está escondido em alguma parte – dizia consigo Andréa – decerto espera a noite para sair; esperemos pois pela noite.
Chegou a noite, mas Charny não apareceu.
No mês de Agosto anoitece tarde.
Só às dez horas é que Andréa perdeu de todo a esperança; pôs um véu e saiu.
Por todo o caminho encontrou mulheres possuídas do maior desespero.
Os homens bradavam por vingança.
Passou por entre uns e outros; a dor das mulheres e a cólera dos homens foi a sua salvaguarda.
Era contra os homens que pediam vingança naquele dia e não contra as mulheres.
Naquela noite as mulheres de ambos os partidos choravam.
Andréa chegou à porta do Carroussel, onde ouviu proclamar os decretos da Assembléia.
Mas deles só compreendeu que o rei e a rainha estavam sob a protecção da Assembléia.
Viu duas ou três macas, e perguntou o que levavam nelas.
Responderam-lhe que eram cadáveres tirados da praça do Carroussel, e do pátio real.
Andréa compreendeu que não era na praça do Carroussel nem no pátio real, onde Charny devia ter combatido, mas próximo do rei ou da rainha.
Atravessou pois o pátio real, meteu-se pelo grande vestíbulo e subiu a escada.
Foi neste momento que Pitou, comandante da guarda do grande vestíbulo, a viu, conhecendo-a e seguindo-a.

XLV

Da meia-noite às três horas

É impossível fazer idéia do estado de devastação que apresentavam as Tulherias.
O sangue inundava as casas e corria como uma cascata pelas escadas.
Alguns cadáveres juncavam ainda o sobrado.
Andréa fez o que faziam todos que procuravam cadáveres, pegou numa vela e pôs-se a examiná-los um por um.
Ocupada neste exame, encaminhava-se para os quartos do rei.
Pitou não a perdia de vista.
Nos quartos do rei também procurou, mas inutilmente; então olhou por um instante em volta de si, sem saber o que fizesse, nem para onde se dirigisse.
Pitou, que viu o seu embaraço aproximou-se e disse-lhe:
– Infelizmente parece-me que adivinho o que a Sr^a. condessa procura.
Andréa voltou-se.
– Se a Sr^a. condessa precisa do meu fraco préstimo...
– O Sr. Pitou! – disse Andréa.
– Para servir a V. Ex^a.
– Oh! Aceito, porque muito o preciso.
Depois, chegando-se a ele e pegando-lhe nas mãos perguntou:
– Sabe o que é feito do conde de Charny?
– Não, minha senhora, mas estou pronto a ajudá-la a procurá-lo.
– Há uma pessoa – respondeu Andréa – que pode dizer-nos se o conde é morto ou vivo e o lugar onde está.

- Quem é? – perguntou Pitou.
- A rainha – murmurou Andréa.
- E V. Ex^a. sabe aonde está a rainha?

– Disseram-me que estava na Assembléia, e tenho esperança de que meu marido esteja com ela.

– Oh! Sim – disse Pitou afagando esta esperança não por si, mas pela viúva; – quer V. Ex^a. ir à Assembléia?

- Mas talvez não me deixem entrar.
- Eu me encarrego de obter licença.
- Então vamos.

E Andréa atirou para longe de si a vela, com risco de lançar fogo às Tulherias; mas que importavam as Tulherias àquele profundo desespero, tão profundo que não derramava uma lágrima?

Andréa, que conhecia o interior das Tulherias, dirigiu-se por sorte que chegou ao pavilhão do Relógio.

Maniquet estava vigilante.

- E então? – perguntou ele a Pitou – a tua condessa?
- Espera encontrar o marido na Assembléia e vamos lá.

Depois ajuntou em voz baixa:

– Como é possível que encontremos o conde morto, manda-me para a porta dos Bernardos quatro rapazes, com quem eu possa contar para defender o cadáver de um aristocrata, como se fosse o cadáver de um patriota.

– Está bem, vai com a condessa, e terás os homens que pedes.

Andréa esperava em pé à porta do jardim, aonde tinham postado uma sentinela.

Como Pitou fora quem ali colocara a sentinela, esta deixou-o passar.

O jardim das Tulherias estava alumiado por lampiões postos nos pedestais das estátuas.

A luz dos lampiões alumia não só nos sítios cultivados do jardim, mas até debaixo das árvores, os cadáveres, que por ali estavam estendidos.

Andréa por tal forma estava convencida de que só na Assembléia poderia ter notícias do marido, que caminhara sem ao menos olhar para os cadáveres.

Chegaram aos Bernardos.

Havia uma hora que a família real saíra da Assembléia para os aposentos, que lhe eram destinados.

Para chegar onde estava a família real era preciso vencer dois obstáculos.

Em primeiro lugar as sentinelas, que estavam da parte de fora.

Depois os camaristas que estavam próximos dos aposentos.

Pitou, capitão da guarda nacional, comandante da guarda das Tulherias, podia sem dificuldade conduzir Andréa até à antecâmara onde estavam os fidalgos.

Chegada ali, competia a Andréa o ir até onde estava a rainha.

Já traçamos a disposição da casa ocupada pela família real

Já contamos o desespero da rainha, e já dissemos que entrando no quarto atirara-se para cima da cama, mordendo o travesseiro, dando soluços e gemidos.

Decerto, aquela que perdia o trono, a liberdade, talvez a vida, perdia bastante para que lhe pedissem contas do seu desespero e para que fosse possível descobrirem-lhe, por entre o grande abatimento, alguma dor ainda mais viva.

Em respeito a esta extrema dor tinham deixado a rainha só.

A rainha ouviu abrir e fechar a porta do quarto, mas não se levantou; sentiu passos, mas ficou com a cabeça sobre o travesseiro, como petrificada, num marasmo inconcebível.

Mas de repente saltou como se a tivesse mordido uma serpente.

Uma voz bem conhecida havia pronunciado esta só palavra:

– Senhora!

– Andréa! – exclamou a rainha, assentando-se na cama; – que me quer?

– Perguntar a vossa majestade o que Deus perguntou a Caim, quando lhe disse: *“Caim, que fizeste de teu irmão”*?

– Há porém a diferença – replicou a rainha – de que Caim matou o irmão, ao passo que eu era capaz de dar a minha vida, dez vidas, se as tivesse, para salvar a dele.

Andréa cambaleou, um suor frio inundou-lhe a fronte e os dentes rangeram.

– Foi morto? – perguntou ela fazendo um supremo esforço.

A rainha olhou para Andréa.

– Supõe acaso que seja a minha coroa que eu choro? – disse ela.

Depois mostrando-lhe os pés tintos de sangue, acrescentou:

– Acaso julga que se este sangue fosse meu, não teria lavado os pés?

Andréa tornou-se lívida.

– Então sabe onde está o corpo dele?

– Deixem-me sair e conduzi-la-ei onde ele está.

– Vou esperá-la na escada, senhora, disse Andréa.

E saiu.

Pitou estava à porta.

– Sr. Pitou – disse Andréa – uma das minhas amigas vai conduzir-me aonde está o corpo de Charny, é uma criada da rainha; pode acompanhar-me?

– Sim, mas com a condição de que hei-de tornar a acompanhá-la para aqui.

– Sem dúvida.

– Está bem.

Depois voltando-se para a sentinela:

– Camarada – disse ele – vai sair uma criada da rainha para procurar o corpo de um valente oficial, cuja viúva aqui está; pela minha cabeça, respondo por esta senhora.

– Faça o que quiser, capitão – respondeu laconicamente o soldado.

Ao mesmo tempo abriu-se a porta da antecâmara e apareceu a rainha coberta com um véu.

Desceram a escada, indo a rainha adiante, Andréa atrás e Pitou seguindo-as.

Os membros da Assembléia acabavam de sair da sala, depois de uma sessão de vinte e sete horas.

Aquela imensa sala, onde havia pouco se fizera tanto tumulto, tanta bulha, estava agora muda e sombria como um sepulcro.

– Uma luz – disse a rainha.

Pitou acendeu uma vela e entregou-a à rainha.

A rainha continuou a andar.

Chegando à porta da sala, a rainha apontou para ela, dizendo:

– Foi ali que o assassinaram.

Andréa não respondeu, parecia um espectro.

Chegando ao corredor, a rainha abaixou a vela para o sobrado.

– Este sangue é dele! – disse ela.

Andréa conservou-se calada.

A rainha dirigiu-se a uma espécie de gabinete, e abrindo a porta, disse:

– Ali está o corpo.

Sempre calada, Andréa entrou no gabinete, assentou-se no chão e pôs no colo a cabeça do marido.

– Obrigada, senhora – disse Andréa – nada mais tenho que pedir.

– Mas eu é que tenho que lhe pedir uma coisa.

– Diga.

– Perdoa-me?

Seguiu-se um instante de silêncio, como se Andréa hesitasse.

– Sim – disse ela finalmente – porque amanhã hei-de estar com ele.

A rainha tirou do seio uma tesoura, que tinha escondido como se esconde um punhal.

– Então... – disse ela suplicante, apresentando a tesoura a Andréa.

Andréa pegou na tesoura, cortou uma madeixa de cabelo do cadáver, e entregou-a com a tesoura à rainha.

A rainha pegou na mão de Andréa e beijou-a.

Andréa deu um grito e fugiu com a mão, como se os lábios de Maria Antonieta fossem um ferro em brasa.

– Oh! – murmurou a rainha, retirando-se – quem poderá dizer qual de nós o amava mais?...

– Oh! Meu muito amado Olivier – murmurou Andréa – espero que ao menos saibas agora que era eu que mais te amava.

E a rainha tomou o caminho do seu quarto, deixando Andréa no gabinete com o cadáver do esposo, sobre o qual reflectia, como um olhar amigo, um pálido raio da lua que penetrava pela janela.

Pitou sem saber quem era a senhora que o acompanhava, seguindo-a, viu-a entrar: depois, livre daquela responsabilidade para com a sentinela, veio ao terraço para ver se estavam prontos os quatro homens, que pedira a Desiré.

Estavam já à espera.

– Venham cá – disse-lhes Pitou.

Entraram.

Pitou alumiando-os com a vela, que tirara das mãos da rainha, conduziu-os ao gabinete onde estava Andréa.

Vendo a claridade da vela, ela momentaneamente levantou os olhos.

– Que quer? – perguntou a Pitou como se receasse que fossem roubar-lhe o corpo do seu muito amado.

– Senhora – disse Pitou – vimos buscar o corpo de Charny para o levarmos à rua de Coq-Héron.

– Jura que é para isso?

Pitou estendeu a mão sobre o cadáver, com uma dignidade de que parecia incapaz, disse:

– Jurol!

– Então – disse Andréa – rendo-lhe graças, e pedirei a Deus nos meus últimos momentos, que lhe poupe e aos seus as dores que me afligem.

Os quatro homens pegaram no cadáver, colocaram-no sobre as espingardas, e Pitou com a espada desembainhada foi adiante do cortejo.

Andréa caminhava ao lado do corpo, com a fria mão do finado entre as suas.

Deitaram o corpo sobre o leito de Andréa.

Esta então dirigindo-se aos soldados, disse-lhes:

– Recebam as bênçãos de uma mulher, que amanhã pedirá a Deus pelos senhores no seu santo reino.

Depois dirigindo-se a Pitou:

– Sr. Pitou, devo-lhe um serviço, que não me é possível pagar-lhe; posso ainda contar consigo para um último serviço?

– Queira ordenar, senhora.

– Faça com que o Sr. Gilberto esteja aqui amanhã às oito horas.

Pitou inclinou-se e saiu.

Saindo, voltou a cabeça e viu que Andréa ajoelhava ao pé do leito como diante de um altar.

No momento em que transpunha a porta da rua, davam três horas no relógio de Saint-Eustache.

XLVI

No dia seguinte

Na manhã seguinte, às oito horas em ponto, Gilberto batia à porta do pequeno palácio da rua Coq-Héron.

Anuindo aos rogos que lhe fizera Pitou, em nome de Andréa, Gilberto, admirado, fizera com que Pitou lhe contasse todos os acontecimentos da véspera.

Depois ficou-se por muito tempo reflectindo.

Finalmente quando saiu pela manhã, chamou Pitou e pediu-lhe que fosse buscar Sebastião a casa do abade Bérardier, e o conduzisse à rua Coq-Héron.

Chegado ali, devia esperar à porta pela saída de Gilberto.

O velho porteiro do palácio, decerto estava prevenido da visita do doutor, porque logo que chegou imediatamente o introduziu na sala contígua à câmara de Andréa.

Andréa esperava-o, vestida de luto.

Conhecia-se que não havia dormido nem chorado desde a véspera: tinha o rosto pálido e os olhos enxutos.

Mas as linhas do rosto, linhas que indicam firmemente a vontade, estavam em extremo dilatadas.

Era difícil dizer que resolução encerrava aquele coração de diamante; porém facilmente se conhecia que alguma decisão havia tomado.

Gilberto, hábil observador, médico filósofo, viu e compreendeu isto logo que para ela olhou.

Cumprimentou pois e esperou.

– Sr. Gilberto – disse Andréa – mandei pedir-lhe que viesse aqui.

– E bem vê, minha senhora – respondeu Gilberto – que obedeci ao seu convite.

– Mandei chamá-lo e não a outro qualquer, porque quero que aquele a quem pedisse o que vou pedir-lhe, não tivesse o direito de recusar.

– E tem razão, minha senhora, pois tem o direito não só de mandar, mas de exigir tudo de mim, até a própria vida.

Andréa sorriu com amargura.

– A sua vida, senhor, é uma dessas existências tão preciosas à humanidade, que em vez de ter a idéia de a encurtar, serei a primeira a pedir a Deus que a faça longa e feliz; mas concorde que, se nasceu sob a influência de uma feliz estrela, há pessoas que, pelo contrário, parecem estar sujeitas a algum astro fatal.

Gilberto não respondeu.

– A minha, por exemplo – continuou Andréa, depois de curto silêncio; – que diz da *minha*, senhor?

E como Gilberto abaixasse os olhos sem responder, continuou:

– Deixe-me recapitulá-la em duas palavras; pode estar descansado, que não censurarei ninguém.

Gilberto fez um gesto que queria dizer: “Fale”.

– Nasci pobre; meu pai, antes de eu nascer já estava arruinado; a minha mocidade correu triste, isolada, solitária. Conheceu meu pai, e melhor do que ninguém sabe o grau de ternura que ele me consagrava. Dois homens, um dos quais devia ser para mim desconhecido e o outro estranho, tiveram sobre a minha vida fatal influência.

“Um dispôs da minha alma.”

“O outro do meu corpo.”

“Fui mãe sem suspeitar que tivesse deixado de ser virgem.”

“Estive para perder, no dia desse triste acontecimento, a ternura do único ente que

amava.”

“De meu irmão.”

“A idéia de ser amada por meu filho suavizou-a dor de ser mãe.”

“Mas meu filho foi-me tirado uma hora depois de nascer.”

“Achei-me mulher sem marido, mãe sem filho.”

“Consolava-me a amizade de uma rainha.”

“Um dia o acaso quis que se achasse connosco na mesma carruagem um mancebo belo e valente.”

“A fatalidade quis que eu, que nunca tinha amado, o amasse.”

“Ele amou a rainha.”

“Fui a confidente desse amor.”

“O senhor que, como creio, já amou sem ser amado, pode fazer idéia do que eu sofri.”

“Não era porém ainda bastante.”

“Um dia chegou em que a rainha me disse:

– Andréa, salva-me a vida! Salva-me mais do que a vida, salva-me a honra!”

“Vi-me obrigada, continuando a ser-lhe estranha, a casar com o homem que amava havia três anos.”

“Casei com ele.”

“Cinco anos vivi com esse homem; eu era fogo por dentro, gelo por fora, era uma estátua, cujo coração ardia.”

“Médico, compreende o que sofreria o meu coração.”

“Finalmente, um dia, de inefáveis delícias, a minha dedicação, o meu silêncio, a minha abnegação, comoveram aquele homem: havia sete anos que o amava sem lho dar a conhecer sequer por um olhar, quando ele se me lançou aos pés, dizendo:

– Tudo sei e amo-te!”

“Deus, que queria recompensar-me, permitiu que ao mesmo tempo que recobrava meu marido, achasse também meu filho.”

“Correu um ano como uma hora, como um minuto. Esse ano foi toda a minha vida.”

“Há quatro dias caiu o raio aos meus pés.”

“A honra de meu marido dizia-lhe que voltasse a Paris para aqui morrer.”

“Não lhe fiz a menor observação, não derramei uma única lágrima.”

“Parti com ele.”

“Apenas chegados a Paris, logo se separou de mim.”

“Esta noite encontrei-o morto.”

“Está ali naquele quarto.”

“Julga que será grande a ambição da minha parte, depois de uma tal vida, desejar dormir com ele sob a mesma campa? Julga poder recusar-me o que vou pedir-lhe?”

“Sr. Gilberto, é um médico hábil, um químico sábio; Sr. Gilberto, cometeu contra mim grandes faltas, tem muito que expiar; Sr. Gilberto, dê-me um veneno rápido e seguro, e não só lhe perdoarei, mas morrerei reconhecida.”

– Senhora – replicou Gilberto – a sua vida, como disse, foi uma dolorosa prova; prova, que honra lhe seja feita, suportou como mártir, nobre e santamente.

Andréa fez com a cabeça um gesto que significava:

“Espero!”

– Agora diz ao seu algoz:

“Tornaste-me a vida amargosa; dá-me uma morte doce!”

– Tendes direito para dizer isto e para ajuntar:

“Farás o que digo pois nada podes recusar-me”.

– Assim, senhor...

– Sempre quer o veneno?

– Suplico-lhe que mo dê, meu amigo.

– A vida é-lhe por tal forma pesada que não a possa suportar?
– A morte é o maior favor que os homens me podem conceder; o maior benefício que Deus possa fazer-me.
– Daqui a dez minutos – disse Gilberto – terá, minha senhora, o que exige.
E inclinando-se, deu um passo para trás.
Andréa estendeu-lhe a mão.
– Ah! – disse ela – num instante faz-me mais bem do que mal me causou em toda a sua vida. Abençoado seja Sr. Gilberto.
O médico saiu.
À porta encontrou Sebastião e Pitou, que o esperavam num trem.
– Sebastião – disse ele tirando do peito um vidrinho – que trazia suspenso a um cordão de ouro, e que continha um líquido cor de opala; – Sebastião, leva da minha parte este frasquinho à Sr^a. condessa de Charny.
– Que tempo posso demorar-me com ela?
– O tempo que quiseses.
– Onde nos havemos de reunir depois?
– Espero-te aqui.
O mancebo pegou no frasquinho e entrou.
Passado um quarto de hora, saiu.
Gilberto lançou sobre ele um rápido olhar. O mancebo trazia o frasquinho intacto.
– O que te disse ela? – perguntou Gilberto.
– A Sr^a. condessa disse-me: “Da tua mão, meu filho! Oh! Isso não!”
– E que fez?
– Chorou.
– Então está salva! – exclamou Gilberto. – Vem, meu filho, vem.
E abraçou Sebastião com toda a ternura.
Gilberto não contava com Marat.
Passados oito dias soube que a condessa de Charny acabava de ser presa, e que tinha sido metida na prisão da Abadia.

XLVII

O Templo

Antes de seguir Andréa à prisão, onde fora conduzida por suspeita, sigamos a rainha àquela, onde acabava de ser conduzida como culpada.

Já mostrámos o antagonismo da Assembléia e da Comuna.

A Assembléia, como acontece aos corpos constituídos, não tinha operado do mesmo modo que os indivíduos; pusera o povo em campo no dia 10 de Agosto e depois deixara-se ficar para trás.

As secções haviam improvisado o famoso conselho da Comuna, e foi realmente o conselho da Comuna que deu origem aos acontecimentos do dia 10 de Agosto.

A Assembléia deu um asilo ao rei, apesar de que a Comuna não se lhe daria de apanhar o rei nas Tulherias, abafá-lo entre dois colchões, ou esmagá-lo entre duas portas juntamente com a rainha e o delfim.

Com a *loba* e o *lobinho*, como eles diziam.

A Assembléia tinha destruído esse projecto, cujo resultado, por mais infame que fosse, teria sido uma felicidade.

Logo, a Assembléia, protegendo o rei, a rainha, o delfim e a corte, era realista.

A Assembléia, decretando que o rei habitaria no Luxemburgo, isto é, num palácio, era realista.

Verdade é que, como todas as coisas, no realismo também há graus.

O que era realista para a Comuna e até para a Assembléia, era revolucionário para os outros.

Lafayette proscrito como *realista* em França, não ia ser preso como *revolucionário* pelo imperador de Áustria?

Por conseqüência, a Comuna começava a acusar a Assembléia de realista; demais, de tempos a tempos, saía Robespierre do seu covil, e a sua pequena cabeça, chata, pontiaguda e venenosa, quase sempre vomitava uma calúnia.

Robespierre estava neste momento disposto a dizer que um partido poderoso, a *Gironda*, oferecia o trono ao duque de Brunswick.

A *Gironda*? Foi a primeira voz que gritou: “Às armas!” o primeiro braço que se ofereceu para defender a França!

Ora, a Comuna *revolucionária* devia, para chegar à *ditadura*, opor-se a tudo que fazia a Assembléia *realista*.

A Assembléia havia concedido ao rei o Luxemburgo para nele habitar.

A Comuna declarou que não respondia pelo rei, se o rei residisse no Luxemburgo.

A Assembléia, já muito fria com a Comuna, não queria romper de todo com ela por tão pouca coisa.

Deixou-lhe pois o cuidado de escolher a residência real.

A Comuna decretou o Templo.

Vede como a substituição foi bem feita!

O Templo não é um palácio como o Luxemburgo.

Não. Formando ângulo agudo com o Luxemburgo e o palácio da municipalidade, é uma prisão, à sombra, à vista destes edifícios; basta-lhes estender as mãos para abrirem ou fecharem a porta à sua vontade.

É uma velha torre isolada, cujo fosso foi limpo; e uma velha torre baixa, forte, sombria, lúgubre; Filipe o Belo, isto é, a realeza, ali aniquilou a Idade Média, que se revoltara contra ele.

A realeza ali entrara aniquilada pela idade nova.

Porque ficou a velha torre num bairro tão populoso, negra e triste como um mocho de dia?

Foi esse castelo que a Comuna escolheu para habitação do rei.

Haveria cálculo quando se deu para domicílio ao rei esse lugar de asilo, onde os antigos bancarroteiros iam pôr o *boné verde e bater a pedra com o traseiro* como diz a lei da idade média, depois de estarem saldadas as suas contas?

Não; foi acaso, fatalidade... Até diríamos Providência, se a palavra não fosse tão cruel.

No dia 13, ao anoitecer, a rainha, a princesa Isabel, a Sr.^a de Lamballe, a Sr.^a de Tourzel, o Sr. de Chamilly, escudeiro do rei, e o Sr. Hus, escudeiro do delfim, foram conduzidos ao Templo.

Era tal a pressa da Comuna em levar o rei para o seu novo domicílio, que nem tempo ouve para acabar de preparar a velha torre.

A família real foi introduzida na parte do edifício, outrora habitado pelo conde de Artois quando ia a Paris, e que se chamava o palácio.

Paris estava muito alegre. É verdade que tinham morrido três mil cidadãos; mas o rei, o amigo dos estrangeiros, o grande inimigo da revolução, o rei, o aliado dos nobres e dos padres, estava preso.

Todas as casas que dominavam o Templo estavam iluminadas.

Até havia lampiões nas cimalthas da torre.

Quando o rei se apeou, viu Santerre a cavalo a dez passos da portinhola.

Esperavam-no dois membros da municipalidade com o chapéu na cabeça.

– Entre, senhor – disseram eles.

O rei entrou e enganado sem dúvida a respeito da sua nova residência, disse que queria ver os quartos do palácio.

Os membros da municipalidade sorriram-se um para o outro, e sem lhe dizerem que era inútil o passeio a dar, pois só devia residir na torre, mostraram-lhe o Templo, quarto por quarto.

O rei ia fazendo a distribuição dos quartos.

Os membros da municipalidade gozavam ao ver o rei entregue a este engano, que ia tornar-se em amargura.

Às dez horas foi servida a ceia.

Durante esta refeição Manuel esteve de pé atrás do rei.

Todavia não era um servidor pronto a obedecer.

Era um carcereiro, um espia, um senhor.

Supõe duas ordens contraditórias, uma dada pelo rei, outra dada por Manuel.

A ordem deste último era executada.

Foi ali que realmente começou o cativo.

Desde o dia 13 de Agosto, o rei, vencido no cimo da monarquia, deixa o cume supremo e desce a passo rápido a vertente oposta da montanha, em cuja base estava o cadafalso.

Levou dezoito anos a subir até ao cume e a manter-se nele; há-de gastar cinco meses e oito dias para ser precipitado.

Vede a rapidez com que é empurrado!

Às dez horas estão na casa de jantar do palácio, às onze estão na sala.

O rei ainda *é*, ou julga *ser* o rei.

Ignora o que se passa.

Às onze horas, um dos comissários veio ordenar aos dois escudeiros, Hus e Chemilly, para que peguem na pouca roupa que há, e os sigam.

– Aonde? – perguntaram os escudeiros.

– À residência nocturna de seus amos – respondeu o comissário; – o palácio é sua residência somente para de dia.

O rei, a rainha e o delfim não eram amos senão dos escudeiros.

À porta do palácio encontraram um criado, que começou a andar adiante deles, muito vagarosamente, com uma vela na mão.

Seguiram-no.

O Sr. Hus procurava reconhecer a futura habitação do rei, servindo-se para isso da fraca claridade da vela e da iluminação das casas próximas, que começava a extinguir-se.

O fiel escudeiro só via defronte de si a sombria torre, elevando-se como um gigante, em cuja fronte brilhava uma coroa de fogo.

– Meu Deus! – disse o escudeiro parando; – acaso nos conduzirão àquela sombria torre?

– Adivinhou! – respondeu o guia. – O tempo dos palácios já lá vai; vais ver como acomodamos os assassinos do povo.

Acabando de dizer estas palavras, subia os primeiros degraus de uma escada de caracol.

Os escudeiros iam parar no primeiro andar, mas o guia continuou a subir.

Finalmente parou no segundo andar; meteu-se depois por um corredor situado à direita da escada, e abriu uma câmara situada à direita do corredor.

Uma só janela dava claridade a esta câmara.

Três ou quatro cadeiras, uma mesa, um mau leito eram toda a mobília deste quarto.

– Qual é o criado do rei? – perguntou o guia.

– Sou o seu escudeiro! – respondeu Chemilly.

– Parece-me que escudeiro e criado são o mesmo.

Depois, apontando para o leito, ajuntou:

– Olha! Aqui é onde teu amo há-de dormir.

E pôs sobre uma cadeira um cobertor e dois lençóis, acendendo duas velas na chaminé e

retirou-se.

Foi indicar o quarto da rainha, situado no primeiro andar.

Os dois escudeiros olharam atônitos um para o outro; ainda tinham diante dos olhos cheios de lágrimas o esplendor das habitações reais. Nem sequer era uma prisão a casa em que lançavam o rei; metiam-no num covil!

Os escudeiros examinaram o quarto.

O leito estava numa alcova que não tinha cortinas.

Começaram a limpar a câmara.

Enquanto um varria e o outro sacudia o pó, entrou o rei.

– Oh! Senhor – disseram ambos ao mesmo tempo – que infâmia!

O rei, ou por força de alma, ou por indiferença, ficou impassível. Olhou em volta de si, mas não disse nada.

Porém, como visse as paredes cheias de quadros, sendo alguns obscenos, arrancou-os.

– Não quero – disse o rei – que minha filha veja semelhantes coisas.

Depois, arranjada a cama, o rei deitou-se e dormiu com tranquilidade, como se ainda estivesse nas Tulherias.

Talvez que mais tranquilamente.

Sem dúvida, se naquela hora tivessem dado ao rei trinta mil libras de renda, uma casa de campo com uma forja, uma biblioteca, uma capela para ouvir missa, um capelão para a dizer, um parque aonde pudesse viver ao abrigo de toda a intriga, com a rainha, com o delfim, com a princesa, ou servindo-nos de palavras mais doces, com sua mulher e seus filhos, o rei seria o homem mais feliz do seu reino.

Não sucedia porém o mesmo à rainha.

Se a soberba leoa não bramiu ao ver a sua gaiola, é porque uma dor cruel que lhe pungia o coração, a tornava cega e insensível para tudo o que a cercava.

O seu domicílio compunha-se de quatro divisões:

De uma antecâmara, onde ficou a princesa de Lamballe;

De uma câmara, onde ficou a rainha;

De um gabinete, que cedeu à Sr^a. de Tourzel;

De outra câmara, onde instalaram a princesa Isabel e os filhos do rei.

Tudo isso era muito mais cómodo do que o quarto do rei.

Tão ridícula era a habitação do rei, que Manuel como se tivesse vergonha de tamanha falta de atenção, anunciou que o arquitecto da Comuna, o cidadão Palloy, iria entender-se com o rei para tornar a futura habitação da família real tão cómoda quanto fosse possível.

Agora, enquanto Andréa depõe na sepultura o corpo do seu muito amado marido; enquanto Manuel instala no Templo o rei e a família real; enquanto o carpinteiro levanta a guilhotina na praça do Carroussel, campo de vitória, que vai transformar-se em praça de Grève, relanceemos os olhos pelo interior do palácio do município, onde já entrámos duas ou três vezes, e apreciemos o poder que acaba de suceder ao de Bailly e de Lafayette, e que tende, substituindo a Assembléia legislativa, a apoderar-se da ditadura.

Conheçamos os homens, e eles nos explicarão os actos.

Na noite do dia 10, quando tudo já estava acabado, quando já se acabara o estampido da artilharia, quando já se extinguiu o da fuzilaria, quando não se fazia mais do que assassinar, uma caterva de homens do povo, bêbedos e esfarrapados, tinham trazido em triunfo o homem das trevas, o mocho precursor de desgraças, o profeta da população.

O *divino* Marat.

Deixara-os operar à sua vontade. Nada tinha que temer, a vitória fora completa e o campo estava aberto aos lobos e aos corvos.

A população chamava-lhe o vencedor de 10 de Agosto, a ele, a quem apanhara no momento em que metia a cabeça pelo buraco de um subterrâneo no clube dos Franciscanos, onde Danton o escondera.

E consentia que lhe chamassem vencedor!
Puseram-lhe uma coroa de louro.
E como César, conservou ingenuamente a coroa.
Os cidadãos esfarrapados apareceram e lançaram o Deus Marat no meio da Comuna.
Sucedeu o mesmo que quando lançaram Vulcano no meio dos deuses.
Ao verem Vulcano, os deuses tinham-se rido.
Ao verem Marat, muitos riram, mas outros tiveram grande repugnância.
Até alguns estremeceram.
E todavia Marat não era da Comuna.
Não fora nomeado para ela, fora levado para lá.
E lá ficou.
Arranjaram então expressamente para ele uma tribuna de jornalista.
Mas em vez de ficar, como, na tribuna do *Logógrafo*, o jornalista sob a mão da Assembléia, foi a Comuna que se achou debaixo das garras de Marat.
Da mesma sorte que Ângelo, no belo drama de Vítor Hugo, está sobre Pádua e sente Veneza por cima de si.
Vede como obedece a Marat aquela altiva Comuna, a que a Assembléia obedece.
Eis uma das primeiras decisões, que ela toma:
“As tipografias dos envenenadores realistas serão de hoje em diante confiscadas e adjudicadas aos impressores patriotas”.
Marat executou este decreto na mesma manhã do dia em que foi publicado. Foi à imprensa régia, fez conduzir de lá um prelo para sua casa, e juntamente todo o tipo que lhe conveio.
Não era ele o primeiro impressor dos patriotas?
A Assembléia ficara horrorizada com os assassinios do dia 10; não tivera força para os impedir; tinham assassinado nos pátios da Assembléia, nas escadas e nos corredores.
Danton dissera:
– Está começada a acção da justiça; devem cessar as vinganças populares. Tomo pois perante a Assembléia o compromisso de proteger os homens que estão no seu recinto; marcharei à sua frente, respondo por eles.
Danton disse isto antes que Marat aparecesse na Comuna.
No momento em que Marat ali se apresentou, Danton não respondeu por mais nada.
O leão curvou-se em frente da serpente.
Tratou de fazer-se raposa.
Lacroix, antigo oficial, deputado atlético, um dos braços de Danton, subiu à tribuna e pediu que Santerre, comandante da guarda nacional, o homem, a quem, apesar da sua casca grossa, os mesmos realistas concedem um coração compassivo, nomeasse um tribunal marcial, que julgasse sem cessar suíços, oficiais e soldados.
Eis qual era a idéia de Lacroix, ou antes de Danton.
O tribunal marcial seria composto de todos os homens que se tinham batido e dos homens de valor, e como tais capazes de apreciarem quem o tinha.
Além disso, mesmo porque eram vencedores, havia de repugnar-lhes condenar os vencidos.
Não vimos já estes vencedores, ébrios de sangue, fumegantes de carnagem, poupar as mulheres, protegê-las?
Uma comissão marcial escolhida entre os bretões e marseheses, entre os vencedores, era a salvação dos prisioneiros.
E por ser uma medida de clemência, é que a Comuna a rejeitou.
Por quê?
Marat preferia a carnificina; era mais expedito.
Pedia cabeças, cabeças e mais cabeças.

O número dos pedidos em vez de diminuir ia aumentando. Foram principalmente cinquenta mil cabeças, depois cem mil, depois duzentas mil.

Finalmente pedia duzentas e setenta e três mil.

Por que motivo este número extraordinário, esta fracção singular?

Ele mesmo não seria capaz de o dizer.

Queria carnificina, eis o que podia responder.

E organizou-se a carnificina.

Portanto Danton não tornou a pôr os pés na Comuna, dizendo que não podia, porque o trabalho de ministro lhe absorvia o tempo.

Que fazia a Comuna?

Expedir deputados à Assembléia.

No dia 16 sucedem-se três deputações.

No dia 17 apresenta-se nova deputação.

“O povo – diz ela – está desesperado por não ser vingado; temei que ele se vingue por suas mãos. Esta noite, à meia-noite, há-de tocar a rebate. É preciso um tribunal criminal nas Tulherias, um juiz por cada secção. Luís XVI e Maria Antonieta queriam sangue, vejam pois correr o dos seus satélites”.

Esta proposta fez desesperar dois homens.

O jacobino Choudieu.

O dantonista Thuriot.

Aqueles que aqui vêm pedir a mortandade – diz Choudieu – não são amigos do povo, são seus lisonjeiros. Querem uma inquisição, hei-de opor-me a ela até à morte.

Quereis desonrar a revolução – diz Thuriot – a revolução não representa só a França, representa a humanidade.

Depois das petições seguem-se as ameaças.

São as secções que entram e dizem:

– Se dentro de duas ou três horas não estiver nomeado o director do júri, e se este não estiver em estado de julgar, grandes desgraças sucederão em Paris.

A Assembléia teve de ceder a esta última ameaça e votou a criação de um tribunal extraordinário.

A petição foi feita a 17.

O tribunal foi criado a 19.

No dia 21 começou a funcionar o tribunal e condenou à morte um realista.

Na noite do dia 21 o condenado da véspera era executado na praça do Carroussel à luz dos archotes.

O efeito desta primeira execução foi terrível, tanto que o próprio algoz não lhe pôde resistir.

No momento em que mostrava ao povo a cabeça do condenado, que devia abrir tão larga estrada às carretas fúnebres, deu um grito, deixou escapar a cabeça e caiu para trás.

Os ajudantes levantaram-no; estava morto.

FIM DO QUARTO VOLUME

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Matériel protégé par le droit d'auteur



ALEXANDRE DUMAS

La Comtesse de Charny

TOME V



Matériel protégé par le droit d'auteur



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**Memórias de um médico:
A condessa de Charny
Volume V**

Alexandre Dumas

I

A revolução sanguinolenta

A revolução de 1789, isto é, a dos Necker, dos Sicyes e dos Bailly terminou em 1790, a dos Barnave, dos Mirabeau, dos Lafayette teve o seu fim em 1791.

A grande revolução, a revolução sanguinária, a revolução dos Danton, dos Marat, dos Robespierre começava.

Reunindo o nome destes três homens, não queremos confundir em uma só apreciação, pelo contrário, representam as suas individualidades bem distintas as três faces dos três anos que vão decorrer.

Danton está encarnado em 1792.

Marat em 1793.

Robespierre em 1794.

Demais os acontecimentos que vão seguir-se melhor nos demonstrarão o que eram estes homens; examinemos os acontecimentos e por eles veremos como lhe fazem face a Assembléia Nacional e a Comuna.

O que narramos é da história, porque quase todos os personagens desta história, com pequenas excepções, dispuseram e figuraram a tempestade revolucionária.

O que é feito dos três irmãos Charny, Jorge, Isidoro e Olivier?

Morreram.

O que é feito da rainha e de Andréia?

Estão presas.

O que é feito de Lafayette?

Anda fugido.

A 17 de Agosto Lafayette tinha convidado o exército a marchar sobre a capital para restabelecer a constituição, destruir o 10 de Agosto e restabelecer o rei.

Lafayette, o homem leal, tinha perdido a cabeça como os outros; o que ele queria era conduzir directamente os prussianos e os austríacos a Paris.

O exército repeliu-o por instinto, como dezoito meses depois repeliu Dumouriez.

A história teria unido os nomes destes dois homens, se Lafayette detestado pela rainha, não houvesse tido a ventura de ser preso pelos austríacos e enviado a Olmutz.

O cativo fez esquecer a deserção.

A 18, Lafayette passou a fronteira.

A 21 os inimigos de França, os aliados da realeza, contra os quais se vai fazer o 2 de Setembro; os austríacos que Maria Antonieta chamara em seu socorro, durante aquela clara noite em que a lua, passando pelos vidros da câmara da rainha, ia baixar sobre o seu leito, os austríacos atacavam Longwy.

Depois de vinte e quatro horas de bombardeamento, Longwy rendeu-se.

Na véspera de se render na outra extremidade da França levantava-se a Vendeia.

O pretexto para esse levantamento era a obrigação dos eclesiásticos de prestarem juramento.

Para fazer face a estes acontecimentos, a Assembléia nomeava Dumouriez para comandar o exército de Este e decretava a acusação de Lafayette.

Também se decretava que todas as casas, excepto os edifícios públicos de Longwy, fossem destruídas logo que a cidade tornasse a entrar no poder da nação francesa.

Fazia uma lei, que bania no território francês todo o padre, que não tivesse prestado juramento.

Autorizava as visitas domiciliárias.

Confiscava e punha à venda os bens dos emigrados.

Entretanto, o que fazia a Comuna?

Já dissemos quem era o seu oráculo: Marat.

A Comuna guilhotinava na praça do Carroussel.

Dava-lhe uma cabeça por dia, era muito pouco; mas numa brochura, que apareceu nos fins de Agosto, os membros do tribunal explicam o enorme trabalho, que haviam tido para obterem este resultado apesar de pouco satisfatório.

É verdade que a brochura era assinada por Fouquier-Tinville.

Vede pois com que sonhava a Comuna; agora mesmo vamos assistir à realização do seu sonho.

Na noite do dia 23 é que apresentou o seu programa.

Seguida por uma turbamulta, apanhada nos bairros mais ínfimos, a Comuna apresentou-se à meia-noite na Assembléia Nacional.

O que exigia ela?

Que os presos de Orleans fossem conduzidos a Paris para serem guilhotinados.

Mas os presos de Orleans não tinham sido sentenciados.

Esta falta, porém, não era sensível para a Comuna, que prescindia de tal formalidade.

Demais, a festa do dia 10 de Agosto ia servir-lhe de auxílio.

Sergent, artista da Comuna, e o director da festa, tinha já posto em cena a procissão da pátria em perigo, e vimos como se saiu.

Desta vez Sergent há-de exceder-se.

Trata de encher de luto, de vingança, de sede de sangue, a alma de todos aqueles que perderam no dia 10 de Agosto um ser, que lhe era querido.

Defronte da guilhotina, que funcionava na praça do Carroussel, mandou construir uma pirâmide coberta de crepe, e na qual estavam escritos os assassinios de que acusam os realistas, a matança de Nancy, a matança de Nantes, a carnificina de Montauban, a carnificina do Campo de Marte.

A guilhotina dizia: eu mato.

A pirâmide dizia: Matal

Era um domingo, 27 de Agosto, cinco dias depois da insurreição da Vendeia, feita pelos padres; quatro dias depois da tomada de Longwy, da qual o general Clairfayt acabava de tomar posse em nome de Luís XVI. Foi então que a procissão se pôs em marcha às oito horas da noite, para aproveitar a misteriosa majestade, que as trevas dão a todas as coisas.

Adiante, entre nuvens de perfumes queimados em todo o trânsito, iam viúvas e os órfãos do 10 de Agosto, vestidos de branco com os cintos pretos, levando em uma arca, feita pelo modelo da arca antiga, a petição que vimos ditada pela Sr^a. Roland, e escrita pela Keralio, cujas folhas ensangüentadas tinham sido encontradas no Campo de Marte, petição que desde o dia 17 de Julho de 1791, pedia a República.

Depois seguiam-se gigantescos sarcófagos pretos, fazendo alusão aos carros cheios de cadáveres, que se enchiam nas Tulherias, e que transportavam para os diferentes bairros, gemendo com o peso dos cadáveres.

Depois bandeiras de luto e de vingança, pedindo morte por morte.

Seguia-se a lei, estátua colossal, de espada à cinta.

Era seguida pelos juizes dos diferentes tribunais, à frente dos quais marchava o tribunal revolucionário do dia 10 de Agosto, aquele que se desculpava por fazer cair só uma cabeça em cada dia.

Atrás dos tribunais ia a Comuna, a mãe sangrenta daquele tribunal, conduzindo nas suas fileiras a estátua da Liberdade, da mesma altura do que a da lei.

Finalmente, fechava a marcha a Assembléia, levando as coroas cívicas que talvez consolem os mortos, mas que são insuficientes para os vivos.

Tudo isto marchava lentamente, no meio dos sombrios cânticos de Chénier e da música severa, de Gossec, marchando lentamente como a vingança, mas como ela, com passo seguro.

Parte da noite de 27 para 28 passou-se no complemento desta festa expiatória, festa fúnebre, da multidão, durante a qual a populaça, mostrando os punhos às Tulherias vazias,

ameaçava as prisões, fortalezas de segurança, que tinham dado aos reis e aos realistas, em troca dos seus palácios e castelos.

Finalmente, apagado o último lampião, reduzido a fumo o último archote, retirou-se o povo.

Só ficaram as duas estátuas da Lei e da Liberdade para guardarem o imenso sarcófago.

Mas como ninguém as guardasse a elas, ou fosse imprudência, ou sacrilégio, durante a noite, tiraram às estátuas os hábitos inferiores.

No dia seguinte as duas pobres deusas eram menos do que mulheres.

O povo vendo isto, deu um grito de raiva, acusou os realistas, correu à Assembléia, pediu vingança, apoderou-se das estátuas, tornou a vesti-las e levou-as em triunfo para a praça de Luís XV.

Mais tarde, para ali as seguiu o cadafalso, que lhes deram no dia 21 de Janeiro uma terrível satisfação do ultraje, que lhes fora feito a 28 de Agosto.

A 28 de Agosto a Assembléia fez a lei sobre as visitas domiciliárias.

Começava a correr entre o povo o boato da junção dos exércitos prussiano e austríaco e da tomada de Longwy pelo general Clairfayt; por esta forma o inimigo chamado pelo rei, pelos nobres e pelos padres marchava sobre Paris, e supondo que nada o fizesse parar podia estar ali em seis dias de marchas.

O que sucederia então a essa Paris, em ebulição como uma cratera e cujos choques abalavam o mundo havia três anos?

O que tinha dito a carta de Bouillé, insolente gracejo, de que se tinham rido tanto e que ia tornar-se uma realidade.

“Não ficaria pedra sobre pedra.”

Ainda havia mais, falava-se como em coisa certa de um julgamento geral terrível, que depois de ter destruído Paris destruiria os parisienses.

De que maneira e por quem seria dada esta sentença?

Dizem-no os escritos do tempo.

A mão sanguinolenta da Comuna vê-se claramente nesta legenda, que em lugar de escrever o passado, conta o futuro.

E porque não se há-de dar crédito à legenda?

Eis o que se lia numa carta achada nas Tulherias a 10 de Agosto, e que lemos no arquivo, onde ainda existe:

“Os tribunais chegam atrás dos exércitos: juízes emigrados vão de caminho instaurando, no acampamento do rei da Prússia, os processos dos jacobinos e preparam-lhes as forcas. Portanto, quando os exércitos prussiano e austríaco chegarem a Paris está instaurado o processo, dada a sentença e só restará pô-la em execução.”

Demais, para confirmar o que diz a carta, eis o que se lê no boletim oficial da guerra.

“A cavalaria *Austríaca* aprisionou nos arredores de Sarrelouis os maiores patriotas e os republicanos conhecidos. Alguns hulanos apanharam membros da municipalidade, cortaram-lhes as orelhas e pregaram-lhas na testa.”

Se se cometiam actos tais numa província inofensiva, o que sucederia na Paris revolucionária?

O que lhes fariam não era segredo.

Eis a notícia que por toda a parte se espalhava, contando-se pelas esquinas, derramando-se de cada centro para as extremidades.

Levantar-se-á um grande trono para os reis aliados à vista do montão de ruínas, que terá sido Paris.

Toda a população parisiense será empurrada, arrastada, levada cativa a chicote aos pés do trono.

Ali, como no juízo final, será feita escolha entre os bons e os maus.

Os bons, isto é, os realistas, os nobres; os padres, passarão à direita, e ser-lhes-á entregue a França para fazerem dela o que bem lhes parecer.

Os maus, isto é, os revolucionários, passarão à esquerda, e ali acharão a guilhotina, instrumento inventado pela revolução, e pelo qual a revolução há-de morrer.

A revolução, isto é, a França, não só a França, porque isso nada seria, pois que os povos são feitos para servir de holocausto às idéias, mas o pensamento da França.

E por que motivo foi a França a primeira a pronunciar a palavra liberdade? Julgou proclamar uma causa santa: a luz dos olhos, a vida das almas. Disse: “Liberdade para a Europa; liberdade para o mundo.” Julgou fazer uma coisa grande emancipando a terra, mas ao que parece Deus condena-a; enganou-se; a Providência é contra ela; julgando-se inocente e sublime, era criminosa e infame; julgando cometer uma grande acção, cometeu um crime; portanto julgam-na, condenam-na, decapitam-na, arrastam-na às gemónias do universo, e o universo, pela salvação do qual ela morre, aplaude a sua morte.

Não havia exemplo semelhante na história dos povos.

Um único o de Jesus Cristo crucificado pela salvação do mundo, e morrendo no meio dos escárnios e insultos do mundo.

Mas finalmente para sustentá-lo contra o estrangeiro, esse pobre povo encontra talvez algum apoio em si mesmo.

Aqueles que ele adorou, aqueles a quem enriqueceu, aqueles a quem pagou, talvez o defendam.

Não.

O seu rei conspira com o inimigo, e do Templo onde está encerrado continua a corresponder-se com os prussianos e austríacos.

A sua nobreza marcha contra ele às ordens dos príncipes.

Os seus padres fazem revoltar os camponeses.

Nas prisões onde estão metidos, os presos batem as palmas às derrotas da França.

Os prussianos, entrando em Longwy, fizeram soltar gritos de alegria no Templo, na Abadia e na Force.

Por isso Danton o homem das resoluções extremas, entrou bramindo na Assembléia.

O ministro da justiça julga a justiça impotente e vem pedir que lhe dêem força, e então a justiça procederá apoiada na força.

Danton sobe à tribuna, sacode a sua juba de leão, e estende a mão potente, que em 10 de Agosto arrombou as portas das Tulherias.

– É preciso uma convulsão nacional, que faça retrogradar os déspotas – disse ele; – até aqui só temos tido uma guerra simulada mas não é de tão miserável brinquedo que se deve tratar agora. É mister que o povo corra, role em massa contra os inimigos para os exterminar de um só golpe. É mister ao mesmo tempo amarrar todos os conspiradores, para os impedir de fazerem mal.

E Danton pede o recrutamento em massa, as visitas domiciliárias, as pesquisas nocturnas, com pena de morte contra todo aquele que se opuser às operações do governo provisório.

E Danton obtém quanto pede.

E se mais houvesse pedido mais obteria.

“Nunca – diz Michelet – povo algum esteve mais próximo da morte. Quando a Holanda, ao ver Luís XIV às suas portas, não teve outro recurso senão inundar-se, esteve em menor perigo; tinha por si a Europa. Quando Atenas viu o trono de Xerxes sobre o rochedo de Salamina, perdeu terra, lançou-se a nado, e não teve senão água por pátria, esteve em menor perigo; esteve toda sobre a sua poderosa frota, organizada pelo grande Temístocles, e mais feliz do que a França, não tinha a traição no seu seio.”

A França estava desorganizada, dissolvida, traída e entregue.

A França estava como Efigénia sob o cutelo de Calchas.

Os reis só esperavam a sua morte para soprarem nas velas o vento do despotismo.

Estendia os braços aos deuses e os deuses estavam surdos.

Mas, finalmente, quando sentiu tocá-la a mão da morte, por uma contracção violenta e terrível, dobrou-se sobre si mesma, depois, vulcão da vida, fez rebentar das suas entranhas esta chama, que pelo espaço de meio século esclareceu o mundo.

E verdade que houve uma nódoa de sangue, que manchou este Céu.

Vamos tocar nesta nódoa de sangue de 2 de Setembro, vamos ver quem derramou esse sangue, e se ele deve ser imputado à França.

Mas primeiro, para fecharmos este capítulo, reproduzamos duas páginas de Michelet.

Reconhecemo-nos impotentes ao pé deste gigante, e, como Danton, chamemos a força em nosso socorro.

Vejam:

“Paris parecia uma praça forte; tinha o aspecto de Lille ou de Estrasburgo. Por toda a parte corpos de guarda, sentinelas, precauções militares e prematuras, pois o inimigo ainda estava a cinquenta léguas de distância. O que era mais sério, verdadeiramente tocante, era o sentimento de solidariedade, profunda, admirável, que se revelava por toda a parte; todos se falavam, todos oravam pela pátria, todos se faziam recrutadores, iam de casa em casa oferecendo armas, o que tinham a quantos podiam vestir farda; todos eram oradores, todos pregavam, todos discutiam, todos entoavam cânticos patrióticos. Quem deixava de ser autor no momento singular? Quem não imprimia? Quem não fixava nas paredes? Quem não era actor no grandioso espectáculo? Representavam-se as mais ingénuas cenas, em que todos figuravam; em toda a parte, nas praças, nos teatros de alistamento, nas tribunas, em volta das quais se inscreviam, tudo eram cânticos, gritos, lágrimas de entusiasmo ou de despedida, e por cima de tudo isto uma grande voz troava repercutindo em todos os corações, voz muda, e por isso mesmo mais profunda, a própria voz da França, eloqüente em todos os seus símbolos, patética no que havia de mais trágico, o estandarte santo e terrível do perigo da pátria desenrolado nas janelas do palácio do município, estandarte imenso, que flutuava ao vento e parecia fazer sinal às legiões populares para marcharem à pressa dos Pireneus ao Escalda, do Sena ao Reno.”

“Para se saber o que era este momento de sacrifício, seria mister ver em cada cabana, em cada habitação a patética separação das esposas, a dor cruel das mães, naquele segundo parto, mais cruel cem vezes do que aquele em que o filho fizera a primeira partida das suas entranhas ensangüentadas; haveria mister ver a pobre velhinha, com os olhos secos, o coração torturado, juntar à pressa alguma pobre roupa que o filho tem de levar, as parcas economias, os cobrezitos poupados pelo jejum e que a si mesma roubou para o filho, para esse dia de extrema dor.”

“Dar os filhos a essa guerra, que se anunciava com tão fracas probabilidades de vantagem, imolá-los àquela situação extrema e desesperada, era mais do que a maior parte delas podia fazer; sucumbiam a estes pensamentos, ou então, por uma reacção natural, caíam em actos de furor, nada poupavam, nada temiam; em tal estado de espírito, nenhum terror tinha poder; que terror pode haver para quem deseja a morte?”

“Contaram-nos que num dia, sem dúvida em Agosto ou Setembro, um bando destas mulheres furiosas encontraram Danton na rua, injuriaram-no como injuriariam a própria guerra, lançando-lhe em rosto toda a revolução, todo o sangue que se derramasse e a morte dos filhos, amaldiçoando-o, e pedindo a Deus que fizesse recair tudo sobre a cabeça dele. Danton não se admirou, e apesar de sentir em volta de si as unhas delas, voltou-se bruscamente, olhou para as mulheres e teve dó delas. Danton tinha muito ânimo, subiu a um marco e para as consolar, começou a injuriá-las na sua linguagem; as suas primeiras palavras foram violentas, burlescas, obscenas; e as mulheres ficaram interditas. O furor de Danton, verdadeiro ou simulado, desconcerta o furor delas; o prodigioso orador, instintivo e calculado, tinha por base popular um

temperamento sensual e forte, todo feito para o amor físico, onde dominava a carne e o sangue. Danton, acima de tudo, era homem, havia nele muito do leão e do cão, bastante do touro, a máscara metia medo; a sublime fealdade de um rosto transtornado, tornava as suas palavras sacudidas, dardejadas pelo acesso, uma espécie de agulhão selvagem.”

“As massas, que prezam a força, sentiam diante dele o receio e simpatia que faz experimentar todo o ser poderosamente gerado, e demais sob aquela máscara violenta, furiosa, sentia-se bater um coração; acabava-se por desconfiar de uma coisa, era que aquele homem terrível, que só falava por ameaças, no fundo era um bom homem. As mulheres amotinadas em redor dele sentiram confusamente tudo isto e deixaram-no falar-lhes, dominá-las, assenhorear-se delas, e fez delas tudo quanto quis. Explicou-lhes grosseiramente para que serve a mulher, para que serve o amor, para que serve a geração; que se não geravam os filhos para si, mas para a pátria. Chegando a este ponto, elevou-se de repente, e deixando de falar para os outros, parecia que falava para si. Todo o coração lhe saiu, dizem, do peito com palavras de uma ternura violenta pela França, e pelo rosto singular, picado de bexigas parecendo as escórias do Vesúvio ou do Etna, começaram a correr-lhe grossas bagas, e essas bagas eram lágrimas. As mulheres não puderam conter-se; choraram a França, em lugar de chorarem os filhos, e soluçando fugiram, tapando a cara com os aventais.”

Ó grande historiador, que vos chamais Michelet, onde estais?

Em Nervi!

Ó grande poeta que vos chamais Hugo, onde estais?

Em Jersey!

II

A véspera do dia 2 de Setembro

Quando a pátria se acha em perigo, tinha dito Danton, a 28 de Agosto, na Assembléia Nacional, tudo pertence à pátria.

A 29, às quatro da tarde, ouvia-se tocar a rebate.

Sabia-se do que se tratava; iam começar as visitas domiciliárias.

O aspecto de Paris mudou a este rufar do tambor, como se fosse tocado por uma vara mágica.

De populosa que era tornou-se deserta.

Fecharam-se as lojas e as ruas foram ocupadas por patrulhas de sessenta homens.

As barreiras foram guardadas e o rio também.

As visitas começaram à uma hora da madrugada.

Os comissários das secções batiam às portas da rua em nome da lei.

E abriam-lhes as portas da rua.

Batiam às portas de cada quarto, sempre em nome da lei.

E abriam-lhes as portas de cada quarto.

Abriam à força as portas das casas que não estavam habitadas.

Apanharam duas mil espingardas e prenderam três mil pessoas.

Tinham precisão de terror e conseguiram fazê-lo.

Desta medida também nasceu uma coisa em que não haviam pensado, ou talvez tivessem pensado muito.

As visitas domiciliárias abriram aos pobres as habitações dos ricos; os seccionários armados, que seguiam os magistrados, puderam contemplar atónitos as riquezas dos magníficos palácios, que ou eram habitados pelos donos, ou de que eles estavam ausentes, e isto não os iniciou à pilhagem, mas aumentou neles o ódio aos ricos.

Foram tão pequenos os roubos, que Beaumarchais, então preso, conta que, apanhando certa mulher uma rosa nos seus magníficos jardins da rua de Santo António, quiseram lançá-la ao rio.

E é de notar que isto sucedia no momento em que a Comuna acabava de decretar que aqueles que vendessem prata seriam punidos com a pena capital.

Portanto eis a Assembléia substituída pela Comuna, que decretava a pena de morte.

Acabava de dar a Chaumette o direito de abrir as prisões e de soltar os presos.

Arrogava-se o direito de perdoar.

Finalmente, acabava de ordenar que se afixasse à porta de cada prisão a lista dos presos, que continha.

Era apelar para o ódio e para a vingança.

Qualquer podia guardar a porta em que estava encerrado o seu inimigo.

A Assembléia viu para que abismo a levavam.

Iam, mau grado seu, molhar as mãos em sangue.

E então quem?

A Comuna, sua inimiga!

A mais pequena coisa podia pois fazer rebentar terrível luta entre os dois poderes.

Esta causa apareceu em consequência de uma nova crueldade da Comuna.

A 20 de Agosto, dia das visitas domiciliárias, a Comuna, em consequência do artigo de um jornal, chamou à barra Girey-Dupré, um dos Girondinos mais ousados, porque era um dos mais moços.

Girey-Dupré refugiou-se no ministério da guerra, porque não teve tempo para refugiar-se na Assembléia.

Huguenin, presidente da Comuna, mandou atacar o ministério da guerra para lhe tirar à força o jornalista girondino.

Ora a Gironda tinha a maioria na Assembléia, e esta, insultada em um dos seus membros, levantou-se altamente indignada.

Chamou também à barra o presidente Huguenin.

No dia 30 a Assembléia publicou um decreto, que dissolia a municipalidade de Paris.

Um facto, que prova o horror que o roubo ainda causava nessa época, contribuiu para o decreto que a Assembléia acabava de aprovar.

Um membro da Comuna, ou um indivíduo que se dizia membro dela, tinha conseguido abrir o guarda-móveis e dele tirou uma pequena peça de artilharia, de prata, dádiva feita pela cidade a Luís XIV quando menino.

Cambon, que tinha sido nomeado guarda dos bens públicos, soube deste roubo e chamou à barra o acusado; o homem não negou, não se desculpou e contentou-se com dizer: que receando que fosse roubado este objecto precioso, julgara que estava mais seguro em sua casa do que na de outro qualquer.

Esta tirania da Comuna era insuportável, Louvet, o homem das iniciativas corajosas, era o presidente da secção da rua dos Lombardos e fez com que a sua secção declarasse que a Comuna estava incurso no crime de usurpação.

Vendo-se apoiada, a Assembléia decretou então que o presidente da Comuna, Huguenin, que não queria comparecer à barra fosse a ela arrastado à força, e que dentro de vinte e quatro horas seria nomeado pelas secções de uma nova Comuna.

O decreto foi promulgado a 30 de Agosto, às cinco horas da tarde.

Contemos as horas, porque desde as cinco da tarde do dia 30 de Agosto, caminhámos para a carnificina do dia 12 de Setembro, e cada hora faz dar um passo para a deusa ensangüentada, de braços torcidos, de cabelos desgrenhados, chamada Terror.

Todavia a Assembléia, por um resto de temor da sua formidável inimiga, declarava no acto de a dissolver, que ela bem merecera da pátria, o que não era na verdade muito lógico.

Ornandum, tollendum! – dizia Cícero a propósito de Octávio.

A Comuna fez como Octávio, deixou-se coroar, mas não consentiu que a dissolvessem.

Passadas duas horas depois da publicação do decreto, Tallien, um triste escrivão, gabando-se de ser o homem de Danton, Tallien, secretário da secção das Termas, propôs que se marchasse contra a secção dos Lombardos.

Ah! Desta vez era decerto a guerra civil; não era o povo contra o rei, os burgueses contra os aristocratas, as choupanas contra os castelos, as casas contra os palácios; era a secção contra secção, chuço contra chuço, cidadão contra cidadão.

Ao mesmo tempo Marat e Robespierre, o último como membro da Comuna, o primeiro como amador, elevaram a voz.

Marat pedia que fosse imediatamente aniquilada a Assembléia Nacional.

Isto não causou admiração; todos estavam costumados a ver-lhe fazer semelhantes moções.

Mas Robespierre, o denunciante vago e astuto, propôs que se pegasse nas armas, e não só que defendessem, mas que atacassem.

Era mister que Robespierre sentisse grande força na Comuna para se pronunciar assim!

Com efeito, a Comuna estava muito forte, porque naquela mesma noite, Tallien, seu secretário, foi à Assembléia com três mil homens armados de chuços.

“A Comuna – disse ele – e só a Comuna, fez reassumir aos membros da Assembléia o grau de representantes de um povo livre; a Comuna fez publicar um decreto contra os padres conspiradores, e prendeu estes homens com quem ninguém se atrevia a tocar; a Comuna, ajuntou ele finalmente, terá purgado em poucos dias da sua presença o solo da liberdade.”

Assim foi na noite de 30 e 31 de Agosto que a Comuna proferiu a primeira palavra de carnificina, na presença da mesma Assembléia, que acabava de a dissolver.

Quem é que pronunciou esta primeira e tremenda palavra?

Já o sabemos, foi Tallien, o homem que há-de fazer o 9 Thermidor.

A Assembléia, é preciso fazer-lhe justiça, levantou-se.

Manuel, o procurador da Comuna, conheceu que se tinham excedido muito; mandou prender Tallien e exigiu que Huguenin fosse dar uma satisfação à Assembléia.

E todavia Manuel, apesar de mandar prender Tallien, de exigir que Huguenin desse satisfação, sabia muito bem o que ia suceder, porque eis o que fez o pobre pedante, espírito curto, mas coração honrado.

Tinha na Assembléia um inimigo pessoal.

Beaumarchais, grande escarnecedor, tinha zombado de Manuel; ora Manuel pensou que se Beaumarchais fosse morto com os mais, poderiam atribuir este assassinio a uma baixa vingança do seu amor próprio.

Correu à abadia e mandou chamar Beaumarchais.

Este, vendo-o, quis desculpar-se e dar explicações à sua vítima literária.

– Não se trata de literatura, nem de jornalismo, nem de crítica; a porta está aberta, escape-se hoje, senão quer ser assassinado amanhã.

O autor do Fígaro não esperou que lho repetissem.

Meteu-se pela porta entreaberta e desapareceu.

Supondo que ele tivesse apupado Callot de Herbois, comediante, em vez de ter criticado Manuel, autor, Beaumarchais era morto.

Chegou o dia 31 de Agosto, este grande dia, que devia decidir entre a Assembléia e a Comuna.

Isto é, entre os moderados e os terroristas.

A Comuna queria conservar-se a todo custo.

A Assembléia tinha-se demitido em favor de uma nova Assembléia.

Era naturalmente a Comuna quem devia vencer.

Demais, o movimento favorecia-a.

O povo, sem saber aonde queria ir, queria ir a alguma parte.

Impelido no dia 20 de Junho, lançado mais longe a 10 de Agosto, sentia uma vaga precisão de sangue e de destruição.

É mister dizer, que Marat de um lado e Hébert do outro, lhe faziam andar a cabeça à roda.

Só Robespierre, querendo recobrar a sua popularidade muito abalada, aconselhava a paz, apesar da França inteira querer a guerra. Não houve, nem o próprio Robespierre, quem se não fizesse novelista, e pelo absurdo das suas notícias, não ultrapassasse as mais absurdas.

“Um partido poderoso – tinha ele dito – oferece o trono ao duque de Brunswick.”

Quais eram neste momento os três partidos poderosos que lutavam?

A Assembléia, a Comuna e os Jacobinos.

E rigorosamente a Comuna e os Jacobinos poderiam ser considerados como um só partido.

Não era nem a Comuna, nem os Jacobinos, Robespierre era membro do clube e da municipalidade e não era capaz de se acusar a si mesmo.

Esse poderoso partido era portanto a Gironda.

Já dissemos que Robespierre ultrapassava em absurdos os mais absurdos novelistas.

Com efeito, que coisa poderá haver mais absurda do que acusar a Gironda, que tinha declarado guerra à Prússia e à Áustria, de oferecer o trono ao general inimigo.

E quais eram os homens a quem acusavam?

Os Vergniaud, os Roland, os Clavières, os Servan, os Gensonné, os Gaudet, os Barbaroux, não só conhecidos como bons patriotas, mas também as pessoas mais honestas da França.

Mas há momentos, em que um homem como Robespierre diz tudo o que lhe vem à boca.

E o pior é que há momentos em que o povo crê tudo.

Estava-se a 31 de Agosto.

O médico, que tivesse entre os seus dedos o pulso da França, teria sentido neste dia aumentarem-lhe a cada momento as pulsações.

No dia 30, às quatro horas da tarde, a Assembléia tinha dissolvido a Comuna.

O decreto ordenava que as secções haviam de nomear um novo conselho geral dentro de vinte e quatro horas.

Por consequência, o decreto devia ser executado no dia 31 às quatro horas da tarde.

Mas as vociferações de Marat, as ameaças de Hébert e as calúnias de Robespierre tornaram a Assembléia tão odiosa, que as secções não se atreveram a votar.

Tomavam por protesto que o decreto não lhes tinha sido notificado oficialmente.

A 31 de Agosto, a Assembléia foi informada de que o seu decreto da véspera não tinha sido executado, nem sequer o seria.

Era mister apelar para a força. Quem sabia se a força seria pela Assembléia?

A Comuna tinha por si Santerre, pelas relações de seu cunhado Panis; Panis era de mais a mais o fanático de Robespierre, que tinha proposto a Rebecqui e a Barbaroux nomear um ditador, e que lhe tinha dado a entender que era necessário que esse ditador fosse o *Incorruptível*.

Santerre eram os bairros; os bairros eram o irresistível poder do Oceano.

Os bairros tinham arrombado as portas das Tulherias, e muito melhor arrombariam as da Assembléia.

Demais, a Assembléia temia, se se armasse contra a Comuna, ver-se abandonada não só pelos patriotas extremos, por aqueles que queriam a revolução a todo custo, mas também, o que era pior, ser sustentada contra a sua vontade pelos realistas moderados.

Neste caso estava completamente perdida.

Às seis horas foi a Assembléia avisada de que havia grande movimento em redor da Abadia.

Acabavam de prender um Montmorin.

O povo julgou que era o ministro que tinha assinado os passaportes, com que Luís XVI tentara fugir.

Dirigiu-se amotinado à prisão, ameaçando fazer justiça por suas mãos se o Sr. de Montmorin não fosse condenado à morte.

Custou muito fazer-lhe compreender a razão e atender à verdade.
Durante toda a noite houve nas ruas de Paris terrível fermentação.
Conhecia-se que o menor acontecimento seria capaz de no dia seguinte fazer tomar a esta fermentação proporções gigantescas.

Este acontecimento, que diligenciamos contar com todos os pormenores, por ser um rasgo característico de um herói da nossa história, que há muito perdemos de vista, agitava-se nas prisões do Châtelet.

III

Em que novamente se encontra o Sr. Beausire

No fim do dia 10 de Agosto tinha sido instituído um tribunal especial para sindicar dos roubos que pudessem ter sido cometidos nas Tulherias.

O povo como conta Peltier, tinha fuzilado duzentos ou trezentos ladrões, que tinham sido apanhados em flagrante; mas devemos acreditar que a par destes havia outros tantos, ou mais, que tinham ocultado os roubos.

No número desses honrados industriais, achava-se o nosso antigo conhecido o Sr. Beausire, antigo oficial de sua majestade.

As pessoas que conhecem os antecedentes do amante da jovem Oliva, do pai do menino Toussaint, não ficarão admirados de o encontrarem no fim deste grande dia, em que tinham que dar contas, não à nação, mas aos tribunais, da parte que nele haviam tomado.

Com efeito, o Sr. Beausire havia entrado nas Tulherias envolto com a turbamulta.

Era um homem de muito bom senso para cometer a loucura de ser o primeiro a entrar num sítio onde se corria perigo, mesmo de roldar com os outros.

Não eram as opiniões patrióticas do Sr. Beausire que o levavam ao palácio dos reis, nem para ali chorar sobre a queda da realeza nem para aplaudir o triunfo do povo. Não, o Sr. Beausire ia ali como amador; elevado acima dessas fraquezas humanas, que se chamam opiniões, só tinha um fim, era ver se aqueles, que acabavam de perder um trono, não teriam perdido ao mesmo tempo alguma jóia mais portátil e mais fácil de se salvar.

Entretanto para salvar as aparências, o Sr. Beausire tinha enfiado na cabeça um boné encarnado, tinha-se armado com um enorme sabre, e havia tingido as mãos no sangue do primeiro morto que encontrara, de sorte que este lobo, seguindo o exército conquistador, este abutre, adejando depois do combate sobre o campo de batalha, podia ser tomado por um vencedor.

Foi com efeito por um vencedor que o tomaram aqueles que o ouviram gritando: Matem os aristocratas! e que o viram barafustando debaixo das camas, abrindo armários, até gavetas de cómodas para ver se estaria escondido nelas algum aristocrata.

Mas ao mesmo tempo, e para desgraça do Sr. Beausire, achava-se nas Tulherias um homem que não gritava, que não procurava debaixo das camas, que não abria os armários, mas que, tendo entrado no meio do fogo, apesar de não estar armado juntamente com os vencedores, apesar de não ter vencido ninguém, passeava com as mãos atrás das costas, como se faz num jardim público em qualquer noite de festa, frio e tranqüilo, com o seu fato preto muito asseado e contentando-se em elevar de tempos a tempos a voz para dizer:

– Não esqueçais, cidadãos, que não é digno matar as mulheres, nem tocar nas jóias.

Enquanto àqueles que se contentavam com matar homens ou lançar móveis pelas janelas, não se julgava com direito de lhes dizer nada.

Tinha conhecido logo à primeira vista que o Sr. Beausire não era destes.

Portanto, às nove horas e meia, Pitou, que, como já sabemos, tinha obtido, a título de posto de honra, a guarda do vestíbulo do relógio, viu dirigir-se para ele, descendo a escada, uma espécie de gigante, colossal e lúgubre, que falando-lhe em política, mas como se tivesse recebido a missão de pôr em ordem a desordem e a justiça na vingança, lhe disse:

– Capitão, não tarda que desça um homem de boné encarnado, sabre em punho e gesticulando muito; prendê-lo-á, mandará que lhe dêem busca pois furtou um estojo de diamantes.

– Sim, Sr. Maillard – respondeu Pitou levando a mão ao chapéu.

– Ah! Ah! – disse o antigo porteiro – conhece-me, meu amigo?

– Julgo que o conheço – respondeu Pitou; – não se chama Maillard? Tomámos juntos a Bastilha.

– É possível – disse Maillard.

– Além disso, também estivemos em Versalhes nos dias 5 e 6 de Outubro.

– Com efeito, lá estive.

– Parece-me que sim, e a prova é que teve um duelo à porta das Tulherias com um guarda que não o queria deixar entrar.

– Então – disse Maillard – há-de fazer o que lhe disse, não é assim?

– Isso e outra qualquer coisa, tudo o que quiser. Ah! O senhor é um patriota!

– Disso me gabo – respondeu Maillard – e é por essa razão que não devemos permitir que desonrem o nome, a que temos direito! Eis o nosso homem.

Com efeito, neste momento, o Sr. Beausire descia a escada, agitando a grande catana e gritando: Viva a nação.

Pitou fez sinal a Tellier, e a Maniquet, os quais, sem afectação se colocaram à porta, e ele foi esperar o Sr. Beausire no último degrau da escada.

Este tinha percebido as precauções tomadas, e sem dúvida lhe deram cuidado essas disposições, porque parou, e como, se lhe tivesse esquecido alguma coisa, fez um movimento para tornar a subir.

– Perdão! – disse Pitou – a saída é por aqui.

– Ah! É por aqui?

– E como há ordem de evacuar as Tulherias, tenha a bondade de sair.

Beausire empertigou-se e continuou a descer a escada.

Chegando ao último degrau, levou a mão ao boné, afectando o garbo militar.

– Saibamos, camaradas – disse ele – passa-se por aqui ou não se passa?

– Sim – disse Pitou – mas primeiramente tem que se sujeitar a certa formalidade.

– Mas para quê, meu belo capitão?

– É necessário que lhe dêem busca, cidadão.

– Que me dêem busca!

– Sim.

– Dar busca a um patriota! Um vencedor, um homem que acaba de exterminar os aristocratas!

– É a ordem que recebi – respondeu Pitou – portanto, camarada, embainhe a sua grande espada, que para nada serve agora, pois que os aristocratas estão mortos, e sujeite-se de bom grado, aliás terei de empregar a força.

– A força – replicou Beausire... – Ah! Falas assim porque tens às tuas ordens vinte homens, porque, se estivéssemos sós...

– Se estivéssemos sós, cidadão – disse Pitou – eis o que eu faria; agarrava no seu pulso com a mão esquerda, e tirando-lhe a espada com a direita parti-la-ia com o pé, porque não é digna de ser tocada por um homem de bem, a espada que foi empunhada por um ladrão.

E Pitou, pondo em prática a sua teoria, agarrou no pulso do suposto patriota, tirou-lhe a espada e partiu-lha debaixo do pé, atirando para longe o punho.

– Um ladrão! – exclamou o homem do boné encarnado; – um ladrão! Eu, o Sr. Beausire!

– Passem revista a este homem – disse Pitou, entregando Beausire à sua gente.

– Pois bem, procurem – disse ele, estendendo os braços como uma vítima – procurem.

Não era precisa a permissão de Beausire para se proceder à busca, mas, com grande admiração de Pitou, e principalmente de Maillard, debalde lhe voltaram as algibeiras, e revolveram até as partes mais secretas; apenas se lhe encontrou um baralho de cartas, cujas

figuras mal se percebiam, tão velho era, mas que estava certo, e uma pequeníssima soma de soldos.

Pitou olhou para Maillard.

Este encolheu os ombros, como se quisesse dizer:

– Que quer?

– Torne a dar busca – disse Pitou, que, como sabemos tinha por principal qualidade a paciência.

Tornaram a procurar, mas a segunda busca foi tão inútil como a primeira; não se achou mais do que o baralho de cartas e onze soldos.

O Sr. de Beausire triunfava.

– E então – disse ele – sempre ficará desonrada uma espada por ter sido tocada pela minha mão?

– Não senhor – respondeu Pitou – e a prova é que, se não ficar satisfeito com as desculpas que vou dar-lhe, um dos meus soldados lhe emprestará a sua e dar-lhe-ei quantas satisfações exigir.

– Obrigado, mancebo – disse ele – obrou em consequência de uma instrução, e um antigo militar como eu, sabe que as instruções são uma coisa sagrada. Agora previno-o de que a Sr^a. Beausire deve estar em cuidado pela minha longa ausência, e se me é permitido retirar-me...

– Sem dúvida – disse Pitou – está livre.

Beausire cumprimentou com naturalidade e saiu.

Pitou procurou Maillard, e não o vendo, perguntou:

– Viram Maillard?

– Parece-me – disse um dos soldados – que o vi subir a escada.

– E não se enganou – disse Pitou – porque ele aí vem.

Com efeito Maillard descia a escada e, graças às suas longas pernas, galgando os degraus dois a dois, depressa chegou abaixo.

– E então – perguntou ele – achou alguma coisa?

– Nada – respondeu Pitou.

– Pois eu fui mais feliz, achei o estojo.

– Então não tínhamos razão.

– Pelo contrário, tínhamos razão.

E Maillard, abrindo o estojo, mostrou um relógio de ouro, a que faltavam todas as pedras preciosas que dantes o ornavam.

– Mas – disse Pitou – que quer isso dizer?

– Isto quer dizer que o tratante desconfiou, e que tirando só os diamantes deitou fora o relógio.

– Mas os diamantes?

– Decerto achou meio de os esconder.

– Oh! Que maroto!

– Há muito que saiu? – perguntou Maillard.

– Quando o senhor vinha descendo a escada transpunha ele a porta do pátio do meio.

– E para que lado tomaria?

– Parece-me que foi para o lado do cais.

– Adeus, capitão.

– Então já se retira, Sr. Maillard?

– Quero ter a consciência tranqüila – disse o antigo porteiro.

E abrindo como um compasso as compridas pernas, foi na pista de Beausire.

Pitou ficou muito preocupado pelo que se acabava de passar, e ainda estava sob a influência desta preocupação, quando julgou reconhecer a condessa de Charny, e foi então que se passaram os acontecimentos, que contamos no seu lugar competente, não julgando dever complicá-los com um incidente, que na nossa opinião, devia ocupar outro lugar.

IV

O purgante

Por mais rápida que fosse a marcha de Maillard, não lhe foi possível apanhar Beausire, que tinha por si três circunstâncias favoráveis.

Em primeiro lugar, dez minutos de avanço, depois a escuridão, e finalmente o grande número de pessoas, que transitavam de um para outro lado, e por entre as quais ele se meteu.

Mas chegado ao cais das Tulherias o ex-porteiro do Châtelet continuou a caminhar; morava como já dissemos no bairro de Santo António, e tinha de seguir o cais até à Grève.

No Pont-Neuf e no Pont-au-Change havia grande afluência de povo, porque tinham exposto os cadáveres na praça do palácio da justiça, e todos eram ali chamados pela esperança ou antes pelo receio de acharem ali um pai, um parente, um amigo.

Maillard foi seguindo este caminho.

À esquina da praça do palácio da justiça, tinha Maillard um amigo que era farmacêutico, a que naquela época se chamava ainda boticário.

Maillard entrou na loja do seu amigo, assentou-se e começou a falar nos negócios, no meio dos cirurgiões, que andavam de um para outro lado, reclamando do farmacêutico adesivo, ungüentos, ataduras, finalmente tudo quanto é necessário para o tratamento dos feridos.

Porque entre os mortos, reconhecia-se de tempos a tempos, por um gemido, algum desgraçado que ainda respirava, o qual era tirado imediatamente de entre os cadáveres, aplicavam-se-lhes todos os socorros e eram depois levados ao Hotel Dieu.

Havia uma grande azáfama na loja do digno boticário.

Mas Maillard não incomodava, pois era sempre recebido com prazer; em tais dias um patriota da ténpera de Maillard é muito estimado; por consequência, o boticário recebeu Maillard com toda a afabilidade, e ele, assentando-se e encolhendo as pernas, fez-se o mais pequenino que lhe era possível.

Estava assim havia um quarto de hora quando entrou uma mulher de trinta e sete a trinta e oito anos, a qual sobre o traje da mais abjecta miséria, conservava certo aspecto da antiga opulência, certo garbo, que traía a sua aristocracia, senão nativa, ao menos estudada.

Mas o que impressionou Maillard foi a semelhança desta mulher com a rainha.

A sua admiração foi de tal natureza, que teria dado um grito, se não tivesse sobre si o maior poder.

A mulher levava pela mão um rapazito que teria sete a oito anos.

Aproximou-se com certa timidez, procurando ocultar a miséria do fato, o que ainda a tornava mais saliente.

Durante algum tempo foi-lhe impossível fazer-se ouvir tão grande era a concorrência; finalmente dirigindo-se ao dono do estabelecimento, disse:

– Senhor, preciso de um purgante para meu marido!

– Que purgante quer? – perguntou o boticário.

– Aquele que lhe parecer, contanto que não custe mais de onze soldos.

Esta quantia era precisamente a soma achada nas algibeiras do Sr. Beausire.

– Mas por que motivo não há-de o purgante custar mais de onze soldos?

– Porque é o dinheiro que meu marido pôde dar-me.

– Faça uma mistura de ruibarbo e de jalapa e dê-a à cidadã; – disse o boticário ao seu primeiro ajudante.

O primeiro ajudante foi fazer a preparação, enquanto o boticário aviava outras receitas.

Mas Maillard, que não tinha distracção alguma, dedicou toda a atenção à mulher, que pedia o purgante por onze soldos.

– Aqui tem, cidadã – disse o primeiro ajudante – aqui está o purgante.

– Vamos, Toussaint – disse a mulher com voz pausada, que parecia ser-lhe habitual – dá os onze soldos, meu filho.

– Aqui estão – disse o rapazito.
E pôs a mão sobre o balcão.
– Vem, mamã Oliva – disse ele – vem depressa, o papá espera. E puxando pela mãe, repetiu:

– Vem, mamã Oliva, vem.
– Perdão, senhora – disse o ajudante – mas aqui só estão nove soldos.
– Como, só nove soldos! – disse a mulher.
– Ora conte bem – disse o rapazito.
A mulher contou e com efeito só havia nove soldos.
– Que fizeste aos dois soldos, meu menino? – perguntou a mulher.
– Não sei... Vamo-nos embora, mamã.
– Tu deves sabê-lo, pois da minha mão recebeste o dinheiro.
– Perdi-os – respondeu o rapazito; – vamos.
– Tem um filho lindo, cidadã – disse Maillard – parece ter muita inteligência, mas é preciso tomar cuidado para que não dê em ladrão.
– Em ladrão, senhor – disse a mulher muito admirada; – mas por quê?
– Porque não perdeu os dois soldos, pois os tem escondidos dentro do sapato.
– Eu – disse a criança – não tenho tal.

A mamã Oliva, apesar dos gritos de Toussaint, descalçou-lhe o pé esquerdo e achou os dois soldos dentro do sapato.

Deu os dois soldos ao ajudante, e saiu puxando pelo pequeno e ameaçando-o com um castigo que parecia terrível aos circunstantes, senão se lembrassem de quanto devia mitigá-lo a ternura maternal.

O acontecimento, pouco importante em si mesmo, teria decerto passado despercebido no meio das circunstâncias graves em que se achavam, se a semelhança da mulher com a rainha não tivesse impressionado Maillard.

Desta precaução resultou dizer ele ao seu amigo boticário quando o viu um momento desocupado:

– Reparou?
– Em quê?
– Na semelhança da cidadã que daqui saiu.
– Com a rainha? – disse o boticário rindo.
– Ah! Também notou?
– Há muito tempo.
– Como, há muito tempo?
– Sim, é uma semelhança histórica.
– Não compreendo.
– Não está lembrado da célebre história do colar?
– Como quer que um porteiro do Châtelet esqueça tal história?
– Então deve lembrar-se de uma certa Nicola Legay, conhecida pela menina Oliva.
– Oh! Sim; representou para com o cardeal de Rohan o papel de rainha.
– E que vivia com um tratante, um homem cheio de dívidas, um homem chamado Beausire.

– Hein? – disse Maillard, pulando como se o tivesse mordido uma serpente.
– Chamava-se Beausire – afirmou o boticário.
– E é ao tal Beausire que ela chama seu marido?
– É sim.
– E é para ele o purgante que a cidadã levou.
– O maroto talvez apanhasse alguma indigestão à força de comer e beber.
– Um purgante! – repetiu Maillard, como quem busca descobrir um segredo e não quer perder o fio das idéias.
– Sim um purgante – afirmou o boticário.

– Ah! – disse Maillard, batendo na testa – encontrei o homem.

– Que homem?

– O dos onze soldos.

– Mas quem é o homem dos onze soldos?

– Ora! É o tal Beausire.

– E diz que o encontrou?

– Sim, se souber onde mora.

– Onde mora sei eu.

– Bom, então onde é?

– Na rua da Judiaria, n.º 6.

– É perto daqui?

– São dois passos.

– Muito bem! Já não me admira...

– O quê?

– Que o pequeno Toussaint roubasse dois soldos à mãe.

– Como! Não se admira?

– Não; é filho do tal Beausire, não é verdade?

– É o seu retrato vivo.

– Oh! Filho de gato mata rato; mas, querido amigo – continuou o Sr. Maillard – diga-me com a mão na consciência quanto tempo é preciso para que o purgante comece a fazer efeito?

– Seriamente, deseja saber?

– Sim, seriamente.

– São precisas duas horas.

– É quanto me basta.

– Toma tanto interesse pelo Sr. Beausire.

– Tanto que, receando que ele esteja mal, vou buscar...

– O quê?

– Dois enfermeiros. Adeus, querido amigo.

E saindo da botica do seu amigo com um sorriso nos lábios, o único que jamais desenrugou aquele lúgubre rosto, tomou o caminho das Tulherias.

Pitou estava ausente.

Devemos estar lembrados de que ele no jardim seguira atrás de Andréia, que procurava o conde de Charny.

Mas, na ausência do capitão, Maillard encontrou Maniquet e Tellier, que guardavam a porta.

Ambos o reconheceram.

– Ah é o Sr. Maillard? – perguntou Maniquet – então encontrou-o?

– Não, mas sei onde é a toca.

– Oh! É uma ventura – disse Tellier – porque sou capaz de apostar que tinha consigo os diamantes.

– Pode apostar, cidadão – disse Maillard – porque ganha.

– Muito bem – disse Maniquet – mas como se hão-de apanhar?

– Com o seu auxílio podemos apanhá-los.

– Oh! Cidadão Maillard, estamos às suas ordens.

Maillard fez sinal aos dois oficiais para se aproximarem.

– Escolham-me entre a sua guarda dois homens de confiança.

– Como valentes?

– Como honrados.

– Oh! Então é escusado escolher, pode ser qualquer deles, disse Désiré.

Depois voltando-se para a porta, bradou:

– Dois homens para um serviço!

Levantaram-se doze homens.

– Vem cá, Boulanger – disse Maniquet.

Aproximou-se um dos homens.

– E tu também, Molicar.

Perfilou-se o segundo ao lado do primeiro.

– Quer mais gente, Sr. Maillard? – perguntou Tellier.

– Bastam-me dois homens, venham meus valentes.

Os dois homens seguiram Maillard.

Maillard conduziu-os à rua da Judiaria e parou em frente da porta n.º 6.

– É aqui – disse ele – subamos.

Os dois soldados, guiados por Maillard, subiram a escada até ao quarto andar.

Ali foram guiados pelos gritos de Toussaint, que ainda lastimava a correcção não maternal, mas paternal; porque a mãe batera-lhe; mas Beausire, vista a gravidade do caso, julgou dever intervir ajuntando alguns sopapos às pancadas que Oliva dava brandamente e como que contra vontade, no seu querido filho.

Maillard quis abrir a porta.

O fecho estava corrido.

Bateu.

– Quem é? – perguntou Oliva.

– Abra em nome da lei – respondeu Maillard.

Seguiu-se um diálogo em voz baixa, cujo resultado foi calar-se Toussaint, julgando que por causa dos dois soldos, que tinha roubado, a justiça se incomodava, enquanto Beausire, apesar de pouco tranqüilo, procurava tranqüilizar Oliva.

Finalmente a Sr.^a. Beausire decidiu-se, e abriu a porta no momento em que Maillard ia bater segunda vez.

Os três homens entraram, causando grande terror a Oliva e a Toussaint, o qual foi esconder-se atrás de uma velha cadeira de palha.

Beausire estava deitado; ao pé dele, em cima da mesa, alumiada por um velho candeeiro, estava uma garrafa, que Maillard viu com grande prazer estar despejada.

Como Beausire tinha tomado o purgante, só faltava esperar pelo efeito dele.

Pelo caminho Maillard havia explicado a Boulanger e a Molicar do que se tratava, de sorte que, entrando no quarto de Beausire, já sabiam o que deviam fazer.

Portanto Maillard, depois de os ter postado, um de cada lado da cama de Beausire, disse-lhes:

– Cidadãos, o Sr. de Beausire é exactamente como a princesa das Mil e uma Noites, que só falava quando a obrigavam, mas que, de cada vez que abria a boca deixava cair dela um diamante. Não deixem pois cair uma só palavra da boca do Sr. Beausire sem saber o que contém. Vou esperá-los à municipalidade; quando ele já não tiver nada que dizer, conduzi-lo-ão a Châtelet, onde o recomendarão da parte do Sr. Maillard, e irão depois ter comigo, levando o que ele tiver dito, à municipalidade.

Os dois guardas nacionais inclinaram-se em sinal de obediência e colocaram-se à cabeceira da cama do Sr. Beausire.

O boticário não se havia enganado; passadas duas horas, começou o efeito do purgante.

O efeito durou mais de uma hora mas foi muito satisfatório.

Às duas horas da madrugada, viu Maillard chegarem os seus dois homens.

Traziam, pouco mais ou menos, o valor de cem mil francos em belos diamantes.

Maillard depositou em seu nome e no dos dois guardas nacionais os diamantes sobre a secretária do procurador da Comuna, o qual lhe entregou um atestado, certificando que os cidadãos Maillard, Molicar e Boulanger tinham bem merecido da pátria.

Ora eis o que sucedera em consequência do acontecimento trágico-cômico, que acabámos de contar.

O Sr. Beausire conduzido ao Châtelet tinha sido entregue a um júri encarregado especialmente de sindicar dos roubos cometidos no dia 10 de Agosto e seguintes.

Não havia meio de negar, o réu fora apanhado em flagrante.

Portanto, limitou-se a confessar humildemente a sua falta, e a implorar a clemência do tribunal.

O tribunal mandou informar sobre os precedentes do acusado.

Como a informação não lhe fosse favorável, foi condenado à exposição e a cinco anos de galés.

O Sr. de Beausire debalde alegou que fora arrastado a este roubo por sentimentos honrosos, isto é, pela esperança de assegurar um futuro tranqüilo a sua mulher e a seu filho, e pelo desejo de se tornar homem honrado; nada disto foi capaz de comover o tribunal, e como dele não se podia apelar, a sentença devia ser executada no dia imediato ao da sua condenação.

Ora, a desgraça permitiu que na véspera da execução da sentença, isto é, na véspera do dia em que o Sr. de Beausire devia ser exposto, entrasse para a prisão um dos seus antigos camaradas de trapaça; depois de se reconhecerem, seguiram-se as confidências.

O recém-chegado dizia que fora preso em consequência de uma conspiração perfeitamente organizada que devia rebentar na praça de Grève, ou no palácio.

Os conjurados deviam reunir-se em grande número, sob pretexto de verem a primeira exposição, que se realizasse naquela época; as exposições eram feitas ou na Grève, ou na praça do palácio; e ao grito de: Viva o rei! Vivam os prussianos! Morra a nação! deviam apoderar-se do palácio da municipalidade, chamar em seu socorro a guarda nacional, cujos dois terços eram realistas, abolirem a Comuna e operarem desta forma a contra-revolução.

Infelizmente o preso amigo do Sr. Beausire, é que devia dar o sinal, e como os outros conjurados ignoravam a sua prisão haviam de ir à praça no dia da exposição do condenado, e como não ouvissem a ninguém gritar: Viva o rei! Vivam os prussianos! Morra a nação! não podia verificar-se o movimento.

– E isto é tanto mais para lastimar – ajuntou o preso – porquanto nunca houve movimento mais bem organizado e com tantas probabilidades de ser bem sucedido.

A prisão do amigo do Sr. Beausire por mais de um motivo era deplorável, pois que do meio do tumulto o condenado podia escapar e fugir.

O Sr. de Beausire, apesar de não ter opinião, propendia contudo para a realeza; começou pois por deplorar amargamente, pelo rei, e por si, que não se verificasse o movimento.

De repente bateu na testa.

Acabava de ser iluminado por uma idéia súbita.

– Mas – disse ele ao seu camarada – a primeira exposição que deve realizar-se é a minha.

– Sem dúvida e então?

– E dizes que não sabem da tua prisão?

– Decerto que não.

– Então os conjurados hão-de reunir-se como se não estivessem preso?

– Sem dúvida.

– De sorte que se alguém desse o sinal ajustado, a conspiração havia de rebentar?

– Sim; mas quem queres tu que o dê estando eu preso, e sem poder ter comunicações para fora da prisão?

– Eu – disse Beausire, no tom de Medeia na tragédia de Corneille.

– Tu?

– Sim, eu. Hei-de ser exposto, não é assim? Pois bem, gritarei: Viva el-rei! Vivam os prussianos! Morra a nação! Parece-me que não é muito difícil.

O companheiro de Beausire ficou maravilhado.

– Sempre disse – exclamou ele – que eras homem de génio.

Beausire inclinou-se.

– E se fizeres o que dizes – continuou o preso realista – não só hás-de ser solto e perdoado, mas também, como hei-de declarar que se deve a ti o bom êxito da conspiração, podes desde já contar com a bela recompensa que hás-de receber.

– Não é disso que se trata – respondeu Beausire com ar desinteressado.

– Ora essa, meu amigo! Aconselho-te a que não recuses a recompensa.

– Se me aconselhas... disse Beausire.

– Faça mais, convido-te a aceitá-la, e, se tanto for preciso, até o ordeno – ajuntou majestosamente o realista.

– Pois aceitarei – disse Beausire.

– Está bem – disse o conspirador – amanhã havemos de almoçar juntos, o director da prisão não há-de recusar este favor a dois amigos, e havemos de beber uma garrafa de vinho pelo bom êxito da conspiração.

Beausire ainda tinha algumas dúvidas sobre a complacência do director da prisão, relativamente ao almoço do dia seguinte; mas almoçasse ou não com o seu amigo, estava decidido a cumprir a promessa que lhe tinha feito.

Com grande satisfação sua foi-lhes dada a licença para almoçarem juntos.

Foi servido o almoço aos dois amigos; mas não se limitaram a despejar só uma garrafa, veio segunda, terceira e quarta.

À quarta já o Sr. Beausire estava um realista furioso. Felizmente foram buscá-lo para o conduzirem à praça de Grève antes que encetasse a quinta.

Subiu ao carro, como se fosse a um carro triunfante, olhando desdenhosamente para essa multidão, a que ia causar terrível surpresa.

Na esquina da ponte de Nossa Senhora, era esperado na passagem por uma mulher e uma criança.

O Sr. Beausire conheceu a pobre Oliva lavada em lágrimas e o jovem Toussaint, o qual vendo seu pai entre os soldados gritou:

– É bem feito, para que me bateu ele?

Beausire enviou-lhe um sorriso de protecção, a que certamente teria juntado um gesto de mais majestade, se não tivesse as mãos presas atrás das costas.

Sabia-se que o condenado expiava um roubo feito nas Tulherias, e como eram sabidas as circunstâncias em que fora feito e descoberto, ninguém sentia por ele compaixão.

Portanto, quando o carro parou ao pé do pelourinho, a guarda teve muito trabalho para conter o povo.

Beausire olhou para todo este movimento, para este tumulto, para esta multidão com um certo ar, que queria dizer:

– Daqui a pouco vereis.

Quando ele apareceu sobre o pelourinho, retumbou um hurra geral; todavia quando o carrasco despiu a manga do condenado, lhe pôs à mostra o ombro e se abaixou para tirar da fornalha o ferro em brasa, sucedeu o que sempre sucede, isto é, todos se calaram diante da suprema majestade da justiça.

Beausire aproveitou a ocasião, e reunindo todas as suas forças, com voz sonora e retumbante, exclamou:

– Viva o rei! Vivam os prussianos! Morra a nação!

Por maior que fosse o tumulto, que o Sr. Beausire esperasse, o resultado excedeu muito as suas esperanças, e não foi um grito, foi um bramido que lhe respondeu.

Toda a multidão deu um rugido e precipitou-se sobre o pelourinho.

Desta vez a guarda não teve força para proteger o Sr. de Beausire, as fileiras foram rotas, o cadafalso invadido, o carrasco lançado abaixo do estrado, o condenado arrancado, não se sabe como, do poste e arremessado no devorador formigueiro que se chama multidão.

Ia ser morto, esmagado, feito em pedaços, quando felizmente do alto da escada do palácio da municipalidade onde presidia à execução, se precipitou um homem cingido com uma banda.

Era o procurador da Comuna, era Manuel.

Neste homem havia um grande sentimento de humanidade, que algumas vezes era obrigado a ocultar, mas que se lhe escapava em circunstâncias como esta.

Com grande custo chegou onde estava Beausire, estendeu a mão sobre ele, e com voz forte, disse:

– Em nome da lei, reclamo este homem!

O povo hesitou em obedecer; Manuel desenrolou a sua banda, e fê-la flutuar por cima da multidão bradando:

– A mim, todos os bons cidadãos!¹ Correram vinte homens, que se agruparam em volta dele.

Beausire foi tirado, meio morto, das mãos do povo.

Manuel fê-lo transportar para o palácio da municipalidade, mas dentro em pouco foi o palácio ameaçado seriamente, tão grande era o desespero do povo.

Manuel apareceu à janela e disse:

– Este homem é culpado, é certo, e de um crime para que não há perdão. Nomeai entre vós um júri, o qual se reunirá numa das salas do palácio da câmara e decidirá da sorte do criminoso. Seja qual for a sentença será executada; haja porém uma sentença.

Não é curioso que na véspera do dia da mortandade das prisões, um dos homens acusados dessa mortandade use com perigo da vida tal linguagem?

Há anomalias em política; explique-as quem puder.

Este compartimento tranqüilizou a multidão; passado um quarto de hora, anunciaram a Manuel que estava escolhido o júri popular.

O júri constava de vinte e um membros.

Os vinte e um membros apareceram às janelas.

– Estes homens são vossos delegados? – perguntou Manuel ao populacho.

A resposta foi baterem palmas.

– Está bem – disse Manuel – como há juízes far-se-á justiça.

E como tinha prometido, instalou o júri numa das salas do palácio.

O Sr. de Beausire, mais morto do que vivo, compareceu perante o tribunal improvisado.

Procurou defender-se, mas o seu segundo crime estava tão bem provado como o primeiro, com a diferença de que, na opinião do povo, era mais grave.

Gritar “viva o rei!” quando o rei, reconhecido por traidor, estava preso no Templo.

Bradar “vivam os prussianos!” quando eles acabavam de tomar Longwy e estavam, quando muito, a sessenta léguas da capital.

Gritar “morra a nação!” quando esta se estorcía no seu leito de morte; era isto um crime inaudito, que merecia supremo castigo.

Portanto, o júri decidiu que o culpado não só seria condenado à morte, mas que para ligar a esta morte a vergonha que a lei tinha separado dela substituindo a guilhotina à forca, o Sr. Beausire, por revogação da lei, seria enforcado.

E enforcado na mesma praça onde perpetrara o crime.

¹ Não é nossa intenção glorificar Manuel, um dos homens da revolução mais atacado; o nosso fim é dizer só a verdade.

Eis como Michelet relata o facto:

“No 1.º de Setembro sucedeu na praça de Grève uma cena espantosa; um ladrão, que ia ser marcado, e que sem dúvida estava bêbado, lembrou-se de gritar: Viva o rei! Vivam os prussianos! Morra a nação! No mesmo instante foi arrancado do pelourinho; e ia ser feito em pedaços, quando Manuel, procurador da Comuna, correu a tirá-lo das mãos do povo e o salvou no palácio da municipalidade; ele mesmo porém esteve também em extremo perigo, vendo-se obrigado a prometer que um júri popular julgaria o culpado; este júri pronunciou a sentença de morte: a autoridade teve esta sentença por boa e válida, a sentença foi executada e o homem morreu no dia seguinte.”

Por consequência, o carrasco recebeu ordem de levantar a forca no mesmo cadafalso onde estava o pelourinho.

A vista deste trabalho, e a certeza de que o criminoso não podia escapar, acabou de acalmar o povo.

Eis pois um acontecimento que, como dissemos no fim de um dos capítulos precedentes, preocupava a Assembléia.

O dia que se seguia era um domingo, circunstância agravante, e a Assembléia conheceu que tudo caminhava para a mortandade: a Comuna queria manter-se a todo preço, e a carnificina, isto é, o terror era um dos meios mais seguros para o conseguir.

A Assembléia recuou diante da resolução novamente tomada.

Publicou o seu decreto.

Levantou-se então um dos membros da Assembléia e disse:

– Não basta publicardes o vosso decreto; há dois ao promulgá-lo, dissestes que a Comuna bem merecera da pátria; o elogio é um vago, porque pode vir um dia em que digais que a Comuna bem mereceu da pátria, mas que todavia tal ou tal dos membros da Comuna não é compreendido no elogio, então será perseguido tal ou tal membro; é pois preciso dizer: não a Comuna, mas os *representantes da Comuna*.

A Assembléia votou que os *representantes da Comuna* tinham bem merecido da pátria.

Ao mesmo tempo que Robespierre emitia este voto, fazia à Comuna um longo e enérgico discurso, no qual dizia que, tendo a Assembléia, por infames manobras, feito perder ao conselho geral a segurança pública, o conselho geral devia retirar-se e empregar o único meio, que lhe restava para salvar o poder, isto é, *entregar o poder ao povo*.

Robespierre era ambíguo e vago, mas terrível.

Entregar o poder ao povo!

Que significava esta frase?

Era aceitar o decreto da Assembléia sujeitando-se à reeleição. Não era provável.

Era depor o poder legal, e depondo-o declarar por esta mesma deposição que a Comuna, depois de ter feito o 10 de Agosto, se considerava impotente perante a continuação da grande obra revolucionária e encarregava o povo de a concluir?

Ora, o povo sem freio, encarregado, com o coração cheio de vingança, de continuar a obra do 10 de Agosto, era a mortandade dos homens, que tinham combatido contra ele no dia 10 de Agosto, e que depois deste dia estavam encerrados nas diversas prisões de Paris.

Eis o estado de Paris no 1.º de Setembro à noite, isto é, o estado em que se acha a atmosfera, quando sobre ela pesa uma tempestade, e quando se sentem, sobre todas as cabeças, os relâmpagos, e o raio.

VI

Durante a noite de 1 para 2 de Setembro

No 1.º de Setembro, às nove horas da noite, o oficioso de Gilberto – o título de criado tinha sido abolido como anti-republicano – o oficioso de Gilberto entrou no quarto dizendo:

– Cidadão Gilberto, a sege está esperando à porta.

Gilberto pôs um chapéu de abas largas, abotoou o casaco e dispôs-se para sair.

Mas à porta estava um homem embuçado num capote e também com um chapéu de abas largas.

Gilberto recuou um passo; na escuridão e em tais circunstâncias, todos são inimigos.

Porém uma voz benévola pronunciou estas palavras:

– Sou eu, Gilberto.

– Cagliostro! – exclamou o doutor.

– Bem; já se esqueceu de que não me chamo Cagliostro, mas sim o barão Zanone; é verdade que para o senhor não mudo de nome, nem de coração, querido Gilberto, e serei sempre pelo menos assim o espero, José Bálsamo.

– Oh! Sim – respondeu Gilberto – e a prova é que ia a sua casa.

– Disso desconfiava eu – disse Cagliostro – e é a razão por que venho aqui; deve pensar que, em ocasiões como a actual, não faço o que acaba de fazer o Sr. de Robespierre, não parto para o campo.

– Pois eu receava não o encontrar, e dou-me por muito feliz com a sua presença; entre.

– Aqui estou; agora diga o que pretende – respondeu Cagliostro, seguindo o doutor à casa mais retirada.

– Assente-se, mestre.

Cagliostro assentou-se.

– Sabe o que se passa? – perguntou Gilberto.

– Quer dizer, o que vai passar-se – respondeu Cagliostro – porque na ocasião estão todos sossegados.

– Tem razão, mas está-se dispondo o quer que seja de terrível, não é assim?

– Terrível, diz o senhor, mas o que é terrível, torna-se às vezes necessário.

– Mestre – disse Gilberto – quando pronuncia tais palavras com o seu incrível sangue frio, realmente faz-me estremecer.

– Que quer, Gilberto? Não sou mais de que um eco, já lho disse, eco da fatalidade.

Gilberto baixou a cabeça.

– Está lembrado, Gilberto, do que lhe disse no dia em que o vi em Bellevue, a 5 de Outubro, e quando lhe predisse a morte do marquês de Favras?

Gilberto estremeceu.

Ele, tão forte na presença dos homens e dos acontecimentos, sentia-se fraco como uma criança perante aquele misterioso personagem.

– Já lhe disse – continuou Cagliostro – que o rei, se tivesse no seu pobre cérebro um grão de espírito de conservação, fugiria.

– Pois bem – disse Gilberto – ele fugiu.

– Ah! Sim; mas eu tinha-o dito enquanto ainda era tempo, e quando ele o quis fazer, como sabe, já não o era. Também sabe que ajuntei que se o rei, a rainha, os nobres resistissem, nós faríamos uma revolução.

– Oh! – disse Gilberto com um suspiro – desta vez ainda tem razão, porque a revolução fez-se.

– Não foi completa – replicou Cagliostro – mas fez-se meu caro Gilberto; também deve estar lembrado de que lhe falei num instrumento inventado por um amigo meu, o doutor Guillotin. Não passou pela praça do Carroussel? Lá está defronte das Tulherias esse instrumento, o mesmo que fiz ver à rainha no castelo de Taverney, numa garrafa; deve estar lembrado, pois estava lá um rapazote, mas já era amante da menina Nicola; a propósito, o marido de Nicola, o amável Sr. Beausire, acaba de ser condenado à forca, e lá está ela erguida defronte do palácio da municipalidade.

– Sim – disse Gilberto – a guilhotina começou a funcionar, mas ainda não estão satisfeitos com a sua expedição, pois lhe ajuntam espadas, lanças e punhais.

– Ouça-me – disse Cagliostro – há-de concordar numa coisa, e é que temos de tratar com teimosos e cruéis; deram-se aos aristocratas toda a sorte de advertências, que não serviram para nada: tomou-se a Bastilha, de nada serviu; fez-se o 20 de Junho, de nada serviu; fez-se o dia 10 de Agosto, de nada serviu; meteu-se o rei na Abadia, na Force, em Bicêtre, mas isto de nada serviu; o rei no Templo alegra-se com a tomada de Longwy pelos prussianos! Os aristocratas gritam na Abadia: “viva o rei! vivam os prussianos!” bebem vinho de Champanhe nas barbas do pobre povo, que bebe água; comem iguarias nas barbas do desgraçado povo, que não tem pão.

Até o próprio rei da Prússia, a quem se escreveu dizendo-lhe:

“Tomai conta, se passais de Longwy, um passo de mais no coração da França será a sentença de morte do rei.”

Responde:

“Por mais horrorosa que seja a situação da família real, os exércitos não devem retroceder; de toda a minha alma desejo chegar a tempo para salvar o rei de França, mas primeiro do que tudo é meu dever salvar a Europa.”

E marcha sobre Verdum... É preciso acabar com isto.

– Acabar com quê?! – exclamou Gilberto.

– Com o rei, com a rainha e com os aristocratas.

– Então quer assassinar o rei, a rainha e os aristocratas?

– Oh! Não, isso seria um grande crime. É preciso julgá-los, condená-los, executá-los publicamente, como se fez a Carlos I; mas o que importa é desembaraçarmo-nos deles, o mais depressa possível.

– E quem decidiu isso? Vejamos – exclamou Gilberto – foi a consciência, foi a honradez, foi a inteligência deste povo, em que fala? Quando tinha Mirabeau como génio, Lafayette como lealdade, Vergniaud como justiça, se tivesse vindo dizer-me, em nome dos seus homens, é preciso matar, eu teria estremecido, como hoje estremeço, mas teria duvidado. Hoje porém em nome de quem vem dizer-me isso? Em nome de um Hébert, negociante falido, de um Collot-d’Herbois, comediante apupado, de um Marat, espírito doente, a quem o médico manda sangrar todas as vezes que pede cinquenta mil, cem mil, duzentas mil cabeças? Deixe-me, caro mestre, desconfiar desses homens medíocres, que precisam de crises rápidas e patrióticas. Esses maus taumaturgos, esses retóricos impotentes, que só se regozijam com as destruições rápidas, que se julgam mágicos hábeis, desfizeram a obra de Deus; só acham belo, grande, sublime, fazer retroceder o grande rio da vida, que alimenta o mundo, exterminado com uma palavra, com um gesto, fazendo desaparecer com um sopro o obstáculo vivo, que a natureza tinha gasto trinta, quarenta e cinquenta anos a criar. Esses homens, querido mestre, são miseráveis, e o senhor não pertence a tal número.

– Meu caro Gilberto – disse Cagliostro – está enganado, chama a tais indivíduos homens; faz-lhe muita honra, não são mais do que instrumentos.

– Instrumentos de destruição.

– Sim, mas em benefício de uma idéia, Gilberto, é a emancipação dos povos, é a liberdade universal, é a república, não a francesa, Deus me defenda de semelhante idéia, que é egoísta, mas a fraternidade do mundo. Não, esses homens não têm génio, mas têm o que é mais inexorável, o que é mais irresistível do que tudo isto, têm o instinto.

– O instinto de Átila.

– Precisamente, o instinto de Átila, que se intitulava o Martelo de Deus, e que vinha com o sangue bárbaro dos Hunos, dos Alanos e dos Suevos reformar a civilização humana, corrompida por quatrocentos anos de reinado dos Neros, dos Vespazianos e dos Heliogabalos.

– Mas, finalmente – disse Gilberto – resumamos, em lugar de estar a falar em generalidades; onde o conduzirá a matança?

– Oh! A uma coisa muito simples; a comprometer a Assembléia, a Comuna, o povo, todo Paris. É preciso manchar Paris de sangue, para que Paris, o cérebro da França, o pensamento da Europa, a alma do mundo, para que Paris, conhecendo que não há para ela perdão possível, se levante como um só homem, e expulse o inimigo do terreno sagrado da pátria.

– Mas o senhor, que não é francês, o que tem com isso?! – exclamou Gilberto.

Cagliostro sorriu.

– É possível que o senhor, inteligência superior, uma organização potente, diga a um homem: Não te intrometas nos negócios da França, porque não és francês? Acaso os negócios da França, não são negócios de todo o mundo? Acaso a França pobre egoísta trabalha só para si? Acaso Jesus morreu só para os Judeus? Com que direito iria dizer a um apóstolo: “Tu não és Nazareno?” Ouça, Gilberto; discuti todas essas coisas com um génio muito mais forte do que o meu, do que o seu, com um homem ou um demónio chamado Althotas, num dia, em que ele

calculava o sangue que era preciso derramar primeiro que o Sol se levantasse sobre a liberdade do mundo. Pois os raciocínios daquele homem não abalaram a minha convicção. Marchei, marchei, hei-de marchar, derrubando tudo o que encontrar diante de mim, gritando com voz sossegada, com olhar sereno: “Ai dos obstáculos, sou o porvir!”

Vejo porém que tem que pedir-me o perdão de alguém, não é assim? Concedo-lhe o perdão que requer: diga-me o nome daquele ou daquela que pretende salvar.

– Quero salvar uma mulher, que nem eu nem o senhor podemos deixar morrer.

– Quer salvar a condessa de Charny?

– Quero salvar a mãe de Sebastião.

– Bem sabe que é Danton quem pode abrir e fechar as prisões.

– Sim, mas também sei que pode dizer-lhe abra ou feche tal porta.

Cagliostro levantou-se, chegou à secretária e traçou sobre um bocado de papel uma espécie de sinal cabalístico, e apresentando o papel a Gilberto, disse:

– Aqui tem, meu caro, vá procurar Danton e peça-lhe o que quiser.

Gilberto levantou-se.

– Mas depois – perguntou Cagliostro – que tenciona fazer?

– Depois do quê?

– Depois dos dias que vão decorrer, quando chegar a vez do rei?

– Tenciono fazer-me nomear, se puder, da nova convenção, e opor-me com todas as minhas forças à morte do rei.

– Está bem – replicou Cagliostro – obra segundo os ditames da sua consciência; mas prometa-me uma coisa.

– Qual é?

– Já lá vai o tempo em que prometia sem condições.

– Nesse tempo não vinha dizer-me que um povo se curava com o assassinio, uma nação com a carnificina.

– Há-de prometer-me que depois de julgado e executado o rei, seguirá o conselho que eu lhe der.

Gilberto estendeu-lhe a mão.

– Todo o conselho que vier do senhor será precioso para mim.

– E será seguido? – perguntou Cagliostro.

– Juro que sim, se não for contra a minha consciência.

– Gilberto é injusto – disse Cagliostro – tenho-lhe oferecido muito, e nunca exigi nada.

– É verdade, e agora mesmo acaba de me conceder uma vida, que é mais preciosa do que a minha.

– Pois vá, e que o génio da França, da qual é um dos mais nobres filhos, o guie.

Cagliostro saiu; Gilberto seguiu-o.

Gilberto meteu-se na sege, que estava à porta, e dirigiu-se ao ministério da justiça.

Era ali onde estava Danton.

Danton, como ministro da justiça, tinha pretexto especioso para não aparecer na Comuna.

Demais, que precisão tinha de aparecer? Marat e Robespierre estavam lá.

Robespierre não havia de consentir que Marat lhe passasse adiante: presos à matança, marchavam com o mesmo passo.

Demais, vigiava-os Tallien o homem de Danton.

Este esperava duas coisas:

Supondo que se decidisse pela Comuna, um triunvirato com Marat e Robespierre;

Supondo que a Assembléia se decidisse por ele, a ditadura como ministro da justiça.

Não queria Robespierre e Marat.

A Assembléia porém não o queria a ele.

Quando o doutor Gilberto lhe foi anunciado, estava com ele a mulher, ou antes, digamos melhor, a mulher estava aos pés dele.

A carnificina já era tão sabida, que a mulher estava aos pés de Danton suplicando-lhe que não a permitisse, que se opusesse.

E quando se verificou a carnificina, a pobre senhora morreu de dor.

Danton não lhe podia fazer compreender uma coisa, que todavia era bem clara.

Era que ele nada podia contra as decisões da Comuna, sem uma autoridade concedida pela Assembléia.

Com a Assembléia havia probabilidade de vitória.

Sem a Assembléia era certa a derrota.

– Morre! Morre! Se tanto é preciso – gritava a pobre senhora – mas poupa a carnificina.

– Um homem como eu – dizia Danton – não morre inutilmente. Quero morrer mas quando a minha morte for útil à pátria.

Anunciaram o Dr. Gilberto.

– Não sairei daqui – disse a Sr^a. Danton – sem me prometeres que hás-de fazer todo o possível para impedir este abominável crime.

– Então fica – disse Danton.

A Sr^a. Danton deu três passos para trás, e deixou o marido ir ao encontro de Gilberto.

Danton conhecia de vista e de reputação o ilustre médico.

Foi ao encontro dele.

– Ah! Doutor – disse Danton – chega a propósito, e se eu soubesse a sua morada, tê-lo-ia mandado chamar.

O doutor cumprimentou Danton, e vendo uma senhora lavada em lágrimas, inclinou-se.

– Aqui tem – disse o ministro – aqui tem minha mulher, a mulher do cidadão Danton, do ministro da justiça, que julga que sou assaz forte, eu só, para impedir os srs. Marat e o Sr. Robespierre, incitados pela Comuna, de fazerem o que quiserem, quero dizer, para impedir que eles matem, exterminem e destruam.

Gilberto olhou para a Sr^a. Danton.

Ela chorava com as mãos postas.

– Senhora – disse Gilberto – permite-me que beije as suas mãos misericordiosas?

– Bom – disse Danton – tens um reforço no doutor, Madalena.

– Oh! Diga, senhor – exclamou a pobre mulher – que se ele permite um tão miserável crime, lança uma nódoa de sangue em toda a sua vida.

– E se fosse só isso – disse Gilberto – se essa nódoa ficasse só na frente de um homem, e que julgando que essa nódoa útil ao seu país, necessária à França, esse homem se imolasse, lançando a honra no abismo, como Décio lançou nele o corpo, não seria nada; o que importa em acontecimentos, como os actuais, a vida, a reputação, a honra de um cidadão? É porém uma mancha na frente da França.

– Cidadão – disse Danton – quando o Vesúvio trasborda, diga-me se há uma mão assaz potente para fazer recuar o Oceano?

– Quando um homem se chama Danton, não se pergunta onde está tal homem, opera.

– Oh! – disse Danton – é um insensato, e vou dizer-lhe aquilo que nunca confessaria a mim mesmo. Sim, tenho a vontade, tenho o génio! Sim, se a Assembléia quisesse, teria a força; sabe porém o que vai suceder? O que sucedeu a Mirabeau, o seu génio não pôde triunfar da sua reputação.

Não sou o fanático Marat para inspirar terror à Assembléia, não sou o incorruptível Robespierre para lhe inspirar confiança; a Assembléia há-de negar-me os meios de salvar o estado; sofrerei a pena da minha má reputação, hão-de dizer em voz baixa que sou um homem sem moral, ao qual se não pôde dar nem por três dias um poder absoluto, inteiro, arbitrário; hão-de nomear alguma comissão de pessoas honradas, e durante este tempo começará a matança, e, como diz, o sangue de um milhar de culpados, o crime de trezentos ou quatrocentos bêbados, há-de correr sobre as cenas da revolução uma cortina vermelha, que há-de esconder as suas sublimes virtudes. Pois não – ajuntou Danton com um gesto magnífico – não há-de suceder assim. Serei eu o acusado e afastarei da França a maldição, que só pesará sobre a minha cabeça.

– E eu? E teus filhos? – exclamou no auge do desespero a desgraçada senhora.

– Tu – disse Danton – tu hás-de morrer, já o disseste, e não poderás ser acusada como minha cúmplice; enquanto a meus filhos, se chegarem a ser homens e se tiverem o coração do pai, usarão o meu nome com a cabeça altiva; mas se forem fracos e me renegarem, tanto melhor; os fracos não são da minha raça, e nesse caso sou eu que desde já os renego.

– Mas ao menos – exclamou Gilberto – peça a tutoridade à Assembléia.

– Julga que estive esperando pelo seu conselho? Mande chamar Thuriot e Tallien, Sr^a. Danton, veja se já vieram e mande entrar Thuriot.

A Sr^a. Danton saiu apressada.

– Vou tentar fortuna diante do Sr. Gilberto – disse Danton – será testemunha ante a posteridade de que ao menos tentei.

Neste momento tornou a abrir-se a porta.

– Aqui está o cidadão Thuriot – disse a Sr^a. Danton.

– Vem cá – disse Danton, estendendo a larga mão àquele que representava a seu lado o papel que o ajudante de campo desempenha ao lado do general. Há dias disseste na tribuna uma coisa magnífica. A revolução francesa não é só para nós, é para todo o mundo, e devemos dar conta dela a toda a humanidade. Pois então vamos tentar um último esforço para salvar esta revolução e para a conservar pura.

– Fale – disse Thuriot.

– Amanhã, quando se abrir a sessão, sei o que ali hás-de pedir.

“Que seja elevado a trezentos o número de membros do conselho geral da Comuna, de maneira que, mantendo os eleitos do dia 10 de Agosto, possam os antigos ser assinados pelos modernos, e constituamos sobre uma base firme a representação de Paris, engrandecendo a Comuna, mas neutralizando ao mesmo tempo o seu poder. Se não passar esta proposta, se não puderes fazer compreender o meu pensamento, então entende-te com Lacroix, dize-lhe que entre francamente na questão, que proponha a pena de morte para todos aqueles que, directa ou indirectamente, recusarem executar ou se opuserem por qualquer forma às ordens dadas e às medidas tomadas pelo poder executivo; se a proposta passar, da ditadura, o poder executivo sou eu, reclamo-o, e se não quiserem dar-mo, tomo-o à força.”

– Depois o que fará? – perguntou Gilberto.

– Depois – respondeu Danton – pego numa bandeira, e em lugar do ensangüentado, o hediondo demónio da matança, que mando para as suas trevas, invoco o génio nobre e sereno das batalhas, que bate sem medo nem cólera, que encara em paz a morte; pergunto a todos esses bandos se é para assassinar homens desarmados que se reuniram; declaro infame todo aquele que ameaçar as prisões; talvez que alguns aproveem a matança, mas os assassinos são poucos: aproveito o entusiasmo que reina em Paris, envolvo o pequeno número dos assassinos no turbilhão dos voluntários, verdadeiros soldados, que só esperam uma ordem para partir, e levo-os para a fronteira, isto é, contra o inimigo.

– Faça isso – disse Gilberto – e fará uma coisa grande, sublime, magnífica.

– Oh! Meu Deus – disse Danton com indiferença, e encolhendo os ombros – não há nada mais fácil; ajudem-me e verão.

A Sr^a. Danton beijou as mãos do marido.

– Oh! Hão-de ajudar – dizia a virtuosa senhora – quem não será da tua opinião ouvindo-te falar assim?

– Sim – respondeu Danton – infelizmente porém não posso falar assim, porque se me ouvissem, seria por mim que começaria a matança.

– Pois bem – disse vivamente a Sr^a. Danton – melhor é morrer desse modo.

– Falas mesmo como mulher. Morrendo eu o que seria da revolução entre aquele louco sanguinário chamado Marat, e o falso utopista que se chama Robespierre? Não, não devo, não quero morrer ainda, porque devo impedir a matança, e se o não puder conseguir, quero afastar da França esta nódoa e tomá-la sobre mim. Chama Tallien.

Este entrou.

– Tallien – disse-lhe Danton – pode ser que a Comuna me escreva amanhã convidando-me a ir à municipalidade; como é secretário da Comuna, arranje as coisas de maneira que eu possa provar que não recebi a carta de convite.

– Diabo – disse Tallien – como hei-de arranjar isso?

– Não sei. Disse-lhe o que desejo e o que quero; pertence pois ao senhor arranjar os meios. Venha, Sr. Gilberto, visto ter alguma coisa que me pedir.

E abrindo a porta de um pequeno gabinete fez entrar Gilberto e seguiu-o.

– Vejamos, doutor – perguntou Danton – em que lhe posso ser útil?

Gilberto tirou da algibeira o papel, que lhe entregara Cagliostro, e apresentou-o a Danton.

– Ah! Vem recomendado por ele; em que lhe posso ser útil? Que deseja?

– A soltura de uma senhora, que está presa na Abadia.

– Como se chama?

– A condessa de Charny.

Danton pegou num pedaço de papel e escreveu a ordem de soltura.

– Aqui tem – disse ele – desejaria poder salvar todos os infelizes um por um.

Gilberto inclinou-se.

– Tenho o que desejava – disse ele.

– Vá, Sr. Gilberto, se alguma vez carecer de mim, venha procurar-me imediatamente; sempre me julgarei feliz quando o obsequiar.

Depois, empurrando-o brandamente para fora do gabinete, murmurou:

– Ah! Se ao menos tivesse por vinte e quatro horas metade da reputação de homem honrado!

E fechou a porta sobre Gilberto, dando um suspiro e limpando o suor, que lhe corria da fronte.

Munido do precioso papel, que lhe restituía a vida de Andréia, Gilberto correu à Abadia.

Apesar de já ser meia-noite, ainda alguns grupos estacionavam ao pé da prisão.

Apresentou a ordem ao director.

A ordem dizia que pusesse imediatamente em liberdade a pessoa que Gilberto designasse.

O médico designou a condessa de Charny, e o director deu ordem a um chaveiro para que conduzisse o cidadão Gilberto ao quarto da presa.

Gilberto seguiu o chaveiro, subiu atrás dele três lanços de escada e entrou num quarto alumiado por uma lamparina.

Uma senhora, vestida de luto, pálida como o mármore, estava assentada ao pé da mesa, lia um pequeno livro de encadernação de chagrin, ornado com uma cruz.

Ao lado dela ardia na chaminé um resto de fogo.

Apesar do ruído que a porta fez ao abrir, não levantou a cabeça; apesar da bulha que Gilberto fez aproximando-se, não levantou os olhos.

Parecia absorvida pela leitura, ou antes pelos pensamentos, porque Gilberto esteve diante dela dois ou três minutos sem lhe ver voltar uma página.

O chaveiro retirara-se, puxando a porta para si.

– Senhora condessa – disse Gilberto passado um instante.

Andréia levantou os olhos, olhou por uns momentos sem ver, pois o véu do pensamento interceptava-lhe a pessoa que tinha diante de si; todavia foi-se esclarecendo gradualmente.

– Ah! É o Sr. Gilberto – disse Andréia – que me quer?

– Minha senhora, correm sinistros boatos a respeito das prisões.

– Bem sei – disse Andréia – querem assassinar-nos; mas bem sabe, Sr. Gilberto, que estou pronta para morrer.

Gilberto inclinou-se.

– Venho buscá-la, minha senhora.

– Vem buscar-me? – repetiu Andréia admirada: para me conduzir aonde?

– Aonde quiser, minha senhora; está livre.

E apresentou-lhe em seguida a ordem de soltura assinada por Danton.

Leu-a, mas em vez de a entregar ao doutor conservou-a na mão.

– Devia desconfiar disto, doutor – disse ela tentando sorrir.

– De quê, minha senhora?

– De que vinha para me impedir que eu morra.

– Minha senhora, há no mundo uma existência mais preciosa para mim do que nunca foi a de meu pai, ou de minha mãe; é a sua.

– E é essa a razão por que já faltou uma vez à sua palavra?

– Não faltei à minha palavra, pois lhe enviei o veneno.

– Por meu filho.

– Não lhe tinha dito por quem o enviaria.

– De sorte que se lembrou de mim, Sr. Gilberto, e foi por minha causa que entrou no covil do leão e se muniu com um talismã, que abre as portas das prisões.

– Já lhe disse – minha senhora – que enquanto eu viver, hei-de evitar que se exponha à morte.

– Oh! Contudo, desta vez – disse Andréia com um sorriso mais profundo do que o primeiro – desta vez tenho a certeza de que vou morrer.

– Tentarei tudo para a salvar.

Andréia, sem responder, rasgou em quatro a ordem de soltura e lançou-a no lume.

– Experimente – disse ela.

Gilberto deu um grito.

– Sr. Gilberto – disse ela – renunciei à idéia do suicídio, mas não renunciei à da morte.

– Oh! Senhora!... – exclamou Gilberto.

– Senhor, decididamente quero morrer.

Gilberto deixou escapar um gemido.

– Tudo o que lhe exijo, Sr. Gilberto, é que procure o meu corpo e que o salve dos ultrajes, a que não escapou enquanto vivo. O Sr. de Charny repousa nos carneiros do castelo de Boursonne; foi ali que passei os únicos dias felizes da minha vida, desejo pois repousar ao pé dele.

– Oh! Minha senhora, em nome do Céu, suplico-lhe...

– E eu, senhor, em nome da desgraça imploro-lhe este favor.

– Está bem, minha senhora – disse Gilberto – já me disse uma vez que em tudo lhe devo obedecer; retiro-me, mas não me dou por vencido.

– Não se esqueça de qual é o meu desejo – disse a condessa.

– Se não a salvar, farei o que me pede.

E cumprimentando-a pela última vez, retirou-se.

A porta fechou-se sobre ele com o som lúgubre que é peculiar às portas das prisões.

VII

O dia 2 de Setembro

Sucedeu o que Danton previra.

Logo que se abriu a sessão, Thuriot fez na Assembléia a proposta que o ministro da justiça formulara na véspera.

A Assembléia não a compreendeu.

Em lugar de a votar às nove da manhã, a Assembléia discutiu-a, e quando procedeu à votação era uma hora depois do meio-dia.

E Era muito tarde.

Aquelas quatro horas retardaram um século a liberdade da Europa.

Tallien foi mais esperto.

Encarregado pela Comuna de dar ordem ao ministro da justiça, para ir à municipalidade, escreveu:

Sr. ministro,

“Logo que receber esta, apresentar-se-á no palácio da municipalidade.”

Mas em lugar de pôr o sobrescrito para o ministro da justiça, dirigiu-o ao ministro da guerra.

Esperavam Danton.

Foi Servan que se apresentou muito embaraçado, perguntando o que queriam.

Não lhe queriam absolutamente nada.

Desfez-se o engano; mas a peça estava pregada.

Já dissemos que a Assembléia votando à uma hora, votara tarde.

Com efeito, a Comuna, que não demorava os seus negócios, tinha aproveitado o tempo.

Que pretendia a Comuna?

Queria a carnificina e a ditadura.

Eis como procedeu.

Como Danton tinha dito, os assassinos não eram numerosos.

Na noite de 1 para 2 de Setembro, enquanto Gilberto tentava inutilmente tirar Andréia da Abadia, Marat enviava os seus cães aos clubes e às secções.

Apesar de muito enraivecidos, tinham produzido pouco efeito nos clubes, e de quarenta e oito secções, somente duas, a secção de Robespierre e a do Luxemburgo, tinham votado a carnificina.

Quanto à ditadura, a Comuna bem sabia que não podia apoderar-se dela se não com o socorro destes três nomes:

Marat, Robespierre, Danton.

Eis porque tinha mandado ordem a Danton para ir à municipalidade.

Já vimos que Danton tinha previsto o golpe.

Danton não recebeu carta, e por consequência não compareceu.

Se a tivesse recebido, se o erro de Tallien não a fizesse ir parar ao ministro da guerra, em lugar de ir ter às mãos do ministro da justiça, talvez se não atrevesse a desobedecer.

Não o vendo chegar, teve a Comuna de tomar um partido.

Decidiu que se nomeasse uma junta de vigilância.

A junta porém não podia ser nomeada senão de entre os membros da Comuna.

Tratava-se todavia de fazer entrar Marat, na *junta da matança*; que era o verdadeiro nome que lhe pertencia.

Mas como o haviam de conseguir? Marat não era membro da Comuna.

Foi Panis quem se encarregou do negócio:

Pelo seu patrono Robespierre, pelo seu cunhado Santerre tinha ele bastante peso na municipalidade; é fácil pois de compreender que Panis, ex-procurador, espírito falso e duro, pobre autor de alguns versos ridículos, não podia ter por si mesmo influência alguma: mas por causa de Robespierre e de Santerre, tinha tal peso na municipalidade que foi autorizado a escolher três membros para completar a junta de vigilância.

Panis não se atreveu a exercer este poder.

Tomou por adjuntos três dos seus colegas; Sergent, Duplaint, Jourdeuil.

Estes também tomaram por adjuntos mais cinco:

Deforgues, Lenfant, Guermeur, Leclerc e Dufort.

O documento original tem estas quatro assinaturas: Panis, Sergent, Duplaint e Jourdeuil.

Porém à margem lê-se um nome.

É o de Marat, que não tinha direito a fazer parte da junta, por não ser membro da Comuna.

Com este nome ficava entronizado o homicídio.²

Vejamo-lo estender-se com todo o seu espantoso poder.

Já dissemos que a Comuna não fizera como a Assembléia: não esteve com demoras.

Às dez horas estava instaurada a junta de vigilância, e já tinha dado a sua primeira ordem.

Essa primeira ordem foi para transferir da prefeitura para a Abadia vinte e quatro presos.

Desses presos oito ou nove eram padres, isto é, usavam o mais execrando hábito, o mais odiado de todos o hábito dos homens que tinham organizado a guerra civil na Vendeia e no Meio-Dia.

O hábito eclesiástico.

Mandaram-nos buscar à prisão pelos federados de Marselha e Avinhão, meteram-nos nas segas a quatro e quatro, e partiram.

O sinal da partida fora dado pelo terceiro tiro de peça de alarme.

Era fácil de compreender a intenção da Comuna; aquela procissão lenta e fúnebre exaltaria a cólera do povo, e era provável que, no caminho, ou à porta da Abadia, seriam detidas as carruagens, a escolta seria forçada, os presos seriam assassinados, e então a carnificina seguiria o seu curso.

Começando no caminho ou à porta da prisão, não pararia facilmente.

Foi no momento em que as seis segas saíam da Comuna, isto é, da prefeitura de polícia, que Danton se lembrou de entrar na Comuna.

A proposta feita por Thuriot tornara-se inútil; já dissemos que era muito tarde para aplicar à Comuna a decisão que acabava de ser tomada.

Restava a ditadura.

Danton subiu à tribuna; infelizmente estava só. Roland julgara-se muito honrado para acompanhar o seu colega.

Procuraram com a vista Roland; não estava, ali.

Viam a força, mas pediam inutilmente a moralidade.

Manuel acabava de anunciar à Comuna o perigo de Verdun. Tinha proposto que os cidadãos alistados acampassem no Campo de Marte, naquela mesma noite, para o dia seguinte, logo ao amanhecer poderem marchar contra o inimigo.

A proposta de Manuel foi bem recebida.

Outro membro tinha proposto, visto a urgência do perigo, que se desse o tiro de alarme e se tocasse a rebate.

Posta a votos a segunda proposta, também, foi aprovada.

Era uma medida nefasta, homicida, terrível nas circunstâncias em que se achavam. O tambor, os sinos, a artilharia produzem um retumbar sombrio, vibrações fúnebres até nos corações mais sossegados; com muita razão o produziram portanto, em corações já tão violentamente agitados.

Demais tudo aquilo era calculado.

Ao primeiro tiro devia ser enforcado o Sr. Beausire.

Anunciámos já, com a tristeza que anda anexa à perda de tão interessante personagem, que o Sr. Beausire foi enforcado quando soou o primeiro tiro.

Ao terceiro tiro deviam as carruagens sair da prefeitura de polícia.

O canhão ribombava de dez em dez minutos; aqueles que acabavam de ver enforcar o Sr. Beausire chegavam pois a tempo de ver os presos e de tomarem parte no assassinio.

Tallien punha Danton ao facto de tudo o que se passava na Comuna.

Sabia por consequência o perigo de Verdun, sabia a decisão do acampamento do Campo de Marte, sabia que se ia disparar o canhão de alarme e que se ia tocar a rebate

² Leiam Michelet, único homem que viu claro nas trevas sanguinolentas de Setembro. Veja-se também, na Prefeitura de polícia o documento que citamos e que o erudito M. Labat, arquivista, mostrará gostoso a outros como no-lo mostrou a nós.

Para replicar a Lacroix, que devia pedir a ditadura, tomou o pretexto da pátria em perigo, e propôs que fosse votado: que todo aquele que não quisesse servir, ou entregasse as armas, que fosse punido com pena de morte.

Depois para não haver engano sobre as suas intenções, para não confundirem os seus projectos com os da Comuna, disse:

“O rebate, que vamos ouvir, não é um sinal de perigo, é *o sinal de carregar sobre os inimigos da pátria*. Para os vencer, senhores, carecemos de audácia, de audácia e mais audácia, e a França será salva!”

Estas palavras foram acolhidas com estrepitosos aplausos.

Então Lacroix, levantando-se e pedindo a palavra, disse:

“Seja punido com a morte todo aquele que, directa ou indirectamente recusar executar, ou se opuser, por qualquer maneira, às ordens dadas e às medidas tomadas pelo poder executivo.”

A Assembléia compreendeu perfeitamente que o que dela exigiam era a ditadura.

Aprovou na aparência, mas demorou a decisão, nomeando uma comissão de girondinos para redigir os decretos.

Infelizmente, como Roland, os girondinos eram pessoas muito honradas para terem confiança em Danton.

A discussão durou até às seis horas da tarde.

Danton impacientou-se; queria o bem e obrigavam-no a deixar fazer o mal.

Disse uma palavra em voz baixa a Thuriot e saiu.

Que lhe disse ele?

O lugar em que poderia encontrá-lo no caso da Assembléia lhe confiar o poder.

Onde poderia encontrá-lo?

No Campo de Marte, no meio dos voluntários.

Qual era a sua situação no caso de lhe ser confiado o poder?

Fazer-se reconhecer ditador por esta massa de homens armados, não para a matança, mas para a guerra, tornar a entrar com eles em Paris, e levar como em uma imensa rede os assassinos até à fronteira.

Esperou até às cinco horas da tarde.

Ninguém o procurou.

O que sucedia entretanto às seges, em que iam os presos?

Sigamo-las; vão lentamente, portanto depressa as alcançaremos.

A princípio as seges em que iam fechados protegeram-nos.

O instinto do perigo fez com que se mostrassem o menos possível às portinholas; mas os encarregados de os proteger eram os próprios que denunciavam; a cólera do povo não subia bastante depressa, e incitavam-no com palavras.

– Olhem – diziam eles – eis os traidores, os cúmplices dos prussianos, eis os que entregam as nossas cidades, eis os que hão-de matar as suas mulheres e seus filhos se os deixarem aqui e forem para a fronteira.

E todavia isto era impotente; os assassínios, como Danton tinha dito, eram poucos; era grande a cólera, muitos os gritos e ameaças, mas nada mais.

Seguiam a linha do cais, o Pont-Neuf, a rua Dauphine, sem poderem cansar a paciência dos presos, sem poderem empurrar até ao assassinio a mão do povo.

Estavam em Bussy, perto da Abadia. Ainda era tempo.

Se deixassem recolher à prisão aqueles infelizes, se os matassem depois de entrarem, claro ficava que era uma ordem reflectida da Comuna e não a indignação espontânea do povo que os matava.

A fortuna porém correu em socorro das más intenções, dos projectos sangrentos.

Em Bussy havia um desses teatros, onde se faziam os alistamentos voluntários.

Havia ali grande multidão.

As seges tiveram de parar.

A ocasião era bela, e se a deixassem passar, não se apresentaria outra.

Um homem afastou a escolta, que não se opôs, subiu ao estribo da primeira carruagem com a espada na mão, e metendo-a muitas vezes ao acaso para dentro da carruagem, retirou-a cheia de sangue.

Um dos presos levava uma bengala e com ela tentou aparar os golpes. Tocou por acaso na cara de um dos homens da escolta.

– Ah! Marotos – exclamou este – nós protegemo-los e em paga levamos! A mim! Camaradas!

Uns vinte homens, que só esperavam por este brado, saíram então de entre a multidão, armados com chuços e grandes facas amarradas em paus. Meteram as lanças e os paus pelas portinholas, e então começaram a ouvir-se gritos de dor, e a ver o sangue das vítimas correr pelo fundo das seges, deixando na rua um largo rasto.

O sangue pede sangue. Começou a matança, que ia durar quatro dias.

Os presos, que estavam na Abadia desde pela manhã, tinham notado nas fisionomias dos guardas e por algumas palavras que a estes tinham escapado, que se preparava alguma coisa sombria. Além disto, uma ordem da Comuna tinha feito adiantar uma hora a comida.

O que queria dizer esta mudança nos hábitos da prisão? Com certeza alguma coisa funesta.

Esperavam pois com ansiedade.

Às quatro horas, o murmúrio longínquo da multidão começou a bater, como as primeiras vagas de uma maré, contra as muralhas da prisão; alguns presos começaram a ver seges por entre as grades das janelas que dão para a rua de Sainte-Marguerite.

Então os bramidos de raiva e os gritos de dor começaram a entrar na prisão; o brado: “Aí vêm os assassinos!” espalhou-se pelos corredores, entrou nos quartos e penetrou nas mais profundas masmorras.

Depois ouviu-se o grito:

“Os suíços! Os suíços!”

Na Abadia estavam cento e cinqüenta suíços. Com grande custo tinham sido defendidos da cólera do povo no dia 10 de Agosto; a Comuna conhecia o ódio do povo pelos uniformes encarnados.

Era pois uma excelente maneira de levar o povo à matança, o fazê-lo começar pelos suíços.

Gastaram quase duas horas na matança destes cento e cinqüenta infelizes.

Morto o último, que foi o major Reading, cujo nome já mencionámos, chamaram os padres.

Os padres responderam que estavam prontos para morrer, mas que queriam confessar-se.

A exigência pareceu justa ao povo.

O povo concedeu-lhe duas horas.

Em que foram empregadas aquelas duas horas?

Em formar um tribunal.

Mas quem formou o tribunal? Quem o presidiu?

Maillard.

VIII

Maillard

O homem de 14 de Julho, o homem de 5 e 6 de Outubro, O homem de 20 de Agosto, devia também ser o homem de Setembro.

Porém o porteiro de Châtelet devia querer dar ao assassinio um andamento solene com aparência de legalidade.

Queria que os aristocratas fossem mortos.

Mas queria que fossem mortos debaixo de toda a legalidade.

Mortos em consequência de uma sentença dada pelo povo, que se considerava como único juiz infalível.

Antes que Maillard instalasse o seu tribunal, já tinham sido mortas perto de duzentas pessoas.

Só uma tinha escapado.

O abade Sicard.

Dois outros presos, saindo por uma janela no meio do tumulto, tinham-se encontrado no meio da junta da secção, que fazia as suas sessões na Abadia.

Eram o jornalista Pariseau e Lachapelle, intendente da casa do rei.

Os membros da secção fizeram assentar os fugitivos no meio deles e salvaram-nos assim.

Não havia porém que agradecer aos assassinos, se estes dois últimos lhes escapavam.

Já dissemos que uma das peças curiosas dos arquivos da polícia era a nomeação de Marat para a junta de vigilância.

Outra não menos curiosa é o registro da Abadia, ainda hoje todo manchado com o sangue dos assassinios, que salpicava até os membros do tribunal.

Procurai ver o registro, e a cada instante encontrareis nas margens:

“Morte por sentença do povo, ou absolvido pela sentença do povo.”

Esta última nota é assinada por Maillard e repetida quarenta e três vezes.

Logo, Maillard salvou na Abadia a vida de quarenta e três pessoas.

Agora, enquanto começa a exercer as suas funções, às nove ou dez horas da noite, sigamos dois homens, que saem dos Jacobinos e se encaminham para a rua de Sainte-Anne.

São o grande sacerdote e o seu adepto, o mestre e o discípulo:

Saint-Just e Robespierre.

Saint-Just, que nos apareceu na noite da recepção de três novos adeptos na loja da rua Plâtrière.

Saint-Just de tez duvidosa, demasiado clara para homem, muito pálida para mulher, de gravata alta e dura, mais frio do que o seu mestre.

Quanto ao mestre, ainda sentia algumas emoções nestes combates de política em que o homem, a paixão com a paixão para o discípulo, o que se passa não é mais do que uma grande partida de xadrez.

O resultado porém, do jogo, é a vida.

Cuidado não ganhe ele, vós que jogais contra ele, pois será inflexível e nunca perdoará aos que perderem.

Tinha dito pela manhã que provavelmente iria ao campo.

O pequeno quarto de Saint-Just, mancebo, até poderíamos dizer ainda criança, talvez lhe parecesse mais seguro do que o seu, na terrível noite de 2 para 3 de Setembro.

Ambos entraram em casa perto das onze horas.

É inútil dizer em que falavam aqueles dois homens.

Falavam no morticínio.

Com a diferença porém de que um falava com a sensibilidade de um filósofo da escola de Rousseau; o outro com a sequidão de um matemático da escola de Condillac.

Robespierre, como o crocodilo da fábula, algumas vezes chorava aqueles a quem condenava.

Entrando em casa, Saint-Just tirou o chapéu, que pôs em cima de uma cadeira, tirou a gravata e despiu o casaco.

– Que fazes? – perguntou-lhe Robespierre.

Saint-Just olhou para ele tão admirado, que Robespierre repetiu:

– Pergunto-te o que fazes?

– Vou deitar-me – respondeu o mancebo.

– Mas para que te vais deitar?

– O que faz a gente quando se deita? Dormir.

– Como? – exclamou Robespierre – lembrás-te de dormir numa tal noite?
– Porque não?
– Quando caem ou vão cair milhares de vítimas, quando esta noite vai ser a última para tantos homens, que agora ainda respiram, mas que amanhã terão cessado de viver, tu pensas em dormir?

Saint-Just, ficou por um instante pensativo.

Depois, como se durante este curto momento de silêncio tivesse tirado do fundo do coração nova convicção, disse:

– Sim, é verdade, sei isso, mas também sei que é um mal necessário, pois que tu mesmo o autorizaste. Imagina uma febre amarela, uma peste, um tremor de terra, e enumera uma infinidade de homens que caem sem benefício algum para a sociedade, ao passo que da morte dos nossos inimigos resulta segurança para nós. Aconselho-te pois a que te recolhas a tua casa, e a que te deites como eu e procures dormir como eu vou dormir.

E dizendo estas palavras, o impassível e frio político meteu-se na cama.

– Adeus – disse ele – até amanhã.

E com efeito adormeceu.

O seu sono foi tão longo, tão sossegado, tão pacífico como se não se passasse em Paris coisa alguma extraordinária.

Adormeceu às cinco horas e meia da noite e acordou às seis da manhã.

Saint-Just, acordando, viu entre si e a claridade uma espécie de sombra, era Robespierre.

Julgou que Robespierre saíra na véspera e que voltara pela manhã.

– Que é que te traz aqui tão cedo? – perguntou Saint-Just.

– Eu não saí desde ontem – respondeu Robespierre.

– Como! Não saíste?

– Não.

– Como! Não saíste?

– Não.

– Não dormiste?

– Não.

– Então como passaste a noite?

– Em pé, com a cabeça encostada aos vidros, escutando a bulha da rua.

Robespierre dizia a verdade. Ou por medo, ou por remorso, não tinha dormido sequer uma hora, sequer um minuto.

Quanto a Saint-Just, não houve diferença entre o seu sono dessa noite e o das noites precedentes.

Do outro lado porém do Sena, no centro mesmo da Abadia, havia um homem, que tinha dormido tanto como Robespierre.

Esse homem estava encostado ao último postigo, que dava para o pátio, e quase perdido na penumbra da imensa sala.

Eis o espectáculo que apresentava o interior daquela casa, transformada em tribunal.

Em redor de uma vasta mesa carregada de espadas, de pistolas, e alumiada por duas lâmpadas de cobre, estavam assentados doze homens.

Pelos seus rostos pálidos, figuras robustas, barretes encarnados, pelas lãs que lhe cobriam os ombros, reconhecia-se que eram homens do povo.

Presidia-os um indivíduo, que estava com a cabeça descoberta, e trajava casaca preta e colete branco.

Talvez fosse o único que soubesse ler e escrever; tinha diante de si papel, penas e um tinteiro.

Estes homens eram os juizes da Abadia, juizes terríveis, que davam sentenças sem apelação, que no mesmo instante eram executadas por uns cinquenta carrascos, armados de espadas e de chuchos e que esperavam no pátio, nadando em sangue.

O presidente era o porteiro Maillard.

Tinha ido ali por livre vontade, ou mandado por Danton, que queria fazer nas outras prisões, nos Carmelitas, no Châtelet, na Force o que este fez na Abadia; salvar algumas pessoas?

Ninguém o sabia.

A 4 de Setembro, Maillard desapareceu; nunca mais se tornou a ver, nunca mais se ouviu falar nele, parecia ter morrido afogado em sangue.

Entretanto, desde a véspera às dez horas presidia ao tribunal.

Tinha chegado, arranjado a mesa, escolhido ao acaso doze juizes, tinha-se assentado, colocado seis juizes à direita, outros seis à esquerda, e a matança tinha continuado, mas desta vez com alguma regularidade.

Lia-se no registo o nome de um preso, os chaveiros iam buscá-lo, Maillard contava a história da sua prisão; se o preso era condenado, Maillard contentava-se em dizer:

– À Force!

Então abria-se a porta, que dava para o pátio, e o condenado sucumbia aos golpes dos assassinos.

Se, pelo contrário, o preso era absolvido, então levantava-se o negro fantasma, punha-lhe a mão sobre a cabeça e dizia:

– Soltem-no.

E o preso estava salvo.

No momento em que Maillard se apresentava à porta da prisão, saiu-lhe ao encontro um homem.

Às primeiras palavras que trocaram, Maillard reconheceu-o e em sinal, senão de submissão, pelo menos de condescendência, inclinara-se.

Era homem de estatura gigantesca.

Depois, entrando na prisão, arranjada a mesa, estabelecido o tribunal, disse:

– Conserve-se aí, e quando aparecer a pessoa por quem se interessa faça-me sinal.

O homem encostou-se à parede, e estava ali desde a véspera, mudo e imóvel, esperando.

Este homem era Gilberto.

Tinha jurado a Andréia não a deixar morrer, e procurava cumprir o seu juramento.

No momento a que chegámos, tinha o tribunal interrompido as suas funções por um instante.

Das quatro às seis horas da manhã, os assassinos e os juizes repousaram um pouco.

Às seis comeram.

Durante estas duas horas, três homens, os enterradores enviados pela Comuna, tinham chegado e tinham levado os cadáveres.

Como porém no pátio havia a altura de três polegadas de sangue coalhado, como os pés escorregavam nele, como era necessário muito tempo para o lavar, trouxeram uns cem molhos de palha, que espalharam pelo pátio, cobrindo-o com o fato das vítimas, principalmente com o uniforme dos suíços.

O fato e a palha absorviam o sangue.

Mas enquanto dormiam juizes e assassinos, os presos velavam agitados pelo terror.

Todavia, quando cessaram os gritos, tiveram um instante de esperança.

Talvez só houvesse um certo número de condenados, designado aos assassinos; talvez que o assassinio se limitasse aos suíços.

A esperança, porém, pouco durou, naqueles cérebros agitados.

Às seis horas e meia da manhã tornaram a começar os gritos e a chamada.

Então desceu um carcereiro, e disse a Maillard que os presos estavam prontos para morrer, mas pediam que os deixasse ouvir missa.

Maillard encolheu os ombros, mas anuiu ao que queriam.

Demais, estava tão ocupado a ouvir as felicitações que a Comuna lhe dirigia pela voz de um seu deputado.

Este homem era um indivíduo baixo, de figura agradável, com uma pequena cabeleira.

Era Billaud-Varennès.

– Honrados cidadãos – disse ele aos assassinos – acabais de purgar a sociedade de grandes criminosos. A municipalidade não sabe como vos há-de agradecer: decerto deviam pertencer-vos os despojos dos mortos, isto porém pareceria um roubo: como indemnização desta perda, estou encarregado de oferecer a cada um de vós vinte e quatro libras que vos serão pagas imediatamente.

E com efeito Billaud-Varennés, no mesmo instante, fez distribuir aos assassinos o salário do seu sanguinolento trabalho.

Eis o que tinha acontecido, e o que explica esta gratificação da Comuna.

Durante a noite de 2 de Setembro, alguns dos matadores não tinham meias nem sapatos, porquanto olhavam com inveja para o calçado dos aristocratas, e disto resultou mandarem pedir à Comuna a permissão de calçarem os sapatos dos mortos.

A Comuna deferiu esta petição.

Maillard, porém, logo percebeu que se julgavam dispensados de pedir.

Por consequência pilhavam tudo.

Não só sapatos e meias, mas tudo o que lhes parecia bom.

Maillard não gostou desta ladroeira, e deu parte à Comuna.

Esta era a causa da embaixada de Maillard e do silêncio em que era ouvida.

Durante esse tempo os presos ouviam missa.

O padre que a dizia era o abade Lenfant, pregador da capela real.

O que ajudava à missa era Rastignac, escritor religioso.

Eram dois anciãos de cabelos brancos, de rosto venerando, e cujas palavras exprimindo a resignação e a fé, tiveram benéfica influência sobre todos os desgraçados.

No momento em que todos estavam de joelhos, recebendo a bênção do abade Lenfant, começou a chamada.

O primeiro nome pronunciado foi o de um padre.

Fez um sinal, acabou a sua oração e seguiu os que iam buscá-lo.

Ficou outro, que continuou a fúnebre exortação.

Depois chegou a vez dele.

Os presos ficaram sem ter quem lhes ministrasse as consolações espirituais.

Então começou entre estes homens uma conversação sombria, terrível, singular.

Discutiam sobre a maneira de receber a morte e sobre as probabilidades de um suplício mais ou menos longo.

Uns queriam apresentar a cabeça, para que caísse de um só golpe.

Outros diziam que era melhor levantar os braços para que a morte fosse instantânea.

Outros que era mais seguro porem as mãos atrás das costas, porque deste modo não apresentariam resistência alguma.

Um mancebo saiu do grupo, dizendo:

– Vou saber o que é melhor.

E subiu a uma pequena torre, cuja janela de grades dava para o pátio, para estudar a morte.

Depois voltou, dizendo:

– Os que morrem mais depressa são os que têm a ventura de ser feridos no peito.

Neste momento ouviram-se estas palavras seguidas de um suspiro:

– Meu Deus! Vou ter convosco!

Um homem acabava de cair e debatia-se sobre os degraus.

Era o Sr. Chantereine, coronel da guarda constitucional do rei.

Tinha levado três facadas no peito.

Os presos então pegaram em facas, mas servindo-se delas com hesitação só conseguiram que um fosse morto.

Entre os presos havia três mulheres.

Duas jovens aflitas abraçadas a dois anciãos.

Uma senhora vestida de luto, sossegada, resignada, orando e sorrindo.

As jovens eram as meninas de Cazotte e de Sombreuil.

Os anciãos eram os pais delas.

A senhora vestida de luto era Andréia.

Chamaram o Sr. de Montmorin.

O Sr. de Montmorin, como o leitor deve estar lembrado, era aquele que tinha dado os passaportes para a fuga do rei; o Sr. de Montmorin era tão impopular, que já na véspera um mancebo estivera para ser morto por ter o mesmo apelido.

O Sr. de Montmorin não tinha querido ouvir as exortações dos padres; ficara no seu quarto, furioso, desesperado, chamando os seus inimigos, pedindo armas, abalando os varões das janelas, desfazendo entre os dedos uma mesa de carvalho, cujas tábuas tinham duas polegadas de grossura.

Tiveram de empregar a força para o levarem perante o famoso tribunal.

Entrou pálido, com os olhos inflamados e com os braços hirtos.

– À Force! – disse Maillard.

O antigo ministro tomou a palavra no sentido que a devia ter, e julgou que se tratava de uma transferência.

– Presidente – disse ele a Maillard – espero que me mande dar uma sege para me levar à Force, para assim escapar aos ultrajes dos assassinos.

– Mande chamar uma sege para o Sr. conde de Montmorin, disse Maillard com toda a política.

Depois, dirigindo-se ao ex-ministro:

– Tenha a bondade de se assentar enquanto não chega a sege, Sr. conde de Montmorin.

O conde assentou-se resmungando.

Passados cinco minutos, anunciaram que a sege estava pronta.

Este anúncio era feito por um comparsa, que compreendeu a parte que tinha a representar neste drama.

Abriu-se a porta fatal, a que dava para a morte, e por ela saiu o Sr. de Montmorin.

Mas apenas tinha dado três passos caiu ferido com mais de vinte punhaladas.

Depois, seguiram-se outros presos, cujos nomes caíram no abismo do esquecimento.

No meio de todos estes nomes obscuros, completamente desconhecidos, apenas um só se tornou notável, causando sensação.

Foi o de Jacques Cazotte.

De Cazotte, o iluminado, que dez anos antes da revolução tinha predito a cada um a sorte que o esperava, autor do *Diabo amoroso*, de *Olivério*, das *Mil e uma frioleiras*, imaginação louca, alma extática, coração ardente, que tinha abraçado com ardor a causa da contra-revolução, e que nas cartas ao seu amigo Pouteau, empregado na secretaria da lista civil, tinha exprimido opiniões, que, na hora a que se havia chegado, eram punidas com a morte.

A filha servia-lhe de secretária, e quando o pai foi preso, Isabel Cazotte pedira para quinhoar a prisão com ele.

Se a alguém era permitido ter opiniões realistas, era decerto a este cidadão de oitenta anos, cujos pés estavam enraizados na monarquia de Luís XIV, e que para adormecer o duque de Borgonha havia feito as duas canções, que se tornaram populares: *No centro das Ardenas* e *Comadre, é preciso aquecer a cama*.

Mas estas razões só poderiam dar-se a filósofos e não a assassinos.

Portanto, Cazotte estava já condenado antes de ser ouvido.

Vendo o ancião de cabelos brancos, olhos inflamados e cabeça inspirada, Gilberto afastou-se da parede e fez um movimento para lhe sair ao encontro.

Maillard viu este movimento.

Cazotte avançava encostado à filha.

Entrando ali, a menina Cazotte, compreendeu que estava na presença dos seus juizes.

Então, afastando-se do pai, foi com as mãos postas implorar àquele tribunal sanguinário, com palavras tão doces que os juizes começaram a hesitar.

A pobre menina conheceu que sob aquelas cascas grossas havia corações; mas que era preciso, para os tocar, descer até aos abismos. E guiada pela compaixão, neles se arremessou de cabeça baixa. Aqueles homens, que não sabiam o que eram lágrimas, choraram!

Maillard enxugou com as costas da mão os olhos secos que, havia vinte e quatro horas, contemplavam a matança sem se abaixarem.

Levantou-se e pôs a mão sobre a cabeça de Cazotte.

– Soltem-no – disse ele.

A jovem hesitava.

– Não tenha medo, menina, seu pai está salvo – disse Gilberto.

Levantaram-se dois juizes e acompanharam Cazotte até à rua, com medo de que algum erro fatal restituísse à morte a vítima, que acabavam de lhe tirar.

Cazotte, ao menos por esta vez, estava salvo.

As horas corriam e continuava a matança.

Tinham trazido para o pátio bancos para os espectadores. As mulheres e os filhos dos assassinos tinham direito a assistir ao espectáculo. Demais, como os autores não se davam por satisfeitos, apesar de serem pagos queriam também ser aplaudidos.

Às cinco horas da tarde, foi chamado o Sr. de Sombreuil.

Este era como Cazotte, um realista muito conhecido, e era tanto mais impossível salvá-lo, quando sendo governador dos Jacobinos no dia 14 de Julho, havia atirado sobre o povo.

Era uma dessas recordações que as massas guardam no fundo do coração.

Os filhos estavam em país estrangeiro, no exército inimigo.

Um deles, por tal forma se havia portado no cerco de Longwy, que tinha sido condecorado pelo rei da Prússia.

Apareceu, nobre e resignado, de cabeça levantada, e com os cabelos brancos que lhe chegavam à farda, encostado também ao braço da filha.

Desta vez nem Maillard se atreveu a dá-lo por inocente.

Fazendo porém um esforço, disse:

– Inocente ou culpado, julgo que seria indigno do povo se tentassem manchar as mãos no sangue deste velho.

A menina de Sombreuil ouviu estas nobres palavras, que hão-de ter o seu peso na balança divina. Segurou o querido pai e puxou-o para a porta da vida, gritando: Salvo! Salvo!

Não tinha sido pronunciada sentença alguma, nem condenando, nem absolvendo.

As cabeças de dois ou três assassinos apareceram ao postigo para perguntarem o que deviam fazer.

O tribunal ficou em silêncio.

– O que quiserem.

– Então – gritaram os assassinos – que a jovem beba à saúde da nação.

Foi então que um homem de mangas arregaçadas e o rosto feroz, apresentou um copo à menina de Sombreuil, uns dizem que de sangue, outros, que simplesmente de vinho.

A menina de Sombreuil gritou: “Viva a nação!” molhou os beijos no líquido, fosse ele qual fosse, e assim salvou o pai.

Decorreram mais de duas horas.

Depois a voz de Maillard, tão impassível evocando os vivos, como era a de Ninos evocando os mortos, pronunciou estas palavras:

– A cidadã Andréia de Taverney, condessa de Charny!

A este nome sentiu Gilberto dobrarem-se-lhe as pernas, faltar-lhe o coração.

Uma vida, para ele mais importante do que a sua própria, ia ser julgada, ia ser condenada ou absolvida.

– Cidadãos – disse Maillard aos membros do terrível tribunal – a que vai comparecer diante de vós é uma pobre senhora, outrora dedicada à *Austríaca*, mas cuja dedicação a *Austríaca*, ingrata como uma rainha, pagou com a ingratidão; tudo perdeu com esta amizade, fortuna e

marido; ides vê-la vestida de luto, e a quem deve esse luto? À presa do Templo. Cidadãos, peço-vos a vida desta senhora.

Os membros do tribunal fizeram um sinal de assentimento.

Só um disse.

– É preciso ver.

– Então – disse Maillard – olhai!

Com efeito, abriu-se a porta, e nas profundidades do corredor distinguiu-se uma mulher vestida de luto, com um véu preto tapando-lhe o rosto, e que avançava só e com passo firme.

Parecia uma aparição desse mundo fúnebre, donde como diz Hamlet, ainda não voltou viajante algum.

Aquela aparição fez estremecer os juízes.

Chegada ao pé da mesa levantou o véu.

Nunca pareceu aos olhos dos homens beleza mais incontestável e também mais pálida.

Parecia uma divindade de mármore.

Todas as vistas se cravaram nela; Gilberto ficou ansioso.

Dirigiu-se a Maillard, e com voz ao mesmo tempo suave e firme, disse:

– Cidadão, vós é que sois o presidente?

– Sim, cidadã – respondeu Maillard admirado – porque, em vez de interrogar, era interrogado.

– Sou a condessa de Charny, mulher do conde de Charny, morto no infame dia 10 de Agosto; sou uma aristocrata, uma amiga da rainha; mereci a morte e venho recebê-la.

Os juízes deram um grito de surpresa.

Gilberto empalideceu e coseu-se o mais possível com a parede, esperando escapar assim às vistas de Andréia.

– Cidadãos – disse Maillard, que viu o espanto de Gilberto – esta mulher é louca, e a morte do marido fez-lhe perder a razão; deplorai-a e velemos pela sua vida: a justiça do povo não pune insensatos.

Levantou-se e quis pôr a mão sobre a cabeça de Andréia, como fazia àqueles que declarava inocentes.

Mas Andréia afastou a mão de Maillard e bradou:

– Estou em todo o meu juízo, e se quereis perdoar a alguém, fazei esse favor a quem vo-lo pedir e que o mereça; mas não a mim, que não sou digna dele e que o recuso.

Maillard voltou-se para Gilberto e viu este com as mãos postas.

– Esta mulher é louca, repetiu este; soltem-na.

E fez sinal a um membro do tribunal para a fazer sair pela porta da vida.

– É inocente – gritou um membro do tribunal – deixai passar.

Todos se afastaram para deixar passar Andréia; sabres, pistolas e lanças tudo se abaixou diante daquela estátua de luto.

Mas depois de dar dez passos, enquanto Gilberto encostado à janela a via retirar, parou.

“Viva o rei! – exclamou ela; – viva a rainha! Infâmia sobre o 10 de Agosto!”

Gilberto deu um grito e saiu a correr para o pátio.

Vira brilhar a folha de uma espada; mas, rápida como o raio, tinha desaparecido no corpo de Andréia.

Chegou a tempo para a receber nos braços.

Andréia voltou para ele os olhos já amortecidos e conheceu-o.

– Bem lhe tinha dito que morreria, mau grado seu.

Depois, com voz pouco inteligível.

– Ame Sebastião por nós ambos.

Finalmente, com voz mais enfraquecida:

– Ao pé dele, não é assim? Ao pé do meu esposo, eternamente.

E expirou.

Gilberto tomou-a nos braços e levantou-a.

Cinquenta braços nus e sujos de sangue ameaçaram-no ao mesmo tempo. Mas Maillard apareceu atrás dela, pôs-lhe a mão na cabeça e disse: – Deixai passar o cidadão Gilberto, que leva o cadáver de uma pobre mulher morta por engano.

Todos se afastaram, e Gilberto carregado com o cadáver de Andréia, passou pelo meio dos assassinos, sem que um tentasse fechar-lhe a passagem, tão grande era o poder de Gilberto sobre a multidão.

IX

O que se passava no Templo durante a carnificina

A Comuna, autorizando a carnificina de que acabámos de dar um esboço, apesar do seu constante desejo de aterrar a Assembléia e a imprensa, tinha grande receio de que sucedesse alguma desgraça aos presos que estavam encerrados no Templo.

Com efeito nas circunstâncias em que estavam as coisas, Longwy tomada, Verdun atacada, o inimigo a cinquenta léguas de Paris, o rei e a família eram preciosos reféns para garantirem a vida dos mais comprometidos.

Por consequência foram enviados ao Templo alguns comissários.

Quinhentos soldados armados não eram suficientes para defender a prisão, que eles mesmos talvez abrissem. Alguém achou meio de a defender, meio mais seguro do que todas as lanças e espadas de Paris.

Era cercar o Templo com uma fita tricolor, na qual se lia esta inscrição:

“Cidadãos, vós, que ao desejo da vingança sabeis reunir o amor da ordem, respeitai esta barreira; é ela necessária à nossa vigilância e à nossa respeitabilidade!”

Singular época em que se despedaçavam fortes portas, em que se quebravam valentes grades, e em que ajoelhavam diante de uma fita!

O povo ajoelhou diante da fita tricolor do Templo e beijou-a. Nem um só a transpôs.

O rei e a rainha não sabiam o que se passava em Paris a 2 de Setembro. É verdade que em volta do Templo havia fermentação maior do que a ordinária; não se admiraram, porém, porque já estavam habituados a estas crises.

O rei jantava às duas horas. Jantou pois às duas horas como nos tempos normais; depois do jantar, desceu ao jardim, como costumava, com a rainha, com a princesa Isabel, com a princesa real e com o delfim.

Durante o passeio aumentavam os clamores que se ouviam extraordinariamente.

Um dos membros da municipalidade que seguia o rei, chegou-se ao ouvido de um dos seus colegas e disse-lhe, em voz tão baixa que Cléry não pudesse ouvir:

– Fizemos mal em consentir neste passeio.

Eram quase três horas, isto é, precisamente o momento em que começavam a matar os presos transferidos da Comuna para a Abadia e quando se disparava o canhão de alarme.

O rei só tinha ao pé de si Cléry e Hue.

O pobre Thierry, que vimos no dia 10 de Agosto ceder o seu quarto à rainha para nele ter uma conferência com Roederer, estava na Abadia e devia ser morto no dia 3.

Parece que também era opinião do outro membro da municipalidade que tinham feito mal em deixar sair a família real, porque ambos deram ordem para que se recolhesse no mesmo instante aos seus aposentos.

Foram obedecidos.

Mas apenas se haviam reunido na câmara da rainha, entraram dois membros que não estavam de serviço naquele dia.

Então um deles, egresso capucho, chamado Mateus, dirigiu-se ao rei, e disse-lhe:

– Senhor, ignora o que se passa? A pátria está no mais iminente perigo.
– Como quer que saiba coisa alguma aqui? – respondeu o rei; – estou preso e em segredo.
– Então vou dizer-lhe o que não sabe; isto é que o inimigo entrou em Champagne, e que o rei da Prússia marcha sobre Châlons.

A rainha não pôde reprimir um movimento de alegria.

Apesar de muito rápido, o membro da municipalidade surpreendeu aquele movimento.

– Oh! Sim – disse ele dirigindo-se à rainha – sim, sabemos que nós, nossas mulheres, nossos filhos havemos de morrer; mas por tudo ficareis responsáveis. Morrereis primeiro do que nós, e o povo será vingado!

– Sucederá o que for da vontade de Deus – respondeu o rei; – tenho feito tudo pelo povo, não tenho nada de que me acusar.

Então o mesmo membro voltando-se para o Sr. Hue, que estava ao pé da porta, disse:

– Enquanto a ti, a Comuna encarregou-me de te prender.

– A quem? – perguntou o rei.

– Ao seu escudeiro.

– Ao meu escudeiro! Qual deles?

– Este.

E designou Hue.

– Hue! – disse o rei; – de que é acusado?

– Isso não é comigo; há-de ser levado daqui esta tarde, e os seus papéis hão-de ser selados.

Depois, saindo e dirigindo-se a Cléry, disse:

– Tome cuidado e veja como se porta, pois lhe sucederá o mesmo, se não andar direito.

No dia seguinte, 3 de Setembro, às onze horas da manhã, o rei estava reunido com a sua família no quarto da rainha quando um membro da municipalidade deu ordem a Cléry para subir ao quarto do rei.

Manuel e alguns membros da Comuna já lá estavam.

Todos os rostos exprimiam visivelmente grande inquietação. Manuel, como já dissemos, não era homem sanguinário e tinha um partido moderado, mesmo na Comuna.

– Que pensa o rei da prisão do seu escudeiro? – perguntou Manuel.³

– Sua majestade está com muito cuidado – respondeu Cléry.

– Não lhe há-de suceder mal algum – respondeu Manuel – todavia estou encarregado de dizer ao rei que não torna a voltar e que o conselho se encarrega de o substituir. Pode participar esta medida ao rei.

– Tenha a bondade, senhor – respondeu Cléry – de me dispensar de dar ao rei uma notícia, que sei lhe há-de ser dolorosa.

Manuel reflectiu um instante.

– Está bem – disse ele – vou ter com ele ao quarto da rainha.

Com efeito desceu e falou ao rei.

O rei ouviu com o seu sossego ordinário a notícia que o procurador da Comuna tinha a dar-lhe.

Depois, com o rosto impassível que tinha no dia 20 de Junho e a 10 de Agosto, e que devia ter até ao cadafalso, respondeu:

– Está bem, senhor, e dou-lhe os meus agradecimentos. Servir-me-á o escudeiro de meu filho, e se o conselho até isto me negar, servir-me-ei a mim mesmo.

Depois, fazendo um ligeiro movimento com a cabeça, acrescentou:

– A tudo estou resolvido.

– Tem alguma reclamação a fazer? – perguntou Manuel.

– Falta-nos roupa – disse o rei – o que é uma grande privação. Julga poder obter da Comuna que nos forneça aquilo de que carecermos?

³ Cléry era escudeiro do delfim.

– Darei parte ao conselho – respondeu Manuel.
E vendo que o rei não lhe perguntava notícias, saiu.
À uma hora o rei mostrou desejos de passear.
Durante estes passeios, surpreendiam sempre algum sinal de simpatia, feito de alguma janela, e isto era para eles uma consolação.
Os membros da municipalidade não consentiram que a família real descesse.
Às duas horas puseram-se à mesa.
No meio do jantar ouviu-se o rufar dos tambores e muitos gritos.
Os gritos aproximavam-se do Templo.
A família real levantou-se e reuniu-se no quarto da rainha.
O motim cada vez se aproximava mais.
Qual era a causa de semelhante bulha?
Estavam assassinando na Force, assim como tinham feito na Abadia.
Com a diferença porém, que em lugar de Maillard era Hébert quem presidia.
Portanto a matança era mais terrível.
E todavia ali era mais fácil salvar os presos.
Na Force havia menos presos políticos do que na Abadia, os assassinos não eram tantos, e os espectadores não estavam tão encarniçados.
Mas em vez de ser como na Abadia, onde Maillard dominava a matança; ali era a matança que dominava Hébert.
Na Abadia salvaram-se quarenta e duas pessoas, na Force nem seis.
Entre os presos da Force estava a princesa de Lamballe.
Vimo-la passar nos três últimos livros, que escrevemos, no Colar da Rainha, no Ângelo Pitou, e na Condessa de Charny, como a sombra dedicada de Maria Antonieta.
Tinham-lhe muito ódio, chamavam-lhe a conselheira da *Austriaca*. Era sua confidente, sua amiga dedicada, alguma coisa mais, talvez, pelo menos, dizia-se; mas sua conselheira nunca.
A delicada donzela de Sabóia, com a sua boca pequenina, com sorriso constante, era capaz de amar; assim o provou, mas aconselhar, aconselhar uma mulher viril, teimosa, dominadora como a rainha, repetimo-lo, isso nunca.
À rainha tinha-a amado, como amara as Sr.^{as} de Guémené, de Marsan e de Polignac; mas leviana e inconstante em todos os seus sentimentos, talvez lhe tivesse feito sofrer tanto como amiga, quanto a Charny amante.
Com a diferença porém de que o amante tinha-se cansado, a amiga porém conservara-se sempre fiel.
Ambos morreram por aquela a quem tinham amado.
Devem lembrar-se dessa noite, que historiamos, no pavilhão de Flora. A Sr.^a de Lamballe recebia em sua casa, e a rainha via em casa da Sr.^a de Lamballe aqueles que não podia ver no palácio.
Suleau e Barnave nas Tulherias. Mirabeau em Saint-Cloud.
No 1.^o de Agosto ainda ela estava em Inglaterra, e lá podia ter ficado gozando longa vida. A meiga e boa criatura, sabendo porém que as Tulherias estavam ameaçadas, foi ocupar o seu lugar junto da rainha.
A 10 de Agosto, conduzida ao Templo com a rainha, foi logo transferida para a Force.
Ali percebeu que o fardo excedia as suas forças. Tinha querido morrer conjuntamente com a rainha; assim talvez não lhe custasse a morte.
Longe da rainha, não se sentia com força de morrer; esta não era da têmpera de Andréia.
Estava doente de terror.
A pobre criatura não ignorava o mal que lhe queriam. Encerrada em uma das casas altas da prisão com a Sr.^a de Navarra, tinha visto, na noite de dois para três, partir a Sr.^a de Tourzel.
Isto equivalia a dizer-lhe:
– Fica para morrer.

Deitada sobre a cama, tapando a cabeça com a roupa, como faz uma criança quando tem medo, desmaiava a cada instante, e quando tornava a si, dizia:

– Oh! Meu Deus, cuidei que já era a morte.

E juntava:

– Se a morte for como um desmaio! Não é, nem doloroso, nem difícil.

A morte porém estava em toda a parte, no pátio, à porta, nas casas inferiores.

Os gritos chegavam aos seus ouvidos: cheirava-lhe a sangue.

Às oito horas da manhã abriu-se a porta.

O seu medo porém desta vez foi tão grande que nem desmaiou, nem tapou a cabeça com a roupa.

Voltou a cabeça e viu dois guardas nacionais.

– Vamos, levante-se, senhora – disse brutalmente um deles – é necessário ir à Abadia.

– Oh! Senhores – respondeu a princesa – não me é possível sair da cama, estou tão fraca que me seria impossível andar.

Depois juntou com uma voz que mal se percebia:

– Se é para me matarem, melhor é que seja aqui.

Um dos homens disse-lhe então ao ouvido, enquanto o outro vigiava a porta:

– Obedeça, senhora, queremos salvá-la.

– Então retirem-se, para que me vista.

Os homens retiraram-se.

A Sr^a. de Navarra ajudou-a a vestir, ou antes vestiu-a.

Passados dez minutos, os dois homens tornaram a entrar.

A princesa estava pronta.

Porém não podia andar.

A pobre senhora estava num grande tremor.

Encostou-se ao braço do guarda nacional, que lhe tinha falado ao ouvido, e desceu a escada.

Chegando abaixo, achou-se de repente na presença do tribunal de sangue.

Como já dissemos Hébert era o presidente.

À vista daqueles homens de mangas arregaçadas, que se tinham constituído juizes, à vista daqueles homens manchados de sangue, que se tinham feito algozes, desmaiou.

Interrogada três vezes, três vezes desmaiou sem poder responder.

– Mas já lhe disse que a queria salvar – repetiu o homem que já lhe tinha falado.

Esta promessa deu-lhe alguma força.

– Como se chama? – perguntou Hébert.

– Maria Luísa, princesa de Sabóia.

– A sua qualidade?

– Superintendente da casa da rainha.

– Está ao facto das tramas da corte na noite de 10 de Agosto?

– Não sei se houve tramas no dia 10 de Agosto, se as houve sou completamente estranha a elas.

– Jure a liberdade, a igualdade, ódio ao rei, à rainha e à realeza.

– Facilmente jurarei as duas primeiras coisas; as outras não me é possível, pois são contrárias ao meu coração.

– Jure – disse o guarda nacional – aliás morre.

A princesa estendeu as mãos, e por um instinto deu um passo para a porta.

– Mas jure – disse o protector.

Então como se temesse, pelo receio da morte, pronunciar aquele odioso juramento, pôs as mãos na boca, para comprimir as palavras que dela pudessem sair, mau grado seu.

Por entre os dedos passaram alguns gemidos.

– Jurou – disse o guarda nacional – que queria salvá-la.

Depois, juntou em voz baixa:

– Saia depressa, pela porta que está diante de si. Brade: “Viva a nação!” E está salva!
Saindo achou-se nos braços de um assassino que a esperava.
Era o grande Nicolau, o mesmo que tinha cortado a cabeça aos dois oficiais em Versalhes.

Desta vez tinha prometido salvar a princesa.
Arrastou-se para o que quer que era de informe e ensangüentado, dizendo-lhe em voz baixa:

– Grite: “Viva a nação!” mas grite de maneira que se ouça.
A princesa sem dúvida assim o ia fazer, quando, por desgrça, abriu os olhos.
Achava-se defronte de um monte de cadáveres, sobre o qual um homem batia com os pés, fazendo escorrer sangue de todas as partes, como fazem os camponeses quando pisam uvas.

– Que horror!
Este grito não foi ouvido.
Diz-se que o Sr. de Penthièvre, seu cunhado, tinha dado cem mil francos para a salvar.
Empurraram-na para a estreita passagem que vai da rua de Saint-Antoine para a prisão, e que se chama a boca de saco dos padres, quando um miserável, um cabeleireiro chamado Charlot, que acabava de assentar praça de tambor num regimento de voluntários, lhe fez saltar o chapéu com a lança.

Queria somente tirar-lhe o chapéu ou queria feri-la no rosto?
O caso é que o sangue correu.
O sangue provoca mais sangue.
Um homem atirou uma pedrada à princesa.
A pedra feriu-a na nuca.
Estrebuchou, caiu e ficou de joelhos.
Já não havia meio de a salvar.
De todos os lados estavam espadas alçadas, chuços apontados.
A princesa nem sequer deu um grito; estava morta na realidade desde que pronunciara as últimas palavras.

Apenas expirou, talvez mesmo que ainda estivesse viva, precipitaram-se sobre ela. Num instante rasgaram-lhe o fato até à camisa, e palpitante ainda, achou-se nua.

Um sentimento obsceno tinha presidido à sua morte e era a causa de assim a despirem.
Queriam ver-lhe o belo corpo, a que as mulheres de Lesbos teriam rendido culto.
Nua como Deus a tinha criado foi exposta sobre um marco.
Colocaram-se quatro homens diante do marco, lavando e enxugando o sangue que corria por sete feridas.

Um quinto apontava com uma vara para as belezas que, diziam, tinham outrora sido causa do seu favor, assim como agora tinham sido por certo a causa da sua morte.

Ficou assim exposta desde as oito horas até ao meio-dia.
Finalmente, um historiador cansa-se deste curso de história escandalosa feita sobre um cadáver.

Veio um homem e cortou-lhe a cabeça.
Ai! Aquele pescoço flexível e longo como o do cisne apresentava pouca resistência.
O homem que cometeu este crime, talvez mais odioso sobre um cadáver do que sobre um ente vivo, chamava-se Grison. A história é a mais inexorável das divindades. Arranca uma asa; escreve um nome e o nome é votado à execração da posteridade.

Este homem foi guilhotinado depois como capitão de uma quadrilha de ladrões.
Outro, chamado Rodi, abriu-lhe o peito e arrancou-lhe o coração.
Um terceiro, por nome Momin, tirou-lhe outra parte do corpo.
Era por causa da sua amizade à rainha que assim mutilavam a pobre senhora?
Era preciso que a rainha fosse muito odiada.
Espetaram em lanças os três pedaços, que lhe tinham cortado do belo corpo, e encaminharam-se para o Templo.

Uma multidão imensa seguia os três desalmados assassinos, e além de algumas crianças e de uns poucos de homens bêbados, vomitando sangue e injúrias, todos guardavam profundo silêncio.

No caminho passaram pela loja de um cabeleireiro.

Entraram.

O homem que levava a cabeça foi pô-la em cima de uma mesa.

– Frize-me esta cabeça – disse ele – vai ver a sua ama ao Templo.

O cabeleireiro frisou os magníficos cabelos da princesa.

Depois tornaram a pôr-se a caminho, com grande algazarra.

Eram estes os gritos que a família real tinha ouvido quando estava à mesa.

Os assassinos aproximavam-se; incitava-os a abominável idéia de mostrarem à rainha a cabeça, o coração e – o que é inacreditável – essa outra parte daquele belo corpo.

Apresentaram-se pois no Templo.

A fita tricolor fechava-lhes a passagem.

Estes malvados, assassinos e profanadores, não se atreveram a saltar por cima de uma fita.

Pediram para que uma deputação de seis assassinos, três dos quais levassem os pedaços do corpo, entrassem no Templo e torneassem a torre para mostrarem à rainha aquelas ensangüentadas relíquias.

O requerimento era tão razoável, que foi deferido sem discussão.

O rei estava assentado e fingia jogar o gamão com a rainha. Aproximando-se assim sobre pretexto do jogo, podiam ao menos dizer algumas palavras, sem que os membros da municipalidade os ouvisse.

De repente viu o rei que um deles fechava vivamente a porta e que correndo para a janela puxava as cortinas.

Era um tal Danjou, antigo seminarista, espécie de gigante, a quem chamavam, por causa da sua gigantesca estatura, o abade de seis pés.

– Que há de novo? – perguntou o rei – e para que fecha a porta e corre as cortinas?

O membro da municipalidade, vendo que a rainha estava com as costas voltadas para ele, fazia sinal ao rei para que não o interrogasse.

Os gritos, porém, as injúrias, as ameaças chegavam-lhe aos ouvidos, apesar das portas e das janelas estarem fechadas. O rei logo viu que se passava alguma coisa terrível e pôs a mão sobre o ombro da rainha, para que se conservasse no seu lugar.

Neste momento bateram à porta, e ainda que contra a vontade, Danjou foi obrigado a abrir.

Eram os oficiais da guarda e alguns membros da municipalidade.

O rei assustado perguntou:

– Queiram dizer-me, senhores, a minha família está em segurança?

– Sim – respondeu um homem com uniforme de oficial da guarda nacional. Mas espalhou-se o boato de que não está ninguém na Torre e de que fugiram todos. Portanto queiram chegar à janela para sossegar o povo.

O rei, que ignorava o que se passava, não viu inconveniente em obedecer.

Fez pois um movimento para chegar à janela.

Mas Danjou deteve-o.

– Não faça tal, senhor – disse ele.

Depois, voltando-se para os oficiais da guarda nacional, disse:

– O povo deve mostrar mais confiança nos seus magistrados.

– Está bem – disse o oficial da guarda nacional – o que se quer é que cheguem à janela. É para lhes fazer ver o coração e a cabeça da princesa de Lamballe, e para lhes mostrar como o povo trata os seus tiranos. Aconselho-os a que cheguem à janela, se não querem que lhes tragam tudo aqui.

A rainha deu um grito e caiu desmaiada.

Todavia não tinha visto nada.

O rei levantou-se ao grito da rainha, e vendo-a pálida e moribunda nos braços da princesa Isabel e da princesa real, disse:

– Ah! Senhor, podia ter poupado tão grande desgosto à rainha.

Depois apontando para o grupo das três senhoras, ajuntou:

– Veja o que fez!

O guarda nacional encolheu os ombros e saiu cantando a *Carmagnole*.

Às seis horas entrou um homem para contar ao rei dois mil e quinhentos francos.

Era o secretário de Pétion.

Vendo a rainha em pé e imóvel, julgou que era em sinal de respeito por ele, e teve a bondade de lhe dizer que se assentasse.

“Minha mãe sempre assim, estava – diz a princesa real nas suas Memórias – porque depois desta horrorosa cena, ficou em pé e imóvel, sem ver coisa alguma do que se passava no quarto”.

O terror tinha-a tornado em estátua.

X

Valmy

Agora afastemos por um instante os olhos destas horríveis cenas de carnificina, e sigamos nos grandes desfiladeiros de Argonne um dos personagens da nossa história, no qual neste momento descansam os destinos da França.

É Dumouriez.

Como já vimos, Dumouriez, saindo do ministério, reassumira o seu posto de general em actividade, e depois da fuga de Lafayette, recebeu o título de comandante em chefe do exército.

Esta nomeação foi uma espécie de milagre de intuição da parte das diferentes facções.

Com efeito Dumouriez era detestado por umas, e desprezado por outras; porém, mais feliz do que foi Danton no dia 2 de Setembro, reconheceu-se que podia salvar a França.

Os girondinos que o nomearam, odiavam a Dumouriez; tinham-no feito entrar no ministério, e o general depois não fizera caso deles. Todavia, foram buscá-lo ao exército do Norte e nomearam-no comandante em Chefe.

Os Jacobinos não só odiavam se não que também desprezavam Dumouriez. Contudo conheceram que a primeira ambição daquele homem era a glória, e que ele havia de vencer ou morreria. Robespierre, que não se atrevia a sustentá-lo, pela má reputação do general, fez com que Couthon sustentasse.

Danton nem odiava nem desprezava Dumouriez. Era um destes homens de ténpera forte, que julgam as coisas de alto, que não curam das reputações e que estão prontos a aproveitar os próprios vícios, se os vícios, lhes podem dar os resultados, que as virtudes lhes recusam.

Porém Danton, apesar de conhecer o partido que podia tirar de Dumouriez, desconfiava da estabilidade dele. Enviou-lhe dois homens; um foi Fabre d'Églantine, isto é, o seu pensamento; o outro foi Westermann, isto é o seu braço.

Entregaram todas as forças da França àquele homem, o que parece um paradoxo, pois quase todos o alcunhavam de intrigante.

O velho Cucker, soldado alemão, que tinha mostrado a sua incapacidade no começo da campanha, foi mandado a Châlons para levantar recrutas.

Dillon, soldado valente, general distinto, mais elevado do que Dumouriez na hierarquia militar, recebeu ordem de lhe obedecer.

Kellermann também foi posto às ordens daquele homem, a quem a França aflita entregava a espada, dizendo-lhe:

“Só a ti conheço capaz de me defender; defende-me pois”.

Kellermann rosnou, praguejou, mas obedeceu.

Porém obedeceu mal. Foi preciso ouvir o estampido da artilharia para o tornar o que realmente era, um filho dedicado à pátria.

Mas por que razão os aliados, cujas marchas deviam ser seguidas até Paris, paravam de repente depois da tomada de Longwy, e depois de se render Verdun?

Entre eles e Paris estava levantado um espectro.

O espectro era Beaurepaire.

Beaurepaire, antigo oficial de carabineiros, tinha formado o batalhão de Marne e Loire, que comandava. No momento em que o inimigo pôs o pé em território francês, atravessou ele a França a marche-marche de Oeste a Leste.

Encontrou no caminho um deputado patriota que voltava para a terra.

– Que hei-de dizer da parte de vocês às suas famílias? – perguntou o deputado aos soldados.

– Que morremos – respondeu uma voz.

– Nenhum espartano marchando para as Termópilas deu resposta mais sublime.

O inimigo chegou diante de Verdun, como já dissemos. Foi a 30 de Agosto de 1792. A 31 intimou a cidade para que se rendesse.

Beaurepaire e os seus soldados queriam combater até à morte.

O conselho de defesa, composto por camaristas e pelos principais habitantes da cidade, ordenou-lhes que se rendesse.

Beaurepaire sorriu-se desdenhosamente.

– Fiz juramento de antes morrer do que render-me. Sobreviverei à vossa vergonha e desonra, se assim o quereis, mas fico fiel ao meu juramento. Eis a minha resolução inabalável: Morro.

E fez saltar os miolos.

Este espectro era tão grande e mais terrível do que o gigante Adamastor.

Então, os soberanos aliados, que julgavam pelo que lhes diziam alguns emigrados, que a França ia fugir diante deles, viram que a coisa era outra.

Viam esta terra de França tão fecunda e povoada, transformada num deserto como tocada por vara mágica. Os cereais tinham desaparecido como se a terra os houvesse engolido.

Só o camponês armado estava de pé no rego que sulcara. Os que tinham espingardas haviam pegado nas espingardas; os que só tinham fouce haviam pegado nas fouce; e os que unicamente tinham forcados haviam pegado nos forcados.

Além disto o tempo tinha-se declarado pela França. Uma chuva copiosa molhava os homens, encharcava as terras e desfazia os caminhos.

É verdade que esta chuva tanto caiu para uns como para outros, tanto para os franceses como para os prussianos.

Porém era em socorro dos franceses e era hostil aos prussianos.

O camponês, que para o inimigo só tinha a espingarda, o forcado ou a fouce, ou pior do que tudo isto, frutos verdes, o camponês tinha para os seus compatriotas escondido o copo de vinho, a garrafa de cerveja enterrada no celeiro e a palha seca, verdadeira cama do soldado, espalhada pelo chão.

Cometeram-se faltas sobre faltas, e Dumouriez foi o primeiro que as cometeu; nas suas Memórias conta ele tanto as suas como as dos outros.

Tinha escrito à Assembléia Nacional: os desfiladeiros de Argonne são as Termópilas da França; podeis porém estar descansados, mais feliz do que Leónidas, decerto não morrerei.

E fez mal em guardar os desfiladeiros de Argonne porque um deles foi tomado e ele viu-se obrigado a retirar.

Dois dos seus tenentes estavam perdidos. E ele também estava separado e quase perdido só com 15000 homens, e estes em tal desmoralização, que por duas vezes fugiram adiante de 1500 hussards. Só ele não desanimou, conservou sempre confiança e até alegria, escrevendo aos ministros: “Respondo por tudo”. E com efeito, perseguido, torneado, cortado, reuniu-se com os

10000 homens de Bournouville, e com os 15000 de Kallermann. Tornou a recobrar os seus generais perdidos e a 19 estabeleceu-se no campo de Saint-Menchould, estendendo à direita e à esquerda as mãos sobre 76000 homens, quando os prussianos só tinham 70000.

É verdade que aquele exército muitas vezes murmurava. Às vezes, estava dois ou três dias sem pão.

Então Dumouriez envolvia-se com os soldados e dizia-lhes amavelmente:

– Meus amigos, o famoso marechal de Saxe fez um livro sobre a guerra, no qual diz que ao menos uma vez por semana é necessário fazer com que falte o pão aos soldados, para, em caso de necessidade, se tornarem menos sensíveis a esta privação.

“Estamos neste caso, e somos menos dignos de lástima do que os prussianos, que estão defronte de nós, que passam às vezes quatro dias sem comer pão e que comem os cavalos que lhes morrem. Os meus soldados têm presuntos, arroz e farinha. Façam bolos, que a liberdade os cozerá!”

Além disto ainda havia outra coisa pior; era a escória de Paris, a canalha de 2 de Setembro, que tinha sido empurrada para o exército. Todos estes miseráveis tinham ido cantando o *Çá ira*, gritando que não consentiriam de nenhum modo, nem dragonas, nem chapéus de plumas, nem hábitos de S. Luís.

Chegaram assim ao campo, mas ficaram admirados por se verem isolados. Ninguém respondeu nem às suas ameaças, nem às suas proposições.

O general anunciou uma revista para o dia seguinte.

No dia seguinte os recém-chegados, por uma manobra de antemão preparada, acharam-se entre a cavalaria numerosa e hostil, pronta a acutilá-los, e a artilharia ameaçadora, pronta a metralhá-los.

Então Dumouriez dirigindo-se a estes homens, que formavam sete batalhões, disse-lhes:

– Vós outros, a quem não quero chamar nem soldados, nem cidadãos, nem meus filhos, vede diante de vós esta cavalaria, na vossa retaguarda a artilharia, isto quer dizer que estais entre o ferro e o fogo.

“Tendes-vos desonrado por toda a sorte de crimes, e eu não consentirei aqui nem assassinos nem algozes. À menor desordem mando-vos fazer em pedaços. Se vos emendardes, se vos conduzirdes como este valente exército, em que tivestes a honra de ser admitidos, achareis em mim um bom pai. Sei que entre vós há malvados encarregados de vos impelir ao crime, despedi-os vós mesmos ou declarai-me quem são. Uns ficam responsáveis pelos outros”.

E não só aqueles homens curvaram a cabeça e tornaram-se excelentes soldados; não só expulsaram os indignos, mas até fizeram em pedaços o miserável Charlot, que tinha ferido a princesa de Lamballe, e que lhe tinha espetado a cabeça numa lança.

Foi nesta situação que esperaram Kallermann, sem o qual não se podia fazer nada.

A 19 Dumouriez recebeu parte de que ele estava a duas léguas dali, à sua esquerda.

Dumouriez enviou-lhe imediatamente as suas ordens.

Mandou-lhe dizer que no dia seguinte fosse ocupar o campo entre Dampierre e l'Élise, atrás de Lauve.

O sítio foi muito bem designado.

Ao mesmo tempo que Dumouriez enviava esta ordem a Kallermann, via desenvolver diante de si sobre as montanhas da Lua o exército prussiano; de sorte que os prussianos achavam-se entre ele e Paris e portanto mais perto de Paris do que ele.

Havia toda a probabilidade de que os prussianos quisessem travar batalha.

Por conseqüência, Dumouriez mandou dizer a Kallermann que tomasse posições de combate sobre as alturas do moinho, entre Valmy e Gizaucourt.

Kallermann confundiu o seu campo com o campo do combate. Fez alto nas alturas de Valmy.

Foi um grande erro.

Nesta posição Kallermann não podia voltar-se sem fazer passar o seu exército por um estreito e grande desfiladeiro.

Não podia dobrar sobre a esquerda de Dumouriez sem atravessar um imenso pântano.

Não podia voltar para a direita senão por um vale profundo, onde seria esmagado.

A retirada não lhe era possível.

Seria isto o que tinha pretendido o velho soldado alsaciano?

Um belo sítio para morrer ou vencer.

Brunswick olhava atônito para os franceses.

– Os que ali estão – disse ele ao rei da Prússia – estão decididos a não recuar.

Mas fizeram crer ao exército prussiano que Dumouriez estava cortado, e asseguraram-lhe que este exército de vagabundos e miseráveis, como lhes chamavam os emigrados, se dispersaria aos primeiros tiros, que se disparassem.

Tinham-se descuidado de fazer ocupar as alturas de Gizaucourt pelo general Chazot, que estava postado no caminho de Châlons, alturas donde teriam batido os prussianos pelo flanco.

Os prussianos aproveitaram o descuido, e postaram-se ali.

O dia nasceu muito enevoadado. Mas pouco importava, porque os prussianos sabiam onde estava o exército francês.

Estava nas alturas de Valmy e não podia estar noutra parte.

Sessenta bocas de fogo foram disparadas ao mesmo tempo.

Atiraram ao acaso, mas atiravam sobre as massas, e portanto pouco importava a pontaria.

Muito custou a este exército, que sabia perfeitamente atacar, mas que não era capaz de esperar a pé firme, suportar o fogo.

Demais o acaso foi contra os franceses.

Os obuses dos prussianos incendiaram algumas carretas de pólvora.

Os condutores saltaram dos cavalos para se colocarem ao abrigo da explosão.

Tomaram-nos por fugitivos.

Kellermann guiou o cavalo para este sítio, onde tudo era confusão e desordem.

De repente viu-se cair ele e o cavalo como feridos por um raio.

O cavalo fora atravessado por uma bala; o cavaleiro, felizmente não teve nada. Montou noutro cavalo, e reuniu os batalhões, que estavam em desordem.

Davam onze horas da manhã e o nevoeiro começava a dissipar-se.

Kellermann viu os prussianos, que formavam sossegadamente em três colunas para atacarem a plataforma de Valmy.

Formou os seus soldados também em três colunas, e correndo toda a linha, bradou:

– Soldados, nem um tiro; esperai o inimigo e recebei-o à baioneta.

Depois, espetando o chapéu na ponta da espada, exclamou:

– Viva a nação!

Ao mesmo tempo todo o exército imitou o seu exemplo; todos os soldados espetaram os chapéus nas espadas, bradando: Viva a nação! O nevoeiro dissipou-se então de todo, e Brunswick viu aquele espectáculo extraordinário, singular, inaudito.

Trinta mil franceses, imóveis, com a cabeça descoberta, agitando as armas e respondendo ao fogo do inimigo com o grito de “Viva a nação!”

Brunswick abanou a cabeça. Se ele estivesse só, o exército prussiano não teria dado um passo; mas estava ali o rei; ele queria a batalha a todo o transe, era mister obedecer.

Os prussianos avançaram com firmeza, o rei da Prússia e Brunswick seguiram-no com a vista.

Transpuseram o espaço que os separava dos inimigos com a firmeza de um velho exército de Frederico.

Cada homem parecia ir preso por um anel de ferro ao que o precedia.

De repente parecia que a serpente se partira pelo meio, mas os soldados logo tornaram a unir-se.

Passados cinco minutos, estava de novo partida e outra vez ligada.

Vinte peças de Dumouriez tomavam-nos de flanco com um fogo mortífero.

A cabeça não podia subir puxada continuamente para trás pelas convulsões do corpo que estava sendo esmagado pela metralha.

Brunswick viu que era uma batalha perdida, e mandou tocar a retirar.

O rei porém mandou carregar, pôs-se à frente dos soldados, e levou a sua dócil e valente infantaria até debaixo do fogo de Kellermann e do Dumouriez.

Ele caiu sobre as linhas francesas.

O quer que era de luminoso e esplêndido adejava sobre o exército da França.

Era a fé.

Brunswick disse:

“Depois das guerras da religião nunca se viram fanáticos como estes”.

Eram deveras fanáticos sublimes, fanáticos pela liberdade.

Os heróis de 93 vinham começar esta grande conquista da guerra, que devia terminar pela conquista os espíritos.

A 20 Dumouriez salvava a França.

No dia seguinte a Convenção emancipava a Europa, proclamando a república!

XI

O dia 21 de Setembro

A 21 de Setembro, ao meio-dia, antes que fosse conhecida em Paris a vitória alcançada na véspera por Dumouriez, abriram-se as portas da sala do Manejo, e viu-se entrar lenta e solenemente, lançando uns aos outros olhares interrogadores, os setecentos e quarenta e nove membros que compunham a nova Assembléia.

Destes só duzentos eram da antiga Assembléia.

A Convenção nacional tinha sido eleita sob a impressão das notícias de Setembro. Poderia julgar-se que fosse uma Assembléia reaccionária; mas ainda tinham sido eleitos muitos nobres; tendo um pensamento democrático, convidados os criados a votarem, alguns tinham votado nos amos.

Os novos deputados eram quase todos burgueses, médicos, advogados, professores, padres ajuramentados, literatos, jornalistas e negociantes.

O espírito de toda esta gente era irrequieto e Vacilante; quinhentos representantes, pelo menos, não eram girondinos, nem montanheses. Os acontecimentos é que deviam determinar o lugar que ocupariam na câmara.

Todos eram unânimes neste duplo ódio.

Ódio contra os dias de Setembro.

Ódio contra quase todos os deputados de Paris, que tinham sido a causa dos acontecimentos daqueles dias.

E parecia que o sangue derramado corria pelo meio da sala do Manejo e isolava os montanheses do resto da Assembléia.

O próprio centro, como para se afastar do regato, vermelho, pendia para a direita.

É porque a montanha (referimo-nos aos homens e aos sucessos que acabam de ocorrer) apresentava um aspecto terrível.

Primeiro, nos bancos inferiores estava toda a Comuna.

Acima da Comuna estava a célebre junta de vigilância.

Depois, da junta de vigilância como uma hidra de três cabeças, estavam três rostos terríveis, três máscaras profundamente caracterizadas.

Primeiro do que todos, a fria e impassível figura de Robespierre, com a pele que parecia pergaminho, a testa curta e os olhos piscos e tapados pelos óculos, de mãos estendidas sobre os joelhos, à maneira das figuras egípcias talhadas no mais duro de todos os mármore, no pórfiro, Robespierre, que parecia ser o único que tinha a chave do enigma da revolução, mas a quem ninguém se atrevia a perguntar coisa alguma.

Junto a ele Danton, com o rosto transtornado, boca à banda, com a sua máscara imóvel, caracterizado por uma sublime lealdade, com o corpo fabuloso, metade homem, metade touro, quase simpático apesar de tudo isso, porque se sentia o que fazia bater aquele coração, profundamente patriótico, coração a que as mãos sempre obedeciam, ou para derrubar um inimigo, que estivesse em pé, ou para o levantar, se estivesse no chão.

Depois, ao lado daqueles dois rostos de tão diferente expressão, atrás deles, por cima deles aparecia, não um homem, não é possível à criatura humana assumir tanta fealdade, mas um monstro, uma quimera, uma visão terrível e ridícula.

Marat.

Marat, de cor acobreada, manchado de sangue e de biles, de olhos indolentes, boca largamente rasgada, disposta para lançar, ou antes para vomitar a injúria, com o nariz torcido, vaidoso, aspirando pelas ventas abertas o bafo da popularidade.

Marat, trajando como o mais esfarrapado dos seus admiradores, com um lenço sujo à roda da cabeça, com os sapatos cheios de tombas, com umas calças muito grosseiras e cheias de lama, com uma camisa, que deixava ver o descarnado peito; com uma gravata preta, sebenta; com as mãos grosseiras, sempre ameaçadoras, e nos intervalos das suas ameaças, metendo os grossos dedos pelas crinas que lhe cobriam a cabeça.

Este todo, tronco do gigante sob pernas de anão, era hediondo, e quem o via queria logo afastar dele os olhos com horror.

Mas os olhos não se afastavam tão depressa que não lessem sobre tudo: 2 de Setembro, e então a vista ficava fixa nele como sobre outra cabeça de Medusa.

Eis os homens que os girondinos acusavam de aspirarem à ditadura.

Eles, pela sua parte, acusavam os girondinos de quererem federalismo.

Dois homens que estão presos por opiniões e interesses diferentes à narração que empreendemos, estavam assentados nos dois lados da câmara.

Billot e Gilberto.

O Dr. Gilberto na extrema direita, entre Lanjuinais e Kersaint.

Billot na extrema esquerda, entre Thuriot e Couthon.

Por que assim digamos, os membros da antiga Assembléia legislativa, escoltavam a revolução.

Iam abdicar solenemente e entregar os poderes, de que estavam munidos, nas mãos dos seus sucessores.

Francisco de Neufchâteau, último presidente da Assembléia, subiu à tribuna e tomou a palavra:

“Representantes da nação, a Assembléia legislativa acabou os seus trabalhos e depõe o poder nas vossas mãos.”

“O fim dos vossos esforços será dar aos franceses liberdade, justiça e paz. A *liberdade*, sem a qual não podem viver; a *justiça*, o mais firme fundamento da liberdade; a *paz*, o único fim da guerra.”

“LIBERDADE, JUSTIÇA, PAZ, estas três palavras foram gravadas pelos gregos no templo de Delfos.”

“Vós as gravareis em todo o terreno da França”.

A Assembléia legislativa tinha durado um ano e viu três acontecimentos enormes e terríveis: O 20 de Junho, o 10 de Agosto, os 2 e 3 de Setembro.

Deixava à França a guerra com duas potências do Norte.

A guerra civil da Vendeia.

Uma dívida de duzentos milhões de assinados.

E a vitória de Valmy, ganha na véspera, e ainda de todos ignorada.

Pétion foi nomeado presidente por aclamação.

Condorcet, Brissot, Rabant, Saint-Étienne, Vergniaud Camus e Lasource foram nomeados secretários.

Cinco girondinos por cada seis.

Quase toda a Convenção, excepto trinta ou quarenta membros, queria a república.

Mas os girondinos tinham decidido numa reunião, em casa da Sr^a. Roland, que não se admitiria discussão sobre a mudança de governo, senão em tempos e também certo lugar.

Isto é, depois de se apoderarem das comissões da constituição.

Mas em 20 de Setembro, no mesmo dia da batalha de Valmy, outros combatentes davam também uma batalha decisiva.

Saint-Just, Lequinio, Panis, Billaud-Verrennes, Collot D'Herbois e alguns outros membros da futura Assembléia jantavam no Palais-Royal.

Resolveram que no dia seguinte a palavra República seria lançada aos seus inimigos.

– Se a levantarem – disse Saint-Just – estão perdidos, porque fomos nós os primeiros que pronunciamos tal palavra. Se não a aceitam perdidos estão, porque opondo-se a este desejo do povo serão esmagados pela impopularidade, que reuniremos sobre as nossas cabeças.

Collot-d'Herbois encarregou-se da moção.

Portanto, logo que Francisco Neufchâteau entregou os poderes da antiga Assembléia à nova, Collot-d'Herbois pediu a palavra.

Foi-lhe concedida.

Subiu à tribuna e disse:

“Cidadãos representantes, proponho que o primeiro decreto da Assembléia, que acaba de se reunir, seja a abolição da realeza”.

Mal foram pronunciadas estas palavras elevou-se na sala e nas tribunas uma aclamação estrondosa.

Só se levantaram dois opositores, dois republicanos muito conhecidos.

Barrère e Quinette.

Pediram que esperasse pelo voto do povo.

“O voto do povo? Para quê? – perguntou admirado um pobre cura de aldeia – para que serve deliberar, quando todos estão de acordo?”

“Os reis são na ordem moral o que os monstros são na ordem física; as cortes são as oficinas de todos os crimes; a história dos reis é o martirólogo das nações”.

Perguntaram quem era o homem que acabava de fazer aquela curta mas enérgica história dos reis.

Poucos o conheciam. Chamava-se Grégoire.

Os girondinos sentiram o golpe, que tão certamente lhes era dirigido.

Iam ser preferidos pelos montanhese.

– Não acaba a sessão enquanto não estiver redigido o decreto – gritou do seu lugar Ducos, o amigo e discípulo de Vergniaud. O decreto não carece de ser discutido, depois dos esclarecimentos do dia 10 de Agosto. Todas as considerações que podem fazer-se ao vosso decreto da abolição da realeza serão a história dos crimes de Luís XVI.

Portanto, o equilíbrio achava-se restabelecido, os montanhese tinham pedido a abolição da realeza, mas os girondinos tinham pedido com instância o estabelecimento da república.

A República não foi decretada; foi votada por aclamação unânime.

Não só se lançavam no futuro para fugirem do passado, mas até iam buscar o que não conheciam pelo ódio que tinham àquilo que conheciam.

A proclamação da República respondia a uma grande necessidade popular.

Era a consagração da longa luta, que o povo tinha sustentado desde as Comunas; era a abolição da Jacquerie, dos Maillotins, da Liga, da Fronda, da Revolução, era o povo coroado em detrimento da realeza.

Dir-se-ia, tão grande era a liberdade com que cada cidadão respirava, que acabavam de tirar do peito de todos o peso da realeza.

As horas de ilusão foram curtas, mas magníficas; julgavam proclamar somente uma República e acabavam de consagrar uma revolução.

Não importa, tinham feito uma grande coisa, que ia por mais de um século abalar o mundo.

Os verdadeiros republicanos, ao menos os mais puros, aqueles que queriam a república isenta de crimes, aqueles que no dia seguinte iam ornar a frente com o triunvirato, Danton, Robespierre e Marat, os Girondinos, estavam no cúmulo da alegria.

A República era a realização do seu mais querido voto; acabavam, graças a ela, de recuperar, sobre as ruínas de vinte séculos, o tipo dos governos humanos.

A França tivera uma Atenas no tempo de Francisco I e Luís XIV, com eles a tornar-se uma Esparta.

Era um sonho belo, sublime.

Para o festejarem, reuniram-se à noite em casa do ministro Roland, onde se achavam Vergniaud, Gaudet, Louvet, Pétion, Boyer-Fonfrède, Barbaroux, Gensonné, Grangeneuve, Condorcet; convivas que, no fim de um ano, deviam reunir-se num banquete ainda mais solene.

Ali, voltando todos as costas ao dia seguinte, fechando os olhos ao futuro, lançaram voluntariamente o véu sobre o Oceano desconhecido onde entravam, e onde ouviam bramir esse abismo que, semelhante ao *Maelstrom* das fábulas orientais, devia engolir quando não fosse o navio, ao menos os pilotos e os marinheiros.

Por todos eles o seu pensamento incarnara, tomara um corpo, uma forma, um aspecto; a jovem república, como Minerva, saía armada com o capacete e com a lança.

Que mais se podia pedir?

Durante as duas horas que durou o solene banquete, houve uma infinidade de elevados pensamentos, atrás dos quais se agrupavam grandes acontecimentos; estes homens falavam na sua vida como numa coisa que já não lhes pertencia, mas sim à nação; se fosse preciso, até a fama abandonariam.

Havia mesmo alguns que na sua louca embriaguez viam abrir-se-lhe diante dos olhos os horizontes azulados e infinitos, que só em sonhos aparecem.

Estes eram mancebos ardentes, que na véspera tinham entrado na mais poderosa de todas as lutas, na luta da tribuna.

Eram Barbaroux, Rabecqui, Ducos, e Boyer-Fonfrède.

Havia outros que pensavam e faziam alto no meio do caminho, recobrando forças para o que lhes faltava andar.

Eram os que se tinham curvado sob os trabalhosos dias da legislativa.

Eram os Gaudet, os Gensonné, os Grengeneuve, os Vergniaud.

Havia finalmente outros, que, vendo-se chegados ao termo da sua carreira, compreendendo que a sua popularidade os abandonava, deitados à sombra das tenras folhas da nova árvore republicana, perguntavam com melancolia se valia bem a pena, tornarem a levantar-se, cingir os rins, pegar novamente no bordão dos viajeros para irem tropeçar no primeiro obstáculo.

Eram Roland e Pétion.

Mas aos olhos de todos aqueles homens qual era o chefe do futuro, qual era o principal autor, qual seria o futuro moderador da jovem república?

Era Vergniaud.

No fim do jantar, encheu o copo, levantou-se e disse:

– Amigos, uma saúde.

Todos se levantaram.

– À eternidade da república!

Todos repetiram:

– À eternidade da república!

Ia levar o copo à boca, quando a Sr^a. Roland exclamou:

– Espere!

Tinha ao peito uma rosa fresca, que acabava de abrir como a nova era, em que entravam.

Tomou-a, e como teria feito uma ateniense no copo de Péricles, desfolhou-a no copo de Vergniaud.

Vergniaud sorriu tristemente, despejou o copo e voltou-se para Barbaroux, que estava à sua esquerda, dizendo:

– Ai de mim! Grande receio tenho de que esta alma generosa se engane; não são folhas de rosa, mas ramos de cipreste que temos de deitar esta noite no nosso vinho. Bebendo como brinde a uma República, cujos pés estão banhados no sangue de Setembro, Deus sabe se esta saúde é feita à nossa morte; não importa, porém – ajuntou ele, lançando para o Céu um olhar sublime – ainda que em lugar deste vinho fosse o meu sangue, bebê-lo-ia à liberdade e à igualdade.

– Viva a República! – repetiram em coro todos os convivas.

No momento, pouco mais ou menos em que Vergniaud fazia esta saúde, e em que os outros convivas lhe respondiam com o grito de “Viva a República” tocavam as trombetas defronte do Templo, e seguia-se um grande silêncio.

Então do seu quarto, cujas janelas estavam abertas, o rei e a rainha puderam ouvir um membro da municipalidade que, com voz firme, sonora, retumbante, proclamava a abolição da realeza e o estabelecimento da República.

XII

A lenda do rei mártir

Tem-se visto com que imparcialidade temos, servindo-nos sempre da forma do romance, posto aqui perante os olhos dos nossos leitores o que houve de terrível, de cruel, e de bom, de grande e belo nos homens e nos acontecimentos que se sucederam.

Hoje os homens de que falámos, estão mortos; só os acontecimentos – imortalizados pela história – os acontecimentos que não morrem, estão ainda de pé.

Não importa; nós podemos evocar da sepultura todos esses cadáveres que nela estão deitados, e dos quais poucos morreram tendo preenchido os fins da sua vida; podemos dizer a Mirabeau, tribuno, levanta-te; a Luís XVI, senhor, levantai-vos; levantai-vos vós todos, a quem chamavam Favras, Lafayette, Bailly, Fournier o Americano, Jourdain corta-cabeças, Maillard, Théroigne de Méricourt, Barnave, Bouillé, Gamain, Pétion, Manuel, Danton, Robespierre, Marat, Vergniaud, Dumouriez, Maria Antonieta, a Sr^a. Campan, Barbaroux, Roland, a Sr^a. Roland, o rei e a rainha, artistas, operários, tribunos, generais, assassinos, e publicistas, levantai-vos, e dizei se não vos apresentei à minha geração, ao povo, principalmente às mulheres, isto é, às mães de nossos filhos, a quem de todo o coração quero contar a história.

Nós podemos dizer aos acontecimentos ainda de pé nos dois lados da estrada que temos percorrido: “Grande e luminoso dia 14 de Julho; sombrias e ameaçadoras noites de 5 e 6 de Outubro; sangrenta borrasca do Campo de Marte, em que a pólvora se misturou com o raio e o estampido dos canhões com o ribombar do trovão; profética invasão de 20 de Junho; terrível vitória de 10 de Agosto; execrável memória dos dias 2 e 3 de Setembro, tentei absolver-vos ou condenar-vos?”

E os homens e os acontecimentos responderão:

– Procuraste a verdade sem ódio, sem paixão; conservastes-te fiel a todas as glórias do passado, insensível a todos os deslumbramentos do presente, confiado em todas as promessas.

Sede absolvido, se não louvado.

Pois bem! O que temos feito, não como juiz escolhido, mas como narrador imparcial, vamos fazê-lo até ao fim, do qual, cada passo mais nos aproxima rapidamente; corremos pelo

declive dos acontecimentos, e há pouco onde parar desde 21 de Setembro, dia da morte da realeza, até 21 de Janeiro, dia da morte do rei.

Ouvimos a proclamação da República, feita debaixo das janelas da prisão real pela voz forte do membro da municipalidade Lubin, e esta proclamação levou-nos ao Templo.

Entremos pois no sombrio edifício, que encerra um rei tornado homem, uma rainha que ficou rainha, uma virgem que virá a ser mártir, e duas pobres crianças, inocentes pela idade; senão pelo nascimento.

O rei estava no Templo, e quiseram tornar-lhe vergonhosa a prisão, que ocupava?

Não.

Pétion teve primeiramente a idéia de o transportar ao centro da França, de lhe dar Chambord e de o tratar como rei deposto.

Supondo que todos os soberanos da Europa impunham silêncio aos ministros, aos seus generais, aos seus manifestos, e se contentavam de ver o que se passava em França, sem quererem intrometer-se na política interna dos franceses, essa deposição, de 10 de Agosto, essa existência num belo palácio, num belo clima, no meio do que se chama o jardim da França, não era decerto um castigo bem cruel para o homem que expiava não só as suas faltas, mas as de Luís XV e de Luís XIV.

A Venda acabava de levantar-se. Objectou-se portanto que poderia dar-se algum golpe atrevido pelo Loire.

A razão pareceu mais que suficiente, e nunca mais se falou em Chambord.

O Luxemburgo, palácio florentino de Maria de Médicis, com a sua polidez, com os seus jardins rivais dos das Tulherias, era uma residência não menos conveniente para um rei deposto, que a de Chambord.

Objectaram que o palácio tinha subterrâneos, que davam para as Catacumbas. Talvez que isso não passasse de um pretexto da Comuna, que queria ter o rei debaixo da mão; não era um pretexto um tanto ou quanto plausível.

A Comuna votou pois pelo Templo.

Por isto entendia-se, não a torre do Templo, mas o palácio, antiga comendadoria dos chefes de uma ordem, uma das casas de recreio do conde de Artois.

No momento de trasladação, talvez mais tarde, depois de Pétion conduzir a família real ao palácio, depois de ali estar instalada, quando Luís XVI fazia as suas disposições de arranjo de casa, chegou uma denúncia à Comuna; em consequência disso enviaram Manuel para mudar a última vez a determinação da municipalidade e para ser substituído o castelo pela torre. Manuel chegou a examinar o local destinado para residência de Luís XVI e de Maria Antonieta e desceu muito envergonhado.

A torre estava incapaz de ser habitada; ocupada só por uma espécie de porteiro, apresentava lugar insuficiente, quartos estreitos, e leitos imundos e cheios de bichos.

Havia em tudo isso mais fatalidade do que premeditação infame da parte dos juizes.

A Assembléia Nacional pela sua parte, não tinha regateado a respeito das despesas do rei. O rei comia muito; não é uma censura que lhe fazemos; é do temperamento dos Bourbons serem grandes comilões; porém o rei comia em ocasiões impróprias. O rei comia e com grande apetite, enquanto nas Tulherias estavam matando os seus servidores; não só os juizes que lhe lançavam em rosto o comer em ocasiões de aflicção, mas o que é mais grave, a história, a implacável história registrou-o nos seus arquivos.

A Assembléia Nacional tinha votado 500.000 libras para despesas de cozinha do rei.

Durante os quatro meses que o rei esteve no Templo, a despesa foi de 40.000 libras por mês.

Trezentos e trinta e três francos por dia; verdade é que em assinados, mas nessa época nos assinados perdia-se apenas 6 ou 8 por cento.

Luís XVI tinha no Templo três criados e treze empregados de ucharia.

O seu jantar constava todos os dias de quatro entradas, de dois assados, cada um de três peças, de quatro pratos de meio, de três compotas, de três pratos de fruta, de meia garrafa de Bordéus, meia garrafa de malvasia e de meia garrafa de Madeira.

Ele e o delfim eram os únicos que bebiam vinho; a rainha e as princesas só bebiam água.

Por este lado, materialmente, o rei não era digno de lástima.

Mas o que lhe faltava era ar, onde passear, sol e sombra.

Habituação às caçadas de Compiègne e de Rambouillet, aos parques de Versalhes e do grande Trianon, Luís XVI achou-se de repente reduzido, não a um pátio, não a um jardim, não a um passeio, mas a um terreno seco, nu, com quatro canteiros de erva seca, com algumas árvores miseráveis e desfolhadas pelo vento do Outono.

Todos os dias, às duas horas, o rei passeava ali com a sua família. Enganámo-nos: todos os dias era ali o rei passeado com a sua família.

Era inaudito, cruel, feroz; mas menos feroz, menos cruel do que os subterrâneos da inquisição em Madrid, do que o segredo do conselho dos Dez em Veneza, do que as masmorras de Spielberg.

Notai bem isto: não desculpamos a Comuna, assim como não desculpamos os reis; dizemos porém que o Templo não era mais do que uma represália, terrível, fatal, porque de um julgamento faziam uma perseguição, de um culpado, um mártir.

Qual era porém o aspecto dos diferentes personagens, que empreendemos seguir nas fases principais da sua vida?

O rei, com a vista míope, as faces encovadas, os beijos caídos, com andar pesado e balanceando, parecia um bom rendeiro ferido por algum revés; a sua melancolia era a de um agricultor, a quem uma tempestade destruísse as sementeiras.

A atitude da rainha era, como sempre, ativa e soberanamente provocadora, tinha inspirado amor no tempo da sua grandeza, na hora da sua desgraça inspirou dedicação.

Piedade não, a piedade nasce da simpatia, e a rainha nada tinha de simpática.

A princesa Isabel, com o seu vestido branco, símbolo da pureza da sua alma e do seu corpo, com os cabelos louros, agora mais lindos porque não andavam empoados, com uma fita azul na cintura, parecia o anjo da guarda de toda a família.

A princesa real, apesar dos encantos da sua idade, causava pouco interesse; toda *Austriaca* como sua mãe, toda Maria Antonieta e Maria Teresa, já tinha o olhar, o desprezo, a fereza das raças reais e das aves de presa.

O pequeno delfim, com os cabelos de ouro, com a tez branca, um pouco doente, era interessante; tinha todavia o olhar duro, compreendia tudo, seguia as indicações que lhe dava a mãe, e tinha às vezes ditos, que chegavam a arrancar lágrimas, dos olhos dos seus algozes.

A pobre criança chegou a impressionar o próprio Chaumette, essa fuinha de focinho comprido, essa doninha de óculos.

– Hei-de mandá-lo educar – dizia ele ao Sr. Hue escudeiro do rei – mas é preciso afastá-lo da família, para que perca a idéia da jerarquia.

Com efeito a Comuna era ao mesmo tempo cruel e imprudente, cruel por rodear a família real de maus tratos, de vexames e até de injúrias.

Imprudente, por deixar presenciar o espetáculo da sua crueldade.

Todos os dias mandavam para o Templo guardas novos, sob o nome de municipais; entravam inimigos encarniçados do rei, saíam inimigos de Maria Antonieta, mas quase todos deplorando o rei, deplorando as crianças, glorificando a princesa Isabel.

De feito, o que viam no Templo? Em lugar do lobo, da loba e dos lobinhos, viam uma família de burgueses, a mãe um pouco ativa, uma espécie de Elmira, que nem sequer sofria que lhe tocassem no vestido, mas de tiranos nem sinal.

Como passava a família os dias no Templo? Digamo-lo, segundo Cléry.

Lancemos em primeiro lugar a vista sobre a prisão, que depois a dirigiremos sobre os presos.

O rei estava encerrado na torre pequena.

A torre pequena ficava encostada à grande, sem comunicação interior: formava um quadrilongo, flanqueado por duas torrinhas, numa das quais havia uma escada, que do primeiro andar ia dar a uma galeria sobre a plataforma.

Na outra torrinha ficavam os gabinetes, que correspondiam a cada andar da torre.

O corpo do edifício tinha quatro andares; o primeiro constava de uma antecâmara, uma casa de jantar, e um gabinete onde havia uma biblioteca de mil e quinhentos volumes.

O segundo andar era dividido, quase da mesma maneira; a casa maior era o quarto da rainha e do delfim; a outra casa, separada da primeira por uma antecâmara muito escura, era ocupada pela princesa real e pela princesa Isabel.

Era preciso atravessar esta antecâmara para entrar no gabinete da torrinha, que não era outra coisa senão o que os ingleses chamam Walter-Closett, e era comum à família real, aos membros da municipalidade e aos soldados.

O rei habitava no terceiro andar, com a mesma divisão de casas, aproximadamente. Dormia na câmara grande. O gabinete da torrinha servia-lhe de gabinete de leitura; ao lado ficava uma cozinha separada por uma casa escura, e era a que tinham habitado nos primeiros dias, antes que fossem separados do rei, os srs. de Chamilly e de Hue, e em que depois da partida deste último tinham posto selos.

O quarto andar estava fechado.

Em baixo ficavam as cozinhas, de que não se serviam.

Agora vejamos como a família real vivia neste estreito palácio.

O rei levantava-se ordinariamente às seis horas da manhã; fazia a barba a si. Cléry penteava-o e vestia-o. Depois de vestido e penteado, passava ao gabinete de leitura, isto é, à biblioteca dos arquivos da ordem de Malta que, como já dissemos, continha mil e quinhentos, talvez possamos dizer mil e seiscentos volumes.

Um dia o rei, procurando ali livros, mostrou com o dedo ao Sr. de Hue as obras de Voltaire e de Rousseau.

O rei disse em voz baixa:

– Veja! São estes os dois homens que deitaram a perder a França.

Entrando na biblioteca, Luís XVI ajoelhava e rezava cinco ou seis minutos, depois lia até às nove horas. Entretanto, Cléry arranjava o quarto do rei, preparava o almoço e descia ao quarto da rainha.

Ali assentava-se o rei e passava o tempo traduzindo Virgílio ou alguma ode de Horácio.

O rei tinha-se aplicado ao latim para continuar a educação do filho.

Esta casa era muito pequena e a porta estava sempre aberta.

O membro da municipalidade estava no quarto de dormir e pela porta aberta via o que o rei fazia.

A rainha não abria a porta senão quando chegava Cléry, e isto para que, estando fechada, o membro da municipalidade não pudesse entrar no quarto.

Então Cléry penteava o príncipe, arranjava a *toilette* da rainha, e passava ao quarto da princesa Isabel e da princesa real para fazer o mesmo serviço.

Este momento de *toilette*, rápido e precioso ao mesmo tempo, era aquele em que Cléry podia participar à rainha e às princesas o que se passava fora; um sinal que ele fazia, indicava que tinha alguma coisa que dizer; a rainha ou uma das princesas conversava então com o membro da municipalidade, e Cléry aproveitava a distração deste para dizer depressa o que tinha a dizer.

Às onze horas, a rainha, as duas crianças e a princesa Isabel subiam ao quarto do rei, onde estavam servindo o almoço; entretanto Cléry arranjava os quartos da rainha e das princesas. Um homem e uma mulher por apelido Tison que para ali foram, sob pretexto de ajudarem a Cléry no seu serviço, mas realmente para servirem de espiões da família real e dos membros da municipalidade, fingiam ajudar o escudeiro do delfim.

Um deles, o marido, antigo comissário das barreiras, era um velho duro e mau, incapaz de possuir sentimento algum de humanidade.

A mulher amava muito uma filha que tinha, e enlevada por este amor denunciou a rainha com a esperança de tornar assim a ver a filha.

Às dez horas da manhã descia o rei ao quarto da sua esposa e ali passava o dia; ocupava-se quase exclusivamente na educação do delfim, fazia-lhe repetir alguma passagem de Corneille ou de Racine, dava-lhe lição de geografia e exercitava-o em desenho de perspectiva em que era hábil.

Havia três anos que a França estava dividida em departamentos, e era com especialidade esta geografia que o rei ensinava ao seu filho.

A rainha, pela sua parte, curava da educação da princesa real, educação que algumas vezes interrompia para cair em sombrias e profundas meditações; então a princesa real, para a deixar toda entregue àquela dor desconhecida, que ao menos tinha o lenitivo do pranto, afastava-se nos bicos dos pés, fazendo sinal ao irmão para que estivesse calado.

A meditação da rainha durava mais ou menos tempo; aos cantos das pálpebras apareciam as lágrimas, que, deslizando pela face iam cair-lhe sobre as mãos emagrecidas, e então a prisioneira quase sempre livre no domínio imenso do pensamento, no campo ilimitado das recordações, saía de repente do seu sonho, e olhando em volta de si, tornava a entrar de cabeça curvada na sua prisão.

Ao meio-dia, as três princesas entravam no quarto da princesa Isabel para mudarem de vestido.

O pudor da Comuna tinha reservado este momento para a solidão; nenhum membro da municipalidade seguia as presas.

À uma hora, descia a família real ao jardim.

Era sempre acompanhada por quatro membros da municipalidade e por um chefe da legião da guarda nacional.

Como no Templo haviam muitos operários ocupados em demolir as casas e em construir paredes novas, os presos não podiam andar senão pela rua dos castanheiros.

Cléry também acompanhava a família real e dava algum exercício ao delfim, jogando com ele a péla.

Às duas horas subiam à torre: Cléry servia o jantar e todos os dias a estas horas, Santerre ia ao Templo acompanhado por dois ajudantes de campo, e visitava então escrupulosamente os quartos do rei e da rainha.

O rei dirigia-lhe a palavra algumas vezes.

A rainha nunca.

Tinha esquecido o 20 de Junho e quanto devia àquele homem.

Depois do jantar desciam ao primeiro andar: o rei jogava as damas ou o gamão com a rainha.

Então jantava Cléry.

Às quatro horas o rei acomodava-se para dormir a sesta numa marquesa ou numa grande poltrona. Então seguia-se o mais profundo silêncio; as princesas pegavam num livro ou nalguma obra de agulha, e todos ficavam imóveis, até o pequeno delfim.

Luís XVI passava da vigília ao sono quase sem transição.

As necessidades físicas, já o dissemos, imperavam no rei.

O rei dormia regularmente a sesta por hora e meia ou por duas horas.

Quando acordava, continuava a conversação, chamava-se Cléry, que nunca estava longe e vinha ensinar a ler o delfim. Acabada a lição, conduzia o príncipe ao quarto da princesa Isabel, e ali jogava com ela a péla.

Chegada a noite, todos se assentavam a uma mesa: a rainha lia então em voz alta alguma coisa própria para divertir as crianças; a princesa Isabel substituí-a quando estava cansada.

A leitura durava até às 8 horas. A esta hora ceava o delfim no quarto da princesa Isabel; a família real assistia a esta ceia, enquanto o rei, pegando numa colecção do Mercúrio que achara na biblioteca, divertia-se a fazer com que os filhos adivinhassem charadas e enigmas.

Depois do delfim cear, a rainha fazia-o rezar esta oração:

“Deus Onipotente, que me criastes e resgatastes, adoro-vos; conservai a vida de meu pai e das pessoas da minha família; protegei-nos contra nossos inimigos: dai à Sr^a. de Tourzel forças para suportar o que sofre por nossa causa”.

Depois da oração, Cléry, despia e deitava o delfim; uma das princesas ficava com ele até que adormecesse; era neste momento que Cléry, se tinha algumas notícias que dar à família real lhe dizia o que sabia.

No Templo não entrava jornal algum; mas todos os dias por ali passava um pregoeiro, que anunciava as notícias; Cléry ouvia-as e contava-as ao rei.

Às nove horas ceava o rei.

Cléry levava numa bandeja a ceia da princesa, que estava ao pé da cama do delfim. Depois da ceia, o rei entrava no quarto da rainha, dava-lhe, assim como a sua irmã, a mão em sinal de despedida, abraçava as crianças e retirava-se à biblioteca, onde lia até à meia-noite.

As princesas fechavam-se nos seus quartos; um dos membros da municipalidade ficava na casa que separava os dois quartos; o outro acompanhava o rei.

Cléry colocava então a sua cama junto da do rei; este esperava para se deitar que chegasse o membro da municipalidade, que entrava de serviço, para ver se o conhecia e se já o tinha visto.

Os membros da municipalidade eram rendidos às onze horas da manhã, às cinco da tarde e à meia-noite.

Este género de vida, sem mudança alguma, durou até 30 de Setembro.

Bem se vê que era triste a situação, e tanto mais digna de compaixão porquanto era resignadamente suportada.

Portanto os mais desalmados tornavam-se dóceis ao ver isto.

Iam ali para vigiar um tirano abominável, que tinha arruinado a França, assassinado os franceses, e chamado os estrangeiros, e uma rainha, que tinha reunido as lubricidades de Messalina às devassidões de Catarina II.

E encontravam um bom homem, vestido grosseiramente, que se confundia com o seu escudeiro, que comia bem, bebia bem, jogava o gamão, ensinava latim e geografia ao filho e dava charadas e enigmas a decifrar a sua mulher e a sua irmã.

Uma senhora, sem dúvida soberba e desdenhosa, mas digna, sossegada, resignada, ainda mais bela ensinando a filhinha a bordar, o filho a rezar, falando docemente aos criados, e tratando o escudeiro por meu amigo.

Os primeiros momentos eram de ódio. Cada um destes homens, vindo com sentimento de animosidade começava a dar curso a estes sentimentos, e a pouco e pouco ia-se compadecendo.

Saindo de sua casa pela manhã ameaçador e com a cabeça levantada, recolhia-se à noite triste e cabisbaixo.

A mulher esperava-o curiosa.

– Ah! És tu? – dizia ela.

– Sim – respondia ele laconicamente.

– E então viste o tirano?

– Vi.

– É muito feroz?

– Parece um rendeiro do Marais.

– Que faz ele? Há-de estar desesperado, maldizendo a república...

– Passa o tempo a ensinar os filhos a jogar o gamão com a irmã, e a decifrar enigmas para distrair a mulher.

– Então o desgraçado não tem remorsos?

– Vi-o comer, e come como um homem que tem a consciência tranqüila; vi-o dormir, e afianço que não tem pesadelos.

Então a mulher do membro da municipalidade também se tornava pensativa.

– Mas então – dizia ela – não é tão cruel e culpado como se diz?

– Quanto a culpado, não sei; cruel, afianço que não é.

– Pobre homem! – dizia a mulher.

Eis o que sucedia, quanto mais a Comuna abatia o preso, quanto mais queria mostrar que era um homem como outro qualquer, mais compaixão causava àqueles que o reconheciam por seu semelhante.

Esta compaixão às vezes manifestava-se directamente ao rei, ao delfim e à rainha.

Um dia, estava um canteiro fazendo buracos nas ombreiras da antecâmara para ali colocar enormes ferrolhos. Enquanto o canteiro almoçava, divertia-se o delfim a brincar com a ferramenta.

Então o rei tomou o martelo e o escopo das mãos do menino, e, como serralheiro hábil que era, ensinou-lhe a servir-se daquela ferramenta.

O canteiro, do sítio em que estava assentado e onde comia o seu pão e um pedaço de queijo, viu admirado o que se passava.

Não se tinha levantado na presença do rei ou da rainha.

Levantou-se diante do homem e da criança.

Depois, aproximando-se ainda com a boca cheia, mas com o chapéu na mão, disse:

– Está bem! Quando sairdes desta torre, podeis gabar-vos de terdes trabalhado na vossa própria prisão.

– Ah! – respondeu o rei – quando e como sairei?

O delfim pôs-se a chorar, o canteiro enxugou uma lágrima. O rei deixou cair o martelo e o escopo, e retirou-se ao seu quarto, onde por muito tempo passeou de um lado para o outro.

Noutro dia, um soldado estava de sentinela à porta do quarto da rainha.

Era um homem grosseiro, mal vestido, mas asseado.

Cléry estava só no quarto lendo.

A sentinela olhava para ele com profunda atenção.

Passado um instante, Cléry vendo que o seu serviço o chamava a outra parte, levantou-se e quis sair.

Mas a sentinela, apresentando-lhe a arma, disse-lhe em voz baixa, tímida, e quase trémula:

– Não se passa.

– Por quê? – perguntou Cléry.

– Porque me deram ordens para o não perder de vista.

– A mim! – disse Cléry; – decerto está enganado.

– Não é o rei?

– Ah! Não conhece o rei?

– Nunca o vi, senhor; e a falar a verdade, antes queria vê-lo em outra parte e não aqui.

– Fale baixo – disse Cléry.

Depois, designando uma porta continuou:

– Vou entrar naquele quarto e então verá o rei, está assentado ao pé da porta a ler.

Cléry entrou no quarto e disse ao rei o que acabava de se passar.

Então o rei levantou-se e passeou de uma casa para outra, para que o pobre homem o visse à sua vontade.

Portanto, não duvidando de que era por sua causa que o rei se incomodava, disse a Cléry:

– Ah! Senhor! Como o rei é bom; quanto a mim, não posso acreditar de maneira alguma que fizesse todo o mal que nos dizem.

Outra sentinela, colocada no fim da rua do jardim, por onde passeavam, fez um dia compreender à família real que tinha algumas notícias a dar-lhe.

Na primeira volta do passeio ninguém lhe entendeu os sinais.

Mas na segunda volta, chegou-se a ele a princesa Isabel para ver se queria falar-lhe.

Mas, fosse timidez ou respeito, o mancebo, que tinha figura distinta, ficou calado.

Porém dos olhos escaparam-se-lhe duas lágrimas, e apontou com o dedo para um monte de entulho, onde provavelmente estava escondida uma carta.

Cléry, sob pretexto de procurar o quer que fosse para o delfim, começou a revolver o entulho; porém os membros da municipalidade, desconfiando sem dúvida do que fazia,

mandaram-no retirar e proibiram-lhe, sob pena de ser separado do rei, de tornar a falar às sentinelas.

Mas nem todos eram assim. Muitos tinham o ódio e a vingança tão arraigados no coração, que este espectáculo de uma desgraça real, suportada com tanta resignação, não os comovia.

Assim, por contraste aos exemplos de tristeza e de enternecimento, que apontamos, o rei e a rainha tiveram algumas vezes que suportar grosserias, insultos e até ameaças.

Um dia um membro da municipalidade de serviço ao pé do rei, chamado James, professor de inglês, fez o propósito de andar atrás do rei, como se fora a sua sombra, e não o deixava.

O rei entrou no seu gabinete de leitura, o membro da municipalidade entrou também e assentou-se.

– Senhor – disse então o rei com a sua doçura habitual – os seus colegas estão no costume de me deixar só, porque ficando a porta aberta podem ver o que faço.

– Os meus colegas – respondeu James – fazem o que entendem e eu o que quero.

– Far-lhe-ei observar – replicou o rei – que a casa é tão pequena que mal podem estar aqui duas pessoas.

– Então passe para outra maior – respondeu brutalmente o membro da municipalidade.

O rei levantou-se sem dizer mais nada e entrou no seu quarto vendo-o seguir o professor inglês, que continuou a observá-lo até ao momento em que foi rendido.

Uma manhã o rei tomou o membro da municipalidade, que estava de guarda, por aquele que vira na véspera; já dissemos que à meia-noite eram rendidos.

Foi ter com ele e disse-lhe com ar de interesse:

– Tenho muita pena de que se esquecessem de o vir render – disse o rei.

– Que quer dizer? – perguntou brutalmente o guarda.

– Quero dizer que deve estar cansado.

– Senhor – respondeu-lhe o guarda, que se chamava Meunier – venho aqui para vigiar o que faz e não para que se ocupe do que faço.

Depois, enterrando o chapéu na cabeça e aproximando-se do rei, ajuntou:

– Ninguém, e o senhor menos do que qualquer outro, tem o direito de se intrometer comigo.

Uma vez a rainha aventurou-se a dirigir a palavra a um membro da municipalidade.

– Em que bairro mora, senhor? – perguntou ela a um desses homens que assistia ao jantar.

– O meu bairro é a pátria – respondeu este desdenhosamente.

– Mas parece-me – respondeu Maria Antonieta – que a pátria é a França.

– Sim – replicou o membro da municipalidade – menos a parte em que está o inimigo, que chamaste.

Alguns dos comissários nunca falavam do rei, da rainha, das princesas ou do delfim sem ajuntarem alguma palavra obscena ou alguma praga grosseira. Um dia um dos membros da municipalidade chamado Turlot, disse a Cléry em voz mais alta para que o rei ouvisse:

– Se o carrasco não guilhotinasse esta família sagrada, eu mesmo a guilhotinava.

Saindo para o passeio, o rei e a família real tinham de passar por muitas sentinelas, algumas das quais estavam postadas no interior da torre.

Quando passavam os membros da municipalidade e os chefes, as sentinelas apresentavam armas.

Mas quando passava o rei, ou descansavam as armas, ou voltavam as costas.

O mesmo faziam os guardas do serviço exterior; quando o rei passava cobriam-se e assentavam-se.

Mas os insultos ainda iam mais longe.

Certo dia uma sentinela, não contente com apresentar a arma aos membros da municipalidade e de não a apresentar ao rei, escreveu na porta da prisão:

“A guilhotina está permanente e espera o tirano Luís XVI”.

A invenção era nova e por isso teve imitadores.

Dentro em pouco as paredes do Templo, e principalmente as da escada por onde subia e descia a família real, foram cobertas de inscrições no género desta:

“A Sr^a. Veto há-de dançar”.

“Nós ensinaremos o porco gordo”.

“Abaixo o cordão vermelho! É necessário estrangular os lobinhos!”

Depois passaram a fazer desenhos que designavam a sua significação.

Um destes desenhos representava um homem na forca.

Por baixo liam-se estas palavras:

“Luís tomando um banho de ar”.

Mas os atormentadores mais encarniçados eram dois comensais do Templo.

Um era o sapateiro Simão, o outro o porta-machado Rocher.

Simão acumulava, não só era sapateiro, mas também guarda; não só guarda, mas um dos comissários encarregados de inspecionar os trabalhos e dependências do Templo.

Com este tríplice título nunca saía da torre.

Este homem, a quem as crueldades exercidas sobre o delfim tornaram célebre, era o insulto personificado; todas as vezes que aparecia diante dos presos era para os injuriar.

Se o escudeiro reclamava alguma coisa em nome do rei, então replicava:

– Vamos com isso; que o Capeto peça de uma vez tudo o que precisa; não estou por sua causa para subir duas vezes a escada.

Rocher esse não era mau homem; no dia 10 de Agosto tinha à porta da Assembléa Nacional tomado o delfim e fora pô-lo sobre a mesa do presidente.

Rocher, de seleiro, que era, passou a oficial no exército de Santerre, depois a porteiro da torre.

Usava uniforme de porta-machado com bigodes e barbas compridas, um boné de pêlo na cabeça, uma larga espada ao lado, e um cinto com um grande molho de chaves.

Tinha sido colocado na torre por Manuel, e estava ali mais para velar sobre o rei e sobre a rainha, para impedir que lhe fizessem mal, do que para lho fazer. Parecia-se com uma criança a quem dão a guardar uma gaiola com passarinhos, recomendando-lhe que não consinta que lhes façam mal, e que se distrai em arrancar-lhe as penas.

Quando o rei pedia para sair, era Rocher quem se apresentava à porta, mas não abria senão depois do rei ter esperado muito, revolvendo um grande molho de chaves, depois, puxando os ferrolhos com fracasso e depois de aberta a porta, descendo rapidamente, ia pôr-se ao pé do postigo com o cachimbo na boca, e a cada pessoa que saía, principalmente às senhoras, lançava-lhes ao nariz uma baforada de fumo.

Estas miseráveis fraquezas tinham por testemunhas os guardas nacionais, que em lugar de se oporem a estes vexames, muitas vezes tomavam cadeiras, como para assistirem a um espectáculo.

Isto animava Rocher, que ia dizendo por toda a parte:

– A Maria Antonieta fazia-se soberba, mas obriguei-a a humilhar-se; a Isabel e a pequena fazem-me a sua cortesia; o postigo é tão pequeno que não podem deixar de se curvar.

Depois juntava:

– Todos os dias lanço-lhes no nariz a uma ou a outra, uma baforada do meu cachimbo. A irmã perguntou o outro dia aos nossos comissários:

– Porque está o Rocher sempre a fumar?

– Naturalmente porque gosta – responderam eles.

Há em todas as grandes expiações, entre o suplício infligido aos pacientes e a morte, um homem que lhes faz beber o vinagre e o fel.

Para Luís XVI chamava-se Rocher ou Simão; para Napoleão chamava-se Hudson-Lowe.

Mas quando o condenado sofreu a pena, depois que o paciente acabou com a vida, são estes homens que poetizam o seu suplício, que santificam a sua morte.

Santa Helena seria Santa Helena sem o seu carcereiro de farda encarnada?

O Templo seria o Templo sem o porta-machado e sem o sapateiro?

Eis os verdadeiros personagens da lenda; por isso pertencem às longas e sombrias narrações populares.

Mas por mais desgraçados que fossem os presos, restava-lhes uma consolação.

Estavam juntos.

A Comuna porém resolveu separar o rei da sua família.

A 26 de Setembro, cinco dias depois de proclamada a república, Cléry soube por um membro da municipalidade que o quarto, que destinavam ao rei, no grande pátio, dentro em pouco estaria pronto. Cléry com bastante dor transmitiu esta notícia a seu amo.

Mas este, com o seu ânimo habitual, respondeu:

– Procura saber com antecedência o dia dessa triste separação e dá-me parte.

Mas Cléry, como não soube nada, nada pôde dizer ao rei.

No dia 29, às seis horas da manhã, entraram seis membros da municipalidade no quarto da rainha, no momento em que toda a família ali estava reunida; iam, por ordem da Comuna, tirar aos presos as penas, o papel e a tinta.

A visita foi passada não só às casas, mas às próprias pessoas dos presos.

– Quando precisar de alguma coisa – disse um dos membros da municipalidade chamado Charbonnier – o seu escudeiro descerá e escreverá o que quiser num registro, que ficará na sala do conselho.

O rei e a rainha não fizeram a menor observação; deram tudo o que tinham em si.

As princesas e os criados seguiram o exemplo.

Foi só então que Cléry, por algumas palavras que apanhou a um dos membros, soube que o rei seria transferido naquela mesma noite para a torre grande.

Ele disse à princesa Isabel o que tinha dito ao rei.

Não se passou nada de novo até à noite. A cada ruído, a cada porta que se abria, palpitavam os corações dos presos, que estavam com as mãos estendidas e unidas em ansioso aperto.

O rei demorou-se mais do que costumava no quarto da rainha, mas afinal teve que se retirar.

Finalmente abriu-se a porta e entraram os seis membros da municipalidade, que tinham vindo pela manhã, e apresentaram ao rei uma nova ordem da Comuna.

Era a ordem oficial para ser transferido para a torre grande.

Desta vez a impassibilidade do rei falhou.

Aonde o conduziria aquele novo passo? À via terrível e sombria.

Portanto as despedidas foram longas e dolorosas.

Entravam no misterioso e desconhecido.

Por isso despediram-se em convulsões e lágrimas.

Finalmente, foi o rei obrigado a acompanhar os membros da municipalidade. Nunca a porta, fechando-se sobre ele, soltou um som tão lúgubre.

Era tal a pressa de causar aos presos esta nova dor, que nem tempo deram para se acabar de preparar o quarto do rei.

A pintura e a cola fresca davam ao quarto um cheiro insuportável.

O rei deitou-se, sem deixar ouvir uma queixa.

Cléry passou a noite numa cadeira ao pé dele.

Pela manhã Cléry, segundo o costume, vestiu o rei; depois quis dirigir-se à pequena torre para vestir o delfim.

Mas um dos membros da municipalidade, chamado Véron, opôs-se-lhe e disse:

– Não pode ter comunicação com os outros presos.

O rei não torna a ver seus filhos.

Cléry desta vez não teve ânimo para transmitir a fatal notícia ao rei.

Às nove horas, o rei, que ignorava o rigor da sua posição, pediu para ser conduzido para onde estava a sua família.

– Não temos ordem para isso – disse um dos comissários.

O rei insistiu, mas eles não responderam e retiraram-se.

O rei ficou só com Cléry; o rei assentado e Cléry encostado à parede; ambos se mostravam aflitos.

Passada meia hora, entraram dois membros da municipalidade.

Seguiu-os o servente de um café, que levava ao rei um pedaço de pão e uma limonada.

– Senhores – perguntou o rei – não poderei jantar com a minha família?

– Saberemos o que a Comuna determina, disse um deles.

– Mas se não é permitido descer, não o poderá fazer o meu escudeiro? Meu filho está a seu cargo, e nada obsta a que ele continue a servi-lo.

O rei pedia isto tão simplesmente e com tão pouca animosidade, que aqueles homens, admirados, não sabiam que responder-lhe.

Aquele tom, aquelas maneiras, aquela resignação estavam tão longe daquilo que esperavam que olhavam uns para os outros como aturdidos.

Contentaram-se com responder que o negócio não dependia deles e retiraram-se.

Cléry ficou imóvel, encostado à parede, e olhando para o amo com profunda aflição.

Viu o rei pegar no pão, que lhe tinham levado, e parti-lo ao meio.

Depois dando-lhe metade:

– Meu pobre Cléry – disse o rei – parece que se esqueceram do seu almoço. Tome metade do meu pão, a outra metade é suficiente para mim.

Cléry recusou, mas como o rei tanto insistisse, tomou o pão, porém, ao pegar-lhe não pôde deixar de chorar.

O rei também chorou.

Às dez horas, os membros da municipalidade acompanharam os operários, que trabalhavam no quarto em que o rei estava preso.

Então um dos membros, chegando-se ao rei com certa compaixão, disse:

– Senhor, acabo de assistir ao almoço da sua família e estou encarregado de lhe participar que todos estão de saúde.

O rei sentiu o coração aliviado, a compaixão daquele homem fez-lhe bem.

– Obrigado – respondeu ele – e, para ser completo o favor, peço-lhe que também diga à minha família que estou bom. Mas agora diga-me se poderei obter alguns livros, que deixei no quarto da rainha. Se me for permitido, grande favor faz enviando-mos.

O membro da municipalidade tinha muita vontade de aceder ao desejo do rei, mas ficou embaraçado, porque não sabia ler.

Finalmente, confessou o seu embaraço a Cléry, pedindo-lhe que o acompanhasse para lhe dizer quais eram os livros que o rei queria.

Cléry era feliz. Tinha assim meio de levar à rainha notícias do marido.

Luís XVI fez-lhe sinal com os olhos.

Esse sinal continha todas as recomendações possíveis que podia fazer-lhe.

Cléry achou a rainha no seu quarto com a princesa Isabel e com os filhos.

As senhoras choravam.

O delfim começava também a chorar, mas as lágrimas depressa secam nos olhos das crianças.

Vendo entrar Cléry, a rainha, a princesa Isabel, e a princesa real interrogaram-no, não com voz mas com gestos.

O delfim correu para ele, dizendo:

– É o meu bom Cléry.

Infelizmente, Cléry só podia dizer algumas palavras reservadas. Os membros da municipalidade tinham entrado com ele no quarto.

A rainha porém não pôde conter-se e dirigindo-se directamente a eles, disse:

– Oh! Senhores, seja-nos concedido o favor de estarmos todos os dias com el-rei, quando mais não seja, só por alguns instantes.

As outras senhoras não falavam, mas punham as mãos.

– Senhores – disse o delfim – deixem tornar para aqui o meu pai, e eu pedirei a Deus pelos senhores.

Os membros olhavam uns para os outros sem responderem. Este silêncio arrancava suspiros e ais dos peitos das senhoras.

– Oh! – dizia aquele que tinha falado ao rei – por minha vida, ao menos hoje ainda hão-de jantar juntos.

– E amanhã? – perguntou a rainha.

– Senhora – respondeu o membro da municipalidade – a nossa conduta é subordinada às ordens da Comuna. Amanhã havemos de fazer o que a Comuna nos ordenar.

Depois, voltando-se para os seus colegas, perguntou:

– São desta opinião, cidadãos?

Estes fizeram com a cabeça um sinal de adesão.

A rainha e as princesas, que esperavam este sinal com ansiedade, deram um grito de alegria.

Maria Antonieta pegou nos filhos e apertou-os contra o coração.

A princesa Isabel, levantando as mãos ao Céu, deu graças a Deus.

Esta alegria por muito inesperada arrancava pranto e suspiros como se fosse uma dor.

Um dos membros da municipalidade não pôde conter as lágrimas.

Simão, que estava presente, disse:

– Parece-me que os diabos das mulheres são capazes de me fazer chorar.

Depois, dirigindo-se à rainha, disse:

– Não chorava assim, quando mandou assassinar o povo no dia 10 de Agosto.

– Ah! Senhor – respondeu Maria Antonieta – o povo está muito enganado a respeito dos nossos sentimentos. Se nos conhecesse melhor, decerto faria como aquele senhor, choraria por nós.

Cléry pegou nos livros, que o rei pedia, e saiu. Tinha pressa de dar a boa notícia ao amo; mas os membros da municipalidade também tinham pressa.

O jantar foi servido no quarto do rei. Toda a família real para lá foi levada. Foi um jantar de festa. Julgavam ter conseguido muito por conseguirem mais um dia.

Com efeito, tinham conseguido muito, porque nunca mais se tornou a falar na ordem da Comuna, e o rei continuou, como dantes, a ver a sua família durante o dia e a comer na companhia dela.

XIII

Mestre Gamain reaparece

Na mesma manhã do dia em que estas coisas se passavam no Templo, um homem que trajava carmanhola e barrete vermelho e andava encostado a uma muleta, apresentou-se ao ministro do interior.

Roland, por muito acessível que fosse, era obrigado a ter, como se fosse ministro de uma monarquia, em lugar de ser ministro de uma república, porteiros na sua ante-sala.

O homem da mula, da carmanhola e do barrete vermelho, foi pois obrigado a parar na ante-sala do porteiro, que lhe fechava a passagem, dizendo:

– Que pretende, cidadão?

– Desejo falar ao cidadão ministro – respondeu o homem da mula.

Havia quinze dias que os títulos de cidadão e cidadã, tinham substituído o tratamento de senhor e senhora.

Os porteiros sempre são porteiros, isto é, personagens muito tolos, insolentes e pretensiosos; falamos, bem entendido, dos porteiros dos ministérios.

O porteiro respondeu em tom protector:

– Meu amigo, saiba uma coisa, e é que não se fala assim ao cidadão ministro.

– Mas então como se fala ao cidadão ministro, cidadão porteiro? – perguntou o homem da mula.

– Oh! Fala-se-lhe quando se tem um bilhete de audiência.

– Julgava que isso sucedia, como se diz, na época do tirano, mas no tempo da república, num tempo em que todos os homens são iguais, isso cheira-me um tanto a aristocracia.

Esta observação fez reflectir o porteiro.

– E não é muito agradável – continuou o homem da mula – vir de Versalhes para prestar serviço ao ministro e não ser recebido por ele.

– Então vem prestar serviço ao cidadão Roland?

– Venho sim.

– Mas que género de serviço vem prestar-lhe?

– Venho denunciar-lhe uma conspiração.

– Bem; é coisa de que temos sempre por cá abundância.

– Ah!

– Vem pois de Versalhes para isso?

– Venho sim.

– Pois pode voltar para Versalhes.

– Pois voltarei, mas o seu ministro há-de arrepender-se de não me ter recebido.

– É a ordem que tenho. Escreva-lhe e volte com uma ordem de audiência. Assim pode a coisa arranjar-se.

– É a sua última palavra?

– Sim, cidadão.

– Parece que é mais difícil ser admitido à presença do cidadão Roland, do que obter audiência de sua majestade Luís XVI.

– Que diz?

– O que disse está dito.

– Vejamos, o que diz?

– Digo que houve um tempo em que eu entrava nas Tulherias quando queria.

– Como?

– E bastava para isso dizer o meu nome.

– Então como se chama? É o rei Frederico Guilherme, ou o imperador Francisco?

– Não; não sou um tirano, um negociante de escravos, um aristocrata; sou simplesmente Nicolau Cláudio Gamain mestre dos mestres.

– Mestre de quê?

– De serralharia. Não conhece Nicolau Cláudio Gamain, antigo mestre serralheiro do Sr. Capeto?

– Como, o cidadão, é que é...

– Nicolau Cláudio Gamain.

– Serralheiro do ex-rei Luís?

– Isto é, mestre de serralharia do rei, entenda bem, cidadão.

– Era isso o que eu queria dizer.

– Pois sou eu em carne e osso.

O porteiro olhou então para os camaradas como para os interrogar.

Estes responderam com um gesto afirmativo.

– Então – disse o porteiro – isso é outra coisa.

– O que é que entende por outra coisa?

– Entendo que vai escrever o seu nome num bocado de papel, e que vou levá-lo imediatamente ao cidadão ministro.

– Escrever, escrever, já não era o meu forte antes dos patifes me envenenarem. Agora porém ainda é pior. Veja em que estado me pôs o arsénico.

E Gamain mostrou as pernas torcidas, a espinha vertebral desviada, e a mão contraída como uma garra.

– Como! Foram eles que o puseram nesse estado? Pobre homem.

– Eles mesmos; venho denunciar isso ao ministro, assim como outras coisas mais. Como dizem que se vai fazer o processo daquele patife, o que tenho a dizer talvez seja útil à nação, nas circunstâncias em que se acha.

– Pois bem, assente-se e espere, cidadão; vou dizer o seu nome ao cidadão ministro.

E o porteiro escreveu num bocado de papel:

“Cláudio Nicolau Gamain, antigo mestre serralheiro do rei, pede ao cidadão ministro uma audiência para lhe fazer uma revelação importante”.

Depois entregou o papel a um dos seus camaradas, cuja posição especial era anunciar quem vinha.

Passados cinco minutos, voltou o outro porteiro, dizendo:

– Venha comigo, cidadão.

Gamain fez um esforço, que lhe arrancou um grito de dor, levantou-se e seguiu o porteiro.

O porteiro conduziu Gamain, não ao gabinete oficial do ministro, do cidadão Roland, mas ao gabinete do ministro verdadeiro, a cidadã Roland.

Roland estava em pé encostado à chaminé.

O porteiro anunciou o cidadão Nicolau Cláudio Gamain.

Este apareceu à porta.

O mestre serralheiro nunca tivera, mesmo no tempo da sua melhor saúde e mais elevada fortuna, um físico muito vantajoso.

Mas a doença, de que era vítima, e que era um reumatismo articular, torcendo-lhe os membros e desfigurando-lhe o rosto, nada tinha ajuntado à beleza da sua fisionomia.

O resultado foi que nunca homem honrado e, – importa dizê-lo, ninguém melhor do que o ministro Roland merecia o título de homem honrado – dizemos pois que disso resultava nunca se ter achado um homem honrado de rosto perfeito e tranqüilo em presença de um patife mais vil e imundo.

Por conseqüência o primeiro sentimento do ministro foi uma profunda repugnância.

Mediu o cidadão Gamain da cabeça aos pés, e vendo que ele tremia encostado à muleta, um sentimento de piedade para com os seus semelhantes, supondo todavia que o cidadão Gamain fosse semelhante do cidadão Roland, um sentimento de compaixão fez com que as primeiras palavras que o ministro dirigiu ao serralheiro fossem:

– Assente-se, cidadão, parece-me estar incomodado.

– Oh! Muito – respondeu Gamain assentando-se. – Estou assim desde que a *Austríaca* me envenenou.

A estas palavras um sentimento de profunda repugnância contraiu o rosto do ministro, que trocou um olhar de indefinível expressão com a Sr^a. Roland, metida no vão da janela.

– E foi para denunciar esse envenenamento que veio aqui? – perguntou o ministro.

– Para lhe denunciar isso e mais alguma coisa.

– E traz a prova das suas denúncias?

– Ah! Quanto a isso, bastará vir comigo às Tulherias, que lá lhe mostrarei o armário.

– Que armário?

– O armário onde o patife escondia o seu tesouro. Oh! Eu devia ter desconfiado disso, quando, acabado o trabalho, a *Austríaca* com a sua voz melíflua me disse: “Aqui tens, Gamain, estás suado, e isto há-de fazer-te bem”. Eu devia ter desconfiado que o vinho tinha veneno.

– Veneno!

– Sim – respondeu Gamain com expressão de profundo ódio – porque os homens que ajudam os reis a esconder os seus tesouros não vivem muito tempo.

Roland aproximou-se de sua mulher e interrogou-a com os olhos.

– Isto tem algum fundamento – disse ela. Agora é que me recordo do nome deste homem: era o serralheiro predilecto do rei.

– E o tal armário?

– Quanto a isso pergunte-o a ele.

– A respeito do tal armário? – replicou Gamain, que tinha ouvido. Ah! eu vou dizer-lhes o que é. É um armário de ferro fechado com uma fechadura de segredo, e no qual estão escondidos os papéis e o ouro do cidadão Capeto.

– E como conhece a existência desse armário? – perguntou Roland com curiosidade.

– Porque ele me mandou buscar e ao meu companheiro a Versalhes, para fazer servir uma fechadura, que ele tinha feito, mas que não estava capaz.

– Mas esse armário sem dúvida foi arrombado e roubado no dia 10 de Agosto?

– Oh! – disse Gamain – não corria esse perigo.

– Como, não corria esse perigo?!

– Não; desafio a quem quer que seja, a não ser ele ou eu para que o ache, e principalmente para que o abra.

– Está certo disso?

– Certo e certíssimo: está tal qual, como na hora em que saí das Tulherias.

– E em que época ajudou o rei Luís XVI a fechar o tal armário?

– Não o posso dizer precisamente, mas foi três ou quatro meses antes da partida de Varennes.

– E como foi a coisa? Vamos, meu amigo, desculpe-me, o caso parece-me tão extraordinário, que merece que eu saiba todos os pormenores antes de proceder à investigação do tal armário.

– Oh! Os pormenores são fáceis de dar, cidadão ministro: O Capeto mandou-me buscar a Versalhes; minha mulher não queria deixar-me sair, a pobre mulher tinha um pressentimento. Ela dizia-me: “O rei está em má posição, vais comprometer-te por sua causa”. Mas eu respondi-lhe: “Visto mandar-me procurar para negócios do meu ofício, e como é meu discípulo, devo ir”. “Bom – respondeu ela – olha que neste negócio anda política; não tem o rei mais nada que fazer neste momento senão fechaduras”.

– Seja breve, meu amigo – disse Roland. De sorte que apesar da opinião de sua mulher?...

– Oh! Melhor teria feito se lhe desse ouvidos, porque decerto não estaria no estado em que estou; mas hão-de pagar-mo.

– Então...

– Ah! Sim, tornemos ao armário.

– Sim, meu amigo, e nada de episódios, todo o meu tempo pertence à república, e o tempo é curto.

– Então ele mostrou-me a fechadura de um cofre, que tinha feito, mas que não estava capaz, porque, se estivesse, não me teria mandado chamar, o traidor.

– E mostrou-lhe uma fechadura, que não servia? – replicou o ministro, insistindo para manter Gamain na questão.

– Ele perguntou-me:

“–Porque não anda ela, Gamain?”

– Respondi-lhe: “Senhor, é preciso que eu veja a fechadura.”

– Ele disse: “Tens razão”.

– Então examinei a fechadura, e disse-lhe:

“– Sabe por que não anda?”

“– Não – respondeu ele – e foi para mo dizeres que te mandei chamar”.

– Pois bem, ela não servia. Siga bem o meu raciocínio, porque, não sendo tão forte em serralharia como o rei, talvez não lhe seja possível compreender-me, e primeiramente é preciso que lhe diga que diferença há entre uma fechadura de cofre e uma fechadura, por exemplo, de porta.

– Isso para mim é o mesmo – respondeu Roland; – como disse, não sou tão forte em serralharia como o rei, e não conheço a diferença que há entre as diversas fechaduras.

– A diferença eu lha vou fazer tocar com o dedo.

– Não é preciso.

– A razão por que a fechadura não fechava! Quer também que lho diga?

– Faça o que quiser – disse Roland, que começava a crer que o melhor era abandonar Gamain à sua prolixidade.

– Pois bem, não fechava porque a lingüeta da fechadura topava com uma mola de segredo, entende?

– Perfeitamente – disse Roland, que não percebia uma palavra.

“– Agora percebo – disse-me o rei. Então faze o que eu não soube fazer; não és tu o meu mestre?”

“– Oh! Senhor, não só sou o seu mestre, mas o mestre dos mestres”.

– E depois?

– Depois, atirei-me ao trabalho, enquanto o Sr. Capeto conversava com o meu rapaz, que sempre desconfiei ser um aristocrata disfarçado. No fim de dez minutos, estava a fechadura pronta. Então descí com a porta de ferro para o que era destinada a fechadura, e disse ao rei:

“– Está pronta, senhor.”

“– Então vem comigo, Gamain.”

Eu segui-o; ele conduziu-me primeiro ao seu quarto depois a um corredor escuro, que dava para a alcova do delfim. Ali era tão grande a escuridão, que teve de acender uma vela. Nessa ocasião, disse-me o rei:

“– Pega nesta luz, Gamain, e alumia-me.”

– Ele tomava a liberdade de me tratar por tu. Então levantou um pano do forro, atrás do qual havia um buraco, com dois pés e meio de diâmetro. Depois, como notasse o meu espanto, disse:

“– Fiz este segredo para guardar dinheiro; agora, Gamain, é preciso pôr-lhe esta porta de ferro para que destinei a fechadura.”

“– Isso não há-de levar muito tempo – respondi.”

– Pus a porta no seu lugar e empurrei-a, ela fechava-se por si. Depois caía o forro no seu lugar. E boas-noites, nada de armário.

– E julga, meu amigo – perguntou Roland – que o armário não tinha outro fim senão o de ser um cofre forte, e que o rei se tivesse dado a tanto trabalho só para esconder dinheiro?

– Espere: ele queria enganar-me; o tirano julgava-se mais fino do que eu. Eis o que se passou:

“– Ora vamos – disse o rei – ajuda-me a contar o dinheiro, que quero meter neste armário”.

E contámos dois milhões de luíses, que metemos em quatro sacos de couro; mas enquanto eu contava o dinheiro vi com o rabo do olho o escudeiro que trazia papéis e mais papéis.

– Que dizes a isto, Madalena? – perguntou Roland a sua mulher, chegando-se para ela de maneira que Gamain não o ouvisse.

– Digo que esta revelação é da mais alta importância, e que não se deve perder um só instante.

Roland tocou a campainha.

Apareceu o porteiro.

– A carruagem está pronta? – perguntou o ministro.

– Está sim, cidadão.

– Mande-a chegar.

Gamain levantou-se.

– Ah! – disse ele muito vexado; não me quer mais nada, cidadão?

– Porque me diz isso?

– Porque manda chegar a carruagem: pois os ministros no tempo da república ainda têm carruagem?

– Os ministros de todos os tempos hão-de ter carruagem: a carruagem para um ministro não é luxo, é economia.

– Economia de quê?

– Economia de tempo; da coisa mais cara e preciosa que há no mundo.

– Então quer que volte aqui?

– Para quê?

– Para quê? Para o conduzir onde está o armário e mostrar-lho.

– É escusado.

– Como! É escusado?

– Decerto, pois acabo de mandar chegar a carruagem para ir lá.

– Mas para ir aonde?

– Às Tulherias.

– Pois vamos lá?

– Já.

– Ainda bem.

– Mas a propósito – disse Roland.

– De quê?

– A chave?

– Que chave?

– A do armário; é provável que Luís XVI a não deixasse na porta.

– Decerto, pois não é tão estúpido como parece, o gordo Capeto.

– Então leve ferramenta.

– Para quê?

– Para abrir o armário.

Gamain tirou da algibeira uma chave nova.

– E então que é isto? – perguntou ele.

– Uma chave.

– A chave do armário, que fiz de cor; tinha-a estudado bem, desconfiando que um dia me seria precisa, o que não me enganei.

– Este homem é um grande miserável – disse a Sr^a. Roland ao marido.

– Julgas pois... – disse este com hesitação.

– Julgo que não temos direito na nossa posição, de recusar qualquer informação, que a fortuna nos envie para chegar ao conhecimento da verdade.

– Aqui está, aqui está – dizia Gamain mostrando a chave.

– E julga – disse Roland com repugnância que lhe não era possível encobrir – que essa chave, feita de memória, depois de passados dezoito meses, abrirá o armário?

– Sim, cidadão, e sem dificuldade, assim o espero. Para que sou eu o mestre dos mestres?

– A carruagem do cidadão ministro está à porta – disse o porteiro.

– Queres que vá contigo? – perguntou a Sr^a. Roland.

– Decerto, se houver papéis, a ti é que os hei-de confiar. Não és tu a pessoa mais honrada que conheço?

Depois voltando-se para Gamain, disse:

– Venha.

Gamain seguiu resmungando:

– Não te tinha eu jurado que mo havias de pagar, meu Capeto!
– Pagar o quê?
O bem que o rei lhe tinha feito.

XIV

A retirada dos prussianos

Enquanto a carruagem do cidadão Roland roda para as Tulherias; enquanto Gamain acha o armário oculto; enquanto, conforme a promessa que tinha feito, a chave que fizera de memória abre com maravilhosa facilidade o armário de ferro; enquanto o armário de ferro patenteia o depósito fatal, que lhe fora confiado, e que, apesar dos papéis entregues pelo rei à Sr^a. Campan, havia de ter cruel influência sobre os destinos dos presos do Templo; enquanto o ministro Roland leva esses papéis para casa, os lê um por um, procurando em todos eles uma prova da venalidade, tão denunciada por Danton, vejamos o que faz o antigo ministro da justiça.

Dizemos o antigo ministro da justiça, porque a primeira coisa que Danton fez nos Jacobinos, o primeiro acto com que ele se estreou na Convenção, foi pedir a demissão.

Tinha subido à tribuna e dissera:

“Antes de exprimir a minha opinião sobre o primeiro decreto, que a Convenção deve promulgar, seja-me permitido resignar no seu seio as funções que me tinham sido confiadas pela Assembléia legislativa. Recebi-as ao som do canhão. Agora está feita a junção dos exércitos, está operada a junção dos representantes, não sou mais do que mandatário do povo e é nesta qualidade que vou falar”.

Danton poderia juntar a estas palavras: “A junção dos exércitos está feita, e os prussianos foram batidos”, porque estas palavras foram pronunciadas a 21 de Setembro, e a 20, isto é, na véspera, verificara-se a batalha de Valmy.

Mas Danton não o sabia.

Contentou-se pois em dizer:

“Desfaçamos estes vãos fantasmas de ditadores, com que quiseram afrontar o povo: declaremos que não há constituição – senão a que por ele foi aceita. Até hoje tem sido agitado, era preciso despertá-lo contra os tiranos; agora que as leis sejam tão terríveis contra aqueles que as violaram, quanto foi o povo aniquilando a tirania! Que eles castiguem todos os culpados! Abjuremos toda e qualquer exageração, declaremos que a propriedade territorial e industrial será eternamente mantida”.

Danton, com a habilidade ordinária, respondia em duas linhas aos dois grandes receios da França.

A França receava pela sua liberdade e pela sua propriedade.

E coisa singular, quem mais receava pela propriedade eram os novos proprietários.

Eram aqueles que tinham comprado na véspera e que ainda deviam metade da sua aquisição.

Eram estes que se haviam tornado conservadores, muito mais do que os antigos nobres, do que os antigos aristocratas, do que os antigos proprietários, pois estes preferiam a sua vida aos seus imensos domínios, e a prova é que tinham abandonado principalmente todos os bens para salvarem a vida, ao passo que os compradores de bens nacionais, os proprietários da véspera preferiam à vida um pequeno canto de terra, defendiam-na com a espingarda na mão, e não havia nada no mundo que os fizesse emigrar.

Um dia, nos Jacobinos, Chalot soltara uma palavra imprudente, que não tinha escapado aos proprietários. Tinha dito que se Marat não aconselhava a divisão da propriedade, é porque não julgava os homens assaz virtuosos.

Era preciso fazer esquecer essa impressão, riscar aquela imprudência; tranquilizar não só os que eram proprietários da véspera, mas também os que iam sê-lo no dia seguinte.

Porque o grande pensamento da revolução era este:

É mister que todos os franceses sejam proprietários; a propriedade nem sempre torna o homem melhor, mas torna-o mais digno, dando-lhe o sentimento da independência.

Portanto, todo o génio da revolução resumia-se nestas palavras de Danton:

“Abolição de toda a ditadura”;

“Conservação de toda a propriedade”;

Como ponto de partida:

O homem tem direito de se governar a si mesmo.

Conclusão:

O homem tem direito de conservar o fruto da sua livre actividade.

E quem vinha dizer isto?

O homem do 20 de Junho, do 10 de Agosto, do 2 de Setembro, isto é, o gigante da tempestade e da destruição.

O gigante fazia-se piloto e deitava ao mar estas duas âncoras de salvação das nações:

A liberdade e a propriedade.

A Gironda porém não o compreendeu; a Gironda tinha invencível repugnância pelo... como diremos? – pelo fácil Danton.

Vimos que lhe recusou a ditadura, quando ele a pedia para evitar a carnificina.

Levantou-se pois um girondino, e em vez de aplaudir o homem de génio, que acabava de formular os dois grandes receios da França e de a tranquilizar, formulando-os, gritou a Danton:

– Todo aquele que tentar consagrar a propriedade, compromete-a; até o tocar-lhe para a tornar firme é abalá-la. Portanto a propriedade é anterior a todas as leis.

A Convenção elaborou estes dois decretos:

“Não pode haver outra Constituição, senão a adoptada pelo povo.”

“A segurança das pessoas e das propriedades está sob a salvaguarda da nação.”

Isto era e não era assim.

Não há nada mais terrível em política do que o quase.

A demissão de Danton foi aceita.

O homem que se julgava assaz forte para tomar a responsabilidade dos actos de Setembro, isto é, o terror de Paris, o ódio do povo das províncias, a execração do mundo, era um homem decerto bem poderoso.

Efectivamente dirigia-se ao mesmo tempo os fios da diplomacia, da guerra e da paz.

Dumouriez, e por consequência o exército, estava nas suas mãos.

A notícia da história de Valmy chegou a Paris, e causou grande alegria. Chegara ali nas asas da águia, e por consequência era considerada mais definitiva do que na realidade era.

Daqui resultava que um receio supremo, a França passava a uma suprema audácia.

Os clubes só respiravam guerras e batalhas.

Visto ter sido vencido o rei da Prússia, porque não estava ele preso, amarrado, ou pelo menos na outra margem do Reno?

Eis o que todos diziam em voz alta.

E em voz baixa:

É muito simples, Dumouriez é um traidor; está vendido aos prussianos.

Dumouriez já recebia uma recompensa de um grande serviço feito à ingratidão.

O rei da Prússia porém não se considerava batido.

Tinha atacado as alturas de Valmy e não as pudera tomar; eis tudo.

Cada exército conservou o seu campo.

Os franceses, que desde o começo da campanha constantemente tinham retirado, perseguidos por pânicos, por derrotas e reveses, tinham feito frente ao inimigo: nada mais.

A perda de homens fora quase igual.

Eis o que se não podia dizer à França, a Paris, à Europa, pela necessidade que os franceses tinham de uma grande vitória; mas eis o que Dumouriez mandava dizer a Danton por Westermann.

Os prussianos não tinham sido batidos, nem tão-pouco tinham retirado; tanto que doze dias depois de Valmy, ainda estavam nos mesmos acampamentos.

Dumouriez tinha escrito para saber se devia aceitar algumas propostas do rei da Prússia, no caso dele as apresentar.

Esta pergunta teve duas respostas.

Uma do ministério, soberba, oficial, ditada pelo entusiasmo da vitória.

Outra prudente e tranqüila, mas dada só por Danton.

A carta do ministério era altiva.

Dizia:

“A república não trata com o inimigo senão depois de ter evacuado o seu território”.

A de Danton dizia:

“Contanto que os prussianos evacuem o território, negociai com eles seja por que preço for”.

Negociar não era coisa fácil na disposição de espírito em que se achava o rei da Prússia: quase ao mesmo tempo em que chegava a Paris a notícia da vitória, chegava a Valmy a notícia da abolição da realeza e da proclamação da república.

O rei da Prússia estava furioso.

Aquela invasão, feita com o fim de salvar o rei da França e que até ali só tivera como resultado o 10 de Agosto, o 2 e o 21 de Setembro, isto é o cativo do rei, a carnificina dos nobres e a abolição da realeza, tinha feito entrar Frederico Guilherme nos seus acessos do mais sombrio furor.

Queria combater, custasse o que custasse, e tinha dado ordem, para se travar uma batalha decisiva no dia 29 de Setembro.

Como se vê estava longe de abandonar o território da república.

A 29, em lugar do combate, houve um conselho.

Demais Dumouriez estava pronto para tudo.

Brunswick, muito forte em palavras, era muito prudente quando se tratava de lhe substituir os factos; Brunswick ainda era mais inglês do que alemão, tinha casado com uma irmã da rainha de Inglaterra, e por isso tanto recebia inspirações de Berlim, como de Londres.

Se a Inglaterra o decidisse a bater-se, batia-se com os dois braços, um pela Prússia, outro pela Inglaterra.

Mas, se os ingleses, meus senhores, não desembainhassem a espada, estava ele pronto a embainhar a sua.

Ora a 29, Brunswick apresentou no conselho cartas de Inglaterra e da Holanda, que mostravam que estas potências recusavam unir-se à coalizão.

Além disso, Custine marchava sobre o Reno e ameaçava Coblenz; e tomada Coblenz, a porta para tornar a entrar na Prússia estava fechada ao rei.

Depois, havia uma coisa mais grave, mais séria do que tudo isto; por acaso este rei da Prússia tinha ali uma amante, a condessa de Lichenau.

Ela tinha seguido o exército como todos os outros, como Goethe, que esboçava no carro de sua majestade prussiana as primeiras cenas do Fausto; a condessa contava com um famoso passeio militar, e queria ver Paris.

Em Spa teve ela conhecimento da batalha de Valmy, e dos perigos que correra o seu real amante.

A bela condessa receava soberanamente duas coisas: as balas dos franceses e os sorrisos das francesas.

Escreveu cartas sobre cartas, e o post-scriptum destas cartas, isto é, o resumo do pensamento daquela que as escrevia, era a palavra: *Volta!*

O rei da Prússia na realidade só era retido pela vergonha de abandonar Luís XVI.

Todas estas considerações operaram sobre ele, porém as mais importantes foram as lágrimas da bela condessa e o perigo que corria Coblenz.

Todavia, não deixou de insistir para que soltassem Luís XVI; Danton deu-se pressa em lhe enviar todas as ordens da Comuna, mostrando que o preso estava rodeado de bons tratamentos.

Isto bastou ao rei da Prússia, que como se vê, não era difícil de contentar.

Os amigos do rei da Prússia afirmam que antes de se retirar fez com que Dumouriez e Danton lhe dessem a sua palavra de salvarem o rei.

Não há nada que prove esta asserção.

A 29 de Setembro o exército prussiano operou a sua retirada e andou uma légua.

A 30 outra légua.

O exército francês escoltava-o como para lhe fazer as honras do país, acompanhando-o.

Todas as vezes que os soldados franceses queriam atacar, os homens de Danton tratavam de os puxar para trás.

Que saíssem de França era tudo o que Danton queria.

A 29 de Outubro estava satisfeito este patriótico desejo.

A 6 de Novembro o canhão de Jammapes anunciava o juízo de Deus sobre a revolução francesa.

A 7 abria a Gironda o processo do rei.

Uma coisa quase semelhante tinha-se passado seis semanas antes.

A 20 de Setembro tinha ganho Dumouriez a batalha de Valmy.

A 21 era proclamada a república.

Cada vitória tinha sido coroada, e fazia dar à França mais um passo no caminho da revolução.

Desta vez era o passo mais terrível. Aproximavam-se do fim ignorado ainda, tendo, durante três anos, caminhado às escuras.

Que viam no horizonte? Um cadafalso. E ao pé dele? Um rei.

Naquela época toda material, e em que os interesses superiores do ódio e da destruição suplantavam as idéias elevadas de alguns espíritos superiores, em que um homem como Danton, isto é, que tomava sobre si os ensangüentados dias de Setembro, era acusado de ser o chefe dos indulgentes, era muito difícil que a idéia prevalecesse sobre o facto.

Ora, eis o que não compreenderam os homens da Convenção, ou que só compreenderam certos homens, uns claramente, outros por instinto.

O que se devia fazer era o processo da realeza e não o do rei.

A realeza era uma abstracção sombria; um mistério ameaçador, em que ninguém cria: um ídolo dourado por fora: um desses níveis sepulcros, de que fala Cristo, e que são por dentro cheios de vermes e de podridão.

Mas o rei era outra coisa. Era um homem pouco interessante nos dias da prosperidade, mas que tinha engrandecido nos dias de cativo. A sua sensibilidade tinha-se desenvolvido com as desgraças que o feriam, e até sobre a rainha o prestígio da adversidade tornara-se tal, que, ou fosse nova intuição, ou fosse arrependimento, a prisioneira do Templo chegara, não a amar – aquele pobre coração torturado devia ter perdido quanto contivera de amor, como vaso rachado que a pouco e pouco perde o líquido que contém; – mas a adorar, a venerar, no sentido religioso da palavra, aquele rei, aquele príncipe, aquele homem, cujos apetites materiais, cujos instintos inferiores, tantas vezes lhe tinham feito subir o sangue ao rosto.

Um dia, entrando o rei no quarto da rainha, achou-a a lavar o quarto do delfim que estava doente.

Parou à porta, deixou pender a cabeça para o peito e disse suspirando:

– Oh! Senhora! Que trabalho para uma rainha de França! Oh! Se em Viena vissem o que está fazendo! Oh! Quem diria que unindo a minha sorte com a sua, a faria descer tão baixo?

– E não tem em nenhuma conta – respondeu Maria Antonieta – a glória de ser a mulher do melhor e do mais perseguido dos homens?

Eis o que respondia a rainha, isto sem testemunhas, julgando não ser ouvida de um pobre escudeiro, que seguia o rei, e que, semelhante a pérolas pretas, guardava estas palavras para fazer um diadema, não para a cabeça do rei, mas para a cabeça do condenado.

Outro dia, encontrando o rei sua irmã a princesa Isabel, que, por não ter tesoura, cortava com os dentes a linha de um vestido da rainha, que estava cosendo, disse-lhe:

– Ai, minha irmã, que contraste com a linda casa de Montreuil, onde não lhe faltava nada!

– Ai, meu irmão – respondeu a santa princesa – acaso posso lastimar alguma coisa, quando, compartilho as suas desgraças?

E tudo isto era conhecido, tudo isto se espalhava, tudo isto bordava de arabescos a sombria lenda do mártir.

A realeza, ferida de morte, mas o rei conservado vivo, era um pensamento grande e potente, que só entrou na cabeça de poucos homens, e que não se atreveram, tão impopular era, a exprimi-lo.

– Este povo precisa que o salvem – diz Danton nas Carmelitas – mas não carece que o vinguem.

– Sem dúvida, é preciso julgar o rei – diz Gregório à Convenção, mas ele tem feito tanto para ser desprezado, que não há lugar para o ódio.

Paygne escreveu:

“Quero que se faça o processo, não de Luís XVI, mas de todos os reis. Desses indivíduos temos um em nosso poder, ele nos esclarecerá sobre a conspiração geral. Há também fortes prevenções contra o Sr. Guebfe, eleitor do Hanover, na sua qualidade de rei de Inglaterra; se o processo geral da realeza demonstrar que ele compra os alemães, paga com dinheiro inglês ao Landgrave de Hesse o execrando traficante de carne humana, será uma justiça para com a Inglaterra estabelecer bem esse facto. A França, tornada republicana, tem interesse em tornar universal a revolução. Luís XVI é muito útil para demonstrar a todos a necessidade das revoluções”.

Por consequência, os espíritos elevados, Thomas Paygne, e os grandes corações, Danton e Gregório, estavam de acordo neste ponto.

Não se devia pois fazer o processo do rei, mas sim o dos reis, e sendo necessário, chamar como testemunha para esse processo Luís XVI.

A França republicana, isto é maior, devia proceder em seu nome e em nome dos menores, isto é, dos povos submetidos à realeza.

Então a França não julgaria como juiz terrestre, seria um juiz divino, pairaria nas esferas superiores, e a sua palavra não subiria até ao trono como um salpico de lama e de sangue, cairia como um raio sobre os reis.

Suponde este processo público, apoiado por provas, começando por Catarina II, assassina do marido e verdugo da Polónia;

Suponde as particularidades daquela vida monstruosa, posta a público como o cadáver da princesa de Lamballe, e isto em vida;

Vede a Pasifaa do norte amarrada ao pelourinho da opinião pública, e dissei se semelhante processo não seria de grande instrução para os povos.

Que afinal o que há de bom no que se não fez, é poder-se fazê-lo ainda.

O processo

Os papéis do armário de ferro, entregues por Gamain, a quem a Convenção concedeu uma pensão de 1.200 libras por esta bela acção, que morreu cheio de reumatismo e pungido de dores, que cem vezes lhe fizeram lastimar a guilhotina, a que tinha ajudado a subir o seu real discípulo, o armário de ferro, com grande despeito do Sr. e da Sr^a. Roland, nada continha contra Dumouriez nem contra Danton.

Só comprometia o rei e os padres.

Denunciava o limitado e ingrato espírito de Luís XVI, que só odiava os que o tinham querido salvar.

Necker, Lafayette, Mirabeau!

Também não continha nada contra a Gironda.

A discussão sobre o processo começou a 13 de Novembro.

Quem abriu essa discussão terrível? Quem se fez porta-machado da montanha? Quem adejou por cima da sombria Assembléia como Anjo do extermínio? Quem se arrojou a tal?

Foi um mancebo que a 20 de Julho de 1792, isto é, quatro meses antes, escrevia a um seu amigo esta singular carta:

Meu caro Dubigny:

Depois que estou em Paris ardo numa febre republicana, que me devora e consome: envio pelo mesmo correio a sua irmã uma carta; é uma desgraça não poder ficar em Paris, pois me sinto fadado para as idéias do século; companheiro de glória e de liberdade, pregue nas suas secções que o perigo o inflama, vá visitar Camilo Desmoulins, abrace-o da minha parte, mas diga-lhe que nunca mais me tornará a ver, diga-lhe que estimo o seu patriotismo, mas que o desprezo a ele, porque lhe penetrei na alma e percebi que desconfiou de mim entretanto, peça-lhe que não abandone a boa causa e recomende-lhe isto bem, pois ainda não tem a audácia da virtude. Adeus. Sou superior à desgraça, tudo suportarei, mas hei-de dizer a verdade; são todos uns fracos, que nunca souberam apreciar-me; a minha palma há-de florescer e há-de obscurecê-los, infames! Sou um maroto, um celerado, porque não tenho dinheiro para lhes dar; arranquem-me o coração e comam-no, tornar-se-ão o que não são: Grandes! Ó Deus! Será preciso que Bruto feneça esquecido longe de Roma! Entretanto, o meu partido está tomado: se Bruto não matar outros, matar-se-á a si.

Adeus.

Mas quem era este rapaz que se apelidava Bruto?

Um mancebo de vinte e quatro anos enviado à Convenção antes da idade requerida.

Nascera numa das partes mais selvagens da França, em Nièvre; havia nele a seiva áspera e amarga, que faz, senão os grandes homens, pelo menos, os homens perigosos; era filho de um pobre soldado que em consequência de trinta anos de serviço, fora elevado à Cruz de S. Luís, enobrecido como tal com o título de cavaleiro; era por natureza triste e grave; a sua família tinha poucos bens no departamento de Aisne, em Blérancourt, e habitava uma modesta casa que estava longe da mediocridade dourada de Horácio.

Enviado a Reims para estudar direito, foi mau estudante, e mau poeta; fez um poema à maneira do *Orlando Furioso*, e da *Donzela*, intitulado o *Organt*. Publicado sem sucesso em 1789, foi o poema reimpresso em 1792, porém da mesma maneira sem sucesso.

Tinha pressa em sair da sua província, como se pode ver pela carta, que citámos. Foi procurar Camilo Desmoulins, o célebre jornalista, que tinha na sua mão os futuros poetas desconhecidos.

Este homem de espírito, de brio e desenvolto, viu uma manhã entrar em sua casa um estudante soberbo, pedante, cheio de pretensões, de palavras lentas e graduadas, caindo a uma e uma como as gotas de água que passam por uma rocha; quanto ao rosto, tinha olhos azuis, e a tez branca e pálida: a sua estada em Reims talvez tivesse dado ao estudante em direito a escrofulosa doença, que os reis tinham pretensão de curar em Reims, no dia da sagração; a barba ficava-lhe perdida no meio de uma enorme gravata, apertada, quando todos a traziam larga e flutuante, como para dar ao carrasco a facilidade de a desatar, a figura era ridícula, automática e parecendo uma máquina, se não se tornasse terrível como um espectro, e tudo isto coroado com uma testa tão estreita que os cabelos quase lhe nasciam ao pé dos olhos.

Camilo Desmoulins viu pois uma manhã entrar em sua casa esta esquisita figura, que logo se lhe tornou antipática.

O mancebo leu-lhe os versos, e entre outros pensamentos sociais, disse-lhe que o mundo estava vazio desde o tempo dos romanos.

Os versos pareceram-lhe maus, o pensamento falso, e zombou do poeta, e o poeta filósofo, teve de retirar-se à sua solidão de Blérancourt, *batendo à Tarquínio* – diz Michelet, o grande retratista desta espécie de homens – *as papoulas com uma chibata, vendo talvez numa Desmoulins, noutra Danton.*

Mas chegou-lhe a vez; a vez nunca falta a certos homens.

A sua idéia, o seu burgo, a sua pequena cidade estava muito ameaçada de perder um mercado com o qual ganhava muito.

O mancebo, apesar de não conhecer Robespierre, escreveu-lhe pedindo que apoiasse a reclamação comunal, que lhe remetia, oferecendo ao mesmo tempo para poder ser vendida toda a sua pequena fortuna. O que fazia rir Camilo Desmoulins, fazia pensar Robespierre; chamou para junto de si o jovem fanático, estudou-o e reconheceu-lhe a têmpera desses homens, com que se fazem as revoluções, e pela sua influência nos jacobinos fez com que fosse nomeado membro da Convenção, apesar de não ter a idade marcada na lei.

O presidente do corpo eleitoral, João de Brey, protestou, e com o protesto apresentou a certidão do baptismo.

Com efeito o rapaz só tinha vinte e quatro anos e três meses.

Mas a influência de Robespierre fez desaparecer esta reclamação.

Foi em casa desse rapaz que Robespierre passou a noite de 2 de Setembro.

Foi esse rapaz que dormiu, enquanto Robespierre não pregou olho.

Esse rapaz era Saint-Just.

– Saint-Just – dizia-lhe um dia Camilo Desmoulins – sabes o que Danton diz de ti?

– Não.

– Diz que trazes a cabeça como a de um Santo Sacramento.

Um pálido sorriso contraiu a boca feminina do moço.

– Bem – disse Saint-Just – e eu hei-de fazer-lhe trazer a dele como S. Dinis.

E cumpriu a palavra.

Saint-Just desceu lentamente do cume da montanha, subiu lentamente à tribuna e pediu a palavra.

Pediu – enganámo-nos – não pediu, ordenou a morte.

Foi atroz o discurso que pronunciou aquele rapaz pálido com lábios de mulher.

Assina-o quem quiser, imprima-o quem puder, que a nós falece-nos o ânimo.

– O rei não deve ser julgado demoradamente – disse ele – deve ser morto.

Deve ser morto, porque não há leis para o julgar; ele mesmo as destruiu. Deve ser morto, como um inimigo, pois que só os cidadãos são julgados; para julgar o tirano, seria preciso dar-lhe primeiro o foro de cidadão. Deve ser morto, como um criminoso, apanhado em flagrante delito, com a mão no sangue; demais, a realeza é um delito eterno; um rei está fora da natureza; entre o povo e o rei não há nenhuma relação natural.

E falou assim uma hora sem se animar, sem se esquentar, com voz e gestos de pedante, e rematando cada frase com estas palavras, que caíam com um peso singular, e que produziam nos ouvintes uma impressão igual à do ferro da guilhotina.

“Deve ser morto”.

O discurso produziu um efeito terrível; não houve um só juiz que não sentisse, ao ouvi-lo, penetrar-lhe até ao coração o frio do aço.

O próprio Robespierre se assustou ao ver o seu discípulo, o seu pupilo plantar, tanto além dos postos republicanos, os mais avançados, o sanguinolento estandarte da revolução.

Desde então, o processo não só foi decidido, mas Luís XVI foi condenado.

Quem tentasse salvar o rei expunha-se à morte.

Danton teve esta idéia, mas faltou-lhe o ânimo para a pôr em prática. Tivera bastante patriotismo para reclamar o nome de assassino não teve porém bastante estoicismo para aceitar o de traidor.

O processo começou a 11 de Dezembro.

A 7 tinha ido ao Templo um membro da municipalidade à frente de uma deputação para falar ao rei.

Aí leu aos presos uma sentença, que ordenava que lhes tirassem as facas, navalhas de barba, tesouras, canivetes, finalmente todos os instrumentos cortantes, que é costume tirar aos condenados.

Entretanto a mulher de Cléry foi vê-lo; levava na sua companhia uma amiga. Como de costume mandaram descer o escudeiro à casa do conselho. Ela fingiu que falava com o marido em negócios domésticos, mas enquanto falava em voz alta a amiga dizia em voz baixa:

– Terça-feira que vem é o rei levado à Convenção. Vai começar o processo. O rei poderá escolher advogados. Tudo isto é certo.

O rei tinha recomendado a Cléry que não lhe ocultasse nada. Por pior que fosse a notícia, o fiel servidor tomou a resolução de lha dizer. À noite, enquanto o despia, participou-lhe o que sabia.

Até ajuntou que enquanto durasse o processo tinha a Convenção decidido separá-lo da família.

Quatro dias restavam a Luís XVI para combinar com a rainha os meios de se corresponderem. Cléry oferecia-se a arriscar tudo para o conseguir.

O rei ia responder quando entrou o membro da municipalidade.

No dia seguinte, quando o rei se levantou, não teve Cléry tempo de continuar a conversação. O rei subiu com o filho para almoçar com as princesas, Cléry seguiu-os. Depois do almoço, conversou muito com a rainha, e um olhar doloroso desta indicou a Cléry do que se tratava.

O rei pôde ainda agradecer-lhe a fidelidade e dedicação.

– Continue – disse ele – a fazer a diligência para descobrir o que querem fazer de mim. Não receie afligir-me. Combinei com a minha família não nos darmos por sabedores do que se passa para o não comprometer.

Porém, quanto mais se aproximava o dia do processo, mais desconfiados se tornavam os membros da municipalidade, e Cléry não pôde dar aos presos outras notícias senão as que continha um jornal, que alcançou.

Este jornal continha o decreto que mandava comparecer o rei a 11 de Dezembro na sala da Convenção.

A 11 de Dezembro, logo às cinco horas da manhã, começaram a tocar os tambores em Paris.

As portas do Templo abriram-se para dar passagem à cavalaria e à artilharia. Se a família real ignorasse o que estava para acontecer, decerto se assustaria com esta bulha; todavia fingiu que não sabia, e pediu explicações aos comissários de serviço.

Estes negaram-se a dá-las.

Às nove horas, o rei e o delfim subiram ao quarto das princesas para almoçarem.

Passaram juntos mais uma hora, mas à vista dos membros da municipalidade. No fim de uma hora tiveram de se separar.

O delfim não sabia nada; tinham querido poupar-lhe esta dor. Adorava o pai, que se fizera criança, para ser seu companheiro nos brinquedos, e se tornara estudante, para ser professor. O menino insistiu nessa ocasião para jogar com o pai; este, apesar da sua crítica sorte, quis dar-lhe essa satisfação.

O delfim perdeu todas as partidas, e ficou três vezes no n.º 16.

– Maldito n.º 16! – exclamou ele – creio que me acarreta desgraça.

O rei nada respondeu, mas o facto impressionou-o como um funesto acontecimento.

Às onze horas, enquanto o rei ensinava o filho a ler, entraram dois membros da municipalidade, e disseram a sua majestade que iam buscar o delfim para o levar a sua mãe.

O rei quis saber os motivos desta espécie de rapto.

Os comissários contentaram-se com responder-lhe que executavam as ordens do conselho da Comuna.

O rei abraçou o filho e encarregou Cléry de o levar a sua mãe.

Cléry levou o menino e voltou.

– Onde deixou meu filho? – perguntou o rei.

– Nos braços da rainha – respondeu Cléry.

Neste momento entrou um dos comissários.

– Senhor – disse ele – o cidadão Chambon (era o sucessor de Pétion), *maire* de Paris está no conselho e não tarda aqui.

– Que me quer ele? – perguntou o rei.

– Não sei – respondeu o membro da municipalidade; – e saiu, deixando o rei só.

O rei passeou muito pelo quarto e depois assentou-se à cabeceira do leito. O membro da municipalidade estava com Cléry na casa próxima e dizia-lhe, talvez por ironia:

– Não me atrevo a entrar no quarto do preso com medo de que ele me interrogue.

Todavia era tal o silêncio, que reinava no quarto, que o comissário ficou com cuidado por não sentir o rei. Entrou brandamente e achou Luís XVI tapando a cara com as mãos e muito preocupado. Todavia, sentindo de repente abrir a porta, voltou-se e perguntou em voz alta:

– Que me quer?

– Receava – respondeu o membro da municipalidade – que estivesse incomodado.

– Muito obrigado – respondeu o rei; – não estou incomodado, mas sensibilizou-me em extremo a maneira por que me tiraram meu filho.

O membro da municipalidade retirou-se.

Já era uma hora, quando apareceu o *maire*. Ia acompanhado pelo novo procurador da Comuna, Chaumette, pelo secretário, Coulombeau, por muitos membros da municipalidade, por Santerre e pelos ajudantes de ordens deste.

O rei levantou-se.

– Que me quer, senhor? – perguntou ele dirigindo-se ao *maire*.

– Venho aqui – respondeu o *maire* – em virtude de um decreto da Convenção.

O secretário desenrolou o papel e leu:

“Decreto da Convenção Nacional, que ordena que Luís Capeto...”

A esta palavra o rei interrompeu-o, dizendo:

– Capeto não é o meu nome, mas sim de um dos meus antepassados.

Depois, como o comissário quisesse continuar a leitura, acrescentou:

– É inútil, senhor, pois já li o decreto num jornal.

Então voltando-se para o comissário, disse:

– Teria desejado, que os comissários me tivessem deixado meu filho durante as duas horas, que passei a esperá-los, tornando-me mais agradável o tempo que esperei. Não me admiro porém, este tratamento é a continuação do que recebo há quatro meses. Vou segui-lo, não por obedecer à Convenção, mas porque os meus inimigos dispõem da força.

– Então venha – disse Chambon.

– Só peço tempo para pôr um casaco, por cima deste fato; Cléry o meu casaco!

Cléry entregou ao rei o que ele pedia.

Chambon saiu adiante, o rei seguiu-o.

No fundo da escada o rei lançou um olhar inquieto para as espingardas, para as lanças e sobretudo para os cavaleiros azuis, cuja organização ignorava.

Depois lançou um último olhar para a torre e partiu.

Chovia.

O rei ia numa carruagem e parecia senhor de si.

Passando pelas portas de Sain-Martin, e pelas de Saint-Denis, perguntou qual delas tencionavam demolir.

Entrando nos Bernardos, Santerre pôs-lhe a mão no ombro e levou-o à barra, ao mesmo lugar, e à mesma cadeira, onde tinha jurado à Constituição.

Todos os deputados tinham ficado assentados no momento da entrada do rei.

Só um, quando o rei passava por defronte dele, se levantou e o cumprimentou.

O rei admirado voltou-se e conheceu Gilberto.

– Bons-dias, Sr. Gilberto – disse o rei.

Depois dirigindo-se a Santerre:

– Conhece o Sr. Gilberto? Noutro tempo foi o meu médico. Não lhe há-de querer mal por me ter cumprimentado, não é assim?

Procedeu-se ao interrogatório.

Ali o prestígio da desgraça começou a desaparecer diante da publicidade.

O rei não só respondeu às perguntas que lhe foram dirigidas, mas respondeu mal, hesitando, negando, chicanando, como poderia fazer um advogado de província advogando uma questão de serventia rural.

O rei não se dava bem com o aparato público.

O interrogatório durou até às cinco horas.

Às cinco horas foi o rei conduzido à sala das conferências, onde esperou pela carruagem.

O *maire* chegou-se ao rei, e perguntou:

– Quer tomar alguma coisa?

– Muito obrigado – disse o rei – não quero nada.

Mas pouco depois, vendo um granadeiro puxar por pão e dar metade dele a Chaumette, procurador da Comuna, aproximou-se deste e disse-lhe:

– Quer ter a bondade de me dar um bocado do seu pão?

Como falasse baixo, Chaumette recuou e disse-lhe:

– Fale em voz alta, senhor.

– Oh! Posso falar em voz alta – disse o rei com um sorriso triste – Peço um bocado de pão.

– Com todo o gosto – respondeu Chaumette.

E ofereceu-lhe o pão.

– Aqui tem, tire o que quiser, é um almoço de espartíata. Se tivesse uma raiz dar-lhe-ia metade.

Desceram ao pátio.

Os que ali estavam, vendo o rei, entoaram a canção da Marselhesa:

Q'un sang impur abreuve nos sillons!

Luís XVI empalideceu e entrou na carruagem.

E pôs-se a comer, mas só a côdea do pão. Ficava-lhe nas mãos o miolo e não sabia o que fazer dele.

– Ah! – disse o rei – é mal feito desperdiçar assim o pão, quando é tão raro.

– Como sabe que é raro, se nunca lhe falta? – perguntou Chaumette.

– Sei que é raro porque este que me deram cheira um pouco a terra.

– Minha avó – replicou Chaumette – costumava dizer: “Rapaz, não se deve perder uma migalha de pão, porque não és capaz de fazer nascer outra igual”.

– Sr. Chaumette – replicou o rei – segundo me parece, sua avó era uma mulher de juízo. Depois ambos se calaram.

Daí a pouco perguntou o rei:

– Que tem, senhor, está tão pálido?

– Efectivamente – respondeu Chaumette – não me sinto bem.

– Talvez que lhe cause enjôo o balanço da carruagem – observou o rei.

– Talvez.

– Nunca embarcou?

– Fiz a guerra com Lamothe-Picquet.

– Lamothe-Picquet era um valente.

E o rei calou-se.

Em que pensava ele? Na sua bela marinha vitoriosa na Índia; no seu porto de Cherburgo, conquistado ao Oceano; no esplêndido uniforme de almirante, tão diferente do que trajava naquela hora; na sua artilharia que salvava todos os dias de prosperidade.

Estava longe de tudo isto o pobre Luís XVI.

Metido naquela carruagem incómoda, caminhando a passo por entre ondas de povo, com a barba crescida, trajando um casaco pardo, e dizendo com essa memória automática das crianças e dos Bourbons:

– Esta é a rua de tal; aquela é a rua de tal; estoutra é a rua de tal.

Chegando à rua de Orleans, disse:

– Ah! Esta é a rua de Orleans.

– Diga a rua da Igualdade – responderam-lhe.

– Oh! Sim, por causa do Sr. infante...

E não acabou, calou-se, e desde a rua da Igualdade até ao Templo não anunciou mais palavra.

XVI

A lenda do rei mártir

O primeiro cuidado do rei, logo que chegou ao Templo, foi pedir que o conduzissem a sua família.

Responderam-lhe que não havia ordem para isso.

Luís compreendeu que, como os condenados à morte, era posto de segredo.

– Previnam ao menos a rainha de que cheguei – disse ele.

E sem fazer caso dos quatro membros da municipalidade, pôs-se a ler.

O rei ainda tinha uma esperança, e era que à hora da ceia se reuniria com a família.

Debalde esperou, não apareceu ninguém.

– Ao menos – disse o preso – meu filho passará a noite no meu quarto pois está aqui o que lhe pertence?

Infeliz! Nem ao menos a respeito do filho tinha a certeza, que afectava ter.

Não responderam a essa pergunta, como tinha sucedido com as outras.

– Vamos – disse o rei – então deitemo-nos.

Cléry despiu o rei, como costumava.

– Oh! Cléry – disse o rei – estava longe de esperar as perguntas que me fizeram.

E com efeito, quase todas as perguntas feitas ao rei versavam sobre o armário de ferro, e como o rei ignorasse a traição de Gamain, estava longe de pensar que o armário tivesse sido descoberto.

Todavia, logo que se deitou, adormeceu com essa tranquilidade que em certas circunstâncias parecia letargia.

Não sucedeu o mesmo à sua família.
Esta maneira de tratarem o rei era para ela muito significativa.
Era o segredo dos condenados.
De mais a mais o delfim tinha o seu leito no quarto do rei.
A rainha deitou o menino na sua cama e esteve toda a noite de pé à cabeceira do leito.
A sua dor era tão sombria, esta atitude parecia-se tanto com a da estátua de uma mãe, ao pé do túmulo do filho, que a princesa Isabel e a princesa real resolveram passar ali a noite assentadas em cadeiras.

No dia seguinte, pela primeira vez, implorou a rainha os seus guardas.
Pedi duas coisas:
Ver o rei e receber os jornais para estar ao facto do processo.
Estas duas súplicas foram levadas ao conselho.
Uma, a dos jornais, foi recusada.
A outra foi concedida, mas só em parte.
A rainha não podia ver o marido, nem a irmã o irmão.
Mas os filhos podiam ver o pai, com a condição de que não veriam mais nem a mãe nem a tia.

Participou-se este *ultimatum* ao rei.
Reflectiu um instante.
Depois, com a sua habitual resignação, respondeu:
– Não, por maior que seja a ventura que me daria a presença de meus filhos, renunciarei a ela; além disso, o grande negócio que me ocupa, impedir-me-ia de lhes prestar os devidos cuidados; nada, ficarão com sua mãe.

Em consequência desta resposta, fizeram a cama do delfim no quarto da rainha, que nunca mais deixou os filhos até ao dia em que foi condenada pelo tribunal revolucionário, assim como o rei o foi pela Convenção.

Era preciso procurar meios de se comunicarem.
Foi Cléry quem se encarregou de organizar as correspondências, sendo ajudado nisso por Turgy, criado das princesas.

Turgy e Cléry encontravam-se no exercício das suas funções.
A vigilância porém dos membros da municipalidade tornava impossível falarem-se.
O que unicamente podiam dizer era:
– O rei passa bem.
A rainha e as princesas passam bem.
Todavia Turgy habilmente conseguiu entregar um bilhete a Cléry.
– Deu-mo a princesa Isabel envolto no seu guardanapo – disse ele.
Cléry foi imediatamente levar o bilhete ao rei.
As letras tinham sido traçadas a bico de alfinete.
Havia muito tempo que as princesas não tinham nem papel, nem penas, nem tinta.
Continha o seguinte:

“Nós passamos bem, meu irmão; escreva-nos”.

O rei respondeu, porque depois que se abria o processo tinham-lhe restituído penas, papel e tinta.

Depois entregou o bilhete aberto a Cléry.
– Leia, meu pobre Cléry – disse ele – e verá que não contém coisa que possa comprometê-lo.

Cléry recusou respeitosamente lê-lo e tornou a dá-lo ao rei, conforme este lho entregara.
Passados dez minutos tinha Turgy a resposta.
No mesmo dia Turgy, passando pelo quarto de Cléry, atirou para dentro um novelo de fio.

Dentro do novelo ia um bilhete da princesa Isabel.

Cléry enrolou o fio em redor de um bilhete e meteu-o no armário da louça.

Turgy tirava-o e metia as respostas no mesmo sítio.

Porém todas as vezes que o seu escudeiro lhe dava novas provas de fidelidade o rei abanava a cabeça tristemente, dizendo:

– Tome cuidado, olhe que se compromete.

O meio era com efeito muito precário.

Cléry procurou outro.

Os membros da municipalidade entregavam as velas em pacotes atados com um nastro.

Cléry foi ajuntando cuidadosamente o nastro, e logo que teve porção suficiente, participou ao rei que tinha um meio de tornar a correspondência mais activa.

Esse meio era entregar o nastro à princesa Isabel, e como a janela do quarto desta ficava por cima da do quarto de Cléry, podia à noite atar os bilhetes ao nastro e do mesmo modo receber as respostas.

Além disso, à mesma fita podiam atar-se penas, papel e um vidro com tinta, o que dispensaria as princesas de escreverem com bicos de alfinetes.

Por esta forma eram mais regulares as notícias.

Todavia, a posição do rei tinha piorado muito depois que comparecera na Convenção.

Acreditava-se geralmente em duas coisas:

Ou que, segundo o exemplo de Carlos I, cuja história o rei muito bem sabia, o rei recusaria responder à Convenção;

Ou que, se respondesse fá-lo-ia feramente em nome da realeza, não como um acusado, que se sujeita a uma sentença, mas como um cavaleiro que aceita um desafio e levanta a luva.

Infelizmente Luís XVI não era de natureza assaz real para tomar qualquer destes dois partidos.

Respondeu, como já dissemos, mal, timidamente, desastradamente, e acabou por pedir um advogado.

Depois de uma deliberação tumultuosa, que se seguiu à partida do rei, foi-lhe então concedido o advogado.

No dia seguinte, quatro membros da Convenção foram ao Templo perguntar ao rei que advogado escolhia.

– O Sr. Target – respondeu o rei.

Os comissários retiraram-se e preveniram o Sr. Target da honra que lhe fazia o rei.

Coisa inaudita, incrível, este homem de grande valor, antigo membro da Constituinte, um dos que tivera parte mais activa na redacção da Constituição, teve medo.

Recusou timidamente, mostrando-se fraco, empalidecendo de receio perante o seu século, para corar de vergonha perante a posteridade.

Mas no dia imediato àquele em que o rei compareceu na Convenção recebeu o presidente a seguinte carta:

“Cidadão presidente:

Ignoro se a Convenção concederá um defensor a Luís XVI; se assim suceder desejo que Luís XVI saiba que, se me escolher, estou pronto a aceitar essa missão. Não peço que deis parte do meu oferecimento à Convenção; estou longe de me considerar personagem de grande importância para que ela se ocupe de mim; mas fui chamado duas vezes ao conselho daquele que foi meu senhor, no tempo em que isso era a ambição de todos; devo-lhe o mesmo serviço, quando isso era uma função, que muitos julgam perigosa.

Se conhecesse meio possível de lhe fazer saber as minhas intenções, não tomaria a liberdade de me dirigir a vós.

Lembrei-me, porém, de que, pela vossa posição, tereis, melhor do que ninguém, meio de lhe participar este oferecimento”.

“Sou com respeito, etc., etc.”

“*Malesherbes*”.

Chegaram ao mesmo tempo duas representações no mesmo sentido.

Uma de certo advogado de Troyes, chamado Sourdat.

“Sou – dizia ele – levado a defender Luís XVI pela convicção que tenho da sua inocência”.

Outra de uma tal Olímpia de Gouges, célebre improvisadora meridional, que ditava as suas comédias, porque, diziam, não sabia escrever.

Olímpia de Gouges fizera-se advogada das mulheres, queria que lhes dessem os mesmos direitos que aos homens, que pudessem ser eleitas deputadas, discutir as leis, assim como declarar a paz e a guerra.

Apoiava a sua pretensão com uma palavra sublime:

– Porque não hão-de as mulheres subir à tribuna; não sobem também ao cadafalso?

E com efeito a ele subiu a pobre criatura, mas no momento em que lhe foi lida a sentença, tornou-se mulher, isto é, fraca, e querendo aproveitar o benefício da lei, declarou-se grávida.

O tribunal fê-la passar por uma consulta de médicos e de parteiras.

O resultado da consulta foi que se havia gravidez era muito recente para que se pudesse conhecer.

Diante do cadafalso tornou-se homem e morreu como deve morrer uma mulher da sua qualidade.

Enquanto a Malesherbes, era o mesmo Lamoignon do Malesherbes, que tinha sido ministro com Turgot, e que com ele caíra; era homem baixo, de 70 a 72 anos, de figura vulgar, e até caricata, e estava longe de fazer julgar – diz Michelet – que fosse capaz de mostrar um heroísmo dos tempos da antiguidade.

Diante da Convenção nunca tratou o rei senão por *senhor*.

– O que é que te dá o atrevimento de assim falares diante de nós? – perguntou um dos membros da Convenção.

– O desprezo da morte – respondeu simplesmente Malesherbes.

E com efeito, desprezava bem a morte, para a qual marchou conversando com os seus companheiros, e como se devesse, segundo a expressão de Guillotin, sentir uma ligeira fresquidão quando a recebesse. O porteiro de Monceaux, para onde eram levados os corpos dos supliciados, certificou singularmente este desprezo.

Na algibeira das calças do corpo do decapitado achou o relógio; marcava duas horas.

Segundo o seu costume, tinha-lhe dado corda ao meio-dia, isto é, precisamente à hora que saiu para o cadafalso.

O rei, na falta de Target, escolheu Malesherbes e Tronchet, e estes, como o tempo era pouco, tomaram por adjunto o advogado Deséze.

A 14 de Dezembro anunciaram ao rei que tinha permissão para comunicar com os seus advogados, e que naquele mesmo dia receberia a visita do Sr. Malesherbes.

A dedicação deste ancião impressionou-o muito.

Vendo aproximar-se com uma simplicidade sublime aquele ancião de setenta e dois anos, o coração do rei quase que estalou, e abrindo os braços e lavado em lágrimas, disse:

– Meu caro Sr. de Malesherbes, por favor, venha abraçar-me.

E depois de o ter afectuosamente apertado ao coração, continuou:

– Sei qual é a sorte que me está reservada; e espero a morte, com toda a tranqüilidade estou preparado para a receber! Marcharei para o cadafalso com passo firme.

O rei, depois de algumas dificuldades suscitadas pelos membros da municipalidade, pôde, finalmente, em virtude do decreto da Convenção, comunicar secretamente com os seus defensores.

A 15 de Dezembro anunciaram uma deputação.

Era composta por quatro membros da Convenção.
Era Valazé, Cochon, Grandpré e Duprat.
Vinte e um deputados tinham sido nomeados para examinarem o processo do rei. Todos quatro faziam parte dessa comissão especial.
Traziam ao rei o acto de acusação e as peças relativas ao seu processo.
A verificação destas peças levou todo o dia.
Cada uma das peças foi lida pelo secretário.
Lida cada uma das peças, Valazé dizia:
– Tem conhecimento deste papel?
O rei respondia sim ou não.
Estava tudo dito.
Passados alguns dias, voltaram os mesmos comissários, e leram ao rei cinquenta e uma peças novas, que ele assinou como as precedentes.
Ao todo cento e cinquenta e oito peças, de que lhe deixaram cópia.
Neste tempo foi o rei atacado por uma fortíssima constipação.
Lembrou-se do cumprimento de Gilberto no momento de entrar na Convenção.
Mandou pedir à Comuna que consentisse que fosse visitado pelo seu antigo médico.
A Comuna não consentiu.
– Não beba o Capeto água gelada – disse um dos seus membros – que já não se constipa.
Era a 26 que o rei havia de aparecer pela segunda vez à barra da Convenção.
Tinha a barba muito crescida.
Luís pediu as suas navalhas. Foi isso objecto de negociação. Afinal foram-lhe dadas com a condição de que se serviria delas diante de quatro membros da municipalidade.
A 25 às onze horas, o rei começou a fazer o seu testamento.
Esta peça é por tal forma conhecida, que apesar de comovente e cristã, não a queremos de forma alguma consignar aqui.
Dois testamentos têm atraído a nossa atenção.
O testamento de Luís XVI, que se achava em face da república, e só via a realeza.
E o testamento do duque de Orleans, que se achava em face da realeza e só via a república.
Citaremos apenas uma frase do testamento de Luís XVI, *Cada qual vê* – dizem – não segundo na realidade das coisas, mas segundo o ponto de vista em que está colocado.

“Termino – escreveu o rei – declarando perante Deus e os homens que não tenho de que acusar-me por nenhum dos crimes que me assacam”.

Mas como foi que Luís XVI, a quem a posteridade deu uma reputação de homem honrado, reputação que talvez deva a essa frase, sendo perjuro a todos os seus juramentos, fugindo para o estrangeiro, e deixando um protesto contra os juramentos feitos; tendo discutido, anotado, e, apreciado os planos de Lafayette e de Mirabeau; quase a comparecer perante Deus, e pronto, como ele diz, a ser julgado; crendo por consequência em Deus, na sua justiça, na remuneração das boas e más acções, pôde dizer:

“Que não tinha que acusar-se pelos crimes que lhe assacavam?”

Pois bem, a própria construção da frase explica isto perfeitamente.

Luís XVI não diz:

– *Os crimes, que me assacam são falsos.*

Diz:

– *Não tenho que acusar-me pelos crimes, que me assacam.*

E isso não é a mesma coisa.

Luís XVI, no momento de caminhar para o cadafalso, mostrou que ainda era discípulo do Sr. de Lavauguyon.

Dizer:

Os crimes, que me assacam são falsos, era negar esses crimes.

E Luís XVI não podia negá-los.

Dizer: *Não tenho que acusar-me pelos crimes que me assacam.*

Era em rigor: Os crimes existem, mas não me acuso deles.

E porque não se acusava?

Porque estava colocado, como há pouco dissemos, no ponto de vista da realeza.

Porque os reis, pela sua elevada posição, pelo sagrado da sua legitimidade, pelo direito divino, em que consideram, não vêem os crimes, e sobretudo os crimes políticos, sob o ponto de vista em que os julgam os outros homens.

Assim, para Luís XI a revolta contra o pai não é um crime, *é a guerra a bem do público.*

Assim, para Carlos IX, o S. Bartolomeu não é um crime, *é uma medida aconselhada pela salvação pública.*

Assim, aos olhos de Luís XVI, a revogação do édito de Nantes não é um crime, é simplesmente *uma razão de Estado.*

O próprio Malesherbes, que então defendia o rei, sendo outrora ministro e querendo reabilitar os protestantes, achou em Luís XVI uma resistência obstinada.

– Não – respondeu-lhe o rei – não: a proscrição dos protestantes é uma *lei de Estado*, é uma lei de Luís XIV; não ultrapassemos os limites.

– Senhor – respondeu Malesherbes – a política nunca deve prevalecer contra a justiça.

– Mas – exclamou Luís XVI – como homem que não percebe, como é que a revogação do édito de Nantes é um atentado contra a justiça? A revogação do édito de Nantes não foi *para a salvação do Estado*?

Assim, para Luís XVI a perseguição dos protestantes, excitada por uma velha devota e por um juiz odiento, aquela medida atroz, que fez correr sangue a jorros nos vales Cevalones, que acendeu as fogueiras de Nimes, de Alby, de Béziers, não era um crime, era, pelo contrário, uma razão de Estado.

Além disso, havia ainda outra coisa, que era preciso examinar no ponto de vista real.

É que um rei, nascido quase sempre de uma *estrangeira*, é quase sempre *estrangeiro* para o seu povo.

Governa e nada mais.

E como o governa?

Por intermédio dos seus ministros.

Por esta razão, o povo não só não é digno de ser seu parente, não é digno de ser seu aliado, mas nem sequer é digno de ser governado directamente pelo rei. Ao passo que os soberanos estrangeiros são parentes e aliados do rei, que não tem parentes nem aliados no seu reino.

Bourbons de Espanha, Bourbons de Nápoles, de Itália, todos são da mesma origem.

Henrique IV era primo de Luís XVI.

O imperador de Áustria era seu cunhado; os príncipes de Sabóia eram seus aliados.

Luís XVI era saxónio por parte da mãe.

Ora, lembrando-se o povo de impor a Luís XVI condições, que este julgou que não era do seu interesse seguir, a quem chamou Luís XVI contra os seus vassallos revoltados?

Aos seus primos, aos seus cunhados, aos seus aliados; para ele, os espanhóis e os austríacos não eram inimigos da França, pois que eram parentes e amigos dele; e no ponto de vista da realeza, o rei é a França.

O que vinham defender aqueles reis?

A causa santa, inatacável, quase divina, da realeza.

Esta era a razão porque Luís XVI não se acusava pelos crimes, que lhe assacavam.

Portanto, o egoísmo real fez nascer o egoísmo popular, e o povo, que tinha levado o ódio à realeza, a ponto de suprimir Deus, por lhe dizerem que a realeza emanava de Deus, tinha também, em virtude de alguma *razão de Estado*, apreciado, sob o seu ponto de vista, e fizera o 14 de Julho, os 5 e 6 de Outubro, o 20 de Junho e o 10 de Agosto.

Não dizemos o 2 de Setembro, pois não foi o povo que o fez, foi a Comuna.

XVII

A lenda do rei mártir

Chegou o dia 26 e encontrou o rei preparado para tudo, mesmo para a morte.

O rei tinha feito o seu testamento na véspera, e receava, não se sabe porquê, ser assassinado quando no dia seguinte fosse à Convenção.

A rainha sabia que o rei ia à Convenção pela segunda vez.

O movimento das tropas, o rufar dos tambores assustá-la-iam em extremo, se Cléry não tivesse achado meio de lhe participar a causa.

Às dez horas da manhã, partiu o rei, guardado por Chambon e Santerre.

Chegado ao local do edifício onde funcionava a Convenção, teve que esperar uma hora.

O povo vingava-se de ter tido por antecâmara, pelo espaço de quinhentos anos, o Louvre, as Tulherias e Versalhes.

Realizava-se uma discussão, a que o rei não podia assistir.

Uma chave, entregue por ele, no dia 12, a Cléry, tinha sido apanhada nas mãos do escudeiro.

Lembraram-se de experimentar a chave no armário de ferro e servia-lhe.

A chave tinha sido apresentada a Luís XVI, que respondera:

– Não a conheço.

Segundo a probabilidade, ele mesmo é que a tinha forjado.

Foi nestas pequenezas que o rei não teve grandeza alguma.

Acabada a discussão, o presidente anunciou à Assembléia que o acusado e os seus defensores estavam prontos para comparecer.

Deu-se ordem para Luís XVI entrar na sala.

Entrou o rei, acompanhado por Malesherbes, por Tronchet e por Desèze.

– Luís – disse o presidente – a Convenção decidiu que seria hoje ouvido.

– O meu advogado vai ler-lhes a minha defesa – disse o rei.

Seguiu-se profundo silêncio; toda a Assembléia compreendia que se devia dar algumas horas de atenção àquele rei, cuja realeza aniquilavam, àquele homem, cuja vida cortavam.

Além disso, a Assembléia, onde havia espíritos superiores, talvez esperasse ver suscitada uma grande discussão; prestes a deitar-se no sepulcro ensangüentado, talvez que já envolta na mortalha, a realeza ia levantar-se de repente, aparecer com a majestade dos moribundos, e dizer algumas palavras, que a história registra e que os séculos repetem.

Não sucedeu porém assim; ao contrário de toda a expectativa, o discurso do advogado Desèze foi simplesmente um discurso de advogado.

Era contudo bela a defesa daquela causa, a defesa daquele herdeiro de tantos reis, que a fatalidade levava perante o povo, não só em expiação dos seus próprios crimes, mas para expiar os crimes e as faltas de uma raça inteira.

Parece-nos que se naquela ocasião fôssemos o advogado Desèze não teríamos falado como ele falou, mas sim com mais alma.

Devia apelar para S. Luís, para Henrique IV, e estes dois grandes chefes da raça é que deviam lavar Luís XVI das fraquezas de Luís XIII, das prodigalidades de Luís XIV e da devassidão de Luís XV.

Não aconteceu porém assim.

Desèze não procurou comover. Não se tratava de ser conciso, mas poético; era necessário dirigir-se ao coração e não ao raciocínio.

Mas talvez que, acabado este discurso, Luís XVI, tomasse a palavra, e já que ia defender-se, o fizesse como rei, digna, grandiosa e nobremente.

“Senhores – disse ele – acabam de lhes expor os meus meios de defesa, portanto não os repetirei: falando-lhes talvez pela última vez, declaro que a minha consciência não me acusa de coisa alguma, e que os meus defensores lhes disseram a verdade.”

“Nunca receei que a minha conduta fosse examinada publicamente, mas estala-me o coração por encontrar no acto de acusação que quis fazer derramar o sangue do povo, e sobretudo o serem-me atribuídas as desgraças do dia 10 de Agosto.”

“Confesso que as multiplicadas provas, que em todos os tempos dei, do meu amor pelo povo, e a maneira por que me conduzi, me pareciam dever provar que receava pouco expor-me para poupar o seu sangue e para afastar de mim semelhante imputação.”

Ora, enoja ver o sucessor de sessenta reis, o neto de S. Luís, de Henrique IV, de Luís XIV não achar outra coisa que responder ao seus acusadores.

Quanto mais a acusação era injusta no vosso entender, senhor, mais eloqüente devia tornar-vos a indignação.

Devíeis deixar alguma coisa à posteridade, quando mais não fosse uma sublime maldição sobre os vossos carrascos.

Portanto, a Convenção admirada, perguntou:

– Não tem mais nada a juntar à sua defesa?

– Não – respondeu o rei.

– Pode retirar-se.

Luís retirou-se.

O rei foi conduzido a uma das salas contíguas à Assembléia.

Ali abraçou o Sr. Desèze; e como o advogado estivesse em suor, mais pela comoção do que pela fadiga, Luís XVI aconselhou-lhe que mudasse de camisa, e ele mesmo aqueceu a que o advogado vestiu.

Às cinco horas, voltou ao Templo.

Naquela mesma tarde foi procurado pelos seus defensores no momento em que se levantava da mesa.

Ofereceu-lhes alguns refrescos, que só Desèze aceitou.

– Então, senhor de Malesherbes – disse o rei – bem vê que não me tinha enganado quando lhe disse que a minha condenação estava decidida, muito antes de eu ser ouvido.

– Senhor – respondeu Malesherbes – ao sair da Assembléia fui rodeado por pessoas, que afirmaram que não morreréis, senão no meio delas e dos seus amigos.

– Conhece essas pessoas, senhor? – perguntou o rei.

– Pessoalmente não as conheço, mas se as tornar a ver, talvez conheça alguma.

– Pois bem, faça diligência por encontrar algumas, e diga-lhes que nunca lhes perdoarei a mínima gota de sangue derramada por minha causa. Não quis que se derramasse quando podia conservar-me o trono e a vida, muito menos o quero agora, que já fiz o sacrifício tanto de um como da outra.

O Sr. de Malesherbes prometeu voltar à Convenção logo que saísse do Templo, e efectivamente demorou-se muito pouco com o rei e saiu para cumprir a ordem, que lhe fora dada.

Chegou o 1.º de Janeiro de 1793.

Preso e no segredo, Luís XVI só tinha na sua companhia um único servidor.

Pensava tristemente neste isolamento quando Cléry se lhe aproximou da cama.

– Senhor – disse ele em voz baixa – peço licença de lhe apresentar os meus ardentes votos pelos fins das desventuras de vossa majestade.

– Aceito os seus desejos, Cléry – disse o rei estendendo-lhe a mão.

Cléry pegou na mão do rei e cobriu-a de beijos e de lágrimas.

Depois o rei levantou-se e vestiu-se.

Neste momento entraram os membros da municipalidade.

Luís procurou entre eles aquele, cuja fisionomia denotava alguma compaixão, e aproximando-se dele, disse-lhe:

– Oh! Senhor, faça-me um grande obséquio.

– O que é?

– Ir saber notícias da minha família e apresentar-lhe os meus bons desejos pelo ano que começa.

– Eu vou – respondeu o membro da municipalidade muito enternecido.

– Obrigado – disse o rei; – espero que Deus lhe pagará o favor que me faz.

– Mas – disse o outro membro a Cléry – porque não pede o preso que o deixem ver a sua família? Agora, que já estão acabados os interrogatórios, parece-me que não haverá dificuldade para o conseguir.

– Mas a quem se há-de o rei dirigir?

– À Convenção.

Passado um instante, voltou o membro que tinha ido ao quarto da rainha.

– Senhor – disse ele – a sua família agradece os seus votos e dirige-lhe os dela.

O rei sorriu tristemente e disse:

– Que dia de ano bom!

À noite, Cléry participou ao rei o que lhe dissera o membro da municipalidade.

O rei reflectiu um instante, e depois de alguma hesitação, disse:

– Não, daqui a alguns dias não me hão-de recusar essa consolação; quero esperar.

A religião católica inflige aos seus eleitos terríveis macerações do coração.

A sentença devia ser promulgada a 16.

O Sr. de Malesherbes esteve muito tempo com o rei, e saiu ao meio-dia dizendo que voltaria o mais depressa possível a dar-lhe conta do que se passasse.

A votação devia recair sobre três questões terrivelmente simples:

1.º Luís é culpado?

2.º A decisão da Convenção deve ser submetida à ratificação do povo?

3.º Qual deve ser a pena?

Era porém preciso, para que o futuro visse bem que, se não se votava sem ódio, ao menos votava-se sem medo, era preciso que a votação fosse nominal.

Um girondino, por nome Birotteau, pediu que cada representante subisse à tribuna e desse em voz alta o seu voto.

Um montanhês, Leonardo Bourdon, foi mais longe; pediu que fossem assinados os votos.

Finalmente, um deputado da direita, chamado Royer, pediu que as listas fizessem menção dos ausentes em comissão, e que todos os que estavam ausentes sem ser em comissão, fossem censurados e os seus nomes enviados aos departamentos.

Começou então a grande e terrível sessão, que devia durar três dias e três noites.

A sala apresentava singular aspecto, pouco em harmonia com o que se ia passar.

O aspecto da sala não dava idéia alguma do drama terrível.

O fundo tinha sido transformado em camarotes, onde as mais lindas mulheres de Paris, cobertas de veludo e de peles, tomavam gelados.

Os homens cumprimentavam-nas, conversavam com elas, voltavam aos seus lugares, e dali faziam sinais; parecia um espectáculo.

O lado da montanha, principalmente, fazia-se notar pela sua elegância; era entre os montanheses que tinham assento os milionários: o duque de Orleans, Lepelletier de Saint-Fargeau, Hérault de Séchelles, Anacharsis Clootz, o marquês de Châteauneuf.

Todos estes senhores tinham tribunas reservadas para as suas amantes, que chegavam cobertas de fitas tricolores, com bilhetes, ou com cartas de recomendação aos porteiros, que lhes franqueavam as tribunas.

As galerias reservadas para o povo estiveram constantemente cheias; bebia-se ali e comia-se como nas casas de pasto, e conversava-se como nos clubes.

Ao primeiro quesito: *Luís é culpado?*

Seiscentas e oitenta e três vozes responderam:

– Sim.

Ao segundo quesito: *A decisão da Convenção deve ser submetida à ratificação do povo?*

Duzentas e oitenta e uma vozes votaram pela apelação para o povo.

Quatrocentas e vinte e três votaram contra.

Depois chegou o terceiro quesito, o quesito grave, o quesito supremo: *Qual deve ser a pena?*

Quando chegaram a este quesito eram oito horas da noite do terceiro dia, dia do mês de Janeiro, triste, chuvoso e frio.

Todos estavam aborrecidos, fatigados, impacientes; a força humana, tanto nos actores como nos espectadores, sucumbia a quarenta e cinco horas de permanência.

Cada deputado subiu à tribuna e pronunciava uma destas quatro palavras:

A prisão, o exílio, a morte com apelação para o povo, ou a morte simplesmente, sem apelação.

Tinha-se proibido qualquer sinal de aprovação, ou de reprovação, todavia quando nas galerias ouviam outras palavras que não fossem morte, murmuravam.

Filipe-Igualdade subiu à tribuna e disse:

– Unicamente ocupado do meu dever, convencido de que todos aqueles que intentaram, ou que de futuro intentem contra a soberania do povo merecem a morte, voto pela morte.

Depois de pronunciadas estas palavras, seguiram-se murmúrios, assobios, e apupada.

No meio deste acto terrível, apareceu Duchâtel, um deputado que estava doente; vendo-o aparecer com o barrete de dormir, e com um chambre vestido, a Assembléia pôs-se a rir.

Disse duas palavras: a Assembléia estremeceu.

O moribundo vinha votar pela morte.

Vergniaud, presidente no dia 10 de Agosto, ainda era presidente a 17 de Janeiro.

– Cidadãos – disse ele – ides exercer um grande acto de justiça; espero que a humanidade vos aconselhará a guardar o mais profundo silêncio; depois da justiça falar, deve fazer-se ouvir a humanidade.

E leu o resultado do escrutínio.

De setecentos e vinte e um votantes, trezentos e oitenta e sete votam pela morte; uns sem apelação, outros com apelação.

Havia pois mais pela morte do que pelo exílio cinqüenta e três votos.

Tirando porém destes cinqüenta e três votos os quarenta e seis, dos que tinham votado pela morte com apelação, restava somente pela morte imediata uma maioria de sete votos.

– Cidadãos – disse Vergniaud com inflexão de profunda dor – declaro em nome da Convenção que a pena que ela pronuncia contra Luís Capeto é de morte.

Foi na noite de sábado 19, que se votou a pena de morte, mas só no domingo, 20, às três horas da manhã, é que Vergniaud pronunciou a sentença.

Entretanto Luís XVI, privado de toda a comunicação, sabia contudo que a sua sorte se decidia, e só, longe de sua mulher e de seus filhos, que tinha recusado ver para mortificar a alma, como um anacoreta mortifica a carne, entregava com indiferença, pelo menos na aparência perfeita, a sua vida ou a sua morte nas mãos do Omnipotente.

No domingo pela manhã, às seis horas, entrou o Sr. de Malesherbes. O rei já estava levantado, mas estava encostado a uma mesa tapando o rosto com as mãos.

O ruído que o seu advogado fez ao entrar tirou-o da meditação em que estava.

– E então? – perguntou o rei.

O advogado não teve força para responder; mas o rei, pelo abatimento do rosto, logo viu que estava tudo acabado.

– Condenado à morte – disse Luís; – estava certo disso.

Então abriu os braços e apertou contra o peito o Sr. de Malesherbes, que estava lavado em lágrimas.

– Sr. de Malesherbes – disse ele – afirmo-lhe que há dois dias tenho constantemente investigado se durante o meu reinado mereci a censura de meus vassalos. Pois juro-lhe com toda

a sinceridade do meu coração, como um homem que vai aparecer perante Deus, que sempre desejei a felicidade do meu povo, e que nunca formei um só voto que lhe fosse contrário.

Tudo isto se passava diante de Cléry, que estava lavado em pranto; mas o rei, tendo dó dele, levou o Sr. de Malesherbes para o seu gabinete, onde se demorou uma hora.

Depois saiu, abraçou o seu defensor, pediu-lhe que voltasse à tarde, e despediu-se.

As lágrimas borbulhavam nos olhos do rei.

– Este bom velho comoveu-me muito – disse ele a Cléry; – mas o que tem?

Esta pergunta era motivada por um tremor geral que se apoderara de Cléry, desde que o Sr. de Malesherbes, ao entrar, lhe dissera que o rei tinha sido condenado à morte.

Então Cléry para ocultar, quanto lhe fosse possível, ao rei o estado em que se achava, preparou tudo o que era necessário para o rei fazer a barba.

O rei pôs o sabão, e Cléry estava diante dele com a bacia nas mãos.

De repente foi o rei acometido por grande palidez; Cléry, receando que estivesse incomodado, pôs de parte a bacia e dispunha-se a sustê-lo, mas o rei pegou-lhe nas mãos e disse-lhe:

– Vamos, vamos, ânimo!

E barbeou-se tranquilamente.

O rei esteve no seu quarto até à hora do jantar; às duas horas abriu-se a porta, era o conselho executivo que vinha intimar a sentença ao preso.

À frente do conselho vinham Garat, ministro da justiça; Lebrun, dos negócios estrangeiros; Grouvelle, secretário do conselho; o presidente e o procurador geral, o síndico dos departamentos, o *maire* e o procurador da Comuna, o presidente e o acusador público do tribunal criminal.

Santerre ia adiante de todos.

– Anuncia o conselho executivo! – disse ele a Cléry.

Cléry dispunha-se a obedecer; mas o rei, que tinha sentido passos, poupou-lhe o trabalho: abriu a porta e apareceu no corredor.

Então Garat, com o chapéu na cabeça, tomou a palavra e disse:

– Luís, a Convenção Nacional encarregou o conselho executivo provisório de lhe intimar os decretos de 15, 16, 17, 19 e 20 de Janeiro; o secretário do Conselho vai lê-los.

Então Grouvelle desenrolou o decreto e leu com voz trémula:

Artigo 1.º

“A Convenção declara Luís Capeto, último rei dos franceses, culpado da conspiração contra a liberdade da nação, e de atentado contra a segurança geral do Estado.”

Art. 2.º

“A Convenção Nacional decreta que Luís Capeto sofrerá pena de morte.”

Art. 3.º

“A Convenção Nacional declara nulo o acto de Luís Capeto levado à barra pelos seus advogados, e qualificado de apelação para a nação, da sentença contra ele dada pela Convenção.”

Art. 4.º

“O conselho executivo provisório notificará o presente decreto a Luís Capeto, e tomará as medidas de polícia e de segurança necessárias para assegurar a execução da sentença dentro de vinte e quatro horas, contadas depois de feita a intimação, e dará conta de tudo à Convenção Nacional, logo depois de executada.”

Durante a leitura, o rosto do rei conservou-se perfeitamente tranqüilo, a sua fisionomia só indicou dois sentimentos completamente distintos.

A estas palavras: culpado de conspiração, um sorriso de desprezo contraiu-lhe os lábios, e a estas: *sofrerá pena de morte*, dirigiu ao Céu um olhar, que parecia pôr o condenado em comunicação com Deus.

Acabada a leitura, o rei deu um passo para Grouvelle, pegou no decreto, dobrou-o, meteu-o na carteira, da qual tirou outro papel, que entregou a Garat dizendo:

– Sr. ministro da justiça, rogo-lhe queira entregar imediatamente esta carta à Convenção Nacional.

E como o ministro hesitasse:

– Vou lê-la disse o rei.

E leu a seguinte carta com uma voz, que contrastava com a de Grouvelle.

“Peço três dias para me preparar a comparecer perante Deus. Peço para isto autorização para ver livremente a pessoa, que eu indicar aos comissários da Convenção, e que esta pessoa esteja ao abrigo de todo o receio e de todo o cuidado pelo acto de caridade, que desempenhe comigo.”

“Peço para ser desembaraçado da contínua vigilância, que o conselho geral estabeleceu há dois dias.”

“Peço para neste intervalo poder ver a minha família sem testemunhas; desejava também muito que a Convenção Nacional se ocupasse já da sorte da minha família e que permitisse que ela se retirasse livremente para aonde julgasse a propósito.”

“Recomendo à beneficência da nação todas as pessoas que estavam ao meu serviço; há muitas que tinham empregado toda a sua fortuna nos seus cargos, e como não têm outras rendas, devem estar na miséria; nos recolhimentos e hospícios havia muitas mulheres, velhos e crianças que viviam do que eu lhes dava.”

“Feita na torre do Templo, a 20 de Janeiro de 1793.”

“Luís.”

Garat pegou na carta.

– Senhor – disse ele – esta carta vai já ser entregue à Convenção.

Então o rei puxou de novo pela carteira e dela tirou uma tira de papel.

– Se a Convenção me conceder o que peço, eis aqui a morada da pessoa que desejo. Efectivamente no papel estava escrita a morada pela letra da princesa Isabel.

“O Sr. Edgeworth de Firmont, rua do Bac, n.º 483.”

Depois, como não tivesse mais nada que dizer nem que ouvir, o rei deu um passo para trás como no tempo em que dava audiência, indicando com este movimento que a audiência estava terminada.

Os ministros e todas as pessoas que os acompanhavam saíram.

– Cléry – disse o rei ao seu escudeiro, o qual para se sustentar, tinha sido obrigado a encostar-se à parede – pede o meu jantar.

Cléry passou à casa de jantar para executar a ordem do rei; achou ali dois membros da municipalidade, que lhe deram um decreto pelo qual era proibido ao rei servir-se de facas e de garfos.

Só uma faca devia ser confiada a Cléry para cortar o pão e a carne a seu amo na presença de dois comissários.

A ordem foi repetida ao rei, porque Cléry não se quis encarregar de lha participar.

O rei partiu o pão com os dedos e a carne com a colher.

Contra o seu costume, comeu pouco, e o jantar só durou alguns minutos.

Às seis horas anunciaram o ministro da justiça; precedia-o Santerre.

O rei levantou-se para o receber.

– Senhor – disse o ministro da justiça – entreguei a sua carta à Convenção, e ela encarregou-me de lhe notificar a seguinte resposta:

“É livre a Luís chamar o ministro do culto que lhe parecer.”

“Ver a sua família livremente e sem testemunhas.”

“A nação magnânima e sempre justa, ocupar-se-á da sorte da sua família.”

“Aos credores da sua casa serão concedidas justas indemnizações.”

O rei fez um movimento com a cabeça e o ministro retirou-se.

Mas os membros da municipalidade fizeram-no parar.

– Cidadão ministro – disseram eles – como poderá Luís ver a família?

– Em particular – respondeu Garat.

– É impossível; por um decreto da Comuna, nós não o podemos perder de vista nem de dia nem de noite.

A coisa com efeito era intrincada. Todavia conciliou-se tudo, decidindo-se que o rei veria a família na casa de jantar, de maneira que pudesse ser visto pelas vidraças, mas podia fechar a porta para não ser ouvido.

Entretanto, o rei dizia a Cléry:

– Veja se ainda aí está o ministro da justiça e chame-o.

O ministro entrou.

– Esqueceu-me perguntar – disse o rei – se o Sr. Edgeworth de Firmont estava em casa e quando poderei vê-lo.

– Trouxe-o na minha carruagem; está no conselho e já aí vem.

Efectivamente, neste momento aparecia à porta o Sr. Edgeworth de Firmont.

XVIII

A lenda do rei mártir

O Sr. Edgeworth de Firmont era o confessor da princesa Isabel.

Havia perto de seis semanas que o rei, prevendo a sua condenação, pedira à irmã conselho sobre a escolha do padre que devia acompanhá-lo, e a princesa lavada em lágrimas, recomendou-lhe o abade de Firmont.

Este digno eclesiástico, inglês de origem, tinha escapado à carnificina de Setembro, e tinha-se retirado a Choisy-le-Roi, com o nome de Essex. A princesa, que estava ao facto disto, tinha-o mandado prevenir e esperava que estivesse em Paris no momento da condenação.

Não se enganara.

O abade de Firmont recebeu a missão com uma alegria resignada, pois não ignorava o perigo que corria o padre não ajuramentado que acompanhasse o rei ao cadafalso.

Portanto a 21 de Dezembro escrevia a um dos seus amigos de Inglaterra:

“O meu desgraçado amo lembrou-se de mim para dispor à morte. Se a iniquidade do seu povo o levar a cometer tal parricídio, eu mesmo disponho a morrer, porque estou convencido de que o furor popular não me há-de deixar sobreviver a esta horrível cena. Estou porém resignado; a minha vida nada é, se, perdendo-a, puder salvar aquele a quem sirvo.”

Tal era o homem que só devia desamparar Luís XVI no momento, em que este deixasse a terra pelo Céu.

O rei mandou-o entrar para o seu gabinete, e dirigindo-se aos comissários disse:

– Tenham a bondade de me conduzir à minha família.

– Não é possível – disse um dos comissários; – mas se o deseja virá ela aqui.
– Pois bem, contanto que a possa ver no meu quarto, livremente e sem testemunhas.
– No seu quarto não, mas na casa de jantar.
– Mas parece-me que o decreto da Convenção me permite vê-la sem testemunhas.
– É verdade: ninguém o ouvirá, porque a porta estará fechada, mas pelos vidros não o perderemos de vista.

– Está bem, mande descer a minha família.
Os comissários saíram e o rei passou à sala de jantar.
– Cléry – disse o rei – traga uma garrafa com água e um copo, para o caso da rainha ter sede.

Havia em cima da mesa uma garrafa com água gelada, que um membro da Comuna tinha censurado ao rei.

Cléry portanto só ali pôs um copo.
– Traga água comum – disse o rei: – a rainha não está acostumada à água gelada e podia fazer-lhe mal. Diga ao Sr. abade de Firmont que não saia do meu gabinete; a sua presença poderia produzir grande impressão na rainha.

Às oito horas e meia abriu-se a porta.
A rainha vinha adiante trazendo o filho pela mão; seguia-se-lhe a princesa Isabel e a princesa real.

O rei abriu os braços, e todos ao mesmo tempo neles se lançaram chorando.
Cléry saiu e fechou a porta.
Durante alguns minutos reinou profundo silêncio, interrompido só por suspiros.
Depois a rainha fez um movimento para levar o rei para o seu quarto.

– Não – disse ele – só aqui a posso ver.
A família real já sabia qual fora a sentença, mas ignorava os seus pormenores.
Então o rei tudo lhe contou, desculpando os que o faziam morrer, e mostrando à rainha que nem Pétion, nem Manuel tinham votado pela morte imediata.

A rainha não podia falar, porque lhe embargavam a voz os soluços.
Deus dava uma indemnização ao pobre preso; fazia com que na sua última hora todos o adorassem, até a rainha.

Como se pode ver na parte romântica desta obra, a rainha facilmente se deixava arrastar para o lado pitoresco da vida.

Tinha essa imaginação viva, que, muito mais do que o temperamento material, torna as mulheres imprudentes. A rainha durante toda a sua vida foi imprudente; imprudente nas suas amizades, imprudente nos seus amores.

O seu cativo no Templo salvou-a no ponto de vista moral. Voltou às puras e santas afeições de família, de que a tinham afastado as paixões da sua mocidade; e como fazia tudo apaixonadamente, veio a amar apaixonadamente na desgraça aquele homem, que achara vulgar nos dias da prosperidade.

Varennes e o 10 de Agosto tinham-lhe mostrado o rei como um homem sem iniciativa, sem resolução, quase fraco. No Templo começou a perceber que não só como mulher julgara mal o marido, senão que como rainha tinha julgado mal o rei.

No Templo viu-o sossegado, paciente aos ultrajes, doce e firme como Cristo. Portanto, por isso mesmo que muito o desprezara, muito o amou depois.

– Ai de mim! – disse o rei ao abade de Firmont; amá-la eu tanto! E ser por ela tão ternamente amado!

Nesta última entrevista a rainha deixou-se arrastar por um sentimento, que se parecia com o remorso. Quis levar o rei para o seu quarto, para estar um instante a sós com ele, e como visse que não era possível levou-o para o vão de uma janela.

Ia sem dúvida lançar-se-lhe aos pés e pedir-lhe perdão, mas o rei, que a compreendeu, não consentiu, e tirando o testamento da algibeira, disse:

– Leia, minha muito amada mulher.

E apontou-lhe para o seguinte parágrafo:

“Peço a minha esposa que me perdoe todos os males, que sofreu por minha causa, todos os desgostos que poderia causar-lhe durante a nossa união, *assim como pode estar certa de que não guardo reserva contra ela, se julgar ter alguma coisa de que se acusar.*”

A pobre rainha pegou nas mãos do marido e beijou-as. Havia um perdão bem misericordioso naquela frase, *como pode estar certa de que não guardo reserva contra ela*, uma grande delicadeza nestas palavras, *se julgar ter alguma coisa de que se acusar*.

Assim morria perdoada a pobre Madalena real; o seu amor pelo rei, apesar de tardio, valia-lhe a misericórdia divina e humana e o perdão era-lhe dado não em voz baixa e misteriosamente, como uma indulgência de que o rei se envergonhava, mas alta e publicamente.

Quem se atrevia agora a acusar aquela, que ia apresentar-se à posteridade com a auréola do martírio e com o perdão do seu marido?

Ela conheceu isto; compreendeu que desde aquele momento, estava forte perante a história; mas tornou-se mais fraca na presença daquele a quem amava tão tarde e a quem muito sentia não ter amado mais cedo.

Não eram lágrimas, não eram palavras que se escapavam do peito da desgraçada senhora; eram soluços, eram gritos entrecortados. Dizia que queria morrer com seu marido, e que, se lhe recusassem essa graça, deixar-se-ia morrer de fome.

Os membros da municipalidade, que não ouviam nada, mas que pelos gestos compreendiam que aquele que ia morrer é que consolava os que sobreviviam, não se puderam conter; primeiramente afastaram a vista, mas como ouviam gemidos, tornaram-se francamente homens e puseram-se a chorar.

Aquela cena pungente e dolorosa durou duas horas menos um quarto.

Finalmente, às dez horas e um quarto, o rei foi o primeiro a levantar-se. Então, mulher, filhos, irmã, agarraram-se a ele como os frutos a uma árvore. O rei e a rainha levavam o delfim pela mão; a princesa real à esquerda de seu pai, levava-o agarrado pela cintura: a princesa Isabel, do mesmo lado que a sobrinha, tinha pegado no braço do rei; a rainha, e era a que tinha direito a mais consolações, porque era a menos pura, tinha passado o braço ao pescoço do marido, e todo aquele grupo doloroso caminhava no meio de gemidos, de soluços e de gritos, por entre os quais só se ouviam estas palavras:

– Havemos de tornar a ver-nos não é assim?

– Sim, sim, fique descansada.

– Amanhã às oito horas?

– Prometo que sim.

– Mas porque não há-de ser às sete horas? – perguntou a rainha.

– Pois será às sete horas – respondeu o rei, – mas... Adeus... Adeus...

E pronunciou este adeus com voz tão expressiva, que se conhecia que as suas forças estavam esgotadas.

O mesmo sucedia à princesa real, que deu um suspiro e caiu desmaiada.

A princesa Isabel e Cléry levantaram-na.

O rei sentia que lhe competia ser forte.

Arrancou-se dos braços da rainha e do delfim, e entrou no seu quarto, gritando:

– Adeus! Adeus!

Depois fechou a porta.

A rainha soluçando foi colocar-se à porta, não se atrevendo a pedir ao rei que abrisse, mas chorando e dando ais profundos.

O rei teve ânimo de não sair.

Os membros da municipalidade convidaram a rainha a retirar-se, afirmando-lhe que no dia seguinte poderia ver seu marido às oito horas.

Cléry queria levar a princesa real até ao quarto da rainha, mas ao segundo degrau, os membros da municipalidade obrigaram-no a retirar-se.

O rei já estava com o seu confessor no gabinete da torre, e o confessor contava-lhe a maneira como tinha sido conduzido ao Templo.

Eis o que contou o abade:

Prevenido pelo Sr. de Malesherbes de que o rei havia de recorrer a ele no caso de ser condenado, o abade de Firmont, com perigo de vida, voltara a Paris, e depois da sentença esperara na rua do Bac.

Às quatro horas da tarde, apresentara-se em sua casa um desconhecido, que lhe entregara um bilhete do Conselho executivo, concebido nestes termos:

“Tendo o Conselho executivo de comunicar ao cidadão Edgeworth de Firmont um negócio de mais alta importância, convida-o a comparecer no lugar das sessões.”

O desconhecido tinha ordem para acompanhar o padre. À porta esperava-os uma carruagem.

O abade partiu com o desconhecido.

A carruagem parou nas Tulherias.

O abade achou os ministros em conselho. Logo que ele apareceu, levantaram-se.

– É o Sr. abade Edgeworth de Firmont? – perguntou Garat.

– Sim – respondeu o abade.

– Bem – continuou o ministro; – tendo-nos Luís Capeto testemunhado o desejo de que o acompanhe nos seus últimos momentos, nós mandámos procurá-lo para saber se quer prestar-lhe o serviço que ele exige do senhor.

– Já que o rei se lembrou de mim, é meu dever obedecer-lhe.

– Nesse caso – disse o ministro – venha comigo ao Templo.

E entrou com o abade na sua carruagem.

Acabando o abade de falar – disse o rei:

– Senhor, esqueçamos tudo para só pensarmos na minha salvação.

– Senhor – respondeu o abade – estou pronto a fazer quanto me for possível, e espero que Deus suprirá o meu pouco mérito. Mas não seria uma grande consolação para vossa majestade ouvir missa e comungar?

– Sim – respondeu o rei – e acredite que compreenderia todo o valor de semelhante graça. Mas há-de expor-se a esse ponto?

– Isso é comigo e tenho a peito provar a vossa majestade que sou digno da honra que me fez, escolhendo-me para seu consolador. Dê-me o rei carta branca e eu respondo por tudo.

– Vá, senhor – disse o rei.

O abade Edgeworth inclinou-se e saiu, pedindo para ser conduzido à sala do Conselho.

– Que quer? – perguntaram os membros da municipalidade.

– Aquele que vai morrer amanhã deseja antes de morrer ouvir missa e comungar.

Os membros da municipalidade olharam atônitos uns para os outros: nem sequer passava pela idéia a possibilidade de lhes pedirem semelhante coisa.

– Mas aonde é – disseram eles – que se há-de achar a esta hora um padre e ornamentos de igreja?

– O padre já nós temos, sou eu; quanto aos paramentos, a igreja mais próxima os fornecerá.

Os membros da municipalidade hesitaram.

– Mas – disse um deles – se fosse um engano?

– Que engano? – perguntou o abade.

– Se, sob pretexto de fazerem comungar o rei, quisessem envenená-lo?

O abade olhou fixamente para aquele que emitia esta dúvida.

– Não se admire – continuou o membro – a história oferece-nos bastantes exemplos a este respeito para nos aconselhar que sejamos circunspectos.

– Senhor, quando aqui entrei fui apalpado escrupulosamente para verem se eu trazia veneno. Se amanhã o tiver, só dos senhores o poderei ter recebido.

Convocaram os membros, que estavam ausentes e deliberaram.

O que o rei queria foi concedido debaixo de duas condições:

A primeira era que o abade faria um requerimento, que assinaria.

A segunda que a cerimónia estaria acabada no dia seguinte às sete horas.

O abade fez o requerimento e assinou-o.

Depois foi dizer ao rei que os seus desejos estavam satisfeitos.

O abade esteve com o rei desde as dez horas até à meia-noite; chegada essa hora, disse o rei:

– Estou cansado e desejo dormir, porque preciso adquirir forças para amanhã.

Depois chamou Cléry.

O escudeiro apareceu, despiu o rei, e quis enrolar-lhe os cabelos.

Mas o rei disse-lhe com um sorriso:

– Não vale a pena.

Depois deitou-se, e quando o escudeiro ia correr as cortinas, disse-lhe:

– Cléry, chama-me às cinco horas.

Apenas pousou a cabeça no travesseiro, logo adormeceu, tão poderosas eram naquele homem as necessidades materiais.

O Sr. de Firmont deitou-se na cama de Cléry.

Este passou a noite numa cadeira.

O sono de Cléry foi aflito.

Logo que se levantou, a primeira coisa que o escudeiro fez foi acender o lume.

A bulha que fez acordou o rei.

– Já são cinco horas, Cléry? – perguntou ele.

– Senhor, já deram em muitos relógios, mas no do castelo ainda não.

Então Cléry chegou-se ao leito.

– Dormi bem, e bastante precisava, o dia de ontem fatigou-me horivelmente. Onde está o Sr. de Firmont?

– Está deitado na minha cama.

– Então onde dormiste?

– Nesta cadeira.

– Tenho pena, pois decerto ficaste incomodado.

– Oh! Senhor, acaso podia lembrar-se de mim em semelhante momento!

– Ai, meu pobre Cléry!

E estendeu-lhe a mão, em que o pobre escudeiro pegou lavado em pranto.

O fiel servidor começou então a vestir o rei pela última vez.

Depois de vestido penteou-o.

Entretanto, Luís XVI tirou um sinete do relógio e meteu-o na algibeira da vestia, pôs o relógio sobre o fogão, e tirando um anel do dedo, meteu-o na mesma algibeira em que guardara o sinete.

No momento em que Cléry vestia a casaca, que era a mesma da véspera, o rei tirou dela a sua carteira, a luneta, e a caixa de rapé, e pôs tudo em cima do fogão ao lado da bolsa; todos estes preparativos eram feitos diante dos membros da municipalidade, que tinham entrado no quarto do rei, logo que viram luz.

Deu meia hora, depois das cinco.

– Cléry – disse o rei – acorde o Sr. de Firmont.

O Sr. de Firmont já estava acordado e levantado, ouviu a ordem dada a Cléry e portanto entrou.

O rei cumprimentou-o e pediu que o seguisse ao seu gabinete; entretanto Cléry arranjava o altar.

Era a cómoda do quarto coberta com uma toalha.

Quanto aos paramentos da igreja e vestimentas do oficiante, tinham sido achadas, conforme dissera o abade Edgeworth, na primeira igreja a que se dirigiram.

Esta igreja era a dos Capuchos do Marais, ao pé do palácio de Soubise.

Preparado o altar Cléry foi prevenir o rei.

– Poderá ajudar à missa? – perguntou-lhe Luís.

– Parece-me que sim, ainda que não sei bem as respostas.

Então o rei deu-lhe um livro de missa, que abriu no *introitum*.

O Sr. de Firmont já se estava paramentando no quarto de Cléry.

Cléry tinha colocado diante do altar uma grande cadeira e diante desta uma almofada; mas o rei fez-lha tirar e foi ele mesmo buscar outra mais pequena de que se servia ordinariamente para rezar as suas orações.

Logo que entrou o sacerdote, os membros da municipalidade, que sem dúvida receavam manchar-se com o contacto de um homem da igreja retiraram-se para a casa próxima.

Eram seis horas, quando começou a missa.

O rei ouviu-a, desde o princípio até ao fim, de joelhos e no mais profundo recolhimento.

Depois da missa, o rei comungou, e o abade Edgeworth, deixando-o entregue às suas orações, foi ao quarto de Cléry despir os paramentos.

O rei aproveitou esse momento para agradecer a Cléry e para se despedir dele, depois entrou no seu gabinete.

O abade de Firmont foi ter com ele.

Cléry assentou-se em cima da cama a chorar.

Às sete horas saiu o rei do gabinete e chamou Cléry.

Cléry correu.

O rei conduziu-o ao vão de uma janela e disse-lhe:

– Há-de entregar este sinete a meu filho e este anel a minha mulher; diga-lhes que os deixo com muita pena. Este papel encerra os cabelos de todos os membros da nossa família, também lho entregará.

– Mas – perguntou Cléry – vossa majestade não quer tornar a ver a sua família?

O rei hesitou um instante como se o coração o abandonasse para ir ter com ela.

Mas, por último, disse:

– Não, decididamente, não. Sei muito bem que tinha prometido vê-la esta manhã, mas quero poupar-lhe a dor de tão cruel separação. Cléry, dir-lhe-á quanto me custa partir sem receber os seus últimos abraços.

E dizendo estas palavras enxugou as lágrimas.

Depois com a mais dolorosa expressão, acrescentou:

– Cléry, há-de fazer-lhes as minhas últimas despedidas, não é assim?

E tornou a entrar no seu gabinete.

Os membros da municipalidade tinham visto o rei entregar a Cléry os diferentes objectos, que enumerámos. Um deles reclamou-os mas outro propôs que deixassem Cléry depositário deles até à decisão do conselho.

Esta proposta prevaleceu.

Passado um quarto de hora o rei tornou a sair do gabinete.

– Cléry – disse ele – pergunte se é possível servir-me duma tesoura.

E tornou para o gabinete.

– O rei pode servir-se de uma tesoura? – perguntou Cléry aos membros da municipalidade.

– Para que a quer?

– Não sei.

– Pois pergunte-lho.

Um dos membros entrou no gabinete e achou o rei de joelhos diante do abade de Firmont.

– Pediu uma tesoura – disse ele; – para que é?

– Para Cléry me cortar os cabelos.

O membro da municipalidade desceu à sala do Conselho.

Deliberaram por espaço de meia hora e por último recusaram.

O membro subiu e disse:

– O conselho recusou.

– Não lhe pegaria, e Cléry corta-me os cabelos na sua presença. Peço-lhe que vá dizer isto.

O membro tornou a descer, expôs o que o rei lhe dissera, mas o conselho persistiu em recusar.

Então um dos membros da municipalidade chegou-se a Cléry e disse-lhe:

– Parece-me que é tempo de te dispores a acompanhar o rei ao cadafalso.

– Para quê, meu Deus? – perguntou Cléry muito trémulo.

– Para o ajudares a despir; não és seu escudeiro?

– Oh! Não é preciso – disse outro – o carrasco exerce bem essas funções.

O dia começava a despontar, e já em todas as secções de Paris se ouvia tocar o tambor.

Este som penetrava na torre e gelava o sangue do abade de Firmont e de Cléry.

Mas o rei, mais sossegado do que eles, escutou por um instante; depois disse com todo o sangue frio:

– Provavelmente é a guarda nacional que começa a reunir.

Passado algum tempo, entraram no Templo os destacamentos de cavalaria. Ouviu-se o tropel dos cavalos e as vozes dos oficiais.

O rei escutou de novo e com o mesmo sossego.

– Parece-me que se aproximam – disse ele.

Das sete às oito horas da manhã, foram, sob diversos pretextos bater à porta do gabinete, e de cada vez o abade Edgeworth temia que fosse a última.

Mas de todas as vezes o rei ia à porta, respondia tranqüilamente às pessoas que iam interrompê-lo, e voltava para os pés do seu confessor.

O abade não via as pessoas que iam importunar o preso, mas ouvia-as.

Uma vez ouviu uma que dizia:

– Oh! Oh! Tudo isso era bom quando era rei, mas agora já não o é.

O rei voltou com a mesma tranqüilidade e disse simplesmente:

– Veja como esta gente me trata, meu padre; porém é necessário sofrer.

Bateram de novo e o rei foi à porta.

Desta vez voltou dizendo:

– Esta gente em toda a parte vê punhais e veneno. Muito mal me conhecem. Matar-me seria uma fraqueza. Julgam que não sei morrer.

Finalmente, às nove horas, aumentando a bulha, abriram-se as portas com estrondo e Santerre entrou acompanhado de sete ou oito membros da municipalidade e com dez gendarmes, que formou em duas linhas.

A este movimento, saiu o rei do gabinete sem que fosse preciso baterem-lhe à porta.

– Vêm buscar-me?

– Sim, senhor.

– Peço um minuto.

E tornando a entrar fechou a porta.

– Desta vez está tudo acabado, meu padre, disse ele, lançando-se de joelhos diante do confessor; dê-me a sua última bênção e peça a Deus que me dê forças até ao fim.

Dada a bênção, o rei pôs-se em pé, e abrindo a porta do gabinete dirigiu-se aos membros da municipalidade e aos gendarmes que estavam no quarto.

Todos tinham o chapéu na cabeça.

– O meu chapéu, Cléry – disse o rei.

Cléry lavado em pranto apressou-se em obedecer.

– Há entre os senhores – perguntou o rei – algum membro da Comuna? É o senhor julgo eu.

E dirigiu-se a um membro da municipalidade chamado Jacques Roux, padre ajuramentado.

– Que quer? – perguntou este.

O rei tirou da algibeira o seu testamento.

– Peço-lhe que entregue este papel à rainha... a minha mulher.

– Não viemos aqui para ser teus criados, mas para te conduzir ao cadafalso.

O rei recebeu a injúria com a mesma humildade, com que Cristo a receberia, e com a mesma doçura que o homem Deus; voltando-se para outro membro da municipalidade chamado Gabeau, perguntou:

– E o senhor também me recusa este favor?

E como este hesitasse, o rei acrescentou:

– Oh! Pode lê-lo; contém disposições que desejo que a Comuna conheça.

O membro pegou-lhe.

Então, vendo Cléry, o qual, receando como o escudeiro de Carlos I, que seu amor tremesse de frio e julgassem que era medo, lhe apresentava o chapéu e o casaco, disse-lhe:

– Não, Cléry, quero só o chapéu.

Cléry deu o chapéu ao rei, que aproveitou esta ocasião para lhe apertar pela última vez a mão.

Depois, com esse tom de comando, que na sua vida tão raras vezes havia tomado, disse:

– Partamos, senhores!

Foram as últimas palavras que pronunciou na prisão.

Na escada encontrou Mathay, porteiro da torre, que na antevéspera achara no seu quarto assentado diante do fogo, e a quem dissera com mau modo que saísse dali.

– Mathay – disse o rei – antes de ontem fui um pouco arrebatado consigo, não me queira mal.

Mathay não lhe respondeu e voltou-lhe as costas.

O rei atravessou o primeiro pátio a pé, e atravessando-o voltou-se duas ou três vezes para dizer adeus com a vista ao seu único amor, a sua esposa; à sua amizade, a sua irmã; à sua única alegria, os seus filhos.

À entrada do pátio achava-se uma carruagem pintada de verde: à portinhola estavam dois gendarmes. Quando o rei se aproximou, um deles meteu-se dentro da carruagem, depois entrou o rei, que fez sinal ao abade para se assentar a seu lado. O outro gendarme também entrou e fechou a portinhola.

Correram então dois boatos.

Sendo o primeiro, que um desses gendarmes era um padre disfarçado.

O segundo, que ambos os gendarmes tinham recebido ordem de assassinar o rei à primeira tentativa que ele fizesse para o salvar.

Nenhuma destas asserções tinha fundamento.

A carruagem partiu às nove horas e um quarto.

Ainda uma palavra sobre a rainha, sobre a princesa Isabel e sobre as duas crianças de quem o rei, ao partir se despedira com a vista, através das paredes da prisão.

Na véspera à noite, depois da entrevista, ao mesmo tempo grata e terrível, a rainha apenas tivera tempo para despir e deitar o delfim. Deitou-se vestida em cima da cama, e durante aquela longa noite de Inverno a princesa Isabel e a princesa real ouviram-na tiritar de frio e de dor.

Às seis horas e um quarto abriu-se a porta da alcova das princesas; tinham ido ali buscar um livro de missa.

Então toda a família se preparou, crendo que, conforme a promessa feita na véspera pelo rei, dentro em pouco iria ter com ele; mas correu tempo, e a rainha e as princesas, sempre de pé, ouviram bulha por diversas vezes, a qual produziu nelas o mesmo efeito que produzira no confessor, e em Cléry, escudeiro do rei. Ouviram abrir e fechar portas; ouviram os gritos do

populacho, que rondava a saída do rei, finalmente sentiram o tropel dos cavalos e o rodar da artilharia.

Então a rainha caiu sobre uma cadeira dizendo:

– Foi-se sem nos dizer adeus!

A princesa Isabel e a princesa real puseram-se de joelhos.

Tinham esperado que fosse só o exílio ou a prisão, e essa esperança esvaiu-se; depois tinham esperado que fosse concedida a apelação, e essa esperança desfez-se; finalmente, esperavam ainda um golpe desesperado, durante o trânsito, e essa esperança também ia desaparecer.

– Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! – gritava a Rainha – e este último apelo de desespero à divindade era tudo quanto ela podia dizer.

Entretanto ia rodando a carruagem.

As ruas estavam quase desertas; as lojas fechadas, e não aparecia pessoa alguma nem às portas nem às janelas.

Um decreto da Comuna proibia aos cidadãos que não fizessem parte da milícia armada, atravessarem as ruas, que desembocavam no boulevard, ou aparecerem às janelas quando passasse o rei.

Uma atmosfera pesada e chuvosa só deixava ver uma floresta de lanças, no meio das quais brilhavam algumas baionetas. Na frente da carruagem, ia cavalaria e na frente desta tambores.

O rei queria falar com o seu confessor, mas não o podia fazer por causa da bulha.

O abade de Firmont emprestou ao rei o seu breviário.

À porta de Saint-Denis levantou a cabeça, parecendo-lhe que havia grande movimento entre a multidão.

Com efeito, uma dúzia de mancebos, desembocando da rua de Beauregard, acabavam de se precipitar com a espada em punho entre esta multidão, gritando:

– A nós os que querem salvar o rei.

Três mil conjurados deviam responder àquele brado levantado pelo barão de Batz, aventureiro conspirador.

Deu corajosamente o sinal; de mais de três mil conjurados só lhe responderam doze.

O barão de Batz e os conjurados aproveitaram a confusão causada pela sua tentativa e escaparam-se pelas ruas próximas ao arrabalde de Saint-Denis.

Fora este movimento que distraía o rei das suas orações: mas foi de tão pequena importância, que a carruagem nem sequer parou.

Só parou quando chegou ao seu destino.

Logo que o rei percebeu que tinha cessado o movimento, inclinou-se ao ouvido do sacerdote e disse-lhe:

– Se não me engano já chegámos.

O abade de Firmont ficou silencioso.

Neste momento, um dos três irmãos Sanson, carrascos de Paris, foi abrir a portinhola.

O rei, detendo-o e pondo a mão sobre o joelho do abade de Firmont, disse em tom de comando:

– Recomendo-lhe este senhor; depois da minha morte preserve-o de qualquer injúria; é ao seu cuidado que o confio.

Entretanto tinham-se chegado os outros dois algozes.

– Sim, sim – disse um deles – deixe-o por nossa conta; vamos agora ao que interessa.

Luís apeou-se.

Então os ajudantes do carrasco quiseram despi-lo.

Mas Luís repeliu-os desdenhosamente e começou a despir-se só.

Por um instante ficou o rei só no meio do círculo que se tinha feito: tirou o chapéu, a gravata e a sobrecasaca.

Depois aproximaram-se os algozes.

Um deles tinha na mão uma corda.

– Que quer? – perguntou o rei.

– Quero amarrá-lo.

– Oh! Isso nunca, tal não consentirei.

Os executores elevavam a voz; ia travar-se aos olhos do público uma luta, corpo a corpo, que ia tirar à vítima o mérito de seis meses de coragem e de resignação, quando um dos irmãos Sanson, comovido, mas obrigado a executar a sua terrível obrigação, aproximou-se em tom respeitoso e disse:

– Senhor, com este lenço.

O rei olhou para o seu confessor.

Este fez um esforço para falar e disse:

– Senhor, será mais uma semelhança entre vossa majestade e o Deus que vai ser a recompensa do vosso martírio.

O rei levantou os olhos para o Céu com suprema expressão de dor, e disse:

– Sim, é preciso o seu exemplo para se poder sofrer uma tal afronta.

E voltando-se para os carrascos, estendeu-lhe resignado as mãos e disse:

– Façam o que quiserem, despejarei o cálix até às fezes.

Os degraus do cadafalso eram altos e escorregadios; subiu-os encostado ao sacerdote. Por um instante sentiu este o peso do corpo do rei no seu braço, e receou alguma debilidade no último momento.

Mas, chegando ao último degrau, o rei escapou-se por assim dizer da mão do seu confessor, como a alma se lhe ia escapar do corpo, e correu para o outro lado da plataforma.

O rei estava muito vermelho e animado.

Os tambores rufavam e ele impôs-lhe silêncio com um olhar.

Pronunciou com voz forte as seguintes palavras:

– Morro inocente de todos os crimes que me imputam; perdôo aos autores da minha morte, e peço a Deus que o sangue que ides derramar não caia nunca sobre a França.

– Rufai, tambores! – gritou uma voz, que por muito tempo se julgou ser a de Santerre, mas que foi do Sr. de Beaufranchet, conde de Oyrat, filho de Luís XV e da cortesã Morphise.

Era tio natural do condenado.

Os tambores rufaram.

O rei bateu o pé.

– Calai-vos – disse com voz terrível – ainda tenho, que falar.

Mas os tambores continuaram a rufar.

– Façam o seu dever, berravam os homens, que cercavam o cadafalso, dirigindo-se aos executores.

Estes atiraram-se ao rei, que voltou a passos lentos para o cutelo, olhando para o ferro, cujo desenho ele mesmo tinha dado havia um ano.

Depois as suas vistas dirigiram-se para o sacerdote, que orava de joelhos à borda do cadafalso.

Seguiu-se um movimento uniforme atrás dos dois postes da guilhotina; a redouça girou, sentiu-se uma pancada e não se viu mais do que um grande jacto de sangue.

Então um dos executores, agarrando na cabeça do executado mostrou-a ao povo, aspergindo o cadafalso com o sangue real.

A esta vista os homens das lanças deram brados de alegria, e precipitando-se molharam no sangue, uns as lanças, outros as espadas, e os que tinham lenços também os ensoparam.

Depois deram o brado de: “Viva a república!”

Mas pela primeira vez, este grande grito que tinha feito estremecer de alegria os povos, extinguiu-se sem eco.

A república tinha na frente uma dessas nódoas fatais que nunca se apagam.

Acabava, como disse mais tarde um grande diplomata, de cometer mais que um crime, acabava de cometer um erro.

Em Paris houve profundo sentimento, que em alguns degenerou em desespero.

Uma mulher afogou-se no Sena, um cabeleireiro degolou-se, um livreiro endoideceu, um oficial morreu duma apoplexia.

Quando se abriu a sessão, leu o presidente a carta de um homem que pedia que lhe fosse entregue o corpo de Luís XVI para o enterrar ao pé do de seu pai.

Restavam o corpo e a cabeça separados um da outra.

Vejamos que fim tiveram.

Não conhecemos narrações mais terríveis do que o próprio texto de uma acta.

Eis a que foi lavrada no dia da execução.

Acta do enterro de Luís Capeto

“A 21 de Janeiro de 1793, II ano da república francesa, nós abaixo assinados, administradores dos departamentos de Paris, munidos de poderes pelo conselho geral do departamento, em virtude das ordens do conselho executivo provisório da república francesa, dirigimo-nos às nove horas da manhã a casa do cidadão Récaves, cura de Santa Madalena, e encontrando ali o dito cura, perguntamos-lhe se tinha dado cumprimento às ordens recomendadas na véspera pelo conselho executivo e pelo departamento para o enterro de Luís Capeto. Respondeu-nos que tinha executado o que fora ordenado pelo conselho executivo e pelo departamento, e que estava tudo preparado.”

“Dali, acompanhados, pelos cidadãos Redard e Damoreau, ambos coadjutores da paróquia de Santa Madalena encarregados pelo cidadão cura de procederem ao enterro de Luís Capeto, dirigimo-nos ao cemitério da dita paróquia, situado na rua d'Ànjou-Saint-Honoré, onde reconhecemos terem sido executadas as ordens por nós dadas na véspera ao cidadão cura, em virtude da comissão que tínhamos recebido do conselho geral do departamento.”

“Pouco depois foi deposto no cemitério na nossa presença, por um destacamento de gendarmaria a pé, o cadáver de Luís Capeto, que reconhecemos, tendo a cabeça separada do tronco; notámos que a cabeça tinha os cabelos cortados pelo lado de trás, e que o cadáver não trazia gravata nem casaca, nem sapatos. Trazia camisa, vestia de cor parda, calções e meias da mesma cor.”

“Assim vestido, foi deposto num caixão; desceram-no à cova, que imediatamente encheram, e tudo foi disposto e executado segundo as ordens dadas pelo conselho executivo provisório da república francesa, e tudo assinámos com os cidadãos Récaves, Renard, e Damoreau, cura e coadjutores de Santa Madalena.”

“Leblanc, administrador do departamento.”

“Dubois, administrador do departamento.”

“Damoreau, Récaves, Renard.”

Portanto, Luís XVI foi morto e enterrado a 21 de Janeiro de 1793.

Tinha de idade trinta e nove anos, cinco meses e três dias.

De reinado dezoito anos.

Esteve preso cinco meses e oito dias.

O seu último desejo não foi cumprido, e o seu sangue não só caiu sobre a França, mas sobre toda a Europa.

XIX

A desordem

A morte de Luís XVI deixou a França rodeada de inimigos. Todas as potências quebraram as suas relações com ela, e à Prússia, do Império, e ao Piemonte, que já a guerreavam, uniram-se a Inglaterra, a Holanda e a Espanha.

As que ainda se conservavam neutrais eram a Suécia e a Dinamarca, porque não distraíam as suas vistas da Rússia, que se ia entretendo em desmembrar a Polónia.

Terrível era a posição da França.

Odiada pelas outras nações depois da carnificina de Setembro, e principalmente depois da execução do rei, achava-se por assim dizer, cercada por toda a Europa como se fosse uma simples cidade. A Inglaterra atacava-a pelos Pirinéus, o Piemonte e a Áustria pelos Alpes, a Holanda e a Prússia pelo norte dos Países-Baixos.

Só por um único ponto do alto do Reno até ao Escalda, avançavam contra a república francesa duzentos e cinquenta mil combatentes.

Os exércitos franceses eram repelidos em toda a parte, Miaczinski tinha sido obrigado a abandonar Aix-la-Chapelle, e havia retirado sobre Liège, Steinge, e Neuilly, tendo recuado até Liburgo. Miranda, que estava sitiando Maestricht, recolhera para Tongres. Valence e Dampierre, reduzidos a tentar uma retirada, tinham perdido uma grande parte do material do seu exército.

Mais de dez mil homens haviam desertado do exército, espalhando-se pelo interior do país. Finalmente, a Convenção que tinha posto toda a sua esperança em Dumouriez, enviou-lhe ordem para que abandonasse as margens do Biesboos, onde estava preparando um desembarque na Holanda, para ir tomar o comando do exército estacionado no Mosa.

A França, como se fosse um corpo animado, sentia em Paris, que era o coração da república, cada golpe que a invasão, a derrota ou a traição lhe vibrava aos membros mais afastados.

Cada vitória enchia todos de alegria.

Aos reveses sucediam-se brados de terror.

Grande foi pois o tumulto motivado pela notícia da derrota dos exércitos franceses.

A 9 de Março houve na Convenção uma sessão muito agitada e tumultuosa, e Danton sempre pronto a propor coisas que pareciam impossíveis, mas que sempre se efectuavam, subindo à tribuna, exclamou:

Faltam-vos os soldados, dizeis vós! Ofereçamos a Paris uma ocasião de salvar a França, peçamos-lhe trinta mil homens, e mandemo-los a Dumouriez, e assim não só salvaremos a França, mas ficará a Bélgica segura e conquistaremos a Holanda.

Esta proposta foi recebida com estrepitosos aplausos e produziu singular entusiasmo.

Todas as secções abriram registros, e foram avisados todos os seus membros para se reunirem à noite.

Para evitar qualquer distracção, deu-se ordem para se fecharem os espectáculos públicos.

Na casa da municipalidade foi içada uma bandeira preta como sinal de perigo.

Antes da meia-noite estavam arrolados nos registros trinta e cinco mil nomes.

Sucedeu porém desta vez, como sucedera nos dias de Setembro; os voluntários quando iam inscrever os seus nomes, pediam que antes de partirem fossem punidos os traidores.

Os traidores, para eles, eram os contra-revolucionários.

Esta palavra porém, era susceptível de toda a latitude, que lhe quisessem dar os partidos exaltados, que naquela época dilaceravam a França.

Verdadeiramente os traidores eram sempre os mais fracos.

Ora, como naquela ocasião os mais fracos eram os girondinos, resolveram os montanheses que fossem somente traidores os girondinos.

A 10 de Março, nem um só deputado da montanha faltou à sessão.

Os jacobinos armados acabavam de entrar nas galerias, depois de terem mandado sair as mulheres, quando se apresentou o *maire* acompanhado pelos conselheiros da municipalidade.

Vinha participar o grande número de voluntários que se tinham inscrito, e ao mesmo tempo repetia o pedido feito na véspera, para ser nomeado um novo tribunal extraordinário, que julgasse os traidores no mais curto prazo de tempo.

A Assembléia pediu em altos brados que fosse nomeada uma comissão especial para dar imediatamente o seu parecer sobre o assunto.

Com efeito, reuniu-se a comissão, e Roberto Lindei participou à Assembléia o seguinte resultado:

“Que ia ser nomeado um tribunal, composto de nove juizes que decidiriam independentemente de formalidades, e procurariam por toda e qualquer maneira obter a convicção dos crimes; que seria dividido em duas secções sempre permanentes, e que se procederia a pedido da Convenção, ou de seu *motu-próprio*, contra todos aqueles que procurassem desvairar o povo.”

Era muito ilimitado, era infinito, como se vê, o poder deste tribunal.

Os girondinos conheceram que era a sua sentença de extermínio, e por isso bradaram todos:

– Antes queremos morrer do que consentir em que se estabeleça uma tal inquisição veneziana.

Os montanhese, em resposta a esta exclamação, pediram votos em altas vozes.

– Sim – gritou Féraud – sim, votemos para dar a conhecer ao mundo quais são os homens que pretendem assassinar a inocência em nome da lei.

Procedeu-se com efeito à votação e contra o que todos esperavam, decidiu a maioria:

1.º Que houvesse jurados;

2.º Que os jurados fossem escolhidos em número igual pelos departamentos;

3.º Que fossem nomeados pela Convenção.

No momento em que estas três propostas acabavam de ser aprovadas, ouviu-se grande vozeria.

A Convenção não se mostrou admirada, pois estava acostumada às visitas populares.

Todavia o presidente ordenou que fossem saber o que pretendiam.

Era uma deputação de voluntários que, tendo-se juntado no Terreiro, pedia vénia para fazer desfilar a sua gente na presença da Convenção.

Abriram-se as portas, que imediatamente deram entrada a mais de seiscentos bêbados armados todos de espadas, pistolas, espingardas e chuços e que pediam em altos berros a morte dos traidores.

– Sim – respondeu Collot-d’Herbois, um façanhudo montanhês – sim, meus amigos, apesar das intrigas, salvar-vos-emos a vós e à liberdade.

E olhou para os girondinos de uma maneira, que bem lhes dava a entender que não estavam ainda livres de perigo.

Depois de fechada a sessão, correram os montanhese todos aos seus clubes, propondo que os traidores fossem declarados fora da lei e mortos naquela mesma noite.

O ministro Louvet morava na rua de Saint-Honoré, próximo dos jacobinos.

Sua mulher, ouvindo grande vozeria, saiu à rua, entrou no clube e ouvindo a proposta foi participá-la ao marido.

Louvet armou-se e saiu imediatamente para reunir os amigos; achou-os porém todos ausentes e o criado de um disse-lhe que estava em casa do *maire* Pétion.

Dirigiu-se pois a casa do *maire*, e com efeito encontrou-os ali muito tranquilos deliberando sobre uma proposta, que contavam fazer aprovar na seguinte sessão.

Louvet dá-lhes parte do ocorrido, diz-lhes o que estão tramando os jacobinos, e propõe-lhes que se adopte também alguma medida enérgica.

Logo que acabou de falar, Pétion levantou-se com a sua costumada impassibilidade, foi à janela, abriu-a, olhou para o Céu, estendeu o braço, e tirando para dentro a mão encharcada, disse:

– Está chovendo; esta noite não há novidade.

Pela janela, meia aberta, entraram as últimas vibrações do sino que dava as dez horas.

O dia 10 de Março

Eis pois o que se passava em Paris naquele mesmo dia e na véspera; eis o que se estava passando durante aquela noite e é o motivo por que, no meio do silêncio e da escuridão, as casas destinadas a abrigar os vivos, tornadas mudas e sombrias, pareciam unicamente sepulcros povoados de mortos.

Patrulhas numerosas de guardas nacionais marchando em silêncio e precedidas por vedetas de baioneta calada; magotes de cidadãos das secções, armados conforme cada um tinha podido, e encostando-se uns aos outros, percorriam as ruas.

Além destes, algumas patrulhas de gendarmes rondavam em todos os recantos e faziam fechar as lojas que se encontravam abertas.

Tudo isto era feito, porém com tais precauções, que bem se via quanto desconfiavam uns dos outros.

As patrulhas não se cruzavam sem trocarem santo e senha. E ainda assim, depois de passarem, iam olhando para traz, como se receassem ser de improviso atacadas pela retaguarda.

Naquela noite, em que Paris estava entregue a um desses terrores horríveis, tantas vezes repetidos; naquela noite, em que se tramava em segredo dar cabo dos revolucionários frouxos, que depois de votarem pela morte do rei não queriam votar pela da rainha; naquela noite, repetimos, atravessava Paris a passos tímidos uma mulher embrulhada num mantelete de chita sarapintada, e de rosto coberto com um capuz.

Quem era a heroína que assim se aventurava pelas ruas de Paris em noite tão terrível?

É o que mais tarde saberemos.

Caminhava encostada às casas da rua de Saint-Honoré, metendo-se nos vãos das portas ou nos recantos todas as vezes que deparava com alguma patrulha, contendo a respiração quando esta passava, e quando a via distante, prosseguia o caminho a passo precipitado.

Já tinha andado sem mau encontro a rua de Saint-Honoré, quando, depois de voltar a esquina da rua Grenelle, se viu de repente no meio de uma patrulha de voluntários, os quais, tendo participado do jantar do Terreiro, tinham exaltado o seu patriotismo com copiosos brindes.

A pobrezinha, logo que viu os voluntários, deu um grito e tentou escapar pela rua do Coq.

– Olá! Cidadã! – gritou o chefe dos voluntários, pois os dignos patriotas, obedecendo à necessidade tão natural do homem de ter quem o comande, já tinham escolhido chefes. – Olá! Onde vais tu?

A mulher não respondeu, e continuou a fugir precipitadamente.

– Apontem! – disse o chefe – é um homem disfarçado, é um aristocrata que foge!

E em seguida, o som dos gatilhos de duas ou três espingardas manejadas por mãos algum tanto vacilantes, deu a conhecer à pobre mulher que a ordem fatal ia ser executada.

– Não! Não! – exclamou ela parando logo e voltando atrás, – não, cidadão, está enganado, não sou homem.

– Pois então chega à fala – disse o chefe – e responde-me categoricamente. Onde vais tu tão depressa, bela ave nocturna?

– Eu, cidadão, não vou a parte nenhuma... volto para a minha casa.

– Ah! Voltas para tua casa.

– Sim.

– Pessoas de bem não costumam voltar para casa tão tarde, cidadã.

– Fui visitar uma parente minha que está doente.

– Coitadinha! – disse o chefe fazendo um gesto, que assustou aquela que fora interrogada; – e onde está o bilhete?

A mulher ficou pasmada.

– O bilhete! O que significa isso, cidadão? Que quer dizer o que me pede?

– Não leste o decreto da municipalidade?
– Não.
– Nem ao menos o ouviste apregoar?
– Também não. Oh! Meu Deus! Que diz o decreto?
– Minha rica, já não se diz meu Deus diz-se *Ente Supremo*.
– Perdão! Foi engano... É um costume antigo.
– É mau costume, é costume de aristocrata.
– Pois bem, eu tratarei de me emendar, cidadão. Mas ia dizendo...
– Dizia que o decreto da municipalidade determina que, depois das dez horas da noite, não se possa sair à rua sem *bilhete de civismo*. Vens prevenida com ele?

– Não.
– Deixaste-lo em casa da parenta.
– Não sabia que não se podia sair sem o bilhete.
– Pois então vamos até à primeira estação que encontrarmos, lá darás as tuas explicações ao capitão, e se forem satisfatórias, terás dois soldados para te escoltarem até casa, quando não, lá ficarás até que se saiba quem és. Ombro esquerdo frente, ordinário, marche!

O grito de susto que preferiu a presa, logo deu a conhecer ao chefe dos voluntários que a pobre mulher muito receava o tal exame.

– Oh! Oh! – disse ele – estava capaz de jurar que apanhámos algum pássaro mais fino. Vamos, vamos para a frente, minha fidalguinha.

E o chefe, pegando no braço da cativa, enfiou-o no seu e foi-a levando apesar dos seus gritos e lamentações, para a estação do palácio da Igualdade.

Tinham chegado próximo à barreira dos Sargentos, quando de repente um mancebo de elevada estatura, e empuçado num capote, desembocou da rua dos Petits-Champs, no momento em que a presa suplicava aos guardas que a soltassem. O chefe, sem querer ouvi-la, arrastou-a brutalmente. A mulher deu um grito motivado pelo susto e pela dor.

O mancebo, que viu a luta e ouviu os gritos, atravessou logo a rua e achou-se em frente do grupo.

– Que bulha é esta, que pretendem dessa mulher? – perguntou ele ao que parecia o chefe.

– Não é da tua conta, não te intrometas onde não te chamam, mete-te com a tua vida e deixa-me.

– Quem é essa mulher, cidadãos, e que pretendem dela? – repetiu o mancebo em tom mais imperioso.

– E tu, quem és, que assim nos interrogas?

O mancebo abriu o capote e deixou ver as dragonas e uma farda militar.

– Sou oficial – disse ele – como podem ver.

– Oficial... De quê?

– Da guarda cívica.

– E que temos nós com a guarda cívica? – respondeu um dos do bando. – Nós cá não conhecemos oficiais da guarda cívica.

– Que diz ele? – perguntou outro voluntário com a inflexão de voz vagarosa e sarcástica própria do popular parisiense quando se vai esquentando.

– Digo – redargüiu o mancebo; – que se as dragonas não podem obrigá-los a respeitar o oficial, a minha espada os obrigará a respeitar as dragonas.

Ao tempo que dizia estas palavras, o defensor da jovem mulher deu um passo atrás, e desembaraçando-se das dobras do capote, fez brilhar ao clarão do candeeiro uma larga e rija espada de infantaria. E logo, com um movimento rápido, que bem mostrava estar habituado às lutas daquela natureza, agarrando o chefe dos voluntários pela gola do jaleco e apontando-lhe a espada ao peito, disse:

– Agora conversemos como bons amigos.

– Porém, cidadão... – disse o chefe dos voluntários procurando soltar-se.

– Olha que te aviso que ao menor movimento teu ou dos teus homens, atravesso-te com a espada.

Durante este tempo, dois dos homens ainda tinham a mulher agarrada.

– Perguntaste-me quem eu era – continuou o mancebo – e não tinhas direito para o fazer, porque não estás à frente de uma patrulha regular. Contudo vou satisfazer-te: chamo-me Maurício Lindey, fui comandante de uma bateria no 10 de Agosto, sou tenente da guarda nacional e secretário da secção dos Irmãos e Amigos. Será isto bastante?

– Ah! Cidadão tenente – respondeu o chefe ainda subjugado pela espada, cuja ponta se lhe ia tornando cada vez mais sensível – isso é outro caso. Se és na realidade o que dizes, isto é, um bom patriota...

– Ora ainda bem, lá me queria parecer que acabaríamos por nos entender depois de algum cavaco – disse o oficial. – Agora responde, por que motivo gritava esta mulher e o que querias tu?

– Vamos levá-la à casa da guarda.

– Por que razão?

– Porque não traz bilhete de civismo, e o último decreto da municipalidade manda que sejam presos os indivíduos, que forem encontrados nas ruas de Paris depois das dez horas, sem bilhete de civismo. Esqueceste porventura que a pátria está em perigo, e que a bandeira preta foi içada na casa da municipalidade?

– O motivo por que a bandeira preta ondeia na casa da municipalidade em sinal da pátria estar em perigo, é porque duzentos mil escravos estão marchando contra a França – replicou o oficial – e não porque uma mulher anda fora pelas ruas de Paris. Porém, não importa, cidadãos; em vista do decreto da municipalidade, estão no seu direito, e se me tivessem dado logo essa resposta, a nossa explicação teria sido mais breve e menos complicada. É bom ser patriota, mas também não é mau ser cortês, parece-me que os oficiais, que os cidadãos devem respeitar primeiro do que todos, são os que eles próprios elegeram. Agora podem levar a mulher.

– Oh! Cidadão – exclamou, agarrando o braço de Maurício, a mulher, que durante toda a contenda havia mostrado grande aflição. – Oh! Cidadão! Não mo abandone assim à mercê desses homens grosseiros e embriagados.

– Pois bem – disse Maurício – aqui está o meu braço, acompanhá-la-ei com eles até à estação.

– À estação – repetiu a mulher com susto – à estação! E por que motivo me conduz à estação, se eu não fiz mal a ninguém?

– Não é porque tenha feito mal – disse Maurício – que a levam para a estação, nem porque suponham que seja capaz de o fazer; é porque o decreto da municipalidade determina que ninguém possa sair sem o bilhete, que não traz.

– Mas senhor, eu não sabia...

– Cidadã, encontrará na estação pessoas muito capazes, que tomarão em consideração as razões que tem a alegar, e de quem nunca deve recear, podendo ir tranqüila.

– Senhor – disse a jovem mulher, apertando com força o braço do oficial – não são só insultos que eu temo, é a morte: se me levam à estação, estou perdida.

XXI

A mulher misteriosa

Foi de tal modo expressiva a voz da desconhecida quando disse a Maurício que estava perdida se a levassem à estação, que o mancebo estremeceu.

As palavras da desconhecida vibraram-lhe no coração como uma chama eléctrica.

Depois de alguns momentos de hesitação, voltou-se para os voluntários, que estavam consultando sobre o que lhes competia fazer.

Envergonhados por terem cedido a um só homem, estavam tratando dos meios de tirar a desforra, o que não era dificultoso, pois eram oito contra um; três armados com espingardas, os outros com pistolas e chuços.

Maurício só tinha a espada, portanto a luta não podia ser igual.

A desconhecida percebeu do que se tratava, porque deu um suspiro e deixou pender a cabeça para o peito como que desmaiada.

Maurício conservava ainda a espada desembainhada; para ele o número era coisa a que não dava importância.

Combatido pelos sentimentos de humanidade, que o induziam a dar protecção ao fraco, e pelos seus deveres de patriota, que lhe aconselhavam que entregasse a mulher, não sabia a que se decidisse.

Quando assim estava irresoluto, cintilaram uns poucos de canos de armas, e ouvira-se a marcha compassada de uma patrulha à esquina da rua dos Bons-Enfants.

O chefe da patrulha que chegava, vendo um ajuntamento, mandou fazer alto e bradou com voz forte:

– Quem vem lá?

– Camarada! – respondeu Maurício, e ajuntou: parece-me que é o Lorin.

O indivíduo assim nomeado avançou e aproximou-se a passo dobrado seguido por oito soldados.

– Ah! És tu, Maurício – disse o cabo de esquadra: que andas a fazer pelas ruas a estas horas, maganão?

– Saí neste instante da secção dos Irmãos e Amigos.

– Sim, e agora vais para a das irmãs e amigas; isso já eu sabia.

Eu irei, oh! minha bela,
quando a meia-noite der,
com devoção e cautela,
às escuras, sem temer,
abrir portas que te fecham,
nem sequer ver-te me deixam.

– Então! Adivinhei?

– Não, meu amigo, estás completamente enganado; voltava direito para casa quando encontrei esta cidadã lutando para se livrar das mãos dos cidadãos voluntários; acudi-lhes e perguntei-lhe o motivo por que pretendiam prendê-la.

– Bem se vê que não tens perdido os bons costumes, – disse Lorin:

De cavaleiros franceses,
eis seu timbre, sua nobreza.

E depois, voltando-se para os voluntários:

– E qual era a razão por que queriam prender esta mulher – perguntou o cabo da esquadra que era todo dado às musas.

– Já dissemos ao tenente – respondeu o chefe do bando – que é por não trazer bilhete de civismo.

– Olhem que grande crime! – disse Lorin – e por isso fizeram tamanho sarapatel?

– Não sabes então qual é a ordem que deu a municipalidade? – perguntou um dos voluntários.

– Bem sei! Bem sei! Porém há outro decreto que anula esse de que falas.

– Que decreto é?

– É este:

Pelo amor decretado está no Pindo,
e no Parnaso, monte às musas dado,
que à graça, à mocidade, a um gesto lindo,
não pode ser o trânsito vedado,
de senhas, ou bilhetes desistindo.

– Então que me dizes a este decreto, cidadão? Parece-me que não é falto de galantaria.

– Sim, mas não me parece que sirva para o caso. Em primeiro lugar, ainda não vi no *Moniteur*; em segundo não estamos nem no Pindo, nem no Parnaso; e em terceiro, finalmente, pode muito bem acontecer que a cidadã não seja jovem, nem engraçada, e que não tenha lindo gesto.

– Aposto, pelo contrário, que é lindíssima – respondeu Lorin. – Vejamos, cidadã, mostra a este que fui eu quem ganhei, para trás o teu capuz para que todos possam ajuizar se estás ou não compreendida no decreto.

– Ah! Senhor – disse a mulher encostando-se a Maurício. – Protegeu-me há pouco contra os meus inimigos, livre-me agora dos seus amigos.

– Vejam como ela se esconde – disse o que comandava os voluntários. – Cá por mim ninguém me tira da cabeça que é alguma espiã dos malditos aristocratas, alguma velhaca, ou alguma perdida dessas que andam vadiando de noite pelas ruas.

Estas palavras fizeram muita impressão na desconhecida.

Obrigou Maurício a dar um passo, e disse-lhe com voz muito comovida:

– Oh! Senhor, olhe para mim, e diga-me se o meu rosto inculca alguma daquelas coisas que acaba de ouvir?

E deitando o capuz para trás fez-lhe ver um rosto encantador.

O mancebo nem sequer em sonhos tinha visto coisa que pudesse igualar o que acabava de ver.

Maurício ficou atônito e como que assombrado.

– Lorin – disse ele em voz baixa ao cabo de esquadra – faz com que te entreguem esta mulher para a levares para a tua estação; podes fazê-lo porque estás à frente de uma patrulha regular.

– Percebo – respondeu o cabo de esquadra – a bom entendedor meia palavra basta.

E voltando-se para a desconhecida:

– Ora vamos, minha bela, visto não querer mostrar-nos se estás ou não compreendida no decreto que citei, é preciso que nos acompanhe.

– Que o acompanhe? – disse o chefe dos voluntários.

– Sim, pois vamos levar a cidadã à estação, em que estamos, que é na casa da câmara, e lá indagaremos quem seja.

– Nessa não caio eu – disse o chefe dos voluntários – eu é que a apanhei, comigo é que há-de ir.

– Cidadãos! Cidadãos! – disse Lorin – não me façam esquentar.

– E que temos nós com as tuas esquentações?

– Podem custar-lhes caro.

– Nós, é que somos os verdadeiros soldados da república, pois que enquanto aqui ficam a patrulhar pelas ruas, vamos nós às fronteiras derramar o nosso sangue.

– Pois tomem cuidado, olhem que podem derramá-lo antes de lá chegar; e para não lhes suceder tal desgraça dou-lhes de conselho que sejam mais cortes.

– A cortesia é boa para aristocratas, e nós cá timbramos em ser verdadeiros sem cuecas.

– Não digam tolices, nem indecências diante desta senhora – respondeu Lorin. – Talvez seja alguma inglesa. Não leve a mal esta minha suposição, linda avezinha das trevas – continuou o cabo de esquadra voltando-se para a desconhecida:

Já um poeta o disse e nós agora,

indigno eco, o vamos repetindo;
é um ninho a Inglaterra,
de cisnes cor de marfim,
no meio das águas mansas,
duma lagoa sem fim.

– Ah! Agora te apanhei, meu tafil – disse o chefe dos voluntários; – acabas de confessar que és um assalariado pela Inglaterra, um agente de Pitt...

– Cala-te tolo: como não percebes nada de versos, vou falar-te em prosa. Dá-me atenção: como vês, somos pacíficos guardas nacionais, porém somos todos filhos de Paris, e como tais, quando nos chega a mostarda ao nariz damos para baixo como cegos.

Maurício voltou-se então para a desconhecida e disse:

– Senhora, veja o estado a que isto chegou por sua causa, vai travar-se uma luta, vai correr o sangue de dez ou doze homens. Pese em sua consciência se merece tanto sacrifício a causa que defende.

– Senhor – respondeu com as mãos postas a desconhecida – só uma coisa posso dizer-lhe, e é que são três as desgraças que a minha prisão pode causar; peço-lhe que antes de se apartar de mim me atravesse o coração com uma espada, e que lance o meu corpo ao Sena.

– Está bem, senhora – respondeu Maurício; – tome sobre mim toda a responsabilidade.

E largando a mão da jovem, que tinha entre as suas, disse, voltando-se para os guardas nacionais.

– Cidadãos, como seu oficial, como patriota, como francês, ordeno-lhes que dêem protecção a essa mulher. E tu, Lorin, se algum destes canalhas disser uma só palavra, dá-lhe para baixo.

– Preparar! Apontar! – disse Lorin.

– Ah! Meu Deus! Meu Deus! – disse a desconhecida puxando o capuz, e encostando-se a um marco de pedra – Meu Deus! Protegei-o.

Os voluntários quiseram resistir. Um deles deu um tiro de pistola e atravessou com a bala o chapéu de Maurício.

– Calar baionetas! – gritou Lorin. – A eles rapazes!

Travou-se então no meio das trevas uma briga, que durou alguns instantes. Apesar do estampido de dois ou três tiros, e dos gritos e blasfêmias, ninguém acudiu. Apenas duas ou três janelas se abriram, mas logo se tornaram a fechar.

Os voluntários, que eram menos e mal armados, num instante ficaram gravemente feridos, os outros quatro estavam arrumados à parede, tendo cada um deles uma baioneta apontada ao peito.

– Ora bem – disse Lorin – agora tenho esperanças de que hão-de ficar mansos como cordeiros. Tu, cidadão Maurício, ficas encarregado de levar essa mulher à estação da municipalidade. Olha que me respondes por ela.

– Não te dê cuidado – respondeu Maurício.

E acrescentou a meia voz:

– Hás-de dar-me o santo e a senha.

– Essa é uma dos diabos – respondeu Lorin, coçando na orelha. – O santo e a senha!... Não sei se...

– Então tens medo de que eu abuse?

– Também pouco se me dá – respondeu Lorin – faze deles o que te parecer.

– Então dizes-mo ou não?

– Espera que já te falo; vou primeiramente pôr a andar estes peraltas. E olha que antes de nos afastarmos quero dar-te um conselho de amigo.

– Pois vai que eu espero.

E Lorin voltou-se para os guardas nacionais, que ainda estavam de guarda aos voluntários.

– Digam-me se já estão satisfeitos? – perguntou ele.
 – Sim, girondino do diabo – respondeu o chefe.
 – Estás enganado, meu amigo – respondeu o cabo de esquadra com todo o sossego – aqui onde nos vês somos muito melhores patriotas do que tu, pois somos do clube dos Termópilas, de cujo patriotismo ninguém se atreverá a duvidar.
 Depois, voltando-se para os seus soldados, com voz de trovão, continuou:
 – Larguem os cidadãos.
 – Parece-me contudo – disse o chefe dos voluntários – que não podes duvidar de que a mulher é suspeita...
 – Se fosse suspeita teria procurado evadir-se durante a nossa briga.
 – Parece-me que o cidadão Termópila tem razão – disse um dos voluntários.
 – Contudo se for suspeita, daqui a pouco o saberemos, porque o meu amigo vai levá-la à estação, enquanto nós vamos beber à saúde da nação.
 – O quê? Nós vamos beber! – disse o chefe dos voluntários.
 – Vamos, sim, porque tenho as goelas muito secas, e quero levá-los a uma taberna asseadíssima, onde costumo ir, à esquina da rua do Louvre.
 – E porque não falaste logo assim? Todos estamos arrependidos por ter duvidado do teu patriotismo; e para provar o que digo, abracemo-nos em nome da nação e da lei.
 – Pois sim abracemo-nos – disse Lorin.
 E os voluntários e guardas nacionais abraçaram-se com entusiasmo. Naquele tempo havia tanta facilidade em dar um abraço como em dar uma cutilada.
 – Agora, amigos, vamos à rua do Louvre – gritaram todos ao mesmo tempo.
 – E nós ficamos aqui – disseram os feridos com voz lastimosa; – assim nos abandonaram sem dó?
 – Dessa não sou eu capaz! Abandonar – disse Lorin – uns valentes como vocês, que sucumbiram pelejando pela pátria; verdade é que foi contra patriotas, mas isso não importa, porque, foi engano. Entretanto cantem a *Marselhesa*, que sempre é uma distracção:

Alons, enfants de la patrie,
 Le jour de gloire est arrivé!

Depois, aproximando-se de Maurício, que esperava com a desconhecida à esquina da rua do Coq, enquanto os voluntários e patriotas, de braços dados, se dirigiam para a praça da Igualdade, disse-lhe:
 – Maurício, vou dar-te um conselho que te prometi. Em vez de ires com essa cidadã, que todavia julgo encantadora, é melhor que venhas connosco, porque podes comprometer-te; eu cá sempre desconfiei das mulheres bonitas, que vagueiam pelas ruas de Paris à meia-noite...
 – Oh! Senhor – disse a desconhecida – não me julgue pelas aparências.
 – Ora, lá se serviu da palavra senhor, o que é um grande erro, percebe cidadã? E estou a repreendê-la e a tratá-la na terceira pessoa!
 – Pois sim, cidadão, prometo que hei-de corrigir-me; mas deixa o teu amigo continuar a obra de caridade que começou.
 – Qual?
 – A de acompanhar-me até minha casa para livrar-me de algum mau encontro.
 – Maurício; Maurício! Vê em que te metes, olha que é um grande comprometimento.
 – Bem sei; mas que queres tu que faça? Se eu abandonar esta mulher, não dará dois passos sem que seja presa por alguma patrulha.
 – É verdade, senhor, quero dizer cidadão, se for contigo escaparei de grandes perigos.
 – Não a ouves? Diz que escapará de grandes perigos; logo, receia muito.
 – Ora vamos, meu querido Lorin, sejamos justos; se é uma aristocrata, o mal está feito, porque a defendemos; se é uma patriota devemos-lhe protecção.

– Perdão, perdão, meu querido, mas sempre te direi, nem que pese a Aristóteles, que a tua lógica é muito estúpida. Estás como aquele que diz:

Íris minha razão roubou inteira,
e quer em mim agora achar prudência.

– Lorin – disse Maurício – peço-te que não me quebres os ouvidos com as tuas citações poéticas. Agora falemos sério; queres ou não dar-me o santo e a senha?

– Olha, Maurício, colocas-me na colisão ou de sacrificar o meu dever à amizade, ou a amizade ao meu dever. Mas afinal de contas quem paga é o dever, pois será o sacrificado.

– Pois então decide, ou uma coisa ou outra; mas há-de ser já.

– Prometes não abusar?

– Prometo.

– Isso só não me serve, jura.

– Mas sobre que hei-de jurar?

– Sobre o altar da pátria.

Lorin tirou o chapéu, e apresentou-o a Maurício com o laço para cima; e Maurício como se fosse na pedra da ara, prestou, com toda a seriedade, o juramento exigido sobre aquele altar improvisado.

– Bom, agora eu te digo, o santo e a senha são: *Gallia e Lutecia*. Alguns, como já me sucedeu, hão-de dizer-te *Gallicia e Lucrecia*; não faças porém caso, porque todas essas palavras são romanas.

– Obrigado, Lorin – disse Maurício.

Depois voltando-se para a desconhecida:

– Agora estou à sua disposição cidadã.

– Boa jornada! – disse-lhe Lorin, tornando a encaixar na cabeça o que servira de altar da pátria; – e fiel às suas propensões anacreônticas, retirou-se cantarolando:

Enfim, minha Leonor, tu conheceste
esse gozo encantado que temias;
inda sonhando-o, desejando-o mesmo!
Tu, que até a gozá-lo o receavas,
diz-me agora, Leonor, que hás nele achado
Que possa haver-te sustos inspirado?

XXII

Um beijo a olhos fechados

Maurício, quando se viu só com a desconhecida, ficou um tanto perturbado.

O receio de ser logrado, os atractivos de tão grande beleza, e uma espécie de remorso por ter faltado aos seus deveres de republicano exaltado, tudo isto o fez hesitar no momento de oferecer o braço à mulher misteriosa.

– Para onde a hei-de acompanhar, cidadã? – perguntou Maurício.

– Ah! Vou para muito longe.

– Mas para que lado se dirige?

– Para o lado do jardim botânico.

– Muito bem, quando quiser podemos ir.

– Oh! Meu Deus! – disse a desconhecida – custa-me muito o incómodo que lhe dou; e se não fosse a desgraça que me sucedeu, e o grande perigo a que me vejo exposta, decerto não me atreveria a abusar assim de tanta generosidade.

– Mas, finalmente, minha senhora – disse Maurício, esquecendo no calor da conversa de servir-se do tratamento decretado pela república – diga-me porque anda a tais desoras pelas ruas de Paris? Parece-me que somos as únicas pessoas que transitam pelas ruas.

– A razão já lhe disse: fui fazer uma visita ao bairro de Roule. Não soube o que hoje aconteceu, porque o sítio é muito retirado.

– Sim – resmungou Maurício – estive em casa de algum ex-fidalgo, foi visitar algum aristocrata. Confesso, cidadã, que está fazendo escárnio da minha condescendência em a proteger.

– Eul Por que motivo?

– Não pode deixar de ser; tem por protector um republicano, que está atraíndo a sua própria causa; acha pouco?

– Mas – disse com vivacidade a desconhecida – sou tão boa republicana como o cidadão o pode ser.

– Se assim é, cidadã, para que se serve de mistérios? Porque não diz francamente donde vem?

– Oh! Senhor! Para que é tanta insistência?

A desconhecida pronunciou com tanta expressão de pudor a palavra senhor, que Maurício julgou ter adivinhado os sentimentos, que ela ocultava.

– Não pode deixar de ser – disse consigo – esta mulher volta de alguma entrevista amorosa.

E esta idéia, sem saber porquê, magoou-lhe o coração.

Desde esse momento não deu mais palavra.

Iam então próximos à rua de la Varrerie. Até ali só tinham encontrado três ou quatro patrulhas, que sem dificuldade os deixaram passar, depois de Maurício lhes dizer o santo e a senha; mas finalmente encontraram uma, cujo oficial era um pouco mais impertinente.

Neste caso, além do santo e da senha, Maurício disse o nome e a morada ao oficial.

– Quanto a ti – respondeu este – estou satisfeito, mas a cidadã...

– Então que tens que dizer à cidadã?

– Quem é?

– É... Minha irmã.

O oficial deixou-o passar.

– É casado? – perguntou a desconhecida.

– Não, cidadã; porque me faz essa pergunta?

– Porque se o fosse – respondeu ela rindo – podia ter dito que era sua esposa.

– Minha senhora – replicou o mancebo – o nome de esposa é um título sagrado, que não se deve dar a qualquer, e como deve compreender, eu não tenho a honra de a conhecer.

Desta vez foi a desconhecida que ficou silenciosa e sentiu grande aperto no coração.

Iam atravessando a ponte Maria.

A desconhecida quanto mais caminho adiantava, mais apressava o passo.

Passaram depois a ponte Tournelle.

Chegando ao cais de S. Bernardo – disse Maurício:

– Parece-me que está no seu bairro, minha senhora?

– Não há dúvida, cidadão; mas é aqui principalmente, que mais preciso do seu socorro.

– Na verdade, minha senhora, é singular exigir que eu não seja indiscreto, quando tudo concorre para provocar a minha curiosidade. Parece-me que este seu procedimento não é de pessoa generosa, e contudo parece-me que bastante mereço a sua confiança. Não me fará a honra de dizer-me quem é?

– Eu, senhor – respondeu a desconhecida sorrindo – sou uma mulher a quem salvou de grande perigo e que lhe há-de ser grata.

– Não exijo tanto; dispenso tanta gratidão e antes queria saber como se chama.

– Não me é possível dizê-lo.

– Contudo, se a tivessem levado à estação havia de dizê-lo por força.

– Nunca! Nunca! – exclamou a desconhecida.
– Nesse caso, seria presa.
– A tudo estou resignada.
– Porém uma prisão hoje...
– É o caminho para o patíbulo, bem o sei.
– E preferia o patíbulo?
– Antes a morte de que ser traidora... Dizer o meu nome seria uma traição.
– Oh! Bem pensava que o papel que estou representando está em pouca harmonia com as minhas idéias republicanas.

– O papel que está representando é o de um homem generoso. Encontrou uma pobre mulher insultada por alguns homens grosseiros, interveio, e apesar dela pertencer à classe do povo, para não a tornarem a insultar, acompanhou-a até ao miserável bairro, onde ela reside, e nada mais.

– Na aparência assim é; quanto a ser do povo, acreditá-lo-ia, se não a tivesse visto, se não ouvisse as suas expressões; mas pela sua beleza e pelo seu espírito facilmente se conhece ser pessoa fina; é precisamente a distinção das suas maneiras, que procura disfarçar com esse traje que me fez acreditar que saiu a estas horas para algum fim misterioso; não me responde... pois bem, não falemos mais nisso. Ainda fica muito longe a casa?

Saíam então da rua do Sena e entravam na rua dos Fossos de Saint-Victor.

Neste ponto a desconhecida parou e disse:

– Vê além aquele edifício escuro? – e apontou para uma casa situada além dos muros do jardim botânico; quando lá chegarmos, temos de nos separar.

– Dê-me as suas ordens, senhora, que estou pronto a obedecer-lhe.

– Então está enfadado comigo?

– Eul! Nem por pensamentos; se bem que, se o estivesse, pouco lhe devia importar.

– Pelo contrário, importava-me, pois ainda me resta pedir-lhe um favor.

– Qual é?

– É uma despedida franca e afectuosa... Uma despedida de amigo.

– Uma despedida de amigo! É extrema a honra que me faz. Deve porém confessar que é singular pretender que nos apartemos como amigos, e não me dizer o nome e morada para ter o gosto de a tornar a ver.

A desconhecida desta vez não replicou.

– Entretanto – continuou o mancebo – peço-lhe que acredite que, se descobri uma parte de seu segredo, foi involuntariamente.

– Estou chegada ao meu destino – disse repentinamente a desconhecida.

Estavam então à entrada da rua de Saint-Jacques, rua imunda e escura, toda cortada por becos, e onde havia muitas fábricas de curtumes.

– Mora aqui? – perguntou Maurício bastante admirado.

– Sim, senhor.

– Não acredito.

– Pois deve acreditar. Adeus, valente cavaleiro, generoso protector.

– Adeus, minha senhora – respondeu com alguma ironia; – mas para que eu fique descansado, diga-me se já não receia perigo algum.

– Nenhum.

– Se assim é, retiro-me.

E cortejando com frieza, Maurício recuou dois passos.

A desconhecida não se moveu e disse:

– Não era assim que eu desejava que nos despedíssemos. Vamos, Sr. Maurício, dê-me a sua mão.

Maurício tornou a chegar-se e estendeu a mão.

Percebeu porém que a desconhecida procurava enfiar-lhe no dedo um anel.

– Oh! Cidadã, que faz? Perde um anel!

– Oh! Meu amigo, porque não aceita?
– Não aceito porque tenho mais um vício que não sabe, sou ingrato.
– Peço-lhe, senhor... Meu amigo, não nos separemos assim. Diga-me o que exige, o que pretende de mim?

– Para ficar pago? – disse o mancebo com ironia.
– Não – respondeu a desconhecida com encantadora expressão – mas para me perdoar o segredo, que não posso confiar-lhe.

Maurício, vendo cintilar na escuridão dois lindos olhos, sentindo o estremecimento da mão, que apertava entre as suas, ouvindo aquela voz suplicante, passou de repente para um sentimento de exaltação.

– Quer saber o que pretendo? – exclamou; – pretendo tornar a vê-la.

– É impossível.

– Ainda que seja uma só vez, por uma hora, ou por um minuto.

– Digo-lhe que é impossível.

– Deveras? – perguntou Maurício. – É certo que nunca mais a tornarei a ver?

– Não é possível – respondeu tristemente a desconhecida.

– Oh! Realmente, minha senhora, vejo que está escarnecendo de mim.

E dizendo isto, sacudiu a cabeça com um gesto de um homem, que procura resistir ao pensamento que o arrebatava.

A desconhecida contemplava-o com indizível expressão de dor. Bem se via que percebia o sentimento que tinha inspirado.

– Ouça-me – disse ela passado um momento de silêncio, apenas interrompido por um suspiro de Maurício – quer jurar-me pela sua honra que fechará os olhos, e assim os conservará, desde o instante em que eu lho disser que tenha contado sessenta segundos?...

– E se assim o prometer qual será o resultado?

– O resultado será dar-lhe uma prova da minha gratidão, prova que nunca darei a ninguém, mesmo que houvesse outro homem capaz de fazer de mim o que o senhor fez, o que decerto não será fácil.

– Mas, finalmente não poderei saber...?

– Não, confie em mim e saberá.

– Oh! Minha senhora, não sei como lhe chame, se anjo, se demónio.

– Vamos à minha proposta, jura?

– Sim, juro, que hei-de eu fazer?

– Suceda o que suceder, não os abrirá... ainda quando sentisse uma punhalada?

– Pela minha honra, tanta exigência causa-me espanto.

– É preciso.

– Pois bem, juro que não abrirei os olhos suceda o que suceder.

E fechou os olhos, mas tornando logo a abri-los disse:

– Por Deus, deixe-me ver o seu rosto mais uma vez, uma só.

A desconhecida deitou o capuz para trás com um sorriso que não era isento de afectação.

O mancebo pôde então contemplar segunda vez os compridos canudos de cabelo de cor de ébano, as lindas sobranceiras, os olhos aveludados e lânguidos, o nariz perfeitamente aquilino, e os beiços vermelhos e nacarados como o coral.

– Oh! Como é formosa? – murmurou Maurício.

– Agora feche os olhos – disse a desconhecida.

Maurício assim o fez.

Depois ela voltou-o como lhe conveio.

De repente, sentiu o mancebo um hálito aromático, pelos seus lábios, roçaram uns lábios, deixando entre os seus o anel que ele rejeitara.

A sensação foi tão rápida como o pensamento, ardente como as chamas.

Maurício sentiu profunda e inesperada dor, pois que o efeito do beijo fora tal que lhe calara intimamente no coração, e dele lhe fizera vibrar todas as fibras.

Moveu-se arrebatadamente e estendendo os braços para a frente.

– Não seja perjuro! – gritou uma voz já distante.

Maurício tapou os olhos com as mãos para resistir à tentação de os abrir.

Deixou de contar e de pensar; ficou imóvel e a custo sustendo-se em pé!

Passado um instante, ouviu a bulha de uma porta, que se fechava a distância de cinqüenta ou sessenta passos; depois tudo entrou no silêncio.

Foi então que tirou as mãos dos olhos, abriu-os e olhou em volta de si como um homem que acorda.

E talvez se persuadissemos de que tinha acordado, e de que não era mais do que sonho o que sucedera, se não conservasse ainda entre os beijos o anel que tornava real e verdadeira aquela aventura.

XXIII

A tentativa

Maurício Lindey, logo que pôde orientar-se achou-se no meio de uns poucos de becos imundos, e debalde procurou conhecer onde estava; a noite tornara-se novamente sombria; a lua que parecia ter brilhado um instante para deixar ver a formosura da desconhecida, tornou a ser envolta pelas nuvens.

O mancebo depois de fazer algumas diligências para saber qual fosse a porta por onde desaparecera a desconhecida, vendo que eram baldadas, decidiu retirar-se a sua casa na rua de Roule.

Chegando à rua de Saint-Antoine, admirou-se Maurício da infinidade de patrulhas que giravam nas proximidades do Templo.

– Que novidades temos? – perguntou ele ao comandante de uma patrulha que voltava de uma diligência.

– Oh! As novidades não são pequenas – respondeu o sargento – quiseram, nem mais nem menos, que roubar-nos esta noite a loba com toda a sua ninhada...

– Uma patrulha de ex-fidalgos, que tinham sabido santo e senha, introduziram-se no Templo com fardas de caçadores da guarda nacional e eram os que deviam efectuar o rapto. Felizmente o indivíduo que fazia de cabo de esquadra traiu-se a si mesmo, o maldito, tratando o oficial por senhor.

– Irra! A coisa tem que se lhe diga – respondeu Maurício; – e prenderam os tais aristocratas?

– Qual! A patrulha pôde fugir para a rua e cada um dispersou para seu lado.

– E não há esperança de apanhar os tais patuscos!

– Oh! De todos o que mais conviria apanhar era o suposto cabo de esquadra... Um figurão alto e magro, que tivera a lábia de iludir um dos membros da municipalidade a ponto de se introduzir entre a guarda. O maldito sempre nos fez dar às gâmbias atrás dele! Não sei como diabo se sumiu, o caso é que o perdemos de vista na rua da Madalena.

Maurício em outra qualquer ocasião teria perdido a noite acompanhando os patriotas nas suas diligências; mas como não era o amor da pátria o único, que lhe ocupava o coração naquele momento, achou mais acertado recolher-se a casa.

Continuou pois o seu caminho, e dentro em pouco se lhe desvaneceu do espírito a notícia, que lhe acabavam de dar.

E verdade que as supostas tentativas de rapto tinham-se tornado tão freqüentes, e os próprios pátriotas sabiam tão bem para que fins políticos, que a maior parte não lhes dava apreço.

Entrando em casa, achou Maurício o seu officioso, como então se chamava aos criados, dormindo a sono solto.

Acordou-o com todas as atenções devidas a um seu semelhante, pediu-lhe que puxasse as botas, e depois mandou-o retirar, para poder entregar-se aos seus pensamentos.

Pouco depois, meteu-se na cama, e, cedendo ao cansaço, em pouco esqueceu em pacífico sono, as preocupações daquele dia.

Logo que na manhã seguinte acordou, achou uma carta na mesa, que tinha à cabeceira da cama.

O papel era perfumado e a letra era fina, elegante e desconhecida.

Examinou com escrupulosa atenção o sinete, que tinha por divisa esta palavra inglesa *Nothing*, nada.

Abriu a carta e leu estas palavras:

“Muito obrigada!”

“Gratidão eterna em troca de um eterno esquecimento.”

Como no quarto não havia campainha, por ser uma recordação de servilismo, Maurício chamou pelo criado.

O criado de Maurício tinha sido baptizado havia trinta anos, pouco mais ou menos, com nome de João: porém em 1792 lembrou-se de mudar o nome por um nome republicano e chamava-se *Ssevola*.

– Ssevola; – perguntou Maurício – sabes de quem é esta carta?

– Não sei cidadão.

– Quem ta entregou?

– O cidadão porteiro.

– E quem foi que lha entregou?

– Como não traz marca do correio, foi decerto algum moço de recados.

– Vai dizer ao porteiro que lhe peço o favor de vir falar-me.

O porteiro subiu, por ser Maurício, que era de todos muito estimado, quem o mandava chamar; porém logo declarou que se fosse outro qualquer inquilino havia de dar-se ao incómodo de descer.

O porteiro chamava-se nada menos do que o cidadão Aristides.

Maurício começou a interrogá-lo a respeito da carta.

A carta fora trazida por um homem desconhecido, pela volta das oito horas.

Por mais que o mancebo indagasse e variasse as perguntas, nenhuma outra resposta pôde obter do porteiro.

Maurício afinal rogou-lhe que aceitasse dez francos, e também lhe pediu que, se o homem tornasse a aparecer, procurasse segui-lo disfarçadamente, para depois lhe dizer onde entrava.

É escusado dizermos que o homem não voltou, com o que Aristides ficou muito satisfeito, pois não lhe agradava muito o ter de seguir um seu semelhante.

Maurício, logo que se viu só, amarrotou a carta enraivecido, tirou o anel do dedo, pô-lo em cima da mesa de cabeceira, e voltou-se para a parede com a louca pretensão de tornar a adormecer.

Passada porém meia hora, estava ele aos beijos ao anel, que tinha uma bela safira, e tornava a ler a carta.

A carta denunciava claramente que era de origem aristocrática.

Estava Maurício todo entregue a este exame quando de repente sentiu abrir a porta.

Enfiou à pressa o anel no dedo e escondeu a carta debaixo do travesseiro.

Não queria que se soubesse que um patriota como ele estava relacionado com pessoas, que lhe dirigiam cartas, cujo cheiro bastava para denunciar quem as escrevia.

O mancebo, que assim acabava de entrar, era um patriota, que trajava com a maior elegância.

Vestia uma carmanhola de pano da melhor qualidade, calções de caxemira, meias muito finas de seda em riscas, e um barrete frígio tão airoso com uma cor vermelha tão bonita, que seria capaz de causar inveja ao próprio Paris.

Tinha à cintura um par de pistolas da fábrica de Versalhes e uma espada direita e curta.

– Olé, dormes, Bruto – disse o recém-chegado – quando a pátria está em perigo? Olha que isso não é bonito.

– Estás enganado, Lorin – respondeu Maurício – não estava dormindo, estava sonhando.

– Oh! Então sonhas acordado? Ah! Sim já percebo.

– Pois cá estou eu que ainda não pude perceber...

– Ora mete-me o dedo na boca.

– Que diabo estás a dizer?

– Ora! Falo na mulher.

– Qual mulher?

– Ora, faze-te de novas! A mulher da rua de Saint-Honoré, a mulher da patrulha, a desconhecida por quem tu e eu arriscámos as nossas cabeças ontem à noite.

– Ah! Sim – disse Maurício, que percebia muito bem o que o amigo queria dizer, mas fingia não o entender; – a mulher desconhecida.

– Essa mesma; quem era ela?

– Não sei.

– Era bonita?

– Nem por isso – respondeu Maurício, estendendo desdenhosamente os beijos.

– Alguma pobre mulher que tinha ido debalde em procura do amante.

De muitos males o homem
Poderá viver isento.
Porém a paixão d'amor
Causa sempre o seu tormento.

– Pode ser – respondeu Maurício, a quem esta idéia, que ele próprio já tivera, não agradava muito agora, e antes quisera que a sua bela desconhecida fosse uma conspiradora do que uma mulher apaixonada por outro.

– E onde mora?

– Não sei.

– Estás brincando! Não sabes! É impossível!

– Por quê?

– Porque a acompanhaste a casa.

– Fugiu-me quando chegámos à ponte Maria.

– Fugir-te a ti?! – exclamou Lorin soltando uma gargalhada estridente; – uma mulher escapar-se das tuas mãos, essa não engulo eu!

Contra o abutre que a persegue
pode a pomba achar defesa!
Ou a gazela contra o tigre
Que a tem nas garras já presa?

– Lorin – disse Maurício – porque não te acostumarás tu a falar como a outra gente? A tua horrível poesia produz-me ataques de nervos.

– A falar como a outra gente! Pois a meu ver parece-me que falo melhor do que toda a gente. Falo como o cidadão Dumouriez em prosa e em verso. Pelo que diz respeito à minha poesia, dir-te-ei, meu caro, que existe uma certa Emília a quem ela não desagrade; mas voltemos à tua.

– À minha poesia?

– Não, à tua Emília.

– Também eu tenho uma Emília? Não o sabia.

– Ora vamos, confessa a verdade, a tua gazela tornou-se em tigre e arreganhou-te o dente, de sorte que ficaste desesperado, mas também mais apaixonado.

– Ora essa! Eu apaixonado! – disse Maurício rindo-se com desdém.

Sim os golpes que amor despede
Não queirais dissimular,
Inda mais que os de Jove
O peito vão penetrar.

– Lorin – disse Maurício pegando numa chave fêmea – declaro-te que se tornas a dizer um único verso, faço-te acompanhamento de assobio.

– Então falemos de política, que foi para isso que eu aqui vim. Já sabes o que sucedeu?

– Sei que estive para se evadir a viúva Capeto.

– Só isso!

– Então que mais há?

– Está em Paris o afamado Filipe de Taverney Casa-Vermelha.

– Que dizes! – exclamou Maurício sentando-se na cama.

– Digo-te que está em Paris.

– Mas quando entrou?

– Ontem à noite.

– Como?

– Com o uniforme de caçador da guarda nacional. Uma mulher, que se julga ser alguma aristocrata, levou-lhe o fato para lá da barreira: pouco depois voltaram ambos de braço dado. A sentinela das portas, que tinha visto passar a mulher com a trouxa, vendo-a voltar sem ela e acompanhada, desconfiou de alguma marosca e deu parte para que os seguissem.

Assim se fez; desapareceram porém na rua de Saint-Honoré; meteram-se num palácio, que tinha serventia para os Campos Elísios; depois era uma vez o Taverney Casa-Vermelha e a sua cúmplice.

O palácio vai ser demolido, e o dono perde a cabeça na guilhotina; mas não é com isto que se há-de fazer com que o tal patusco não torne a empreender a mesma tentativa, que lhe falhou há quatro meses, e que esta noite tentou pela segunda vez.

– E não poderá ser apanhado?

– Como? Se o maldito muda de forma como o deus Proteu; sabes o trabalho em que se viu Aristeu para apanhar a tal figura:

Pastor Aristoeus fugiens Peneia tempe

– Toma conta, olha que te faço acompanhamento.

– Vê em que te metes, que a injúria não é feita a mim, mas ao grande Virgílio.

– Tens razão, se não te der na mania traduzir, vai a coisa bem. Mas tornemos ao tal amigo Casa-Vermelha.

– É preciso confessar que é um dos homens dos diabos, destemido até ao último ponto.

– Oh! Não há dúvida, para empreender tais empresas, é mister ser dotado de grande coragem.

– Ou talvez o domine grande amor.

– Pois também dás crédito à tal paixão do cavaleiro pela rainha?

– Porque não hei-de acreditar? Pelo menos todos o dizem. Não se têm apaixonado tantos por ela? Que admiração é que mais este cedesse aos seus atractivos? Não se diz até que seduziu Barnave!

– Mas para o cavaleiro se arrojar a tais empresas, necessariamente se corresponde com os presos do Templo.

– Pode ser.

Contra o amor nada valem,

muro alto – forte prisão,
ferrolhos causam-lhe riso,
brônzeas grades nada são.

- Maldita mania!
- Ah! Tens razão.
- Então acreditas no que se diz?
- E porque não hei-de acreditar?
- É porque, segundo essa conta, teve a rainha nada menos do que duzentos apaixonados.
- Olha que grande coisa para uma mulher dotada de tanta formosura! Não digo que ela correspondesse a todos; toda a gente vê o Sol, mas ele para todos é indiferente.
- Então que providências se têm tomado para obstar a nova empresa?
- Anda tudo aceso em busca dele, e se desta vez tiver habilidade para escapar à matilha, que o persegue, digo que é o diabo em pessoa.
- E que diz a municipalidade?
- Vai publicar uma ordem para que em todas as casas haja uma lista das pessoas, que nelas habitam. Vai realizar o sonho dos antigos. Mas isso de pouco serve; o bom era que houvesse no coração dos homens um postigo, para se saber o que eles são.
- Famosa idéia! – exclamou Maurício.
- O quê, abrir uma janela no coração dos homens?
- Não, mas mandar pôr uma lista em todas as portas, para saber o nome dos moradores.
- Maurício aprovava a lembrança, porque esperava descobrir mais facilmente a sua desconhecida.
- Eu cá – disse Lorin – já aposto que esta medida há-de fornecer uma fornada, pelo menos de quinhentos aristocratas. Ah? Esquecia-me dizer-te uma coisa. Esta manhã foi ao nosso clube uma comissão de voluntários, acompanhados pelos nossos patuscos da noite passada e que eu só larguei quando não puderam agüentar mais vinho; vinham ornados com grinaldas e coroas de perpétuas.
- Ora essa! – respondeu Maurício rindo – e quantos eram?
- Seriam uns trinta, aproximadamente, e traziam ramalhete ao peito.
- “Cidadãos do clube das Termópilas – disse o orador – nós como verdadeiros patriotas, desejando muito a união de todos os franceses, vimos aqui fraternizar convosco.”
- E depois?
- Depois fraternizaram, e para solenizar o acto ergueu-se um altar da pátria, servindo de altar a banca do presidente adornada de garrafas de água, nas quais encaixaram ramalhetes. Como tu eras herói da função, foste chamado três vezes, mas como não respondesses e fosse necessário coroar alguma coisa, teve essa honra o busto de Washington.
- Logo que Lorin acabou de contar isto, ouviu-se grande rumor na rua, e a pouco e pouco foi-se aproximando o som dos tambores, que tocavam a rebate, o que naquele tempo não era de admirar, por ser freqüentíssimo.
- Que novidades teremos? – perguntou Maurício.
- Andam proclamando o decreto da municipalidade.
- Vou para a minha secção – disse Maurício, saltando fora da cama e chamando o criado para o ajudar a vestir.
- Pois eu vou para casa deitar-me – disse Lorin; – a noite passada só dormi duas horas, por causa dos malditos voluntários. Se houver alguma sarrafusca pequena deixa-me dormir; mas se for coisa séria, vai chamar-me.
- Mas para que é todo esse luxo? – perguntou Maurício, examinando o vestuário de Lorin.
- É que para vir a tua casa tenho de passar por uma rua, onde se abre uma janela sempre que eu passo.
- E não receias que te tomem por um peralvilho?

– Eu! Isso tinha que ver. Todos sabem que sou um verdadeiro patriota. Mas sempre se deve fazer algum sacrifício pelo belo sexo. O culto da pátria não exclui o do amor; pelo contrário, anda um anexo ao outro:

A república ordenou
Que a Grécia se imitaria,
E o altar da liberdade
Junto ao das graças seria.

Maurício ia pegar na chave.

– Olha que se te atreves a patear estes versos, vou denunciar-te como aristocrata; faço com que te rapem a cabeça para andares com a calva à mostra. Adeus, querido amigo.

Lorin estendeu a mão a Maurício, o jovem secretário respondeu-lhe com cordialidade, e Lorin retirou-se compondo *in mente* uns versos para a sua bela.

XXIV

O secretário do clube das Termópilas

Enquanto Maurício se vestia a toda a pressa para ir ao clube, de que era secretário, tratemos de dar a conhecer os antecedentes deste homem, que dotado de bons sentimentos e de um coração sensível, era contudo um republicano exaltado.

O mancebo falara a verdade quando na véspera dissera à desconhecida que se chamava Maurício Lindey e que morava na rua de Roule.

Pertencia a uma família de legistas, que deviam a sua ilustração aos nomes de Molé e de Maupeou. O pai que durante toda a vida se queixara do despotismo, morrera de susto no dia da tomada da Bastilha, a 14 de Julho de 1789.

Deixou o filho independente, e republicano decidido.

Quando começou a revolução, achava-se Maurício com todos os requisitos de um jovem atleta pronto para entrar na arena.

E a arena revolucionária carecia de fortes contendores.

Maurício fortalecera as suas idéias republicanas, freqüentando os clubes e devorando a imensidade de livros que então se publicavam.

Não conhecia outra realza mais do que a do mérito.

A sua simpatia era toda pelo povo.

Mas as maneiras de Maurício eram uma negação dos seus sentimentos; a organização dele era por assim dizer aristocrática.

Quanto ao físico, era um moço de elevada estatura, de vinte e cinco a vinte e seis anos e musculoso como Hércules; era, numa palavra, um tipo dessa formosura francesa, que parecia indicar que os Francos pertencem a uma raça particular. Tinha fronte espaçosa, olhos azuis, cabelos castanhos e ondedados, faces rosadas e lindos dentes.

Era respeitado por todos; o seu nome era muito popular; sabia-se que recebera educação liberal e que professava princípios ainda mais liberais do que a educação que recebera e por todos estes motivos estava à frente de um partido composto por todos os rapazes patriotas da classe média.

Todavia alguns exaltados consideravam-no frouxo, e um tanto adorado. Porém, eram obrigados a desdizer-se quando viam a facilidade com que despedaçava os mais fortes cacetes, ou quando sentiam entre os olhos um soco de Maurício, que os fazia ir rebolando na distância de vinte passos ou mais.

O mancebo tornara-se distinto em muitas ocasiões pelo seu civismo e valor.

Tinha assistido à tomada da Bastilha, tinha acompanhado a expedição de Versalhes, tinha-se batido como um leão no dia 10 de Agosto, e naquele memorável dia, depois de matar

alguns suíços, voltou-se para os patriotas, porque tão odiosos eram os assassinos chamados patriotas, como os inimigos da república de farda encarnada.

Maurício naquela ocasião para poupar a efusão de sangue e para induzir os defensores do castelo a entregarem-se, teve a coragem de se arrojar à boca de uma peça, a que ia dar fogo um artilheiro parisiense.

Foi o primeiro que entrou no Louvre por uma janela, apesar do fogo de fuzilaria de cinquenta suíços e de outros tantos aristocratas.

Quando por fim apareceu no castelo o sinal para a capitulação, já a terrível espada de Maurício tinha retalhado mais de dez uniformes.

Depois, quando viu que os patriotas matavam a sangue frio os prisioneiros, que tinham deposto as armas, e que de joelhos pediam que lhes poupassem as vidas, começou a acutilá-los com furor, feito que lhe ganhou uma reputação digna dos tempos heróicos da Grécia e de Roma.

Logo que se declarou a guerra, Maurício alistou-se, no posto de tenente, e foi na primeira leva de mil e quinhentos voluntários, que a capital mandava contra os invasores, e à qual deviam seguir-se todos os dias levadas de mil e quinhentos homens que foram pontualmente expedidos.

Na primeira batalha em que entrou, que foi a de Jemmapes, recebeu uma bala, que lhe entrou pelo ombro, indo achatar-se-lhe na espádua. O representante do povo, que acompanhava o exército e era conhecido de Maurício, deu-lhe ordem para se ir tratar a Paris.

Maurício voltou à capital, onde esteve um mês de cama, em consequência da febre, que lhe sobreveio ao ferimento.

Em Janeiro foi proclamado por unanimidade chefe do clube das Termópilas, composto de cem mancebos, que tinham pedido para pegar em armas para se oporem a qualquer tentativa a favor do rei Luís XVI.

Maurício assistiu à execução do rei com porte digno, com o rosto carregado, e talvez fosse o único entre a grande multidão, que aplaudia a morte do rei, que não proferiu uma única palavra quando viu cair a cabeça do rei mártir. Apenas o algoz pegou na cabeça decepada, brandiu a terrível espada, mas desta vez não fez coro com os patriotas exaltados, que bradaram: Viva a nação!

Era pois este o homem que se dirigia para a rua Lepelletier, e cujo verdadeiro carácter melhor daremos a conhecer nos episódios que se vão seguir.

Maurício chegou à secção de que era secretário, seriam dez horas.

A sessão era tumultuosíssima. Tratava-se de dirigir uma mensagem à Convenção para que se tomassem medidas enérgicas, que reprimissem as maquinações dos girondinos.

Maurício era esperado com impaciência.

A audácia com que o Taverney Casa-Vermelha voltava a Paris, era o assunto de todas as conversações.

Prometera-se um prémio a quem o entregasse.

Os patriotas estavam convencidos de que a volta de Casa-Vermelha tinha conexão com a tentativa feita na véspera no Templo.

Não se ouvia senão imprecações e ameaças contra os aristocratas.

Nesta sessão o que muito admirou a todos, foi Maurício permanecer frio e indiferente; redigiu habilmente a proclamação, e despachou o que tinha que fazer em três horas.

Logo que se fechou a sessão, pôs o chapéu e, saindo, dirigiu-se à rua de Saint-Honoré.

Ali chegando, tomou Paris a seus olhos outro aspecto.

Dirigiu-se à esquina da rua do Coq, onde na véspera encontrara a desconhecida, que procurava livrar-se da hostilidade dos voluntários.

Parou em todos os sítios, onde com ela parara, seguiu até à ponte, e em breve chegou à rua de Saint-Victor.

– Pobre louquinha! – disse consigo Maurício – não se lembrou de que o segredo só duraria enquanto durasse a noite. Agora facilmente darei com a porta por onde desapareceu e até pode ser que a veja nalguma janela.

Entrou depois na antiga rua de Saint-Jacques e tomou a mesma posição, em que na véspera o colocara a desconhecida.

Fechou por um momento os olhos; pensando talvez, pobre louco! que sentiria nos lábios o calor do beijo da véspera.

Tornou a abrir os olhos e viu os dois becos, um à direita outro à esquerda:

Os becos eram imundos e mal calçados. Pelo meio deles havia uma larga regueira, para desagüamento das águas, atravessada por pranchas, que davam serventia de um para outro lado.

As casas eram irregulares, muitas de madeiras e algumas construídas sobre toscas arcadas.

Quase todas eram esburacadas e podres.

Por toda a parte se notava miséria e a hediondez do trabalho grosseiro.

Havia contudo alguns quintais guarnecidos de valados, ou de estacaria: poucos eram fechados por muros.

Também havia muitos telheiros, debaixo dos quais se viam peles de animais a enxugar.

Já se vê que no meio de tanta porcaria o ar seria ali infeccionado.

Maurício contudo observou isto minuciosamente, e depois de gastar duas horas nada descobriu.

Penetrou naquele labirinto, mas teve de voltar atrás para se orientar.

No fim porém de mil diligências e trabalhos, ficou sabendo tanto como dantes.

Nem sequer a menor coisa indicava o rasto da desconhecida.

– Não tenho que duvidar – disse Maurício a si mesmo – foi um sonho. Não é possível que um covil tão imundo sequer por um instante dê abrigo à minha fada da noite passada.

O nosso austero republicano era na realidade muito mais poético do que o seu amigo Lorin, e para prova bastará dizer que voltou com esta idéia para conservar na sua imaginação a auréola, que vira resplandecer na cabeça da desconhecida.

Contudo, Maurício retirou-se entregue ao desespero.

– Adeus – disse ele – bela misteriosa; trata-me como um louco ou como uma criança. Sempre fui muito tolo em acreditar que podias morar aqui. Em tudo isto apenas vejo alguma intriga de amor.

E retirou-se.

XXV

À busca

À hora que Maurício retirava embuçado para casa, uns poucos de membros da municipalidade, acompanhados por Santerre, procediam a uma busca rigorosa na torre grande do Templo.

O maior rigor da busca foi nos quartos do terceiro andar, onde, como já sabemos, estava encerrada a rainha, a princesa real, a princesa Isabel e o delfim.

Num dos quartos da torre estavam a rainha, as princesas e o delfim vestidos de luto.

A mais velha das duas senhoras, que era a rainha, estava lendo junto de uma mesa.

A princesa Isabel estava entretida a bordar.

A princesa real, que então tinha catorze anos, estava em pé ao lado da cama do delfim, que estava doente.

Procederam a uma busca por toda a parte; uns apalpavam as camas, outros desembulhavam trouxas, e aqueles que não tinham em que se ocupar, mediam insolentemente com os olhos as desventuradas presas.

Estas porém caprichavam em não levantar a cabeça, como se para elas fosse indiferente o que se passava.

A mais velha das senhoras que era alta, pálida e formosa, parecia prestar toda a sua atenção ao livro que lia, apesar de ser muito provável que só estivesse lendo com os olhos e não com o espírito.

Um dos membros, indignado por tanto desdém, chegou-se à presa, arrancou-lhe brutalmente o livro das mãos e atirou-o ao chão.

A senhora, sem dizer palavra, estendeu o braço, pegou noutro volume, abriu-o e pôs-se a ler.

Ao ver aquele movimento, que fez estremecer a senhora, que estava bordando, a princesa real correu para a rainha, e abraçando-lhe a cabeça murmurou a chorar:

– Pobre mãe! Pobre mãe!

A rainha chegou a boca à cara da menina, como para a beijar e disse-lhe ao ouvido:

– Maria, na boca do fogão está um bilhete, vê se o tiras de lá.

– Basta de abraços! São de mais! – exclamou brutalmente o membro da municipalidade, puxando pela menina e arrancando-a dos braços da mãe.

– Senhor – perguntou a menina com toda a candura – acaso também decretaria a Convenção que as filhas não possam abraçar suas mães?

– Não, mas decretou que seriam punidos os traidores, os estrangeiros, os aristocratas, e vimos aqui para as interrogar. Vamos, responde, Maria Antonieta.

A rainha interpelada com tamanha grosseria, nem sequer se dignou olhar para quem lhe falava.

Voltou a cara para o lado, e às faces, cavadas pelas lágrimas e pelo sofrimento, assomou leve rubor.

– É impossível – continuou o mesmo membro – que não estejas ao facto da tentativa na noite passada. Quem foi o autor dela?

A rainha não se dignou responder.

– Responde Antonieta – disse então Santerre aproximando-se da rainha, sem reparar no horror que causava à infeliz a vista do homem, que na manhã de 21 de Janeiro fora ao Templo buscar Luís XVI para o conduzir ao cadafalso. – Responde. Esta noite houve uma conspiração para te livrar do cativeiro, que estás sofrendo por vontade do povo, enquanto não recibes o castigo dos teus crimes. Dize-nos o que sabes a respeito da conspiração.

Maria Antonieta horrorizou-se ouvindo a voz forte de Santerre, e procurou evitá-lo recuando a cadeira. Todavia não respondeu à pergunta que lhe fora feita, e Santerre não colheu melhor resultado de que o membro da municipalidade.

– Então não queres responder? – exclamou Santerre batendo o pé com violência.

A presa continuou a ler.

Santerre voltou-lhe as costas enfurecido; o poder daquele homem, que estava à frente de oitenta mil homens, desfazia-se perante a dignidade de uma fraca senhora, a quem ele facilmente faria decepar a cabeça, mas que não era capaz de curvar à obediência.

– E tu Isabel, queres responder? – perguntou à outra presa, que tendo largado o bordado tinha posto as mãos e parecia estar orando.

– Não o posso fazer – respondeu ela – porque não sei de que se trata.

– Com todos os diabos! – exclamou Santerre com impaciência – parece-me que não falo em grego; digo que houve ontem uma tentativa para as soltar e que devem conhecer os culpados.

– Daqui para fora não temos comunicação alguma; portanto não é possível que saibamos o que fazem a nosso favor, nem contra nós.

– Muito bem – respondeu o membro da municipalidade – agora vamos ver o que sabe o teu sobrinho.

E dizendo isto chegou-se à cama do delfim.

Ouvindo esta ameaça, Maria Antonieta levantou-se de repente.

– Senhor – disse ela – meu filho está doente, não o acorde.

– Então, responde tu.

– Como hei-de responder, se nada sei.

O membro da municipalidade foi direito à cama da criança, que fingia, como dissemos, estar a dormir.

– Vamos? Vamos! Acorda, Capeto – disse ele sacudindo-o asperamente.

O menino abriu os olhos e sorriu.

Os membros da municipalidade cercaram logo o leito.

A rainha, apesar da aflição e do susto em que estava, fez sinal à filha, e esta aproveitando a ocasião, passou furtivamente ao quarto imediato, abriu a boca do fogão, tirou para fora o bilhete, queimou-o logo e voltando para onde estava, com um olhar sossegou a mãe.

– Que desejam de mim? – perguntou o menino.

– Queremos saber se ouviste alguma coisa na noite passada.

– Nada ouvi, dormi toda a noite.

– Gostas então muito de dormir?

– Sim, porque quando estou a dormir, sonho.

– E em que sonhas?

– Sonho que estou vendo meu pai, que me mataram.

– Logo, nada ouviste? – interrompeu Santerre com vivacidade.

– Nada.

– Estes lobinhos na verdade estão bem amestrados pela loba – disse o membro da municipalidade cheio de furor; – mas não há dúvida que a conspiração existiu.

A rainha sorriu.

– A *Austríaca* está fazendo escárnio de nós! – exclamou o membro da municipalidade. – Pois bem, já que assim o quer, executaremos com todo o rigor o decreto da municipalidade. Levanta-te, Capeto.

– Que tenção é a sua? – gritou a rainha fora de si. – Não vê que meu filho está doente e com febre? Querem porventura matá-lo?

– Teu filho – respondeu o membro da municipalidade – ocasiona um desassossego perpétuo ao conselho administrativo do Templo. É o ponto de mira dos conspiradores todos. Ainda conservam a esperança de levá-los daqui todos juntos. Pois bem, que venham agora. Tison!... Chamem Tison.

Tison era uma espécie de jornaleiro, que tratava dos trabalhos domésticos mais grosseiros da prisão.

Apareceu logo.

Era homem de quarenta anos, trigueiro, de feições grosseiras e ordinárias, e cabelo preto e encarapinhado, que lhe chegava às sobrancelhas.

– Tison – disse Santerre – quem veio ontem trazer de comer às presas?

Tison disse um nome.

– Quem trouxe a roupa?

– Foi minha filha.

– Tua filha não é lavadeira?

– Não há dúvida.

– E foste tu quem a inculcaste às presas?

– Fui, sim; tanto faz ganhar ela esse dinheiro como outra qualquer; e demais, já não é o dinheiro dos tiranos, é o da nação, visto que é a nação que paga por elas.

– Já te disseram que era preciso examinar escrupulosamente a roupa.

– E então! Quem será capaz de dizer que não cumpro o meu dever? E tanto assim, que ontem vinha um lenço em que tinham feito dois nós, e fui logo levá-lo ao conselho, que ordenou a minha mulher, que o desatasse e engomasse para entregar à Sr^a. Capeto sem lhe dizer coisa alguma.

A rainha estremeceu quando ouviu a história do lenço com dois nós; os olhos reanimaram-se-lhe, e a princesa Isabel e ela olharam uma para a outra.

– Tison – disse Santerre – tua filha é uma cidadã de cujo patriotismo não há a menor suspeita; porém, à cautela, de hoje em diante, fica proibida de entrar no Templo.

– Oh! Meu Deus – disse Tison assustado – que é isso que me estás dizendo! Então não poderei tornar a ver minha filha senão quando sair!

– Não tornas mais a sair – disse Santerre.

Tison olhou em volta de si como espantado, sem fitar a vista em objecto algum, e de repente:

– Não hei-de tornar a sair! – exclamou ele. – Ah! Assim é que me tratam? Pois bem! Quero sair por uma vez. Dou a minha demissão: não sou nenhum traidor, nem aristocrata, não há pois motivo para me prenderem. Digo-lhe que quero sair.

– Cidadão – disse Santerre – obedece às ordens da municipalidade e cala-te: olha que se assim não fizeres, passas mal, sou eu que to digo. E desde já te aviso que estás muito bem vigiado.

Durante este tempo, a rainha, pensando que se tinham esquecido dela, ia a pouco e pouco cobrando ânimo, e tratava de tornar a deitar o filho.

– Diz à tua mulher que suba – disse o membro da municipalidade a Tison.

Este obedeceu sem proferir uma única palavra. As ameaças de Santerre haviam-no tornado manso como um cordeiro.

A mulher de Tison subiu.

– Anda cá cidadã – disse Santerre – nós precisamos de ti: vamos passar para a saleta e enquanto lá estivermos, tu hás-de apalpar as presas.

– Ó mulher sabes que mais – disse Tison – não querem que a nossa filha torne ao Templo.

– O quê? Pois não querem que a nossa filha aqui torne? Então não tornaremos mais a ver a nossa filha?

Tison abanou a cabeça.

– Que dizem a isto?

– Digo que havemos de dar conta ao conselho do Templo e que é o conselho que há-de decidir. Entretanto...

– Entretanto – continuou a mulher – quero ver a minha filha.

– Leva de rumor! – bradou Santerre – mandamos chamar-te para apalpar as presas; apalpa-as e depois veremos.

– Mas... Contudo...

– Oh! Oh! – gritou Santerre franzindo o sobrolho – querem fazer-me perder a paciência!

– Faze o que manda o cidadão general, mulher.

– Já te disse que depois veremos.

E Tison olhou para Santerre, sorrindo-se humildemente.

– Pois bem – respondeu a mulher – estou pronta a apalpá-las.

Os homens saíram.

– Minha querida senhora Tison – disse a rainha – acredite...

– Não acredito nada, cidadã Capeto – respondeu a nojenta mulher rangendo os dentes – senão que tu tens sido a causa de todas as desgraças do povo. Livra-te pois que eu encontre em teu poder coisa que me pareça suspeita.

Quatro homens ficaram, ao pé da porta, para prestar auxílio à mulher de Tison, caso a rainha resistisse.

A primeira apalpada foi a rainha.

Encontrou-se-lhe um lenço em que tinha dado três nós, e que infelizmente parecia ser a resposta ao outro que Tison mencionara, e além do lenço um lápis, um escapulário e um pedaço de lacre.

– Ah! Bem me parecia a mim – disse a mulher de Tison; – já eu tinha dito aos membros da municipalidade que a *Austríaca* escrevia; ainda não há muitos dias que ia um pingo de lacre no vidro do castiçal.

– Oh! Senhora – disse a rainha com voz suplicante – mostre unicamente o escapulário...

– Pois sim! – respondeu a mulher – espera por isso. Queres que eu tenha dó de ti!... E eles têm-no de mim?... Privam-me de ver a minha filha!

À princesa Isabel e à princesa real nada se encontrou.

A Tison chamou os membros da municipalidade, que tornaram a entrar com Santerre à frente; entregou-lhes os objectos que tinha achado em poder da rainha, os quais passaram de mão em mão e deram lugar a infinitas conjecturas: o lenço com três nós deu particularmente que fazer às imaginações dos perseguidores da raça real.

– Agora – disse Santerre – vamos ler-te o decreto da Convenção.

– Que decreto? – perguntou a rainha.

– É um decreto que ordena que sejas separada de teu filho.

– Então sempre é verdade existir semelhante ordem?

– Sim. A Convenção tem o maior interesse na conservação da saúde de uma criança que a nação entregou à sua guarda, e por isso não quer que permaneça na companhia de uma mãe tão depravada como tu és...

Os olhos da rainha relampejaram.

– Mas diga-me ao menos de que me acusam, tigres que são!

– Nada há mais fácil – disse um dos membros da municipalidade, – é de...

E em seguida proferiu uma acusação infame, semelhante às que Suetonio fez a Agripina.

– Oh! – exclamou a rainha, erguendo-se pálida e cheia de indignação – desta acusação apelo eu para o coração de todas as mães!

– Vamos! Vamos! – disse o membro da municipalidade – tudo isso é muito bom, porém já lá vão duas horas que aqui estamos e não queremos perder o dia todo. Levanta-te, Capeto e vem connosco.

– Nunca! Nunca! – gritou Maria Antonieta, pondo-se entre os membros da municipalidade, e o desventurado delfim, e pronta a defender a todo o transe a cama, como a fêmea do tigre defende o covil; – nunca consentirei que me levem o meu filho.

– Oh! Senhores – disse a princesa Isabel suplicando de mãos postas com admirável expressão; – senhores, em nome do Céu tenham compaixão de duas mães!

– Declarem, tudo – disse Santerre – confessem os nomes e os projectos dos seus cúmplices, expliquem-nos o que significavam os nós que tinha o lenço que a filha de Tison trouxe com a roupa e os que deram no lenço que tinhas na algibeira, e então deixar-te-emos o filho.

A princesa Isabel olhou para a rainha como pedindo-lhe que fizesse o terrível sacrifício.

Porém a rainha, enxugando com altivez uma lágrima que lhe brilhava como um diamante na extremidade das pálpebras exclamou:

– Adeus, meu filho; lembre-se sempre de seu pai, que está no Céu e de sua mãe, que em breve irá reunir-se-lhe; reze todas as noites e todas as manhãs a oração que lhe ensinei. Adeus, meu filho.

Deu-lhe um último beijo, e endireitando-se logo com modo frio e inflexível, continuou:

– Nada sei, façam o que lhes aprouver.

Mas para suportar semelhante cena fora preciso que a rainha tivesse forças superiores às que podem caber num coração de mulher e especialmente de mãe. Caiu desfalecida numa cadeira, enquanto levavam o menino, que chorava e estendia-lhe os braços, porém sem dar um único grito.

A porta fechou-se depois de saírem os membros da municipalidade que levavam o príncipe, e as três mulheres ficaram sós.

Houve um instante de silêncio apenas interrompido por alguns soluços.

A rainha foi a primeira que falou, perguntando:

– E o bilhete minha filha?

– Queimei-o, conforme disse, minha mãe.

– Sem o leres?

– Sem o ler.

– Digamos pois adeus à nossa derradeira esperança! – murmurou a princesa Isabel.

– Oh! Tem razão, tem razão, minha irmã, já é muito sofrer.

E voltando-se para a filha:

– Mas reparaste na letra, ao menos, Maria?

– Sim, minha mãe, de relance.

A rainha levantou-se, foi à porta, para ver se alguém a espreitava, pegou num gancho do cabelo, aproximou-se da parede, tirou de uma greta um papelinho dobrado do feitio de um bilhete, e mostrando-o à princesa, perguntou:

– Procure bem na sua lembrança antes de me responder, minha filha; a letra era porventura semelhante a esta?

– Sim, sim, minha mãe – gritou a princesa – sim era a mesma!

– Louvado seja Deus! – exclamou a rainha ajoelhando com fervor. – Ele, que pôde escrever esta manhã é sinal que está salvo. Graças, meu Deus! Graças! Um amigo tão fiel era bem digno de um dos vossos milagres.

– De quem fala, minha mãe? – perguntou a princesa real. – Que amigo é esse? Diga-me o seu nome, para eu pedir a Deus por ele nas minhas orações.

– Sim; tem razão, minha filha; não esqueça nunca o nome que vou dizer-lhe, pois é o nome de um valente e honrado cavaleiro; de um homem que não é movido por vistas ambiciosas, pois foi preciso que viesse acometer-me a desgraça para se mostrar. Afastou-se de mim enquanto fui rainha de França, e correu a expor a vida para socorrer-me quando me viu desgraçada. Foi irmão da minha mais fiel, mais dedicada e mais desinteressada amiga, que por mim tudo perdeu, até a vida. Pobre e santa Andréia! A paga dos serviços dele será talvez a que hoje dão a tudo quanto é virtude, uma morte terrível... Mas... Se ele morrer... Oh! Lá no Céu lho agradecerei... Chama-se...

A rainha olhou previamente em roda do quarto e baixando a voz, disse:

– Chama-se Filipe de Taverney Casa-Vermelha. Ore por ele!

XXVI

Os supostos contrabandistas

A tentativa do rapto, apesar de malograda, pois nem sequer chegara a executar-se, levava ao maior excesso o furor dos exaltados.

O facto, que mais comprovava a realidade da tentativa, era a denúncia, que a junta de segurança pública tinha recebido, a respeito da entrada de muitos emigrados por diversos pontos da fronteira.

Era fora de dúvida que esses indivíduos, que assim arriscavam as cabeças, não o faziam sem um fim, e esse fim, não podia ser outro senão o livramento da família real.

Nestas circunstâncias um membro da Convenção, chamado Osselin, fez uma proposta para ser condenado à morte todo o emigrado que se atrevesse a voltar a França, todo o francês a quem se provasse que tinha procurado emigrar, todo o indivíduo que coadjuvasse a emigração, ou a volta de um emigrado: finalmente todo o cidadão que desse asilo a qualquer emigrado.

Esta proposta foi aprovada sem discussão e imediatamente promulgada.

Era precursora da horrível lei do Terror.

Logo que constou o regresso a Paris de Taverney Casa-Vermelha que era considerado como emigrado poderosíssimo e activo, puseram-se em prática as medidas de maior severidade.

Ordenou-se uma rigorosa pesquisa a todas as casas suspeitas.

Destas buscas só resultou a prisão de algumas mulheres de emigrados, e de alguns velhos, que não procuravam subtrair ao cutelo do algoz os poucos dias que lhes restavam.

As secções não tiveram mãos a medir, e por consequência o secretário das Termópilas, que era um dos mais influentes, não teve tempo para pensar na sua desconhecida.

A sua primeira resolução, quando saiu da rua Velha de Saint-Jacques, fora procurar esquecer-se dela, porém como bem dissera o seu amigo Lorin:

Do que queremos esquecer

Não nos devemos lembrar;
Querer esquecer apenas serve
Para nos fazer recordar.

Maurício encerrava no seu peito todas as circunstâncias da aventura e a ninguém confiara, nem sequer a Lorin, o segredo do seu coração, que todavia não escapara à penetração do amigo.

Lorin, que conhecia o génio alegre de Maurício, ao vê-lo triste e pensativo, logo desconfiou que ele era vítima de alguma travessura do Cupido magano.

Convém notar de passagem, que durante os dezoito séculos da monarquia, poucas épocas houve tão mitológicas como foi o ano de 1793.

Filipe de Taverney Casa-Vermelha não fora preso e nem sequer já se falava nele.

A rainha, depois da morte do marido, e de lhe arrebatarem o filho, continuava a sua vida de lágrimas na companhia da filha e da cunhada.

O jovem delfim começava a sofrer nas mãos do sapateiro Simão o martírio, que o levou em dois anos para a companhia dos pais.

Houve então alguns momentos de sossego.

Entretanto o vulcão montanhês dispunha-se a envolver na lava os pobres girondinos.

Maurício para se distrair da inactividade forçada, a que se via obrigado, entregou-se inteiramente à paixão que sentia pela desconhecida; tornou a ler a carta, beijou mil vezes a linda safira, e apesar dos protestos que fizera, determinou pôr em prática mais outra tentativa para descobrir a sua amante, jurando porém que seria a última.

Maurício lembrou-se de ir pedir informações ao seu colega, o secretário da secção do jardim botânico. Porém a desconfiança que tivera de que a sua desconhecida estava comprometida nalguma política, impediu-o de dar semelhante passo.

Maurício estremecia só com a idéia de poder comprometer com alguma indiscrição, por mínima que fosse, a misteriosa mulher.

Resolveu pois empreender só a descoberta, sem aventurar-se a pedir informações.

O plano traçado pelo mancebo para a descoberta era em extremo simples.

Os primeiros indícios devia obtê-los pelas listas existentes nas portas das casas.

Depois orientar-se-ia consultando os porteiros.

Na sua qualidade de secretário de uma secção, era-lhe lícito interrogar qualquer pessoa.

Verdade é que não sabia o nome da bela desconhecida, mas esperava que algum acaso o descobrisse.

Tinha para si que uma mulher dotada de tanta formosura não podia deixar de ter um nome em harmonia com a sua extraordinária beleza.

Confiava pois em que o nome lhe havia de servir de guia.

Maurício vestiu uma carmanhola de pano escuro; pôs na cabeça o barrete vermelho, e partiu para a descoberta.

Levara na mão um nodoso cacete, dos que então se usavam, e que na mão dele equivalia à maça de Hércules.

Por esta forma ia completamente seguro, e muito mais ainda por levar na algibeira a sua nomeação de secretário da rua Pelletier.

Voltou pois à rua de Saint-Victor, tomou pela rua Velha de Saint-Jacques e foi lendo a custo, porque já era quase noite, os nomes escritos em letras mais ou menos toscas nas portas das casas.

Tinha já lido umas cem listas sem ter encontrado o nome da sua desconhecida nem alguém que se assemelhasse àquela que a sua imaginação fantasiava, quando um sapateiro do seu cubículo observara o gesto de impaciência que fizera o leitor, abriu a porta e saindo fora com o seu tirapé e sovela, dirigiu a palavra a Maurício, olhando para ele por cima dos óculos.

– Precisas alguma informação, a respeito dos inquilinos desta casa, cidadão? Se queres, estou pronto a dar-te quantas precisares.

– Agradecido – balbuciou Maurício; – procuro o nome de um amigo.

– Pois dize-me como se chama, que talvez te possa esclarecer; conheço quase todos os habitantes do bairro; onde morava o teu amigo?

– Parece-me que morava na rua Velha de Saint-Jacques; desconfio porém que se mudou.

– Mas como se chama? Preciso saber-lhe o nome.

Maurício, depois de hesitar um instante, disse o primeiro nome que lhe ocorreu.

– Chama-se Reinaldo.

– E qual é a sua ocupação?

– Oficial de curtidor.

– Pois então – disse um indivíduo, que tinha parado a ouvir a conversa e olhava para Maurício com certa desconfiança – seria melhor que te dirigisses ao mestre da fábrica em que o teu amigo trabalha.

– É verdade – disse o sapateiro; – os mestres sabem, ou pelo menos têm obrigação de saber, os nomes dos oficiais, e aqui está o cidadão Dixmer, que é director de uma fábrica de curtumes, onde trabalham mais de sessenta operários, e portanto talvez possa dar-te algumas informações.

Maurício voltou-se para examinar o indivíduo, que o sapateiro designava.

Viu um homem muito alto, de cara franca e trajando como um burguês abastado.

– Contudo – disse o director da fábrica – é preciso como muito bem disse o cidadão sapateiro, que saiba o nome do indivíduo, que procuras.

– Já te disse que se chama Reinaldo.

– Isso é o nome; mas o apelido? Todos os oficiais são conhecidos pelos apelidos.

– Pois o apelido é que eu ignoro – respondeu Maurício, que já não ia gostando de tantas perguntas.

– Ora essa! – disse o fabricante com um sorriso cheio de ironia – é possível que não saibas o apelido do teu amigo, cidadão?

– Não sei; e onde está o motivo de admiração?

– Tens razão; mas desse modo é provável que não atines com ele.

E dizendo estas palavras, despediu-se de Maurício, e depois de dar alguns passos entrou numa casa da rua Velha de Saint-Jacques.

– O caso é que não sabes o apelido... – disse o sapateiro.

– Não sei não! – gritou Maurício, que estava desejando um pretexto para desabafar a raiva que o oprimia: então que queres dizer na tua?

– Nada, cidadão, nada, queria somente dizer que visto não saberes o apelido do teu amigo, decerto não atinas com ele.

E dizendo isto, o cidadão sapateiro tornou a encafuar-se no cubículo.

Maurício esteve tentado a sovar o cidadão sapateiro, porém o que valeu ao pobre homem foi o ele verificar ser já velho.

Se tivesse ao menos vinte anos, era muito provável que Maurício lhe desse uma demonstração escandalosa da igualdade perante a lei, e da desigualdade perante a força.

Maurício deixou o cidadão sapateiro, e continuou as suas pesquisas, porque já se ia aproximando a noite.

Entrou na primeira travessa que encontrou, examinou as portas uma por uma, deitou a cabeça por cima das estacadas, espreitou por cima dos muros, procurou ver pelos buracos das fechaduras, e bateu inutilmente a muitas portas dalgumas casas que não tinham gente.

O mancebo gastou duas horas nestas diligências inúteis.

Davam nove horas, era noite fechada e reinava o maior sossego; no bairro cessara já todo o movimento.

Maurício, já sem esperança, ia retirar-se, quando viu brilhar uma luz no fundo de um corredor escuro. Entrou imediatamente, apesar da escuridão, sem reparar, quando se dirigia para a entrada, numa cabeça, que o estava espreitando por entre umas árvores, que ficavam ao pé de um muro, e que em seguida desaparecera.

Passados três segundos depois de ter desaparecido a pessoa que o estava espreitando, saíram três homens de uma porta, que havia no mesmo muro.

Os três homens correram para o corredor, em que o mancebo se aventurara ao passo que outro indivíduo, sem dúvida para maior segurança, fechou a porta sobre si.

Maurício deparou com um pátio no fim do corredor.

A luz que avistara, saía de uma janela que deitava para o pátio.

Bateu à porta de uma casa de aparência pobre e solitária, porém logo à primeira argolada apagou-se a luz.

Maurício tornou a bater, mas como ninguém viesse abri-la, percebeu que intencionalmente lhe não respondiam.

Depois, como não quisesse bater debalde, tornou a atravessar o pátio e entrou novamente no corredor.

No mesmo instante, abriu-se sem bulha a porta da casa, saíram por ela os três homens, e ouviu-se um assobio.

Maurício voltou-se e viu três vultos, na distância de duas ou três vezes o tamanho do pau que levava.

Apesar das trevas, que o envolviam, pôde distinguir, porque os olhos se lhe tinham habituado já à escuridão, o reflexo sinistro de dois ferros.

Maurício conheceu que estava cercado: quis fazer sarilho com o pau para se defender; porém o corredor era tão estreito que não era possível fazê-lo girar, e no momento em que o intentava, recebeu na cabeça uma pancada, cuja violência o atordoou. Era uma agressão inesperada dos quatro homens, que tinham saído da porta do muro.

Os sete homens juntos caíram sobre Maurício ao mesmo tempo, e apesar da resistência desesperada do mancebo, deitaram-no por terra, amarraram-lhe as mãos e taparam-lhe os olhos.

Maurício não dera um único grito, não bradara por socorro; e ainda que o tivesse feito, ninguém lhe teria acudido naquele bairro deserto.

Foi portanto amarrado sem dizer palavra.

Reflectiu porém que, se quisessem matá-lo logo, não estariam com o trabalho de lhe vender os olhos, e na idade que Maurício tinha então qualquer demora era uma esperança.

Chamou pois em seu auxílio toda a sua presença de espírito e esperou.

– Quem és tu? – perguntou uma voz ainda cansada da luta.

– Sou um homem que, se quiseses, pode ser assassinado imediatamente.

– Nada, és um homem morto se levatares a voz, quer seja para chamar, quer para gritar.

– Se quisesse gritar, não estaria calado até agora.

– E quererás responder às minhas perguntas?

– Conforme forem.

– Quem te mandou aqui?

– Ninguém.

– Vieste por teu livre arbítrio?

– Vim.

– Mentas.

Maurício bramiu de furor, e fez todos os esforços para se soltar, porém foi impossível.

– Nunca minto – respondeu ele.

– Será assim; contudo não deixas de ser um espião.

– E vocês uns canalhas cobardes.

– Nós, cobardes!

– Sim, e muito cobardes, pois não se pejaram de atacar em número de sete ou oito um homem só, e por cima de tudo insultarem esse homem depois de manietado. Cobardes, muito cobardes!

Estas palavras do mancebo, longe de excitarem o furor dos seus agressores, pelo contrário acalmou-o, pois que assim declarara a nobreza dos seus sentimentos. Se na realidade eu fosse um espião, teria pedido misericórdia.

– O que dissemos não se pode chamar insulto – disse uma voz menos áspera, mas mais imperiosa do que as outras. – Nestes infelizes tempos, em que vivemos, pode qualquer ser espião, sem por isso deixar de ser homem de bem. Contudo, sempre se arrisca a vida.

– Ora abençoado seja quem pronunciou tais palavras; prometo responder-lhe com lealdade.

– Por que motivo vieste a este bairro?

– Vim procurar uma mulher.

Esta resposta excitou um murmúrio de incredulidade.

– Mentos – respondeu a mesma voz – neste bairro não moram mulheres que mereçam a pena andar à procura delas. Diz quais eram as tuas intenções, aliás morres.

– Enganas-te, se julgas que me metes medo – respondeu Maurício; – estou convencido de que não me hás-de matar sem mais nem mais, salvo se fores um assassino.

E dizendo isto, Maurício fez um último esforço para desembaraçar as mãos; mas de repente sentiu no peito uma impressão de frio e uma dor aguda.

Recuou involuntariamente.

– Ora ainda bem que lhe sentiste a ponta – disse um dos homens. – Toma pois cuidado, ainda restam depois do bico oito polegadas de bom ferro.

– Pois então acaba – respondeu Maurício resignado.

– Dizes-nos quem és? – perguntou a tal voz branda e imperiosa.

– Ah! Queres saber o meu nome?

– Quero.

– Sou Maurício Lindey.

– O quê! – bradou outra voz – Maurício Lindey, o patriota exaltado! Maurício Lindey, secretário da secção Lepelletier!

Estas palavras foram ditas com tanta violência, que Maurício logo compreendeu que a sua sorte estava dependente da resposta que ele desse.

Como porém era incapaz de praticar uma vilania, negando quem era, respondeu com voz firme:

– Sim, sou isso que dizes: sou Maurício Lindey, secretário da secção Lepelletier; Maurício Lindey, o patriota, o revolucionário, o jacobino; finalmente, Maurício Lindey, que considera o dia mais feliz da sua vida aquele, em que morrer pela liberdade!

A esta resposta seguiu-se um silêncio sepulcral.

O mancebo esperava a cada instante que lhe cravassem no peito o ferro, de que apenas sentira a ponta.

– Será verdade o que avançaste – disse passados alguns instantes, uma voz, que parecia comovida. – Toma sentido, não mintas.

– Para te certificares, procura nas minhas algibeiras e acharás a minha nomeação. Examina a minha roupa e nela verás a minha marca: um M e um L.

Apenas o mancebo acabou de falar, sentiu pegarem-lhe por baixo dos braços, e assim o foram levando por espaço de algum tempo. Percebeu que abriram uma porta e depois outra; a segunda porém era muito estreita, porque os homens que o levavam tiveram bastante dificuldade em transpô-la.

Ainda conversavam em voz baixa.

– Estou perdido – disse o mancebo consigo; – vão atar-me uma pedra ao pescoço e deitam-me por algum alçapão, que vá dar ao rio Bièvre.

Passado porém um instante, conheceu que os indivíduos, que o levavam, subiam alguns degraus. Sentiu uma atmosfera mais temperada e sentiu-se assentado numa cadeira.

Ouviu fechar uma porta à chave e o ruído dos passos dos indivíduos que se retiravam.

Julgou que o deixavam só. Aplicou o ouvido com toda a atenção, de que é susceptível um homem que está em perigo de vida, e pareceu-lhe ouvir dizer a voz que tanto o impressionara:

– Deliberemos.

XXVII

Reaparece a desconhecida

Passou-se um quarto de hora, que foi um século para Maurício.

E muito natural era a sua impaciência; a sua vida, estando na força da idade, e podendo aspirar a um brilhante futuro, estava dependente da decisão de uns poucos de homens, que já o tinham querido matar.

Percebeu que o tinham fechado num quarto, mas não sabia se estava guardado à vista.

Tentou outra vez soltar-se, fez um esforço violento, mas nada conseguiu: a corda magoou-o.

O que mais dificultava a sua posição era ter as mãos amarradas atrás das costas, por isso que não as podia levar aos olhos.

Se por acaso visse onde estava, talvez lhe fosse possível escapar-se.

Como porém ninguém se opusesse às diversas tentativas que fez para se soltar concluiu que estava só.

Pareceu-lhe que pisava areia ou terra forte; o cheiro activo e agradável que sentia indicou-lhe a presença de substâncias vegetais; julgou que estaria nalguma estufa ou coisa semelhante.

Finalmente, decidindo-se a dar alguns passos, encontrou um muro, voltou-lhe as costas para poder apalpar com as mãos, e quase que deu um grito de alegria ao depararem-se-lhe instrumentos de agricultura.

Depois de muita dificuldade conseguiu examinar os instrumentos, que o acaso lhe deparara.

Desde então tornava-se a sua evasão uma questão de tempo.

Se o acaso ou a providência lhe concedesse cinco minutos, e se entre tantos instrumentos pudesse encontrar um que cortasse, estava salvo.

Deu com uma enxada.

Custou-lhe muito, em consequência da maneira por que estava amarrado, voltá-la de maneira que o ferro ficasse para cima.

Segurou depois o ferro de encontro à parede com o pé; depois foi cortando, ou para melhor dizer, foi gastando a corda que lhe prendia as mãos.

A operação não podia deixar de ser difícil, porque o ferro de uma enxada pouco corta.

Estava muito fatigado, e inundou-se-lhe a testa de suor quando lhe pareceu sentir passos de pessoas, que se aproximavam; reuniu todas as forças, e dando um forte puxão, conseguiu quebrar a corda pela parte mais gasta.

Não pôde conter uma exclamação de prazer.

Ao menos assim tinha a certeza de poder lutar antes de morrer.

Maurício tirou a venda que lhe tapava os olhos.

Não se tinha enganado.

O sítio em que estava era uma espécie de pavilhão, onde resguardavam do tempo algumas plantas exóticas.

A um canto estavam arrumados os instrumentos de horticultura e entre eles a enxada que tão bom serviço lhe prestara.

Examinou o sítio em que estava com toda a atenção, viu defronte de si uma janela, e correu para ela, mas deu com uma grade de ferro; pela parte de fora estava um homem armado com uma clavina.

No lado oposto do jardim havia um quiosque, jogando com o pavilhão onde se achava Maurício.

A janela tinha as tabuinhas corridas, e por elas saíam os raios de uma luz.

Correu à porta para escutar, mas viu que esta também estava guardada por uma sentinela.

Eram as passadas dessa sentinela, que ele sentira.

Nesse momento ouviu muitas vozes.

Saíam do fundo do corredor, e era evidente que a deliberação se tornara em acalorada discussão.

Maurício porém não ouvia tudo o que se dizia.

Só lhe chegavam ao ouvido algumas palavras soltas, e entre elas ouviu pronunciar as palavras, espião, punhal e morte.

Maurício ainda prestou maior atenção.

Neste momento abriu-se uma porta e então ouviu distintamente:

– Sim – dizia uma das vozes; – não temos que duvidar, é um espião; descobriram alguma coisa, e mandaram-no aqui para surpreender os nossos segredos; se o pusermos em liberdade arriscamo-nos a ser denunciados.

– Mas se ele compromettesse a sua palavra de honra? – disse uma voz.

– Quanto à sua palavra – disse uma voz – não há-de pôr dúvida em a dar; mas depois com a mesma facilidade faltará a ela.

– É ele porventura algum fidalgo – disse outra voz – para que possamos fiar-nos na sua palavra de honra?

Maurício bramia de raiva, por ver que havia gente que se persuadia de que só um fidalgo era capaz de não faltar à fé jurada.

– Mas como nos há-de denunciar se não nos conhece?

– É verdade que não nos conhece e não sabe o que aqui fazemos; sabe porém que existimos, e se aqui voltar é provável que seja bem acompanhado.

Este argumento ficou sem réplica.

– Visto isso – disse a voz que parecera a Maurício ser a do chefe – estão resolvidos?

– Quantas vezes será preciso dizer que sim?

– Na verdade, estranho tanta magnanimidade; aposto que, se a junta de segurança pública nos apanhasse, não estaria com tantas cerimónias.

– Digam-me, ainda persistem na sua opinião?

– Decerto, e esperamos que não nos fará oposição.

– Eu só disponho do meu voto. Votei para que o soltassem. São seis, votaram pela morte; que morra.

O suor que manava da fronte de Maurício cessou de repente.

– É provável que ele estrebuche e grite – disse a mesma voz.

– Tiveram o cuidado de afastar a Sr^a. Dixmer? – perguntou outra voz.

– Ela não sabe nada.

– Onde está?

– No pavilhão.

– A Sr^a. Dixmer – disse consigo Maurício; – começo a compreender. Estou em casa do mestre curtidor, que me falou na rua de Saint-Jacques e que me deixou por eu não lhe poder dizer o apelido do meu amigo. Mas que demónio de empenho poderá ter o maldito mestre em me assassinar?

Maurício procurou entre os instrumentos de agricultura e achou uma estaca com a ponta de ferro.

– Está bem – disse ele consigo – ao menos antes que me matem sempre darei cabo de dois ou três.

E deitou a mão à inocente estaca, que ia servir de arma mortífera.

Depois colocou-se atrás da porta, de maneira que ficasse encoberto por ela quando entrassem.

Era tal o estado de ansiedade, em que estava, que podia contar distintamente as pulsações do coração.

De repente estremeceu, ouvindo dizer uma voz:

– Se querem seguir o meu conselho, o melhor é matá-lo da janela com um tiro.

– Nada, nada – disse outra voz – não queremos bulha; o estrondo do tiro pode ser-nos fatal. Ah! Está aí Dixmer; e a sua mulher?

– Está lendo; fui agora espreitar pelas tabuinhas; não tem a menor desconfiança do que se passa.

– Dixmer, o seu voto é que há-de resolver a questão; é de parecer que o aviemos com um tiro ou com uma punhalada?

– Vamos! – repetiram ao mesmo tempo cinco ou seis vozes.

Maurício era um verdadeiro filho da revolução; tinha um coração de bronze, e pode-se dizer que era verdadeiro ateu.

Quando porém ouviu proferir a palavra vamos, pelo lado oposto da porta, que unicamente o separava da morte, persignou-se involuntariamente como fazia na sua infância quando sua mãe o ensinava a rezar.

Aproximaram-se as passadas, rangeu a chave na fechadura e abriu-se a porta vagorosamente.

Enquanto isto sucedia, Maurício reflexionava assim:

– Se perco tempo em brigar com eles, não posso escapar à morte. O melhor é atacá-los de improviso, depois fujo para o jardim, de lá para o beco, e assim talvez escape.

E logo, arremetendo como um leão, e dando um grito ameaçador, deitou por terra os dois homens, que vinham na frente e que julgando-o amarrado, estavam longe de esperar semelhante ataque. Afastou os outros, passou pelo meio deles, viu no fundo do corredor uma porta aberta de par em par, saiu por ela, galgou dez degraus e, achou-se no jardim, e procurando a porta acertou com ela.

Estava fechada à chave e tinha os fechos corridos.

Maurício puxou os fechos, mas não pôde abrir a porta, por não estar a chave na fechadura.

Enquanto fazia estas diligências, os homens que o perseguiam chegaram à porta da casa, e logo o viram.

– Lá está – bradaram eles – atire-lhe, Dixmer; atire-lhe e mate-o!

Maurício bramiu de raiva.

Era horrível ver-se fechado num jardim cujos muros tinham dez palmos de altura.

Entretanto avançaram os assassinos.

Só estavam distantes de Maurício uns trinta passos, e o mancebo procurou em volta de si alguma coisa que pudesse servir-lhe de tábua de salvação.

Deparou-se-lhe o quiosque, e viu brilhar luz por dentro das tabuinhas da janela.

Levado pelo desespero, deu um pulo enorme, saltando uma altura de sete palmos, empurrou as tabuinhas, meteu-se pela janela quebrando os vidros, e foi cair num quarto onde uma mulher estava lendo ao pé do fogão.

A mulher levantou-se assustada e gritou por socorro.

– Arreda-te, Genoveva, põe-te de lado, gritou Dixmer, quero matá-lo.

E dizendo estas palavras, levou a espingarda à cara e apontou para Maurício.

Mas a mulher, logo que olhou para o mancebo deu um grito de espanto, e em vez de se pôr de lado como lhe ordenara o marido, cobriu-o com o corpo.

Este movimento fez com que Maurício dirigisse toda a sua atenção para a generosa senhora que assim o protegia.

Ficou pasmado.

Tinha diante de si a desconhecida, por causa de quem acabava de correr tantos perigos.

– A senhora! – exclamou o mancebo.

– Silêncio – respondeu ela.

Depois, voltando-se para os homens, que queriam matar Maurício disse:

– Não hão-de matá-lo!

– É um espião! – disse Dixmer – e como tal deve morrer.

– Ele, um espião! Venha cá, Dixmer, vou provar-lhe que está enganado!

Dixmer aproximou-se da mulher, que lhe disse algumas palavras ao ouvido.

O mestre curtidor mal a ouviu ergueu a cabeça com vivacidade e disse:

- Pois foi este?
- Foi – respondeu Genoveva.
- Não me enganas?

A jovem em lugar de responder, voltou-se para Maurício e ofereceu-lhe a mão com um sorriso.

- Foi o meu salvador – disse ela.

Dixmer reassumiu de novo a singular expressão de frieza e serenidade, e com calma encostou a espingarda à parede.

- Agora muda o caso de figura – disse ele.

E fazendo sinal aos companheiros para que o seguissem, disse-lhes algumas palavras e desapareceram.

Entretanto Genoveva dizia a Maurício.

- Esconda o anel, todos aqui o conhecem.

Maurício tirou imediatamente o anel do dedo e meteu-o no bolso do colete.

Passado um instante, tornou Dixmer a entrar no pavilhão.

– Venho pedir-lhe desculpa, cidadão – disse ele. Não sabia o muito que lhe era obrigado! Minha mulher, apesar de ter gravado no coração o serviço que lhe prestou, não me soube dizer o seu nome; portanto espero que me perdoará.

– Não falemos mais no passado; só lhe peço que diga por que motivo se empenhavam tanto em matar-me?

– É um grande segredo – respondeu Dixmer – mas como estou muito certo da sua lealdade, vou confiar-lho.

Depois de alguns instantes de reflexão, Dixmer continuou:

– Como já sabe, sou director de uma fábrica de curtumes. Os ácidos que emprego no preparo das peles são de contrabando. Os contrabandistas que nos fornecem souberam que tinha havido uma denúncia contra eles; por consequência, quando vi que andava tirando informações pelo bairro, tive algum receio.

Os contrabandistas, a quem participei os meus temores, espreitaram-no, e tendo-o visto entrar no corredor, adquiriram a convicção de que queria perdê-los e foi essa a razão que queriam a sua morte a todo o transe.

– Sim, sim, isso sei eu de mais; ouvi a deliberação que tiveram, e ainda não me esqueci da espingarda.

- Mas eu já lhe pedi perdão – replicou Dixmer.

- Eu já lho dei.

– Para lhe mostrar agora a muita confiança que faço da sua lealdade, vou contar-lhe todos os meus segredos. Tenho por sócio um tal Morand, e ambos contamos com as desordens deste tempo para alcançarmos uma brilhante fortuna. Arrematámos o fornecimento das mochilas para o exército, e todos os dias aprontamos mil e quinhentas ou duas mil. O estado anárquico em que se acha o país por tal forma dá que fazer à municipalidade, que nem sequer tem tempo para verificar as nossas contas; e confessar-lhe-ei que nestas alturas, a cifra para nós vale dez, e como as matérias primas que empregamos entram aqui por contrabando, ganhamos duzentos por cento.

– Safa! – exclamou Maurício – a pechincha é famosa. Agora compreendo o medo que tiveram de ver denunciado o seu segredo. Como porém sabe quem eu sou parece-me que nada receará da minha parte.

– Tanto assim é – respondeu Dixmer – que nem sequer exijo do senhor a promessa de guardar segredo.

E dizendo isto, pôs-lhe a mão no ombro sorrindo.

– Agora, visto estarmos sós, vou perguntar-lhe o que procurava neste bairro. Fica porém entendido que, se é segredo, não quero obrigá-lo a descobri-lo.

- Parece-me porém que já o disse – balbuciou Maurício.

- Sim – disse que andava procurando uma mulher, ou coisa que o valha.

– Perdoe, cidadão – respondeu Maurício – devo explicar-lhe a minha conduta. Confessarei que na verdade andava a procurar uma mulher, que encontrei uma noite e que me asseverou morar neste bairro. Não me foi possível ver-lhe o rosto, não sei como se chama, nem sequer ao certo onde ela mora. Sei unicamente que estou louco de amores por ela.

– E que sinais pode dar da tal mulher?

– É muito baixa.

Genoveva era alta.

– Que mais?

– É loura e pareceu-me alegre.

Genoveva, tinha o cabelo preto e olhos grandes e pensativos.

– Pareceu-me, finalmente – continuou Maurício – que seria costureira de casa de alguma modista, e foi por isso que vesti este traje popular, julgando assim agradar-lhe mais no caso de a encontrar.

– Essa explicação não deixa nada a desejar – observou Dixmer.

Genoveva, ouvindo este diálogo, ficara perturbada, e para disfarçar voltou o rosto para a parede.

– Pobre cidadão Lindey! – disse Dixmer rindo – que maus momentos lhe fizemos passar.

– Não falemos mais nisso – respondeu Maurício, julgando que era tempo de se retirar; – esqueçamos o que se passou; agora faça o favor de ensinar-me o caminho.

– O quê! Quer retirar-se? – exclamou Dixmer – e julga que o havemos de consentir? Nada! Nada! Convidei para cear os valentes rapazes que queriam dar-lhe cabo da pele... Ceará com eles e verá que não são tão malvados como parecem.

Maurício pulou de alegria por poder passar mais algumas horas ao pé de Genoveva; todavia disse:

– Não sei se deva aceitar.

– Que está dizendo? – replicou Dixmer; – não sabe se deve aceitar... Posso afirmar-lhe que todos são bons e leais patriotas. Demais, só acreditarei que realmente nos perdoou depois de nos termos assentado à mesma mesa, e participado do mesmo pão.

Genoveva não dizia nada.

– Na verdade – replicou o mancebo – receio incomodá-lo, cidadão, e não sei se devo, vista a desordem do meu vestuário.

Genoveva olhou timidamente para o mancebo.

– O nosso oferecimento – disse ela – é feito do coração.

– Pois então aceito, cidadã.

– Bom – disse o mestre curtidor; – vou sossegar os meus companheiros; entretanto, fique aqui, meu amigo.

Dixmer saiu.

Genoveva e Maurício ficaram sós.

– Ah! Senhor – disse Genoveva procurando dar às suas palavras o tom de repreensão – repare que faltou à sua palavra.

– Pois quê! – exclamou Maurício – julga acaso que a minha conduta possa comprometê-la! Ah! Se assim é, sou muito culpado, e com toda a humildade imploro o seu perdão; vou retirar-me e nunca mais...

Neste momento reparou Genoveva que o mancebo tinha a camisa manchada de sangue.

– Jesus! – exclamou ela – estará ferido?

Com efeito a fina camisa de Maurício, que contrastava com a grosseria do seu traje, estava manchada de sangue.

– Não é coisa de cuidado, minha senhora; foi um dos contrabandistas que me picou com o punhal.

Genoveva fez-se muito pálida.

Passados alguns instantes, pegando na mão do mancebo, disse-lhe:

– Salvou-me a vida, e eu ia sendo a causa involuntária da sua morte.

– Tudo dou por bem empregado, visto que a encontrei; e estou certo de que nunca pensou que eu andasse por aqui procurando outra pessoa.

– Acompanhe-me – disse Genoveva interrompendo-o... – Vou dar-lhe roupa branca. Não quero que apareça assim aos nossos convivas; essa vista afligi-los-ia.

– Não se incomode – disse Maurício dando um suspiro.

– Cumpro um dever, e cumpro-o com muito gosto.

E Genoveva levou Maurício a um quarto elegante e de gosto, como decerto ninguém esperaria encontrar no estabelecimento de um curtidor.

– Sirva-se do que aqui está – disse ela; – faça de conta que está em sua casa.

E abrindo as gavetas onde estava a roupa, retirou-se.

Maurício mudou de camisa e saiu do quarto.

Dixmer já o esperava.

–Vamos! Vamos! – disse ele; – a ceia está na mesa; só esperávamos pelo senhor.

XXVIII

A ceia

Quando Maurício entrou com Dixmer e Genoveva na casa de jantar, já a ceia estava na mesa, mas ainda ali não estava nenhum dos convidados.

Daí a pouco foram entrando; eram seis.

Quase todos eram moços, de fisionomia agradável e vestiam no rigor da moda.

Dois ou três usavam carmanholas e barretes vermelhos.

Dixmer apresentou-lhes Maurício, dizendo-lhes como se chamava e em que se empregava.

Depois, voltando-se para Maurício, disse:

– Os que aqui vê são todos amigos, que me ajudam no meu negócio; depois que a revolução nivelou todas as hierarquias, vivemos aqui em perfeita igualdade. Comemos à mesma mesa duas vezes ao dia, e formamos todos uma mesma família. Vamos! Para a mesa! Cidadãos!

– Então não esperamos pelo Sr. Morand? – disse Genoveva com timidez.

– Tens razão – respondeu Dixmer.

Depois, voltando-se para Maurício:

– O cidadão Morand é meu sócio; tem a seu cargo a escrituração, fazer os pagamentos e a cobrança; por consequência, tem muito trabalho, e nem sequer pode estar pronto a horas; vou porém mandar-lhe recado.

Naquele instante abriu-se a porta e entrou o cidadão Morand.

Era um homem baixo, de cabelo preto e sobrancelhas muito espessas; os olhos pretos e brilhantes estavam encobertos por uns óculos verdes, semelhantes aos que usam as pessoas que têm a vista cansada.

Maurício ouviu Morand pronunciar algumas palavras, conheceu logo que era dele a voz suave e imperiosa, que durante a discussão, que se dera sobre a sorte dele, opinara sempre pelos meios suaves.

Trajava casaca parda com grandes botões, colete de seda branca e tinha uma camisa muito fina, que se divertia em amarrotar algumas vezes, mostrando assim uma mão tão branca e delicada, que Maurício muito se admirou de que ela pudesse ser de um mestre curtidor.

Assentaram-se todos.

O cidadão Morand ficou à esquerda de Genoveva, Maurício à direita.

Dixmer assentou-se defronte da esposa.

Os outros convivas colocaram-se indistintamente em redor da mesa, que era oblonga.

A ceia era lauta.

Dixmer presidia à ceia com a maior franqueza e mostrava apetite de um homem de trabalho.

Os operários, pelo menos assim se diziam, não lhe ficavam atrás.

O cidadão Morand, pelo contrário, falava pouco, não comia quase nada e raras vezes bebia vinho.

Maurício, lembrado sem dúvida das palavras que ouvira, logo sentiu por ele grande simpatia.

A única coisa que lhe dava que fazer a respeito de Morand, era a idade.

Parecia-lhe às vezes um homem de vinte e cinco anos, outras vezes afigurava-se-lhe ter quarenta e cinco.

Dixmer quando se assentou à mesa, julgou conveniente explicar a razão por que ali se encontrava um estranho.

Fê-lo com ingenuidade e franqueza.

É verdade que os convidados não pareciam difíceis de contentar, porque satisfiz a todos.

Maurício olhava para ele com admiração.

– Pela minha honra – dizia consigo o mancebo – custa-me a acreditar o que vejo. É possível que seja este o homem, que correu atrás de mim com os olhos chamejantes, voz ameaçadora e uma clavina na mão?

Porém, quanto mais ouvia aquela voz suave, pura e harmoniosa, quanto mais olhava para aquele rosto, em que se reflectia a tranqüilidade de uma alma sem remorsos, mais se convencia o mancebo de que uma criatura tão perfeita não era capaz de faltar aos seus deveres, e sentia então certo prazer ao lembrar-se que tanta formosura pertencia só ao bom burguês que ali estava rindo ingenuamente das vulgares chocarrices que dizia.

Finalmente, começou a falar-se em política, e não podia decerto deixar de ser este o assunto da conversação, numa época, em que a política entrava em tudo.

De repente, um dos comensais, que até ali estivera calado, perguntou pelas presas do Templo.

Maurício, sem querer, estremeceu ouvindo a voz do indivíduo, que fizera a pergunta.

Conheceu que era o homem que optara, pelos meios violentos, que o ferira com a faca, e que depois votara pela morte.

Contudo, esse indivíduo, que era um honrado curtidor e bom chefe de família, segundo disse Dixmer, logo atraiu a si as simpatias de Maurício pois passou a expender as idéias mais patrióticas, e os princípios mais revolucionários.

O mancebo dizia que em alguns casos era inclinado às medidas de rigor, que então eram tão usadas e das quais Danton era o herói.

Maurício, dizia consigo que, se se tivesse achado no caso daquele homem, não teria assassinado o indivíduo suspeito de espião, mas tê-lo-ia largado no jardim e com armas iguais ter-se-ia batido lealmente com ele, como seu adversário, e sem lhe conceder misericórdia.

Reflectiu porém que seria exigir muito querer que um oficial de curtidor praticasse aquilo que só uma pessoa dos seus sentimentos seria capaz de fazer.

O tal homem, que optara pelos meios violentos, falou a respeito do Templo e mostrou-se admirado por estar a guarda das presas entregue a um conselho permanente, susceptível de ser peitado, e a alguns membros da municipalidade, cuja fidelidade já por algumas vezes se tentara subornar.

– Tem razão – replicou Morand – mas devemos confessar que os tais membros da municipalidade têm-se até aqui portado bem provando que são dignos da confiança, que neles tem depositado a nação, e a história há-de mostrar que não foi Robespierre o único homem digno do epíteto de incorruptível.

– Não há dúvida, não há dúvida – replicou o indivíduo dos meios violentos; – mas o que tem sucedido até aqui, não pode dizer-se que sempre assim sucederá. Aí temos também a guarda nacional; as companhias das diversas secções são chamadas cada uma pela sua vez a fazer serviço no Templo e para lá vão indistintamente: ora diga-me, não será possível existirem numa companhia oito ou dez patuscos desembaraçados que se lembrem uma noite de degolar as sentinelas e de dar fuga aos presos?

– Está enganado – disse Maurício; – já se demonstrou, cidadão, que esse meio não serve, pois há três semanas tentaram pô-lo em prática e falhou o plano.

– Mas porque falhou? – disse Morand – porque um dos aristocratas, de que se compunha a patrulha, cometeu a imprudência de tratar por senhor não sei a quem.

– E também – disse Maurício – que queria mostrar a boa organização da polícia da república, porque já se sabia que Taverney Casa-Vermelha tinha entrado em Paris.

– Ora essa! – exclamou Dixmer.

– Sabia-se que o Casa-Vermelha tinha entrado em Paris? – perguntou Morand com indiferença. – E sabiam a maneira como ele havia entrado?

– Sabia-se com toda a exactidão!

– Ah! Com os diabos! – disse Morand olhando fixamente para Maurício. – Tenho curiosidade de saber como isso foi, pois até agora nada temos ouvido com certeza a esse respeito. Porém o cidadão, como secretário de uma das principais secções de Paris, deve estar bem informado.

– Assim é – disse Maurício – e o que vou contar-lhe, é em todos os pontos verdadeiro.

Os convidados todos, e até a própria Genoveva, pareceram prestar a maior atenção ao que ia dizer o mancebo.

– Ora pois – disse Maurício – Filipe de Taverney Casa-Vermelha vinha da Vendeia, segundo consta, e havia atravessado toda a França com a costumada felicidade: chegou ainda de dia à barreira de Roule, e esperou fora das portas até às nove horas da noite. Às nove horas, uma mulher disfarçada com trajo de mulher do povo, saiu por aquela barreira e levou a Taverney um uniforme de atirador da guarda nacional; passados uns dez minutos, voltou de braço dado com ele; a sentinela, que a tinha visto sair sozinha, teve algumas suspeitas quando viu que voltava acompanhada. Avisou logo a estação, saiu a guarda, e os dois criminosos, vendo-se perseguidos, refugiaram-se num palácio, por onde se evadiram por outra porta que deitava para os Campos Elísios. Diz-se que uma patrulha partidária dos tiranos esperava por Taverney à esquina da rua Barre-du-Bec; o resto da história já é sabida.

– Ah! Ah! – disse Morand – isso que acaba de narrar é curiosíssimo.

– E muito positivo – redargüiu Maurício.

– Sim, assim parece; mas a mulher, não se sabe o que foi feito dela?

– Não; sumiu-se e ignora-se completamente quem ela seja.

O sócio do cidadão Dixmer e o próprio cidadão Dixmer pareceram respirar mais desafogadamente.

Genoveva enquanto durava a narração do acontecimento, conservara-se pálida, imóvel e muda.

– Mas – disse o cidadão Morand com a mesma frieza – quem pode asseverar que Taverney Casa-Vermelha formava parte da tal patrulha que causou tamanho reboliço no Templo?

– Um membro da municipalidade meu amigo, que estava de serviço naquele dia no Templo, foi quem o conheceu.

– Sabia-lhe então os sinais?

– Tinha-o visto noutro tempo.

– E que casta de homem é, quanto ao físico, esse tal Casa-Vermelha? – perguntou Morand.

– É um homem de vinte e cinco a vinte e seis anos, de pequena estatura, cabelo louro e fisionomia agradável; tem belos olhos e dentes magníficos.

Seguiu-se um silêncio profundo.

– Pois bem! – disse Morand; – por que motivo não prendeu o seu amigo da municipalidade o suposto Taverney Casa-Vermelha logo que o conheceu?

– Em primeiro lugar, porque não sabia que ele estivesse em Paris, e pensou que poderia ser alguém que se parecesse com ele; em segundo lugar, porque o tal meu amigo, é algum tanto frouxo, e como estava em dúvida, fez o que fazem os homens cautelosos e tíbios, deixou-se ficar.

– Aposto que não procederá como ele, cidadão? – disse Dixmer rindo estrondosamente.

– Confesso que não – respondeu Maurício; – antes preferia enganar-me do que deixar escapar um homem tão perigoso como Taverney Casa-Vermelha.

– E que teria feito? – perguntou Genoveva.

– O que teria feito, cidadã – disse Maurício – oh! Assevero-lhe que não levava muito tempo: mandava fechar todas as portas do Templo: ia direito à patrulha, deitava a mão ao pescoço de Taverney, e dizia-lhe: “Filipe de Taverney Casa-Vermelha, estás preso como traidor à nação”; e uma vez que eu lhe tivesse lançado a mão, dou-lhe a minha palavra que não o largava mais.

– E depois que teria sucedido? – perguntou Genoveva.

– Sucedia unicamente que seriam processados tanto ele como os cúmplices, e que a estas horas já teriam sido guilhotinados.

Genoveva estremeceu, e olhou assustada para Morand.

Porém este não deu mostras de ter reparado na acção de Genoveva pois acabou de despejar o copo com todo o vagar, e disse:

– O cidadão Lindey tem razão; é o que deviam ter feito, mas infelizmente não o fizeram.

– E – perguntou Genoveva – sabe-se o que é feito de Taverney?

– Não está má pergunta – disse Dixmer – é de crer que não quisesse ficar para ver o fim à função, e percebendo que estava frustrada a tentativa, e provável que saísse logo de Paris e por certo a estas horas, está muito longe.

– E talvez que até de França – acrescentou Morand com toda a placidez.

– Nada, nada – disse Maurício.

– É impossível! Pois teve a imprudência de ficar em Paris?! – exclamou Genoveva.

– Não arredou daqui pé.

Esta opinião foi recebida com um movimento geral de admiração.

– Isso não passa de uma conjectura que fazes, cidadão – disse Morand – e nada mais.

– Nada, é um facto que assevero.

– Oh! – disse Genoveva – confesso que custa a acreditar no que diz, cidadão; seria imperdoável tamanha imprudência.

– A cidadã é mulher, e como tal facilmente compreenderá que haja um motivo que possa muito mais para com um homem como Taverney que todas as considerações de segurança individual.

– E que motivo será esse, que pode mais do que o receio de perder a vida por uma maneira tão horrível?

– O que há-de ser, cidadã – disse Maurício – senão o amor?

– O amor! – repetiu Genoveva.

– Sem dúvida. Pois não sabia que Filipe de Taverney está namorado de Maria Antonieta?

Ouviram-se duas ou três risadas de incredulidade, que ressoaram timidamente e como forçadas. Dixmer olhou para Maurício, como procurando ler-lhe no fundo do coração.

Os olhos de Genoveva umedeceram-se de lágrimas, e Maurício percebeu que um arrepião lhe fizera estremecer o corpo.

O cidadão Morand entornou o copo de vinho que naquele instante ia levando à boca, e por certo Maurício se teria assustado ao notar-lhe a palidez, se naquela ocasião não tivesse concentrado em Genoveva toda a sua atenção.

– Está comovida, cidadã? – perguntou Maurício.

– Não disse há pouco que eu devia compreender isso por ser mulher? Pois assim é, e nós as mulheres, quando vemos uma dedicação semelhante, ainda que seja por uma causa contrária aos nossos princípios, sempre nos enternecemos.

– E a dedicação de Filipe de Taverney ainda é muito mais meritória do que se pensa – disse Maurício – pois asseveram que só tem queixas da rainha.

– Sabe que mais, cidadão Lindey? – disse o homem dos meios violentos – acho-o muito indulgente para com o tal Taverney...

– Senhor! – disse Maurício, empregando, talvez de caso pensado, o tratamento que já não estava em uso – eu estimo os indivíduos de carácter nobre e valoroso, o que não obsta contudo a que me bata contra eles quando os encontro nas fileiras dos meus adversários. Ainda espero encontrar um dia Filipe de Taverney.

– E... – disse Genoveva.

– E se o encontrar... lutarei com ele...

À ceia estava acabada.

Genoveva deu o exemplo de retirada, levantando-se da mesa.

A este tempo deu horas o relógio.

– Meia-noite – disse Morand friamente.

– Meia-noite! – bradou Maurício – meia-noite já!

– Aí está uma exclamação que muito gosto me dá – disse Dixmer – pois mostra que não lhe aborreceu a nossa companhia, e faz-me esperar que nos tornaremos a ver. Esta casa que se lhe franqueia é de um bom patriota, e espero que o cidadão em breve conheça que também é de um bom amigo.

Maurício cumprimentou, e virando-se para Genoveva, perguntou:

– E a cidadã também dá licença que eu volte?

– Não só dou licença, mas até lho peço – disse Genoveva.

E cumprimentando, recolheu ao seu quarto.

Maurício despediu-se de todos os convidados, cumprimentando mais particularmente Morand que muito lhe agradara, apertou a mão a Dixmer, e retirou-se mais contente do que pesaroso do resultado de tantos acontecimentos diversos por que passara naquela noite.

– Que intempestivo encontro este! – disse Genoveva depois da retirada de Maurício, desatando a chorar na presença do marido que a acompanhara ao quarto.

– Não digas tal! O cidadão Maurício Lindey, patriota bem conhecido, secretário de uma secção, puro, estimado e popular, é uma aquisição preciosíssima para um pobre curtidor que tem em casa fazenda de contrabando – respondeu Dixmer sorrindo.

– Dessa forma, pensa, meu amigo?... – perguntou Genoveva.

– Penso que é um alvará de patriotismo que nos dá, e um selo de absolvição que ele impõe na nossa casa; e creio que desta noite em diante até o próprio Filipe de Taverney aqui estaria a salvo.

E Dixmer beijando a mulher na testa com modos mais próprios de pai do que de marido, deixou-a no pavilhão que lhe pertencia exclusivamente, e dirigiu-se para a parte do edifício em que habitava juntamente com os convivas que lhe vimos em volta da mesa.

XXIX

O sapateiro Simão

Começara o mês de Maio. Um dia claro fazia dilatar os peitos já cansados de respirar os gelados nevoeiros do Inverno, e os raios quentes e vivificantes do Sol davam de chapa sobre as negras muralhas do Templo.

Os soldados da guarda riam e fumavam junto ao postigo interno, que separa a Torre do jardim.

Porém as três prisioneiras, apesar de um dia tão lindo, não aceitaram o convite que se lhes fez para descerem a passear no jardim; a rainha, desde a morte do marido, teimava em não sair do seu quarto, para não ter de passar em frente da porta do quarto do segundo andar, que fora habitado pelo rei.

Desde o fatal dia 21 de Janeiro, quando alguma vez por acaso se lembrava de querer tomar ar, era sempre na plataforma da Torre, cujas ameias haviam sido tapadas com tabuinhas.

Os guardas nacionais, que estavam de serviço, tinham sido avisados de que a família real tinha licença de sair ao passeio, porém o dia todo passou sem que ela se utilizasse de tal licença.

Pela volta das cinco horas, um homem veio abaixo e aproximou-se do sargento comandante da guarda.

– Ah! Ah! És tu, tio Tison? – disse o sargento, que parecia um guarda nacional de génio faceto.

– Sim, cidadão, sou eu, e trago-te da parte do membro da municipalidade Maurício Lindey, teu amigo, que está lá em cima, esta licença que o conselho do Templo concedeu a minha filha para vir fazer uma visita à mãe esta tarde.

– E vais-te embora na ocasião em que tua filha está para chegar, pai desumano? – disse o sargento, fazendo um gesto de fingida piedade.

– Ah! Cidadão sargento, não é por minha vontade que saio. Esperava poder ver também a minha pobre filha, de quem estou separado há dois meses, e abraçá-la... Oh! Bem do coração, como um pai abraça a filha. Mas qual história! O serviço, o endiabrado serviço obriga-me a sair. Tenho de ir fazer o meu relatório perante o município. Lá está à porta uma sege e dois soldados de polícia à minha espera; e logo havia de ser na ocasião em que a minha Sofia está para chegar!

– Infeliz pai! – disse o sargento.

Desta sorte o amor da pátria querida
Do sangue em ti sufoca a rija voz;
Esta, bradando geme, aquele implora.
Imolando ao dever...

– Ouve cá, Tison, se acaso encontrares lá por fora uma consoante à voz, faze favor de me trazer, que me está fazendo muita falta.

– E tu, cidadão sargento, quando minha filha chegar para visitar a sua pobre mãe, que está morta de saudades, deixa-la passar?

– A ordem é formal – respondeu o sargento, no qual o leitor conheceu por certo o nosso amigo Lorin – nada tenho pois a objectar: logo que tua filha aqui se apresente, deixá-la-ei passar.

– Muito obrigado, valente Termópila, muito obrigado! – disse Tison.

E saiu para ir apresentar o seu relatório perante o município, rosnando por entre os dentes:

– Ah! Que felicidade vai gozar hoje minha pobre mulher!

– Sabes que mais, sargento – disse um guarda nacional, que vira sair Tison e percebera muito distintamente as palavras que ele proferira; – sempre há coisas que fazem arrepiar.

– Quais são essas coisas, cidadão Devaux? – perguntou Lorin.

– Uma delas – respondeu o compassivo guarda nacional – é ver aquele homem de tão duro aspecto, aquele coração de bronze, aquele desapiedado guardião da rainha, a chorar de prazer e de pena ao mesmo tempo por se lembrar que a mulher há-de ver a filha, e que lhe é vedada essa fortuna! São coisas, meu sargento, em que a gente não pode demorar muito o pensamento, porque na realidade fazem entristecer.

– Não há dúvida, e bem se vê que o homem de quem falas, e que daqui saiu tão pesaroso, não pensa em certas coisas.

– Em que querias tu que ele pensasse?

– Em quê? Devia lembrar-se que também há três meses que a mulher que ele atormenta sem dó está privada da vista do filho. Mas uns lamentam a própria infelicidade, esquecendo-lhes a dos outros. Verdade seja que a mulher que ele está encarregado de guardar foi a rainha – continuou o sargento com certo modo irónico – e uma rainha não tem jus a ser tratada com as mesmas atenções que são devidas à mulher de qualquer jornaleiro...

– Contudo, debes confessar que são coisas muito tristes – disse Devaux.

– Tristes, sim, mas necessárias – respondeu Lorin – e o melhor será, como tu disseste, não demorar nelas o pensamento.

E em seguida começou a cantarolar:

Ontem a formosa Nize,
Num bosque ameno e frondoso,
Solitária caminhava,
Com garbo gentil, donoso...

Lorin estava neste ponto da sua canção bucólica, quando de repente se ouviu um grande motim na direcção do lado esquerdo da guarda: eram pragas, ameaças e choros.

– Que bulha é aquela? – perguntou Devaux.

– Parece voz de criança – respondeu Lorin aplicando o ouvido.

– E com efeito – replicou o guarda nacional – é a voz de algum pobre rapazinho em quem estão batendo: irra! Este serviço não presta para quem tem filhos.

– Então cantas ou não? – disse uma voz rouca, que parecia de homem embriagado.

E logo a mesma voz começou a cantar, como que para dar exemplo.

Jurara madame Veto,
Degolar Paris em peso...

– Não – respondeu a criança – não quero cantar.

– Então cantas?

E a mesma voz repetiu:

Jurara madame Veto...

– Não, respondeu a criança, não, e não.

– Ah! Meu velhaquete – disse a mesma voz roufenha.

Ouviu-se o silvo de uma correia no ar, e logo um grito de dor, que soltou a criança.

– Ah! Com todos os diabos! – disse Lorin – é o infame Simão que está batendo no pequeno Capeto.

Alguns dos guardas nacionais encolheram os ombros, dois ou três fingiram rir, Devaux ergueu-se e afastou-se.

– Bem dizia eu – resmungou consigo – que quem é pai não deve entrar de serviço aqui.

De repente, abriu-se uma porta baixa, e o príncipe, fugindo ao açoute do seu guarda, saiu a correr pelo pátio fora: porém atrás dele veio zunindo um objecto pesado, que resvalou nas lajes e lhe deu numa perna.

– Ai! – gritou o menino.

E com a força da pancada, caiu.

– Traze-me já a minha forma, mostrengo, quando não...

O menino levantou-se e abanou a cabeça como para dizer que não.

– Ah! Ele é isso... – gritou a mesma voz – espera, que eu já te digo.

E o sapateiro Simão desembocou do seu cubículo como uma fera do seu covil.

– Olá! Olá! – disse Lorin franzindo o sobrolho – aonde vamos nós com tanta pressa, mestre Simão?

– Vou castigar aquele lobinho – respondeu o remendão.

– Castigá-lo, por que motivo? – perguntou Lorin.

– Por que motivo?

– Sim.

– Porque o garoto não quer de modo nenhum cantar como bom patriota, nem trabalhar como bom cidadão.

– E então! Que tens tu com isso? – respondeu Lorin; – foi porventura para lhe ensinares a cantar que a nação te confiou o Capeto?

– Ora essa! – disse Simão muito admirado; – peço-te que me digas, cidadão sargento, para que te metes no que não é da tua conta.

– É da minha conta, sim, porque sou um homem de bem! E todo o homem que tem sentimentos e vê bater numa criança deve opor-se a que lhe batam.

– Ora! É filho do tirano.

– Mas é uma criança, e não teve parte nos crimes do pai; é uma criança sobre quem não pesa culpa alguma e por consequência não há motivo nenhum para a castigar.

– E eu digo-te que mo deram para fazer dele o que eu quisesse. Quero que cante a cantiga de *Senhora Veto*, e há-de aprendê-la.

– E não sabes, meu biltre – disse Lorin – que *Senhora Veto* é a alcunha que puseram à mãe dessa criança; o que dirias tu se alguém quisesse obrigar um filho teu a cantar que és um canalha?

– Eu! – berrou Simão – ah! Malvado sargento aristocrata.

– Está bom! Nada de invectivas – disse Lorin – eu não sou o Capeto... Não é a mim que tu me hás-de fazer cantar por força.

– Hei-de fazer-te encarcerar, malvado ex-fidalgo.

– Tu – disse Lorin – fazer-me encarcerar a mim? Pois vê se consegues fazer encarcerar um Termópila.

– Bem, bem, quem viver verá; entretanto, Capeto, apanha a forma e vem fazer o teu sapato, senão...

– E eu – exclamou Lorin, empalidecendo de raiva, e adiantando-se para ele com os punhos fechados e os dentes a ranger – digo-te que não há-de apanhar a forma, nem há-de fazer sapatos, percebes, desavergonhado?

– Sim, sim, bem vejo que tens um grande sabre ao lado, mas tenho tanto medo dele como de ti. Puxa por ele se te atreves, e verás.

– Oh! Que raiva – gritou Lorin encolerizado.

Naquele momento entravam duas mulheres no pátio: uma delas tinha na mão um papel, e dirigiu-se à sentinela.

– Meu sargento – gritou a sentinela – é a filha de Tison, que pretende falar à mãe.

– Deixa-a passar que tem licença do conselho do Templo – respondeu Lorin sem se tirar donde estava, com receio de que, voltando as costas ao sapateiro, este aproveitasse a ocasião para bater no menino.

A sentinela deixou passar as duas mulheres; porém ainda bem não tinham subido quatro degraus da sombria escada, deram com Maurício Lindey, que descia a passear um instante pelo pátio.

O dia já ia escurecendo, de sorte que não lhe era possível distinguir-lhes as feições.

Maurício fê-las parar.

– Quem são cidadãs – perguntou ele – e que pretendem?

– Sou Sofia Tison – disse uma das mulheres. – Concederam-me licença para visitar minha mãe, e venho vê-la.

– Sim – disse Maurício; – mas a licença foi só para ti, cidadã.

– Trouxe esta amiga comigo para me acompanhar no meio de tantos soldados.

– Muito bem; a tua amiga não pode subir.

– Como quiser, cidadão – disse Sofia Tison apertando ao mesmo tempo a mão à amiga, a qual, arrumada de encontro à parede, parecia tomada de susto e perturbada.

– Cidadãos sentinelas – bradou Maurício levantando a cabeça e dirigindo a palavra aos soldados que estavam colocados no patamar de cada um dos andares – deixem passar a cidadã Tison unicamente. A amiga que vem com ela esperará na escada; tomem sentido que ninguém a insulte.

– Sim, cidadão – responderam as sentinelas.

– Podem subir – disse Maurício.

As duas mulheres passaram.

Maurício saltou os quatro ou cinco degraus que ainda tinha a descer e saiu apressadamente para o pátio.

– Que temos cá por baixo – disse ele aos guardas nacionais – e que bulha é esta? Ouvem-se gritos de criança tão agudos que chegam até à saleta das presas.

Simão, acostumado a tratar com os membros da municipalidade, pensou, quando viu Maurício, que encontraria nele apoio, e por isso, respondeu:

– Queres saber o que é? É este traidor, este aristocrata, este ex-fidalgo, que se opõe a que dê uma sova no Capeto.

E designou Lorin com o punho fechado.

– Sim, com os demónios, oponho-me – disse Lorin desembainhando o terçado – e se tornas a chamar-me outra vez ex-fidalgo, aristocrata ou traidor, enfio-te de lado a lado.

– Que é isso? Ameaças-me! – gritou Simão; – oh! Da guarda! Oh! Da guarda!

– A guarda sou eu – disse Lorin; – e dou-te de conselho que não me chames, porque se eu me chegar a ti, é para te dar cabo da pele.

– Acode-me, cidadão municipal, acode-me: bradou Simão já seriamente assustado das ameaças de Lorin.

– O sargento tem razão – respondeu friamente o membro da municipalidade, que Simão chamava em seu socorro; – tu és um cobarde que desacredita a nação batendo numa criança!

– E se tu soubesses o motivo por que ele lhe dá, Maurício! É porque o menino se nega a cantar a *Senhora Veto*; por não querer um filho insultar a mãe.

– Que perverso! – disse Maurício.

– Também tu? – exclamou Simão; – já vejo que estou rodeado de traidores.

– Ah! Grande maroto – disse o membro da municipalidade, agarrando Simão pelas goelas e tirando-lhe a correia da mão; – vê lá se podes provar que Maurício Lindey é um traidor.

E dizendo isto, fustigou os ombros do remendão com o tirapé.

– Fico-lhe obrigado, senhor – disse o menino que havia presenciado estoicamente esta cena; – porém quem há-de pagar as custas sempre hei-de ser eu.

– Anda cá, Capeto – disse Lorin; – anda cá, meu menino, se ele tornar a bater-te, chama por nós, que lá iremos castigar aquele carrasco. Vamos! Vamos! Meu Capetozinho, volta para a Torre.

– Digam-me, vós que me protegeis, por que razão me chamais Capeto? – disse o menino; – sabeis muito bem que o meu nome não é Capeto.

– Como assim! Pois não é o teu nome? – perguntou Lorin; – como te chamas tu?

– Chamo-me Luís Carlos de Bourbon. Capeto era o nome de um dos meus antepassados. Eu sei a história de França; foi meu pai quem ma ensinou.

– E queres tu obrigar a fazer chinelos a uma criança a quem um rei ensinou a história de França! – exclamou Lorin. – Que lembrança!

– Oh! Podes ir descansado – disse Maurício para o menino – que eu hei-de dar conta de quanto se passou.

– E eu também – disse Simão. – E direi por exemplo, que em lugar de uma única mulher, a quem se havia concedido licença para entrar na Torre, deixaste passar duas.

Naquele mesmo instante, saíam efectivamente da torre as duas mulheres e Maurício correu para elas.

– Então, cidadã – disse ele, dirigindo-se à que lhe ficava mais próxima – viste tua mãe?

Sofia Tison interpôs-se imediatamente entre o membro da municipalidade e a sua companheira.

– Sim, cidadão, muito obrigada – respondeu ela.

Maurício tinha grande desejo de ver a amiga da rapariga, ou pelo menos de ouvir-lhe a voz; porém estava embuçada num manto de capuz e parecia resolvida a não dizer palavra; até lhe pareceu que tremia.

Tanto receio causou desconfiança a Maurício.

Voltou precipitadamente acima, e apenas entrou na primeira sala, viu pela porta de vidraça que a rainha estava metendo na algibeira uma coisa, que lhe pareceu um bilhete.

– Oh! Oh! – disse ele consigo – dar-se-á o caso que me lograssem?

Chamou pelo colega.
 – Cidadão Agrícola – disse ele – entra no quarto de Maria Antonieta e não a percas de vista.
 – Olé! – exclamou o membro da municipalidade – pois então...?
 – Entra já, repito, e sem demora de um instante, de um segundo sequer.
 O membro da municipalidade entrou no quarto da rainha.
 – Chama a mulher de Tison – disse Maurício para um guarda nacional.
 Não eram passados cinco minutos quando chegou a mulher de Tison radiante de alegria.
 – Estive com minha filha – disse ela.
 – Onde? – perguntou Maurício.
 – Aqui mesmo, nesta ante-sala.
 – Muito bem. E tua filha não te pediu que a deixasses falar à *Austriaca*?
 – Não.
 – Não entrou no quarto dela?
 – Não.
 – E enquanto tu estiveste falando com tua filha não saiu pessoa alguma do quarto das presas?
 – Como querias que eu reparasse! Só tinha olhos para ver a minha filha, de quem estava separada há dois meses.
 – Vê se te lembras...
 – Ah! Sim, agora me recordo...
 – De quê?
 – A menina saiu.
 – Quem, a Maria Teresa?
 – Sim.
 – E falou com tua filha?
 – Não.
 – E não apanhou coisa nenhuma do chão?
 – Quem, minha filha?
 – Não, a filha de Maria Antonieta.
 – Apanhou sim, o lenço que tinha deixado cair.
 – Ah! Desgraçada! – exclamou Maurício.
 E lançando mão da corda de um sino, tocou apressadamente.

XXX

O bilhete

Os outros dois membros da municipalidade de serviço subiram imediatamente. Vinham acompanhados de um destacamento da guarda.
 Fecharam todas as portas, e colocaram duas sentinelas à saída de cada um dos quartos.
 – Que pretende, senhor? – disse a rainha para Maurício logo que entrou; – estava para me ir deitar haverá coisa de cinco minutos, quando de repente o cidadão municipal (designando Agrícola) entrou precipitadamente no meu quarto sem me dizer sequer ao que vinha.
 – Minha senhora – disse Maurício cortejando – o meu colega nada podia dizer-lhe, porque o negócio é unicamente comigo.
 – Com o senhor? – perguntou Maria Antonieta olhando admirada para Maurício, cujas boas maneiras a haviam de alguma sorte cativado; – então que deseja?
 – Ora, o que é que desejo? Que faça o favor de entregar-me o bilhete que estava escondendo quando eu entrei na saleta.
 A princesa real e a princesa Isabel estremeceram; a rainha tornou-se muito pálida.
 – Está enganado, senhor – respondeu ela – eu nada escondi.

– Mentos, *Austríaca*! – bradou Agrícola.
Maurício agarrou com vivacidade no braço do seu colega.
– Devagar, meu caro colega – disse ele – deixa que eu fale com a cidadã. Sabes que tenho algum jeito para letrado.
– Pois fala tu; mas não a poupes, com todos os diabos!
– Escondeste um bilhete, cidadã – disse Maurício com severidade; – é preciso entregá-lo.
– Mas que bilhete?
– O que trouxe a filha de Tison, e que a cidadã, sua filha (Maurício apontou para a jovem princesa), apanhou quando deixou cair o lenço.
As três mulheres olharam espavoridas umas para as outras.
– Ah! Senhor – disse a rainha – isto ultrapassa os limites da tirania; e com mulheres! Com mulheres!
– Não confundamos as coisas – disse Maurício com firmeza. – Nós não somos nem juizes, nem carrascos, somos apenas uns vigias, isto é, concidadãos seus, a quem foi incumbido guardá-las. Recebemos para isso instruções, e faltar a elas seria uma traição. Cidadã, peço-lhe que entregue o bilhete que escondeu.
– Senhores – disse a rainha com altivez – já que são nossos vigias, dêem a competente busca e não nos deixem dormir também esta noite.
– Deus nos livre de pôr as mãos em mulheres. Vou mandar avisar o município e esperaremos as ordens. Contudo não se deitarão, terão a bondade de dormir em cadeiras de braços, e nós aqui ficaremos de guarda... Depois, se for preciso, começarão as pesquisas.
– O que foi que sucedeu? – perguntou a Tison, metendo pela janela a cara espantada.
– Sucedeu que tu, cidadã, serviste há pouco de capa a uma traição e assim te privaste de tornar a ver tua filha.
– De ver a minha filha... Que estás tu dizendo, cidadão? – perguntou a Tison, sem perceber ainda claramente o motivo por que não tornaria a ver a filha.
– Digo que tua filha não veio para te visitar, mas sim para trazer uma carta à cidadã Capeto, e que não há-de tornar a entrar aqui.
– Mas se ela aqui não voltar, não tornarei mais a abraçá-la, visto que nos é proibido sair.
– Desta vez não te poderás queixar de ninguém porque a culpa foi tua – respondeu Maurício.
– Oh! – gritou a pobre mãe – por minha culpa! – que estás dizendo? Pois foi por minha culpa? Não sucedeu mal nenhum, sou eu quem o afirmo. Oh! Se eu pensasse que tinha havido alguma novidade, mal de ti, Antonieta, que bem caro mas pagarias!
E chegada ao auge da desesperação fez um gesto de ameaça para a rainha.
– Não ameaces – disse Maurício; – vê antes se consegues o que nós pretendemos por meios persuasórios; pois tu és mulher, e a cidadã Antonieta, que também é mãe, se compadecerá certamente das penas de uma mãe. Olha que amanhã tua filha será presa, e logo encarcerada... E depois, se se descobrir alguma coisa (e tu bem sabes que sempre se descobre alguma coisa quando há bons desejos), está perdida, ela e a sua companheira.
A Tison, cujo susto aumentava a cada palavra que proferia Maurício, olhou para a rainha com semblante desvairado.
– Ouves, Antonieta!... A minha filha!... A ti deverei a perda da minha filha.
A rainha pareceu assustar-se também, não das ameaças, mas sim da desesperação da sua carcereira.
– Venha, Sr^a. Tison – disse ela – tenho que dizer-lhe.
– Olá! Não queremos suborno! – exclamou o colega de Maurício; – não somos suspeitos, com os demónios! Fale perante a municipalidade! Sempre perante a municipalidade!
– Deixe-lhe fazer a vontade, cidadão Agrícola – disse Maurício ao ouvido do seu companheiro – contanto que alcancemos o nosso fim, pouco importam os meios.
– Dizes bem cidadão Maurício... mas...

– Vamos para trás da porta de vidraça, cidadão Agrícola e se queres um conselho, voltemos as costas; estou certo de que a pessoa para com quem vamos ter esta atenção não nos fará arrepender do nosso procedimento.

A rainha ouviu estas palavras, que de propósito haviam sido proferidas de maneira que fossem percebidas, e olhou agradecida para o mancebo.

Maurício voltou as costas com indiferença, e foi colocar-se pela parte de fora da porta de vidraça. Agrícola acompanhou-o.

– Vês aquela mulher que além está? – disse para Agrícola; – como rainha, é uma grande criminosa; como mulher tem uma alma grande e nobre. Sempre é bom despedaçar as coroas, porque o infortúnio purifica...

– Com mil diabos, que bem que tu falas, cidadão Maurício – respondeu Agrícola. – Gosto de vos ouvir falar, tanto a ti como ao teu amigo Lorin. Isso que disseste agora também são versos?

Maurício sorriu.

Durante esta conversa, a cena que Maurício antevira ocorria pela parte de dentro da porta de vidraça.

A Tison aproximara-se da rainha.

– Senhora – lhe disse a rainha – o estado de desesperação em que a vejo despedaça-me o coração; não quero privá-la da presença de sua filha, sei quanto isso custa; porém, deve reflectir que se fizer o que exigem aqueles homens, pode muito bem ser que ocasione igualmente a perda dela.

– Faça o que eles dizem! – bradou a mulher de Tison – faça o que eles dizem!

– Mas espere, senhora, deixe ao menos que lhe diga de que se trata.

– De que se trata? – perguntou a carcereira com rudeza.

– Sua filha trouxe consigo uma amiga.

– Sim, uma costureira como ela; não quis vir só com medo dos soldados.

– A amiga de sua filha tinha-lhe entregado um bilhete; a sua filha deixou-o cair, a Maria passava por acaso e apanhou-o. É provavelmente um papel insignificantíssimo, porém gente mal intencionada poder-lhe-á descobrir algum sentido. Não ouviu dizer ao membro da municipalidade que sempre se descobre alguma coisa quando há bons desejos?

– E depois? E depois?

– E depois, mais nada: quer que eu entregue o papel; exige que eu sacrifique um amigo, quando tal sacrifício não lhe restituirá talvez a sua filha?

– Faça o que eles dizem! – gritou a mulher – faça o que eles dizem!

– Mas olhe que o papel pode comprometer a sua filha – disse a rainha – repare no que lhe estou dizendo!

– A minha filha é como eu, boa patriota – bradou com fúria. – Graças a Deus! Os Tisons são bem conhecidos; faça o que eles dizem.

– Meu Deus! – exclamou a rainha – quanto eu desejaria poder convencê-la!

– Minha filha! Quero que me seja restituída a minha filha! – replicou a Tison batendo com o pé no Chão. – Dá-me o papel, Antonieta, dá-me o papel!

– Aqui está, senhora.

E dizendo isto entregou a rainha à miserável criatura um papel, que ela agitou alegremente no ar gritando:

– Venham, venham, cidadãos da municipalidade! Aqui está o papel! Tomem-no e restituam-me minha filha.

– Sacrificaste os nossos amigos, minha irmã – disse a princesa Isabel.

– Não, minha irmã – respondeu a rainha com tristeza – as sacrificadas somos nós unicamente. Aquele papel não compromete ninguém.

Maurício e o seu colega acudiram aos gritos da Tison, que lhes entregou logo o bilhete. Abriam-no e leram o seguinte:

“Para o lado do oriente, ainda existe um amigo”.

Maurício sobressaltou-se apenas correu a vista pelo papel.

Parecia conhecer a letra.

– Oh! Meu Deus – pensou ele – será a letra de Genoveva? Mas não; é impossível, estou louco! Parece-se com a dela, não há dúvida; mas que relações poderiam existir entre a rainha e Genoveva?

Voltou-se e viu que Maria Antonieta estava olhando para ele. A Tison procurava ansiosamente ler a sua sentença nos olhos de Maurício.

– Acabas de praticar uma boa acção – disse ele para a Tison: – e vós, cidadã, uma bela acção – continuou dirigindo-se à rainha.

– Pois senhor, se assim é – respondeu Maria Antonieta – siga o senhor o meu exemplo, queime esse papel, e fará um acto de caridade.

– Estás brincando, *Austríaca* – disse Agrícola; – queimar esse papel que poderá servir talvez para apanharmos uma ninhada inteira de aristocratas; estás enganada.

– E o melhor será queimá-lo com efeito – disse a Tison – porque pode servir de grande comprometimento para minha filha.

– Não há dúvida, para tua filha, e para os mais implicados – disse Agrícola tirando das mãos de Maurício o papel, que este decerto teria queimado se porventura não estivesse acompanhado.

Dali a dez minutos foi o bilhete depositado sobre o bufete dos membros da municipalidade, os quais passaram imediatamente a abri-lo e a fazer-lhe comentários.

– “Para o lado do oriente ainda existe um amigo!” – disse uma voz – que significa isto?

– A coisa é bem clara – respondeu um, que tinha presunção de saber geografia; – para o lado do oriente, é erro de ortografia; quiseram pôr para o lado de Lorient, que é uma vila pequena da Bretanha, situada entre Vannes e Quimper. Sou de voto que se lance fogo à tal vila, se com efeito ainda encerra em si aristocratas amigos da *Austríaca*.

– E o caso é tanto mais perigoso – disse outro – porquanto, sendo Lorient um porto de mar, presta-se a servir de ponto de comunicação com a Inglaterra.

– Eu proponho – disse um terceiro – que se nomeie uma comissão para ir a Lorient tirar uma devassa.

Esta moção provocou um sorriso na minoria, e inflamou o zelo da maioria; decretaram logo que seria mandada imediatamente uma comissão a Lorient para vigiar os aristocratas.

Maurício tinha tido notícia da deliberação.

– Não sei onde será o oriente de que se trata – pensou ele consigo – mas do que eu tenho toda a certeza é que para o lado da Bretanha não fica ele.

No dia seguinte a rainha, que, como já dissemos, não descia ao jardim para não passar em frente do quarto onde o marido estivera encarcerado, pediu licença para subir à plataforma da torre, a tomar ar em companhia da filha e da princesa.

A licença foi concedida imediatamente, porém logo após a rainha Maurício subiu também, e chegando acima, parou encoberto com uma espécie de guarita, que servia para resguardar a saída da escada, e ali esperou escondido o resultado do bilhete que apreendera na véspera.

A rainha começou por passear de um para outro lado indiferentemente com a princesa Isabel e a filha; porém, passado um instante, parou, ao passo que as duas princesas continuaram o seu passeio, e voltando-se para leste olhou atentamente para uma casa, em cujas janelas se divisavam várias pessoas, e entre elas uma, que tinha na mão um lenço branco.

Maurício puxou por um óculo que trazia na algibeira, e enquanto o estava graduando, a rainha fez um aceno, como para fazer entender aos indivíduos que estavam na janela que se tirassem para dentro.

Contudo Maurício pôde observar uma cabeça de homem, de cabelos louros e tez pálida, que havia cortejado a rainha com todo o respeito e humildade.

Por detrás desse homem, estava uma mulher meio encoberta com o vulto dele.

Maurício assestou-lhe o óculo, e parecendo-lhe ter conhecido as feições de Genoveva, fez involuntariamente um movimento, que o descobriu.

No mesmo momento a mulher, que também tinha na mão um óculo, retirou-se precipitadamente, levando consigo o mancebo.

Seria na realidade Genoveva?

Acaso conhecera ela também Maurício?

Ou ter-se-iam retirado os dois curiosos unicamente em obediência ao aceno que lhes fizera a rainha?

Maurício esperou um instante, para ver se o mancebo e a rapariga tornavam a aparecer.

Mas como visse que ninguém assomava novamente à janela, recomendou a maior vigilância ao seu colega Agrícola, desceu apressadamente a escada, e foi postar-se de atalaia à esquina da rua de Portefoix, a ver se saíam os curiosos que avistara à janela.

Porém, foi debalde, porque ninguém apareceu.

Maurício então, não podendo por mais tempo resistir à tentação de esclarecer as dúvidas, que fizera nascer em seu espírito a teima da companheira da rapariga Tison em não querer ser vista, em não falar, deliberou-se a ir à rua Velha de Saint-Jacques e lá se apresentou efectivamente com a mente desvairada pelas desconfianças que o haviam assaltado.

Quando entrou, estava Genoveva vestida com um penteador branco e assentada debaixo de um caramanchão de jasmineiros, onde tinha por costume almoçar.

Deu afectuosamente, como sempre, os bons dias a Maurício, e convidou-o a tomar uma chávena de chocolate na sua companhia.

Dixmer que chegou entretanto, mostrou a maior satisfação por ver Maurício a hora tão inesperada, e nem lhe deu tempo para tomar a chávena de chocolate que aceitara, pois entusiasmado como sempre pelo seu negócio, exigiu que o seu amigo secretário da secção Lepelletier o acompanhasse num giro pelas oficinas, ao que Maurício anuiu.

– Quero comunicar-lhe, meu querido Maurício – disse Dixmer enfiando o braço no do mancebo e conduzindo-o consigo – uma notícia da maior importância.

– Política? – perguntou Maurício, sempre preocupado com a mesma idéia.

– Oh! Meu caro cidadão – respondeu Dixmer rindo – julga porventura que tratemos de política aqui? Não; é uma notícia puramente industrial, graças a Deus! O meu honrado amigo Morand, que é, como já lhe disse, um químico distintíssimo, descobriu finalmente uma receita para dar ao marroquim uma cor vermelha tal como ainda não houve até hoje, por isso que é inalterável. É essa preparação que eu quero mostrar-lhe. E demais terá ocasião de ver trabalhar Morand, que é um artista de mérito em toda a extensão da palavra.

Maurício não percebia muito bem como era possível ser artista de marroquim vermelho; contudo aceitou o convite e acompanhou Dixmer: atravessaram as oficinas, e chegados a um quarto mais reservado, viu o cidadão Morand entregue à sua tarefa.

Estava em traje de trabalho, com os óculos verdes do costume e parecia na realidade ocupado com todos os seus sentidos em transformar para vermelho a cor amarelada de uma pele de carneiro.

Ao dizer de Dixmer estava-se regozijando num banho de cochonilha.

Cumprimentou Maurício com um aceno de cabeça, sem interromper o seu trabalho.

– Então, cidadão Morand – perguntou Dixmer ao seu sócio – o que me diz?

– Este processo, só por si, pode dar-nos de lucro cem libras por ano – disse Morand. – Mas já lá vão oito dias que não prego olho, os ácidos têm-me estragado a vista.

Maurício deixou Dixmer com Morand e voltou para onde estava Genoveva, dizendo consigo:

– Sempre é forçoso confessar que este cargo de membro da municipalidade seria capaz de embrutecer um herói. Oito dias passados no Templo são o suficiente para qualquer se chegar a persuadir que é aristocrata e ir denunciar-se a si próprio. Bom Dixmer! Honrado Morand! Bela Genoveva! Como foi possível que desconfiasse de vós um único instante?

Genoveva estava à espera de Maurício, e o seu sorriso tão suave fez desvanecer completamente todas as suspeitas, que efectivamente concebera.

Mostrou-lhe como sempre, o mesmo modo dócil, afável e encantador.

As horas que Maurício passava ao lado de Genoveva eram as únicas em que vivia realmente.

Em todo o resto do tempo estava entregue aos acessos da febre a que se poderia dar o nome de *febre de 1793*, que trazia Paris dividida em dois campos e tornava a existência um combate de cada hora.

Pela volta do meio-dia, despediu-se de Genoveva e regressou ao Templo.

No fim da rua de Saint-Avoye encontrou Lorin que saía da guarda; ia de cerra-fila ao oficial, mas saiu da forma e veio ter com Maurício, em cujo semblante vinha impressa ainda a felicidade que sempre lhe causava a vista de Genoveva.

– Ah! – disse Lorin, apertando com cordialidade a mão do amigo:

A languidez ocultas, mas em vão,
Conheço o que desejas – que deliras; –
O silêncio tu guardas, mas suspiras.
Tens o tirano amor no coração.

Maurício levou a mão à algibeira para procurar a chave.

Era o sistema que havia adoptado para pôr termo às dissertações poéticas do amigo.

Porém este percebeu o movimento e fugiu rindo.

– É verdade! – disse Lorin, voltando atrás depois de ter dado alguns passos – tu ainda tens mais três dias de serviço no Templo. Recomendo à tua protecção o pequenito Capeto.

XXXI

Amor

Ao cabo de algum tempo Maurício encontrava-se muito feliz e muito infeliz; sempre isso sucede no princípio de uma grande paixão.

Os trabalhos diários da secção Lepelletier, as visitas à noite à rua Velha de Saint-Jacques e algumas sessões do clube dos Termópilas, tais eram as suas ocupações habituais.

Não desconhecia contudo que o resultado do costume que tomara de ver Genoveva todas as noites era ver-se entregue a um amor sem esperança.

Genoveva era uma mulher meiga e franca na aparência destas que apertam sem dificuldade a mão de um amigo, e lhe aproximam a testa dos lábios com a confiança de uma irmã, ou com a ignorância de uma virgem, mas para quem as palavras de amor soam como se fossem blasfémias, e os desejos materiais parecem um sacrilégio inaudito.

Genoveva colocada no meio das flores, que cultivava e a igualavam em frescura e fragrância, separada do marido e inteiramente alheia a quanto dizia respeito aos trabalhos em que ele se ocupava, tornara-se para Maurício um enigma vivo, cuja significação ele não se atrevia a indagar.

Uma tarde, tendo ficado como de costume em companhia dela, e estando ambos assentados ao pé da mesma janela por onde entrara uma noite tão estrepitosamente, Maurício depois de largo silêncio, durante o qual Genoveva contemplava atentamente uma estrela fulgurante que assomara no firmamento azulado, abalançou-se a perguntar-lhe por que motivo, sendo tão moça ainda, se achava ligada a um homem que já havia passado o meridiano da vida, e que bem dava a conhecer ter sido de educação e nascimento vulgares; por que razão, tendo maneiras tão elegantes e um génio tão poético, estava casada com um sujeito, que parecia dar toda a sua atenção unicamente ao trabalho de pesar, estender e tingir as peles em que negociava.

– E por que razão finalmente – prosseguiu Maurício – vejo eu na casa de um mestre curtidor esta harpa, este piano e estas pinturas, que, segundo me confessou, são obra sua? Como se acham aqui reunidos todos estes atributos da aristocracia, que detesto noutras mulheres, mas que me parecem adoráveis na senhora?

Genoveva dirigiu para Maurício um olhar cheio de candura.

– Agradeço-lhe – disse ela – a pergunta que me faz, pois mostra que é um homem delicado, e que nunca procurou indagar coisa alguma a tal respeito, o que me tem feito admirar.

– Nunca, minha senhora – respondeu Maurício. – Tenho um amigo que me é afeiçoado, que daria a vida por mim se preciso fosse; tenho cem camaradas, sempre prontos a seguir-me aonde eu quizer conduzi-los; mas quando se trata de uma mulher, e especialmente de uma mulher como Genoveva, só do meu coração confio semelhante segredo.

– Agradeço-lhe Maurício – respondeu ela. – Dir-lhe-ei pois, eu mesma, tudo quanto deseja saber.

– Primeiro que tudo qual era o seu apelido antes de casada?

Genoveva percebeu que era o egoísmo do amor que motivara esta pergunta e sorriu.

– Genoveva du Treilly – respondeu ela.

Maurício repetiu:

– Genoveva du Treilly.

– Minha família – prosseguiu Genoveva – ficara sem fortuna depois da guerra da América, em que tomaram parte meu pai e meu irmão mais velho.

– Eram nobres ambos? – perguntou Maurício.

– Não, não – respondeu Genoveva corando.

– Disse-me, todavia que o seu apelido em solteira era Genoveva du Treilly.

– Sem a partícula du, Sr. Maurício; minha família era rica, mas não pertencia de maneira alguma à classe da nobreza.

– Vejo que desconfia de mim – disse o mancebo rindo.

– Oh! Não, não – replicou Genoveva. – Meu pai, enquanto esteve na América, travou amizade com o pai do Sr. Morand; o Sr. Dixmer era quem tratava dos negócios do Sr. Morand. Este, vendo a nossa casa arruinada e sabendo que o Sr. Dixmer possuía uma fortuna independente, apresentou-o a meu pai que mo apresentou em seguida a mim. Conheci que o casamento já estava tratado, e entendi que era esse o desejo da minha família; não tinha então, nem havia sentido nunca amor por pessoa nenhuma; aceitei. Há já três anos que estou casada com Dixmer, e devo confessar-lhe que durante esses três anos, a conduta de meu marido para comigo tem sido tão boa, que, apesar da diferença que notou nos nossos gostos e idades, ainda não tive um único instante de arrependimento.

– Mas – disse Maurício – quando casou com o Sr. Dixmer, ainda ele não possuía esta fábrica?

– Não; residíamos então em Blois. Depois do dia 10 de Agosto, comprou o Sr. Dixmer esta casa e as oficinas a ela anexas, e para evitar que eu fosse incomodada pelo bulício dos operários, ou que pudessem ferir-me a vista objectos que repugnassem aos meus hábitos, que são, como disse, algum tanto aristocráticos, deu-me para habitar este pavilhão, onde vivo sozinha, retirada e feliz, quando um amigo, como o Sr. Maurício, vem participar da minha alegria, dos meus sonhos...

E estendeu a mão a Maurício, que a beijou com grande ardor.

Genoveva corou ligeiramente, e retirando a mão, continuou:

– Agora já sabe como vim a ser esposa de Dixmer.

– Sim – replicou Maurício olhando fixamente para Genoveva – mas ainda não me disse como foi que o Sr. Morand se tornou sócio do Sr. Dixmer.

– É muito simples – respondeu Genoveva. – O Sr. Dixmer, como lhe disse, tinha alguma fortuna, mas não era suficiente para tomar sobre si uma fábrica tão importante como esta. O filho do Sr. Morand Sênior, que, como já lhe disse, havia sido protector e amigo de meu pai, contribuiu com metade do capital para a empresa, e como era versado em química, muito

concorreu pelos seus conhecimentos e actividade para dar ao negócio do Sr. Dixmer uma extensão imensa.

– E – perguntou Maurício – o Sr. Morand também é pessoa a quem muito estima, não é verdade, minha senhora?

– O Sr. Morand é um homem digníssimo a todos os respeitos, e possui o coração mais bem formado que existe na terra – respondeu Genoveva.

– Se as provas que tem do que assevera – respondeu Maurício algum tanto irritado por ver a importância que Genoveva dava ao sócio do marido – não são outras senão o ter ele concorrido com metade do capital para o estabelecimento do Sr. Dixmer, e ter inventado uma tinta nova para o marroquim, há-de permitir-me que lhe observe que o elogio que dele faz é demasiado pomposo.

– Tem-me dado muitas outras provas – respondeu Genoveva.

– Contudo, é muito novo ainda, não é verdade? – perguntou Maurício; – se bem que os óculos verdes de que usa, obstem a que se conheça com exactidão a idade que tem.

– Tem trinta e cinco anos.

– E há muito tempo que o conhece?

– Desde a nossa mocidade.

Maurício mordeu os beiços. Sempre desconfiara que Morand amava Genoveva.

– Ah! – respondeu Maurício – agora vejo por que a trata com tanta familiaridade.

– Sem nunca exceder certos limites, como tem visto – respondeu Genoveva sorrindo – e parece-me que uma familiaridade, que a amizade autoriza, não precisa explicação.

– Oh! Peço desculpa, minha senhora – disse Maurício; – bem deve saber que os objectos demasiado vivos também causam ciúmes, e a minha amizade é ciosa da que parece ter ao Sr. Morand.

Calou-se.

Genoveva ficou também silenciosa.

Não se tratou mais de Morand, e quando Maurício naquela noite se despediu de Genoveva ia mais apaixonado do que nunca, porque já tinha ciúmes.

Por muito que a paixão cegasse o pobre moço, havia na história que Genoveva lhe contara muita lacuna, muita hesitação, e muita reticência, a que não dera valor na ocasião de a ouvir, mas que lhe vinham agora à memória e lhe atormentavam singularmente o espírito, não podendo desvanecer completamente as suas dúvidas, a liberdade que lhe dava Dixmer de conversar com Genoveva quantas vezes quera, nem a espécie de solidão em que os deixava todas as noites.

Havia mais ainda: depois que Maurício se tornara de alguma forma comensal da casa, não só o deixavam em plena liberdade com Genoveva, que na verdade estava resguardada dos desejos do mancebo pela sua pureza de anjo, mas servia-lhe até de escolta quando ela precisava às vezes dar alguma volta pelo bairro.

Ao passo que tinha adquirido toda esta familiaridade na casa, uma coisa havia que muito o admirava, e era que quanto mais procurava (talvez para melhor sondar os sentimentos que lhe supunha por Genoveva) travar conhecimento com Morand, cujo espírito e maneiras delicadas o tinham cativado muito, apesar de todas as suas prevenções, mais aquele homem excêntrico parecia fugir de Maurício.

Este queixava-se amargamente a Genoveva de semelhante procedimento, pois não duvidava que Morand tivesse adivinhado que eram rivais, e que fosse o ciúme quem o afastasse dele.

– O cidadão Morand tem-me ódio – disse ele um dia a Genoveva.

– Ao senhor! – disse Genoveva encarando-o com admiração; – ao senhor! Pois Morand tem-lhe ódio?

– Tem, com toda a certeza.

– Porque o há-de ele odiar?

– Quer que lho diga? – perguntou Maurício.

– Quero, sim – respondeu Genoveva.

– Pois bem... É porque eu...

Maurício calou-se. Ia para dizer: é porque eu a amo.

– Não posso dizer-lhe o motivo – continuou Maurício corando.

O indomável republicano, quando estava ao pé de Genoveva, era tímido e envergonhado como uma donzela.

Genoveva sorriu.

– Diga antes – respondeu ela – que não existe simpatia entre ambos, e então acreditei. O senhor tem um carácter ardente, um espírito brilhante e maneiras distintas. Morand é simplesmente um negociante enxertado num químico. É mui tímido e modesto... E a sua timidez dá causa a que não tenha sido o primeiro a dirigir-lhe a palavra.

– Ora essa! Pois eu exijo porventura que seja o primeiro a dirigir-me a palavra para que ele se me ligue? Até aqui sou eu que tenho feito a diligência mais de cinquenta vezes, sem que tenha sido correspondido. Não – prosseguiu Maurício abanando a cabeça – não, essa não é por certo a razão.

– Pois então qual é?

Maurício preferiu ficar calado.

No dia imediato àquele em que tivera esta explicação com Genoveva, apresentou-se em casa dela pela volta das duas horas, e encontrou-a vestida para sair.

– Ah! Em boa hora veio – disse Genoveva – porque vai acompanhar-me.

– Aonde vai? – perguntou Maurício.

– Vou a Auteuil. O tempo está lindo e desejo dar um passeio; iremos de carruagem até para lá das portas, ali deixá-la-emos, e andaremos a pé até Auteuil, e depois, quando eu tiver concluído o que tenho que fazer em Auteuil, voltaremos do mesmo modo até à carruagem...

– Oh! – exclamou Maurício com alegria – que dia tão agradável me proporciona!

Partiram ambos; e tendo chegado além de Passy, apearam-se, e continuaram na sua digressão a pé.

Quando chegaram a Auteuil, Genoveva parou.

– Espere por mim à entrada da tapada – disse ela; – quando tiver concluído o meu negócio, virei ter com o senhor.

– A casa de quem vai? – perguntou Maurício.

– A casa de uma amiga.

– Onde eu não posso acompanhá-la?

Genoveva abanou a cabeça rindo.

– É impossível – disse ela.

Maurício mordeu os beiços.

– Pois bem, – disse ele – esperarei.

– Tem alguma dúvida? – perguntou Genoveva.

– Nenhuma – respondeu Maurício. – Demora-se muito?

– Se pensasse que o incomodava, ou se soubesse que tinha destino hoje – disse Genoveva – não lhe teria pedido o favor de vir comigo; não lhe teria pedido para me acompanhar ao...

– Ao Sr. Morand – interrompeu Maurício com vivacidade.

– Não, o Sr. Morand, como muito bem sabe, está na fábrica de Rambouillet, e só volta à noite.

– Foi então esse o motivo por que fui preferido?

– Maurício – disse Genoveva meigamente – não posso demorar-me porque está uma pessoa à minha espera; se lhe causa transtorno esperar que eu volte, vá-se embora para Paris; peço-lhe unicamente que mande para aqui a carruagem.

– Não, não, minha senhora – respondeu prontamente Maurício – aqui fico às suas ordens.

Dizendo isto, cortejou Genoveva, que deu um suspiro e entrou em Auteuil.

Encontro

Maurício foi esperá-la no sítio aprazado e começou a passear de um para outro lado, divertindo-se em decepar com a bengala à imitação de Tarquínio, as flores que erguiam a cabeça acima das moitas de erva ou de cardos que encontrava diante de si.

O passeio de Maurício limitava-se contudo a um pequeno espaço, pois não se afastava do ponto de partida, como geralmente sucede às pessoas que têm a imaginação muito preocupada.

Genoveva demorou-se coisa de uma hora, que a Maurício pareceu um século, e chegou finalmente, caminhando risonha para ele. Maurício, pelo contrário, foi ao encontro dela com o sobrolho carregado.

O nosso pobre coração é por tal forma organizado, que parece querer procurar motivos de desgosto em plena felicidade.

Genoveva, sorrindo, deu indolentemente o braço a Maurício.

– Aqui estou – disse; – peço-lhe perdão, meu amigo, por o ter feito esperar.

Maurício respondeu com uma inclinação de cabeça, e entranharam-se ambos numa linda alameda, que ia ter por um atalho à estrada real.

Era uma deliciosa tarde de Primavera, daquelas em que cada planta esparge na atmosfera a sua emanção, e os pássaros, imóveis sobre as árvores ou saltando por entre as brenhas, entoam o hino de amor a Deus; era finalmente uma daquelas tardes que parecem destinadas a viver eternamente na lembrança de quem as gozou.

Maurício ia calado e Genoveva pensativa; esta entretinha-se a desfolhar as flores de um ramalhete que levava na mão, que havia enfiado no braço de Maurício.

– Que tem hoje para estar tão triste? – perguntou Maurício de repente.

Genoveva poder-lhe-ia responder:

“É a minha felicidade”.

Porém fitou nele o seu olhar suave e poético.

– E o senhor também não está acaso hoje mais triste do que de costume?

– Eu – respondeu Maurício – tenho razão para estar triste, porque sou infeliz; mas a senhora...

– O senhor, infeliz?

– Certamente; não tem percebido que padeço às vezes a ponto de me tremer a fala? Outras vezes estando a conversar consigo ou com seu marido, não tem reparado que me levanto de repente e que me vejo obrigado a sair para respirar ar livre, a fim de diminuir a opressão que sinto no peito?

– Mas – perguntou Genoveva com certo enleio – a que atribui semelhante padecimento?

– Se fosse uma menina da moda – disse Maurício rindo tristemente – dizia-lhe que eram ataques de nervos.

– E agora também está incomodado?

– Muito – respondeu Maurício.

– Pois então voltemos depressa.

– Já, minha senhora?

– Decerto.

– Ah! É verdade – murmurou o mancebo – já me esquecia de que o Sr. Morand há-de voltar esta noite de Rambouillet, e já vai anoitecendo.

Genoveva olhou para ele de maneira, como que para o repreender.

– Oh! Outra vez! – disse ela.

– A culpa é sua. Para que elogiou tanto o Sr. Morand noutro dia?

– E será porventura proibido dizer, na presença de uma pessoa que se estima – perguntou Genoveva – o conceito que se forma de outro homem também estimável?

– Muito grande deve ser a estima que por ele tem, para obrigá-la a apressar desse modo o passo a fim de não tardar alguns minutos.

– Está hoje sobremaneira injusto para comigo, Maurício. Acaso não passei na sua companhia uma parte do dia?

– Tem razão e conheço que sou na verdade demasiado exigente – respondeu Maurício com veemência. – Vamos ao encontro do Sr. Morand, vamos.

Genoveva começou a enfadar-se.

– Sim – disse ela – vamos ao encontro do Sr. Morand. Aquele amigo pelo menos nunca me causou o menor desgosto;

– Amigos assim são entes preciosos – disse Maurício sufocado pelo ciúme; – quem me dera alguns semelhantes a ele!

Tinham chegado naquele momento à estrada real. O horizonte estava avermelhado; o Sol ia desaparecendo e os seus últimos raios faziam cintilar os enfeites dourados do zimbório dos Inválidos. No Céu brilhava já a primeira estrela, a mesma que Genoveva havia contemplado algumas noites antes.

Genoveva largou o braço de Maurício com tristeza e resignação.

– Porque insiste em penalizar-me? – disse ela.

– Ah! – respondeu Maurício – é porque não tenho a habilidade de certas pessoas que eu conheço; não sei tornar-me amável.

– Maurício! – exclamou Genoveva.

– Oh! Minha senhora, se é verdade que ele tem bom génio, e nunca se altera, é porque não padece como eu.

Genoveva tornou a encostar a nívea mão sobre o braço musculoso de Maurício.

– Peço-lhe que não torne a falar – disse ela com voz trémula; – oh! Não torne a falar.

– Porque motivo?

– Porque me incomoda o som da sua voz.

– Pois até o som da minha voz a incomoda?

– Cale-se, por Deus lho peço!

– Obedecerei, minha senhora.

E dizendo isto, o fogoso mancebo limpava o suor, que lhe umedecia a fronte.

Genoveva conheceu que não era fingido o padecimento de que ele se queixara. As organizações do género da de Maurício são mais fáceis de impressionar-se do que o vulgar dos homens.

– É meu amigo, Maurício – disse Genoveva olhando-o com expressão celestial – um amigo para mim mui precioso; faça, Maurício, com que eu não perca um tal amigo.

– Oh! – exclamou Maurício – as saudades não haviam de durar muito tempo.

– Está enganado – respondeu Genoveva – haviam de durar muito, sempre!...

– Genoveva! Genoveva! – gritou Maurício – tenha compaixão de mim!

Genoveva sobressaltou-se.

Era a primeira vez que ouvia Maurício proferir o seu nome com tão profunda expressão.

– Pois bem – continuou Maurício – já que adivinhou o meu segredo, permita que lhe diga quanto sinto. Genoveva; oh! Ainda que eu soubesse que me fulminava com um olhar seu, nem assim me calaria: preciso falar, Genoveva.

– Senhor – disse ela – pedi-lhe em nome da nossa amizade que se calasse; renovo agora a minha súplica, e espero que me atenderá por consideração para comigo. Nem mais uma palavra, em nome do Céu, nem mais uma palavra!

– A amizade!... A amizade!... Ah! Se a amizade que me tem é igual à que tem ao Sr. Morand, não quero semelhante amizade, Genoveva; é de outra natureza o sentimento que eu exijo.

– Basta – disse a Sr^a. Dixmer com gesto de rainha – basta Sr. Lindey; aqui está a nossa carruagem, faça o favor de me acompanhar até casa de meu marido.

Maurício tremia de febre e de agitação, e quando Genoveva, para entrar na carruagem, que estava com efeito a distância de poucos passos, lhe encostou a mão ao braço, pareceu ao mancebo que lhe queimavam o braço. Subiram ambos para a carruagem; Genoveva tomou lugar no assento do fundo e Maurício no de diante.

Assim atravessaram Paris sem proferirem palavra, nem um nem outro.

Genoveva, durante o trajecto, tinha conservado constantemente o lenço nos olhos.

Quando chegaram à fábrica, Dixmer estava trabalhando no seu gabinete; Morand regressara havia pouco de Rambouillet e estava mudando de fato.

Genoveva, ao entrar no quarto, estendeu a mão a Maurício, dizendo-lhe:

– Adeus, Maurício, assim o quis.

XXXIII

Rompimento

Maurício não respondeu, foi direito a um retrato de Genoveva, em miniatura, que estava pendurado por cima do fogão, tirou-o do seu lugar, beijou-o com ardor, apertou-o contra o coração, tornou a colocá-lo onde estava e saiu.

Maurício achou-se em casa sem saber por onde fora; parecia-lhe um sonho quanto se acabara de passar, e por mais que procurasse, não atinava com o que fizera ou dissera, nem com o motivo do seu procedimento. Há momentos na vida em que a alma mais serena, mais senhora de si, obedece voluntariamente aos impulsos das potências subalternas da imaginação.

Foi pois de corrida que Maurício voltou para casa; despiu-se sem a ajuda do criado, não respondeu à cozinheira, que lhe oferecia de cear, e pegando nas cartas que tinham vindo para ele durante o dia, leu-as todas, umas após outras, sem perceber palavra do que diziam. O nevoeiro do ciúme ainda lhe ofuscava a razão.

Às dez horas deitou-se maquinalmente, como fizera tudo mais desde que deixara Genoveva; apenas deitado, sucedeu-lhe o que sempre acontece em casos tais; logo que se sentiu na cama e cedeu ao torpor que lhe causara o golpe que recebera nas suas esperanças e adormeceu, ou para melhor dizer, perdeu todo o sentimento da existência até ao dia seguinte.

Foi então acordado pela bulha que lhe fez o oficioso abrindo a porta do quarto: vinha este, conforme o costume, abrir as janelas de Maurício, que deitavam para um grande jardim, e trazer flores.

Era moda cultivar flores em 1793, e Maurício era doido por elas; todavia, nem sequer se dignou de olhar para as que lhe apresentavam: assentou-se na cama, e encostando a cabeça à mão, tratou de se recordar dos acontecimentos do dia antecedente.

Maurício procurou interrogar-se a si próprio para conhecer o motivo do seu mau humor da véspera; o único que lhe ocorria era o ciúme que tinha tido de Morand, mas era-lhe forçoso confessar que tinha escolhido mau pretexto, visto que o homem de quem tinha ciúmes estava em Rambouillet, ao passo que ele, a sós com a mulher a quem amava, gozava em liberdade do encanto da companhia dela, a que ainda dava maior valor a amenidade de um formosíssimo dia de Primavera.

Nem a ida a Auteuill, nem a demora de Genoveva por mais de uma hora na casa a que ele a acompanhara lhe haviam causado o menor abalo: o seu único e constante tormento era a idéia do amor de Morand por Genoveva: esta idéia não passava de uma fantasia do seu cérebro, ou de uma louca suspeita da sua imaginação, por isso que nunca um gesto, nem um olhar, nem uma palavra sequer do sócio Dixmer tinha dado uma aparência de realidade a semelhante suposição.

A voz do criado pôs termo à sua meditação.

– Cidadão – disse ele, apontando para as cartas que estavam abertas em cima da mesa; – já escolheu as que são para guardar ou quer que as queime todas?

– Queimar o quê? – perguntou Maurício.

– As cartas que o cidadão leu ontem à noite antes de se ir deitar.

Maurício já se não lembrava de ter lido uma única delas.

– Queime-as todas – respondeu ele.

– Aqui tem as que vieram hoje, cidadão – disse o oficioso.

Entregou um maço de cartas a Maurício e foi deitar as outras no fogão.

Maurício, ao pegar no maço, percebeu pelo tacto que uma das cartas vinha fechada com lacre, e pareceu-lhe sentir um perfume que lhe não era desconhecido.

Procurou entre as cartas e encontrou um sinete e uma letra que o fizeram estremecer.

Aquele homem, tão valente quando se tratava de arrostar qualquer perigo, estava prestes a desmaiar pela simples vista de uma carta.

O oficioso aproximou-se para lhe perguntar o que sentia; porém Maurício com um aceno mandou-o retirar.

Tendo ficado só, começou a revolver a carta em todos os sentidos: tinha um pressentimento de que era portadora de más novas, mas hesitava em abri-la com receio do que ia ler.

Revestiu-se contudo de ânimo, abriu-a e leu o que segue:

“Cidadão Maurício.

É forçoso que rompamos as nossas relações, visto que parece querer transpor os limites da amizade. É homem honrado, cidadão, e agora, que já decorreu o espaço de uma noite sobre o que ontem se passou entre nós, facilmente deve compreender que é impossível continuar a freqüentar esta casa. Espero que procurará alguma desculpa que motive para com meu marido este rompimento. Se eu vir chegar hoje mesmo uma carta sua para o Sr. Dixmer, ficarei certa de que só me resta lamentar a perda de um amigo infelizmente alucinado, e que todas as conveniências sociais me proíbem tornar a ver.

Adeus para sempre.

Genoveva”

“P. S. – O portador espera pela resposta”.

Maurício chamou pelo criado.

– Quem trouxe esta carta?

– Um cidadão moço de recados.

– E está aí?

– Está.

Maurício nem suspirou, nem hesitou. Saltou imediatamente fora da cama, enfiou umas calças, assentou-se à carteira, pegou na primeira folha de papel que encontrou e que era um papel com o carimbo da secção, e escreveu:

“Cidadão Dixmer.

Eu era seu amigo, e ainda o sou, mas não posso continuar a visitá-lo...”

Maurício procurou um motivo que servisse de pretexto para não tornar a visitar o cidadão Dixmer, e apenas um único lhe ocorreu ao pensamento; era o mesmo que naquela época teria vindo à imaginação de qualquer pessoa. Continuou pois sem hesitação redigindo a carta:

“Tem-se espalhado certos boatos acerca da frouxidão de sentimentos pela causa pública. Não pretendo acusá-lo, nem estou incumbido de defendê-lo. Receba pois as minhas despedidas, e fique certo de que os seus segredos nunca sairão do meu coração”.

Maurício não se cansou em ler esta carta, que fora escrita como dissemos, sob a impressão da primeira idéia que lhe havia ocorrido. O efeito que ela havia de produzir não era duvidoso.

Dixmer que era um excelente patriota como Maurício tinha tido ocasião de ver pelos seus discursos, de certo se afligiria ao recebê-la: era provável que a esposa e o cidadão Morand também participassem do seu enfado, e sendo assim, nem sequer responderia, deixando que o esquecimento viesse qual negro véu encobrir o passado para o transformar em lúgubre porvir.

Maurício assinou, fechou a carta, entregou-a ao oficioso e este ao moço de recados, que partiu imediatamente.

Foi só então que o nosso republicano soltou um leve suspiro; acabou de se vestir, pegou nas luvas e no chapéu e foi para a secção.

Pobre Bruto! Esperava poder recobrar o seu antigo estoicismo no tumulto dos negócios públicos.

Os negócios públicos representavam uma face terrível: estava-se preparando o dia 31 de Maio. O terror, semelhante a uma torrente, começara a precipitar-se do alto da Montanha, e procurava deitar por terra a barreira que lhe tinham levantado os Girondinos moderados, e audazes, que haviam tido o atrevimento de pedir o castigo dos assassinos de Setembro e de lutarem por um instante para salvar a vida do rei.

Enquanto Maurício se entregava ao trabalho com todo o ardor que lhe dava a febre que há pouco lhe devorava o coração e agora a cabeça, o portador da carta voltara à rua Velha de Saint-Jacques, e entregara-a em casa de Dixmer, onde todos ficaram cheios de susto e de espanto.

XXXIV

Suspeitas

A carta depois de ter passado pelas mãos de Genoveva, foi entregue a Dixmer.

Dixmer abriu-a e leu-a sem a entender bem de princípio, e depois mostrou-a ao cidadão Morand, que, tendo acabado de a ler, encostou a cabeça à mão com modo pensativo.

Na situação em que se achavam colocados Dixmer, Morand e os seus companheiros, situação completamente desconhecida de Maurício, mas que os nossos leitores já adivinharam por certo, aquela carta devia necessariamente produzir o efeito de um raio.

– Será ele homem honrado? – perguntou Dixmer.

– É sim – respondeu Morand sem hesitar.

– Não importa! – replicou o indivíduo que havia opinado pelos meios violentos – muito mal fizemos, como vê em não o matar.

– Meu amigo – disse Morand – lembre-se de que estamos lutando com a violência, e que a condenamos como um crime. Seja qual for o resultado de tudo isto, fizemos muito bem em não assassinar um homem, e demais, ainda o repito, estou persuadido de que Maurício tem um coração nobre e honrado.

– Sim, mas como o tal coração nobre e honrado pertence a um exaltado republicano, pode muito bem ser que julgue um crime, caso tenha descoberto alguma coisa, não sacrificar a própria honra sobre o que eles chamam altar da pátria.

– Mas – perguntou Morand – julga porventura que ele saiba alguma coisa?

– Então não percebeu o que ele diz? Fala de segredos, que nunca lhe sairão do coração.

– Os segredos a que ele se refere são evidentemente os que lhe confiou, a respeito do nosso contrabando; nem ele sabe outros. Porém – continuou Morand – teria ele alguma desconfiança por ocasião da entrevista de Auteuil? Foi ele quem acompanhou a sua esposa.

– Eu mesmo tinha dito a Genoveva que o levasse consigo, para maior segurança.

– Olhem – disse Morand – em breve saberemos se as nossas suspeitas são fundadas. Segundo a escala, o nosso batalhão entra de guarda ao Templo no dia 2 de Junho, que é daqui a oito dias; o Sr. Dixmer é capitão e eu sirvo debaixo das suas ordens: se o batalhão, ou a nossa companhia, tiver contra ordem como teve outro dia o batalhão da *Rutte-des-Moulins*, que Santerre substituiu pelo batalhão dos *Grevilliers*, é sinal que descobriram tudo, e só nos restará fugir de Paris, ou morrer com as armas na mão. Mas se as coisas seguirem o seu curso regular...

– Estamos igualmente perdidos – atalhou Dixmer.
– Porque diz isso?
– Ora essa! Pois não era da cooperação daquele membro da municipalidade que dependia tudo? Não era ele quem devia franquear-nos, sem o saber, o caminho para chegarmos até junto da rainha?

– É verdade – disse Morand com tristeza.
– É forçoso, pois – disse Dixmer encrespando o sobrolho – renovar a todo o custo as nossas relações com ele.

– Mas se se negar a isso, se tiver receio de se comprometer? – disse Morand.
– Espere – respondeu Dixmer – vou interrogar a Genoveva; foi ela a última pessoa de nós que esteve com ele, talvez que possa dizer-nos alguma coisa.

– Dixmer – disse Morand – confesso-lhe que é com muito custo que vejo Genoveva envolvida nas nossas tramas; não porque receie que ela nos comprometa, Deus me livre de tal pensamento, mas porque a partida que estamos jogando é arriscadíssima, e tenho vergonha e dó de ver aventurar nela a cabeça de uma mulher.

– A cabeça de uma mulher – respondeu Dixmer – pesa o mesmo que a de um homem sempre que a astúcia, a candura, ou a beleza puderem servir tão bem ou melhor do que a força, o poder ou o ânimo! Genoveva participa das nossas convicções e simpatias, Genoveva há-de seguir a nossa sorte.

– Vá pois, querido amigo – respondeu Morand; – disse o que me cumpria dizer. Vá, Genoveva é por todos os motivos digna da missão que lhe confiou, ou, por melhor dizer, de que ela própria se incumbiu. É com as santas que se fazem as mártires.

E dizendo isto estendeu a branca e delicada mão para Dixmer, que lha apertou nas suas mãos robustas.

Dixmer, tendo recomendado a Morand e aos seus companheiros que estivessem mais alerta do que nunca, deixou-os para ir ter com Genoveva.

Estava esta assentada ao pé de uma mesa e ocupada em bordar.

Voltou-se quando sentiu abrir a porta e deu com Dixmer.

– Ah! É o senhor, meu amigo? – disse ela.

– Sou – respondeu Dixmer com modo sereno e risonho; – recebi neste instante uma carta do seu afeiçoado Maurício, que não posso entender. Olhe, leia, e diga-me depois qual é a sua opinião a este respeito.

Genoveva pegou na carta sem poder disfarçar o tremor da mão, apesar de todo o império que tinha em si, e leu.

Dixmer acompanhou com a vista a leitura linha por linha.

– E então? – disse ele logo que ela acabou.

– Se quer o meu parecer, dir-lhe-ei que estou persuadida de que o Sr. Maurício Lindey é um homem de bem – respondeu Genoveva com a maior placidez – e que dele nada tem que recear.

– Julga que não sabia quem eram as pessoas que foi visitar a Auteuil?

– Estou certa de que não sabe.

– Qual será então o motivo de tão repentino rompimento?

– Não sei – disse Genoveva; – não me lembra de lhe ter achado diferença alguma.

– Tome sentido no que me está dizendo, Genoveva; porque, como bem deve perceber, as respostas que vai dar-me influirão gravemente sobre todos os nossos planos.

– Espere um pouco – disse Genoveva, com uma agitação bem patente, apesar de todos os esforços que fazia para conservar um ar indiferente; – espere um pouco...

– Muito bem! – disse Dixmer deixando perceber uma leve contracção nos músculos do rosto; – muito bem, trate de recordar-se de tudo quanto se passou, Genoveva.

– Sim – replicou ela – sim, agora me lembro: ontem estava de mau humor; o Sr. Maurício – continuou ela depois de alguma hesitação – é algum tanto tirânico nas suas amizades... e já por vezes temos estado arrufados semanas inteiras.

– Parece-lhe então que isto não passará de um simples arrufo? – perguntou Dixmer.
– É provável.
– Genoveva, é escusado dizer-lhe que na posição em que nos achamos, não basta uma probabilidade, é necessário uma certeza.
– Pois bem! Meu amigo... Estou certa de que é como lho digo.
– A vista disso, esta carta não é mais do que um pretexto para não tornar a vir aqui?
– Meu amigo, como é possível que me obrigue a dizer-lhe semelhantes coisas?
– Diga, Genoveva, diga – respondeu Dixmer – porque também só a uma mulher como a senhora eu faria tais perguntas.
– Sim, é um pretexto – disse Genoveva abaixando os olhos.
– Ah? – exclamou Dixmer.

E passado um instante de silêncio, tirou do peito a mão com que tinha comprimido as pulsações, e, encostando-se à cadeira da mulher, disse para esta:

– Preste-me agora um serviço, querida amiga.
– Qual é? – perguntou Genoveva virando-se para o marido admirada.
– Evite até a sombra do perigo; pode muito bem ser que Maurício esteja mais ao facto dos nossos segredos do que nós julgamos. Isto, que nos parece não passar de um pretexto, pode muito bem ser uma realidade. Escreva-lhe duas palavras.
– Eu! – disse Genoveva sobressaltada.
– Sim, a senhora; diga-lhe que foi quem abriu a carta e que exige uma explicação; ele virá aqui, interrogá-la-á e facilmente conhecerá o que moveu a escrevê-la.
– Oh! Não, por certo – exclamou Genoveva – não devo fazer isso que diz: e não o farei.
– Querida Genoveva, como é possível que ainda a façam hesitar ridículas considerações de amor próprio, quando se trata de levar a cabo uma empresa como esta em que estamos empenhados?

– Já lhe dei o meu parecer a respeito de Maurício – respondeu Genoveva; – é honrado, de génio cavalheiresco, mas é tirânico, e eu não quero obedecer a outro senhor que não seja o meu marido.

Esta resposta foi proferida com tanta tranquilidade e firmeza, que Dixmer logo conheceu que seria baldado insistir naquela ocasião; não disse por conseguinte mais palavra, olhou disfarçadamente para Genoveva, correu a mão pela testa e saiu.

Morand esperava-o ansiosamente. Dixmer contava-lhe palavra por palavra quanto se passara.

– Está bom – respondeu Morand – deixemos ficar as coisas como estão e não falemos mais nisso. Para evitar o menor desgosto a sua mulher, nem ofender o amor próprio de Genoveva, sou capaz de abandonar...

– Está louco – disse ele olhando-o fixamente – ou não pensa decerto uma única palavra do que diz.

– Pois então, Dixmer, julga?...

– Julgo que nem o senhor nem eu devemos submeter os nossos sentimentos ao impulso do coração. Olhe, Morand, nem o senhor, nem eu, nem Genoveva podemos dispor das nossas vontades. Nós somos entes designados para a sustentação de um princípio, e os princípios costumam muitas vezes esmagar os entes que se propõem sustentá-los.

Morand estremeceu e ficou calado, parecendo meditar dolorosamente.

Assim deram umas poucas de voltas pelo jardim sem dizer uma única palavra.

Até que finalmente Dixmer despediu-se de Morand.

– Tenho algumas ordens a dar – disse ele com voz muito sossegada. – Deixo-o, Sr. Morand.

Morand apertou a mão a Dixmer e ficou a olhar para ele por algum tempo.

– Pobre Dixmer – disse ele consigo – muito receio que afinal seja ele quem mais se aventure nesse negócio.

Dixmer voltou efectivamente para a oficina, deu algumas ordens, tornou a ler os periódicos, mandou fazer uma distribuição de pão e de combustível aos pobres da secção, e acabado isto, foi largar o fardo de trabalho e vestir-se para sair.

Dali a uma hora, Maurício foi interrompido em meio das suas leituras e alocações, pela voz do officioso, que lhe dizia ao ouvido:

– Cidadão Lindey, está lá em casa um indivíduo que afirma ter coisas importantíssimas que tratar consigo.

Maurício voltou para casa, e ficou sobremaneira admirado, quando, ao entrar no quarto, deu com Dixmer assentado, e entretido a folhear os periódicos. Já Maurício perguntara ao criado, pelo caminho, quem seria o sujeito que o procurava, mas o criado que nunca vira o mestre curtidor, nenhuma informação lhe pôde dar a tal respeito.

XXXV

Explicações

Maurício, logo que avistou Dixmer, parou no limiar da porta, e corou sem querer.

Dixmer levantou-se e estendeu-lhe a mão sorrindo.

– Então que mal lhe fiz, e que disparate foi aquele que me escreveu? – perguntou ele ao mancebo. – Digo-lhe na verdade que me feriu cruelmente, meu querido Maurício. Chamar-me mau patriota! Aposto que não é capaz de repetir semelhante acusação na minha cara; confesse antes, que inventou um pretexto para não voltar a minha casa.

– Estou pronto a confessar quanto quizer, meu caro Dixmer, porque o seu procedimento para comigo foi sempre de homem de bem, mas não posso alterar a resolução que tomei, porque é irrevogável.

– Como é isso então? – perguntou Dixmer – pois acaba de confessar que não tem motivo algum de queixa, e apesar disso abandona-me?!

– Meu caro Dixmer, certifico-lhe que não me resolvi a fazer o que fiz, e a privar-me de um amigo como o senhor, sem que para semelhante passo concorressem fortíssimas razões.

– Sim, mas em todo o caso – replicou Dixmer sorrindo – essas razões não são as que mandou dizer. Aquela carta não passava de um pretexto.

Maurício pensou um instante.

– Queira ouvir-me, Sr. Dixmer – disse ele; – na época em que vivemos, uma dúvida como a que emiti na minha carta, pode e deve inquietá-lo; eu conheço-o bem, e faltaria aos deveres que me impõe a honra se não procurasse tranquilizar o seu espírito. Sim, cidadão Dixmer, as razões que lhe dei não são mais que um pretexto.

A fisionomia do negociante, em vez de serenar depois daquela confissão, tornou-se pelo contrário mais sombria.

– Mas, enfim, qual é o verdadeiro motivo, não mo dirá? – disse Dixmer.

– Não lho posso dizer – replicou Maurício – e contudo estou certo de que se o soubesse não deixaria de aprová-lo.

Dixmer instou.

– Exige então que lho diga? – perguntou Maurício.

– Sim – respondeu Dixmer.

– Pois bem – continuou Maurício, que muito estimava ter ocasião de se aproximar da verdade – o caso é este: o senhor é casado com uma mulher nova e formosa, e apesar da bem merecida reputação da castidade de que goza sua esposa, há quem tenha interpretado mal as minhas idas a sua casa.

Dixmer empalideceu.

– Deveras! – exclamou ele; – nesse caso, meu caro Maurício, o esposo deve agradecer-lhe o mal que faz ao amigo.

– É escusado dizer-lhe – replicou Maurício – que a minha fatuidade não chega a ponto de me fazer recear que as minhas visitas possam ser perigosas para o seu descanso ou para o de sua mulher, mas é certo que podem dar origem a calúnias e muito bem sabe que quanto mais absurda é qualquer calúnia, mais facilmente se acredita.

– Que criancice! – disse Dixmer encolhendo os ombros.

– Chame-lhe criancice, se quiser – respondeu Maurício; – porém, assim de longe não deixaremos de ser amigos, porque nenhum motivo de queixa teremos um do outro, ao passo que de perto...

– De perto o que sucederia?

– Poderíamos acabar por ter algum desgosto.

– Pois julga, que eu pudesse acreditar...

– E porque não?... – disse o mancebo.

– Mas por que razão me escreveu em vez de me dizer tudo isso, Maurício?

– Foi justamente para evitar o que entre nós se está passando neste momento.

– Magoa-o então o ver que sou tão seu amigo, que vim aqui pedir-lhe uma explicação? – disse Dixmer.

– Oh! Pelo contrário – exclamou Maurício – e juro-lhe que me considero muito feliz por ter tido ainda esta ocasião de estar com o meu amigo antes de deixarmos de nos ver.

– Deixarmos de nos ver, cidadão! E eu que o estimo tanto! – replicou Dixmer pegando na mão do mancebo e apertando-a entre as suas.

Maurício estremeceu.

– O Morand – continuou Dixmer que muito bem percebera o estremecimento de Maurício, mas que fingiu não ter reparado nele; – o Morand ainda esta manhã me dizia: “Faça toda a diligência para que torne a visitar-nos o nosso amigo Sr. Maurício”.

– Ai, senhor – disse o mancebo carregando o sobrolho e retirando a mão – não julgava estar tão bem visto do cidadão Morand.

– Duvida do que lhe digo? – perguntou Dixmer.

– Eu? – respondeu Maurício – nem acredito nem duvido, porque não é coisa que me dê cuidado; ia a sua casa, Sr. Dixmer, para visitá-lo e a sua mulher; não ia procurar o cidadão Morand.

– Bem se vê que o não conhece, Maurício – disse Dixmer; – Morand tem uma alma nobre.

– Não duvido – disse Maurício sorrindo tristemente.

– Tornemos agora ao assunto da minha visita – continuou Dixmer.

Maurício inclinou a cabeça como para indicar que nada mais tinha que dizer, e que o escutava.

– Dizia eu que se tinha falado a seu respeito.

– Sim, cidadão – respondeu Maurício.

– Pois bem, falemos com franqueza. Para que há-de fazer caso da tagarelice de alguma comadre ociosa? Não lhe resta porventura a sua virtude?

– Eu sou mais moço do que o senhor – disse Maurício já admirado de tanta teimosia – mas vejo as coisas debaixo de diferente ponto de vista. Por isso lhe declaro que a reputação de uma mulher como Genoveva, nunca devia dar causa nem sequer à tagarelice de uma comadre ociosa. Consinta, portanto, meu caro Sr. Dixmer, que persista na minha primeira resolução.

– Ora vamos – disse Dixmer – que já está na maré de confessar tudo, confesse mais outra coisa.

– O quê? – perguntou Maurício corando. – Que pretende que eu confesse?

– Que não foi a política, nem o que se espalhou a respeito da frequência das suas visitas, que o obrigou a deixar a minha casa?

– Que seria então?

– O segredo que descobriu.

– Que segredo? – perguntou Maurício com uma expressão de curiosidade tão ingénua, que logo sossegou o mestre curtidor.

– Aquele negócio do contrabando, que descobriu na noite em que travámos conhecimento de modo tão singular. Estou persuadido de que nunca pôde perdoar-me semelhante fraude, e que me julga mau republicano por empregar produtos ingleses na minha fábrica.

– Meu caro Dixmer – disse Maurício – juro-lhe que nas minhas idas a sua casa nunca me lembrei que estava em casa de um contrabandista.

– Deveras?

– Deveras.

– Não tem portanto outro motivo para deixar de me visitar além do que já me disse?

– Pela minha honra lho afirmo.

– Pois bem, Maurício – replicou Dixmer levantando-se e apertando a mão do mancebo – ainda espero que há-de abandonar essa resolução, que tanto nos magoa a mim e aos meus.

Maurício cortejou-o e não respondeu; era uma última negativa.

Dixmer saiu desesperado por não ter podido conservar as suas relações com aquele homem, que nas suas circunstâncias lhe podia ser tão útil e talvez que até indispensável.

E já era tempo.

Maurício sentia-se agitado por mil desejos contrários. Dixmer pedia-lhe que voltasse a sua casa; era possível que Genoveva lhe perdoasse.

Para que havia de desesperar?

Lorin, no seu lugar, teria para contestar a sua conduta, uma chusma de aforismos tirados dos seus autores favoritos.

Mas ainda restava a carta que Genoveva lhe escrevera despedindo-o tão positivamente, e que tinha levado consigo para a secção, juntando-a sobre o coração com o bilhete que dela recebera no dia seguinte àquele em que a tinha livrado da gente que a estava insultando, finalmente, e mais que tudo isso, restava ainda o pertinaz ciúme que o pobre mancebo tinha daquele detestável Morand, que fora a principal causa do seu rompimento com Genoveva.

Maurício sustentou pois inexoravelmente a sua resolução.

Contudo, não foi com indiferença que se viu privado de ir fazer a sua visita quotidiana à rua Velha de Saint-Jacques, e quando deu a hora em que costumava encaminhar-se para o bairro de Saint-Victor apoderou-se dele profunda melancolia, e desde esse instante passou por todas as fases da esperança e da saudade.

Todas as manhãs esperava receber, ao acordar, uma carta de Dixmer, e a si próprio confessava que apesar de ter resistido às instâncias que este lhe fizera verbalmente, não deixaria de ceder a uma carta; quando saía era sempre com a esperança de encontrar Genoveva, e já de antemão formava mil planos para ter um pretexto para falar-lhe: e à noite, quando voltava a casa, vinha sempre esperando o mensageiro que lhe trouxera uma manhã o bilhete que dera origem aos tormentos que padecia.

Outras vezes também, em horas de desespero, bramava de furor com a lembrança de estar sofrendo semelhante tortura sem se vingar do indivíduo que lhe dera causa, e como a razão primária de todos os seus desgostos era Morand, formava então o projecto de ir desafiá-lo.

Mas o sócio de Dixmer era tão débil e tão pacato, que para um colosso como Maurício seria uma cobardia ir insultá-lo ou provocá-lo.

Lorin fizera algumas tentativas para distrair o amigo das penas que este teimava em negar que existissem.

Quanto a prática e a teoria lhe tinham podido sugerir, fizera Lorin para restituir ao amor da pátria aquele coração tão magoado por outro amor.

Mas, apesar da gravidade das circunstâncias, que decerto teriam arrastado consigo Maurício para o centro do turbilhão político, se outra fora a disposição do seu espírito, não pôde conseguir que o moço republicano recobrasse aquela actividade que o tornara herói em 14 de Julho e 10 de Agosto.

Os dois sistemas, que durante o espaço de dez meses, se tinham conservado em presença um do outro, contentando-se apenas com ataques de pouca importância e preludiando alguns tiroteios, estavam finalmente próximos a vir às mãos, e era para todos bem evidente que a luta em que iam empenhar-se havia de ser de morte para um dos dois.

Aqueles dois sistemas, nascidos na própria revolução, era o da moderação, que representavam os girondinos, isto é, Brissot, Pétion, Vergniaud, Valazé, Lanjuinais, Barbaroux, etc., etc.; e o do terror, ou da Montanha, representado por Danton, Robespierre, Chénier, Fabre, Marat, Collot-d'Érbois, Hébert, etc., etc.

Depois do dia 10 de Agosto, a influência, como sempre sucede, parecia inclinar-se para o partido moderado. O ministério formava-se com ministros do ministério transacto e indivíduos que entravam de novo no gabinete. Os ministros que tinham saído e foram de novo chamados, eram Roland, Servien e Clavières; os novos, eram Danton, Monge e Le Brun.

À excepção de um único, que representava no meio dos seus colegas o elemento enérgico, todos os outros ministros representavam o partido moderado.

Quando dizemos moderado, deve entender-se que falamos relativamente.

O 10 de Agosto tivera eco no estrangeiro, e a coalizão apressara-se a marchar, não em socorro de Luís XVI, mas do princípio da realza abalada fortemente na sua base. Então tinham retumbado as palavras ameaçadoras de Brunswick, e, como facto terrível, Longwy e Verdun tinham caído em poder do inimigo.

Deu-se então a reacção terrorista; Danton sonhara os dias de Setembro e realizara esse sonho sanguinolento, que mostrou ao inimigo a França toda cúmplice de um grande assassinio, pronta a lutar, pela sua existência comprometida, com toda a energia do desespero.

Setembro salvara a França, mas pusera-a fora da lei.

Salva a França, a energia tornou-se inútil e o partido moderado adquiriu algumas forças. Quis então fazer recriminações a esses dias terríveis. Foram pronunciadas as palavras de homicídio e assassinio e um novo termo veio juntar-se ao vocabulário da nação, o de *Setembrista*.

Danton aceitara-a. Como Clovis, curvara por um instante a cabeça ao baptismo de sangue, mas para a erguer mais alta e ameaçadora. Apresentava-se outra ocasião de espalhar o terror já passado; era o processo do rei. A violência e a moderação entraram, não em luta de pessoas mas de princípios. A experiência das forças relativas fizera-se no prisioneiro real. A moderação fora vencida e a cabeça de Luís XVI caíra no cadafalso.

Como o 10 de Agosto, o 21 de Janeiro deu à coalizão toda a sua energia. Foi ainda o mesmo homem que lhe opuseram, mas não a mesma fortuna. Dumouriez, contido nos seus progressos pela desordem de todas as administrações, que impedia que lhe chegassem socorros de homens e de dinheiro, declara-se contra os jacobinos, que acusa como causa de desorganização, adopta o partido dos girondinos, e perde-os ao declarar-se seu partidário.

Então a Venda levanta-se, os departamentos ameaçam; os infortúnios trazem traições e as traições infortúnios. Os jacobinos acusaram os moderados e quiseram feri-los no dia 10 de Março; mas a muita precipitação da parte dos seus adversários salvou-os, e talvez que também a chuva, que fizera dizer a Pétion, profundo anatomista do espírito parisiense:

“Chove; não haverá nada esta noite”.

Porém, depois do dia 10 de Março, tudo pressagiava a ruína para os girondinos: Marat, acusado e absolvido, levado em triunfo, Robespierre e Danton reconciliaram-se como se reconciliam o tigre e o leão para derrubar o touro, que devem devorar; Henriot, o *Setembrista*, é nomeado comandante geral da guarda nacional. Tudo pressagiava o dia terrível, que devia romper, na fúria da tempestade, o último dique que a revolução opunha ao Terror.

Maurício, em qualquer outra circunstância, teria tomado nos acontecimentos que se preparavam uma parte activa, como era próprio do seu carácter vigoroso e do seu exaltado patriotismo; mas feliz ou infelizmente para Maurício, nem as prédicas de Lorin, nem os terríveis sucessos das ruas tinham podido afugentar do seu espírito a única ideia que o preocupava, e, quando chegou o dia 31 de Maio, o terrível sitiador da Bastilha e das Tulherias estava deitado na

cama, consumido por essa febre do amor, que é capaz de deitar por terra a mais forte organização, mas que um simples olhar consegue desvanecer e que se cura com uma palavra.

XXXVI

O dia 31 de Maio

Na manhã do famigerado 31 de Maio, em que os sinos e tambores tocando a rebate, atroavam os ares desde o romper da alva, o batalhão de Saint-Victor entrou de guarda ao Templo.

Depois de preenchidas todas as formalidades do estilo e de postadas as sentinelas, chegaram os membros da municipalidade de serviço, e logo após eles um reforço de quatro peças de artilharia veio fazer companhia às que estavam postas à porta do Templo.

Juntamente com a artilharia, chegou Santerre, com as suas dragonas de lã amarela, e uma farda, que oferecia à vista, nas numerosas nódoas de gordura que a esmaltavam, um atestado de patriotismo do seu dono. Passou revista ao batalhão que achou em boa ordem, e em seguida contou os membros da municipalidade, que eram só três.

– Por que motivo estão aqui presentes unicamente três membros da municipalidade? – perguntou ele; – qual é o mau cidadão que faltou?

– O indivíduo que aqui falta, cidadão general, não é nenhum tíbio – respondeu o nosso antigo conhecido Agrícola; – é o secretário da secção Lepelletier, o chefe dos valentes Termópilas, o cidadão Maurício Lindey.

– Bem, bem – disse Santerre, – conheço tão bem como tu o patriotismo do cidadão Maurício Lindey: todavia se dentro de dez minutos não se apresentar no seu posto, nem por isso deixará de ser notado na relação dos ausentes.

E Santerre passou a dar ordens.

Na distância de alguns passos do general, na ocasião em que ele proferia as palavras acima, estavam um capitão de atiradores e um soldado; este, encostado à arma e aquele assentado numa peça.

– Ouviu – disse a meia voz o capitão para o soldado; – o Maurício ainda não chegou.

– Sim, mas não tardará por aí, se é que não anda metido em algum motim.

– Se ele não vier – disse o capitão – hei-de postar-me de sentinela na entrada e como provavelmente ele há-de subir à torre, poderei dar-lhe uma palavra de passagem.

No mesmo momento entrou um homem, que pela faixa tricolor mostrava ser membro da municipalidade: este indivíduo que não era conhecido do capitão nem do soldado, atraiu-lhe particularmente a atenção.

– Cidadão general – disse o recém-chegado dirigindo-se a Santerre – peço-te que me recebas para substituir o cidadão Maurício Lindey, que está doente; aqui está o atestado, do médico; o meu dia de serviço era de hoje a oito dias, troquei com ele: daqui a oito dias entrará ele de serviço em meu lugar.

– Se o Capeto e as Capetas ainda viverem de hoje a oito dias – disse um dos membros da municipalidade.

Santerre aprovou com um sorriso o gracejo do zeloso cidadão; e depois voltando-se para o substituto de Maurício, disse:

– Está bem; vai assinar o teu nome no registro em lugar de Maurício Lindey e declara na casa das observações o motivo da troca.

O capitão e o atirador tinham olhado um para o outro como desagradavelmente surpreendidos.

– Ainda daqui a oito dias – disseram eles em voz muito baixa.

– Capitão Dixmer – bradou Santerre – vá ocupar o jardim com a sua companhia.

– Venha, Morand – disse o capitão para o atirador, seu companheiro.

O tambor rufou, e a companhia comandada pelo mestre curtidor, marchou a ocupar a posição que lhe fora designada.

Os soldados ensarilharam armas, e concluído isto, romperam a forma e começaram a passear aos grupos em diferentes direcções.

O local em que passeavam era o mesmo jardim onde, em vida de Luís XVI, a família real ia às vezes tomar ar. Era um jardim nu, árido, assolado e completamente despido de flores, de árvores e de verdura.

Em distância de uns vinte e cinco passos, naquela parte do muro que deitava para a rua Porte-Foin, existia uma espécie de barracão, que a previdente municipalidade deixara edificar para maior comodidade dos guardas nacionais que entravam de guarda no Templo, os quais, no dia de tumulto, em que era proibido sair, achavam ali de comer e de beber.

Tinha havido grandes empenhos para obter a administração daquela tabernazinha interna, e acabara por ser concedida a uma mulher chamada Plumeau, viúva dum habitante dos bairros, que fora morto no dia 10 de Agosto.

O barracão, construído de tábuas e taipa, estava situado no centro de um alegrete, de que ainda se viam alguns vestígios numa bancada de buxo.

Constava de um único quarto de uns doze pés quadrados, por baixo do qual havia uma adega, para onde se descia por degraus grosseiramente cortados na terra.

Era ali que a viúva Plumeau arrecadava os líquidos e comestíveis que tinha para a venda; e no serviço do estabelecimento revezavam-se ela e a filha, que era uma criança de doze a quinze anos.

Os guardas nacionais, logo que acabaram de estabelecer o seu acampamento, começaram, como já dissemos, uns a passear pelo jardim, outros a conversar com os carcereiros; alguns a admirar os desenhos traçados nos muros, os quais representavam todos alguma idéia patriótica, como por exemplo, o rei enforcado, e este letreiro por baixo:

“O Sr. Veto tomando um banho de ar”.

Ou o rei guilhotinado, com esta legenda:

“O Sr. Veto cuspiendo no saco”.

Outros, finalmente, dirigiram-se à viúva Plumeau a fim de lhe dar conhecimento das combinações gastronómicas que lhes sugeria o apetite.

Entre estes últimos figuravam o capitão e o atirador, de que já falámos.

– Ah! Capitão Dixmer – disse a taberneira – tenho um vinho de Saumur famoso.

– Muito bem, cidadã Plumeau, porém o vinho de Saumur, no meu fraco entender, não tem graça nenhuma, quando não é acompanhado de queijo de Brie – respondeu o capitão, o qual antes de emitir este parecer, tinha olhado com toda a atenção para as prateleiras, procurando com a vista o queijo que acabava de gabar.

– Ai, capitão, parece que nem de propósito; neste mesmo instante me compraram o bocado que ainda restava.

– Pois então – disse o capitão – visto não haver queijo de Brie, não se beberá o vinho de Saumur: e nota, cidadã, que a despesa que vinha fazer não era pequena, pois tencionava convidar toda a companhia.

– Meu capitão, peço-te que me concedas cinco minutos e vou num pulo buscar o queijo a casa do cidadão carcereiro, que também o vende para me tirar a freguesia; é verdade que hei-de pagá-lo por mais do seu valor, porém tu, que és tão bom patriota, não deixarás de indemnizar-me.

– Sim, sim, vai – respondeu Dixmer – e nós, enquanto estiveres fora, vamos lá baixo à adega escolher o vinho.

– Faz de conta que estás em tua casa, capitão.

E dizendo isto, a viúva Plumeau partiu a correr para o lado da casa do carcereiro, enquanto o capitão e o atirador, tendo acendido primeiramente uma vela, levantavam o alçapão e desciam para a adega.

– Bom! – disse Morand depois de curto exame – a adega prolonga-se na direcção da rua Porte-Foin, tem de fundo uns nove ou dez pés, e não tem obra de pedreiro.

– Qual é a natureza do terreno? – perguntou Dixmer.

– Chão barrento. São terras levadiças; como o jardim tem sido revolvido em várias épocas, não há receio de encontrar rocha.

– Vamos depressa! – exclamou Dixmer, – já ouço os tamancos da nossa vivandeira; pegue em duas dessas garrafas de vinho e subamos.

Chegavam ambos à entrada do alçapão quando a Plumeau apareceu trazendo o famoso queijo de Brie, pedido com tanta insistência.

Atrás dela vinham alguns atiradores atraídos pela aparência do queijo.

Dixmer tomou a presidência; ofereceu umas vinte garrafas de vinho aos soldados da sua companhia, e enquanto bebiam, o cidadão Morand narrou-lhes o sacrifício de Curtio, o desinteresse de Fabrício, e o patriotismo de Bruto e Cassio, e em honra da verdade devemos dizer que todas essas histórias foram recebidas quase com tanto agrado como o queijo de Brie e o vinho de Anjou distribuído por Dixmer.

Deram onze horas.

Era às onze horas e meia que deviam ser rendidas as sentinelas.

– Não é ordinariamente do meio-dia à uma hora que a *Austriaca* sai a passeio? – perguntou Dixmer a Tison, que por acaso ia passando pela frente do barracão.

– Do meio-dia à uma hora, exactamente – respondeu este; – e em seguida cantarolou:

Subiu a senhora à torre
Miron-ton, tonton, miron-tene,
Subiu a senhora à torre
Com gesto grave e solene

Esta chistosa facécia foi aplaudida pelos guardas nacionais.

Dixmer fez a chamada dos indivíduos da sua companhia, a quem tocava entrar de quarto das onze e meia à uma e meia, recomendou-lhes que aviassem o almoço e mandou aprontar Morand para se colocar conforme tinha ajustado, no último andar da torre, na mesma guarita, atrás da qual se tinha escondido Maurício no dia em que surpreendeu os sinais que tinham sido feitos à rainha numa janela da rua Porte-Foin.

Quem tivesse reparado em Morand quando lhe foi intimada esta ordem tão natural, e que ele já esperava, tê-lo-ia visto mudar de cor, apesar de ter o rosto meio encoberto pelas compridas melenas pretas.

De repente um rumor surdo ecoou pelos pátios do Templo e ouviu-se em distância uma espécie de furacão de gritos e bramidos.

– Que será aquilo? – perguntou Dixmer a Tison.

– Oh! Oh! – respondeu o carcereiro – não é nada; algum tumultozinho que os marotos dos Brissotinos provocaram por despedida, antes de marcharem para a guilhotina.

O motim ia aumentando a cada instante; ouvia-se o rodar da artilharia, e um grupo de indivíduos passou pela proximidade do Templo berrando:

– Vivam as secções! Viva Henriot! Fora os Brissotinos! Fora os Rolandistas! Fora a *Sr.^a* *Veto!*

– Bom, bom! – disse Tison esfregando as mãos; – vou abrir as portas à *Sr.^a* *Veto* para que possa ir gozar sem obstáculo do amor que lhe consagra o seu povo.

E foi-se aproximando do postigo da torre.

– Olá! Tison! – bradou uma voz formidável.

- Meu general! – respondeu este parando logo.
- Não há passeio hoje – disse Santerre – as presas não saem do quarto. Esta ordem não admitia réplica.
- Muito bem – disse Tison – nesse caso menos trabalho terei hoje.

Dixmer e Morand olharam tristemente; e enquanto não dava a hora a que este último havia de entrar de sentinela (se bem que inutilmente depois daquela ordem), foram ambos passear como por acaso entre o barracão e o muro que deitava para a rua Porte-Foin.

Ali começou Morand a medir distâncias dando passos geométricos, isto é de três pés cada um.

- Que distância há? – perguntou Dixmer.
- Sessenta e setenta e um pés – respondeu Morand.
- Quantos dias são precisos?

Morand reflectiu um instante, riscou com uma varinha sobre a areia uns traços geométricos, que logo apagou, e respondeu:

- Hão-de ser precisos sete dias pelo menos.

– Maurício entra de serviço de hoje a oito dias – disse Dixmer a meia voz; – é preciso que daqui até lá tenhamos feito as pazes com ele.

Deu a meia hora. Morand, suspirando, pegou na espingarda e foi, acompanhado de um cabo de esquadra, render a sentinela da plataforma da torre.

XXXVII

Dedicação

No dia imediato àquele em que se tinham passado as cenas que acabámos de narrar, ou por outra, no dia 1 de Junho, às dez horas da manhã, estava Genoveva assentada no lugar do costume ao pé da janela, e a si própria perguntava qual seria a razão por que lhe pareciam os dias tão tristes e tão compridos, e por que motivo via agora com susto aproximar-se a tarde, quando dantes a desejava tão ansiosamente.

Pensava nas noites, que para ela se passavam tão tristes actualmente, e que tão felizes haviam sido quando nelas se entretinha em recordar-se do dia que tinha decorrido, e em esperar pelo dia que havia de seguir-se.

No meio da sua meditação lançou por acaso os olhos para uma magnífica caixa de cravos raiados e vermelhos, que durante o Inverno tirara da estufa em que Maurício tinha estado preso para os ver desabrochar no seu quarto.

Maurício tinha-a ensinado a conservá-los na caixa de mogno em que estavam plantados, tinham sido regados, desbastados por ela mesma à vista de Maurício, e de tarde, quando ele chegava, sempre ela se comprazia em lhe fazer notar os progressos que as mimosas flores tinham feito durante toda a noite, e que eram devidos aos seus cuidados fraternais. Mas, desde que Maurício tinha deixado de aparecer, os infelizes cravos haviam sido desprezados, e agora, privados de tratamento e de cultura, os pobres botões desfalecidos e vazios inclinavam-se amarelados por cima da balaustrada a que se encostavam já quase murchos.

Genoveva compreendeu, à vista das flores, qual era o motivo da sua tristeza. Viu que sucede às flores o mesmo que acontece com certas amizades, que sendo alimentadas e cultivadas com assiduidade, causam a alegria do coração, até que um dia um capricho ou uma desgraça corta a amizade pela raiz, e o coração, que ela animava se contrai definhado e esmorecido.

Foi então que sentiu bem a terrível dor que lhe oprimia o coração; o sentimento que tinha querido combater, e que não pudera superar ainda, vivia no íntimo do seu pensamento, e lhe dizia mais do que nunca que só deixaria de existir quando o coração deixasse de palpar; teve então um momento de desespero, porque conheceu que a luta se lhe tornava cada vez mais difícil e impossível, inclinou a cabeça, beijou uma das flores tão queridas e começou a chorar.

Estava ainda enxugando as lágrimas quando o marido entrou no quarto.

Porém Dixmer vinha tão preocupado, que não percebeu os indícios da crise dolorosa que sua mulher tinha experimentado, nem reparou sequer em que ainda tinha os olhos vermelhos.

Verdade seja que Genoveva, apenas avistou o marido, levantou-se com vivacidade, e correndo para ele de maneira que ficasse com as costas voltadas para a janela, livrou-se de lhe dar a luz no rosto.

– Então? – perguntou ela.

– Nada de novo; não foi possível falar com *Ela*, nem escrever-lhe, nem sequer vê-la.

– O quê – perguntou Genoveva – mesmo apesar de todo o barulho que houve em Paris?

– Pois foi justamente todo aquele barulho que aumentou a vigilância dos guardas; recearam que no meio da agitação geral houvesse alguma tentativa contra o Templo, e na ocasião em que sua majestade estava para subir à plataforma, ordenou Santerre que não deixassem sair a rainha, nem a princesa Isabel, nem a princesa real.

– Pobre Taverney! Que pena havia de ter.

– Ficou desesperado quando viu que lhe escapava aquela ocasião de lhe falar. Transtornou-se-lhe o parecer a ponto tal, que me vi obrigado a puxá-lo de parte para evitar que se percebesse.

– Mas – perguntou Genoveva – não havia no Templo nenhum membro da municipalidade conhecido?

– Devia lá estar um, mas não tinha vindo.

– Quem era?

– O cidadão Maurício Lindey – respondeu Dixmer, procurando dar à voz um tom de indiferença.

– E por que motivo não tinha comparecido? – perguntou Genoveva da mesma forma.

– Estava doente.

– Doente, ele?

– Sim, e acho que bastante mal, pois sendo, como sabe, tão bom patriota, foi obrigado a pedir a outro que o substituísse na guarda do Templo.

– Que pena!

– Também ainda que ele lá estivesse – replicou Dixmer – nem por isso o caso mudava de figura. Pode ser mesmo que evitasse falar-me, visto estarem quebradas as nossas relações.

– Parece-me, meu amigo – disse Genoveva – que está exagerando a gravidade da situação. Maurício deixou de vir aqui por esquisitice de gênio, ou por algum motivo talvez bem frívolo, mas não se tornou por isso nosso inimigo. A quebra de relações não destrói a civilidade, e creio que, se ele visse que se dirigia a falar-lhe, ter-lhe-ia poupado metade do caminho.

– Genoveva – disse Dixmer – para alcançar de Maurício o que nós esperávamos, não bastam relações de pura civilidade, nem talvez o conseguisse uma amizade verdadeira.

E dizendo isto, Dixmer suspirou sentidamente, mostrando pela alteração da fisionomia, ordinariamente tão serena, quanto o magoava aquele assunto.

– Porém – disse submissamente Genoveva – se julga o Sr. Maurício tão necessário para os projectos que tem em vista...

– Dir-lhe-ei mais – respondeu Dixmer – não tenho esperança alguma de os poder levar a cabo sem ele.

– Pois sendo assim, porque não vai procurar novamente o cidadão Lindey?

Julgava ela que designando assim o mancebo pelo apelido não mostrava tanta suavidade na inflexão de voz como quando o designava simplesmente pelo nome.

– Não – respondeu Dixmer abanando a cabeça, – não, já fiz tudo quanto podia. Se fosse novamente procurá-lo decerto se admiraria de tanta insistência, e talvez chegasse a desconfiar de alguma coisa; não; e demais, quer que lho diga, Genoveva, estou percebendo tudo isto muito melhor do que a senhora: Maurício está ferido no coração.

– Ferido? – perguntou Genoveva, assustada. – Oh! Meu Deus! Que quer dizer? Fale meu amigo.

– Quero dizer o que a senhora sabe tão bem como eu, e é que o nosso rompimento com o cidadão Lindey não foi ocasionado por um simples capricho!

– Qual é então a causa a que atribui semelhante rompimento?

– A soberba talvez – disse Dixmer com vivacidade.

– A soberba!...

– Sim, pode muito bem ser que aquele honrado burguês de Paris, meio aristocrata togado, que ainda conserva todas as susceptibilidades, apesar da capa de patriotismo, julgasse, lá de si para si, que um republicano como ele, tão poderoso na sua secção, no seu clube e na sua municipalidade, descia da sua dignidade honrando-nos com a sua amizade, a nós, simples fabricantes de peles. Talvez se persuadissemos que o tratávamos com pouca consideração.

– Mas – replicou Genoveva – concedendo que assim fosse, parece-me que o passo que deu devia ter remediado tudo isso.

– Sim, por certo, dado o caso de ser eu o culpado, mas pelo contrário a culpa foi sua...

– Minha? E como julga possível, meu amigo, que eu tenha culpas para com o Sr. Maurício? – perguntou Genoveva com admiração.

– Ora! Quem sabe? Com o carácter que ele tem... Não foi porventura a senhora que me disse que ele era dotado de espírito fantástico? Ainda persisto na minha idéia que tive, Genoveva, fez mal em não escrever a Maurício.

– Eu! – exclamou Genoveva; – é possível que pense em... O senhor?

– Penso, sim – respondeu Dixmer – e digo-lhe mais, durante estas três semanas, que têm decorrido desde que se interromperam as suas relações com ele, tenho pensado muito nisso.

– E...? – perguntou Genoveva timidamente.

– E julgo que não pode dispensar-se de o fazer.

– Oh! – exclamou Genoveva – não, não, Dixmer, não exija de mim semelhante coisa.

– Sabe muito bem, Genoveva, que não costumo exigir coisa alguma da senhora, peço unicamente. Peço-lhe pois, percebe? que escreva ao cidadão Maurício.

– Porém... – disse Genoveva.

– Ouça-me – replicou Dixmer interrompendo-a; – Maurício nunca se queixou do meu procedimento para com ele; o motivo da desinteligência procede pois da senhora, e das duas uma, ou teve origem nalguma ofensa muito grave, ou não passa de alguma criancice.

Genoveva não respondeu.

– Se a desinteligência foi motivada por criancice, seria loucura da sua parte tomá-la a sério, e dado o caso que tivesse origem nalguma ofensa grave, note bem que estamos chegados a ponto tal, que não devemos olhar a considerações de dignidade nem sequer de amor próprio; não nos é lícito sacrificar os interesses da causa que defendemos a amos de crianças. Faça portanto um esforço, escreva um bilhete ao cidadão Maurício Lindey e ele voltará.

Genoveva reflectiu um instante.

– Mas – disse ela – não haverá meio algum de conseguir com menos comprometimento, a sua reconciliação com o Sr. Maurício?

– Comprometimento, disse a senhora? Parece-me, pelo contrário, que é muito natural o meio que proponho.

– Para mim decerto que não, meu amigo.

– Muito teimosa é, Genoveva!

– Serei, mas far-me-á justiça de dizer que é a primeira vez que assim me julga.

Havia já alguns instantes que Dixmer tinha puxado pelo lenço e o estava amarrotando entre as mãos; levou-o agora à cara, para limpar o suor que lhe caía da testa.

– É verdade – disse ele – e por isso ainda mais me admiro.

– Meu Deus! – exclamou Genoveva – será possível, Dixmer, que não tenha percebido o motivo por que resisto a obedecer-lhe, e que queira obrigar-me a dizê-lo?

Ao proferir estas palavras, abaixou a cabeça sobre o peito, e deixou pender os braços para os lados, como já cansada da discussão.

Dixmer pegou na mão de Genoveva, obrigou-a a, levantar a cabeça, e olhando para ela fixamente rompeu numa gargalhada, que decerto teria parecido bem formada a Genoveva, se naquela ocasião ela própria estivesse menos agitada.

– Já percebo o caso – disse ele: – tem razão, é verdade. Eu estava cego. Apesar de todo o seu juízo, minha querida Genoveva, e do tacto tão fino que possuí, acreditou numa banalidade, pensou que Maurício era capaz de se apaixonar pela senhora.

Genoveva sentiu no coração uma impressão de frio mortal. A ironia do marido, a respeito do amor que por ela tinha Maurício, e cuja violência ela avaliava bem, porque conhecia o carácter do mancebo, tanta impassibilidade quando se tratava daquele amor, que ela compartilhava no fundo do coração, como lho diziam os segretos remorsos que lho dilaceravam, horrorizou-a. Nem teve ânimo para o encarar, nem força para lhe responder.

– Adivinhei, não é verdade? – continuou Dixmer. – Pois bem, sossegue, Genoveva, conheço Maurício; é um republicano indómito, e o único amor que tem no coração é o amor da pátria.

– Está bem certo do que diz? – perguntou Genoveva cravando os olhos no marido.

– Sem dúvida alguma – respondeu Dixmer; – se Maurício lhe tivesse amor, em vez de romper comigo, ter-se-ia esmerado em agradar-me para me enganar mais facilmente. Se Maurício lhe tivesse amor, não teria desistido da entrada que aqui tinha como amigo íntimo, pois é o título com que geralmente se encobrem traições de tal natureza.

– Falemos sério! – exclamou Genoveva – peço-lhe que não graceje com semelhantes coisas.

– Não estou gracejando, minha senhora, digo-lhe que Maurício não lhe tem amor, mais nada.

– E eu digo-lhe que está enganado.

– Se assim é – replicou Dixmer – digo-lhe que Maurício é um homem honrado, visto que preferiu deixar de vir aqui a trair a confiança que nele depositava um amigo; ora, sendo os homens honrados coisa raríssima, Genoveva, acho que devemos fazer toda a diligência para conservar a amizade daquele que o acaso nos deparou. Escreverá pois a Maurício, sim, Genoveva?

– Oh! Meu Deus! – disse ela.

E apertou a cabeça com as mãos, pois via que o apoio em que tinha posto a sua esperança para o momento do perigo lhe faltava de repente e a precipitava em lugar de a deter.

Dixmer olhou para ela um instante, e depois, fingindo um sorriso, disse:

– Vamos querida amiga, deixemos esse amor próprio de mulher; se por acaso Maurício tornar a fazer-lhe essa declaração, receba-a com uma risada, como recebeu decerto a primeira. Conheço-a bem, Genoveva, tem um coração bem formado; confio na senhora.

– Oh! – bradou Genoveva deixando-se escorregar pela cadeira e ajoelhando; – Oh! Meu Deus! Quem pode confiar nos outros, quando ninguém pode confiar em si?

Dixmer tornou-se pálido como se o sangue todo lhe houvera afluído ao coração.

– Genoveva – disse ele – conheço que fiz mal em suscitar esta questão, que tanta pena lhe causou. Era melhor ter-lhe dito simplesmente: Genoveva, estamos numa época em que são precisos grandes sacrifícios; consagrei à rainha, nossa bemfeitora, não só o meu braço e a minha cabeça, mas também a minha felicidade. Outros darão por ela a vida; eu faço mais ainda do que se desse a vida por ela, porque exponho a minha honra; e a perda da minha honra será apenas mais uma lágrima no meio do mar de desgostos que em breve há-de cobrir toda a França. Porém a minha honra nada periga, entregue como está, a uma mulher como a minha Genoveva.

Era a primeira vez que Dixmer lhe descobria assim os pensamentos sem reboço.

Genoveva ergueu a cabeça e olhou para ele cheia de admiração, e logo, levantando-se vagarosamente, deu a testa a beijar.

– Assim o quer? – perguntou ela.

Dixmer fez sinal afirmativo.

– Dite, pois – disse ela – e pegou na pena.

– Nada – respondeu Dixmer – quero servir-me do préstimo daquele honrado mancebo, mas não quero enganá-lo; e como a sua reconciliação connosco há-de realizar-se em consequência de uma carta que ele há-de receber de Genoveva, desejo que a carta seja realmente de Genoveva e não minha.

Dixmer beijou novamente a mulher na testa, agradeceu-lhe e saiu.

Foi então que Genoveva escreveu a tremer o seguinte:

“Cidadão Maurício.”

“Sabe muito bem quanto meu marido o estimava. Será possível que o tenha esquecido nestas três semanas de separação, que nos tem parecido um século? Venha, aqui o esperamos; o seu regresso será para nós uma verdadeira felicidade.”

“Genoveva”.

XXXVIII

A deusa Razão

Maurício estava realmente doente, conforme mandara dizer ao general Santerre.

Desde que não saía de casa, Lorin tinha ido visitá-lo regularmente e procurava por todos os modos distraí-lo, porém a tudo Maurício resistira. Há doenças de que ninguém deseja curar-se.

No primeiro dia de Junho chegara ele por volta da uma hora.

– Que grandes novidades temos hoje? – perguntou Maurício; – vens muito puxado!

E com efeito, Lorin vestia esmeradamente; trazia barrete vermelho, carmanhola e uma faixa tricolor, onde brilhavam dois instrumentos, a que então chamavam galhetas do abade Maury, e que antes e depois daquela época sempre foram designados pelo simples nome de pistolas.

– Em primeiro lugar – disse Lorin – temos a queda dos girondinos, que a estas horas se está efectuando a toque de caixa. Neste momento, em que estou falando, estão-se aquecendo balas ardentes na praça do Carroussel; temos, além disso, uma grande e solene função para a qual venho convidar-te, e que há-de verificar-se depois de amanhã.

– Mas hoje que temos? Dizias que vinhas buscar-me?

– Sim; hoje realiza-se o ensaio geral.

– Qual ensaio?

– O ensaio geral da grande função.

– Meu caro amigo – disse Maurício – sabes muito bem que não saio há oito dias; por consequência, não estou ao facto do que se tem passado e preciso muito que me informes.

– Como! Pois não te disse já?

– Nada me disseste.

– Parece-me, meu caro, que não ignoras que Deus foi suprimido agora interinamente, e substituído pelo Ente Supremo.

– Sim, sei isso muito bem.

– Pois bem, julga-se ter havido alguma desconfiança de que o Ente Supremo seja moderado, rolandista ou girondino.

– Lorin, não brinques com coisas sagradas; sabes muito bem que não gosto disso.

– Que queres meu rico! Se este é o espírito do século. Eu não desgostava do Deus antigo, e um dos motivos era porque já estava acostumado com ele. Agora, pelo que diz respeito ao Ente Supremo, desconfio que tenha realmente algumas culpas, e bem se vê que, depois de subir ao poder, tudo tem ido de mal a pior; finalmente, os nossos legisladores decretaram-lhe a demissão.

Maurício encolheu os ombros.

– Podes encolher os ombros à tua vontade – disse Lorin.

Invocando uma sã filosofia.
Nós, de Momo verdadeiros partidários,
In Partibus mandamos que da Folia
Também o culto tenha sectários.

- E aí tens – continuou Lorin – porque vamos passar a adorar a deusa Razão.
- E tu também entras nessas momices? – perguntou Maurício.
- Ai, meu amigo, se tu conhecesses como eu a deusa Razão, serias um dos seus mais entusiastas partidários. Ouve, quero que a conheças, hei-de apresentar-te a ela.
- Deixemos essas loucuras: sabes muito bem quanto estou triste.
- Mais um motivo, com os demónios! Far-te-á esquecer a tristeza. Olha que é boa rapariga. Mas é verdade! Tu conheces perfeitamente a deusa austera que está para ser coroada de louros pelos parisienses, e mostrada pelas ruas num carro de papelão dourado! E... Aposto que não adivinhas.
- Como queres tu que adivinhe?
- É a Artemísia.
- A Artemísia – repetiu Maurício procurando recordar-se, mas sem se lembrar de pessoa alguma com semelhante nome.
- Sim, uma rapariga alta, morena, com quem eu travei conhecimento o ano passado... no baile de máscaras da Ópera; por tal sinal que tu foste cear connosco e embebedaste-la.
- Ah! sim, é verdade – respondeu Maurício – agora me lembra; e é ela?...
- É ela a que reúne o maior número de probabilidades. Apresentei-a a concurso, e os Termópilas todos me prometeram que votariam nela. Daqui a três dias, há-de realizar-se a eleição geral. Hoje temos um banquete preparatório; esta noite vamos entornar vinho de Champagne; pode ser que depois de amanhã tenhamos de derramar sangue! Mas dê por onde der, ou Artemísia há-de ser deusa, ou me há-de levar o diabo! Anda, vem daí, pedir-lhe-emos que te deixe vestir-lhe a túnica com que há-de representar.
- Muito obrigado. Há coisas neste mundo que sempre me repugnaram.
- Repugna-te vestir uma deusa? Irra, meu amigo! Nem todos dirão como tu. Pois bem, se queres, para te divertir, eu me encarregarei de lhe vestir a túnica e tu lha despirás.
- Lorin, estou doente, e além de ter perdido a minha alegria incomoda-me a alegria dos mais.
- Com efeito! Olha que me assustas Maurício; já não brigas, já não ris; dar-se-á o caso que estejas conspirando?
- Eul! Prouvera a Deus!
- Queres dizer: “prouvera à deusa Razão!”
- Deixa-me, Lorin; não posso, nem quero sair! Estou bem na cama e aqui fico.
- Lorin coçou a cabeça.
- Bom! – disse ele – já te percebo.
- O que percebes tu?
- Vejo que estás à espera de alguma deusa Razão.
- Com todos os diabos! – gritou Maurício – um amigo como tu, sempre é um ente muito incómodo; vai-te embora, homem, quando não lanço-te a minha maldição a ti, e à tua deusa.
- Pois amaldiçoa, amaldiçoa...
- Maurício já ia levantando a mão para realizar a ameaça, porém foi interrompido pelo criado, que vinha entregar uma carta dirigida ao cidadão seu amo.
- Cidadão Cévola – disse Lorin – em má hora vieste interromper teu amo, olha que estava sublime.
- Maurício estendeu a mão com indolência para pegar na carta, porém apenas lhe tocou estremeceu, e aproximando-a dos olhos com avidez, pareceu devorar com a vista a letra e o sinete, e logo, enfiando, como se estivesse para desmaiar, rasgou excitado o sobrescrito.
- Oh! Oh! – murmurou Lorin, – quer parecer-me que é negócio importante.

Maurício já não ouvia; lia com toda a atenção as quatro linhas que Genoveva traçara. Leu e tornou a ler umas poucas de vezes, e afinal correu as mãos pela testa, e deixando-as cair inertes, ficou a olhar para Lorin com modo espantado.

– Com os demónios! – disse Lorin – penso que a tal cartinha traz notícias de grande importância.

Maurício tornou a ler a carta pela quinta vez, e sentiu que lhe subia a cor ao rosto; umideceram-se-lhe os olhos, exalou profundo suspiro, e de repente, esquecendo que estava doente e ainda fraco, saltou precipitadamente para fora da cama.

– Traze-me o fato! – disse ele para o criado, que tinha ficado pasmado; – dá-me o fato, meu querido Cévola. Ai, meu pobre Lorin, meu bom Lorin, era isto que eu esperava todos os dias, mas confesso que já começava a desanimar. Anda depressa, um calção branco, uma camisa de tira, penteia-me imediatamente e faz-me a barba.

O criado executou com a maior prontidão as ordens de Maurício, e num abrir e fechar de olhos, penteou-o e fez-lhe a barba.

– Oh! Vou tornar a vê-la, vou tornar a vê-la! – exclamava o mancebo. – Na verdade, Lorin, nunca tive um dia mais feliz.

– Meu pobre Maurício – disse Lorin – parece-me que precisas mais do que nunca ir fazer a visita que te aconselhava.

– Oh! Querido amigo – bradou Maurício – desculpa-me, porque realmente não sei da minha razão.

– Pois então aceita a minha; – disse Lorin rindo do detestável trocadilho.

O mais extraordinário foi Maurício achar-lhe também graça.

O contentamento que sentia tinha-o tornado indulgente.

Não ficou só nisto.

– Aqui tens – disse ele cortando de uma laranjeira um ramo cheio de flores – oferece este ramo em meu nome à benemérita viúva de Mausoléu.

– Agora sim – exclamou Lorin – eis aqui uma galantaria de muito bom gosto, e desde já estás perdoado. E demais a mais, desconfio que estás realmente namorado, e sempre tive o maior respeito pelas grandes paixões.

– Pois sim, é verdade, estou namorado – replicou Maurício trasbordando de alegria – estou namorado, e agora posso confessá-lo, visto que ela também me ama, porque se me não tivesse amor não me mandaria chamar, não é assim, Lorin?

– Não há dúvida – respondeu indulgentemente o adorador da deusa Razão; – acautela-te Maurício, tu tomas o caso tanto a peito que me assustas...

Amor, às vezes duma formosura
É horrível traição, quando é fingido.
Desse gaiato a quem chamam Cupido;
Ri a mais modesta da nossa brandura.

– Bravo! Bravo! – gritou Maurício batendo palmas.

E logo, deitando a correr, galgou a escada em quatro pulos, e tomou apressadamente o caminho que tantas vezes trilhara, e que ia dar à rua Velha de Saint-Jacques.

– Parece que me deu palmas, Cévola? – perguntou Lorin.

– Deu sim, cidadão, nem é para admirar, porque os versos que disseste são muito bonitos.

– Então está ele muito mais doente do que eu supunha – disse Lorin.

E dizendo estas palavras, saiu também, porém com passo mais vagaroso. Artemísia não era Genoveva.

Apenas Lorin apareceu na rua de Saint-Honoré com o seu ramo de flores de laranjeira na mão, logo uma chusma de jovens cidadãos, a quem ele costumava distribuir, décimas ou pontapés, conforme a disposição de espírito em que se achava, o seguiram respeitosa-

pensando naturalmente que era algum dos tais virtuosos, que, segundo uma proposta de Saint-Just, deviam ser brindados com um fato branco e um ramo de flores de laranjeira.

Como o cortejo ia em progressivo aumento, tão pouco usual era, mesmo naquela época, ver um homem virtuoso, foi na presença de alguns mil jovens cidadãos que se realizou a oferta do ramo a Artemísia; e esta pública demonstração de respeito causou tal inveja em algumas outras Razões, que também pretendiam encontrar um concurso, que logo adoeceram com enxaquecas.

A festa realizou-se efectivamente, no dia 10 de Novembro, na igreja de Nossa Senhora de Paris, mas a deusa não foi a Artemísia do nosso Lorin, apesar dos Termópilas votarem nela, em massa cerrada, sem exclusão do secretário Maurício Lindey; a deusa foi a distinta cantora Maillard, da ópera.

Construiu-se no interior da igreja uma montanha de madeira pintada, no altar da qual se ergueu o templo da deusa Razão, alumiado pelo facho da Verdade. As autoridades, acompanhadas por um coro de donzelas vestidas de branco, tomaram lugar junto da montanha.

A Razão saiu do templo e desceu a receber a homenagem dos assistentes. Em seguida, foi em procissão à Convenção com grande séquito e ao som das músicas. Trajava vestido branco e manto azul celeste, toucava-a o gorro da Liberdade e empunhava uma lança.

Na Convenção, o cortejo foi acolhido com aplausos, mandando o presidente assentar a seu lado a deusa, e decretando a Assembléia a pedido da Comuna, que a antiga igreja metropolitana se ficasse chamando o templo da Razão. A deusa foi reconduzida ao Templo, onde se cantou o hino da Liberdade, hino Formosíssimo de Chenier e cuja música foi composta por Gossec.

A festa, a que não faltou decência, foi árida, fria, e em breve haviam de se lhe seguir outras verdadeiramente ridículas, completamente torpes, positivas bacanais, quando, às primeiras deusas da Razão, que tinham sido representadas por uma cantora distinta e por mulheres de oficiais municipais, os vis hebertistas substituíram as mulheres públicas e os maiores devassos ocuparam o lugar do verdadeiro povo.

XXXIX

O filho pródigo

Maurício ainda que tivesse asas, não teria caminhado mais depressa.

As ruas estavam atulhadas de gente, porém Maurício, apenas notou esta circunstância quando viu que era tal o apertão que não podia correr à sua vontade; dizia-se em todos os grupos que estavam sitiando a Convenção, que a majestade do povo tinha sido ofendida nas pessoas dos seus representantes que estavam coactos, e todos estes boatos pareciam ter algum fundamento, porque os sinos tocavam a rebate e de vez em quando ouviam-se tiros de artilharia.

Mas que importavam a Maurício naquele momento o estrondo da artilharia e o toque dos sinos? Que tinha ele com a coacção dos deputados, visto não ser com ele? Deixavam-no correr, era quanto lhe bastava.

Durante a corrida ia pensando que Genoveva estava provavelmente à sua espera na janela que deitava para o jardim, para o saudar, apenas o avistasse, com o seu sorriso encantador.

Era natural que Dixmer também tivesse sido avisado do seu regresso, e então havia de estender a Maurício a alentada mão, que tão franca e lealmente apertava a de um amigo.

Estava inclinado a ser amigo de Dixmer, naquele dia até lhe parecia que já gostava de Morand com os óculos verdes, que encobriam uns olhos tão falsos.

Contudo, o pobre Maurício tinha-se enganado nos seus cálculos, como sempre sucede dezenove vezes em cada vinte, ao homem que julga as coisas unicamente pelo seu coração.

Em lugar daquele doce sorriso, que Maurício esperava ver assomar aos lábios de Genoveva, logo que ela o avistasse, tinha esta resolvido consigo mesma não passar dos limites da

simples civilidade, persuadindo-se que assim opunha uma barreira à torrente que ameaçava invadir-lhe o coração.

Tinha subido, por consequência, para o seu quarto no primeiro andar; resolvida a não aparecer em baixo senão quando fosse chamada.

Também ela se enganava nos seus cálculos.

O único que não se tinha enganado era Dixmer: estava espreitando a vinda de Maurício por uma janela de rótula, e ria ironicamente.

O cidadão Morand estava ocupado com toda a pachorra em tingir de preto uns rabinhos destinados a serem cosidos em umas peles de gato brancas, para imitar arminho.

Maurício empurrou a portinha do beco, para entrar familiarmente pelo jardim; a campainha pregada na porta tiniu como era costume e deu sinal da entrada de Maurício.

Genoveva, que estava de pé por dentro da janela cerrada estremeceu e deixou cair a cortina, que tinha levantado.

Já se vê que a primeira sensação que Maurício experimentou ao entrar em casa de Dixmer foi uma decepção nas suas esperanças. Não só Genoveva não o esperava à janela do quarto baixo, mas, quando entrou na saleta, onde se tinha despedido dela, não a encontrou e teve de mandar recado, como se as três semanas que tinham decorrido o houvessem tornado estranho à casa.

Sentiu um aperto de coração.

Foi Dixmer quem primeiro apareceu a Maurício: Dixmer veio correndo ao encontro de Maurício, e abraçou-o com exclamações de alegria.

Logo depois, desceu Genoveva; tinha esfregado as faces para as fazer vermelhas, porém, antes de chegar ao fim dos vinte degraus que tinha a escada, já estava descorada.

Maurício, apenas viu aparecer Genoveva à entrada da porta, caminhou risonho para ela, a beijar-lhe a mão, e foi então que notou quanto estava mudada.

Ela também reparou com susto na magreza de Maurício, bem como no fogo e no brilho do olhar.

– Até que finalmente aparecel! – disse ela sem poder comprimir a agitação da voz.

Tinha projectado dizer-lhe com voz indiferente:

– Muito bons-dias, cidadão Maurício, já não há quem tenha o gosto de o ver!

Pois a variante ainda pareceu muito fria a Maurício; e contudo que diferença!

Dixmer pôs termo aos exames e recriminações recíprocas. Deu ordem para que pusessem o jantar na mesa, pois eram quase duas horas.

Maurício, ao entrar na casa de jantar, logo viu que o esperavam, porque o seu talher já estava posto.

Foi então que chegou o cidadão Morand, vestido com a mesma casaca parda e o mesmo colete de cetim. Trazia como sempre os óculos verdes, grandes melenas pretas e a inseparável tira na camisa.

Maurício tratou-o com a maior afabilidade possível, pois quando o via de perto sempre lhe parecia um ente muito menos perigoso do que se lhe afigurava quando estava longe dele.

E na verdade, como seria possível que Genoveva pudesse gostar do tal químico? Era preciso estar muito namorado e muito louco para ter uma lembrança tão dispatada.

Nem era ocasião própria para ter ciúmes. Maurício tinha no bolso do colete o bilhete de Genoveva, e o coração, palpitando de encontro a ele.

Genoveva tinha recuperado a sua serenidade. As mulheres são por tal forma organizadas, que a impressão do momento presente consegue quase sempre fazê-las esquecer as recordações do passado e os receios do futuro.

Genoveva sentia-se feliz, e por consequência tornou-se senhora de si, tranqüila e indiferente, se bem que afável ao mesmo tempo; Maurício não tinha bastante finura para perceber o motivo desta indiferença, que Lorin teria sem dúvida explicado com alguma citação dos seus poetas favoritos.

Foi o assunto da conversa a deusa Razão: a queda dos girondinos e o culto novo, em virtude do qual o património do Céu passava para mãos femininas; eram então os dois acontecimentos mais notáveis. Dixmer afirmou que não teria desgostado que oferecessem a Genoveva uma dignidade tão inapreciável.

Maurício deu uma risada. Porém Genoveva foi do mesmo parecer do marido, e Maurício ficou a olhar para eles ambos, pasmado de ver até que ponto o patriotismo era susceptível de desviar a imaginação de um homem tão sisudo como Dixmer, e de uma mulher de génio tão poético como Genoveva.

Maurício sorriu: as palavras de Morand eram cruéis sarcasmos contra as tais patriotas fêmeas, que mais tarde foram designadas pela alcunha horrenda de *lambedoras da guilhotina*.

– Ah! Cidadão Morand – disse Dixmer – respeitemos o patriotismo, mesmo nos seus desvarios.

– Quanto a mim – disse Maurício – a respeito de patriotismo, acho que as mulheres sempre são suficientemente patriotas quando não são demasiado aristocráticas.

– Tem muita razão – disse Morand; – confesso francamente que tão desprezível me parece uma mulher quando quer afectar maneiras varonis, quanto me parece cobarde o homem que dirige um insulto a uma mulher, ainda que essa mulher seja a sua maior inimiga.

Morand acabava de atrair Maurício mui naturalmente para um assunto bastante melindroso. Maurício por um aceno, tinha respondido afirmativamente; estava aberta a discussão.

Então Dixmer, semelhante a um arauto pronto a dar sinal para o combate, interpôs-se perguntando:

– Espere um pouco, cidadão Morand; não exceptuará porventura as mulheres que são inimigas da nação?

A esta réplica, dada à resposta de Morand e ao aceno de Maurício, seguiu-se um silêncio de alguns segundos.

Foi Maurício quem rompeu o silêncio.

– Não exceptuemos ninguém, – disse ele com tristeza – as mulheres que foram outrora inimigas da nação bem castigadas estão sendo hoje.

– É às presas do Templo que alude, à *Austríaca*, à irmã e à filha do Capeto? – perguntou Dixmer com tanta velocidade, que tirou toda a expressão às palavras.

Morand descorou antes de ouvir a resposta do jovem membro da municipalidade, e quem lhe tivesse podido seguir os movimentos da mão naquele momento, ter-lhe-ia visto por certo um sulco ensangüentado aberto no peito pelas unhas.

– É a elas exactamente que aludo – disse Maurício.

– Pois quê? – perguntou Morand com voz sumida – será verdade o que por aí dizem, cidadão Maurício?

– O que dizem? – perguntou o mancebo.

– Que as presas estão sendo cruelmente maltratadas por aqueles mesmos indivíduos que deviam protegê-las.

– Há homens – disse Maurício – que são indignos do nome de homens. Há cobardes que nunca entraram num combate e que procuram ocasião de dar tratos aos vencidos, para se persuadirem a si próprios que são vencedores.

– Oh! O cidadão Maurício não pertence a essa classe de homens, disso tenho eu toda a certeza – exclamou Genoveva.

– Minha senhora – respondeu Maurício – eu, que lhe estou falando, estive de guarda junto ao cadafalso em que morreu o rei. Tinha empunhado o meu sabre, e teria morto por minha mão todo aquele que intentasse acudir-lhe. E contudo, quando ele se aproximou do lugar onde estava, tirei involuntariamente o meu chapéu, e voltando-me para a força do meu comando:

“Cidadãos – disse eu – previno-os de que enfio com o meu sabre o primeiro que dirigir um insulto ao ex-rei”.

– Oh! Eu emprazo a todos que lá estavam para que digam se da minha companhia saiu uma voz. Também fui eu que escrevi por meu punho o primeiro dos dez mil editais que foram afixados em Paris quando o rei voltou de Varennes, e que diziam:

“Todo aquele que tirar o chapéu ao rei será espancado: o que o insultar será enforcado”.

– Pois bem – continuou Maurício, sem reparar na sensação que as suas palavras causavam no auditório – dei provas, como já disse de que sou bom e leal patriota, que detesto os reis e os seus partidários, mas declaro que apesar da minha crença política, a qual não é mais do que uma convicção íntima, e apesar da certeza que tenho de que a *Austríaca* muito concorreu para as desgraças que afligem a França, nunca consentirei que homem algum, nem o próprio Santerre, insulte a ex-rainha na minha presença.

– Cidadão – interrompeu Dixmer abanando a cabeça como para desaprovar tanta ousadia – sempre é preciso que tenha muita confiança entre nós para se abalançar a proferir aqui semelhantes palavras.

– Aqui e em toda a parte, Dixmer, e direi mais: Pode ser que ela morra no mesmo cadafalso em que morreu o marido, porém a mim não me mete medo uma mulher, e sempre hei-de respeitar um ente mais fraco do que eu.

– E a rainha – perguntou Genoveva timidamente – deu-lhe alguma vez, Sr. Maurício, mostras de apreciar tanta delicadeza, a que por certo não está acostumada?

– A presa tem-me agradecido por várias vezes as atenções que tenho por ela, minha senhora.

– Sendo assim, é natural que ela estime ver chegar os dias em que lhe toca o serviço.

– Penso que sim – respondeu Maurício.

– Pelo que vejo – disse Morand a tremer como uma mulher – tendo o cidadão Maurício confessado uma coisa de que ninguém se gaba hoje em dia, isto é, que tem o coração generoso, também não persegue as crianças.

– Eu! – respondeu Maurício – pergunte ao infame Simão quanto pesa o braço do membro da municipalidade diante de quem ele teve o atrevimento de bater no pequenino Capeto.

Esta resposta ocasionou um movimento espontâneo: ergueram-se respeitosamente todos quantos estavam à mesa de Dixmer, à excepção de Maurício, que ficou assentado, bem longe de suspeitar que fosse a causa de tamanho rasgo de admiração.

– Então que é isso? – perguntou ele muito espantado.

– Pareceu-me que tinham chamado por mim lá da oficina – respondeu Dixmer.

– Não, não – disse Genoveva. – Também me pareceu o mesmo, mas foi engano.

Todos se assentaram de novo.

– Ah! É pois, o cidadão Maurício – disse Morand com voz trémula – o membro da municipalidade de que tanto se falou, e que tão denodadamente defendeu uma criança?

– Pois foi coisa em que se falasse? – perguntou Maurício com ingenuidade quase sublime.

– Oh! Que nobre coração! – disse Morand, levantando-se ao mesmo tempo da mesa para reprimir a explosão dos seus sentimentos, e dirigindo-se para a oficina com o pretexto de ter de concluir um trabalho urgente.

– Sim, cidadão – respondeu Dixmer – sim, falou-se no que praticou, e devo-lhe dizer que todos os homens briosos e valentes louvaram o seu procedimento, apesar de não o conhecerem.

– É melhor que continue a não ser conhecido – disse Genoveva – a glória que dos nossos elogios poderia resultar-lhe seria perigosa em demasia.

E desta sorte, em tão singular conversa, cada um dos interlocutores tinha contribuído, sem se aperceber disso, com o seu contingente de heroísmo, de dedicação e de sensibilidade.

Para de tudo haver, até o amor tinha erguido o seu brado.

Os mineiros

Quando se estavam levantando da mesa, foi Dixmer avisado de que o seu tabelião o esperava no gabinete; pediu desculpa a Maurício, como sempre costumava quando tinha de o deixar para ir aviar algum negócio, e foi ter com o tabelião.

Tratava-se da compra de uma casa na rua da Cordoaria, em frente do jardim do Templo. Esta aquisição que fazia Dixmer era mais pelo terreno do que pelo edifício, porque o prédio estava a cair em ruínas, e ele tencionava reedificá-lo.

O proprietário da casa não tinha posto grandes dificuldades à conclusão do ajuste; o tabelião tinha ido procurá-lo na manhã daquele dia, e convencionara com ele dar-lhe dezenove mil e quinhentos francos. Acabava de lhe levar o contrato para assinar e vinha receber a soma que havia de ser entregue em troca do prédio: o proprietário devia despejar a casa naquele mesmo dia, para que os operários pudessem tomar conta dela no dia seguinte.

Dixmer e Morand, depois de assinado o contrato, foram com o tabelião à rua da Cordoaria, para verem imediatamente a sua nova aquisição, pois tinha sido comprada a casa sem que a tivessem examinado.

Era um prédio situado no local onde existe o n.º 29, pouco mais ou menos, tinha três andares e águas-furtadas.

O andar térreo havia sido alugado noutro tempo a um negociante de vinhos, e tinha magníficas adegas subterrâneas.

O proprietário gabou especialmente as adegas; era a parte mais notável da casa; Dixmer e Morand mostraram fazer pouco apreço das tais adegas, e contudo ambos eles, como por condescendência, foram, acompanhados do proprietário ver os subterrâneos.

O proprietário não tinha mentido, mas geralmente é costume; as adegas eram excelentes, uma delas havia sido construída mesmo por baixo da rua da Cordoaria, ouvindo-se o rodar das carruagens por cima da abóbada.

Dixmer e Morand não mostraram grande valor àquela parte do prédio, e até falaram em mandar atulhar os subterrâneos, os quais eram certamente muito úteis para um negociante de vinhos, mas não tinham serventia alguma para simples cidadãos, que apenas queriam a casa para habitação.

Depois dos subterrâneos foram ver o primeiro andar, daí o segundo, e depois o terceiro; do terceiro avistava-se inteiramente o jardim do Templo; estava, segundo o costume, ocupado pela guarda nacional, que havia tomado posse dele desde que a rainha deixara de lá ir passear.

Dixmer e Morand viram a sua patroa, a viúva Plumeau, fazendo com a usual actividade as honras da tasca; mas é de supor que não tivessem grande desejo de ser vistos por ela também, porque se conservaram encobertos pelo proprietário, que lhes estava fazendo notar o encanto de uma vista tão variada e agradável.

O comprador desejou ver também as águas-furtadas.

O proprietário não esperava provavelmente semelhante exigência, e por isso não trazia consigo a chave; mas, cativado pela vista de um maço de assinados que já havia lóbrigado, desceu com a maior prontidão a buscá-la.

– Não me tinha enganado no meu cálculo – disse Morand – esta casa serve admiravelmente para o nosso fim.

– E que tal lhe parece a adega?

– É um auxílio que nos dá a Providência e que sempre nos poupará dois dias de trabalho.

– Julga que ficará paralela à adega da taberna?

– Inclina mais para a esquerda, mas não importa.

– Porém – perguntou Dixmer – como fará para abrir o caminho subterrâneo com certeza de ir sair justamente onde pretende?

– Não lhe dê isso cuidado, caro amigo, bem sei o que hei-de fazer.

– Não seria conveniente aproveitarmos a ocasião para fazer daqui sinal de que estamos alerta?

– Sim, mas a rainha não poderá ver da plataforma, nem que o fizéssemos das águas-furtadas, porque duvido que elas alcancem à altura da plataforma.

– Não importa – respondeu Dixmer – pode ser que Toulan ou Maudy o vejam de alguma fresta, e não deixarão de avisar sua majestade.

E Dixmer, em seguida, atou uns poucos de nós na ponta de uma cortina de paninho branco e deixou-a pender para fora da janela, como se tivesse sido impelida pelo vento.

Acabado isto, saíram ambos para o patamar da escada a esperar pelo senhorio, que devia trazer a chave das águas-furtadas, tendo previamente fechado a porta do quarto, para que o honrado cidadão não se lembrasse de tirar para dentro a ondeante cortina.

As águas-furtadas, como muito bem dissera Morand, não alcançavam à altura da torre.

Resultava deste inconveniente uma dificuldade e uma vantagem: a dificuldade era de não poder haver comunicação com a rainha por meio de sinais; e a vantagem era que esta mesma impossibilidade afastava toda e qualquer desconfiança. As casas muito elevadas eram geralmente mais vigiadas.

– Seria preciso procurar meio de lhe mandar dizer por Maudy ou Toulan, ou pela rapariga da Tison, que esteja prevenida – disse Dixmer a meia voz.

– Hei-de pensar nisso – respondeu Morand.

Voltaram abaixo; o tabelião estava esperando na sala com o contrato já assinado.

– Está muito bem – disse Dixmer – a casa agrada-me, pode entregar ao cidadão os dezenove mil e quinhentos francos em que concordámos e dê-lhe o recibo para assinar.

O senhorio contou o dinheiro com todo o escrúpulo e firmou o recibo.

– Sabe, cidadão – disse Dixmer – que a cláusula principal deste contrato é que a casa me será entregue esta noite mesmo, para eu poder mandar logo de manhã para aqui os trabalhadores?

– E não hei-de faltar ao ajuste, cidadão; pode levar consigo as chaves: antes das oito horas da noite estará completamente despejada.

– Ah! É verdade – respondeu Dixmer – não me disse, que o prédio tinha saída para a rua de Porte-Foin?

– Sim, cidadão – respondeu o proprietário; – porém mandei-a tapar, porque, como tenho apenas um único oficioso, era demasiado trabalho para o pobre diabo ter de acudir a duas portas. Contudo está por tal forma tapada que em menos de duas horas poder-se-á abrir novamente. Os cidadãos querem vê-la?

– Obrigado; não é necessário incomodar-se – replicou Dixmer – é-me indiferente que ela exista ou não.

E ambos se despediram, depois de terem pela terceira vez, recomendado ao senhorio que não esquecesse a sua promessa de dar o prédio despejado às oito horas da noite.

Pela volta das nove horas voltaram ambos, seguidos em distância por cinco ou seis indivíduos, nos quais ninguém fez reparo graças à confusão que reinava em Paris.

Entraram primeiro os dois: o senhorio tinha cumprido a sua palavra; a casa estava despejada.

Fecharam as portas das janelas com todo o cuidado: feriram lume e acenderam velas, que Morand havia trazido na algibeira.

Os cinco ou seis homens entraram então um por um.

Eram os comensais do mestre curtidor, os mesmos contrabandistas que tinham querido uma noite matar Maurício, e que posteriormente se haviam tornado seus amigos.

Trancaram as portas e desceram à adega.

A adega que tão desprezada tinha sido de dia, havia-se tornado de noite a parte mais importante da casa.

Ouvia-se, como bem tinha dito o senhorio o rodar das carruagens por cima da abóbada, prova evidente de que a adega ficava efectivamente por baixo da rua.

Trataram imediatamente de tapar todas as frestas, para que não se lembrasse algum curioso de espreitar para dentro.

E acto contínuo, Morand levantou um tonel vazio, puxou por uma carteira tirou um papel, e com um lápis começou a riscar figuras geométricas.

Enquanto estava assim preocupado, os seus companheiros, capitaneados por Dixmer, saíram da casa, seguiram pela rua da Cordoaria fora, e à esquina da rua Beauce pararam ao pé de uma carruagem fechada. Dentro da carruagem estava um homem, que, sem dizer palavra, distribuiu a cada um deles um instrumento de gastador; uma enxada a um, a outro um alvião, a este uma alavanca, àquele uma pá, etc.

Cada um deles escondeu o instrumento que lhe tinha sido entregue debaixo do casacão ou do capote. Isto feito, voltaram os mineiros para a casa donde haviam saído, e a carruagem desapareceu.

Morand já tinha concluído o seu trabalho.

Foi em direitura a um dos cantos da adega.

– Cave aqui – disse ele.

E logo, sem demora, começou a obra do livramento.

A situação das presas do Templo tinha-se tornado de dia para dia mais crítica e dolorosa. Houve contudo um instante em que a rainha, a princesa Isabel, e a princesa real tiveram um vislumbre de esperança.

Dois membros da municipalidade, Toulan e Lepitre, movidos de compaixão pelas augustas cativas, tinham mostrado desejos de as obsequiar.

As pobres senhoras, pouco acostumadas a tais provas de simpatia, tinham desconfiado deles a princípio; mas quem espera sempre, ao fim de muito tempo acaba por não desconfiar.

E demais, que receio podia ter a rainha, separada do filho pela prisão, e do marido pela morte? O de subir ao cadafalso como ele? Com a continuação de encarar constantemente este seu fim provável, já semelhante idéia lhe não dava abalo.

A primeira vez que Toulan e Lepitre tornaram a entrar de serviço a rainha disse-lhes que se na realidade lhe eram afeiçoados, pedia que lhes contassem os pormenores da morte do rei.

Era para eles bem penosa a prova que lhes pediam da sua simpatia. Lepitre presenciara a execução e por isso obedeceu à ordem da rainha.

A rainha pediu os periódicos que tinham dado conta da execução. Lepitre prometeu-lhe que os traria quando entrasse novamente de serviço; os dias de serviço repetiam-se de três em três semanas.

Enquanto o rei foi vivo, iam para o Templo quatro membros da municipalidade. Depois da morte do rei, nunca mais foram senão três; um vigiava de dia, e os restantes de noite.

Toulan e Lepitre imaginaram então um ardil, para ficarem sempre de guarda juntos durante a noite.

As horas da guarda eram tiradas à sorte, escrevia-se num papelinho a palavra dia, e em outros dois noite. Misturavam-se as sortes dentro de um chapéu, e o acaso designava os indivíduos que tinham de vigiar durante a noite.

Todas as vezes que Lepitre e Toulan entravam de guarda, escreviam a palavra dia nos três papelinhos e apresentavam o chapéu ao membro da municipalidade que desejavam afastar.

Este metia a mão na urna improvisada e tirava necessariamente uma sorte que dizia dia. Toulan e Lepitre rasgavam então as outras duas, queixando-se do azar, que sempre lhes deparava o serviço nocturno, que era o mais fastidioso.

A rainha apenas conheceu que podia confiar-se dos seus dois guardas, tratou de os fazer entrar em relações com Filipe de Taverney.

Combinou-se então uma tentativa de fuga. A rainha e a princesa Isabel deviam evadir-se, disfarçadas com trajos de membros da municipalidade, e munidas de bilhetes de civismo, que se lhes haviam de alcançar.

Quanto aos dois meninos, isto é, a princesa real e o delfim, como os conspiradores tinham observado que o homem encarregado de acender os candeeiros no Templo trazia sempre na sua companhia duas crianças da mesma idade que os príncipes, resolveram que Turgy, de

quem ainda não falamos, vestiria o fato do homem dos candeeiros e levaria consigo a princesa real e o delfim.

Diremos agora em duas palavras quem era Turgy.

Turgy era um antigo criado da ucharia, que tinha vindo para o Templo com parte do pessoal do palácio das Tulherias, porque o rei teve de princípio um serviço de mesa sofrivelmente organizado. No primeiro mês dispendeu a nação trinta ou quarenta mil francos com o custeamento da mesa real.

Porém, como bem se pode imaginar, semelhante prodigalidade não podia durar muito. O município pôs-lhe termo. Despediu copeiros, cozinheiros, e até bichos da cozinha.

Um único servente foi conservado, e foi justamente Turgy.

Turgy era pois o medianeiro natural entre as cativas e os seus partidários, por isso que lhe era concedido sair, e por consequência podia levar bilhetes e trazer as respostas.

Os bilhetes em geral vinham enrolados nas rolhas das garrafas de amendoada destinadas à rainha ou à princesa Isabel. Eram escritos com limão, e os caracteres conservavam-se invisíveis, até serem aproximados do fogo.

Estava tudo pronto para a fuga, eis senão quando sucedeu um dia pegar Tison na rolha de uma das garrafas para acender o cachimbo. À medida que o papel ia ardendo, viu ele que iam aparecendo letras.

Apagou-o logo, e levou o fragmento meio queimado ao conselho do Templo; lá chegaram-no ao fogo novamente, mas apenas puderam ler algumas palavras sem nexos, por faltar metade do papel, que tinha sido reduzido a cinzas.

Conheceram contudo que era a letra da rainha. Interrogaram Tison, e este deu conta de ter observado que Lepitre e Toulain procuravam às vezes obsequiar as presas. Os dois comissários foram então denunciados à municipalidade e não puderam voltar mais ao Templo.

Restava ainda Turgy.

Mas a desconfiança tinha chegado ao maior auge; nunca o deixavam só com as princesas. Tinha-se tornado impraticável qualquer comunicação com o exterior.

Um dia a princesa Isabel entregou a Turgy, para limpar, uma faquinha com cabo de oiro, que lhe servia para partir fruta.

Turgy teve algumas suspeitas, e ao limpar a faca puxou pelo cabo. Este saiu do seu lugar e dentro vinha um bilhete.

O bilhete era um alfabeto completo de sinais.

Turgy restituiu a faca à princesa Isabel, porém um membro da municipalidade que estava presente, arrancou-lha das mãos e examinou-a também, separando igualmente o cabo da folha: o bilhete felizmente já lá não estava, mas apesar disso o membro apreendeu a faca.

Foi então que o incansável Filipe de Taverney planeou esta segunda tentativa, que estava próxima a executar-se por meio da casa que Dixmer comprara.

A pouco e pouco tinham as cativas perdido a esperança. Naquele dia, a rainha, aterrada pelos gritos que ressoavam na rua, e conhecendo pelas palavras que ouvia que se tratava de decretar a acusação dos girondinos, últimos sustentáculos do partido moderado, tinha-se conservado entregue à mais profunda tristeza.

Mortos os girondinos, ficava a família real sem um único defensor na Convenção.

Às sete horas puseram a ceia na mesa. Os membros da municipalidade examinaram os pratos todos, como sempre costumavam, desdobraram os guardanapos, sondaram o pão, um deles com o garfo, e o outro com os próprios dedos, mandaram partir os biscoitos e as nozes, tudo isto para evitar que chegasse algum bilhete às mãos das presas. Concluídos todos estes exames convidaram a rainha e as princesas a assentarem-se à mesa, dirigindo-lhes estas palavras:

– Viúva Capeto, podes comer.

A rainha abanou a cabeça como para significar que não tinha vontade.

Mas ao mesmo tempo a princesa real correu para ela, fingindo querer abraçá-la, e disse-lhe em voz baixa:

– Venha para a mesa, minha senhora, parece-me que Turgy nos está fazendo sinais.

A rainha estremeceu e levantou a cabeça.

Turgy estava defronte dela, com o guardanapo posto no braço esquerdo, e tocando em um dos olhos com a mão direita.

Levantou-se logo sem mais dificuldade e foi assentar-se à mesa no seu lugar do costume.

Os dois membros da municipalidade estavam presentes à ceia: era-lhes proibido deixarem as princesas um único instante só com Turgy.

Os pés de Maria Antonieta e da princesa Isabel tinham-se encontrado por baixo da mesa e apertavam-se mutuamente.

Como a rainha estava com a cara voltada para o lado onde estava Turgy, não lhe escapou nenhum dos gestos do criado.

E demais eram gestos tão naturais, que não podiam inspirar, nem de facto inspiraram, desconfiança alguma aos membros da municipalidade.

Acabada a ceia, foi a mesa levantada com as mesmas cautelas com que havia sido posta; até os menores bocados de pão foram apanhados e examinados, e feito isto saiu Turgy primeiro, e depois dele os membros da municipalidade, mas a mulher de Tison essa ficou.

O génio daquela mulher havia-se tornado feroz desde que a tinham separado da filha, cujo destino nunca mais soubera.

Todas as vezes que a rainha abraçava a princesa real, tinha tais acessos de raiva, que parecia louca; e por isso a rainha, avaliando em seu coração maternal aquelas penas de uma mãe, detinha-se freqüentes vezes quando ia para gozar da consolação, única que lhe restava ainda, de apertar a filha de encontro ao peito.

Tison veio buscar a mulher, mas ela declarou que só se retiraria depois de verificar que se encontrava deitada a viúva Capeto.

A princesa Isabel despediu-se então da rainha e foi para o seu quarto.

A rainha despediu-se e deitou-se, bem como a princesa real; a mulher Tison pegou no castiçal e retirou-se.

Os membros da municipalidade já estavam deitados nos leitos de campanha, que mandavam armar à noite no corredor.

Um pálido raio de lua tinha vindo visitar as presas, e, introduzindo-se por uma fresta da janela, descrevia uma diagonal dali até aos pés da cama da rainha.

Durante um instante tudo permaneceu em sossego e silêncio dentro do quarto.

Depois girou uma porta devagarinho sobre os gonzos: uma sombra interceptou o raio de luz e aproximou-se da cabeceira do leito; era a princesa Isabel.

– Viu? – perguntou ela em voz baixa.

– Sim – respondeu a rainha.

– E percebeu?

– Percebi tão bem, que nem me atrevo a acreditar-lo.

– Vejamos, repitamos os sinais.

– Em primeiro lugar levou a mão aos olhos para indicar que havia novidade.

– Depois mudou o guardanapo do braço esquerdo para o braço direito, e isto quer dizer que se trata do nosso livramento.

– Em seguida levou a mão à testa em sinal de que o auxílio que ele nos prognostica provém do interior e não é devido a estrangeiros.

– E quando lhe pedia que não esquecesse amanhã a amendoada que tinha encomendado, atou dois nós no lenço.

– Vê-se pois que ainda desta vez é Filipe de Taverney. Que nobre coração!

– É sem dúvida – disse a princesa Isabel.

– Está dormindo, minha filha? – perguntou a rainha.

– Não, minha mãe – respondeu a princesa real.

– Pois então ore por quem sabe.

A princesa Isabel voltou de manso para o seu quarto, e durante cinco minutos ouviu-se apenas o sussurro da voz da princesa, que dirigia a Deus no meio do silêncio da noite uma prece, que, apesar de partir de um anjo, não devia ser atendida.

Era nessa mesma ocasião que se davam as primeiras enxadadas na casa da rua da Cordoaria, na direcção indicada por Morand.

FIM DO QUINTO VOLUME

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Les grands romans
d'ALEXANDRE

DUMAS

LA COMTESSE DE CHARNY
LE CHEVALIER DE MAISON-ROUGE



BOUQUIN

ROBERT LAFFONT



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**Memórias de um médico:
A condessa de Charny
Volume VI**

Alexandre Dumas

Pondo de parte a embriaguez dos primeiros olhares, Maurício ficara muito aquém da sua esperança, na recepção que lhe fizera Genoveva; confiava contudo em que logo que pudesse conseguir estar só com ela, lhe seria fácil tornar a ganhar a distância que tinha perdido na estrada do seu afecto.

Genoveva porém tinha firmado o seu plano de conduta e estava resolvida a não lhe dar ocasião para falar-lhe a sós, pois bem se lembrava de quanto semelhantes conferências eram perigosas.

Maurício tinha posto a sua esperança na visita do dia seguinte, mas uma parenta, provavelmente avisada de antemão, tinha vindo visitá-la também, e Genoveva pedira-lhe que ficasse.

Desta vez não havia motivo de queixa, porque podia muito bem ser que a culpa não fosse de Genoveva.

Quando Maurício se despediu pediram-lhe que acompanhasse a casa a tal parenta, que assistia na rua dos Fossés-Saint-Victor.

Maurício saiu amuado; porém Genoveva sorriu para ele ternamente, e a Maurício pareceu-lhe antever nesse sorriso uma promessa.

Mas quanto Maurício se enganara! No dia imediato, que era 14 de Junho, dia em que Carlota Corday assassinou Marat, Maurício despediu o amigo Lorin, que pretendia levá-lo por força consigo à Convenção, e pôs de parte os negócios todos para ir ver a sua amada.

A deusa da liberdade tinha em Genoveva uma rival terrível.

Maurício foi encontrar Genoveva na sua salinha, e como sempre graciosa e amável; porém tinha consigo uma aia, rapariga ainda, com uma touca adornada com um laço tricolor, a qual estava ocupada em marcar lenços num vão de janela e não se tirou do seu lugar.

Maurício franziu os sobrolhos, Genoveva percebeu que ele estava de mau humor, e tornou-se ainda mais atenciosa. Como a sua amabilidade não chegou a ponto de mandar embora a jovem oficial, Maurício perdeu a paciência e saiu uma hora mais cedo do que costumava.

Tudo aquilo podia ser obra do acaso, e por isso Maurício resignou-se; e demais, a situação tinha tomado um aspecto tão crítico naquela noite, que chegou a influir no próprio Maurício, o qual se tinha tornado, havia algum tempo, inteiramente alheio à política.

No dia seguinte continuou Genoveva no mesmo sistema; Maurício prevendo que assim aconteceria, também tinha forjado o seu plano; dez minutos depois de ter chegado, quando viu que a aia, tendo acabado de marcar uma dúzia de lenços, passava a marcar seis dúzias de guardanapos, Maurício, puxou pelo relógio, levantou-se, cumprimentou Genoveva e saiu sem dizer uma palavra.

E ainda fez mais; saiu sem olhar uma única vez para trás.

Genoveva, que se tinha levantado para da janela o ver atravessar o jardim, ficou durante um instante estupefacta, pálida e agitada, até que afinal deixou-se cair na cadeira, aterrada de ver o resultado da sua diplomacia.

No mesmo instante entrou Dixmer.

– Maurício foi-se embora? – perguntou ele admirado.

– Foi – balbuciou Genoveva.

– Mas tinha chegado agora mesmo.

– Esteve aqui coisa de um quarto de hora.

– Então talvez volte?

– Duvido.

– Deixa-nos, *Lírio* – disse Dixmer.

A aia tinha adoptado este nome de flor, em consequência do tédio que tinha ao de Maria,

com que havia sido baptizada e que era o da *Austríaca* também.

Lírio, assim que ouviu a intimação do amo, levantou-se e saiu imediatamente.

– Diga-me, pois, querida Genoveva – perguntou Dixmer – já fez as pazes com Maurício?

– Bem pelo contrário, meu amigo, parece-me que estamos actualmente mais indiferentes do que nunca.

– Quem tem a culpa agora? – perguntou Dixmer.

– É ele, naturalmente.

– Diga-me a razão, para eu poder ajuizar.

– Como! – respondeu Genoveva corando – pois ainda não adivinhou?

– Não, por certo. Por que motivo se zangou?

– Embirra com a Lírio, segundo penso.

– Pois deveras, é isso? É preciso despedir a rapariga. Não quero, por causa de uma aia, privar-me de um amigo como Maurício.

– Oh – disse Genoveva – acho que ele não exigiria que a desterrássemos para fora de casa, isso talvez fosse demasiado, mas que se daria por satisfeito...

– Como?

– Se eu a banisse do meu quarto.

– E Maurício tem razão – respondeu Dixmer. – Ele vem visitar a senhora e não a Lírio; acho pois escusado que a Lírio permaneça aqui quando ele entra.

Genoveva olhou com espanto para o marido.

– Porém, meu amigo...

– Genoveva, pensei que tinha na senhora uma aliada, que havia de tornar mais fácil a empresa de que me incumbi, e vejo que, pelo contrário, vai com os seus receios aumentar as nossas dificuldades. Julguei ter convencido com a senhora há quatro dias, o que havia a fazer, mas conheço agora que nada adiantei. Pois não lhe disse finalmente que era indispensável que Maurício tornasse a ser nosso amigo mais íntimo do que nunca? Oh! Meu Deus, que eterno obstáculo são as mulheres aos nossos projectos!

– Mas, diga-me por Deus! Não haverá nenhum outro meio? Já lhe disse que muito melhor seria para todos nós que o Sr. Maurício aqui não voltasse.

– Sim, para todos nós pode ser que assim fosse, porém para servir aquela que está acima de nós todos, aquela a quem jurámos sacrificar a nossa fortuna, as nossas vidas, e até a nossa felicidade, é preciso que aquele homem aqui volte. Turgy já se vai tornando suspeito e está-se tratando de procurar outro servente para as princesas.

– Muito bem, daqui por diante mandarei a Lírio embora.

– Valha-a Deus, Genoveva! – disse Dixmer com um movimento de impaciência, coisa nele tão rara; – que necessidade tem de me falar nisso? Por que motivo procura atizar o fogo do meu pensamento com o seu? Por que razão está criando dificuldades na própria dificuldade? Genoveva, digo-lhe unicamente que faça, como mulher honrada e dedicada à nossa causa, tudo quanto lhe parecer conveniente; amanhã não fico em casa, vou substituir Morand no cargo de engenheiro. Não jantarei portanto consigo, porém ele há-de jantar, porque deseja pedir a Maurício uma coisa, que ele lhe explicará. Lembre-se Genoveva, que o pedido que ele há-de fazer é importantíssimo; não é o fim a que nos dirigimos, mas é o meio para o conseguirmos, é a derradeira esperança daquele homem tão bom, tão elevado e tão fiel; daquele protector de ambos nós, por quem nos cumpre dar a vida se preciso for.

– E prontamente a daria por ele! – exclamou Genoveva. – Não sei por que razão não procurou fazer com que Maurício se tornasse amigo do homem, que tanto estimamos, e a quem semelhante amizade muito podia convir.

– O caso é que hoje, visto o mau humor que lhe causou, talvez Maurício negue a Morand o que este lhe há-de pedir, e que precisamos alcançar por todo o preço. Genoveva, quer que lhe diga onde as suas delicadezas e sentimentos conduzirão Morand?

– Oh! Senhor – exclamou Genoveva de mãos postas – por piedade não falemos em tal.

– Então – replicou Dixmer beijando a mulher na testa – seja forte e reflita.

E saiu do quarto.

– Oh! Meu Deus! – murmurou Genoveva com aflição – que violências me fazem para me obrigarem a aceitar aquele amor, que eu sinto no fundo do coração!...

O dia seguinte era um *décadi* (décimo dia da semana, segundo o calendário republicano).

A família de Dixmer, assim como todas as famílias de burgueses daquela época, tinha por costume apresentar ao domingo um jantar mais lauto e de mais cerimónia do que nos outros dias de semana.

Maurício, desde que se tornara íntimo na casa, tinha sido convidado para jantar, uma vez para sempre, e nunca havia faltado. Naqueles dias, Maurício chegava sempre ao meio-dia, se bem que a hora de ir para a mesa fosse às duas, usualmente.

Genoveva lembrada do modo por que ele se despedira, já não esperava tornar a vê-lo.

E com efeito, deu meio-dia sem que aparecesse Maurício, e em seguida a meia hora e depois uma: seria impossível descrever o que se passava, durante este tempo de espera, no coração de Genoveva.

Tinha-se vestido a princípio mui singelamente; mas quando viu que ia tardando, movida pelo sentimento de garridice, tão natural no coração das mulheres, foi pôr uma flor no peito e outra no cabelo, e assim continuou a esperar, sentindo que cada vez mais se lhe apertava o coração.

Eram já quase horas de ir para a mesa e Maurício não aparecia.

Faltavam dez minutos para as duas horas, quando Genoveva ouviu o trote bem conhecido do cavalo que Maurício costumava montar.

– Oh! Ele aí vem! – exclamou ela – o seu orgulho sucumbiu na luta com o amor. Ama-me! Ama-me!

Maurício apeou-se num pulo, e entregou o cavalo ao jardineiro, determinando-lhe que esperasse onde estava. Genoveva, que o estava vendo apear, ficou inquieta por notar que o jardineiro não levava o cavalo para a cavalaria.

Maurício entrou; vinha radiante de beleza. Trazia casaca preta de abas quadradas e rebuço largo, colete branco, calções de camurça, que deixavam ver em toda a sua perfeição umas pernas que pareciam modeladas pelas de Apolo, colarinho de cambraia alvíssima, e o cabelo penteado de forma que a testa, elevada e lisa, ficava inteiramente descoberta; era ao todo um tipo de natureza elegante e vigorosa.

Entrou pois; Genoveva, que estava pensando nele, como já dissemos, recebeu-o alegremente.

– Ora, ainda bem que chegou! – disse ela dando-lhe a mão; – jantará connosco, não é assim?

– Não, cidadã – respondeu Maurício; – vinha pelo contrário, pedir-lhe licença para faltar hoje.

– Para faltar?...

– Sim, tenho negócios a tratar na secção. Vim aqui preveni-la com receio de que esperasse por mim, pois não queria merecer a acusação de incivil.

Genoveva sentiu que o coração, que pouco antes se dilatara, novamente se comprimia.

– Oh! Meu Deus! – disse ela – e logo hoje Dixmer janta fora. Dixmer esperava encontrá-lo aqui ao voltar para casa, e tinha-me recomendado que não o deixasse sair sem ele voltar.

– Ah! Agora percebo o motivo por que insiste em que fique, minha senhora. É ordem que teve de seu marido. E eu sem adivinhar semelhante coisa. Parece-me realmente que nunca me hei-de emendar de tanta fatuidade!

– Maurício!...

– Minha senhora, sei que devo guiar-me pelas suas palavras. Conheço muito bem que a ausência de Dixmer é mais um motivo para eu aqui não ficar. Semelhante ausência faria com que aumentasse o seu constrangimento com a minha presença.

– Por que motivo? – perguntou Genoveva timidamente.

– Porque desde que voltei aqui, parece-me que de propósito procura por todos os modos evitar-me; porque eu tinha voltado por sua causa unicamente, como muito bem sabe, e desde que voltei, sempre a tenho visto acompanhada.

– Vamos! – disse Genoveva – não se zangue, meu amigo, veja que eu faço quanto posso para lhe agradar.

– Não, Genoveva, isso não basta, exijo mais, e é que me receba como dantes ou que me dispense de todo.

– Ora vamos, Maurício – disse Genoveva com ternura – lembre-se da minha situação, imagine os tormentos que eu sofro, e portanto não seja tirano para comigo.

Dizendo isto aproximou-se dele olhando com tristeza.

Maurício calou-se.

– Mas não me dirá que pretende de mim? – continuou ela.

– Pretendo amá-la, Genoveva, porque sinto que hoje já me não é possível viver sem o seu amor.

– Maurício, por piedade?...

– Pois então, minha senhora – exclamou Maurício – por que razão não me deixou morrer?

– Morrer?

– Sim, morrer, ou esquecê-la.

– E seria possível que tivesse ânimo para se esquecer de mim! – exclamou Genoveva com os olhos arrasados de lágrimas.

– Oh! Não, não – murmurou Maurício pondo-se de joelhos; – não Genoveva, poderia morrer talvez, esquecer, isso nunca!

– Contudo – replicou Genoveva com seriedade – muito melhor seria, Maurício, porque este amor é um crime.

– Já disse isso mesmo a Morand? – perguntou Maurício tornando a si à vista de tão súbita frieza.

– O Sr. Morand não é um louco como o senhor; nunca me foi preciso indicar-lhe o modo como devia conduzir-se em casa de um amigo.

– Aposto – respondeu Maurício sorrindo ironicamente – aposto que apesar de Dixmer não jantar em casa, Morand não saiu? Ah! Aí está o que deve opor-me para obstar a que eu a ame, Genoveva; pois enquanto Morand aqui estiver, sempre a seu lado, e não a deixando um único instante – continuou ele com desprezo – oh! Não, não, jamais lhe terei amor, ou pelo menos nem a mim próprio confessarei que a amo.

– E eu – bradou Genoveva já cansada de tão contínua desconfiança, e apertando freneticamente o braço do mancebo – juro-lhe, Maurício, e digo-lhe de uma vez para sempre, e para nunca tornar a repeti-lo, que Morand nunca me teve amor, nem o há-de ter nunca: juro-lhe pela alma de minha mãe!

– Oh! Meu Deus! – exclamou Maurício – quanto eu dera para poder acreditá-la.

– Oh sim! Acredite-me, pobre louco – disse ela com um sorriso, que decerto equivalia a uma eterna confissão para outro qualquer que não estivesse cego de ciúme; – acredite-me; e já que é preciso dizer-lhe tudo, saiba que Morand está apaixonado por uma mulher tão superior a todas as outras mulheres da terra como as estrelas do Céu estão superiores às flores que nascem nos campos.

– E qual será – perguntou Maurício – a mulher tão superior a todas as mais, quando no número dessas existe Genoveva?

– Ora diga-me – replicou Genoveva sorrindo-se – não sabe que a pessoa a quem se ama é sempre a obra prima da criação?

– Pois bem – disse Maurício – se não me tem amor, Genoveva...

Genoveva esperou com bastante ansiedade pelo fim da frase.

– Se não me tem amor – continuou Maurício – quer ao menos jurar que nunca amará outro?

– Oh! Se é isso que quer Maurício, juro-lhe de todo o meu coração – exclamou Genoveva contentíssima por ver que Maurício lhe oferecia um meio de transigir com a sua consciência.

Maurício agarrou nas mãos que Genoveva levantou ao Céu, e beijou-as com ardor.

– Muito bem – disse ele – agora hei-de ser dócil, crédulo e generoso. Quero mostrar-me alegre e ser feliz.

– E não exigirá mais nada?

– Tratarei de não exigir.

– Agora – disse Genoveva – parece-me que já não é preciso que estejam segurando o cavalo. A secção que espere.

– Oh! Genoveva! Quisera que o mundo inteiro esperasse, e poder obrigá-lo a esperar por sua causa.

Ressoaram pancadas no pátio.

– Aí nos vêm chamar para a mesa – disse Genoveva.

E a furto apertaram as suas mãos mutuamente.

Era Morand que vinha participar que só se esperava por Maurício e Genoveva para o jantar.

Morand também se tinha vestido com esmero para assistir ao jantar domingueiro.

Genoveva apoiou a mão no braço de Maurício e ambos se dirigiram para a casa de jantar.

Morand seguiu-os.

II

O pedido

Chegados à casa de jantar, cada um tomou o seu lugar habitual.

Morand vestido com tanto apuro, não deixou de excitar a curiosidade de Maurício.

O janota mais requintado não teria podido notar-lhe um defeito no atado da gravata, nas pregas das botas, nem na finura da roupa.

Contudo, devemos confessar, que no cabelo e nos óculos não tinha havido alteração.

Só então, tão certo ficara com o juramento de Genoveva, Maurício deu o devido valor aos tais óculos e cabelo.

– Os diabos me levem! – disse consigo Maurício, indo ao encontro de Morand – se algum dia tornar a ter ciúmes de ti, bom cidadão Morand! Podes vestir todos os dias, se quiseres, a casaca domingueira cor de peito de rola, e se te parecer manda mesmo fazer para os *décadis* uma casaca de brocado de ouro. De hoje por diante prometo que só hei-de ter na lembrança o teu cabelo e os teus óculos, e que nunca mais hei-de acusar-te de amares Genoveva.

Já se vê que, depois deste solilóquio, Maurício não podia deixar de apertar a mão ao cidadão Morand com mais franqueza e cordialidade do que tinha por costume.

Ninguém mais havia para jantar além das pessoas presentes. Estavam postos os três talheres em uma mesa estreita. Maurício logo se lembrou que por baixo da mesa poderia encontrar o pé de Genoveva, e que o pé continuaria a conversa muda e amorosa que a mão encetara.

Depois de assentados, Maurício via de lado Genoveva, que tinha ficado colocada entre a janela e ele; o cabelo preto apresentava um reflexo azulado como as asas de um corvo; estava corada, e com os olhos languidamente amorosos.

Maurício procurou e encontrou o pé de Genoveva. Buscou ler-lhe na fisionomia o efeito que produzira o primeiro contacto, e viu que havia corado e que logo em seguida se tornara pálida, porém o pezinho permaneceu pacificamente entre os dele.

Morand parecia ter resumido, com a casaca cor de peito de rola, o seu espírito dos *décadis*,

e a brilhante conversação que tanto espanto causava às vezes a Maurício, e a que só faltava a animação dos olhos, que os óculos verdes ocultavam.

Disse centos de loucuras sem se rir; o que dava realce aos gracejos de Morand, e um chiste extraordinário às suas lembranças repentinas, era a seriedade imperturbável que sabia conservar.

Aquele negociante, que tinha viajado tanto por causa dos negócios de pelames de toda a casta, desde as peles de pantera até às de coelho, aquele químico, que Maurício já vira com os braços tintos de vermelho, conhecia o Egipto como Heródoto, a África tão bem como Levillant, e o teatro italiano e os camarins das damas como qualquer janota.

– Mas com os demónios, cidadão Morand – disse Maurício – vejo que além de saber muito é também um grande sábio.

– Oh! Não admira, tenho visto muito e lido ainda mais – disse Morand – e demais, é preciso ir-me preparando a pouco e pouco para a vida de descanso e de prazer que tenciono levar logo que tenha adquirido fortuna. Já é tempo, cidadão Maurício, já é tempo!

– Ora essa – respondeu Maurício – está falando como um velho; que idade tem?

Morand sobressaltou-se com a pergunta, aliás tão natural.

– Tenho trinta e oito anos. Aí tem o resultado que tiro de ser um sábio, como me chamou, já não se me conhece a idade.

Genoveva desatou a rir, Maurício fez o mesmo; porém Morand apenas sorriu.

– Visto isso, tem viajado muito? – perguntou Maurício apertando o pé de Genoveva, que procurava imperceptivelmente retirá-lo de entre os seus.

– Passei parte da minha mocidade em terras estranhas – respondeu Morand.

– Deve ter visto, ou por melhor dizer, deve ter observado muita coisa – disse Maurício – porque um homem como o cidadão Morand, estou crente que não vê sem observar.

– É verdade; tenho visto muita coisa, e quase me atrevo a dizer que tenho visto tudo quanto há.

– Tudo, cidadão! É muito asseverar – respondeu Maurício rindo-se; – talvez, procurando bem...

– Ah! Sim, tem razão. Há duas coisas que nunca vi. Verdade seja que estas duas coisas se tornam de dia para dia cada vez mais raras.

– Que é? – perguntou Maurício.

– A primeira – respondeu Morand com muita seriedade, – é um Deus.

– Pois então – disse Maurício – na falta de Deus, cidadão Morand, poder-lhe-ei mostrar uma deusa.

– Como assim? – interrompeu Genoveva.

– Sim, uma deusa recentemente criada; a deusa Razão. Tenho um amigo de quem me tem ouvido falar às vezes, o meu caro e valente Lorin, óptimo moço que não tem senão um defeito, que é a mania de fazer quadras e trocadilhos.

– E depois?

– Depois, acaba de mimosar a cidade de Paris com uma deusa Razão muito bem acondicionada, e que mereceu geral aprovação. É a cidadã Artemísia, que foi dançarina do Teatro da Ópera e tem actualmente loja de perfumarias na rua Martin. Logo que deseje vê-la de perto, apresentá-lo-ei.

Morand agradeceu gravemente a Maurício com uma inclinação de cabeça e continuou:

– A outra coisa, é um rei.

– Oh! Isso há-de ser mais difícil – disse Genoveva com riso forçado; – já se acabou.

– Por que não tratou de ver o último? – disse Maurício – agora já não tem remédio.

– De sorte que – disse Morand – não me é possível formar idéia do que seja uma testa coroada; deve ser coisa muito triste.

– E é com efeito tristíssima – respondeu Maurício – eu posso afirmá-lo com conhecimento de causa, porque quase todos os meses vejo uma.

– Uma testa coroada? – perguntou Genoveva.
– Ou que, pelo menos – replicou Maurício – já suportou o incômodo e doloroso peso de uma coroa.

– Ah! Sim, a rainha – disse Morand; – tem razão, Sr. Maurício, deve ser um espectáculo bem triste...

– E é verdade ser ela tão formosa e soberba como por aí dizem? – perguntou Genoveva.

– Pois nunca a viu, minha senhora? – perguntou Maurício muito admirado.

– Eu? Nunca... – replicou Genoveva.

– Na verdade – disse Maurício – é célebre!

– Célebre por quê? – disse Genoveva; – vivi na província até 1791; desde então para cá tenho vivido na rua Velha de Saint-Jacques, que muito se parece com a província, com a diferença que aqui nunca se vê o Sol, e há menos ar e menos flores; sabe a vida que levo, cidadão Maurício, sempre tem sido a mesma; como era possível que eu visse a rainha? Nunca se ofereceu ocasião para isso.

– E penso que não terá desejo de aproveitar a que talvez se lhe ofereça em breve – disse Maurício.

– Que pretende dizer? – perguntou Genoveva.

– O cidadão Maurício – replicou Morand – alude a uma coisa que já não é segredo.

– Que é? – perguntou Genoveva.

– Há probabilidade da condenação de Maria Antonieta e de se efectuar a sua morte no mesmo cadafalso em que morreu o marido. O cidadão quer dizer finalmente que decerto não a quererá ver sair do Templo para ser conduzida à praça da Revolução.

– Oh! Por certo que não! – exclamou Genoveva ao ouvir estas palavras, que Morand proferira com o maior sangue frio.

– Pois então renuncie a vê-la – prosseguiu o químico sempre impassível – porque a *Austríaca* está bem guardada, e a república é uma fada que torna invisível quem quer.

– Confesso, todavia – disse Genoveva – que sempre teria a minha curiosidade de ver aquela pobre mulher.

– Ora diga-me – perguntou Maurício, sempre pronto a satisfazer os menores desejos de Genoveva – realmente deseja isso muito? Se assim é, pronuncie uma palavra e a república será uma fada, visto que o cidadão Morand o diz: porém eu, na minha qualidade de membro da municipalidade, sou uma espécie de feiticeiro.

– E poderia fazer com que eu visse a rainha? – exclamou Genoveva.

– Decerto posso.

– E de que maneira? – perguntou Morand fazendo a Genoveva um sinal significativo, em que o mancebo não reparou.

– É muito simples – disse Maurício. – Há alguns membros da municipalidade de quem se desconfia, porém eu, que tenho dado prova da minha adesão à causa da liberdade, não sou desse número. Além de que, a entrada do Templo depende conjuntamente dos membros da municipalidade e dos comandantes da força. Ora sucede que no dia em que tenho de entrar de serviço, também lá há-de estar o meu amigo Lorin, que julgo destinado a substituir um dia o general Santerre, pois no espaço de três meses tem galgado do posto de cabo de esquadra ao de tenente ajudante. Portanto, se quiser, vá ter comigo ao Templo no dia em que eu entrar de guarda, isto é, quinta-feira que vem.

– Então – disse Morand – está cumprido o desejo. Que mais quer?

– Oh! Não, não – disse Genoveva – não aceito.

– Por que razão? – perguntou Maurício, que tinha empenho em que se verificasse aquela visita ao Templo, porque era o meio de ver Genoveva num dia em que lhe era forçoso privar-se de tamanha felicidade.

– Porque – respondeu Genoveva – talvez lhe ocasionasse, meu caro Sr. Maurício, algum conflito desagradável, e não quero por forma alguma concorrer para que tenha um desgosto

qualquer para satisfazer uma simples curiosidade minha.

– Disse muito bem, Genoveva – interrompeu Morand. – Hoje em dia desconfia-se de todos, e os melhores patriotas podem tornar-se suspeitos! Renuncie a semelhante projecto que na verdade não passa de uma curiosidade frívola.

– Parece-me que é por inveja que assim fala, Morand, e como nunca viu nem rainha, nem rei, não quer que os outros os vejam. Em lugar de discutir, acompanhe-me na digressão.

– Eul! Por minha fé que não.

– Já não é a cidadã Dixmer que deseja ir ao Templo – disse Maurício – sou eu que lhe peço, e ao senhor também, que me façam uma visita para distrair um pobre preso, pois logo que passo daquele portão para dentro, fico, posto que seja por vinte e quatro horas, tão realmente preso como se fora rei ou príncipe.

E em seguida apertando o pé de Genoveva, continuou:

– Vá, peço-lho eu.

– Ora vamos, Morand – disse Genoveva – decide-se a acompanhar-me?

– É um dia que perco – respondeu Morand – e para quem está contando as horas para deixar a vida do comércio, o tempo é precioso...

– Pois então não irei – disse Genoveva.

– Por quê? – perguntou Morand.

– Por uma razão muito evidente – replicou Genoveva; – porque não posso contar com meu marido para me acompanhar, e se não vier comigo, o senhor, que é um homem sério, e já com os seus trinta e oito anos, eu só não me atrevo a ir arrostar com sentinelas de artilheiros, de granadeiros e de caçadores, para procurar um membro da municipalidade, que apenas tem mais três ou quatro anos do que eu.

– Nesse caso – disse Morand – já que à cidadã lhe parece indispensável a minha presença...

– Vamos, vamos, cidadão sábio, seja amável como se fosse simplesmente um homem como os outros – disse Maurício –, e sacrifique metade de um dia à esposa de um amigo seu.

– Agora – continuou Maurício – só lhes peço uma coisa, que é discrição. Uma visita ao Templo é um acto muito suspeito, e a menor irregularidade que viesse a resultar de semelhante visita bastaria para nos levar todos direitinhos à guilhotina. Os jacobinos não são gente com quem se brinque! Bem sabem como eles trataram os girondinos.

– Com os demónios! – exclamou Morand – as reflexões que faz o cidadão Maurício são de muito peso; declaro que não me agradaria muito retirar-me da vida do comércio por tal maneira.

– Não ouviu – replicou Genoveva sorrindo-se – que o cidadão Maurício disse *todos*?

– Todos?!

– Sim, todos juntos.

– Não há dúvida – respondeu Morand – a sociedade havia de ser divertida, porém eu, minha bela sentimental, antes quero viver do que morrer na sua companhia.

– Onde teria eu o juízo – pensou Maurício – quando me persuadi de que este homem tinha amor a Genoveva?

– Muito bem, está tudo convencionado – prosseguiu Genoveva; – olhe, Morand, é com o senhor que estou falando, homem distraído e meditabundo, lembre-se que o ajuste é para quinta-feira; veja, pois, não se lembre na quarta-feira à noite de empreender alguma experiência química, que o detenha durante vinte e quatro horas como às vezes sucede.

– Fique descansada – disse Morand; – e demais, daqui até lá é favor lembrar-me de vez em quando.

Genoveva levantou-se da mesa, Maurício imitou-a; Morand ia para se levantar também e acompanhá-los talvez, quando entrou um dos operários, que vinha entregar-lhe um frasquinho cheio de um líquido, que passou a examinar com a maior atenção.

– Vamos depressa – disse Maurício para Genoveva, ao sair da casa de jantar.

– Oh! Não há que recluir – respondeu ela; – tem divertimento para uma hora, pelo menos.

E dizendo isto, abandonou-lhe a mão, que ele apertou ternamente. Ela sentia remorsos da traição que lhe fizera, e para minorá-los queria dar-lhe alguns instantes de felicidade.

– Veja – disse ela ao atravessar o jardim, e mostrando a Maurício a caixa de mogno com os cravos, que tinham sido postos ao ar para ver se era possível ressuscitá-los – veja, morreram as minhas flores.

– E quem as matou? Foi o seu descuido – disse Maurício; – pobres cravos!

– Não foi o meu descuido, foi o seu abandono, meu caro.

– Mas, mui pouca coisa bastaria para os animar; uma gota de água, nada mais; durante a minha ausência não lhe faltou decerto tempo para tratar deles.

– Ai – disse Genoveva – se fosse possível regar flores com lágrimas, os meus pobres cravos não estariam murchos.

Maurício envolveu-a nos braços, puxou-a rapidamente para si, e primeiro que ela tivesse tempo de se defender, já ele tinha beijado os olhos que estavam contemplando a caixa devastada.

Genoveva sentia-se tão culpada para com ele, que não teve remédio senão mostrar-se indulgente.

Já era tarde quando voltou Dixmer, e veio achar Morand, Genoveva e Maurício no jardim, conversando em botânica.

III

A ramalheteira

Chegou finalmente a desejada quinta-feira, em que Maurício entrava de serviço.

Tinha começado o mês de Junho. O Céu apresentava uma cor de azul carregado, e esta tinta sombria fazia sobressair a alvura das casas novamente caiadas.

Já se ia conhecendo a aproximação do cão temível que os antigos representavam como devorado continuamente por uma sede, que nada podia saciar, e que, segundo dizem os parisienses da plebe, lambe tão perfeitamente as ruas. Paris estava pois limpa como uma alcatifa, e os perfumes caídos do ar, exalados das árvores, emanados das flores, giravam na atmosfera, embriagando os sentidos, como para disfarçar por alguns instantes o vapor de sangue, que fumegava sem cessar nas praças da capital.

Maurício devia entrar para o Templo às nove horas; os seus dois colegas eram Mercevault e Agrícola.

Às oito já ele estava na rua Velha de Saint-Jacques com o seu distintivo de cidadão municipal, que era uma faixa tricolor atada à roda da cintura; tinha ido até casa de Genoveva a cavalo, como sempre costumava, e durante o trânsito tinha recebido testemunhos insuspeitos de admiração das dignas patriotas, que o viam passar.

Genoveva estava pronta; tinha vestido um simples roupão de cassa, uma espécie de manto de tafetá mui leve, e uma touquinha enfeitada com um laço tricolor. Apesar deste vestuário tão singelo, estava resplandecente de formosura.

Morand, que a muito custo se tinha resolvido a acompanhar o rancho, como já vimos, estava vestido com o seu fato de todos os dias, que era um termo médio entre o traje burguês e o de artista, e isto provavelmente pelo receio de se tornar suspeito de aristocrata.

Acabava de chegar de fora naquele instante, e mostrava na fisionomia sinais evidentes de grande cansaço.

Afirmou ter trabalhado toda a noite para concluir uma obra de grande urgência.

Dixmer saíra apenas o seu amigo Morand voltara de casa.

– Então – perguntou Genoveva – diga o que resolveu, cidadão Maurício? De que maneira conseguiremos ver a rainha?

– Ouça-me – respondeu Maurício – já formei o meu plano. Chego consigo ao Templo, e entrego-os ao cuidado do meu amigo Lorin, que é quem transmite as ordens à guarda. Em seguida vou colocar-me no meu posto, e quando for ocasião venho buscá-los.

– Mas – perguntou Morand; – onde poderemos nós ver as presas e como as veremos?

– Durante o almoço, ou o jantar, se quiserem, pela porta de vidraça dos membros da municipalidade.

– Muito bem – disse Morand.

E dizendo estas palavras, viu Maurício que Morand foi a um armário e vazou um copo de vinho, que bebeu apressadamente. Ficou admirado, porque sabia que Morand era excessivamente sóbrio e não bebia usualmente vinho sem água.

Genoveva percebeu que Maurício olhava para ele com espanto.

– Aquele desgraçado Morand – disse ela – mata-se com trabalho. Estava capaz de apostar que ainda não comeu desde ontem de manhã.

– Então não juntou aqui? – perguntou Maurício.

– Não, anda fazendo experiências fora de casa.

Esta advertência de Genoveva era trabalho escusado. Maurício, como verdadeiro amante, isto é, como egoísta, apenas havia prestado à acção de Morand a atenção superficial com que um homem apaixonado observa tudo que não diz respeito à mulher de quem gosta.

Morand, depois do copo de vinho, cortou uma fatia de pão, que num instante engoliu.

– Agora – disse ele depois de acabar de comer – estou pronto, meu caro cidadão Maurício; partiremos quando determinar.

Maurício, que estava entretido em desfolhar os pistilos ressequidos de um cravo murcho, que de passagem apanhara, apresentou o braço a Genoveva, dizendo:

– Vamos lá.

Saíram com efeito. Maurício quase não cabia em si de contente, e com dificuldade se continha para não dar expansão à felicidade que sentia.

Na realidade, que mais poderia desejar? Não só ela não gostava de Morand, e disso tinha toda a certeza, senão pelo contrário tinha-lhe amor a ele, pelo menos assim o esperava.

Deus tinha presenteado a terra com um dia lindo. O braço de Genoveva descansava no dele, e os cegos, apregoando com grande vozeria o triunfo dos jacobinos e a queda de Brissot e dos seus cúmplices, anunciavam que estava salva a pátria.

Há na verdade instantes da nossa vida em que o coração humano não pode, por demasiado pequeno, conter em si a alegria ou a dor que nele se concentra.

– Que belo dia! – exclamou Morand.

Maurício olhou para ele admirado; era a primeira vez que via aquele ente, sempre distraído e pensativo, dar largas a um impulso do coração.

– É deveras belíssimo – disse Genoveva carregando no braço de Maurício. – Possa ele durar até à noite puro e sem nuvens como está neste momento!

Maurício tomou estas palavras como ditas para ele, e julgou-se ainda mais feliz.

Morand olhou para Genoveva através dos seus óculos verdes com uma expressão singular de gratidão; era porque talvez também tivesse aplicado a si as palavras que ela proferira.

Atravessaram desta sorte a ponte pequena, a rua da Judiaria, e a ponte de Nossa Senhora; tomaram depois pelo largo do palácio da municipalidade, pela rua Barre-du-Bec e péla de Saint-Avoye.

À medida que iam andando, Maurício caminhava mais ligeiro; os seus dois companheiros, pelo contrário, iam demorando o passo cada vez mais.

Tinham chegado à esquina da rua das Vieilles Haudriettes, quando de repente uma ramalheteira lhes tolheu o passo, apresentando-lhes um cesto carregado de flores.

– Oh! Que magníficos cravos! – exclamou Maurício.

– É verdade que muito lindos são! – disse Genoveva. – Quem os cultivou não tinha por certo nada que o preocupasse, porque estes não murcharam.

Estas palavras foram reflectir agradavelmente no coração do mancebo.

– Ah! Meu guapo municipal – disse a ramalheteira – compra um ramallete para essa cidadã tão formosa. Está vestida de branco, aqui tens cravos vermelhos muito bonitos; o branco e o vermelho são duas cores que se ligam muito bem; o ramallete será para ela colocar junto ao coração, e como o coração dela está tão chegado à tua casaca azul, assim ficarão reunidas as três cores nacionais.

A ramalheteira era moça e bonita; disse este cumprimento com muita graça, e demais a mais tinha acertado tão admiravelmente na escolha de tal cumprimento, que nem de propósito teria sido mais bem adaptado às circunstâncias.

Além de que, as flores que ela oferecia eram quase simbólicas, por serem cravos semelhantes aos que tinham murchado na caixa de mogno.

– Sim, – disse Maurício – vou comprá-los por serem cravos, percebes-me? Detesto todas as outras flores.

– Ora Maurício – disse Genoveva – é escusado comprá-los; tenho tantos lá no jardim!

Apesar porém da recusa que os lábios proferiram, os olhos de Genoveva estavam dizendo que desejava deveras o ramallete.

Maurício pegou no mais farto de todos, que era justamente o que lhe oferecia a bonita vendedeira de flores.

Constava de vinte cravos de cor escarlata, que exalavam um cheiro acre e suave ao mesmo tempo. No centro e sobranceiro aos mais, como um rei, aparecia um cravo de tamanho descomunal.

– Toma lá – disse Maurício para a vendedeira, atirando para o cesto com um assinado de cinco francos; – toma lá, isto é para ti.

– Muito obrigado, guapo municipal – disse a ramalheteira; – cinco vezes obrigada!

E logo se dirigiu para outro grupo de cidadãos, esperando provavelmente que um dia começado debaixo de tão felizes auspícios lhe havia de trazer bons lucros.

Durante esta cena, que aparentemente era muito simples, e que apenas havia durado alguns segundos, Morand parecia cambalear e limpava o suor da testa, e Genoveva estava pálida e trémula.

Apertou convulsivamente com a encantadora mão o ramallete apresentado por Maurício, e levou-o logo ao rosto, não tanto para respirar o cheiro que ele exalava, como para disfarçar a agitação que dela se apoderara.

Andaram alegremente o resto do caminho, isto é, pelo que dizia respeito a Maurício, pois a alegria de Genoveva parecia contrafeita.

Morand, porém, mostrava o seu contentamento de um modo muito célebre; eram suspiros abafados, gargalhadas estrepitosas e motejos pesadíssimos dirigidos indistintamente aos indivíduos que topava.

Eram nove horas quando chegaram ao Templo.

Santerre estava fazendo a chamada dos membros da municipalidade.

– Eis-me aqui – gritou Maurício, entregando Genoveva ao cuidado de Morand.

– Ah! Bem-vindo sejas – disse Santerre estendendo a mão ao mancebo.

Maurício apertou imediatamente a mão que se lhe oferecia.

A amizade de Santerre era por certo uma das mais valiosas daquela época.

Genoveva arrepiou-se e Morand tornou-se pálido, quando viram o homem que tinha ordenado o célebre rufo de tambores.

– Quem é aquela linda cidadã – perguntou Santerre a Maurício – e que vem ela aqui fazer?

– É a mulher do honrado cidadão Dixmer; nunca ouviu falar do valente patriota, cidadão general?

– Sim, sim – respondeu Santerre – é um fabricante de curtumes, capitão de atiradores na legião Vítor.

– Isso mesmo.
– Bom! Bom! Por minha fé que é bonita mulher. E aquela espécie de mono que lhe dá o braço?

– É o cidadão Morand, sócio do marido e soldado da companhia de Dixmer.

Santerre aproximou-se de Genoveva e disse com galanteria.

– Muito bons-dias, cidadã.

Genoveva fez um esforço sobre-humano e respondeu sorrindo:

– Muito bons-dias, cidadão general.

Santerre ficou por extremo lisonjeado com o sorriso, e com o título que lhe deram.

– E que vens tu fazer aqui, linda patriota? – prosseguiu Santerre.

– A cidadã – replicou Maurício – nunca viu a viúva Capeto e desejava vê-la.

– Sim – disse Santerre – quer vê-la antes que...

E rematou a frase com um gesto atroz.

– Tal qual – respondeu Maurício friamente.

– Bem – disse Santerre; – só te recomendo que te arranjes de modo que não a vejam entrar na Torre, porque seria dar mau exemplo: estou certo de que não hás-de cometer imprudências.

Santerre apertou outra vez a mão de Maurício, fez com a cabeça um aceno amigável e protector dirigido a Genoveva, e foi tratar de cumprir outros deveres que lhe competia.

Depois de terem presenciado numerosas evoluções de granadeiros e de caçadores, e algumas manobras de artilharia, com o fim de incutir nos ânimos da vizinhança um terror salutar, Maurício deu novamente o braço a Genoveva, e seguido de Morand caminhou para o corpo da guarda, em frente do qual estava Lorin, esgançando-se a comandar o exercício do seu batalhão.

– Bom! – exclamou ele – aí vem o Maurício. Safa! Que traz consigo uma mulher que não me parece má. Dar-se-á o caso que aquele sonsinho queira apresentar uma opositora à minha deusa Razão? Se assim for, estás perdida, pobre Artemísia!

– Então ficamos aqui, cidadão ajudante! – perguntou um capitão.

– Ah! É verdade! Sentido! – bradou Lorin – ombros esquerdos, frente... Bons-dias, Maurício; ordinário... Marche!

Os tambores rufaram, as companhias desfilarão para ir ocupar as suas posições respectivas, e logo que acabou esta manobra, Lorin foi ter com Maurício.

Tiveram então lugar os primeiros cumprimentos entre eles.

Maurício apresentou Lorin a Genoveva e ao cidadão Morand.

Feito isto, começaram as explicações.

– Sim, sim, percebo – disse Lorin; – queres que o cidadão e a cidadã possam entrar na Torre; é coisa fácilíssima; vou mandar postar as sentinelas, e vou dizer-lhes que te deixem entrar com a tua comitiva.

Daí a dez minutos, Genoveva e Morand entraram na companhia dos membros da municipalidade e foram colocar-se por detrás da porta de vidraça.

IV

Rompimento

A rainha acabava de erguer-se naquele instante. Havia dois ou três dias que estava adoentada, e por esse motivo se demorava na cama até mais tarde do que costumava. Contudo, tendo ouvido dizer à cunhada que o dia estava lindo, quis levar a filha a tomar ar, e para isso mandou pedir licença para passear no terraço, o que logo lhe foi concedido sem dificuldade.

Havia ainda outra razão oculta, que a induzia a subir à Torre. Uma vez, uma única vez apenas, tinha avistado do alto da plataforma o filho, que andava brincando no jardim. Porém, logo ao primeiro aceno que a mãe lhe fizera, Simão entrepusera-se e levava para dentro o menino.

Mas não importava, vira-o e já era muito. O pobre inocente cativo estava na verdade muito pálido e muito mudado. Além disso estava vestido como um rapaz do povo, com uma carmanhola e de calças grossas. Porém não lhe tinham cortado o bonito cabelo louro e anelado, que lhe figurava de roda da cabeça uma auréola, que Deus conservou sem dúvida no Céu àquela criança mártir.

Que alegria para aquele coração de mãe, se ela pudesse tornar a ver o filho uma única vez que fosse!

Havia mais outro motivo ainda.

– Minha irmã – tinha dito a princesa Isabel – achamos, como sabe, no corredor uma palhinha arrumada ao canto da parede, conforme a linguagem dos nossos sinais, isto quer dizer que estejamos alerta e que está próximo um amigo nosso.

– É verdade – tinha respondido a rainha, a qual, se bem que não tivesse fé nas esperanças que nutriam a cunhada e a filha, tratava contudo de não as desanimar.

Depois de preenchidas as formalidades do serviço, Maurício, que a sorte designara para a guarda do dia, dando aos membros da municipalidade Agrícola e Mercevault a da noite, ficou investido do mando no interior da torre do Templo.

Os membros da municipalidade, que tinham sido rendidos, já tinham saído, depois de haverem entregado ao conselho do Templo a parte da guarda.

– Ora bons-dias, cidadão municipal – disse a mulher Tison apresentando-se a Maurício para o cumprimentar – pelo que vejo trouxe companhia consigo para lhe mostrar as nossas pombinhas? Só eu, por minha infelicidade, estou condenada a não tornar a ver a minha pobre Heloísa!

– São amigos meus – respondeu Maurício – que nunca viram a viúva Capeto.

– Pois então ficarão aqui muito bem colocados por detrás desta vidraça.

– Não há dúvida – disse Morand.

– Sim – disse Genoveva – vamos figurar de gente bárbara, que vem presenciar por fora dos varões de uma grade os tormentos de um pobre preso.

– Porque não colocou antes os seus amigos no caminho da plataforma da Torre, visto que a viúva vai lá passear hoje com a irmã e com a filha, porque a ela deixaram-lhe ficar a filha, ao passo que a mim, que não sou criminosa, privaram-me da minha! Oh! Estes aristocratas! Por mais que se faça, sempre para eles há-de haver favores, cidadão Maurício.

– Deixaram-lhe a filha, é verdade, mas tiraram-lhe o filho – respondeu este.

– Ah! Se eu tivesse um filho – murmurou a carcereira – parece-me que não havia de ter tantas saudades da minha filha.

Genoveva e Morand tinham feito alguns sinais um para o outro durante esta conversa.

– Meu amigo – disse Genoveva para Maurício – a cidadã tem razão. Se nos colocasse no caminho por onde há-de passar Maria Antonieta, antes quisera isso do que estar a vê-la daqui. Repugna-me espreitar assim alguém, parece-me isto uma acção humilhante tanto para quem a pratica como para quem é vítima dela.

– Boa Genoveva – exclamou Maurício – como é delicada!

– Ah! Com os diabos – gritou um dos dois colegas de Maurício, que estava na ante-sala almoçando salsichas com pão – se estivesse presa e a viúva Capeto tivesse curiosidade de vê-la não havia de estar com tanta cerimónia, a patifa!

Genoveva virou-se rapidamente para Morand para observar o efeito que estas injúrias produziam nele. Morand estremeceu, os olhos relampejaram, fechou os punhos, mas tudo isto foi obra de um instante, e aqueles sinais de furor desapareceram tão depressa, que ninguém reparou neles.

– Como se chama aquele membro da municipalidade? – perguntou ela a Maurício.

– É o cidadão Mercevault – respondeu o mancebo; – e depois acrescentou, como para desculpar a sua grosseria: “É um mestre canteiro”.

Mercevault ouviu estas palavras, e olhou de revés para Maurício.

– Vamos! Vamos! – disse a mulher de Tison – acaba de comer as salsichas e bebe este vinho, para eu levantar a mesa.

– Olha, por vontade da *Austríaca* não estaria eu agora almoçando aqui, rosnou o membro; se no dia 10 de Agosto ela tivesse podido concorrer para a minha morte, tê-lo-ia feito com muito gosto; mas também no dia em que lhe cortarem a cabeça, lá hei-de estar a ver o espectáculo na primeira fila, e firme como um rochedo.

Morand tornou-se pálido como um defunto.

– Venha daí, cidadão Maurício – disse Genoveva; – vamos para o lugar que nos prometeu; aqui parece-me que também estou presa, falta-me o ar.

Maurício, saiu, levando consigo Morand e Genoveva; as sentinelas, que já tinham sido avisadas por Lorin, deixaram-nos passar sem dificuldade.

Foi colocá-los num corredor pequeno no andar superior, de forma que na ocasião em que a rainha, a princesa Isabel e a princesa real subissem à galeria, haviam as augustas cativas de passar forçosamente em frente deles.

Como o passeio havia de realizar-se às dez horas e apenas faltavam alguns minutos, Maurício não só ficou acompanhando os seus amigos, mas até levou consigo o cidadão Agrícola, para que não pudesse haver a menor desconfiança acerca deste seu procedimento, algum tanto ilegal.

Deram finalmente as dez horas.

– Abra! – bradou à entrada da torre uma voz, que Maurício conheceu ser a do general Santerre.

Imediatamente chegou a guarda às armas, fecharam-se as grades de ferro, e as sentinelas apresentaram armas. Houve então em toda a torre um ruído de ferro, de chaves e de passos, que pareceu causar grande impressão em Morand e Genoveva, pois Maurício percebeu que ambos tinham empalidecido.

– Tanta cautela para guardar três mulheres! – murmurou Genoveva.

– Sim – disse Morand fingindo rir-se. – Se as pessoas, que têm feito tentativas para as tirar daqui, tivessem visto o que estamos presenciando, nunca teriam sonhado em tal.

– E na verdade – disse Genoveva – já vou acreditando que não poderão fugir daqui.

– Assim o espero – respondeu Maurício.

E logo debruçando-se sobre o corrimão da escada, disse:

– Sentido! Aí vêm as presas.

– Diga-me os nomes – disse Genoveva – porque eu não as conheço.

– As duas que vêm subindo adiante são a irmã e a filha de Capeto. A última, que traz consigo um cãozinho, é Maria Antonieta.

Genoveva deu um passo em frente. Porém, Morand, em vez de olhar coseu-se com a parede.

Tinha os beiços brancos como a cal da parede.

Genoveva, com o seu vestuário branco e lindos olhos tão puros, parecia um anjo, que estava à espera das presas para guiar no seu trânsito doloroso e consolá-las de passagem.

A princesa Isabel e a princesa real passaram, depois de terem olhado com admiração para o grupo: a primeira pensou provavelmente que eram estas as pessoas a que se referiram os sinais, pois voltou-se de repente para a princesa real e apertou-lhe a mão, deixando cair ao mesmo tempo o lenço, a fim de prevenir a rainha.

– Tome sentido, minha irmã – disse ela – que me escapou o lenço da mão.

E continuou a subir com a jovem princesa.

A rainha abaixou-se para apanhar o lenço, que lhe tinha caído aos pés, mas primeiro que ela lhe chegasse com a mão, o cãozinho apanhou-o, e foi a correr levá-lo à princesa Isabel.

A rainha continuou a subir, e no fim de alguns degraus deu também com Genoveva, Morand e o jovem membro da municipalidade.

– Oh! Que flores tão bonitas – disse ela: – há muito tempo que estou privada desse gozo.

Que cheiro tão bom, e quanto é feliz por poder possuir flores, minha senhora.

Genoveva, com a prontidão do pensamento formulado nestas palavras tão tristes, estendeu a mão para oferecer o ramalhete à rainha. Maria Antonieta então levantou a cabeça para a encarar, e um rubor quase imperceptível lhe assomou ao pálido rosto.

Porém Maurício, por um movimento natural, proveniente do costume da obediência passiva ao regulamento, estendeu também a mão para deter o braço de Genoveva.

A rainha, vendo isto, hesitou, e olhando para Maurício conheceu que era o jovem membro que já por vezes lhe tinha falado com severidade, mas sem nunca lhe faltar ao respeito.

– Também isto é proibido? – perguntou ela.

– Não, não, minha senhora – respondeu Maurício.

Genoveva pode oferecer o seu ramalhete.

– Oh! Obrigada, muito obrigada! – exclamou a rainha, mostrando-se agradecida.

E cortejando Genoveva com afabilidade, Maria Antonieta estendeu a emagrecida mão, e tirou ao acaso um cravo do meio do ramalhete.

– Aceite-as todas, minha senhora, digne-se aceitá-las, disse Genoveva timidamente.

– Não – respondeu a rainha com um sorriso encantador – este ramalhete foi-lhe dado talvez por alguém que muito estima, não quero privá-la dele.

Genoveva corou um pouco, e a rainha sorriu novamente ao vê-la corar.

– Ora vamos! Cidadã Capeto – disse Agrícola – siga o seu caminho.

A rainha cortejou outra vez, e continuou a subir; porém, antes de desaparecer, olhou para trás, murmurando estas palavras:

– Que cheiro tão bom que tem este cravo e que bonita é aquela mulher!

– Ela não me viu – disse Morand, que, tendo ficado quase de joelhos na penumbra do corredor, não tinha efectivamente dado na vista à rainha.

– Mas o senhor viu-a, e Genoveva também, não é assim? – perguntou Maurício satisfeito de ter tido ocasião de fazer a vontade aos seus amigos e de obsequiar ao mesmo tempo a pobre presa, condescendendo com o seu inocente desejo.

– Oh! Sim, sim – respondeu Genoveva – vi-a muito bem, e agora, ainda que eu viva cem anos, sempre hei-de vê-la na minha imaginação.

– E que tal lhe pareceu?

– Muito formosa.

– E o senhor, que diz, cidadão Morand?

Este juntou as mãos sem responder.

– Dar-se-á o caso que Morand esteja namorado da rainha? – disse Maurício rindo, de modo que só Genoveva o ouvisse.

Genoveva sobressaltou-se; mas logo tornou a si e respondeu, rindo-se também:

– Na verdade, assim parece.

– Então, Morand – prosseguiu Maurício – não quer dizer-me que tal lhe pareceu?

– Achei-a muito pálida – respondeu ele.

Maurício deu o braço a Genoveva, para descerem ao pátio. Quando iam na escada, que era sombria, pareceu-lhe que Genoveva lhe tinha beijado a mão.

– Genoveva – disse Maurício – que quer dizer isso que acaba de fazer?

– Quer dizer que me hei-de lembrar toda a vida, que para satisfazer um desejo meu, arriscou a sua cabeça.

– Oh! – respondeu Maurício – é muita exageração, Genoveva. E demais, não é a gratidão, como bem sabe, o sentimento que pretendo inspirar-lhe.

Genoveva apertou-lhe levemente o braço.

Morand seguiu-os a custo, pois ia tropeçando pela escada.

Chegaram enfim ao pátio. Lorin foi reconhecer as duas visitas e acompanhou-as até à porta do Templo.

Genoveva, porém, antes de se despedir de Maurício, quis que ele lhe promettesse que no

dia seguinte jantaria na sua companhia.

V

Simão, o censor

Maurício voltou para o seu posto com o coração trasbordando de contentamento, e ao entrar deu com a mulher Tison lavada em lágrimas.

– Quem foi que lhe fez mal? – perguntou ele.

– Estou furiosa! – respondeu a carcereira.

– Por quê?

– Porque não vejo praticar senão injustiças para com a gente pobre.

– Mas enfim?...

– O cidadão é rico: é burguês, vem aqui estar um dia apenas, e assim mesmo concedem-lhe licença para que venham visitá-lo raparigas bonitas, que oferecem ramalhetes à *Austríaca* ao passo que eu, que estou encaixada perpetuamente nesta toca, tenho proibição de ver a minha pobre Heloísa.

Maurício meteu-lhe na mão um assinado de dez francos.

– Aqui tem, boa Tison – disse ele – arrecade isto e tenha ânimo. A *Austríaca*, se Deus quiser, não há-de viver eternamente!

– Um assinado de dez francos – exclamou a carcereira – é um mimo muito apreciável. Contudo eu antes quisera um papelote, que tivesse servido à minha pobre filha.

Simão que vinha subindo, ouviu estas palavras da carcereira, e viu-a meter na algibeira o assinado que Maurício lhe dera.

Simão vinha do pátio, onde tinha encontrado Lorin. Os dois homens antipatizavam decididamente um com o outro.

A antipatia, que havia entre eles não era motivada unicamente pela cena de violência, que já contamos aos nossos leitores; era ocasionada principalmente pela diferença de raça, origem eterna das inimizades e das simpatias a que chamam mistérios, e que têm contudo causa tão evidente.

Simão era um homem feio; Lorin era bonito. Simão andava muito sujo; Lorin andava sempre asseado. Simão era um republicano fanfarrão; Lorin era um patriota entusiasta, que não se tinha poupado a sacrifício algum em favor da revolução; além disso, o instinto de Simão deixava muito bem adivinhar que, dado o caso de chegarem às mãos, o janota Lorin havia de mimoseá-lo com um castigo público, aplicado com tanta elegância como Maurício lho fizera.

Simão, quando avistou Lorin, parou e tornou-se fulo de raiva.

– Pelo que vejo, temos este batalhão outra vez de guarda aqui – rosnou ele.

– E então que tens que lhe dizer? – perguntou um granadeiro, a quem o dito desagradou – parece-me que este batalhão é tão bom como outro qualquer.

Simão tirou um lápis da algibeira da carmanhola e fingiu que tomava nota numa folha de papel quase tão enxovalhada como as mãos que a seguravam.

– Olé! – disse Lorin – tens aprendido a escrever, amigo Simão, desde que foste nomeado mestre do Capeto? Então não querem ver, está tomando nota do que digo; é Simão, o *censor*.

Os guardas nacionais que eram quase todos rapazes bem educados, desataram numa gargalhada geral, que tornou furioso o miserável remendão.

– Bom, bom – disse ele rangendo os dentes e enfiado de raiva – dizem que deixaste entrar pessoas estranhas na torre, sem licença da municipalidade. Vou já no mesmo instante dar uma nota de ti ao membro da municipalidade de serviço.

– Pois vai, porque esse ao menos sabe escrever – respondeu Lorin; – sabes quem é, vil Simão? É Maurício que tu bem conheces, Maurício que tem a mão tão pesada, lembra-te?

Era neste mesmo instante que saía Morand com Genoveva.

Simão, logo que os viu, correu para a torre, e chegou acima, como já dissemos, na ocasião em que Maurício dava à mulher Tison um *assinado* de dez francos, para a consolar.

Maurício não fez caso do miserável sapateiro, de quem costumava afastar-se instintivamente sempre que o encontrava, como se fora um réptil nojento e venenoso.

– Ora anda cá! – disse Simão para a mulher Tison, que ainda estava enxugando os olhos com o avental; – queres por força ir parar à guilhotina?

– Eu? – perguntou a mulher Tison – porque dizes tu isso.

– Por quê? Nega, se podes, que recebeste dinheiro dos membros da municipalidade para deixares entrar os aristocratas que vieram visitar a *Austríaca*.

– Eu! – disse a mulher Tison – cala-te, estás louco.

– Não me há-de esquecer essa particularidade no meu relatório – disse Simão enfaticamente.

– Não tem dúvida, pois eram pessoas do conhecimento do membro da municipalidade, Maurício, que é um dos melhores patriotas de Paris.

– Eram conspiradores, digo-to eu; demais, eu darei conta à municipalidade, e ela ajuizará.

– Visto isso, vais denunciar-me, vil espião?

– Vou, sim, se tu não preferires denunciar-te a ti própria, ouviste Tison?

– Mas que hei-de eu denunciar? Quem pretendes tu que eu denuncie?

– Quero que digas o que se passou.

– Como é isso possível, senão houve novidade?

– Onde estavam os aristocratas?

– Ali na escada.

– Quando a viúva Capeto subiu à torre?

– Sim.

– E falaram-lhe?

– Disseram-lhe duas ou três palavras.

– Duas ou três palavras, aí tens! E demais, cheira-me aqui a aristocracia.

– O cheiro que aqui está é de cravo.

– De cravo? Onde veio este cheiro de cravo!

– De um ramalhete que a cidadã tinha na mão.

– Qual cidadã?

– A que esteve vendo passar a rainha.

– Olha! Aí estás tu dizendo a *rainha*, mulher Tison; a sociedade com os aristocratas vai-te deitando a perder. Então que é isto que eu estou pisando? – prosseguiu Simão, abaixando-se.

– O que há-de ser? – disse a mulher Tison, é uma flor, um cravo! Caiu provavelmente da mão da cidadã Dixmer, na ocasião em que Maria Antonieta tirou um do ramalhete.

– A mulher do Capeto tirou uma flor do ramalhete da cidadã Dixmer? – perguntou Simão.

– Sim, e fui eu próprio quem lho dei, percebes? – disse com voz ameaçadora Maurício, que tinha estado a ouvir a conversa e já ia perdendo a paciência.

– Muito bem, muito bem, eu cá me entendo, e sei o que digo – rosnou Simão, apanhando o cravo, que havia calcado com o imenso pé.

– E eu – respondeu Maurício – entendo uma coisa, e vou dizer-te o que é: não tens que fazer aqui na torre; o teu lugar de carrasco é lá em baixo ao pé do pequenino Capeto: contudo não lhe baterás hoje, porque estou eu aqui e proíbo-te que lhe toques.

– Ah! Estás ameaçando-me, chamas-me carrasco – gritou Simão esmagando a flor entre os dedos; – pois bem, veremos se é lícito aos aristocratas... Então! Que história é esta?

– O quê? – perguntou Maurício.

– Isto que estou sentindo aqui no cravo. Ah! Ah! vamos a ver.

E logo à vista de Maurício, que ficou espantado, Simão tirou do cálix da flor um papelinho cuidadosamente enrolado, que tinha sido introduzido engenhosamente no centro da

flor.

– Oh! – exclamou Maurício também – que é isto, meu Deus!

– Em breve o saberemos, em breve o saberemos – disse Simão aproximando-se de uma fresta. – Ah! O teu amigo Lorin diz que eu não sei ler, pois eu te mostro já se sei ou não.

O que Lorin tinha dito de Simão era uma calúnia, sabia ler toda a casta de letra impressa, e mesmo letra de mão, sendo de certa grossura. Porém o bilhete era escrito em caracteres tão miúdos, que o velho Simão viu-se mas foi na grande necessidade de lançar mão dos óculos.

Pôs por consequência o bilhete na borda da fresta e começou a dar busca às algibeiras; mas, enquanto estava entregue a este trabalho, o cidadão Agrícola abriu a porta da ante-sala, que ficava mesmo em frente da janelinha, e ocasionou uma corrente de ar, que varreu o papelinho como se fora uma pena, de sorte que, quando Simão, passado um instante, conseguiu descobrir os óculos e colocá-los no nariz, foi debalde que procurou o papel.

Simão uivou de raiva.

– Estava aqui um papel! – bradou ele – desapareceu, mas guarda-te, cidadão municipal, que eu hei-de torná-lo a achar!

E desceu apressadamente, deixando Maurício bastante atordado.

Dali a dez minutos, entraram na torre três membros da municipalidade. A rainha ainda estava na plataforma, e tinham dado ordem para que ignorasse tudo quanto acabava de se passar. Os membros da municipalidade foram ter com ela.

O primeiro objecto que lhes deu na vista foi o cravo vermelho que ela ainda conservava na mão. Olharam uns para os outros como admirados, e chegando-se depois ao pé dela, o presidente da deputação disse:

– Dê-nos essa flor.

A rainha que estava longe de esperar semelhante interrupção, sobressaltou-se e hesitou.

– Restitua essa flor, minha senhora – exclamou Maurício fora de si.

A rainha entregou o cravo.

O presidente pegou-lhe, e seguido dos seus colegas recolheu-se a uma sala próxima para o examinar e fazer o seu relatório.

Abriram a flor; não ocultava coisa nenhuma.

Maurício respirou.

– Esperem, esperem – disse um dos membros da Municipalidade – o olho do cravo foi arrancado. O alvéolo está na verdade vazio, porém já encerrou decerto um bilhete.

– Estou pronto – disse Maurício, – a dar todas as explicações que forem necessárias. Mas primeiro que tudo requiero ser preso.

– Tomamos nota da tua proposta – disse o presidente – mas não acedemos a ela. Todos sabem que és um bom patriota.

– E estou pronto a afiançar pela minha vida as pessoas, que tive a imprudência de trazer comigo.

– Não afiances ninguém, cidadão Maurício – respondeu o presidente.

Neste momento, ouviu-se um grande reboliço nos pátios.

Era ocasionado por Simão, o qual, depois de ter procurado inutilmente o bilhete que o vento arrebatara, tinha ido ter com Santerre para lhe contar a tentativa do rapto da rainha, com todos os acessórios que lhe sugeriu a fértil imaginação.

Santerre acudiu logo; tinha mandado cercar o Templo e render a guarda. Lorin, seriamente despeitado, protestou contra a ofensa, que se fazia ao seu batalhão.

– Ah! Malvado remendão – disse ele para Simão, ameaçando-o com o sabre; – a ti é que eu devo esta sensaboria, mas deixa estar que mas hás-de pagar.

– E a mim parece-me que és tu quem hás-de pagar tudo junto à nação – respondeu o sapateiro esfregando as mãos.

– Cidadão Maurício – disse Santerre – conserva-te desde já à disposição da municipalidade, que há-de proceder a interrogar-te.

– Estou às tuas ordens, comandante; porém já requeri ser preso e ainda insto no meu pedido.

– Espera, espera – rosnou Simão com modo sorrateiro – visto teres tanto empenho em ser preso, vou tratar de alcançar o que pretendes.

E saiu para procurar a Tison.

VI

A deusa Razão

Procurou-se durante todo o dia no pátio do jardim e pela vizinhança o papelinho, que tinha sido origem de toda a bulha, e que devia encerrar, segundo todos afirmavam, o plano da conspiração.

A rainha foi interrogada, depois de ter sido separada da cunhada e da filha; porém nada mais disse senão que havia encontrado na escada uma rapariga que tinha um ramalhete na mão; que a rapariga lhe oferecera o ramalhete, mas que ela apenas havia tirado uma única flor.

E isto mesmo só depois de ter obtido o consentimento do membro da municipalidade Maurício.

Nada mais tinha que dizer: era a verdade simples e pura.

Relataram tudo a Maurício quando chegou a sua vez, e ele confirmou o depoimento da rainha como exacto em todos os pontos.

– Visto isso – disse o presidente – sempre existia uma conspiração.

– É impossível – respondeu Maurício – fui eu quem ao jantar, em casa da cidadã Dixmer, me ofereci para a trazer a ver a presa, que ela nunca tinha visto. Mas nem havia dia designado, nem tínhamos ajustada o modo por que a havia de ver.

– Porém ela vinha prevenida com flores – disse o presidente – o ramalhete tinha sido necessariamente feito de antemão.

– Nada, fui eu próprio que comprei as flores a uma ramalheteira que no-las veio oferecer à esquina da rua das Vieilles-Audriettes.

– Mas foi talvez a ramalheteira quem escolheu o ramalhete?

– Não cidadão, escolhi-o eu entre dez ou doze, é verdade porém que escolhi o mais farto.

– O bilhete foi talvez metido entre as flores durante o trânsito?

– Isso não era possível, cidadão, eu não me tirei um minuto sequer do lado da cidadã Dixmer, e para executar essa operação que diz, em cada uma das flores, porque é preciso notar que, segundo afirma Simão, cada uma das flores devia conter um bilhete igual, seria necessário pelo menos meio-dia.

– Mas, finalmente, não seria possível que tivessem sido introduzidos entre as flores dois bilhetes preparados com antecedência?

– Foi na minha presença que a presa tirou uma flor ao acaso, mas depois de ter rejeitado o ramalhete todo.

– É pois de parecer, cidadão Lindey, que não exista conspiração alguma?

– Pelo contrário – replicou Maurício – houve conspiração, e não só o creio mas até o afirmo; o que digo unicamente é que os meus amigos não entraram na conspiração. Contudo, como desejo dar à nação todas as garantias compatíveis, ofereço-me em reféns e para isso quero considerar-me preso.

– Isso não consinto eu – respondeu Santerre; – seria uma afronta a um patriota tão conhecido como tu. Se te entregasses à prisão como reféns do procedimento de teus amigos, ia eu logo pedir que me prendessem também como garantia da tua conduta. De sorte que o negócio é muito simples; não há denúncia alguma positiva, não é verdade? Ninguém saberá o que se passou. Estejamos todos alerta, e tu mais do que ninguém, e assim conseguiremos descobrir o que houve, evitando a publicidade.

– Muito obrigado, meu comandante – disse Maurício – porém eu responder-lhe-ei o que diria se estivesse no seu lugar. Isto não deve ficar assim, é preciso tratarmos de descobrir a ramalheira.

– A ramalheira já estará longe daqui a estas horas: mas deixa estar que havemos de procurá-la. Tu vigia os teus amigos, que eu vigiarei as correspondências com a prisão.

Ninguém se tinha lembrado de Simão, que todavia também tinha o seu projecto.

Chegou no fim da sessão, que acabamos de relatar, para saber o que tinha ocorrido, e disseram-lhe qual tinha sido a decisão da municipalidade.

– Ah! Falta-lhes uma denúncia regular – disse ele – para dar seguimento a este negócio; pois esperem que eu já lha trago.

– Quem é o denunciante? – perguntou o presidente.

– É – respondeu o sapateiro – a valorosa cidadã Tison, que denuncia as intrigas secretas do partidário da aristocracia chamado Maurício, em que também se acha implicado um outro falso patriota seu amigo chamado Lorin.

– Vê o que fazes, Simão, vê o que fazes! Olha não te cegue o teu demasiado zelo pelo bem da nação – disse o presidente; – Maurício Lindey e Jacinto Lorin têm dado repetidas provas de patriotismo.

– Veremos isso lá no tribunal – replicou Simão.

– Reflecte bem, Simão, olha que é um processo escandaloso, que vai ofender todos os verdadeiros patriotas.

– Que me importa a mim que seja escandaloso ou não? Pensas porventura que eu receie dar escândalo ao público. É o único meio de sabermos com verdade quem são os que nos atraíam.

– Nesse caso persistes na tua denúncia em nome da cidadã Tison?

– E hei-de repeti-la esta noite no clube dos Franciscanos, denunciando-te também a ti, cidadão presidente, se não consentires em ordenar a prisão do traidor Maurício.

– Pois bem, seja como dizes – respondeu o presidente, que segundo o costume daquele desgraçado tempo, tremia diante de todo aquele que tinha o arrojo de levantar mais a voz. – Seja como dizes, há-de ser preso.

Maurício, enquanto se tomava esta deliberação contra ele, tinha regressado ao Templo, onde achou um bilhete concebido nestes termos:

“Tendo sido a minha guarda interrompida por força maior, não será provável ver-te amanhã pela manhã; vem pois almoçar comigo e nessa ocasião me contarás o resultado das tramas e conspirações que mestre Simão descobriu”.

Dizem-me que o Simão malvado
Um pobre cravo dá como culpado;
Eu, que de leve não quero julgar.
Vou a minha rosa interrogar.

“E amanhã, quando tu vieres, dir-te-ei a resposta da Artemísia”.

“Teu amigo, Lorin”.

Maurício respondeu-lhe:

“Não há novidade; dorme descansado esta noite e almoça amanhã sem mim, por isso que, atentas as atribulações do dia de hoje, não sairei de casa naturalmente antes do meio-dia.”

“Muito desejara neste momento ser zéfiro para ter direito de mandar um beijo à *rosa* em quem me falas.”

“Dou-te licença para pateares a minha prosa como eu pateio os teus versos”.

“Teu amigo, *Maurício*”.

“P. S.

A conspiração, segundo penso, não passa de um rebate falso”.

Lorin tinha retirado, com efeito, pela volta das onze horas com todo o seu batalhão, em consequência da denúncia do brutal sapateiro.

Para se consolar de semelhante humilhação, tinha feito a quadra que há pouco vimos, e para cumprir o que dizia a quadra, tinha ido visitar Artemísia.

Artemísia ficou contentíssima quando viu entrar Lorin. O tempo estava lindo, como já dissemos, e para o aproveitar convidou ela Lorin para um passeio pelo cais, ao que ele anuiu.

Tinham já atravessado o cais do carvão, e iam conversando em política. Lorin contava o modo por que tinha sido expulso do Templo e procurava atinar com o motivo do procedimento havido para com ele, quando chegados à altura da rua des Barres, avistaram uma ramalheteira, que também seguia como eles a margem do Sena.

– Ah! Cidadão Lorin – disse Artemísia – espero que aproveitarás esta ocasião para me ofereceres um ramalhete.

– Com todo o gosto! – respondeu Lorin – e dois mesmo, se lhe aprouver.

E alargaram o passo para alcançar a ramalheteira, que ia caminhando apressadamente.

Chegada que foi à Ponte-Maria, a rapariga parou, e debruçando-se por cima do parapeito, despejou o cesto no rio.

As flores avulsas redemoinharam um instante no ar. Os ramalhetes, porém, sendo mais pesados, caíram logo, e depois, tanto os ramalhetes como as flores, boiando ao cimo da água, foram seguindo a corrente do rio.

– Ora esta! – disse Artemísia olhando para a ramalheteira, que acabava de dar extracção à sua fazenda de modo tão célebre – havia de jurar... Não há duvida... Mas não pode ser... É a mesma... É extraordinário!

A ramalheteira levou um dedo à boca como para pedir a Artemísia que se calasse, e desapareceu.

– Que espanto é esse? – perguntou Lorin; – diga-mo, minha deusa, conhece aquela mortal?

– Não. Pareceu-me de repente... Mas certamente foi engano.

– Contudo – insistiu Lorin – ela fez-lhe um sinal.

– Porque andarás ela hoje feita ramalheteira? – disse Artemísia como falando consigo.

– Então sempre confessa que a conhece? – perguntou Lorin.

– Sim – respondeu Artemísia – é uma ramalheteira, a quem eu compro flores às vezes.

– Seja qual for – disse Lorin – a tal ramalheteira dá saída à sua mercadoria de uma maneira muito singular.

E ambos, depois de olharem uma última vez para as flores, que já tinham chegado à ponte de madeira onde a água lhes dera um novo impulso, continuaram o seu caminho para o sítio da Rapée, onde tencionavam jantar sós.

O incidente que acabamos de relatar não teve nenhuma consequência naquela ocasião; porém, como era extraordinário e apresentava certa aparência de mistério, ficou gravado na poética imaginação de Lorin.

A denúncia que a cidadã Tison havia dado, e que abrangia Maurício e Lorin, tinha causado grande tumulto no clube dos Jacobinos, e a municipalidade mandou ao Templo avisar Maurício de que a sua liberdade estava em termos de ser ameaçada pela indignação pública.

Era um modo indirecto de dizer ao jovem membro da municipalidade que se escondesse, caso se sentisse culpado. Porém Maurício, sabendo em sua consciência que estava inocente, não saiu do Templo, e ainda se conservava no seu posto quando foram prendê-lo.

Maurício foi imediatamente interrogado.

Se bem que persistindo sempre na firme resolução de não comprometer os amigos, em quem tinha toda a confiança, Maurício contudo, que não era homem que se deixasse ficar

ridiculamente calado, como um herói de novela, pediu que fosse procurada e processada a ramalheira.

Eram cinco horas da tarde, quando Lorin voltou a casa e soube da prisão de Maurício e do requerimento que este fizera.

Logo lhe acudiu à lembrança a ramalheira, que tinha visto na Ponte-Maria deitando as flores ao Sena. Teve uma inspiração repentina. Aquela ramalheira tão singular, a coincidência dos bairros, a espécie de confusão de Artemísia, tudo lhe dizia instintivamente que ali estava a explicação do mistério, que Maurício queria ver revelado.

Saltou de um pulo fora do quarto, desceu apressadamente os quatro andares, e correu sem parar até casa da deusa Razão, que estava bordando estrelas de ouro num vestido de cassa azul.

Era o seu uniforme de divindade.

– Ponha as estrelas de parte, querida amiga – disse Lorin. – Maurício foi preso esta manhã, e eu sê-lo-ei provavelmente esta noite.

– Maurício preso!

– É como lhe digo! E não é para admirar, porque neste tempo em que vivemos todos os dias sucedem grandes acontecimentos, e se não dão na vista, é por virem todos de tropel. Ora quase todos os grandes acontecimentos têm origem em alguma causa muito trivial. Não desprezemos por consequência as trivialidades. Quem era aquela ramalheira que esta manhã encontrámos, minha querida amiga?

Artemísia sobressaltou-se.

– Que ramalheira?

– Pois não encontrámos uma, que estava atirando tão prodigamente com as flores ao Sena?

– Oh! Meu Deus – disse Artemísia – pois deu tanto peso àquele acontecimento, que ainda se lhe preocupa a imaginação por essa forma.

– É para mim tanto peso, minha querida amiga, que lhe peço me responda imediatamente ao que lhe pergunto.

– Não posso, meu amigo.

– Minha deusa, para a senhora não há impossíveis.

– Estou obrigada pela minha honra a calar-me.

– E eu vejo-me obrigado pela minha honra a fazê-la falar.

– Mas que motivo tem para assim teimar?

– Que motivo tenho?... Com todos os demónios! É para evitar que cortem a cabeça a Maurício.

– Ai Deus meu! Maurício guilhotinado!... – exclamou a rapariga atemorizada.

– Isto é, não falando em mim, porque na realidade não me atrevo a afirmar que a cabeça me esteja muito segura nos ombros.

– Oh! Não, não – disse Artemísia – deitá-la-ia a perder infalivelmente.

Naquele mesmo instante o *oficioso* de Lorin entrou apressadamente no quarto de Artemísia.

– Ah! Cidadão – bradou ele – foge! Foge!

– Fugir, e por quê? – perguntou Lorin.

– Porque se apresentaram agora lá em casa os gendarmes, e enquanto estavam ocupados em arrombar a porta, fugi pelo telhado para a casa imediata, e vim correndo a avisar-te.

Artemísia deu um grito terrível. Gostava deveras de Lorin.

– Artemísia – disse Lorin tomando uma atitude trágica – tem porventura mais valor a seus olhos a vida de uma ramalheira do que a de Maurício e a do seu amante? Se assim é, desde já declaro que vou deixar de chamar-lhe deusa Razão, e passo a proclamá-la deusa Loucura.

– Pobre Heloísa – exclamou a ex-bailarina da Ópera; – não é por minha vontade que vou atraí-lo-te!

– Bem! Muito bem! Querida amiga – disse Lorin apresentando um papel a Artemísia. – Já me fez o favor de dizer o nome, diga-me *agora* o apelido e a morada.

– Oh! Escrevê-lo eu, isso nunca: – disse Artemísia; – di-lo-ei visto que assim o exige.

– Pois diga-mo e fique descansada que não se me há-de escapar da memória.

Artemísia – disse Lorin – o apelido e a morada da fingida ramalheteira: chama-se Heloísa Tison, e morava na rua des Nonandières, n.º 24.

Lorin, quando ouviu o nome, soltou um grito e deitou a fugir pela casa fora.

Ainda não teria chegado ao fim da rua, quando veio uma carta para Artemísia.

Continha apenas estas palavras:

“Nem uma palavra a meu respeito, minha querida amiga; se souberem quem eu sou, fico perdida infalivelmente. Se quiseses dizer a alguém o meu nome, espera até amanhã, porque esta noite hei-de sair de Paris.”

“*Tua, Heloísa*”.

– Oh! Meu Deus! – exclamou a futura divindade – se eu tal adivinhasse esperava pelo dia de amanhã para falar!

E correu para a janela para chamar Lorin, mas já era tarde.

Lorin tinha desaparecido.

VII

A mãe e a filha

Já dissemos que a notícia do acontecimento se espalhara por toda Paris no espaço de algumas horas.

Havia efectivamente um governo, cuja política se discutia nas ruas.

Chegou pois o rumor terrível e ameaçador até à rua Velha de Saint-Jacques, e duas horas depois da prisão de Maurício já lá a sabiam.

Graças à actividade de Simão, os pormenores da conspiração tinham sido divulgados em breve para fora do Templo; porém, como todos acrescentavam um ponto ao conto, já ia algum tanto desfigurada quando chegou ao conhecimento do mestre curtidor: diziam que se tratava de uma flor envenenada, que alguém tinha mandado entregar à rainha, e que além de tudo isto também tinha havido suspeitas acerca da fidelidade do batalhão, que Santerre mandara render.

De sorte, que já estavam diferentes vítimas apontadas à vindita do povo.

Mas a gente da rua Velha de Saint-Jacques não se enganou (por motivos fáceis de compreender) a respeito da natureza do acontecimento, e tanto Morand como Dixmer saíram logo cada um para seu lado, deixando Genoveva entregue à maior desesperação.

Genoveva era, sem dúvida alguma, a causa principal da desgraça sucedida a Maurício.

Era ela que, por assim dizer, tinha conduzido o cego mancebo pela mão até ao cárcere, em que ia ser encerrado, segundo todas as probabilidades, e donde só sairia para caminhar para o patíbulo.

Mas, em todo o caso, Maurício não havia de pagar com a sua cabeça a condescendência que tinha tido para com Genoveva.

Se Maurício fosse condenado, Genoveva projectava ir acusar-se a si própria perante o tribunal e confessar tudo.

Tencionava tomar sobre si toda a responsabilidade, sobre si unicamente, e assim, a troca da sua existência, havia de salvar Maurício.

Genoveva não se horrorizava com a idéia de morrer por Maurício, sentia, pelo contrário, uma suprema felicidade quando tal lembrança lhe ocorria.

Amava-o e esse amor não era lícito numa mulher que pertencia a outrem.

Oferecia-se-lhe pois uma ocasião de entregar a alma a Deus pura e sem mácula tal como a recebera.

Morand e Dixmer tinham-se separado ao sair de casa.

Dixmer encaminhou-se para a rua da Cordoaria, e Morand correu na direcção da rua des Nonandières.

Este último, quando chegou ao fim da Ponte-Maria, viu a multidão de vadios e de curiosos, que em Paris costumam parar sempre embasbacados durante ou depois de qualquer acontecimento, no sítio em que este se deu, à semelhança de corvos pairando sobre um campo de batalha.

Morand, logo que viu tão numerosa reunião, estacou, tremeram-lhe as pernas e teve de se encostar ao parapeito da ponte.

Finalmente, tornou a si, passados alguns minutos, e com admirável sangue frio, que nunca o abandonava nos lances críticos, meteu-se por meio dos grupos, indagou o que tinha sucedido, e soube que havia coisa de cinco minutos tinham ido prender à rua des Nonandières n.º 24, uma rapariga, que decerto era culpada do crime de que a acusavam, pois se estava aprontando para fugir.

Morand perguntou qual era o clube onde a pobre rapariga tinha ido a perguntas. Sabendo que havia sido conduzida para a secção principal, logo para lá se encaminhou.

Havia enchente no clube.

Contudo Morand, a poder de socos e cotoveladas, conseguiu encaixar-se numa galeria.

A primeira coisa que se ofereceu à vista foi a elevada estatura e o rosto varonil de Maurício, que com ademanes desdenhosos em frente do banco dos réus, fulminava com o olhar o sapateiro Simão, que estava perorando.

– Sim, cidadãos – gritava Simão; – sim, a cidadã Tison acusa perante vós o cidadão Lindey e o cidadão Lorin. O cidadão Lindey desculpa-se com uma ramalheteira, a quem pretende imputar o crime, porém desde já vos previno que a ramalheteira, por mais que a procurem, não há-de ser encontrada; é uma inspiração urdida pela sociedade dos aristocratas, que estão jogando à empurra uns com os outros, como uma corja de cobardes que são. E demais, bem viu que o cidadão Lorin tinha desaparecido de casa quando lá foram procurá-lo. Há-de suceder com ele como sucedeu com a ramalheteira, ninguém o torna mais a ver.

– Mentos, Simão – bradou uma voz furiosa; – hão-de torná-lo a ver, porque ele aqui está.

E dizendo isto, Lorin arremessou-se ao meio da sala.

– Deixem-me passar – gritou ele, acotovelando os espectadores; – abram caminho!

E foi colocar-se ao lado de Maurício.

A entrada de Lorin, efectuada muito naturalmente, sem ênfase, mas com toda a franqueza, e com o vigor próprio do génio impetuoso do mancebo, produziu a maior impressão no público das galerias, que logo começou a aplaudir e a dar bravos.

Maurício sorriu-se e estendeu a mão ao amigo, em ar de quem já tinha dito a si mesmo:

– Não hei-de estar muito tempo só no banco dos réus.

Os espectadores olharam com visível interesse para aqueles dois mancebos tão galantes, que o imundo sapateiro do Templo acusava como um demónio invejoso.

O sapateiro conheceu que a opinião da assembléia lhe ia gradualmente sendo desfavorável. Resolveu portanto vibrar o último golpe.

– Cidadãos! – berrou ele – peço que seja ouvida a generosa cidadã Tison. Peço que ela acuse!

– Cidadãos – disse Lorin – peço que seja ouvida previamente a rapariga vendedeira de ramalhetes, que foi agora mesmo presa e que provavelmente vai ser aqui conduzida.

– Não – disse Simão – é mais alguma testemunha falsa, alguma partidária dos aristocratas. E demais, a cidadã Tison deseja dar quanto antes os esclarecimentos necessários à justiça.

Lorin, durante este tempo, estava conversando em voz baixa com Maurício.

– Sim – gritou o povo das galerias – sim, venha o depoimento da cidadã Tison; sim,

apareça a depor!

– A cidadã Tison está aqui presente na sala? – perguntou o presidente.

– Está, sim, gritou Simão. Anda, fala, cidadã Tison, dize-lhe que estás aqui.

– Aqui estou, meu presidente – disse a carcereira; – porém diga-me, se eu depuser, restituem-me a minha filha?

– A tua filha nada tem com o negócio de que estamos tratando – respondeu o presidente; – faz o teu depoimento e depois vai pedir à municipalidade que te restitua a tua filha.

– Ouves? O cidadão presidente ordena-te que deponhas – gritou Simão – fala, pois, sem mais demora.

– Espera um instante – disse, virando-se para Maurício o presidente, que estava admirado de ver a placidez do mancebo, habitualmente tão fogoso; – espera um instante. Fala tu em primeiro lugar, cidadão municipal; nada tens que dizer?

– Não, cidadão presidente; digo somente que só deveria ter procurado informar-se melhor antes de se abalançar a estigmatizar de traidor e cobarde um homem como eu.

– Que é isso que dizes? Que é isso que dizes?... – repetiu Simão no tom de troça, tão usual na plebe de Paris.

– Digo, Simão – respondeu Maurício com tristeza – que te hás-de arrepender amargamente, quando vires o que está para suceder.

– E que é que está para suceder? – perguntou Simão.

– Cidadão presidente – replicou Maurício sem responder ao seu hediondo acusador – peço o mesmo que o meu amigo Lorin, manda que a rapariga, que foi presa à pouco, seja ouvida antes de obrigarem a falar essa pobre mulher, que provavelmente foi insinuada para vir aqui depor.

– Ouves, cidadã? – gritou Simão, ouves? – está acolá dizendo que és uma testemunha falsa!

– Eu, testemunha falsa – disse a mulher Tison. – Ah! Pois eu te mostro se o sou; espera, espera!

– Cidadão – disse Maurício – por caridade, ordena àquela desgraçada que se cale.

– Ah! Já tens medo – bradou Simão – já tens medo. Cidadão presidente, requeiro o depoimento imediato da cidadã Tison.

– Sim, sim, o depoimento! – gritaram das galerias.

– Silêncio! – gritou o presidente; – aí vem a municipalidade.

Ouviu-se naquele momento o rodar de uma carruagem acompanhado de grande estrondo de armas e de vociferações.

Simão, assustado, voltou-se para a porta.

– Desce da tribuna – disse-lhe o presidente – já não tens a palavra.

Simão desceu.

Os gendarmes entraram então juntamente com uma chusma de curiosos, e abrindo caminho, deixaram ver uma mulher, que foi empurrada para dentro do tribunal.

– É esta? – perguntou Lorin a Maurício.

– É, sim, é a mesma; – respondeu este. – Oh! Desgraçada mulher! Estás perdida!

– É a ramalheteira! É a ramalheteira! – murmuravam das galerias, onde o povo estava apinhado para a ver; – acolá está a ramalheteira!

– Requer primeiro que tudo o depoimento da cidadã Tison – uivou o sapateiro; – já lhe ordenaste que depusesse, presidente, e bem vês que está calada.

A cidadã Tison foi interrogada, e deu uma denúncia terrível e circunstanciada.

Declarou que a principal culpada era a ramalheteira na verdade, porém que Maurício e Lorin eram decerto seus cúmplices.

Esta denúncia produziu no auditório um efeito terrível.

Simão já olhava triunfantemente em volta de si.

– Gendarmes, conduzi a ramalheteira – bradou o presidente.

– Oh! Isto é horrível! – murmurou Morand escondendo o rosto com as mãos.

A ramalheteira foi chamada, e veio colocar-se ao pé da tribuna, defronte da Tison, que no seu depoimento acabara de acusá-la de um crime capital.

Levantou então o véu que lhe cobria a cara.

– Heloísa! – exclamou a Tison – minha filha... Aqui?...

– Sim, minha mãe – respondeu a rapariga com doçura.

– E por que motivo estás tu entre dois gendarmes?

– Porque fui acusada, minha mãe!

– Tu... Acusada? – gritou a cidadã Tison com desespero – e por quem?

– Por vossa mercê mesmo, minha mãe!

Um silêncio sepulcral reinou de repente naquela reunião, pouco antes tão ruidosa, e o sentimento doloroso de tão horrível cena causou em todos um aperto de coração.

– Sua filha! – murmuraram várias vozes – era sua filha! Que malvada!

Maurício e Lorin olhavam para a acusadora e para a acusada com expressão de sentimento e profundo dó.

Simão, apesar do desejo que tinha de ver o desenvolvimento do processo, por esperar que dele resultasse algum comprometimento para Maurício e Lorin, procurava contudo esconder-se das vistas de Tison, que olhava para todos como espavorida.

– Como te chamas tu, cidadã? – disse o presidente, que também estava comovido, olhando para a rapariga, a qual parecia estar conformada com a sua sorte.

– Heloísa Tison.

– Que idade tens?

– Dezenove anos.

– Onde moras?

– Na rua des Nonandières n.º 24.

– Foste tu que vendeste ao cidadão municipal Lindey, que está assentado naquele banco, um ramalhete de cravos?

A rapariga Tison virou-se para Maurício, e depois de o ter encarado, respondeu:

– Sim, cidadão, fui eu.

A Tison olhou para a filha com olhos espantados.

– Sabes que dentro de cada um dos cravos havia um bilhete dirigido à viúva Capeto?

– Sei muito bem – respondeu a ré.

Houve no auditório um movimento de horror e de admiração.

– Por que motivo ofereceste tu os cravos ao cidadão Maurício?

– Porque vi que levava a faixa tricolor, e logo conjecturei que ia para o Templo.

– Quais são os teus cúmplices?

– Não tenho nenhuns.

– Como! Pois urdiste sozinha a conspiração?

– Se o que fiz é uma conspiração, sou eu a única autora dela.

– Porém, o cidadão Maurício saberia que as flores encerravam bilhetes?

– Não. O cidadão Maurício é da municipalidade; podia, querendo, falar a sós com a rainha a toda a hora do dia e da noite. Se o cidadão Maurício quisesse dizer alguma coisa à rainha, não precisava escrever-lhe, podia falar-lhe.

– E tu não conhecias o cidadão Maurício?

– Tinha-o visto entrar no Templo, às vezes no tempo em que eu lá vivia com a minha pobre mãe, mas só o conhecia de vista.

– Vês, perverso! – gritou Lorin para Simão com gesto ameaçador; – aqui tens a tua obra! O sapateiro cabisbaixo e aterrado, por ver a face que o negócio ia tomando, procurava retirar-se da sala o mais ocultamente possível.

Todos os olhos se cravaram nele com um sentimento de indignação profunda.

O presidente continuou:

– Visto teres sido tu que vendeste o ramalhete, e visto teres confessado que sabias do papel que levava cada uma das flores, deves saber necessariamente o que estava escrito no papel?

– Não há dúvida, que sei.

– Pois então, sendo assim, conta-nos o que dizia o papel!

– Cidadão – respondeu a rapariga com firmeza – já disse quanto podia e quanto queria dizer.

– E negas-te a responder?

– Nego.

– Sabes a que te expões?

– Sei.

– Fias-te provavelmente na tua pouca idade, na tua formosura?

– Fio-me em Deus, somente.

– Cidadão Maurício Lindey – disse o presidente – cidadão Jacinto Lorin, estão soltos; o município reconhece a sua inocência e faz a devida justiça ao seu civismo. Soldados, levem Heloísa para a prisão da secção.

A Tison, quando ouviu estas palavras, pareceu acordar, deu um grito agudo e quis agarrar-se à filha para abraçá-la; porém os soldados não consentiram.

– Perdo-o-lhe, minha mãe – bradou a rapariga antes de sair.

A Tison bramiu como uma fera e caiu sem sentidos.

– Nobre rapariga! – disse consigo Morand, dolorosamente comovido.

VIII

O bilhete

Em seguida aos acontecimentos que acabámos de narrar, deu-se uma última cena, que como que completava o drama que ia começando a desenvolver as suas medonhas peripécias.

A Tison consternada com a lembrança do que sucedera, e abandonada pelos próprios indivíduos que a tinham acompanhado, por um crime sempre odioso, por involuntário que seja e não há maior crime do que uma mãe sacrificar o seu filho, ainda que seja por excesso de zelo patriótico, a Tison, dizemos, depois de ter permanecido por algum tempo completamente imóvel, ergueu a cabeça, olhou em volta de si como desvairada, e vendo que estava só, soltou um grito e correu para a porta.

Junto da porta ainda se conservavam alguns curiosos dos mais encarniçados; afastaram-se assim que a viram, e apontaram para ela, dizendo uns aos outros:

– Olha, vês aquela mulher? Pois foi ela que denunciou a própria filha!

A Tison soltou um grito de desespero e deitou a fugir para o lado do Templo.

Quando ia chegando, porém, ao meio da rua de Michelle-le-Comte, um homem com a cara encoberta pelo capote tolheu-lhe o passo, atravessando-se diante dela.

– Estás satisfeita? – disse-lhe ele – mataste a tua filha.

– Matei a minha filha! Matei a minha filha! – exclamou a pobre mãe. – Não, não, isso não pode ser.

– Entretanto assim é, porque a tua filha está presa.

– Para onde a levaram?

– Para os cárceres da *Conciergerie*; há-de sair de lá para comparecer perante o tribunal revolucionário, e bem sabes qual é a sorte dos que lá vão parar.

– Desvie-se – disse a mulher Tison – deixe-me passar.

– Onde vais tu?

– Vou à *Conciergerie*.

– Que vais lá fazer?

– Vê-la ainda uma vez.

– Não te deixam entrar.

– Mas não poderão obstar a que me deite à porta, que lá viva e durma. Não me tirarei do meu lugar até que ela saia, e assim ao menos tornarei a vê-la.

– E se alguém promettesse que te restituiria a tua filha?

– Que diz?

– Pergunto se dado o caso de um homem te prometer que te havia de restituir a filha, tu estarias disposta a fazer o que esse homem te dissesse?

– Tudo farei para salvar a minha filha, tudo pela minha Heloísa! – exclamou a mulher torcendo os braços com desesperação; – tudo, tudo!

– Houve-me – tornou o desconhecido – foi Deus quem te castigou.

– Por quê?

– Por causa dos tormentos que tens feito sofrer a uma pobre mulher que é mãe como tu.

– De quem quer falar? Que quer dizer?

– Já por vezes tens causado à tua cativa uma desesperação quase igual a essa em que te vês, e tudo pelas tuas denúncias e brutalidades. Deus castiga-te, pois, entregando à morte essa filha que tanto estimavas.

– Disseste há pouco que havia um homem que tinha poder para a salvar. Onde está esse homem? Que quer ele? Que pede ele?

– O homem a que eu aludi quer que tu deixes de perseguir a rainha, que lhe peças perdão das afrontas que lhe tens feito, e que, se por acaso vires que aquela mulher, que também é mãe, que também sofre, chora e se desespera, consegue, por alguma circunstância impossível de prever, por algum milagre do Céu, um meio de se evadir, que em vez de te opores à sua fuga a ajudes em tudo que estiver ao teu alcance.

– Olha cá, cidadão – disse a mulher Tison – esse homem de quem falas és tu mesmo, não é verdade?

– E se assim fosse?

– És tu quem prometes que hás-de salvar a minha filha?

O desconhecido ficou calado.

– Prometes ou não? Empenhas-me a tua palavra? Juras-mo? Responde?

– Ouve. Tudo quanto um homem pode praticar para salvar uma mulher, fá-lo-ei para salvar a tua filha.

– Não pode salvá-la! – gritou a mulher Tison, na maior aflição. – Não pode salvá-la! Mentia-me quando prometeu que a salvaria.

– Faze tu o que puderes para servir a rainha, que eu farei o que puder a favor de tua filha.

– Que me importa a mim a rainha? É uma mulher que tem uma filha, e mais nada. E se degolarem uma das duas, não há-de ser a filha dela, há-de ser a minha. Pois que me degolem, mas poupem a minha filha. Levem-me à guilhotina, com a única condição de que não lhe hão-de tocar sequer num cabelo, e verão que vou para a guilhotina cantando:

Ah! ça ira, ça ira, ça ira,
E o altivo aristocrata
Na lanterna s'enforcará...

E a Tison começou a cantar em alta voz, mas de repente interrompeu o canto dando uma grande gargalhada.

O homem embuçado pareceu assustar-se com este começo de loucura e recuou um passo.

– Oh! Não me hás-de escapar assim – disse a Tison, segurando-o desesperadamente pelo capote; – não se diz a uma mãe: “Faze isto que eu pretendo, e eu salvarei a tua filha” para lhe dizer depois: “Talvez!” Dize-me, tu salva-la?

– Salvo.

– Quando?

– No dia em que a levarem da *Conciergerie* para o cadafalso.
– Para que é essa demora? Porque não há-de ser esta noite, agora mesmo?
– Porque não posso.
– Ah! Vês, vês – bradou a mulher Tison; – vês, tu não podes, mas posso eu.
– Que podes tu?
– Posso perseguir a cativa, como tu lhe chamas; posso espreitar a rainha como tu dizes, meu aristocrata! Estou autorizada a entrar-lhe no quarto a toda a hora do dia e da noite, e tudo isto hei-de fazer. Lá quanto a evadir-se, veremos como isso há-de ser. Ah! É o que me faltava ver, quando não podem salvar a minha filha, se ela havia de escapar! Cabeça por cabeça, queres? A senhora *Veto* foi rainha, bem sei, e Heloísa Tison não é senão uma pobre rapariga, é verdade; porém para ir a guilhotinar todos somos iguais.

– Pois bem, assim seja – disse o homem embuçado – deixa-a fugir, que salvarei a tua filha.

– Jura.

– Juro.

– Por quê?

– Por aquilo que tu quiseses.

– Tens uma filha?

– Não.

– Então – disse a Tison deixando cair os braços como descorçoada – em nome de quem hás-de tu jurar?

– Juro-te por Deus.

– História! – respondeu Tison; – Deus já não existe; sabes muito bem que destruíram o antigo e ainda não puseram outro em seu lugar.

– Juro pelo túmulo de meu pai.

– Não jures pelo túmulo, que é agoiro. Oh! Meu Deus, meu Deus! E lembrar-me que dentro de três dias talvez eu também possa jurar por um túmulo, e que há-de ser o da minha filha! Minha pobre Heloísa!... – exclamou a Tison com tamanho brado que logo se abriram várias janelas.

À vista das janelas que se iam abrindo outro homem pareceu destacar-se da parede, e chegou-se ao primeiro.

– Nada se consegue desta mulher – disse o primeiro para o segundo – é uma louca.

– Não é louca é mãe – respondeu o segundo levando consigo o companheiro.

A Tison, quando viu que se afastavam, pareceu tornar a si.

– Onde vai? – perguntou ela; – vai salvar a Heloísa? Se assim é, esperem por mim, vou também consigo. Esperem oh! Esperem por mim!

E a pobre mãe foi seguindo-os a gritar, mas ao virar a esquina da rua perdeu-os de vista. Então, não sabendo já para que lado havia de voltar, parou um instante indecisa, olhando em volta de si, e vendo que estava só no meio da escuridão e do silêncio, deu um grito terrível e caiu desmaiada no chão.

Estavam dando dez horas.

Naquela mesma ocasião e quando as mesmas horas ressoavam no relógio do Templo, a rainha, assentada no quarto que já conhecemos, ao pé de um candeeiro, mal atizado, entre a cunhada e a filha, e escondida às vistas dos membros da municipalidade pela princesa real, que fingia abraçá-la, estava lendo um bilhete escrito no papel mais delgado que se tinha podido encontrar, e com uma letra tão miúda, que apenas podia enxergá-la com os olhos já cansados de chorar.

O conteúdo do bilhete era o seguinte:

“Amanhã, terça-feira, peça licença para ir passear ao jardim; isto ser-lhe-á concedido sem dificuldade alguma, porque há ordem para se dar essa licença logo que a deseje. Depois de três ou

quatro voltas, finja que está cansada, aproxime-se da casa da venda, e peça à Plumeau licença para se assentar dentro da loja.”

“Quando lá estiver finja, passado um instante, que está mais incomodada e que tem um desmaio. Então fechar-se-ão as portas para ser socorrida, e ficará com a princesa Isabel e a princesa real. Logo que se abrir o alçapão da adega, entre afoitamente com as princesas e estarão salvas todas três”.

– Meu Deus! – disse a princesa real – será possível que deixe de nos perseguir o nosso mau fado?

– Ou será acaso esse bilhete um laço? – replicou a princesa Isabel.

– Não, não – respondeu a rainha. – esta letra sempre me tem anunciado a aparição de um amigo misterioso, valente e muito fiel.

– É de Taverney? – perguntou a princesa real.

– Dele mesmo – respondeu a rainha.

A princesa Isabel pôs as mãos.

– Tornemos a ler o bilhete devagarinho todas três – continuou a rainha – para que, dado o caso de uma de nós esquecer alguma das explicações, sempre haja outra que se lembre.

E todas três leram para si; mas quando estavam acabando de ler, sentiram abrir a porta do quarto. As duas princesas voltaram-se; a rainha ficou como estava, porém com um movimento quase imperceptível levou a mão à cabeça e escondeu repentinamente o bilhete no toucado.

Era um dos membros da municipalidade, que tinha aberto a porta.

– Que pretende? – perguntaram ao mesmo tempo a princesa Isabel e a princesa real.

– Hum! – rosnou o municipal. – Parece-me que se deitam hoje muito tarde.

– Haverá acaso – disse a rainha voltando-se com a costumada dignidade – mais algum acórdão da municipalidade para regular a hora a que me hei-de deitar?

– Não, cidadã – respondeu o municipal; – mas se for preciso promulga-se.

– Entretanto, senhor – disse Maria Antonieta – respeite, não direi o quarto de uma rainha, mas sim o de uma mulher.

– Estes aristocratas – na realidade – resmungou o municipal – sempre falam como se ainda fossem alguma coisa...

Mas apesar desta reflexão, retirou-se do quarto, obedecendo involuntariamente à ordem daquela que tão ativa tinha sido na prosperidade, e que, ainda depois de três anos de sofrimento, conservava a mais serena dignidade.

Passado um instante, apagou-se o candeeiro, e segundo o costume, todas três se despiram às escuras.

No dia imediato, às nove horas da manhã, a rainha, depois de ter lido, encoberta pelas cortinas do leito, o bilhete da véspera, a fim de não se afastar em ponto algum das instruções que lhe tinham mandado, rasgou-o e reduziu-o a pedacinhos quase imperceptíveis; feito isto, vestiu-se por detrás das cortinas, depois acordou a cunhada e foi ter com a filha.

Daí a um instante saiu e chamou pelos membros da municipalidade de serviço.

– Que queres tu, cidadã? – perguntou um deles, aparecendo à porta, ao passo que o outro nem sequer se levantou da mesa, onde estava almoçando, para responder ao chamamento da rainha.

– Senhor – disse Maria Antonieta – venho agora mesmo do quarto de minha filha, e a pobre criança está na realidade muito doente. Tem as pernas inchadas e doridas em consequência de fazer pouco exercício. Fui eu, como sabe, que a condenei a esta vida sedentária. Era-me permitido descer a passeio ao jardim; porém como para descer tinha forçosamente de passar em frente da porta do quarto que meu marido ocupava em sua vida, não tive ânimo, faltaram-me as forças e voltei para cima, limitando-me a passear na plataforma. Mas hoje é insuficiente este passeio para a saúde da minha pobre filha. Peço-lhe, pois, por isso, cidadão municipal, que solicite em meu nome do general Santerre a autorização necessária para fazer uso da licença que

antes me tinha sido concedida, e ficar-lhe-ei muito agradecida.

A rainha tinha proferido estas palavras com uma inflexão de voz tão suave e tão digna, tinha evitado tão habilmente servir-se de qualquer qualificação susceptível de estimular os preconceitos republicanos do seu interlocutor, que este, tendo-se-lhe apresentado com a cabeça coberta, como costumavam a maior parte daqueles homens, foi a pouco e pouco tirando o seu barrete vermelho, e quando ela acabou de falar, cortejou-a dizendo:

– Fique descansada, minha senhora, pediremos ao general a licença que deseja.

E quando se ia retirando, foi dizendo consigo, como para se convencer que cedia por equidade, e não por fraqueza:

– Por fim de contas o que ela pede é justo.

– Que é que tu achas justo? – perguntou o outro membro da municipalidade.

– Que aquela mulher leve a filha a passeio, porque está doente.

– Então como é isso?... Que pede ela?

– Pede licença para descer a passear uma hora no jardim.

– Ora adeus! – respondeu o outro – dize-lhe que peça licença para ir a pé do Templo até à Praça da Revolução, que não é mau passeio.

A rainha ouviu estas palavras e fez-se pálida; porém este mesmo dito lhe infundiu novo ânimo para arrostar o perigo do grande acontecimento que estava para realizar-se.

O membro da municipalidade acabou de almoçar e desceu logo. A rainha pediu e obteve licença para almoçar no quarto da filha.

A princesa real, para melhor confirmar a notícia da sua indisposição ficou deitada, e a princesa Isabel esteve-a sempre acompanhando, juntamente com a rainha.

Às onze horas, segundo o costume, chegou Santerre. A sua entrada foi, como sempre, anunciada pelo estrondo dos tambores que tocavam a marcha; juntamente com ele, chegou o batalhão que entrava de guarda e os membros da municipalidade que vinham render os que tinham acabado o seu serviço.

Santerre, depois de ter passado revista ao batalhão que saía e ao batalhão que acabava de chegar, fazendo piafês com o seu pesado e enorme cavalo pelo pátio do Templo, parou um instante: era a ocasião em que todas as pessoas que tinham negócios a tratar com ele lhe dirigiam as suas reclamações, denúncias ou requerimentos.

O membro da municipalidade aproveitou o ensejo para lhe falar.

– Que queres tu? – perguntou Santerre com a sua habitual aspereza.

– Cidadão – respondeu o municipal – venho dizer-te de mandado da rainha...

– Quem é essa rainha? – interrompeu Santerre.

– Ah! É verdade – disse o municipal admirado da palavra que pronunciara. – Que asneira ia eu dizendo. Dar-se-á o caso que endoidecesse? Venho dizer-te de mandado da *Sr.^a Veto*...

– Agora sim – replicou Santerre – dessa forma já entendo. – Então, que tens a dizer-me? Avia-te!

– Venho dizer-te que a pequenita *Veto* está doente, por ter sido privada de passear e tomar ar.

– E também quer tornar as culpas disso à nação? A nação tinha-lhe concedido para passear no jardim; não se quis utilizar dela, passe muito bem.

– É isso mesmo que me traz aqui; está arrependida de não ter aproveitado a licença que tinha, e deseja saber se tu consentes que desça.

– Não tenho dúvida nenhuma em anuir ao pedido que me fazem. Ouvem? – bradou Santerre voltando-se para todo o batalhão. – A viúva Capeto há-de descer a passeio no jardim. É a nação que lhe concede licença; mas tomem sentido não fuja por cima dos muros, porque, se tal acontecer, mando-lhes cortar a cabeça a todos.

O gracejo do cidadão general provocou uma estrondosa gargalhada.

– E agora, adeus, vou para a Convenção. Dizem-me que foram filados Roland e Barbaroux, e que se trata de lhes dar passaporte para o outro mundo.

Era devido a esta notícia a disposição jocosa em que estava o cidadão general.

Santerre partiu a galope.

O batalhão tinha sido rendido e saiu após ele. Finalmente, os membros da municipalidade também se despediram, depois de terem dado aos recém-chegados as instruções de Santerre, relativamente à rainha.

Um dos membros da municipalidade foi acima levar a Maria Antonieta a resposta ao seu pedido.

A rainha agradeceu penhorada, e notou, enquanto estava falando, que a filha tinha corado e a cunhada dera mentalmente graças a Deus.

– Oh! – pensou ela, olhando para o Céu – a vossa ira, Senhor, estará acalmada? E a vossa dextra temível estará já cansada de pesar sobre nós? Obrigada – continuou ela voltando-se para o membro da municipalidade, com o sorriso mágico que foi causa da perdição de Barnave e que transtornou o juízo de tantos homens – muito obrigada!

E logo, virando-se para o cãozinho, que lhe estava fazendo festa erguendo-se sobre as patas traseiras, pois no olhar da dona já tinha adivinhado que havia alguma novidade importante, disse:

– Alegra-te, Black, que vamos passear.

O cãozinho começou a ladrar e a pular, e depois de ter olhado muito para o membro da municipalidade, entendeu provavelmente que fora aquele homem quem tinha trazido a notícia que havia alegrado a dona, andou para ele de rojo, mexendo a felpuda cauda, e atreveu-se a fazer-lhe festa.

As momices do cão comoveram aquele homem, que houvera talvez sido insensível aos rogos da rainha.

– Quando mais não fosse, por causa deste animalzinho, devia sair mais vezes, cidadã Capeto – disse ele. – A humanidade ordena-nos que tratemos com carinho todas as criaturas.

– A que hora sairemos nós? – perguntou a rainha. – Não lhe parece que seria bom aproveitarmos enquanto houver Sol?

– Sairá quando quiser – respondeu o membro da municipalidade; – nenhuma recomendação temos a respeito da hora. Contudo, se quiser sair ao meio-dia, como é a ocasião em que se rendem as sentinelas, menos barulho haverá na torre.

– Pois bem, seja ao meio-dia! – disse a rainha.

E olhou com dó para aquele homem que parecia menos intratável do que os seus companheiros, e que, em paga da sua condescendência com os desejos da prisioneira, ia talvez perder a vida.

Mas naquele mesmo momento em que o coração da mulher, levado de compaixão, ia abrandando, a alma da rainha acordou; lembrou-lhe o dia 10 de Agosto e os cadáveres de Charny e dos seus defensores atulhando as salas do seu palácio. Recordou-se do dia 2 de Setembro e da cabeça da princesa de Lamballe aparecendo-lhe em frente das janelas, espetada numa lança. Pensou no dia 21 de Janeiro e na morte do marido, que tinha perecido num cadafalso ao som dos tambores, que lhe abafaram a voz. Finalmente, lembrou-se do filho, pobre criança, cujos gritos de dor lhe tinham chegado aos ouvidos tanta vez, sem que fosse possível ir socorrê-lo, e o coração endureceu-se-lhe.

– Ai de mim! – murmurou ela – o infortúnio é como o sangue das hidras da antiguidade; dele nasce uma multidão de novos infortúnios!

IX

Black

O membro da municipalidade saiu para chamar os colegas a fim de tomarem conhecimento da parte que tinham deixado os membros da municipalidade que haviam sido

rendidos.

A rainha ficou só com a cunhada e a filha.

Olharam as três umas para as outras.

A princesa real deitou os braços ao pescoço da rainha e abraçou-a.

A princesa Isabel chegou-se à rainha e pegou-lhe na mão.

– Oremos a Deus – disse a rainha; – mas oremos assim como estamos, para não causar a mínima suspeita.

Há épocas fatais, em que a oração, hino natural que Deus ensinou ao coração humano, se torna suspeita aos olhos dos homens, por isso que é sempre um acto de esperança ou de gratidão.

Para os guardas da rainha, qualquer esperança ou agradecimento que ela manifestasse era necessariamente motivo de desconfiança, visto que a rainha não podia esperar senão uma única coisa, isto é, a fuga, nem dar graças a Deus de outra coisa que não fosse o ter conseguido os meios de a efectuar.

Acabada a oração mental, ficaram todas três sem proferir palavra.

Deram os três quartos depois das onze e em seguida meio-dia.

Quando a última badalada ia acabando de ecoar, sentiu-se na escada espiral um ruído de armas, que chegou aos ouvidos da rainha.

– Estão rendendo as sentinelas – disse ela – não tarda que nos venham chamar.

Percebeu então que a cunhada e a filha tinham descorado muito.

– Ânimo! – disse ela, descorando também.

– Já deu meio-dia – gritou uma voz. – Mande descer as presas.

– Eis-nos aqui, senhores – respondeu a rainha, olhando, quase com saudade, uma última vez para as paredes enegrecidas, e para os móveis bem simples, que tinham presenciado o seu cativeiro.

Abriu-se o primeiro postigo que dava para o corredor; era sombrio, e favorecidas pela escuridão puderam as três cativas disfarçar a comoção que sentiam. Adiante delas ia correndo o cãozinho Black: porém, quando chegaram ao segundo postigo, que era precisamente a porta de que Maria Antonieta procurava desviar a vista, o fiel cãozinho foi arrumar o focinho de encontro às cabeças dos pregos que guarneciam a madeira, e como se aleijasse, rompeu em latidos sentidos e lastimosos.

A rainha passou apressadamente sem ter forças para chamar o cão, e procurou a parede para se encostar.

Depois de ter dado alguns passos, a rainha sentiu-se desfalecer e teve de parar; a cunhada e a filha chegaram-se a ela, e durante alguns instantes se conservaram as três mulheres abraçadas, encostando a rainha a testa à cabeça da princesa real.

O cãozinho Black foi ter com elas.

– Então! – bradou a mesma voz – descem ou não. Porque esperam?

– Aqui estamos, disse o membro da municipalidade que se tinha conservado sempre junto delas, respeitando aquela dor tão sublime, pela sua simplicidade.

– Vamos adiante – disse a rainha.

E acabou de descer mais animada os degraus que ainda faltavam.

Quando as presas chegaram ao fim da escada de caracol, em frente da última porta, por baixo da qual se via o clarão dourado do Sol, rufou o tambor para reunir a guarda. Houve em seguida um momento de silêncio causado pela curiosidade, e a pesada porta abriu-se, girando vagarosamente nos enferrujados gonzos.

No ângulo que formava o colunelo contíguo à porta, estava uma mulher assentada ou antes deitada no chão. Era a Tison, que a rainha não tinha visto durante vinte e quatro horas, e cuja ausência já por vezes lhe havia causado admiração, tanto na noite da véspera como na manhã daquele mesmo dia.

A rainha já avistava a claridade, as árvores, o jardim, e além da cancela, que vedava a entrada no jardim, já os seus olhos procuravam avidamente o barracão da venda, onde os seus

amigos estavam naturalmente à espera, quando, ao sentir o rumor das passadas, a mulher Tison descobriu o rosto, que tinha escondido entre as mãos, e apresentou aos olhos da rainha as feições lívidas e alteradas, meio encobertas pelos cabelos grisalhos.

A mudança era tamanha, que a rainha parou admirada.

A Tison então, com o vagar próprio das pessoas que têm perdido o juízo, foi ajoelhar em frente da porta, tolhendo assim o passo a Maria Antonieta.

– Que pretende de mim, boa mulher? – perguntou a rainha.

– Ele disse-me que era preciso que me perdoasse.

– Ele quem? – perguntou a rainha.

– O homem embuçado – respondeu a mulher Tison.

A rainha olhou com espanto para a princesa Isabel e para a filha.

– Vamos, fora daí – disse o membro da municipalidade – deixe passar a viúva Capeto, que tem licença para ir passear ao jardim.

– Sei isso muito bem – respondeu a velha; – é por essa mesma razão que eu vim esperar por ela aqui; já que não me quiseram deixar subir, e era preciso que lhe pedisse perdão, não tive remédio senão pôr-me à espera.

– Então por que motivo não a deixaram subir? – perguntou a rainha.

A Tison desatou a rir e exclamou:

– Dizem que estou doida!

A rainha encarou com ela, e viu que os olhos desvairados da desgraçada mulher despediam efectivamente um reflexo singular, apresentando esse brilho incerto que denota a ausência da razão.

– Oh! Meu Deus! – disse ela – pobre mulher! Que foi que lhe sucedeu?

– Sucedeu... Não sabe o que foi? Mas que digo?... Sabe muito bem o que lhe aconteceu, pois por sua causa é que ela foi condenada...

– Quem?

– A Heloísa.

– A sua filha?

– Sim, ela... A minha pobre filha!

– Condenada... Mas por quem? Como? Por quê?

– Porque foi ela quem vendeu o ramalhete...

– Que ramalhete?

– O ramalhete de cravos... E contudo ela não é ramalheteira – continuou a Tison, como procurando recordar-se – como foi então que ela vendeu o ramalhete?

A rainha estremeceu. Um laço invisível prendia aquela cena à situação actual, e compreendeu imediatamente que não devia estar a perder tempo com o inútil.

– Peço-lhe, boa mulher – disse ela – que me deixe passar agora, depois com vagar me contará tudo isso.

– Não, há-de ser agora; é preciso que me perdoe; é preciso que eu a ajude a fugir, para que ele salve a minha filha.

A rainha tornou-se pálida como uma defunta.

– Meu Deus! – murmurou ela levantando os olhos ao Céu.

Depois, voltando-se para o membro da municipalidade, suplicou-lhe:

– Tenha a bondade, senhor, de afastar daqui esta mulher; bem vê que está louca.

– Vamos, vamos, tia – disse o membro da municipalidade – fora daqui.

Porém a Tison agarrou-se com toda a força à parede.

– Não – respondeu ela – é indispensável que ela me perdoe, para que ele salve a minha filha.

– Quem é esse ele?

– O homem embuçado.

– Minha irmã – disse a princesa Isabel – diga-lhe algumas palavras para a consolar.

– Oh! Com todo o gosto – disse a rainha. – E parece-me na verdade que será o melhor meio.

E voltando-se para a doida:

– Diga-me pois, boa mulher, que deseja de mim?

– Desejo que me perdoe todas as penas que lhe causei com os insultos que lhe dirigi, com as denúncias que dei, e quando encontrar o homem embuçado, peço-lhe que lhe determine que salve a minha filha, já que ele faz tudo quanto a senhora quer.

– Eu não sei quem seja o tal homem embuçado de que me fala – respondeu a rainha – mas, se para sossego da sua consciência precisa alcançar de mim o perdão das ofensas que julga ter-me feito, oh! Acredite, pobre mulher, que de todo o coração lhe perdôo muito sinceramente, e possam todas as pessoas a quem tenha ofendido perdoar-me igualmente!

– Oh! – exclamou a mulher Tison com intraduzível grito de alegria; – então há-de ele salvar a minha filha, visto que me perdoa. Dê-me a sua mão, minha senhora, a sua mão!

A rainha admirada estendeu maquinalmente a mão, que a Tison agarrou com ardor e levou à boca.

Naquele mesmo instante ouviu-se na rua do Templo a voz rouquenha de um vendedor de notícias:

“Aqui temos nós – gritava ele – a sessão do tribunal com a sentença que condenou Heloísa Tison a pena de morte por crime de conspiração”.

As feições da Tison transtornaram-se apenas ouviu estas palavras, ergueu-se sobre um joelho e estendeu os braços para impedir que a rainha passasse.

– Oh! Meu Deus – murmurou a rainha, que também ouvira o terrível pregão.

– Condenada à pena de morte! – exclamou a mãe – a minha filha condenada! A minha Heloísa perdida! já vejo que não a salvou, nem a pode salvar. Foi muito tarde. Ah!

– Pobre mulher! – disse a rainha – acredite que muito me compadeço de si.

– Tu? – disse ela com olhos chamejantes. Tu, compadeces-te de mim? Não! Não!

– Está enganada, de todo o coração me compadeço de si, mas deixe-me passar.

– Deixar-te passar! – bradou a Tison dando uma gargalhada. – Não! Não! Eu deixar-te fugir por ele me ter dito que se eu te pedisse perdão e te deixasse fugir, a minha filha seria salva! Visto que a minha filha está condenada, visto que a minha filha vai morrer, não hás-de escapar.

– A mim senhores, acudam-me – gritou a rainha. – Meu Deus! Bem vêem que esta mulher está louca.

– Não, não estou louca, não, sei muito bem o que digo – exclamou a Tison. – Saibam que era verdade que havia uma conspiração, e que foi o Simão quem a descobriu. Foi a minha filha, a minha pobre filha, quem vendeu o ramalhete. Assim o confessou perante o tribunal revolucionário; era um ramalhete de cravos, e levava papéis escondidos.

– Senhora – disse a rainha – em nome do Céu...

Ouviu-se novamente o rouco pregão do vendedor de notícias repetindo:

“Aqui temos a sessão do tribunal e a sentença que condenou Heloísa Tison à pena de morte por crime de conspiração”.

– Ouves? – gritou a doida, em volta da qual já se iam agrupando os guardas nacionais. – Ouves? Condenada à morte! É por tua causa que vão matar a minha filha! Ouves, por tua causa, *Austríaca!*

– Senhores – disse a rainha – em nome do Céu, se não querem livrar-me desta pobre doida, deixem ao menos que eu volte para cima, porque não posso ouvir os queixumes desta mulher; se bem que injustos, dilaceram-me o coração.

E a rainha voltou a cabeça, deixando ouvir um suspiro de mágoa.

– Sim, sim, chora, hipócrita, chora – bradou a doida – o teu ramalhete vai custar-me caro... Nem ela devia esperar outra coisa; é assim que morrem todos que te servem. Tu és malfadada *Austríaca*; mataram os teus partidários, os teus defensores, e agora finalmente matam a minha filha. Quando te matarão a ti, para que mais ninguém morra por tua causa?

E a desgraçada acompanhou estas últimas palavras com um gesto de ameaça.

A rainha escondeu o rosto com as mãos.

– Desgraçada – observou a princesa Isabel – esqueces que estás falando à rainha.

– À rainha: ela... A rainha! – repetiu a Tison, cuja demência ia aumentando de instante para instante – ela é a rainha, que mande aos carrascos que não matem a minha filha... Que perdoe à minha pobre Heloísa... Os reis devem ser clementes... Vamos! Restitui-me a minha filha e reconhecer-te-ei como rainha... Doutra forma não és a meus olhos mais do que uma mulher, e uma mulher malfadada, que matas os que a ti se chegam!...

– Ah! Por piedade, senhora – exclamou Maria Antonieta; – veja a minha dor, veja as minhas lágrimas...

E Maria Antonieta tentou passar adiante, não já com a esperança de fugir, mas maquinalmente, para escapar a tão horrível obsessão.

– Oh! Não hás-de passar! – uivou a velha; – queres fugir, Sr^a. *Veto*, bem o sei, o homem embuçado foi quem mo disse; queres ir ter com os prussianos... Mas não hás-de fugir – continuou ela agarrando-se ao vestido da rainha – que sou eu quem me hei-de opor! À lanterna com a Sr^a. *Veto*! Às armas, cidadãos! Contra eles, marchemos... o sangue impuro vertamos...

A desgraçada louca caiu para trás sem sentidos, rasgando na queda o bocado de vestido a que se tinha agarrado.

A rainha fora de si, ia fugir para a banda do jardim, logo que se viu livre da doida, quando de repente um grito terrível, misturado dos latidos de um cão acompanhado de extraordinário estrondo veio despertar a atenção dos guardas nacionais, que para presenciarem a cena que descrevemos se tinham agrupado em volta de Maria Antonieta, da filha e da cunhada.

– Às armas! Às armas! Temos traição! – gritava um homem, que a rainha, pela voz, conheceu ser o sapateiro Simão.

Ao pé deste homem, que de espada desembainhada, estava de guarda à porta do barracão, o cãozinho Black ladrava enfurecido.

– Às armas, toda a guarda! – bradou Simão. – Estamos atraíçoados. Mandem para dentro a *Austríaca*. Às armas! Às armas!

Um oficial foi logo indagar o que era. Simão disse-lhe algumas palavras mostrando-lhe com semblante iracundo o interior da baiuca. O oficial gritou também: “Às armas!”

– Black! Black! Aqui! – disse a rainha dando alguns passos para diante.

Porém o cão não lhe obedeceu e continuou a ladrar com furor.

Os guardas nacionais pegaram logo em armas e correram para a barraca, ao passo que os membros da municipalidade cercaram a rainha, a cunhada, e a filha, e obrigaram as cativas a encaminharem-se para a porta da prisão, que logo se fechou sobre elas.

– Preparar! – gritaram os membros da municipalidade para as sentinelas.

E logo se ouviu a bulha dos gatilhos das espingardas.

– É acolá, por baixo do alçapão – gritava Simão – estou bem certo que vi mexer o alçapão. E demais, o cão da *Austríaca*, excelente cãozinho, que não está conluiado, ladrrou aos conspiradores, que ainda estão provavelmente aqui dentro da adega. Olhem! Ainda ladra.

E com efeito Black animado pela vozaria de Simão, continuava com os latidos.

O oficial agarrou a argola do alçapão. Dois granadeiros, dos mais forçosos, vendo que ele não conseguia levantá-la, quiseram ajudá-lo, mas foi debalde.

– Bem se vê que estão segurando o alçapão; fogo, para a parte de dentro – disse Simão. – Atirem-lhe através do alçapão; fogo, meus amigos!

– Esperem – gritou a viúva Plumeau – olhem que vão quebrar-me as garrafas.

– Fogo – repetiu Simão, – fogo!

– Cala-te, tagarela – disse o oficial – e vocês vão buscar os machados e arrombem as tábuas. Fique aqui um pelotão pronto. Sentido! E fogo para dentro do alçapão assim que se abrir.

Um estoiro de madeira, acompanhado de um sobressalto repentino, deu a conhecer aos guardas nacionais que tinha havido algum movimento no interior; pouco depois ouviu-se uma

bulha subterrânea semelhante à de uma grade de ferro que se fecha.

– Ânimo! – bradou o oficial aos portas-machados, que vinham entrando.

Os portas-machados começaram imediatamente a arrombar as tábuas.

Uns vinte canos de espingardas se abaixaram logo na direcção do rombo que, de segundo para segundo, se ia alargando.

Mas, concluído o rombo, não se viu ninguém.

O oficial acendeu um archote e atirou-o para dentro da adega; estava vazia.

Levantaram o alçapão, que se abriu sem oferecer a menor resistência.

– Sigam-me – gritou o oficial descendo denodadamente a escada.

– Em frente! Em frente! – gritaram os guardas nacionais, correndo a seguir o oficial.

– Ah! Plumeau – disse Simão – tinhas emprestado a adega aos aristocratas!

O muro tinha sido arrombado. Viam-se numerosas pegadas no chão úmido, e um passadiço da largura de três pés e cinco de altura, semelhante a um ramo de trincheira, tinha sido aberto na direcção da rua da Cordoaria.

O oficial aventurou-se a entrar no buraco, resolvido a ir procurar os aristocratas até debaixo da terra; mas apenas teria dado três ou quatro passos, encontrou uma grade de ferro.

– Alto lá – gritou ele para os que vinham na retaguarda – não empurrem, que não se pode ir mais adiante; há impedimento físico.

– Ora pois – disseram os membros da municipalidade, que então chegavam para saber as novidades, depois de terem mandado recolher as presas; – que foi que sucedeu?

– Palavra! – disse o oficial que então voltava para cima – que é uma conspiração; os aristocratas queriam roubar-nos a rainha na ocasião do passeio, e ela com toda a certeza estava de combinação com eles.

– Fica aí! – gritou um dos membros da municipalidade – Vão já procurar o cidadão Santerre e avisem o município imediatamente.

– Soldados – disse o oficial – fiquem nessa adega e matem todos que se apresentarem.

E o oficial, depois de ter dado esta ordem, acabou de subir e foi escrever a parte.

– Ah! Ah! – gritava Simão esfregando as mãos; – Ah! Ah! Ainda dirão que estou doido? Honrado Black! És um patriota às direitas. Foi Black quem salvou a república. Anda aqui, Black, aqui!

E o desalmado, depois de assim fazer festa ao pobre cão, atirou-lhe, logo que ele se chegou, um pontapé, que o arremessou a distância de vinte passos.

– Oh! Sou muito teu amigo, Black – disse ele – por tua causa há-de ser a tua dona degolada. Anda aqui, Black, aqui!

Mas desta vez, Black, em lugar de lhe obedecer, encaminhou-se a ganir para a porta da torre.

X

Lorin

Havia aproximadamente duas horas, que se tinham, dado os acontecimentos que acabámos de narrar.

Lorin passeava pelo quarto de Maurício, e Cévola estava na ante-sala ocupado em engraxar as botas do amo; porém, para maior comodidade da conversação, a porta tinha ficado aberta, e Lorin no decurso do seu giro, parara de vez em quando defronte da porta, e fazia perguntas ao criado.

– Dizes então, cidadão Cévola, que teu amo saiu de manhã?

– Não há dúvida que assim foi.

– À hora do costume?

– Mais minuto, menos minuto; não posso dizer com certeza.

– E não o tornaste a ver desde então?

– Não cidadão.

Lorin continuou a passear, e deu três ou quatro voltas calado; depois parou novamente e perguntou:

– Levava consigo o sabre?

– Sim, porque quando vai para a secção sempre o leva.

– Estás bem certo de que foi para a secção?

– Foi o que me disse.

– Pois sendo assim vou ter com ele – disse Lorin. – Se por acaso nos desencontrarmos, dir-lhe-ás que estive aqui e que em breve voltarei.

– Espere – disse Cévola.

– Que é?

– Ele aí vem subindo a escada.

– Pensas que seja ele?

– É, decerto.

E com efeito abriu-se quase no mesmo instante a porta do quarto e Maurício entrou.

– Até que finalmente chegaste – disse Lorin – há duas horas que estou à tua espera.

– Melhor – respondeu Maurício rindo – que assim tiveste tempo para preparar dísticos e quadras.

– Ai, meu querido Maurício – disse o improvisador, – é coisa que já nem faço.

– Nem dísticos, nem quadras?

– Nem uma coisa nem outra.

– Ora essa! Visto isso, está para acabar o mundo?

– Meu bom amigo, Maurício, estou triste.

– Tu, triste?

– Sou muito infeliz.

– Tu infeliz?

– Sim, estou ralado de remorsos.

– Remorsos?

– Deus sabe que falo verdade – respondeu Lorin: – era preciso sacrificar-te a ti ou a ela, não havia meio termo. Bem vês, meu caro, que entre ti e ela não podia hesitar; mas agora está a Artemísia desesperada, porque era amiga da infeliz.

– Pobre rapariga!

– E como foi ela quem me ensinou a morada da pobre pequena...

– Era muito melhor que tivesses deixado o negócio seguir o andamento vulgar.

– Sim, e a estas horas já tu terias sido condenado em lugar dela. Tens uma força de raciocínio que me espanta, meu querido amigo. E eu, que vinha aqui para te pedir um conselho: estou bem servido!

– Não importa, vai dizendo.

– Pois bem, sabes o que eu desejava? Queria tentar algum meio para salvar a pobre rapariga. Está-me parecendo que me havia de fazer bem dar ou levar por causa dela meia dúzia de lambadas.

– Estás doido, Lorin – disse Maurício encolhendo os ombros.

– E se eu dirigisse uma súplica ao tribunal revolucionário?

– Já é muito tarde; foi condenada.

– É na realidade horrível – disse Lorin – deixar assim morrer aquela rapariga!

– É horrível, sim, e ainda mais me magoa a mim, por isso que foi da minha justificação que resultou a condenação dela. Mas, pensando bem no caso, Lorin, devemos consolar-nos uma vez que ela conspirava.

– Ora, dize-me cá, quem é que neste tempo em que estamos não conspira mais ou menos? A pobre mulher fez como todos.

– Não a lamente muito, meu querido amigo, e mesmo assim toma sentido não te ouçam – disse Maurício – porque ambos nós estamos de alguma forma implicados no crime. Acredita o que te digo, olha que ainda não está bem lavada a nódoa que nos deitaram, acusando-nos de cumplicidade. Hoje, na secção, o capitão dos atiradores de Saint-Leu chamou-me *girondino*, e tive há pouco de o acutilar, para lhe provar que estava enganado.

– E foi por isso que te demoraste tanto?

– Exactamente.

– Mas porque não me mandaste avisar?

– Porque tens um génio muito esquentado, que não serve para negócios desta natureza: era preciso acabar logo com a pendência, para não dar que falar. Ambos nós levámos para padrinhos as primeiras pessoas que encontrámos.

– E aquele canalha tinha-te chamado *Girondino*, a ti, Maurício, patriota puro!...

– Sem tirar nem pôr, e isso prova, meu rico, que se nos tornarmos a meter noutra embrulhada igual, passamos logo a ser impopulares; e como tu muito bem sabes, Lorin, hoje em dia impopular e *suspeito* são sinónimos.

– Sei isso muito bem – respondeu Lorin – e essa palavra só por si é capaz de dar arrepios ao homem mais destemido; mas não importa... Repugna-me a idéia de deixar ir a pobre Heloísa para a guilhotina sem ao menos lhe pedir perdão...

– Finalmente, dize, o que pretendes?

– Queria que ficasses aqui, Maurício, que não tens culpas para com ela. E eu, visto que nada posso fazer para a salvar, vou esperá-la ao caminho; quero ir, para descargo da minha consciência, percebes-me, meu amigo Maurício? E contanto que ela me diga adeus com a mão, ficarei satisfeito.

– Pois então vou acompanhar-te – disse Maurício.

– É impossível, meu amigo, reflecte também; tu és membro da municipalidade; és secretário de uma secção, e já foste acusado, ao passo que eu apenas fui teu defensor; se te vissem, haviam de pensar que a acusação tinha sido fundada; deves portanto deixar-te ficar: comigo muda o caso de figura, não me exponho a suspeitas e portanto vou.

Tudo quanto Lorin acabava de dizer era tão justo, que não havia que replicar. O simples facto de um aceno, que Maurício fizesse à rapariga Tison, na ocasião de caminhar para o patíbulo, era quanto bastava para o denunciar como cúmplice.

– Vai, pois – disse ele para Lorin – mas recomendo-te que sejas prudente.

Lorin sorriu, apertou a mão de Maurício e saiu.

Maurício abriu a janela, e disse-lhe um triste adeus. E antes de Lorin chegar à esquina da rua, por mais de uma vez tornou ele à janela para o ver ainda de longe, e de cada vez Lorin, como se fora atraído por uma espécie de simpatia magnética, olhou também e correspondeu-lhe com modo risonho.

Até que por fim, quando desapareceu ao virar para o cais, Maurício fechou a janela, atirou consigo para uma cadeira de braços, e caiu numa dessas sonolências que, em indivíduos de carácter arrebatado e vigorosa organização, são como um pressentimento de grandes desgraças, porque se assemelham à calmaria precursora de uma tempestade.

Assim permaneceu entregue a uma espécie de adormecimento, até que o oficioso, tendo voltado de um recado que fora fazer, entrou no quarto com o modo arrogante que assumem os criados que estão morrendo por contarem ao amo as novidades que sabem.

Porém, vendo que Maurício estava preocupado não se atreveu a falar-lhe, limitou-se a passar repetidas vezes, sem precisão alguma, por diante dele.

– O que aconteceu? – perguntou Maurício com indiferença; – fala se me queres dizer alguma coisa.

– Ah! Cidadão, temos mais uma conspiração!

Maurício encolheu os ombros.

– Uma conspiração que faz arrepiar a gente – continuou Cévola.

– Deveras? – respondeu Maurício com a frieza própria de um homem já acostumado a ouvir repetir todos os dias trinta histórias de conspirações.

– Sim, cidadão – replicou Cévola – e é um caso que faz tremer! Só a idéia do que estava para suceder é bastante para dar calafrios a qualquer que seja bom patriota.

– Ora conta lá essa conspiração – disse Maurício.

– A *Austriaca* esteve para se evadir.

– Sim – disse Maurício começando a dar ouvidos à narração.

– Dizem, prosseguiu Cévola – que a viúva Capeto tinha suas *ramificações* com a rapariga Tison, que vai hoje a guilhotinar. – Olhe que não lhe fazem injustiça nenhuma àquela malvada!

– E como é que a rainha tinha relações com aquela rapariga? – perguntou Maurício, que ia sentindo bagas de suor na fronte.

– Por meio de um cravo; figure-se-lhe, cidadão, que tiveram a habilidade de lhe mandar o plano do negócio dentro de um cravo.

– Dentro de um cravo!... E quem lho mandou?

– Foi Filipe de... Ora eu lhe digo... É um nome muito conhecido... Mas a mim esquecem-me sempre os nomes... Um certo apelido de castelo... Que tolice! Já não há castelos... Um Filipe de...

– De Taverney Casa-Vermelha.

– É isso mesmo.

– Não é possível.

– Porque diz que não é possível? Pois se lhe estou contando que se deu com um alçapão, caminho subterrâneo, e carruagens...

– Mas nada disso me contaste ainda.

– Ah! É verdade! Então, vou agora contar-lhe como a coisa foi.

– Dize lá. Se é história, há-de ser interessante pelo menos.

– Não, cidadão, não é história, bem longe disso, e a prova é que quem me disse foi o cidadão porteiro. Os aristocratas tinham aberto uma mina, a qual principiava na rua da Cordoaria e chegava até à adega da casa da venda da cidadã Plumeau, e por um triz que não ficou esta comprometida como cúmplice. Conhece a mulher de quem estou falando, não é verdade?

– Conheço, sim – disse Maurício – e depois?

– Ora bem, a viúva Capeto estava para fugir pelo subterrâneo. Já tinha o pé sobre o primeiro degrau, mas vai senão quando o cidadão Simão deitou-lhe a mão ao vestido e agarrou-a. Escute! Estão tocando a rebate pela cidade, e está-se fazendo a chamada nas secções; não ouve o som dos tambores? Dizem por aí que os prussianos já chegaram até Dammartin e que fizeram um reconhecimento na fronteira.

No meio desta enxurrada de palavras, de verdade e de mentiras, de coisas muito possíveis e de coisas absurdas, Maurício colheu os dados necessários para formar o seu juízo acerca da narração do oficioso. A origem de tudo isso tinha sido, sem dúvida alguma o cravo, que à sua vista fora dado à rainha e que ele havia comprado à infeliz ramalheteira.

O cravo encerrava o plano de uma conspiração que acabava agora de rebentar e os pormenores, mais ou menos verídicos, que Cévola tinha referido.

Naquele momento aproximou-se mais o som do tambor e Maurício ouviu o que apregoavam na rua:

– Grande conspiração descoberta no Templo pelo cidadão Simão. Grande conspiração a favor da viúva Capeto, descoberta no Templo.

– Sim, sim – disse Maurício – é tal qual o que eu pensava. Em tudo isto há alguma verdade. E Lorin no meio desta exaltação popular vai talvez dizer adeus àquela rapariga, e expor-se a que o façam em pedaços...

Maurício pegou no chapéu, acolchetou o cinturão do sabre, e em dois pulos saiu para a rua.

– Onde estará ele? – disse Maurício consigo – provavelmente no caminho da *Conciergerie*.

E foi correndo na direcção do cais.

Quando ia chegando ao fim do cais de la Mégisserie, avistou muitos chuços e baionetas no meio de um ajuntamento de povo; este grupo pareceu-lhe de longe disposto a passar a vias de facto contra um indivíduo com farda da guarda nacional a quem tinha cercado.

Sentiu logo um aperto de coração, e imediatamente, correu para o ajuntamento que estava obstruindo a margem do rio.

O guarda nacional, que tinha sido cercado pela coorte dos marselheses, era Lorin; este, pálido, mordendo os beiços e com gesto ameaçador, tinha a mão nos copos do sabre, e parecia medir com a vista o lugar das cutiladas que se dispunha a dar.

À distância de dois passos de Lorin, estava Simão. Este último ria com ferocidade e designava Lorin aos marselheses e à população, dizendo:

– Olhem! Olhem: vêem aquele? Ainda ontem concorri para que fosse posto fora do Templo como aristocrata; é dos que protegiam as correspondências dentro dos cravos. Foi um dos cúmplices da rapariga Tison, que há-de passar logo por aqui!

Vejam como ele passeia muito sossegado pelo cais, enquanto a sua cúmplice vai caminhar para a guilhotina, e quem sabe se ela não era mais alguma coisa do que cúmplice, era talvez a amante, e pode ser que ele esteja aqui unicamente para lhe dizer adeus ou para tentar salvá-la.

Lorin não precisava ouvir mais para perder a paciência. Desembainhou logo o sabre.

Quase ao mesmo tempo se apartou a turba, abrindo caminho a um homem que se arremessara ao centro do grupo deitando ao chão com um forte empurrão três ou quatro dos espectadores que se iam preparando a tomar parte na cena.

O recém-chegado era Maurício.

Aproximando-se de Lorin, deitou-lhe o braço esquerdo ao pescoço.

– Exulta Simão – disse Maurício. – Estavas decerto pesaroso por não me veres com o meu amigo, para fazeres o teu officio de denunciante em ponto grande. Denuncia, Simão, denuncia, denuncia, aqui estou eu!

– Pois acertaste – disse Simão com o seu riso hediondo – e chegaste em boa ocasião. Aquele – continuou ele – é o galante Maurício Lindey, que também foi acusado juntamente com a rapariga Tison e que foi absolvido por ser rico!

– À lanterna com ele! À lanterna! – bradaram os marselheses.

– Sim, pois vejam lá se podem – disse Maurício.

Deu um passo em frente e picou, como por amostra, na testa, um dos mais enfurecidos assassinos, que logo ficou com a cara escorrendo sangue.

– Ai! Que me matam – gritou este.

Os marselheses apontaram os chuços, levantaram os machados e engatilharam as espingardas; a multidão afastou-se toda assustada, e os dois amigos ficaram sós e expostos como alvo dos matadores.

Olharam um para o outro com um derradeiro e sublime sorriso, esperando serem aniquilados por aquele furacão de ferro e fogo que os ameaçava, quando de repente se abriu a porta de uma casa a que se tinham encostado, e uma chusma de mancebos de casaca, dos que então denominavam *peraltas* todos armados de sabre e com um par de pistolas à cinta, acometeu os marselheses e travou uma refrega terrível.

– Bravo – gritaram ao mesmo tempo Lorin e Maurício, cobrando ânimo com este auxílio e sem reflectirem que pelo facto de pelejarem na companhia daqueles indivíduos, iam dar razão às acusações de Simão. – Bravo!

Houve porém quem se lembrasse de lhes indicar o que lhes cumpria fazerem para se porem a salvo. Um mancebo de pequena estatura, de olhos azuis e de cerca de trinta anos de idade, que manejava com admirável destreza e sem descanso um terçado pesadíssimo de portamachado, vendo que Maurício e Lorin, em vez de fugirem pela porta, que parecia ter ficado aberta de propósito, brigavam a seu lado, voltou-se e disse-lhes em voz baixa.

– Fugam por aquela porta; o que nós aqui viemos fazer não é da sua conta e estão-se

comprometendo sem necessidade alguma.

E de repente, vendo que os dois amigos ainda hesitavam, exclamou:

– Arreda! Não queremos patriotas connosco, municipal Lindey, todos nós somos aristocratas.

A multidão toda rompeu em gritos quando ouviu estas palavras, por ver o atrevimento com que aquele homem confessava uma qualidade, que naquela época era equivalente a uma sentença de morte.

Mas o mancebo loiro, sem fazer caso da gritaria, e ajudado por três ou quatro amigos, empurrou Maurício e Lorin para dentro da casa, e fechou a porta imediatamente, puxando-a para si; feito isto voltaram para a refrega, em que já ia tomando parte a gente que vinha ver a carroça do executor.

Maurício e Lorin, quando se viram salvos como por milagre, olharam um para o outro admirados e ainda atordoados.

Porém logo calcularam que não havia tempo a perder e procuraram uma saída.

A saída parecia arranjada de propósito, entraram num pátio, no fundo do qual deram com uma portazinha que deitava para a rua de Saint-Germain l'Auxerrois.

Na ocasião em que iam saindo, desembocou do Pont-au-Change um destacamento de cavalaria da polícia, que num momento limpou o cais, se bem que na travessa em que estavam os dois amigos ainda se ouviu por alguns instantes o rumor de uma luta encarniçada.

A cavalaria vinha acompanhando a carroça em que a pobre Heloísa era levada à guilhotina.

– A galope! – bradou uma voz; – a galope!

A carroça também partiu a galope. Lorin viu a infeliz rapariga, em pé de cara risonha, e o olhar arrogante; mas não conseguiu dizer-lhe adeus como premeditara. Passou sem o ver no meio de um tropel de povo, que ia gritando:

– Morra a aristocrata! Morra!

E o ruído foi gradualmente diminuindo para o lado das Tulherias.

Ao mesmo tempo tornou-se a abrir a portinha por onde tinham saído Maurício e Lorin, e três ou quatro *peraltas*, com as casacas rasgadas e ensangüentadas, saíram também. Eram provavelmente os únicos que restavam do rancho.

– Oh! Meu Deus! – exclamou ele – parece que esta causa é amaldiçoada!

E arremessando para longe a espada cheia de bocas e de sangue, dirigiu-se apressadamente para a rua des Lavandières.

XI

Filipe de Taverney Casa-Vermelha

Maurício apressou-se em voltar à secção para se queixar de Simão.

Lorin, antes de se despedir de Maurício, tinha imaginado um meio mais expedito para se livrar dele, era o de congregar alguns Termópilas, e de irem esperar Simão a primeira vez que ele tornasse a sair do Templo, para o matar, fingindo uma rixa.

Porém Maurício tinha-se oposto formalmente à execução deste plano.

– Ficas perdido – disse ele a Lorin – se passares a vias de facto. Esmaguemo-lo por meios legais. Não há-de ser coisa muito difícil para nós.

No dia seguinte, logo pela manhã, Maurício apresentou na secção a sua queixa em forma.

Mas qual não foi a sua admiração quando viu que o presidente da secção recusava tomar conhecimento do negócio, alegando não poder ser juiz numa causa na qual eram litigantes dois beneméritos cidadãos, ambos igualmente animados pelo amor da pátria!

– Muito bem – disse Maurício – já sei o que é preciso fazer para adquirir a fama de cidadão benemérito. Ah! Ah! Quando um homem junta o povo para assassinar um homem com

quem não engraa, chama-se a isso estar animado pelo amor da pátria. Agora vejo que fiz mal em não anuir ao projecto de Lorin. De hoje em diante vou passar a ser patriota à sua moda, e hei-de fazer a experiência em Simão.

– Cidadão Maurício – respondeu o presidente – Simão tem talvez menos culpa do que tu em todo esse negócio; foi ele quem descobriu, levado pelo seu excessivo zelo, uma conspiração de que não tinhas dado fé, e que tinhas obrigação de descobrir; demais, tu conservas relações, por acaso ou de propósito, em qual dos casos estás não sabemos nós com certeza, mas o caso é que as tens com os inimigos da nação.

– Eu! – disse Maurício. – Oh! Essa é nova para mim! E quem são esses inimigos, cidadão presidente?

– O cidadão Filipe de Taverney Casa-Vermelha.

– Eu! – exclamou Maurício estupefacto; – eu estou relacionado com Filipe de Taverney Casa-Vermelha? Não o conheço, nem nunca o...

– Já te viram falar com ele.

– A mim?

– E apertar-lhe a mão.

– Eu?

– Sim.

– Quando foi isso, e onde? Cidadão presidente – prosseguiu Maurício, levado da convicção em que estava da sua inocência – mentes.

– O teu zelo patriótico fez-te sair dos limites do respeito, cidadão Maurício – disse o presidente – e não tardará que te arrependas do que disseste, pois vou mostrar-te com provas que só disse a verdade. Aqui estão três notas diferentes, e todas elas te acusam.

– Ora vamos! – disse Maurício – pensas porventura que eu seja tão tolo que acredite na existência desse tal Filipe de Taverney Casa-Vermelha?

– E por que razão não acreditarás?

– Porque é um espectro de conspirador, que serve para ter sempre uma conspiração pronta, e assim ir cada qual dando cabo dos seus inimigos.

– Lê as denúncias.

– Não quero ler coisa nenhuma – disse Maurício, – Protesto que nunca vi Filipe Taverney Casa-Vermelha, nem lhe falei nunca. E quem não quizer fiar-se na minha palavra de honra que o diga, que eu lhe darei a resposta.

O presidente encolheu os ombros e Maurício, que não queria nunca ficar atrás de pessoa alguma, fez o mesmo.

Terminada a sessão, o presidente, que era um honrado patriota, que tinha sido elevado pelo sufrágio dos seus concidadãos à alta categoria que tinha no distrito, chegou-se a Maurício e disse-lhe:

– Anda cá, Maurício; preciso falar-te.

Maurício saiu com o presidente, que o levou para um gabinete contíguo à sala das sessões. Chegando ali, encarou-o e pondo-lhe a mão no ombro, disse-lhe:

– Maurício, eu conheci e estimei teu pai, e por isso te estimo a ti também e sou teu amigo. Maurício, crê no que te digo, olha que corres um grande perigo, se comesas a perder a fé; é a primeira decadência de um espírito verdadeiramente revolucionário. Maurício, meu amigo, quando não há fé, não há fidelidade. Tu não acreditas na existência dos inimigos da nação: eis por que passas por eles sem os ver, e te tornas, sem o saber, instrumento das suas maquinações.

– Com os diabos! Cidadão – disse Maurício – eu conheço-me muito bem. Sou homem brioso e patriota cheio de zelo; mas o zelo não me cega, nem o patriotismo me tornou fanático; já com esta são vinte as supostas conspirações que a república atribui ao mesmo indivíduo. Peço uma vez por todas que me mostrem esse editor responsável.

– Tu não acreditas em conspiradores, Maurício? – disse o presidente; – pois bem, dize-me se também duvidas do caso do cravo vermelho, que deu causa a que fosse ontem à guilhotina a

rapariga Tison?

Maurício estremeceu.

– Crês na existência do caminho subterrâneo aberto por baixo do jardim do Templo e que dá saída da adega da cidadã Plumeau para certa casa da rua da Cordoaria?

– Não – respondeu Maurício.

– Pois então, fazes como o apóstolo Tomé, vais ver, e depois mo dirás.

– Eu não estou agora de serviço no Templo, e não consentirei que lá entre.

– Enganas-te, Maurício, toda a gente pode entrar no Templo agora.

– Como é isso?

– Lê este relatório; já que és tão incrédulo, quero convencer-te com documentos.

– Deveras! – exclamou Maurício lendo o relatório – pois chegou a este ponto?

– Continua.

“É transferida a rainha para a *Conciergerie*!”

– Que dizes agora? – perguntou o presidente.

– Ah! Ah! – exclamou Maurício.

– Pensas ainda que foi um sonho, o que tu chamas uma imaginação e um disparate, que obrigou a comissão de segurança pública a adoptar uma medida de gravidade?

– A medida foi adoptada, mas não há-de ter execução, como já tem sucedido a uma imensidade de medidas que eu tenho visto adoptar; e eis aí...

– Lê, lê até ao fim – disse o presidente.

E dizendo isto mostrou-lhe mais outro papel.

– O recibo de Ricardo, carcereiro da *Conciergerie*! – bradou Maurício.

“Deu entrada na prisão às duas horas da madrugada.”

Desta vez ficou Maurício pensativo.

– O município como tu não ignoras – continuou o presidente – tem ponderado maduramente o que lhe cumpre fazer. Abriu um sulco largo e direito; as medidas que toma não são brinquedos de crianças, e está pondo em execução o princípio de Cromwell:

Na cabeça é que se deve ferir o rei

Lê também esta nota confidencial do ministério da polícia.

Maurício leu:

“Visto termos a certeza de que Filipe de Taverney está em Paris, onde foi visto em diversos sítios; sendo claros indícios da sua presença às diferentes conspirações, felizmente malogradas, convido todos os chefes das secções a empregarem a maior vigilância...”

– E agora? – perguntou o presidente.

– Não tenho remédio senão acreditar-te, cidadão presidente! – exclamou Maurício.

E prosseguiu:

“Sinais de Filipe de Taverney Casa-Vermelha: cinquenta e nove polegadas, cabelo loiro, olhos azuis, nariz direito, barba castanha, rosto redondo, voz fraca, mão de mulher... trinta e cinco a trinta e seis anos”.

Ao ler estes sinais, uma lembrança repentina ocorreu a Maurício: recordou-se do mancebo que capitaneava o bando dos mancebos que na véspera os tinham salvo a ele e a Lorin, e que tão valentemente acutilava os marseheses com um terçado de porta-machado.

– Com os demónios! – murmurou Maurício – dar-se-ia o caso que fosse ele! Se foi, não mente a denúncia de que me viram falar com ele. De que me não lembro é de lhe ter apertado a mão.

– Ora bem! Maurício – perguntou o presidente – e que dizes tu agora à vista de tudo isto, meu amigo?

– Digo que te acredito – respondeu Maurício triste e pensativo, e com razão, pois parecia que uma influência maligna tinha desde certa época começado a obscurecer-lhe o horizonte da vida.

– Não brinques assim com a tua popularidade, Maurício – prosseguiu o presidente. – A popularidade, hoje, é a vida. Olha que a impopularidade é o mesmo que uma suspeita de traição, e é preciso que ninguém suspeite que o cidadão Maurício Lindey possa ser traidor.

Maurício nada tinha que responder a esta doutrina, que era a mesma que ele professava. Agradeceu ao seu velho amigo e saiu da secção.

– Ah! – disse ele consigo – respiremos; agora basta de desconfianças e de lutas. Vamos procurar o sossego, a inocência e a alegria; vamos ter com Genoveva.

Em seguida, Maurício dirigiu-se para a rua Velha de Saint-Jacques.

Quando chegou a casa do mestre curtidor, estavam Dixmer e Morand amparando Genoveva, que tinha sido acometida dum fortíssimo ataque de nervos.

O criado que veio abrir a porta hesitou em o deixar entrar como era costume.

– Vá sempre dizer que estou aqui, e se Dixmer não puder receber a minha visita, retirar-me-ei.

O criado entrou no pavilhão, e Maurício ficou esperando no jardim.

Pareceu-lhe que havia novidade em casa. Os operários da fábrica de curtumes tinham largado o trabalho, e de vez em quando atravessavam alguns o jardim como espavoridos. Dixmer apareceu à porta.

– Entre, meu caro Maurício – disse ele – para o senhor está sempre franca a minha casa.

– Mas diga-me, o que sucedeu? – perguntou o mancebo.

– A Genoveva está muito incomodada – disse Dixmer – mais do que incomodada mesmo, porque está desvairada.

– Oh! – exclamou o mancebo, aterrado por ver que também ali vinha encontrar inquietação e sofrimento. – Que tem ela?

– Meu amigo – respondeu Dixmer – as doenças das mulheres são sempre um mistério, especialmente para os maridos.

Genoveva estava deitada de costas sobre uma espécie de canapé. Ao pé dela estava Morand fazendo-lhe respirar o cheiro de um frasquinho de vinagre.

– Como vai ela? – perguntou Dixmer.

– Conserva-se no mesmo estado – replicou Morand.

– Heloísa! Heloísa! – murmurou Genoveva por entre os beiços lívidos, e apertando os dentes.

– Heloísa! – repetiu Maurício com admiração.

– É verdade! – respondeu logo Dixmer. – A Genoveva teve a infelicidade de sair ontem na ocasião em que passava a carroça do executor com uma pobre rapariga chamada Heloísa que iam levar à guilhotina. Desde então para cá tem tido cinco ou seis ataques de nervos e repete sempre aquele nome.

– O que mais a impressionou ainda – acudiu Morand – foi o ter ela reconhecido que era a mesma rapariga a quem havia comprado aqueles cravos que sabe.

– Sei muito bem, não há dúvida, e por causa deles estive eu também a ponto de ir a degolar.

– Assim nos constou, meu caro Maurício, e não pode imaginar o susto que tivemos; porém Morand, foi assistir à sessão do tribunal e por ele soubemos que tinha sido solto.

– Cale-se – interrompeu Maurício – parece-me que ela vai tornar a falar.

– Oh! São palavras sem sentido e ininteligíveis – respondeu Dixmer.

– Maurício – murmurou Genoveva – vão assassinar Maurício. Acuda-lhe, senhor, acuda-lhe!

A estas palavras seguiu-se um profundo silêncio.

– Casa-Vermelha! – tornou a murmurar Genoveva – Casa-Vermelha!

Uma sombra de desconfiança passou então pelo espírito de Maurício, mas não foi senão uma sombra. E demais, estava tão comovido pelo estado de sofrimento em que via Genoveva, que não se lembrou de comentar as palavras que ela proferira.

– Chamaram já um médico? – perguntou ele.

– Oh! Isto não há-de ser coisa de cuidado – respondeu Dixmer – não tarda que saia do desvario em que está.

E dizendo isto, apertou com tanta violência o braço da mulher que Genoveva tornou a si dando um grito, e abriu os olhos, que até então havia conservado constantemente cerrados.

– Ah! Estão aqui todos! – disse ela – e Maurício também. Oh! Quanto estimo vê-lo meu amigo! Se soubesse o cuidado com que tenho...

Emendando a frase, concluiu:

– Com que temos estado há dois dias.

– Sim – respondeu Maurício – aqui estamos todos; sossegue pois, e não torne a assustar-nos assim. E sempre a quero avisar de que será bom desacostumar-se de proferir certo nome que disse, visto que não goza actualmente de grande reputação de santidade.

– Que nome? – perguntou Genoveva com vivacidade.

– O de Filipe de Taverney Casa-Vermelha.

– Pois eu falei em Filipe de Taverney Casa-Vermelha! – exclamou Genoveva assustada.

– Sim – respondeu Dixmer rindo forçadamente. – Porém, não se admire disso, Maurício, pois dizem por aí publicamente que ele era um dos cúmplices da rapariga Tison, e que foi quem dirigiu a tentativa, que ontem fizeram para a livrar, e que felizmente se malogrou.

– Não me admira nada que fosse ele – respondeu Maurício – entretanto sempre digo que fará muito bem em se ocultar.

– Quem? – perguntou Dixmer.

– Quem? Filipe de Taverney Casa-Vermelha. O município anda tratando de descobri-lo, e os seus sabujos têm bom faro.

– Contanto que lhe deem a mão – disse Morand – antes que ele torne a empreender algum novo atentado, que tenha melhor êxito do que o último.

– Em todo o caso – tornou Maurício – não será a favor da rainha.

– E por que motivo? – perguntou Morand.

– Porque a rainha está agora em sítio onde nada há que recear das suas empresas.

– Então onde está? – perguntou Dixmer.

– Na *Conciergerie* – respondeu Maurício – foi para lá transferida a noite passada.

Dixmer, Morand e Genoveva deram um grito, que Maurício tomou como sinal de admiração.

– E assim, bem vêem – continuou ele – que o protector da rainha pode dizer adeus aos seus planos! A *Conciergerie* é muito mais segura do que o Templo.

Morand e Dixmer olhavam às furtadelas um para o outro.

– Ai, meu Deus! – exclamou Maurício – lá torna a Sr^a. Dixmer a desmaiar.

– Genoveva – disse Dixmer para a mulher – vai-te meter na cama, minha menina; estás muito incomodada.

Maurício percebeu que desejavam despedi-lo; beijou a mão de Genoveva e saiu.

Morand saiu com ele, e acompanhou-o até à rua Velha de Saint-Jacques, onde estava um moço segurando um cavalo aparelhado.

Maurício ia tão preocupado, que nem perguntou a Morand (a quem não tinha dado palavra desde que tinham saído de casa juntos), quem era aquele homem e para que estava ali aquele cavalo.

Tomou pela rua dos Fossés-Saint-Victor e virou para o cais.

– É célebre; – dizia consigo mesmo pelo caminho; – será o meu espírito que vai

enfraquecendo, ou os acontecimentos que se vão tornando mais sérios? Parece-me ver tudo aumentado como se estivesse vendo os objectos por um microscópio.

E Maurício, para acalmar a agitação em que estava, tirou o chapéu a fim de expor a cabeça à viração da tarde e encostou-se ao parapeito da ponte.

XII

A patrulha

Assim entregue às suas lúgubres reflexões, e entretido a olhar para a água com o modo contemplativo e melancólico que é próprio de todo o parisiense legítimo, Maurício, que ainda se conservava encostado ao parapeito da ponte, ouviu que um grupo de gente se ia aproximando com passo cadenciado como se fora uma patrulha.

Voltou-se; era a Companhia da guarda nacional, que vinha entrando pela outra extremidade da ponte. Apesar da escuridão, julgou Maurício conhecer o vulto de Lorin.

Era ele com efeito. Logo que o avistou correu para ele de braços abertos.

– Até que finalmente te encontrei – exclamou Lorin. – Com os demónios! Olha que me custou a dar contigo.

Se amigo tão fiel conseguir encontrar.

Vou ver felizmente a minha sorte mudar.

– Parece-me que desta vez não tens razão de queixa; dou-te alexandrinos de Racine em lugar de quadras de Lorin.

– Que andas tu fazendo por aqui de patrulha? – perguntou Maurício.

– Sou comandante de uma expedição, meu amigo: quero ver se consigo restaurar o antigo brilho à nossa reputação, que está muito abalada.

E em seguida, voltando-se para a companhia do seu comando, bradou:

– Perfilar armas! Descansar armas! Descansar! Ora muito bem, meus meninos, a noite ainda não está suficientemente escura. Estejam à vontade e tratem dos seus negócios que eu vou tratar dos meus.

Dito isto tornou para Maurício.

– Soube hoje na secção duas grandes novidades – continuou Lorin.

– Quais são?

– A primeira é que tu e eu começamos a tornar-nos suspeitos.

– Isso sei eu... E que mais?

– Ah! Tu já sabias?

– Já, sim.

– A segunda é que toda a conspiração do cravo foi tramada por Filipe de Taverney Casa-Vermelha.

– Também sei isso.

– Mas o que tu não sabes, é que a conspiração do cravo vermelho e a do subterrâneo tinham conexão uma com a outra.

– Sei, sim.

– Pois bem, então passemos a uma terceira novidade, e esta estou certo de que não a sabes. Vamos prender esta noite Filipe de Taverney.

– Prender Filipe de Taverney Casa-Vermelha?

– É verdade.

– E para isso estás feito gendarme?

– Não, mas sou patriota. Um patriota deve sacrificar-se pela pátria. Ora, a minha pátria está sendo incomodada continuamente pelas incessantes maquinações do tal Filipe de Taverney Casa-Vermelha, causa das suas tribulações, e eu obedeco à pátria.

– Apesar de tudo – respondeu Maurício – admira-me que anuísses a tomar semelhante incumbência.

– Não a tomei eu, deram-ma; mas quando assim não fosse, afirmo-te que a teria solicitado. Precisamos praticar alguma acção brilhante para nos reabilitarmos, por isso que da nossa parte depende não só a segurança da nossa existência, como também o direito de encaixarmos seis polegadas de ferro no bandulho do tratante do Simão, logo que se nos ofereça ocasião oportuna.

– Porém, como souberam que era Filipe de Taverney Casa-Vermelha que tinha dirigido a conspiração do subterrâneo?

– Ainda não se sabe ao certo, mas presume-se.

– Ah! Visto isso vais proceder em virtude de uma simples indução.

– Temos toda a certeza de que ele também entrou na conjuração.

– Ora explica-me como se pode combinar o que estás dizendo...

– Presta-me atenção.

– Estou ouvindo...

– Logo que ouvi apregoar: “Grande conspiração descoberta pelo cidadão Simão... (o canalha do Simão! Parece que está em toda a parte, o malvado!) quis ir pessoalmente indagar se era verdade. Falava-se de um caminho subterrâneo...

– E existe com efeito?

– Existe, sim, vi-o eu.

“Com meus olhos foi visto e bem revisto.”

– Então porque não assobias?

– Porque não estou agora disposto para gracejar, tratando-se de coisas tão sérias.

– Que loucura! Se não se gracejar com coisas sérias, com que se há-de gracejar?

– Dizias então que tinhas visto...

– O subterrâneo, repito que vi o caminho do subterrâneo, que entrei nele e que dá comunicação da adega da cidadã Plumeau para uma casa da rua da Cordoaria n.ºs 12 ou 14, já me não lembra bem.

– Deveras! Lorin, estiveste dentro do caminho subterrâneo?

– Entrei por um lado e saí pelo outro, e afirmo-te, por minha vida, que é uma espécie de cano muito bem aberto; estava cortado de mais a mais por três grades de ferro, que foi necessário arrombar umas após outras, mas que, no caso de terem os conspiradores levado o seu projecto avante, ter-lhe-iam dado o tempo preciso, mediante o sacrifício de três ou quatro dos seus, para conduzirem a Sr.^a viúva Capeto a lugar seguro. Felizmente, não lograram o seu intento e o infame Simão ainda descobriu mais uma vez, mais esta.

– Parece-me, contudo – disse Maurício – que quem deveriam ter prendido logo, eram os habitantes dessa casa da rua da Cordoaria.

– E é o que imediatamente teriam feito, se a casa não estivesse completamente desabitada.

– Mas, enfim, a casa há-de ter um senhorio?

– Tem, sim, um senhorio novo, mas ninguém o conhecia; sabia-se que a casa tinha sido vendida havia quinze dias ou três semanas, e mais nada. Os vizinhos confessaram que tinham sentido bulha, mas como a casa estava arruinada, julgaram que trabalhavam nos concertos; o senhorio primitivo tinha saído de Paris. Foi justamente nessa ocasião que ali cheguei.

“– Pelo que vejo – disse eu a Santerre puxando-o de parte – estão todos numa grande perplexidade.”

“– É verdade – respondeu ele.”

“– Esta casa foi vendida, não é assim?”

“– É.”

“– Haverá quinze dias?”

“– Quinze dias ou três semanas.”

“– Havia de ser vendida por intervenção de um tabelião.”

“– Está claro.”

“– Pois bem, é preciso indagar de todos os tabeliães de Paris qual deles foi o que lavrou a escritura de venda desta casa, e obrigá-lo a exhibir o contrato de venda. No contrato há-de constar o nome e a morada do comprador.”

“– Ora ainda bem! A isso é que se chama um bom conselho – disse Santerre – e é este o homem que por aí acusam de mau patriota. Lorin, Lorin! Hei-de reabilitar-te, ou me há-de levar o diabo”.

– Para concluirmos – prosseguiu Lorin – fez-se o que eu tinha dito. Indagou-se quem era o tabelião, deu-se com o contrato, e por ele se soube o nome e a morada do criminoso. Então Santerre para cumprir a sua palavra, nomeou-me para o prender.

– E o homem era com efeito Filipe de Taverney?

– Não, era seu cúmplice unicamente, ou provavelmente...

– Mas nesse caso, porque dizes tu que vais prender Filipe de Taverney?

– Vamos prendê-los todos juntos.

– Em primeiro lugar, dize-me se conheces Filipe de Taverney.

– Muiíssimo bem!

– Deram-te os sinais dele?

– Não há dúvida! Deu-mos Santerre. Cinquenta e nove polegadas de altura, cabelo loiro, olhos azuis, nariz direito, barba castanha: e demais a mais já o vi.

– Quando?

– Ontem mesmo.

– Viste-o?

– E tu também.

Maurício sobressaltou-se.

– Era aquele rapaz loiro que nos livrou ontem pela manhã; o mesmo que capitaneava o bando de janotas e que dava para baixo com tanto ânimo.

– Pois era ele? – perguntou Maurício.

– Ele mesmo. Houve quem o seguisse, e perderam-no de vista nas imediações da morada do senhorio da casa da rua da Cordoaria; de forma que se presume que moram juntos.

– E com efeito, é provável que assim seja.

– É certo.

– Mas parece-me, Lorin – continuou Maurício – que se tu fores prender esta noite o homem que nos salvou ontem de manhã, faltas de alguma maneira aos deveres da gratidão.

– Que criancice! – disse Lorin. – Pensas que ele fez todo aquele barulho para nos salvar unicamente?

– Então para que foi?

– Não foi por nós. Estavam bem emboscados para livrarem a pobre Heloísa Tison na ocasião de passar. Os nossos assassinos eram um estorvo para eles, e por isso os agrediram. Salvaram-nos por tabela. Isto posto, com todo o mérito de uma acção está na intenção com que é praticada, e eles não tinham nenhuma intenção de nos obsequiar, não tenho que me acusar da menor ingratidão.

– De mais, meu Maurício, o ponto essencial que a isso me moveu foi a necessidade absoluta em que estamos de nos reabilitarmos por algum feito brilhante. Eu logo te afiancei.

– A quem?

– A Santerre, ele já sabe que estás à testa da diligência.

– Como é isso!

“– Tens a certeza de prender os criminosos? – perguntou ele.”

“– Tenho, sim, respondi eu, contanto que Maurício me acompanhe.”

“– Mas tu fias-te em Maurício? Ele tem afrouxado muito de certa época para cá.”

“– Quem diz isso está enganado; Maurício tem afrouxado tanto como eu.”

“– E atreves-te a afiançá-lo?”

“– Como se fora eu próprio”.

– Fui logo a tua casa, onde não te encontrei; mas tomei por este caminho, em primeiro lugar porque era o que tinha a seguir, em segundo por ser por aqui que tu vens ordinariamente; afinal encontrei-te e estamos reunidos; marchemos em frente!

“A vitória cantando prazenteira,

Nos abre feliz uma barreira...”

– Meu caro Lorin, sinto muito não te acompanhar, mas não estou resolvido a formar parte da tua expedição; dirás que não me encontraste.

– Não é possível! Os soldados já te viram.

– Pois bem, dirás que me encontraste e que eu não quis acompanhar-vos.

– Também não pode ser.

– Por que razão?

– Porque desta vez passas a ser, em lugar de *frouxo*, *suspeito*... E tu sabes o que fazem aos que se tornam suspeitos: são levados à praça da Revolução, e pedem-lhes que cortejem a estátua da Liberdade; mas em vez de cortejarem com o chapéu, é com a cabeça que fazem o cumprimento...

– Não importa, Lorin, sofrerei todas as conseqüências; olha, vou dizer-te uma coisa, que te há-de admirar.

Lorin espantou os olhos e encarou com Maurício.

– Saberás – prosseguiu Maurício – que estou enfasiado de viver...

Lorin deu uma gargalhada.

– Está bom! – disse ele – houve amuo com o bem amado, e por isso estamos com idéias melancólicas. Vamos, galante Amadis! Torna-te homem, depois passarás a ser cidadão; a mim sucede-me o contrário, quando tenho alguma desavença com a Artemísia, ainda me torno melhor patriota. É verdade, sua divindade a deusa Razão manda-te muitos recados.

– Agradecer-lhos-ás em meu nome; adeus, Lorin.

– Como, adeus?

– Sim, vou-me embora.

– Para onde vais?

– Para casa.

– Maurício, olha que te perdes.

– Pouco me importa.

– Reflecte, Maurício, meu amigo, reflecte.

– Não tenho que reflectir.

– Olha que eu não te disse tudo...

– Como?

– Tudo quanto me disse Santerre.

– Que mais te disse ele?

– Quando lhe falei em ti para chefe da expedição, disse-me: “Toma sentido!”

“– Em quem?”

“– Em Maurício”.

– Em mim!

“– Sim. Maurício – acrescentou ele – vai muitas vezes para aquele bairro.”

“– Para que bairro?”

“– Para o bairro onde mora Filipe de Taverney Casa-Vermelha”.

– Como! – exclamou Maurício – pois é para aqui que ele está escondido!

– Assim o julgam, pelo menos, porque é para este lado que mora o indivíduo que se

presume ser cúmplice dele, e que foi quem comprou, há pouco tempo a casa da rua da Cordoaria.

– No bairro Vitor? – perguntou Maurício.

– Sim, no bairro Vitor.

– E em que rua?

– Na rua Velha de Saint-Jacques.

– Ah! Meu Deus! – gritou Maurício como assombrado por um raio.

E levou a mão aos olhos.

Passado um instante, revestindo-se de ânimo, perguntou a Lorin:

– Qual é a sua profissão?

– Mestre curtidor.

– E o nome?

– Dixmer.

– Tens razão, Lorin – disse Maurício comprimindo até a menor aparência de comoção; – vou contigo.

– E fazes bem. Trazes alguma arma?

– Trago o meu sabre, como sempre.

– Pega lá mais este par de pistolas.

– E tu?

– Eu levo esta clavina... Ombro armas, braço esquerdo armas, em frente?

A patrulha pôs-se em marcha acompanhada de Maurício, que ia ao lado de Lorin, e precedida por um homem vestido com fato de cor cinzenta que a guiava. Era o homem da polícia.

De espaço a espaço, destacava-se de uma esquina da rua, ou da porta de alguma casa, uma espécie de sombra, que vinha dizer algumas palavras ao homem vestido de cinzento; eram os vigias.

Chegaram finalmente ao beco. O homem de cinzento não hesitou um só instante; estava bem informado. Tomou imediatamente para o beco.

Parou defronte da porta do jardim por onde tinham feito entrar Maurício amarrado.

– É aqui – disse ele.

– É aqui! O quê? – perguntou Lorin.

– É aqui que havemos de encontrar os dois chefes.

Maurício encostou-se ao muro, e pareceu-lhe que ia cair sem sentidos.

– Ouçam cá – disse o homem de cinzento – há três entradas para a casa: a entrada principal, esta e uma porta que dá para um pavilhão. Eu vou entrar com seis ou oito homens pela porta principal; guardem aqui esta entrada com quatro ou cinco homens seguros e coloquem três à saída do pavilhão.

– E eu – disse Maurício – vou saltar o muro e vigiarei o jardim.

– Muito bem – disse Lorin – é boa lembrança, porque assim abrirás a porta pela parte de dentro.

– Decerto – disse Maurício – mas não se tirem daqui e não acudam sem que os chame. Do jardim posso examinar perfeitamente tudo quanto se passa no interior da casa.

– Pois tu conheces a casa? – perguntou Lorin.

– Já a quis comprar noutro tempo.

Lorin mandou emboscar os soldados nos ângulos das estacadas e nos vãos das portas, enquanto o agente da polícia se dirigia com oito ou dez guardas nacionais à porta principal, para se proceder ao arrombamento, conforme tinha dito.

Um instante depois nem já se lhe ouviam as passadas, que em semelhante deserto não tinha despertado a menor atenção.

Os soldados de Lorin estavam a postos e cosidos com a parede. Quem passasse por ali havia de jurar que tudo estava sossegado e que não havia novidade na rua Velha de Saint-Jacques.

Maurício começou a trepar ao muro.

– Espera aí – disse Lorin.
– Para quê?
– E a senha?
– Ah! É verdade que me esquecia: qual é?
– *Cravo e subterrâneo*. Prende quem não te disser estas três palavras, e deixa passar quem as disser.
– Obrigado – disse Maurício.
E saltou o muro para o jardim.

XIII

Cravo e subterrâneo

O primeiro golpe tinha sido terrível; Maurício teve de usar de todo o poder que tinha sobre si para ocultar a Lorin a agitação em que estava; mas quando chegou ao jardim, quando se viu só, no silêncio da noite, o seu espírito serenou, e pôde dar ordens às idéias que lhe ferviam desordenadamente no cérebro.

Pois aquela casa, onde Maurício ia tantas vezes com a maior satisfação; aquela casa, que ele considerava um paraíso sobre a terra, não era outra coisa senão um receptáculo de intrigantes sanguinários?!

O bom acolhimento que davam à sua extremosa amizade era hipocrisia e nada mais; todo aquele amor de Genoveva era inspirado pelo medo.

Sabemos o modo por que era distribuído o jardim, onde os nossos leitores têm por mais de uma vez acompanhado os dois amantes. Maurício foi caminhando escondido pelos arbustos até que conseguiu abrigar-se dos raios da lua à sombra daquela espécie de estufa, onde o tinham fechado no primeiro dia em que se introduzira na casa.

A estufa ficava fronteira ao pavilhão habitado por Genoveva.

Mas, naquela noite, a luz em lugar de brilhar solitária e imóvel no quarto de Genoveva, aparecia ora por dentro de uma janela ora por dentro de outra. Maurício avistou Genoveva através de uma cortina que por acaso havia ficado levantada: estava arrumando o fato apressadamente numa mala, e admirou-se muito por lhe ver luzir armas na mão, o que acontecia pela primeira vez.

Subiu a um colunelo, para poder ver melhor para dentro do quarto. Na chaminé brilhava uma grande fogueira que lhe atraiu a atenção; eram papéis que Genoveva tinha queimado.

No mesmo instante abriu-se uma porta, e entrou um homem no quarto de Genoveva.

A primeira idéia que ocorreu a Maurício foi que o homem seria Dixmer.

Genoveva correu para ele, pegou-lhe nas mãos e ambos se conservaram por algum tempo defronte um do outro, parecendo fortemente comovidos. Qual seria a causa daquela agitação? Maurício não podia percebê-la, porque do sítio onde estava não podia ouvir o que diziam.

Mas num relance Maurício mediu com a vista a estatura do recém-chegado.

– Não é Dixmer – disse ele consigo.

E com efeito, o indivíduo que acabava de entrar era delgado; Dixmer era alto e robusto.

O ciúme é um estimulante activíssimo; bastou um segundo a Maurício para calcular as polegadas de altura que poderia ter o desconhecido; e para se certificar de que não era o perfil do marido.

– Não é Dixmer – repetiu ele como se fosse preciso torná-lo a asseverar a si próprio para ficar bem convencido da perfídia de Genoveva.

Chegou-se mais para a janela, mas quanto mais se aproximava menos via: tinha a cabeça a arder.

Deu com o pé numa escada de mão; a janela estava a sete ou oito pés de altura; pegou na escada e foi encostá-la à parede.

Subiu e espreitou por um intervalo da cortina.

O desconhecido que estava no quarto de Genoveva era um homem de uns trinta anos, de olhos azuis e garbo elegante: segurava as mãos de Genoveva, e enquanto lhe falava ia-lhe limpando lágrimas, que lhe corriam pelo lindo rosto.

Uma leve bulha, que Maurício fez involuntariamente, obrigou o mancebo a voltar a cabeça para o lado da janela. Maurício conteve-se para não dar um grito de espanto; era o seu misterioso salvador da praça do Châtelet.

Genoveva largou as mãos do desconhecido e foi à chaminé ver se os papéis estavam inteiramente consumidos.

Maurício não pôde moderar-se por mais tempo: todos os sentimentos terríveis que atormentam o coração humano, o amor, a vingança e o ciúme, lhe rasgavam o peito com dentes de fogo. Acabou de subir, empurrou com força a vidraça, que estava, mal fechada, e saltou para dentro do quarto.

No mesmo instante sentiu no peito as bocas de duas pistolas.

Genoveva tinha-se voltado ao ouvir bulha, ficou sem fala quando conheceu Maurício.

– O senhor – disse o jovem republicano com serenidade para o homem que lhe tinha a vida nas mãos – é Filipe de Taverney?

– E se assim fosse? – respondeu este.

– Oh! É porque se assim for, como é um homem valente e prudente, vou dizer-lhe duas palavras.

– Pode matar-me, porém não me matará sem que eu dê um grito, ou por outra, eu não morrerei sem o dar. Se eu der um grito, mil homens que cercam esta casa reduzi-la-ão a cinzas dentro de dez minutos; abaixe pois as pistolas e escute o que vou dizer a esta senhora.

– A Genoveva? – perguntou Filipe de Taverney.

– A mim! – exclamou ela.

– Sim, à senhora.

Genoveva, mais pálida do que uma estátua, agarrou no braço de Maurício. O Mancebo, porém, dando um puxão, repeliu-a.

– Lembre-se do que afirmou, senhora – disse Maurício com um gesto de desprezo. – Conheço agora que a senhora disse a verdade. Com efeito, não é ao Sr. Morand que tem amor.

– Maurício, ouça-me! – gritou Genoveva.

– Não tenho que ouvir, minha senhora – disse Maurício. – Enganou-me; quebrou com um único golpe todos os laços que prendiam o meu coração ao seu. Disse-me que não tinha amor ao Sr. Morand, mas não me disse que amava outro.

– Diga-me, senhor – perguntou Filipe de Taverney – que história é essa de Morand, ou por outra, quem é esse Morand a quem alude?

– O químico Morand.

– Aqui o tem presente: o químico Morand e Filipe de Taverney são um mesmo indivíduo.

E chegando-se a uma mesa, que estava próxima, pôs na cabeça num abrir e fechar de olhos, a cabeleira preta que durante tanto tempo servira para o desfigurar.

– Ah! Sim – disse Maurício com modo desdenhoso; – sim, já percebo; não amava a Morand, que não existia, porém o subterfúgio, se foi habilmente achado, nem por isso deixa de ser menos desprezível.

Filipe de Taverney fez um gesto de ameaça.

– Senhor – continuou Maurício – permita que eu converse um instante com esta senhora, poderá, mesmo, querendo, ouvir o que vou dizer-lhe: prometo que não me hei-de demorar muito.

Genoveva voltou-se para Filipe de Taverney, como para lhe pedir que tivesse paciência.

– Assim, pois – prosseguiu Maurício – a senhora fez de mim um objecto de escárnio para os seus amigos, e de execração para os meus correligionários, abusou da minha cegueira em proveito de todas as suas maquinações! Tirou de mim toda a utilidade que é possível tirar de um

instrumento. É uma acção bem infame! Porém há-de ser castigada, minha senhora! Porque o senhor aqui presente vai matar-me à sua vista! Mas, em menos de cinco minutos, também ele aqui estará jazendo a seus pés, ou, se ainda viver, há-de ser unicamente para ir deixar a cabeça no cadafalso.

– Morrer, ele! – exclamou Genoveva; – deixar a cabeça num cadafalso! Então não sabe, Maurício, que ele é o meu protector, e de toda a minha família; que eu daria, se fosse preciso, a minha vida por a dele, que se ele morrer também eu morrerei, e que é o meu Deus assim como o senhor é o meu amor?

– Ah! – disse Maurício – vai talvez continuar a asseverar que me tem amor; as mulheres são na verdade muito fracas e cobardes!

E voltando-se para Filipe, disse:

– Vamos, senhor, é preciso resolver-se a matar-me ou a morrer.

– Por que motivo?

– Porque se não me matar prendo-o eu.

Maurício estendeu a mão como para agarrar na gola da casaca.

– Não quero brigar com o senhor para conservar a minha vida – disse Taverney – olhe!

E dizendo isto atirou com as pistolas para cima de uma cadeira.

– E por que razão não tenta salvar a vida?

– Porque a minha vida vale para mim menos do que os remorsos que eu teria, se por fatalidade matasse um homem tão brioso como é, e a razão mais forte é porque Genoveva o ama.

– Ah! – exclamou Genoveva de mãos erguidas – Ah! Sempre há-de ser bom, grande, leal e generoso!

Maurício olhava para eles como estupefacto.

– Ouça-me – disse Taverney – volto por um instante ao meu quarto, porém dou-lhe a minha palavra de honra que não é para fugir; vou esconder um retrato.

Maurício procurou imediatamente com a vista o retrato de Genoveva e viu-o no seu lugar.

Ou fosse porque Taverney tivesse adivinhado o pensamento de Maurício, ou por querer dar até ao fim mostras da sua generosidade, disse:

– Vamos lá, bem sei que é republicano, mas conheço também que tem um coração puro e leal. Quero confiar-me no senhor até à última; veja!

E tirou do peito uma miniatura, que mostrou a Maurício. Era o retrato da rainha.

Maurício abaixou a cabeça e levou a mão à testa.

– Fico esperando as suas ordens, senhor – disse Filipe de Taverney; – se persiste em querer prender-me, fará favor de bater a esta porta quando for tempo de me entregar. Não me importa a vida desde que perdi a esperança de salvar a rainha.

Filipe de Taverney saiu, e Maurício não fez movimento algum para o deter.

Ainda bem ele não tinha saído do quarto, lançou-se Genoveva aos pés do mancebo, dizendo:

– Perdoe-me, Maurício, todo o mal que lhe fiz, perdoe-me os meus enganos, perdoe em atenção ao muito que tenho sofrido e chorado, porque na realidade tenho chorado imenso e sofrido ainda mais. Ai! Meu marido partiu esta tarde; não sei para onde foi, nem talvez o torne a ver; e a este único amigo que aqui me ficou, que para mim é mais do que um amigo, é um irmão, vai contribuir para que o matem. Perdão, Maurício! Perdão!

Maurício fê-la levantar.

– Que se lhe há-de fazer? – disse ele – são fatalidades que sucedem: todos jogam a vida hoje em dia; Filipe de Taverney jogou como os mais, e perdeu. Agora não tem remédio senão pagar.

– Ou por outra, não tem remédio senão morrer, se bem percebo.

– É verdade!

– É preciso que ele morra, e é o senhor quem me diz isso!

– Não sou eu, Genoveva, é a fatalidade.
– A fatalidade ainda não sentenciou este caso, visto que o senhor, querendo, pode salvar Filipe.

– Faltando à minha palavra, e por conseqüência aos deveres da honra. Bem entendo, Genoveva.

– Feche os olhos, Maurício, não peço mais nada, e em troca prometo-lhe quanto se pode exigir da gratidão de uma mulher.

– Seria baldado fechar os olhos, minha senhora; há uma senha sem a qual ninguém pode sair; ainda torno a dizer-lho, a casa está cercada.

– E sabe qual é a senha?

– Sei, não há dúvida.

– Oh! Então, Maurício...

– Então o quê?

– Meu amigo, meu querido Maurício, dê-me a senha, exijo que ma diga.

– Genoveva! – exclamou Maurício – Genoveva! Quem é a senhora, para me dizer: “Maurício, em nome do amor que te tenho, falta à tua palavra, aos teus compromissos de honra, traiçoa a tua causa e as tuas opiniões, mente, renega”. Diga-me, Genoveva, que tem a oferecer-me em compensação de tudo isto, já que assim me está tentando?

– Oh! Maurício, salve-o, salve-o primeiro, e depois peça-me a vida, se quiser.

– Genoveva – respondeu Maurício com semblante carregado, – ouça-me: eu já tenho um pé na estrada da infâmia; para entrar nela de todo quero ter ao menos um pretexto, que me sirva de desculpa para comigo mesmo; Genoveva, jure-me que não ama Filipe de Taverney.

– Estimo Filipe de Taverney como irmã, como amiga; nada mais, juro-lho.

– Genoveva, tem-me amor?

– Oh! Maurício, por Deus, que me ouve, juro amá-lo e amá-lo-ei sempre!

– Se eu anuir ao que me pede, deixará parentes, pátria e amigos para fugir com o traidor?

– Maurício! Maurício!

– Hesita... Oh! Hesita!

E Maurício afastou-se dela com desprezo.

Genoveva, que se tinha encostado a ele, quando lhe faltou de repente o ponto de apoio, caiu de joelhos.

– Maurício – disse ela implorando de mãos postas; – Maurício, juro-te que estou por tudo que quiseses; manda, que eu obedecerei.

– Prometes ser minha, Genoveva?

– Quando o exigires.

– Jura pelo Cristo!

Genoveva estendeu a mão.

– Oh! Meu Deus – disse ela – vós perdoastes à mulher adúltera, espero que me perdoareis a mim também as minhas faltas.

E as lágrimas, que lhe borbulhavam dos olhos, vieram umedecer-lhe o comprido cabelo, que solto da cabeça lhe cobria o peito.

– Oh! Assim não, não jures assim – disse Maurício – não aceito esse juramento.

– Meu Deus – tornou ela – juro consagrar toda a minha vida a Maurício, morrer com ele, e por ele, se for preciso, com tanto que ele salve o meu amigo, o meu protector, o meu irmão, Filipe de Taverney Casa-Vermelha. Oh! Fazei-me isto, Senhor!

– Muito bem! Hei-de salvá-lo – disse Maurício – hei-de salvá-lo, já que assim o quer.

Dizendo isto, como que desorientado, dirigiu-se à porta do quarto de Morand e disse:

– Senhor, vá vestir o fato do curtidor Morand. Desligo-o da palavra que me deu, está solto. E a senhora – disse ele para Genoveva – aqui tem as palavras da senha: *cravo e subterrâneo*.

E sem mais demora chegou à janela, e saltou do quarto para o jardim, fugindo horrorizado do sítio em que havia proferido aquelas duas palavras, que o tornavam um traidor.

XIV

Pesquisas

Maurício tinha voltado para o seu posto de observação no jardim, em frente da janela de Genoveva; a janela porém estava às escuras, por isso que Genoveva tinha passado para o quarto de Filipe de Taverney Casa-Vermelha.

Já era tempo que Maurício saísse de casa, pois apenas chegara ao ângulo da estufa, abriu-se a porta do jardim, e apareceu o homem de cinzento, acompanhado de Lorin e de cinco ou seis granadeiros.

– Então que temos? – perguntou Lorin.

– Estou, como vês, no meu posto – respondeu Maurício.

– Ninguém tentou passar para fora? – disse Lorin.

– Ninguém – respondeu Maurício, estimando poder evitar uma mentira pelo modo por que tinha sido feita a pergunta; – ninguém! E os cidadãos o que fizeram?

– Soubemos com toda a certeza, que Filipe de Taverney Casa-Vermelha voltou para casa, haverá uma hora, e que ainda não tornou a sair – respondeu o homem da polícia.

– E sabem ao certo qual seja o quarto dele? – perguntou Lorin.

– Entre o quarto dele e o da cidadã Dixmer, há apenas um corredor de permeio.

– Ah! Ah! – exclamou Lorin!

– Nem era preciso tamanho intervalo! Dizem que o tal Filipe de Taverney Casa-Vermelha é grande maganão.

Maurício sentiu que lhe subia o sangue à cabeça; fechou os olhos e viu milhares de estrelas.

– Pois será verdade? Mas... E o cidadão Dixmer, que dizia a isso? – perguntou Lorin.

– Julgava-se muito honrado com a distinção.

– Vamos – disse Maurício com voz sufocada – que deliberação tomamos?

– Estamos deliberados – disse o homem da polícia – a ir prendê-lo ao quarto e talvez até que à cama.

– E ele não desconfiará de nada?

– De nada absolutamente.

– Qual é a disposição do terreno? – perguntou Lorin.

– Deram-nos uma planta muito correcta – respondeu o homem de cinzento: há um pavilhão situado num dos cantos do jardim, e ele aqui está; sobem-se quatro degraus, que daqui pode ver. Chega-se a um patamar; à direita fica a porta do quarto da cidadã Dixmer; que deve ser aquele de que se vê a janela. Em frente da janela, no fundo do quarto, há outra porta, que dá para o corredor, e para esse corredor é que abre a porta do quarto do conspirador.

– Muito bem – disse Lorin – com uma topografia tão detalhada poderíamos entrar até de olhos fechados, e muito melhor entraremos tendo-os nós bem abertos; marchemos pois.

– As ruas ficaram bem guardadas? – perguntou Maurício com uma solicitude, que a gente que estava presente atribuiu naturalmente ao receio que tinha de que Taverney escapasse.

– Ruas, becos, travessas, tudo está guardado – disse o homem de cinzento; – nem um rato será capaz de passar, se não tiver a senha.

Maurício estremeceu; receava ver frustrados, em consequência de tantas cautelas, os planos de felicidade que se baseara na sua traição.

– Diga-me agora – tornou o homem de cinzento – quantos homens são precisos para prender Taverney?

– Quantos homens? – disse Lorin – parece-me que bastará Maurício e eu; não é assim, Maurício?

– Sim – balbuciou este – decerto, bastaremos nós dois.

– Ouça – disse o homem da polícia – deixemo-nos de fanfarronadas inúteis; tem empenho em o prender?

– Boa pergunta! – exclamou Lorin – temos sim, com os demónios! Não é verdade, Maurício, não é preciso que o prendamos?

Lorin insistiu nestas últimas palavras.

Era pelo motivo que já dissera; havia algumas suspeitas a respeito de ambos, e era indispensável não dar tempo às suspeitas, que tão rapidamente caminhavam naquela época para tomarem maior corpo; ora, Lorin sabia muito bem, que pessoa alguma se atreveria a duvidar do patriotismo de dois homens, que tivessem conseguido prender Filipe de Taverney.

– Pois bem – disse o homem da polícia – se realmente deseja agarrá-lo será melhor levarmos connosco três homens do que dois, e ainda melhor quatro ao que três; Taverney costuma dormir com uma espada debaixo do travesseiro e um par de pistolas na mesa de cabeceira.

– Vamos a isso! – disse um dos granadeiros da companhia de Lorin – entremos todos, não haja escolha; se ele se entregar, ficará de reserva para a guilhotina; se resistir, damos-lhe cabo da pele.

– Disseste bem – acudiu Lorin; – andemos para a frente! Por onde entramos nós, pela porta ou pela janela?

– Pela porta – disse o homem da polícia – pode ser que esteja aberta; para entrar pela janela seria necessário partir algum vidro, e isso sempre faz bulha.

– Seja pela porta! – disse Lorin; – contanto que entremos, pouco me importa o modo. Vamos, Maurício, desembainha o teu sabre!

Maurício tirou maquinalmente o sabre para fora da bainha.

O grupo encaminhou-se para o pavilhão. Conforme indicara o homem de cinzento, encontraram os quatro degraus da entrada da porta, um patamar e depois o vestíbulo.

– Ah! – exclamou Lorin com alegria – a chave está na porta.

E efectivamente tinha procurado às apalpadelas, e sentira na mão o contacto frio da chave.

– Ande, abra lá, cidadão tenente – disse o homem vestido de cinzento.

Lorin deu com cautela volta à chave e a porta abriu-se.

Maurício limpou com a mão a testa úmida de suor.

– Eis-nos chegados – disse Lorin.

– Ainda não – respondeu o homem de cinzento. – Se os dados topográficos que possuímos são exactos, estamos no quarto da cidadã Dixmer.

– Temos um meio para saber isso com certeza – replicou Lorin; – acendamos velas, ainda há lume no fogão.

– É melhor acendermos archotes – disse o homem de cinzento; – os archotes não se apagam como as velas.

E tirando dois archotes da mão de um granadeiro, passou a acendê-los à chama quase expirante do fogão.

Entregou um a Maurício e outro a Lorin.

– Vejam lá – disse ele – não houve engano; aqui está a porta que dá para o quarto de cama da cidadã Dixmer, e acolá a que deita para o corredor.

– Adiante! Vamos ao corredor – disse Lorin.

Abriram a porta do fundo, que não ofereceu mais resistência do que a primeira, e acharam-se em frente da porta do quarto de Taverney. Maurício tinha reparado mais de vinte vezes naquela porta, mas nunca indagara para onde deitava; quando entrava naquela casa resumia-se para ele o mundo ao quarto em que Genoveva o recebia.

– Oh! Oh! – disse Lorin a meia voz – aqui já o caso muda de figura, não vejo chave e a porta está fechada.

– Mas – perguntou Maurício, apenas pôde falar – tens a certeza de que seja aqui?

– Se a planta não mente, deve ser aqui – respondeu o homem da polícia – mas já nos vamos afirmar. Olá, granadeiros! Arrombem esta porta, e os cidadãos saltem para dentro do quarto logo que se franqueie a entrada.

Quatro homens escolhidos pelo agente da polícia levantaram as coronhas das armas, e a um sinal que ele deu, arremeteram a um tempo contra a porta, que logo cedeu feita em estilhas.

– Entrega-te, ou morres! – gritou Lorin entrando apressadamente no quarto.

Ninguém respondeu; as cortinas do leito estavam fechadas.

– Cuidado! – pode ele estar pela parte de lá da cama! – disse o homem da polícia: apontar! E logo que virem mexer as cortinas, fogo!

– Esperem – disse Maurício – vou eu abri-las.

E esperando provavelmente que Taverney estivesse escondido por dentro das cortinas, e que a punhalada ou tiro de pistola lhe coubesse a ele, Maurício puxou pelas cortinas e abriu-as para os lados.

Na cama não estava ninguém.

– Esta só pelo demónio! – disse Lorin; – ninguém!

– Fugiu talvez – balbuciou Maurício.

– É impossível, cidadãos, é impossível! – exclamou o homem de cinzento – já lhes disse que houve quem o visse entrar para casa há uma hora; ninguém o viu sair, e todas as portas estão tomadas.

Lorin abria as portas dos gabinetes e dos armários, e procurava por toda a parte, até onde era materialmente impossível poder esconder-se um homem.

– E contudo, ninguém! Como vê não está aqui ninguém!

– Ninguém! – repetiu Maurício, com uma comoção cuja causa é fácil de adivinhar – com efeito não há ninguém, como se vê.

– Vamos ao quarto da cama da cidadã Dixmer – disse o homem da polícia – talvez lá esteja.

– Oh! – disse Maurício – respeitem o quarto de uma mulher.

– Que dúvida? – disse Lorin – havemos de respeitá-lo por certo, assim como à cidadã Dixmer, mas havemos de passar-lhe revista.

– A quem, à cidadã Dixmer? – perguntou um dos granadeiros, aproveitando a ocasião para dizer uma chocarrice.

– Não – respondeu Lorin – ao quarto unicamente.

– Nesse caso – disse Maurício – deixem que eu vá adiante.

– Vai – disse Lorin – és capitão: compete-te a primazia.

Ficaram dois homens de guarda ao quarto de que saíam, e passaram todos para aquele onde tinham acendido os archotes.

Maurício aproximou-se da porta que dava para o quarto da cama de Genoveva.

Era a primeira vez que lá entrava: palpitava-lhe o coração com violência.

A chave estava na porta.

Maurício levou a mão à chave mas hesitou.

– Então – disse Lorin – não abres?

– Mas – disse Maurício – se a cidadã Dixmer estiver deitada?

– Daremos busca à cama, à chaminé e aos armários – disse Lorin – e se não encontrarmos senão a ela, damos-lhe as boas-noites.

– Não, senhor – acudiu o homem da polícia – prendê-la-emos também; a cidadã Genoveva Dixmer é uma aristocrata, e sabe-se que foi cúmplice da rapariga Tison e de Filipe de Taverney Casa-Vermelha.

– Visto isso, não me compete a mim abrir a porta – disse Maurício largando a chave – eu não prendo mulheres.

O homem da polícia olhou de revêrs para Maurício, e os granadeiros começaram a murmurar.

– Oh! Oh! – disse Lorin – vocês estão resmungando? Pois já que gostam do divertimento, vão rosnando de mim também, porque eu penso como Maurício.

E deu um passo à retaguarda.

O homem de cinzento deitou a mão à chave, e de repente os soldados entraram de tropel no quarto.

Ainda ardiam duas velas sobre uma mesa, porém no quarto de Genoveva, do mesmo modo que no quarto de Filipe de Taverney, não estava ninguém.

– Foi-se! – exclamou o agente da polícia.

– Foi-se! – repetiu Maurício empalidecendo – mas para onde iria ela?

Lorin olhou admirado para Maurício.

– Procuremos – disse o agente da polícia.

E acompanhado dos milicianos, começou a dar busca à casa desde os subterrâneos até às oficinas.

Ainda bem eles não tinham voltado as costas, Maurício, que impaciente os tinha seguido com a vista, entrou no quarto e começou a abrir os armários e esconderijos que eles já tinham examinado, chamando com ansiedade:

– Genoveva! Genoveva.

Porém Genoveva não respondeu; o quarto estava efectivamente desocupado.

Então Maurício, tomado de uma espécie de frenesi, entrou a procurar pela casa toda. Estufas, telheiros, armazéns, nada lhe escapou, mas foi debalde todo esse trabalho.

De repente ouviu um grande tumulto: um bando de homens armados apareceu à porta, deu a senha à sentinela, invadiu o jardim e espalhou-se pela casa. À frente deste reforço brilhava o desbotado penacho de Santerre.

– Então! – disse ele para Lorin – onde está o conspirador?

– Como! Onde está o conspirador?

– Sim. Quero saber que destino lhe deste.

– Essa pergunta faço eu; o seu destacamento é quem o deve ter agarrado, se guardou bem as saídas daqui; porque já não estava em casa quando nós aqui entramos.

– Que estás dizendo? – bradou o general enfurecido; – pelo que vejo deixaste-lo escapar?

– Não podíamos deixá-lo escapar, porque nunca o tivemos em nosso poder.

– Agora digo-te que já não te entendo – replicou Santerre.

– Não entende o quê?

– O recado que me mandaste pelo teu emissário.

– Nós mandámos porventura alguém?

– Mandaste, sim. Um homem de casaca parda, cabelo preto, e óculos verdes, que foi avisar-me de que vocês estavam quase a ponto de se apoderarem de Taverney, mas que ele lutava como um leão; e por isso acudi logo.

– Um homem de casaca parda, cabelo preto e óculos verdes? – repetiu Lorin.

– É verdade, e com uma mulher pelo braço.

– Jovem ainda, e bonita? – perguntou Maurício dirigindo-se ao general.

– Sim, moça e bonita.

– Era ele! E a cidadã Dixmer...

– Ele quem?

– Taverney... Oh! Que louco que eu fui em não os matar a ambos!

– Sossega, sossega, cidadão Lindey – disse Santerre – hão-de ser apanhados.

– Mas como diabo foi que os deixou passar? – perguntou Lorin.

– Essa não está má: – disse Santerre – deixei-os passar porque me deram a senha.

– Deram-lhe a senha! – exclamou Lorin – então há entre nós um traidor!

– Não, não, cidadão Lorin – disse Santerre; – são todos conhecidos e sabe-se que entre vocês não pode haver traidores.

Lorin olhou em volta de si, como para descobrir o traidor de quem acabava de proclamar

a presença.

Deu com o semblante carregado e o olhar vacilante de Maurício.

– Oh! – disse ele consigo – Mas que significará tudo isto?

– O homem não pode estar muito longe daqui – disse Santerre – continuemos as nossas pesquisas pela vizinhança; pode ser que desse com alguma patrulha mais esperta do que nós e que não se deixasse enganar.

– Sim, sim, procuremos – respondeu Lorin.

Dizendo isto agarrou Maurício pelo braço, e, a título de começar a busca, levou-o para fora do jardim.

– Sim, procuremos – disseram os soldados – mas antes de começar...

Um deles atirou com um archote para dentro de um telheiro, que estava atacado de feixes de lenha e de tábuas velhas.

– Anda comigo – disse Lorin a Maurício.

Maurício não resistiu. Acompanhou Lorin como se fora uma criança; correram ambos até à ponte sem darem palavra; chegaram lá, pararam, e Maurício olhou para trás.

O Céu estava de cor avermelhada para a banda do horizonte do arrabalde, e por cima dos telhados das casas viam-se brilhar numerosas faíscas.

XV

A fé jurada

Maurício arrepiou-se, estendeu a mão na direcção da rua de Saint-Jacques e exclamou:

– Fogo! Fogo!

– Pois sim – disse Lorin – é fogo, e que tens tu com isso?

– Oh! Meu Deus, meu Deus! Se ela tiver voltado!

– Quem?

– Genoveva.

– Genoveva, é a Sr^a. Dixmer, não é verdade?

– Sim, é ela mesma.

– Não receies que ela tenha voltado, não foi para isso que fugiu.

– Lorin, preciso torná-la a encontrar; preciso vingá-la-me.

– Oh! Oh! – disse Lorin:

Amor, tirano dos deuses,
E tirano dos mortais,
Não é só o puro incenso.
Que soberbo ambicionais.

– Hás-de ajudar-me a procurá-la, não é assim, meu caro Lorin?

– Sossega, não te há-de custar muito.

– E como?

– Visto que tanto interesse tomas pela cidadã Dixmer, debes tê-la tratado muito de perto, e nesse caso debes saber quais as pessoas que têm relações de mais intimidade: não é provável que saísse de Paris, todos eles têm a mania de se conservarem cá; foi esconder-se em casa de algum confidente, e é natural que recebas amanhã por mão de alguma aia, um bilhetinho concebido nestes termos pouco mais ou menos:

Quando Marte quiser tornar a ver,
A bela Citereia tão amada,
Vá rogar, vá pedir à sua triste noite
Que lhe empreste a sua charpa azulada.

e diga ao guarda-portão da casa número tantos, na rua de tal, que pretende falar à senhora Fulana; eis aí está.

Maurício encolheu os ombros; sabia muito bem que Genoveva não tinha amiga em casa de quem pudesse esconder-se.

– Não a tornaremos por certo a encontrar – murmurou.

– Dás-me licença que te diga uma coisa, Maurício? – interrompeu Lorin.

– Que é?

– Que não seria talvez grande desgraça não a tornarmos a encontrar.

– Se não dermos com ela, Lorin – disse Maurício – morro de pesar.

– Oh! Com os diabos! – respondeu o mancebo – então foi deste amor que já estiveste para morrer?

– É verdade – replicou Maurício.

Lorin meditou um instante.

– Maurício – disse ele – são quase onze horas da noite, este sítio está solitário, aqui um banco de pedra, que parece ter sido posto de propósito para servir de assento a dois amigos. Concede-me pois o favor de uma conversação em particular, como se costumava dizer no tempo do antigo regimen. Dou-te a minha palavra que falarei em prosa.

Maurício olhou primeiro em volta de si, e foi assentar-se no banco.

Lorin olhou também e depois assentou-se ao lado do amigo.

– Fala – disse Maurício com tristeza, encostando a cabeça à mão.

– Ora ouve-me, querido amigo, sem exórdio, sem perífrase, sem comentário, passo a dizer-te uma coisa: é que nós estamo-nos perdendo, ou por melhor dizer, tu estás perdendo-nos.

– Como entendes tu isso, meu amigo? – perguntou Maurício.

– Saberás, meu terno amigo – replicou Lorin – que existe um certo decreto da junta de salvação pública, que declara traidor à pátria todo o indivíduo que tiver relações com os inimigos da mesma pátria. Que dizes? Não te lembras deste decreto?

– Não há dúvida – respondeu Maurício.

– Conheces as disposições do decreto?

– Conheço.

– Pois bem, a mim parece-me que tens atraído a pátria muito sofrivelmente. Que dizes tu a isto? Como diz Mânlio na tragédia.

– Lorin!

– É assim mesmo; isto é, dado de tu considerares como amantes da pátria os indivíduos que dão casa, cama e mesa, ao Sr. Filipe de Taverney, o qual não é, segundo creio, republicano exaltado, nem foi ainda acusado, que eu saiba, de ter entrado na revolução de Setembro.

– Ai, Lorin! – exclamou Maurício dando um profundo suspiro.

– Isto posto – continuou o moralista – julgo que foste, e ainda és demasiado amigo do inimigo da pátria. Vamos, vamos, não te zangues comigo, querido amigo; confessa simplesmente que tem esfriado o teu zelo.

Lorin tinha proferido estas palavras com toda a bondade de que era susceptível, e empregando para as soltar toda a sua arte ciceroniana.

Maurício apenas protestou por gestos.

Lorin não fez caso do protesto e prosseguiu:

– Oh! Se nós estivéssemos vivendo em uma temperatura de estufa, com um calor mediano que segundo as regras da botânica, nunca deve exceder 16 graus barométricos, então dir-te-ia: Meu querido Maurício, este modo de viver é elegante, é de cavalheiro; sejamos algum tanto aristocratas, de vez em quando, parece bem, e é até agradável. Mas hoje, com este calor de 35 a 40 graus, está tudo a arder; de forma que o que está morno parece estar frio no meio de tão elevada temperatura; quem está frio passa a ser suspeito; tu bem o sabes, Maurício, e julgo que tens bastante discernimento para adivinhares o que em breve passa a ser, ou antes a deixar de ser, todo o homem que se torna suspeito.

– Pois matem-me embora, e acabemos com isto – exclamou Maurício – já estou cansado de viver...

– Deixa-te disso – disse Lorin; – não te abandonarei por ora, por isso que me é possível consentir que se cumpra o teu desejo; e demais, é preciso que entendas que hoje em dia, quando se morre, é indispensável morrer na fé republicana, e tu, se morresses agora, acabarias como aristocrata.

– Oh! Oh! Bradou Maurício, já irritado pela dor que lhe resultava da consciência da sua culpa; – oh! Oh! Vais muito longe, meu amigo.

– E hei-de ir mais longe ainda, porque desde já te aviso, que te tornas aristocrata...

– Vais denunciar-me?

– Era o que faltava! Não, mas passo a encerrar-te nalgum quarto subterrâneo, depois mando-te procurar com pregão por toda a parte como um objecto perdido; e entretanto, hei-de ir espalhando que os aristocratas, sabendo a vontade que lhe tinhas, tomaram a deliberação de te encarcerar, para te martirizarem e matarem à fome; de sorte que, apareces novamente à luz do dia, serás publicamente coroadado de flores pelas regateiras da praça e pelos trapeiros da secção Vítor, como sucedeu ao preboste Elias de Beaumont, a Latude e a muitos outros. Trata pois, meu caro amigo, quanto antes, de tornar a ser bom patriota, quando não, sabes o que te espera.

– Lorin, Lorin, eu bem conheço que tens razão, mas é o meu fado que me arrasta contra a minha vontade. Zangas-te comigo por eu não poder resistir à fatalidade.

– Não me zango, estou-te repreendendo. Lembra-te das discussões que se davam entre Píades e Orestes, e que são uma prova evidente de que a amizade não é mais que um paradoxo pois aqueles dois, que eram o modelo dos amigos, altercavam desde pela manhã até à noite.

– Entrega-me à minha sorte, Lorin, é o que deves fazer.

– Nunca.

– Pois então deixa que eu ame e faça loucuras à minha vontade e que me torne criminoso talvez; porque sinto que, se tornar a vê-la sou capaz de a matar.

– Ou de ajoelhar ternamente a seus pés. Ai Maurício! Maurício! Apaixonado por uma aristocrata, quem tal diria!

– Basta, Lorin, peço que te cales.

– Maurício, hei-de curar-te ou me há-de levar o diabo. Não quero que tenhas número premiado na lotaria da santa guilhotina, como diz o tendeiro da rua dos Lombardos. Toma sentido, Maurício, que me estás desesperando; vais talvez fazer de mim um ente sanguinário, mas sinto tentações de largar fogo à ilha de Saint-Louis; quem me dá um archote, um facho!

Porém, desistir devo de trabalho tão baldado:

Para que serve facho ou tição incendiado?

O teu fogo, Maurício, com arte singular,

Pode tua alma estes sítios a cidade abraçar.

Maurício sorriu involuntariamente.

– Já não te lembras que prometeste falar em prosa? – disse ele.

– Mas é que tu estás-me fazendo desesperar com as tuas loucuras; é que... Olha, Maurício, vamos para alguma taberna; embebedemo-nos, façamos moções, estudemos a economia política, mas em nome de Júpiter, deixemo-nos de paixões, não tenhamos amor senão à liberdade.

– Ou à *Razão*.

– É verdade! A Deusa manda-te saudades, e acha que és um mortal encantador.

– E tu não tens ciúmes?

– Eu, Maurício, para salvar um amigo, não olho a sacrifícios.

– Obrigado, meu pobre Lorin, dou o devido valor à tua dedicação; mas sempre te digo que a melhor maneira de eu me consolar é deixares-me completamente entregue à minha dor.

E Maurício deu vagarosamente alguns passos para o lado da ponte, dizendo:

– Adeus, Lorin; vai visitar a Artemísia.

– Visto isso, assistes agora na proximidade da rua Velha de Saint-Jacques?
– Não, mas quero fazer caminho por lá.
– Para tornar a ver mais uma vez o lugar onde morava a tua ingrata.
– Para ver se ela voltou ao sítio onde eu devia esperá-la. Oh! Genoveva! Genoveva!
Nunca pensei que fosses capaz de semelhante traição!
– Maurício, houve noutro tempo um tirano, que conhecia bem a fundo o belo sexo, pois morreu por gostar dele demasiadamente e costumava dizer:

A mulher e a inconstância,
Nasceram ambas a par:
Bem pode julgar-se perdido
Quem delas se confiar.

Maurício soltou sentido e profundo suspiro, e em seguida encaminharam-se os dois amigos para a rua velha de Saint-Jacques.

A medida que se iam aproximando, distinguiam um grande tumulto e viam aumentar cada vez mais o clarão; ouviam-se também aquelas cantigas patrióticas, que, de dia com Sol claro, numa atmosfera de batalha, pareciam hinos heróicos, mas de noite, à luz de um incêndio, assemelhavam-se à toada lúgubre de uma orgia de canibais.

– Oh! Meu Deus! Meu Deus! – exclamava Maurício, esquecendo-se completamente de que Deus tinha sido abolido em França.

Lorin olhava para ele, e murmurava entre os dentes:

Quando o amor nos subjuga
Pelos dons e encantos seus,
Podemos à prudência
Dizer um terno adeus!

XVI

As investigações

Parece-me que Paris em peso se tinha dirigido para o teatro dos acontecimentos, que acabamos de narrar. Maurício teve de atravessar a ala dos granadeiros, depois as fileiras dos seccionários e por fim os bandos compactos desse populacho sempre furioso, sempre alerta, que naquela época, desordenadamente corria berrando de espectáculo em espectáculo.

Maurício, levado da impaciência furiosa em que estava, quanto mais se aproximava mais apressava o passo. Lorin ia-o seguindo a custo, mas era demasiadamente amigo dele para o deixar só em semelhante ocasião.

Já tudo estava quase acabado; o fogo tinha passado do telheiro, para onde o soldado havia deitado o archote aceso, para as oficinas, que tinham sido construídas com tábuas colocadas de modo que deixavam entre si grandes intervalos à circulação do ar; as mercadorias tinham ardido; a casa começava também a arder.

– Oh! Meu Deus! – disse Maurício consigo – e se ela tivesse voltado, se estivesse agora nalgum dos quartos rodeada de um círculo de chamas, gritando por mim, e esperando-me!...

E Maurício, a quem a dor tornara meio louco, querendo antes persuadir-se de que aquela a quem amava poderia ter endoidecido, do que acreditar que ela fosse capaz de o atraiçoar, Maurício, dizemos, arrojou-se cegamente para dentro da porta, que apenas se divisava no meio do fumo.

Lorin seguia-o; tê-lo-ia acompanhado ao inferno.

O telhado já ardia e o fogo ia começando a pegar na escada.

Maurício ainda, esbaforido, procurou por todo o primeiro andar do pavilhão, na sala, no

quarto de Genoveva, no quarto de Filipe de Taverney Casa-Vermelha, por todos os corredores, gritando com voz sufocada:

“Genoveva! Genoveva!”

Quando voltaram à casa de entrada viram os dois amigos que as labaredas começavam a entrar pela porta. Maurício não fez caso dos gritos de Lorin, que o puxava para a janela, e saiu pelo meio do fogo.

Depois, correu para o lado da casa, atravessou, sem parar, o pátio, que estava atulhado de trastes quebrados, deu com a casa de jantar, entrou na sala de Dixmer, no gabinete do químico Morand; estava tudo cheio de fumo, de destroços e de vidros partidos; o fogo também tinha pegado naquela parte do edifício e já o ia devorando.

Maurício fez o mesmo que acabara de praticar no pavilhão, não lhe escapou um único quarto, nem sequer um corredor até aos subterrâneos; podia ser que Genoveva, para fugir ao incêndio, ali se tivesse refugiado.

Não encontrou pessoa alguma.

– Com a breca – disse Lorin – bem vêes que ninguém seria capaz de respirar aqui dentro, a não ser alguma salamandra, e penso que não é desse animal fabuloso que tu andas em procura. Vamos, sai daqui. Perguntaremos, indagaremos da gente que lá está fora, pode ser que algum deles a visse.

Teria sido precisa muita força reunida para obrigar Maurício a sair da casa; a esperança levou-o por um cabelo.

Começando então as investigações, procuraram por toda a vizinhança, examinaram as mulheres que encontravam, deram busca a todos os becos, mas sem resultado algum.

Tinha dado uma hora da manhã. Maurício, apesar do seu vigor atlético, estava já estafado: renunciou finalmente às corridas, às buscas e aos conflitos perpétuos com a multidão.

Ia passando um trem de aluguer; Lorin chamou-o imediatamente.

– Meu rico amigo – disse ele para Maurício – fizemos quanto cabia nas forças humanas para dar com a tua Genoveva; estamos cansados, temos o cabelo chamuscado, levámos e demos valentes socos, tudo por causa dela; por muito mau de contentar que seja Cupido, não é possível que ele exija maiores sacrifícios de um homem apaixonado, – e particularmente de outro que não o está. Entremos para este trem, e vamos para nossas casas.

Maurício não respondeu e acompanhou-o maquinalmente. Chegaram os dois amigos à porta de Maurício sem terem trocado uma única palavra durante o trânsito.

Quando Maurício se estava apeando, ouviram fechar uma janela do quarto dele.

– Ah! Bom! – disse Lorin – estavam à tua espera, fico mais descansado. Bate agora à porta.

Maurício bateu; abriu-se a porta.

– Boa-noite – disse Lorin – não saias amanhã antes de eu aparecer.

– Boa-noite – respondeu Maurício sem saber o que dizia.

Depois dele entrar, fechou-se a porta.

Logo nos primeiros degraus da escada encontrou o oficioso.

– Oh! Cidadão Lindey – exclamou este – nós temos estado cheios de cuidado.

A palavra nós fez cismar Maurício.

– Nós – perguntou ele.

– Sim, eu, e a senhora que está à sua espera.

– A senhora! – repetiu Maurício, parecendo-lhe que tinha acordado em má ocasião a lembrança de alguma das suas antigas relações; – fizeste bem em me avisar, porque vou dormir para casa de Lorin.

– Oh! Isso não pode ser; ela estava à janela, viu-o apear, e logo bradou: Ele aí vem!

– Que me importa a mim que ela saiba que cheguei? Não estou disposto a aturar cenas de amor. Vai lá acima e dize a essa mulher que está enganada.

O oficioso deu um passo para obedecer a esta ordem, mas logo parou.

– Ah! Cidadão – disse ele – faz mal em lhe mandar semelhante recado: a senhora já estava tristíssima e a resposta que vou dar-lhe é capaz de a afligir ainda mais.

– Mas finalmente – disse Maurício – quem é essa mulher.

– Cidadão, eu não lhe vi o rosto; está embrulhada numa manta, e tem chorado muito, é quanto sei dela.

– Tem chorado! – disse Maurício.

– Sim, mas muito devagarinho, e comprimindo os soluços.

– Tem chorado – repetiu Maurício. – Então sempre há alguém no mundo que me estime a ponto de chorar quando me demoro fora de casa mais do que é costume.

E foi subindo vagarosamente atrás do oficioso.

– Ele aqui está, cidadã, ele aqui está! – bradou este correndo pelo quarto dentro.

Maurício entrou atrás dele.

XVII

Cumpre-se a promessa

Maurício viu num canto da sala um vulto palpitante, que escondia a cara nas almofadas do sofá.

Era uma mulher, que parecia morta, se não fossem os gemidos convulsos que a faziam estremecer.

Fez sinal ao oficioso para que saísse.

Este obedeceu e fechou a porta.

Maurício foi direito à mulher, que levantou a cabeça.

– Genoveva! – exclamou o mancebo – Genoveva em minha casa! Estarei eu doido, por certo que o estou, meu Deus?

– Não – respondeu ela – está em seu perfeito juízo, meu amigo. Prometi que seria sua se salvasse Filipe de Taverney Casa-Vermelha: salvou-o, aqui me tem, estava à sua espera.

Maurício entendeu mal o sentido destas palavras, deu um passo atrás e olhou para ela, significando-lhe a maior tristeza, e dizendo:

– Genoveva, não me tem amor nenhum?

Os olhos de Genoveva arrasaram-se de lágrimas, voltou a cabeça, encostou-se às costas do sofá e desatou a chorar.

– Infelizmente – disse Maurício – bem se vê que já não me tem amor, e não só deixou de me estimar, senão que passou a odiar-me vista a desesperação de que está possuída.

Maurício tinha proferido estas últimas palavras com tal exaltação, com tanto sentimento, que Genoveva endireitou-se e pegou-lhe na mão.

– Mas – disse ela – será acaso possível que este, que me parecia melhor do que todos os outros homens, seja também egoísta?!

– Egoísta! Genoveva, que quer dizer?

– Pois não percebeu ainda a causa do meu sofrimento? Não é bastante ter sido meu marido obrigado a fugir, meu irmão a emigrar, ver a minha casa em chamas e tudo numa noite, e presenciar aquela cena horrível que se deu entre o senhor e Taverney?

Maurício ouviu-a extasiado, porque na realidade não era possível deixar de admitir que uma tal série de desastres acumulados fosse causa da aflição em que Genoveva se achava.

– De sorte que veio, está em minha casa, é só minha, e nunca mais me deixará?

Genoveva sobressaltou-se.

– Para onde havia de ir? – respondeu ela com mágoa. – Tenho porventura outro asilo, outro abrigo, outro protector, a não ser aquele que pôs preço à sua protecção?

– Oh! Genoveva!

Esta continuou:

– Oh! Atravessei o Pont-Neuf como louca, Maurício, e ao passar demorei-me a olhar para a água turva que sussurrava de encontro aos pilares dos arcos; parecia que um poder oculto me atraía e fascinava. Ali – dizia eu comigo – acharás tu, pobre mulher, um abrigo seguro, um descanso imperturbável, o esquecimento eterno.

– Genoveva, Genoveva! – exclamou Maurício – pôde pensar em tal?... Então não me tem amor nenhum?

– Pensei tudo isto – respondeu Genoveva devagarinho – mas apesar disso vim ter aqui.

Maurício respirou então, e a pouco e pouco deixou-se-lhe cair aos pés.

– Genoveva – murmurou ele – não chore mais e console-se de todos os seus infortúnios; visto que me tem amor. Genoveva, em nome do Céu, diga-me que não foi a violência das minhas ameaças que a trouxe aqui. Diga-me que, mesmo que não me tivesse visto esta noite, teria vindo aqui ter comigo, logo que se achasse só, abandonada e sem asilo, e aceite o protesto que faço de a desligar do juramento que quase a obriguei a prestar.

Genoveva olhou para o mancebo com expressão de inefável gratidão.

– É generoso! – disse ela. – Graças, meu Deus, ele é generoso!

– Ouça-me, Genoveva – disse Maurício – Deus, que nesta terra foi expulso dos seus templos, mas que não pode ser expulso dos nossos corações, onde existe o amor dele, Deus foi quem nos concedeu esta noite, tão triste na aparência, mas na realidade resplandecente de alegria e de ventura.

– Oh! Sim, sim.

Maurício prosseguiu.

– Foi Deus quem a guiou para mim, Genoveva, entregou-a nos meus braços e está-lhe falando pela minha boca; foi Deus, finalmente, que assim quer indemnizar-nos de todos os nossos sofrimentos e remunerar a virtude que mostramos combatendo este amor, que julgávamos ilegítimo, como um sentimento que sempre se conservou tão puro e com tanta intensidade pudesse ser um crime.

Genoveva, como que extasiada, contemplava o mancebo, que continuou:

– Não chore, pois, mais, Genoveva, e dê-me a sua mão. Quer estar aqui como se estivesse em casa de um irmão? Quer que seu irmão lhe beije respeitosamente o vestido, se afaste de braços cruzados e transponha o limiar da porta sem voltar a cabeça? Pois bem, profira uma palavra, faça-me um aceno, ver-me-á fugir daqui, e ficará só, livre e segura como a virgem na igreja.

– Oh! Maurício!

– Mas, se pelo contrário, minha adorada Genoveva, quiser lembrar-se de que o amor que lhe tenho já me ia causando a morte, que por este amor, que pode tornar fatal ou feliz, atraícoei os meus, que me tornei odioso e vil a meus próprios olhos; se quiser pensar na soma de felicidade que nos espera para o futuro, na força e energia que nos dá a nossa mocidade e o nosso amor, para defendermos esta ventura, que começa agora, de todo o que pretendesse atacá-la...

– Oh! Maurício!

– Oh! Genoveva, tu, que és um anjo de bondade, queres, dize-me francamente, queres tornar um homem tão feliz que deixe de ter ódio à vida e de desejar a eterna bem-aventurança?

– Oh! Sim, sim!

– Pois então em vez de me repelires, sorri-te para mim, minha Genoveva, deixa-me encostar a tua mão ao meu coração, inclina-te para aquele que te adora com toda a força e com todas as veras da alma, Genoveva, não retires o teu juramento.

O coração de Genoveva palpitava ao ouvir estas palavras; a languidez do amor, o cansaço resultante dos sofrimentos passados tinham-lhe exaustado as forças, já lhe não acudiam as lágrimas aos olhos, se bem que os soluços lhe fizessem arquejar o seio abrasador.

Maurício percebeu que ela já não tinha ânimo de resistir, e enlaçou-a com os braços.

Genoveva deixou pender a cabeça sobre o ombro de Maurício, e o comprido cabelo, desatando-se, cobriu as faces inflamadas do amante.

Ao mesmo tempo Maurício sentiu que lhe pulava o coração, ainda desinquieto como as ondas depois de um temporal.

– Oh! Tu estás chorando, Genoveva – disse-lhe ele com tristeza – estás chorando. Oh! sossega. Nunca hei-de exigir que se converta em amor uma dor desdenhosa. Oh! Não! Nunca há-de manchar os meus beijos um beijo que haja dado causa a uma única lágrima de verdadeiro arrependimento.

E dizendo isto, abriu a cadeia que tinha formado com os braços, afastou a fronte da de Genoveva, e foi-se apartando vagarosamente.

Porém logo, por efeito da reacção tão natural numa mulher que procura defender-se, e que ao mesmo tempo está desejando, Genoveva, toda trémula, deitou os braços ao pescoço de Maurício e como que delirante, apertou-o com força contra o peito e encostou o gelado rosto, ainda orvalhado pelas lágrimas que pouco antes se haviam estancado, às faces abrasadas do mancebo.

– Oh! – murmurou ela – não me abandones, Maurício, que só tu me restas neste mundo.

XVIII

O dia seguinte

Os raios resplandecentes do Sol, penetrando pelas tabuinhas verdes, douraram as folhas de três grandes roseiras plantadas em caixas de madeira à janela de Maurício.

As flores daqueles arbustos, então muito mais preciosas à vista, por isso que a estação já ia acabando, espargiam o seu odorífero perfume numa casa de jantar brilhante de asseio, e na qual Genoveva e Maurício estavam assentados a uma mesa posta com bastante elegância, mas sem grande profusão.

A porta estava fechada, porque em cima da mesa achava-se tudo quanto era necessário, e via-se que os dois amantes tencionavam servir-se a si mesmo, para evitar importunidades.

Genoveva deixou cair no prato a fruta que estava cortando, e entregando-se a profunda meditação, com os lábios risonhos enquanto os olhos rasgados conservavam a sua expressão melancólica, assim permaneceu silenciosa, inerte e entorpecida, se bem que feliz e animada pelo Sol do amor, como o estavam sendo as mimosas flores pelo Sol do Céu.

Em breve com os olhos procurou os de Maurício: ele também a estava contemplando.

Ela então encostou o braço acetinado e branco ao ombro do mancebo, que estremeceu ao contacto, e depois, descansou a cabeça no braço com certo modo de confiança e abandono, muito mais apreciável ainda do que o amor.

Genoveva olhava para ele sem falar, e corava ao encontrá-lo.

A Maurício bastava uma leve inclinação de cabeça para tocar nos lábios entreabertos da amante.

Inclinou a cabeça.

Genoveva descorou e os olhos cerraram-se-lhe como as pétalas de uma flor, que procura resguardar o cálix dos raios do Sol.

Ficaram assim entregues ao gozo de tão suprema felicidade até que, sem o esperarem, o retinir da campainha os veio acordar.

Apartaram-se imediatamente.

O criado entrou e fechou a porta com mistério, dizendo:

– É o cidadão Lorin.

– Ah! O meu querido Lorin – disse Maurício; – vou já despedi-lo. Desculpe-me, Genoveva.

Genoveva deteve-o e disse:

– Despedir o seu amigo, Maurício, um amigo que o tem consolado, ajudado e defendido. Não, por minha causa não há-de um tal amigo ser desterrado da sua casa nem do seu coração;

mande-o entrar, Maurício, peça-lhe que o mande entrar.

– Como? Pois consente, minha querida Genoveva? – perguntou Maurício.

– E se tanto vir que é preciso, exijo até que entre – respondeu Genoveva.

– Oh! Visto isso, ainda lhe parece muito fraco o meu amor! – exclamou Maurício penhorado de tanta delicadeza, – e quer que passe a adorá-la.

Genoveva corou e ofereceu a face ao mancebo.

Maurício abriu a porta e Lorin entrou, vestido no requinte da moda, com o seu fato de meio peralta.

Deu evidentes mostras de admiração quando avistou Genoveva, mas logo a cumprimentou com todo o respeito e delicadeza.

– Anda cá, Lorin, anda cá – disse Maurício – e olha para esta senhora; estás destronado, Lorin; encontrei finalmente uma pessoa a quem estimo mais do que a ti: por sua causa houvera eu sacrificado a própria vida; o que eu vou dizer não é novidade para ti, Lorin: por ela dei a minha honra.

– Minha senhora – disse Lorin com muita seriedade e mostrando-se vivamente comovido – prometo que hei-de fazer a diligência para que a minha amizade por Maurício exceda a que lhe tem a fim de que ele não deixe inteiramente de me estimar.

– Não se assenta? – disse Genoveva sorrindo.

– Sim, assenta-te – disse Maurício, que tendo apertado com a mão direita a mão do amigo e com a esquerda a da amante, acabava de gozar a maior ventura que é dado a qualquer homem ambicionar na terra.

– Segundo vejo já não queres morrer, nem expor-te a que te matem?

– Que história é essa? – perguntou Genoveva.

– Ora! – disse Lorin – o homem sempre é um animal muito versátil, e muita razão têm os filósofos que desprezam o género humano pela sua inconstância! Aqui está um exemplo; vê esse sujeitinho, minha senhora? Pois queria ontem à noite atirar consigo ao fogo e à água, lamentava-se e asseverava que já não podia encontrar felicidade alguma neste mundo; e hoje pela manhã venho encontrá-lo alegre, folgazão, com semblante risonho, dando a conhecer quanto é feliz e quanto lhe agrada a vida, e assentado a uma mesa bem guarnecida: é verdade que não vejo que ele tenha comido, mas isso não prova que ele seja desventurado.

– Pois ele queria na realidade fazer tudo isso que disse? – perguntou Genoveva.

– Tudo, e mais outras coisas ainda; contar-lhe-ei tudo com mais vagar, porém agora estou com muita fome; e a culpa é de Maurício que me obrigou ontem à noite a andar explorando com ele o bairro de Saint-Jacques: dê-me portanto licença que encete este almoço, visto que ainda não se resolveram a principiar.

– Ora esta, é verdade! – exclamou Maurício com infantil alegria; – almocemos; eu ainda não comi, e esta senhora também não.

Maurício, ao proferir estas palavras procurou ver o efeito que produziram em Lorin; mas Lorin nem sequer pestanejou.

– Ora dize-me, já devias ter adivinhado porventura que era ela? – perguntou Maurício.

– Boa dúvida! – respondeu Lorin, cortando uma comprida tira de fiambre.

– Também eu estou com fome – disse Genoveva aparando o prato.

– Lorin – disse Maurício – eu estava bem doente ontem à noite.

– Estavas mais que doente, estavas doído.

– Pode ser; mas parece-me que hoje és tu que não estás bom.

– Porque é que dizes isso?

– Porque ainda não fizeste versos.

– Agora mesmo estava pensando nisso – disse Lorin:

Apolo, entre Musas presidindo,
Nas mãos sustenta harmoniosa lira;
Mas se de Vénus vê o rosto lindo.

Adeus harmoniosos sons! – então delira.

– Muito bem, aí temos já uma quadra – disse Maurício rindo.
– E contenta-te com ela, porque temos que tratar de coisas mais sérias.

Maurício fitou o amigo.

– Por que, temos ainda mais alguma novidade? – perguntou ele.

– Saberás que entro proximamente de guarda à *Conciergerie*.

– À *Conciergerie*! – exclamou Genoveva; – onde está a rainha?

– Onde está a rainha... Parece-me que sim, minha senhora.

– Genoveva tornou-se pálida.

Maurício franziu o sobrolho e fez a ocultas um sinal a Lorin.

Este cortou mais uma tira de fiambre, um pouco maior do que a primeira.

A rainha tinha sido efectivamente transferida para a *Conciergerie*, onde a seguiremos agora.

XIX

A Conciergerie

No ângulo que formam o Pont-au-Change e o Cais das Flores ainda existem os restos do antigo palácio de S. Luís, a que chamavam por excelência o *Palácio*, assim como Roma se denominava a *Cidade*, e que ainda hoje conserva esse título pomposo, se bem que os únicos reis que nela habitam sejam os escrivães, os juizes e os litigantes.

A casa da justiça é o grande edifício, mais próprio para fazer tremer do que para fazer amar a austera deusa.

Ali se vê reunido em breve espaço todo o aparato e todos os atributos da vingança dos homens.

Aqui as salas, onde são encarcerados os réus, mais adiante os tribunais, onde são julgados, mais abaixo os calabouços, onde são metidos depois de condenados; ao pé da porta, o lugar onde lhe é aplicada a marca infamante do ferro em brasa; finalmente, a uns cento e cinquenta passos desta, o outro lugar maior, onde vão sofrer a pena última, isto é, a praça de *Grève*, onde se conclui a obra encetada no *Palácio*.

A justiça, como se vê, tem ali à mão tudo quanto lhe é preciso para a sua administração.

Toda aquela porção de edificios pegados uns aos outros, sombrios, de cor pardacenta, com janelinhas de grades que dão para grandes abóbadas semelhantes a cavernas que tomam o comprimento todo do cais das *Lunetas*, é o que chamam a *Conciergerie*.

A cadeia tem cárceres, onde a água do Sena deposita o seu negro lodo; tem saídas misteriosas que serviram noutro tempo para arrojar ao rio as vítimas que havia empenho em fazer desaparecer.

Em 1793, a *Conciergerie*, incansável fornecedora do cadafalso, estava atulhada de presos, que uma hora bastava para transformar em condenados: naquela época podia a antiga casa de S. Luís denominar-se apropriadamente hospedaria da morte.

No centro do arco da portaria oscilava, à noite, uma lanterna de luz avermelhada, como sinistra baliza daquele lugar de dor.

Na véspera do dia em que Maurício, Lorin e Genoveva tinham almoçado juntos, o rodar de uma carruagem fizera tremer a calçada do cais e as vidraças da prisão, até que parou em frente da porta ogival; os gendarmes bateram à porta com o punho das espadas; a porta abriu-se, a carruagem entrou no pátio, e depois de fechada e aferrolhada a porta, apeou-se uma mulher.

Sumiu-se imediatamente para dentro do postigo que se tinha aberto à sua chegada.

Três ou quatro cabeças de curiosos, que se tinham apinhado próximo ao clarão dos archotes para verem de perto e observarem a cativa, tornaram a desaparecer; em seguida ouviram-se algumas risadas sarcásticas e despedidas grosseiras dos homens que se retiravam e de

quem apenas se ouviam as vozes, sem se lhes divisarem já os vultos.

A pessoa que assim tinha sido conduzida ficara da parte de dentro do primeiro postigo só com os gendarmes; viu que tinha de passar mais outro, mas não lhe ocorreu, que para passar por um postigo é preciso levantar o pé, e abaixar a cabeça ao mesmo tempo, porque em baixo há uma borda mais alta do que o terreno e em cima um pilar mais baixo do que a cabeça.

A cativa, pouco afeita ainda ao sistema de arquitectura das prisões, apesar de terem estas sido durante tanto tempo as casas da sua habitual residência, não se lembrou de abaixar a cabeça, e bateu com força de encontro à chapa de ferro.

– Magoou-se, cidadã? – perguntou um dos soldados com certo interesse.

– Já nada me faz mal – respondeu ela com a maior placidez.

E passou adiante sem proferir uma única queixa, se bem que acima do sobrolho se lhe divisasse perfeitamente a nódoa vermelha, que tinha sido o resultado do contacto da cabeça com a chapa de ferro. Como se vê sofria resignadamente.

Chegaram finalmente ao pé da poltrona do carcereiro, cadeira muito mais respeitável aos olhos de um preso do que o trono de um rei aos olhos de um cortesão, porque o carcereiro de uma cadeia é quem distribui as graças, e toda a graça tem sua importância; e ali o favor mais insignificante pode muitas vezes dar a uma existência amargurada momentos de suprema e celestial felicidade.

O carcereiro Ricardo, recostado na sua poltrona, convencido da sua importância, não se mexeu, apesar de todo o reboliço de abrir e fechar de grades, e do rodar da carruagem, que lhe anunciava evidentemente a chegada de novo hóspede.

Quando se aproximou a presa, tomou uma pitada, olhou para ela, abriu um registro muito ensebado e procurou uma pena num tinteirinho de madeira preta, no qual a tinta já petrificada junto às bordas, ainda conservava alguma umidade lodosa no centro, assim como na boca de um vulcão existe sempre alguma matéria em estado de fusão.

– Cidadão carcereiro – disse o chefe da escolta, – abra o assentamento depressa, porque o conselho municipal está à nossa espera.

– Deixa estar que não há-de levar muito tempo, respondeu o carcereiro, vazando ao mesmo tempo no tinteiro uma gota de vinho que tinha ficado no fundo do copo; já tenho a mão acostumada a este trabalho, graças a Deus! Teu nome e apelido, cidadã?

E molhando a pena na tinta improvisada, aprontou-se para abrir o assentamento da recém-chegada no fim da lauda, que já estava quase cheia, ao passo que, de pé por detrás da poltrona, a cidadã Ricardo, mulher de fisionomia amena, contemplava com admiração aquela mulher de aspecto a um tempo tão triste, tão nobre e tão soberbo, que o marido estava interrogando.

– Maria Antonieta Joana Josefa de Lorena – respondeu a presa; – arquiduquesa de Áustria e rainha de França.

– Rainha de França! – repetiu o carcereiro erguendo-se admirado.

– Rainha de França! – repetiu a presa no mesmo tom e com a maior serenidade.

– Aliás, viúva Capeto – disse desabridamente o chefe da escolta.

– Qual desses dois nomes devo eu escrever? – perguntou o carcereiro.

– Escolhe o que quiseses, com tanto que te avies – disse o chefe da escolta.

O carcereiro tornou a assentar-se na poltrona, e com mão trémula escreveu no registro os nomes, apelido e título que a presa tinha dito; e este assentamento, feito com tinta que nunca perdeu a cor roxa, ainda hoje se pode ver naquele registro, que foi roído pelos ratos da *Conciergerie* revolucionária no sítio mais precioso.

A mulher do carcereiro conservava-se por detrás da poltrona do marido; porém, tocada de religiosa comiseração, tinha posto as mãos.

– Que idade tem? – prosseguiu o carcereiro.

– Trinta e sete anos e nove meses – respondeu a rainha.

Ricardo continuou a escrever, depois tomou-lhe os sinais e concluiu com as fórmulas e

notas particulares.

– Bom – disse ele – acabou-se.

– Qual é o quarto que destinam à presa? – perguntou o chefe da escolta.

Ricardo tomou outra pitada e olhou para a mulher como que interrogando-a.

– A falar a verdade – disse esta – não nos avisaram, não sei agora onde a acomodaremos.

– Procura! – respondeu o sargento.

– Temos a sala do conselho – replicou rapidamente a mulher.

– Hum! – murmurou Ricardo – a sala do conselho é grande demais.

– Quanto maior for melhor, mais facilmente lá poderão caber os guardas.

– Pois dê-se-lhe a sala do conselho – disse Ricardo – se bem que não está actualmente em estado de ser habitada porque não tem leito.

– É verdade – respondeu a mulher – nem de tal me lembrava agora.

– É o mesmo! – disse um dos soldados – amanhã se armará o leito; uma noite depressa se passa.

– E demais, a cidadã pode ficar esta noite no nosso quarto, não é assim? – disse a mulher do carcereiro.

– Ora essa! E nós onde ficamos? – perguntou admirado o carcereiro.

– Não nos deitamos; como muito bem disse o cidadão gendarme, uma noite depressa se passa.

– Entretanto aprontas o recibo, não é verdade?

– Achá-lo-ão à volta.

A mulher do carcereiro pegou numa vela acesa, que estava em cima da mesa, e caminhou na vanguarda.

Maria Antonieta seguiu-a sem dizer palavra, serena e pálida como sempre; dois chaveiros, a quem a carcereira fez sinal, a acompanharam também. Mostraram à rainha uma cama, em que a dona pôs imediatamente lençóis lavados. Os chaveiros ficaram de guarda nos corredores, depois fecharam a porta com duas voltas de chave e Maria Antonieta ficou só.

Como passaria ela aquela noite? Só Deus, que a viu, o pode saber.

No dia seguinte, foi a rainha transferida para a sala do conselho, que era uma casa de entrada que dava para um dos corredores da *Conciergerie*, e que tinha sido dividida em todo o comprimento por um tabique que não chegava à altura do tecto ficando assim adequada ao seu novo fim.

Um dos repartimentos foi destinado para servir de quarto aos guardas.

O outro era o quarto da rainha.

Cada uma dessas duas celas tinha uma janela guarneçada de fortes grades.

Um biombo posto em lugar de porta velava a abertura do centro do tabique, e separava a rainha dos seus vigilantes guardas.

O quarto era todo ladrilhado.

Finalmente, as paredes tinham sido adornadas noutro tempo com molduras de madeira dourada, das quais ainda pendiam em parte fragmentos de papel estampado de flores de lis.

O leito tinha sido armado defronte da janela, e ao pé desta tinham posto uma cadeira; era toda a mobília da prisão real.

A rainha, quando lá entrou, pediu que lhe trouxessem os livros e a costura.

Trouxeram-lhe as *Revoluções de Inglaterra*, que ela tinha começado a ler no Templo, as *Viagens do jovem Anacharsis* e os seus bordados.

Os gendarmes também estabeleceram o seu domicílio na cela imediata: a história conservou-lhes os nomes, como sempre sucede com os entes mais ínfimos, que a fatalidade associa às grandes catástrofes, e que assim vêm reflectir sobre si um fragmento do brilho, que produz o raio que despedaça os tronos dos reis ou os próprios reis.

Chamavam-se Duchesne e Gilberto.

O conselho municipal nomeara aqueles dois homens, que eram conhecidos como bons

patriotas, com ordem de não deixarem o posto que ocupavam na cela até que fosse julgada Maria Antonieta; esperavam que desta forma se pudessem evitar as irregularidades inerentes a um serviço em que as sentinelas se rendem umas poucas de vezes ao dia; e impunham assim uma responsabilidade terrível aos dois guardas.

A rainha teve conhecimento desta medida naquele mesmo dia, pela conversa dos dois homens, de que ouvia todas as palavras quando não tinham motivo para falar baixo, e ficou bastante contente e inquieta ao mesmo tempo, porque, se por uma parte pensava que deviam ser bem seguros aqueles homens, para terem sido escolhidos entre tantos outros, por outro lado parecia-lhe que seria muito mais fácil aos seus amigos corromper dois guardas conhecidos e permanentes do que cem desconhecidos, que ao acaso fossem de improviso passar um dia junto dela.

Na primeira noite um dos dois gendarmes tinha fumado, como costumava, antes de deitar-se; o fumo do tabaco penetrou pelas aberturas do tabique e foi acometer a desgraçada rainha, a quem o infortúnio sobreexcitara a natural delicadeza dos sentidos, em vez de a embotar.

Sentiu-se logo atacada de tonturas e náuseas: pesava-lhe a cabeça como se estivesse próxima a asfixiar-se; mas sempre fiel ao seu sistema de indomável soberba, não se queixou.

Enquanto assim permanecia nesta dolorosa vigília, e no meio do silêncio da noite, pareceu-lhe ouvir um gemido ao longe, era um queixume lúgubre e prolongado; parecia-se com o som sinistro e agudo do vento soprando por um corredor deserto, quando a tempestade toma a voz humana para dar vida às paixões dos elementos.

Em breve conheceu que aquele som, que a princípio a fizera estremecer, que aquele grito sentido e perseverante, era o triste lamento de um cão que uivava no cais.

Lembrou-se então do pobre Black, em quem não tinha pensado na ocasião de sair do Templo, e pareceu-lhe que lhe conhecia o latir. E com efeito o pobre animal, que pela demasiada vigilância tanto mal causara à dona, tinha descido atrás dela sem que o vissem, e fora acompanhando a carruagem até à porta da *Conciergerie*, da qual a custo se afastava, escapando por pouco de ser cortado ao meio pelos dois batentes de ferro, que se fecharam logo que ela entrou.

Para o pobre animal voltou, e percebendo que a dona existia encerrada naquele imenso túmulo de cantaria, chamava por ela uivando, e posto que a dez passos da sentinela, parecia esperar uma festa ou uma resposta.

A rainha respondeu com um suspiro, que despertou a atenção dos guardas.

Porém, como o suspiro não se repetiu, e não sentissem rumor algum no quarto de Maria Antonieta, os guardas tranquilizaram-se e continuaram a dormir.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, já a rainha estava levantada e vestida. Assentou-se ao pé da janela, cuja claridade, interceptada em parte pelas grades, lhe tingia as emagrecidas mãos de um reflexo azulado; parecia estar lendo, mas o seu pensamento estava bem longe do livro.

O gendarme Gilberto abriu uma greta do biombo e esteve espreitando; Maria Antonieta sentiu ranger o biombo de encontro ao ladrilho quando se abriu, mas não levantou a cabeça.

Estava colocada de maneira que os gendarmes lhe viam a cabeça em que a luz da madrugada batia em cheio.

O gendarme Gilberto acenou ao camarada para que fosse espreitar também pela abertura. Duchesne aproximou-se.

– Olha – disse Gilberto devagarinho – como ela está pálida; mete medo; bem se vê por aqueles olhos tão avermelhados que não está boa, parece até que chorou.

– Tu bem sabes – disse Duchesne – que a viúva Capeto nunca chora; é demasiado soberba para isso.

– Pois então está doente – replicou Gilberto.

E logo, falando alto:

– Dize-me, cidadã Capeto – perguntou ele – acaso estás doente?

A rainha ergueu vagarosamente os olhos, e encarou fixamente os dois homens.

– É comigo que estão falando, senhores? – perguntou ela com modo afável, porque tinha

notado nas palavras do indivíduo que lhe falara, certa expressão de interesse.

– Sim, cidadã, é contigo – replicou Gilberto – e estamos perguntando se estás doente.

– Por que motivo?

– Porque tens os olhos muito avermelhados.

– E também porque estás muito pálida – acrescentou Duchesne.

– Muito obrigada, senhores. Não estou doente; mas passei muito incomodada esta noite.

– Ah! Sim os teus desgostos.

– Não é isso; porque os meus desgostos, sendo sempre os mesmos, e tendo-me a religião ensinado a depositá-los aos pés da cruz, não me fazem padecer mais num dia do que noutro: estou indisposta por não ter dormido a noite passada.

– Ah! Foi a mudança de habitação, e talvez por estranhares a cama – disse Duchesne.

– A habitação não é de apetite – acrescentou Gilberto.

– Também não foi isso – disse a rainha abanando a cabeça. – Pouco me importa que o meu quarto seja bom, ou mau.

– Que foi então?

– Que foi?

– Sim.

– Peço desculpa do que vou dizer; mas incomodou-me sobremaneira o cheiro de tabaco de fumo, que mesmo agora ainda o senhor está exalando.

E com efeito Gilberto estava fumando; era este o seu divertimento mais usual.

– Ah! Meu Deus – exclamou ele em extremo comovido por ver a doçura com que lhe falava a rainha. – Foi por isto?... E porque não mo disseste, cidadã?

– Porque não me julguei com o direito de o privar de uma distração a que está acostumado.

– Pois bem! Não hei-de pelo menos tornar a incomodar-te – disse Gilberto atirando ao chão com o cachimbo, que se fez em pedaços no ladrilho – porque não hei-de tornar a fumar.

E retirou-se levando consigo o companheiro e fechando o biombo.

– Pode ser que lhe cortem a cabeça, mas isso é lá com a nação; e de que serve entretanto estar atormentando esta mulher? Nós somos soldados, e não carrascos como o Simão.

– Esse teu procedimento é algum tanto aristocrático, camarada – disse Duchesne abanando a cabeça.

– A que chamas tu aristocrático? Vejamos, explica-me o sentido que dás a essa palavra.

– Chamo aristocrático a tudo quanto vexa a nação e dá gosto aos seus inimigos.

– E, então, segundo o teu entender – disse Gilberto – estou vexando a nação porque não continuo a defumar a viúva Capeto. Ora deixa-te de petas. Eu cá – prosseguiu o honrado homem – só me recordo do juramento que prestei à pátria e das instruções que me deu o meu sargento, e mais nada. As instruções já as sei de cor: Não deixar fugir a presa; não consentir que pessoa alguma fale com ela; obstar a toda e qualquer correspondência que ela procure entabular e morrer no meu posto, se preciso for. Foi o que prometi, e hei-de cumprir à risca a promessa. Viva a nação!

– Isto que eu te disse – replicou Duchesne – não foi por te querer mal, pelo contrário; mas é que havia de ter muita pena se te comprometesses.

– Caluda! Vem alguém.

À rainha não havia escapado uma única palavra de toda a conversa, apesar de ter sido em voz baixa; o cativo parece aumentar a agudeza dos sentidos.

A bulha que tinha chamado a atenção dos dois gendarmes eram as passadas de muitas pessoas, que se aproximavam da porta.

– Abriu-se esta. Entraram dois membros da municipalidade, acompanhados do carcereiro e de alguns chaveiros.

– Então a presa? – perguntaram eles.

– Aí está – responderam os gendarmes.

– Que tal está ela acomodada?

– Vejam.

E Gilberto foi logo bater uma pancada no biombo.

– Que quer? – perguntou a rainha.

– É a visita da municipalidade, cidadã Capeto.

– Este homem tem boas disposições – pensou Maria Antonieta – e se os meus amigos quiserem...

– Está bom, está bom – disseram os membros da municipalidade empurrando Gilberto para o lado e entrando no quarto da rainha – não é precisa tanta cerimónia.

A rainha nem levantou a cabeça, e quem a visse tão impassível julgaria que nada tinha ouvido do que acabava de se passar, e que se persuadia que ainda estava só.

Os delegados do município examinaram escrupulosamente todos os recantos do quarto, passaram revista aos forros de madeira, ao leito e às grades da janela, que deitava para o pátio das mulheres, e depois de terem recomendado aos gendarmes a mais exacta vigilância, saíram sem dirigirem palavra a Maria Antonieta, e sem que esta desse mostras de ter reparado na presença deles.

XX

A Sala dos Passos-perdidos

No mesmo dia em que vimos os membros da municipalidade examinando tão escrupulosamente a prisão da rainha, pelo fim da tarde, um homem de carmanhola cinzenta e barrete de peles, dos que então usavam os populares que pretendiam distinguir-se como patriotas exagerados, e por baixo do qual apareciam bastas guedelhas pretas, passeava pela grande sala, tão filosoficamente denominada *dos Passos-perdidos*. Parecia muito atento em observar os diversos indivíduos que usualmente povoam aquele lugar, devendo notar-se que a concorrência era muito mais numerosa naquela época, em que os processos tinham adquirido a maior importância, por isso que a generalidade dos litigantes se compunha de indivíduos que procuravam a todo transe subtrair as cabeças ao poder dos carrascos e às garras do cidadão Fouquier-Tinville, incansável fornecedor da guilhotina.

O homem cujo retrato acabamos de esboçar, tinha tomado uma atitude muito adequada às circunstâncias. A sociedade naquela época achava-se dividida em duas classes – os lobos e os cordeiros; os primeiros deviam necessariamente incutir receio aos segundos, visto que metade da sociedade devorava a outra metade.

O carrancudo passeante era de pequena estatura e empunhava com a mão escura e suja um cacete, daqueles a que tinham dado o nome de *constituições*; mas quem se tivesse aventurado a reparar em tão estranho personagem com a mesma insolência com que ele examinava os mais, notava que a mão, que brandia tão terrível arma, não era, por sua pequenez, proporcionada para ela; mas, ninguém se atrevia por certo a encarar por muito tempo sujeito de tão terrível aspecto.

E efectivamente, a presença e as maneiras do homem do cacete já iam dando sérios cuidados a alguns grupos de escribas das barracas, ocupados em discutir os negócios públicos, que iam caminhando de mal para pior, ou de pior para melhor, conforme se examinava a questão debaixo do ponto de vista conservador ou revolucionário.

Aquela honrada gente contemplava às furtadelas a comprida barba preta do terrível patriota, e os olhos esverdeados, que brilhavam por baixo de umas sobrancelhas espessas e hirtas como sedas de uma escova; estremeciam cada vez que dela se aproximavam no seu giro, que era ao longo de toda a *Sala dos Passos-perdidos*.

O que mais contribuía para lhes infundir tamanho horror era o gesto desabrido com que o homem batia nas lajes com o enorme cacete, manobra que ele repetia todas as vezes que alguém se lhe aproximava ou olhava para ele com demasiada atenção.

Mas não era só a honrada gente das barracas, geralmente designada pela alcunha de *ratos do Palácio*, que o desconhecido causava tão formidável impressão; os indivíduos que entravam na *Sala dos Passos-perdidos* pela imensa porta ou por alguma das pequenas portas laterais, passavam precipitadamente, logo que avistavam o homem do cacete, o qual continuava obstinadamente o seu passeio de um extremo da sala ao outro, achando a todo o instante pretexto para bater com o cacete nas lajes.

Se os escreventes não estivessem tão tomados de susto, e os passeantes fossem mais perspicazes, teriam forçosamente notado que o nosso patriota, por uma mania natural em génios excêntricos e arrebatados, parecia dar preferência a certas lajes, como, por exemplo, as que ficavam a pequena distância da parede da parte direita, ali pelo meio da sala, e que eram as que produziam um som mais puro e estrondoso quando se lhes batia.

Acabou até por concentrar a raiva em algumas lajes unicamente e era especialmente mais no centro. Houve até um instante em que estacou, parecendo medir com a vista alguma distância.

Mas essa distração durou pouco, e logo reassumiu a mesma expressão feroz do olhar, onde um vislumbre de alegria brilhara por um instante.

Quase ao mesmo tempo, outro patriota (naquela época todo o indivíduo trazia a sua opinião escrita no rosto, ou por melhor dizer, no traje), quase ao mesmo tempo, dizemos, outro patriota vinha entrando pela porta da galeria, e dando mostras de não participar de maneira nenhuma da impressão geral de terror que o primeiro inspirava começou a passear com passo igual ao dele, mas sempre em sentido contrário, de sorte que se cruzaram ao meio da sala, pouco mais ou menos.

O recém-chegado trazia, como o outro, um gorro de peles, uma carmanhola cinzenta, mãos sujas e um cacete; e tinha além de tudo isso, e mais do que o outro, um imenso sabre, que lhe batia nas pernas quando andava; porém o que tornava este segundo mais temível do que o primeiro, era a expressão da fisionomia, que tinha tanto de falso, invejoso e vil, quanto o primeiro tinha de feroz.

E por isso, conquanto aqueles dois homens mostrassem na aparência pertencer à mesma causa e seguir as mesmas opiniões, quantos estavam presentes tiveram curiosidade de ver o que sucederia ao aproximarem-se um do outro.

À primeira volta acharam-se enganados na sua expectativa, porque os dois patriotas apenas olharam um para o outro, se bem que o mais baixo empalidecesse quase imperceptivelmente; contudo conhecia-se visivelmente pelo movimento involuntário dos beijos, que não era de receio que tinha enfiado, mas sim por um sentimento de aversão.

Porém, à segunda volta o primeiro patriota, como se houvera vencido o tédio que o outro lhe causara, amenizou o semblante, até ali tão repulsivo, mostrou uma espécie de sorriso, que queria parecer afável, e inclinou-se um pouco para a esquerda com o fim evidente de se encontrar com o segundo patriota.

Toparam-se quase ao centro da sala.

– Olé! É o cidadão Simão, não há dúvida – disse o primeiro patriota.

– Ele mesmo! Mas que pretendes tu do cidadão Simão, e primeiro que tudo, quem és tu?

– Finge que não me conheces.

– Não é preciso fingir, não te conheço e por uma razão muito simples, porque nunca te vi.

– Ora essa! Pois não conheces o homem que teve a honra de levar pelas ruas a cabeça da Lamballe espetada numa lança?

Estas palavras, proferidas com expressão de raiva concentrada, saíram arrebatadamente da boca do primeiro patriota. Simão estremeceu.

– Tu? – disse ele – tu?

– E então! Admiras-te. Ai, cidadão, pensei que tivesses melhor memória para conheceres os amigos, os homens afectos ao sistema... Faz-me pena ver-te tão deslembado.

– É certo que o que tu fizeste foi uma acção meritória – respondeu Simão; – mas não te

conhecia.

– O teu cargo de guarda do pequenino Capeto é muito melhor, dá mais na vista, porque eu conheço-te, estimo-te.

– Muito obrigado!

– Não há de quê... Visto isso andas passeando?

– Ando sim, estou aqui à espera de um sujeito; e tu?

– Eu também.

– Como te chamas? Quero falar de ti lá no clube.

– Teodoro.

– E que mais?

– Mais nada: não te basta um nome?

– Oh! Decerto... De quem estás tu à espera, cidadão Teodoro?

– De um amigo, a quem desejo fazer uma boa denunciuzinha.

– Deveras! Ora conta-me isso.

– É uma ninhada de aristocratas.

– Que se chamam...

– Nada, não to digo, não posso contar o caso senão ao meu amigo...

– Fazes mal, porque acolá vem entrando o meu, e parece-me que com o conhecimento prático que ele tem dessa qualidade de processos logo te arranjava o negócio; que dizes?

– Fouquier-Tinville! – exclamou o primeiro patriota.

– Sem tirar nem pôr, meu querido amigo.

– Pois bem, este é bom.

– E decerto que é bom para o que pretendes... Bons-dias cidadão Fouquier.

Fouquier-Tinville, pálido, sereno, esbugalhando segundo o seu costume, os olhos pretos assombrados por densas sobrancelhas, acabava de entrar na sala por uma porta lateral, trazendo um registro na mão, e um maço de processos, muito volumoso, debaixo do braço.

– Bons dias, – disse ele – que há de novo?

– Muita coisa; em primeiro lugar, uma denúncia que quer dar o cidadão Teodoro, que andou pelas ruas com a cabeça de Lamballe. Aqui to apresento.

Fouquier fitou os olhos atentamente no patriota, que se perturbou com semelhante exame, apesar de se ter revestido de todo o ânimo.

– Teodoro? – disse ele – quem é esse Teodoro?

– Sou eu – respondeu o patriota mais baixo.

– E foste tu que andaste com a cabeça de Lamballe? – disse o acusador público em tom de quem duvida muito.

– Fui eu, na rua de Saint-Antoine.

– Porém eu conheço um sujeito que se gaba de ter sido ele – disse Fouquier.

– E eu conheço dez que também se gabam do mesmo – replicou intrepidamente o cidadão Teodoro; – mas afinal de contas, como esses todos que se andam gabando do que eu fiz pretendem ser remunerados, e eu não peço nada, parece-me que devo ter preferência.

Este dito fez rir Simão e pôs Fouquier de bom humor.

– Tens razão – disse ele – pois se não o fizeste, devias tê-lo feito. Porém peço-te que nos deixes, cidadão, porque o Simão precisa falar-me em particular.

Teodoro afastou-se, sem se scandalizar da sem-cerimónia do cidadão acusador público.

– Espera lá – bradou Simão – não o mandes embora assim; ouve primeiro a denúncia que ele quer fazer.

– Ah! – disse com distração Fouquier-Tinville – uma denúncia?

– Sim, uma ninhada – acrescentou Simão.

– Ora ainda bem, fala; de quem se trata?

– Oh! É uma bagatela, o cidadão Taverney e alguns amigos dele.

Fouquier deu um pulo para trás, e Simão levantou as mãos ao Céu.

– Isso é de veras? – perguntaram eles ao mesmo tempo.
– É pura verdade; querem prendê-las?
– Já sem demora, onde estão eles?
– Encontrei Taverney na rua da *Grande-Truanderie*.
– Estás enganado, ele não está em Paris – replicou Fouquier.
– É impossível; andam mais de cem homens em procura dele, e não se atrevia decerto a aparecer na rua.

– Era ele! Era ele! – insistiu o patriota – um homem alto, trigueiro, reforçado como um moço de fretes, e com uma barba que nem um urso.

Fouquier encolheu os ombros e fez um gesto de desprezo.

– Mais outra asneira – disse ele – Taverney é baixo, delgado e tem pouca barba.

– O patriota deixou cair os braços como quem está muito consternado.

– Não importa isso, as boas intenções valem o mesmo que os factos. Vamos lá! Simão, agora nós, e avia-te que está o carcereiro à minha espera; já são horas de saírem os carros.

– Pois bem! Por ora não há novidade, o pequeno está bom.

O patriota estava de costas voltadas para não parecer indiscreto mas situado de modo que ouvia tudo.

– Vou-me embora, porque me parece que os estou incomodando – disse ele.

– Adeus – disse Simão.

– Bons-dias – disse Fouquier.

– Dize ao teu amigo que te enganaste, prosseguiu Simão.

– Deixa estar, aqui o espero.

Teodoro afastou-se um pouco e encostou-se ao cacete.

– Ah! O pequeno está bom – disse então Fouquier; – mas na parte moral?

– Faço dele tudo quanto quero.

– E então já fala?

– Quando o mando.

– Parece-me que ele poderia depor como testemunha quando for processada Maria Antonieta.

Teodoro encostou-se a um dos pilares, parecendo olhar para as portas; mas, por um jeito que dera à cabeça, tinham-lhe ficado as orelhas descobertas do agigantado gorro de peles. Não olhava para coisa nenhuma provavelmente, mas ouvia decerto o que se estava dizendo.

– Pensa bem no que dizes – prosseguiu Fouquier – olha não fique lograda a comissão; estás bem certo de que o pequeno Capeto há-de falar?

– Há-de dizer tudo quanto eu quiser.

– Ele já te disse a ti o que nós tencionávamos perguntar-lhe?

– Já mo disse.

– Isso que tu prometes, cidadão Simão, é para nós da maior importância. Essa confissão do pequeno, é sentença de morte da mãe.

– Assim o espero, com os demónios!

– É a primeira vez que um tal caso se dá depois das confidências que Nero fazia a Narciso – murmurou Fouquier; – torno a repetir que penses bem no que dizes, Simão.

– Dir-se-ia cidadão, que me julgas algum bruto, pois repetes-me continuamente a mesma coisa; Vejamos, ouve esta comparação: quando eu deito um couro de molho, torna-se macio ou não?

– Se queres que diga a verdade... Não sei – replicou Fouquier.

– Torna-se macio. Pois bem! O pequeno Capeto nas minhas mãos torna-se tão macio como o mais fino couro. Tenho uma receita que não falha.

– Muito bem – balbuciou Fouquier; – e era tudo quanto tinhas que dizer-me?

– Tudo... É verdade, ia-me esquecendo: aqui tens uma denúncia.

– Mais outra! Queres por força que eu arrebente com trabalho.

– É preciso servir a pátria.

Simão entregou então um papelucho tão escuro como qualquer dos couros em que pouco antes falara, mas por certo menos macio.

Fouquier pegou nele e leu-o.

– O teu cidadão Lorin outra vez? Muita zanga tens tu àquele homem!

– Estou sempre a encontrá-lo em hostilidade aberta com a lei. Ainda ontem à noite ele disse: “Adeus, minha senhora”, a uma mulher que o cumprimentava de uma janela... Espero poder dar-te informações amanhã a respeito doutro, que se vai tornando suspeito: um tal Maurício, da municipalidade, que estava no Templo quando sucedeu o caso do cravo vermelho.

– Narra os factos com exactidão! – disse Fouquier sorrindo-se para Simão.

Deu-lhe a mão e voltou costas com uma pressa, que bem mostrava a pouca consideração que dava ao sapateiro.

– Que diabo de exactidão exiges tu de mim? Muita gente boa tem sido guilhotinada com menos culpas.

– Pois tem paciência! – respondeu Fouquier com muito sossego – não se pode fazer tudo a um tempo.

E dizendo estas palavras, encaminhou-se apressadamente para a porta da cadeia.

Simão procurou com os olhos o cidadão Teodoro, para se consolar com ele, mas já não o viu na sala.

Ia saindo pela porta de grades da banda do oeste, quando Teodoro tornou a aparecer à esquina de uma barraca de escrevente.

O habitante da barraca estava com ele.

– A que horas se fecham as grades? – perguntou Teodoro para o homem.

– Às cinco.

– E depois disso, que se faz aqui?

– Nada; fica a sala desocupada até ao dia seguinte.

– Não há rondas, nem revistas?

– Não senhor, as nossas barracas ficam fechadas à chave.

À palavra *senhor*, Teodoro contraiu os sobrolhos e olhou com desconfiança em volta de si.

– A pinça e as pistolas estão dentro da barraca? – perguntou ele.

– Estão debaixo do tapete.

– Volta para nossa casa... É verdade, mostra-me outra vez o quarto que serve de tribunal, e que tem uma janela sem grades que deita para um pátio ao pé da Praça Daufine.

– À esquerda, entre os pilares, por baixo da clarabóia.

– Muito bem. Vai-te embora, e conserva os cavalos no sítio que eu te disse.

– Oh! Quanto estimei que seja bem sucedido, meu senhor!... Conte sempre comigo.

– Agora é boa ocasião, ninguém olha para nós, abre a tua barraca.

– Já está aberta, meu senhor, e eu vou rezar pelo senhor.

– Não é por mim que é preciso rezar! Adeus.

E o cidadão Teodoro, dirigindo ao seu interlocutor um eloqüente olhar, introduziu-se com tanta destreza para dentro da barraca, que se sumiu como se fora uma sombra do escrevente, que estava fechando a porta.

O honrado escriba tirou a chave da fechadura, meteu um maço de papéis debaixo do braço, e saiu da imensa sala de envolta com o pequeno número de empregados que a última badalada das cinco horas fazia sair dos cartórios, semelhantes a abelhas atrasadas que de longe seguem o enxame.

XXI

O cidadão Teodoro

A noite envolvera com o seu manto sombrio a imensa sala, cujos desgraçados ecos têm por tarefa repetir de contínuo as palavras desabridas dos advogados e as súplicas lastimosas dos clientes.

De espaço a espaço, no meio da escuridão, divisavam-se as colunas direitas e imóveis, parecendo fantasmas protectores que velavam pela segurança daquele lugar sagrado.

O único rumor que se ouvia em tamanha solidão era a roedura e as correrias dos ratos, que se divertiam em roer os maços de papéis existentes nas baiúcas dos escritórios, das quais já tinham roído a madeira.

De vez em quando, também o rodar de alguma carruagem ressoava por aquele santuário de Témis, como lhe chamaria um académico, ouviu-se logo depois de um tinir de chaves, que pareciam sair debaixo do chão; mas tudo isto se ouvia em distância, e é sabido que qualquer bulha longínqua torna o silêncio da noite mais triste ainda, assim como a luz aparecendo ao longe parece tornar as trevas mais densas.

Quem àquela hora se tivesse aventurado a entrar na extensa sala do Palácio, que ainda oferecia à vista nas paredes exteriores as nódoas do sangue das vítimas de Setembro, por cujas escadas tinham descido, naquele mesmo dia, vinte e cinco indivíduos condenados à morte, e onde o espaço de alguns palmos apenas mediava entre o lajedo do pavimento e os calabouços da *Conciergerie*, povoados de descarnados esqueletos; quem ali se tivesse aventurado – dizemos – ter-se-ia sentido tomado por certo de um terror vertiginoso e inacreditável.

E contudo, no meio de tão medonha escuridão, no meio daquele silêncio quase solene, ouviu-se o ranger de uma fechadura, a porta de um dos cacifos dos escreventes girou nos enferrujados gonços, e uma sombra mais escura ainda do que as sombras que a noite espalhara na sala saiu cautelosamente para fora do cacifo.

Então aquele patriota endiabrado, a quem davam ao ouvido o tratamento de *senhor*, passou a caminhar nos bicos dos pés por cima do áspero lajedo.

Trazia na mão direita uma pesada alavanca de ferro, e com a esquerda procurava entalar na cinta uma pistola de dois canos.

– Conteí doze lajes partindo da baiuca – murmurou ele consigo – ora bem, aqui está a extremidade da primeira.

E ao passo que ia calculando, tenteava com o bico do pé as gretas que o tempo costumava abrir no ponto de junção da cantaria.

– Consideremos – disse ele parando para reflectir – realizar-se-ão as minhas esperanças? Terei a força necessária? E ela terá porventura o ânimo preciso? Oh! Sim, porque sei quanto é destemida. Oh! Meu Deus! Se eu conseguir pegar-lhe na mão e dizer-lhe: “Real senhora, está salva!...”

Ficou como esmagado ao peso de semelhante esperança.

– Oh! – prosseguiu – que projecto tão louco e tão temerário! Dirão os que a estas horas se estão deitando sossegadamente nas suas camas, e que se dão por satisfeitos quando conseguem vaguear por alguns instantes em torno da *Conciergerie* disfarçados com o fato de lacaios; mas é porque lhes falta o incentivo que me impele a levar a cabo a minha empresa: não é só a rainha que eu quero salvar, é principalmente a mulher, a quem adoro. Comecemos pois a obra e recapitulemos. Levantar a laje, e não me há-de custar muito; deixá-la aberta, aí é que está o perigo, porque pode passar alguma ronda; mas dizem que aqui não há rondas... Suspeitas não pode haver, porque eu não tenho cúmplices; e depois que tempo me será preciso para chegar ao fim do corredor subterrâneo? Em três minutos achar-me-ei seguramente debaixo do pavimento do quarto dela, levarei mais cinco minutos para levantar a pedra que serve de lar à chaminé; ela há-de ouvir-me trabalhar, mas é tão animosa, que decerto não se assustará; pelo contrário, há-de perceber que é algum libertador que se aproxima; estão de guarda a ela dois homens, que provavelmente hão-de acudir. Pois bem! Se assim suceder, dois homens – disse o patriota olhando para a arma que tinha à cinta e para o ferro que levava na mão – dois homens correspondem a dois tiros desta pistola, ou a duas pancadas desta barra de ferro; pobre gente!

Ora adeus! Muitos outros têm morrido com menos culpas. Vamos a isto!

E o cidadão Teodoro introduziu denodadamente a alavanca numa junta do lajedo.

Naquele mesmo instante uma luz brilhante veio descrever um sulco dourado sobre as lajes, e uma bulha distante, repetida pelo eco das abóbadas, fez erguer a cabeça ao conspirador, que num pulo voltou a esconder-se na barraca.

Dentro em pouco chegou ao ouvido de Teodoro o som de vozes, enfraquecido pela comoção que sentem todas as pessoas que entram de noite num grande edifício.

Abaixou-se, e por um buraco da barraca viu em primeiro lugar um homem de farda, com um grande sabre, cujo retinir tinha causado a bulha que lhe despertara a atenção; atrás deste vinha um homem de casaca verde-gaio, com uma régua na mão e com um rolo de papel debaixo do braço; depois, um terceiro de japonsa de retina e barrete de peles, e finalmente um quarto de tamancos e carmanhola.

A grade dos *Merceeiros* girou guinchando sobre os gonzos, e bateu de encontro à cadeia de ferro destinada a conservá-la aberta durante o dia.

Os quatro homens entraram.

– É uma ronda – disse consigo Teodoro. – Louvado seja Deus, se vem dez minutos mais tarde, estava perdido.

Depois aplicou-se com toda a atenção a ver se conhecia as pessoas de que se compunha a ronda.

Efectivamente conheceu três.

O que vinha adiante, com farda de general, era Santerre. O homem com uma japonsa de retina e gorro de peles era o carcereiro Ricardo, o indivíduo de tamancos e carmanhola era provavelmente algum chaveiro.

Porém era a primeira vez que ele via o homem da casaca verde-gaio, que trazia uma régua na mão e papéis debaixo do braço.

Que homem seria aquele, e que viriam procurar às dez horas da noite na *Sala dos Passos-perdidos* o general da guarda nacional, o carcereiro da *Conciergerie*, o chaveiro e aquele homem desconhecido?

O cidadão Teodoro descansou um joelho no chão, segurando com uma das mãos a pistola engatilhada e arranjando com a outra o gorro e o cabelo, que evidentemente era postiço, visto o desalinho em que tinha ficado com o movimento e a precipitação com que o fizera.

Até ali os quatro visitantes nocturnos tinham permanecido calados, ou pelo menos as palavras que tinham proferido apenas haviam chegado como um sussurro aos ouvidos do conspirador.

Porém, a dez passos de distância do esconderijo, Santerre falou e o cidadão Teodoro ouviu então distintamente o que ele dizia.

– Muito bem, eis-nos aqui na *Sala dos Passos-perdidos*. Trata agora de nos guiar, cidadão architecto, e vê lá não seja o segredo que revelaste algum conto da carochinha, porque a revolução, como sabes, acabou com todas essas tolices, e já ninguém crê em subterrâneos, nem em almas do outro mundo. Que dizes tu a isto, cidadão Ricardo? – prosseguiu Santerre virando-se para o homem de barrete de peles e japonsa de retina.

– Eu nunca afirmei que não existe subterrâneo algum por baixo da *Conciergerie* – respondeu este – e aqui está o Gracho, que exerce o ofício de chaveiro há dez anos, e por conseguinte conhece a *Conciergerie* como os seus dedos, e nada sabe todavia acerca da existência do subterrâneo em que fala o cidadão Giraud; porém como o cidadão Giraud é architecto da cidade, não admira que saiba essas particularidades melhor do que nós, pois é o seu ofício.

Teodoro estremeceu dos pés à cabeça quando ouviu estas palavras.

– Felizmente – pensou ele – a sala é muito grande, e primeiro que atinem com o que procuram terão de gastar dois dias pelo menos em pesquisas.

O architecto desembrolhou um rolo grande de papel, pôs os óculos e ajoelhou diante de uma planta, que passou a examinar à luz trémula da lanterna, que Gracho tinha na mão.

– Desconfio muito – disse Santerre em tom de mofa – que tudo isso fosse um sonho do cidadão Giraud.

– Tu verás, cidadão general – disse o arquitecto – já te vou mostrar se foi sonho; espera, espera.

– Bem vêes que estamos esperando – disse Santerre.

– Ora muito bem – replicou o arquitecto.

E logo calculando:

– Doze e quatro são dezesseis, e oito vinte e quatro, isto dividido por seis, dá quatro, e sobra ainda meio; é isso mesmo, já sei onde é o sítio, e se eu me enganar num pé que seja, dou-lhes licença que me chamem ignorante.

O arquitecto disse estas palavras com uma afoiteza, ciente do que dizia, que o cidadão Teodoro ficou gelado de susto.

Santerre olhava para a planta com uma espécie de respeito, e conhecia-se muito bem que a admirava porque não a entendia.

– Repare bem no que vou mostrar-lhe.

– Onde? – perguntou Santerre.

– Aqui, neste mapa que eu desenhei! Percebe? Em distância de treze pés da parede, uma laje móvel, marquei-a com um A. Vê-o?

– Não há dúvida, vejo um A – disse Santerre – pensas porventura que não sei ler?

– Por baixo desta laje há uma escada – continuou o arquitecto; – olhe marquei-a com um B.

– B – repetiu Santerre – o B vejo eu, mas a escada não.

E o general desatou a rir estrepitosamente da graça que dissera.

– Depois de levantada a laje e chegando ao último degrau da escada – tornou o arquitecto – contará cinquenta passos de três pés cada um e olhará para a abóbada; achar-se-á justamente por baixo do cartório, que é onde termina este subterrâneo, que também passa por baixo do cárcere da rainha.

– Da viúva Capeto, é que tu queres dizer, cidadão Giraud – interrompeu Santerre encrespando as espessas sobrancelhas.

– Pois sim! Da viúva Capeto.

– É que tinhas dito *da rainha*.

– É um costume antigo.

– Dizias pois que vai desembocar por baixo do cartório? – perguntou Ricardo.

– Não só por baixo do cartório, mas até posso dizer-lhe em que parte do cartório é a saída: é por baixo do fogão.

– Que coisa tão célebre! – disse Gracho – e a verdade é que todas as vezes que eu atiro com as achas para o fogão, a pedra do lar ressoa como se o chão fosse oco naquele lugar.

– Digo-te na verdade, cidadão arquitecto, que se encontrarmos com efeito isso que estás dizendo, terei de confessar que a geometria é ciência preciosa.

– Pois confessa! Cidadão Santerre, porque vou conduzir-te imediatamente ao sítio que eu marquei com a letra A.

O cidadão Teodoro estava no maior desespero.

– Quero ver primeiro – disse Santerre – sou como S. Tomé, preciso ver para crer.

– Ah! Agora – disseste tu S. Tomé.

– É verdade, pela mesma razão por que tu disseste *a rainha*, é um costume antigo; mas ninguém me há-de acusar de conspirar a favor de S. Tomé.

– Nem a mim a favor da rainha.

E dada esta resposta, o arquitecto pegou então com toda a delicadeza na régua, contou em seguida as toesas, e por fim parou, e depois de ter calculado pausadamente as distâncias, bateu numa das lajes.

Era exactamente a mesma laje que de dia tinha sido vítima da raiva do cidadão Teodoro.

– É aqui – cidadão general – disse o arquitecto.

– Julgas que seja esta, cidadão Giraud?

O patriota da barraca esqueceu-se do lugar onde estava, e bateu um rijo murro na coxa direita, proferindo ao mesmo tempo uma surda imprecação.

– Tenho a certeza de que é aqui – replicou Giraud; – e o exame a que vai proceder, combinado com o meu relatório, mostrará à Convenção que não me tinha enganado.

– Pois sim, veremos.

– Sim, cidadão general – continuou o arquitecto com ênfase – esta laje dá entrada para um caminho subterrâneo, que vai ter ao cartório, e passa por baixo da prisão da viúva Capeto. Levantemos a laje, desça comigo ao subterrâneo e verá que dois homens, ou um só que fosse, poderia roubá-la no espaço de uma noite, sem que ninguém pudesse ter a mínima desconfiança.

Um murmúrio de terror e de admiração, provocado pelas palavras do arquitecto, nasceu do grupo, e foi morrer nos ouvidos do cidadão Teodoro, que parecia tornado numa estátua.

– Eis aí o perigo que havia – continuou Giraud.

Pois bem, agora, com uma grade que vou mandar colocar no corredor subterrâneo para o vedar de lado a lado, para cá do quarto da viúva Capeto, fica a pátria salva.

– Oh! – exclamou Santerre – foi uma idéia sublime que tu tiveste, cidadão Giraud.

– Que te engula o inferno, asno chapado! – rosnou o patriota enfurecido.

– Agora levanta a laje – disse o arquitecto para o cidadão Gracho, o qual, além da lanterna, trazia também uma alavanca.

O cidadão Gracho começou a trabalhar, e passado um instante estava a laje levantada.

Ficou então bem patente a entrada do subterrâneo, com a escada de que se não via o fim, e uma baforada de ar cheirando muito a bafio e denso como vapor saiu pela abertura.

– Mais uma tentativa que abortou! – murmurou o cidadão Teodoro. – Oh! Então não quer o Céu que ela escape, e a sua causa está efectivamente amaldiçoada.

XXII

O cidadão Gracho

O grupo de três homens permaneceu por um instante imóvel junto ao orifício do subterrâneo, ao passo que o chaveiro metia pela abertura a lanterna, cuja luz não era suficiente para alumiar-lá até ao fundo.

O arquitecto parecia contemplar os seus companheiros da altura a que o talento o elevava acima deles.

– Então! – disse ele passado um instante.

– Tinhas razão – respondeu Santerre – aí está bem patente o subterrâneo, não há dúvida. Mas agora ainda resta saber onde vai ter.

– Sim repetiu Ricardo – e verás com os teus próprios olhos se te falei verdade.

– Podemos fazer outra coisa mais acertada do que entrar por aqui – disse o carcereiro. – Voltemos, tu, o general e eu para a *Conciergerie*. Quando lá chegarmos, tu levantas a laje do fogão e então veremos.

– Bem lembrado – disse Santerre. Vamos!

– Mas toma sentido – atalhou o arquitecto, – a laje assim levantada pode dar aqui na vista a alguém.

– Quem diabo queres tu que venha aqui a estas horas? – disse Santerre.

– E demais – replicou Ricardo – a sala está deserta, bastará deixar o Gracho, de sentinela. Fica tu aqui, cidadão Gracho, que dentro em breve viremos ter contigo pela outra entrada do subterrâneo.

– Ficarei – disse Gracho.

– Tens alguma arma contigo? – perguntou Santerre.

– Tenho o meu terçado e mais esta alavanca, cidadão general.

– Muito bem! Pois conserva-te alerta. Dentro de dez minutos aqui estaremos.

E todos três, depois de terem fechado a grade, dirigiram-se pela galeria dos Merceeiros para entrarem na *Conciergerie* pela porta interior.

O chaveiro ficou olhando para eles: seguiu-os com a vista enquanto pôde vê-los, escutou o ruído enquanto pôde ouvi-los, e por fim, quando tudo já estava em silêncio, e ele só no meio da solidão, passou a descansar a lanterna, e assentando-se com as pernas pendentes para dentro da entrada do subterrâneo, começou a meditar.

Os chaveiros também costumam meditar às vezes, mas em geral ninguém se dá ao incômodo de indagar o assunto de tais meditações.

De repente, quando já estava completamente absorto nos seus pensamentos, sentiu que alguém lhe batia, no ombro.

Voltou-se e ao ver uma cara desconhecida, quis gritar; mas no mesmo instante a boca gelada de um cano de pistola imprimiu-se-lhe na testa.

Ficou logo sem fala, deixou cair os braços inertes para os lados, e procurou dar aos olhos a expressão mais suplicante que lhe foi possível imaginar.

– Nem mais uma palavra – disse o recém-chegado – quando não morres.

– Que pretende de mim, senhor? – balbuciou o chaveiro.

Havia como se vê, no ano de 1793, ocasiões em que a gente se não tratava por tu, e se esquecia do título de cidadão.

– Pretendo – respondeu o cidadão Teodoro – que me deixes entrar aí dentro.

– Para quê?

– Isso não é da tua conta.

O chaveiro olhou com a maior admiração para o indivíduo que tinha a petulância de lhe dirigir semelhante pedido.

Contudo, pareceu ao cidadão Teodoro que nos olhos do seu interlocutor brilhava um vislumbre de inteligência.

Abaixou a pistola.

– Não desejas enriquecer?

– Não sei, ainda ninguém me propôs semelhante coisa.

– Pois serei eu o primeiro.

– Oferece-me os meios de enriquecer?

– Ofereço, sim.

– E a que chama o senhor enriquecer?

– Possuir aí cinquenta mil francos em ouro, por exemplo: o dinheiro está sendo muito raro, e cinquenta mil francos em ouro equivalem hoje em dia a um milhão. Pois ofereço-te cinquenta mil francos.

– Para entrar aqui dentro?

– Sim, mas com a condição que tu hás-de descer comigo e ajudar-me no que desejo fazer.

– Mas que vai lá fazer? Dentro de cinco minutos estará o subterrâneo cheio de soldados que o prenderão.

O cidadão Teodoro deu o devido peso a estas palavras.

– E não podereis obstar a que os soldados desçam ao subterrâneo?

– Não tenho meio nenhum; não sei o que haja, debalde procuro na imaginação.

E bem se via que o chaveiro tinha empregado toda a perspicácia do seu espírito para achar o tal meio, que havia de render-lhe cinquenta mil francos.

– Porém amanhã – perguntou o cidadão Teodoro – não poderemos lá entrar.

– Poderemos, sim, mas daqui até amanhã vão assentar neste subterrâneo uma grade de ferro, que o há-de fechar de lado a lado, e já resolveram que, para a maior segurança, a grade há-de ser grossa, de uma só peça, e sem fechadura alguma.

– Nesse caso é preciso imaginar algum plano – respondeu o chaveiro. – Pensemos no que

há-de ser.

Já se vê, pela forma colectiva por que se exprimia o cidadão Gracho, que estava firmada a aliança entre ele e Teodoro.

– Isso fica a meu cuidado – disse Teodoro. – Em que te ocupas tu na *Conciergerie*?

– Sou chaveiro.

– Isso quer dizer...

– Que abro e fecho as portas.

– E dormes lá mesmo?

– Durmo sim, senhor.

– Também lá comes?

– Sempre. Mas tenho as minhas horas de folga.

– E quando isso sucede...

– Trato de as aproveitar.

– De que maneira?

– Vou namorar a dona da tasca do Poço Noé, que prometeu casar comigo quando eu possuir mil e duzentos francos.

– Onde fica a tasca do Poço de Noé?

– Ao pé da rua da Vieille-Draperie.

– Muito bem.

– Caluda, senhor!

O patriota aplicou o ouvido.

– Ah! ah! – disse ele.

– Ouve?

– Sim... Vozes e passos.

– São eles que voltam. Bem vê que não teríamos tido tempo para efectuar a nossa empresa.

Este *nossa* tornava-se perfeitamente concludente.

– É verdade. És um honrado rapaz, cidadão e vejo que estás predestinado.

– A quê?

– A ser rico um dia.

– Deus o ouça!

– Visto isso crês em Deus?

– Creio sim, cidadão, umas vezes por outras. Hoje por exemplo...

– Que mais?

– Estou muito disposto a crer.

– Pois crê – disse o cidadão Teodoro metendo dez luíses de ouro na mão do guarda-chaves.

– Com os diabos! – disse este examinando o ouro à luz da lanterna – então o caso é sério?

– Muiíssimo sério.

– Que quer que eu faça?

– Espera por mim amanhã no Poço de Noé: dir-te-ei o que pretendo de ti. Mas primeiramente diz-me: como te chamas?

– Gracho.

– Pois bem, cidadão Gracho, faz com que o carcereiro Ricardo te despeça de hoje até amanhã.

– Que me despeça! E o meu emprego?

– Tencionas porventura continuar a ser chaveiro quando possuíres cinqüenta mil francos?

– Não; mas é que sendo chaveiro e pobre, tenho a certeza de não ser guilhotinado.

– Certeza?

– Ou quase. Ao passo que sendo senhor das minhas acções e rico...

– Podes esconder o dinheiro, e tratares de namorar uma *oradora* do clube, em lugar de

continuares a namorar a dona da tasca do Poço de Noé.

– Muito bem, ficamos justos.

– Amanhã na tasca.

– A que horas?

– Voe quanto antes daqui para fora, que eles aí vêm... Digo-lhe que voe, porque suponho que caiu aqui da abóbada.

– Até amanhã! – repetiu Teodoro fugindo.

E com efeito era tempo; o ruído dos passos e das vozes ia-se aproximando, e já brilhava na escuridão do subterrâneo o clarão das luzes.

Teodoro foi direito à porta que lhe designara o escrevente que lhe havia emprestado a barraca; arrombou a fechadura com a alavanca, deu com a janela que lhe tinham ensinado, abriu-a, saltou para a rua, e achou-se assim novamente sobre a calçada da república.

Porém antes de sair da *Sala dos Passos-perdidos*, ainda ouviu o cidadão Gracho interrogando Ricardo, o qual lhe respondeu:

– O cidadão arquitecto tinha razão; o caminho subterrâneo fica por baixo do quarto da viúva Capeto. Era muito perigoso.

– Oh! Se era! – respondeu Gracho, o qual sabia em sua consciência que era a pura verdade que estava dizendo.

Santerre apareceu saindo pelo orifício da escada.

– E os teus operários, cidadão arquitecto? – perguntou ele a Giraud.

– Hão-de estar aqui antes de amanhecer, e não largam a obra sem que a grade fique chumbada – respondeu uma voz, que parecia sair das entranhas da terra.

– E depois poderás gabar-te de ter salvo a pátria! – disse Santerre em tom joco-sério.

– Mal pensas tu que adivinhaste, cidadão general – resmungou Gracho.

XXIII

O príncipe

O processo da rainha fora instaurado, conforme vimos no capítulo precedente.

Já davam a entender que o sacrifício daquela ilustre cabeça bastaria para aplacar a ira popular, que há tanto bramia.

Não faltavam pretextos para decepar aquela cabeça, e contudo Fouquier-Tinville, acusador público, resolvera lançar mão dos novos capítulos de acusação, que Simão se comprometera a proporcionar-lhe.

No dia seguinte àquele em que se tinha encontrado com Simão na *Sala dos Passos-perdidos*, o ruído de armas ressoando no recinto do Templo, fez estremecer novamente os presos que ainda lá existiam.

Os presos eram a princesa Isabel, a princesa real, e o menino, a quem no berço tinham dado o tratamento de majestade, mas que só era conhecido pelo nome do *pequeno Luís Capeto*.

O general Santerre, adornado com o seu penacho tricolor e com o enorme sabre à cinta, apeou-se do seu cavalo à porta da torre, onde se ia definhando o príncipe, e entrou seguido de um grupo de guardas nacionais.

Ao lado do general vinha um escrivão mal encarado, que trazia na mão uma pena de comprimento desmedido.

Ao escriba seguiu-se o acusador público. Já o apresentámos aos nossos leitores, e havemos de encontrar ainda aquele homem, seco, amarelo e frio, cujo olhar sanguinário fazia tremer o próprio Santerre no seu arnês de guerra.

Na retaguarda de todos seguiam alguns guardas nacionais e um tenente.

Simão, com sorriso fingido e segurando numa das mãos um gorro de pele de urso e na outra o tirapé, subiu adiante, para indicar o caminho à comissão.

Chegaram a um quarto bastante escuro, espaçoso e sem móveis, no fundo do qual estava o pequenito Luís assentado na cama e completamente imóvel.

Quando vimos o pobre menino fugindo aos tratos brutais de Simão, ainda nele havia uma tal ou qual vitalidade, que reagia contra o indigno procedimento do sapateiro do Templo; então fugia, gritava e chorava, e por consequência tinha medo, sofria e esperava.

Porém o temor e a esperança tinham já desaparecido, e só o sofrimento existia ainda; a criança mártir, a quem castigavam tão cruelmente pelas culpas dos pais, escondia os tormentos no íntimo do coração e disfarçava-os com a aparência de uma insensibilidade completa.

Nem sequer ergueu a cabeça quando os comissários caminhavam para ele.

Eles, sem mais preâmbulo, puxaram cadeiras e assentaram-se: o acusador público à cabeceira da cama, Simão aos pés, o escrivão ao lado da janela, e os guardas nacionais com o tenente no fundo do quarto.

Aqueles dois indivíduos presentes, que movidos de compaixão ou de curiosidade repararam mais atentamente no inocente cativo, notaram a palidez da criança, a sua gordura extraordinária, que parecia inchação, e a flexão das pernas, que iam entumecendo nas articulações.

– Esta criança está muito doente – disse o tenente com tal afouteza que Fouquier-Tinville, que estava assentado e dispondo-se a principiar o interrogatório, voltou a cabeça.

O pequeno levantou os olhos, e procurando descortinar na penumbra do quarto quem proferira aquelas palavras, deu com o mesmo mancebo, que já uma vez no pátio do Templo obstara a que Simão lhe batesse. Uma irradiação meiga e inteligente brilhou-lhe nos olhos azuis escuros, mas logo tornou ao mesmo estado de apatia.

– Ah! Ah! És tu, cidadão Lorin – disse Simão, atraindo assim a atenção de Fouquier-Tinville para o amigo de Maurício.

– Sou eu, cidadão Simão – replicou Lorin, com o seu costumado sangue frio.

E como Lorin, se bem que pronto sempre a encarar qualquer perigo, não era homem que procurasse malquerenças inúteis, aproveitou esta circunstância para cumprimentar Fouquier-Tinville, o qual lhe retribuiu cortesmente o cumprimento.

– Notaste, segundo me parece, cidadão – disse então o acusador público – que esta criança está doente; és médico porventura?

– Estudei medicina, mas não sou formado.

– Pois bem, que lhe achas tu?

– Como sintoma de doença? – perguntou Lorin.

– Sim.

– Acho que tem as faces e os olhos entumecidos, as mãos pálidas e magras, os joelhos inchados, e se lhe tomasse o pulso, estou certo que havia de encontrar de oitenta e cinco a noventa pulsações por minuto.

O menino ouviu com a maior indiferença esta enumeração dos seus sofrimentos.

– E qual é a causa a que a ciência pode atribuir o estado em que se acha este preso? – perguntou o acusador público.

Lorin coçou a ponta do nariz e resmungou:

Obrigar-me a falar Philis deseja,
A vontade porém me não sobeja.

– A dizer a verdade, cidadão – replicou ele – como não sei qual é o regimen da vida do pequeno Capeto, não posso responder-te... Contudo...

Simão estava ouvindo atentamente e ria-se à socapa por ver o seu inimigo a ponto de se comprometer.

– Contudo – prosseguiu Lorin – parece-me que ele não faz bastante exercício.

– Que dúvida! – disse Simão – se o velhaquete já não quer dar um passo!

O príncipe não se estimulou com o dito do sapateiro.

Fouquier-Tinville levantou-se, chegou a Lorin e falou-lhe ao ouvido.

Ninguém ouviu as palavras do acusador público, mas era evidente que a conversa não passava de uma espécie de interrogação.

– Oh! Oh! E tu julgas isso, cidadão?... Olha que é um crime muito grave numa mãe.

– Seja como for, não tarda que o saibamos – disse Fouquier; – Simão assevera que lho ouviu dizer a ele mesmo e comprometeu-se a fazer-lho confessar.

– Isso seria horrível – disse Lorin; – mas enfim, é possível; a *Austriaca* não é nenhuma santa, e com razão ou sem ela, isso lá não é da minha conta... Fizeram dela uma Messalina; porém não se contentarem com isso e quererem que fosse também uma Agripina, parece que é levar o caso muito longe.

– Foi o que Simão me contou – respondeu Fouquier, sempre impassível.

– Não duvido nada que o Simão te contasse essa história... Há homens que não hesitam em fazer qualquer acusação, mesmo que seja uma acusação impossível... Mas não te parece a ti – continuou Lorin olhando fixamente para Fouquier – não te parece a ti que és um homem inteligente e honesto, um homem forte, finalmente que o facto de perguntar a uma criança pormenores de semelhante natureza, acerca da pessoa, que pelas leis mais naturais e mais sagradas ele deve respeitar, é quase um insulto feito ao género humano jamais feito na pessoa dessa criança?

O acusador não pestanejou; tirou um papel da algibeira e mostrou-o a Lorin.

– A convenção ordena-me que informe – disse ele; – não me importa com as consequências, hei-de informar.

– Tens razão – disse Lorin – e confesso que se este pequeno confessar...

E o mancebo abanou a cabeça com um gesto de nojo.

– E de mais – prosseguiu Fouquier – não é só a denúncia de Simão que serve de base ao nosso procedimento; olha a acusação é bem pública.

Fouquier, dizendo isto, tirou outro papel da algibeira.

Era um número do periódico chamado o *Père Duchesne*, redigido, como todos sabem, por Hébert.

Lá vinha com efeito formulada a mesma acusação muito detalhadamente.

– Bem vejo que está escrito, e até em letra redonda – disse Lorin; – mas não importa, enquanto eu não vir sair uma tal acusação da própria boca da criança, e da maneira que eu entendo, isto é voluntariamente sem constrangimento algum nem ameaças... Pois bem!...

– Pois bem, o quê?

– Pois bem, apesar de Simão e de Hébert, ainda hei-de persistir em duvidar, assim como tu mesmo duvidas.

Simão estava espreitando com impaciência o fim desta conversação; aquele perverso não conhecia o poder que tem sobre um homem inteligente o olhar de outro que se distingue entre as turbas; é uma atracção toda de simpatia ou uma impressão subtil de ódio. Algumas vezes é um sentimento que atrai e obriga o pensamento ou a pessoa mesmo do homem a ir procurar aquele outro homem de igual força ou de espírito superior, que sobressai aos que o cercam.

Fouquier tinha sentido o peso do olhar de Lorin, e queria que aquele observador o entendesse.

– O interrogatório vai começar – disse o acusador público; – escrevão pega na pena.

O escrevão tinha acabado de escrever o cabeçalho de um auto, e estava esperando, assim como Simão, Santerre e todos os mais, que acabasse a conferência de Fouquier-Tinville com Lorin.

O príncipe era o único que parecia inteiramente estranho à cena em que representava o primeiro papel, e tinha tornado àquele estado de atonia de que por um instante saíra, fulgurando-lhe os olhos com o brilho de uma inteligência superior.

– Silêncio! – bradou Santerre – o cidadão Fouquier-Tinville vai proceder ao interrogatório do pequeno.

– Capeto – perguntou o acusador – sabes o que é feito de tua mãe?
As faces do pequenino Luís tornaram-se de repente vermelhas de pálidas que estavam, mas não respondeu.

– Não me ouviste, Capeto? – tornou o acusador.

Ficou calado.

– Oh! Se ouve – disse Simão; – mas é como os macacos, não quer responder com receio que o tomem por um homem e que o obriguem a trabalhar.

– Responde – disse Santerre; – é uma comissão da Convenção que te está interrogando, e tu deves obedecer às leis.

O menino empalideceu, mas não respondeu.

Simão fez um movimento de raiva; nos indivíduos de carácter feroz e estúpido, o furor é uma embriaguez, que apresenta os mesmos sintomas hediondos da embriaguez que provém do vinho.

– Respondeste ou não, loboquinho? – disse ele ameaçando-o com o punho fechado.

– Cala-te, Simão – disse Fouquier-Tinville; – não tens a palavra.

Escapou-lhe esta expressão, a que se tinha acostumado no tribunal revolucionário.

– Ouves, Simão? – disse Lorin – não tens a palavra; já é a segunda vez que te dizem isso na minha presença, a primeira vez foi quando tu estavas acusando a filha da tia Tison, a quem tiveste a satisfação de fazer degolar.

Simão calou-se.

– Tua mãe era tua amiga, Capeto? – perguntou Fouquier.

O mesmo silêncio.

– Dizem-me que não – continuou o acusador.

Um pálido sorriso apareceu nos lábios da desventurada criança.

– Mas se eu lhes estou dizendo – uivou Simão – que me confessou que ela era muito amiga dele.

– Ora vê lá, Simão, que pena não é que o pequenito Capeto, que fala pelos cotovelos quando está contigo, se torne mudo diante da gente – disse Lorin.

– Oh! Se nós estivéssemos sós! – exclamou Simão.

– Sim, se estivessem sós o caso havia de mudar de figura; mas felizmente não estão sós. Oh! Se estivessem sós, honrado Simão, excelente patriota, que sova que não darias na pobre criança, hein? Mas não estás só, e não te atreves a levantar a mão para ele na nossa presença, que somos homens de bem, e sabemos que os antigos que pretendemos imitar, respeitavam sempre os que eram mais fracos; não te atreves porque não estás só e não és valente, meu estimável cidadão, quando se trata de brigar com crianças que têm mais de sessenta e duas polegadas de altura.

– Oh!... – resmungou Simão rangendo os dentes.

– Capeto – prosseguiu Fouquier – confessaste alguma coisa a Simão?

Apareceu no olhar do príncipe uma expressão de ironia, que não é possível descrever.

– A respeito de tua mãe? – continuou o acusador.

A expressão do olhar mudou para desprezo.

– Responde; sim, ou não? – bradou Santerre.

– Responde; que sim? – berrou Simão levantando o tirapé para a criança.

O menino estremeceu, mas não fez movimento algum para evitar a pancada.

As pessoas presentes deram um grito de reprovação.

Lorin fez mais, correu para Simão e agarrando-lhe o braço pelo pulso, não lhe deu tempo a abaixá-lo.

– Larga-me já – bradou Simão tornando-se vermelho de raiva.

– Ora vamos lá – disse Fouquier – não é proibido a uma mãe, ser amiga de seu filho? Dize-nos, de que maneira te amava tua mãe Capeto? Olha que a tua confissão pode ser-lhe proveitosa.

O jovem cativo exultou com a idéia de poder de alguma forma prestar um serviço à mãe.
– Amava-me como uma mãe deve amar seu filho, – disse ele; – não sei que haja diversos modos das mães serem amigas dos filhos ou os filhos das mães.

– E eu, meu dragãozinho, afirmo que me disste que tua mãe...

– Isso foi sonho – interrompeu Lorin com placidez; – tu deves ter pesadelos muito a miúdo.

– Lorin! Lorin! – bradou Simão.

– Pois sim! Lorin, e depois? Não é possível bater em Lorin, porque é quem aplica a devida correcção àqueles que a merecem; não podes denunciá-lo, porque a acção que ele praticou há pouco quando deteve o teu braço, foi na presença do general Santerre e do cidadão Fouquier-Tinville, que lhe deram a sua aprovação, e esses não são suspeitos por certo. Não tens pois pretexto algum para o fazer passear até à guilhotina, como a Heloísa Tison; é pena, não é verdade, é mesmo uma desesperação, mas que se lhe há-de fazer, meu pobre Simão?

– Veremos isso – respondeu o sapateiro com a sua risadinha de hiena.

– Sim, querido amigo – disse Lorin; – porém eu espero, se me ajudar o Ente Supremo!... Há! Pensavas que eu ia dizer se Deus me ajudasse? Espero, se me ajudar o Ente Supremo e o meu sabre, ter a satisfação de te pôr as tripas ao Sol primeiro que isso suceda; mas tira-te da minha frente, Simão, que não me deixas ver...

– Maroto!

– Cala-te! Que não me deixas ouvir.

E Lorin fulminou Simão com um olhar.

Simão mordida as mãos, que caprichava em trazer sempre sujíssimas; mas, como muito bem dissera Lorin, não tinha remédio senão limitar a isso a sua raiva.

– Agora, que já começou a falar – disse Santerre – há-de continuar provavelmente; prossegue, cidadão Fouquier.

O menino continuou calado.

– Vês, cidadão, vês? – disse Simão.

– É célebre a teima desta criança – disse Santerre, admirando involuntariamente aquela firmeza tão pertinaz e tão soberana.

– Tem sido mal aconselhado – disse Lorin.

– Por quem? – perguntou Santerre.

– Por quem há-de ser? Pelo seu patrono...

– Estás-me acusando! – exclamou Simão – estás-me denunciando. Ah! É o que faltava ver!

– Empreguemos a brandura – disse Fouquier.

E voltando-se então para a criança, que parecia completamente insensível, continuou:

– Venha cá, meu menino, responda à comissão nacional; não agrave a sua situação negando-nos os esclarecimentos de que necessitamos; falou ao cidadão Simão nas carícias que lhe prodigalizava sua mãe, do modo como o acariciava e de que modo era sua amiga?

Luís cerrou os olhos pelo ajuntamento, revelando uma expressão de ódio quando deu com Simão.

– Acha-se muito infeliz? – perguntou o acusador – não lhe agrada o quarto ou o sustento ou o tratamento? Quer mais liberdade, melhor comida, outra prisão ou outro guarda? Quer que lhe conceda licença para conviver com os meninos da sua idade?

Luís permaneceu no mesmo silêncio, que só havia quebrado para defender a mãe.

Os membros da municipalidade ficaram pasmados, parecia incrível que se pudesse encontrar numa criança tanta inteligência e tanta firmeza.

– E que tal! – disse Santerre a meia voz – esta raça dos reis assemelha-se à dos tigres, que já em pequenos têm maldade!

– Como hei-de redigir o auto de inquérito? – perguntou o escrivão perplexo.

– Encarreguem o Simão desse trabalho – disse Lorin; – como não há que escrever, há-de

desempenhá-lo com perfeição.

Simão acenou com o murro ao seu implacável inimigo.

Lorin desatou a rir.

– Aposto que não te hás-de rir assim no dia em que te cair a cabeça no saco – disse Simão chegando ao auge do furor.

– Não sei se me tocará ir adiante ou depois de ti nessa cerimoniazita em que me falas – disse Lorin; – mas o que posso asseverar é que muita gente há-de ir no dia em que te chegar a tua vez. Oh! Deuses!... Toma sentido, olha que disse deuses no plural... Oh! Deuses! Que feia há-de ser a tua catadura nesse dia, Simão, hás-de ser horrendo!

Lorin deu uma gargalhada e retirou-se para trás dos membros da comissão.

A comissão, vendo que não conseguia o seu fim, saiu.

O príncipe, assim que se viu livre dos seus interrogadores, estendeu-se na cama e começou a cantarolar um estribilho melancólico, que tinha sido a cantiga favorita do pai.

XXIV

O ramo de violetas

Pela ordem natural das coisas, aquela paz e sossego, que tão feliz tinham tornado a existência de Genoveva na companhia de Maurício, não podiam durar muito.

Quando uma tempestade excita a fúria dos elementos, o ninho das pombas está tão exposto aos efeitos do vento e dos raios, como a árvore que o suporta.

Genoveva passou de um susto ao outro: já não receava perigo algum para Filipe de Taverney Casa-Vermelha; tremia agora que sucedesse algum desastre a Maurício.

Quanto ao marido tinha suficiente conhecimento do seu carácter para ter a certeza que desde o instante em que desaparecera podia considerar-se salvo; e agora, não temendo já pela vida dele, assustava-a o seu próprio futuro.

Não se atrevia a confiar a causa dos seus tormentos ao seu companheiro, que era o homem menos tímido daquela época em que ninguém sabia o que era medo; porém, bem patente se lhe mostrava o sofrimento tanto nos olhos avermelhados como nas faces desmaiadas.

Sucedeu um dia entrar Maurício em casa sem bater à porta, e sem que Genoveva, que estava entregue em profunda meditação, lhe sentisse os passos. Maurício deteve-se no limiar da porta e viu Genoveva assentada, imóvel, com o olhar parado, os braços descaídos sobre os Joelhos, e a cabeça inclinada em atitude pensativa.

Contemplou-a um instante com profunda mágoa, e logo adivinhou quanto se passava naquele coração, como se nele tivera lido o seu pensamento mais recôndito.

E dando um passo para ela, disse:

– Genoveva, já não gosta de viver em França? Confesse-o. Repugna-lhe tanto o próprio ar, que até evita chegar à janela?

– Meu Maurício – disse ela – não me é possível ocultar-lhe o meu pensamento; adivinhou a verdade.

– E contudo, a França é um belo país – continuou o mancebo; – a vida hoje tem-se tornado importante e bem variada nesta terra; a actividade ardente da tribuna, dos clubes, das conspirações, faz realçar o encanto das horas que sobram para gozos domésticos. E quem tem amor a alguém aproveita essas horas para amar com mais ardor ainda, porque o dia que se segue pode muito bem trazer consigo a morte!

Genoveva abanou a cabeça.

– É uma pátria ingrata a quem a serve! – disse ela.

– Como assim!

– Diga-me, o senhor, que tanto fez em favor da liberdade, não está porventura sendo hoje considerado como suspeito?

– Dize-me, minha querida Genoveva – disse Maurício com um olhar em que transluzia a embriaguez do amor – e tu que és inimiga declarada da liberdade, que tanto tens guerreado, não estás dormindo tranqüila e inviolável debaixo das telhas do republicano? Já se vê que em tudo há compensações.

– É verdade – respondeu Genoveva; – mas isto não há-de continuar por muito tempo, porque uma causa injusta é impossível durar.

– Que pretendes dizer nisso?

– Quero dizer que eu, que sou uma aristocrata, eu, que no íntimo da minha alma estou desejando continuamente a queda do seu partido e a ruína das suas idéias, eu, que até na sua própria casa sou capaz de conspirar para que voltemos ao antigo regimen, eu, por cuja causa o senhor seria condenado à morte e à infâmia, segundo as suas opiniões, se por acaso alguém me descobrisse; eu, Maurício, estou resolvida a não permanecer por mais tempo aqui como o génio mau da sua casa: não quero arrastá-lo comigo ao cadafalso.

– E para onde tenciona ir, Genoveva?

– Para onde tenciono ir? Um dia, que tiver saído, Maurício, vou denunciar-me a mim mesma sem dizer onde estive escondida.

– Oh! – exclamou Maurício ferido no íntimo do coração; – tanta ingratidão!

– Não – respondeu Genoveva lançando os braços ao pescoço de Maurício; – não, meu amigo, é amor, e amor a toda a prova, juro-te! Não quis que meu irmão fosse preso e morto como rebelde: também não quero agora que o meu amante seja preso e morto como traidor.

– E terias ânimo de fazer isso que disseste, Genoveva? – perguntou Maurício.

– Tão certo como haver um Deus no Céu! – respondeu Genoveva – e demais, não é só o temor que me impele, são também os remorsos.

E dizendo isto inclinou a cabeça, como se não pudesse já suportar o peso dos remorsos.

– Oh! Genoveva! – exclamou Maurício.

– Estou certa, Maurício, que me entendes muito bem – prosseguiu Genoveva – e que sabes avaliar os meus sentimentos, porque estes remorsos que tenho, também tu os sentes. Sabes, Maurício, que eu não podia dispor de mim quando me dei a ti, e que me aceitás-te sem que eu tivesse, por mínimo que fosse, direito algum a dar-me.

– Basta! – exclamou Maurício – basta!

A fronte enrugou-se-lhe e os olhos brilharam-lhe. Tomara uma resolução repentina.

– Quero provar-te, Genoveva – continuou o mancebo – que só a ti amo. Hei-de mostrar-te que o meu amor não hesita diante de sacrifício algum. Odeias a França, pois bem, cumpra-se o teu desejo, sairemos de França.

Genoveva juntou as mãos e olhou para o amante com expressão de admiração entusiástica.

– Não me estás enganando, Maurício? – balbuciou ela timidamente.

– Quando te enganei eu? – perguntou Maurício; – foi porventura no dia em que sacrifiquei a minha honra para te possuir?

Genoveva chegou os lábios aos de Maurício, e assim ficou por alguns instantes suspensa ao pescoço do amante.

– Sim, tens razão, Maurício – disse ela – e era eu que me enganava. O que sinto já não são remorsos; é talvez a degradação da minha alma; mas tu, ao menos, sempre me hás-de entender, e amo-te tanto, que o único sentimento que se apodera do meu coração é o receio de te perder. Vamos para muito longe, querido amigo, vamos para sítio oculto a todos.

– Oh! Muito obrigado, Genoveva! – exclamou Maurício arrebatado de alegria.

– Mas como fugiremos nós? – perguntou Genoveva estremecendo de semelhante idéia. Hoje não é fácil escapar ao punhal dos assassinos de 2 de Setembro, nem ao cutelo dos carrascos de 21 de Janeiro.

– Genoveva – disse Maurício – é Deus quem nos protege. Ouve! Uma obra de caridade que eu quis praticar por ocasião do tal dia 2 de Setembro, em que há pouco falaste, há-de

necessariamente ter hoje a sua recompensa. Desejei salvar um pobre padre, que tinha sido meu companheiro de estudo. Fui ter com Danton, e a pedido dele, a junta de salvação pública mandou passar um passaporte para meu afilhado e sua irmã. Danton entregou-me o passaporte, porém o infeliz padre, em lugar de vir a minha casa buscá-lo, conforme lhe tinha recomendado, foi parar à prisão do convento do Carmo, e lá morreu.

– E o passaporte? – disse Genoveva.

– Ainda existe em meu poder; vale hoje um milhão, ou mais ainda, Genoveva, porque dele depende a nossa vida e futura felicidade!

– Oh! Meu Deus! Meu Deus! – exclamou Genoveva – louvado sejas!

Maurício continuou:

– Ora agora, a minha fortuna consta, como sabes, de umas terras administradas por um criado antigo da minha casa; é patriota puro, mas homem leal, em quem podemos confiar. Mandar-me-á entregar a renda no sítio que eu lhe indicar. No nosso caminho para Bolonha, passaremos por casa dele.

– Onde habita?

– Ao pé de Abbeville.

– Quando partiremos?

– Daqui a uma hora.

– É preciso que ninguém saiba que nos retiramos – observou ela.

– Ninguém o há-de saber. Vou num pulo a casa de Lorin: ele possui um cabriolé, mas não tem cavalo, e eu tenho cavalo, mas falta-me o carro; trago o dele, e assim que voltar partiremos. Tu, Genoveva, fica aqui, e apronta tudo para a nossa partida. Não precisamos de muita bagagem; o que nos faltar comprá-lo-emos em Inglaterra. Vou mandar Cévola a um recado, para o demorar fora de casa. Lorin lhe explicará à noite o motivo da nossa partida, e quando a noite chegar, havemos de estar longe.

– E se formos presos no caminho?

– Então não levamos o passaporte? Vamos em direitura ter com Huberto, é o nome do meu rendeiro; Huberto é membro da municipalidade de Abbeville; há-de acompanhar-nos de Abbeville até Bolonha, para nos servir de guarda; chegados a Bolonha, compramos ou fretamos um barco. Há ainda outro recurso: posso ir pedir à junta que me encarregue de uma missão qualquer para Abbeville. Porém não; é melhor não empregarmos fraude alguma, não é assim, Genoveva? Conquistaremos a ventura com risco da nossa vida.

– Sim, sim? Meu amigo, e havemos de consegui-lo. Mas que Cheiro tão agradável trazes hoje contigo, meu amigo! – disse Genoveva, escondendo o rosto de encontro ao peito adorado de Maurício.

– É verdade; esta manhã, quando passei em frente do palácio da Igualdade, tinha comprado um ramalhete de violetas para ti; mas quando aqui entrei e te vi tão triste, esqueceu-me o ramalhete e só tratei de indagar a causa da tua tristeza.

– Oh! Dá-mo cá, depois to restituirei.

Genoveva aspirou o cheiro do ramalhete com essa espécie de fanatismo que as pessoas de organização nervosa quase sempre mostram por qualquer aroma.

De repente arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas.

– O que tens? – perguntou Maurício.

– A pobre Heloísa! – murmurou Genoveva.

– Ah! Sim – disse Maurício suspirando. – Mas curemos de nós querida amiga, e deixemos descansar os mortos, sejam de que partido forem, na sepultura que a fidelidade lhes abriu. Adeus, que eu saio.

– Volta depressa.

– Não me hei-de demorar meia hora.

– E se o Lorin não estiver em casa?

– Não importa; o criado conhece-me; e assim como ele está autorizado a levar daqui tudo

quanto quizer, mesmo na minha ausência, não me será lícito a mim fazer o mesmo?

– Bem, bem.

– Tu, minha Genoveva, apronta tudo, limitando-te, como já te disse, unicamente ao que for necessário; é preciso que partamos sem que pareça que vamos de jornada.

– Fica descansado.

O mancebo deu um passo na direcção da porta.

– Maurício! – exclamou Genoveva.

Voltou-se e viu-a de braços estendidos para ele.

– Até logo! Até logo! Meu amor – disse ele – e tem ânimo. Dentro de meia hora estarei de volta.

Genoveva ficou só, encarregada como dissemos, dos aprestos da partida.

Começou a aprontar tudo com uma espécie de frenesi. Figurava-se-lhe que enquanto estivesse em Paris, a sua culpa era muito maior. Parecia-lhe que se conseguisse sair de França e ir viver para uma terra estranha, lhe havia de pesar menos o crime que cometera e a que fora arrastada pela fatalidade.

Chegava até a esperar que na solidão, a que desejava entregar-se, lhe seria possível esquecer que houvesse no mundo mais homens além de Maurício.

Era para Inglaterra que tinham resolvido fugir. Havia de procurar uma casinha, um *cottage*, em que só eles habitassem, bem isolados e fechados a todas as vistas; haviam de mudar de nome e usar ambos do mesmo apelido.

Havia de tomar dois criados que não soubessem coisa alguma da sua vida passada. Sucedia por acaso que tanto Maurício como Genoveva falavam bem o inglês.

Nem um nem outro deixava em França objecto algum de que tivessem saudades, a não ser a mãe comum chamada pátria, de que o coração se conserva sempre saudoso, ainda que ela se porte como madrasta.

Genoveva começou pois a arranjar tudo quanto era indispensável para a projectada jornada, ou, porque melhor digamos, para a projectada fuga.

Era com indizível prazer que ela escondia os objectos que Maurício preferia; a casaca que melhor lhe assentava, as gravatas que lhe ficavam melhor ao parecer e os livros que ele costumava folhear com mais frequência.

Quando acabou de escolher quanto lhe era preciso, estendeu sobre as cadeiras, canapé e piano o fato, a roupa e os livros para novamente começar a encher as malas.

De repente, sentiu ranger a chave na fechadura.

– Bom – disse ela consigo – aí volta já o Cévola. Dar-se-á o caso que Maurício não o encontrasse?

E prosseguiu nos seus arranjos.

As portas da sala estavam abertas; ouviu os passos do officioso na ante-sala.

Tinha justamente na mão um rolo de música e andava em procura de uma fita para o atar.

– Cévola! – gritou ela.

Ouviu novamente passos de alguém, que se aproximava da sala.

– Cévola! Cévola! – repetiu Genoveva – faça-me o favor de chegar aqui.

– Aqui estou eu! – disse uma voz.

Genoveva ao ouvir o som daquela voz, voltou precipitadamente a cabeça e deu um grito terrível.

– Meu marido! – exclamou ela.

– Eu mesmo – respondeu Dixmer com a maior serenidade.

Genoveva estava trepada a uma cadeira, procurando num armário a fita de que precisava; sentiu uma tontura de cabeça, estendeu os braços e deixou-se cair desamparada, desejando encontrar um abismo debaixo dos pés, para nele se sumir.

Dixmer amparou-a nos braços e foi assentá-la no canapé.

– Então que é isso, minha riquinha, o que lhe sucedeu? Foi acaso a minha presença que

lhe produziu tão desagradável efeito?

– Ah! Eu morro! – balbuciou Genoveva deitando-se para trás o mais que podia e tapando os olhos com as mãos para não ver tão medonha aparição.

– Ora está! – disse Dixmer – visto isso julgava que eu tinha morrido, e vendo-me de súbito, cuidou que era um fantasma?

Genoveva circunvagou a vista como desvairada, e dando com os olhos no retrato de Maurício, deixou-se escorregar do canapé para o chão, e pôs-se de joelhos como para implorar auxílio daquela imagem insensível e inanimada, que ainda continuava a sorrir-se para ela apaixonadamente.

A pobre mulher estava tremendo de ver rebentar a trovoada que Dixmer ocultava com tão afectada e fingida placidez.

– Sim, minha rica menina – continuou o mestre curtidor – sou eu mesmo; pensava talvez que estava já muito longe de Paris, mas enganou-se, porque fiquei aqui. No dia imediato àquele que saí de casa, voltei lá e dei com um grande montão de cinzas. Procurei notícias suas, ninguém soube dar-mas. Comecei a indagar para onde teria ido, e a muito custo pude descobrir o seu asilo. Confesso que não julgava que tivesse vindo para aqui; contudo, tive algumas suspeitas, e como vê não me enganei. Mas o essencial era reunirmo-nos e isso consegui-o finalmente. Como passa o meu caro Maurício? Na verdade, há-de ter-lhe custado muito, à senhora, que é tão realista, ver-se na necessidade de viver na mesma casa em que habita um republicano tão fanático.

– Meu Deus! – murmurou Genoveva – meu Deus! Tende piedade de mim!

– Mas, enfim – continuou Dixmer examinando o quarto – sempre me consola, minha querida, ver que está aqui tão bem hospedada, o que decerto lhe tornou a proscrição menos sensível. Depois que deitaram fogo à nossa casa, e que destruíram a nossa fortuna, tenho sempre divagado ao acaso e vivido escondido, ora no fundo de algum subterrâneo, ora no porão de algum barco, e às vezes até nos canos que vão desaguar ao Sena.

– Senhor! – disse Genoveva.

– A senhora tem aqui excelente fruta: pois eu achei-me muitas vezes obrigado a passar sem sobremesa e até sem jantar.

Genoveva escondeu o rosto com as mãos e começou a soluçar.

– Não foi – prosseguiu Dixmer – por falta de dinheiro; porque, graças a Deus, trouxe comigo uns trinta mil francos em ouro, que hoje em dia equivalem bem a quinhentos mil; mas como era possível que um carvoeiro, um pescador ou um trapeiro puxasse por peças de ouro para comprar um bocado de queijo ou de pão? E tal qual como lhe estou dizendo, minha senhora, lancei mão sucessivamente desses três disfarces. Hoje, porém, para melhor me ocultar, vesti-me como patriota exagerado, com o traje de marselhês, conforme vê. Pois quê! Um homem que está proscrito não pode passar pelas ruas de Paris tão facilmente como uma mulher jovem e formosa?! Demais, nunca tive a fortuna de contrair relações com nenhuma republicana entusiasta, que me escondesse em casa dela na hora do perigo.

– Senhor, senhor – exclamou Genoveva – tenha compaixão de mim! Por Deus, pois bem vê que estou quase morta!

– De cuidado, não é verdade? Percebo muito bem, estive com muito cuidado em mim; mas console-se, que aqui estou; vim ter consigo e agora nunca mais nos separaremos, minha senhora.

– Oh! O senhor decerto quer matar-me! – exclamou Genoveva.

Dixmer, encarando-a com um sorriso terrível, continuou ironicamente:

– Mas se é uma mulher inocente! Oh! Minha senhora, o que está dizendo? Vejo que o desgosto, que lhe causou a minha ausência, transtornou-lhe o juízo.

– Senhor – bradou Genoveva de mãos postas – peço-lhe que me mate, mas que não me esteja torturando com tão cruel zombaria. Não, eu não sou inocente; sou antes muito culpada: mereço a morte. Mate-me, senhor, mate-me!

– Então a senhora mesma confessa que merece a pena de morte?

– Confesso, sim, confesso!

– E que para expiar esse crime, de que se acusa, está pronta a sofrer a morte sem se queixar?

– Descarregue o golpe, senhor, que eu não proferirei um único grito, e prometo abençoar a mão que me cravar o punhal.

– Não, minha senhora, não quero matá-la, e contudo tem a probabilidade de morrer. A diferença é que, em vez de morrer ignominiosamente, como devia esperar, há-de ter uma morte tão gloriosa que há-de causar inveja a muitas mulheres. Agradeça-me, senhora, hei-de castigá-la imortalizando-a.

– Por piedade, senhor, diga-me o que pretende fazer de mim?

– Há-de prosseguir na carreira que trilhávamos quando fomos interrompidos. Tanto para a senhora como para mim acabará como criminosa; para os mais morrerá mártir.

– Oh! Meu Deus! As suas palavras fazem-me enlouquecer. Aonde quer conduzir-me, para onde pretende arrastar-me?

– À morte, provavelmente.

– Entre, deixe que eu faça uma oração.

– Uma oração!

– Sim.

– A quem?

– Isso não é da sua conta; visto que pretende matar-me, fica paga a minha dívida, e desde o momento que estou pronta a pagar, não pode exigir mais nada da minha pessoa.

– Tem razão – disse Dixmer retirando-se para o quarto imediato; – cá a espero fora.

E saiu da sala.

Genoveva foi ajoelhar defronte do retrato, comprimindo com as mãos o arfar do coração.

– Maurício – disse ela devagarinho – perdoa-me. Eu não esperava poder ser feliz, mas contava tornar-te feliz a ti. Maurício, vou privar-te da tua vida; perdoa-me, se morreres de pena, meu muito amado.

E cortando um anel do comprido cabelo, enrolou-o em volta do ramalhete de violetas, e colocou-o por baixo do retrato, que pareceu animar-se na tela insensível e assumir uma expressão de dor para se despedir dela.

Pelo menos assim o julgou Genoveva através das lágrimas, que em fio lhe corriam pelo rosto.

– A senhora já está pronta? – perguntou Dixmer com a maior tranquilidade.

– Tão depressa! – murmurou Genoveva.

– Oh! Demore-se o tempo que quiser, minha senhora – replicou Dixmer; – eu não tenho pressa! E demais, Maurício não poderá talvez tardar muito, e a senhora fará muito gosto em lhe agradecer a hospitalidade que lhe ofereceu.

Genoveva tremeu de susto com a lembrança de um conflito entre o amante e o marido.

Ergueu-se logo, como se fora impelida por uma mola.

– Está tudo acabado, senhor – disse ela – estou pronta.

Dixmer foi andando adiante, Genoveva seguiu-o trémula, com os olhos meios fechados e a cabeça inclinada para trás. Subiram para uma carruagem de aluguer, que estava esperando à porta, e que partiu imediatamente.

Como muito bem dissera Genoveva, estava tudo acabado!

XXV

A taberna do Poço de Noé

Aquele homem vestido de carmanhola, que vimos andar passeando pela *Sala dos Passos-perdidos*, e ouvimos conferenciar com o chaveiro que tinha ficado de guarda à porta do

subterrâneo, durante as pesquisas do arquitecto Giraud, do general Santerre e do tio Ricardo; aquele furioso, de gorro de pele de urso e emaranhado bigode, que se tinha inculcado a Simão como sendo o indivíduo que andara com a cabeça da princesa de Lamballe pelas ruas, estava, pela volta das sete horas do dia imediato àquela noite em que tão variados acontecimentos tinham ocorrido, na taberna do Poço de Noé, que era situada, como já dissemos, à esquina da rua da Vieille-Draperie.

Achava-se pois na tal bodega, assentado no fundo de uma casa escura, com as paredes enegrecidas pelo fumo do tabaco e do sebo, e fingia estar devorando um prato de peixe com molho de manteiga rançosa.

A sala que descrevemos estava quase deserta; apenas dois ou três fregueses da casa se tinham demorado, gozando do privilégio de emprazadores, adquirido à custa das quotidianas visitas que faziam ao estabelecimento.

A maior parte das mesas estava devoluta; porém é preciso confessar, para crédito da taberna do Poço de Noé, que as toalhas mostravam na cor vermelha, ou por melhor dizer roxa, de que se achavam tintas, que um número muito regular de hóspedes se tinha ali saciado.

Os três últimos consumidores desapareceram sucessivamente, e quando faltava um quarto para as oito, achava-se o patriota só.

Então afastou de si, com gesto de aversão sobremaneira aristocrático, o guisado grosseiro que pouco antes parecia estar saboreando com o maior prazer, e tirou da algibeira um pedaço de chocolate espanhol que passou a comer vagorosamente, e com uma expressão bem diferente da que até ali procurara dar à fisionomia.

De tempos a tempos, sem deixar de comer o chocolate, que acompanhava com um bocado de pão de rala, olhava com impaciência para a porta da entrada, que era de vidraças e adornada com uma cortina de xadrez branco e vermelho; de vez em quando applicava ao ouvido, e interrompia a frugal comida com uma tal distração que muito dava que cismar à dona da casa, que estava assentada ao balcão na proximidade da porta, e na qual o patriota fitava os olhos com tanta freqüência, que podia sem muita vaidade julgar-se a única causa de tanta preocupação.

Finalmente, a campainha da porta de entrada retiniu de modo que fez estremecer o nosso homem, tornou a pegar no prato do peixe e às escondidas da dona da taberna atirou com metade do conteúdo a um cão esfaimado, que o estava contemplando com os olhos suplicantes, e a outra metade a um gato, que se estava divertindo em agatilhar o cão com toda a delicadeza.

A porta da cortina vermelha e branca abriu-se em seguida, e entrou um homem vestido quase pelo gosto do patriota, com a diferença do gorro de peles, a que substituíra um barrete vermelho.

O recém-chegado trazia preso à cinta um enorme molho de chaves ferrugentas e ao lado esquerdo pendia-lhe um terçado de infantaria com punho.

— A minha sopa, e o meu quartilho! — bradou ele ao entrar na casa pública, sem tirar o barrete e fazendo apenas um aceno com a cabeça à dona da casa.

E depois, dando um suspiro como quem está cansado, foi tomar lugar numa mesa próxima daquela em que estava ceando o nosso patriota.

A dona da taberna, para mostrar a consideração que dava ao seu hóspede, levantou-se e foi em pessoa encomendar o que ele pedira.

Os dois homens estavam de costas voltadas um para o outro, um deles com a frente para a parte da rua, e outro para o fundo da casa. Nem um, nem outro proferiu palavra enquanto não desapareceu a dona da taberna.

Logo que ela fechou a porta, e que o homem do gorro de peles percebeu que estavam sós, olhando para o espelho que tinha defronte de si, que era alumiado por uma vela de sebo suspensa do tecto por um arame, e cuja colocação tinha sido tão bem combinada que a iluminação ficava dividida com igualdade pelos dois convivas, dirigiu a palavra ao companheiro, e sem se voltar disse:

— Boas-noites.

– Boas-noites, meu senhor – respondeu o recém-chegado.

– Então? – perguntou o patriota com a mesma indiferença estudada – como vai o nosso negócio?

– Está tudo concluído.

– O que está concluído?

– Conforme convencionámos, tive uma questão com o tio Ricardo relativamente ao serviço. Aleguei surdez, tonturas de cabeça, e na ocasião em que estava no cartório, fingi que me dava um desmaio.

– Muito bem; e depois?

– Depois, o tio Ricardo chamou pela mulher, que me esfregou as fontes com vinagre para eu tornar a mim, o que fingi também por o julgar conveniente.

– Bom; e depois?

– Depois, segundo tínhamos tratado, disse que era a falta de ar que me ocasionava as tonturas, por isso que eu era muito sanguíneo, e que já não podia de modo nenhum com o serviço da *Conciergerie*, onde existiam actualmente quatrocentas pessoas presas.

– O que disseram a isso?

– A tia Ricardo compadeceu-se de mim.

– E o tio Ricardo?

– Pôs-me na rua.

– Porém, para o meu projecto, não basta que ele te pusesse na rua.

– Ouça-me até ao fim: então a tia Ricarda, que é uma santa mulher, disse-lhe que isso era uma barbaridade, visto ter eu muita família.

– E ele que respondeu?

– Disse-lhe que tinha razão, mas que era a condição inerente ao lugar de chaveiro, não saía da cadeia em que se servia; que a república não era para graças, e que mandava degolar os indivíduos que se lembravam de ter tonturas no exercício das suas funções.

– Essa só pelo diabo! – disse o patriota.

– E o mais é que o tio Ricardo tinha razão; porque desde que lá está a *Austríaca* anda tudo numa roda-viva com os guardas, e ninguém lá entra sem passar pelo mais escrupuloso exame.

O patriota deu o prato a lambar ao gato, que foi logo mordido pelo cão.

– Continue – disse ele sem se voltar.

– Finalmente, senhor, comecei a gemer, a dizer que me sentia muito doente; pedi que me mandassem para a enfermaria, e afirmei que os meus filhos morreriam de fome se me privassem do meu ordenado.

– E daí?

– E daí o tio Ricardo respondeu-me que quem se dedicava a chaveiro tratava de não ter filhos.

– Mas a tia Ricarda estava a seu favor, segundo me disse?

– Felizmente! Ralhou outra vez com o marido, arguindo-o de ter mau coração, até que o tio Ricardo acabou por me dizer: “Pois bem, cidadão Gracho, ajusta-te com algum amigo teu que reparta o ordenado contigo; apresenta-mo como teu substituto, e farei com que seja aceito”. Assim que ouvi estas palavras, saí dizendo: “Muito bem, tio Ricardo, vou ver se encontro alguém”.

– E já encontrou meu amigo?

Naquele mesmo instante voltava a dona do estabelecimento, trazendo a sopa e o quartilho de vinho para o cidadão Gracho.

Nem ao patriota, nem a Gracho fazia conta que ela estivesse presente, porque ainda não tinham terminado a conferência.

– Cidadã – disse o chaveiro – recebi uma pequena gratificação do tio Ricardo, e por isso estou resolvido a fazer gastos extraordinários; quero uma costeleta de porco com conserva de pepinos, e uma garrafa de vinho de Borgonha: manda a tua criada ao açougue buscar a carne, e

vai tu à adega buscar-me o vinho.

A taberneira logo deu as suas ordens.

A criada saiu logo pela porta da rua, e ela pela da adega.

– Muito bem – disse o patriota – vejo que és um rapaz inteligente.

– Tão inteligente que, apesar das lindas promessas que me fez, não desconheço o perigo que ambos corremos. Sabe, provavelmente, qual é o perigo a que aludo?

– Sei, perfeitamente.

– Estamos jogando a cabeça.

– Não te dê cuidado a minha.

– Confessar-lhe-ei ingenuamente, que não é pela sua que mais receio.

– É pela tua?

– É verdade.

– Mas se eu ta pagar pelo dobro do seu valor?

– É preciso que se lembre, senhor, que a cabeça é um traste precioso.

– Mas não a tua.

– Como! Não a minha?

– Neste momento, pelo menos.

– Que pretende dizer com isso?

– Quero dizer que a tua cabeça está valendo menos do que coisa nenhuma, visto que, se por exemplo eu fosse um agente da junta de salvação pública, eras infalivelmente guilhotinado amanhã.

O chaveiro voltou-se com um movimento tão repentino que o cão começou a ladrar-lhe.

Estava pálido como um defunto.

– Deixa-te estar quieto e não desmaies – disse o patriota – acaba de comer a tua sopa com sossego, que não sou nenhum agente provocador, meu caro amigo. Faze com que eu seja recebido na *Conciergerie* para servir o teu emprego, dá-me as chaves e amanhã entrego-te cinquenta mil francos em ouro, não ponhas a menor objecção.

– E promete cumprir o que está dizendo?

– Oh! Não tens que duvidar, pois fica-te a minha cabeça como penhor da minha palavra, o que não é má fiança.

O chaveiro meditou durante alguns segundos.

– Vamos! – disse o patriota que o estava vendo no espelho – vamos! Não estejas fazendo reflexões de malvado; se me denunciasses, a república não to agradece por certo, porque não fazes mais do que a tua obrigação; se, pelo contrário, me servires faltando por isso à tua obrigação, dou-te os cinquenta mil francos, visto que ninguém neste mundo pode ser compelido a servir os outros de graça.

– Oh! Eu percebo muito bem – disse o chaveiro; – lucro muito mais em fazer o que me pede, mas temo as conseqüências...

– O que temes tu, dize lá? Não hei-de ser eu, por certo, quem te há-de denunciar: bem pelo contrário.

– Não há dúvida.

– No dia imediato àquele em que eu tomar posse, vens à *Conciergerie* fazer-me uma visita, entrego-te vinte e cinco embrulhos de ouro, contendo cada um dois mil francos; os vinte e cinco embrulhos hão-de caber à vontade nos teus dois bolsos. Juntamente com o dinheiro, dar-te-ei um passaporte para saíres de França; partes, e em toda a parte para onde fores poderás viver senão com luxo pelo menos com independência.

– Pois bem, senhor, suceda o que suceder, está concluído o ajuste. Eu sou um pobre diabo; não me importo com a política; a França nunca precisou de mim para nada, e os negócios não se hão-de entortar por eu cá faltar; se a acção que vai praticar for má, a responsabilidade há-de ser toda sua.

– Em todo o caso – disse o patriota – parece-me que, por muito mal que eu faça, nunca

poderá ser pior do que por aí estão fazendo actualmente.

– O senhor há-de permitir que me abstenha de ajuizar da política da Convenção Nacional.

– Vejo que és um homem admirável pela tua filosofia. Agora dize-me, quando me apresentas ao tio Ricardo?

– Esta noite mesmo, se quiser.

– Quero, sim. Quem hei-de eu ser?

– O meu primo Mardoqueu.

– Pois serei Mardoqueu: gosto do nome. Qual é o meu ofício?

– Fabricante de calções de anta.

– Fabricante de calções de anta, ou curtidor, a matéria prima sempre é couro.

– É curtidor?

– Não, mas podia tê-lo sido.

– É verdade.

– A que horas hei-de ser apresentado?

– Daqui a meia hora, se quiser.

– Então seja às nove horas.

– E quando me entregará o dinheiro?

– Amanhã.

– Visto isso, tem uma riqueza imensa?

– Não, mas vivo remediado.

– É um ex-fidalgo, não é assim?

– Que te importa a ti?

– Ter dinheiro, e dá-lo para se arriscar a ser guilhotinado! Na verdade, sempre são muito patetas os ex-fidalgos!

– Então que queres? Os *sans-cullotes* arremataram o talento todo para si, e não sobejou nenhum para a outra gente.

– Caluda! Que ela aí vem com o vinho.

– Até logo, defronte da *Conciergerie*.

– Está dito.

O patriota pagou a despesa que tinha feito e saiu.

Chegando à porta, bradou com voz de trovão para a criada, que vinha entrando:

– Anda, avia-te, cidadã! – vai aprontar as costeletas de porco e a conserva de pepinos para o meu primo Gracho, que está morrendo de fome!

– Muito bom rapaz é aquele Mardoqueu! – disse o chaveiro, provando um copo de vinho de Borgonha, que a taberneira acabava de lhe vazar, com acompanhamento de um terno olhar.

XXVI

O secretário do ministério da guerra

O patriota tinha saído, mas não se tinha afastado da taberna, espreitando pelos vidros embaciados, para ver se iria ter com o chaveiro algum agente da polícia republicana, que era uma das melhores que tem existido, por isso que metade da sociedade espionava a outra metade, não tanto para a maior glória do governo quanto para a maior segurança das próprias cabeças.

Porém não sucedeu o que o patriota receava; às nove horas menos alguns minutos, o chaveiro levantou-se da mesa, e fazendo uma festa na cara à taberneira, saiu.

O patriota encontrou-se com ele no cais da *Conciergerie*, e entraram juntos na cadeia.

Logo naquela mesma noite se concluiu o contrato, e o tio Ricardo aceitou Mardoqueu para chaveiro em lugar do cidadão Gracho.

Duas horas antes de se ultimar este importante negócio no quarto do carcereiro, tinha

ocorrido, em outro local da prisão, uma cena, que, apesar de aparentemente despida de interesse, era contudo da maior importância para os principais personagens desta história.

O secretário da *Conciergerie*, tendo acabado o seu trabalho, estava arrumando os registros e dispunha-se para sair, quando se apresentou perante o seu bufete um homem, que vinha acompanhado pela cidadã Ricardo.

– Cidadão secretário – disse ela – aqui está o seu colega do ministério da guerra, que vem por ordem do cidadão ministro verificar os assentamentos de alguns presos militares.

– Ah! Cidadão – disse o secretário – vieste a má hora: estava para sair.

– Meu caro colega, digne-se desculpar-me – respondeu o recém-chegado; – há tanto que fazer lá pela repartição, que para os trabalhos extraordinários só nos restam as horas de folga, e as nossas horas de folga são geralmente aquelas que os demais empregam em comer ou dormir, mas que nós ainda damos ao trabalho.

– Pois bem, mãos à obra, meu caro colega; mas aviamo-nos, porque são horas da ceia, e estou com muita fome. Traz a necessária autorização?

– Ei-la aqui – disse o secretário do ministério da guerra puxando por um papel que o colega, apesar da pressa com que estava, examinou com o maior escrúpulo.

– Oh! Tudo isso está na devida forma – disse a mulher de Ricardo – meu marido já leu a ordem.

– Não importa, não importa – disse o secretário prosseguindo no exame.

O secretário do ministério da guerra esperou com toda a paciência e como quem já sabia que havia de passar por todas aquelas formalidades.

– Muiíssimo – bem – disse o secretário da *Conciergerie* – visto isso pode começar quando quiser. São muitos os assentamentos que está incumbido de verificar?

– Uns cem.

– Então há-de ser trabalho para muitos dias?

– É verdade, caro colega, e por isso tenho a pedir-lhe licença para de alguma forma me estabelecer no seu cartório.

– Que pretende então fazer? – perguntou o secretário da *Conciergerie*.

– Venha cear comigo, e explicar-lhe-ei o meu projecto; não me disse que estava com fome?

– É certo.

– Pois então apresentá-lo-ei a minha mulher, que é excelente cozinheira e terá ocasião de me conhecer melhor; não sou mau rapaz.

– E na verdade, assim parece? Contudo, meu caro colega...

– Oh! Peço-lhe que aceite o convite sem cerimónia. A ceia há-de constar de umas ostras, que tenciono comprar na praça do Châtelet, que nos fica em caminho, de um ou dois frangões assados pelo meu vizinho da casa de pasto, e dois ou três guisados, que a Sr^a. Durand faz com a maior perfeição.

– O seu oferecimento seduz-me, caro colega – disse o secretário da *Conciergerie*, deslumbrado por aquela lista de iguarias, a que não estava muito acostumado um secretário, a quem o tribunal revolucionário pagava de ordenado dez francos em assinados, que na realidade valeriam apenas dois francos.

– Então aceita?

– Aceito.

– Nesse caso, amanhã trabalharemos; agora vamo-nos embora.

– Vamos lá.

– Então não vem?

– Já, sem demora; deixe-me primeiro avisar os gendarmes que estão de guarda à *Austríaca*.

– Porque os avisa?

– Para que fiquem sabendo que saio, e que não está ninguém no cartório, a fim de tomarem sentido em qualquer rumor que ouçam aqui.

– Ah! Muito bem; é na verdade excelente, pois toda a cautela é pouca.

– Percebe, não é assim?

– Perfeitamente.

O secretário da *Conciergerie* foi com efeito bater à porta, e um dos soldados abriu dizendo:

– Quem está aí?

– Sou eu, o secretário; vou-me embora, que são horas. Boa-noite cidadão Gilberto.

O secretário do ministério da guerra tinha prestado a maior atenção a toda esta cena, e enquanto a porta do quarto da rainha se conservou aberta, o seu olhar penetrou rapidamente até ao fundo do primeiro compartimento; viu o gendarme Duchesne assentado à mesa, e ficou sabendo por consequência que eram só dois os guardas da rainha.

É escusado dizer que quando o secretário da *Conciergerie* se voltou para sair, já o colega tinha composto a fisionomia apresentando um aspecto da maior indiferença.

Quando iam saindo da *Conciergerie*, dois homens vinham para entrar.

Os dois homens eram o cidadão Gracho e o seu primo Mardoqueu.

O primo Mardoqueu e o secretário do ministério da guerra, ambos por um movimento que parecia ter a mesma causa, logo que se avistaram, enterraram até aos olhos um gorro de peles, e o outro o chapéu desabado.

– Que homens são estes? – perguntou o secretário do ministério da guerra.

– Só conheço um deles, que é um chaveiro chamado Gracho.

– Ah! – disse o outro com afectada indiferença: os chaveiros da *Conciergerie* costumam sair da cadeia?

– Têm um dia na semana, em que se lhes concede licença.

A investigação não passou daqui; os dois novos amigos tomaram pela Pont-au-Change. À esquina da praça do Châtelet, o secretário do ministério da guerra, em cumprimento do seu programa, comprou um cabaz com doze dúzias de ostras; depois continuaram a caminhar pelo cais de Guèvres.

A habitação do secretário do ministério da guerra era muito simples; o cidadão Durand ocupava três quartos pequenos em uma casa da praça de Grève, a qual não tinha porteiro.

Cada um dos inquilinos tinha um trinco da porta da rua, e quando algum saía sem levar o trinco, ao voltar para casa, batia uma, duas ou três argoladas, conforme o andar em que assistia: a gente do andar para que se dava sinal vinha então abaixo e abria a porta.

O cidadão Durand levava o trinco consigo, não lhe foi preciso bater.

Subiram dois lances de escada; o cidadão Durand tirou outra chave da algibeira e entrou.

O secretário da *Conciergerie* agradou-se logo da colega da guerra, que era na verdade uma mulher encantadora, a cuja fisionomia dava ainda maior realce uma profunda expressão de tristeza.

E aqui notaremos de passagem que a tristeza é um dos meios mais poderosos que uma mulher bonita pode empregar para seduzir: a tristeza desperta o amor em todos os homens, sem exceptuarmos mesmo os secretários; porque apesar de tudo quanto se diz deles, são homens como os mais, e não há amor próprio nem coração sensível que deixe de nutrir a esperança de poder consolar uma linda mulher na sua aflição, e transformar as néveas rosas de um pálido rosto em rosas mais risonhas, como dizia o cidadão Dorat.

Os dois secretários cearam de muito boa vontade. A senhora Durand foi a única que não comeu.

As perguntas sucediam-se de parte a parte.

O secretário do ministério da guerra perguntava ao colega, com uma curiosidade bem natural naquela época tão abundante em dramas, quais eram os usos do Palácio, os dias de sessão dos tribunais, os meios empregados para vigiar os presos.

O secretário do Palácio, penhorado pela atenção com que o outro o ouvia, respondia-lhe circunstanciadamente e contava-lhe anedotas acerca dos carcereiros, de Fouquier-Tinville, e finalmente do cidadão Simão, que era o principal actor da tragédia que se representava todas as

tardões na praça da Revolução.

Depois, dirigindo-se ao colega, pediu-lhe também informações a respeito do ministério em que era empregado.

– Oh! – disse Durand – não tenho tanto que contar como o colega, pois sou um ente muito menos importante, e uma espécie de serventário do lugar de secretário; carrego com o trabalho todo da minha repartição; a mim, empregado obscuro, cabe-me o incômodo todo, aos que estão acima de mim cabe-lhes o proveito; é costume antigo de todas as secretarias, mesmo que sejam revolucionárias. Poderá talvez um dia haver alguma mudança na Terra e no Céu, mas as secretarias nunca hão-de mudar.

– Fique certo de que hei-de coadjuvá-lo, cidadão – disse o secretário do Palácio, encantado pelo bom vinho do colega e mais que tudo pelos lindos olhos da Sr^a. Durand.

– Oh! Muito obrigado – disse o indivíduo a quem era dirigido aquele oferecimento tão cortês – tudo quanto altera os hábitos e as localidades serve de distração a um pobre empregado; só receio que o meu trabalho da *Conciergerie* acabe tão depressa para o meu desejo; e contanto que eu possa levar todas as noites comigo para o cartório a Sr^a. Durand para a distrair...

– Não me parece que possa haver obstáculo a isso – disse o secretário do Palácio, alegrando-se com a lembrança de companhia tão amável, que desse modo lhe proporcionaria o colega.

– Minha mulher servirá para ditar os assentamentos que hei-de copiar – prosseguiu o cidadão Durand; – e de tempos a tempos, quando tivermos concluído a nossa tarefa, se a ceia desta noite lhe não pareceu muito má, far-nos-á o favor de tornar a acompanhar-nos.

– Sim, mas não há-de ser com muita frequência – disse com fatuidade o secretário do Palácio – porque devo confessar-lhe que certa senhora, moradora na rua do Petit-Musc, costuma ralhar-me quando entro tarde.

– Então está tudo combinado – disse Durand; – não é assim minha querida amiga?

A Sr^a. Durand, sempre muito pálida e triste, ergueu os olhos para o marido e respondeu:

– Como quiser.

Quando deram onze horas, o secretário da *Conciergerie* levantou-se, e despediu-se dos seus novos amigos, exprimindo-lhes o gosto que tinha em travar conhecimento com eles e muito principalmente com a respectiva ceia.

O cidadão Durand acompanhou a sua visita até ao patamar da escada, e quando voltou para o quarto disse:

– Vamos, Genoveva, vá deitar-se.

A mulher, sem lhe responder, levantou-se, pegou numa luz, e entrou para o quarto que ficava à direita. Durand, ou, por melhor dizer, Dixmer, ficou olhando para ela até que desapareceu, e depois de ter permanecido por um instante pensativo e com o parecer carregado, retirou-se também para o seu quarto, que era do lado oposto.

XXVII

Os dois bilhetes

A datar daquele dia, o secretário do ministério da guerra veio todas as noites trabalhar com a maior assiduidade no cartório do seu colega do Palácio. A Sr^a. Durand lia os assentamentos lançados nos registros que tinham sido apartados, e o marido copiava-os com presteza.

Geralmente, depois de uma hora passada a conversar, ou porque melhor digamos, a contemplar, porque o secretário do Palácio gostava muito de contemplar a mulher do seu colega do ministério da guerra, o marido e a mulher ficavam sós. O empregado de Fouquier-Tinville voltava então para a rua do Petit-Musc, dizendo com os seus botões:

– Com todos os diabos! Muito bonita é aquela Sr^a. Durand! Mas que demónio será que a

torna tão triste?

Durand quando dava por concluída a sua tarefa da noite, fechava cuidadosamente os registros, e saía também com a mulher, avisando previamente os gendarmes, segundo o costume estabelecido.

Já havia quatro dias que isto durava. Durand examinara tudo, sem mostrar que prestava atenção a coisa nenhuma.

Tinha notado que todas as noites, às nove horas, Ricardo, ou a mulher dele, deixava à porta da rainha um cesto com comida.

Na ocasião em que o secretário dizia aos gendarmes: “eu vou-me embora, cidadãos”; um dos soldados, Gilberto ou Duchesne, vinha fora, pegava no cesto e levava-o para o quarto de Maria Antonieta.

Naquelas três noites consecutivas em que Durand se tinha demorado até mais tarde no cartório, o cesto também tinha ido para dentro mais tarde, por isso que o soldado aproveitava para recolher a ocasião em que abria a porta como de costume para se despedir do secretário.

Passado um quarto de hora depois de haver levado o cesto cheio, um dos dois soldados trazia o cesto em que tinha ido o jantar e punha-o à porta no sítio donde tirara aquele.

Na noite do quarto dia, era no princípio de Outubro, depois da usual sessão e de se ter retirado o secretário da *Conciergerie*, Durand, por outra Dixmer, tendo ficado só com a mulher, deixou cair a pena e olhou em volta de si, e aplicando o ouvido com a maior atenção, levantou-se da cadeira repentinamente, foi nos bicos dos pés até à porta da prisão, e erguendo o guardanapo que cobria o cesto, enterrou no pão mole que lhe era destinado um estojozinho de prata.

Feito isto, voltou para o seu lugar, comprimindo a testa com uma das mãos, e o coração com a outra, pálido e trémulo ainda por efeito da comoção, que inevitavelmente se apodera de todo o homem que acaba de praticar uma acção decisiva.

Genoveva tinha presenciado tudo isto sem dizer palavra: desde que o marido a tirara de casa de Maurício, sempre esperava que ele lhe falasse primeiro.

Contudo, desta vez, foi ela quem rompeu o silêncio:

– É para esta noite? – perguntou ela.

– Não, há-de ser amanhã – respondeu Dixmer.

E tornando a levantar-se, depois de ter olhado e escutado novamente fechou os registros, e foi bater à porta.

– Olá! – disse Gilberto.

– Cidadão – disse ele – vou-me embora.

– Está bom – respondeu o soldado lá do fundo da cela. – Boa-noite.

– Boa-noite Gilberto.

Durand sentiu ranger os ferrolhos, percebeu que o soldado ia abrir a porta e logo saiu.

No corredor que conduzia do quarto do tio Ricardo para o pátio deu, sem querer, um encontrão num chaveiro, que trazia na cabeça um gorro de peles, e na mão um molho enorme de chaves.

Dixmer ficou tomado de susto: receou que aquele homem grosseiro como todos os da sua classe, o interrogasse, examinasse, o conhecesse talvez.

Carregou o chapéu para os olhos, e Genoveva encobriu o rosto com os folhos do seu mantelete preto.

Mas enganou-se.

O chaveiro apenas disse, “Perdão”, se bem que tivesse sido ele quem levava o encontrão.

Dixmer estremeceu quando lhe ouviu a voz, que parecia de pessoa delicada. Porém o chaveiro ia com pressa provavelmente, porque prosseguiu no seu caminho pelo corredor fora, abriu a porta do tio Ricardo e desapareceu.

Dixmer seguiu para diante levando Genoveva consigo.

– É célebre – disse ele depois de sair a porta e de ter exposto a fronte ardente à brisa da noite.

– É verdade, muito célebre! – murmurou Genoveva.

Porém Dixmer encerrou no seu espírito os pensamentos que lhe ocorreram, combatendo-os como uma alucinação, e Genoveva contentou-se em voltar a cara, quando chegou à esquina da Pont-au-Change a fim de olhar uma última vez para o sombrio palácio onde uma coisa que se assemelhava à aparição de um amigo que perdera, acabava de lhe recordar tantos acontecimentos agradáveis e tristes, ao mesmo tempo.

Se fosse no tempo em que se tratavam com intimidade, os dois esposos teriam comunicado um ao outro o motivo de tamanha admiração.

Chegaram ambos à praça de Grève sem proferir uma única palavra.

Durante esse tempo, o gendarme Gilberto fora buscar o cesto com os víveres destinados à rainha.

Constavam de um frango assado, fruta, uma garrafa de vinho branco, outra de água, e metade de um pão de dois arráteis.

Gilberto levantou o guardanapo, e verificou se haveria alteração na forma por que aqueles objectos costumavam ser dispostos no cesto, pela cidadã Ricardo.

– Bom, aqui tem ela de comer de sobejo – disse ele para o companheiro, o qual, desde que tinha deixado de fumar, matava o tempo a ler todos os almanaques velhos a que podia deitar mão. Tem aqui comer de sobejo, e contudo não foram precisos, para aprontar esta ceia, tantos cozinheiros como havia em Versalhes no dia em que lá a fomos buscar para a trazer para as Tulherias.

– É verdade – respondeu o filosófico Duchesne; – agora basta-lhe para cozinheiro o tasqueiro da esquina.

– Sempre lhe há-de ser muito penoso.

– Também para o que ela come...

Gilberto fez um movimento com os ombros como para significar:

– Ah! Isso também é verdade.

E em seguida abrindo o biombo, disse em voz alta:

– Cidadã, aqui está a ceia.

O honrado homem evitava, assim, o dizer a *tua ceia* para não tratar a rainha por tu, e a *sua ceia* para não ser acusado de aristocrata.

– Obrigada – disse a Rainha – não tenho vontade.

– Então que é isso, cidadã? – replicou Gilberto, não podendo ocultar o dó que tinha dela; – sempre o mesmo estribilho: “Não tenho vontade!” É preciso comer, com a breca.

– Para quê? – perguntou a rainha tão baixo que Duchesne não a ouviu.

– Quanto mais não fosse, cidadã, para me dar gosto! – exclamou Gilberto comovido por tão longa e santa resignação.

– Pois bem, meu amigo, para lhe fazer a vontade, comerei um bocadinho de pão.

E descobrindo o cesto, tirou o pão para fora; Gilberto ficou olhando para ela com a cabeça metida na abertura do biombo e com os olhos arrasados de lágrimas.

Maria Antonieta partiu efectivamente um bocado de pão, porém apenas lhe tocou com os dedos, sentiu o contacto frio do estojo de prata, e conheceu que aquele pão por certo continha alguma coisa extraordinária.

Então sobressaltou-se, e o sangue, subindo-lhe ao rosto, deu-lhe um brilho de febre aos olhos e às faces.

Ao mesmo tempo, movida por um instinto maquinal, circunvagou a vista, e vendo Gilberto, deu um grito.

– Ah! Perdão – disse ele, retirando-se prontamente – meti-lhe medo, cidadã?

Gilberto, desta vez, tinha ficado tão comovido pelo grito da rainha que não hesitou em tratá-la pela terceira pessoa, apesar do risco que disso lhe poderia resultar se fosse ouvido.

– Não – respondeu a rainha – mas é que...

E ficou sem atinar com a desculpa que lhe havia de dar.

– Bom – disse ele – bom; ceie sossegadamente porque é na verdade coisa bem triste para nós ver aqui uma pobre mulher que passa assim os dias sem comer; trate de dormir sem gemer como costuma fazer quando dorme. À fé de Gilberto, que antes quisera vê-la queixar-se... e até zangar-se durante o dia do que ouvi-la gemer assim toda a noite.

A rainha ficou imóvel por alguns instantes; não só estava prestando ouvidos ao que ele dizia, mas também para calcular se se afastava do biombo.

Quando julgou ter a certeza de que já estava sentado ao pé do camarada, tirou o estojo para fora do pão. O estojo tinha dentro um bilhete.

Abriu-o e leu as seguintes palavras:

“Senhora, digne-se vossa majestade de conservar-se apercebida amanhã à mesma hora, em que hoje receber este bilhete, porque amanhã a essa hora há-de ser introduzida uma mulher na prisão de vossa majestade.”

“A mulher que aí entrar há-de trocar o seu fato pelo de vossa majestade, que sairá depois da *Conciergerie* pelo braço de um dos seus mais fiéis servidores.”

“Não a preocupe o reboliço que ouvir no quarto de fora; não a detenham nem gritos, nem gemidos; trate unicamente de vestir com a maior presteza o vestido e pôr o mantelete da mulher que deve ficar no lugar de vossa majestade”.

– Que dedicação esta! – murmurou a rainha; – graças meu Deus! Então não sou eu, como se dizia, o ente mais execrado de todos que existem!

Tornou a ler o bilhete.

Reparou então no segundo parágrafo.

“Não a detenham nem gritos nem gemidos”.

Oh! Isto quer dizer que hão-de ser mortos os meus dois guardas! Pobres homens, que têm tido tanto dó de mim! Oh! Isso nunca, nunca!

Rasgou logo a metade do bilhete que tinha ficado em branco, e como não possuía nem lápis nem pena para responder ao amigo desconhecido que pretendia salvá-la, pegou num alfinete do lenço do pescoço e picou no papel as letras necessárias para compor as palavras seguintes:

“Não posso nem devo aceitar o sacrifício da vida de outrem para salvar a minha.”

“M. A.”

Depois tornou a meter o papel no estojo, e enterrou este na metade do pão que ficara intacta.

Apenas havia acabado esta operação, deram as dez horas e a rainha segurava ainda na mão o bocado de pão que cortara, e estava contando tristemente o vibrar vagaroso e espaçoso das horas, quando ouviu num dos vidros da janela, que deitava para o pátio das mulheres, um ruído estridente, semelhante ao que produz um diamante a cortar vidro.

Àquele rumor seguiu-se uma pancada ao de leve no vidro, a qual se repetiu umas poucas de vezes acompanhada do tossir de um homem, que procurava assim disfarçar a bulha.

Em seguida, apareceu num canto do vidro um papelinho enrolado, que entrando a pouco e pouco caiu ao pé da parede.

Logo depois ouviu a rainha a bulha que faz um molho de chaves retinindo umas de encontro às outras, e o som de passos que se afastavam soando nas lajes do pátio.

Conheceu logo que o vidro fora cortado num dos cantos e que o homem que se ia afastando introduzira pelo buraco aquele papel, que era provavelmente um bilhete.

O bilhete estava ainda no chão.

A rainha devorou-o com a vista, e procurou escutar se algum dos guardas a estaria

espreitando; porém percebeu que estavam conversando devagarinho, como tinham por costume, por uma espécie de convenção tácita, para a não incomodarem.

Então levantou-se a furto, reprimindo a respiração, e foi apanhar o papel.

Um objecto um pouco delgado e duro resvalou dele para fora como de uma bainha, e produziu um som metálico quando caiu no ladrilho.

Era uma lima da maior finura, um objecto de curiosidade mais depressa do que um instrumento, uma daquelas molas de aço com as quais qualquer pessoa, por fraca ou inábil que seja, pode cortar num quarto de hora o mais grosso varão de uma grade de ferro.

“Minha senhora – dizia o papel – amanhã às nove horas e meia há-de vir um homem conversar a uma das janelas que deitam para o pátio das mulheres com os gendarmes que a guardam.”

“Durante esse tempo, vossa majestade limará o terceiro varão da grade da sua janela, contando da esquerda para a direita.”

“Corte em direcção obliqua, para isto bastará um quarto de hora a vossa majestade, e depois apronte-se para sair pela janela.”

“Este aviso é dirigido a vossa majestade pelo mais dedicado e fiel dos súbditos, que consagrou a vida ao serviço de vossa majestade, e julgar-se-á muito feliz se puder sacrificá-la por tão nobre causa.”

– Oh! – murmurou a rainha; – será isto um laço que me armam?

A rainha ficou pensativa.

Momentos depois disse consigo:

– Mas não, parece-me que estou conhecendo esta letra; é a mesma dos bilhetes que recebi no Templo; é de Filipe de Taverney Casa-Vermelha. Ela pois: Pode ser que Deus queira que eu escape.

E dizendo isto, a desventurada rainha pôs-se de joelhos e procurou refúgio na oração, bálsamo de quem está preso.

XXVIII

Reflexões

Raiou finalmente o dia aprazado. A rainha tinha dormido pouco, e sempre com desassossego; apenas fechava os olhos, parecia-lhe que via correr sangue e ouvia proferir gritos.

Tinha-se deitado com a lima fechada na mão.

Empregou parte do dia a rezar. Os guardas estavam tão acostumados a vê-la rezar com frequência, que não lhe causou desconfiança alguma aquele acréscimo de devoção.

De tempos a tempos, a cativa tirava do seio a lima que lhe havia sido transmitida por um dos seus salvadores, e comparava a tenuidade do instrumento com a grossura daqueles varões de ferro.

Os varões, felizmente estavam chumbados na cantaria por um único lado, isto é, pelo lado de baixo.

A parte superior estava encaixada numa barra de ferro transversal, e uma vez limada a parte inferior, bastava puxar para baixo o varão para o tirar do seu lugar.

Porém, não eram as dificuldades físicas que detinham a rainha; conhecia muito bem que era fácil levar a empresa a cabo, e era essa mesma facilidade que lhe tornava a esperança numa chama sanguinolenta que lhe deslumbrava a vista.

Lembrava-se que para chegarem onde ela estava havia de ser forçoso que os seus amigos matassem os homens que a guardavam, e por preço algum consentiria na morte daqueles homens, que eram os únicos que em tão longo espaço de tempo lhe tinham mostrado alguma compaixão.

Mas por outro lado, pela parte de além daquelas barras de ferro, que lhe diziam que

limasse, e depois de passar por cima dos corpos daqueles dois homens, que deviam sucumbir às mãos dos seus salvadores, antolhava-se-lhe a vida, a liberdade e a vingança talvez três coisas tão apreciáveis, especialmente para uma mulher que em seu coração pedia perdão a Deus, do íntimo da alma, de desejá-las com tanto ardor.

Julgou notar, quanto ao mais, que os seus guardas não nutriam suspeita alguma, e que não eram sabedores do laço em que pretendiam fazê-la cair, dado o caso da conspiração ser um laço.

Aqueles homens tão simples não teriam podido ocultar o seu segredo aos olhos de uma pessoa habituada como a rainha a adivinhar as desgraças pela continuação de as ter sofrido.

A rainha renunciara pois quase completamente à idéia que lhe ocorrera, de que os dois avisos que lhe tinham sido dirigidos fossem um laço; mas à medida que ia perdendo o susto de ser colhida numa cilada, caía na apreensão muito mais séria ainda de ver correr à sua vista sangue derramado por sua causa.

– Que destino tão singular e que espectáculo tão sublime! – dizia ela consigo; – reuniram-se duas conspirações para salvar uma pobre rainha, ou antes uma pobre mulher cativa, que não deu passo algum para seduzir ou animar os conspiradores, e vão rebentar ambas ao mesmo tempo... Quem sabe? Talvez que as duas formem uma só. Pode ser que sejam duas ramificações da mesma mina... Se eu quisesse, poderia pois escapar... Mas deixar sacrificar uma pobre mulher em meu lugar... Consentir que matem dois homens para que essa mulher possa penetrar até aqui... Nem Deus, nem os vindouros mo perdoariam... É impossível, é impossível!...

Começava então a revolver na mente as idéias sublimes de dedicação dos servidores pelos seus amos e as antigas tradições do direito dos amos sobre a vida dos seus servos; fantasmas quase imperceptíveis da realeza agonizante.

– Ana de Áustria, no meu caso, teria anteposto a tudo o grande princípio da salvação das pessoas reais; Ana de Áustria era do mesmo sangue que eu, e achou-se colocada quase na mesma situação. Que grande loucura foi a minha de vir a França ser sucessora de Ana de Áustria! Mas também não fui eu quem me lembrei de vir: foram os dois reis que disseram:

“É necessário que duas crianças de régia estirpe, que nunca se viram, que não gostam uma da outra, nem gostaram nunca, talvez, se recebam perante o altar para irem morrer sobre o mesmo cadafalso.”

– E a minha morte ainda não trará porventura consigo a do pobre menino que, aos olhos dos meus poucos amigos, é ainda hoje rei de França? E quando meu filho tiver morrido como morreu meu marido, as sombras de ambos não rirão com desprezo quando virem que, para poupar algumas gotas de sangue vulgar, fui macular com o meu sangue as ruínas do trono de S. Luís?

Maria Antonieta passou o dia numa aflição que cada instante aumentava, entregue àquela espécie de febre que motiva o receio, que produz pulsações que se amiúdam de momento para momento.

Procurou umas poucas de vezes examinar o aspecto dos seus guardas; nunca lhe tinham parecido mais descansados, assim como também nunca lhe tinham dado tanto na vista as atenções que aqueles homens rudes sim, mas dotados de magnânimo coração tinham por ela.

Contudo, quando as trevas da noite começaram a envolver o cárcere, quando ouviu ressoar as passadas da ronda, quando o estridor das armas e o uivar dos cães acordou os ecos das sombrias abóbadas, quando finalmente toda a prisão se mostrou a seus olhos bem hedionda e sem lhe deixar antever uma única esperança, Maria Antonieta cedendo à fraqueza inerente à organização da mulher, ergueu-se espavorida.

Oh! Sim, fugirei. Quando aqui vierem conversar à janela, limarei o varão de ferro, conforme me disseram e depois ficarei esperando o que Deus e os meus salvadores determinarem. A minha vida pertence a meus filhos, não os hão-de matar, e se os matarem e se eu estiver solta, oh! Então ao menos...

Não acabou a frase, fechou os olhos, e parou em meio do solilóquio. Teve em seguida um sonho horrível aquela pobre rainha encerrada num quarto fechado com tantos ferrolhos e

tantas grades.

Mas em breve, e sempre em sonhos, viu cáírem-lhe aos pés grades e ferrolhos; achou-se à testa dum exército enfurecido e desapiedado; à sua voz rompia-se o fogo e brandiam os ferros; vingava-se de um povo, que, afinal de contas não era o seu.

Gilberto e Duchesne, durante este tempo estavam conversando sossegadamente e aprontando a sua ceia.

XXIX

Preparativos de Dixmer

À hora do costume Dixmer e Genoveva chegaram à *Conciergerie*, e entraram para o cartório como nos dias antecedentes. Uma hora depois de lá estarem, o secretário do Palácio, tendo concluído a sua tarefa, deixou-os sós como tinha por hábito, e saiu.

Logo que o colega fechou a porta, Dixmer correu ao cesto vazio, que estava à porta, no sítio onde costumavam pôr o outro com a ceia.

Encontrou no cesto um bocado de pão, partiu-o e deu com o estojo.

Tinha dentro a resposta da rainha: empalideceu depois de a ler.

Em seguida, como percebeu que Genoveva o estava observando, rasgou o papel aos bocadinhos e foi deitá-los na boca ardente do fogão.

– Muito bem – disse ele – está tudo combinado.

Depois voltando-se para Genoveva, disse:

– Venha cá, senhora.

– Eu.

– Sim, preciso falar-lhe ao ouvido.

Genoveva, que estava imóvel e fria como uma pedra, fez um gesto de resignação e aproximou-se dele.

– Sim, senhor.

– Prefere uma morte que há-de ser útil à sua causa, uma morte que há-de chamar sobre si as bênçãos de todo um partido e a compaixão de uma nação inteira, a uma morte ignominiosa e puramente de vingança, não é assim?

– Assim é, senhor.

– Eu podê-la-ia ter morto imediatamente quando a encontrei em casa do seu amante; mas um homem como eu, que tem consagrado a vida a uma obra honrosa e santa, deve saber tirar partido das próprias desgraças consagrando-as a essa mesma causa; foi o que eu fiz; ou por melhor dizer, o que tenciono fazer. Renunciei, como vê ao prazer de fazer justiça por minhas mãos. Também poupei temporariamente o seu amante.

Os beijos descorados de Genoveva deram passagem a uma espécie de sorriso fugitivo, mas terrível.

– Contudo, pelo que respeita ao seu amante, a senhora, que me conhece, bem pode imaginar que se até aqui o tenho poupado tem sido por esperar melhor ocasião.

– Senhor – interrompeu Genoveva – já estou pronta; para que serve esse preâmbulo?

– Está pronta?

– Sim, vai matar-me. Tem razão, aqui estou esperando.

Dixmer encarou Genoveva e estremeceu sem querer; pareceu-lhe sublime naquele momento; alumiava-a a mais brilhante de todas as auréolas, a que dimana do amor.

– Eu prossigo – replicou Dixmer. Já avisei a rainha; está à espera: contudo, é muito provável que ponha alguma dúvida em condescender com o que desejamos; à senhora cumpre obrigá-la a ceder.

– Muito bem, senhor, dê-me as suas ordens, e executá-las-ei.

– Daqui a um instante – continuou Dixmer – vou bater àquela porta; Gilberto há-de vir

abrir e com este punhal (Dixmer desabotoou a casaca e mostrou-lhe, tirando-o da bainha até ao meio, um punhal de dois gumes), com este punhal matá-lo-ei.

Genoveva arrepiou-se involuntariamente. Dixmer fez um aceno com a mão para lhe pedir que lhe prestasse atenção.

– Na ocasião em que o apunhalar, prosseguiu ele, correrá imediatamente para dentro do segundo quarto, que é o da rainha. Não tem porta, como sabe, mas apenas um biombo, e trocará o seu vestuário pelo dela, enquanto eu estiver ocupado em dar cabo do outro soldado. Feito isto tudo, dou o braço à rainha e saio com ela.

– Muito bem – respondeu Genoveva com frieza.

– Percebe o meu projecto? – continuou Dixmer: toda a gente aqui está acostumada a vê-la com esse mantelete de tafetá preto, que lhe encobre o rosto. Porá o mantelete nos ombros de sua majestade, e embrulhá-la-á nele como costuma embrulhar-se quando o põe.

– Farei o que diz, senhor.

– Agora só me resta perdoar-lhe e agradecer-lhe, minha senhora – disse Dixmer.

Genoveva abanou a cabeça sorrindo-se tristemente.

– Não careço de perdão, nem de agradecimento, senhor – disse ela estendendo a mão; – a acção que vou praticar bastaria por si só para remir um crime e eu apenas cometi um erro, devendo lembrar-se que foi a sua conduta, senhor, que de alguma maneira me obrigou a cometê-lo. Eu fugia dele e o senhor impeliu-me para os seus braços; de forma que foi o senhor o instigador, o juiz e o vingador. Cumpre-me pois a mim perdoar-lhe a minha morte, e perdoo-lha. Também devo agradecer-lhe o favor que me faz em me privar da vida, que decerto se me tornaria insuportável, tendo de a passar longe do homem a quem unicamente amo, e com mais veemência ainda desde a hora em que a sua feroz vingança veio despedaçar todos os vínculos que a ele me prendiam.

Dixmer rasgava o peito com as unhas; quis responder, mas faltou-lhe a voz.

Deu alguns passos pelo cartório.

– A hora vai passando – disse ele afinal; – é preciso aproveitar os instantes. Vamos senhora, está pronta.

– Já lho disse, senhor – respondeu Genoveva com serenidade de mártir – estou esperando.

Dixmer arrumou os papéis, foi certificar-se se as portas estavam bem fechadas, e se não seria possível que entrasse pessoa alguma no cartório; depois quis repetir as instruções que tinha dado à mulher.

– É escusado – disse Genoveva – sei perfeitamente o que tenho de fazer.

– Então, adeus!

Dixmer ofereceu-lhe a mão, como se naquele momento supremo devesse desaparecer qualquer recriminação na presença da solenidade da situação e da sublimidade do sacrifício.

Genoveva apenas tocou a mão do marido com as pontas dos dedos.

– Coloque-se ao pé de mim – disse Dixmer – e logo que eu tiver apunhalado Gilberto, entre.

– Estou pronta.

Dixmer, então, empunhou com a mão direita o punhal, e com a mão esquerda bateu à porta.

XXX

Preparativos de Filipe de Taverney

Enquanto se dava a cena, que descrevemos no precedente capítulo, à porta do cartório, que dava para a prisão da rainha, ou porque melhor digamos, para o primeiro quarto onde estavam os dois soldados da polícia, faziam-se outros preparativos do lado oposto, isto é, no

pátio das mulheres.

Um homem apareceu de repente no meio do pátio, como se fora uma estátua de pedra que se tivesse despregado da parede. Vinha acompanhado de dois cães, e cantarolando o *Çá ira*, cantiga popular, que estava então muito em voga, e ao passar pela janela da rainha roçou nas grades com um molho de chaves que trazia na mão.

A rainha sobressaltou-se, mas conhecendo logo que era um sinal, abriu a vidraça devagarinho, e começou a sua tarefa com bastante firmeza, devida a ter noutro tempo entrado freqüentes vezes na oficina de serralharia onde o seu real esposo passava por divertimento parte dos dias, e ter ali manejado com os seus dedos mimosos instrumentos semelhantes a este e de que dependia agora toda a sua esperança de salvação e de liberdade.

O homem de quem acima tratámos apenas sentiu abrir a janela da prisão da rainha foi bater à dos gendarmes, que a guardavam.

– Ah! Ah! – disse Gilberto espreitando pelos vidros – é o cidadão Mardoqueu.

– Eu mesmo – respondeu o chaveiro. – Então, pelo que vejo, está-se alerta.

– Como sempre cidadão chaveiro. Parece-me que sempre nos encontras vigilantes?

– Ah! – disse Mardoqueu – esta noite é preciso ter o olho mais vivo do que nunca.

– Deveras? – disse Duchesne aproximando-se.

– Decerto.

– Que novidades temos então?

– Abra a janela, que eu lhe conto as notícias.

– Abre lá, disse Duchesne.

Gilberto abriu e apertou a mão do chaveiro, o qual já tinha conseguido travar amizade com os dois gendarmes.

– Então que novidades temos, cidadão Mardoqueu? – repetiu Gilberto.

– Em primeiro lugar, uma sessão bastante acalorada na Convenção. Leram os periódicos?

– Não. Que houve lá?

– Ah! Foi uma descoberta que fez o cidadão Hébert.

– Que descobriu ele?

– Que os conspiradores, que todos julgavam mortos, estão vivos e muito vivos.

– Ah! Sim – disse Gilberto – Delessart e Thierry, já ouvi contar isso; estão em Inglaterra, os marotos!

– E Filipe de Taverney? – disse o chaveiro levantando a voz de propósito para que a rainha o ouvisse.

– Pois quê – também esse foi para Inglaterra?

– Nada, está em França – continuou Mardoqueu no mesmo tom de voz.

– Então voltou para cá?

– Nunca de cá saiu.

– Sempre é preciso ser muito atrevido! – exclamou Duchesne.

– E não há dúvida que o é.

– Visto isso vão tratar de o filar?

– Vão, por certo, tratar de o prender; mas, segundo ouço dizer, a coisa não é muito fácil.

– Naquele momento começou a lima a ranger tanto ao entrar pelo ferro, que o chaveiro receou que a ouvissem, apesar dos esforços que fazia para cobrir a bulha com a voz, e por isso tomou a deliberação de pisar a pata de um dos cães, que ganiu com a dor.

– Ah! Pobre animal – disse Gilberto.

– Não faças caso – disse o chaveiro – se ele trouxesse tamancos já não lhe doía. Cala-te Girondino!

– Oh! Pois o teu cão chama-se Girondino, cidadão Mardoqueu?

– Chama-se, sim, foi o nome que lhe pus.

– Mas ias tu dizendo?... – prosseguiu Duchesne, o qual achando-se ali como preso, estava ávido de notícias como costumam estar os presos; – ias tu dizendo?...

– Ah! É verdade, dizia que o cidadão Hébert; aquele sim, que é um verdadeiro patriota! Dizia, Hébert tinha feito uma moção para que a *Austríaca* voltasse para o Templo.

– Por que motivo?

– Ora! Porque – diz ele – que o único fim com que a tiraram do Templo foi para a subtrair à inspecção imediata do município de Paris.

– Oh! E também às tentativas do danado Taverney – disse Gilberto – parece-me que não entra em dúvida a existência do subterrâneo.

– Foi o que lhe respondeu o cidadão Saintex, porém Hébert disse que, estando-se prevenido, não podia haver perigo algum, e que no Templo podia Maria Antonieta ser guardada com metade das cautelas que aqui são precisas, e na realidade o Templo é um edifício muito mais seguro que a *Conciergerie*.

– Por minha fé – disse Gilberto – que muito estimaria que a tornassem a levar para o Templo.

– Acredito o que dizes; já deves estar aborrecido de estar aqui de guarda a ela.

– Não, mas é serviço que me entristece.

Taverney tossiu com força; a bulha ia aumentando à proporção que a lima penetrava mais no ferro.

– E afinal de contas sempre gostava de saber o que resolveram? – perguntou Duchesne quando o chaveiro acabou de tossir.

– Resolveram que ficasse aqui, mas que se procedesse sem demora ao julgamento.

– Ah! Pobre mulher! – disse Gilberto.

Duchesne, que tinha o ouvido mais apurado do que o camarada, ou a atenção menos atraída pela narração de Mardoqueu, abaixou-se para escutar do lado do compartimento da esquerda.

O chaveiro viu o movimento.

– De sorte que, cidadão Duchesne – disse ele prontamente, – é fácil de prever que as tentativas dos conspiradores se tornarão mais desesperadas quanto menos tempo lhes resta para as levar a cabo. Vão ser reforçadas as guardas das cadeias, porque se fala em nada menos, e isto é consigo, cidadão gendarme, fala-se em nada menos do que numa irrupção à mão armada na *Conciergerie*, tencionando os conspiradores matar tudo quanto encontrarem até chegarem à rainha, quero dizer à viúva Capeto.

– Ora essa! E como haviam de aqui entrar os tais conspiradores?

– Disfarçados em trajes de patriotas, os biltres hão-de fingir que renovam as cenas de 2 de Setembro e depois de apanharem as portas abertas, sou um seu criado.

Houve um instante de silêncio causado pela estupefacção em que ficaram os soldados. O chaveiro ouviu com alegria e susto ao mesmo tempo, que a lima continuava a ranger. Deram nove horas.

Bateu alguém, à porta que dava para o cartório, porem os dois gendarmes entretidos com a conversa, não responderam.

– Pois bem! Estaremos alerta, estaremos alerta – disse Gilberto.

– E se tanto for preciso, morreremos no nosso posto como verdadeiros republicanos – acrescentou Duchesne.

– Não pode tardar que ela tenha concluído – disse consigo o chaveiro limpando ao mesmo tempo a testa úmida de suor.

– E pela parte que lhe diz respeito – continuou Gilberto – julgo que não se descuidará porque me parece que não o poupariam mais do que a nós, se viesse a ocorrer o acontecimento, de que falou.

– Que dúvida! – disse o chaveiro; – levo a noite toda a rondar, e por isso estou estafado; vocês ao menos, rendem-se um ao outro, e podem dormir uma noite sim e outra não.

A este tempo bateram segunda vez à porta do cartório. Mardoqueu sentiu um tremor de susto; qualquer acontecimento por insignificante que fosse podia transtornar-lhe o projecto.

– Quem é que bate? – perguntou ele sem querer.
– Não é coisa de cuidado – disse Gilberto; – é o secretário do ministério da guerra, que me previne que vai sair.

– Ah! Muito bem – disse o chaveiro.

Porém o secretário continuava a bater.

– Bom! Bom! Já ouvi!... – bradou Gilberto sem se tirar da janela. – Boa-noite! Adeus.

– Parece-me que te está dizendo alguma coisa – disse Duchesne virando-se para o lado da porta. – Responde-lhe, anda...

Ouviu-se então a voz do secretário.

– Anda cá, cidadão gendarme – dizia ele – precisava falar contigo um instante.

O chaveiro julgou conhecer aquela voz.

– Que pretendes de mim, cidadão Durand? – perguntou Gilberto.

– Quero dar-te uma palavra.

– Pois bem! Ficaré para amanhã.

– Não, agora mesmo: preciso falar-te agora mesmo – tornou a mesma voz.

– Oh! – murmurou o chaveiro – o que estará para acontecer? Aquela voz é de Dixmer.

Aquela voz sinistra e vibrante ressoava em tom fúnebre pelo eco longínquo do corredor.

Duchesne voltou-se.

– Ora vamos lá – disse Gilberto – já que ele quer por força, vou abrir.

E encaminhou-se para a porta.

O guarda-chaves aproveitou a ocasião em que os gendarmes estavam distraídos por aquela circunstância imprevista. Correu à janela da rainha.

– Está pronto? – disse ele.

– Já cheguei a mais de meio – respondeu a rainha.

– Oh! Meu Deus! Meu Deus! – murmurou ele – depressa! Depressa!

– Então, cidadão Mardoqueu – disse Duchesne – para onde te sumiste?

– Aqui estou! – exclamou o chaveiro, voltando prontamente à janela do primeiro compartimento.

No mesmo instante em que tornava para o seu lugar, um grito terrível retumbou pela prisão, logo depois uma imprecação, em seguida o tinir de um sabre saído da bainha de ferro.

– Ah! Malvado, ah! Infame!

E ouviu-se no corredor a bulha de uma luta.

A porta abriu-se ao mesmo tempo, e então pôde o chaveiro ver à entrada duas sombras agarradas uma à outra e uma mulher que, depois de ter repellido Duchesne, correu para o compartimento onde estava a rainha.

Duchesne não fez caso da mulher, e foi em auxílio do camarada.

O chaveiro correu à outra janela; viu a mulher ajoelhada defronte da rainha; estava-lhe pedindo e suplicando que trocasse com ela o seu fato.

Meteu a cabeça pelas grades procurando ver quem era aquela mulher, que ele julgava conhecer. De repente soltou um grito de mágoa.

– Genoveva, Genoveva! – exclamou ele.

A rainha tinha deixado cair a lima e parecia prostrada de forças. Era mais uma tentativa que se malograva.

O chaveiro agarrou com ambas as mãos e sacudia com toda a força o varão de ferro já todo limado.

Porém o corte não era bastante fundo, e o varão resistiu aos esforços.

Durante este tempo, Dixmer tinha conseguido empurrar Gilberto para dentro do quarto e ia para entrar juntamente com ele, quando Duchesne, arrumando-se à porta, obstou a que passasse.

Mas não pôde fechá-la. Dixmer desesperado, tinha entalado o braço entre a porta e a ombreira.

A mão que tinha ficado dentro segurava o punhal, cuja ponta tendo sido embotada pela fivela de latão do soldado, apenas o ferira de leve no peito rasgando-lhe a farda.

Os dois homens tratavam de reunir as suas forças para resistirem, e bradaram por auxílio ao mesmo tempo.

Dixmer sentiu que se lhe partia o braço; encostou o ombro à porta, abalou-a com violência e conseguiu retirar o braço ainda inteiro, mas muito pisado.

A porta fechou-se com estrondo: Duchesne correu os ferrolhos, enquanto Gilberto dava volta à chave.

Ouviram-se as passadas de alguém, que saía apressadamente pelo corredor, e depois tornou a ficar em silêncio.

Os dois gendarmes olharam um para o outro e passaram a examinar o quarto.

Sentiram a bulha que fazia o chaveiro fingido, procurando abalar o varão de ferro.

Gilberto entrou no quarto da rainha, e deu com Genoveva ajoelhada e suplicando-lhe que trocasse o vestuário.

Duchesne agarrou na clavina e correu à janela; viu um homem agarrado às grades sacudindo-as com desespero e procurando debalde subir à janela.

Fez-lhe a pontaria.

O mancebo viu abaixar-se o cano da clavina.

– Oh! Sim! – exclamou ele – mata-me, mata-me!

E sublime na sua desesperação, descobriu o peito para desafiar a bala.

– Taverney – bradou a rainha – Taverney, não se exponha, peço-lho.

Ao ouvir a voz de Maria Antonieta, Taverney ajoelhou.

O soldado desfechou, mas o movimento que ele fizera salvou-o, a bala passou-lhe por cima da cabeça.

Genoveva julgou que tinham morto o seu amigo e caiu sem sentidos.

Quando o fumo se chegou a dissipar, já não estava pessoa alguma no pátio das mulheres.

Dali a dez minutos, trinta soldados acompanhados por dois comissários de polícia davam busca à *Conciergerie* até nos seus mais inacessíveis esconderijos.

Não encontraram ninguém; o secretário tinha passado sereno e risonho pelo tio Ricardo, que o tinha deixado sair sem ter a menor desconfiança.

Quanto ao chaveiro, esse também saiu a gritar às armas! Às armas!

A sentinela tinha querido calar a baioneta para ele, mas os cães que levava consigo tinham saltado às goelas do soldado.

Só Genoveva foi presa, e interrogada, e depois encarcerada.

XXXI

Pesquisas

Não devemos deixar por mais tempo no esquecimento um dos principais personagens desta história – o que mais sofreu enquanto se passaram os acontecimentos de que demos conta no capítulo precedente – e cujos sofrimentos eram bem dignos de simpatia.

Dava o Sol em chapa na rua da Meda, e as comadres tagarelavam às portas da rua tão alegremente, que pareciam ter esquecido que uma nuvem de sangue pairava havia seis meses sobre a capital, quando Maurício voltou para casa no cabriole, que tinha ido buscar.

Deu o cavalo a guardar a um moço de recados, e subiu os degraus da escada trasbordando-lhe o coração de contentamento.

O amor é de todos os sentimentos o mais vivificador; tem o dom de animar os corações já mortos para toda a casta de sensações, povoa os desertos, apresenta aos olhos a figura do objecto amado, mostra à alma do amante o mundo inteiro iluminado pela luz refulgente da esperança e da felicidade, e sendo um sentimento expansivo, é ao mesmo tempo um sentimento

egoísta, por isso que torna o indivíduo que ama cego para tudo quanto não seja aquela de quem gosta.

Maurício nem reparou nas vizinhas, nem as ouviu tagarelar; só via na imaginação Genoveva tratando dos preparativos da partida, com a qual ia conseguir finalmente uma felicidade duradoura; só ouvia cantarolando distraidamente o costumado estribilho, estribilho que ele trazia tão metido nos ouvidos, que até julgou conhecer as diferentes modulações da voz da sua querida ainda a grande distância.

Chegado ao patamar, Maurício parou; a porta estava aberta; era costume estar constantemente fechada, e esta circunstância causou-lhe admiração.

Olhou em volta de si para procurar Genoveva no corredor, mas não a viu.

Entrou e atravessou a saleta, a casa de jantar, a sala. Não encontrou ninguém.

Chamou, ninguém respondeu.

O criado tinha saído como dissemos. Maurício pensou que Genoveva, achando-se só e precisando alguma corda para atar os baús ou alguma provisão para levar para a jornada, teria descido a buscar algum desses objectos.

Pareceu-lhe grande imprudência, e apesar de estar já com algum cuidado, não teve pressentimento algum do que sucedera.

Maurício esperou pois passeando de um lado para o outro e deitando de vez em quando a cabeça fora da janela, pela qual entravam rajadas de vento e chuva.

Passado algum tempo, julgou Maurício que ouvia subir alguém; escutou, apesar de ter logo conhecido que não eram passos de Genoveva, todavia correu ao patamar, debruçou-se sobre a balaustrada da escada e viu que era o criado que vinha subindo com todo o vagar.

– Cévola! – bradou ele.

O criado levantou a cabeça.

– Ah! É o cidadão!

– Sim, sou eu: mas aonde está a cidadã?

– A cidadã? – perguntou Cévola admirado e continuando a subir.

– Sim; não a viste lá por baixo?

– Não.

– Pois então torna a descer, indaga pelo porteiro e vai saber a casa dos vizinhos.

– Vou já.

Cévola tornou a descer.

– Mais depressa, anda mais depressa! – bradou Maurício – não vês que estou desesperado?

Maurício ainda esperou cinco ou seis minutos na escada; até que por fim, vendo que Cévola não voltava, entrou em casa e voltou para a janela.

Viu entrar Cévola em duas ou três lojas e sair sem ter podido colher informação alguma.

Chamou impaciente.

Cévola levantou a cabeça e como que espantado ficou a olhar para o amo.

Maurício fez-lhe sinal que voltasse para cima.

– Não pode ser, é impossível que saísse – disse Maurício consigo.

E tornou a chamar.

– Genoveva! Genoveva!

Parecia que tinha morrido. O quarto solitário nem já tinha eco.

Cévola entrou.

– Então? – perguntou Maurício.

– O porteiro foi o único que viu.

– O porteiro viu-a?

– Viu, mas os vizinhos não dão notícia dela.

– O porteiro viu-a dizes tu? Como foi isso?

– Viu-a sair.

– Ah! Ela saiu?

– Assim o diz ele.

– Sozinha? Isso era impossível que Genoveva se atrevesse a sair só.

– Não ia só, cidadão; ia com um homem.

– Como! Com um homem?

– Assim diz o cidadão porteiro.

– Vai dizer-lhe que me venha falar, quero saber que homem era.

Cévola deu dois passos para a porta, e depois tornando atrás, parecendo reflectir, disse:

– Ora espere.

– O quê? Que queres dizer? Fala, que estou morrendo de impaciência.

– Saiu talvez com um homem que eu vi, e vinha correndo atrás de mim.

– Um homem que correu atrás de ti?

– Sim.

– Para quê?

– Para me pedir a chave, dizendo-me que vinha de seu mando.

– Que chave, desgraçado? Anda dize depressa, que estou impaciente.

– A chave de casa.

– E tu entregaste a chave de minha casa a um estranho! – exclamou Maurício deitando as mãos às goelas do criado.

– Não era pessoa estranha, meu senhor, era um dos seus amigos.

– Ah! Se foi a um dos meus amigos, então fizeste bem, foi o Lorin provavelmente; deve ser isso, saiu com o Lorin.

E Maurício, mais sossegado, limpou com o lenço a testa úmida de suor.

– Não! Não! Cidadão, não era ele – disse Cévola; – ora essa! Pois eu não havia de conhecer o Sr. Lorin?

– Então quem era?

– Sabe muito bem quem é, cidadão; um homem alto, que veio aqui um dia...

– Em que dia?

– Um dia em que o cidadão estava muito triste; ele levou-o consigo, e depois o cidadão voltou muito alegre...

Cévola tinha notado tudo aquilo.

Maurício olhou para ele como fora de si, sentiu um arrepio por todo o corpo, e depois de se conservar por algum espaço calado, perguntou:

– Seria Dixmer?

– É verdade, parece-me que era esse o nome, cidadão – disse o criado.

Maurício não se pôde sustentar de pé; deixou-se cair numa cadeira de braços e fechou os olhos.

– Oh! Meu Deus! – murmurou ele.

Quando tornou a abrir os olhos, deu com um ramalhete de violetas, que Genoveva tinha deixado.

Correu a pegar-lhe, beijou-o: depois, reparando no sítio em que tinha sido colocado, continuou:

– Não há dúvida alguma, estas violetas... Foi o seu último adeus.

Foi então somente que Maurício reparou no baú que estava meio arrumado, na roupa que estava espalhada pelo chão, e no armário que estava aberto.

A roupa que estava no chão tinha caído certamente das mãos de Genoveva na ocasião de lhe aparecer o marido.

Logo se lhe apresentou na imaginação a cena horrível, que se passara entre aquelas quatro paredes, que pouco antes tinham presenciado momentos de tamanha ventura.

Maurício tinha-se conservado até aí abatido, e como desacoroçoado.

O despertar do mancebo foi terrível.

Levantou-se, fechou a janela, que tinha ficado aberta, tirou de cima da secretária duas pistolas, que estavam carregadas para a jornada, examinou as escorvas, e vendo que se achavam em bom estado, meteu-as nos bolsos.

Feito isto, meteu na bolsa dois rolos de luíses de ouro, que, apesar do seu patriotismo, tinha tido a prudência de guardar no fundo de uma gaveta, e pegando no sabre meteu-o debaixo do braço, e disse:

– Cévola, julgo que és meu afeiçoado; há quinze anos que estás em minha casa, onde serviste meu pai, e agora a mim.

– Sim, cidadão – replicou o oficioso tomado de susto por ver aquela placidez e aquele tremor nervoso, que pela primeira vez presenciava no seu amo, o qual era, com razão, tido em conta de homem sobremaneira intrépido e vigoroso; – sim, o que determina, Sr. Maurício?

– Ouve! Se aquela senhora que esteve aqui morando comigo...

Interrompeu-se! Tremia-lhe tanto a voz ao dizer estas palavras que não pôde continuar.

– Se ela voltar – continuou ele passado um instante – recebe-a; fecha logo a porta à chave; pega naquela clavina, coloca-te na escada, e pela tua cabeça, pela tua vida, pela tua alma, não deixes entrar ninguém; se quiserem entrar por força, defende-te; atira e mata, seja quem for! Nada receies, Cévola; eu respondo por tudo.

As palavras do mancebo, e a confiança que nele depositava, animaram Cévola.

– Não só hei-de matar, mas até arriscarei a vida, se tanto for preciso, para defender a cidadã Genoveva.

– Obrigado. Agora ouve. Tomei ódio a estes quartos, e não quero aqui voltar sem a ter encontrado. Se ela conseguir evadir-se, e se tornar para casa, põe logo à janela o vaso grande do Japão com os malmequeres de que ela gostava tanto. Isto de dia. Sendo de noite, porás uma lanterna. Se houver novidade, logo o fico sabendo quando passar pela boca da rua; enquanto não vir nem lanterna nem vaso, não desisto das minhas pesquisas.

– Oh! Senhor, seja prudente! – exclamou Cévola.

Maurício, nem respondeu; saiu arrebatadamente do quarto, desceu a escada como se tivesse asas e correu a casa de Lorin.

Seria tarefa difícil descrever a estupefacção, a raiva e o furor do honrado poeta quando soube o que tinha acontecido; seria preciso as patéticas elegias de Orestes a Pilades.

– Visto isso, não sabes onde ela pára? – repetia ele sem cessar.

– Perdi-a, desapareceu! – bradava Maurício num paroxismo de desespero. – Ele matou-a. Lorin, por certo que a matou.

– Não! Meu querido amigo? Não! Meu bom Maurício, não a matou; não se assassina uma mulher como Genoveva, depois de tantos dias de reflexão; não, se ele a tivesse morto, havia de ser no momento em que a encontrou, e teria deixado o corpo em tua casa como sinal de vingança. Não, meu rico, fugiu com ela, dando-se por muito feliz em ter recobrado o seu tesouro.

– Tu não o conheces, Lorin, tu não o conheces – dizia Maurício – aquele homem tinha um olhar sinistro.

– Estás enganado; a mim sempre me pareceu bom homem. Ele tirou-ta para a sacrificar. Há-de fazer com que os prendam juntos para morrerem unidos. Esse é o perigo que há – disse Lorin.

Estas palavras aumentavam o delírio crescente de Maurício.

– Hei-de encontrá-la! Hei-de encontrá-la quando não, morro! – exclamava ele.

– Oh! Isso não entra em dúvida; podes estar certo que havemos de encontrá-la – disse Lorin; – só te peço que sossegues. Anda cá, Maurício, acredita o que te digo, se procedermos sem reflectir, não atinaremos com o que temos a fazer, e no estado de inquietação em que estás não é possível reflectir.

– Adeus, Lorin, adeus!

– Que vais fazer?

– Vou-me embora.

– Deixas-me? Por quê?
– Porque só a mim compete tratar deste negócio; porque só eu devo arriscar a vida para salvar a de Genoveva.
– Tu queres morrer?
– A tudo me exporei: quero ir ter com o presidente da junta de segurança pública; hei-de falar com Hébert, Danton e Robespierre; confessar-lhes-ei tudo, mas é preciso que ma restituam.
– Muito bem – disse Lorin.
E sem acrescentar mais palavra, levantou-se, acolchetou o cinturão, pôs na cabeça o chapéu do uniforme, e a exemplo do que Maurício fizera, meteu nos bolsos duas pistolas carregadas.
– Vamos – disse ele simplesmente.
– Olha que vais comprometer-me, meu amigo! – exclamou Maurício.
– Sim! E depois?

Importa, caro amigo, quando a peça acabar
Em boa companhia para casa voltar.

– Mas onde iremos procurá-la primeiro? – perguntou Maurício.
– Começemos pelo bairro onde ela morava, bem sabes, rua Velha de Saint-Jacques; depois espreitaremos Filipe de Taverney; onde ele estiver há-de estar por força Dixmer; em seguida, passaremos às casas da rua da Cordoaria. Sabes que se está tratando de transferir Antonieta para o Templo? Crê o que te digo, eles não são homens que desanimem, hão-de conservar até ao último momento a esperança de a salvarem.
– Sim – replicou Maurício – parece-me que dizes bem... Mas julgas que Filipe de Taverney Casa-Vermelha ainda permaneça em Paris?
– Dixmer, como sabes, está aqui.
– É verdade, é verdade, hão-de estar juntos provavelmente – disse Maurício recuperando gradualmente o uso da razão. – Anda daí!

Os dois amigos começaram logo as suas pesquisas, mas foi debalde. Paris é muito grande e a sua sombra muito densa. Nenhuma voragem ocultou melhor a todas as vistas o segredo que lhe é confiado pelo crime ou desgraça.

Lorin e Maurício passaram mais de cem vezes pela praça de Grève e outras tantas vezes estiveram próximos da casinha onde estava Genoveva, continuamente vigiada por Dixmer, como os sacerdotes guardavam outrora a vítima que destinavam ao sacrifício.

Genoveva pelo que lhe dizia respeito, vendo-se condenada a morrer, aceitou o sacrifício e quis acabar sem estrondo, como é próprio de uma alma generosa; e demais receava, não tanto por Dixmer como pela rainha, a publicidade que Maurício havia de infalivelmente dar à sua vingança.

Conservou-se pois em tão profundo silêncio como se a morte lhe tivesse já cerrado os lábios de uma vez para sempre.

Entretanto, Maurício, sem que tivesse avisado Lorin, fora falar aos membros da terrível junta de salvação pública, e Lorin, às escondidas de Maurício, dera igual passo.

E por isso, naquele mesmo dia, pôs Fouquier-Tinville uma cruz de tinta vermelha adiante dos seus dois nomes, e unindo-os por uma chave naquela lista de sangue, escreveu adiante a palavra – *suspeitos*.

XXXII

Morte de Marat

Dias antes de Maria Antonieta ter sido transferida para a *Conciergerie*, dava-se um grave acontecimento, que muito tinha de influir no seguimento da revolução, exaltando os ânimos e

aumentando o terror pela exaltação dos elementos mais perversos.

Uma menina de Caen conhecia os acontecimentos de Paris pelas narrações que na província personificavam em Marat todas as violências e excessos da revolução.

Indignada, perguntou a si mesma o que fariam em caso idêntico os antigos, que considerava modelos: e entendeu que se os homens se não punham em campo cumpria a uma mulher substituir-se-lhes. Resoluta, pediu a bênção ao pai, sem lhe confiar, nem a ninguém, o seu projecto, e partiu para Paris, onde chegou no dia 11 de Julho.

No dia seguinte comprou uma faca no Palais-Royal. A sua primeira idéa era apunhalar Marat no Campo de Marte, durante a festa de 14 de Julho, como Cinna, na tragédia, devia apunhalar o tirano no Capitólio, ou então nos bancos da Convenção, no mesmo lugar onde Danton presidira à violação da representação nacional.

Tendo a festa sido adiada para 10 de Agosto e não saindo Marat de casa, por se achar doente, pediu-lhe uma entrevista numa carta em que dizia que chegava de Caen, e que vinha informá-lo dos “tramas que ali se meditavam”.

No dia 13 de Julho, cerca das sete horas da tarde, Carlota apresentou-se em casa de Marat. Este morava na rua dos Cordeliers, hoje rua da Escola Médica, n.º 18, na casa contígua à que tem uma torre da média idade que faz esquina com a rua do Paon, hoje rua Larrey. Marat estava no banho. Uma mulher que vivia com ele não queria deixar entrar Carlota. Marat ouviu a altercação das duas e mandou entrar a forasteira, à qual perguntou o que ia de novo pela Normandia, e tomando nota por escrito dos deputados refugiados em Caen, disse: “Não há-de tardar muitos dias que sejam todos guilhotinados em Paris”.

As últimas hesitações de Carlota desapareceram. Tirou do seio a faca que trazia, e, com mão firme, cravou-a até ao cabo no coração de Marat.

Este só pôde exclamar: “Acuda-me, minha amiga!” e expirou.

A mulher que vivia com Marat correu ao quarto em altos brados. Atrás dela veio um moço de recados, que atirou com uma cadeira a Carlota. Depois acudiram os vizinhos, gente que ia passando, uma multidão enfurecida e apavorada.

A guarda nacional preservou Carlota. Ela respondeu com presença de ânimo aos administradores de polícia e a quatro deputados enviados pela Convenção: – “Quis acabar com a guerra civil e sacrificar a minha vida ao bem do meu país... Não tenho cúmplices”.

Encontrou-se-lhe uma “Mensagem aos Franceses, amigos das leis e da paz”. – Franceses, erguei-vos! – Avante! – acabai por uma vez com a Montanha e que só haja em França irmãos e amigos!... Matando Marat, não atento contra a lei, Marat está fora dela. – Pela minha parte, não me mato; quero que o meu último suspiro seja útil aos meus concidadãos; que a minha cabeça, exposta nas ruas de Paris, seja um sinal de união para todos os amigos das leis!”

E citava os versos que Voltaire, na sua tragédia da *Morte de César*, põe na boca de Bruto.

Uma só coisa parece tê-la comovido: o desespero da mulher que vivia com Marat. Também a surpreendeu a facilidade com que a multidão, que parecia querer fazê-la em postas durante o trajecto de casa de Marat para a Abadia, serenou à voz dos representantes do povo e em nome da lei. Fez a observação de que os seus conterrâneos não eram tão dóceis quando se amotinavam.

No dia subsequente escreveu uma carta endereçada a Barbaroux e seus amigos e datada “do segundo dia da *Preparação da Paz*.”

A idéa de que preparava a paz pública matando Marat, é a base fundamental dessa carta, em que refere a sua viagem fazendo várias observações com respeito às coisas e às pessoas, com um desprendimento, com uma finura e uma graça mordaz, muito extraordinárias em semelhante situação.

A circunstância de haver escrito a Barbaroux, deu aso a que se imaginasse sem mais fundamento de que o amava. Mas a própria carta bastava para provar o contrário.

Carlota respondeu no dia seguinte ao primeiro interrogatório perante o presidente do tribunal revolucionário. À tarde foi transferida para a *Conciergerie*, onde acabou a carta começada

na véspera. A conclusão difere já em muita maneira da primeira parte. Afora uma ou duas frases irônicas, assume um tom grave, perante a morte próxima. “É amanhã às oito horas que me hão-de julgar; ao meio-dia *terei vivido*, para falar a linguagem romana. Ignoro como serão os últimos momentos. É o fim que coroa a obra... Até lá, podeis ficar cientes de que não tenho o menor receio”.

Simple e verdadeira até ao fim, não se vangloriava de impavidez na hora suprema. Encarregava Barbaroux dos seus adeuses para as pessoas suas amigas, e confiava o cuidado da sua memória “aos verdadeiros amigos da paz”.

Entre essas pessoas havia uma que ela designava com particular solicitude. “Receio – dizia – que a minha morte o aflijal!”

Referia-se a um seu companheiro de infância, o jovem procurador síndico do Calvados, Bougon-Longrais.

Em seguida escreveu a seu pai.

“Perdoe, meu querido pai, o ter disposto da minha existência sem o seu consentimento. Vingui muitas vidas inocentes; evitei muitos outros desastres... Peço-lhe que se esqueça ou antes que se regozije com a minha sorte; a causa é grandiosa; lembre-se do verso de Corneille:

Vergonha é o crime, não é o cadafalso.”

No dia 17 de Julho compareceu perante o tribunal.

O presidente nomeou-lhe defensor ex-oficial um Jovem advogado chamado Chaveau-Lagarde.

“Quando ela apareceu no auditório – escreveu depois o seu defensor – juízes, jurados, espectadores, parecia que todos a tomavam por um juiz que os chamasse ao tribunal de Deus... Puderam pintar as suas feições, reproduzir as suas palavras, mas o que nenhuma arte poderia pintar era a grande alma, que transparecia plenamente na sua fisionomia”.

O seu interrogatório, faz lembrar os diálogos dos heróis de Corneille, que parece trocarem raios.

“Quem a induziu a assassinar Marat?

– Os seus crimes.

– E quais eram as suas idéias matando-o?

– Restituir a paz ao meu país.

– Julga então ter morto todos os Marats?

– Morto aquele talvez que os outros se amedrontem”.

Após um depoimento que lhe era contrário, perguntou-lhe o presidente:

“Que diz a isto?”

– Digo que consegui o meu fim.

O presidente Montané queria salvá-la, e foi assim que alterou o quesito: “Procedeu a ré com premeditação e com intenção criminosa?” cortando estas últimas palavras. A sua humanidade custou-lhe o ser processado três dias depois.

Montané sugeriu ao defensor que a desse por doida. O advogado olhou para Carlota e compreendeu que ela não podia nem queria ser salva desse modo. Declarou que a ré confessava serenamente a aturada premeditação do seu atentado. “Esta serenidade e esta abnegação, sublimes debaixo de um ponto de vista – disse – só podem explicar-se pela exaltação do fanatismo político”.

A inevitável sentença de morte foi proferida.

Carlota ouviu lê-la com serenidade, agradeceu a Chaveau-Lagarde o tê-la defendido dignamente, recusou com modo cortês um padre, que lhe oferecia o seu ministério, e concedeu os últimos momentos que lhe restavam a um pintor chamado Hauér, que começara a tirar-lhe o retrato durante a audiência. Esse retrato existe hoje no museu de Versalhes. Hauér legou à posteridade a imagem fiel dessa maravilhosa beleza, que é a perfeição do tipo normando

dulcificado e idealizado. Emolduram-lhe o rosto oval abundantes cabelos louros, que fazem realçar as suas feições imponentes e delicadas; vela-lhe levemente os grandes olhos e as grandes pálpebras uma tristeza, que mais provém talvez de ter dado a morte, que de saber que vai morrer.

Nessa mesma tarde foi conduzida ao cadafalso. Fazia um tempo medonho. A camisa vermelha, que ao tempo vestiam os assassinos, dava um aspecto singular a essa figura radiante. No meio do alarido e das imprecações desses bandos de mulheres a que chamavam “as fúrias da guilhotina” e que eram as amotinadoras das tribunas da Convenção, Carlota ficou impassível. “A imortalidade irradiava de seus olhos” diz uma relação contemporânea. Os gritos cessaram. A multidão, que diligenciavam excitar contra ela, mostrou-se profundamente comovida na sua passagem. Carlota não teve um momento de fraqueza; empalideceu quando avistou o instrumento de morte, mas recobrou logo as suas lindas cores, e, subindo sem arrimo os degraus do cadafalso, saudou o povo. Não a deixaram falar. Carlota encaminhou-se então para a máquina assassina. “O ferro fatal – diz a crónica – cortou a mais formosa das cabeças”.

Foi inolvidável a impressão de todos que assistiram aos últimos momentos de Carlota. Um grande poeta, André Chénier, que tinha por seu turno de sucumbir em breve no mesmo patíbulo revolucionário, celebrou Carlota e a sua acção, em versos dignos de Corneille.

Houve quem fizesse mais, houve quem quisesse morrer por ela. Um jovem mogunciano chamado Adão Lux, um dos deputados da Convenção renana que tinham vindo reclamar a reunião da margem esquerda do Reno à França, publicou uma brochura em que pedia aos algozes de Carlota que o honrassem com a mesma guilhotina, que considerava já agora um altar.

Reclamava da França que se levantasse uma estátua a Carlota com a seguinte inscrição: “*Maior que Bruto*”.

Fizeram-lhe a vontade: morreu como ela e somente por ela.

Outro, antes de subir ao cadafalso passados alguns meses, como um dos chefes da insurreição normanda, declarou que, se sobrevivera a Carlota, fora unicamente na esperança de a vingar. Era Bougon-Longrais, o seu amigo da infância.

Carlota apagou das imaginações modernas os antigos matadores de tiranos, os Brutos e os Harmódios. A sua memória conservou um esplendor inextinguível. A simpatia que expirou é natural e universal. A popularidade do seu nome, todavia não foi salutar; desviou muitos espíritos exaltados, e suscitou mais de um acto pior que o seu.

Em princípio, um particular não tem direito de atentar contra a vida de um grande culpado. A morte de um tirano só é lícita em caso directo de legítima defesa ou em acto de guerra.

De facto, o que se arroga o direito de matar um grande culpado não sabe o que faz, nem pode prever as conseqüências da sua acção.

Foi o que aconteceu com Carlota: julgando restabelecer a paz em França, contribuiu pelo contrário para desencadear o Terror.

Marat fizera todo mal que podia fazer, e nada se ganhou com a sua morte, crescendo a circunstância de se tornarem mais rancorosos e implacáveis os seus partidários, e de deixar mais à solta o seu rival de funesta popularidade, o infame Hébert. Marat era um fanático desinteressado. Hébert, que por morte de Marat, usurpou uma espécie de ditadura sobre a imprensa popular, perseguindo todos os jornais que faziam concorrência ao seu era a corrupção em pessoa.

XXXIII

O tribunal

No dia 23 do primeiro mês do ano segundo da república francesa una e indivisível, data correspondente a 14 de Outubro de 1793, segundo o antigo estilo, como então se dizia, uma multidão de curiosos invadira desde pela manhã as galerias da sala das sessões do tribunal revolucionário.

Nos corredores do palácio e nas avenidas da *Conciergerie* estava apinhada uma imensidade de espectadores ávidos e impacientes, que transmitiam uns aos outros os boatos e os ditos, como as ondas transmitem de umas às outras os bramidos e a espuma.

Apesar da curiosidade que agitava cada espectador, ou talvez que até por causa dessa mesma curiosidade, cada onda daquele mar, assim agitada e comprimida entre duas barreiras, a barreira exterior que a impelia e a interior que a repelia, voltava naquele fluxo e refluxo pouco mais ou menos, ao mesmo ponto que primitivamente ocupava.

Os que tinham alcançado melhor lugar, percebendo que era preciso fazer com que os mais lhe perdoassem tanta felicidade, tratavam de benquistar-se com os vizinhos, que se achavam menos bem colocados, contando-lhes o que viam e ouviam, o que estes imediatamente comunicavam aos que lhes ficavam imediatos.

Junto à porta do tribunal, um grupo de homens amontoados disputavam rudemente entre si umas dez linhas de espaço em largura ou em altura; porque dez linhas em largura era quanto bastava para ver, por entre dois ombros, um canto da sala e as caras dos juízes, e dez linhas na altura, era suficiente para ver por cima das cabeças dos mais toda a sala e a cara da acusada.

Infelizmente porém o estreitíssimo desfiladeiro, que dava passagem do corredor para a sala, estava quase inteiramente tomado por um homem de ombros largos, que tendo posto os braços de escora à parede, continha toda a multidão flutuante e pronta para desabar pela sala dentro, se de repente lhe faltasse aquela trincheira de carne e osso.

Aquele homem, que se conservava tão firme no limiar da porta do tribunal, era moço e elegante, e a cada empurrão mais enérgico que lhe dava a multidão sacudia como uma juba o basto cabelo, por baixo do qual fulgurava um olhar sombrio e resoluto.

Depois de ter conseguido, com o olhar e os actos, repelir a multidão, a cujos pertinazes ataques resistia como se fora uma verdadeira muralha, tornava à mesma imobilidade.

Aquela massa compacta de gente tinha procurado mais de uma vez derrubá-lo porque, sendo de estatura elevada, tolhia completamente a vista aos que lhe ficavam de trás, mas, como dissemos, um rochedo não seria por certo mais inabalável.

Entretanto, pela outra extremidade daquele mar humano, e por meio daquela multidão tão apertada, outro homem abria caminho com perseverança tal que tocava os limites da ferocidade; nenhum obstáculo tinha podido detê-lo na sua incansável progressão, nem as pancadas que lhe davam os que ele deixava ficar para trás de si, nem as pragas dos que esmagava para passar, nem os queixumes do mulhério, porque também havia grande quantidade de mulheres naquele apertão.

Às pancadas retorquia com pancadas, às pragas com um olhar, que fazia recuar os mais valentes, e aos queixumes com desdenhosa impassibilidade.

Chegou finalmente ao pé do robusto mancebo que fechava, por assim dizer, com o corpo a entrada para a sala do tribunal.

No meio da geral expectativa, porque todos estavam com curiosidade de ver o resultado do choque de dois antagonistas tão impetuosos, começou a pôr em prática o seu sistema, o qual consistia em meter os cotovelos entre dois espectadores, e abrir passagem com eles, como se fossem cunhas.

O recém-chegado era um rapaz baixo, cujo rosto pálido e delgado pareciam indicar uma organização tão débil, quanto os seus olhos ardentes eram cheios de resolução.

Apenas, porém, os cotovelos, roçaram pela ilhargia do mancebo colocado na sua frente, este, admirado daquela progressão, voltou-se prontamente e levantou ao mesmo tempo um punho que ameaçava de esmagar na sua queda o temerário que acometia.

Os dois antagonistas ficaram então de cara a cara, e ambos soltaram um grito ao mesmo tempo.

Tinham-se conhecido.

– Ah! Cidadão Maurício – disse o mancebo delgado, com uma inflexão inexprimível de dor – deixe-me passar; deixe-me que eu a veja, rogo-lho, e depois me matará.

Maurício, pois era ele efectivamente, sentiu-se tocado de admiração e de dó à vista daquela dedicação eterna, e de tão indestrutível afeição.

– O senhor aqui! – murmurou ele – o senhor aqui, que imprudência!

– Sim, mas estou exausto de forças... Oh! Meu Deus! Ela está falando! Deixem-ma ver! Deixem-ma ouvir!

Maurício pôs-se de lado e o mancebo passou para diante dele. Então, como Maurício estava na frente dos espectadores, já não havia coisa alguma que impedisse a vista àquele que tanta pancada e tantos empurrões sofrera para chegar até ali.

Toda esta cena e os murmúrios que motivou despertaram a curiosidade dos juizes.

A acusada também virou a cabeça; então viu e conheceu Taverney, de pé, na frente de todos.

Uma espécie de calafrio agitou por um momento o corpo da rainha, que estava assentada numa cadeira de ferro.

O interrogatório dirigido pelo presidente Hermand, explicado por Fouquier-Tinville e discutido por Chauveau-Lagarde, defensor da rainha, durou enquanto o permitiram as forças dos juizes e da acusada.

Durante todo este tempo, permaneceu Maurício imóvel no seu lugar, apesar de se terem revezado umas poucas de vezes os espectadores que atulhavam os corredores e a sala.

Taverney tinha-se encostado de encontro a uma coluna, e ali se conservara quase tão branco como o estuque a que estava encostado.

A noite tinha sucedido gradualmente a claridade do dia. As velas acesas sobre a mesa dos jurados, e os candeeiros pregados nas paredes da sala alumiam com um reflexo sinistro e avermelhado o nobre rosto daquela mulher, que tão formoso parecia outrora à luz esplêndida das funções de Versalhes.

Estava ali sozinha, respondendo desdenhosamente e em poucas palavras às perguntas do presidente, e debruçando-se de vez em quando para falar ao ouvido do seu advogado.

A fronte alva e lisa, ainda se erguia com a costumada soberba: trajava um vestido de seda riscada de preto, que nunca tinha largado depois da morte do rei.

XXXIV

O estado de Genoveva

Os juizes saíram da sala para deliberar, estava levantada a sessão.

– Pareceu-lhe que me mostrei demasiado soberba? – perguntou ela a Chauveau-Lagarde.

– Ah! Senhora – respondeu este – sempre que se conservar no seu estado natural há-de parecer muito bem.

– Olha, vê como é altiva! – bradava uma mulher de entre o auditório, como se uma voz do povo procurasse responder à pergunta que a desgraçada rainha acabava de dirigir ao seu advogado.

A rainha voltou-se para a mulher que tinha falado.

– É verdade, sim! – repetiu a mulher – digo que és altiva, Antonieta, e que foi a tua altivez que te deitou a perder.

A rainha corou.

Taverney virou-se para a mulher que tinha proferido aquelas palavras, e replicou com placidez:

– Ela era rainha.

Maurício agarrou-lhe no braço.

– Vamos – disse ele devagarinho – tenha ânimo para não se deitar a perder.

– Oh! Sr. Maurício – respondeu Taverney – o senhor é homem e sabe muito bem que está falando com quem o é tanto como o senhor. Oh! Diga-me, diga-me, parece-lhe que serão

capazes de a condenar?

– Não me parece, tenho a certeza de que o hão-de fazer – disse Maurício.

– Oh! Uma mulher! – exclamou Taverney soluçando.

– Não, uma rainha – replicou Maurício. – O senhor há pouco o disse.

Taverney agarrou também no braço de Maurício, e desenvolvendo uma força de que ninguém o julgaria capaz, obrigou-o a abaixar-se para lhe falar ao ouvido.

Eram três horas e meia da madrugada. O número dos espectadores era muito menor. Algumas luzes iam-se apagando de espaço a espaço, deixando às escuras alguns lugares da sala.

O sítio mais escuro era aquele onde estava Maurício à espera de ouvir o que Taverney ia dizer-lhe.

– Por que motivo está aqui, e que veio procurar neste lugar, o senhor, que não tem coração de tigre? – perguntou Taverney.

– Ai de mim! – disse Maurício – estou aqui para saber o que é feito de uma infeliz mulher.

– Sim, sim – disse Taverney – aquela que foi introduzida pelo marido na prisão da rainha, não é assim, e que lá foi presa à minha vista?

– Genoveva?

– Sim, Genoveva.

– Visto isso Genoveva está presa, foi sacrificada pelo marido, assassinada por Dixmer? Oh! Agora já entendo tudo, já entendo tudo! Taverney, conte-me como a coisa se passou, diga-me onde ela está, onde poderei encontrá-la; daquela mulher depende a minha vida, percebe-me?

– Pois bem, vi-a, sim; estava ali perto quando foi presa. Eu também tinha ido para ajudar a evasão da rainha, mas a reunião dos nossos dois projectos, de que não pudemos dar conhecimento um ao outro, fez malograr o êxito de ambos.

– E o senhor não tentou ao menos salvá-la a ela... A Genoveva, à sua irmã?

– Como podia eu acudir-lhe? Estava separado dela por uma grade de ferro. Ah! Se o senhor lá estivesse comigo, se tivesse podido ajudar-me, o maldito varão de ferro não teria resistido, e tê-las-íamos salvo a ambas.

– Genoveva! Genoveva! – murmurou Maurício.

E, em seguida, encarando Taverney com indefinível expressão de raiva, perguntou:

– E Dixmer, que foi feito dele?

– Não sei. Fugiu por uma parte e eu por outra.

– Oh! – disse Maurício apertando os dentes – se um dia o tornar a encontrar...

– Sim, bem percebo. Mas o caso de Genoveva ainda não é desesperado – disse Filipe de Taverney – ao passo que este da rainha... Oh! Ouça-me, Maurício, o senhor é um homem de brio, um homem poderoso, tem amigos... Oh! Eu rogo-lhe como se roga a Deus... Maurício, ajude-me a salvar a rainha.

– Como pode pensar em tal?

– Atenda, Maurício! É Genoveva que lho pede pela minha boca.

– Oh! Não pronuncie esse nome, senhor. Quem sabe se é cúmplice de Dixmer no sacrifício da pobre mulher.

– Senhor – respondeu Taverney com dignidade – quando me dedico a servir uma causa, nunca costumo sacrificar senão a minha própria pessoa.

Naquele momento tornou-se a abrir a porta da sala das conferências; Maurício ia para responder.

– Silêncio, senhor! – disse Taverney; – silêncio! Aí voltam os juízes.

E Maurício sentiu tremer a mão com que Filipe de Taverney, pálido e cambaleando, procurava com grande esforço, segurar-se-lhe ao braço.

– Oh! – murmurou Taverney; – Oh! Não posso mais, eu desfaleço!

– Ânimo, e trate de conter-se, quando não está perdido – disse Maurício.

XXXV

A decisão do tribunal

O tribunal tornava com efeito a reunir-se, e a notícia logo se espalhou pelos corredores e galerias.

Uma multidão de povo tornou a arrojar-se impetuosamente para dentro da sala, parecendo até que as luzes se reanimavam por si mesmas para tomar parte naquele momento solene e decisivo.

Acabavam de conduzir a rainha novamente para o seu lugar, onde se conservava direita e imóvel, com gesto altivo, os olhos fitos e os lábios cerrados.

Leram-lhe a sentença que a condenava à morte.

Ouviu-a sem descorar, sem pestanejar, sem que um único músculo do rosto indicasse a aparência da menor comoção.

Depois voltou-se para onde estava Taverney, e dirigindo-lhe um olhar demorado e expressivo, como para agradecer àquele homem, que sempre lhe tinha aparecido qual estátua viva da *Dedicação*; e encostando-se ao braço do oficial de gendarmes que comandava a força armada, saiu do tribunal, conservando sempre a mesma placidez e dignidade.

Maurício suspirou.

– Graças a Deus! – disse ele – o depoimento dela não comprometeu Genoveva por forma alguma; ainda posso ter alguma esperança.

– Graças a Deus! – murmurou também Taverney; – acabou-se tudo e está terminada a luta. Eu já não tinha força para a sustentar por mais tempo.

– Ânimo, senhor – disse Maurício devagarinho.

– Não me há-de faltar – respondeu Taverney.

E ambos, depois de um mútuo aperto de mão, se afastaram por duas saídas diversas.

A rainha foi conduzida para a *Conciergerie*: estavam dando quatro horas no relógio do palácio quando para lá entrou.

Ao desembocar do Pont-Neuf, Maurício foi detido por Lorin.

– Alto lá! – bradou ele – daqui não se passa.

– Por que motivo?

– Para onde vais tu, em primeiro lugar?

– Vou para minha casa. Agora já para lá posso voltar, porque alcancei notícias dela.

– Melhor; mas não hás-de voltar para casa.

– Por quê?

– Por quê? Eu te digo; haverá duas horas que para lá foram os gendarmes para te prenderem.

– Ah! – exclamou Maurício. – Pois bem, é mais uma razão para que eu vá.

– Estás doido? E Genoveva?

– É verdade. Então para onde iremos?

– Para minha casa, com os demónios?

– Mas ficas perdido também.

– Mais uma razão. Vamos, anda daí!

E arrastou-o consigo.

XXXVI

A rainha e o carrasco

A rainha, ao sair do tribunal, fora reconduzida para a *Conciergerie*.

Chegando ao quarto, a cativa pegara numa tesoura, e com ela cortara o comprido e

formoso cabelo, mais formoso ainda desde que tinha deixado de usar polvilhos, abolidos havia um ano, embrulhou-o num papel e escreveu por fora: *Para repartir por meu filho e minha filha.*

Concluído isto, tinha-se assentado, ou por melhor dizer, tinha-se deixado cair numa cadeira, e cedendo ao cansaço (o interrogatório tinha durado dezoito horas), adormecera.

Às sete acordou sobressaltada com a bulha que alguém fazia abrindo o biombo; voltou a cabeça e deu com um homem desconhecido.

– Que quer? – perguntou ela.

O homem aproximou-se, e cortejando-a com tanto respeito como se ela fosse rainha, disse:

– Chamo-me Sansão.

A rainha sentiu um arrepio e levantou-se. Aquele nome era mais explícito do que podia ser o mais extenso discurso.

– Vem muito cedo, senhor, – disse ela; – não poderia demorar-se mais um bocado?

– Não, minha senhora – replicou Sansão – tive ordem para vir a esta hora.

Dizendo estas palavras, deu mais um passo para a rainha.

A menor acção daquele homem era naquele momento expressiva e terrível.

– Ah! Já percebo – disse a cativa – quer cortar-me o cabelo?

– É indispensável, minha senhora – respondeu o executor.

– Já sabia isso – disse a rainha – e quis poupar-lhe esse trabalho. O meu cabelo está ali em cima da mesa.

Sansão olhou na direcção do dedo da rainha.

– Desejava, porém – continuou ela – que fosse entregue esta noite a meus filhos.

– Minha senhora – disse Sansão – não posso incumbir-me de cumprir esse desejo.

– Contudo, eu pensava...

– Não tenho de meu – respondeu o executor – senão o espólio das... Pessoas... O fato, ou as jóias, e ainda assim mesmo, é preciso que declarem formalmente que mo cedem; quando não, vai tudo remetido para a Salpêtrière, e pertence aos pobres dos hospitais; foi um decreto da junta de salvação pública que assim o determinou.

– Mas, enfim, diga-me, senhor – instou Maria Antonieta – poderei contar com que o meu cabelo seja entregue a meus filhos?

Sansão ficou calado.

– Encarrego-me eu de procurar meio de lho remeter – disse Gilberto.

A presa lançou ao gendarme um olhar de infável gratidão.

– Ora bem – disse Sansão – vinha para cortar-lhe o cabelo, mas visto estar já concluída a operação, posso, se o deseja, deixá-la um instante só.

– Rogo-lhe esse favor, senhor – disse a rainha – porque preciso orar a Deus.

A rainha ficou então sozinha, pois Gilberto havia deitado a cabeça pela abertura do biombo para proferir as palavras que dissemos.

XXXVII

O padre e Filipe de Taverney

Enquanto a condenada ia ajoelhar numa cadeira mais baixa do que as outras, e que lhe servia de genuflexório, uma cena de género não menos terrível do que esta que acabamos de narrar, ocorria no Presbitério da igreja de S. Landry.

O cura desta freguesia acabava de levantar-se da cama, e a velha ama estava-lhe preparando o frugal almoço, quando de repente alguém bateu com violência à porta do presbitério.

Mesmo em casa de um padre dos nossos dias uma visita inesperada é sempre precursora de algum acontecimento grave: trata-se de um baptismo, de um casamento *in extremis*, ou de uma

última confissão; mas naquela época a visita de um desconhecido podia ser causada por motivos muito mais sérios ainda.

E com efeito, naquela época o padre já não era só o mandatário de Deus, tinha obrigação de dar contas aos homens.

Contudo, o abade Girard era daqueles que menos receio deviam ter, porque havia prestado juramento à Constituição: a voz da consciência e a probidade tinham nele prevalecido sobre os estímulos do amor próprio e do espírito religioso.

O abade Girard admitiu a possibilidade do progresso na forma do governo e lastimava tanto o abuso cometido em nome do poder divino; tinha aceiteado a fraternidade do regimen republicano, mas acatando sempre o seu Deus.

– Vá ver, tia Jacinta – disse ele; – vá ver quem bate à nossa porta tão cedo, e se por acaso não for negócio de muita pressa, diga que tenho recado para ir hoje de manhã à *Conciergerie*, e que dentro em pouco vou sair para esse fim.

A Sr.^a Jacinta chamara-se noutro tempo a Sr.^a Madalena, porém tinha trocado o nome desta santa por um nome de flor, assim como o abade Girard aceitara o título de cidadão em lugar do de cura.

A Sr.^a Jacinta, obedecendo à ordem do amo, apressou-se em descer os degraus do jardinzinho que precedia a porta da rua: correu os ferrolhos, e deu com um rapaz muito pálido e agitado, mas de fisionomia agradável e modesta.

– O Sr. abade Girard? – disse ele.

Jacinta reparou no desalinho do vestuário, na barba crescida, e no tremor nervoso que agitava o recém-chegado, e parecendo-lhe tudo isto de mau agouro, respondeu:

– Cidadão, aqui não há nenhum senhor, nem abade.

– Perdão, minha senhora – replicou o mancebo – quero dizer o serventuário da igreja de S. Landry.

Jacinta, apesar do seu patriotismo, não desgostou de ouvir a palavra *minha senhora*, que naquele tempo ninguém se atreveria a dirigir nem a uma imperatriz; entretanto, respondeu:

– Não se lhe pode falar, cidadão; está lendo o seu breviário.

– Nesse caso, esperarei – replicou o mancebo.

– Porém – replicou a Sr.^a Jacinta, em que semelhante teimosia tinha tornado a despertar as idéias que a princípio tivera – esperará debalde, cidadão, porque ele foi chamado à *Conciergerie* e vai sair imediatamente.

O mancebo empalideceu horivelmente, ou por melhor dizer, de pálido que estava tornou-se fulo.

– Então sempre era verdade! – murmurou.

E depois em alta voz:

– É esse justamente, minha senhora, o motivo que me obriga a procurar o cidadão Girard.

E apesar da oposição da velha, foi entrando, correu os fechos e sem fazer caso dos rogos nem das ameaças da tia Jacinta, penetrou pela casa dentro e foi ter ao quarto do abade.

Este, quando o avistou, proferiu um grito de admiração.

– Perdão, Sr. cura – disse logo o mancebo – preciso tratar com o senhor um negócio muito sério; permita que fiquemos sós.

O velho sacerdote sabia por experiência o efeito que pode causar um grande desgosto. Divisou no rosto consternado do mancebo os sintomas todos da paixão, e uma grave inquietação na sua voz trémula.

– Deixe-nos, tia Jacinta – disse ele.

O mancebo seguiu impacientemente com a vista a ama, a qual, acostumada como estava a participar dos segredos do patrão, hesitava em sair; até que finalmente se resolveu a fechar a porta.

– Sr. cura – disse o desconhecido – a primeira coisa que vai perguntar-me é quem eu sou.

Eu lho digo. Sou um homem condenado à morte, e só a poder de atrevimento tenho vivido até agora; sou Filipe de Taverney.

O abade deu um pulo de susto e ia para se erguer da poltrona.

– Oh! Nada receie – replicou Taverney; – ninguém me conheceria; estou muito mudado há dois meses para cá.

– Mas, finalmente, diga-me o que pretende, cidadão? – disse o cura.

– Teve recado para ir esta manhã à *Conciergerie* não é verdade?

– Sim; mandou-me chamar o carcereiro.

– Sabe para quê?

– Para algum doente, algum moribundo, ou algum condenado talvez.

– Exactamente: é uma pessoa condenada que o espera.

O padre olhou admirado para o mancebo.

– Mas sabe porventura quem seja essa pessoa? – prosseguiu Filipe de Taverney.

– Não... Não sei.

– Pois bem, essa pessoa é a rainha!

O abade soltou um grito de mágoa.

– A rainha! Oh! Meu Deus!

– Sim, senhor, a rainha! Indaguei quem era o sacerdote que mandavam chamar para ela; sabendo que era o senhor, venho procurá-lo.

– Que pretende então de mim? – perguntou o padre assustado por ver o tremor em que estava o cavalheiro.

– Pretendo... Não é isto que queria dizer, senhor. Venho implorar-lhe, suplicar-lhe...

– O quê?

– Que me leve consigo quando for visitar sua majestade.

– Oh! Está demente! – exclamou o abade – vai deitar-me a perder, e perde-se a si também.

– Nada receie.

– A pobre mulher foi condenada, e já ninguém lhe pode valer.

– Bem o sei, e não é para intentar salvá-la que quero vê-la; é... Mas ouça-me, meu padre; o senhor não me dá atenção.

– Não lhe dou atenção, porque me está pedindo uma coisa que é impossível; não lhe dou atenção, porque o seu pedido é uma loucura – disse o velho; – não lhe dou atenção porque me assusta.

– Meu padre, sossegue – disse o mancebo esforçando-se por se sossegar a si próprio; – meu padre, acredite que estou em meu perfeito juízo. A rainha está perdida, bem o sei, mas deixe ao menos que eu vá prostrar-me aos seus pés durante um segundo que seja e assim me salvará a vida: se a não tornar a ver, mato-me, e como o senhor será a causa da minha desesperação, assim aniquilará ao mesmo tempo o corpo e a alma.

– Meu filho, meu filho – disse o padre – exige o sacrifício da minha e da sua vida, veja o que faz; eu sou velho, porém ainda há muito infeliz que precisa de mim; e apesar de ser velho, se for de meu moto próprio procurar a morte, cometo um suicídio.

– Não me negue o que lhe peço, meu padre – replicou Taverney. – É-lhe preciso um coadjutor, um acólito: tome-me a mim, leve-me consigo.

O sacerdote procurou revestir-se de ânimo para continuar a resistir.

– Não – disse ele – não, isso seria faltar aos meus deveres; jurei a constituição, jurei-a de todo o coração, em alma e consciência. A pobre mulher condenada é uma rainha criminosa; aceitar a morte se dela pudesse resultar o bem do meu próximo, mas não quero faltar aos meus deveres.

– Mas – replicou Taverney – se lhe estou dizendo, se lhe estou repetindo e jurando que não pretendo salvar a rainha! Olhe, sobre este Evangelho, sobre este Crucifixo, juro-lhe que não vou à *Conciergerie* para obstar a que ela morra.

– Então o que pretende? – perguntou o velho comovido por aquele acento de desesperação, que mostrava não ser fingido.

– Ouça – disse Taverney carecendo que era a alma que lhe trasbordava pelos lábios – ela foi a minha benfeitora, e tem-me algum afecto. Creio que será para ela uma consolação ver-me na hora derradeira.

– É isso tudo quanto deseja? – perguntou o padre, não podendo já resistir a tão veementes rogativas.

– Nada mais.

– Não trama alguma conspiração para livrar a condenada?

– Nenhuma. Sou cristão, meu padre, e se há no meu coração a sombra de uma mentira, se tenho esperança alguma de que ela viva, se para isso estou cooperando por qualquer forma, quero que Deus me castigue com uma condenação eterna.

– Não! Não! Não posso prometer-lhe nada, – disse o cura, a quem ocorria a lembrança do perigo e as conseqüências que podia ter uma tal imprudência.

– Ouça-me, meu padre – disse Taverney com expressão de mágoa profunda, – até aqui tenho-lhe falado como um filho submisso; só manifestei sentimentos cristãos e caritativos; não saiu ainda da minha boca uma palavra desabrida nem uma ameaça, e contudo tenho a cabeça a arder em febre, está-se-me dilacerando o coração; veja, estou armado, tenho comigo um punhal.

E dizendo isto, o mancebo tirou do peito um ferro luzidio e fino que ergueu com a mão vacilante.

O cura afastou-se dele prontamente.

– Não receie mal algum – disse Filipe sorrindo com tristeza; – qualquer outro em meu lugar, vendo a fidelidade com que cumpre a sua palavra, abusaria do medo com que está para alcançar o seu fim. Eu não, supliquei-lhe e ainda suplico de mãos postas, e curvando a cabeça até ao chão, que me proporcione a ocasião de a ver um único instante, e aqui tem para sua defesa.

Tirou da algibeira um bilhete e apresentou-o a Girard. O abade abriu e leu estas palavras:

– Eu, Filipe de Taverney Casa-Vermelha, declaro, perante Deus e pela minha honra, que obriguei, com ameaça de morte, o honrado cura de S. Landry a levar-me consigo à *Conciergerie*, apesar da sua recusa e visível repugnância. Em fé do que assinei o presente.

“*Filipe de Taverney*”

– Está bom – disse o padre – mas jure-me também que não há-de cometer imprudência alguma; não basta que a minha vida fique salva, também respondo pela sua.

– Oh! Não tratemos agora disso – respondeu Filipe. – Anui ao meu pedido?

– Que remédio tenho, já que assim o exige. Esperará por mim em baixo, e quando ela atravessar o cartório, então a verá...

Filipe agarrou na mão do velho e beijou-a com tanto respeito e ardor como se fora um crucifixo.

– Oh! – murmurou Filipe de Taverney – ao menos há-de morrer como rainha, e a mão do carrasco não há-de profaná-la.

Filipe de Taverney, assim que obteve o consentimento do cura de S. Landry, correu para um gabinete, cuja porta estava aberta, e percebeu ser o quarto de vestir do reverendo abade.

Ali, pegou numa navalha, e num abrir e fechar de olhos, deitou abaixo a barba e os bigodes; só então viu quanto estava pálido.

Volto aparentemente sossegado; parecia não se lembrar que apesar da falta da barba e dos bigodes, mesmo assim poderia encontrar quem o conhecesse na *Conciergerie*.

Seguiu o abade, que para o acompanhar tinham vindo dois soldados.

Saíram e dirigiram-se para a *Conciergerie*.

XXXVIII

O carro do executor

Filipe de Taverney entrou com o abade pela cancela de ferro que dava entrada naquela época para o pátio do palácio, revestindo-se de uma tal audácia, que devia necessariamente afastar qualquer suspeita.

Ia, assim como o abade Girard, vestido de preto, mas à secular, porque os hábitos sacerdotais tinham sido abolidos.

Encontraram no cartório mais de cinquenta pessoas, empregados da cadeia, deputados e comissários, à espera de verem passar a rainha; uns como mandatários, outros como curiosos.

O coração palpitava-lhe com tanta violência quando avistou a porta da rainha, que não pôde ouvir a conversa do abade com os gendarmes, nem da que teve com o carcereiro.

Porém, quando ia para passar o limiar da porta, entrou um homem que trazia na mão uma tesoura e um pedaço de fazenda cortada recentemente.

Filipe de Taverney encarou com ele e conheceu que era o executor.

– Que queres, cidadão? – perguntou Sansão.

Taverney procurou ocultar o tremor que involuntariamente lhe corria pelo corpo.

– Eu! – respondeu ele – não vês cidadão Sansão, que venho na companhia do cura de S. Landry?

– Ah! Está bom – replicou o executor.

E seguiu para diante, dando algumas ordens a um dos seus ajudantes.

Entretanto Filipe de Taverney entrou para o cartório, e dali para o compartimento onde estavam os dois gendarmes.

Os pobres homens estavam muito consternados; a rainha tinha sido tão dócil para com eles quanto era soberba para com os demais; eles tinham sido mais depressa seus servidores do que seus guardas.

Contudo, do lugar onde se achava, não podia Taverney ver a rainha; o biombo estava fechado, e apenas o haviam aberto para dar entrada ao cura.

Quando Taverney chegou, já tinha começado a conversação.

– Senhor – dizia a rainha com voz estridente e altiva – já que prestou juramento à república, em nome da qual fui condenada à morte, não posso ter confiança no senhor. Já não adoramos o mesmo Deus!

– Minha senhora – respondeu Girard visivelmente magoado por aquela profissão de fé tão desdenhosa – uma cristã, quando está para morrer, não deve conservar ódio algum no coração, nem repelir o seu Deus, seja qual for a forma por que se lhe apresente.

Filipe de Taverney deu um passo para abrir o biombo, esperando que ela mudaria de tenção a respeito do cura, quando o avistasse e soubesse o motivo que ali o trazia; mas os dois soldados opuseram-se.

– Porém – disse Taverney – eu sou acólito do cura.

– Uma vez que ela não quer o cura – respondeu Duchesne, – também não precisa do acólito.

– Mas talvez me aceite a mim – disse Taverney levantando a voz – é impossível que não me aceite.

Maria Antonieta, porém, estava tão entregue aos seus sentimentos que não ouviu nem conheceu a voz de Taverney.

– Vá, senhor – prosseguiu ela dirigindo-se a Girard – vá e deixe-me: visto estarmos actualmente em França debaixo de um regimen de liberdade, reclamo a faculdade de morrer como me aprouver.

Girard quis resistir.

– Deixe-me, senhor – exclamou ela – já lhe disse que me deixasse.

Girard tentou dizer mais algumas palavras.

– Ordeno-lho! – disse a rainha com um gesto imperioso de Maria Teresa.

Girard saiu.

Filipe de Taverney procurou espreitar pelo intervalo do biombo, mas a rainha estava de costas voltadas.

O ajudante do executor encontrou-se com o cura: trazia umas cordas na mão.

Os dois gendarmes puseram Taverney pela porta fora, sem lhe darem tempo para proferir um grito, ou o menor movimento para conseguir o seu fim.

Achou-se pois no corredor só com Girard. Do corredor foram empurrados até ao cartório, onde já se sabia a recusa da rainha, servindo a soberba *Austriaca* de Maria Antonieta de texto a alguns indivíduos para soltarem invectivas grosseiras contra ela, e sendo para outros assunto de secreta admiração.

– Vá – disse Ricardo para o abade – volte para sua casa, já que ela o manda embora, e que morra como quiser.

– Ora essa não está má – disse a mulher de Ricardo – acho que tem razão, e eu no seu lugar faria o mesmo.

– E faria muito mal, cidadã – disse o abade.

– Cala-te, mulher – resmungou o carcereiro olhando para ela com mau modo – é alguma coisa da tua conta? Vá, abade, vá.

– Não – repetiu Girard – não, hei-de acompanhá-la ainda que ela não queira: bastará uma palavra, uma única palavra, se ela me ouvir, para lhe recordar os seus deveres; e demais, o município mandou-me para aqui... E eu devo obedecer ao município.

– Fica pois, mas manda embora o teu sacristão – disse com brutalidade o ajudante-mor, encarregado de comandar a força armada.

Era um homem chamado Grammont, que tinha sido actor no Teatro Francês.

Os olhos de Taverney relampejaram, e levou maquinalmente a mão ao peito.

Girard sabia perfeitamente que ele tinha um punhal por dentro do colete.

Deteve-o com um olhar suplicante.

– Poupe a minha vida – disse ele devagarinho – bem vê que está tudo acabado: não queira perder-se, e perder-me a mim também juntamente com ela; hei-de falar-lhe no senhor e pelo caminho, prometo-lhe; dir-lhe-ei a quanto se arriscou para a ver uma última vez.

Estas palavras acalmaram a efervescência do mancebo, em cuja organização se ia efectuando gradualmente a reacção usual.

Aquele homem, que sempre havia ostentado uma perseverança heróica e uma força admirável, já não tinha força nem vontade; ficou irresoluto, ou por outra, cansado, abatido, e entregue a uma espécie de sonolência, que parecia precursora da morte.

– Sim – disse ele – assim devia ser; cruz para Jesus, o cadafalso para ela; os deuses e os reis esgotam até às fezes o cálix que lhes é apresentado pelos homens.

Em resultado deste pensamento de resignação, o mancebo, completamente inerte, deixou-se repelir sem resistência até à porta exterior, soltando apenas uns gemidos involuntários.

Junto das grades e das portas da *Conciergerie* estava apinhada uma dessas multidões espantosas, de que se não pode fazer idêia senão tendo-as visto.

Naquela reunião, a impaciência era o sentimento predominante, e como cada um dos indivíduos de que se compunha dava largas às suas paixões em altas vozes, resultava uma confusão tal, e um rumor tamanho e tão prolongado, que parecia ter-se concentrado no bairro do palácio da justiça todo o ruído e toda a população de Paris.

Em frente da multidão estava formado todo o exército com a competente artilharia, para proteger aquela *brilhante função*, e manter a ordem entre as pessoas que vinham para a gozar.

Fora trabalho baldado querer romper aquela muralha de homens, que tinha engrossado a pouco e pouco com os contingentes dos patriotas dos arrabaldes, os quais haviam acudido a Paris logo que lhes constou a notícia da condenação da rainha.

Filipe de Taverney, depois de ter sido empurrado para fora da *Conciergerie*, achou-se, sem querer, envolto nas fileiras dos soldados.

Estes indagaram quem era.

Respondeu que era acólito do abade Girard, mas que tanto ele como o seu cura tinham sido recusados terminantemente pela rainha, por haverem prestado juramento à constituição.

Os soldados também o repeliram para o meio dos espectadores.

Ali, foi obrigado a repetir o que já tinha dito aos soldados.

Imediatamente ouviram-se estes gritos:

– Saiu de lá neste instante?... Viu-a?... Que disse ela?... Que está fazendo?... Ainda é muito soberba?... Está abatida?... Chora?

Taverney respondeu a todas estas perguntas com voz fraca, suave e afável, parecendo que as palavras que pronunciava eram a última manifestação da vida ainda suspensa dos seus lábios.

A resposta que deu era a verdade pura e simples, de que resultava um elogio à firmeza de Maria Antonieta, e o que ele disse dela com a simplicidade e a fé de um evangelista fez nascer remorsos e arrependimento em mais de um coração.

Quando passou a falar do pequenito delfim e da princesa real, daquela rainha sem trono, daquela esposa sem esposo, daquela mãe sem filhos, finalmente, daquela mulher só e abandonada, sem um amigo, entre carrascos, notou em alguns semblantes evidentes sinais de tristeza, e viu arrasarem-se de lágrimas olhos, que pouco antes só pareciam animados pelo ódio.

Deram onze horas no relógio do palácio; cessou no mesmo instante todo o rumor. Cem mil pessoas contavam as horas que estavam dando, e cujas badaladas se lhe repercutiam no coração.

Quando o som da última hora acabou de ecoar no espaço, ouviu-se um grande reboço por detrás das portas, ao mesmo tempo que um carro, vindo do lado do cais das Flores, abria caminho entre o apertão do povo, e parava, acompanhado de guardas, ao pé dos degraus do edifício da *Conciergerie*.

A rainha não tardou em aparecer no alto da escadaria. Todas as paixões se concentraram nos olhos; as respirações ficaram arquejantes e suspensas.

Trazia o cabelo cortado curto; quase todo ele tinha encanecido durante o cativeiro, e com o reflexo prateado fazia parecer ainda mais delicada a palidez que naquele momento solene tornava quase celeste a formosura da filha dos Césares.

Vinha vestida de branco, e trazia as mãos atadas atrás das costas.

Quando se mostrou no cimo dos degraus, tendo à direita o abade Girard, que a acompanhava apesar dela não querer, e à esquerda o executor, ambos vestidos de preto, houve em toda aquela multidão um murmúrio, que só Deus, que lê no fundo dos corações, pôde entender e avaliar devidamente.

Atravessou-se então um homem entre o executor e Maria Antonieta.

Era Grammont.

Vinha para lhe mostrar o ignóbil carro.

A rainha recuou involuntariamente.

– Suba – disse Grammont.

Toda a gente ouviu esta palavra, porque a comoção era tal que ninguém abria a boca.

A rainha corou, subindo-lhe o sangue até à raiz do cabelo, porém tornou-se quase imediatamente pálida como a morte.

Então, descerrando os lábios desmaiados, disse:

– Por que razão me mandam no carro do executor, quando El-rei foi conduzido ao cadafalso na sua carruagem?

O abade Girard disse-lhe então algumas palavras ao ouvido. Combatia provavelmente no ânimo da condenada aquele último brado de orgulho real.

A rainha calou-se e cambaleou.

Sansão estendeu os braços para a amparar; porém ela, com um movimento rápido,

endireitou-se antes que ele chegasse a tocar-lhe.

Desceu a escada, enquanto o ajudante do carrasco colocava um degrau de madeira atrás do carro.

A rainha subiu, e com ela o abade.

Sansão mandou-os assentar a ambos.

Quando o carro partiu, houve um movimento entre o povo; mas ao mesmo tempo, como os soldados não sabiam em que sentido era aquele movimento, empregaram todos os esforços para afastarem a multidão; ficou por consequência um grande vácuo entre o carro e as primeiras filas.

Naquele espaço ressoou um uivo lúgubre.

A rainha estremeceu e pôs-se de pé, olhando em volta de si.

Viu então o cãozinho, que tinha perdido havia dois meses e que, não tendo conseguido entrar com ela na *Conciergerie*, procurava agora, apesar dos gritos, dos pontapés e das coronhadas, saltar para o carro; mas quase no mesmo instante o pobre Black, extenuado de cansaço, magro e esfalfado, desapareceu entre as patas dos cavalos.

A rainha seguiu-o com a vista; não podia falar porque a bulha lhe cobria a voz; não podia mostrá-lo com o dedo porque tinha as mãos amarradas; e demais, ainda que tivesse alcançado fazer-se ouvir, teria pedido debalde que lho restituíssem.

Contudo, depois de o ter perdido de vista um instante, tornou a vê-lo.

Estava ao colo de um mancebo pálido, que se achava sobranceiro à multidão, trepado em cima de uma peça de artilharia, e o qual, engrandecido por uma indizível exaltação, a cortejava mostrando-lhe o Céu.

Maria Antonieta olhou também para o Céu, e sorriu suavemente.

Filipe de Taverney Casa-Vermelha soltou um gemido, como se aquele sorriso o houvera ferido no coração, e ao mesmo tempo que o carro tomava a direcção da Pont-au-Change, saltou repentinamente para o meio do povo e desapareceu.

XXXIX

A guilhotina

Na praça da Revolução estavam dois homens esperando encostados à coluna de um candeeiro.

O motivo por que eles ali esperavam juntamente com a multidão que se tinha apinhado na praça da Revolução, e pelo caminho todo que separava estes dois lugares, era para ver chegar a rainha ao pé do instrumento do suplício, o qual, gasto pela chuva e pelo Sol, usado pela mão do carrasco, e danificado, caso horrível! pelo contacto das vítimas, campeava soberbo sinistro acima de todas aquelas cabeças, como uma rainha dominando o seu povo.

Aqueles dois homens, de braços dados, beijos desmaiados e sobrancelhas carregadas, conversando devagarinho e em poucas palavras um com o outro, eram Lorin e Maurício.

Perdidos entre os espectadores, mas colocados de modo que a todos causavam inveja, iam continuando ao ouvido um do outro uma conversação que não era a menos interessante das que se realizavam naqueles grupos, os quais, semelhantes a uma corrente eléctrica, se agitavam como um mar animado, desde a Pont-au-Change até à ponte da Revolução.

A idéia que emitimos relativamente ao cadafalso campeando acima de todas as cabeças também não lhes havia escapado.

— Vê — dizia Maurício — como aquele monstro ergue os seus braços avermelhados; não parece que nos está chamando e rindo-se por aquele intervalo que há entre o cutelo e a trave, como se fora uma boca medonha?

— Ah! Por minha fé — disse Lorin — confesso que não sou adepto dessa seita poética que vê tudo cor de sangue. A mim tudo me parece cor de rosa, e mesmo junto daquela máquina

hedionda, parece-me que ainda hei-de cantar e esperar. *Dum spiro, spero.*

– Ainda te atreves a esperar, quando estás vendo que degolam até as mulheres?

– Ah! Maurício – disse Lorin – tu, filho da revolução, não renegues a tua mãe. Ah! Maurício, conserva-te bom e leal patriota. Maurício, essa que acolá vai morrer, não é uma mulher, ou pelo menos, não é uma mulher como as mais; essa que acolá vai morrer é o génio mau da França.

– Oh! Não é ela que eu lamento; não é por ela que eu choro! – exclamou Maurício.

– Sim, bem entendo, é por Genoveva.

– Ah! – disse Maurício – apoderou-se de mim um pensamento, que me faz enlouquecer: é que Genoveva está entregue às mãos daqueles fornecedores da guilhotina chamados Hébert e Fouquier-Tinville; à disposição dos homens que já para aqui mandaram a pobre Heloísa, e que hoje mandam a altiva Maria Antonieta.

– Pois bem – disse Lorin – é isso justamente que me dá alguma esperança; quando a sanha do povo tiver devorado este imenso festim que se compõe de dois tiranos, ficará então saciada, por algum tempo ao menos, como a jibóia que leva três meses a digerir o comer que devora. Então não há-de tragar mais ninguém, e há-de ter medo até das migalhas, como dizem os profetas dos departamentos.

– Lorin, Lorin – respondeu Maurício – sou mais positivo do que tu, aqui to digo ao ouvido, mas pronto a repeti-lo em altas vozes: Lorin, odeio a nova rainha que me parece destinada para sucessora da *Austríaca*, que vai ser por ela aniquilada. Olha que é uma triste rainha a que tem por púrpura o sangue que se derrama quotidianamente, e Sansão por primeiro ministro!

– Ora adeus! Sempre lhe havemos de escapar.

– Não creio – disse Maurício abanando a cabeça; – bem vês que para não sermos presos em nossas casas não nos resta outro recurso senão andarmos pelas ruas.

– História! Podemos sair de Paris; nenhum obstáculo se nos opõe. Meu tio está à nossa espera em Saint-Omer; temos dinheiro e passaporte, não nos falta nada, e não há aí um único gendarme capaz de nos lançar a mão; que te parece? Vê-se pois que ficamos aqui porque assim o queremos.

– Não, meu excelente amigo, o que estás dizendo não é exacto. Conheço a tua afeição; ficas porque eu quero ficar.

– E tu queres ficar para procurar Genoveva. Pois bem, acho que não há coisa mais simples, mais justa, e mais natural. Pensas que está presa, é muito natural. Queres protegê-la, e para isso não deves sair de Paris.

Maurício soltou um suspiro; era evidente que o seu pensamento divergia.

– Lembras-te da morte de Luís XVI? – disse ele. – Parece-me que ainda me estou vendo pálido de comoção e de orgulho. Era eu então um dos chefes desta multidão, em cujo seio me estou ocultando hoje. Eu era então mais poderoso ao pé daquele cadafalso de que nunca tinha sido o rei que a ele ia subindo. Que mudança, Lorin, e lembrar-me que bastaram nove meses para se efectuar tão terrível reacção!

– Nove meses de amor, Maurício!... Foi o amor quem perdeu Tróia!

Maurício suspirou; o seu pensamento vagabundo já ia tomando outro rumo e encarando um horizonte muito diferente.

– Pobre Taverney! – murmurou pensativo; – que dia tão triste para ele!

– Ai, meu Maurício – replicou Lorin – queres que te diga o que eu acho mais triste do que tudo nas revoluções?

– Dize lá.

– É termos muitas vezes por inimigos indivíduos de quem desejaríamos ser amigos, e por amigos gente...

– Custa-me a acreditar uma coisa – interrompeu Maurício.

– Que é?

- Que ele deixe de imaginar algum plano, por louco que seja, para salvar a rainha.
- É um homem só contra cem mil!
- Por isso te disse, “por louco que seja”; aqui estou eu que para salvar Genoveva...

Lorin carregou os sobrolhos.

– Ainda torno a dizer-te, Maurício – replicou ele – que não estás em teu juízo; tenho a certeza de que, ainda mesmo que fosse para salvar Genoveva, não eras capaz de te tornar mau cidadão. Porém basta de falar neste assunto, Maurício, que nos estão escutando. Olha, vê a ondulação das cabeças; lá se levanta o criado do cidadão Sansão de cima do cesto, para ver ao longe. Vai-se aproximando a *Austríaca*.

E efectivamente dera-se a ondulação que Lorin notara, mas acompanhada de um estremecimento prolongado e que aumentava gradualmente e parecia correr por toda aquela multidão.

Era como que uma rajada de vento começando num sopro apenas e acabando num bramido.

Maurício, pondo-se nos bicos dos pés e agarrando-se à coluna do candeeiro, olhou em direcção da rua de Saint-Honoré.

– Sim – disse ele arrepiando-se – ela aí vem.

Começava efectivamente a aparecer outro objecto quase tão hediondo como a guilhotina: era o carro do executor.

À direita e à esquerda do carro brilhavam as armas da escolta, e adiante dele vinha Grammont fazendo continência com o sabre para corresponder aos gritos que alguns fanáticos proferiam.

Porém, à medida que o carro se aproximava, os gritos extinguíam-se subitamente em presença do olhar frio e carregado da condenada.

Nunca fisionomia alguma excitou com tanta energia um tal sentimento de respeito; Maria Antonieta parecia sublime e majestosa.

Com a sua orgulhosa coragem chegou a ponto de incutir às pessoas presentes idéias de terror.

Mostrando a maior indiferença às exortações do abade Girard, que a tinha acompanhado apesar dela lho haver proibido, a sua fronte não oscilava, nem para a direita nem para a esquerda; o pensamento que vivia no fundo daquele cérebro parecia tão imutável como o olhar; os solavancos do carro, motivados pela desigualdade da calçada, faziam sobressair ainda mais a rigidez do seu porte; parecia uma estátua de mármore, com a diferença que aquela estátua real, tinha os olhos animados e o cabelo agitado pelo vento.

XL

A execução

Um silêncio semelhante ao do deserto se apoderou repentinamente dos trezentos mil espectadores daquela terrível e horripilante cena, que a claridade do Sol alumia pela primeira vez.

Maurício e Lorin, do lugar onde estavam, ouviram em breve chiar o eixo das rodas do carro, e até se podia ouvir o sopro dos cavalos dos guardas.

O carro parou junto do cadafalso.

A rainha saiu então da abstracção em que até ali se havia conservado: olhou com altivez em volta de si, encarou a multidão, e viu de pé sobre um colonelo o mesmo pálido que tinha visto trepado numa peça de artilharia.

O mancebo tornou a cortejá-la respeitosamente, como já havia praticado na ocasião em que ela saiu da *Conciergerie*, e saltou imediatamente abaixo do colonelo.

Diversas pessoas repararam nele, e como estava vestido de preto, dali se originou o

boato, que então espalharam, de que tinha ido um padre esperar por Maria Antonieta, para lhe deitar a absolvição no momento de subir ao cadafalso.

Apesar desta suposição, ninguém insultou Taverney.

Há nas ocasiões solenes actos que todos respeitam com todo o acatamento.

A rainha desceu com cautela os três degraus do carro.

Sansão ia-a amparando, o qual, no desempenho do triste dever a que forçosamente era obrigado, a tratou sempre até ao último momento com a maior consideração.

Enquanto ela ia caminhando para os degraus do cadafalso, alguns guardas a pé e alguns soldados pareceram oscilar e perder o equilíbrio; e logo depois, uma coisa que parecia uma sombra se escondeu por baixo do cadafalso; porém, logo no mesmo instante se restabeleceu completamente o sossego.

Ninguém queria largar o seu lugar naquele momento solene, ninguém queria perder o mais pequeno pormenor do grande drama que estava para se representar; todas as vistas se dirigiam para a condenada.

Maria Antonieta estava já sobre a plataforma do cadafalso.

O padre continuava a falar-lhe, um dos ajudantes do carrasco ia empurrando-a brandamente para diante, ao passo que outro lhe despregava o lençinho que lhe cobria os ombros.

Maria Antonieta quis furtar-lhe o corpo e pisou o pé de Sansão que estava, sem ela pressentir, ocupado em amarrá-la à tábua fatal.

Sansão tirou o pé para trás.

– Desculpe-me, senhor – disse a rainha – não foi por querer.

Foram estas as últimas palavras que proferiu a filha dos Césares, rainha de França e viúva de Luís XVI.

Deu um quarto depois do meio-dia no relógio das Tulherias, e juntamente com a vibração da badalada caiu Maria Antonieta na eternidade.

Um grito terrível, e que resumia em si todas as paixões: alegria, espanto, luto, esperança, triunfo e expiação, cobriu, como se fora um grande furacão, outro grito débil e lastimoso, que ressoou ao mesmo tempo por baixo do cadafalso.

Se bem que quase imperceptível, os gendarmes ouviram-no; deram alguns passos em frente, e a multidão, ficando menos apertada, espalhou-se à semelhança de um rio a que se abre o dique, e veio como a maré bater de encontro à base do cadafalso, abalando-o com o choque.

Todos queriam ver de perto os restos da realza, que supunham destruída para sempre em França.

Mas os gendarmes procuravam outra coisa; queriam saber quem era aquela sombra que tinha rompido tão audaciosamente por entre as fileiras para se meter por baixo do cadafalso.

Voltaram dois deles, segurando pela gola da casaca um homem, que apertava de encontro ao peito um lenço tinto de sangue.

Acompanhava-o um cãozinho guedelhudo, que soltava sentidos uivos.

– Morra o aristocrata! Morra o ex-fidalgo – bradaram alguns homens do povo apontando para o mancebo; – molhou o lenço no sangue da *Austriaca*: morra!

– Oh! Meu Deus – exclamou Maurício possuído de grande dor.

Depois, voltando-se para Lorin, perguntou:

– Conhece-lo?

– Morra o realista! – repetiu o povo furioso; – tirem-lhe o lenço que ele quer guardar de relíquia, tirem-lho, tirem-lho!

Um sorriso de orgulho assomou aos lábios do infeliz mancebo; abriu a camisa, descobriu o peito, e deixou cair o lenço.

– Senhores! – disse ele – o sangue que vêm não é da rainha, é meu! Deixem-me morrer sossegado.

Viram então que o sangue corria duma ferida bastante funda por baixo do peito

esquerdo.

A multidão deu um grito e recuou.

O mancebo então foi caindo gradualmente até ficar de joelhos e com os olhos fitos no cadafalso como os de um mártir no altar.

– Taverney! – murmurou Lorin ao ouvido de Maurício.

– Adeus, pois – murmurou o mancebo abaixando a cabeça com um sorriso divino; – adeus, ou por melhor dizer, até já!

E dizendo isto expirou no meio dos guardas, que estavam estupefactos.

– Ainda nos resta aquele recurso, Lorin – disse Maurício – antes de nos tornarmos maus cidadãos.

O cãozinho andava de roda do cadáver, espantado e uivando.

– Olha, é o Black – disse um homem que tinha um cacete na mão; – olha, é o Black. Anda aqui, meu velhinho.

O cãozinho correu para o indivíduo que o chamava; mas apenas se lhe chegou ao alcance, o homem levantou o pau e esmigalhou-lhe a cabeça, dando ao mesmo tempo uma gargalhada.

– Oh! Que malvado! – exclamou Maurício.

– Cala-te! – murmurou Lorin interrompendo-o – cala-te, quando não estamos perdidos... É o Simão.

XLI

Morte dos Girondinos

Oito dias depois da morte da rainha compareciam os Girondinos perante o tribunal revolucionário.

Entre os homens ilustres que figuravam à frente dos vinte e um acusados, só Brissot e Lasource haviam tentado fugir ao sanguinolento tribunal para irem fomentar a resistência no Meio-dia. Vergniaud, Gensonné, Valazé, tinham-se conservado firmes na resolução de esperar pelo julgamento. Gensonné, que tivera por sentinela um suíço a quem tinha salvo a vida no dia 10 de Agosto e que era agora gendarme, recusou aproveitar-se do reconhecimento deste homem. Nesse mesmo dia escrevera Gensonné uma espécie de testamento em que previa e aceitava a sua sorte, “se a sua morte pudesse ser útil ao estabelecimento da República”.

Entre os deputados adicionados aos de 2 de Junho, achavam-se os dois cunhados Ducos e Boyer-Fonfrède, dois jovens bordaleses cheios de talento e de coragem, estimados e queridos de todos. O próprio Marat, no dia 2 de Junho, lhes mandara riscar os nomes da lista. A nova Junta de segurança geral, misto de fanáticos e de antigos moderados a quem o medo tornara cruéis, fora mais impiedosa que Marat.

O libelo feito pelo ex-feuillant Amar, relator da Junta de segurança geral, não era mais que a recopilação das calúnias extravagantes aventadas nos clubes e nos jornais. Como se entrevia nelas, por momentos, o dedo da Contra-revolução. O libelo acusa Brissot de ter arruinado as nossas colónias pregando a liberdade dos pretos, e de ter raptado os exércitos estrangeiros com declarar guerra aos reis.

O resto do processo não discrepou deste começo. As suas diferentes peças não foram comunicadas aos acusados nem aos seus advogados. O sumário, escrito com vergonhosa parcialidade, desenvolve complacentemente as respostas dos acusados.

Essas supostas provas não passam de estirados libelos em que os Paches, os Chaumettes, os Hébert, os Chabot, etc., etc., vêm alternadamente historiar os crimes da Gironda.

Os gritos desta matilha não produziram o efeito que se esperava. As explicações claras e sensatas de Brissot, a eloquência de Vergniaud, a fisionomia leal e simpática dos acusados comoviam o auditório.

Hébert e Chaumette começaram a recluir que as vítimas lhes escapassem. No dia 28 de

tarde correram aos Jacobinos e obtiveram que o clube resolvesse o ir em massa, no dia seguinte, pedir à Convenção o julgamento dos deputados dentro de vinte e quatro horas.

Os Jacobinos foram no dia 29 à barra da Convenção reclamar uma lei que desse aos jurados do tribunal revolucionário o direito de porem termo aos debates desde que se julgassem suficientemente esclarecidos.

Fouquier-Tinville, em nome do tribunal, escrevera, pelo seu lado, à Convenção, queixando-se da lentidão das formas judiciárias.

Robespierre e com ele Barère, já de todo bandeado com o partido do Terror, apoiaram a petição dos Jacobinos. Por proposta de Robespierre, foi decretado que volvido três dias de discussão pudessem os jurados declarar-se em condições de pronunciar o seu veredictum.

Brissot, Vergniaud, Gensonné, Valazé, o bispo Fauchet, Ducos, Boyer-Fonfrède, Lasource e os seus amigos foram declarados réus convictos de haverem conspirado contra a unidade e indivisibilidade da República, e contra a liberdade e segurança do povo francês.

No momento em que o presidente proferia a sentença de morte ouviu-se um grito no auditório.

“Meu Deus! Meu Deus! Sou eu, é o meu *Brissot desmascarado*, quem os mata!”

Era a voz de Camilo Desmoulins. Compreendia já agora o alcance dos funestos panfletos em que se fizera instrumento dos ódios de Robespierre, e onde o libelo fora buscar os seus argumentos.

Pela sua parte, Danton, que não era cúmplice na morte dos vinte e um, partiu para casa da mãe em Arcis-sur-Aube, para não ter de presenciar semelhante cena.

Mandaram entrar os acusados para que ouvissem ler a sentença. A maior parte levantara-se impetuosamente, e bradara: “Estamos inocentes! – Povo, enganam-te!”

A multidão conservou-se imóvel e silenciosa.

Brissot, que passara o tempo do seu cativeiro a escrever Memórias em que parece menos preocupado com a morte próxima que com uma das grandes idéias da sua vida, a abolição da escravatura dos pretos, deixara cair a cabeça sobre o peito, absorto em suas meditações. Vergniaud não parecia revelar outro sentimento que não fosse o do tédio e do desdém. Os dois cunhados Ducos e Fonfrède abraçaram-se. O bispo Fauchet parecia orar. O ministro protestante Lasource voltou-se para os juizes, e disse: “Eu morro no dia em que o povo perdeu a razão; vós outros morrereis no dia em que ele a recuperar.”

Alguns bradaram: “Viva a República!” Houve um que não disse nada, enterrou um punhal no coração; foi o normando Valazé.

Os vinte restante saíram do tribunal entoando a *Marselhesa*.

Quando era meia-noite assentaram-se pela última vez à mesa da ceia, e, segundo o testemunho de um companheiro do carcereiro, passaram o resto da noite a falar da pátria. As novas de fora consolaram-nos nos últimos momentos. Sabiam que a vitória era outra vez por nós nesta guerra inevitável e necessária que eles tinham logrado declarar a despeito do seu perseguidor Robespierre.

O jovem Ducos fazia ouvir de quando em quando, no meio desta conversação suprema, as suas vivas agudezas. Até ao fim conservou a sua alegria heróica. Podia ter fugido e entregou-se de moto próprio para não se separar do seu amigo Fonfrède.

Vergniaud trazia consigo um veneno subtil, que lhe dera Condorcet antes do dia 2 de Junho, mas atirou-o fora para acabar com os seus e como os seus.

Uma frase sublime de Vergniaud resume para a posteridade esse carácter simpático e humano: “pretendem consumir a Revolução pelo terror; eu queria consumá-la pelo amor”.

No dia seguinte, 21 de Outubro, cerca do meio-dia, vieram buscar os condenados. Quando as cinco carroças que os conduziam saíram da *Conciergerie*, os Girondinos tornaram a entoar em coro o hino nacional, alternado com este outro cântico:

Antes mortos do que escravos!
É divisa dos Franceses...

e com um grito de: Viva a República!

À beira do cadafalso o coro foi enfraquecido à medida que diminuía os cantores, mas só cessou de todo quando o último dos vinte e um subiu a escada fatal.

Estes generosos e devotados iniciadores da República tiveram o talento necessário para ilustrar-lhe o berço e abrir-lhe o campo, mas não para a reger; conservaram-se-lhes fiéis até ao próprio momento em que ela os imolava, e não duvidaram um instante do seu futuro. A dúvida só assaltou aqueles dos seus amigos que lhes sobreviveram durante meses de aturadas angústias, para terem um fim mais horrível.

A memória dos Girondinos será eternamente sagrada para os amigos da liberdade, em França e em todo o mundo.

Alguns bandos de fanáticos e de indivíduos assalariados pela Comuna tinham rugido na sua passagem: “Morrão os traidores!” Mas a impressão da massa parisiense foi triste. No dia seguinte foram apresentadas queixas aos Jacobinos com respeito aos clamores que iam nos Mercados, contra “os marotos que foram causa da morte dos que foram guilhotinados ontem”.

XLII

Visita domiciliária

Lorin voltara para casa acompanhado por Maurício.

Maurício, para não comprometer abertamente o seu amigo, tinha adoptado o costume de sair pela manhã e não voltar senão à noite.

Ocupava-se em seguir de perto os acontecimentos, assistia à condução dos presos para a *Conciergerie*, e assim espreitava todos os dias se entre eles iria Genoveva, pois não tinha podido saber qual fosse a prisão para onde a tinham levado.

Lorin, depois da visita que ele fora fazer a Fouquier-Tinville, tinha-o avisado para que tivesse toda a cautela, porque o menor descuido podia deitá-lo a perder, e que assim se sacrificaria sem poder socorrer Genoveva; Maurício, que teria de boamente dado pretexto para que o encarcerassem, se pensasse que assim se poderia reunir com a amante, tornou-se prudente com receio de se ver separado dela para sempre.

La todas as manhãs da cadeia do *Carmo* à de *Porto Livre*, da *Madalena* a *S. Lázaro*, da *cadeia da cidade* à do *Luxemburgo*, e conservava-se à porta destas prisões na ocasião de saírem os carros com os acusados para o tribunal revolucionário.

Logo que tinha corrido a vista pelas vítimas, que saíam de uma destas cadeias, ia estacionar à porta de outra.

Mas em breve conheceu que não bastaria a actividade de dez homens juntos para vigiar daquela sorte as trinta e três prisões que havia então em Paris, e limitou-se a ir todos os dias para o tribunal revolucionário para ver se lá comparecia Genoveva.

Esta resolução já era de quem conservava pouca esperança. E na verdade, quais eram os recursos que podiam restar naquele tempo a um condenado depois da sentença?

Às vezes o tribunal, cujas sessões começavam às dez horas, tinha já condenado vinte ou trinta pessoas quando davam as quatro; o primeiro que era condenado ainda gozava de seis horas de vida, porém o último a ouvir ler a sentença às quatro horas menos um quarto, e às quatro e meia decepava-lhe o cutelo a cabeça.

Maurício sujeitando-se a uma tal contingência a respeito de Genoveva, mostrava pois que estava cansado de lutar com o destino.

Oh! Se ele tivesse sido prevenido com antecedência da prisão de Genoveva, como não teria iludido a justiça humana, tão cega naquela época!

Com que felicidade e prontidão teria arrancado Genoveva do calabouço onde jazia! Nunca as evasões tinham sido tão fáceis. E também se pode dizer, que nunca foram tão raras.

Os nobres todos, apenas os encarceravam, procuravam estabelecer-se com as comodidades que poderiam ter num palácio, e assim esperavam a morte.

Parecia-lhes que a fuga equivalia a quererem subtrair-se às conseqüências daquele duelo: até as próprias mulheres se envergonhavam de aceitar a liberdade, que por tal preço lhes era oferecida.

Porém Maurício não levava o escrúpulo tão longe.

Decerto não teria hesitado em comprar um chaveiro ou matar algum, se fosse preciso. E demais, o nome de Genoveva não era tão conhecido que atraísse a atenção do público... A fuga não seria para ela nenhuma desonra... E que o fosse!...

Recordava-se com desprezo dos jardins do *Porto livre*, tão fáceis de tomar de escalada; das celas do convento da *Madalena*, que tão comodamente podiam ser arrombadas, dos muros tão baixos do *Luxemburgo*, e dos sombrios corredores do *Carmo*, para os quais um homem animoso podia entrar com tanta facilidade, saltando por uma janela.

Mas estaria porventura Genoveva em alguma destas prisões?

Maurício então, cansado já de tanto duvidar e de tanto sofrer, rogava a Dixmer toda a casta de pragas, ameaçava-o e comprazia-se em alimentar o ódio que tinha àquele homem que escondia a sua infame vingança com a aparência de dedicação à causa da realeza.

– Hei-de encontrá-lo também – pensava Maurício consigo – porque se ele quiser salvar a desgraçada mulher, há-de sair a público, e se deseja perdê-la, há-de ir insultá-la. Hei-de encontrar aquele malvado, e mal dele quando esse dia chegar!

Na manhã do dia em que se deram os factos que vamos contar, Maurício tinha saído para ir assentar-se no seu lugar do costume no tribunal revolucionário.

Lorin ainda dormia.

Acordou sentindo à porta um grande motim de vozes de mulheres e coronhas de armas.

Olhou espantado em volta de si, como para examinar se estava à vista algum objecto que pudesse comprometê-lo.

Quase no mesmo instante entraram pela casa dentro quatro membros da sua secção, dois gendarmes e um comissário de polícia.

A visita era tão significativa, que Lorin tratou imediatamente de se levantar.

– Vêm prender-me? – perguntou ele.

– Venho, sim, cidadão Lorin.

– Por que motivo?

– Porque és suspeito.

– Ah! É verdade.

O comissário de polícia escreveu umas garatujas para concluir o auto de prisão.

– Onde está o teu amigo? – disse ele em seguida.

– Que amigo?

– O cidadão Maurício Lindey.

– Está em sua casa provavelmente – respondeu Lorin.

– Não está tal; está aqui.

– Ele? Essa é nova! Pois procura-o, e se o encontrares...

– Aqui está a denúncia – disse o comissário – é bem explícita.

E mostrou a Lorin um papel escrito em letra quase ilegível, e com a ortografia enigmática.

Dizia a denúncia que todas as manhãs saía de casa do cidadão Lorin o cidadão Lindey, contra quem havia mandado de captura por ser suspeito.

A denúncia era assinada por Simão.

– Ora esta! O demónio do remendão acaba por perder os fregueses, se continua assim a exercer dois ofícios ao mesmo tempo. Que acumulação! Ser espião da polícia e deitar meias solas! Este Sr. Simão é um César...

E deu uma gargalhada.

– Onde está o cidadão Maurício? – perguntou o comissário – onde está o cidadão

Maurício Lindey. Intimamos-te para que o entregues!

– Mas se lhe estou dizendo que não está aqui.

O comissário passou revista à casa, subiu a um sótão onde dormia o criado de Lorin, finalmente deu busca a todos os quartos, mas não encontrou vestígios de Maurício.

Todavia uma carta recentemente escrita, que estava sobre a mesa da casa de jantar deu na vista ao comissário.

Era de Maurício, que ali tinha deixado pela manhã antes de sair, para não acordar o amigo conquanto dormissem juntos.

“Vou para o tribunal – dizia Maurício – não me esperes para o almoço, só à noite voltarei.”

– Cidadãos – disse Lorin – conquanto eu tenha muito empenho em obedecer-lhes sem demora, bem vêem que não posso acompanhá-los assim em camisa. Concedam-me licença para que chame o meu criado para me vestir.

– Olhem o aristocrata – disse uma voz – precisa que o vistam!

– É assim mesmo! – respondeu Lorin – sou exactamente como o cidadão Dagoberto. Notem que não me servi da palavra *rei*.

– Ora vamos, veste-te – disse o comissário – mas trata de aviar-te.

O criado desceu do sótão e veio ajudar a vestir o amo.

O verdadeiro fim que Lorin tinha em vista não era ter um criado para o ajudar a vestir; queria que o criado presenciase tudo quanto ali se passava para depois o contar a Maurício.

– Agora meus senhores... Perdão, cidadãos, queria eu dizer, agora, cidadãos, estou pronto para os acompanhar; mas não, esperem ainda um pouquinho e permitam que leve o último volume das *Cartas a Emília*, pelo Sr. Demoustier, que acabam de sair à luz e ainda não li; é para me distrair do rigor do cativeiro.

– O teu cativeiro!... – disse de repente Simão, que tinha conseguido ser nomeado membro da municipalidade e vinha entrando acompanhado por quatro seccionários. – Não há-de durar muito. Estás implicado no processo da mulher que quis ajudar a *Austríaca* a fugir, e há-de ser julgada hoje... Como tu o serás amanhã, depois de teres feito o teu depoimento.

– Sapateiro – disse Lorin com seriedade – muito depressa cozes tu as solas!

– Pois sim, mas que linda função não há-de ser! – replicou Simão com um sorriso hediondo – tu verás, meu granadeiro.

Lorin encolheu os ombros.

– Então! Vamo-nos embora? – perguntou ele – estou já impaciente.

E ao mesmo tempo que todos voltavam as costas para descer a escada, Lorin atirou a Simão um tão valente pontapé, que o fez ir rebolando aos berros pela escada abaixo.

Os indivíduos presentes não puderam conter o riso, e Lorin meteu as mãos nos bolsos.

– E de mais a mais estando eu no exercício das minhas funções! – exclamou Simão tornando-se fulo de raiva.

– Não duvido – respondeu Lorin – todos nós estamos no exercício das nossas funções!

Chegados que foram abaixo, mandaram-no subir para uma carruagem de aluguer, e o comissário levou-o consigo para o palácio da justiça.

XLIII

Lorin

Querendo o leitor acompanhar-nos novamente ao tribunal revolucionário, encontraremos lá Maurício no mesmo lugar, onde já o vimos; a única diferença será acharmo-lo muito mais pálido e agitado.

Na ocasião em que passámos a correr o pano de tão lúgubre teatro, para onde somos levados mais pela força dos acontecimentos do que por predilecção nossa, estão os jurados

deliberando, por que acabou de ser debatida uma causa; dois dos acusados vestidos já como haviam de caminhar para o cadafalso (costume em voga naquela época para ridicularizar os juízes), estavam conversando com os advogados, que lhes respondiam com as palavras vagas que no geral emprega o médico que desespera de salvar o doente.

O povo das galerias estava naquele dia animado de espírito feroz, o que muito contribuía para excitar ainda mais a severidade dos juízes: os jurados, são como os actores, que desempenham melhor os seus papéis quando têm de os representar em frente de um público que se mostra rigoroso.

O resultado tinha sido a condenação de cinco acusados, desde as dez horas da manhã.

Os dois que então se achavam assentados no banco dos réus estavam esperando pois pelo *sim* ou pelo *não*, que devia torná-los à vida ou entregá-los à morte.

O povo que assistia a este espectáculo, e que pelo hábito daquela tragédia quotidiana se havia tornado feroz; o povo, dizemos, preparava-se com as suas interpelações para o momento terrível.

– Olha, olha, vês aquele alto! – dizia uma mulher sem touca e com um enorme laço tricolor pregado no cabelo; – como está pálido, parece já estar morto!

O condenado olhou com um sorriso de desprezo para a mulher que apontara para ele.

– Que estás a dizer? – replicou a outra, que estava próxima – lá se está ele rindo.

– Sim, mas é riso amarelo.

Um patriota puxou pelo relógio.

– Que horas são? – perguntou um companheiro.

– Faltam dez minutos para a uma; há três quartos de hora que dura esta função.

– Não se podem queixar, chegaram ao meio-dia, hão-de ser degolados à uma hora.

– E aquele sujeito baixinho – gritou outro espectador – olha para ele! Que feia cara não fará quando espirrar no saco!

– História! O negócio conclui-se num relance, não há tempo para reparar.

– Pois nesse caso, pediremos a cabeça ao Sr. Sansão; temos direito para a ver.

– Vê, que bonita casaca azul ele traz; olha que sempre é uma pechincha para os pobres a degolação da gente que anda bem vestida.

E com efeito os pobres, conforme o executor tinha dito à rainha, herdavam o espólio das vítimas; o fato todo dos justicados era levado para a Salpêtrière logo depois da execução, e lá o distribuía pelas pessoas indigentes; o fato da rainha tinha tido o mesmo destino depois da execução.

Maurício ouvia indiferentemente estas palavras sem lhes prestar atenção; cada um dos indivíduos presentes estava naquele momento preocupado por alguma idéia que lhe absorvia todas as faculdades.

Havia já alguns dias que o coração apenas lhe palpitava por intervalos; de tempos a tempos, o receio ou a esperança pareciam suspender-lhe o curso da vida, e estas oscilações contínuas haviam-lhe de alguma forma aniquilado a sensibilidade do coração, substituindo-lha por uma espécie de atonia.

Voltando os jurados, continuou a sessão, e conforme já se esperava, o presidente leu a condenação dos dois acusados que ouviam impassíveis.

Levaram-nos para fora; saíram com passo firme: naquela época todos sabiam morrer.

Ressou então a voz lúgubre e sinistra do oficial de diligências clamando:

– O cidadão acusador público contra a cidadã Genoveva Dixmer!

Maurício sentiu um tremor por todo o corpo, e um suor frio lhe umedeceu o rosto.

Abriu-se a portinha por onde entravam os acusados e apareceu Genoveva.

Vinha vestida de branco, e trazia um penteado muito engraçado, porque tinha disposto o cabelo em canudos em volta da cabeça, em vez de o cortar como faziam muitas pessoas.

É evidente que a pobre Genoveva tinha querido parecer bem até ao último momento àquele que provavelmente ali havia de ir vê-la.

Maurício, logo que avistou Genoveva, sentiu que lhe faltava o ânimo de que tinha procurado revestir-se naquela ocasião, e contudo, já esperava aquele golpe, porque havia doze dias que não faltava a sessão nenhuma, e naquele espaço de tempo já por três vezes lhe ferira o nome de Genoveva proferido pelo acusador público: mas há pesares tão profundos que formam um abismo que ninguém pode sondar.

Todos quantos viram entrar aquela rapariga tão formosa, tão ingênua e tão pálida, deram um grito, uns de furor (havia naquela época gente que detestava toda a casta de superioridade, fosse ela de formosura, de dinheiro, de gênio ou de nascimento), outros de admiração, e alguns de dó.

Genoveva conheceu, sem dúvida, um grito que sobressaiu entre todos, uma voz que entre todas se tornou mais firme, porque se voltou para o lado onde estava Maurício, enquanto o presidente folheava o auto de acusação da ré, olhando ao mesmo tempo para ela mui disfarçadamente.

Logo avistou Maurício, apesar de ter o rosto encoberto pelas imensas abas do chapéu: voltou-se então de todo com um suave sorriso e um gesto mais suave ainda: levou as duas mãos rosadas e trémulas aos beijos, e entregou toda a sua alma a um beijo perdido, entre toda aquela grande multidão, mas que um só tinha direito de tomar para si.

Um murmúrio de compaixão ressoou por toda a sala; Genoveva, tendo sido interpelada, voltou-se para os juizes, mas parou no meio deste movimento, dilatando os olhos e fitando-os com uma expressão indizível de terror, num ponto da sala.

Foi debalde que Maurício se pôs nos bicos dos pés para ver o que era: nada percebeu, ou, por outra, logo foi distraído por um assunto mais importante, que lhe atraiu a atenção para a cena, isto é, para o tribunal.

Fouquier-Tinville tinha começado a ler o auto de acusação.

Dizia o auto que Genoveva Dixmer era mulher de um encarniçado conspirador, suspeito de ter ajudado Filipe Taverney nas multiplicadas tentativas efectuadas para salvar a rainha.

Além de que, tinha sido encontrada de joelhos defronte da rainha, rogando-lhe que trocasse o vestuário com o dela e oferecendo-se para morrer em seu lugar. Um fanatismo tão estúpido – dizia o auto de acusação – há-de provocar necessariamente os elogios dos contra-revolucionários.

“Porém hoje em dia – continuava o auto – todo o cidadão francês deve a vida à nação unicamente, e quem a sacrifica aos inimigos da França é duas vezes traidor.”

Genoveva, quando lhe perguntaram se confessava ter sido encontrada, como tinham asseverado os gendarmes Duchesne e Gilberto, aos pés da rainha, rogando-lhe que trocasse com ela o vestuário, respondeu simplesmente:

– É!

– Sendo assim – disse o presidente – conte-nos qual era o plano e a sua esperança.

Genoveva sorriu e respondeu:

– Uma mulher pode nutrir uma esperança, mas não sabe traçar um plano no género deste de que eu estou sendo vítima.

– Então por que motivo estava ali?

– Porque não era senhora das minhas acções e fui obrigada.

– Quem a obrigou? – perguntou o acusador público.

– Alguém que me ameaçou com a morte se eu não obedecesse.

E os olhos irados de Genoveva fitaram-se novamente no tal ponto da sala, que Maurício não podia ver.

– Mas para escapar à morte com que a ameaçavam, arrostando com a que devia necessariamente resultar da sua condenação?

– Quando eu cedi, tinha o punhal apontado ao peito, ao passo que o cutelo da guilhotina ainda estava longe da minha cabeça. Cedi à violência daquele momento.

– Porque não bradou por socorro? Qualquer cidadão a teria defendido.

– Ai! Senhor – respondeu Genoveva com uma expressão tão triste e tão terna ao mesmo tempo, que Maurício sentia que se lhe dilacerava o coração; – ai! Eu já não tinha ali quem me protegesse.

O enternecimento ia sucedendo à compaixão, assim como a compaixão tinha sucedido à curiosidade.

Muitas pessoas abaixaram a cabeça, umas para esconderem as lágrimas, outras para lhes darem livre curso.

Maurício então avistou à sua esquerda uma cabeça, que se conservava erguida, um rosto que permanecia inflexível.

Era Dixmer, que estava de pé, com olhar sombrio, implacável, e não perdendo de vista nem Genoveva nem o tribunal.

O sangue afluíu às fontes do mancebo; a raiva subiu-lhe do coração à cabeça despertando-lhe descomedidos desejos de vingança. Dirigiu para Dixmer um olhar carregado de ódio tão forte, que, este, como se fora atraído pelo fluído ardente, virou o rosto para o seu inimigo.

As vistas de ambos cruzaram-se como dois raios.

– Diga-me os nomes dos seus instigadores; – perguntou o presidente.

– Foi um unicamente, senhor.

– Quem era?

– Meu marido.

– Sabe onde pára?

– Sei.

– Indique a sua morada.

– Está em França talvez, mas não quero praticar uma tal vileza, não me compete a mim denunciar a morada dele; toca ao senhor descobri-la.

Maurício olhou para Dixmer.

Dixmer não se moveu.

Passou uma idéia pela cabeça do mancebo: era denunciá-lo a ele denunciando-se a si próprio; mas afastou-a.

– Não – disse ele consigo afastando este pensamento – não é assim que ele deve morrer.

– Visto isso, nega-se a guiar-nos nas nossas indagações? – disse o presidente.

– Parece-me, senhor, que não posso fazê-lo – respondeu Genoveva – sem me tornar tão desprezível aos olhos de todos quanto ele o é aos meus.

– Há alguma testemunha? – perguntou o presidente.

– Há uma – respondeu o oficial de diligências.

– Chame a testemunha.

– Hipólito Jacinto Lorin! – bradou o oficial de diligências.

– Lorin! – exclamou Maurício. – Oh! Meu Deus! Que sucederia então?

A cena que descrevemos ocorria no dia da prisão de Lorin, e Maurício não sabia de semelhante prisão.

– Lorin! – murmurou Genoveva olhando em volta de si com dolorosa solicitude.

– Por que motivo não responde a testemunha à chamada? – perguntou o presidente.

– Cidadão presidente – disse Fouquier-Tinville – a testemunha foi agora mesmo presa em casa, em virtude de uma denúncia que tivemos; não tarda que a conduzam aqui.

Maurício estremeceu.

– Ainda havia outra testemunha mais importante – continuou Fouquier – porém essa ainda não foi possível encontrá-la.

Dixmer voltou-se para Maurício sorrindo: era provavelmente a mesma idéia que tinha tido o amante que agora ocorria ao marido também.

Genoveva empalideceu e deixou-se cair na cadeira soltando um gemido.

No mesmo instante entrou Lorin acompanhado de dois soldados de polícia.

Logo após ele, e pela mesma porta, apareceu Simão, o qual foi assentar-se dentro da teia como pessoa da casa.

- O seu nome e apelido? – perguntou o presidente.
- Hipólito Jacinto Lorin.
- A sua ocupação?
- Homem livre.
- Não o hás-de ser muito tempo – disse Simão ameaçando-o.
- Tem algum parentesco com a ré?
- Não, mas tenho a honra de ser seu amigo.
- Sabe que ela entrava na conspiração para o rapto da rainha?
- Como havia de eu saber isso?
- Podia ela ter-lho confiado.
- A mim? Membro da secção dos Termópilas? Está zombando.
- Todavia, foi visto algumas vezes em companhia da acusada.
- É muito possível que me vissem com ela não só *algumas* mas mesmo *muitas* vezes.
- Não ignora que era uma aristocrata?
- Sabia que era mulher de um mestre curtidor.
- O marido não trabalhava pelo ofício de curtidor, o ofício era apenas um disfarce para

encobrir as suas maquinações?

- Disso nada sei; não era afeiçoado ao marido.
- Fale-nos do tal marido.
- Oh! Com muito gosto! Era um malvado...
- Sr. Lorin – disse Genoveva – por piedade!

Lorin prosseguiu sempre impassível.

– Que sacrificou a pobre mulher que está aqui presente, por motivos de ódio pessoal, e não para alcançar fim algum político, como por aí se tem espalhado; fora com ele! A meu ver é quase tão vil como Simão.

Dixmer tornou-se furo: Simão quis falar, mas o presidente impôs-lhe silêncio com um aceno.

– Parece que sabe perfeitamente toda a história, cidadão Lorin, – disse Fouquier; – queira contá-la.

– Peço perdão, cidadão Fouquier – respondeu Lorin levantando-se – já disse quanto sabia.

Cortejou e tornou a assentar-se.

– O cidadão Lorin – prosseguiu o acusador – tem obrigação de esclarecer o tribunal.
– Pois que se esclareça com o que eu acabei de dizer. Quanto a esta pobre mulher, repito que está inocente, não fez mais do que ceder à violência que lhe fizeram. Basta olhar para ela; parece-lhes que tenha ares de conspiradora? Foi obrigada a fazer o que fez, e mais nada.

– Julga isso?

– Estou certo de que assim foi.

– Em nome da lei – disse Fouquier – Tinville que a testemunha Lorin compareça perante o tribunal como culpado de cumplicidade com esta mulher.

Maurício deu um gemido.

Genoveva escondeu o rosto com as mãos.

Simão exclamou arrebatado de alegria:

– Cidadão acusador, agora sim, agora salvaste tu a pátria!

Lorin não respondeu coisa alguma; saltou por cima da balaustrada, assentou-se ao lado de Genoveva, pegou-lhe na mão, e beijando-a com respeito, disse com uma tal fleuma que electrizou a assembléia.

– Bons-dias cidadã, como tem passado?

E em seguida assentou-se no banco dos réus.

Continuação do precedente

Toda aquela cena tinha sido passada como uma visão fantasmagórica perante Maurício, que havia presenciado tudo encostado ao punho do sabre, que nunca largara; estava vendo cair os seus amigos um a um naquela voragem, que não restituía as suas vítimas e esta imagem da morte causou-lhe tamanha impressão, que a si próprio perguntou por que motivo ele, companheiro daqueles desgraçados, se agarrava ainda às bordas do precipício, e não cedia à vertigem que o arrastava com eles.

Lorin, ao saltar a balaustrada, tinha reparado na cara sombria e escarnecedora de Dixmer.

Logo que se assentou ao lado de Genoveva, como já dissemos, falou-lhe ao ouvido.

– Oh! Meu Deus! – disse ela – sabe que Maurício está aqui?

– Onde?

– Não olhe ainda, para não o comprometer.

– Fique descansada.

– Atrás de nós, ao pé da porta. Que pena ele não terá, se formos condenados!

Lorin encarou Genoveva com terna compaixão.

– Havemos de sê-lo, esteja certa. O engano seria demasiado cruel, se tivéssemos a imprudência de ainda ter esperanças.

– Oh! Meu Deus! – disse Genoveva. Pobre amigo! Que vai ficar só na terra!

Lorin voltou-se então para onde estava Maurício, e Genoveva, não podendo resistir à tentação, também olhou a furto para o mancebo.

Maurício tinha os olhos fitos neles, e comprimia com a mão as pulsações do coração.

– Há ainda um meio de a salvar – disse Lorin.

– Deveras? – perguntou Genoveva brilhando-lhe os olhos de alegria.

– Oh! Posso asseverar-lhe que é infalível.

– Ai, meu caro Sr. Lorin, se me salvasse, como eu o abençoaria!

– Mas o meio que me lembrou... – replicou o mancebo.

Genoveva leu-lhe a hesitação nos olhos

– Então também o senhor o viu? – perguntou ela.

– Sim, já o vi Quer ficar salva? Obrigue-o a vir assentar-se também nesta cadeira de ferro.

Dixmer adivinhou provavelmente pela expressão do olhar de Lorin quais eram as palavras que ele proferia, porque se tornou pálido, mas serenou logo o parecer continuando com o mesmo olhar sombrio e o mesmo sorriso infernal.

– É impossível – disse Genoveva; – não poderia continuar a odiá-lo.

– Diga antes que ele sabe muito bem quanto a senhora é generosa, e está desafiando-a impunemente.

– Não há dúvida, porque está seguro de si, de mim, de todos nós.

– Genoveva, Genoveva, eu não sou tão condescendente como a senhora; consinta que o arraste para aqui, e deixe-o morrer.

– Não, Lorin, suplico-lhe; nada quero ter de comum com aquele homem, nem sequer a morte; parece-me que se eu morresse juntamente com Dixmer fazia uma infidelidade a Maurício.

– Mas dessa forma a Sr^a. não morre.

– Como poderei eu viver depois dele morto?

– Ah! – disse Lorin – muita razão tem Maurício em lhe ter tanto amor! A senhora é um anjo, e a pátria dos anjos é no Céu. Pobre e querido Maurício!

Entretanto Simão, não podendo ouvir o que diziam os dois acusados, devorava-lhes com os olhos a fisionomia, à falta de palavras.

– Cidadão gendarme – disse ele – não consintas que os conspiradores continuem a tramar

contra a república, até dentro do recinto do tribunal revolucionário.

– Não te assustes – respondeu o gendarme; – sabes muito bem, cidadão Simão, que aqui ninguém conspira, e ainda que conspirem não é por muito tempo. Os cidadãos estão conversando, e se a lei não proíbe que se converse dentro do carro do executor, como pode proibir que se converse no tribunal?

O gendarme era Gilberto, o qual, tendo conhecido que a presa era a mesma que ele havia agarrado na prisão da rainha, mostrava, com usual probidade, o interesse que não podia deixar de tomar por quem tinha praticado uma acção de valor e de dedicação.

O presidente, tendo consultado os juizes, anuiu ao convite de Fouquier-Tinville, e deu princípio às perguntas:

– Acusado Lorin – perguntou ele – de que natureza eram as relações que tinhas com a cidadã Dixmer?

– De que natureza?

– Sim.

A pura amizade unia
O seu ao meu coração;
Eu como irmão a amava
E ela a mim como irmão.

– Cidadão Lorin – disse Fouquier-Tinville – os teus versos não prestam.

– Porque motivo? – perguntou Lorin.

– Porque *irmão e coração* não fazem boa rima.

– Pois corta e emenda, cidadão acusador, corta, que é o teu ofício.

O rosto impassível de Fouquier-Tinville descorou levemente ao ouvir tão terrível gracejo.

– E o cidadão Dixmer – perguntou o presidente – não levava a mal as relações da mulher com um homem que se dizia republicano?

– Oh! A esse respeito nada posso dizer; já declarei que nunca tive intimidade alguma com o cidadão Dixmer, o que muito estimo.

– Porém, o que tu não dizes – replicou Fouquier-Tinville – é que o teu amigo, o cidadão Maurício Lindey, foi a cadeia que te prendeu à acusada com essa amizade tão pura, que lhe consagras.

– Se o não digo – respondeu Lorin – é porque me parece mal dizê-lo, e creio que o cidadão presidente no meu caso procederia do mesmo modo.

– Os cidadãos jurados – disse Fouquier-Tinville – darão o seu devido valor a tão singular aliança de dois republicanos com uma aristocrata, e isso na ocasião em que a mesma aristocrata aparece implicada na mais séria conspiração que até hoje se tem tramado contra o país.

– Como querias tu que eu tivesse notícia dessa conspiração de que falas, cidadão acusador? – perguntou Lorin irritado mais do que assustado pela brutalidade do argumento.

– Conheces essa mulher, eras amigo dela, tratavam-se como irmãos, e não sabias os passos que ela dava? Como é possível, conforme há pouco disseste – perguntou o presidente – que ela, só, perpetrasse a acção de que é acusada?

– Ela não a perpetrou sozinha – replicou Lorin empregando as palavras técnicas de que tinha usado o presidente; – ela já lho disse, e ainda repito que foi o marido quem a obrigou.

– Então como é que tu não conhecias o marido – disse Fouquier-Tinville, – vivendo ele junto com a mulher?

Bastava que Lorin contasse a primeira desapareição de Dixmer, os amores de Genoveva com Maurício, e finalmente a maneira por que o marido tinha tirado a mulher do poder deste, escondendo-a num asilo impenetrável, para se justificar de qualquer conivência esclarecendo todas as dúvidas.

Mas, se o fizesse, atraiçoaria o segredo dos seus amigos, e obrigaria Genoveva a corar na presença de quinhentas pessoas.

Lorin abanou a cabeça, como para dizer que não a si mesmo.

– Então – perguntou o presidente – que tem a responder ao cidadão acusador?

– Que a sua lógica é admirável – disse Lorin – e que teve a habilidade de me convencer de uma coisa de que eu não tinha a menor idéia.

– Que é?

– É que sou, conforme se vê, o mais terrível conspirador que até hoje tem aparecido.

Esta declaração provocou uma hilaridade geral. O mancebo tinha proferido estas palavras com uma entoação a que nem os próprios jurados puderam resistir.

Fouquier conheceu a caçoadá; e como, graças à sua incansável perseverança, tinha conseguido saber todos os segredos dos acusados, tão bem como eles próprios, não pôde deixar de admirar o procedimento de Lorin.

– Vamos – disse ele – cidadão Lorin, defende-te. O tribunal há-de atender-te, porque conhece a tua vida passada, que indiscutivelmente sempre foi de republicano honrado.

Simão quis falar; o presidente acenou-lhe para que se calasse.

– Fala cidadão Lorin – disse ele – estamos prontos a ouvir-te.

Lorin tornou a abanar a cabeça.

– Esse silêncio equivale a uma confissão – replicou o presidente.

– Nego – disse Lorin – o meu silêncio é silêncio e nada mais.

– Mais uma vez – disse Fouquier-Tinville – resolves-te a falar?

Lorin voltou-se para o auditório, a fim de interrogar Maurício com a vista para saber o que lhe cumpria fazer.

Maurício não fez sinal a Lorin que falasse, e Lorin ficou calado.

Era o mesmo que se condenasse a si próprio.

O que se seguiu foi executado com rapidez.

Fouquier resumia a acusação: o presidente resumia os debates: os jurados retiraram-se para deliberar e voltaram com um *verdictum* que dava por provado o crime de Lorin e Genoveva.

O presidente limitou-se a sentenciá-los ambos com a pena de morte.

Estavam dando duas horas no relógio do palácio.

O presidente levou a proferir a sentença tanto tempo quanto o relógio levou a dar as horas.

Maurício ouviu aqueles dois sons, que se fundiam um no outro.

Quando cessaram as duas vibrações da voz e do sino, já não tinha força para mais.

Os gendarmes levaram Genoveva e Lorin.

Este havia oferecido o braço a Genoveva.

Ambos disseram adeus a Maurício, mas de um modo muito diferente.

Lorin sorriu; porém Genoveva, pálida e quase desmaiada, atirou-lhe um último beijo com os dedos umedecidos de lágrimas.

Tinha conservado até ao último instante a esperança de viver, e carpia agora, não a vida que ia perder, mas sim o amor que se lhe ia acabar com a vida.

Maurício, quase louco não correspondeu a esta despedida dos amigos, ergueu-se pálido, e como desvairado, do banco em que se tinha deixado cair. Os seus amigos já tinham desaparecido.

Conheceu que um único sentimento ainda o animava; era o ódio que lhe ralava o coração.

Olhou uma última vez em volta de si, e avistou Dixmer, que ia saindo juntamente com os mais espectadores, e estava no acto de abaixar a cabeça para passar o arco do corredor.

Maurício, com a rapidez de uma mola que se solta, pulou de banco em banco até chegar à mesma porta.

Dixmer já tinha saído, e começava a descer a escada escura.

Maurício desceu atrás dele.

No momento em que Dixmer punha o pé nas lajes da sala grande, Maurício tocou com a mão no ombro de Dixmer.

O duelo

Tocar no ombro era naquela época coisa seriíssima.

Dixmer voltou-se e deu com Maurício.

– Ah! Bons-dias, cidadão republicano – disse Dixmer, sem mostrar alteração alguma, a não ser um tremor quase imperceptível, que logo reprimiu.

– Bons-dias, cidadão covarde – respondeu Maurício; – estava à minha espera, não é verdade?

– Pelo contrário – respondeu Dixmer – já não o esperava.

– Por que razão?

– Porque já há muito tempo que me devia ter procurado.

– Ainda chego cedo de mais para o teu desejo, assassino! – acrescentou Maurício ameaçadoramente.

– Parece que está deitando fogo pelos olhos, cidadão – replicou Dixmer. – Não tarda que nos conheçam e nos sigam.

– É verdade, e receias que te prendam, não é assim? Receias que te obriguem a subir ao cadafalso para onde mandas os outros? Pois eu quero que te prendam, porque me parece que falta hoje um criminoso à justiça nacional.

– Assim como falta um nome na lista dos homens de bem, não é verdade, desde que o seu foi de lá riscado?

– Está bom, falaremos mais de espaço a respeito de tudo isso; entretanto vingaste-te, e vilmente de uma mulher. Por que motivo, já que me esperavas, não me esperaste em minha casa no dia em que de lá roubaste Genoveva?

– Julgava que tinha sido o senhor o primeiro roubador.

– Deixa-te agora de graças, tu, que nunca até hoje deste mostras de a teres; nada de palavras: sempre te conheci mais pronto a obrar do que a falar, e como prova do que assevero lembrar-te-ei o dia em que me querias assassinar: naquele dia não tentaste disfarçar o teu carácter.

– E mais de uma vez me tenho arrependido de não ter executado o que me pedia o coração – respondeu Dixmer mui tranquilamente.

– Pois bem! – disse Maurício batendo no sabre, ofereço-te agora uma ocasião de satisfazeres o teu desejo.

– Amanhã, se quiser, hoje não.

– Por que motivo há-de ser amanhã?

– Ou esta noite.

– E porque não há-de ser já?

– Porque tenho que fazer até às cinco horas.

– Temos mais algum projecto horrendo – disse Maurício – mais alguma cilada?

– Ora, Sr. Maurício – replicou Dixmer – é na verdade muito ingrato. Pois não lhe basta ter eu consentido durante seis meses que namorasse em paz minha mulher? Durante seis meses respeitei sempre os seus encontros e fechei os olhos para não ver os seus sorrisos. Deve convir comigo, que nunca homem algum se mostrou tão pouco tigrino como eu.

– Era porque pensavas que te poderia servir para levars avante os teus planos, e por isso me poupavas.

– Não há dúvida! – respondeu Dixmer, conservando-se tão sereno quanto Maurício estava fora de si. – Não há dúvida! Enquanto atraçoava a sua república e ma vendia por um sorriso de minha mulher; enquanto se desonrava a si pela traição, e a ela pelo amor adúltero, desempenhava eu o papel de um homem prudente, de um herói. Esperava e triunfava antecipadamente.

– Que horror! – disse Maurício.

– É isso mesmo; estimo ver que sabe classificar o seu procedimento, senhor. Na realidade, é horrível e infame!

– Engana-se, o procedimento a que chamo horrível e infame é o do homem a quem tinha sido confiada a honra de uma mulher, que tinha feito juramento de conservar essa honra pura e intacta, e que, em vez de cumprir o seu juramento, procurou fazer da formosura da mulher um engodo vergonhoso para iludir um coração fraco. Era seu primeiro dever, senhor, proteger aquela mulher, e em lugar de a proteger vendeu-a.

– Eu lhe digo já o que me cumpria fazer, senhor – respondeu Dixmer; – cumpria-me salvar um amigo, que me ajudava a sustentar uma causa sagrada, assim como lhe sacrifiquei igualmente a minha honra. Não curei de mim, deixei-me ficar no esquecimento para aparecer na cena em último lugar. Agora já não tenho amigo: o meu amigo morreu apunhalado; não tenho rainha: a minha rainha morreu no cadafalso; agora só trato de me vingar!

– Cometendo um assassinio...

– O golpe que se descarrega sobre uma adúltera, não é assassinio, é castigo.

– Se foi adúltera, foi o senhor quem a obrigou a isso, o seu procedimento por conseguinte foi legítimo.

– Julga isso? – disse Dixmer com um sorriso irónico. – Indague pelos remorsos dela se pensa como o senhor.

– Quem castiga, vibra o golpe à vista de todos; tu não a estás castigando porque foges depois de a ferires, porque te escondes quando atiras com a cabeça dela para a guilhotina.

– Fujo! Escondo-me! Quem te disse isso, pobre louco? – perguntou Dixmer; – será esconder-me vir assistir à condenação! Será fugir ir à sala dos padecentes para lhe lançar em rosto o meu último adeus?

– Vai torná-la a ver – exclamou Maurício – vai dizer-lhe adeus?

– Já vejo – respondeu Dixmer encolhendo os ombros – que não entendes o que seja vingança, cidadão Maurício. Se estivesse no meu lugar, contentavas-te em abandonar os acontecimentos ao próprio impulso, e deixavas que as circunstâncias determinassem tudo; segundo o teu modo de pensar, se a mulher adúltera mereceu a morte, fico eu desonerado para comigo desde o momento em que lhe imponho a pena de morte. Não, cidadão Maurício, encontrei melhor do que isso: achei um meio de pagar àquela mulher todo o mal que me tem feito. Ela ama-te e vai morrer longe de ti, detesta-me e vai tornar a ver-me. Olha – continuou ele tirando uma carteira da algibeira; – vê esta carteira? Contém um bilhete assinado pelo secretário do Palácio. Com este bilhete posso entrar onde estão os padecentes; pois bem, hei-de penetrar até onde está Genoveva e hei-de chamar-lhe adúltera; hei-de ver cair-lhe o cabelo cortado pela tesoura do carrasco, e enquanto lhe estiverem cortando o cabelo, há-de ouvir a minha voz a repetir-lhe: adúltera! Hei-de acompanhá-la até ao carro do executor, e quando ela puser o pé sobre os degraus do cadafalso, a última palavra que há-de ouvir será: adúltera!

– Toma sentido! Pode ser que ela não tenha força para sofrer tanta cobardia e te denuncie.

– História! – disse Dixmer – não o fará porque me tem muito ódio; se ela quisesse denunciar-me, teria falado quando o teu amigo lho estava aconselhando ao ouvido, já que não me denunciou para salvar a vida, não me há-de denunciar agora para morrer comigo; porque sabe muito bem que se me denunciasse, ia demorar a sua execução mais um dia; que então havia de eu acompanhá-la não só até ao fim da escadaria do Palácio, mas até ao cadafalso: que em vez de a deixar junto do degrau, havia de subir ao carro com ela; e durante todo o trânsito havia de repetir-lhe esta palavra terrível: adúltera! Que sobre o próprio patíbulo ainda lha tornaria a dizer, e que no momento dela cair na eternidade, lá cairia esta acusação terrível juntamente com ela.

O rosto de Dixmer, transtornado pela raiva e pelo ódio, estava medonho; tinha agarrado na mão de Maurício, que, ao contrário, se ia acalmando à medida que Dixmer se exaltava.

– Ouve – disse o mancebo – para que a tua vingança seja completa, ainda te falta uma coisa.

– Que é?

– É poderes tu dizer-lhe: “À saída do tribunal encontrei o teu amante e matei-o.”

– Bem pelo contrário, prefiro dizer-lhe que vives, e que hás-de sofrer toda a tua vida do pesar que te há-de causar o espectáculo da sua morte.

– E contudo, é preciso que me mates – disse Maurício; – ou quando não – continuou ele olhando em volta de si e vendo que estava senhor do campo – hei-de ser eu que te hei-de matar a ti.

E pálido pela agitação, exaltado pela raiva, com as forças aumentadas pelo constrangimento em que tinha estado para ouvir Dixmer desenvolver até ao fim o seu terrível projecto, Maurício agarrou-o pela goela e puxou-o a si recuando para uma escada que descia até à margem do rio.

Dixmer, quando sentiu o contacto da mão de Maurício, conheceu que a raiva lhe inflamava o sangue como uma torrente de lava.

– Está bom – disse ele – não é preciso que me leves por força, lá vou.

– Pois bem, também estás armado.

– Já te sigo.

– Nada, vai adiante, porém desde já te aviso que ao menor sinal, ao menor gesto que fizeres abro-te a cabeça com uma cutilada.

– Oh! Tu bem sabes que eu não tenho medo – disse Dixmer com um sorriso que a palidez dos beijos tornava medonho.

– Medo do meu sabre não terás tu – murmurou Maurício – mas tens medo de perder a tua vingança. E entretanto – acrescentou ele – agora, que estamos finalmente cara a cara, podes desde já dizer-lhe adeus.

Tinham chegado efectivamente à borda da água, e conquanto pudessem ser vistos no sítio onde estavam, não era possível que alguém lá chegasse a tempo de evitar que se efectuasse o duelo.

E demais, ambos eles estavam possuídos de igual animosidade.

Desceram a escada que dá para o largo do palácio, e chegaram ao cais, que estava quase deserto, porque sendo apenas duas horas, ainda continuavam as condenações, e a multidão do povo tinha afluído ao tribunal, apinhando-se nos corredores e pátios.

Dixmer parecia tão desejoso de derramar o sangue de Maurício, quanto Maurício parecia sequioso do sangue de Dixmer.

Entranharam-se numa daquelas abóbadas que dão comunicação da *Conciergerie* para o rio, que são hoje apenas uns canos infectos, mas que outrora acarretaram, por mais de uma vez, cadáveres ensangüentados por fora dos calabouços da prisão.

Maurício colocou-se entre a água e Dixmer.

– Parece-me que afinal hei-de ser eu que te hei-de matar, Maurício – disse Dixmer – estás a tremer muito.

– E a mim, Dixmer – disse Maurício desembainhando o sabre e tomando-lhe a saída – parece-me, pelo contrário, que te hei-de matar e que depois de te haver morto hei-de tirar da tua carteira o bilhete de entrada que te deu o secretário do palácio. Oh! Escusas de abotoar a casaca; o meu sabre há-de abri-la, ainda que ela fosse de aço como as couraças antigas, isso te prometo eu.

– Pois hás-de tirar-me este papel? – perguntou Dixmer.

– Hei-de sim – respondeu Maurício – sou eu quem por meio desse papel, há-de ir ter com Genoveva: sou eu quem me hei-de assentar junto dela no carro do executor: sou eu quem lhe há-de murmurar ao ouvido enquanto ela viver: “Eu amo-te”; e quando lhe deceparem a cabeça, ainda lhe direi: “Eu amava-te”.

Dixmer fez um movimento com a mão esquerda para pegar no papel e atirá-lo ao rio juntamente com a carteira. Porém o sabre de Maurício, afiado como um cutelo, caiu-lhe sobre a mão com a rapidez de um raio, e separou-lha quase totalmente do braço.

O ferido deu um grito, e, sacudindo a mão cortada, pôs-se em guarda.

Começou então um combate terrível dentro daquela abóbada escura e solitária; os dois homens encerrados num espaço tão estreito que os golpes não podiam, por assim dizer, afastar-se da linha do corpo, escorregavam sobre as lajes úmidas e a custo se seguravam de encontro às paredes do cano: os ataques multiplicavam-se na razão da impaciência com que estavam os dois combatentes.

Dixmer já perdia muito sangue, e percebeu que lhe diminuía as forças juntamente com o sangue, e por isso acometeu Maurício com tal violência que este viu-se obrigado a dar um passo à retaguarda.

No acto de recuar, escorregou-lhe o pé esquerdo, e a ponta do sabre adversário roçou-lhe pelo peito. Porém Maurício, com um movimento rápido como o pensamento, assim mesmo ajoelhado, levantou o ferro com a mão esquerda e apresentou a ponta a Dixmer, o qual, cego de raiva e não podendo retrogradar de repente naquele chão inclinado, foi cair sobre o sabre, espetando-se nele.

Ouviu-se uma imprecação terrível, e em seguida vieram rolando os dois corpos até fora da abóbada.

Um único se tornou a erguer; era Maurício com o fato todo manchado pelo sangue do seu inimigo.

Puxou a si o sabre, e à medida que ele saía da ferida parecia que Maurício aspirava juntamente com a folha o resto da vida que ainda agitava com um estremecimento nervoso o corpo de Dixmer.

Depois de se certificar que estava morto, inclinou-se sobre o cadáver, abriu-lhe a casaca e afastou-se dali imediatamente.

Porém, olhando para si, viu que não poderia dar quatro passos na rua sem ser preso, pois estava coberto de sangue.

Aproximou-se da beira do rio, ajoelhou e lavou as mãos e o fato.

Feito isto subiu prontamente a escada, olhando uma última vez para a abóbada.

Um rego de sangue corria da embocadura do cais até ao rio.

Chegando ao pé do palácio, abriu a carteira de Dixmer e achou o bilhete de entrada, assinado pelo secretário da cadeia.

– Graças, Deus justo! – murmurou ele.

E subiu rapidamente os degraus, que davam entrada para a sala dos doentes.

Estavam dando três horas.

XLVI

A sala dos doentes

Os nossos leitores estarão lembrados que o secretário do *Palácio* tinha franqueado a Dixmer os registros dos assentamentos, e travado com ele relações de intimidade, que a companhia da esposa do colega secretário do ministério da guerra lhe tornava muito aprazíveis.

Aquele homem, como bem podem pensar, teve um susto imenso quando descobriu a conspiração de Dixmer.

O resultado era com efeito, nada menos do que figurar ele como cúmplice do fingido colega, e ser sentenciado à morte juntamente com Genoveva.

Fouquier-Tinville tinha-o chamado à sua presença.

Facilmente se pode avaliar o trabalho que teve o pobre homem para provar a sua inocência perante o acusador público; conseguiu-o contudo, graças à confissão de Genoveva, da qual se mostrava que ela não sabia dos projectos do marido. A fuga de Dixmer também havia contribuído para ele não ficar culpado, e o que sobretudo lhe valeu foi o empenho que tinha Fouquier-Tinville em que semelhante nódoa não recaísse em indivíduo pertencente à sua

administração.

– Cidadão – havia exclamado o secretário, abraçando-lhe os joelhos – perdoe-me por me ter deixado enganar.

– Cidadão – tinha respondido o acusador público – um empregado da nação que se deixa enganar nestes tempos em que vivemos, merece ser guilhotinado.

– Porém, cidadão, é lícito a qualquer ser tolo – replicou o secretário, o que estava com imenso desejo de poder chamar meu *senhor* a Fouquier-Tinville.

– Nenhum homem, seja tolo ou não – replicou o rígido acusador – deve consentir que iludam o seu amor pela pátria. Os gansos do Capitólio também eram tolos, e apesar disso tiveram tino de salvar Roma.

O secretário não tinha réplica alguma que dar a semelhante argumento; soltou um gemido e esperou.

– Estás perdoado – disse Fouquier – e até prometo que te hei-de defender, porque não quero que a respeito de um empregado meu haja sombra de suspeita; mas lembra-te que à menor queixa que me chegue aos ouvidos, à mais leve desconfiança de te acharem implicado neste negócio, hás-de ter a sorte dos mais.

É escusado dizer com que pressa e ansiedade o secretário foi ter com os redactores dos periódicos, sempre ávidos de contarem o que sabem, e às vezes mesmo o que não sabem, ainda que o resultado seja a morte de dez homens.

Procurou Dixmer por toda a parte para lhe pedir segredo; mas Dixmer, como era natural, tinha mudado residência, e não pôde encontrá-lo.

Chegou o dia em que Genoveva havia de comparecer no banco dos réus, mas já tinha declarado nos interrogatórios que nem ela, nem o marido, tinham cúmplices.

E como o secretário agradeceu com os olhos à pobre mulher quando a viu passar na ocasião que a levavam para o tribunal revolucionário!

Porém, apenas ela acabava de sair, e ao tempo que ele voltava para o cartório em busca de um processo que o cidadão Fouquier-Tinville havia reclamado, viu aparecer de repente Dixmer, que se dirigia para ele com passo vagaroso e sossegado.

Ficou petrificado com semelhante visão.

– Oh! – exclamou ele, como se houvera avistado um espectro.

– Que é isso, não me conheces? – perguntou o recém-chegado.

– Conheço, sim. És o cidadão Durand, ou por outra, o cidadão Dixmer.

– Isso mesmo.

– Mas olha que estás morto, cidadão!

– Ainda não, como vês.

– Quero dizer, que não tarda que te prendam.

– Quem queres tu que me prenda? – ninguém me conhece aqui.

– Conheço-te eu, e basta que eu diga uma palavra para tu ires parar à guilhotina.

– E basta que eu diga duas para tu seres guilhotinado juntamente comigo.

– Isso que estás dizendo é abominável!

– Nada, é lógico.

– Porém, que pretendes? Anda, fala, avia-te, porque, quanto menos conversarmos um com o outro, menos perigo teremos.

– Eu te digo o que quero. Minha mulher há-de ser condenada à morte, não é assim?

– Receio muito que sim! Pobre mulher!

– Pois bem! Desejo vê-la uma última vez para lhe dizer adeus!

– Onde?

– Na sala dos padecentes.

– E atreves-te a entrar lá?

– Porque não?

– Oh! – exclamou o secretário como arrepiando-se com a lembrança.

– Deve haver algum meio? – continuou Dixmer.

– Para entrar na sala dos padecentes? Há, sem dúvida.

– Qual é?

– É preciso obter um bilhete de admissão.

– E quem dá os bilhetes?

O secretário empalideceu horivelmente e balbuciou:

– Os bilhetes? Quer saber quem dá os bilhetes?

– Pergunto quem os dá – respondeu Dixmer; – parece-me que falo bem claro.

– Dão-se... aqui.

– Deveras! E quem é que costuma assiná-los?

– O secretário.

– Mas o secretário és tu?

– Sou eu, é verdade.

– Então saiu-me o negócio à medida do meu desejo – replicou Dixmer assentando-se: – assina-me aí um bilhete.

O secretário deu um pulo.

– Isso é o mesmo que me pedires a cabeça, cidadão – disse ele.

– Deixa-te de asneiras! O que te peço é um bilhete, – e nada mais.

– Vou mandar-te prender, desgraçado! – disse o secretário revestindo-se de ânimo.

– Pois manda – disse Dixmer: – mas olha que te denuncio logo como meu cúmplice, em vez de eu entrar sozinho na famigerada sala, hei-de aparecer lá na tua companhia.

O secretário enfiou.

– Ah! Malvado! – exclamou.

– Aqui não há malvadez – replicou Dixmer; – preciso falar a minha mulher, e peço-te que me dês um bilhete de admissão para ir ter com ela.

– Ora dize-me, realmente precisas muito de falar com ela?

– Preciso tanto que estou arriscando a cabeça para o conseguir.

Esta razão pareceu ao secretário muito plausível.

Dixmer percebeu que estava a ponto de anuir.

– Vamos lá – disse-lhe – sossega, ninguém o saberá. Com os demónios! Acho que não há-de ser esta a primeira vez que se oferece um tal caso.

– São muito raros. Não tem havido grande concorrência para semelhantes pedidos. Vejamos se é possível arranjar isso de outro modo.

– Estou pronto, se for possível.

– Não há a menor dificuldade. Podes entrar pela porta dos padecentes, porque para essa não é necessário bilhete. E depois, quando tiveres falado com tua mulher, chamar-me-ás, e eu mandarei que te deixem sair.

– Não é mau plano – disse Dixmer – mas infelizmente há uma certa história que por aí contam pela cidade.

– Que história é?

– É a de um corcunda que, por engano, pensando que entrava para o cartório, entrou para a sala em questão. E como para lá tinha entrado pela porta dos padecentes em vez de entrar pela geral, e não levava bilhete para fazer constar a sua identidade, quando o apanharam lá dentro não quiseram deixá-lo sair. Asseveraram-lhe que, visto ter entrado pela porta dos padecentes, tinha sido sentenciado como os outros.

Debalde protestou, jurou, clamou, ninguém lhe deu crédito, ninguém lhe acudiu, ninguém o mandou sair; de sorte que, apesar de todos os protestos, juramentos e gritos, o executor cortou-lhe primeiro o cabelo e depois a cabeça. Esta anedota será verídica, cidadão secretário? Deves sabê-lo melhor do que outra pessoa qualquer.

– Desgraçadamente é verídica! – respondeu o secretário da *Conciergerie*.

– Então bem vêes, que, sabendo eu de semelhantes equívocos, só estando doido me

aventuraria sem bilhete num tal covil.

– Mas se te estou dizendo que fico à tua espera!

– E se por acaso te chamarem? Se tiveres que fazer noutra parte? Se te esqueceres (Dixmer carregou nesta última palavra), se te esqueceres de que eu estou lá dentro?

– Mas, uma vez que te prometo...

– Não, e demais a mais seria um comprometimento para ti, poderiam reparar em que me falaste; finalmente, não me faz conta. Prefiro, portanto, um bilhete.

– É impossível.

– Pois então, querido amigo, hei-de falar, e daremos ambos um passeio até à praça da Revolução.

O secretário atordoado e já fora de si, assinou um bilhete de admissão para *um cidadão*.

Dixmer pegou nele com avidez e saiu apressadamente para ir ocupar na galeria o lugar em que o vimos.

Já se sabe o resto.

O secretário, para evitar qualquer ocasião de encontro, saiu imediatamente e foi assentar-se ao lado de Fouquier-Tinville, deixando a direcção do cartório entregue a um dos seus empregados.

Às três horas e dez minutos, Maurício tendo apresentado o bilhete, passou entre as alas dos chaveiros e gendarmes, e chegou sem o mínimo obstáculo à porta fatal.

A palavra fatal de que nos servimos é uma exageração porque havia duas portas: a porta geral, pela qual entravam e saíam os portadores dos bilhetes; e a porta dos padecentes, pela qual entravam os indivíduos que só tornavam a sair para marcharem para o patíbulo.

A casa onde Maurício acabava de entrar era dividida em dois repartimentos.

Em um dos repartimentos estavam assentados os empregados que tinham a seu cargo tomar nota dos nomes das pessoas que iam chegando: no outro, cuja mobília constava apenas de uns bancos de madeira, eram encerrados indivíduos que tinham sido presos e os que acabavam de ser condenados; a diferença, era, por assim dizer, nenhuma. A sala era sombria, e recebia apenas alguma luz pelos vidros de um tabique, que a separava do cartório.

Uma mulher, vestida de branco e quase desmaiada, estava assentada num canto e encostada à parede.

Defronte dela estava um homem, de pé, com os braços cruzados, abanando de vez em quando a cabeça, e como hesitando em lhe falar com receio de a obrigar a tornar a si.

Em volta daqueles dois personagens divisavam-se confusamente os grupos sentenciados, alguns dos quais choravam e soluçavam, e outros cantavam hinos patrióticos.

Outros passeavam arrebatadamente de um lado para o outro, como para fugir ao pensamento que os perseguia.

A sala era a verdadeira antecâmara da morte, e a mobília era perfeitamente apropriada.

Viam-se esquifes cheios de palha, e alguns abertos como para chamar os vivos; serviam ali de assentos, eram como túmulos provisórios.

Um armário muito grande estava colocado na parede fronteira à vidraça.

Um dos presos abriu-o por curiosidade, e recuou horrorizado.

O armário continha o fato ensangüentado dos padecentes do dia anterior, misturado de cabelo, que pendiam das prateleiras; eram as propinas do carrasco, que as vendia às famílias dos supliciados quando não tinha ordem das autoridades para queimar tão preciosas relíquias.

Maurício esbaforido e fora de si, apenas abriu a porta, viu logo toda esta cena.

Atravessou a sala e foi deitar-se aos pés de Genoveva.

A pobre mulher deu um grito, que Maurício abafou com um beijo.

Lorin, a chorar, apertou o amigo nos braços; eram as primeiras lágrimas que vertia.

Coisa singular, todos aqueles desgraçados ali reunidos para morrerem juntos olhavam com indiferença para o quadro tão patético da infelicidade dos desgraçados seus semelhantes.

A comoção que sentia cada um deles, era tal que não lhes deixava compartilhar os

pesares e tristezas dos mais.

Os três amigos conservaram-se um instante abraçados com ardor, e quase com alegria.

Lorin foi o primeiro que se desprende do triste grupo.

– Visto isso também foste sentenciado? – disse ele para Maurício.

– É verdade – respondeu este.

– Oh! Que ventura! – murmurou Genoveva.

O contentamento das pessoas a quem resta apenas uma hora de vida não pode durar mesmo esse pouco tempo.

Maurício, depois de haver contemplado Genoveva com aquele amor ardente e profundo, que tinha no coração, depois de lhe ter agradecido as palavras, tão egoístas e tão ternas ao mesmo tempo, que soltara, voltou-se para Lorin:

– Agora – disse ele agarrando as mãos de Genoveva entre as suas – conversemos.

– Ah sim, conversemos – respondeu Lorin; – se nos derem tempo para isso não será mau. Que queres tu dizer-me? Vejamos.

– Tu foste preso por minha causa, e sentenciado por causa dela sem teres cometido delito algum contra as leis; visto Genoveva e eu estarmos aqui para pagar a nossa dívida, não é justo que tu pagues sem deveres coisa nenhuma.

– Não percebo.

– Lorin, estás solto.

– Solto, eu? Tu estás doido! – disse Lorin.

– Não estou doido, não, e repito que estás solto; olha, aqui está uma senha para saíres. Hão-de perguntar-te quem és; dirás que és empregado na cadeia do Carmo; que vieste aqui para falar ao cidadão secretário do palácio, e que, por curiosidade lhe pediste um bilhete de entrada para veres os padecentes; que já os viste, estás satisfeito e te vais embora.

– Estás gracejando, não é assim?

– Não, querido amigo, aqui está o bilhete, aproveita a ocasião. Não estás namorado, como eu, não precisas morrer para passar mais alguns minutos ao lado da mulher que adoras, para não perder um segundo que seja da sua eternidade.

– Pois bem, Maurício – disse Lorin – visto que se pode sair daqui coisa que eu nunca imaginei que fosse possível, porque não trata primeiro de salvar esta senhora? E depois veremos como há-de ser para tu saíres.

– É impossível – respondeu Maurício com um aperto terrível de coração: – olha, vê o bilhete diz um cidadão e não uma cidadã; e demais, nem Genoveva quereria sair deixando-me aqui para viver sabendo que eu ia morrer.

– Então, se ela não quer, para que hei-de eu querer? Pensas porventura que tenho menos ânimo do que uma mulher?

– Não, meu amigo, sei, pelo contrário, que és um homem muito valente; mas a tua teimosia neste caso não tem desculpa nenhuma, vamos, Lorin, aproveita a ocasião e dá-nos o gosto de te ver solto e feliz.

– Feliz! – exclamou Lorin – estás brincando? Feliz! E como poderia ser feliz sem vocês? Que diabo queres tu que eu fique fazendo neste mundo sem vocês? Como poderei viver em Paris sem os ver, sem os ir apoquentar com os meus versos? Ah! Pela minha fé, que não pode ser!

Maurício insistiu exclamando:

– Lorin, meu amigo!

– Exactamente: mesmo por ser teu amigo é que teimo em ficar. Para sair deste lugar com vocês era capaz de arrostar tudo, de derrubar paredes até: mas fugir daqui só para ir divagar por essas ruas, cabisbaixo, e com voz semelhante a um remorso bradando-me de contínuo ao ouvido: Maurício! Genoveva! Para ir passar bairros e casas, onde costumava vê-los e onde só verei as suas sombras; para chegar finalmente um dia a odiar este querido Paris que tanto amo, e donde creio que tiveram muita razão em proscrever os reis, quando mais não fosse por causa do rei Dagoberto.

- Que relação tem Dagoberto com o que se está passando entre nós?
- Que relação tem? Pois aquele malvado tirano não costumava dizer ao grande Santo

Eloy:

“Por boa que seja qualquer companhia, sempre vem uma ocasião em que é forçoso deixá-la!”

Pois bem! Eu sou republicano e digo:

“Nunca se deve abandonar uma boa companhia, nem por causa da guilhotina: estou bem aqui e fico.”

– Pobre amigo! Pobre amigo! – disse Maurício.

Genoveva não dizia coisa nenhuma, porém olhava para ele com os olhos arrasados de lágrimas.

– Tu levas saudades da vida? – disse Lorin.

– Levo sim, por causa dela.

– Pois eu não levo nenhuma, nem mesmo por causa da deusa Razão, a qual, já me ia esquecendo de te dizer, portou-se ultimamente muito mal para comigo, e assim fica livre do incómodo de se consolar como a outra Artemísia, da antiguidade; em vista do que hei-de despedir-me do mundo muito sossegado e prazenteiro; hei-de divertir toda a brejeirada, que costuma vir correndo atrás do carro; hei-de mimosear o Sr. Sansão com uma linda quadra, e muito boas-noites... Ah! É verdade... Espera lá...

Lorin interrompeu-se.

– É verdade – disse ele; – é verdade, quero sair; eu bem sabia que não tinha amor a ninguém, mas esquecia-me que existe uma pessoa a quem odeio; vê o teu relógio, Maurício, vê o teu relógio.

– São três horas e meia.

– Ainda tenho tempo, com os demónios, ainda tenho tempo!

– E decerto – replicou Maurício – porque faltam ainda para julgar nove acusados, e não poderá terminar a sessão antes das cinco horas; temos ainda de nosso, quase duas horas.

– É quanto me basta; entrega-me o bilhete empresta-me vinte soldos.

– Oh! Meu Deus! Que vai fazer? – murmurou Genoveva aflita.

Maurício apertou-lhe a mão; o essencial para ele era que Lorin saísse.

– Cá tenho o meu projecto – disse Lorin muito sossegadamente.

Maurício puxou pela bolsa e entregou-a na mão do seu amigo.

– Ora agora o bilhete, pelo amor de Deus... quero dizer pelo amor do Ente Supremo.

Maurício deu-lhe o bilhete.

Lorin beijou a mão de Genoveva, e aproveitando a ocasião em que traziam para a sala uma fornada de sentenciados, com o maior desembaraço saltou para cima dos bancos e apresentou-se à porta.

– Olá – disse um gendarme – parece-me que já lá vai fugindo um.

Lorin parou e mostrou-lhe o bilhete.

– Aqui tens cidadão gendarme – disse ele – e para outra vez repara melhor nas pessoas.

O soldado conheceu a firma do secretário, mas como pertencia à categoria de funcionários que desconfiam geralmente de tudo, dirigiu-se ao secretário, que naquela ocasião vinha descendo do tribunal, possuído ainda do susto que se havia apoderado dele, desde o instante em que arriscara tão imprudentemente a vida pondo a sua assinatura no bilhete.

– Cidadão secretário – disse ele – está aqui um indivíduo que pretende sair da sala dos padecentes em virtude deste papel; está em forma.

O secretário enfiou com medo, e persuadido que, se olhasse, ia ver diante de si o rosto

terrível de Dixmer, apressou-se em responder, pegando no bilhete:

– Sim, sim, é a minha firma.

– Então – disse Lorin – visto teres verificado a firma, restitui-mo.

– Nada, disse o secretário rasgando o bilhete em mil pedaços, nada! Estes bilhetes não podem servir para mais de uma vez.

Lorin permaneceu irresoluto por alguns instantes.

Depois disse consigo:

– Por esta não esperava eu! Mas não importa, é preciso matá-lo primeiro que tudo.

Maurício tinha seguido os movimentos de Lorin com uma ansiedade, que facilmente se pode avaliar; logo que Lorin desapareceu, disse para Genoveva com uma exaltação que parecia de alegria:

– Está salvo! Rasgaram-lhe o bilhete, não pode tornar a entrar; e demais, ainda que pudesse para aqui voltar, a sessão do tribunal há-de estar a acabar; quando ele voltar às cinco horas, já nós estaremos mortos.

Genoveva deu um suspiro e estremeceu.

– Oh! Aperta-me em teus braços – disse ela – e não nos separemos mais. Porque não será possível, meu Deus! que o mesmo golpe nos aniquile a ambos, para exalarmos juntos o último suspiro?

XLVII

O ajudante de Sansão

Retiraram-se então para o fundo da sombria sala; Genoveva assentou-se ao pé de Maurício e deitou-lhe os braços ao pescoço, e assim enlaçados, respirando o hálito um do outro, e extinguindo antecipadamente em si próprios o movimento e o pensar, procuraram esquecer, a poder de amor, a aproximação da morte.

Passou-se meia hora.

De repente ouviu-se um grande motim, os gendarmes entraram pela porta pequena, e atrás deles vinha Sansão com os seus ajudantes, que traziam maços de cordas.

– Oh! Meu amigo, meu amigo! – disse Genoveva – está chegado o momento fatal, sinto-me desfalecer.

– Pois não tem razão, disse a voz sonora de Lorin:

Enganai-vos, na verdade!

A morte é a liberdade!...

– Lorin! – exclamou Maurício com desesperação.

– Não prestam, não é verdade? Sou do teu parecer; de ontem para cá não tenho feito um único verso que tenha jeito...

– Não é disso que se trata; voltaste, desgraçado! Voltaste!

– Parece-me que era esse o nosso ajuste. Ouve-me, porque o que eu tenho a dizer-te não só te interessa a ti como também a esta senhora.

– Meu Deus!

– Deixa-me falar, quando não, não tenho tempo de te contar a história. Eu queria sair para ir comprar um punhal à rua da Barillerie.

– Que querias fazer com o punhal?

– Matar o honrado Dixmer.

Genoveva estremeceu.

– Ah! – disse Maurício – agora percebo.

– Comprei-o. Eis aqui o que dizia com os meus botões e verás que espírito tão lógico tem o teu amigo. Está-me até parecendo que devia ter estudado para matemático em lugar de me

tornar poeta. Infelizmente já agora não é tempo. Mas ouve o que dizia comigo, vê como discorria: o Sr. Dixmer comprometeu a mulher e veio assistir ao seu julgamento, é muito natural que procure ter o gosto de a ver passar no carro, especialmente indo nós na sua companhia. Tenho portanto a certeza de o encontrar na fileira da frente dos espectadores; chego-me a ele, digo-lhe: “Bons-dias, Sr. Dixmer” e com estas palavras cravo-lhe o meu punhal no peito.

– Lorin! – exclamou Genoveva.

– Sossega, querida amiga, a Providência já tinha regulado o negócio. Figure-se-lhe que os espectadores, em vez de se conservarem pasmados para a frente do palácio, como é costume, tinham feito meia volta à direita e guarneciam o cais. Que novidade será esta? Disse eu comigo; é provavelmente algum cão que se está afogando; porque não há-de lá estar Dixmer? Ver afogar um cão também serve para passar tempo... Aproximei-me do parapeito e vi na margem do rio um poder de gente; uns levantavam as mãos ao Céu, outros abaixavam-se para ver alguma coisa que estava por terra, e todos faziam lamentações capazes de assustar o Sena. Chego-me mais e adivinhem o que estavam vendo...

– Era Dixmer? – disse Maurício a meia voz.

– É verdade. Mas como adivinhaste tu isso? Sim, era Dixmer, querido amigo. Dixmer, que se tinha suicidado: o malvado matou-se provavelmente para expiar os seus crimes.

– Ah! – disse Maurício sorrindo tristemente – foi o que pensaste?

Genoveva encostou a cabeça às mãos; já não tinha força para suportar tanta comoção sucessiva.

– Sim, foi o que pensei, porque encontraram ao lado dele um sabre ensangüentado; mas pode ser... Que ele encontrasse alguém...

Maurício, sem dizer palavra e aproveitando a ocasião em que Genoveva não olhava para ele, abriu a casaca e mostrou a Lorin o colete e a camisa manchados de sangue.

– Oh! Agora já o caso muda de figura – disse Lorin mostrando-se muito satisfeito.

E estendeu a mão a Maurício.

– Agora pois – disse ele ao ouvido de Maurício – como não me apalparam, visto ter eu dito para entrar que era ajudante do Sr. Sansão, ainda tenho aqui o punhal, e se tens repugnância em a ver subir ao patíbulo...

Maurício agarrou no punhal com um movimento de satisfação.

– Não – disse ele – havia de doer-lhe muito.

E restituiu o punhal a Lorin.

– Tens razão – disse este – viva a máquina do Sr. Guillotin? É um piparote no pescoço, como diz Danton. E o que é um piparote?

E dizendo isto atirou com o punhal para o meio do grupo dos sentenciados.

Um deles pegou-lhe, enterrou-o no peito e caiu logo morto.

Ao mesmo tempo Genoveva sobressaltou-se e deu um grito. Sansão acabava de lhe pôr a mão no ombro.

XLVIII

Viva Sansão!

Maurício, logo que ouviu o grito de Genoveva, percebeu que a luta ia principiar.

O amor pode exaltar uma alma até ao heroísmo; o amor pode induzir uma criatura humana a desejar a morte, mas não consegue destruir a apreensão da dor.

Era evidente que Genoveva se havia resignado mais facilmente a morrer desde que lhe tinha constado que Maurício ia morrer juntamente com ela; porém a resignação não exclui o sofrimento, e sair deste mundo não é só cair num abismo que ninguém pode sondar, é cair com dor.

Maurício viu toda a cena que acabava de ocorrer, e logo imaginou a que ia seguir-se.

No centro da sala estava um cadáver, de cujo peito um gendarme tinha arrancado um punhal com receio de que servisse também para outros.

De roda de Maurício estavam grupos de homens entregues à desesperação e que mal faziam caso dele; uns escreviam nas carteiras palavras sem nexos, outros apertavam as mãos uns aos outros; havia alguns que repetiam de contínuo, como loucos, um nome querido, ou molhavam com as lágrimas um retrato, um anel, uma trança de cabelo; outros soltavam imprecações furiosas contra a tirania: palavra geralmente amaldiçoada por todos, e às vezes pelos tiranos.

No meio de tantos desventurados, Sansão, a quem os cinqüenta e quatro anos pesavam menos do que o lúgubre emprego: Sansão, tão afável, tão consolador quanto lho consentia a sua terrível missão, dava conselhos a uns e animava outros, tanto à desesperação como às bravatas, respondia sempre com palavras cristãs.

– Cidadã – disse ele para Genoveva – será preciso que faça favor de tirar o lenço do pescoço e levantar ou cortar o cabelo.

Genoveva começou a tremer.

– Vamos, querida amiga – disse Lorin devagarinho – ânimo!

– Dá-me licença que eu mesmo levante o cabelo desta senhora? – perguntou Maurício.

– Oh! Sim – exclamou Genoveva – deixe que seja ele! Rogo-lho Sr. Sansão.

– Bem, bem, arranje lá isso – disse o velho voltando a cara para o lado.

– Maurício desatou a gravata quente do calor do seu pescoço, Genoveva beijou-a e pondo-se de joelhos diante do amante, apresentou-lhe a encantadora cabeça, mais formosa na desgraça do que nunca o tinha sido no tempo da sua felicidade.

Quando acabou tão fúnebre operação, tremiam-lhe tanto as mãos, mostrava tamanha dor na expressão da fisionomia, que Genoveva exclamou:

– Oh! Eu tenho ânimo, Maurício!

Sansão levantou-se.

– Não é verdade que tenho ânimo, senhor? – disse ela, esforçando um sorriso.

– Decerto, cidadã – respondeu o executor com voz enternecida – tem muito ânimo!

Durante este tempo o primeiro ajudante tinha estado a ler a lista mandada por Fouquier-Tinville.

– São catorze – disse ele.

– São quinze, incluindo o morto – replicou Sansão. – Que história é esta?

Lorin e Genoveva contaram também, movidos pelo mesmo pensamento.

– Diz que os sentenciados são catorze, e que estão quinze pessoas aqui? – perguntou ela.

– É verdade, houve certamente engano do cidadão Fouquier-Tinville.

– Oh! Mentiu, mentiu, Maurício; – disse Genoveva – Não foi sentenciado.

– Para que havia de esperar para amanhã, se hoje é que tu morres? – replicou Maurício.

– Amigo – disse ela sorrindo – agora me fizeste recobrar o ânimo; já vejo que não custa morrer.

– Lorin – disse Maurício – Lorin, uma última vez... Ninguém te conhece aqui... Dize que vieste para aqui por engano... Chama o gendarme que te viu sair. Deixa que eu, que desejo morrer, figure como sentenciado; mas tu faze-nos a vontade e vive para te lembrares de nós. Ainda é tempo, Lorin, ambos te rogamos que anuas ao que pedimos!

Genoveva juntou as mãos como para suplicar.

Lorin pegou nas mãos de Genoveva e beijou-as.

– Já disse que não, e está dito – respondeu Lorin com voz firme – não tornem a falar-me em tal, se não querem que me persuada que os incomodo.

– Catorze – repetiu Sansão, – e são quinze.

E em seguida levantando a voz, disse:

– Vejamos, há por aí alguma reclamação? – Há alguém que possa provar que está aqui por engano?

Algumas bocas se abriram talvez quando ouviram aquela pergunta, porém logo se tornaram a fechar sem proferir palavra; os que quisessem ter mentido tinham vergonha de mentir; e o único que não teria mentido não queria falar.

Houve silêncio de alguns minutos, durante o qual os ajudantes prosseguiram na sua tarefa.

– Cidadãos, estamos prontos... – disse então o velho Sansão com voz surda e solene.

Alguns soluços e alguns gemidos responderam a estas últimas palavras.

– Pois bem! – disse Lorin – assim seja!

Morramos pela pátria,
É a sorte mais bela...

Isto é quando se morre pela pátria: mas decididamente já me vai parecendo que não é por ela que morremos, mas sim para dar gosto aos que vão ver-nos morrer. Por minha fé, Maurício, já sou do teu parecer, vou principiando a não gostar da república.

– À chamada! – disse da porta um comissário.

Entraram uns poucos de gendarmes na sala e tomaram as saídas, colocando-se de forma que envolviam os sentenciados.

Fez-se a chamada.

Maurício tinha visto julgar o sentenciado que se matara com o punhal de Lorin, e respondeu quando chamaram pelo nome dele. Sucedeu então ser o morto quem sobejava.

Levaram-no para fora da sala. Se tivessem verificado a sua identidade, se o tivessem conhecido como sentenciado, apesar de estar morto, tê-lo-iam guilhotinado com os mais.

Os vivos foram empurrados para a saída.

À medida que cada um deles ia passando o postigo, atavam-lhe as mãos atrás das costas.

Nem uma palavra trocaram todos aqueles desgraçados durante dez minutos.

Maurício, Genoveva e Lorin, não podendo já agarrarem-se, encostavam-se uns aos outros, para que não os separassem.

Os carrascos eram os únicos que falavam e trabalhavam.

Em seguida foram os sentenciados empurrados da *Conciergerie* para o pátio.

O espectáculo ali tornou-se horrendo.

Muitos desmaiaram à vista dos carros; os chaveiros ajudaram-nos a sair.

Ouviam pela parte de fora das portas, que ainda estavam fechadas, as vozes confusas da multidão, que pelo barulho ensurdecedor que se fazia, se conhecia que devia ser numerosa.

Genoveva subiu para o carro com bastante presença de espírito; Maurício amparava-a com o cotovelo, e subiu rapidamente após ela.

Lorin não se apressou. Escolheu lugar à esquerda de Maurício.

Abriram-se as portas: logo na frente do povo estava Simão.

Os dois amigos conheceram-no, e ele também os viu.

Subiu a um colunelo, junto ao qual tinham de passar os carros: eram três.

O primeiro carro partiu; era justamente aquele em que iam os três amigos.

– Olé! Bons-dias, guapo granadeiro – disse Simão para Lorin; – então sempre vais provar a machadinha?

– É verdade! – respondeu Lorin – e hei-de tratar de não lhe embotar muito o fio, para que ainda possa talhar-te o couro a ti também.

Os outros dois carros partiram também em seguimento do primeiro.

Uma tempestade horrível de gritos, bravos, gemidos e maldições rompeu logo em volta dos sentenciados.

– Ânimo, Genoveva! Ânimo! – murmurava Maurício.

– Oh! – respondeu ela – eu não tenho saudades da vida, já que morro contigo. Só me pesa não ter as mãos desembaraçadas para te apertar ao menos em meus braços antes de morrer.

– Lorin – disse Maurício – Lorin, mete aqui a mão no bolso do meu colete, hás-de achar

um canivete.

– Oh! Ainda bem – disse Lorin – agrada-me a lembrança do canivete! Estava com vergonha de ir morrer assim amarrado como um vitelo.

Maurício abaixou-se para que o bolso ficasse na altura das mãos do amigo. Lorin tirou o canivete; abriram-no entre ambos, e Maurício, pegando-lhe com os dentes, cortou então as cordas, que amarravam as mãos de Lorin.

– Avia-te – dizia o mancebo – olha que Genoveva parece que vai desmaiar.

E com efeito, Maurício, para conseguir desamarrar as mãos, tinha deixado um instante de olhar para a pobre mulher, e ela como se toda a sua força dimanasse dele, tinha cerrado os olhos, deixando pender a cabeça sobre o peito.

– Genoveva – disse Maurício – Genoveva, abre os olhos, minha querida, apenas nos restam alguns minutos para nos vermos neste mundo.

– Estas cordas magoam-me – disse ela.

Maurício desatou-lhe as mãos.

Abriu logo os olhos e levantou-se, com uma tal exaltação, que a tornou resplandecente de formosura.

Deitou um braço ao pescoço de Maurício, agarrou na mão de Lorin, – e todos três, de pé sobre o carro, tendo a seus pés as duas vítimas, que iam com eles entregues ao torpor de uma morte certa, levantaram os olhos para o Céu, e como um agradecimento de haverem conseguido encostarem-se em liberdade uns aos outros.

O povo, que os insultava enquanto iam assentados, calou-se quando os viu de pé.

Chegaram à vista do cadafalso.

Maurício e Lorin logo o avistaram, porém Genoveva não o viu, porque só olhava para o amante.

O carro parou.

– Eu amo-te! – disse Maurício para Genoveva – eu amo-te!

– A mulher em primeiro lugar, a mulher primeiro! – bradaram mil vozes.

– Obrigado, povo – disse Maurício – quem se atreverá a dizer que és cruel?

Pegou em Genoveva nos braços, e unindo os lábios aos dela, entregou-a aos braços de Sansão.

– Ânimo! – gritava Lorin – ânimo!

– Não me falta – respondeu Genoveva; – não me falta!

– Amo-te! – dizia Maurício – amo-te!

Já não eram vítimas que matavam, eram amigos para quem a morte se tinha tornado uma função.

– Adeus! – gritou Genoveva para Maurício.

– Até já! – respondeu este.

A cabeça de Genoveva desapareceu em seguida entalada no cepo fatal.

– Agora tu! – disse Lorin!

– Vai adiante! – disse Maurício.

– Olha! Ela está chamando por ti!

E Genoveva com efeito havia proferido um último grito:

– Vem! – disse ela.

Houve grande rumor na multidão. Aquela linda e engraçada cabeça tinha sido decepada.

Maurício adiantou-se.

– É muito justo – dizia Lorin – devemos proceder logicamente. Percebes-me, Maurício! Ela amava-te, mataram-na primeiro; tu, que não foste sentenciado, morres em segundo lugar; eu não tenho culpa nenhuma, e como sou o mais criminoso de todos nós, hei-de ser o último a morrer.

Eis tudo bem explicado

Pela lógica ajudado.

– Tem paciência, cidadão Sansão, eu tinha prometido que te havia de obsequiar com uma quadra, mas é preciso que te contentes com um dístico.

– Eu amava-te – murmurou Maurício já amarrado à tábua fatal e sorrindo para a cabeça da amante; – eu ama...

O ferro cortou metade da palavra.

– Eu agora! – respondeu Lorin saltando para cima do cadafalso, – e depressa! Porque na verdade é negócio que “faz perder a cabeça”. Cidadão Sansão, faltei-te com dois versos, mas para os substituir ofereço-te um trocadilho.

Sansão amarrou-o também.

– Ora vamos – disse Lorin – é moda dar vivas a alguma coisa quando se morre? Noutro tempo gritava-se “viva o rei”, mas já não há rei; depois gritou-se “viva a liberdade”, mas já não há liberdade: pois bem! gritarei “viva Sansão!” que nos reuniu aqui a todos três.

E a cabeça do generoso mancebo foi cair ao lado das de Maurício e Genoveva.

XLIX

Desenvolve-se o Terror

Os que acabavam de imolar os girondinos não podiam poupar a mulher ilustre que fora a inspiradora e a honra do seu partido. No próprio dia da execução dos vinte e um, madame Roland, que estava presa havia vinte e cinco meses na *Abbadie*, e depois em Saint Pelagie, foi transferida para a *Conciergerie*.

Havia muito tempo que Hébert e os seus lhe pediam a cabeça. Em cinco meses de cativo madame Roland tivera tempo para escrever as suas admiráveis memórias, que desgrazadamente não chegaram na íntegra até nós.

Nada iguala, entre as reminiscências da Revolução, essa obra de génio, de que o leitor não deve todavia confiar-se sem reserva. Se a alma de madame Roland estava ao nível da dos maiores heróis, o seu espírito tinha os defeitos inerentes à mulher: as prevenções apaixonadas, a intolerância por quem quer que não expusesse todos os seus sentimentos e todas as idéias, absoluta em seus juízos, desprezava todas as transacções; desprezo proveniente do excesso da sua coragem, mas incompatível com a política.

Fica-se absorto, quando hoje se lê em os seus juízos acerca dos homens e dos sucessos da sua época, que a ela lhe parecem tão pequenos, e que a nós se nos afiguram tão grandes.

É que madame Roland tinha uma idéja tão levantada do que deve ser o homem, que tudo lhe parecia medíocre e imperfeito em relação ao seu ideal.

Os escritos do seu cativo revelam-nos as agitações da sua vida íntima, bem mais comovedoras e mais dramáticas que o romance de *Heloísa*, do seu mestre Rousseau.

Havia entre ela e o marido maior diferença de modo de ser moral que de idade. Aquele honrado homem, tão animoso e sensato, não tinha meiguices nem encantos; não podia corresponder aos transportes dessa alma apaixonada e poética; ela respeitava-o como a um pai, mas não podia amá-lo de outro modo. Durante muito tempo conseguiu preservar-se da paixão, mas chegou um dia em que esta fez sentir o seu império. Já na idade madura, madame Roland sentiu-se possuída de um sentimento profundo por um homem que, se lhe não era igual em talento, era digno dela pelo carácter e pela alma, e que tinha dotes de sedução, de inteligência e de paixão, que faltavam a Roland. Era o altivo e melancólico Buzot, um desses homens cuja fisionomia parece assinalada pelo pressentimento de um destino fatal.

Madame Roland acreditava na legitimidade do divórcio; mas nem por momentos pensou que ele pudesse ser legítimo para ela; que a esposa de um homem de bem pudesse romper os laços da família apertados pela maternidade, para satisfazer a paixão. Não admitia felicidade do dever ou contrária a ele. Buzot pensava como ela, e aquelas duas criaturas heróicas fortaleceram-se ambas na virtude, mas à custa de esforços tão cruéis, que o cárcere, se não o cadafalso, foi para

ela como o livramento.

Todavia era mãe, e, como tal entendeu que devia defender a sua vida. Foi assim que chegou a fazer o rascunho de uma carta digna e altiva para Robespierre, que fora amigo de seu marido e seu correligionário em 1791, e de balde, na primavera seguinte, quisera reconciliar com Brissot e com os girondinos.

Reflectiu; julgou Robespierre e não mandou a carta.

Apenas começou o processo dos girondinos, compreendeu que os seguiria de perto. Imaginando, em virtude de um boato que se espalhou, mas que era falso, que Buzot fora preso no departamento da Gironda, resolveu evitar o cadafalso suicidando-se. Se o tem feito, teria evitado o seqüestro, que pesava sobre os condenados, e assegurado a seu filho o pouco que possuía.

Foi então que escreveu aqueles *Últimos pensamentos*, em que expõe as razões do suicídio projectado e se despede do marido, da filha e das pessoas suas amigas. E junta as seguintes linhas, cujo mistério foi revelado pela descoberta da sua correspondência:

“E tu, a quem não ousa nomear!... Tu, a quem a mais terrível das paixões não impediu que respeitasse as barreiras da virtude, afligir-te-ias porventura, vendo que me antecipava em partir para a mansão onde poderemos amar-nos sem crime, onde nada impedirá que estejamos unidos?”

“Deixar a terra, é aproximarmo-nos...” Depois vem a seguinte invocação religiosa: “Ente supremo, alma do mundo, princípio do que em mim há de grande, de bom e venturoso, tu, em cuja existência creio porque não posso deixar de emanar de alguma coisa melhor que o que vejo, vou reunir-me à tua essência!”

Madame Roland escreveu a um seu amigo, chamado Bosc, a pedir-lhe veneno.

Bosc, que era um sábio modesto, de uma alma elevada e forte, tentou dissuadi-la de semelhante propósito.

Não foi por motivos religiosos. Os homens daquele tempo que acreditavam em Deus e na imortalidade da alma, professavam, em geral, no tocante ao suicídio, as idéias dos antigos gregos e dos antigos gauleses e não as dos cristãos, que pensam, com razão, que o homem não deve privar-se da vida que não deu a si mesmo, mas que lhe foi dada.

O interesse da pátria, uma morte republicana em pleno dia, um exemplo solene, foram sem dúvida os argumentos aduzidos por Bosc, na sua resposta, que não chegou até nós, e à qual madame Roland replicou em data de 26 de Outubro. Ainda não estava decidida. Decidiu-se. Aguardou a morte.

Um realista que exerceu funções importantes no Império e na Restauração, o conde Beugnot, então preso na *Conciergerie*, deixou uma relação verdadeiramente pasmosa dos poucos dias que ali passou madame Roland.

Mandavam-se sem distinção, para a *Conciergerie* os malfeitores e os presos políticos. A cela de madame Roland ficava ao lado de outras habitadas por ladras e por mulheres de má vida, que levavam os dias e as noites a altercar, em conflitos constantes. Madame Roland assumiu sobre aqueles infelizes um predomínio inconcebível. “Se descia ao pátio – refere Beugnot – a sua presença restabelecia a boa ordem, aquelas mulheres, que não acatavam autoridade de espécie alguma, continham-se com receio de lhe serem desagradáveis. Distribuíam socorros às mais necessitadas, e a todas conselhos, consolações e esperanças. As infelizes corriam a rodeá-la como se fora uma divindade tutelar, ávidas de ouvirem aquela voz, que era como uma música que penetrava no mais fundo da alma.”

No dia 18 *brumaire* (10 de Novembro), foi chamada ao tribunal revolucionário. Quando saiu do cárcere, vestida de branco, com os formosos cabelos pretos caídos pelos ombros, o sorriso nos lábios, o rosto gentil resplandecente de frescura e de vida, todas aquelas mulheres correram para ela lavadas em lágrimas e beijaram-lhe as mãos soluçando e recomendando-a a Deus. Ela respondia a todas com afectuosa bondade, convidando-as à paz, à coragem, à esperança.

A condenação era coisa resolvida. Nem sequer a deixaram falar; foi declarada ré convicta de ser um dos autores ou cúmplices “de uma horrível conspiração contra a unidade e contra a indivisibilidade da República.”

Ouviu a sentença com serenidade, e disse para os juízes: “Julgais-me digna de compartilhar a sorte dos grandes homens que assassinastes: farei por subir ao patíbulo com a mesma coragem que eles mostraram”.

Foi logo conduzida do Tribunal à praça da Revolução. Na carroça ia outro condenado como conspirador, completamente sucumbido.

Madame Roland empregou o fúnebre trajecto em consolar e reconfortar aquele desgraçado.

Chegada junto do cadafalso, fê-lo subir adiante, a fim de abreviar-lhe o suplício. Quando chegou a sua vez os seus olhos fixaram-se numa estátua colossal da Liberdade, de gesso, que haviam erigido na praça para a festa de 10 de Agosto de 93:

“Oh! Liberdade – exclamou ela – quantos crimes se cometem em teu nome!”

E, segundo outros: “Oh! Liberdade, quanto te escarnecem!”

Assim morreu a mulher mais nobre que tem aparecido na história, depois daquela que a ninguém pode ser comparada, dessa Joana, que salvou a França.

Madame Roland não salvou a liberdade, mas morreu gloriosamente por ela, deixando à posteridade um exemplo imorredouro de grandeza de alma e de virtude republicana.

Nessa antiguidade que a cada passo nos apresentam como modelo não há nada que lhe seja superior.

Um historiador sagaz, Lemontey – disse dela: “Foi o carácter mais forte e mais verdadeiro da nossa Revolução”.

Um inimigo, um jurado do Tribunal revolucionário, Antonelle, prestou-lhe homenagem de um modo ainda mais brilhante: “Era, disse, a mais sedutora das mulheres e o maior dos homens.”

Roland estava escondido em Rouen havia muitos meses. Ao saber da condenação da esposa, abandonou o seu asilo. Dois dias depois encontrou-se-lhe no campo o corpo ensangüentado; tinha-se suicidado com duas punhaladas. Acharam-lhe um bilhete com as seguintes palavras:

“Quem quer que sejam que assim me encontres, respeita os meus ossos! São os de um homem de bem!”

Podia ter acrescentado: “de grande carácter e de grande coragem”.

Nada mais injusto que a censura que lhe rogaram alguns historiadores de ter deixado efectuar a matança de Setembro. Essa matança foi o seu desespero, não podia evitá-la de modo algum. Buzot sobreviveu alguns meses a madame Roland, na esperança de uma vindicta que não logrou. À sua morte trágica tinha de suceder em breve a de Robespierre.

L

Está salva a pátria

O tribunal sangrento não descansava. As celebridades mais diversas, os nomes mais opostos sucediam-se à barra, e eram envolvidos nas mesmas condenações. O ex-duque de Orleans por lá tinha passado quatro dias antes de madame Roland.

O ex-duque não era um homem recomendável, mas estava muito longe de ser um monstro como o pintaram quimERICAMENTE muitos escritores realistas. Mal se podia dizer que esse homem folião, egoísta, e despreocupado fosse um ambicioso. Quem principalmente tinha ambições por ele eram os que o rodeavam. Acção verdadeiramente má e odiosa só praticou uma, o votar a morte do seu infeliz primo; mas não era aos Jacobinos que cumpria puni-lo.

Em realidade, tanto se intrometera na traição evidente de Dumouriez como nas

conspirações imaginárias dos girondinos.

Carecia de coragem de espírito, mas não de coragem física; morreu com indiferença.

A madame Roland seguiu-se um homem, que vimos ocupar uma alta posição durante os primeiros anos da Revolução, mas que, encerrada a Constituinte, desaparecera da cena política. Era o antigo *maire* de Paris, o antigo presidente da Constituinte, o sábio e venerando Bailly. Os fuzilamentos do Campo de Marte, a triste escaramuça de 17 de Julho de 91, tinham deixado no povo de Paris ressentimentos, que se avivaram com singular teimosia.

A verdade, como mostrámos na relação desse triste dia, é que nem Bailly nem Lafayette tinham mandado fazer fogo sobre o povo, e que Bailly, parte fraqueza, parte generosidade mal entendida, aceitara em seguida a responsabilidade de desgraças de que não fora causa.

A sua condenação foi agravada com requintes de crueldade. Decidiu-se que fosse executado, não na praça da Revolução, mas no Campo de Marte, teatro do que chamavam o seu crime. Quando chegou ao lugar designado, um grupo de indivíduos pagos para esse fim clamaram que o Campo da Federação não podia ser conspurcado com o sangue daquele grande criminoso, e tanto fizeram que foi necessário transportar o patíbulo para o fosso que ao tempo orlava os taludes. O ilustre ancião esperou muito tempo, debaixo de uma chuva glacial de Novembro, no meio dos gritos e dos ultrajes, que pusessem termo ao seu suplício.

Bailly proferira umas palavras que a história deve registrar: “Morro por causa da sessão do Jogo da Péla, e não por causa dos fuzilamentos do Campo de Marte”.

Bailly estava persuadido, e muitos moderados eram da mesma opinião, que os inimigos da Revolução envidavam todos os esforços para a compeliem aos últimos excessos, para a desonrarem e perderem. O que a contra-revolução mais detestava eram os homens de 89. Acreditou-se sempre que os miseráveis que prolongaram a agonia de Bailly foram pagos por outrem que não Jacobinos.

A execução do homem que presidira ao Jogo da Péla, foi para a revolução um verdadeiro sacrilégio.

A Bailly sucedeu outro grande vulto de 89, Barnave (29 de Novembro). Quando se fulminavam como inimigos da República, os girondinos que a haviam fundado, Barnave que tentara impedir o seu estabelecimento, não podiam escapar. As suas relações com a corte, depois do regresso de Varennes, asseguravam a sua perda. Pode-se dizer que foi mais uma vítima da fatalidade que pesava sobre quantos amaram Maria Antonieta.

Outra nossa antiga conhecida, que era como o resto de uma época de vícios frívolos naqueles tão calamitosos, a antiga amante de Luís XV, a Dubarry, foi executada no dia 17 de Dezembro. Os seus gritos e os seus desesperados esforços para lutar com o algoz foram o pasmo da multidão, já então habituada às mortes estóicas.

O antigo procurador da Comuna, Manuel, a princípio Jacobino ardente, ao depois demissionário da Convenção por causa da condenação de Luís XVI, sucumbiu neste mesmo mês de Novembro, e, após ele dois membros eminentes da Constituinte e da Convenção, o ministro protestante Rabau-Saint-Étienne e o bretão Kersaint. Um antigo ministro Duport Dutertre, acabou também no patíbulo. Outro mais conhecido, o colega de Roland, o ex-ministro da fazenda Clavières, antecipou-se ao algoz, suicidando-se.

Não se perdoava crime ou delito, nem a mínima suspeita de conivência com os inimigos da república, que eram com razão considerados indignos da pátria. O general Houchard, que cometera grandes erros militares ou a mais infame traição, e bem assim Brunt, Romet, Boisguyon; o antigo administrador geral das finanças Laverdy; Gilberto-Desvoisons, que fora presidente do parlamento; Girey-Dupret, moço literato de grande mérito e que se ligara ao partido dos girondinos, pagaram com a vida as suspeitas da conspiração ou de inteligências com o inimigo.

Como vimos, os rigores do tribunal revolucionário estendiam-se até às mulheres. A boa Genoveva, à ilustre Roland, seguiu-se Olímpia de Gouges, que tomou parte em todos os acontecimentos da revolução, a cândida princesa Isabel e muitas outras.

O terror propagava-se à província, e ao mesmo tempo que o cutelo sanguinário fazia cair

em Paris tantas cabeças criminosas e inocentes, seguiam no departamento o mesmo sistema que a Convenção inflexivelmente adoptara. Mas esses rigores prendiam com os sucessos da guerra civil e estrangeira e não se pode negar que ao Terror deveu a Convenção não só as suas dolorosas vitórias sobre os franceses rebelados, mas sobretudo a que a França revolucionária alcançou sobre a coligação dos reis.

As suspeitas eram justificadas.

Em muitos departamentos a contra-revolução erguia a cabeça, chegando a sair vitoriosa em alguns.

Já antes de proclamado o Terror, tanto em Marselha como em Lião, a reacção fizera correr no patíbulo o sangue dos montanhese, e foi preciso que cinco secções, animadas pela aproximação do general Carteaux, que fora mandado marchar sobre Marselha, se insurgissem contra as autoridades reaccionárias, que, batidas, tiveram de fugir, evitando-se assim maior catástrofe, visto que os traidores, entabulando negociações com o almirante inglês, preparavam-se para lhe entregar a cidade e o porto.

Infelizmente não pudera igual traição ser malograda em Toulon onde havia antigos fidalgos, que não tinham emigrado e que se valiam das funções públicas, que lhes deixavam continuar a exercer, para prejudicar as operações militares da república.

Os funcionários patriotas tinham sido demitidos e substituídos por contra-revolucionários, que continuaram por muito tempo a corresponderem-se com o ministério da marinha, mostrando-se hipocritamente dedicados à república, e iam ao mesmo tempo seduzindo os trabalhadores do porto e os marinheiros, com pagar-lhes em ouro em vez de assinados. Guilhotinaram os principais jacobinos, prenderam os comissários da Convenção, negociaram com o almirante inglês, a quem entregaram o porto e a esquadra, depois de terem proclamado Luís XVIII.

Esses factos, e muitas outras traições e defecções tinham justificado a reorganização da Junta de salvação pública, a adopção da grande moção da Comuna de Paris: *Seja o Terror a ordem do dia!* e a proclamação do governo revolucionário até à paz, com a detenção dos súbditos de todas as potências inimigas e cruel castigo para quantos se tornavam criminosos ou sequer suspeitos.

Collot d'Herbois e Fouché, em Lião, Barras e Fréron em Marselha, Tallien e Isabeau em Bordéus, tratavam de reconstituir o espírito público nas localidades onde estavam comissionados a exercer os castigos e vinganças nacionais.

O vigoroso Saint-Just salvou Estrasburgo, onde se preparavam para entregar a cidade aos piemonteses; grande número de contra-revolucionários foram punidos com a rapidez do raio, e o exército foi depurado e reorganizado, habilitando-se para entrar em novas acções.

Por toda a parte os representantes do povo, os agentes do conselho executivo e os da Junta de salvação pública empregavam no exercício das suas missões uma actividade, um zelo e uma severidade capazes de produzirem os resultados mais prontos e mais satisfatórios para a república. O povo aplaudia-lhes os esforços e os inimigos da liberdade fugiam ou ficavam fora do estado de se tornarem prejudiciais.

Esta energia, a constante e honrada vigilância exercida pelos representantes do povo em missão no exército, e a admissão de Carnot e de Prieur na Junta de salvação pública, salvaram a França e tornaram-na vencedora dos seus inimigos tanto no interior como no exterior.

O entusiasmo da liberdade fez correr às armas cerca de dois milhões de cidadãos, impelidos pelo ódio aos tiranos ou pelo medo do Terror. Os que não queriam associar-se aos tumultos sanguinários iam para os exércitos, que se conservavam puros de excessos; os que temiam ser imolados fugiam para os acampamentos, prontos para morrer, mas gloriosamente, pela pátria, que não cessavam de amar, e ali muitos revelavam talentos que em si desconheciam e tornavam-se famosos generais.

A revolução fez desaparecer a obediência passiva, que extingue a alma e fora até então tido como elemento essencial dos exércitos. Substituiu aos oficiais da aristocracia os oficiais inferiores, e criou um exército cidadão para a guerra nacional. Os corpos de estado maior, que

tantos estudos reclamam e pareciam indispensáveis, foram substituídos por oficiais novos.

Não há exemplo nos fastos modernos de campanha tão notável como foi a de 1793 contra a Europa. Os planos de Carnot foram executados, e a ditadura onipotente da Junta de salvação pública opôs aos austríacos e aos prussianos, aos ingleses, aos piemonteses múltiplos meios de defesa e de ataque.

Mas a cisão estabeleceu-se não só entre os membros da Convenção, senão também entre os da Junta de salvação. Derrubados, os girondinos, foi por sua vez declarado tímido e moderado o enérgico Danton, que cansado de ser objecto de espanto, desejava fazer-se querido, parecia mostrar-se descontente com a ferocidade empregada e falava da clemência. Secundou-o Camilo Desmoulins, que no seu jornal combatia a anarquia sangüinária e atacava a Junta.

Robespierre aproveitou a ocasião para ferir sem consideração quem quisesse refrear a revolução, e fez comparecer no tribunal revolucionário Danton, Desmoulins, Westerman e mais doze convencionais. Foram todos guilhotinados.

Por fim chegou a vez ao *incorruptível*. Tendo sido decretada a prisão de Robespierre, mas havendo recobrado a liberdade e tendo-se refugiado na casa da municipalidade com o irmão, Lebas, Couthon e Saint-Just, ferido por um soldado, e o irmão precipitado da janela, Lebas suicidou-se e Saint-Just, que ficara impassível foi no dia seguinte guilhotinado com mais vinte companheiros.

Dando assim conta do trágico fim dos personagens que vimos ocupar lugares mais eminentes nos grandes acontecimentos históricos que nesta obra referimos sem paixão, vamos ver o que foi feito de outros personagens do romance, que no decurso de doze volumes nos acostumámos a considerar nossos amigos?

Os que, sem deixarem de ser bons patriotas por egoísmo, por debilidade de ânimo ou por se sentirem cansados da luta e lhes repugnar o demasiado rigor e as injustiças que não podiam deixar de se dar no meio de tanta perseguição e com o que os processos e julgamentos tinham de sumários, se haviam retirado da França, em vez de lhe darem o sangue nos campos de batalha ou no cadafalso, eram considerados inimigos da pátria e como tais sofriam o seqüestro dos seus bens e a maldição dos que valentemente ficavam. Foi o que sucedeu a dois nossos velhos e bons amigos, que, como se verá no seguinte capítulo, se tinham havido muito afastado do heróico e terrível teatro republicano.

LI

Dissidência

Na noite do terrível dia da execução de Luís XVI, enquanto os homens dos chuços percorriam as ruas desertas e iluminadas de Paris, que a iluminação tornava mais triste ainda, levando na ponta das lanças pedaços de lenços e de camisas cheias de sangue e gritando: “Os tiranos estão mortos! Este é o sangue dos tiranos!” numa sala da rua de Saint-Honoré estavam dois homens calados, mas em atitude diferente.

Um, vestido de preto, estava assentado a uma mesa, com a cabeça encostada às mãos, e entregue ou a uma grande dor, ou a profunda meditação.

O outro vestido de camponês, passeava de um para outro lado, de olhar sombrio, fronte enrugada, e com os braços cruzados no peito.

Todas as vezes que passava por onde estava o outro, lançava-lhe um olhar interrogador.

Desde quando estavam eles assim calados? Não o poderemos dizer.

Por fim o homem vestido de camponês, como se estivesse cansado daquele silêncio, parou defronte do outro, e cravando a vista nele, disse:

– Ah! Cidadão Gilberto, pode porventura dizer-se que eu seja um assassino, só porque votei pela morte da realeza?

O homem de preto ergueu a cabeça, sacudiu a fronte melancólica e estendendo a mão ao

seu companheiro, respondeu:

– Não, Billot, tu és tão assassino quanto eu sou aristocrata. Votaste segundo a tua consciência, e eu segundo a minha. Eu porém votei pela vida e tu pela morte! É coisa terrível, Billot, tirar aquilo que nenhum poder humano pode restituir.

– Portanto, segundo a sua opinião – replicou Billot – o despotismo é inviolável, a liberdade uma revolução, no mundo só há justiça para os reis, isto é, para os tiranos; então que ficará ao povo: o direito de servir e de obedecer? E é o Sr. Gilberto o discípulo de João Jacques Rousseau, o cidadão dos Estados Unidos, que diz isso?!

– Não digo semelhante coisa, Billot, que seria proferir uma blasfémia contra os povos.

– Ora pois, Sr. Gilberto, vou falar-lhe com a brutalidade do meu grosseiro bom senso, e prometo-lhe responder com toda a finura, de que o meu espírito seja susceptível. Admite que um povo que se julga oprimido pelos seus padres e pelo seu rei, tenha o direito de desapossar esses padres, de abater ou mesmo de suprimir esse trono, de combater e emancipar-se?

– Decerto admito.

– Então tem o povo direito para consolidar os resultados da sua vitória?

– Incontestavelmente.

– Tome conta, que isto vai levá-lo longe.

– Seguir-te-ei aonde me conduzires, Billot, e só te responderei com estas palavras: – Homem, não tens direito de tirar a vida ao teu semelhante!

– Mas o rei não é meu semelhante – replicou Billot – é meu inimigo. Lembro-me de que, quando a minha pobre mãe me lia a Bíblia, Samuel respondia aos israelitas quando lhe pediam um rei.

– Também eu me lembro, Billot, e contudo Samuel sagrou Saúl e não o matou.

– Sei que se me lanço com o senhor através do saber, estou perdido. Portanto, digo-lhe simplesmente: Tínhamos direito para tomar a Bastilha?

– Tinham.

– Tínhamos direito, quando o rei quis tirar ao povo o seu direito de livre deliberação, de fazer as proezas do Jogo da Péla?

– Tinham.

– Tínhamos direito, quando o rei quis intimidar a Assembléia constituinte com a festa dos guardas de corpo e com um ajuntamento de tropas em Versalhes, de ir buscar o rei a Versalhes e trazê-lo rapidamente para Paris?

– Tinham.

– Tínhamos direito, quando o rei quis fugir e passar-se ao inimigo, de o prender em Varennes?

– Tinham.

– Tínhamos direito, quando, depois de jurada a Constituição de 1791, vimos o rei parlamentar com a emigração e conspirar com os reis, de fazer o 10 de Junho?

– Tinham.

– Quando ele recusou a sanção a leis emanadas da vontade do povo, tínhamos direito para tomar as Tulherias e proclamar a deposição?

– Tinham.

– E, quando o rei, encerrado no Templo, continuava a ser uma conspiração viva contra a liberdade, tínhamos ou não o direito de o fazer comparecer na Convenção Nacional para ser julgado?

– Tinham.

– Se tínhamos direito para julgar, tínhamos direito para condenar.

– Sim, mas ao exílio, à prisão perpétua, a tudo, menos à morte.

– E porque não à morte?

– Porque, culpado pelos resultados, não o era pela intenção. Julgaste o rei segundo o ponto de vista do povo, e ele procedeu sob o ponto de vista da realeza. Era um opressor do

povo? Não. Era um inimigo da liberdade? Não.

– Então pelo senhor é ele julgado sob o ponto de vista do rei?

– Não, porque se assim fosse absolvê-lo-ia.

– E não o absolveu, votando pela vida?

– Votei pela vida, mas com prisão perpétua. Acredita-me Billot, julguei-o mais parcialmente do que eu quisera. Homem do povo, ou antes filho do povo, deixei pender para o lado do povo a balança que tinha na mão. Viste-o de longe, e não o observaste como eu, Billot, pouco satisfeito com a parte da realeza, que lhe tinham deixado, perseguido de um lado pela assembléia, que ainda o achava demasiado poderoso, de outro por uma aristocracia irrequieta e humilhada; de outro por um clero implacável; de outro por uma emigração egoísta; de outro, e principalmente, pelos irmãos, que em seu nome percorriam o mundo, procurando inimigos à revolução. Não, Billot, acredita-me, quanto maior for o combate, tanto maior deve ser a vitória. Já o disseste, Billot, o rei não era teu semelhante, era teu inimigo; ora, não se mata um inimigo vencido. Um assassinio a sangue-frio, não é um julgamento, é uma imolação. Acabas de dar à realeza alguma coisa de vingança. Toma cuidado! Toma cuidado; excedeste-te. Carlos I foi executado, e Carlos II foi rei.

Gilberto parou um instante, para logo em seguida continuar:

– Jaques II foi banido e os filhos morreram no exílio. A natureza humana é patética, Billot, e acabamos de alienar de nós por cinquenta anos, talvez por cem, essa eminente parte do povo, que julga as revoluções com o coração. Ah! Acredita-me, meu amigo, são os republicanos os que mais devem implorar o sangue de Luís XVI e de Maria Antonieta, porque esse sangue é sobre eles que há-de cair.

– É verdade o que dizes, Gilberto? – perguntou uma voz vinda da porta.

LII

Conselho de Cagliostro

Os dois homens voltaram-se e disseram ao mesmo tempo:

– Cagliostro!

– Sim, sou eu. Mas é verdade o que estava dizendo, Gilberto?

– Ai de mim; – respondeu Gilberto – a grande desgraça é cada qual defender causa diferente e todos terem razão.

– É verdade – replicou Cagliostro.

– Mas qual é a sua opinião? – disse Billot.

– Há pouco julgaram o acusado, eu vou julgar a sentença. Ouçam: Se tivessem condenado o rei, tinham razão. Condenaram o homem, fizeram uma asneira.

– Não percebo – disse Billot.

– Percebo eu – disse Gilberto.

– Deviam ter morto o rei – continuou Cagliostro – quando ele estava em Versalhes ou nas Tulherias, desconhecido do povo; deviam tê-lo morto em 7 de Outubro, ou em 11 de Agosto.

Billot estava de boca aberta ouvindo Cagliostro. Este continuou.

– A 7 de Outubro ou a 11 de Agosto era um tirano; mas depois de o terem deixado passar cinco meses no Templo, em comunicações com todo o mundo, comendo diante de todos, dormindo à vista de todos, camarada do proletário, do artista, do operário; elevado por este falso abatimento à dignidade de homem, era necessário tratá-lo como homem; isto é, bani-lo ou prendê-lo.

– Agora já entendo o cidadão Cagliostro – disse Billot.

– Oh! Mas ainda não é tudo; mostraram-lhe tudo o que havia de comovente, de inocente, de respeitável no rei; mostraram-lhe o bom esposo, o bom pai, o bom homem. Não os julgava

tão estúpidos, Gilberto. À força de baterem sobre aquele ser prosaico, nem bom, nem mau, todo dado aos gozos sensuais, devoto, não como um espírito elevado, mas como um sacristão, esculpiram naquela natureza grosseira uma estátua de coragem, de paciência, de resignação; depois puseram a estátua no pedestal da dor; elevaram-na, engrandeceram-na e até fizeram com que uma mulher o amasse. Ai, meu querido Gilberto – continuou Cagliostro dando uma grande gargalhada – quem nos diria a 14 de Julho, a 5 e a 6 de Outubro, ou a 10 de Agosto, que a rainha viria a amar o rei?

– Oh – murmurou Billot – se eu tivesse adivinhado... Mas...

– O que farias, Billot? – perguntou Gilberto.

– Tê-lo-ia morto nos dias 5 e 6 de Julho, ou nos dias 5 e 6 de Outubro, ou a 10 de Agosto. Era fácil.

Estas palavras foram pronunciadas com tão sublime expressão de patriotismo, que Gilberto perdoou-as, e Cagliostro admirou-as.

– Sim – disse este último depois de um instante de silêncio – mas não o fizeste. Tu, Billot, votaste pela morte, e tu Gilberto, pela vida.

– Sim – responderam ambos.

– Bem: querem agora ouvir em último conselho? Tu, Gilberto, fizeste com que te nomeassem membro da Convenção para cumprir um dever; tu, Billot, para satisfazer uma vingança; dever e vingança estão satisfeitos; agora já não têm que fazer aqui; partam.

Gilberto e Billot olharam para Cagliostro.

– Partam – disse ele; – nem um nem outro são homens de partido, ambos são homens de instinto. Ora, morta a realeza, os partidos vão achar-se face a face, até se destruírem uns aos outros. Qual sucumbirá primeiro? Não sei; mas sei que todos hão-de sucumbir; por consequência, Gilberto amanhã taxarão de crime a indulgência, e talvez que depois de amanhã façam o mesmo à tua severidade Billot. Acredita-me, na luta mortal, que se prepara entre o ódio, a vingança, o medo e o fanatismo, poucos sairão puros; uns sujar-se-ão de lama, outros de sangue. Partam, meus amigos, partam.

– Mas a França? – disse Gilberto.

– Sim, a França? – repetiu Billot.

– A França – disse Cagliostro – está salva materialmente; o inimigo externo está batido, o interno está morto. Por muito perigoso que seja para o futuro o cadafalso de 21 de Janeiro, é incontestável que é uma grande potência no presente. O suplício de Luís XVI e o de Maria Antonieta, que se lhe vai seguir, vota a França à vingança dos tiranos, e dá à república a força convulsiva das nações condenadas à morte. Vejam Atenas nos tempos antigos, a Holanda nos tempos modernos. As transacções, as negociações, as indecisões cessaram; a revolução tem o machado numa das mãos, e na outra a bandeira tricolor. Partam tranquilos. Antes dela depor o machado, será decapitada a aristocracia; antes dela largar a bandeira, há-de a Europa ser vencida. Partam, meus amigos, partam.

– Oh! – disse Gilberto – Deus é testemunha de que, se é verdadeiro o futuro que me profetiza, não levo saudades da França. Mas para onde havemos de ir?

– Ingrato! – disse Cagliostro – já esqueceste esses lagos imensos, essas florestas virgens, esses prados da extensão do oceano? Não precisas de repouso da natureza depois das terríveis agitações da sociedade?

– Acompanhas-me, Billot? – perguntou Gilberto levantando-se.

– E o senhor, perdoa-me? – perguntou Billot, dando um passo para Gilberto.

E lançaram-se nos braços um do outro.

– Está bem – disse Gilberto: – partiremos.

– Quando? – perguntou Cagliostro.

– Dentro de oito dias.

– Hão-de partir esta noite – disse-lhes. – Porque eu parto amanhã.

– Para onde?

- Um dia o saberão.
- Mas como havemos de partir?
- O *Franklin* faz-se de vela para a América nestas trinta e seis horas.
- E os passaportes?
- Aqui estão.
- E meu filho?

Cagliostro foi abrir a porta.

- Entra Sebastião – disse ele; – o teu pai chama-te.

O mancebo entrou e lançou-se nos braços do pai.

Billot soltou profundo suspiro.

Gilberto foi a uma secretária onde estava a bolsa comum – mil luíses – e disse a Billot que fosse também buscar a sua parte.

- Temos bastante? – perguntou Billot.

- Temos com que comprar uma província.

Billot olhou em volta de si como embaraçado.

- Que procuras tu meu querido amigo? – perguntou Gilberto.

- Procuo uma coisa que de nada me serviria se a encontrasse, pois não sei escrever.

Gilberto sorriu-se e pegando numa pena, disse:

- Dita.

- Queria despedir-me de Pitou.

- Pois eu o faço em teu nome – disse Gilberto, pondo-se a escrever.

- Que escreveu? – perguntou Billot vendo-o terminar.

Gilberto leu:

“Meu querido Pitou”

“Deixamos a França, Billot, Sebastião e eu, todos três te abraçamos ternamente. Julgamos que, como estás à frente da herdade de Billot, por certo de nada precisas.”

“Provavelmente um dia te escreveremos para que vás reunir-te connosco.”

“Teu amigo, *Gilberto*.”

- É tudo – perguntou Billot.

- Tem um pós-escrito.

- Qual é?

Gilberto olhou para Billot e leu:

“Billot recomenda-te Catarina.”

Billot deu um grito de reconhecimento e lançou-se nos braços de Gilberto.

Passados dez minutos, a carruagem que levava Gilberto, Sebastião e Billot para longe de Paris, rodava pela estrada do Havre.

Assim tinham escapado os nossos amigos à mortandade e injustiças que se haviam de seguir à morte do rei, e que, conforme vimos, tantas almas generosas tinham de vitimar.

EPÍLOGO

I

O que faziam a 15 de Fevereiro de 1794 Ângelo Pitou e Catarina Billot

Tempo depois da morte do rei Luís XVI e da rainha Maria Antonieta, numa bela e fria manhã de Inverno de 1794, trezentas ou quatrocentas pessoas, isto é, aproximadamente a terça

parte da população de Villers-Cotterets, esperavam na praça do castelo e no pátio da administração que saíssem dois noivos, nossos antigos conhecidos, que o *maire*, o Sr. Longpré, estava para unir.

Decerto foi necessária que a concorrência de bem extraordinários acontecimentos para fazerem com que a amante do visconde de Charny, a mãe do pequenito Isidoro, viesse a ser mulher de Ângelo Pitou.

Estes acontecimentos eram contados e comentados por diversos modos; mas, por mais que os quisessem deturpar, não podiam deixar de concordar em que eles exaltavam a grande dedicação de Ângelo Pitou e a muita prudência de Catarina Billot.

Quanto mais interessantes eram os dois dignos esposos, mais dignos de dó se tornavam.

Contudo, talvez fossem mais felizes do que qualquer dos casais de que se compunha aquela multidão; mas é balda do povo, não poder deixar de lastimar ou de invejar.

Naquele dia estava inclinado à compaixão.

Efectivamente, os acontecimentos previstos por Cagliostro na noite de 21 de Janeiro tinham, como em parte vimos, marchado com terríveis passos, deixando após si longo e inesgotável rasto de sangue.

A 1 de Fevereiro de 1793 tinha a Convenção Nacional promulgado um decreto ordenando a criação de oitocentos milhões de assinados.

A 21 de Março de 1793 a Convenção, por proposta de Treillard, tinha promulgado outro decreto, que bania para sempre os emigrados, os declarava mortos civilmente e os seus bens pertencentes à república.

A 7 de Novembro tinha a Convenção promulgado outro decreto, encarregando a junta de instrução de apresentar um projecto, que substituíra o culto católico por outro razoável e cívico.

Não falamos nas proscricções e morticínios, a parte das quais fizemos assistir o leitor. Esses acontecimentos fizeram eco em Villers-Cotterets, mas não influíram nos personagens de que nos resta tratar.

Em consequência do decreto para a confiscação dos bens dos emigrados, como Billot e Gilberto eram considerados como tais, foram os seus bens confiscados e postos em almoeda.

O mesmo sucedeu com os bens do conde de Charny, morto a 10 de Agosto, e com os da condessa, guilhotinada a 2 de Setembro.

Em consequência daquele decreto Catarina fora posta fora da herdade de Pisseleux, então considerada como propriedade nacional.

Pitou quis reclamar em nome de Catarina; mas Pitou era nesse tempo olhado como moderado, Pitou tornara-se suspeito, e as pessoas prudentes aconselharam-lhe que não se opusesse nem por actos, nem por palavras às ordens da nação.

Portanto Catarina e Pitou tinham-se retirado para Haramont.

Catarina lembrou-se de ir habitar, como noutro tempo, na cabana de Pedro Clouis; mas quando se apresentou à porta do ex-guarda do duque de Orleans, este pôs um dedo na boca em sinal de silêncio, e abanou a cabeça em sinal de impossibilidade.

Essa impossibilidade era motivada por já estar ocupado o lugar.

A lei, que bania os padres que não prestassem juramento, fora posta em vigor, e o abade Fortier, que estava neste caso, tinha sido banido.

Ele porém, que não julgava a propósito passar a fronteira, limitou-se a deixar a sua casa de Villers-Cotterets entregue ao cuidado de Alexandrina, e foi pedir a Pedro Clouis um asilo, que este se apressou em conceder-lhe.

A cabana do tio Clouis, como o leitor deve estar lembrado, não passava de uma gruta aberta debaixo da terra, em que uma pessoa ficava mal acomodada; como era pois possível reunir nela o abade Fortier, Catarina e o pequeno?

Além disso, Catarina não era tão boa cristã que perdoasse a intolerável conduta do abade Fortier na ocasião da morte da tia Billot; Catarina não se podia esquecer de que ele tinha recusado sepultura à mãe.

Teve pois de renunciar à habitação do tio Clouis.

Restavam a casa da tia Angélica em Pleux, e a pequena cabana de Pitou em Haramont.

Enquanto a ir para a casa da tia Angélica, Catarina nem sequer devia pensar em tal; a tia Angélica, à proporção que a revolução ia seguindo a sua marcha, tornava-se mais rabugenta, o que parecia incrível, e magra, o que se diria impossível.

Esta mudança, tanto no moral como no físico, era causada por se terem fechado em Villers-Cotterets como em todas as mais partes, as igrejas, enquanto a junta de instrução pública não inventava um culto razoável e cívico.

Ora, estando fechadas as igrejas, o produto das cadeiras, que era o principal rendimento da tia Angélica, estava acabado.

Era essa escassez de recursos que tornava a tia Angélica mais magra do que nunca.

Ajuntemos que tinha ouvido contar tantas vezes a tomada da Bastilha por Billot e Ângelo Pitou, tinha visto na época dos grandes acontecimentos parisienses marcharem para a capital o rendeiro e o sobrinho; que julgava que a Revolução francesa era dirigida por Ângelo Pitou e por Billot, e que Marat, Robespierre e outros não passavam de uns agentes secundários daqueles principais personagens.

Alexandrina, como se deve supor, alimentava-lhe estas idéias erróneas, a que o voto regicida de Billot dava a odienta exaltação do fanatismo.

Catarina, portanto, não podia contar com a casa da tia Angélica. Restava ainda a pequena choupana de Pitou em Haramont.

Mas como podia Catarina habitar aquela pequena cabana sem dar ocasião a que as más línguas lhe mordessem na pele?

Isto ainda mais era impossível do que habitar na pequena cabana do tio Clouis.

Pitou resolvera-se a pedir hospitalidade ao seu amigo Desiré Maniquet, hospitalidade que o digno haramontês lhe concedera e que Pitou pagava com toda a qualidade de indústria.

Isto porém não era posição para a pobre Catarina.

Pitou tinha para com ela todas as atenções de um amigo, toda a ternura de um irmão; mas Catarina conhecia perfeitamente que não era como irmão, nem como amigo que Pitou a amava.

O pequeno também sentia isto; a pobre criança, que não tivera a ventura de conhecer o pai, tinha tanta amizade a Pitou, quanta teria ao visconde de Charny, ou talvez ainda mais, porque, se Pitou adorava a mãe, era escravo do filho.

Hábil estratégico, compreendia, que o único meio de penetrar no coração da mãe era seguir o filho.

Em abono porém da verdade devemos dizer que nenhum cálculo deste género manchava a pureza dos sentimentos do honrado Pitou.

Pitou conservava-se tal qual o vimos nos seus primeiros anos, isto é, um moço ingénuo e dedicado, e se alguma mudança se tinha operado nele, era talvez ter redobrado de dedicação.

Todas estas qualidades sensibilizavam Catarina.

Via o ardor com que Pitou a amava, via que a adorava, e algumas vezes pensava que devia reconhecer tanto amor, tão grande dedicação com um sentimento mais terno que o da amizade.

À força de pensar nisso, vendo-se só no mundo, e que, se morresse o seu querido Isidoro ficaria sem protecção e ao desamparo, acabou por dar a Pitou toda a recompensa que estava em seu poder dar-lhe: toda a sua amizade e a posse da sua pessoa.

Ai dela! O seu amor, essa flor brilhante e perfumada da juventude estava no Céu.

Decorreram quase seis meses, durante os quais Catarina, ainda pouco habituada com este pensamento, guardou-o mais num cantinho do seu espírito, do que no fundo do seu coração.

Durante esse tempo, Pitou, ainda que recebido todos os dias com grato sorriso, e despedindo-se à noite com um terno aperto de mão, estava longe de pensar na mudança, que se ia operando nos sentimentos de Catarina.

Mas como não era pela esperança de recompensa que Pitou se dedicava, aquele sentimento todos os dias aumentava.

E isto duraria assim até à morte de Catarina ou de Pitou. Ainda que Pitou chegasse à idade da Philemon, e Catarina à de Beaucis, não haveria a menor alteração nos sentimentos do capitão da guarda nacional de Haramont, portanto Catarina teve de declarar-se.

Uma noite apresentou-lhe a fronte, em vez de lhe apresentar a mão.

Pitou julgou que Catarina estava distraída; e era muito honrado para que se aproveitasse de uma distracção.

Recuou um passo.

Mas Catarina, agarrando-lhe na mão, apresentou-lhe não a testa mas a face.

Pitou ainda hesitou mais.

O que, visto pelo pequenito, começou este a dizer:

– Beija a mamã, papá Pitou.

– Oh! Meu Deus! – murmurou Pitou perdendo a cor como se estivesse para morrer.

E chegou à face de Catarina os lábios frios e trémulos.

Então Catarina, pegando no filhinho, pô-lo nos braços de Pitou.

– Dou-lhe o meu filho, Pitou, quer com ele tomar a mãe? – disse Catarina.

O golpe foi violento para o pobre rapaz, quase que perdeu a cabeça, e fechando os olhos apertou o menino contra o peito, e caiu numa cadeira, gritando com essa expansão do coração, que só o coração pode apreciar:

– Ai; meu querido Isidoro, quanto o amo!

Isidoro tratava Pitou, por papá Pitou, mas este chamava ao filho do visconde de Charny, *Sr. Isidoro*.

E demais como percebia que era por causa do filho que Catarina queria corresponder-lhe, não lhe dizia:

– Oh! Como a amo, Sr^a. Catarinal!

Mas dizia a Isidoro:

– Como o amo, Sr. Isidoro:

Decidido este ponto, que Pitou amava ainda mais Isidoro do que Catarina, falou-se no casamento.

Pitou disse a Catarina:

– Não se apresse, querida amiga, tome o tempo que lhe aprouver; mas se deseja tornar-me feliz, não me faça esperar muito.

Catarina pediu um mês.

No fim de três semanas, Pitou, de grande uniforme, foi respeitosamente fazer uma visita à tia Angélica, para lhe participar a sua próxima união com Catarina Billot.

A tia Angélica, que de longe o tinha visto tomar a direcção da sua casa, deu-se pressa em fechar a porta.

Mas nem por isso deixou Pitou de se dirigir para a inospitaleira casa, à porta da qual bateu com todo o respeito.

– Quem está aí? – perguntou a tia Angélica.

– Sou eu, o seu sobrinho, tia Angélica.

– Segue o teu caminho, Setembrista – disse a velha.

– Minha tia – continuou Pitou – vinha trazer-lhe uma notícia, que não pode deixar de lhe ser agradável.

– Que notícia é, jacobino?

– Abra-me a porta, que eu lha direi.

– Pois dize-a pelo buraco da chave: não abro a minha porta a um patuleia como tu.

– É a sua resolução, minha tia?

– É.

– Pois bem, minha querida tia caso-me.

A porta abriu-se como por encanto.

– Mas com quem, desgraçado? – perguntou a tia Angélica.

– Com a Catarina Billot – respondeu Pitou manifestando a maior satisfação.
– Ah! Miserável! Ah! Infame! – exclamou a tia Angélica – vais casar com uma rapariga desonrada? Eu te amaldiçoô para todo o sempre!

E com um gesto cheio de nobreza, a tia Angélica estendeu para Pitou as mãos descarnadas e amarelas.

– Minha tia – disse Pitou – estou habituado às suas maldições, portanto não faço caso dessa. Devia anunciar-lhe o meu casamento, agora que está cumprido esse dever, adeus, tia Angélica.

E Pitou, levando militarmente a mão ao seu tricórnio, fez uma continência à tia Angélica e prosseguiu o seu caminho.

II

Do efeito que produziu na tia Angélica a notícia do casamento de seu sobrinho Ângelo Pitou com Catarina Billot

Pitou também tinha que dar parte do casamento ao Sr. de Longpré, que morava na rua d'Ormet. Este menos prevenido do que a tia Angélica contra a família Billot, deu os parabéns a Pitou pela boa acção que fazia.

Pitou ouviu-o maravilhado; não compreendia que fazendo a sua felicidade fizesse ao mesmo tempo uma boa acção.

Pitou, republicano puro, agradecia à república a supressão de toda a demora nos casamentos.

Ajustou com o Sr. de Longpré que ele e Catarina seriam unidos na *mairie* no sábado seguinte.

No dia imediato devia efectuar-se a venda do castelo de Boursonne e da herdade de Pisseleux.

A herdade ia à praça por quatrocentos mil francos, e o castelo por seiscentos em assinados.

Os assinados começavam a descer espantosamente; o luís de ouro valia 920 francos em assinados.

Mas raras eram as pessoas que tinham um luís de ouro.

Pitou foi a correr anunciar a Catarina esta notícia.

Era-lhes permitido avançar dois dias o termo do casamento e receava que isso contristasse Catarina.

Catarina porém não se mostrou contrariada, e Pitou não cabia em si de contente.

O que porém Catarina exigiu foi que Pitou fizesse segunda visita à tia Angélica, para anunciar o dia do casamento e ao mesmo tempo convidá-la para assistir à cerimónia.

Era a única parenta de Pitou, e apesar de não ser muito amável, era preciso que o mancebo tivesse todas as atenções com ela.

Portanto, na segunda-feira dirigiu-se Pitou a Villers-Cotterets para fazer segunda visita a sua tia.

Davam nove horas quando chegou defronte da casa da pouco amável Angélica.

Desta vez, a tia Angélica não estava à porta.

Pitou julgou que tinha saído, pelo que ficou muito satisfeito. A visita estava feita, e uma carta respeitosa substituiria o discurso que tencionava dirigir-lhe.

Porém como Pitou era rapaz de consciência, bateu à porta, e como ninguém respondesse chamou.

À bulha que Pitou fazia batendo, apareceu uma vizinha.

– Ó tia Fagot – perguntou Pitou – sabe se a minha tia saiu?

– Ela não responde? – perguntou a tia Fagot.

– Bem vê que não; naturalmente saiu.

A tia Fagot abanou a cabeça, e disse:

– Se ela saísse, eu havia de tê-la visto, a minha porta fica fronteira, e é raro que todas as manhãs ela não venha a minha casa aquecer os sapatos ao lume; assim fica quente para todo o dia não é verdade, vizinho Farolet?

Esta interpelação era dirigida a um novo interlocutor, que abrindo a sua porta, vinha tomar parte na conversação.

– Que diz Sr^a. Fagot?

– Digo que a tia Angélica ainda não saiu. Viu-a?

– Não, e sou capaz de teimar que ainda está em casa, porque se assim não fosse teria o postigo aberto.

– É verdade – disse Pitou. – Ai, meu Deus! Sucederia alguma desgraça à minha pobre tia?

– É muito possível – disse a tia Fagot.

– É mais do que possível, é provável – disse convicto Farolet.

– Ah! Ela não era muito amável – disse Pitou – mas que importa, causar-me-ia pena. Mas como se há-de saber isso?

– A coisa – disse outro vizinho – não é difícil: manda-se chamar o serralheiro.

– Se é para abrir a porta, é inútil; sei abri-la com a minha navalha.

– Então abre-a, meu rapaz – disse Farolet; – aqui estamos para certificar que não abriste com má tenção.

Pitou puxou pela navalha, e no meio de uma dúzia de pessoas atraídas pelo acontecimento, abriu a porta com uma destreza, que provava as muitas vezes que se tinha servido daquele meio de introdução na casa.

Abriu-se a porta.

A casa estava completamente às escuras.

Mas a claridade foi entrando a pouco e pouco, triste e fúnebre claridade de uma manhã de Inverno.

Pitou chamou duas vezes pela tia Angélica, que estava deitada na cama.

A velha porém ficou imóvel e não respondeu.

Pitou chegou-se e apalpou-a.

– Oh! – disse ele – está fria e inteiriçada.

Abriam a janela.

A tia Angélica estava morta.

– Oh! Que desgraça! – disse Pitou.

– Não é muito grande! – disse Farolet; – olha que a tia Angélica não te tinha muito amor, meu rapaz.

– Não duvido – disse Pitou – mas eu era amigo dela.

E duas grossas lágrimas correram pelas faces do digno moço.

– Ai, minha pobre tia Angélica! – disse ele, e caiu de joelhos ao pé do leito.

– Veja lá, Sr. Pitou – disse a tia Fagot – se precisa de alguma coisa; estamos à sua disposição. Os vizinhos para alguma coisa hão-de servir.

– Obrigado, tia Fagot. O seu rapaz está em casa?

– Está.

E chegando à porta, a boa mulher gritou:

– Eh! Fagotin!

E um gaiato de catorze anos apareceu no limiar da porta.

– Aqui estou, mãe – disse ele.

– Agora – disse Pitou – peço-lhe que vá depressa a Haramont dizer a Catarina que não esteja com cuidado em mim, pois me demoro por ter encontrado minha tia Angélica morta.

– Ouviste, Fagotin? – disse a tia Fagot.

– Ouvi.

– Então gira.

– Passa pela rua Soissons – disse o sentencioso Farolet, – e previne o Sr. Raynal, que tem de certificar um caso de morte repentina.

– Ouves?

– Ouço, sim, mãe.

E largando a correr, tomou a direcção da rua Soissons.

O ajuntamento tinha crescido.

Diante da porta estavam umas cem pessoas.

Cada qual dava a sua opinião sobre a morte da tia Angélica; uns diziam que tinha morrido de um ataque apopléctico, outros de um aneurisma, etc.

Todos porém murmuravam em voz baixa:

– Se Pitou não for desastrado, boa melgueira achará aí por qualquer canto.

Neste tempo chegou o Sr. Raynal, acompanhado do recebedor geral.

Ia saber-se a causa da morte da tia Angélica.

O Sr. Raynal entrou, chegou à cama, examinou a morta e declarou, com grande espanto de todas as pessoas presentes, que a tia Angélica tinha morrido de frio, e talvez que também de fome.

– Ah! Pobre tia! Pobre tia! – exclamou Pitou; – e eu que a julgava rica! Sou um desgraçado que a abandonei! Ah! Se eu soubesse quais eram as suas circunstâncias! Mas não é possível, Sr. Raynal, não é possível!

– Procure no armário e veja se há pão, procure na chaminé e veja se está lá um cavaco. Eu tinha prognosticado à velha avarenta que seria este o seu fim.

– Ah! Porque não o dizia ela? – exclamou Pitou – teria ido ao mato buscar-lhe lenha. Mas vossemecê é que tiveram a culpa – continuou ele dirigindo-se aos vizinhos.

– Nós não lhe dizíamos que ela era pobre – respondeu Farolet – pela simples razão de todos a considerarem rica.

O Sr. Raynal a este tempo encaminhava-se para a porta.

Pitou correu para ele.

– Já se retira, Sr. Raynal?

– Então que queres que faça aqui, meu rapaz?

– Decididamente está morta?

O doutor encolheu os ombros.

– Oh! Meu Deus! – disse Pitou – e morta de frio e fome!

O doutor fez um sinal ao mancebo, que se aproximou.

– Rapaz – lhe disse ele – aconselho-te que dês busca à casa; entendes?

– Mas, Sr. Raynal, não me disse que ela morreu de frio e de fome?

– Tem-se visto avarentos morrerem de fome e frio sobre o seu tesouro.

Depois, pondo um dedo na boca, acrescentou:

– Caluda.

E retirou-se.

III

A cadeira da tia Angélica

Pitou talvez reflectisse mais no que o doutor acabava de dizer, se não visse chegar Catarina, que trazia o filhinho ao colo.

Catarina chegou a propósito.

Declarou que como futura esposa de Pitou competia-lhe render os últimos deveres à tia Angélica. O que fez com o mesmo respeito com que dezoito meses antes os tinha rendido a sua mãe.

Pitou entretanto foi encomendar o necessário para o enterro.

Como a tia Angélica tinha morrido de morte repentina, não podia ser enterrada antes de passarem quarenta e oito horas.

– Meu amigo – disse Catarina a Pitou no momento em que ele ia sair – não seria conveniente retardar um ou dois dias o nosso casamento?

– Há-de-se fazer o que a menina Catarina quiser e melhor entender.

– Não será singular que no mesmo dia em que leva sua tia à sepultura efectue um acto tão importante como o casamento?

– E é efectivamente bem importante para mim, pois que se trata da minha ventura.

– Pois bem, meu amigo, consulte o Sr. de Longpré, e ele lhe dirá o que deve fazer.

– Assim farei, menina Catarina.

– E demais, não me acarretaria desgraça casarmos sobre uma sepultura?

– Oh! – disse Pitou – desde o momento em que eu seja seu marido, desafio a desgraça.

– Querido Pitou – disse Catarina estendendo-lhe a mão – retardemos o casamento por dois dias, guardemos, quanto possível, as conveniências.

– Ah! Dois dias menina Catarina, é muito.

– Ora, mas quem esperou cinco anos...

– Oh. Em quarenta e oito horas podem suceder bastantes coisas.

– Não pode suceder deixar eu de o amar, e como é o que pode requear?

– Oh! Sim, é a única coisa, menina Catarina.

– Bem! Nesse caso, vem cá, Isidoro.

– Aqui estou, mamã.

– Dize ao papá Pitou: “Não tenha medo papá Pitou: a mamã ama-te muito e sempre te há-de amar.”

O menino repetiu isto com a sua voz meiga.

Com esta certeza não teve Pitou dificuldade em ir procurar o Sr. de Longpré.

Passada uma hora, voltou Pitou; tinha arranjado ambas as coisas, enterro e casamento, pagando tudo adiantado.

Com o resto do dinheiro comprou lenha e provisões para dois dias.

Era tempo que a lenha chegasse, pois que estando a casa aberta por todos os lados, enregelava as pessoas que estavam nela.

O casamento, segundo o desejo de Catarina, foi retardado por dois dias.

Esses dois dias e as duas noites decorreram sem que Pitou e Catarina se separassem um só instante. Passaram duas noites velando à cabeceira da cama.

Apesar do enorme fogo que Pitou acendera na chaminé, o vento penetrava agudo e gelado, e o mancebo compreendeu que se sua tia Angélica não tinha morrido de fome podia muito bem ter morrido de frio.

Chegou o momento de levar o corpo, e o cemitério não ficava longe.

Todos os habitantes de Pleux seguiram a defunta à sua última morada.

Nas províncias é costume as mulheres acompanharem os enterros.

Pitou e Catarina iam vestidos de luto.

Terminada a cerimónia, agradeceu Pitou aos assistentes, os quais, depois de lançarem água benta sobre a sepultura, retiraram-se.

Ficando só com Catarina, voltou-se Pitou para o lado onde a tinha deixado. Catarina, porém não estava ali, estava ajoelhada com o pequenito sobre uma sepultura rodeada por quatro ciprestes.

Era a sepultura da tia Billot.

Fora Pitou quem plantara os quatro ciprestes.

Não quis distrair Catarina da sua piedosa devoção, mas como se lembrasse de que havia de ter frio quando voltasse, correu a casa para acender o lume.

Infelizmente, uma coisa se opunha à sua previdência: a lenha estava acabada.

Pitou coçou a cabeça.

O resto do dinheiro tinha-o gasto em lenha e mantimentos.

Pitou olhou em volta de si procurando algum móvel, que sacrificasse à precisão do momento.

Havia ali o leito, o baú e a cadeira da tia Angélica.

O leito e o baú, sem serem de muito valor, ainda podiam servir; mas a cadeira, havia muito tempo que ninguém, a não ser a tia Angélica, se atrevia a assentar-se nela.

Portanto, foi condenada.

Pitou procedia como o tribunal revolucionário: apenas condenada a cadeira, logo devia ser executada.

Pitou pôs o joelho sobre o marroquim enegrecido a poder de velhice e quis rasgá-lo.

Ao terceiro impulso, cedeu.

Mas a cadeira, como se sentisse dor deu uma espécie de gemido.

Se Pitou fosse supersticioso julgaria que a alma da tia Angélica estava encerrada na cadeira.

Mas a única superstição que Pitou tinha neste mundo era o seu amor por Catarina.

A cadeira estava condenada a aquecer Catarina e ainda que derramasse tanto sangue e desse tantos gemidos como as árvores encantadas da floresta do Tasso, havia de ser feita em pedaços.

Pitou deu outro puxão à cadeira, que fez ouvir o mesmo som singular e metálico.

Pitou ficou impassível, e agarrando num pé da cadeira bateu com ela contra a parede para acabar de escangalhá-la.

Desta vez abriu-se ao meio, e com grande espanto de Pitou, vomitou, não as ondas de sangue, mas ondas de ouro.

O leitor deve estar lembrado que logo que a tia Angélica tinha vinte e quatro libras em prata, trocava-as por um luís de ouro, que guardava na cadeira.

Pitou ficou aturdido, atônito.

O seu primeiro movimento foi correr a buscar Catarina e o pequeno Isidoro para lhes mostrar o seu tesouro.

Mas conteve-o uma reflexão terrível.

Queria Catarina casar com ele, sabendo que era rico?

Abanou a cabeça, e disse consigo.

– Não casava.

E pôs-se a reflectir.

Depois assomou-lhe aos lábios um sorriso.

Sem dúvida, achara-se um meio de sair do embaraço causado por aquela riqueza inesperada.

Apanhou os luíses, que estavam no chão, e com a navalha começou a procurar no estojo da cadeira.

Estava todo cheio de luíses.

Pitou contou-os.

Eram mil e quinhentos e cinqüenta.

Pitou tinha 1.550 luíses, isto é, 37.200 libras.

Ora, como o luís de ouro valia 920 em assinados, tinha Pitou uma fortuna de 1.426.000 libras.

E em que momento lhe chegava tão colossal fortuna? No momento em que era obrigado, por não ter dinheiro, a quebrar para aquecer Catarina, a cadeira da tia Angélica.

Que ventura ser Pitou tão pobre, estar tanto frio e ser tão velha a cadeira.

Quem sabe o que seria feito da preciosa cadeira, se não fosse a reunião de circunstâncias na aparência tão desgraçadas?

Pitou encheu as algibeiras de luíses e depois de ter sacudido com todo o cuidado cada

pedaço de cadeira, pô-la na chaminé e lançou-lhe o fogo com a mão trémula.

Era tempo.

Catarina e o pequeno Isidoro entravam tiritando com frio.

Pitou abraçou a criança, beijou as mãos de Catarina e saiu dizendo:

– Vou fazer uma coisa indispensável; aqueçam-se e esperem por mim.

– Onde irá o papá Pitou? – perguntou Isidoro.

– Não sei – respondeu Catarina – mas ele que saiu com tanta pressa, posso afirmar-te que não é para se ocupar de si, senão de ti ou de mim.

Catarina podia dizer:

“De ti e de mim.”

IV

Em que empregou Pitou o dinheiro da tia Angélica

Não terão esquecido que era no dia seguinte que se devia efectuar a venda da herdade de Billot, e do castelo de Charny.

A herdade estava avaliada em 400.000 libras, e o castelo em 600.000 em assinados.

No dia seguinte o Sr. de Longpré comprou para um indivíduo desconhecido o castelo e a herdade pelo preço de 1.242.000 francos em assinados.

Pagou em metal sonante.

Isto passava-se no domingo, véspera do dia em que devia celebrar-se o tão alvejado casamento de Catarina e de Pitou.

Naquele domingo, pela madrugada, foi Catarina a Haramont, ou porque tivesse alguns arranjos a fazer, ou porque não quisesse estar numa terra, onde se vendia a herdade onde passara a mocidade, onde tinha sido tão feliz, e onde tinha sofrido tanto.

Isto fazia com que no dia seguinte, às onze horas, toda aquela multidão que esperava à porta louvasse e deplorasse Pitou, que ia casar com uma rapariga completamente arruinada, e que demais a mais tinha um filho, o qual, devendo ser riquíssimo, era pobre como Job.

Entretanto o Sr. de Longpré perguntava, segundo a prática a Pitou:

– Cidadão Pedro Ângelo Pitou, toma por sua esposa a cidadã Ana Catarina Billot?

E a Catarina:

– Cidadã Ana Catarina Billot, toma por seu marido o cidadão Pedro Ângelo Pitou?

E ambos responderam:

– *Sim*.

Pitou com a voz comovida, Catarina com a maior serenidade.

Depois do Sr. de Longpré ter declarado que estavam unidos em casamento, fez sinal ao pequeno Isidoro para que lhe fosse falar.

Isidoro saltou do banco em que estava assentado e foi ter com ele.

– Meu filho – disse o Sr. de Longpré – entregará estes papéis a sua mãe, depois do papá Pitou a conduzir a casa.

– Sim, senhor – disse o menino Isidoro – e pegou nos papéis.

Estava tudo concluído, mas com grande admiração dos circunstantes, Pitou tirou da algibeira cinco luíses de ouro e entregou-os ao *maire*.

– Para os pobres, senhor – disse ele.

Catarina sorriu.

– Então somos ricos? – perguntou ela.

– Quem é feliz é rico, Catarina – respondeu Pitou – e acabei de tornar-me o homem mais feliz do mundo.

E ofereceu-lhe o braço, a que a moça se encostou.

Ao sair acharam grande ajuntamento à porta.

Todos saudaram os noivos com unânimes aclamações.

Eles agradeceram.

Entretanto Pitou foi voltando à direita.

– Onde vai, meu amigo? – perguntou Catarina.

Com efeito, se Pitou voltasse para Haramont, devia tomar pela praça do castelo.

Onde ia ele pois descendo para a fonte?

É o que Catarina lhe perguntava.

– Venha, minha amada Catarina, respondeu Pitou; levo-a a um sítio que há-de gostar de ver.

Catarina foi.

– Onde vão eles? – perguntavam os circunstantes.

Pitou atravessou a praça da Fonte, tomou pela rua d'Ormet, e chegando ao fim dela, meteu-se pela travessa, onde tempo antes tinha encontrado Catarina montada num jumento, sem saber onde havia de ir pedir hospitalidade.

– Nós decerto não vamos a Pisseleux? – disse Catarina, fazendo parar o marido.

– Venha, comigo, Catarina – disse Pitou.

No fim de dez minutos, saíram da travessa, entraram na planície e foram até à ponte, onde Pitou tinha encontrado Catarina no dia em que Isidoro partiu para Paris.

– Não vou mais longe!

– Oh! Menina Catarina, venha só até ao salgueiro oco – disse Pitou.

Era o salgueiro onde Pitou ia buscar as cartas de Isidoro.

Catarina deu um suspiro e continuou a andar.

Chegando ao salgueiro, disse:

– Voltemos, peço-lho eu.

Mas Pitou, pondo o braço sobre o ombro da jovem, replicou:

– Mais vinte passos, só, menina Catarina, peço-lho também.

– Ah! Pitou – murmurou Catarina em tom de repreensão tão doloroso, que o rapaz parou.

– Ai, menina – disse ele – e eu julgava torná-la feliz!

– Julgavas tornar-me feliz, obrigando-me a ver sítios onde fui educada, que pertenceram a meus pais, e que, vendidos ontem, pertencem hoje a um desconhecido?

– Menina Catarina, mais vinte passos, peço-lhe.

Com efeito, dando mais vinte passos, apareceu o portão da herdade.

No portão estavam agrupados todos os antigos jornaleiros.

Todos tinham um ramo na mão.

– Ah! Compreendo – disse Catarina – quer que me despeça dos meus antigos servidores. Obrigada, meu amigo Pitou.

E largando o braço do marido, foi ao encontro da honrada gente, que a cercou e levou para a grande sala da herdade.

Pitou pegou no menino Isidoro, que tinha na mão os papéis, e foi ter com Catarina.

A jovem estava assentada no meio da grande sala, esfregando a testa com as mãos, como quem desperta de um sonho.

– Em nome de Deus – disse ela com os olhos espantados – que estão eles a dizer? Não os percebo.

– Talvez que estes papéis, que nosso filho lhe vai entregar, a instruem melhor.

E empurrou o filho para onde estava a mãe.

Catarina pegou nos papéis e leu:

“Atesto que o castelo de Boursonnes e as terras de sua dependência foram compradas e pagas por mim, ontem, por conta de Jacques Isidoro, filho menor de Catarina Billot, e é por consequência a este menino que pertence o castelo de Boursonnes e as terras da sua dependência.”

Assinado: “De Longpré, maire de Villers-Cotterets.”

– Que quer isto dizer Pitou? – perguntou Catarina – francamente não percebo.

– Leia outro papel.

Catarina, abrindo, leu:

“Atesto que a herdade de Pisseleux e suas dependências foi ontem comprada por conta da cidadã Ana Catarina Billot; é pois a ela que pertence a herdade de Pisseleux e suas dependências.”

Assinado: “De Longpré, maire de Villers-Cotterets.”

– Em nome do Céu! – exclamou Catarina – diga-me o que significa isto? Eu endoideço!

– Isto significa – respondeu Pitou – que graças a mil e quinhentos luíses de ouro achados antes de ontem na velha cadeira de minha tia Angélica, cadeira que quebrei para se aquecerem quando voltassem do cemitério, pude comprar o castelo de Boursonnes, que não sairá da família de Charny, e a herdade e terras de Pisseleux, que não sairão da família Billot.

E então Pitou contou a Catarina o que nós já contamos ao leitor.

– Oh! – disse Catarina – e tiveste ânimo para queimar a cadeira, quando tinhas mil e quinhentos luíses para comprar lenha!

– Catarina – disse Pitou – ias voltar transida de frio, terias de esperar que eu fosse comprar lenha, e isso far-te-ia sofrer.

Catarina abriu os braços; Pitou depôs neles o pequeno Isidoro.

– Oh! Tu também, querido Pitou! – exclamou Catarina.

No mesmo abraço estreitou o filho e o marido.

– Oh! Meu Deus – murmurou Pitou abafando de alegria, e ao mesmo tempo derramando uma última lágrima pela tia Angélica: – pensar eu que ela morreu de fome e frio! Pobre tia Angélica!

– Estes dois – disse um carreiro a uma linda rapariga da herdade – não parece que possam vir a morrer de fome ou de frio!

FIM